A face obscura da política: governo e eleições no Mídia Sem Máscara

Luísa Roxo Barja[1]

Resumo:

O artigo é resultado do acompanhamento do *site* Mídia Sem Máscara durante as eleições presidenciais de 2006, tendo integrado a pesquisa "O uso das novas tecnologias na ação política no Brasil e na Espanha". Tendo como foco principal o conteúdo relativo às eleições e ao governo de Lula presente no referido *site*, o artigo busca apreender a concepção de política nele manifesta e problematizar o discurso ali difundido, que pode ser tomado como exemplar de uma mídia alternativa conservadora e dissonante.

Abstract:

The article is the result of monitoring the website "Mídia sem Máscara" during presidential elections of 2006, as part of the research "O uso das novas tecnologias na ação política no Brasil e na Espanha". With the focus on the content related to Lula's government in the referenced website, the article seeks to seize the politics concept manifested in the site and problematise the speech disseminated in it, which can be taken as an example of a conservative and dissonant alternative media.

O Mídia Sem Máscara[2] é um *site* que vem desde 2002 dedicando-se à veiculação de artigos de forte cunho político sobre temas relevantes dentro da conjuntura nacional e internacional. O fato de assumir uma postura declaradamente direitista fez com que seu acompanhamento fosse especialmente interessante frente o cenário político da disputa presidencial de 2006, que culminou na reeleição de Lula. O presente artigo faz um registro do *site* neste período estabelecendo, assim, contraponto ao discurso vitorioso, e investiga a maneira bastante particular pela qual é configurado esse antagonismo em sua produção.

Partindo da premissa de que a cobertura da mídia é tendenciosa e fundamentalmente esquerdista, o Mídia Sem Máscara toma para si a missão de, como seu próprio nome indica, "desmascará-la". De acordo com sua editoria (atribuída ao escritor Olavo de Carvalho, importante referência para os ideólogos de direita do país), "MÍDIA SEM MÁSCARA é um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés

---

[1] Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) com dissertação versando sobre a política na obra do poeta *beat* Allen Ginsberg. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política. E-mail para contato: luroxo@bol.com.br.

[2] www.midiasemmascara.com.br

esquerdista da grande mídia brasileira. Embora sem recursos para promover uma fiscalização ampla, MÍDIA SEM MÁSCARA colhe amostras, que por si só, bastam para dar uma idéia da magnitude e gravidade da manipulação esquerdista do noticiário na mídia nacional"[3].

Além de comentar fatos da atualidade, o *site* traz artigos de caráter revisionista, que se debruçam sobre a recente história brasileira e sobre regimes comunistas, especialmente. Seus articulistas estão "tão preocupados com os jornais velhos quanto com os jornais do dia" porque acreditam que essa mídia comprometida repercutiria sobre a cultura do país, que também seria dominada por uma perspectiva de esquerda. Invés de educação e informação, os brasileiros estão, para eles, recebendo propaganda política, e por conseqüência, "emburrecendo", ainda de acordo com texto de apresentação supracitado.

É interessante notar que da crítica a uma mídia supostamente tendenciosa surja um *site* tão explicitamente parcial em suas considerações. Mídia Sem Máscara é, de fato, repleto de contradições, que serão abordadas mais adiante, por ocasião da análise de seu conteúdo. Para traçar seu perfil, contudo, talvez seja pertinente começar descrevendo a forma como é estruturado.

Estrutura

Na ocasião da pesquisa[4], a primeira página do *site* apresentava *links* para seus artigos mais recentes, havendo sempre um em destaque, que costumava ser acompanhado por uma imagem; abaixo dele se viam outros 8, organizados do mais recente ao menos recente, e abaixo destes havia o espaço "Artigos Anteriores", com as chamadas para mais 10 artigos e para o arquivo do *site*. Todos os artigos publicados são datados, possuem *link* para uma breve apresentação do autor e são introduzidos por uma frase ou parágrafo que sintetize sua idéia principal.

---

[3] *Link* "Quem somos", de redação de Paulo Diniz Zamboni e Gerson Faria.
[4] O artigo tomará como referência o *layout* da página durante o período observado, que evidentemente desde 2006 sofreu uma série de alterações.

A página tem o mérito de uma produção contumaz que se reflete numa atualização possivelmente diária (que resulta numa média alta de artigos publicados por semana, como será ilustrado adiante). Uma característica de seus articulistas é, assim, a rapidez com que respondem à conjuntura, o que faz com que o *site* repercuta e amplifique temas em pauta, estabelecendo ao mesmo tempo uma agenda paralela que foca mais determinados assuntos.

A barra superior do *site* era composta pelas seções “Home” (que retorna à página inicial), “Quem Somos”, “Articulistas”, “Arquivo”, “Mapas Visuais”, “Cartas”, “Contato” e “Links”. “Quem Somos” remete ao texto comentado no início do artigo, que explicita a proposta do *site* bem como sua linha editorial. Em “Articulistas” encontra-se uma listagem dos colaboradores fixos (que somavam 44, à época) com *links* para a apresentação de cada um também já citada, que inclui fotografia e os últimos artigos publicados pelo autor. O “Arquivo” possibilita a busca de material por data, mês, autor e palavra-chave. “Mapas Visuais” tem artigos que são acompanhados pelos referidos mapas, que funcionam como esquemas que apontam as conexões de um determinado tema; só havia então 2 arquivos nesta seção: um sobre desarmamento e outro sobre aborto e feminismo.

Assim como os artigos, as “Cartas” também estão dispostas em ordem cronológica. O número de cartas disponíveis para leitura variava de semana para semana, girando em torno de 20. A grande maioria delas elogiava os artigos publicados ou fazia comentários acerca dos temas presentes neles; algumas cartas traziam ainda *links* para *blogs* ou matérias de outros veículos de mesma postura política que o Mídia Sem Máscara, a título de colaboração. As vezes em que uma carta de tom pejorativo ao *site* era publicada, era quase sempre acompanhada de resposta fosse da própria editoria, fosse do articulista em particular a que se referisse. É assim que invés de figurar como espaço democrático para o debate, a interação com os leitores aqui assume um caráter de corroborar com as idéias defendidas pelo *site* – seja devido a uma aparente seleção de cartas favoráveis ou pela forma incisiva, muitas vezes rude de fato, com que as cartas contrárias eram recebidas.

Em “Contato” há o espaço para comunicação com o *site* e seus articulistas, sendo através daí enviadas as mensagens que poderão ou não, a critério da editoria, ser publicadas na seção de cartas. Os “Links” estão divididos em *sites* nacionais e

internacionais, cada qual com subdivisões para Mídia, ONGs, *Blogs*, *Think Tanks* e *Sites* Pessoais. Há um destaque de "MSM indica" para o *site* De Olho na Mídia (de perfil semelhante ao Mídia Sem Máscara, mas mais focado no noticiário internacional) e o *blog* Nota Latina.

Do lado esquerdo da página inicial há um artigo destacado como editorial, um espaço de cadastro para recebimento de boletim do *site*, um ícone de busca por palavra-chave e um menu com as 24 editorias do Mídia Sem Máscara[5]. O editorial não é atualizado com muita freqüência, ficando por vezes mais de um mês no ar, e não traz artigos particularmente representativos das idéias do *site*; o que os diferencia dos demais é, na verdade, o fato de ser assinado por um coletivo (a Redação ou Editoria MSM). As editorias, por sua vez, são classificações temáticas dos artigos; é importante observar, contudo, que as classificações se interpenetram, gerando duplicidade de um mesmo artigo, que pode se localizar em mais de uma editoria.

Feita a descrição de sua estrutura, cabe afirmar que do ponto de vista da usabilidade pode-se considerar o Mídia Sem Máscara como um *site* de fácil navegação, que se baseia numa diagramação clara e simples e mantém o foco nos seus artigos. Não há excesso de informação e todo seu conteúdo pode ser facilmente acessado pelos menus disponíveis na página inicial. Não há ainda *links* em excesso ou cores e imagens que se destaquem: sua apresentação é praticamente toda branca, com detalhes em vermelho. Não há nada, enfim, que chame muito a atenção ou vá ocasionar uma demora no carregamento da página, sendo tudo pensado em função da leitura e menos do apelo estético. O apelo do *site* se traduz mais no formato sólido, no equilíbrio de assuntos que aborda, na agilidade e na forma com que o faz, com um acentuado uso de ironias, principalmente; é um apelo também localizado na escrita, em suma. A atualização freqüente e o resumo inicial dos artigos, bem como a tradução de todos eles para o inglês que é disponibilizada na página, também são diferenciais nesse sentido.

---

[5] Eis a listagem delas, à época da análise: China, Cultura, Desarmamento, Desinformação, Entrevistas MSM, Estados Unidos, Europa, Foro de São Paulo, Governo PT, Gramscianismo (ataque à esquerda de forma geral, ou a características que os articulistas associam à esquerda), Israel, Jornal Velho (espaço privilegiado para artigos de cunho revisionista), Liberalismo e Livre iniciativa, Media Watch, ONU, Opinião MSM (arquivo dos textos da Editoria e Redação MSM, principalmente, sobre assuntos diversos), Oriente Médio, Painel MSM (coluna de autoria de Caio Rossi que consiste em comentários breves sobre assuntos variados da agenda midiática), Propriedade Privada, Saúde (que trata especialmente de temas polêmicos como aborto, drogas e homossexualismo) e Venezuela.

Conteúdo

A quantidade de editorias no Mídia Sem Máscara, nas quais é perceptível a preocupação com a política externa que é bastante presente em seu conteúdo, é expressão do amplo espectro de assuntos abordados por seus colunistas. A diversidade não somente de temas, mas de tipos de artigos (alguns com tom mais pessoal, outros mais anedóticos, além da publicação de resenhas e entrevistas) não se traduz, vale ressaltar, em dispersão ideológica; ao contrário disso, é notável a coesão existente no *site*. Se pode haver contradições dentro do que sua postura representa, que de fato pode ser questionável em muitos aspectos, não dá para dizer que o *site* é inconsistente. Mídia Sem Máscara tem mesmo uma personalidade muito bem definida: é conservador, de direita (apesar de apartidário) e com uma inegável verve de denúncia a tudo que considera politicamente ou moralmente danoso à sociedade – ou em uma palavra, à esquerda. E é devido a esse teor da sua produção (de modo geral, já que há alguma variedade interna, de acordo com as tendências particulares dos articulistas) que se pode identificá-lo dentro de uma perspectiva “avaliativa moral”, como se procurará demonstrar na análise de seu conteúdo.

A uniformidade ideológica dá força ao *site* e reitera um posicionamento político inclusive, é claro, no que concerne às eleições. É importante colocar, contudo, que não obstante a densidade política do Mídia Sem Máscara, os artigos que tratam da disputa eleitoral representam apenas uma fração de sua produção, como se poderá perceber na tabela em anexo. A política presente no *site* não se limita, portanto, aos artigos que tratam explicitamente de governo, que constituem apenas um dentre os possíveis recortes políticos de análise; a verdade é que a grandeza de sua dimensão política reside numa interpretação homogênea de mundo que permeia todos os temas de que tratam, que corroboram em conjunto para a solidez da ideologia sustentada. E é considerando isso, bem como a pertinência para uma caracterização mais fundamentada da página, que este artigo busca um olhar mais amplo sobre seu conteúdo. Somente despendendo atenção sobre como se configura como um todo que é possível se aproximar da concepção de mundo ali contida, permitindo sua compreensão e problematização.

Nesse ponto, é pertinente introduzir a tabela da freqüência de temas observados na análise do Mídia Sem Máscara, a partir da qual serão explorados textos que possam

ilustrar o posicionamento ideológico de seus articulistas. Essa planilha é decorrente de uma necessidade de classificação dos artigos de acordo com seu tema principal, dado o grande número publicado durante o período eleitoral, a fim de facilitar posteriormente a seleção dos mais diretamente relativos ao contexto eleitoral para uma análise aprofundada. Como conseqüência, ela contribui com a intenção expressa acima de proporcionar uma visão geral do discurso do Mídia Sem Máscara. Através dela é também possível perceber não somente a relevância da produção diretamente relacionada às eleições, mas a evolução da mesma ao longo do período, uma vez que os dados estão dispostos de forma temporal.

Para construção da referida planilha, foram elaboradas 15 categorias: Governo, Eleições, América Latina e Foro de São Paulo, Israel, Política Externa, Discussões Ideológicas, Regimes Comunistas, Movimentos Sociais, Economia, Meio Ambiente, Segurança Pública, Educação e Cultura, Ética e Valores Morais, Igreja, Mídia e Outros. As 2 primeiras são as que interessam especialmente a esta pesquisa. Em Governo encontram-se os artigos não só sobre a gestão de Lula, mas também sobre o próprio presidente e seu partido, e até por isso seu total é bastante expressivo[6]. Como será pormenorizado adiante, a ênfase destes artigos são os escândalos que pontuaram o primeiro mandato de Lula e uma crítica personalista a ele. A categoria Eleições engloba, por sua vez, os artigos que tratam mais propriamente da disputa eleitoral, incluindo comentários a respeito de outros candidatos (no caso, em particular de Alckmin, que se apresenta como a alternativa possível dentro da perspectiva ideológica de parte dos articulistas), a polêmica sobre o voto nulo (a alternativa para o restante dos articulistas), comentários sobre o eleitorado como um todo, sobre pesquisas de opinião, debates televisivos, propagandas eleitorais, a cobertura midiática e as expectativas quanto ao resultado das eleições.

Como já foi ressaltado como característico do *site*, o interesse também pela política externa é manifesto em 3 categorias: América Latina e Foro de São Paulo, temas que se complementam no Mídia Sem Máscara; Israel, que reúne basicamente os textos sobre os conflitos da região; e outros artigos sobre Política Externa, entre os quais se destacam os de crítica à ONU e sobre terrorismo. Sob o ponto de vista da

[6] Originalmente havia intenção de fragmentar essa categoria, mas à medida que a análise era realizada essa idéia mostrou-se inviável – normalmente esses assuntos estão mesmo relacionados, e na crítica generalizada do Mídia Sem Máscara é ainda mais difícil separá-los, eles se confundem completamente.

proposta aqui apresentada, os artigos sobre América Latina são relevantes tanto por terem um peso considerável na produção do *site*, quanto pela relação que sublinham do Brasil com a conspiração comunista que pra eles constitui o Foro de São Paulo, preocupação bastante presente nos artigos do editor, em particular – Janer Cristaldo, ex-colunista do Mídia Sem Máscara, chega mesmo a classificar como obsessivo o interesse de Olavo de Carvalho sobre o assunto[7].

A ascensão de governos de esquerda na América Latina e a disputa eleitoral em alguns países da região, incluindo o Brasil, contribuíram para intensificar essa preocupação. Para Carvalho, as conquistas eleitorais de partidos que considera de fato revolucionários, como o PT, constituem a primeira etapa de um iminente golpe conjunto que ameaça a democracia no continente, e é nesse sentido que essa categoria possui relação com o contexto eleitoral daqui – a possível vitória de Lula (definido por Carlos Reis como o gerente desse projeto comunista latino-americano) é um perigo a ser combatido, sendo a democracia o preço a ser pago caso ela venha a ser confirmada nas urnas[8].

O temor excessivo dos articulistas diante da ameaça comunista, que beira o terrorismo e soa algo anacrônico nos dias de hoje, justifica ainda a categoria Regimes Comunistas, outro exemplo da ênfase dada à questão. Aqui também a tônica de denúncia permeia artigos que tratam em especial de Cuba e Fidel Castro, mas também dissertam sobre URSS, num esforço revisionista. Podem ser encontrados textos sobre comunismo também em Discussões Ideológicas, mas a forma como o assunto é tratado é neste caso distinta, daí a necessidade de uma categoria à parte: são artigos que se pretendem mais teóricos, e fazem considerações sobre a esquerda de uma forma geral,

---

[7] Em artigo para a revista virtual Baguete, onde explicita também a diferença que vai culminar no seu desligamento do Mídia Sem Máscara, Cristaldo coloca que "a influência decisiva do Foro de São Paulo – bem como a de Gramsci – na luta pela comunização do continente se tornaram dogmas para Olavo de Carvalho e seus discípulos. Ora, eu não acredito nem em Deus, nem no Espírito Santo, nem na Santíssima Trindade, nem na importância conferida a Gramsci ou ao Foro de São Paulo. Pelo jeito, sou cinco vezes ateu." http://www.baguete.com.br/colunasDetalhes.php?id=2316

[8] Dois artigos são dedicados especialmente a sublinhar a ligação de Lula ao Foro de São Paulo, dentro do enfoque eleitoral privilegiado pela pesquisa. São eles: "Quem é 'MAG', novo coordenador da campanha de Lula?" (27/09) e "Lula no segundo turno: 'Mensagem a Garcia'" (05/10). Segundo o último, "Marco Aurélio Garcia, ou MAG – o novo coordenador - , era até a pouco tempo o responsável pelo lado obscuro da política exterior do governo Lula. Enquanto o chanceler Celso Amorim representa o lado oficial, MAG era o homem que fazia o trabalho sujo – aquele trabalho que nenhum diplomata de carreira poderia fazer – de ser o responsável pela efetiva política exterior de Lula: A definida no Foro de São Paulo". "Quem é 'MAG'", como o próprio título revela, também trata do coordenador da campanha da situação, indo ainda mais longe na caracterização do Foro de São Paulo, que de acordo com o autor apoiaria o terrorismo, o desenvolvimento de armas nucleares e teria ligações até com Saddam Russein.

sobre liberalismo e conservadorismo, alguns deles trazendo inclusive princípios que norteiam essas posturas.

Seguem as explicações sobre as demais classificações que integram a planilha: a categoria Movimentos Sociais é mais ampla do que seu nome pode sugerir, englobando desde artigos que tratam de movimentos de fato, como o MST, até os cuja temática são políticas sociais, como cotas para negros, passando pelos que polemizam questões sociais como o aborto; em todos os casos, os textos são bastante depreciativos, como se poderia esperar do perfil ideológico dos autores. Em Economia, destacam-se os artigos sobre política fiscal, que defendem a redução de impostos, e sobre a lógica de mercado e suas implicações, além de comentários pontuais nessa área. A categoria Meio Ambiente é caracterizada por textos que buscam relativizar a preocupação ecológica em voga atualmente, como os que rechaçam o impacto do aquecimento global tão alarmado na mídia e por pesquisadores.

Em Segurança Pública estão os artigos que tratam de criminalidade e violência. A discussão aqui é focada basicamente nas penas e movida por um sentimento de indignação que permeia também a crítica aos direitos humanos e a uma perspectiva distorcida da criminalidade atribuída à esquerda – que, segundo eles, protege os infratores ao justificar seus atos pelo contexto social. A categoria Educação e Cultura mantém a tônica negativa da crítica do *site* em textos que se dispõem a analisar a qualidade dos referidos aspectos na sociedade brasileira, muitos buscando evidenciar o viés esquerdista que os perpassa. Ética e Valores Morais também compreende artigos que debruçam sobre a sociedade, mas aqui o destaque são os que se dedicam em particular à corrupção. Na verdade, essa categoria é centrada nos valores morais que o Mídia Sem Máscara julga louváveis ou reprováveis, e a inclusão da ética neste contexto é dirigida mais a uma crítica generalizada à classe política que é costumeiramente identificada como desprovida de ética enquanto ideal *moral*. Essa confusão de conceitos é inclusive tema de um artigo, sendo determinante na diferença que vai marcar, e posteriormente culminar no rompimento, de Janer Cristaldo dos outros articulistas do *site*.

Dado o número de artigos que envolviam temas relativos à fé e religião, particularmente à Igreja Católica, há uma categoria que os contempla, e que no período tem como maior destaque a repercussão a uma polêmica declaração que o Papa fez

sobre os mulçumanos. Encerram a planilha os artigos relativos à Mídia, que de forma geral dão vazão à missão do *site* de denunciar a falta de neutralidade dos meios de comunicação, mas que também incluem casos de apoio a veículos com os quais se solidarizam, como o Primeira Leitura, que logo no início do período de acompanhamento encerrou suas atividades. Aqui encontram-se ainda os artigos em que Olavo de Carvalho expressa sua revolta frente ao que identifica como censura à sua produção por parte de jornais que negam publicá-la.

O conteúdo do Mídia Sem Máscara foi assim classificado tendo como base o tema principal de cada artigo, mas evidentemente muitos desses temas poderiam ser combinados e o são, só não foram dispostos aqui desta forma para evitar que um mesmo artigo fosse considerado mais de uma vez. A proposta revisionista do *site* é um exemplo extremo disso; ela atravessa mesmo todas as categorias, de forma que não seria possível analisá-la em separado.

A tabela construída evidencia que o amplo espectro de assuntos contemplado pelo Mídia Sem Máscara é explorado de forma equilibrada. De forma geral, as categorias mantém uma média na participação do *site*; se em alguns momentos esse número tem uma variação maior é não só devido a um acontecimento pontual que interfira na agenda midiática, como foi o caso das declarações do Papa já comentadas, mas também porque muitas vezes há um debate interno entre articulistas que acaba "prolongando" a incidência de determinado assunto em pauta, como ocorreu por ocasião da publicação de um artigo sobre vacinas – foi inaugurada uma polêmica sobre a necessidade/pertinência ou não da vacinação de crianças que acabou por envolver diversos articulistas e render vários artigos.

Dentro desse espectro de temas é inegável a forma como governo e eleições se sobressaem, contudo. A incidência desses artigos, como demonstrado na tabela, chega a 30% do total de artigos publicados no período de análise. Essas duas categorias são as que têm maior participação no conteúdo do *site*, tendo peso muito maior que as outras, mas vale ressaltar que as outras duas categorias que se destacam a seguir, América Latina e Foro de São Paulo e Discussões Ideológicas, somam 15% do conteúdo analisado, sendo bastante relevantes também para o contexto eleitoral que orientou a pesquisa. De fato, a incidência dos principais assuntos abordados pelo Mídia Sem Máscara manifesta a definição de sua agenda e do caráter profundamente político que

possui. O esforço por discutir determinados tópicos e impor sua perspectiva sobre eles é inclusive reiterado na missão do *site*[9], que explicita a intenção de interferir na agenda midiática dominante a partir das problematizações que realiza, ao mesmo tempo que inevitavelmente elas também ressoem essa agenda.

É interessante notar que a freqüência dos textos sobre Governo e Eleições não apresenta grandes variações, mas é naturalmente mais acirrada à medida que as eleições se aproximam. Em julho e agosto, as semanas que tiveram menos artigos com essa temática tinham 1 ou 2 artigos (lembrando que a média de artigos por semana no período de observação foi 18); em setembro esse número sobe pra 3 e 4; e em outubro, às vésperas da eleição, chega a 5. No outro extremo, destaca-se a primeira semana de novembro, que justamente repercute a eleição, com 10 artigos sobre essa temática de um total de 17 publicados – e através da planilha pode-se perceber que esta semana não é a única dentro do período com número de tamanha expressão. Mais adiante esse material será analisado em seus desdobramentos; por ora, vale ressaltar alguns pontos observados sobre o conteúdo de forma geral durante o período acompanhado, visando seguir no objetivo de apreender o sentido e a postura política do *site*.

Já foi dito que uma característica marcante do discurso do Mídia Sem Máscara é o uso de ironias. Involuntariamente, esse recurso acaba se fazendo presente também num retrospecto da posição de seus articulistas quanto aos princípios políticos que expressam em sua produção. É corriqueira, nos artigos em que se dedicam a diminuir a esquerda, a acusação de que Marx e seus discípulos incorrem antes de mais nada numa "profissão de fé" – acusação essa que se estende também à militância petista, que tem assim origem no mesmo tipo de paixão que acomete o torcedor de futebol, sendo alheia a qualquer princípio de razoabilidade. O *site*, entretanto, é ele mesmo a maior manifestação de profissão de fé – inclusive no sentido literal do termo, já que não é desprezível a quantidade de artigos publicados que se atêm sobre religião, esse avatar do irracional, da paixão que criticam no comunista cego e cheio de moralismo bem-intencionado.

[9] No *link* "Quem somos": "A simples enumeração desses temas ausentes na nossa imprensa já basta para provar: na grande mídia brasileira não existe jornalismo nenhum. Existe apenas manipulação a serviço da esquerda".

Isso porque da mesma forma que a esquerda que criticam, os articulistas do Mídia Sem Máscara proclamam suas certezas como verdades absolutas e dedicam-se tão somente à fundamentação dessas verdades e à defesa de seus valores; cabe lembrar que a motivação do *site* tem esse sentido, de descortinar a realidade tal como é difundida nos grandes meios e apresentar uma outra interpretação, a "verdadeira", no caso. Assumindo o discurso liberal que privilegia o indivíduo, os autores demonstram ainda um preconceito contra o ativismo, bastante evidente na categoria Movimentos Sociais, apesar de eles mesmos se constituírem como ativistas; a existêcia do *site* já é uma forma de ativismo, inclusive.

Ao perceber a ironia das similitudes entre eles e os militantes da esquerda serem maiores do que os autores talvez gostassem, a conclusão a que o observador chega é de que tudo se resume a opinião, apesar dos esforços para legitimar a validade dos escritos. Mas não haveria mesmo espaço para o julgamento objetivo em uma proposta ideológica por definição, que sequer se pretende neutra. Efeito disso é que apesar de basearem-se sempre em argumentos racionais e se orgulharem disso, os articulistas do Mídia Sem Máscara não abrem mão da defesa de sua moral, que claro, é sempre melhor do que a do outro. Daí nasce o grande conflito interno do *site*: ao mesmo tempo que reforça a liberdade de opinião, tem uma postura moralista diante da homossexualidade, por exemplo. Eis o contra-senso de defender por um lado o individualismo, e por outro querer impor sua moral – imposição essa que é, aliás, dos maiores motivos da crítica à esquerda que fazem, que inúmeras vezes acusam de arrogante.

A contradição maior do *site*, que se torna também seu ponto vulnerável, é, dessa forma, a oscilação entre liberalismo e conservadorismo – que é o que detona a saída de Janer Cristaldo. Cristaldo é um articulista que desde o início do acompanhamento do *site* se destacou por ter opiniões bastante divergentes dos demais não do ponto de vista da gestão estatal e das inclinações políticas, mas da liberdade individual que preza acima de tudo e vai justamente fundamentar sua opção política. Há uma coerência no seu liberalismo, que não se limita à idéia do Estado menor: passa pelo direito ao aborto, por uma não-ingerência religiosa, pela defesa do voto não-obrigatório. Essas questões de ordem moral, em especial a menção corriqueira a seu ateísmo[10], geram controvérsia

---

[10] É interessante observar que o rompimento do autor com o *site* se concretiza em meio a uma série de artigos nos quais se propõe a analisar, a partir da resenha de um livro, a Opus Dei, poderosa facção da Igreja Católica, fazendo duras críticas às suas práticas conservadoras. Segundo Cristaldo em artigo já

junto aos leitores do Mídia Sem Máscara e passam cada vez mais a incomodar os outros articulistas do *site*, num desconforto explícito nos diversos momentos em que de fato estabelece-se um debate interno. A tensão finalmente ocasiona o desligamento do autor do *site*, denotando uma postura no mínimo paradoxal por parte da sua editoria, já que outra grande crítica que é feita à esquerda (e é inclusive apontada por Cristaldo posteriormente) é no sentido de ser anti-democrática ou pouco plural, reprimindo as vozes dissonantes de seus quadros.

Essa lacuna no pluralismo do *site*, no que concerne às tendências de seus articulistas, não chega a surpreender; condiz com o discurso maniqueísta que teu seu ponto mais perceptível nos artigos sobre o Foro de São Paulo. A clareza ideológica observada no início desse texto tem, afinal, também seu efeito negativo: os dois lados da moeda são aqui tão definidos, tão nítidos, que o Mídia Sem Máscara acaba por ironicamente tornar-se vítima de seu próprio discurso, quando a teoria da conspiração passa de recurso apelativo a ideologia do medo. A dicotomia reforça então o moralismo que enfraquece o *site*, contribuindo para que se tenha uma percepção mais superficial do que se poderia ter dele.

Análise dos artigos sobre o governo Lula

Como visto anteriormente, grande parte dos artigos publicados no Mídia sem Máscara no período observado refere-se ao governo Lula ou à disputa eleitoral propriamente dita. Dada a impossibilidade de analisar artigo por artigo, tendo em vista o número expressivo dedicado ao assunto, neste momento do texto serão recuperados alguns pontos relevantes e recorrentes deste material, de forma a caracterizar, em linhas gerais, a postura do *site* diante do tema.

Os primeiros artigos lidos traçavam um paralelo entre a derrota do Brasil na Copa do Mundo, que acabara de acontecer, e o governo Lula, bem de acordo com o estilo irônico dos articulistas, que comparam o que chamam de "inconsistência moral" da política brasileira à postura mercenária dos jogadores de futebol, aproveitando para criticar ambos.

---

mencionado da Baguete, ele teria sido censurado (um artigo seu foi vetado) pela editoria do *site* sem maiores esclarecimentos e por isso optou por se desligar dele.

Já aqui se esboça o tom fortemente pejorativo com que o *site* se refere ao PT, que marca todo o período observado: na primeira semana de acompanhamento são publicados dois artigos contundentes a respeito do partido da situação, um apontando os perigos de um governo pautado pela "cartilha moral" do PT, que pretende a criminalização de condutas homofóbicas e a descriminalização do aborto, e outro atribuindo ao partido a série de escândalos que atingiram o governo e são costumeiramente explorados no Mídia Sem Máscara. O PT é sistematicamente associado pelos articulistas à falta de ética que criticam na política brasileira, e ainda à hipocrisia dos que por tanto tempo se apresentaram como "polícia moral" da política e agora são expostos em casos de corrupção. Mais do que o que identificam como "desgoverno", o foco dos artigos sobre o PT é portanto um constrangimento de ordem moral, seja do ponto de vista da ética na política, seja das disparidades dos valores defendidos por ambos os lados.

A imagem mais forte nesse sentido é a do partido como quadrilha, que aparece em artigos como "Ou o Geraldo e o Serra dão um soco na mesa ou eu vou votar no Zidane" (25/09), "Todos os homens do Presidente" (29/09) e "A arte da acusação invertida" (03/10). O último, de autoria de Olavo de Carvalho, é o mais explícito na defesa do suposto envolvimento do PT com a criminalidade: "O PT está, sim, envolvido com narcotráfico e seqüestros, está envolvido com as Farc, com o MIR, com tudo quanto é bandido esquerdista no continente. Se ganha ou não dinheiro com isso, é indiferente. Ganha politicamente, e sabe que ganha. Isto já basta para qualificá-lo, acima de qualquer possibilidade de dúvida, como beneficiário de uma série interminável de crimes hediondos, como o partido mais criminoso que já existiu neste país".

Aqui é importante abrir um parênteses para expor uma suspeita bastante ofensiva e séria levantada no Mídia Sem Máscara: a de que os ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital, organização ligada ao narcotráfico) que afligiram São Paulo em meados de 2006 constituiriam uma manobra política do PT, visando atingir a administração do estado governado que fora governado por Alckmin, candidato da oposição à presidência. Isto é claro em "Eu sou zelite" (17/09): "três vezes o Geraldo subiu nas pesquisas, três vezes, por coincidência, o PCC atacou. Três vezes depois dos ataques, por outra coincidência, o Geraldo caiu nas pesquisas. Ter memória e saber somar dois mais dois, PT mais PCC noves fora PTCC, coloca você na zelite, candidatíssimo ao paredón". "O que eles querem?" (14/07) contextualiza o episódio no

pleito paulista, defendendo que o alvo dos ataques era a candidatura de José Serra, que estava então com a vitória já assegurada pelas pesquisas eleitorais. “PCC e PT, mesmo combate” (15/08), por outro lado, busca aproximar o estilo de ação, por assim dizer, do PCC e da “escola das esquerdas”, inclusive no aspecto da linguagem empregada por ambos.

Seguindo a analogia que liga o PT à criminalidade, nada mais lógico que Lula ser apresentado como chefe da quadrilha. No resumo de “Ou o Geraldo e o Serra dão um soco na mesa ou eu vou votar no Zidane”, de Neil Ferreira: “Bandidos não merecem tratamento elevado. Muito menas o maioral do bando, que põe as mãos nos bolsos (os nossos), olha para o lado, assobia distraído, declara que num viu nada nem çabe di nada, pega o avião e some”. Aqui vale ressaltar o tratamento chulo concedido a Lula que é bastante corriqueiro no *site* – há inclusive vários artigos que empregam essa linguagem propositalmente errada como forma de fazer referência à acusação de ignorância feita a Lula, sempre tão explorada por segmentos da direita. O tratamento grosseiro dispensado à oposição é flagrante ainda no artigo intitulado “Inocente Inútil. E ridículo”, sobre o senador também reeleito Eduardo Suplicy. Mais adiante essa característica do *site* será vista em detalhes.

Uma ameaça maior representada pelo partido reside no seu caráter revolucionário já mencionado anteriormente neste texto. Os artigos “A política do tigre” (20/07), “O futuro de uma ilusão” (28/08) e “Por que chegamos até aqui?” (25/09) dão ênfase a essa questão. É novamente Carvalho, no primeiro artigo citado, que expõe a irresponsabilidade de eleger alguém comprometido com causas ilegítimas: “Todo partido revolucionário, isto é, todo partido que visa à transformação integral da sociedade, pouco importando se promete realizá-la por meios pacíficos ou sangrentos, é por natureza um partido desleal, que não quer nem pode continuar concorrendo normalmente com seus adversários no quadro constitucional vigente, mas necessita tirá-los do caminho de uma vez por todas para poder criar um novo quadro, construído à imagem e semelhança dele próprio. Por definição, todo partido revolucionário coloca seu programa de ação acima da legitimidade constitucional que lhe dá os meios de realizá-lo. Esperar lealdade, honestidade, idoneidade de um partido revolucionário é tão imbecil quanto implorar piedade a um tigre esfomeado”.

José Nivaldo Cordeiro está especialmente preocupado, em “O futuro de uma ilusão”, com o comportamento do PT após as eleições[11], e ressalta o papel da dominação cultural pela esquerda (que identifica como uma “lavagem cerebral”) e de políticas sociais como o bolsa-família (identificadas como suborno eleitoral) para a vitória que já se desenhava de Lula. Já “Por que chegamos aqui?”, artigo de autoria da editoria do *site*, busca apontar caminhos para brecar o “voluntarismo revolucionário” petista, corroborando com a tese de dominação levantada por Cordeiro: “O Mídia Sem Máscara pergunta: afinal, o que mais é preciso para que se entenda, de uma vez por todas, que o PT é um partido de cunho totalitário, que não pode ser compreendido através dos métodos tradicionais de avaliação política? (...) Diante de um quadro de tal gravidade, fica comprovado que a crença na via político-eleitoral como o único caminho para enfrentar a crescente onda de totalitarismo instalada na política nacional, sem atentar para a premente necessidade de um combate cultural maciço contra as verdadeiras fábricas de formação de opinião que dão sustentação aos elementos desse totalitarismo, é não apenas completamente irrealista, mas também criminosa”.

Se não faltam artigos sobre o PT, também abundam os sobre Lula. Ao focar a falta de ética e os escândalos do governo, “Um período de chafurdo Lulapetista” (12/10) intermedia os dois assuntos, criando um neologismo para definir a “ideologia da sem-vergonhice, usada por um bando de quadrilheiros, assaltantes do erário público nacional e de todos os brasileiros auto-enganados”. Segundo o resumo do artigo, “o lulapetismo é um caso peculiar que por sua natureza chula, jactanciosa, mentirosa e dissimulada merece os quadrilheiros que o acompanham”. O texto continua: “Só um caráter típico dos citados pode explicar a logorréia que os domina, insensível aos padrões da decência e do decoro – são imorais e arrogantes, tal qual o ‘nada sei que tudo sabe’ que os lidera”. Lula é chamado ainda de arrogante, imoral iletrado e “hipócrita analfa”.

Quando o alvo dos artigos é o candidato do PT à presidência, a abordagem do *site* é de fato mais personalista, sendo conseqüentemente mais presentes as expressões grosseiras comentadas, que acabam por emprestar um tom de superficialidade às críticas promovidas. “Seremos como o Lula” (13/07) começa tratando do desempenho do Brasil nos exames de educação para então falar de Lula como mau exemplo nesta

[11] “O que poderá acontecer depois de fechadas as urnas? Sou pessimista. Acho que Lula e o PT sairão do armário em que esconderam seu voluntarismo revolucionário.”

área[12]; "Pesquisa eleitoral" (29/07) chama o presidente de demagogo, falastrão e inescrupuloso; "Os companheiros de D. Menas" (23/08), artigo sobre os envolvidos nos escândalos da administração federal, faz referência a Lula como "analfabeto impostor"; "Alckmin não merece" (24/09), como "bêbado de rodoviária"; "A memória do burro" (03/10) e "Triste país esse meu" (31/10), ambos de Cristaldo, também xingam o presidente[13].

"O cúmulo do populismo" (18/10) endossa essa abordagem ao tecer crítica ao governo de Lula: "Lula é tão simplório que o que põem na boca dele na propaganda eleitoral ficaria ridículo e descabido em outra pessoa. Nele inspira uma certa piedade, como se estivéssemos diante de um mentecapto. Talvez aí esteja o seu segredo: parecendo um retardado mental capta a simpatia da massa idiotizada pela propaganda imbecil que tem sido a tônica da campanha do seu partido desde sempre"[14], completando mais adiante: "alguém eleitor dele deve se envergonhar, vez que confirmar o voto nesse sujeito é passar um atestado de deficiência mental, se não no geral, pelo menos no plano político". O ápice da injúria a Lula está, entretanto, em "O Príncipe das Trevas" (09/10), de Ipojuca Pontes. Crônica calcada na ironia típica do Mídia Sem Máscara, traz uma versão de inferno que tem Lula como satã, o "pai da mentira"[15].

---

[12] "Ora, nem o atual presidente da república, assim, em minúsculas, sabe fazer uma multiplicação dessa natureza, de dois dígitos (..) Lula é o símbolo maior da preguiça laureada brasileira".

[13] Em "Triste país esse meu" Lula surge como analfabeto e bronco sindicalista; em "A memória do burro", o resumo já anuncia "um presidente implicado em toda sorte de falcatruas, megalomaníaco notório, que mente a cada palavra que diz e se contradiz a cada instante". As ofensas continuam ao longo do texto: "Que pobres diabos que se beneficiam de esmolas estatais votem no PT, isto também entendo. O que não se entende é ver pessoas adultas e bem informadas, intelectuais, funcionários públicos e professores universitários votando em um partido que nasce obsoleto, em um candidato tosco e semi-analfabeto. Pior ainda, que ostenta como virtude sua falta de instrução".

[14] Outros dois artigos tecem comentários a respeito da imagem de Lula nas propagandas eleitorais. Em "Os erros de Lula" (13/10), Cordeiro afirma: "vi hoje o programa eleitoral dito 'gratuito' do horário noturno. Flagrantemente a produção do programa de Lula foi muito superior à de Geraldo Alckmin. Ele, Lula, vestiu novamente o gibão do 'Lulinha paz e amor' e sua voz produzida em estúdio torna-se como a de um contador de histórias infantis: terna, aveludada, um pai bondoso falando aos filhos obedientes. Foi didático em apresentar a xaropada que chama de programa de governo. E os depoimentos dos candidatos eleitos ou disputando o segundo turno declarando voto e apoio caíram muito bem. Não vi um erro sequer na produção, exceto na insistência em repetir mentiras óbvias e desnecessárias, pois se não houver fato novo do tipo do dossiê Tabajara ou algum erro grotesco nos debates ele possivelmente estará eleito, a dar créditos às últimas pesquisas". Em "O futuro de uma ilusão", artigo anterior também de sua autoria, Cordeiro identifica essa imagem como sendo a de uma personagem inventada pelo próprio Lula, uma enganação que "como Hitler, seduz as multidões". Segundo o autor, esse fator "é, isoladamente, o mais determinante do fenômeno político marcante que será a sua reeleição".

[15] Segue trecho do texto que contrapõe o cenário que cerca o diabo à ante-sala infernal: "Acreditem: o ambiente era o oposto do que se via lá fora, refrigerado e limpo, dotado de amplas salas, obras de arte e imensos salões. Num deles, de onde provinham estridentes gargalhadas ao som de um samba de pagode, o ambiente era rumoroso e festivo. De fato, entre demônios aloprados do primeiro escalão, se devorava um churrasco com substanciais nacos de costelas, picanhas, maminhas e filés sangrentos. Fiquei com água na

Todas essas ofensas têm a ver, na verdade, com o desprezo do *site* ao politicamente correto, postura da qual os articulistas muito se orgulham. As acusações graves e ataques pessoais denotam, mais que os argumentos para a divergência ideológica que os separam, um sentimento de superioridade que se traduz na apelação para desmoralização pura e simples do inimigo[16] – o que remete novamente à visão altamente maniqueísta que se contrapõe à ênfase dada ao seu poder argumentativo e à racionalidade.

Mas a comparação do Lula ao diabo poderia ser considerada apenas a mais incisiva das comparações feitas no Mídia Sem Máscara. Talvez tão surpreendente quanto essa seja o paralelo com Macunaíma, em "Tendência totalitária macunaímica" (01/09); já os com líderes políticos como Chávez, Perón e Stálin são mais comuns[17]. Vale ressaltar que o paralelo com Macunaíma se repete em "Macunaíma vai às urnas" (30/10), agora também associado ao eleitorado de Lula: "O Macunaíma, todavia, não é só um camarada moralmente flexível; também é indolente, voluntarioso, tem preguiça de pensar e se acostuma facilmente com conceitos bestiais como 'ele rouba, mas faz'. Tem um profundo medo de mudanças - inclusive de mudanças para melhor - e muito facilmente se deixa seduzir pela oferta torpe de pequenas ou grandes vantagens pessoais. E alguém tem dúvidas de que esse perfil se enquadra com perfeição cartesiana ao modelo geral da esmagadora maioria dos brasileiros que reelegeram o Macunaíma-mór?"

Dentro dos artigos sobre a conjuntura nacional nada é mais usual no *site*, entretanto, que as repetidas alusões à corrupção no governo Lula, como essa análise inclusive já vem ilustrando. Boa parte dos artigos que foram objeto dessa pesquisa tinham alguma referência aos escândalos atribuídos ao PT e à falta de ética de seus

---

boca, pois não comia há 48 horas. 'Não se iluda, nem se deixe levar pela gula' - disse o poeta. 'É carne humana, em especial de tenras crianças inocentes'".

[16] Sobre a identificação desse sentimento com as chamadas elites, o próprio Mídia Sem Máscara o admite, no artigo "Eu sou zelite" (17/09) e ainda que o faça de forma irônica, o reforça: "quem me indigitou integrante da zelite ? Foi elle mesmo, foi o Lulla. Eu não sou sindicalista, o que nesse 'governo' já me coloca como suspeitíssimo de ser inimigo do povo. Eu sei ler, não sou analfabeto e entendo o que leio, não sou analfabeto funcional, o que nesse 'governo' me coloca como inimigo do Estado. Eu trabalho, pago uma fortuna de impostos, dou empregos formais com carteira assinada e direitos da CLT, o que nesse 'governo' me coloca como parte da minoria a ser extinta. Diferente da maioria do povo brasileiro, tenho memória, lembro-me de tudo" – e a partir daí, Neil Ferreira parte pra mais uma enumeração dos escândalos da administração petista.

[17] Vide os artigos "Stalinismo & Lulismo" (17/07), que mais uma vez enumera os envolvidos em escândalos do governo Lula e estabelece um paralelo entre a inocência de Lula e Stálin; "Segunda carta ao povo brasileiro" (17/09), que trata do Foro de São Paulo e do perfil de Chávez e Lula; "Lula Juan da Silva Perón" (12/10), sobre a agenda socialista de ambos os presidentes e o resultado desastroso da política populista; e "O falso mito" (16/10), que retorna à comparação com Perón e defende a tese de que Lula é um mito construído e reforçado pela mídia, além de novamente abordar os escândalos do governo.

partidários e dirigentes, alguns deles concentrando-se especificamente eu um ou outro episódio: "Denuncismo esperado" (17/09) trata da divulgação pela revista Isto É do suposto envolvimento de Serra com a máfia dos sanguessugas, entendido aqui como manobra petista; "Liberou geral" (18/09) aborda o caso da confecção de cartilhas publicitárias do PT feitas com dinheiro público; "O Chefe" (22/09), dividido em duas partes, trata do mais comentado deles, o mensalão, a partir de trechos de um livro sobre o assunto disponibilizado na Internet.

Sobre os referidos escândalos, "O gabinete de Brasília" (29/06) enfatiza que "não foram apenas erros; foram crimes", enquanto "A flor do lodo" (26/09) discute a apatia da população já habituada à corrupção política e a reação do PT e de Lula[18]. "Malandros & Otários" (18/09), por sua vez, estende essa crítica para uma generalização dos políticos, ao recuperar a imagem do malandro como tipo pitoresco que agora tornou-se o representante por excelência dessa classe.

Assim como em "A flor do lodo", "As matriuskas do PT" (14/10) destaca a habilidade de Lula em se manter à margem dos escândalos que abalaram seu governo, sendo categórico na representação desse processo: "As falcatruas perpetradas pelo governo petista de Lula da Silva fazem lembrar as bonecas russas, as matriuskas. Assim como você 'abre' uma matriuska e aparece outra boneca dentro e outras bonecas vão aparecendo, sucessivamente, assim é o PT que é acusado, sistematicamente, a cada semana, de cometer mais uma irregularidade[19] (...) Nunca houve no Brasil um homem tão poderoso quanto Lula. Nem os generais-presidentes pós-1964 ousaram tanto quanto Lula ousa. Lula é um homem tão poderoso quanto Mussolini, tem os sindicatos na mão,

---

[18] "Esses escândalos, como sabemos, fazem agora parte do nosso dia-a-dia e atuam de modo semelhante àquelas vacinas para mordida de cachorro louco: são múltiplas, desagradáveis, doem na barriga, mas criam imunidade contra a raiva. As vacinas, porque produzem anticorpos; os escândalos, porque inconseqüentes, vão gerando insensibilidade. Só um mecanismo de completa dessensibilização poderia explicar a aceitação resignada das cataratas de lixo que brotam toda vez que se mexe em qualquer coisa neste governo (...) Vale qualquer coisa para evitar que o 'saúva rainha' seja atingido, porque isso seria fatal para o formigueiro e pela amostragem do caixa fantasma que circula em malas e cuecas, sempre será possível garantir uma vida tranqüila para súditos leais, bem comportados e com espírito de sacrifício".

[19] O texto continua, em listagem apresentada também em outros artigos, enumerando os escândalos já citados: "A antepenúltima 'boneca petista' foi o caso da confecção de 5 milhões de exemplares de 'cartilhas' que apresentavam propaganda do governo. Ao custo de R$ 11 milhões, suspeita-se que o material sequer foi impresso. A penúltima 'boneca petista' refere-se às negociações envolvendo um dossiê feito por Luiz Antônio Vedoin, o líder da 'máfia das ambulâncias' ou 'sanguessugas', que tentou vender à imprensa por R$ 1,7 milhão para incriminar José Serra, então líder nas pesquisas para governador em São Paulo e, também, por tabela, arrasar de vez com Geraldo Alckmin. A última 'boneca petista' foi aberta por Diogo Mainardi em 'Notícias da Itália', revista Veja de 11/10/2006, pg. 115, que trata da denúncia de corrupção petista com a Telecom Italia. Hoje, quando a polícia prende uma gangue, há quase sempre um petista sendo indiciado: 'Quando se vai ao submundo do crime, se encontra alguém do PT' (Geraldo Alckmin, in Correio Braziliense, 17/9/2006, pg. 8)".

uma penca de partidos ‘orgânicos’, a TV Globo e o chargista Chico Caruso, a Igreja ‘progressista’, a CUT, a UNE, o MST, o PC do B e outras falanges totalitárias que lhe dão sustentação firme de tal forma que, embora se denunciem casos de corrupção aos montes, em doses cavalares crescentes, Lula passa ao largo como se não tivesse nenhum tipo de responsabilidade pelas falcatruas cometidas por seus aliados políticos”. É importante constatar que o próprio *site* admite, contudo, que as denúncias de corrupção geraram desgaste pro governo e refletiram num desestímulo da militância petista (vide “Violas ensacadas”, de 17/07).

Aspecto especialmente interessante para o Mídia Sem Máscara é o pressuposto de que se parte de que o poder de Lula passa pela mídia, tal como é proposto pelo artigo citado. “Um grande eleitor” (02/09) exemplifica isso, ao denunciar “a bênção do Grupo Folha ao governo lulista” com base num editorial do jornal. Para Cordeiro, autor do texto, “os brasileiros estão órfãos de bons analistas na grande imprensa” e há unanimidade da mídia em favor da situação. “Alckmin vai perder porque a mídia não denuncia a corrupção e não a liga a Lula. Porque a mídia cala e ao calar induz os desavisados a sufragar a ‘quadrilha criminosa’. Enganam os brasileiros. Até a compra de votos deixou de sê-lo para tornar-se uma virtude, uma suposta bondade. Proclamo que está havendo no Brasil um estelionato eleitoral, sim”[20].

É curioso notar aqui, assim como na missão do *site*, uma inversão da perspectiva de “perseguição” por parte da mídia, historicamente observada nos militantes de esquerda. “O enigma da opinião pública” (06/08) aprofunda os efeitos dessa mídia no contexto eleitoral buscando evidenciar a construção dessa esfera de opinião. “Um véu encobrindo o discernimento coletivo foi posto nas mentes”, coloca Cordeiro, para quem o coroamento da revolução gramsciana que se processou nas últimas décadas literalmente “pré-fabricou” uma opinião pública sob encomenda. Dois artigos elegem o Rio de Janeiro, onde Heloísa Helena aparecia na frente de Alckmin nas pesquisas eleitorais, como representante máximo dessa “lavagem cerebral” (“Esquerda Festiva Carioca”, de 01/08, e “Quando outubro vier...”, de 13/09).

---

[20] Aqui cabe destacar que a idéia de estelionato eleitoral é presente em outros artigos com sentido diferente, ao fazer referência a um suposto “parasitismo” da administração petista de levar o crédito por políticas iniciadas em outras gestões (vide “A pior das desonestidades”, de 17/10).

Análise dos artigos sobre eleições

No que diz respeito, para além das críticas ao governo, ao presidente e ao seu partido, ao contexto de disputa eleitoral propriamente, as pesquisas eleitorais são tema de alguns artigos, entre eles: “Pesquisa eleitoral” (29/07), “A invisível metade” (28/08), “Quem não ajuda não atrapalha” (02/10) e “As pesquisas e a realidade” (19/10). Assim como no que concerne à mídia, há uma desconfiança por parte dos articulistas no quão manipuladas não seriam essas pesquisas – o último artigo sustenta mesmo que essa desconfiança é justificada “pelo simples fato de que os resultados da primeira pesquisa, feita após o primeiro debate do segundo turno, é um contra-senso incompatível com o senso comum de quantos assistiram a esse programa (...) Ora, se a opinião geral é que Alckmin se mostrou o melhor, como essa mesma opinião pode ter optado por aumentar sua preferência pelo pior?”.

“Quem não ajuda não atrapalha” endossa essa insegurança, problematizando ainda a influência das pesquisas na definição dos votos e dos investidores das campanhas, defendendo por fim a suspensão de sua divulgação[21]. Por outro lado, Percival Puggina busca responder ao questionamento inclusive de leitores do *site*, que dizem não conhecer nenhum eleitor de Lula a despeito dos institutos apontarem sua vitória, reconhecendo em “A invisível metade” que realmente essas pessoas estão fora de seu convívio social (e por extensão, dos que têm perfil semelhante ao do articulista), constituindo presas fáceis em seus currais eleitorais.

Outros artigos, além de “As pesquisas e a realidade”, repercutiram os debates televisivos que ocorreram por conta do pleito. A opinião generalizada dos articulistas condiz com a de Félix Maier no já comentado “As matriuskas do PT” sobre o debate da TV Bandeirantes (realizado em 08/10), que teria mostrado “um Alckmin muito superior a Lula, em todos os quesitos: apresentação pessoal, argumentação, refutação e até na retórica”. “Não minta, presidente!” (11/10) destaca a postura ofensiva de Alckmin, que

[21] “As pesquisas são as novas senhoras da democracia brasileira. Ano após ano, eleição após eleição, os institutos erram. Erram escandalosa, flagrante e desavergonhadamente. E, nem por isso, deixam de se apresentar no pleito seguinte, como arautos da vontade popular. Transformam cada eleição numa sucessão de suspeitíssimas eleições, influenciando a opinião pública e determinando votos com força infinitamente superior à qualificação dos candidatos, de suas mensagens e campanhas (...) Errar é humano. Errar como erram certos institutos de pesquisa é diabólico”.

no debate concentrara-se na exploração dos escândalos da administração de seu oponente, diante de um Lula titubeante. “O debate na TV Bandeirantes” (09/10) é mais incisivo neste quesito, bem ao estilo mais rude do Mídia Sem Máscara – o resumo do artigo já anuncia: “O debate na TV Bandeirantes permitiu ao público ver Lula por ele mesmo: um analfabeto funcional que não sabe português, um decorador de números que não sabe o que diz, um repetidor de slogan cujo conteúdo desconhece”.

E o texto de Cordeiro continua: “Lula não teve nenhum momento saliente contra Alckmin, ao contrário (...) Sua imagem de cara de ressaca, envelhecida como um barril de carvalho e com ar doentio dos consumidores habituais de álcool, era o oposto da jovialidade e da vitalidade de Alckmin (...) Lula não tem tutano para um enfretamento cara a cara com alguém tão notavelmente superior, seja em termos intelectuais, seja em termos de experiência administrativa. Se o próximo debate da TV Globo tiver o mesmo feitio e o mesmo resultado ouso afirmar que Geraldo Alckmin será o novo presidente do Brasil”. “A pedra de tropeço” (11/10) mantém o otimismo do artigo anterior, apostando na superioridade de Alckmin e na possibilidade de, com a sua vitória, serem interrompidos os planos revolucionários do Foro de São Paulo[22].

Os elogios ao desempenho de Alckmin no debate contrastam, contudo, com as críticas realizadas também à oposição governista. Dois artigos de Carvalho ilustram uma insatisfação de parte dos articulistas de Mídia Sem Máscara especialmente com o PSDB: em “De quem é a festa?” (05/10) o autor protesta contra o “bom-mocismo”[23] e o descompromisso ideológico do candidato da oposição, que não divulga os planos do Foro de São Paulo. O PSDB é ainda retratado como parte integrante da esquerda: “o pouco de maquiavelismo impiedoso que se usou contra políticos esquerdistas nos últimos vinte anos veio sempre do PSDB, no fim das contas, ele próprio um partido de esquerda, sem qualquer divergência ideológica séria com os demais que vieram do berço comum, a resistência esquerdista ao regime militar”.

[22] Curiosa a forma como a autora Graça Salgueiro se coloca: “Para quem assistiu sem paixão, como foi o meu caso, ficou nítida a diferença entre um embusteiro palrador, mentiroso, ardiloso e prepotente, como é o comunista Lula, do PT, e um homem sério, preparado, seguro no que afirmava”.

[23] “A esquerda quer e faz tudo para destruir seus adversários, arruinar sua reputação, excluí-los da política, derrubá-los de sua posição social e econômica e assassiná-los psicologicamente, de modo que percam até o desejo de se reerguer um dia. Eles, em resposta, contentam-se com disputar votos muito polidamente, muito delicadamente, com todo o cuidado de não ferir a dignidade do concorrente esquerdista e de preservá-lo intacto para as eleições seguintes”.

A apresentação da proposta do *site* pormenorizada no início desta análise já expunha esta concepção, na verdade. “Atualizando notícia de jornal velho” (09/08), que trata do Foro de São Paulo como a empreitada comunista do Brasil recente, também já reforçara a igualdade entre os partidos colocando que “foi FHC mesmo quem disse que a disputa entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT) é de cunho político, jamais ideológico. Portanto, limita-se à retórica eleitoreira numa disputa para alcançar o poder político. Somente os desinformados é que acreditam que socialismo e social-democracia são farinhas oriundas de sacos diferentes”.

O artigo “O chuchu que virou pepino” (10/10) não somente torna a criticar a indulgência do PSDB, como radicaliza essa perspectiva ideológica do *site* quando Carvalho sugere que há mesmo um acordo político entre PSDB e PT, levantando a hipótese de um revezamento no governo pré-estabelecido entre os dois partidos. O autor resume então a disputa eleitoral como um “campeonato de esquerdismo”: “fazer dos líderes tucanos a encarnação da direita nacional é evidentemente uma fraude. Se perguntarmos a quem beneficia essa fraude, a resposta é óbvia: beneficia por igual aos tucanos e petistas, ajudando-os a dividir o espaço inteiro da política nacional entre a ‘esquerda’ e a ‘direita da esquerda’”. O descontentamento com Alckmin e o PSDB chega a tal ponto que ao longo do período estabelece-se mesmo um debate interno em torno do voto nulo como alternativa mais adequada para os eleitores contrários a Lula.

“Obtusidade córnea ou má-fé cínica” (11/08) e “Voto nulo beneficia o caos” (09/09) são tentativas de desencorajar essa postura favorável ao voto nulo. Para o primeiro artigo, anular o voto é ser conivente; o voto nulo seria ainda parte de uma estratégia de redução do voto oposicionista[24]. “Voto nulo beneficia o caos” segue a lógica de que a corrupção endêmica no país gerou um desencanto justificado com relação à política, mas aponta para a infecundidade do voto nulo, buscando desfazer a tese de que as eleições poderiam ser anuladas caso eles ultrapassassem 50% dos votos, margem que o autor acredita que de qualquer forma não seria alcançada. Em contrapartida, “Armadilhas eleitoreiras” (16/08), escrito em resposta à “Obtusidade

[24] “Depois do banho de escândalos que vimos acompanhando, em que perplexidade sincera, decepção, horror e moral farisaica se misturam num amálgama intrincado, qual seria a tática para abordar os mais revoltados e sensíveis a um dos mitos preferidos entre nós: o de que ninguém presta? Com certeza os indignados, os decepcionados e outras viúvas das próprias ilusões, não votarão no apedeuta. Então, cumpre procurar que não votem no ‘outro’”.

córnea ou má-fé cínica", defende a anulação do voto ("na última eleição tivemos quatro candidatos de esquerda; nesta são três. Não adianta tentarem me convencer que o Alckmin é um liberal"), assim como o fim do voto obrigatório como forma de evitar uma situação que leve a isso[25].

"Alckmin não merece" (24/09) responsabiliza o governo Lula por um desmantelamento tal do Estado (com a destruição do Congresso e do Exército, a "institucionalização da bandidagem" e outras evidências, segundo o autor) que impossibilitaria uma oposição: "depois da Era Lula, o Brasil não tem mais condições institucionais para ser governado por partido algum, líder nenhum, que não esteja jurado de morte com a revolução socialista". Efeito disso é a desarticulação conservadora bastante criticada no artigo: "nos poucos veículos à disposição dos nossos igualmente escassos conservadores, o que se vê é um deprimente festival de loucura, de fantasia, de uma militância patética que vê em Geraldo Alckmin o 'mal menor'. Será mesmo menor? Se a palavra prudência tem algo a ver com conservadorismo, que sentido há em apoiar um candidato que pode, involuntariamente, acelerar o processo revolucionário no Brasil? Esqueçam Geraldo Alckmin, esqueçam as eleições. O PSDB não é digno de uma linha de apoio de conservadores de verdade".

De fato, considerando as reservas com relação à oposição e seu iminente fracasso nas eleições, as perspectivas do Brasil não são muito positivas para os articulistas do Mídia Sem Máscara. Poucos são os que ainda apostam na virada do candidato tucano, como o faz Cícero Harada em "Culpa in vigilando" (21/10), pra quem o escândalo do dossiê sobre o PSDB poderia, caso as investigações não fossem concluídas (o que denotaria uma "operação-abafa" do governo), implicar num revés petista. Boa parte deles crê na reeleição de Lula e numa possível concretização de seus temores revolucionários, como expressa Paulo Saab em "Limites perdidos" (21/09): "A reeleição de Lula poderá significar, na cabeça do próprio e de outros de igual nível de compreensão e pensamento, que a vitória na urna eletrônica é o aval definitivo da

[25] "O voto obrigatório é uma armadilha que obriga a quem não encontra candidato de seu agrado a anular o voto, ou votar em branco ou se abster pagando uma irrisória multa de 1 a 10% do salário mínimo, a critério do juiz da Zona Eleitoral. É o que tem acontecido nas últimas farsas eleitorais e se repetirá na próxima onde teremos que optar entre um apedeuta a mando do Foro de São Paulo e um legume pau mandado do Diálogo Inter-Americano que visa fazer o que o seu mestre FHC começou: acabar com as Forças Armadas da América Latina visando um futuro Governo Mundial, por mando do Council on Foreign Relations, da Trilateral Commission, do Inter-American Dialogue e do Clube Bilderberg".

população para a liberação de seu ‘demônio’ e rompimento explícito de qualquer linha de limites éticos, de atuação responsável e de respeito à lei”.

“Uma sinuca de bico” (26/10) coloca que se Lula ganhar as eleições seria possível, dada a somatória de escândalos atingiram sua gestão, que houvesse um *impeachment*; se perder, em contrapartida, haveria grande comoção por parte dos movimentos sociais que sempre apoiou, que seriam chamados às ruas e gerariam greves, violência e conseqüentemente, estado de sítio. Em “Sem novidades, exceto as piores” (31/10), Carvalho reforça o terrorismo das previsões futuras de seus colegas sob o ponto de vista da continuidade da política vigente: “Com a reeleição de Lula, o Brasil continuará sendo governado diretamente das assembléias e grupos de trabalho do Foro de São Paulo, sem a mínima necessidade de consultar o Parlamento ou dar satisfações à opinião pública; o direito da esquerda ao crime e à mentira, já exercido sem maiores restrições, será consagrado como cláusula pétrea da moral política nacional, e os que a infringirem se sentirão pecadores e réprobos; os representantes das Farc e do Mir continuarão circulando livremente pelo território onde vendem drogas e seqüestram brasileiros; os cinqüenta mil homicídios anuais subirão para sessenta ou setenta, mas a liquidação de quadrilhas locais concorrentes da narcoguerrilha colombiana continuará sendo apresentada como vitória esplêndida da lei e da ordem; o MST continuará ditando a política agrária federal; e os empresários que não participem de mensalões ou esquemas similares continuarão sendo criminalizados pela Receita. Até aí, tudo será como antes, exceto do ponto de vista quantitativo, no sentido de que o ruim ficará incalculavelmente pior”. É o veredicto resumido da opinião do *site* sobre a gestão petista, que como o autor admite, certamente serve tanto à passada quanto serviria quanto ao porvir.

Olavo de Carvalho

ensaísta, polemista, influenciador digital e ideólogo brasileiro

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho GCRB (Campinas, 29 de abril de 1947 – Richmond, 24 de janeiro de 2022)[8] foi um ensaísta, polemista,[9] influenciador digital e ideólogo brasileiro, que também atuou como jornalista, escritor e astrólogo.[nota 1] Era considerado um representante intelectual do conservadorismo no Brasil,[25] com expressiva influência na extrema-direita brasileira.

Seu discurso era caracterizado pela recusa do que chamava de "politicamente correto" e pela presença de ataques *ad hominem* e de termos chulos.[26][27] Diversas publicações indicaram que os livros e artigos de Carvalho divulgavam teorias conspiratórias e informações incorretas,[28][29][30][31] e apontaram que o polemista fomentava discursos de ódio[32][33] e anti-intelectualistas.[34] Crítico da modernidade,[1] demonstrava interesse por filosofia histórica, história dos movimentos revolucionários, tradicionalismo e religião comparada.[35][36] Apesar de relativo sucesso de vendas, seu trabalho não teve impacto no meio acadêmico e seus escritos no campo da filosofia são rejeitados por vários especialistas.[37][38][39] De 2005 até ao fim da vida, viveu em Richmond, Virgínia, Estados Unidos.

Biografia

Carvalho alegava ter sido militante filiado ao Partido Comunista Brasileiro em sua juventude, de 1966 a 1968,[40] e opositor da ditadura militar brasileira,[41] tornando-se anticomunista posteriormente. É apontado como o responsável pelo surgimento da Nova Direita brasileira[41] e foi considerado guru do presidente da República Jair Bolsonaro e do bolsonarismo,[42][43][44][45] qualificação que rejeitava.[46][47]

Como astrólogo, colaborou no primeiro curso de extensão universitária em astrologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1979, oferecido a formandos em psicologia.[48] Como escritor, lançou sua primeira publicação em 1980, *A Imagem do Homem na Astrologia*. Em 2013, lançou *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota*, coleção de textos curtos publicados na imprensa.[41] Outros de seus livros mais conhecidos são *O Jardim das Aflições* (1995) e *O Imbecil Coletivo* (1996).

Carreira

Em fevereiro de 1977 começou a colaborar na *Folha de S.Paulo* (no caderno literário "Folhetim").[49][50] Foi colunista de jornais como *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *Zero*

Hora, dentre outros.[51]

Em 1979, fundou na cidade de São Paulo, a Escola Júpiter, nos Jardins, juntamente com Antônio Carlos "Bola" Harres e Mary Lou Simonsen (filha do empresário Mário Wallace Simonsen), a escola organizava seminários, eventos e palestras tais como o Pequeno Seminário de Astrologia (fevereiro de 1979) e o Segundo Seminário de Astrologia (setembro de 1979).[52][53][54] Um dos ex-alunos da escola foi a astróloga Barbara Abramo.[55] Olavo de Carvalho ministrava cursos de astrologia e outros temas; um desses cursos, com duração de oito meses e uma aula semanal, Olavo ofereceu "Orientação Profissional Segundo a Astrologia".[52] Como astrólogo, colaborou no primeiro curso de extensão universitária em astrologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1979, oferecido a formandos em psicologia.[48]

Na década de 1980 tornou-se membro da Tariqa, ordem mística muçulmana liderada por Frithjof Schuon. Embora admita a importância do Islã em sua formação, mais tarde lamentou a sua expansão no Ocidente.[41] Em 1986, foi premiado pela Universidade de Alazar e pelo Reino da Arábia Saudita por uma obra sobre o profeta Maomé.[56]

Estudou no Conpefil (Conjunto de Pesquisa Filosófica)[57] da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por três anos, sob a direção do professor e padre Stanislavs Ladusãns.[58] Apresentou os trabalhos *Estrutura e Sentido da Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Mário Ferreira dos Santos* e *Leitura Analítica da 'Crise da Filosofia Ocidental' de Vladimir Soloviov*, mas não

Olavo de Carvalho

Olavo de Carvalho em 2019.

Nome completo	Olavo Luiz Pimentel de Carvalho
Nascimento	29 de abril de 1947 Campinas, São Paulo, Brasil
Morte	24 de janeiro de 2022 (74 anos) Richmond, Virgínia, Estados Unidos
Nacionalidade	brasileiro
Progenitores	Mãe: Nicéa Pimentel de Carvalho Pai: Luiz Gonzaga de Carvalho
Cônjuge	Roxane Andrade de Souza (c. 1986–2022)[1][2]
Filho(a)(s)	8
Ocupação	jornalista, escritor e ensaísta
Prêmios	Medalha do Pacificador[3][4] Medalha do Mérito Santos-Dumont[5]

concluiu o curso, saindo dele após a morte de Ladusãns (1993); não possuindo, portanto, nenhum título acadêmico formal.[41]

	Ordem Nacional do Mérito da Romênia[6] Medalha Tiradentes[4]
Religião	Católico romano[7]
Página oficial	
blogdoolavo.com (https://blogdoolavo.com/)	

Até 2016 escreveu para o *Diário do Comércio* (veículo de propriedade da Associação Comercial de São Paulo) na coluna "Mundo Real".[59][60]

Em 1996, publicou *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras*, no qual criticou duramente o meio cultural e intelectual brasileiro. A obra recebeu elogios do jornalista Paulo Francis[40] e do economista Roberto Campos, que classificou Olavo como "filósofo de grande erudição".[61]

Debateu com o russo Aleksandr Dugin (cientista político, conselheiro do presidente da Rússia Vladimir Putin e principal ideólogo do eurasianismo)[62] sobre a Nova Ordem Mundial, gerando em 2012 o livro *Os EUA e a Nova Ordem Mundial*.[63] Dugin concluiu que a posição de Olavo foi "*muito pessoal, idiossincrática e irrelevante*".[64] O ensaísta libertariano romeno Horia-Roman Patapievici elogiou muito a postura e os argumentos de Olavo no debate, considerando sua réplica brilhante.[65]

Em 2013 publicou *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota*. O livro é um apanhado de 193 artigos escritos por ele de 1997 até 2013, ano em que foi lançado, e vendeu algo próximo de 320 mil exemplares,[66][41] recebendo elogios dos jornalistas Carlos Ramalhete,[67] Euler de França Belém, Paulo Briguet[68] e Reinaldo Azevedo,[69] da *Folha de S.Paulo*[70] e do Padre Paulo Ricardo.[71]

Embora a obra de Carvalho tenha tido sucesso de audiência entre o público geral, não obteve grande repercussão na academia.[72]

Em 2015, iniciou seu canal no YouTube intitulado com seu nome e atualmente (2019) com mais de 800 mil inscritos e pelo menos 43 milhões de visualizações (2019), seu canal no Youtube é categorizado como "Comédia",[73] no Facebook é acompanhado por mais de 600 mil seguidores (2019); nas redes sociais, os alvos de suas críticas são a imprensa, o cenário cultural e a universidade; atribui aos movimentos progressistas a deterioração desses espaços, que, segundo ele, teriam se tornado apenas campos de burocracia e rituais de doutrinação.[74] Em 15 de agosto de 2018, suas páginas do Facebook foram bloqueadas por trinta dias, Olavo atribuiu o bloqueio a "piadinhas" que fez a dois ex-alunos de seus cursos de filosofia *online*, Carlos e Jorge Velasco.[75]

Carvalho tornou-se um dos principais difusores das ideias de extrema-direita no Brasil. Donald J. Trump em 2016 chamou Carvalho de "um dos maiores intelectuais conservadores do mundo".[76] Ele

ganhou grande repercussão depois da eleição de Jair Bolsonaro em 2018, sendo um importante teórico de seu governo.[77]

Política

Opiniões políticas

Carvalho e Jair Bolsonaro em 2019.

Olavo afirmava que suas ideias não se enquadram em uma categoria ideológica, condenando quem adota posições por automatismo sustentado por ideologias. Ele aponta que o coeficiente de esquerda ou de direita está nos olhos do observador e varia conforme as épocas e os lugares. Olavo dizia que preferia se manter afastado dos enquadramentos ideológicos no Brasil, muito embora se visse alinhado à direita americana.[78]

Para Carvalho, a esquerda política brasileira conseguiu dominar a universidade, a mídia, a cultura e a política do país, empregando os métodos da revolução passiva (a "revolução sem revolução") de Antonio Gramsci.[41]

Entre indivíduos já criticados por Olavo estão Lula, Fidel Castro, Barack Obama, entre outros. Poder-se-ia citar ainda entidades como o Foro de São Paulo,[70] o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o eurasianismo,[62] o Partido dos Trabalhadores, as FARC e a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil. Criticava bastante o desarmamento civil, e alegava que as organizações desarmamentistas estavam ligadas aos interesses de grupos milionários nacionais e estrangeiros.[79]

Em um artigo jornalístico produzido em dezembro de 2010 para a revista Época, o autor sugeriu que Ladislav Bittman teria, na posição agente da StB, conduzido operações de bandeira falsa e desinformação, fazendo com que as agências de inteligência norte-americanas levassem a culpa pelo golpe de 1964 no âmbito das escolas e da mídia brasileira.[80]

Em 1996, Carvalho "profetizava", em entrevista ao jornalista Pedro Bial, no telejornal da Globo *Bom Dia Brasil*, que apesar do então recente colapso socialista na URSS, a esquerda brasileira iria

ascender ao poder com grande força, já que, de acordo com ele, "a partir da década de 1960, foram adotando a estratégia gramsciana, que é a de fazer a revolução cultural primeiro para fazer a revolução política depois".[81] Ainda acrescentou que "muitas vezes [os esquerdistas] têm poder, mas não assumem que têm, então continuam se sentindo perseguidos e infelizes".

Em entrevista à BBC em dezembro de 2016, Olavo, quando perguntado sobre a direita brasileira, afirmou: "quis que uma direita existisse [no Brasil], o que não quer dizer que eu pertença a ela. Fui o parteiro dela, mas o parteiro não nasce com o bebê". Para ele "atualmente é obrigatório estar na direita", mas deixou claro que não tem "compromisso com nenhuma política em particular".[41]

Em abril de 2016, a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (Abia) condenou as declarações de Olavo de Carvalho sobre o episódio em que o deputado Jean Wyllys cuspiu no também deputado Jair Bolsonaro, durante votação do impeachment de Dilma.[82] Nas redes sociais, Olavo afirmou que Jean, como "membro de um grupo de risco", deveria se submeter a um exame para verificar "se sua saliva não transmite o vírus da Aids". Em nota, a Abia recomendou que ele "seja imediatamente submetido a exames para verificar se sua saliva não transmite o vírus da ignorância e do preconceito" e lamentou as "doses vergonhosas de desinformação e desrespeito" de Olavo de Carvalho em relação às pessoas que vivem com HIV/AIDS no Brasil.[83][84]

Racismo e supremacia branca

A posição de Olavo de Carvalho relativamente à reivindicação, pelo movimento negro brasileiro e americano, de reparação prático-político-institucional pelo colonialismo-escravismo-racismo contra os povos negros, vertida, em particular, na sua obra O Imbecil Coletivo, pode definir-se por quatro ideias estruturantes:

1. Negros não têm direito a reparação alguma e ela representa uma incongruência e uma seletividade, já que, antes de seres escravizados, os próprios negros – quando foram faraós no Egito – escravizaram judeus e árabes;
2. A culpa pela escravização dos negros é dos próprios negros, por causa de sua cultura decadente, desestruturada e degenerada, cujo maior exemplo são suas tradições religiosas mágico-animistas africanas;
3. Negros não deram nenhuma contribuição cultural à civilização ocidental, mas apenas uma contribuição material, sob a forma do trabalho escravo, não tendo por que reivindicar qualquer tratamento especial por parte do Ocidente branco;
4. A cultura negra é inferior à cultura ocidental, à tradição judaico-cristã, à ontoteologia greco-latina-medieval e ao Renascimento, não podendo sequer ser equiparada com esta, o que mais

uma vez mostra que os negros mais ganharam que perderam com a colonização.[85]

Olavo de Carvalho recusava a práxis reparatória defendida pelo movimento negro em relação ao colonialismo-escravidão-racismo, em primeiro lugar porque todos os povos são criminosos em alguma medida e, portanto, não têm nada a cobrar uns dos outros. Assim, os negros africanos porque teriam uma vez governado o Egito, e escravizado por mais de mil anos aos povos semitas, entre eles árabes e judeus, não poderiam, consequentemente, exigir reparação pela escravidão que sofreram depois de toda a colonização, escravização e instrumentalização que cometeram àqueles que, posteriormente, fariam o mesmo que eles, só que agora com eles. Essa tendência de opressão e violência mútuas faria, adicionalmente, parte da constituição de todos os povos ao longo do tempo e, na verdade, além de revelar uma tendência humana básica do conflito entre Behemoth e Leviatã, aponta para o fato de que uma civilização somente pode ser conquistada quando é fraca culturalmente e quando está em desestruturação e degeneração em termos político-morais. Assim, aliado ao fato de que negros escravizaram árabes e judeus quando foram faraós do Egito, o que já revelaria uma contradição teórica e uma má-fé moral seletivas contra os brancos, tem-se a própria questão de que eles foram colonizados, dominados e escravizados porque estavam em decadência cultural, enfraquecidos como civilização, desestruturados social e politicamente. E por que estavam nessa condição de crise civilizacional? Por causa de suas tradições religiosas mágico-animistas tribalizadas, que os condenavam ao bizarro, à regressão e à ossificação. A colonização europeia-branca teria sido, assim, somente um adendo, um ponto superficial em uma realidade de desestruturação, degeneração e apagamento cultural-civilizacional vivido pelo povo negro por causa de seus próprios déficits antropológicos, em particular de suas tradições religiosas. Se por um lado negros também foram senhores de escravos – entre si, dos árabes e dos judeus –, por outro é importante considerar-se que a culpa pela escravidão é dos próprios negros e de sua cultura decadente, e não dos brancos europeus, os quais conseguiram sua supremacia por causa de sua cultura superior. Desse modo, segundo Olavo de Carvalho, não há qualquer reparação a ser paga e a crítica aos brancos é pura e simplesmente seletiva, incongruente e acrítica.[85]

Em segundo lugar, Olavo de Carvalho, ao negar a responsabilização social-institucional na exata medida em que recusa a determinação social, institucional, macroestrutrual da subjetividade, do lugar sociopolítico do indivíduo, reduz toda a dinâmica humana à ação e ao protagonismo individuais. Não existe a sociedade enquanto macroestrutura ou macrodinâmica se sobrepondo, subsumindo e determinando de modo férreo ao indivíduo. A culpa pelo que somos é nossa, como indivíduos, não da sociedade enquanto macroestrutura: não existe a sociedade como macroestrutura totalizante, não existe as instituições enquanto sistemas objetivos que determinam socialização e subjetivação de modo último e, finalmente, não existe a classe social, o partido político, a massa amorfa que subsumam e anulem os indivíduos. Estes indivíduos, cada um dos indivíduos, não podem explicar seu fracasso ou seus méritos por causa de supostas condições

objetivas, mas por seu protagonismo ou pela falta dele. Assim, Olavo de Carvalho nega a política, a história e a ação humana intersubjetiva e afirma a centralidade do indivíduo, de Deus e da graça divina, reduzindo a busca pela verdade a uma cruzada pessoal em termos de interiorização como intuição direta, imediata e mediada do indivíduo para com Deus. Portanto, nesse caso, o movimento negro não pode exigir reparação pela sua condição de miséria, de exclusão e de desigualdade contemporânea porque cada indivíduo negro faz parte de uma sociedade que aboliu a escravidão e que equalizou a todos há mais de cem anos, tendo tempo e condições suficientes para se desenvolver e modificar sua situação pessoal. Se não conseguiram, isso mais uma vez não se deve à herança colonial, escravocrata e racista, mas à sua incapacidade pessoal.[85]

Em terceiro lugar, a posição de Olavo de Carvalho em relação ao (não)lugar das tradições negro-africanas na cultura/civilização ocidental assenta na ideia de que não houve contribuição cultural negro-africana à cultura/civilização ocidental, e que essa mesma civilização ocidental é universal, o que nos leva a concluir que as tradições negroafricanas são particulares, meramente contextuais. Convém referir que aquilo que Olavo de Carvalho entende por cultura/civilização ocidental diz respeito à conjunção da tradição ontoteológica judaico-cristã (incluindo-se, aqui, a filosofia-teologia medieval), da metafísica greco-latina e, como síntese desses momentos, do Renascimento. Assim, o que interessa a Olavo de Carvalho, na sua definição da cultura/civilização ocidental é a universalidade da ontoteologia e, nesse caso, universalidade significa seja a perspectiva da escatologia cristã, representada de modo último pela revelação na correlação do Antigo e do Novo Testamentos, seja a ideia filosófica de determinação da antropologia/cultura/normatividade pela religião/biologia, pela centralidade de fundamentos essencialistas e naturalizados com caráter pré-político, pré-cultural e anti-histórico sobre a história, a cultura, a política, a sociedade. Nessa concepção, não só não entram as tradições negroafricanas, inferiores à ontoteologia, como também não tem lugar a modernidade iluminista materialista, relativista, ateia, ideológica e totalitária. A ontoteologia é, assim, associada por Olavo de Carvalho diretamente ao espiritualismo, correlacionada tanto com essa perspectiva de um intuicionismo epistêmico altamente individualista que, pela sua impotência, necessita permanentemente da graça divina representada e doada por Jesus Cristo quanto com essa ideia de determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade. Daqui devém a perspectiva dualista-maniqueísta de Olavo de Carvalho, de que só não é ideologia a ontoteologia e, nesse caso, a escatologia e a teodiceia judaico-cristãs, de que só não é ideologia o indivíduo e sua intuição direta, imediata, imediada, interiorizada e altamente pessoal da verdade, isto é, de Deus; e de que, então, todo o materialismo, toda a história, toda a política e toda ação intersubjetiva são apenas ideologias que negam a centralidade do indivíduo, que recusam o protagonismo do espírito e da graça, que deslegitimam a Deus e que buscam a manipulação e a massificação acima de tudo e contra a Verdade absoluta. Só a religião cristã e o indivíduo são bons; toda e qualquer forma política e histórica, sempre materialistas, são más, levam

ao totalitarismo. Por isso mesmo, os verdadeiros valores universais são os valores do espírito, isto é, a condição religioso-biológica do homem e, então, a intuição individual, pessoal e direta do homem para com Deus. Todas as tradições culturais, filosóficas e políticas que destoam do arcabouço ontoteológico e que negam a centralidade seja do indivíduo de carne e osso, seja do espiritualismo, estão fora da universalidade, fora da cultura/civilização ocidental, sendo esse o caso dos povos negros e da própria modernidade iluminista.[85]

Esta posição filosófica apresenta-se, então, extremamente mal construída, pela sua contradição epistêmica, ausência de critérios paradigmáticos, subjetivismo estrito, intuicionismo privatista, dualismo-maniqueísmo antropológico, fundamentalismo-dogmatismo religioso, postura antiobjetiva e antiestrutural em termos de justificação, imprecisão histórico-teórica, gerando, no âmbito ético-político, uma atuação antimoderna e antimodernizante que vai desde a recusa das minorias político-culturais, do Estado democrático de direito, dos direitos humanos e da discussão racional objetiva, cientificamente regulada, passa pela defesa do fundamentalismo e do dogmatismo religiosos como critério público institucional e chega exatamente ao autoritarismo e ao fascismo institucionais, sintetizado pelas máximas modelares do bolsonarismo hegemônico institucional e culturalmente. A consequência desta postura é a cegueira para a diversidade, a recusa da pluralização epistêmica, a negação da discussão racional-científica e, assim, a imoderação, a insensibilidade e o fechamento institucionais para a necessária reflexividade, criticidade e transformação das estruturas sociais, especialmente no que se refere às consequências de uma modernização conservadora altamente racista e autoritária.[85]

Governo Bolsonaro

Em novembro de 2018, após a eleição presidencial brasileira, declarou que (se convidado) aceitaria ser o embaixador do Brasil nos Estados Unidos.[86] Afirmou que, em caso de indicação pelo presidente eleito Jair Bolsonaro, este seria o único cargo que aceitaria.[87] Segundo ele:

> (...) *O que o Brasil mais precisa é de dinheiro. E, como embaixador nos EUA, eu saberia fazer dinheiro. Eu peguei alguma prática desse negócio de comércio internacional no tempo em que morei na Romênia. Eu não sou um total ignorante no comércio internacional.*[86]
> (...) *O embaixador no outro país tem autoridade total sobre seus conterrâneos ali. Pode mandar embora qualquer um, pode mandar prender qualquer um. Ele é um reizinho. Ele não tem que dar satisfação para a "petezada".*[87]

Era frequentemente citado pela imprensa como um "guru intelectual" de Jair Bolsonaro e dos filhos do presidente,[16][23][24][42][43][44][45] mas rejeitava essa classificação[46] e alegava que Bolsonaro era "aconselhado por generais covardes ou vendidos".[88]

Apesar de negar que tivesse influência no governo, Olavo sugeriu nomes para ocupar cargos no primeiro escalão e estes foram acatados por Bolsonaro: o ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo[89] e o ministro da Educação Ricardo Vélez Rodríguez,[90][91] tendo esse último sido posteriormente substituído por Abraham Weintraub, também aluno de Olavo.[92]

Em 2020, mais afastado do governo, gravou um vídeo chamando Bolsonaro de "covarde" e declarando que teria condições de tirá-lo da presidência.[93][47] Em dezembro de 2021, afirmou que Bolsonaro o usara como "garoto-propaganda" para se eleger.[94]

O deputado Rodrigo Maia afirmou que Carvalho comandava "um gabinete de ódio do exterior" em relação às críticas feitas ao então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta.[95]

Ciência

Embora não tivesse formação acadêmica[96] e seus escritos científicos sejam vistos por pesquisadores como pseudociência,[97] Olavo criticou fortemente diversas figuras que ocupam lugar destacado na história das ciências,[97] como por exemplo Isaac Newton, a quem acusa de ter disseminado "o vírus da burrice na Terra." A crítica estende-se ainda a Giordano Bruno, que segundo ele "não fez nenhuma descoberta (...). Nem sequer estudou as ciências modernas, física, astronomia, biologia ou matemática. Ele não foi condenado por defender teorias científicas, mas por prática de feitiçaria, que na época era crime",[98] e a Galileu:

> *Um fundo de charlatanismo parece já ter sido introduzido na física por Galileu, quando proclamou ter superado a noção da ciência antiga, segundo a qual um objeto não impelido por uma força externa permanece parado — uma ilusão dos sentidos, segundo ele. Na realidade, pontificava, um objeto em tais condições permanece parado ou em movimento retilíneo e uniforme. E, após ter assim derrubado a física antiga, esclarecia discretamente que o movimento retilíneo e uniforme não existe realmente, mas é uma ficção concebida pela mente para facilitar as medições. Ora, se o objeto não movido de fora permanece parado ou tem um movimento fictício, isto significa, rigorosamente, que ele permanece parado em todos os casos, exatamente como o dizia a física antiga, e que Galileu, mediante um novo sistema de medições, conseguiu apenas explicar por que ele permanece parado. Ou seja, Galileu não contestou a física antiga, apenas inventou um modo melhor de provar que ela tinha razão, e que o testemunho dos sentidos, sendo verídico o bastante, não tem em si a prova da sua veracidade — coisa que já era arroz-com-feijão desde o tempo de Aristóteles. Foi este episódio que inaugurou a mania dos cientistas modernos de tomarem simples mudanças de métodos como se fossem "provas" de uma nova constituição da realidade.*[98]

Também era crítico do trabalho de Georg Cantor a respeito de números transfinitos, acusando-o de confundir "números com seus meros signos", vendo seu trabalho como um "jogo de palavras" e uma "falsa lógica".[98]

Não acreditava no aquecimento global[99] e fundamentava-se no episódio que ficou conhecido como *Climategate*, em que *hackers*, nas vésperas da Conferência de Copenhague, disseminaram milhares de e-mails de climatologistas da Universidade de East Anglia, visando minar a credibilidade da conferência. Além disso, Olavo apontou que o *Climategate* seria obra da família Rockefeller, do Council of Foreign Relations e do Clube de Bilderberg, indicando-os como atores principais da Nova Ordem Mundial, também responsáveis pelas "campanhas mundiais abortista e gayzista, da nova religião global biônica, da proposta do governo Obama para o controle universal da circulação de capitais".[100]

Para Olavo, a AIDS não representava um risco para a população heterossexual, baseando-se no livro *The Myth of Heterosexual Aids* do jornalista Michael Fumento, não concordando também que a AIDS tenha sido um perigo iminente para toda a humanidade, alegando que essa ideia teria sido disseminada pela indústria farmacêutica e outros grupos para captar verbas governamentais.[100]

Em janeiro de 2019, publicou um vídeo em que discorda da teoria da relatividade e do heliocentrismo citando a Experiência de Michelson-Morley - experimento que visava comprovar a hipótese de éter luminífero - o experimento mostrou-se infundado porque a velocidade da luz é

constante independente do movimento do observador e em nada ajudou à teoria da relatividade[101] e as comprovações de que os planetas giram ao redor do Sol já datam de séculos e até hoje recebe comprovações através de inúmeras descobertas.[102] Também afirmou não ter conseguido encontrar nada que refute o terraplanismo.[103]

Olavo de Carvalho já afirmou que células de fetos eram utilizadas na fabricação da Pepsi.[104][105][106][107] Apesar de criada fora do Brasil, Olavo foi o principal disseminador dessa *fake news*. O vídeo viralizou na época do Orkut.[104] Carvalho disse ainda que quem tomasse produtos da PepsiCo era "um abortista terceirizado".[105] A Agência Lupa e o Polígrafo analisaram o caso e concluíram que é uma *fake news*. A controvérsia surgiu devido a um contrato entre a PepsiCo e a Senomyx; esta última utilizava uma cultura de células do tipo HEK-293, extraídas de um feto legalmente abortado nos Países Baixos em 1973, para criar novos sabores. No entanto, as células sofreram modificações e multiplicaram-se por mais de 45 anos em diferentes partes do mundo e, atualmente, nenhuma das células originais integra qualquer uma das culturas de HEK-293. Assim, é falso dizer que células de feto são utilizadas na Pepsi. Em dezembro de 2019, a PepsiCo afirmou que "não tem mais qualquer relação comercial com a Senomyx e não realiza ou financia pesquisas feitas com tecido humano ou culturas de células derivadas de embriões."[105][106]

Em 22 de março de 2020, durante a pandemia de COVID-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, afirmou que não havia nenhum caso confirmado de morte pelo referido vírus no mundo e que a pandemia seria "*uma invenção*" e "*a mais vasta manipulação de opinião pública que já aconteceu na história humana*".[108] Naquela data, a Organização Mundial da Saúde contabilizava mais de 294 mil casos da doença e 12.784 mortes dela decorrentes.[109] A plataforma YouTube retirou o vídeo do ar, embora ele continuasse repercutindo no Twitter.[110] Ele próprio foi diagnosticado com a doença em 16 de janeiro de 2022, oito dias antes de sua morte, cuja causa não foi divulgada.[111]

Visões

Olavo não avaliava o mundo contemporâneo como uma realização do progresso, mas como um ocaso, expressão de uma crise da civilização que, segundo sua linha de pensamento, seria o adentrar na barbárie. Isso seria o resultado de um processo de fortalecimento da consciência coletiva, iniciado no Renascimento que atinge seu ápice na Revolução Francesa com a prevalência da "opinião pública".[112] Segundo Benjamin R. Teitelbaum, que chegou a entrevistar Olavo, esse pensamento é típico de um tradicionalismo que acredita "*que a humanidade está ao fim de um longo ciclo de declínio e que vai ser concluído com destruição e renascimento*", em suas próprias palavras.[113]

Olavo era crítico do que chama de "sacerdócio das trevas", que engloba o kantianismo, o hegelianismo, o marxismo, o positivismo, o pragmatismo, o nietzscheanismo, a psicanálise, a filosofia analítica, o existencialismo, o desconstrucionismo, a teologia da libertação, o relativismo moral, cultural e ético, dentre outras correntes filosóficas e intelectuais. Segundo Carvalho, essas correntes transferem a responsabilidade de conhecer a verdade do indivíduo para o coletivo. Defende a teoria da conspiração conhecida como "marxismo cultural".[114]

Ele foi um grande crítico do pensamento coletivo nacional por sua suposta despreocupação com o futuro. De acordo com seu pensamento, a cultura brasileira, orientada sobretudo para a autodefinição da especificidade, inclina-se a supervalorizar o popular, o antropológico e o documental acima do que chama de valores supratemporais.[112]

Em um debate em 1998, Carvalho afirmou que os mesmos que defendem o relativismo moral também possuem forte indignação moral, e que apesar de sua desvalorização no campo intelectual, no campo emocional as pessoas estão fortemente apegadas à ideia de moral.[12]

No seu livro *Aristóteles em Nova Perspectiva*, Olavo escreve que há embutida nas obras aristotélicas uma ideia central que passou despercebida por quase todos os seus leitores e estudiosos.[115]

Carlos Heitor Cony elogiou as publicações de Carvalho sobre Otto Maria Carpeaux[116][117] e Bruno Tolentino o classificou como "filósofo finíssimo, um erudito verdadeiro e um homem honestíssimo".[118]

Recepção acadêmica

Embora o pensamento de Olavo tenha grande audiência entre o público geral, especialmente pelo uso que faz das mídias sociais,[119][120] não obteve repercussão na academia,[121][119] e diversos pesquisadores e especialistas em filosofia e política têm criticado suas opiniões. Para José Arthur Giannotti, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a obra de Carvalho nunca foi uma referência no ambiente acadêmico e "*é absolutamente irrelevante do ponto de vista filosófico*".[72][119] Na visão de Alvaro Bianchi, diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, há pouca verdade na sua narrativa filosófica, considera bizarra e equivocada sua interpretação da história da filosofia, e diz não entender como "*essa montanha de erros parece consistente para seu público*".[119] Ao mesmo tempo, o acadêmico diz que sua fala "*se mostra persuasiva e eficaz por abordar os medos e as inseguranças do homem comum perante as transformações do mundo contemporâneo*", apresentando uma explicação simples mas equivocada para os problemas atuais*:* "*Marxistas, feministas e gays teriam provocado a crise da civilização cristã e empurrado a sociedade para o abismo. É obviamente*

uma teoria conspiratória à qual pessoas comuns podem se agarrar quando não conseguem uma explicação razoável para seus medos".[122]

Esther Solano, doutora em Ciências Sociais e professora da Universidade Federal de São Paulo, pensa que a notoriedade de Carvalho só se explica no contexto das redes sociais, sabendo se comunicar "*com base em frases polêmicas, conteúdos curtos, mensagens fáceis e ataques*".[119] Fabricio Pontin, doutor em Filosofia Política e professor de Direito e Relações Internacionais na Universidade La Salle, diz não ter "*a menor dúvida*" de que ele "*guarda um grande rancor dos anos que ele passou sendo achincalhado pelo establishment universitário brasileiro*". Comentando sobre a forma do seu discurso, disse que "*o jogo do Olavo é plantar algum tipo de dúvida sobre uma questão consolidada no discurso público*", e a partir disso ele desqualificava todas as inferências sobre os fatos consumados. Apesar da crítica, Pontin disse que ele soube aproveitar muito bem o espaço deixado aberto pela academia em sua recusa de abandonar seu próprio ambiente e dialogar com o grande público: "*Acho que toda essa polêmica ao redor do Olavo é uma excelente oportunidade para o pessoal nas universidades acordar e começar a pensar, sobretudo a Filosofia Política e Moral, para além das bolhas e câmaras de eco da universidade*".[121]

Geovani Moretto, coordenador do curso de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, afirma que antigamente se admirava com a capacidade de Olavo "*debater a filosofia a partir de questões cotidianas, da política e da economia*". No entanto, Moretto diz que Olavo virou aquilo que tanto criticava: um dogmático.[41] Daniel Tourinho Peres, doutor em Filosofia e professor da Universidade Federal da Bahia, disse que "*Olavo de Carvalho é um obscurantista, retrógrado, seu discurso é puramente ideológico e não tem sustentação argumentativa*", e seu pensamento representa uma ameaça para o sistema universitário e para a ciência.[123] Bruno Lima Rocha, doutor em Ciência Política, considera que sua notoriedade advém da quebra dos padrões do politicamente correto e, por consequência, não se compromete com "*a correção na política e menos ainda no reconhecimento dos direitos de reconhecimento, diversidade, diferença sem desigualdade e um país pluriétnico*".[120]

Liriam Sponholz, pós-doutora em Comunicação e livre-docente na Alpen-Adria-Universität em Klagenfurth, e Rogério Christofoletti, doutor em Comunicação e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, reconheceram Olavo como um representante do discurso de ódio no Brasil.[124] Para Flávio Moura, doutor em Sociologia, em seus escritos abundam afirmações delirantes, preconceituosas e intolerantes, e nos últimos anos Olavo "*deixou de se preocupar com a solidez dos argumentos*" e "*desistiu do reconhecimento dos intelectuais sérios*", transformando-se em figura burlesca. "*Nesse processo, foi abandonado pela direita inteligente e assumiu a condição de guru de uma turma desprovida de formação, movida a ódio e ressentimento*".[125]

Segundo João Vitor Santos, em matéria para a *Revista do Instituto Humanitas* da Unisinos, ele "*é tomado por muitos como um dos centrais pensadores da extrema direita brasileira*",[121] e em pesquisa desenvolvida para estudar os impactos do seu discurso, analisando seus textos, vídeos e aulas, Rosa, Rezende & Martins concluíram que ele é "certamente o maior influenciador das novíssimas direitas conservadoras no Brasil". Para os autores, "é possível verificar que a construção supostamente teórica apresentada por ele se fundamenta exclusivamente em pesquisas que visam localizar determinados escritos que corroboraram as suas análises, independente de sua veracidade. O que conta é a possibilidade de confirmar tudo aquilo que reitera a sua teoria conspiratória". Continuando a análise, os pesquisadores consideram que sua visão de mundo é em boa parte baseada em informações equivocadas, e é excessivamente simplificada numa grande polarização, onde, de um lado, estão as pessoas que considera "de bem", as que "trabalham, que seguem uma vida reta, cristã, dentro da lei e da ordem", e do outro, os que não se encaixam nessa construção, onde se incluem "os esquerdistas, comunistas, anarquistas, índios, prostitutas, gays, drogados, defensores de bandidos e dos direitos humanos". Para os pesquisadores, essa dicotomia, a despeito de sua inconsistência, artificialidade e parcialidade, não obstante exerce um importante impacto social e aparece para o público como verdade, "mesmo sendo *fake news*", além de servir como munição para grupos conservadores articulados por canais da internet e dedicados a uma suposta moralização da sociedade, mas divulgando informações equivocadas, distorcidas ou sem fontes, além de promoverem o racismo de Estado alegadamente "em defesa da sociedade".[126]

Outros críticos incluem Janer Cristaldo,[127] o engenheiro José Colucci Jr,[128] e os jornalistas Mário Augusto Jakobskind[129] e Sebastião Nery. Este último afirmou notar a falta de formação acadêmica em filosofia de Olavo, o que o impediria de lecionar a matéria em âmbito acadêmico, dizendo ainda que "isso tem nome: falsidade ideológica. E está no Código Penal".[130]

Disputas judiciais

Em virtude de críticas realizadas em seus artigos e *talk show*, Olavo foi acionado judicialmente em 2007 pelo professor aposentado de filosofia da Unicamp João Carlos Kfouri Quartim de Moraes.[131] Em sentença de 28 de novembro de 2012, somente as empresas foram condenadas a indenizar Quartim por danos morais, constando ainda que Olavo deixou de fazer parte do processo, em virtude da desistência posterior do autor do prosseguimento da ação em relação a ele, por este residir em local incerto, fora do país.[132]

Olavo acionou judicialmente em 2016 a Editora Abril devido a comentários feitos pelo jornalista Reinaldo Azevedo em *blog* mantido na página da *Revista Veja*, mas em primeira instância teve seu pedido de direito de resposta negado em duas ações.[133][134] Uma terceira ação tramita na Vara

Criminal de Barueri, por injúria, contra o próprio jornalista.[135] Em 2019 foi condenado na justiça a pagar uma dívida milionária a Caetano Veloso, após dizer em rede social que ele seria pedófilo.[136]

Em 2017, Caetano Veloso entrou com uma ação contra Olavo de Carvalho por tê-lo acusado no Twitter de pedofilia por causa de seu relacionamento com Paula Lavigne.[137] Caetano e Paula começaram a se relacionar em 1982, quando tinham 40 e 14 anos respectivamente. O casal tem dois filhos, se separaram em 2009 e reataram em 2016.[138] Apesar de controversa, a união não se enquadrava em crime na época.[139] Essa não é a primeira vez que os dois brigam. Olavo chegou a registar uma queixa-crime após Caetano Veloso criticá-lo em artigo para a Folha de S. Paulo.[140] Olavo foi apenas uma várias pessoas processadas pelo casal na ocasião, como o pastor Marco Feliciano[141] e membros do MBL.[142] Olavo foi condenado a pagar R$ 2,9 milhões e a apagar as postagens ofensivas do Twitter. Olavo pagou R$ 65 966,78 em 2020, mas se negou a apagar as postagens. Por isso, foi condenado a pagar uma multa diária de R$ 10 mil até que as ordens judiciais fossem cumpridas. A multa acumulou em R$ 2,9 milhões e Olavo entrou com um recurso, que foi negado em 2021. Com a morte de Olavo em 2022, Caetano terá que esperar a partilha de seus bens se quiser continuar com o processo.[137]

Em 2021, a 5.ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo determinou que a revista *IstoÉ* excluísse de seu site uma reportagem que mostra Olavo de Carvalho como um bobo da corte. A reportagem foi capa da edição de maio de 2019; nela, Carvalho aparecia com um chapéu de bobo da corte com a expressão "o imbecil". Para o Tribunal, a matéria "acabou por, sem dúvida, encerrar ofensas à dignidade e à moral do demandante", determinando ainda que a *IstoÉ* pagasse uma indenização de 40 mil reais a Carvalho.[143]

Site "Mídia Sem Máscara"

O Mídia Sem Máscara (MSM) foi um website fundado por Olavo em 2002 com o objetivo de combater o "viés esquerdista da grande mídia brasileira".[144] O site se estrutura ao redor de um grupo de redatores e editores, majoritariamente brasileiros.[145]

Em janeiro de 2018, o conselho editorial era formado por Olavo de Carvalho, Edson Camargo, Graça Salgueiro, Heitor de Paola, Percival Puggina, Nivaldo Cordeiro, Ipojuca Pontes e Carlos I. S. Azambuja, o editor executivo era Edson Camargo.[146]

Filme "O Jardim das Aflições"

Ver artigo principal: O Jardim das Aflições (filme)

O cineasta pernambucano Josias Teófilo, dirigiu um filme que aborda a vida doméstica, biografia e visão de mundo de Olavo de Carvalho, rodado na residência deste em Colonial Heights, EUA.[147] O longa-metragem *O Jardim das Aflições*,[148] título retirado de um de seus livros, contou com a produção de Matheus Bazzo e direção de fotografia de Daniel Aragão. O filme foi inteiramente realizado com recursos captados através de financiamento coletivo e lançou em 2017.[149] Ao todo foram quase três mil doadores e arrecadação de 320 mil reais.[150][151][152] No festival Cine PE, realizado de 27 de Junho a 3 de Julho de 2017, *O Jardim das Aflições* foi premiado em três categorias: melhor montagem, júri popular e melhor filme.[153][154]

Mídia Sem Máscara

Página inicial do website em fevereiro de 2018

Lema	"Qui scribit, bis legit (do latim: Aquele que escreve, lê duas vezes)"
Fundação	agosto de 2002
Sede	Richmond, Virgínia, Estados Unidos
Línguas oficiais	língua portuguesa
Editor-chefe	Olavo de Carvalho
Fundador(a)	Olavo de Carvalho
Sítio oficial	midiasemmascara.org (https://web.archive.org/web/20180122072440/http://midiasemmascara.org:80/)

Vida pessoal

Segundo o próprio Carvalho, ele abandonou a escola na "quarta série do ginásio", o equivalente ao oitavo ano do ensino fundamental.[155]

Olavo de Carvalho morava desde 2005 na área rural do Condado de Dinwiddie, ao sul de Richmond, no estado norte-americano de Virgínia.[156] Segundo ele, um dos motivos para sua mudança do Brasil para os Estados Unidos foi a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) à Presidência da República no Brasil.[41]

Carvalho declarou em seu programa que em dezembro de 2009 teria recebido do governo dos Estados Unidos o visto de residência após um tempo de espera de aproximadamente três anos, ao final do qual passou a residir naquele país. Olavo afirma que foi agraciado com um visto de "habilidades extraordinárias" (*extraodinary ability*, no original), concedido pelo governo americano a pessoas com talentos especiais.[157] Segundo o site de notícias Catraca Livre, Carvalho não preenche os requisitos para esse tipo de visto, tampouco já provou alguma vez tê-lo recebido.[157]

Desde que se mudou para os Estados Unidos, além da manutenção periódica de seu *website* com novos artigos e ensaios, Carvalho ministrava cursos à distância e presenciais sobre História da

Filosofia, bem como promovia palestras e conferências. Estes cursos eram, para ele, uma forma encontrada para enfrentar o que define como a "morte da alta cultura brasileira".[41] Carvalho foi também o presidente de uma organização não governamental (ONG) chamada "*Inter-american Institute*".[158]

Morte

A família de Carvalho divulgou uma nota em redes sociais sobre sua morte, ocorrida em 24 de janeiro de 2022, oito dias após ser diagnosticado com COVID-19.[159][160] Olavo estava internado num hospital em Richmond, na Virgínia, Estados Unidos.[159] Embora a causa da morte não tenha sido divulgada junto da nota, sua filha Heloísa afirmou que ela se deveu à COVID-19.[161] Por outro lado, Ahmed Youssif El Tassa, médico dele, disse que o motivo do falecimento teria sido uma “insuficiência respiratória aguda” associada a pneumonia bacteriana.[162]

Olavo de Carvalho negava a existência da pandemia,[163] chegando a afirmar, em 2020, que o coronavírus era "a mais vasta manipulação de opinião pública que já aconteceu na história humana”.[164] O escritor também era crítico da vacinação, da proteção pessoal com a utilização de máscara e do confinamento.[165]

Após a sua morte, políticos de extrema-direita, como o presidente da República Jair Bolsonaro e seus filhos, lamentaram o ocorrido.[166][167] Ministros, ex-ministros e parlamentares do mesmo espectro político também se manifestaram.[168]

No dia 25 de janeiro, o Palácio do Planalto emitiu nota oficial de pesar sobre sua morte. Segundo a nota, Olavo deixou como legado "um verdadeiro apostolado a respeito da vida intelectual" e teria inspirado e influenciado "dezenas de milhares de alunos e leitores – inclusive, levando muitos à conversão à fé".[169]

Olavo foi enterrado no Cemitério Saint Joseph em Petersburg, Virgínia, Estados Unidos, no dia 26 de janeiro. Em seu funeral, estiveram presentes familiares, o ex-chanceler Ernesto Araújo, o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Nestor Forster, e o blogueiro Allan dos Santos.[170]

Apesar da falta de formação na área,[171] duas ruas foram denominadas no Brasil como "Filósofo Olavo de Carvalho": Em 10 de março de 2022, a Câmara Municipal de Sorocaba aprovou um projeto com a decisão[172][173] e, em 5 de setembro de 2022, a Câmara Municipal de Porto Alegre repetiu o ato.[174]

Condecorações

- 1999 - Medalha do Pacificador[3]
- 2000 - Distinção honorífica da Ordem Nacional do Mérito da Romênia[6]
- 2001 - Medalha do Mérito Santos-Dumont[5]
- 2012 - Medalha Tiradentes[4]
- 2019 - Ordem do Rio Branco, no grau de Grã-Cruz[175]

Obras

- *A imagem do homem na astrologia*. São Paulo: Jvpiter. 1980.
- *O crime da Madre Agnes ou A confusão entre espiritualidade e psiquismo*. São Paulo: Speculum. 1983.
- *Questões de simbolismo astrológico*. São Paulo: Speculum. 1983
- *Universalidade e abstração e outros estudos*. São Paulo: Speculum. 1983.
- *Astros e símbolos*. São Paulo: Nova Stella. 1985.
- *Astrologia e religião*. São Paulo: Nova Stella. 1986.
- *Fronteiras da tradição*. São Paulo: Nova Stella. 1986.
- *Símbolos e mitos no filme "O silêncio dos inocentes"*. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais. 1992.
- *Os gêneros literários: seus fundamentos metafísicos*. 1993.
- *O caráter como forma pura da personalidade*. 1993.
- *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi. 1994.[176]
- *Uma filosofia aristotélica da cultura*. Rio de janeiro: Instituto de Artes Liberais. 1994.
- *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil*, Rio de Janeiro: Diadorim. 1995.
- *Aristóteles em nova perspectiva: Introdução à teoria dos quatro discursos*. Rio de janeiro: Topbooks. 1996.
- *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade. 1996.
- *O futuro do pensamento brasileiro. Estudos sobre o nosso lugar no mundo*. 1998.
- *O imbecil coletivo II: A longa marcha da vaca para o brejo e, logo atrás dela, os filhos da PUC, as quais obras juntas formam, para ensinança dos pequenos e escarmento dos grandes*. Rio de Janeiro: Topbooks. 1998.

- *O Exército na História do Brasil*. Edição bilíngue (português / inglês). 4 Vols. Rio de Janeiro/Salvador: Biblioteca do. Exército e Fundação Odebrecht, 1998.
- *Coleção história essencial da filosofia*. São Paulo: É Realizações. 2002-2006.
- *A Dialética Simbólica - Ensaios Reunidos* São Paulo: É Realizações. 2006.
- *Maquiavel ou A Confusão Demoníaca* São Paulo: Vide Editorial. 2011.
- *A filosofia e seu Inverso*, São Paulo: Vide Editorial. 2012.
- *Os EUA e a nova ordem mundial* (coautor Alexandre Dugin), São Paulo: Vide Editorial, 2012.
- *Visões de Descartes entre o gênio mal e o espírito da verdade*. Vide Editorial, 2013
- *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota*, Felipe Moura Brasil (org.), 467 páginas, Rio de Janeiro: Record, 2013.
- *Apoteose da vigarice – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume I). São Paulo: Vide Editorial, 2013.
- *O mundo como jamais funcionou – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume II). Vide Editorial, 2014.
- *A Fórmula para Enlouquecer o Mundo – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume III). Vide Editorial, 2014.
- *A inversão revolucionária em ação – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume IV). Vide Editorial, 2015.
- *O império mundial da burla – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume V). Vide Editorial, 2016.
- *O dever de insultar – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume VI). Vide Editorial, 2016.
- *Breve retrato do Brasil – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume VII). Vide Editorial, 2017.
- *Os Histéricos no Poder. Cartas de Um Terráqueo ao Planeta Brasil* (Volume VIII). Vide Editorial, 2018.

Como autor secundário

- Arthur Schopenhauer. *Como vencer um debate sem precisar ter razão: em 38 estratagemas (dialética erística)*. Introdução, notas e comentários de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- Otto Maria Carpeaux. *Ensaios reunidos, 1942-1978*. Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: UniverCidade & Topbooks. 1999.
- Émile Boutroux. *Aristóteles*. Introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Record. 1999.
- René Guénon. *A Metafísica Oriental*. Tradução de Olavo de Carvalho.
- Mário Ferreira dos Santos - *A Sabedoria das Leis Eternas*. Introdução, edição de texto e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo: É Realizações. 2001.
- Paulo Mercadante. *A coerência das incertezas: símbolos e mitos na fenomenologia histórica*

luso-brasileira. Introdução, edição de texto e notas de Olavo de Carvalho. É Realizações, 2001.

- Wolfgang Smith. *O Enigma Quântico*. Prefácio à Edição Brasileira: Olavo de Carvalho. Vide Editorial, 2011.
- Andrew Lobaczewski. *Ponerologia: Psicopatas no Poder*. Com prefácio de Olavo de Carvalho. Vide Editorial, 2014.

Ver também

- Anticomunismo
- Anti-intelectualismo
- Dogmatismo
- Pragmatismo

Notas

1. As ocupações já exercidas pelo biografado incluem, mas não se limitam a: jornalista,[10][11][12] ensaísta,[4][13][12] astrólogo,[14][15][16] ideólogo[17][18][19] influenciador digital,[20][21][22] e pensador.[23][24]

Referências

1. Teitelbaum, Benjamin R. (21 de abril de 2020). «20-Deep States». *War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers* (https://books.google.com.br/books?id=O1WaDwAAQBAJ) (em inglês). [S.l.]: HarperCollins. ISBN 978-0-06-297847-9. "I was beginning to understand why a reader of Guénon would become a champion of Bolsonaro. Olavo's focus on Traditionalism's opposition to modern science, though seemingly an apolitical subject, may have been more relevant to his analysis of political and social life than I first thought. In writing and in conversation he waxes seamlessly from criticisms of the scientific process to critiques of modern knowledge to criticism of the institutions whose authority rests obliquely on modernist knowledge. It is in that final step when Traditionalism and populism can come together, when we can draw a line between astrology, alchemy, and the president. Not only are Brazil's media, education system, and government corrupted by money and self-interests in his mind, but they are purveyors of ignorance, too, because of their blind investment in modern science and its inability to account for, let alone value, spirituality. The only immateriality they will admit is the abstractions of mathematics, which themselves serve to confuse as well, Olavo contends. Like Bannon, Olavo finds a trace of solace among the poor and uneducated, those most distanced

from institutionalized education and knowledge production. In Brazil as in the United States, they are the keepers of spirit, those who have achieved a measure of community and context otherwise elusive in modernity. They are neither mathematical abstractions nor the bearers of hollow titles granted by hollow modern institutions. They are reality. They are the core.”

2. "Bolsonaro comenta foto de Olavo de Carvalho em hospital e preocupa fãs" (https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-02-22/bolsonaro-comenta-foto-de-olavo-de-carvalho-em-hospital-e-preocupa-fas.html). iG.
3. «Secretaria-Geral do Exército - Portaria nº 391, de 21 de julho de 1999. Medalha do Pacificador - outorga.» (http://www.sgex.eb.mil.br/sistemas/be/copiar.php?codarquivo=670&act=bre). Consultado em 22 de Julho de 2016
4. Bolsonaro, Flávio. «Projeto de Resolução nº 536/2011. Ementa: concede a medalha Tiradentes e o respectivo diploma ao filósofo, escritor, jornalista e conferencista Olavo Luiz Pimentel de Carvalho.» (http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1115.nsf/02ac6f279b568e24832566ec0018d839/b2939c5c6734a18b83257953004b81f7). Consultado em 22 de Julho de 2016. Cópia arquivada em 14 de setembro de 2016 (https://web.archive.org/web/20160914190818/http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1115.nsf/02ac6f279b568e24832566ec0018d839/b2939c5c6734a18b83257953004b81f7)
5. Poder Legislativo; Dep. Flávio Bolsonaro (30 de novembro de 2011). «Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro (DOERJ)» (http://www.jusbrasil.com.br/diarios/32756404/doerj-poder-legislativo-30-11-2011-pg-3). *Projeto de Resolução Nº 536/2011*. JusBrasil. 3 páginas. Consultado em 18 de junho de 2013. “Projeto de Resolução Nº 536/2011 concede a Medalha Tiradentes e o respectivo diploma ao jornalista, ensaísta e conferencista Olavo Luiz Pimentel de Carvalho. (...) Foi homenageado com a Medalha do Pacificador, Medalha Mérito Santos Dumont, Comendador da (Ordem Nacional do Mérito da Romênia) e Primeiro Prêmio em concurso de ensaios sobre história islâmica instituído pela Embaixada do Reino da Arábia Saudita.”
6. «Camera Deputatilor - *DECRET nr.581 din 5 decembrie 2000, privind conferirea Ordinului naţional Pentru Merit.*» (http://www.cdep.ro/pls/legis/legis_pck.htp_act_text?idt=25419) (em romeno). Consultado em 22 de julho de 2016
7. «O Jornalista e Católico Mariano Olavo de Carvalho discute as posições do Papa Francisco» (http://www.amormariano.com.br/artigos/o-jornalista-e-catolico-mariano-olavo-de-carvalho-discute-as-posicoes-do-papa-francisco/). *Site Católico - Amor Mariano*. 24 de setembro de 2013
8. olavodecarvalho.org/dados-biograficos/ "Olavo de Carvalho, nascido em Campinas, Estado de São Paulo, em 29 de abril de 1947, [...]"

9. Ribeiro, Weudson (16 de janeiro de 2021). «Com covid, Olavo de Carvalho cancela transmissão de aulas online» (https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/01/16/com-covid-olavo-de-carvalho-interrompe-transmissao-de-aulas-online.htm). *UOL Cotidiano*. Cópia arquivada em 16 de janeiro de 2022 (http://web.archive.org/web/20220116181448/https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/01/16/com-covid-olavo-de-carvalho-interrompe-transmissao-de-aulas-online.htm)
10. «Olavo de Carvalho pede que ex-alunos deixem governo: quem são esses nomes?» (https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/03/08/veja-quem-e-ex-aluno-de-olavo-de-carvalho-no-governo-bolsonaro.htm). *UOL*
11. «Olavo de Carvalho ataca generais do governo Bolsonaro» (https://www.poder360.com.br/governo/olavo-de-carvalho-ataca-generais-do-governo-bolsonaro/). Poder360
12. «Folha de S.Paulo - Diálogos impertinentes: A abrangência da moral - 25/10/98» (http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs25109816.htm). *www1.folha.uol.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017
13. Messenberg, Débora (2017). «A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros» (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69922017000300621&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). *Sociedade e Estado*. **32** (3): 621–648. ISSN 0102-6992 (https://www.worldcat.org/issn/0102-6992). doi:10.1590/s0102-69922017.3203004 (https://dx.doi.org/10.1590%2Fs0102-69922017.3203004)
14. «Juan Alfredo César Müller - Central Nacional de Astrologia» (http://cnastrologia.org.br/juan-alfredo-cesar-muller/). Central Nacional de Astrologia. 27 de janeiro de 2010. Consultado em 13 de fevereiro de 2017
15. João Fellet (15 de dezembro de 2016). «Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias» (https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897). BBC Brasil. Consultado em 23 de dezembro de 2016
16. «De astrólogo a guru intelectual do clã Bolsonaro: conheça a trajetória de Olavo de Carvalho» (https://www.revistaforum.com.br/de-astrologo-a-guru-intelectual-do-cla-bolsonaro-conheca-a-trajetoria-de-olavo-de-carvalho/). *Fórum*. 25 de novembro de 2018. Consultado em 11 de abril de 2019
17. «Olavo, o ideólogo» (https://istoe.com.br/olavo-o-ideologo/). *Istoé*. 23 de novembro de 2018
18. «Entidade condena crítica de Olavo de Carvalho à imprensa» (https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/jornalista-e-o-maior-inimigo-do-povo-diz-olavo-de-carvalho.shtml). *Folha de S. Paulo*. 18 de dezembro de 2018

19. Alexandre Andrada (29 de outubro de 2018). «Olavo de carvalho o ideólogo do conservadorismo paranoico nacional» (https://theintercept.com/2018/10/28/olavo-de-carvalho-conservadorismo-paranoico). *The Intercept*

20. As frases que marcaram a semana (http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HqBHr5aZyp0J:https://veja.abril.com.br/brasil/veja-essa-2627/&hl=pt-BR&gl=br&strip=1&vwsrc=0). *Veja*, 22 mar 2019.

21. Orvalho de cavalo e bananas (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniciustorres/2019/03/orvalho-de-cavalo-e-bananas.shtml). Por Vinicius Torres Freire. *Folha de S. Paulo*, 10 de março de 2019.

22. "Bando de cagão com medo da mídia", é assim que Olavo de Carvalho se refere aos militares no governo (https://jornalggn.com.br/politica/bando-de-cagao-com-medo-da-midia-e-assim-que-olavo-de-carvalho-se-refere-aos-militares-no-governo/). Por Lilian Milena. GGN, 18 de março de 2019.

23. Barreto, Marcelo Menna (2018). «Olavo de Carvalho: o guru autodidata de Bolsonaro» (https://www.extraclasse.org.br/exclusivoweb/2018/11/olavo-de-carvalho-o-guru-autodidata-de-bolsonaro). *Extra Classe*. Cópia arquivada em 10 de fevereiro de 2019 (http://web.archive.org/web/20190210220355/https://www.extraclasse.org.br/exclusivoweb/2018/11/olavo-de-carvalho-o-guru-autodidata-de-bolsonaro)

24. «Quem é o pensador que faz a cabeça de Jair Bolsonaro. Ideólogo da nova direita, Olavo de Carvalho, 71 anos, exerce influência que vai além de Bolsonaro. Ex-astrólogo, já emplacou dois nomes no governo» (https://www.opovo.com.br/jornal/politica/2018/11/quem-e-o-pensador-que-faz-a-cabeca-de-jair-bolsonaro.html). *O Povo*. 26 de novembro de 2018

25. Rodrigues, Lidiane Soares (2018). «Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/2002–2016)» (https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2017v17n39p277). *Política & Sociedade*. **17** (39): 277–312. ISSN 2175-7984 (https://www.worldcat.org/issn/2175-7984). doi:10.5007/2175-7984.2017v17n39p277 (https://dx.doi.org/10.5007%2F2175-7984.2017v17n39p277)

26. Mário Magalhães (15 de dezembro de 2016). «A estranha obsessão de Olavo de Carvalho pelo furico alheio» (https://theintercept.com/2018/11/27/a-estranha-obsessao-de-olavo-de-carvalho-pelo-furico-alheio/). The Intercept. Consultado em 16 de outubro de 2019

27. Costa, Ana Clara; Ghirotto, Edoardo (30 de novembro de 2018). « "Eu sou o segundo governo" » (https://veja.abril.com.br/politica/eu-sou-o-segundo-governo/). *Veja*. Cópia arquivada em 10 de fevereiro de 2019 (http://web.archive.org/web/20190210220509/https://veja.abril.com.br/politica/eu-sou-o-segundo-governo/). "Quem é o guru da direita que conquista fiéis com cursos on-line e vocabulário obsceno, ensinará filosofia a parlamentares e indica ministros para Bolsonaro"
28. José Antônio (15 de dezembro de 2016). «Corram, os comunistas estão chegando» (https://www.cartacapital.com.br/politica/corram-os-comunistas-estao-chegando-8968.html). CartaCapital. Consultado em 16 de outubro de 2019. Cópia arquivada em 11 de outubro de 2015 (https://archive.today/20151011061104/http://www.cartacapital.com.br/politica/corram-os-comunistas-estao-chegando-8968.html)
29. Olavo de Carvalho e Stefan Molyneux - Youtube (26 de julho de 2017). «Why Cultural Marxism Matters» (https://www.youtube.com/watch?v=1MpDcBo5UOc). Olavo de Carvalho - Website Oficial. Consultado em 16 de outubro de 2019
30. Vinicius Siqueira (14 de novembro de 2014). «O que é marxismo cultural? Uma abordagem à esquerda» (https://colunastortas.com.br/o-que-e-marxismo-cultural). Colunas Tortas. Consultado em 16 de outubro de 2019. Cópia arquivada em 14 de maio de 2017 (https://web.archive.org/web/20170514113017/https://colunastortas.com.br/o-que-e-marxismo-cultural)
31. Carla Jiménez (11 de dezembro de 2018). « "Anti-marxista" indicado por Olavo de Carvalho será ministro da Educação» (https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/22/politica/1542910509_576428.html). Colunas Tortas. Consultado em 16 de outubro de 2019
32. Liriam Sponholz Christofoletti (23 de dezembro de 2018). «From preachers to comedians: Ideal types of hate speakers in Brazil» (https://doi.org/10.1177/1742766518818870). Global Media and Communication. Consultado em 16 de outubro de 2019

33. Fausto, Ruy (2017). *Caminhos da esquerda: elementos para uma reconstrução* (https://www.worldcat.org/title/caminhos-da-esquerda-elementos-para-uma-reconstrucao/oclc/1030610765). São Paulo: Companhia das Letras. OCLC 1030610765 (https://www.worldcat.org/oclc/1030610765). “Para se ter uma ideia de até onde vai o discurso de Olavo de Carvalho, ofereço ao leitor esta pérola de ódio, extraída de uma das suas obras recentes: "Quem quer que estude as vidas de cada um deles descobrirá que Voltaire, Diderot, Jean-Jacques Rousseau, Sade, Karl Marx, Tolstói, Bertolt Brecht, Lênin, Stálin, Fidel Castro, Che Guevara, Mao Tse-tung, Bertrand Russell, Jean-Paul Sartre, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Georg Lukács, Antonio Gramsci, Lillian Hellman, Michel Foucault, Louis Althusser, Norman Mailer, Noam Chomsky e tutti quanti foram indivíduos sádicos, obsessivamente mentirosos, aproveitadores cínicos, vaidosos até à demência, desprovidos de qualquer sentimento moral superior e de qualquer boa intenção por mais mínima que fosse, exceto, talvez, no sentido de usar as palavras mais nobres para nomear os atos mais torpes. Outros foram estupradores ou exploradores de mulheres, opressores vis de seus empregados, agressores de suas esposas e filhos. Outros, orgulhosamente pedófilos. Em suma, o panteão dos ídolos do esquerdismo universal era uma galeria de deformidades morais de fazer inveja à lista de vilões da literatura universal. De fato, não se encontrará entre os personagens de Shakespeare, Balzac, Dostoiévski e demais clássicos nenhum que se compare, em malícia e crueldade, a um Stálin, a um Hitler ou a um Mao Tse-tung"”

34. «Brasil, um país do passado» (https://www.dw.com/pt-br/brasil-um-pa%C3%ADs-do-passado/a-46477566). DW.com. 28 de novembro de 2018. Consultado em 16 de outubro de 2019

35. João Fellet (15 de dezembro de 2016). «Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias» (https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897). BBC News Brasil. Consultado em 16 de outubro de 2019

36. Lucas Patschiki (15 de dezembro de 2016). «Fascismo e internet, uma possibilidade de análise social através das redes extrapartidárias: o caso do "Mídia sem Máscara" » (http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v9_lucas_GIX.pdf) (PDF). BBC News Brasil. Consultado em 16 de outubro de 2019

37. Dantas, Dimitrius (10 de fevereiro de 2019). «Olavo de Carvalho está errado e não entendeu Kant, dizem três nomes de destaque da academia brasileira» (https://oglobo.globo.com/sociedade/olavo-de-carvalho-esta-errado-nao-entendeu-kant-dizem-tres-nomes-de-destaque-da-academia-brasileira-23440419). O Globo. Consultado em 16 de outubro de 2019. Cópia arquivada em 29 de dezembro de 2019 (http://web.archive.org/web/20191229212315/https://oglobo.globo.com/sociedade/olavo-de-carvalho-esta-errado-nao-entendeu-kant-dizem-tres-nomes-de-destaque-da-academia-brasileira-23440419). “Professores universitários debatem lições dadas em aula on-line daquele que é considerado o ‘guru’ do novo governo”

38. Secches, Fabiane (14 de dezembro de 2018). «Esnobado por intelectuais, Olavo de Carvalho dominou vídeo e redes sociais» (https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/12/esnobado-por-intelectuais-olavo-de-carvalho-dominou-video-e-redes-sociais.shtml). Folha de S. Paulo. Cópia arquivada em 12 de junho de 2019 (http://web.archive.org/web/20190612225041/https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/12/esnobado-por-intelectuais-olavo-de-carvalho-dominou-video-e-redes-sociais.shtml)
39. Fausto, Ruy (30 de novembro de 2018). «Única coisa rigorosa no discurso de Olavo são os palavrões, diz Ruy Fausto» (https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/unica-coisa-rigorosa-no-discurso-de-olavo-sao-os-palavroes-diz-ruy-fausto.shtml). Folha de S. Paulo. Consultado em 16 de outubro de 2019. Cópia arquivada em 19 de outubro de 2019 (http://web.archive.org/web/20191019004448/https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/unica-coisa-rigorosa-no-discurso-de-olavo-sao-os-palavroes-diz-ruy-fausto.shtml)
40. Guedes, Diogo (9 de julho de 2017). «Olavo de Carvalho, pensador que desperta opiniões antagônicas» (http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2017/07/09/olavo-de-carvalho-pensador-que-desperta-opinioes-antagonicas-294204.php). Jornal do Commercio. Cópia arquivada em 29 de março de 2020 (http://web.archive.org/web/20200329052215/http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2017/07/09/olavo-de-carvalho-pensador-que-desperta-opinioes-antagonicas-294204.php). "É mais do que um pensador importante: chamado normalmente de "mestre" ou "professor", é tido como a única voz autossuficiente da intelectualidade brasileira, que vai, com profundidade, contra a corrente da obviedade dos acadêmicos, do status quo, enfim, dos modelos estabelecidos."
41. João Fellet (15 de dezembro de 2016). «Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias» (https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897). BBC Brasil. Consultado em 23 de dezembro de 2016. "Segundo Carvalho, a esquerda dominou a imprensa e as universidades brasileiras há várias décadas em estratégia que seguia o suposto ideário do marxista italiano Antonio Gramsci (1891-1937). O objetivo, diz ele, era criar uma "atmosfera mental" em que a população se tornasse socialista sem perceber."
42. «Militares entram na mira de Olavo de Carvalho, 'guru' de Bolsonaro» (https://www.metro1.com.br/noticias/politica/70410,militares-entram-na-mira-de-olavo-de-carvalho-guru-de-bolsonaro.html). Metro1. 18 de março de 2019. Consultado em 18 de março de 2019
43. «Guru do bolsonarismo, Olavo de Carvalho orienta alunos a deixarem governo» (https://oglobo.globo.com/brasil/guru-do-bolsonarismo-olavo-de-carvalho-orienta-alunos-deixarem-governo-23507185). O Globo. 8 de março de 2019. Consultado em 18 de março de 2019

44. «*Guru* de Bolsonaro, Olavo de Carvalho chama parlamentares do PSL de semianalfabetos e caipiras» (https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/01/17/interna_politica,1022171/olavo-de-carvalho-chama-parlamentares-do-psl-de-semianalfabetos.shtml). Estado de Minas. 17 de janeiro de 2019. Consultado em 18 de março de 2019
45. «Guru de Bolsonaro, Olavo de Carvalho reforça crítica ao Escola sem Partido: "Colocaram a carroça na frente dos bois" » (https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2018/11/guru-de-bolsonaro-olavo-de-carvalho-reforca-critica-ao-escola-sem-partido-colocaram-a-carroca-na-frente-dos-bois-cjoub7l680g5p01rxuw58c1p0.html). GaúchaZH. 23 de novembro de 2018. Consultado em 18 de março de 2019
46. «Olavo de Carvalho: 'Eu sou o guru dessa porcaria?' » (https://veja.abril.com.br/politica/olavo-de-carvalho-eu-sou-o-guru-dessa-porcaria/). Veja. 17 de janeiro de 2019. Consultado em 18 de março de 2019
47. « 'Se continuar assim, mais seis meses e acabou', diz Olavo de Carvalho sobre governo Bolsonaro» (https://oglobo.globo.com/brasil/se-continuar-assim-mais-seis-meses-acabou-diz-olavo-de-carvalho-sobre-governo-bolsonaro-23529673). O Globo. 17 de março de 2019. Consultado em 18 de março de 2019. “Olavo reiterou que não se vê como guru do governo Bolsonaro e atacou a mídia.”
48. «Juan Alfredo César Müller - Central Nacional de Astrologia» (http://cnastrologia.org.br/juan-alfredo-cesar-muller/). Central Nacional de Astrologia. 27 de janeiro de 2010. Consultado em 13 de fevereiro de 2017
49. Pages, Digital. «Folha de S.Paulo - Edição de 27/02/1977» (http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1977/02/27/348//5412521). *acervo.folha.uol.com.br*
50. "Segredos da Flauta Mágica" (http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1977/02/27/348//5412520) por Olavo de Carvalho, caderno Folhetim da Folha de S. Paulo, edição de 27 de fevereiro de 1977
51. «Morre o guru bolsonarista Olavo de Carvalho, nos EUA, aos 74 anos» (https://oglobo.globo.com/politica/morre-guru-bolsonarista-olavo-de-carvalho-nos-eua-aos-74-anos-3-25366382). *O Globo*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 18 de março de 2022
52. Edmundo Leite (23 de novembro de 2018). «Olavo de Carvalho dava orientação profissional com astrologia» (https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,olavo-de-carvalho-dava-orientacao-profissional-com-astrologia,70002618953,0.htm). Acervo Estadão. Consultado em 1 de novembro de 2019. “Além de astrologia, Olavo era fundador da Escola Júpiter de Astrologia[...]”

53. Antonio Carlos S. Harres (maio de 1997). «A Astrologia no Brasil» (https://espacoastrologico.com.br/astrologia-no-brasil/). Espaço Astrológico. Consultado em 1 de novembro de 2019. "O pioneirismo da Escola Júpiter – fundada por Olavo de Carvalho, Marylou Simonsen e o autor destas linhas [...]"
54. *Alto Astral", Revista Veja, 9 de abril de 1980, edição 605, p. 68*
55. Paula Scarpin, Escrito nas estrelas (https://piaui.folha.uol.com.br/materia/escrito-nas-estrelas/), Piauí, edição 140, maio de 2018
56. «Diálogos Impertinentes - A MORAL 29/09/1998» (http://www.pucsp.br/pucplay/video/dialogos-impertinentes-moral-29091998). *PUC-SP | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. Consultado em 18 de março de 2022
57. Stanislavs Ladusãns (1992). *Gnosiologia pluridimensional: fundamentos fenomenológico-críticos do conhecimento da verdade*. [S.l.]: Edições Loyola págs. 177-178-186. ISBN 9788515005536 Adicionado em 5 de novembro de 2019.
58. Stanislavs., Ladusãns; Brazil, Colóquio Filosófico Internacional (16th : 1985 : Rio de Janeiro, (1 de janeiro de 1988). *A análise social filosófico-cristã* (https://www.worldcat.org/oclc/49699612). [S.l.]: Presença. ISBN 9788525200327. OCLC 49699612 (https://www.worldcat.org/oclc/49699612)
59. «Olavo de Carvalho» (http://www.dcomercio.com.br/autor/olavo_de_carvalho). Diário do Comércio. Consultado em 17 de janeiro de 2017
60. «Novo livro da série "Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil" chega às livrarias» (http://economia.estadao.com.br/noticias/releases-ae,novo-livro-da-serie-cartas-de-um-terraqueo-ao-planeta-brasil-chega-as-livrarias,70001693247). *Estadão*. 9 de março de 2017. Consultado em 10 de março de 2017
61. Campos, Roberto (22 de setembro de 1996). «A brincadeira de Sokal...» (http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/22/brasil/3.html). Folha de S.Paulo. Consultado em 19 de dezembro de 2016
62. Johannes Jacobse (8 de março de 2011). «*The USA and the New World Order: A Debate Between Alexandr Dugin and Olavo de Carvalho*» (http://www.aoiusa.org/a-debate-between-alexandr-dugin-and-olavo-de-carvalho/). AOIUSA. Consultado em 27 de março de 2018
63. Kincaid, Cliff (2 de Março de 2015). «Israel's Enemies in America and Russia.» (http://www.aim.org/aim-column/israels-enemies-in-america/). Consultado em 22 de Julho de 2016

64. Olavo de Carvalho, Aleksa Duginndr (2012). «THE USA AND THE NEW WORLD ORDER - A Debate Between Olavo de Carvalho and Aleksandr Dugin» (https://doc.rmf.pl/rmf_fm/store/TheUSAandTheNewWorldOrder.pdf) (PDF). *Radio Muzyka Fakty Grupa RMF*

65. Chiţan, Simona; Tronaru, Doinel (17 de novembro de 2016). «Horia-Roman Patapievici, despre „Statele Unite şi Noua Ordine Mondială": „În planul lui Putin, România nu are niciun viitor, trebuie să fie o parte a Rusiei" VIDEO» (http://adevarul.ro/cultura/carti/horia-roman-patapievici-desprestatele-unite-noua-ordine-mondiala-ora-1300-adevarul-live-1_582d413d5ab6550cb894bee4/index.html). *adevarul.ro* (em romeno). Consultado em 24 de janeiro de 2017

66. Rodolfo Borges (1 de agosto de 2015). «A direita brasileira que saiu do armário não para de vender livros» (http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/22/politica/1437521284_073825.html). El País. Consultado em 5 de maio de 2016. Cópia arquivada em 3 de agosto de 2015 (https://web.archive.org/web/20150803002930/http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/22/politica/1437521284_073825.html)

67. Ramalhete, Carlos (23 de junho de 2013). «Cala a boca já morreu» (http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/colunistas/carlos-ramalhete/cala-a-boca-ja-morreu-2z4feef5r8itanzhwod4n4dam). Gazeta do Povo. Consultado em 12 de Maio de 2017

68. Briguet, Paulo (25 de agosto de 2013). «Para não ser idiota» (http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/colunistas/paulo-briguet/para-nao-ser-idiota-bkvvdeva0ww7xp1c78erwdk5q). *Gazeta do Povo*. Consultado em 12 de maio de 2017

69. Azevedo, Reinaldo (2 de setembro de 2013). « "O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota" » (http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-minimo-que-voce-precisa-saber-para-nao-ser-um-idiota/). Veja. Consultado em 22 de abril de 2017

70. «Conhecer o Foro de São Paulo é o mínimo para não ser um idiota» (http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2014/11/1550343-conhecer-o-foro-de-sao-paulo-e-o-minimo-para-nao-ser-um-idiota.shtml). Livraria da Folha de S.Paulo. 19 de novembro de 2014. Consultado em 15 de janeiro de 2017

71. «O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota» (https://padrepauloricardo.org/episodios/o-minimo-que-voce-precisa-saber-para-nao-ser-um-idiota). *padrepauloricardo.org*. Consultado em 19 de abril de 2017

72. Ricardo Della Coletta (2 de dezembro de 2018). «Olavo de Carvalho, o Brasil só fala dele» (https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543319632_709659.html). *El País*

73. Gois, Anselmo (12 de junho de 2019). «No Youtube, os vídeos de Olavo de Carvalho estão marcados como... comédia» (https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/no-youtube-os-videos-de-olavo-de-carvalho-estao-marcados-como-comedia.html). O Globo. Consultado em 5 de novembro de 2019
74. Secches, Fabiane (14 de dezembro de 2018). «Esnobado por intelectuais, Olavo de Carvalho dominou vídeo e redes sociais» (https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/12/esnobado-por-intelectuais-olavo-de-carvalho-dominou-video-e-redes-sociais.shtml). Folha de S. Paulo. Consultado em 5 de novembro de 2019
75. «Olavo de Carvalho tem contas suspensas pelo Facebook» (https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/sociedade/noticia/2018/08/15/olavo-de-carvalho-tem-contas-suspensas-pelo-facebook-351065.php). Jornal do Commercio. 15 de agosto de 2018. Consultado em 5 de novembro de 2019
76. Nicas, Jack (26 de janeiro de 2022). «Olavo de Carvalho, Bolsonaro's Far-Right Guru, Dies at 74» (https://www.nytimes.com/2022/01/26/world/americas/olavo-de-carvalho-dead.html). *The New York Times* (em inglês). ISSN 0362-4331 (https://www.worldcat.org/issn/0362-4331). Consultado em 11 de fevereiro de 2022
77. Calil, Gilberto (2021). «Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita» (https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/34166/23910). Universidade Federal do Espírito Santo. *Argumentum*. **13** (2): 64-82. ISSN 2176-9575 (https://www.worldcat.org/issn/2176-9575). Consultado em 17 de dezembro de 2021
78. Folha de S.Paulo, ed. (8 de setembro de 2013). «Cruzada anti-idiotas - Entrevista com Olavo de Carvalho» (http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/09/1337614-cruzada-anti-idiotas--entrevista-com-olavo-de-carvalho.shtml). Consultado em 8 de maio de 2016
79. Olavo de Carvalho. «clicRBS | Referendo 2005» (http://www.clicrbs.com.br/especiais/jsp/default.jsp?espid=16&uf=1&local=1&newsID=a969586.htm§ion=Estatuto). *www.clicrbs.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017
80. «Sociedade - NOTÍCIAS - Sugestão aos colegas» (http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI143346-15228,00.html). *revistaepoca.globo.com*. Consultado em 12 de maio de 2017

81. «Dezoito anos depois, diagnóstico de Olavo de Carvalho vira mote de filme de Sérgio Bianchi: "Falo das pessoas que, mesmo no poder, se acham perseguidas", declarou cineasta à Folha, sem citar o ensaísta. Se cabe a mim reconstituir a história cultural do Brasil, então vamos lá | VEJA.com» (http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/dezoito-anos-depois-diagnostico-de-olavo-de-carvalho-vira-mote-de-filme-de-sergio-bianchi-8220-falo-das-pessoas-que-mesmo-no-poder-se-acham-perseguidas-8221-declarou-cineasta-a-folha-sem-citar-o-filos/). *VEJA.com*. 21 de junho de 2014

82. Ricardo Galhardo; Igor Gadelha; Julia Lindner; Daiene Cardoso (17 de abril de 2016). «Jean Wyllys cospe em direção a Bolsonaro após votar contra impeachment» (http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,jean-wyllys-cospe-em-direcao-a-bolsonaro-apos-votar-contra-impeachment,10000026656). O Estado de S.Paulo. Consultado em 31 de dezembro de 2016

83. ABIAIDS, ed. (20 de abril de 2016). «Em nota, ABIA recrimina Olavo de Carvalho por preconceito no episódio envolvendo os deputados Jean Wyllys e Bolsonaro» (http://abiaids.org.br/em-nota-abia-recrimina-olavo-de-carvalho-por-preconceito-no-episodio-envolvendo-os-deputados-jean-wyllys-e-bolsonaro/29046). Consultado em 31 de dezembro de 2016

84. Brasileiros (revista), ed. (22 de abril de 2016). « 'Olavo de Carvalho deve verificar se sua saliva não transmite o vírus da ignorância' » (http://brasileiros.com.br/2016/04/olavo-de-carvalho-deve-verificar-se-sua-saliva-nao-transmite-o-virus-da-ignorancia/). Consultado em 8 de maio de 2016

85. Fernando Danner; Leno Francisco Danner (2021), « "Alguém tem de dizer aos negros a verdade": Olavo de Carvalho sobre a contribui-ção negro-africana à cultura ocidental» (https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8133661), *Griot: Revista de Filosofia*, ISSN 2178-1036 (https://www.worldcat.org/issn/2178-1036), **21** (3): 351-374, Wikidata Q110717123

86. Brandt, Danielle. *Olavo de Carvalho diz que aceitaria ser embaixador nos EUA do governo Bolsonaro.* (https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/olavo-de-carvalho-diz-que-aceitaria-ser-embaixador-nos-eua-do-governo-bolsonaro.shtml) Folha de S.Paulo, 6 de Novembro de 2018. Página visitada em 7 de Novembro de 2018.

87. Correio Braziliense. *Olavo de Carvalho diz que gostaria de ser embaixador do Brasil nos EUA.* (https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/11/06/interna_politica,717731/olavo-de-carvalho-diz-que-gostaria-de-ser-embaixador-do-brasil-nos-eua.shtml) 6 de Novembro de 2018. Página visitada em 7 de Novembro de 2018.

88. « 'Burro', 'covarde'... Bolsonaro já foi alvo de Olavo de Carvalho; confira outros ataques - Política» (https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,eleicoes-2022-jair-bolsonaro-olavo-carvalho,70003933386). *Estadão*. Consultado em 11 de fevereiro de 2022

89. Patrícia Campos Mello. «Novo chanceler, Ernesto Araújo foi indicado por Olavo de Carvalho» (https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/novo-chanceler-ernesto-araujo-foi-indicado-por-olavo-de-carvalho.shtml). *Folha de S. Paulo*

90. Barreto, Marcelo Menna (2018). «Olavo de Carvalho: o guru autodidata de Bolsonaro» (https://www.extraclasse.org.br/exclusivoweb/2018/11/olavo-de-carvalho-o-guru-autodidata-de-bolsonaro/). Extra Classe. "Um dos principais representantes do conservadorismo no Brasil, Olavão como também é conhecido, indica dois ministros: Ricardo Vélez Rodriguez, da Educação, e Ernesto Araujo, das Relações Exteriores."

91. Castro, Grasielle (23 de novembro de 2018). «O que pensa Ricardo Vélez-Rodríguez, futuro ministro da Educação» (https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/23/o-que-pensa-ricardo-velez-rodriguez-futuro-ministro-da-educacao_a_23597974/). Huffpost Brasil. Consultado em 17 de janeiro de 2019. Cópia arquivada em 19 de janeiro de 2019 (https://web.archive.org/web/20190119121440/https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/23/o-que-pensa-ricardo-velez-rodriguez-futuro-ministro-da-educacao_a_23597974/). "8 pontos para conhecer as principais ideias do filósofo indicado por Olavo de Carvalho para integrar o governo Bolsonaro"

92. «Weintraub conhece minhas ideias melhor do que Vélez, diz Olavo de Carvalho» (https://exame.abril.com.br/brasil/weintraub-conhece-minhas-ideias-melhor-do-que-velez-diz-olavo-de-carvalho/). Exame. 10 de abril de 2019. Consultado em 3 de abril de 2020

93. «Olavo de Carvalho rompe com Bolsonaro e ameaça: "vou te derrubar!" Assista ao vídeo!» (https://divaepoderosa.com.br/2020/06/olavo-de-carvalho-rompe-com-bolsonaro-e-ameaca-vou-te-derrubar-assista-ao-video/). Consultado em 19 de abril de 2021

94. « 'Ele me usou como poster boy', diz Olavo de Carvalho, sobre relação com Bolsonaro» (https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/12/21/ele-me-usou-como-poster-boy-diz-olavo-de-carvalho-sobre-relacao-com-bolsonaro.ghtml). Valor Econômico". 21 de dezembro de 2021. Consultado em 3 de março de 2022

95. «Maia critica governo e diz que Olavo de Carvalho comanda 'gabinete do ódio' » (https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000986836/maia-critica-governo-e-diz-que-olavo-de-carvalho-comanda-gabinete-do-odio.html). *Band.com.br*. 5 de abril de 2020. Cópia arquivada em 23 de abril de 2020 (http://web.archive.org/web/20200423152928/https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000986836/maia-critica-governo-e-diz-que-olavo-de-carvalho-comanda-gabinete-do-odio.html). "O ministro Mandetta começa, agora, a ser alvo de ataques absurdos desse gabinete do ódio que é comandado do exterior por esse Olavo de Carvalho, eu já faço parte desse ataque de forma permanente, o presidente do Senado, o presidente do Supremo", afirmou o presidente da Câmara."

96. «Livro revela a face mais obscura de Olavo de Carvalho | A Origem dos Bytes» (https://veja.abril.com.br/blog/a-origem-dos-bytes/livro-revela-a-face-mais-obscura-de-olavo-de-carvalho/). *VEJA*. Consultado em 26 de março de 2021
97. «Cientistas rebatem as ideias de Olavo de Carvalho» (https://www.vice.com/pt/article/bjeb3z/cientistas-rebatem-as-ideias-de-olavo-de-carvalho). *www.vice.com*. Consultado em 26 de março de 2021
98. Olavo de Carvalho (2000). *O jardim das aflições*. de Epicuro à ressurreição de César (ensaio sobre o materialismo e a religião civil) 2ª ed. [S.l.]: É Realizações. p. 335. ISBN 8588062011
99. Carvalho, Olavo de (14 de dezembro de 2009). «O império mundial da burla». *Diário do Comércio*
100. Olavo de Carvalho. «As cabeças e a missão». olavodecarvalho.org
101. «NÃO é verdade que os experimentos de Michelson-Morley derrubaram a "teoria do éter luminífero"!» (https://www.if.ufrgs.br/novocref/?contact-pergunta=nao-e-verdade-que-os-experimentos-de-michelson-morley-derrubaram-a-teoria-do-eter-luminifero). Centro de Referência em Ensino de Física (CREF) - UFRGS. 6 de fevereiro de 2014. Consultado em 5 de novembro de 2019. "Segundo o próprio Einstein os experimentos de Michelson-Morley NÃO foram importantes para Teoria da Relatividade Restrita (TRR). Não há nenhuma referência a eles no artigo de 1905."
102. «O heliocentrismo foi comprovado há séculos, mas ainda há quem o questione» (https://canaltech.com.br/espaco/o-heliocentrismo-foi-comprovado-ha-seculos-mas-ainda-ha-quem-o-questione-130493/). Canaltech. 11 de fevereiro de 2019. Consultado em 5 de novembro de 2019
103. «Olavo de Carvalho: não há nada que refute que a Terra é plana» (https://www.metropoles.com/brasil/olavo-de-carvalho-nao-ha-nada-que-refute-que-a-terra-e-plana). *Metrópoles*. 30 de maio de 2019. Consultado em 19 de fevereiro de 2022
104. Araujo, Pedro Zambarda de. «Pepsi diz que não usava "fetos", ao contrário do que afirma Olavo de Carvalho» (https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/pepsi-diz-que-nao-usava-fetos-ao-contrario-do-que-afirma-olavo-de-carvalho/). *Diário do Centro do Mundo*. Consultado em 26 de março de 2021
105. «Pepsi admitiu ter utilizado células de fetos abortados nos seus refrigerantes?» (https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/pepsi-admitiu-ter-utilizado-celulas-de-fetos-abortados-nos-seus-refrigerantes). *Polígrafo*. Consultado em 26 de março de 2021

106. «[Agência Lupa] #Verificamos: É falso que Pepsi admitiu usar células de fetos abortados em refrigerantes» (https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/12/06/verificamos-pepsi-celulas-fetos-abortados-refrigerantes/). *Agência Lupa*. 6 de dezembro de 2019. Consultado em 26 de março de 2021
107. Abidor, Mitchell (2020). «The Gramsci of the Brazilian Right» (https://muse.jhu.edu/article/759427). *Dissent* (em inglês). p. 23. doi:10.1353/dss.2020.0053 (https://dx.doi.org/10.1353%2Fdss.2020.0053). Consultado em 26 de março de 2021
108. Reinaldo Azevedo (23 de março de 2020). «Olavo de Carvalho sobre coronavírus: "A endemia simplesmente não existe" » (https://noticias.uol.com.br/colunas/reinaldo-azevedo/2020/03/23/olavo-de-carvalho-sobre-coronavirus-a-endemia-simplesmente-nao-existe.htm). Uol. Consultado em 9 de abril de 2020
109. « "Essa epidemia simplesmente não existe", diz Olavo de Carvalho sobre coronavírus» (https://istoe.com.br/essa-epidemia-simplesmente-nao-existe-diz-olavo-de-carvalho-sobre-coronavirus/). Isto É. 23 de março de 2020. Consultado em 9 de abril de 2020
110. «YouTube remove vídeo de Olavo de Carvalho que fala que pandemia não existe» (https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/23/interna-brasil,836201/youtube-remove-video-de-olavo-de-carvalho-que-fala-que-pandemia-nao-ex.shtml). *Correio Braziliense*. 23 de março de 2020. Consultado em 26 de março de 2021
111. «Olavo de Carvalho morre aos 74 anos nos Estados Unidos» (https://exame.com/brasil/olavo-de-carvalho-morre-74-anos/). 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022
112. Ricardo Musse (23 de setembro de 2007). «Crise e barbárie» (http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2309200710.htm). Folha de S.Paulo. Consultado em 31 de dezembro de 2016. Cópia arquivada em 16 de abril de 2019 (http://web.archive.org/web/20190416084648/http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2309200710.htm). “Olavo de Carvalho usa crítica cultural e teoria da história para mostrar o mundo como expressão de uma "crise da civilização"”
113. Duarte, Letícia (12 de dezembro de 2020). « "Destruição é a agenda do Tradicionalismo", a ideologia por trás de Bolsonaro e Trump» (https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html). El País. Consultado em 15 de dezembro de 2020

114. Lima, Antonio José (2014). «Corram, os comunistas estão chegando» (https://www.cartacapital.com.br/politica/corram-os-comunistas-estao-chegando-8968.html). *Carta Capital*. Consultado em 9 de agosto de 2018. Cópia arquivada em 11 de outubro de 2015 (https://archive.today/20151011061104/http://www.cartacapital.com.br/politica/corram-os-comunistas-estao-chegando-8968.html). "Joel Pinheiro explicou de forma didática a teoria de Olavo: "De acordo com Olavo de Carvalho, o esquerdismo vai muito além da política. Toda a cultura está tomada pelo marxismo cultural e a inversão de valores por ele efetuada. O pensamento e os slogans da esquerda são hegemônicos e constituem, assim como o PT, parte de um processo para implantar o comunismo na América Latina via o Foro de São Paulo, organização que reúne os principais partidos e movimentos de esquerda no continente"."

115. Dias, Kleber Eduardo Barbosa (3 de outubro de 2018). «CARVALHO, Olavo de. Aristóteles em nova perspectiva: Introdução à teoria dos Quatro Discursos. Nova Edição Revista. São Paulo, É Realizações Editora. Livraria e Distribuidora Ltda, 2006.» (http://periodicos.unifil.br/index.php/rev-juridica/article/view/623). *Revista Jurídica da UniFil*. **5** (5): 163–164. ISSN 2674-7251 (https://www.worldcat.org/issn/2674-7251). "Na primeira parte, demonstra em sete capítulos a teoria dos quatro discursos, dando uma interpretação aristotélica da cultura e descrevendo a tipologia dos discursos na perspectiva do filósofo de Estagira. Na segunda parte da obra, o autor discorre sobre um problema que teve com a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) que o impressionou, ou melhor dizendo, decepcionou-o profundamente, uma vez que para ele ficou clara a inépcia das classes letradas que analisam trabalhos científicos no Brasil. Aqui será focada apenas a primeira parte da obra, que contém, substancialmente, a análise feita de forma brilhante sobre a teoria dos discursos em Aristóteles."

116. «Folha de S.Paulo - Rio de Janeiro - Carlos Heitor Cony: Ensaios de Carpeaux - 15/07/1999» (http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz15079906.htm). *www1.folha.uol.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017

117. «Bate-papo com Carlos Heitor Cony» (http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/livros/carlos-heitor-cony-escritor.jhtm). *Bate-papo UOL*. 1999. Cópia arquivada em 26 de março de 2019 (http://web.archive.org/web/20190326200328/http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/livros/carlos-heitor-cony-escritor.jhtm)

118. «Bate-papo com Bruno Tolentino» (http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/livros/bruno-tolentino-poeta-e-editor-da-revista-republica.jhtm). *Bate-papo UOL*. 1998. Cópia arquivada em 29 de agosto de 2019 (http://web.archive.org/web/20190829102447/http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/livros/bruno-tolentino-poeta-e-editor-da-revista-republica.jhtm)

119. Della Coletta, Ricardo. "Olavo de Carvalho, o Brasil só fala dele" (https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543319632_709659.html). *El País*, 02/12/2018
120. Rocha, Bruno Lima. "A face horrenda da nova extrema direita: degenerados, blasfemadores e mentirosos contumazes" (http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583700-a-face-horrenda-da-nova-extrema-direita-degenerados-blasfemadores-e-mentirosos-contumazes). *Revista do Instituto Humanitas — Unisinos*, 13/10/2018
121. Santos, João Vitor. «As paixões reprimidas de uma massa, o academicismo e a emergência da extrema direita. Entrevista especial com Fabrício Pontin» (https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585253-as-paixoes-reprimidas-de-uma-massa-o-academicismo-e-a-emergencia-da-extrema-direita-entrevista-especial-com-fabricio-pontin). *www.ihu.unisinos.br*. Consultado em 4 de junho de 2023
122. Facchin, Patricia. "Olavo de Carvalho é um efeito da nova direita e não sua causa. Entrevista especial com Alvaro Bianchi" (http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585547-olavo-de-carvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvaro-bianchi). *Revista do Instituto Humanitas — Unisinos*, 19/12/2018
123. "Professor Daniel Peres comenta o risco que ideias de Olavo de Carvalho representam para a Universidade" (http://apub.org.br/?p=26513). Associação dos Professores Universitários da Bahia, 15/02/2019
124. Sponholz, Liriam & Christofoletti, Rogério. "From preachers to comedians: Ideal types of hate speakers in Brazil" (https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1742766518818870). In: *Global Media and Communication*, 2019; 15 (1):67–84
125. Moura, Flávio. "A escatologia de Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo" (https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2019/A-escatologia-de-Olavo-de-Carvalho-guru-do-bolsonarismo). *Nexo Jornal*, 26/01/2019
126. Rosa, Pablo Ornelas; Rezende, Rafael Alves; Martins, Victória Mariani de Vargas. "As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras" (https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832). In: *Revista NEP — Núcleo de Estudos Paranaenses*, 2018; 4 (2)
127. «Baguete» (http://www.baguete.com.br/colunistas/colunas/31/janer-cristaldo/27/01/2008/quem-financia-o-astrologo). *www.baguete.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017
128. «Professor José Renato Cella» (http://www.cella.com.br/literatura.php?idliteratura=15). *www.cella.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017

129. «CMI Brasil - Olavo de Carvalho no banco dos réus» (http://www.midiaindependente.org/pt/red/2005/10/335177.shtml). *www.midiaindependente.org*. Consultado em 12 de maio de 2017
130. «CMI Brasil - O "filósofo" Olavo de Carvalho, por Sebastião Nery» (http://brasil.indymedia.org/pt/blue/2003/06/256269.shtml). *brasil.indymedia.org*. Consultado em 12 de maio de 2017
131. «Olavo Luiz Pimentel de Carvalho versus Editora Pererê Revistas e Livros Ltda» (http://www1.tjrj.jus.br/gedcacheweb/default.aspx?UZIP=1&GEDID=000365BAA73401F23C210ADB6630E81DB23104B5C3182B24&USER=)
132. «Consulta de Processos do 1ºGrau» (https://esaj.tjsp.jus.br/cpopg/show.do?processo.codigo=2SZX71MZH0000&processo.foro=100&conversationId=&dadosConsulta.localPesquisa.cdLocal=-1&cbPesquisa=NMPARTE&dadosConsulta.tipoNuProcesso=UNIFICADO&dadosConsulta.valorConsulta=Olavo+Luiz+Pimentel+de+Carvalho&uuidCaptcha=&paginaConsulta=1). *processo 0217565-43.2007.8.26.0100 (583.00.2007.217565) (16ª Vara Cível - Foro Central Cível)*. Portal e-SAJ – Peticionamento no TJSP - Tribunal de Justiça. 25 de fevereiro de 2017. Consultado em 25 de fevereiro de 2017
133. «Consulta de Processos do 1ºGrau» (https://esaj.tjsp.jus.br/cpopg/show.do?processo.codigo=0B001405K0000&processo.foro=11&conversationId=&dadosConsulta.localPesquisa.cdLocal=-1&cbPesquisa=NMPARTE&dadosConsulta.tipoNuProcesso=UNIFICADO&dadosConsulta.valorConsulta=Olavo+Luiz+Pimentel+de+Carvalho&uuidCaptcha=&paginaConsulta=1). *processo 1008378-36.2016.8.26.0011 (4ª Vara Cível - Foro Regional XI - Pinheiros)*. Portal e-SAJ – Peticionamento no TJSP - Tribunal de Justiça. 25 de fevereiro de 2017. Consultado em 25 de fevereiro de 2017
134. «Consulta de Processos do 1ºGrau» (https://esaj.tjsp.jus.br/cpopg/show.do?processo.codigo=0B0013ZGV0000&processo.foro=11&conversationId=&dadosConsulta.localPesquisa.cdLocal=11&cbPesquisa=NMPARTE&dadosConsulta.tipoNuProcesso=UNIFICADO&dadosConsulta.valorConsulta=Olavo+Luiz+Pimentel+de+Carvalho&uuidCaptcha=&paginaConsulta=1). *processo 1007813-72.2016.8.26.0011 (2ª Vara Cível - Foro Regional XI - Pinheiros)*. Portal e-SAJ – Peticionamento no TJSP - Tribunal de Justiça. 25 de fevereiro de 2017. Consultado em 25 de fevereiro de 2017

135. «Consulta de Processos do 1ºGrau» (https://esaj.tjsp.jus.br/cpopg/show.do?processo.codigo=1E001W9NP0000&processo.foro=68&conversationId=&dadosConsulta.localPesquisa.cdLocal=-1&cbPesquisa=NMPARTE&dadosConsulta.tipoNuProcesso=UNIFICADO&dadosConsulta.valorConsulta=Olavo+Luiz+Pimentel+de+Carvalho&uuidCaptcha=sajcaptcha_69b8a858b31d41fc8fb3478aaa43533f&paginaConsulta=1). *processo 1000834-74.2016.8.26.0050 (1ª Vara Criminal - Foro de Barueri)*. Portal e-SAJ – Peticionamento no TJSP - Tribunal de Justiça. 25 de fevereiro de 2017. Consultado em 25 de fevereiro de 2017

136. «Caetano Veloso cobra dívida milionária de Olavo de Carvalho por descumprir decisão judicial» (https://istoe.com.br/caetano-veloso-cobra-divida-milionaria-de-olavo-de-carvalho-por-descumprir-decisao-judicial/). *Uol*. IstoÉ. Consultado em 27 de janeiro de 2020

137. «Olavo x Caetano: entenda ação que se arrasta por 5 anos e chega a R$ 2,9 mi» (https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/01/26/entenda-processo-olavo-de-carvalho-caetano-veloso.htm). Uol. 26 de janeiro de 2022. Consultado em 4 de maio de 2022. Cópia arquivada em 4 de maio de 2022 (https://web.archive.org/web/20220504074101/https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/01/26/entenda-processo-olavo-de-carvalho-caetano-veloso.htm)

138. «Já foi chamado de pedófilo: o polêmico relacionamento de Caetano Veloso com a esposa, Paula Lavigne» (https://revista.cifras.com.br/artigo/o-polemico-relacionamento-de-caetano-veloso-e-paula-lavigne). Revista Cifras. 27 de dezembro de 2021. Consultado em 24 de março de 2022. Cópia arquivada em 24 de março de 2022 (https://web.archive.org/web/20220324075737/https://revista.cifras.com.br/artigo/o-polemico-relacionamento-de-caetano-veloso-e-paula-lavigne)

139. Redação, Da. «Caetano: Sexo com menor de 14 anos é crime desde o Império» (https://www.gazetadopovo.com.br/justica/sexo-com-menor-de-14-anos-e-crime-no-brasil-desde-o-imperio-aabqbkf8h8miuuehssh336mr8/). Gazeta do Povo. Consultado em 24 de março de 2022. Cópia arquivada em 24 de março de 2022 (https://web.archive.org/web/20220324130408/https://www.gazetadopovo.com.br/justica/sexo-com-menor-de-14-anos-e-crime-no-brasil-desde-o-imperio-aabqbkf8h8miuuehssh336mr8/)

140. Lucas Rezende (16 de maio de 2019). «Caetano Veloso é chamado de 'canalha' em queixa-crime de Olavo de Carvalho» (https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/caetano-veloso-e-chamado-de-canalha-em-queixa-crime-de-olavo-de-carvalho.shtml). Folha de S.Paulo. Consultado em 4 de maio de 2022. Cópia arquivada em 4 de maio de 2022 (https://web.archive.org/web/20220504074355/https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/caetano-veloso-e-chamado-de-canalha-em-queixa-crime-de-olavo-de-carvalho.shtml)

141. Laísa Dall'Agnol. «Caetano Veloso perde ação contra Feliciano por acusação de pedofilia | Radar» (https://veja.abril.com.br/coluna/radar/caetano-veloso-perde-acao-contra-feliciano-por-acusacao-de-pedofilia/). Veja. Consultado em 24 de março de 2022. Cópia arquivada em 24 de março de 2022 (https://web.archive.org/web/20220324113508/https://veja.abril.com.br/coluna/radar/caetano-veloso-perde-acao-contra-feliciano-por-acusacao-de-pedofilia/)
142. Sérgio Rodas. «MBL e Frota devem remover publicações ofensivas a Caetano e Lavigne» (https://www.conjur.com.br/2017-out-31/mbl-frota-remover-publicacoes-ofensivas-caetano-lavigne). ConJur. Consultado em 26 de março de 2022. Cópia arquivada em 26 de março de 2022 (https://web.archive.org/web/20220326073023/https://www.conjur.com.br/2017-out-31/mbl-frota-remover-publicacoes-ofensivas-caetano-lavigne)
143. «IstoÉ deve excluir reportagem que mostra Olavo de Carvalho como "bobo da corte" » (https://www.conjur.com.br/2021-abr-14/istoe-excluir-imagem-olavo-carvalho-bobo-corte). Conjur. 14 de abril de 2021. Consultado em 14 de abril de 2021
144. «Olavo de Carvalho, pensador que desperta opiniões antagônicas» (http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2017/07/09/olavo-de-carvalho-pensador-que-desperta-opinioes-antagonicas-294204.php). *jconline.ne10.uol.com.br*. Consultado em 1 de agosto de 2017
145. *A face obscura da política: governo e eleições no Mídia Sem Máscara (http://www.pucsp.br/revistaaurora/dez_2008/barja.pdf)*. Luísa Roxo Barja. Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política. n. 4 (2009). ISSN 1982-6672.
146. «Mídia sem máscara - Quem somos?» (http://web.archive.org/web/20180122072440/http://midiasemmascara.org:80/quem-somos/). Consultado em 9 de novembro de 2019. Arquivado do original (http://midiasemmascara.org:80/quem-somos/) em 22 de janeiro de 2018
147. «Documentário sobre Olavo de Carvalho ganha primeiro teaser - Portal AZ» (https://www.portalaz.com.br/noticias/geral/359320_documentario_sobre_olavo_de_carvalho_ganha_primeiro_teaser). *Portal AZ*. Consultado em 12 de maio de 2017
148. Sul/FUA, Jornal Cruzeiro do. «Guto Brinholi faz música para filme sobre Olavo de Carvalho» (http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/682771/guto-brinholi-faz-musica-para-filme-sobre-olavo-de-carvalho). *Jornal Cruzeiro do Sul*
149. «O que esperar do cinema brasileiro em 2016» (http://www.omelete.uol.com.br/filmes/artigo/o-que-esperar-do-cinema-brasileiro-em-2016/). *Omelete*

150. «Cineasta cria documentário baseado na obra filosófica de Olavo de Carvalho» (http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/07/19/interna_diversao_arte,540843/cineasta-cria-documentario-baseado-na-obra-filosofica-de-olavo-de-carv.shtml). *Correio Braziliense*. 19 de julho de 2016

151. «Curtas, longas e vídeos pernambucanos buscam ajuda na internet para sair do papel» (http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/06/30/internas_viver,583868/curtas-longas-e-videos-pernambucanos-buscam-ajuda-na-internet-para-sair-do-papel.shtml). *Diário de Pernambuco*. 30 de junho de 2015

152. «Olavo de Carvalho: filosofia no cinema - Folha de Londrina - O Jornal do Paraná - Brasil» (http://www.folhadelondrina.com.br/blogs/paulo-briguet/olavo-de-carvalho-filosofia-no-cinema-954903.html). *Folha de Londrina*

153. «Filme sobre Olavo de Carvalho é o grande vencedor do Cine PE; confira premiados» (http://www.folhape.com.br/diversao/diversao/cinema/2017/07/03/NWS,33208,71,583,DIVERSAO,2330-FILME-SOBRE-OLAVO-CARVALHO-GRANDE-VENCEDOR-CINE-CONFIRA-PREMIADOS.aspx). Folha de Pernambuco. 3 de julho de 2017. Consultado em 12 de agosto de 2017

154. Pessoa, Breno (3 de julho de 2017). «Filme sobre Olavo de Carvalho é o grande vencedor do Cine PE» (http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/07/03/internas_viver,711344/festival-cine-pe-anuncia-vencedores.shtml). Diário de Pernambuco. Consultado em 12 de agosto de 2017

155. Olavo de Carvalho (5 de novembro de 2013). «Perfil de Olavo de Carvalho» (https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10151960117307192). Facebook. Consultado em 1 de novembro de 2019. "Informo aos interessados que jamais prestei um vestibular, não tentei e não poderia fazê-lo. Minha inscrição, se a fizesse, jamais seria aceita. Saí da escola no quarto ano do ginásio, PARA NUNCA MAIS VOLTAR, firmemente decidido a buscar instrução por vias alternativas. Pelos resultados obtidos, acho que fiz a coisa..."

156. McCoy, Terrence (14 de julho de 2019). «He's the Rush Limbaugh of Brazil. He has Bolsonaro's ear. And he lives in rural Virginia.» (https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/hes-the-rush-limbaugh-of-brazil-he-has-bolsonaros-ear-and-he-lives-in-rural-virginia/2019/07/14/4f73dee2-8ac4-11e9-8f69-a2795fca3343_story.html) (em inglês). The Washington Post. Consultado em 5 de novembro de 2019.

157. «Vazam documentos do guru de Bolsonaro: green card está expirando» (https://catracalivre.com.br/dimenstein/vazam-documentos-do-guru-de-bolsonaro-green-card-esta-expirando/). Catraca Livre. 27 de maio de 2019. Consultado em 29 de dezembro de 2020

158. «Olavo de Carvalho» (http://web.archive.org/web/20170728075257/http://theinteramerican.org/olavo-de-carvalho-2/). *theinteramerican.org* (em inglês). The Inter American Institute. Consultado em 11 de maio de 2017. Arquivado do original (http://theinteramerican.org/olavo-de-carvalho-2/) em 28 de julho de 2017
159. «Olavo de Carvalho morre oito dias após ser diagnosticado com Covid» (https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/01/25/morre-olavo-de-carvalho.ghtml). *G1*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022
160. «Perfil oficial de Olavo de Carvalho anuncia seu falecimento - 25/01/2022 - UOL Notícias» (https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/01/25/perfil-oficial-de-olavo-de-carvalho-anuncia-seu-falecimento.amp.htm). *noticias.uol.com.br*. Consultado em 25 de janeiro de 2022
161. «Filha de Olavo de Carvalho diz que pai morreu de Covid-19» (http://noticias.r7.com/brasilia/filha-de-olavo-de-carvalho-diz-que-pai-morreu-de-covid-19-25012022). *R7.com*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022
162. Megale, Bela. «Médico particular de Olavo de Carvalho nega morte de guru bolsonarista por Covid-19» (https://blogs.oglobo.globo.com/bela-megale/post/medico-particular-de-olavo-de-carvalho-nega-morte-de-guru-bolsonarista-por-covid-19.html). *Bela Megale - O Globo*. Consultado em 25 de janeiro de 2022
163. « 'Historinha de terror para acovardar a população', disse Olavo sobre coronavírus» (https://istoe.com.br/historinha-de-terror-para-acovardar-a-populacao-disse-olavo-sobre-coronavirus/). *ISTOÉ Independente*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022
164. « "Essa epidemia simplesmente não existe", diz Olavo de Carvalho» (https://www.poder360.com.br/midia/essa-epidemia-simplesmente-nao-existe-diz-olavo-de-carvalho/). *Poder360*. 23 de março de 2020. Consultado em 25 de janeiro de 2022
165. Minas, Estado de; Minas, Estado de (23 de março de 2020). «YouTube remove video em que Olavo de Carvalho mente ao dizer que pandemia nao existe» (https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/03/23/interna_nacional,1131791/youtube-remove-video-em-que-olavo-diz-que-pandemia-nao-existe.shtml). *Estado de Minas*. Consultado em 25 de janeiro de 2022
166. «Bolsonaro lamenta morte de Olavo de Carvalho: 'Farol para os brasileiros' » (https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/01/25/bolsonaro-lamenta-morte-de-olavo-de-carvalho-farol-para-os-brasileiros.htm). *noticias.uol.com.br*. Consultado em 25 de janeiro de 2022

167. MIGUEL, Luis Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira* * Este texto integra a pesquisa “Teorias feministas da política”, apoiada por recursos do edital FAP-DF nº 3/2015. . Cadernos Pagu [online]. 2021, n. 62 [Acessado 26 Janeiro 2022] , e216216. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202100620016>. Epub 20 Ago 2021. ISSN 1809-4449. https://doi.org/10.1590/18094449202100620016.
168. «Políticos reagem à morte de Olavo de Carvalho» (https://www.poder360.com.br/brasil/politicos-lamentam-morte-de-olavo-de-carvalho/). *Poder360*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022
169. «Nota Oficial - Nota de pesar pelo falecimento do Professor Olavo de Carvalho - 25/01/2022» (https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/notas-oficiais/2022/nota-oficial-nota-de-pesar-pelo-falecimento-do-professor-olavo-de-carvalho-25-01-2022). *Palácio do Planalto*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 28 de janeiro de 2022
170. Sanchez, Mariana (26 de janeiro de 2022). «Olavo de Carvalho é enterrado nos EUA em funeral com Allan dos Santos e Ernesto Araújo» (https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60147865). *BBC News Brasil*. Consultado em 27 de janeiro de 2022
171. «Rua batizada em homenagem a Olavo de Carvalho no RS é uma vila de 30 metros que não passa carro; veja mapa» (https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/09/rua-batizada-em-homenagem-a-olavo-de-carvalho-e-uma-vila-de-30-metros-que-nao-passa-carro-veja-mapa.ghtml). *O Globo*. Consultado em 9 de setembro de 2022
172. Scinocca, Marcel (11 de março de 2022). «Câmara aprova nome de Olavo de Carvalho para rua na região do Éden» (https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/noticias/2022/03/689911-camara-aprova-nome-de-olavo-de-carvalho-para-rua-na-regiao-do-eden.html). *Cruzeiro do Sul*. Consultado em 12 de março de 2022
173. «DYLAN DANTAS COMEMORA DENOMINAÇÃO DE RUA EM HOMENAGEM AO FILÓSOFO OLAVO DE CARVALHO» (http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/newsitem.html?id=622bcdc30370e7b5ee6c45d1). *www.camarasorocaba.sp.gov.br*. Consultado em 12 de março de 2022
174. «Porto Alegre terá rua com o nome de Olavo de Carvalho» (https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/porto-alegre-tera-rua-com-nome-de-olavo-de-carvalho/). *CartaCapital*. 6 de setembro de 2022. Consultado em 7 de setembro de 2022
175. «Bolsonaro concede mais alta condecoração diplomática a Olavo de Carvalho» (https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-concede-mais-alta-condecoracao-diplomatica-a-olavo-de-carvalho/). *Poder360*. 1 de maio de 2019

176. Obra disponível *online* como *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*, 3.ª edição, revista e aumentada. (https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56523545/A_Nova_Era_e_a_Revolucao_Cultural_-_Olavo_de_Carvalho.pdf?1525874646=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_Nova_Era_e_a_Revolucao_Cultural.pdf&Expires=1621113719&Signature=bM5erq7Ll2haSSUv0hnLzmXxETQlWPOW2zvxX2w-p8h9q5dhyA0vWL0Lbw7IqMQaHDTjdJWRyddBihrJg5cxIHM22HBQ-c6uzvKcSyumfVTUHaMYa697sMPX7Xeyl-ywc9ZvthWvHsTVrmkunHnVX13SdcWq74InylCgIFFm5d5cWeeSFCdLKnwJYRaqs2CDtHPI0fJURzHNZ0nJCFiCCUnwkk6CcxB8CTSpqdp9wM1YWzaGwL~XNQtkGtelu5J9uG2eu0q6EEf0qDRxo5NaihUpL4ZRkcqlP6j03zlMMUfZL6rd4tKU7Ec6754YdjCmRFP9aFEc~77ek~mgiKm9PA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)

Leitura adicional

- Dantas, Dimitrius (10 de fevereiro de 2019). «Olavo de Carvalho está errado e não entendeu Kant, dizem três nomes de destaque da academia brasileira» (https://oglobo.globo.com/sociedade/olavo-de-carvalho-esta-errado-nao-entendeu-kant-dizem-tres-nomes-de-destaque-da-academia-brasileira-23440419). *O Globo*. Cópia arquivada em 10 de fevereiro de 2019 (http://web.archive.org/web/20190210215908/https://oglobo.globo.com/sociedade/olavo-de-carvalho-esta-errado-nao-entendeu-kant-dizem-tres-nomes-de-destaque-da-academia-brasileira-23440419)
- Fausto, Ruy (2019). «Sofística e polícia política» (https://piaui.folha.uol.com.br/materia/sofistica-e-policia-politica/). Revista piauí. Cópia arquivada em 27 de julho de 2022 (http://web.archive.org/web/20220727061900/https://piaui.folha.uol.com.br/materia/sofistica-e-policia-politica/)
- Patschiki, Lucas (2012). *OS LITORES DA NOSSA BURGUESIA: o Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011)* (http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/1789/1/Lucas%20Patschiki%202012%20p1) (Dissertação de Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná
- Peres, Daniel Tourinho (12 de fevereiro de 2019). «Quão obscurantista é o emplasto filosófico de Olavo de Carvalho?» (https://diplomatique.org.br/resposta-a-pergunta-quao-obscurantista-e-o-emplasto-filosofico-de-olavo-de-carvalho). Le Monde Diplomatique. Cópia arquivada em 16 de fevereiro de 2019 (http://web.archive.org/web/20190216030047/https://diplomatique.org.br/resposta-a-pergunta-quao-obscurantista-e-o-emplasto-filosofico-de-olavo-de-carvalho)
- Salgado, Daniel (27 de novembro de 2018). «Transgressão à direita» (https://revistaserrote.com.br/2018/11/transgressao-a-direita-por-daniel-salgado/). *Revista Serrote, número 30*. Cópia arquivada em 16 de fevereiro de 2019 (http://web.archive.org/web/20190216052659/https://revistaserrote.com.br/2018/11/transgressao-a-direita-por-daniel-salgado/)

Ligações externas

- Sítio oficial (https://blogdoolavo.com/)

- Olavo de Carvalho (https://www.facebook.com/carvalho.olavo) no Facebook
- Olavo de Carvalho (https://twitter.com/odecarvalho) no Twitter
- Canal de Olavo de Carvalho (https://www.youtube.com/user/olavodeca) no YouTube
- O negacionismo científico olavista: a radicalização de um certo regime epistemológico, por Rodrigo Perez Oliveira (https://www.academia.edu/40567918/O_negacionismo_cient%C3%ADfico_olavista_a_radicaliza%C3%A7%C3%A3o_de_um_certo_regime_epistemol%C3%B3gico)

Olavo de Carvalho

ensaísta, polemista, influenciador digital e ideólogo brasileiro

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho GCRB (Campinas, 29 de abril de 1947 – Richmond, 24 de janeiro de 2022)[8] foi um ensaísta, polemista,[9] influenciador digital e ideólogo brasileiro, que também atuou como jornalista, escritor e astrólogo.[nota 1] Era considerado um representante intelectual do conservadorismo no Brasil,[25] com expressiva influência na extrema-direita brasileira.

Seu discurso era caracterizado pela recusa do que chamava de "politicamente correto" e pela presença de ataques *ad hominem* e de termos chulos.[26][27] Diversas publicações indicaram que os livros e artigos de Carvalho divulgavam teorias conspiratórias e informações incorretas,[28][29][30][31] e apontaram que o polemista fomentava discursos de ódio[32][33] e anti-intelectualistas.[34] Crítico da modernidade,[1] demonstrava interesse por filosofia histórica, história dos movimentos revolucionários, tradicionalismo e religião comparada.[35][36] Apesar de relativo sucesso de vendas, seu trabalho não teve impacto no meio acadêmico e seus escritos no campo da filosofia são rejeitados por vários especialistas.[37][38][39] De 2005 até ao fim da vida, viveu em Richmond, Virgínia, Estados Unidos.

Olavo de Carvalho

Olavo de Carvalho em 2019.

Nome completo	Olavo Luiz Pimentel de Carvalho
Nascimento	29 de abril de 1947 Campinas, São Paulo, Brasil
Morte	24 de janeiro de 2022 (74 anos) Richmond, Virgínia, Estados Unidos
Nacionalidade	brasileiro
Progenitores	Mãe: Nicéa Pimentel de Carvalho

	Pai: Luiz Gonzaga de Carvalho
Cônjuge	Roxane Andrade de Souza (c. 1986–2022)[1][2]
Filho(a)(s)	8
Ocupação	jornalista, escritor e ensaísta
Prêmios	Medalha do Pacificador[3][4] Medalha do Mérito Santos-Dumont[5] Ordem Nacional do Mérito da Romênia[6] Medalha Tiradentes[4]
Religião	Católico romano[7]
Página oficial	
blogdoolavo.com	

Índice

Biografia

Carvalho alegava ter sido militante filiado ao Partido Comunista Brasileiro em sua juventude, de 1966 a 1968,[40] e opositor da ditadura militar brasileira,[41] tornando-se anticomunista posteriormente. É apontado como o responsável pelo surgimento da Nova Direita brasileira[41] e foi considerado guru do presidente da República Jair Bolsonaro e do bolsonarismo,[42][43][44][45] qualificação que rejeitava.[46][47]

Como astrólogo, colaborou no primeiro curso de extensão universitária em astrologia

da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1979, oferecido a formandos em psicologia.[48] Como escritor, lançou sua primeira publicação em 1980, *A Imagem do Homem na Astrologia*. Em 2013, lançou *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota*, coleção de textos curtos publicados na imprensa.[41] Outros de seus livros mais conhecidos são *O Jardim das Aflições* (1995) e *O Imbecil Coletivo* (1996).

Carreira

Em fevereiro de 1977 começou a colaborar na *Folha de S.Paulo* (no caderno literário "Folhetim").[49][50] Foi colunista de jornais como *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *Zero Hora*, dentre outros.[51]

Em 1979, fundou na cidade de São Paulo, a Escola Júpiter, nos Jardins, juntamente com Antônio Carlos "Bola" Harres e Mary Lou Simonsen (filha do empresário Mário Wallace Simonsen), a escola organizava seminários, eventos e palestras tais como o Pequeno Seminário de Astrologia (fevereiro de 1979) e o Segundo Seminário de Astrologia (setembro de 1979).[52][53][54] Um dos ex-alunos da escola foi a astróloga Barbara Abramo.[55] Olavo de Carvalho ministrava cursos de astrologia e outros temas; um desses cursos, com duração de oito meses e uma aula semanal, Olavo ofereceu "Orientação Profissional Segundo a Astrologia".[52] Como astrólogo, colaborou no primeiro curso de extensão universitária em astrologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1979, oferecido a formandos em psicologia.[48]

Na década de 1980 tornou-se membro da Tariqa, ordem mística muçulmana liderada por Frithjof Schuon. Embora admita a importância do Islã em sua formação, mais tarde lamentou a sua expansão no Ocidente.[41] Em 1986, foi premiado pela Universidade de Alazar e pelo Reino da Arábia Saudita por uma obra sobre o profeta Maomé.[56]

Estudou no Conpefil (Conjunto de Pesquisa Filosófica)[57] da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por três anos, sob a direção do professor e padre Stanislavs Ladusãns.[58] Apresentou os trabalhos *Estrutura e Sentido da Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Mário Ferreira dos Santos* e *Leitura Analítica da 'Crise da Filosofia Ocidental' de Vladimir Soloviov*, mas não concluiu o curso, saindo dele após a morte de Ladusãns (1993); não possuindo, portanto, nenhum título acadêmico formal.[41]

Até 2016 escreveu para o *Diário do Comércio* (veículo de propriedade da Associação Comercial de São Paulo) na coluna "Mundo Real".[59][60]

Em 1996, publicou *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras*, no qual criticou duramente o meio cultural e intelectual brasileiro. A obra recebeu elogios do

jornalista Paulo Francis[40] e do economista Roberto Campos, que classificou Olavo como "filósofo de grande erudição".[61]

Debateu com o russo Aleksandr Dugin (cientista político, conselheiro do presidente da Rússia Vladimir Putin e principal ideólogo do eurasianismo)[62] sobre a Nova Ordem Mundial, gerando em 2012 o livro *Os EUA e a Nova Ordem Mundial*.[63] Dugin concluiu que a posição de Olavo foi "*muito pessoal, idiossincrática e irrelevante*".[64] O ensaísta libertariano romeno Horia-Roman Patapievici elogiou muito a postura e os argumentos de Olavo no debate, considerando sua réplica brilhante.[65]

Em 2013 publicou *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota*. O livro é um apanhado de 193 artigos escritos por ele de 1997 até 2013, ano em que foi lançado, e vendeu algo próximo de 320 mil exemplares,[66][41] recebendo elogios dos jornalistas Carlos Ramalhete,[67] Euler de França Belém, Paulo Briguet[68] e Reinaldo Azevedo,[69] da *Folha de S.Paulo*[70] e do Padre Paulo Ricardo.[71]

Embora a obra de Carvalho tenha tido sucesso de audiência entre o público geral, não obteve grande repercussão na academia.[72]

Em 2015, iniciou seu canal no YouTube intitulado com seu nome e atualmente (2019) com mais de 800 mil inscritos e pelo menos 43 milhões de visualizações (2019), seu canal no Youtube é categorizado como "Comédia",[73] no Facebook é acompanhado por mais de 600 mil seguidores (2019); nas redes sociais, os alvos de suas críticas são a imprensa, o cenário cultural e a universidade; atribui aos movimentos progressistas a deterioração desses espaços, que, segundo ele, teriam se tornado apenas campos de burocracia e rituais de doutrinação.[74] Em 15 de agosto de 2018, suas páginas do Facebook foram bloqueadas por trinta dias, Olavo atribuiu o bloqueio a "piadinhas" que fez a dois ex-alunos de seus cursos de filosofia *online*, Carlos e Jorge Velasco.[75]

Carvalho tornou-se um dos principais difusores das ideias de extrema-direita no Brasil. Donald J. Trump em 2016 chamou Carvalho de "um dos maiores intelectuais conservadores do mundo".[76] Ele ganhou grande repercussão depois da eleição de Jair Bolsonaro em 2018, sendo um importante teórico de seu governo.[77]

Política

Opiniões políticas

Olavo afirmava que suas ideias não se enquadram em uma categoria ideológica, condenando quem adota posições por automatismo sustentado por

ideologias. Ele aponta que o coeficiente de esquerda ou de direita está nos olhos do observador e varia conforme as épocas e os lugares. Olavo dizia que preferia se manter afastado dos enquadramentos ideológicos no Brasil, muito embora se visse alinhado à direita americana.[78]

Carvalho e Jair Bolsonaro em 2019.

Para Carvalho, a esquerda política brasileira conseguiu dominar a universidade, a mídia, a cultura e a política do país, empregando os métodos da revolução passiva (a "revolução sem revolução") de Antonio Gramsci.[41]

Entre indivíduos já criticados por Olavo estão Lula, Fidel Castro, Barack Obama, entre outros. Poder-se-ia citar ainda entidades como o Foro de São Paulo,[70] o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o eurasianismo,[62] o Partido dos Trabalhadores, as FARC e a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil. Criticava bastante o desarmamento civil, e alegava que as organizações desarmamentistas estavam ligadas aos interesses de grupos milionários nacionais e estrangeiros.[79]

Em um artigo jornalístico produzido em dezembro de 2010 para a revista Época, o autor sugeriu que Ladislav Bittman teria, na posição agente da StB, conduzido operações de bandeira falsa e desinformação, fazendo com que as agências de inteligência norte-americanas levassem a culpa pelo golpe de 1964 no âmbito das escolas e da mídia brasileira.[80]

Em 1996, Carvalho "profetizava", em entrevista ao jornalista Pedro Bial, no telejornal da Globo *Bom Dia Brasil*, que apesar do então recente colapso socialista na URSS, a esquerda brasileira iria ascender ao poder com grande força, já que, de acordo com ele, "a partir da década de 1960, foram adotando a estratégia gramsciana, que é a de fazer a revolução cultural primeiro para fazer a revolução política depois".[81] Ainda acrescentou que "muitas vezes [os esquerdistas] têm poder, mas não assumem que têm, então continuam se sentindo perseguidos e infelizes".

Em entrevista à BBC em dezembro de 2016, Olavo, quando perguntado sobre a direita brasileira, afirmou: "quis que uma direita existisse [no Brasil], o que não quer dizer que eu pertença a ela. Fui o parteiro dela, mas o parteiro não nasce com o bebê". Para ele "atualmente é obrigatório estar na direita", mas deixou claro que não tem "compromisso com nenhuma política em particular".[41]

Em abril de 2016, a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (Abia) condenou as declarações de Olavo de Carvalho sobre o episódio em que o deputado Jean Wyllys cuspiu no também deputado Jair Bolsonaro, durante votação do impeachment de

Dilma.[82] Nas redes sociais, Olavo afirmou que Jean, como "membro de um grupo de risco", deveria se submeter a um exame para verificar "se sua saliva não transmite o vírus da Aids". Em nota, a Abia recomendou que ele "seja imediatamente submetido a exames para verificar se sua saliva não transmite o vírus da ignorância e do preconceito" e lamentou as "doses vergonhosas de desinformação e desrespeito" de Olavo de Carvalho em relação às pessoas que vivem com HIV/AIDS no Brasil.[83][84]

Racismo e supremacia branca

A posição de Olavo de Carvalho relativamente à reivindicação, pelo movimento negro brasileiro e americano, de reparação prático-político-institucional pelo colonialismo-escravismo-racismo contra os povos negros, vertida, em particular, na sua obra O Imbecil Coletivo, pode definir-se por quatro ideias estruturantes:

1. Negros não têm direito a reparação alguma e ela representa uma incongruência e uma seletividade, já que, antes de seres escravizados, os próprios negros – quando foram faraós no Egito – escravizaram judeus e árabes;
2. A culpa pela escravização dos negros é dos próprios negros, por causa de sua cultura decadente, desestruturada e degenerada, cujo maior exemplo são suas tradições religiosas mágico-animistas africanas;
3. Negros não deram nenhuma contribuição cultural à civilização ocidental, mas apenas uma contribuição material, sob a forma do trabalho escravo, não tendo por que reivindicar qualquer tratamento especial por parte do Ocidente branco;
4. A cultura negra é inferior à cultura ocidental, à tradição judaico-cristã, à ontoteologia greco-latina-medieval e ao Renascimento, não podendo sequer ser equiparada com esta, o que mais uma vez mostra que os negros mais ganharam que perderam com a colonização.[85]

Olavo de Carvalho recusava a práxis reparatória defendida pelo movimento negro em relação ao colonialismo-escravidão-racismo, em primeiro lugar porque todos os povos são criminosos em alguma medida e, portanto, não têm nada a cobrar uns dos outros. Assim, os negros africanos porque teriam uma vez governado o Egito, e escravizado por mais de mil anos aos povos semitas, entre eles árabes e judeus, não poderiam, consequentemente, exigir reparação pela escravidão que sofreram depois de toda a colonização, escravização e instrumentalização que cometeram àqueles que, posteriormente, fariam o mesmo que eles, só que agora com eles. Essa tendência de opressão e violência mútuas faria, adicionalmente, parte da constituição de todos os povos ao longo do tempo e, na verdade, além de revelar uma tendência humana básica do conflito entre Behemoth e Leviatã, aponta para o fato de que uma civilização

somente pode ser conquistada quando é fraca culturalmente e quando está em desestruturação e degeneração em termos político-morais. Assim, aliado ao fato de que negros escravizaram árabes e judeus quando foram faraós do Egito, o que já revelaria uma contradição teórica e uma má-fé moral seletivas contra os brancos, tem-se a própria questão de que eles foram colonizados, dominados e escravizados porque estavam em decadência cultural, enfraquecidos como civilização, desestruturados social e politicamente. E por que estavam nessa condição de crise civilizacional? Por causa de suas tradições religiosas mágico-animistas tribalizadas, que os condenavam ao bizarro, à regressão e à ossificação. A colonização europeia-branca teria sido, assim, somente um adendo, um ponto superficial em uma realidade de desestruturação, degeneração e apagamento cultural-civilizacional vivido pelo povo negro por causa de seus próprios déficits antropológicos, em particular de suas tradições religiosas. Se por um lado negros também foram senhores de escravos – entre si, dos árabes e dos judeus –, por outro é importante considerar-se que a culpa pela escravidão é dos próprios negros e de sua cultura decadente, e não dos brancos europeus, os quais conseguiram sua supremacia por causa de sua cultura superior. Desse modo, segundo Olavo de Carvalho, não há qualquer reparação a ser paga e a crítica aos brancos é pura e simplesmente seletiva, incongruente e acrítica.[85]

Em segundo lugar, Olavo de Carvalho, ao negar a responsabilização social-institucional na exata medida em que recusa a determinação social, institucional, macroestrutrual da subjetividade, do lugar sociopolítico do indivíduo, reduz toda a dinâmica humana à ação e ao protagonismo individuais. Não existe a sociedade enquanto macroestrutura ou macrodinâmica se sobrepondo, subsumindo e determinando de modo férreo ao indivíduo. A culpa pelo que somos é nossa, como indivíduos, não da sociedade enquanto macroestrutura: não existe a sociedade como macroestrutura totalizante, não existe as instituições enquanto sistemas objetivos que determinam socialização e subjetivação de modo último e, finalmente, não existe a classe social, o partido político, a massa amorfa que subsumam e anulem os indivíduos. Estes indivíduos, cada um dos indivíduos, não podem explicar seu fracasso ou seus méritos por causa de supostas condições objetivas, mas por seu protagonismo ou pela falta dele. Assim, Olavo de Carvalho nega a política, a história e a ação humana intersubjetiva e afirma a centralidade do indivíduo, de Deus e da graça divina, reduzindo a busca pela verdade a uma cruzada pessoal em termos de interiorização como intuição direta, imediata e mediada do indivíduo para com Deus. Portanto, nesse caso, o movimento negro não pode exigir reparação pela sua condição de miséria, de exclusão e de desigualdade contemporânea porque cada indivíduo negro faz parte de uma sociedade que aboliu a escravidão e que equalizou a todos há mais de cem anos, tendo tempo e condições suficientes para se desenvolver e

modificar sua situação pessoal. Se não conseguiram, isso mais uma vez não se deve à herança colonial, escravocrata e racista, mas à sua incapacidade pessoal.[85]

Em terceiro lugar, a posição de Olavo de Carvalho em relação ao (não)lugar das tradições negro-africanas na cultura/civilização ocidental assenta na ideia de que não houve contribuição cultural negro-africana à cultura/civilização ocidental, e que essa mesma civilização ocidental é universal, o que nos leva a concluir que as tradições negroafricanas são particulares, meramente contextuais. Convém referir que aquilo que Olavo de Carvalho entende por cultura/civilização ocidental diz respeito à conjunção da tradição ontoteológica judaico-cristã (incluindo-se, aqui, a filosofia-teologia medieval), da metafísica greco-latina e, como síntese desses momentos, do Renascimento. Assim, o que interessa a Olavo de Carvalho, na sua definição da cultura/civilização ocidental é a universalidade da ontoteologia e, nesse caso, universalidade significa seja a perspectiva da escatologia cristã, representada de modo último pela revelação na correlação do Antigo e do Novo Testamentos, seja a ideia filosófica de determinação da antropologia/cultura/normatividade pela religião/biologia, pela centralidade de fundamentos essencialistas e naturalizados com caráter pré-político, pré-cultural e anti-histórico sobre a história, a cultura, a política, a sociedade. Nessa concepção, não só não entram as tradições negroafricanas, inferiores à ontoteologia, como também não tem lugar a modernidade iluminista materialista, relativista, ateia, ideológica e totalitária. A ontoteologia é, assim, associada por Olavo de Carvalho diretamente ao espiritualismo, correlacionada tanto com essa perspectiva de um intuicionismo epistêmico altamente individualista que, pela sua impotência, necessita permanentemente da graça divina representada e doada por Jesus Cristo quanto com essa ideia de determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade. Daqui devém a perspectiva dualista-maniqueísta de Olavo de Carvalho, de que só não é ideologia a ontoteologia e, nesse caso, a escatologia e a teodiceia judaico-cristãs, de que só não é ideologia o indivíduo e sua intuição direta, imediata, imediada, interiorizada e altamente pessoal da verdade, isto é, de Deus; e de que, então, todo o materialismo, toda a história, toda a política e toda ação intersubjetiva são apenas ideologias que negam a centralidade do indivíduo, que recusam o protagonismo do espírito e da graça, que deslegitimam a Deus e que buscam a manipulação e a massificação acima de tudo e contra a Verdade absoluta. Só a religião cristã e o indivíduo são bons; toda e qualquer forma política e histórica, sempre materialistas, são más, levam ao totalitarismo. Por isso mesmo, os verdadeiros valores universais são os valores do espírito, isto é, a condição religioso-biológica do homem e, então, a intuição individual, pessoal e direta do homem para com Deus. Todas as tradições culturais, filosóficas e políticas que destoam do arcabouço ontoteológico e que negam a centralidade seja do indivíduo de carne e osso, seja do espiritualismo,

estão fora da universalidade, fora da cultura/civilização ocidental, sendo esse o caso dos povos negros e da própria modernidade iluminista.[85]

Esta posição filosófica apresenta-se, então, extremamente mal construída, pela sua contradição epistêmica, ausência de critérios paradigmáticos, subjetivismo estrito, intuicionismo privatista, dualismo-maniqueísmo antropológico, fundamentalismo-dogmatismo religioso, postura antiobjetiva e antiestrutural em termos de justificação, imprecisão histórico-teórica, gerando, no âmbito ético-político, uma atuação antimoderna e antimodernizante que vai desde a recusa das minorias político-culturais, do Estado democrático de direito, dos direitos humanos e da discussão racional objetiva, cientificamente regulada, passa pela defesa do fundamentalismo e do dogmatismo religiosos como critério público institucional e chega exatamente ao autoritarismo e ao fascismo institucionais, sintetizado pelas máximas modelares do bolsonarismo hegemônico institucional e culturalmente. A consequência desta postura é a cegueira para a diversidade, a recusa da pluralização epistêmica, a negação da discussão racional-científica e, assim, a imoderação, a insensibilidade e o fechamento institucionais para a necessária reflexividade, criticidade e transformação das estruturas sociais, especialmente no que se refere às consequências de uma modernização conservadora altamente racista e autoritária.[85]

Governo Bolsonaro

Em novembro de 2018, após a eleição presidencial brasileira, declarou que (se convidado) aceitaria ser o embaixador do Brasil nos Estados Unidos.[86] Afirmou que, em caso de indicação pelo presidente eleito Jair Bolsonaro, este seria o único cargo que aceitaria.[87] Segundo ele:

> “ (...) *O que o Brasil mais precisa é de dinheiro. E, como embaixador nos EUA, eu saberia fazer dinheiro. Eu peguei alguma prática desse negócio de comércio internacional no tempo em que morei na Romênia. Eu não sou um total ignorante no comércio internacional.*[86]
> (...) *O embaixador no outro país tem autoridade total sobre seus conterrâneos ali. Pode mandar embora qualquer um, pode mandar prender qualquer um. Ele é um reizinho. Ele não tem que dar satisfação para a "petezada".*[87] ”

Era frequentemente citado pela imprensa como um "guru intelectual" de Jair Bolsonaro e dos filhos do presidente,[16][23][24][42][43][44][45] mas rejeitava essa classificação[46] e alegava que Bolsonaro era "aconselhado por generais covardes ou vendidos".[88]

Apesar de negar que tivesse influência no governo, Olavo sugeriu nomes para ocupar cargos no primeiro escalão e estes foram acatados por Bolsonaro: o ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo[89] e o ministro da Educação Ricardo Vélez Rodríguez,[90][91] tendo esse último sido posteriormente substituído por Abraham Weintraub, também aluno de Olavo.[92]

Em 2020, mais afastado do governo, gravou um vídeo chamando Bolsonaro de "covarde" e declarando que teria condições de tirá-lo da presidência.[93][47] Em dezembro de 2021, afirmou que Bolsonaro o usara como "garoto-propaganda" para se eleger.[94]

O deputado Rodrigo Maia afirmou que Carvalho comandava "um gabinete de ódio do exterior" em relação às críticas feitas ao então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta.[95]

Ciência

Embora não tivesse formação acadêmica[96] e seus escritos científicos sejam vistos por pesquisadores como pseudociência,[97] Olavo criticou fortemente diversas figuras que ocupam lugar destacado na história das ciências,[97] como por exemplo Isaac Newton, a quem acusa de ter disseminado "o vírus da burrice na Terra." A crítica estende-se ainda a Giordano Bruno, que segundo ele "não fez nenhuma descoberta (...). Nem sequer estudou as ciências modernas, física, astronomia, biologia ou matemática. Ele não foi condenado por defender teorias científicas, mas por prática de feitiçaria, que na época era crime",[98] e a Galileu:

> *Um fundo de* charlatanismo *parece já ter sido introduzido na* física *por Galileu, quando proclamou ter superado a noção da ciência antiga, segundo a qual um objeto não impelido por uma força externa permanece parado — uma ilusão dos* sentidos*, segundo ele. Na realidade, pontificava, um objeto em tais condições permanece* parado ou em movimento retilíneo e uniforme*. E, após ter assim derrubado a física antiga, esclarecia discretamente que o movimento retilíneo e uniforme não existe realmente, mas é uma ficção concebida pela mente para facilitar as medições. Ora, se o objeto não movido de fora permanece parado ou tem um movimento fictício, isto significa, rigorosamente, que ele permanece parado em todos os casos, exatamente como o dizia a física antiga, e que Galileu, mediante um novo sistema de medições, conseguiu apenas explicar por que ele permanece parado. Ou seja, Galileu não contestou a física antiga, apenas inventou um modo melhor*

> *de provar que ela tinha razão, e que o testemunho dos sentidos, sendo verídico o bastante, não tem em si a prova da sua veracidade — coisa que já era arroz-com-feijão desde o tempo de* Aristóteles*. Foi este episódio que inaugurou a mania dos cientistas modernos de tomarem simples mudanças de métodos como se fossem "provas" de uma nova constituição da realidade.*[98]

Também era crítico do trabalho de Georg Cantor a respeito de números transfinitos, acusando-o de confundir "números com seus meros signos", vendo seu trabalho como um "jogo de palavras" e uma "falsa lógica".[98]

Não acreditava no aquecimento global[99] e fundamentava-se no episódio que ficou conhecido como *Climategate*, em que *hackers*, nas vésperas da Conferência de Copenhague, disseminaram milhares de e-mails de climatologistas da Universidade de East Anglia, visando minar a credibilidade da conferência. Além disso, Olavo apontou que o *Climategate* seria obra da família Rockefeller, do Council of Foreign Relations e do Clube de Bilderberg, indicando-os como atores principais da Nova Ordem Mundial, também responsáveis pelas "campanhas mundiais abortista e gayzista, da nova religião global biônica, da proposta do governo Obama para o controle universal da circulação de capitais".[100]

Para Olavo, a AIDS não representava um risco para a população heterossexual, baseando-se no livro *The Myth of Heterosexual Aids* do jornalista Michael Fumento, não concordando também que a AIDS tenha sido um perigo iminente para toda a humanidade, alegando que essa ideia teria sido disseminada pela indústria farmacêutica e outros grupos para captar verbas governamentais.[100]

Em janeiro de 2019, publicou um vídeo em que discorda da teoria da relatividade e do heliocentrismo citando a Experiência de Michelson-Morley - experimento que visava comprovar a hipótese de éter luminífero - o experimento mostrou-se infundado porque a velocidade da luz é constante independente do movimento do observador e em nada ajudou à teoria da relatividade[101] e as comprovações de que os planetas giram ao redor do Sol já datam de séculos e até hoje recebe comprovações através de inúmeras descobertas.[102] Também afirmou não ter conseguido encontrar nada que refute o terraplanismo.[103]

Olavo de Carvalho já afirmou que células de fetos eram utilizadas na fabricação da Pepsi.[104][105][106][107] Apesar de criada fora do Brasil, Olavo foi o principal disseminador dessa *fake news*. O vídeo viralizou na época do Orkut.[104] Carvalho disse ainda que quem tomasse produtos da PepsiCo era "um abortista terceirizado".[105] A Agência Lupa e o Polígrafo analisaram o caso e concluíram que é uma *fake news*. A

controvérsia surgiu devido a um contrato entre a PepsiCo e a Senomyx; esta última utilizava uma cultura de células do tipo HEK-293, extraídas de um feto legalmente abortado nos Países Baixos em 1973, para criar novos sabores. No entanto, as células sofreram modificações e multiplicaram-se por mais de 45 anos em diferentes partes do mundo e, atualmente, nenhuma das células originais integra qualquer uma das culturas de HEK-293. Assim, é falso dizer que células de feto são utilizadas na Pepsi. Em dezembro de 2019, a PepsiCo afirmou que "não tem mais qualquer relação comercial com a Senomyx e não realiza ou financia pesquisas feitas com tecido humano ou culturas de células derivadas de embriões."[105][106]

Em 22 de março de 2020, durante a pandemia de COVID-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, afirmou que não havia nenhum caso confirmado de morte pelo referido vírus no mundo e que a pandemia seria "*uma invenção*" e "*a mais vasta manipulação de opinião pública que já aconteceu na história humana*".[108] Naquela data, a Organização Mundial da Saúde contabilizava mais de 294 mil casos da doença e 12.784 mortes dela decorrentes.[109] A plataforma YouTube retirou o vídeo do ar, embora ele continuasse repercutindo no Twitter.[110] Ele próprio foi diagnosticado com a doença em 16 de janeiro de 2022, oito dias antes de sua morte, cuja causa não foi divulgada.[111]

Visões

Olavo não avaliava o mundo contemporâneo como uma realização do progresso, mas como um ocaso, expressão de uma crise da civilização que, segundo sua linha de pensamento, seria o adentrar na barbárie. Isso seria o resultado de um processo de fortalecimento da consciência coletiva, iniciado no Renascimento que atinge seu ápice na Revolução Francesa com a prevalência da "opinião pública".[112] Segundo Benjamin R. Teitelbaum, que chegou a entrevistar Olavo, esse pensamento é típico de um tradicionalismo que acredita "*que a humanidade está ao fim de um longo ciclo de declínio e que vai ser concluído com destruição e renascimento*", em suas próprias palavras.[113]

Olavo era crítico do que chama de "sacerdócio das trevas", que engloba o kantianismo, o hegelianismo, o marxismo, o positivismo, o pragmatismo, o nietzscheanismo, a psicanálise, a filosofia analítica, o existencialismo, o desconstrucionismo, a teologia da libertação, o relativismo moral, cultural e ético, dentre outras correntes filosóficas e intelectuais. Segundo Carvalho, essas correntes transferem a responsabilidade de conhecer a verdade do indivíduo para o coletivo. Defende a teoria da conspiração conhecida como "marxismo cultural".[114]

Ele foi um grande crítico do pensamento coletivo nacional por sua suposta

despreocupação com o futuro. De acordo com seu pensamento, a cultura brasileira, orientada sobretudo para a autodefinição da especificidade, inclina-se a supervalorizar o popular, o antropológico e o documental acima do que chama de valores supratemporais.[112]

Em um debate em 1998, Carvalho afirmou que os mesmos que defendem o relativismo moral também possuem forte indignação moral, e que apesar de sua desvalorização no campo intelectual, no campo emocional as pessoas estão fortemente apegadas à ideia de moral.[12]

No seu livro *Aristóteles em Nova Perspectiva*, Olavo escreve que há embutida nas obras aristotélicas uma ideia central que passou despercebida por quase todos os seus leitores e estudiosos.[115]

Carlos Heitor Cony elogiou as publicações de Carvalho sobre Otto Maria Carpeaux[116][117] e Bruno Tolentino o classificou como "filósofo finíssimo, um erudito verdadeiro e um homem honestíssimo".[118]

Recepção acadêmica

Embora o pensamento de Olavo tenha grande audiência entre o público geral, especialmente pelo uso que faz das mídias sociais,[119][120] não obteve repercussão na academia,[121][119] e diversos pesquisadores e especialistas em filosofia e política têm criticado suas opiniões. Para José Arthur Giannotti, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a obra de Carvalho nunca foi uma referência no ambiente acadêmico e "*é absolutamente irrelevante do ponto de vista filosófico*".[72][119] Na visão de Alvaro Bianchi, diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, há pouca verdade na sua narrativa filosófica, considera bizarra e equivocada sua interpretação da história da filosofia, e diz não entender como "*essa montanha de erros parece consistente para seu público*".[119] Ao mesmo tempo, o acadêmico diz que sua fala "*se mostra persuasiva e eficaz por abordar os medos e as inseguranças do homem comum perante as transformações do mundo contemporâneo*", apresentando uma explicação simples mas equivocada para os problemas atuais: "*Marxistas, feministas e gays teriam provocado a crise da civilização cristã e empurrado a sociedade para o abismo. É obviamente uma teoria conspiratória à qual pessoas comuns podem se agarrar quando não conseguem uma explicação razoável para seus medos*".[122]

Esther Solano, doutora em Ciências Sociais e professora da Universidade Federal de São Paulo, pensa que a notoriedade de Carvalho só se explica no contexto das redes

sociais, sabendo se comunicar "*com base em frases polêmicas, conteúdos curtos, mensagens fáceis e ataques*".[119] Fabricio Pontin, doutor em Filosofia Política e professor de Direito e Relações Internacionais na Universidade La Salle, diz não ter "*a menor dúvida*" de que ele "*guarda um grande rancor dos anos que ele passou sendo achincalhado pelo establishment universitário brasileiro*". Comentando sobre a forma do seu discurso, disse que "*o jogo do Olavo é plantar algum tipo de dúvida sobre uma questão consolidada no discurso público*", e a partir disso ele desqualificava todas as inferências sobre os fatos consumados. Apesar da crítica, Pontin disse que ele soube aproveitar muito bem o espaço deixado aberto pela academia em sua recusa de abandonar seu próprio ambiente e dialogar com o grande público: "*Acho que toda essa polêmica ao redor do Olavo é uma excelente oportunidade para o pessoal nas universidades acordar e começar a pensar, sobretudo a Filosofia Política e Moral, para além das bolhas e câmaras de eco da universidade*".[121]

Geovani Moretto, coordenador do curso de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, afirma que antigamente se admirava com a capacidade de Olavo "*debater a filosofia a partir de questões cotidianas, da política e da economia*". No entanto, Moretto diz que Olavo virou aquilo que tanto criticava: um dogmático.[41] Daniel Tourinho Peres, doutor em Filosofia e professor da Universidade Federal da Bahia, disse que "*Olavo de Carvalho é um obscurantista, retrógrado, seu discurso é puramente ideológico e não tem sustentação argumentativa*", e seu pensamento representa uma ameaça para o sistema universitário e para a ciência.[123] Bruno Lima Rocha, doutor em Ciência Política, considera que sua notoriedade advém da quebra dos padrões do politicamente correto e, por consequência, não se compromete com "*a correção na política e menos ainda no reconhecimento dos direitos de reconhecimento, diversidade, diferença sem desigualdade e um país pluriétnico*".[120]

Liriam Sponholz, pós-doutora em Comunicação e livre-docente na Alpen-Adria-Universität em Klagenfurth, e Rogério Christofoletti, doutor em Comunicação e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, reconheceram Olavo como um representante do discurso de ódio no Brasil.[124] Para Flávio Moura, doutor em Sociologia, em seus escritos abundam afirmações delirantes, preconceituosas e intolerantes, e nos últimos anos Olavo "*deixou de se preocupar com a solidez dos argumentos*" e "*desistiu do reconhecimento dos intelectuais sérios*", transformando-se em figura burlesca. "*Nesse processo, foi abandonado pela direita inteligente e assumiu a condição de guru de uma turma desprovida de formação, movida a ódio e ressentimento*".[125]

Segundo João Vitor Santos, em matéria para a *Revista do Instituto Humanitas* da Unisinos, ele "*é tomado por muitos como um dos centrais pensadores da extrema direita*

brasileira",[121] e em pesquisa desenvolvida para estudar os impactos do seu discurso, analisando seus textos, vídeos e aulas, Rosa, Rezende & Martins concluíram que ele é "certamente o maior influenciador das novíssimas direitas conservadoras no Brasil". Para os autores, "é possível verificar que a construção supostamente teórica apresentada por ele se fundamenta exclusivamente em pesquisas que visam localizar determinados escritos que corroboraram as suas análises, independente de sua veracidade. O que conta é a possibilidade de confirmar tudo aquilo que reitera a sua teoria conspiratória". Continuando a análise, os pesquisadores consideram que sua visão de mundo é em boa parte baseada em informações equivocadas, e é excessivamente simplificada numa grande polarização, onde, de um lado, estão as pessoas que considera "de bem", as que "trabalham, que seguem uma vida reta, cristã, dentro da lei e da ordem", e do outro, os que não se encaixam nessa construção, onde se incluem "os esquerdistas, comunistas, anarquistas, índios, prostitutas, gays, drogados, defensores de bandidos e dos direitos humanos". Para os pesquisadores, essa dicotomia, a despeito de sua inconsistência, artificialidade e parcialidade, não obstante exerce um importante impacto social e aparece para o público como verdade, "mesmo sendo *fake news*", além de servir como munição para grupos conservadores articulados por canais da internet e dedicados a uma suposta moralização da sociedade, mas divulgando informações equivocadas, distorcidas ou sem fontes, além de promoverem o racismo de Estado alegadamente "em defesa da sociedade".[126]

Outros críticos incluem Janer Cristaldo,[127] o engenheiro José Colucci Jr,[128] e os jornalistas Mário Augusto Jakobskind[129] e Sebastião Nery. Este último afirmou notar a falta de formação acadêmica em filosofia de Olavo, o que o impediria de lecionar a matéria em âmbito acadêmico, dizendo ainda que "isso tem nome: falsidade ideológica. E está no Código Penal".[130]

Disputas judiciais

Em virtude de críticas realizadas em seus artigos e *talk show*, Olavo foi acionado judicialmente em 2007 pelo professor aposentado de filosofia da Unicamp João Carlos Kfouri Quartim de Moraes.[131] Em sentença de 28 de novembro de 2012, somente as empresas foram condenadas a indenizar Quartim por danos morais, constando ainda que Olavo deixou de fazer parte do processo, em virtude da desistência posterior do autor do prosseguimento da ação em relação a ele, por este residir em local incerto, fora do país.[132]

Olavo acionou judicialmente em 2016 a Editora Abril devido a comentários feitos pelo

jornalista Reinaldo Azevedo em *blog* mantido na página da *Revista Veja*, mas em primeira instância teve seu pedido de direito de resposta negado em duas ações.[133][134] Uma terceira ação tramita na Vara Criminal de Barueri, por injúria, contra o próprio jornalista.[135] Em 2019 foi condenado na justiça a pagar uma dívida milionária a Caetano Veloso, após dizer em rede social que ele seria pedófilo.[136]

Em 2017, Caetano Veloso entrou com uma ação contra Olavo de Carvalho por tê-lo acusado no Twitter de pedofilia por causa de seu relacionamento com Paula Lavigne.[137] Caetano e Paula começaram a se relacionar em 1982, quando tinham 40 e 14 anos respectivamente. O casal tem dois filhos, se separaram em 2009 e reataram em 2016.[138] Apesar de controversa, a união não se enquadrava em crime na época.[139] Essa não é a primeira vez que os dois brigam. Olavo chegou a registar uma queixa-crime após Caetano Veloso criticá-lo em artigo para a Folha de S. Paulo.[140] Olavo foi apenas uma várias pessoas processadas pelo casal na ocasião, como o pastor Marco Feliciano[141] e membros do MBL.[142] Olavo foi condenado a pagar R$ 2,9 milhões e a apagar as postagens ofensivas do Twitter. Olavo pagou R$ 65 966,78 em 2020, mas se negou a apagar as postagens. Por isso, foi condenado a pagar uma multa diária de R$ 10 mil até que as ordens judiciais fossem cumpridas. A multa acumulou em R$ 2,9 milhões e Olavo entrou com um recurso, que foi negado em 2021. Com a morte de Olavo em 2022, Caetano terá que esperar a partilha de seus bens se quiser continuar com o processo.[137]

Em 2021, a 5.ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo determinou que a revista *IstoÉ* excluísse de seu site uma reportagem que mostra Olavo de Carvalho como um bobo da corte. A reportagem foi capa da edição de maio de 2019; nela, Carvalho aparecia com um chapéu de bobo da corte com a expressão "o imbecil". Para o Tribunal, a matéria "acabou por, sem dúvida, encerrar ofensas à dignidade e à moral do demandante", determinando ainda que a *IstoÉ* pagasse uma indenização de 40 mil reais a Carvalho.[143]

Site "Mídia Sem Máscara"

O Mídia Sem Máscara (MSM) foi um website fundado por Olavo em 2002 com o objetivo de combater o "viés esquerdista da grande mídia brasileira".[144] O site se estrutura ao redor de um grupo de redatores e editores, majoritariamente

Mídia Sem Máscara

brasileiros.[145]

Em janeiro de 2018, o conselho editorial era formado por Olavo de Carvalho, Edson Camargo, Graça Salgueiro, Heitor de Paola, Percival Puggina, Nivaldo Cordeiro, Ipojuca Pontes e Carlos I. S. Azambuja, o editor executivo era Edson Camargo.[146]

Página inicial do website em fevereiro de 2018

Lema	"Qui scribit, bis legit (do latim: Aquele que escreve, lê duas vezes)"
Fundação	agosto de 2002
Sede	Richmond, Virgínia, Estados Unidos
Línguas oficiais	língua portuguesa
Editor-chefe	**Olavo de Carvalho**
Fundador(a)	**Olavo de Carvalho**
Sítio oficial	midiasemmascara.org

Filme "O Jardim das Aflições"

Ver artigo principal: O Jardim das Aflições (filme)

O cineasta pernambucano Josias Teófilo, dirigiu um filme que aborda a vida doméstica, biografia e visão de mundo de Olavo de Carvalho, rodado na residência deste em Colonial Heights, EUA.[147] O longa-metragem *O Jardim das Aflições*,[148] título retirado de um de seus livros, contou com a produção de Matheus Bazzo e direção de fotografia de Daniel Aragão. O filme foi inteiramente realizado com recursos captados através de financiamento coletivo e lançou em 2017.[149] Ao todo foram quase três mil doadores e arrecadação de 320 mil reais.[150][151][152] No festival Cine PE, realizado de 27 de Junho a 3 de Julho de 2017, *O Jardim das Aflições* foi premiado em três categorias: melhor montagem, júri popular e melhor filme.[153][154]

Vida pessoal

Segundo o próprio Carvalho, ele abandonou a escola na "quarta série do ginásio", o equivalente ao oitavo ano do ensino fundamental.[155]

Olavo de Carvalho morava desde 2005 na área rural do Condado de Dinwiddie, ao sul de Richmond, no estado norte-americano de Virgínia.[156] Segundo ele, um dos motivos para sua mudança do Brasil para os Estados Unidos foi a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) à Presidência da República no Brasil.[41]

Carvalho declarou em seu programa[*qual?*] que em dezembro de 2009 teria recebido do governo dos Estados Unidos o visto de residência após um tempo de espera de aproximadamente três anos, ao final do qual passou a residir naquele país. Olavo

afirma que foi agraciado com um visto de "habilidades extraordinárias" (*extraodinary ability*, no original), concedido pelo governo americano a pessoas com talentos especiais.[157] Segundo o site de notícias Catraca Livre, Carvalho não preenche os requisitos para esse tipo de visto, tampouco já provou alguma vez tê-lo recebido.[157]

Desde que se mudou para os Estados Unidos, além da manutenção periódica de seu *website* com novos artigos e ensaios, Carvalho ministrava cursos à distância e presenciais sobre História da Filosofia, bem como promovia palestras e conferências. Estes cursos eram, para ele, uma forma encontrada para enfrentar o que define como a "morte da alta cultura brasileira".[41] Carvalho foi também o presidente de uma organização não governamental (ONG) chamada "*Inter-american Institute*".[158]

Morte

A família de Carvalho divulgou uma nota em redes sociais sobre sua morte, ocorrida em 24 de janeiro de 2022, oito dias após ser diagnosticado com COVID-19.[159][160] Olavo estava internado num hospital em Richmond, na Virgínia, Estados Unidos.[159] Embora a causa da morte não tenha sido divulgada junto da nota, sua filha Heloísa afirmou que ela se deveu à COVID-19.[161] Por outro lado, Ahmed Youssif El Tassa, médico dele, disse que o motivo do falecimento teria sido uma “insuficiência respiratória aguda” associada a pneumonia bacteriana.[162]

Olavo de Carvalho negava a existência da pandemia,[163] chegando a afirmar, em 2020, que o coronavírus era "a mais vasta manipulação de opinião pública que já aconteceu na história humana”.[164] O escritor também era crítico da vacinação, da proteção pessoal com a utilização de máscara e do confinamento.[165]

Após a sua morte, políticos de extrema-direita, como o presidente da República Jair Bolsonaro e seus filhos, lamentaram o ocorrido.[166][167] Ministros, ex-ministros e parlamentares do mesmo espectro político também se manifestaram.[168]

No dia 25 de janeiro, o Palácio do Planalto emitiu nota oficial de pesar sobre sua morte. Segundo a nota, Olavo deixou como legado "um verdadeiro apostolado a respeito da vida intelectual" e teria inspirado e influenciado "dezenas de milhares de alunos e leitores – inclusive, levando muitos à conversão à fé".[169]

Olavo foi enterrado no Cemitério Saint Joseph em Petersburg, Virgínia, Estados Unidos, no dia 26 de janeiro. Em seu funeral, estiveram presentes familiares, o ex-chanceler Ernesto Araújo, o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Nestor Forster, e o blogueiro Allan dos Santos.[170]

Apesar da falta de formação na área,[171] duas ruas foram denominadas no Brasil como "Filósofo Olavo de Carvalho": Em 10 de março de 2022, a Câmara Municipal de Sorocaba aprovou um projeto com a decisão[172][173] e, em 5 de setembro de 2022, a Câmara Municipal de Porto Alegre repetiu o ato.[174]

Condecorações

- 1999 - Medalha do Pacificador[3]
- 2000 - Distinção honorífica da Ordem Nacional do Mérito da Romênia[6]
- 2001 - Medalha do Mérito Santos-Dumont[5]
- 2012 - Medalha Tiradentes[4]
- 2019 - Ordem do Rio Branco, no grau de Grã-Cruz[175]

Obras

- *A imagem do homem na astrologia*. São Paulo: Jvpiter. 1980.
- *O crime da Madre Agnes ou A confusão entre espiritualidade e psiquismo*. São Paulo: Speculum. 1983.
- *Questões de simbolismo astrológico*. São Paulo: Speculum. 1983
- *Universalidade e abstração e outros estudos*. São Paulo: Speculum. 1983.
- *Astros e símbolos*. São Paulo: Nova Stella. 1985.

Vide Editorial, 2012.

- *Visões de Descartes entre o gênio mal e o espírito da verdade*. Vide Editorial, 2013
- *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota*, Felipe Moura Brasil (org.), 467 páginas, Rio de Janeiro: Record, 2013.
- *Apoteose da vigarice – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume I). São Paulo: Vide Editorial, 2013.

- *Astrologia e religião.* São Paulo: Nova Stella. 1986.
- *Fronteiras da tradição.* São Paulo: Nova Stella. 1986.
- *Símbolos e mitos no filme "O silêncio dos inocentes".* Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais. 1992.
- *Os gêneros literários: seus fundamentos metafísicos.* 1993.
- *O caráter como forma pura da personalidade.* 1993.
- *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci.* Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi. 1994.[176]
- *Uma filosofia aristotélica da cultura.* Rio de janeiro: Instituto de Artes Liberais. 1994.
- *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil*, Rio de Janeiro: Diadorim. 1995.
- *Aristóteles em nova perspectiva: Introdução à teoria dos quatro discursos.* Rio de janeiro: Topbooks. 1996.
- *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras.* Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade. 1996.
- *O futuro do pensamento brasileiro. Estudos sobre o nosso lugar no mundo.* 1998.
- *O imbecil coletivo II: A longa marcha da vaca para o brejo e, logo atrás dela, os filhos da PUC, as quais obras juntas*
- *O mundo como jamais funcionou – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume II). Vide Editorial, 2014.
- *A Fórmula para Enlouquecer o Mundo – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume III). Vide Editorial, 2014.
- *A inversão revolucionária em ação – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume IV). Vide Editorial, 2015.
- *O império mundial da burla – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume V). Vide Editorial, 2016.
- *O dever de insultar – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume VI). Vide Editorial, 2016.
- *Breve retrato do Brasil – Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (Volume VII). Vide Editorial, 2017.
- *Os Histéricos no Poder. Cartas de Um Terráqueo ao Planeta Brasil* (Volume VIII). Vide Editorial, 2018.

Como autor secundário

- Arthur Schopenhauer. *Como vencer um debate sem precisar ter razão: em 38 estratagemas (dialética erística).* Introdução, notas e comentários de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- Otto Maria Carpeaux. *Ensaios reunidos, 1942-1978.* Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: UniverCidade & Topbooks. 1999.
- Émile Boutroux. *Aristóteles.* Introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de

formam, para ensinança dos pequenos e escarmento dos grandes. Rio de Janeiro: Topbooks. 1998.

- *O Exército na História do Brasil*. Edição bilíngue (português / inglês). 4 Vols. Rio de Janeiro/Salvador: Biblioteca do. Exército e Fundação Odebrecht, 1998.
- *Coleção história essencial da filosofia*. São Paulo: É Realizações. 2002-2006.
- *A Dialética Simbólica - Ensaios Reunidos* São Paulo: É Realizações. 2006.
- *Maquiavel ou A Confusão Demoníaca* São Paulo: Vide Editorial. 2011.
- *A filosofia e seu Inverso*, São Paulo: Vide Editorial. 2012.
- *Os EUA e a nova ordem mundial* (coautor Alexandre Dugin), São Paulo: Janeiro: Record. 1999.
- René Guénon. *A Metafísica Oriental*. Tradução de Olavo de Carvalho.
- Mário Ferreira dos Santos - *A Sabedoria das Leis Eternas*. Introdução, edição de texto e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo: É Realizações. 2001.
- Paulo Mercadante. *A coerência das incertezas: símbolos e mitos na fenomenologia histórica luso-brasileira*. Introdução, edição de texto e notas de Olavo de Carvalho. É Realizações, 2001.
- Wolfgang Smith. *O Enigma Quântico*. Prefácio à Edição Brasileira: Olavo de Carvalho. Vide Editorial, 2011.
- Andrew Lobaczewski. *Ponerologia: Psicopatas no Poder*. Com prefácio de Olavo de Carvalho. Vide Editorial, 2014.

Ver também

- Anticomunismo
- Anti-intelectualismo
- Dogmatismo
- Pragmatismo

Notas

1. ↑ As ocupações já exercidas pelo biografado incluem, mas não se limitam a: jornalista,[10][11][12] ensaísta,[4][13][12] astrólogo,[14][15][16] ideólogo[17][18][19] influenciador digital,[20][21][22] e pensador.[23][24]

Referências

1. ↑ *a* *b* Teitelbaum, Benjamin R. (21 de abril de 2020). «20-Deep States». *War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers* (em inglês). [S.l.]: HarperCollins. ISBN 978-0-06-297847-9. “I was beginning to understand why a reader of Guénon would become a champion of Bolsonaro. Olavo’s focus on Traditionalism’s opposition to modern science, though seemingly an apolitical subject, may have been more relevant to his analysis of political and social life than I first thought. In writing and in conversation he waxes seamlessly from criticisms of the scientific process to critiques of modern knowledge to criticism of the institutions whose authority rests obliquely on modernist knowledge. It is in that final step when Traditionalism and populism can come together, when we can draw a line between astrology, alchemy, and the president. Not only are Brazil’s media, education system, and government corrupted by money and self-interests in his mind, but they are purveyors of ignorance, too, because of their blind investment in modern science and its inability to account for, let alone value, spirituality. The only immateriality they will admit is the abstractions of mathematics, which themselves serve to confuse as well, Olavo contends. Like Bannon, Olavo finds a trace of solace among the poor and uneducated, those most distanced from institutionalized education and knowledge production. In Brazil as in the United States, they are the keepers of spirit, those who have achieved a measure of community and context otherwise elusive in modernity. They are neither mathematical abstractions nor the bearers of hollow titles granted by hollow modern institutions. They are reality. They are the core.”
2. ↑ "Bolsonaro comenta foto de Olavo de Carvalho em hospital e preocupa fãs". iG.
3. ↑ *a* *b* «Secretaria-Geral do Exército - Portaria nº 391, de 21 de julho de 1999. Medalha do Pacificador - outorga.». Consultado em 22 de Julho de 2016
4. ↑ *a* *b* *c* *d* Bolsonaro, Flávio. «Projeto de Resolução nº 536/2011. Ementa: concede a medalha Tiradentes e o respectivo diploma ao filósofo, escritor, jornalista e conferencista Olavo Luiz Pimentel de Carvalho.». Consultado em 22 de Julho de 2016. Cópia arquivada em 14 de setembro de 2016

5. ↑ a b Poder Legislativo; Dep. Flávio Bolsonaro (30 de novembro de 2011). «Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro (DOERJ)». *Projeto de Resolução Nº 536/2011*. JusBrasil. 3 páginas. Consultado em 18 de junho de 2013. "Projeto de Resolução Nº 536/2011 concede a Medalha Tiradentes e o respectivo diploma ao jornalista, ensaísta e conferencista Olavo Luiz Pimentel de Carvalho. (...) Foi homenageado com a Medalha do Pacificador, Medalha Mérito Santos Dumont, Comendador da (Ordem Nacional do Mérito da Romênia) e Primeiro Prêmio em concurso de ensaios sobre história islâmica instituído pela Embaixada do Reino da Arábia Saudita."
6. ↑ a b «Camera Deputatilor - *DECRET nr.581 din 5 decembrie 2000, privind conferirea Ordinului naţional Pentru Merit.*» (em romeno). Consultado em 22 de julho de 2016
7. ↑ «O Jornalista e Católico Mariano Olavo de Carvalho discute as posições do Papa Francisco». *Site Católico - Amor Mariano*. 24 de setembro de 2013
8. ↑ olavodecarvalho.org/dados-biograficos/ "Olavo de Carvalho, nascido em Campinas, Estado de São Paulo, em 29 de abril de 1947, [...]"
9. ↑ Ribeiro, Weudson (16 de janeiro de 2021). «Com covid, Olavo de Carvalho cancela transmissão de aulas online». *UOL Cotidiano*. Cópia arquivada em 16 de janeiro de 2022
10. ↑ «Olavo de Carvalho pede que ex-alunos deixem governo: quem são esses nomes?». *UOL*
11. ↑ «Olavo de Carvalho ataca generais do governo Bolsonaro». Poder360
12. ↑ a b c «Folha de S.Paulo - Diálogos impertinentes: A abrangência da moral - 25/10/98». *www1.folha.uol.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017
13. ↑ Messenberg, Débora (2017). «A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros». *Sociedade e Estado*. **32** (3): 621–648. ISSN 0102-6992. doi:10.1590/s0102-69922017.3203004
14. ↑ «Juan Alfredo César Müller - Central Nacional de Astrologia». Central Nacional de Astrologia. 27 de janeiro de 2010. Consultado em 13 de fevereiro de 2017
15. ↑ João Fellet (15 de dezembro de 2016). «Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias». BBC Brasil. Consultado em 23 de dezembro de 2016

16. ↑ a b «De astrólogo a guru intelectual do clã Bolsonaro: conheça a trajetória de Olavo de Carvalho». *Fórum*. 25 de novembro de 2018. Consultado em 11 de abril de 2019
17. ↑ «Olavo, o ideólogo». *Istoé*. 23 de novembro de 2018
18. ↑ «Entidade condena crítica de Olavo de Carvalho à imprensa». *Folha de S. Paulo*. 18 de dezembro de 2018
19. ↑ Alexandre Andrada (29 de outubro de 2018). «Olavo de carvalho o ideólogo do conservadorismo paranoico nacional». *The Intercept*
20. ↑ As frases que marcaram a semana. *Veja*, 22 mar 2019.
21. ↑ Orvalho de cavalo e bananas. Por Vinicius Torres Freire. *Folha de S. Paulo*, 10 de março de 2019.
22. ↑ "Bando de cagão com medo da mídia", é assim que Olavo de Carvalho se refere aos militares no governo. Por Lilian Milena. GGN, 18 de março de 2019.
23. ↑ a b Barreto, Marcelo Menna (2018). «Olavo de Carvalho: o guru autodidata de Bolsonaro». *Extra Classe*. Cópia arquivada em 10 de fevereiro de 2019
24. ↑ a b «Quem é o pensador que faz a cabeça de Jair Bolsonaro. Ideólogo da nova direita, Olavo de Carvalho, 71 anos, exerce influência que vai além de Bolsonaro. Ex-astrólogo, já emplacou dois nomes no governo». *O Povo*. 26 de novembro de 2018
25. ↑ Rodrigues, Lidiane Soares (2018). «Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/2002–2016)». *Política & Sociedade*. **17** (39): 277–312. ISSN 2175-7984. doi:10.5007/2175-7984.2017v17n39p277
26. ↑ Mário Magalhães (15 de dezembro de 2016). «A estranha obsessão de Olavo de Carvalho pelo furico alheio». The Intercept. Consultado em 16 de outubro de 2019
27. ↑ Costa, Ana Clara; Ghirotto, Edoardo (30 de novembro de 2018). « "Eu sou o segundo governo" ». *Veja*. Cópia arquivada em 10 de fevereiro de 2019. "Quem é o guru da direita que conquista fiéis com cursos on-line e vocabulário obsceno, ensinará filosofia a parlamentares e indica ministros para Bolsonaro"
28. ↑ José Antônio (15 de dezembro de 2016). «Corram, os comunistas estão chegando». CartaCapital. Consultado em 16 de outubro de 2019. Cópia arquivada em 11 de outubro de 2015

29. ↑ Olavo de Carvalho e Stefan Molyneux - Youtube (26 de julho de 2017). «Why Cultural Marxism Matters». Olavo de Carvalho - Website Oficial. Consultado em 16 de outubro de 2019

30. ↑ Vinicius Siqueira (14 de novembro de 2014). «O que é marxismo cultural? Uma abordagem à esquerda». Colunas Tortas. Consultado em 16 de outubro de 2019. Cópia arquivada em 14 de maio de 2017

31. ↑ Carla Jiménez (11 de dezembro de 2018). « "Anti-marxista" indicado por Olavo de Carvalho será ministro da Educação». Colunas Tortas. Consultado em 16 de outubro de 2019

32. ↑ Liriam Sponholz Christofoletti (23 de dezembro de 2018). «From preachers to comedians: Ideal types of hate speakers in Brazil». Global Media and Communication. Consultado em 16 de outubro de 2019

33. ↑ Fausto, Ruy (2017). *Caminhos da esquerda: elementos para uma reconstrução*. São Paulo: Companhia das Letras. OCLC 1030610765. “Para se ter uma ideia de até onde vai o discurso de Olavo de Carvalho, ofereço ao leitor esta pérola de ódio, extraída de uma das suas obras recentes: "Quem quer que estude as vidas de cada um deles descobrirá que Voltaire, Diderot, Jean-Jacques Rousseau, Sade, Karl Marx, Tolstói, Bertolt Brecht, Lênin, Stálin, Fidel Castro, Che Guevara, Mao Tse-tung, Bertrand Russell, Jean-Paul Sartre, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Georg Lukács, Antonio Gramsci, Lillian Hellman, Michel Foucault, Louis Althusser, Norman Mailer, Noam Chomsky e tutti quanti foram indivíduos sádicos, obsessivamente mentirosos, aproveitadores cínicos, vaidosos até à demência, desprovidos de qualquer sentimento moral superior e de qualquer boa intenção por mais mínima que fosse, exceto, talvez, no sentido de usar as palavras mais nobres para nomear os atos mais torpes. Outros foram estupradores ou exploradores de mulheres, opressores vis de seus empregados, agressores de suas esposas e filhos. Outros, orgulhosamente pedófilos. Em suma, o panteão dos ídolos do esquerdismo universal era uma galeria de deformidades morais de fazer inveja à lista de vilões da literatura universal. De fato, não se encontrará entre os personagens de Shakespeare, Balzac, Dostoiévski e demais clássicos nenhum que se compare, em malícia e crueldade, a um Stálin, a um Hitler ou a um Mao Tse-tung"”

34. ↑ «Brasil, um país do passado». DW.com. 28 de novembro de 2018. Consultado em 16 de outubro de 2019

35. ↑ João Fellet (15 de dezembro de 2016). «Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias». BBC News Brasil. Consultado em 16 de outubro de 2019

36. ↑ Lucas Patschiki (15 de dezembro de 2016). «Fascismo e internet, uma possibilidade de análise social através das redes extrapartidárias: o caso do "Mídia sem Máscara" » (PDF). BBC News Brasil. Consultado em 16 de outubro de 2019

37. ↑ Dantas, Dimitrius (10 de fevereiro de 2019). «Olavo de Carvalho está errado e não entendeu Kant, dizem três nomes de destaque da academia brasileira». O Globo. Consultado em 16 de outubro de 2019. Cópia arquivada em 29 de dezembro de 2019. "Professores universitários debatem lições dadas em aula on-line daquele que é considerado o 'guru' do novo governo"

38. ↑ Secches, Fabiane (14 de dezembro de 2018). «Esnobado por intelectuais, Olavo de Carvalho dominou vídeo e redes sociais». Folha de S. Paulo. Cópia arquivada em 12 de junho de 2019

39. ↑ Fausto, Ruy (30 de novembro de 2018). «Única coisa rigorosa no discurso de Olavo são os palavrões, diz Ruy Fausto». Folha de S. Paulo. Consultado em 16 de outubro de 2019. Cópia arquivada em 19 de outubro de 2019

40. ↑ *a b* Guedes, Diogo (9 de julho de 2017). «Olavo de Carvalho, pensador que desperta opiniões antagônicas». Jornal do Commercio. Cópia arquivada em 29 de março de 2020. "É mais do que um pensador importante: chamado normalmente de "mestre" ou "professor", é tido como a única voz autossuficiente da intelectualidade brasileira, que vai, com profundidade, contra a corrente da obviedade dos acadêmicos, do status quo, enfim, dos modelos estabelecidos."

41. ↑ *a b c d e f g h i j k* João Fellet (15 de dezembro de 2016). «Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias». BBC Brasil. Consultado em 23 de dezembro de 2016. "Segundo Carvalho, a esquerda dominou a imprensa e as universidades brasileiras há várias décadas em estratégia que seguia o suposto ideário do marxista italiano Antonio Gramsci (1891-1937). O objetivo, diz ele, era criar uma "atmosfera mental" em que a população se tornasse socialista sem perceber."

42. ↑ *a b* «Militares entram na mira de Olavo de Carvalho, 'guru' de Bolsonaro». Metro1. 18 de março de 2019. Consultado em 18 de março de 2019

43. ↑ *a b* «Guru do bolsonarismo, Olavo de Carvalho orienta alunos a deixarem governo». O Globo. 8 de março de 2019. Consultado em 18 de março de 2019

44. ↑ [a] [b] «*Guru* de Bolsonaro, Olavo de Carvalho chama parlamentares do PSL de semianalfabetos e caipiras». Estado de Minas. 17 de janeiro de 2019. Consultado em 18 de março de 2019

45. ↑ [a] [b] «Guru de Bolsonaro, Olavo de Carvalho reforça crítica ao Escola sem Partido: "Colocaram a carroça na frente dos bois" ». GaúchaZH. 23 de novembro de 2018. Consultado em 18 de março de 2019

46. ↑ [a] [b] «Olavo de Carvalho: 'Eu sou o guru dessa porcaria?' ». Veja. 17 de janeiro de 2019. Consultado em 18 de março de 2019

47. ↑ [a] [b] « 'Se continuar assim, mais seis meses e acabou', diz Olavo de Carvalho sobre governo Bolsonaro». O Globo. 17 de março de 2019. Consultado em 18 de março de 2019. "Olavo reiterou que não se vê como guru do governo Bolsonaro e atacou a mídia."

48. ↑ [a] [b] «Juan Alfredo César Müller - Central Nacional de Astrologia». Central Nacional de Astrologia. 27 de janeiro de 2010. Consultado em 13 de fevereiro de 2017

49. ↑ Pages, Digital. «Folha de S.Paulo - Edição de 27/02/1977». *acervo.folha.uol.com.br*

50. ↑ "Segredos da Flauta Mágica" por Olavo de Carvalho, caderno Folhetim da Folha de S. Paulo, edição de 27 de fevereiro de 1977

51. ↑ «Morre o guru bolsonarista Olavo de Carvalho, nos EUA, aos 74 anos». *O Globo*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 18 de março de 2022

52. ↑ [a] [b] Edmundo Leite (23 de novembro de 2018). «Olavo de Carvalho dava orientação profissional com astrologia». Acervo Estadão. Consultado em 1 de novembro de 2019. "Além de astrologia, Olavo era fundador da Escola Júpiter de Astrologia[...]"

53. ↑ Antonio Carlos S. Harres (maio de 1997). «A Astrologia no Brasil». Espaço Astrológico. Consultado em 1 de novembro de 2019. "O pioneirismo da Escola Júpiter – fundada por Olavo de Carvalho, Marylou Simonsen e o autor destas linhas [...]"

54. ↑ *Alto Astral*", *Revista Veja*, *9 de abril de 1980, edição 605, p. 68*

55. ↑ Paula Scarpin, Escrito nas estrelas , Piauí, edição 140, maio de 2018

56. ↑ «Diálogos Impertinentes - A MORAL 29/09/1998». *PUC-SP | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. Consultado em 18 de março de 2022

57. ↑ Stanislavs Ladusãns (1992). *Gnosiologia pluridimensional: fundamentos fenomenológico-críticos do conhecimento da verdade*. [S.l.]: Edições Loyola págs. 177-178-186. ISBN 9788515005536 Adicionado em 5 de novembro de 2019.

58. ↑ Stanislavs., Ladusãns; Brazil, Colóquio Filosófico Internacional (16th : 1985 : Rio de Janeiro, (1 de janeiro de 1988). *A análise social filosófico-cristã*. [S.l.]: Presença. ISBN 9788525200327. OCLC 49699612

59. ↑ «Olavo de Carvalho». Diário do Comércio. Consultado em 17 de janeiro de 2017

60. ↑ «Novo livro da série "Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil" chega às livrarias». *Estadão*. 9 de março de 2017. Consultado em 10 de março de 2017

61. ↑ Campos, Roberto (22 de setembro de 1996). «A brincadeira de Sokal...». Folha de S.Paulo. Consultado em 19 de dezembro de 2016

62. ↑ *a* *b* Johannes Jacobse (8 de março de 2011). «*The USA and the New World Order: A Debate Between Alexandr Dugin and Olavo de Carvalho*». AOIUSA. Consultado em 27 de março de 2018

63. ↑ Kincaid, Cliff (2 de Março de 2015). «Israel's Enemies in America and Russia.». Consultado em 22 de Julho de 2016

64. ↑ Olavo de Carvalho, Aleksa Duginndr (2012). «THE USA AND THE NEW WORLD ORDER - A Debate Between Olavo de Carvalho and Aleksandr Dugin» (PDF). *Radio Muzyka Fakty Grupa RMF*

65. ↑ Chiţan, Simona; Tronaru, Doinel (17 de novembro de 2016). «Horia-Roman Patapievici, despre „Statele Unite şi Noua Ordine Mondială": „În planul lui Putin, România nu are niciun viitor, trebuie să fie o parte a Rusiei" VIDEO». *adevarul.ro* (em romeno). Consultado em 24 de janeiro de 2017

66. ↑ Rodolfo Borges (1 de agosto de 2015). «A direita brasileira que saiu do armário não para de vender livros». El País. Consultado em 5 de maio de 2016. Cópia arquivada em 3 de agosto de 2015

67. ↑ Ramalhete, Carlos (23 de junho de 2013). «Cala a boca já morreu». Gazeta do Povo. Consultado em 12 de Maio de 2017

68. ↑ Briguet, Paulo (25 de agosto de 2013). «Para não ser idiota». *Gazeta do Povo*. Consultado em 12 de maio de 2017

69. ↑ Azevedo, Reinaldo (2 de setembro de 2013). « "O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota" ». Veja. Consultado em 22 de abril de 2017

70. ↑ [a] [b] «Conhecer o Foro de São Paulo é o mínimo para não ser um idiota». Livraria da Folha de S.Paulo. 19 de novembro de 2014. Consultado em 15 de janeiro de 2017

71. ↑ «O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota». *padrepauloricardo.org*. Consultado em 19 de abril de 2017

72. ↑ [a] [b] Ricardo Della Coletta (2 de dezembro de 2018). «Olavo de Carvalho, o Brasil só fala dele». *El País*

73. ↑ Gois, Anselmo (12 de junho de 2019). «No Youtube, os vídeos de Olavo de Carvalho estão marcados como... comédia». O Globo. Consultado em 5 de novembro de 2019

74. ↑ Secches, Fabiane (14 de dezembro de 2018). «Esnobado por intelectuais, Olavo de Carvalho dominou vídeo e redes sociais». Folha de S. Paulo. Consultado em 5 de novembro de 2019

75. ↑ «Olavo de Carvalho tem contas suspensas pelo Facebook». Jornal do Commercio. 15 de agosto de 2018. Consultado em 5 de novembro de 2019

76. ↑ Nicas, Jack (26 de janeiro de 2022). «Olavo de Carvalho, Bolsonaro's Far-Right Guru, Dies at 74». *The New York Times* (em inglês). ISSN 0362-4331. Consultado em 11 de fevereiro de 2022

77. ↑ Calil, Gilberto (2021). «Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita». Universidade Federal do Espírito Santo. *Argumentum*. **13** (2): 64-82. ISSN 2176-9575. Consultado em 17 de dezembro de 2021

78. ↑ Folha de S.Paulo, ed. (8 de setembro de 2013). «Cruzada anti-idiotas - Entrevista com Olavo de Carvalho». Consultado em 8 de maio de 2016

79. ↑ Olavo de Carvalho. «clicRBS | Referendo 2005». *www.clicrbs.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017

80. ↑ «Sociedade - NOTÍCIAS - Sugestão aos colegas». *revistaepoca.globo.com*. Consultado em 12 de maio de 2017

81. ↑ «Dezoito anos depois, diagnóstico de Olavo de Carvalho vira mote de filme de Sérgio Bianchi: "Falo das pessoas que, mesmo no poder, se acham perseguidas", declarou cineasta à Folha, sem citar o ensaísta. Se cabe a mim reconstituir a história cultural do Brasil, então vamos lá | VEJA.com». *VEJA.com*. 21 de junho de 2014

82. ↑ Ricardo Galhardo; Igor Gadelha; Julia Lindner; Daiene Cardoso (17 de abril de 2016). «Jean Wyllys cospe em direção a Bolsonaro após votar contra impeachment». O Estado de S.Paulo. Consultado em 31 de dezembro de 2016

83. ↑ ABIAIDS, ed. (20 de abril de 2016). «Em nota, ABIA recrimina Olavo de Carvalho por preconceito no episódio envolvendo os deputados Jean Wyllys e Bolsonaro». Consultado em 31 de dezembro de 2016

84. ↑ Brasileiros (revista), ed. (22 de abril de 2016). « 'Olavo de Carvalho deve verificar se sua saliva não transmite o vírus da ignorância' ». Consultado em 8 de maio de 2016

85. ↑ *a b c d e* Fernando Danner; Leno Francisco Danner (2021), « "Alguém tem de dizer aos negros a verdade": Olavo de Carvalho sobre a contribui-ção negro-africana à cultura ocidental», *Griot: Revista de Filosofia*, ISSN 2178-1036, **21** (3): 351-374, Wikidata Q110717123

86. ↑ *a b* Brandt, Danielle. *Olavo de Carvalho diz que aceitaria ser embaixador nos EUA do governo Bolsonaro.* Folha de S.Paulo, 6 de Novembro de 2018. Página visitada em 7 de Novembro de 2018.

87. ↑ *a b* Correio Braziliense. *Olavo de Carvalho diz que gostaria de ser embaixador do Brasil nos EUA.* 6 de Novembro de 2018. Página visitada em 7 de Novembro de 2018.

88. ↑ « 'Burro', 'covarde'... Bolsonaro já foi alvo de Olavo de Carvalho; confira outros ataques - Política». *Estadão*. Consultado em 11 de fevereiro de 2022

89. ↑ Patrícia Campos Mello. «Novo chanceler, Ernesto Araújo foi indicado por Olavo de Carvalho». *Folha de S. Paulo*

90. ↑ Barreto, Marcelo Menna (2018). «Olavo de Carvalho: o guru autodidata de Bolsonaro». Extra Classe. “Um dos principais representantes do conservadorismo no Brasil, Olavão como também é conhecido, indica dois ministros: Ricardo Vélez Rodriguez, da Educação, e Ernesto Araujo, das Relações Exteriores.”

91. ↑ Castro, Grasielle (23 de novembro de 2018). «O que pensa Ricardo Vélez-Rodríguez, futuro ministro da Educação». Huffpost Brasil. Consultado em 17 de janeiro de 2019. Cópia arquivada em 19 de janeiro de 2019. “8 pontos para conhecer as principais ideias do filósofo indicado por Olavo de Carvalho para integrar o governo Bolsonaro”

92. ↑ «Weintraub conhece minhas ideias melhor do que Vélez, diz Olavo de Carvalho». Exame. 10 de abril de 2019. Consultado em 3 de abril de 2020

93. ↑ «Olavo de Carvalho rompe com Bolsonaro e ameaça: "vou te derrubar!" Assista ao vídeo!». Consultado em 19 de abril de 2021
94. ↑ « 'Ele me usou como poster boy', diz Olavo de Carvalho, sobre relação com Bolsonaro». Valor Econômico". 21 de dezembro de 2021. Consultado em 3 de março de 2022
95. ↑ «Maia critica governo e diz que Olavo de Carvalho comanda 'gabinete do ódio' ». *Band.com.br*. 5 de abril de 2020. Cópia arquivada em 23 de abril de 2020. “O ministro Mandetta começa, agora, a ser alvo de ataques absurdos desse gabinete do ódio que é comandado do exterior por esse Olavo de Carvalho, eu já faço parte desse ataque de forma permanente, o presidente do Senado, o presidente do Supremo", afirmou o presidente da Câmara.”
96. ↑ «Livro revela a face mais obscura de Olavo de Carvalho | A Origem dos Bytes». *VEJA*. Consultado em 26 de março de 2021
97. ↑ [a] [b] «Cientistas rebatem as ideias de Olavo de Carvalho». *www.vice.com*. Consultado em 26 de março de 2021
98. ↑ [a] [b] [c] Olavo de Carvalho (2000). *O jardim das aflições*. de Epicuro à ressurreição de César (ensaio sobre o materialismo e a religião civil) 2ª ed. [S.l.]: É Realizações. p. 335. ISBN 8588062011
99. ↑ Carvalho, Olavo de (14 de dezembro de 2009). «O império mundial da burla». *Diário do Comércio*
100. ↑ [a] [b] Olavo de Carvalho. «As cabeças e a missão». olavodecarvalho.org
101. ↑ «NÃO é verdade que os experimentos de Michelson-Morley derrubaram a "teoria do éter luminífero"!». Centro de Referência em Ensino de Física (CREF) - UFRGS. 6 de fevereiro de 2014. Consultado em 5 de novembro de 2019. “Segundo o próprio Einstein os experimentos de Michelson-Morley NÃO foram importantes para Teoria da Relatividade Restrita (TRR). Não há nenhuma referência a eles no artigo de 1905.”
102. ↑ «O heliocentrismo foi comprovado há séculos, mas ainda há quem o questione». Canaltech. 11 de fevereiro de 2019. Consultado em 5 de novembro de 2019
103. ↑ «Olavo de Carvalho: não há nada que refute que a Terra é plana». *Metrópoles*. 30 de maio de 2019. Consultado em 19 de fevereiro de 2022

104. ↑ [a] [b] Araujo, Pedro Zambarda de. «Pepsi diz que não usava "fetos", ao contrário do que afirma Olavo de Carvalho». *Diário do Centro do Mundo*. Consultado em 26 de março de 2021

105. ↑ [a] [b] [c] «Pepsi admitiu ter utilizado células de fetos abortados nos seus refrigerantes?». *Polígrafo*. Consultado em 26 de março de 2021

106. ↑ [a] [b] «[Agência Lupa] #Verificamos: É falso que Pepsi admitiu usar células de fetos abortados em refrigerantes». *Agência Lupa*. 6 de dezembro de 2019. Consultado em 26 de março de 2021

107. ↑ Abidor, Mitchell (2020). «The Gramsci of the Brazilian Right». *Dissent* (em inglês). p. 23. doi:10.1353/dss.2020.0053. Consultado em 26 de março de 2021

108. ↑ Reinaldo Azevedo (23 de março de 2020). «Olavo de Carvalho sobre coronavírus: "A endemia simplesmente não existe" ». Uol. Consultado em 9 de abril de 2020

109. ↑ « "Essa epidemia simplesmente não existe", diz Olavo de Carvalho sobre coronavírus». Isto É. 23 de março de 2020. Consultado em 9 de abril de 2020

110. ↑ «YouTube remove vídeo de Olavo de Carvalho que fala que pandemia não existe». *Correio Braziliense*. 23 de março de 2020. Consultado em 26 de março de 2021

111. ↑ «Olavo de Carvalho morre aos 74 anos nos Estados Unidos». 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022

112. ↑ [a] [b] Ricardo Musse (23 de setembro de 2007). «Crise e barbárie». Folha de S.Paulo. Consultado em 31 de dezembro de 2016. Cópia arquivada em 16 de abril de 2019. “Olavo de Carvalho usa crítica cultural e teoria da história para mostrar o mundo como expressão de uma "crise da civilização"”

113. ↑ Duarte, Letícia (12 de dezembro de 2020). « "Destruição é a agenda do Tradicionalismo", a ideologia por trás de Bolsonaro e Trump». El País. Consultado em 15 de dezembro de 2020

114. ↑ Lima, Antonio José (2014). «Corram, os comunistas estão chegando». *Carta Capital*. Consultado em 9 de agosto de 2018. Cópia arquivada em 11 de outubro de 2015. "Joel Pinheiro explicou de forma didática a teoria de Olavo: "De acordo com Olavo de Carvalho, o esquerdismo vai muito além da política. Toda a cultura está tomada pelo marxismo cultural e a inversão de valores por ele efetuada. O pensamento e os slogans da esquerda são hegemônicos e constituem, assim como o PT, parte de um processo para implantar o comunismo na América Latina via o Foro de São Paulo, organização que reúne os principais partidos e movimentos de esquerda no continente"."

115. ↑ Dias, Kleber Eduardo Barbosa (3 de outubro de 2018). «CARVALHO, Olavo de. Aristóteles em nova perspectiva: Introdução à teoria dos Quatro Discursos. Nova Edição Revista. São Paulo, É Realizações Editora. Livraria e Distribuidora Ltda, 2006.». *Revista Jurídica da UniFil*. **5** (5): 163–164. ISSN 2674-7251. "Na primeira parte, demonstra em sete capítulos a teoria dos quatro discursos, dando uma interpretação aristotélica da cultura e descrevendo a tipologia dos discursos na perspectiva do filósofo de Estagira. Na segunda parte da obra, o autor discorre sobre um problema que teve com a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) que o impressionou, ou melhor dizendo, decepcionou-o profundamente, uma vez que para ele ficou clara a inépcia das classes letradas que analisam trabalhos científicos no Brasil. Aqui será focada apenas a primeira parte da obra, que contém, substancialmente, a análise feita de forma brilhante sobre a teoria dos discursos em Aristóteles."

116. ↑ «Folha de S.Paulo - Rio de Janeiro - Carlos Heitor Cony: Ensaios de Carpeaux - 15/07/1999». *www1.folha.uol.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017

117. ↑ «Bate-papo com Carlos Heitor Cony». *Bate-papo UOL*. 1999. Cópia arquivada em 26 de março de 2019

118. ↑ «Bate-papo com Bruno Tolentino». *Bate-papo UOL*. 1998. Cópia arquivada em 29 de agosto de 2019

119. ↑ [a] [b] [c] [d] [e] Della Coletta, Ricardo. "Olavo de Carvalho, o Brasil só fala dele". *El País*, 02/12/2018

120. ↑ [a] [b] Rocha, Bruno Lima. "A face horrenda da nova extrema direita: degenerados, blasfemadores e mentirosos contumazes". *Revista do Instituto Humanitas — Unisinos*, 13/10/2018

121. ↑ [a] [b] [c] Santos, João Vitor. «As paixões reprimidas de uma massa, o academicismo e a emergência da extrema direita. Entrevista especial com Fabrício Pontin». *www.ihu.unisinos.br*. Consultado em 4 de junho de 2023

122. ↑ Facchin, Patricia. "Olavo de Carvalho é um efeito da nova direita e não sua causa. Entrevista especial com Alvaro Bianchi". *Revista do Instituto Humanitas — Unisinos*, 19/12/2018

123. ↑ "Professor Daniel Peres comenta o risco que ideias de Olavo de Carvalho representam para a Universidade". Associação dos Professores Universitários da Bahia, 15/02/2019

124. ↑ Sponholz, Liriam & Christofoletti, Rogério. "From preachers to comedians: Ideal types of hate speakers in Brazil". In: *Global Media and Communication*, 2019; 15 (1):67–84

125. ↑ Moura, Flávio. "A escatologia de Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo". *Nexo Jornal*, 26/01/2019

126. ↑ Rosa, Pablo Ornelas; Rezende, Rafael Alves; Martins, Victória Mariani de Vargas. "As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras". In: *Revista NEP — Núcleo de Estudos Paranaenses*, 2018; 4 (2)

127. ↑ «Baguete». *www.baguete.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017

128. ↑ «Professor José Renato Cella». *www.cella.com.br*. Consultado em 12 de maio de 2017

129. ↑ «CMI Brasil - Olavo de Carvalho no banco dos réus». *www.midiaindependente.org*. Consultado em 12 de maio de 2017

130. ↑ «CMI Brasil - O "filósofo" Olavo de Carvalho, por Sebastião Nery». *brasil.indymedia.org*. Consultado em 12 de maio de 2017

131. ↑ «Olavo Luiz Pimentel de Carvalho versus Editora Pererê Revistas e Livros Ltda»

132. ↑ «Consulta de Processos do 1ºGrau». *processo 0217565-43.2007.8.26.0100 (583.00.2007.217565) (16ª Vara Cível - Foro Central Cível)*. Portal e-SAJ – Peticionamento no TJSP - Tribunal de Justiça. 25 de fevereiro de 2017. Consultado em 25 de fevereiro de 2017

133. ↑ «Consulta de Processos do 1ºGrau». *processo 1008378-36.2016.8.26.0011 (4ª Vara Cível - Foro Regional XI - Pinheiros)*. Portal e-SAJ – Peticionamento no TJSP - Tribunal de Justiça. 25 de fevereiro de 2017. Consultado em 25 de fevereiro de 2017

134. ↑ «Consulta de Processos do 1ºGrau». *processo 1007813-72.2016.8.26.0011 (2ª Vara Cível - Foro Regional XI - Pinheiros)*. Portal e-SAJ – Peticionamento no TJSP - Tribunal de Justiça. 25 de fevereiro de 2017. Consultado em 25 de fevereiro de 2017

135. ↑ «Consulta de Processos do 1ºGrau». *processo 1000834-74.2016.8.26.0050 (1ª Vara Criminal - Foro de Barueri)*. Portal e-SAJ – Peticionamento no TJSP - Tribunal de Justiça. 25 de fevereiro de 2017. Consultado em 25 de fevereiro de 2017

136. ↑ «Caetano Veloso cobra dívida milionária de Olavo de Carvalho por descumprir decisão judicial». *Uol*. IstoÉ. Consultado em 27 de janeiro de 2020

137. ↑ [a] [b] «Olavo x Caetano: entenda ação que se arrasta por 5 anos e chega a R$ 2,9 mi». Uol. 26 de janeiro de 2022. Consultado em 4 de maio de 2022. Cópia arquivada em 4 de maio de 2022

138. ↑ «Já foi chamado de pedófilo: o polêmico relacionamento de Caetano Veloso com a esposa, Paula Lavigne». Revista Cifras. 27 de dezembro de 2021. Consultado em 24 de março de 2022. Cópia arquivada em 24 de março de 2022

139. ↑ Redação, Da. «Caetano: Sexo com menor de 14 anos é crime desde o Império». Gazeta do Povo. Consultado em 24 de março de 2022. Cópia arquivada em 24 de março de 2022

140. ↑ Lucas Rezende (16 de maio de 2019). «Caetano Veloso é chamado de 'canalha' em queixa-crime de Olavo de Carvalho». Folha de S.Paulo. Consultado em 4 de maio de 2022. Cópia arquivada em 4 de maio de 2022

141. ↑ Laísa Dall'Agnol. «Caetano Veloso perde ação contra Feliciano por acusação de pedofilia | Radar». Veja. Consultado em 24 de março de 2022. Cópia arquivada em 24 de março de 2022

142. ↑ Sérgio Rodas. «MBL e Frota devem remover publicações ofensivas a Caetano e Lavigne». ConJur. Consultado em 26 de março de 2022. Cópia arquivada em 26 de março de 2022

143. ↑ «IstoÉ deve excluir reportagem que mostra Olavo de Carvalho como "bobo da corte" ». Conjur. 14 de abril de 2021. Consultado em 14 de abril de 2021

144. ↑ «Olavo de Carvalho, pensador que desperta opiniões antagônicas». *jconline.ne10.uol.com.br*. Consultado em 1 de agosto de 2017

145. ↑ *A face obscura da política: governo e eleições no Mídia Sem Máscara*. Luísa Roxo Barja. Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política. n. 4 (2009). ISSN 1982-6672.

146. ↑ «Mídia sem máscara - Quem somos?». Consultado em 9 de novembro de 2019. Arquivado do original em 22 de janeiro de 2018
147. ↑ «Documentário sobre Olavo de Carvalho ganha primeiro teaser - Portal AZ». *Portal AZ*. Consultado em 12 de maio de 2017
148. ↑ Sul/FUA, Jornal Cruzeiro do. «Guto Brinholi faz música para filme sobre Olavo de Carvalho». *Jornal Cruzeiro do Sul*
149. ↑ «O que esperar do cinema brasileiro em 2016». *Omelete*
150. ↑ «Cineasta cria documentário baseado na obra filosófica de Olavo de Carvalho». *Correio Braziliense*. 19 de julho de 2016
151. ↑ «Curtas, longas e vídeos pernambucanos buscam ajuda na internet para sair do papel». *Diário de Pernambuco*. 30 de junho de 2015
152. ↑ «Olavo de Carvalho: filosofia no cinema - Folha de Londrina - O Jornal do Paraná - Brasil». *Folha de Londrina*
153. ↑ «Filme sobre Olavo de Carvalho é o grande vencedor do Cine PE; confira premiados». Folha de Pernambuco. 3 de julho de 2017. Consultado em 12 de agosto de 2017
154. ↑ Pessoa, Breno (3 de julho de 2017). «Filme sobre Olavo de Carvalho é o grande vencedor do Cine PE». Diário de Pernambuco. Consultado em 12 de agosto de 2017
155. ↑ Olavo de Carvalho (5 de novembro de 2013). «Perfil de Olavo de Carvalho». Facebook. Consultado em 1 de novembro de 2019. "Informo aos interessados que jamais prestei um vestibular, não tentei e não poderia fazê-lo. Minha inscrição, se a fizesse, jamais seria aceita. Saí da escola no quarto ano do ginásio, PARA NUNCA MAIS VOLTAR, firmemente decidido a buscar instrução por vias alternativas. Pelos resultados obtidos, acho que fiz a coisa..."
156. ↑ McCoy, Terrence (14 de julho de 2019). «He's the Rush Limbaugh of Brazil. He has Bolsonaro's ear. And he lives in rural Virginia.» (em inglês). The Washington Post. Consultado em 5 de novembro de 2019.
157. ↑ *a* *b* «Vazam documentos do guru de Bolsonaro: green card está expirando». Catraca Livre. 27 de maio de 2019. Consultado em 29 de dezembro de 2020
158. ↑ «Olavo de Carvalho». *theinteramerican.org* (em inglês). The Inter American Institute. Consultado em 11 de maio de 2017. Arquivado do original em 28 de julho de 2017

159. ↑ [a] [b] «Olavo de Carvalho morre oito dias após ser diagnosticado com Covid». *G1*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022

160. ↑ «Perfil oficial de Olavo de Carvalho anuncia seu falecimento - 25/01/2022 - UOL Notícias». *noticias.uol.com.br*. Consultado em 25 de janeiro de 2022

161. ↑ «Filha de Olavo de Carvalho diz que pai morreu de Covid-19». *R7.com*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022

162. ↑ Megale, Bela. «Médico particular de Olavo de Carvalho nega morte de guru bolsonarista por Covid-19». *Bela Megale - O Globo*. Consultado em 25 de janeiro de 2022

163. ↑ « 'Historinha de terror para acovardar a população', disse Olavo sobre coronavírus». *ISTOÉ Independente*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022

164. ↑ « "Essa epidemia simplesmente não existe", diz Olavo de Carvalho». *Poder360*. 23 de março de 2020. Consultado em 25 de janeiro de 2022

165. ↑ Minas, Estado de; Minas, Estado de (23 de março de 2020). «YouTube remove video em que Olavo de Carvalho mente ao dizer que pandemia nao existe». *Estado de Minas*. Consultado em 25 de janeiro de 2022

166. ↑ «Bolsonaro lamenta morte de Olavo de Carvalho: 'Farol para os brasileiros' ». *noticias.uol.com.br*. Consultado em 25 de janeiro de 2022

167. ↑ MIGUEL, Luis Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira* * Este texto integra a pesquisa “Teorias feministas da política”, apoiada por recursos do edital FAP-DF nº 3/2015. . Cadernos Pagu [online]. 2021, n. 62 [Acessado 26 Janeiro 2022] , e216216. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202100620016>. Epub 20 Ago 2021. ISSN 1809-4449. https://doi.org/10.1590/18094449202100620016.

168. ↑ «Políticos reagem à morte de Olavo de Carvalho». *Poder360*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 25 de janeiro de 2022

169. ↑ «Nota Oficial - Nota de pesar pelo falecimento do Professor Olavo de Carvalho - 25/01/2022». *Palácio do Planalto*. 25 de janeiro de 2022. Consultado em 28 de janeiro de 2022

170. ↑ Sanchez, Mariana (26 de janeiro de 2022). «Olavo de Carvalho é enterrado nos EUA em funeral com Allan dos Santos e Ernesto Araújo». *BBC News Brasil*. Consultado em 27 de janeiro de 2022

171. ↑ «Rua batizada em homenagem a Olavo de Carvalho no RS é uma vila de 30 metros que não passa carro; veja mapa». *O Globo*. Consultado em 9 de setembro de 2022

172. ↑ Scinocca, Marcel (11 de março de 2022). «Câmara aprova nome de Olavo de Carvalho para rua na região do Éden». *Cruzeiro do Sul*. Consultado em 12 de março de 2022

173. ↑ «DYLAN DANTAS COMEMORA DENOMINAÇÃO DE RUA EM HOMENAGEM AO FILÓSOFO OLAVO DE CARVALHO». *www.camarasorocaba.sp.gov.br*. Consultado em 12 de março de 2022

174. ↑ «Porto Alegre terá rua com o nome de Olavo de Carvalho». *CartaCapital*. 6 de setembro de 2022. Consultado em 7 de setembro de 2022

175. ↑ «Bolsonaro concede mais alta condecoração diplomática a Olavo de Carvalho». *Poder360*. 1 de maio de 2019

176. ↑ Obra disponível *online* como *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*, 3.ª edição, revista e aumentada.

Leitura adicional

- Dantas, Dimitrius (10 de fevereiro de 2019). «Olavo de Carvalho está errado e não entendeu Kant, dizem três nomes de destaque da academia brasileira». *O Globo*. Cópia arquivada em 10 de fevereiro de 2019
- Fausto, Ruy (2019). «Sofística e polícia política». Revista piauí. Cópia arquivada em 27 de julho de 2022
- Patschiki, Lucas (2012). *OS LITORES DA NOSSA BURGUESIA: o Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011)* (Dissertação de Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná
- Peres, Daniel Tourinho (12 de fevereiro de 2019). «Quão obscurantista é o emplasto filosófico de Olavo de Carvalho?». Le Monde Diplomatique. Cópia arquivada em 16 de fevereiro de 2019
- Salgado, Daniel (27 de novembro de 2018). «Transgressão à direita». *Revista Serrote, número 30*. Cópia arquivada em 16 de fevereiro de 2019

Ligações externas

- Sítio oficial
- Olavo de Carvalho no Facebook

Outros projetos Wikimedia também contêm material sobre este tema:

Sobre a sinceridade: minha desistência de seguir Olavo de Carvalho

About sincerity: my giving up on following Olavo de Carvalho

ANTONIO ALVES PEREIRA JÚNIOR[1]

Resumo: O presente artigo é mais um testemunho de certa atesta uma espécie de desconversão. Trata-se de expor as razões filosóficas pelas quais o autor aqui fora motivado a desconstruir a obra e figura de um autor que, durante certo tempo, impactou a sua leitura da Filosofia.
Palavras-chave: Filosofia. Honestidade intelectual. Coragem. Desconversão. Olavo de Carvalho.

Abstract: The present article is one more testimony of a certain type of deconversion. It is about exposing the philosophical reasons why the author here was motivated to deconstruct the work and figure of an author who, for a certain time, impacted his reading of Philosophy.
Keywords: Philosophy. Intellectual honesty. Courage. Deconversion. Olavo de Carvalho.

Antes de tudo, gostaria de pedir que o leitor tomasse a seguinte pergunta como propósito base para a sequência desse texto: *o que é a sinceridade?* Neste ensaio tenho por intenção problematizar e tornar pública essa dificuldade, sobre a qual já há um bom tempo tenho refletido. A princípio, o que mais me espantou na sinceridade foi o seu caráter dualista: as pessoas em geral cobram que sejamos sinceros, mas, por outro lado, quando somos desmedidamente sinceros, acabamos por ofender, muitas vezes de forma precipitada. Disso decorre então outra pergunta: haveria uma medida exata segundo a qual a sinceridade possa ser tomada como positiva? Ou seja, que não ofenda e que agrade na medida certa? Afinal, como é que alguém poderia julgar as palavras de outrem a ponto de chegar de fato ao juízo de que ela foi sincera? Enfim, como medir a sinceridade? Diante de uma pesquisa envolta por esse tema, que é ainda pouco debatido, decidi por demonstrá-lo a partir do seu uso prático, tratando a respeito de algo que aconteceu comigo mesmo (uma aproximação imatura de Olavo de Carvalho), ao passo que isso também explica o gênero textual ensaístico que busquei trazer aqui, tendo em vista a índole de confissão agostiniana ou mesmo a autenticidade do subjetivismo de Montaigne, inaugurador do gênero *ensaio*.

Considero ser impossível medir se alguém foi realmente sincero. Cada um, subjetivamente, irá encontrar maneiras diferentes de se conceber a validade da própria realidade, de modo que há, portanto, formas distintas de se julgar o mundo e os atos dos indivíduos, assim como de se julgar se alguém foi sincero. Certamente poder-se-ia protestar que uma análise corporal das palavras ditas por alguém que

[1] Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); psicanalista clínico; formado em história e filosofia. Pesquisa filosofia com ênfase em Arthur Schopenhauer, liberdade, idealismo alemão, fascismo, política, epistemologia e ética de Kant e Nietzsche. Tem interesse nos temas gerais da neurologia com correspondência na área de Filosofia da Mente e dentre outros temas secundários possui experiência com teologia, lógica e grego instrumental. E-mail: antonio.alves.pereira@uel.br

pretenda ser honesto e verdadeiro poderia ser decodificada para enfim bater o veredicto a julgar se ela de fato o foi. Atualmente temos até programas de computadores que conseguem realizar essa função, mas o fato é que o ser humano não é programado para saber quando está sendo enganado ou quando está diante da verdade. É certo que podemos conhecer o caráter das pessoas e, a partir de suas atitudes passadas, ou seja, de seu histórico, analisar se nela podemos confiar seguramente. Sobre isso, uma das coisas mais sedutoras da atualidade, no que diz respeito à inteligência e a intelectualidade, talvez seja estar diante de alguém que sabe reconhecer quando errou e que consegue voltar atrás em seus atos ou palavras: parece que pedir desculpas tem se tornado uma dificuldade, ao passo que esquecer tem se tornado preferível. É claro, alguns erros são irreversíveis e dependendo de quem os comete, acabam por possuir influências sociais devastadoras, pois nem todos têm o direito de serem desculpados, justamente porque foram avisados por muitos sobre o caminho errado que estavam tomando, mas ainda assim decidiram por deliberadamente seguirem em frente. Esses então, têm de pagar o preço pelos seus erros.

As atitudes sinceras parecem ser munidas de coragem. Não vejo forma pela qual alguém possa ser sincero com o mundo e com as pessoas, sem antes ter sido sincero consigo mesmo: por isso a sinceridade é inerentemente subjetiva. Ela me parece uma espécie de auto-análise do caráter, pois é muito difícil sermos sinceros, principalmente quando estamos errados. Quem quer que se arrependa de um ato passado, aparentemente, precisa ser sincero caso queira admiti-lo para outrem. E não identifico nisso apenas uma mera questão de arrependimento, mas sim de reconhecimento. Assim, não basta estar arrependido, mas disposto a reconhecer o arrependimento: daí decorre que o único agir ético aparentemente credenciado a resolver essa agrura justamente seja o *agir sincero*.

Há de se considerar que a sinceridade é não ter medo de admitir um arrependimento sobre um erro moral qualquer ou mesmo um remorso advindo, por exemplo, da prática de um crime. Um arrependimento é a mudança de conhecimento em relação a uma ação passada, já o remorso é a mordida de consciência da qual a mudança de conhecimento não é suficiente para remediar o que se sente, tendo então, de entrarmos na esfera da imputação. Tem-se, portanto, que conviver eternamente com o erro de ter agido de tal modo, por isso, o remorso nunca termina, mas o *agir sincero reconhece* essa falha: *sei e admito que sei que não posso mudar o que fiz, porque o que fiz é também o que eu sou*. Esse é o maior alargamento que se pode fazer em proveito da sanidade da própria consciência em prol de superar um remorso ou erro moral, pois a sinceridade é também o alargamento do entendimento de si mesmo a partir de um empréstimo temporário do ouvido de outrem: preciso do outro para executar a máxima do agir sincero, ou seja, *admitir a verdade independente de que ela me seja prejudicial*, mas antes de externalizá-la ao outro, tenho de sê-lo comigo mesmo, pois este referido processo de alargamento tem seu início internamente, e seu cume, exteriormente, porque ao se agir sinceramente, aquele por assim dizer chamado de *eu interior*, escuta o que está sendo exteriorizado, e nisso em si já está uma revolução: pois o interior entende isso com desconfiança e, ao ser remediado pelo agir sincero, sente-se acanhado pelo fato de que toda ação futura poderá novamente vir a ser descortinada e mostrada verdadeiramente, colocando à luz do

dia aquilo que se é, logo, tenho de saber em minha autoconsciência que não devo agir mal, para proteger a mim mesmo do meu próprio agir sincero, que agora, tornou-se uma arma voltada contra meu próprio caráter.

Quem age a partir da sinceridade perdeu o medo de si mesmo, porque aceita a vergonha que o mundo lhe pregará antes mesmo de agir sinceramente a respeito da confissão de alguma verdade que esconde ou que omite involuntariamente. Numa palavra, a sinceridade é uma ponte para a verdade de si, e um ato só pode ser julgado sincero a partir de uma autoconferência da verdade que anteriormente estava escondida. Alguém pode simplesmente perguntar-se a si próprio depois de tentar ter sido sincero: falei toda a verdade? Omiti alguma parte? Alterei algum fato fundamental visando me safar do julgamento dos outros? Agir sem que ofenda os outros e sem que com isso seja falho com a verdade, talvez só possa ser possível quando nos colocamos de modo absolutamente sincero diante de um fato pessoal passado. Assim, é apenas depois de muita ponderação e reflexão que chego ao entendimento de saber exatamente o que se passou comigo, e por conta disso, eu mesmo posso analisar o quanto de verdade exponho e o quanto omito, embora na escolha de não se omitir nada, não possa prever em que medida as pessoas atingidas por meu discurso sincero irão se sentir agradadas por mim ou se revoltarão contra mim. Mas esse mesmo entendimento de si e autonomia intelectual já fizeram dessas possíveis situações de bem ou de mal-estar, situações irrelevantes e sem importância, que não podem afetar de modo algum o caráter daquele que age sinceramente. Numa palavra, não lhe preocupa o que os outros pensam sobre o que diz, mas apenas dizer para se livrar do que lhe sufoca: é como se colocar de bom grado a própria ingenuidade intelectual no tribunal de júri, já tendo previamente aceito qualquer sentença.

E enfim, se fui sincero e totalmente honesto sobre um fato pessoal passado, mas ainda assim desagradei meus ouvintes, julgo que isso pouco tenha valor, porque me parece muito mais valioso não mentir para si mesmo do que dar ares dóceis para fatos hostis, não por uma mera questão de gosto, mas pelo valor ético de se ser honesto consigo mesmo, já que, sem tal coisa, como poderiam os outros confiar em mim? Portanto, quando desconsidero o quanto meu discurso irá desagradar os outros, e coloco em primeiro lugar a justiça para comigo mesmo, tenho em mente, justamente o fato de que ninguém poderá confiar em mim caso nem eu mesmo seja honesto comigo, por isso, se minto para mim em proveito do bom grado aos outros, é porque estou disposto a que eles vejam a falsidade do que eu sou, e não a verdade do que eu sou. Por isso, a sinceridade é como um *método* para se contar uma história pessoal, uma espécie de concessão permissiva em relação a uma verdade que será dita, onde ao mesmo tempo em que se fala se atribui direito ao ouvinte em nos julgar como quiser, mesmo que esse julgamento nos soe totalmente prejudicial ou desmoralizador, o que nomeio de *sincericídio*.

De modo geral, creio que um método assim deveria ser colocado como o ideal para se escrever autobiografias, não para que elas soem como autopromoções de uma vida cheia de aventuras e acontecimentos invejáveis ou repulsivos, mas para que desperte no mundo um exemplo de luz iluminadora, ao passo que ser sincero, analisando de maneira ampla, não parece ser apenas uma benesse para o autor da sinceridade, mas também para o mundo inteiro, já que se pudéssemos ter a certeza

de que todos se esforçam ao máximo por serem sinceros teríamos um mundo com menos mentiras, decerto uma opinião um tanto idealista de minha parte, o que tenho de *sinceramente admitir*. E ironicamente, dentro dessa perspectiva, a sinceridade que parece um conceito demasiado abstrato (já que para utilizá-la bem é preciso muita ponderação e reflexão sobre si) passa a ter um valor prático. Mas um mundo com poucas mentiras seria um mundo impossível. Afinal, se não houvesse mentiras, refletir sobre a verdade não faria o menor sentido.

O máximo que alcancei até agora sobre uma opinião sistematizada da sinceridade como um argumento filosófico encontrei em Sartre, que crê na sinceridade como "uma tarefa irrealizável" e que "ser sincero é simplesmente ser o que se é" (SARTRE, 2014, p. 109). De acordo com o autor existencialista, uma das formas de se demonstrar que a sinceridade é impossível, é compreendendo que "a estrutura da sinceridade é igual à da *má-fé*, uma vez que o homem sincero se faz o que é para não sê-lo" (*idem*, p. 112). A *má-fé* é um conceito central da obra *O ser e o nada* e que diz respeito a alguém que nega sua liberdade preferindo comportar-se como objeto ou como coisa. A má-fé, segundo Sartre, é algo como mentir para si mesmo: "A má-fé tem na aparência, a estrutura da mentira. Só que [...] na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo. Assim, não existe neste caso a dualidade do enganador e do enganado" (SARTRE, 2014, p. 94). Em linhas gerais, Sartre estipula que o objetivo da sinceridade é fazer com que eu confesse o que sou exclusivamente para coincidir com o meu próprio ser, desse modo, havendo no fundo da sinceridade um *jogo de espelho* (Cf. SARTRE, 2014, p. 113).

Posso concordar apenas parcialmente com a visão de Sartre. Para desenvolver esta dificuldade e para tornar claro minha exposição ao leitor, quero tomar como exemplo a minha própria pessoa, o que, aliás, é o que tive por intenção em fazer de maneira pormenorizada mais abaixo, em que exponho uma confissão pessoal sobre a minha adesão ao olavismo. Pois bem, tendo isso em mente e também as ideias de Sartre sobre a sinceridade, eis o motivo pelo qual só posso concordar com ele parcialmente: em primeiro lugar creio que o filósofo francês esteja certo quando demonstra que o homem sincero *se faz o que é para não sê-lo*, numa palavra, a minha própria confissão a respeito de minha aventurança na doutrina de Olavo de Carvalho — que hoje enxergo com total repúdio — é uma clara tentativa pessoal (mas não apenas isso) de demonstrar o que eu já não era, mas ainda não admitia: quando confesso que li e idolatrei Olavo de Carvalho por um tempo no meu passado, faço isso porque quero demonstrar o que sou (e já não era): ou seja, eu sou agora o homem que suporta e aceita de bom grado — *admitindo-se sinceramente enquanto tal* — a alcunha de ex-olavista, e a partir do momento desta confissão, deixo de sê-lo, tornando-me o que sou (alguém que admite ter sido um olavista, mas que antes de ser sincero não admitia). Daí a percepção de que só sou o que sou *depois da efetividade do ato de sinceridade*, o que Sartre não parece deixar claro, deixando na sinceridade apenas uma aparência negativa.

Disso decorre o que diz respeito à parte sobre a qual não posso concordar com Sartre, pois quando ele considera a sinceridade como um "fazer-se o que se é para não sê-lo", a meu ver isso ganha também uma conceituação demasiada abstrata, aparentemente com pouco valor prático e intuitivo: como se ser sincero não possuísse nenhum fundamento de valor moral. Eu por outro lado, creio numa moral prática,

empírica e não exatamente formal e imperativa, por respeito à lei ou ao dever abstrato, como, por exemplo, estipula a fundamentação da metafísica dos costumes kantiana, assunto que se aqui fosse abordado em seus pormenores extrapolaria minhas intenções, portanto, o levanto apenas com propósito contrastivo, obviamente, sem intenção alguma de aproximá-lo de Sartre, e para enfatizar que não posso conceber a sinceridade apenas em conceito, mas também com valor empírico e positivo.

Assim, para finalizar este assunto, entendo a sinceridade como tendo um papel central tanto para a conduta de vida, quanto para o bom exemplo admitidamente prático. Para compreender melhor isso, creio ser preciso colocar na sinceridade ares de esperança corajosa, como quem almeja constantemente o ato de enfrentar-se a si próprio sem nenhum temor e que a partir disso possa ter audácia de sempre se estapear no *jogo dos espelhos*, como diz Sartre. Em conformidade com tudo isso, acredito ser possível chegar em tal ponto onde se passe a ter uma vida completamente sincera, sempre suprimindo os próprios malgrados diante do tribunal público e tornando-se aos olhos do mundo aquilo que se é aos próprios olhos, porém, sem nenhum medo de ser o que se é. Afinal, embora se envergonhe de partes do seu próprio passado, tal pessoa agora entende o valor de ter se empenhado em alterar a significação que tem a respeito dele, ao passo em que dele se orgulha e dele nada mudaria se assim possuísse poder de fazê-lo: este é o ponto exato em que a sinceridade alcança genuíno aspecto moral e torna-se sinceridade para si e, consequentemente, sinceridade para o mundo.

Na sequência pretendo utilizar-me da sinceridade que expus acima, levando em conta um objetivo totalmente impessoal. Como já dito anteriormente: aquele que se coloca diante do público tendo na ponta de seu discurso a absoluta sinceridade já aceitou previamente as críticas que possivelmente irá receber — justamente porque já as calcula a partir de se colocar no lugar da percepção dos receptores da mensagem —, mas também gostaria de acrescentar que o caráter impessoal do que pretendo dizer está no próprio objetivo do discurso, pois julgo que o que tenho a dizer é muito mais um conselho salutar para os outros do que uma vantagem pessoal para mim, porque se eu nada dissesse, também nada perderia. Estou ciente do quão excêntrico é esta intencionalidade textual, mas também tenho a plena certeza de que as palavras a seguir podem retificar e aumentar o entendimento sobre o fenômeno político do olavismo, que, quer queira ou não o leitor, é muito relevante no cenário político brasileiro atual: e se é relevante, creio eu que a filosofia não pode se dar ao luxo de negligenciá-lo. Mas sobre isso retomarei com mais profundidade ao final do ensaio.

O meu encontro com as obras de Olavo de Carvalho durou cerca de um ano. Lembro que havia tomado como objetivo pessoal a leitura de todas as suas obras, cheguei a ler seis delas: eu estava certo que se continuasse com isso teria mais autoridade para o debate político e que isso me faria alguém mais inteligente. Olavo de Carvalho parecia satisfazer meus anseios, porque me entregava várias respostas para questões que sozinho eu não conseguia responder (ou que talvez, na verdade, nem houvesse respostas). Devo dizer que essas questões são principalmente essas: α) Por que a política brasileira parece tão infernal? Haveria culpados? β). Se há algum culpado, como eu poderia combatê-los visando ajudar o Brasil?

As respostas do guru eram permeadas pelo seguinte teor argumentativo: há no mundo uma tendência global de dominação que teria começado desde o Império

Romano e as esquerdas atuais teriam se apropriado, principalmente as esquerdas que alcançaram o poder na primeira metade do século XX, incluindo nesse grupo (sem nenhum problema histórico e conceitual) os próprios nazistas e os fascistas, o que é um absurdo sem tamanho. Além disso, os esforços das esquerdas atuais seriam em justificar as atrocidades da URSS "em nome de uma utopia humanitária" (CARVALHO, 2015, p. 138), porém, sempre tendo em vista uma dominação global, decorrendo daí, a concepção de que, assim como as esquerdas concebem poucos capitalistas como detentores da maior porcentagem do capital mundial, na lógica do guru, alguns desses maiores capitalistas mundiais (porém extremistas democratas, como, por exemplo, George Soros) estariam envolvidos em um empreendimento para dominar e subjugar toda a terra por meio de programas com pautas sociais como a distribuição de renda, o aborto, a liberação das drogas, a diminuição da criminalidade, etc., todas absurdas sob a ótica do guru.

O grande problema disso tudo, que hoje vejo, mas antes não via, é que gurus como Olavo de Carvalho ao discutirem pautas que são de difícil resolução em qualquer lugar do mundo e que evidentemente causam diversos embates éticos que devem ser amplamente debatidos levando-se em consideração cada contexto específico, tratam superficial e inflexivelmente questões difíceis, sem o espírito socrático de se admitir que não se pode saber tudo; ao contrário, batem o veredicto antes mesmo de ouvirem o tribunal: assim, todo ladrão deve ser reprimido socialmente, todo aborto condenável e toda política que reflita sobre as drogas, abominada. Não há meio termo e nem gradação de justiça, trata-se de um dogmatismo puro, e, aliás, em alguns casos, assumida e orgulhosamente medieval.

Disso decorre que depois de ter dado nome aos culpados pelos males do mundo, tem-se então o modo de combatê-los: condenar, apontar e cancelar. A luta é dada em primeiro lugar no campo das emoções. O combatente crê com toda sua intelectualidade que está investido da extrema verdade, e, a partir disso, dispõe-se a debater com qualquer um sem nenhum medo e de forma inconsequente, normalmente atacando pessoas e cancelando reputações, sem fazer questão alguma de qualquer aprofundamento teórico: por exemplo, se a crítica vem de alguém que trabalha dentro das universidades, isso em si já é um prato cheio para o contra-ataque olavista, já que uns dos culpados pelos problemas do mundo seriam justamente os teóricos emergidos nas universidades, que segundo o guru, são todos comunistas, gente da pior índole que se possa imaginar. O mesmo se aplica caso a crítica venha de um político, de um sindicalista ou mesmo de um cientista que se coloque a esclarecer sobre o aquecimento global, que é mais uma coisa que Carvalho não acredita ser verdadeira e que inclusive diz ser "a mãe de todas as fraudes" (CARVALHO, 2009).

Postas essas colocações resumidas sobre todo o problema que ronda o olavismo, quero expor que a minha aproximação deste guru tenha se dado especificamente por *busca de aceitação social*, e talvez esteja aí, um ponto de onde o leitor poderá tirar uma lição, não apenas para si mesmo, mas para compreensão geral do cenário político brasileiro atual.

Eu quis o meu lugar de destaque entre meus amigos e família, círculos esses donde emergiam aplausos a Jair Bolsonaro, que na época ainda não era Presidente da República, mas que já há tempos seduzia grande parte dos brasileiros com suas falas sempre vulgares, numa espécie de junção de político com bobo da corte. Eis que

Olavo de Carvalho, um dito filósofo de primeiro escalão, vivo, escrevendo para o presente e aparecendo esteticamente em meio à fumaça de seu cigarro (o que é importante para seduzir e criar autoridade na cabeça de pessoas ingênuas), conquistou-me até o ponto em que cheguei a seus livros. Eu, que já tinha desde cedo aptidões filosóficas e já tinha me afundado em obras de Platão, Machado de Assis e na própria Bíblia, tinha a partir desse momento a meta de entender Olavo de Carvalho, aquele de cuja boca tudo o que saia ou de cujos textos tudo o que lia me parecia extremamente verdadeiro e inquestionável.

A quebra desse processo aconteceu quando li a obra *Como vencer um debate sem precisar ter razão*, que trata de comentários a respeito da *Dialética Erística* de Arthur Schopenhauer. Nessa obra, Olavo de Carvalho pôs-se a comentar cada um dos estratagemas elaborados pelo filósofo alemão do século XIX, a fim de demonstrar sua fragilidade e perversidade. Lembro-me que ao terminar essa leitura caí em mim: seria de fato verdadeiro que um guru brasileiro fosse capaz de desbancar Arthur Schopenhauer, filósofo que até então, para mim, tinha apenas um peso significativo em seu nome? Isso parecia tarefa demasiada pretensiosa por parte de Olavo de Carvalho.

Ora, todos que se interessam por filosofia já haviam ouvido falar qualquer coisa sobre o pessimismo de Arthur Schopenhauer. Nessa mesma época, decidi que também deveria ler Schopenhauer, ao invés de conhecê-lo apenas através das palavras de Olavo de Carvalho. Um ponto de virada. E eis que a partir desse momento, um novo futuro abriu-se diante dos meus olhos e tudo o que havia consumido sobre Olavo de Carvalho começou a me parecer duvidoso. Schopenhauer foi como uma bomba devastadora e tudo que eu havia lido até então me pareceu pequeno: a missão de ler todas as obras de Carvalho foi imediatamente abolida e li os dois tomos d'*O mundo como vontade e como representação* e ainda outras obras de Schopenhauer em menos de seis meses. Depois prossegui empenhado: meu trabalho de conclusão de curso em filosofia foi sobre a *Quadrúplice Raiz* de Schopenhauer, além de outras publicações sobre o filósofo a partir de estudos incessantes e até mesmo apaixonados, e, também vale mencionar, que no meu curso de história, comecei a pesquisar sobre o fascismo, chegando até a escrever um artigo sobre isso, buscando esclarecer que de forma alguma este pode ser um movimento de esquerda, como Olavo de Carvalho tentava me ensinar. E foi assim que finalmente compreendi todas as balelas que ouvia do guru e o quanto fui tolo por me satisfazer com as migalhas dos aplausos que vinham da minha vida social.

A minha conclusão a respeito da minha própria confissão (e oxalá possa servir de algum modo aos olhos dos leitores) é a seguinte: sempre que alguém se perceba seduzido por um autor, estará acertadamente em um terreno arriscado, porque em seu contrário haverá outros tão sedutores quanto, mas temos de julgar os autores pelo seu rigorismo conceitual argumentativo e não pelo seu poder de persuasão. Talvez o melhor seja não acreditar em ninguém já que as filosofias vigentes são absolutamente potentes para o tempo presente. E isso acontece talvez porque elas possuem o inerente poder de conversarem facilmente com os entes contemporâneos de uma forma bastante viva, informal e clara, porém, nem sempre honesta. Se se busca a inclusão no próprio meio, ou ainda pior que isso, o destaque e a liderança no próprio meio, certamente irá se alcançar a partir do momento em que se empenhar em

reproduzir as mesmas ideias que ali vigoram. Por um tempo alcancei este posto entre meus amigos e familiares, no entanto, coloquei-me disposto a agir de maneira sincera, e tudo o que aparecia diante de mim coloquei a prova junto com o montante das verdades que julgava serem inquestionáveis. Essa atitude fez-me emergir imediatamente para um local totalmente diferente, com menos aplausos, porém mais apto para ver brilhar a verdade, sendo essa, entendida aqui, como aquela que é sempre mais difícil de ser alcançada, pois para isso é preciso a sequência ininterrupta de ardilosos estudos e o desvinculo total dos discursos eloquentes apresentados pelos gurus do momento.

Por fim, gostaria de atribuir a Olavo de Carvalho, exatamente o mesmo que ele concebe a respeito de Karl Marx, não em prol de defender o marxismo, até porque não me considero marxista, mas sim para que simplesmente a verdade seja dita. O guru diz o seguinte: "Marx censura no capitalismo um defeito que não está necessariamente no capitalismo, mas que está nos esquemas mentais subconscientes ou inconscientes do próprio Marx" (CARVALHO, 2015, p. 151). Pergunto-me então: a censura feita por Carvalho, não apenas ao socialismo ou aos regimes de esquerda, mas a toda e qualquer política humanitária ou mesmo a qualquer princípio humano que não sejam condizentes com a ideologia ultraconservadora e católica que ele prega, seriam o que além de "esquemas mentais subconscientes ou inconscientes" do próprio Carvalho?

Também, acrescento que o que Olavo de Carvalho diz sobre José Américo Motta Pessanha no seu livro *Jardim das Aflições* vale tanto para ele quanto julgou valer para Pessanha. Ou seja, que se Pessanha queria uma "reforma da inteligência brasileira", a "instauração de uma nova cultura de crenças" que pela repetição acabaria por se tornar um consenso aproveitando-se da "ignorância das plateias novatas" (CARVALHO, 2015, p. 365-366), também quis exatamente essas mesmas coisas.

Portanto, para mim, Olavo de Carvalho é sem dúvida o mais revolucionário dos conservadores. Ao elaborar sua absolutamente questionável tese do *marxismo cultural*, fez surgir também o *olavismo cultural*[2], sendo este último muito mais real do que o primeiro, pois a fim de conservar o passado, pretende constantemente mudar o futuro: não para aquilo que já foi um dia uma aparente ordem, mas sim para o caos total que é também o principal alimento de sua autopromoção. Em meio a isso tudo, emerge uma verdade que julgo estar acima de todas: o mundo nunca foi

---

[2] Gostaria aqui de aproveitar a oportunidade para elogiar a excelente pesquisa realizada pelos jornalistas e pesquisadores Álvaro Borba e Ana Lesnovski, fundadores do canal no Youtube, *Meteoro Brasil*. Esses dois foram responsáveis também por organizar uma obra intitulada *Tudo que você precisou desaprender para virar um idiota*, parafraseando uma das mais populares obras de Olavo de Carvalho, ou seja, *Tudo que você precisou aprender para virar um idiota*. Entre as tantas refutações feitas na obra de Borba e Lesnovski, uma delas que julgo ser bastante importante para qualquer pretensão acadêmica que queira avançar em futuras pesquisas que tomem por empreendimento a maior compreensão do fenômeno do olavismo diz respeito à influência de Olavo de Carvalho no *perenialismo*, que aqui deixo citado apenas a título de compêndio: "É no *perenialismo* que o conspirador [Carvalho] busca suas justificativas espirituais (ou psicológicas) para combater obcecadamente à esquerda no Brasil contemporâneo [...] as bases do perenialismo foram dadas por René Guénon na primeira metade do século XX" (METEORO BRASIL, 2019, pp. 128-129). Vale destacar que na citação consta *Meteoro Brasil*, ao invés do nome dos autores, porque na época em que lançaram o livro, por motivos óbvios, os autores ainda guardavam sigilo em relação as suas identidades. Também por isso, nas referências bibliográficas ao final deste ensaio, referi-os exatamente como no livro consultado e não por seus nomes, como fiz mais acima, nesta nota.

tranquilo e a política não anda para trás e jamais filósofo ou filosofastro algum será capaz de resolver o que julga serem os problemas da humanidade.

Se tomarmos como verdadeira a opinião de Schopenhauer no libelo *Sobre a filosofia universitária* aplicada ao contexto brasileiro, chegaremos a uma enorme contradição. Para Schopenhauer, de um lado encontra-se a filosofia não acadêmica, detentora da verdade, composta por filósofos que tomam a filosofia como um fim em si mesmo e sem qualquer intenção prévia ou meta assumida. Do outro lado, há a filosofia como profissão, sendo praticada como meio de subsistência e ganha pão, com fins muito bem estabelecidos: estimular opiniões que estejam de acordo com o Estado, almejando status e prestigio pessoal.

Qualquer um que passe cuidadosamente à vista essa opinião chegará à conclusão de que no contexto do Brasil atual, diferente da Alemanha da época de Schopenhauer, perceberá que isso não se aplica de forma alguma. Basta perceber que a grande maioria dos professores universitários brasileiros não estão em canais do Youtube ou com extrema presença nas redes sociais visando reconhecimento (como estava Olavo de Carvalho). Por outro lado, pensadores que são críticos à universidade aparecem em constantes escândalos políticos, esforçam-se por espaço em púlpitos inerentes às polêmicas, e em vários casos saindo em total defesa do Estado, que atualmente é absolutamente antiuniversitário e contrário à ciência em geral. Para se ter um bom exemplo disso, basta que se atente ao mais candente deles, a saber, o fato de o governo atual ter agido por meses de modo contrário a vacinação em relação à pandemia do coronavírus, mas em favor da Cloroquina, um remédio sem eficácia alguma contra o Covid-19 (BBC, 2021). Essa militância anticientífica fundamentada a partir de conspirações que acusam as políticas de oposição — como os comunistas do governo chinês ou qualquer um que se proclame minimamente apto ao progressismo — de serem detentores de toda a maldade do planeta Terra, que, aliás, muitos dos filosofastros fora da universidade consideram ser plana[3].

Há de se destacar também, que a recusa da ciência que parte do próprio Presidente e também absurdamente dos maiores representantes do Ministério da Saúde são defendidas e massivamente reproduzidas por diversos filosofastros nas redes sociais. Um retrocesso intelectual sem igual e certamente uma das maiores demonstrações de estupidez em todo o mundo.

Schopenhauer considerava que a filosofia que busca apenas a verdade deveria ser independente de qualquer religião e não ter o Estado como sua aliada ou como seu protetor[4]. No Brasil da atualidade acontece exatamente o oposto: são os filosofastros fora da instituição acadêmica que são defensores e também defendidos

[3] Os ditos *terraplanistas*, conhecidos como *flat-earthers* em inglês, que, diga-se de passagem, Olavo de Carvalho também parecia possuir aptidões.

[4] No ensaio *Sobre a filosofia universitária* do primeiro tomo da obra *Parerga e Paralipomena* (doravante referido como “PP I” e “PP II” para citações do primeiro e segundo tomo respectivamente) Schopenhauer faz uma distinção entre a *filosofia pura* e a *filosofia aplicada*. A primeira “não conhece nenhum outro fim a não ser a verdade” e sua meta seria a “satisfação da nobre carência humana, chamada de carência metafísica”. Já a filosofia aplicada, seria “alugada para fins do Estado” (PP I, 2009, p. 175) para defender uma metafísica já existente, que seria promovida pela religião, ou seja, “a metafísica do povo” (*idem*, p. 168). E para ratificar minha afirmação, há de se compreender que Schopenhauer embora seja crítico da religião, ou seja, a metafísica do povo reconhece nela certo valor ao tratar da *necessidade metafísica do homem* (Cf. MVR II, cap. 17).

pelo Estado e os filósofos que trabalham na academia que são constantemente atacados e nem sempre apenas com palavras, mas também com cortes de verbas para ampliação de pesquisas científicas: basta que se lembre dos cortes feitos na CAPES e no CNPq desde a ascensão do governo eleito em 2018 (APUFSC, 2020). Por outro lado, é visível que charlatões como Olavo de Carvalho recebiam altas quantias de dinheiro dos maiores empresários ligados ao governo para, por exemplo, conseguir quitar a indenização em condenação por ofensas feitas ao cantor Caetano Veloso. (VEJA, 2020; ESTADÃO, 2020).

Sem dúvidas, a opinião de Schopenhauer a respeito da docência filosófica é elitista: nem todos podem ter como ele teve o privilégio de viverem exclusivamente *para a* filosofia. Uma conclusão decorrente desse entendimento possui correspondência na concepção schopenhaueriana da *ociosidade*, o qual aparece em diversos trechos de sua obra. Aqui gostaria de destacar apenas um deles, encontrado no segundo tomo dos *Parerga e Paralipomena* sobre "um povo composto unicamente por camponeses", o qual "inventaria pouca coisa", no entanto, por outro lado, "*mãos ociosas* geram cabeças ativas" e assim, "as artes e a ciências são elas mesmas filhas do luxo e pagam sua dívida" (PP II, 2013, § 125, p. 263 – grifo meu).

Sobre Olavo de Carvalho, o que sabemos seguramente sobre o seu passado, é que não chegou a cursar nem mesmo os anos finais do ensino médio e que jamais se aproximou de adentrar qualquer instituição universitária. Sobre isso cabe uma consideração importante: a meu ver, não há nenhum impedimento para que se seja um entusiasta ou mesmo alguém muito esclarecido em qualquer área da Filosofia, mesmo sem ter um diploma. Pensando de maneira prática, a ação filosófica consiste em ler, escrever, dialogar e observar o mundo, algo que evidentemente pode ser encontrado e feito em qualquer lugar, embora nem todos possuam a mesma paridade de oportunidades e condições, como teve Schopenhauer, por exemplo. Mas vale destacar que é óbvio que Olavo de Carvalho não era um homem ingênuo ou com pouca instrução intelectual, na verdade, era esperto o bastante para calcular cada um de seus movimentos e sagaz o suficiente para auto-analisar a impressão pública de suas alegações, visando sempre o proveito de sua própria imagem. Podemos compará-lo com um cantor ruim, mas que faz sucesso por conta do seu carisma ou por conta de sua irreverência nos palcos. As pessoas em geral, parecem serem atraídas por coisas que fogem da regra, assim, se um cantor ruim pode fazer sucesso (porque pessoas não julgam a técnica de canto, mas a irreverência e a qualidade estética e imagética do artista), um filósofo que não tem seriedade em sua metodologia, também pode fazer, porque o público não julga os seus argumentos a partir de empregos de silogismos, mas de forma rasa, tomam um juízo positivo por conta da sua forma excêntrica de se posicionar e sua coragem de atacar.

Como já colocado mais acima, Olavo de Carvalho jamais sequer chegou perto de ingressar qualquer universidade, o que inerentemente já torna questionável todas as suas incisivas críticas a elas, sendo a principal delas a que diz respeito ao suposto fantasma do *marxismo cultural*, que segundo seu entendimento, rondaria todo o espírito universitário de todos os professores de filosofia do Brasil e de outros países do mundo. Sobre isso, gostaria de destacar um ponto importante: em 2019, a ANPOF fez um levantamento sobre a presença de Marx nos 47 programas de pós-graduação de filosofia nas universidades públicas do Brasil. O resultado do levantamento

mostrou o seguinte: apenas 2,3% das disciplinas ofertadas pelos programas foram sobre Marx e expandindo a pesquisa para referências bibliográficas esse número subiu apenas para 3,5% (ANPOF, 2019). A conclusão é óbvia: a filosofia universitária do Brasil não é de forma alguma marxista, algo que o brasileiro em geral, e principalmente os seguidores de Olavo de Carvalho que se julgam superiores por estarem fora da universidade, tendem a crer com facilidade. Mas para seguir uma reflexão ainda mais ampla nesse sentido, no caso de apresentarmos esses dados a um olavista, deve-se esperar o óbvio: certamente diria que os dados são forjados pelo próprio mundo universitário, de onde a pesquisa foi evidentemente feita. Não é fácil lidar com essa gente.

Mas ainda que essa pesquisa da ANPOF seja reveladora e nos de abonos bastante satisfatórios para uma maior ampliação da crítica ao dito marxismo cultural, creio que temos de reconhecer que Marx seja um dos filósofos mais estudados durante o período de graduação, porém, não vejo isso como negativo. Ao contrário disso, qualquer um que se coloque a julgar de maneira não-emocionada, portanto, racional, irá logo chegar à conclusão de que estudar minimamente a obra de Marx é requisito mínimo para combatê-la, além disso, a importância desse filósofo para todo o contexto europeu em geral é inegável.

Ao que parece, a Olavo de Carvalho faltou maturidade intelectual para entender isso. Ou talvez essa maturidade seja propositalmente velada em prol de causar aplausos numa plateia que já o idolatra exatamente por ser incisivo, aparentando ares de uma performática criticidade que na realidade não existe. A verdade deve ser dita: o público que consome Olavo de Carvalho, em sua grande maioria, não entende e nunca buscou entender absolutamente nada a respeito da filosofia universitária ou sequer entende como funciona um programa de pós-graduação de ciências humanas. Essas pessoas acreditam em um guru que lhes dá a sensação de estarem vendo um mundo nunca antes visto, onde se revelam e se justificam todos os causadores e responsáveis pelos males e malgrados políticos e sociais da humanidade. Ouvir um discurso de Olavo de Carvalho é, com certeza, um teste para colocar à prova o significado da palavra *verdade*, pois esta é dissolvida em meio a conspirações e informações duvidosas.

Referências

CARVALHO, O. *Jardim das aflições — de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil,* Campinas: Vide Editorial, 2015.

METEORO BRASIL. *Tudo que você precisou desaprender para virar um idiota*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

SARTRE. J-P. *O ser e o nada — ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação,* Tomo II. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2015.

_____. *Parerga y Paralipómena I*. Trad. de Pilar López de Santa María. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

_____. *Parerga y Paralipómena II*. Traducción de Pilar López de Santa María. Madrid: Editorial Trotta, 2013.

Outras fontes

A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da COVID: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743 <23/02/2022>.

Disputa judicial entre Olavo de Carvalho e Caetano Veloso: https://veja.abril.com.br/cultura/os-bastidores-da-disputa-judicial-milionaria-entre-olavo-e-caetano/ <acesso em 18/01/2022>.

Governo corta verbas do CNPq: https://www.apufsc.org.br/2020/09/11/para-cumprir-teto-de-gastos-governo-corta-pela-metade-orcamento-do-cnpq-no-ploa-2021/ <acesso em 18/01/2021>.

Levantamento da ANPOF a respeito das pesquisas marxistas: http://www.anpof.org/portal/index.php/pt-BR/artigos-em-destaque/2132-levantamento-feito-pela-anpof-indica-baixa-presenca-de-ensino-de-marx-nas-pos-graduacoes-em-filosofia-no-brasil <acesso em 18/01/2022>.

Luciano Hang pede doações para ajudar Olavo de Carvalho: https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,hang-pede-que-empresarios-deem-dinheiro-a-olavo-de-carvalho-para-continuar-lutando-pelo-brasil,70003327593 <acesso em 18/01/2022>.

Texto de Olavo de Carvalho sobre o aquecimento global: https://olavodecarvalho.org/a-mae-de-todas-as-fraudes/ <18/02/2022>.

Submissão: 23. 02. 2022 / Aceite: 30. 04. 2022

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

ANÁLISE CRÍTICA DO ARGUMENTO NEOCONSERVADOR-OLAVISTA ACERCA DO SURGIMENTO E DO DESENVOVIMENTO DO COMANDO VERMELHO - PONDERAÇÕES SOBRE O LIVRO "A NOVA ERA E A REVOLUÇÃO CULTURAL"

JADSON DE OLIVEIRA BARBOSA

VILA VELHA - ES
OUTUBRO / 2019

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

ANÁLISE CRÍTICA DO ARGUMENTO NEOCONSERVADOR-OLAVISTA ACERCA DO SURGIMENTO E DO DESENVOVIMENTO DO COMANDO VERMELHO - PONDERAÇÕES SOBRE O LIVRO: “A NOVA ERA E A REVOLUÇÃO CULTURAL”

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública.

VILA VELHA - ES

OUTUBRO / 2019

Catalogação na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

B238c Barbosa, Jadson de Oliveira.
Análise crítica do argumento neoconservador-Olavista acerca do surgimento e desenvolvimento do comando vermelho. Ponderações sobre o livro "A nova era e a revolução cultural". / Jadson de Oliveira Barbosa. – 2019.
40 f.

Orientador: Pablo Ornelas Rosa.
Dissertação (mestrado em Sociologia Política) - Universidade Vila Velha, 2019.
Inclui bibliografias.

1.Sociologia Política. 2. Comando Vermelho. 3. Crime organizado. I. Rosa, Pablo Ornelas. II. Universidade Vila Velha. III. Título.

CDD 306.2

JADSON DE OLIVEIRA BARBOSA

ANÁLISE CRÍTICA DO ARGUMENTO NEOCONSERVADOR-OLAVISTA ACERCA DO SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO COMANDO VERMELHO – PONDERAÇÕES SOBRE O LIVRO "A NOVA ERA E A REVOLUÇÃO CULTURAL"

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública.

Aprovado em 07 de junho de 2019,

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Aknaton Toczeck Souza (UFPR – SECAL)

Prof. Dr. Humberto Ribeiro Junior (UVV - ES)

Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV – ES)

Orientador (a)

A Deus seja dada toda a glória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela Salvação e pelo privilégio de poder buscar o crescimento, tanto em graça como em conhecimento.

A minha esposa Bruna por me apoiar e ser a incentivadora diária dos meus sonhos e projetos. Te amo, meu amor!

Ao meu irmão Jonathan, que esteve comigo durante o ano de 2017 nas muitas viagens de Ibatiba/ES a Vila Velha/ES. Obrigado, mano, te amo!

Ao sempre amigo Gesiel de Souza Monteiro, que foi o mentor desta aventura.

À tia Rosa pelo carinho e por ter me recebido tantas vezes na sua casa.

Ao meu amigo e Pastor Adeildo Camargo, por ter me dado tantas caronas.

Aos professores Pablo, Humberto e Regina, que se mostraram tão compreensivos e pacientes, revelando-se verdadeiros mestres do saber e incentivadores do crescimento, que Deus os abençoe.

Aos meus familiares e amigos que se mostraram interessados e entusiasmados com este projeto.

RESUMO

BARBOSA, Jadson de Oliveira, Universidade Vila Velha - ES, junho de 2019. **ANÁLISE CRÍTICA DO ARGUMENTO NEOCONSERVADOR-OLAVISTA ACERCA DO SURGIMENTO E DESENVOVIMENTO DO COMANDO VERMELHO. PONDERAÇÕES SOBRE O LIVRO "A NOVA ERA E A REVOLUÇÃO CULTURAL". Orientador: Pablo Ornelas Rosa**

Esta pesquisa pretende analisar a construção do argumento neoconservador, a respeito do surgimento e do desenvolvimento das facções criminosas no Brasil, especialmente o Comando Vermelho, que se tornou tão destacado nos últimos anos no país, principalmente após o surgimento da candidatura do atual presidente da República, Jair Bolsonaro. Numa comparação objetiva do que a academia produziu a respeito da temática, no enfoque das publicações da professora Camila Nunes Dias, Bruno Paes Manso e Pablo Ornelas Rosa, fica evidente que a produção de Carvalho não pode ser tida como conhecimento científico, tendo em vista, o seu desapego ao método e aos critérios do rigor acadêmico para a produção do conhecimento. Conclui-se, por fim, que a obra de Olavo de Carvalho encontra reverberação num cenário político, de extrema polarização e desconstrução de tudo que os governos da fase da redemocratização do Brasil, ocorrida com a Constituição da República de 1988, fizeram até aqui, no sentido de produzir no imaginário popular algo que justifique uma política de segurança pública baseada na perseguição letal daqueles que optam por viverem no crime.

Palavras-chave: Facção Criminosa. Análise Crítica. Nova Era e a Revolução Cultural. Olavo de Carvalho.

ABSTRACT

BARBOSA, Jadson de Oliveira, Universidade Vila Velha - ES, June, 2019. **CRITICAL ANALYSIS OF OLAVO'S NEOCONSERVATIVE REGARDING THE ADVENT AND DEVELOPMENT OF RED COMMAND. CONSIDERATIONS ABOUT THE BOOK "A NOVA ERA E A REVOLUÇÃO CULTURAL".**
Leading Professor: Pablo Ornelas Rosa

This paper aims to analyze the neoconservative argument, in terms of the advent and development of the criminal groups in Brazil, especially the Red Command, which has become very famous in last years in the country, especially after the announcement of Jair Bolsonaro's candidacy for Federal President. It is clear that, when comparing what the academy has produced in terms of this topic, focusing in professor Camila Nunes Dias, Bruno Paes Manso and Pablo Ornelas Rosa's publications, Carvallho's production cannot be considered cientific knowledge, for the detachment of the method and of the criteria of academic rigor to produce knowledge. Thus, the work of Olavo de Carvalho reverberate in a political scenario, of extreme polarization and deconstruction of everything that the governements in the redemocratization stage in Brazil, occured with the Federal Constitution of 1988, have done until here, in terms of producing something that justifies a public safety policy based in letal persecution of those who choose to live in crime.

Keywords: Criminal Group. Critical Analysis. New Age and the Cultural Revolution. Olavo de Carvalho.

SUMÁRIO

1 O CONTATO COM OLAVO DE CARVALHO

Nosso primeiro contato com Olavo de Carvalho se deu com a sua participação no filme[1]: “A Cruz e a Espada | Brasil - A Última Cruzada”, uma produção do movimento de militância política Brasil Paralelo. Daí por diante, com o início do processo eleitoral das eleições do pleito de 2018, cada vez mais o seu nome vinha à tona, como aquele pensador que orientava o então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro.

Olavo de Carvalho se apresenta como estudioso e filósofo, muito embora, não tenha no seu currículo uma formação acadêmica, muito menos um caminho longo naquilo que se entende por educação formal. Carvalho é professor, ao passo que oferece, pelo seu site (http://olavodecarvalho.org/), uma série de cursos com o objetivo de avaliar a construção filosófica clássica, apresentando sempre uma argumentação que contradita as concepções modernas de organização social, sendo, dessa forma, um opositor declarado dos posicionamentos políticos da esquerda.

Carvalho, como se verá no decorrer desta pesquisa, tem aversão ao método científico de pesquisa, tendo como bandeira o discurso de que as universidades brasileiras estão contaminadas por aquilo que ele chama de ideal gramsciano, qual seja: o processo de tomada ao poder, que começaria pela tomada das universidades e expansões educacionais, da ideologia de esquerda.

Em março deste ano ficou evidente a sua decisiva influência no atual governo, quando o então Presidente da República o insere na comitiva de visita à Casa Branca, participando-o até mesmo em reuniões restritas junto ao presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump[2].

Nesta pesquisa partiremos das práticas discursivas decorrentes de fontes secundárias produzidas em formato de livros e artigos científicos que abarquem pontos de vista mais conservadores e progressistas no campo da segurança pública, com ênfase no estudo das facções criminosos.

Para tratar de um olhar mais progressista, que poderia estar situado em um campo, provavelmente, da esquerda, analisaremos as obras desenvolvidas por Camila Nunes Dias (2013) e Gabriel Feltran (2018), ambos pesquisadores atuantes

---

[1] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TkOlAKE7xqY< Acesso em: 20 out. 2018.
[2] Disponível em: https://www.sul21.com.br/colunas/sergio-araujo-colunas/2019/03/olavo-de-carvalho-de-guru-a-profeta-do-apocalipse/. Acesso em: 25 abr. 2019.

em programas de pós-graduação em universidades públicas brasileiras, justamente por terem certo reconhecimento dos seus pares, tendo em vista a qualidade das suas pesquisas. De outro lado, analisaremos Olavo de Carvalho, tido como o guru não apenas do atual presidente Jair Bolsonaro, mas de grande parte dos neoconservadores brasileiros, que corroboram com a sua visão de mundo, sobretudo, no que se refere ao objeto investigado.

O objeto deste trabalho é apresentar uma análise dos equívocos cometidos por Carvalho (2018), quando constrói uma narrativa a respeito do surgimento das facções criminosas, especialmente o Comando Vermelho, pois do surgimento das novas direitas conservadoras, pode-se concluir que o autor, com os seus escritos e aulas disponíveis nas diversas plataformas digitais[3], vem exercendo significativa influência sobre o imaginário e o pensamento dessa nova nuance da política brasileira.

Se analisará o livro “A Nova Era e a Revolução Cultural” (2018), no capítulo que está no bojo daquilo que Olavo de Carvalho chamou de apêndices, no qual ele examina o tema fações criminosas, como uma das consequências do que ele entende ser o propósito revolucionário do engajamento político gramsciano.

---

[3] Disponível em: <https://www.youtube.com/user/olavodeca>. Acesso em: 15 abr. 2019.

2 INTRODUÇÃO SOBRE "A NOVA ERA E A REVOLUÇÃO CULTURAL"

O objeto de estudo desta análise (o livro "A Nova Era e a Revolução Cultural" - 4º edição, 2018), encontra-se precisamente localizado no que Olavo de Carvalho chama de trilogia, sendo "A Nova Era e a Revolução cultural" (1994) o primeiro dos três livros, juntamente com as obras "O Jardim das Aflições" (1995) e "O Imbecil Coletivo" (1996). O mencionado autor toma por empreita, apresentar uma crítica à cultura e aos rumos políticos que o Brasil tomaria, com a ascensão ao poder dos partidos tidos como de esquerdas no governo brasileiro.

O autor não economiza elogios quando se refere a sua obra, apontando no sentido de afirmar que, antes dele ninguém havia feito uma leitura tão profunda e real do estado de coisas que cercam o cotidiano e a vida das pessoas, ao redor do mundo e, muito especialmente, no Brasil. O autor faz um diagnóstico e aponta direções que, no seu entendimento, realmente possam dar ao menos o vislumbre de uma mudança, possível e necessária, senão vejam as palavras dele:

> O sentido da série é, portanto, nitidamente, o de situar a cultura brasileira de hoje no quadro maior da história das ideias no Ocidente, num período que vai de Epicuro até a "nova retórica" de Chaim Perelma. Que eu saiba ninguém fez antes um esforço de pensar o Brasil nessa escala. Meus únicos antecessores parecem ter sido Darcy Ribeiro, Mario Vieira Mello e Gilberto Freyre [...] (CARVALHO, 2018, p. 10).

Do contato com obra "A Nova Era e Revolução Cultural", já nas linhas introdutórias, fica evidente a intenção do autor, de revelar-se como alguém que apresentará, no seu entendimento, uma análise inédita, a respeito dos fatos e dos fenômenos que marcam a história recente do Brasil, tendo, inclusive, assumido o risco à sua crítica e ao seu próprio ver, de ser "original e singular" (CARVALHO, 2011, p.10). Olavo de Carvalho acredita estar sozinho, pois o alcance das suas constatações abarca um período e uma profundidade dimensional ainda não experimentada, nem mesmo por seus referenciais autores.

Muito embora Carvalho enalteça o seu trabalho, colocando-o num patamar de legitimidade e conteúdo supra acadêmico, ele mesmo reconhece as imensas dificuldades de compreensão do seu texto. Segundo Carvalho (2018), "Entre a rejeição silenciosa e o engano loquaz, minha trilogia não tem muitas chances de ser bem compreendida". No tempo que o autor se refere a sua obra como produto de um trabalho de excelência, indica que as debilidades da sua publicação não residem,

necessariamente, nas deficiências do seu texto ou método por ele empregado na sua pesquisa. Ele debita tal dificuldade à insuficiência interpretativa de quem o lê (CARVALHO, 2018, p.10).

Ao apresentar sua obra (“A Nova Era e a Revolução Cultural”), o próprio autor a descreve como:

> [...] dois ensaios de tamanho médio, colocados entre duas introduções, vários apêndices, um punhado de notas de rodapé e uma conclusão. O todo dá à primeira vista a ideia de textos de origens diversas juntados pela coincidência fortuita de assunto [...]. (CARVALHO, 2018, p. 11).

Portanto, já na exposição da sua pesquisa, o autor indica uma série de críticas ao seu trabalho, não o fazendo, contudo, de modo inteligente, pois da conclusão objetiva do que se tem da porção textual acima reproduzida, tem-se o razoável aprontamento que a grande dificuldade que alguém poderá encontrar ao tentar entender sua argumentação, reside, de imediato, na falta de capricho na organização e no desenvolvimento da sua invenção.

Olavo de Carvalho, nas notas introdutórias da obra que aqui se analisa, propõe ao leitor uma experiência que tocará o imanente, implicando numa experiência dimensional que irá para além da extensão perceptiva e sensorial do mundo das coisas. Isso fica evidente, quando da explicação do uso da gravura que compõe a capa de seu livro, qual seja Beemot e Leviatã de Willian Blake. Carvalho faz uma série de considerações que abarcam a sua visão de mundo a respeito da gravura, passando por versículos bíblicos, até chegar à seguinte afirmação:

> No entanto não é ao homem, nem a Beemot, que cabe julgar o Leviatã. Só o próprio Deus pode fazê-lo. A iconografia mostra Jesus como o pescador que puxa o leviatã para fora das águas, prendendo sua língua com um anzol. Quando, porém, o homem se furta ao combate interior, renegando a ajuda de Cristo, então se desencadeia a luta destrutiva entre a natureza e as forças rebeldes antinaturais, ou infranaturais. (CARVALHO, 2018, p.12)

Carvalho acredita que os diversos conflitos percebidos do convívio social, poderiam ser devidamente resolvidos, ao passo que cada indivíduo olha para dentro de si e se resolve enquanto pessoa, não se furtando de, com a ajuda de Jesus Cristo, vencer o combate espiritual tão comum a todos os seres humanos. Logo, para ele, as muitas guerras implementadas nas diversas esferas da existência, são oriundas da entrega que os indivíduos fazem ao que ele chamou de perigos de ordem material (CARVALHO, 2018, p. 13).

Num argumento espiritualizado, Carvalho acredita que o desprezo da ajuda

divina ou da intervenção de Deus, na gestão dos negócios humanos, levou a humanidade a perder o foco em discussões entre o certo e o errado, a verdade e o erro, passando, tão somente, a residir no estabelecimento dos interesses pessoais e ideológicos de grupos dominantes, em nome de um ideal moralmente recomendável, instrumentalizadas pela "necessidade implacável e da rebelião impotente" (CARVALHO, 2018, p. 13).

No prefácio da exposição do objeto da sua pesquisa, o autor indica duas forças que fomentam os enfrentamos ideológicos e bélicos da história recente, quais sejam: necessidade implacável versos rebelião impotente, a primeira sendo equivalente ao ideal político chamado de direita ou conservadorismo e a outra de esquerda ou progressista.

Carvalho se situa historicamente da seguinte forma:

> No plano da história mais recente, isto é, no ciclo que começa mais ou menos na época do Iluminismo, essas duas forças assumem claramente o sentido do rígido conservadorismo e da *hubris* revolucionária. Ou, mais simples ainda, direita e esquerda. (CARVALHO, 2018, p.13).

Já a caminho da conclusão do prefácio de "A Nova Era e a Revolução Cultural", Olavo de Carvalho confessa, de modo categórico, que a sua intenção não foi, nem de perto, de que seu trabalho se tornasse produto de uma pesquisa, que seguisse a rigor um método de construção de conhecimento, que pudesse causar respeito e consideração no mundo acadêmico, isso, pois, ao seu ver, pronunciar-se de maneira impessoal, tendo sempre um referencial teórico ou uma orientação pedagógica e técnica na retaguarda, maquiaria ou esconderia suas verdadeiras intenções. Carvalho (2018) esclarece que se render ou submeter-se aos regulamentos científicos de pesquisa, custaria a perda de todas as suas referências à vida autêntica e o aprisionamento do seu discurso numa redoma linguística.

Na intenção de fazer justiça ao modo como instrumentaliza a sua pesquisa, o autor se abona, quando aponta que os trabalhos científicos rigidamente concebidos, serviriam tão somente para os leitores ou ao "espectador preguiçoso" (CARVALHO, 2018, p. 17). Desse modo, ele admite que coloca, no bojo do seu texto, uma diversidade de gêneros literários, fazendo apontamentos objetivos, a fim de instigar o leitor a buscar, nas fontes primárias por ele mencionadas ou sugeridas, se de fato o seu posicionamento confere com os autores originais.

Carvalho entende que o ambiente acadêmico é tendencioso a abolir o

pensamento conservador e economicamente liberal, afirmando que impera hoje, no Brasil, um ciclo de constrangimentos, sendo para as inteligências nacionais impostas o pensamento progressista comunista. Para Carvalho (2018, p.19), o Brasil vive uma crise profunda de inteligência, em que cientistas políticos, sociólogos, filósofos, políticos, pesquisadores, de um modo geral, aplaudem com alegria e empolgação incomuns as “ideias mais sonsas e descabidas que nos chegam do estrangeiro.

O fenômeno denominado de crise da inteligência é oriundo, segundo Carvalho, dos movimentos de esquerda, que buscam “reduzir toda a vida intelectual brasileira a um coro unanimista de reclamações” (CARVALHO, 2018, p.19). O entendimento do autor é de que as artes e a filosofia se rebaixaram ao status dos instrumentos de panfletagem de propaganda progressista, só que, todavia, já não mais abarcam questões profundas do conflito ideológico, mas se resumem a estabelecerem jargões e máximas, que reduzem o debate político a um patamar pouco argucioso, vejam:

> O pior é que essa propaganda já não transmite sequer ideias ou símbolos de uma doutrina revolucionária, mais limita-se a repetir, de maneira rasa, literal e direta, as reivindicações do dia: fora Collor, morte aos corruptos, viva o Betinho, queremos sexo. (CARVALHO, 2018, p. 20).

O objeto imediato da crítica política do autor reside, objetivamente, naquilo que ele denomina de revolução comunista (CARVALHO, 2018, p. 21), que seria um processo no qual as políticas públicas de promoção e fomento de desenvolvimento social, seriam norteadas pelo ideal comunista, de fortalecimento do Estado e enfraquecimento do indivíduo. Numa referência pontual ao escândalo dos anões do orçamento, Carvalho desenvolve a sua crítica no sentido de que o pior tipo de descaminho que um governo poderia tomar, não seria o da corrupção, mas o de cair nas ciladas ideológicas dos partidos de esquerda.

Num apontamento generalizado de como o brocardo progressista criou raízes no pensamento e na prática da sociedade, o articulista acusa, com conclusões fáticas, que desde o pai de família que maquia a sua declaração de imposto de renda até os movimentos sociais de reivindicação de direitos coletivos (movimento sem-terra, por exemplo), agem de forma incoerente e mal intencionadas, no sentido de que as reivindicações não são acompanhadas de um comportamento legítimo, ou seja, houve amortecimento do senso de dever. (CARVALHO, 2018).

A mensagem principal do autor, já na apresentação da sua obra, é clara, no sentido de se propor a argumentar contra a visão ideológica do que ele entende ser

comunismo, esquerda e partidos com ideal progressista. Sua afirmação chega ao ponto de creditar a tudo que há de mal arrumado no Brasil a assunção ao governo dos partidos de esquerda (CARVALHO, 2018, p. 23), afirmando que "a conversão formal ou informal, consciente ou inconsciente da intelectualidade de esquerda á estratégia de Antônio Gramsci é o fato mais relevante da história nacional dos últimos 30 anos".

Apesar de confessar ter votado no Presidente Lula, hoje decepcionado e arrependido da sua escolha, Carvalho aponta que um dia empreendeu suas melhores esperanças e expectativas no governo Lula e que o Partido dos Trabalhadores (PT), seria o grande partido socialista do Brasil que, inspirado num ideal trabalhista, lutaria pela conquista de Direitos e políticas públicas, que alcançassem, de fato, os menos favorecidos historicamente conhecidos do Brasil. Ocorre que, na visão do autor, isso não aconteceu, haja vista, ter o partido se perdido no decorrer da sua história, tendo se transformado naquilo que se propunha a combater.

A respeito do Partido dos Trabalhadores, afirma Carvalho que:

> [...] Não quer mais eleger o presidente, governar bem, submeter seu desempenho ao julgamento popular daqui a cinco anos, fazer História no ritmo lento e natural dos moinhos dos deuses: quer tomar o poder, fazer a revolução, desmantelar os adversários, expelir da política para sempre os que poderiam derrota-lo em eleições futuras. Nos termos da poesia de Murillo Mendes, preferiu, às 'lentas sandálias do bem, as velozes hélices do mal'. (CARVALHO, 2018, p.25).

O pensamento Olavista surge no sentido de insuflar a concepção popular de que o ideal partidário petista está alinhado a uma tomada de poder das esquerdas mundo afora, especialmente na América Latina, deixando evidente que esse movimento de dominação passará pela conquista dos polos de pesquisa acadêmicas, formando, na sociedade, um consenso a respeito de tudo.

3 AS ESQUERDAS E O CRIME ORGANIZADO

O estudo a respeito do surgimento das facções criminosas, bem como do seu vertiginoso estabelecimento de poder nas mais variadas esferas dos territórios urbanos, se estabelece como tarefa imprescindível para todos os sujeitos que lidam direta e indiretamente com o tema Segurança Pública. Isso porque, da glamourização percebida por milhões de expectadores a respeito dos traficantes dos morros cariocas nas telas dos cinemas de filmes como "Cidade de Deus" e "Tropa de Elite", despertou-se o interesse de acadêmicos, agentes públicos e, até mesmo popular, de se saber quem são esses homens e mulheres que, investidos de armamentos pesados, estabelecem seus domínios em extensas áreas da geografia urbana, constituindo o seu comando com ações de violência e paternalismo.

Há algum tempo as ações do crime organizado toma as páginas policiais das publicações diárias dos jornais impressos e das programações televisivas em horários nobres, que anunciam os seus atos em presídios (rebeliões e confrontos sangrentos), assalto a bancos, roubo de carros e cargas, bem como a intensa guerra pelo poder nos morros, nas ruas, nas vielas, nos bairros nobres, enfim, parece que a atuação do crime organizado é onipresente e pode todas as coisas.

As cenas de horror que circularam nas contas das redes sociais nas mídias eletrônicas foram o relato diário das rebeliões que ocorreram em janeiro de 2017, na qual se pode constatar[4] um nível de violência letal, que chegou à casa de centena de mortos, por conflitos internos e externos das facções criminosas.

Constata-se, sobre tal fato, como aquilo que era um fenômeno aparentemente regional, dado ao Grande Rio e ao estado de São Paulo, chegando, também, aos lugares mais distantes da região sudeste do Brasil. É razoável entender que esses grupos já atuavam antes das rebeliões, era algo que permanecia em silêncio, haja vista, o desconhecimento por grande parte da população brasileira.

Logo, pode ser vista em pesquisas rápidas na rede mundial de computadores, uma vasta bibliografia nas plataformas digitais, que tomam este objeto de estudo que, por consequência lógica, apontam diversas causas prováveis do surgimento e de como se desenvolvem as ditas organizações. Fato é que, com ascensão ao poder de uma ideologia de direita, mas já antes, desde a campanha para a Presidência da

---

[4] MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. PCC, sistema prisional e gestão do novo mundo do crime no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, Local, v. 11, n. 2, p. 10-29, mês abreviado 2017.

República e para o parlamento federal, que se ouve afirmar que o novo governo teria como sua base política ideológica no sentido de priorizar os seus esforços, em políticas públicas de combate ao crime organizado.

Logo, na atual conjuntura institucional de governo, surge como conselheiro da presidência para assuntos diversos, a figura que cada vez mais toma relevância nas tomadas de decisão do novo governo, o Sr. Olavo de Carvalho, autor de diversas obras, dentre elas o objeto deste artigo e outras que se popularizaram, como: “O mínimo que você precisa saber para não ser idiota” (2013); “O Imbecil Coletivo” (1996); “O jardim das Aflições” (1995) e outras mais, somando-se a essa literatura o seu curso de filosofia *online*, que pode ser visto do domínio www.seminariodefilosofia.org, bem como, centenas de vídeos disponíveis nas plataformas de *streaming* (www.youtube.com.br).

Carvalho, como já informado neste artigo, também se debruça sobre o fenômeno do surgimento das facções criminosas. Contudo, seu olhar não parte de uma pesquisa profunda, pois ao tratar do tema, o autor se baseia, exclusivamente, no produto jornalístico produzido por Carlos Amorim (2018), com primeira edição no ano de 1993, ao passo que nas 16 páginas em que ele trata da matéria, a obra de Amorim é a única fonte bibliográfica indicada pelo autor, ao ponto que suas conclusões são produto da obra de Amorim e da crítica ao seu trabalho. Carvalho utiliza as informações levantadas por Amorim, mas discorda objetivamente das suas conclusões. Ao falar da obra, Carvalho afirma:

> Não vou aqui resumir o livro, pois pretendo que o leiam. Nas páginas que se seguem, concentrarei minhas observações antes no que me parece ser o seu único ponto fraco. [...] O autor, de fato, alude a algumas causas prováveis, mais centraliza sua atenção no fenômeno Comando Vermelho como tal, sem estender seu exame ao conjunto de fatores históricos que cercaram, propiciaram e finalmente determinaram seu surgimento. (CARVALHO, 2018, p.98).

A crítica que Carvalho faz a Amorim, reside no fato de, na sua obra, o autor omitir ou avaliar, de forma equivocada, as razões que levaram ao surgimento da facção criminosa Comando Vermelho, pois, ainda que Amorim não afirme não existir indícios suficientes que caracterize o Comando Vermelho como o braço armado e violento que deu continuidade ao que se dizia pretender a guerrilha de esquerda nos anos de 1960 e os anos seguintes até 1970, Carvalho aponta que esse é um equívoco que merece ser observado na obra da Amorim.

O modo como a obra de Carlos Amorim é interpretada em “A Nova Era e

Revolução Cultural", vem claramente de encontro às conclusões do próprio autor, que afirma categoricamente:

> Os revolucionários nunca pretenderam ensinar os criminosos a fazer guerrilhas. Em mais de uma década de pesquisas, nunca encontrei o menor indício de que houvesse uma intenção – menos ainda uma estratégia – para envolver o crime na luta de classe. (AMORIM, 2018, p. 197)

Muito embora Carvalho afirme a responsabilidade das organizações de esquerda ao surgimento das facções criminosas, ele deixa claro que não é esse o posicionamento de Amorim. O autor chega a justificar a postura do jornalista quando informa que aqueles presos políticos ocupam hoje posições de poder, são parlamentares, ministros, dirigentes sindicais, chefes de redação de jornais, de modo que seria compreensível a esquiva de Amorim.

Carvalho (2018, p. 98) interpreta a narrativa de Amorim, apontando que o surgimento do Comando Vermelho se deu da convivência de presos comuns com aqueles presos políticos no presídio de Ilha Grande, litoral fluminense, entre anos de 1969 a 1978. Tais presos políticos, inflamados pelo ideal revolucionário, ensinaram os presos comuns as táticas de guerrilha urbana e princípios de organização, tão essenciais para o que se constataria ser o motivo do sucesso das empreitas da facção.

Ainda na análise do discurso de Amorim, Carvalho dedica grande parte do seu esforço neste capítulo, que trata das facções criminosas, apontando um sentido na fala de Amorim, descontruindo o seu argumento de que não se tratava de doutrinação ideológica, dando, desse modo, um novo sentido à narrativa jornalística. Carvalho aponta que a omissão do autor é flagrante, afirmando, inclusive, que nem mesmo o referido autor por ele analisado acredita verdadeiramente naquilo que afirma, ou seja, o autor mente para si[5].

Carvalho (2018) cita uma lista de técnicas e métodos de guerrilha, passados pelos militantes de esquerda aos criminosos comuns, dentre os quais, destacam-se: Princípios de organização militar, estrutura hierárquica e sistemas próprios de comunicação; Propaganda – Agitprop**;** Estratégias de ação armada; Prática de assaltos simultâneos; Bombardeio de Postos Militares; Alarmes de falsos assaltos; Logística de atendimento médico para o cuidado de eventuais sinistros nas ações armadas; Sequestros de autoridades; Técnicas de abordagem militar, em curto

---

[5] Amorim opina enfaticamente que "não houve intenção" de ensinar guerrilha aos bandidos, que a transmissão desses ensinamentos se deu de maneira "involuntária", em resultado espontâneo do "convívio eventual nas cadeias". Diante dos fatos narrados, é difícil acreditar nessa opinião, é difícil mesmo admitir que o próprio amorim acredite nela. (CARVALHO, 2018, p.104)

espaço de tempo. Carvalho chega a afirmar que o Comando Vermelho pratica um assalto em no máximo cinco minutos e isso graças às informações vindas das organizações de esquerda; O cuidado na estratégia de onde e como operar determinada intervenção, seguindo a máxima no sentido com o lema: “Somos mais fortes onde o inimigo é mais fraco” e Fabricação de explosivos: coquetéis-molotov.

No entendimento de Olavo de Carvalho, os presos Comuns foram devidamente munidos de um verdadeiro curso de guerrilha urbana, recebendo, inclusive, suporte de bibliografia especializada (CARVALHO, 2018, p. 103) e professores devidamente experimentados, com acesso às obras como O” pequeno manual do guerrilheiro urbano”, de Carlos Marighela, “Guerra de Guerrilhas”, de Che Guevara, “A Revolução na Revolução”, de Régis Débray e “A Guerrilha Vista por Dentro” de Wilfred Burchett.

O clima de polarização política marcou a campanha eleitoral de 2018, que já marcava o embate de forças políticas no Brasil desde o fim do pleito de 2014, no sentido de dividir os políticos em duas classes, ao passo que todo argumento que favorece determinado ponto de vista é aceito, enquanto que aquilo que lhes desfavorece é visto como algo perfeitamente inútil e equivocado. Portanto, o argumento de Carvalho, que acusa os partidos de origem progressista de serem objetivamente culpados, inclusive pelo surgimento das facções criminosas, encontrou ambiência necessária para ser tido como válido e científico, sendo, inclusive, utilizado como fonte e inspiração para uma tendência política que agora se manifesta sem constrangimentos.

4 CRÍTICA TEXTUAL

O estudo a respeito dos discursos criados a respeito das organizações criminosas no Brasil tem se mostrado heterogêneo e multifacetado. Portanto, objetiva-se nesta pesquisa compreender as diversas visões e composições que os autores e suas respectivas pesquisas acadêmicas têm proferido a respeito da criação, do desenvolvimento e da consolidação desses grupos armados, que se organizam em torno de atividades ilícitas.

O avanço e o fortalecimento dos organismos que atuam no combate ao tráfico de drogas, não pode ser mais tido, tão somente, como um problema que ocupará as deliberações da pasta do recém-criado Ministério da Justiça e da Segurança Pública,

tendo o ex-juiz federal Sérgio Moro como Ministro, ou nas respectivas secretarias estaduais de segurança pública. Essa atividade e mostra mais lucrativa que setores tradicionais da nossa economia. Portanto, o combate ao tráfico de drogas, para além de ser um assunto de polícia, trata-se de uma necessidade estratégica de soberania e estabilidade nacional.

Para Carvalho (2018), a maneira isolada e escoteira como o crime e o criminoso se manifestavam até 1970 ou pouco depois, toma contornos ideológicos, quando as atividades criminosas abandonam somente o aspecto financeiro e assumem um papel de oposição e resistência a um sistema que opera dentro e fora das cadeias. Quando há a perseguição seletiva de criminosos, quando o sistema penitenciário se mostra, definitivamente, tão somente, como um braço vingativo do Estado e da sociedade, o Comando Vermelho (CV) surge como bandeira de liberdade, paz e justiça, revelando, desse modo, as precarizações e, sobretudo a violação de direitos humanos no sistema carcerário brasileiro, trazendo, como efeito colateral, a emergência das facções criminosas.

Todavia, a compreensão desses diversos discursos a respeito das facções criminosas revela como é complexo esse fenômeno que tem sido, talvez, o maior gargalo para a segurança Pública no Brasil. A depender da maneira como compreendem-no, têm-se, assim, soluções diversas para o problema.

Enquanto Nunes e Feltran investigam o fenômeno Primeiro Comando da Capital (PCC) ou o crime organizado paulista, construindo um discurso a respeito das facções criminosas, tendo como objeto primário de pesquisa o partido do crime, avaliando as demais facções de uma maneira transversal ou comparativa, o assim conhecido como suposto filósofo, Olavo de Carvalho, desenvolve a sua narrativa a respeito do crime organizado no Brasil. Carvalho tem como base o surgimento e a evolução de outra, mas também muito conhecida organização criminosa, o Comando Vermelho.

Camila Nunes Dias (2013) e Gabriel Feltran (2018) não negam que, de fato, existe uma relação do surgimento dessas facções com a convivência desses presos políticos, até porque se trata de um fato histórico, que pode ser facilmente comprovado, bastando uma simples averiguação dos anais das penitenciárias do período da Ditadura Civil-Militar. Todavia, não apontam uma natureza política para o seu modo e para a justificativa nas suas ações.

Esses autores enxergam essas facções, especialmente o Primeiro Comando

da Capital, como uma congregação de criminosos que se unem para uma série de demandas em comum, tendo como foco o lucro, a potencialização financeira que as atividades ilegais podem lhes proporcionar.

O mundo do crime seria, então, uma opção, a partir do momento que outras condições de sobrevivência não foram aproveitadas ou até mesmo ofertadas. Esses indivíduos presos ou em liberdade, optam por se filiarem a uma facção que mais lhe seduzem e passam, a partir daí, a desenvolverem diversas atividades ilegais, abrindo mão de certa autonomia, mas no sentido de se protegerem e protegerem seus negócios.

Feltran (2018) apresenta uma perspectiva do PCC, quando entende essa organização como algo parecido com uma fraternidade secreta colaborativa, que, em muitos aspectos, se assemelha à franco maçonaria, indicando que muito embora a lucratividade seja algo importante para os anseios da organização, não seria esse o seu fim, pois:

> Ainda que seja uma irmandade de muitos empresários criminais e empreendedores autônomos, que atuam em mercados legais e ilegais, a facção não funciona como empresa [...] modo de organizar é inspirado nas irmandades secretas, como a maçonaria. (FELTRAN, 2018, p. 22-23)

Haja vista a intensa utilização da internet como meio de comunicação, cada indivíduo pode ser potencialmente considerado como um difusor de informação, estando então superada a fase de que as fontes de comunicação que se tinha acesso, já não se resumem aos grandes grupos jornalísticos ou aos canais de televisão. Isso ocorre, pois o acesso aos sites de *streaming* é possível a qualquer um, é possível ter acesso à informação de conteúdo que agrade o seu gosto.

Rosa, Rezende e Martins (2018) ao lecionarem a respeito desse fenômeno, trouxeram o conceito de pós-verdade, no sentido de entender o fenômeno que se torna cada vez mais comum, de um acontecimento que não existiu, ser posto como verdadeiro. A partir de tal premissa se constrói uma narrativa em torno desse fato:

> [...] o dicionário Oxford trouxe como palavra do ano em 2016, a pós-verdade, ou seja, fazendo com que a difusão de uma informação sem uma fonte precisa ou mesmo distorcida e até mentirosa, tenha efeito de verdade em suas consequências. Assim, ao definir a pós-verdade como um adjetivo "relacionado a ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e a crenças. pessoais", o Dicionário Oxford reconheceu que a partir de 2016 "a pós-verdade deixou de ser um termo periférico para ser um dos pilares dos comentários políticos, sendo agora muitas vezes usados por grandes publicações sem a necessidade de esclarecimento ou definição em suas manchetes". (ROSA; REZENDE; MARTINS, 2018, p. 175).

A crescente onda de violência no Brasil, marcada pelos altos índices de morte por assassinato, especialmente com uso de arma de fogo, tem causado uma convergência de esforços e empreendimentos governamentais, no sentido de, ao menos, tentar parar essa tendência, que marca toda uma geração de jovens, que veem o seu futuro perdido por terem suas vidas ceifadas tão precocemente.

É de conhecimento comum que na demografia dos grandes centros urbanos, existem conglomerados habitacionais que se formaram à sombra de um planejamento oficial e acompanhado, surgindo, desse modo, territórios compostos por uma grande massa populacional. Segundo informa a Revista Exame[6], tendo como aporte o CENSO[7] de 2010, mais de 11 milhões de pessoas residem em locais frutos de invasões e com pouquíssimas prestações públicas de serviços básicos à sobrevivência.

Analisando o fenômeno das guerras de facções para o controle de territórios na cidade do Rio de Janeiro, a antropóloga e professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Alba Zaluar (2002) observa:

> Que guerra é esta em que armas leves e pequenas, que até crianças podem carregar, atingem qualquer um, sem aviso, sem defesa, sem consolo? Que guerra é essa que nega o monopólio legítimo da violência pelo Estado, com a pulverização de organizações privadas de segurança e organizações criminosas e terroristas? A logística em fluxos e redes e as fraturas múltiplas em comandos, quadrilhas, bondes, forças policiais, justiceiros e pistoleiros. Por detrás disso tudo, pouco investigado e pouco conhecido, o capitalismo das sombras que opera no mercado negro das armas e das drogas, misturando promiscuamente negócio legal e ilegal. Essa economia das trevas é transnacional, como o terror que a preside. (ZALUAR, 2002)

Se for considerada a média da população das cidades brasileiras, a Favela da Rocinha[8], na cidade do Rio de janeiro, estaria entre as 450 maiores cidades do país, com uma população com cerca de 70 mil pessoas. Esses espaços geográficos surgem na plástica das cidades, como se não devessem ser objetos do cuidado e guarda dos governos.

Nesse cenário de abandono e descuido que se popularizou ou se teve conhecimento da atuação das facções criminosas, que muito embora, tenham o seu

---

[6] PRATES, Marco. **As 10 maiores (e mais impressionantes) favelas do Brasil**. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/as-10-maiores-e-mais-impressionantes-favelas-do-brasil/>. Acesso em: 07 mar. 2019.
[7] IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em:.07 mar. 2019.
[8] *Iden*

advento dentro das prisões, se estabeleceram enquanto centros de poder de dominação nas favelas e nas periferias urbanas.

Já tem algum tempo que a academia e os influenciadores digitais se debruçam sobre este objeto de pesquisa (DIAS, ano; FELTRAN, ano; TOGNOLE, ano), qual seja, as facções criminosas, no sentido de tentar entender esse fenômeno, num estudo cronológico desde o seu surgimento, até o seu estado atual, na busca de tentar compreendê-lo, informando às instituições de governo, os seus pontos de vistas, o que, em tese, poderia ensejar nas políticas de segurança pública o combate à violência.

A vida de um traficante que atua na ponta do tráfico de drogas, não é muito longa, como ressalta Feltran (ano), tendo em vista, o constante combate com a polícia e com os grupos rivais. Esse dado é sabido pelo indivíduo que ingressa no comércio não regulado de drogas e armas, mesmo antes de nele entrar. Então, o que levaria alguém a investir o seu tempo e as suas habilidades numa atividade tão perigosa e inconstante?

Perguntado à respeito das suas atividades ilícitas, o traficante Marcelo Piloto, em uma coletiva dada à imprensa paraguaia[9], segurando um print de uma imagem de vídeo da internet, afirma: “colocar a minha foto, a foto de um carro bomba, e colocar uma facção criminosa como terrorista é inaceitável, mentira, não concordo... terrorismo a nossa facção não aceita” (se referindo ao comando vermelho).

Já o traficante Carlos César do Santos Lima, em audiência gravada na Justiça Federal, na cidade de Limeira/SP, após ser informado a respeito do que lhe era imputado pelo Ministério Público, sendo arguido pelo magistrado a respeito da tentativa de morte de um indivíduo, faz o seguinte desabafo[10]:

> Dizer, é isto aí mesmo, demorou, pode condenar mesmo, e outra, deixando bem claro também irmão, “ceis” me tirou lá de Presidente Venceslau lá, pra fazer 12 horas de viagem, pra escutar esta palhaçada aqui, eu não vou ficar escutando isto daí não... aqui vocês não intimidam ninguém não rapaz, aqui é o Primeiro Comando da Capital, inimigo número 1 de vocês rapaz. (LIMA, 2009).

Luiz Fernando da Costa, vulgarmente conhecido por Fernandinho Beira-Mar, é um famoso traficante carioca, que se criou nas periferias da cidade de Duque de Caxias – RJ, talvez seja o mais famoso traficante de drogas e armas do Brasil. Ele é

---

[9] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8cbkaB7tABo&t=1958s>. Acesso em: 13 abr. 2019.
[10] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DeS3lzbm7aI>. Acesso em: 15 abr. 2019.

um homem poderoso do mundo crime, sendo, inclusive, considerado pelo próprio governo dos Estados Unidos da América, uma ameaça ao seu país, com atuação dentro e fora do Brasil. Ele comanda de dentro de um Presídio Federal de Segurança Máxima, em Mossoró, no Rio Grande Norte, uma movimentação financeira estimada pela inteligência policial carioca em 44 milhões de dólares por ano (AMORIM, 2018).

O primeiro traficante compõe a famosa facção criminosa carioca, o Comando Vermelho, enquanto que o segundo é um traficante paulista, vinculado ao Primeiro Comando da Capital (PCC). A priori os discursos são diferentes, pois enquanto aquele trata de suas atividades como tendo tão somente um objetivo pecuniário, este já se pronuncia como sendo o inimigo número 1 do Estado, afirmando, inclusive, que não se intimida, diante de um Juiz Federal e da imposição coercitiva do Estado, por pertencer ao PCC.

Esses poucos exemplos que tratam da atuação dessas organizações, deixam em evidência que o seu modo de agir não respeita uma sistemática previsível, pois ora se mostram como tendo como objeto o comércio ilícito de drogas e armas, tendo a violência como o seu instrumento de poder, outrora revelam o seu perfil de resistência ao governo, se organizando em torno de um ideal político de natureza econômico/social, como diagnostica Camila Nunes, no que tange ao enunciado ideológico do Primeiro Comando da Capital – Paz, Justiça, Liberdade e Igualdade (NUNES, 2013).

Logo, o estudo a respeito das facções criminosas no Brasil poderá revelar as muitas faces pelas quais se manifestam, não sendo razoável conceber esse fenômeno, como algo simples e de fácil compreensão.

Desse modo, há quem se prontifique a dizer que o fenômeno do surgimento dessas organizações, se dá pela influência política de grupos de viés político de esquerda, como é o caso do chamado professor Olavo de Carvalho que, com base na obra do jornalista Carlos Amorim, afirma que as facções criminosas, em especial o surgimento do Comando Vermelho, se deu com o contato de presos políticos com presos comuns (CARVALHO, 2018), na década de 1970, no presídio de segurança máxima em Ilha Bela, no litoral Fluminense.

Todavia, pelo que se tem de pesquisa acadêmica confiável, do que se pode concluir da obra da professora Camila Nunes (2013), a formação das facções criminosas no Brasil, muito embora tenham sido formadas no contexto em que presos políticos e comuns tenham tido contato, o que culminou nessas organizações não foi

o anseio de se juntarem em torno de um ideal político para fazerem frente a um governo opressor com preferências à esquerda. O que de fato levou à formação desses grupos foi a conclusão que se chegou, de que se os presos estivessem juntos e convergindo numa mesma direção, agindo organizadamente sob um código básico de conduta, alcançariam êxito e sucesso nos negócios, como também conquistariam melhores condições de sobrevivência no sistema carcerário.

Portanto, da compreensão de como se deu a formação, o surgimento e o modo de operar dessas organizações criminosas, pode-se chegar, em primeiro lugar, ao vislumbre do que são e não são essas facções. Muito do que se criou no imaginário popular é que esses indivíduos que se formam em grupos numa convergência de esforços para um fim comum são, para muitas pessoas, protegidos por uma legislação fraca e pouco punitiva, ao passo que devem ser encarados por alguns setores da sociedade como inimigos da sociedade, necessitando ser aniquilados por tiros certeiros de *snipers*, conforme sugeriu o novo governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel[11].

O surgimento das facções criminosas dentro dos ambientes prisionais, especialmente nos presídios paulistas, trouxe uma nova formatação no estabelecimento do comércio ilegal de drogas ilícitas e armas. Segundo aponta Nunes (2013, p. 10), uma nova figuração social, em que as relações de poder e submissão dentro da organização ficaram mais evidentes, tomando contornos organizacionais, proporcionou a elevação da eficiência dos planos de negócio desses grupos.

Os diversos atentados que ocorreram em maio de 2006 (JUSTIÇA GLOBAL; INTERNATIONAL HUMAN RIGHTS CLINIC, 2011), nomeados de ataques de maio, que ocorrem entre os dias 12 a 20 de maio, naquele ano, que mais tarde teriam as eleições federais e estaduais, juntamente com as rebeliões orquestradas dentro dos presídios paulistas, revelaram uma face ainda desconhecida do crime organizado brasileiro, que até então, era desconhecido sob o ponto de vista prático, do que seria capaz o Primeiro Comando da Capital. Num dia de visita, praticamente todos os presídios paulistas são tomados de assalto por presos que, agindo sob a égide de um comando claramente estabelecido, reivindicam melhores condições de sobrevivência dentro dos presídios, bem como, denunciam que o sistema carcerário brasileiro ainda era mais frágil do que se imaginava (NUNES, 2013, p. 15).

---

[11] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4CXGkV9iM-o>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Ao citar as suas atividades de pesquisa, Camila Nunes informa que nos anos que antecederam a estes ataques (2003 e 2004), durante o seu trabalho de campo na pesquisa empírica nos presídios de São Paulo, era notório o domínio do PCC na rotina carcerária, bem como havia conhecimento de um acordo entre a cúpula da organização e o Governo do Estado de São Paulo, ficando estabelecida um trégua com o poder público, de modo que estava proibidos “acertos de contas ou episódios de violência” (NUNES, 2013, p. 16).

Quando as bandeiras improvisadas com lenções e bastões de madeira foram estendidas nas janelas dos presídios do Estado de São Paulo, viu-se a sigla PCC (JUSTIÇA GLOBAL; INTERNATIONAL HUMAN RIGHTS CLINIC, 2011) e, de uma forma urgente a população não só de São Paulo, mas de todo o Brasil, começou a se perguntar do que se tratava essa sigla, quem era e o que era, essa organização se autodeclarava como autora de um dos maiores movimentos de resistência e rebelião da história carcerária do Brasil.

Mais adiante, noticiou-se ser o PCC uma facção criminosa que nasceu no ano de 1993, no anexo da casa de Custódia de Taubaté, no Estado de São Paulo. No presídio também conhecido por Piranhão, o PCC se formou durante um campeonato de futebol, em que o time chamado Comando da Capital, formado por presos da capital paulista, enfrentou o Comando Caipira, composto por jogadores vindos das regiões interioranas do estado. Daquele confronto surgiu a famigerada organização criminosa paulista, tendo sido formada pelos seguintes membros fundadores: Miza (Mizael Aparecido da Silva), Geleião (José Márcio Felício), Cesinha (César Augusto Roriz Silva), Cara Gorda (Wander Eduardo Ferreira), Paixão (Antônio Carlos Roberto da Paixão) e Bicho Feio (Antônio Carlos dos Santos). Observa-se que todos esses apenados se encontravam em regime de cumprimento de pena disciplinar diferenciado, com visitas e banho de sol regulados (NUNES, 2013, p. 2013).

A atuação do partido do crime[12], já era conhecida por gestores do sistema prisional paulista, ao passo que a organização já havia orquestrado rebeliões e assassinatos, e isto a medida que expandia seu domínio pelas diversas unidades prisionais no Estado do São Paulo, realizando batismos[13] de diversos presos, tendo como forma de atuação, a cumplicidade e lealdade irrestrita dentre seus membros, tendo o ideal de solidariedade e união cada vez mais fortalecidos entre seus elementos, no sentido de fortalecer a luta por melhorias de condições dentro dos presídios, bem como se fortalecerem nas atividades criminosas perpetuadas pelos seus participantes fora das cadeias.

[12] Nomenclatura dada ao PCC. (MANSO; NUNES, 2018)
[13] Nome que se dá ao ritual de iniciação aquele indivíduo que ingressa nas fileiras da organização.

Nunes (2013) assevera que, num primeiro momento, o PCC se utilizou de uma instrumentalidade simbólica de poder, qual seja, o exercício contínuo e sistemático de violência, perseguindo, a preço de sangue, os seus inimigos e opositores, criando, assim, não só para instituições de governo, mas principalmente dentro do sistema carcerário, entre os apenados, uma condição de poder, ainda não vista e experimentada pela população carcerária, de modo que aqueles que tivessem sob a égide de sua proteção estariam protegidos desde que se mantivessem fieis ao estatuto da organização, enquanto que os opositores seriam aniquilados.

O modo como as execuções se dão pelo PCC (NUNES, 2013, p. 216) passa uma mensagem supostamente pedagógica sobre nexo em cometer uma falta com uma punição consequente, de modo que, para cada falta cometida existe uma punição ou modo de execução particular. Para membros de outras facções morte por decapitação, olhos arrancados por traição, cadeado na boca, suplício para os delatores, arrancar o coração para os inimigos da facção.

Do noticiário diário de como as facções criminosas atuam para além dos altos muros dos presídios, são feitas diversas perguntas: Por que o sistema prisional brasileiro se tornou terreno fértil para a criação, a expansão e a consolidação do crime organizado? Por quais razões a população carcerária se submete à autoridade dessas coligações? Como é possível presos que passam pelo Regime Disciplinar Diferenciado, controlarem a venda de drogas e armas nas ruas das cidades?

Nunes (2013) argumenta que, numa perspectiva de que o poder se exerce pela aplicação da força, os mecanismos de poder são manifestos objetivamente pela repressão. O estabelecimento desse poder e a sua consequente legitimidade, seria evidenciada pelo enfrentamento “belicoso” de armas, pela guerra-repressão, caracterizada entre a “luta e submissão”.

As organizações criminosas, portanto, permearão nas lacunas deixadas por essas manifestações legitimas de autoridade, no sentido de oferecer uma saída que, em curto prazo, não importará em consequências drásticas para o indivíduo e sua família, muito pelo contrário. Seus pares que o cercam imediatamente, também não o enxergam como negativas, pois, numa realidade de ausência de amparo, os serviços prestados e oferecidos pelas facções criminosas estimulam e garantem o abrigo necessário para aqueles que empreitam em suas fileiras.

Feltran (2018) apresenta um exemplo muito elucidador:

> [...] a escolha da instância a acionar depende do tipo de problema enfrentado.

> Por exemplo, se um homem tem um emprego e durante anos não recebeu as horas extras a que tinha direito, ou se uma mão não recebe a pensão alimentício do ex-marido, acionarão a justiça. [...] Mas, se alguém da família foi roubado, agredido, coagido ou morto e os agentes da ação criminosa não foram policiais, será feita uma queixa a uma autoridade local do crime (FELTRAN, 2018, p. 205).

Todavia, é de compreensão da população carcerária e das comunidades, que a imposição por força de regras tidas como ilegais, trariam pacificação e implementação de justiça,

> a legitimidade da força física é determinada a partir do seu lugar numa figuração social específica e, portanto, é relativa a posições e pontos de vistas singulares. É a maneira pela qual os indivíduos se ligam uns aos outros que determina a legitimidade do uso da violência física numa dala relação de poder (NUNES, 2013).

No mundo do crime, especialmente nas "quebradas" (expressão utilizada por Feltran (2018)), em que o PCC estabeleceu o seu comando, existe uma justiça paralela, que cumpre um papel regulador do que é certo nas atitudes de cada indivíduo. Não se pode mais fazer no crime o que se quer, do jeito que se queria fazer. (FELTRAN, 2018).

A facção paulista se organizou, de um modo que, no seu estatuto, na sua primeira versão concebida por seus fundadores, José Márcio Felício (Geleião) e César Augusto Roriz Silva (Cesinha do Mangue), no item 3, está disposto que: *"*dentro da organização existe uma hierarquia e uma disciplina a ser seguida e respeitada. Aqueles integrantes que vier a causar divisão dentro do Comando, desrespeitando esses critérios, será excluído e decretado*"* (FELTRAN, 2018, p. 305 – sem alteração, conforme a redação original).

Nunes (2013) destaca a natureza e o controle do PCC. O ano era 2015[14], na cidade de Pirassununga/SP, o pedreiro Adriano Mendes (33 anos), a sua esposa Adriana Ponciano e uma amiga, saíram de uma escola, ao passarem por uma lombada, Adriano não consegue controlar a motocicleta e cai ao chão. Coincidentemente, três irmãos do partido do crime[15] estavam na calçada logo em frente de onde houve o pequeno acidente.

Esses indivíduos começam a zombar de Adriano pelo fato de ele ter caído, ato contínuo que começa uma discussão. Um daqueles homens, Fabrício do Nascimento, saca uma arma e dispara três tiros em Adriano, que vem a óbito imediatamente. Até

---

[14] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSiUMXAtOs4>. Acesso em: 17 abr. 2019.
[15] Nome dado ao Primeiro Comando da Capital, facção criminosa paulista, também conhecida pela sigla 15.3.3.

então, essa seria uma cena comum, corriqueira num país em que casos como esses são constatados dia a dia.

O irmão de Adriano, Agnaldo Mendes, que já havia passado pelo sistema penitenciário paulista, por tráfico de drogas, quer justiça. Todavia, não aciona aos órgãos jurisdicionais constitucionalmente estabelecidos.

Agnaldo opta por uma via mais célere, não oficial, que seria mais eficiente. Ele busca justiça pelo braço regulador de uma "Sintonia"[16] do PCC, um tribunal que seria presidido de dentro de uma penitenciária estadual, por um sistema de teleconferência, na qual presos tomam para si prerrogativas jurisdicionais e traficantes executam ao pé da letra a sentença prolatada.

Já em uma semana após o fato, o julgamento começou, o autor do crime e os seus companheiros, a esposa e a sua amiga que presenciou o ocorrido, juntamente com Agnaldo, vão para uma chácara na zona rural da cidade e dali, após horas e horas de discussão, a sentença é dada: Fabrício do Nascimento é condenado à morte, executado por Agnaldo, que queria a morte de todos os participes. Os demais são condenados a deixaram a cidade imediatamente sob o aviso de não causarem mal algum para Adriana, sua amiga e para os familiares de Adriana e da sua amiga.

O juiz informa a Agnaldo: "Então veja bem: você só vai cobrar, moleque, o cara que tirou a vida do seu irmão, entendeu cara". Agnaldo replica: "Mas os dois vai ficar impune, irmão?", o juiz informa: "Ô moleque, a questão não é quem vai ficar impune. A questão é que os dois não tirou a vida de seu irmão... então, a gente é justo e correto..."[17].

A deliberação do caso durou toda uma noite, foram horas e horas de argumentos e contra-argumentos, até se decidir que caberia a Agnaldo a execução de Fabrício, que recebeu a seguinte sentença: "você tem ciência do que você cometeu. Você tirou uma vida até mesmo sem dar defesa para o mesmo... A gente não admite isso em lugar nenhum"[18].

É no mínimo curioso perceber, numa organização tida como criminosa, a concepção de um modelo de gestão, tendo por um código de normas, traçado para um modo de pautar as suas ações, fundamentadas em um estatuto, que após ter sido tomado a termo, foi amplamente divulgado (os salves) entre a população carcerária e

---

[16] Nome que se dá a uma célula de poder do PCC.
[17] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSiUMXAtOs4>. Acesso em: 20 abr. 2019.
[18] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSiUMXAtOs4>. Acesso em: 20 abr. 2019.

também fora dela e se torna fonte de direito para determinar, inclusive, a vida e a morte de um transgressor.

3 CRÍTICA ÉTICA E METODOLÓGICA DO TEXTO

Como já discorrido neste texto, ao construir o seu pensamento, Carvalho (2018) não pretendeu utilizar das ferramentas de pesquisas tão caras à legitimidade de um argumento científico, usando tão somente como baldrame para o seu argumento um trabalho jornalístico, qual seja, a obra de Amorim (2018), a respeito do surgimento do Comando Vermelho. Ocorre que, sendo assim, vem à tona o quanto é frágil e insustentável a inteligência de que o crime organizado no Brasil possui ligação objetiva e imediata com o movimento político progressista.

Segundo Medeiros, a "Ciência é um corpo de conhecimentos com técnicas especializadas de verificação, interpretação e inferência da realidade" (MEDEIROS, 2006, p. 41). Portanto, toda pesquisa que se preze digna de respeito científico, deve necessariamente se obrigar a impor-se ao rigor da técnica e ao escrutínio especializados para conferência dos fatos históricos e eventos do mundo social.

Para Ruiz (2006), ao empreender no campo da pesquisa científica, no sentido de trazer esclarecimento à realidade empírica que lhe cerca, o cientista ou pesquisador deverá partir da premissa de que os seus sentidos são o que lhe propiciam a capacidade de captar os fatos que lhe cercam. Esses precisam ser educados, de modo que as suas impressões pessoais sejam, dentro do possível e do razoável, colocadas à prova pela averiguação ao menos imparcial.

Ruiz ainda assevera que o pesquisador deve ser dirigido pelos seguintes questionamentos: "Por que o fenômeno acontece? O que acontece? Onde o fenômeno acontece? Quando o fenômeno acontece? Quais fatores estão envolvidos no fenômeno? Quais os fatores que causam o fenômeno? Quais os impactos de um fenômeno sobre o outro?" (RUIZ, 2006, p. 1).

No objetivo de apontar o que se espera de um produto de uma pesquisa científica, podemos destacar o que se tira de lição do livro "Metodologia de Pesquisa: Guia Prático", escrito por Kauark, Manhães e Medeiros (2010):

> Conhecimento científico – É uma conquista recente da humanidade, surgido apenas no século XVII. É metódico e sistemático, voltado para a resolução de problemas inerentes a toda a humanidade. É objetivo, não dependendo dos pensamentos e desejos de nenhuma pessoa em particular, pois o conhecimento científico pode ser replicado por qualquer um que utilize o mesmo método e trabalhe com a realidade

> da mesma maneira. É um conhecimento geral, na medida em que busca estabelecer as regularidades dos fenômenos e não as suas particularidades. Busca leis gerais. (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 22)

Logo, dessa porção textual, pode-se chegar à conclusão de que um saber ou conhecimento só pode ser tido como científico e relevante se o mesmo for resultado de um elevado e criterioso método de busca do conhecimento, senão, teremos tão somente a impressão pessoal e contaminada pela visão de mundo, que penetra, invariavelmente, a consciência do examinador.

Da análise do texto de Carvalho não se pode, nem de longe, ser percebido tal comprometimento como um desapego a uma visão da realidade que não esteja contaminado pelo viés ideológico e ético, pois é evidente que o autor pretende criar, a partir de suas convicções e interesses, inimigos e fatos que não podem, a rigor do método científico, serem averiguados.

Observa-se que um dos elementos imprescindíveis ao conhecimento científico é fazer com que, a partir do rigor da utilização das mesmas ferramentas de pesquisas, um outro indivíduo, que sá até mesmo em outra época, possa chegar a um resultado igual ou muito próximo do que aquele chegou.

Ao disponibilizar a sua obra, Carvalho não se preocupa em submetê-la ao método acadêmico, muito menos se importa com a análise acadêmica. Logo, as suas publicações, por mais que possam ser respeitadas do ponto de vista da expressão do pensamento humano, não poderão ser dignas de fundamento teórico na formatação de um conceito aplicável ao conhecimento científico, não devendo ser utilizada como baliza para o fomento de políticas públicas.

É interessante notar que o governo que há pouco tomou posse busca, nesse senhor, já conhecido como “Guru do Governo[19]”, orientação para as tomadas de decisões para a escolha de ministros e políticas de Estado, tão caras para o momento de delicada crise da República. Ele é colocado a par, como conselheiro, até mesmo de reuniões de cúpula e missões internacionais, como a recente visita ao Estados Unidos da América.

O pensamento de Carvalho está contaminado e isso pode ser evidenciado na sua afirmação de que as universidades são fábricas de “idiotas diplomados”[20], denunciando,

---

[19] BRESCIANI, Eduardo; MAIA, Gustavo. Líder do Podemos sugere a Bolsonaro troca de 'guru'. **O Globo**. Brasília, abr. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/lider-do-podemos-sugere-bolsonaro-troca-de-guru-23588772>. Acesso em: 27 abr. 2019.

[20]Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/1261505734001498?comment_id=12615131506674

assim, uma postura avessa e objetivamente contraditória a tudo que pode ser concebido num ambiente acadêmico. Em recente publicação, Carvalho afirma, na sua rede social[21]: “O fato de o governo gastar muito dinheiro com as universidades e pouco com o ensino básico mostra que, no Brasil, não é preciso saber ler, o importante é ser doutor”.

Seu despeito à pesquisa acadêmica e ao conhecimento científico, tem abrigo num número considerável de seguidores, até mesmo no governo, quando agora o Ministério da Educação opera um contingenciamento de verbas públicas, que servem para o fomento da pesquisa científica no Brasil.

Ao discorrer a respeito das facções criminosas, Carvalho não se preocupa em colocar a inteligência das suas afirmações dentro de balizas confiáveis, pois, do texto, pode-se ver que o seu argumento se baseia tão somente na pesquisa de Amorim, não se preocupando, o autor, em fazer um exame historiográfico, que confirme os fatos narrados pelo jornalista.

Em alguns momentos, como já observado neste texto, o autor chega a desafiar as afirmações da sua fonte primária, dizendo a partir da narrativa de Amorim, o que ele não disse nem pensou. Ele toma os fatos apresentados por Amorim e discorre, de maneira diversa, enquanto amorim aponta à luz do que ouviu dos testemunhos dos detentos, que o Comando Vermelho não é a continuidade da guerrilha armada. Carvalho insiste em dizer o contrário, ficando evidente, assim, o desrespeito gritante à técnica e à boa pesquisa, quando contraria objetivamente o trabalho que lhe orienta.

O argumento de Carvalho do modo como se desenvolve, toma irremediavelmente um tom panfletário de militância política, muito embora tenha como pretensão revestir-se de autoridade científica. Fica evidente que ele parte de um ponto de observação já munido de conclusões, no sentido de desconstruir tudo o que ele concebe como de origem progressista.

Em outras palavras, o seu argumento não é concebido de uma raiz neutra, pois já parte de conclusões pré-concebidas, se não bastasse a ausência de método na construção da sua narrativa, suas afirmações não condizem com o que aconselha a boa técnica, “é preciso manter-se eticamente neutro de opiniões pessoais, neutro de “achismos”, isento de palpites” (MEDEIROS, 2010, p. 23).

Sob a luz do que aponta Medeiros (2010), o trabalho científico precisa munir-se de

---

23&reply_comment_id=1263332538187468&comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22R%22%7D>. Acesso em: 05 mar. 2019.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8PXrvRmg9w0>. Acesso em: 05 mar. 2019.

[21] Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/1292737540878317?__tn__=H-R&eid=ARAXlmmcL-06q1YUYdYq41rO-tg9BPU6Aen_IQw7T2d76cEaS0xd4KMUZhsgzucWW9h2LN0NVA0XNIpo>. Aceso em: 15 mai. 2019.

crítica objetiva ou racional. A crítica se destaca como a capacidade de julgar com o devido discernimento os elementos do objeto da pesquisa. A objetividade se percebe no argumento que despreza o senso comum e as paixões pessoais, marcada pela impessoalidade nas conclusões da pesquisa, tomando relevância o problema e a solução. A pesquisa quantitativa indicada para o aprendizado e conclusões a respeito de determinado fato, precisa pautar-se em tudo aquilo que foi observado sistematicamente.

A pesquisa de Carvalho se apresenta como bibliográfica, especialmente no que toca ao surgimento das facções criminosas e tem como fonte, unicamente a publicação de Amorim. Ele não apresenta nenhuma outra publicação que reforce ou que até mesmo contrarie o que dispõe o trabalho jornalístico de Amorim. Portanto, tomando como base que o autor não se dispôs a ir a campo em busca do que pretende resolver, deve então beber de diversas fontes a respeito do objeto da sua pesquisa.

Numa análise de como foram desenvolvidas as pesquisas de ambas as perspectivas, vê-se as suas qualidades e problemas, fica evidente, também, os efeitos desses discursos na política brasileira. Para isso, se faz necessário verificar quais foram os métodos, referenciais teóricos, categorias, conceitos, noções, dentre outros elementos imprescindíveis à pesquisa científica.

Dessa maneira, para arranjar uma crítica epistemológica a respeito do texto de Carvalho, à luz da comparação do que a séria pesquisa acadêmica já produziu, faz-se necessário encarar sua narrativa, levando em consideração os seguintes aspectos: O contexto histórico de produção dos discursos analisados; as fontes utilizadas na produção dos discursos; os enunciados que fazem sobre o sujeito/objeto, a partir dos termos, categorias e noções que utilizam e as formas e espaços de circulação dos discursos.

A publicação em análise neste artigo remonta, em sua primeira edição, ao ano de 1993, quando o Brasil experimentava seus primeiros passos do novo regime democrático constitucional há pouco em vigor. Já naquela época, Olavo de Carvalho (1993) já deixava clara a sua decepção com aqueles que afirmam ter sido seus companheiros de militância política e que ao seu gosto se mostravam revestidos de um ideal gramsciano, qual seja, o de produzir de dentro das Universidades, a partir do pensamento e da crítica acadêmica, uma revolução cultural, que fosse o fator dominante da crítica política no Brasil. Nesse contexto histórico, Carvalho toma de aporte a obra de Amorim e estabelece suas convicções a respeito do surgimento do crime organizado no Brasil, apontando por diversas vezes suas discordâncias com as afirmações de Amorim.

Rosa (2018) faz uma análise profunda do discurso Olavista, quando da análise do

que ele conceitua como neoconservadorismo, tão evidenciado na campanha política ao Palácio do Planalto de 2018, partindo de uma abordagem que chamou de cibecartografia política, tendo como referencial teórico não só o produto das publicações em livros e artigos acadêmicos, mas analisando um vasto conteúdo disponível na rede mundial e computadores, especialmente, em vídeos. Tem-se como conclusão, inevitável, que as afirmações de Carvalho não são produto da análise objetiva e criteriosa de fenômenos que ele pretende avaliar, mas tão somente as impressões pessoais que lhe são caras e tidas como verdadeiras.

Diferentemente, Nunes (2018) e Manso (2018) concebem suas pesquisas e desenvolvem suas narrativas, tendo em comum uma vasta pesquisa de campo, entrevistando pessoalmente os envolvidos nos últimos eventos que denunciaram o funcionamento nefasto das facções criminosas no Brasil, tanto dentro como fora dos presídios.

Na sua tese de doutorado, publicada também em formato de livro, Nunes dedica um capítulo de sua premiada obra[22], no sentido de expor a metodologia utilizada em sua pesquisa, afirmando que a metodologia é "a reflexão que envolve a avaliação dos procedimentos técnicos e das fontes utilizadas, bem como nos pressupostos que orientaram o desenvolvimento do projeto da pesquisa, a postura es ações do pesquisador" (NUNES, 2013, p. 44).

Nunes acentua a dificuldade em se pesquisar as facções criminosas, tendo em vista a grande dificuldade de se ter acesso aos dados primários, de modo que grande parte das pesquisas a respeito do crime organizado, tem como base dados secundários, oriundos de dados oficiais e materiais jornalísticos. O autor acrescenta, ainda, que no seu caso específico após os atentados de 2006 nos presídios paulistas, as autoridades fecharam o cerco em torno das informações do sistema prisional paulista, tendo como inteligência a segurança dos agentes públicos envolvidos no trato das prisões.

A respeito destas fontes secundárias tão comuns em pesquisas a respeito do crime organizado, observa Nunes:

> O predomínio desses dados como base dos trabalhos acadêmicos sobre o crime organizado encerra problemas metodológicos fundamentais, como a sua finalidade específica e a maneira como são colhidos. Os dados oficiais, em geral produzidos pelas agências de repressão, tem como objetivo a obtenção de provas das atividades criminosas contra os suspeitos de integrá-las. Para obter estas informações essas agências utilizam meio poucos ortodoxos. Os materiais produzidos pela imprensa, por sua vez, têm finalidade comercial, são muitas vezes

[22] PCC: Hegemonia nas Prisões e Monopólio da Violência, por Camila Nunes Dias, foi vencedora do Prêmios CAPES de tese, área Sociologia – 2012.

> caracterizados pelo sensacionalismo e pela necessidade de publicar as informações em primeira mão, o que faz com que, na maioria das vezes, sejam coletados de forma rápida, verificação da veracidade das informações obtidas. (NUNES, 2013, p. 48).

É razoável admitir-se que por detrás dos dados apresentados pelas agências de governo, bem como os jornalísticos, apesar de serem importantes e dignos de serem ao menos levados em conta, possuem objetivos além daqueles ditos oficialmente, devendo o cientista renunciar à versão oficial e governamental do objeto de pesquisa, descortinando a sua natureza e a sua dinâmica.

Daí o contraste do trabalho produzido por Carvalho e aquele fruto da pesquisa científica, enquanto aquele tem por base os dados colhidos por uma única fonte, este tem como fundamento fontes os dados primários, colhidos diretamente nas unidades prisionais com os atores dos fatos. Nunes (2013) descreve o seu caminho e as muitas barreiras burocráticas por ela superadas durante os anos de 2008 e 2009, fazendo longos percursos de viagem para três unidades prisionais, chamadas por ela de P1, P2 e P3, ficando longos períodos por vários dias seguidos dentro dos presídios, de 7h30 às 17h.

Carvalho desenvolve o seu argumento do surgimento do crime organizado no Brasil, partindo do pressuposto de que até a convivência dos presos comuns com os presos políticos, as mais diversas quadrilhas que existiam no Brasil agiam de modo espontâneo e não influenciados por um ideal político, sendo tão somente a manifestação da ganância humana ou a simples e nua manifestação de maldade.

Nunes pesquisa o crime organizado, partindo da orientação que as facções se estabelecem como centros de poder dentro e fora do presídio, a partir de uma construção social, que se estabelece não em torno de um ideal político progressista, como sugere Carvalho, mas a partir de reiteradas práticas de dominação pela imposição violenta de suas regras, tendo como respaldo objetivo, a potencialização dos lucros das atividades ilegais praticadas pela facção.

O discurso Olavista a respeito das facções criminosas encontra espaço considerável na substancia da militância política que se aponta conservadora no Brasil, propiciando que, no seio da sociedade, possam ser geradas diversas castas de cidadãos, sendo alguns dignos da tutela e proteção do Estado, enquanto outros devem ser perseguidos a custo das suas próprias vidas e aniquilados como inimigos numa guerra que se apresenta próxima, como uma guerra de raças.

Numa perspectiva teórica, Foucault (2006) entende que a guerra de raças seria o fundamento no qual as relações de poder e soberania se estabelecem na sociedade, pois

desse conflito, surge a “conquista e a subjugação de uma raça por outra “.

No intuito de purgar a sociedade e livrá-la do que se elegeu como impróprio, surge o Racismo de Estado, que conceitua Célia Bernardes, na visão de Foucault:

> O racismo de Estado cumpre duas funções principais: primeiramente, fragmenta o “contínuo biológico”, dividindo-o em raças de acordo com uma determinada hierarquia; em segundo lugar faz atuar a antiga relação guerreira (“se você quiser viver é preciso que o outro morra”) de uma forma inteiramente nova e compatível com o exercício do biopoder (BERNARDES, 2013, p. 71).

O pensamento Olavista de que as facções criminosas se desenvolvem no sentido de combater e desafiar o poder de ordem que o hipotético império da Lei deveria produzir na sociedade, alimenta o pensamento de que contra os cidadãos de bem, opera uma parcela considerável da sociedade, que não mede esforços na tentativa de deformar o ideal civilizatório concebido por um processo democrático eleitoral.

Assim, numa abordagem moderna daquele que detêm o poder, ou o soberano, para além de ter o poder sobre a vida tem também o poder de morte. “Se o genocídio é o sonho dos poderes modernos, não é pelo retorno do velho direito [do soberano] de matar, mas porque o poder está situado e é exercido no nível da vida, da espécie, da raça e dos fenómenos massivos da população” (FOUCAULT, 2006, p. 180).

A letalidade policial no Estado do Rio de Janeiro alcançou, neste ano de 2019, índices inéditos[23], os antigos 'autos de resistência' somaram 434 mortes no primeiro trimestre deste ano - sete por dia, de modo que as mais de 400 mortes ocorridas nestes que são os primeiros meses do ano, se caracteriza como o maior número vítimas desde de 1998. Sendo flagrante que o poder que se exerce, não se percebe tão somente sobre o indivíduo como unidade de determinada população, mas sobre determinada coletividade, ou seja, o Estado protege e promove o crescimento e o fortalecimento de dada população, a custo de eleger a destruição de outra.

Trata-se, portanto de uma seletividade nefasta, que coloca tais indivíduos como sendo indignos de recuperação, e merecedores da mais severa retribuição estatal, qual seja a morte, e isto tão notório e perceptível em jargões como: bandido bom é bandido morto, bandidolatria, vitimismo social, dentre outros aspectos. Elucida Castelo Branco:

> Trata-se da justificativa da manutenção da vida de alguns pela deliberada eliminação de outro qualquer. Frases como “se queres viver, o outro deve morrer” convertem-se

[23] GRANDIN, Felipe; RODRIGUES, Matheus. Número de mortes por intervenção policial no RJ é o maior nos últimos 20 anos; apreensão de fuzis bate recorde em 2019. G1. Rio de Janeiro, p. 01-02. 03 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/03/rj-bate-recorde-na-apreensao-de-fuzis-em-2019-numero-de-mortes-por-intervencao-policial-e-o-maior-nos-ultimos-20-anos.ghtml>. Acesso em: 05 maio 2019.

> num slogan político e são, a todo o momento, utilizadas nas chantagens a respeito do direito à riqueza e ao bem-estar social. Dessa maneira, percebemos que a grande chantagem está numa associação entre eliminação do outro como purificação da sociedade. (BRANCO, 2009, p. 32).

Na campanha política, e agora se pode ver na prática, há o ideal de recrudescimento das forças persecutórias contra o crime, no sentido de adotar como política pública manobras que se instrumentalizam pela letalidade das abordagens policiais. Nesse sentido aponta Foucault:

> O racismo é formado nesse âmbito (o racismo em sua forma moderna, estatal, biologizante): toda uma política da população, da família, do matrimônio, da educação, da hierarquização social e da propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes ao nível do corpo, das condutas, da saúde e da vida cotidiana receberam então sua cor e sua justificação da preocupação mítica por proteger a pureza de sangue e de fazer triunfar a raça. (FOUCAULT, 2006, p. 197)

O pensamento Olavista torna possível o surgimento de inimigos irreais, existentes tão somente na concepção de realidade que ele acredita. A esse respeito Rosa (2018) destaca um aumento considerável da proliferação de informações imprecisas e inverídicas, que pelo rápido transporte das redes sociais, alcançam um número considerável de indivíduos que tomam por verdadeiras:

> Diante disso, constatamos um aumento e até proliferação de informações distorcidas ou mesmo equivocadas operadas a partir de uma perspectiva utilitária, antiesquerdista, anti-gênero, etc., que estabelece arbitrariamente os valores ocidentais como os únicos pressupostos da existência de certa humanidade supostamente "civilizada", definindo como inimigos todos aqueles que questionam quaisquer dimensões de mudanças acerca daquilo que entendem como o comportamento mais adequado para os indivíduos e sociedades, amparadas, sobretudo, em certa idealização saudosista baseada na perpetuação do entendimento filosófico e democrático encontrado na construção caricatural da democracia grega, do direito romano e, em especial, dos valores abalizados pela tradição judaico-cristã. (ROSA; REZENDE; MARINS, 2018, p. 169).

O argumento neoconservador pretende colocar em prática no Brasil, o que ficou muito comum nos Estados modernos, em que o poder estatal e o racismo estabeleceram uma estreita e particular relação, de modo que "o racismo está ligado ao funcionamento de um Estado obrigado a se servir da raça, da eliminação das raças e da purificação da raça, para exercer seu poder soberano" (FOUCAULT, 2006, p. 230).

Da sua casa nos Estados Unidos da América, Olavo de Carvalho[24] realiza

---

[24] Em uma pesquisa rápida no site www.youtube.com.br é possível perceber um número considerável de vídeos e palestras em que Olavo de Carvalho descreve o Brasil de maneira depreciativa. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=olavo+de+Carvalho+fala+mal+do+Brasil>. Acesso em: 10 maio 2019.

diagnósticos e aponta soluções, fazendo-o pedagogicamente, comparando o Brasil e os seus problemas à realidade vivida em outros países, sugerindo vivermos numa sociedade que não entendeu o ideal civilizatório já experimentado na América do Norte e na Europa.

> O quadro descrito por Foucault não é nada otimista e vem nos alertar que o mundo está rachado entre o [que o] europeu tradicionalmente entende como ocidente (civilização) e [o] resto do mundo (barbárie). Visto por quadro, a partir da mais simples dedução, nós do Brasil não fazemos parte do mundo civilizado e o que temos diante de nós é um contexto social complicado e com perspectivas biopolíticas sombrias. Os países pobres ou não-ocidentais [...] são vistos como perigosos para o mundo civilizado, pois o cercam de ameaças que eles conseguiram superar (BRANCO, 2004, p. 136).

A visão Olavista do estado atual das coisas no Brasil, se coaduna muito do que acima está descrito, uma vez que, para ele, do que se pode ver das referências já apontadas, nossa sociedade se encontra distante do patamar de civilização percebido em outras comunidades.

CONCLUSÃO

O que se propôs como tarefa neste artigo foi fazer uma análise crítica a respeito do discurso Olavista, no que tange às facções criminosas, apresentando, num primeiro momento, a base do seu discurso e os pressupostos que o dirigiu até as suas conclusões. O que se pode ver foi um texto que é produto da concepção pessoal de um pensador, que muito embora possa ter tanto numa perspectiva moral quanto legal o direito de manifesta suas opiniões, mostrou-se avesso ao bom rigor acadêmico, tão cara para construção do conhecimento científico.

Como citado no texto, o assim chamado professor Olavo de Carvalho propõe uma abordagem de pesquisa, que de cara ignora o valor da pesquisa acadêmica, ao passo, que acusa as universidades no Brasil de estarem contaminadas pelo pensamento progressista de Antonio Gramsci. Carvalho, como já apontando, faz um juízo de valor negativo, concluindo que as universidades e a pesquisa no Brasil, servem de instrumentos político ideológico para que os partidos de esquerda chegassem ao poder. O referido autor aponta que a chegada ao poder do PT (Partido dos Trabalhadores) passou, necessariamente, pela militância e engajamento político dos professores e reitores das universidades públicas e privadas de todo o Brasil.

Tendo como base a obra de Amorim, Carvalho (2018) entende que o surgimento do crime organizado no Brasil teve como embrião a convivência de presos comuns com os ditos presos políticos, no presídio de segurança máxima Candido Mendes. A partir de 1970, em Ilha Grande, esses presos políticos ensinaram aos presos comuns táticas e ferramentas de

guerrilhas, no sentido de, desse convívio, nascer o que seria mais tarde uma das mais fortes e atuantes facções criminosas no Brasil, o Comando vermelho.

Ocorre que da comparação do trabalho de Carvalho com outras publicações que foram submetidas ao rigor científico, pode-se concluir que o argumento de Carvalho, muito embora venha sendo tido como denso e aceito até mesmo nas altas cúpula do atual governo, é raso e desprovido de significado científico. Seu trabalho se presta tão somente ao desserviço de realçar e legitimar práticas eugênicas, que segregam populações inteiras do amparo de todo aparelho governamental.

Fato é que o amparo dado ao argumento Olavista já pode ser ouvido em diversos ambientes, servindo de base teórica e argumentativa para movimentos políticos que, a exemplo do Brasil Paralelo, tenha um engajamento permanente e diário, pelas mais variadas mídias eletrônicas, apresentando um número grande de propostas políticas e econômicas que radicalizam a direita na política de Estado do Brasil.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Carlos. **CV-PCC**: A irmandade do crime. Local: Editora Record, 2018.

BERNARDES, Célia Regina Ody. **Racismo de Estado**: Uma reflexão a partir da crítica da razão governamental de Michel Foucault. Curitiba: Juruá, 2013.

BRANCO, Guilherme Castelo. O racismo no presente histórico: análise de Michel de Foucault. **Kalagatos: Revista de Filosofia**, Local, v. 1, n. 1, p. 129-144, mês abreviado 2004.

CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural.** 4. ed. Campinas: Vide, 2018.

FELTRAN, Gabriel. **Irmãos:** uma história do PCC. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FOUCAULT, Michel. **É preciso defender a sociedade**. Lisboa: Livros do Brasil, 2006.

JUSTIÇA GLOBAL; INTERNATIONAL HUMAN RIGHTS CLINIC. **São Paulo sob achaque:** corrupção, crime organizado e violência institucional em maio de 2006. Relatório. 2011. Disponível em: <http://hrp.law.harvard.edu/wp-content/uploads/2011/05/full-with-cover.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro. **Metodologia da pesquisa:** Guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. PCC, sistema prisional e gestão do novo mundo do crime no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, Local, v. 11, n. 2, p. 10-29, mês abreviado 2017. Disponível em: <http://www.revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/854>. Acesso em: 15 nov. 2018.

MANSO, Bruno Paes; NUNES, Camila Dias. **A guerra:** Ascenção do PCC e o mundo do crime no Brasil. São Paulo: Todavia, 2018.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1989.

NUNES, Camila Caldeira Dias. **PCC:** Hegemonia nas prisões e monopólio da violência. São Paulo: Saraiva, 2013.

ROSA, Pablo Ornelas; REZENDE, Rafael Alves; MARTINS, Victória Mariani de Vargas. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras**. Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, Local, v. 4, n. 2, p. 164-203, mês abreviado 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832>. Acesso em: 12 abr. 2019.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia científica. **Guia para eficiência nos estudos**, Local, v. 13, p. 131, mês abreviado 1996. Disponível em: <http://www.fatecead.com.br/mpc/aula03_texto2.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

ZALUAR, Alba. A guerra sem fim em alguns bairros do rio de janeiro. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 54, n. 1, p.32-38, jun. 2002. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000100019>. Acesso em: 15 abr. 2019.

DOI: 10.1590/s0102-6992-202237010016

Variações à direita: Steven Bannon, Alexander Dugim e Olavo De Carvalho[i]

Recebido: 26.09.21
Aprovado: 07.10.21

TEITELBAUM, Benjamim. *War for eternity: inside Bannon's far right circle of global power brokers*. New York: Harper Collins, 2020.

Gabriel Guimarães (https://orcid.org/0000-0002-5630-6557),
Centro de Estudos Internacionais (ESPP), Lisboa, Portugal[ii].

O livro *War for eternity: inside Bannon's far right circle of global power brokers*, de Benjamim Teitelbaum, trata de um tema que no Novo Século parece ganhar cada vez mais importância. Aquele acerca das organizações voltadas para a metapolítica e como podem impactar na política representativa convencional. Ou seja, como organizações pequenas e, a princípio, obscuras, podem ter real influência em partidos e atores políticos de grande envergadura no cenário representativo, isto é, como organizações voltadas para uma esfera totalmente não convencional, conseguem, eventualmente, influenciar governos eleitos em democracias de massa.

Para isto, Teitelbaum analisa a rede de relações em torno a três formadores de opinião que passaram a ter considerável influência sobre diversos atores políticos e mesmo governos de seus países. São eles, Steven Bannon, dos Estados Unidos, Alexander Dugin, da Rússia, e Olavo de Carvalho, do Brasil[1]. O autor traça a trajetória intelectual dos três, discutindo suas influências intelectuais e teóricas, suas experiências em organizações de vários tipos, com destaque para os círculos esotéricos. Segundo Teitelbaum, Bannon, Dugin e Carvalho estariam conectados por um enquadramento de mundo mais ou menos comum, no caso, a escola de pensamento conhecida como *tradicionalista*

Esta linha teórica e ideológica teria como principais nomes o francês René Guénon e o italiano Julius Evola, dentre vários outros autores igualmente relevantes. Em geral, suas ideias são desenvolvidas ao largo da produção acadêmica e universitária; o *tradicionalismo* enxerga a modernidade e o sistema de valores que a sustenta como apenas um interregno histórico de duração relativamente curta, fadada ao colapso.

i. Esta resenha é parte do projeto de pesquisa "A Nova Direita radical euroamericana em Portugal: uma perspectiva comparada". PTDC/CPO-CPO/28748/2017.

ii. Gabriel Guimarães é doutor em sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Investigador Integrado do CEI-Iscte , Centro de Estudos Internacionais (ESPP), Lisboa, Portugal. <gfrgs@iscte-iul.pt>.

1. Quando se fala em democracia de massa, se quer dizer apenas regimes multipartidários dotados de eleições periódicas. Não se discute aqui o teor e a profundidade da poliarquia nos países em questão.

Seus operadores creditam que a ideia de igualdade desenvolvida pelos ideais da Revolução Francesa, a partir de 1789, não se sustenta, em função do caos proveniente do nivelamento igualitário. No arrebalde deste colapso, o *ethos* marcial e espiritual que caracterizara as sociedades pré-modernas volta novamente à tona, trazendo consigo hierarquias militares e religiosas como as que se encontravam no centro da organização da vida na pré-modernidade.

Bannon, Dugim, e Carvalho tiveram, em algum momento, sempre segundo Teitelbaum, contatos com o *tradicionalismo*, seja através da leitura de seus autores, seja através do contato com círculos tradicionalistas, fundamentais para a sua formatação ideológica. O norte-americano teria tido seus primeiros contatos com o tradicionalismo ainda jovem, quando servia na Marinha norte-americana. Na cidade de Hong Kong, em uma velha livraria, Bannon iniciou-se na escola tradicionalista. Dugim, por sua vez, estabeleceu seus primeiros contatos também jovem, ainda no período da antiga União Soviética, com grupos de jovens que se opunham ao regime soviético, combinando noites de bebedeira, a apreciação de estilos musicais proscritos pelo regime, e ideias tradicionalistas. Já Olavo de Carvalho teve seus contatos iniciais com o tradicionalismo com a Tariqa de Fritschof Schuon, um culto esotérico islâmico, em Indiana, nos Estados Unidos.

Teitelbaum discorre sobre a bem sucedida carreira de Bannon no setor financeiro, mas sempre envolto nas teorias e ideologias tradicionalistas. Algo que chama atenção é como Bannon teria adaptado essas ideias ao contexto moderno dos Estados Unidos, enxergando nas populações rurais e na classe trabalhadora, majoritariamente de origem escocesa e irlandesa, nichos sociais ainda embebidos pela tradição. O homem da *Deep America*, com sua suposta autonomia frente às multiculturais metrópoles norte-americanas, sua familiaridade no uso de armas de fogo, sua desconfiança ou mesmo hostilidade frente às chamadas ideologias de gênero o tornariam a expressão norte-americana de um tipo social dotado de valores tradicionais.

Dugim, organizou, nos anos 1990 , pequenos partidos políticos, como o Partido Neo-Bolchevique, em 1992, e o Partido Eurasia, em 2001, de inspiração tradicionalista. Apesar de serem partidos de pouca expressão eleitoral, Dugim foi alçado a cargos políticos de importância, como conselheiro de membros da Duma. Suas ideias também teriam ressonância entre os militares, com quem ele, alegadamente, mantém laços estreitos. Tornou-se notório ao propor o que chama de *Quarta teoria política*, uma geopolítica de um mundo dividido em blocos culturais distintos com um livro de mesmo nome.

Olavo de Carvalho, depois de escrever para diversos jornais brasileiros, estabeleceu-se na Virginia, Estados Unidos, onde fundou o *Curso Online de Filosofia*, e o site

M*ídia sem Máscara* – *TrueOutspeak*. Através do YouTube, ele pôde difundir suas ideias passando ao largo da grande mídia, que ele considera corrupta e sintonizada ao socialismo e ao globalismo. A luta contra o globalismo, especificamente, é um ponto em comum que Carvalho tem com Bannon e Duguim, e por esta dentre outras razões, Teitelbaum considera que os três fazem parte da mesma rede de formadores de opinião, dotados de ideias semelhantes, com a mesma base teórica e ideológica.

Esse enquadramento de mundo comum estaria relacionado, basicamente, à denúncia do que chamam de globalismo – estruturas de poder transnacionais que, gradativamente, tomam o espaço dos governos nacionais em diversos campos das políticas públicas, com particular ênfase na educação. Essas agências globais, para Bannon, Duguim e Carvalho, seriam geridas por um tipo de ideologia conhecida, genericamente, por "marxismo cultural", caracterizada pelo avanço na demanda de direitos para minorias raciais e sexuais, pelo ambientalismo e pela chamada alter-globalização. A consolidação desses valores seria articulada à ideia tradicionalista de Kali Yuga, isto é, o colapso civilizacional que ocorre, de tempos em tempos, dentro de uma perspectiva cíclica da história. Do Kali Yuga, uma nova era dourada nasce, rearticulando os principais elementos das sociedades tradicionais pré-modernas.

Ao longo da descrição e análise de Teitelbaum, nota-se uma rede internacional de autores, bloggers, youtubers e formadores de opinião que, em maior ou menor medida, se articula com Bannon, Duguim e Carvalho. Ao elegerem o *tradicionalismo* como núcleo ideológico de base, outros formadores de opinião se caracterizariam pelo culto de valores de diversas civilizações pré-modernas que se estendem da Índia , passando pela Pérsia até a Europa pagã. Seria o eixo de formação das civilizações indo-arianas, explicitamente valorizadas por Evola, e posteriormente, Dugim. O ex-professor de filosofia Jason Jorjani, norte-americano de origem iraniana, que defendia a guinada do Irã de uma identidade islâmica para outra Persa-ariana, era um deles. O tradicionalista John Morgan, que oscilava entre um espiritualismo hinduísta e ideias nacionalistas brancas, assim como o autodeclarado nacionalista branco Richard Spencer, coordenador do National Policy Institute, integravam a rede de formadores de opinião que pairava dentro do eixo Bannon-Duguim. Apoiavam Trump e sustentavam a proposta de sociedades etnicamente homogêneas fundamentando-se em autores do tradicionalismo. Destaca-se ainda Daniel Friberg, ativista sueco do movimento identitário europeu, um dos fundadores da editora Arktos, voltada para a edição de livros de autores tradicionalistas assim como da direita europeia, que surge a partir de Alain de Benoist e da *Nouvelle Droite*.

O principal ponto do livro se dá na convergência de duas dimensões analíticas, uma sendo a articulação de redes de intelectuais voltadas para a *metapolítica*, pas-

sando ao largo da política convencional, mas, de certa forma, mantendo contato com ela. Isso faria com que intelectuais que atuam fora do universo *mainstream* acadêmico tivessem acesso direto a líderes de governo, tornando-se, ao fim e ao cabo, importantes influenciadores na política de seus países. A outra dimensão está no plano ideológico, onde as doutrinas tradicionalistas antimodernas foram utilizadas para justificar projetos nacionalistas, por sua vez, modernos. O tradicionalismo guénoniano-evoliano, é colocado pelo autor como epicentro da visão de mundo do círculo da *far-right* em torno a Bannon, e da qual fariam parte Duguim e Carvalho.

Algo interessante é como ele clarifica as relações entre pequenos grupos articulados fora da política convencional, de forma a mostrar os possíveis impactos da metapolítica, e de organizações de timbre esotérico nas instituições políticas formais e em governos constituídos. Também é importante no que se refere a expor como modelos teóricos, a princípio desacreditados, a exemplo das doutrinas tradicionalistas, podem se ressignificar e rearticular-se dentro das estruturas do Estado moderno, impactando diretamente nas agendas de governo. Neste sentido, Teitelbaum dá uma importante contribuição para a sociologia política.

Entretanto, ao analisar apenas as redes internacionais do tradicionalismo, baseando-se principalmente em suas conversas e entrevistas com aqueles que orbitam em torno a Bannon, perde-se um pouco da carga teórica e ideológica desses formadores de opinião. Ao analisarmos minuciosamente os escritos de Olavo de Carvalho, assim como sua atuação na rede virtual YouTube, é possível perceber que, ainda que ele teça alguns elogios a Guénon e Evola, como mostra Teitelbaum, seu principal eixo teórico se debruça mais em um cristianismo ultraconservador, de traços não esotéricos. Do ponto de vista eminentemente político, está mais próximo da *American Christian Right*, da qual alguns os nomes mais proeminentes são Francis Schaeffer, Jerry Falwel, Phyllis Shaffin e Pat Robertson (Wilcox, Rozell & Gunn, 1996), podendo-se recuar na história até o padre Charles Coughlin (Ketchaver, 2009). Já Duguim está na tradição que remonta a Herder, e quando associado às teorias da tradição, em contextos de Estado moderno, traduz-se em etnonacionalismos forjados em grandes blocos culturais, com valores intransmissíveis a indivíduos que não lhes pertençam. Seria a comunidade cultural fechada, a *Gemeinschaft*, em oposição à sociedade aberta oriunda dos ideais iluministas, a *offene Gesellschaft*. Politicamente, ele estaria mais próximo do Movimento Identitário Europeu, e da *far right* da Europa dos dias atuais, de forma geral (Laruelle, 2006; Zúquete, 2018).

Olavo de Carvalho não defende blocos culturais herméticos, mas sim a tradição Judaico-Cristã em uma perspectiva transversal a toda forma de culturalismo. Embora fora da visão iluminista de mundo, também não está atrelada a particularismos cul-

turais e étnicos, como existe no pensamento de Duguim. Essas diferenças tornam--se claras no debate entre o brasileiro e o russo que foi publicado como livro em 2012. Enquanto Dugim afirma que os particularismos do Ocidente estão embutidos nas origens paleoantropológicas do homem europeu, da expansão dos povos indo--arianos rumo à Europa, Carvalho vê o Ocidente na matriz teológica judaico-cristã, não importa em que núcleo geográfico e social se localize (Dugin & Carvalho, 2012). O ideólogo brasileiro afirma no debate não ter partido político, mas estar com os cristãos conservadores, católicos e protestantes, de todo o mundo.

Pode-se dizer que a proposta olavista está mais em consonância com aquela da *Christian Right* americana que aparece quando do surgimento do movimento *Moral Majority*, comandado pelo pastor Jerry Falwell, e alcança seu auge nos anos 1980 e 1990. O enquadramento dessa direita conservadora está na oposição ao ensino da teoria da evolução e da ciência em geral nas escolas, oposição da agenda LGBT, do aborto, dos contraceptivos, e a tudo que diz respeito ao que classificam como um comunismo sem Deus (Conger, 2019; Lugg, 2001). A defesa de Carvalho da tradição se dá em termos exclusivamente judaico-cristãos, e não em termos etnoculturais, como ocorre com a ideologia de Duguim, com a *Nouvelle Droite* francesa (Bar-On, 2011), a direita identitária europeia e a etnobiologia darwinistada *Alt-right* americana (Zúquete, 2018). E também se diferencia do *tradicionalismo* guénoniano-evoliano que Teitelbaum coloca como eixo teórico de toda a rede de Steve Bannon, pois o tradicionalismo pensa aquilo que é perene em toda tradição, independentemente de ser cristã.

Um dos maiores esforços da *Christian Right* foi imiscuir a cosmologia cristã e a cultura ocidental, reduzindo a segunda à primeira, e focando no pensamento dos pais fundadores dos Estados Unidos, considerados como mais cristãos do que propriamente liberais. Olavo de Carvalho faz isso, em boa medida, com o pensamento ocidental. Suas críticas a Darwin e a Kant, seu ataque contundente a Maquiavel em seu livro *Maquiavel ou a confusão demoníaca*, dentre outras coisas, mostram a tentativa de amalgamar tudo que se opõe à Igreja como parte do que chama de húbris revolucionária. Sua crítica feita no YouTube ao Carnaval, afirmando que se trata de uma festa de deuses pagãos, ilustram o seu anticulturalismo e antiparticurlarismo em prol de uma visão cristã politicamente ativada de mundo. Neste sentido, há uma lacuna na obra de Benjamim Teitelbaum, que centra muito nas entrevistas feitas com formadores de opinião e intelectuais independentes, passando, em boa medida, ao largo dos seus escritos – ainda que ele mencione o debate entre Carvalho e Duguim – e de seus núcleos teóricos mais particulares.

Referências

BAR-ON, Tamir. Transnationalism and the French Nouvelle Droite. *Patterns of Prejudice*, v. 45, n. 3, p. 199-223, 2011.

CONGER, Kimbrtlu H. The christian right in US politics. *Oxford Research Encyclopedia of Politics*, 2019.

DUGIN, Alexander; CARVALHO, Olavo de. *Os Estados Unidos e a nova ordem mundial: um debate entre Alexander Dugin e Olavo de Carvalho*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2012.

KETCHAVER, Karen. Father Charles E. Coughlin: the radio Priest of the 1930's. *Theological Librarianship*, v. 2, n. 2, 2009.

LARUELLE, Marlene. Aleksandr Dugin: A Russian version of the European radical right? *Occasional Papers*, n. 294, 2006.

LUGG, Charles. The Christian Right: a cultivated collection of interest groups. *Educational Policy*, v. 15, n. 1, p. 41-57, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F0895 904801015001003>.

WILCOX, Clide; ROZELL, Mark J.; GUNN, Roland. Religious coalitions in the New Christian Right. *Social Science Quarterly*, v. 77, n. 3, p. 543-558, 1996.

ZÚQUETE, José Pedro. *The Identitarians: the movement against Globalism and Islam in Europe*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2018.

A NEGAÇÃO COMO GOVERNAMENTALIDADE EM OLAVO DE CARVALHO

Lucas Monteiro Pullin
Mestrando no programa de pós-graduação em História
Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)
lucaspullin@gmail.com

Resumo
O presente trabalho se propõe a fazer uma genealogia dos discursos postados pelo escritor Olavo de Carvalho no Facebook e, assim, apontar as estratégias que o negacionismo adota para a formação de uma governamentalidade. A partir dos óculos teóricos de Michel Foucault, entende-se que Carvalho nega fatos e acontecimentos para criar as próprias verdades e assim exercer poder entre seus seguidores. Para tanto, optou-se por analisar discursos produzidos entre os anos de 2019 e 2020 com enfoque nas narrativas antivacina e contra um suposto perigo comunista. O negacionismo, que começou a ser estudado após a Segunda Guerra Mundial, é repaginado no século XXI e, hoje, no contexto das redes sociais na internet, é chamado de pós-verdade e tem em Olavo de Carvalho um dos principais adeptos.

Palavras-chave: Negacionismo; pós-verdade; Olavo de Carvalho

Introdução

Quando o *Oxford Dictionary* colocou a expressão pós-verdade como a palavra do ano de 2016[1] o mundo passava por eventos de grande impacto e repercussão. A campanha do *Brexit*[2], a disputa eleitoral nos Estados Unidos - que seria vencida por Donald Trump - e o golpe que culminou com o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff no Brasil, por exemplo, foram marcados por fortes tensão e discussões nas redes sociais. Boa parte das narrativas criadas para defender ou criticar tais eventos negavam fatos como forma de influenciar os acontecimentos políticos (SANTAELLA, 2018).

No Brasil uma das figuras responsáveis pela profusão de discursos negacionistas foi o escritor Olavo de Carvalho. Considerado por muitos como o guru do presidente Jair Bolsonaro (ROCHA, 2021), sendo que o próprio presidente já declarou que o escritor é uma de suas influências[3], as narrativas e teorias conspiratórias criadas por Carvalho

---

[1] Disponível em https://www.bbc.com/news/uk-37995600. Acessado em jul. 2021.
[2] Sigla usada para representar o movimento de saída do Reino Unido da União Europeia.
[3] Disponível em https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1125716694536806405/photo/1. Acessado em mar. 2021.

passaram a permear o discurso oficial do governo federal e do conservadorismo brasileiro.

Diante da influência exercida por Olavo de Carvalho, este trabalho busca fazer uma análise genealógica dos discursos proferidos por ele no *Facebook* entre os anos de 2019 e 2020, que correspondem aos dois primeiros anos do governo Bolsonaro. Com isso buscamos apontar como Carvalho usa o negacionismo em duas questões chaves para a compreensão de seu pensamento, o comunismo e, mais recentemente, a pandemia de Covid-19.

Os óculos teóricos de Michel Foucault irão nortear as discussões aqui propostas. O negacionismo é compreendido como estratégia para o escritor exercer poder sobre algo ou alguém, criando uma espécie de governamentalidade negacionista (VALIM; AVELAR, 2020). Por governamentalidade entende-se um conjunto de táticas e estratégias usadas para se exercer o poder e conduzir as condutas dos governados (FOUCAULT, 2008). Essas táticas fazem parte do exercício do poder ou, em termos foucaultianos, do governo. Ou seja,

> um conjunto de ações possíveis sobre ações possíveis. Ele trabalha sobre um campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos que atuam: incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, estende ou limita, torna mais ou menos provável, no limite, obriga ou impede absolutamente. Mas ele é sempre uma maneira de atuar sobre um ou vários sujeitos atuantes, e isso na medida em que atuam ou são suscetíveis de atuar. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Assim, para Foucault, governar é conduzir condutas de um indivíduo ou de um grupo. Essa governamentalidade, no tempo presente, então, implica uma racionalidade baseada em procedimentos, técnicas e/ou tecnologias. Com isso, busca-se mostrar como esse poder é exercido a partir de enunciados negacionistas que se dizem amparados num saber que, mesmo falso ou não baseado em evidências científicas, é disseminado/replicado/compartilhado e, assim, passa a construir verdades, exercendo "uma espécie de pressão e como que um poder de coerção." (FOUCAULT, 2014, p. 17).

Não se busca, com este trabalho, discutir o estatuto de verdade nos discursos proferidos por Olavo de Carvalho, mas sim entender os efeitos da vontade de verdade olavista na sociedade. Por meio da análise será possível observar como os discursos negacionistas de Carvalho encontram ressonância nas ações governamentais. Segundo

Foucault (2018, p. 53), "por verdade não quero dizer "o conjunto de coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar", mas o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribuiu ao verdadeiro efeitos específicos de poder"".

Olavo de Carvalho começou a escrever livros no início da década de 1990 e, ao longo dos últimos 30 anos, se firmou como uma das principais vozes do pensamento conservador brasileiro. Mas é a partir do início dos anos 2000 que ele ganhou mais notoriedade por conta da internet. Em 2002 Carvalho funda o site Mídia Sem Máscara (MSM) com o objetivo de reunir intelectuais conservadores contra a eleição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e denunciar, já naquela época, o suposto risco do comunismo com o Partido dos Trabalhadores (PT) no poder (PATSCHIKI, 2012). A partir de 2013, com a emergência de movimentos conservadores organizados por meio das redes sociais e que ganharam às ruas em protestos contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, Carvalho foi alçado à posição de destaque. Nos protestos passou a ser comum encontrar cartazes e camisetas com a frase "Olavo tem razão" (LERNER, 2019; ROCHA, 2021).

Este período de popularização de Olavo de Carvalho coincide com o período de revoltas e protestos por todo o mundo em que as redes sociais virtuais digitais tiveram grande destaque na organização e difusão de ideias (CASTELLS, 2012). Por outro lado, este processo permitiu também a rápida propagação de mentiras, negacionismos e todo o tipo de teorias conspiratórias. Nesse contexto, portanto, a expressão pós-verdade começa a fazer parte das discussões políticas. Por pós-verdade entende-se "circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal"[4].

Importante destacar que as discussões acerca do negacionismo começaram após a Segunda Guerra Mundial quando algumas pessoas passaram a questionar o holocausto. Por meio de técnicas discursivas, que envolviam distorções de fatos, manipulação de dados e mentiras, pensadores e acadêmicos questionaram, entre outras coisas, o assassinato de judeus pelos nazista e a existência das câmaras de gás como equipamento para extermínio nos campos de concentração (VIDAL-NAQUET, 1988).

---

[4] Disponível em https://www.lexico.com/definition/circumstance. Acessado em jun. 2021, tradução nossa.

No entanto, nos dias atuais a prática negacionista ganhou novo fôlego a partir das redes sociais virtuais e encontrou em Olavo de Carvalho um dos principais adeptos. O escritor nega a pandemia de Covid-19, nega as mortes ocorridas por causa da doença, defende a existência de um plano global de propagação do vírus que teria sido imposto pela China e por comunistas. O plano, segundo ele, seria implementado por meio da vacinação contra o Coronavírus. A pós-verdade do século XXI é o negacionismo do meio do século XX, repaginado e adaptado às tecnologias virtuais e ao ciberespaço. Assim como os negacionistas do passado, os negacionistas de hoje possuem um propósito, que é exercer poder por meio de discursos.

Para Foucault, é preciso, portanto, entender como se dão as relações de poder por meio das técnicas e táticas e, assim, entender o negacionismo como uma prática. Como diz Dunker (2017, s.p), “penso que a pós-verdade inaugura uma reflexão prática e política sobre o que devemos entender por verdade e sobre a autoridade que lhe é suposta”. Ou, como ensina Foucault (1999, p. 52), é preciso

> ressaltar as relações de dominação muito mais do que a fonte de soberania, quer dizer isto: não tentar segui-las naquilo que constitui sua legitimidade fundamental, mas tentar, ao contrário, procurar os instrumentos técnicos que permitam garanti-las.

O negacionismo e a pós-verdade

Dunker (2017) vai apontar o atentado as Torres Gêmeas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 como marco para a utilização da tática do discurso negacionista no século XXI. Segundo ele, os ataques marcaram um movimento de transição em que a verdade passou a ser relativizada na entrada do novo século. A partir de discursos falsos, como a existência de armas nucleares, riscos de novos ataques e uma forte sentimento anti-islâmico, países foram autorizados promoverem guerras e, com isso, cresceram de maneira exponencial sentimentos de xenofobia e nacionalismos.

> Uma nova expressão cognitiva ascende com um novo tipo de irracionalismo que conseguiu recolocar na pauta temas como: o criacionismo contra o darwiniano, a relatividade da “hipótese” do aquecimento global, a suspeita sobre a indução e o autismo por vacinas e tantas outras teorias mais ou menos conspiratórias diluídas por um novo estado da conversa em escala global, facultado de modo inédito pelas redes sociais. Neste novo suporte, as crenças mais estranhas e regressivas adquiriram uma espécie de *backing vocal* garantido. (DUNKER, 2017, s.p).

No entanto, o discurso negacionista não é algo novo. Como mostram Vidal-Naquet (1988) e Jesus e Gandra (2020), o fenômeno começou a chamar a atenção após o final da Segunda Guerra Mundial com pesquisadores que negavam a existência do holocausto. Esse grupo de pensadores negacionistas passou a usar todos os artifícios disponíveis, como panfletos, estudos pretensamente científicos, livros "para destruir, não a verdade, que é indestrutível, mas a tomada de consciência da verdade" (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 9). Os esforços eram para tentar encobrir e fazer desacreditar os horrores cometidos dentro dos campos de concentração nazistas.

> Pode-se sintetizar o discurso do movimento a partir dos seguintes argumentos: não houve genocídio e as câmaras de gás não existiram; o zyklon B era usado especificamente para a desinfecção de presos enfermos; a "solução final" não foi a tentativa de exterminar os judeus, mas sim a de expulsá-los para o leste europeu; as mortes dos judeus foram naturais, ou ocasionadas por tifo ou bombardeio aliado. O número de mortos, na opinião da maioria dos negacionistas, não passaria de 200 mil, a Alemanha não é responsável pela Segunda Guerra Mundial, os responsáveis eram os judeus; o genocídio é uma propaganda judia e dos países vencedores da guerra. (JESUS; GANDRA, 2020, p. 3).

O problema foi que esse tipo de discurso não ficou restrito às críticas aos estados totalitários, o negacionismo ganhou mais adeptos com o passar dos anos. Hoje as teses que buscam negar fatos e acontecimentos e revisar períodos da história se espalharam para outras áreas do conhecimento, se enraizando nos debates da sociedade como um todo.

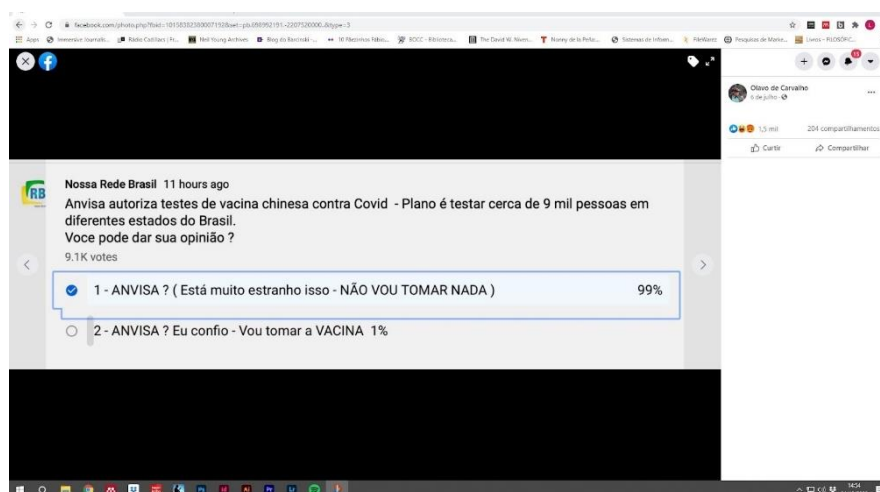
> O termo "negacionismo" que teve como "evento-matriz" a questão da negação do Holocausto passou a ser difundido para outras áreas dentro da disciplina histórica, como questionamentos em torno da história indígena, "da História africana e da escravidão, o impacto das categorias de raça e gênero nos estudos históricos, os revisionismos em contextos internacionais (com foco na questão da Inquisição e a perspectiva das direitas estadunidenses) e, por fim, os negacionismos e revisionismos em torno das ditaduras latino-americanas. (NAPOLITANO; JUNQUEIRA, 2019 apud JESUS; GANDRA, 2020, p. 10).

Quando entra o século XXI, os negacionistas ganham a força da tecnologia e os discursos passam a ser chamados de pós-verdade. A expressão, destacada como a palavra do ano de 2016 pelo *Oxford Dictionary*, deu um novo sentido ao negacionismo ao associá-lo às redes sociais na internet. Com isso, Santaella (2018) vai afirmar que a verdade passou a não ser mais problematizada, ela se tornou secundária, irrelevante. Reformulando a máxima atribuída a Joseph Gobbles, ministro da propaganda nazista, de que uma mentira repetida várias vezes se torna verdade, Santaella (2018, s.p) considera

que, na época da pós-verdade, "mentiras repetidas, compartilhadas e comentadas milhões de vezes dissolvem todas as fronteiras que as separam de uma possível verdade".

Esta parece ser a estratégia utilizada por Olavo de Carvalho. Negacionista antivacina, Carvalho compartilhou no dia 06 de julho de 2020 uma enquete sobre a vacina contra o coronavírus, que ainda estava sendo desenvolvida. Na postagem - figura 1 - pede-se para que os internautas opinem sobre a vacina. O texto da enquete diz "Anvisa autoriza testes de vacina chinesa contra Covid - Plano é testar cerca de 9 mil pessoas em diferentes estados do Brasil". Na opção 1 aparece a seguinte resposta: "ANVISA? (Está muito estranho isso - NÃO VOU TOMAR)". Na opção 2 a resposta era: "ANVISA? Eu confio - vou tomar a vacina". A postagem já traz o resultado, sendo 99% para a opção 1 e 1% para a opção 2.

Figura 1

Nossa Rede Brasil 11 hours ago
Anvisa autoriza testes de vacina chinesa contra Covid - Plano é testar cerca de 9 mil pessoas em diferentes estados do Brasil.
Voce pode dar sua opinião ?
9.1K votes
1 - ANVISA ? (Está muito estranho isso - NÃO VOU TOMAR NADA) 99%
2 - ANVISA ? Eu confio - Vou tomar a VACINA 1%

Fonte: Facebook de Olavo de Carvalho[5]

Chama a atenção que a enquete postada por Carvalho foi compartilhada de um site chamado Nossa Rede Brasil, um portal na internet que se intitula "um canal conservador na *web*" e que afirma ter sido excluído do *Youtube* por suas opiniões[6]. O site é formado por conteúdos de apoio ao presidente Jair Bolsonaro, muitos deles postados sem identificação da fonte e de maneira anônima. Além disso, em nenhum momento é informado o número de pessoas que votaram na enquete. No entanto, só a postagem de Olavo de Carvalho já tinha sido compartilhada por 204 pessoas e 1,5 mil internautas

---

[5] Disponível em https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10158382380007192&set=pb.698992191.-2207520000..&type=3, acessado em dez. 2020.
[6] Disponível em https://nossaredebrasil.net/. Acessado em jul. 2021.

reagiram ao conteúdo. Como dizem Jesus e Gandra (2020, p. 5), "os negacionistas utilizam estratégias diversas [...] que são interpretadas de forma deturpada para dar credibilidade às suas teses".

A diferença entre o negacionismo do Holocausto, descrito por Vidal-Naquet (1988), e o do século XXI é que, com a velocidade das redes, os discursos são produzidos ao mesmo tempo em que os fatos acontecem e, assim, o número de pessoas atingidas é muito maior.

> Vocês se lembram dos bons e velhos tempos em que o revisionismo chegava muito tarde, depois que os fatos já tinham sido completamente estabelecidos, décadas após o acúmulo de evidências? Agora nós temos o benefício do que pode ser chamado de *revisionismo instantâneo*. A poeira do evento ainda nem acabou de baixar, e dezenas de teorias conspiratórias já começam a questionar a versão oficial, acrescentando ainda mais ruínas às ruínas, mais fumaça à fumaça. (LATOUR, 2020, p. 178).

No entanto, diante da estratégia empregada pelos negacionistas, entre eles Olavo de Carvalho, alguns questionamentos são importantes de serem feitos. A quem interessa a propagação dos discursos negacionistas? Qual o sentido na utilização da pós-verdade? Como o poder é exercido por meio da criação desse tipo de discurso? Ou então, como questiona Michel Foucault (2014, p. 8), "mas o que há, enfim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?".

A verdade e as relações de poder

Foucault (2014) vai mostrar que o discurso é a arma para quem deseja exercer o poder sobre algo ou alguém, é por meio dele que se torna possível estender redes de domínio e controle, de governo. Para tanto é preciso estabelecer determinados procedimentos de ordenação dos discursos e garantir quem tem o direito de falar, sobre o que falar, em que lugar falar, e, é por meio dele, que se confere autoridade a alguém. Como diz Foucault (2014, p. 8-9), "em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos".

Percebe-se, desta maneira, que o discurso é muito mais do que conferir autoridade a quem fala, o discurso é o próprio objeto de desejo pelo qual se luta.

> Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisso não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar." (FOUCAULT, 2014, p.9-10)**.**

Um dos procedimentos de ordenação dos discursos é a relação entre verdadeiro e falso. Como alerta Foucault (2014), para se entender esta relação é preciso fazer uma genealogia dos discursos e identificar não o estatuto de verdade, mas sim a vontade de verdade, ou seja, as intenções da pessoa que fala, as táticas empregadas, "a verdade é pensada como efeito, mera justificação racional de estratégias de poder presentes nas práticas sociais." (CANDIOTTO, 2010, p. 50).

Neste ponto Foucault (1999) vai apontar que a vontade de verdade é o único caminho para o exercício do poder. Sem a produção de verdades não há poder, não há como manter a relação de forças no interior da sociedade.

> Elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há exercício de poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade. (FOUCAULT, 1999, p.28-29).

O discurso produzido por Carvalho pode ser analisado sob esta ótica foucaultiana, justamente no ponto em que cria uma verdade que só ele, supostamente, teve acesso, que só ele conhece. A figura 2, que é uma postagem feita no dia 28 de fevereiro de 2019, mostra como funciona a tática discursiva e aponta para a compreensão de que a verdade está diretamente ligada a sistemas de poder (FOUCAULT, 2018).

Figura 2

Fonte: Facebook de Olavo de Carvalho[7]

Antes de analisar a postagem, é preciso entender o contexto em que a educação brasileira estava inserida em fevereiro de 2019. O presidente Jair Bolsonaro tomara posse há dois meses e, na ocasião, o ministro da educação era Ricardo Vélez Rodríguez, um professor ligado a Olavo de Carvalho. Vélez Rodríguez enfrentava problemas por causa de decisões polêmicas, como a autorização para alunos filmarem e denunciarem professores e o anúncio de revisão de livros didáticos para alterar a maneira como o regime militar era retratado, por exemplo. O ministro foi demitido no dia 8 de abril do mesmo ano e no lugar dele assumiu Abraham Weintraub, também ligado ao escritor[8].

A postagem mostra como Olavo de Carvalho buscava influenciar e pautar as discussões a respeito da política educacional do país. Mesmo não fazendo parte do governo, Carvalho tinha certa influência sobre o ministro que, por sua vez, compartilhava de suas ideias. Isso mostra, também, como a governamentalidade está diretamente ligada ao discurso olavista.

A partir dos dois exemplos (figuras 1 e 2), é possível perceber que as preocupações de Olavo de Carvalho são em negar fatos que irão atingir a população como um todo. O primeiro exemplo aponta para um suposto risco da vacina contra a Covid-19. Já o segundo é uma mensagem que vem na esteira do risco de doutrinação comunista, uma das principais obsessões do escritor e que é propagada pelos seguidores da doutrina olavista como forma de atacar as instituições de ensino.

---

[7] Disponível em https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10156963288537192. Acessado em jul.2021.

[8] Disponível em https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10156963288537192. Acessado em jul.2021

Os problemas da população marcam o que Foucault (1999) vai chamar de biopolítica, período em que a vida biológica passa a ser colocada como foco da política. São problemas que envolvem a natalidade, a mortalidade, a medicina, longevidade, educação etc. O surgimento da biopolítica vai possibilitar outros entendimentos sobre o poder. Uma dessas preocupações diz respeito a formas de governo - de si e do outro (FOUCAULT, 2008). Esta forma nova de pensar a sociedade vai marcar a formação dos grandes Estados europeus e será entendida como uma arte de governar. Assim como o poder perpassa todo o corpo social em micropoderes (FOUCAULT, 1999), o governo também é exercido por todos. Todos governam e são governados. A isso Foucault vai chamar de governamentalidade.

> Entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2008, p.143)

O ponto fundamental da governamentalidade é entender que o objetivo é conduzir as condutas das pessoas. Por meio de técnicas e táticas, o exercício do poder vai se basear no apontamento de caminhos que levam ao objetivo perseguido pelo governante (FOUCAULT, 2008). Por meio de mecanismos de controle e da criação de verdade, Olavo de Carvalho busca conduzir a conduta de seus seguidores de forma que estes acreditem que ele é a pessoa que tem respostas para os problemas da sociedade, como se fosse uma espécie de guru que consegue ver, antecipadamente, os perigos do mundo, apontar inimigos e os caminhos a percorrer.

Carvalho cria, de certa forma, um movimento que é classificado por Foucault (2008) como contraconduta. Esse conceito será usado para explicar como, a partir do século XVI, surgem ideias que vão contra à ordem vigente, ao poder soberano do príncipe e ao poder pastoral do cristianismo. Esses movimentos vão questionar as condutas que eram impostas na época, mas o que eles querem, realmente, é instaurar outros sistemas de condução de conduta.

Olavo de Carvalho questiona a ordem institucional vigente, mas com o foco de que as pessoas sigam o que ele fala e que sejam conduzidas pelos caminhos por ele defendidos. “São movimentos que têm como objetivo outra conduta, isto é: querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores e por outros pastores, para outros

objetivos e para outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos e de outros métodos" (FOUCAULT, 2008, p. 257). Como explica Deleuze, isso quer dizer que as técnicas para a condução de condutas nada mais são do que o próprio exercício do poder.

> Pode-se então conceber uma lista, necessariamente aberta, de variáveis exprimindo uma relação de forças ou de poder, constituindo ações sobre ações: incitar, induzir, desviar, tornar fácil ou difícil, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável... Essas são as categorias do poder. (2019, p. 73)

Conclusão

A criação de discursos negacionistas não se dá por desinformação e ingenuidade de quem o propaga, mas sim com uma intencionalidade, como uma forma de governamentalidade, ou seja, a negação faz parte de um conjunto de táticas estratégias para o exercício do poder (FOUCAULT, 2008). O discurso de Olavo de Carvalho se insere neste conceito. Por meio de manipulação de dados (como visto na figura 1), o escritor distorce fatos e cria as próprias verdades que circulam pelas redes sociais na internet.

O negacionismo que começou a ser discutido após o final da Segunda Guerra Mundial com o objetivo de negar o massacre de judeus nos campos de concentração nazistas (VIDAL-NAQUET, 1988), ganhou nova força com as redes sociais. Hoje o fenômeno é conhecido como pós-verdade, mas os propósitos são os mesmos dos negacionistas do meio do século XX, distorcer fatos e criar mentiras com uma finalidade específica, exercer o poder. Segundo Santaella (2018, s.p), a produção de discursos negacionistas na época da pós-verdade,

> acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas [...] Isso acaba por minar qualquer discurso cívico, tornando as pessoas mais vulneráveis a propagandas e manipulações, devido à confirmação preconceituosa de suas crenças. (SANTAELLA, 2018, s.p).

A estratégia olavista fica mais evidente sob os óculos foucaultianos, uma vez que o poder só é exercido por meio da produção de discursos de verdade. Nas palavras de Foucault (1999, p. 29), "somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar; temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la". Sem produzir verdades por meio de discursos negacionistas, portanto, não existiria Olavo de Carvalho.

Referências bibliográficas

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2010

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2019.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In*: DUNKER, C; et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. *E-book*.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

________. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

________. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

________. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

________. O Sujeito e o Poder. *In*: DREYFUS, H; RABINOW, P. (Orgs.). **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

JESUS, Gustavo Nóbrega de; GANDRA, Edgar Ávila. O negacionismo renovado e o ofício do historiador. In: **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 1-17, set.-dez. 2020. Disponível em https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/38411. Acessado em jul. 2021.

LATOUR, Bruno. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. In: **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v.29, n.46, p.173-204, jan.-jun. 2020. Disponível em http://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnfp/article/view/748. Acessado em jul. 2021.

LERNER, Celina. Sobre o que falam os fãs de Olavo de Carvalho? Uma análise computacional de comentários no Facebook. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42., 2019, Belém. **Anais** [...] São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2215-1.pdf. Acessado em jan. 2021.

PATSCHIKI, Lucas. **Os leitores da nossa burguesia**: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária. 2012. 176 p. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?.** Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2018. *E-book*.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. **Revista Cult**, São Paulo, 3 de set. 2020. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/. Acessado em jun. 2021.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988.

DOI: 10.20911/21769389v48n152p841/2021

ARISTÓTELES *LENDO* OLAVO DE CARVALHO: DE UMA RETÓRICA ERÍSTICA *

Aristotle reads *Olavo de Carvalho: about eristic rhetoric*

Cesar de Alencar **

Resumo: **Este estudo pretende apresentar uma interpretação acerca da concepção de discurso que explica e justifica a atuação textual e midiática de Olavo de Carvalho, tendo como ponto de partida sua obra sobre a pretendida teoria dos quatro discursos em Aristóteles. A partir da demonstração de que não se trata de uma interpretação decididamente aristotélica, constatamos ser necessário considerá-la como uma reflexão programática de Carvalho sobre certo uso do discurso para fins políticos, que chamo de** *retórica erística*, **e cuja intenção se define pelo estabelecimento do saber e do livre debate de ideias como inescapáveis à lógica persuasiva do embate erístico, aquele em que o que conta é vencer o debate sem precisar ter razão. Essa intenção é confirmada pelo cotejo com as obras mais decisivas ao tipo de exercício de poder pretendido pelo autor, e que nos esclarecem sua satisfação em insuflar o impedimento do debate por via dupla: a de forjar, para seus leitores, uma impressão de que possuem a verdade que os situa acima das intelectualidades de todo tipo; e a de, por conta dessa impressão, atomizá-los na verborragia de sua opinião única. O efeito pedagógico dessa retórica erística é imbuir seus alunos de uma missão política, claramente circunscrita ao ódio pelo comunismo e pela verdade enquanto nascida não do silêncio individual, mas do diálogo entre interessados pelo saber.**

Palavras-chave: **Discurso. Política. Aristóteles. Olavo de Carvalho.**

Abstract: **This paper suggests an interpretation of the conception of discourse that can explain and justify Olavo de Carvalho's textual and media performance. Its starting point is Carvalho's own work on the Theory of the Four Discourses,**

---

* Artigo recebido em 05/05;2021 e aprovado para publicação em 19/09/2021.
** Escritor e Professor. Universidade Federal do Amapá — Colegiado de Filosofia.

which he claims is Aristotle's. After demonstrating that it is decidedly not a valid interpretation of Aristotelian thought, we found necessary to consider Carvalho's work as a programmatic content of his own proposal on the use of discourse for political purposes, which we call eristic rhetoric. His intention is to show that knowledge and the free debate of ideas cannot escape the persuasive logic of eristic rhetoric, for which what counts is to win the debate, without needing to be right. Carvalho's intention is confirmed by the comparison with other works of his concerning the type of exercise of power that he clearly supports. Such a comparison clearly demonstrates his satisfaction in hindering the debate in two ways: by creating in his readers the impression they possess the truth, placing them above intellectuals of all kinds; and thereby leading them to adopt a single opinion, characterized by verbiage, that reduces them to mere atoms of the social body. The effect of this rhetoric of contention is to imbue his students with a political mission that fosters hatred of communism and of the truth. An authentic debate does not originate from the closure in oneself but from the dialogue between those interested in knowledge.

Keywords: **Speech. Power. Aristotle. Olavo de Carvalho.**

Erudição não ensina sabedoria.
Heráclito

Introdução

Costuma-se descrever a ascensão política da nova direita[1], em 2018, como devedora do que foi considerado o retorno do conservadorismo no Brasil. Mas não há propriamente retorno do que nunca foi embora, e mantendo a sociedade brasileira traços conservadores em sua história cultural e política[2], seria mais adequado dizer que o alegado *retorno* deveu-se, antes de tudo, a uma atuação cultural que pensadores mais afinados com a perspectiva liberal, em economia, e com o imaginário religioso-cristão, em moralidade, alcançaram junto a veículos de massa,

---

[1] O termo costuma ser empregado, genericamente, para dizer algo sobre a *ascensão conservadora* tal como ela se materializou na vitória de Jair Bolsonaro à Presidência da República em 2018, reunindo elementos de retórica do ódio e de guerra cultural analisados por diferentes estudos, dos quais citamos os de Manso (MANSO, Bruno P. *A república das milícias*: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro. São Paulo: Todavia, p. 230ss), de Mello (MELLO, Patrícia C. *A máquina do ódio.* São Paulo, Cia das Letras, 2020) e, principalmente, o de Rocha (ROCHA, João. *Guerra Cultural e Retórica do ódio*. Goiânia, Caminhos, 2021), por ser mais completo na caracterização do fenômeno.

[2] Sobre os traços do conservadorismo brasileiro e a dita ascensão do conservadorismo com ênfase na postura autoritária, ver SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo, Cia das Letras, 2019. Ao contrário do que Carvalho costuma defender, o brasileiro em média se mostra mais afinado a posições políticas não conservadoras [https://valor.globo.com/politica/coluna/pesquisa-sugere-baixa-adesao-de-brasileiros-a-teses-conservadoras-1.ghtml].

potencializados por novas tecnologias e pela ampliação do acesso à internet. Aos que observam o significativo paralelo entre o surgimento dessas mídias digitais e a presença reacionária que ameaça o poder consolidado de instituições democráticas como a mídia tradicional, as universidades e o parlamento, a atuação pioneira e paradigmática de Olavo de Carvalho não pode ser desprezada, sobretudo se quisermos compreender o traço intelectual dessa escalada do ódio contra parcela significativa da população, constantemente rotulada de 'inimiga pública' – eufemismo para o sentido do termo *comunista*, utilizado em larga escala a partir da referência ao modo de Carvalho pensar a política[3].

Mas de que modo de pensar se trata? A maioria dos críticos ao pensamento de Olavo de Carvalho raramente aventura-se a analisar mais do que um ou outro de seus *posts* em redes sociais, talvez uma entrevista ou um vídeo qualquer entre os que circulam pela internet; quando muito, passam rapidamente os olhos pelos artigos daquelas suas obras mais vendidas e conhecidas[4], nada conhecendo dos demais livros que reúnem aquilo que o autor chamaria sua filosofia. É preciso, porém, dar o devido crédito a um pensamento que pretende ser filosófico, que convida à esperada análise realizada por um trabalho intelectual sério e empenhado em diagnosticar a raiz dos últimos acontecimentos no cenário político brasileiro, trabalho que vem aos poucos surgindo com a envergadura merecida. É preciso, portanto,

---

[3] Qualquer um que conheça mais de perto a atividade intelectual de Carvalho, reconhece a dedicação persistente com que situa ideias adversárias como oriundas de uma política comunista de cunho hegemônico, que pretende dominar o cenário mundial, em franca ameaça ao legado ocidental. Uma amostra dessa sua descrição pode ser conferida em CARVALHO, Olavo de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide editorial, 2014 (1ªed. 1994), obra a partir da qual viu-se também estimulada a utilização da expressão *marxismo cultural* no debate nacional, além do conhecido (nos meios olavianos) debate com o intelectual russo Alexandre Dugin, em que o comunismo é descrito como uma cultura propagada pelo projeto eurasiano de dominação das elites de Rússia e China (CARVALHO, Olavo de. *Os EUA a Nova Ordem Mundial.* Um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho Publicado no Brasil. Campinas, Vide editorial, 2012).

[4] Refiro-me aqui aos dois best-sellers CARVALHO, Olavo de. *O imbecil coletivo*. Rio de Janeiro, Record, 2019 (1ªed. 1996) e, sobretudo, CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro, Record, 2013. No primeiro, encontramos as principais teses e crenças de Olavo sintetizadas, com um estilo desenvolto e sedutor, em seu confronto com importantes figuras do cenário intelectual brasileiro. No segundo, foi realizada uma reunião de artigos de Olavo por Felipe Moura Brasil, em meio à escalada do que se rotula *nova direita*, com o objetivo declarado de tornar essas teses e crenças olavianas um padrão de racionalidade para o homem médio tupiniquim, um antídoto para "a canalhice [que] é a ciência mais avançada do mundo atual". Daí até terminar no *slogan* "Olavo tem razão" foi um pulo. Sobre as ramificações das ideias e crenças de Carvalho a partir dessa frase-emblema, ver Rocha (*ob. cit*., p. 49ss). Ouçamos também a indicação de HUSSNE, Arthur. "Olavismo e bolsonarismo". *Rosa*, I, março de 2020 [disponível em https://revistarosa.com/1/olavismo-e-bolsonarismo]: "Neste momento, fica evidente que as teorias de Olavo haviam ganhado não apenas repercussão midiática, mas base popular: todo esse discurso, que parecia obscuro para muitos, circulou incessantemente por intelectuais secundários, sobretudo após 2013. Foi a partir desse momento que começaram a pipocar pelas redes a hashtag #olavotemrazão".

compreender o alcance político da influência intelectual de Carvalho[5]. O fenômeno que ocupou as ruas do país a partir de junho de 2013, e que desaguou na revolta contra o resultado das eleições de 2014 e no processo de impeachment da presidente reeleita em 2015, vez ou outra chegou a repercutir a frase tornada lapidar dessa influência olaviana: "Olavo tem razão" era o grito dos que faziam questão de levantar seu exemplar de *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (2013) como, talvez, a garantia de sua entrada na esfera da alta cultura ou, ao menos, da saída da cultura dos idiotas – assumindo, ironicamente, uma forma de *idiotia coletiva*, cuja máxima esteve em identificar a encarnação da racionalidade na voz beligerante do autor do livro.

É preciso, portanto, não desprezar esse sintoma de decadência cultural, repercutido na substituição da razão pelo personalismo daquele que supostamente a encarna. Não podemos, também, desprezar a tarefa de avaliação racional desse tipo de influência política de um discurso. Sem postularmos, de início, uma negativa sobre o pensamento de Carvalho **ser ou não** *filosófico*, assumiremos sua própria perspectiva, enquanto determinada por aquilo que ele define como "a unidade do conhecimento na unidade da consciência e vice-versa"[6] – a fim de esclarecer, desse modo, sua atuação política e influência cultural pelos princípios do que ele considera o *filosofema*, sem o qual não existiria *filósofo*: quer dizer, aquele "sistema ideal de intuições e pensamentos que se oculta por trás dos textos", e que dá unidade às atitudes pessoais com as quais o filósofo encarna suas ideias, como sua "intepretação vivente ante as situações da existência"[7]. Iremos, no entanto, atrás dos textos. O caminho, desse modo, está em nos valermos de sua maneira de pensar para unificarmos as atividades que lhe dão a interpretação existencial, do mesmo modo que tais atividades são o que permitem ao estudioso diagnosticar uma obra avessa à sistematicidade. Creio ser possível constatar, ao final, que a posição discursiva de Carvalho o situa como um escritor cuja atuação intelectual objetiva dar vazão a um conjunto de expressões simbólicas capazes de gerar, como por reação

---

[5] "Compreender o alcance do fenômeno é o primeiro passo para superá-lo" (ROCHA, *ob. cit*., p. 66). Essa influência já foi largamente confirmada, desde afirmações de importantes intelectuais, como Ruy Fausto ("a figura principal desse esquema, pelo menos no plano ideológico, foi e é Olavo de Carvalho"), até declarações dos filhos de Bolsonaro, como o Eduardo ("uma inspiração, e sem ele Jair Bolsonaro não existiria"). Há aqui, contudo, uma dificuldade sobre a qual não poderemos nos ater no espaço deste artigo, que diz respeito aos processos de guerra *híbrida*, estudados por LEIRNER, Piero. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida*. São Paulo, Alameda, 2020, e que indicam uma proximidade entre as ideias de Carvalho e os interesses políticos de militares do alto escalão brasileiro – proximidade que, para explicar os efeitos de causalidade, qualquer que fosse o seu vetor, exigiria um estudo específico.
[6] Cf. CARVALHO, Olavo de. *A dialética simbólica*. Ensaios reunidos. Campinas, Vide Editorial, 2015, p. 6 (1ªed. 2007).
[7] Idem p. 57ss.

a estímulos, o estorvo do debate público e a postura de eliminação do adversário político[8].

Para isso, o presente estudo pauta-se numa análise daquilo que considero ser o centro da compreensão olaviana sobre o discurso e os modos pelos quais se pode utilizá-lo, a fim de reduzir o outro ao silêncio: a chamada *teoria dos quatro discursos*, a confecção intelectual que permeia a obra de Carvalho e que foi por ele mesmo condensada no estudo que parece tê-la originado, qual seja, *Aristóteles em nova perspectiva* (1996). Pretendo mostrar que essa *nova perspectiva* oferecida pelo escritor brasileiro denuncia sua estruturação do discurso por um interesse político e, sobretudo, erístico, não tendo muito a ver com o que em Aristóteles compreendemos ser sua filosofia. Essa confecção intelectual olaviana nos esclarece, de modo evidente a partir de um cotejo possível com obras decisivas ao tipo de exercício de poder pretendido pelo autor, a *unidade de consciência* por trás da variedade aparentemente desconexa de seus meios de atuação. Em outras palavras, é possível encontrar, na maneira pela qual Carvalho lê Aristóteles, a interpretação discursiva que Carvalho, e não Aristóteles, põe em prática na sua atuação pública. Aos olhos do Estagirita, em contrapartida, a atuação discursiva de Carvalho poderia ser descrita como uma *retórica erística*: a confluência da prática de uma dialética erística com os recursos persuasivos da retórica, capaz de impedir o debate de ideias pela simbólica do silêncio e do seu efeito no ódio ao outro, sustentado pelo anseio de mostrar, acima de tudo, *como vencer um debate sem precisar ter razão*[9].

---

[8] O que chamo aqui de *conjunto de expressões simbólicas* guarda relativa afinidade com o conceito de *sistema de crenças Olavo de Carvalho*, muito apropriadamente descrito por Rocha (*ob. cit*.), mas do qual me afasto (mais para poder complementá-lo do que para descartá-lo) a fim de destacar a matriz filosófica que fundamenta o uso retórico dos discursos, tal como Carvalho a sistematizou em CARVALHO, Olavo de. *Aristóteles em Nova perspectiva.* São Paulo, É Realizações, 1996, e que me parece central para entendermos o deslocamento da consciência do leitor, silenciado pela *razão* de Carvalho, do necessário debate de ideias para uma postura de aniquilação do outro – ou, em termos aristotélicos, a redução da dialética à erística, que se vale dos variados modos de discurso estruturados com finalidade persuasiva. Essa *retórica erística*, como chamarei, repercute certas expressões simbólicas enquanto matriz da missão mística a que ele pretende destinar seus alunos, e que ficará mais clara na última seção deste artigo. O que Rocha chamou *sistema de crenças Olavo de Carvalho* me parece, antes de tudo, condicionado pela retórica erística, sendo esta mais fundamental que as próprias expressões simbólicas que ela veicula.

[9] Este foi o título endossado por Carvalho para uma tradução que fez sobre as lições erísticas de SCHOPENHAUER, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão.* Dialética Erística. Introdução, comentários e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo, Topbooks, 1997. Se devidamente observada, ao lado das principais obras lançadas por ele em um curto período de tempo, a começar pela trilogia cultural (*A nova era e a Revolução Cultural*, *O jardim das Aflições* e *O imbecil Coletivo*) e seguida pela obra sobre Aristóteles aqui analisada, essa despretensiosa tradução se mostra, na verdade, como uma realização prática das intenções pelas quais deveríamos ler as obras precedentes. Indicaremos, na última seção deste estudo, uma aproximação entre essa tradução e a obra sobre Aristóteles, em vista de melhor delimitarmos essa leitura de uma *retórica erística* em Carvalho.

a. Proposta de inversão interpretativa: a *lógica* dos quatro discursos

A proposta do livro de Olavo sobre Aristóteles está em, segundo suas palavras, poder *compreender* Aristóteles – o que significa dizer, "captar a unidade do pensamento de um homem desde suas próprias intenções e valores, em vez de julgá-lo de fora; ato que implica respeitar cuidadosamente o inexpresso e o subentendido, em vez de sufocá-lo na idolatria do 'texto' coisificado, túmulo do pensamento"[10]. Seria preciso, desse modo, seguir as pistas do que Aristóteles *não disse* para ser possível reconstruir a suposta unidade em torno da concepção aristotélica do discurso. É de suma importância que nos atentemos para esse tipo de *inversão* interpretativa: o esforço de Carvalho está em ter acesso às intenções do autor sem se valer, é preciso deixar claro, *da única forma legítima de acesso pela qual podemos alcançá-la*, ou seja, a obra realizada pelo autor a ser interpretado. Em vez, portanto, de julgá-lo de fora, a partir de uma ditadura do texto[11], seria preciso adentrar a mente do autor pelo que ele não disse, seguindo, diz Carvalho, "desde suas próprias intenções e valores" – de um modo, ao que tudo indica, distinto do tipo de interpretação *esotérica* que fora tantas vezes defendida pelo filósofo Leo Strauss, e que recorria às linhas do texto para, a partir delas, captar *as entrelinhas*[12]. A questão hermenêutica decisiva que se coloca está em saber, afinal, como ter acesso às intenções e aos valores de um autor, como adentrar a mente do outro sem se valer, para isso, da *primazia* (bem diferente de *idolatria*) do texto?

O que constatamos, a partir do primeiro apontamento, é o estabelecimento de um princípio hermenêutico no mínimo duvidoso. Ao contrário de Schleiermacher e Dilthey, os pais da hermenêutica que estabeleceram princípios para uma *compreensão* derivada *do texto*, Carvalho inverte a lógica hermenêutica a fim de situar sua visão aristotélica desde *fora do texto*. Isso tende a projetar sobre a obra de um autor elementos por vezes estranhos a ela, já que a obra textual deixa de ser a referência última[13]. Esse tipo

---

[10] CARVALHO, Olavo de. *Aristóteles em nova perspectiva*, *ob. cit*. p. 27

[11] Contra a suposta ditadura do texto, Carvalho apresentou um programa filosófico como contraposto, segundo ele, à prática gueroultiana de idolatria textual realizada pela filosofia uspiana em CARVALHO, Olavo de. *A filosofia e seu inverso*. Campinas, Vide editorial, 2012.

[12] Sobre a leitura nas entrelinhas e a perspectiva da escrita esotérica, ver STRAUSS, Leo. *Persecution and the Art of Writing.* New York, The University of Chicago Press, 1988.

[13] O método hermenêutico, ao se firmar como técnica de interpretação, desenvolve-se sob a referência textual, de modo que apenas por extensão de significado poderíamos dizer, como o faz o próprio Schleiermacher, que é preciso ser um hermeneuta mesmo em conversas do cotidiano (SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis, Vozes, 2010). E se, em Dilthey, a vida humana é favorecida pela técnica de

de *implicação psicológica*, chamemos assim, projetou quatro dimensões que supostamente seriam fundamentais ao uso do *lógos* em Aristóteles, revelando uma certa orientação cardinal denominada por Carvalho de *teoria dos quatro discursos*: "o discurso humano é uma potência única, que se atualiza de quatro maneiras diversas: a poética, a retórica, a dialética e a analítica (lógica)"[14]. Por serem essas quatro maneiras diversas, na verdade, quatro *ciências do discurso*, ao se estudar as variantes da potência única, não se deveria senão constatar, ao final, a razão da unidade do objeto estudado, ou seja, o *lógos*, "sob pena de falharem à regra aristotélica das divisões"[15]. As quatro atualizações devem ser compreendidas em função da potencialidade única.

Se as divisões aristotélicas do saber estão aqui postas como norte, isso é ao menos um alívio. A questão que se impõe, no entanto, é saber se os ditos quatro discursos são *ciências* do discurso; mais ainda, se elas, em conjunto, referem-se à sua *unidade*. Por essa formulação do problema, o conhecedor da filosofia aristotélica já percebe a confusão se avizinhar. Antes de tudo, não há, em Aristóteles, *ciência* senão do universal, e alguém poderia argumentar que o *lógos*, ao universalizar o singular a partir de seus termos gerais[16], configura ele mesmo o território que dá a *unidade* da ciência – mas de um modo a não mais permitir que se consiga estabelecer um critério de distinção das maneiras diversas de sua manifestação: ou seja, sob esse ponto de vista, o discurso é a raiz da ciência, e a distinção entre o discurso analítico, que Carvalho aloca como especificamente *científico* porque verdadeiro, e o poético, seu antípoda, seria tão-somente uma *diferença de grau*, não em termos cognitivos, mas em vista do tipo de credibilidade a que se destinam. Em outras palavras, a *unidade* de ciência dos vários modos de atualizar o *lógos* teria, para Aristóteles segundo Carvalho, a intenção (não declarada pelo texto, "túmulo do pensamento") de obter diferentes níveis de credibilidade junto ao seu ouvinte – de modo que a teoria dos quatro discursos acaba por organizar as obras aristotélicas sob o enfoque não do conhecimento, mas da persuasão.

---

interpretação, na medida em que o indivíduo só conhece a si mesmo pelo contraste com a manifestação da consciência alheia, a *compreensão* almejada não pode se ausentar do texto, onde de fato encontra a objetividade fixa da experiência vivencial que torna possível a interpretação enquanto arte (DILTHEY, Wilhelm. "O surgimento da hermenêutica". Tradução Eduardo Gross [1ªed. 1900]. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. l. n. 1, p. 11-32, 1999.

[14] *Ibidem*, p. 30.

[15] *Ibidem*, p. 31.

[16] O próprio Carvalho denuncia a tentativa de caracterizarem sua obra com um argumento semelhante: "a mente humana está mal equipada para perceber as singularidades como tais: ou as expele logo do círculo de atenção, para evitar o incômodo de adaptar-se a uma forma desconhecida, ou as apreende somente pelas analogias parciais e de superfície que permitem assimilá-las erroneamente a alguma classe de objetos conhecidos" (CARVALHO, Olavo de. *O imbecil coletivo, ob. cit*. p. 28).

A maneira como Carvalho elabora sua aproximação com a obra aristotélica é deveras inquietante, e de certa forma tende a confirmar nossa suspeita. O escritor chega a se perguntar se de fato Aristóteles pensou uma unidade dos discursos ou não, e se ele teve razão em pensar assim, no caso de tê-la realmente pensado. O argumento estabelecido, porém, pretende ser ao mesmo tempo uma resposta à sua própria pergunta e uma justificativa da necessidade do seu método: por se tratar da interpretação do pensamento de um filósofo distante de nós muitos séculos, diz Carvalho, a *compreensão* dependeria da possibilidade de esclarecermos aquilo que Aristóteles *precisava saber para dizer o que disse*. Duas coisas aqui se deduzem: (a) pode-se considerar, desse modo, o que passamos a saber e a fazer a partir de uma obra como se isso pertencesse ao próprio autor, às *suas intenções e valores*, tal como se poderia dizer de Platão que sua intenção era produzir regimes totalitários, ou a de Einstein, o surgimento da bomba atômica; (b) inverte-se mais uma vez outro preceito hermenêutico (o da possibilidade de conhecermos o autor melhor do que ele mesmo pôde fazê-lo), mostrando que uma suposta compreensão a partir daquilo que o autor *precisava saber para dizer o que disse* confere ao próprio autor a intencionalidade pelo que ele não deixou explícito, o que acaba por invalidar o preceito, já que o autor estaria plenamente consciente de todas as determinantes contextuais e prospectivas de sua obra. Para Carvalho, os usos aristotélicos do discurso reverberam um saber *latente* sobre a unidade do *lógos*, pressuposta e não declarada pelo Estagirita – e talvez devêssemos dizer, invertendo a proposta invertida de Carvalho, que seu estudo de Aristóteles é, sobretudo, a objetividade fixa que nos permite interpretar aristotelicamente as intenções e os valores de Olavo. Mas se invertê-lo é retornar ao exercício fundamental da interpretação, devemos nos aproximar do texto olaviano para então compreendê-lo melhor do que ele mesmo pôde fazê-lo.

b. A confusão dos quatro discursos: o argumento histórico acerca do *Órganon*

Há um argumento histórico que complementa o recurso da interpretação olaviana. Não se poderia assegurar, diz ele, que a organização posterior dos escritos de um filósofo correspondesse à organização que o filósofo de fato dera ao saber, em geral, e ao seu próprio, em particular. A divisão da obra aristotélica, legada por Andrônico de Rodes no século I a.C., assentar-se-ia formalmente sobre as quatro dimensões do saber que ele identificava no Estagirita (Introdutórios, Teoréticos, Práticos e Técnicos), divisão que, afirma Carvalho, acabou por influenciar a separação decisiva da *Poética* e da *Retórica,* postas como técnicas, do restante do *Órganon*, exposto como introdutório – o que provoca, para Carvalho, a falsa impressão de que aquelas duas não estejam integradas ao *corpus* de obras *lógicas*, sobre o

lógos, como deveriam estar, aristotelicamente falando. Face a esta imprecisão de Andrônico, perdeu-se o traço orgânico da concepção aristotélica acerca do discurso – e a proposta de Carvalho, que possuiu, em seu entender, apenas dois antecedentes ao longo da tradição de estudos aristotélicos[17], pretende fazer retornar a *Poética* e a *Retórica* para o âmbito do Órganon, que lhes seria mais adequado[18].

É preciso esmiuçar com vagar esse tipo de argumento, a fim de destacar os lances no jogo de palavras e no manejo das informações, ou da falta delas, oferecidos por Olavo. Um primeiro ponto está em que, tendo Andrônico de Rodes supostamente se baseado na divisão do conhecimento em Aristóteles, não faria sentido dizer, como diz Olavo, que a organização posterior, oferecida pelo alexandrino, estivesse em dissintonia com a organização pensada pelo próprio Estagirita. Se para Carvalho o papel da compreensão está em captar o que outro precisa saber para ter dito o que disse, Andrônico se apresenta perfeitamente legitimado em sua ordenação da obra aristotélica valendo-se do tipo de classificação do conhecimento feita pelo próprio filósofo, não enquanto uma interpretação vinda de fora do texto, mas a partir das próprias obras[19]. Em outras palavras, assumido o critério aristotélico do conhecimento, a organização da sua obra não pode se mostrar mais adequada que a de Andrônico, no interior da qual não parece fazer sentido alocar a *Poética* e a *Retórica* como obras introdutórias.

A questão se complica quando averiguamos os fatos em torno ao legado do *Corpus Aristotelicum*. Carvalho diz terem se perdido as obras de Aristóteles, até seu reaparecimento no século I a.C. a partir da edição feita por Andrônico, paradigmática até hoje[20]. Ocorre que as obras aristotélicas que haviam se perdido eram as chamadas *esotéricas*, que se compunham por anotações das aulas ministradas no Liceu; as demais, ou seja, seus diálogos e escritos *exotéricos*, continuaram não só conhecidos, como tinham sido responsáveis então por moldar a visão sobre a filosofia do Estagirita

---

[17] Os dois casos seriam os de Avicena e Tomás de Aquino, este muito provavelmente se baseando na perspectiva daquele (CARVALHO, Olavo de. *Aristóteles em nova perspectiva*, *ob. cit*. p. 26, n. 8). Veremos que, na verdade, esse tipo de proposta tinha sido comum aos neoplatônicos, em sua tentativa de organizar as obras de Aristóteles, seguindo princípios, no entanto, relacionados à ontologia neoplatônica, em debate com o estoicismo – debate que haveria de influenciar as concepções árabe e cristã.

[18] *Ibidem*, p. 32-33.

[19] Pois é de Aristóteles a distinção em três âmbitos de conhecimento (*theoretiké*, *praktiké*, *poiétiké*; cf. *Tópicos*, VI, 6, 145a15; *Metafísica*, VI, 1, 1025b25; Ética a Nicômaco, VI, 2, 1139a28), ao passo que a noção de órganon, relacionada à lógica, é criação de Andrônico, derivada das considerações de método apresentadas em *Tópicos*, I, 100a25-101a24. As indicações e os argumentos acerca dessa concepção androniciana para organizar a obra aristotélica foram analisados, de maneira exaustiva, por MESQUITA, Pedro. *Introdução geral.* As obras completas de Aristóteles. Lisboa, INCM, 2005, p. 245ss. Dado o espaço curto para exposição, faremos referência aqui apenas aos pontos conclusivos principais.

[20] *Ibidem*, p. 32.

até o retorno à cena dos papiros perdidos. Estes foram levados por um discípulo do Liceu, sucessor legitimo de Teofrasto segundo testamento[21], e só foram recuperados devido à eventualidade de terem eles retornado para Atenas em razão de trocas comerciais com Roma, por volta do século I a.C. A descoberta desse material perdido promoveu intensa divulgação da filosofia aristotélica, desencadeando exercícios de comentários ao texto de Aristóteles realizados por diversos peripatéticos da época, entre os quais Andrônico de Rodes, que obteve maior sucesso ao propor, num curso, seu "Aristóteles Completo"[22]. Tal sucesso, explica Rossetti, deveu-se à dedicação com a qual Andrônico valorizou e acentuou, em sua apresentação, as opções de classificação que tinham sido indicadas e esboçadas pelo próprio Aristóteles em seus textos[23].

Um segundo ponto está em que, para Carvalho, aquela "casualidade editorial" de Andrônico teria acumulado, para a história das ideias, um *preconceito* face às "ciências" da poética e da retórica, ao serem ambas alocadas sob o âmbito da *técnica*, e não da *lógica*: "como ciências do discurso, a Poética e a Retórica fazem parte do *Órganon*, conjunto das obras lógicas ou introdutórias, e não são portanto nem teoréticas nem práticas nem técnicas. Este é o núcleo da interpretação que defendo"[24]. Dada a centralidade da tese sobre a composição do Órganon, precisamos prolongar nosso excurso, a ver com precisão o conjunto de equívocos reunidos por Carvalho em sua pretendida *nova perspectiva*.

De fato, foi criação do gênio sistemático androniciano o estabelecimento do Órganon, composto de obras então separadas, mas cuja temática ele entendera complementar, porque seu propósito foi organizar as obras dispersas em grandes *tratados* (*eis pragmateíais*, no dizer de Profírio), isto é, em unidades bibliográficas abrangentes que abrigavam estudos similares a fim de dispô-los de modo a reproduzir princípios aristotélicos, como ocorreu também no caso de *Parva Naturalia*. Um outro ponto importante é levantado com referência à forma de classificar as obras de Aristóteles. As listas de classificação que nos chegaram, ao que parece, repercutem uma estrutura comum, cuja inspiração aristotélica vê-se, sobretudo, na tríade do conhecimento que separa as obras segundo seus fins. Mas encontramos

---

[21] Trata-se de Neleu de Cépsis, designado em testamento por Teofrasto como escolarca que lhe deveria suceder. Contudo, as manobras de Estratão de Lampsaco para assumir o Liceu levaram ao exílio Neleu, que decidiu retirar-se para sua cidade de posse dos papiros esotéricos de Aristóteles e de Teofrasto. Foram esses que, dois séculos depois, seriam encontrados pelos romanos em Atenas (cf. ROSSETTI, Lívio. *Introdução à Filosofia Antiga*. Tradução de Élcio Viçosa Filho. São Paulo, Paulus, 2006, p. 165).

[22] Os dados sobre essa descoberta dos papiros do *Corpus Aristotelicum*, contada por Estrabão, encontram-se em Mesquita (*ob. cit*, p. 209ss), que os analisou em detalhes para situar sua contribuição como testemunho histórico inclusive para os processos de classificação da obra aristotélica; ver também Rossetti (*ob. cit*, p. 165ss).

[23] Cf. ROSSETTI (*ob. cit*, p. 167).

[24] *Ibidem*, p. 38.

também o quarto âmbito, *lógico* – em relação ao qual a tese de Carvalho pretende se sustentar. O cotejamento das três listas que nos chegaram[25] indica, pela ausência dos escritos *esotéricos* nos catálogos mais antigos, feitos por Diógenes Laércio e por um Anônimo, e pela presença deles na lista de Ptolemeu, que lhes é tardia e evidentemente influenciada pela organização de Andrônico, haver não apenas essa diferença de conteúdo, como também uma diferença de aspecto *formal*, que diz respeito à iniciativa andronicíana de, sobretudo, reunir certas obras dispersas em tratados temáticos (*pragmateía*), projeto do qual o Órganon é não só o primeiro mas o único devidamente terminado[26].

Caberia, desse modo, averiguar se a proposta de Andrônico, que aponta um progresso significativo na reunião e organização das obras aristotélicas tal como a temos hoje, mantém a mesma inspiração das listas mais antigas, qual seja, aquela relativa à concepção aristotélica de conhecimento. E o caso do Órganon é paradigmático. As obras que hoje compõem esse tratado lógico de fato aparecem isoladamente nas listas mais antigas, ainda que com títulos diferentes. Essa presença ratifica a importância para Aristóteles do âmbito lógico como um campo de investigação originalmente criado por ele próprio[27]. O que Andrônico se propôs a fazer foi simplesmente reunir os estudos dispersos a partir de uma ordenação já prefigurada pelo texto aristotélico, ao menos naquilo que o texto indica como uma vinculação necessária entre a silogística de *Tópicos* e a dos *Analíticos*, ao final acrescida da de *Refutações Sofísticas*, acerca dos quatro tipos de argumentos fundamentais ao Estagirita[28]. Coube a Andrônico apenas situar *Categorias*

[25] Há três listas das obras de Aristóteles: o catálogo de Diógenes Laércio, o de um Anônimo e o de Ptolemeu, sendo este último a fonte comum das versões árabes. O cotejo entre elas, segundo Mesquita, indicaria haver sido, as duas mais antigas, referidas a alguma outra anterior cuja autoria geralmente se atribuía a Hermipo, até que o estudo de Moraux (MORAUX, Paul. *Les listes anciennes de ouvrages d' Aristote*. Louvain, Éditions Universitaires, 1951), indicou Aríston como seu provável autor, com base numa familiaridade evidente do autor com a obra aristotélica, própria a um peripatético. A lista mais antiga é muito provavelmente do século III a.C. Ela denuncia, no entanto, a falta daquelas obras ditas esotéricas, que só aparecerão na lista de Ptolemeu e num apêndice a do Anônimo, então posteriores, por esse motivo, à descoberta dos trabalhos perdidos do Estagirita, sendo, portanto, posteriores à organização realizada por Andrônico. O caso da lista de Ptolemeu é o mais decisivo, por conter uma apresentação quase completa do *corpus*, de modo a evidenciar a contribuição de Andrônico ao organizá-lo numa "ordem temática inspirada directamente nos princípios da filosofia aristotélica" (Mesquita, *ob. cit*, p. 238).

[26] A indicação é de Mesquita (*ob. cit.*, p. 247), baseando-se em alguns testemunhos independentes. Fato é que, mesmo em função dessas pretensas diferenças entre as listas antigas e tardias, a estrutura do *corpus* não sofreu nenhuma alteração substantiva, em ambos os casos se mantendo, perceptível, a ordenação das obras em função dos saberes segundo os ensinamentos do Estagirita (Mesquita, *ob. cit*, p. 261).

[27] Ver a própria indicação de Aristóteles ao final de *Refutações Sofísticas*, 34, 183b15-184b8, e que parece dizer respeito a todo o conjunto de investigações acerca dos usos e das aplicações silogísticas.

[28] Ver, por exemplo, as aproximações sistemáticas entre as quatro formas de uso dos silogismos e as obras em que foram estudados: *Refutações Sofísticas*, 2, 165b1-11; *Tópicos*, I, 1, 100a25-101a24.

como uma espécie de preâmbulo, sendo *Da interpretação* considerado como espúrio e, portanto, só inserido ao Órganon posteriormente.

Para entendermos a tentativa de fazer reunir sob o tratado Órganon obras de *Retórica* e *Poética*, tentativas que haviam influenciado as duas indicações a que Carvalho se referiu, é preciso ter em mente que o acréscimo do âmbito lógico, aos três costumeiramente referidos por Aristóteles, parece ter advindo do embate com a filosofia estoica, que dividira a filosofia em três âmbitos: lógica, ética, física[29]. Ocorre que a noção de *lógica* no estoicismo é mais ampla que a presente em Aristóteles, de modo a abrigar estudos de psicologia e de ontologia. Uma tal noção, em grande parte, aproxima-se da *dialética* em sentido platônico, o que nos sugere, dirá Mesquita, ter sido o platonismo a fonte comum para os termos com que estoicos e peripatéticos pretendiam dividir a filosofia: "foi pois provavelmente por contaminação académica que a secção lógica se viu integrada na classificação original"[30]. Nessa divisão *platônica* da filosofia, ao lado dos âmbitos *teórico* e *prático* é posto um terceiro, dito *lógico,* a fim de, pela influência sobre a classificação da obra aristotélica, reunir explicitamente todos os estudos silogísticos, incluindo, nesse caso, o entimema retórico. Percebe-se, no entanto, que a tentativa dos peripatéticos de se colocarem diante do debate da época usando termos não aristotélicos leva-os a, por um momento, abandonar o âmbito do saber *poiético*.

Se o debate da época força o Liceu a adotar um âmbito de estudos lógicos, que torna possível uma classificação das obras aristotélicas segundo a divisão da filosofia proposta fora de seus muros, o ponto-chave dessa influência será observado justamente na posterior decisão de assumir o âmbito lógico como acréscimo aos outros três, estes inerentes à divisão do saber feita por Aristóteles – o que, bem compreendido, não subverte a estrutura aristotélica, mas a complementa. Tal acréscimo, evidentemente, não se faz considerando a *lógica* uma ciência ela mesmo: e a razão é que cada ciência se determina por um fim, de modo que a tríade dos saberes os distingue entre si pelas distintas relações mantidas com esses fins (o fim pode ser o conhecimento *ele mesmo* [teórico] ou algo *externo a ele*: nesse caso, ou ele visa uma ação [prático] ou a produção de algo distinto da ação [poiético][31]). Frente a essa tríade *científica*, o âmbito da lógica, pontua

---

[29] Cf. DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, II, 35-44. Sobre o embate de ideias durante a vigência do Liceu, Mesquita pontua a maneira pela qual os peripatéticos, sem o recurso às obras de aula do mestre, viram-se envolvidos em discussões cujos termos eram ditados cada vez mais pelos estoicos, o que parece justificar a tentativa de classificar as obras e os estudos aristotélicos a partir da tríade estoica que explicitamente não reconhece o âmbito da *poiética*, razão pela qual a *Retórica*, e a *Poética* por extensão, eram situadas sob o âmbito da lógica.

[30] Segundo Mesquita (Mesquita, Pedro. *Introdução geral: As obras completas de Aristóteles*. Lisboa, INCM, 2005, p. 280), essa influência estaria testemunhada pela *divisão da filosofia* proposta por Xenócrates (o líder da Academia platônica durante todo o tempo de atuação do Liceu aristotélico), já que não há em Platão qualquer *classificação das ciências*, fundada numa sua constituição *disciplinar*, por assim dizer.

[31] Cf. ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco, I, 1, 1094a3; VI, 5, 1140a31-b7; *Metafísica*, I, 2, 981b13-16.

Mesquita, seria propriamente *sem finalidade*, e exatamente por isso serviria como um *meio*, como *instrumento* (órganon) a partir do qual se desenvolve cada ciência determinada:

> Quer dizer, a finalidade do conhecimento lógico não pode ser descrita nem como residindo no próprio conhecimento, nem como residindo na realização de algo exterior a esse conhecimento, porque reside inteiramente no suporte metodológico que presta à concretização das finalidades das outras áreas de conhecimento/[32].

A construção do Órganon por Andrônico de Rodes, portanto, constitui-se na tentativa de organizar não o conhecimento aristotélico, e sim as obras de Aristóteles, a partir de uma concepção acerca do conhecimento; e em face da qual se faz legítimo alocar o estudo lógico ao lado dos demais, como um escopo discursivo, indicado por Aristóteles, no qual a ciência se estabelece: "nem à investigação [*tês skopúses*] que estuda a demonstração [*apodeíxeós*] e a ciência [*epistémes*], pois esta investiga justamente esse gênero de objetos"[33]. Dito de outro modo, a classificação das obras em Andrônico inspira-se na categorização do conhecimento, não o contrário. Por esse motivo, o saber lógico é digno de ter lugar relevante na classificação, pelo fato de estar destacado da tríade das finalidades, como uma *condição de possibilidade* para a realização delas[34]. Eis a razão de Andrônico se sentir autorizado não apenas a reunir diferentes estudos em um tratado único, nomeado depois Órganon por Alexandre de Afrodísia e apresentado como saber *instrumental*, mas também a defini-lo como preâmbulo necessário às demais ciências, apresentado então como estudo *introdutório.* Essa é, por certo, também a razão de haver situado *Retórica* e *Poética* não como lógicas, e sim como produtivas ou técnicas, pois se fossem lógicas elas seriam sem finalidade, o que evidentemente não é o caso.

Não sendo nova, portanto, a proposta de alocar *Retórica* e *Poética* como obras lógicas, é necessário dizê-la evocar, fundamentalmente, intenções neoplatônicas e estoicas, inscritas sob uma divisão da filosofia não subscrita

---

[32] MESQUITA, *ob. cit.*, p. 285.

[33] *Metafísica*, XI, 1, 1159b18-20. Uma outra passagem, ao que parece sem precedentes no *corpus* aristotélico, menciona o âmbito da lógica como dotado de relativa autonomia (*Tópicos*, I, 14, 105b19-25): "Das proposições e problemas – encarando-se a questão em linhas gerais – existem três grupos: algumas proposições são éticas, outras são físicas e outras são lógicas. [...] um exemplo de proposição lógica é: 'o conhecimento dos opostos é ou não é o mesmo?'". DÜRING, Ingemar. *Aristotele*. Traduzione italiana di P. Donini. Milão, U. Mursia editore, 1978, assevera, contudo, que essa forma de se entender o uso do termo *logiké* não se faz em vista do que hoje se entende por lógica, mas em vista de um tipo de problemática discutida à época em que Aristóteles escrevia sua obra, e que muito provavelmente se referia a discussões com os estoicos quanto ao âmbito linguístico (ob. cit, p. 68). Para uma possível indicação da ideia de lógica como introdução e propedêutica a outros estudos, ver *Metafísica*, IV, 3, 1005b2-5.

[34] Cf. ARISTOTELE. *Organon*. Coordinamento e introduzione generale de Maurizio Migliori. Milano, Bompiani, 2016.

pelo vocabulário da filosofia aristotélica. Quando Carvalho procura trazê--la novamente à cena, sem dar mostras de conhecer o debate sobre a lista das obras que compõem o *corpus* de Aristóteles, já que pretende aventar a possibilidade de reestruturá-las quanto ao Órganon, ele está, entre outras coisas, subvertendo o princípio aristotélico de classificação seguido pela tradição, na esteira de Andrônico de Rodes[35]. É uma impropriedade dizer não serem *Poética* e *Retórica* nem teoréticas, nem práticas, nem técnicas, porque ao defini-las como introdutórias, pretende-se concebê-las como estudos sobre o *lógos* enquanto condição de possibilidade das ciências. O caso da *Retórica*, geralmente tido como mais afinado àquela perspectiva discursiva que encontramos no Órganon, porque anunciada por Aristóteles como a outra face da Dialética[36], tende a se distanciar da instrumentalidade lógica por se apresentar como um saber cujo objetivo está em produzir persuasão – em vista da qual o orador deve levar em consideração não só o *lógos*, enquanto um tipo de silogismo, mas também a *léxis*, o modo de dizer, bem como o *páthos*, o estado de ânimo da audiência, e o éthos, a credibilidade do orador frente à sua audiência. A *Retórica* como técnica, portanto, se justifica sob a perspectiva de estudos, por assim dizer, *intersubjetivos*[37]. Foi o que Paul Ricoeur conseguiu condensar num pequeno parágrafo de sua obra sobre a metáfora:

> Além disso, a retórica não pode ser esgotada em uma disciplina puramente argumentativa, pois está voltada para o ouvinte, e não pode, portanto, deixar de considerar o caráter do falante e a disposição da audiência; em poucas palavras, ela permanece na dimensão intersubjetiva e dialogal do uso público do discurso, donde resulta que a consideração das emoções, das paixões, dos hábitos e das crenças continua a ser da competência da retórica, mesmo que ela não deva suplantar a prioridade do argumento

[35] O estudo principal desse debate deve-se a Moraux (*ob cit.*), em face do qual procuraram se posicionar diversos estudos, como o artigo de DÜRING ("Aríston or Hermippus?", 1956), para criticá-lo, e o de KEANEY ("Two Notes on the Transmission of Aristotle's Writings", 1963) para apoiá-lo. A tendência atual é a de apoiar as análises de Moraux, como se pode ver em GUTHRIE (*A History of Greek Philosophy*, 1962) e LORD ("On the Early History of the Aristotelian *Corpus*", 1986). Não é preciso dizer que Carvalho poderia, e deveria ter consultado essas obras, antes de propor uma alteração do Órganon.

[36] Cf. Aristóteles, *Retórica*, 1354a. Mesmo os que assumem a ideia de os estudos 'lógicos' aristotélicos terem surgido a partir da eficácia do discurso persuasivo pretendem apresentá--los por oposição ao interesse retórico (cf. ARISTÓTELES, *Tratados de Lógica II*. Órganon. Introducciones, traducciones y notas de Miguel Sanmartín. Madrid, Gredos, 1988), tendo em vista o objetivo de Aristóteles em cada vez mais aprofundar os estudos acerca de um discurso adequado à 'ciência' (*epistéme*). Sobre essa proximidade da *Retórica* e do Órganon, ver ainda a introdução de Migliori em Aristotele (*Organon*).

[37] Uma amostra do tipo de pretensão olaviana em tomar a *Retórica* como ciência do discurso pode ser destacada da sua introdução feita à dialética de Schopenhauer, em que se mostra o equívoco de tomar a técnica persuasiva simplesmente como estudo dos argumentos: "a retórica excluía de seu campo de estudo os dois primeiros [a pessoa do orador e os fatos de que se fala] e se concentrava nos argumentos" (Schopenhauer, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão.* Dialética Erística. Introdução, comentários e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo, Topbooks, 1997, p. 35).

verossímil, pois o argumento propriamente retórico dá conta ao mesmo tempo do grau de verossimilhança relativo à maioria discutida e do valor persuasivo relativo à qualidade do falante e do ouvinte[38].

Se não parece aristotelicamente adequado aproximarmos a *Retórica* do Órganon, a distância é ainda maior no caso da *Poética*. Ainda que o termo em grego que dá título à obra sugira uma relação com o discurso (*perì poietikés*, sobre o fazer poesia), o estudo aristotélico orienta-se em vista de todo um conjunto de aspectos em relação aos quais a criação poética se realiza, e em vista da qual se apresentam articulados por certo modo de *reprodução* que encontra seu conceito na *mímesis*. *Reproduzir* talvez não seja o melhor termo para traduzir *mímesis*, mas o utilizo para fazer referência tanto à noção cara ao termo *poiésis* (a de *produzir*, sempre a partir de algo dado), quanto à noção de *fazer sobre algo já feito*, portanto um *refazer* de outra maneira. A atividade mimética, que em Aristóteles é o fundamento de todas as artes poéticas, articula um processo criativo de se reatualizar o que houve, o que se passou, não em vista do que de fato ocorreu, mas em vista do que nele há de universal. Esse universal, no entanto, não diz uma *lógica*, e sim uma ética: "universal é o que se apresenta a tal tipo de homem que fará ou dirá tal tipo de coisa em conformidade com a verossimilhança e a necessidade; eis ao que a poesia visa" (*Poética*, 1451b 8-10). Quando a tragédia, por exemplo, imita ações de homens valorosos, sua *mímesis* reproduz qualidades morais, e não o faz de modo *lógico*; nem a *Poética*, ao refletir sobre a tragédia, destaca qualquer interesse em servir como introdução à ciência do discurso, mostrando-se, antes, como técnica para a realização e a compreensão dos espetáculos teatrais que reproduzem, de maneira eficaz, o universal dos valores humanos a fim de produzir catarse. Não deixa de ser significativo que, em toda a proposta de Carvalho, ele simplesmente *se esqueça* do conceito central da *Poética*[39].

Diante do alegado preconceito produzido pelo modo de Andrônico organizar as obras aristotélicas, o que se percebe é, antes, que o único preconceito existente aqui parece ser o de *forçar* as duas obras técnicas de Aristóteles, a *Retórica* e a *Poética*, para funcionarem como *teorias do discurso*. De todo modo, fica claro haver, por essas e outras questões possíveis de ser levantadas, certas *intenções e valores* de fundo nessa proposta olaviana, cuja sustentação parece querer recorrer, em maior ou menor escala, à autori-

---

[38] RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Tradução Dion Macedo. São Paulo, Loyola, 2015, p. 53.

[39] Sobre a *mímesis* como conceito estético para a reprodução artística do éthos, do *páthos* e da *práxis*, ver BUTCHER, Samuel. *Aristotle's Theory of Poetry and Fine Art*. London, Macmillan & Co, 1932, p. 121ss. Essa ausência a que me refiro foi notada por um parecer avaliativo feito pela SBPC à época, e que Carvalho anexou à edição da sua obra (Carvalho, *Aristóteles em Nova Perspectiva*, p. 157) sem o ter, no entanto, respondido efetivamente quanto ao seu nenhum tratamento dos conceitos de *mímesis* e *katársis* na descrição da *Poética* – logicamente porque, enquanto técnica, a *Poética* objetiva compreender o fenômeno identificado por esses dois conceitos, antes de ser uma obra sobre a *lógica da possibilidade*, como o quer Carvalho.

dade aristotélica. Até aqui, ficamos com a certeza de que a inversão dos parâmetros interpretativos fundamentais se constitui, a bem da verdade, em *método* para Carvalho – que se compraz em criar a confusão expositiva como uma proposta educativa, segundo suas próprias palavras.

> "Ademais, existe algum mérito pedagógico em não ser bem arrumadinho, em poder dispor os dados não na ordem mais costumeira em que os desejaria o espectador preguiçoso, mas em desarrumá-los inteligentemente de modo a obrigar o leitor a tomar parte ativa na investigação"[40].

c. Justificativas interpretativas: usos [retóricos] do discurso

Mas afinal, não tendo a *Poética* nem a *Retórica* em Aristóteles a condição de fazerem parte do tipo de saber *instrumental*, sem finalidade específica, dos tratados agrupados no dito Órganon, sob que critérios Carvalho se pôs a reviver uma hipótese neoplatônica, declaradamente *confundindo* a lógica e a ciência aristotélicas? O próprio autor parece suspeitar de toda suspeita inevitável, e se adianta para elencar três motivos principais para justificar o valor e a importância de sua teoria sobre os quatro discursos em Aristóteles, que parafraseio aqui:

1. As quatro ciências do discurso tratariam das quatro maneiras pelas quais um homem pode *agir sobre o outro* (guardemos essa expressão) por meio de quatro níveis de credibilidade: *possível*, *verossímil*, *provável* e *certo*, reunidos num tipo de escala *crescente*. "*Possibilidade*, *verossimilhança*, *probabilidade razoável* e *certeza apodíctica* são, pois, os conceitos-chave sobre os quais se erguem as quatro ciências respectivas" (Carvalho, *Aristóteles em Nova Perspectiva*, p. 40).

2. Haveria ainda, por parte de Aristóteles, uma descrição igualmente *crescente* das diferentes disposições psicológicas correspondentes ao *ouvinte* de cada discurso (*Ibidem*, p. 41), ou seja, uma espécie de divisão dos quatro públicos a que se destinariam os discursos: o espectador, no caso poético; o juiz, no retórico; o investigador, no dialético; e o discípulo, no lógico (os termos para cada *ouvinte* são de minha responsabilidade).

3. Enfim, as duas escalas guardam correspondência com a teoria aristotélica do conhecimento: dos dados dos sentidos, forma-se pela memória ou imaginação um grupo de imagens (*eikon*) segundo suas semelhanças. Com base nessas imagens, a inteligência opera a fim de construir os esquemas eidéticos, os conceitos, com os quais, por fim, constrói os juízos e os raciocínios. Essa subida dos sentidos até os juízos esquematiza, no entender de Carvalho, os graus crescentes dos discursos, do poético ao lógico.

---

[40] CARVALHO, *O imbecil coletivo*, *op. cit.* p. 33.

Temos aqui, portanto, em resumo, a motivação de Olavo de Carvalho para confundir a estrutura da obra aristotélica. Tanto a primeira quanto a segunda justificam a circunscrição da teoria do *lógos* do Estagirita a uma espécie de *teoria do poder* como seu fundamento, pela qual se deve dizer que a finalidade do conhecimento está na ressonância de credibilidade que o juízo é capaz de reverberar em determinado tipo de ouvinte, embora o Órganon indique, em vários momentos, que uma teoria do *lógos* só pode ser pensada em termos de uma teoria do conhecimento[41]. O que Carvalho propõe é uma inversão da lógica epistêmica. Se quem conhece verdadeiramente alguma coisa precisa, ao mesmo tempo, estar certo dessa verdade, o inverso da implicação não se dá necessariamente: acreditar que sabe não garante a verdade do que se diz saber. Em outras palavras, seria impróprio determinar o discurso em Aristóteles face à convicção (*pístis*) e não ao saber (*epistéme*), pois o próprio *lógos*, em *Da Interpretação*, interessa ao estudo em razão de seu caráter *apofântico*, de afirmar ou negar algo que pode ser verdadeiro ou falso[42]. Verdade-falsidade, nesse sentido, é o único juízo de valor possível, e desejável, à investigação filosófica do conhecimento – e se a Dialética lida com *premissas geralmente assumidas como verdadeiras* (*endóxa*) é porque sua tarefa será exatamente a de demonstrar a verdade ou falsidade delas[43].

Vejamos, como exemplo, o caso da *Poética*. Carvalho pretende fazê-la instrumento de uma teoria do discurso na qual lhe cabe produzir credibilidade do que é realmente possível, e isso a partir de uma leitura equivocada da descrição feita por Aristóteles: a frase nos diz que "a tarefa do poeta não é a de dizer o que de fato ocorreu", algo próprio à História, e sim "o que poderia ocorrer dada a verossimilhança e a necessidade" (*tà dynatà katà tò eikòs è tò anankaion*. *Poética*, 1451a 39-40). Se tivéssemos que pensar na convicção do espectador, esta seria dada não pelo possível, mas pela verossimilhança e necessidade, bem distinta da gradação proposta de Carvalho. Mas o possível, nesse caso, não se define em vista dos fatos, e sim do enredo (*mythos*), enquanto produção mimética. Não se compreende a distinção entre poesia e história se não se entende a preocupação central daquela não com os fatos, mas com o enredo. Ela pode mesmo representar o impossível, desde que seu *mythos* tenha coerência com sua finalidade: "pois não saber que a corça não tem chifres é menos grave do que pintá-la de modo não mimético"[44].

[41] Para uma apreciação sobre esse ponto, ver toda a primeira parte de MODRAK, Deborah. *Aristotle's theory of language and meaning*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001 (especialmente p. 84-114).

[42] A indicação aristotélica, inclusive, ratifica a separação do trato que cabe ao estudo 'lógico' daquele que cabe às técnicas retórica e poética: "Todos os discursos são significativos, não como ferramenta (órganon), mas, como já tinha sido dito, por convenção; nem todo discurso é declaratório (*apophantikòs*), mas apenas aquele em que subsiste o verdadeiro e o falso. (...) Deixemos os outros discursos, pois o exame deles é mais próprio à retórica e à poética. Porém, o declaratório é próprio deste estudo"; *Da Interpretação*, IV, 16b33-17a7.

[43] ARISTÓTELES, *Tópicos*, II, 101a34-101b4.

Esse fazer mimético, que no caso da tragédia procura produzir a catarse do temor e da compaixão em seus espectadores, sendo apropriado ao âmbito no qual ele ocorre como espetáculo, de forma alguma encontra na reflexão aristotélica uma atribuição inferior à dos tribunais ou do Liceu, como alega Carvalho ao considerar que o Estagirita deixa latente certa compreensão do discurso em que haveria entre o expectador da poesia e o aluno de um professor que demonstra suas teses um caminho ascendente, quando o que há entre a poética dos espetáculos e o ensino é simplesmente uma diferença de ambiente e de objetivos. Não deveríamos esquecer, além disso, que o filósofo, capaz de felicidade, é aquele que contempla a verdade: *contemplar*, em grego *theoreîn*, é termo oriundo da experiência teatral, numa clara proximidade entre as atitudes do espectador e a do filósofo, a mesma proximidade que Platão acentuou em *República* VI, e que o próprio Aristóteles ratificaria ao indicar haver algo de *filósofo* no amante dos *mythos*[45].

A última das razões, e por certo a mais interessante, alega haver do poético ao lógico uma gradação similar à que existe da percepção sensível ao pensamento conceitual. Segundo a descrição de Carvalho, a maneira pela qual Aristóteles entendia o modo de conhecer segue o caminho da sensibilidade, passando pela produção de imagens ou representações mentais das coisas, até que a mente passa a construir esquemas eidéticos aproximando os semelhantes, a fim de formar os conceitos, a grande conquista da lógica. Acentuando esse caráter gnosiológico unitário, Carvalho aponta para o que seria sua organicidade crescente: "o conhecimento é para Aristóteles um processo unitário, orgânico, que se eleva progressivamente desde as formas elementares, comuns ao homem e ao animal, até as grandes sínteses da ciência e da filosofia"[46]. Sua intenção, desde logo, se esclarece:

> Quero chegar à conclusão inevitável de que, se o processo cognitivo, para Aristóteles, é uma unidade orgânica que vem das sensações, passa pela imaginação, se eleva ao pensamento e chega à organização racional do mundo, sem salto nem descontinuidade, do mesmo modo o *método* do conhecimento, o *Organon* ou instrumento metodológico que estrutura a atividade científica, deveria ser também uma unidade coesa, a expressão de um organismo em evolução sem hiatos. Ele deveria abarcar todas as modalidades de conhecimento, do sensitivo ao racional, estabelecendo os elos e passagens de um a outro, bem como as conversões e retornos, de modo que víssemos as etapas desenvolvendo-se umas de dentro das outras, sem ruptura.[47]

[44] ARISTÓTELES. *Poética*, 25, 1460b 32-33. Nesse capítulo, por sinal, o Estagirita se dedica a responder diversas questões sobre o *erro* na poesia, geralmente creditado aos absurdos (impossível, *adynaton*) ditos pelos poetas. Sobre a função da arte e de sua *verdade* na *mímesis*, ver ainda Butscher (*Aristotle's Theory of Poetry and Fine Art*. London, Macmillan & Co, 1932, p. 165-168).

[45] ARISTÓTELES. *Metafísica*, I, 982b 17-19.

[46] CARVALHIO, *Aristóteles em Nova Perspectiva . ob cit*. p. 68.

[47] *Ibidem*, p. 73.

Em outras palavras, a epistemologia aristotélica postularia a mesma organicidade que estaria pressuposta no Órganon, em termos de discurso, e em vista da qual se estabeleceria o instrumental lógico-metodológico em direção a um saber fundamentado na realidade sensível. Se voltarmos à sua afirmação de que as escalas descritas em 1 e 2 "guardam correspondência" com esta última, a bem dizer a única presente em Aristóteles[48], percebemos de que modo há no Estagirita a possibilidade, desejável para Carvalho, de compreendermos o Órganon como um tratado esquemático da organicidade epistemológica do conhecimento, em relação ao qual haveria de se perceber a falta dos estudos aristotélicos para os processos anteriores ao conceito: seriam estes, propriamente, a *Poética* e a *Retórica*.

Segundo essa leitura, a *Poética*, a primeira das "lógicas do discurso", corresponderia à apreensão sensível da realidade, mas lamentavelmente a *Poética*, pelo menos a aristotélica, define-se como um estudo sobre os espetáculos miméticos de ações humanas, nada dizendo acerca das coisas como elas são realmente. Mais ainda, a *mímesis*, em seu traço reprodutivo, é não apenas realizada em vista do universal, cujo apelo é moral, como também exige, antes, a atuação da *imaginação*, no papel central de *fantasiar*, de *representar* ações de outros com finalidade educativa[49]. Talvez Carvalho estivesse disposto a assumir um *salto* das percepções sensíveis à *phantasía*, baseando-se numa explicação de ser a imaginação aquela responsável por cognitivamente organizar as percepções variadas dos sentidos em uma única referência ôntica[50]. Se a *Poética* é, de acordo com esse pressuposto, uma *lógica da fantasia*, a que tipo de "lógica" então corresponderia a *Retórica*? Não seria, ela também, uma lógica imaginativa, na medida em que se vale da verossimilhança e pretende conduzir seus ouvintes a ação? Mas não é exatamente o *poético* que se realiza em vista da verossimilhança e da necessidade para Aristóteles? Afinal, que função epistemológica seria apropriadamente realizada pela ordem do discurso retórico, senão a da deliberação? Mas não cabe à Dialética a função de auxiliar a deliberação, ao produzir uma investigação sobre o juízo verdadeiro? Que confusão é essa?[51]

---

[48] CARVALHO *Ibidem*, p. 69-73) pretendeu oferecer duas outras *organicidades*, em seu entender, correspondentes à epistemológica: a antropológica e a cosmológica. Mas o status hierárquico estabelecido pela definição de humano frente aos demais animais, ou pela escala dos entes reais, só possui correspondência com as etapas do conhecimento porque destas se fazem dependentes: em outras palavras, a compreensão de si e do mundo passa por ser, fundamentalmente, uma *compreensão*, portanto um conhecimento regido pelas etapas do conhecer. Não há, desse modo, nenhuma novidade na indicação feita pelo autor.

[49] Tratei sobre isso em ALENCAR, Cesar de. "A maturidade simbólica: da ciência ao mito". *Veritas* (Porto Alegre), v. 65 (3), p. e35275, 2020.

[50] Cf. MODRAK, *ob. cit*. p. 222-237.

[51] Em formulações feitas em outros momentos de sua obra, Carvalho parece de fato situar a *Poética* no âmbito das percepções sensíveis, ao passo que caberia à *Retórica* o lugar epistemológico da imaginação, como o autor esclarece logo ao início de seu curso sobre Husserl, ministrado entre 1992 e 1993, recentemente editado (CARVALHO, Olavo de. *Edmund Husserl*. Contra o psicologismo. Campinas, Vide Editorial, 2020, p. 15). A passagem, no entanto, é

Isso se deve, naturalmente, a uma *projeção*, sobre a obra de Aristóteles, de princípios que lhe são estranhos, ao menos segundo a perspectiva do que Aristóteles nos ensina em suas obras. Talvez a proposta de uma hermenêutica *não textual* seja mesmo a razão dessa projeção. Em todo caso, o que se apresenta, quero crer, encontra na retórica o contexto fundamental para entendermos *as intenções e os valores* de Carvalho. Porque as duas primeiras razões por ele elencadas são de ordem retórica: falar de *modos pelos quais alguém atua sobre o outro* e considerar as obras *em vista dos ouvintes almejados* é só uma maneira retórica de lidar com os discursos. A bem da verdade, é a própria *Retórica* aristotélica que expõe a consideração pela performance oratória em vista tanto dos tipos de ouvinte a que se destina um discurso como também o modo pelo qual a persuasão se produz como a atuação do orador sobre seus ouvintes (o que acontece no caso da Dialética), a fim de levá-los a determinadas ações (o que não acontece necessariamente no caso da Dialética). Ao considerar a estrutura dos discursos em Aristóteles, Carvalho denuncia como justificativa o intuito de articulá-los não em vista da orientação filosófica sobre os tipos de conhecimento, como toda a tradição veio fazendo desde Andrônico, mas de uma *epistemologia retórica*, se a expressão é cabível: ou seja, como se o discurso estivesse relacionado com conhecimento simplesmente para efeitos de exercício de poder. Talvez Carvalho estivesse lendo Aristóteles como autor do *Novo Órganon*[52].

Aristóteles* lendo *Carvalho: uma hermenêutica da proposta dos discursos

A confusão de termos pela qual Olavo pretende sistematizar a filosofia de Aristóteles, e cuja interpretação se baseia, desde o início, em certa *implicação psicológica* de se buscar o não dito como explicação do que é dito, e não o contrário, como procede a Hermenêutica, faz repercutir sobre o Estagirita uma preocupação filosófica dupla: a de que uma organização das diversas manifestações do *lógos*, reunidas sob a unidade do Órganon,

---

confusa, se tentarmos compreendê-la à luz das referidas obras aristotélicas: ao conferir à *Poética* o papel enraizado nas percepções sensíveis, ela se apresenta igualmente projetada até o desenvolvimento completo das imagens e dos desejos que essas imagens provocam, e que, portanto, reuniria também a *phantasía*; de modo que à *Retórica* caberia pôr em confronto as imagens do desejável, que ocorre no âmbito não da imaginação, mas da deliberação. Ver Aristóteles, *De Anima*, III.

[52] A referência, mesmo irônica, nada tem de casual: Francis Bacon (1561-1626) é mesmo conhecido, enquanto o último dos antigos e o primeiro dos modernos, como havendo criticado a *contemplatividade* do conhecimento, de pouco ou nenhum efeito prático para a vida dos homens. A ilustração da sua concepção utilitária do saber ficou emblemática na frase "saber é poder" (palavras que, não tão ironicamente, encontram-se no título de um novo curso oferecido por Carvalho recentemente).

deixa latente certa natureza essencialmente retórica do discurso; a de que, por outro lado, essas manifestações discursivas deveriam seguir o padrão aristotélico da formação conceitual abstrativa. Propor essa preocupação dupla, na verdade, é uma forma de substituir a disposição do Órganon de Aristóteles segundo a perspectiva dos tipos de conhecimento, levada a cabo por Andrônico de Rodes, por uma perspectiva focada na linguagem como território de atuação política. Essa proposta, considerada em sua justificação, nos lança em meio ao *enigma* da interpretação de Carvalho sobre Aristóteles: enquanto ele considera a potência do discurso priorizando as qualidades intersubjetivas da performance retórica (pois o discurso é descrito em sua essência em termos de credibilidade e de poder de influência sobre os ouvintes, dois aspectos próprios ao modo retórico de produzir persuasão), pretende também reduzir os tratados de *Poética* e *Retórica* a meros estudos instrumentais, como atualizações cientificas desse discurso potencialmente retórico. Se é preciso inserir, no âmbito lógico do Órganon, as produções poéticas e retóricas como sendo instrumentos utilizados pelas ciências em geral, por que razão a estrutura lógica do discurso é basicamente descrita em termos retóricos, e não analíticos, como seria de se esperar, dado o papel lógico-científico do Órganon na proposta de Carvalho?

O enigma de sua reflexão encontra expressão mais clara no capítulo quatro da análise dos quatro discursos. Na oportunidade, ele se propõe a demonstrar a universalidade da teoria aristotélica do discurso de um modo *não aristotélico*, recorrendo ao que ele toma como uma *autodemonstração* universal do discurso, por meio de uma suposta estrutura lógico-analítica daquilo que "a filologia sugere pela interpretação dos textos e a dialética sustenta pela exclusão das hipóteses contrárias"[53]. Essa autodemonstração definiria os conceitos básicos de toda atualização discursiva, a fim de nos fazer concluir que o discurso, qualquer que seja sua atualização, é potencialmente "o trânsito do acreditado ao acreditável, por meio de um encadeamento de nexos" (*Ibidem*, p. 86). Se o encadeamento que dá *lógica* ao discurso é descrito em termos analíticos, ou seja, pela vinculação necessária entre premissas e conclusão – o que é já uma impropriedade, pois assume que todo discurso é basicamente um silogismo –, tal encadeamento se justificaria, segundo Olavo, pela finalidade de produzir uma *modificação* no ouvinte: a suposta estrutura lógica dessa autodemonstração assume, aqui, uma razão de ser persuasiva, e o discurso dito eficaz será o que for capaz de obter do ouvinte a credibilidade, que se explicaria como a aceitação dessa modificação produzida. A potência comum às manifestações do discurso, no fim das contas, se resumiria à capacidade de alguém *exercer poder* sobre outrem através das palavras – e sendo esse poder o ponto-chave para a compreensão da proposta de gradação entre as variadas manifestações do discurso, Carvalho reduz a preocupação com o saber (*epistéme*) *à mera produção de convicção (pístis*).

[53] CARVALHO, *Aristóteles*, *ob. cit*. p. 84.

O resultado de uma demonstração não aristotélica do tipo de potência discursiva que Carvalho pretende compreender atualizada em quatro tipos na obra de Aristóteles mostra-se, ao final, exatamente o que ela é: a demonstração, não aristotélica, daquilo que se pretende atribuir a Aristóteles. Estamos, desde sempre, no âmbito do pensamento de Carvalho, para quem o *lógos só pode ser compreendido em termos de exercício de poder. Essa constatação* hermenêutica de suas intenções (porque derivada dos textos de Carvalho e não de implicações sobre o que ele não disse), é capaz, quero crer, de justificar os modos e os meios de atuação do autor por meio não só de seus livros, mas sobretudo dos canais em redes sociais, responsáveis pela maior difusão de suas ideias. Formulemos nossa constatação interpretativa: Carvalho reduz os tipos de discurso à sua potencial eficácia retórica, a ser obtida sobre o ouvinte no intuito de modificá-lo, e para isso pretende inserir a *Retórica* e a *Poética* no conjunto do *Órganon* aristotélico, a fim de legitimá-las como estratégias variadas da mesma *lógica*, com o intuito de tornar *científica* toda finalidade persuasiva, ao mesmo tempo em que confere *finalidade persuasiva* a toda forma de ciência. Isso explica sua impertinente tentativa de forçar o *Órganon* a acumular funções de poética e retórica, para estabelecer a ciência e o debate de ideias como inescapáveis ao interesse político da eficácia retórica – que para ele tem de ser *erística*, pois o que conta é vencer sem precisar ter razão.

Isso nos esclarece, por exemplo, seus interesses na proposta de tradução da erística dialética de Schopenhauer, que Carvalho assumiu ao mesmo tempo como prolongamento de sua teoria dos quatro discursos e como uma "galeria de maus exemplos" de como reduzir o adversário ao silêncio, reunidos pela providencial oportunidade que lhe chegou de publicar os apontamentos feitos pelo filósofo alemão – não para, diz Carvalho numa nota prévia, "induzir o leitor a discutir com outros, mas a dialetizar consigo próprio"[54]. Seria um nobre objetivo, se o autor, na mesma introdução, não denunciasse taxativamente regozijar-se em ver surgir "por toda parte a suspeita e a discórdia, elevando os alunos contra seus mestres, os eleitores contra seus candidatos, os leitores contra os jornais, os espectadores contra as emissoras de TV" (*Ibidem*, p. 24). Esse estado de suspeita e de discórdia, almejado pela tradução da erística de Schopenhauer a partir do esquema da visão dos quatro discursos, resume um propósito político de levar seus leitores a não mais aceitarem, ao final, a defesa legítima de opiniões, tomando-as como "insuportável e repugnante intrujice". Desse suposto esforço em conduzir a alma do leitor a dialogar consigo mesma e com sua consciência, as intenções de Carvalho transparecem, com um

[54] SCHOPENHAUER, *op. cit.*, p. 17. Vale aqui a ressalva de que Carvalho, que assina a tradução do original alemão, parece ter feito, na verdade, a transcrição para o português, sem autorização ou qualquer indicação expressa, da tradução feita em espanhol por Dionísio Garzon. Sobre a polêmica, ver o artigo de TROSTER [https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-patifaria-intelectual-de-olavo-de-carvalho/ último acesso 29.04.2021].

pouco de atenção na leitura, determinadas por um propósito de *insuflar o impedimento do debate* por uma via dupla: a de forjar, para seus leitores, a impressão de que, ao possuírem o conhecimento sobre as estratégias do jogo sujo do debate de ideias, estariam situados acima das intelectualidades de todo tipo; a de provocar, devido a essa impressão que impede a busca pela verdade no diálogo, uma ainda maior atomização de seus leitores, pondo-os à parte da sociedade e do jogo democrático – o que favorece o clima verborrágico, característico da opinião única e da emergência de notícias falsas como arma política, além de nutrir "a inclinação de procurar as verdadeiras forças da vida política naqueles movimentos e influências que os olhos não veem e que atuam por detrás das cortinas"[55].

Tal impressão expõe-se mesmo como finalidade da sua conhecida obra de polemista, *O imbecil coletivo*. No intuito de denunciar o tipo de emburrecimento protagonizado pelos intelectuais tupiniquins, Carvalho destaca, mais uma vez apenas ao leitor atento, seus valores e suas intenções. Ao acompanhar de perto os três prólogos desta obra, torna-se cada vez mais clara, embora mais complexa, a imagem que o autor tece de si mesmo e da sua obra – como se fizesse, não posso deixar de sugerir, uma transição simbólica do discurso dialético até um de tonalidade mais poética, descendo e subindo na escalada das credibilidades para atordoar o juízo do leitor em um fascínio e um encantamento que subjuga e silencia[56]. Se

---

[55] Essa é uma das características da *ralé*, o tipo de indivíduo que para Arendt (ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1998) está na base dos regimes totalitários, desencadeados por um contexto em que a atomização individual se faz cada vez mais forte: "A atomização social e a individualização extrema precederam os movimentos de massa" (Arendt, *ob. cit.*, p. 130; 366). Sobre a prática de impedir o debate, leiamos as palavras de Carvalho, em vídeo de um de seus muitos hangouts intitulado "Não respeite comunistas, destrua-os" [https://www.youtube.com/watch?v=2dIXgHL7Nl0 último acesso em 29.04.2021], que é ilustrativo do conceito de *retórica do ódio* em Rocha (*ob. cit.*, p. 37; sobre o conceito, ver p. 157): "Por isso que eu acho que o panelaço é a maior invenção. A coisa mais eficaz que tem no país é o panelaço. *Não* deixa falar mais! *Não* deixa falar, *não* obedeça, *não reconheça*!". Nada surpreendente, para quem já havia indicado, ao final de sua introdução à dialética de Schopenhauer, que "se *a redução da dialética a uma erística* pode levar às consequências filosóficas – e não só filosóficas – *mais temíveis*, também *seria impossível excluir da dialética*, considerada como meio de investigação, *todo aspecto erístico*, pela simples razão de que a refutação das proposições errôneas é uma preliminar indispensável de toda investigação filosófica e científica. (...) a tagarelice e a patifaria invadiram a cidadela mesma da filosofia e nela ocupam, não raro, os lugares de comando. É preciso uma luta ativa e sem descanso *para expulsá-las*. Nesse momento, *a erística assume a dignidade de uma arma indispensável no combate filosófico* e todos os estudantes de filosofia devem reconhecimento ao pioneirismo e à ousadia de Schopenhauer" (Schopenhauer, *op. cit.*, p. 90; 92; grifo nosso).

[56] Esse trânsito constante entre os tipos de discurso, que aqui procurei explicitar tendo em vista seu fundamento na retórica erística, teve seu efeito encantatório destacado por CUNHA, Martins. *A tirania dos especialistas*. Desde a revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro, Record, 2019, que o relaciona ao procedimento analógico da dialética simbólica de Carvalho. Em termos práticos, Carvalho transita do recurso a certos argumentos até o manejo simbólico tanto de metáforas religiosas e literárias quanto de zombaria, caricatura e xingamento, para impedir o debate e assassinar reputações – descrito, de modo lúcido ainda que não filosófico, por DUARTE, Letícia. "Como o olavismo explica

temos lido esse discurso como *erístico*, é porque Aristóteles, ao indicar como uma de suas finalidades "reduzir o adversário à impotência", fez questão de apontá-lo pelo seu fim único de obter vitória, diferenciando-se dos sofistas apenas porque estes ganham dinheiro com isso[57].

No primeiro prólogo, cuja preocupação foi a de mostrar, de maneira sóbria ainda que irônica, o *para que veio* à luz seu livro, encontramos, ao final, o valor que o autor alimenta em relação às suas influências: dirigir-se "exclusivamente ao leitor individual, na solidão da sua consciência" para fazê-lo admitir "entre quatro paredes, verdades que renega em público". Eis o que chamei de *atomização* da opinião, suscitada por um traço inexpressável da verdade – e que produz no leitor, ao ter seu próprio juízo confrontado com o *poder mágico* do discurso de Carvalho, a modificação necessária para assumir, a si mesmo, que o autor está com a razão: ali no coração da noite, onde as palavras não encontram "outro interlocutor senão o silêncio imenso" (*O imbecil coletivo*, p. 47). O que chamo de *poder mágico* do discurso de Carvalho (sobre o qual não poderíamos nos debruçar aqui sob pena de alongarmos em demasia nossa temática) foi diagnosticado por Cunha (*A tirania dos especialistas*, p. 147ss) junto à aplicação constante do recurso discursivo à analogia enquanto fundamento do que Carvalho propôs como sendo sua *dialética simbólica*, de inspiração esotérica e mística, com a qual atua em sua mais longa obra: o Curso Online de Filosofia (COF)[58]. Com o intuito de conduzir seus alunos ao estranhamento diante da realidade atual e à sensibilização da consciência, cujo propósito declarado é dar corpo, pelo hábito, a uma verdade silenciosa só partilhada por quem

---

o bolsonarismo". *Retrato Narrado*¸ 18 de outubro de 2020. [Link de acesso ao podcast: http://spoti.fi/391wXG0], como método-padrão dos vídeos do escritor contra seus desafetos, e que fora resumido pelo próprio Carvalho no vídeo citado em nota anterior. Em suma, "o gosto pelo vocabulário chulo, pela humilhação pública dos adversários, pela desumanização dos oponentes, só mostra técnicas de efeito retórico para destilar inverdades que, mesmo que posteriormente desmentidas, têm potencial para enganar um número expressivo de pessoas", Hussne (ob. cit.). Sobre as implicações desse método de xingamento e de impedimento do debate, ver também Mello (*ob. cit*.).

[57] ARISTÓTELES, *Refutações Sofísticas*, 165b 17; 171b 24.

[58] Criado em 2009, cinco anos após o autoexílio de Olavo no sul da Virgínia (EUA), o COF encontra-se atuante, a despeito da promessa inicial de uma duração de 5 anos, porque, como apontou Cunha (*ob. cit*., p. 165), é Olavo o centro dessa "nova comunidade de amigos que sairá do 'obscurantismo moderno' e que tem o compromisso de recuperar a 'alta cultura no Brasil'" e, portanto, é ele quem determina o fim do curso. Mas com isso, o *curso* se tornou um *percurso místico* sob a tutela de um professor que monopoliza a razão; uma *longa marcha da vaca para o brejo*, diríamos, inspirados pelo subtítulo de *O imbecil coletivo 2*. Pois se um tal compromisso depende do apostolado sustentado pelo professor, é porque aquela unidade da consciência no conhecimento e vice-versa, com que Carvalho pretende definir toda filosofia, no fundo é tão-somente uma *unidade do* [e no] *controle* (p. 173), cujo instrumento mágico decorre da utilização simbólica do discurso para adestrar a imaginação (efeitos *poético* e *retórico* conjugados à aplicação lógica de conceitos) para precipitá-la ao exercício de uma *dialética* que cinde o mundo das ideias e o real, a fim de manter esse corpo místico de alunos exilados sob seu domínio e influência – até a morte (p. 182-183).

nutra a mesma consciência, o projeto educacional de Carvalho apresenta-se com a retórica que "cria nas pessoas que pretendem fazer parte dessa nova casta intelectual, direta ou indiretamente, *uma espécie de feitiço que aprisiona a consciência*. Nesta realidade alternativa, *elas são os anti-indivíduos,* todos integrantes de algo jamais visto na trajetória recente deste país"[59]

Esse poder mágico, cujos efeitos em atomizar as consciências são sugeridos em tom dialético no primeiro prólogo, ilustram requintes retóricos em seu *prólogo do prólogo*. Para auxiliar a credibilidade em vista de determinado tipo de auditório (sempre aquele afeito à cultura judaico-cristã e liberal), Carvalho introduz a imagem de um demônio oculto, que por alguma razão lhe teria conduzido a nutrir uma atenção diabólica sobre aquelas *tolices irritantes* que acabou por inventariar ao longo do livro. Confessando um autoengano de causas infernais (como se o autoengano pudesse ter outra causa senão o próprio enganado), o autor amarga perante seu anjo pessoal a crua confissão daquela ânsia, a fim de mostrar aos tolos o sentido de sua tolice: "mostra-os a si mesmos, para que os humilhe o que os lisonjeou um dia"[60]. Aqui, aquela proposta de diálogo com o leitor individual transmutou-se em proposta de refutação daqueles que dizem saber, como um conselho do anjo que lhe anuncia um bem surgido por acaso de sua obra, como sendo o "efeito da alquimia divina, que pode transmutar em bem até o vício de ler o que não presta"[61]. Essa frase final do *prólogo do prólogo* é preciosa, porque situa o discurso de Carvalho sob o efeito do seu fascínio, articulando o mecanismo da retórica erística com a reação emocional pretendida. O vício de ler tolices, alterado *alquimicamente*, sugere, pela imagem que ilustra a experiência de Carvalho como leitor, que sua retórica intenciona produzir em seus leitores um silêncio incapacitante para denunciar as tolices do próprio autor, nas leituras interpretativas que faz, por lhes haver estimulado o prazer verborrágico de proclamarem, com a mesma voz *diabólica* de Carvalho, serem o estudo e o debate de ideias *tolices irritantes*.

A pretensão de expor a "patologia intelectual brasileira" não parece ter assimilado o próprio autor entre "essa gente do mesmo sangue", fazendo-o dizer "de igual para igual, no tom irritado de quem não fala de cima, julgando e condenando com neutra autoridade, mas se sente contaminado e envergonhado pelas culpas dos seus"[62]? É possível assumir haver alguma justificativa honrosa em simplesmente pagar o mal com mal? Ou a inten-

---

[59] CUNHA, *ob. cit.* p. 175 grifos nossos.
[60] CARVALHO, *O imbecil coletivo*, *ob. cit.* p. 37.
[61] Essa referência alquímica como efeito discursivo só surpreende os que não conhecem os primeiros estudos realizados por Carvalho sobre metafísica, esoterismo e alquimia psicológica, e que merecem ainda uma análise minuciosa e específica, sem os rotineiros deboches do passado de astrólogo do autor – o que o tornará menos excêntrico e mais letal quando articulados com sua proposta de uma dialética simbólica (Carvalho, *A dialética simbólica*).
[62] CARVALHO, *O imbecil coletivo, ob. cit.* p. 45.

ção de Carvalho seria a de neutralizar a credibilidade das ideias daqueles contra quem ele se volta pondo-as no mesmo patamar de suas próprias tolices? Não seria mesmo, afinal, a maior das tolices o enquadramento das opiniões rivais como sendo *irritantes*, se tal enquadramento é feito com a mesma *irritabilidade*, contaminado pela patologia que pretende curar? Deixemos falar o Schopenhauer da *tradução* de Carvalho:

> Donde provém isso [a possibilidade de se estar com a verdade objetiva sem sua validade pela aprovação dos debatedores e ouvintes]? Da perversidade natural do gênero humano. Se esta não existisse, se no nosso fundo fôssemos honestos, em todo debate tentaríamos fazer a verdade aparecer, sem preocupar-nos com que ela estivesse conforme à opinião que sustentávamos no começo ou com a do outro; isto seria indiferente ou, em todo caso, de importância muito secundária.[63]

A honestidade da verdade é o que conforma a indiferença do filósofo pela vitória em debates. O próprio Aristóteles havia indicado que a distinção entre boa e má retórica, que se põe em analogia com a distinção, respectivamente, entre a dialética e a erística, situa essa última como sofística, por se tratar de uma escolha (*proaíresis*) em se utilizar dos argumentos de modo a obter determinado efeito político[64]. Segundo Carvalho, no entanto, só se pode filosofar honestamente ao nível de um discurso que se propõe nunca falar impessoalmente, nem a se dirigir a coletividades abstratas, mas a indivíduos de carne e osso. Só há filosofia, portanto, pela polêmica de igual para igual – e a isso o terceiro prólogo de *O imbecil coletivo*, anexado à obra como um manual do usuário, pretende nos convencer. Esse manual, composto em tonalidade simbólica, teve por intenção apresentar para seus leitores o valor da erística, que silencia as opiniões rivais, como instrumento de guerra política.

Ao descrever a concepção da trilogia que inaugura sua inserção no debate público, Carvalho explicitou as razões simbólicas que o moveram a escolher, para a capa do primeiro livro da série, as figuras de Behemoth e Leviatã, os monstros bíblicos que, segundo ele, ilustram "forças cómicas desproporcionalmente superiores ao homem, que movem combate uma à outra no cenário do mundo, mas também dentro da alma humana"[65]. Enquanto a pesada força de Behemoth atua no ventre, a do Leviatã encontra-se na língua, o lugar do flexível poder psíquico da revolta. Para Carvalho, ao abandonar o terreno da luta interior, o ser humano transferiu a contenda *monstruosa* para os âmbitos da política e da história, de modo que as guerras

---

[63] SCHOPENHAUER, *ob. cit.*, p. 96.
[64] Sobre a distinção entre capacidade e escolha, ver Aristóteles, *Retórica*, 1355b15-21; sobre a aproximação de retórica e dialética na política, ver *Retórica*, 1355b35-1356a20. Essas indicações são analisadas por Berti (BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. Tradução Dion Macedo. São Paulo, Loyola, 2002, p. 171-180) no que ele chama uma *relação estrutural* entre dialética, retórica e filosofia em face da sofística e da política.
[65] CARVALHO, *O imbecil coletivo*, *ob. cit.* p. 29.

traduzem a doença espiritual e a cegueira de se pensar capaz de dominar o poder cósmico através da materialidade da razão. Se o simbolismo, tal como Carvalho o explica a partir da tradução que Blake faz da figuração bíblica, indica Behemoth como sendo "o conjunto das forças obedientes a Deus" e Leviatã como sendo "o espírito de negação e rebelião", a constatação de que "ambos são igualmente monstros" situa-os, desde a época do Iluminismo, como representação de duas forças políticas antepostas: "do rígido conservadorismo e da *hübris* revolucionária", respectivamente; e dada a monstruosidade de suas artimanhas, ao escaparem do controle humano, só podem ser vencidas pela autoridade divina[66].

A ilustração desses poderes humanos, transmutados em guerra política constante, parece esclarecer o ciclo de vitórias e derrotas que a autonomia individual, marca da mentalidade moderna, materializara em seu anseio democrático de liberdade e igualdade. Essa materialização, ao mesmo tempo psicológica e sociológica, permite a análise das ideologias feita por Carvalho, ao descrevê-las como "sempre limitadas à dimensão horizontal do tempo e do espaço" (*Ibidem*, p. 30). Como escapar dessa limitação, senão pelo retorno da monstruosidade política ao mais íntimo dos indivíduos? Um lamento que o autor apresenta, de talvez não ter sua obra podido articular, no juízo do seu leitor, o ciclo das lutas terrenas e históricas com a dimensão cósmica e individual da salvação, esclarece na verdade a maneira pela qual Carvalho, ao dirigir-se à consciência individual, pretende transformar a intimidade de seus leitores em campo de batalha político, ao convencê-los do juízo final pela vitória de Behemoth, o monstro da necessidade natural obediente a Deus, sobre a língua da revolta de Leviatã – vitória, contudo, que subjuga ambos à morte, condenados pela autoridade divina, a única capaz de arbitrar o ciclo político entre "direita e esquerda" e de, com isso, subverter a "lei da mútua compensação dos contrários"[67]. Lendo atentamente essa simbologia, parece claro haver o autor se empenhado em traduzir a guerra política, na prerrogativa da vitória de Behemoth sobre Leviatã, como um mandamento divino a seus leitores, cuja aceitação equivale à salvação – física, social, cultural e espiritual.

A inclinação a Behemoth como a um apostolado, presente ao centro da atuação discursiva de Carvalho, não impediu, todavia, que na luta

---

[66] *Ibidem*, p. 29.

[67] A dinâmica de interação entre polaridades como uma *lei cósmica* do pensamento foi descrita no estudo sobre dialética simbólica (Carvalho, *A dialética simbólica*), em que o escritor procurou destacar a diferença de consideração entre a oposição simétrica e estática dos conceitos universais e a dinâmica de complementariedade entre eles no reino dos particulares, a fim de caracterizar sua dialética simbólica a partir de uma noção de *analogia* referida ao reino intermediário entre os conceitos e as experiências, o das formas imaginais da mitologia e das narrativas bíblicas. Com isso, entende-se por que o autor se valeu dos monstros bíblicos para descrever o paradigma da luta política enfim interiorizado por seus leitores como símbolo de um chamado divino.

política a força de Leviatã pudesse ser usada a seu favor. Não poucas vezes, Carvalho pontuou a necessidade de se utilizar as estratégias políticas dos adversários, uma tática de *inversão* bastante similar à que Leirner diagnosticou[68], em referência às práticas dos militares brasileiros. Significa dizer que, contra uma hegemonia cultural e política da esquerda na maioria das instituições públicas do país, assumida como um plano de dominação comunista[69], pode-se muito bem inverter os papéis das forças monstruosas: a língua da revolta de Leviatã passa a ser instrumentalizada para disseminar a suspeita e a discórdia, a fim de reverter a autoridade política do contrato social pela *guerra de todos contra todos*. A evocação de Hobbes não é casual, pois a simbólica dos monstros bíblicos nomeia duas de suas principais obras políticas: Leviatã, o poder estatal cuja pacificação da guerra é obtida pela reverência social à autoridade da lei, está constantemente sob a ameaça de guerra civil, originada pelo poder de Behemoth que divide e enfraquece a soberania desde dentro[70]. A vitória de Behemoth, traduzida em mandamento divino por Carvalho, ecoa a simbólica hobbesiana ao pretender subverter a autoridade das instituições pela verborragia erística de uma missão revolucionária: Rocha muito sagazmente percebeu que, para toda uma geração nascida durante os governos de esquerda, a posição de direita em política se mostrou revolucionária. Se nossa argumentação pôde mostrar de que modo a atuação política de Carvalho realiza-se por uma retórica capaz de silenciar os indivíduos diante do mandamento da agitação civil contra o adversário político pintado de inimigo público, o discurso que decorre dessa produção de anti-indivíduos acaba por impedir o debate de ideias em favor da imbecilidade de uma guerra de todos contra todos – sem que o outro lado acreditasse possível ver ruir, tão rapidamente, certa confiança no conhecimento, sob o peso revoltoso da ignorância.

---

[68] LEINER, *ob. cit*., p. 18.

[69] Esse leitmotiv da atuação intelectual de Carvalho, exposta na primeira de suas obras polêmicas (Carvalho, *A nova era e a revolução cultural*) e defendida em termos de geopolítica no debate transcrito com o professor russo Dugin (Carvalho, *Nova Ordem Mundial*), ecoa como *dever cristão* junto ao seu público católico, que lhe ouve constantemente referir-se à condenação do comunismo pela Igreja. Sua própria maneira de cunhar para a esquerda (referindo-se, no fim, a todos os que não comungam dos valores da extrema-direita) a pecha de *comunista* foi assumida em larga escala por seus adeptos, entre os quais Flávio Gordon, como se fosse uma autêntica descrição da realidade brasileira: "com efeito, Olavo tinha e continua tendo razão" (GORDON, Flávio. *A corrupção da inteligência.* Intelectuais e poder no Brasil. Rio de Janeiro, Record, 2018, p. 49). Essa 'razão' ecoa aquilo que Rocha (*op. cit*., p. 111-112) apontou como conceito-chave da guerra cultural: "o anticomunismo de almanaque de Guerra Fria foi o primeiro passo na ascensão da nova direita".

[70] Sobre a interpretação dos dois símbolos em Hobbes e suas implicações políticas e constitucionais, ver LYNCH, Christian. "Entre o Leviatã e o Beemote: Soberania, constituição e excepcionalidade no debate político dos séculos XVII e XVIII". *DADOS* – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53 (1), p. 55-90, 2010.

Em outra das intermináveis notas introdutórias de *O imbecil coletivo*, Carvalho expôs uma nova leitura de sua obra, agora valendo-se da imagem escolhida para contracapa do livro, pondo-se a assumir a si mesmo e a seus leitores como os porcos da imagem de Albrecht Dürer, condenados "a comer do mesmo cocho e a ouvir o mesmo discurso" do humano doutor[71]. Se é explícita a remissão à imagem de Dürer, pela ironia da passividade suína que só come o que lhe é oferecido pela condição intelectual dos doutores, a referência aos porcos revolucionários de Orwell parece latente: em *A Revolução dos bichos*, a ironia tinha sido a de transformar os porcos revolucionários em reprodutores da desumanidade humana por eles então combatida – que acabou ainda mais *desumana* por se tratarem de bichanos como os demais. O apelo à revolução cultural em Carvalho, a partir do exílio dos anti-indivíduos fundamentado na recusa ao debate de ideias e na visão nostálgica de um passado negado pelo progresso[72], não se satisfaz com o diagnóstico da situação intelectual brasileira: ele repercute, igualmente, um discurso de porcos – capaz de conduzir os bichanos ao silenciamento da voz adversa, despertando o poder de Behemoth que corrói as bases da soberania democrática, instrumentalizando o poder de Leviatã contra ele mesmo.

Como Schopenhauer indicou, não sendo possível estabelecer previamente o juízo que diz algo real e o que só diz aparência, bem como não se pode ter clareza prévia sobre a intenção dos debatedores, a não ser através da sua análise pela dialética[73], procuramos esclarecer aqui *as intenções e os valores* da proposta discursiva de Olavo de Carvalho a partir da análise de sua leitura sobre Aristóteles, para descobrirmos, ao final, que a confusão acerca dos quatro discursos não apresenta necessariamente uma interpretação consistente face aos estudos aristotélicos, mas a forma de Carvalho reunir algumas notas para conferir teor filosófico à sua confecção intelectual: a redução de todo discurso ao jogo de poder, situando a demonstração científica e a poesia como mecanismos de persuasão, cuja finalidade é a

[71] CARVALHO, *O imbecil coletivo*, *ob. cit*. p. 19.

[72] "Trata-se da imaginação distorcida de alguém que, em um meio 'onde os outros veem o rio do tempo fluindo como sempre fluiu', enxerga 'os destroços do paraíso passado à deriva'. O aluno do COF (e, obviamente, seu professor) 'é um exilado do tempo'" (Cunha, *op.cit*., p. 168). A transcrição, imediatamente anterior, de uma fala de Carvalho em suas aulas é satisfatória para ilustrar a pretensão intelectual que impede o debate e atomiza as consciências: "É preciso criar outras funções, inventar novos meios de atuação; não temos que nos amoldar em nada ao presente estado de coisas. *Não devemos tentar fazer algo que seja compreendido pelo presente meio acadêmico, mas fazer coisas que só serão realmente compreendidas por pessoas como nós, que existirão no futuro*. Podemos intervir pontualmente no debate atual, para *denunciar certas pessoas*, mas a preocupação fundamental é *criar um outro debate* acima deste, que irá se sobrepor ao atual e, *pelo seu peso*, fará este ceder" (Carvalho *apud* Cunha, op. cit., p. 167 grifos nossos).

[73] SCHOPENHAUER, *op. cit*., p. 123.

modificação da consciência do ouvinte/leitor e cujos efeitos acumulam tanto a atomização das opiniões quanto a impossibilidade do exercício dialógico. Ambos os efeitos se constatam a partir da própria atuação de Carvalho, sobretudo naquela atuação de polemista, ao aglutinar para si a impressão de sempre ter razão enquanto despreza o interlocutor inimigo para fazê-lo digno apenas de zombaria, xingamentos e assassinato de reputação. Esse tipo de atuação política alimenta diversos anti-indivíduos, exilados da sociedade atual porque dispostos a integrarem um corpo *místico* imbuídos de missão *intelectual*, em larga escala similares à ralé que Arendt identificou no seio dos totalitarismos. A ameaça desse tipo de atuação, portanto, exige diagnósticos e tratamentos eficazes.

Em sua análise sobre o fenômeno político desencadeado por Carvalho, Rocha[74] indicou os elementos contextuais aos quais se deveria remeter a expressão *retórica do ódio*, distinta da mais popular *discurso de ódio*. Procuramos demonstrar que as bases da atuação discursiva de Carvalho, cujos efeitos retóricos concentram-se na performance potencializada pela internet em programas e cursos[75], deriva da leitura que ele faz de Aristóteles para conferir teor filosófico ao seu reacionarismo e ao estorvo do debate. A raiz intelectual da *retórica do ódio* é, portanto, a *retórica erística*[76]. Esse ponto é fundamental para tornar inteligível a articulação entre ação e teoria em Carvalho, permitindo mensurar seu poder de influência que se amplia cada vez que mais se arroga a pretensão intelectual de curar a idiotice ao redor, produzindo consciências aprisionadas numa autoridade que silencia o saber em favor da convicção. Se fosse possível a Aristóteles ler Carvalho, a ironia sutil do Estagirita o faria pontuar, em meio à primorosa erudição do autor brasileiro e à constatação dos seus efeitos públicos, que ele não produziu senão "uma coletividade de pessoas que se reúnem com a finalidade precípua de imbecilizar-se umas às outras – e obtêm nisto um razoável sucesso"[77]. De certa forma, faria recordar a lição deixada por outro grande sábio: "pelos seus frutos os conhecereis".

---

[74] "Uma técnica discursiva que propõe a eliminação (inicialmente) simbólica do outro; favorece o surgimento do analfabetismo ideológico; propicia a irrupção de uma constrangedora idiotia erudita; alimenta um excêntrico anti-intelectualismo com base num excesso mal digerido de referências bibliográficas secundárias; mescla autodidatismo e autoengano; confunde a tarefa do pensamento com a ginasiana "lógica da refutação", reduzindo o diálogo a uma esgrima adolescente de memes e de "lacrações"; e, por fim, transforma a dissonância cognitiva na mola mestra do sistema de crenças Olavo de Carvalho" (Rocha, *op. cit.*, p. 158-159).

[75] A partir do programa de rádio via internet *True Outspeak*, criado em 2006 (a primeira forma significativa da performance erística de Carvalho), e depois com a criação do canal no Youtube e do Curso Online de Filosofia (COF) em 2009, pode-se mensurar o que chamei neste artigo de *atuação política* de Carvalho, potencializada depois pelo avanço das mídias e redes sociais, como o Facebook, mas que já estava prefigurada em sua teoria.

[76] Não sendo, contudo, um conceito aristotélico, acredito justificado, em sua atribuição à obra de Carvalho, pelo que entendo como *a confluência da prática de uma dialética erística com os recursos persuasivos da retórica*.

[77] Essa é a definição de Carvalho para seu conceito do *imbecil coletivo*.

Referências

Arendt, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

Aristotele. *Organon*. Coordinamiento e introduzione generale de Maurizio Migliori. Milano, Bompiani, 2016. Aristóteles.

______. *Tratados de Lógica I* (Órganon). Introducciones, traducciones y notas de Miguel Sanmartín. Madrid, Gredos, 1982.

______. *Tratados de Lógica II* (Órganon). Introducciones, traducciones y notas de Miguel Sanmartín. Madrid, Gredos, 1988.

______. *Retórica*. Prefácio e introdução de Manuel A. Júnior. Lisboa, INCM, 2006.

______. Ética a Nicômaco. Tradução, introdução e notas de Antônio C. Caeiro. São Paulo, Atlas, 2009.

______. *De Anima*. Tradução, introdução e notas de Maria C. G. dos Reis. São Paulo, editora 34, 2012.

______. *Metafísica*, vol 1 a 3. Tradução de M. Perine da edição de Reale. São Paulo, Loyola, 2014.

______. *Poética*. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo, editora 34, 2015.

Berti, Enrico. *As razões de Aristóteles*. Tradução Dion Macedo. São Paulo, Loyola, 2002.

Butscher, S. *Aristotle's Theory of Poetry and Fine Art*. London, Macmillan & Co, 1932.

Carvalho, Olavo. *Aristóteles em Nova Perspectiva*. São Paulo, É Realizações 1996.

______. *A filosofia e seu inverso*. Campinas: Vide editorial, 2012.

______. *Os EUAs e a Nova Ordem Mundial.* Um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho Publicado no Brasil. Campinas, Vide editorial, 2012.

______. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Organização e introdução de Felipe Moura. Rio de Janeiro, Record, 2013.

______. *A nova era e a revolução cultural.* Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide editorial, 2014 [1ªed. 1994].

______. *A dialética simbólica.* Ensaios reunidos. Campinas, Vide Editorial, 2015 [1ªed 2007].

______. *O imbecil coletivo*. Rio de Janeiro, Record, 2019 [1ªed 1996].

______. *Edmund Husserl.* Contra o psicologismo. Campinas, Vide Editorial, 2020.

Cunha, Martins V. *A tirania dos especialistas.* Desde a revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro, Record, 2019.

Dilthey, Wilhelm. *O surgimento da hermenêutica*. Tradução Eduardo Gross. Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. l. n. 1, p. 11-32, 1999 [1ªed. 1900].

Diógenes Laércio. *Vidas e doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução e notas de Gama Cury. Brasília, Ed. UNB, 2008

Duarte, Letícia. "Como o olavismo explica o bolsonarismo". *Retrato Narrado*¸ 18 de outubro de 2020. [Link de acesso ao podcast: http://spoti.fi/391wXG0].

Düring, Ingemar. *Aristotele*. Traduzione italiana di P. Donini. Milão, U. Mursia editore, 1976.

Hussne, Arthur. "Olavismo e bolsonarismo". *Revista Rosa*, I, março de 2020 [disponível em https://revistarosa.com/1/olavismo-e-bolsonarismo]

Leirner, Piero. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida*. São Paulo, Alameda, 2020.

Mesquita, Pedro. *Introdução geral: As obras completas de Aristóteles*. Lisboa, INCM, 2005.

Modrak, Deborah. *Aristotle's theory of language and meaning*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

Moraux, Paul. *Les listes anciennes de ouvrages d' Aristote*. Louvain, Éditions Universitaires, 1951.

Rocha, João C. C. *Guerra Cultural e Retórica do ódio*. Goiânia, Caminhos, 2020.

Rossetti, Lívio. *Introdução à Filosofia Antiga*. Tradução de Élcio Viçosa Filho. São Paulo, Paulus, 2006.

Schleiermacher, Friedrich. *Hermenêutica.* Arte e técnica da interpretação. Tradução de Celso Braida. Petrópolis, Vozes, 2010.

Schopenhauer, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão.* Dialética Erística. Introdução, comentários e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo, Topbooks, 1997.

Endereço do Autor:

Rodovia JK, 3200 – Bloco D – Apt. 401
Bairro Universidade
68903-419 Macapá – AP

dealencar.prof@gmail.com

DOI: 10.1590/s0102-6992-202237010016

Variações à direita: Steven Bannon, Alexander Dugim e Olavo De Carvalho[i]

Recebido: 26.09.21
Aprovado: 07.10.21

TEITELBAUM, Benjamim. *War for eternity: inside Bannon's far right circle of global power brokers*. New York: Harper Collins, 2020.

Gabriel Guimarães (https://orcid.org/0000-0002-5630-6557),
Centro de Estudos Internacionais (ESPP), Lisboa, Portugal[ii].

O livro *War for eternity: inside Bannon's far right circle of global power brokers*, de Benjamim Teitelbaum, trata de um tema que no Novo Século parece ganhar cada vez mais importância. Aquele acerca das organizações voltadas para a metapolítica e como podem impactar na política representativa convencional. Ou seja, como organizações pequenas e, a princípio, obscuras, podem ter real influência em partidos e atores políticos de grande envergadura no cenário representativo, isto é, como organizações voltadas para uma esfera totalmente não convencional, conseguem, eventualmente, influenciar governos eleitos em democracias de massa.

Para isto, Teitelbaum analisa a rede de relações em torno a três formadores de opinião que passaram a ter considerável influência sobre diversos atores políticos e mesmo governos de seus países. São eles, Steven Bannon, dos Estados Unidos, Alexander Dugin, da Rússia, e Olavo de Carvalho, do Brasil[1]. O autor traça a trajetória intelectual dos três, discutindo suas influências intelectuais e teóricas, suas experiências em organizações de vários tipos, com destaque para os círculos esotéricos. Segundo Teitelbaum, Bannon, Dugin e Carvalho estariam conectados por um enquadramento de mundo mais ou menos comum, no caso, a escola de pensamento conhecida como *tradicionalista*

Esta linha teórica e ideológica teria como principais nomes o francês René Guénon e o italiano Julius Evola, dentre vários outros autores igualmente relevantes. Em geral, suas ideias são desenvolvidas ao largo da produção acadêmica e universitária; o *tradicionalismo* enxerga a modernidade e o sistema de valores que a sustenta como apenas um interregno histórico de duração relativamente curta, fadada ao colapso.

i. Esta resenha é parte do projeto de pesquisa "A Nova Direita radical euroamericana em Portugal: uma perspectiva comparada". PTDC/CPO-CPO/28748/2017.

ii. Gabriel Guimarães é doutor em sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Investigador Integrado do CEI-Iscte , Centro de Estudos Internacionais (ESPP), Lisboa, Portugal. <gfrgs@iscte-iul.pt>.

1. Quando se fala em democracia de massa, se quer dizer apenas regimes multipartidários dotados de eleições periódicas. Não se discute aqui o teor e a profundidade da poliarquia nos países em questão.

Seus operadores creditam que a ideia de igualdade desenvolvida pelos ideais da Revolução Francesa, a partir de 1789, não se sustenta, em função do caos proveniente do nivelamento igualitário. No arrebalde deste colapso, o *ethos* marcial e espiritual que caracterizara as sociedades pré-modernas volta novamente à tona, trazendo consigo hierarquias militares e religiosas como as que se encontravam no centro da organização da vida na pré-modernidade.

Bannon, Dugim, e Carvalho tiveram, em algum momento, sempre segundo Teitelbaum, contatos com o *tradicionalismo*, seja através da leitura de seus autores, seja através do contato com círculos tradicionalistas, fundamentais para a sua formatação ideológica. O norte-americano teria tido seus primeiros contatos com o tradicionalismo ainda jovem, quando servia na Marinha norte-americana. Na cidade de Hong Kong, em uma velha livraria, Bannon iniciou-se na escola tradicionalista. Dugim, por sua vez, estabeleceu seus primeiros contatos também jovem, ainda no período da antiga União Soviética, com grupos de jovens que se opunham ao regime soviético, combinando noites de bebedeira, a apreciação de estilos musicais proscritos pelo regime, e ideias tradicionalistas. Já Olavo de Carvalho teve seus contatos iniciais com o tradicionalismo com a Tariqa de Fritschof Schuon, um culto esotérico islâmico, em Indiana, nos Estados Unidos.

Teitelbaum discorre sobre a bem sucedida carreira de Bannon no setor financeiro, mas sempre envolto nas teorias e ideologias tradicionalistas. Algo que chama atenção é como Bannon teria adaptado essas ideias ao contexto moderno dos Estados Unidos, enxergando nas populações rurais e na classe trabalhadora, majoritariamente de origem escocesa e irlandesa, nichos sociais ainda embebidos pela tradição. O homem da *Deep America*, com sua suposta autonomia frente às multiculturais metrópoles norte-americanas, sua familiaridade no uso de armas de fogo, sua desconfiança ou mesmo hostilidade frente às chamadas ideologias de gênero o tornariam a expressão norte-americana de um tipo social dotado de valores tradicionais.

Dugim, organizou, nos anos 1990 , pequenos partidos políticos, como o Partido Neo-Bolchevique, em 1992, e o Partido Eurasia, em 2001, de inspiração tradicionalista. Apesar de serem partidos de pouca expressão eleitoral, Dugim foi alçado a cargos políticos de importância, como conselheiro de membros da Duma. Suas ideias também teriam ressonância entre os militares, com quem ele, alegadamente, mantém laços estreitos. Tornou-se notório ao propor o que chama de *Quarta teoria política*, uma geopolítica de um mundo dividido em blocos culturais distintos com um livro de mesmo nome.

Olavo de Carvalho, depois de escrever para diversos jornais brasileiros, estabeleceu-se na Virginia, Estados Unidos, onde fundou o *Curso Online de Filosofia*, e o site

M*ídia sem Máscara* – *TrueOutspeak*. Através do YouTube, ele pôde difundir suas ideias passando ao largo da grande mídia, que ele considera corrupta e sintonizada ao socialismo e ao globalismo. A luta contra o globalismo, especificamente, é um ponto em comum que Carvalho tem com Bannon e Duguim, e por esta dentre outras razões, Teitelbaum considera que os três fazem parte da mesma rede de formadores de opinião, dotados de ideias semelhantes, com a mesma base teórica e ideológica.

Esse enquadramento de mundo comum estaria relacionado, basicamente, à denúncia do que chamam de globalismo – estruturas de poder transnacionais que, gradativamente, tomam o espaço dos governos nacionais em diversos campos das políticas públicas, com particular ênfase na educação. Essas agências globais, para Bannon, Duguim e Carvalho, seriam geridas por um tipo de ideologia conhecida, genericamente, por "marxismo cultural", caracterizada pelo avanço na demanda de direitos para minorias raciais e sexuais, pelo ambientalismo e pela chamada alter-globalização. A consolidação desses valores seria articulada à ideia tradicionalista de Kali Yuga, isto é, o colapso civilizacional que ocorre, de tempos em tempos, dentro de uma perspectiva cíclica da história. Do Kali Yuga, uma nova era dourada nasce, rearticulando os principais elementos das sociedades tradicionais pré-modernas.

Ao longo da descrição e análise de Teitelbaum, nota-se uma rede internacional de autores, bloggers, youtubers e formadores de opinião que, em maior ou menor medida, se articula com Bannon, Duguim e Carvalho. Ao elegerem o *tradicionalismo* como núcleo ideológico de base, outros formadores de opinião se caracterizariam pelo culto de valores de diversas civilizações pré-modernas que se estendem da Índia , passando pela Pérsia até a Europa pagã. Seria o eixo de formação das civilizações indo-arianas, explicitamente valorizadas por Evola, e posteriormente, Dugim. O ex-professor de filosofia Jason Jorjani, norte-americano de origem iraniana, que defendia a guinada do Irã de uma identidade islâmica para outra Persa-ariana, era um deles. O tradicionalista John Morgan, que oscilava entre um espiritualismo hinduísta e ideias nacionalistas brancas, assim como o autodeclarado nacionalista branco Richard Spencer, coordenador do National Policy Institute, integravam a rede de formadores de opinião que pairava dentro do eixo Bannon-Duguim. Apoiavam Trump e sustentavam a proposta de sociedades etnicamente homogêneas fundamentando-se em autores do tradicionalismo. Destaca-se ainda Daniel Friberg, ativista sueco do movimento identitário europeu, um dos fundadores da editora Arktos, voltada para a edição de livros de autores tradicionalistas assim como da direita europeia, que surge a partir de Alain de Benoist e da *Nouvelle Droite*.

O principal ponto do livro se dá na convergência de duas dimensões analíticas, uma sendo a articulação de redes de intelectuais voltadas para a *metapolítica*, pas-

sando ao largo da política convencional, mas, de certa forma, mantendo contato com ela. Isso faria com que intelectuais que atuam fora do universo *mainstream* acadêmico tivessem acesso direto a líderes de governo, tornando-se, ao fim e ao cabo, importantes influenciadores na política de seus países. A outra dimensão está no plano ideológico, onde as doutrinas tradicionalistas antimodernas foram utilizadas para justificar projetos nacionalistas, por sua vez, modernos. O tradicionalismo guénoniano-evoliano, é colocado pelo autor como epicentro da visão de mundo do círculo da *far-right* em torno a Bannon, e da qual fariam parte Duguim e Carvalho.

Algo interessante é como ele clarifica as relações entre pequenos grupos articulados fora da política convencional, de forma a mostrar os possíveis impactos da metapolítica, e de organizações de timbre esotérico nas instituições políticas formais e em governos constituídos. Também é importante no que se refere a expor como modelos teóricos, a princípio desacreditados, a exemplo das doutrinas tradicionalistas, podem se ressignificar e rearticular-se dentro das estruturas do Estado moderno, impactando diretamente nas agendas de governo. Neste sentido, Teitelbaum dá uma importante contribuição para a sociologia política.

Entretanto, ao analisar apenas as redes internacionais do tradicionalismo, baseando-se principalmente em suas conversas e entrevistas com aqueles que orbitam em torno a Bannon, perde-se um pouco da carga teórica e ideológica desses formadores de opinião. Ao analisarmos minuciosamente os escritos de Olavo de Carvalho, assim como sua atuação na rede virtual YouTube, é possível perceber que, ainda que ele teça alguns elogios a Guénon e Evola, como mostra Teitelbaum, seu principal eixo teórico se debruça mais em um cristianismo ultraconservador, de traços não esotéricos. Do ponto de vista eminentemente político, está mais próximo da *American Christian Right*, da qual alguns os nomes mais proeminentes são Francis Schaeffer, Jerry Falwel, Phyllis Shaffin e Pat Robertson (Wilcox, Rozell & Gunn, 1996), podendo-se recuar na história até o padre Charles Coughlin (Ketchaver, 2009). Já Duguim está na tradição que remonta a Herder, e quando associado às teorias da tradição, em contextos de Estado moderno, traduz-se em etnonacionalismos forjados em grandes blocos culturais, com valores intransmissíveis a indivíduos que não lhes pertençam. Seria a comunidade cultural fechada, a *Gemeinschaft*, em oposição à sociedade aberta oriunda dos ideais iluministas, a *offene Gesellschaft*. Politicamente, ele estaria mais próximo do Movimento Identitário Europeu, e da *far right* da Europa dos dias atuais, de forma geral (Laruelle, 2006; Zúquete, 2018).

Olavo de Carvalho não defende blocos culturais herméticos, mas sim a tradição Judaico-Cristã em uma perspectiva transversal a toda forma de culturalismo. Embora fora da visão iluminista de mundo, também não está atrelada a particularismos cul-

turais e étnicos, como existe no pensamento de Duguim. Essas diferenças tornam-se claras no debate entre o brasileiro e o russo que foi publicado como livro em 2012. Enquanto Dugim afirma que os particularismos do Ocidente estão embutidos nas origens paleoantropológicas do homem europeu, da expansão dos povos indo-arianos rumo à Europa, Carvalho vê o Ocidente na matriz teológica judaico-cristã, não importa em que núcleo geográfico e social se localize (Dugin & Carvalho, 2012). O ideólogo brasileiro afirma no debate não ter partido político, mas estar com os cristãos conservadores, católicos e protestantes, de todo o mundo.

Pode-se dizer que a proposta olavista está mais em consonância com aquela da *Christian Right* americana que aparece quando do surgimento do movimento *Moral Majority*, comandado pelo pastor Jerry Falwell, e alcança seu auge nos anos 1980 e 1990. O enquadramento dessa direita conservadora está na oposição ao ensino da teoria da evolução e da ciência em geral nas escolas, oposição da agenda LGBT, do aborto, dos contraceptivos, e a tudo que diz respeito ao que classificam como um comunismo sem Deus (Conger, 2019; Lugg, 2001). A defesa de Carvalho da tradição se dá em termos exclusivamente judaico-cristãos, e não em termos etnoculturais, como ocorre com a ideologia de Duguim, com a *Nouvelle Droite* francesa (Bar-On, 2011), a direita identitária europeia e a etnobiologia darwinistada *Alt-right* americana (Zúquete, 2018). E também se diferencia do *tradicionalismo* guénoniano-evoliano que Teitelbaum coloca como eixo teórico de toda a rede de Steve Bannon, pois o tradicionalismo pensa aquilo que é perene em toda tradição, independentemente de ser cristã.

Um dos maiores esforços da *Christian Right* foi imiscuir a cosmologia cristã e a cultura ocidental, reduzindo a segunda à primeira, e focando no pensamento dos pais fundadores dos Estados Unidos, considerados como mais cristãos do que propriamente liberais. Olavo de Carvalho faz isso, em boa medida, com o pensamento ocidental. Suas críticas a Darwin e a Kant, seu ataque contundente a Maquiavel em seu livro *Maquiavel ou a confusão demoníaca*, dentre outras coisas, mostram a tentativa de amalgamar tudo que se opõe à Igreja como parte do que chama de húbris revolucionária. Sua crítica feita no YouTube ao Carnaval, afirmando que se trata de uma festa de deuses pagãos, ilustram o seu anticulturalismo e antiparticurlarismo em prol de uma visão cristã politicamente ativada de mundo. Neste sentido, há uma lacuna na obra de Benjamim Teitelbaum, que centra muito nas entrevistas feitas com formadores de opinião e intelectuais independentes, passando, em boa medida, ao largo dos seus escritos – ainda que ele mencione o debate entre Carvalho e Duguim – e de seus núcleos teóricos mais particulares.

Referências

BAR-ON, Tamir. Transnationalism and the French Nouvelle Droite. *Patterns of Prejudice*, v. 45, n. 3, p. 199-223, 2011.

CONGER, Kimbrtlu H. The christian right in US politics. *Oxford Research Encyclopedia of Politics*, 2019.

DUGIN, Alexander; CARVALHO, Olavo de. *Os Estados Unidos e a nova ordem mundial: um debate entre Alexander Dugin e Olavo de Carvalho*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2012.

KETCHAVER, Karen. Father Charles E. Coughlin: the radio Priest of the 1930's. *Theological Librarianship*, v. 2, n. 2, 2009.

LARUELLE, Marlene. Aleksandr Dugin: A Russian version of the European radical right? *Occasional Papers*, n. 294, 2006.

LUGG, Charles. The Christian Right: a cultivated collection of interest groups. *Educational Policy*, v. 15, n. 1, p. 41-57, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F0895 904801015001003>.

WILCOX, Clide; ROZELL, Mark J.; GUNN, Roland. Religious coalitions in the New Christian Right. *Social Science Quarterly*, v. 77, n. 3, p. 543-558, 1996.

ZÚQUETE, José Pedro. *The Identitarians: the movement against Globalism and Islam in Europe*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2018.

Erick Felinto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Email: erickfelinto@gmail.com

"Me parecer verdadeiro pelo contexto" Olavo de Carvalho, Conspiracionismo e a Desinformação como Programa político

"It looks legit to me context-wise" Olavo de Carvalho, Conspiratism and Disinformation as Political Program

"Me parece verdadeiro por el contexto" Olavo de Carvalho, Conspiracionismo y desinformación como programa político

ISSN: 2175-8689

Felinto, E. "Me parecer verdadeiro pelo contexto" Olavo de Carvalho, Conspiracionismo e a Desinformação como Programa político. *Revista Eco-Pós, 26(01), 12 – 30.* https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28143

|

RESUMO
Olavo de Carvalho foi um ator fundamental no contexto da ascensão da chamada nova direita no Brasil. Importante formador de opinião, suas ideias eram consumidas e disseminadas por um vasto público de inclinação conservadora. Carvalho foi também um dos maiores agentes de impulsionamento de desinformação e de fake news nos anos que antecederam a eleição presidencial de Jair Bolsonaro. Este trabalho visa investigar as principais estratégias do filósofo na difusão de informações falsas baseadas em uma visão conspiratória da realidade e no combate às instituições tradicionais de produção de conhecimento.
PALAVRAS-CHAVE: *Olavo de Carvalho; Desinformação; Teorias Conspiratórias; Negacionismo Científico.*

ABSTRACT
Olavo de Carvalho was an important social actor in the context of the rise of the so-called new right in Brazil. As a prominent opinion maker, Carvalho's ideas were consumed and distributed by a vast public of conservative leanings. He was also instrumental as an agent of misinformation and dissemination of fake news in the years preceding Jair Bolsonaro's presidential election. This work aims to investigate the philosopher's main strategies for the spread of false information based on a conspiratorial view of reality and opposition to the traditional institutions of knowledge production.
KEYWORDS: *Olavo de Carvalho; Misinformation; Conspiracy Theories; Scientific Negationism.*

RESUMEN
Olavo de Carvalho fue un importante actor social en el contexto del ascenso de la llamada nueva derecha en Brasil. Como prominente formador de opinión, sus ideas eran consumidas y diseminadas por un vasto público con inclinaciones conservadoras. Carvalho fue también uno de los más grandes agentes de impulsión de desinformación y fake news en los años que antecederán la elección presidencial de Jair Bolsonaro. Este trabajo tiene por objetivo investigar las principales estrategias del filósofo para la difusión de informaciones falsas basadas en una visión conspirativa de la realidad y en el combate a las instituciones tradicionales de producción de conocimiento.
PALABRAS CLAVE: *Olavo de Carvalho; Desinformación; Teorias Conspirativas; Negacionismo Científico.*

Submetido em 02 de março de 2023

Aceito em 21 de junho de 2023

Desde pelo menos 2016, quando o termo “pós-verdade” (*post-truth*) foi incorporado ao léxico do *Oxford English Dicitionary* (Cf. FULLER, 2018, p. 1), a problemática das chamadas *fake news* e da desinformação no horizonte das sociedades tecnologizadas, veio ocupar lugar de destaque nos estudos de comunicação, ciência política, antropologia e filosofia, entre outras disciplinas. Não cessa de aumentar a quantidade de trabalhos produzidos sobre o tema, cuja proeminência se deu quase que em paralelo à ascensão da extrema direita em nível global. No contexto brasileiro, o grande “boom” dos estudos sobre *fake news* aconteceu na época da eleição de Jair Bolsonaro, envolvida em polêmicas como a da famosa “mamadeira de piroca”[1]. A desinformação sistemática como estratégia de campanha e governança passou a fazer parte do arsenal de ferramentas publicitárias da política na cultura digital. Graças à popularização dos ambientes digitais e das redes sociais, a pós-verdade encontrou ambiente favorável para prosperar. De fato, em sua leitura cibernética da questão da verdade e da política na era digital, Letícia Cesarino atribui aos processos de plataformização boa parte da responsabilidade pela fácil difusão das *fake news* na contemporaneidade. Mencionando técnicas históricas de influência, como o mesmerismo, a guerra psicológica e a hipnose (tema ao qual retornarei adiante), Cesarino afirma que “uma vez que o fluxo de consciência dos usuários é externalizado para esse aparato cibernético, ele é disponibilizado para captura não apenas pela economia de dados, mas por outros usuários que entendem como esse ambiente opera e buscam introduzir, nele, vieses que lhes sejam favoráveis” (2022, p. 210). Ciclos de retroalimentação cibernéticos são estabelecidos, assim, entre os usuários dos aparatos, enquanto os que compreendem seu funcionamento gerenciam os fluxos de informação (e desinformação). O objetivo deste trabalho é precisamente investigar as estratégias de construção e

[1] A respeito dessa e de outras célebres *fake news* do período, ver Felinto & Grusin (2022).

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

propagação de *fake news* de um desses "usuários" especialistas, ator fundamental da cena política brasileira nos anos que antecederam a eleição de Bolsonaro.

Morto em 2022, o ex-astrólogo e "influenciador digital" Olavo de Carvalho foi um importante protagonista do avanço das agendas de extrema direita no país desde pelo menos meados a década de 1980. Com a popularização das redes sociais e plataformas digitais, Carvalho viu sua influência crescer astronomicamente, amparada por uma utilização estratégica de ferramentas como seu canal no Youtube, com mais de 1 milhão de inscritos, ou seu curso online de filosofia (COF), pelo qual teriam passado mais de 12.000 pessoas em 2019[2]. Responsável inclusive pela indicação de ministros do governo Bolsonaro, como Ricardo Vélez e Abraham Weintraub, Carvalho ajudou a moldar um imaginário conservador assentado na defesa dos valores da família, da religião e do patriotismo que iria tomar corpo no slogan bolsonarista "Brasil acima de todos, Deus acima de tudo". Acossado por pânicos morais da decadência dos costumes e alimentado por anseios de retorno a um passado mitificado (o período da ditadura militar), esse imaginário busca garantir a constituição de uma zona de segurança aos indivíduos atormentados pela complexidade e incertezas de um mundo em constante e rápida mutação. Se o futuro se apresenta sempre como incerto e perigoso, o passado surge como horizonte idealizado no qual se deve buscar resguardo. Não se trata, evidentemente, de um passado factual impossível, mas daquele único ao qual temos acesso por via de uma memória alimentada pela imaginação. Como afirma Ethan Kleinberg, com alguma dose de poesia: "a ficção de um passado estável é a ficção de um presente estável" (2022, p. 26). A situação que vivemos hoje é de uma radical proliferação de narrativas e crises epistêmicas, de um amplo questionamento das instâncias tradicionais da autoridade – o que marca, aliás, um dos muitos paradoxos desta situação: não se trata de resguardar *a* tradição ou de reencontrar *o* passado enquanto tal, pois sabemos, hoje, que existem diferentes tradições e passados. No caso de Olavo de Carvalho, como de outros importantes atores da nova direita global, pode-

[2] Ver Burgierman (2019).

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

se, inclusive, identificar um sentido muito particular do termo "Tradição", estudado por autores como Benjamin Teitelbaum (2020) e Stéphane François (2021)[3], e que envolve uma revolta visceral contra o mundo moderno e suas instituições liberais, assentada em crenças esotéricas e teorias conspiracionistas. Na defesa dessa ideologia, a história, o conhecimento e a crença se tornam instrumentos estratégicos de uma guerra informacional buscando a captura de imaginários.

Com suas plataformas online, Olavo de Carvalho construiu um verdadeiro aparato de guerrilha semiológica, responsável pela incansável difusão de *fake news* visando ao reforço das convicções ideológicas da nova direita. Muitas dessas "informações" repercutiram fortemente nos ecossistemas digitais e até mesmo nas mídias analógicas, como aconteceu com o episódio em que Carvalho acusava a Pepsi de utilizar fetos abortados em sua fórmula. No vídeo intitulado "Rock, Beatles e Satanismo", postado em seu canal do Youtube em dezembro de 2019, Carvalho sugere que Woodstock, o êxito do rock e a difusão do LSD devem-se, em última instância, à ação da Escola de Frankfurt[4]. De fato, segundo ele, "toda a "música drogada que se espalhou pelo mundo desde a década de sessenta" é responsabilidade de Adorno, Horkheimer e companhia. O que fundamenta essa tese exótica? Não se encontram aqui pesquisas ou referências acadêmicas, já que o sistema científico-universitário não é confiável, dada sua contaminação pelos ideologemas comunistas e seu projeto de destruir os valores tradicionais. Surge, então, a figura de um *outsider*, de um obscuro "repórter holandês" que, entre outras "inúmeras informações úteis", oferece uma que "parece verdadeira pelo contexto". Os Beatles seriam completamente analfabetos em música, e quem, de fato, compôs suas canções foi o filósofo

[3] O "Tradicionalismo" ou a "Tradição" consiste em um movimento esotérico e espiritualista inaugurado pelo francês René Guénon (1886-1951) e depois esposado por pensadores como o italiano Julius Evola (1898-1974) e o suíço Frithjof Schuon (1907-1998). Buscava combater a decadência do mundo moderno, que, para os tradicionalistas, havia mergulhado no materialismo e na perda dos valores espirituais representados pelas grandes tradições religiosas da humanidade. Para uma história do tradicionalismo e suas conexões com o pensamento político reacionário, ver SEDGWICK (2004).

[4] Pequenos trechos dos próximos parágrafos são versões reformuladas e ampliadas de argumentos que utilizei anteriormente no artigo "Olavo tem Razão" (2022).

alemão Theodor Adorno. Carvalho alega que não consultou o livro diretamente, pois não "sabe ler holandês", mas tomou conhecimento dele por meio de "menções feitas em outros livros". Não importa, de fato, saber que livros são esses, já que o fundamental aqui é a autoridade do emissor da mensagem, considerado de alta confiabilidade por seu público. Por outro lado, a incerteza das fontes, traço característico dos "fatos alternativos", também colabora para criar certa aura de mistério da revelação, ao mesmo tempo que dificulta a constatação de sua possível veracidade ou falsidade. Surpreende, contudo, que um habilidoso usuário das plataformas digitais como Carvalho pareça não ser capaz de utilizar ferramentas simples como o Google para encontrar e ter acesso direto ao tal livro em formato epub, traduzido em inglês e em várias outras línguas. Em *The 13 Satanic Bloodlines: Paving the Road to Hell*, Robin de Ruyter afirma:

> O fenômeno Beatles foi cuidadosamente planejado pelos Iluminati para difundir um elemento extremamente destrutivo entre as massas globais: a possibilidade de mudar uma pessoa contra a sua vontade [...] na época, os Beatles não podiam sequer ler uma única nota, apenas tocar guitarra. Theodor Adorno escreveu suas letras e músicas, o que foi mantido em segredo do resto do mundo [...] Adorno foi também codiretor do "Projeto sobre a Personalidade Autoritária", que intencionalmente planejou a contracultura de drogas, rock e sexo da geração "baby boomer" [...] poucas pessoas sabem que os Beatles foram parte de um experimento de massa esboçado pelo Instituto Tavistock para as Relações Humanas em Londres (2018, p. 121).

Como sugerem Fernanda Bruno e Tatiana Roque (2019), a hipótese de que a audiência das *fake news* sucumbe inteiramente – de modo ingênuo e monolítico – aos seus postulados, é excessivamente simplista. Mesmo os que duvidam da veracidade de uma informação podem replicá-la nas redes pelo simples de fato de confirmar seu viés ideológico, participando assim do sistema cibernético de circulação das notícias falsas. O que parece estar no fundo desses fenômenos é, antes, uma *dissolução do próprio mundo da confiança*. Ela estaria "sendo minada nas redes sociais, com novas crenças e novos valores que contestam o método científico e desafiam consensos há tempos estabelecidos" (2019, p. 17). Nesse sentido, talvez fosse possível dizer que Olavo de Carvalho e seus discípulos

conservadores estariam adotando uma postura essencialmente "pós-moderna", na qual as ideias mesmas de verdade e falsidade teriam sofrido corrosão irreversível. Porém, também essa tese é simplista demais. O que provavelmente ocorre é que a visão de mundo dos conservadores segue assentada na crença *metafísica* (ou no desejo da crença) em uma verdade única e objetiva, ao passo que sua *atitude pragmática* em um mundo de múltiplos valores e conflitos narrativos é selecionar as "verdades" que lhes pareçam mais convenientes. Olavo de Carvalho complexifica essa situação ao mesclar estrategicamente referências bibliográficas contendo pesquisa séria e qualificação acadêmica com literatura sensacionalista de fundo especulativo. É desse modo que o "filósofo" Carvalho não se envergonha, por exemplo, de lançar mão, de forma completamente esdrúxula, do conceito frankfurtiano de dialética negativa: "eles são a favor da indústria da música? Não, eles falam horrores dela e, ao mesmo tempo, trabalham para ela. Que que é isso aí? Dialética negativa". Sem se dar ao trabalho de explicar ao espectador em que consiste exatamente a dialética negativa, Carvalho nos oferece uma visão bastarda do conceito. Para Adorno, no caso específico da música, tratava-se de atribuir valor à dissonância e à descontinuidade formal, que, refletindo antagonismos sociais, "poderiam funcionar como protesto progressista em comparação com as harmonias conciliatórias tradicionais e formas holísticas que serviam apenas para velar esses antagonismos" (BUCK-MORSS, 1977, p. 39). Dificilmente a música dos Beatles poderia ter esse tipo de apelo para Adorno. Além disso, a dialética negativa implicava uma radical *inconformidade intelectual*, de modo que os heróis intelectuais de Adorno eram fundamentalmente "outsiders" (ibid., p. 84) e não figuras do mundo olimpiano da indústria cultural.

É claro que, em seus trabalhos filosóficos, Olavo de Carvalho critica a ideia de que a verdade possa ter uma base pragmática. Nem relativa, nem pragmática, nem histórica ou culturalmente condicionada, a verdade é o "fundamento cognitivo permanente e universal dos juízos" (2021, p. 47). Entretanto, não deixa de ser curioso como alguém tão preocupado com o estatuto metafísico da verdade pudesse se esquivar continuamente de oferecer

provas consistentes de suas afirmações mais enfáticas ou ousar questionar os fundamentos da ciência sem ter qualquer formação específica no campo. Em outro vídeo do Youtube[5], Carvalho afirma, por exemplo, que basta observar as discussões dos grandes cientistas para perceber que "ainda ali você vê uma profunda falta do senso da verdade". Exemplo seria o fato de Einstein ter dito que "a coisa mais veloz que existe é a luz", ao passo que "todo mundo sabe" que Nikola Tesla "inventou" uma partícula mais veloz que luz. Mas a quem se refere esse "todo mundo"? Como seria possível que Tesla conseguisse "inventar" uma "partícula"[6]? De onde vêm essas informações?

É verdade que um dos mitos mais persistentes sobre a lendária figura de Tesla fantasia a invenção de um raio mortal de partículas, a exemplo de um poderosíssimo laser. Todavia, a literatura científica contemporânea nega que exista "boa evidência para sugerir que Tesla tenha antecipado os lasers" (CHENEY, 1993, p. 289). Do mesmo modo, a crença do inventor em nêutrons mais rápidos que a luz (e que ele certamente seria incapaz de "inventar") se mostra, hoje, como radicalmente equivocada. Em um ponto, porém, Carvalho parece ter acertado involuntariamente: "o mundo científico é mais confuso que o mundo da política", afirma ele no mesmo vídeo. De fato, são precisamente essa "confusão" e complexidade da ciência no mundo contemporâneo que tornam o público leigo suscetível a explicações fantasiosas e simplificadoras. Quando aceitamos como factual a afirmativa de um especialista sobre um complexo tema científico, é porque reconhecemos nossa incapacidade de penetrar nesse obscuro domínio do saber e atribuímos aos cientistas a responsabilidade de nos manter informados. Mas esse é um mecanismo de crença que pode ser projetado sobre qualquer figura de autoridade – nesse caso, a erudição sem limites do filósofo da Internet. A "ciência" de Olavo de Carvalho é, contudo, irresponsavelmente feita

[5] <https://www.youtube.com/watch?v=16qd2IvhjSI> Acesso em 10 jun 2023.

[6] Nikola Tesla (1856-1943), inventor sérvio que viveu a maior parte de sua vida nos Estados Unidos e conhecido por seus trabalhos na engenharia mecânica e na eletrotécnica, é um dos personagens favoritos das narrativas míticas sobre ciência alternativa, conspirações governamentais e interferências alienígenas no planeta.

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

de afirmativas genéricas vagas, sem verificação por pares, sem experimentação científica, sem respaldo da comunidade dos investigadores. As fontes que cita em seu apoio são escolhidas a dedo, por meio de um viés de confirmação que exclui a possibilidade do contraditório ou qualquer percepção alternativa. Tudo é convocado de modo a confirmar certas teorias da conspiração, das quais até mesmo a ciência e as universidades, provavelmente, fazem parte.

Por exemplo, para Ruyter – o jornalista que Carvalho crê oferecer "inúmeras informações úteis" –, a existência de uma "conspiração mundial" é algo que já não pode ser negado (ainda que ele não ofereça nenhuma prova concreta disso, além de especulações e ilações). Tal conspiração atravessaria, na verdade, os séculos, remetendo à irmandade dos Illuminati, fundada oficialmente na Espanha, em 1530. Segundo Ruyter, a irmandade baseara seus objetivos na célebre "Carta de Constantinopla de 22 de dezembro de 1489, na qual se fazem planos para conquistar a liderança do mundo" (2018, p. 41). A visão conspiracionista, que enxerga a história como um processo capaz de ser dirigido, em seus mínimos desdobramentos, pela agência humana, compõe uma das fontes mais danosas de informações falsas. Teorias do complô constituem construtos imaginários perfeitos para se observar as imbricações entre ciência e política, fato e fantasia, história e ideologia. Quassim Cassam crê que elas são, antes de tudo, formas de propaganda política (2019, p. 7). Existiriam, assim, para promover o avanço de determinadas agendas ideológicas. Quando Carvalho aproxima a ciência da política e do conspiracionismo, ele desvela, provavelmente sem disso ter plena consciência, certa particularidade atual da noção de "ciência": não existe neutralidade real, não existe ciência que se faça num céu platônico das ideias, livre de determinantes ideológicos ou projetos econômicos específicos. Mas se os cientistas não são necessariamente fontes confiáveis, dado que sua atividade se funda, conforme Carvalho, na "doxa" constituída pelo consenso das opiniões[7], por que seria diferente com o singular conceito olavista de cientificidade? Ele talvez possa ser

[7] <https://www.youtube.com/watch?v=TjByhJIiaak&t=760s> Acesso em 16 jun 2023.

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

classificado como "ciência costumizada", ou seja, como "interpretações e apropriações idiossincráticas do conhecimento científico que, em diferentes graus, contrariam a autoridade de especialistas da ciência" (FULLER, 2018, p. 7). De fato, como observa Fuller, em um mundo da pós-verdade a ideia mesmo de "consenso científico" pode ser encarada com suspeita, fruto de um longo processo de secularização da sociedade, no qual a ciência é agora o *alvo* em vez de o *agent*e desse processo. Essa ciência customizada, que acompanha o crescente interesse das pessoas comuns pelo tema numa cultura hiper-tecnológica, pode, por vezes, associar-se a especulações de ordem esotérica, gerando o que já foi denominado como "híbridos científicos 'New Age'" (ibid., p. 109).

Não é casual, portanto, que Carvalho já tenha também abordado a ciência por esse ângulo promovendo a obra e o pensamento do polêmico físico e matemático Wolfgang Smith, que, a partir de uma posição tradicionalista inspirada em autores como René Guénon e Fritjoff Schuon, defende teses bastante controversas, como o design inteligente e o geocentrismo. Não será essa, portanto, a principal fonte das peculiares concepções científicas de Carvalho? Para o guru da nova direita brasileira, a modernidade científica "está encerrada, e não sobrevive a exames como esse que o professor Wolfgang Smith fez"[8]. Em sua apresentação do livro *O Enigma Quântico*, Carvalho toma o cuidado, porém, de diferenciar aquilo que separa o trabalho de Smith dos tradicionalistas acima mencionados. Afinal, enquanto Guénon e Schuon se fundamentaram principalmente no sufismo islâmico, Smith toma como base o bom e velho cristianismo que Carvalho agora afirma igualmente professar. Desse modo, ele também aproveita para continuar se distanciando do fato de que, como Guénon, participou de uma *tariqa* (organização esotérica muçulmana) nos anos 1980 – passado agora continuamente renegado. É um movimento bastante conveniente, dada a impopularidade do Islã no mundo ocidental do pós-11 de setembro. Parece que as crenças de Olavo de Carvalho são tão maleáveis quanto suas convicções filosóficas e

[8] <https://www.youtube.com/watch?v=BR7kfyuQwqY&t=59s> Acesso em 15 jun 2023.

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

científicas. Tão maleáveis, de fato, que lhe permitem afirmar com tranquilidade teses inteiramente absurdas como as de que “ninguém sabe”, de fato, qual o formato da Terra[9].

Thomas Strässle recorre à teoria da narratividade (*Erzähltehorie*) para tentar compreender filosoficamente a categoria da *fake*. Ao contrário do mero erro, o fake possui sempre uma *intencionalidade*, visa a determinado fim específico, independente se esse fim é efetivamente realizado ou não. A finalidade é da ordem da influência e da manipulação. “O *fake* é um interessante problema teórico-científico (*wissenstheoretisches Problem*). Seu cálculo repousa em um refinado jogo entre o saber e o não-saber” (2019, p. 40). Se o *fake* pressupõe sempre alguma medida de saber, ele também se dá em *oposição ao melhor saber*. Da parte do receptor, por sua vez, pressupõe-se igualmente algum saber, pelo menos um difuso amalgama entre suposições e suspeitas. Dá-se, assim, uma complexa dialética entre emissor e receptor, saber e não-saber. Exemplo talvez emblemático dessa dialética pode ser encontrado na polêmica afirmativa de Olavo de Carvalho sobre o uso de “células de fetos abortados como adoçante”[10] pela Pepsi. Aqui existe, de fato, um fragmento de saber que joga com o não-saber do público. Culturas de células são realmente utilizadas em diversos campos da ciência, e a Pepsi chegou a contratar uma empresa que usou uma dessas culturas para testar diferentes substâncias como opções químicas de adoçamento de refrigerantes. Obviamente, não são as células do “feto abortado” que estão sendo usadas em bebidas gaseificadas como se elas pudessem ter a propriedade mágica de adocicá-las, mas sim adoçantes químicos *testados* em culturas derivadas *de um único feto* abortado. Desse modo, não faz nenhum sentido dizer que quem toma Pepsi é um “abortista terceirizado”, mas o sentido e o melhor saber são abolidos em função de certo efeito que se deseja produzir. A força do escândalo, a atmosfera conspiratória (órgãos do governo americano foram informados sobre isso e nada fizeram), a natureza espetacular e chocante da “informação” têm um valor afetivo que adquire primazia face ao critério de veracidade.

---

[9] <https://www.youtube.com/watch?v=16qd2IvhjSI> Acesso em15 jun 2023.
[10] <https://www.youtube.com/watch?v=7l4WmFjzDls> Acesso em 15 jun 2023.

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

Strässle também associa o *fake* ao tema da sugestão – antigo truque retórico, mas que também se exprime como fenômeno de múltiplas facetas, do hipnotismo ao magnetismo e o sonambulismo. Tal fenômeno, distendido entre os polos do *reflexo* e da *reflexão*, se manifesta quando o indivíduo dispõe, ao menos potencialmente, de possibilidades de escolha alternativas, mas não está em condições reais de efetivá-las, dado o relativo grau de inconsciência em que se encontra no estado de sugestionamento. Naturalmente, um dos fatores determinantes da sugestão repousa no grau de confiabilidade (*Vertrauenswürdigkeit*) do emissor da mensagem ou sua comunalidade linguística, social ou cultural com o receptor da mesma (ibid., p. 46). Em seu estudo sobre a potência e os limites da fascinação política, *Suggestione*, Andrea Cavelletti afirma:

> O biopoder é, desde suas origens no século XVIII, magnético e sugestivo, o sistema securitário é desde sempre espetacular. E se o totalitarismo e o racismo modernos logo serão (como ensinou Foucault) exasperações e paroxismos do dispositivo biopolítico, o Estado totalitário e racista será não somente o mais protetor e o mais assassino, senão ao mesmo tempo o mais hipnótico e sugestivo. Por esta implicação biopolítica, porque a vida que o biopoder tomou a ser cargo é desde sempre fluido-magnética, o fascismo está contido na sugestão, assim como a sugestão autoritária é o resultado necessário e o fantasma nunca aplacado de todo Estado (2011, p. 53).

O desejo de ordem e controle embutido no conservadorismo reacionário de Olavo de Carvalho pode encontrar seu paroxismo em uma situação na qual “a realidade do cidadão coincide por inteiro com a realidade da lei”, como na Cidade Ideal dos anseios platônicos (PÍN, 1974, p. 15) ou então na zumbificação dos indivíduos cujos corpos e mentes abdicam de qualquer autonomia possível. Curiosamente, em uma de suas obras mais populares, Carvalho toca nesse tema na forma de denúncia da sedução dos discursos dos intelectuais de esquerda. Ao sair de uma palestra sobre Epicuro proferida pelo filósofo José Américo Motta Pessanha, Carvalho observa que a audiência se encontrava em estado de completo fascínio e admiração, mas sem ser capaz de oferecer qualquer noção consistente do tema que foi discutido. “Cada palavra [de Pessanha] parecia calculada para

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

desviar a atenção do ouvinte, impedi-lo de olhar o assunto de frente, fixá-lo num estado de apatetada passividade ante o fluxo de sugestões, hipnotizá-lo e arrastá-lo delicadamente pela argola do nariz” (2019, p. 26). Carvalho chega a comparar esse fascínio do público ao que acontecia com os ouvintes de Hitler, e ele mesmo se confessa afetado pela força hipnótica maligna: era necessário “verbalizar os conteúdos neuróticos que a magia de Pessanha injetara em meu cérebro” (ibid., p. 28). Mas não é esse, exatamente, o tipo de efeito que as palestras de Carvalho produzem em seu público? De fato, o que defino como “tática de inversão” parece constituir uma das estratégias fundamentais do arsenal de ferramentas olavistas. Atribui-se ao inimigo certo domínio de eficiência maligna – como o êxito na guerra cultural ou em técnicas de sugestão hipnóticas – que é merecedor de crítica, mas que também, paradoxalmente, passa a ser utilizado pelo crítico. Sempre ladeado pelos livros de sua vasta biblioteca, em um fluxo verbal constante e incisivo que deixa pouco espaço para a reflexão, confortavelmente instalado na figura do velho sábio oferecendo aos neófitos os saberes secretos dos iniciados, Carvalho construiu a perfeita imagem do guru espiritual por quem os conservadores ansiavam.

Essa imagem adquire tonalidades messiânicas, por exemplo, nos comentários que o público deixa no vídeo de necrológio preparado por seu canal oficial no Youtube: “minha vida iria continuar no escuro se não tivesse encontrado Olavo...”; “o mestre de todos nós”; “seu legado é que irá salvar o Brasil”; “através de seus ensinamentos eu pude salvar a alma de outras pessoas”; “Olavo é imortal”; “mestre dos mestres”; “Deus tem ao seu lado o melhor conselheiro”[11]. Não admira, assim, que Carvalho possuísse capital simbólico inclusive para enredar o Papa, líder terreno da igreja católica, em tramas conspiratórias inverossímeis envolvendo um dos pânicos mais pregnantes do pensamento conservador: a ameaça globalista. Em uma entrevista que concedeu a Stefan Molyneux, conhecido defensor da supremacia branca no Canadá[12], Carvalho afirma que os comunistas começaram a se

---

[11] <https://www.youtube.com/watch?v=ZUyQoj9Majg> Acesso em 12 jun 2023.
[12] <https://www.youtube.com/watch?v=4qMSWlTDUKc&t=2220s> Acesso em 12 jun 2023.

infiltrar na igreja desde os anos 1930. Como fonte, ele cita a autobiografia da italiana Bella Dodd[13], que afirmou ter recrutado 1.100 agentes com essa finalidade (em coerência com sua estratégia de espetacularização, Carvalho amplia o número para 3 mil). Segundo ele, existem inclusive boas razões para suspeitar que mesmo Francisco tenha sido posto no trono de Pedro por George Soros. Essa tomada da igreja por forças satânicas esquerdistas, complementa, é algo "too bad to be true, but it's true". A mitologia da agenda globalista é composta por um complexo tecido de narrativas e imagens associadas que, basicamente, pressupõe a existência de um governo mundial secreto, em atividade constante para criar um mundo sem diferenças. Donatela di Cesare a descreve como "o pesadelo de um mundo uniforme, sem fronteiras e sem limites, formatado pelos mesmos valores e mesmas normas, um mundo submetido à tutela única de um poder estranho e totalitário" (2022, p. 88). Aqui, comunistas, financistas bilionários (como Soros, um personagem recorrente das paranoias da direita), as instituições culturais e universitárias e mesmo a ciência se reúnem numa espécie de cabal dedicado à destruição sistemática dos valores tradicionais do Ocidente, da religião e da família.

Que conspirações inventadas ocupem lugar de destaque na problemática da desinformação não surpreende. A pesquisa sobre o tema, especialmente no campo da psicologia, demonstra que mesmo a crença em complôs que se contradizem mutuamente é possível e relativamente comum (VAN PROOIJEN & DOUGLAS, 2018, p. 898). A abolição ou suspensão de mecanismos lógicos facilita a assimilação de *fake news,* e as teorias conspiratórias constituem um perfeito *médium* para a agregação de diferentes fantasias num só pacote facilmente distribuível. Além disso, a crença em tais teorias tem *caráter consequencial*. Em outras palavras, não se trata de ilusões inofensivas, mas antes de atitudes que podem produzir efeitos danosos no mundo real. Por exemplo, pesquisas demonstram que teorias conspiratórias sobre o HIV na África impactaram na redução do uso de preservativos, gerando, consequentemente, mais infecções (VAN PROOIJEN &

[13] Cf. Dodd (1963).

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

DOUGLAS, 2018, p. 899). Algo semelhante se passou no Brasil bolsonarista quando uma ideia equivocada de "imunidade de rebanho" foi confrontada com medidas de contenção da pandemia, como os *lockdowns* e o uso de máscaras. Bolsonaro chegou a afirmar, numa *live* na Internet, que contrair o vírus seria mais eficaz que se vacinar[14]. Olavo de Carvalho foi ainda mais longe, decretando que a "pandemia simplesmente não existe". Segundo ele, não existiam casos confirmados de Coronavírus, e tudo não passou do "mais vasto caso de manipulação da opinião pública na história humana"[15]. Não é nada improvável que várias pessoas tenham incorporado essa crença a suas atitudes cotidianas e, assim, se contaminado com o vírus.

A estratégia da repetição, na qual a falsa informação é retomada em diferentes contextos, às vezes com pequenas modificações, também parece ter sido uma arma eficaz utilizada por Carvalho. Pesquisas já demonstraram, por exemplo, que a repetida leitura de manchetes com *fake news* aumenta sua veracidade percebida (Cf. EGELHOFER, 2022, p. 25). Nesse sentido, Olavo de Carvalho sempre atuou com uma singular *coerência na incoerência*. Se algumas de suas convicções centrais mudaram radicalmente ao longo do tempo (como sua visão sobre René Guénon e o tradicionalismo), o mesmo não se deu com relação ao seu gosto por teorias conspiratórias, os discursos sobre guerra cultural e seu apelo ao comunismo como inimigo onipresente. Desde pelo menos *A Nova Era e a revolução cultural*, lançado originalmente em 1994, Carvalho desfiava teses conspiracionistas sobre o Fórum Social Mundial de Porto Alegre e acomodava figuras tão radicalmente diferentes como Antonio Gramsci e Fritjof Capra num mesmo conluio em favor de uma perigosa "revolução cultural". "Se o nosso é o século do Marxismo", escreveu ele, "é também o da hipnose, o das técnicas de influência subliminar, o da lavagem cerebral, o da 'modificação do comportamento' e o da Programação Neurolingüística" (2014, p. 95). Temas que Carvalho certamente conhecia muito bem. É intrigante que, em seu livro de 1986 sobre o

---

[14] <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e-mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml> Acesso em 12 jun 2023.
[15] <https://www.youtube.com/watch?v=n00zVCEYLd8&t=37s> Acesso em 13 jun 2023.

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

Tradicionalismo, Carvalho critique tão veementemente o “lixo informático” da cultura contemporânea que atrapalha a concentração, “condição indispensável da prece e de outras práticas espirituais”, bem como o falatório, “gracejos bobos e trocadilhos que excitam os automatismos mais baixos da mente inferior” (1986, p. 68-69). Afinal, passados agora quase 40 anos, o filósofo sobrevive na imaginação de seus admiradores precisamente graças tanto a esse “lixo informático”, que se tornou sua grande plataforma de atuação, quanto aos gracejos e trocadilhos que devotava constantemente aos inimigos[16].

Pode-se debater, evidentemente, se Olavo de Carvalho tinha plena consciência de estar criando um aparato de desinformação. Essa pergunta, porém, é secundária face à sua percepção de que a “guerra cultural” deveria ser travada no plano do imaginário. Foi essa percepção, expressa num de seus vídeos sobre o tema, que lhe ofereceu um fundamento epistêmico sólido para construir sua trajetória como influenciador da nova direita. Nem ideologia, nem crença, mas sim a imaginação, defende ele, é o pano de fundo no qual se desenrola a batalha. A literatura, o cinema, a potência das imagens são ferramentas de estruturação do imaginário. “A imagem que as pessoas fazem da realidade é determinada maciçamente pela ficção e não pela informação”, afirma ele. E completa:

> Em face disto, o poder das discussões ideológicas é quase nulo, porque você está tentando falar com a consciência intelectual, ao passo que toda a imaginação dela já está moldada em sentido contrário, e ela não vai poder abdicar dessa imaginação, mesmo que você a convença – “Ah, mas você demonstrou assim e assim, mas eu continuo vendo da outra maneira” Estão entendendo como é que faz guerra cultural? Não é com propaganda ideológica, não é com doutrinação, é com o trabalho da imaginação. O poder da imaginação sobre o ser humano é tal que a imaginação domina a vontade em 100%, você só pode querer aquilo que você imagina[17].

---

[16] Por exemplo, o apodo de “Kim Katapiroka” para o político conservador Kim Kataguiri ou “Clóvis de Burros” para o *coach* Clóvis de Barros. Ver <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-05-23/olavo-faz-trocadilho-com-nome-de-kim-que-rebate-precisa-trocar-as-fraldas.html> e <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2017/10/27/os-apelidos-dos-detratores/> Acesso em 13 jun 2023.

[17] <https://www.youtube.com/watch?v=3cvhfY0YLZM> Acesso em 15 jun 2023.

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

Em outras palavras, Carvalho percebia claramente o poder da ficção, o papel do imaginário e dos afetos nas tomadas de decisões, inclusive políticas. Nesse quesito, de fato, “Olavo tem razão”, como costumavam dizer seus seguidores. Pode-se, assim, imaginar que o “guru de Bolsonaro”[18] executava um programa político altamente eficaz. No contexto de uma cultura profundamente midiatizada, como alertou Chiara Bottici, “o papel das imagens na política contemporânea é tamanho que elas já não simplesmente mediam nossos afazeres políticos, mas corre-se o risco de que façam política em nosso lugar” (2014, p. 11). Somos seres imaginais, afirma a autora, e o imaginário é, ele próprio, constitutivo da realidade. Isso significa, fundamentalmente, duas coisas: primeiro, que a política é um campo de disputas simbólicas, de expressão de afetos e de atuação do imaginário; segundo, que as noções do verdadeiro e do falso sofreram impactos profundamente transformadores que ainda estamos tentando entender. Não é simples discutir o estatuto da informação num contexto em que as aparentes seguranças do passado se desfizeram e no qual os instrumentos epistemológicos para a determinação do factual necessitam ser radicalmente repensados. Mas essa é, talvez, a tarefa histórica que teremos de realizar nos anos por vir, e que, aliás, exigirá boas doses de imaginação.

Referências bibliográficas

BOTTICI, Chiara. *Imaginal politics*: images beyond imagination and the imaginary. New York: Columbia University Press, 2014.

BRUNO, Fernanda & ROQUE, Tatiana. “A ponta de um iceberg de desconfiança”. In: BARBOSA, Marialva (org.). *Pós-Verdade e fake news*: reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BUCK-MORSS, Susan. *The origin of negative dialectics*: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute. New York: The Free Press, 1977.

BURGIERMAN, Denis Russo. O artista da ofensa. *Revista Época*, São Paulo, n. 1080, p. 48-80, mar. 2019.

[18] <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60139060> Acesso em 15 jun 2023.

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

CARVALHO, Olavo de. *Fronteiras da Tradição*. São Paulo: Nova Stella, 1986.

__________________. *A Nova Era e a revolução cultural*: Frijof Capra e Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

__________________. *Inteligência e verdade*: ensaios de filosofia. Campinas: Vide Editorial, 2021.

__________________. *O Jardim das aflições* - de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil. Campinas: Vide Editorial, 2019.

CASSAM, Quassim. *Conspiracy Theories*. Cambridge: Polity, 2019.

CAVELLETTI, Andrea. *Suggestione*: potenza e limite del fascino politico. Torino: Bollati Boringhieri, 2011.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso*: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu, 2022.

CHENEY, Margaret. *Tesla, man out of time*. New York: Barnes & Noble, 1993.

DI CESARE, Donatela. *O complô no poder*. Belo Horizonte: Ayné, 2022.

DODD, Bella V. *School of darkness*. New York: Devin-Adair, 1963.

EGELHOFER, Jana Laura. "Fake News – zwischen Desinformation und Medienkritik". In: BENDHEIM, Amelie & PAVLIK, Jennifer (orgs.). *'Fake News' in Literatur und Medien*: Fakten und Fiktionen im interdisziplinären Diskurs. Bielefeld: Transcript, 2022.

FELINTO, Erick & GRUSIN, Richard. Gore mediation and the bromance of Jair Bolsonaro and Donald Trump. **Intermédialités**, Montréal, n. 37/38, p. 1-38, abr. 2022a.

FELINTO, Erick. "Olavo tem razão": Olavo de Carvalho, esoterismo e os mitos conspiratórios do imaginário político neoconservador. In: MARTONI, Alex; ARRAES, Marcos; Oliveira, Victor. *Assombros da história*: memória, técnica, política. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022b.

FULLER, Steve. *Post-Truth:* knowledge as a power game. London: Anthem Press, 2018.

FRANÇOIS, Stéphane. *La nouvelle droite et ses dissidenaces*: identité, écologie et paganisme. Lormont: Le Bord de L'Eau, 2021.

KLEINBERG, Ethan. "História e o Presente". In: MARTONI, Alex; ARRAES, Marcos; Oliveira, Victor. *Assombros da história*: memória, técnica, política. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

PÍN, Víctor Gómez. El drama de la ciudad ideal: el nacimiento de Hegel em Platón. Madrid: Taurus, 1974.

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

RUYTER, Robin de. *The 13 Satanic Bloodlines*: paving the road to Hell. Amsterdam: Mayra Publications, 2018.

SEDGWICK, Mark. *Against the modern world*: Traditionalism and the secret intellectual history of the twentieth century. Oxford: Oxford University Press, 2004

STRÄSSLE, Thomas. *Fake und Fiktion*: Über die Erfindung von Wahrheit. München: Carl Hanser, 2019.

TEITELBAUM, Benjamin. *War for eternity*: inside Bannon's far-right circle of global power brokers. New York: Harper Collins, 2020.

VAN PROOIJEN, Jan-Willem & DOUGLAS, Karen M. Belief in conspiracy theories: basic principles of an emerging research domain. **European Journal of Social Psychology**, New York, n. 48, p. 897-908 Jul. 2018.

Erick Felinto – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
É pesquisador do CNPq e Professor Titular da UERJ, onde realiza pesquisas sobre cinema, cibercultura e política. Foi professor visitante na Universität der Künste Berlin e na NYU. É autor dos livros A Religião das Máquinas: Ensaios sobre o Imaginário da Cibercultura (Sulina), O Explorador de Abismos: Vilém Flusser e o Pós-Humanismo (Paulus) e A Imagem Espectral: Comunicação, Cinema e Fantasmagoria Tecnológica (Ateliê Editorial), entre outros.
Email: erickfelinto@gmail.com

PAULO FREIRE E OLAVO DE CARVALHO: A DESVALORIZAÇÃO REATIVA NA EDUCAÇÃO

Paulo Freire and Olavo de Carvalho: the reactive devaluation in education

Giovanni Miraveti Carriello - UFSCAR/Sorocaba*
Guilherme Manassés Pegoraro - UFSCAR/Sorocaba**
João Batista dos Santos Junior - UFSCAR/Sorocaba***

Resumo: O presente artigo teve como objetivo analisar a presença da desvalorização reativa de ideias educacionais de Paulo Freire e Olavo de Carvalho por parte professores da educação básica 2, pedagogos e formandos em licenciatura, contextualizando com o ambiente de polarização política brasileira pré-eleitoral de 2018. Os participantes responderam a dois questionários de caracterização e opinativos, realizados em um período de dois meses, verificando a sua concordância com base nas ideias educacionais das frases dispostas ou com base nos autores em si. Foi estabelecido um critério de coerência para avaliar as respostas. Os resultados indicam que a desvalorização reativa ocorreu e está correlacionada com o tipo de instituição de formação, tempo de atuação na educação e posição no espectro político-ideológico.

Palavras-chave: Educação, Polarização política, Desvalorização reativa.

Abstract: This article's objective was to analyze the presence of reactive devaluation of the educational ideas of Paulo Freire and Olavo de Carvalho by basic education teacher 2, pedagogues and students undergoing licentiate degrees, while establishing a relation to the Brazilian pre-electoral political polarization of 2018. The participants answered two opinion focused surveys, which were done in a two-month period, verifying if their agreement to presented phrases was based on the educational ideas or the authors themselves. A coherence criterion was established to evaluate the answers. The results indicate that reactive devaluation occurred and it is correlated with the type of academic institute, total time of teaching and the position in the political-ideological spectrum.

Keywords: Education, Political polarization, Reactive devaluation.

INTRODUÇÃO

Desde o período eleitoral do ano de 2014, passou-se a notar uma crescente polarização política no cenário brasileiro, concretizada por partidos políticos como o PT e o PSDB, questão que foi estudada por Amaral e Ribeiro (2015). Essa polarização pareceu se intensificar ainda mais durante as pré-eleições de 2018, levantando questionamentos referentes a intolerância e violência, além de debates acirrados acerca da possibilidade de haver doutrinação em instituições de ensino, os quais já existiam antes mesmo desse período, conforme descrito por Miguel (2016). Com isso, torna-se relevante um estudo da percepção político-educacional de professores, principalmente do Ensino Médio. Sendo assim, foi buscada uma maneira de analisar se os indivíduos estariam assumindo uma posição político-educacional com base em ideias e argumentos ou apenas seguindo cegamente nomes consagrados da literatura. Os nomes selecionados no presente trabalho para representar os lados da polarização política brasileira na perspectiva educacional foram Paulo Freire e Olavo de Carvalho.

---

*Acadêmico do curso de Licenciatura em Química Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba, Técnico em Química e Técnico em Alimentos. E-mail: giovannimiraveti@gmail.com.

**Acadêmico do curso de Licenciatura em Química Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba. E-mail: guilherme.ms.pegoraro@gmail.com.

*** Doutor, Docente do Departamento de Física e Química da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba. E-mail: joaobats@ufscar.br

POLARIZAÇÃO POLÍTICA RECENTE NO BRASIL

O surgimento da polarização política no Brasil poder estar ligado a diversos fatores, talvez numerosos demais para serem definidos. No entanto, de acordo com Brugnago e Chaia (2015), a intensificação dos extremos políticos está relacionada com a presença das mídias sociais na vida dos indivíduos, trazendo um potencial de divulgação de ideias em um ambiente altamente livre para se expressar e permitindo a formação de grupos ideológicos isolados. Essa polarização, conforme os próprios autores, se deu em esquerda e direita, extremos de um espectro ideológico.

O levantamento da ideia de que as redes sociais contribuíram muito para a polarização política no Brasil também é enfatizado nas discussões de Penteado e Lerner (2018), as quais produziram um estudo da mobilização da oposição à ex-presidente Dilma Rousseff no Facebook, principalmente em períodos pré-impeachment. Nesse artigo, o grupo de oposição analisado é denominado "direita". Os autores não mencionam o termo "polarização política", mas citam "nós contra eles". O trabalho desenvolvido anos antes por Oliveira e Onuki (2010), por exemplo, ao tentar caracterizar a polarização política brasileira em relação às políticas externas de alguns partidos políticos, também menciona uma divisão político-ideológica de esquerda e direita. A presença desse tipo de nomenclatura para extremos de um espectro político não só está presente no cotidiano dos brasileiros, mas está claramente presente na literatura e em produções acadêmicas.

DIREITA E ESQUERDA NO BRASIL: UMA DIVISÃO SEM SENTIDO

O surgimento de definições e classificações durante períodos de instabilidade política pode ser inevitável, e os brasileiros ainda se utilizam das categorizações de esquerda e direita, oriundas de um espectro político antigo e que pode até não ser mais aplicável atualmente. Conforme Rothbard (2016), ocupavam os extremos desse espectro:

> [...] o liberalismo, o partido da esperança, do radicalismo, da liberdade, da revolução industrial, do progresso, da humanidade; o outro foi o conservadorismo, o partido da reação, o partido que queria restaurar hierarquia, estatismo, teocracia, servidão e a exploração de classe da velha ordem. (ROTHBARD, 2016)

Há uma tentativa de identificar a posição ideológica dos partidos políticos brasileiros, assim como a dos indivíduos. Isso é evidenciado por autores como Tarouco e Madeira (2013), que citam a teoria downsiana, na qual a esquerda e direita estão relacionadas, respectivamente, com a grande ou baixa intervenção do Estado na economia. Outra caracterização para a direita é dada por Löwy (2015), baseada em uma comparação entre as posições políticas e ideológicas do espectro brasileiro e europeu. A direita, conforme o autor, esteve ligada ao fascismo e racismo e ao culto a violência, intolerância com minorias sexuais, além apelo ao militarismo. Através desse pensamento, se tem as concepções econômicas e sociais descritas por um único eixo novamente: esquerda e a direita.

Essas definições confusas para os extremos de um espectro político já haviam sido questionadas em 1994, muito antes da recente intensificação da polarização política no Brasil. Lester (1994) apresenta a evolução de alguns espectros políticos diferentes. Alguns mencionam um único eixo que define liberdades individuais e econômicas, como a divisão francesa de 1789, enquanto outros as dividem em um espectro multifacetado, como o diagrama de Nolan, que introduz um eixo separado para autoritarismo e liberdade.

Tendo em mente os diferentes aspectos apresentados, se enquadrar em todas ou em apenas uma das definições é basicamente impossível, sendo essas muito lacônicas para a complexidade política atual. Esse fato foi observado por Ostermann (2014):

> [...] uma profunda rejeição à dicotomia Direita-Esquerda. [...] a aversão dos liberais em se identificarem como pertencentes à Direita parece ser mais arraigada do que uma simples tentativa de esconder ou não salientar uma característica pouco apreciada por parte de seu público consumidor. A resistência dos liberais entrevistados é em relação à própria visão unidimensional do espectro político, que faz tábula rasa de diferenças. (OSTERMANN, 2014)

PAULO FREIRE E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Paulo Freire foi professor, filósofo e advogado. Apesar de não apresentar formação técnica em pedagogia, foi nessa área que ele se tornou conhecido. Nasceu em Recife, destacou-se no ano de 1963 ao trabalhar com a alfabetização de adultos. Em 1964, ele acabou sendo preso e convencido a deixar o Brasil, se exilando para o Chile, local onde desenvolveu sua famosa obra literária "Pedagogia do Oprimido" (FREIRE, 2017).

Suas ideias em relação à educação, principalmente a brasileira, giram em torno da libertação através do aprendizado, que poderia se dar de forma crítica e autônoma. Paulo Freire criticava a educação definida por ele como "educação bancária", aquela que, segundo ele, seria apenas transmitida do professor ao aluno. (FREIRE, 2016):

> É preciso insistir: este saber necessário ao professor – *de que ensinar não é transferir conhecimento* – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica –, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 2016)

Conforme Saul (2012), a presença de Paulo Freire no setor educacional brasileiro se intensificou muito a partir do ano de 1992, principalmente nos currículos de instituições de ensino públicas. Tal ocorrência é corroborada por estudos específicos citados pela própria autora, como de Menezes e Santiago (2010), que indicam um legado de Freire não apenas no sistema público de ensino, mas no ensino superior e até em movimentos políticos.

OLAVO DE CARVALHO E SUAS IDEIAS

Olavo de Carvalho é crítico do pensamento freireano e filósofo contemporâneo. Mesmo se encontrando fora do Brasil, saída em 2005 que se justificou pelo desacordo com a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder (CARVALHO, 2018b). Destaca-se pela quantidade de seguidores de seu pensamento, principalmente nas redes sociais (PENTEADOR; LENDER, 2018). Ele também é crítico ao que chama de esquerdismo.

> O esquerdismo é o projeto de um mundo novo cuja construção sangrenta será sempre lançada aos débitos do mundo velho. Ele é, em essência e não por acidente, a abdicação de toda responsabilidade histórica, a opção por uma moral oleosa que, deslizando sempre em direção ao futuro, jamais corre o risco de estacionar onde lhe possam cair em cima as consequências de suas ações. (CARVALHO, 1998)

Protagonizou como figura forte um dos lados do cenário político de 2018, sendo mencionado nos estudos de Penteado e Lerner (2018) como fonte de uma das maiores e mais importantes páginas do *Facebook* desde o período pré-impeachment de Dilma Rousseff. A sua escolha como outro polo de pensamento no presente artigo se dá, principalmente, pelas intensivas críticas sempre realizadas em relação às ideias de Paulo Freire, tal como:

> Vocês conhecem alguém que tenha sido alfabetizado pelo método de Paulo Freire? Algumas dessas raras criaturas, se é que existem, chegou a demonstrar competência artística ou humanística? Nem precisam responder. Todo mundo já sabe que, pelo critério de "pelos frutos os conhecereis", o célebre Paulo Freire é um ilustre desconhecido. (CARVALHO, 2018b)

Seu pensamento também se difere do pensamento freireano sobre o direito se educar:

> Clicando no *Google* a palavra "educação", seguida da expressão "direito de todos", encontrei 671 mil referências. [...] "Educação inclusiva" dá 262 mil respostas. Experimente clicar agora "educar-se é dever de cada um": nenhum resultado. "Educar-se é dever de todos": nenhum resultado. "Educar-se é dever do cidadão": nenhum resultado. [...] A ideia de que educar-se seja um dever jamais parece ter ocorrido às mentes iluminadas que orientam (ou desorientam) a formação (ou deformação) das mentes das nossas crianças. (CARVALHO, 2018b).

Desvalorização reativa

O embasamento psicológico mais forte por trás da ideia da presente pesquisa é a desvalorização reativa. Um estudo similar ao que se encontra no presente artigo foi realizado por Maoz (2002). Segundo os autores, grupos em conflito apresentam uma tendência de discordância sobre certos fatos. Os diferentes lados demonstraram negação perante as propostas atribuídas a seus opositores. No entanto, ao serem atribuídas a um grupo aliado, apresentam maior aceitação. O conflito apresentado no documento citado se dá entre os israelenses e palestinos. Contudo, poderia ser aplicado ao embate político-ideológico brasileiro. A pesquisa do presente artigo usa citações dos pensadores mencionados anteriormente com seus nomes expressos corretamente como autores das frases, assim como com os nomes invertidos. Dessa forma, é possível avaliar se a concordância dos sujeitos participantes da pesquisa se dá em relação à ideia exposta na citação ou apenas ao nome atribuído à frase, utilizando como base o conceito de desvalorização reativa.

METODOLOGIA

A pesquisa contou com a participação 32 professores de PEB 2, 15 formandos de diversas licenciaturas (Form.) e 6 pedagogos (Pedag.), totalizando 53 participantes, todos de municípios do Estado de São Paulo. Os dados foram colhidos por formulários digitais.

A metodologia consistiu na aplicação de dois questionários, com questões de caracterização e opinativas. Foram dispostas também três frases de Paulo Freire e três frases de Olavo de Carvalho, com as quais o participante deveria responder se concordava ou não. No 1° questionário, cada frase foi atribuída corretamente ao autor. Porém, no 2° questionário, as frases de Paulo Freire foram atribuídas a Olavo de Carvalho e vice-versa. O 1° questionário foi aplicado em maio/2018 e o 2° questionário em agosto/2018, dois meses depois.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Divisões em relação formação

Os professores de PEB 2 foram divididos em 4 grupos, conforme sua formação. São os grupos: Linguagens (Letras, Educação Artística e Educação Física.), Matemática, Natureza (Ciências Biológicas, Química e Física) e Humanas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia). Os pedagogos foram tratados a parte. Em relação aos formandos se manteve a divisão anteriormente citada, deixando separados também os formandos em pedagogia.

Dados Gerais

As tabelas 1 - 7 se trata das questões caracterização do universo analisado.

Tabela 1 – Característica geral do universo analisado em relação à área de formação.

Questão	Dados obtidos			
	Resposta	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
Qual sua formação?	Linguagens:	25%	-	20%
	Matemática:	9%	-	7%
	Natureza:	47%	-	47%
	Humanas:	19%	-	13%
	Pedagogia:	-	100%	13%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se que, em relação às áreas de atuação, a quantidade de formandos é bem parecida com a dos professores do PEB 2, com exceção da presença de formandos em pedagogia, grupo que foi tratado a parte.

Tabela 2 – Característica geral do universo analisado em relação à instituição de formação.

Questão	Dados obtidos			
	Resposta	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
Você se formou em uma instituição pública ou privada?	Universidade Pública:	34%	14%	67%
	Universidade Privada:	66%	86%	33%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A maioria com formação em instituições privadas foi observada nos grupos de professores.

Tabela 3 – Característica geral do universo analisado em relação à instituição que leciona.

Questão	**Dados obtidos**			
	Resposta	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
Leciona atualmente em qual tipo de instituição?	Pública:	66%	100%	-
	Privada:	22%	0%	-
	Pública e Privada:	13%	0%	-

Fonte: Elaborado pelos autores.

A atuação é heterogênea dos professores do PEB 2, enquanto os pedagogos atuam exclusivamente em instituições públicas.

Tabela 4 – Característica geral do universo analisado em relação a quanto tempo leciona.

Questão	**Dados obtidos**			
	Resposta	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
Leciona há quanto tempo?	Até 5 anos:	22%	14%	-
	De 6 até 15 anos:	44%	43%	-
	De 16 até 20 anos:	9%	14%	-
	Acima de 20 anos:	25%	29%	-

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se que são parecidos os tempos de atuação dos professores.

Tabela 5 – Característica geral do universo analisado em relação à identidade política.

Questão	**Dados obtidos**			
	Resposta	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
Politicamente, você considera que tenha qual visão?	Esquerda:	16%	14%	53%
	Direita:	9%	0%	7%
	Não me identifico com tais rótulos (esquerda e direita):	69%	86%	27%
	Não sei/Não quero responder:	6%	0%	13%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se que, em todos os grupos, aqueles que se declararam de esquerda estão em maior número do que de direita. Nos formandos, 53% se declarou de esquerda. Nota-se que a maioria dos professores não se identificam com os rótulos, enquanto a maioria dos formandos optou por se identificar.

Tabela 6 – Característica geral do universo analisado em relação a concordar em geral com as ideias de Paulo Freire.

Questão	**Dados obtidos**			
	Resposta	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
De uma forma geral, você concorda com as ideias de Paulo Freire?	Concordo:	84%	86%	93%
	Discordo:	13%	14%	0%
	Não conheço as ideias:	3%	0%	7%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em todos os grupos houve mais de 80% de aceitação prévia das ideias freirianas.

Tabela 7 – Característica geral do universo analisado em relação a concordar em geral com as ideias de Olavo de Carvalho.

Questão	Dados obtidos			
	Resposta	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
De uma forma geral, você concorda com as ideias de Olavo de Carvalho?	Concordo:	16%	29%	7%
	Discordo:	19%	29%	20%
	Não conheço as ideias:	66%	43%	73%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota-se que no grupo dos professores do PEB 2 a maioria (66%) sequer conhece as ideias de Olavo de Carvalho. Os pedagogos, por sua vez, estão entre os que mais conhecem as ideias de Olavo de Carvalho (43% não conhecem). Mesmo sendo o grupo que mais concorda com as ideias de Olavo de Carvalho (29%), 86% também concordam com Paulo Freire. Ao contrário dos outros dois grupos, a maior parte dos formandos é de universidade pública (67%) e foram também o grupo que mais se posicionou politicamente dentre os rótulos de Esquerda e Direita (60% do total, somando os que responderam esquerda e direita).

Dados em Relação às Frases

Frases de Paulo Freire

Das frases de Olavo de Carvalho obtiveram-se os dados da tabela 8 – 10.

Tabela 8 – Dados Frase 1.

Frase 1	Resposta			
"Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe." (FREIRE, 2016)	**Atribuída a Paulo Freire**	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	69%	57%	67%
	Discordo	31%	43%	33%
	Atribuída a Olavo de Carvalho	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	62%	86%	60%
	Discordo	38%	14%	40%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como visto na tabela 8, os professores do PEB 2 e os formandos concordaram mais com a frase quando atribuída a Paulo Freire, o oposto dos pedagogos.

Tabela 9 – Dados Frase 2.

Frase 2	Resposta			
"Não devo pensar apenas sobre os conteúdos programáticos que vêm sendo expostos ou discutidos pelos professores das diferentes disciplinas, mas, ao mesmo tempo, a maneira mais aberta, dialógica, ou mais fechada, autoritária, com que este ou aquele professor ensina." (FREIRE, 2016)	**Atribuída a Paulo Freire**	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	91%	57%	93%
	Discordo	9%	43%	7%
	Atribuída a Olavo de Carvalho	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	81%	86%	73%
	Discordo	19%	14%	27%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como visto na tabela 9, os professores do PEB 2 e os formandos também concordaram mais com a frase quando atribuída a Paulo Freire, o oposto dos pedagogos.

Tabela 10 – Dados Frase 3.

Frase 3	Resposta			
"É preferível, para mim, reforçar o direito que [o aluno] tem a liberdade de decidir, mesmo correndo o risco de não acertar, a seguir a decisão dos pais." (FREIRE, 2016)	**Atribuída a Paulo Freire**	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	78%	71%	100%
	Discordo	22%	29%	0%
	Atribuída a Olavo de Carvalho	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	94%	100%	100%
	Discordo	6%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como visto na tabela 10, a frase 3 apresentou uma peculiaridade em relação às outras duas de Paulo Freire. O nome do autor não interferiu na aceitação da frase entre os formandos. Porém, no grupo de professores PEB 2 ela foi mais aceita quando atribuída a Olavo de Carvalho. O comportamento entre

os pedagogos, porém, foi similar às outras duas frases de Paulo Freire, havendo uma aceitação maior quando atribuída a Olavo de Carvalho.

Frases de Olavo de Carvalho

Das frases de Olavo de Carvalho obtiveram-se os dados da tabela 11 – 13.

Tabela 11 – Dados Frase 4.

Frase 4	Resposta			
"A educação não serve só para arrumar emprego, tornar um sujeito famoso e levantar seu saldo bancário. Às vezes, ela melhora também a personalidade humana." (CARVALHO, 2018a)	**Atribuída a Paulo Freire**	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	94%	100%	100%
	Discordo	6%	0%	0%
	Atribuída a Olavo de Carvalho	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	94%	86%	87%
	Discordo	6%	14%	13%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os professores do PEB 2 mantiveram os valores independentemente do autor atribuído, o que não quer dizer necessariamente que todos foram coerentes. Pode ocorrer que um professor, por exemplo, tenha concordado na primeira vez que respondeu, mas discordou na segunda e o contrário ocorreu com outro professor, mantendo as porcentagens iguais.

Tabela 12 – Dados Frase 5.

Frase 5	Resposta			
"A democratização do ensino abriu a milhões de pessoas o acesso às profissões intelectuais e científicas. O que era uma elite, um punhado de gênios que trocavam ideias através da correspondência privada e de meia dúzia de publicações acadêmicas, tornou-se uma multidão inumerável." (CARVALHO, 2018a)	**Atribuída a Paulo Freire**	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	84%	100%	100%
	Discordo	16%	0%	0%
	Atribuída a Olavo de Carvalho	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	81%	71%	67%
	Discordo	19%	29%	33%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 12, percebe-se que em todos os grupos houve uma maior aceitação da frase quando atribuída a Paulo Freire.

Tabela 13 – Dados Frase 6.

Frase 6	Resposta			
"Um país que crê numa educação de elite para todos, ou em educação popular para os membros da elite é, por escolha própria, um país de perdedores." (CARVALHO, 2018a)	**Atribuída a Paulo Freire**	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	56%	57%	73%
	Discordo	44%	43%	27%
	Atribuída a Olavo de Carvalho	**PEB 2**	**Pedag.**	**Form.**
	Concordo	38%	29%	33%
	Discordo	62%	71%	67%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se na tabela 13 o mesmo fenômeno observado na tabela 12.

Coerência

Caso o nome do autor não tivesse interferência alguma na aceitação da frase, tanto a aceitação quanto a rejeição das frases deveriam ser iguais em ambos os questionários. Porém, isso não foi visto. Sendo assim, decidiu-se analisar o grau de coerência em relação as respostas. Considerando que uma resposta coerente é aquela que é a mesma nos dois questionários, independentemente de qual é o autor real da frase, o grau de coerência foi determinado da seguinte forma: grau de coerência total (6 frases), grau de coerência alto (5 ou 4 frases), intermediário (3 frases), baixo (2 ou 1) e nenhum grau de coerência (0 frases).

Tabela 14 – Grau de coerência dos grupos.

Grau de coerência	PEB 2	Pedag.	Form.
Total	28%	0%	33%
Alto	50%	71%	47%
Intermediário	19%	14%	13%
Baixo	3%	14%	7%
Nenhum	0%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como os três grupos de participantes são bem heterogêneos, como pode ser visto nas tabelas 1 a 9, era de se esperar também que as tabelas 10 a 15 também apresentassem dados heterogêneos. Para entender qualitativamente quais são os fatores que interferem no grau de coerência e, principalmente, como que eles interferem, se optou pela aplicação de filtros específicos.

Tendência em relação aos autores

Se considerando que "tender a um autor" se trata de concordar com uma frase em um dos questionários, sendo que havia discordado dela no outro, pode-se haver 6 situações em relação a tendência em relação aos autores.

- Não tendeu a nenhum autor: São os mesmos determinados com grau de coerência total na tabela 8.
- Tendeu igualmente para ambos os autores: em suas frases incoerentes, o participante tendeu em um mesmo número de frases para Paulo Freire e para Olavo de Carvalho.
- Tendeu apenas a Paulo Freire: todas as frases incoerentes do participante tenderam a Paulo Freire.
- Tendeu preferencialmente a Paulo Freire: embora tendesse a Olavo de Carvalho em algum momento, o número de frases tendidas a Paulo Freire foi maior.
- Tendeu apenas a Olavo de Carvalho: todas as frases incoerentes do participante tenderam a Olavo de Carvalho.
- Tendeu preferencialmente a Olavo de Carvalho: embora tendesse a Paulo Freire em algum momento, o número de frases tendidas a Olavo de Carvalho foi maior.

Feitas essas classificações, se obtém a seguinte tabela:

Tabela 15 – Tendência em relação a autores

Tendência em Relação a Autores	PEB 2	Pedag.	Form.
Não tendeu a nenhum autor	28%	0%	33%
Tendeu igualmente para ambos autores	13%	0%	0%
Tendeu apenas a Paulo Freire	31%	29%	53%
Tendeu preferencialmente a Paulo Freire	3%	0%	7%
Tendeu apenas a Olavo de Carvalho	19%	71%	7%
Tendeu preferencialmente a Olavo de Carvalho	6%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

O primeiro ponto interessante é que as categorias de tendência preferencial apresentaram valores menores. Porém, é importante ressaltar que, nessas categorias, o participante deveria ter sido no mínimo incoerente em 3 frases, pois o necessário para se classificar nessas categorias seria tender duas vezes para um autor e apenas uma vez para outro. É visto que, dentro do universo amostral, os formandos possuem maior tendência a concordar com as frases de Paulo Freire, seguidos pelos professores de PEB 2. O oposto é visto com os pedagogos, que tenderam em maioria para Olavo de Carvalho.

Filtros

Tendo os dados anteriormente apresentados, foram-se aplicadas condições, selecionando apenas uma parte do universo de dados.

Em relação à instituição de formação

Professores do PEB 2

Dos formados em instituições públicas, 45% se declararam de esquerda e 55% não se identificaram com os rótulos. 82% estudaram Paulo Freire em sua graduação. Dos formados em privadas, ninguém se declarou de esquerda e 14% se declararam de direita. É interessante não haver professores formados em universidades públicas que se declararam de direita, tal como não haver formados em universidades privadas que se declararam de esquerda.

Tabela 16 – Tendência em relação a autores dentro do universo de professores do PEB II e Ensino médio, separando pelo tipo de instituição de formação.

Tendência em Relação a Autores	Pública	Privada
Não tendeu a nenhum autor	27%	29%
Tendeu igualmente para ambos autores	27%	5%
Tendeu apenas a Paulo Freire	27%	33%
Tendeu preferencialmente a Paulo Freire	9%	0%
Tendeu apenas a Olavo de Carvalho	0%	29%
Tendeu preferencialmente a Olavo de Carvalho	9%	5%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Algo também interessante em relação ao que está mostrado na tabela 16 é que não há participantes que tenderam apenas a Olavo e são formados em universidade pública.

Pedagogos

100% dos pedagogos formados em instituições públicas tenderam apenas para Olavo de Carvalho, sendo que 100% não se identificam com rótulos ideológicos. 100% concordam com as ideias de Freire e com as ideias de Olavo de Carvalho.

Dos formados em universidades privadas 33% tenderam apenas a Freire e 67% tenderam apenas a Olavo de Carvalho. 17% se declararam de esquerda e 83% não se identificam com rótulos. Em relação às ideias, 83% concordam com as ideias de Freire e 17% alegaram não conhecer. Em relação às ideias de Olavo de Carvalho, 17% concordam, 33% discordam e 50% alegaram não conhecer. Comparando com o universo dos professores de PEB II e Ensino Médio, se percebe um comportamento diferente, pois independente da instituição de formação houve uma maior tendência preferencial a Olavo de Carvalho.

Formandos

Dentre os grupos separados pela formação, os formandos das universidades públicas apresentaram maior coerência em suas respostas (40%). Todavia, eles também foram os quais mais tenderam apenas a Paulo Freire (50%), sendo que (10%) tenderam a Olavo de Carvalho. 50% se declararam de esquerda e 50% não se identificaram com os rótulos ou não quiseram responder. Dentre os formandos em privadas, 20% não tenderam a nenhum autor, 60% tendeu apenas a Freire e 20% tendeu preferencialmente a Freire. Dentre a posição política, 60% se declararam de esquerda e 20% se declararam de direita, 20% não quiseram responder.

Em relação ao tempo que leciona

Professores do PEB 2

Tabela 17 – Dados obtidos em relação ao tempo de atuação dos professores de PEB 2 sobre a posição política.

Posição Política	Até 5a	6 até 15a	16 até 20a	Acima de 20a
Declararam-se de esquerda	29%	14%	0%	13%
Declararam-se de direita	0%	14%	0%	13%
Não se identifica com os rótulos esquerda e direita	71%	64%	67%	75%
Não quis responder	0%	7%	33%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota-se que a maioria não se identificou com os rótulos esquerda e direita.

Tabela 18 – Dados obtidos em relação ao tempo de atuação dos professores de PEB 2 sobre conhecer as ideias de Paulo Freire e Olavo de Carvalho.

Conhecimento sobre as ideias dos autores	Até 5a	6 até 15a	16 até 20a	Acima de 20a
Conhece as ideias de Paulo Freire	100%	100%	100%	88%
Conhece as ideias de Olavo de Carvalho	71%	21%	33%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota-se que todos que lecionam até 20 anos conhecem as ideias de Paulo Freires. Em relação a Olavo de Carvalho professores mais novos tendem a conhecê-lo.

Tabela 19 – Dados obtidos em relação ao tempo de atuação dos professores de PEB 2 sobre o grau de coerência.

Grau de coerência	Até 5a	6 até 15a	16 até 20a	Acima de 20a
Total	29%	14%	33%	50%
Alto	43%	57%	67%	38%
Intermediário	14%	29%	0%	13%
Baixo	14%	0%	0%	0%
Nenhum	0%	0%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Essa tabela pode dar um indicativo de que, quanto mais tempo o professor leciona, menos ele tende a ser influenciado pelo nome de um autor em sua resposta, consequentemente, ele tende a ser mais coerente em suas opiniões.

Pedagogos

Os pedagogos não se identificaram entre os rótulos de esquerda e direita e aqueles que se declararam são 50% dos que lecionam mais de 20 anos, se declarando de esquerda. Todos os pedagogos alegaram conhecer as ideias de Paulo Freire, com exceção de 33% dos que lecionam de 6 até 15 anos.

Em relação ao conhecimento de Olavo de Carvalho acontece uma tendência oposta da observada entre os professores de PEB 2, pois a tendência aparenta ser de que quanto mais tempo o pedagogo atua, mais tende a conhecer as ideias de Olavo de Carvalho.

Em relação ao grau de coerência

Professores do PEB 2

Tabela 21 – Dados obtidos dos professores de PEB 2 sobre a posição política relacionando o grau de coerência das respostas.

Posição política	Total	Alto	Intermediário	Baixo
Se declararam de esquerda	11%	25%	0%	0%
Se declararam de direita	11%	13%	0%	0%
Não se identifica com os rótulos esquerda e direita	78%	56%	83%	100%
Não sabe/Não quis responder	0%	6%	17%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A tabela 21 mostra que, dos professores que se manifestaram dentro dos rótulos esquerda e direita, todos possuem grau de coerência total ou alta.

Tabela 22 – Dados obtidos dos professores de PEB 2 dá relação das ideias de Paulo Freire relacionando com o grau de coerência das respostas.

Em relação a ideias de freirianas	Total	Alto	Intermediário	Baixo
Concordam com as ideias de Paulo Freire	78%	81%	100%	100%
Discordam das ideias de Paulo Freire	11%	19%	0%	0%
Não conhecem as ideias de Paulo Freire	11%	0%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se que quanto maior a porcentagem de concordância com as ideias de Paulo Freire, mas incoerente o professor tende a ser. Interessante também notar que, dos professores que não conhecem as ideias de Paulo Freire, todos estão com grau de coerência total.

Tabela 23 – Dados obtidos e dos professores de PEB 2 da relação das ideias de Olavo de Carvalho relacionando com o grau de coerência das respostas.

Em relação as ideias olavistas	Total	Alto	Intermediário	Baixo
Concordam com as ideias de Olavo de Carvalho	22%	19%	0%	0%
Discordam das ideias de Olavo de Carvalho	22%	19%	0%	100%
Não conhecem as ideias de Olavo de Carvalho	56%	63%	100%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se uma situação contrária à tabela 22. Quanto maior a porcentagem de concordância com as ideias de Olavo de Carvalho, mais coerente o professor. Os dados da tabela 22 e 23 indicam que, quanto mais os professores concordam em geral com as ideias Olavo de Carvalho, mais eles tendem a ser coerentes em suas ideias, enquanto o oposto é aplicado a Paulo Freire. Analisou-se na tabela 17 os professores separados agora em 4 grupos: "concordou apenas com Paulo Freire", "concordou apenas com Olavo de Carvalho", "concordou com ambos" e "não concordou com ambos."

Feita a separação, se chegou que 69% dos professores apenas concordaram com Freire, ninguém apenas concordou com Olavo de Carvalho, 19% concordaram com ambos e 19% não concordaram com nenhum. A análise com o grau de coerência está posta na tabela 24:

Tabela 24 – Dados obtidos dos professores de PEB 2 da relação de concordarem com ideias de ambos os autores relacionando com o grau de coerência das respostas.

Em relação as ideias de ambos os autores	Total	Alto	Intermediário
Grau de coerência total	23%	40%	40%
Grau de coerência alto	45%	60%	60%
Grau de coerência intermediário	27%	0%	0%
Grau de coerência baixo	5%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Pedagogos

Independentemente do grau de coerência, os pedagogos alegaram que em geral concordaram com as ideias de freirianas, a única diferença foi nos pedagogos com alto grau de coerência, dos quais 20% disseram que não concordavam com as ideias freirianas. Nenhum pedagogo disse que não conhecia as ideias de Paulo Freire. Em relação a Olavo de Carvalho, 100% dos que estão classificados com coerências intermediárias e baixas disseram discordar em geral das ideias de Olavo de Carvalho. Daqueles com alto grau de coerência, por sua vez, 40% disseram concordar com Olavo de Carvalho e 60% alegaram não conhecer as ideias dele.

Mesmo os pedagogos sendo o grupo que mais discordou das ideias olavistas, foram os quais mais tenderam apenas a Olavo de Carvalho (71%), como visto na tabela 17. E ainda foram parte do grupo que menos tendeu a Freire (29%), embora o grupo quase que em toda sua totalidade declarou concordar com as ideias de Paulo Freire (86%, visto na tabela 6).

Formandos

Tabela 25 – Dados obtidos dos formandos sobre a posição política relacionando com o grau de coerência das respostas.

Posição política	Total	Alto	Intermediário	Baixo
Se declararam de esquerda	40%	71%	0%	100%
Se declararam de direita	20%	0%	0%	0%
Não se identifica com os rótulos esquerda e direita	20%	29%	50%	0%
Não quis responder	20%	0%	50%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todos os formandos que se declararam de direita apresentaram grau de coerência total, indicando que o nome do autor, para esses, não interfere em aceitar ou não uma frase. Independentemente do grau de coerência, os formandos alegaram que em geral concordaram com as ideias de Paulo Freire. A única diferença foi nos formandos com alto grau de coerência, dos quais 14% disse que não conhece as ideias de Paulo Freire. Nenhum formando disse que em geral discorda das ideias freirianas em relação a olavistas, se tem a tabela 28:

Tabela 26 – Dados obtidos dos formandos da relação das ideias de Olavo de Carvalho relacionando com o grau de coerência das respostas.

Em relação as ideias de Olavo de Carvalho	Total	Alto	Intermediário	Baixo
Concordam com as ideias de Olavo de Carvalho	0%	14%	0%	0%
Discordam das ideias de Olavo de Carvalho	0%	14%	50%	100%
Não conhecem as ideias de Olavo de Carvalho	100%	71%	50%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se um fenômeno parecido com o observado nos professores do PEB 2 quanto mais o formando discorda das ideias de olavistas mas ele tende ser incoerente. Todos os formandos com grau de coerência total não conhecem as ideias olavistas.

Em relação ao se declarar como de esquerda ou direita

Professores do PEB 2

Será utilizado NS/NR par "não sabe/não quis responder."

Tabela 27 – Dados obtidos dos professores de PEB 2 e declaração política relacionando com a instituição de formação do participante. NS/NS significa

Instituição de formação	Esquerda	Direita	Não se identifica com tais rótulos	NS/NR
Públicas	100%	0%	27%	0%
Privada	0%	100%	73%	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como visto, todos os professores de esquerda são oriundos de instituições públicas enquanto todos de direita são de privada. Dos que não se identificaram com os rótulos ou não quiseram responder, a maioria se formou em instituição privada.

Tabela 28– Dados obtidos dos professores de PEB 2 e declaração política relacionando com o grau de coerência nas respostas.

Grau de coerência	Esquerda	Direita	Não se identifica com tais rótulos	NS/NR
Total	20%	33%	32%	0%
Alto	80%	67%	41%	50%
Intermediário	0%	0%	23%	50%
Baixo	0%	0%	5%	0%
Nenhum	0%	0%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota-se que tanto os que se declararam de esquerda e direita possuíram coerência alta ou total, coerência intermediária e baixa apenas apareceram nos participantes que não se identificam com rótulos ou não sabem/não quiseram responder.

Pedagogos

100% dos pedagogos de esquerda se formaram em universidade privada e tiveram grau de coerência intermediário. Dos que não se identificaram com os rótulos de esquerda e direita, 83% tiveram um alto grau de coerência e 17% baixo. Desses 83% se formaram em universidade privada e 17% em pública.

Formandos

Tabela 29 – Dados obtidos dos formandos e declaração política relacionando com a instituição de formação do participante

Instituição de formação	Esquerda	Direita	Não se identifica com tais rótulos	NS/NR
Pública	63%	0%	100%	50%
Privada	37%	100%	0%	50%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A maioria dos formandos de esquerda são oriundos da universidade pública enquanto todos de direita são de privada. Em relação a coerência os dados podem ser visto na tabela 30:

Tabela 30– Dados obtidos em relação dos formandos relacionado ao grau de coerência.

Grau de coerência	Esquerda	Direita	Não se identifica com tais rótulos	NS/NR
Total	25%	100%	25%	50%
Alto	63%	0%	50%	0%
Intermediário	0%	0%	25%	50%
Baixo	13%	0%	0%	0%
Nenhum	0%	0%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota-se que ao contrário dos professores de PEB 2, os que se declararam de esquerda não necessariamente obtiveram níveis de coerências em total e alto. Todavia, os que se declararam de direita foram 100% com grau de coerência total.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Polarização política e direita-esquerda

Os formandos e os professores de PEB 2 se comportaram de forma similar, indicando que há uma maior presença dentre os participantes a se declarar de esquerda e tender a Paulo Freire. Porém, os pedagogos indicam tender mais a Olavo de Carvalho.

O trabalho realizado por Brugnago e Chaia (2015) mostrou a intensificação de uma polarização política no Brasil a partir de 2014. No entanto, se tratou de um estudo mais voltado às redes sociais, às quais os próprios autores atribuem essa intensificação. Os dados do presente artigo demonstram que essa polarização realmente existe tanto nas universidades quanto nas escolas, já que houve participantes manifestando suas posições político-ideológicas. Entretanto, essas manifestações não foram homogêneas, podendo indicar um ambiente mais polarizado do que o outro.

A polarização política dentro das universidades ficou mais evidente do que fora dela, visto que os professores e pedagogos, em maioria, optaram por não se identificar com rótulos de esquerda e direita. Já os alunos em formação se manifestaram majoritariamente no espectro político-ideológico, indicando a possibilidade de maior engajamento na polarização política.

É interessante notar, na tabela 5, que a maioria dos participantes, com exceção dos formandos, não se rotulam como esquerda direita, embora nas falas de Brugnago e Chaia (2015) e Penteado e Lerner (2018) se fale de polarização, os rótulos de esquerda e direita em si podem não fazer sentido para os pedagogos e professores. Isso é explicado por Ostermann (2014), que diz rejeitar a dicotomia de Direita-Esquerda, além de defender a ideia de que esse modelo não passa nenhuma informação fidedigna das opiniões e preferências do indivíduo. O fato dos formandos se identificarem mais com os rótulos é explicado na tabela 2, onde mostra que os formandos participantes vieram em sua maioria da universidade pública

Aceitação das frases e desvalorização reativa

É possível notar que, conforme a tabela 27, todos os participantes formados em instituições públicas se manifestaram de esquerda, enquanto todos os formados em instituições privadas se declararam de direita. Além do mais, pode-se notar, a partir da tabela 17, que o número de participantes que se declaram de esquerda tende a ser maior entre os que estão no início da carreira, enquanto que os grupos dos que lecionavam há mais tempo se demonstraram equilibrados entre os extremos político-ideológicos, o que pode indicar que o número de professores recém formados que se declaram de esquerda aumentou nos últimos anos. Essa polarização é similar à descrita por Penteado e Lerner (2018), indicando que as conhecidas Jornadas de Junho de 2013 ainda podem possuir interferência atualmente.

Analisando a concordância com as frases ao se trocar os nomes atribuídos a elas, nota-se que existiu uma tendência dos professores PEB 2 e os formandos de concordar mais com as frases quando o nome de Paulo Freire havia sido exposto. Já os pedagogos tiveram tendências relevantes para os dois autores, apresentando também serem menos coerentes. Esses dados podem ser vistos na tabela 15.

No filtro de instituição de formação (pública ou privada), na tabela 16, os professores PEB 2 formados em instituições públicas majoritariamente tenderam apenas a Paulo Freire ou a ambos os autores. Já os professores PEB 2 das instituições privadas tenderam majoritariamente ou para Paulo Freire ou para Olavo de Carvalho. É possível afirmar que, nos professores formados em instituições públicas, se observou uma maior repulsa em relação a Olavo de Carvalho, visto que não houve qualquer tendência

exclusiva a esse autor. Esse fenômeno pode ser atribuído à desvalorização reativa explicada por Maoz (2002). Observou-se um fenômeno interessante entre todos os pedagogos formados em instituições públicas, os quais afirmaram que concordavam em geral com as ideias de Paulo Freire e também concordavam com as ideias de Olavo de Carvalho.

Por tempo de atuação, inicialmente, foi possível notar que o conhecimento das ideias de Paulo Freire é unânime até os 20 anos de profissão. No entanto, se observou na tabela 18 que uma pequena parte dos professores que atuam há mais de 20 anos não conhecem as ideias de Paulo Freire. Isso pode ser explicado por Saul (2012), que diz que a presença de Paulo Freire no setor educacional se intensificou do ano de 1992 em diante, ou seja, 26 anos antes da presente pesquisa. Logo, não é de se estranhar que alguns professores que lecionam há mais de 20 anos nem sequer conheçam as ideias freireanas.

O exato oposto foi observado para Olavo de Carvalho na mesma tabela 20, ou seja, os professores que atuam há menos tempo são os que mais conhecem as suas ideias. O comportamento desses dados pode ser considerado como de acordo com as afirmações postas por Penteado e Lerner (2018), os quais afirmam que esse autor tem grande influência em termos de mobilização nas redes sociais, mais comumente utilizadas pelos jovens e que também apresentaram grande crescimento nos últimos anos. Isso pode ter levado ao crescimento também das páginas de redes sociais associadas a Olavo de Carvalho, tornando suas ideias mais conhecidas. Na tabela 19, se observa que a coerência dos professores que atuam há mais tempo tende a ser maior que a coerência daqueles que lecionam há menos tempo. Esse comportamento pode ser um indicativo de que quanto mais experiente for o professor, menos ele tende a ser influenciado pelos nomes atribuídos às frases.

Ao se aplicar o filtro por coerência, notou-se que os professores de PEB 2 se posicionaram politicamente foram mais coerentes a partir da tabela 25, enquanto os professores que não se identificaram foram menos coerentes. Em termos de concordância com Paulo Freire, notou-se que os professores menos coerentes foram os que mais disseram que concordavam com o autor. Dos formandos ninguém que discordava das ideias freirianas.

Dos professores do PEB 2 e os formandos de licenciaturas, é indicado que, quanto mais discordam das ideias de Olavo de Carvalho, mais tendem a ser incoerentes (tabelas 25 e 28). Isso indica uma repulsa às ideias de Olavo de Carvalho, que pode ser explicada pela desvalorização reativa descrita por Maoz (2002), pois o simples fato de uma ideia ser atribuída a um autor com o qual o participante não concorda pode levá-lo à discordância da ideia como um todo, o que é perigoso para uma discussão democrática.

A desvalorização reativa pode estar ligada à polarização política do Brasil, embora na tabela 30 seja visto que o professores de PEB 2 autodeclarados de esquerda e direita não possuíram graus de coerência total e alto. O mesmo não aconteceu com os formandos, pois aqueles que se declararam de esquerda chegaram a obter grau de coerência baixo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A polarização pela qual o Brasil está passando desde 2013 chegou na sala de aula, embora a dicotomia Esquerda-Direita não seja assumida pelos professores de PEB 2 e pelos pedagogos. O nome do autor interfere na aceitação da frase, indicando que nessa polarização política uma das coisas que está influenciando é apenas o nome do autor e não o conteúdo e os argumentos utilizados pelo mesmo. Além disso, foi observado que em relação a Olavo de Carvalho há uma reprovação prévia das ideias apenas por ser apresentado como dele, chamado pela literatura de desvalorização reativa, o que possivelmente pode ser oriundo da polarização política do Brasil.

Os dados trazidos no presente artigo trazem indícios que de fato há sim uma maior tendência dos formandos de instituições públicas se declararem de esquerda, assim como tenderem mais aceitar frases e afirmações apenas por serem atribuída a Paulo Freire, mostrando que o que importa é apenas o autor da frase e não que ela está dizendo. Porém ainda é cedo afirmar que Paulo Freire esteja sendo ensinado de forma dogmática nas universidades públicas e isso é apenas um indício.

REFERÊNCIAS

AMARAL, O. E.; RIBEIRO, P. F. Por que Dilma de novo? Uma análise exploratória do Estudo Eleitoral Brasileiro de 2014. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v.23, n.56, p.107-123, dez. 2015.

BRUGNAGO, F.; CHAIA, V. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Aurora: revista de arte, mídia e política,* São Paulo, v.7, n.21, p.99-129, out.2014-jan.2015.

CARVALHO, O. *O imbecil coletivo II: a longa marcha da vaca para o brejo e, logo atrás dela, os filhos da PUC*. 1. Ed, Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

CARVALHO, O. *O imbecil coletivo: Atualidades intelectuais brasileira* 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2018a.

CARVALHO, O. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. 30.ed. Rio de Janeiro: Record, 2018b.

FREIRE, A. M. A. *Paulo Freire: Uma história de vida*. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 53.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LESTER, J. C. The evolution of the political compass (and why libertarianism is not right-wing). *Journal of Social and Evolutionary Systems*, Londres: v.17, n.3, p.231-241, 1994.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo: n.124, p. 652-664, out.-dez. 2015.

MAOZ, I. et al. Reactive devaluation of an "Israeli" vs. "Palestinian" Peace Proposal. *Journal of Conflict Resolution,* College Park, v.46, n.4, p.515-546, 2002.

MENEZES, M. G.; SANTIAGO, M. E. Um estudo sobre a contribuição de Paulo Freire para a construção crítica do currículo. *Espaço do Currículo,* Recife, v.3, n.1, p.395-402, mar.-set. 2010.

MIGUEL, L. F. Da "doutrinação marxista" à "ideologia de gênero" – Escola Sem Partido e as leis da mordaça no parlamento brasileiro. *Revista Direito e Práxis,* Rio de Janeiro, v.7, n.15, p.590-621, ago. 2016

OLIVEIRA, A. J.; ONUKI, J. Eleições, Partidos Políticos e Política Externa no Brasil. *Revista Política Hoje,* São Paulo, v.19, n.1, p.144-185, 2010.

OSTERMANN, F. M. *Os liberais e o espectro político unidimensional: direita, esquerda ou algo mais?* 115 f. Dissertação (Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2014.

PENTEADO, C. L. C.; LERNER, C. A direita na rede: mobilização online no impeachment de Dilma Rousseff. *Revista Em Debate*, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.12-24, abr. 2018.

ROTHBARD, M. *Esquerda e direita: perspectivas para a liberdade.* 1.ed. Campinas: CEDET, 2016.

SAUL, A. M. O Pensamento de Paulo Freire na educação brasileira: análise de sistemas de ensino a partir de 1990. *Currículo Sem Fronteiras*, São Paulo, v.12, n.3, p.37-56, set.-dez. 2012.

SIEGEL, H. The Oxford Handbook of Philosophy of Education. In: CALLAN, E.; ARENA, D. *Indoctrination.* 1.ed. Oxford: Oxford University Press, 2009. cap.3, p.104-121.

TAROUCO, G. S.; MADEIRA, R. M. Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v.21, n.45, p.149-165, mar. 2013.

Recebido em: 10.09.2020
Aprovado em: 16.11.2020

OLAVO DE CARVALHO E A GUERRA CULTURAL DAS NOVAS DIREITAS: ENTREVISTA COM ALVARO BIANCHI[1]

Olavo de Carvalho and the cultural wars of the new right: an interview with Alvaro Bianchi

Entrevistado

Alvaro **BIANCHI**
Universidade Estadual de Campinas
abianchi@unicamp.br
https://orcid.org/0000-0001-5201-5923

Entrevistadores

Aline Vanessa **ZAMBELLO**
Universidade Estadual de Campinas
alinezambello@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2274-7952

Ivan Henrique de Mattos e **SILVA**
Universidade Federal do Amapá
ivansilva@unifap.br
https://orcid.org/0000-0002-4373-5037

Josnei di **CARLO**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil
josnei.boas@ies.unespar.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-9319-4750

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

[1] A entrevista oral foi realizada em 22 de abril de 2021, no Youtube, e sua transcrição foi realizada pelos entrevistadores e revisada pelo entrevistado em agosto de 2021. Entrevista oral disponível em: https://youtu.be/JvbJk8SBs8M

Em Tese, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 67-79, set./dez., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina.
ISSN 1806-5023. DOI: https://doi.org/10.5007/1806-5023.2021.e83706

Alvaro Bianchi é professor livre-docente, coordenador do Laboratório de Pensamento Político (Pepol/Unicamp) e, atualmente, diretor do Instituto de Filosofia em Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Referência internacional em Antonio Gramsci, foi *visiting researcher* na Fondazione Gramsci e é membro do Comitê de Coordenação da International Gramsci Society e do corpo editorial do *International Gramsci Journal*. De seu vasto currículo, destacamos sua vinculação ao pensamento político gramsciano porque ela é a ponte que liga a suas pesquisas recentes sobre as novas direitas, especialmente dedicadas à obra literária de Olavo de Carvalho – temas que orientaram a entrevista que nos concedeu para o dossiê "Nova Direita no Brasil: matrizes teóricas, intelectuais e discursivas".

Uma entrevista é um processo coletivo não só por envolver entrevistado(s) e entrevistador(es), mas também por abranger a articulação de outras pessoas para a sua realização. Foi o caso desta entrevista, em razão de Rodolfo Palazzo Dias (UFRJ) nos ter colocado em contato com o professor Bianchi. Entretanto, seu caráter coletivo foi acentuado por ser derivada de uma *live* realizada em 22 de abril de 2021 no Youtube. O público da *live*, portanto, foi um dinamizador do debate, com suas reações e perguntas, merecendo ser lembrado.

Ao transcrevermos as perguntas e respostas em agosto de 2021, intervimos ativamente. De um lado, com supressões de uma ou outra delas para evitar repetições desnecessárias em um texto escrito. De outro, reordenando-as para dar mais organização temática à entrevista. Em ambos os casos, com a mediação de Bianchi, com ele fazendo correções e acrescentando novas ideias com a leitura da transcrição. Assim, o público leitor desta entrevista tem outro produto em mãos, pelo fato de o texto ter ganho novas camadas sobre os temas debatidos oralmente na *live*.

Professor, em sua trajetória acadêmica, destacam-se as pesquisas sobre pensamento político, especialmente de Antonio Gramsci. Portanto, gostaríamos de saber como Olavo de Carvalho veio a se tornar objeto de pesquisa para você?

Esse objeto, em certo sentido, me procurou. Assim como procurou a todos nós, ao aparecer na esfera pública nos debates contemporâneos. Pareceu-me, então, interessante e importante refletir sobre isso.

Inicialmente, minha preocupação era o pensamento político conservador, que foi um desdobramento das minhas pesquisas sobre o pensamento político e a história da ciência política estadunidenses. As primeiras correntes que me chamaram a atenção foram a dos

neoconservadores, que tiveram um papel destacado no governo Ronald Reagan, e a que se organizava em torno de William Buckley e da revista *National Review*. Sobre Buckley e a *National Rewiew* cheguei a escrever um ensaio que foi publicado no livro *Direita Volver*, editado pela Fundação Perseu Abramo em 2015. Nele, analiso a trajetória de Buckley e o que caracteriza seu pensamento político como conservador. E essas investigações me levaram a refletir sobre o pensamento conservador brasileiro contemporâneo.

A esse interesse pelo pensamento conservador se somou uma questão que nascia de meu envolvimento e o meu interesse nas pesquisas sobre Antonio Gramsci. Como Gramsci, em determinada conjuntura política brasileira, veio a ser o inimigo público número um dos conservadores, ao se tornar o suposto proponente de uma "revolução gramscista" – este termo que é geralmente usado – e a encarnação do mal na sociedade contemporânea, aquele que deve ser derrotado? Isso me fez ir aos textos de Olavo de Carvalho para ver quando esse tema aparecia no seu pensamento, onde se materializava e de que modo ele construía o seu discurso. A própria construção do inimigo, que é na verdade a construção de uma ideologia do mal, era o que me interessava e o que me motivou a ler seus escritos, sua obra e me informar sobre o tema.

Professor, quais são os acertos e os equívocos de Olavo de Carvalho sobre a vida e a obra de Antonio Gramsci?

Olavo de Carvalho conhece muito pouco do pensamento gramsciano. Do mesmo modo desconhece a biografia de Gramsci. Por exemplo, em mais de uma ocasião Olavo de Carvalho fala da filha de Gramsci. Mas Gramsci não teve uma filha. Teve dois filhos. É uma leitura superficial eivada de equívocos. Mas isso não me interessa. Não creio que seja frutífero discutir os equívocos de Olavo de Carvalho na leitura deste ou daquele autor. Olavo de Carvalho não é um filósofo profissional. Não almeja essa posição, a meu ver. É mais eficiente, portanto, desvelar os dispositivos retóricos que garantem a eficácia de seu discurso. Por que um discurso político-filosófico cheio de equívocos e muitas vezes primário é eficaz? É isso que precisamos nos perguntar, pois revelar os erros não vai tornar esse discurso menos eficaz. Por isso é preciso conhecer a obra de Olavo de Carvalho.

Nas obras de Olavo de Carvalho, destacadamente a trilogia formada por *A Nova Era e a Revolução Cultural* (1994), *O Jardim das Aflições* (1995) e *O Imbecil Coletivo* (1996), mas também em *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota* (2013), que é uma coletânea de artigos já das redes sociais, há uma fixação por

Antonio Gramsci, como se ele fosse a materialização do que há de pior no discurso filosófico e político. Por que Gramsci foi elevado ao grande inimigo das novas direitas?

No contexto estadunidense, creio que o inimigo principal é a Escola de Frankfurt e não Gramsci. Essa cruzada contra o marxismo cultural começa nos Estados Unidos como uma cruzada contra a Escola de Frankfurt. Mas, na América Latina, Gramsci ocupou desde muito cedo um lugar importante no processo de renovação das esquerdas latino-americanas. Gramsci começou a ser traduzido para o espanhol pela editora Lautaro, da Argentina, já nos anos 1950. Ou seja, pouquíssimo tempo depois de começar a ser publicado na Itália. Começou a ser traduzido para o português em 1966, por iniciativa editora Civilização Brasileira. E o processo de renovação das esquerdas latino-americanas têm em Gramsci, particularmente depois da derrota das guerrilhas nos anos 1960 e 1970, um de seus protagonistas. Gramsci é um pouco o inimigo incontornável para os conservadores latino-americanos porque eles, assim como os gramscianos, escolhem como terreno do conflito a cultura, concebida a partir de uma leitura fortemente política. O pensamento conservador sempre considerou a cultura como o seu território e sempre se colocou no conflito em um contexto fortemente cultural. Com Gramsci as esquerdas se colocaram em um campo de batalha que até então era monopólio dos conservadores. E estes reagiram.

As primeiras reações já datam dos anos 1970 e um anti-gramscismo latino-americano começa a se manifestar no início dos anos 1980. No Brasil, isso chega tardiamente, comparado com o Chile e a Argentina, por exemplo. E chega por intermédio de Olavo de Carvalho, que diz que começa a se preocupar com o gramscismo e o gramscismo petista em 1987. Esta data faz todo sentido porque coincide com V Encontro Nacional do PT, no qual o Partido dos Trabalhadores discute pela primeira vez o que seria uma estratégia petista, chamada estratégia democrático-popular, e o faz a partir de uma leitura muito particular de Gramsci: de que ele seria justamente o teórico da luta de longa duração no interior das instituições. A reação de Olavo de Carvalho é, em primeiro lugar, uma reação a essa recuperação que PT passa a fazer das ideias de Gramsci e a tradução dessas ideias em uma estratégia política. Enfim, creio que Gramsci se torna o inimigo público número um porque justamente ele é incontornável na América Latina e ele é incontornável no Brasil. Se tomarmos o léxico político das esquerdas a partir dos anos 1980, veremos que esse léxico se constrói em torno de categorias que são fundamentalmente categorias gramscianas: a de sociedade civil, de hegemonia, de bloco histórico, de

intelectuais orgânicos, etc. E isso não está presente apenas no PT, mas nas outras vertentes políticas, intelectuais e culturais, que passam a organizar o seu discurso a partir dessas categorias. É Gramsci que se impõe a esse pensamento conservador como um obstáculo incontornável e esses conservadores têm a sagacidade necessária para compreender contra quem estavam lutando, quem deveriam enfrentar.

Professor, o que diferencia a nova direita da velha direita? E qual o contexto que marca essa nova direita?

É interessante nós retomarmos um artigo de Flávio Pierucci sobre as novas direitas no Brasil. Um artigo em que ele publica em 1987 sobre as bases da nova direita, analisando os resultados eleitorais em São Paulo e a persistência de certas correntes político-ideológicas na capital paulista. Aí ele identificava uma característica daquilo que estava chamando de nova direita, na época, que era um discurso social. Ele dizia que essa nova direita se diferenciava da antiga por carregar consigo uma pauta social que não estava presente anteriormente. Os discursos das velhas direitas assumiam sempre uma conotação contrária ao *welfare state*, que a nova direita não demonstrava com o mesmo vigor. Isso permitia à nova direita estabelecer um diálogo mais efetivo com grupos sociais subalternos. Subalternos, aqui, é uma categoria gramsciana, não de Pierucci. Nós estamos perante outro fenômeno porque essas novíssimas direitas, coloco propositalmente no plural para destacar sua variedade, praticamente eliminam de seu discurso um programa social, que estava presente no discurso da direita dos anos 1970, 1980 e início dos 1990. Isso, para mim, é uma inovação importante sobre a qual nós devemos refletir.

Por outro lado, é importante percebermos correntes políticas e intelectuais emergentes: o conservadorismo tradicionalista, os ultraliberais e os cristãos fundamentalistas. Se formos analisar as direitas pregressas, veremos que esses três grupos não eram os mais importantes em contextos políticos e intelectuais anteriores. Ou seja, eram outras as forças políticas e intelectuais que organizavam as direitas. Existiam correntes cristãs fundamentalistas, mas nelas não havia um componente evangélico ou pelo menos ele não era muito marcante, predominando uma vertente católica muito forte, sim. Mas esse novo componente evangélico, que adquire uma força na vida política nacional a partir da Constituinte, ou seja, a partir de 1988 – trata-se da primeira participação organizada dos evangélicos na vida política – dá todo um novo sentido a essa corrente cristã fundamentalista, à qual precisamos estar atentos. Entre outras razões porque

incorpora uma dimensão que é menos elitista e mais popular. E isso a meu ver é novo. Temos, portanto, novas correntes, hoje, configurando essas novas direitas.

Não há apenas diferenças e rupturas com aquilo que poderíamos chamar das velhas direitas. Há traços de continuidade, como falei anteriormente e que são importantes pesquisar, mas há também inovação política, ideológica, organizativa, etc. Enfim, são novos fenômenos aos quais devemos estar atentos. A mesma coisa podemos dizer em relação aos ultraliberais. Há ultraliberais nos anos 1950 e 1960? Sim, há Eugenio Gudin, Roberto Campos e outros. Mas o neoliberalismo contemporâneo assume características distintas daquele precedente, embora dialogue com ele. Chama a atenção, por exemplo, a ênfase que a escola austríaca, em particular Ludwig von Mises, assumiu no discurso político-ideológico dos ultraliberais nas últimas décadas.

Professor, você deu uma entrevista para o Instituto Humanitas Unisinos (IHU) em que disse que Olavo de Carvalho é mais um efeito da nova direita do que uma causa dela. Independente de não ser o criador desse campo, gostaria que você desenvolvesse um argumento relacionado à tese de Camila Rocha. No argumento dela, a nova direita *lato sensu* – ressalvadas as suas especificidades internas, que são várias – é um grupo que tinha identificações temáticas valorativas, mas não tinha um conteúdo discursivo uniforme. Inclusive se constitui antes como um "contra-público", segundo a tese dela. Qual seria o papel, se é que ele teve, de Olavo de Carvalho no fornecimento de uma linguagem política para nova direita? Em suma, é possível pensar Olavo de Carvalho como um intelectual orgânico da nova direita?

Olavo de Carvalho é um intelectual e é um intelectual no sentido gramsciano. Não precisamos sequer recorrer à ideia de "intelectual orgânico". Uma ideia com a qual tenho cada vez mais dúvida e é uma ideia bastante secundária no complexo processo de construção conceitual no interior dos *Cadernos do Cárcere*. Há lugares bastantes específicos nos quais ela aparece, mas não é uma ideia constante nos *Cadernos*. Mas fiquemos com essa ideia. Olavo de Carvalho é um intelectual por ser um organizador da cultura, em um sentido gramsciano. E é talvez um dos intelectuais mais importantes do Brasil contemporâneo. Sei que isso pode parecer chocante. Mas é uma realidade que devemos aceitar e que devemos procurar compreender.

Sobre o lugar de Olavo de Carvalho no que chamamos de novas direitas, tem relações de ruptura, mas também de continuidade com movimentos anteriores na vida política e cultural brasileiras. Recentemente, pesquisas – como, por exemplo, as realizadas

por Odilon Caldeira Neto sobre o neointegralismo – têm enfatizado certas persistências ideológicas, mas também certas persistências organizativas no âmbito das direitas brasileiros. E creio que devemos imaginar essas direitas procurando compreender a sua pluralidade e heterogeneidade. Por isso gosto de enfatizar os plurais aqui: novas direitas e não apenas nova direita.

Destas novas direitas creio que nas últimas décadas três grandes vertentes se manifestaram na nossa vida política e cultural. Uma vertente que é encarnada pelo próprio Olavo de Carvalho e expressa um conservadorismo tradicionalista. Não estou usando "tradicionalista" exatamente na mesma acepção de Benjamin Teitelbaum ao analisar as ideias de Aleksandr Dugin, Julius Evola, René Guénon e Olavo de Carvalho. Penso em uma vertente política e cultural mais ampla que se organiza em torno de uma ideia de recusa da modernidade. Entram correntes de caráter místico e político, como Evola, Dugin e Olavo de Carvalho, mas outras correntes que também têm esse denominador em comum. Uma segunda vertente é a dos ultraliberais, que se organizam em torno, por exemplo, do Instituto Mises, do MBL, de institutos de estudos empresariais, etc., ou seja, iniciativas bastante diversificadas. Por fim, uma terceira vertente seria dos cristãos fundamentalistas.

Essas três vertentes têm pontos de concordância, mas também têm vários pontos de divergência. E não são as ideias de Olavo de Carvalho que soldam essas diferentes vertentes em um único movimento. Os cristãos fundamentalistas permanecem com formas próprias ideológicas que se distinguem bastante dos postulados de Olavo de Carvalho. Creio que é mais interessante falarmos de confluências, de concordâncias e de terrenos em comum do que procurarmos um artífice de um movimento ideológico unitário que daria coerência a essas novas direitas.

A trajetória de Olavo de Carvalho indica que é um comunicador habilidoso. Entre os anos 1990 e 2000, escreveu para a revista *Bravo*, que era voltada para um público culto. Seus ensaios demonstravam erudição, mas eram marcados pelo conservadorismo. Neles, a arte e a cultura contemporâneas eram decadentes. Em 2002, Olavo de Carvalho cria o *site Mídia Sem Máscara*. Gradativamente vai migrando para a Internet, que exige outra linguagem, não mais a mesma usada por ele nos ensaios da *Bravo*. Hoje, as redes sociais são o principal espaço ocupado por ele. Nelas, divulga e faz circular suas ideias. Agora sua linguagem está marcada pelo baixo calão. Olavo de Carvalho, pelo fato de não ser um intelectual institucionalizado na academia, procura fazer as suas ideias circularem por diferentes espaços. Assim,

possivelmente tem de mudar o seu estilo conforme o meio utilizado: uma linguagem mais culta na *Bravo*, mais densa em seus livros e mais chula nas redes sociais. Professor, realmente Olavo de Carvalho muda sua linguagem conforme o suporte usado por ele? E quais são as habilidades dele como comunicador?

Tenho familiaridade com os livros de Olavo de Carvalho e evidentemente o acompanho nas redes sociais. E uma coisa que me chamou bastante atenção quando comecei a ler esses livros é de que ele era capaz de mobilizar e articular uma retórica que me pareceu muito eficiente, com vários estilos. Por exemplo, tem um ensaio, que aparece em dois ou três livros dele – na verdade uma conferência de lançamento de *O Imbecil Coletivo*, de 1996, que é o último e mais vendido livro de sua trilogia, os outros são *A Nova Era e a Revolução Cultural* e *Jardim das Aflições* – em que expõe dramaticamente o conflito entre as figuras bíblicas Behemoth e Leviatã, que representaria o conflito fundamental e presente no mundo contemporâneo. Behemoth representando as necessidades naturais às forças obedientes a Deus e Leviatã a encarnação da infra-natureza diabólica e da rebelião. A questão toda é como evitar a vitória de Leviatã e garantir a vitória Behemoth. Nesse conflito entre as forças do bem e do mal se organiza o discurso político e filosófico de Olavo de Carvalho. O texto tem uma força retórica muito grande e eu o considero muito eficiente, é por meio dele que seu autor constrói a legitimidade do que vem a seguir. Mas quando voltamos para o restante de *O Imbecil Coletivo* vemos que é uma obra bastante estratificada: com alguns textos nos quais o autor procura estabelecer claramente um diálogo com referências à alta cultura e outros textos nos quais a linguagem se próxima muito daquilo que nós vemos hoje nas redes sociais. Uma linguagem muito agressiva, muito misógina, muito sexista, enfim, marcada por elementos escatológicos, uma linguagem de baixo calão. Isso também nós encontramos nos livros.

Por exemplo, tomemos um livro como *A Nova Era e a Revolução Cultural*. É um livro, digamos, um pouco estranho. Tem um capítulo introdutório sobre Fritjof Capra, o autor de *Ponto de Mutação*, no qual Olavo de Carvalho entra numa discussão sobre esse livro. É interessante esse capítulo porque claramente tenta demonstrar erudição, em particular quando discute o I-Ching. Cita as várias edições, porque ele prefere uma edição a outra. Ali ele está abrindo sua caixa de ferramentas e mostrando para o seu público certo conhecimento. O capítulo sobre Gramsci é diferente, é mais apressado, várias informações equivocadas, percebe-se claramente que sequer conhece elementos básicos da biografia de Gramsci, quanto mais da bibliografia gramsciana. E a seguir um conjunto de ensaios, a maioria dele escritos para a imprensa. Nesses escritos de ocasião em que justamente nós

vemos um deslocamento lexical, nós vemos outra retórica sendo articulada e percebemos claramente que é outro o público. Aqui acredito estar uma virtude demonstrada por Olavo de Carvalho, que é de se dirigir a vários públicos e de cativar de maneiras diferentes públicos diversos, desde aquele público leitor, por exemplo, nos anos 1990 da revista *Bravo*, até aquele que depois passou a acompanhar o *site Mídia Sem Máscara* e que hoje o segue no Twitter ou no Facebook.

A replicação das ideias de Olavo de Carvalho ocorre fortemente por meio dos cursos que leciona na Internet. É uma forma de ele multiplicar essas correntes de pensamento conservador. Professor, qual sua percepção sobre a circulação dessas ideias entre as novas direitas? Enfim, como funciona a capilarização do pensamento de Olavo de Carvalho, que tem ganhado força e relevância no contexto atual?

Apesar de toda a indisposição de Olavo de Carvalho com as ideias de Antonio Gramsci, nós podemos dizer que o programa político e intelectual de Olavo de Carvalho é de tipo gramsciano, no sentido de que não apenas ele define a cultura como um terreno privilegiado do conflito político, mas também por ele perceber claramente a importância de formar intelectuais. Ou seja, a importância dessa vertente conservadora no cenário político nacional está no fato de almejar formar seus próprios intelectuais. Isso é o que ele faz por meio de seus cursos, formar uma camada de intelectuais que se situa fora do aparelho universitário. Na verdade, não necessita desse aparelho universitário para se constituir e, em certo sentido, se constitui em oposição a esse aparelho. E faz isso, a meu ver, de maneira bem sucedida. Hoje nós encontramos esses intelectuais olavistas que reproduzem as suas ideias para diferentes públicos, aumentando o alcance delas e conferindo-lhe maior eficácia.

Nesse sentido eu relembro uma nota de Antonio Gramsci a respeito de Benedetto Croce. Gramsci dizia que a eficácia do pensamento de Croce estava, por um lado, em sua clareza e, por outro, na vasta rede atingida por esse pensamento no sistema escolar italiano. O que Gramsci dizia era que a difusão das ideias de Croce se devia à sua capacidade de apresentar suas ideias para os professores das escolas e por meio deles atingir públicos que não o liam diretamente, mas que recebiam essas ideias por meio de um processo de tradução promovido pelos docentes. No caso de Olavo de Carvalho, nós estamos falando de ideias que não transitam por esses canais institucionais, mas se difundem por outros meios, dos quais podemos destacar as editoras, *blogs*, *influencers* das diferentes plataformas – YouTube, Twitter, Facebook, etc. Enfim, há diferentes pontos de

irradiação dessas ideias e Olavo de Carvalho alimenta essa circulação de maneira muito eficaz.

Sabemos que Olavo de Carvalho tem penetração no campo jornalista. Pedro Bial, por exemplo, o elogiou como uma das grandes cabeças do Brasil. No campo acadêmico, porém, parece não ter se dado da mesma forma, inclusive com ele sendo visto de forma meramente caricatural, sem reconhecer suas habilidades como comunicador. Contudo uma passagem do último livro de Bruno Paes Manso pode nos ajudar a relativizar e problematizar isso. Em *A República das Milícias* lemos: "[...] Conheci e comecei a ler os textos de Olavo na internet em 2002, quando cumpria meus créditos para o doutorado no Departamento de Ciência Política da USP. O nome dele me foi indicado pelo meu professor e orientador Oliveiros S. Ferreira, referência no debate político nacional e quem também havia sido diretor de redação e chefe dos editorialistas do jornal *O Estado de S. Paulo*. Oliveiros me disse que Olavo era a única pessoa que ele lia com interesse na imprensa daquela época. [...]" (p. 278). Professor, será que os leitores acadêmicos de Olavo de Carvalho se esconderam, talvez até por conta de sua imagem caricatural na academia? Ou sua penetração na academia se deu de forma informal, por meio de conversas como essa relatada por Manso?

Só posso intuir e pensar nas pistas para nós pesquisarmos. Mas a resposta que darei a essa questão vai de encontro à entrevista que dei ao Instituto Humanitas Unisinos a respeito da hegemonia do marxismo nas universidades. Primeiro temos de nos perguntar de qual universidade estamos falando. Afinal, o sistema de ensino superior brasileiro é grande, diversificado e estratificado. Ele é muito complexo. Quando falamos, por exemplo, da suposta hegemonia do marxismo nas universidades, perguntava, na ocasião, hegemonia onde? Nas faculdades de direito, de medicina, de engenharia? Certamente, não. Mas não são esses cursos que concentram os maiores recursos existentes nas universidades: número de professores, de financiamentos, etc. De que universidade estamos falando? Quando saímos dos cursos de Filosofia e de Ciências Sociais, provavelmente encontraremos um número maior de leitores da obra de Olavo de Carvalho.

Na minha universidade – Universidade Estadual de Campinas, que é um dos alvos preferidos de Olavo de Carvalho, mas também dos ultraliberais, por conta do Instituto de Economia e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – temos professores que explicitamente se vincularam a movimentos ultraliberais e se manifestaram, ativamente, não apenas por ocasião de greves, mas também em assembleias docentes, por meio da

imprensa, de redes sociais, etc. Enfim, há esses leitores, estão também nas universidades e são mais presentes do que imaginamos.

Mas, sim, nas humanidades, esses leitores são em número muito menor do que nesses outros cursos que mencionei e a filosofia de Olavo de Carvalho não é levada a sério. Pode haver casos como o de Oliveiros S. Ferreira? Sim e devemos esperar isso, mas será um fenômeno marginal. Permito-me desviar-me um pouco do tema para comentar a respeito deste personagem. Trata-se de uma figura ímpar. Oliveiros foi provavelmente o primeiro leitor de Gramsci na antiga Faculdade de filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Tomou contato com a obra do sardo no início dos anos 1960, durante um estágio de pós-doutorado na França, e utilizou suas ideias em seus cursos. Mais tarde escreveu um livro sobre Gramsci, intitulado *Os 45 Cavaleiros Húngaros* (1986). Pois bem, Ferreira era, como se sabe, um conservador, ou como um intérprete sagaz e irônico afirmou, um "revolucionário da ordem". Que a admiração por Gramsci e Olavo coexistissem no pensamento deste professor não causa espécie a quem o conheceu. Mas não deixa de ser uma convivência inusitada, nem o sardo nem seu antagonista se sentiriam confortáveis.

Professor, qual é a função da erudição no pensamento de Olavo de Carvalho?

A erudição cumpre uma função de legitimação. Sem construir um discurso filosófico que aponte para a alta cultura, sem afirmar a legitimidade do discurso filosófico perante a alta cultura, este pensamento não atingirá de modo eficaz um público mais amplo. Não esqueçamos que Olavo de Carvalho se apresenta e é apresentado por seus discípulos como filósofo e professor. Sem procurar dialogar com aquilo que a alta cultura afirma como legítimo, Olavo de Carvalho não poderia fazer o seu escarcéu no Twitter e no Facebook. Uma prática discursiva está fortemente vinculada a outra: a legitimidade que Olavo de Carvalho adquire em uma determinada esfera se transforma em um capital simbólico, que é reinvestido em outra dimensão discursiva. E aqui reside toda a sua eficácia. Por isso Olavo de Carvalho, repetidamente vai mencionar os expoentes da alta cultura que avalizam a sua obra. Ele nunca fez isso com Oliveiros S. Ferreira, provavelmente porque Ferreira se manteve discreto a respeito dele. Mas frequentemente citou jurista Ives Gandra, o poeta Bruno Tolentino e outros mais. Aliás, sempre são os mesmos avalistas que aparecem repetidamente em sua obra.

Professor, para terminar a nossa entrevista, a despeito de atritos recentes de Olavo de Carvalho com os militares, é possível falar em uma aproximação de objetivos das Forças Armadas com os objetivos dele ou são projetos distintos que tem apenas Jair Bolsonaro como denominador comum?

Para mim, é uma aliança de ocasião. As Forças Armadas, e quem estuda isso há mais tempo conhece o tema melhor do que eu, tem uma ideologia própria, destilada ao longo de décadas e assentada em um conservadorismo de tipo modernizante. Ou seja, o pensamento conservador que é característico das Forças Armadas não está assentado em um discurso de oposição à modernidade. Pelo contrário, os militares no Brasil sempre se viram como agentes da modernização nacional. Há pontos de convergência: nós podemos dizer que o anticomunismo evidentemente é um traço em comum na ideologia da caserna e no pensamento de Olavo de Carvalho, é um ponto que permitem uma confluência no contexto do governo Bolsonaro. Mas não creio que as ideias de Olavo de Carvalho tenham influenciado de alguma maneira o modo como os militares veem uma concepção de mundo, que organiza a prática política dos militares. Creio que há uma concordância e uma coincidência de objetivos comuns, mas não há uma ideologia comum. Por isso que julgo interessante percebermos e trabalharmos com essa ideia de pluralidade, de heterogeneidade das novas direitas. Isso pode nos levar a uma imagem mais efetivas dessas forças políticas e ideológicas.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA
OLAVO DE CARVALHO E A GUERRA CULTURAL DAS NOVAS DIREITAS: ENTREVISTA COM ALVARO BIANCHI

Alvaro **BIANCHI**
Universidade Estadual de Campinas
abianchi@unicamp.br
https://orcid.org/0000-0001-5201-5923

Aline Vanessa **ZAMBELLO**
Universidade Estadual de Campinas
alinezambello@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2274-7952

Ivan Henrique de Mattos e **SILVA**
Universidade Federal do Amapá
ivansilva@unifap.br
https://orcid.org/0000-0002-4373-5037

Josnei di **CARLO**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil

DOI: http://10.47456/argumentum.v13i2.34166

ARTIGO

Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita

Olavo de Carvalho and the rise of the far rithg

Gilberto CALIL[*]
https://orcid.org/0000-0002-0479-7163

Resumo: O artigo propõe analisar a trajetória de Olavo de Carvalho e refletir sobre seu papel no avanço da extrema-direita no Brasil. Para isto, aborda sua trajetória e as estratégias que utilizou para projetar publicamente suas posições, com destaque para o sítio eletrônico Mídia sem Máscaras (MSM). A proposição de uma "guerra cultural" e a denúncia da suposta influência "gramscista" são elementos centrais deste processo. Finalmente, o artigo aborda a relação entre Olavo de Carvalho e a família Bolsonaro, assim como sua influência no atual governo brasileiro.
Palavras-Chave: Olavo de Carvalho. Extrema-Direita. Mídia sem Máscaras. Bolsonarismo. Guerra Cultural.

Abstract: This article analyses Olavo de Carvalho's pathway and reflects on his role in advancing the Far-Right in Brazil. To this end, it discusses his trajectory and his strategies for spreading his positions, with an emphasis on the website Mídia sem Máscaras *(MSM) (Media without masks)*. A proposed "cultural war" and the denunciation of the supposed "Gramsci-ist" influence are central elements of this process. Finally, the article approaches the relationship between Olavo de Carvalho and the Bolsonaro family and their influence within the current Brazilian government.
Keywords: Olavo de Carvalho. Far-Right. Mídia sem Máscaras. Bolsonarism. Cultural War.

Submetido em: 30/1/2021. Revisto em: 16/5/2021. Aceito em: 21/6/2021.

Introdução

Olavo de Carvalho é nacionalmente conhecido desde o final dos anos 1990, tendo se projetado como colunista de diversos jornais e revistas de grande circulação. Até a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, no entanto, eram relativamente raros os estudos acadêmicos sobre a influência política, ideológica e cultural de Carvalho e os impactos de sua obra, que já então tinha uma circulação bastante expressiva.[1] A partir da eleição e posse de Jair Bolsonaro, tornou-se muito mais visível sua projeção e influência, o que ensejou um volume considerável de reportagens tratando de sua influência no governo federal e de seu amplo

[*] Historiador. Doutor em História Social. Professor Associado do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. (UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil). Rua Pernambuco, n. 1777, Marechal Cândido Rondon (PR), CEP.: 85960.000. E-mail: gilbertocalil@uol.com.br.

[1] A principal exceção é a dissertação de mestrado de Patschiki, defendida em 2012, abordando o sítio eletrônico Mídia sem Máscaras (MSM) e sua importância para a projeção de Olavo de Carvalho. O MSM é compreendido como principal aparelho privado de hegemonia utilizado por Carvalho para se afirmar publicamente. Patschiki já qualificava Carvalho como um intelectual fascista e compreendia que sua perspectiva era constituir uma rede de instrumentos que alicerçasse uma ofensiva fascistizante.

círculo de seguidores. Neste contexto, é imperativo compreender o papel desempenhado por este personagem e a forma como se projetou como intelectual com expressiva influência sobre políticos e movimentos de extrema-direita.

É compreensível que poucos pesquisadores tenham se interessado em investigar a obra de Carvalho. Trata-se de um autodeclarado filósofo que afirma que abandonou a faculdade por não ter nada a aprender, que usa sistematicamente ofensas e palavrões como recurso argumentativo, que tem por hábito processar criminalmente seus críticos,[2] que tem uma trajetória controversa como místico e astrólogo, que chegou a ser internado em clínica psiquiátrica, que rompeu com a maior parte de seus ex-seguidores, que tem como distração caçar ursos e que se notabilizou por posições como a recusa em admitir a influência humana na mudança climática, para não mencionar afirmação absurdas como a de que "[...] a Pepsi Cola está usando células de fetos abortados como adoçante nos refrigerantes" (CARVALHO, 2018a). De fato, seria inútil e infrutífero estruturar uma pesquisa que tivesse como objeto a investigação de sua contribuição intelectual ao pensamento social brasileiro, dado o evidente primarismo de suas manifestações. Ainda assim, sua grande influência justifica que se busque entender como Carvalho projetou-se publicamente como intelectual e de que forma construiu os instrumentos que sustentaram esta projeção.

Seu destacado papel na disseminação de uma visão reacionária e sua relação com a família Bolsonaro tem levado à ampliação de investigações críticas sobre sua trajetória, a partir do reconhecimento de que "[...] suas ideias devem ser levadas a sério e isto significa que as pessoas interessadas em compreender o avanço das direitas radicais devem ler seus livros [...]" (BIANCHI, 2018, não paginado), ainda que não no sentido de refutar suas ideias bizarras, mas de "[...] estudar e interpretar os mecanismos de difusão dessas ideias [...]" (BIANCHI, 2018, não paginado), ou seja, "[...] entender por que essa montanha de erros parece consistente para seu público" (BIANCHI, 2018, não paginado). A ressonância de suas ideias se deve ao fato de que dá respostas simples aos temores de uma pequena burguesia em crise. Como indica Bianchi, para esta pequena burguesia "Olavo de Carvalho apresenta uma explicação simples para a queda: marxistas, feministas e gays teriam provocado a **crise da civilização cristã** e empurrado a sociedade para o abismo" (BIANCHI, 2018, não paginado, grifo nosso). Como indicou há um século Antonio Gramsci, "[...] existe em todos os países um estrato da população - a pequena e média burguesia - que considera ser possível resolver estes gigantescos problemas com metralhadoras e pistolas. É este estrato que alimenta o fascismo, que fornece seus efetivos" (GRAMSCI, 2004, p. 46-47). Para atingir este público, Carvalho utilizou-se de inúmeros instrumentos, ocupando espaço em veículos de grande circulação e, principalmente, construindo seus próprios aparelhos privados de hegemonia.

A reflexão gramsciana é fundamental em nossa análise, em especial no que se refere às categorias de intelectual, hegemonia e aparelho privado de hegemonia. É justamente a compreensão de Gramsci do intelectual como organizador que permite identificar Carvalho como um relevante intelectual, a despeito da "montanha de erros" presentes em suas obras, como bem identificou Bianchi (2018, não paginado). Gramsci distingue os intelectuais em dois grupos: os intelectuais tradicionais, que reproduzem de forma acrítica, fragmentos desconexos oriundos de ideologias do passada, e intelectuais orgânicos, que são conscientes de seu papel e atuam organicamente vinculados a uma das classes fundamentais e colocando-

[2] Em 2018, Carvalho chegou a processar sua própria filha, Heloísa de Carvalho, em represália contra a publicação de uma carta aberta na qual explicitava seu rompimento com o pai (BRUZZA, 2018).

se a seu serviço. Para um intelectual orgânico vinculado à classe dominante, o relevante não é a originalidade de suas formulações teóricas, mas sua capacidade de incidir concretamente para o processo de dominação, atuando como: "[...] 'prepostos' do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político" (GRAMSCI, 2001b, p. 21). A historiadora Virgínia Fontes ressalta o papel dos intelectuais orgânicos vinculados à classe dominante como organizadores da dominação, através da "[...] organização (produção coletiva) de visões de mundo, da consciência social, de 'formas de ser' adequadas aos interesses do mundo burguês (a hegemonia)" (FONTES, 2006, p. 211).

Isto nos remete à categoria central da análise de Gramsci, que é a hegemonia, por ele entendida como "[...] combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública – jornais e associações" (GRAMSCI, 2001b, p. 95). A hegemonia seria produzida pelo grupo dominante no âmbito da sociedade civil, "[...] isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como 'privados' (GRAMSCI, 2001a, p. 20). Estes organizamos seriam precisamente os Aparelhos Privados de Hegemonia, instrumentos construídos pelas diversas classes para sistematizarem sua visão de mundo e torná-la socialmente majoritária, ou seja, hegemônica. Nesta perspectiva, o processo de desenvolvimento ocorrido nos estados ocidentais tornou a sociedade civil "[...] uma estrutura muito complexa e resistente às irrupções catastróficas" (GRAMSCI, 2001b, p. 73), pois para além da função repressiva desempenhada especialmente no âmbito da sociedade política, tem-se a constituição de uma robusta cadeia de fortalezas e casamatas – justamente os aparelhos privados de hegemonia. Jornais, associações e formas organizativas das mais diversas constituídas por intelectuais orgânicos vinculados à classe dominante cumpririam este papel de reforço na dominação, da mesma forma que aparelhos construídos por intelectuais vinculados à classe trabalhadora incidiriam para contestar a dominação. Como discutiremos a seguir, Carvalho constituiu distintas formas organizativa – do blog Mídia Sem Máscaras ao Curso de Filosofia – que claramente podem ser considerados aparelhos privados de hegemonia.

De astrólogo a intelectual orgânico: a trajetória de Olavo de Carvalho

Nascido em 1947, Carvalho afirma que teve uma breve passagem pelo Partido Comunista Brasileiro nos anos 1960 e que abandonou o curso de filosofia devido a sua má qualidade (CARVALHO, 2016, não paginado). Passou a escrever para grandes jornais em 1967 e a se dedicar à astrologia, escrevendo livros e fundando a Escola Júpiter. Heloísa de Carvalho, a mais velha dos oito filhos de Olavo de Carvalho, publicamente rompida com o pai desde 2017, registra que "[...] *em 1980, a escola de astrologia já contava com 140 alunos e Olavo tinha uma rotina agitada de aulas e conferências*" (CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 29). Anos depois, Carvalho ainda sustentava que "[...] *a Astrologia é um elemento obrigatório, por isto quem não a estudou, não estudou nada, é um analfabeto, um estúpido*" (CARVALHO, 2000 não paginado).

A década de 1980 é marcada por polêmicas e passagens obscuras. Conforme sua filha, "[...] por volta de 1982, integrou a seita Tradição, que derivava das práticas do líder espiritual Idris Shah [...]", e "[...] em 1984, Olavo de Carvalho se converteu ao Islã, mais precisamente, passou a integrar uma tarika, que é uma seita esotérica sufi [...]" (CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 40). Desde então, segundo sua filha, passou a ser chamado de Sidi Mohammad Ibrahim e "[...]

manteve uma relação poligâmica com suas três esposas" (CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 46). Em 1985, decidiu abrir sua própria tariqa e manteve correspondência com Martin Lings, líder sufi em Londres, recebendo do mesmo orientações sobre valor da contribuição financeira, sobre o canto da shahada, o testemunho de fé muçulmano, e sobre a forma de iniciação das mulheres na tarika, cuja resposta teria sido que "A mulher é iniciada pelo homem durante o ato sexual – sem interferência de dispositivos contraceptivos" (TEITELBAUM, 2020, p. 129). No entanto, segundo o relato de Heloísa de Carvalho, poucos meses depois, "[...] *a seita já teria se desintegrado*" (CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 46). Teria sido nesta época que Carvalho começou a enfrentar problemas com a justiça: "Por causa de suas atividades obscuras, Olavo se envolveu com questões judiciais e policiais, uma delas relacionada à seita Tradição e outra com a tariqa" (CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 62).

Ao longo dos anos 1980 e 1990, ministrou cursos e palestras sobre astrologia, felicidade e filosofia e publicou mais de uma dezena de livros, que "[...] atingem certa expressão e o ajudam a consolidar-se como colunista político 'de direita'" (PATSCHIKI, 2012, p. 32). Neste período, publicou algumas obras que o projetaram como intelectual conservador, em especial *A nova era e a Revolução Cultural:* Fritjof Capra e Antonio Gramsci (CARVALHO, 1994), *O Jardim das Aflições*: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil (1995) e *O imbecil coletivo*: atualidades intelectuais brasileiras (1996), lançado pela editora da UniverCidade e que teve uma ampla circulação, com seis edições em apenas oito meses (O IMBECIL..., 2021). Estas três obras assentam as bases da posição que seria assumida e mantida por Carvalho desde então, com destaque para a teoria conspiratória que desenvolve sobre o *gramscismo*, como discutiremos na próxima seção.

Costa e Ghirotto indicam que a grande repercussão do lançamento de *O imbecil coletivo* abriu espaços na grande imprensa para Carvalho:

> Quando O imbecil coletivo foi lançado, Olavo já havia publicado dez livros (de Aristóteles à astrologia), mas todos passaram em branco. Com o imbecil coletivo, ganhou certa fama de polemista e passou a integrar o panteão de escritores 'de direita'. Colaborou com as revistas *Bravo!*, *República*, *Primeira Leitura* e *Época*, e teve uma coluna no jornal *O Globo*, do qual foi demitido em 2005, ano em que se mudou para os Estados Unidos como correspondente do Jornal do Comércio (COSTA; GHIROTTO, 2018, p. 51).

Neste processo de projeção pública de Carvalho, coube um papel destacado à UniverCidade. De propriedade de Ronald Levinsohn, protagonista de um dos maiores escândalos da ditadura brasileira[3], este centro universitário do Rio de Janeiro ofereceu sua editora para publicação de *O imbecil coletivo* e cedeu espaço para realização dos cursos de filosofia ministrados por Salgado entre 1997 e 2001. Entre 1999 e 2001, Carvalho chegou a ocupar o cargo de diretor da Editora da UniverCidade. A UniverCidade foi descredenciada em 2014, depois de inúmeras denúncias de gestão fraudulenta.

---

[3] De acordo com Carta Aberta assinada por L. Garcia "*Ronald Levinsohn, o dono do antigo conglomerado financeiro Delfin, foi o responsável pelo grande escândalo financeiro que a ditadura não conseguiu encobrir*" (GARCIA, 2001, não paginado). O escândalo tornou-se público a partir de denúncia feita pelo economista e jornalista José Carlos de Assis na *Folha de São Paulo,* segundo a qual Levinsohn utilizou terrenos avaliados oficialmente em CR$ 9 bilhões como pagamento uma dívida de CR$ 70 bilhões do Grupo Delfin com o Banco Nacional de Habitação. O contexto da denúncia e seus desdobramentos são relatados em Assis (2021).

Em 1998, Carvalho lançou seu sítio eletrônico pessoal, e logo depois, para captar doações destinadas a sua manutenção, criou Instituto Brasileiro de Humanidades. Foi neste contexto, que tornou-se colunista de alguns dos jornais de maior circulação do país, como *O Globo, Zero Hora, Folha de São Paulo* e *Jornal da Tarde*, e diversas revistas. Esta projeção pública estimulou-o a uma iniciativa mais arrojada, que seria decisiva para se impor como referência intelectual da extrema-direita: a criação do sítio Mídia sem Máscara (MSM).

Combate ao *gramscismo* e *guerra cultural*

Como indicam Bianchi e Mussi (2020), a década de 1980 marcou a avanço de um movimento de condenação do pensamento gramsciano em diferentes partes do mundo, como França (com destaque para a obra de Alain de Benoist, fundador da *Nova Direita* francesa), Estados Unidos e América Latina. Este movimento assumia características distintas, do catolicismo tradicionalista (Argentina) à proposição de que a direita deveria passar a se organizar de uma forma análoga a que Gramsci propôs aos comunistas (França). Embora Bianchi e Mussi mencionem que Carvalho sustenta que falava no gramscismo petista desde 1987, foi com a publicação de *A nova era e a Revolução Cultural* (CARVALHO, 2014 [1994]) que passou a definir *"Gramsci como a imaginação diabólica que interpretava e dava sentido ao mal"* (BIANCHI; MUSSI, 2020, não paginado). Para José Luciano Queiroz, "[...] o livro é bastante frágil e superficial na pretensa análise da teoria gramsciana" (QUEIROZ, 2020, p. 231), que dispensa citações diretas e reduz-se "[...] a apenas 41 páginas para Carvalho dissecar a respeito da teoria da 'revolução cultural'" (QUEIROZ, 2020, p. 231). Ainda para Bianchi e Mussi:

> Na versão peculiar de Carvalho, a hegemonia é a aparente negação da política: "nada de política, nada de pregação revolucionária". A hegemonia atuaria em um nível pré-político, com o propósito de "operar um giro de 180 graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções". Isso é o que seria imperdoável em Gramsci e o tornaria o inimigo número um da direita conservadora: estabelecer as concepções de mundo como um campo em disputa, colocando em risco os valores da civilização cristã-ocidental (BIANCHI; MUSSI, 2020, não paginado).

Desde então, a denúncia contra a suposta *estratégia gramscista* ocupa grande parte dos escritos de Carvalho, a ponto de o nome de Gramsci aparecer "[...] 318 vezes se somarmos as quatro obras mais influentes publicadas pelo autor" (PUGLIA, 2018, p. 42). O *gramscismo* era apresentado como um vírus altamente contagioso, com "[...] caráter sorrateiro e manipulador, destinado a fazer outras classes aceitarem o domínio comunista sem ter consciência do processo" (PUGLIA, 2018, p. 48).

A despeito da fragilidade da análise de Carvalho e de seus inúmeros equívocos factuais, é perceptível que ele incorporou a reflexão de Gramsci sobre a importância da organização (que se articula aos conceitos de hegemonia, aparelho privado de hegemonia e intelectual orgânico), o que se comprova pela forma meticulosa que Carvalho construiu suas próprias posições (ou aparelhos privados de hegemonia) desde a constituição do MSM. Isto não implica, no entanto, que o olavismo tenha se constituído uma espécie de *gramscismo com sinais invertidos*, como propõe a crítica liberal de Henry Bugalho (2020), para quem "[...] o que Olavo faz é uma espécie de gramscismo olavista. Ele se mune das mesmas táticas e os mesmos princípios que atribui a seus opositores, calcado em factoides e deturpações conceituais com o fito de convencer seus discípulos, mas usando táticas e princípios elaborados por Lênin, Gramsci ou Trotsky" (CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 11-12). Nesta crítica, Bugalho (2020)

não demonstra, nem o poderia fazer, que Gramsci propusesse uma ação política calcada em factoides e deturpações, e portanto sua proposição de que o olavismo seria um *gramscismo com sinais invertidos* é insustentável e arbitrária.

Para Carvalho, a estratégia gramsciana consistiria na pretensão de impor "[...]domínio psicológico sobre a multidão [...]" (PATSCHIKI, 2012, p. 46) através de "[...] analgésicos da consciência" (PATSCHIKI, 2012, p. 47). A construção de um *comunismo* sorrateiro e ardiloso é recorrente na história brasileira. Na década de 1930, o comunismo era associado a conspiração e infiltração estrangeira em grandes campanhas jornalísticas (SILVA, 2001). No contexto da Guerra Fria, distintas vertentes políticas disputavam a primazia do anticomunismo, com destaque para os integralistas, que extremavam as teorias conspiratórias e as denúncias de *infiltração comunista* (CALIL, 2005; FLACH, 2003). Carvalho atualiza esta mesma linha discursiva em um contexto pós-Guerra Fria, com destaque para a caricaturização de Gramsci como estrategista de uma revolução que seria disfarçada por técnicas dissimulatórias e portanto sequer seria percebida por muitos: "Se Lenin foi o teórico do golpe de estado, ele [Gramsci] foi o estrategista da revolução psicológica que deve preceder e aplainar o caminho do Golpe de Estado. [...] A revolução gramsciana está para a revolução leninista assim como a sedução está para o estupro" (CARVALHO, 2014 [1994]). Gramsci é apresentado, através de vocabulário notadamente agressivo, como "[...] profeta da imbecilidade, o guia de hordas de imbecis para quem a verdade é a mentira e a mentira a verdade" (CARVALHO, 2014 [1994]). O *gramscismo* seria inspiração de uma disseminação imperceptível, capaz de corroer as bases cristãs e morais da sociedade e com isto abrir caminho para a revolução comunista. Para isto, promoveria uma "guerra cultural"[4], marcada pela promoção do aborto, do homossexualismo e da liberdade sexual.

O Mídia sem Máscara (MSM)

Lançado em 2002, por mais de uma década, o MSM foi o principal instrumento de difusão das ideias de Carvalho, funcionando como "[...] instrumento poderoso para unificar organizativamente e ideologicamente a direita fascistizante" (PATSCHIKI, 2012, p. 146). A pesquisa de Patschiki indica que o sítio criado por Carvalho era "[...] bancado pela publicidade da Livraria Cultura, por doações através da ONG Instituto Brasileiro de Humanidades, e alegadamente pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP)" (PATSCHIKI, 2012, p. 146). Carvalho rebateu a pesquisa de Patschiki, qualificando-a, curiosamente, como "[...] uma teoria da conspiração [...]" (CARVALHO, 2013, não paginado) e sustentando que o sítio eletrônico seria uma modesta iniciativa pessoal: "Era produto doméstico, criado inteiramente por mim, por minha esposa Roxane e por minha filha Maria Inês, com orçamento nulo" (CARVALHO, 2013, não paginado).

Apesar de alegar *orçamento nulo*, Carvalho reiteradamente reclamava da insuficiência do apoio, suplicando por um financiamento mais expressivo, chegando a afirmar em tons dramáticos que a burguesia "[...] é a classe mais indefesa que existe [...]" (CARVALHO, 2009, não paginado) e que "[...] o famoso 'aparato ideológico da burguesia' de que falam os marxistas jamais existiu" (CARVALHO, 2009, não paginado). Assim, candidatava-se a protetor das classes dominantes frente aos ataques do marxismo, apresentando-se de forma quixotesca: "No Brasil, só eu e mais dois ou três amigos, isolados e sem dinheiro, temos tentado enfrentar

[4] Usamos a expressão em itálico por entendê-la como uma construção ideológica própria da nova direita, conforme sustentado por Silva (2018).

o monstro" (CARVALHO, 2010 apud PATSCHIKI, 2012, p. 178). Esta construção narrativa é muito semelhante a que foi desenvolvida pelo líder do fascismo histórico brasileiro, o *Chefe Nacional* integralista Plínio Salgado, que reiteradamente reclamava a ausência de ajuda por parte da burguesia, como quando afirmou, em 1964, que "[...] a burguesia não nos ajuda, enquanto os comunistas têm mais de dez semanários... Essa indiferença daqueles que deveriam ser os primeiros a nos ajudar, muito me amargura" (SALGADO, 1964 apud CALIL, 2005, p. 301).

O MSM apresentava-se como espécie de *observatório da imprensa*, voltado à propagação da peculiar tese de que os principais veículos de imprensa brasileiros seriam comunistas ou *infiltrados* por comunistas. Entre 2002 e 2005, Carvalho conciliava contraditoriamente esta crítica com a condição de articulista destes mesmos veículos, o que lhe permitiu tornar-se nacionalmente conhecido. Ao ser demitido dos jornais vinculados às Organizações Globo, em 2005, Carvalho mudou-se para os EUA (Richmond, Virgínia), obtendo um visto EB-1, concedido "[...] para estrangeiros com habilidades extraordinárias" (PATSCHIKI, 2012, p. 151). De acordo com sua filha, os problemas na Justiça levaram Carvalho ao auto-exílio: "Ele estava disposto a viver xingando as pessoas, como faz, sem a preocupação de ser processado" (A FILHA..., 2020).

No transcurso de sua mudança para os Estados Unidos, Carvalho reforçou seus laços com a Associação Comercial de São Paulo (ACSP):

> Carvalho já possuía articulações suficientes para a manutenção de sua militância, garantida principalmente pela Associação Comercial de São Paulo. Com a fundação do MSM, ele radicaliza sua prática política anterior, passando a agregar e refinar projetos de cunho chauvinistas e fascistizantes, militando abertamente por partidos e organizações de novo tipo, que não se colocassem somente contra uma possível ascensão da esquerda, mas contra qualquer abertura democratizante permitida pela burguesia (PATSCHIKI, 2012, p. 169).

A ACESP, que congrega pequenas e médias empresas do setor do comércio e serviços, passou a amparar as atividades de Carvalho, inclusive concedendo-lhe coluna regular no jornal *Diário do Comércio*, que se manteve até 2016: "Excluído do círculo das pessoas decentes, só encontrei um último abrigo neste Diário do Comércio" (CARVALHO, 2010). A ACESP também viabilizou a publicação de diversos livros reunido os artigos inicialmente publicados no jornal, sob o título geral *Cartas de um terráqueo ao Planeta Terra.* Na introdução do primeiro destes livros, o presidente da ACESP, Guilherme Afif Domingos[5] expressava um posicionamento político alinhado à perspectiva olavista, afirmando que "[...] o que se assiste no Brasil é a predominância quase esmagadora, tanto na mídia como nos ambientes universitários, de uma única corrente de pensamento" (AFIF DOMINGOS, 2007, p. 3).

O MSM permitiu a Carvalho se afirmar como intelectual de referência da extrema-direita. Embora o sítio reunisse muitos colunistas, "[...] a uniformidade ideológica dá força ao site e

[5]Afif Domingos é uma das principais lideranças da pequena burguesia brasileira, integrando a direção da ACESP desde 1976. Paralelamente, desenvolveu trajetória política, iniciada do Partido Democrático Social (PDS), vinculado à ditadura militar, e passando pelo Partido Liberal (PL), Partido da Frente Liberal (PFL), e Democratas (DEM). Está atualmente vinculado ao Partido Social Democrático (PSD). Foi Ministro-Chefe da Secretaria da Micro e Pequena Empresa no governo Dilma Rousseff entre maio de 2013 e outubro de 2015, e é Assessor Especial do Ministro da Economia Paulo Guedes desde o início do governo Bolsonaro (GUILHERME, 2021).

reitera um posicionamento político" (BARJA, 2009, p. 157). Um dos temas mais recorrentes é a crítica ao Foro de São Paulo (organização criada em 1990 reunindo partidos da esquerda reformista latino-americana). Omitindo o caráter moderado da organização, Carvalho sempre a apresentou como sendo a "[...] coordenação estratégica do movimento comunista na América Latina" (CARVALHO, 2008, não paginado). Para combatê-lo, impulsionou a fundação do *Foro do Brasil*, que reunia 28 entidades para propagar o anticomunismo, a defesa da propriedade, a *moral judaico-cristã* e a *educação clássica*, com destaque para entidades era vinculada a grupos militares de extrema-direita (Cf: PATSCHIKI, 2012, p. 294).

Já neste momento, Carvalho se caracterizou por um estilo agressivo e uma linguagem permeada por palavrões. A violência de seus ataques aos adversários geralmente apresenta-se imersa em um pretenso aspecto humorístico. Esta extrema agressividade é parte da construção de um personagem supostamente autêntico, em uma atuação que é muito similar à encenada por Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2018 e em seu governo. Carvalho afirma que "[...] os palavrões expressam apenas a recusa humilde de toda solenidade fingida [...]" (CARVALHO, 2015, não paginado) e se justificariam nas "[...] situações em que uma resposta delicada seria cumplicidade com o intolerável" (CARVALHO, 2015, não paginado). A utilização deste recurso permite a Carvalho bloquear o debate político. Usando apelidos de conotação sexual ou escatológica para ridicularizar seus adversários ou afirmando que o *pessoal da esquerda* é essencialmente genocida, ele sustenta que: "[...] se você lhe responder educadamente, você estará conferindo dignidade a essas ideias. [...] Educação o caralho! Vai tomar no cu, seu filho de uma puta!" (CARVALHO, 2010 apud PATSCHIKI, 2012, p. 331). Esta agressividade é exacerbada pelos seus seguidores, impulsionando grupos e páginas com nomes como *Oba! Morreu um comuna!*; e *Comunistas caricatos*.

Apesar de sua grande projeção, o MSM foi tirado do ar em 2017 por um ex-colaborador que cobrava de Carvalho valores supostamente devidos por serviços realizados, com apoio de alguns dos principais ativistas do MSM. Carvalho trata o episódio como *chantagem*, afirmando que lhe foi cobrada "[...] uma conta absurda de 42 mil reais, sem motivo plausível e sem um só comprovante de despesas" (CARVALHO, 2018b, não paginado). Na sequência, seus seguidores desenvolveram campanha pública para que o sítio fosse devolvido (ABDO, 2018). Os valores envolvidos e serviços mencionados estão em contradição com a afirmação de que o sítio teria sido um modesto empreendimento familiar.

A constituição de outros APHs

Vivendo nos Estados Unidos, Carvalho criou outros instrumentos para a reforçar a propagação de sua ideologia. Em 2006, deu início ao programa radiofônico semanal True Outspeak; em 2010 criou o *The Inter-American Institute for philosophy, government and social thought*, para traduzir seus textos para o inglês e o espanhol e estreitar laços com lideranças de extrema direita estadunidense (como Justice Tom Parker e Paul Gottfried), e latino-americana (Roberto Micheletti, Alejandro Peña-Exclusa).
Em 2009, seus discípulos fundaram em Curitiba o Instituto Olavo de Carvalho, que desde então mantém o Curso On Line de Filosofia (COF) por ele ministrado, um "[...] *programa de orientação de estudos filosóficos* com aulas semanais ao custo de R$ 60,00 ao mês, além de outros 22 cursos avulsos, ao custo de R$ 400 dada, em temáticas relacionadas a filosofia, sociologia, psicologia, literatura, história, esoterismo e 'guerra cultural' (SEMINÁRIO..., 2021). Conforme Heloísa de Carvalho e Bugalho,

> [...] o COF possui algumas funções: a primeira delas é a de consolidar Olavo como um intelectual conservador, abrindo assim as portas para ideias que foram suprimidas durante décadas de domínio cultural esquerdista, depois é uma válvula de escape do Olavo pela qual ele pode insultar qualquer filósofo, professor, artista ou intelectual de quem ele resolva discordar no curso (CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 78).

É curioso que mesmo em uma obra abertamente crítica, Heloísa reitera a hipótese de seu pai acerca das supostas *décadas de domínio cultural esquerdista*. O COF foi inegavelmente um instrumento importante para sua projeção intelectual, mas sua importância não se restringe a este aspecto, por também se constituiu em espaço de formação intelectual de seguidores que compartilhavam e difundiam a perspectiva política de Carvalho.

O jornalista Denis Bergierman, que frequentou os cursos, indica que a despeito da pretensão de legitimação de Carvalho como intelectual, a perspectiva geral é de negação da complexidade do mundo, em prol de explicações simplistas e tranquilizadoras:

> Quase toda a obra de Olavo é uma tentativa de negar a complexidade do mundo. Por trás de seus textos estruturalmente sofisticados, há ideias bem simples. Ele quer voltar no tempo, para um mundo que ele fosse capaz de entender: onde só há dois sexos (e não me venha com gênero), Newton basta (sem as incertezas e as heresias da relatividade e da física quântica), preocupar-se com o clima é assunto para São Pedro e todo mundo que não é bom é mau, e vice-versa. Um mundo cristão, de cultura clássica, sob o comando de quem parece estar no comando — melhor se for alguém bem autoritário (BERGIERMAN, 2019, não paginado).

A rede de apoio a Carvalho também incluiu as editoras É Realizações e Vide. A primeira foi constituída a partir de um *espaço cultural* no qual aconteciam desde 1995 cursos de Olavo de Carvalho, constituindo-se como editora em 2000, para dar suporte editorial a seus cursos à distância, passando a publicar essencialmente obras de Carvalho e autores de direita, o que foi interrompido em virtude do desentendimento entre seu proprietário e Carvalho (Cf: PATSCHIKI, 2012, p. 160). Por sua vez, a Vide Editora foi constituída pelo movimento conservador Vigilância Democrática (VIDE), "[...] com propósito claro de entrar na guerra cultural, explicitamente do lado 'direito' do combate, visando dar subsídio à militância de direita, tanto liberal quanto conservadora" (ESCORSIM, 2018, não paginado). O VIDE realizou diversos eventos em parceria com a Fundação Liberdade e Democracia (do partido Democratas), das quais participava Ricardo Vélez Rodriguez (Cf: PATSCHIKI, 2012, p. 164), posteriormente indicado por Carvalho para o Ministério da Educação.

Anticomunismo e perspectiva fascistizante

O anticomunismo é o eixo articulador geral da construção intelectual de Carvalho, e se fundamenta em um extraordinário alargamento conceitual do campo da esquerda e do comunismo. Em seu esforço para recolocar o anticomunismo no centro do debate político em um contexto pós-Guerra Fria, Carvalho denuncia que os comunistas teriam criado o *politicamente correto* para criar conflitos, como os conflitos étnicos supostamente fomentados pelas cotas raciais, visando "[...] fazer hoje a opinião pública aceitar as teses marxistas da luta de classes e da supressão completa da oposição conservadora como sinais de moderação e tolerância democrática" (CARVALHO, 2002a, não paginado).

O alargamento do conceito de esquerda é imprescindível para que a *ameaça comunista* pareça iminente, e chega a incorporar até mesmo o PSDB: "A mídia nacional já levou longe demais

essa farsa de rotular o tucanato de 'direita', um truque inventado pela esquerda". (CARVALHO, 2002b, não paginado), acrescentando que "FHC fez mais elo avanço da revolução comunista no Brasil do que o próprio João Goulart" (CARVALHO, 2002b, não paginado). Com essa linha de argumentação, deslegitimava a maior parte de seus oponentes integrantes do próprio campo conservador, em especial aqueles vinculados ao liberalismo conservador. Com isto, reforçava a primazia de suas posições extremistas no interior da direita. Nesta lógica, também seria um mero disfarce *gramscista* a transformação do PT em um partido moderado e reformista, que governou em aliança com partidos conservadores e implantou programa econômico liberal.

Por mais irrealistas e arbitrárias que sejam estas proposições, elas oferecem uma explicação simplória - e pretensamente intelectualizada - para justificar o mais extremado anticomunismo. Seu livro *O mínimo que você precisa saber para não ser idiota,* publicado em 2013, vendeu mais de 200 mil exemplares, comprovando o crescimento da influência e projeção de Carvalho, o que se confirmaria de forma ainda mais intensa entre 2015 e 2016, no contexto das manifestações de rua em defesa do afastamento da presidenta Dilma Rousseff, "[...] *quando o slogan 'Olavo tem razão' foi erguido nas manifestações do impeachment da ex-presidente Dilma"* (CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 90).

Isto foi possível porque oferecia uma explicação adequada aos propósitos de vastos grupos sociais e porque Carvalho sustentava-se em uma vasta cadeia de aparelhos privados de hegemonia, construídos desde que criou MSM até a atualidade. No início de junho de 2021, Carvalho detinha 574.364 seguidores no facebook e 1,03 milhão de inscritos em sua conta no YouTube, além de contar com um sítio eletrônico, um blog e a estrutura física e digital que mantém seus cursos.[6]

Mas, afinal, o olavismo constitui um fascismo? Benjamin R. Teitelbaum nem considera esta possibilidade e qualifica Olavo de Carvalho, ao lado de Steve Bannon e Alexander Dugin como *tradicionalistas*, mencionando seu interesse na obra de René Guenon e a sua passagem pelo sufismo, e concluindo que "A crítica de Olavo à sociedade brasileira é essencialmente uma crítica a seu materialismo" (TEITELBAUM, 2020, p. 231), em uma busca obstinada pelo *Brasil profundo*. A crítica ao materialismo e o discurso em defesa do *Brasil profundo* foram também marcas discursivas constante da obra de Plínio Salgado, líder do mais importante movimento fascista histórico no Brasil, o que nos alerta que não nenhuma incompatibilidade entre a evocação de um passado tradicional e a perspectiva fascista. Em nosso entendimento, a despeito da relevante análise que faz, Teitelbaum (2020) qualifica os autores a partir da autorrepresentação que difundem e isto o conduz à aceitar a qualificação de Carvalho como tradicionalista, que nos parece insuficiente.

O que qualifica um movimento como fascista? São inúmeras as definições e debates, mas entendemos que se deve evitar tanto o uso indiscriminado do conceito quanto a excessiva restrição ao contexto histórico de sua emergência original. Assim, entendemos que um movimento fascista se caracteriza pela articulação de três aspectos: um conjunto de proposições ideológicas reacionárias, uma base social pequeno burguesa, e a perspectiva de arregimentação militante destes adeptos no sentido de constituição de uma tropa de choque.

---

[6] São os seguintes os endereços: Facebook: https://www.facebook.com/carvalho.olavo; Youtube: https://www.youtube.com/user/olavodeca Sítio Eletrônico: https://olavodecarvalhofb.wordpress.com; Blog: https://blogdoolavo.com/; Cursos: https://www.seminariodefilosofia.org//.

Como o olavismo não constitui propriamente um movimento, mas fornece bases ideológicas para o movimento bolsonarista, torna-se especialmente importante avaliar sua ideologia, sem deixar de considerar que, como já mencionamos, o público principal para o qual se destina seu discurso é a pequena burguesia. Dentre os inúmeros componentes ideológicos do fascismo, pode-se indicar o anticomunismo, o antiliberalismo político, o chauvinismo, o discurso antissistema e antipartido, a criação de inimigos sociais, uma visão elitista, o anti-intelectualismo, militarismo, armamentismo e veneração ao líder (Cf. proposto em CALIL, 2005, 147). Considerando-se estes aspectos, claramente há uma grande identidade entre a ideologia olavista e estes elementos ideológicos, pelo que, como já indicava Patschiki, o olavismo situa-se no interior do universo ideológico do fascismo.

Olavo de Carvalho e a família Bolsonaro

A relação pessoal de Carvalho com os integrantes da família Bolsonaro iniciou seis anos antes da eleição de Bolsonaro, "[...] *quando Flávio, entusiasta da produção literária do professor Olavo, foi até a Virgínia entregar-lhe a Medalha Tiradentes, honraria do governo do Rio de Janeiro a personalidades que prestaram serviços ao estado"* (COSTA; GHIROTTO, 2018, p. 46). Segundo Teitelbaum (2020), Carvalho e Jair Bolsonaro "[...] *comungavam o mesmo desprezo pela mídia e pelas universidades* [...]" (TEITELBAUM, 2020, p. 119) e identificaram-se imediatamente, mantendo contato frequente desde 2014, através de "[...] *bate-papos on-line, nos quais fofocavam sobre política e cultura"* (TEITELBAUM, 2020, p. 119). A afirmação de Eduardo Bolsonaro em programa do SBT – *"Olavo é o pai de todos nós"* (BOLSONARO apud CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 25) sintetiza sua relevância, e deve-se concordar que "[...] *talvez Olavo nem seja exatamente o guru do Bolsonaro, mas é certamente o guru do bolsonarismo* (CARVALHO; BUGALHO, 2020, p. 116).

Marcelo Badaró Mattos indica que o recurso a Olavo de Carvalho permitiu "[...] *dotar o bolsonarismo de uma 'filosofia', no sentido de uma visão mais articulada e totalizante, que confere sentido a sua ação política"* (MATTOS, 2020, p. 172). Mais do que isto, foi a ideologia olavista que permitiu ao bolsonarismo intervir nas manifestações contra o governo de Dilma Rousseff em 2015 e 2016, disputando com setores liberal-conservadores seus rumos e seu significado e constituindo-se como alternativa eleitoral. Neste sentido, Bianchi sintetiza bem a contribuição de Carvalho para a unificação dos distintos grupos de direita: "*O discurso fortemente anticomunista, a criminalização de movimentos sociais, o negacionismo climático, o questionamento aos direitos humanos e o ataque às mulheres, à população negra e* ***LGBT*** *são um denominador comum dessa visão de mundo"* (BIANCHI, 2018, não paginado).

Foi um dos alunos de Olavo de Carvalho – Filipe Martins – que colocou o clã Bolsonaro em contato com Steve Bannon, o chamado *mago das fake news*, mentor de uma articulação internacional que reúne diversos movimentos de extrema-direita. Durante a campanha eleitoral de 2018, "[...] *uma de suas atribuições era colocar a campanha em contato com Steve Bannon"* (COSTA; GHIROTTO, 2018, p. 47). Teitelbaum (2020, p. 150) relata que em um jantar oferecido por Bannon, Carvalho expressou sua estratégia de alinhamento do Ocidente judaico-cristão contra a *ameaça chinesa* e também suas preocupações com o fracionamento do governo Bolsonaro em distintos grupos, nem todos inteiramente alinhados com esta estratégia. Meses depois, em julho de 2019, Olavo de Carvalho foi convidado e esteve presente em um jantar oferecido na residência do embaixador brasileiro Sérgio Amaral e que contou com a presença de Jair Bolsonaro, Paulo Guedes e Steve Bannon.

Com Bolsonaro no governo, travaram-se inúmeras disputas entre diversos grupos, com destaque para os olavistas, ultraliberais e militares. No vocabulário propagado pelos principais meios de comunicação, os olavistas constituiriam a chamada *ala ideológica* no governo – uma designação absolutamente inadequada, que permite ocultar as bases ideológicas das demais correntes. Na constituição original do governo, Carvalho teria indicado diretamente dois ministros. O primeiro deles foi Ernesto Araújo, nomeado Ministro de Relações Exteriores, e que teve uma atuação centrada na defesa de uma política externa de incondicional subordinação aos Estados Unidos e em especial a Donald Trump, de denúncia do *globalismo*, entendido como estratégia de dominação comunista, e de uma obsessão por críticas e provocações contra a China, em especial no contexto da Pandemia, tendo chegado a designar o Covid-19 como *comunavírus*, uma suposta criação dos comunistas para a dominação mundial (ZARUR, 2021). Araújo foi demitido em 29 de março de 2021, em um contexto de crescente beligerância com o Congresso Nacional e o Poder Judiciário. As posições de Araújo eram reforçadas pela atuação de Filipe Martins, Assessor Adjunto para Assuntos Internacionais até junho de 2020 e Assessor Chefe para Assuntos Internacionais de junho de 2020 a maio de 2021. Martins, que na condição de integrante do governo também difundia as críticas ao *globalismo*, foi demitido em abril de 2021, no contexto da repercussão negativa de gestos racistas feitos no Congresso Nacional.

O segundo ministério ocupado por um indicado de Carvalho foi o Ministério da Educação, o que se explica pela ênfase na Guerra Cultural pelo seu profundo ódio à universidade: “A universidade brasileira é inteirinha composta de gente assim. Eles só pensam em hegemonia, verbas e droping names. A universidade matou a vida cultural no Brasil” (CARVALHO, 2019, não paginado). Seus ataques às universidades se davam em nome da valorização do *Brasil Profundo*. Teitelbaum, relata que Carvalho teria enunciado uma oposição entre as pessoas simples e os intelectuais: “O povo do Brasil – o povo pobre, o povo simples... Eles entendem as coisas muito melhor que os intelectuais. O povo brasileiro tem uma espécie de instinto de realidade” (CARVALHO, 2019[7] *apud* TEITELBAUM, 2020, p. 227). O Ministro indicado por Carvalho, Ricardo Vélez Rodriguez, teve uma gestão tumultuada, que se tornou inoperante alegadamente em decorrência de conflitos entre militares e olavistas. Sua demissão deu-se na sequência de crítica públicas de Carvalho. Seu substituto, Abraham Weintraub, outro olavista indicado por seu mentor, comandou uma agressiva política de inviabilização das universidades federais, cortando verbas de custeio e bolsas na pós-graduação e passando a aplicar uma política sistemática de intervenção nas universidades, nomeando candidatos menos votados para as reitorias. Foi demitido em junho de 2020, depois de atacar abertamente o STF.

Além dos ministérios da Educação e das Relações Exteriores, Carvalho teve alguns outros seguidores nomeados para o governo, como Adolfo Sachsida, Secretário de Política Econômica; e Ricardo Alvim, Secretário Especial de Cultura até janeiro de 2021, quando foi demitido depois de ter pronunciado um discurso parafraseando o ministro da propaganda nazista Josep Goebbels. Neste episódio, o próprio Carvalho buscou demarcar-se de sua afirmação, tendo postado que “[...] o Ricardo Alvim talvez não esteja muito bem da cabeça” (‘RICARDO..., 2020). No Congresso Nacional, sua mais destacada seguidora é Bia Kicis (PSL/DF), atual presidenta da Comissão de Constituição e Justiça. A bancada olavista conta

[7] Conversa ocorrida em 2019 que foi relatada por Teitelbaum (2020), na sua obra *Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*.

ainda com os deputados Paulo Martins (PSL/PR), Marcel von Hatten (NOVO/RS) e Carla Zambeli (PSL/SP) (FELLET, 2019).

Ao longo dos dois primeiros anos do governo Bolsonaro, Carvalho defendeu uma maior radicalização, apoiando a subversão das instituições democráticas, com ataques explícitos aos demais poderes e críticas aos grupos supostamente moderados, em especial os militares. Esta posição encontra eco nos pronunciamentos dos filhos do presidente, e na maior parte das vezes também do próprio presidente, em seus recorrentes ataques às demais instituições e ameaças de imposição de uma ruptura institucional. No contexto de vigência da Pandemia, a posição radicalmente negacionista assumida pelo governo Bolsonaro (CALIL, 2021) é incisivamente defendida por Carvalho, reforçando sua identificação ideológica com o clã Bolsonaro.

Esta identidade ideológica não impediu Carvalho de proferir diversas críticas ao governo, em sua maioria atacando a ala militar do governo e demandando uma maior radicalização. Estas críticas são cíclicas e não significam que Carvalho estivesse efetivamente rompendo com o governo. Ao contrário, expressam a defesa do fortalecimento de uma perspectiva extremista, ao mesmo tempo que permitiam a Carvalho reafirmar sua auto-imagem de *autonomia*. A mais notória destas críticas ocorreu em junho de 2020, quando, no contexto de uma condenação judicial em decorrência de ação impetrada por Caetano Veloso, Carvalho acusou Bolsonaro de omisso, afirmou que o presidente não era seu amigo e concluiu com uma ameaça: "Continue inativo, continue covarde e eu derrubo essa merda desse seu governo, governo aconselhado por generais covardes ou vendidos" (FERRARO, 2020, não paginado). Em maio de 2021, depois de nova condenação judicial relativa à mesma ação, Carvalho "[...] defendeu que o presidente Jair Bolsonaro renuncie ao cargo caso não seja capaz de 'defender a liberdade dos seus mais fiéis amigos'" (OLAVO..., 2021, não paginado). A reclamação por uma intervenção direta do presidente em seu auxílio e a crítica à ação dos supostos inimigos que teria no interior do governo podem produzir surpresa, mas não expressam efetivamente um rompimento, e isto é perceptível quando se observa que nos dias seguintes retornam manifestações de apoio. Além disto, as críticas de Carvalho explicam-se no contexto de disputa por espaço no governo. Um exemplo claro é o que ocorreu em junho de 2020, quando um dia depois das críticas à "inoperância e covardia" (APÓS..., 2020) do governo Bolsonaro, este ampliou os poderes do olavista Filipe Martins, passando o para o cargo de Assessor Chefe para Assuntos Internacionais, com mais poderes e autonomia.

Mesmo com recomposições governamentais, o olavismo segue decisivo na definição dos rumos do governo Bolsonaro. O cientista político Vinícius do Valle indica a orientação política do governo e a configuração do bolsonarismo como movimento de caráter fascista assentam-se na apropriação de

> [...] duas teorias conspiratórias, constitutivas da visão de difundida pelo escritor Olavo de Carvalho e que lhe servem de referência: A primeira é a teoria da hegemonia esquerdista no mundo, que postula que os valores da esquerda teriam se espalhado pela sociedade e pelas instituições e dominariam o planeta. [...] A segunda teoria é a do globalismo, que denuncia uma elite global que controlaria o mundo com base em seus valores (VALLE, 2021, p. 6).

Como se percebe, ambas remetem diretamente às áreas privilegiadas de preocupação de Carvalho e que o levaram à indicação de dois ministros da educação e um ministro de relações

exteriores. Mesmo não contando mais com estes ministérios, a ressonância destas teorias conspiratórias segue onipresente nas ações e declarações bolsonaristas.

O governo Bolsonaro é a resultante de um conjunto de processos, e a construção política e ideológica estruturada em torno de Carvalho é parte indissociável deste processo. Antonio Gramsci demonstrou que a direita constantemente se reinventa e se reorganiza à luz das transformações do capitalismo. Ainda que Olavo de Carvalho tenha sistematicamente desqualificado o comunista italiano, apreendeu um dos elementos centrais de sua reflexão: a grande importância da constituição de uma rede de organizações (ou aparelhos privados de hegemonia) que funcionem como casamatas na guerra de posições. Foi operando esta rede que Carvalho atuou ao longo dos últimos anos e com base nela incidiu efetivamente reforçando o avanço ideológico e político da extrema-direita.

Referências

A FILHA do guru destrói o pai. **Istoé**, São Paulo, 6 mar. 2020, Disponível em https://istoe.com.br/a-filha-do-guru-destroi-o-pai/?fbclid=IwAR1lNZyoRgxgKiHFqG8FSsjfHQgDCtsz32J6iVJdOOnfPSIHUFlUNZ891R8. Acesso em: 24 jan. 2021.

ABDO, C. Alex Pereira: Devolva o Mídia Sem Máscara ao professor Olavo de Carvalho JÁ. [S.l.], **Direto aos Fatos**, [S.l.], 11 jun. 2018. 1 vídeo (7 min 22 seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9bfhCxo-cLI&ab_channel=DiretoaosFatos. Acesso em: 24 jan. 2021.

AFIF DOMINGOS, G. Informar e estimular o debate. *In*: CARVALHO, O. Cartas de um terráqueo ao Planeta Terra. **Jornal do Comércio**, São Paulo, 2007. Disponível em: https://issuu.com/diario_do_comercio/docs/digesto_especial_olavo. Acesso em: 24 jan. 2021.

APÓS críticas de seu "guru", Bolsonaro promove pupilo de Olavo de Carvalho. **Diário de Pernambuco**, Recife, 2020. Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2020/06/apos-criticas-do-seu-guru-bolsonaro-promove-pupilo-de-olavo-de-carv.html. Acesso em: 11 jun.2021.

ASSIS, José Carlos de. Como Elio Gaspari e Paulo Francis tentaram abafar o caso Delfin, escândalo de corrupção da ditadura. **Diário do Centro do Mundo**, São Paulo, 28 fev. 2021. Disponível em: https://www.diariodocentrodomundo.com.br/como-elio-gaspari-e-paulo-francis-tentaram-abafar-o-caso-delfin-escandalo-de-corrupcao-da-ditadura/. Acesso em: 11 jun. 2021.

BARJA, L. R. A face obscura da política: governo e eleições no Mídia Sem Máscara. **Aurora**: Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, n. 4, p. 157, 2009. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4573. Acesso em: 24 jan. 2021.4

BERGIERMAN, D. O que aprendi com Olavo. **Época**, Rio de Janeiro, n. 1.080, 14 mar. 2019. Disponível em: https://epoca.globo.com/o-que-aprendi-com-olavo-23521309. Acesso em: 24 jan. 2021.

BIANCHI, Á.; MUSSI, D. Os inimigos de Gramsci. **Jacobin Brasil**, 27 abr. 2020. Disponível em: https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/. Acesso em: 24 jan. 2021.

BIANCHI, A. Olavo de Carvalho é um efeito da nova direita, e não sua causa. Entrevista especial de Álvaro Bianchi. **Notícias**, São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 19 dez. 2018. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585547-olavo-de-carvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvaro-bianchi. Acesso em: 24 j 89pan. 2021.

BRUZA, Rafael. Olavo de Carvalho processa a própria filha por publicação de Carta Aberta. **Independente Jornalismo Alternativo**, São Paulo, 25 out. 2018. Disponível em: http://www.independente.jor.br/olavo-de-carvalho-processa-a-propria-filha-por-publicacao-de-carta-aberta/. Acesso em: 11 jun. 2021.

BUGALHO, H. Prefácio. *In*: CARVALHO, H.; BUGALHO, H. **Meu pai, o guru do presidente**: a face ainda oculta de Olavo de Carvalho. Curitiba: Kotter Editorial; Editora 247, 2020.

CALIL, G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social e Sociedade**, Rio de Janeiro, 2021, p. 30-47. Disponível em https://www.scielo.br/j/sssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/?lang=pt. Acesso em: 11jun. 2021.

CALIL, G. **O integralismo no processo político brasileiro** - o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. 2005. Tese (Doutorado em História)-Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História UFF / UNIOESTE, 2005. Disponível em: https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/08/G-Calil-tese-doutorado.pdf. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, H.; BUGALHO, H. **Meu pai, o guru do presidente**: a face ainda oculta de Olavo de Carvalho. Curitiba: Kotter Editorial; Editora 247, 2020.

CARVALHO, O. A burguesia indefesa. **Diário do Comércio***:* São Paulo, 17 ago. 2009. Disponível em: http://olavodecarvalho.org/a-burguesia-indefesa/. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. **A nova era e a revolução cultural**. Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas: Vide Editorial, 2014. Disponível em: http://olavodecarvalho.org/a-nova-era-e-a-revolucao-cultural /. Acesso em 24jan. 2021.

CARVALHO, O. Apostando na estupidez humana. **O Globo***:* Rio de Janeiro, 6 jun. 2002a. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/apostando-na-estupidez-humana/. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. Cãozinho amestrado. **Diário do Comércio**, São Paulo, 20 jan. 2013. Disponível em: http://olavodecarvalho.org/980-2/. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. Coleção de frases com cu e Cia. **Olavo de Carvalho**: notas das redes sociais reunidas. 20 abr. 2015. Disponível em: https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2015/04/20/cu-e-cia/. Acesso em: 24 jan. 2021.
CARVALHO, O. Curriculum Vitae de Olavo de Carvalho. **Olavo de Carvalho**: notas das redes sociais reunidas, 22 jan. 2016. Disponível em: https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2016/01/22/curriculum-vitae-de-olavo-de-carvalho/. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. Digitais do Foro de São Paulo. **Diário do Comércio**, São Paulo: 28 jan. 2008. Disponível em: http://olavodecarvalho.org/digitais-do-foro-de-sao-paulo/. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. **Donkey**: analfabeto e mentiroso. [S.l.], 1 jul. 2019. 1 vídeo [49 min. 39 seg.]. Publicado pelo canal Olavo de Carvalho. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mHVcLO2WC74. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. Escolha Desgraçada. **Olavo de Carvalho:** Website Oficial. 25 mai. 2010. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/escolha-desgracada/. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. **O imbecil coletivo:** atualidades inculturais brasileiras. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1996.

CARVALHO, O. **O jardim das aflições:** de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995

CARVALHO, O. **Olavo de Carvalho** [Perfil no Facebook]. 11 jun. 2018b. Disponível em https://m.facebook.com/carvalho.olavo/posts/1038287079656699?locale2=pt_BR,%2011.6.2018. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. Pepsi Cola e o uso de fetos abortados. [S.l.], 2018a. 1 vídeo [1min. 10 seg]. Publicado pelo canal Cheirando Moura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=juosSdseqXA&ab_channel=ANovaLoiradoChan. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. Transição revolucionária. **Zero Hora**, Porto Alegre, 25.8.2002b. não paginado. Disponível em https://olavodecarvalho.org/transicao-revolucionaria/. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, O. Um acerto de contas com a astrologia. **Olavo de Carvalho**: Website Oficial, jun. 2000. Disponível em: http://olavodecarvalho.org/um-acerto-de-contas-com-a-astrologia/. Acesso em: 24 jan. 2021.

COSTA, A.; GHIROTTO, E. O Guru Improvável. **Veja**, São Paulo, n. 2611, 5 dez. 2018, p. 44-52.

ESCORSIM, F. As editoras em tempos de guerra cultural II. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 maio 2018. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/francisco-escorsim/editoras-em-tempos-de-guerra-cultural-ii/. Acesso em: 24 jan.2021.

FELLET, J. Quem são os discípulos de Olavo de Carvalho que chegaram ao governo e Congresso. **BBC Brasil**, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802265. Acesso em: 15 maio 2021.

FERRADO, Manoela. Olavo de Carvalho chama Bolsonaro de 'inativo e covarde' e diz que derrubaria governo, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 jun. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/olavo-de-carvalho-chama-bolsonaro-de-inativo-e-covarde-e-diz-que-derrubaria-governo.shtml. Acesso em: 11 jun.2021.

FONTES, V. Sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e luta teórica na década de 1980. *In*: NEVES, Lucia Maria Wanderley; LIMA, Júlio César (orgs.). **Fundamentos da educação escolar do Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006, p.201-239.

FLACH, Â. **Os vanguardeiros do anticomunismo**: o PRP e os perrepistas no Rio Grande do Sul (1961-1966). 2003. Dissertação (Mestrado em História)- Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-49571/os-vanguardeiros-do-anticomunismo--o-prp-e-os-perrepistas-no-rio-grande-do-sul-1961---1966. Acesso em: 12 jun. 2021.

GARCIA, L. Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade. **Observatório da Imprensa**, n. 127, 27 jun. 2001. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/carta-aberta-aos-alunos-e-professoresda-univeridade-univercidade/. Acesso em: 24 jan. 2021.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere.** Volume 3. Maquiavel. Notas sobre Estado e a Política. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001a.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere.** Volume 2. Os intelectuais, o princípio educativo, o jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b.

GRAMSCI, A. "Itália e Espanha". *In*: ESCRITOS Políticos, Volume 2, 1921-1926. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GUILHERME Afif Domingos. **Wikepedia**, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme_Afif_Domingos. Acesso em: 24 jan. 2021.

GULLINO, D.; PIVA, J. 'Respeito todas as instituições, mas acima delas está o povo', diz Bolsonaro. **Época**, Rio de Janeiro, 30 jun. 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/respeito-todas-as-instituicoes-mas-acima-delas-esta-povo-diz-bolsonaro-23775344. Acesso em: 24 jan. 2021.

MATTOS, M. **Governo Bolsonaro**: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. São Paulo: Usina Editorial, 2020.

O IMBECIL coletivo. **Wikepedia**, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Imbecil_Coletivo. Acesso em: 24 jan. 2021.
OLAVO de Carvalho defende renúncia de Bolsonaro por não defender 'fiéis amigos'. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 maio 2021. Disponível em: https://istoe.com.br/olavo-de-carvalho-defende-renuncia-de-bolsonaro-por-nao-defender-fieis-amigos/. Acesso em: 11 jun. 2021.

PATSCHIKI, L. **Os litores da nossa burguesia**: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Marechal Cândido Rondon, 2012. Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/1789. Acesso em: 24 jan. 2021.

PUGLIA, L. Gramsci e os Intelectuais de Direita no Brasil Contemporâneo. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 13, n. 2, dez. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12432. Acesso em: 24 jan.2021.

QUEIROZ, J. O gramscismo cultural: a ideologia neofascista brasileira. *In*: QUEIROZ, J.; LIMA, L.; CAVALCANTI, J. **Antonio Gramsci e os desafios do marxismo no mundo contemporâneo**. João Pessoa: CCTA UFPB, 2020, p. 225-281.

'ROBERTO Alvim talvez não esteja muito bem da cabeça', diz Olavo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jan. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/roberto-alvim-talvez-nao-esteja-muito-bem-da-cabeca-diz-olavo-de-carvalho.shtml. Acesso em: 11 jun.2021.

SEMINÁRIO DE FILOSOFIA OLAVO DE CARVALHO. 2021. Disponível em: https://lp.seminariodefilosofia.org/. Acesso em: 24 jan.2021.

SILVA, C. L. **Onda Vermelha**: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção História).

SILVA, C. L. Guerras culturais ou lutas de classe? A face atual do anticomunismo. **História & Luta de Classes**, Marechal Cândido Rondon, n. 26, 2018, p. 111-124. Disponível em http://dev.historiaelutadeclasses.com.br/upload/arquivo/2019/03/29b326ddb99ec50611e5fed2e7d073033c5e237e. Acesso em: 24 jan. 2021.

TEITELBAUM, B. **Guerra pela eternidade:** o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Tradução Cynthia Costa. Campinas: UNICAMP, 2020.

VALLE, Vinícius do. Ideologia, perspectivas e as bases do bolsonarismo. **Le Monde Diplomatique**, São Paulo, n. 165, abr. 2021, p. 6-7.

ZARUR, Camila. Em artigo intitulado 'Comunavírus', Ernesto Araújo criticou quarentena na China e disse que pandemia era oportunidade para 'acelerar projeto globalista'. **O Globo**, São Paulo, 18 maio 2021. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/em-artigo-intitulado-comunavirus-ernesto-araujo-criticou-quarentena-na-china-disse-que-pandemia-era-oportunidade-para-acelerar-projeto-globalista-25022856. Acesso em: 11 jun.2021.

Gilberto Calil
Graduado em História (Licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994). Graduado em História (Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996). Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998). Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2005). Professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, atuando no Curso de História e no Programa de Pós-Graduação em História. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República.

Educação e Filosofia
http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v36n76a2022-59150
FAPEMIG

“Sábios segundo a carne”: a crítica de Olavo de Carvalho aos intelectuais públicos

Leno Francisco Danner[*]
Fernando Danner[**]

Resumo: Reconstruiremos a crítica de Olavo de Carvalho à modernidade, à ciência e aos intelectuais públicos, a partir da sua proposta (a) de um dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico sob a forma de autoexclusão de espírito e matéria enquanto representando o drama humano ante o universo e a eternidade, e (b) de uma perspectiva metodológica dinamizada como intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado, o qual, como postura anti-estrutural e antissistêmica, capacitaria cada indivíduo humano, independentemente de mediações institucionalistas, cientificistas e tecnicistas, a acessar diretamente a Verdade absoluta e a compreender de si por si mesmo a objetividade do mundo e do homem. Em continuidade, explicitaremos exatamente essa correlação, feita por Olavo de Carvalho, entre modernidade, materialismo, ceticismo, relativismo e ideologia, que descamba para uma ciência positivista-perspectivista incapaz de produzir conhecimento objetivo e de gerar princípios e justificação racionais, para o horizonte da história como espaço do ceticismo e do relativismo, para o instrumento da política enquanto dinamizado por ideologias coletivistas e, finalmente, para a ação institucional-social intersubjetiva enquanto anulando o indivíduo. A modernidade como negação da ontoteologia e centralidade de materialismo, ceticismo, relativismo e ideologia, instaura os dois grandes macrossujeitos totalitários hodiernos, conforme Olavo de Carvalho: a academia e o partido de massas.

[*] Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: lenodanner@unir.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1932068015929218. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2332-3182.

[**] Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: fernando.danner@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4953604331184258. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2461-4819.

Palavras-Chave: Olavo de Carvalho; Modernidade; Intelectuais Públicos; Materialismo; Ideologia

“Wise according to the flesh”: Olavo de Carvalho’s criticism to public intellectuals

Abstract: We intend to reconstruct the Olavo de Carvalho’s criticism to modernity, science and public intellectuals, from his proposal of (a) a ontological-anthropological dualism-manichaeism as mutual exclusion between spirit and matter as representing the human drama before universe and eternity, as well as (b) through a methodological perspective streamlined as personalist, privatized, spiritualist and interiorized intuitionism, which, as an anti-structural and anti-systemic posture, would able each individual, independently of institutionalist, scientist and technicist mediations, to directly access the absolute Truth, and to comprehend from himself and by himself the objectivity of world and man. From this, we will explicit exactly this correlation, constructed by Olavo de Carvalho, of modernity, materialism, skepticism, relativism and ideology, which leads to a positivist-perspectivist science unable to produce objective knowledge and to generate rational principles and justification, to the horizon of history as sphere of skepticism and relativism, to the instrument of politics as streamlined by collectivist ideologies, and finally to the institutional-social intersubjective action as annulling the individual. Now, modernity as negation of ontotheology and the centrality of materialism, skepticism, relativism and ideology institutes the two main totalitarian macro-subjects of our time, according to Olavo de Carvalho: academy and mass party.

Key-Words: Olavo de Carvalho; Modernity; Public Intellectuals; Materialism; Ideology

“Sabios según la carne”: la crítica de Olavo de Carvalho a los intelectuales públicos

Resumen: Proponemos reconstruir la crítica de Olavo de Carvalho a la modernidad, la ciencia y los intelectuales públicos, a partir de su propuesta (a) de un dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico en forma de autoexclusión entre espíritu y materia como representación del drama humano ante el universo y la eternidad, así como (b) de una perspectiva metodológica dinamizada como intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado, que, como postura antiestructural y antisistémica, permitiría a cada individuo humano,

independientemente de las mediaciones institucionalistas, científicas y técnicas, acceder directamente a la Verdad absoluta y comprender por sí mismo la objetividad del mundo y del hombre. En continuidad, trataremos de explicar exactamente esta correlación, hecha por Olavo de Carvalho, entre modernidad, materialismo, escepticismo, relativismo e ideología, que conduce a una ciencia positivista-perspectivista incapaz de producir conocimiento objetivo y generar principios y justificación racionales, para el horizonte de la historia como espacio de escepticismo y relativismo, para el instrumento de la política dinamizado por ideologías colectivistas y, finalmente, para la acción institucional-social intersubjetiva como anuladora del individuo. Ahora bien, la modernidad como negación de la ontoteología y centralidad del materialismo, el escepticismo, el relativismo y la ideología, establece los dos grandes macro-sujetos totalitarios de nuestro tiempo, según Olavo de Carvalho: la academia y el partido de masas.

Palabras-Clave: Olavo de Carvalho; Modernidad; Intelectuales Públicos; Materialismo; Ideología

Considerações iniciais

Olavo de Carvalho é, no Brasil de hoje, uma unanimidade teórico-política no que se refere a uma postura que vamos definir genericamente, para este momento, como extrema-direita e, de modo muito específico para o nosso artigo, em termos de uma perspectiva radical de crítica e de contraposição à modernidade, à ciência e aos intelectuais públicos. É uma unanimidade tanto entre os que o apreciam (não é nosso caso) quanto relativamente àqueles que o detratam e o combatem. Reconhecendo que muitos críticos de Olavo de Carvalho simplesmente não leram seus trabalhos ou se dignaram a efetivamente analisar suas premissas teóricas e, antes de tudo, percebendo sua força político-cultural no contexto dos adeptos do bolsonarismo hoje hegemônico, nos decidimos a fazer uma pesquisa sólida de seu trabalho. Acreditamos, no que diz respeito a isso, talvez até mais do que o próprio Olavo de Carvalho – já que temos dúvidas de se ele efetivamente leu, e de se leu detidamente e com honestidade intelectual aos teóricos que critica em seus trabalhos –, na necessidade de uma consideração e de uma avaliação intelectuais sérias, o que significa, em primeira mão, reconhecer o "adversário" como um interlocutor que

merece ser lido, entendido e, então sim, criticado. Ademais, como mencionamos acima, a importância de suas ideias e de seus posicionamentos públicos, seja do âmbito da extrema direta de um modo geral, seja no contexto do bolsonarismo em particular, faz necessária a intervenção teórica disso que ele chama genérica e simplificadamente de intelectual coletivo, de esquerda e de marxismo cultural – e de modo mais pungente de *imbecil coletivo*. Ignorar o debate, a reconstrução de ideias e, com isso, a crítica aguda a suas posições é um erro crasso, questão que ele simplesmente não negligenciou contra seus adversários – embora, como demonstraremos ao longo do tempo, falsificou e deturpou poderosamente as posições destes.

Dito isto, abordaremos a sua crítica à modernidade, à ciência e aos intelectuais públicos, a partir de uma reconstrução teórica dinamizada em dois passos, a qual tem por foco a obra *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras*, trabalho esse que resume o pensamento e a militância públicos de Olavo de Carvalho. Primeiramente, explicitaremos de modo sistemático – já que, mais uma vez, essa não é uma boa qualidade de Olavo de Carvalho – o sentido de sua crítica à modernidade *iluminista, materialista, cética, relativista e ideológica*, bem como, em consequência, à ciência moderna (como um todo) enquanto postura positivista-perspectivista e aos intelectuais públicos (como um todo) como retóricos e ideólogos que, ao recusarem a possibilidade do conhecimento objetivo, o qual depende de modo fundamental de uma retomada da ontoteologia (como determinação biológico-religiosa da antropologia-cultura-normatividade, como precedência de uma fundamentação essencialista e naturalizada com caráter pré-político, pré-cultural e a-histórico sobre exatamente a política, a cultura e a história), perdem seja a capacidade de uma discussão e de uma justificação racionais das suas teorias, seja os escrúpulos morais no âmbito da *práxis* política. É assim que, sem a escora ontoteológica como centralidade do espírito e como determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade, a modernidade, a ciência e os intelectuais simplesmente assumem a ideologia como falsa representação da realidade e a utilizam como base tanto de sua supremacia

em relação aos meros mortais sem título acadêmico quanto em termos de fomento de uma perspectiva coletivista, estatista e clientelista que anula a individualidade – assim como, por causa de sua base materialista e anti-espiritualista, já havia destruído o âmbito e os dons do espírito.

Em segundo lugar, reconstruiremos sinteticamente a teoria de Olavo de Carvalho, que embasa e dinamiza sua crítica à modernidade, à ciência e aos intelectuais. Nós a definiremos, já que ele não o faz, como uma correlação de *dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico como autoexclusão entre espírito e matéria*, o qual procura interpretar o, nas palavras de Olavo de Carvalho, drama humano ante o universo e a eternidade, e de *intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado* enquanto significando o método – anti-institucional, anti-estrutural e antissistêmico – proposto por este autor para que o indivíduo possa, ser o auxílio da ciência, da academia, da política, das instituições e de qualquer noção estrutural, intersubjetiva e macro, acessar a Verdade absoluta, resolver o problema da existência humana e entrar em contato e em unidade diretos com Deus mediante exatamente sua interiorização espiritual e desde esse intuicionismo personalista e privatista. O resultado da análise é um tanto decepcionante no que tange à coerência teórica, à força das suas premissas, à solidez de suas conclusões e mesmo no que se refere à honestidade intelectual do autor, de modo que procuraremos, nas considerações finais, tecer algumas críticas que, nosso modo de entender, denotam a fraqueza e a incoerência das ideias olavistas e que, de nossa parte, recolocam a modernidade, a ciência e os intelectuais como esfera, instituição e sujeitos estruturantes – embora não suficientes e nem autossuficientes, por óbvio – de uma democracia universalista e pluralista constituída como Estado democrático de direito, inclusive em termos de constituição de um universalismo anticolonial, antifascista, antitotalitário, antirracista e não-fundamentalista. No mesmo diapasão, a análise das ideias de Olavo de Carvalho e de sua ramificação prático-política em termos de bolsonarismo nos mostra que, de fato, há um processo regressivo cada vez mais pungente em curso, cujo cerne consiste no ataque

à modernidade como um todo, o qual precisamos levar muito a sério, em primeiro lugar teoricamente.

“Sábios segundo a carne”: intelectuais públicos e o descaminho da modernidade

Uma das características fundamentais do pensamento de Olavo de Carvalho, tal como ele se expressa em suas obras teóricas e em seus posicionamentos públicos, consiste exatamente na crítica acerba e pungente aos intelectuais públicos, os quais representam, para ele, o problema mais grave para a consolidação de uma sociedade estabilizada, entendendo-se estabilização, nesse caso, seja como oferta de uma perspectiva solidamente objetiva em termos epistemológico-morais, seja, como consequência, a promoção de ideais superiores de uma cultura universal contra o relativismo moderno, seja, finalmente, questões mais pontuais como a promoção do patriotismo, da família e do homem de bem e chegando-se até a proteção da infância contra a degeneração moral e em favor da autoridade paterna. Essa crítica olavista é tão direta à *intelligentsia* como a culpada por todos os males sociais – o que também equivale a dizer que a modernidade é culpada por todos os males enfrentados hoje, conforme veremos mais adiante – que ele inclusive cunhou um termo para definir ao modelo de intelectual público moderno e, por conseguinte, para enquadrar o seu contexto de emergência e de dinamização, a modernidade *iluminista*: Olavo de Carvalho sintetiza o sentido e a orientação teórico-políticos dos intelectuais públicos pelo conceito de *imbecil coletivo*, querendo significar, com isso, a reunião, em um só bloco, de materialismo, ceticismo, relativismo e ideologia, de centralidade do grupo, das instituições, das estruturas sociais e do processo de socialização em relação ao indivíduo, do fato positivo e da análise social em relação ao intuicionismo privatista, personalista e espiritualista, da primazia da história e da política em relação ao contato direto entre homem (desde uma perspectiva de interiorização) e Deus, auxiliado pela Revelação e pela graça.

O *imbecil coletivo*, portanto, reúne todas aquelas posições teórico-políticas que conferem primazia ontogenética e determinação prático-política à socialização, às estruturas sociais, à ação macropolítica e ao papel organizador das instituições públicas, retirando o protagonismo individual e, não raro, apagando esse mesmo indivíduo como cerne da existência e como o próprio artífice de si mesmo (meritocracia), como aquele que descobre por si mesmo e desde si mesmo (em termos de interiorização intuicionista e espiritualista) a Verdade absoluta, o seu lugar no universo e na eternidade. No mesmo diapasão, o *imbecil coletivo* ensaca todas as posições filosófico-sociológicas que afirmam que o processo de subjetivação é dinamizado – Olavo de Carvalho usa o termo *determinado* – por uma perspectiva intersubjetiva, relacional e institucional (pensemos, aqui, nos conceitos de infraestrutura e superestrutura, de Karl Marx; de estrutura básica da sociedade, de John Rawls; de sistemas sociais, de Jürgen Habermas e de Anthony Giddens, a título de exemplo), situação que, para ele, implica na negação do indivíduo e de seu protagonismo e que leva à centralidade da massa, do partido, do sistema, da ação política, da intersubjetividade. Ademais, o *imbecil coletivo* abarca todas as posições filosófico-normativas que supostamente deslegitimam o conhecimento objetivo e, portanto, uma noção forte de universalidade epistemológico-moral e, ainda assim, acreditam na possibilidade de uma discussão, de uma justificação e de uma ação racionais desde um núcleo relativista. Nesse sentido, para Olavo de Carvalho, o conhecimento objetivo – como intersecção de uma base ontoteológica revelada e espiritualista e desde a determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade – é a única condição estruturante capaz de viabilizar racionalidade-objetividade, o que mostra que, para ele, a modernidade iluminista, por causa (conforme Olavo de Carvalho, obviamente) de seu materialismo, relativismo e ateísmo-ceticismo, se torna incapaz de garantir racionalidade teórico-prática, descambando diretamente para a ideologia e gerando seja a degeneração moral, seja, finalmente, o totalitarismo e o genocídio (cf.: CARVALHO, 2018, p. 17-39). Ora, a crítica de Olavo de Carvalho em relação à modernidade e, por extensão, à ciência e aos intelectuais públicos

começa exatamente pela acusação de que, ao assumirem o relativismo epistemológico-moral e, com isso, ao recusarem a possibilidade de conhecimento objetivo, essa mesma modernidade, essa mesma ciência e esses mesmos intelectuais públicos, que falam a partir daquela, em nome daquela, simplesmente perderam qualquer critério *racional e moral* para produzir e vincular intersubjetivamente conceitos, normas, práticas e valores. Ele diz:

> Agora, a discussão sobre o relativismo impinge ao público inculto ou semiculto uma visão ainda mais seletiva e deformante das alternativas em jogo, dando a impressão de que o relativismo é a conclusão quase inevitável do desenvolvimento científico e de que, contra ele, a humanidade só tem duas opções cabíveis: apegar-se aos universais formais do positivismo científico ou ‘criar universais’ pela padronização das crenças coletivas. Em suma, só há três filosofias: o relativismo cético, o relativismo científico e o relativismo “politicamente correto”. O primeiro destrói todo conhecimento, ao negar os universais. O segundo *procura* os universais, informando, para alívio do relativista cético (e não sem íntima satisfação), que ainda não encontrou nenhum. O terceiro diz que é preciso “criar” universais pela persuasão e pela atividade política, o que é o mesmo que reduzi-los a mentiras socialmente úteis. Todas as alternativas são reunidas sob o rótulo de “dogmatismo” e rejeitadas como um passado longínquo, fora do raio de visão da plateia (CARVALHO, 2018, p. 54)[1].

Olavo de Carvalho não menciona isso de modo explícito (é possível que não tenha compreendido completamente), mas, ao falar do relativismo – seu exemplo básico de *relativista* é o *pragmatismo* de Richard Rorty – muito provavelmente esteja querendo se referir a uma

---

[1] Essa posição, entretanto, é uma completa falsificação e deturpação da justificação pós-tradicional ou pós-metafísica. Sobre isso, pode-se conferir: HABERMAS, 1990, p. 11-104; HABERMAS, 1989, p. 17-60; HABERMAS, 2004, p. 09-67; RORTY, 1994, p. 351-386.

premissa fundamental própria às ciências humanas e sociais e, por conseguinte, à filosofia contemporâneas, a saber: de que a biologia-religião não justifica antropologia-cultura-normatividade ou, por outras palavras, de que não é mais possível recorrermos a uma base pré-política, pré-cultural e a-histórica (a Revelação, a natureza, a comunidade étnico-religioso-moral, a raça-genética, a correlação de corpo como aparelho fisiológico e de gênero como autocompreensão simbólico-normativa) enquanto fundamento da política, da cultura, da história, da linguagem, da intersubjetividade – é por isso, aliás, que, na filosofia contemporânea, a biologia-religião é substituída pela autorreferencialidade da cultura, da linguagem, da história, da sociabilidade! Ora, a consequência do processo de modernidade-modernização ocidental, sob a forma de racionalização das imagens metafísico-teológicas de mundo e em termos de emergência e consolidação da diferença, da alteridade, do multiculturalismo, do pluralismo, da diversidade, do/a Outro/a, é exatamente a centralidade de uma perspectiva de desnaturalização, historicização e politização da sociedade-cultura-consciência: essa é a grande tônica dos discursos filosóficos, sociológicos e antropológicos da modernidade-modernização ocidental e, para autores como John Rawls, Richard Rorty, Jürgen Habermas, Axel Honneth e Rainer Forst, *é somente por essa condição de pluralização, diferenciação, heterogeneidade e complexidade sociopolíticas e epistemológico-normativas*, dinamizadas por meio da racionalização sociocultural, que efetivamente temos um incremento e um estímulo radicalizados da justificação e da ação racionais: quanto mais desnaturalização, historicização e politização da sociedade-cultura-consciência, mais a justificação racional se faz necessária, seja para a construção da objetividade epistemológico-moral, uma vez que ela não é autoevidente e intuitiva, uma vez que não a acessamos diretamente, seja para sua aplicação intersubjetiva, porque, afinal, estamos tratando de vidas humanas plurais e sempre frágeis, o que exige não apenas a capacidade de ampliação da representação, da inclusão e da integração de todos/as e para com todos/as no círculo moral agora alargado, mas também a prática da moderação, da sensibilidade e do refreamento institucionais, necessitando-

se cada vez mais de mediações epistêmicas e normativas estruturantes para se dar conta dessa heterogeneidade e dessas complexidade – o que significa, por exemplo, que o poder político democrático institucionalizado já não pode mais ser aplicado diretamente, mas tão só indiretamente, por meio de mediações jurídicas (separação e sobreposição entre poderes, primazia do direito em relação à política e à moral, necessidade de tradução da política e da moral ao direito, universalidade dos direitos e das garantias fundamentais, devido processo legal, esfera pública aberta etc.). No mesmo diapasão, a desnaturalização, a historicização e a politização da sociedade-cultura-consciência – que leva exatamente a esse processo de pluralização, diferenciação, heterogeneidade e complexidade sociopolíticas – implica na perda de obviedade das tradições herdadas e dos poderes intersubjetivamente vinculantes, os quais precisam ser reflexivizados e, quando for o caso, corrigidos ou abandonados por outros melhores. A perda da justificação biológico-religiosa da antropologia/cultura-normatividade exige mais, e não menos, reflexividade e compromisso com a racionalidade; exige mais, e não menos, universalidade; exige mais, e não menos, intersubjetividade vinculante (daí, por exemplo, a primazia do direito sobre a política e a moral, a centralidade do devido processo legal, a universalidade dos direitos e das garantias fundamentais e da segurança, da simetria, da isonomia e da horizontalidade jurídicas no que se refere ao âmbito institucional e social democrático) (cf.: HABERMAS, 2012a, p. 139-249; HABERMAS, 2012b, p. 87-202; RAWLS, 2000, p. 262-306; HONNETH, 2003, p. 265-280; FORST, 2010, p. 334-345; RORTY, 1994, p. 351-386).

Note-se, entretanto, na passagem acima, que há, por Olavo de Carvalho, um falseamento da discussão em torno à *justificação pós-tradicional ou pós-metafísica*, a qual, para este autor, não coloca mais alternativas (e, certamente, alternativas mais grandiosas, sublimes e universais) ao sujeito epistemológico-moral que não a aceitação do positivismo, isto é, do materialismo bruto e necessitarista, da redução de todos os fenômenos próprios ao mundo e o homem como fatos empíricos (centralizados e monopolizados pela comunidade científica situada

verticalmente em relação ao homem comum, daí a acusação de ditadura dos intelectuais, conforme Olavo de Carvalho, posto que somente ela, por meio do *método científico*, diz o que é fato e o que não é fato, legitima o que é e o que não é conhecimento), ou a criação supostamente *ex nihilo* e arbitrária da universalidade, o que simplesmente, no caso de Olavo de Carvalho, desconsidera seja a autorreferencialidade da cultura, da história, da linguagem e da sociabilidade, seja a sempre necessária contextualização antropológico-normativa, seja, finalmente, a impossibilidade de se apagar as tradições herdadas e, assim, o sem sentido de se partir de um estado puro de indefinição, de um novo começo à revelia de todas essas tradições herdadas. Em um contexto de *linguagem pública* e de ilusão da linguagem privada pura e totalmente particular, não há outra alternativa a não ser partir-se do contexto e assumi-lo como um critério autorreferencial, autossuficiente e autossubsistente enquanto ponto de partida de sua compreensão, de seu enquadramento e de sua legitimação. De todo modo, é importante salientar-se que essa centralidade do contexto cultural, linguístico, histórico, social e político implica nisso que as teorias da modernidade chamarão de diferenciação das esferas de valor e, portanto, na separação das disciplinas científicas em campos e com metodologias de abordagem muito próprias: o juízo epistemológico-cognitivo enquanto específico às ciências naturais e exatas; o juízo político-normativo enquanto específico às ciências humanas e sociais; e o juízo de gosto enquanto próprio da esfera artístico-cultural – todas dinamizadas por uma perspectiva falibilista que, como estamos enfatizando, pungencia a discussão e a legitimação racionais e que implica em sensibilidade, moderação e reformulação permanentes da produção científica, em suas múltiplas áreas, e de sua vinculação institucional-social (cf.: HABERMAS, 2002a, p. 01-25; HABERMAS, 2002b, p. 07-53). Note-se que, ao contrário disso, Olavo de Carvalho assume que, na medida em que se trata de uma, por assim dizer, *construção social da realidade* (a qual, como ressaltamos acima, não se dá *ex nihilo* e arbitrariamente) que perde qualquer parâmetro objetivo, qualquer senso de racionalidade e qualquer moderação política, o relativismo leva exatamente à produção da “objetividade” como *mentiras*

socialmente úteis, através de uma atividade científico-intelectual que, na verdade, é persuasão política pura e simplesmente. Ora, o fim da perspectiva ontoteológica (de modo específico, a determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade, a fundamentação pré-política, pré-cultural e a-histórica da política, da cultura e da história), ao levar à impossibilidade e, no limite, à recusa do conhecimento objetivo por parte da academia, faz os intelectuais perderem não apenas a capacidade de uma discussão e de uma justificação racionais sobre a objetividade cognitiva, mas também o compromisso moral com o público de um modo mais geral: além de falsos profetas, se tornam manipuladores das mentes e dos corações alheios. Olavo nos diz, ao se referir ao relativismo epistemológico-moral da academia:

> Uma dessas semelhanças, a mais significativa, é a negação do conhecimento objetivo e a consequente redução da atividade intelectual à propaganda e à manipulação das consciências. Tanto Gramsci quanto Rorty negam que o conhecimento humano possa descrever o real, e declaram que a única finalidade dos nossos esforços culturais e científicos é expressar desejos coletivos. Para um e para outro, não há conceitos universais, nem juízos universais válidos, mas pode-se “criar” universais pela propaganda, fazendo todas as pessoas compartilharem das mesmas crenças, ou melhor, das mesmas ilusões. A função da intelectualidade é, portanto, gerar essas ilusões e, como diz Rorty, “inculcá-las gradualmente” na cabeça do povo. Eles divergem somente quanto à identidade do intelectual: para Rorty, ele se constitui na comunidade acadêmica; para Gramsci, é o Partido ou o “intelectual coletivo” (CARVALHO, 2018, p. 67).

Note-se, na passagem, que, conforme reflexão de Olavo de Carvalho, a negação do conhecimento objetivo subverte completamente a atividade intelectual, que se transforma em propaganda barata e em manipulação das consciências: ao perder a referência objetiva à realidade, isto é, essa base religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade,

a academia, a ciência e os intelectuais perdem também os escrúpulos morais que somente adviriam daquela perspectiva pré-política, pré-cultural e a-histórica, tornando-se em charlatães da objetividade epistemológico-moral e em manipuladores da vontade alheia, especialmente do homem comum, deslegitimado em sua capacidade individual de acessar a verdade de si e do mundo, subjugado pelas instituições e pelas estruturas sociais. Nessa passagem, ademais, aparece outro elemento fundamental para entendermos a cruzada olavista contra a modernidade, a ciência e os intelectuais públicos e, nesse sentido, em termos seja de promoção do indivíduo frente ao coletivo, seja de crítica às teorias sociais que conferem primazia exatamente às estruturas sociais, à intersubjetividade e à relacionalidade vinculantes, às instituições e aos processos macro no que se refere à constituição das práticas, dos símbolos, dos valores e, do fim das contas, do próprio indivíduo. A ciência moderna indistintamente e em bloco, na medida em que é relativista, isto é, na medida em que recusa a determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade e assume a autorreferencialidade, a autossuficiência e a autossubsistência da cultura, da sociedade, da linguagem, da história, da sociabilidade, da política, da intersubjetividade, promove o apagamento do indivíduo e de sua autonomia, conferindo centralidade absoluta às estruturas sociais, às dinâmicas institucionais e aos macrossujeitos políticos. É daqui, aliás, que emerge, como grande consequência da modernidade materialista e relativista, o *intelectual coletivo* (ou, o que é o mesmo, o *imbecil coletivo*) que, ao afirmar essa construção social da realidade (que já não existe mais de modo anterior à sociedade, à cultura, à história, à linguagem, à intersubjetividade etc.), assume que a única coisa que conta são essas estruturas sociais, essas dinâmicas institucionais e esses macrossujeitos políticos e, assim, que os coloca como chave explicativa e legitimatória de toda e qualquer crença e ação possíveis, seja por parte das instituições, seja por parte dos indivíduos. Ora, o intelectual coletivo, na medida em que recusa a possibilidade de descrição da realidade essencialista e naturalizada (determinação biológico-religiosa da antropologia-cultura-normatividade), concebendo-a meramente como uma construção social

autorreferencial, autossuficiente e autossubsistente, na medida, inclusive, em que perde, com a recusa dessa base pré-política, pré-cultural e a-histórica, quaisquer escrúpulos e compromissos morais, estabelece a propaganda como o instrumento de criação da objetividade e transforma-se em sujeito produtor e inculcador de ilusões (mais uma vez por meio da propaganda) na cabeça do povão. É assim, aliás, que o intelectual coletivo se ramifica em academia e em partido revolucionário. Ora, esse intelectual coletivo é demarcado exatamente pela ausência de critérios racionais para a justificação, produção, discussão e vinculação públicas da objetividade epistemológico-moral e, portanto, como quer Olavo de Carvalho, é um promotor da *dóxa* dourada com a pílula do “saber científico”, isto é, daquilo que a comunidade científica estabelece no grito como supostamente saber científico, o qual, além de ser validado no grito (sem qualquer critério racional), também reflete apenas vontade da maioria, tendências coletivas passageiras e modistas nada universais e fundamentalmente ideológicas (isto é, falsas):

> A ideia do “intelectual coletivo” tem uma origem das mais comprometedoras. Nasceu nos clubes, assembleias e salões literários onde se gerou a Revolução Francesa – na ‘Repúblicas das Letras’. Foi ali que pela primeira vez a intelectualidade moderna sentiu a força da sua união e se sagrou rainha sob o título de “opinião pública”. De fato, esse termo não designava a opinião das massas, mas o sentimento comum das elites letradas. O característico desses clubes, que os diferenciava, por um lado, das sociedades científicas como hoje as conhecemos e, por outro, dos centros de debates da universidade medieval, era a completa ausência de critérios racionais para a validação dos argumentos: era o império da “opinião” – no sentido grego da *dóxa* ou pura crença. Questões teóricas de gnosiologia, de metafísica, de economia e mesmo de ciências naturais eram ali decididas no grito, segundo as preferências da maioria. A doutrina verdadeira não era a que coincidisse com a realidade, mas a que melhor expressasse as aspirações do coletivo, na linguagem

> mais lisonjeira às paixões do momento. Passado o vendaval da revolução, as instituições científicas e universitárias da burguesia vencedora trataram, obviamente, de não se organizar segundo o exemplo das sociedades revolucionárias, mas segundo os moldes consagrados da universidade medieval e dos círculos científicos do Renascimento. A 'República das Letras', todos sabiam, servira para agitar as massas, mas não poderia servir para produzir conhecimento. Não é de estranhar, portanto, que o modelo da sociedade de debates revolucionários tenha sido encampado, em seguida, pelos excluídos da nova ordem: pela intelectualidade socialista (CARVALHO, 2018, p. 68-69).

A modernidade, nesse sentido, é demarcada pela ausência de critérios racionais para a produção, legitimação e implementação do conhecimento objetivo, o qual passa a ser somente ideologia, opinião dourada com a pílula da cientificidade e imposta no grito – na falta de uma base ontoteológica para a fundação da objetividade epistemológico-moral, tem-se a ausência de critérios racionais garantidores de uma justificação não-contraditória e de uma ação normativa escorreita, restando apenas a manipulação, a propaganda, o grito. Essa perspectiva ideológica, enquanto resultado da atuação da ciência moderna, tem por consequência a consolidação do intelectual coletivo, e isso tanto no que diz respeito à centralidade das doutrinas coletivistas, adequadas às massas e direcionadas aos modismos do momento, passando pela afirmação, como dizíamos acima, da centralidade dos processos de socialização, das estruturas sociais, das instituições públicas e dos macrossujeitos políticos frente ao indivíduo de carne e osso (e, em geral, anulando-o, massificando-o, instrumentalizando-o), quanto do sentido profundamente militante – e, mais uma vez, diretamente ideológico – dessa mesma ciência e dos intelectuais públicos, com o que a academia e o partido revolucionário se transformam nos dois grandes e imbricados macrossujeitos hegemônicos dessa modernidade iluminista, sobrepostos aos meros mortais e deturpando exatamente essa base ontoteológica com caráter universalista que

tradicionalmente embasou o grande ideal de uma civilização ocidental universalista e de alta cultura na correlação de tradição judaico-cristã, metafísica greco-latino-medieval e cultura renascentista. Ora, para Olavo de Carvalho, o resultado dessa centralidade do fato empírico, contra a base ontoteológica da tradição judaico-cristã e greco-latino-medieval, é a consolidação das teorias coletivistas enquanto chave analítica interpretadora da natureza e legitimadora da cultura e, nesse sentido, a sua consequência é a ditadura da academia ou dos intelectuais públicos, do partido comunista-socialista e das ideologias políticas totalitárias. Como vimos acima, ao abandonarem a ontoteologia e, assim, a objetividade e a universalidade do mundo e do homem, a ciência moderna e os intelectuais públicos abandonam também o conteúdo moral substantivo que vinha como prêmio por essa determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade, aferrando-se a uma militância prática que permitia e que permite, de um só golpe, sua hegemonia social e a massificação completa de todos aqueles que estavam e estão fora dessa fronteira constituída pela academia e pelos seus charlatães, os intelectuais. É exatamente por isso que, no bojo da modernidade iluminista e em termos da ciência e dos intelectuais públicos dali dinamizados, não há qualquer possibilidade de discussão racional, de modo que passa a imperar a retórica política, a persuasão psicológica e a chantagem das massas por meio da “ciência” agora transformada em ideologia. Ele diz:

> Nessa atmosfera, a discussão racional torna-se impossível: o consenso forma-se por ondas de sentimentos que confusamente se agitam no ar e produzem breves calafrios na epiderme. As crenças moldam-se e dissolvem-se em uma atmosfera impressionista, como manchas móveis de tinta em um papel molhado. É o tempo da retórica, da persuasão psicológica, da vaga chantagem camuflada que toma o lugar da argumentação. E, enfim, o estado de fato reclama sua elevação ao status de norma e lei: surgem os Böhm, os Feyerabend, os Kuhn, os Rorty, que advogam a legitimidade do argumento retórico, do apelo emotivo e até mesmo da influência subliminar

> como meios de prova científica. A noção de 'veracidade' – que a primeira geração de proletários já reduzira a um formalismo convencional, esvaziando-a de sua substância ontológica – esfuma-se por completo e enfim é negada ostensivamente. As ideias conquistam adeptos por contágio afetivo; e, uma vez dominantes, já não precisam sequer ostentar a pretensão de veracidade. Possuem argumento melhor: a força do número, que espalha nas almas dos recalcitrantes o temor do isolamento, vagamente identificado com a miséria e a loucura. Por baixo da adesão festiva às novas modas intelectuais, range soturnamente a máquina persuasiva do terror psicológico (CARVALHO, 2018, p. 71).

Uma ciência agora transformada em ideologia e uma postura intelectual agora subsumida em propaganda falsificada e massificadora não convence mais pela razão, não busca mais o esclarecimento das consciências, mas simplesmente a manipulação das paixões do momento – é uma dinâmica de epiderme, nunca de vinculação essencial, espiritual. Perde-se, com isso, até mesmo a pretensão de veracidade, de aproximação de nossos juízos cognitivos-morais com uma realidade objetiva pressuposta ou imaginada, de modo que a ciência e os intelectuais se aceitam e se assumem efetivamente como persuasão retórica barata e como fenômenos de massa para os quais a absoluta determinação social da consciência e, assim, o coletivismo político-moral radicalizado são os dois princípios estruturantes – não por acaso, como Olavo de Carvalho nos disse acima, o resultado do materialismo moderno e da sua recusa da ontoteologia é exatamente essa correlação de academia e partido político, desde a centralidade das ideologias de massa, o que leva, como veremos no próximo capítulo, aos regimes totalitários vivenciados desde a Revolução Francesa (esta, na verdade, como o primeiro – mas não o último – regime ideológico e totalitário gerado pela modernidade iluminista) até nós. Nesse sentido, aparece uma das conclusões mais importantes da posição de Olavo de Carvalho em relação à tríade modernidade iluminista, ciência e intelectuais públicos, a saber, a de que a

modernidade iluminista como materialismo é ideologia, de que a ciência moderna, calcada no materialismo, é retórica ou ideologia “científica” e de que, por consequência, os intelectuais públicos são basicamente retóricos ou ideólogos que se utilizam do suposto marketing científico e institucional para promover o coletivismo, deturpar a herança da ontoteologia e anular o indivíduo de carne e osso. Olavo diz:

> [...] o poder da ciência sobre a sociedade não advém do conteúdo cognitivo do saber científico, e sim da ideologia científica, que é pura retórica. Quem elevou a classe dos técnicos e cientistas ao estatuto de uma casta sacerdotal não foi nem a física de Einstein, nem a genética de Mendel, nem qualquer teoria científica, mas a retórica iluminista e, depois, positivista. Os homens que criaram o poder científico – Voltaire, Condorcet, Comte, Renan – não eram cientistas nem mesmo em um sentido aproximativo do termo, mas comunicadores, homens de marketing [...]. A noção mesma de “intelectual” no sentido moderno é sobretudo a de um retórico – um agitador de ideias, que nada descobre ou cria por si, mas faz um barulho imenso e põe em movimento a máquina da História. O tipo, todo mundo sabe, é inaugurado por Voltaire. À testa de todas as correntes de opinião que agitam o mundo há duzentos anos não se encontra nunca um verdadeiro homem de ciência, um filósofo no sentido clássico do termo, um genuíno artista criador, um religioso autêntico ou mesmo um puro homem de ação, mas sempre e invariavelmente um “intelectual” – um indivíduo que tem o dom de, pela palavra, transformar as ideias em forças agentes. Vale dizer: um retórico, um publicitário. São publicitários os autores da *Enciclopédia*, os pioneiros do movimento socialista, os *ideologues* do liberalismo, os propagadores do espiritismo e da teosofia, os apologistas do positivismo, os instigadores da Comuna de Paris, os porta-vozes de ambos os partidos no Caso Dreyfus; são retóricos Lênin, Trotski, Hitler e Mussolini, Churchill e Roosevelt, Ghandi e Mao; são retóricos os que difundem no mundo o

> existencialismo, o marxismo, a *New Left* e a *New Age*, como hoje são retóricos Alvin Toffler, Fritjof Capra e todos os ideólogos em circulação no mercado (CARVALHO, 2018, p. 131-132).

Um dos primeiros e mais impressionantes pontos que se pode observar na passagem acima é essa salada mista que coloca em um mesmo pode e em uma mesma condição lideranças políticas e religiosas e teóricos tão diferentes quanto, por exemplo, Ghandi, Lênin, Hitler e Capra. Realmente é difícil até mesmo tentar encontrar qual o argumento que Olavo de Carvalho utiliza para colocar em um mesmo saco todas estas figuras, definindo-as como retóricos e como ideólogos, como marqueteiros teórico-políticos. É muito provável que ele queira significar aqueles sujeitos que, sem base ontoteológica objetiva, utilizem-se das palavras para fomentar paixões e estados de espírito coletivistas e, assim, para direcionar a consciência e a vontade das massas conforme seus (destes retóricos, ideólogos e marqueteiros) interesses. Note-se que, conforme pressuposição de fundo, Olavo de Carvalho parece argumentar que deve haver uma base essencialista e naturalizada capaz de garantir exatamente essa objetividade epistêmica e essa correção normativo-moral que efetivamente constituem isso que poderia se chamar de ciência, de filósofo, de artista criador e de líder religioso autêntico – sem essa base anterior à linguagem, anterior aos (e embasadora dos) próprios conceitos, a linguagem e esses mesmos conceitos não possuem conteúdo, não possuem referência e, na verdade, são construídos de modo arbitrário, tornando-se meros jogos de palavras produzidos sem fundamento e utilizados de modo manipulativo; ademais, essa base não pode ser factual, empírica, mas exatamente essencialista, naturalizada e a-histórica, de modo que a interpretação científica do fato, agora dotada da ontoteologia, não o assumiria como algo inidentificável (ao estilo da *coisa em si*) e como mera pressuposição (fenômeno), mas como uma existência efetiva para além da consciência e não submetida aos acasos da necessidade cega ou à arbitrariedade da interpretação subjetivista, sem um propósito último, maximamente universalista. Note-se, no mesmo diapasão, que ele parece atribuir essa perspectiva

ontoteológica exclusivamente à tradição judaico-cristã e greco-latina, talvez juntamente com a tradição filosófico-teológica árabe, fundidas em termos de filosofia e de teologia medievais e com ramificações até o Renascimento. Só de posse dessa base ontoteológica e dos seus consequentes princípios epistemológico-morais poderia haver alguém e algo genuínos; tudo o mais que não se funda na ontoteologia e que não a assume, tudo o mais que a nega é materialismo e, assim, ceticismo, relativismo e ideologia. Por isso mesmo, aliás, só a posição de Olavo de Carvalho é de fato genuína, objetiva, científica, ao passo que todas as outras são exatamente materialismo, ceticismo, relativismo e ideologia (abordaremos mais essa questão no próximo capítulo). Ora, retomando a passagem acima, a ciência não possui nenhum poder cognitivo e, desse modo, sua autoridade pública devém da propaganda, do marketing publicitário, da persuasão e da manipulação permanentes do público de cidadãos. Essa hegemonia no grito da modernidade iluminista, materialista, cética, relativista e ideológica, essa hegemonia epistêmico-política por retórica, marketing e charlatanismo é extremamente grave, porque leva à dissolução da ontoteologia; e essa dissolução da ontoteologia leva ao vale-tudo moral. Especialmente no que se refere às sociedades sem uma tradição filosófico-cultural clássica consolidada, como é o caso do Brasil, o poder dos intelectuais públicos assume um sentido destrutivo e disruptivo da vida institucional e social – daí, inclusive, que a grande cruzada olavista se dirija, no caso do Brasil, contra as ciências humanas e sociais e contra seus intelectuais públicos, adentrando em muitas situações no negacionismo científico explícito (cujo primeiro passo foi dado, ou seja, a definição da ciência como ideologia e retórica, como não possuindo qualquer conteúdo cognitivo substantivo). Ele diz:

> Eis, em resumo, as tendências dominantes no debate científico e filosófico no mundo de hoje. Em países mais velhos, que conservam valores herdados da Idade Média e do Renascimento, essas tendências podem ser compensadas, às vezes, por alguma reação crítica e ordenadora. Mas os países novos, que entraram para a História depois da Revolução

> Francesa e pouco absorveram do legado dos séculos anteriores, não têm a mínima defesa contra o espírito do "intelectual coletivo", que neles tende a ser identificado, em um dogmatismo inconsciente, como a única encarnação possível da ideia de cultura superior. Tornar-se um "intelectual", aí, não é adquirir certos conhecimentos e demonstrar capacidade em certos gêneros de investigação ou criação, mas ser aceito em determinados meios, falar em determinado tom, adquirir determinados trejeitos em que se reconheça a identidade da casta. [...] O Brasil é a terra prometida do "intelectual coletivo" (CARVALHO, 2018, p. 71).

Note-se a insistência, por Olavo de Carvalho, nessa perspectiva de que a ciência moderna e os intelectuais públicos não possuem nenhuma base cognitiva objetiva e, como ele nos disse logo acima, nenhum compromisso moral com a universalidade, com a construção e a promoção de uma cultura superior. São basicamente sujeitos epistemológico-políticos materialistas, céticos, relativistas e ideológicos que, ao se renderem à impossibilidade da ontoteologia, no caso da determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade, também se degeneraram ao ponto de assumirem essa atuação retórica e marqueteira charlatã, manipuladora e instrumentalizadora seja da moral e dos bons costumes, seja, então, do pobre homem individual de carne e osso. Por isso mesmo, na leitura da obra olavista, somos impactados com sua afirmação de que todos os problemas que enfrentamos hoje no Brasil em particular e no Ocidente de um modo mais geral se devem exatamente à modernidade iluminista, à ciência materialista, cética, relativista e ideológica e aos intelectuais públicos enquanto retóricos, ideólogos e marqueteiros que, ao mesmo tempo, negam essa herança ontoteológica e promovem um coletivismo totalitário apagador das consciências individuais, além de moralmente corrompido e degenerado. Em suma, a culpa pela degeneração humana é da modernidade, da ciência e dos intelectuais públicos, e não de qualquer outra coisa (nem mesmo da ontoteologia). Como ele nos diz:

> Se examinarmos a história do período ditatorial, veremos em miniatura e semente, no microcosmo da classe letrada, o nascimento de todas as tendências morbosas, destrutivas e cínicas que depois viriam a contaminar a sociedade inteira, produzindo o quadro descrito pelo prof. Velho. É entre os intelectuais que nasce, da depressão e do isolamento, o apelo às drogas: antes de tornar-se um comércio florescente, o vício da maconha, do LSD, da cocaína foi uma teoria, uma ideologia, defendida por professores do alto das cátedras como um “caminho de libertação”. A droga logo tornou-se moda entre estudantes, atores, jornalistas. Do grêmio letrado, já envolta em prestígio, desceu para a classe média e daí para o povo. Foi o marketing dos intelectuais que criou o mercado: os traficantes não fizeram senão aproveitar a brecha.
> Foi também entre os intelectuais que brotou o apelo ao pansexualismo; primeiro como teoria elegante, depois como moda entre letrados, depois – por imitação – entre as classes altas, e médias, e baixas.
> Dos intelectuais partiu, para depois infectar a nação inteira, o espírito negativista e cético, o descrédito de todos os valores, o culto do macabro e do abissal. O mais breve exame da imprensa nanica daquele período mostra como esse espírito foi-se disseminando inicialmente entre as camadas letradas – em um país cujo povo ainda acreditava em família, em religião, em honestidade, em beleza e verdade –, e depois, gradativamente, foi ganhando o movimento editorial, os grandes jornais, as novelas de TV, graças à ação contínua, perseverante e incansável de uma espécie de militância do abismo (CARVALHO, 2018, p. 91-92).

Não rebateremos essas acusações, de tão estapafúrdias e delirantes que são, mas ressaltaremos o ponto fundacional que as dinamiza: da modernidade iluminista, da ciência materialista, cética, relativista e ideológica e dos intelectuais públicos como retóricos, marqueteiros e ideólogos emergiu toda a degeneração ocidental, seja sob a forma de

regimes totalitários, seja em termos do ateísmo, da anarquia, do hedonismo e do coletivismo, seja, então, como negação do indivíduo pelas estruturas sociais, pelas instituições públicas e pelos macrossujeitos políticos. Eliminando a ontoteologia, a modernidade perdeu a capacidade de produzir conhecimento objetivo – ou melhor, de explicitar essa base biológico-religiosa pré-cultural, pré-política e a-histórica – e, com isso, descambou para o oportunismo moral e para a manipulação política das consciências, descaradamente, despudoradamente. Ora, qual é a base normativa que garante a Olavo de Carvalho essa postura de crítica à modernidade, à ciência e aos intelectuais públicos? Por que a modernidade, a ciência e os intelectuais públicos são afirmados como materialistas, relativistas, coletivistas e ideológicos? E, assim, qual a proposta olavista enquanto contraponto à degeneração da modernidade? A qual situação devemos retornar? Reconstruiremos essa posição e as respostas consequentes no próximo capítulo.

A metafísica olavista como escatologia dualista-maniqueísta e intuicionismo personalista, privatista e espiritualista: os fundamentos olavistas de crítica à modernidade

A crítica de Olavo de Carvalho à ciência e aos intelectuais públicos em particular e, de modo mais geral, à modernidade iluminista se dinamiza a partir de uma perspectiva ontológico-antropológica muito singular e curiosa, a qual vamos chamar, nesse texto, de correlação de *dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico como contradição entre espiritualismo e materialismo* e de *intuicionismo privatista*, *personalista, espiritualista e interiorizado como método de acesso à Verdade absoluta e de resolução do drama humano ante o universo e a eternidade*. É a partir desse radical dualismo ontológico-antropológico entre espírito e matéria, o qual não admite mediações (espírito e matéria como realidades mutuamente auto-excludentes), e dessa ênfase no contato pessoal, via interiorização intuitiva, entre o homem (individual) e Deus, recusando-se,

aqui, qualquer perspectiva auto-organizativa e construtiva à ciência, à política, à história e à ação institucional-social intersubjetiva (mais uma vez assumindo a auto-exclusão recíproca entre, de um lado, o indivíduo, sua interiorização espiritual e o contato direto com a Verdade absoluta, *versus* a ação política, a estrutura social e o papel regulativo e orientador das instituições públicas), que Olavo de Carvalho reconstrói, primeiramente, o drama universal do homem (sempre o homem individual) frente ao universo e à eternidade e, por conseguinte, em segundo lugar, assume essa postura de crítica incisiva e pungente à modernidade iluminista, como vimos acima. Nesse sentido, qual é efetivamente o *drama humano frente ao universo e a eternidade* que afeta todos os sujeitos humanos, cada sujeito humano, e que é desvelado exatamente por essa intersecção de dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico entre espírito e matéria e de intuicionismo privatista, personalista e espiritualista interiorizado? E por que a modernidade é cética, relativista e, assim, completamente ideológica? Para começo de conversa, Olavo de Carvalho concebe uma, por assim dizer, metafísica da existência humana que é demarcada por uma perspectiva dualista-maniqueísta em termos da auto-exclusão de uma linha vertical (de baixo para cima e de cima para baixo) caracterizada pelo contato direto entre Deus e o homem, contato esse mediado pela graça divina na pessoa de Jesus Cristo e viabilizado e constituído como interiorização personalista, privatista e espiritualista desse mesmo indivíduo voltado para dentro de si mesmo, profundamente interiorizado e intuitivo – note-se, nesse caso, que o acesso à Verdade absoluta e ao sentido do drama humano frente ao universo e à eternidade (a condição fundacional da existência humana, para Olavo de Carvalho) se dá pelo protagonismo individual em termos exatamente dessa interiorização espiritual, personalista e privatista, com caráter intuitivo; note-se, ademais, que a salvação da alma atormentada pela necessidade natural e pelo corpo-mente desregrados só pode ser alcançada pela graça divina que, por meio de Jesus Cristo, oferece a salvação, embora não tão gratuitamente. Nessa metafísica olavista da existência humana, a linha vertical Deus-homem-graça-interiorização é complementada por uma linha horizontal,

constituída como necessidade natural e substantivada pela história, pela política e pela ciência, profundamente materialistas. Aqui está, nesse sentido, a postura dualista-maniqueísta de autoexclusão e de autodestruição recíprocas da metafísica olavista: a linha vertical é a esfera do espírito, da espiritualidade; a linha horizontal é o espaço da matéria, da materialidade. Onde há espírito (origem de todo o bem), a matéria (origem de todos os males) foi vencida; onde predomina a matéria (origem de todos os males), o espírito (origem de todo o bem) foi vencido. No mesmo diapasão, na linha vertical do espírito, tem-se a Verdade absoluta em termos ontoteológicos (definição biológico-religiosa da antropologia-cultura-normatividade), a qual somente pode ser acessada pelo indivíduo em termos de interiorização espiritualista, personalista e privatista, com caráter intuicionista, de modo que o ceticismo, o relativismo e a ideologização da vida são vencidos; ao contrário, na linha horizontal da matéria tem-se, com essa impossibilidade de conhecimento objetivo e de correção moral (mais uma vez no sentido de determinação biológico-religiosa da antropologia-cultura-normatividade), a vitória da necessidade natural, dos instintos cegos e da degeneração moral. Ademais, na linha vertical do espírito, há o indivíduo em sua plenitude como o único protagonista de si, por meio da interiorização espiritualista e do acesso intuicionista a Deus; na linha horizontal da matéria, como história, política e ciência, há a hegemonia das estruturas sociais, das instituições públicas e dos macrossujeitos políticos, por meio exatamente da ação revolucionária cientificamente guiada. Ora, é por isso mesmo que Olavo de Carvalho parte exatamente da utilização da escatologia cristã para construir sua metafísica dualista-maniqueísta enquanto autoexclusão de espiritualismo e materialidade e para argumentar em torno ao intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado (o método olavista) mais uma vez enquanto contraponto ao “conhecimento” científico objetivo e à ação política revolucionária modernos. Ele diz:

> [...] os monstros bíblicos Behemot e Leviatã, na gravura de William Blake, o primeiro imperando pesadamente sobre o mundo, o maciço poder de sua

> pança firmemente apoiado sobre as quatro patas, o segundo agitando-se no fundo das águas, derrotado e temível no seu rancor impotente. Não usei a gravura de Blake por boniteza, mas para indicar que atribuo a esses símbolos exatamente o sentido que lhes atribuiu Blake. Detalhe importante, porque essa interpretação não é nenhuma alegoria poética, mas [...] a aplicação rigorosa dos princípios do simbolismo cristão (CARVALHO, 2018, p. 28).

Note-se que a tensão e a autoexclusão entre espiritualismo e materialidade, entre a linha vertical do contato direto, intimista, personalista, individualista, privatista, interiorizado, espiritualista e intuicionista entre homem (individual) e Deus *versus* a linha horizontal do materialismo, da história, da política, da ciência e, assim, da ação social intersubjetiva, do predomínio das estruturas sociais, da dinâmica das instituições públicas, dos macrossujeitos políticos e até do positivismo radicalizado são interpretadas como uma consequência da escatologia judaico-cristã, são interpretados a partir do instrumental ontológico-antropológico e analítico-normativo da escatologia judaico-cristã, conforme pode se perceber na passagem acima (e em outras que apresentaremos a partir de agora), nas figuras bíblicas de Behemot e de Leviatã. Recordemos mais uma vez, rapidamente: na linha vertical, temos o contato direto do indivíduo com Deus, de baixo para cima e via interiorização espiritualista, personalista e privatista, com caráter intuitivo, temperado com a Revelação e a graça divina na pessoa de Jesus Cristo, portanto, de cima para baixo, sem mediações – relação singular (indivíduo) com Singular (Deus); na linha horizontal termos a materialidade e, portanto, a necessidade natural e o âmbito das paixões e dos instintos, da impossibilidade de verdade e de objetividade (portanto, a cegueira teórico-prática) e do ilimitado e do incontrolado (ou seja, da vontade indomada, autodestrutiva e totalitária), isto é, Behemot (necessidade natural, história e política) e Leviatã (impulsos e instintos destrutivos da psiquê humana). Perceba-se, desse modo, que a materialidade, ou seja, a história e a política como materialidade, inclusive a ciência como positivismo e/ou

perspectivismo, representam o espaço da ilusão, da falsidade, da mentira, *da ideologia*, em termos da figura de Behemot, e da ação social incontrolada, indomável, ilimitada e destrutiva, sob a forma de Leviatã. Essa é, para Olavo de Carvalho, a descrição metafísica – e sob a forma desse dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico que falamos acima – do mundo humano, e ela não é uma figura alegórica, mas exatamente a condição essencial do dilema humano, do drama humano ante o universo e a eternidade, o qual a escatologia judaico-cristã exemplifica e representa à perfeição. Ele continua:

> [...] unidade de essência entre o homem e o monstro: Behemot é a um tempo poder macrocósmico e uma força latente na alma humana. Quanto a Leviatã, [...] a força da revolta está na língua, ao passo que o poder de Behemot, como se diz em Jó (40:11), reside no ventre. Maior clareza não poderia haver no contraste de um poder psíquico e de um poder material: Behemot é o peso maciço da necessidade natural, Leviatã é a infranatureza diabólica, invisível sob as águas – o mundo psíquico – que agita com a língua (CARVALHO, 2018, p. 29).

Ora, o drama humano frente ao universo e a eternidade é um drama demarcado pela tensão entre o poder macrocósmico da necessidade natural – talvez até da finitude – e a alma humana, isto é, toda e qualquer alma individual: a necessidade natural ou Behemot é tanto um princípio externo, o mundo material, quanto um princípio interno (os instintos, as paixões, o ego, o superego). Não é um drama em torno à história e à política, e também não é um drama dinamizado em termos de intersubjetividade, de ação intersubjetiva: perceba-se, por ambas as passagens, que a questão chave é a materialidade como necessidade natural (natureza físico-biológica) e como ego e instintos desmedidos (pensemos, por exemplo, nas paixões da carne), assim como esse drama é o drama *do indivíduo* situado nesse meio material que o prende e o puxa para baixo, dificultando, quando não impedindo, sua ascensão vertical sob a forma de interiorização intuicionista, personalista, privatista e espiritualista; perceba-se, ademais, que a história, a política e a ciência (como herança da

modernidade iluminista), na medida em que são materialistas e, portanto, ao perderem a base ontoteológica essencialista, naturalizada, a-histórica, pré-política e pré-cultural dada por aquela, simplesmente não têm condições de conhecimento objetivo e, como consequência, tanto de justificação racional quanto de correção moral, descambando para o ceticismo, o relativismo e a ideologia – ou seja, radicalizando Behemot e Leviatã, dando-lhes poderes supremos e anulando seja o indivíduo, seja a graça, arrebentando com a linha (metafísico-teológica) vertical da condição humana, a única verdadeira, caindo completamente na falsidade e não possuindo recursos nem para percebê-la como falsidade, nem para sair dela como ideologia. Ora, como o indivíduo pode ser salvo do materialismo e, assim, da jaula de ferro da história, da política e da ciência e dos tentáculos de Behemot e das garras de Leviatã? A resposta de Olavo de Carvalho é surpreendente, a saber:

> O sentido que Blake registra nessas figuras não é uma ‘interpretação’, na acepção negativa que Susan Sontag dá a essa palavra: é, como deve ser toda boa leitura de texto sacro, a tradução direta de um simbolismo universal. Para Blake, embora Behemot represente o conjunto das forças obedientes a Deus, e Leviatã o espírito de negação e rebelião, ambos são igualmente monstros, forças cósmicas desproporcionalmente superiores ao homem, que movem combate uma à outra no cenário do mundo, mas também dentro da alma humana. Entretanto, não é ao homem, nem a Behemot, que cabe subjugar o Leviatã. Só o próprio Deus pode fazê-lo. A iconografia cristã mostra Jesus como o pescador que puxa o Leviatã para fora das águas, prendendo sua língua com um anzol. Quando, porém, o homem se furta ao combate interior, renegando a ajuda do Cristo, então se desencadeia a luta destrutiva entre a natureza e as forças rebeldes antinaturais ou infranaturais. A luta transfere-se da esfera espiritual e interior para o cenário externo da História (CARVALHO, 2018, p. 29).

Primeiramente, da passagem acima, ressalte-se essa ideia de que, para Olavo de Carvalho, a escatologia cristã não é uma mera alegoria, não é uma simples uma ficção, por assim dizer, mas, na verdade, *um simbolismo universal* que expressa e desvela exatamente esse drama individual ante o universo e a eternidade, entre espírito e matéria, entre sujeito e natureza. Em segundo lugar, e aqui entra exatamente o confronto estabelecido por Olavo de Carvalho com a modernidade iluminista, com a ciência e com os intelectuais públicos, perceba-se que, para ele, essa tensão entre a linha vertical do contato direto entre o indivíduo e Deus *versus* a linha horizontal da materialidade, da história, da política, da ciência e da ação estrutural intersubjetiva-social não pode ser resolvida no próprio horizonte da história (não-verdade) e da política (ideologia), nem por parte da ciência positivista (não-identidade entre noumeno e fenômeno; fatos não geram valores, materialidade não gera universalidade), mas somente na ordem do espírito e em termos de graça divina, em termos da intervenção de Jesus Cristo: Behemot e Leviatã, necessidade natural e instintos e paixões do ego são incontroláveis, desmesurados e descomedidos, levando ao ilimitado. Por conseguinte, o indivíduo – sempre o indivíduo – não pode salvar-se apenas por suas próprias forças, necessitando buscar (e ele precisa querer buscar, obviamente) a graça divina na pessoa do pescador de homens Jesus Cristo, o que significa sair do âmbito da materialidade e da intersubjetividade e adentrar no âmbito da espiritualidade interior, privatista, personalista e intuitiva. Nesse sentido, o homem precisa assumir, como critério não só de salvação, mas também seja de merecimento da graça divina, seja finalmente de acesso à Verdade absoluta, *o combate espiritual* que se dá sob a forma de interiorização espiritualista, personalista e privatista com caráter intuitivo. Ora, quando o homem nega a sua interioridade, a sua espiritualidade, o contato direto entre ele, como indivíduo, e Deus, quando o indivíduo nega seu intuicionismo personalista e a graça divina (se recusando, inclusive, a buscá-la e a aceitá-la), só lhe sobra o âmbito da materialidade, isto é, da história como não-verdade, como ausência completa de critérios objetivos (nos parece curioso, de todo modo, sobre a

possibilidade de objetividade por parte de um intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado!); e ele, no âmbito histórico-material, só dispõe da política (como ideologia, retórica, manipulação coletivista) com caráter ilimitado e autodestrutivo, além de somente dispor de uma ciência positivista com caráter perspectivista e demarcada pela ideia de que fatos não geram normatividade. Ao renegar Cristo e ao fugir do intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado, só sobra ao homem a ciência, a história e a política como o espaço da não-verdade, da ideologia e do ilimitado. Note-se, assim, que podemos entender agora a crítica radical (o que não quer dizer bem fundamentada e justa) de Olavo de Carvalho em relação à modernidade iluminista: ao recusar a ontoteologia e, de modo muito específico, ao recusar essa noção curiosa e próxima da aberração construída por Olavo de Carvalho como ontoteologia, a saber, correlação de perspectiva ontológico-antropológica dualista-maniqueísta entre espírito e matéria, graça e história, interioridade e política, indivíduo e coletivo, e de intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado (contra as estruturas sociais, as instituições públicas e os macrossujeitos políticos), a modernidade descambou, mergulhou fundo, enraizou-se profundamente (e sem possibilidade de correção, o que implica na necessidade de regressão antimoderna e antimodernizante) no materialismo, no ceticismo, no relativismo e, assim, na ideologia, promovendo a primazia dos poderes coletivistas sobre o pobre indivíduo solitário, a centralidade da história em relação à teologia, o caráter fundacional da intersubjetividade em relação à subjetividade, a primazia da política em relação à interioridade, a primazia da ciência positiva em relação à ontologia. Porém, ao fazer isso, não tendo mais nenhuma base objetiva garantidora de uma orientação epistemológica segura e não-contraditória, de um sentido universalista último e de uma ação moral escorreita, a modernidade descambou para a correlação de não-verdade (falsificação, propaganda e marketing científicos) e para o ilimitado político-moral (ideologias totalitárias). Assim, Olavo de Carvalho consegue explicar todas as tragédias produzidas e sofridas pelos

homens ao longo da história de um modo geral e em termos de modernidade iluminista em particular:

> É assim que a gravura de Blake, inspirada na narrativa bíblica, nos sugere com a força sintética de seu simbolismo uma interpretação metafísica quanto à origem das guerras, revoluções e catástrofes: elas refletem a demissão do homem ante o chamamento da vida interior. Furtando-se ao combate espiritual que o amedronta, mas que poderia vencer com a ajuda de Jesus Cristo, o homem se entrega a perigos de ordem material no cenário sangrento da História. Ao fazê-lo, move-se da esfera da providência e da Graça para o âmbito da fatalidade e do destino, onde o apelo à ajuda divina já não pode surtir efeito, porque ali já não se enfrentam a verdade e o erro, o certo e o errado, mas apenas as forças cegas da necessidade implacável e da rebelião impotente (CARVALHO, 2018, p. 29).

Toda a violência e toda a degeneração humanas, portanto, para Olavo de Carvalho, são causadas pelo abandono, por parte do indivíduo, de sua interioridade, de seu combate espiritual pessoal e privatista, bem como por sua recusa da graça divina em termos da ajuda oferecida por Jesus Cristo – todos as tragédias do mundo, *mesmo antes de Jesus Cristo e da noção de subjetividade*, se devem à recusa de Jesus Cristo e à negação da subjetividade, à ênfase no materialismo e à deslegitimação do espiritualismo! Note-se, nesse sentido, não apenas o fato de que o drama humano frente ao universo e à eternidade diz respeito à tensão entre espírito e matéria e, nesse caso, ao desafio do indivíduo ante à necessidade material, o qual depende dessa correlação de interiorização espiritualista, intuicionista, privatista e personalista direta e de graça divina; mais ainda, é importante ressaltar-se que toda a possibilidade de universalismo e de objetividade repousa no conflito interior de cada indivíduo contra a ordem da carne, contra a necessidade natural, os instintos e as paixões. Toda a violência, toda a dor, todo o sofrimento e todos os descaminhos tomados pelos homens ao longo do tempo devêm dessa recusa ou dessa

incapacidade de interiorizar-se espiritualmente e de buscar a graça divina, da mesma forma como a solução para todos esses problemas e desafios passa por interiorização intuicionista, espiritualista, privatista e personalista e pela aceitação de Jesus Cristo! Ou seja, se os problemas do mundo se devem ao materialismo sob a forma de centralidade da ciência positivista e perspectivista, da história, da política e da ação institucional-social intersubjetiva e estrutural, a solução para esses problemas exige uma retomada da correlação de Revelação, graça divina e intuicionismo espiritualista, personalista, privatista e interiorizado! Trata-se de uma supersimplificação muito estúpida, mas é esta supersimplificação que dinamiza *toda a crítica* de Olavo de Carvalho à modernidade, à ciência e aos intelectuais, uma supersimplificação que, ademais, se for levada a sério, impede toda a ciência, toda a política, toda a ação intersubjetiva e implode não só com essa noção normativa de modernidade, mas com sua consequência prática, o universalismo pós-tradicional sob a forma de atribuição incondicional e irrestrita, para todos e cada um, dos direitos humanos ramificados em direitos e garantias fundamentais, em segurança, isonomia, simetria e horizontalidade jurídicas, o pluralismo ou multiculturalismo, o Estado democrático de direito e as mediações jurídico-institucionais estruturantes! Note-se, ademais, na passagem acima, outra consequência fundacional dessa concepção ontológico-antropológica dualista-maniqueísta como contraposição entre espírito e matéria e desse *método* de interiorização intuicionista, espiritualista, personalista e privatista (sempre mediado pela graça divina) para o acesso à Verdade absoluta: no âmbito da história e da política, não se pode confrontar o certo e o errado, a verdade e a mentira, exatamente porque esse mesmo âmbito da história e os seus instrumentos, a ciência institucionalizada e ação política, na medida em que são materialistas, não possuem qualquer critério racional e substantivo para se desvelar, legitimar e garantir a objetividade epistemológico-moral, de modo que, na história e como política, só existe ideologia – na história e em termos de política, tudo é ideologia, e todas as posições que afirmam a centralidade da história e da política e, portanto, a primazia das estruturas sociais, das instituições

públicas e dos macrossujeitos políticos, são ideológicas e promovem pura e simplesmente ideologia. Só no âmbito do dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico como autoexclusão entre espírito e matéria e sob a forma de uma *metodologia* demarcada pela correlação de intuicionismo privatista, personalista, espiritualista e interiorizado e de graça divina é que pode haver Verdade, que se pode chegar à verdade e agir bem, vencendo a Behemot e a Leviatã. Ora, daqui também devém a acusação de que a modernidade iluminista como um todo é materialista, cética, relativista e, portanto, ideológica, levando diretamente ao incremento da dor, do sofrimento, da degeneração, da violência e da morte, a começar pela Revolução Francesa:

> [...] a logomaquia universal que, se não produziu desde a Revolução Francesa nenhum resultado intelectualmente valioso, ao menos elevou de certo modo a um plano superior de existência uns 200 milhões de seres humanos, alçando-os deste baixo mundo para o assento etéreo, já que esse é mais ou menos o número de vítimas das guerras ideológicas dos dois últimos séculos (CARVALHO, 2018, p. 42).

Note-se, na passagem acima, primeiramente a afirmação de que a modernidade não produziu nenhum resultado intelectualmente produtivo, mas apenas o assassinato de milhões de pessoas por causa das guerras ideológicas que emergem em cheio exatamente por causa dessa condição materialista (e, portanto, não-espiritualista) da modernidade, que lhe consolida o ceticismo (a não-existência de uma base ontológico-antropológica essencialista e naturalizada, tornando impossível a objetividade epistêmico-cognitiva), o relativismo (a não-verdade), a degeneração moral (o ilimitado, o profano) e, finalmente, como fecho de abóboda de tudo isso, a ideologia (manipulação, massificação, instrumentalização políticas dos indivíduos). A modernidade, enquanto uma condição antropológica e normativa *materialista*, equivale à primazia absoluta da linha horizontal da metafísica olavista em relação à linha vertical; equivale, por conseguinte, à centralidade absoluta da história, da política, da ação intersubjetiva em relação ao espírito, à graça divina e à

interiorização; e leva, assim, à consolidação do ceticismo, do relativismo, do hedonismo e da luta ideológica, sectária e totalitária em relação à identidade e ao contato diretos e de essência entre o indivíduo e Deus. Por isso mesmo, na modernidade temos apenas *logomaquia*, isto é, discussão ideológica, mero exercício retórico de palavras acerca de mais palavras, acerca de mais palavras e assim indefinidamente (por isso, inclusive, as guerras geradas *por ideologia*, por meras palavras sistematicamente ordenadas e deliberadamente manipuladoras). Recusando seu fundamento ontoteológico e perdendo qualquer base cognitiva objetiva e garantidora da correção moral, a modernidade se reduz a jogos de palavras autorreferenciais, que não têm base de comprovação, de enquadramento, de crítica e de reflexivização, os quais, na medida em que também já não possuem qualquer fundamento normativo orientador, perdem quaisquer compromissos e vinculações morais, descambando para o oportunismo, o charlatanismo, a deturpação e a violência. Por isso mesmo, no âmbito da história e da política como materialidade, tem-se a exclusão pungente e a deslegitimação aguda da esfera do espírito, da linha vertical que não apenas representa o único lugar da busca da Verdade (por interiorização), mas também da resolução dos problemas do mundo (por graça divina e em termos de recusa da política). Resta ao homem, assim, no que se refere à modernidade ocidental, as ideologias várias, e sua consequência é exatamente o ilimitado, o incontrolado, a destruição, uma vez que, sem a base ontoteológica (linha vertical) e abandonando seja a interioridade espiritualista-intuicionista-privatista-personalista, seja a graça divina na pessoa de Jesus Cristo, o homem torna-se completamente dominado por Behemot e Leviatã. E Olavo de Carvalho complementa, nessa sua acusação da modernidade como materialismo, ceticismo, relativismo e ideologia:

> [...] as ideologias, quaisquer que fossem, estavam sempre limitadas à dimensão horizontal do tempo e do espaço, opunham o coletivo ao coletivo, o número ao número; perdida a vertical que unia a alma individual à universalidade do espírito divino, o singular ao Singular, perdia-se junto com ela o sentido

> de escala, o senso das proporções e das prioridades, de modo que as ideologias tendiam a ocupar totalitariamente o cenário inteiro da vida espiritual e a negar ao mesmo tempo a totalidade metafísica e a unidade do indivíduo humano, reinterpretando e achatando tudo no molde de uma cosmovisão unidimensional (CARVALHO, 2018, p. 30).

Perceba-se que as ideologias estão *totalmente e sempre presas* à esfera horizontal do maniqueísmo-dualismo ontológico-antropológico olavista, limitando e aferrando os indivíduos exatamente a esta esfera, massificando-os e instrumentalizando-os ao ponto de desidentificá-los em sua singularidade: na história e na política, cada indivíduo é só mais um indivíduo, mais um número entre todos os outros, e sua pessoalidade simplesmente não conta. Note-se, ademais, tanto que o âmbito da materialidade, como história e política, é simplesmente ideologia, do mesmo modo que todas as posições filosófico-normativas que afirmam a centralidade da história, da política e da ação institucional-social estrutural e intersubjetiva, ainda que em aspectos mínimos, são apenas ideologia, produzem e fomentam apenas ideologia. Ora, no âmbito da história e da política como materialidade, a pessoalidade do indivíduo, isto é, sua singularidade, não conta, não é promovida e, na verdade, é destruída, restando apenas a massa, a totalidade, o número, o partido, a estrutura, a instituição, o macrossujeito, o fato social-natural etc. Só na linha vertical do dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico olavista a singularidade do indivíduo é promovida e afirmada seja em termos de sua dignidade, seja no que se refere à descoberta e ao acesso à Verdade absoluta como *unidade da alma individual e da universalidade do espírito divino por meio da intuição interior e direta*. Ora, na medida em que predomina a materialidade e, portanto, o ceticismo e o relativismo, destrói-se a efetividade dessa linha vertical e dessa união da alma individual e do espírito divino, de modo que só restam as ideologias – e, na verdade, de modo que as ideologias, como vimos na passagem acima, preenchem *todo o espaço de sentido* possível aos indivíduos. Desse modo, negando a totalidade metafísica e a unidade (direta, interior, intuitiva, personalista,

privatista) do indivíduo com Deus via Revelação e graça divina, consolida-se uma perspectiva materialista unidimensional e massificadora, com a prevalência de ideologias imoderadas e ilimitadas – cujos principais defensores são a ciência e os intelectuais públicos modernos. Apaga-se a ontoteologia, recusa-se a Deus e a graça divina e elimina-se o contato direto entre o indivíduo e Deus em termos desse intuicionismo privatista, personalista, espiritualista e interiorizado. Ora, além da violência simbólico-material totalitária causada pelas ideologias geradas pelo materialismo, pelo ceticismo e pelo relativismo modernos, outro ponto importante por eles efetivado é a anulação do indivíduo e a promoção iracunda do coletivismo, com sua (desse mesmo indivíduo) subsunção pelas estruturas sociais, pelas instituições públicas e pelos macrossujeitos políticos. É por isso que Olavo de Carvalho acusa a modernidade iluminista e, por extensão, a ciência e os intelectuais públicos de causarem a “perda da individualização da consciência” (CARVALHO, 2018, p. 68), individualização da consciência que é viabilizada exatamente por essa tradição cultural-civilizacional milenar que é substantivada pelo dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico de Olavo de Carvalho via intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado, temperado com a graça divina por Jesus Cristo. No caso, a modernidade e, então, mais uma vez, a ciência e os intelectuais públicos passam seja a fomentar o coletivismo em relação ao individualismo, seja a colocar todo o peso do processo de subjetivação nas estruturas sociais, nas instituições públicas, nos macrossujeitos políticos. Ele diz:

> Se levada mais a fundo, essa “revolução cultural” acabará por perverter todo o senso moral da população, instaurando a crença de que o dever de ser bom e justo incumbe *primeira e essencialmente à sociedade, e só secundariamente aos indivíduos*. Muitos intelectuais brasileiros tomam como um dogma infalível esse preceito monstruoso, que resulta em abolir todos os deveres da consciência moral individual até o dia em que seja finalmente instaurada sobre a Terra a “sociedade justa” – um ideal que, se não fosse utópico e fantasista em si, seria ao menos

> inviabilizado pela prática do mesmo preceito, tornando os homens cada vez mais injustos e maus quanto mais apostassem na futura sociedade justa e boa (CARVALHO, 2018, p. 114-115; os destaques são de Olavo de Carvalho).

Note-se que a crítica central tanto ao coletivismo (como utopia normativa da sociedade justa por meio da mudança institucional e da ação intersubjetiva) quanto à correlação de socialização (estruturas sociais, instituições públicas, macrossujeitos políticos, dinâmicas intersubjetivas) e subjetivação possui o seu sentido, em Olavo de Carvalho, no fato de que eles têm por consequência a desvirtuação da consciência moral, que deixa de ser afirmada seja como a única protagonista de sua vida (e do acesso à Verdade absoluta em termos de contato interiorizado, intuicionista, personalista e privatista com Deus), seja como responsável por seus próprios atos e por suas próprias escolhas, levando, então, à inversão dos valores sociais e individuais. Por isso mesmo, no ideário da ciência ideológica e dos intelectuais públicos esquerdistas, com a primazia do social sobre o indivíduo, da coletividade sobre o homem particular, o ladrão passa a ser *vítima da sociedade*, e não um criminoso, ao passo que a verdadeira culpada por todos os problemas sociais e por todas as degenerações humanas passa a ser a própria sociedade, as próprias instituições, os próprios valores intersubjetivos. Ou seja, na medida em que anula o indivíduo e o subsume na dinâmica objetiva – que ele supostamente não consegue controlar e resolver, pela qual ele é completamente instrumentalizado (para a esquerda, obviamente, conforme argumenta Olavo de Carvalho) –, conferindo todo o peso da determinação da subjetividade às estruturas sociais, às instituições públicas e aos macrossujeitos políticos, inclusive atribuindo a possibilidade de transformação seja à centralidade e autorreferencialidade da história e da política, seja à ação de massas intersubjetiva, a ciência moderna e os intelectuais públicos não só apagam e negam o protagonismo individual, como fomentam a inversão dos valores, ao ponto de, como vimos acima, o

criminoso ser vítima da sociedade injusta e esta ser a responsável por todas as degenerações individuais. Ele diz:

> Ela transforma o delinquente, de acusado, em acusador. Seguro de si, fortalecido em sua autoestima pelas lisonjas da *intelligentzia*, o assassino então já não aponta contra nós o cano de uma arma, mas o dedo da justiça; de uma estranha justiça, que lança sobre a vítima as culpas pelos erros de uma entidade abstrata – “o sistema”, “a sociedade injusta” –, ao mesmo tempo que isenta o criminoso de quase toda a responsabilidade por seus atos pessoais. Perseguida de um lado pelas gangues de bandidos, acuada de outro pelo discurso dos letrados, a população cai no mais abjeto desfibramento moral e já não ousa expressar sua revolta (CARVALHO, 2018, p. 117).

A modernidade materialista, cética, relativista e ideológica é também coletivista, no duplo sentido do termo: centralidade da massa, do grupo sobre o indivíduo; primazia das estruturas sociais, das instituições públicas e dos macrossujeitos políticos em termos de determinação dos processos de subjetivação. Isso, para Olavo de Carvalho, como podemos perceber na sua fala acima, não apenas apaga a responsabilidade pessoal pela própria vida, como também leva à perda da individualização da consciência (o indivíduo mergulha na massa indiferenciada, mero corpo aclamativo, mera paixão irrefreada e ilimitada, basicamente um instrumento do coletivo) e causa a deturpação dos valores sociais, em particular o da responsabilização individual pelo próprio destino, pelas próprias ações, conferindo um poder absoluto à sociedade como macroestrutura, às instituições públicas como estatismo, aos super-sujeitos políticos (como o partido e a classe). Assim, os intelectuais públicos, em nome da modernidade, desferem o golpe de morte nos valores universais do humano e no protagonismo individual, fazendo esse mesmo indivíduo mergulhar em um estado profundo de anomia, inação e desespero, tornando-o cobaia fácil para lideranças populistas, regimes de massa violentos e movimentos revolucionários sedutores, mas destrutivos. Não

por acaso, no que diz respeito a isso, vimos, no primeiro capítulo, que a ciência moderna e os intelectuais públicos, abandonando a ontoteologia dualista-maniqueísta e o intuicionismo privatista, personalista, espiritualista e interiorizado, assumindo o materialismo, o ceticismo, o relativismo e a ideologia, descambaram para uma dupla e correlacionada ditadura: a academia, com sua ditadura do conhecimento, mas de um conhecimento que é, para Olavo de Carvalho, "ideologia cientifica"; o partido, com sua ditadura política e em termos de ideologia política coletivista, estatista e totalitária. Essas são as consequências do fim do indivíduo e da perda da individualização da consciência por essa mesma modernidade materialista, cética, relativista e ideológica, e por seus arautos fundamentais, a ciência e os intelectuais públicos. Olavo de Carvalho continua:

> O "intelectual coletivo" tem de optar entre a unidade de uma tirania e a multiplicação das línguas; entre a submissão explícita ou implícita a uma consciência individual qualquer e a dissolução em uma inconsciência coletiva que, em última análise, acabará sendo manipulada discretamente por algum indivíduo esperto; enfim: entre tirania declarada e tirania dissimulada (CARVALHO, 2018, p. 68).

Na medida em que o indivíduo é anulado em seu protagonismo pessoal e em sua capacidade crítica relativamente aos demais e às próprias estruturas sociais, tornando-se mais um na massa, sendo subsumido no grupo, na coletividade como mero corpo, ele se torna massa de manobra, todos os indivíduos se tornam massa de manobra. Daí que os intelectuais públicos, supostamente respaldados no conhecimento científico, e os partidos de massa – em particular o comunismo-socialismo – assumam hegemonia epistêmico-político-cultural e simplesmente dominem esses indivíduos por meio da manipulação, da retórica e da persuasão ideológicas. Ora, a consequência da consolidação e da expansão da modernidade iluminista e, nesse caso, do protagonismo social e institucional da ciência e dos intelectuais públicos consiste exatamente na destruição da liberdade individual e, como vimos logo acima, na inversão

dos valores morais objetivos. É por isso, aliás, que, para Olavo de Carvalho, o fenômeno da modernidade e, nesse caso, da ciência e dos intelectuais públicos ou dos intelectuais coletivos adquire pungência e exige uma atitude antimoderna e antimodernizante cada vez mais aguda, porque ele representa um momento histórico potencialmente perigoso em termos de destruição da tradição cultural/civilizacional ocidental (isto é, da tradição judaico-cristã e da ontoteologia greco-latino-medieval, ainda que interpretada desse modo enviesado como dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico entre espírito e matéria e sob a forma de intuicionismo privatista, personalista, espiritualista e interiorizado). Por ser um fenômeno que se pretende definitivo da história humana, ameaçando destruir todo este legado ontoteológico e, de quebra, a própria individualização da consciência por meio do primado da ideologia, Olavo de Carvalho assume essa cruzada de crítica, contraposição e superação da modernidade, bem como, por extensão, de combate e de deslegitimação da ciência moderna e dos intelectuais públicos. Ele diz:

> Erraria por excesso de otimismo quem visse essa involução como um fenômeno passageiro que arranha apenas a superfície da História. Ela tem uma dimensão antropológica, ele afeta o destino da espécie humana no cosmos: basta uma geração de ‘intelectuais coletivos’ dominar o mundo para que se perca a individualização da consciência, prêmio de um esforço evolutivo milenar (CARVALHO, 2018, p. 68).

Essa *involução* como modernidade, como materialismo, ceticismo, relativismo, ideologia, coletivismo e totalitarismo, exatamente por não ser um fenômeno passageiro, constituindo-se como uma dimensão antropológica substantiva (primado de Behemot e de Leviatã sobre a ontoteologia, primado do coletivismo sobre o indivíduo, primado do fato material sobre o contato direto e a unidade essencial entre o espírito ou indivíduo e Deus), ameaça o destino da espécie humana (noção biológico-religiosa, com caráter essencialista e naturalizado, de base pré-política,

pré-cultural e a-histórica) no cosmos (isto é, natureza, e não sociedade, nem política, nem história). E, como estamos dizendo, além da degeneração moral (já que não há mais uma base biológico-religiosa da antropologia-cultura-normatividade), tem-se o apagamento da individualização da consciência por meio do coletivismo político-moral e das estruturas sociais-institucionais. Por isso mesmo, o eixo estruturante da contraposição de Olavo de Carvalho em relação à modernidade, à ciência e aos intelectuais tem uma dupla – embora interligada – hélice: retomada de uma noção de cultura/civilização ocidental pré-moderna, antimoderna e antimodernizante, sintetizada pela tradição judaico-cristã, pela ontologia greco-latina, pela teologia medieval (cristã e eventualmente árabe) e pela cultura renascentista, ainda que, conforme estamos insistindo no texto, esta ontoteologia como cultura/civilização ocidental seja concebida como dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico sob a forma de autoexclusão recíproca entre espírito e matéria e dinamizada por meio do intuicionismo personalista, privatista, particularista, espiritualista e interiorizado como método de resolução do drama humano ante o universo e a eternidade e de acesso à Verdade absoluta, temperada com a Revelação e a graça divina na pessoa de Jesus Cristo; e a defesa irrestrita do indivíduo (responsabilidade individual e contato e unidade diretos entre indivíduo e Deus por meio da intuição interior, privatista, pessoal e espiritualista) contra o coletivismo (primazia da massa, do grupo sobre o indivíduo; centralidade das estruturas sociais, das instituições públicas e dos macrossujeitos políticos sobre a subjetivação). Ele diz, primeiramente, enquanto crítica à ciência e aos intelectuais públicos brasileiros:

> O desejo de segurança é um impulso normal do ser humano. Foi ele que impeliu os primeiros filósofos a buscarem uma verdade para além das flutuações de opinião. Mas esse desejo toma, entre os intelectuais brasileiros, um sentido caricatural e perverso. Em vez de buscar segurança em uma intuição direta e pessoal, imaginam poder encontrá-la na adesão coletiva e epidêmica às tendências de prestígio mais recente no que chamam "os grandes centros produtores de

> cultura” – expressão que já revela toda uma concepção coisista e mercadológica do que seja cultura. Temerosos demais para tentar atinar por si com o certo e o errado, encontram alívio e proteção no sentimento de estar em dia com a opinião mundial, ou com o que tal lhes parece (CARVALHO, 2018, p. 40).

Note-se, portanto, que o que atormenta Olavo de Carvalho em relação à postura dos intelectuais públicos está exatamente em que eles são incapazes ou covardes de acessar à objetividade por meio de uma intuição pessoal direta! Daqui advêm algumas das grandes degenerações próprias à modernidade, dinamizadas institucional e culturalmente por esses intelectuais em nome da *ideologia científica*. Ao invés de acessarem a verdade em termos de interiorização pessoal espiritualista, preferem se ater aos modismos passageiros dessa mesma modernidade, contra todo o legado da tradição ocidental como dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico e – e por meio do – intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado em termos de unidade e de contato diretos entre o homem e Deus mediado pela graça (o anzol) de Jesus Cristo. Ora, abrindo mão e recusando esse intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado como método de acesso à objetividade e abandonando a unidade e o contato diretos entre o indivíduo (alma) e Deus como chave analítica e direcionamento em termos de resolução do drama humano ante o universo e a eternidade, os intelectuais públicos, por meio da ideologia científica moderna, não só coisificam a cultura, como também massificam as mentes individuais em uma totalidade social indiferenciada e coletivista alienada, impotente e imobilizada. É surpreendente o nível de falsificação, simplificação e deturpação da realidade assumido por Olavo de Carvalho. Com efeito, dessa deslegitimação por parte dos intelectuais, da intuição interior direta, espiritualista, personalista e privatista como fonte de acesso à Verdade e de resolução do drama humano ante o universo e a eternidade, por meio da prisão dos indivíduos no materialismo e da consolidação do ceticismo, do relativismo e da ideologia, chega-se, em termos de ciência moderna e por parte dos intelectuais públicos, a uma

perspectiva de coletivismo e de estatismo que se torna o corolário, no nível político, daquela deturpação no âmbito ontológico, antropológico e epistêmico: da ênfase no materialismo, e não no espiritualismo, da primazia da história e da política em relação à ontoteologia revelada, da centralidade das estruturas sociais, das instituições públicas e dos macrossujeitos políticos em relação ao intuicionismo pessoal, privatista e espiritualista direto, a ciência moderna e seus intelectuais públicos consolidam exatamente o estatismo, o coletivismo e, assim, o clientelismo, dando o golpe de morte na autonomia e na meritocracia individuais. Olavo de Carvalho nos diz:

> Essas ideias são manifestamente atraentes, sobretudo para mim, que jamais acreditei que homem algum tivesse nada a esperar de governos. Reivindicar do governo, mesmo aquilo que é teoricamente justo, resulta sempre, na prática, em rebaixamento moral: um homem que entre por esse caminho acaba por não enxergar outra forma de ação que não seja a reclamação. Por trás da vociferação raivosa, não haverá dentro dele senão a passividade atônita de um bebê que chora e que nada pode fazer por si mesmo. Um governo que se mete em tudo obriga as pessoas a tudo reivindicarem dele: avilta o povo ao atender as suas demandas, premiando a indisciplina e o protesto, e também, ao não atendê-las, semeando a desesperança e o cinismo (CARVALHO, 2018, p. 125).

Exigir do governo o que é justo rebaixa moralmente ao indivíduo. Não exigir dele leva à desesperança e ao cinismo. Quem se mete a sujeito político, abre mão de sua autonomia, de seu protagonismo, de seu mérito. Note-se, assim, que, se no âmbito ontológico o materialismo apaga o espiritualismo; se no âmbito antropológico, o ceticismo e o relativismo conduzem à perda de uma referência normativa objetiva e de critérios mínimos de justificação, discussão e ação racionais; se no âmbito epistemológico, o fim da verdade universalista conduz à ideologização da vida como um todo; na esfera política temos exatamente a consolidação de um coletivismo e de um estatismo tão fortes que tolhem toda a iniciativa

individual, todo o mérito de cada sujeito humano, tornando-o simplesmente um cliente fiel das benesses do Estado, tudo esperando deste, assim como culpando a este por todos os males. No contexto do coletivismo, do estatismo e do clientelismo públicos, os indivíduos se tornam basicamente bebês chorões, incapazes de ação de si por si mesmos. A política, enfim, vicia e deseduca os indivíduos: se, por meio de sua revolta, conseguem a realização de suas reivindicações, se tornam dependentes do Estado, aprendendo que, por meio de “malcriações públicas”, poderão conseguir o que quiserem; se não conseguem, por meio dessa revolta e dessas malcriações, a realização institucional de suas reivindicações, então se tornam desesperançados, cínicos e impotentes. Se a política dá certo, ela dá errado, porque deseduca os indivíduos e lhes retira o protagonismo; se ela dá errado, então ela dá certo, uma vez que, nesse último caso, comprova exatamente a degeneração materialista, ideológica, coletivista, estatista e clientelista que a perpassa, conforme quer Olavo de Carvalho. Em ambos os casos, comprova-se o dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico olavista, a saber, de que o âmbito horizontal da vida humana frente ao universo e à eternidade, demarcado por materialismo, positivismo, perspectivismo, história, política e ação institucional-social intersubjetiva é meramente ideologia, o lugar da não-verdade, da degeneração e da perdição. Aliás, emerge aqui mais uma consequência dessa recusa da ontoteologia como espiritualismo e do intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado por parte dessa mesma modernidade materialista, cética, relativista e ideológica, a saber, como já dizíamos acima, a deslegitimação e a desumanização do homem de bem e a promoção do criminoso como vítima da sociedade. Olavo de Carvalho diz:

> Humanizar a imagem do delinquente, deformar, caricaturar até os limites do grotesco e da animalidade o cidadão de classe média e alta, ou mesmo o homem pobre quando religioso e cumpridor dos seus deveres – que neste caso aparece como conformista desprezível e virtual traidor da classe –, eis o mandamento que uma parcela significativa dos nossos

> artistas tem seguido fielmente, e a que um exército de sociólogos, psicólogos e cientistas políticos dá discretamente, na retaguarda, um simulacro de respaldo "científico" (CARVALHO, 2018, p. 113).

Ora, é contra essa degeneração da moral e dos bons costumes (no sentido de recusa da tradição ontoteológica como determinação biológico-religiosa da antropologia-cultura-normatividade, individualismo econômico e privatismo apolítico-despolitizado) e contra a negação do indivíduo (no sentido de intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado, bem como de meritocracia e de responsabilização exclusivamente pessoais), causadas pela modernidade iluminista, materialista, cética, relativista e ideológica através do protagonismo institucional e cultural da ciência empírico-normativa em bloco e da ação concertada dos intelectuais públicos que Olavo de Carvalho direciona sua militância teórico-prática. Em primeiro lugar, seu objetivo consiste em devolver a centralidade a esse indivíduo assolado pelo coletivismo, pelo estatismo e pelo clientelismo dos intelectuais esquerdistas. Nesse sentido, Olavo de Carvalho nega qualquer estrutura intersubjetiva "abstrata" e qualquer "roupagem ideológica" que se sobreponha ao indivíduo "de carne e osso", querendo muito provavelmente significar com isso a promoção de uma identidade individual existente de modo íntimo e anterior a essa localização espacial, temporal, cultural e normativa (realmente não dá para saber o que resta da identidade individual quando retiradas todas essas condições contextuais, vinculantes e carnais, por assim dizer). Sobre isso, Olavo de Carvalho nos diz de modo enfático:

> [...] regra que me impus alguns anos atrás, de nunca falar impessoalmente nem em nome de alguma entidade coletiva, mas sempre diretamente em meu próprio nome apenas, sem qualquer retaguarda mais respeitável que a simples honorabilidade de um animal racional, bem como de nunca me dirigir a coletividades abstratas, mas sempre e unicamente a indivíduos de carne e osso, despidos das identidades provisórias que o cargo, a posição social e a filiação

> ideológica superpõem àquela com que nasceram e com a qual hão de comparecer, um dia, ante o trono do Altíssimo. Estou profundamente persuadido de que somente nesse nível de discurso se pode filosofar autenticamente (CARVALHO, 2018, p. 33).

Perceba-se, primeiramente, esse contraponto radical entre "coletividades ou estruturas abstratas" e o indivíduo "de carne e osso", como que em uma perspectiva de autoexclusão recíproca – perceba-se, inclusive, a própria ideia seja de que entidades coletivas são abstratas, e não propriamente núcleo estruturante da própria autocompreensão normativo-simbólica das identidades pessoais (inclusive de sua formação ao longo do tempo), seja de que há um indivíduo de carne e osso – todos como indivíduos de carne e osso –, por um lado, e, por outro, também há "identidades provisórias" (cargo, posição social, filiação ideológica) que, como exterioridade, como epiderme (esse termo, inclusive, foi citado por Olavo de Carvalho para se referir às ideologias), simplesmente se diferenciam de modo essencial (na verdade, essas identidades provisórias são acidentais, de modo que essencial mesmo é somente a alma, o espírito). Ou seja, há a entidade coletiva abstrata *versus* o indivíduo de carne e osso; há as "identidades provisórias" *versus* a identidade "com a qual os indivíduos nasceram" e, finalmente, há a ideologia (a epiderme, a vestimenta, o acidente) e o espírito com o qual um dia todos compareceremos ante o "trono do Altíssimo", prestando contas diretamente a ele do que fizemos e do que não fizemos. Note-se, finalmente, e aqui já entraríamos no segundo objetivo básico da militância teórico-prática de Olavo de Carvalho contra a modernidade, a ciência e os intelectuais públicos materialistas, céticos, relativistas e ideológicos, que, como pudemos ver no final da passagem acima, o "indivíduo de carne e osso", isto é, a identidade com a qual "cada indivíduo nasceu", retornará um dia a Deus. Essa passagem, por isso mesmo, resume o dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico de Olavo de Carvalho como autoexclusão recíproca entre a esfera vertical do espírito e o âmbito horizontal da matéria e, nesse sentido, aponta para o – assim como reforça

o – método olavista de desvelamento da verdade, isto é, seu intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado, a partir da correlação de identidade e unidade de alma humana e Deus e de Revelação e graça divina. Ora, a militância teórico-prática de Olavo de Carvalho direciona-se de modo pungente a uma crítica implacável da modernidade que exige exatamente uma perspectiva antimoderna e antimodernizante, tal como ele a define com as seguintes palavras:

> Tarefa que é, em essência, a de romper o círculo de limitações e constrangimentos que o discurso ideológico tem imposto às inteligências deste país, a de vincular a nossa cultura às correntes milenares e mais altas da vida espiritual no mundo, a de fazer em suma com que o Brasil, em vez de se olhar somente no espelho estreito da modernidade, imaginando que quatro séculos são a história inteira do mundo, consiga se enxergar na escala do drama humano ante o universo e a eternidade. Tarefa que é, no seu mais elevado e ambicioso intuito, a de remover os obstáculos mentais que hoje impedem que a cultura brasileira receba uma inspiração mais forte do espírito divino e possa florescer como um dom magnífico a toda a humanidade (CARVALHO, 2018, p. 33).

Por outras palavras, é necessário sair da modernidade, abandonar a modernidade, isto é, a intersecção de materialismo, ceticismo, relativismo e ideologia gerada pela ciência empírico-normativa moderna e propagada pelos intelectuais públicos caudatários dessa mesma modernidade. O objetivo de Olavo de Carvalho, assim, consiste em esclarecer-nos ante o verdadeiro drama humano frente ao universo e à eternidade, e esse drama humano, como vimos ao longo do texto, não pode ser desvelado e resolvido nem por essa modernidade materialista, cética, relativista e ideológica, nem pelos seu espaço, pelos seu instrumento e pelo seu valor basilares, a saber, a história, a política e a ação institucional-social intersubjetiva, incluindo-se a própria ciência positivista-perspectivista. A cultura brasileira precisa retomar a ontoteologia, mas, observe-se bem, a ontoteologia *a la* Olavo de Carvalho, enquanto dualismo-maniqueísmo

ontológico-antropológico espiritualista e antimaterialista através de um intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado, demarcado seja pela unidade e pela identidade entre alma e Deus, seja pela centralidade da Revelação (nesse sentido dado a ela por Olavo de Carvalho, obviamente), seja, então, como fecho de abóboda, complementado pela graça divina na pessoa de Jesus Cristo. Nessa posição, portanto, tudo o que não é espiritualista, isto é, tudo o que não é “indivíduo de carne e osso”, “intuição interior direta”, e tudo o que não se dá como Revelação enquanto determinação biológico-religiosa da antropologia-cultura-normatividade, é ideologia, de modo que temos, como consequência, o fim da ciência, o fim da política, o fim das instituições e o fim da ação institucional-social, seja intersubjetiva, seja, como vimos em passagem acima, propriamente subjetiva. Temos uma sociedade de mônadas espiritualistas que não saem do seu quartinho, temos um diálogo privatista com a objetividade, temos uma intuição direta do sentido do mundo e do homem. Em suma, estamos voltados para nós mesmos como espíritos exclusivistas, como interioridades absolutas, e isso é suficiente para o conhecimento objetivo, para a autorrealização pessoal e para a resolução de nossos problemas – na verdade, parcialmente suficiente, pois precisamos, de modo inultrapassável e complementar, da graça divina na pessoa de Jesus Cristo. Pronto, com estas condições resolvemos nosso drama pessoal ante o universo e a eternidade, mandamos Behemot e Leviatã para os quintos dos infernos, ou melhor, para os quintos da modernidade e, finalmente, nos alçamos diretamente diante do trono do Altíssimo para prestar-lhe contas, a ele exclusivamente, sobre tudo o que fizemos, esperando sua benevolência garantidora da vida eterna. Aqui chegados, descobrimos que não é Francis Fukuyama o arauto do fim da história, do fim da política, do fim das ideologias, mas exatamente Olavo de Carvalho, assim como descobrimos que não é Friedrich Nietzsche o filósofo do fim da modernidade, mas, mais uma vez, Olavo de Carvalho. Temos disponível, agora, seja a explicação para todos os males do mundo, seja a rota para a resolução deles, o dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico olavista como autoexclusão entre

espírito e matéria; e temos acessível, *cada um de nós, indivíduos*, sem *necessidade de mediações institucionalistas, cientificistas e tecnicistas*, o *método* olavista de produção da objetividade epistemológico-moral, de interpretação e de resolução do drama humano frente ao universo e à eternidade e de contato com a Verdade absoluta, capaz de vencer a Behemot e a Leviatã, a saber, o intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado. E, sortudos que somos, ainda temos mais: a Revelação e a graça divina, que dão o empurrãozinho que nosso espírito recalcitrante necessita para fugir do mundo, da história, da política, da intersubjetividade e refugiar-se em si mesmo como autossuficiência, chegando a partir dali diretamente a Deus. Só faltava um governo alinhado a essa perspectiva para termos um enfrentamento prático-político (já que o de Olavo de Carvalho se direciona mais ao âmbito teórico) contra a modernidade, a ciência e os intelectuais públicos. Não falta mais!

> Bolsonaro sempre alertou: no Brasil, tão ou mais grave que a corrupção, é a questão ideológica. O dinheiro roubado pode ser recuperado, já a liberdade, não! A esquerda usa os legítimos instrumentos da democracia, como o voto e o funcionamento dos poderes, para corrompê-la e se perpetuar no poder (BOLSONARO, 2017, p. 130-131).

Considerações finais

Aqui chegados, interessa-nos discutir um pouco mais sobre esse dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico olavista enquanto autoexclusão de espírito e matéria, bem como sobre a proposta, por Olavo de Carvalho, de seu método de acesso à Verdade absoluta e de resolução do drama humano ante o universo e a eternidade, a saber, seu intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado, em termos de unidade e identidade diretas entre a alma e Deus, mediada pela Revelação e auxiliada pela graça divina na pessoa de Jesus Cristo. Como vimos ao longo do texto, todos os problemas humanos se devem à negação ou à destruição dessa linha vertical demarcada exatamente pelo espírito e

pelo seu acesso direto a Deus via interiorização intuicionista, espiritualista, personalista e privatista. Todos os problemas do mundo, nesse sentido, são causados pela primazia da esfera horizontal da necessidade natural como materialidade, que se ramifica em ciência (postura positivista-perspectivista), história (espaço da não-verdade) e política (ideologia ilimitada, totalizante e totalitária). Dessa descrição dos males humanos e do caminho de saída da perdição em que os seres humanos se encontram, radicalizada pela modernidade iluminista, materialista, cética, relativista e ideológica, tal como nos apresenta e nos propõe Olavo de Carvalho, gostaríamos de salientar alguns problemas estruturais, para além da supersimplificação, da falsidade teórica e da estupidez propriamente ditas, assumidas por este autor.

Salta aos olhos, em primeiro lugar, que esse dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico como autoexclusão recíproca entre espírito e matéria utilize de modo desbragado e generalista o termo ideologia para se referir aos adversários de Olavo de Carvalho, desde Gandhi, passando por Mao-Tsé-Tung, por Winston Churchill e chegando-se até a Fritjof Capra (como vimos na passagem final, a crítica da ideologia, o combate à ideologia também é a meta de vida de Jair Messias Bolsonaro, inclusive agora, que é presidente da República e cabeça de um movimento coletivo que podemos chamar de bolsonarismo, com caráter antimoderno, antimodernizante, antissistêmico e anti-institucional). Tentando dar um contorno sintético e sistemático a esse conceito em Olavo de Carvalho, já que este autor não o faz, podemos perceber que, em seu pensamento, o termo ideologia significa e abarca tudo aquilo que é: (a) material, materialidade, materialismo, no sentido de fato empírico, de autorreferencialidade do fato empírico, o que leva ou ao perspectivismo (fato é uma interpretação construída, dependente de um contexto), ou ao idealismo (fato é uma ideia, ideia é o fato), ou ao subjetivismo (interpretação pessoal, que recusa a própria objetividade do fato), ou, finalmente, à cisão entre noumeno e fenômeno, com o que teríamos a não-correlação entre o que é e o que deve ser – o materialismo, portanto, não só não permite conhecimento objetivo, como também não gera correção e

obrigatoriedade moral, contrapondo-se de modo fundamental à ontoteologia e, nesse caso, à condição essencialista e naturalizada do mundo material e humano, única condição geradora seja de conhecimento objetivo, seja de substantividade conceitual, seja, finalmente, de fundamentação e rigor morais; (b) coletivo, intersubjetivo, institucional e estrutural, colocando em xeque o indivíduo, seu espírito, sua autonomia, sua meritocracia, sua capacidade pessoal de acessar por si mesmo e desde dentro de si mesmo, via interiorização intuitiva, personalista, privatista e espiritualista, à Verdade, bem como de vencer na vida, de modo que, com a primazia das estruturas sociais, das instituições públicas e dos macrossujeitos políticos (da sociedade, da classe etc.) sobre o indivíduo, teríamos sempre a determinação heterônoma da subjetividade e, assim, sua anulação; (c) tudo aquilo que é histórico e político, isto é, que se dá no espaço e no contexto da história humana, coletiva e pessoal, e que se realiza por meio do instrumento da *ação* coletiva-individual no âmbito da intersubjetividade e das instituições; e (d) tudo aquilo que é metodológico, no sentido de uma atividade científica estrutural e mediada, sob a forma de comprovação, verificação e validação teórico-institucional e de linguagem lógico-matemática técnica e em termos de mensuração e de comprovação empírica das regularidades. Portanto, só não são ideológicos: (a) a ontoteologia, no sentido de primazia do espírito sobre a matéria, em termos seja de Revelação, seja de determinação biológico-religiosa (fundamentos essencialistas e naturalizados) da antropologia-cultura-normatividade; (b) o indivíduo de “carne e osso”, despido de todas as suas vestes em termos de cargo, posição social e compreensões ideológicas de mundo; e (c) o intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado como *método* não-estrutural e antissistêmico de acesso à Verdade absoluta e em termos de unidade, identidade e contado diretos entre o indivíduo e Deus. Tudo o que é sistêmico, no sentido de totalizante, estrutural e interdependência histórico-políticas, é ideológico. Ora, se Olavo de Carvalho fosse de fato coerente com o que pensa, deveria inclusive parar de comer, quanto mais publicar seus livros, uma vez que isso é e exige mediação comum, intersubjetividade estrutural e objetividade no mínimo

linguístico-conceitual – sem algo comum e sem instância mediadora intersubjetiva, nem a Revelação, nem o dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico e nem o intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado seriam possíveis! Alguém, um bom samaritano como Olavo de Carvalho, em sua luta abnegada e árdua contra a academia e a esquerda comunista como um todo, precisa vir em apoio *objetivo, público, intersubjetivo, estrutural e metodológico* às vítimas da modernidade, às cobaias da ciencia e dos intelectuais públicos.

Em segundo lugar, é importante salientar-se sua proposta de um método anti-estrutural e antissistêmico de acesso à Verdade absoluta e de resolução do drama humano ante o universo e a eternidade que permitiria a cada indivíduo a vitória sobre Behemot e Leviatã e o contato direto com Deus sem necessidade da mediação científica, do protagonismo acadêmico, da *práxis* política, da intersubjetividade vinculante e, finalmente, da centralidade das instituições públicas. O intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado de Olavo de Carvalho se propõe como a única plataforma de acesso à Verdade absoluta, de superação do materialismo, de derrocada de Behemot e de Leviatã, de contato direto entre o indivíduo que o utiliza e Deus e, finalmente, mas não menos importante, de desvelamento de tudo o mais abaixo do espírito puro e sem vestes como materialismo, ceticismo, relativismo e ideologia. Recorde-se, antes de prosseguirmos na análise – se possível for, não estamos muito confiantes em nossa capacidade! – do método olavista, que ele acusou exatamente a modernidade iluminista, pense-se aqui na sua passagem sobre Richard Rorty logo no início do primeiro capítulo, de, na medida em que se centra no materialismo e, portanto, seja na autorreferencialidade do fato empírico, seja no consequente perspectivismo simbólico-semântico-normativo em torno a ele, de ser e de levar à mera logomaquia, a discussão sobre palavras sem fundamento, que leva a mais discussão sobre palavras vazias e arbitrárias. Ora, na medida em que, por causa desse materialismo como positivismo e perspectivismo, a modernidade nega seja a Revelação, seja a determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade, seja, então, a precedência

de uma posição pré-cultural, pré-política e a-histórica como espiritualismo e fundamentação essencialista e naturalizada, ela *perde e abdica* de qualquer possibilidade de conhecimento objetivo e, assim, já não tem mais condições de justificar racionalmente suas crenças, seus princípios estruturantes, seus conteúdos cognitivo-morais, os quais se tornam ideológicos e impelem a uma postura propagandista, marqueteira, partidária e massificadora – ao ponto de a modernidade, a ciência e os intelectuais modernos ganharem no grito acerca do que é e do que não é objetivo epistemologicamente e do que é e do que não é certo moralmente. Entretanto, agora que descobrimos e reconstruímos o dualismo-maniqueísmo ontológico-antropológico olavista como autoexclusão entre espírito e matéria e, mais ainda, o seu método de acesso à Verdade absoluta, de resolução do problema representado por Behemot e Leviatã e, assim, de desvelamento das ideologias materialistas, nos damos conta de que, para Olavo de Carvalho, somente em termos de intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado o indivíduo consegue chegar à objetividade (ele não a produz, obviamente, e nem pode entendê-la a partir de teorias estruturais, positivistas e intersubjetivas em relação à materialidade). Ora, em seguindo a proposta de Olavo de Carvalho, a Revelação só se manifesta a cada indivíduo – já que não existem "coletividades abstratas", sequer pode existir a comunidade religiosa, a Igreja e, de modo ainda mais pungente, a própria tradição judaico-cristã, a ontoteologia greco-latino-árabe-medieval e mesmo a cultura renascentista, que são concepções genéricas, nunca individualizadas, antissistêmicas e não-estruturais de homem, de mundo, de saber, de instituição, de intersubjetividade, *de natureza humana* e de *escatologia e teodiceia*. No mesmo diapasão, mais uma vez segundo a proposta de Olavo de Carvalho, o acesso à Revelação, isto é, seja o conhecimento da Verdade absoluta, seja o contato e a interação diretos e imediatos entre o indivíduo e Deus, somente é possível por esse intuicionismo interiorizado, personalista, particularista e espiritualista, próprio e realizado apenas por cada indivíduo desde seu íntimo, como privatismo. Porém, se assim for, como cada indivíduo "saberia" efetivamente acessar desde seu interior à Verdade

absoluta e dialogar com Deus ou, ainda, como ele teria consciência que está no caminho certo, de que não é meramente um sujeito com esquizofrenia? Ora, ele simplesmente não teria nenhum critério racional e nenhum parâmetro objetivo para avaliação, posto que, entre ele e Deus, entre ele e o texto sagrado, não há um mediador, um terceiro sujeito-princípio-instituição. Portanto, ao contrário do que Olavo de Carvalho nos diz, é exatamente ele e sua posição simplista em termos desse dualismo-maniqueísmo e desse intuicionismo interiorizado que não possuem nenhuma condição de gerar critérios racionais garantidores de conhecimento objetivo e de ação moral escorreita. Talvez por isso ele tenha recorrido à graça divina e à ajuda de Jesus Cristo, mostrando exatamente seja a impotência de sua teoria, seja, antes de tudo, sua incapacidade de compreender tanto a modernidade quanto a tradição judaico-cristã, a ontologia greco-latino-medieval e a cultura renascentista. E, finalmente, é essa visão simplificadora e estéril incapaz de gerar, assumir e utilizar critérios racionais, objetividade epistêmica e correção moral que o leva à desonestidade intelectual inveterada, como seu vício mais básico, ao ponto de mentir, caricaturizar e falsificar o debate teórico-prático desenvolvido em termos de ciência moderna. Finalmente, esse método olavista, com caráter anti-estrutural e antissistêmico, demarcado exatamente como um exercício intuitivo de interiorização pessoal, privatista e espiritualista, através da identidade, do contato e do acesso direto do indivíduo para com Deus, leva ao perigo de negação não só da modernidade, mas também de toda a tradição que Olavo de Carvalho julga se basear, defender e promover, isto é, com seu intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado com caráter antissistêmico, não-estrutural, anti-objetivo e anti-institucional, Olavo de Carvalho nega *toda a tradição judaico-cristã, a ontoteologia greco-latina-medieval e a cultura renascentista*, porque toda ela depende de uma Revelação *mediada* institucional, sistemática e intersubjetivamente tanto pelos textos religiosos fundadores e canônicos quanto pelas comunidades religioso-clericais que, por meio da legitimação interna e verticalizada *qua* instituição, aplicam-nos aos crentes em geral – portanto, não há acesso direto a Deus e, de

modo mais específico, à compreensão do texto por parte de cada indivíduo interiormente, intuitivamente, mas desde a mediação eclesial, clerical e através da centralidade da doutrina objetiva, o que significa que tradição, ontologia e teologia são doutrina objetiva, sistemática, estrutural, institucional e, assim, intersubjetiva, sempre mediadas e dependentes da centralidade das instituições (infelizmente para ele, Olavo de Carvalho terá de fazer graduação, mestrado e doutorado!). Sem doutrina sistemática, tradição objetiva e estrutural e prática institucionalizada de interpretação e reinterpretação dos textos, simplesmente não há religião, Revelação. Aliás, não há nada, nem o próprio indivíduo, posto que, como falamos acima, se a posição olavista fosse correta ou coerente, deveria nos fazer todos assumirmos a posição de um vegetal ou voltarmo-nos completamente para nosso interior, sem qualquer relacionalidade, intersubjetividade e perspectiva estrutural – deveríamos regredir a uma posição anterior ao nosso nascimento (talvez até anterior à própria fecundação), posto que, a partir dele, somos seres inseridos e dependentes exatamente de um contexto relacional, intersubjetivo e estrutural, somos seres dependentes das outras pessoas.

Finalmente, em terceiro lugar, como vimos ao longo do segundo capítulo, o intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado como único método de acesso à Verdade absoluta e à compreensão e à resolução do drama humano ante o universo e à eternidade, bem como para se vencer Behemot e Leviatã e para se desvelar as ideologias materialistas, descamba para um ideal de meritocracia e de autonomia individual que nega a intersubjetividade, a socialização e as dinâmicas institucionais e sociais estruturais. Ora, se essa dupla perspectiva do método olavista (intuicionismo espiritualista, personalista, privatista e interiorizado; meritocracia e responsabilização individual exclusivas) for levada a sério, e parece que ele tem muitos adeptos atualmente, inclusive e principalmente um certo presidente da República, a consequência está exatamente na impossibilidade e, no limite, no fim da ciência, da política, do trabalho das instituições públicas, da ação intersubjetiva e mesmo da própria ação individual. Como vimos ao longo

do texto, a ciência, a história e a política são materialistas e, por isso mesmo, céticas, relativistas e ideológicas, produzindo logomaquias várias, todas falsas, massificadoras, instrumentalizadoras e degeneradas, as quais não resolvem o drama individual ante o universo e a eternidade e agudizam a supremacia e a pungência do conflito de Behemot e de Leviatã. Nesse sentido, a ação institucional-social intersubjetiva, na medida em que se funda no materialismo, não possuindo qualquer base de verdade, qualquer resquício de racionalidade e qualquer comprometimento moral, descamba para um coletivismo, para um estatismo e para um clientelismo totalizantes contra os indivíduos, anulados em sua meritocracia. Entretanto, também vimos ao longo do texto que, para Olavo de Carvalho, a própria ação política dos indivíduos é um equívoco, porque, se dá certo, ela solidifica neles o espírito de revolta às normas e de dependência e de vício relativamente às instituições públicas e, se dá errado, fomenta o desânimo, a inação e a impotência. Portanto, nem a ação intersubjetiva, nem a atuação estrutural das instituições públicas e nem mesmo a ação individual social, política e institucionalmente servem para resolver os problemas humanos, restando essa interiorização privatista, personalista, espiritualista e intuitiva das mônadas humanas, necessitadas apenas de Deus e acessando-o diretamente desde dentro de si mesmas, e de nada mais. Ou seja, mais uma vez se a proposta de Olavo de Carvalho for levada a sério temos a inação absoluta, a interiorização impotente e um espiritualismo simplificador que não nos dá nenhum critério objetivo, nenhum princípio estruturante e nenhuma saída moral. Temos a negação de tudo, da modernidade à tradição judaico-cristã, das ciências em bloco à ontologia e à teologia, da coletividade ao indivíduo. Só restará uma máxima vazia, uma orientação errática e, por fim, o silêncio completo: “Método olavista como intuicionismo personalista, privatista, espiritualista e interiorizado: gratuito, não comprovado por ninguém, visto apenas pelos olhos da alma! Por meio dele, você, homem comum, sem diploma universitário, pode se livrar dos intelectuais degenerados e opressores e alcançar diretamente e sem mediações à Verdade absoluta. Disponível no Youtube. Não se pode lê-lo, porque a leitura depende de interpretação

sistemática e mediada, e isso é ideologia anuladora do indivíduo, mas também não se pode ouvi-lo, porque também nesse caso você dependerá de mediação e interpretação, no caso pelo próprio mestre Olavo de Carvalho, e isso mais uma vez é ideologia que anula a individualidade! Força, você é capaz de descobrir o mundo por si mesmo! Adentre em seu íntimo e intuitivamente alcance a Verdade absoluta! Confie na graça divina e a busque, embora você não saberá quando e como achá-la, nem terá certeza por si mesmo se a achou, dependendo de Jesus Cristo! Mas, espere, isso também é mediação e, portanto, ideologia! Enfim, já não sei mais de nada! Se vire você mesmo! Espere novamente: 'se virar por si mesmo', como método estrutural, é válido intersubjetivamente, mas isso também é ideologia! Zzzz... De todo modo, acredite em mim, não acredite nos intelectuais! Mas isso é mediação de novo, de novo ideologia! Zzzz...".

Referências

BOLSONARO, Flávio. *Jair Messias Bolsonaro*: mito ou verdade? Rio de Janeiro: Tiziano Editorial, 2017.
CARVALHO, Olavo. *O imbecil coletivo*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
FORST, Rainer. *Contextos da justiça*: filosofia política para além de liberalismo e comunitarismo. São Paulo: Boitempo, 2010.
HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo* (Vol. I): racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: Martins Fontes, 2012a.
HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo* (Vol. II): sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.
HABERMAS, Jürgen. *A ética da discussão e a questão da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.
HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do outro*: estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002b.
HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico*: ensaios filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.
RAWLS, John. *O liberalismo político*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

Data de registro: 03/12/2020

Data de aceite: 15/06/2022

Leviathan | Cadernos de Pesquisa Política

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

Análise introdutória sobre um elemento da qualidade da democracia brasileira contemporânea: a ascensão política de Olavo de Carvalho como um possível reflexo da desconfiança política e da falta de *accountability*

Mário Jorge de Paiva[1]

https://orcid.org/0000-0001-7158-4371

Resumo

O presente artigo deseja discutir a importância do escritor/polemista Olavo de Carvalho dentro de um quadro da política recente do Brasil. Nossa hipótese é que suas ideias radicais encontraram solo fértil, pois existem relevantes problemas envolvendo a qualidade da democracia em nosso país. Nossa análise será pautada por uma investigação política qualitativa e através de um aporte teórico envolvendo os termos *accountability* e *confiança/desconfiança política*, veremos como há uma ambivalência de Carvalho, enquanto uma figura pública com certo nível de influência, no que tange às instituições democráticas existentes.

Olavo de Carvalho; Desconfiança Política; *Accountability*; Cultura Política; Instituições Políticas.

Abstract

Analyzing the quality of Brazilian democracy: the rise of Olavo de Carvalho as a reflection of political mistrust and lack of accountability

This article aims to understand the importance of the writer/polemist Olavo de Carvalho within a framework of recent politics in the country. Our hypothesis is that their radical ideas found fertile soil, at a time when there are currently major problems involving the quality of democracy in our country. Our analysis is an initial qualitative investigation. Thus, through the theoretical contribution involving the terms accountability and political trust/distrust, we will see how there is an ambivalence of Carvalho, as a public figure with a certain level of influence, regarding his adherence to existing democratic institutions. In which there is an element of radical criticism directed at existing institutions in the country.

Keywords: Olavo de Carvalho; political mistrust; accountability; political culture.

[1] Mário Jorge de Paiva é doutor, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: mariojpaiva91@gmail.com.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

Resumen

Análisis introductorio sobre un elemento de la calidad de la democracia brasileña contemporánea: el ascenso político de Olavo de Carvalho como posible reflejo de la desconfianza política y la falta de accountability

Este artículo tiene como objetivo discutir la importancia del escritor/polemista Olavo de Carvalho en el marco de la política brasileña reciente. Nuestra hipótesis es que sus ideas radicales encontraron terreno fértil, ya que existen problemas relevantes que involucran la calidad de la democracia en nuestro país. Nuestro análisis estará guiado por una investigación política cualitativa y a través de un aporte teórico que involucre los términos accountability y confianza/desconfianza política, veremos cómo existe una ambivalencia de Carvalho, como figura pública con cierto nivel de influencia, con respecto a las instituciones democráticas existentes.

Palabras-clave: Olavo de Carvalho; Desconfianza política; accountability; Cultura política; Instituciones politicas.

Introdução

O presente artigo deseja fazer uma análise introdutória sobre o tema da qualidade da democracia no Brasil, tendo como uma de suas variáveis analíticas a abordagem sobre um autor, o qual ganhou espaço no campo do *saber* e do debate público como um crítico cultural e político. Aqui abordaremos então um escritor que desde a década de 90 possuía certo sucesso editorial e seguidores, mas que só alcançou seu maior sucesso com outro cenário político mais recente. Sendo esse autor, e grande polemista,[2] Olavo de Carvalho.

O nosso interesse sociológico em estudar Olavo de Carvalho é desenvolver o ator social e o seu entorno. Logo o presente trabalho deseja ver Olavo de Carvalho como um elemento desse cenário maior brasileiro, que nós relacionaremos com duas vertentes principais, dentro do momento político democrático. Estamos nos referindo à questão da *confiança política* e a questão da *accountability*.

Nosso trabalho deseja ser uma contribuição analítica qualitativa, que possa se somar à toda uma série de investigações relativamente recentes, nacionais e internacionais, que abordam o universo da direita política e suas diferenciações internas. Assim aqui estamos a pensar em trabalhos como: Ruy Fausto (2017), Jorge Chaloub (2015), Ariel Finguerut e Marco Souza (2018), Camila Rocha (2018), Marcos Quadros (2015), Jamerson Souza (2016), Lucas Patschiki (2012), Mário Paiva (2019), Andreas Fagerholm (2016), Briefing Paper e Sophie Gaston (2017), Annie Kelly (2017), Jacob Davey e Julia Ebner (2017), Manuela Caiani (2017), Giuliano Da Empoli (2019), Josnei Di Carlo e João Kamradt (2018), Dmitri Fernandes e Allana Vieira (2019) etc.

É um ponto de relevância apontar como se aprofundou no Brasil um cenário de crise. Uma crise, que assim aflorou problemas. Em 2013, seguindo uma onda global,[3] surgiram grandes manifestações contra o *status quo* e contra nosso sistema político. A confiança nas instituições estava ainda mais abalada diante de vários escândalos de

---

[2] Cf. Dmitri Fernandes e Allana Vieira (2019) e Manuel Petrik (2006).

[3] Cf. Manuel Castells (2013).

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

corrupção. Por exemplo: a sequência de fatos que foi se desenrolando com a Ação Penal 470, conhecida popularmente como Mensalão.[4]

Olavo de Carvalho, enquanto autor, aumenta sua popularidade com essa crise. E ele faz parte da crise, enquanto um ente social que ajuda o desenvolvimento dela. No *Facebook*, em seus livros, em seus vídeos no *Youtube* e nas ruas. Representou um dos principais símbolos de certo nicho da direita, que possui elementos antimodernos, se tendo em vista como o pensamento antimoderno mistura elementos da corrente conservadora e da corrente reacionária.[5]

Como sabemos, seguindo João Pereira Coutinho (2014), Mário Paiva (2019) etc., o conservadorismo não é o mesmo que uma mentalidade reacionária.[6] Porém como desvela Oscar Guardiola-Rivera e Francisco Louçã (2018) existe a possibilidade de um tipo conservador reacionário. E essa tipologia estaria assim tão longe do conservador antimoderno descrito por Ted McAllister (2017)?

Olavo de Carvalho não foi o único ator social a produzir tudo isso, mas ele possuiu seu papel. Logo quando João Fellet (2016) chama Carvalho de *parteiro da nova direita*, isso faz certo sentido. Do mesmo modo, faz sentido quando Ruy Fausto (2017), ao tratar da *ofensiva* da direita, começa por esse autor. Olavo de Carvalho é uma figura complexa. Já foi comunista, trabalhou como astrólogo, fez parte da *tariqa*[7] de Frithjof Schuon e ainda surgiu como um grande nome de tal Nova Direita Brasileira.

Carvalho trata o governo como ilegítimo e o sistema como uma fraude. Afirmou desejar *quebrar o sistema* e implantar no Brasil uma democracia plebiscitária, vide a da França de Charles de Gaulle (FELLET, 2016). E o estranhamento se aprofunda. Pois seria uma democracia plebiscitária a *democracia representativa efetiva*?

O problema de Carvalho com o Partido dos Trabalhadores, PT, envolve a participação de tal partido no Foro de São Paulo, o que, na visão de Olavo, tornava esse

---

[4] Mesmo com a reeleição da presidente Dilma Rousseff, em 2014, o começo de seu segundo mandato só agravou o cenário, com a *explosão* de uma crise econômica. As ações da Nova Matriz Econômica do governo falharam. O que, sem dúvida, influenciou uma série de manifestações contra o governo, as quais no fim desembocaram em um apoio, e uma pressão, por parte da população para o afastamento da presidente reeleita.

[5] Cf. Antoine Compagnon (2011).

[6] Para mais detalhes sobre o conceito de reacionário, ver Mark Lilla (2018).

[7] Confrarias místicas da religião islâmica.

grupo um membro de uma tentativa de revolução comunista na América Latina. E seu discurso sobre o Partido dos Trabalhadores, como uma entidade revolucionária, se espalhou. Algo que Pablo Ortellado e Esther Solano revelam ao apontar que 64,1% dos presentes em abril de 2015 em um dos protestos contra a então presidente Dilma Rousseff, na Avenida Paulista, concordavam com a afirmação de que o PT queria implantar um regime comunista no país e 55,9% respaldavam a afirmação de que o Foro de São Paulo queria criar uma ditadura bolivariana no Brasil (FELLET, 2016).

Outro elemento, somável ao anterior: Olavo pode ser favorável a um estado de exceção civil/militar, afinal já criticou as Forças Armadas, pois elas teriam sido *omissas* ao não realizarem tentativa de impedir a dita *revolução comunista*, do Foro de São Paulo (FELLET, 2016). E mesmo quando põe em questão o formato do planeta[8] ou se realmente existe uma pandemia de COVID-19,[9] o que vemos é uma estratégia política radicalizante. Similar a apontada por Giuliano da Empoli (2019) na Itália, nos EUA etc.[10]

Por radicalismo em política pensamos, por exemplo, em um conceito que não aponta para uma corrente determinada de ideias ou um partido específico. O radicalismo é uma base para o abandono de ideias temporizadoras e de táticas moderadas, com o objetivo de impulsionar algum processo vigoroso, radical, para a renovação de vários aspectos da organização política e/ou da vida civil (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 1062).

Não abordaremos no presente artigo as análises de Carvalho sobre Filosofia, Esoterismo, Estética etc. Também sendo relevante apontar como não trataremos de todos os tópicos políticos comentados por Carvalho, então assim talvez possamos falar que o presente artigo aborda uma análise específica do descontentamento político com a qualidade da democracia brasileira atual.

Nossa hipótese é clara: o cenário de crise política/econômica abriu espaço para o maior sucesso de Olavo, o qual se *aproveitou* do cansaço e da descrença das pessoas

---

[8] Cf. Carvalho (2019).
[9] Cf. ISTO É (2020).
[10] Vale mencionar como Empoli, mesmo que de modo breve, cita o Brasil em seu livro.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

nas instituições. A agressividade, a crítica ferrenha ao progressismo, a polêmica etc., são os motivos pelos quais Olavo de Carvalho alcançou o sucesso que alcançou. Carvalho é um *case*, em termos de *marketing*, muito interessante para os estudiosos da comunicação cultural e política via redes sociais.

Em termos de metodologia, poderíamos falar que possuímos uma análise interpretativa e qualitativa, tendo por base uma leitura conjuntural do momento, somada a um aporte sobre a qualidade da democracia, que se foca principalmente em conceitos como: confiança/desconfiança política e *accountability*. Aqui pouco trataremos sobre processos históricos longos ou do aporte da Ciência Política que estuda partidos de direita propriamente ditos etc.

É relevante também apresentar como abordamos Olavo de Carvalho, enquanto uma das variáveis do estudo sobre certa perspectiva da direita nacional. O presente trabalho não possui qualquer proposta de tentar sintetizar a obra de tal autor ou realizar uma didática introdução ao polemista. Vale dizer que nossa visão de Carvalho se pauta, mormente, pelos seus livros, mesmo que também consideremos igualmente relevante, para entender seu aspecto político, acompanhar sua ação nas redes sociais da *internet*, local em que o radicalismo e a agressividade comunicativa ficam mais claros.[11]

Por que, exatamente, acreditamos ser muito importante acompanhar também sua ação na *internet*? Em primeiro lugar, pois, como dito, certos pontos de suas crenças pessoais ficam mais claros. Em segundo lugar, tópicos não abordados, ou pouco abordados nos livros, surgem de modo complementar. Como foi apresentado, nosso recorte de leitura envolve um período da obra de Carvalho entre 1994 e 2015. Assim se ficássemos só em seus livros, não enxergaríamos, por exemplo, seu forte apoio ao governo de Jair Bolsonaro, eleito em 2018. Em terceiro lugar, a *internet* é sua forma de interação mais direta com sua base de fãs.

[11] Lemos de tal autor: *A nova era e a revolução cultural* (1994), *O Jardim das Aflições* (1995), *O Imbecil Coletivo* (1996), *O futuro do pensamento brasileiro* (1998), *O Imbecil Coletivo II* (1998), a *Coleção história essencial da filosofia* (2002-2006), *A Dialética Simbólica* (2006), *A filosofia e seu Inverso* (2012), *Os EUA e a nova ordem mundial* (2012), *O mínimo que você precisa saber para não ser um Idiota* (2013) e os quatro primeiros volumes de *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (2013-2015). Isso se somou a assistir, de forma dispersa, algumas de suas aulas *online* e acompanhar, também de modo disperso, sua atuação na plataforma *Facebook* e no seu canal do *Youtube*.

O presente artigo se divide em quatro partes. Se iniciou com a *Introdução*, que possui como objetivo apresentar o universo investigativo em questão. Passa para uma segunda parte, que se chama *Qualidade da democracia dentro das chaves da accountability e da questão da confiança/desconfiança política*, na qual abordamos a qualidade da democracia, dentro de tais chaves. A terceira parte, *Olavo de Carvalho por um prisma da qualidade da democracia*, propõe uma possível leitura da ação de Olavo de Carvalho dentro do campo político. E fechamos com as *Considerações Finais*, que buscam refletir sobre o que foi apresentado, sempre se tendo em vista como este é apenas um estudo inicial e não uma investigação final sobre o tema proposto.

1. Qualidade da democracia dentro das chaves da *accountability* e da questão da confiança/desconfiança política

Se queremos explorar o tópico político no Brasil recente, é importante tratar da questão do sistema político democrático. Como é largamente sabido, o sistema democrático nem sempre foi hegemônico no planeta. Se pensarmos no caso clássico da Grécia Antiga, veremos como nomes importantes apresentavam dúvidas e questionavam o *governo do povo*. Tal dúvida também se estende até certos autores modernos, como Edmund Burke ou Vilfredo Pareto.

Mesmo para autores que aceitaram o governo democrático como modelo a ser recomentado, nós não podemos esquecer que esse sistema apresenta problemas e mesmo depois de tantas *ondas democráticas*, algumas questões continuam.

Se nós recorremos a Carole Pateman (1970, p. 1) veremos que mesmo termos básicos dentro de um quadro democrático, como *participação*, podem ser usados para se referir a uma grande variedade de situações, por diferentes pessoas.

Podemos pegar o conceito de participação e acreditar que ele possui um papel minimalista, pois há um risco inerente de uma participação popular exagerada (PATEMAN, 1970, p.1). E há, depois de certo momento histórico, toda uma preocupação com essa participação, para não descambar em um sistema totalitário. A autora relembra como o modelo nazista era baseado em uma participação de massas.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

Não poderíamos dizer que esse apontamento, de tais problemas, é elemento apenas percebidos por Pateman. Exemplos, de outros autores, com análises similares e complementares não faltariam. Gabriel Almond e Sidney Verba (1963, p.1) começam relembrando como o desenvolvimento do fascismo e do comunismo, depois da Primeira Guerra Mundial, revelou sérias dúvidas sobre a inevitabilidade do desenvolvimento democrático no Ocidente. Mas depois da terceira onda democrática, os cientistas políticos aumentaram o enfoque na questão da *qualidade da democracia*.[12]

Por tudo isso, ameaças ao que é democrático podem surgir exatamente de dentro dela, da democracia. De ideias de mais participação até, logo vemos riscos que a lógica plebiscitária de Carvalho pode trazer.

Andrew Roberts (2009, p. 25) ao tratar da questão, de uma concepção coerente de qualidade de democracia, aponta que devemos primeiramente distinguir o que é democracia do que é propriamente a qualidade da democracia. Aponta a democracia como um *set* de possibilidades formais para os cidadãos governarem, já a qualidade da democracia avalia se a governança do cidadão existe. O povo está controlando o governo ou eles estão sendo controlados?

A qualidade de procedimentos formais é a mais familiar maneira de se estudar as gradações dentro de uma democracia, sendo uma forma de medir o grau de como as eleições se mostram livres e justas e se os direitos civis estão sendo genuinamente protegidos (ROBERTS, 2009, p. 26). Um segundo aporte, para avaliar a qualidade da democracia, começa de uma concepção mais normativa. Ele se preocupa em ver que sem certas precondições, o procedimento democrático não pode cumprir sua promessa inteiramente (ROBERTS, 2009, p. 28). Vale ressaltar, como o autor faz, que ainda pode haver certa confusão por parte dos pesquisadores quanto a uma definição para medir a qualidade da democracia.

Sobre a qualidade da democracia, acreditamos que o texto de Larry Diamond e Leonardo Morlino (2004) se mostra especialmente didático e importante, para uma

[12] É importante apontar que um autor famoso a discutir uma nova onda democrática foi Samuel Huntington, referindo-se a uma terceira onda democrática, que varreu o mundo entre 1974 e 1990, em que dobrou o número de democracias no mundo. E tal evento parece apenas ter se ampliado ainda mais com o passar dos anos, após a queda do Muro de Berlim e com a falência do que poderíamos chamar de Comunismo Real.

introdução ao tema. Sobre a concepção teórica existente, nós podemos apontar, aportados em tais autores: 1 – Democracias aprofundadas são um bem moral. 2 – Reformas para melhorar a qualidade da democracia são essenciais para um governo durável e legítima com marcas consolidadas. 3 – Democracias mesmo longamente estabelecidas também precisam de reformas (DIAMOND; MORLINO, 2004, p. 20). E tais autores também se esquivam de uma concepção universalista do que seria uma boa democracia. Logo vemos como algumas questões apresentam certa relatividade e que dependendo dos métodos de pesquisa, do aporte teórico etc., os resultados esperados são variáveis.

De qualquer forma, há certos elementos que devem ser mantidos, independente de tais complexas questões, vide: liberdade, a regra da lei, *accountability* vertical, responsividade, equidade, participação, competição e *accountability* horizontal. E como essas formas de mensuração não são definitivas, também é possível acrescentar outras variáveis, como *transparência* e *efetividade da representação* (DIAMOND; MORLINO, 2004, p. 21).

Os autores citam que o uso do termo sugere três diferentes significados para qualidade, sendo que cada qual difere em implicações para os resultados empíricos das pesquisas. Por isso a qualidade pode se referir: ao procedimento, ao conteúdo[13] ou ao resultado[14] (DIAMOND; MORLINO, 2004, p. 21-2).

Para os autores a regra da lei se mostra a base, na qual toda outra dimensão da qualidade democrática se apoia. Há dúzias de democracias não liberais pelo mundo, em que as eleições competitivas e a participação popular coexistem com poderes abusivos e ilegalidade.

Uma condição de extrema importância para os autores, envolve uma difusão de valores liberais e democráticos, tanto para os níveis mais baixos quanto para as elites da sociedade, em que se deve existir uma burocracia forte em competência e imparcialidade, sendo esses tipos de valores legais difíceis de criar (DIAMOND;

[13] Voltado para características estruturais do caso, como o seu *design*, materiais, funções etc.
[14] A qualidade do produto oferecido como meio de se indicar a satisfação dos *clientes*.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

MORLINO, 2004, p. 23). Também não podemos acreditar que existe um governo perfeito em todos os aspectos apresentados. Há uma questão de *virtudes em tensão*, uma boa democracia seria aquela que consegue bons *trade-offs* e assim equilibra, de maneira complexa, uma síntese da democracia, do republicanismo e do liberalismo (DIAMOND; MORLINO, 2004, p. 30).

Agora desejamos explorar, mesmo que de modo introdutório também, o termo *accountability*. Tanto pelo fato de ser essa uma das vertentes da qualidade da democracia mais exploradas, e se isso ocorre não é sem razão, quanto pelo fato de tal termo não ser tão explícito quanto outras variáveis.

Accountability, para começar, não possui um consenso final sobre o termo. Mas para uma definição ortodoxa, diríamos que envolve uma obrigação para se responder por uma *performance* de deveres. Logo é um relacionamento entre duas partes (MULGAN, 2011, p. 1). Sendo que, como o autor também aponta, esse é um termo relativamente novo nos debates da Ciência Política, antes muitos preferiam conceitos como *responsibility*. Ainda sendo possível de equacionar outros termos, em seu lugar, como *transparency*. Definições parecidas, mas não totalmente iguais.[15]

A complexa estrutura de *accountability* existente, que circula pelos governos modernos, envolve tanto uma estrutura vertical de poderes, entre votantes e governo, como uma estrutura horizontal entre as instituições, que abarca um vasto conjunto de mecanismos institucionais (MULGAN, 2011, p. 5). Logo as eleições entram como uma das mais básicas ferramentas, em que a população está impondo o seu veredito. Essa influência indireta no governo possui enorme peso diante de governos impopulares. Mesmo que se outros elementos de tal estrutura estiverem faltando, esse importante instrumento pode se tornar bem menos eficaz. Além disso, uma eleição, como é bem

[15] Por exemplo, se escolhermos o conceito *transparency*, teremos de lidar com o fato de que alguns termos da *accountability* lidam com transparência, vide investigações feitas pela mídia ou inquéritos parlamentares, mas falta capacidade para impor sansões, deixando tal função para outras agências, como cortes ou ao Poder Executivo. Do mesmo modo, mesmo que *responsibility* seja um conceito próximo, temos de ter em mente que: tal termo é tipicamente referido a deliberações e ações internas de uma pessoa ou organização (MULGAN, 2011, p. 2).

sabido, pode ser dominada por *slogans* e retórica, que pode atrapalhar uma análise fria e sincera de um governo.[16]

Certos argumentos para se pensar em um ceticismo parcial diante dos mecanismos apontados são apresentados por Guilhermo O´Donnell (1998). Há países, como explicita o autor, que mesmo correspondendo às definições de Robert Dahl sobre poliarquias,[17] apresentam *accountability* horizontal fraca ou intermitente.[18]

É relevante entender que o Brasil, não por acaso, está em uma das posições mais baixas em níveis de adesão à democracia na América Latina, embora apresente altos índices de democracia eleitoral. Do mesmo modo, podemos ser classificados como uma *flawed democracy*, se seguirmos o *The economist intelligence unit's democracy index* de 2008 (D´ARAÚJO, 2009, p. 218-9).

Mesmo com a institucionalização crescente, essas instituições são carentes de confiança por parte considerável da população. E é necessário mencionar como o Legislativo é ainda apontado como portador de menor confiança no caso brasileiro, em relação ao Executivo e ao Judiciário (D´ARAÚJO, 2009, p. 221). O que se soma assim com certos elementos, apresentados por Marcos Quadros (2015), de que então a população termina por ter uma maior adesão aos grupos que representam uma ordem social. Assim o avanço de certos elementos da direita, envolve uma busca por ordem em um momento de crise, desconfiança.

No caso do Brasil vemos esse fato: uma estrutura democrática existente que convive com marcantes fatores de corrupção, patrimonialismo, personalismo etc. É toda

[16] Outro mecanismo de importância é o escrutínio legislativo, pois entre os períodos eleitorais essa é a ferramenta de talvez maior poder, dentro do quadro apresentado. Além dele, claro, temos as cortes. Falando ainda o autor sobre as auditorias, ouvidorias, mesmo ONGs e outros mecanismos. O que vai se somar com a importância de uma mídia livre e *accountability* em esferas internacionais.

[17] Cf. Robert Dahl (2005).

[18] Guilhermo O´Donnell (1998, p. 46) ainda aponta duas direções em que a *accountability* horizontal pode ser violada. A primeira violação se mostra a usurpação de uma competência legal por outra estatal. A segunda parte das vantagens ilícitas que uma autoridade pública obtém para si mesma ou para aqueles que estão, de algum modo, vinculados a tal pessoa. O primeiro modelo assim é chamado de *usurpação* e o segundo de *corrupção*.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

uma fusão entre o moderno e o reacionário. O que parece levar ao desejo por uma ordenação social maior.

Sobre a questão da confiança/desconfiança: em linguagem comum, a confiança designa segurança de procedimento ou crença em outros com quem interaja e conviva o ator social em questão (MOISÉS, 2010, p. 82). E como tal fator é um jogo a existir com o comportamento alheio, sempre há a margem para imprecisão. Mas é importante frisar aqui que a confiança está vinculada por uma situação histórico-cultural determinada, assim variando no tempo e no espaço. Mesmo que não seja simples tentar colocar uma perfeita relação de causa e efeito, em que a confiança social se transpõe em confiança política e institucional de forma óbvia (MOISÉS, 2010, p. 85). A própria democracia nasceu de certa desconfiança em relação aos poderes e aos poderosos.

Por esses motivos, a democracia implica mais do que uma confiança cega, ela se volta para supervisão e monitoramento do governo, o que se soma com a *accountability* etc. Logo implica em uma desconfiança necessária, mesmo que esses níveis de desconfiança, por tudo o que já falamos até aqui, sejam variáveis.

Para a institucionalização da desconfiança, essa deve estar vinculada com uma cultura minimamente pautada na confiança e são as instituições democráticas que tornam isso possível (MOISÉS, 2010, p. 86). A burocratização da vida pública, os partidos pouco representativos e a corrupção possuem relevância nesse cenário também.[19]

Moisés aponta como destaque o baixo índice de atores sociais totalmente democratas do país, sendo até menor no Brasil do que em outros países da América Latina.[20] Logo também há um alto número de pessoas com posicionamento ambivalente

[19] Mesmo em democracias bem antigas vemos que a confiança vem caindo sistematicamente como é o caso, inclusive, dos Estados Unidos. Ponto bem descrito por Eric. M. Uslaner em seu texto *Democracy and social capital.* Ao apontar como em 1960, 58% dos americanos acreditavam que *se deveria confiar na maioria das pessoas*, índice esse que cai, pois em 1994 e 1995 vemos como pouco mais de 35% dos americanos possuíam tal fé em seus concidadãos. Discutindo Uslaner a diferença entre uma confiança voltada para dentro de um determinado grupo e a confiança no todo da sociedade.

[20] Na aferição do Latinobarômetro vemos como foram considerados *democratas* os entrevistados que concordavam que a democracia é o melhor sistema de governo, malgrado seus problemas. Foram considerados *autoritários* aqueles entrevistados que discordavam da afirmação de que a democracia é o melhor sistema de governo e que preferiam um governo autoritário em algumas circunstâncias. E é apresentado o tipo *ambivalente* como os pesquisados que mesmo considerando a democracia a melhor forma de governo, aceitavam que em algumas circunstâncias um governo autoritário seria melhor opção. Ou que acreditavam que tanto faz um sistema democrático ou autoritário de governo (MOISÉS, 2010, p. 98).

frente à democracia, pois não são contra, mas possuem dúvidas se esse é *the only game in town* (MOISÉS, 2010, p. 100).[21]

Assim os pontos se juntam, pois a análise dos dados, estudados por Moisés, aponta para a existência de uma conexão entre: a ambivalência diante dos valores democráticos, a insatisfação com o governo e a desconfiança em relação às instituições políticas. A experiência de práticas de corrupção, sem meios institucionais de controle efetivo, ajuda na escolha de tantos por modelos *sem partidos* ou *sem Congresso* (MOISÉS, 2010, p. 116).

2. Olavo de Carvalho por um prisma da qualidade da democracia

Usemos duas falas de Carvalho para demonstrar o *desgaste* e o *cansaço* em relação à política, que ele apresenta e seus leitores se identificam, em algum nível.

> Eu sempre disse: "o problema não é o PT. É a classe política inteira". [...] parte de 2015, quando tinha 2 milhões de pessoas na rua e 95% da população contra o governo, era o momento de derrubar a classe política. Era o momento de invadir os prédios das instituições e derrubar todo mundo e forçar novas eleições. Agora eu já não sei mais o que é para fazer, porque as inteligências brilhantes se contentaram com o *impeachment* (CARVALHO, 2017).
> Com o PT não tem jeito, nada tem jeito com o PT, nem o próprio PT evidentemente. Tem que tirar essa porcaria daí é já. E por quaisquer meios concebíveis. Não é isso? Se possível dentro da legalidade, né? Mas que tem que sair, tem que sair, de qualquer maneira. O que esses camaradas fizeram não têm desculpa. [...] Só por isso, só pela obra do PT na educação, esses camaradas tinham que ser mandados para casa, com um pontapé no traseiro, para nunca mais voltar. [...] Tem que tirar da vida pública para sempre (CARVALHO, 2015).

Aqui o que vemos é um quadro, no qual o autor mais do que criticar as instituições, quer uma transformação radical, que iria abalar a continuidade de nossas regras dentro do sistema democrático, como o conhecemos. O que o diferencia do

---

[21] Esses ambivalentes podem apoiar as soluções voltadas para intervenções militares e alternativas também vistas como não democráticas (MOISÉS, 2010, p. 102).

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

conservadorismo tipicamente reformista, apresentado, por exemplo, pelo pensamento de Edmund Burke (2012).

Assim essa deslegitimação das instituições pode ser usado para alimentar alternativas antidemocráticas. O que nos faz voltar a Olavo de Carvalho como um radical, o qual ganha força nesse cenário. Pois tal autor mesmo que não deseje ser alguém explicitamente autoritário, apresenta elementos da ambivalência comentada. Ao pedir medidas de exceção contra certos partidos, independente dos meios, para tirá-los do poder.

Outro elemento: Olavo de Carvalho cria polêmicas com uma facilidade incrível, ao desvalorizar de maneira exagerada as universidades brasileiras, a mídia etc. Desejando colocar em questão certas fontes socialmente legítimas de conhecimento, por irem contra suas leituras e narrativas, em um viés de confirmação, bastante claro, em certos momentos. Além dos elementos, igualmente claros, de uma ampla agressividade argumentativa.

O fato de possuir elementos antimodernos, nos parece ser igualmente um fator para uma tentativa de deslegitimar muito do saber filosófico que se deu com o Renascimento, com o Iluminismo etc., afinal com o tempo houve uma dissociação considerável da Filosofia em relação ao campo religioso. E dentro de sua visão de mundo, o ateu e o agnóstico são pessoas a compartilharem *burrice* (CARVALHO, 2006). Aceitando, em certos momentos, a narrativa religiosa como algo autoevidente e criticando a Teoria da Evolução de modo problemático, para qualquer pessoa que possua uma familiaridade mínima com o tema. Olavo de Carvalho coloca, por exemplo, em dúvida a eficiência da Datação por Carbono-14, mas ele pouco entende de como é feito tal processo, apresentando-o de forma claramente errada.[22] [23]

Esse tipo de visão de mundo em que o discordante é tipicamente burro, maluco, conspirador, psicopata ou analfabeto funcional, só desvela uma mentalidade não totalmente aberta ao diálogo com a alteridade. Além de existir um desejo de, em termos argumentativos, se aproveitar da falácia do *envenenamento do poço*, em que muito do

---

[22] Cf. Carvalho (2019).

[23] Para uma leitura mais apurada da medição por Carbono-14, vale conferir: Richard Dawkins (2009).

que Olavo faz, visa desacreditar, ridicularizar, seus adversários, em um viés de confirmação para seus leitores.

Uma série de movimentos sociais são atacados por Olavo, assim, além de tudo, ele apresenta elementos que o fazem ser considerado como preconceituoso por partes de tais grupos. Vale lembrar como o diálogo e os movimentos sociais são parte do funcionamento democrático, no sentido que movimentos sociais são setores da sociedade civil. Aqui não nos cabe apontar toda a polêmica, porém apenas mais uma citação, pode demonstrar o quão negativa pode ser a percepção de Carvalho sobre a luta de outros setores da sociedade que não são os seus.

> Os *gays* encontram talvez menos satisfações no seu tipo peculiar de jogos sexuais do que nos mitos lisonjeiros que cultivam a propósito de sua comunidade. Um desses mitos é o de que são marginalizados e perseguidos. [...] Para cada caso de violências cometidas contra homossexuais, pode-se citar outro de violência cometida *por* homossexuais. A choradeira de minoria oprimida são lágrimas de crocodilo (CARVALHO, 1999, p. 234).

Referimo-nos aos grupos de lutas *gays*, mas poderíamos recortar citações de Olavo se manifestando contra feministas, ateus, grupos científicos etc. Assim, mesmo que não em todos os casos, Olavo trabalha com uma lógica de decadentismo intelectual dos seus adversários,[24] conspirações, vide a ideia de que cigarro não faria mal à saúde, etc. Opiniões que por serem defendidas com retórica, certo carisma, com certo aporte e diante de um cenário de crise, desconfiança, instituições falhas e um momento de maior mentalidade dual em política,[25] gera o apoio ao autor.

Olavo enquanto uma figura pública pode apresentar e incentivar posturas não respeitosas com seus adversários e de mencionado radicalismo. Se formos considerar como típicas virtudes conservadoras a prudência e a humildade, Olavo se mostra pouco conservador nesse sentido, mesmo que seja de direita. Vale aqui lembrar como a direita

---

[24] Em uma apresentação errada de dados, baseada no INAF 2015, *Analfabetismo no Mundo do Trabalho*, chegou o autor a afirmar que 80% dos universitários brasileiros são analfabetos. Ver Filipe Martins (2017).

[25] Direita x esquerda, *coxinhas* x *petralhas* etc.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

é uma categoria genérica para englobar diferentes grupos, algo tratado, em algum nível, em Mário Paiva (2019).

Considerações Finais

Como vimos no presente artigo, o campo da análise política, sobre qualidade da democracia, se desvela muito amplo. Assim sendo nosso presente artigo não demonstrou uma pretensão de esgotar o tema, tendo por foco uma análise, introdutória, de um ator social que mesmo popular, enquanto escritor, ainda se desvela um ente social que foi pouco estudado pelas universidades. Como apresentamos, o presente artigo é um diálogo com todo um aporte recente que estuda o fenômeno da direita no mundo contemporâneo.

Por isso Olavo de Carvalho possui muito a nos dizer enquanto um polemista, que reflete o descontentamento de uma parte da sociedade com nossa cultura política e nossas instituições. Um descontentamento que, por tudo que foi mostrado, apresenta elementos de radicalismo, em relação ao pensamento conservador clássico, moderado, de Edmund Burke. Por isso não escolhemos a análise de Carvalho enquanto um *puro* pensador conservador, mas como um ator social que mescla mais de uma tradição de direita, incluindo assim também elementos relevantes de pensamento antimoderno.

Nossa conclusão é: Olavo de Carvalho se mostra um desses agentes sociais que crescem diante de cenários de crise, por seu carisma e por representar um nicho da população que está cansada das coisas como estão. Valendo ter em mente como nossa presente análise foi uma abordagem qualitativa, que pouco se utilizou de dados quantitativos, tendo por base uma análise que também não é propriamente historiográfica.

Enquanto houver problemas institucionais, na gravidade dos existentes, e enquanto a cultura política brasileira continuar possuindo essa forte mentalidade de descrença, e mesmo posição dúbia, certos radicalismos não se mostrarão como exceções, mas como lugares comuns, a afetarem as camadas da sociedade, em maior ou menor grau.

Como dito a análise se pautou em apenas um elemento de Olavo de Carvalho enquanto um polemista e um ator social com ideias políticas mais radicais, assim não

abordamos seus trabalhos sobre Filosofia, Esoterismo etc. Nosso recorte de análise foi outro, isto deve ficar claro também.

Referências bibliográficas

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The Civic Culture**: Political Attitudes and Democracy in Five Nations. California: Sage Publications, Inc, 1963.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BURKE, Edmund. **Reflexões Sobre a Revolução na França**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.

CAIANI, Manuele. Radical right-wing movements: who, when, how and why?. **Socopedia.isa**, 2007. DOI: 10.1177/205684601761.

CARVALHO, Olavo. 276 - Isaac Newton, Gravidade e o Formato da Terra. **Bruno S. Alves**. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=16qd2IvhjSI. Acesso em: 22 de nov. de 2020.

CARVALHO, Olavo. **Coleção História Essencial da Filosofia – Aula 13**: Filosofia cristã. São Paulo: É Realizações, 2006.

CARVALHO, Olavo. **Entrevista com "O Jardim das Aflições" | The Noite (30/05/17)**.31_mai._2017.Disponível_em:_https://www.youtube.com/watch?v=eAimet7g1to. Acesso em: 17 de mar. 2017.

CARVALHO, Olavo. **O imbecil coletivo**: Atualidades inculturais brasileiras. Rio de Janeiro: Editora Faculdade da Cidade, 1999.

CARVALHO, Olavo. **Olavo de Carvalho na TVEJA: 'O comunismo foi fundado por meio de assalto e corrupção'**. 15 mai. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8Mmh4YWprls. Acesso em: 5 de jan. 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **O liberalismo entre o espírito e a espada**: a UDN e a República de 1946. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CARLO, Josnei Di; KAMRADT, João. Bolsonaro e a Cultura do Politicamente Incorreto na Política Brasileira. **Teoria e Cultura**, vol. 13, n.2, p.55-72, 2018. DOI: 10.34019/2318-101X.2018.v13.12431.

COMPAGNON, Antoine. **Os antimodernos**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2011.

COUTINHO, João Pereira. **As Ideias conservadoras**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

DAHL, Robert. **Poliarquia**: participação e oposição. São Paulo: Edusp, 2005.

D´ARAÚJO, Maria Celina. Sobre partidos e qualidade da democracia no Brasil. **Desigualdade & Diversidade**, n. 5, p.217-238, jul., 2009.

DAVEY, Jacob; EBNER, Julia. The Fringe Insurgency – Connectivity, Convergence and Mainstreaming of the Extreme Right. **ISD, Londres**. Disponível em: https://www.isdglobal.org/isd-publications/the-fringe-insurgency-connectivity-convergence-and-mainstreaming-of-the-extreme-right/. Acesso em: 26 de out. de 2020.

DAWKINS, Richard. **O maior espetáculo da terra**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

DIAMOND, Larry; MORLINO, Leonardo. The Quality of Democracy: An Overview. **Journal of democracy**: v. 15, n. 4, p. 20-31, out. 2004. DOI: 10.1353/jod.2004.0060.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.

FAGERHOLM, Andreas. **Comparing far right and far left parties in contemporary Europe**: a set-theoretic approach. 7 de set. 2016. Disponível em: https://ecpr.eu/Filestore/PaperProposal/795cee26-7680-4436-9cc0-0f893fd2307c.pdf. Acesso em: 26 de out. de 2020.

FAUSTO, Ruy. **Caminhos da esquerda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FELLET, João. Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias. **BBC Brasil**. 15 dez. 2016. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897 . Acesso em: 5 jan. 2017.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. A direita mora do mesmo lado da cidade. Especialistas, polemistas e jornalistas. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n.1, p. 157-182, jan. 2019. DOI: 10.25091/S01013300201900010005.

FINGUERUT, Ariel.; SOUZA, Marco Araújo Dias. Que Direita é Esta? As Referências a Trump na Nova Direita Brasileira Pós-Michel Temer. **Revista TOMO**, n.33, jul. 2018, p.229-270. DOI: 10.21669/tomo.v0i33.9357.

GASTON, Sophie; PAPER, Briefing. **Far right extremism in the Populist Age**. Disponível em: https://www.demos.co.uk/wp-content/uploads/2017/06/Demos-Briefing-Paper-Far-Right-Extremism-2017.pdf. Acesso em: 26 de out. de 2020.

GUARDIOLA-RIVERA, Oscar; LOUÇÃ, Francisco. O avanço do conservadorismo reacionário. **Jornada Internacional de Pesquisadores (VI JIPA)**: Lutas e resistências ao conservadorismo reacionário. Fórum de Ciência e Cultura UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 26 de mar. 2018.

ISTO É. "Essa epidemia simplesmente não existe", diz Olavo de Carvalho sobre coronavírus. **Isto É**. 23 de mar. 2020. Disponível em:https://istoe.com.br/essa-epidemia-simplesmente-nao-existe-diz-olavo-de-carvalho-sobre-coronavirus/. Acesso em: 22 de nov. de 2020.

KELLY, Annie. The alt-right: Reactionary rehabilitation for white masculinity. **Eurozine**. 15 de set. 2017. Disponível em: https://www.eurozine.com/the-alt-right-reactionary-rehabilitation-for-white-masculinity/. Acesso em: 26 de out. de 2020.

LILLA, Mark. **A mente naufragada**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MARTINS, Felipe. Em Harvard, Olavo de Carvalho prova que 80% dos universitários brasileiros são analfabetos. **Senso Incomum**. 7 de abr. 2017. Disponível em: http://sensoincomum.org/2017/04/07/olavo-de-carvalho-harvard-universitarios-analfabetos/. Acesso em: 5 de jan. 2017.

MCALLISTER, Ted. **Revolta contra a Modernidade**. São Paulo: É Realizações, 2017.

MOISES, José Álvaro. Cultura política, instituições e democracia – Lições da experiência brasileira. In: MOISES, J. A. (org). **Democracia e confiança**: Por que os cidadãos desconfiam das instituições públicas? São Paulo: EDUSP, 2010.

MOISES, José Álvaro. Cidadania, confiança e instituições democráticas. **Lua Nova**, n.65, ago. 2005, p. 71-94. DOI: 10.1590/S0102-64452005000200004.

MULGAN, Richard. Accountability. In: BADIE, B.; BERG-SCHLOSSER, D.; MORLINO, L. (orgs). **International encyclopedia of political science**. California: SAGE Publications, Inc., 2011.

O'DONNELL, Guillermo. *Accountability horizontal e novas poliarquias.* **Lua Nova**: n.44, 1998, p. 27-54. DOI: 10.1590/S0102-64451998000200003.

PAIVA, Mário Jorge de. Elementos para uma apresentação do pensamento conservador: da disposição conservadora aos conservadorismos decorrentes. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais (Cadecs)**, vol. 7, n. 1, 2019, p. 90-106.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

PATEMAN, Carole. **Participation and Democratic Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litores da nossa burguesia**: O Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, 2012.

PETRIK, Manuel. **O duelo verbal**: um estudo sobre o polemista no jornalismo. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

QUADROS, Marcos Paulo Reis. **Conservadorismo à brasileira**: sociedade e elites políticas na contemporaneidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.

ROBERTS, Andrew. **The Quality of Democracy in Eastern Europe**: Public Preferences and Policy Reforms. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ROCHA, Camila. **'Menos Marx, mais Mises'**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **Tendências ideológicas do conservadorismo**. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2016.

USLANER, Eric M. Democracy and social capital. In: WARREN, M. E. (org). **Democracy and trust**. Cambridgeshire: Cambridge University Press, 1999.

Tramitação do artigo na revista
Submetido: 04/06/2019
Revisões requeridas: 01/04/2021
Versão revista: 12/07/2021
Aceito: 13/11/2021

TEXTO PARA DISCUSSÃO

ISSN 0103-9466

380

Olavo de Carvalho
e a onda conservadora contemporânea

Eduardo Barros Mariutti

Maio 2020

Olavo de Carvalho e a onda conservadora contemporânea

Eduardo Barros Mariutti *

Resumo

A preocupação básica deste texto é tentar entender o que explica a aderência das ideias de Olavo de Carvalho em um expressivo setor do campo conservador que, principalmente por estímulo dos filhos do presidente, possui ampla participação no alto escalão da administração pública federal.

Introdução

Embora o cenário contemporâneo não seja nada claro, não é difícil divisar o fortalecimento do conservadorismo em escala mundial. Mas há uma peculiaridade que permite marcar uma diferença cada vez mais saliente entre o conservadorismo moderno e o contemporâneo. A aceitação de que as sociedades de fato *mudam* é a grande peculiaridade do conservadorismo moderno, isto é, aquele que surge da reação à Revolução Francesa. Como autores de diversas orientações ideológicas já ressaltaram[1], é a partir de 1789 que o conservadorismo *como ideologia* se emancipa do pensamento reacionário e, por conta disto, torna-se capaz de assumir uma postura mais pragmática, fundada na combinação entre ceticismo e prudência. Isto atenuou significativamente a inclinação utópica de se tentar restaurar uma era de perfeição situada em um longínquo passado (que nunca existiu) ou, alternativamente, em buscar no futuro uma sociedade perfeita, fundada na regeneração das tradições e valores considerados absolutos e fundamentalmente *verdadeiros e corretos.* É precisamente essa amarra que começou a ser desatada desde a revolução mundial de 1968. Frente à radicalização das demandas por liberdade e a politização do corpo, o caráter reativo do conservadorismo passou a ceder lugar a um ímpeto transformador, colérico e intransigente, divisado por alguns profetas como a única forma de reverter a suposta degeneração da sociedade em curso. Trata-se, portanto, da algo muito diferente do tradicional revanchismo reacionário. Envolve a criação de uma grande expectativa, geralmente mística, que se contrapõe a um mundo cada vez mais marcado por expectativas decrescentes[2].

Esta dimensão que visa transformações substancias na realidade – mesmo que não haja nenhum consenso sobre as finalidades – colidiu frontalmente com a monótona alternância entre a centro esquerda e centro direita que tem caracterizado a política desde o *Annus Mirabilis* de 1989: a política institucional centrada na perpétua oscilação entre uma política econômica mais distributiva e outra mais "ortodoxa", que não é fundamentalmente diferente, embora proclame da boca para a fora

* Professor Associado do Instituto de Economia da Unicamp e do Programa de Pós-Graduação *San Tiago Dantas*. Pesquisador do INCT/INEU e membro da Rede de Pesquisa em Autonomia Estratégica, Tecnologia e Defesa (PAET&D). E-mail: mariutti@unicamp.br.

(1) Cf. João Pereira COUTINHO. *As Ideias Conservadoras explicadas a revolucionários e a reacionários*. São Paulo: 2013 p. 9-12; Immanuel WALLERSTEIN. *The Modern World-System IV*. Berkeley: Univ. of California Press, 2011 p. 11.

(2) Sobre o tema da regressão das expectativas, ver Paulo ARANTES. *O Novo Tempo do Mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014

a necessidade de encorajar o “empreendedorismo” e a proteção dos direitos de propriedade.[3] Mas a esquerda parece não querer tirar os olhos da superfície e insistir em um golpe imaginário e nas *fake news* (que substituiu a clássica conspiração midiática capitaneada pela Globo) como a causa da derrota do “progressismo”. Isto abriu o flanco para que uma vaga conservadora capitaneada por uma confusa e heterogênea extrema direita passasse para a ofensiva e ganhasse não apenas as ruas, mas, também, o governo federal. Parte deste bloco se inspira nas ideias de Olavo de Carvalho. É isto que ocupará o centro da discussão neste artigo. Antes, contudo, é necessário situar este tema particular dentro de um movimento mais amplo, que concerne a dimensão mundial conservadora que tem como epicentro os EUA.

A onda conservadora e a eleição de Donald Trump

Em um brilhante texto destinado a pensar a peculiaridade do conservadorismo nos EUA no final da década de 1950, Samuel Huntington propõe uma espécie de tipologia do pensamento conservador.[4] Ele trata este fenômeno como *uma ideologia*[5] e, desta perspectiva, propõe uma classificação *das teorias do conservadorismo* levando em conta como cada uma delas explicita as características distintivas, a substância e as condições que favorecem a ascendência deste fenômeno. A “teoria aristocrática” identifica o conservadorismo com a ideologia de um setor específico da sociedade em um evento histórico singular como, por exemplo, a reação das classes feudo-aristocrático-rurais à Revolução Francesa, ao liberalismo e à ascensão da Burguesia (final do XVIII e início do XIX). Como não houve feudalismo nos EUA, esta variante não se propagou por lá e, portanto, pode ser deixada de lado. Ele foca a sua análise em duas outras variantes: a “teoria autônoma” e a “definição situacional do conservadorismo”.

A teoria autônoma questiona a tese de que o conservadorismo esteja ligado aos interesses de algum grupo particular e, portanto, seu aparecimento não depende de nenhuma constelação particular de forças sociais. Deste ponto de vista o conservadorismo é considerado como um sistema autônomo de ideias definido em torno de valores alegadamente universais como justiça, ordem, equilíbrio e moderação. Uma ideologia que, portanto, independe de grupos, classes ou ocupações específicas: é uma questão de convicção pessoal. Já a definição situacional entende o fenômeno como uma ideologia que ascende quando um desafio fundamental às instituições estabelecidas. Os defensores destas instituições – que podem ser bastante heterogêneos – se erguem para a defendê-las. A sua base é afirmação apaixonada do valor das instituições existentes, mas a sua tática é mundana: para garantir as instituições fundamentais é necessário ceder em assuntos secundários. Isto abre espaço para alianças pragmáticas que congregam muitas vezes um grande arco de grupos muito distintos.

A base da diferenciação repousa, portanto, na relação da ideologia conservadora com o processo histórico. A teoria aristocrática tem como fundamento a tese de que o conservadorismo

---

(3) Delirantes chamam isso de “neoliberalismo”. Nunca houve neoliberalismo no Brasil. Nenhuma burguesia aprecia uma ordem realmente competitiva. Especialmente a nossa, que não sobreviveria a uma abertura à concorrência internacional.

4) Samuel P. HUNTINGTON. Conservatism as an Ideology. *The American Political Science Review*, v. 51, n. 2, Jun. 1957.

(5) Ele entende ideologia como *um sistema de ideias* relacionadas à distribuição de valores políticos e sociais que tem o consentimento de um grupo social significativo.

ocorre apenas em uma classe particular em uma sociedade particular. A teoria autônoma, ao contrário, assume que o conservadorismo pode surgir em qualquer época da história e, por fim, a definição situacional restringe um pouco o quadro, ao afirmar que o conservadorismo como ideologia só se manifesta quando os grupos defensores e os desafiantes de uma ordem se posicionam em um claro antagonismo. Neste sentido, o conservadorismo se converte em uma ideologia quando precisa *reagir* a contra as políticas utópicas que fazem da fuga para o futuro (ou para o passado) um programa de ação no tempo presente. Trata-se de uma ideologia que só emerge "quando os fundamentos da sociedade são ameaçados". E é precisamente isto que começou a ser percebido pelos conservadores no mundo todo, sobretudo depois que o impacto de 1968 se fez sentir na vida cotidiana. A despeito desta raiz comum, as temporalidades e as características dos levantes locais são muito diferentes. A ofensiva conservadora que alimentou as "guerras culturais" eclodiu primeiro nos EUA logo ao final da década de 1980 e muito depois no resto do mundo.

O sinuoso movimento do conservadorismo nos EUA: a "revolta jacksoniana" e a guerra cultural

A grande expansão econômica dos anos 90 nos EUA gerou um efeito curioso: amorteceu as tensões sociais ligadas mais diretamente à economia e, ao mesmo tempo, *ampliou* as divergências ligadas aos costumes e às questões raciais e de gênero. Se atentarmos para o debate púbico no período, aparentemente, a América tinha superado mais uma vez o "problema econômico", fato que deslocou as linhas de cisão para a dimensão cultural e religiosa: como a prosperidade era novamente dada como certa, a questão envolvia definir quais eram os valores genuinamente "americanos", e isso gerava uma tensão que tendia a posições irredutíveis. Foi neste cenário que os conservadores começaram a se organizar precocemente nos termos de uma "guerra cultural"[6]. Em certo sentido, tratava-se de uma reação tardia às transformações postas em marcha sobretudo depois de 1968, onde a contracultura, o ecossocialismo, o feminismo, o movimento negro e o movimento LGBT mudaram o eixo da sua atuação: se concentraram na promoção de transformações significativas nas relações interpessoais e, inclusive, no próprio entendimento do significado do homem e de sua relação com o meio ambiente, visando combater a tradição cartesiana. As mudanças foram relativamente bem-sucedidas, especialmente na academia, na grande imprensa nas artes e nos circuitos considerados por seus membros como "mais arejados". E foi este sucesso relativo que despertou os conservadores americanos logo no final da década de 1980 que, em nome de uma suposta ameaça a valores fundamentais, passaram a se engajar de forma mais organizada no campo de batalha cultural[7].

No entanto, a eleição de Donald Trump representou um divisor de águas: ao lado de uma postura "jeffersoniana" sobre a política externa, a "guerra cultural" esteve na base de sua campanha e assumiu uma proeminência ainda maior desde a sua vitória que, de certo modo, sinaliza a

(6) Esta expressão ficou imediatamente célebre após James Davidson HUNTER publicar *Culture wars: the struggle to define America.* Nova York: Basic Books, 1991.

(7) Cf. Pablo ORTELLADO. Guerras Culturais no Brasil. *Le Monde Diplomatique Brasil,* n. 89, 2014, em particular essa passagem: "Estamos vendo no Brasil e em outros países uma expansão mundial das guerras culturais que tomaram os Estados Unidos a partir do final dos anos 1980. A antiga polarização entre uma direita liberal que defendia a meritocracia baseada na livre iniciativa e uma esquerda que defendia intervenções políticas para promover a justiça social passa a ser não substituída, mas crescentemente subordinada a um novo antagonismo entre, de um lado, um conservadorismo punitivo e, de outro, um progressismo compreensivo."

preponderância da “revolta Jacksoniana”[8] e da Alt-Right. Como se sabe, o período conhecido como a era jacksoniana foi marcado por um conjunto de transformações muito aceleradas que envolveram praticamente todas as dimensões da vida social. O isolamento das comunidades que caracterizava os EUA até o início do século XIX foi brutalmente rompido por uma tensa conexão entre os novos sistemas de transporte, o comércio em maior escala e o reforço de um sistema político que fazia com que todas as questões locais e regionais desembocassem em Washington. Novas relações de autoridade e interesses mais remotos se impuseram sobre a esfera de intimidade que marcava as relações econômicas e políticas das comunidades. O que singularizava a posição jacksoniana é que eles rejeitavam o pendor tradicionalista dos seus adversários mais diretos (reunidos principalmente no partido Democrata) mas, ao mesmo tempo, não se sentiam à vontade com a defesa mais enfática feita pelos Whigs das relações impessoais típicas de uma sociedade comercial moderna regulada por contratos. Lawrence Kohl ilustra bem as tensões deste movimento:

> *Paradoxically, the Jacksonian’s persistent demands for freedom and equality could sound quite modern. And they were sincere in their rejection of hierarchy and deference. Yet, their liberation rhetoric was particularly intense precisely because their traditional social character inhibited their accommodation to society’s demands. The bristly independence of their writings and speeches revealed a certain desire to respond to these demands, but it also disclosed their frustration in the attempt. Even more telling is the fact that Jacksonians frequently used the concepts of freedom and equality to liberate them from the impersonal social ties which frustrated and exploited them. Their political policies which embodied these ideals were often defensive reactions to the emergence of individualistic institutions, attempts to protect more traditional relationships from the transforming effects of modernity*[9].

Em certo sentido, a atual “revolta jacksoniana” expressa uma tensão formalmente similar, porém reconfigurada e embebida por um conjunto distinto de forças sociais.

A ameaça é dupla. Em uma ponta o “globalismo” (sic.) das elites que se julgam cosmopolitas corrompe e dissolve os costumes das comunidades locais e, ao mesmo tempo, internaliza tensões internacionais que pouco tem a ver com o interesse do cidadão americano, desperdiçando tempo, recursos e a vida de soldados engajados em guerras e ações militares que não correspondem às questões genuinamente nacionais. Esta mesma elite apoia um discurso multiculturalista que reforça “artificialmente” a demanda de imigrantes não adaptados aos valores americanos, minorias e grupos de identidade definidos em torno de questões culturais, raciais e de gênero. É precisamente neste ponto que a “revolta” jacksoniana entra em sinergia com boa parte das inclinações e das demandas da *Alt-Right*[10]. A convergência é quase absoluta na questão da posse de armas e no controle sobre as

(8) Cf. MEAD, Walter Russell. The Jacksonian Revolt: American Populism and the Liberal Order. *Foreign Affairs*, v. 96, n. 2, 2017.

(9) KOHL, Lawrence F. *The Politics of Individualism: parties and the American character in the Jacksonian Era*. Nova York: Oxford U. Press, 1989, p. 16.

(10) Trata-se de um movimento difícil de ser caracterizado, por conta de seu caráter amorfo e, em grande parte, anônimo. É um movimento claramente conservador, embora radicalmente crítico do que eles consideram como o “conservadorismo *mainstream*”, isto é, a combinação entre tradicionalismo moral, liberdade econômica e ênfase na defesa nacional que ganhou proeminência na era Bush. Cf. George HAWLEY. *Making Sense of The Alt-Right.* Nova York: Columbia U. Press, 2017, p. 4; 11-18. Este conservadorismo é considerado por eles como parte do *establishment.* Por conta disto a Alt-right se manifesta predominantemente nos canais digitais, tanto na esfera visível (Youtube, Twitter, Facebook, etc.) quanto em grupos de mensagem como o 4chan e na zona opaca da *deep web.* Cf. Angela NAGLE. *Kill all Normies: the online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump.* Washington: Zero Books, 2017. A sua tática básica envolve interromper o debate público com mensagens ofensivas e, também, destruir reputações mediante linchamentos *on line*. Neste sentido, o “Gabinete do Ódio” bolsonarista é herdeiro direto destas táticas.

imigrações. No primeiro caso, a posse é defendida como um direito fundamental para defesa pessoal e para, eventualmente, resistir a governos tiranos.

O aspecto curioso é que a defesa das liberdades individuais não está necessariamente associada à defesa do *Laissez-faire* no plano da economia: a tendência dominante é a defesa do protecionismo. Isto é, *Fair Trade* ao invés de *Free Trade*, o que gera atrito com a curiosa variante estadunidense que importamos por aqui: conservador nos costumes e liberal na economia[11]. No entanto é importante destacar que a ênfase no controle sobre as fronteiras e no combate aos imigrantes ilegais, ao contrário do que geralmente se destaca, *não* tem como motivo fundamental o receio de uma hipotética desvalorização dos salários por conta da pressão dos estrangeiros no mercado de trabalho, embora isso seja importante. O motivo é muito mais perturbador, pois está radicado na percepção de que as políticas identitárias protegem e prestigiam diversas minorias, mas deixam de fora o branco que se identifica simplesmente como “americano” (*plain american*). E, frente a isto, brotam teorias conspiratórias fundadas no temor de que existe uma iniciativa deliberada da oligarquia *bipartidária* de reduzir e marginalizar a população branca tanto no plano demográfico como no cultural e no político. Esta política só pode operar pelo reforço do multiculturalismo que, portanto, impede que os valores americanos – o compasso moral dos pais fundadores – exerçam o papel que, até então, tinha garantido a grandeza da América: a combinação entre migrantes com costumes muito distintos em uma única nação. Desse ponto de vista a questão, portanto, é diretamente político-social e indiretamente econômica.

Uma Revolução Conservadora?

Mas seria possível pensar em uma *revolução conservadora?* Infelizmente a resposta é sim. Ela se desdobra em dois fronts. No front civilizacional o objetivo é deter o colapso do civilização judaico-cristã tanto das causas internas – o individualismo irresponsável da modernidade – quanto do cerco proveniente das demais civilizações (a islâmica e a ameaça chinesa). No front interno os revolucionários se insurgem contra o *establishment*, explicitado pela zona de consenso entre o Partido Republicano e o Democrata. Este bipartidarismo é considerado uma das principais fontes da decadência dos “valores americanos” que, deste ponto de vista, se manifesta em uma curiosa mistura entre o empreendedorismo e um senso de responsabilidade cristão ancorado no nacionalismo (*fair trade.*). A traição das elites esteve na base deste acordo contra o cidadão médio americano. Ao se converter em uma plutocracia cosmopolita com tentáculos transnacionais, a cúpula da sociedade americana criou um corrupto capitalismo de compadrio que combina o “socialismo para os ricos” que protege os plutocratas blindando-os do risco e da competição com o “socialismo dos miseráveis”, isto é, a rede de assistência pública que garante mão de obra *e votos baratos*, uma chusma heterogênea que só tem como traço comum a dependência do Estado e aversão ao empreendedorismo e à meritocracia. As classes médias e, especialmente, os americanos genuínos ficam de fora deste acordo. Steve Bannon representa o arquétipo deste tipo de discurso, uma figura que já era muito notória nos EUA, mas que ficou mundialmente conhecido após tornar-se um dos principais estrategistas da

(11) A ala olavista, como se sabe, sequer é liberal na economia: ataca sistematicamente Paulo Guedes.

vitoriosa campanha de Donald Trump para a presidência (que o descartou em 2018, fato que intensificou o seu "radicalismo")[12].

Não o resta dúvida de que esta figura sombria rapidamente se converteu em um dos principais porta-vozes da "revolução mundial conservadora" que, em sua visão, é a única alternativa para salvar a civilização judaico-cristã. Requentando de forma idiossincrática e empobrecedora a ideia de "choque de civilizações" proposta por Huntington em 1996[13], Bannon alega que estamos defronte uma *guerra* ***existencial*** *global* que opõe a tradição judaico-cristã ocidental como o que ele chama por vezes de "fascismo islâmico". Bannon é muito menos "global" do que imagina, pois a extrema direita europeia o vê com muita desconfiança. No entanto, a sua influência é grande nos EUA e, infelizmente, no Brasil pela via de Olavo de Carvalho e sua seita de fanáticos. O ponto de contato evidente entre os dois é a reverência ao perenialismo que, contudo, é muito mais saliente em Olavo do que em Bannon. O ódio à China é outro ponto de aglutinação importante.[14] A "ameaça do islã" é o terceiro embora, como veremos, Olavo não tenha aversão ao islamismo *per se* e, inclusive, frequentou a tariqa sufi de Frithjof Schuon. O fato é que depois da eleição de Jair Bolsonaro as pretensões de Olavo aumentaram significativamente. Até então ele tinha apenas a modesta pretensão situar o "lugar do Brasil na história espiritual do mundo" e, a partir deste diagnóstico, reformar radicalmente a cultura brasileira[15]. Com Bolsonaro no poder ele ficou ainda mais ambicioso e se autoproclamou o líder da "revolução brasileira". Uma liderança tragicômica já que ele continua morando nos EUA e parece que nunca irá pisar de novo no Brasil[16].

A insurgência da Ralé e a onda conservadora no Brasil

O patrimônio e a renda não são as principais fontes de privilégio social, especialmente no caso das classes médias. O acesso a boas escolas desde a tenra infância é um elemento crucial de diferenciação social. Mas por detrás do abismo que separa as elites da grande massa há muito mais do que isso. Uma família de classe média lega de forma invisível a seus filhos um conjunto de habilidades cognitivas e sociais que geram distinção social. Isto reitera, portanto, na própria vida familiar as hierarquias do "gosto" que perenizam a desigualdade também no plano subjetivo.[17] Essa herança imaterial gera identificações subjetivas – e quase inconscientes - que reforçam a endogenia nas classes médias e, reversamente, tende a perpetuar e naturalizar a desigualdade. Logo, por conta

---

(12) Após ser defenestrado por Trump, Bannon passou a atacar sistematicamente as lideranças do partido republicano, em uma clara tentativa de rachar o partido.

(13) Samuel HUNTINGTON. *The Clash of Civilizations.* Nova York: Touchstone, 1996.

(14) Cf. Benjamin R. TEITELBAUM. *War for Eternity: inside Bannon's far-right circle of Global Power Brokers.* Nova York: Harper Collins, 2020.

(15) Cf. *O Futuro do Pensamento Brasileiro.* Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1997, parte I.

(16) E neste sentido ele fez escola. Como noticiou Fábio Zanini na *Folha de São Paulo,* 10 de Maio de 2020, os criadores do *ZapBolsonaro* (uma ferramenta que gerenciava uma rede com mais de 15000 pessoas engajadas na campanha de Bolsonaro) romperam após a saída de Sérgio Moro do governo. Mas continuam remotamente a ajudar na "revolução". Carlos Nacli defende agora Moro e quer viabilizar a sua candidatura em 2022 (provavelmente como vice de Janaina Paschoal). Mora em Portugal...Já Newton Martins mudou para Boston e, de lá, continua a defender Bolsonaro e sua "revolução". Usa a marca *ZapBolsonaro* no Twitter e no Youtube para, em uma distância segura, insuflar os ânimos por aqui.

(17) Cf. Pierre BOURDIEU. *A Distinção: crítica social do Julgamento.* São Paulo e Porto Alegre: Edusc & Zouk, 2007.

disto, a desigualdade não pode ser eliminada *apenas* pelo crescimento econômico, mesmo que combinado com um complemento de renda e a provisão de competências técnicas para as camadas inferiores da sociedade. O imbricamento entre a escassez de recursos e de acesso aos hábitos e padrões de sociabilidade dos "vencedores" condena de antemão os inferiorizados. Neste sentido, para a *ralé*,[18] o capital cultural e simbólico é uma barreira social muito mais difícil de ser rompida do que a renda. E, para agravar a situação, além do habitual desprezo das elites, a ralé começa a sentir os valores tradicionais que geralmente norteiam a sua vida ameaçados diretamente pelo "progressismo" dos privilegiados.

É precisamente este amorfo setor social que constitui um pilar importante na insurgência conservadora que alimenta a polarização social em nossos dias. Em um livro interessante, mas exageradamente empolado, Martin Vasques de Souza – o intelectual, porém não idiota – enxerga esta polarização como o choque entre a tirania dos especialistas e a "revolta do subsolo", isto é, a titânica colisão entre dois tipos distintos de totalitarismo. De um lado se situam os intelectuais[19] que, isolados da realidade, mas munidos de ideais abstratas, acreditam que possuem a solução para todas as tensões da realidade social. Logo, de acordo com o seu próprio julgamento, são os únicos que possuem sabedoria para conduzir as políticas públicas e, sobretudo, o projeto de moldar as relações interpessoais da massa. Neste sentido, como advertem os conservadores mais céticos, eles encarnam a recorrente revolta voluntarista contra a realidade que sempre naufraga. A despeito dos eventuais floreios à liberdade e à democracia, tais intelectuais não passam de déspotas ilustrados. Na outra ponta se situa a revolta do subsolo. Isto é, o levante de uma massa invisível e ressentida – que também compreende a ralé, na definição de José Souza aqui apresentada – que contra-ataca os tiranetes da elite em todas as frentes, combinando o anti-intelectualismo com uma extremada convicção redentora de cunho religioso. Para ele – em flagrante exagero – este tsunami é comandado por Olavo de Carvalho[20]. Embora propositalmente folclórico[21], ele não tem toda essa força e penetração popular. Mas não resta dúvida que, como já foi apontado, Olavo é uma das figuras mais proeminentes na dimensão conservadora da revolta da ralé.

Parte dos estímulos à esta insurgência provém de determinações mais gerais. Em grande parte, este recuo místico ao passado toma carona no mesmo processo que produziu a pletora de pós-modernismos: a crise da modernidade. A dissolução das fronteiras entre natural e artificial, vivo e

---

(18) Neste caso, sigo a definição de Jessé SOUZA: "O processo de modernização brasileiro constitui não apenas as novas classes sociais modernas que se apropriam diferencialmente dos capitais cultural e econômico. Ele constitui também uma classe inteira de indivíduos, não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, esse é o aspecto fundamental, das precondições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação. é essa classe social que designamos neste livro de "ralé" estrutural, não para "ofender" essas pessoas já tão sofridas e humilhadas, mas para chamar a atenção, provocativamente, para nosso maior conflito social e político: o abandono social e político, "consentido por toda a sociedade", de toda uma classe de indivíduos "precarizados" que se reproduz há gerações enquanto tal." (*A Ralé Brasileira*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009, p. 21).

(19) Ele entende este termo em sentido lato: qualquer um que seja capaz de exercer influência cultural sobre a sociedade (professores, cientistas, jornalistas, comunicadores, etc.).

(20) VASQUES DA CUNHA. *A Tirania dos Especialistas: desde a revolta das elites do PT até a Revolta do Subsolo de Olavo de Carvalho.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

(21) As suas declarações despropositadas – o adoçante da Pepsi é feito com fetos humanos, cigarro não faz mal à saúde, etc. – são uma tática de guerrilha. Tentar desqualificá-lo nestes termos só reforça a sua mensagem para os olavetes: vejam, estes "intelectuais" mordem a isca, rebatem minhas provocações com ataques pessoais, mas não entendem a "minha filosofia".

inerte, homem e máquina, natureza e cultura trouxe um conjunto de perturbações adicionais a um indivíduo que já se sentia estilhaçado e desprovido de sentido. Isto pode empurrar os homens para o niilismo – o que é muito raro – ou para experiências místicas, ao estilo das que oferta Olavo. A pós-modernidade é algo que seduz apenas as elites extremamente educadas, exatamente o alvo da ira da ralé e dos olavetes. A esmagadora maioria, frente ao fim das ilusões progressistas da modernidade, prefere um retorno ao mundo mágico da religião e as certezas dos valores "tradicionais". Mas não se trata de qualquer religião: é necessário que ela lhe traga não apenas conforto espiritual, mas, também, alguma vantagem palpável e, sobretudo, que seja compatível com a sua experiência de vida. As comunidades religiosas configuram uma rede de contatos importante, que gera oportunidades de negócios e, também, mecanismos informais de proteção social. Esta é uma brecha importante para recrutar novos combatentes dispostos a defender a tradição nas guerras culturais contra a degeneração identificada aos "progressistas".

A despeito do exagero e das distorções promovidas pela máquina clandestina de propaganda por detrás do governo Bolsonaro capitaneada pela ala olavista, uma coisa é verdadeira: as ideias "progressistas" – multiculturalismo, ecossocialismo, sexualidade não-binária, etc. – são proferidas pela parcela mais branca, escolarizada e rica da sociedade brasileira[22]. Exatamente por isto não fica difícil direcionar a ira da ralé contra "os socialistas de iPhone". A tarefa ficou ainda mais fácil a partir do segundo governo Lula que cooptou a quase totalidade da esquerda no imenso aparelho burocrático comandado pelo PT que, como ficou patente, se baseia numa mescla de compadrio com corrupção estrutural[23]. Frente a essa máquina o "gabinete do Ódio" é um dispositivo amadorista, que ainda está engatinhando. Mas a direita avançou a passos largos em outros planos. Paulo Arantes já chamava a atenção para algo que agora é cada vez mais evidente: a esquerda abandonou a política no sentido forte, isto é, como luta social em todos os planos norteada por grandes expectativas. Em seu lugar assumiu uma mentalidade essencialmente burocrática, centrada na governabilidade e salpicada por discursos inflamados que não passam de jogo de cena. Isto abriu espaço para que a extrema direita tomasse a iniciativa, fazendo a política ressurgir. Frente a isto, em uma divertida tirada, Arantes salienta que foi a direita que encarnou de forma inusitada as estratégias leninistas de combate social.

Isso posto, podemos dar mais um passo. A definição situacional do conservadorismo que foi apresentada a pouco é útil apenas para dar início à discussão. Quando se desperta uma vaga conservadora nunca se sabe qual dimensão do conservadorismo irá preponderar: aquele arraigado na prudência e no ceticismo (Burke) ou uma perigosa visão messiânica e redentora que, mediante um líder carismático comandando uma seita de fanáticos, crê na possibilidade de utilizar o Estado para destruir os obstáculos à regeneração da nação. O primeiro tipo de conservador crê que a sociedade é o produto de múltiplas sedimentações e, sobretudo, da lenta consolidação de hábitos que levam um período longo de tempo para se cristalizar. É difícil desconstruí-los: as grandes instituições e práticas

(22) Pablo Ortellado tem insistido com veemência nesta ideia em suas pesquisas e numerosas intervenções no debate público. Além de muito mais ricos e escolarizados, os grupos que se auto definem como "progressistas" tem posições extremamente coesas sobre questões morais referentes ao feminismo, drogas e ao racismo. Já os conservadores não apresentam a mesma coerência: se definem enquanto grupo principalmente contra as políticas e as posições morais dos progressistas. Precisamente por isto alegam – fantasiosamente, é claro – serem contra o *establishment*.

(23) O antipetismo é o elemento preponderante na reação conservadora e o único elo que perpassa forças sociais e grupos de pressão muito heterogêneos que compreendem desde o MBL à movimentos pela restauração da monarquia. Olavo, de forma sempre oportunista, pegou uma carona neste turbilhão.

que resistem à prova do tempo geralmente conseguem se regenerar. Mas um abalo significativo pode, de fato, por tudo a perder. Um conservador deste tipo pode se levantar frente ao que considera uma ameaça fundamental aos seus valores e tradições, mas sempre de forma prudente e moderada, e demarcando esferas onde ninguém – e muito menos e Estado – poder invadir. Logo, esta reação nunca ocorre ao estilo dos conservadores que acreditam na possibilidade de uma sociedade perfeita: se julgam os portadores diretos de valores transcendentais que, pela sua pureza, podem ser implementados a qualquer custo. Pior: como estes valores são considerados *naturais,* uma política de terra arrasada iria por si só destruir o artificialismo imposto à sociedade pelos "progressistas" e, deste modo, abrir espaço para a regeneração espontânea dos valores conservadores. Esta é a verdadeira ameaça. E, neste sentido, ao exercer influência no governo Bolsonaro, Olavo de Carvalho consegue, de fato, estimular e dar alguma direção a essa dimensão da revolta conservadora.

As Garras da Esfinge: a missão salvífica de Olavo de Carvalho

O diagnóstico básico de Olavo é que testemunhamos um enfraquecimento generalizado do espírito cristão no mundo. Isto, dentre diversos outros fatores, sinaliza uma crise civilizacional. A própria modernidade tardia, ao desaguar em um niilismo deformado que concorre com um mundo fragmentado de identidades, seria uma das expressões mais salientes do colapso da civilização. Contra a noção de temporalidade reinante – que ele qualifica como um preconceito "cronocêntrico que faz do hoje o umbigo e o topo das épocas" – Olavo visa restaurar o senso de eternidade vislumbrado pelos grandes luminares do pensamento humano e, sobretudo, por algumas religiões e confrarias místicas. Sentido, finalidade, valor e *verdade* são "uma só e mesma coisa":

> Mas como poderia o microcosmo cognoscente compreender o seu objeto, isto é, o fato histórico tomado em sua singularidade, se este também não fosse uma imagem microcósmica do cognoscível, uma mônada em cujas faces reverbera, sob uma forma particular e datada, o sentido universal de todas as ações e pensamentos humanos possíveis? E o que se aplica aos fatos singulares, com tanto mais fundamento se aplicará às culturas e civilizações: podemos compreendê-las porque temos em potência, dentro de nós, os valores universais que as moldaram; podem ser compreendidas, porque, na singularidade da sua forma historicamente dada, se abriga um sentido universalmente compreensível, o que é o mesmo que dizer: um sentido válido, em última instância, para todos os homens do mundo[24].

Logo, o alicerce do pensamento de Olavo, em sua faceta mais secular, repousa na aposta de que existe um sentido universal que precede e garante a unidade do humano, e que ele pode ser apreendido apenas por uma ascese individual.

Mas o seu projeto é, na realidade, messiânico. Para restaurar a civilização cristã ocidental é necessário, primeiro, identificar os adversários. Um deles é a maçonaria, embora esta ameaça seja apenas relativa[25]. Outro, mais ameaçador, são as intrusões islâmicas. E um terceiro, que não é

(24) Ibid, p. 22-23.

25 Cf. Olavo de CARVALHO. *O Jardim das Aflições*, p. 154-164. Algumas passagens são pitorescas. "Em primeiro lugar, a religião do Novo Mundo é maçônica. Todos os signatários da Declaração da Independência, sem exceção, pertencem a alguma loja maçônica. Desse momento em diante, ninguém, mas absolutamente ninguém faz carreira política nas três Américas sem ter de entrar para a Maçonaria, prestar satisfações à Maçonaria ou enfrentar a Maçonaria. O fato é demasiado notório para que seja preciso demonstrá-lo. A carreira de Fernando Henrique Cardoso – o político ruim de voto que,

incompatível com o anterior: o famigerado projeto globalista organizado pela ONU e patrocinado por alguns milionários que tem como objetivo criar um Estado mundial e destruir a tradição. Estas forças têm um elemento comum: postular a equivalência entre todas as religiões tanto em dignidade quanto em valor, como se todas partissem de uma mesma revelação fundamental. Neste sentido, à primeira vista, há uma compatibilidade entre a "Nova Era" e a escola perenialista, da qual ele é um fervoroso adepto. O fato é que Olavo se insurge com fúria contra qualquer tentativa de expandir o escopo desta tradição e, sobretudo, em romper o dique entre os grandes mestres da espiritualidade e os seus praticantes mais vulgares. Esta temática é recorrente em *O Jardim das aflições*[26] e é reiterada com veemência em "As Garras da Esfinge: René Guénon e a islamização do Ocidente"[27], texto que ocupará o primeiro plano neste momento. A constituição desta "religião biônica mundial, com todas as características de uma paródia satânica" estaria no centro da guerra cultural contemporânea. Contra esta blasfêmia, apoiando-se sobretudo em Frithjof Schuon (e usando René Guénon como uma muleta provisória), Olavo busca marcar a diferença entre este falso universalismo[28] e o universalismo esotérico da escola tradicionalista ou perenialista, entendido como única salvação para a crise civilizacional que nos aflige.

A primeira grande diferença é a pronunciada hierarquia que separa os grandes mestres dos meros fiéis que, exatamente por conta da sua pobreza de espírito, devem se resignar a seguir resignadamente a "lei religiosa obrigatória para todos". Contra a "mixórdia sincretista" da Nova Era e seus congêneres, os gigantes da escola perenialista – dentre os quais Olavo julga ser um dos mais destacados – são os únicos genuinamente universalistas:

> temos aqui um universalismo no sentido forte da palavra, uma visão abrangente e ordenadora que não somente apreende com extrema agudeza os pontos comuns entre as várias cosmovisões espirituais, mas dá a razão e fundamento da sua diversidade, de modo que a essa articulação do uno e do múltiplo se subordina, na verdade, toda a história universal das ideias e das crenças, das teorias e práticas, numa palavra: tudo o que o ser humano fez e pensou na sua caminhada sobre a Terra. Não há praticamente nada, nenhum fenômeno, nenhum pensamento, nenhum acontecimento fausto ou infausto, que de algum modo não encontre alguma explicação "perenalista" eficiente e persuasiva, quando não irrefutavelmente certa.

Dentre as diversas cosmovisões em luta, a escola perenialista está no topo, pois é "a mais abrangente, que absorve e explica todas as outras". Mas para atingir este patamar, além de uma rotina infatigável de estudos, é fundamental promover uma revolução pessoal *totalmente individual,* onde sozinho, contra todas as resistências, o fiel poderá encontrar em si mesmo, pelo "centro de sua

---

recebendo a iniciação maçônica, em poucos anos chega à presidência vencendo a candidatura aparentemente imbatível de Luís Inácio Lula da Silva – ilustra-o novamente" (Ibid, p. 153-154).

(26) Que ele mesmo reputa como a sua terceira obra de combate (as duas primeiras: *A Nova Era e a Revolução Cultural e O Imbecil Coletivo*). Cf. Ibid, p. 27.

(27) *Verbum,* Ano I, n. 1 e 2, Jul./Out. de 2016 (Mimeo.).

(28) "Grosso modo, a ideologia que gruda uns nos outros esses elementos heterogêneos e inconciliáveis é o universalismo low brow da "Nova Era", que, copiando mal e mal a linguagem da tradição hindu, proclama serem todas as religiões nada mais que aspectos locais e acidentais assumidos por uma Revelação Primordial única, donde se conclui que, por este ou aquele caminho, todo mundo chegará mais dia, menos dia, aos mais altos estágios da realização espiritual humana ou mesmo sobre-humana."

existência" uma forma de aderir "ao senhor de toda a verdade". Trata-se, portanto, de uma *luta interior* que se expressa em uma batalha tenaz pela unidade do conhecimento na unidade da consciência, decifrando deste modo o sentido primordial do ser[29]. E, insiste Olavo, raríssimos chegam a este ponto. Mas os que chegam, isto é, quem tem sucesso neste processo de "seleção espontânea" passa a fazer parte da verdadeira "elite intelectual" que deveria conduzir a humanidade.

Há, de fato, uma única "realidade suprema" ou uma única revelação primordial. Mas "a unidade transcendente das religiões é mesmo transcendente, não imanente". Elas estão unificadas somente *pelo topo*, isto é, "pelo cume e núcleo vivo das suas concepções doutrinais, e não pela variedade irredutível das suas liturgias, dos seus códigos morais e das suas diferentes 'vias' de realização espiritual." Logo, a convergência está nas concepções metafísicas[30] das únicas religiões legítimas (ou verdadeiramente tradicionais, por oposição à pseudotradição e a antitradição). Somente os poucos que passaram pela seleção espontânea são capazes de compreender a Verdade Primordial e, portanto, são os únicos capazes de superar as diferenças entre as religiões e, deste modo, perceber a sua unidade. Isto é, deste ponto de vista privilegiado, "os vários exoterismos refletiriam, nas suas diferenças, a unidade de um mesmo esoterismo primordial."

No entanto, afirma Olavo, além da diferenciação horizontal entre as diversas tradições, é importante marcar a distinção vertical, ou seja, entre as partes inferiores e superiores de cada tradição. A parte inferior – exotérica – é suscetível demais às perturbações contingentes da vida popular e, portanto, podem promover o afastamento e hostilidade entre as demais variantes legítimas. Já as partes superiores, esotéricas, "refletem a eternidade imutável da Verdade, onde as tradições convergem e se encontram". Há a religião das massas, permeada de ritos e danações, e outra de elite, os únicos capazes de apreender o "sentido último" da revelação universal. Os homens do povo, se seguirem as normas ditadas pelos pastores, estão qualificados para obter a salvação *post mortem* de suas almas. O cenário é distinto para os grandes homens:

> Por meio de ritos de iniciação, os membros da elite obtêm já em vida, e muito acima da mera "salvação", a realização espiritual que os arrebata do simples "estado individual" de existência para transfigurá-los na própria Realidade Última, ou Deus[31].

Estes homens são os únicos que podem transitar entre as verdadeiras religiões[32], particularmente ao entraram em estado de "arrebatamento místico". Após dizer que não se deve explicitar muito isto ao público em geral, "que poderia escandalizar-se ante a decifração de um mistério que deve permanecer opaco para a sua própria proteção espiritual", ele destaca um problema: apenas no islamismo a distinção entre exoterismo e esoterismo é constitutiva da doutrina. Nas demais religiões esta distinção não está claramente fundamentada e, muitas vezes, é hostilizada, como é o caso do cristianismo, que passou muito cedo a proibir as sociedades secretas.

---

(29) Cf. Martin VASQUES DA CUNHA. *A Tirania dos Especialistas*. Op. cit., p. 108-109.

(30) "Que é uma metafísica? É a estrutura da realidade universal, que desce desde o Primeiro Princípio infinito e eterno até os seus inumeráveis reflexos no mundo manifestado, através de uma série de níveis ou planos de existência" (Olavo de CARVALHO. *As Garras...* Op. cit.

(31) Ibid.

(32) A rigor, são apenas seis: cristianismo, islamismo e judaísmo, hinduísmo, budismo e zoroastrismo. A lista é, na verdade, aberta. Nenhuma outra religião, além destas, chegou ao cume. Se chegar, a lista aumenta.

É isto que, e, seu julgamento, é capaz de fazer "balançar" o edifício do perenialismo. Aí começa a sua crítica à Guénon. Para este a Igreja Católica perdeu qualquer contato com a Tradição Primordial e se converteu em uma instituição aduladora das massas.[33] A sua crise é inevitável e tal situação só poderia ser revertida de fora para dentro. O Ocidente, portanto, teria uma única via para a salvação: o catolicismo só poderia se conectar novamente com a Tradição Primordial se se permitisse ser guiado pelos mestres islâmicos. "Ou isso, ou a ocupação do Ocidente pelos muçulmanos. *Tertium non datur*". Aqui transparece a missão pessoal de Olavo. Libertar o catolicismo não apenas do globalismo mas, também, dos agentes do islamismo, dentre os quais Guénon foi o principal. Ele, com sua peculiar falta de modéstia, afirma que decifrou o enigma da esfinge: expôs o projeto guenoniano de islamização do Ocidente, tirou os seus ensinamentos válidos e, portanto, "a Esfinge não tem remédio senão soltar gentilmente a presa, que sairá das suas garras não somente livre, mas fortalecida".

A decadência da Inteligência brasileira e seu redentor: Olavo contra o "marxismo cultural"

Olavo de Carvalho foi um notório simpatizante do governo de Fernando Collor de Mello. Notório e folclórico. A sua obsessão pelo "marxismo cultural" teve início durante o movimento pela ética na política que favoreceu o seu impeachment. Esta falsa pela ética não passou de uma manobra para garantir a conquista da hegemonia da esquerda na mídia, no sistema educacional e nos meios artísticos[34]. No entanto, a fábula que Olavo construiu para se autovalorizar é ainda mais exótica do que este diagnóstico. É bem sabido que mentes conspiratórias gostam de produzir fantasias sobre suas próprias virtudes. Isto fica claro no capítulo 1 de *O Jardim das Aflições,* intitulado "A Nova História da Ética". Depois de dizer no primeiro parágrafo que um escritor educado "não deve ir logo de entrada falando de si mesmo" ele logo pede desculpas: irá se auto congratular, ferindo as boas maneiras, mas somente porque a ocasião era grave demais. Em uma espécie de arrebatamento – lendo o texto parece mais um transe estimulado por alucinógenos – ele percebeu, em uma tarde de maio de 1990, os sinais apocalípticos que anunciava o fim da inteligência brasileira.

---

(33) Até este ponto, Olavo não só endossa como, inclusive, atualiza a crítica de Guénon: "Não precisamos endossar por completo a tese de Guénon para admitir o fato patente de que o cristianismo, malgrado sua imensa força de renovação espiritual, não estava muito bem dotado para reorganizar a sociedade civil e política."(...). "O cristianismo era essencialmente uma "via de salvação", que voltava as costas para este mundo, concentrando todos os esforços na busca da Cidade Celeste. Para transformar-se numa força organizadora da Cidade Terrestre, ele teve de sofrer adaptações que arriscaram deformá-lo profundamente. Não existe, em toda a História das Religiões, outro caso de uma moral religiosa que tenha passado por tantas mudanças e transformações. A moral social cristã, com efeito, não emerge pronta e óbvia da letra das escrituras, como a islâmica ou a judaica, mas se elabora aos poucos, ao fio de tremendas disputas dialéticas, por obra dos teólogos e dos concílios, crescendo, não como a progressão linear de uma simples dedução lógica, mas como um organismo vivente, entre dores e contradições". (*O Jardim...* op. cit. p. 131-132). O reinado de Carlos Magno foi o único período em que se manifestou um verdadeiro império cristão. "No restante da história europeia o Império é apenas uma ideia unificadora, pairando no abstrato sobre um caos de principados e ducados perpetuamente em guerra uns com os outros. De outro lado, e em função mesma do fracasso do Império, surge a transformação do papado num poder temporal concorrente, com todo o seu cortejo de consequências nefastas. A principal, evidentemente, foi a mundanização do culto, o rebaixamento da moral cristã a um receituário de exterioridades tão opressivo e falso quanto o moralismo estatal romano, a cristalização progressiva da doutrina num formalismo lógico-jurídico deprimente e, por via de consequência, a politização completa da religião na época pós-renascentista, como um conservadorismo monárquico, de início, que aos poucos iria se transformando no seu contrário: num ativismo republicano, liberal e socialista" (Ibid, p. 132).

(34) Cf. Olavo de CARVALHO. *O Jardim das Aflições.* Op. cit., p. 24-25.

O sinal que lhe perturbou a alma se manifestou ao assistir a conferência de José Américo Motta Pessanha sobre a ética em Epicuro no MASP, patrocinado pela Secretaria Municipal da Cultura. Ele, o único lúcido no recinto, percebeu o que ninguém podia:

> Um público de quinhentas pessoas submetera-se à intoxicação com sonsa alegria, numa deliquescência mórbida, como crianças a seguirem um novo flautista de Hamelin, sugestionadas pela voz melíflua, pelo jogo de imagens que dava às lorotas mais óbvias um intenso colorido de realidade. Puro feitiço, no melhor estilo Lair Ribeiro[35].

Jurando não querer parecer "um fanático, a espumar de cólera ante a opinião adversária", ele destacou a gravidade do que presenciara:

> O que mais me impressionava, na trama de erros tecida por Pessanha, era a sua densidade. Não havia ali uma única brecha por onde pudesse se introduzir uma discussão inteligente. Cada palavra parecia calculada para desviar a atenção do ouvinte, impedi-lo de olhar o assunto de frente, fixá-lo num estado de apatetada passividade ante o fluxo de sugestões, hipnotizá-lo e arrastá-lo delicadamente pela argola do nariz até uma conclusão que ele já não estaria mais em condições de julgar e à qual se curvaria com um sorriso de felicidade idiota e um mugido voluptuoso. O grumo compacto de absurdidades exalava uma radiação debilitante sobre as inteligências, produzia a acomodação progressiva a um estado de penumbra, de lucidez diminuída, até que, perdida toda vontade de enxergar, a alma da vítima se amoldasse às trevas como num leito fofo, aspirando o adocicado perfume do esquecimento[36].

Não se trata de um mero sofista. É muito mais grave do que isso. Para Olavo – talvez personificando o finado Padre Quevedo – parece que os esquerdistas deram um salto e desenvolveram o perigoso poder da mesmerização:

> Não sei se me faço compreender. Há uma grande diferença entre o doutrinador que mete simplesmente na cabeça das pessoas uma ideia errada e o feiticeiro que as adoece, debilitando suas inteligências para que nunca mais atinem com a ideia certa. O primeiro move-se no reino das palavras, que podem ser enfrentadas com palavras. O segundo exerce uma ação quase física, produzindo feridas num estrato profundo que os meros argumentos não atingem. Feridas insensíveis, que só começarão a doer quando for tarde para curá-las – e quando a lembrança de sua origem estiver demasiado apagada para que se possa identificar o rosto do agressor[37].

Ele nos conta que a cena não era inédita, pois já tinha visto algo similar, mas nunca por alguém abrigado pelo Estado e pelo prestígio da autoridade acadêmica. Só tinha presenciado essa "ação quase física" sobre a mente produzida apenas por feiticeiros, clínicas psiquiátricas e em seitas obscuras[38].

O curioso é que estes feiticeiros das ideias, a crer na própria obra de Olavo, só podem ser combatidos por um "filósofo" místico como ele. Um dos poucos que foi capaz de perceber um projeto de global de dominação que atua pelo embotamento da mente das pessoas:

---

(35) Ibid, p. 22.

(36) Ibid, p. 22-23.

(37) Ibid, p. 23.

(38) Nunca vi nenhuma referência de Olavo ao filme *Scanners: sua mente pode destruir.* Acho que ele iria gostar. Desenvolver a habilidade de destruir a distância a mente dos adversários seria a arma final da esquerda.

> A culminação de cem anos de pesquisas sobre o domínio psíquico do homem pelo homem é alcançada no momento em que todas as elites – as que estão momentaneamente no poder e aquelas que lutam para conquistá-lo – se unem num pacto contra a liberdade da consciência individual, consagrando as técnicas de manipulação psicológica e de estimulação contraditória como armas legítimas e aceitáveis na luta das ideias. A partir desse momento, pouco importa quem ganhe a disputa: a humanidade perderá[39].

E, um pouco depois desta frase ele enumera as forças que produzem os grilhões que convertem os homens em cães de Pavlov: o pragmatismo, o neopositivismo, o marxismo (sem o adjetivo cultural, que é recente), a pseudo-religião e a Nova Era.

Mas, como se sabe, para Olavo a figura mais perniciosa é Antonio Gramsci, o verdadeiro fundador do "marxismo cultural" e artífice da estratégia que, em sua visão fantasiosa, fundamenta toda a esquerda brasileira:

> Gramsci ficou, dizia eu, meditando na cadeia. Mussolini, que o mandara prender, acreditava estar prestando um serviço ao mundo com o silêncio que impunha àquele cérebro que ele julgava temível. Aconteceu que no silêncio do cárcere o referido cérebro não parou de funcionar; apenas começou a germinar ideias que dificilmente lhe teriam ocorrido na agitação das ruas. Homens solitários voltam-se para dentro, tornam-se subjetivistas e profundos. Gramsci transformou a estratégia comunista, de um grosso amálgama de retórica e força bruta, numa delicada orquestração de influências sutis, penetrante como a Programação Neurolinguística e mais perigosa, a longo prazo, do que toda a artilharia do Exército Vermelho. Se Lênin foi o teórico do golpe de Estado, ele foi o estrategista da revolução psicológica que deve preceder e aplainar o caminho para o golpe de Estado[40].

Logo, *por conta do cárcere,* Gramsci teria percebido que era necessário amestrar o povo para o socialismo antes da revolução. Isto é: fazer com que todos pensassem, agissem e se sentissem como membros de um Estado comunista enquanto viviam em um quadro externo capitalista. Só depois de assegurada esta hegemonia sobre os sentimentos e percepções do povo – o senso comum: o "aglomerado de hábitos e expectativas, inconscientes ou semiconscientes na maior parte, que governam o dia-a-dia das pessoas." – poderia ocorrer a tomada formal do Estado.

O Pastor e Seus Discípulos: a salvação pela filosofia e a regeneração do Brasil

Coerente com a sua filiação à escola perenialista, Olavo de Carvalho afirma que a sua filosofia só pode ser uma atividade esotérica, isto é, circunscrita a um grupo limitado de iniciados. No seu caso, de clientes: todos os que estão dispostos a pagar pelo seu *Curso Online de Filosofia,* no qual ele

---

(39) Ibid, p. 65. Em outra obra ele diz algo similar: "No século XX, a consciência individual sofreu, das pseudociências emergentes, os mais violentos ataques, que pretenderam negá-la, reduzi-la a um epifenômeno dos papéis sociais introjetados, a uma projeção do instinto de sobrevivência, a uma ficção gramatical, a mil e uma formas do falso e do ilusório. De outro lado, no campo das técnicas psicológicas, nunca se investiu tanto na busca de meios para subjugar a consciência individual, quebrar sua autonomia, forçá-la a repetir mecanicamente o discurso coletivo. Se o nosso é o século do marxismo, da psicanálise, do estruturalismo, é também o da hipnose, o das técnicas de influência subliminar, o da lavagem cerebral, o da "modificação de comportamento" e o da Programação Neurolinguística. Se, por um lado, tudo se faz para demonstrar teoricamente a inanidade da consciência individual, de outro lado não se poupam esforços para reprimi-la e subjugá-la. Ora, estas duas séries de fatos, quando confrontadas, sugerem uma pergunta: para que tanto empenho em derrotar na prática algo que, em teoria, não existe? Se o cavalo está morto, para que açoitá-lo com tanta fúria?" (*A Nova Era e a Revolução Cultural.* Vide Editorial, 2017, p. 82).

(40) Ibid, p. 36.

é o pastor e seu rebanho precisa renunciar a qualquer tipo de opinião ou de crítica até estarem prontos para andarem com os próprios pés. E quando o discípulo está pronto? Somente o mestre pode saber. Mas, adverte o libertador das almas, o curso pode durar até 5 anos e, contudo, nada garante que o pupilo poderá estar entre os eleitos. No entanto, somente a leitura e as aulas *on line* não são suficientes. A chave para quem pretende penetrar no âmago do seu ser e descobrir a verdade é a *confissão*:

> A confissão, para Olavo, é aquele momento em que o aluno está disposto a mostrar a sua alma com absoluta sinceridade, sem a suas máscaras sociais, sem os maneirismos e, o mais importante, sem os tiques verbais impostos por uma existência histórica na qual todos vivem em um mundo culturalmente devastado, cujas maiores representações são as universidades (em especial a USP) e a grande mídia[41].

Trata-se, portanto, da criação de uma seita, onde o iniciado faz um voto de "abstinência em matéria de opinião", entrega a sua interioridade ao mestre que irá moldá-lo em um homem novo. Somente depois disto o indivíduo adquire a faculdade de pensar por si próprio e, assim, perceber *a verdade*[42] e, portanto, apto a fazer parte de uma "nova intelectualidade nacional" que opera espontaneamente como uma espécie de fiscal da inteligência coletiva[43].

Logo, como destacou com precisão Martins Vasquez da Cunha, o que Olavo propõe não é exatamente um método formal – embora ele se arrisque de forma atrapalhada nesta direção também[44] – mas a criação de *uma nova comunidade de iniciados* sob a liderança firme de um portador do saber genuíno, a única forma de se chegar efetivamente à verdade – uma verdade que é, em seu julgamento,

(41) Martins VASQUES DA CUNHA. *A Tirania...* Op. cit., p.164-165.

(42) Na apostila "Inteligência e Verdade" – transcrição das duas primeiras aulas do seminário de filosofia em Curitiba em agosto de 1994 – o guardião da inteligência nacional define o que por verdade: "Inteligência, no sentido em que aqui emprego a palavra, no sentido que tem etimologicamente e no sentido em que se usava no tempo em que as palavras tinham sentido, não quer dizer a habilidade de resolver problemas, a habilidade matemática, a imaginação visual, a aptidão musical ou qualquer outro tipo de habilidade em especial. Quer dizer, da maneira mais geral e abrangente, a capacidade de apreender a verdade. (...)". Disponível em: https://olavodecarvalho.org/inteligencia-e-verdade/.

(43) Cf. Martins VASQUES DA CUNHA. *A Tirania...* Op. cit., p. 118.

(44) Para Olavo o método é sempre uma espécie de ascese interior operada por analogias que só podem ser construídas *intuitivamente,* fato que torna estéril a tarefa de construir grandes sistemas filosóficos fechados (tarefa que ele refuta, ao afirmar que isto correspondem o ofício dos burocratas do saber encastelados na Universidade). Essa passagem ilustra bem isto: "Tendo encontrado o princípio superior que organiza os vários planos de uma sequência analógica, parece que nada mais há a conhecer nesse domínio. Podemos ter aí a ilusão de ter alcançado, de uma vez, a verdade suprema. Na prática, porém, quanto mais nos aproximamos de um princípio universal, mais vão ficando para trás e cada vez mais longe as realidades concretas cuja explicação buscávamos. E, perto do topo, às vezes parecemos ter perdido de vista o propósito da viagem. O momento do reencontro passa, e nada nos resta nas mãos senão o enunciado abstrato e sem vida de um princípio lógico, que é a recordação melancólica de uma universalidade perdida. É preciso, portanto, descer novamente do princípio às suas manifestações particulares, e depois subir de novo, e assim por diante. De modo que a alternância sim/não, verdade/erro, que constitui para nós o início da investigação, é finalmente substituída, num giro de noventa graus, pela alternância alto-baixo, universal-particular. Passamos da oscilação horizontal para a vertical. E é justamente o despertar da capacidade de realizar em modo constante a subida e a descida, que constitui o objetivo de toda educação espiritual, sem a qual a perspectiva que nos é oferecida pela dialética simbólica se torna para nós apenas miragem. Compreendemos assim quanto é vão e pueril todo ensino da filosofia que permaneça no nível da pura discussão e não inclua uma disciplina da alma. Que a filosofia tenha descido da condição de ascese interior para a de mero confronto de doutrinas num ambiente de tagarelice mundana, é um mal de que o Ocidente, talvez, jamais poderá recuperar-se" (Olavo de CARVALHO. *A Dialética Simbólica*. Campinas: Vide Editorial, 2015, p. 27).

supratemporal. Neste sentido ele tende a ser percebido[45] como a encarnação da *revolução conservadora*, aquele tipo de conservadorismo otimista que rompe com a prudência por se julgar o portador de valores fundamentais que devem preponderar sobre tudo e sobre todos.[46] E, sem o controle do Estado, é impossível fazer isso.

Considerações finais

Não há dúvida que Olavo de Carvalho possui erudição e tem muito talento com as palavras. Entende a fundo – no espírito e na letra – a tradição perenialista que, na realidade, é o único fundamento sólido em sua verborragia pseudofilosófica. É exibicionista, mal-educado e autoritário: basta ver os seus vídeos mais recentes e, sobretudo, os testemunhos dos ex-olavetes que abandonaram a seita[47]. A alcunha de Aiatolavo criada por Reinaldo Azevedo é, portanto, perfeita. Se esconde por detrás de formulações enigmáticas e dúbias que, no fundo, não são muito diferentes das palestras motivacionais dos *coachs* quânticos. A despeito da aderência de suas ideias em boa parte da onda conservadora, Olavo e sua seita não passa de uma emulação barata dos milenarismos do século XII e XIII: o líder carismático – geralmente um vigarista – agita a sociedade ao mobilizar os párias e os ressentidos, mas sem trazer maiores consequências de longo prazo. O olavismo é apenas uma ilustração da total ingovernabilidade do país, especialmente nos velhos termos. A ruptura é estrutural. Não adianta mais olhar para 1988, para o marasmo do jogo de cena entre PT e PSDB. Essa era acabou. Saudosismos e sebastianismo não resolvem nada. *Padim* Lula não salvará ninguém: sua mística acabou e sua única preocupação é salvar a sua biografia. A estreiteza do debate público atual – o "retorno do Estado", como evitar a reeleição de Bolsonaro em 2022, etc. – é outra ilustração da tragédia.

(45) Saliento a palavra percebido. Acho que Olavo só está interessado em clientes e em quem financie a sua vida na Virgínia. Penso que, de fato, por algum momento ele desejou mesmo ser o embaixador do Brasil nos EUA, mas como até mesmo Bolsonaro deve ter achado o pedido extravagante, ele desistiu da ideia.

(46) Francisco Razzo – que também pulou do barco olavista – escreveu um texto muito esclarecedor sobre isto na ilustríssima: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/06/cruzada-conservadora-de-bolsonaro-so-faz-sentido-no-twitter-diz-autor-conservador.shtml.

(47) Martins Vasquez da Cunha é um deles. Parte dos demais relatos podem ser encontrados aqui: https://blogdacidadania.com.br/2019/01/ex-seguidores-de-olavo-de-carvalho-contam-o-que-os-fez-parar-de-admira-lo/.

A extrema-direita brasileira: uma concepção política autoritária em formação
Daniel Aarão Reis
Anuario Nº 32 / ISSN 1853-8835 / 2020
http://anuariodehistoria.unr.edu.ar/ojs/index.php/Anuario/index

A extrema-direita brasileira: uma concepção política autoritária em formação [1]

La extrema derecha brasileña: una concepción política autoritaria en formación

DANIEL AARÃO REIS
Universidade Federal Fluminense (Brasil)
daniel.aaraoreis@gmail.com

RESUMO

A vitória de Jair Bolsonaro em novembro de 2018 nas eleições que o alçaram à presidência da República no Brasil surpreendeu e criou um estado de perplexidade, próximo da catatonia, sobretudo no campo das esquerdas, mas também entre forças de centro e das direitas democráticas. Tornou-se urgente compreender a densidade histórica e o significado político do fenômeno que nos interpela com a frase da Esfinge: "decifra-me ou te devoro".
O presente artigo tenta contribuir neste sentido e está articulado nas seguintes sessões: 1. Contexto internacional da ascensão das extremas-direitas; 2. A ascensão da extrema-direita no Brasil; 3. O caráter da extrema-direita brasileira; 4. A construção de alternativas democráticas. Palabras clave: Teoría de la historia; verdad histórica; estética.

Palavras-Chave: extrema-direita; brasileira; política autoritaria; formación

[1] O presente texto retoma, amplia e redefine questões e temas considerados em outro artigo, intitulado: "Notas para a compreensão do Bolsonarismo", publicado em abril de 2020, in: *Revista de Estudos Ibero-americanos*, v. 46, n° 1/2020, Seção Tribuna. Revista de História da Escola de Humanidades da Pontíficia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUC/RGS, Brasil (Cf. D. Aarão Reis, 2020)

RESUMEN

La victoria de Jair Bolsonaro en noviembre de 2018 en las elecciones que lo elevaron a la presidencia de la República en Brasil sorprendió y creó un estado de perplejidad, cercano a la catatonía, especialmente en el campo de la izquierda, pero también entre fuerzas del centro y derecha democráticos. Lo que tornó urgente comprender la densidad histórica y el significado político del fenómeno que nos desafía con la frase de la Esfinge: "descíframe o te devoro".
El presente artículo intenta aportar en este sentido y se articula en los siguientes apartados: 1. Contexto internacional del surgimiento de las extremas derechas; 2. El ascenso de la extrema derecha en Brasil; 3. El carácter de la extrema derecha brasileña; 4. La construcción de alternativas democráticas.

Palabras Clave: La extrema derecha; brasileña; política autoritaria; formación

1. O contexto internacional da ascensão das extremas-direitas [2]

O crescimento político de forças e partidos de extrema-direita e de diversos tipos de regimes autoritários é uma tendência mundial a partir de fins do século passado e inícios do presente século.

No cerne deste processo encontra-se o que se convencionou chamar de revolução digital ou informática que tem mudado radicalmente os padrões civilizatórios da inteira humanidade. À semelhança da chamada *civilização fordista* que, em fins do século XIX e inícios do século XX, revolucionou em profundidade as sociedades humanas, a *civilização da informação*, produto da atual revolução, têm igualmente produzido efeitos sociais, políticos, culturais e econômicos profundamente desestabilizadores e transformadores.

No quadro desta nova revolução, destacam-se alguns aspectos principais no campo da economia e da sociedade: a consolidação da hegemonia do capital financeiro, com ênfase para os capitais especulativos, protegidos por legislações favoráveis, incluindo-se aí os chamados paraísos fiscais; o

[2] Para o debate sobre a díade direita-esquerda e suas manifestações extremas, cf. Bobbio (1995) e Soper (1999).

enfraquecimento drástico das legislações que regiam os movimentos nacionais e internacionais de capitais e mercadorias; a privatização de setores econômicos e serviços públicos, mesmo dos que eram até então considerados estratégicos à segurança pública e nacional; a fragilização correspondente da capacidade de intervenção e regulamentação dos Estados Nacionais; o surgimento de novos setores/atividades dinâmicos, como, entre outros, a informática, a biotecnologia, a robótica, a inteligência artificial, de alto nível de monopolização ou oligopolização, com impactos radicais na área das comunicações (internet, mídias sociais, etc.); a realocação internacional da produção industrial mundial e o declínio acelerado do peso demográfico das classes operárias nos países capitalistas mais poderosos; a desarticulação e a precarização dos mercados de trabalho (uberização) e das instituições sindicais tradicionais; o surgimento de novos polos de desenvolvimento (Índia, China) e de megamercados regionais, alterando o equilíbrio instaurado no pós-II Guerra Mundial; finalmente, mas não menos importante, o aprofundamento acelerado das desigualdades sociais e econômicas (Piketti, 2014).

Os regimes de democracia representativa têm evidenciado notável incapacidade para lidar com os desafios decorrentes deste conjunto de mutações. As instituições políticas e jurídicas apresentam-se desconectadas das demandas sociais e os partidos e sindicatos perdem prestígio e capacidade de articulação e de mobilização. Entre os jovens e as classes populares acentua-se o desinteresse em relação aos processos eleitorais e a desconfiança em relação a um sistema político criticado como ineficaz, corrupto e desmoralizado (Levitsky e Ziblatt, 2018; Runciman, 2018). A rigor, trata-se de um processo em curso desde os anos 1960/1970, a partir de quando emergem, cada vez mais, como protagonistas das lutas políticas, movimentos sociais que não se deixam enquadrar pelos jogos institucionais ou/e eleitorais (Aarão Reis, 2018).

Instaura-se um pouco por toda a parte uma *sociedade da insegurança* (Fraser, 2007). Os que perdem posições ou não conseguem mantê-las, as grandes massas de assalariados ou dos que vivem do próprio trabalho, sentem-se amedrontados. As referências culturais que pareciam sólidas *desmancham no ar*. Ações terroristas, desde 2001 (Ash, 2011); crises econômicas e catástrofes naturais acentuam uma atmosfera de incertezas e desorientação.

As forças e os partidos políticos reformistas, democráticos ou socialistas não têm conseguido apresentar propostas que protejam os interesses das camadas populares e controlem ou atenuem os efeitos desestabilizadores destas tendências. São identificados, com ou sem razão, como sócios de regimes incapazes de defender as grandes maiorias, o que se tornou particularmente evidente no enfrentamento da crise econômica de 2008, quando o custo de

superação de seus efeitos desabou quase que exclusivamente nas costas dos trabalhadores assalariados (Przeworski, 2019).

É neste quadro geral de desespero e desesperança que se reforçam *as tendências e propostas nacionalistas e autoritárias,* num processo de *reação nacionalista*[3], quase sempre expressas através de organizações ou partidos de extrema-direita[4].

O fenômeno Donald Trump nos Estados Unidos, o crescimento das forças de extrema-direita na Europa Ocidental (Itália, França e Inglaterra) e Central (Hungria e Polônia), na Ásia (Índia e Filipinas) e na América Latina (Chile, Colômbia e Brasil) atestam a crescente existência deste processo. Uma de suas principais particularidades é que tais forças não se confrontam abertamente com as instituições democráticas, mas as instrumentalizam, corroendo-as *por dentro*, desfigurando-as. Combinam eficazmente o recurso às ruas e o uso intenso das chamadas mídias sociais no quadro de opções nacionalistas, antidemocráticas e conservadoras do ponto de vista social e religioso[5].

2. A ascensão da extrema-direita no Brasil

A vitória de Jair Bolsonaro insere-se neste quadro internacional. É a *expressão brasileira* destas tendências.

Para compreendê-la, uma vez contextualizada no plano internacional, tenho proposto a articulação de três temporalidades: na longa duração, o estudo das tradições autoritárias no país; na média duração, a deterioração do sistema político entre a promulgação da Constituição de 1988 e as eleições de 2018; na curta duração, a incidência da campanha eleitoral e seus efeitos.

2.1. As tradições autoritárias: a longa duração

São densas e pesadas as tradições autoritárias no Brasil. Entre outras, destacam-se:

- O racismo. Antes de serem tardiamente abolidas, as relações escravistas disseminaram-se por toda a sociedade (escravismo doméstico ou de

---

[3] Muitos preferem chamá-la de populismo de direita (Torney, 2019)

[4] As propostas nacionalistas autoritárias podem assumir feições diversas das manifestações de extrema-direita. É o caso dos governos da Rússia e da China, entre outros. Em certa medida, as propostas e regimes autoritários e as propostas de extrema-direita retroalimentam-se.

[5] Lideranças políticas e estudiosos têm caracterizado este processo como de ressurgência do fascismo. O debate sobre a questão será desenvolvido no ítem 3 deste artigo.

proximidade), gerando desprezo pelo trabalho manual e relações hierárquicas mantidas pela violência. O processo peculiar de miscigenação, apresentado como antídoto à discriminação racial, apenas disfarçou formas onipresentes de racismo, evidenciadas em inúmeras evidências: desigualdades de emprego e de renda; violência policial; população carcerária, etc.;

- As desigualdades sociais. Apesar do considerável progresso econômico, registrado em particular entre 1930 e 1980, mantiveram-se e reproduziram-se padrões brutais de desigualdades regionais e sociais, configurando amplas maiorias como sub-cidadãos, ou cidadãos de segunda classe, cujos direitos – proclamados em leis e mesmo em constituições – não se concretizaram na prática social;

- O patrimonialismo e o mandonismo. Fundamentos das relações sociais agrárias que se ancoram no tempo colonial, conservaram grande força. Em artigo recente, o antropólogo Roberto Da Matta, estudioso desta e de outras tradições, referiu-se "ao colonialismo autoritário e burocrático, radicalmente católico e anti-igualitário", combinado a laços de puxa-saquismo com punhos de renda, irmão de um desumano escravismo negro"[6]. O processo de crescimento industrial e urbano não dissolveu sua força e incidência, nem a República, proclamada em 1889, foi capaz de neutralizar seus efeitos. O acesso limitado à plena cidadania – apesar do que dizem os textos legais – reproduz a preeminência das relações pessoais em detrimento de códigos legais impessoais;

- A discriminação de gênero. Os avanços no sentido da emancipação da mulher são muito recentes, datando dos anos 1970. As desigualdades profissionais e de renda, o limitado acesso aos níveis mais altos de prestígio social e de remuneração, a criminalização da interrupção voluntária da gravidez, os índices de violência doméstica e estupro, atestam a subordinação violenta da "segunda metade do céu";

- O raquitismo democrático. Uma república proclamada através de um golpe de estado, o permanente monitoramento do regime político pelos militares, a seletividade elitista na atribuição da cidadania, a extensão soluçante e limitada das liberdades democráticas, os principais saltos econômicos registrados sob dominação de regimes ditatoriais (1937/1945 e 1964/1979), tudo disso deixou marcas profundas nas tendências políticas de direita e de esquerda. O reconhecimento de amplas liberdades democráticas, envolvendo direitos civis, políticos e sociais é muito recente, datando dos últimos anos do século XX (Constituição de 1988).

[6] Cf. Roberto Da Matta, crônica publicada em *O Globo*, 10 de junho de 2020, p. 3.

A combinação destes aspectos na longa duração estruturou uma sociedade marcada pela desigualdade, hierarquia, violência, intolerância e discriminações (Schwarcz, 2019; Starling, 2019).

Sem embargo, foi notável como amplos círculos – políticos e intelectuais – tenderam a subestimar a força destas tradições em passado recente e a apresentar a democracia brasileira como “consolidada”. Um caso típico de cegueira política e histórica.

Nunca foi tão urgente como hoje superar este equívoco.

Tenho me empenhado em fazê-lo desde os primeiros anos deste século, chamando atenção para as “relações complexas” que se estabeleceram entre as ditaduras e a sociedade, evidenciando como aquelas não foram produto apenas da vontade das classes dominantes e da repressão, (ressalvado o papel fundamental desta última), mas contaram com apoios transversais em todos os níveis da sociedade. Efetivamente, em torno dos dois regimes ditatoriais que se impuseram no país no século XX (1937-1945; 1964-1979[7]), foi possível construir não raro um consenso social significativo, o que oferece subsídios para a compreensão da instauração quase pacífica de ambos e dos processos também pacíficos de sua superação. Importantes pesquisas têm demonstrado a adequação desta interpretação[8].

Considerar as tradições autoritárias para compreender a atual ascensão da extrema-direita não deve conduzir, porém, à sua absolutização[9]. Apesar destas tradições, maiorias expressivas elegeram à presidência da república o sociólogo de centro-esquerda Fernando Henrique Cardoso (1994/2002), o líder operário, Luiz Inácio Lula da Silva (2002/2010) e Dilma Rousseff (2010/2016), ex-militante da luta contra a ditadura. Em outras palavras: as tradições autoritárias condicionam opções, mas não as determinam exaustivamente. Como gostava de dizer o intelectual israelense, Amoz Oz: “o passado nos pertence, não pertencemos ao passado”. As tradições, embora poderosas, não podem expulsar a política da história. A longa duração não exclui a avaliação da média e curta durações. Cumpre agora analisar estas últimas.

[7] Entre 1937 e 1945, a ditadura do Estado Novo, liderada por G. Vargas; entre 1964 e 1979, a ditadura civil-militar, presidida por cinco sucessivos generais.
[8] Entre outros, mencionaria Daniel Aarão Reis, Rodrigo Patto Sá Motta e Marcelo Ridenti (2014); Rodrigo Patto Sá Motta (2014); Denise Rollemberg (2008, 2010, 2010a); Lucia Grinberg (2009); Janaína Cordeiro (2015); Gustavo Ferreira (2015); Tatyana Maia (2012); Paulo Cesar Gomes (2019); Lívia Magalhães (2014).
[9] Nos anos 1970, tornou-se comum analisar as ditaduras latino-americanas como expressão imediata das *tradições ibéricas*. O conceito esfumou-se com os processos de democratização que se realizaram na... península ibérica, (Linz e A. Stepan, 1978; Linz, 2000)

2.2. A média duração: a grande conjuntura 1988/2018

Tornou-se comum denominar o período que se inaugurou com a aprovação da Constituição de 1988 como *nova república*[10]. Segundo os adeptos da denominação, ela teria entrado em crise com o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016, e sido definitivamente enterrada com a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018[11] (Alonso, 2019; Solano, 2019).

Aceite-se ou não a periodização, o fato é que a grande conjuntura entre 1988 e 2018 oferece uma plataforma interessante para avaliar as circunstâncias e as opções que levaram à perda radical do prestígio de um sistema político que parecia tão promissor em fins do século XX. Trata-se de uma reflexão importante, eis que a vitória da extrema-direita e de Jair Bolsonaro está intimamente vinculada à desmoralização da sistema político atual.

Entre outros aspectos, o que marca a trajetória da *nova república* do ponto de vista político é a preeminência da polarização entre o Partido da Social-Democracia Brasileira/PSDB e o Partido dos Trabalhadores/PT[12]. Inquestionavelmente, os dois partidos encarnaram as aspirações reformistas no sentido da construção de uma sociedade democrática e menos desigual.

A visibilidade, o prestígio e o poder adquiridos por eles corresponderam a políticas de defesa dos interesses das grandes maiorias. Entre muitas outras, o controle da inflação, empreendido nos anos de governo do PSDB, com impacto na redução das desigualdades sociais e, com até muito maior impacto, as políticas de distribuição de renda e as chamadas *afirmativas* contra o racismo, implementadas nos anos de governo do PT, em particular nos mandatos de Lula (2002/2010). Entretanto, o ímpeto reformista dos dois partidos foi se arrefecendo, configurando-se, em ambos os casos, um *reformismo mole* (Singer, 2012). Fez parte deste processo o pouco apreço por uma política ativista de memória, capaz de suscitar debates sociais e políticos a respeito do período ditatorial, características e legados, bem como a

[10] Na aspiração por tempos melhores, os brasileiros tendem a usar – e a abusar do – o adjetivo *novo* para designar mudanças que superariam mazelas do passado. A chamada *nova república* evidencia a reiteração do recurso, embora em sua estrutura e dinâmica fossem visíveis as marcas do *velho*, de continuação com o passado.

[11] Na interpretação de petistas, de lulistas e de outros agrupamentos de esquerda, o *impeachment* de Dilma Rousseff foi um *golpe de estado* parlamentar, camuflado, efetuado *por dentro* das próprias instituições democráticas. Curioso é que estas forças, desde 1988, recorreram diversas vezes ao *impeachment*, sem que o mecanismo, essencialmente autoritário, lhes parecesse questionável.

[12] O PT foi fundado em 10 de fevereiro de 1980, na esteira de grandes movimentos sociais; e o PSDB surgiu no âmbito dos trabalhos de elaboração da nova Constituição, em 25 de junho de 1988.

ausência de um debate socialmente amplo sobre direitos humanos e a condenação veemente de crimes contra a humanidade cometidos pelo Estado brasileiro durante as ditaduras do século XX (Aarão Reis, 2019a). O inventário das cicatrizes deixadas pela ditadura deixou de ser feito, com evidente prejuízo para a consciência cidadã[13].

Ao perderem as eleições para o PT, em 2002, o PSDB e seu líder, Fernando Henrique Cardoso, já registravam um considerável desgaste. Alianças consideradas sem princípios com partidos e grupos notoriamente conservadores e corruptos haviam corroído sua aura reformista e inovadora. Nada, no entanto, que ameaçasse sua posição de *polo* insubstituível nas lutas políticas institucionais.

Quanto ao PT, já no primeiro governo de Lula, escândalos de corrupção, como o do chamado *mensalão* (junho, 2005), começaram também a abalar o prestígio e a colocar em dúvida os compromissos e a vocação reformista do partido e do presidente. Entretanto, as dúvidas pareceram superadas com a reeleição de Lula (2006), e ao longo do segundo mandato (2006/2010), quando o país viveu momentos de intensa euforia social e política, o que se confirmaria com a eleição de Dilma Rousseff (2010). A *nova república* parecia segura e não poucos celebravam a *consolidação* da democracia no Brasil, chancelada internacionalmente com a aprovação do país como sede da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas de Verão (2016).

A partir de 2010, no entanto, começaram a se fazer sentir os impactos da grande crise econômica mundial de 2008, muito subestimados e por isso mesmo mal atenuados ou controlados. Num quadro de agravamento das contradições, demandas sociais começaram a explodir em vários níveis: por emprego; por serviços públicos de qualidade; por políticas de combate à corrupção, cuja existência tornou-se assunto nacional a partir de sucessivos escândalos envolvendo empresários e políticos; por políticas positivas em relação à segurança que, nas cidades, se tornava uma questão maior para todas as classes sociais.

As grandes manifestações de 2013, politicamente plurais, revelaram uma profunda insatisfação e desconfiança em relação aos partidos e lideranças políticas, expressas por multidões nas ruas e praças públicas.

Entretanto, face a este conjunto de desafios, PT e PSDB mostraram-se incapazes de oferecer propostas construtivas e credíveis. Enredados em suas

[13] A Comissão Nacional da Verdade, organizada em 18 de novembro de 2011, mais de trinta anos depois do fim da ditadura, até realizou um trabalho positivo, mas não conseguiu, talvez porque veio tarde demais, alterar o quadro de silêncio social sobre os crimes e legados da ditadura.

querelas e jogos de poder, perdida sua vocação reformista original, era como se estivessem distanciados da sociedade, sem nexo com os problemas que atormentavam as pessoas comuns. Começou a brotar a ideia de que o *sistema político* já não funcionava a contento. Falido? Alguns começavam a dizer que estava *podre*.

Foi numa atmosfera de exasperação de contradições, condições propícias para a emergência de lideranças *salvacionistas*, *outsiders* supostos ou reais, que se abriu o ano eleitoral de 2018[14]. Ainda não estavam, porém, jogados todos os dados que ensejariam a vitória de Jair Bolsonaro.

Eles seriam jogados na campanha eleitoral, na curta duração. Daí porque ser tão importante analisar esta temporalidade. Em caso contrário, como já se disse, a política será expulsa da história.

2.3. A campanha eleitoral de 2018: a curta duração

A análise da campanha eleitoral, na temporalidade da curta duração, é indispensável para a compreensão da ascensão da extrema-direita ao governo pelo voto.

Em pesquisas realizadas em 22 de agosto, menos de dois meses antes do primeiro turno, Bolsonaro ainda se mantinha em 22% das intenções de voto, e poucos acreditavam que fosse capaz de alcançar patamares muito mais altos. Daí a quase três semanas, em 10 de setembro, ele ganhara apenas mais 2 pontos, chegando a 24% das intenções de voto[15]. Em outras palavras, apesar das tradições autoritárias e do desgaste do sistema político, não havia ainda certeza, muito pelo contrário, a respeito do sucesso da candidatura salvacionista de extrema-direita.

Que circunstâncias e opções conduziram à sua vitória?

De um lado, as esquerdas democráticas subestimaram o seu potencial de crescimento. Não conseguiram unir-se, dispersando-se em candidaturas rivais. Além disso, o PT recusou-se a avaliar a onda de fundo antipetista que

[14] A esperança em *salvadores da pátria* tem larga tradição no país. Getúlio Vargas, Jânio Quadros, Fernando Collor, o próprio Lula, cada um a seu modo, todos se inscreveram neste registro de *alternativas salvadoras* a um sistema execrado.

[15] Cf. https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/04/pesquisa-datafolha-para-presidente-bolsonaro-35-haddad-22-ciro-11-alckmin-8-marina-4.ghtml
Consultado em 24 de junho de 2020. As eleições presidenciais realizaram-se em dois turnos: 7 e 28 de outubro de 2018.

permeava a sociedade, muito forte entre as classes médias, mas alcançando também camadas populares. Descartou assim a hipótese de apoiar um candidato de outro partido. E manteve durante longo e precioso tempo, em movimento suicida, a (anti) candidatura de Lula, ilegal na medida que ele fora condenado em segunda instância[16]. Quando o partido, finalmente, resolveu apoiar formalmente a candidatura do ex-ministro da Educação e ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, o fez com ressalvas, apresentando-o como se fosse um peão de Lula. Tolhido pelos erros e inconsequências do PT e de Lula que sempre se recusaram a produzir qualquer tipo de autocrítica, Haddad não conseguiu apresentar propostas para neutralizar ou conter a corrupção em larga escala e a insegurança nas grandes cidades, dois grandes temas da campanha eleitoral, explorados de forma tosca, mas eficaz, pelo candidato de extrema-direita. Entre os dois turnos, Haddad recuperou terreno, cultivou personalidade própria, formulando propostas objetivas e convincentes, mas já não houve tempo político para reverter os resultados desfavoráveis.

Cumpre destacar o fracasso da candidatura de Geraldo Alckmin, ex-governador de São Paulo e um dos líderes mais importantes do PSDB. Montando poderosa frente partidária, dispondo de vultosos recursos financeiros, agrupou muitas forças de centro e das direitas democráticas. Imaginava-se que a disputa tenderia a ser, mais uma vez, entre ele e o candidato do PT[17]. No entanto, em amplos contingentes do eleitorado, prevaleceu a percepção de que, para derrotar o PT, Bolsonaro reunia melhores condições do que Alckmin. Houve, assim, nas três últimas semanas da campanha, um trânsito maciço de votos para o candidato da extrema-direita, garantindo sua vitória.

O vitorioso não se beneficiou apenas dos erros adversários. A partir de suas bases mais radicais, nas forças armadas e policiais[18], soube construir alianças surpreendentes e diversificadas. Escolheu como seu ministro da economia, um empresário da especulação financeira que lhe abriu as portas para uma aliança com os capitais financeiros. No campo da economia também estruturou apoios entre os empresários vinculados à exportação de produtos agrícolas, o chamado agronegócio, e com garimpeiros e madeireiros comprometidos com a devastação das florestas e com a abertura de fronteiras agrícolas. Definindo o juiz Sergio Moro como ministro da Justiça, ganhou a

[16] A Lei nº 135, de 5 de maio de 2010, conhecida como Lei da Ficha Limpa, proíbe a candidatura de políticos condenados em segunda instância. A ironia é que foi promulgada pelo próprio Lula, quando no exercício de seu segundo mandato.
[17] Desde 1994, em seis sucessivas eleições presidenciais, os dois candidatos mais votados foram apresentados pelo PSDB e pelo PT.
[18] Desde 1992, em sete mandatos sucessivos, Jair Bolsonaro elegeu-se à Câmara de Deputados, defendendo interesses corporativistas das forças armadas e policiais e enfatizando a defesa do regime ditatorial.

confiança de todos os que consideravam a corrupção e a segurança grandes problemas nacionais[19]. Explorando uma pauta conservadora do ponto de vista dos costumes, teceu laços com as igrejas evangélicas, com crescente força no país[20]. Tais alianças seriam potencializadas pelas bancadas parlamentares ruralistas, armamentistas e religiosas, ditas BBB (do boi, da bala e da bíblia), conformando apoios eficazes na campanha eleitoral.

Restaria ainda mencionar duas importantes referências: o atentado sofrido por Bolsonaro, em 6 de setembro de 2018, que lhe permitiu afastar-se dos debates onde suas performances o desfavoreciam[21] e a organização e intensa exploração de uma sofisticada rede de comunicações, acionando de modo profissional as chamadas mídias sociais, seja para divulgar propaganda positiva, seja para disseminar falsas informações (*fake news*).

Combinaram-se, assim, como sempre, erros (dos adversários) e acertos que beneficiaram o candidato vitorioso.

Acredito que a elucidação das razões da vitória da extrema-direita e de Jair Bolsonaro passa, assim, pela compreensão do contexto internacional, do qual ela é a *expressão brasileira*, e pela articulação de três temporalidades: as tradições autoritárias na longa duração; o desgaste do sistema político na média duração; e os erros (dos adversários) e acertos (próprios) da campanha eleitoral, na curta duração.

Cumpre agora discutir melhor o caráter desta vitória e do governo liderado por Jair Bolsonaro desde 1° de janeiro de 2019.

3. O caráter da extrema-direita brasileira

[19] O juiz projetou-se como campeão nacional da defesa da moralidade. em virtude de seu protagonismo nos processos que desvendaram casos espetaculares de corrupção e acabaram levando à cadeia, entre muitos outros, o próprio ex-presidente Lula.

[20] O censo nacional, realizado em 2000, apurou a existência de 26,2 milhões de pessoas que se autodeclaravam evangélicas, equivalentes a 15,4% da população. Em 2010, o número saltou para 42,3 milhões, 22% da população. O IBGE calculou então que existiriam 14 mil igrejas evangélicas. Consultado em https://www.google.com/search?q=propor%C3%A7%C3%A3o+das+igrejas+evangelicas+no+brasil&oq=propor%C3%A7%C3%A3o+das+igrejas+evangelicas+no+brasil&aqs=chrome..69i57j33.12849j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

[21] Bolsonaro teve participação pífia nos debates anteriores ao atentado, que o salvou de novos debates, preservando-o de inevitáveis desgastes.

A surpreendente vitória de Jair Bolsonaro, como já referido, suscitou um clima de grande perplexidade. Como é usual, as primeiras explicações e interpretações procuraram no passado paralelos ou fontes para entender o fenômeno.

Alguns afirmaram que o Brasil teria voltado aos anos 1960 e estaria na iminência de um golpe de estado, como o que se verificou em 1964. Outros preferiram ver semelhanças com a conjuntura que levou à promulgação do Ato Institucional n° 5, editado em dezembro de 1968, que radicalizou a ditadura então existente[22]. Numa incursão a um passado mais distante, foram invocadas as experiências do movimento integralista brasileiro nos anos 1930, da ditadura do Estado Novo e, num plano mais geral, formularam-se associações – controvertidas – com o fascismo italiano e mesmo com o nazismo alemão, como se verá adiante.

Tais interpretações merecem discussão. Entretanto, como estou convencido de que a ascensão atual da extrema-direita constitui um movimento original, cumpre, antes de tudo, descrever o fenômeno para melhor captar sua especificidade e empreender, se for possível, sua conceituação.

Conforme esboçado na análise da campanha eleitoral a vitória de Jair Bolsonaro deveu-se à articulação de uma frente heterogênea que pode ser apresentada em forma de círculos, hierarquizáveis de acordo com a fidelidade a Bolsonaro.

Um *primeiro círculo* – núcleo forte e bastião do pensamento da extrema-direita – é constituído pelos oficiais das forças armadas, em particular do exército, mais os oficiais e suboficiais das Polícias Militares, da ativa e da reserva[23]. Jair Bolsonaro, através de longa carreira parlamentar, projetou-se não apenas como representante dos interesses corporativos destas gentes, mas também como um dos únicos políticos, e com grande audácia, a resgatar em chave positiva a experiência da ditadura, inclusive seus métodos violentos de torturar e matar adversários. A pauta da defesa dos costumes conservadores é uma outra importante referência a fidelizar estas bases a Bolsonaro, pois, em comum, cultivam o conceito de *guerra cultural* ou *guerra híbrida*, a ser travada contra os agentes – instituições e partidos – acusados de promover a destruição das tradições, da moral estabelecida, dos bons costumes e das tradições políticas e éticas da nação. Ingredientes importantes nesta perspectiva são as críticas ao *globalismo,* ao enfraquecimento dos estados e

[22] Os diplomas legais emitidos no quadro do estado de exceção instaurado em 1964 foram nomeados pelos próprios autores como *atos institucionais* ou atos complementares. Foram 17 atos institucionais e 104 atos complementares. O mais drástico e violento foi o AI-5.
[23] Não seria razoável afirmar que todos os referidos oficiais sejam partidários de Bolsonaro, mas é inegável que, no seu conjunto, eles constituem importante base de sustentação do atual presidente.

culturas nacionais, e aos novos métodos – encobertos e camuflados – através dos quais operariam novas e velhas esquerdas em sua luta permanente pelo controle da sociedade e do poder. Tais referências não podem ser nem exclusivamente nem principalmente atribuídas a Olavo de Carvalho, pseudo-intelectual cujas manifestações caricaturais não deveriam servir para encobrir núcleos de formulação mais consistentes, que elaboram tais ideias há muitos anos no interior das, e protegidos por, estruturas institucionais das forças armadas. Foi no interior do estado maior do Exército que se formou uma equipe, ainda nos anos 1980, devidamente autorizada pelo ministro da arma, general Leonidas Gonçalves, que formulou volumoso livro, com um resgaste da ditadura em chave positiva, enfatizando-se o papel dos militares como tutores da república e as sucessivas ameaças empreendidas pelas esquerdas no sentido da dissolução da nacionalidade brasileira. O texto, intitulado Orvil (anagrama de livro) só foi publicado mais tarde (Maciel e do Nascimento, 2012), mas se constituiu, desde então, numa referência para a extrema-direita militar e civil.[24].

Um *segundo círculo*, não menos importante, é constituído por setores populares de classe média, alguns com afinidades profissionais (pequenos empreendedores, caminhoneiros, taxistas, etc.). Acionam as novas mídias sociais (whatsapp, facebook, twitter, youtube, blogs, etc.), financiadas por empresários bolsonaristas. Os valores compartilhados de extrema-direita compreendem, entre outros, o recurso à violência para matar criminosos comuns, o conservadorismo social, o ódio às lutas identitárias, etc. Têm sido importantes nas ações de ruas e na intimidação de adversários, mas seus níveis internos de organização ainda são precários. Neste segundo círculo também poderiam ser incluídos as *milícias*. Constituídas por ex-integrantes das polícias militares, além de criminosos comuns, elas vêm ganhando força ao longo do atual século em algumas grandes cidades. Disputam espaço com facções de criminosos comuns no controle de atividades ilegais e semilegais e extorquem comunidades de diversos tipos, periféricas às grandes cidades, vendendo *proteção* em troca de segurança. A despeito de sua autonomia enquanto organizações criminosas, aparecem como um potencial e temível *braço armado*, eventualmente disponível para aterrorizar e matar adversários[25].

As igrejas evangélicas constituem um *terceiro círculo*. Não se estruturam monoliticamente, mas, em grande maioria, apoiaram ativamente a

---

[24] Cf. Bolsonaro e o mundo armado no Brasil. Debate entre Luiz Eduardo Soares e Piero Lerner: https://youtu.be/IKbCnZ4IN44. Cf. igualmente J.C. de C. Rocha (2020).

[25] O assassinato da vereadora Marielle Franco, do PSOL-RJ, perpetrado em 14 de março de 2018, foi *obra* de milicianos.

candidatura de Bolsonaro[26]. Destaca-se também aí a pauta dos costumes. De modo geral, os evangélicos acreditam nos valores do trabalho, do ascetismo, do esforço próprio, da ajuda mútua e abominam as lutas identitárias, o consumo de drogas e a revolução comportamental que é um aspecto das transformações civilizacionais em curso. Apoiadas em crescente adesão social[27], fortes bancadas parlamentares (a bancada da Bíblia) e poderosos meios de comunicação, tornaram-se uma respeitável força política no país. Podem desempenhar papel importante na viabilização de um novo partido político bolsonarista, o Aliança para o Brasil, ainda em formação[28]. Mas seria um equívoco imaginar que seriam dóceis aliados, pois há contradições entre os valores cultivados pelos evangélicos e determinados aspectos do credo bolsonarista, como o recurso à violência (*bandido bom é bandido morto*) e a conciliação consequente com as milícias, rejeitadas pelos evangélicos, e a liberação dos jogos de azar, que eles execram.

Num *quarto círculo*, encontram-se vastos setores das classes médias afluentes (profissionais liberais, assalariados de padrão mais alto, etc.), principalmente no sul e sudeste do país. Desorganizadas, unificaram-se em torno de Bolsonaro menos pelo compartilhamento de valores ideológicos e mais pela luta contra a corrupção e o antipetismo. A nomeação do Juiz Sergio Moro para o cargo de Ministro da Justiça consagrou a adesão destas camadas sociais a Bolsonaro, mas sua recente demissão, em 24 de abril passado, e suas denúncias contra a conciliação de Bolsonaro com a corrupção, abalaram a confiança destas bases, registrada nos índices de confiança aferidos por diversas pesquisas.

Num *quinto círculo*, finalmente, encontram-se setores importantes das classes dominantes brasileiras, do capital financeiro internacionalizado ao agronegócio, cujas propostas costumam ser veiculadas pelos grandes meios de comunicação. Eles não têm voto, mas têm recursos que condicionam votações. Num primeiro momento, viam com desconfiança a extrema-direita, preferindo um candidato de centro ou de centro-direita para derrotar o petismo. Neste sentido, apostaram suas fichas no PSDB e em seu candidato, Geraldo Alckmin. À vista do fracasso deste último, porém, migraram em massa para a

[26] Entre elas, destacam-se mesmo algumas lideranças que estão no campo das esquerdas. Por outro lado, o voto evangélico pode evoluir segundo as conjunturas, não sendo os fiéis meros *carneiros* nas mãos de seus *pastores*. Cf. B.A. Cowan, 2014. Tem crescido a literatura a respeito dos evangélicos, na proporção da importância dos mesmos na sociedade e na política do país. Cf., entre outros, citados pelo autor referido: S. Baptista (2009) e M.N. Cunha (2007).
[27] Cf. nota 19
[28] Jair Bolsonaro elegeu-se pelo Partido Social Liberal/PSL, pequeno partido sem relevância, mas que se projetou com sua vitória, elegendo a maior bancada da Câmara de Deputados, em 2018. Logo depois, contudo, o Presidente eleito desentendeu-se com os dirigentes do Partido, afastou-se do mesmo, levando consigo cerca de metade da bancada e, agora, encontra-se envolvido na formação de uma novo Partido, o Aliança para o Brasil.

ISSN 1853-8835

candidatura Bolsonaro, na expectativa de controlar e domesticar seu extremismo. A escolha de Paulo Guedes como ministro das finanças, um homem comprometido com programas e reformas ultraliberais, contribuiu para que se viabilizasse o apoio destas gentes.

Para encerrar, cumpre enfatizar o potencial de apoio social do qual dispõe Bolsonaro em camadas populares, o que, em parte, é assegurado pelo trabalho de base dos evangélicos, notoriamente ramificados, de forma capilar, nas comunidades mais pobres do país. Sua capacidade de comunicação, auxiliada por um trabalho profissional nas mídias sociais, só perde para a de Lula. Gestual e palavras obscenas, que chocam as camadas de elite e letradas do país, são, muitas vezes, encaradas como expressões de coragem e *autenticidade*, qualidades escassas entre os políticos profissionais. Não esquecer as expressivas votações de Bolsonaro nos grandes centros urbanos e nas capitais dos Estados. Mesmo na região Nordeste, que permaneceu majoritariamente fiel ao PT e a Lula, Bolsonaro venceu em grandes cidades consideradas de larga tradição de esquerda, como Recife, capital de Pernambuco. Restaria acrescentar que pesquisas recentes, ao tempo que registraram queda importante da popularidade de Bolsonaro nas classes médias, flagraram um crescimento dele nas camadas populares, o que foi atribuído ao auxílio de emergência liberado no quadro da atual pandemia[29].

A multiplicidade e a pluralidade das bases de apoio que garantiram a vitória da extrema-direita evidenciam seu caráter profundamente heterogêneo. Uma frente política constituída de forma apressada, sem propostas claras para uma série de problemas fundamentais do país (educação, saúde, transportes públicos, segurança etc.), apoiada em ideias simplistas, *salvadoras*, que ignoravam – e ignoram - a complexidade das questões com as quais teria que lidar caso o candidato fosse sufragado. Apesar de declarações altissonantes – e de bravatas em série – o que se mostra claramente é que o governo e a extrema-direita não foram capazes de gestar até o momento uma doutrina coerente. Suas formulações encontrar-se-iam num estado *gasoso*, se a metáfora me for permitida, o que dá conta das improvisações e acochambrações diversas, mal encobertas por uma estridente e poderosa propaganda. Trata-se de uma força política cujas concepções ainda estão em formação, como uma nebulosa daí as dificuldades em conceituá-la, embora

[29] Observe-se que o auxílio, de R$600,00 por mês, previsto para durar 3 meses, foi proposto pelo governo em apenas R$ 200,00. Nos debates no Congresso, aumentou para R$500,00 sendo, mais tarde, fixado em R$600,00 pelo próprio Bolsonaro. As pesquisas mostram, contudo, que o auxílio tem sido atribuído à Bolsonaro por amplas maiorias. Recentemente, o presidente anunciou a continuidade do auxílio, por mais três meses, em quantias decrescentes.

sejam bastante claros – e perigosos – seus propósitos autoritários e antidemocráticos.

Tais propósitos, como já foi assinalado, tem raízes autoritárias no passado brasileiro. Entretanto, a extrema-direita atual é bastante diferente das referências que vertebraram as ditaduras do passado. E é questionável também a aproximação que se faz entre o quadro atual e a experiência integralista dos anos 1930 e, em particular, com experiência do fascismo.

De um lado, as conjunturas internacionais que ensejaram as ditaduras e o fascismo histórico (e o integralismo) tem características qualitativamente diferentes das atuais. As ditaduras exprimiam alianças de classe bem definidas e projetos claros de modernização autoritária. Não é o caso da atual extrema-direita[30].

Quanto ao integralismo e ao fascismo, caberia uma análise em dois níveis[31].

Se pensarmos o fascismo histórico, não há consistência teórica em identifica-lo com a atual extrema-direita brasileira. O fascismo caracteriza-se por propostas de regeneração cultural, de integração e enquadramento orgânico da sociedade, de mobilização intensiva e agressiva da população. Aciona um nacionalismo exacerbado, militar, violento e expansionista e voltado para a construção de um projeto de renovação totalitária da sociedade, típico das direitas revolucionárias. Ora, este conjunto de características e de referências não se encontra no bolsonarismo[32].

Do ponto de vista da adequação e eficácia políticas do emprego do termo, há aí uma outra discussão, mas preferimos empreendê-la no próximo item,

[30] Considere-se que muitas forças políticas caracterizaram a ditadura instaurada em 1964, e também o Estado Novo, como *fascistas*. Foi mais um recurso de luta política do que um conceito adequado. Com o tempo, tais denominações perderam vigência.

[31] Para o movimento integralista, cf. H. Trindade (1979) e L. Gonçalves (2018). A presença de núcleos nostálgicos do fascismo e do nazismo no interior da reação nacionalista de extrema-direita tem levado muitos a apresentar este fenômeno novo e específico como uma ressurgência do fascismo/nazismo dos anos 1930. Foi o que tendeu a acontecer também no Brasil, em particular após o ascenso fulminante da extrema-direita. Para a especificidade do fascismo, que dispõe de abundante bibliografia, cf. Emilio Gentile (2005), sobretudo a II Parte (pp. 169-375) e Robert Paxton (2007), em particular os capítulos 7 e 8 (pp 283-361). Para uma síntese da especificidade do fascismo, segundo Paxton, cf. pp 358-361. Cf. ainda os estudos clássicos de Renzo Felice (1977) e Zeev Sternhell (1994). Para o corporativismo estatal, doutrina inspiradora do Estado Novo cf. Antonio Costa Pinto (2014). Para a vasta literatura sobre o nazismo, cf. N. Poulantzas (1978), que também considera o nazismo; I. Kershaw (2010; 2015) e R. Gelatelly (2011).

[32] Ressalvem-se interpretações que atribuem ao fascismo uma acepção mais ampla, mais elástica, enfatizando-se não propriamente a experiência histórica, mas um complexo de valores autoritários e intolerantes. Cf. U. Eco (1995).

destinado ao estudo das alternativas disponíveis para lutar contra a extrema-direita.

Ao longo do primeiro ano de mandato (2019) e até o momento (junho de 2020), a incapacidade do governo de lidar com os desafios que enfrenta, tem gerado grande desgaste a Bolsonaro, cujos índices de confiança despencaram. Tendo sido sufragado por 57,8 milhões de votos (55,13% dos votos válidos), os índices de confiança de que ainda dispõe situam-se em torno de 30%[33].

Entretanto, as oposições não se apresentam em melhor situação. As forças de esquerda, de modo geral, permanecem no fundo da cena, sem propostas claras e sem capacidade de intervenção e mobilização. Os choques e enfrentamentos políticos se dão entre a extrema-direita e forças de centro e de centro-direita democráticos, representadas pelo Parlamento e pelo Judiciário, em particular o Supremo Tribunal Federal, constantes objetos dos ataques de grupos mais radicais da extrema-direita. Apesar das referências a um possível impeachment, a hipótese ainda parece altamente improvável, pelo menos a curto prazo. É como se no palco político, em vez de duas *forças*, estivessem se confrontando duas *fraquezas*. A extrema-direita não tem capacidade – ainda não – de derrotar o Congresso e o Judiciário. Mas estas instituições também não conseguem remover Bolsonaro.

Nestas circunstâncias, como entrever e propor alternativas?

4. A democracia face à extrema-direita. Desafios & Alternativas

Entre os que observam a cena política brasileira, há um consenso de que a maioria votos obtidos por Bolsonaro nas eleições de outubro de 2018 deveu-se muito mais ao antipetismo do que propriamente ao entusiasmo suscitado pelas propostas e características do candidato vitorioso.

No quadro da ampla e heterogênea frente que se formou em torno da extrema-direita, as direitas e o centro democráticos cultivavam a expectativa de que seus *excessos* seriam contidos, neutralizados ou domesticados.

[33] Pesquisas realizadas entre 7 e 10 de maio de 2020 indicaram o crescimento da rejeição ao governo, alcançando patamar de 43,4% (governo ruim ou péssimo). Já os índices de aprovação caíram para 32%. Cf. https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/12/cntmda-avaliacao-negativa-de-governo-bolsonaro-chega-a-434.htm, consultado em 26 de junho de 2020. Tais resultados foram confirmados em novas pesquisas, publicadas em 26 de junho de 2020.

Não foi o que ocorreu.

Bolsonaro e seus aliados mais radicais, ao contrário, embalados pelo sucesso da vitória eleitoral, autoconfiantes, desferiram, desde a posse, em janeiro de 2019, uma campanha permanente de agressões e ameaças tendo como objeto principal as instituições democráticas, mas alcançando também políticos considerados potenciais rivais e não poupando inclusive aliados desqualificados como moderados. Em vez de um golpe frontal que muitos temiam, desenhou-se uma estratégia de desgaste progressivo das margens democráticas, uma perspectiva de corroer *por dentro* as instituições, mantendo-as, no limite, como se fossem cascas desprovidas de conteúdo, num estilo semelhante ao empreendido por V. Orbán na Hungria[34].

Ameaçadas, as forças políticas de centro e de direita democráticas, hegemônicas no Parlamento e no Poder Judiciário, reagiram, marcando limites às pretensões ditatoriais de Bolsonaro. As tendências e os métodos *chavistas*, de enfraquecimento progressivo das instituições democráticas, atribuídos pelas direitas ao PT e a Lula, estariam sendo, na prática, adotados por Bolsonaro[35]. Começou então uma queda-de-braço. Manifestos de intelectuais, juristas e profissionais liberais, publicados pela imprensa, afirmavam-se na defesa das instituições democráticas. *Panelaços* contra Bolsonaro, em várias cidades evidenciavam um crescimento da insatisfação.

Nesta altura, a contundência dos insultos e bravatas foi se revelando mais expressão de desejos frustrados de um líder paranoico, inconformado face aos limites objetivos de seu poder pessoal, do que de uma força política real e organizada, capaz de concretizar na prática as ameaças enunciadas[36]. Configurou-se, como apontado acima, uma disputa de *fraquezas*: entre a extrema-direita, liderada por Bolsonaro e a direita/centro democráticos,

---

[34] Observe-se que V. Orbán foi um dos poucos líderes internacionais a comparecer pessoalmente à posse de Bolsonaro, em janeiro de 2019.

[35] Elio Gaspari, em sua coluna no *Globo*, de 10 de junho de 2020, p. 3, registrou reflexões de lideranças políticas (Joice Hasselmann, ex-líder do PSL, partido do governo na Câmara de Deputados) e intelectuais (José Arthur Giannotti e Denis Lerner Rosenfeld) de direita, que, embora eleitores de Bolsonaro, manifestavam alarme com seus procedimentos autoritários, classificados como *chavismo de direita.*

[36] Para a caracterização da paranoia de Bolsonaro e de alguns de seus auxiliares, cf. a transcrição da reunião realizada pelo conselho de ministros, presidida pelo próprio Bolsonaro, em 22 de abril de 2020: http://estaticog1.globo.com/2020/05/22/laudo_digitalizado.pdf
Filmada e gravada, o conteúdo da reunião foi divulgado por decisão da Justiça, mostrando-se Bolsonaro e vários de seus correligionários tomados por um delírio de cerco muito típico das pessoas paranoicas (perseguem, mas se sentem perseguidas). Escrevi a propósito uma crônica: Um governo em cuecas, publicada em 13 de junho de 2020, em *O Globo*, p. 3. Paulo Sternick, psicanalista, em 21 de junho, no mesmo jornal, p. 3, consideraria a pulsão de morte do Presidente.

representados por líderes parlamentares e ministros do Supremo Tribunal federal. Nenhum lado mostrava-se capaz de derrotar o outro.

Recentes acontecimentos escandalosos, envolvendo a prisão de um *homem das sombras*, Fabrício de Queiroz, *faz-tudo* de Bolsonaro e de sua família, a demissão do ministro da Educação, A. Weintraub, vinculado à militância extremada, além de outras decisões do Supremo Tribunal Federal, empreendendo processos contra grupos violentos de extrema-direita, mas que podem, no limite, implicar o próprio Bolsonaro, resultaram numa atmosfera de desorientação no campo da extrema-direita, acompanhada de um relativo distensionamento, inédito, desde que Bolsonaro assumiu a presidência da república[37].

Já se fazem ouvir vozes, cautelosas, prognosticando o início de uma nova etapa no governo de extrema-direita, onde este, afinal, aceitaria uma certa dose de controle e domesticação. Difícil imaginar que isto possa acontecer, dadas as características e a trajetória de Bolsonaro. A ameaça à democracia representada pela extrema-direita continua bem real. Suas bases sociais não podem ser subestimadas, podendo inclusive crescer na direção das camadas populares[38].

O dado novo é que as forças de esquerda democrática começam a sair do torpor que as caracterizou desde a derrota eleitoral de 2018. Entre elas cabe distinguir as ações empreendidas pelas *esquerdas de estado* e pelas *esquerdas sociais.*

A conceituação tem sido defendida por Carlos Vainer, professor vinculado ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional/IPPUR/UFRJ). *As esquerdas de estado* seriam representadas pelos partidos políticos ou outras associações que disputam espaços institucionais, e ritmam seus movimentos de acordo com os calendários eleitorais. Já as *esquerdas sociais* seriam constituídas por lideranças que operam no tecido social, articulando e organizando movimentos que se desdobram na base da sociedade. Estas esquerdas, sempre plurais, não necessariamente haverão de estar desarticuladas e/ou apartadas. No Brasil atual, porém, no quadro da *nova*

[37] Fábricio Queiroz foi preso em 25 de junho pela polícia civil do Estado de São Paulo. A. Weintraub foi demitido no dia seguinte, 26 de junho. O impacto nas mídias sociais de extrema-direita, sempre muito ativas, foi flagrado por David Nemer, da Universidade de Virgínia, que registrou, no dia seguinte à prisão de Fabrício Queiroz, uma queda brusca de 48% no movimento destas mídias. Cf. *O Globo*, 16 de junho, p. 8.

[38] Além do núcleo de algo em torno de 30% que permanecem fiéis a Bolsonaro, recorde-se a força capilar – e popular – dos evangélicos e mais o crescimento possível como resultado de políticas assistencialistas como o já anunciado programa *Renda Brasil*, entre outras iniciativas possíveis.

república, estabeleceu-se uma grande distância entre elas, na medida em que as primeiras – *as esquerdas de estado* – têm sido aspiradas pelas *alturas institucionais* das lutas políticas, afastando-se claramente das dinâmicas, aspirações e movimentos que se desdobram nas bases da sociedade, onde atuam as *esquerdas sociais*[39].

Em contraste com uma situação de anomia que as marcou desde a derrota eleitoral de 2018, as *esquerdas de estado* ensaiam articulações no sentido da constituição de uma frente política em defesa da democracia.

Já as *esquerdas sociais* evidenciam maior dinâmica. Em várias cidades, tomam iniciativas para se defender dos efeitos da pandemia, organizando serviços próprios de saúde, desempenhando papéis que caberiam ao Estado, mas que não são por este assumidos por negligência ou incompetência. Nas ruas, apesar dos interditos impostos pela pandemia, promovem manifestações, que passaram a disputar os espaços públicos com os grupos de extrema-direita. Nas mídias sociais, fervilham ações de diferentes tipos – debates, palestras, *lives*. Intelectuais e artistas formulam plataformas comuns, assinam manifestos e se pronunciam em defesa da democracia[40]. É bastante provável que, desaparecidos ou atenuados os efeitos da pandemia, brotem importantes movimentos sociais, dando vazão a demandas por melhores condições vida, serviços públicos decentes, renda básica para todos, diminuição das desigualdades sociais etc.

Trata-se de garantir as margens democráticas existentes, reunindo em torno delas, sem exclusões, todos os que estiverem dispostos a lutar por sua preservação. A ideia de concretizar este movimento em torno de uma plataforma *antifascista* pode ser problemática. Para além da já referida inconsistência teórica, é de se perguntar se as amplas maiorias saberão sequer o que significa o termo *fascismo*. Por outro lado, e mais importante, uma frente popular democrática deveria se evidenciar como alternativa – positiva e construtiva – e não apenas se formar na base do *anti*, eis que tais frentes – negativas – tendem a perder o essencial: de que democracia se está falando, que democracia é preciso construir[41].

[39] Cf. intervenção de Carlos Vainer na emissão Rebeldes, sempre, em três partes, a partir dos seguintes links: https://youtu.be/qXH0-HddWs0; https://youtu.be/CjqIGm7EwaY; https://youtu.be/24BejEGfwmQ

[40] Alcançaram grande repercussão, manifestos assinados por intelectuais de esquerda e do centro e direitas democráticos: "Estamos juntos"; "Basta" (juristas); "Somos 70%" e "Enquanto houver racismo, não haverá democracia".

[41] Cabe assinalar, contudo, que diversas manifestações e articulações populares têm se autoidentificado como *antifascistas*. Assim, não é de se excluir a hipótese que esta terminologia se afirme e se generalize.

Entretanto, é preciso ir além de defender apenas as margens democráticas existentes – restritas e limitadas. Neste sentido, cabe às esquerdas democráticas – *de estado e sociais* - se reinventarem e se reaproximarem: a prioridade é investir na ativação dos movimentos de rua, recuperando musculatura no tecido social, reconstruindo forças de que já dispuseram, mas as perderam, e sem as quais não conseguirão retornar ao proscênio, hoje ocupado pela extrema-direita e pelas direitas e centro democráticos.

Num plano mais geral, as esquerdas democráticas precisam formular um programa de *democratização da democracia*, uma condição indispensável para que as gentes tornem a se interessar – e a proteger, no limite, a se dispor a salvar – o regime democrático ameaçado.

Um conjunto complexo de desafios. Que sejam capazes de suscitar, como sugeriu Zizek (2017), a *coragem da desesperança*. Deste tipo de coragem é que dependerá a sorte da democracia no Brasil.

Bibliografia

Aarão Reis, D. (2020). Notas para a compreensão do Bolsonarismo. *Estudos Ibero-americanos*, v. 46, n° 1.

Aarão Reis, D. (2019). As armadilhas da memória e a reconstrução democrática. In S. Abranches e alii, *Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje* (pp. 274-286). São Paulo: Companhia das Letras.

Aarão Reis, D. (2018). Aproximações, contrastes e contradições entre paradigmas de mudança social: os cinquenta anos de 1968. In Daniel Aarão Reis e alii, *1968, reflexos e reflexões* (pp 15-30). São Paulo: Edições SESC.

Aarão Reis, D.; Ridenti, M. e Patto Sá Motta, R. (orgs.) (2014). *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Alonso, A. (2019). A comunidade moral bolsonarista. In S. Abranches e alii, *Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje* (pp. 52-70). São Paulo: Companhia das Letras.

Ash, T. G. (2011). *Os fatos são subversivos. Escritos políticos de uma década sem nome*. São Paulo: Companhia das Letras.

Abranches, S. et alii (2019). *Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo: Companhia das Letras.

Baptista, S. (2009). *Pentecostais e Neopentecostais na política brasileira: um estudo sobre a cultura política, estado e atores coletivos religiosos no Brasil.* São Paulo: Annablume.

Bobbio, N. (1995). *Direita e Esquerda. Razões e significados de uma distinção política.* São Paulo: Unesp.

Cordeiro, J. M. (2015). *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento.* Rio de Janeiro: FGV.

Cowan, B. A. (2014). "Nosso terreno": crise moral, política evangélica e a formação da "Nova Direita" brasileira. *Vária História*, n° 52, volume 30, pp 101-125.

Cunha, M. do N. (2007). *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad.

Eco, U. (1995). Ur-Fascism. *New York Review of Books*, 22.

Felice, R. de (1977). *Interpretations of fascismo*. Cambridge: Harvard University Press.

Ferreira, G. A. A. (2015). *Cowboys do asfalto.* Rio de Janeiro: Record.

Fraser, N. (2007). Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Estudos Feministas*, 15(2), 240, pp. 291-307.

Gelatelly, R. (2011). *Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha nazista.* Rio de Janeiro: Record.

Gentile, E. (2005). *La vía italiana al totalitarismo. Partido y Estado en el régimen fascista.* Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Gomes, P. C. (2019). *Liberdade vigiada. As relações entre a ditadura militar brasileira e o governo francês: do golpe à anistia.* Rio de Janeiro: Record.

Gonçalves, L. P. (2018). *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975).* Rio de Janeiro: FGV Editora.

Grinberg, L. (2009). *Partido político ou bode expiatório. Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional/ARENA, 1965-1979.* Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ.

Kershaw, I. (2015). *The Nazi Dictatorship. Problems and perspectives of interpretation.* Londres: Bloomsbury Academic.

Kershaw, I. (2010). *Hitler: A biography*. São Paulo: Companhia das Letras.

Levitsky, S. e Ziblatt, D. (2018). *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.

Linz, J. J. e Linz, J. J. (2000). *Totalitarian and authoritarian regimes*. Lynne Rienner Publishers.

Linz, Juan e Stepan Alfred (eds.) (1978). *The breakdown of democratic regimes: Europe*. Baltimore: John Hopkins University Press.

Magalhães, L. G. (2014). *Com a taça nas mãos: sociedade, copa do mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj.

Maia, T. de A. (2012). *Cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975)*. São Paulo: Instituto Itáu Cultural/ Iluminuras.

Maciel, L. e N. e Conegundes J. (orgs.) (2012). *Orvil, tentativas de tomada do poder*. São Paulo: Ed. Schoba.

Motta, R. P. S. (2014). *As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: J. Zahar. No prelo.

Paxton, R. O. (2007). *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra.

Piketti, T. (2014). *Capital in the Twenty-First Century*. Cambridge: Belknap Press.

Pinto, A. C. (2014). O corporativismo nas ditaduras da época do fascismo. *Vária História*, n° 52, volume 30, pp. 17-49.

Poulantzas, N. (1978). *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes.

Przeworski, A. (2019). *Crises of democracy*. Cambridge: Cambridge University Press.

Rocha, J. C. de C. (2020). Bolsonaro e a proposta de guerra cultural. Entrevista concedida ao site Pública, 28/5/2020. https://apublica.org/2020/05/quanto-maior-o-colapso-do-governo-maior-a-virulencia-da-guerra-cultural-diz-pesquisador-da-uerj/

Rollemberg, D. (2008). Memória, opinião e cultura política: a Ordem dos Advogados do Brasil sob a ditadura, 1964-1974. In D. Aarão Reis e D. Rolland (orgs.) *Modernidades Alternativas* (pp. 57-96). Rio de Janeiro: FGV.

Rollemberg, D. (2010). A Associação Brasileira de Imprensa/ABI e a ditadura, 1964/1974. In D. Rollemberg e S. Viz Quadrat (orgs.) *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX*, volume 2 (pp. 97-144). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Rollemberg, D. e Quadrat, S. V. (orgs.) (2010a). *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX.* 3 volumes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Runciman, D. (2018). *Como a democracia chega ao fim.* São Paulo: Todavia.

Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro.* São Paulo: Companhia das Letras.

Singer, A. (2012). *Os sentidos do lulismo. Reforma gradual e pacto conservador.* São Paulo: Companhia das Letras.

Solano, E. (2019). A bolsonarização do Brasil. In S. Abranches e alii. *Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje* (pp 307-321). São Paulo: Companhia das Letras.

Soper, K. (1999). Conserving the Left: Reflections on Norberto Bobbio, Anthony Giddens and the Left-Right Distinction. *Theoria: A Journal of Social and Political Theory*. n. 94, pp 67-82.

Starling, H. M. (2019). O passado que não passou. In S. Abranches e alii. *Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje* (pp. 337-354). São Paulo: Companhia das Letras.

Sternhell, Z.; Sznader, M. e Asheri, M. (1994). *The origins of fascist ideology*. Princeton: Princeton University Press.

Torney, S. (2019). *Populismo, uma breve introdução*. São Paulo: Cultrix.

Trindade, H. (1979). *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel.

Zizek, S. (2017). *A coragem da desesperança.* Rio de Janeiro: Zahar.

Recibido: 25 de Agosto de 2020
Aceptado: 3 de Septiembre de 2020
Versión Final: 2 de Octubre de 2020

artigo original

OS NEOFASCISMOS NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA. UM DIÁLOGO COM ODILON CALDEIRA NETO

Neo-Fascisms in Brazil and Latin America. A Dialogue with Odilon Caldeira Neto

Larissa Jacheta Riberti[a]
https://orcid.org/0000-0002-9695-7709
E-mail: larissa.riberti@gmail.com

[a] Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de História do Ceres, Caicó, RN, Brasil.

DEBATE
NEOFASCISMO NO BRASIL/NEO-FASCISM IN BRAZIL/NEOFASCISMO EN BRASIL

Esboços, Florianópolis, v. 29, n. 52, p.681-692, set./dez., 2022.
ISSN 2175-7976 DOI http://doi.org/10.5007/2175-7976.2022.e91734

RESUMO

O artigo tem como objetivo estabelecer um diálogo com Odilon Caldeira Neto, autor de "Neofascismo no Brasil, do local ao global?". Nesse sentido, o artigo propõe debater alguns elementos que possam ser incorporados como fundamentais para o entendimento do neofascismo e das extremas direitas no Brasil e na América Latina. Tais fenômenos parecem recuperar características comuns também aos fascismos clássicos, além de elementos singulares que expressam as condições históricas, sociais, culturais, políticas e econômicas, próprias dos contextos nos quais tais experiencias se expressam.

PALAVRAS-CHAVES

Neofascismo. Brasil. América Latina.

ABSTRACT

In this article we seek to establish a dialogue with Odilon Caldeira Neto, author of "Neofascism in Brazil, from local to global?". Therefore, we propose to discuss some elements that can be incorporated as fundamental to the understanding of neo-fascism and the extreme right in Brazil and Latin America. These phenomena seem to recover characteristics that are also common to "classical fascisms", in addition to elements that express the historical, social, cultural, political, and economic conditions, typical of the contexts in which such experiences are expressed.

KEYWORDS

Neo-fascism. Brazil. Latin America.

A transição dos séculos XX e XXI tem sido marcada pela ascensão de grupos, partidos e governos que conjugam propostas e ideologias políticas em geral categorizadas como de "extrema direita", "ultradireita" e/ou "neofascistas" em várias partes do mundo. Dentre os exemplos que podemos citar estão o de personagens como Donald Trump, nos Estados Unidos, Marine Le Pen, na França, Matteo Salvini, na Itália, Volodymyr Zelensky, na Ucrânia, Viktor Orban, na Hungria e Jair Bolsonaro, no Brasil. Além disso, podemos citar grupos como o FPÖ, na Áustria, o Vlaams Belang, na Bélgica, os partidos ultradireitistas e de características anticomunistas declaradas Vox, na Espanha, e Chega, em Portugal.

Na América Latina, o fenômeno da ascensão dos neofascismos é identificado por alguns estudiosos, como Carlos Figueroa Ibarra e Octavio Velador (2021), em sua vinculação com o declínio de governos progressistas, além da ênfase ao anticomunismo e os ataques diretos aos grupos de esquerda. Além disso, destacam esses autores, as extremas direitas do século XXI fazem uso de táticas golpistas e neogolpistas para prevalecer seus interesses. Exemplos desse tipo podem ser encontrados não apenas no Brasil marcado pela ascensão de Bolsonaro, mas no México, com a Frente Anti AMLO (FRENA), na Bolívia, com o Comité Cívico Santa Cruz, na Acción Republicana do Chile, na Fundación Contra el Terrorismo, da Guatemala, e no grupo Voluntad Popular e outros setores golpistas antichavistas na Venezuela (IBARRA; VELADOR, 2021).

Essa realidade tem ensejado, nos últimos anos, esforços significativos de pesquisadores que tentam definir traços que possam auxiliar na identificação de grupos, comportamentos, programas de governo ou lideranças de extrema direita que propagam ideias e inspirações neofascistas. Longe de criar uma "régua" que balize o que pode ou não ser enquadrado como "neofascista", os esforços se conjugam para tentar impedir generalizações e a utilização banalizada do termo, e para construir uma visão mais realista e racionalizada dos fenômenos políticos e históricos que nos cercam.

No Brasil, por exemplo, o uso da palavra "fascista" se tornou ostensivo e, de certa forma vulgarizado, principalmente em postagens de redes sociais, no contexto que marcou a ascensão e a vitória de Jair Bolsonaro, em 2018, quando ele ainda era filiado ao Partido Social Liberal. Seu plano de governo naquele momento, que incorporava o slogan "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", continha propostas de conteúdo fundamentalista, extremamente nacionalistas e neoliberais, na medida em que apoiava ações que tornavam seletivo o exercício da cidadania e hierarquizavam grupos sociais como mais ou menos merecedores de direitos. A alcunha "fascista" também foi associada ao líder em função das conhecidas declarações machistas, racistas, xenofóbicas e homofóbicas motivadas por um evidente ódio e desprezo pelas minorias.[1] Ao longo de seu mandato, a característica "neofascista" de seu governo foi se moldando de forma mais acabada, à medida que sua atuação passou a ser cada vez mais arbitrária, violenta e aparelhadora e contou com um grupo fiel de seguidores que, nas ruas e nas redes, propagou os elementos de sua ideologia e prática políticas.

[1] Foram várias as ocasiões em que Bolsonaro proferiu discursos de ataque à determinados grupos sociais. Em 2011, quando cumpria um de seus mandatos como Deputado Federal, Bolsonaro disse ao jornal "O Tempo" que "nós temos de legislar para a maioria, e não para a minoria. A minoria tem de se curvar, obedecer, e ponto final". A frase fazia referência ao posicionamento do STF que reconheceu aos casais homossexuais os mesmos direitos que se aplicam à união estável entre pessoas de sexo diferente. Na mesma entrevista, Bolsonaro exprime opiniões violentas sobre homossexuais, sobre um suposto preconceito com heterossexuais e sobre a existência do "kit gay", material que estimularia crianças a adolescentes a se convertem à homossexualidade e que estaria sendo distribuído nas escolas. FADUL, Telmo. Entrevista "A minoria tem que se curvar". *O Tempo*. 22 maio 2011. Disponível em: https://www.otempo.com.br/politica/a-minoria-tem-que-se-curvar-1.352269

Em seu artigo "O neofascismo no Brasil, do local ao global?" Odilon Caldeira atende ao desafio de tentar racionalizar as operações de análise para entender em que medida determinadas lideranças, grupos e partidos podem ser classificados enquanto "neofascistas" no Brasil e na América Latina. Uma das problemáticas ensejadas pela ascensão dos neofascismos na região é justamente a de responder qual o grau de influência dos fascismos clássicos na construção de agendas, programas, discursos símbolos e ações dos atuais movimentos e personagens. Uma premissa imprescindível para responder a tal pergunta, portanto, é considerar que os fascismos devem ser entendidos a partir de sua transnacionalidade.

Sobre o assunto, vale abrir um parêntese para destacar que o debate sobre a existência ou não de fascismos fora da Europa nem sempre resultou em análises preocupadas em ampliar o escopo de interpretação e recuperar as experiências em contextos internacionais. Autores como Stanley Payne (2014), Robert Paxton (2007), Emilio Gentili (2004) defenderam a impossibilidade de que fenômenos fascistas pudessem ocorrer em outros continentes, já que o que se identificou foram movimentos de inspiração fascista pouco difundidos e com pouca capacidade de serem incorporados pelas massas. Payne (2014, p. 105) afirma que "en América Latina no hubo sino unos pocos movimientos específicamente fascistizantes, y el único que gozó de éxito fue el equívoco fenómeno del peronismo". Para o autor, algumas das razões que impediram o surgimento de fascismos "reais" na região foram a falta de mobilização política das classes sociais, o caráter não competitivo dos nacionalismos, um elitismo patronal que se manifestava na capacidade dos grupos dominantes e menos radicais em reprimirem o nacionalismo revolucionário, a composição multirracial da maioria das sociedades e a dominação política dos militares (p. 104).

A afirmativa pode ser facilmente questionada se recuperarmos trabalhos como o de Hélgio Trindade (1974), que analisa a formação da Ação Integralista Brasileira na década de 1930 e a sua transformação em organização política de massas. Além de contar com milhares de integrantes, a AIB reuniu um aparato que expressou símbolos e discursos fascistas, tais quais a adoção da letra grega Sigma (como equivalente da Suástica), o uso do lema "Deus, Pátria e Família", do termo "Anauê" como forma de saudação, bem como a utilização de camisas verdes para distinguir seus membros a partir de uma vestimenta em comum. Gabriela de Lima Grecco e Leandro Pereira Gonçalves (2022, p. 7-8) também fornecem outros elementos históricos que atestam a existência de movimentos e grupos fascistas para além da Europa. São eles o Partido União Revolucionária, do Peru, os "Camisas Doradas" do México, que tinham como lema "Pela Pátria e pela Raça", o Movimento Nacional-Socialista chileno e a Falange Socialista Boliviana. Por fim, Fabio Bertonha (2013) descreve os fascismos na América Latina como "movimentos autóctones" que caracterizam um fenômeno internacional diverso, cujas condições locais determinaram as possibilidades desses mesmos movimentos evoluírem em partidos mais estruturados e populares e, assim, chegarem ao poder (BERTONHA, 2013, p. 32).

Odilon Caldeira ressalta que um dos pressupostos das investigações que assumem o caráter transnacional dos fascismos e que buscam entender as características das extremas direitas, é dialogar diretamente com o desenvolvimento de estudos sobre os chamados "fascismos clássicos", ou seja, aqueles ocorridos no entreguerras. Esse diálogo, portanto, torna-se fundamental para entender a emergência dos neofascismos em contextos históricos mais recentes e escapar das interpretações reducionistas.

Sobre o fenômeno do neofascismo no Brasil, Caldeira destaca duas questões fundamentais, sendo a primeira delas justamente a necessidade de compreender o "estatuto próprio" de seu desenvolvimento. Isso implica considerar que o neofascismo não foi simplesmente um reprodutor dos resquícios do fascismo clássico e de suas redes globais ou transnacionais. Essa primeira questão me parece de suma importância, visto que a construção

de uma experiência neofascista no Brasil, manifestada principalmente por grupos de extrema direita, enseja a utilização de novos discursos, símbolos e práticas, bem como novas metodologias e instrumentos – como as redes sociais, por exemplo – para alcançar e ser incorporada pelas massas. Além disso, Caldeira defende que o "aspecto transnacional do neofascismo tem ritmos e esferas próprias, fruto de aspectos conjecturais e das ambições de grupos e lideranças neofascistas, assim como de afinidades temáticas mais ou menos pontuais". Isso pressupõe pensar que a forma como grupos, líderes e a agenda neofascista se constrói depende de uma realidade objetiva, formada por condições culturais, materiais, econômicas e sociais que variam profundamente a depender do contexto ao qual estão inseridas. Por isso, em grande medida, o que observamos no Brasil é a eclosão de um neofascismo cuja organização utiliza estratégias políticas que fomentam na opinião pública uma ideia de crise política e econômica incontornável, cuja solução pressuporia negar a cultura política e as instituições construídas até então, além de promover a ascensão de um novo líder.[2]

De forma a organizar como se reproduzem os neofascismos no contexto brasileiro das últimas décadas, Odilon Caldeira divide a experiência nacional em três momentos. O primeiro, que vai dos anos 1980 e 2000, é marcado pela atuação de grupos neonazistas, neointegralistas e negacionistas do holocausto. Já a partir dos anos 2000, os grupos neointegralistas ocupam destaque no cenário neofascista brasileiro, na medida em que eles reivindicam na atualidade uma espécie de verdadeira representação do integralismo e do fascismo "original". Esse período também é marcado por um refluxo nas atividades negacionistas, especialmente em função das questões jurídicas, além de um recuo na capacidade de organização e ação de grupos neonazistas. Já a década de 2010 mostra a consolidação de um tipo de neofascismo que passa a ser amplamente diversificado e radicalizado, inclusive como reflexo do surgimento de uma nova direita radical sintetizada, segundo Caldeira, em parte por grupos envolvidos com o processo eleitoral de Jair Bolsonaro.

Assim, os neofascismos das últimas décadas revelam a capacidade de grupos, líderes e partidos de extrema direita de incorporarem, ao mesmo tempo, características do fascismo histórico – nacionalismo, autoritarismo, a negação dos sistemas políticos, o emprego necessário da violência – e elementos novos, característicos de uma nova direita radical. Tais elementos novos, como o negacionismo e a metapolítica, são importados pelas extremas direitas brasileiras através da interlocução com autores europeus que pregam a chamada "quarta teoria política", de Aleksander Dugin,[3] bem como àqueles associados à "Nova Direita Europeia".

Para ampliar o diálogo proposto nesse artigo, sugiro avançar no marco cronológico proposto por Odilon Caldeira e elencar aqui alguns elementos históricos que me parecem imprescindíveis para entenderemos o que podemos chamar de "reconfiguração" do neofascismo no Brasil e na América Latina a partir de 2010. Em primeiro lugar, a região vem sendo fortemente marcada pela interrupção – violenta e golpista, me muitos casos – dos projetos progressistas que conformaram a chamada "maré rosa" na primeira década do século XXI. Caracterizada pela ascensão de governos de esquerda ou oriundos de coalizões que

---

[2] Esses "novos líderes", como Donald Trump e Volodymyr Zelensky , são comumente chamados de "outsiders" e são personagens cujos discursos podem, muitas vezes, negar a validade das práticas e instituições políticas tradicionais ou ulteriores à sua aparição. Assim, a figura de outsider apoia-se na crítica aos políticos "tradicionais" e apresenta-se como uma alternativa a um descontentamento generalizado que pode ser causado por momentos de crise econômica ou política. O sucesso desses "outsiders" se dá, em grande medida, porque eles acabam sendo classificados como *anti-establishment* e/ou populistas e essas características tendem a ser mais importantes do que a falta de experiência política que possuem. (BARR, 2009).

[3] Em linhas bastante gerais, a Quarta Teoria Política é a tentativa de construir um corpo teórico sólido capaz de lançar as bases para a construção de novas ideologias políticas alternativas e que superem o liberalismo, o comunismo e o nacionalismo.

incorporaram partidos de centro e de esquerda, essa onda foi integrada por países como Venezuela, Brasil, Argentina, Bolívia, Paraguai, Equador, El Salvador, Chile, consolidando, assim, um ciclo que, ao menos do ponto de vista político, tentou romper com a imposição do modelo neoliberal preconizado pelo Consenso de Washington. De acordo com Santos *et al*. (2020, p. 7):

> Além do retorno do Estado e do horizonte pós-neoliberal que encarnaram, estes processos se caracterizaram também pela alta popularidade de suas lideranças, um crescimento econômico baseado no aprofundamento do capitalismo extrativista e na reprimarização exportadora, assim como em uma melhor divisão de renda, com políticas sociais e programas de combate à miséria. Novos atores políticos e até novas formas de fazer política surgiram a partir dessa conjuntura, com posicionamentos diversos, muitas vezes em contraposição ao conservadorismo e ao neoliberalismo.

Armando Boito (2020) ressalta que, se no Chile e na Argentina, neoliberais e ultraconservadores chegaram ao poder pelo voto popular, no Brasil essa ascensão é capitalizada, principalmente, pelos agentes que participaram do golpe de Estado que depôs Dilma Rousseff, em 2016. O cenário contribuiu para colocar em movimento forças conservadoras e antidemocráticas, desacreditar o voto popular, a democracia e as instituições, e estimular junto aos meios de comunicação a ideia de uma crise política e econômica incontornáveis. Boito ainda destaca que, se num primeiro momento, o golpe foi organizado por forças políticas tradicionais,[4] pertencentes aos quadros da direita ou de setores de centro, ele culminou na ascensão de uma extrema direita personificada na figura de Jair Bolsonaro, e legitimada por seus ativistas mais fiéis – militares, representantes de setores do agronegócio e da indústria, líderes evangélicos. Por fim, culminou na coalisão de uma direita neofascista com uma direita tradicional, que conferiu não só coesão ao governo que emergia naquele momento, mas também a consolidação de elementos que configuram uma nova programática política, tais quais a defesa de pautas morais, que se opõem à diversidade sexual e as identidades de gênero, e criminalizam direitos reprodutivos, o retrocesso nos direitos trabalhistas e previdenciários, a imposição de uma doutrina religiosa nas esferas institucionais, a negação da luta de classes, a desqualificação do processo eleitoral, o elogio ao autoritarismo, ao armamentismo e à violência como respostas legítimas para o problema da insegurança pública.

Por sua vez, Ariel Goldstein (2019) situa a ascensão da extrema direita no Brasil num contexto em que os efeitos da crise econômica de 2008 – que chegaram ao Brasil entre 2012 e 2013 – impulsionaram manifestações que evidenciaram um profundo desencantamento com a política tradicional (2019, p. 20). Para o autor, essa foi a expressão de uma divisão existente entre as expectativas da população e a incapacidade das instituições tradicionais de canalizá-las. Assim, a crise do projeto nacional-desenvolvimentista do Partido dos Trabalhadores, encontra lugar num momento de refluxo de investimentos, queda de popularidade da presidenta e forte oposição de setores conservadores. A esse contexto somam-se fatores históricos como a eclosão da mobilização social em 2013, a realização da Copa do Mundo, as investigações empreendidas no âmbito da Lava Jato e a ascensão de movimentos como o MBL (Movimento Brasil Livre) e o Escola Sem Partido de clara tendência reacionária e golpista. As redes sociais e as mídias digitais resultaram ser o terreno em que as batalhas discursivas aconteceram contra o progressismo e o projeto de sociedade representado não apenas pelo PT, mas pelas esquerdas em geral. Em grande

[4] Destaca-se aqui, por exemplo, a participação de personagens que atualmente encontram-se mais ou menos ocultos no cenário político brasileiro como Aécio Neves e Michel Temer.

medida, foi nas redes em que muito do antigo discurso paranoico e anticomunista, tão característico dos tempos da guerra fria, se reciclou e circulou inclusive entre as novas gerações.

Sobre o assunto, é importante considerar o lugar central que os discursos anticomunistas e antipetistas ocupam na construção da agenda neofascista incorporada por partidos e por grupos de extrema direita no Brasil das últimas décadas. Rodrigo Patto Sá Motta (2019) historiciza o comportamento anticomunista no país no último século, recuperando a forma como o ataque às esquerdas e seus partidos foi sendo instrumentalizados desde pelo menos 1930. Naquele momento, o anticomunismo nutria-se de inspirações fascistas, e era destinado a combater uma possível influência do ideário bolchevique emanado pela União Soviética. Por isso, naquele contexto as representações anticomunistas podiam ser reverberadas por grupos, líderes e movimentos que pertenciam a três vinculações distintas: o cristianismo, o nacionalismo e o liberalismo.

A força com que o anticomunismo se alastrou pela sociedade brasileira no passado pode ser atestada pelo fato de que esse argumento serviu de justificativa para os golpes de 1937 e 1964 (MOTTA, 2019). A crença na ameaça comunista foi um dos elementos mais importantes para a mobilização golpista que depôs João Goulart, sobretudo porque uniu "grupos que tinham divergências em outras questões, por exemplo, liberais e fascistas" (MOTTA, 2019, p. 82).

Os discursos anticomunistas que são reverberados no presente, porém, estão conjugados com um sentimento antipetista que, durante o golpe contra Dilma Rousseff, foi amplificado por setores direitistas e pela mídia tradicional. No contexto atual, em que vivenciamos um processo eleitoral no qual Jair Bolsonaro buscava sua reeleição, o antipetismo parece ter se consolidado como um elemento fundamental que caracteriza o neofascismo no Brasil – ao menos o neofascismo representado pelos bolsonaristas.

De acordo com Motta (2019), a difusão do antipetismo como arma para fomentar o combate à agenda política progressista representada pelo PT e pela esquerda de maneira geral, contou com a participação de lideranças intelectuais importantes, como filósofos, jornalistas e historiadores. O principal deles foi, sem dúvida alguma, Olavo de Carvalho, um filósofo autodidata cujos vídeos foram amplamente divulgados a partir de 2015, no marco das manifestações a favor do "impeachment". Carvalho se destacou por utilizar métodos de debate político mais agressivos, que atacavam violentamente alvos de esquerda, destruindo sua credibilidade e empregando estratégias de negacionismo e revisionismo histórico para vulgarizar as interpretações sobre o passado, além de desacreditar análises científicas de historiadores e sociólogos.[5] Os discursos antipetistas buscaram, ainda, conectar os Estados como Cuba e Venezuela aos governos liderados pelo PT. Para isso, foram criadas expressões como "lulocomunismo" e "comunopetismo" que trouxeram, segundo Motta (2019, p. 87), um rendimento propagandístico ímpar pois alimentaram a crença de que os projetos políticos petistas necessariamente conduziriam o país ao fracasso de experiências comunistas anteriores.

A conjugação do anticomunismo ao antipetismo, no caso brasileiro, resultou ser um dos argumentos imprescindíveis na construção da figura do "inimigo" cuja existência, segundo os setores de extrema direita, contamina e degenera a sociedade. A eliminação desse inimigo, projetado pelo uso símbolos como a foice e o martelo, pelo vestuário de cor vermelha, por traços físicos, e por comportamentos sexuais ou políticos (feministas, homossexuais, socialistas, anarquistas), impõe-se como tarefa urgente capaz de ser

---

[5] Advém dessas estratégias a famigerada equivalência entre nazismo e comunismo, por exemplo. Além disso, os vídeos de Olavo de Carvalho difundiam uma memória elogiosa do período ditatorial, que pregavam a exaltação de militares e torturadores, como o coronel Brilhante Ustra e a vexação de vítimas dos militares.

ISSN 2175-7976 DOI http://doi.org/10.5007/2175-7976.2022.e91734

executada apenas pelas potencialidades reunidas por grupos e partidos específicos. Assim, constrói-se uma agenda de ações e discursos violentos proferidos contra os supostos "inimigos", e amplamente difundida e defendida pela extrema direita, que passa a ser executada em práticas cotidianas. Para citar algumas delas, podemos recuperar vários casos em que o grupo Escola Sem Partido acusou professores de "doutrinação comunista" em sala de aula, além do ataque direto contra Judith Butler na ocasião em que ela proferiu uma conferência no Brasil (GOLDSTEIN, 2019, p. 23).

É necessário ressaltar que, do ponto de vista internacional, a construção da figura do "inimigo" vai variar conforme o contexto no qual o neofascismo emerge. De acordo com Michael Löwy (2019), em alguns países muçulmanos - por exemplo naqueles em que o Estado Islâmico ascendeu como força política, militar e religiosa hegemônica – cristãos, judeus, yezhidis e praticantes de religiões de matrizes africanas, como o candomblé e a umbanda, tornaram-se o "bode expiatório". Já em contextos nos quais as extremas direitas lançam programas de combate à imigração – o caso da França, Espanha, Portugal e Estados Unidos – são incorporados discursos e ações que estimulam a xenofobia e o racismo. Em países da América Latina e do Leste Europeu, em geral mais tradicionais e conservadores do ponto de vista das discussões sobre gênero e dos direitos reprodutivos, o ódio pode ser canalizado contra mulheres e comunidades LGBTQIA+.

Apesar dos traços peculiares identificáveis nos muitos neofascismos espalhados pelo mundo, Michael Lowy chama a atenção para características em comum desse fenômeno e que podem ser identificadas também no caso brasileiro. Uma delas é o uso de slogans locais que expressam o componente ultranacionalista, e, portanto, xenofóbico, de tais forças políticas. Nos Estados Unidos de Donald Trump, tornou-se comum o lema "America First". Já no Brasil de Bolsonaro e dos bolsonaristas, o slogan "Brasil acima de tudo" denota um nacionalismo extremo e que, na prática, nega um país historicamente marcado por desigualdades sociais e raciais profundas.

Assim, os elementos que caracterizam o que parece ser a forma mais lapidada de um neofascismo encampado pelas extremas direitas no Brasil dos últimos tempos mesclam aspectos novos e velhos. Por um lado, a luta contra a corrupção, por exemplo, tão presente nos discursos e bandeiras dos bolsonaristas, recupera uma tradição dos conservadores desde os anos 1940 (LÖWY, 2019). Já a agenda ultra neoliberal das políticas econômicas de Bolsonaro consiste num ponto de divergência em relação a boa parte da extrema direita, em particular a europeia, que denuncia a globalização neoliberal em nome do protecionismo e do nacionalismo econômico. O neofascismo "à brasileira", que encontra no bolsonarismo a sua principal válvula de escape, incorpora um programa econômico que se alinha aos interesses imperialistas dos Estados Unidos e defende a abertura dos mercados, além de um modelo de privatizações em áreas estratégicas, como a do petróleo, que beira ao entreguismo. Além disso, articulou setores importantes do legislativo nacional, como os partidos de centro, para a aprovação de reformas impopulares que resultaram na redução dos direitos sociais e previdenciários.

Outro traço inegável do neofascismo brasileiro é o uso da religião como elemento aglutinador das massas (LÖWY, 2019) Os discursos proferidos por líderes de Igrejas neopentecostais que defendem um modelo tradicional de família – heterossexual, monogâmico e patriarcal – e que condenam as relações homossexuais, as pautas feministas e as questões de gênero, tiveram relevância substantiva na conquista da aceitação popular. Em grande medida, a defesa da "família", da "moral" e da "decência" fornece elementos para combater uma sociedade supostamente degenerada e contaminada pelas esquerdas, pelas "ideologias" de gênero e pela imoralidade sexual. Assim, a ascensão do neofascismo faz-se em meio a um contexto golpista em que os evangélicos "voltaram-se contra o mesmo projeto que mais sistematicamente os cortejou e empoderou" (BURITY, 2018, p. 33). Em

outras palavras, esse setor religioso, beneficiado pela expansão da democracia e pela ampliação de direitos que protegeram as diferentes práticas religiosas, passou a combater os governos do PT a partir de uma ideia que tornou irreconciliável qualquer programa político progressista com sua moral religiosa.

Assim, a retomada dos elementos descritos anteriormente revela que, em cada um dos países no qual o fenômeno do “neofascismo” é, de alguma forma, identificável, nota-se que os grupos de extrema direita mobilizam discursos, preconceitos e estereótipos que ajudam na configuração e na definição de um tipo de “inimigo”. Por isso, disponibilizam e legitimam instrumentos para combater um mal que, em sua concepção, é responsável pela destruição e pela degeneração da sociedade. Não seria arriscado, portanto, afirmar que o “neofascismo” expresso no Brasil nos últimos anos se compõe de elementos próprios e contextuais que reconfiguram um “gênero da política moderna” que ainda está bastante alicerçado pelo que Roger Griffin (2003, p. 231-232) considerou ser a tradução de um fascismo:

> [...] inspirado pela convicção de que um processo de total renascimento político, social e cultural (palingenesia) se tornou essencial para pôr um fim a um prolongado período de decadência, expressando-se ideologicamente em formas revolucionárias de um nacionalismo.

Por fim, é preciso considerar que as extremas direitas crescem em contextos nos quais supostamente são necessárias “soluções radicais” para a superação de uma crise (GOLDESTEIN, 2019). Sua presença no Brasil e em outros contextos da América Latina também se situa num momento em que as tendências autoritárias do neoliberalismo foram exacerbadas pelo surgimento dos chamados “governos pós-neoliberais”. Nesse sentido, o autoritarismo da extrema direita na região aparece combinado por uma profunda paranoia anticomunista e um trauma que provocaram os triunfos progressistas no marco de uma democracia eleitoral. Por isso, as extremas direitas latino-americanos se demonstram antidemocráticas, autoritárias, anticomunistas, anti “populistas”, racistas, classistas, além de serem favoráveis a acumulação do capital nacional e transnacional através de políticas ultra neoliberais, e propagar políticas policialescas e militares capazes de desatar uma ampla repressão contra opositores (IBARRA; VELADOR, 2021).

O diálogo que se propôs neste artigo, portanto, resultou no avanço da análise sobre a extrema direita no Brasil e na América Latina para além da cronologia proposta primeira por Odilon Caldeira. Com o objetivo de complementar a análise sobre o tema e ampliar sua discussão, buscou-se situar o fenômeno num contexto marcado pelo refluxo dos projetos progressistas, a ascensão de novos elementos que reconfiguram os neofascismos no século XXI e a utilização de novos métodos (as redes sociais), além conteúdos discursivos reciclados (o anticomunismo) e novos (o antipetismo e a moral de um tipo específico de religião). Em grande medida, podem ser esses os fatores que Odilon Caldeira chama “autóctones” em seu trabalho e que denotam as peculiaridades do neofascismo e da composição dos grupos de extrema direita no Brasil, se comparados com os mesmos fenômenos em escala internacional.

REFERÊNCIAS

BARR, Robert R. Populists, outsiders and anti-establishment politics. *Party politics*, v. 15, n. 1, p. 29-48, 2009.

BEINSTEIN, Jorge. *Neofascismo y decadencia*. Tiempos de peligro. México: Plaza y Valdés, 2018.

BERTONHA, João F. Los fascismos em América Latina. Ecos europeos y valores nacionales en perspectiva comparada. *In*: ROGGERO, Franco S.; BERTONHA, João F. (orgs.) *El fascismo en Brasil y América Latina:* ecos europeos y desarrollos. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2013.

BOITO, Armando. Neofascismo e neoliberalismo no Brasil do Governo Bolsonaro. *Observatorio Latinoamericano y Caribeño*, v. 4, n. 2, p. 8-30, 2020.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder. *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 15-66, 2018.

DE ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (Ed.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Editora da Unicamp, 2018.

DE LIMA GRECCO, Gabriela; GONÇALVES, Leandro Pereira. *Fascismos iberoamericanos*. Comercial Grupo ANAYA, 2022.

FADUL, Telmo. Entrevista "A minoria tem que se curvar". *O Tempo*. 22 maio 2011. Disponível em: https://www.otempo.com.br/politica/a-minoria-tem-que-se-curvar-1.352269

FILGUEIRAS, Luiz e DUCK, Graça. O neoliberalismo neofascista do governo Bolsonaro e os desafios para a esquerda. *Marxismo21.org*, 2019. Disponível: https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2019/12/Luiz-Filgueiras-e-Gra%C3%A7a-Druck.pdf

GENTILE, Emilio. *Fascismo: historia e interpretación*. Alianza Editorial, 2004.

GOLDSTEIN, Ariel. A ascensão da direita radical brasileira no contexto internacional. In. BOHOSLAVSKY, Ernesto; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; BOISARD, Stéphane. *Pensar as direitas na América Latina*. Alameda Casa Editorial, 2019.

GRIFFIN, Roger. Fascism. In: OUTHWAITE, William. *The Blackwell Dictionary of Modern Social Thought*. Londres: Blackwell Publishers, 2003, p. 231-234.

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. Londres: Pinter Press, 1991

GUAMÁN, Adoración; MARTÍN, Sebastián; ARAGONESES, Alfons. *Neofascismo: La bestia neoliberal*. Siglo XXI de España Editores, 2019.

IBARRA, Carlos Figueroa; VELADOR, Octavio Moreno. Derecha posneoliberal y neofascismo en América latina. *Bajo El Volcán. Revista Del Posgrado De Sociología*. BUAP, v. 1, n. 3, 2021.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema direita na Europa e no Brasil. *Serv. Soc., São Paulo*, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.

LÖWY, Michael. “Neofascismo: um fenômeno planetário–o caso Bolsonaro”. *A terra é redonda*, v. 24, 2019.

MARTÍN, Rafael Domínguez. Crisis orgánica, dependencia y neofascismo periférico en América Latina. Ensayo de presentación e interpretación. *Bajo el Volcán. Revista del Posgrado de Sociología*. BUAP., v. 1, n. 3, 2021.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Anticomunismo, antipetismo e o giro direitista no Brasil. In. BOHOSLAVSKY, Ernesto; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; BOISARD, Stéphane. *Pensar as direitas na América Latina*. Alameda Casa Editorial, 2021.

PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007

PAYNE, Stanley. *El fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2014

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo*: o fascismo brasileiro na década de 30. Rio de Janeiro: Difel, 1974.

ROGGERO, Franco S.; BERTONHA, João F. (coord.). *El fascismo en Brasil y América Latina: ecos europeos y desarrollos*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2013.

SANTOS, Roberto *et al*. Apresentação. *In:* BORÓN, Atilio *et al*. *América Latina na encruzilhada: Lawfare, golpes e luta de classes*. Autonomia Literária, 2020.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA
Larissa Jacheta Riberti**.** Doutora em História Social. Professora Adjunta História Contemporânea. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de História do Ceres, Caicó, RN, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
Avenida Ayrton Senna, 900, Apto 1201 – C. Bairro: Nova Parnamirim, Parnamirim – RN. Cep: 59151-600

ORIGEM DO ARTIGO
Não se aplica.

AGRADECIMENTOS
Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA
Não se aplica.

FINANCIAMENTO
Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM
Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Não se aplica.

Griot : Revista de Filosofia, Amargosa - BA, v.21, n.3, p.351-374, outubro, 2021 ISSN 2178-1036
https://doi.org/10.31977/grirfi.v21i3.2267
Recebido: 09/03/2021 | Aprovado: 11/05/2021
Received: 03/09/2021 | Approved: 05/11/2021

"ALGUÉM TEM DE DIZER AOS NEGROS A VERDADE": OLAVO DE CARVALHO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO NEGRO-AFRICANA À CULTURA OCIDENTAL

Fernando Danner[1]
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
https://orcid.org/0000-0003-2461-4819
E-mail: fernando.danner@gmail.com

Leno Francisco Danner[2]
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
http://orcid.org/0000-0002-2332-3182
E-mail: leno_danner@yahoo.com.br

RESUMO:
No artigo, estudaremos o pensamento filosófico de Olavo de Carvalho, especialmente no que concerne à sua posição frente ao movimento negro brasileiro e norte-americano em sua luta por reparação pelo colonialismo-escravismo-racismo. Argumentaremos que sua recusa de qualquer *práxis* reparatória para com as minorias político-culturais e sua posição de um não-lugar das tradições negro-africanas no contexto da cultura/civilização ocidental, incluindo-se sua defesa da inferioridade da cultura/civilização negro-africana quando comparada com a tradição judaico-cristã, greco-latina e medieval-renascentista, são fundadas por uma metafísica dualista com caráter altamente antimoderno e antimodernizante, em que a dinâmica específica que perpassa o "drama humano frente ao universo e à eternidade" se caracteriza (a) pela luta entre necessidade natural (Behemot) e consciência individual (Leviatã), a qual só pode ser vencida pela correlação de graça divina por Jesus Cristo e interiorização e intuição pessoais, diretas, imediatas e imediadas por parte de cada indivíduo para com Deus; (b) pela recusa da política, da história e da ação intersubjetiva, afirmadas como materialismo e, nesse sentido, como lugar das ideologias políticas totalitárias (do qual a modernidade iluminista é o maior exemplo); e, finalmente, (c) pela centralidade do espiritualismo, da relação íntima e direta entre Deus e homem, mediada pela Revelação, o que aponta para a inexistência, no pensamento de Olavo de Carvalho, de parâmetros objetivos de discussão, de interação e de justificação racionais – daí, inclusive, sua deslegitimação da ciência, da política, da história e da ação institucional macroestrutural, e seu apelo ao individualismo metodológico intuicionista-espiritualista.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão; Povos negros; Reparação; Civilização ocidental; Periferização.

"SOMEONE HAS TO SAY THE TRUTH TO BLACKS": OLAVO DE CARVALHO ON BLACK-AFRICAN CONTRIBUTION TO WESTERN CULTURE"

ABSTRACT:
In the paper, we will study Olavo de Carvalho's thought, focusing on his position regarding Brazilian and American Black movement in its struggle for reparation in terms of colonialism-slavery-racism. We will argue that his refusal of any reparatory *praxis* to political-cultural minorities and his position of a non-place for Black-African traditions in the context of Western culture/civilization, as with respect to his defense of the inferiority of Black-African culture-civilization when compared to Jewish-Christian, Greek-Latin and Medieval-Renaissance tradition, is pervaded by a dualist metaphysics with a highly anti-modern and anti-modernizing character, in which the dynamic of streamlining of "human drama about universe and eternity" is constituted (a) by the struggle between natural necessity (Behemont) and individual consciousness (Leviathan), that can only be won by the correlation of divine grace given by Jesus Christ and personal direct and immediate interiorization and intuition by each individual with God; (b) by the refusal of politics, history and intersubjective action as basically materialism and, in this sense, as the sphere of totalitarian political ideologies (to which Enlightnment modernity is the biggest example); and, finally, (d) by the centrality of spiritualism, of intimate and direct relation between God and man, mediated by Revelation, which points to the non-existence, in the Olavo de Carvalho' thought, of objective parameters to rational discussion, interaction and justification – that is the reason of his delegitimation of science, politics, history and macro-structural institutional action, and his appeal to methodological, intuitionist and spiritualist individualism.

KEYWORDS: Slavery; Black Peoples; Reparation; Western Civilization; Pheripheralization.

---

[1] Doutor(a) em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre – RS, Brasil. Professor(a) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho – RO, Brasil.
[2] Doutor(a) em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre – RS, Brasil. Professor(a) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho – RO, Brasil

DANNER, Fernando.; DANNER, Leno Francisco. "Alguém tem de dizer aos negros a verdade": Olavo de Carvalho sobre a contribuição negro-africana à cultura ocidental. *Griot : Revista de Filosofia*, Amargosa – BA, v.21 n.3, p.351-374, outubro, 2021.

Considerações iniciais

No artigo, reconstruiremos a posição de Olavo de Carvalho relativamente à reivindicação, pelo movimento negro brasileiro e americano, de reparação prático-político-institucional pelo colonialismo-escravismo-racismo contra os povos negros, de modo a salientar suas ideias estruturantes, a saber: (a) negros não têm direito a reparação alguma e ela representa uma incongruência e uma seletividade, já que, antes de seres escravizados, os próprios negros – quando foram faraós no Egito – escravizaram judeus e árabes; (b) a culpa pela escravização dos negros é dos próprios negros, por causa de sua cultura decadente, desestruturada e degenerada, cujo maior exemplo são suas tradições religiosas mágico-animistas africanas; (c) negros não deram nenhuma contribuição cultural à civilização ocidental, mas apenas uma contribuição material, sob a forma do trabalho escravo, não tendo por que reivindicar qualquer tratamento especial por parte do Ocidente branco; e, finalmente, (d) a cultura negra é inferior à cultura ocidental, à tradição judaico-cristã, à ontoteologia greco-latina-medieval e ao Renascimento, não podendo sequer ser equiparada com esta, o que mais uma vez mostra que os negros mais ganharam que perderam com a colonização.

Essa posição, como argumentaremos ao longo do texto, é caudatária de uma metafísica da existência humana que se constitui e se desenvolve a partir de alguns princípios estruturais, a saber: (a) o drama humano no universo e na eternidade é dinamizado em termos do combate entre a necessidade natural ou materialismo, como pode ser exemplificado através da escatologia judaico-cristã por meio da figura de Behemot, e o indivíduo de carne e osso (ou a consciência angustiada, influenciada pelos instintos, desejosa da verdade), tal como podemos perceber mais uma vez pela escatologia judaico-cristã em termos da figura de Leviatã; (b) não existe a sociedade, não existem condições intersubjetivas com caráter macroestrutural (ou, se existem, não dão a palavra final em termos de determinação dos processos de socialização e de subjetivação), mas apenas o indivíduo jogado no âmbito da materialidade e dependente da graça divina para efetivamente sobreviver e se salvar dessa perspectiva totalizante própria ao materialismo como necessidade natural; (c) a política e a história são o espaço da materialidade, nela (materialidade) não existe Deus e não pode haver salvação, de modo que a consequência da centralidade da história e da política – que a modernidade iluminista, materialista, relativista e ateia radicalizou – é a consolidação de ideologias políticas totalitárias demarcadas por violência estrutural; (d) o acesso à verdade somente pode ser feito em termos de uma relação verticalizada do homem para Deus e de Deus para o homem, por meio da interiorização pessoal, imediata, direta, imediada e espiritualista, em que cada indivíduo, adentrando em sua alma, alcança a iluminação divina – aqui, a política, a história e a ação intersubjetiva humana não permitem o acesso à verdade, uma vez que, por serem basicamente materialistas, são e geram apenas ideologias políticas totalitárias; e, assim, como consequência, (e) é necessária uma perspectiva antimoderna e antimodernizante que nega a história, a política e a ação humana intersubjetiva em favor da revelação judaico-cristã, da graça divina e do espiritualismo intuicionista. Assim, para Olavo de Carvalho, posições histórico-políticas, discussão e justificação racionais, estruturas sociais e ação intersubjetiva são apenas ideologia, não conseguem nos dar uma base objetiva de legitimação e um fundamento normativo intersubjetivamente vinculante, da mesma forma como representam a mais nefasta consequência da degeneração moderna como perspectiva pós-metafísica ou pós-tradicional. E isso significará, para ele, a necessidade da retomada da ontoteologia clássica, só que interpretada de modo renovado como espiritualismo privatista-personalista e intuicionismo

anticientífico, antipolítico e antiparadigmático, ou seja, como postura antimoderna e antimodernizante, altamente individualista e antissistêmica.

"Alguém tem de dizer aos negros a verdade": Olavo de Carvalho, o movimento negro e o (não)lugar da cultura negro-africana na civilização ocidental

Um dos eixos estruturantes da crítica realizada por Olavo de Carvalho ao movimento negro brasileiro e norte-americano consiste exatamente na recusa de que os *povos negros* tenham produzido e, por consequência, legado uma contribuição cultural substantiva à *civilização ocidental*. Com efeito, para o referido autor, negros, por meio do trabalho escravo e, aqui, como objetos/animais racializados, efetivamente produziram – e lhes foi usurpada – enorme riqueza material que possibilitou o enriquecimento de elites coloniais e das metrópoles às quais estavam direcionadas, mas é somente isso: *produziram apenas riqueza material, não foram artífices de uma civilização*. Nenhuma contribuição cultural e nenhum progresso civilizacional dignos de nota vieram dos povos negros, foram gerados por eles à humanidade e, portanto, não apenas não há lugar central para a cultura africana no que se refere à formação e ao desenvolvimento da cultura/civilização ocidental, como também, por causa disso, não se gera qualquer *práxis* reparatória frente à instrumentalização, à menorização e ao etnocídio-genocídio dos povos negros (e indígenas) em termos exatamente da escravidão colonial. Ele nos diz:

> A *contribuição básica dos negros ao Brasil foi dada através do trabalho escravo*, que construiu a riqueza da colônia e do império: *foi uma contribuição material, não cultural*. E os elementos de cultura africana que se introduziram na nossa mentalidade, se são um fato histórico e antropológico inegável, têm um valor, para dizer o mínimo, duvidoso. Pois, se os negros africanos são de fato, como proclamam, descendentes da classe dominante egípcia, então, ao ter seus primeiros contatos com o dominador muçulmano ou europeu, já eram um povo decadente, enfraquecido, reduzido das antigas glórias imperiais à dispersão tribal e à impotência de uma vida diminuída: que grande contribuição cultural podiam dar aos dominadores muçulmanos ou cristãos que então iam alcançando o máximo esplendor de suas respectivas civilizações? (CARVALHO, 2018, p. 85; os destaques são nossos).

A questão de fundo, específica à passagem acima, diz respeito à legitimidade ou à ilegitimidade da reparação aos negros pela escravidão colonial (e, inclusive, pela atualidade do racismo estrutural), mas, como se pode perceber, ela carrega elementos mais amplos que configuram uma perspectiva normativa, uma determinada visão antropológica do negro genérico, da cultura *negra* em sentido amplo, que merece ser salientada porque, na verdade, é a partir dela que efetivamente Olavo de Carvalho pode concluir seja pela completa *incongruência e ilegitimidade* da *práxis* reparatória acerca do colonialismo-racismo, seja, de modo mais amplo, pelo próprio caráter periférico, em muitos casos nulo, da cultura negra (sempre em termos do negro genérico, por óbvio, sem quaisquer especificações internas e diferenciações étnicas incisivas) e, nesse último caso, pela sua inferioridade pura e simples quando comparada à *cultura/civilização ocidental*. Com efeito, pudemos perceber na passagem acima, primeiramente, a afirmação, por Olavo de Carvalho, de que os povos negros apenas contribuíram de modo material para a constituição de nossa sociedade, via trabalho escravo, mas não deram nenhuma contribuição cultural/civilizacional aguda que pudesse enriquecer (simbolicamente) de modo pleno à socieda-

de/cultura brasileira: povos negros ofereceram braços para a lavoura, mas não cérebros para a cultura; manejaram a enxada, não a caneta.

Daqui emerge o segundo ponto importante apresentado pela passagem acima, e ele diz respeito ao argumento de que os aspectos socioculturais legados pelos povos negros à sociedade/cultura brasileira, se por um lado são um fato histórico e antropológico inegável, por outro representam um *conteúdo altamente ambivalente ou mesmo duvidoso*. Esse tópico é central para entendermos a postura de Olavo de Carvalho em relação à questão negra (enquanto uma fantasia fomentada aos povos negros pela intelectualidade brasileira, na sua opinião): o fato da escravidão revela, antes de tudo e de modo fundamental, a *decadência das culturas negras, a degeneração dos povos negros*, os quais, se supostamente possuíram, no passado longínquo, uma história importante ao ponto de terem governado o Egito, teriam ao longo do tempo perdido *a corrida da história frente a outras civilizações* e, assim, entrado em decadência cultural/civilizacional, sendo dominados por elas. Nesse sentido, a cultura e os valores negros seriam altamente ambivalentes ou duvidosos porque não foram capazes de permitir a hegemonia negra contra os colonizadores, primeiro árabes, depois europeus. E, na verdade, se trataria de uma cultura fraca e decadente que não só não conseguiu garantir hegemonia negra contra árabes e europeus, senão que também não deixou marcas profundas – no máximo arranhões superficiais, contribuições materiais – nas civilizações que efetivamente colonizaram e escravizaram aos povos negros. Como dissemos, essa compreensão antropológico-histórica da saga negra no mundo *como decadência cultural/civilizacional* é fundamental a Olavo de Carvalho em sua recusa da *práxis* reparatória aos povos negros pelo colonialismo e pela escravidão, apontando, na verdade, *para a inferioridade da cultura negra* quando comparada com a civilização ocidental de um modo mais geral, estando ali, na cultura negra deficitária, e não no colonialismo europeu, a causa explicativa da decadência, do atraso e da degeneração negra. Ele nos diz:

> O fato de nos repugnar a espoliação escravagista que foi a origem da riqueza nacional não deve nos levar a tentar oferecer por ela uma *compensação enganadora sob a forma de lisonjas demagógicas* – isso resulta apenas em substituir, ao abuso econômico, o ludíbrio psicológico. Alguém tem de dizer aos negros a verdade: a verdade é que todos os ritos iorubás não valem uma página de Jalal ad-Din Rumi e a história inteira do samba não vale três compassos de Bach. A verdade é que a contribuição cultural das religiões africanas ao mundo é perfeitamente dispensável, tão dispensável que mais de metade dos negros que há no mundo vive perfeitamente bem sem ela e jamais trocaria a língua árabe por um dialeto iorubá ou a ciência europeia pelas receitas de macumba do sr. Verger (CARVALHO, 2018, p. 85-86).

Note-se, assim, que a questão não é mais a colonização e a escravidão – e, assim, a *práxis reparatória* por um processo histórico-político que demarca o (não)lugar do negro no mundo, a universalização da condição negra do mundo, conforme argumenta Achille Mbembe; a questão importante, acima de tudo, para Olavo de Carvalho, diz respeito à própria cultura/civilização negra: é por causa da decadência, da degradação e da deturpação desta que os povos negros efetivamente perderam protagonismo histórico e, assim, foram periferizados pelos colonizadores árabes e europeus. A escravidão negra pela Europa e em termos do colonialismo, se por um lado certamente é condenável, por outro representa, antes de tudo, uma consequência seja de uma dinâmica humana mais ampla enquanto instrumentalização, usurpação e dominação recíprocas (como veremos mais adiante, todo mundo escraviza todo mundo, o que retira qualquer perspectiva crítico-reparatória mais ampla de um povo relativamente a outro), seja de algo mais funda-

cional, que é a própria decadência cultural/civilizacional negra, a qual se reflete tanto na incapacidade de os povos negros resistirem aos colonizadores quanto na sua parca contribuição efetiva às culturas/civilizações que os colonizaram – ao contrário destas que, como veremos logo adiante, foram assimiladas pelos povos negros colonizados ao ponto de eles terem abandonados seus costumes caducos ou atrasados e assumido os valores de seus dominadores. Mais uma vez Olavo de Carvalho nos diz:

> A verdade, amigos negros, é que vocês perderam a corrida da história – pagando talvez pelas maldades cometidas na época do esplendor faraônico –, se dispersaram e se enfraqueceram, e acabaram sendo escravizados e vendidos aos portugueses pelos mesmos semitas – pois árabes são semitas – em cujo lombo desceram o chicote sem dó no tempo da construção das pirâmides. Não existe povo bom: e vocês, se foram escravos por três séculos após terem sido senhores de escravos por mais de um milênio, devem agradecer a Deus pela clemência do seu destino. Perto dos judeus, escravizados por egípcios e babilônios, explorados por muçulmanos, expulsos daqui para lá pelos cristãos e finalmente dizimados pelos nazistas, vocês são uns sortudos. E olhem bem: em cada nação por onde passaram, os judeus deixaram, em troca dos sofrimentos obtidos, um legado cultural infinitamente mais precioso do que o carnaval, o samba e outras bossas... (CARVALHO, 2018, p. 86).

Perceba-se que os "amigos negros", essa é a "verdade" que tem de lhes ser dita, de vítimas do eurocentrismo-colonialismo-racismo e/como fascismo (cf.: CÉSAIRE, 1978, p. 17-24; MEMMI, 1967, p. 63-64; FANON, 1968, p. 25-39; FANON, 2008, p. 26-70; MBEMBE, 2014a, p. 13-66; MBEMBE, 2014b, p. 21-99), se tornam em culpados de sua própria instrumentalização, usurpação, menorização e escravização – ou simplesmente são submetidos ao colonialismo-racismo por causa de sua decadência cultural/civilizacional, situação que, por isso mesmo, não gera e não legitima nenhuma reparação moral, política, institucional. A causa explicativa da derrocada negra e, por consequência, da inexistência de um lugar normativo-simbólico efetivo na cultura ocidental por parte dos povos negros, por parte das culturas negras – ao contrário do lugar material, dos braços negros, que, sim, possuem esse lugar – se deve, no entendimento de Olavo de Carvalho, ao fracasso, à degradação e à deturpação culturais negras. E, ressalte-se muito esse ponto, não é o colonialismo e não é a escravidão os responsáveis por essa degradação, porque o povo judeu, não obstante ter sido durante toda a sua trajetória um povo violentado, escravizado e explorado, ainda assim deixou verdadeiras e indeléveis conquistas culturais, ao ponto de se constituir em parte fundamental da civilização ocidental – é a cultura negra o grande problema, ou melhor, a sua falta de cultura. Por isso mesmo, os povos negros devem agradecer aos europeus colonizadores pela sua "bondade" para com os negros: não lhes destruíram completamente e, ainda por cima, lhes deram, obviamente além do chicote, da enxada e do estupro, a Bíblia – ou, de modo mais geral, a cultura/civilização ocidental. Por conseguinte, é preciso dizer a verdade aos negros: vocês possuem uma cultura inferior à cultura ocidental; sua civilização é decadente, deturpada e periférica quando comparada com a pujança e universalidade dessa mesma civilização ocidental. Olavo de Carvalho complementa:

> Mas é no tópico religião que as reivindicações do movimento *black* chegam ao cúmulo do absurdo. Por que um branco deve tomar os cultos africanos como elevadas expressões da cultura negra se a maioria dos negros que há no mundo se converteu ao Islã e hoje abomina esses cultos como idolatria politeísta? Um xeque negro, pregando em uma mesquita de Adis Abeba ou Nova York, lhes dirá que o culto afro é a desgraça da raça negra,

> um resíduo de tribalismo que deve ser sepultado no esquecimento, como os árabes sepultaram os seus cultos pré-islâmicos. Aliás, não é preciso ir tão longe. A toda hora vejo na TV pastores evangélicos negros e mulatos dizendo que umbanda e candomblé são religiões do capeta e apontando esses cultos como causas do milenário azar da raça negra. Alguns apelam a um temível argumento weberiano: *É imaginável um país rico, próspero e culto governado por praticantes de vodu? A economia da Suíça com a religião do Haiti?* (CARVALHO, 2018, p. 84; os destaques são de Olavo de Carvalho).

Os cultos africanos – perceba-se que Olavo de Carvalho não os chama de *religião*, na medida em que esta exigiria institucionalização e doutrina objetiva codificada, de modo, portanto, que as manifestações religiosas africanas (e indígenas) sequer poderiam ser classificadas nesse patamar – são a causa do atraso cultural-civilizacional dos povos africanos: por isso, a consequência cultural-civilizacional deles é o Haiti, e não a Suíça. Onde se pratica vodu, não se pratica ciência, não se tem tecnologia, não se constrói progresso, mas regressão mágico-animista, brutalidade prático-política e imobilização no passado antropológico. Onde se tem tribalismo e vodu, a consequência é África, e não Europa. Ademais, a pobreza cultural e material caudatária das tradições africanas pode ser vista no próprio fato de que sujeitos negros – o xeque negro, o pastor neopentecostal negro e até o presidente da Fundação Palmares! – abominam e abandonam esse tribalismo selvagem, adotando, ao contrário, matrizes cultural-religiosas próprias às sociedades colonizadoras dos povos negros, sejam árabes, sejam de origem europeia. Se os próprios sujeitos negros renegam a sua origem e as suas tradições ancestrais, buscando assumir a herança da civilização ocidental como sua, por que diabos um membro desta pura, nobre e avançada civilização ocidental teria seja de se render a uma suposta superioridade cultural/civilizacional negra, seja, finalmente, à legitimidade da *práxis* reparatória relativamente ao colonialismo-escravidão-racismo reivindicada pelo movimento negro? São questões que não fazem sentido. E não o fazem, no fim das contas, porque a cultura/civilização negra é inferior à cultura/civilização ocidental, já estando em decadência, degenerada e desagregada *muito antes da própria colonização, da própria escravidão*. Ademais, a reparação reivindicada pelos negros em relação à colonização, à escravidão e ao racismo é não só ilegítima, mas também obtusa e contraditória porque... os negros também escravizaram outros povos quando foram faraós e, nas suas lutas e divisões tribais, escravizavam-se mutuamente. Diz-nos Olavo de Carvalho:

> A exigência de *reparações* é o exemplo mais visível. Movidos pela oratória de intelectuais esquizofrênicos, os negros agora exigem uma indenização dos bisnetos de seus antigos senhores, mas ao mesmo tempo gabam-se de ser descendentes dos faraós, que escravizaram dezenas de povos durante quinze séculos. Não vejo como poderão escapar da pergunta: por que vocês não pagam primeiro o que devem aos judeus?
> Em segundo lugar, a escravidão não foi introduzida na África pelos brancos europeus, mas, muito antes da chegada deles, pelos muçulmanos, entre os quais, por ironia, era grande o número de negros e mulatos; e, antes ainda do domínio muçulmano, escravizar as tribos vencidas já era costume generalizado entre vários povos africanos, que mais tarde vieram a vender os prisioneiros a árabes e portugueses. É curioso, portanto, que a exigência de reparações seja jogada seletivamente em cima dos brancos europeus. Mais curioso ainda é que essa exigência venha predominantemente de negros islamizados, esquecidos não só de que os muçulmanos já praticavam a escravidão negra antes dos europeus, mas de que muitos países islâmicos continuaram a praticá-la até o século XX (CARVALHO, 2018, p. 82).

Note-se, pela passagem, que, mais do que ilegítima, a reivindicação, por parte do movimento negro, relativamente a reparações acerca do colonialismo, da escravidão e do racismo é *incongruente*, *ilegítima* e, finalmente, *seletivamente direcionada* apenas aos brancos europeus, inclusive sendo demarcada pela falta de consciência crítica sobre o próprio fato de que negros escravizaram negros, escravizaram árabes e escravizaram judeus. É importante salientar-se, relativamente a isso, dois tópicos fundamentais que emergem dessa passagem: primeiramente, uma questão de fundo, a qual consiste na naturalização de uma geopolítica da raça, por assim dizer, que correlaciona Europa-branco-branquitude, África-negro-negritude e, se se quiser, América-índio-indianidade, bem como Oriente-oriental-orientalismo, geopolítica da raça que é caudatária da expansão europeia em termos de colonialismo e escravidão e que se constitui, em termos de justificação normativo-simbólica, pela conjunção de filosofia da história etnocêntrica (pensemos, aqui, em G. W. F. Hegel) e de racismo biológico (pensemos, aqui, em Charles Darwin); segundo, e de modo muito explícito na passagem acima, de que negros já escravizaram outros povos – árabes e judeus – e, inclusive, degeneração das degenerações, escravizaram seus próprios congêneres, situação que, por um lado, inviabiliza qualquer reivindicação política de reparações pelo colonialismo-escravismo-racismo e, por outro, mostra a falta de autocrítica e, inclusive, a própria ousadia do movimento negro. Como conclusão, portanto, à pergunta específica pela legitimidade da *práxis* reparatória reivindicada pelo movimento negro como correção dos erros históricos cometidos em termos do colonialismo-escravismo-racismo e, de modo mais geral, à delimitação do lugar da cultura/civilização negra no contexto mais amplo da cultura/civilização ocidental (e a cultura/civilização ocidental é mais abrangente – e perene – porque é *universal*), bem como no que se refere à *comparação* entre uma e outra em termos de pujança e de importância, Olavo de Carvalho pode argumentar: fujamos da cultura negro-africana!

> [...] é nada mais que justo que enfim se reconheça o Brasil como um país racialmente mulato ou mesmo negro (eu mesmo contribuí para essa finalidade). Mas, se isso implicar a aceitação do primado da cultura afro sobre a europeia, judaica e cristã na educação nacional – ou mesmo o seu nivelamento com elas –, então só restará aos brancos, negros e mulatos inteligentes caírem fora antes que o novo Estado os obrigue a seguir, em vez do papa, um Papa Doc. Os intelectuais de elite – brancos, negros e mestiços – são culpados de cultivar no povo negro, por oportunismo ou perversidade, ilusões quase demenciais quanto ao valor da cultura afro (CARVALHO, 2018, p. 85).

É ilusão demencial querer afirmar seja a superioridade da cultura/civilização negro-africana em relação à cultura/civilização ocidental (isto é, judaico-cristã e greco-latina), seja mesmo sua equiparação, sua simetria, sua paridade e seu nivelamento – assim como é incongruência, contradição e falta de autoconsciência crítica o movimento negro defender a necessidade e a legitimidade de uma *práxis* reparatória relativamente ao colonialismo-escravismo-racismo, isto é, uma *práxis* reparatória seletiva contra os brancos europeus, já que negros escravizaram negros, árabes e judeus! Ora, dizíamos acima que a questão da reparação exigida pelo movimento negro em relação ao colonialismo-escravismo-racismo era interpretada – e negada –, por Olavo de Carvalho, a partir de uma visão antropológica de fundo sobre a história humana de um modo geral e sobre o sentido da civilização ocidental e do povo negro-africano em particular. Vimos, nesse capítulo, esse lugar antropológico da cultura/civilização negra na *história humana* – como degradação, decadência e degeneração – e frente à cultura/civilização ocidental – como inferioridade, atraso, periferia. Restam-nos ainda duas perguntas a serem respondidas por

Olavo de Carvalho: qual é, então, sua noção de história humana? Qual é sua compreensão da civilização ocidental? Responderemos essas duas perguntas no próximo capítulo.

A dinâmica da história humana, a civilização ocidental e o fim da política

Há uma metafísica da história humana em Olavo de Carvalho que se correlaciona, se evidencia e se sintetiza de modo pungente nisso que ele chamará de *interpretação global da história do ocidente*, a saber: "[...] o combate entre Leviatã e Behemot no horizonte inteiro da história ocidental" (CARVALHO, 2018, p. 32). Estas figuras bíblicas são utilizadas por Olavo de Carvalho desde a afirmação pungente de que representam não apenas noções escatológicas próprias às religiões judaico-cristãs, mas uma condição universal da natureza humana. Assim é que Behemot significa a *necessidade natural*, ao passo que Leviatã significa a *consciência humana*. Note-se, acerca disso, que a base fundacional e dinamizadora de constituição humana tem dois eixos estruturantes: primeiramente, o peso maciço – e humanamente incontrolável – dessas condições naturais sobre a consciência do homem; segundo, o fato de que este homem massacrado pela necessidade natural é pura e simplesmente um indivíduo, cada indivíduo. Portanto, no primeiro caso, temos a correlação/contraposição/tensão entre mundo natural e indivíduo, tendo a política – como relacionalidade, como intersubjetividade, como perspectiva normativo-simbólica – sido negada como princípio, arena e dinâmica da condição humana e reduzida completamente à ideologia; no segundo caso, temos a recusa de qualquer perspectiva macroestrutural, de qualquer instituição comum, de qualquer determinação objetiva dos processos de socialização e de subjetivação humanos fora do eixo da subjetividade, a qual é reduzida a protagonista central do drama humano *frente à necessidade natural* – dali, inclusive, o sentido do livro que estamos estudando aqui, ou seja, o *idiota coletivo* diz respeito às *ideologias políticas* que afirmam a primazia da socialização, da intersubjetividade, das instituições ou das estruturas sociais no que tange à determinação e à configuração seja dos indivíduos, seja da vida em comum. Ora, toda a dinâmica humana se centra na e se dinamiza pela tensão entre necessidade natural e indivíduo, mediada pela graça divina. Nesse sentido, como o indivíduo resolve a tensão entre o mundo natural totalizante, Behemot, e a consciência individual atormentada, Leviatã? Por meio de *interiorização e* da *graça de Jesus Cristo*. Esta é, para Olavo de Carvalho, a dinâmica central da história humana e de seu desenvolvimento ao longo do tempo, os quais culminam na civilização ocidental. Ele diz:

> O sentido que Blake registra nessas figuras *não é uma "interpretação"*, na acepção negativa que Susan Sontag dá a essa palavra: é, como deve ser toda boa leitura de texto sacro, a *tradução direta de um simbolismo universal*. Para Blake, embora Behemot represente o conjunto das forças obedientes a Deus, e Leviatã o espírito de negação e rebelião, ambos são igualmente monstros, forças cósmicas desproporcionalmente superiores ao homem, que movem combate uma à outra no cenário do mundo, mas também dentro da alma humana. Entretanto, não é ao homem, nem a Behemot, que cabe subjugar o Leviatã. Só o próprio Deus pode fazê-lo. A iconografia cristã mostra Jesus como o pescador que puxa o Leviatã para fora das águas, prendendo sua língua com um anzol. Quando, porém, o homem se furta ao combate interior, renegando a ajuda do Cristo, então se desencadeia a luta destrutiva entre a natureza e as forças rebeldes antinaturais ou infranaturais. A luta transfere-se da esfera espiritual e interior para o cenário externo da História (CARVALHO, 2018, p. 29; os destaques são nossos).

Note-se, na passagem, antes de tudo, a ideia de que o conflito entre Behemot e Leviatã representa um *simbolismo universal* e, nesse sentido, que ele significa e denota a própria condição humana em termos de contradição entre as necessidades naturais, isto é, aqui, uma perspectiva de materialismo totalizante, e os desejos, os dramas e as psicoses próprias à consciência individual, mergulhada nesse mundo material necessitarista em termos de seus instintos, seus desejos, sua reflexividade e suas identidades, uma consciência que, embora situada na materialidade, anseia pela eternidade. Ora, nem a natureza é boazinha, nem a consciência é pura e simplesmente paz e amor: são realidades interpenetradas e mutuamente determinantes, que detonam luz como detonam sombra, o que implica em que a necessidade natural ou o materialismo não pode controlar a consciência e esta, de sua parte, não pode encontrar escora e ancoragem na necessidade natural ou no materialismo: o Leviatã, ou seja, a consciência, não pode ser materialista e encontrar na materialidade – porque ela é só necessidade natural cega – sentido, mas também não pode ser controlado de seus instintos destrutivos desde a própria natureza humana, já que ela é exatamente Leviatã, condicionada por materialismo, por necessidade natural. O que fazer, se a materialidade como necessidade natural não ajuda, mas prende e reduz? A quem recorrer – e como e onde recorrer – se a consciência, esta base do Esclarecimento, já não nos traz luz, mas trevas? É nestas horas que, como em um *fiat*, aparece o pescador de homens Jesus Cristo, portando sua vara de pesca, disposto a salvar ao homem individual atormentado pela necessidade natural e perdido na sua consciência impotente e psicótica.

Obviamente essa história humana enquanto disputa entre Behemot (necessidade natural, materialismo) e Leviatã (consciência humana, psiquê), que é mediada e salva pela intervenção escatológica de Jesus Cristo, não acontece por acaso em um duplo sentido: é uma dinâmica universal, ela mesma necessária, isto é, se trata da dinâmica fundante do mundo humano e que exige ser retomada sempre e sempre para que este mesmo mundo humano possa equilibrar-se e salvar-se; e exige-se de cada indivíduo que busque dentro de si a Jesus Cristo e aceite ser fisgado por seu anzol. Por isso mesmo, como vimos na passagem acima, é *interiorizando-se,* isto é, *por meio de uma intuição direta e pessoal*, que o homem, que cada homem enquanto indivíduo acessa à objetividade, à verdade. Não é pela política, mas pela interiorização privatista que se alcança a verdade, a objetividade; não é relacional e intersubjetivamente que se resolve a tensão entre Behemot e Leviatã, mas adentrando fundo na alma e em termos, mais uma vez, de *intuição direta*; não é na história e como historicidade que o homem se completa e se salva, mas pela espiritualidade interior e pelo mergulho na transcendência. Daqui devém a negação da política, de que falamos acima, e sua redução basicamente a materialismo barato e ideologização estéril; e daqui devém a deslegitimação da ciência como, no fim das contas, aquilo que os próprios cientistas dizem que é ciência. Ora, qual é, então, a grande tragédia vivida por todos os homens e por cada homem individual? No mesmo diapasão, qual é o grande crime cometido por todas as ideologias político-científicas caudatárias da modernidade iluminista? A recusa da graça divina e a redução de toda a dinâmica de constituição, de sentido e do desenvolvimento do humano ao materialismo, conferindo-se peso exclusivo à política, à história, às instituições, às estruturas sociais, ao coletivo, à ação humana todo-poderosa, em detrimento do indivíduo, da graça divina e, finalmente, da intuição pessoal, direta e imediata como chave de acesso à verdade de si e do mundo. Olavo de Carvalho nos diz:

> É assim que a gravura de Blake, inspirada na narrativa bíblica, nos sugere com a força sintética de seu simbolismo uma interpretação metafísica quanto à origem das guerras, revoluções e catástrofes: elas refletem a demissão do homem ante o chamamento da vida

> interior. Furtando-se ao combate espiritual que o amedronta, mas que poderia vencer com a ajuda de Jesus Cristo, o homem se entrega a perigos de ordem material no cenário sangrento da História. Ao fazê-lo, move-se da esfera da providência e da Graça para o âmbito da fatalidade e do destino, onde o apelo à ajuda divina já não pode surtir efeito, porque ali já não se enfrentam a verdade e o erro, o certo e o errado, mas apenas as forças cegas da necessidade implacável e da rebelião impotente (CARVALHO, 2018, p. 29).

Os males do mundo e do homem acontecem porque: (a) o homem não aceita Jesus Cristo e sua graça; (b) o homem abandona sua interioridade e sua vida espiritual, deixando de lado, inclusive, medroso que é, o combate espiritual – combate espiritual que é o único lugar, instrumento e caminho para a vitória – e a ajuda inultrapassável de Jesus Cristo para vencer Behemot e Leviatã; (c) reduz-se e confere primazia absoluta ao materialismo e, nesse caso, à política e à história como ordens e dinâmicas autorreferenciais e autossubsistentes, as quais, por um lado, são independentes e contrapostas à graça divina e, por outro, apagam a importância da interioridade de cada homem, da intuição pessoal e direta relativamente ao acesso à verdade, à objetividade; e (d) confere primazia absoluta a Behemot, tornando-se escravo da necessidade natural, e a Leviatã, colocando a consciência insaciável como o eixo norteador de sua conduta pessoal e de sua relacionalidade intersubjetiva, via política e história. Na política e na história, Deus não está, a graça divina não tem poder algum; na política e na história, a espiritualidade e a interioridade do sujeito individual são completamente subsumidas pelas estruturas sociais, pela intersubjetividade indiferenciada, pela materialidade totalizante e pelo ego absoluto. Por isso, a política e a história, isto é, Behemot como materialidade e como necessidade natural, representam forças de morte, de impotência e de implacabilidade. Todos os problemas do mundo e do homem, portanto, se devem ao abandono de Jesus Cristo, da interioridade e da graça; todos os problemas do mundo e do homem se devem à redução da ação humana à materialidade, em termos de centralidade e de primazia da história e da política; todos os problemas do mundo e do homem se devem, finalmente, ao apagamento do indivíduo pelas estruturas sociais, pelas instituições políticas e, assim, pela intersubjetividade forte, manifestadas na política e na história, como política e como história. Ora, não é mero acaso que esse materialismo totalizante, para Olavo de Carvalho, seja radicalizado pela modernidade iluminista e gere regimes totalitários de esquerda e de direita como sua consequência direta:

> No plano da História mais recente, isto é, no ciclo que começa mais ou menos na época do Iluminismo, essas duas forças assumem claramente o sentido do rígido conservadorismo e da *hübris* revolucionária. Ou, mais simples ainda, direita e esquerda (CARVALHO, 2018, p. 30).

Quando se abandona Jesus Cristo, a interioridade e a graça divina e se reduz tudo ao materialismo, à política e à história, o resultado é o holismo neocapitalista ou neoliberal, de primazia do mercado e de sua mundialização a qualquer custo, cuja maior expressão intelectual é, para Olavo de Carvalho, Fritjof Capra, ou a devastação cultural esquerdista, cuja maior manifestação é Antônio Gramsci e seu marxismo cultural; quando se abandona Jesus Cristo, a interioridade e a graça divina, o resultado é a guerra entre direita e esquerda e, assim, a consecução de regimes totalitários vários. Ou seja, ao abandonar Jesus Cristo, a interioridade e a graça divina, o homem reduz-se à materialidade e a toma como parâmetro em termos de centralidade da política e da história, perdendo, na verdade, qualquer parâmetro, adentrando no horizonte ilimitado

e imoderado das ideologias políticas totalitárias. O resultado é a tragédia: a primazia dessas ideologias totalitárias. E Olavo de Carvalho complementa:

> [...] as ideologias, quaisquer que fossem, estavam sempre limitadas à dimensão horizontal do tempo e do espaço, opunham o coletivo ao coletivo, o número ao número; perdida a vertical que unia a alma individual à universalidade do espírito divino, o singular ao Singular, perdia-se junto com ela o sentido de escala, o senso das proporções e das prioridades, de modo que as ideologias tendiam a ocupar totalitariamente o cenário inteiro da vida espiritual e a negar ao mesmo tempo a totalidade metafísica e a unidade do indivíduo humano, reinterpretando e achatando tudo no molde de uma cosmovisão unidimensional (CARVALHO, 2018, p. 30).

Behemot e Leviatã estão relacionados a Deus de modo vertical, não estando situados em relação a ele horizontalmente, simetricamente: a salvação como aceitação de Jesus Cristo, busca da graça divina e interiorização espiritual é uma relação do indivíduo para com Deus e de Deus para com o indivíduo, ou seja, um movimento vertical, de cima para baixo, de baixo para cima. Em contrapartida, o materialismo e, portanto, a redução do mundo e do homem à política e à história é, como vimos na passagem acima, uma relação horizontalizada entre poderes materiais incontroláveis, a natureza e o indivíduo, a sociedade e o indivíduo, o grupo e o indivíduo, o ego frente a outros egos, sem mediação divina alguma. Ora, se a universalidade e a individualidade – que são a única relação possível e legítima, para Olavo de Carvalho, em termos de salvação do homem no que tange ao conflito Behemot e Leviatã – se dão no movimento e na linha verticais (de cima para baixo, em que Deus vem ao homem; de baixo para cima, em que o homem interioriza-se e alcança Deus), no âmbito da política e da história tem-se apenas a particularidade e o desejo cego, egocêntrico e violento pelo próprio umbigo, pelo próprio ego. Por isso mesmo, na política e na história, não está o indivíduo – e nem está Deus, assim como a salvação – mas o coletivo, o poder, o todo, a massa, as instituições, as estruturas sociais, isto é, *o totalitarismo*. Assim, quando se destrói a linha vertical entre Deus e o homem, entre o homem (individual) e Deus, destrói-se também seja o parâmetro normativo-moral objetivo desde o qual o homem pode se guiar (perde-se a escala, a proporção e a prioridade), o qual passa a ser ocupado por ideologias materialistas imoderadas; e destrói-se o indivíduo, o qual é substituído, pelas ideologias totalitárias, pela massa, pelo partido, pelo movimento, pela coletividade, pelas instituições, pela totalidade, pelo Grande-Irmão etc.

É aqui que o sentido da "militância" de Olavo de Carvalho contra o materialismo comunista-esquerdista sob a forma de marxismo cultural explicita-se em todo o seu sentido. Primeiramente, Olavo de Carvalho insiste em que a política e a história, lugares do materialismo, geram pura e simplesmente ideologias totalitárias e levam à violência totalitária contra os indivíduos, implicando-se, assim, em três pontos perversos e destruidores da estabilidade humana: (a) o apagamento do indivíduo pelos regimes totalitários de massa, instrumentalizando-o e, muito frequentemente, assassinando-o; (b) fomentando a centralidade da política, da história e da ação humana intersubjetiva direta, desconsiderando-se e deslegitimando-se a interiorização e a intuição direta, pessoal e privatista da verdade, a relação homem-Deus; e (c) abandonando-se a graça divina e o pescador Jesus Cristo, substituindo-se, nesse caso, o contato direto entre Deus e o homem individual, que é sempre uma relação vertical, imediata, imediada, pessoal e interiorizada-interiorizante, por ideologias materialistas calcadas seja no aqui e agora, seja no ego absoluto do líder-partido-seita, seja, finalmente, no sentido autorreferencial, autossubsistente e autossuficiente da história, da política e da ação humana sobre si mesmas. Desse modo, para Olavo de Car-

valho, a resolução de todos os problemas humanos exige o combate sem tréguas ao materialismo e, com isso, a deslegitimação da política, da história e da ação humana em nível intersubjetivo como os móbeis de construção da objetividade, do sentido. Por isso mesmo, o primeiro eixo de sua militância pública diz respeito exatamente à ênfase da centralidade do indivíduo em relação à política, à história e à ação humana em nível macroestrutural ou intersubjetivo; dito de outro modo, a defesa do indivíduo contra o materialismo e as ideologias totalitárias nele fundadas – o que significa que concepções materialistas geram exatamente o totalitarismo. Olavo de Carvalho nos diz:

> [...] regra que me impus alguns anos atrás, de nunca falar impessoalmente nem em nome de alguma entidade coletiva, mas sempre diretamente em meu próprio nome apenas, sem qualquer retaguarda mais respeitável que a simples honorabilidade de um animal racional, bem como de nunca me dirigir a coletividades abstratas, mas sempre e unicamente a indivíduos de carne e osso, despidos das identidades provisórias que o cargo, a posição social e a filiação ideológica superpõem àquela com que nasceram e com a qual hão de comparecer, um dia, ante o trono do Altíssimo. Estou profundamente persuadido de que somente nesse nível de discurso se pode filosofar autenticamente (CARVALHO, 2018, p. 33).

Note-se, na passagem acima, que, para Olavo de Carvalho, só existe o indivíduo "de carne e osso" e de que, portanto, todas as vestes que ele apresenta em termos de seu contexto e de suas condições de emergência são pura e simplesmente *ideologias* que subsumem e em geral obliteram sua essência mais íntima, prejudicando, inclusive, seu contato direto com Deus por meio da interiorização privatista e de sua intuição pessoal direta e imediata para com esse mesmo Deus. Logo, a política, a história e a ação humana sobre si mesmas – a política como ação humana sobre si mesma, a história como o lugar dessa mesma ação humana – deturpam não só a condição humana (combate individual entre Behemot e Leviatã, interiorização pessoal e graça divina por Jesus Cristo), como também impelem exatamente à autodestruição humana sob a forma de primazia de ideologias políticas que levam diretamente ao totalitarismo. Ademais, como vimos acima, estruturas sociais, instituições comuns e dinâmicas macroestruturais ou são ideologia, ou são pura e simplesmente falácia: não existem em sentido estrito, não determinam processos de socialização e de subjetivação amplos – e, se existem e o fazem, conduzem ao materialismo, à perda do homem em relação a si mesmo e à sua destinação última com Deus por meio de sua interiorização. Ora, só indivíduos comparecem ao trono do Altíssimo, não partidos, massas, movimentos, instituições – e é só comparecendo ao trono do Altíssimo que de fato se alcança a compreensão primeira e última, se consegue a salvação desse combate pungente entre Behemot e Leviatã. Por isso, o combate contra o materialismo precisa, como vimos acima, primeiramente e de modo fundamental afirmar a primazia do indivíduo frente às ideologias políticas (menos a posição de Olavo de Carvalho, que aparentemente não é ideologia!), precisa afirmar a centralidade da intuição pessoal interior e direta em relação à política, à história e à ação humana intersubjetiva. Essa, aliás, é a pior característica da intelectualidade brasileira, ao ponto de ela gerar o imbecil coletivo, isto é, sua tendência a afirmar a centralidade e a primazia das estruturas sociais, das instituições, da classe social e das condições macroestruturais (o materialismo, a ideologia) em relação ao indivíduo de carne e osso e, nesse caso, sua insistência da *práxis* política em detrimento da interiorização, sua primazia da ação humana no âmbito histórico-político em detrimento da espiritualidade e da graça divina. Ele diz:

> O desejo de segurança é um impulso normal do ser humano. Foi ele que impeliu os primeiros filósofos a buscarem uma verdade para além das flutuações de opinião. Mas esse desejo toma, entre os intelectuais brasileiros, um sentido caricatural e perverso. Em vez de buscar segurança em uma intuição direta e pessoal, imaginam poder encontrá-la na adesão coletiva e epidêmica às tendências de prestígio mais recente no que chamam 'os grandes centros produtores de cultura' – expressão que já revela toda uma concepção coisista e mercadológica do que seja cultura. Temerosos demais para tentar atinar por si com o certo e o errado, encontram alívio e proteção no sentimento de estar em dia com a opinião mundial, ou com o que tal lhes parece (CARVALHO, 2018, p. 40).

A origem de todos os males da condição humana e, em especial, da modernidade iluminista diz respeito exatamente à substituição do indivíduo pelo grupo, pela massa, pela instituição, pelo partido, pela classe social, pelas estruturas sociais; diz respeito à negação de Deus, da graça divina e da espiritualidade em favor da ação política, da condição histórica e, finalmente, da todo-poderosa ação humana; e diz respeito à busca objetiva da verdade por meio da ciência e de sua implantação por meio da política, em detrimento mais uma vez da intuição pessoal direta via interiorização e em termos de relação vertical do indivíduo para com Deus e de Deus para com o indivíduo. O *imbecil coletivo*, fenômeno muito próprio à intelectualidade brasileira, é, para Olavo de Carvalho, resultado dessa degeneração materialista e a sua solução passa pelo combate sem tréguas contra a intelectualidade em nome dessa intersecção de Jesus Cristo, graça divina, indivíduo e intuição pessoal interiorizada e espiritualista. Ademais, a militância antimoderna e antimodernizante, por parte de Olavo de Carvalho, implica, em segundo lugar, a contraposição à modernidade iluminista, que é a verdadeira instância radicalizadora do materialismo em sua negação seja da religião (cristã), seja da espiritualidade e da interioridade, instaurando exatamente, no lugar de Deus, da Verdade, da graça e do espírito, a ciência, a política, a história, o partido e a massa, em suma, a ideologia. A tendência ao materialismo é radicalizada, para Olavo de Carvalho, em termos de modernidade iluminista, a qual reduz a justificação epistemológico-moral objetiva seja ao âmbito das ciências naturais (no tocante à verdade, ao aspecto cognitivo), seja à ação humana intersubjetiva e relacional localizada no espaço e no tempo histórico-político-culturais (no tocante à normatividade comum, ao aspecto ético-político-jurídico), seja, finalmente, ao gosto individual (no tocante ao belo e ao gosto, ao aspecto estético), recusando-se, então, a Verdade absoluta. Como vimos em passagem acima, a redução do homem e do escopo humano à materialidade (ou seja, o âmbito da ciência, da política, da história e da ação intersubjetiva) leva à perda de uma referência objetiva que somente pode ser dada por uma condição a-histórica, pré-política e pré-cultural – a qual somente pode ser acessada pelo indivíduo desde seu íntimo. É assim que Olavo de Carvalho, ao mesmo tempo em que se propõe a sustentar a centralidade do indivíduo "de carne e osso" frente às ideologias políticas (trata-se de uma visão dualista-maniqueísta de mundo: de um lado as ideologias, como o mal absoluto; de outro o indivíduo, como o protagonista; de um lado Deus/espiritualidade, de outro a política e a história), aponta para uma crítica da modernidade iluminista, materialista e ateia que implica, de um lado, em se recusar a ideia de que os processos de socialização ("a sociedade") determinem os processos de subjetivação, bem como, de outro, em se retomar uma noção de cultura/civilização ocidental restrita à tradição judaico-cristã (teologia) e greco-latina (metafísica, ontologia) como contraponto exatamente à modernidade iluminista e materialista. Quando ao primeiro ponto, Olavo de Carvalho nos diz:

> Não haverá algo de errado nas nossas convicções habituais sobre o que suscita, mantém e fomenta a vida intelectual? Mais precisamente: quando, seguindo uma crença generalizada, sustentamos que a vida intelectual depende das condições históricas e sociais, não estamos tirando dessa premissa, indiscutivelmente certa, a conclusão errônea de que é à sociedade, e não ao indivíduo, que cabe a iniciativa de buscar as respostas, de fazer avançar o conhecimento? E essa crença implícita e semiconsciente não estará levando os intelectuais a esperarem tudo da cultura institucionalizada – especialmente das universidades – e nada dos indivíduos? Não estaremos esperando que uma abstração – "a" sociedade – faça por nós aquilo que somente nós mesmos, indivíduos reais e concretos, podemos fazer? A habitual visão brasileira da cultura como produto social não estará gerando esse indesejável efeito colateral de fazer-nos esperar que o rabo venha abanar o cachorro? (CARVALHO, 2018, p. 182-183).

O primeiro ponto da crítica à modernidade iluminista por Olavo de Carvalho, como dizíamos acima, aponta para o resgate da centralidade do indivíduo relativamente à sociedade e, portanto, como também podemos perceber nessa passagem, pela afirmação de que o indivíduo "real e concreto" deve buscar por si mesmo a resolução de seus problemas, deixando de culpar e de responsabilizar à sociedade por seus problemas e pela transformação de suas condições pessoais. Mais protagonismo, autonomia e responsabilidade pessoais e menos política, instituições e socialização. Os problemas do indivíduo são somente seus, sendo que sua solução passa pelo próprio protagonismo desse mesmo indivíduo. O segundo ponto de crítica por Olavo de Carvalho em relação à modernidade iluminista passa pela afirmação e pela retomada dos "valores universais" – isto é, a metafísica, a ontologia, a teologia, no sentido de determinação pré-cultural da cultura, de determinação a-histórica da história, de determinação pré-política da política, em suma, de primazia de uma perspectiva essencialista e naturalizada em relação à política e à história, de uma base biológico-religiosa da antropologia/cultura/normatividade – gerados em termos de civilização ocidental, mas, entenda-se bem, de uma civilização ocidental que, enquanto valor universal, tem sua gênese, seu sentido e sua objetivação em termos da tradição judaico-cristã e greco-latina sintetizada sob a forma do Renascimento filosófico-cultural. Ele diz, como crítica à modernidade iluminista, materialista, ateia e relativista:

> Não estaremos cedendo à tendência de prestar ao consenso contemporâneo, sempre mutável e fugidio, satisfações que deveríamos antes prestar ao legado milenar da civilização mundial? Não estaremos caindo no erro trágico de tomar como instância suprema e derradeira o juízo de uma época que nós mesmos, por outro lado, proclamamos relativizar? De que adianta fazer discursos contra o eurocentrismo da nossa cultura quando, por outro lado, não nos autorizamos a dar um pio sem o *nihil obstat* do "pensamento de vanguarda" europeu e norte-americano? Não seria mais útil e libertador tomarmos como parâmetro, ao menos por uns instantes, a cultura antiga, medieval e clássica, já mais consolidada como valor universal e independente de contextos locais e preferências momentâneas? Não temos nos arriscado a sufocar no nascedouro nossas melhores inspirações, quando a submetemos ao tribunal do consenso contemporâneo? Quando, quatro décadas atrás, Jean-Paul Sartre proclamou o marxismo como a "filosofia inevitável do nosso tempo", não passamos a sentir como arcaísmo vergonhoso tudo quanto em nós fosse pré-marxista? E de que nos valeu esse sacrifício no altar da "atualidade" quando hoje todos temem declarar-se marxistas para não passar por antiquados? O pensamento sempre avançou movido pelo intuito de alcançar a verdade; só o Brasil parece acreditar que o objetivo do pensamento é alcançar a *atualidade*. Essa mania já não basta para nos colocar em uma posição subalterna e periférica, da qual nenhum "avanço" poderá jamais nos fazer sair? (CARVALHO, 2018, p. 183; os destaques são de Olavo de Carvalho).

Essa passagem mereceria muitos comentários, dada suas implicações. Restringiremo-nos, para o que nos interessa nesse capítulo, à observação de que, conforme Olavo de Carvalho, a modernidade iluminista, exatamente por ser materialista, ateia e relativista, não consegue oferecer – e nem gerar – um padrão normativo com caráter objetivo que possa servir de paradigma orientador da justificação comum e, antes de tudo, da própria ação individual. O relativismo moderno não gera universalismo, não o sustenta, não o fomenta e, a rigor, não está sequer comprometido com ele – por isso mesmo, a modernidade é e gera ideologias político-filosóficas várias que têm por consequência o totalitarismo, a violência e a morte. Contra essa modernidade materialista, ateia, relativista e totalitária, nesse sentido, é necessário buscar a verdade objetiva e universal, isto é, é necessário retornar às tradições judaico-cristãs, greco-latinas e renascentistas, posto que é de lá da tradição judaico-cristã e greco-latina até aqui, isto é, o Renascimento, como fusão delas, que temos todo o arcabouço normativo próprio à cultura/civilização ocidental enquanto universalidade (por outro lado, para além do Renascimento, temos a modernidade iluminista, isto é, o fim da verdade, do universalismo, da tradição ocidental). É por isso, aliás, que Olavo de Carvalho fala que o importante é buscar a verdade, e não focar na atualidade. A verdade, aqui, diz respeito a uma remissão ao passado, a uma retomada e a uma cópia do passado, na sua correlação de ontologia e interioridade, de mundo das ideias e fé, de determinação ontológico-religioso-biológica da antropologia/cultura/normatividade. Ademais, essa retomada do passado como civilização ocidental universalista calcada na tradição judaico-cristã, greco-latina e renascentista, enquanto contraponto mais uma vez à modernidade iluminista, materialista, ateia, relativista, ideológica e totalitária, implica, como seu fecho de abóboda, em uma reorientação da ação humana: ela deve deixar de focar na horizontalidade própria ao materialismo, ou seja, na centralidade da história, da política e da ação humana intersubjetiva, e retomar a perspectiva da verticalidade, isto é, da relação direta, pessoal e interior do homem para com Deus e de Deus para com o homem: é necessário sair do âmbito da história, da política e da ação humana e entrar no âmbito da espiritualidade, da graça e da interioridade. Sobre isso, Olavo de Carvalho nos diz:

> É necessário mudar o eixo das nossas preocupações, e mudá-lo *para cima, na direção do universal*. Uma cultura inteiramente presa ao "reino deste mundo" nada tem a oferecer ao povo senão lamentações miseráveis e protestos histriônicos (CARVALHO, 2018, p. 139; os destaques são de Olavo de Carvalho).

Uma cultura presa ao reino deste mundo – isto é, a modernidade iluminista, materialista, ateia, relativista, ideológica e totalitária – oferece apenas desorientação, desagregação e degeneração, sendo necessário assumir-se de novo os valores universais e imutáveis da perspectiva ontoteológica caudatária da tradição judaico-cristã e da metafísica greco-latina. Olhar e buscar pessoalmente, interiormente, intuitivamente ao absoluto é a solução para esse materialismo histórico-político moderno, que leva ao ateísmo, ao relativismo e, assim, ao totalitarismo, por meio da consolidação das ideologias normativas em detrimento da religião cristã; buscar a Deus, via Jesus Cristo, e não ao homem, via história e política, eis a grande proposta de Olavo de Carvalho contra a modernidade iluminista e "ateia" e contra a democracia multicultural "relativista". Com isso, resume-se seja a posição de Olavo de Carvalho em relação à crítica a essa modernidade iluminista, seja no que se refere à sua invectiva de que ela, dada sua condição materialista, ateia, relativista e ideológica, gerou totalitarismos vários, os quais foram responsáveis por múl-

tiplos genocídios humanos, seja no tocante à sua defesa de uma recusa da modernidade que aponte para a retomada de uma perspectiva espiritual como solução ao drama humano ante o universo e a eternidade (conflito entre Behemot e Leviatã, necessidade natural e indivíduo, entre exterioridade e interioridade, mediado por Jesus Cristo e em termos de graça divina alcançada por meio da intuição pessoal e direta, do homem para com Deus, de Deus para com o homem), a qual encontra seu fecho de abóboda na busca pelo espírito divino. Quanto ao primeiro ponto, Olavo de Carvalho argumenta:

> [...] a logomaquia universal que, se não produziu desde a Revolução Francesa nenhum resultado intelectualmente valioso, ao menos elevou de certo modo a um plano superior de existência uns 200 milhões de seres humanos, alçando-os deste baixo mundo para o assento etéreo, já que esse é mais ou menos o número de vítimas das guerras ideológicas dos dois últimos séculos (CARVALHO, 2018, p. 42).

Note-se que a modernidade iluminista, na passagem acima exemplificada pela Revolução Francesa, não produziu nenhum resultado intelectualmente valioso, mas, por outro lado, gerou inúmeras *guerras ideológicas* que custaram a vida de pelo menos duzentas milhões de pessoas, uma vez que abandonou a Verdade absoluta e universal. Perceba-se, ademais, a própria correlação de modernidade e/como logomaquia, o que significa que o abandono da verdade objetiva e universal por parte da modernidade, tal como a interpreta Olavo de Carvalho, implica como consequência na disputa sociopolítica – e epistemológico-normativa, por óbvio – em torno a jogos de palavras vazias, a sistemas filosóficos descomprometidos com essa mesma objetividade, correção e verdade, os quais, por isso mesmo, se transformam apenas em ideologia, manipulação, massificação e violência sectária. Interessantemente, portanto, Olavo de Carvalho acusa a modernidade iluminista de abandono, recusa e deslegitimação da verdade objetiva, entendendo, é claro, por verdade objetiva exatamente uma correlação estranha, contraditória e pouco clara de revelação cristã e interioridade pessoal, de modo que só haveria verdade, universalidade e objetividade no/como Cristianismo e só se poderia acessá-la efetivamente por meio de um adentramento, por parte de cada indivíduo, para o interior de seu espírito e sob a forma de intuição pessoal e direta com o próprio Deus – se trata, como pensamos, em uma incongruência, porque, por um lado, temos a revelação objetiva de Deus via texto bíblico e doutrina canônica sistematizada e institucionalizada (no caso das diferentes tradições religiosas judaico-cristãs), embora, por outro, essa revelação objetiva seja acessada basicamente por interiorização, por intuição direta e, como fecho de abóboda, pela graça divina. Note-se que é essa concepção, no mínimo problemática, que permite a Olavo de Carvalho sustentar tanto que todas as outras posições normativo-filosóficas, menos a sua, são basicamente ideologia quanto que ele (e essa seria a especificidade de sua teoria) consegue descrever a objetividade do mundo e do homem por via da interiorização e apresentá-la a todos por meio de um discurso objetivo vinculante! No que diz respeito a isso, sua intenção como filósofo público consiste exatamente em uma luta encarniçada contra a modernidade iluminista, acusando-a de materialista, ateia, relativista e totalitária, e sua defesa de uma retomada dessa verdade escatológica que representa o drama vivido pelos seres humanos em termos de universo e de eternidade, um drama desde sempre inscrito na história de todos os homens, vale dizer, *de cada homem individual*. Especialmente ao Brasil, uma nação jovem e ainda imatura em termos culturais e civilizacionais, e profundamente influenciada por esse tipo de modernidade iluminista que descamba no marxismo cultural, Olavo de Carvalho

orienta essa sua tarefa de crítica e de esclarecimento contra o Esclarecimento. Sobre essa sua tarefa como intelectual público, ele diz com todas as letras:

> Tarefa que é, em essência, a de romper o círculo de limitações e constrangimentos que o discurso ideológico tem imposto às inteligências deste país, a de vincular a nossa cultura às correntes milenares e mais altas da vida espiritual no mundo, a de fazer em suma com que o Brasil, em vez de se olhar somente no espelho estreito da modernidade, imaginando que quatro séculos são a história inteira do mundo, consiga se enxergar na escala do drama humano ante o universo e a eternidade. Tarefa que é, no seu mais elevado e ambicioso intuito, a de remover os obstáculos mentais que hoje impedem que a cultura brasileira receba uma inspiração mais forte do espírito divino e possa florescer como um dom magnífico a toda a humanidade (CARVALHO, 2018, p. 33).

É necessário pôr fim a essa modernidade materialista, ateia, relativista, totalitária e, portanto, *completamente ideológica*. É preciso retomar a religião judaico-cristã, o Cristianismo como valor universal, o único capaz de efetivamente assumir, dinamizar e resolver o drama humano frente ao universo e à eternidade, isto é, o conflito entre a necessidade natural-material e o indivíduo angustiado. No mesmo diapasão e por consequência, é preciso decretar o fim da política e da história, que são basicamente ideologia totalitária negadora de Deus, do indivíduo, da espiritualidade, da graça divina: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", não por acaso, resume essa proposta de uma condenação sumária da modernidade ocidental, tanto na ciência quanto na política e na cultura, *como um todo* enquanto mera ideologia que, hodiernamente travestida de marxismo cultural, quer corromper, manipular e degenerar os valores universais de um passado escatológico e, nesse caso, do indivíduo jogado ao mundo e dependente apenas e tão somente de Deus.

Considerações finais

Muita coisa pode ser dita destas posições de Olavo de Carvalho, incluindo-se duas muito básicas que certamente exigiriam de seus trabalhos muito mais do que o apelo à crença no Deus judaico-cristão e à aceitação de sua própria voz como a única perspectiva não-ideológica no amplo mar das ideologias geradas pela modernidade iluminista. Saliente-se, nesse sentido, em primeiro lugar, essa sua perspectiva de que a objetividade do mundo e do homem – que ele correlaciona com a escatologia e a teodiceia judaico-cristãs, não por acaso utilizando-se de três figuras bíblicas fundacionais, Behemot, Leviatã e Jesus Cristo – somente pode ser acessada por via da interiorização individual em termos de uma intuição direta e pessoal de Deus. Se isso é verdade, como é possível qualquer discussão intersubjetiva não só dos próprios textos religiosos – posto que é somente por meio deles que temos uma noção objetiva, sistemática e canônica do credo, passível de discussão, justificação, comparação e crítica (afinal, somente sabemos que Deus existe e veio a nós porque existem textos canônicos, sistemas teológicos, instituições religiosas e, assim, doutrina objetiva codificada e interpretada por comunidades clericais autossubsistentes) –, como também das próprias normas, valores, práticas e símbolos que perpassam seja os valores universais da tradição judaico-cristã, greco-latina e renascentista, seja mesmo o materialismo e o relativismo modernos? Como é possível a crítica das ideologias totalitárias modernas apenas por intuição direta e pessoal? Ademais, a discussão da objetividade do próprio credo religioso – nesse caso, do conflito entre Behemot e Leviatã resolvido apenas por Jesus Cristo e em termos de graça divina –, como pode ela ser efetivamente sustentada enquanto objetiva apenas por intuição

pessoal direta e imediata, como interiorização espiritual? Esse é o primeiro conjunto de questões que revelam a inconsistência teórica da posição filosófica de Olavo de Carvalho em relação à justificação intersubjetiva; e a consequência de sua posição é exatamente a de que não é possível e de que não há instrumentos para tal discussão *objetiva, intersubjetiva*: resta-nos esperar que Jesus Cristo venha iluminar cada indivíduo particular de que ele é o caminho, a verdade e a vida, ou seja, resta-nos que ele se mostre e faça milagres para que acreditemos nele, porque outra coisa – isto é, um padrão-paradigma objetivo-intersubjetivo de discussão – já não temos mais (e certamente Olavo de Carvalho não nos pode fornecê-lo com essa sua posição anti-objetiva, anti-estrutural calcada na intuição pessoal, interior, direta, imediada e imediata do indivíduo dilacerado por Behemot e Leviatã).

Em segundo lugar, sua compreensão da modernidade iluminista como materialista, relativista, totalitária e ideológica é, no mínimo, extremamente problemática, quando não completamente falsa. A grande crítica de Olavo de Carvalho relativamente à modernidade diz respeito ao fato de que, ao abandonar Deus, ao recusar a metafísica e ao deslegitimar a objetividade da natureza, perdendo, portanto, qualquer base essencialista e naturalizada sobre o mundo, a modernidade também perdeu qualquer base objetiva ou universal para tratar sobre o homem. Não só perdeu essa base estrutural, senão que também passou a substituí-la pelo charlatanismo científico barato, pela manipulação da informação, pela massificação social e pela ideologização da política. Dito de outro modo, a modernidade, na medida em que recusa a objetividade do mundo e do homem em sentido pré-político, pré-cultural e a-histórico, em termos ontoteológicos, na medida em que mata Deus, assume-se como degeneração político-moral e utiliza-se largamente dessa mesma degeneração político-moral para a destruição da vida, da qual o relativismo filosófico (vale-tudo moral), o positivismo científico (fato empírico determinado seja pelas ciências sociais, seja pelas ciências naturais) e os regimes políticos totalitários (revolução macroestrutural, massa, partido, classe social, sistema etc.) são a máxima expressão histórico-prática. Por ter abandonado Deus, por ter recusado a objetividade pré-cultural, pré-política e a-histórica do mundo e do homem, a modernidade perde qualquer base para uma discussão racional sobre si, sobre a universalidade. Por isso, aliás, a acusação, por Olavo de Carvalho, de que o resultado da filosofia e da ciência modernas é a corrupção político-moral ampla, que vai desde a destruição da família, passa pelo pansexualismo e pela utilização de drogas e chega, então, como estamos dizendo, às ideologias políticas totalitárias – situação hoje representada em termos de marxismo cultural. No mesmo diapasão, daqui devém sua proposta de uma retomada dessa perspectiva pré-moderna, antimoderna e antimodernizante caudatária das tradições teológicas judaico-cristãs e da metafísica dualista (Platão) ou monista (Aristóteles) grega, ainda que, em Olavo de Carvalho, essa retomada da perspectiva ontoteológica clássica seja dinamizada pela centralidade da intuição direta e pessoal por parte de cada indivíduo, sem qualquer padrão objetivo de verificação, de prova e de discussão que não a graça divina – uma leitura que nem precisa ser muito atenta da ontoteologia permite uma verificação clara de que sem o método científico e a centralidade institucional não é possível justificação objetiva e discussão e interação racionais, em suma, produção e legitimação da normatividade; o papel da intuição pessoal interiorizada é mínimo. No caso, ainda, somos levados a concluir que, para Olavo de Carvalho, somente uma base essencialista e naturalizada com caráter pré-político, pré-cultural e a-histórico (a qual, entretanto, não sabemos quem nos consegue provar, posto que o acesso à verdade somente é possível pela intuição pessoal e em termos de interiorização espiritual), consiga oferecer uma referência objetiva para a produção conceitual e para a justificação da normatividade, o que também im-

plica em que apenas um fundamento imutável, necessário e absoluto garanta objetividade teórica, coerência discursiva, rigor moral e responsabilização e vinculação subjetivas-intersubjetivas. Ora, essa posição relativamente à modernidade ignora que, *exatamente por causa do abandono de fundamentos pré-políticos, pré-culturais e a-históricos*, isto é, de uma base essencialista e naturalizada da antropologia-cultura-normatividade, a necessidade de discussão e de justificação racionais se tornam absolutamente inultrapassáveis para a modernidade filosófica, sem qualquer outro substitutivo que não exatamente mais e mais discussão e justificação racionais – aqui, qualquer apelo ao charlatanismo, à massificação e à mistificação das massas está de antemão excluído como princípio de justificação e sequer se coaduna com intuição e interiorização imediadas e imediatas, mas com argumentação, contra-argumentação, prova e contraprova, com objetividade epistemológico-moral, diferenciação de esferas de valor e com falibilismo científico-político. Com efeito, poder-se-ia até inverter o argumento de Olavo de Carvalho: não é o relativismo que leva ao ocaso da justificação racional e do comprometimento com a fundamentação objetiva-intersubjetiva da normatividade, mas exatamente seja o dogmatismo religioso e a ossificação ontológica, que deslegitima a pluralização e a descentração epistêmico-política, que subsume a política, a cultura e a história em uma grade de férreo da imutabilidade, da identidade plena e da reprodução direta entre teologia-biologia-espírito e política-cultura-antropologia-matéria, seja, ainda mais, a perspectiva de um individualismo metodológico estrito como intuição pessoal direta, interior, imediata e imediada à verdade, o qual impede a constituição intersubjetiva-objetiva de parâmetros de justificação que possam ser discutidos, criticados e revistos tanto pelas comunidades científicas quanto pelos cidadãos. É por isso, aliás, que Olavo de Carvalho, na definição da sua lógica universal da condição humana como conflito entre Behemot e Leviatã mediada pela intervenção de Jesus Cristo, tem de afirmar que a salvação última não depende do homem, mas da graça divina, ou seja, de que no fim das contas não há qualquer possibilidade de justificação racional última sobre nosso drama humano no universo e na eternidade, de que não há nenhuma possibilidade de controle epistêmico-político objetivo-intersubjetivo da dinâmica de constituição e de orientação humanas ao longo do tempo – temos de recorrer a Deus e à graça divina como orientação primeira e última, e somente podemos confiar em nossa intuição interna, em nossa interioridade, em nossa espiritualidade. Note-se, assim, que é muito mais provável que o desânimo, o desespero e a violência totalitárias provenham seja dessa condição pré-política, pré-cultural e a-histórica da normatividade, ossificada em uma posição antipolítica absoluta que somente pode ser acessada pelos iluminados, por eles interpretada e aplicada exclusivamente, à qual tudo e todos estão subordinados e subsumidos ferreamente, seja dessa centralidade da intuição pessoal, interior, imediata e imediada para o acesso à verdade, situação que não permite comprovação objetiva, discussão racional e justificação razoável, favorecendo, assim, exatamente o charlatanismo, a massificação e a manipulação das massas. Por isso mesmo, faria muito bem a Olavo de Carvalho ler – não dizemos ler bem, mas pelo menos ler com fidelidade e honestidade intelectual – exatamente filosofia moderna e contemporânea, a fim de perceber que o multiculturalismo, a racionalização sociocultural e a queda das fundamentações metafísico-teológicas de mundo, ou seja, a recusa de uma justificação biológico-religiosa da antropologia-cultura-normatividade, a recusa de fundamentos pré-políticos, pré-culturais e a-históricos da sociedade, da cultura e da política, agudizam a sensibilidade moral, a moderação política e a necessidade de fundamentos normativos sólidos que somente podem ser construídos com ampliação da comunidade moral, moderação, enfraquecimento e abandono de bases dogmático-fundamentalistas e, assim, alargamento dos processos de reconhecimento, inclusão, integração e

participação, inclusive com cada vez mais deliberações racionais, baseadas em prova e contraprova e sempre demarcadas por falibilismo. Dito de outro modo, não é a modernidade que, como quer Olavo de Carvalho, ganha no grito sobre o que é e o que não é objetivo, mas essa perspectiva antimoderna da intuição pessoal interior e direta de Deus que já não possui nenhum parâmetro objetivo capaz de escorar-se e, na verdade, que não consegue fundar nenhum parâmetro objetivo de avaliação e nenhum quadro normativo sistemático que não o grito e a visão do espírito, que não consegue oferecer nenhuma solução teórico-prática que não a graça divina derramada somente sobre aqueles que buscam o Senhor no alto de seu trono.

Importante lembrar, após estas considerações, que nos interessa entender, nesse texto, por que Olavo de Carvalho recusa a luta do movimento negro por reparação normativo-política pelo colonialismo-escravidão-racismo e por que, finalmente, ele assume seja a inferioridade das tradições culturais negro-africanas quando comparadas aos valores universais da cultura/civilização ocidental enquanto conjugação da tradição judaico-cristã, da metafísica grecolatina e da filosofia renascentista, seja a inexistência de contribuição cultural efetiva dos povos negros para a civilização ocidental. Como vimos no primeiro e no segundo capítulos, Olavo de Carvalho recusa a *práxis* reparatória defendida pelo movimento negro em relação ao colonialismo-escravidão-racismo por dois motivos. Primeiramente, porque todos os povos são criminosos em alguma medida e, portanto, não têm nada a cobrar uns dos outros – como todos cometem crimes, todos são criminosos e não podem de modo idôneo e escorreito exigir reparação por crimes cometidos pelos outros, uma vez que eles mesmos (os que exigem reparação) cometeram crimes similares, às vezes por mais tempo, primeiro que os outros e em uma maior intensidade. Assim é que os negros africanos uma vez governaram o Egito e escravizaram por mais de mil anos aos povos semitas, entre eles árabes e judeus. Logo, não podem exigir reparação pela escravidão que sofreram depois de toda a colonização, escravização e instrumentalização que cometeram àqueles que, posteriormente, fariam o mesmo que eles, só que agora com eles. Ademais, como também vimos especialmente na primeira parte, essa tendência de opressão e violência mútuas faz parte da constituição de todos os povos ao longo do tempo e, na verdade, além de revelar uma tendência humana básica do conflito entre Behemot e Leviatã, aponta para o fato de que uma civilização somente pode ser conquistada quando é fraca culturalmente e quando está em desestruturação e degeneração em termos político-morais. Assim, aliado ao fato de que negros escravizaram árabes e judeus quando foram faraós do Egito, o que já revelaria uma contradição teórica e uma má-fé moral seletivas contra os brancos, tem-se a própria questão de que eles foram colonizados, dominados e escravizados porque estavam em decadência cultural, enfraquecidos como civilização, desestruturados social e politicamente. E por que estavam nessa condição de crise civilizacional? Por causa de suas tradições religiosas mágico-animistas tribalizadas, que os condenavam ao bizarro, à regressão e à ossificação. A colonização europeia-branca foi somente um adendo, um ponto superficial em uma realidade de desestruturação, degeneração e apagamento cultural-civilizacional vivido pelo povo negro por causa de seus próprios *déficits* antropológicos, em particular de suas tradições religiosas. Se por um lado negros também foram senhores de escravos – entre si, dos árabes e dos judeus –, por outro é importante considerar-se que a culpa pela escravidão é dos próprios negros e de sua cultura decadente, e não dos brancos europeus, os quais conseguiram sua supremacia por causa de sua cultura superior. Desse modo, não há qualquer reparação a ser paga e a crítica aos brancos é pura e simplesmente seletiva, incongruente e acrítica.

Em segundo lugar, pudemos perceber que Olavo de Carvalho, ao negar a responsabilização social-institucional na exata medida em que recusa a determinação social, institucional, macroestrutrual da subjetividade, do lugar sociopolítico do indivíduo, reduz toda a dinâmica humana à ação e ao protagonismo individuais. Não existe a sociedade enquanto macroestrutura ou macrodinâmica se sobrepondo, subsumindo e determinando de modo férreo ao indivíduo. A culpa pelo que somos é nossa, como indivíduos, não da sociedade enquanto macroestrutura: não existe a sociedade como macroestrutura totalizante, não existe as instituições enquanto sistemas objetivos que determinam socialização e subjetivação de modo último e, finalmente, não existe a classe social, o partido político, a massa amorfa que subsumam e anulem os indivíduos. Estes indivíduos, cada um dos indivíduos, não podem explicar seu fracasso ou seus méritos por causa de supostas condições objetivas, mas por seu protagonismo ou pela falta dele. Assim é que Olavo de Carvalho nega a política, a história e a ação humana intersubjetiva e afirma, como vimos, a centralidade do indivíduo, de Deus e da graça divina, reduzindo a busca pela verdade a uma cruzada pessoal em termos de interiorização como intuição direta, imediata e imediada do indivíduo para com Deus. Portanto, nesse caso, o movimento negro não pode exigir reparação pela sua condição de miséria, de exclusão e de desigualdade contemporânea porque cada indivíduo negro faz parte de uma sociedade que aboliu a escravidão e que equalizou a todos há mais de cem anos, tendo tempo e condições suficientes para se desenvolver e modificar sua situação pessoal. Se não conseguiram, isso mais uma vez não se deve à herança colonial, escravocrata e racista, mas à sua incapacidade pessoal. O indivíduo é o único responsável por seus atos e responde por eles diretamente a Deus e frente aos demais; a política, a história e a ação humana intersubjetiva são o lugar do materialismo, do relativismo, do ateísmo e, assim, das ideologias totalitárias.

Em terceiro lugar, temos a posição de Olavo de Carvalho em relação ao (não)lugar das tradições negro-africanas na cultura/civilização ocidental e, nesse caso, seja a ideia de que não houve contribuição cultural negro-africana à cultura/civilização ocidental, seja de que essa mesma civilização ocidental é universal, o que nos leva a concluir que as tradições negro-africanas são particulares, meramente contextuais. No que diz respeito a isso, é importante, antes de tudo, esclarecer que aquilo que Olavo de Carvalho entende por cultura/civilização ocidental diz respeito à conjunção da tradição ontoteológica judaico-cristã (incluindo-se, aqui, a filosofia-teologia medieval), da metafísica greco-latina e, como síntese desses momentos, do Renascimento. Note-se, portanto, que o que interessa a Olavo de Carvalho, na sua definição da cultura/civilização ocidental é a *universalidade* da ontoteologia e, nesse caso, universalidade significa seja a perspectiva da escatologia cristã, representada de modo último pela revelação na correlação do Antigo e do Novo Testamentos, seja a ideia filosófica de determinação da antropologia/cultura/normatividade pela religião/biologia, pela centralidade de fundamentos essencialistas e naturalizados com caráter pré-político, pré-cultural e a-histórico sobre a história, a cultura, a política, a sociedade. Nessa concepção, por isso mesmo, não só não entram as tradições negro-africanas, inferiores à ontoteologia, como também sequer tem lugar a *modernidade iluminista* materialista, relativista, ateia, ideológica e totalitária. Note-se, assim, que a ontoteologia é associada por Olavo de Carvalho diretamente ao espiritualismo, correlacionada, ademais, tanto com essa perspectiva de um intuicionismo epistêmico altamente individualista que, pela sua impotência, necessita permanentemente da graça divina representada e doada por Jesus Cristo quanto com essa ideia de determinação religioso-biológica da antropologia-cultura-normatividade. Daqui devém, aliás, a sua perspectiva dualista-maniqueísta de que só não é ideologia a ontoteo-

logia e, nesse caso, a escatologia e a teodiceia judaico-cristãs, de que só não é ideologia o indivíduo e sua intuição direta, imediata, imediada, interiorizada e altamente pessoal da verdade, isto é, de Deus; e de que, então, todo o materialismo, toda a história, toda a política e toda ação intersubjetiva são apenas ideologias que negam a centralidade do indivíduo, que recusam o protagonismo do espírito e da graça, que deslegitimam a Deus e que buscam a manipulação e a massificação acima de tudo e contra a Verdade absoluta. Só a religião cristã e o indivíduo são bons; toda e qualquer forma política e histórica, *sempre materialistas*, são más, levam ao totalitarismo. Por isso mesmo, os verdadeiros valores universais são os valores do espírito, isto é, a condição religioso-biológica do homem e, então, a intuição individual, pessoal e direta do homem para com Deus. Todas as tradições culturais, filosóficas e políticas que destoam do arcabouço ontoteológico e que negam a centralidade seja do indivíduo de carne e osso, seja do espiritualismo, estão fora da universalidade, fora da cultura/civilização ocidental, sendo esse o caso dos povos negros e da própria modernidade iluminista.

Não é mero acaso que esta posição filosófica extremamente mal construída – e apresentamos os motivos ao longo do texto: contradição epistêmica, ausência de critérios paradigmáticos, subjetivismo estrito, intuicionismo privatista, dualismo-maniqueísmo antropológico, fundamentalismo-dogmatismo religioso, postura anti-objetiva e anti-estrutural em termos de justificação, imprecisão histórico-teórica – gere, no âmbito ético-político, uma atuação antimoderna e antimodernizante que vai desde a recusa das minorias político-culturais, do Estado democrático de direito, dos direitos humanos e da discussão racional objetiva, cientificamente regulada, passa pela defesa do fundamentalismo e do dogmatismo religiosos como critério público-institucional e chega exatamente ao autoritarismo e ao fascismo institucionais, sintetizado pelas máximas modelares do bolsonarismo hegemônico institucional e culturalmente: "E 'conhecereis' (intuitivamente, interiormente, através da Revelação) a Verdade e a Verdade vos libertará"; e "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". A consequência da postura de Olavo de Carvalho é exatamente a cegueira para a diversidade, a recusa da pluralização epistêmica, a negação da discussão racional-científica e, assim, a imoderação, a insensibilidade e o fechamento institucionais para a necessária reflexividade, criticidade e transformação das estruturas sociais, especialmente no que se refere às consequências de uma modernização conservadora altamente racista e autoritária; a consequência da posição anti-objetiva e anticientífica de Olavo de Carvalho é a deslegitimação completa da discussão racional intersubjetiva, mediada cientificamente, como a base de produção da objetividade epistemológico-moral. Assim, ao reduzir todos os outros de si à mera ideologia totalitária, ao relativismo degenerado, à imoralidade absoluta e à massificação inescrupulosa, fazendo-o exatamente através da falta de honestidade intelectual e da deturpação teórica dos adversários, inclusive em termos de utilização acrítica dessa correlação de escatologia judaico-cristã e de intuicionismo espiritualista, Olavo de Carvalho nos mostra que a regressão antimoderna é, de fato, o grande vórtice e a verdadeira fábrica das ideologias totalitárias e do vale-tudo moral a fim de se garantir a hegemonia da extrema-direita. Termos ignorado durante tanto tempo esse tipo de postura teórico-política – deslegitimando-a por meio de um mero movimento de ombros e um sorriso de canto da boca: "É Olavo de Carvalho, não é sério!" – revela um erro crasso da academia brasileira que é pago com a consolidação do obscurantismo seja no âmbito cultural, seja no âmbito institucional. Daí que, conforme pensamos, desconstruir essas posições deva ser um dos objetivos mais básicos da ciência, nos seus diversos ramos, até porque o negacionismo científico, a postura anti-objetiva e irracional (no sentido de subjetivismo privatista e de interioridade espiritualista, destituídos de parâmetros objetivos-intersubjetivos de

discussão e de justificação), o fascismo político e o conservadorismo moral-religioso-cultural, imbricados, ameaçam em cheio com a estabilidade de nossa democracia pluralista e universalista constituída como um sistema público de direito e, nesse caso, atacam a ciência, a política e as diferenças em bloco, como mera ideologia, como mera degeneração e como suprema deturpação dos valores universalistas da tradição ontoteológica que, paradoxalmente, somente podem ser alcançados por intuição espiritualista do indivíduo em sua interioridade e em diálogo direto com Deus, obviamente auxiliado pela graça de Jesus Cristo. Em outras palavras, tal posição equivale à negação *em bloco e geral* de todos os que não compartilham de sua posição, taxados como ideologia política totalitária, levando à *recusa em bloco e geral* da discussão racional, cientificamente fundada e politicamente equalizada. Ora, as consequências de tal postura "teórico-política", uma vez hegemônica institucional e culturalmente, são as mais graves possíveis e podem ser sintetizadas na regressão antimoderna e antimodernizante sob a forma de negacionismo científico, deslegitimação da *práxis* política, imobilização das instituições públicas em seu papel organizador e gerenciador da sociedade e, finalmente, recusa da desnaturalização, da historicização e da politização da sociedade-cultura-consciência, colocando a antropologia/cultura/normatividade como ramificação da religião/biologia.

Referências

CARVALHO, Olavo de. *O imbecil coletivo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.
CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora da UFBA, 2008.
MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite*: ensaio sobre a África descolonizada. Luanda: Edições Mulemba, 2014a.
MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014b.
MEMMI, Aimé. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

Contribuição dos(as) autores(as) / Author's Contributions: Leno Francisco Danner apresentou a ideia genérica a ser discutida e preparou o primeiro esboço. Fernando Danner leu o manuscrito, complementou e corrigiu alguns pontos. Depois, o manuscrito foi discutido entre os dois pesquisadores. Ambos aceitaram e aprovaram a versão final do texto.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Fernando Danner. fernando.danner@gmail.com

Islamofobia e elementos fascistas no discurso de Olavo de Carvalho e do Movimento Mídia Sem Máscaras (MSM)

Natalia Cruz
Universidade Federal Fluminense, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-5797-2156
ndrc@globo.com

Introdução

O Brasil vem sendo palco de diversos movimentos de extrema-direita nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. A reestruturação do capitalismo, a fragmentação da classe trabalhadora, enfraquecendo sua identidade de classe, e a instabilidade econômica e social que coloca as classes médias em uma situação de insegurança e predispostas a medos coletivos socialmente construídos, contribuíram para que o terreno político e social brasileiro torne-se fértil para o surgimento de movimentos sociais extremistas situados à direita do espectro político, com discursos elaborados em torno da ideia de inimigo e de nacionalismo extremado.

O presente trabalho estuda o movimento *Mídia Sem Máscara*

Revista de Ciências Sociais — Fortaleza, v. 51, n. 2, jul./out. 2020, p. 337–389.
DOI: 10.36517/rcs.51.2.a04

(*MSM*), criado e liderado por Olavo de Carvalho, que faz uso das redes sociais para difundir sua visão de mundo e suas narrativas sobre os problemas brasileiros e mundiais, com o objetivo de alcançar a opinião pública e persuadi-la a aderir às suas propostas discriminatórias e excludentes de organização da sociedade brasileira.

O aspecto de seu discurso a ser analisado será a islamofobia, apreendendo como o discurso islamofóbico aparece em suas narrativas e se articula com uma visão fascista de mundo, ligando-se a um projeto político excludente e autoritário que, no entanto, usa a ideia de neutralidade e objetividade para ocultar a ideologia de extrema-direita inerente ao seu discurso. Será abordada também a simetria do seu discurso com o chamado neoconservadorismo norte-americano, apresentando as influências dessa corrente de pensamento nas ideias do movimento e do seu líder.

Para abordar o discurso do *Mídia Sem Máscara* e de seu líder Olavo de Carvalho, farei uso da metodologia da análise crítica do Discurso, desenvolvida historicamente como prática social transformadora da sociedade, possibilitando aos analistas um papel de intervenção social na realidade por meio de suas análises. Ao desnudar as ideologias implícitas nos discursos dominantes, tal metodologia contribui para demonstrar a função social de determinados discursos, qual seja, a manutenção de relações sociais, econômicas e políticas que estruturam a dominação das classes favorecidas sobre o conjunto da população. (KRESS, 1990, p. 85).

Para o presente trabalho, será usada a contribuição de Gramsci, através dos conceitos de hegemonia e guerra de posição, para compreender a difusão dos discursos do *MSM* através das redes sociais como forma de conquistar a hegemonia de suas ideias e de seu modelo de sociedade junto à opinião pública, fortalecendo a posição política,

econômica e social das classes dominantes.

A análise será baseada na perspectiva do linguista britânico Norman Fairclough (2001), cujo método se enquadra na Teoria Social do Discurso, analisando-se as relações entre o discurso e outros elementos da prática social. Para ele, um discurso é simultaneamente um texto, uma prática discursiva e uma prática social, possuindo uma natureza dialética, pois o discurso constitui a realidade social e é também constituído por ela.

Os conceitos gramscinianos de hegemonia e guerra de posição (GRAMSCI, 1988) serão utilizados para a compreensão dos objetivos do *MSM* na difusão dos discursos produzidos em seu site. Serão apontados também os elementos fascistas do discurso do movimento em questão, sendo a metodologia da análise crítica do discurso e os conceitos de Gramsci extremamente úteis para a desconstrução do discurso de caráter fascista do *Mídia Sem Máscara*, contribuindo assim para o fortalecimento dos ideais democráticos na sociedade brasileira.

Para tanto, é extremamente importante uma discussão sobre os conceitos de fascismo, autoritarismo, direita e extrema direita, temas bastante controversos e sujeitos a vários debates no campo das ciências sociais e da história. O discurso do *MSM* e de Olavo de Carvalho possui alguns elementos pertencentes à visão de mundo fascista, podendo ser identificado com o campo político da extrema-direita.

Direita, Autoritarismo, Fascismo e Neofascismo

Segundo Schurster, Lapsky & Silva (2014, p. 9), a “direita” é composta por uma variedade de posições e tendências. Existem aqueles que aderem ao sistema de valores e às instituições representativas das democracias liberais, mas com forte conteúdo antissocial e regressivo

– como o corte de direitos sociais e de conquistas políticas –, enquanto outros propõem a supressão da ordem representativa e abandonam o conceito de "liberdade" enquanto um símbolo de sua ação e propaganda políticas. Existem os que adotam perspectivas xenofóbicas e racistas, podendo chegar ou não a um projeto político de caráter fascista.

O que une as diversas tendências do campo da direita é a defesa da ordem social dominante e do status quo econômico, com preservação do sistema de propriedade privada dos meios de produção e dos interesses econômicos dos grupos dirigentes em face do conjunto organizado e popular da sociedade. A direita é, em sua maioria conservadora, mas podemos encontrar também tendências reacionárias, que apresentam um saudosismo em relação a épocas anteriores, representadas de forma idílica e mítica.[1]

Ainda segundo Schurster, Lapsky & Silva (2014, p. 10), não há uma essência única no campo da direita, embora alguns temas apareçam em praticamente todas as tendências direitistas – como a supressão de direitos sociais, a liberdade do uso de armas e a diminuição dos direitos políticos. No que diz respeito ao papel do Estado, por exemplo, os segmentos da direita tradicional ou da direita fundamentalista veem o Estado como um ente "totalitário", incompetente e perdulário na gestão da coisa pública e seu tamanho "excessivo" como ameaça à "liberdade" do indivíduo. Já para a direita mais ligada ao fascismo clássico, e mesmo a algumas ditaduras militares clássicas, o Estado é um instrumento fundamental para a prosperidade e realização dos objetivos "nacionais", incluindo-se o dirigismo econômico.

A extrema-direita, seja de caráter fascista ou ligada às formas auto-

[1] Para aprofundamento da diferença entre conservadores e reacionários, ver Silva (2000).

ritárias tradicionais da direita, é uma forma de expressão das mais radicais de um submundo que afirma e legitima sua presença na sociedade através da prática da violência, seja física ou verbal. "A ressurgência dos fascismos está ligada … a uma questão central que identificamos como sendo a alteridade" Schurster, Lapsky & Silva (2014, p. 10). Tais tendências negam a possibilidade da diferença e da pluralidade.

Há os autores que percebem o liberalismo como a ideologia que marcou os limites e os graus de intensidade do espectro político da direita. Para Crespo (2014, p. 18-19), a direita distingue-se em dois pontos: a tensão entre liberdade e autoritarismo e entre livre mercado e estatismo. O liberalismo é uma ideologia fundamentada centralmente no individualismo e na fobia pelo Estado. Em termos históricos, o liberalismo afirmou-se como a ideologia contrária à monarquia absoluta propondo limites à ação estatal sobre o indivíduo. Partindo desta visão individualista e da concepção negativa de liberdade, o liberalismo fundamentou sua ideologia em uma "moral sobre o político" para proteger três direitos considerados como naturais e inalienáveis: o direito à vida, o direito à propriedade e o direito à liberdade (DWORKIN, 1985). O liberalismo seria então uma ideologia que propõe uma forma de governo representativo que respeita o indivíduo, as leis e o Estado de Direito (CRESPO, 2014, p. 19). A direita não-liberal situa-se então no campo da extrema-direita, defendendo regimes autoritários e/ou intervenção do Estado na vida individual, situando-se neste campo tendências fundamentalistas religiosas que pretendem impor regras de comportamento moral, os movimentos xenofóbicos, racistas e/ou fascistas. Ressalte-se ainda que um movimento ou regime de extrema-direita não necessariamente é antiliberal na economia, havendo combinações de liberdade econômica com não-liberdade na esfera civil e política.

A extrema-direita pode ser de caráter tradicional, como é o caso de ditaduras militares clássicas, ou de caráter fascista. O conceito de fascismo, portanto, define uma tendência da direita que não pode ser compreendida com o simples conceito de autoritarismo.[2] Inicialmente, o termo "fascismo" era designado para definir o movimento político fundado por Benito Mussolini, em Milão, em 1919, cuja expressão concreta eram os chamados "fasci di combattimento", com a palavra *fascio* significando feixe e união, símbolo da autoridade dos magistrados romanos. Os *fasci di combattimento* eram grupos paramilitares do partido fascista, formado por militantes que exerciam atos violentos contra os inimigos do movimento. Posteriormente, o termo passou a designar outros diversos movimentos e partidos nacionalistas de extrema-direita, caracterizados por estruturas fortemente hierarquizadas, centradas num líder, em torno de ideias autoritárias, antili-

[2]Segundo Bobbio (1995, p. 95-97), são chamados de autoritários regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma única pessoa ou órgão, relegando a segundo plano as instituições representativas ou até mesmo aniquilando-as. A autoridade política, neste caso, é condicionada por uma estrutura política hierárquica baseada na ideia de desigualdade entre os homens e exclui ou reduz ao mínimo a participação do povo no poder, empregando meios coercitivos contra os opositores. Autoritarismo é diferente de totalitarismo, pois neste o princípio hierárquico não é um instrumento da ordem, mas de mobilização total da nação numa luta ilimitada contra outras nações ou seus inimigos internos. O totalitarismo busca o consenso e pretende o domínio total pela via tanto da coerção como do convencimento das massas. Os regimes fascistas seriam tendencialmente totalitários. Mas existem análises que conceituam o totalitarismo partindo dos pressupostos liberais, construindo abstrações teóricas exatamente opostas aos valores do liberalismo. Um exemplo é a obra de F. Neumann (1969, p. 268-70), que enumera o que seria para ele os cinco fatores de uma ditadura totalitária: estado policial x estado de direito (força x lei), poder concentrado x poder difuso (concentração x difusão), partido estatal monopolista x pluralidade partidária (monopólio x pluralismo), controles sociais totalitários x controles sociais pluralistas (Estado x liberdade) e presença do terror como ameaça ao indivíduo (violência x razão do indivíduo). Elabora-se então uma visão dicotômica que exalta o Estado liberal como o melhor dos mundos, onde predominaria o reino da lei, da razão e da liberdade, enquanto no seu contrário reinaria a opressão e a violência.

berais, antidemocráticas e anticomunistas. Assim, o termo virou um conceito que abrange um conjunto de manifestações políticas que apenas na aparência se diferenciavam, e que compartilhavam elementos ideológicos comuns (FALCON, 1991).

Konder (1977) reafirma que o conceito de fascismo não se reduz aos conceitos de ditadura ou autoritarismo, pois nem todo movimento ou regime autoritário é fascista. O fascismo pertence ao gênero da direita, sendo uma espécie de direita diferente das direitas tradicionais. O fascismo pretende mobilizar as massas em torno de um ideal comum, por isso não aceita o relativismo absoluto, pois ele é incapaz de armar os homens para o combate e impede a formação de bases sólidas para as convicções apaixonadas que devem mover o engajamento das massas. O fascismo precisa de um princípio sagrado, posto acima de qualquer discussão e dúvida. Esse princípio é o mito da Pátria, baseado em uma unidade fictícia, e não na nação real com conflitos e contradições, havendo a repressão ao diferente e ao que não faça parte da identidade nacional cultuada. O fascismo prega a união das classes sociais, e não o seu conflito, e arregimenta adeptos em todos os setores sociais.

Os debates acerca das bases sociais dos movimentos fascistas são permeados de divergências. Dentro do campo marxista, os autores se dividem entre os que relacionam o fascismo com o grande capital e os que acentuam a participação das camadas médias da sociedade. A historiografia marxista tende a associar a ascensão dos fascismos com a crise do capital monopolista em suas dificuldades para desenvolver extensiva e intensivamente a exploração da força de trabalho. Dessa forma, o fascismo teria servido para esmagar as organizações independentes da classe trabalhadora, atraindo parte dela e dos setores médios, cujo principal beneficiado teria sido o grande capital. As

análises mais dogmáticas e reducionistas estabelecem uma relação direta capital fascismo, como se este tivesse sido criação dos grandes setores capitalistas. Autores marxistas contribuíram também para relativizar essas análises, enfatizando que originalmente os fascismos foram movimentos da pequena burguesia que posteriormente foram instrumentalizados e apoiados pelos grandes capitalistas por não verem mais os partidos burgueses tradicionais como garantidores da ordem do capital.[3]

Um dos autores que inovou nos estudos sobre o fascismo no campo marxista foi Palmiro Togliatti, que em sua obra *Lições sobre o Fascismo*, escrita em 1935, superou a fórmula simplista elaborada pela Internacional Comunista, em novembro de 1935, segundo a qual o fascismo seria apenas "uma ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e agressivos do capital financeiro" (RAGIONIERI, 1976, p. 742-743).[4] Tal definição, além de não considerar o papel das massas no processo, não contribuía para diferenciar o fascismo das demais ditaduras tradicionais da burguesia. Togliatti enriqueceu então a definição de fascismo afirmando que ele é também um regime reacionário de massas (RAGIONIERI, 1976).

Togliatti percebeu que o fascismo, além de fazer uso da repressão e da violência, também realizava uma política de massas, sendo o Partido Nacional Fascista italiano um "partido de novo tipo" da burguesia, um partido de massas (VACCA, 1974, p. 231). Nesse sentido, Togliatti se aproximaria da reflexão de Antônio Gramsci – a

[3]Uma obra fundamental sobre as principais teorias explicativas do fascismo é a de Renzo de Felice (1976).

[4]Com base nessa definição, a Internacional Comunista adotou a teoria do "social fascismo" no VI Congresso em 1928, afastando a questão do caráter de massas do fascismo por alguns anos. Segundo esta teoria, a social-democracia seria um "irmão gêmeo" do fascismo, por também servir ao capital monopolista. Tal tese foi desconstruída por vários autores, entre os quais Trotsky (2019) e Poulantzas (1978).

qual ele, inclusive, desconhecia –, desenvolvida em seus *Cadernos do Cárcere*, à medida que abordava a prática fascista de "obtenção do consenso" e não somente da "imposição por coerção" e por apontar para as relações estabelecidas entre o Estado fascista e as organizações de massa, entre elas o próprio partido fascista e os sindicatos corporativos (MONDAINI, 2003).

Togliatti (1974, p. 111) mostra que a ditadura fascista constrói um movimento de massa organizando a burguesia e a pequena burguesia, esforçando-se para levar as massas às suas organizações, ligando-as ao aparato da ditadura. Neste raciocínio, percebe-se em seu trabalho a revelação da estratégia que Gramsci vai definir como "guerra de posição" ou "luta por hegemonia nas fronteiras da sociedade civil" (GRAMSCI, 1989).

Gramsci também foi um dos grandes estudiosos do fascismo, tendo sido ele mesmo prisioneiro do fascismo italiano. O historiador estadunidense Walter Adamson (1980) aponta que Gramsci evoluiu em sua análise sobre o fascismo quando, em sua obra *Cadernos do Cárcere* (escrita na prisão sob o regime de Mussolini), desenvolve os conceitos de crise de hegemonia/crise orgânica, cesarismo e revolução passiva.[5]

Segundo Melo (2016, p. 128-130), um importante aspecto da teoria política de Gramsci é abordar o processo hegemônico como uma relação dialética entre elementos de direção com os de domínio, consenso e coerção. É possível obter o consenso "espontâneo" de amplas camadas da população, enquanto a coerção é exercida sobre os grupos ou setores sociais que resistem ou sobre a sociedade como um todo nos momentos de crise em que o consenso "espontâneo" é quebrado.

---

[5]Para discussão mais aprofundada desses conceitos na obra de Gramsci, ver Melo (2016).

O fascismo seria então uma forma de regime que combina alta dose de coerção com boa dose de consenso.

A importância da discussão conceitual sobre o fascismo reside no esclarecimento quanto à sua natureza social, às diferenças entre os movimentos fascistas (inicialmente dominados pelos setores pequeno-burgueses) e os regimes fascistas (quando o grande capital passa a ser o principal beneficiado pelas políticas do Estado fascista) e à sua diferenciação frente aos movimentos e regimes autoritários de direita tradicionais, que se limitam à coerção e não mobilizam as massas. Nesse sentido, é muito importante a obra de Poulantzas (1978), que relaciona o processo de fascização das sociedades italiana e alemã a uma crise política específica, envolvendo as frações burguesas em sua dificuldade de obter a hegemonia sobre o bloco no poder, resultando na reorganização deste bloco sob a hegemonia do capital monopolista e financeiro. O autor aponta alguns elementos que fazem parte deste processo de fascização, dentre eles, a ruptura entre as classes sociais e os partidos que as representam, uma crise ideológica generalizada e a penetração da ideologia pequeno-burguesa na classe operária.

O movimento *Mídia Sem Máscara* é formado por elementos da pequena burguesia, como jornalistas, advogados, professores, psiquiatras etc., que apresentam em seu discurso elementos da mentalidade fascista (teorias conspiratórias, aversão à diversidade política e étnico cultural, construção de inimigos internos e externos, nacionalismo etc.), conforme veremos adiante, e se preocupam em mobilizar vastos setores da sociedade através das redes sociais em um movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade (Patschiki, 2012, p. 123), em uma iniciativa de produção de consenso em torno de ideias que servem aos interesses dos setores dominantes da grande burguesia, assim como possuem uma rede extrapartidária associada a vários

aparelhos privados de hegemonia da grande e pequena burguesia. Por essas relações e por suas ideias, Patschiki (2012, p. 17-18) afirma serem "prepostos, funcionários da classe dominante, que arrogam um poder que não detêm, mas que mesmo assim encarnam".

Seus vínculos com elementos ideológicos do fascismo não significam que reproduzam toda a ideologia fascista e a forma de organização dos fascismos clássicos (aqueles situados entre o período entreguerras). Nestes, o antiliberalismo era voltado para todos os aspectos, políticos, sociais e econômicos, pois a economia era corporativa com forte intervenção do estado na organização dos diversos elementos produtivos com vistas a garantir a reprodução ampliada de acumulação de capital. Nos chamados neofascismos, há uma combinação entre defesa do liberalismo econômico com um antiliberalismo político e social. A liberdade da iniciativa privada no mercado é defendida, mas não a liberdade individual em questões morais e comportamentais e as liberdades políticas, visto que em seu discurso, os adversários são tratados como inimigos e não como forças legítimas na disputa política, revelando-se assim um caráter autoritário desse movimento, embora procurem mascarar seu autoritarismo atuando no sistema liberal democrático.

Portanto, este artigo não advoga a tese epocal sobre o fascismo, segundo a qual o fascismo seria produto de uma dada época histórica situada no período entreguerras e indissociável da crise econômica, política e social do período, sendo as consequências da primeira guerra mundial um dos fatores chave para a explicação da ascensão dos movimentos e regimes fascistas. Por essa visão, os fascismos não ressurgiriam em outros períodos históricos, pois aquela conjuntura específica não se repetirá. Fazem parte desta concepção historicista do fascismo pensadores como Renzo de Felice (1976) e Ernest Nolte

(1963), entre outros.

Consideramos que o fascismo pode ressurgir em outros contextos históricos, pois atualmente há vários movimentos chamados neofascistas, que advogam o espírito e a essência do fascismo, embora não reproduzam exatamente a forma de organização e todo o ideário dos fascismos clássicos. Segundo Silva (2003), o fascismo não é um movimento morto, pertencente à história e sem qualquer papel político contemporâneo. A historiografia pós anos 1980 apresenta análises mais conceituais, que veem o fascismo como uma possibilidade da moderna sociedade de massas, e não apenas de um período histórico determinado. Seria possível então falar de um modelo a-histórico e fenomenológico do fascismo.

A definição mais apropriada do que seja fascismo foi dada por Robert Paxton, e podemos encontrar movimentos desse tipo nas sociedades atuais. O fascismo é:

> uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (PAXTON, 2007, p. 358-359).

Os chamados neofascistas defendem o neoliberalismo, saindo da proposta do fascismo clássico de cunho corporativista e intervencionista do Estado.[6] Calil (2018) aponta que a associação entre fascistas

[6] É importante atentar para o fato de que o caráter intervencionista do Estado nos fascismos clássicos não significou estatização de empresas, mas sim regulação dos conflitos de classes, com vistas a assegurar a hegemonia da fração do capital

e neoliberalismo já existia entre os integralistas do pós-1945[7] no Brasil e que esse precedente integralista revela as formas específicas que o fascismo assume para se adaptar a diferentes contextos políticos, seja apresentando um compromisso "democrático" mas esvaziando o sentido do termo, seja incorporando uma perspectiva econômica neoliberal.

Essa observação é útil para visualizarmos o MSM como um movimento que defende ao mesmo tempo elementos do fascismo e também do neoliberalismo, assim como do neoconservadorismo norte-americano.[8]

A Teoria Social do Discurso

É importante abordar como Fairclough concebe a teoria social do discurso, já que a sua metodologia será empregada na análise do discurso de Olavo de Carvalho. Fairclough inspirou-se na Linguística Sistêmica Funcional (LSF) desenvolvida por M. Halliday (1991), que vê a linguagem humana como dotada de funções sociais, havendo três macrofunções que atuam simultaneamente nos textos: ideacional, interpessoal e textual. A Ideacional seria a representação da experiência, refletindo a "realidade" na língua, ou seja, são as representações sobre a realidade. A função interpessoal seria o uso da linguagem na interação social, a língua como ação e como expressão de relações pessoais e sociais. Já a função textual diz respeito aos aspectos semânticos,

monopolista e financeiro do bloco no poder. Ver Poulantzas (1978).

[7] O integralismo foi um movimento fascista surgido no Brasil em 1932, liderado por Plínio Salgado. Após 1945, adotou o nome de Partido de Representação Popular (PRP) e passou a adaptar o discurso ao novo contexto histórico, inclusive defendendo a pauta neoliberal.

[8] A relação com os neoconservadores norte-americanos será abordada no decorrer da análise do discurso do movimento.

gramaticais e estruturais presentes no texto e que possuem um valor funcional.

Fairclough recontextualizou a LSF de Halliday, alterando alguns dos seus pontos. Ele mantém a função ideacional, mas cinde a função interpessoal em função relacional e função identitária. A primeira seria "como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas" e a segunda "relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). Quanto à função textual, Farclough a incorpora ao significado acional, pois não distingue uma função 'textual' separada, mas a incorpora à ação (FAIRCLOUGH, 2003, p. 27).

Para Farclough, o discurso é a intermediação entre o texto e os eventos (ou a realidade), sendo uma prática social que expressa modos de agir, de representar e de ser. O significado acional aproxima-se da função relacional da linguagem, porque o texto é um modo de interação em eventos sociais e a ação através do texto questiona ou legitima relações sociais e de poder. A questão da intertextualidade e da interdiscursividade também é levada em conta no significado acional do texto. O significado representacional relaciona-se com a função ideacional porque enfatiza a representação da realidade, enquanto o significado identificacional diz respeito à construção de identidades no discurso, relacionando-se, portanto, com a função identitária.

O texto será percebido como uma das manifestações da linguagem, vista como essencialmente interativa, e que possui objetivos e fins a serem atingidos, já que se direciona ao outro, tendo uma perspectiva persuasiva e argumentativa. Partindo do pressuposto de que o discurso é baseado em um suporte ideológico, o conceito de ideologia – mais especificamente o de John Thompson (2002) – será de extrema importância na compreensão do discurso do *MSM*, já que a linguagem

é determinada em última instância pela ideologia, não havendo uma relação direta entre as representações sobre a realidade e a língua. Assim, analisar um discurso é compreender não somente o que o texto diz e como ele diz, mas também porque ele diz o que diz.

Quem são Olavo de Carvalho e o Mídia Sem Máscara

O *Mídia Sem Máscara* foi fundado em 2002, tendo como principal instrumento de divulgação de suas ideias a rede mundial de computadores. Localizado no *site* midiasemmascara.org, tem como fundador e editor-chefe Olavo de Carvalho (oriundo de uma família da nova pequena burguesia brasileira), que possui um *site* próprio, www.olavodecarvalho.org, denomina-se filósofo e ministra cursos no Seminário de Filosofia — o qual também possui um *site*, www.seminariodefilosofia.org. Olavo de Carvalho preside o *The Inter-American Institute* (theinteramerican.org), integrado, segundo o próprio, por intelectuais "de alto calibre dos EUA e da América Latina".[9]

O *MSM* foi fundado com o objetivo de "denunciar" o que chamam de "viés esquerdista" da mídia brasileira, que esconderia ou distorceria ideias e notícias. Assim, o *site* se pretende "sem máscara", ou seja, divulgaria notícias sem distorções, apresentando-se como "objetivo" e "neutro", imagem esta totalmente inverídica pelo viés direitista das narrativas de seus membros.

A filiação ideológica do *MSM* pode ser percebida pelos *links* existentes em seu facebook para páginas do *Instituto Mises Brasil* (que defende as ideias neoliberais no mundo) e de Jair Messias Bolsonaro

[9]Informações retiradas do site midiasemmascara.org. Acesso em agosto de 2017. O movimento possui também Facebook (ptbr.facebook.com), Twitter (twitter.com) e Youtube (www.youtube.com).

(famoso político brasileiro de origem militar, eleito à Presidência do Brasil nas eleições de outubro de 2018, sendo o principal representante das ideias de extrema-direita no país e defensor dos regimes militares instituídos no Brasil após o golpe de 1964). Assim, o *MSM* conjuga a defesa do neoliberalismo na economia e do conservadorismo de caráter autoritário na política e na sociedade.

Lucas Patschiki (2012) discorre sobre os intelectuais que compõem o movimento e analisa o *MSM* no período de 2002 a 2011. Segundo o autor, Olavo de Carvalho criou o *MSM* para agrupar vários intelectuais de direita em torno do anticomunismo, no contexto das eleições presidenciais de 2002 em que Luiz Inácio Lula da Silva, do *Partido dos Trabalhadores* (*PT*), foi eleito para o cargo pela primeira vez. Carvalho chegou a ser filiado ao *Partido Comunista Brasileiro* (*PCB*) e afirma ter abandonado o partido em 1968 por discordar da luta armada, afirmação esta sem sentido, pois os que abandonavam o partido nesta época o faziam para entrar na luta armada, e não por serem contra essa forma de luta (PATSCHIKI, 2012, p. 27).

No final da década de 1980, passou a se dedicar mais ativamente à Filosofia (embora não tenha concluído nenhum curso superior na área), criando cursos permanentes, os chamados Seminários de Filosofia, época em que se firmou como intelectual “de certo renome”. Porém, na imprensa, Carvalho emergiu no espaço deixado pela morte de Paulo Francis, em 1997, período em que a grande mídia defendia ostensivamente o neoliberalismo, fazendo parte dessa rede o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Em 1996, lançou o livro *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras* pela Editora da UniverCidade do Rio de Janeiro, foi autor de vários livros sobre Astrologia, Política e Filosofia e, nos anos 2000, trabalhou em vários jornais, revistas e editoras, como *O Globo*, *Zero*

Hora, *Jornal do Comércio* e *Jornal do Brasil*. (PATSCHIKI, 2012, p. 42-43)

O *site* próprio de Olavo de Carvalho, por sua vez, foi lançado em 1998, quando passou a atuar intensivamente nas redes sociais. Já em 2002, o *Mídia Sem Máscara* é fundado e, através dele, Carvalho passa a aglutinar em torno de si vários intelectuais, sendo um poderoso meio de unificação ideológica e organizacional da extrema-direita brasileira (PATSCHIKI, 2012, p. 46).

Em 2005, Carvalho foi demitido de diversos jornais e revistas em que trabalhava – entre eles *O Globo* e *Zero Hora* –, e passou a viver do *Jornal do Comércio*, mantido pela *Associação Comercial de São Paulo* (*ACSP*). Depois das demissões, ele mudou-se para os EUA, residindo em Richmond, Virginia, como correspondente do *Diário do Comércio*. (PATSCHIKI, 2012, p. 47)

Carvalho fundou também o *Instituto Olavo de Carvalho* (*IOC*), em 2009, que se tornou um importante espaço de formação ideológica de futuros intelectuais, para servirem de quadros do *Mídia Sem Máscara*, através do oferecimento de cursos de filosofia e línguas e grupos de estudos literários (PATSCHIKI, 2012, p. 58).

Patschiki considera o *Mídia Sem Máscara* um movimento neofascista, que funcionaria como um partido político. Segundo ele, a partir de 2005, após sua demissão de vários jornais e revistas, Carvalho radicaliza sua prática política anterior, "passando a agregar e refinar projetos de cunho chauvinistas e fascistizantes, militando abertamente por partidos e organizações de novo tipo, que não se colocassem somente contra uma possível ascensão da esquerda, mas contra qualquer abertura democratizante permitida pela burguesia" (PATSCHIKI, 2012, p. 69).

O *Mídia Sem Máscara* seria um partido porque cumpriria uma fun-

ção partidária, ou seja, organiza e dissemina um discurso ideológico através dos seus intelectuais, forma quadros e militantes de base e arregimenta simpatizantes usando como estratégia principal a guerra de posições, atuando em várias organizações e frentes (incluindo a sua rede extra-partidária), cujo objetivo é atuar em momentos de crise política aberta (PATSCHIKI, 2012, p. 71).

O trabalho de Lucas Patschiki é praticamente o único no campo acadêmico sobre Olavo de Carvalho e o *Mídia Sem Máscara*. Mas existem análises de outros pensadores expressas em mídias alternativas e também nas dominantes. O cientista político Álvaro Bianchi, por exemplo, afirma que, embora Carvalho não seja um acadêmico, é um intelectual de grande influência na opinião pública brasileira, exercendo atividade intelectual há várias décadas como articulista em jornais de grande circulação e nas redes sociais. Bianchi enfatiza que "há pouca verdade" na narrativa filosófica de Carvalho, porém, ela é persuasiva e eficaz por abordar "os medos e as inseguranças do homem comum perante as transformações do mundo contemporâneo" (COLETTA, 2018).

Bianchi diz ainda que Carvalho "reciclou" para o contexto brasileiro "de modo bastante eficaz" o tema de um suposto marxismo cultural, que faz parte do discurso da direita nos Estados Unidos desde a década de 1970. O autor não tem dúvidas de que as teses apresentadas por Carvalho nessa área são teorias conspiratórias. "Ele [Olavo de Carvalho] atribui um peso ao marxismo nas universidades brasileiras que simplesmente não existe" (COLETTA, 2018, s.p.).

Já Esther Solano chama a atenção para o fato de que Carvalho soube se capitalizar com base no novo formato de comunicação: fácil, rápido, polêmico e combativo. É a forma comunicativa do *best seller*, daquele palestrante que tem um conteúdo muito simples e mastigado.

Uma coisa fácil, polêmica e que faz sucesso" (COLETTA, 2018, s.p.).

Segundo o professor de Direito e Relações Internacionais, Fabrício Pontin, a narrativa conspiratória de Carvalho "dá um curto-circuito na tentativa de crítica", ou seja, se alguém diz que Olavo está errado, tal crítico de seu pensamento passa a fazer parte da conspiração e estaria "trabalhando para manter todos iludidos". Mas o autor considera que Carvalho explora "os delírios da ortodoxia da academia brasileira" que se fecha em grupos que não dialogam com a sociedade, enquanto Carvalho mantém um diálogo aberto com os seguidores, respondendo *e-mails,* fazendo conferências com seus admiradores, respondendo as ansiedades dos seus seguidores. Nesse sentido, haveria um vazio deixado pela intelectualidade acadêmica, enquanto muitas pessoas não se sentem representadas pelas forças políticas e pelos pensamentos correntes: "O Olavo não é o grande autor da extrema direita brasileira. Ele se tornou o grande intérprete das ansiedades de massa no Brasil, um cara que foi capaz de ler as vulnerabilidades e demandas sociais muito melhor que muito crítico cultural marxista que insiste em achar que Adorno vai nos ajudar a explicar esse ou aquele aspecto do problema de classe" (OUTRAS MÍDIAS, 2019).

A análise de Pontin é elucidativa acerca da estratégia de Carvalho ao se basear em uma suposta erudição filosófica, propagandeando que ele próprio teria uma grande capacidade de interpretação dos trabalhos clássicos da Filosofia Ocidental que o permitiria demonstrar o verdadeiro "sentido" destes textos, escondidos por um complô dos filósofos das universidades. Além disso, Pontin aponta que Carvalho explora as vulnerabilidades do sistema educacional brasileiro e se coloca como um "profeta" de uma suposta "guerra cultural", aproveitando da incompreensão de parte do público sobre as novas dinâmicas sociais de gênero e de organização política. Ele trabalha também com um senso

de nostalgia e uma "vontade de desaceleração da pauta progressista", atraindo muitos insatisfeitos com tais pautas para um movimento de base organizado por ele que explora essas ansiedades sociopolíticas de parte da população, oferecendo uma explicação fácil e direta para as mudanças dos últimos anos (OUTRAS MÍDIAS, 2019).

Miguel aborda o que seria para ele os três eixos da extrema-direita brasileira: o libertarianismo – baseado no ultraliberalismo, prega o menor Estado possível e considera toda situação nascida dos mecanismos de mercado justa por definição; o fundamentalismo religioso – baseado na crença em uma verdade revelada divinamente, anulando qualquer possibilidade de debate; e o anticomunismo – relacionado também com "bolivarianismo". Esses eixos podem aparecer juntos, e ele dá como exemplo o pensamento de Olavo de Carvalho, no qual confluem-se o reacionarismo moral e o anticomunismo exacerbado, produzindo discursos como a crença em um complô para derrubar o capitalismo e a "civilização ocidental" através da dissolução da moral sexual convencional e da estrutura familiar tradicional. Difundindo o que seria o "marxismo cultural" baseado supostamente nas ideias de Gramsci, Carvalho acredita que a estratégia gramsciniana é "apagar da mentalidade popular, e sobretudo do fundo inconsciente do senso comum, toda a herança moral e cultural da humanidade" (MIGUEL, 2019, p. 21).

A análise do discurso islamofóbico em Olavo de Carvalho

Para abordar a islamofobia em Olavo de Carvalho e no *Mídia Sem Máscara*, serão analisados dois artigos de autoria do próprio Carvalho e publicados no *site* do movimento. O primeiro artigo é *A Revolução*

Abrangente, também divulgado no *Diário do Comércio*, em 27 de outubro de 2013; o segundo artigo intitula-se *As Garras da Esfinge – Rene Guenon e a Islamização do Ocidente*, publicado em *Verbum*, Ano I, Números 1 e 1, julho-outubro de 2016. A análise iniciará com a abordagem do significado acional dos discursos, para em seguida passarmos para os significados representacional e identificacional, de acordo com a metodologia de Farclough citada anteriormente.

O Significado Acional do Discurso Islamofóbico de Olavo de Carvalho

Um relatório britânico, *Runneymede Report*, de novembro de 1997, define islamofobia como '"o medo, ódio e hostilidade direcionado ao Islã e aos muçulmanos perpetrados por uma série de visões fechadas que insinuam e atribuem estereótipos e crenças negativos e depreciativos aos muçulmanos" (*apud* RAMOS, 2015, p. 108). Há autores que relacionam islamofobia com racismo, sendo um deles, Ibrahim Kalin, classificando-a como uma espécie de racismo cultural, enfatizando que "é impossível separar a Islamofobia do ódio étnico contra árabes, asiáticos e negros." (KALIN, 2011, p. 600)

Assim sendo, podemos definir a postura de Carvalho como racista e que visa difundir uma imagem estereotipada e preconceituosa acerca do islã em geral, e dos muçulmanos, contribuindo para gerar atitudes de intolerância contra eles.

De acordo com a metodologia de análise de discurso de Farclough, iniciaremos com o significado acional do texto. Ao perceber os textos como uma forma de ação política que visa influenciar a opinião e visão de mundo dos leitores, sendo, portanto, uma forma de interação social, eles têm uma função relacional.

É importante então discutir o conceito gramsciniano de hegemonia, que trouxe grandes contribuições para o estudo da dominação de classe nas sociedades capitalistas mais desenvolvidas. Segundo Portelli (1977, p. 65), Gramsci enfatizava, além da coerção, o consentimento das massas através do convencimento e da persuasão, sendo para ele muito relevante a direção cultural e ideológica da classe dominante sobre toda a sociedade, retirando o conceito de hegemonia de seu caráter puramente político baseado na formulação leninista.

Para Gramsci, o terreno essencial da luta está na sociedade civil, pois o grupo que a controla torna-se hegemônico, coroando tal hegemonia na conquista da sociedade política, estendendo-a ao conjunto do Estado, formado pela sociedade civil mais sociedade política (PORTELLI, 1977). A luta pela hegemonia é denominada por Gramsci de "guerra de posição", ou seja, conquista de "posições e de espaços, da direção político-ideológica e do consenso dos setores majoritários da população, como condição para o acesso ao poder de Estado e para a sua posterior conservação" (COUTINHO, 1992, p. 89).

Para Gramsci, então, "a hegemonia é um contínuo processo de formação e suplantação de um equilíbrio instável" (GRAMSCI, 1988, p. 423), sendo o discurso um meio de se lutar pelo consenso. Assim, as práticas discursivas realizadas através das práticas textuais são formas de estabelecer a hegemonia, e estão ligadas a determinadas práticas sociais que contribuem para a manutenção de relações assimétricas de poder sustentadas em redes de práticas.

Assim sendo, no âmbito da sociedade civil, estão partidos políticos, imprensa, instituições sociais, etc, sendo atualmente as redes sociais um espaço da sociedade civil muito utilizado para a disseminação de determinadas ideias, valores, concepções de mundo ligados a determinados grupos sociais, visando convencer a sociedade e atrair

adeptos que possam colaborar com suas práticas sociais. No caso aqui abordado, o *MSM* e seu líder Olavo de Carvalho procuram conquistar a hegemonia por meio da persuasão e dos discursos de cunho político-ideológico, mas apresentados como se fossem verdade. Por isso, a importância de analisar a prática textual desse grupo e, começando pelo significado acional, serão abordados o gênero e o grau de intertextualidade.

O primeiro artigo, *A Revolução Abrangente*, tem como tese central a ideia de união de um amplo conjunto de movimentos e pautas sociais associados ao "esquerdismo", como o islamismo, o indigenismo, o estatismo, a negritude, a liberação das drogas, o homossexualismo, o feminismo, apresentados sempre de forma pejorativa e em oposição aos valores do ocidente cristão.

No que diz respeito ao gênero, podemos afirmar que o texto é um artigo político, que procura convencer os leitores dos seus argumentos e persuadi-los a agir em conformidade com a visão de mundo passada no texto. Assim, Carvalho busca desenvolver nos leitores a ação política contrária aos elementos apresentados no texto como os inimigos a serem combatidos e reforçar ou gerar preconceitos e conservadorismos de caráter político, social e moral religioso, com o objetivo de manter a ordem social dominante. O pré-gênero do texto é, portanto, o argumentativo-dissertativo.

Carvalho fala de um suposto movimento revolucionário, unido por forças heterogêneas, mas com um objetivo em comum, e que estariam "unidas tão somente pelo ódio comum a um inimigo que permanece também vago e indefinido o bastante para deixar à liderança revolucionária o espaço livre para toda sorte de arranjos e acomodações oportunistas" (CARVALHO, 2013). Afirma-se, portanto, que não há princípios ideológicos positivos no movimento revolucionário, enfa-

tizando seu pragmatismo para derrotar um inimigo comum a todos os componentes do movimento, levando o leitor a concluir que a “ideologia” dos movimentos revolucionários é o ódio e o desejo de poder ilimitado. Os argumentos são: não existe mérito nos movimentos revolucionários, sua essência é negativa e são forças autodestrutivas e incapazes de construir. É apresentada, então, uma visão pejorativa de todo movimento revolucionário.

Carvalho associa ao Islã todos os atributos negativos e pejorativos apresentados em relação aos movimentos revolucionários em geral. Para ele, o Islã seria “por essência um projeto de sociedade, um código civil completo que regula todas as relações humanas” (CARVALHO, 2013), possuindo um caráter autoritário que “aceita conviver com outras formas de sociedade enquanto não se sente forte o bastante para islamizá-las de alto a baixo e banir do espaço público – e até mesmo da vida privada – tudo o que não seja expressamente determinado pelo Corão” (CARVALHO, 2013). Assim, Carvalho atribui ao islã e a todo movimento revolucionário um sentido de dominação total, utilizando, inclusive, o conceito de “totalitarismo”.

O uso de tal conceito para se referir ao islã não é acompanhado, contudo, de uma definição conceitual sobre o mesmo. Apenas é utilizado com fins políticos no interior do discurso para desqualificar a civilização islâmica como um todo. Carvalho parte de definições dicotômicas e generalizantes de cunho liberal para construir opostos binários baseados em concepções de “bem” e “mal”. Nesse sentido, cabe a crítica de Chasin (2013) às definições liberais sobre o conceito de totalitarismo, referindo-se principalmente à definição de Neumann (1969, p. 270), que distingue o estado totalitário como aquele que destrói a linha entre o estado e a sociedade, havendo uma politização total da sociedade por meio do partido único. Chasin afirma que as defi-

nições liberais de totalitarismo se baseiam em negações relativas aos caracteres liberais. Tal concepção dicotômica parte de alguns pressupostos: "abstrata relação excludente entre poder material e poder jurídico; e a atribuição também em abstrato de valor positivo ao campo jurídico e de negativo ao poder material. Pressupostos que implicam considerar o estado liberal uma sorte de fim da história, portanto, racionalmente insuperável, eterno como valor prático e teórico" (CHASIN, 2013, p. 15).

Segundo Carvalho, o islã e o movimento revolucionário aliaram-se "tão logo a luta de classes e a luta de raças, nas primeiras décadas do século 20, com o comunismo e o nazismo, respectivamente, assumiram a feição explícita de uma guerra de culturas e de nações pelo domínio do globo terrestre" (CARVALHO, 2013). Neste trecho, o autor coloca no mesmo patamar islamismo, comunismo e nazismo como representantes do "mal", desconsiderando totalmente as especificidades de cada um e os projetos sociais diferenciados. Observa-se uma operação discursiva que visa representar também o nazismo como pertencente a esse dito "movimento revolucionário", o que é conceitualmente falando uma distorção da essência de um regime que foi essencialmente conservador.[10] Aparece também no discurso a concepção de uma guerra cultural entre civilizações do "bem" e do "mal".

A representação que é feita acerca do islã é contraposta à representação do cristianismo. De acordo com Carvalho, embora o cristianismo sempre tenha lutado pela expansão mundial, esta seria apenas baseada em "uma mensagem de salvação que se dirigia às almas individuais" (CARVALHO, 2013), dando ao cristianismo um viés altamente conservador em termos sociais e políticos, com ausência de

[10]Nesta discussão, insere-se também a tese de Carvalho de que o nazismo seria um regime de esquerda, em uma tentativa "revisionista" de alocar as atrocidades nazistas no campo dos seus adversários políticos.

qualquer intenção transformadora da realidade social, e dotado de capacidade de adaptação. Por isso, não sendo revolucionário, o cristianismo seria necessariamente "bom" em oposição a um islã revolucionário. No entanto, esta concepção conservadora da prática cristã é fruto da opção política do autor, pois existem vertentes cristãs que advogam a capacidade dos princípios cristãos impactarem toda a estrutura social e que também resultam de opções políticas, neste caso, à esquerda, sendo um exemplo a teologia da libertação.

É importante abordar a questão da intertextualidade neste texto, ou seja, verificar se existe diálogo com outros discursos, textos e percepções. No artigo aqui analisado, verificamos que não há tal diálogo, não havendo referências diretas nem indiretas a autores ou outros atores sociais e políticos que abordem os temas centrais do texto: islamização da Europa, disseminação do homossexualismo, abortismo, ecologismo, feminismo etc. O autor não utiliza argumentos externos nem para confrontar a sua narrativa nem para referendá-la. Ele sustenta-se somente em pressuposições acerca de tais elementos, que surgem como "dados da realidade" que são apresentados aos interlocutores, ajudando a reforçar, no leitor, a percepção de que o que o texto diz é uma "verdade" incontestável.

Os não-ditos e os silêncios presentes no texto também são uma forma de discurso, servindo para dar aos seus argumentos uma aparência de legitimidade. Carvalho esconde os reais propósitos dos elementos ditos como "revolucionários", suas pautas e a justeza das mesmas, os condicionantes sociais e políticos que levaram ao surgimento de tais pautas e a importância delas para a luta contra situações de opressão, transformando movimentos que possuem causas humanamente compreensíveis e justas em "inimigos terríveis" e no "mal absoluto".

O autor omite as causas sociais e econômicas que levam milha-

res de pessoas de religião muçulmana a imigrarem de seus países de origem para a Europa, causas estas muitas vezes provocadas pelos próprios países europeus em sua expansão imperialista pelas periferias do mundo, ocasionando guerras e instigando conflitos locais. Assim, o grande número de muçulmanos na Europa pode ser interpretado como ocasionado por “conspirações islâmicas”, e não resultado de processos históricos de caráter econômico e social. Transforma-se as populações muçulmanas, as quais muitas vezes vivem em situação precária e marginalizadas nos países europeus, em algozes da civilização judaico-cristã.

Quanto à associação de esquerdismo com islamismo, só parece lógico ao se omitirem informações de caráter histórico que mostram não haver tal associação, como a oposição dos talibãs ao governo comunista do Afeganistão e, por outro lado, o apoio dos EUA (um país de cultura cristã) às forças muçulmanas fundamentalistas contra o governo apoiado pelos soviéticos (VIZENTINI, 2002) e as relações geopolíticas e comerciais entre os EUA e países de regime islâmico fundamentalista, como a Arábia Saudita (LITTLE, 2004).

Ao analisarmos este primeiro artigo, podemos perceber influências do pensamento neoconservador norte-americano no discurso islamofóbico de Carvalho e do MSM. O neoconservadorismo possui interligações ideológicas com a extrema-direita próxima ao fascismo, por buscar uma sociedade harmoniosa, homogênea (étnica e cultural) e sem conflitos de classe, além de defender o resgate da sociedade tradicional (que acredita ser verdadeira), baseado nos princípios de família, da religião e do desenvolvimento da nação acima dos objetivos individuais (MILZA, 1992).

Uma das principais características do neoconservadorismo[11] é a

[11] Os neoconservadores podem ser caracterizados como políticos, funcionários de

tendência a ver o mundo prioritariamente pela ótica do bem/mal. Por isso, pretendem influenciar a organização e a conformação da ordem internacional de acordo com os valores norte-americanos de forma a tornar o mundo mais seguro para os EUA. Por trás está a ideia de que os princípios norte-americanos são superiores e, por isso, o poderio norte-americano deveria ser usado para fins morais, tendo os EUA responsabilidades especiais no mundo, pois sua sociedade deveria ser modelo para os demais países devido ao seu excepcionalismo. (FUKUYAMA, 2006, p. 2) Segundo Magalhães, "após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, os neoconservadores ganharam força e se tornaram o grupo mais influente em Washington" (MAGALHÃES, 2008, p. 17).

Segundo Finguerut (2008, p. 16), os neoconservadores fazem uma crítica à inércia do poder americano pós-Guerra Fria e, a partir deste diagnóstico, criam um plano de ação buscando remodelar a política internacional. Eles olham para o mundo e pensam na ocidentalidade judaico-cristã diante de ameaças que, mesmo globais, atingem o conceito de Ocidente como um todo. Essa é a razão de os neoconservadores travarem um diálogo com os autores que pensam na centralidade da cultura na política internacional.[12]

Finguerut (2008, p. 19) aponta ainda que a supremacia militar americana criou, no plano doméstico, uma nova identidade nacional, caracterizada por um destino messiânico, mediante o poder de transfor-

---

carreira da Casa Branca e intelectuais dos círculos dos Think Tanks de Washington D.C. que revolucionaram a Direita Americana quando repensaram os rumos da política externa dos EUA pós-Guerra Fria e reintroduziram na opinião pública, temas como patriotismo, valorização do poder americano e a viabilidade da unipolaridade no Sistema Internacional (FINGUERUT, 2008, p. 15).

[12]Este diálogo ocorre nos Campi com professores da escola realista como Samuel Huntington e a Nova Geração da Nova Direita, herdeira dos críticos do liberalismo, como por exemplo, Francis Fukuyama e William Kristol (FINGUERUT, 2008, p. 16).

mação e de pacificação das forças estadunidenses. O pensamento neoconservador define-se como o detentor da solução para os problemas da política externa dos EUA, inovando ao transferir o foco da diplomacia para a segurança. Após os ataques de 11/09/2001, o foco na segurança se reforçou ainda mais, contribuindo para fortalecer a posição dos neoconservadores no governo norte-americano.

Já de antemão, podemos identificar alguns elementos em comum entre Olavo de Carvalho e os neoconservadores neste primeiro artigo analisado: divisão do mundo entre forças do bem e forças do mal, sendo os valores cristãos ocidentais o bem e o islamismo em associação com "movimentos revolucionários" o mal; concepção de uma "guerra cultural" entre nações e civilizações; e construção de inimigos da civilização ocidental judaico-cristã. Mais à frente desenvolveremos melhor esta questão.

No segundo artigo, *As Garras da Esfinge – Rene Guenon e a Islamização do Ocidente*, Carvalho apresenta a mesma tese central da ameaça do islã ao ocidente através de um projeto de islamização das sociedades ocidentais, usando como fonte a obra de Rene Guenon, Oriente e Ocidente, publicada em 1924. Para desenvolver sua tese, o autor realiza um debate filosófico, no qual ele se contrapõe à corrente tradicionalista e perenialista, cujas ideias centrais são apresentadas ao leitor e depois desconstruídas.

O significado acional do texto é percebido no gênero utilizado pelo autor, que, assim como o artigo analisado anteriormente, é um artigo político, cujo pré-gênero também é argumentativo-dissertativo.

Mas, no que diz respeito à intertextualidade, existe uma diferença em relação ao artigo anterior. Desta vez, há um nível de dialogicidade razoável, pois Carvalho dialoga o tempo todo com autores da corrente tradicionalista e perenialista, citando trechos de suas obras,

corroborando algumas de suas ideias e desconstruindo outras.

O diálogo é feito, inicialmente, com a obra de Lee Penn, *False Dawn: The United Religions Initiative, Globalism, and the Quest for a One-World Religion* e com a resenha de tal obra, feita por Charles Upton (autor de *The System of the Antichrist*). A ideia central é de que há um projeto de formação de uma religião única para dominar o mundo e a noção do "Anticristo" e da religião mundial estão no cerne da islamofobia que Carvalho apresenta neste artigo. Assim, percebe-se que este diálogo é essencial para reforçar a tese islamofóbica central, e a referência a esta obra e ao seu autor serve para dar uma aparência acadêmica ao seu texto.

Lee Penn é o autor com o qual Carvalho tem grande concordância, pois sua visão se opõe à chamada escola perenialista, contra a qual Carvalho também se posiciona, e que tem entre seus autores F. Schuon e R. Guenon, com os quais Carvalho também dialoga. Percebemos, então, que existe um certo nível de tensão no texto, visões e reflexões de caráter filosófico são confrontadas, e tal confronto é estratégico no desenvolvimento da tese do conspiracionismo islâmico defendida por Carvalho.

No nível da linguagem propriamente dita e do significado acional do texto, o autor constrói um discurso da ameaça ao ocidente cristão, levando o leitor a perceber que algo de "ruim" paira no ar e sugere a ocorrência de transformações históricas e espirituais que estariam ameaçando o futuro da humanidade, mas não seriam percebidas pelas pessoas comuns por estarem muito distantes da mídia e dos debates públicos (CARVALHO, 2016).

Carvalho prossegue com o tema da religião mundial, baseando-se no livro de Lee Penn que, segundo ele, "descreve e documenta com abundância de fontes primárias a formação e desenvolvimento

de uma religião biônica mundial, com todas as características de uma paródia satânica" (CARVALHO, 2016). Tal projeto teria o apoio "da ONU, do governo americano, de praticamente toda a grande mídia ocidental e de um punhado de mega fortunas" (CARVALHO, 2016), e teria começado em 1995, com o nome de United Religions Initiative (URI, v. www.uri.org), sendo um "empreendimento, sustentado por recursos financeiros incalculavelmente vastos e apoiado por todo um *cast* de estrelas do *show business* e da política, conquistou até o apoio informal do Papa Francisco" (CARVALHO, 2016).

Carvalho aceita o pressuposto de Lee Penn como verdade absoluta, apresentando a tese do autor como praticamente incontestável e isentando o seu trabalho de qualquer processo de interpretação das fontes usadas; além disso, nada diz de como o autor trabalhou as fontes, passando ao leitor a ideia de que seria um trabalho neutro e de que as fontes primárias por si só revelam a realidade.

O United Religions Initiative (URI), apresentado como "prova" do projeto de construção de uma religião mundial, é um movimento que, na realidade, possui um caráter inter-religioso, e não ecumênico, pois não visa a fusão das diversas religiões em uma única, mas apenas a colaboração de religiões diversas em prol de um objetivo comum, mantendo cada uma a sua especificidade. Carvalho, no entanto, tenta desqualificar o movimento, relacionando-o com um objetivo maligno de dominação mundial, que ameaçaria o ocidente e o Brasil, baseado na ideia de "universalismo", que sustenta o "dogma" da "equivalência de todas as religiões em dignidade e valor" (CARVALHO, 2016), discurso que seria defendido "por toda a grande mídia mundial, pelos parlamentos, pelas legislações da quase totalidade dos países e pela maioria das próprias autoridades religiosas" (CARVALHO, 2016).

O autor critica, então, a visão de que todas as religiões têm o

mesmo valor e dignidade, empregando o termo *dogma* para se referir a essa ideia com o claro objetivo de desqualificá-la para o leitor, pois dá o sentido de que é algo imposto e não passível de contestação. Carvalho parte do pressuposto de que há uma hierarquia entre as crenças, umas seriam melhores do que as outras ou mais verdadeiras do que as outras.

Carvalho inicia sua crítica à corrente ghenoniana-schuoniana ao discordar de sua concepção de distinção "vertical" ou hierárquica entre as partes "superiores" (ou esotéricas) e "inferiores" (ou exotéricas) de todas as religiões. Embora concorde que as religiões possam levar a uma mesma Verdade Primordial, não aceita a visão de que o acesso a essa verdade só seja possível nas partes "superiores" ou esotéricas das crenças. Ele nega que tal hierarquia exista nas demais religiões, inclusive, no cristianismo, concordando nesse ponto com Schuon.

Como Guenon insiste na existência de tal hierarquia por querer aplicá-la a todas as crenças, Carvalho insinua que Guenon possui intenções não declaradas. "Qual a razão pela qual Guénon teria escolhido enquadrar à força todas as tradições numa dupla de conceitos que não se aplicava apropriadamente a nenhuma delas exceto o islamismo em particular?" (CARVALHO, 2016).

Ao desenvolver o tema da metafísica no texto, definindo-a como uma "estrutura da realidade universal", que se manifesta nos diversos níveis ou planos da existência, Carvalho afirma que, embora todas as crenças permitam o acesso ao mundo metafísico, o conhecimento desse mundo não é perfeito em todas elas; umas seriam mais perfeitas do que as outras em termos de conhecimento da realidade metafísica. Atingir o chamado Princípio absoluto não seria o que torna uma crença perfeita, e sim o conhecimento que se obtém dele, expresso no retorno perfeito da essência de tal Princípio para o homem e a socie-

dade (CARVALHO, 2016).

Em seguida, Carvalho inicia a problematização da concepção tradicionalista de Guenon, segundo a qual todas as organizações iniciáticas cristãs teriam desaparecido após a Idade Média, vendo "na perda da dimensão iniciática a raiz de todos os males do mundo moderno" (CARVALHO, 2016). Essa discussão é apresentada como um fio condutor para a tese central de todo o artigo: a ameaça sobre o ocidente por um projeto de islamização. Todo o restante do texto é dedicado a induzir o leitor a perceber tal projeto, tendo como pano de fundo a tradição perenialista, o islã e a obra de Guenon.

O discurso apresenta o ocidente cristão como a vítima de uma conspiração. Ao apontar para as sugestões que o perenialismo oferecia ao católico, a partir dos anos 1960, Carvalho afirma que todas elas visavam a destruição do ocidente cristão. A primeira sugestão seria a conversão pura e simples ao islã; a segunda seria se abrigar na Igreja Ortodoxa Russa onde ainda haveria resíduos de esoterismo; a terceira seria a filiação a uma tariqa[13] multi confessional, onde se poderia praticar ritos iniciáticos islâmicos sem conversão formal ao islã (CARVALHO, 2016).

Ao abordar a tese de Guenon, Carvalho mostra o que seria, para o autor, possíveis desenvolvimentos: a queda na barbárie; a restauração da tradição católica sob a orientação de mestres espirituais islâmicos; e a islamização total, ou por meio da infiltração e propaganda ou através da ocupação militar. Deduz então, que o autor defendia a sujeição do ocidente ao islã (CARVALHO, 2016).

Ao associar o islamismo com o fascismo, afirmando que "importantes autoridades religiosas islâmicas deram apoio total ao Führer,

[13] As taricas são organizações compostas pelos praticantes da mística islâmica – havendo também exemplos de muitas taricas ecumênicas.

especialmente na questão do extermínio dos judeus" (CARVALHO, 2016), Carvalho adota a estratégia discursiva de usar alguns exemplos particulares para culpabilizar todo o islã e seus adeptos pelo extermínio dos judeus pelo nazismo alemão. Observamos, contudo, que esta estratégia está cheia de omissões. Nenhuma palavra é dita do apoio ostensivo de setores institucionais do cristianismo ocidental ao fascismo e ao nazismo, da criação do Estado do Vaticano como resultado do acordo entre o fascismo italiano, sob direção de Mussolini, e a Igreja Católica de Roma, das indenizações recebidas pelo Vaticano devido à perda de terras durante o processo de unificação italiana, do apoio de igrejas protestantes e da Igreja Católica ao nazismo alemão, tendo como motivo principal o combate ao comunismo (KERTZER, 2017). Assim sendo, se o raciocínio de Carvalho estivesse correto em relação ao islã, ele deveria ser estendido também ao próprio cristianismo ocidental. Mas como o objetivo do autor é criar um estereótipo sobre a civilização islâmica com base em condutas individuais ou de alguns setores islâmicos, ele omite que setores cristãos também apoiaram o fascismo, o que não nos autoriza a dizer que todo o ocidente cristão ou todos os cristãos foram fascistas.

A outra estratégia discursiva de Carvalho é associar intimamente islamismo e comunismo, estabelecendo junto ao leitor um sentimento de aversão aos dois grupos transformados em inimigos e ameaçadores da integridade do ocidente cristão. Ele fala de uma "colaboração íntima entre governos islâmicos e regimes comunistas no esforço anti-ocidental conjunto" (CARVALHO, 2016), do apoio da esquerda mundial à "ocupação muçulmana do Ocidente pela imigração em massa" (CARVALHO, 2016) e de um suposto boicote ao "combate ao terrorismo islâmico" (CARVALHO, 2016).

Neste trecho, há algumas inferências do autor, suposições passa-

das como se fossem verdade: haveria uma conspiração islâmica para dominar o ocidente, a imigração em massa dos muçulmanos para o ocidente seria parte de tal conspiração, quem defende os imigrantes compactua com tal projeto. Assim sendo, o fato de grupos à esquerda do espectro político tenderem a se contrapor à xenofobia contra imigrantes, incluindo os de fé islâmica, baseados na ideia de tolerância e inclusão social, é interpretado por adeptos de teorias conspiratórias como prova de seus pressupostos, embora não haja racionalmente ligação alguma entre uma coisa e outra. Tudo está no âmbito do discurso baseado numa visão binária de mundo em que o ocidente cristão é a vítima de um oriente islâmico ameaçador, relacionando atos ou ideias que não possuem ligação entre si, para envolvê-las numa teia conspirativa.

O suposto envolvimento de Guenon na conspiração aparece na seguinte frase: "A islamização do Ocidente – discreta ou ostensiva, pacífica ou violenta – é o objetivo central e, na verdade, único, de toda a obra de René Guénon" (CARVALHO, 2016), pressupondo que as ideias defendidas por Guenon possuem um objetivo político-religioso e estariam a serviço do projeto conspiracionista de dominação do ocidente cristão pelo islamismo. Assim, a interpretação que Carvalho dá ao que seriam as supostas motivações de um autor é passada ao leitor como não passível de questionamento, já que ele estaria usando como "prova" os próprios escritos de Guenon.

A islamofobia presente no discurso de Carvalho reflete o fenômeno nos EUA, sendo importante enfatizar que o autor reside no país norte-americano, reverberando em grande parte as paranoias e os medos desenvolvidos após os ataques de 11 de setembro às torres gêmeas do World Trade Center.

A autora Cinthia Weber (2010) nos ajuda a refletir sobre o fenô-

meno da islamofobia. Ela parte de uma metáfora (presente no discurso de Carvalho, inclusive), que vê a cultura islâmica como uma "besta" a ser combatida, construindo-se o sentimento do medo generalizado, o qual produz resultados coletivos. Tal discurso tem sido muito utilizado nos EUA após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Já o antropólogo Paulo Pinto relaciona a islamofobia com os discursos orientalistas, que constroem um imaginário cultural acerca do islã como uma alteridade radical, dotando-o de qualidades negativas – irracionalidade, fanatismo, autoritarismo, opressão às mulheres, violência e tradicionalismo – em contraste às que definiriam o "mundo ocidental"– razão, tolerância, liberdade, igualdade e modernidade (PINTO, 2010, p. 21-22).

Segundo Ramos, o orientalismo euro-americano e a islamofobia contemporânea baseiam-se em construções e imagens do Oriente islâmico sempre opostos aos padrões de vida pretendidos pelos ocidentais. "Para além disso, ambos insistem na assimetria entre as culturas, apostando na supremacia inconteste do Ocidente sobre o Oriente"bárbaro"" (RAMOS, 2015, p. 79).

Sendo assim, o conceito de orientalismo, de E. Said, também é bastante útil para a compreensão das teses islamofóbicas contemporâneas. Segundo Said, o "orientalismo" é uma invenção ocidental, um complexo de representações culturais que o ocidente produziu sobre o oriente e que legitimava as relações de poder entre o ocidente colonizador e o oriente colonizado. Orientalismo seria então um "estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o 'Oriente' e o 'Ocidente' " (SAID, 2007).

Os Significados representacional e identificacional do Discurso Islamofóbico de Olavo de Carvalho

Ao entrarmos no campo das representações, o trabalho de Sunaina Maira (*apud* CARVALHO, 2015, p. 116) revela um amplo processo histórico de representação do "Outro" islâmico, fazendo-se referências a acontecimentos como a Inquisição Europeia e as Cruzadas, e vendo-se uma incompatibilidade entre os valores do islã e os valores do Ocidente. Posteriormente, tais representações europeias penetraram no território norte-americano ainda durante o processo de colonização, criando narrativas e imagens sobre o Islã que atualmente são relembradas e ressignificadas. De uma certa forma, esta influência aparece no discurso de Carvalho, principalmente quando ele tenta opor cristianismo a islamismo.

O nível representacional do texto é exatamente onde o discurso opera, através dele podemos observar as representações que o autor faz da realidade e de alguns elementos desta realidade. Neste âmbito, está a função ideacional, baseada em pressupostos ideológicos do autor, bem como as inferências que baseiam todo o texto.

O conceito de ideologia é então fundamental. Para a análise aqui realizada, adotaremos a concepção crítica de Thompson (2002), para quem a ideologia é, por natureza, hegemônica, pois serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e para reproduzir a ordem social que favorece determinados grupos dominantes. A concepção de ideologia de Thompson pode, inclusive, ser articulado com o trabalho de Norman Fairclough (2001), que aborda a relação dialética entre estrutura social e discurso, enfatizando que o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também socialmente constitutivo. Este

mesmo raciocínio pode ser aplicado à ideologia que, embora esteja relacionada a uma dada estrutura social, é também constitutiva dessa estrutura.

Podemos ver então os pressupostos ideológicos de Carvalho ao produzir os textos aqui analisados. No que diz respeito ao primeiro artigo, *A Revolução Abrangente*, podemos enumerar alguns desses pressupostos. São eles: movimentos revolucionários são ruins; existiria uma intenção de disseminar o homossexualismo e islamizar as massas; toda liderança revolucionária é afeita a arranjos e oportunismos; os movimentos revolucionários são hipócritas porque se apoiam em forças sistêmicas e estão associados ao ódio.

Na construção da representação negativa que o autor faz dos movimentos revolucionários, uma figura de linguagem é utilizada: a metáfora. Carvalho (2013) compara o "movimento revolucionário" a um "monstro de mil faces e inumeráveis tentáculos", ou seja, os movimentos sociais e suas pautas diversas (todas elas condenadas como sendo o "mal") estariam associados a um projeto conspiracionista para envolver (daí a ideia dos inumeráveis tentáculos) toda a sociedade e o ocidente cristão.

A representação do mundo é binária, simplificando-se seus elementos em lados opostos e excludentes, o "bem" e o "mal". O islã seria totalmente ruim, pois é naturalmente revolucionário, já que pretenderia moldar toda a humanidade futura à sua interpretação abrangente da história universal; o cristianismo, por sua vez, seria algo bom porque se opõe a essa pretensão de construir uma nova sociedade, sendo sua única intenção a salvação das almas. O autor mostra uma representação ideológica do cristianismo, ao defini-lo monoliticamente como sendo essencialmente conservador social e politicamente, desconsiderando que existem diversas formas de apreender a mensagem de

Cristo e vivenciá-la nas interações sociais, assim como no islamismo.

O autor parte, portanto, de um pressuposto político conservador: o de que o dever de todo cristão é se adaptar à realidade e nunca tentar transformá-la, pois transformações da realidade são ruins, o bom seria a manutenção das estruturas sociais, não importando a quem elas servem; o Islã seria naturalmente autoritário, pois teria um caráter revolucionário – e o autor associa revolução a autoritarismo – e expansionista, daí a ideia de que haveria um projeto de islamização de toda a sociedade.

Se o movimento revolucionário é ruim, as resistências a ele seriam automaticamente boas e positivas, e Carvalho cita os valores religiosos (neste caso, os valores judaico-cristãos), os sentimentos patrióticos e os interesses econômicos de grupos e facções (leia-se os interesses das classes dominantes).

As omissões e os não-ditos do texto citados anteriormente possibilitam que o discurso de oposição entre Islã e ocidente judaico-cristão em termos do "mal" contra o "bem" pareça crível, quando, na verdade, é uma representação ideológica e simplificadora da realidade com base numa visão dualista.

Esta visão binária de mundo tem uma importância fundamental na produção do significado identificacional do texto, pois a construção de inimigos a serem combatidos fortalece a identidade política e moral religiosa de um ocidente cristão em oposição a um islamismo que vem do oriente. O "nós" contra "eles" é construído com base na valoração positiva dos elementos que comporiam a identidade do "nós" e na valoração negativa do "eles", desqualificados sempre como algo ruim.

Neste primeiro artigo, como o autor não está combatendo somente o islã, mas todos os movimentos sociais que lutam contra as estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais opressoras, podemos

concluir que o objetivo de Carvalho é deslegitimar todos esses movimentos através de uma representação pejorativa da ideia de revolução e transformação, sempre associada com destruição, oportunismos, ódio e inconsequências, em nome de uma ideologia conservadora que pretende manter o status quo dominante. Os adversários políticos são transformados em inimigos que supostamente ameaçariam os valores da civilização cristã e uma suposta essência conservadora do cristianismo.

No segundo artigo, *As Garras da Esfinge – Rene Guenon e a Islamização do Ocidente*, o autor parte de um pressuposto ideológico, que também aparece no primeiro artigo, mas de forma mais sutil, o de que o islã pretende islamizar o ocidente. No primeiro artigo, há uma ênfase nas supostas relações entre o islamismo e os movimentos revolucionárioss sendo seu objetivo primordial desqualificar não somente o islã, mas também todos os movimentos e pautas sociais que confrontam com a visão de mundo conservadora de Carvalho, tanto do ponto de vista social e econômico, como moral.

Já em *As Garras da Esfinge*, o tema do islã é central, e o objetivo principal do texto é convencer o leitor de que o islamismo possui um plano de dominação mundial, havendo uma exploração acentuada da tese conspiracionista da dominação islâmica. Carvalho sustenta seu pressuposto com base em uma obra escrita em 1924 por um autor – Rene Guenon – cujas ideias filosóficas e espirituais só poderiam ter esse objetivo e não outro. Nesse caminho interpretativo, Carvalho passa a fazer referências a momentos da biografia de Guenon, dando-lhes significados totalmente ligados à sua tese central. Fala, por exemplo, de sua partida para o Egito, em 1930, colocando-a numa etapa de entrega total da situação a autoridades islâmicas, vendo-as como controladoras de todas as ações de Guenon quando estava no ocidente. A

etapa seguinte seria a tática do terrorismo e da imigração em massa de muçulmanos ao ocidente (CARVALHO, 2016). É clara então a tese de que a imigração muçulmana está ligada à intenção de islamizar o ocidente.

Porém, o terrorismo e a imigração possuem explicações variadas, indo desde questões sociais e econômicas, a motivações de ordem política e de luta anti-imperialista de setores do islamismo, que não representam o islã como um todo. A crença na imigração em massa de muçulmanos como um projeto conspiracionista – abstraindo-se as circunstâncias sociais, econômicas e políticas dessa imigração – é uma opção de viés claramente ideológico que baseia todo o pressuposto presente na tese central. Esta tese não é resultado de uma pesquisa científica.

O pressuposto ideológico orienta toda a dedução e conclusão que se faz de dados da realidade, ligando-se terrorismo e imigração, através da abstração de outros componentes dessa mesma realidade que poderiam confrontar a representação binária do bem contra o mal, ou seja, a responsabilidade do próprio ocidente no fomento de situações de guerra que levam à prática terrorista e à necessidade de imigrar por parte de povos inteiros sujeitos à exploração econômica e social pelo ocidente.

O artigo é concluído fazendo-se alusão ao seu título: em *As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente* Carvalho (2016) pressupõe que o pseudônimo "Esfinge" de Guenon está relacionado com a existência de um enigma em sua obra que, ao ser decifrado, permitiria que a vítima pudesse se defender e lutar contra o projeto de dominação islâmica do qual a obra de Guenon seria uma prova cabal. Esta conclusão leva o leitor a realizar as conexões de todas as partes do artigo e compreender o mundo da forma binária in-

duzida por Carvalho, passando a compartilhar das representações que este faz do islã, do muçulmano, da esquerda e do ocidente cristão.

As partes do artigo estão estritamente conectadas para produzir uma representação islamofóbica da realidade, e desnuda-se a função de toda a discussão filosófica realizada no texto e porque determinados temas aparecem em meio a tal discussão. Por que Carvalho discute com as teses perenialistas tradicionalistas? Porque a filosofia perenialista guenoniana seria a prova de uma suposta conspiração islâmica contra o ocidente. Por que a discussão sobre o ecumenismo? Para apresentar ao leitor a ideia de uma suposta ameaça ao mundo ocidental cristão baseado no domínio de uma religião mundial, tese do anticristo, que no início do texto não está claramente associado ao islã, mas tal associação vai se desvelando no decorrer do texto. Nesta parte, é digno de nota o uso proposital do autor do conceito de ecumenismo para se referir a um projeto inter-religioso, ofuscando a diferença entre proposta ecumênica e proposta inter-religiosa. Adotar o conceito de ecumenismo para um movimento que é inter-religioso visa a tornar aceitável o pressuposto de que por trás de tal movimento existiria um projeto de criação de uma religião mundial.

Por que a discussão sobre a metafísica? Para sustentar a tese de que não existe equivalência em termos de legitimidade e valor entre todas as religiões, e sim uma hierarquia entre elas, com o pressuposto da superioridade do cristianismo. A ideia de que as religiões não exprimem com a mesma perfeição a Verdade Primordial e o retorno das mesmas não é igual em termos de qualidade significa que as religiões que não produzem um conhecimento verdadeiro sobre o mundo metafísico não produzem bons resultados para o homem e a sociedade. Como o islã é apresentado como o algoz do ocidente cristão, pressupõe-se que o autor quer dizer que o islã não exprime com

perfeição a realidade primordial, deduzindo-se daí o terrorismo (já que o islamismo é associado sempre a práticas terroristas) e a vontade de domínio sobre o ocidente cristão, assim como a ideia de que o ocidente é civilizado e seus valores superiores porque o cristianismo seria a expressão perfeita de Deus. Cristo *versus* anticristo; ocidente *versus* oriente islâmico.

A religião mundial fica então associada com o islã, havendo estreita conexão entre a temática que inicia o artigo – globalismo, universalismo e criação de uma religião única – e a sua temática final – a islamização do ocidente.

Neste segundo artigo, o nível identificacional do texto também pode ser percebido, assim como no primeiro artigo, na necessidade de Carvalho dividir o mundo entre civilizações hostis, uma representando o bem – o ocidente cristão – e a outra o mal – o islã. Uma é a vítima, a outra o algoz. Essa construção discursiva cria e reforça identidades, ajudando a mobilizar para a luta política.

Para construir essa visão "nós" contra "eles", é necessário imaginar um "nós" homogêneo e um "eles" também homogêneo. É uma operação discursiva que não leva em conta as heterogeneidades de ambos os lados. No caso do islã, por exemplo, desconsidera-se que as práticas políticas de grupos associados à fé islâmica são diferentes. Segundo Duarte (2015, p. 98), o islamismo contemporâneo e suas diversas formas remonta aos anos 1920, havendo uma solidificação intelectual somente após a década de 1960. O islamismo atual seria fruto desta última fase, tendo como causas a exclusão do islã durante o processo de fundação dos novos Estados-nação pós desintegração do Império Otomano e a difusão de ideologias modernas ocidentais, como o nacionalismo e o socialismo no mundo muçulmano. Haveria, portanto, três formas distintas de islamismo: a primeira de caráter

mais político – como movimento de reação à pós-modernidade (nesse caso, tanto contra à modernidade capitalista como à socialista), à globalização e à perda de identidade, sendo um movimento de autonomia cultural e de alternativa política ou moral; a segunda tem um caráter mais missionário e não-secular; e a terceira baseia-se na revolução armada.

Segundo Duarte (2015, p. 101-104), há, entre outras, uma forma de manifestação do islamismo que busca o poder através do dinamismo do jogo político partidário, em vez do proselitismo religioso ou da ação armada. Neste caso, há inserção no jogo democrático, aceitando-se o princípio do Estado-nação e buscando a reforma e não a revolução, havendo também um notório afastamento das visões mais radicais e fundamentalistas do islão. Privilegia-se a luta por "justiça (*al-adala*), liberdade (*al-hurriyya*) e, sobretudo, de luta contra a corrupção do Estado" (DUARTE, 2015, p. 106). Assim sendo, dizer que todo o islã é associado a práticas terroristas não é correto.

Em todo o discurso de Carvalho e do MSM frente à questão muçulmana, o "nós" é construído a partir da noção de um inimigo. A ideia de inimigo a ser combatido faz parte de toda representação política de movimentos e grupos ligados à extrema-direita, pois é a suposta ameaça que estimula a mobilização nacional. Segundo Schmitt (1992, p. 51 e 52), a discriminação entre amigo e inimigo é uma distinção especificamente política a que se reportam as ações e os motivos políticos. Tal distinção teria o sentido de apontar o grau de intensidade extrema de uma ligação ou separação, associação ou dissociação. O inimigo político não precisa ser moralmente mau ou esteticamente feio, pois a diferenciação amigo-inimigo seria independente de outras distinções de caráter moral, ético, estético etc. Basta ele ser o outro, havendo em casos extremos a possibilidade de conflitos com ele, se a

alteridade do outro representar a negação da sua própria forma de existência, devendo, assim, ser repelido e combatido para a preservação da própria forma de vida.

É importante atentar, no entanto, que, na forma de representação própria dos movimentos e pensamentos de extrema-direita, as distinções de caráter moral estão extremamente ligadas às distinções políticas, pois o outro representa sempre o mal a ser combatido, uma ameaça à integridade e à existência do "nós". As teorias conspiratórias têm a função de dar ao inimigo um caráter maléfico e ameaçador. E para propostas políticas homogeneizantes, a existência do outro no mesmo espaço é uma ameaça à identidade e à essência do grupo, não havendo a possibilidade de coexistência com o diferente.

Cabe, então, uma discussão sobre os elementos de caráter fascista que aparecem no discurso de Carvalho. Seu discurso sobre o islamismo reitera uma visão de mundo fascista, pois é calcado na intolerância a um grupo social e religioso, na construção de imagens estereotipadas sobre este grupo e na disseminação de preconceitos em relação aos muçulmanos em geral, alimentados pela ideia de inimigos das nações ocidentais e inspirados em teorias conspiracionistas. Podemos comparar o discurso da conspiração islâmica para dominar o ocidente cristão com o discurso nazista da conspiração judaica para fins de domínio mundial. Ambos podem ser associados ao antissemitismo e à não-aceitação do outro.

Um dos autores que analisou o antissemitismo alemão, abordando as novas táticas e sua aplicação na Alemanha nazista, foi Jeffrey Herf, professor de História Moderna alemã na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. Segundo Herf (2014), havia uma "paranoia" nazista que afirmava a ameaça de extermínio pelo judaísmo internacional. A ideia de que os judeus queriam destruir a raça ariana e dominar

o mundo foi disseminada através dos meios de propaganda de massa, mobilizando a sociedade alemã, tornando possíveis o preconceito, a segregação e o extermínio de milhões de judeus pelo nazismo.

Os nazistas difundiram a ideia de que os judeus eram culpados pela derrota alemã na primeira guerra mundial e os fomentadores da Segunda Guerra Mundial, havendo uma espécie de antissemitismo redentor, que combinava a paranoia sobre a comunidade judaica com as promessas de salvar a Alemanha dessa conspiração. O que eles chamavam de "judaísmo internacional" eram as supostas atuações dos judeus "por detrás dos panos", influenciando e comandando os países contra a nação alemã. Os judeus estariam por trás tanto dos bolcheviques como dos plutocratas capitalistas que, embora fossem antagônicos, teriam a influência do judeu como "denominador comum" (HERF, 2014).

Assim como o discurso nazista, que associava os judeus ao comunismo, Carvalho e seu movimento utilizam de uma representação da realidade que associa comunismo ao islamismo, e defendem também uma teoria conspiratória, que acusa os muçulmanos de quererem eliminar a cultura cristã ocidental. Trata-se de um ideal que pode ser mobilizado pelas nações ocidentais, com base na construção de um imaginário de nação calcado nos valores do cristianismo, em oposição aos imigrantes muçulmanos, vistos como ameaça a tais valores e associados a supostos projetos de dominação mundial. A visão de mundo fascista é binária em sua essência, pois elege inimigos a serem combatidos em nome da defesa nacional ou de identidades nacionais consideradas puras e superiores.

Conclusão

O movimento *Mídia Sem Máscara*, liderado por Olavo de Carvalho, contribui para disseminar o ódio e o preconceito para com os movimentos sociais associados a uma visão de mundo crítica das estruturas sociais e econômicas dominantes, utilizando de estratégias discursivas manipulatórias com o objetivo de influenciar a opinião pública de forma contrária a tais movimentos, relacionados no imaginário do autor ao "mal" que deveria ser combatido pelas nações que cultuam os valores cristãos.

A islamofobia aparece claramente em alguns textos produzidos por Carvalho e que são publicados no seu site pessoal e no site do *Mídia Sem Máscara*, sendo as redes sociais uma ferramenta de grande auxílio na divulgação das ideias políticas do movimento e de seu líder.

Através da escrita de artigos diversos, de cunho político-ideológico claro, o autor faz da produção de textos uma ação política, que visa a manutenção das estruturas sociais dominantes, através da persuasão sobre formas de pensar e agir dos leitores, de modo a conquistar a hegemonia na sociedade para suas ideias, calcadas numa representação binária do mundo e na construção de estereótipos acerca dos inimigos eleitos pelo grupo, entre eles, o islã e os muçulmanos.

O discurso do *Mídia Sem Máscara* e do seu líder, Olavo de Carvalho, é, portanto, uma prática social e política de caráter conservador, que possui elementos fascistas, devido ao seu teor intolerante, xenófobo e racista, que desumaniza o outro e o transforma em um inimigo das nações ocidentais.

Referências

ADAMSON, W. Gramsci's interpretation of Fascism. *Journal of the History of Ideas*, v. 41, n. 4, p. 615-633, out.-dez., 1980.

BOBBIO, N; MATTEUCI, N & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Brasília: UNB, 1995.

CALIL, G. Pode o fascismo ser neoliberal? Um precedente do integralismo brasileiro. *Esquerda Online*, 2018. Disponível em: esquerdaonline.com.br. Acesso em 15 set. 2018.

CARVALHO, O. A Revolução Abrangente. *Diário do Comércio*, 27 de outubro de 2013. Disponível em: www.olavodecarvalho.org. Acesso em 01 ago. 2018.

_____. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. *Verbum*, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: www.olavodecarvalho.org. Acesso em 03 ago. 2018.

COLETTA, R. Olavo de Carvalho, o Brasil só fala dele, 2018. Disponível em: brasil.elpais.com. Acesso em 7 nov. 2019.

CHASIN, J. Sobre o Conceito de Totalitarismo. *Verinotio*, 15, ano VIII, abril, Rio das Ostras, 2013, p. 15-21.

COUTINHO, C. *Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento político.* Rio de Janeiro: Campus, 1992.

DUARTE, F. P. O Islamismo como ideologia política de caráter secular. *Relações Internacionais*, 45, março, Lisboa, 2015, p. 97-110.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social.* Brasília: UNB, 2001.

FELICE, R. Explicar o Fascismo. Lisboa: Edições 70, 1976.

_____, R. Revolução passiva, fascismo e americanismo em Gramsci, in *INSTITUTO GRAMSCI. Política e História em Gramsci.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.

FINGUERUT, Ariel. *A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush.* Dissertação de Mestrado, Araraquara, UNESP, 2008.

FUKUYAMA, Francis. After Neoconservatism. *The New York Times*, 19 de

fev., 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

HERF, Jefrey. *Inimigo Judeu. Propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.* São Paulo: EDIPRO, 2014.

KALIN, I. Islamophobia and the limits of multiculturalism, in: J. Esposito, I. Kalin, (eds.). *Islamophobia: the challenge of pluralism in the 21st Century.* Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 3-20.

KERTZER, D. Hitler, Mussolini e o Papa. O silêncio do Vaticano e os sussurros do Duce diante da ascensão do Führer. *Piauí*, 126, março, 2017. Disponível em: piaui.folha.uol.com.br. Acesso em 2 out. 2018.

KONDER, L. Introdução ao Fascismo. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

KRESS, G. Critical Discourse Analysis, *in*: W. G. (org.). *Annual Review of Applied Linguistics*, 11, 1990. p. 84-99.

LITTLE, D. *American Orientalism: the United States and the Middle East since 1945.* Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2004.

MAGALHÃES, David Almstadter. *Os Think Tanks norte-americanos e a reconstrução do Iraque: divergências e convergências entre liberais e neoconservadores*. Dissertação de mestrado, São Paulo, PUC, 2008.

MANDEL, E. *Sobre o fascismo*. Lisboa: Antídoto, 1976.

MELO, Demian B. Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti e o consenso sob o fascismo. *Revista Outubro*, n. 26, julho de 2016.

MELO, I. F. Análise do Discurso e Áńalise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, Ano 11, n. 5, 2009. p. 1-18.

MENDES, Lucas. Presidente Adão. *Folha de São Paulo*, de 22/09/2011. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em 17 out. 2018.

MIGUEL, Luiz F. A reemergência da direita brasileira, in: GALLEGO, E. (org.). *O ódio como Política. A reinvenção das Direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 16-26.

MILZA, Pierre. Le Front national: droite extrême ou national-populisme?, in SIRINELLI, Jean François. *Histoires des droites en france,* v. 1. Paris, Gallimard, 1992.

MONDAINI, Marco. *Togliatti, Gramsci e o Fascismo*. 2003. Disponível em: www.acessa.com. Acesso em 08 de abril de 2019.

NEUMANN, F. *Estado Democrático e Estado Autoritário.* Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1969.

NOLTE, E. *Fascismo em sua Época*. 1963.

PATSCHIKI, L. *Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011).* Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

PAXTON, R. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PINTO, P. *Islã, religião e civilização: uma abordagem antropológica*. Aparecida: Santuário, 2010.

PORTELLI, H. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

POR QUE A DIREITA ESCOLHEU OLAVO DE CARVALHO? *Outras Mídias*. 11 jan. 2019. Disponível em outraspalavras.net. Acesso em: 7 nov. 2019.

POULANTZAS, N. *Fascismo e Ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

RAMOS, Guilherme Antunes. *Reflexões sobre a Islamofobia nos Estados Unidos após onze de setembro de 2001: a construção discursiva da ameaça islâmica e o processo decisório em política externa*. Dissertação. Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMITT, Carl. *O Conceito do Político*. Petrópolis: Vozes, 1992.

SILVA, F. C. T. Os Fascismos, *in* FILHO, D. A. R.; FERREIRA, J. & ZENHA, C. (orgs.). *O século XX*. Vol. 2, Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2003. p. 109-164.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na*

era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOGLIATTI, Palmiro. Lezioni sul fascismo, In *Opere Scelte. (a cura di Gianpasquale Santomassimo).* Roma: Riuniti, 1974.

TROTSKY, L. *A luta contra o fascismo.* Revolução e contrarrevolução. São Paulo: Editora Sundermann, 2019.

VIZENTINI, P. F. *Oriente Médio e Afeganistão: um século de conflitos.* Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

WEBER, C. *International relations theory*, 3ª ed., New York: Routledge, 2010.

Resumo:
O artigo analisa a islamofobia no discurso do *Mídia Sem Máscara* (*MSM*) e de seu líder, Olavo de carvalho, e sua associação com elementos do fascismo e do neoconservadorismo norte-americano, apontando sua ligação com um projeto político excludente e autoritário de extrema-direita. O *MSM*, fundado em 2002, faz uso das redes sociais para disseminar suas ideias, apresentando-se como "sem máscara" em oposição às mídias hegemônicas consideradas de "esquerda". A metodologia usada foi a da análise crítica do discurso, na perspectiva do linguista britânico Norman Farclough, enfatizando-se as relações entre o discurso e outros elementos da prática social. A conclusão da análise é a de que o discurso do movimento adota teorias conspiratórias acerca do islã, construindo uma visão de mundo binária entre o "bem" e o "mal", usando como argumento a tese da islamização ocidental, com supostos pretextos de dominação mundial.

Palavras-chave: Islamofobia; fascismo; intolerância; conspiracionismo.

Abstract:
The article analyzes Islamophobia in the Discourse of the *Media without Mask* (*MSM*) and its leader, Olavo de Carvalho, and its association with elements of fascism and the neoconservatism of USA, pointing out its connection with an extreme right-wing, authoritarian and exclusive political project. *MSM*, founded in 2002, makes use of social networks to disseminate its ideas, presenting itself as "unmasked" as opposed to hegemonic media considered as "left". The methodology used was that of the critical analysis of discourse, from the perspective of the British linguist Norman Farclough, emphasizing the relations between discourse and other elements of social practice. The conclusion of the analysis is that the movement's discourse adopts conspiracy theories about Islam, building a binary worldview between "good" and "evil," using as an argument the thesis of Western Islamization with alleged pretexts of world domination.

Keywords: Islamophobia; fascism; intolerance; conspiracy.

Recebido para publicação em 26/11/2018.
Aceito em 11/11/2019.

Leonardo Gaspary Salles

Nova Direita ou Velha Direita com *Wi-Fi?*: Uma interpretação das articulações da "direita" na internet brasileira

Dissertação/Tese submetido(a) ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política da Universidade
Federal de Santa Catarina para a
obtenção do Grau de Mestre em
Sociologia Política
Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Salles, Leonardo Gaspary
   Nova Direita ou Velha Direita com Wi-Fi? : Uma interpretação das articulações da "direita" na internet brasileira / Leonardo Gaspary Salles ; orientador, Jacques Mick, 2017.
   167 p.

   Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2017.

   Inclui referências.

   1. Sociologia Política. 2. Análise de redes sociais. 3. Direita. 4. Brasil. I. Mick, Jacques. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. III. Título.

Leonardo Gaspary Salles

Nova Direita ou Velha Direita com *Wi-Fi?*: Uma interpretação das articulações da "direita" na internet brasileira

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Sociologia Política e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis/SC, Abril de 2017

Banca Examinadora:

____
Prof. Dr. Jacques Mick
(Presidente/Orientador)
PPGSP/UFSC

____
Prof. Dr. Ernesto Seidl
(Membro)
PPGSP/UFSC

____
Prof. Dr. Raúl Burgos
(Membro)
PPGSP/UFSC

____
Prof. Dr. Fabio Luiz Malini de Lima
(Membro/via skype)
UFES

____
Prof. Dr. Ernesto Seidl
(Subcoordenador)
PPGSP/UFSC

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente com singelas, porém sinceras palavras, a minha mãe, Marcia, e a meu pai, Marcelo, assim como a seus respectivos companheiros, Beto e Clau. Os quais forneceram generoso apoio, material e espiritual, sem os quais esse trabalho não existiria.

Gostaria também de agradecer a meu orientador, o grande professor Jacques Mick, que além de ser colorado, forneceu - sempre com grande paciência - apoio durante meus muitos momentos de hesitação e insegurança. Também foram providenciais suas muitas sugestões e *insights*, além do fato de ter corrigido - inúmeras vezes - todos os trechos desta dissertação, os quais eu, invariavelmente, sempre entregava na iminência do esgotamento de todos os prazos (sim, eu fiz ele trabalhar no domingo).

Mereceram elogios todos os membros da banca: o Prof. Dr. Ernesto Seidl, que além das parcerias musicais para fora da academia (baita gaiteiro bagual!), fez inúmeras observações e sugestões - com seu característico rigor -, jamais desistindo de tentar inculcar um saudável rigor científico a este trabalho (todas as falhas neste sentido devem ser atribuídas unicamente a meu espírito ensaístico, típico de alguém passou mais tempo "surfando" na blogosfera do que lendo os clássicos da sociologia e ciência política). O Prof. Dr. Raul Burgos, cuja paixão pelo tema sempre foi um grande incentivo para que eu seguisse adiante. Também realizou importante contribuição ao me fazer ler Gramsci, o qual eu, até então, conhecia apenas a partir da visão daqueles que o julgam culpado pela origem de praticamente todas as mazelas de nosso tempo. O Prof. Dr. Fabio Malini, pioneiro das humanidades digitais: sem o contato com suas cartografias - descobertas acidentalmente entre os *hyperlinks* da *web* - eu sequer teria sabido que era possível fazer um trabalho como este. Faço menção também ao Prof. Dr. Ricardo Silva cujas sugestões de leitura durante a qualificação de meu projeto foram cruciais para a finalização desta dissertação.

Seria impossível não fazer menção a Nathalia, que me acompanhou, incentivou e, em incontáveis ocasiões, cuidou de minha saúde mental e física nesta longa trajetória do mestrado, do inicio ao fim. Sem você eu não teria conseguido!

Agradeço a todas as muitas amigas e amigos que de alguma forma ou outra participaram desta jornada, e tiveram a paciência de me ouvir tagarelar sobre meu trabalho.

Muito obrigado a todos!

“Research shows that if people are talking and listening to like-minded others, they become more dogmatic, more unified, and more extreme. Personalized Facebook experiences are a breeding ground for misunderstanding and miscommunication across political lines and, ultimately, for extremism.”
Cass Sunstein

“Essa é minha maneira de contribuir para esclarecer algumas coisas. O intelectual não pode fazer nada, não pode fazer a revolução. As revoluções feitas por intelectuais são sempre muito perigosas.”
Umberto Eco

RESUMO

Durante o heterogêneo ciclo de manifestações de 2013, percebeu-se um novo elemento político no país: atores claramente ligados à direita tomando as ruas, território tradicional das esquerdas. Do Movimento Brasil Livre propondo a privatização do transporte público em oposição às demandas do Movimento Passe Livre às esvaziadas manifestações pelo retorno dos militares ao poder: ao final, os protagonistas de esquerda, mobilizados ao início das manifestações, haviam perdido o protagonismo para uma massa amorfa indignada, acima de tudo, com o governo federal do Partido dos Trabalhadores. Grupos de direita aumentam suas mobilizações nos anos subsequentes, culminando no afastamento de Dilma Roussef em 2016. Tais grupos receberam o rótulo de "nova direita", em diversos artigos jornalísticos e científicos. As redes sociais tiveram papel essencial enquanto meio para a organização destes grupos e difusão de suas ideias. Esta dissertação se divide em três etapas. A primeira consiste na conceitualização da web 2.0 (GEHL, 2010; MARWICK, 2010), e em interpretações críticas (KEEN, 2009; SUNSTEIN, 2007). A segunda realiza um estudo das definições de direita e esquerda, a partir de autores como Bobbio (1994), Levin (2014) e Hayek (apud OSTERMANN, 2014a), das tradições político-filosóficas conservadoras (COUTINHO, 2014; LEVIN, 2014) e liberais (MERQUIOR, 1981, 1991; MISES, 1981; EBELING, 2006; HAMOWT, 2008; SPRINGER et al, 2016). A partir destes autores, e em dialogo com o universo a ser estudado, elabora-se uma tipologia dos grupos de direita, desdobrada numa análise de um mapa de redes, constituído por páginas de direita no Facebook. Os mapas foram realizados com o programa de computador *Gephi*, através de dados "minerados" do Facebook com o *crawler* Netvizz. Finalmente, as tipologias são aplicadas às páginas da amostra, formando uma imagem estática de ideias em movimento. O trabalho argumenta que, na constelação de forças políticas que configuram a direita brasileira hoje, há grupos que de fato merecem ser designados como "novos", enquanto outros representam a continuidade de perspectivas há muito existentes no panorama político do país.

Palavras-chave: Análise de redes sociais. Direita. Brasil.

ABSTRACT

A new political element was perceived during the 2013 heterogeneous demonstrations: the presence of undisputed right-wing demonstrators, into which was a traditionally left-wing territory. From the proposed privatization of public mass transport systems, by the Free Brazil Movement (Movimento Brasil Livre), in opposition to the demands of the Free Ticket Movement (Movimento Passe Livre), to the emptied demonstrations asking for a return of the military into power, the left-wing actors, which began the demonstrations, lost their protagonism to an amorphous mob, infuriated specially with the federal government of the Workers Party (Partido dos Trabalhadores). Right-wing groups increased their mobilizations in the following years, eventually impeaching, into 2016, Workers Party president Dilma Roussef. Several journalistic and scientific articles labeled these groups as the “new right”. Virtual social networks provided the essential environment into these groups organized and theirs ideas were spread. This dissertation is divided into three sections. The first one revolves around the concept of web 2.0 (GEHL, 2010; MARWICK, 2010), and on some of its critics (KEEN, 2009; SUNSTEIN, 2007). The second search for political definitions of right and left, through Bobbio (1994), Levin (2014) and Hayek, political and philosophical conservative (COUTINHO, 2014; LEVIN, 2014) and liberal thought (MERQUIOR, 1981, 1991; MISES, 1981, EBELING, 2006; HAMOWT, 2008; SPRINGER et al, 2016). Through these authors and a dialogue with the universe being studied, ideal types of the right wing groups were elaborated, culminating in a network map analysis, constituted by Facebook fanpages. These maps were made with the *Gephi* computer software, with data “mined” from Facebook with the Netvizz *crawler*. Finally, the new right ideal types are applied to the mapped fanpages, forming an ecstatic image of ideas in a flux. The dissertation argues that, in the political constellation of the Brazilian right, there are groups that indeed deserve to be designated as “new”, when others represent the perseverance of perspectives long present in the Brazilian political landscape.

Keywords: Social Network Analysis. Right. Brazil.

ÍNDICE DE FIGURAS

ÍNDICE DE QUADROS

ÍNDICE DE TABELAS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Não lembro exatamente quando e como tive o meu primeiro contato com um texto de Olavo de Carvalho; deve ter sido durante alguma noite ociosa perdida vagando na internet pulando de *hyperlink* em *hyperlink* sem saber aonde se quer chegar. Na época, em algum momento de 2005, eu era um adolescente que se sentia um tanto deslocado na pequena cidade litorânea em que vivia, para o qual o mundo da internet era um incrível repositório de conhecimentos e ideias absolutamente inovadoras e diferentes de tudo aquilo que eu ouvia entre meus colegas, amigos e familiares.

O filósofo de Campinas era então como um profeta pregando no deserto: suas ideias me pareciam tão extravagantes – embora sempre muito bem encadeadas e elegantemente escritas – que eu chegava a sentir certa vergonha alheia, uma espécie de pena daquele senhor – figura excêntrica, megalomaníaca, com seu sotaque do interior de São Paulo, seu arsenal de palavrões e ironias, sempre com seu cigarro – com teorias extravagantes sobre a ONU ser parte de uma conspiração comunista global. Mesmo achando os textos um tanto malucos, eu sempre retornava para ler mais um: pela qualidade de sua escrita, erudição, riqueza de informações e, admissão envergonhada, por concordar em parte com algumas críticas pontuais à esquerda[1]. Até então, jamais imaginava que qualquer pessoa que eu pudesse conhecer pessoalmente fizesse alguma ideia de quem era Olavo de Carvalho.

Foi só em 2006 – quando eu já havia saído da casa de minha mãe para estudar em Santa Maria - RS, durante os depoimentos do mensalão[2], que pela primeira vez um amigo meu repetiu aquele nome: Olavo de Carvalho. Aquele amigo era então estudante de Direito e estava apaixonado por *Como Vencer um Debate sem Precisar Ter Razão em 38 Estratagemas* de Schopenhauer, lançado no Brasil com extensos comentários de Olavo de Carvalho. Posteriormente – nos anos seguintes – conheci mais algumas pessoas que sabiam da existência do filósofo de Campinas, e ele já escrevia alguns artigos em grandes jornais

---

[1] Naquela época, assim como hoje, a compilação de seus textos pode ser encontrada em dois *sites*, o <http://www.midiasemmascara.org/>, organizado Olavo, mas que também publica textos de outros autores brasileiros, além de

[2] Único período em minha memória no qual as pessoas sintonizavam suas televisões na TV Senado quando queriam assistir alguma coisa enquanto estavam à toa.

no país, embora permanecesse ainda desconhecido, pelo menos entre os jovens universitários com os quais eu convivia na época.

Lembro que então Olavo havia dito que o Brasil era um país essencialmente conservador, e que os partidos de esquerda haviam dominado a cena política durante a redemocratização apenas porque a direita tinha se acovardado no cenário nacional após o fim do governo militar. Procurando por artigos de Olavo desta época, encontrei um com esta temática, publicado na *Zero Hora* em 2006, intitulado *Por que o brasileiro vota na esquerda*:

> Se no Brasil ocorre esse fenômeno aberrante de um eleitorado conservador votar maciçamente em candidatos de esquerda, o motivo da contradição aparente é claríssimo [...]
>
> Desde logo, o conservadorismo não tem canais partidários ou culturais de expressão e se tornou politicamente nulo. Não há políticos conservadores: ninguém pode votar em candidatos inexistentes.
>
> [...]
>
> O PFL poderia ser um partido de direita, mas, como só quer cargos e não tem nenhuma perspectiva de poder, consentiu em tornar-se uma filial do PSDB. O PMDB é esquerdista desde a origem e está repleto de comunistas. O PSDB, a "direita da esquerda", é a boca de funil para onde converge o que possa restar de direitismo hipotético nesses outros partidos. Tal como o PT, esse partido nasceu na USP, e sua única função no conjunto da estratégia comunista uspiana é impedir que os descontentes com o PT acabem se aglutinando numa direita genuína. (CARVALHO O, 2006, s/p).

O PSDB como partido de esquerda era uma das ideias de Olavo que mais me chamavam a atenção na época[3].

Nos anos seguintes continuei a acompanhar Olavo de Carvalho e o *Midia Sem Máscara*, e comecei a perceber que havia também outros

[3] Era inconcebível a mim na época, com a memória ainda fresca do governo FHC, pensar o PSDB como sendo de esquerda. Agora o PSDB de FHC quase parece de esquerda, olhando retrospectivamente e comparando-o ao PSDB encarnado por Geraldo Alckmin em São Paulo.

autores com ideias explicitamente conservadoras[4], e durante um episódio em particular também percebi que existiam vertentes e rachas no que se convencionou chamar de direita. Este episódio particular foi o do “barraco” público entre Olavo de Carvalho e o então desconhecido blogueiro Rodrigo Constantino, na época colaborador ocasional no *Mídia Sem Máscara*[5]. A disputa evidencia algumas características importantes: a) permite identificar a principal fonte de divergência na chamada *nova direita brasileira*, a separação entre *conservadores*, *liberais* e *libertarianos*; b) mostra bem o ambiente no qual se desenvolveu e se disseminou o pensamento desta *nova direita*: *blogs*, redes sociais e fóruns de discussão, com suas vaidades e picuinhas, interação entre autores e leitores, a tomada de posição dos leitores, as discussões entre o público e os autores, as discussões dos leitores entre si nas seções de comentários[6], e a velocidade rápida na qual estas discussões se iniciam, desenvolvem e terminam[7].

O estopim da desavença foi a publicação, no blog de Rodrigo Constantino em 8/2/2007, do texto *O Túmulo do Fanatismo* (CONSTANTINO, 2007a), uma crítica agressiva à religião, embasada em Voltaire, na qual defende a razão perante a fé[8]. A ordem dos acontecimentos seguintes é difícil de se determinar, mas Olavo – defensor da importância da herança judaico-cristã para o Ocidente – criticou Constantino em algum grupo do finado *Orkut*, no qual se seguiu a discussão. Nesse primeiro momento é possível ver o caráter ativo da comunidade que segue esses blogueiros: a seção de comentários do artigo de Constantino em seu blog está repleta de críticas que ecoam a de Olavo de Carvalho, e, em menor número, de defensores da posição de Constantino; em algum momento um claro defensor de Olavo de

---

[4] Olavo tinha razão quanto a que realmente as ideias conservadoras não pareciam ter espaço na mídia de então. Lembro que na Veja já havia Diogo Mainardi, mas Mainardi sempre me parecera mais um comediante do que um intelectual.

[5] Posteriormente foi colunista da Veja e autor de livros como *Esquerda Caviar*, um nome provavelmente conhecido da maioria dos leitores.

[6] A leitura das seções de comentários é sempre muito rica, sendo palco de discussões às vezes mais longas até do que os próprios textos nas quais estão centradas. A observação dos comentários permite ver reações, posicionamentos e divergências dos leitores, além das relações destes com os autores.

[7] Uma discussão sobre a dinâmica da relação autor/leitor em blogs pode ser encontrada em: CHAGAS (2007).

[8] Relaciona rapidamente o marxismo ao cristianismo, ao dizer que “Marx é o Jesus dos comunistas” (CONSTANTINO, 2007a).

Carvalho[9] envia os links para o debate no Orkut, com a seguinte chamada: “Rodrigo Constantino sendo reduzido a pó de traque por Olavo de Carvalho no Orkut [...]”.

Um dia depois, em 9 de fevereiro de 2007, Nivaldo Cordeiro, economista e colaborador regular do *Mídia sem Mascara*[10], publica um texto bastante agressivo intitulado *O Bestialógico do Constantino* (CORDEIRO, 2007). No dia 11 de fevereiro sai um texto resposta do próprio Olavo de Carvalho, *Rodericus Constantinus Grammaticus: o anti-estudante ou O Homem do Mim* (CARVALHO O, 2007a) no qual desqualifica pessoalmente seu adversário, atacando seu caráter e sua gramática. No dia 12 de fevereiro, Constantino escreve *Resposta a Olavo* (CONSTANTINO, 2007b), no qual acusa Olavo de Carvalho de já ter sido comunista – acusação grave no meio –, insinuando que ele apenas trocou um fanatismo, o comunismo, por outro, o fundamentalismo cristão.

No dia 13 de fevereiro de 2007, Olavo publicou a segunda parte de *Rodericus Constantinus Grammaticus: o anti-estudante ou O Homem do Mim* (CARVALHO O, 2007a), e no mesmo dia Constantino publica *Fides et Ratio* (CONSTANTINO, 2007c), mais uma vez opondo ciência a religião, com breve menção a Olavo de Carvalho.

No dia 15 de fevereiro é publicado por Olavo um texto no *Jornal do Brasil* online, em que também ataca Constantino – embora o faça sem citar nomes – com o titulo de *Barbárie Mental* (CARVALHO O, 2007b): “Outro dia, em discussão na internet, um rapaz que de vez em quando escreve artigos políticos assegurou que todos os santos e profetas da cristandade só queriam poder e dinheiro, que Jesus nasceu de um adultério e que os judeus são um povo de ladrões”.

No mesmo dia Rodrigo, Constantino publicou uma resposta em seu blog, intitulada *A Desonestidade de Olavo* (CONSTANTINO, 2014d), na qual acusava Olavo de Carvalho de desonestidade intelectual, de ter distorcido suas palavras, afirmando também que seus seguidores formam uma espécie de seita em torno do “guru”, encerrando com o

---

[9] Os seguidores fervorosos de Olavo de Carvalho eram por vezes chamados de “Olavetes”, título que passaram a assumir com orgulho, havendo no *site* do seminário de filosofia de Olavo de Carvalho - http://www.seminariodefilosofia.org/- uma loja virtual com os dizeres “Eu sou uma Olavete”.

[10] O fato de um autor menor do grupo ir à defesa do mestre demonstra a coesão dos conservadores alinhados com Olavo de Carvalho.

seguinte: “não dá para esperar muito de quem afirma que Sir Newton espalhou o vírus da burrice pelo ocidente”[11].

No dia 16 de fevereiro Olavo publica *Disfarçando o mico* (CARVALHO O, 2007c), discutindo o *Fides et Ratio* de Constantino, no qual diz que não buscou comparar *religião* e *ciência*, e sim o *cristianismo* em relação a ideologias modernas como *iluminismo, marxismo e cientificismo-evolucionismo*, defendendo o caráter tolerante do cristianismo em relação às intolerâncias e aos assassinatos em massa cometidos em nome das ideologias modernas. Ataca Voltaire e encerra com palavras simpáticas: “Em matéria de disfarce, o Sr. Constantino não é um lobo em pele de cordeiro. É um mico em pele de jumento”.

No dia 17, Olavo publica a terceira parte de *Rodericus Constantinus Grammaticus: o anti-estudante ou O Homem do Mim* (CARVALHO O, 2007a), de caráter bastante pessoal, falando que Constantino havia fugido da discussão com ele no *Orkut* para lhe criticar em um blog “lá do Rio Grande do Sul”. Em 18 de fevereiro, Constantino responde com um texto também de caráter pessoal, intitulado *A Vaidade de Olavo* (CONSTANTINO, 2007e).

Após um intervalo, no qual as discussões parecem ter se estendido pelo Orkut, Constantino publica *O prego do Olavo* (CONSTANTINO, 2007f), no dia 27 de fevereiro. Neste texto, expõe alguns dos elementos da crítica dos liberais aos conservadores, por considerar que estes últimos – conservadores religiosos – fazem muito mal para a causa liberal. Aponta para a paranoia conservadora, a qual vê comunismo em todos os cantos[12], dizendo ter sido acusado de “esquerdista”, pelo fato de ser ateu, por seguidores de Olavo de Carvalho. Também parte para o ataque pessoal, dizendo novamente que Olavo havia sido comunista quando jovem, expondo uma foto deste com Fidel Castro[13].

Olavo publica no dia 28 de fevereiro a quarta parte de *Rodericus Constantinus Grammaticus* (CARVALHO O, 2007a). Aponta a mediocridade de Constantino – que teria apenas 243 debatedores em sua comunidade pessoal do Orkut, contra os 2.749 dele próprio, e também o

---

[11] Olavo de Carvalho eventualmente encarna o físico e crítica figuras como Newton e Einstein.

[12] Cita o caso de James Forrestal, secretário de Defesa dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, que após ser internado em um hospital, cometeu suicídio pulando da janela, supostamente por ter imaginado que os comunistas estavam invadindo seu país.

[13] A qual Olavo de Carvalho posteriormente afirmou ser uma montagem.

acusa de fazer comentários anônimos elogiando a si próprio. Finalmente, no dia 3 de março, no texto *Recado atrasado a Rodrigo Constantino* (CARVALHO O, 2007d), faz mais algumas observações e encerra, aparentemente, a contenda.

Um ano depois, em 12 de fevereiro de 2008, Constantino ainda publica *Uma Vez Embusteiro...* (CONSTANTINO, 2008a), no qual indica que Olavo ainda o atacava em seu programa ao vivo *True Outspeak*[14]*;* neste texto, ele continua a onda de ataques pessoais entre ambos, novamente apontando para a natureza "fanática" de Olavo de Carvalho, que já havia sido comunista "fanático", astrólogo "fanático" e agora haveria se tornado católico "fanático". Dia 19 de fevereiro de 2008, publica *O Desespero de Olavo* (CONSTANTINO, 2008b), em resposta a algo que Olavo teria falado sobre ele no Orkut.

Em 4 de maio de 2012 – cinco anos depois do inicio da contenda! – Olavo de Carvalho publica seu último texto em referência a Rodrigo Constantino, *Demolindo Otávio de Ramalho* (CARVALHO O, 2012). Neste texto Olavo sintetiza algumas características do conservadorismo em oposição ao liberalismo, faz uma breve análise da direita no Brasil e dos *think tanks* liberais, como o Instituto Millenium e o Ludwig Von Mises, além de um apêndice reclamando da falta de investigação científica sobre a astrologia. Finalmente, Rodrigo Constantino responde com um vídeo no *youtube* chamado *A direita tacanha e o astrólogo embusteiro* (CONSTANTINO, 2012), no qual critica o que considera uma direita retrógrada que idealiza a Idade Média.

Apresentou-se este debate de forma tão extensiva, e com tantas citações, para mostrar os seguintes aspectos deste universo político dos blogs de direita: o personalismo, o jogo de vaidades[15], a forma como ambos os debatedores durante a disputa se atacam sempre de olho no público, na plateia de leitores/seguidores, e, novamente, o papel ativo

---

[14] *Talk Show online* interativo de Olavo de Carvalho, ativo desde pelo menos 2006. Em 2005 ele era exibido em formato mais convencional por dois canais a cabo, em Curitiba e São Paulo, pela TV Millennium.

[15] Realmente chama a atenção o fato de Olavo de Carvalho ter levado ao Jornal do Brasil uma disputa aparentemente pequena iniciada através do *Orkut*; talvez isso faça mais sentido se pensarmos na necessidade deste de se legitimar perante seus "seguidores": um detalhe importante sobre Olavo de Carvalho é de que parte de seus rendimentos advém dos cursos de filosofia que ministra pela internet, o que poderia explicar a necessidade por sua parte de esmagar seu adversário para se legitimar perante seu público. Os cursos custam entre R$30 e R$50 por mês, e duram de 4 a 5 anos.

dos leitores/seguidores nos rumos da discussão; além de sugerir que ambos dispunham de quantidade considerável de tempo ocioso[16].

Esta polêmica permite também destacar as divergências entre conservadores e liberais, as quais giram basicamente em torno de questões morais, em especial aquelas de cunho religioso. Os liberais acusam os conservadores de quererem impor seu modelo de vida aos outros através do próprio Estado, o que faria deles *coletivistas*, incompatíveis com o ideal *individualista* do liberalismo. E os conservadores atacam os liberais por rejeitarem – ou não valorizarem o suficiente - os valores cristãos-judaicos que acreditam serem essenciais para o próprio capitalismo e para a democracia; dizem eles que um capitalismo sem valores morais religiosos se transformaria em materialismo hedonista vazio, o que tornaria os liberais pouco melhores que os marxistas. Argumentam também que, ao ajudarem a derrubar os valores judaico-cristãos, estariam fazendo o "jogo do inimigo", pois o objetivo do *marxismo cultural* seria justamente o de destruir esses valores para depois destruir o capitalismo[17].

Em 30/01/2014 Olavo e Constantino fizeram uma trégua, chegando a participar de um *podcast* mediado por Lobão (WOERDENBAG F., 2014), o qual foi bastante publicizado dentre os grupos de direita na internet pelo fato de Lobão ter conseguido unir os dois ícones e rivais em um debate amistoso, no qual ambos frisaram a necessidade de conservadores e liberais deixarem de lado, momentaneamente, suas diferenças e se unirem para tirar o PT do poder.

Alguém poderia ler este relato e pensar: qual a importância dessas pessoas? É algo sério ou uma piada? Uma molecagem de internet? Qual a relevância disso tudo?

Durante muito tempo, pensei que Olavo de Carvalho e todos os outros eram solitários pregando no deserto, e que nunca seriam nada além de uma minoria anônima raivosa. Porém, em algum momento de 2012 notei que algo havia mudado, que chavões do Olavo de Carvalho

[16] Embora seja necessário considerar que, devido à natureza do trabalho de ambos, a participação ativa nestas discussões seja na verdade uma exigência do ofício, dada a necessidade de, no mundo volátil da internet, se manter em destaque e evidência.

[17] É preciso esclarecer aqui um aspecto importante da *cosmologia olaviana*: a elite financeira e globalista do mundo seria o verdadeiro poder por trás do *esquerdismo* em seus mais variados aspectos, visando acabar com a soberania das nações e instituir um governo global através da ONU, a qual, todos sabem, é uma organização controlada por comunistas. Nessa cosmologia, os liberais ateus seriam mais uma peça no plano de dominação global desta elite.

como *idiotas úteis*[18], *Foro de São Paulo* e *marxismo cultural*, a paranoia de ameaça "comunista", começaram a se tornar comuns em todo o tipo de discussão na internet, passaram a ser utilizados por pessoas que eu conhecia, se tornaram a regra em certas *fanpages* de *Facebook* como a *UFSC*[19]; eventualmente essas ideias foram repetidas por pessoas de carne e osso, pelos líderes do grupo de direita que invadiram a ocupação por grupos de esquerda da Reitoria da UFSC em 2014, durante o chamado "levante do bosque". Esses chavões passaram a ser repetidos por comentaristas de televisão: Rachel Sheherazade[20] e Paulo Eduardo Martins[21]; colunistas da Veja, como Reinaldo Azevedo e Felipe Moura Brasil; artistas como Roger, Lobão e Danilo Gentili; sacerdotes católicos em programação de *webtv* da Igreja Católica, como o Padre Paulo Ricardo[22]; políticos como Marcos Feliciano[23], Jair Bolsonaro, Ronaldo Caiado e, mais recentemente para pegar a "onda", Eduardo

---

[18] *Idiotas úteis* são aqueles que defendem – cheios de boas intenções – as bandeiras da esquerda.

[19] Encontrada no link: <https://www.facebook.com/groups/480398705306616/>. Importante reiterar que esta página não tem nenhum vínculo institucional com a UFSC e tem sido notoriamente dominada por grupos de direita, daqueles que não poupam palavrões e chavões para desqualificar seus adversários, e no qual, notoriamente, um estudante compartilhou uma imagem racista que está lhe rendendo um vultuoso processo por parte do Ministério Público. A página é frequentada por muitos que não estudam na universidade e nem moram em Florianópolis.

[20] Apesar dela não utilizar estes chavões diretamente, suas opiniões a colocam no campo conservador, no qual ela é bastante respeitada.

[21] Ex-comentarista da Rede Massa – afiliada do SBT no Paraná – que lançou candidatura a Deputado Federal pelo PSC. partilha claramente da cosmologia conservadora, falando que: "Os valores cristãos são obstáculos para que os socialistas, os engenheiros sociais, implantem suas ideias mirabolantes e façam possível o tal 'outro mundo'. Por isso, essa gente precisa destruir os valores do cristianismo para poder inserir seus novos valores no lugar" (MARTINS, 2013).

[22] O Padre Paulo Ricardo Azevedo Junior, na Web TV da Canção Nova – do movimento católico Renovação Carismática – deu uma "aula" a respeito dos perigos do Marxismo Cultural (AZEVEDO JR., 2012). Este mesmo sacerdote se pronunciou à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, então presidida por Marco Feliciano, para falar contra o aborto (AZEVEDO JR., 2013).

[23] Marcos Feliciano se pronunciou em defesa de Olavo Carvalho durante uma de suas falas em uma sessão da Câmara dos Deputados em 2014 (FELICIANO, 2014).

Cunha; mulheres comuns se dirigindo a subcomissões da Câmara reproduzindo teorias conspiratórias sobre a existência de um movimento abortista internacional financiado por grandes fundações (BLACKSMITH OLIVER, 2012); professores universitários, como Sérgio Colle, de engenharia da UFSC (PEREIRA, 2014); filósofos como Felipe Pondé; militares reformados como o Coronel Carlos Brilhante Ustra[24], e até meu próprio irmão, que um dia desses apareceu com um livro do Olavo de Carvalho debaixo do braço, ironicamente me recomendando sua leitura.

Independentemente da minha opinião sobre estas ideias[25], é inegável que estão em processo acelerado de difusão, de que elas influenciam o país em que vivemos, e que os cientistas sociais não podem mais ignorá-las. O objetivo deste trabalho é analisar esta *nova direita*, a partir de sua atuação em redes sociais na *internet*, identificando discursos e linhas de pensamento[26]; identificando atores coletivos e individuais de relevância, os "nós" destas redes; buscando realizar uma análise crítica destes discursos e linhas de pensamento, para por fim, a partir de um debate mais amplo dos significados históricos de esquerda e direita, com foco no Brasil, pensar a validade, ou não, do rótulo de *nova* direita atribuído a estes grupos e discursos.

Assim, o objetivo primário desta pesquisa é o de responder à pergunta: *nova direita ou velha direita com wi-fi?* Partindo da análise de atores coletivos e indivíduos os quais, começando com jornalistas e blogueiros, passaram a ser chamados de *nova direita*, atores estes que tem em comum a difusão de suas ideias a partir de meios não-tradicionais, o universo da web 2.0, e que, gradualmente, foram se

---

[24] Reconhecido pela justiça como torturador durante o regime militar.

[25] Até uns poucos anos atrás, sempre me considerei de esquerda, embora nunca tenha me identificado com as correntes mais radicais – marxistas e anarquistas – , recentemente tenho me identificado com o liberalismo, embora também de maneira não radical. O resultado de meu perfil ideológico no Diagrama de Nolan é *centro*. Considero-me um defensor das liberdades tanto econômicas quanto pessoais, embora reconheça que elas devam ser limitadas em alguns casos. De qualquer forma, não acredito em soluções únicas para problemas políticos e sociais: algo que funciona em determinado local, época ou circunstância pode não funcionar em outro.

[26] Inspirado em Martinuzzo e Malini (2010), utilizarei também a cartografia deleuziana, a qual aplicada ao estudo das ideias trabalha com o conceito de rizoma: "Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas" (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.16).

inserindo nos debates políticos mais amplos da nação. Estes atores serão analisados a partir de um ambiente específico, a *internet*, e a partir da classificação de suas diversas linhas discursivas em um número reduzido de tipos ideais, estes serão confrontados com a literatura a respeito dos significados de esquerda e direita e das tradições político filosóficas nas quais se inserem para que se possa responder, de forma separada a cada tipo ideal elaborado: a) se estes podem ser considerados *direita* b) caso sim, se existe alguma diferença substantiva em relação a manifestações de *direita* mais antigas que permitam, dentro do contexto nacional, falar em uma "nova" direita.

Os objetivos secundários são:

a) A elaboração de uma classificação de tipos ideais das linhas discursivas dos atores estudados.
b) A elaboração de grafos que permitam visualizar a atuação destes atores e como estes formam ligações entre si a partir de suas páginas na rede social *Facebook*.

1.1 O problema da pesquisa

Ao final do regime militar no Brasil, a direita civil se encontrava extremamente desarticulada: fora alijada dos principais processos decisórios da nação pelos militares[27], e ao mesmo tempo desacreditada perante a sociedade por seu apoio ao regime, apoio este que variou daquele explícito e apaixonado nos primeiros anos, para um posteriormente silencioso e envergonhado, algo arrependido do monstro criado pelo regime militar, mas incapaz de derrubá-lo.

É significativo desse estado de coisas que, após as marchas de Pátria, Família, Deus e Liberdade, em 1964, levariam quase 50 anos – até Junho de 2013 – até haver novamente no Brasil manifestações nas ruas claramente ligadas à direita[28]. Consequentemente, houve, durante

---

[27] Elio Gaspari (2004) narra à forma como os militares expurgaram da vida pública parte significativa dos grandes atores políticos que os haviam apoiado em 1964, como Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda e Adhemar de Barros; narra também a desinstitucionalização do empresariado e o esvaziamento do poder das entidades patronais entre 1964 e 1968.

[28] As manifestações de 2013 começaram a partir de grupos ligados à esquerda, por uma causa pontual: a mobilidade urbana; mas tomaram progressivamente outros rumos, tornando-se socialmente heterogêneas e multifacetadas em suas propostas, tendo havido a tentativa – parcialmente bem-sucedida –, por parte de grupos de direita, de as transformarem em manifestações anticorrupção voltadas

muitos anos após a redemocratização, receio por parte de diversos atores políticos em assumir o rótulo de "direita" ou "conservador" (CASTRO, 2011; CHALOUB, PERLATTO, 2016; PIERUCCI, 1987).

Tal situação vem mudando nos últimos anos, gradualmente desde a ascensão política do lulismo em 2003: ganha fôlego a partir do escândalo do mensalão e culmina no retorno da direita às ruas em 2013, com nova intensificação no movimento pelo *impeachment* de Dilma Roussef em 2015. Uma das principais características do ressurgir da direita[29] é que ele não se deu a partir dos veículos usuais – partidos políticos e mídia tradicional –, mas impulsionado pela internet, por uma extensa rede de blogueiros com relativamente pouco contato com o mundo tradicional da política e da mídia, nos quais eles gradualmente conquistaram espaço até o ponto de um de seus ícones, Olavo de Carvalho, ter um livro na lista de obras mais vendidas no Brasil na categoria não-ficção em 2013 (AZEVEDO, 2013), e estender sua influência a artistas como Lobão e Roger, além de humoristas, dando à direita uma inserção em um campo – o artístico-cultural – tradicionalmente dominado pela esquerda. Adicionalmente, a nova direita ocupa espaço cada vez maior nas colunas de opinião de grandes veículos: Rodrigo Constantino e Marco Antonio Villa em *O Globo*, Reinaldo Azevedo e Luiz Felipe Pondé na *Folha de São Paulo*, Reinaldo Azevedo, Felipe Moura Brasil, Leandro Narloch na *Veja*; além de espaço considerável na Rádio Jovem Pan, a qual abriga figuras como Rodrigo Constantino, Rachel Sheherazade e Madeleine Lackslo. Algumas dessas figuras fazem parte do grupo de blogueiros pioneiros da nova direita, enquanto outras são personagens inseridas anteriormente no campo jornalístico ou acadêmico e que, gradualmente, se inscreveram nas fileiras da nova direita.

Os atores de direita se organizam em vários grupos mais ou

---

ao governo federal, transformando-se no que Singer (2013, s/p) chamou de "Jornadas de Juno, cada um vendo nas nuvens levantadas nas ruas a forma de uma deusa diferente".

[29] Não que a direita tenha deixado de existir em algum momento: a que perdeu visibilidade foi aquela direita a que Dreifuss (1989) chama de *ideológica*; a outra direita, a *fisiológica*, nunca desapareceu, mas também nunca teve identidade clara como direita, confundindo-se em meio aquilo que se convencionou chamar "centrão". Outro fator do "ressurgimento" da direita é que ela passou a disputar territórios durante muito tempo monopolizados pela esquerda - como, por exemplo, a vitória de uma chapa de direita para o DCE da UFRGS em 2013, a qual escolheu como data de sua cerimônia de posse a "comemoração" dos 45 anos do AI-5.

menos articulados, os quais têm em comum o combate às esquerdas, em especial ao PT[30], em diversas frentes: economia, moral, religião, gênero etc., e tem por característica a oposição ao que se entende, por parte dos autores de direita, como uma hegemonia cultural das esquerdas.

Jornalistas e *blogueiros* têm utilizado o termo *nova direita*[31] para se referir aos grupos que encabeçam o ressurgir da direita no Brasil. Este trabalho almeja descrever as formas tomadas pelos discursos dessa "nova direita" brasileira na internet; quem são seus atores, como se comportam e se organizam; o que os une, o que os distingue; como se ligam a outros grupos, dentro e fora da internet; e como atuam, dentro e fora da internet. A questão norteadora aqui é: pode-se falar de fato na existência em uma *nova* direita, ou se trata apenas da *velha* direita com *wi-fi*? Ou seja, existem novidades substanciais nesses grupos em relação àqueles da direita concebida como tradicional, ou as diferenças percebidas são apenas devidas ao impacto da *internet* nas formas de se fazer e perceber a política?

A pesquisa se orienta, com reservas[32], pelos conceitos gramscianos de *hegemonia* e *intelectuais orgânicos*. Tais conceitos foram elaborados por Gramsci quando este buscou compreender o domínio das classes superiores a partir não apenas do controle da máquina coercitiva do Estado, mas principalmente a partir do *consenso*,

---

[30] Alguns setores da direita denunciam o que acreditam ser uma *infiltração gramscista* na sociedade brasileira, a qual visa conquistar uma hegemonia no plano das ideias com vistas à implementação de um regime comunista. Tal visão é defendida por Olavo de Carvalho (1994) e Rodrigo Constantino (2014).

[31] O termo aparece, por exemplo, em entrevista de Rodrigo Constantino ao jornal *O Povo* (CORLONANO, 2014); em entrevista do professor aposentado de filosofia da USP Paulo Eduardo Arantes à Folha de São Paulo (LUCEMA, 2014); no *Diário do Centro do Mundo* (NOGUEIRA, 2014); em matéria de *O Globo* intitulada *jovens se organizam e tentar criar legendas de nova direita* (VOITCH, 2012); e também em artigo na revista *Insight Inteligência*, por Chaloub e Perlatto (2016).

[32] Com reservas, pois discordo de uma concepção importante de Gramsci (2001, p.24), a de que é essencial a relação entre os *intelectuais orgânicos* com um partido político que os organize. As manifestações de junho de 2013 demonstraram o descompasso entre os partidos políticos e as demandas da sociedade. A globalização e a proliferação de *think tanks*, movimentos sociais e organizações do terceiro setor parecem demonstrar que os partidos políticos passaram de emissores a receptores das ideias e concepções de mundo, perdendo parte significativa de sua importância no processo de disputa hegemônica.

o qual se daria com a construção da *hegemonia*, entendida enquanto a coordenação dos interesses de um grupo dominante aos interesses gerais de outros grupos e à vida do Estado (HALL, 2009, p.293-294). O *consenso* seria obtido com a construção de uma autoridade moral e social de alcance amplo em determinada sociedade, autoridade esta que não se daria apenas a partir da dominação econômica, mas também através de um domínio, no mundo das ideias, das concepções éticas e morais que moldam as visões de mundo. Dessa forma, Gramsci rompe com a ortodoxia marxista de seu tempo, entendendo a ideologia dominante não como superestrutura determinada por uma estrutura econômica, mas como componente fundamental para a manutenção ou transformação das estruturas econômicas, propondo para o movimento socialista italiano uma estratégia diversa daquela de Lênin: se Lênin pretendia primeiro tomar o Estado e depois modificar a sociedade, Gramsci defendia como primeiro passo o combate hegemônico, de ideias. Tal batalha se daria no campo da *sociedade civil*, do consenso, ao qual Gramsci (2001, p.20-21) contrapõe o da *sociedade política do Estado*, do domínio direto coercitivo. Os agentes da batalha seriam os *intelectuais orgânicos*, entendendo intelectuais em sentido amplo, como todo indivíduo que tem função "[...] diretiva e organizativa, isto é, educativa, isto é, intelectual" (GRAMSCI, 2001, p.25), ou seja, todo aquele envolvido na disputa pela formação das concepções de mundo. O que nos interessa aqui é a ideia de que os confrontos políticos não se dão apenas através das disputas pelo Estado, mas também – ou até mesmo principalmente – no mundo das ideias, em locais a princípio insuspeitos, em formas de agir, pensar e ver o mundo. Assim serão tratados os discursos de direita na internet, não apenas como disputas políticas eleitorais – PT vs. PSDB –, mas como disputas mais amplas, de visões de mundo em choque, em suma, disputas simbólicas.

Adicionalmente, trata-se de um estudo de cibercultura, dos impactos da *internet* na construção das subjetividades. Tentei tirar o melhor proveito possível das dissertações de Gehl (2010) e Marwick (2010), que buscam compreender a natureza da Web 2.0 dentro da *perspectiva da construção social da tecnologia e da ciência*. Neste sentido o *design* da *Web 2.0* é carregado, intencionalmente ou não, da ideologia de seus criadores, descrita por Marwick (2010) como *Ideologia Californiana*. Este *design* cria novas formas de aquisição de capital social e financeiro, através da *internet* - um conjunto de práticas sintetizadas na ideia de *self-branding*, através das quais os indivíduos: a) se dividuam, criando personagens de si; b) realizam trocas afetivas conscientes buscando a aquisição de capital social; c) tornam públicas

parcelas de suas vidas na tentativa de controlar a forma como são vistos, visando adquirir capital social. O conjunto de práticas de *self-branding* é fundamental para entender a atuação dos formadores de opinião na *internet*. Também tentei contemplar as ideias de Sunstein (2007) e Keen (2009), autores que focaram seus esforços em apresentar alguns dos impactos negativos da *internet* na vida social.

Ainda no campo da cibercultura, utilizo estudos como os de Malini (2007; 2008; 2012) e Malini e Martinuzzo (2010), os quais se utilizam de metodologias e recursos computacionais específicos para o estudo de fenômenos localizados na *internet*, abordando-a enquanto um campo político. Ao utilizar o método de Análise de Redes Sociais proposto por Malini (2014), esta pesquisa se torna também uma cartografia, no sentido dado por Deleuze[33], a qual busca acompanhar um processo, mostrar uma área – o espaço político de direita na internet – de um determinado ângulo em um determinado momento, uma cartografia dos *agenciamentos*, daquelas relações singulares de força que se mobilizam estrategicamente em torno de objetivos, realizando articulações de saber-poder e feitos de subjetividade, enfrentamentos micropolíticos nos quais a constituição dos sujeitos está em questão (PRADO FILHO, TETI, 2013). A cartografia deleuziana, aplicada ao estudo das ideias, trabalha com o conceito de rizoma, como um sistema epistemológico sem raízes, cuja estrutura é elaborada simultaneamente a partir de diversos pontos, e na qual se formam linhas de pensamento e de organização fixadas por grupos ou conjuntos de conceitos afins, os quais definem territórios relativamente estáveis. Tal abordagem permite compreender o trabalho coletivo realizado na construção de conhecimento, típico da *internet*, que Malini e Martinuzzo (2010) chamam de *inteligência de enxame*, ou seja, como uma enorme multiplicidade de atores situados em pontos diversos da rede produz, a partir de uma heterogeneidade, uma linha de pensamento comum. Não se trata de analisar as ideias específicas de Olavo de Carvalho ou de Rodrigo Constantino, pois, embora eles sejam pontos importantes na rede, suas ideias são apropriadas e ressignificadas de formas diversas, até compor um construto coletivo sem autoria definida que pode ser chamado de discurso de direita, conservador ou liberal. Faz-se então relevante analisar estas ideias em movimento, enquanto linhas que percorrem redes maleáveis, enquanto ideias coletivas que diferem um pouco aqui e ali, mas as quais compartilham uma essência comum que as torna passíveis de categorização. Faço aqui uma ressalva importante:

---

[33] Inspirado por Foucault (PRADO FILHO, TETI, 2013).

a este trabalho interessam os aspectos dos conceitos de Deleuze e Guattari da forma como são entendidos e utilizados por Malini (2010) para compreender as dinâmicas da Web 2.0 e o funcionamento da *inteligência de enxame* – como os conceitos de rizoma e cartografia –, não havendo pretensão por parte deste autor em utilizar estes conceitos para além dos usos operacionais que eles têm nas metodologias de análise de redes sociais. Foi inevitável, no curso deste trabalho, realizar uma análise mais rigorosa dos significados e definições de direita e esquerda – localizada no capítulo 6 *Uma nova direita?* –analisando definições da díade a partir de Bobbio (2004) e Levin (2014), e explorando as nuances dos pensamentos conservadores e liberais a partir de Merquior (1981; 1991), Coutinho (2014), Levin (2014), dentre outros.

Finalmente, este trabalho dialoga com diversos outros, antigos e recentes, que analisam a direita – e os discursos de direita – no Brasil, como os trabalhos de Chaloub e Perlatto (2016), Pierucci (1987) e Dreifuss (1989) e Ostermann[34] (2014a).

A minha crítica aos estudos anteriormente citados que analisam a direita e os discursos de direita é a seguinte: estes ou analisam algum grupo específico da direita, ou fazem pouca distinção entre os diversos grupos que a compõem. Considerando-se então esta lacuna, a contribuição que este trabalho almeja é a de buscar compreender como se articula o discurso da direita brasileira em um espaço específico – a internet – e em um espectro amplo, como um campo cheio de contradições, distinções e disputas entre diversos grupos; fornecendo uma tipologia que permita compreender melhor a direita brasileira em sua complexidade. Do ponto de vista dos estudos de cibercultura, este trabalho busca fazer uma cartografia, partindo da rede social *Facebook*, buscando ligações entre grupos produtores de conteúdo, difusores, *think tanks*, atores políticos tradicionais e a mídia.

1.2 O desenho da pesquisa

---

[34] A dissertação de Ostermann (2014), um liberal e também um dos atores presentes neste estudo, trata justamente de questionar a díade esquerda e direita, argumentando sobre a dificuldade de encaixar o liberalismo em uma escala unilinear. Conforme veremos adiante, o liberalismo realmente é de difícil classificação, podendo estar à direita ou à esquerda conforme a utilização de diferentes critérios. Justifico aqui minha inserção deste autor/ator político à direita por sua atuação orgânica junto ao que se tem convencionado chamar nova direita durante os últimos grandes atos políticos do país.

Este estudo busca descrever as formas tomadas pelos discursos desta “nova direita” brasileira na internet; quem são seus atores, como se comportam e se organizam; o que os une o que os distingue; como se ligam a outros grupos, dentro e fora da internet; e como atuam, dentro e fora da internet. Neste processo, será questionada a validade, ou não, de se falar na existência de uma *nova* direita, ou seja: existem novidades substanciais nestes grupos em relação aqueles da direita tradicional[35], ou as diferenças percebidas são apenas aquelas devidas ao impacto da *internet* nas formas de se fazer e perceber a política?

Desta forma, o estudo pode ser classificado como exploratório, no sentido de que não se preocupa em verificar teorias anteriores, mas sim descrever um universo até então inexplorado (MAZZOTI, GEWANDSZNAJDER, 2001, p.150), neste caso a multiplicidade dos discursos de direita na *internet*.

Para atingir estes objetivos serão realizadas, de forma paralela e conjunta, duas tarefas:

1) a elaboração de uma **classificação**, através da formulação de tipos ideais no espírito weberiano, ou seja, de categorias generalizantes que simplifiquem o real, tornando a complexidade imensurável da vida social em algo inteligível a partir de traços essenciais;

2) a construção de uma **cartografia** dos grupos de direita na rede social *facebook*, focando na identificação de: a) grupos produtores de conteúdo, b) centros de difusão de conteúdo, c) *think tanks,* d) ONG’s, e) atores políticos tradicionais, f) grande mídia[36], g) editoras.

Estas duas tarefas se complementarão, colaborando para o processo de focalização do problema, fornecendo critérios para: a) o estabelecimento de fronteiras; b) inclusão e exclusão para a filtragem das informações recebidas e c) decisões sobre enquadramento de atores e análise de cenários (MAZZOTI, GEWANDSZNAJDER, 2001). A elaboração da **classificação** ajudará a estabelecer os limites da cartografia, e as informações obtidas no processo de construção da

---

[35] A direita tradicional aqui será compreendida como aquela que atua a partir do fim do regime militar, com foco nas décadas de 1980 e 1990, conforme as descrições de Dreifuss (1989), Singer (2000) e Pierucci (1987).

[36] *Grande Mídia* aqui será entendida como grupo composto por: redes nacionais de televisão; grandes jornais, em especial o Estado de São Paulo, O Globo, Folha de S. Paulo e Valor Econômico; grandes revistas, como *Veja*, *Isto É* e *Época*; e grandes portais de notícias, tanto aqueles ligados a outros grupos de mídia, quanto portais nativos da *internet*, como o *UOL*.

cartografia auxiliarão no refino da taxonomia, formando um circuito retroativo.

Evidentemente, a escolha do objeto de pesquisa e do campo onde serão colhidos os dados é proposital e mesmo que, dada a natureza do método cartográfico e do próprio objeto, não seja possível indicar no momento a totalidade dos sujeitos envolvidos na amostra, é possível indicar alguns deles e, mais importante, a forma pela qual os demais serão selecionados[37]. A pesquisa se apoia na ferramenta metodológica de etnografia virtual[38], na qual as dinâmicas comunicacionais, tanto entre os objetos observados, como na reação pesquisador-objeto acontecem em uma dinâmica de tempo-espaço diferente daquela da etnografia tradicional (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008). Uma das principais diferenças entre as duas formas de etnografia é que a virtual permite que o pesquisador observe uma comunidade durante seu funcionamento, fora do espaço fabricado para pesquisa, sem precisar necessariamente interferir diretamente no processo como participante fisicamente presente (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008); ao mesmo tempo, permite ao pesquisador, no processo de imersão e em momentos de sua escolha, fazer contato com indivíduos específicos desses grupos, os quais podem fornecer *feedbacks* relevantes ao pesquisador sobre suas conclusões preliminares. Amaral, Natal e Viana apontam para a seguinte limitação da etnografia virtual: ela não forneceria informações a respeito do grupo social estudado em si, mas sim a respeito das formas como este grupo utiliza certas tecnologias de comunicação (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008). Porém, neste trabalho, considero uma das conclusões de Marwick (2010) em sua etnografia sobre a *tech community* no norte da Califórnia: quando todos, ou praticamente todos, os atores de um determinado grupo social estão conectados em redes através da internet, e considerando-se também que nos grupos nos quais a internet é bastante difundida as pessoas usam diversas combinações de meios para se comunicar[39], torna-se difícil, e infrutífero, separar o real

---

[37] Conforme as sugestões para delimitação do campo dadas por Mazzotti e Gewansdznader (2001, p. 162).

[38] Ela também pode ser chamada de *netnografia*, termo mais utilizado por pesquisadores da área do marketing e da administração (AMARAL, NATAL, VIANA, 2009).

[39] Facilmente uma pessoa com acesso na internet utiliza uma ou mais das seguintes formas de comunicação em seu dia-a-dia: conversas presenciais ou *face-to-face*, mensagens de texto por telefone ou internet, e-mail, chat de vídeo,

do virtual. As interações em meio virtual afetam efetivamente as relações presenciais, e vice-versa; assim sendo, Marwick conclui que uma antropologia da internet na Web 2.0 precisa quebrar as divisões entre virtual e real, entre *online* e *offline*. Uma das consequências da quebra desta divisão é que, ao analisar atores através de redes sociais nas quais elas não são anônimas, é necessário pensar que elas existem em uma localização geográfica, em um contexto real e ocupando determinada posição na sociedade.

É evidente que, como em toda etnografia, as lentes utilizadas pelo observador afetam profundamente a forma como ele coleta suas informações e, no caso da etnografia virtual, a relação do pesquisador com o seu objeto é especialmente entrelaçada, pois, ao participar e acompanhar grupos a partir de uma plataforma de comunicação *online*, como uma rede social, o pesquisador é simultaneamente um estranho e um nativo. Sendo assim, é fundamental que o pesquisador esclareça algumas de suas posições e a forma como realizou sua imersão nos grupos investigados. Pois bem: eu acompanho grupos e criadores de conteúdo da direita na internet desde 2006, quando a maior parte da movimentação ocorria através de blogs e da rede social *Orkut*, e acompanhei o processo de transição deles para a rede social *Facebook*, a qual, por suas características específicas, mudou a forma de interação desses indivíduos, em especial a relação entre os autores produtores de conteúdo e seus leitores-consumidores-interlocutores. Desta forma, ao iniciar a elaboração do projeto, eu já possuía experiência significativa na compreensão das dinâmicas desses grupos, e de seus discursos, de forma que a imersão etnográfica prévia ao projeto – e na verdade prévia também à ideia de que um dia isto poderia se tornar uma pesquisa – pôde me prover do que Mazzotti e Gewansdznader (2001) chamam de *conhecimento tácito*, ou seja, aquilo que o pesquisador "sabe", embora não consiga expressar sob forma proposicional.

O conhecimento tácito e a imersão no campo, em diálogo com a bibliografia consultada, me permitiram, já durante a fase inicial de elaboração do projeto, elaborar uma classificação preliminar da "nova" direita brasileira, focalizada no que considero ser a cisão entre seus dois maiores grupos: conservadores e liberais, e seus subgrupos. Tais grupos são diversos entre si, o que enseja múltiplos conflitos e disputas, tanto

---

vídeos no youtube, comentários em blogs, tuites e *posts* de facebook (MARWICK, 2010, p.45).

por direção política e autoridade moral, como pelo próprio conceito do que é ser de direita[40].

Da mesma forma, a imersão prévia orientará o processo cartográfico. Abaixo, explicarei em maiores detalhes como se darão os dois principais processos da pesquisa, a classificação e a cartografia, e também como ambos serão instrumentais para, junto à bibliografia consultada, responder à pergunta de pesquisa: *nova direita ou velha direita com wi-fi?*

1.2.1 Notas sobre a elaboração da classificação tipológica

Disponho de uma classificação preliminar, realizada com base na intuição provida pela imersão prévia no campo, pelo conhecimento tácito e por leituras anteriores de expoentes da nova direita, assim como pelo acompanhamento de suas contendas e de transformações no campo. Pretende-se que esta taxonomia seja refinada, em confronto com o processo de cartografia. Este refinamento se dará de três formas:

a) Observação etnográfica: acompanhamento contínuo dos grupos conhecidos e a serem conhecidos, tendo em vista as três dimensões da fala propostas por Austin (*apud* SILVA, 2009): não só o caráter *locucionário*, ou seja, o conteúdo proposicional manifesto na fala destes atores, como também o caráter *ilocucionário* – o que o agente está fazendo ao dizer, sua intenção explícita – e o caráter *perlocucionário*, ou seja, os efeitos produzidos pela fala na audiência. O que implica em não apenas observar o conteúdo dos discursos dos atores, mas também as reações de suas audiências, o que nas redes sociais e blogs pode ser feito através da observação das seções de comentários. É importante ter em vista, neste momento, que o ambiente observado é instável, e que as marés conjunturais e evoluções do contexto implicam que tanto os locutores como os interlocutores são, em certo grau, mutáveis; os objetos da *Web 2.0* têm, de forma geral, um caráter efêmero.

b) Análise Documental: Frequentemente a observação etnográfica em uma rede social como o *Facebook* remete a *sites* divulgadores de conteúdo e *blogs*, nos quais atores produtores de conteúdo produzem material escrito. Estes materiais serão tratados como documentos. A

---

[40] É justamente esta a principal lacuna que pude observar em outros estudos sobre o tema, a desconsideração – ou relegação a segundo plano – do caráter conflituoso dos grupos aglutinados no conceito de direita, alguns dos quais, como os libertários e alguns liberais, inclusive rejeitam o rótulo “direita” para si.

pesquisa documental difere da pesquisa bibliográfica por tratar de documentos que não receberam tratamento científico, que não são reconhecidamente do domínio científico (SÁ SILVA *et al*, 2009, p.6), e fornecem pistas importantes para a compreensão dos posicionamentos políticos-ideológicos dos próprios produtores de conteúdo da nova direita, os quais, em sua grande maioria, não participam da comunidade acadêmica tradicional, vista muitas vezes por eles como um ambiente dominado pelas esquerdas. Embora eu também realize análises bibliográficas mais tradicionais, com vistas a uma compreensão do espectro político que permita posicionar os tipos ideais da classificação – em especial as obras de Bobbio (2001), Levin (2014) e Merquior (1991) –, opto intencionalmente por privilegiar a forma como os próprios atores estudados se autoidentificam e posicionam seus discursos como, por exemplo, na obra de Ostermann (2014a); o foco será analisar as *webs of beliefs* destes atores, aqueles conjuntos de crenças condicionalmente ligadas umas às outras (SILVA, 2009, p.316), que juntas são mais que a soma simples de seus fragmentos individuais[41], o que vai de encontro à ideia de linhas de pensamentos da cartografia de inspiração deleuziana proposta por Martinuzzo e Malini (2010).

Adicionalmente, a pesquisa documental – que geralmente lida com textos mais pontuais e pessoais – tem o benefício de acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social, favorecendo a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, comportamentos, mentalidades e práticas (SÁ SILVA *et al*, 2009, p.2)

1.2.2 Notas sobre a elaboração da Cartografia

A cartografia digital é uma metodologia que tem sido utilizada

---

[41] Por exemplo, tanto liberais quanto conservadores acreditam nas benesses de um sistema de livre-mercado, mas o comprometimento dos conservadores a respeito de certas tradições e normas sociais implica em um entendimento diferente daquele dos liberais a respeito de como deve operar o livre-mercado. Ou seja, o conceito de livre-mercado desses conservadores só faz sentido em conexão com suas posturas a respeito da conduta social dos indivíduos, ao mesmo tempo em que seu entendimento da conduta social vai diferir daqueles conservadores não comprometidos com o livre-mercado, mas com os quais compartilhem, por exemplo, o mesmo respeito pelas tradições cristãs. É nesse sentido que as crenças não podem ser compreendidas isoladamente, mas sim enquanto redes de crenças, *webs of beliefs*.

nas ciências humanas por uma área que vem sendo denominada de *humanidades digitais*, cuja definição – longe de ser definitiva – pode ser a de uma "trandisciplina" que incorpora os métodos, os dispositivos e as perspectivas heurísticas das ciências humanas e sociais, ao mesmo tempo em que mobiliza as ferramentas e as perspectivas singulares abertas pela tecnologia digital (SOUSA, 2011). Dentre as inovações tecnológicas das quais se aproveitam as humanidades digitais estão às novas formas de visualização e compilação de informações, apoiadas por programas que permitem o tratamento de informações qualitativas e quantitativas em uma escala impossível sem o auxilio da computação.

A cartografia a ser realizada neste trabalho se apoiará no programa de computador conhecido como Gephi, uma ferramenta de manipulação de grafos gratuita e colaborativa, que pode ser aplicada em diversas áreas. Nas ciências humanas um dos primeiros projetos a fazer uso do Gephi para compilação de dados é o mapeamento da chamada República das Letras (CHANG *et al*, 2009) – da Universidade de Standford – que analisou 55 mil cartas enviadas dentro de um círculo de 6400 intelectuais proeminentes nos séculos XVII e XVIII, apontando a conexões geográficas e o volume de correspondências da comunidade científica da Europa ocidental no período, gerando um banco de dados que pôde dar suporte a dezenas de outras pesquisas.

No Brasil, o Gephi, utilizado em conjunto de um script chamado NAR[42], foi utilizado pela equipe do Labic para produzir a cartografia *Rede de interações de páginas policiais no Facebook: a violência como hit* (LABIC, 2014), cuja metodologia foi explicada pelo coordenador do projeto, Fabio Malini, em entrevista a Patrícia Cornils, da revista Carta Capital (CORNILS, 2014). A cartografia aponta um mapa de comunidades no Facebook – Figura 1 – que formam o que o autor denomina "redes de ódio", "[...] dedicadas a defender o uso de violência contra o que chamam de 'bandidos', 'vagabundos', 'assaultantes', fazer apologia a linchamentos e ao assassinato, defender policiais, publicar fotos de pessoas justiçadas ou mortas violentamente, vender equipamentos bélicos e combater os direitos humanos" (CORNILS, 2014).

---

[42] Script desenvolvido pelo Labic da UFES para analisar a semântica e a movimentação interativa nas fanpages do Facebook (MALINI, 2013).

Figura – 1 Cartografia das Redes de Ódio no Facebook.

Fonte: LABIC, 2014.

O procedimento para a criação do gráfico, conforme relatado pelo próprio Malini (CORNILS, 2014), é o seguinte:

> O pesquisador cria uma fanpage no Facebook e passa a dar "like" num conjunto de fanpages ligada à propagação da violência. Em seguida, usamos uma ferramenta [o script NAR] que identifica quais os sites [outras fanpages] que essas fanpages curtem. E, entre elas, quais estão

> conectadas entre si. Se há conexão entre uma página com outra, haverá uma linha. Se “Faca na Caveira” curte “Fardados e Armados” há um laço, uma linha que as interliga. Quando fazemos isso para todas as fanpages, conseguimos identificar quais são as fanpages da violência mais conectadas e populares [nós]. Isso gera um grafo [através do Gephi], que é uma representação gráfica de uma rede interativa. Quanto maior é o nó [a bolinha no gráfico], mais seguida é a página para aquela turma. No grafo, “Polícia Unida Jamais será vencida” é a página mais seguida pela rede. Não significa que ela tem mais fãs. Significa que ela é mais relevante para essa rede de violência. Mas a ferramenta de análise me permite ver mais: quem são as páginas mais populares no Facebook, o que elas publicam, o universo vocabular dos comentários, a tipologia das imagens que circula etc.

O que esta pesquisa pretende é aplicar uma metodologia similar a do Labic (2014) – mas com o uso do aplicativo *Netvizz* em vez do *script* NAR – em um conjunto diverso de páginas, com vistas a compreender o universo da nova direita brasileira na internet, e em especial, no *Facebook*. Como isto será realizado? Quais serão os pontos de partida?

Produzi múltiplas cartografias a partir de uma coleta de dados realizada em 1 de Junho de 2016, no auge das movimentações pelo *impeachment* de Dilma Roussef, momento no qual começam as cisões na grande coalizão direitista, entre aqueles que buscaram alianças com a classe política, como o MBL, e os que se posicionaram a favor de uma “limpa” geral da classe política exigindo, por vezes, eleições antecipadas. A análise cartográfica foi feita a partir de um conjunto diverso de *nós*, as páginas dos então principais grupos a chamar as manifestações pelo *impeachment* de Dilma Roussef: o Movimento Brasil Livre/MBL[43], principal protagonista das manifestações, e um exemplo exímio de como mobilizações encabeçadas por grupos de direita conseguiram transpor o mundo virtual para as ruas; o Revoltados

---

[43] Ele é formado principalmente por integrantes e ex-integrantes do Estudantes Pela Liberdade, mas se destaca por ter um objetivo pontual, o *impeachment* de Dilma Roussef, e por, mesmo formado predominantemente por liberais e libertarianos, não antagonizar os conservadores, buscando uma posição comum em torno da oposição ao PT.

On Line, que se caracterizou pela defesa de uma intervenção militar; o Vem Pra Rua, supostamente ligado ao PSDB; e o Movimento Liberal Acorda Brasil, oriundo de um racha com o Vem Pra Rua, e posteriormente abandonou a aliança com os outros grupos nas marchas pelo impeachment com a acusação de que o Vem Pra Rua tentou se apropriar do movimento ao fazer contato com lideranças do PSDB (ACORDA BRASIL, 2015) e pedir para que Aécio Neves participasse das mobilizações com a leitura de uma carta ao povo brasileiro (RODRIGUES, 2015). O segundo conjunto, consistindo em doze nós, consiste em uma seleção de páginas visando dar conta das duas principais vertentes da "nova" direita preliminarmente identificadas nas fases iniciais deste trabalho, conservadores e liberais/libertarianos:

a) Conservadores: Mídia Sem Máscara e Olavo de Carvalho;

b) Liberais/Libertanos[44]: Considero aqui principalmente os grupos apontados por Ostermann (2014a) em seu estudo sobre o movimento liberal no Brasil, o Instituto Liberal/IL, o Instituto Millenium/IMIL, o Instituto Ludwig Von Mises – Brasil/IMB, o Libertários/LIBER, o Partido NOVO e a Rede de Estudantes pela Liberdade/EPL. A esta lista eu adiciono o Instituto Ordem Livre/IOL, e os portais produtores de conteúdo mais ligados ao libertarianismo: Libertarianismo, LiberZone e Mercado Popular.

No universo cartografado, as páginas serão analisadas através de métricas quantitativas como o pelo número de usuários do *facebook* que as *curtem*, assim como pelo número de *menções* feitas globalmente por usuários e páginas[45]; e por meio das métricas produzidas pelo programa *Gephi* no tratamento dos dados obtidos através do *Netvizz* as quais permitem, a partir de critérios diversos – identificar as páginas – *nós* – mais relevantes na cartografia. Posteriormente, as páginas mais relevantes na rede serão individualmente verificadas para ver estão ligadas a algum *site* ou *blog*, indicação de que possa ser produtora de conteúdos mais extensos do que aqueles permitidos pelo limite de 60.000 caracteres em postagens no *Facebook.*

A análise cartográfica irá focar o olhar na busca das seguintes características:

---

[44] Liberais e Libertarianos são agrupados, pois costumam ocupar os mesmos espaços, o libertarianismo é uma expressão mais radical do liberalismo.

[45] Quando um usuário ou página mencionar outra página em forma de *link* em algum *post* ou *comentário*. A métrica disponibilizada pelo *facebook* com esta informação é referente aos sete dias anteriores aquele no qual o dado é coletado (DIGITAL VISITOR, 2013).

a) Grupos ou indivíduos produtores de conteúdo;
b) Grupos ou indivíduos difusores de conteúdo;
c) *Think Tanks;*
d) ONG's;
e) Atores Políticos Tradicionais;
f) Grande Mídia[46];
g) Editoras de livros.

Eventualmente páginas desprovidas de qualquer caráter político surgem na cartografia, nos casos onde estas possam prejudicar a cartografia – por exemplo, surgir à página oficial do *Facebook*, detentora de um número tão elevado de seguidores e menções que invisibiliza nós mais relevantes para os propósitos deste trabalho –, aonde e quando isto ocorre estas são manualmente excluídas da cartografia antes do cálculo das métricas, estas exclusões são devidamente comunicadas na apresentação dos dados.

É importante notar que, como a maior parte do conteúdo publicado por essas páginas é republicado de outras páginas, elas formam redes de perspectivas comuns. É o mapeamento de quais são estas perspectivas comuns e a partir de onde elas são difundidas que pode trazer dados relevantes ao processo de elaboração da classificação tipológica da "nova direita".

A escolha da rede social *Facebook* como ambiente a ser realizada a cartografia se deve ao fato dele se conectar com praticamente todas as outras interfaces da *Web 2.0*, como *Twitter*, *Instagram*, *Blogs*, *Youtube*, assim como com as interfaces da *web 1.0*, os grandes portais. É praticamente impossível compreender qualquer coisa que acontece no *Facebook* sem acabar clicando em um *hyperlink* que lhe remeta a um *site* externo. Adicionalmente o *Facebook* conjuga recursos textuais, visuais e audiovisuais, enquanto outras redes sociais costumam priorizar algum sobre outros: o *Twitter* só trabalha com recursos textuais, o *Instagram* prioriza os visuais, e o *YouTube* os audiovisuais.

A análise cartográfica aqui proposta têm diversas limitações. Primeiramente, devo admitir, a seleção das treze páginas que compõem as cartografias de maior escopo foi consideravelmente arbitrária e

---

[46] Repito nota anteriormente citada: *Grande Mídia* aqui será entendida como grupo composto por: redes nacionais de televisão; grandes jornais, em especial o Estado de São Paulo, O Globo, Folha de São Paulo e Valor Econômico; grandes revistas, como *Veja*, *Isto É* e *Época*; e grandes portais de notícias, tanto aqueles ligados a outros grupos de mídia, quanto portais nativos da *internet*, como o *UOL*.

contém um número desproporcional de atores do grupo liberal/libertariano, justifico a manutenção destas páginas por uma questão prática: mesmo reconhecendo no decorrer da elaboração do trabalho que poderia ter realizado uma seleção mais criteriosa e bem distribuída, é impossível coletar os dados necessários em datas anteriores à coleta, de forma que me vi obrigado a manter a mesma seleção utilizada na coleta de dados realizada em 2016 para coleta de 2017, com o propósito de poder realizar uma análise comparativa dos dois períodos. Mesmo assim, é razoável supor que como o método permite à observação dos atores mais importantes conectados a rede inicial, é improvável que atores extremamente relevantes fiquem de fora do mapeamento.

Em segundo lugar, a cartografia é limitada por ser uma representação fixa, imóvel de algo que é essencialmente fluído: discursos e linhas de pensamento no ambiente plural e caótico da *web 2.0*. Pretendi compensar ao menos parte destas limitações através da observação *netnográfica*, que possibilita compreender – mesmo que de um ponto de vista extremamente subjetivo – a direção dos processos fluídos que ocorreram antes e durante os dois períodos cartografados.

Finalmente é necessário considerar que certas coisas inerentes ao fenômeno político da *nova direita* não poderão ser captados por limitações do método: a restrição do estudo ao universo da *internet* promove um recorte tanto de classe quanto cultural dos indivíduos do universo estudado: nela predominam agentes de classe média, o que orienta os discursos ali postos.

Finalizada a cartografia e refinada a classificação tipológica, será possível obter um panorama extensivo dos discursos da direita brasileira na internet, a partir de três eixos de análise: a) o conceito gramsciano de hegemonia permitirá analisar a atuação e os objetivos de atores coletivos; b) a ideia de rizoma permitirá analisar a construção coletiva das linhas de ideias que permeiam as redes de direita; c) a ideia de *self-branding* como tática para a obtenção de status social por parte dos atores envolvidos na Web 2.0 (GEHL, 2010; MARWICK, 2010) permitirá analisar a conduta de certos atores individuais nestas redes. Junto a considerações da bibliografia consultada a respeito do espectro político será possível responder à pergunta: *nova direita ou velha direita com wi-fi?*

2 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO AMBIENTE DA PESQUISA: A WEB 2.0

A grosso modo, *Web 2.0* é um conceito guarda-chuva que serve para definir aqueles websites que combinam interação social com funções como *bookmarking*[47], compartilhamento de arquivos e criação de conteúdo (MARWICK, 2010), com foco especial na construção de conteúdo por seus usuários (GEHL, 2010). Este conceito engloba *redes sociais* – como Facebook, MySpace, Twitter –, *blogs* e sites de armazenamento e divulgação pública de vídeos e imagens, como *YouTube, Reddit, Instagram* etc.

O termo Web 2.0 foi popularizado por Tim O'Reilly em uma conferência sobre negócios digitais em 2004, a qual buscava analisar o futuro dos negócios na internet após o estouro da bolha das empresas *dot-com*, em 2001. Em sua análise d as estratégias de duas grandes empresas que sobreviveram ao estouro da bolha – Amazon e E-Bay –, ele considerou que o diferencial destas em relação às outras era a valorização do conteúdo gerado pelos usuários[48] (GEHL, 2010). A valorização da produção de conteúdo dos usuários viria a se tornar o modelo de negócio dominante na internet, pois se mostrou muito mais barato e eficiente deixar que os próprios usuários produzissem conteúdo para atrair visitantes a um *website* – como o faz o *YouTube* – do que produzir ou capturar conteúdo com a esperança de atrair visitantes, o que era o modelo dos grandes portais da *Web 1.0,* como o *Yahoo (*GEHL, 2010).

Este modelo de websites, focados na produção de conteúdo e na interação entre os usuários, modificou radicalmente a forma como as pessoas passaram a lidar com a internet e a relação delas com a cultura de massas. Antes de aprofundar nas definições, discursos e estruturas da *Web 2.0*, gostaria de apresentar alguns dados a respeito do alcance das *redes sociais*. De acordo a pesquisa *We Are Social* (2017), relativa a janeiro de 2017, 66% da população brasileira – 139,1 milhões – utilizam *internet*, e 58% - 122 milhões – utilizam alguma forma de *rede social* pelo menos uma vez por mês. Estes usuários passam, em média, 8 horas e 56 minutos por dia conectados a uma internet não-móvel, e 3 horas e 43 minutos por dia conectados a algum tipo de *rede social*. A

---

[47] Sistema de marcadores, como o de selecionar *fanpages* favoritas para seguir no *Facebook*.

[48] No caso destes dois sites, o sistema de avaliação dos produtos por outros usuários.

distribuição dos usuários por redes sociais, em relação à população absoluta do país, pode ser visualizada na Tabela 1.

Tabela 1 – Porcentagem da População Brasileira que usa Redes Sociais por Rede Social (2015).

Rede Social	% em relação a usuários de redes sociais	% em relação população absoluta
YouTube	63,00%	36,60%
Facebook	**62,00%**	**36,02%**
Instagram	40,00%	23,24%
Google +	38,00%	22,08%
Twitter	36,00%	20,91%
LinkedIn	29,00%	16,85%
Pinterest	21,00%	12,20%
Tumblr	17,00%	9,88%

Fonte: WE ARE SOCIAL, 2017.

Vemos aqui que o *Facebook*, a rede social privilegiada por este estudo, engloba impressionantes 1/3 da população brasileira! Desta forma ele é um veículo com formidável potencial de divulgação e de ação política.

2.1 Os Discursos sobre a Web 2.0

Para Gehl (2010), *Web 2.0* é mais um conceito discursivo do que uma nova tecnologia em si, já que não houve alterações significativas na estrutura técnica – no software – pelo qual funciona a internet, constando entre os críticos do termo o próprio inventor do *World Wide Web*, Berners-Lee, o qual afirmou que "se a Web 2.0 é, para você, blogs e wikis, então isto é o povo para o povo. Mas isto é o que a Web deveria ser desde o principio"[49] (2006 *apud* GEHL, 2010). Nesta seção, utilizarei as análises de dois autores: Gehl (2010), que aliando tradições de análise de inspiração marxista ao construtivismo social da ciência e

[49] Tradução minha do original: "If Web 2.0 is for you blogs and wikis, then that is people to people. But that was what the web was supposed to be all along".

tecnologia, buscou interpretar a Economia Política e Cultural da Web 2.0; e de Marwick (2010) que realizou um trabalho etnográfico com a comunidade tecnológica do norte da Califórnia, berço da Web 2.0, buscando compreender o *ethos* dos criadores da Web 2.0 e a influência deste em sua estrutura, seguindo também a tradição dos estudos de construção social da ciência e tecnologia.

A definição original, e técnica, é aquela que Gehl (2010) chama de *Web como uma plataforma*: um construto espacial, com hierarquias de camadas – *layers* – uma camada superficial – *surface* – e uma profunda – *depth*. Na superfície estão os diversos *sites* nos quais os usuários produzem conteúdo e interagem entre si; esta é a camada democrática da plataforma. Na camada profunda, existe o aparato tecnológico que analisa e guarda tais informações, transformando-as em bancos de dados valiosos de vigilância e marketing, possibilitando a construção de todo o tipo de mapas, de hábitos, tendências e dados demográficos. Esta camada profunda é pouco perceptível e anti-democrática, controlada por um punhado de grandes empresas, as quais Gehl chama de *new media companies*. Esta estrutura de plataforma é fundamental para a *economia de vigilância* que se estabelece através dela, cuja ideia básica de negócios é a seguinte: "Faça os usuários criarem conteúdo para você, capture-o, e enquanto eles o fazem, mostre-os anúncios"[50] (GEHL, 2010, p.31).

Outro discurso sobre a *Web 2.0* apresentado por Gehl (2010) é o qual ele chama de *the silicon valley is back*, o qual consiste nos discursos jornalísticos focados nos *business* de superfície da plataforma, que buscaram mostrar a *web* como um ambiente renovado de negócios após o estouro da bolha em 2001. Este discurso privilegia as oportunidades de negócios criadas pelo novo modelo, aberto ao empreendedorismo, no qual jovens como Mark Zuckenberg fizeram fortunas rapidamente. O modelo de negócios da *Web 2.0* é aquele que Chris Anderson (1999 *apud* GEHL, 2010) chama de *a cauda longa*, no qual o modelo de negócios dominantes é vender uma grande variedade de produtos em quantidades relativas pequenas para grupos diversos, o *mercado de nicho*, em oposição ao modelo então dominante do mercado de massa, dominado pelo lógica do 80/20, no qual 80% das vendas vinham de 20% dos produtos, os grandes *hits* do mercado de massas.

Sob o nome de *A New Revolution*, Gehl (2010) agrupa diversas visões utópicas sobre o potencial democrático da superfície da Web 2.0,

---

[50] Tradução minha do original: "get users to create content for you, capture it, and while they do so, show them adds".

nas quais ela representaria uma quebra revolucionária com o passado, democratizando os meios de comunicação e libertando os indivíduos da homogeneização opressora da cultura de massa. Nesses discursos, a *Web 2.0* se torna uma espécie de vitrine ideal do liberalismo: um espaço desregulamentado que leva ao empreendedorismo e gera bem-estar social, ao mesmo tempo em que os indivíduos perseguem seus objetivos egoístas. É a *Web 2.0* que permite o sucesso de inventores de garagem – através de práticas como *crowdsourcing* – e o surgimento de micro-celebridades. É um ambiente de eficiência e dinamismo, oposto à inflexibilidade de instituições monolíticas como governos e grandes corporações.

Estes discursos formam aquilo que Gehl (2010, p.37) chama de *user-led mithology*, representada na edição de personalidade do ano da revista Time em 2006: naquele ano em vez de escolher a tradicional personalidade do ano dentre os indivíduos de destaque global, a capa da *Time* veio com a figura de um notebook da Apple com a página do YouTube visível em seu monitor, acompanhada da seguinte frase: “Você controla a era da informação. Bem vindo ao seu mundo”[51] (*apud* GEHL, 2010, p.38). A matéria celebrava a superfície da Web 2.0, apontando para as qualidades libertadoras desta em relação à tirania dos mercados e mídias de massa.

2.2 A Ideologia Californiana

A Ideologia Californiana é o que Marwick (2010) considera por excelência a ideologia predominante na cultura do *technobusiness* do norte da Califórnia e do Vale do Silício e, levando em conta que estas tecnologias foram criadas neste contexto, é a ideologia da própria *Web 2.0* em ultima instância. Esta ideologia tem suas raízes em dois grupos aparentemente contraditórios. Primeiramente, nos chamados discursos contra-culturais, na cena alternativa da Califórnia: cultura hacker, zines, movimentos de base, ativistas anti-globalização. Movimentos que buscavam a possibilidade de novas formas de agência, de relações não-hierarquizadas e descentralização. A crítica institucional da contracultura foi mesclada aos ideais de um outro grupo, o dos trabalhadores de tecnologia, que acreditavam na possibilidade de o

---

[51] Tradução minha do original “You control the information age. Welcome to your world”.

desenvolvimento tecnológico resolver os problemas apontados pelas críticas da contracultura.

A união de contracultura e tecnoutopismo deu vazão ao que Marwick (2010) chama de *Ideologia Californiana*, uma mistura de libertarianismo, tecnoutopismo e meritocracia, com ênfase em empreendedorismo e ambientes criativos de trabalho[52]. A Ideologia Californiana é fruto de seu meio: surge em uma área com um polo tecnológico gerador de imensa riqueza, mas também, desde os anos 1960, marcada por uma vibrante cena contra-cultural; a ideologia californiana aceita o capitalismo como sistema, as estruturas da indústria de tecnologia e o livre-mercado, e rejeita como relíquias do passado a propriedade intelectual, a *Big Media* e os governos.

Considerando que as tecnologias – na maioria das vezes – não são desenvolvidas ao acaso – elas o são com propósito e intenção – a Ideologia Californiana e o tipo de capitalismo cognitivo que ela engendra estão presentes na própria estrutura de funcionamento da Web 2.0, que neste sentido é, em si, um conduto do neoliberalismo[53] (MARWICK, 2010), como veremos adiante, nos discursos críticos sobre a Web 2.0, em especial no tipo de relações sociais que ela estimula.

2.3 Os Discursos Críticos sobre a Web 2.0

Esta seção irá contemplar quatro conjuntos de críticas: a elitista de Andrew Keen (2009); a das consequências negativas – e imprevistas – que a habilidade ilimitada de filtrar informações provida pela internet pode vir a ter sobre a democracia (SUNSTEIN, 2007); e a do enclausuramento digital e a da exploração econômica na Web 2.0, ambas de Gehl (2010).

2.3.1 O Culto ao Amador: A Crítica Elitista de Andrew Keen

---

[52] A cultura “Google”, na qual os funcionários não têm horário fixo de trabalho, apenas metas produtivas, e as pessoas supostamente ficam jogando basquete ou videogame durante o expediente para relaxar a cabeça e fazer fluir a criatividade.

[53] Neoliberalismo aqui entendido na definição de David Harvey *(apud* MARWICK, 2010, p.11): a theory of political economic practices that proposes that human well-being can best be advanced by liberating individual entrepreneurial freedoms and skills within an institutional framework characterized by strong private property rights, free markets, and free trade.

A descrição que precede uma entrevista de Andrew Keen à revista Cult (SOCHA, 2010) o descreve da seguinte forma:

> Em meados da década de 1990, Andrew Keen era um feliz empreendedor da internet no Vale do Silício, o éden da nova e então promissora economia. Criou várias empresas, algumas não deram certo. Quando chegou o estouro da bolha das "empresas pontocom" em 2001, Keen estava em vias de se transformar no anjo caído do paraíso digital. Resolveu lançar, em 2007, um livro abertamente apocalíptico contra a internet [O Culto do Amador (2009). (SOCHA, 2010)

O subtítulo do livro de Keen é "Como Blogs, MySpace, YouTube e a Pirataria Digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores". Keen (2009) considera a proliferação do amadorismo – ou seja, do conteúdo produzido por usuários – na Web 2.0 como destrutivo para a cultura. Isto se daria pela passagem da "ditadura do especialista" para a "ditadura das massas". Conforme dito por Keen em uma entrevista (SOCHA, 2010), a Ditadura do Especialista era um componente importante da era industrial, era meritocrática no sentido de que a maior parte das pessoas quer se dedicar a algumas poucas atividades bem pagas, mas para as quais há pouca necessidade de profissionais; a internet possibilitou a qualquer um se tornar economista, analista político e crítico de arte, o que leva à aparência de um poder das massas, mas que no fim acabaria em tirania.

Outro ponto da crítica de Keen é ao analfabetismo digital, a incapacidade das pessoas – em especial das crianças – de compreender de forma crítica a informação que encontra. Esta crítica seria válida, por exemplo, para todos aqueles – na maior parte adultos – que divulgam informações falsas sem as verificarem como se fossem verdade[54]. Esta crítica se estende ao jornalismo amador digital, que para Keen é menos seguro que o jornalismo profissional, não havendo por parte dos autores amadores as mesmas responsabilidades cobradas dos jornalistas profissionais (SOCHA, 2010).

Adicionalmente Keen afirma que a internet pode ser facilmente manipulada por grandes corporações – ele cita casos nos quais

---

[54] Como os já famosos e satirizados posts de *Facebook* a respeito enormes propriedades supostamente pertencentes a um dos filhos do ex-presidente Lula.

empregados anônimos do McDonald's e do Wal-Mart utilizaram furtivamente verbetes da Wikipédia para difundir propaganda corporativa. No caso do McDonald's foi excluído o link para o filme crítico à rede *Fast Food Nation*, e na do Wal-Mart foi excluída uma menção a seus trabalhadores serem mal pagos (2009, p.10). Outro caso citado por Keen é o do vídeo *Al Gore's Army of Penguins*, um vídeo sátira sobre o filme *Uma Verdade Inconveniente*, de Al Gore, produzido aparentemente de forma amadora e independente, mas que – conforme descoberto posteriormente pelo Wall Street Journal – foi produzida por uma firma de relações públicas que inclui em seus clientes a Exxon Mobil.

Ele também critica o potencial de vigilância da internet, e como regimes autoritários como o da República Popular da China são bem-sucedidos em utilizar deste potencial de vigilância para capturar dissidentes (SOCHA, 2010).

A narrativa de Keen (SOCHA, 2010) sobre o surgimento da internet é similar àquela de Marwick (2010)[55]:

> [...] a internet foi criada a partir da inesperada fusão de duas construções ideológicas, dois movimentos ideológicos: o establishment militar, industrial e educacional que emergiu da Guerra Fria e a contracultura política dos hippies do norte da Califórnia, em especial aquela que surgiu em torno da figura de Steward Brand. Não é coincidência que ambos os grupos tenham tendências libertárias. Muitos norte-americanos que viveram a Guerra Fria tornaram-se obcecados pela ideia de liberdade como oposição ao modelo soviético, ao passo que a cultura hippie defendia ideias semelhantes de questionamento da autoridade. Não surpreende, dessa forma, que a internet, que emergiu como ideologia do cruzamento dessas duas correntes, seja um movimento sem centro, um movimento de arestas que, por definição, não aceita qualquer tipo de autoridade. (SOCHA, 2010, s/p).

[55] Que, de acordo com Keen (SOCHA, 2010), é oriunda da obra *From Counterculture to Cyberspace*, de Fred Turner.

A diferença entre as perspectivas de Gehl (2010) e Marwick (2010) em relação a Keen é que estes criticam justamente o insucesso da Web 2.0 em ser uma rede efetivamente livre e descentralizada, enquanto que Keen crítica também este próprio fundamento, lamentando o potencial democrático da Web 2.0.

2.3.2 Câmaras de Eco e Polarização Política: a crítica de Cass Sunstein

Se Keen critica a anarquia da internet pelo fato de qualquer um poder produzir informação e conteúdo, de forma a não haver mediação crítica ao conteúdo produzido, Sunstein (2007), em seu livro *Republic.com 2.0*, critica a anarquia da internet pela possibilidade de seus usuários filtrarem completamente as informações recebidas, isolando-se em câmaras de eco nas quais eles recebem apenas aquelas informações e pontos de vistas com os quais já concordam, ou seja, de não haver mediação crítica que obrigue os usuários a receberem informações contrárias a seus pontos de vista.

O argumento de Sunstein é simples, porém poderoso: a democracia requer uma cultura democrática, uma disposição para que os indivíduos considerem as visões e opiniões de seus concidadãos, que as pessoas convivam de forma saudável com outras pessoas com pontos de vista diferentes, ou até mesmo opostos aos seus. Desta forma, um sistema de livre-expressão precisa ir além da garantia de não censura – liberdade negativa –, devendo garantir também que as pessoas sejam expostas a perspectivas que competem entre si, ou seja, deve ser também positiva.

A internet possibilita que usuários personalizem completamente a que tipo de conteúdo eles são expostos. Os consumidores de informação têm controle sobre o que querem ver, de forma que, se assim desejarem, podem receber apenas aquelas informações de que outras pessoas como eles gostam. O resultado, segundo Sunstein, é a criação de *câmaras de eco*, nas quais os usuários ouvem apenas ecos de sua própria voz, apenas opiniões parecidas com as suas, criando uma série de fragmentações na sociedade – religiosas, étnicas, nacionais, de renda, de idade, de convicções políticas etc. – estimulando o crescimento do extremismo.

Este resultado seria visível, segundo Sunstein, na polarização do eleitorado norte-americano, cada vez mais fechado em suas posições, entre os *blues* – democratas – e *reds* – republicanos. A preocupação de Sunstein é a de que a filtragem irrestrita de informações por parte dos cidadãos possa colocar em xeque as precondições elementares do

sistema democrático.

O argumento de Sunstein é polêmico, difícil de ser provado e, mais ainda, difícil de ser solucionado, mas o fenômeno que ele indica – a polarização e a criação de câmaras de eco – me parece, a partir de observações nas redes sociais, bastante evidente: as posições políticas tendem a ser bem fechadas, e os debates enquanto, troca honesta de ideias, inexistentes: a regra parece ser repetir frases de efeito e xingar o oponente, seja ele "comuna", "petralha", "coxinha" ou "reaça".

2.3.3 Enclausuramento Digital: a crítica de Robert W. Gehl

Gehl (2010) extrai a ideia de *enclausuramento digital* de Andrejevic e Zittrain. Segundo esta ideia, a internet estaria sofrendo destino similar àquele dos pastos comuns na Inglaterra pré-industrial: o que antes era coletivo passa a ser fechado e acumulado pelo novo capital midiático. A internet, antes livre, passa a ser dominada por um punhado de grandes empresas. Ele dá um exemplo: a compra pelo Google do serviço usenet deja.com, um arquivo de informações montado de forma colaborativa, e não-lucrativa, pelos seus usuários desde 1995, os quais jamais imaginariam que seus esforços acabariam sendo propriedade de uma grande empresa.

Parte do enclausuramento digital é motivado, de acordo com Gehl (2010), pelo medo. Existem muitos focos de compartilhamento de arquivos e informações na internet que não estão sob controle de nenhuma entidade, como os serviços de compartilhamento p2p, que conectam diretamente os usuários entre si, mas estes serviços e partes da web não são considerados *seguros*: contêm vírus, materiais considerados perigosos como pornografia infantil etc. O medo faz com que muitos usuários busquem os *safe devices*, que ao mesmo tempo em que são seguros são também facilmente vigiáveis pelo novo capital midiático.

Desta forma, a estrutura da *Web 2.0* se torna uma estrutura na qual tecnólogos – especialistas em internet, repórteres e bloggers – disputam o significado das novas tecnologias, adquirindo capital social como líderes de pensamento, buscando reverter este capital social em capital financeiro através de consultorias e publicações; e investidores capitalistas concentrados na Califórnia assumem o controle da camada profunda da Web 2.0, capturando – por meio da extensão da economia de vigilância – mais-valia dos milhões de participantes do enclausuramento digital.

Neste contexto, Gehl (2010, p.52) fornece sua definição final da Web 2.0:

> Web 2.0 is a loose constellation of ideologies, programming techniques, infrastructures, and managerial techniques wich a) orient new media capitalists to the cost-cutting potentials of distributed online labor and the profit-making potentials of the Web-enabled attention economy, and b) orient users to the possibilities of participating in the production of media and thus orienting users to new forms of subjectivity. Web 2.0 thus sets two groups of actors into what Henry Jenkins (2004) calls an "uneasy truce": site owners desire to harness the unpredictable creative capacities of Web users, but want this done in a way that produces their wealth and power. Users desire to be a part of the media, but want to do so in ways beneficial do them. These two groups depend upon each other.

2.4 Self-Branding e a atuação dos produtores de conteúdo na internet

Uma das razões do fracasso dos ideais contraculturais da Web 2.0 é o já abordado enclausuramento digital, e o consequente aumento da vigilância que o segue. A outra razão diz respeito à forma subjetiva de experimentação: se o ideal da contracultura era criar ambientes de colaboração coletiva livre da mediação das grandes corporações, o resultado final é um ambiente que exacerba o individualismo e a competitividade entre os usuários.

Isto se dá através de uma prática – incentivada pela estrutura da Web 2.0 – que Gehl (2010) chama de *personal branding*, e Marwick (2010) de *self-representation*[56]. O *personal branding* é essencial para a Web 2.0, sendo realizado por todos aqueles usuários que buscam

---

[56] Marwick (2010) considera o *personal branding* uma das facetas da *self-representation*, que também inclui a prática de *Micro-Celebrity* e a de *Life Streaming*. Para a autora *personal branding* consiste na ideia de "ser sua própria marca", *micro celebrity* é uma prática focada na obtenção e manutenção de fans, e *life streaming* é o ato de tornar público, intencionalmente, frações selecionadas da vida privada. O *personal branding* pode conjugar as outras duas formas, sendo a forma de *self-representation* mais "consciente" e "profissional".

produzir conteúdo e, obviamente atrair audiência. Isto pode ser feito de forma mais ou menos consciente, pode visar apenas adquirir popularidade com seus amigos a até se tornar uma fonte de renda e prestígio.

A ideia de *personal branding* surge na bibliografia de auto-ajuda voltada a negócios, sendo a transposição de uma lógica corporativa para a esfera individual. A ideia básica do *self branding*, "seja você mesmo sua marca", é um approach individualizado para aumentar o capital social como medida de adaptabilidade a mercados em mudança constante (GEHL, 2010, p. 185).

O discurso do *personal branding* é de que os indivíduos têm a oportunidade de serem os marqueteiros de si mesmos, de controlar sua própria imagem da mesma forma que empresas controlam sua propriedade intelectual, e de que este trabalho traz sucesso profissional e pessoal. O praticante do *personal branding* é o produtor, por excelência, do conteúdo necessário à existência da Web 2.0 como modelo viável de negócio e, em um capitalismo globalizado marcado pela precarização do trabalho, torna-se o meio de vida de um número cada vez maior de pessoas.

Como o objeto desta pesquisa são produtores de conteúdo na internet, ou seja praticantes do *personal branding*, faz-se necessário compreender melhor suas características.

Segundo Gehl o *personal branding* segue uma lógica tripartite:

a) Dividuação: Em seu post scriptum sobre as sociedades de controle, Deleuze (1992) entende o dividuamento como o uso de uma prática de administração científica – a divisão de indivíduos em conjuntos de dados quantificáveis – como ferramenta de controle social. O praticante do *personal branding* se dividua intencionalmente, se divide intencionalmente para criar um personagem composto, geralmente, pelas informações que ele próprio seleciona de si (GEHL, 2010, p.188). Ele se torna quantificável no momento em que passa a ser valorizado pelo número de *seguidores*, *likes* e *shares* que acumula.

b) Capitalismo Emocional: o praticante do *personal branding* realiza trocas afetivas conscientes buscando a aquisição de capital pessoal. Na prática isto ocorre nas interações que faz com seus "seguidores".

c) Economia de Vigilância: O praticante do *personal branding* se dispõe, conscientemente, a tornar parcelas de sua vida públicas com a esperança de ganhar controle sobre os objetos midiáticos. Cultivam suas imagens na tentativa de controlar a forma como são vistos, e assim adquirir capital social e, possivelmente, financeiro.

Desta forma, os produtores de conteúdo na internet são atores conscientes em uma disputa por audiência – consumidores – utilizando-se de táticas diversas para este fim, de olho na aquisição de capital social e financeiro. É sob esta luz que as ações individuais dos difusores profissionais e semi-profissionais do pensamento da nova direita na internet devem ser analisados.

2.5 A Blogosfera e a Inteligência de Enxame

Se Gehl (2010) e Marwick (2010) chamam a atenção para os interesses individualistas dos produtores de conteúdo na internet, Martinuzzo e Malini (2010) exploram as características coletivas desta produção, a atuação coletiva dos blogueiros enquanto ativistas, a qual não compromete, mas reforça seus interesses individuais. O que os dois autores buscam compreender é como se dá a ressignificação do ativismo político na rede.

Primeiramente ocorrem mudanças nas relações da produção de conhecimento, a partir do momento em que todos os usuários passam a ser emissores e receptores de conteúdo: o alcance da reprodução de informação por dezenas ou centenas de pequenos blogs é maior do que a de um único grande blog. Nesse sentido a produção do conhecimento é rizomática, ocorre em rede, com uma multiplicidade de centros e periferias.

A ideia da blogosfera como inteligência de enxame é a de que blogueiros são pares, produzem conteúdo através do intercâmbio de ideias entre eles, em uma *brainstorm cibernética* que envolve o dialógo constante de subjetividades plurais, mas de alguma forma realiza um processo de construção coletiva, produz correntes políticas de cooperação, no sentido de que redes, ou "panelas", de blogueiros citam-se uns aos outros, promovem-se uns aos outros, realizam ações ofensivas e defensivas contra adversários do grupo, utilizam o espaço dos blogs como arma ideológica, aproximando-se da concepção gramsciana de *intelectuais orgânicos*. Este trabalho coletivo multitudinal de atores políticos na internet beneficia a todos os participantes, no sentido em que asseguram a visibilidade do grupo, sua capacidade de manter e aumentar audiência e, logo, de manter e aumentar o capital social dos envolvidos.

Embora o trabalho de Martinuzzo e Malini (2010) seja voltado aos blogues, a lógica de funcionamento de *fanpages* e *perfis públicos* no *Facebook* é similar, até porque uma das características do *Facebook*

enquanto plataforma é a de se conectar a outras redes sociais. A compreensão do ativismo político como uma atividade coletiva, mas através da qual seus envolvidos, especialmente os que ocupam as posições principais na rede, buscam aumentar não apenas a força de sua linha política, mas também seu próprio capital social e suas possibilidades de renda é fundamental para a realização de uma cartografia das redes de direita na internet.

2.6 Considerações finais sobre a Web 2.0

A Web 2.0 é cheia de contradições: é descentralizada na superfície, e centralizada em sua profundidade; produz conhecimento de forma coletiva, mas a atuação de seus atores é individualista; democratiza a produção de informação, mas tanto de verdadeiras quanto falsas. Conforme mais pessoas passam uma maior parte do seu tempo conectadas às redes sociais, tornam-se menos claras as linhas que separam o real do virtual, o privado do público. Paradoxalmente a ampliação da liberdade se dá junto à ampliação da vigilância. Gostaria de fazer aqui, a partir da bibliografia que vimos anteriormente, algumas considerações que julgo importantes para este trabalho.

A primeira diz respeito à democratização da produção de informação e opinião. O caráter coletivo, de enxame, da produção de conhecimento na *internet* congrega amadores e profissionais, e não de uma forma igualitária. Os especialistas não deixaram de existir, diplomas universitários, cargos em grandes veículos midiáticos e livros impressos publicados não deixaram de ter valor, são fatores de prestígio que ainda entram na consideração da legitimação de diferentes discursos. De forma geral, aqueles indivíduos que tem grande número de seguidores, mas não são especialistas, e se aventuram nas arenas de discussão política da *internet* costumam ser moderados em suas opiniões, e se enquadrar em uma ou outra linha discursiva, geralmente amparados por especialistas. Quando não o fazem é muito comum pagarem um “mico”, serem ridicularizados ou hostilizados por estarem dando opiniões em áreas nas quais não se considera que tenham legitimidade de atuação. Mas certamente a forma de atuação dos especialistas, as formas pelas quais podem obter legitimidade, e pelas quais interagem com o público mudaram. Há, por exemplo, um certo desprezo por parte da “*nova direita”* a academia, em especial por aqueles grupos ligados a figura de Olavo de Carvalho, o qual não tem diploma universitário, fato constantemente relembrado por seus

antagonistas, e também constantemente refutado pelo mesmo como argumento, sob a justificativa dele ter estudado muito por conta própria. Note-se que não há aqui a rejeição a figura do especialista, apenas o reconhecimento de que a falta de um diploma universitário pode ser compensada por outros fatores, no caso de Olavo de Carvalho a publicação de diversas obras e intensa participação na arena política da internet por mais de uma década. A produção da inteligência coletiva, do senso comum, continua a ser intermediada por especialistas, mas o contato entre estes e seu público é muito mais intenso, e a forma pelas quais estes podem propagar seus discursos muito mais descentralizas.

A segunda consideração diz respeito à ideia, presente na obra de Gehl (2010), e mais intensamente em Marwick (2010), da *web 2.0* como conduto de ideologia neoliberal, ou mais especificamente de uma ideologia com características neoliberais, a Ideologia Californiana. Aceitando-se a ideia de que o *design* da *web 2.0* é intencional, e ideologicamente carregado, pode-se fazer a seguinte pergunta: *existe uma correlação entre o fato dos libertarianos serem majoritariamente jovens, portanto nativos da internet, e o design carregado da Ideologia Californiana da web 2.0? Será política a própria estrutura da internet?*

3 UMA NOVA DIREITA?

A expressão "nova direita" vem sendo utilizada – por jornalistas e blogueiros – com alguma frequência, especialmente a partir das manifestações de Junho de 2013. Vendo-se mais de perto, logo se observa que o termo é usado sem muitos critérios, para denominar grupos e indivíduos bastante distintos entre si.

O jornal *O Povo* trouxe, em 2014, uma breve perspectiva histórica da *nova direita*, indicando que durante muito tempo era raro encontrar no Brasil alguém que se assumisse abertamente como de *direita*, devido à associação desta com a ditadura militar, vista como um retrocesso político ao país. Isso teria mudado após 12 anos de governo do PT, em função do medo de que ocorresse no Brasil um processo político semelhante ao da Venezuela, o que deu vazão ao surgimento de um grupo plural, o qual "seja via intervenção militar, seja por meio das instituições democráticas [...] têm um objetivo imediato em comum: conter a 'ameaça comunista' e evitar o que consideram uma possível 'venezuelização' do país" (CORLONANO, 2014, s/p). Faz-se menção também a uma modernização da direita, cuja mobilização se dá através de redes sociais e fóruns de discussão da internet e que, aos poucos, adquire até representantes no campo artístico, território tradicional da esquerda.

O filósofo Paulo Eduardo Arantes[57], em entrevista à Folha de S. Paulo (LUCEMA, 2014), observa que as manifestações de junho de 2013 levaram ao surgimento de uma *nova direita*, "uma direita não convencional, que não está contemplada pelos esquemas tradicionais da política". Esta nova direita brasileira, segundo o filosofo, poderia ser comparada à atual direita norte-americana que:

> [...] não está mais interessada em constituir maiorias de governo. Está interessada em impedir que aconteçam governos. Não quer constituir políticas no legislativo e ignora o voto do eleitor médio. Ela não precisa de voto porque está sendo financiada diretamente pelas grandes corporações (LUCEMA, 2014, s/p).

Esta direita – segundo ele – pode se dar ao luxo de ter posições nítidas e inegociáveis que tornem impossíveis as mudanças, enquanto a esquerda tem de governar, constituir maiorias, transigir, negociar. Este

---

[57] Arantes parte de um ponto de vista claramente de esquerda.

fenômeno, nos EUA, vem sendo chamado de *polarização assimétrica*[58]: a assimetria estaria no fato de que um dos lados tende à moderação, em busca da governabilidade – ou seja, joga nas regras clássicas da política – e o outro à radicalização e à intransigência, com vistas a impedir a governabilidade.

O *Diário do Centro do Mundo*, também a partir de um viés de esquerda, ao falar do pedido de recontagem de votos do PSDB para as eleições presidenciais de 2014, compara a *nova direita brasileira* com a velha direita venezuelana, que "tumultua, dá golpes baixos, mente – se agarra loucamente, enfim, a privilégios que fizeram do Brasil um dos grandes campeões mundiais em desigualdade" (NOGUEIRA, 2014). A *nova direita*, às vistas da esquerda, é a antagonista que busca a manutenção do *status quo*.

Vejamos agora a visão desta *nova direita* a partir de fontes mais simpáticas, ou pelo menos não antipáticas. Uma matéria de 2012 de *O Globo* (VOITCH, 2012) tem como título *Jovens se organizam e tentam criar legendas da 'nova direita'*, defendendo ideias de Estado mínimo e refutando identificação com a ditadura, com o objetivo de se organizar eleitoralmente. Eram então três legendas em formação: o Partido Federalista, Os Libertários e o Partido Novo, que defendiam a redução de impostos e as privatizações, acreditando que o Estado brasileiro é grande, oneroso, ineficiente e paternalista, com um quadro político tomado pela esquerda. São grupos integrados majoritariamente por jovens entre 20 e 30 anos, que não se sentem representados pelos partidos já existentes. Eles se diferenciariam da direita tradicional por esta historicamente ter adotado posturas intervencionistas na economia, a exemplo do governo Geisel.

Um artigo, escrito por um libertário, no jornal *Valor Econômico* (FONSECA, 2014), demonstra o caráter multifacetado dos grupos que recebem o rótulo de *nova direita*:

> Há algo novo no ar; nos artigos de opinião, nas discussões políticas, no comentário econômico. Os observadores mais atentos, olhando de longe a movimentação que veio de fora dos meios esperados – a academia, a grande imprensa, a

[58] A *polarização assimétrica* se caracteriza, nos EUA, por um maior grau de radicalismo e intransigência entre Republicanos do que entre Democratas. Esta tese é embasada por dados coletados pelo *Pew Research Center* entre 1994 e 2014 (PEW, 2014). O *Pew Research Center* é um *think tank* estadunidense focado em análises de opinião pública, demográficas e conteúdo de mídia.

> política, o meio artístico -, já têm um nome na ponta da língua: ‘nova direita’ – nome dado, evidentemente pela velha esquerda.
>
> De perto ela é mais complexa. A tal ‘nova direita’ é no mínimo duas coisas bem distintas. E, dessas duas, uma nem é direita, embora seja nova. Nesse mesmo balaio estão dois grupos: conservadores e libertários. Eles têm algo em comum: a insatisfação com o estado do Brasil e a descrença nas opções políticas disponíveis ou mesmo na política como um todo. Não pertencem à direita tradicional e, obviamente, se opõem ao governo do PT. O que não quer dizer que aceitem de bom grado o rótulo de direita. (FONSECA, 2014, s/p).

Fonseca segue dizendo que os conservadores aceitam o rótulo de direita, e lutam não apenas no campo econômico, mas também no cultural, tendo um aspecto de reacionarismo ideológico. Já a outra ‘direita’, liberal ou libertária, em suas alas mais radicais, nega inclusive a associação com a direita, se posicionando como *esquerda libertária,* defendendo bandeiras como erradicação da pobreza, redução dos custos que as regulamentações estatais impõem às camadas sociais mais baixas e aos microempreendedores e em causas progressistas como casamento gay e liberação das drogas; opondo-se ao BNDES, chamado de bolsa empresário, mas não ao Bolsa Família[59] (FONSECA, 2014).

Ele segue a diferenciação entre libertários e conservadores:

> Conservadores olham para o passado: querem conservar os valores da civilização ocidental e as instituições vistas como suas principais representantes – a igreja, a família, o Estado Democrático de Direito, os direitos naturais. Podem até ser liberais em economia, mas seu coração não está na liberdade enquanto tal. Já libertários olham para o futuro sem medo de criar utopias e apostas nas mudanças revolucionárias que sua proposta trará. O Estado é visto ou como uma barreira à criação do novo ou como um definidor de caminhos fixos para as mudanças, proibindo e barrando caminhos alternativos. (FONSECA, 2014, s/p).

---

[59] Favoráveis a extinção do Programa Bolsa Família em longo prazo, quando este fosse julgado desnecessário.

Esta concepção, a dos libertários pelo menos, oferece a visão de uma *nova direita* como uma oponente do *status quo* – considerando que nunca houve de fato liberalismo no Brasil –, adotando a narrativa de que as mazelas do país provêm da ineficiente e corrupta máquina estatal, a qual impede a operação adequada da livre iniciativa, *lócus* das virtudes da eficiência, do empreendedorismo e do mérito[60].

Partindo de um liberalismo mais moderado, Rodrigo Constantino, em entrevista para *O Povo* (CORLONANO, 2014), afirma que a direita é um "saco de gatos", tendo várias facetas: liberais, conservadores e autoritários, unidos pelo objetivo comum de evitar a "venezuelização" do Brasil, e que, em caso de sucesso neste objetivo, a *nova direita* provavelmente se desmembraria de forma evidente. Ele também divide a direita entre a ala saudosista do regime militar e uma ala mais moderna, que chama de direita democrática. Afirma o seguinte à pergunta "a nova direita possui um projeto de poder para o Brasil?":

> Não há um projeto. E faria uma afirmação até mais dura. Não existe direita organizada no Brasil hoje. Essa é uma frase forte, mas verdadeira. Politicamente não existe. O que tem mais de direita seria quem? O DEM, PSDB? Partidos sociais-democratas que em qualquer lugar do mundo seriam vistos como de esquerda ou centro-esquerda. Direita fascista organizada é história pra boi dormir que serve ao interesse da esquerda golpista. E há um vento de mudanças no horizonte no âmbito cultural, que tem impacto no âmbito político. Você vê alguns comediantes, músicos, intelectuais comprando briga de forma mais firme contra essa turma bolivariana (CORLONANO, 2014, s/p).

O que é certo é que existe uma nova *movimentação política* no Brasil, à qual tem sido dado o rótulo de "nova" direita, rótulo que traz

---

[60] Este argumento é similar ao elaborado Raimundo Faoro (2001) em *Os Donos do Poder* publicado originalmente em 1958, e de forma menos concisa em período anterior por Paulo Prado (1981) em *Retrato do Brasil*, publicado originalmente em 1928. Dreifuss (1989, p.85) entendeu – no período da redemocratização – a atuação do empresariado brasileiro a respeito desta pauta como algo paradoxal: defendiam a redução de gastos governamentais sem que estes modifiquem seus privilégios, isenções e subsídios; pediam a redução do estado, mas apelavam para ele, para o estado "porrete", frente à revoltas populacionais contra "o calamitoso estado de coisas".

diversas complicações, desde a discussão sobre a validade de sua alegação de “nova”, até a sua condição de “direita”, a qual dá a falsa impressão de que - à parte o repúdio ao governo Dilma – existe uma unidade organizacional, estratégica e ideológica entre os diversos atores que compõem a chamada “nova” direita. Porém, não há consenso sobre ela ser *nova* de fato – vide a comparação com a velha direita venezuelana – e nem ao menos se ela pode ser chamada de direita, vide a autointitulada *esquerda libertária*.

Parte essencial, e, devo admitir, talvez a mais complexa de minha pesquisa consiste em identificar e categorizar estes diversos discursos, e produzir uma tipologia adequada deles. Para compreender o que é esta “nova” direita, e se ela contém ideários substantivamente novos, ou se a novidade é apenas a de uma nova arena, a *internet* e as *redes sociais*, é relevante discutir brevemente o que se entende por direita e esquerda.

3.1 O debate teórico a respeito da distinção *direita* e *esquerda*

A origem da díade *direita/esquerda* remonta à Assembleia Nacional, que vigorou na França entre 1789 e 1791, tendo sido uma etapa de transição entre os Estados Gerais e a Assembleia Nacional Constituinte da Revolução Francesa; nesta Assembleia, os membros mais moderados – *Feuillants*, sucedidos pelos Girondinos – sentavam-se à direita, e os mais radicais – Jacobinos – sentavam-se à esquerda (OSTERMANN, 2014a, p.14). Estivessem então os franceses distribuídos em seus assentos de forma diferente, a díade poderia ter significado inverso, embora em diversas línguas – e em períodos históricos muito anteriores à Revolução Francesa – tenham existido atribuições positivas à ideia de *direita*, e negativas à de *esquerda* (OSTERMANN, 2014a). Nesta primeira acepção da díade, temos a direita representando primeiramente os partidários do rei e, posteriormente, conforme os partidários do rei foram excluídos de participação no processo político da Revolução Francesa, as facções mais moderadas, que buscavam alguma espécie de compromisso entre o *Ancien Regime* e perspectivas mais radicais de mudança da sociedade. Em outras palavras, em sua infância a díade representava à direita os defensores – em maior ou menor grau – das estruturas sociais então existentes, e à esquerda, aqueles que buscavam – em maior ou menor grau – uma modificação substantiva delas.

Mas os significados de esquerda e direita não são fixos, são relacionais, movimentam-se no decorrer do tempo (BOBBIO, 2001),

adquirindo conteúdos políticos e ideológicos diversos no decorrer das grandes transformações do ocidente, e também do processo de transposição das ideias políticas do ocidente ao resto do mundo. Se em sua gênese ser de direita implicava em alguma posição contrária a um governo republicano, no século XX a adesão à formula republicana liberal impera em todo o espectro político moderado, com a exceção nem um pouco insignificante de suas extremidades. O liberalismo, considerado radical e perigoso ao fim do século XVIII e inicio do século XIX, gradualmente se aproxima, no decorrer do século XIX, de posições mais conservadoras, terminando por ficar no campo da "direita". Eventualmente ser de esquerda passa a ser caracterizado por maior ou menor grau de adesão ao marxismo, para após a queda da União Soviética surgir a necessidade de, ao menos entre as esquerdas preocupadas em obter algum grau significativo de sucesso eleitoral – desconstruir parte da relação histórica entre esquerda e marxismo.

Uma das consequências do caráter relacional da díade é de que ela tende a gerar uma grande confusão a respeito de que conteúdos políticos efetivos caracterizam uma ou outra posição dentro dela, complicação que fica ainda mais exacerbada quando se comparam esses significados a partir de alguma distância espaço-temporal. Há diversos questionamentos a respeito da validade da díade, seja sob o argumento de que ela já foi superada, ou de que jamais teve validade. Tais questionamentos tomam força particularmente no início da década de 1990 – período que precede imediatamente o desmantelamento da União Soviética – tanto por parte de indivíduos e grupos anteriormente identificados com a direita, brandindo uma retórica triunfalista de vitória sobre a esquerda, cujo melhor exemplo talvez seja a tese do "fim da história" de Francis Fukuyama, quanto por parte de indivíduos e grupos que, por diversos motivos, não se identificavam particularmente com nenhum dos dois elementos da díade, ou que apontavam para a necessidade de sua superação ou síntese[61].

Meu objetivo com essa breve divagação foi o de apontar que, embora os conceitos de direita e esquerda sejam corriqueiramente utilizados sem muito rigor em diversas esferas da vida privada e pública – o que ocorre, a bem da verdade, sem maiores problemas –, o mesmo não pode acontecer neste trabalho, devido a sua meta de justamente

---

[61] Bobbio (2004) se refere aos posicionamentos que não se identificam dentro da díade como *terceiro exclusivo* – quando da rejeição de ambos os pares – ou *terceiro inclusivo*, quando da busca de superação dos pares através de uma síntese dos mesmos.

classificar e ordenar um emaranhado caótico de posturas e ideias políticas. Dessa forma, não posso me dar ao luxo de assumir aquela postura despreocupada com a qual jornalistas, políticos, militantes e frequentadores de bares costumam lidar com o tema. É necessário então realizar o penoso trabalho de analisar a extensa discussão a respeito da validade ou não da díade, de seus possíveis significados e de possíveis alternativas a ela, para – eventualmente e com sorte – encontrar um modelo que nos permita compreender e categorizar o universo da chamada “nova direita”.

3.2 Norberto Bobbio e a igualdade enquanto critério de distinção da díade

Foi em 1994, durante período de caloroso debate sobre a validade ou não da díade, que Norberto Bobbio publicou *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*, na qual analisa diversos significados da díade, díades alternativas e, por fim, seleciona um critério que julga o mais adequado para distinguir os dois pontos da díade no decorrer de toda a sua história: o princípio da *igualdade*.

Primeiramente Bobbio (2004, p.44-45) observa que, mesmo em um período no qual um número significativo de intelectuais se dedicava a por abaixo a velha díade, a cena política italiana seguia dominada por dois alinhamentos que se proclamavam de direita e de esquerda, e que sob estas bandeiras preparavam-se para lutar furiosamente um contra o outro pelo governo do país. O significado desta constatação é que, por mais que o conteúdo da díade tenha se modificado no decorrer do tempo, ela persiste sob outras formas. Consequentemente, *direita* e *esquerda* não são conceitos absolutos, mas sim relativos, topológicos, que indicam lugares no espaço político “os dois termos da díade governam-se um ao outro: onde não há Direita não há mais Esquerda, e vice-versa. Dito de outro modo existe uma Direita na medida em que existe uma Esquerda” (BOBBIO, 2004, p.61). A díade é *excludente* – não se pode ser simultaneamente de direita e de esquerda – e *exaustiva*, pois abraça todo o universo político, se é inevitavelmente um ou o outro; as díades são representações naturais de universos conflituosos como o da política.

Bobbio não acredita que a díade tem papel apenas topológico, mas também conteúdo ideológico e programático, representando programas contrapostos a problemas cuja solução pertence à ação política. Aceitando então que a díade tem algum conteúdo por assim

dizer menos efêmero, Bobbio explora diversas possibilidades de significados para ela e também duplas alternativas. Das duplas alternativas possíveis, Bobbio cita: progressistas x conservadores, societários x comunitários, tradição x emancipação, realismo x espiritualismo, igualdade x hierarquia, classes inferiores x classes superiores; de possibilidades de significados Bobbio explora e refuta uma bastante comum: a de que a direita se caracterizaria pela priorização do princípio da *liberdade* e a esquerda pela priorização do princípio da *igualdade* em detrimento do de *liberdade,* sendo essencialmente autoritária. Esta distinção é refutada, para fazer um resumo bastante grosseiro, pela constatação de que em ambos os espectros são encontrados historicamente movimentos autoritários com pouco amor pela liberdade e, da mesma forma, em ambos os espectros é possível encontrar defensores apaixonados da liberdade. Neste sentido a dicotomia liberdade x autoridade não é representativa da divisão entre esquerda e direita, mas sim de subdivisões dentro de ambos os campos, encontrando-se princípios autoritários nos extremos de ambas as posições, em suas formulações mais radicais e antidemocráticas.

O critério adotado por Bobbio é de que a diferenciação das posições dentro da díade é dada por suas posturas a respeito do ideal da *igualdade*, sendo que a maior ênfase à igualdade, o otimismo antropológico e a crença de que as desigualdades são mais sociais do que naturais e, portanto, podem ser em maior ou menor grau removíveis, situa-se mais à *esquerda*; de forma inversa, quando maior o pessimismo antropológico e a crença de que as desigualdades são mais naturais do que sociais e que portanto são ou irremovíveis ou sua remoção não é desejada, mais à *direita* determinado posicionamento se encontra.

Por este modelo poderíamos situar defensores de uma sociedade de classes juridicamente definidas, como no *Ancien Regime*, bastante à direita; defensores de uma igualdade jurídica, mas não econômica e de oportunidades, a uma direita mais próxima ao centro; defensores de igualdade jurídica e de mecanismos de facilitação à igualdade de oportunidades, mas ainda não insistentes na igualdade econômica, em uma esquerda mais próxima ao centro; por fim, defensores de uma igualdade jurídica, de oportunidades e econômica, bastante à esquerda.

Para distinguir com maior precisão graus e tradições diferenciadas dentro de cada lado da díade, o único recurso oferecido por Bobbio é a diferenciação que ele faz entre os extremistas: aqueles que em ambos os lados da díade professam doutrinas de *virtudes guerreiras*, adeptos da violência, admiradores do heroísmo, instigadores de mudanças radicais e inimigos professos da democracia

representativa; e os moderados, que professam doutrinas de *virtudes comerciantes*, da valorização do cálculo racional e ponderação, respeitando as regras do jogo democrático.

O critério de Bobbio tem uma qualidade fundamental: sua simplicidade, por partir de uma essência singela, poder-se-ia dizer até instintiva, que permite rapidamente comparar dois ou mais programas e/ou princípios e posicionar um mais à esquerda ou mais à direita do que o outro. Sua definição fornece um critério baseado em posturas e disposições a respeito da desigualdade humana, do quão tolerável ou intolerável, natural ou artificial, instransponível ou transponível ela é. Adicionalmente, ele permite dar conta da questão da temporalidade, permitindo compreender as transformações históricas políticas sem a necessidade de se formular novas díades. A simplicidade do critério da Igualdade também é, a meu ver, seu maior defeito: ele acaba sendo por demais relacional, jamais estabelecendo uma linha divisória objetiva entre os dois campos do espectro, lembrando que tanto o igualitarismo quanto o inigualitarismo absolutos não existem em nenhuma doutrina política relevante da modernidade. Adicionalmente ele permite pouca distinção entre diferentes correntes de um mesmo espectro. Em ultima instância, a igualdade é também um conceito relativo, pois depende de parâmetros mais ou menos arbitrários que possibilitem, em meio às diferenças, selecionar um padrão cuja aplicabilidade universal seja desejável e/ou possível. A igualdade por si – desprovida de bons parâmetros – não representa nem liberdade, nem prosperidade ou justiça.Embora o conceito de Bobbio sirva como orientação geral para a definição de posicionamentos ideológicos em uma linha reta, tal como a identificação geral destes entre direita e esquerda moderadas ou radicais – no sentido de que pode ajudar, em linhas bastante gerais, a responder se determinadas linhas de pensamento identificadas em meu trabalho podem ser aproximadas mais à direita ou à esquerda –, sua definição é por demais abstrata e flexível, sendo, por si só, insuficiente para a tarefa de desvendar o universo da "nova direita" no Brasil. Não se trata de desprezar a proposição de Bobbio, que tem muitos méritos, mas de reconhecer que, para a tarefa que tenho em mãos, será necessário também considerar outros critérios da díade, critérios que, assim como o de Bobbio, reproduzem em certa medida as posições de seus formuladores, por maior que seja a honestidade intelectual deles. Ademais, para esta pesquisa também se fará necessário analisar os grupos da "nova direita" de forma mais minuciosa, a partir de seu pertencimento ou aproximação às correntes e tradições intelectuais políticas específicas. O que também apresenta suas dificuldades,

levando-se em conta a enorme diversidade de coxinhas e mortadelas no *menu* político discursivo da *internet* brasileira.

3.3 Yuval Levin e a gênese da direita e da esquerda a partir do debate entre Edmund Burke e Thomas Paine

Em sua obra *The Great Debate: Edmund Burke, Thomas Paine, and the birth of right and left,* Yuval Levin[62] (2014) defende a tese de que, por trás dos debates políticos de "superfície" – imediatamente observáveis –, existem questões mais profundas, morais, filosóficas e históricas as quais se sustentam, em ultima instância, em diferentes concepções de pessoa humana, sociedade humana e sociedade liberal. Assim como Bobbio, Levin acredita que existe um conteúdo substantivo, e não apenas topológico, na díade direita e esquerda, conteúdo este que passa por transmutações em sua superfície, mas mantém desde suas origens certos princípios.

Sua obra tece a narrativa de que o embrião destas diferenças "essenciais" pode ser encontrado nos embates político-filosóficos travados por Thomas Paine e Edmund Burke, contemporâneos cujas disputas filosóficas e políticas ainda ressoam, segundo o autor, na disputa política atual do mundo anglo-saxão. Levin justifica a escolha destes dois autores por alguns critérios importantes: a) ambos representaram lados opostos durante a polarizada discussão e análise da Revolução Francesa; b) ambos foram tanto teóricos como quando estadistas; c) cada qual teve um papel extremamente relevante em seu respectivo campo durante suas vidas políticas; d) ambos tiveram origens medianas e surgiram enquanto outsiders naqueles meios em que se tornaram célebres.

Tais divergências em questões mais profundas explicariam porque, na política dos EUA, aqueles que defendem determinada posição sobre um tema específico *tendem* a concordar entre si também em relação a outros temas.

A narrativa de Levin é centrada no debate político anglo-saxão e, como o autor reforça tanto no inicio quanto no final da obra, tanto a esquerda quanto a direita visadas por ele são essencialmente

---

[62] Israelense radicado nos Estados Unidos é um dos intelectuais conservadores mais proeminentes dos EUA na atualidade, bastante ativo na cena política contemporânea do país, atuante dentro do Partido Republicano e crítico do governo de Obama.

manifestações liberais da díade; tanto Burke quanto Paine defendiam uma sociedade liberal, livre, mas deram significados diferentes ao que seria uma sociedade liberal, livre; similitudes e diferenças também são identificadas por Levin no bipartidarismo norte-americano. Procederei a explorar a forma como Levin distingue, em pontos chave, os pensamentos destes que podem ser considerados fundadores de um *liberalismo conservador* – Burke – e um *liberalismo progressista* – Paine –, buscando elementos que a concepção mais ampla de Bobbio não considera em maiores detalhes e que possam dar alguma luz à compreensão do fenômeno da "nova direita".

Edmund Burke nasceu na Irlanda e, após uma curta carreira de escritor, se tornou secretário de um proeminente político do partido *Whig*, tornando-se ele mesmo membro da Câmara dos Comuns por este partido. Destacou-se por duas posições: primeiramente por ter apoiado a independência das colônias inglesas que formariam os EUA e, posteriormente, por sua crítica feroz da Revolução Francesa.Já Thomas Paine nasceu na Inglaterra, exerceu diversas atividades: foi artesão, pirata[63] e coletor de impostos. Nesta ultima profissão, se envolveu em um movimento para reivindicar melhores salários e condições para a categoria, produzindo seus primeiros escritos e entrando em contato com as ideias iluministas, perdeu o emprego por conta de seu ativismo político e, após conhecer Benjamin Franklin, partiu para as colônias, nas quais, torna-se um dos mais célebres propagandistas da revolução americana, motivo pelo qual recebe terras após a independência e é considerado até hoje um dos *founding fathers* dos EUA. Mas sua carreira revolucionária não se encerrou ali, tendo posteriormente ido à França e, empolgado com a atmosfera dos primeiros momentos da Revolução Francesa, decidido se juntar a ela, chegando a ser eleito membro da Assembléia Nacional, mesmo sem falar francês. Com a ascensão de Robespierre, é preso e quase executado, voltando depois aos Estados Unidos, vivendo seus últimos anos em ostracismo, principalmente por suas críticas a todas as formas de religião organizada.

Tento adiante resumir as divergências entre ambos a respeito de

---

[63] *Privateer*, uma espécie de pirata, mas não daquele tipo consagrado por *Hollywood* em filmes como *Piratas do Caribe*. Na verdade, Paine serviu na tripulação de um daqueles muitos navios privados que, em meio à guerra dos sete anos, ganhavam permissões especiais da coroa inglesa para roubar e capturar navios mercantes de uma nação inimiga. Essencialmente, uma espécie de pirataria sancionada pelo Estado.

temas chave, comprimindo em algumas poucas páginas as conclusões tiradas por Levin no decorrer de sete capítulos de seu livro.

A primeira grande divergência entre ambos é entre o peso da *natureza* e da *história* ao conhecimento político. Paine dá ênfase à *natureza* em detrimento da *história,* partindo do principio de que a *natureza* é regida por princípios permanentes e imutáveis, acessíveis pela razão humana, e que apenas através da compreensão adequada da natureza humana é possível formar um governo legítimo: um governo de acordo com os princípios naturais. O passado, nesta visão, teria pouco a ensinar a respeito de como organizar governo e sociedade, sendo pouco mais que um catálogo das falhas humanas em aplicar de forma apropriada os princípios da natureza à política. Paine busca os princípios da natureza a partir da clássica fórmula jusnaturalista encontrada em autores contratualistas do período, como Locke e Hobbes, partindo de um estado de natureza no qual o homem gozaria de suas liberdades naturais, mas no qual não havia formas de assegurar o gozo destas liberdades, razão pela qual o ser humano formou sociedades e, eventualmente, governos. Nesta interpretação, a humanidade, até então ignorante e intocada pelas "luzes" da razão, teria distorcido os princípios naturais e criado sociedades governadas por princípios hierárquicos antinaturais, sustentados pela exploração e pela violência; desta forma, um governo legitimo poderia ser estabelecido apenas pela derrubada dos governos injustos – por uma *revolução* –, seguida por um período no qual a sociedade, sem governo, retornaria a seu estado natural e criaria novas formas de governo, fundamentadas nos princípios naturais elucidados através da razão.

Já Burke prioriza a *história* sobre a *natureza,* não por ignorar a força da natureza, mas por compreender que a única coisa permanente na natureza é a mudança, representada pelos ciclos de nascimento, crescimento e morte. O autor tece uma interpretação biológica das sociedades, entendidas como organismos em constante desenvolvimento e adaptação. Desta forma, a *natureza* pode ser encontrada na própria experiência social, e apenas nela, quaisquer outras elucubrações a respeito de um estado pré-social do homem teriam pouco ou nenhum fundamento, compondo apenas devaneios abstratos potencialmente nocivos. Nesta narrativa, os governos não precisariam ser fundamentados em princípios legítimos: o estudo da história facilmente demonstraria que praticamente todos os governos humanos foram fundados em meio a algum tipo de barbárie; a legitimidade dos governos seria adquirida através do tempo, conforme estes se transformem e se adaptem para suprir as necessidades da sociedade e, gradualmente

através de um processo civilizatório, a violência dê lugar à legalidade. Desta forma, uma *revolução*, ao destituir um governo, destruiria o próprio tecido social, levando a um potencial retorno à barbárie e desprezando séculos de experiência social acumulada. Em oposição à ideia de *revolução,* Burke propõe a de *evolução*, a de que as mudanças necessárias devem ser realizadas, mas tendo sempre em vista preservar a sociedade legada por nossos antepassados, e não visando destruí-la.

A segunda divergência se dá a respeito da ênfase aos conceitos de *justiça* e *ordem*. Paine acredita que a *justiça*, entendida como o respeito inegociável aos direitos naturais e imutáveis do homem, é a função primeira e essencial de um governo, de forma que uma revolução que vise à recuperação das liberdades naturais não é nada mais, nada menos, do que a aplicação da *justiça*. Já Burke, por acreditar que a mudança é a característica essencial da natureza, defende que a estabilidade e a continuidade – *ordem* – são as premissas essenciais para o bem-estar em uma sociedade, sem as quais não pode haver *justiça*; desta forma, o provimento da *justiça* é secundário ao provimento da *ordem* nas prioridades de um governo.

A terceira divergência se dá em torno da ênfase entre *escolhas* e *obrigações* dos indivíduos em relação à sociedade. De acordo com o pensamento de Paine, a igualdade natural de todos os seres humanos implica em igualdade política e, consequentemente, no direito a autodeterminação. Como a própria formação da sociedade foi uma escolha feita por indivíduos livres, os seus direitos naturais são os de agir conforme sua própria opção, livres de coerção, exceto nos casos em que suas escolhas interferem no direito de escolha dos outros – casos nos quais a sociedade, através do governo, deve atuar para fazer *justiça*, na forma de garantir o exercício destes direitos eventualmente impedidos por outrem. Nesta concepção, a política é essencialmente uma arena para o exercício da escolha, e a única *obrigação* política dos indivíduos é a de respeitar a liberdade e a escolha dos outros.

Burke, observando que a natureza humana só pode ser compreendida dentro da sociedade, portanto, dentro da complexa rede de relações nas quais cada indivíduo nasce e, sendo o nascimento o fato fundador da vida sobre o qual não temos nenhuma escolha, entende que, embora possamos mudar algumas de nossas circunstâncias conforme envelhecemos, somos primeiramente definidos por obrigações e relações que escapam a nossa escolha. Teríamos uma obrigação para com as gerações passadas e futuras, para aproveitar da melhor forma possível o legado que recebemos do passado e repassá-lo de forma responsável ao futuro. Esta concepção enfatiza nossas *obrigações*, entendidas como

fundamentais para o reforço dos laços que mantêm as sociedades unidas, o que para Burke tem um valor superior do que ele entende como tentativas egoístas de subverter este legado para satisfação de desejos hedonísticos. A liberdade de escolha, nesse contexto, ocorre *dentro* da sociedade e não de forma exclusiva a ela.

A quarta divergência se dá a respeito do papel da razão na política. Paine, iluminista por excelência, via a razão como uma força libertadora, que auxiliaria os homens a aprenderem seus direitos e estabelecerem governos adequados para a manutenção e promoção destes direitos. Sua posição epistemológica era racionalista, entendendo que um governo legítimo deveria ser baseado em princípios políticos racionais e não por tradições em ultima instância ilegítimas e ancoradas em princípios contrários aos direitos naturais do homem[64]. Afirmava também, em oposição a Burke, que a prática de governar não era um dom exclusivo daqueles detentores de um conhecimento profundo da tradição, mas sim uma tarefa relativamente mecânica, a qual qualquer indivíduo inteligente poderia exercer desde que ancorado nos princípios corretos e racionais, ou seja, em princípios universais.

Burke parte de uma crítica aos limites da razão humana para propor o que chama de *prescription*[65]. Descrente da retórica radical do iluminismo sobre a primazia da razão, defendia que: "*politics ought to be adjusted not to human reasonings but to human nature, of which the reason is but a part, and by no means the greatest part"* (*apud* LEVIN, 2014, s/p), defendendo a importância de outros aspectos humanos, como os sentimentos e afetividades que movem a ação política. A partir desta consideração, defendia a posição epistemológica de que princípios políticos efetivos não podem ser derivados de premissas abstratas, mas da experiência social, que o geral deve ser derivado do particular, e não o contrário. Sua posição epistemológica contrária à metafísica reflete, de

---

[64]Paine não ignorava completamente a importância da empiricidade, de analisar os méritos de determinada concepção política por seus resultados, mas como o modelo que defendia não existia concretamente em seu tempo, ele buscou na razão a prova de que seus princípios progressivos causariam uma transformação positiva na vida social (LEVIN, 2014).

[65]Possivelmente extraído de sua experiência enquanto estudante de direito, *Prescription* era, originalmente, um conceito jurídico sobre propriedade, na qual um título de posse poderia ser obtido em consequência da antiguidade ou inquestionabilidade da posse (MCDONALD, 2011), algo que se aproxima de nosso conceito jurídico de *usucapião*. *Prescription* pode ser traduzido literalmente como receita, tradução que não utilizo por acreditar que não mantém o significado proposto por Burke.

certo modo, a oposição entre o empirismo e o racionalismo, entendendo a política como uma ciência experimental, cujos fatos não são acessíveis a um indivíduo através de observação direta individual, e sim através da observação do conhecimento social historicamente acumulado: encontrado nas instituições, práticas, formas e preconceitos[66] de uma sociedade. *Prescription* então seria a *arte* do estadista de governar a partir de um profundo conhecimento das instituições e tradições de sua sociedade, baseando-se mais em precedentes históricos do que em princípios universais.

No que cabe ao papel da razão nas posições epistemológicas de Paine e Burke, pode-se dizer que o primeiro prioriza princípios universais, e o segundo, precedentes históricos, na prática política.

A quinta divergência diz respeito a suas posturas em relação à *revolução* e *reforma*. As razões desta divergência já foram exploradas anteriormente, em especial na relação entre *natureza* e *história*, e podem ser resumidas na necessidade vista por Paine de ruptura radical com o então sistema vigente nos países europeus, e na defesa por parte de Burke de reformas cuidadosas que visassem modificar apenas aqueles elementos já não funcionais do Estado, sempre com o objetivo de preservar seu todo. Para Paine as injustiças são frutos de sistemas políticos baseados em regras dissonantes dos princípios naturais e universais, de forma que só se pode alcançar o "bem" – resultante do respeito aos princípios naturais universais – a partir da erradicação do mal, da eliminação completa de regimes políticos dissonantes dos princípios naturais universais, em suma, para Paine a formação de uma sociedade justa depende de sua completa reformulação, através da ação revolucionária. Vale ressaltar que a insistência de Paine em rupturas revolucionárias era direcionada aos sistemas políticos então vigentes: à exceção dos EUA, não havia no período um único governo republicano nos moldes defendidos por Paine, e este governo havia se estabelecido a partir de uma revolução[67]. Sua posição era a de que, uma vez

---

[66] Defende o *preconceito* como algo positivo quando for resultado de um habito de opinião ou ação formado por longo uso social e comunicado pela tradição. Útil, pois sendo impossível a cada individuo reconsiderar cada questão a partir de seus princípios, permite a ele acessar o conhecimento social acumulado no decorrer do tempo ao lidar com situações específicas (LEVIN, 2014).

[67] Outra divergência da dupla era de que Burke não entendia a independência americana como uma revolução, mas sim como uma rebelião em defesa de seus direitos tradicionais que a coroa inglesa havia desrespeitado quando institui novos impostos sobre as colônias, conforme observado por Levin (2014), Burke

estabelecido um governo legítimo, as mudanças se dariam dentro das regras deste governo, sem maiores rupturas, desde que este governo não deixasse de seguir os princípios naturais e o direito de autodeterminação da população.

Já o reformismo de Burke era, nas palavras de Levin (2014), um reformismo contrarrevolucionário, visando a preservação do tecido social através de mudanças necessárias, e não sua desmantelação. O respeito de Burke pela legitimidade historicamente adquirida dos diferentes regimes políticos – e de suas singularidades – junto a sua desconfiança de teorias políticas universalistas, o levam a rejeição completa de qualquer proposição revolucionária radical. Argumenta ele que, embora tenham havido revoluções na Inglaterra, estas ocorreram diante da falta de outros recursos de ação e jamais visaram fazer tábua rasa da sociedade como no caso francês. Burke identifica diversos problemas no modelo revolucionário francês, dentre eles talvez o mais significativo seja de que ao destruir o antigo regime – e toda a complexa teia de obrigações morais e legitimidade simbólica que o suportavam – e substitui-lo por teorias políticas abstratas iluministas cria-se uma situação de barbarismo a qual, inevitavelmente, leva a uma redução dos próprios direitos individuais e sociais a níveis inferiores àqueles previamente existentes no regime derrubado: um governo amparado em teorias filosóficas abstratas tem menos freios e receios para agir de forma autoritária contra indivíduos ou grupos de indivíduos, não estando presos a quaisquer tradições que limitassem o poder do governo e podendo legitimar suas ações em nome do bem maior a ser eventualmente gerado pela aplicação de seus princípios abstratos. Adicionalmente, um governo desamparado de qualquer legitimidade histórica terá mais dificuldades quando – inevitavelmente – for necessário regulamentar e limitar a liberdade de seus cidadãos, e desamparado de legitimidade história terá como único recurso a violência, o poder militar, transformando-se eventualmente em uma tirania. Devido a estas observações Levin (2014) aponta que Burke foi capaz de prever a ascensão de Napoleão e o fim da república. É a partir deste raciocínio que, para Burke, as reformas graduais são sempre preferíveis as rupturas revolucionárias.

---

jamais se referiu, em seus escritos públicos ou privados, a independência americana enquanto uma revolução, tratando-a como *crise*, *guerra* ou até *guerra civil*. Curiosamente, ao defender o ponto de vista de Burke a partir do século XXI, Coutinho (2014) realiza uma interpretação da independência dos EUA como tendo sido uma *revolução conservadora*.

A sétima e ultima grande divergência, que de certa forma aglutina todas as outras, diz respeito a como devem se dar as relações intergeracionais dentro de uma sociedade. Para analisar este ponto, Levin (2014) desenvolve as seguintes questões:

a)Se a geração de nossos pais fez algo de determinada forma, devemos fazer como eles, ou podemos colocar de lado suas práticas e trilhar nosso próprio caminho?

b)Temos para nossos filhos a obrigação de preservar as instituições políticas e sociais que herdamos para que nossos descendentes vivam como vivemos, ou devemos a eles a liberdade de achar seu próprio caminho?

c)É possível compreender nossa vida cívica em termos de consentimento e liberdade de escolha mesmo se herdamos ao nascer uma ordem política sobre a qual não tivemos uma escolha real?

d)A sociedade que herdamos e nossa posição nela têm autoridade legitima sobre como devemos viver nossas vidas?

A posição de Paine remete ao que Levin (2014) chama de o *eterno agora*, entendendo que os direitos de um indivíduo e sua posição na sociedade não devem ser determinados por aquilo que precedeu seu nascimento. Nesta concepção, as ações, decisões, regras e conquistas políticas da geração passada não exercem autoridade sobre o presente, nem o definem, pois cada geração tem os mesmos direitos que as gerações que o precederam, e esses direitos são naturais, logo imutáveis. Em consonância com sua posição a respeito do direito natural de escolha, e de que a única obrigação intergeracional é a de possibilitar esse direito de escolha, a posição de Paine é a de que as instituições políticas devem ser estabelecidas de forma a permitir sua modificação, caso não haja no futuro o mesmo consenso a respeito delas que houve no passado. Para tal ele propõe o estabelecimento de limites temporais para a legislação, de forma que os futuros legisladores não fiquem presos pelas regras do passado. Tal visão entende que a política existe para o presente, livre de imposições do passado e proibida de criar imposições para o futuro.

A proposição de Burke é definida como *a eterna ordem* (LEVIN, 2014). Partindo de seu entendimento de que a política não lida com liberdades naturais abstratas, mas com heranças concretas, Burke acredita que o que devemos às gerações futuras acima de tudo é não a liberdade de escolha, mas o legado de sabedoria e trabalho acumulados do passado. Cada geração deve ter consciência de sua transitoriedade e cuidar bem das instituições que recebeu, que não são suas e nem apenas de seu tempo. Esta visão entende que a política existe entre o passado e

o futuro, com cada geração representando um elo em uma longa corrente.

Em comparação à definição de Bobbio, Levin fornece uma análise focada em duas tradições políticas específicas, buscando através delas uma representação da díade que se estenderia do final do século XVIII até nossa era. Ele caracteriza os dois espectros não a partir do ideal de igualdade, mas a partir da dicotomia entre *progressistas* e *conservadores*. Se ele faz uma análise mais detalhada que a de Bobbio, ela também tem menor escopo, e menor representatividade fora do universo político anglo-saxão e, mais especificamente, dos EUA. Por exemplo, ambos eram entusiastas do livre-mercado, mas por motivos diferentes: Paine apreciava o seu potencial para dissolver as tradições e incentivar a incorporação na população do pensamento racional, e Burke acreditava que o conhecimento humano era por demais limitado para que algo tão complexo quanto o mercado fosse controlado pela política. De certa forma, Paine é representativo de uma concepção liberal-social – encarnada nos EUA pelo Partido Democrata – e Burke, de um conservadorismo-liberal, representado pelo Partido Republicano. Pode ser possível, a partir da extrapolação das ideias de Paine, encontrar embriões do socialismo e do estado de bem-estar social, e é esta a tese que Levin (2014) defende. Acredito que o modelo de Levin consegue descrever, de forma adequada, um tipo de direita e um tipo de esquerda, mas é em ultima instância insuficiente para explicar todas as possibilidades de ambos os espectros.

3.4 Modelos alternativos de formulação: as alternativas liberais

De forma geral, as correntes político-filosóficas em ambos os espectros não têm problemas em se posicionar à direita e à esquerda; as polêmicas costumam girar em torno do argumento de que uma ou outra corrente corriqueiramente posicionada em seu mesmo campo não seja verdadeiramente pertencente a ele, ou até pertença ao campo oposto. Exemplos comuns podem ser encontrados na recusa de socialistas a aceitarem social-democratas e grupos de centro-esquerda como pertencentes à esquerda, ou o argumento trotskysta de que a União Soviética sob a orientação de Stalin se transformou em um capitalismo de Estado, não estando mais à esquerda etc. Da mesma forma, existem diversas tentativas por grupos de direita de qualificarem ideologias *non gratae*, como o fascismo e o nazismo, tradicionalmente posicionadas à direita do espectro, como sendo na verdade ideologias de esquerda.

Num grupo existe uma tendência a certo desconforto em relação a sua própria classificação dentro da díade: os liberais, em especial aqueles ligados à teoria marginalista e à economia austríaca em suas manifestações mais radicais, usualmente rotulados pela esquerda como neoliberais, ou, dentro de seu próprio campo, como liberistas (MERQUIOR, 1991) ou paleoliberais (MERQUIOR, 1981), mas que se autoidentificam como os legítimos herdeiros daquele liberalismo econômico dominante do período do iluminismo inglês até o entre-guerras do século XX; momento no qual o liberalismo *laissez-faire* foi majoritariamente preterido em favor do modelo keynesiano[68]. Estes liberais sentiam então certo desconforto em se posicionar dicotomicamente em um cenário político dominado por, à direita, grupos conservadores e tradicionalistas mais ou menos autoritários e, à esquerda, socialistas também mais ou menos autoritários e liberais-sociais de matriz keynesiana – todos tendo em comum a rejeição total ou parcial às doutrinas clássicas de livre-mercado.

Tal desconforto fica evidente na dissertação de Fábio Ostermann (2014a), na qual foram entrevistados diversos atores proeminentes no cenário liberal brasileiro, de formadores de opinião a diretores de *think tanks*. Nas entrevistas pode-se perceber o receio dos atores em se posicionar enquanto esquerda ou direita, argumentando ou pontos em comum com ambos os lados do espectro, rejeitando a díade como um todo, ou argumentando em favor de uma tríade que lhes permitisse assumir uma terceira posição.

Em resposta a este desconforto histórico foram elaboradas proposições alternativas à díade tradicional por parte de atores da intelectualidade liberal, algumas das quais serão apresentadas aqui e contrapostas às formulações de Bobbio (1994) e Levin (2014).

A mais antiga dessas proposições, de acordo com meu conhecimento, é o Triângulo de Hayek, formulado pela primeira vez em 1935. Hayek tinha disposições pessoais e políticas muito próximas daquelas dos conservadores, mas, preocupado com a crescente adesão dos grupos conservadores a práticas econômicas incompatíveis com o *laissez-faire*, buscou distanciar-se destes, propondo que, em vez de se traçar uma linha única na qual se posicionassem conservadores, socialistas e liberais, as diferenças entre as três correntes seriam mais bem representadas graficamente por um triângulo, com os socialistas

---

[68] Encerrando a longa aliança, descrita por Merquior (1991), formada em meados do século XIX, entre os conservadores e aqueles liberais temerosos das consequências da ampliação da democracia.

ocupando a ponta esquerda, conservadores, a ponta esquerda e liberais, a ponta superior (OSTERMANN, 2014a). O resultado é uma tríade ideológica em oposição à díade, na qual os liberais se diferenciariam dos outros dois campos por sua defesa do livre-mercado e do Estado mínimo, os quais se sobreporiam a disputas travadas entre conservadores e socialistas, uma vez que, aplicados os princípios econômicos e políticos do liberalismo clássico, ou seja, livre-mercado, igualdade perante a lei e instituições políticas mínimas para garantir os dois primeiros, todas as outras disputas se dariam não dentro do Estado, mas na esfera privada. Em termos de Bobbio, o triângulo de Hayek propõe a inserção de um terceiro exclusivo, que se posiciona acima da díade tradicional.

A extrapolação desta ideia leva à formação de uma nova díade, adotada de forma um tanto quanto vulgar por liberais de diversos matizes nos discursos políticos da web 2.0: a díade *coletivistas e individualistas*, na qual ou se é a favor da intervenção coletiva nos direitos individuais – seja para defender bandeiras conservadoras ou socialistas –, ou se é contra essas mesmas intervenções, caracterizando a defesa de uma sociedade radicalmente liberal. Esta díade simplista resume todo o universo político a apenas uma dimensão, relegando todo o resto à esfera privada e, para os objetivos deste projeto, tem relevância apenas enquanto objeto de pesquisa.

Outra formulação alternativa de origem liberal é o Diagrama de Nolan, que consiste em um breve questionário que visa categorizar as diferentes posições e posturas políticas em torno da função do Estado, e da medida do controle governamental sobre a vida humana. Para tal, Nolan dividiu as modalidades de regulamentação governamental da vida humana em duas áreas, relativamente independentes entre si:

a) Área econômica: toda atividade e relação comercial entre produtor e consumidor, abrangendo desde a liberdade de investimentos até a forma como cada pessoa pode gastar seu dinheiro.

b) Área pessoal: questões sobre relações interpessoais ou de foro íntimo, abrangendo desde expressão de opinião ou crença religiosa até o que cada pessoa pode fazer com seu corpo.

A quantidade de regulamentação defendida em cada área conduz o deslocamento através do diagrama – em formato de cruz – do nível de liberdade absoluta à restrição total. A partir da localização no gráfico, há a classificação de quatro grandes grupos, que podem possuir subdivisões, essencialmente inter-relacionais. Na medida em que o Diagrama se tornou conhecido, começaram a surgir variações de nomenclatura para cada grupo. Esta é a nomenclatura original proposta

por Nolan:

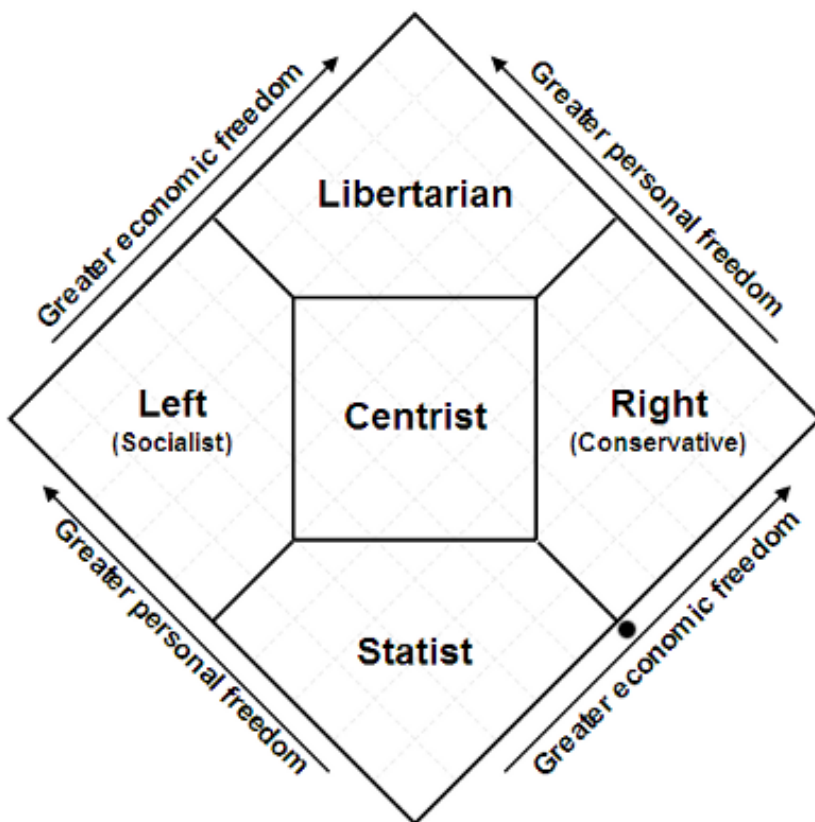
a) Direita: favorável a alto nível de liberdade econômica, mas não de liberdades individuais;

b) Esquerda: favorável a restrições na economia, mas defensor de liberdades pessoais;

c) Libertarianismo: favorável à liberdade tanto na economia quanto na vida pessoal; e

d) Estatismo: favorável à intervenção governamental tanto na economia quanto na vida pessoal.

Ainda há os moderados ou centristas, caracterizados pelo equilíbrio entre intervenção e não-intervenção. A versão gráfica do diagrama é a da Figura 2.

Figura 2 – O Diagrama de Nolan

O Diagrama de Nolan, apesar de fornecer uma metodologia interessante para a localização de posturas no espectro político, não reflete sobre o significado das diferentes tradições político-filosóficas da modernidade, resumindo-se a reproduzir, de forma um pouco mais sofisticada, a díade *coletivistas* e *individualistas*, apenas dividindo-a em duas categorias: uma econômica e outra social.

3.5 Considerações a respeito das formulações analisadas anteriormente

Apresentei três modelos básicos de formulação da díade: uma elaborada por um autor identificado com a esquerda, Bobbio (1994), que elabora a distinção a partir das diferentes ênfases ao ideal da igualdade; uma vinda de um autor conservador, Levin (2014), que utiliza a dicotomia *progressistas* e *conservadores*; e dois modelos de matiz liberal centradas na dicotomia *coletivistas* e *individualistas*.

As diferenças entre as três concepções me levam à constatação – um tanto instintiva e talvez equivocada – de que cada uma delas reflete de alguma forma as posições político-filosóficas de seus formuladores e "pinta" sua própria posição com cores um pouco mais vivas – a despeito da objetividade pretendida e sofisticação alcançada. Também as vejo como complementares, pois, embora possam cometer alguma injustiça em um ou outro ponto, também realizam descrições válidas em diversos aspectos.

O critério da igualdade de Bobbio (1994) é, a meu ver, o mais acertado, no sentido de que comete menos injustiças, sendo historicamente o principio da igualdade mais exacerbado entre o que compreendemos como o extremo da esquerda – os socialistas – e menos exacerbado conforme se move à direita e aumentam o numero de desigualdades toleradas ou até consideradas desejáveis, chegando-se, no extremo da direita, a formulações sociais altamente hierarquizadas, encarnadas em ideologias como *fascismo, nazismo e corporativismo*. Porém, ele é também excessivamente relacional, não traçando nenhuma linha efetiva que demarque o ponto de passagem entre esquerda e direita, de forma que a localização de uma corrente política só pode se dar em relação a outra e as posições próximas ao centro – como liberalismo e social-democracia – têm de ser definidas não a partir de critérios objetivos, mas com recurso à forma como historicamente elas

foram rotuladas, o que tende a mudar de acordo com o espaço, o tempo e a posição do observador.

Assim como a formulação de Bobbio (1994), a de Levin (2014) também é afetada por seu posicionamento ideológico, e ao ler seu texto é difícil não pensar em Paine como um sonhador bem-intencionado, adepto de um racionalismo fanático e pouco adequado a lidar com a política concreta; enquanto que Burke parece englobar um pragmatismo responsável, mais adequado à atividade política. Esta descrição me parece adequada para o caso específico elucidado por Levin, mas ignora que a direita também tem suas ilusões racionalistas e a esquerda, seus momentos de sobriedade pragmática. Também se torna difícil explicar certas inversões históricas, embora Levin tente em alguns momentos, como ao analisar a postura conservadora atual de modificação radical de instituições históricas de bem-estar social nos EUA, e a postura progressista de conservação e reforma gradual delas... Adicionalmente é curioso ver que o argumento da tradição em oposição a um racionalismo científico dogmático é atualmente mobilizado em diversos momentos pela esquerda na defesa de estilos de vida tradicionais e alternativos, enquanto que a direita conservadora, influenciada por teses de darwinismo social, traz para si o manto da razão científica. Para os objetivos deste trabalho, a obra de Levin serve não tanto como critério de distinção da díade, mas para esclarecer as origens filosóficas de certos posicionamentos que podem ser facilmente encontrados em meio aos discursos da “nova direita”: a linha divisória entre liberais e conservadores, possível de ser demarcada nas diferenças epistemológicas entre o racionalismo progressista e otimista de Paine, e o pragmatismo tradicionalista e cauteloso de Burke.

Dentre as proposições liberais, o Triângulo de Hayek é uma elaboração pouco trabalhada, que apenas diferencia, através de um único critério, a posição liberal das outras duas, sem realizar grandes reflexões a respeito do tema. O Diagrama de Nolan realiza mais diferenciações, mas falha em centralizar toda a discussão política apenas em torno da intervenção ou não intervenção do Estado, negligenciando questões muito importantes: qual intervenção e para quê? Já a proposição liberal vulgar, que remete de forma simplista à dicotomia central esboçada no diagrama de Nolan, *coletivismo* e *individualismo*, trabalha com a mais simples lógica política: a do *amigo/inimigo*, sem fazer qualquer distinção interna entre os dois grupos. O ponto positivo destas é o de diferenciar a posição liberal, sobre a qual realmente existe certa confusão e, como veremos mais adiante, também contém dentro de si divisões que, sob outros critérios, podem colocar suas diversas correntes

em pontos diferentes em outras escalas ideológicas.

As diferentes limitações das formulações analisadas refletem a dificuldade geral de se enquadrar uma enorme diversidade de posturas e programas em apenas duas categorias, assim como uma tendência em realizar estas formulações a partir das questões que são particularmente relevantes do ponto de vista político do formulador, mas não necessariamente sob outros pontos de vista.

Reconhecendo suas limitações, ainda acredito que, dentre os modelos propostos, o de Bobbio (1994) é o mais flexível e compreensivo, mas nada impede que a questão a respeito do *pedigree* da "nova direita" seja realizada por pontos de vistas diversos. De qualquer forma, a análise da diversidade do campo da "nova direita" requer diferenciações mais sofisticadas, em torno não tanto dos conceitos de esquerda e direita, mas sim de diferentes tradições político-filosóficas.

3.6 A tipologia das ideologias da modernidade de Dino Cofrancesco

Primeiramente gostaria de me desculpar ao leitor pela informação possivelmente enganosa dada pelo título desta seção do trabalho: eu não li nem sequer um parágrafo de qualquer obra de Dino Cofrancesco, as quais, até onde sei, nem foram traduzidas ao português; todas as informações dadas aqui em nome de Dino Cofrancesco são, na verdade, suas ideias resumidas em seis páginas por Norberto Bobbio (1994, p. 95-101). Essas ideias, tais quais apresentadas nestas míseras páginas, me chamaram a atenção por firmar uma tipologia básica das tradições político-filosóficas da modernidade, as quais podem ser tanto inseridas em uma díade valorativa – *emancipação/tradição* – quanto em uma díade cognitiva: *realista/espiritualista*, também chamada de *clássica/romântica*.

Cofrancesco analisa as ideologias nascidas da modernidade a partir de suas posturas de fundo, intenções, mentalidades, ideias, proposições, em suma, sua "alma"; e não suas totalidades históricas concretas[69].De acordo com seus critérios, a organização em uma díade valorativa –*emancipação/tradição* – formaria o arranjo que pode ser observado no Quadro 1.

---

[69] Ou seja, se fossemos analisar a ideologia do socialismo, o faríamos por seus princípios políticos e filosóficos, por suas formulações, e não pela forma como ele foi apropriado na União Soviética ou na Coréia do Norte, por exemplo.

Quadro 1 – Filosofias políticas da modernidade e sua distribuição de acordo com a díade Emancipação/Tradição

ESQUERDA	DIREITA
Anarco-Libertarismo	Tradicionalismo
Socialismo Científico	Fascismo
	Conservadorismo
Liberalismo[70]	

Fonte: elaborado pelo autor

A divisão por um critério cognitivo – *realista/espiritualista* ou *clássica/romântica* – forma um arranjo não correspondente com aquele formado através do critério valorativo (Quadro 2).

Quadro 2 - Filosofias políticas da modernidade e sua distribuição de acordo com uma díade cognitiva

CLÁSSICAS/REALISTAS	ROMÂNTICAS/ESPIRITUALISTAS
Conservadorismo	Anarco-Libertarismo
Liberalismo	Fascismo
Socialismo Científico	Tradicionalismo

Fonte: elaborado pelo autor

Infelizmente, Bobbio não fornece maiores detalhes sobre quais critérios Cofrancesco utilizou em sua formulação da tipologia das ideologias, limitando seu uso neste trabalho. O que me interessa aqui é a demonstração de que diferentes critérios utilizados para a classificação das mesmas ideologias produzem arranjos diferentes e, embora esta constatação pareça ser um tanto óbvia, ela demonstra como a díade esquerda e direita não forma blocos monolíticos, sendo possível encontrar elementos que não só diferenciam ideologias dentro de um mesmo bloco, mas as aproximam de ideologias em outro bloco. Adicionalmente, sua tipologia, mesmo na ausência dos critérios em relação aos quais foi realizada, fornece um marco inicial que me permite identificar – de forma instintiva – que o quadro discursivo da “nova direita” brasileira expressa ideias com cores conservadoras, liberais, anarco-libertárias e tradicionais, com eventuais pinceladas de fascismo.

[70] Vária de acordo com o contexto no qual se insere, sendo por vezes emancipador, por vezes tradicionalista.

3.7 Os múltiplos liberalismos

A análise do campo liberal e de suas variáveis anarco-libertárias representa um desafio, em virtude do grande número e da diversidade de suas correntes. Adicionalmente, ela também é fundamental devido ao fato de que uma das principais características da *nova direita* é a adesão, por parte de conservadores e tradicionalistas, a alguns elementos do liberalismo, especialmente aqueles de caráter econômico.

Esta seção visa elucidar um pouco estas diferenças, tendo como principal subsidio a obra de Merquior (1991), o qual descreve com grande riqueza o liberalismo europeu desde suas origens *protoliberais* em Locke e Montesquieu, e suas teorias de direitos naturais e governo limitado; a conceituação de liberdade moderna que legitima as democracias representativas de Benjamin Constant; a ênfase na liberdade econômica de Smith e Ricardo; as preocupações libertárias e a formação de uma ética liberal de Humboldt a Mill. Os princípios básicos do liberalismo clássico poderiam, a partir de suas raízes protoliberais, serem resumidos em: a) direitos individuais inalienáveis extraídos a partir de uma concepção jusnaturalista; b) governo limitado, divisão de poderes, em suma, a democracia representativa liberal; c) livre-mercado; d) uma ética humanista. Conforme veremos, os diversos liberalismos que sucedem ao clássico nem sempre partilham de todos estes quatro princípios.

O liberalismo, a partir do século XIX, se divide em inúmeras correntes, muitas delas concorrentes entre si. Aqui descrevo aquelas correntes ainda passíveis de serem identificadas no debate contemporâneo, conforme apresentadas por Merquior (1991), junto com algumas observações e análises minhas, as quais posteriormente e em conjunto com as classificações de Cofrancesco (*apud* BOBBIO, 1994) nos auxiliarão a decifrar a salada de frutas da "nova" direita brasileira.

Primeiramente temos os conservadores liberais e os liberais-sociais, cujas diferenças reproduzem, em diversos aspectos, as divergências expostas por Levin (2014) entre Burke e Paine, e entre seus descendentes políticos.

O **conservadorismo liberal** é "um produto muito inglês [...] diverso do conservadorismo compacto, reacionário do continente" (MERQUIOR, 1991, p.110), diferenciado por motivos históricos: seu caráter antiabsolutista, um legado da revolução gloriosa e da restauração da monarquia em uma forma constitucional. Merquior extrai de Anthony Quinton três doutrinas essenciais a essa modalidade de

conservadorismo: *tradicionalismo*, a crença de que a sabedoria política é de natureza histórica e coletiva, materializada nas instituições que sobreviveram ao teste do tempo; *organicismo*, a ideia de que a sociedade é mais que a soma de suas partes, e definitivamente superior ao individuo; e *ceticismo político*, uma desconfiança da aplicação com propósitos inovadores do pensamento e da teoria à vida pública. Estas doutrinas têm clara origem burkeana, conforme as leituras de Levin (2014) e Coutinho (2014). Diferenciam-se de tradicionalistas e conservadores antiliberais pela crença de que a economia de mercado e a democracia liberal são, de forma geral, as alternativas mais adequadas às sociedades modernas. A influência dessa corrente é particularmente eminente no mundo anglo-saxão, com penetração significativa no conservadorismo brasileiro, visivelmente presente em discursos de atores da direita como Olavo de Carvalho e João Pereira Coutinho, distanciando-se do conservadorismo católico antiliberal previamente formulado por autores como Alceu Amoroso Lima.

Os **liberais-sociais** se caracterizam por sua rejeição da ortodoxia do liberalismo clássico, rejeitando a ênfase exclusiva na liberdade negativa e no Estado mínimo. Reconhecem a legitimidade, e a necessidade, de justiça social. Diferenciam-se dos socialistas por não terem abandonado posições liberais históricas, como a busca da eficiência econômica através de uma economia capitalista baseada em propriedade privada, liberdade individual e apreço pelas instituições da democracia liberal de forma geral. Keynes e Bobbio são considerados liberais-sociais na definição de Merquior (1991).

Já o **neoliberalismo,** que Merquior chama de neoliberismo (1991) ou paleoliberalismo (1981), surge a partir de duas vertentes: a da Escola Austríaca de Economia, cujo maior expoente é Ludwig Von Mises, que teve entre seus discípulos Hayek e Rothbard; e a Escola de Chicago, cujo maior expoente foi Milton Friedman[71]. Atuando a partir dos EUA, propuseram um retorno histórico a posições de *laissez-faire* do liberalismo clássico, durante um momento histórico no qual reinava

---

[71] Além de divergências epistemológicas, e de disputas a respeito das causas da Grande Depressão (SALERNO, 2009), há uma divergência significativa entre a Escola Austríaca e a de Chicago a respeito de suas diferentes interpretações a respeito da legitimidade do direito de propriedade. Para os Austríacos se trata de um direito natural objetivo e inalienável dos indivíduos, ou seja, é justificado por uma via jusnaturalista; já para a Escola de Chicago o direito de propriedade é legitimmado por uma razão utilitária: sua maior eficiência em comparação com outras modalidades de propriedade (MURPHY, 2011).

inconteste o paradigma Keynesiano. Em 1974 Hayek recebe o Nobel de Economia, e em 1976 Friedman também é agraciado com a honra, ao fim da década de 1970 as formulações do neoliberalismo passam a ser aplicadas nos EUA e na Inglaterra, eventualmente quebrando o reinado Keynesiano no decorrer das décadas de 1980 e 1990.

Dos grandes expoentes desta corrente, apenas Hayek é analisado por Merquior (1991), que o criticava por ter deixando em segundo plano as preocupações humanísticas históricas do liberalismo. A respeito de Friedman e Rothbard, realizei considerações a partir de diversos artigos publicados pelo Mises Institute (MURPHY, 2011; ROTHBARD, 1972, 2002; SALERNO, 2009), pela Foundation for Economic Education/FEE (EBELING, 2006), e pelo Instituto Mises Brasil (HOPPE, 2014) além de artigos do *The American Conservative* (FRANCIS, 2002), do *left-lib Center for a Stateless Society* (CARSON, 2012) e do *LewRockwell* (STROMBERG, 2000), além de recorrer brevemente a obra de Mises (1981), ao *The Handbook of Neoliberalism* (SPRINGER et al, 2016) e a *The encyclopedia of libertarianism* (HAMOWT et al, 2008).

A principal tese que os une é a da **Indivisibilidade da Liberdade**, a qual prega que, sem a existência de liberdade econômica, ocorrerá inevitavelmente a perda também das liberdades civis e políticas. Nas palavras de Friedman (*apud* EBELING[72], 2006):

> Economic freedom is an essential requisite for political freedom. By enabling people to cooperate with one another without coercion or central direction, it reduces the area over which political power is exercised. In addition, by dispersing power, the free market provides an offset to whatever concentration of political power may arise. The combination of economic and political power in the same hands is a sure recipe for tyranny.

Dentre os três, **Friedman** é o menos radical, realizando diversas concessões à intervenção estatal na macroeconomia (ROTHBARD, 2002), advogando o imposto de rende como modalidade de taxação menos nociva à economia, e defendendo formas limitadas de assistência social – como o imposto de renda negativo –, entendendo que, sendo

[72] Richard M. Ebeling é professor de Ética e Empreendedorismo, presidiu a Foundation for Economic Education/FEE – *think tank* liberal estadunidense – de 2003 a 2008.

necessária alguma assistência social aos menos favorecidos, a forma menos burocrática e mais eficiente – em termos de mercado – seria a de simplesmente distribuir dinheiro, em vez de proporcionar serviços públicos gratuitos e auxílios específicos para alimentação, moradia, saúde, educação etc (FRANK, 2006). Politicamente Friedman prioriza a liberdade individual, mas não necessariamente uma forma de governo democrático, concedendo, ao máximo, que uma democracia constitucional pode ter um papel utilitário na salvaguarda da liberdade individual[73] (SPRINGER *et al*, 2016). Pode-se dizer que Friedman representa o **neoliberismo modal**, mais moderado, a tal ponto que Rothbard (2002) dedicou um artigo inteiro a lhe desqualificar enquanto representante do liberalismo, considerando-o um estatista. Anedoticamente também se conta que em uma ocasião ele teria sido chamado por Ludwig Von Mises de comunista (ROCKWELL, 1998).

È interessante notar que dentre os descendentes de Milton Friedman figuram dois proeminentes nomes ligados ao libertarianismo radical, seu filho David D. Friedman – também economista –, declarado anarquista libertariano; e seu neto Patri Friedman, ativista político, engenheiro de software e jogador de poker, fundador membro do conselho diretor do *Seasteading Institute*: dedicado a desenvolver tecnologias que permitam o estabelecimento de comunidades independentes em águas internacionais, visto por alguns como a melhor chance de estabelecer os ideais políticos libertarianos em um território autônomo (ROBINSON, 2014).

Hayek advogava uma espécie de *liberismo neo-evolucionista*. Partindo do paradigma de que a fragmentação do conhecimento e sua dispersão em uma multidão de consumores e produtores individuais é o principal empecilho à cooperação social e econômica, compreende que o sistema de preços de mercado é o melhor meio de canalizar e comunicar este conhecimento disperso até os atores relevantes do processo produtivo (SALERNO, 1992). Nesta concepção os mercados – quando livres – são sistemas de informações eficientes, emitindo sinais aos quais os indivíduos se adaptam de acordo com suas capacidades, gerando ordens criativas espontâneas as quais, de forma não intencional,

---

[73] Curiosamente Ludwig Von Mises era um democrata mais entusiasta que Friedman, Hayek e Rothbard – sendo Rothbard o que mais desprezava a ideia de democracia dentre eles – argumentando o caráter revolucionário da democracia ao permitir que mudanças políticas ocorressem sem violência, sendo, desta forma, a modalidade de governo mais adequada aos princípios do liberalismo (MISES, 1981).

contribuem mais para o progresso da civilização do que quaisquer desígnios racionalistas construtivistas (MERQUIOR, 1991). A defesa da liberdade para Hayek é uma questão mais utilitária que uma convicção moral ou pressuposto ético. A respeito da função do Estado, advogava que este deveria ser reduzido: a) provendo uma estrutura para o mercado e b) provendo serviços que o mercado não pode fornecer, o que, apesar de ser uma concepção minimalista do Estado, ainda é maior que a do Estado "vigia noturno" do liberalismo clássico. A posição de Hayek se aproxima daquilo que Merquior (1991) caracteriza como liberalismo conservador, o qual acredita que hierarquias naturais se formam espontaneamente sem a intervenção estatal e que estas hierarquias, por serem naturais, seriam legítimas.

Já **Rothbard** é expoente de um liberalismo radicalmente antiestatista – poder-se ia dizer estatofóbico –, defendendo uma forma anárquica de liberalismo, a qual cunhou de *anarco-capitalismo*:

> [...] we are anarcho-capitalists. In other words, we believe that capitalismo is the fullest expression. Of anarchism, and anarchism is the fullest expression of capitalism. Not only are they compatible, but you can't really have one without the other. True anarchism will be capitalism, and true capitalism will be anarchism. (ROTHBARD, 1972)

Influenciou posturas diversas, as quais costumam ser agregadas pelo rótulo de *libertarianismo*. Curiosamente sua influência se estende de grupos associados a esquerda do libertarianismo, *left-libs*, assim como a grupos associados a direita do mesmo, *right-libs*, cujos programas e estatofobia são similares, mas cujas motivações e visões do que seria uma futura sociedade libertariana divergem consideravelmente. Durante as décadas de 1960 e até meados da de 1970 se associou ao nascente movimento libertariano estadunidense, na época envolto na cena contracultural e com os movimentos contrários a guerra do Vietnam e, influenciando autores *left-libs* como Sam Konkin (CARSON, 2012).

Mas na transição da década de 1970 para a de 1980 assumiu posturas moral e socialmente mais conservadoras, associando-se com Lew Rockwell – com o qual fundou o *Ludwig Von Mises Institute* –

associando-se a tradição ideológica do *paleoconservadorismo*[74]. Nesta fase final de sua atuação política e intelectual – faleceu em 1995 – influenciou intelectuais de postura *liberal conservadora* como Llewellyn H. Rockwell Jr. – atual presidente do *Ludwig Von Mises Institute* – e Hans-Hermann Hoppe. De acordo com Stromberg (2000), não houve uma conversão de Rothbard ao conservadorismo, tendo sido esta, desde sempre, sua postura moral, atribuindo sua prévia associação a grupos contraculturais ao fato de que, durante a maior parte do período da guerra fria, o conservadorismo estadunidense era majoritariamente partidário das fórmulas econômicas keynesianas e de políticas externas intervencionistas, nesta interpretação Rothbard se dirigiu a um público mais conservador com o surgimento do *paleoconservadorismo*, mais próximo de suas concepções anarco-capitalistas. De acordo com Hoppe (2014), Rothbard teria desprezo pela geração da contracultura estadunidense, a qual seria fruto maligno do estado de bem-estar social que haveria quebrado as cadeias de autoridade tradicionais da sociedade, fundamentadas na família, facilitando tanto a independência dos jovens de seus pais, quanto dos idosos de seus filhos, possibilitando a proliferação de estilos de vida alternativos "decadentes".

Independentemente de suas posturas pessoais, Rothbard – conforme dito anteriormente – é uma influência central nas diversas correntes do libertarianismo. De Hans-Hermann Hoppe, conservador moral e crítico da democracia, defensor de uma ordem natural espontânea que só poderia surgir através da privatização de todas as esferas da vida social, incluindo segurança e justiça; à intelectuais ligados a ideais contraculturais e humanísticos como Nozick e Tucker. Enquanto Hoppe e Rockwell defendem o liberalismo radical de uma perspectiva conservadora, Nozick e Nolan defendem o mesmo programa de uma perspectiva emancipatória, visando à possibilidade de que as pessoas tenham estilos de vida alternativos, e de que a expansão radical da liberdade libere os seres humanos das cadeias opressoras da sociedade e permita a cada qual viver a vida como melhor lhe aprouver, sem sofrer coerções seja de seus pares, seja do Estado.

Estas duas principais vertentes do libertarianismo, além da estatofobia, partilham um axioma fundamental: o **Principio de Não-**

---

[74] O *paleoconservadorismo* se origina, de acordo com Francis (2002), nos meados de 1980, defendendo o retorno a uma posição isolacioniosta em termos de política mundial, e a padrões de *small government*, tradicionalismo e padrões morais e culturais "ocidentais", em suma um retorno ao que creditam ter sido a intenção dos pais fundadores dos EUA.

Agressão, o qual, segundo a *Enciclopédia do Libertarianismo* (HAMOWT et al, 2008), é o principio ético que forma a base para a teoria de direitos libertária, tendo diversas formulações, das quais as duas principais são as elaboradas autonomamente no mesmo período histórico por Rothbard e Ayn Rand (embora Rand não tenha batizado sua formulação, o que foi feito por Rothbard). O princípio pode ser resumido da seguinte forma: *Nenhum homem pode iniciar o uso de força física contra outros, tendo este direito apenas em retaliação e contra aqueles que iniciaram seu uso.* Proíbe-se, desta forma, qualquer interferência violenta sobre um indivíduo ou sua propriedade. Por conta deste princípio, ambos os grupos são contra toda forma de violência organizada, ao mesmo tempo em que são fervorosos defensores do porte de armas e da autodefesaque inclui não só a defesa do individuo, mas também de sua propriedade.

O que se agrupo sobre o rótulo de *libertarianismo* é certamente muito mais diverso do que esta breve apresentação que fiz aqui:

> É preciso lembrar que libertarianismo corresponde a diversas posições político-filosóficas. São libertários: o liberalismo neoclássico de Friedrich Hayek e Milton Friedman, o anarcocapitalismo de Murray Rothbard e David Friedman, o objetivismo de Ayn Rand, o geolibertarianismo (georgismo) de Fred Foldvary, o libertarianismo de esquerda de Hillel Steiner e Peter Vallentyne, o agorismo de Samuel Konkin III, o minarquismo de Robert Nozick, o neo-mutualismo de Kevin Carson, além de diversas outras posições à esquerda de anarquistas e libertários clássicos e contemporâneos e à direita como a ética argumentativa de Hans-Hermann Hoppe.
>
> Com isto, reduzir o libertarianismo às proposições rothbardianas da ética da liberdade é ignorar um arcabouço teórico imenso para pensar a política, a ética, a sociedade, a economia, a estética e a metafísica. (CELETI, 2014).

Neste trabalho me limitei a analisar o libertarianismo de matriz rothbardiana – uma análise maior fôlego do libertarianismo vai além do escopo deste trabalho –, o qual julgo mais relevante no universo de

minha cartografia: é a linha predominante dentro do principal *think tank* libertariano no Brasil, o Instituto Ludwig Von Mises Brasil, cuja instituição matriz, o Ludwig Von Mises Institute dos EUA contou com a participação de Rothbard a partir do momento de sua fundação em 1982, até o falecimento de Rothbard, em 1995.

4 TIPOLOGIA UTILIZADA NA CARTOGRAFIA

Com base nos autores e concepções explorados anteriormente, elaborei categorias – tipos ideais – as quais visam compreender o cenário ideológico da "nova" direita. Estas irão posteriormente guiar a cartografia. As categorias são divididas em dois grandes grupos: *conservadores* e *liberais*, os quais possuem significativas diferenças internas, de forma a agrupar diversas categorias dentro de si.

4.1 O grupo ideológico conservador

O grupo *conservador* contêm três categorias. Duas delas, os *conservadores liberais* e *liberais guerra fria*, compartilham de um núcleo filosófico comum: o conservadorismo anglo-saxão, mas possuem ênfases, influências secundárias e modos de atuação distintos. Já a terceira, o *conservadorismo moralista*, não é uma linha de pensamento político-filosófico em si, mas um amálgama de concepções e sentimentos representativos não tanto dos intelectuais da "nova direita", mas sim de parte significativa de seu público.

4.1.1 Conservadorismo Liberal

Esta categoria representa o conservadorismo de influência britânica, de matriz burkeana, que defende a importância das tradições ao mesmo tempo em que aceita as fórmulas liberais do estado de direito, direitos individuais e livre mercado. É aquele conservadorismo que, na formulação habermasiana apresentada por Chaloub e Perlatto (2016), tem uma relação mais tranquila com a modernidade capitalista, abrindo mão da desconfiança típica do conservadorismo tradicional em relação à moralidade da lógica de mercado. Coutinho (2014) propõe formulação similar do conservadorismo, apresentando os elogios de Burke ao livre-mercado como contra-argumento àqueles conservadores críticos das reformas econômicas de Margaret Thatcher no Reino Unido.

Este *conservadorismo liberal* tem, entretanto, diferenças significativas do liberalismo em si, a respeito do alcance e do propósito da doutrina de livre-mercado:

> O conservadorismo é a arte de expandir e fortalecer a aplicação dos princípios morais e humanitários tradicionais por meio dos recursos formidáveis criados pela economia de mercado. O

> liberalismo é a firme decisão de submeter tudo aos critérios do mercado, inclusive os valores morais e humanitários. O conservadorismo é a civilização judaico-cristã elevada à potência da grande economia capitalista consolidada em Estado de direito. O liberalismo é um momento do processo revolucionário que, por meio do capitalismo, acaba dissolvendo no mercado a herança da civilização judaico-cristã e o Estado de direito. (CARVALHO, 2007e, s/p)

A desconfiança deste *conservadorismo* em relação ao *liberalismo* faz eco às distinções entre o pensamento de Burke e Paine identificadas por Levin (2014), do caráter *cético* do pensamento burkeano, de sua desconfiança de teorias filosófico-políticas abstratas. O apego a estas abstrações teóricas, e o desprezo pelas tradições em sua aplicação à vida social, seria, de acordo com Moreira[75] (2017), um ponto de convergência entre liberais e “esquerdistas”:

> Ambos são adeptos do que pode ser denominado de "progressismo", uma corrente filosófica que advoga, genericamente, a necessidade de constantes mudanças na sociedade, tanto em termos políticos, quanto econômicos e sociais. Progredir e evoluir seriam, em si, algo benéfico para a sociedade. Superar a tradição é o objetivo tanto de liberais quanto de esquerdistas. Mais ainda: querem fazer uma sociedade melhor e até um ser humano melhor. A promessa é a mesma: se seus programas forem integralmente implementados (o que é, naturalmente, impossível), haverá uma espécie de "paraíso na terra". Diferem apenas quanto ao modo de fazer isso: com mais liberdade individual, para os liberais, ou com mais igualdade, para os esquerdistas. (s/p).

Moreira se insere aí na tradição burkeana (LEVIN, 2014) de *reforma*, de realizar mudanças que não destruam a ordem moral duradoura, testada pelo tempo, de uma sociedade. Podemos atribuir

---

[75] Alexandre Magno Fernandes Moreira é procurador do Banco Central, diretor jurídico da Associação Nacional de Ensino Domiciliar/Aned e autor dos livros: *Direito administrativo essencial* e *Direito penal contemporâneo*. De acordo com sua biografia apresentada no *site* do Instituto Millenium.

então, genericamente, as seguintes características aos *conservadores liberais*:

a)*tradicionalismo*, a crença de que a sabedoria política é de natureza histórica e coletiva, materializada nas instituições que sobreviveram ao teste do tempo;

b)*organicismo*, a ideia de que a sociedade é mais que a soma de suas partes, e definitivamente superior ao individuo;

c)*ceticismo político*, uma desconfiança da aplicação com propósitos inovadores do pensamento e da teoria à vida pública,

d)*estado de direito*, entendimento da democracia liberal como forma de governo mais adequado a sociedades modernas;

e)*direitos individuais*, associados mais a uma desconfiança do potencial da intervenção estatal negativa a esferas da vida privada como família e religião do que a uma concepção de liberdade individualista;

f)*defesa de uma economia de mercado*, como a forma econômica mais adequada, tendo em vista o *ceticismo* conservador em relação às limitações do intelecto humano em dar conta de fenômenos tão complexos quanto os econômicos.

Uma amostra de onze posicionamentos típicos deste grupo em relação a questões contemporâneas é apresentada por Moreira (2017):

> **Estado laico não significa Estado ateu:** a Constituição Federal nunca teve a intenção de excluir a religião da vida pública. [...] iniciativas que pretendem excluir qualquer forma de religiosidade dos espaços públicos (como a colocação de crucifixos) são um atentado à liberdade de religião.
>
> **As drogas devem continuar banidas:** o movimento de legalização das drogas incorre em uma contradição insolúvel - defendem-na em nome da liberdade individual, mas é sabido que seu consumo provavelmente levará ao vício, que é a ausência total de liberdade! O efeito da legalização seria principalmente aumentar de modo drástico o consumo dessas substâncias. Um dos mitos a esse respeito é que a repressão não funciona: nos Estados Unidos, em 1979, 14,1% da população havia usado drogas ilícitas; em 2006, depois de anos de combate, o percentual diminuiu para 8,3 [09].

Os empreendedores são a força vital da economia do País e merecem cada centavo do que ganham: [...] São costumeiramente vilipendiados e considerados culpados pelos males da nação. Porém, são eles que tomam os riscos: podem quebrar e podem ficar ricos ou, mais costumeiramente, em algum lugar no meio. [...] foi demonstrado que o empresário brasileiro é o campeão mundial em horas trabalhadas para pagar o Fisco [...] Nossa prosperidade depende essencialmente daqueles que são mais atacados. Boa parte disso pode ser simplesmente explicada por um sentimento [de] que ninguém admite ser portador: a inveja.

As cotas raciais são um erro: qualquer privilégio dado a uma categoria de pessoas em detrimento às outras é uma grave lesão ao princípio constitucional da igualdade. No caso das cotas raciais, a lesão é ainda mais grave, pois o Brasil não é um País racista - não há movimentos que defendam a "supremacia branca", nem nenhuma publicação nesse sentido; também nunca houve leis segregacionistas. Além disso, a imposição da política de cotas a todas as situações sociais [...] tem um enorme potencial de criar tensões sociais, principalmente devido ao ressentimento daqueles prejudicados por essa política [14].

Os pais devem ter o direito de educar seus filhos em casa: é do conhecimento geral a falência do ensino brasileiro. Mesmo as escolas particulares têm desempenho pífio nos exames internacionais. Também é bastante conhecido o fato de que boa parte dos professores brasileiros tem se importado muito mais com a doutrinação ideológica (usando o famoso lema "formar cidadãos") do que com a educação propriamente dita. Por isso, e considerando a liberdade de consciência de cada um, os pais devem ter a permissão para educar os filhos em casa (chamado de *homeschooling*). O Estado poderia exigir apenas que as crianças e os adolescentes sejam submetidos a testes de proficiência em determinadas matérias, para verificar a qualidade do ensino dado em casa.

Cada pessoa é a única responsável por seu destino: está na moda falar de "responsabilidade social", como se cada pessoa fosse responsável pelo destino de todas as outras e cada um tivesse que pagar seu "débito social". Por outro lado, também está em voga retirar a pessoa da responsabilidade por seus próprios atos, como se todos fossem inimputáveis. Exemplos disso são as constantes intervenções nas relações privadas (como a recente proibição de venda de aspirinas nos balcões de farmácia) e os processos de fumantes (conscientes dos danos causados pelo fumo) contra os fabricantes de cigarros. Retirar da pessoa a responsabilidade por seus próprios atos não é apenas imoral, mas também afeta profundamente sua dignidade como ser humano.

Deve haver "tolerância zero" contra a criminalidade: um dos efeitos da "desresponsabilização individual" é a crença romântica (para ser mais preciso, marxista) de que os criminosos são vítimas da sociedade e que, por isso, precisam ser protegidos ao extremo. Trata-se de uma nítida inversão de valores: os indivíduos honestos da sociedade passam a ser considerados culpados pelos crimes dos desonestos. Combater o crime significa salvar vidas e proteger pessoas inocentes. Para a sua diminuição drástica, não é necessário que o Brasil seja transformado em um "paraíso social-democrata"; basta a aplicação de uma velha fórmula testada e aprovada em diversos lugares (inclusive em São Paulo): cumprimento integral da lei, com mais policiamento e mais vagas nos presídios. Além disso, é preciso que a Justiça, a Polícia e o Ministério Público sejam geridos de forma eficiente, sem inquéritos e processos que se delongam indefinidamente.

Os cidadãos honestos devem ter o direito de portar armas: desde a promulgação do Estatuto do Desarmamento, em 2003, tem sido realizada uma intensa campanha que vincula a quantidade de armas de fogo com a ocorrência de crimes violentos. Essa vinculação é simplesmente falsa, uma vez que países com número de armas por habitante bem maior que o Brasil (Estados

Unidos, Finlândia e França, por exemplo) têm níveis de homicídio significativamente menores. Além disso, existem pesquisas consistentes indicando exatamente o contrário: quanto mais armas existem, menor é a criminalidade.

O Estado de Direito não pode ser submetido aos desejos de determinados grupos: nos Estados Unidos, os conservadores distinguem-se dos esquerdistas (chamados de *liberals*) principalmente no tocante à atitude perante a lei. Os primeiros acreditam que a lei, mesmo ruim, deve ser cumprida, uma vez que é vinculante para todos. Os últimos distorcem o sentido da lei ou mesmo a desobedecem frontalmente em nome do que consideram mais justo para a sociedade. Na verdade, os esquerdistas querem impor sua particular visão de mundo para os outros. No Brasil, são exemplos nítidos: o Movimento dos Sem-Terra, que constantemente desprezam a lei em nome de uma "sociedade melhor"; e os juristas que distorcem o sentido da Constituição para adequá-la ao que consideram ser mais justo - é a famosa doutrina da "mutação constitucional".

O aborto, em qualquer fase da gestão, deve ser mantido como crime: qual é a essência do ser humano? Para os religiosos, a alma; para os materialistas, a carga genética. Nos dois pontos de vista, é inegável que a vida humana começa na concepção e deve ser, a partir desse momento, protegida. A argumentação abortista falha ao relacionar o direito à vida com circunstâncias meramente acidentais à própria vida, como a sua viabilidade; a possibilidade de sentir dor; a dependência do corpo materno; e mesmo a existência da consciência de si mesmos. Aparentemente, só teria direito à vida o ser humano "completo", que tenha, efetivamente, todas as potencialidades da espécie humana. Enfim: o argumento da liberdade da mulher sobre o próprio corpo esbarra em seu equivalente - o direito do nascituro ao seu próprio corpo, mais ainda, à sua própria existência.

> **A família tradicional é à base de qualquer sociedade e seu desmantelamento tem provocado efeitos extremamente danosos:** é bem sabido que a família chamada de tradicional (formada por pai, mãe e filhos) está em franca decadência, sendo considerada por muitos como ultrapassada. Porém, quase nada é falado quanto aos "efeitos colaterais" desse processo: aumento dramático da criminalidade juvenil (é notável que quase todos os adolescentes infratores presos não tenham sido criados pelos pais); crescimento, também dramático, de infecção por doenças sexualmente transmissíveis e, de forma colateral, de gravidez na adolescência; aumento também dos crimes sexuais (chama a atenção que um menina criada sem o pai tem várias vezes mais chances de ser violentada). Finalmente, as recentes pesquisas sobre felicidade têm demonstrado que a vida em família é um componente essencial para o bem-estar do indivíduo. Nesse sentido, é preciso estimular o casamento (uniões informais são bem mais propensas ao desfazimento) e manter as formalidades legais para o divórcio que, muitas vezes, terminam por desestimulá-lo (ao contrário do que prevê o bizarro projeto do "divórcio *on line*", feito pela internet e sem necessidade de tempo mínimo de separação).

Como se pode bem notar pelos itens 2) *as drogas devem continuar banidas* e 6) *cada pessoa é a única responsável por seu destino*, o respeito pelas liberdades individuais, na acepção conservadora, é seletivo. Há também a ênfase à família, à proteção desta da interferência estatal, vide a defesa do *homeschooling*[76], a religião; a defesa da meritocracia e do empresariado; a ojeriza a políticas públicas e movimentos voltados a minorias; a defesa do porte de armas, do aumento do policiamento e da celeridade judiciária. Adicionalmente é evidente a atribuição à esquerda de posicionamentos totalitários, doutrinação ideológica, desprezo a lei, concepções românticas desligadas da realidade e diversas outras mazelas – do aumento da criminalidade às doenças sexualmente transmissíveis.

4.1.1.1 Representantes do Conservadorismo Liberal

---

[76] Moreira é ativista do ensino domiciliar.

Dentre representantes do *conservadorismo liberal* dentro do universo da "nova direita" é possível citar: no universo acadêmico, João Pereira Coutinho e Luiz Felipe Pondé; no meio jornalístico, Reinaldo Azevedo; e os blogueiros Eric Balbinus[77] e Luciano Ayan[78].

Resume bem esta categoria a já citada observação habermasiana de Chaloub e Perlatto (2016) de que este é um *conservadorismo* elogia a modernidade econômica, mas despreza as consequências culturais e sociais da modernidade, moralizando os problemas públicos – invocando o remédio da religião ou do senso comum esquecido –, e responsabilizando "intelectuais da esquerda" por muitas das mazelas contemporâneas. Mas ele também tem um aspecto liberal que vai além do econômico: a defesa do estado de direito e, embora em uma acepção mais limitada que a do liberalismo puro, de direitos individuais. Ele não é reacionário, mas reformista. Finalmente, ele se encaixa naquilo que Bobbio chama de direita democrática. Um exemplo deste respeito às regras democráticas pode ser encontrado em um posicionamento de Reinaldo Azevedo a respeito do processo judicial contra o ex-presidente Luiz Lula da Silva:

> Mas há coisas que um procurador não pode fazer, a menos que seu ódio pessoal e sua militância se coloquem à frente de suas funções constitucionais. E ele não pode, por exemplo, antecipar o conteúdo da sentença de um juiz e anunciar quando ela será proferida.
>
> Por incrível que possa parecer, Dallagnol fez isso. Assegurou que a sentença de Sérgio Moro, o juiz, sobre um dos processos que tem Lula como réu, sairá até julho. O contexto deixava claro que será uma condenação. É espantoso isso!
>
> Lula é hoje, do ponto de vista legal, um cidadão como qualquer um de nós. Mas não se ignore que compõe a elite política do país e governou Banânia duas vezes. Como vão a Justiça e o Ministério Público Federal num país em que um

---

[77] Eric Balbinus é coordenador regional do MBL-SP, escrevendo regularmente eu seu *blog O Reacionário*. É ativo também no *Facebook* - com 47 mil curtidas - e *Twitter*. É um dos poucos membros do MBL que se declara conservador.

[78] Luciano Ayan é um pseudônimo, e sua identidade real é desconhecida. Mantém o blog *Ceticismo Político*. Sua página no *Facebook* tem 71 mil curtidas.

> procurador, que compõe a força que investiga, antecipa o conteúdo da sentença, com data, da força que julga? Se os medalhões passam por isso, estarão os pobres mais bem servidos?
>
> É claro que isso é inaceitável. “Ah, mas e tudo o que Lula fez?” Mesmo se admitindo ter sido tudo verdade, então estamos bravos com ele porque descumpriu leis, certo? Seremos nós, seus adversários, a fazê-lo? “Ah, Reinaldo, o ingênuo…” Não! Reinaldo é só aquele que diz não à barbárie por princípio. (AZEVEDO, 2017).

Em seguida analisaremos a *direita guerra fria*, suas diferenças em relação à *direita conservadora*, e depois os principais pontos de conflito entre os dois grupos na conjuntura nacional recente.

4.1.2 Conservadorismo Guerra Fria

Este segundo grupo defende os mesmos princípios básicos que os *conservadores liberais*: tradicionalismo, organicismo, ceticismo político, estado de direito, direitos individuais e defesa de uma economia de mercado; mas com mais ênfase no tradicionalismo, e ênfase significativamente reduzida em seus elementos liberais. Em seu cânone teórico constam, além dos clássicos conservadores britânicos, influências do conservadorismo católico, da escolástica medieval e do paleoconservadorismo estadunidense. Utilizam também linguagem e retórica mais agressiva. São mais críticos das consequências sociais e culturais da modernidade – atribuídas à estratégia gramsciana de hegemonia cultural, através do *marxismo cultural* – e compartilham – daí seu caráter de *guerra fria* – da crença de que a *guerra fria* não acabou, elaborando uma visão de mundo extremamente dualista, na qual o tradicionalismo luta em duas frentes contra uma aliança profana de comunistas e liberais globalistas.

Conforme veremos, este grupo no Brasil orbita em volta da figura de Olavo de Carvalho, e recebe forte influência de setores paleoconservadores estadunidenses com os quais Olavo colabora regularmente.

4.1.2.1 A Guerra Fria não acabou! A teoria de Jeffrey Nyquist[79]

Jeffrey Nyquist se ampara em narrativas de desertores soviéticos durante a guerra fria, como Anatoliy Golitsyn[80] e Yuri Bezmenov[81], para argumentar que o colapso da União Soviética foi uma fraude, orquestrada para ludibriar os EUA em uma sensação de falsa segurança, enquanto a Federação Russa seguiria controlada por membros ligados à antiga *intelligentsia* soviética, dando continuidade à estratégia de enfraquecer os EUA, por meio de subversão ideológica, através de grupos de direitos civis, movimentos pacifistas, antinucleares, desarmamentistas e teóricos de conspiração (NYQUIST, 2010).

Seguindo esta tese, a guerra fria não acabou:

> [...] a Força Estratégica de Misseis Soviéticos continua em seu lugar, com a única diferença que agora tem uma placa escrita “Federação Russa” no lugar [...] o ‘colapso’ do comunismo foi parte de um plano [...] os ‘oligarcas’ capitalistas russos eram testa de ferro da KGB que foram simplesmente elevados ao status de bilionários pela agência. [...] sabemos que o núcleo comunista oculto continuou a reforçar seus objetivos. [...] Subversão e revolução, preparações para a guerra e propaganda antiamericana continuaram mesmo quando Putin estava

---

[79] O estadunidense Jeffrey Nyquist é formado em sociologia política pela Universidade da Califórnia. Colunista do Financial Sense Online, ex-colunista do World Net Daily, é autor do livro The Origins of the Fourth World War, e associado ao Inter-American Institute presidido por Olavo de Carvalho. É na verdade uma figura bastante obscura, com poucas menções públicas na internet, e nenhuma página oficial no *Facebook*.

[80] Ex-Major da KGB, desertou em 1961, expondo diversos agentes duplos trabalhando para a União Soviética nos serviços secretos britânicos e estadunidenses. Publicou, em 1984, o livro *New Lies for Old*, no qual defendia a tese de que o desvio da ortodoxia comunista então em curso seria uma estratégia para criar, no ocidente, uma falsa sensação de segurança, com a finalidade de prejudicar os EUA econômica e diplomaticamente. Em 1995, junto com Christopher Story, publicou o livro *The Perestroika Deception*, contendo memorandos enviados por Golitsyn à CIA, nos quais seguiu sustentando as teses apresentadas em seu livro anterior (ANATOLIY GOLITSYN, 2017).

[81] Jornalista e agente da KGB, desertou do bloco soviético em 1970, estabelecendo-se no Canadá. Tornou-se ativista anticomunista na década de 1980. Faleceu em 1993, no Canadá. (YURI BEZMENOV, 2017).

> apertando a mão de George W. Bush e tentando ser prestativo, após o 11 de setembro. (NYQUIST, 2014).

De acordo com esta tese, a infiltração comunista nos EUA não se limita a movimentos de esquerda, se estendendo a agências governamentais, universidades e jornais, e tem por objetivo a convergência entre capitalismo e comunismo, mas nos termos dos comunistas. A "socialização" da medicina, através do Obamacare, e a tentativa de incriminar Trump como agente russo são algumas das estratégias comunistas para a destruição os EUA (NYQUIST, 2014).

A tese de Nyquist (2010; 2014; 2017) sobre a permanência do projeto de poder soviético é similar à de Olavo de Carvalho sobre o Foro de São Paulo, como veremos adiante.

4.1.2.2 A *guerra fria* segue na América Latina: Olavo de Carvalho e o Foro de São Paulo.

Uma das principais teses de Olavo de Carvalho – que lhe rendeu durante muitos anos elogios de diversos setores da direita, de liberais a conservadores –, repetida por muitos que, posteriormente, se tornaram seus inimigos intelectuais, é a do papel do Foro de São Paulo na agenda política interna e externa dos governos petistas. O Foro de São Paulo é por ele descrito da seguinte forma:

> Foro de São Paulo é a mais vasta organização política que já existiu na América Latina e, sem dúvida, uma das maiores do mundo. Dele participam todos os governantes esquerdistas do continente. Mas não é uma organização de esquerda como outra qualquer. Ele reúne mais de uma centena de partidos legais e várias organizações criminosas ligadas ao narcotráfico e à indústria dos sequestros, como as Farc e o MIR chileno, todas empenhadas numa articulação estratégica comum e na busca de vantagens mútuas. Nunca se viu, no mundo, em escala tão gigantesca, uma convivência tão íntima, tão persistente, tão organizada e tão duradoura entre a política e o crime. (CARVALHO, 2007f).

O principal objetivo do Foro de São Paulo é, nesta narrativa, a construção de uma grande pátria bolivariana, centralizada no eixo Brasil-Cuba-Venezuela. Esta seria a explicação por trás da política

externa dos governos petistas, que investiriam dinheiro nacional nestes países e em outros, como a Bolívia, a favor do projeto de poder comunista na América Latina e em detrimento dos interesses nacionais.

4.1.2.3 A Estratégia Gramsciana e o Marxismo Cultural

A mais popular tese de Olavo de Carvalho e a com maior alcance dentro da “nova direita” é aquela pela qual o movimento comunista internacional, inspirado nas teses de Antonio Gramsci, Lukács e da Escola de Frankfurt (CARVALHO, 2002), passa a operar de forma distinta daquela do marxismo-leninismo responsável pela revolução russa. Nas palavras do professor Olavo:

> A revolução gramsciana está para a revolução leninista assim como a sedução está para o estupro.
>
> Para operar essa virada, Gramsci estabeleceu uma distinção, das mais importantes, entre "poder" (ou, como ele prefere chamá-lo, "controle") e "hegemonia". O poder é o domínio sobre o aparelho de Estado, sobre a administração, o exército e a polícia. A hegemonia é o domínio psicológico sobre a multidão. A revolução leninista tomava o poder para estabelecer a hegemonia. O gramscismo conquista a hegemonia para ser levado ao poder suavemente, imperceptivelmente. Não é preciso dizer que o poder, fundado numa hegemonia prévia, é poder absoluto e incontestável: domina ao mesmo tempo pela força bruta e pelo consentimento popular — aquela forma profunda e irrevogável de consentimento que se assenta na força do hábito, principalmente dos automatismos mentais adquiridos que uma longa repetição torna inconscientes e coloca fora do alcance da discussão e da crítica. O governo revolucionário leninista reprime pela violência as idéias adversas. O gramscismo espera chegar ao poder quando já não houver mais idéias adversas no repertório mental do povo. (CARVALHO, 1996, s/p).

A inversão dos valores tradicionais da sociedade é parte fundamental desta estratégia:

> [...] não basta derrotar a ideologia expressa da burguesia; é preciso extirpar, junto com ela, todos os valores e princípios herdados de civilizações anteriores, que ela de algum modo incorporou e que se encontram hoje no fundo do senso comum. Trata-se enfim de uma gigantesca operação de lavagem cerebral, que deve apagar da mentalidade popular, e sobretudo do fundo inconsciente do senso comum, toda a herança moral e cultural da humanidade, para substituí-la por princípios radicalmente novos, fundados no primado da revolução e no que Gramsci denomina "historicismo absoluto".
>
> O combate pela hegemonia requer uma pluralidade de canais de atuação informais e aparentemente desligados de toda política, através dos quais se possa ir injetando imperceptivelmente na mentalidade popular toda uma gama de novos sentimentos, de novas reações, de novas palavras, de novos hábitos, que aos poucos vá mudando de direção o eixo da conduta. (CARVALHO, 1996, s/p).

A estratégia gramsciana teria sido adotada pela esquerda brasileira no período do regime militar, quando, alijada da possibilidade de disputar o poder político, passaria a se dedicar integralmente à disputa hegemônica, dominando o setor artístico-cultural, as redações de jornais e o setor editorial, de tal forma que, chegado o período da redemocratização, existiria uma hegemonia esquerdista em tais áreas.

Diagnosticado o inimigo, passam estes ideólogos da direita – alertados por Olavo de Carvalho – então a clamar para o avanço de suas hostes – armados de penas e não espadas[82] – no campo cultural, a fim de dar combate a uma suposta *hegemonia* de esquerda neste campo, nas palavras de Rodrigo Constantino: “[...] a própria política normalmente segue os valores enraizados na sociedade, e quem quer mudar ou preservar uma civilização deve, acima de tudo, investir nesses valores, na cultura” (CONSTANTINO, 2017). A partir desta narrativa, a nova direita busca contestar às esquerdas em territórios outrora de monopólio “vermelho”: movimentos estudantis, de minorias e de gênero etc.

4.1.2.4 Antiglobalismo

---

[82] Mas geralmente tecendo um que outro elogio ao porrete.

Esta é uma tese antiliberal, com recortes conspiratórios, oriunda de setores da extrema direita estadunidense, e que coloca o *conservadorismo guerra fria* em confronto tanto com *conservadores liberais* quanto com *liberais.*

O antiglobalismo se caracteriza pelo medo de que existiria em curso um projeto liberal transnacional multiculturalista dedicado a objetificar as relações humanas, destruir os valores da civilização judaico-cristã e solapar os estados-nações criando uma nova ordem mundial supranacional liderada pelas elites financeiras do mundo, transformando-as em dinastias neo-aristocráticas. Nessa narrativa, socialistas e liberais andariam de mãos dadas, pois, a despeito de suas relações serem aparentemente conflituosas, ambos estão sob a influência dos mesmos mestres, geralmente apontados como George Soros, o *dono do mundo* e financiador do esquerdismo mundo afora (BORGES[83], 2014), e outros bilionários. Nas palavras do professor:

> Que o globalismo é um processo revolucionário, não há como negar. E é o processo mais vasto e ambicioso de todos. Ele abrange a mutação radical não só das estruturas de poder, mas da sociedade, da educação, da moral, e até das reações mais íntimas da alma humana. É um projeto civilizacional completo e sua demanda de poder é a mais alta e voraz que já se viu. Tantos são os aspectos que o compõem, tal a multiplicidade de movimentos que ele abrange, que sua própria unidade escapa ao horizonte de visão de muitos liberais e conservadores, levando-os a tomar decisões desastradas e suicidas no momento mesmo em que se esforçam para deter o avanço da "esquerda". A idéia do livre comércio, por exemplo, que é tão cara ao conservadorismo tradicional (e até a mim mesmo), tem sido usada como instrumento para destruir as soberanias nacionais e construir sobre suas ruínas um onipotente Leviatã universal. Um princípio certo sempre pode ser usado da maneira errada. Se nos apegamos à letra do princípio, sem reparar nas ambiguidades estratégicas e geopolíticas envolvidas na sua aplicação, contribuímos para

[83] Alexandre Borges é publicitário e já foi diretor do Instituto Liberal. Seu artigo sobre Soros foi republicado por Felipe Moura Brasil em sua coluna digital na Veja.

> que a ideia criada para ser instrumento da liberdade se torne uma ferramenta para a construção da tirania. (CARVALHO, 2009).

4.1.2.5 Aproximações e distinções entre o conservadorismo guerra fria e o conservadorismo populista.

Poder-se-ia levantar a objeção que os *conservadores guerra fria* seriam de fato uma versão tupiniquim do que se chama, nos EUA, de *conservadorismo populista*, intimamente ligado ao *paleoconservadorismo*[84] e a *alt-right*[85]*,* dissidência conservadora estadunidense que toma força na década de 1990, com a campanha presidencial independente de Pat Buchanan e que, mais de duas décadas depois, triunfa ao lado de Donald Trump[86], quando este é eleito presidente após superar o antagonismo da própria liderança do partido republicano, de caráter mais moderado e que até então havia logrado impedir a influência dos *populistas* dentro do partido republicano[87]. De

---

[84] Citado anteriormente, como ideologia de defesa ao retorno, nos EUA, de uma posição isolacioniosta em termos de política mundial, e a padrões de *small government*, tradicionalismo e padrões morais e culturais "ocidentais", em suma um retorno ao que creditam ter sido a intenção dos pais fundadores dos EUA (FRANCIS, 2002).

[85] Grupo heterogêneo e amorfo de conservadores e tradicionalistas de diversas correntes, cujo ponto em comum é a rejeição ao *establishment* republicano estadunidense, e que constituem a base eleitoral de Donald Trump. Uma descrição mais detalhada da *alt-right* pode ser encontrada em artigo de Bokhari e Yiannopoulos (2016), expoentes deste grupo.

[86] Steve Bannon, atualmente conselheiro do presidente dos EUA Donald Trump, outrora no comando de sua campanha eleitoral, é um dos diretores do portal de notícias *online* Breitbart News, santuário da *alt-right* nos EUA, difusora de teorias conspiratórias e teses geralmente renegadas pelo setor conservador tradicional estunidense (INGRAM, 2016; STOREY, 2017). Emprega linguagem e retórica propositalmente ofensiva, a exemplo de uma matéria intitulada *Does feminism make women ugly?* (YIANNOPOULOS, 2015).

[87] Jeff Greenfield (2016), escrevendo para a *Político Magazine*, faz a seguinte comparação entre Trump e Buchanan, já no título de seu artigo: *Trump is Pat Buchanan with better timing*. Esta comparação reforça a ideia de que a vitória de Trump, ao invés de uma surpresa inesperada e imprevisível, seja fruto da evolução de uma corrente política marginalizada da direita americana que, após mais de três décadas ocupando as beiradas do sistema político, encontrou uma conjuntura específica – que inclui o desgaste do *establishment* tradicional – que

fato, os conservadores *guerra fria* apoiam Trump[88] – outra diferença destes em relação aos conservadores liberais[89] –, mas existe um aspecto no qual os conservadores *guerra fria* se distinguem de forma incontestável dos conservadores *populistas*: os conservadores *populistas* não compartilham da tese de que a *guerra fria* não acabou! Algumas das principais propostas de campanha de Trump em relação à política externa giravam em torno da ideia de reduzir o papel dos EUA na política global, afastar-se de aliados tradicionais, aproximar-se de inimigos e rever alianças militares realizadas no âmbito da guerra fria, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte/OTAN e as alianças militares com o Japão e a Coréia do Sul (FISHER, 2016).

Essas diretrizes de política externa são consoantes com a visão do *conservadorismo populista* a respeito daquele que seria o principal conflito político-cultural do século XXI:

> As the decisive struggle in the second half of the 20th century was vertical, East vs. West, the 21st century struggle may be horizontal, with conservatives and tradicionalists in every country arrayed against the militant secularism of a multicultural and transnational elite. (BUCHANAN, 2013).

Tanto Buchanan (2013), quanto Bannon (2014) não consideram a Federação Russa e Vladimir Putin inimigos inconciliáveis – ao contrário de Nyquist e Olavo de Carvalho –, elogiando-o cautelosamente por suas posturas tradicionalistas e argumentando que os verdadeiros inimigos da civilização ocidental são a elite transnacional multiculturalista e o

---

lhe permitiu a conquista do mais disputado cargo político do país. Sua vitória, de acordo com Levin (2016a; 2016b), sinaliza para uma reorganização permanente do jogo de forças da direita estadunidense.

[88] O fato de que a eleição dos EUA tenha sido um tópico tão apaixonado de discussão no Brasil, e em especial entre a nova direita, seria tema para outra dissertação. No momento, posso apenas destacar que todo o debate da "nova direita" é constantemente remetido a intelectuais e políticos estadunidenses, e os recortes da "nova direita" por aqui são bastante similares ao recorte existente nos EUA. A semelhança também se repete na forma de atuação dos polemistas públicos nos dois países: há uma *performance* comum.

[89] Embora seja possível encontrar liberais e conservadores liberais que tenham declarado suporte parcial a Donald Trump, geralmente como a melhor alternativa em relação a Hillary Clinton, mas jamais enquanto candidato ideal; os conservadores *guerra fria* se destacaram por um apoio quase irrestrito a este.

radicalismo islâmico. Nyquist (2014; 2017) considera o não reconhecimento da Federação Russa enquanto continuação da União Soviética um erro grave por parte da *direita populista* estadunidense.

E é aqui, e também no sistemático ataque à direita anti-semita[90], que a *direita guerra fria* se diferencia da *direita populista*.

4.1.2.6 Representantes do Conservadorismo Guerra Fria

O *conservadorismo guerra fria* é indissociável da figura de Olavo de Carvalho e, ao menos em suas formulações mais puras, restrito ao círculo – numericamente não desprezível – de seus seguidores. Dentre esses seguidores fiéis apenas Felipe Moura Brasil, colunista da Veja, figura na mídia tradicional; mas muitos atuam como celebridades menores nas redes sociais, como Ana Caroline Campagnolo[91], os *youtubers* Conde Loppeux de la Villanueva[92], e Nando Moura[93].

Esta corrente de pensamento não é tão influente quanto outras junto aos principais movimentos que chamaram as manifestações pelo *impeachment* de Dilma Roussef, restringindo-se basicamente ao *Revoltados OnLine* de Marcello Reis[94]; nem junto à classe política, na qual se identifica apenas com o clã Bolsonaro; e muito menos junto aos principais *Think Tanks* brasileiros, quase todos de orientação *liberal*.

---

[90] Acusada de nazismo e fascismo, ideologias de esquerda na cosmologia desta linha de pensamento.

[91] Pedagoga formada pela UFSC, dedicada a combater o marxismo cultural na educação pública. Chegou a ser citada por Rodrigo Constantino (2014) – em sua coluna online na Veja – quando se envolveu em uma discussão com a deputada estadual do PT-SC Luciana Carminatti. Também administra a página de *Facebook “Musas Olaavettes”*.

[92] Pseudônimo no *youtube* de Leonardo Bruno, que também publica – com seu nome verdadeiro – no Mídia Sem Máscara. Tem 28 mil inscritos em seu canal do *youtube*, e mais de 3 milhões de visualizações em seus vídeos.

[93] Metaleiro conservador, com mais de 1 milhão de seguidores, e 220 milhões de visualizações no *youtube*.

[94] Que praticamente desapareceu de cena ao final do processo de *impeachment*. Em meados de 2016 teve sua página excluída do Facebook, o que atribuiu à censura do governo... Criou uma nova página, mas que jamais alcançou a popularidade da primeira. Aparentemente se desentendeu com diversos grupos e atores dentro dos outros movimentos de direita, aonde por vezes já não era muito bem-vindo por conta de seu radicalismo. Desconheço todas as razões por trás do declínio do grupo, mas nas manifestações de 2017 este já não figurava entre os principais protagonistas destas.

Mas, ao mesmo tempo, é aquela cujos mantras mais ecoam através da "nova direita" como um todo.

4.1.3 Aproximações e distinções entre conservadores liberais e conservadores guerra fria

Minha tese a respeito da distinção entre os dois grupos é bastante simples na verdade: os *conservadores liberais* têm conteúdo ideológico *liberal*, e os *conservadores guerra fria*, a despeito de sua defesa de uma economia de mercado são, essencialmente, *antiliberais*. Poder-se-ia dizer que não são *burkeanos*, e certamente não o são, no sentido da tradição burkeana encontrada no pensamento de Levin (2014) e Coutinho (2014), mas esta é uma acepção falsa, pois sua cosmologia é similar àquela de Burke, em especial nos escritos deste contra a revolução francesa, naquele Burke de tom mais aristocrático, que enxergava na Revolução Francesa a mão de uma cabala internacional, que pouco a pouco subvertia as mentes da Europa, solapando a tradição, com vistas a constituir um império iluminista europeu (LEVIN, 2014), uma *nova ordem mundial*. As semelhanças entre a narrativa burkeana sobre a Revolução Francesa e as narrativas de Nyquist e Olavo de Carvalho são muitas. Mas conservadores liberais como Levin e Coutinho preferem enfatizar o Burke da prudência, do governo limitado e do livre-mercado, que caracteriza o conservadorismo mais ameno britânico – e este certamente não é o caso do *conservadorismo guerra fria*.

A respeito das aproximações, praticamente toda a nova direita reconhece, em maior ou menor grau, a importância de Olavo de Carvalho como o primeiro intelectual a chamar publicamente a atenção do país para a hegemonia cultural da esquerda e para o projeto de poder comunista dos governos petistas e do Foro de São Paulo, aparentemente ocultos por trás dos sorrisos de um então presidente Lula moderado e amigo do empresariado nacional. Olavo de Carvalho é o indivíduo mais influente, ao menos intelectualmente, dentre todos os atores da "nova direita", mesmo não desfrutando de influência política efetiva – a ponto de que essa corrente, no Brasil, poderia ser chamada de *conservadorismo olaviano*.

4.1.4 O Conservadorismo Moralista

Esta construção tipológica se baseia fortemente na análise que Pierucci (1987) fez dos ativistas paulistanos de direita que participaram

das campanhas de Jânio Quadros em 1985 e Paulo Maluf em 1986, a qual julgo representativa das concepções e sentimentos de parte significativa do público dos intelectuais conservadores da "nova direita", uma espécie de conservadorismo de senso comum:

> Seu tique mais evidente é sentirem-se ameaçados pelos outros. Pelos delinquentes e criminosos, pelas crianças abandonadas, pelos migrantes mais recentes [...], pelas mulheres liberadas, pelos homossexuais [...], pela droga, pela indústria da pornografia mas também pela permissividade geral, pelos jovens, cujo comportamento e estilo de pôr-se não estão suficientemente contidos nas convenções nem são conformes com o seu lugar na hierarquia das idades, pela legião de subproletários e mendigos que, tal como a revolução socialista no imaginário de tempos idos, enfrenta-se a eles em cada esquina da metrópole, e assim vai. Eles têm medo. Abandonados e desorientados em meio a uma crise complexa, geral, persistente, que além de econômica e política é cultural, eles se crispam sobre o que resta de sua identidade em perdição, e tudo se passa como se tivessem decidido jogar todos os trunfos na autodefesa. "Legítima defesa" é, assim, um termo-chave em seu vocabulário. Esta autodefesa, que é *prima facie* a proteção de suas vidas, de suas casas e bens, da vida e da honra de seus filhos, sua família, é também a defesa de seus *valores* enquanto defesa de si. (PIERUCCI, 1987, p. 26).

Esta postura conservadora tem, como características principais, medo e agressividade em relação aos *outgroups*, transformando-os em bodes expiatórios de todo o tipo de mazelas sociais, em especial a insegurança das grandes cidades. Este conservadorismo idealiza uma época de ouro, na qual, reinando a moral e os bons costumes, não havia tantos bandidos e outros tipos "transgressores". Ele pede segurança policial e penas mais severas para o crime, é contrário a políticas minoritárias, não compartilha do liberalismo econômico de seus chefes – para além do discurso meritocrático – e defende saúde e educação públicos. Este descompasso ideológico entre os lideres e os ativistas de baixo escalão da direita, identificado por Pierucci lá no final da década de 1980, também foi aparente nas manifestações pelo *impeachment* de

Dilma Roussef (MONTEIRO, 2016).

O *conservadorismo moralista* não tem interesse por grandes elaborações teóricas – conservadoras ou liberais –, a ele interessa a defesa de um estilo de vida, e a ele a retórica moralista de um conservador ressoa mais fácil do que os sofisticados argumentos a favor de uma sociedade com alicerces amplamente liberais.

4.2 O grupo ideológico liberal

O grupo *liberal* contém quatro categorias: três delas diferem em relação a posturas, *liberais-conservadores*, *liberistas* e *liberais sociais*; a ultima, os *libertarianos*, agrupa as diversas vertentes radicalizadas do *liberalismo*.

4.2.1 Liberais-Conservadores, Liberistas e Liberais Sociais

Rodrigo Constantino (2016) afirma, com certa razão, que não existem liberais-conservadores, ou liberais-sociais, pois o programa político de um liberal "autêntico" não mudaria pelo fato deste possuir uma postura pessoal mais conservadora ou progressista: "[...] você pode ser tudo isso e, ainda assim, ser um liberal radical, bastando apenas que você não defenda o uso dos poderes de polícia do estado para impor aos demais os seus valores ou obrigá-los a rezar pela sua cartilha" (CONSTANTINO, 2016, s/p). Esta lógica se aplicaria apenas ao projeto final de um programa liberal, a um *estado mínimo* de fato. Porém, como não existe um *estado mínimo* nos padrões liberais em lugar algum do mundo, os liberais em sua prática política focam seus esforços em implementar políticas liberais em setores específicos, e quais setores são priorizados ou não são fortemente afetados pelas posturas dos liberais em relação a questões de cunho social e cultural. No que concerne a atuação dos liberais na arena política brasileira, e ao escopo deste estudo, seus discursos na *internet*, a distinção entre liberais conservadores, modais ou sociais faz sentido.

Liberais Conservadores – Liberais que acreditam na importância das tradições para a manutenção tanto da democracia, quanto da economia liberais. Aqui também existe uma linha tênue entre estes e os *conservadores liberais*. Poderíamos dizer que haveria uma diferença de disposição: o conservador liberal estaria mais disposto a exigir que o Estado incorpore suas crenças morais, enquanto o liberal conservador, embora partilhe pessoalmente da moral conservadora, seria

contra a interferência do Estado em questões morais de forma geral, estando na verdade mais preocupado com a possibilidade de que a interferência estatal exerça poderes coercitivos contrários a suas crenças morais. O caráter do neoevolucionismo e o darwinismo social *a la* Hayek aparecem eventualmente em seus discursos, na maior parte das vezes de forma camuflada e vulgar, sob a égide da meritocracia. Um exemplo de *liberal conservador* poderia ser encontrado na postura de Rodrigo Constantino de 2013 em diante, quando renunciou a suas posições prévias a favor de liberação de costumes e rompimento com as tradições, e passou a defender o caráter essencial da moralidade judaico-cristã para a manutenção do livre-mercado.

Liberistas – Enquadra discursos e atores que, de forma geral, discutem apenas os aspectos econômicos do liberalismo, sem grandes radicalismos e evitando entrar em questões morais, desvinculando-se daquilo que Merquior (1991) chama de convicção ou ética liberal, ou seja, evitando extrapolar os princípios de liberdade que justificam o livre-mercado para outras áreas da vida social. É o discurso da maior parte dos *think tanks* mais prestigiados, como o Millenium e o Instituto Liberal, que, de forma geral, tratam apenas de temas econômicos. Pode-se enquadrar aí também o MBL. O neoliberismo, desprovido de posicionamentos a respeito de questões morais, aparenta ser menos uma convicção do que uma posição tática, que visa evitar conflitos tanto com setores conservadores, quanto com setores progressistas; a este arranjo tático é dado o nome de fusionismo (MAUAD, 2014)

Liberais-Sociais – Não devem ser confundidos com defensores do keynesianismo, que historicamente se tornou uma bandeira da social-democracia. Diferenciam-se de outros liberalismos por uma questão de postura, uma preocupação – ao menos discursiva – com os destinos das parcelas menos favorecidas da sociedade, seguida da crença de que a desregulamentação econômica as beneficiaria, aumentando suas possibilidades de autoaperfeiçoamento. Não são, entretanto, estatofóbicos radicais, defendendo programas como o Bolsa-Família, mas criticando a atuação do BNDES, chamado de Bolsa-Empresário. Incorporam a dimensão ética e moral do liberalismo relegada a segundo plano pelos neoliberistas. Entre atores que podem ser enquadrados neste grupo, temos o Instituto Mercado Popular e o embrionário Partido Social Liberal. Sua distinção de outros liberais pode ser grosseiramente representada por uma frase de Fábio Ostermann[95], do PSL: "ser liberal é

---

[95] Cientista político, presidente do PSL/RS, foi candidato a prefeitura de Porto Alegre nas eleições de 2014. Foi um dos fundadores do MBL, do qual se

defender que casais homossexuais tenham o direito de ter armas para proteger suas plantações de maconha" (OSTERMANN, 2014b).

4.2.2 Libertarianos

Aqui se enquadram os antiestatistas radicais, o que inclui tanto aqueles de postura moral conservadora, como Rothbard, quanto os de uma postura moral liberal, como Nozick. Diferenciam-se não por programas e proposições, mas por postura e finalidades[96]. Para distingui-los, me apropriarei da definição de Jeffrey A. Tucker (2014), o qual divide os libertários entre *brutalistas* e *humanistas*. *Brutalistas são aqueles que* se atêm aos postulados fundamentais do libertarianismo por crer que a intervenção estatal interfere na ordem espontânea e natural, que é essencialmente desigual e hierárquica. Desejam a liberdade para garantir o poder dentro dos limites da propriedade privada. Valorizam o chamado "politicamente incorreto". *Humanistas*, desejam a liberdade econômica para garantir que as pessoas possam viver de acordo com suas preferências individuais, envolvendo-se apenas em trocas voluntárias, reduzindo o papel do poder e do privilégio na sociedade.

No universo deste trabalho, as posições libertarianas podem ser encontradas em *think tanks* como o Instituto Mises Brasil, e em portais como o *LiberZone*.

---

afastou em novembro de 2015 por divergências a respeito da atuação do movimento (LARA, 2016).

[96] O tamanho e a significância reduzida dos libertarianos, junto ao número excessivo de correntes e subdivisões– a diferenciação de Tucker é a mais sintética que encontrei, mas não é a única e nem a mais aceita –, fatores aos quais se adiciona o fato de que estes costumam dividir os mesmos espaços de discussão e publicação virtuais, são as razões pelas quais optei por condensar grupo tão diverso em uma mesma categoria, reservando-me o direito de diferenciá-los apenas quando necessário.

4.3 Quadro final das categorias tipológicas

Quadro 3 – Categorias tipológicas em grandes grupos

<table>
<tr><td rowspan="3">Conservadores</td><td>Conservadores Guerra Fria</td></tr>
<tr><td>Conservadores Moralistas</td></tr>
<tr><td>Conservadores Liberais</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Liberais</td><td>Liberais Conservadores</td></tr>
<tr><td>Libertarianos</td></tr>
<tr><td>Liberistas</td></tr>
</table>

Fonte: Elaborado pelo autor

5 CARTOGRAFIA DAS REDES DA NOVA DIREITA

Aqui serão apresentados os mapas gerados pelo programa *Gephi*[97], a partir de dados obtidos da rede social *Facebook* através do aplicativo de coleta de dados *NetVizz*. A coleta dos dados utilizados para a composição dos mapas foi realizada no dia 1 de Junho de 2016, nas fases finais do processo de afastamento da então presidente Dilma Roussef, originalmente com o propósito de subsidiar minha participação em um debate sobre o *impeachment* no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, organizado pelo Prof. Dr. Jacques Mick. Posteriormente optei por incluir esta coleta em minha dissertação, inicialmente com o propósito de realizar uma cartografia comparativa, comparando a de Junho de 2016 à uma coleta, que chegou a ser realizada, em fevereiro de 2017, ou seja, comparando a rede da nova direita nos períodos pré e pós *impeachment*, e esta é a razão pela qual a checagem individual das páginas cartografadas em 2016 foram realizadas apenas em 2017. Entretanto, limitações de tempo, assim como dificuldades que eu encontrei no uso do programa *Gephi*, me obrigaram a utilizar apenas a coleta de 2016. Porém creio que esta redução no escopo da cartografia não lhe diminuiu a riqueza, adicionalmente, a maior parte das mudanças nas articulações da nova direita entre os dois períodos, puderam ser compreendidas a partir das observações netnograficas que realizei no período.

Listarei aqui uma lista de termos técnicos, e seus significados, que serão frequentemente utilizados neste capítulo.

Grafo: representação gráfica de uma rede interativa (MEDEIROS *et al*, s/d).

Nó: são as bolas no grafo, nesta cartografia cada nó representa uma *fanpage* no *Facebook*.

Aresta: são as linhas que ligam os nós, indicativos de conexão entre estes; nesta cartografia, tais conexões ocorrem quando uma *fanpage* dá uma *curtida* em outra[98].

Cluster: conjunto de nós fortemente conectado; representadas na cartografia por cores diferentes.

Layout: algoritmo que determina a espacialização do grafo (MEDEIROS *et al*, s/d).

Filtros: retiram do gráfico àqueles componentes que não

---

[97] Foi utilizada a versão 0.9.1 deste, no sistema operacional Windows 7.

[98] Os *links* das *fanpages* que uma *fanpage* curtiu aparecem em uma barra lateral do navegador quando acessada.

correspondem a certos critérios selecionados pelo usuário.

Abaixo segue a descrição de métricas utilizadas na cartografia:

Grau: número de conexões que entram e saem de um nó, aqui o número de *curtidas* dadas e recebidas por um nó.

Grau de Entrada/GE: número de conexões que um nó recebe de outros, aqui o número de *curtidas* recebidas por um nó.

Centralidade de intermediação/CI: mede a frequência com que um nó aparece nos caminhos mais curtos entre nós das redes. Nós com alto valor de CI representam os principais pontos de articulação entre os diversos grupos da rede[99].

Centralidade de Autovetor/CA: Uma medida da importância do nó na rede baseada na qualidade de suas conexões. Enquanto o *Grau de Entrada/GE* atribui o mesmo peso a todas as conexões – informando apenas a quantidade de conexões –, a *Centralidade de Autovetor* dá peso maior às conexões realizadas com nós que sejam, por sua vez, bem conectados (FRANCESCHET, s/d). Neste trabalho o uso desta medida significa que a *curtida* de uma página que, por sua vez, possua muitas *curtidas* tem maior valor do que a *curtida* de uma página menos conectada na rede.

Modularidade: define os *clusters* da rede de acordo com a força de suas conexões.

5.1 Cartografia da nova direita durante o processo de *impeachment* em 2016

A coleta de dados para esta cartografia foi realizada no dia 1 de junho de 2016. Antes da coleta criei uma *fanpage* no *Facebook* com o nome de *Observatório da Nova Direita*, e *curti* dezesseis páginas: MBL – Movimento Brasil Livre, Revoltados OnLine, Vem Pra Rua Brasil, Movimento Liberal Acorda Brasil, Mídia Sem Máscara, Olavo de Carvalho, Instituto Liberal/IL, Instituto Millenium/IMIL, Instituto Ludwig Von Mises – Brasil/IMB, o Libertários/LIBER, Partido NOVO, Estudantes pela Liberdade/EPL, Libertarianismo, LiberZone e Mercado Popular.

Em seguida utilizei o aplicativo NetVizz para coletar uma *page*

---

[99] Medida criada no final da década de 1970 para a análise de grandes redes de indivíduos, com o objetivo de “[...] expressar a influência que o indivíduo [...] poderia exercer sobre os seus pares em uma rede de comunicação do mundo real” (FREITAS, 2010).

like network a partir minha página – *Observatório da Nova Direita* – com dois graus de profundidade[100], que é o máximo permitido pelo aplicativo. As informações coletadas pelo NetVizz são transformadas em um arquivo, que por sua vez é aberto pelo *Gephi* e transformado em *grafo*. Já no *Gephi* acessei o *laboratório de dados*[101], e excluí páginas que pudessem distorcer a cartografia por seu alto número de *curtidas* e que ao mesmo tempo não eram relevantes ao trabalho, como por exemplo a página oficial do *Facebook*. Optei também por excluir as páginas de veículos da mídia tradicional, e também portais de notícias que não fossem claramente ideológicos[102].

No total foram excluídas 290 páginas[103], das quais 10 eram relacionadas a direitos animais – como a página do Greenpeace Brasil –; 36 a páginas oficiais de empresas – como *Apple*, *Nike* e *Facebook*; 8 páginas de diferentes ramos do exército brasileiro[104] –; 9 relacionadas a jogadores e clubes de futebol; 26 páginas oficiais ligadas ao governo; 36 páginas com ligações fracas na rede ou não relacionadas ao tema da pesquisa – como uma página de **imóveis a venda em Miami,** uma de pessoas desaparecidas e outra sobre a cantora Laura Pausini; 158 veículos de mídia não claramente ideológicos; 14 páginas relacionadas ao exército estadunidense e agências como o FBI; 2 páginas de aplicativos de *Facebook*; 2 páginas de países, EUA e Venezuela; e 8 páginas relacionadas a políticos da esquerda, como Lula, Dilma Roussef, Cristovam Buarque e Barack Obama. Este excesso de páginas pode ser atribuído à Revoltados OnLine, que deu *curtidas* em diversas páginas não relacionadas a política. Após estas exclusões, restaram 522 nós e 2948 arestas.

Em seguida rodei os algoritmos para o cálculo de estatísticas

---

[100] O primeiro grau de profundidade compreende as páginas conectadas à página-núcleo, no caso o *Observatório da Nova Direita*, e o segundo grau compreende as páginas conectadas às páginas do primeiro grau.

[101] Seção do programa na qual é possível visualizar as informações coletadas em tabelas textuais e numéricas, as quais podem ser exportadas em um formato que pode ser aberto no programa *Excel*.

[102] Esta foi uma escolha difícil, mas a redução do número de páginas era essencial para obter um mapa mais limpo e analisável. De qualquer forma, a investigação da ligação da nova direita com a mídia tradicional é mais claramente identificável pela presença de atores que atuem nestes meios do que pelo simples fato de uma página ter *curtido*, por exemplo, as revistas *Exame* ou *Superinteressante*.

[103] A listagem destas páginas pode ser encontrada nos anexos.

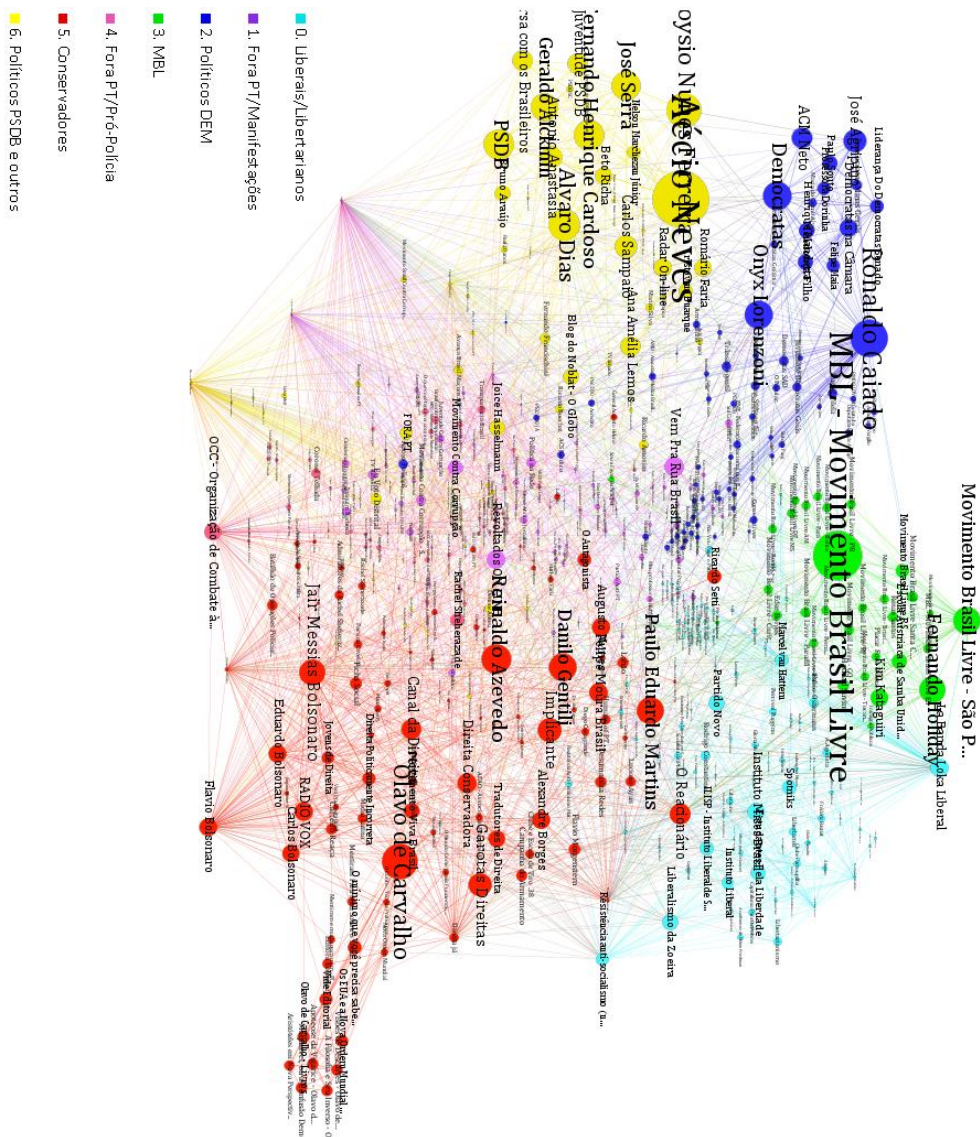
[104] As quais eram estritamente informativas e sem caráter político.

como *Grau Médio, Comprimento Médio de Caminho*[105]*, Centralidade de autovetor* e *Modularidade.* Utilizando o *layout* Force Atlas[106], e vinculando o tamanho dos nós a partir de seus valores de *Centralidade de autovetor*, ou seja, do peso relativo de suas conexões diretas, o resultado foi a bagunça que pode ser vista na Figura 3.

---

[105] Que possibilita a obtenção do valor para a *Centralidade de Intermerdiação.*

[106] O Force Atlas é um algoritmo de distribuição que tem o objetivo de representar visualmente as ligações entre nós pertencentes a distintos grupos, criando mapas de suas interações (MEDEIROS *et al*, s/d).

Figura 3 – Rede de conexões entre páginas da direita no Facebook (2016 sem filtros, tamanho dos nós vinculados a CA).

Fonte: elaborado pelo autor utilizando o programa *Gephi 0.9.1*.

O resultado é um mapa com 522 nós, 2948 arestas e sete classes de modularidade/clusters[107].

Classificando as páginas de acordo com seus valores de *centralidade de autovetor*, que mostra as mais bem conectadas da rede, o primeiro lugar fica para a página de Aécio Neves e outros; seguido pelas do MBL, Ronaldo Caiado, Olavo de Carvalho e Aloysio Nunes Ferreira. Verifica-se aqui a presença de três atores políticos tradicionais, dois do PSDB mineiro e paulista e um do DEM goiano, os quais tentavam capitalizar politicamente a efervescência dos movimentos pelo *impeachment*, carentes de lideranças políticas efetivas. Representando os movimentos políticos que chamaram o *impeachment* está o MBL, de teor liberal. E o único intelectual presente é Olavo de Carvalho, conservador guerra fria, o que é simbólico de sua relevância[108]. A presença destes cinco atores no topo de influência da rede é bastante simbólica do momento: liberais e conservadores unidos contra o PT, junto a três figuras proeminentes dos principais partidos da oposição.

Já em um *ranking* de valores mais altos de *centralidade de intermediação*, o qual mostra não as páginas mais bem conectadas, mas aquelas que formam pontes entre os pontos mais afastados da rede, temos as seguintes páginas entre as cinco primeiras, em ordem: La Banda Loka Liberal, OCC – Organização de Combate à Corrupção, Ronaldo Caiado, MBL e Brasil Melhor. Apenas duas, MBL e Ronaldo Caiado, figuravam na lista anterior. La Banda Loka Liberal é ligada ao MBL atuando como uma espécie de "escola de samba" que executava marchinhas carnavalescas com letras antipetistas, pró-impeachment e de *zoeira* com a esquerda de forma geral; apesar do nome, não pode ser classificada nem de *liberal*, nem de *conservadora*, se encaixando naquilo que pode ser chamado de *direita zoeira*[109]. A OCC – Organização de Combate a Corrupção é, essencialmente, uma difusora de conteúdo; exibe em sua foto de capa uma faixa com os dizeres: "Não à ditadura comunista no Brasil", e antes do *impeachment* acusava, em seu blog, Michel Temer de ser "o novo agente do Foro de São Paulo" (OCC ALERTA BRASIL, 2016), o que demonstra sua clara associação

---

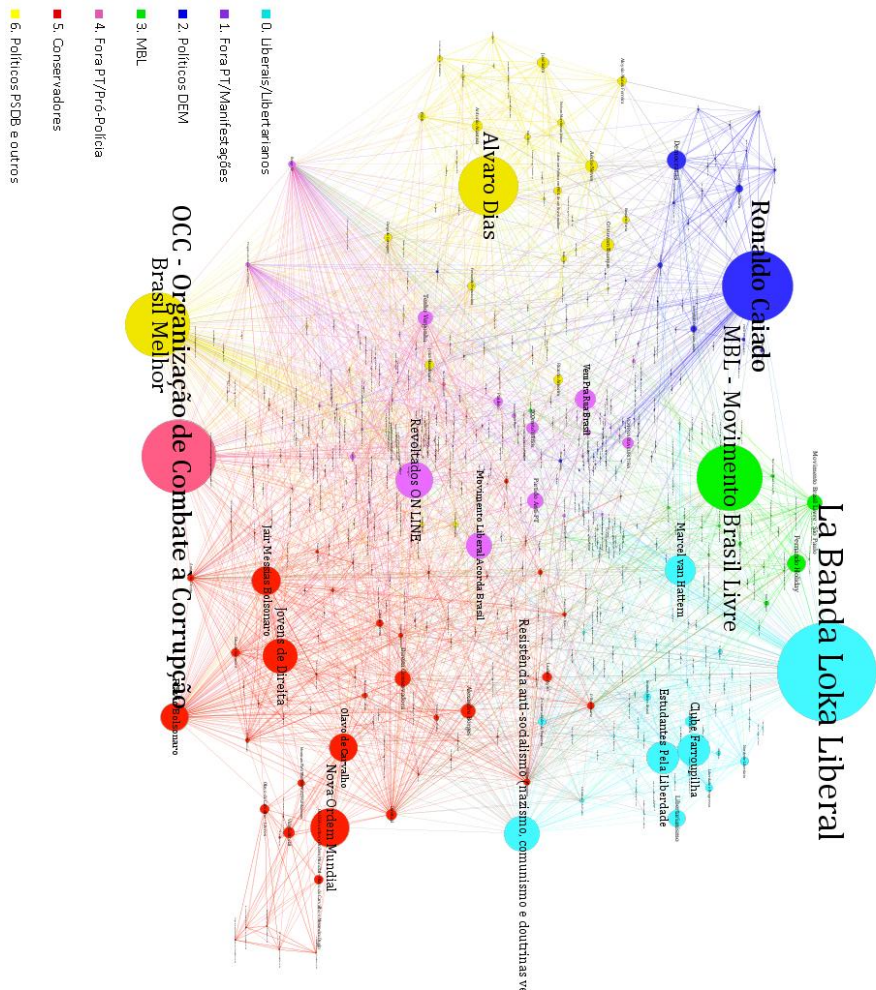
[107] Cuja numeração no programa começa em zero, o que repeti aqui.

[108] Rankeando as páginas pelo critério de CA, só vamos encontrar outro intelectual – e discípulo de Olavo, Felipe Moura Brasil – na trigésima segunda posição!

[109] A descrição de sua página no Facebook é: "O bloco de rua da zoeira capitalista e opressora. Vem magoar socialistas com a gente!!!"

ao conservadorismo guerra fria. Já a página Brasil Melhor[110] é mais uma, dentre muitas páginas difusoras de conteúdo, cujas publicações são quase que exclusivamente notícias das investigações da lava-jato acompanhadas de comentários contrários à corrupção na classe política e a favor de Sérgio Moro, da Lava Jato e da prisão de políticos. Ao contrário da maior parte das páginas desse gênero, é crítica ao governo Temer, mas não possui conteúdo ideológico que permita caracterizá-la enquanto conservadora, liberal ou sequer de direita. Vinculando o tamanho dos nós do grafo a seu valor de CI, obtemos um mapa significativamente diferente do anterior (Figura 4).

[110] A página original de 2016 foi excluída, mas foi criada uma nova.

Figura 4 - Rede de conexões entre páginas da direita no Facebook (2016 sem filtros, tamanho dos nós vinculados a CI).

Fonte: elaborado pelo autor utilizando o programa *Gephi 0.9.1*.

Um ranking das cinco páginas mais populares, de acordo com seu número de curtidas, apresentaria em ordem as seguintes páginas: 1) Danilo Gentili, o humorista que alavancou sua carreira falando mal de políticos e do PT, com 12,5 milhões de curtidas, valor impressionante e igual à soma das curtidas dos próximos quatro colocados; 2) Aécio

Neves, então ainda nas graças da nova direita[111]; 3) Jair Messias Bolsonaro, o *bolsomito*, ícone dos conservadores mais radicais e terror dos moderados, uma figura polarizadora dentro da nova direita; 4) Marina Silva, uma figura surpreendente considerando que ela não é de direita, mas que nas eleições de 2014 ficou em terceiro lugar com seu discurso de *terceira via*; 5) Rachel Sheherazade, que se destacou por ser uma das primeiras jornalistas televisivas em TV aberta – junto a Paulo Eduardo Martins – e fora dos círculos de noticiários policiais, a colocar de lado aparências de objetividade e dar vazão a discursos claramente direitistas, de teor *conservador moralista* e amplo alcance social.

Finalmente, um *ranking* das páginas mais mencionadas no período: 1) Movimento Contra Corrupção, movimento político fundado em 2013, com foco em projetos de transparência na administração pública, leis para transformar corrupção em crime hediondo e fim de subsídios a detentores de cargos públicos eletivos, além de petições pontuais, como pedidos de cassação a políticos como José Genoíno, Renan Calheiros e Paulo Maluf; sua tipificação ideológica é confusa: é essencialmente uma página "anti-corrupção", mas que se manifestou a favor das reformas trabalhista e da previdência, o que permite que ela seja classificada, ao menos, como de *direita*; 2) o já citado MBL; 3) o senador do PV-PR Alvaro Dias; 4) o deputado estadual do PSDB-SP Coronel Telhada, notório linha-dura; e 5) o icônico Jair Messias Bolsonaro.

O uso de diferentes critérios de classificação deu resultados significativamente distintos. Embora forneçam dados interessantes sobre o período, curtidas não indicam a influência dos atores na rede, assim como menções, as quais indicam apenas que em um período bastante restrito, de sete dias antes da coleta, aquela página vinha sendo frequentemente citada no Facebook[112]. São úteis como critérios auxiliares, porém a análise da rede como um todo é mais proveitosa a

---

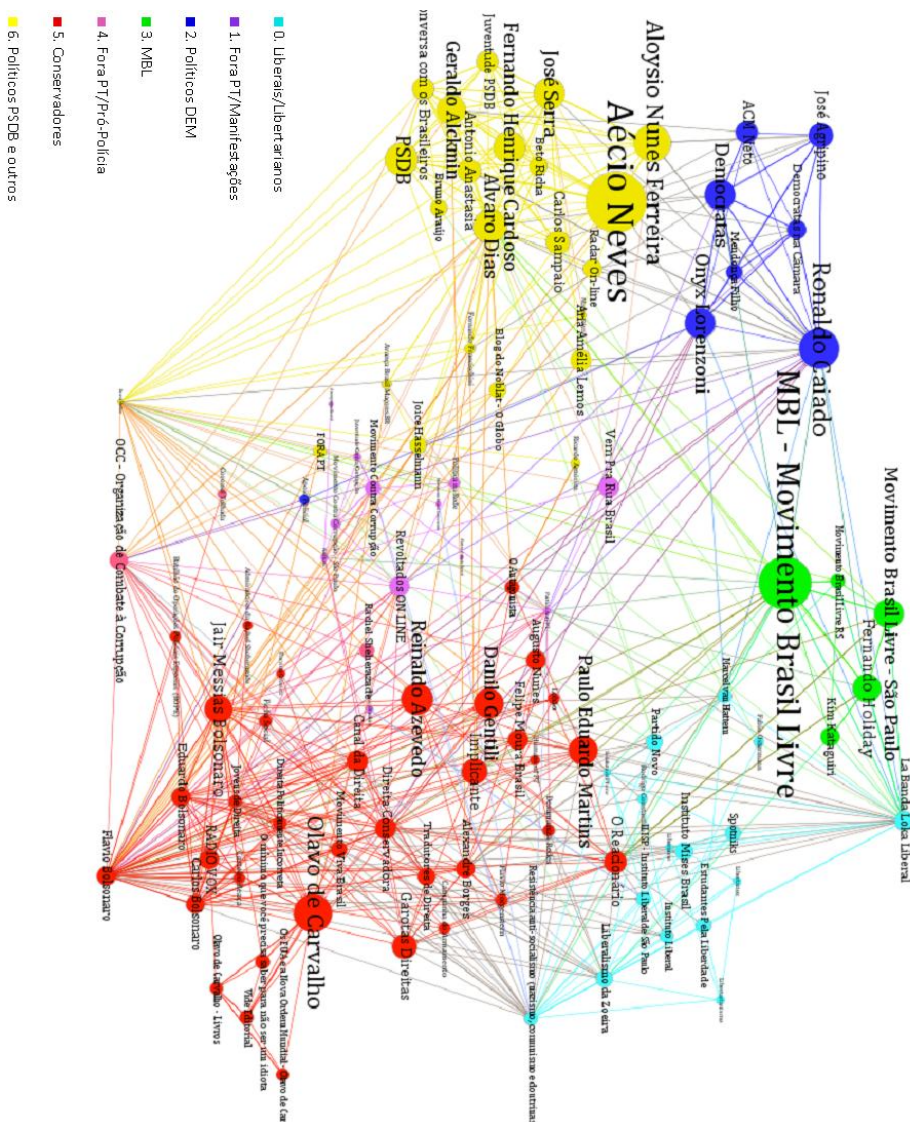
[111] Aécio Neves falhou em capitalizar a efervescência de 2016, tendo demorado para apoiar publicamente o *impeachment*. Posteriormente, a frequência com que seu nome apareceu junto a Lava Jato, o levou a se tornar, de potencial aglutinador das vozes da direita antipetista, a *persona non gratae*, ao ponto de ter sido um dos políticos sepultados simbolicamente em reduzida manifestação contra a corrupção realizada em Brasília no dia 26 de março de 2017(BRANDÃO, 2017).

[112] Alvaro Dias e Coronel Telhada, por exemplo, tinham um número de menções mais elevado que seu número de curtidas, o que é, de forma geral, bastante incomum.

partir de outros critérios. O valor de *centralidade de intermediação* também fornece dados interessantes, porém indica apenas as principais pontes da rede, não seus nós mais influentes. Resta o valor de *centralidade de autovetor*, que mostra as páginas mais bem conectadas da rede e fornece o que eu acredito ser o melhor critério de avaliação da relevância das páginas na rede.

Para realizar a análise dos *clusters*, irei utilizar alguns dos recursos de filtragem do *Gephi* com o objetivo de deixar o mapa visualmente mais limpo e reduzir a quantidade de dados na análise. Na representação gráfica abaixo (Figura 5), utilizei um filtro para deixar à mostra apenas aqueles nós com *grau de entrada* ≥ 9 [113], restando 103 nós (19,73% do total) e 667 arestas (22,63% do total); mantive o tamanho dos nós relativo a seu valor de *centralidade de autovetor*.

[113] Optei por realizar a filtragem utilizando o valor de *grau de entrada*, e não o de *centralidade de autovetor*, para priorizar aquelas páginas com um grande número relativo de conexões na rede. Ao testar a opção de filtragem por *centralidade de autovetor* concluí que esta acabava por incluir algumas páginas que por vezes estavam ligadas a apenas um ou dois nós muito influentes na rede, dando representatividade desproporcional aos *clusters* amarelo, azul e verde, devido à presença, nestes, de *nós* com valores de *centralidade autovetor* excepcionalmente altos.

Figura 5 – Rede de conexões entre páginas da direita no Facebook (2016 com filtro (GE ≥ 9), tamanho dos nós vinculado a CA)

Fonte: elaborado pelo autor utilizando o programa *Gephi 0.9.1*.

5.1.1 Análise do cluster 0 - Liberais/Libertarianos

Composto por 16 nós, dos quais La Banda Loka Liberal tem os maiores valores de *centralidade de autovetor* e de *intermerdiação*. A página com o maior número de curtidas é a do Partido NOVO, que recebeu registro do TSE em 2015 e participou das eleições de 2016 com o número 30[114], elegendo quatro vereadores em quatro capitais: Felipe Camozzato em Porto Alegre; Janaina Lima, em São Paulo; Leandro Lyra, no Rio de Janeiro; e Mateus Simões, em Belo Horizonte. O NOVO é um partido ultraliberal que proíbe que seus membros se reelejam, pois acreditam que a política não pode ser uma carreira. Já o maior número de menções no período é da página Socialista de Iphone, também da *direita zoeira*. A Tabela 2 mostra a distribuição dos tipos ideológicos neste *cluster*.

Tabela 2 – Distribuição dos tipos ideológicos no *cluster* 0 (2016)

TIPO IDEOLÓGICO	QUANTIDADE
Libertariano	4
Liberista	3
Direita Zoeira	3
Liberal Conservador	2
Liberal (indefinido)	2
Liberal-Social	1
Conservador Liberal	1
TOTAL	16

Fonte: elaborado pelo autor.

A esmagadora maioria do grupo é formada por nós liberais e libertarianos, havendo um pequeno grupo que se encaixa na categoria *Direita Zoeira*: Socialista de iPhone, La Banda Loka Liberal e Liberalismo da Zoeira[115], todas páginas difusoras de conteúdo[116]; e o

[114] Elegeu quatro vereadores em quatro capitais: Felipe Camozzato em Porto Alegre, Janaina Lima em São Paulo, Leandro Lyra no Rio de Janeiro e Mateus Simões em Belo Horizonte.

[115] A ascensão meteórica de Kim Kataguiri começou quando ele criou a página *Liberalismo da Zoeira* em 28 de agosto de 2013.

político Marcel Van Hattem, deputado estadual pelo PP-RS, *conservador liberal*, mas com ligações históricas com o Estudantes pela Liberdade/EPL[117] e com MBL, tendo sido considerado em 2014 por Kim Kataguiri o único político a abraçar totalmente as convicções do MBL (AMARAL, 2015). Outra categoria de destaque deste grupo é a presença de todos os três *think tanks* presentes na rede: os liberistas Instituto Liberal e ILISP - Instituto Liberal de São Paulo e o libertariano Instituto Mises Brasil.

Representando os *intelectuais orgânicos*: Rodrigo Constantino, ex-colunista da Veja, autor de livros bem vendidos no Brasil. Um dos primeiros intelectuais de cunho liberal a surgir do ambiente da web 2.0, e posteriormente ganhar inserção na mídia tradicional e no mercado editorial do país. Inicialmente um *liberal* radical, progressivamente se torna um *liberal conservador* após se tornar colunista da VEJA em 2013. E Fábio Ostermann, figura carimbada nos meios liberais brasileiros, já participou do Estudantes pela Liberdade, da diretoria do Instituto Liberal, foi um dos fundadores do MBL[118], posteriormente se juntou ao Partido Social Liberal/PSL e foi candidato à prefeitura de Porto Alegre em 2016. De postura liberal-social, é uma das poucas figuras públicas do meio liberal que não aderiu ao fusionismo[119] nos últimos anos.

A Tabela 3 apresenta a distribuição das categorias neste *cluster*.

Tabela 3 - Distribuição das categorias descritivas no *cluster* 0 (2016)

CATEGORIA	QUANTIDADE
Difusor de Conteúdo	5
Think Tank	3
Intelectual	2
Movimento Político	2

[116] Páginas difusoras de conteúdo são, de forma geral, mais difíceis de tipificar ideologicamente, tendem a incorporar discursos diversos e a publicar sobre temas específicos.

[117] Durante sua campanha eleitoral, em 2014, Van Hattem contou com a assessoria de Fabio Ostermann, cofundador tanto do EPL quanto do MBL.

[118] Do qual se afastou por discordar do pragmatismo que passou a orientar as ações do grupo (LARA, 2016).

[119] Postura tática na qual liberais abrem mão de suas agendas de cunho social e cultural para formar coalizões junto a setores conservadores, restringindo-se às agendas liberais de cunho econômico.

Produtor de Conteúdo	2
Partido Político	1
Político	1
TOTAL	16

Fonte: elaborado pelo autor.

5.1.2 Análise do *cluster* 1 – Fora PT/Manifestações

Composto por 12 nós, dos quais Vem Pra Rua Brasil tem o maior valor de *centralidade de autovetor*, e Revoltados OnLine, de *centralidade de intermediação*. O maior número de curtidas e menções é do Movimento Contra Corrupção.

Trata-se de um grupo formado por páginas de ativismo e movimento político, o *liberal* Vem Pra Rua Brasil, o *conservador guerra fria* Revoltados OnLine, e o Movimento Contra Corrupção[120], representativo de um discurso anti-corrupção genérico. Também compõem o *cluster* produtores e difusores de conteúdo, os quais, com a exceção do libertariano Povo Brasileiro, não têm identidade ideológica claramente definida, dividindo-se em grupos anti-corrupção genéricos, grupos anti-corrupção e a favor das reformas liberais do governo Temer e um grupo que pode ser descrito simplesmente como *antipetista*, o Partido Anti-PT (Tabela 4).

Tabela 4 - Distribuição das categorias descritivas no *cluster* 1 (2016)

CATEGORIA	QUANTIDADE
Movimento Político	5
Produtor de Conteúdo	4
Difusor de Conteúdo	3
TOTAL	12

Fonte: elaborado pelo autor.

Chamam a atenção as páginas produtoras de conteúdo Juventude Contra Corrupção e Política na Rede, ambas de propriedade da obscura Rede Raposo Fernandes e Associados, também dona da Folha Política, todas páginas anti-corrupção e a favor das reformas liberais do governo Temer.

---

[120] A quarta entrada da categoria é a página da seção paulista do Movimento Contra Corrupção.

5.1.3 Análise do cluster 2 – Políticos DEM

Com oito nós, este é um grupo bem compacto e que dispensa grandes explicações. À exceção da página Apoio Policial, todas são ligadas ao DEM, sendo duas páginas do partido – Democratas e Democratas na Câmara – e cinco ligadas a políticos do partido: ACM Neto, José Agripino, Mendonça Filho, Onyx Lorenzoni e Ronaldo Caiado. Ronaldo Caiado é o primeiro lugar do grupo em todas as categorias: *centralidade de autovetor, centralidade de intermediação, curtidas* e *menções*.

5.1.4 Análise do cluster *3* – MBL

Com cinco nós, compreende as páginas do MBL nacional, assim como suas seções regionais de São Paulo e Rio Grande do Sul; além do ativista liberista Kim Kataguiri e do político liberista Fernando Holiday[121], eleito vereador na capital paulista pelo PSDB em 2016. A página do MBL é a primeira do grupo em todas as categorias: *centralidade de autovetor, centralidade de intermediação, curtidas* e *menções*.

5.1.5 Análise do *cluster* 4 – Fora PT/Pró-Policia

Com apenas três nós, compreende as páginas Coronel Telhada, OCC – Organização de Combate à Corrupção e Rachel Sheherazade, já descritas no inicio da análise. Juntas, formam um bloco que orbita em torno de um *conservadorismo moralista* e *guerra fria*, com ênfase em discursos policialescos, de insegurança e clamor por maior repressão à criminalidade.

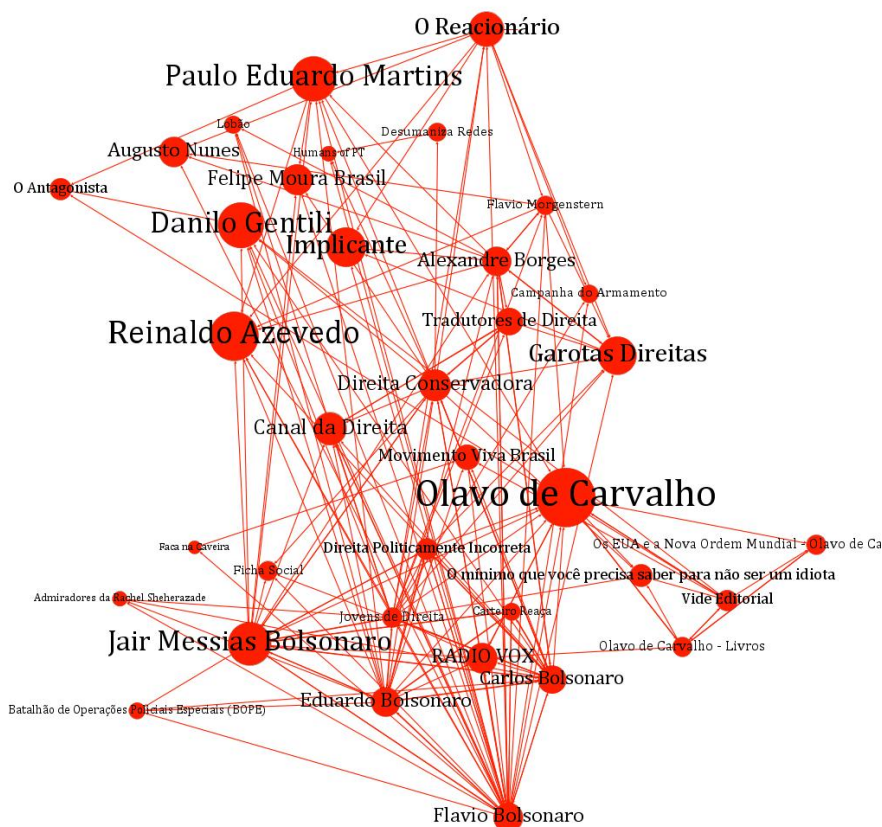
5.1.6 Análise do *cluster* 5 – Conservadores

Com 35 *nós*, é o maior grupo de toda a rede. O maior valor de *centralidade de autovetor* é o da página de Olavo de Carvalho; o de *centralidade de intermediação* é da página *difusora de conteúdo* Jovens de Direita, *conservadora guerra fria*; o maior número de curtidas é de Danilo Gentili, e de menções, de Jair Messias Bolsonaro.

---

[121] Possivelmente o expoente mais polêmico do MBL, destaca-se por ser negro e homossexual e se opor aos movimentos negros e LGBTT, geralmente identificados com a esquerda.

Para facilitar a visualização deste *cluster* ele foi isolado, no Figura 6,

Figura 6 - Cluster 5 da rede de conexões da direita no Facebook (2016, com filtro (GE ≥ 9), tamanho dos nós vinculados a CA)

Fonte: elaborado pelo autor utilizando o programa *Gephi 0.9.1*.

O *cluster* é formado principalmente por produtores e distribuidores de conteúdo (Tabela 5). Uma das páginas, sobre o BOPE, foi apagada, não constando nos dados apresentados a seguir.

Tabela 5 - Distribuição das categorias descritivas no *cluster* 0; 2016.

CATEGORIA	QUANTIDADE
Difusor de Conteúdo	8
Produtor de Conteúdo	6
Político	5
Intelectual	4
Jornalista	3
Livro	3
Artista	2
ONG	2
Editora	1
TOTAL	**34**

Fonte: elaborado pelo autor.

Artistas: Danilo Gentili, apresentador no SBT, humorista e crítico notório do PT, considera-se conservador e tem um *background* religioso, suas opiniões econômicas o colocam no campo *conservador liberal*. O notório Lobão, que há muito trocou a *rádio blah* pela *rádio vox*, prossegue firme no campo *conservador guerra fria*.

Difusores de Conteúdo: Classifiquei enquanto *conservadores guerra fria* cinco páginas: Canal da Direita, Carteiro Reaça, Direita Conservadora, Direita Politicamente Incorreta e Jovens de Direita; duas como *conservadores moralistas,* Admiradores da Rachel Sheherazade e Desumaniza Redes; e uma apenas enquanto *conservador,* a Ficha Social.

Editoras: Vide Editorial, que publica livros de pensamento conservador, liberal e libertariano: de Olavo de Carvalho, a Edmund Burke, Mises e Ayn Rand. Classificada apenas como de *direita*.

Intelectuais Orgânicos: Olavo de Carvalho; seu discípulo declarado e colunista da Veja, Felipe Moura Brasil; o publicitário e o ex-diretor do Instituto Liberal Alexandre Borges; o escritor e tradutor Flavio Morgenstern; todos são próximos de Olavo de Carvalho e já colaboraram com seu portal de notícias *Mídia Sem Máscara*. Juntos acumulavam 582 mil curtidas e 149 mil menções. Todos se encaixam no tipo ideológico *conservador guerra fria*.

Jornalistas: Os *conservadores liberais* Reinaldo Azevedo, colunista da Veja, e o veículo de jornalismo digital independente O

Antagonista[122]. Por fim, surgiu também a página oficial do colunista da Veja Augusto Nunes, cujas posições – antipetismo, anticomunismo e pró-globalização poderiam enquadra-lo tanto como conservador liberal como enquanto algum dos tipos liberais mais moderados.

Organizações não-governamentais: Classificadas apenas como de *direita*, Campanha do Armamento e Movimento Viva Brasil. Ambas são páginas de ONG's dedicadas a uma maior liberalização do porte e compra de armas.

Políticos: Figura aqui o quatrilho Carlos Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Flavio Bolsonaro e Jair Messias Bolsonaro, todos enquadrados no tipo *Conservador Moralista*; e Paulo Eduardo Martins, *conservador liberal*, ganhou destaque por seu antipetismo quando era apresentador de um jornal televisivo regional no Paraná, juntou-se ao MBL e se candidatou à Assembleia Legislativa do Paraná pelo PSDB, entrando como suplente e tornando-se, temporariamente, o primeiro membro do MBL a ocupar um cargo político. Juntos acumulavam 4.461.365 de curtidas e 939.802 conexões, dos quais aproximadamente 3/4 e 2/3, respectivamente, são da página de Jair Messias Bolsonaro.

Produtores de Conteúdo: Duas páginas do tipo *conservadores guerra fria*: o Garotas Direitas, de Bruna Luiza[123], fala de beleza, moda, comportamento e também política, em artigos como: *10 lições de vida que aprendi com Margaret Thatcher*, *Como vou explicar o impeachment para meus filhos?*, e *Como construir um casamento desde seu namoro*; e a *Radio Vox*, fundado por Alex Pereira, e que transmite regularmente *hangouts* entre atores *conservadores guerra fria* do circulo olaviano. Duas páginas do tipo *conservadores liberais*: O Reacionário, de Eric Balbinus do MBL paulista; e a *Tradutores de Direita*, dedicado a traduzir textos clássicos e contemporâneos das tradições conservadoras e liberais para a língua portuguesa. Adicionalmente há o Humans of PT, da *direita zoeira*, e o Implicante[124], página de notícias cujas publicações são, em maior parte, de teor antipetista, com colunas críticas ao "esquerdismo" de forma geral, o que não a qualifica como *conservadora* nem como *liberal*, ocupando um limbo, de forma que a classifiquei simplesmente como *direita*.

Este *cluster* contém conservadores para todos os gostos: a cisão

[122] De Diogo Mainardi e Mario Sabino, conta também com as participações de Claudio Dantas e Madeleine Lacsko.
[123] Olavette declarada e aluna dos seminários de filosofia de Olavo de Carvalho.
[124] Seu proprietário, Fernando Gouvêa, é acusado de receber verbas por assessoria de comunicação do governo Geraldo Alckmin durante dois anos.

completa entre *conservadores liberais* e *conservadores guerra fria* começava a surgir neste período de fase final do *impeachment*, mas seria só depois de Michel Temer assumir o governo interino que os dois grupos protagonizariam um conflito de larga escala e baixo calão.

5.1.7 Análise do cluster 6 – Políticos PSDB e outros

É o segundo maior *cluster* da rede, com 23 nós, porém bastante uniforme. Doze dos nós são ligados ao PSDB: três páginas oficiais do partido (PSDB, Juventude PSDB e Conversa com os Brasileiros); e nove páginas de políticos do partido: Aécio Neves, Aloysio Nunes Ferreira, Antonio Anastasia, Beto Richa, Carlos Sampaio, Fernando Henrique Cardoso, Geraldo Alckmin e José Serra. Constam também quatro políticos de outros partidos: Alvaro Dias, PV-PR; Ana Amélia Lemos, PP-RS e Fernando Francischini, SD - PR. Todas essas páginas são representativas da oposição parlamentar ao governo Dilma Roussef.

As outras páginas do grupo são a Avança Brasil Maçons.BR, que foi excluída do Facebook; os difusores de conteúdo Fora PT, *conservador guerra fria*, e Brasil Melhor, com um discurso anticorrupção genérico; o intelectual liberista Ricardo Amorim; os jornalistas Blog do Noblat; Radar On-Line de Mauricio Lima, da Veja, e Joice Hasselmann[125].

5.2 Considerações finais sobre a cartografia

Tentei utilizar a cartografia como um método de identificação e filtragem dos principais atores da rede, para depois averiguar – penosamente e um a um – em qual categoria tipológica estes se encaixariam. Foi possível concluir que o algoritmo de modularidade do *Gephi* organiza os *clusters* de redes sociais de forma coerente, com os *clusters* 0) Liberais/Libertarianos e 3) MBL representando de forma clara o grande grupo tipológico liberal*;* e o *cluster* 5) Conservadores, o grande grupo tipológico conservador. Os grupos 1) Fora PT/Manifestações e 4) Fora PT/Pró-Polícia são mais difusos, representando frações menos teóricas e mais ativistas da direita, um

[125] Mais uma das figuras que primeiro se destacou nas redes sociais, principalmente em vídeos no Youtube, e posteriormente adquiriu espaço na mídia tradicional. Profere um discurso anticorrupção e antipetista que não pode ser caracterizado como conservador, liberal ou nem mesmo de direita.

amálgama de discursos liberais e conservadores em formatação mais rasa, pouco intelectualizada, projetado por e para as massas que foram às ruas gritar “fora PT” sem um projeto claro, apenas com um sentimento generalizado de descontentamento e ódio com o estado das coisas e para o qual cada uma das diversas correntes busca um bode expiatório diferente: a corrupção, a decadência moral, o comunismo, o politicamente correto, o estado inchado etc. De um jeito ou de outro, nesse discurso, a culpa recai nos 14 anos de governo petista e, por tabela, em toda a esquerda, mesmo naqueles setores que fizeram oposição ao governo desde os primeiros anos do governo Lula. Por fim, os grupos 3) Políticos DEM e 6) Políticos PSDB e outros são representativos dos atores políticos tradicionais que tentaram capitalizar a revolta das ruas a seu favor, certamente esperançosos de assumir o vácuo deixado pela ruína do PT.

A impossibilidade de minerar dados de períodos anteriores no Facebook me obrigou a trabalhar com uma amostra inicial que, reconheço, não foi a melhor, nem a mais equilibrada. Foi interessante notar, entretanto, que mesmo partindo de um número mais elevado de nós liberais/libertarianos, preponderaram na amostra os nós conservadores, e esse é um dado relevante a respeito dos diferentes pesos dos dois grupos na nova direita.

Com todas as suas limitações, a cartografia permitiu observar com relativa fidelidade como a grande coalizão da “nova direita” se articulou nas fases finais do processo de *impeachment* de Dilma Roussef.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2014, Rodrigo Constantino (CORLONANO, 2014) afirmou que a direita era um *saco de gatos*, unidos apenas por seu desejo de evitar a "venezuelização" do Brasil, ou seja, de derrubar o PT. Ele estava certo, e meses antes de se concretizar o afastamento de Dilma Roussef já estouravam os primeiros conflitos dentro dos próprios grupos conservadores e liberais, entre suas vertentes radicais e moderadas. Em meios liberais, as divisões se deram a respeito do *fusionismo*, do abandono de agendas caras ao liberalismo social e cultural – descriminalização de drogas, multiculturalismo, casamento gay etc. – com o propósito de viabilizar a uma aliança com os setores conservadores mais moderados, assim como a construção de alianças com a classe política por parte do MBL, o maior movimento político organizado de inspiração liberal.

Os mesmo motivos dividiram os conservadores. Sua fração moderada, os *conservadores liberais*, foram acusados das mais altas traições pelos *conservadores guerra fria*: ao se alinharem com setores políticos não suficientemente radicais – para estes, apenas Bolsonaro se salvaria –, aqueles abortaram a possibilidade de mudanças mais amplas virem das ruas, salvando a classe política e favorecendo o PSDB, visto pelos *guerra fria* como mais um partido socialista. Esta é uma divisão entre os setores liberais e conservadores que se alinharam ao governo Michel Temer, em nome da estabilidade política e de olho na possibilidade de influenciar as reformas em curso, e aqueles que rejeitam por completo o *establishment* político, visto como insuficientemente liberal, ou insuficientemente conservador, dependendo do ponto de vista. Sobre o impeachment, a posição olaviana foi a de que este validaria o processo eleitoral de reeleição de Dilma Roussef, a "maior fraude eleitoral de todos os tempos" (CARVALHO, 2014). No mesmo período, Olavo escreveria o *post* de *Facebook* que o colocaria em meio à (mais) uma grande polêmica (Figura 7).

Figura 7 – Post de Olavo de Carvalho a respeito do *impeachment*

Fonte: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/642119515940126>.

O *impeachment* era, em sua concepção, insuficiente para remover o comunismo do Brasil. Seria “[...] preciso começar por baixo, expulsando gente das cátedras, das redações, dos sindicatos, das igrejas — e só depois desse saneamento básico lançar o assalto às estrelas maiores” (CARVALHO, 2016, s/p). Apenas:

> [...] a demolição do estamento burocrático e a instauração de uma democracia genuína podem garantir melhores dias para o povo brasileiro. O impeachment demonstrou, ao contrário, que “as

> nossas instituições estão funcionando", isto é, que o estamento burocrático, sem alterar-se no mais mínimo que seja, tem a capacidade de resolver seus próprios problemas. (CARVALHO, 2016, s/p)

Não apenas insuficiente, ele também teria desmobilizado "[...] a explosão da revolta das ruas, impedindo que as esperanças populares se cristalizassem no símbolo Jair Bolsonaro" (CARVALHO, 2016, s/p).

Estas declarações foram logo mobilizadas por atores de esquerda nas redes sociais, levando personagens como Reinaldo Azevedo (2016, s/p), a questionar "a quem serve Olavo de Carvalho? Quem o financia? A quais interesses se subordina? Seria Olavo a peça mais exótica e improvável jamais produzida pela mentalidade criminosa de esquerda?". De forma similar, diversos outros atores *conservadores liberais* e *liberais* passaram a questionar as posições de Olavo de Carvalho, alguns duvidando de sua sanidade e capacidade de análise política, e outros chegando a se perguntar se ele não seria, no fundo, um agente provocador da esquerda. Do lado olaviano, personagens como Reinaldo Azevedo e Luciano Ayan passaram a ser tachados de comunistas e marionetes do PSDB. Este foi o racha, no período pós-impeachment, entre *conservadores liberais* e *liberais* vs. *conservadores guerra fria*, dentre os setores que pregam o retorno à normalidade política, apoiando e buscando influenciar as reformas do governo Temer, e *olavettes* e *bolsominions*, que pregam uma política de "terra arrasada" em relação a toda a classe política nacional. Parte da dramaticidade e dos excessos verbais que guiam essas discussões pode ser possivelmente explicada por uma questão de estilo e da natureza dos comunicadores sociais na web 2.0: o sucesso financeiro e profissional dos formadores de opinião na *internet* costuma depender de cliques, muitos cliques, e conversas amenas tendem a gerar menos cliques do que grandes tempestades verborrágicas e polêmicas.

As divisões entre os liberais são mais discretas, e os grupos opostos ao fusionismo são pouco influentes, tendo pouca visibilidade para fora do universo restrito de seus círculos de discussão na internet. Um desdobramento interessante é que, embora o discurso conservador de caráter moralista tenha maior adesão popular que o discurso liberal[126], são justamente reformas econômicas de caráter liberal – e não

[126] Uma pesquisa realizada nas manifestações do *impeachment* apontava para o descompasso ideológico entre os líderes e os manifestantes dos protestos: enquanto as lideranças defendiam reformas de liberalização econômica, os

demandas conservadoras e tradicionalistas –que estão sendo aprovadas no Congresso.

Finalizo com algumas notas sobre a tipologia. Identifiquei uma série de discursos anticorrupção relativamente ausentes de ideologia – para além dos óbvios ataques ao PT – que não se enquadravam em nenhuma das categorias tipológicas propostas no capítulo anterior, nem no *conservadorismo moralista*. Como estes discursos vieram majoritariamente de *produtores* e *difusores de conteúdo*, creio que eles devam ser interpretados considerando suas finalidades – comunicar e mobilizar determinado público sobre algo, no caso a corrupção –, e que a tomada de posicionamentos que possam gerar desavenças em um público mais amplo – posições mais ideológicas – provavelmente seja propositalmente evitada por estes atores.

Surgiu também um novo tipo não contemplado na tipologia original: à *direita zoeira*, composta majoritariamente por jovens cuja principal motivação é fazer piadas profanas, e quanto mais ofensiva e incorreta a piada, mais profana. Este caráter profanador é descrito por Bokhari e Yiannopoulos[127] (2016):

> These young rebels, a subset of the alt-right, aren't drawn to it because of an intellectual awakening, or because they're instinctively conservative. Ironically, they're drawn to the alt-right for the same reason that young Baby Boomers were drawn to the New Left in the 1960s: because it promises fun, transgression, and a challenge to social norms they just don't understand.

A motivação de ao menos uma parte da direita, então, seria não os altos princípios da política, a defesa de valores transcendentais, de sua classe social, mas simplesmente, diversão! Tendo acompanhado diversos grupos abertos e fechados nas redes sociais nos últimos anos, tendo a acreditar que não apenas a diversão, mas um certo instinto coletivo, semelhante àquele do torcedor de um time de futebol, guia a maior parte das polêmicas e picuinhas políticas no ambiente da web 2.0. Quando, por exemplo, um Olavo de Carvalho ataca um Reinaldo

---

manifestantes eram majoritariamente a favor de serviços públicos gratuitos e de qualidade (MORTARI, 2015). Descompasso semelhante foi encontrado por Pierucci (1987) três décadas atrás.

[127] Em artigo no qual descrevem os diversos grupos *alt-right* estadunidense, da qual fazem parte.

Azevedo, os seguidores de ambos os lados se mobilizam: nas enxurradas de chavões que adornam as sessões de comentários; através de mecanismos de *likes* e *dislikes*; produzindo textos e vídeos amadores tomando partido de um ou outro lado, o que acaba gerando um ciclo similar, mas em menor escala, com os defensores do outro lado. Redes que facilmente envolvem milhares de indivíduos são mobilizadas de forma espontânea e descentralizada[128]. As discussões acabam ocorrendo em espaços inimaginados, grupos fechados de amigos, fóruns de videogames. E o que ocorre nesses espaços dificilmente pode ser considerado um diálogo: cada lado fala para os seus, e ocorre aquele bizarro fenômeno – o qual pelo menos no futebol é impossível de acontecer – no qual ambos os lados cantam vitória: "Tio Rei demoliu os olavetes" e "Olavo mitou encima do Tucanaldo Azedo".

No fim do dia, ou da noite, os torcedores desligam contentes seus computadores, felizes por terem acompanhado todas as emoções, altos e baixos de seu time, enquanto nos diversos graus da rede muitos comemoram os *likes* recebidos e as visualizações de seus vídeos e textos: os amadores os contabilizam as centenas ou poucos milhares, os profissionais os contabilizam nas centenas de milhares e até milhões, eventualmente conseguem até se sustentar financeiramente com isso. É a lógica do entretenimento aplicada à política, a *espetacularização* da política, o advento do político *rockstar* e da economia de *likes*, a qual assume cada vez mais o papel de termômetro da opinião pública.

Estas performances, certamente distintas daquelas que gerações anteriores considerariam apropriadas a debates de natureza política e intelectual, são típicas da utilização da web 2.0 como nova arena política, enquandrando-se no que Marwick (2010) chama de *self-branding*, na qual os atores da web 2.0 realizam trocas afetivas conscientes visando à aquisição de capital social. A atuação dos atores menos centrais nestas disputas[129] replica o conceito utilizado por Sunstein (2007) de *câmaras de eco*, nas quais os mecanismos de filtragem – muitas vezes automáticos – de redes sociais e mecanismos de busca geram uma dinâmica nas quais os usuários ouvem apenas ecos

---

[128] É comum ver em certos grupos de Facebook alguém colocar um post "inimigo" e dizer "ajuda aí galera, vamos oprimir", ou pedir conselhos sobre o que dizer para vencer uma discussão etc.

[129] Não posso dividi-los entre emissores e receptores, pois na web 2.0 qualquer individuo pode se tornar emissor, nem que seja através das seções de comentários. Mas certamente as posições dentre todos os indivíduos desta interação não são iguais, por isso falo de atores mais ou menos centrais.

de sua própria voz, apenas opiniões parecidas com as suas, um estimulo ao crescimento do extremismo e, nas projeções mais pessimistas de Sunstein, um risco a viabilidade de regimes democráticos em longo prazo.

Considerações tipológicas *ou* tentando responder a pergunta *nova direita ou velha direita com wi-fi?*

Primeiro precisamos nos perguntar se os tipos ideais representativos da “nova direita” têm ou não o pedigree de direita. Esta pergunta desencadeia outra pergunta: sob qual critério?

Dezenas de páginas atrás – no Capitulo 3 – identifiquei três possibilidades de dicotomias políticas, a partir de pontos de vistas distintos:

a) dicotomia igualitários/inigualitários, formulada por Bobbio (1994), o qual se identificava com social-liberalismo ou social-democracia130, defendendo um compromisso entre liberalismo político e socialismo econômico, visando a correção dos defeitos do livre mercado (BRESSER-PEREIRA, 1994);

b) dicotomia progressistas/conservadores, formulado por Levin (2014), que se identificava enquanto conservador;

c) dicotomia coletivistas/individualistas, de formulação liberal, centrada na maior aceitação, ou não, de intervenções coletivas à esfera privada.

De acordo com a formulação liberal, tanto conservadores quanto socialistas seriam coletivistas, os primeiros no campo sociocultural e moral, e os segundos no campo econômico. Nessa narrativa, apenas o mais puro liberalismo é a verdadeira direita[131] ou, o que é mais comum, um terceiro exclusivo. Em qualquer das narrativas o *liberalismo* se distingue e coloca no mesmo bloco socialistas, conservadores, fascistas etc.

Seguindo a formulação de Levin (2014), tanto socialistas quando liberais poderiam ser colocados no campo da esquerda, com os conservadores e, possivelmente, os liberais conservadores, ocupando o campo da direita.

Na formulação de Bobbio, o campo da esquerda não seria

---

[130] Ele não via diferença entre os dois termos (BRESSER-PEREIRA, 1994).

[131] Como no anedótico episódio em que Ludwig Von Mises teria chamado Milton Friedman de comunista.

ocupado nem por liberais, nem por conservadores, pois ambas são doutrinas que em diferentes aspectos consideram a igualdade impossível ou indesejável. O conservador é essencialmente um pessimista antropológico, e considera que os homens são naturalmente desiguais, portanto a igualdade é impossível, embora não indesejável. Já o liberal entende a desigualdade como uma consequência natural da interação voluntária de indivíduos criativos, conforme estes coloquem seus talentos e aptidões ímpares de maneiras gratificantes para elas próprias, as quais geram bens e serviços valiosos para terceiros, mas cujo valor varia de acordo com preferências individuais. Nessa narrativa, a igualdade é indesejável, pois só poderia ser obtida através de intervenções à interação voluntária dos indivíduos, transformando-as em interações involuntárias, as quais consideram como consequência não apenas uma redução da liberdade, mas também uma redução da riqueza de uma sociedade.

Se questão do *pedigree* da direita for considerada através da formulação de Bobbio, todos os grupos da tipologia podem ser posicionados no campo da direita. Resolvida esta questão, podemos nos dedicar a compreender se algumas destas direitas são *novas*:

Conservadorismo Guerra Fria: consiste –de forma grosseira – na adição de pitadas de *small government* e *livre-mercado* a uma retórica anticomunista e de moralidade tradicionalista que pode ser remontada a pensadores antiliberais católicos, como Jacques de Figueiredo. Luiz Carlos Alborghetti encontra Ronald Reagan: não há nada de novo no front da guerra fria.

Conservadorismo Liberal: uma direita com apego à tradição, mas também a princípios liberais como *estado de direito*, *direitos individuais* e *livre mercado*. Uma direita conservadora com apreço pelo estado de direito é coisa antigano mundo anglo-saxão; no Brasil, representa uma bem-vinda novidade, mas não se trata exatamente de algo “novo”.

Conservadorismo Moralista: Pierucci (1987) já o havia identificado três décadas atrás.

Liberalismo Conservador: abraça a modernidade econômica, mas vive um paradoxo em relação às consequências culturais e sociais da modernidade: as despreza profundamente, mas não se julga no direito de lhes coibir de forma coercitiva, então opta por garantir seu direito de não ser perturbado por elas[132]. Nada de novo também aqui.

Liberismo: o liberalismo econômico sempre encontrou resistências tanto entre as elites quanto entre os estratos mais baixos da

[132] Ou seja, sua liberdade negativa.

sociedade brasileira, mas é possível encontrar seus defensores em terras tupiniquins no início e em meados do século XX, como Paulo Prado e Raimundo Faoro.

Liberal-Social: Liberais que efetivamente levam o liberalismo a sério em todas as suas consequências. Não deveriam ser uma novidade, mas são. Também são uma parcela minúscula da “nova” direita.

Libertariano: anarquistas, mas que acreditam que o capitalismo é não apenas a forma econômica mais adequada, como a única que viabilizaria uma sociedade sem Estado. Aqui há uma “novidade” de fato, não apenas no cenário brasileiro, mas também em relação às filosofias políticas do ocidente. Assim como os liberais-sociais, são espécimes raros no universo da “nova” direita.

A sua proliferação por comunidades virtuais da web 2.0, que é praticamente seu único meio de atuação, retoma uma questão levantada no fim do capitulo 2: *existe uma correlação entre o fato dos libertarianos serem majoritariamente jovens, portanto nativos da internet, e o design carregado da Ideologia Californiana da web 2.0? Será política a própria estrutura da internet?* Uma análise séria da questão seria tema para outra pesquisa. Sem ter a pretensão de respondê-la, gostaria de compartilhar um *insight* sobre o tema obtido a partir de minhas convivências, presenciais e mediadas, com libertarianos: as comunidades virtuais, das quais muitos participam entusiasticamente, são muitas vezes autorreguladas. A internet é cheia de experimentos bem-sucedidos de autorregulação, talvez o mais famoso deles seja a wikipedia. A internet também é cheia de experiências de produção coletiva e voluntária, como programas *open source*: o próprio aplicativo utilizado em minha análise de redes vem sendo desenvolvido desta forma, e é completamente gratuito. Adicionalmente, muitos libertarianos também gostam de fazer trocas pela internet, de moedas virtuais como a bitcoin, e ocasionalmente de mercados na *deep web* que vendem coisas consideradas ilegais em muitos países. Vivenciar frutíferas experiências de cooperação voluntária autorregulada, e entender que elas às vezes não podem ser replicadas fora do mundo virtual por conta de regulações estatais, podem ser fatores a incentivar alguém a sonhar com um mundo autorregulado. Quando o Estado comete a temeridade de começar a tentar regular até o maravilhoso mundo autorregulado da internet, o sonho passa a se transformar em resistência. Finalmente, quando se descobre que aquela encomenda maneira da China pelo qual houve uma ansiosa espera de meses foi apreendida pela Receita Federal, é a gota da água! O ódio ao Estado se espalha, soldado pelo interesse individual. O design da web 2.0 certamente aumenta a possibilidade de experimentos

autorregulatórios bem sucedidos, sendo também um ambiente extremamente difícil – se não impossível – de ser completamente regulado.

Há um pouco de *novo* por toda a direita – embora aja mais em uma parte dela do que em outras – por efeito da mudança geracional nos costumes.

Esta parte da direita talvez seja *nova* por ser formada por uma geração mais tolerante a certas mudanças nos costumes e nos valores da sociedade: é raro, por exemplo, encontrar alguém que queira revogar o direito do divórcio mesmo entre os mais reacionários em nossa sociedade. Podemos encontrar muitos que sejam contra o divórcio, mas não encontraremos praticamente nenhuma voz, pública ao menos, que seja contra o *direito* do divórcio, sendo importante lembrar que a conquista deste direito foi arduamente combatida pelos setores conservadores poucas décadas atrás. Da mesma forma, podemos pensar um exemplo ainda mais extremo: os conservadores brasileiros eram em grande parte a favor da escravidão no século XIX, mas não se encontra uma única voz que hoje peça o retorno da escravidão. Se existem hoje setores da direita favoráveis à legalização da maconha é porque a opinião da sociedade de forma geral vem se modificando de forma favorável a esta pauta. Pode-se dizer que as bandeiras essenciais da direita, em especial as relacionadas à economia e à ordem social, se mantêm as mesmas, o que muda são aquelas relacionadas aos costumes e a moral.

A própria esquerda se modifica de maneira semelhante – embora também seja razoável dizer que ela tende a se modificar antes que a direita –, pois o que se chamou de *new left* foram justamente os setores da esquerda que abandonaram a ortodoxia marxista para abraçar as novas bandeiras de seu tempo. Se foi válido chamar a *new left* de *nova* por isso, me parece justo que se atribua à direita o mesmo direito.

Agora, respondendo diretamente a pergunta *nova direita ou velha direita com wi-fi?:*
existe sim uma nova direita, mas ela é pequena, quase insignificante, o "PSTU da direita", na ironia do sociólogo Carlos Alberto de Almeida (VOITCH, 2012), gotas em um oceano. Poder-se-ia atribuir – com justiça – o rótulo de *nova* direita a liberal-sociais e libertarianos, mas eles não parecem querer este rótulo, e nem o resto da direita demonstra estar muito disposto a lhes fazer esta concessão. Talvez eles realmente não se encaixem na divisão de cadeiras da Revolução Francesa: não sejam nem direita, nem esquerda, e sim outra coisa, não explicável em chave binária.

Esta é uma forma de abordar a questão, existe outra, mais simples e a qual me exime de participar das guerras taxonômicas da direita. Podemos identificar na chamada nova direita, não necessariamente novos pacotes ideológicos, mas à presença de novos atores, cujas trajetórias diferem daquelas de atores tradicionais ligados à direita: como a vinculação direta ao empresariado, partidos políticos, forças armadas ou grupos religiosos. Atores os quais embora possam ser referenciados a alguns dos grupos tradicionais de atores da direita brasileira - e talvez apoiem abertamente alguns destes grupos - surgem de forma relativamente independente a estes.

Considerações sobre o alcance do estudo

Este estudo é uma tentativa de compreender, no ambiente da web 2.0, os grupos ideológicos e as articulações formadas por estes que, principalmente a partir de 2013, foram sendo chamados de nova direita, e embora estes frequentemente se associem com fenômenos externos à web 2.0: mídia e atores políticos tradicionais e, de forma mais dramática, com diversas manifestações de rua a partir de 2013; certamente existem distinções entre as manifestações da direita no Facebook e outras redes da web 2.0, e entre estas e as manifestações da direita nas ruas.

Primeiramente é possível apontar para o fenômeno do descompasso ideológico entre as lideranças das manifestações e os manifestantes identificados nas manifestações de rua (MONTEIRO, 2016), fenômeno identificado de forma muito similar no final da década de 1980 por Pierucci (1987). Embora esse descompasso também possa ser encontrado em minha cartografia – vide aqueles grupos de teor ideológico mais difuso, focados em discursos antipetistas e anticorrupção –, foram mais numerosos, em minha amostra, grupos com um maior grau de "pureza" ideológica. Isso possivelmente reflete os processos de filtragem aos quais submeti minha cartografia. Em segundo lugar, minha análise menciona apenas de forma superficial o papel exercido por *think tanks* nacionais e internacionais na formação de diversos desses grupos[133], relações investigadas em profundidade por Camila Rocha (VELASCO E CRUZ et al, 2015) e Marina Amaral

---

[133] O MBL, por exemplo, surgiu inicialmente a partir de um grupo ligado aos Estudantes pela Liberdade, organização estudantil de ideologia liberal ligado a outras instituições liberais nacionais e internacionais.

(2016).

Um estudo das redes sociais não compreende todo o universo político: elas não são o *lócus* clássico da política, são, afinal, meios de comunicação, mas radicalmente descentralizados e em uma escala inédita na história de nossa espécie, que possibilitam novas formas de expressar, organizar e sentir a política. A motivação deste trabalho foi a de compreender aqueles atores que, a partir do ambiente descentralizado da web 2.0, conseguiram angariar graus de projeção e influência – nem que apenas intelectual – os quais dificilmente teriam alcançado através dos meios mais tradicionais de comunicação de massa. Se estes atores oriundos da *web 2.0* irão substituir os atores mais tradicionais da mídia e da política, ou se eles serão apenas absorvidos por estes, apenas o tempo irá responder.

Deixo aqui uma pequena lista de sugestões para estudos futuros, ou seja, uma lista de tudo aquilo que eu gostaria de ter feito, mas que as contingências não permitiram:

a) Análises mais abrangentes dos conteúdos textuais de postagens no facebook, possivelmente através dos métodos utilizados por Malini (2016) no estudo de redes no Tweeter;

b) Uma análise mais aprofundada da atuação dos principais atores destas redes em organizações externas: think tanks, empresas, Ong's, mídia tradicional, partidos políticos, possivelmente a partir dos métodos utilizados por Minella (2007a; 2007b) em seus estudos de redes transassociativas de bancos na América Latina;

c) Análises biográficas dos principais atores destas redes, com ênfase em seus backgrounds sociais e educacionais, com vistas a identificar a existência, ou não, de perfis em comum entre estes, assim como entre os centros de formação ideológica.

Finalmente gostaria de expressar minhas esperanças de que este trabalho ajude a compreender fenômenos mais amplos que os discursos da nova direita na *internet*, fenômenos como a *espetacularização* da política, a reformulação dos espaços da direita brasileira a partir de suas experiências na rua, as relações entre juventude e o antiestatismo da direita, ideologias políticas e identidades e como se dão as disputas simbólicas - tanto dentro da própria direita, como no universo político mais amplo -, como ocorrem aquilo que Grün (2008) chamou de disputas cognitivas, metapolíticas, disputas pela interpretação hegemônica da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACORDA BRASIL. **Comunicado**: Acorda Brasil rompe com Aliança dos Movimentos do Vem Pra Rua. 06/05/2015. Disponível em: < http://acordabrasil.org/acorda-brasil-rompe-alianca-movimentos-vem-pra-rua/>. Acesso em: Ago 2015.

AGUIAR, Alexandre Magno Fernandes Moreira. **O que realmente pensam os conservadores**. 1 Mai. 2010. Disponível em: <http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11035-o-que-realmente-pensam-os-conservadores.html>. Acesso em: Mar. 2017.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J.,GEWANDSZNADJER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo, Pioneira, 2 ed. 2001.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em Comunicação Digital. In: **Sessões do Imaginário**. Porto Alegre, Ano 13, n. 20, 2008. Disponível em: < http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687>. Acesso em: Abril, 2015.

AMARAL, Marina. **A nova roupa da direita**. 25 Jun. 2015. Disponível em: < https://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-roupa-da-direita-4795.html>. Acesso em: Mar. 2017.

AZEVEDO JR., Paulo Ricardo. **Congresso aprova lei que, na prática, legaliza o aborto no Brasil**. 9 Jul. 2013. Disponível em: < https://padrepauloricardo.org/blog/congresso-aprova-lei-que-na-pratica-legaliza-o-aborto-no-brasil>. Acesso em Jan 2015.

_______. **Marxismo Cultural e o Comunismo**. [Vídeo]. 8 Fev. 2012. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=wwOyDgRACxA>. Acesso em Out 2014.

AZEVEDO, Reinaldo. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. 02/09/2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-minimo-que-voce-precisa-saber-para-nao-ser-um-idiota/>. Acesso em: Fev. 2015.

_______. **Quem paga Olavo de Carvalho para ele atacar expoentes da tese pró-impeachment?**. 25 Mai. 2016. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/quem-paga-olavo-de-carvalho-

para-ele-atacar-expoentes-da-tese-pro-impeachment/>. Acesso em: Mar. 2017.

_______. **Um espanto! Deltan antecipa a sentence de Lula e até a condenação**. 17 Mar. 2017. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/um-espanto-deltan-antecipa-a-sentenca-de-lula-e-ate-a-condenacao/>. Acesso em: Mar. 2017.

BANNON, Steve. DHI conference at the Vatican. 2014. In: FEDER, J. Lester. **This i show Steve Bannon sees the entire world**. 2016. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/lesterfeder/this-is-how-steve-bannon-sees-the-entire-world?utm_term=.qeMWWllNXD#.ongkkDDleY>. Acesso em: Mar. 2017.

BLACKSMITH OLIVER. **Aborto um ataque real, empreiteras do aborto instrumentalizam senadoras**. [Vídeo]. 23 Mar. 2012. Disponível: < https://www.youtube.com/watch?v=XMMZ9mvyEXU>. Acesso em Out 2014.

BOBBIO, Norberto. 1994. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 2 ed. UNESP, São Paulo, 2001.

BOKHARI, Allum; YIANNOPOULOS, Milo. **An establishment conservative’s guide to the alt-right**. 29 Mar. 2016. Disponível em: <http://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>. Acesso em: Mar. 2017.

BORGES, Alexandre. **O dono do mundo**. 13 Ago. 2013. Disponível em: < http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/15385-o-dono-do-mundo.html>. Acesso em: Mar. 2017.

BRANDÃO, Marcelo. **Manifestação em Brasília faz enterro simbólico da “velha política” brasileira**. 17 Mar. 2017. Disponível em: < http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-03/manifestacao-em-brasilia-faz-enterro-simbolico-da-velha-politica-brasileira>. Acesso em: Mar. 2017.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Bobbio defende o ‘compromisso’ entre liberalismo e socialismo**. 5 Dez. 1994. Pdf.

CARSON, Kevin. **The Left-Rothbardians, Part I: Rothbard.** 28 Set. 2012. Disponível em: < https://c4ss.org/content/12938>. Acesso em: Mar. 2017.

CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. 3 ed. 1996. Disponível em: < http://www.olavodecarvalho.org/livros/neindex.htm>. Acesso em: Mai 2017.

_______. **Do marxismo cultural**. 2002. Disponível em: < http://www.olavodecarvalho.org/semana/06082002globo.htm>. Acesso em: Mai 2017.

_______. **Por que o brasileiro vota na esquerda**. 1 Set. 2006. Disponível em: < http://www.olavodecarvalho.org/semana/060901zh.html>. Acesso em: Out. 2014.

_______. **Rodericus Constantinus Grammaticus:** o anti-estudante ou o Homem do Mim. 2007a. Disponível em: < http://www.olavodecarvalho.org/textos/homem_mim.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **Barbárie Mental**. 15 Fev. 2007b. Disponível em: < http://www.olavodecarvalho.org/semana/070215jb.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **Disfarçando o mico.** 16 Fev. 2007c. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/textos/mico.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **Recado atrasado a Rodrigo Constantino**. 3 Mar. 2007d. Disponível em: < http://www.olavodecarvalho.org/textos/homem_mim_5.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **Por que não sou liberal**. 8 Mar. 2007e. Disponível em: < http://www.olavodecarvalho.org/semana/070308jb.html>. Acesso em Set. 2015.

_______. **A maior trama criminosa de todos os tempos.** Set-Dez 2007f. Disponível em: < http://www.olavodecarvalho.org/semana/0709digestoeconomico.html>. Acesso em: Mar. 2017.

________. **A revolução globalista**. Set-Out 2009. Disponível em: < http://olavodecarvalho.org/semana/0909digestoeconomico.html>. Acesso em: Mar. 2017.

_______. **Demolindo Otávio de Ramalho**. 4 Mai. 2012. Disponível em: < http://www.olavodecarvalho.org/semana/120504msm.html>. Acesso em Out. 2014.

______. **Videoconferência de lançamento de 'O mínimo que voê precisa saber para não ser um idiota'**. 21 Out. 2013. Disponível em: < http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/14621-videoconferencia-de-lancamento-de-o-minimo-que-voce-precisa-saber-para-nao-ser-um-idiota.html>. Acesso em: Mar. 2017.

______. **Eleições e fraude**. 28 Out. 2014. Disponível em: < https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2014/10/28/eleicoes-e-fraude>. Acesso em: Mar. 2017.

_______. **Diário Filosófico de Olavo de Carvalho**: o impeachment de Dilma Roussef. 31 Ago. 2016. Disponível em: < http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/16695-2016-08-31-23-04-50.html>. Acesso em: Mar. 2017.

_______. **Conservadores de boa estirpe**. 16 Mai 2017. Disponível em: < http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/conservadores-de-boa-estirpe-7gwqwx6swhg0i4gd9l0hrgpt7>. Acesso em: Mai 2017.

CASTRO, Gabriel. **O incrível caso do país sem direita**. In: *Veja*. 03/04/2011. s/p. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-incrivel-caso-do-pais-sem-direita>. Acesso em: Fev. 2015.

CELETI, Filipe Range. **Uma defesa do defusionismo, ou uma aula para filipe altamir.** 11 Jul. 2014. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/uma-defesa-desfusionismo-ou-uma-aula-para-filipe-altamir/>. Acesso em: Mar. 2017.

CHAGAS, Aldé Escobar. A febre dos blogs de política. In: **FAMECOS**, n.33. Porto Alegre, 2007. p.29-40.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A Nova Direita Brasileira: ideias, retórica e prática política. In: **Insight Inteligência,** n. 72, 2016. p. 25-41.

CHANG *et al*. **Visualizing the Republic of Letters**. Santa Terese: Standfort, 2009. Disponível em: < http://web.stanford.edu/group/toolingup/rplviz/papers/Vis_RofL_2009>. Acesso em: Jul. 2015.

CONSTANTINO, Rodrigo. **O Tumulo do Fanatismo**. 8 Fev. 2007a. Disponível em: <http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/o-tmulo-do-fanatismo.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **Resposta a Olavo**. 12 Fev. 2007b. Disponível em: < http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/resposta-olavo.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **Fides et Ratio**. 13 Fev. 2007c. Disponível em: < http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/fides-et-ratio.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **A desonestidade de Olavo.** 15 Fev. 2007d. Disponível em: < http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/desonestidade-de-olavo.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **A vaidade de Olavo**. 17 Fev. 2007e. Disponível em: < http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/vaidade-de-olavo.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **O prego do Olavo**. 27 Fev. 2007f. Disponível em: < http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/o-prego-do-olavo.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **Uma Vez Embusteiro...** 12 Fev. 2008a. Disponível em: <http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2008/02/uma-vez-embusteiro.html. Acesso em Out. 2014.

_______. **O Desespero de Olavo**. 19 Fev. 2008b. Disponível em: < http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2008/02/o-desespero-de-olavo.html>. Acesso em Out. 2014.

_______. **A direita tacanha e o astrólogo embusteiro**. 26 Abr. 2012. [Vídeo]. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=fgasM4boDEY>. Acesso em Out. 2014.

_______. **A doutrinação ideológica do ensino público desmascarada por uma educadora**. 26 Mar. 2014. Disponível em: < http://rodrigoconstantino.com/historico-veja/a-doutrinacao-ideologica-no-ensino-publico-desmascarada-por-uma-educadora/>. Acesso em: Mar. 2017.

_______. **Não existe liberal-conservador**. 7 Nov. 2017. Disponível em: < http://rodrigoconstantino.com/artigos/nao-existe-liberal-conservador/>. Acesso em: Mar. 2017.

CORDEIRO, Nivaldo. **O bestialógico do Constantino**. 9 Fev. 2007. Disponível em: < http://www.nivaldocordeiro.net/obestialogicodeconstantino.html>. Acesso em Out. 2014.

CORLONANO, Ítalo. **Quem é o que pensa a nova direita**. 30 Mar. 2014. Disponível em: < http://www.opovo.com.br/app/opovo/dom/2014/03/29/noticiasjornaldom,3228081/quem-e-e-o-que-pensa-a-nova-direita.shtml>. Acesso em Jan. 2015.

CORNILS, Patrícia. **Facebook:** um mapa das redes de ódio. 11/03/2014. Disponível em: < http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/facebook-um-mapa-das-redes-de-odio-327.html>. Acesso em: Jun. 2015.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2014. 127p.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia**. vol.1. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DIAGRAMA DE NOLAN. Disponível em: < http://www.diagramadenolan.com.br/?locale=PT>. Acesso em: Nov. 2014.

DIGITAL VISITOR. **Facebook's people talking about this' metric –** what is it how & how to improve your score?. 3 Jul. 2013. Disponível em: < http://digitalvisitor.com/facebooks-people-talking-about-this-metric-what-is-it-how-to-improve-your-score/>. Acesso em: Mar. 2017.

DREIFUSS, René Armand. **1964:** A conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1986.

_______, René Armand. **O jogo da direita na Nova República**. Vozes, Petrópolis, 1989. 294 p.

EBELING, Richard M. **Milton Friedman and the Chicago School of Economics**. Pdf. 2006. Disponível em: <

file:///C:/Users/beto/Downloads/12-06-richard_ebeling.pdf>. Acesso em: Fev 2017.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**: formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 2001. 949p.

FELICIANO, Marco Antonio. **Pronunciamento 26/02/2014 – Olavo de Carvalho**. [Vídeo]. 26 Fev. 2014. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=CIFB9RXmIi0&list=PLBzldT2BteHV3oVOgVCh_56p6uBvg0W3x>. Acesso em Out. 2014.

FISHER, Max**. What is Donald Trump's Foreign Policy**?. 11 Nov. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/11/12/world/what-is-donald-trumps-foreign-policy.html?_r=0>. Acesso em: Mar. 2017.

FONSECA, Joel Pinheiro da. **O que há de novo na Nova Direita?** 31 Jan. 2014. Disponível em: < http://www.fabioostermann.org/blog/o-que-h-de-novo-na-nova-direita>. Acesso em Jan. 2015.

FRANCIS, Samuel. **The Paleo Persuasion**. 16 Dez. 2002. Disponível em: <http://www.theamericanconservative.com/articles/the-paleo-persuasion/>.

FRANK, Robert H. **The Other Milton Friedman: A Conservative With a Social Welfare Program**. 23 Nov. 2006. Disponível em: < http://www.nytimes.com/2006/11/23/business/23scene.html>. Acesso em: Fev 2017.

FRANCESCHET, Massimo. **Eingenvector Centrality**. [s/d]. Disponível em: < https://www.sci.unich.it/~francesc/teaching/network/eigenvector.html>. Acesso em: Mar. 2017.

FREITAS, Leandro Quintanilha de. **Medidas de centralidade em grafos**. Dissertação de Mestrado. UFRJ: COPPE, 2010. Disponível em: < http://objdig.ufrj.br/60/teses/coppe_m/LeandroQuintanilhaDeFreitas.pdf>. Acesso em: Mar. 2017.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

GEHL, Robert W. **A Cultural and Political Economy of Web 2.0**. Tese de Doutorado. George Mason University, 2010.

GOÉS, Carlos. **O Salário Mínimo ajuda mesmo o trabalhador? Como funciona fora do Brasil?** 20 Jan. 2015. Disponível em: < http://mercadopopular.org/2015/01/o-salario-minimo-ajuda-mesmo-o-trabalhador-como-funciona-fora-brasil/>. Acesso em Jan 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República**. Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. 2002. Disponível em: < http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000240126>. Acesso em: Jun. 2015.

GRÜN, Roberto. Guerra cultural e transformações sociais: as eleições presidenciais de 2006 e a “blogosfera”. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 621-666, set./dez. 2008.

INGRAM, Mathew. **Why Breitbart News will be the closest thing to a state-owned media entity.** 15 Nov. 2016. Disponível em: <http://fortune.com/2016/11/15/breitbart-trump-media/>. Acesso em: Mar. 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HAMOWT, Ronald *et al*. **The encyclopedia of libertarianism**. Thousand Oaks: SAGE. Pdf. 2008. 623p.

HOPPE, Hans-Hermann. **Os problemas com o conservadorismo atual e com uma ala do libertarianismo**. 2 Mai. 2014. Disponível em: <https://mises.org.br/Article.aspx?id=1852&ac=86954>. Acesso em: Fev 2017.

JÚNIOR, Valdenor. **As raízes liberais-libertárias:** Quem são e o que defendem os Bleeding Heart Libertarians. 2013. Disponível em: < http://mercadopopular.org/2013/11/as-raizes-liberais-libertarias-quem-sao-e-o-que-defendem-os-bleeding-heart-libertarians/>. Acesso em: Ago 2015.

KEEN, Andrew. **O culto do Amador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LABIC. **Rede de interações de páginas policiais no Facebook: a violência como hit**. 2014. Disponível em: < http://www.labic.net/grafo/rede-de-interacoes-de-paginas-policiais-no-facebook/>. Acesso em: Jun. 2015.

LEVIN, Yuval. **The Great Debate:** Edmund Burke, Thomas Paine, and the birth of right and left. New York: Basic Books. ISBN 978-0-465-04094-0. E-book. 2014.

______. **A New Political Reality**. 9 Nov. 2016a. Disponível em: < http://www.nationalreview.com/corner/442040/new-political-reality-yuval-levin>. Acesso em: Mar. 2017.

______. **The New Republican Coalition**. 17 Nov. 2016b. Disponível em: < http://www.nationalreview.com/article/442238/republican-party-after-trump-new-coalition-will-be-more-populist-nationalist>. Acesso em: Mar. 2017.

LARA, Gabriela. **Fundador do MBL se candidata à Prefeitura de Porto Alegre pelo PSL após deixar grupo.** Disponível em: < http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,fundador-do-mbl-se-candidata-a-prefeitura-de-porto-alegre-pelo-psl-apos-deixar-grupo,10000067262>. Acesso em: Mar. 2017.

LUCEMA, Eleonora de. **Nova direita surgiu após junho, diz filósofo**. 31 Out. 2014. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541085-nova-direita-surgiu-apos-junho-diz-filosofo.shtml>. Acesso em Jan. 2015.

MALINI, Fábio. **O comunismo das redes –** sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGCOM, 2007. 333p.

______. **NAR, um script para analisar a semântica e a movimentação interativ Facebook**. Disponível em: < http://www.labic.net/nar-um-script-para-analisar-a-se interativa-nas-fanpages-do-facebook/>. Acesso em: Jul. 2015.

______. Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001 **Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. São Paulo, 07 a 10 de maio de 20

______. Narrativas no Twitter: o fenômeno no Brasil e as suas implicações na pro **Comum**, n.31, p. 121-142, 2012.

______. **Introdução à Teoria dos Grafos e Análise de Redes Sociais**. [Arquivo

http://pt.slideshare.net/fabiomalini/introduo-teoria-dos-grafos-e-anlise-de-redes-sociais>.

_______. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias
rede. In: **XXV Encontro Anual da Compós**. Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016.

MARTINS, Paulo Eduardo. **SBT PR – A perseguição aos cristãos e o silêncio da imprensa**. [Vídeo]. 24 Set. 2013. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Xcbb2h6wvqw. Acesso em Out. 2014.

MARTINUZZO, Marcel. MALINI, Fábio.. A Blogosfera Política como Inteligência de Enxame. **XV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**. Vitória, 13 a 15 de maio de 2010.

MARWICK, Alice E. **Status Update:** Celebrity, Publicity and Self-Branding in Web 2.0. Tese de Doutorado. New York University. 2010.

MAUAD, João Luiz. **Por que digo não ao fusionismo**. 15 Jul. 2014. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/por-que-digo-nao-ao-fusionismo/>. Acesso em: Mar. 2017.

MCDONALD, W. Wesley. Prescription. In: **First Principles:** the home of intellectual conservatism. Revista Eletrônica. 2011.Disponível em: <http://www.firstprinciplesjournal.com/articles.aspx?article=648&theme=cotho&loc=b>. Acesso em: Out. 2016.

MERQUIOR, José Guilherme. **Entrevista de José Guilherme Merquior à VEJA**. 1981. Disponível em: < http://www.libertarianismo.org/index.php/artigos/entrevista-jose-guilherme-merquior/>. Acesso em: Out. 2016.

MERQUIOR, José Guilherme. **O Liberalismo**: Antigo e Moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 260p.

MINELLA, Ary Cesar. Globalização financeira e as associações de bancos na América Latina. Civitas **- Revista de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 245-272, maio 2007a. ISSN 1984-7289. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/120/115>. Acesso em: mar. 2017.

_______. Representação de classe do empresariado financeiro na América Latina: a rede transassociativa no ano 2006. In: **Rev. Soc. Polit.**, Curitiba, 28, p. 31-56, jun. 2007b. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n28/a04n28.pdf>. Acesso em: mar. 2017.

MISES, Ludwig Von. The social function of democracy. In: **Socialism:** economic and sociological http://www.huffingtonpost.com/searchanalysis. Indianapolis: LibertyPress, 1981. P.71-75.

MORAES, Reginal C. **Neoliberalismo – de onde vem, para onde vai?**. São Paulo: Senac, 2001. Disponível em: < https://reginaldomoraes.files.wordpress.com/2012/01/livro_neoliberalismo.pdf>. Acesso em Jul. 2015.

MORTARI, Marcos. **"Estado mínimo" separa líderes dos protestos e manifestantes pró-impeachment**. 26 Ago. 2015. Disponível em: < http://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/4245209/estado-minimo-separa-lideres-dos-protestos-manifestantes-pro-impeachment>. Acesso em: Mar. 2017.

MURPHY, Robert P. **The Chicago School versus the Austrian School**. 20 Jun 2011. Disponível em: < https://mises.org/library/chicago-school-versus-austrian-school>.

NOGUEIRA, Paulo. **A 'nova direita' brasileira lembra cada vez mais a velha direita venezuelana**. 31 Out. 2014. Disponível em: < http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-nova-direita-brasileira-lembra-cada-vez-mais-a-velha-direita-venezuelana/>. Acesso em Jan. 2015.

NOGUEIRA, Paulo. **A 'nova direita' brasileira lembra cada vez mais a velha direita venezuelana**. 31 Out. 2014. Disponível em: < http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-nova-direita-brasileira-lembra-cada-vez-mais-a-velha-direita-venezuelana/>. Acesso em Jan. 2015.

NYQUIST, Jeffrey. **Fantasy, Fraud, and Socialism.** 10 Ago. 2010. Disponível em: < http://www.financialsense.com/contributors/jr-nyquist/fantasy-fraud-and-socialism>. Acesso em: Mar. 2017.

_______. **Quando os conservadores adotam o erro**. 12 Abril 2014. Disponível em: < http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/15118-quando-os-conservadores-adotam-o-erro.html> Acesso em: Mar. 2017.

_______. **Golitsyn's Methodology and the Trump Administration**. 20 Fev. 2017. Disponível em: <http://www.jrnyquist.com/golitsyn-s-methodology.html> Acesso em: Mar. 2017.

OCC ALERTA BRASIL. **Temer o novo agente do Foro de São Paulo**: a verdade sobre Temer, PT, PMDB e PSDB. 22 Mai. 2016. Disponível em: < http://occalertabrasil.blogspot.com.br/2016/05/temer-o-novo-agente-do-foro-de-sao.html> Acesso em: Mar. 2017.

OSTERMANN, Fábio Maia. **Os liberais e o espectro político unidimensional**: direita, esquerda ou algo mais? Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Porto Alegre: PUC-RS, 2014a.

_______. **Ser liberal é defender que casais homossexuais tenham o direito de ter armas para proteger suas plantações de maconha.** 5 Mar. 2014b. Twitter: @FabioOstermann. Acesso em: Mar. 2017.

PARSONS, James. **Facebook's war continues against fake profiles and bots**. 22 Mai. 2015. Disponível em: < http://www.huffingtonpost.com/james-parsons/facebooks-war-continues-against-fake-profiles-and-bots_b_6914282.html>. Acesso em: Mar. 2017.

PEREIRA, Moarcir. **Professor Sérgio Colle metralha professor Paulo Pinheiro Machado**. 31 Mar. 2014. Disponível em: < http://wp.clicrbs.com.br/moacirpereira/2014/03/31/professor-sergio-colle-metralha-professor-paulo-pinheiro-machado/?topo=67,2,18,,,67>. Acesso em Out 2014.

PEW. **Political Polarization in the American Public**. 2014. Disponível em: < http://www.people-press.org/2014/06/12/political-polarization-in-the-american-public/>. Acesso em Jan. 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As Bases da Nova Direita. In: **Novos Estudos**, n. 19, Dez. 1987. Disponível em: < http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/53/20080623_as_bases_da_nova_espera.pdf>. Acesso em: Jul. 2015.

PRADO FILHO, Kleber. TETI, Marcela Montalvão. A Cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. In: **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p.45-59, jan./jun. 2013.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil*:*** ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Ibrasa, 1981. 156p.

RICHMAN, Sheldon. **O salário mínimo prejudica os mais vulneráveis**. 17 Jan. 2014. Disponível em: < http://www.libertarianismo.org/index.php/artigos/salario-minimo-prejudica-vulneraveis/>. Acesso em Out 2014.

ROBINSON, Edward. **For Libertarian Utopia, Float Away on 'Startup' Nation**. 30 Mai 2014. Disponível em: < https://www.bloomberg.com/news/articles/2014-05-30/for-libertarian-utopia-float-away-on-startup-nation>.

ROCKWELL, Llewellyn H. **Mises and Liberty**. 15 Set. 1998. Disponível em: < https://mises.org/library/mises-and-liberty>. Acesso em: Mar 2017.

RODRIGUES, Fernando. **Aliança de grupos contra Dilma racha em dia de protesto em Brasília**. 15/04/2015. Disponível em: < http://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2015/04/15/alianca-de-grupos-contra-dilma-racha-em-dia-de-protesto-em-brasilia/>. Acesso em: Ago 2015.

ROTHBARD, Murray N. Milton Friedman Unraveled. In: **Journal of Libertarian Studies**, vol. 16, no. 4, pp. 37-54. Pdf. 2002. Disponível em: < https://library.mises.org/sites/default/files/16_4_3.pdf>.

ROTHBARD, Murray N. **The New Banner Interview with Murray N. Rothbard**. 1972. Disponível em: < https://mises.org/library/new-banner-interview-murray-n-rothbard-0>. Acesso em: Mar. 2017.

SÁ SILVA e outros. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I - Número I - Julho de 2009 (pp. 1-14).

SALERNO, Joseph T. Mises and Hayek Dehomogenized. In: ROBBINS, John W.; SPANGLER, Mark (organizadores). **A Man of Principle: Essays in Honor of Hans F. Seenholz**. Pennsylvania: Grove City College Press, 1992. P.114-144.

_______. **Rothbard Vindicated**. 4 Set. 2009. Disponível em: < https://mises.org/library/rothbard-vindicated>. Acesso em: Mar 2017.

SILVA, Ricardo. História intelectual e teoria política. In: **Revista de Sociologia e Política**, vol. 17, n. 34, pp. 301-318, 2009.

SINGER, André. 2000. **Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro**: A identificação Ideológica nas Disputas Presidenciais de 1989 e 1994. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_______. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. In: **Novos estudos – CEBRAP [online]**. 2013, n. 97, pp. 23-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-

33002013000300003&lng=en&tlng=es.%2010.1590/S0101-33002013000300003>. Acesso em: Set. 2015.

SOCHA, Eduardo. **Entrevista – Andrew Keen**. 2010. Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-andrew-keen/>. Acesso em: Ago 2015.

SOUZA, Maria Clara Paixão de. **Um breve panorama**. Disponível em: < http://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/>. Acesso em: Jul. 2015.

SPRINGER *et al* (Orgs). **The Handbook of Neoliberalism**. New York: Routledge. 2016. 312p.

STOREY, Kate. **Who is Steve Bannon? 17 thing to know about Donald Trump's Chief Strategist**. 14 Mar. 2017. Disponível em: <http://www.cosmopolitan.com/politics/a8288455/who-is-steve-bannon-trump-chief-strategist/ >. Acesso em: Mai 2017.

SUNSTEIN, Cass R. **Republic.com 2.0**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

TUCKER, Jeffrey A. **Against Libertarian Brutalism**. 2014. Disponível em: <https://fee.org/articles/against-libertarian-brutalism/>. Acesso em: Nov 2016.

VELASCO E CRUZ, S. *et al* **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. 304p.

VOITCH, Guilherme. **Jovens se organizam e tentam criar legendas da 'nova direita'**. 14 Mar. 2012. Disponível em: < http://oglobo.globo.com/brasil/jovens-se-organizam-tentam-criar-legendas-da-nova-direita-4305063>. Acesso em Jan. 2015.

WATSON, Steve. **Bilderberg 2015**: encontro será nos Alpes austríacos. 2015. Disponível em: < http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/15658-2015-02-05-20-48-27.html>.

WE ARE SOCIAL. **Internet use in Brazil**. 2017. Disponível em: < https://www.slideshare.net/wearesocialsg>. Acesso em: Mai 2017.

WOERDENBAG F., João Luiz. **Lobão traz Olavo de Carvalho e Rodrigo Constantino, ao vivo e em cores**. [Vídeo]. 30 Jan. 2014. Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=WVG5HKkwjZo>. Acesso em Out. 2014.

YIANNOPOULOS, Milo. **Does feminism make women ugly?** 26 Jul. 2015. Disponível em: < http://www.breitbart.com/big-government/2015/07/26/does-feminism-make-women-ugly/>. Acesso em: Mar. 2017.

ANEXOS

Anexo I – Lista das páginas excluídas manualmente na cartografia de 2016

1st Special Forces Command - Airborne	FBI - Federal Bureau of Investigation	Portal Brasileiro
ABC News	FBI Community Outreach	Portal Praias Brasil
ABIME (associação brasileira de imprensa de mídia eletronica)	Fecomercio GO	Portal Praias Brasil
Abril em Londres	Federal Senate	Portal R7
Academia da Força Aérea - AFA	Financial Times	Portal São Paulo
Acunpuntura por Alexandre Chut	First Draft News	Pragmatismo Político
ADPF - Associação nacional dos delegados da polícia federal	FNE - Federação Nacional dos Enfermeiros	Pré-Enem AlfaCon
Aeronáutica Brasileira	Folha Ciência e Saúde	Prefeitura de Leopoldo de Bulhões
Agence France-Presse	Folha de São Paulo	Prefeitura Municipal de Cidade Ocidental
Agência Brasil	Folha do Povo	Programa Hoje em Dia
AGU Advocacia Geral da União	Folha Poder	Prourb - Promotorias de Justiça de Defesa da Ordem Urbanística
Anadep - Associação	Folha	Público

Nacional dos Defensores Públicos	Política	
Animal Shame	Forbes	Rádio ABC
Aparecida de Goiânia	Força Aérea Brasileira	Reclame Aqui
Apple Brasil	Força Aérea Brasileira	ReclameAQUI para Facebook
ArchDaily	Força Aérea Brasileira (FAB)	Rede Bodytech de Academias
Arena SBT	Fox News	Rede Globo
Artesanatos Martinha	Fútbol Picante	Rede Record
Associação Esportiva Jataiense	G1	Rede Record
Associação Nacional dos Procuradores Municipais	Gadoo	Rede Record
AUTOPRO - CAPAS DE ESTEPE ESPECIAIS	Gazeta Social	Rede TV!
Avaaz	Gestão de Produto de Moda	Reporters without borders
Aventuras na História	Globo Repórter	Restaurante Eleven
Ayrton Senna da Silva	Goianésia Esporte Clube	Reuters
Bahia Notícias	Goiânia Esporte Clube	Revista Bula
Band Page	Goiás	Revista EXAME
Barack Obama	Goiás	Revista Istoé
BBC Brasil	Goiás Esporte Clube	Revista Mundo Estranho

BBC Mundo	Greenpeace Brasil	Revista Nabuco
BBC News	Greenpeace International	Revista Superinteressante
BBC Persian	Greepeace España	Revista Voto
Bela Vista de Goiás	Gshow - O entretenimento da Globo	Sabrina Sato
Bloomberg	Guia do Estudante	SBT
Bom dia Brasil	Harvard Business Review	SBT Brasil
Brasil Business ON LINE	HBO	SBT Brasília
BRASIL pode ter 1 milhão de fãs antes de qualquer outro pais !!!!...	History	Science of Us
Brazilian Air Force	HuffPost Brasil	Secretária da Educação do Estado de São Paulo
Câmara dos Deputados	HuffPost Business	Secretaria de Emprego e Relações do Trabalho
Canal do Produtor	Hug Pugs	Secretária de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiencia de São Paulo
Caras Brasil	iba	Senado Federal
Carta Capital	IG	SIEG - Sindicato dos Enfermeiros do Estado de Goiás
CBN	Imóveis a venda em Miami	Sistema Ambiental

		Paulista
CBN Rio	Inc. Magazine	Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)
Chevrolet Brasil	INFO	Sucesso FM 98 Valparaíso - GO
Cidade Alerta	InfoMoney	Superior Tribunal de Justiça (STJ)
CLAUDIA Online	Inhumas	TechCrunch
Clube dos Repórteres Políticos de Goiás	Isso É Brasil	Terra
Clube Recreativo e Atlético Catalano	Itaberaí	The Economist
CNN	Jornal da Globo	The Guardian
Co. Exist	Jornal da Record - JR	The Huffington Post
Compassion Over Killing	Jornal do SBT	The Humane Society of the United States - Farm Animal Protection Campaign
ConJur	Jornal do SBT	The New York Times
Conselho Nacional de Justiça (CNJ)	Jornal do Sbt Brasília	The Next Web
Conselho Superior da Justiça do Trabalho - CSJT - Brasil	Jornal do SBT Manhã	The Noite com Danilo Gentili
ConstroiCerto	Jornal Hoje	The Wall Street Journal
Contato Animal	Jornal Nacional	The Wall Street Journal em

		Português
Contato Comunicação	Jornal NH	Time
Controladoria Geral da União - CGU	Jornal Opção	To Save The Whale film
Correio Braziliense	Jovem Pan Online	Tribunal de Justiça de São Paulo
Correio do Poder	Laura Pausini	TV Cultura
Correio dos Pireneus	Le Monde.fr	TV Senado
Cristovam Buarque	Luciana Genro	Twitter
Dani Alves	Lula	U.S Army Infantry
Der Spiegel	Manguetown	U.S Army Special Operations Command
Desaparecidos - Missing	Marinha do Brasil	U.S. Army
Diario Clarín	MdeMulher	U.S. Government Accountability Office (GAO)
Diario da Manhã	MG Hair Design	U.S. Marine Corps
Diario de Pernambuco	Ministério da Saúde	United Nations
Diário do Poder	Ministério da Saúde - HIV/Aids	United States
Dilma Roussef	Ministério Público do Distrito Federal e Territórios - MPDFT	United States
Dilma Rousseff	Ministério Público do Estado de São Paulo	United States Air Force
Dilma Rousseff	Ministério Público do Estado do Rio de	UOL

	Janeiro - MPRJ	
Doações para animais	Ministério Público do Trabalho	UOL entretenimento
Educar para Crescer	Ministério Público Federal - MPF	UOL Notícias]
El País	Monte Cristo Esporte Clube	UOL Política
El País Brasil	Multishow	US Air Force Academu (official)
Em Tempo	National Geographic	US Open Government
Encontro Brasilia	National Geographic Channel	USAF Security Forces Humor
Época	NBC News	Valor Econômico
Época Negócios	Newsweek	Veja
Época São Paulo	Nicole Büchler Fotografias	Veja Entretenimento
Estadão	Nike Futebol	Veja Rio
Eu amo meu filho	Noticias das forças armadas brasileiras	Veja São Paulo
Exame	Noticieros Televisa	Venezuela
Exame PME	O Globo	Vida Simples
Exame.com	O Popular	Vila Nova Futebol
Exército Brasileiro	O POVO Online	Vila Nova Futebol Clube
Fábio Jr.	ODIARIONET	Você RH
Facebook	Outback Brasil	Você S/a
Facebook and Privacy	Ouvidoria do Ministério Público do Trabalho	Wired

Facebook Brasil	Palácio do Planalto	World BBC News
Facebook for Developers	Pet Care	WWF
Facebook Security	Planeta Sustentável	WWF-Brasil
Fantástico - o show da vida	Polícia Federal - PF	Yahoo Notícias
Fantástico - o show da vida	Política Estadão	Yasmin Lingerie
Fast Company	Poll	YouTube
	Portal Administradores	Zero Hora

UMA BREVE COMPARAÇÃO ENTRE O FASCISMO CLÁSSICO E OS NEOFASCISMOS. O MÍDIA SEM MÁSCARA E O NEOFASCISMO DE TERCEIRA ONDA

Natalia dos Reis Cruz
Universidade Federal Fluminense
ndrc@globo.com

O Brasil vem sendo palco de movimentos políticos localizados no espectro da extrema direita que possuem um virulento anticomunismo em seu discurso e procuram arregimentar adeptos para suas ideias através das redes sociais. Atualmente, um dos principais nichos anticomunistas organiza-se em torno do movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, que possui uma narrativa conspiracionista como esteio de suas análises sobre os problemas brasileiros e mundiais.

Um dos produtos intelectuais do movimento é a obra "O Eixo do Mal Latino-Americano" e "A Nova Ordem Mundial", publicado em 2008, de autoria do psicanalista Heitor de Paola, no qual apresenta um resumo das principais ideias do Mídia Sem Máscara, sendo tal obra chancelada por Olavo de Carvalho, que redigiu o seu prefácio, iniciando-o com uma ode ao autor da obra, definindo-o como "analista político", embora ele não tenha qualificação acadêmica ou formação na área para debater ciência política, filosofia ou história.

> Se o jornal eletrônico Mídia Sem Máscara não servisse para mais nada, só o ter revelado aos leitores brasileiros o analista político Heitor de Paola já bastaria para justificar sua existência e torná-la mesmo indispensável. O homem, de fato, não tem equivalente na "grande mídia" nem – até onde posso enxergar - nas cátedras universitárias, tal a amplitude do horizonte de informações com que lida em seus comentários e tal a claridade do olhar que ele lança sobre o vasto,complexo e móvel panorama da transição revolucionária latino-americana, reduzindo a sequências causais coerentes a variedade dos fatos em que seus colegas - digamos que o sejam - não enxergam senão um caos fortuito ou a imagem projetada de seus próprios sonhos, desejos, preconceitos e temores. (CARVALHO, 2008, p. 15)

Esta obra pode ser vista como um expoente do conspiracionismo no Brasil, pois baseia seu discurso na ideia de que os comunistas pretendem dominar o mundo e estariam por trás de vários acontecimentos recentes envolvendo figuras importantes do mundo político, econômico e cultural. O autor faz uma apropriação da história soviética, através da estratégia de sua descontextualização - da Revolução Bolchevique à Perestroika, com o objetivo de fortalecer a narrativa conspiracionista de caráter anticomunista que caracteriza toda a obra paolina.

O Mídia Sem Máscara foi fundado em 2002, com o objetivo de "denunciar" o que chamam de "viés esquerdista" da mídia brasileira, que esconderia ou distorceria ideias e notícias. Assim, o movimento se pretende “sem máscara”, ou seja, apresentaria notícias de forma "objetiva" e "neutra", imagem esta totalmente inverídica pelo viés direitista das narrativas de seus membros. É um movimento formado por elementos da pequena burguesia, como jornalistas, advogados, professores, etc, que apresentam em seu discurso elementos da mentalidade fascista (teorias conspiratórias, aversão à diversidade política e étnico cultural, construção de inimigos internos e externos) e se preocupam em mobilizar vastos setores da sociedade em um movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade, para produzir consenso em torno de ideias que servem aos interesses dos setores dominantes da grande burguesia, assim como possuem uma rede extrapartidária associada a vários aparelhos privados de hegemonia da grande e pequena burguesia.

Consideramos o movimento Mídia Sem Máscara uma expressão do neofascismo no Brasil, acompanhando o amplo trabalho de Lucas Patschiki, que o apresenta como um projeto fascista que se insere nos fascismos de terceira onda, defensores das políticas neoliberais, e como parte da reação das forças conservadoras e reacionárias da sociedade brasileira ao novo arranjo do bloco no poder após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, em 2002. Tais forças utilizam o anticomunismo como base ideológica comum visando o acirramento da luta de classes e a crise aberta, para fomentar uma ruptura política que assegure a reprodução capitalista em bases neoliberais através de objetivos fascistas, sendo o principal deles "a quebra completa da organização da classe operária nos limites estatais-nacionais". (PATSCHIKI, 2012, p. 123)

Para introduzir essa discussão, é preciso realizar uma breve análise comparativa entre os fascismos clássicos e os chamados neofascismos. Segundo Kocka,

"comparação em história significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente com respeito a suas similaridades e diferenças de modo a alcançar certos objetivos intelectuais." Entre os méritos da abordagem comparativa estão o auxílio na identificação de questões e a clarificação de perfis de casos únicos. Quanto aos objetivos intelectuais, eles seriam de caráter heurístico, descritivo, analítico e paradigmático. Do ponto de vista heurístico, a análise comparativa permite identificar questões e problemas que podem ser perdidos, negligenciados ou não concebidos pelo historiador ao estudar determinado tema. Já a descrição torna possível o esclarecimento de perfis de casos singulares, contrastando-os com outros. Em termos analíticos, a comparação é imprescindível para formular questões causais e respondê-las. E no que diz respeito à função paradigmática da comparação, ela ajuda no distanciamento do caso melhor conhecido pelo historiador, muitas vezes a história do seu próprio país, permitindo a descoberta de que o caso mais familiar é apenas uma possibilidade entre outras. (KOCKA, 2014, p. 270-281)

Assim, podemos nos fazer, entre outras, a seguinte questão: o que há de comum entre os fascismos clássicos e os neofascismos e o que os diferencia? Este trabalho procura responder de forma introdutória a esta problemática.

É extremamente importante a compreensão cada vez mais clara acerca do fascismo, pois se trata de um dos fenômenos políticos mais significativos de século XX e o seu espectro continua se fazendo presente no século XXI, contrariando as interpretações epocais sobre o fenômeno, que o situam apenas no contexto histórico do entreguerras.

Konder nos aponta que o fascismo possui uma universalidade que ultrapassa suas manifestações particulares (notadamente, o chamado fascismo clássico), já que despido de suas particularidades, o fascismo do entreguerras revela fundamentos que podem encontrar novas formas de manifestação, o que seria seu principal perigo. Mas a sua determinação está ligada ao capital e suas necessidades de reprodução ampliada em sua fase monopolista, em que o Estado é essencial para a acumulação de capital. O fascismo é uma espécie de direita, que não se confunde com os movimentos e partidos da direita tradicional, pois possui uma retórica "revolucionária", embora seja socialmente conservador, serve-se de mitos irracionalistas – como exemplo, o mito da nação (baseado na ideia de uma unidade fictícia, que abstrai os conflitos e as divisões sociais presentes nas sociedades) -, faz uso dos modernos meios de propaganda de massa, é

chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista e antioperário. (KONDER, 2009, p. 23)

A comparação entre os fascismos clássicos e os neofascismos nos permite perceber que há uma essência fascista para além das manifestações particulares, contextuais e nacionais dos diversos fascismos existentes. E que o fascismo e seu espectro não estão presos no tempo ou em dado contexto histórico. O fato de não haver a forma do fascismo clássico (partido militarizado, uniformes marrons, suásticas, camisas negras, fascios) não nos permite falar de um não-fascismo, porque o substancial pode estar bem presente, ou seja, o irracionalismo, a valorização dos sentimentos e dos instintos, o chauvinismo, o pragmatismo, o culto da nação mítica, o anticomunismo, a negação do outro. (KONDER, 2009, passim)

A determinação de classe dos fascismos é fundamental. Embora a origem do fascismo esteja ligada à pequena e média burguesia, que exatamente por se situar entre as duas principais classes da sociedade – a grande burguesia e o proletariado – pode falar em uma espécie de "transcendência de classe" e advogar o mito da nação, não se pode compreender a ascensão ao poder e o crescimento do movimento fascista sem atentar para a adesão do grande capital, que financiou o fascismo (KONDER, 2009, p. 49-51) e percebeu o quanto o mito nacional era funcional aos seus interesses de classe e ao controle social sobre os trabalhadores.

Os denominados fascismos clássicos surgiram no período entreguerras, na esteira das consequências sociais, econômicas, políticas e culturais trazidas pela Primeira Guerra Mundial. As frustrações com os resultados deste conflito, as fissuras que ele deixou e a crise econômica de 1929 contribuíram para o surgimento e ou fortalecimento dos movimentos fascistas que, em um contexto de descrédito para com o liberalismo em todos os seus aspectos e da ascensão da ideia de revolução proletária no esteio da revolução bolchevique de 1917, passaram a ser uma opção para as camadas médias que temiam a perda de suas posições sociais, arregimentando também parte do proletariado e sendo instrumentalizados pelo grande capital.

Os fascismos clássicos, cujos maiores representantes foram o fascismo italiano e o nazismo alemão, centravam seu discurso no antissemitismo, fomentando a tese da conspiração judaica de dominação mundial[1], no anticomunismo e no nacionalismo

---

1É digno de nota, porém, que o fascismo italiano não foi, inicialmente, centrado no antissemitismo, tendo adotado políticas antissemitas apenas nos anos 1930, após sua aliança com a Alemanha nazista.

exacerbado, propondo uma nova forma de organização política e econômica, rompendo com o modelo da democracia liberal e do livre mercado, e concebendo uma sociedade organizada de forma corporativa – visando eliminar a luta de classes -, com um Estado forte, autoritário e militarizado, e a construção da coesão social e nacional através da mobilização de massas em prol da depuração da nação dos seus "inimigos" – enxergados principalmente nos judeus e comunistas. Nos fascismos clássicos, a estrutura organizativa era feita com base no partido único, hierarquizado e militarizado, com suas milícias partidárias e combatentes, tendo um líder carismático à frente que incorporava os ideais nacionais e representava a nação.

A crise econômica do capitalismo em um contexto de ameaça revolucionária, já que um modelo alternativo ao capital se construía na URSS, fez com que o capital se abrisse para formas de controle social e político das classes trabalhadoras via fortalecimento do Estado policial e autoritário, com intervenção econômica no mercado e construção de arranjos institucionais que promovessem um reordenamento do bloco no poder, para que a reprodução capitalista pudesse subsistir sob a hegemonia do grande capital monopolista. A burguesia industrial e financeira passou a ver com bons olhos a intervenção do Estado no fortalecimento do capitalismo monopolista e na destruição de todo vestígio de livre concorrência.

Os chamados neofascismos inserem-se no contexto do pós-guerra, após a derrota dos fascismos clássicos pelos aliados. Em um novo contexto histórico, em que as ideias e práticas fascistas foram rechaçadas após a tragédia do extermínio nazista, os fascistas tiveram que sofrer algumas metamorfoses para sobreviverem nas novas circunstâncias históricas. São chamados de fascismo de "segunda onda", que modificaram suas formas de organização e algumas ideias, inserindo-se na democracia parlamentar burguesa. Neste caso, tais partidos e ou movimentos fascistas abandonaram o corporativismo e passaram a enfatizar quase que exclusivamente o combate ao comunismo e a aceitação da pluralidade partidária, sendo, portanto, bastante úteis no contexto da Guerra Fria e auxiliares na luta do Ocidente capitalista e liberal contra a URSS e seus aliados. (PATSCHIKI, 2012, p. 21)[2]

2Como exemplo de fascismos da segunda onda, temos o Movimento Sociale Italiano (MSI), fundado em 1972; o Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD), criado em 1964 a partir da fusão de várias agremiações de direita; e o Partido de Representação Popular (PRP), que agregou os integralistas brasileiros no pós-guerra.

Os fascismos de "terceira onda" surgiram a partir da década de 1980 e abarcam o período pós-Guerra Fria, quando, devido ao fim do chamado socialismo real, passaram a centralizar seus ataques principalmente aos imigrantes e ao islamismo, embora o discurso anticomunista não tenha desaparecido, defendem políticas neoliberais e a retirada de direitos dos trabalhadores. Os neofascismos de terceira onda apresentam uma estrutura organizativa diferente da dos fascismos clássicos, havendo uma descentralização de suas diversas instituições de luta e, mesmo os partidos ainda sendo altamente centralizados em torno de lideranças específicas, eles não assumem mais o caráter organizativo e simbólico dos partidos fascistas clássicos, formando-se redes extrapartidárias e até células relativamente autônomas para evitar a sua marginalização e a criminalização do centro do movimento, em caso de ações diretas de milícias, já que estas não são mais vinculadas estreitamente ao partido. Como resultado dessa estrutura descentralizada, são possíveis iniciativas criativas de atração de militantes, além do uso ostensivo da internet para atuação política – não somente para propaganda e disseminação ideológica, mas também para organização, cooptação, formação e confronto ideológico. (PATSCHIKI, 2012, p. 21)[3]

As mudanças e adaptações do fascismo ao longo do tempo estão ligadas às necessidades da reprodução ampliada do capital, pois o fascismo é útil para que tal reprodução ocorra em caso de crises, tendo, porém, que apresentar algumas mudanças organizativas e até ideológicas para continuar a ser aceito e usado como instrumento de mobilização das massas na luta do capital contra a expansão de ideias e movimentos ligados aos interesses das classes proletárias e que possam obstaculizar a acumulação capitalista. No caso específico do Mídia Sem Máscara, enquanto fascismo de "terceira onda", podemos situá-lo tanto na luta contra medidas consideradas progressistas após a ascensão do PT ao poder como na defesa do desmonte ultraliberal do Estado e das reformas que retiram direitos trabalhistas e previdenciários colocados em prática a partir do governo de Michel Temer, em 2016.

O conspiracionismo continua fazendo parte dos movimentos neofascistas, mas o Mídia Sem Máscara apresenta algumas novidades em relação aos fascismos clássicos. Nestes, a figura do judeu era central no discurso do "inimigo" nacional, pois era acusado de todos os males sociais. O elo de ligação entre os banqueiros capitalistas e os

3Entre os fascismos de terceira onda, pode-se incluir, além do próprio Mídia Sem Máscara, a Frente Nacional (FN) francesa, surgida na década de 1980 ; e o Tea Party norte-americano, fundado em 2009.

comunistas era o judeu, a "ânsia de domínio mundial" pertenceria a ele. Para o Mídia Sem Máscara, no entanto, os judeus deixaram de ser os inimigos, possuindo, inclusive, uma atitude claramente pró-Israel. Os alvos semíticos passam a ser os árabes muçulmanos, sendo a islamofobia uma das características do movimento liderado por Olavo de Carvalho. O islã é acusado de pretender dominar o mundo, utilizando, para isso, a imigração em massa de muçulmanos para a Europa, com o suposto intuito de "destruir a civilização judaico-cristã". Se, para os fascistas clássicos, os comunistas estavam de mãos dadas com os judeus, para o Mídia Sem Máscara, os comunistas agora se aliam ao islamismo. (CARVALHO, 2016)

Uma outra característica do Mídia Sem Máscara que o diferencia do fascismo clássico é a defesa da liberdade e da democracia sob o modelo do capitalismo liberal de mercado. É nítido nos escritos de Carvalho e seus seguidores a contraposição entre os "totalitarismos", que associam tanto ao comunismo e ao nazismo – reeditando a tese predominante durante a Guerra Fria -, e a "democracia" liberal do Ocidente, assim como enaltecem o capitalismo enquanto modelo de liberdade do indivíduo em oposição ao socialismo, representado como opressor em relação aos direitos do indivíduo. O discurso da "democracia" é compreensível diante da necessidade de adaptar o espectro fascista ao sistema liberal democrático, pois os neofascismos agem dentro do sistema liberal e procuram "conciliar" as ideias de intolerância e o discurso do inimigo nacional à defesa do modelo democrático. Mas ao mesmo tempo, demonstram sua essência antidemocrática, ao tratarem os adversários como inimigos e não como forças legítimas na disputa política.

Quanto à defesa do capitalismo, é importante dizer que o fascismo sempre foi pró-capital, ainda que os clássicos procurassem um modelo corporativista e adotassem um discurso "anticapitalista". O "anticapitalismo" dos fascismos clássicos, no entanto, significava a crítica à hegemonia do grande capital, principalmente o capital usurário, sobre o Estado, em detrimento das médias e pequenas burguesias. Não atacavam o sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção, mas buscavam um equilíbrio que garantisse uma harmonia de classes e a possibilidade de ascensão para as classes médias. Era, portanto, um modelo interventor, tendo o Estado fascista como o grande fiador desse equilíbrio, embora, após chegarem ao poder, tenham beneficiado principalmente o grande capital em suas medidas.

Já o fascismo do Mídia Sem Máscara é neoliberal e está a serviço das necessidades do capitalismo atual quanto ao corte de custos e à ampliação das possibilidades de expansão e reprodução do capital às custas do setor público e dos direitos dos trabalhadores, em um contexto em que não há mais uma ameaça concreta de um modelo alternativo de sociedade. Não possuem um discurso "anticapitalista", mesmo que retórico, ao contrário, defendem abertamente o capitalismo e, quando criticam o grande capital, os banqueiros e os monopólios privados, não os associam ao sistema capitalista, mas ao que chamam de "metacapitalismo", algo que não pertence à essência do capital, uma classe que "transcendeu o capitalismo e o transformou no único socialismo que algum dia existiu ou existirá, o socialismo dos grão senhores e dos engenheiros sociais a seu serviço." (CARVALHO, 2008. p. 254-255)

Desconsideram, portanto, a tendência natural do capitalismo à concentração e centralização do capital, associando tal fenômeno, em vez disso, a falhas de caráter de indivíduos isolados que burlam as leis da livre concorrência para enriquecer. Dessa forma, retiram do sistema a responsabilidade pela existência do grande capital usurário e monopólico ou oligopólico, já que o verdadeiro capitalismo, na visão do movimento, é o de livre concorrência.

O fato de terem que usar a máscara de defensores da "democracia" e adotarem aparentemente um discurso liberal democrático, permite que não se assumam enquanto defensores do espectro fascista, e utilizam a tese do "totalitarismo" para retirarem do campo da direita o fenômeno fascista, já que o ligam ao comunismo enquanto representante do Estado "totalitário". Nesse sentido, aproximam-se da tese desenvolvida por Hannah Arendt (2012), que utiliza o conceito de "totalitarismo" para se referir tanto ao nazismo alemão como ao bolchevismo soviético, colocando sob um mesmo conceito regimes totalmente distintos no que diz respeito ao seu conteúdo de classe e ao projeto de sociedade que defendem.

O Mídia Sem Máscara apresenta também uma novidade discursiva: desenvolve a tese do "nazismo de esquerda" (CARVALHO, 2019), com base na questão da intervenção do Estado na vida social, desconsiderando a essência de ambos os regimes e limitando-se a aspectos superficiais, como se o Estado nazista tivesse a mesma natureza de classe e se propusesse aos mesmos fins que o Estado comunista (os Estados do socialismo real). E como se o Estado não fosse absolutamente necessário também à acumulação de capital, através da sua intervenção em sociedades capitalistas voltada

para garantir a propriedade privada dos meios de produção e a apropriação privada da riqueza social.

Dessa forma, a tese do "nazismo de esquerda" tem a função de negar a essência fascista do movimento e relacionar o fascismo à esquerda; isso só é possível porque, enquanto um movimento neofascista, o Mídia Sem Máscara não assume as formas do fascismo clássico.

O Mídia Sem Máscara propaga um discurso de ódio e constrói estereótipos acerca de grupos sociais e movimentos situados à esquerda do espectro político, bem como propaga um moralismo de caráter cristão contra alvos considerados destoantes do padrão moral que defendem, pretendendo unificar uma base de massas na luta contra os inimigos construídos. Seu espectro fascista está presente em seu discurso islamofóbico, lgbtfóbico, misógino, anti-indigenista, anticomunista, antifeminista, antimovimento negro e antiesquerdista em geral, pois ambos os alvos são colocados em uma posição de contrários aos interesses nacionais e à civilização ocidental judaico-cristã. A ideia de conspiração do inimigo também está presente e fortalece a mobilização que o movimento pretende realizar atraveś das mídias sociais.

Nesse sentido, o discurso neofascista do movimento é funcional aos interesses do capital, pois ajuda a canalizar os ressentimentos, as frustrações e os temores sociais das massas trabalhadoras contra alvos específicos, contribuindo para que a organização de classe contra os interesses do capital seja enfraquecida e dificultada. O anticomunismo tem um papel bastante preponderante no movimento Mídia Sem Máscara, pois através dele se articula a luta contra os demais inimigos eleitos, já que todos estariam relacionados em torno de uma proposta de revolução contra a ordem social capitalista e judaico-cristã. Por isso, embora o comunismo não exista mais enquanto uma ameaça concreta ao sistema capitalista após o fim das experiências socialistas do leste europeu, o anticomunismo continua bastante presente nas ideias conspiracionistas do movimento de Olavo de Carvalho, e serve para atemorizar as massas contra tudo aquilo que possa ser percebido como ameaça ao acúmulo desenfreado de capital.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. As Origens do Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CARVALHO, Olavo de. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. Verbum, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/>. Acesso em 03 ago. 2018.

_________, Olavo de. O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo? Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=oODfzPLE_m4>. Acesso em 27 dez. 2019.

KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. Revista Esboços, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago, 2014.

KONDER, Leandro. Introdução ao Fascismo. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PAOLA, Heitor de. O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial. São Paulo: Editora É Realizações, 2008.

PATSCHIKI, L. Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

DOI: http://10.18315/argum..v9i2.15922

Mídia e ascensão conservadora

The media and the rise of conservatism

Carla Luciana Souza da SILVA[1]

1 A direita não assumida

Não é de hoje que existem estudos sobre a direita brasileira. São trabalhos essenciais para que se compreendam os mecanismos da dominação e perpetuação nas distintas formas de poder, seja no estado restrito, seja nas suas formas ampliadas. Desde o clássico livro de René Dreifuss, *1964: a conquista do Estado*, os estudos sobre a direita estão presentes na historiografia brasileira (DREIFUSS, 1981). Portanto, em nenhuma medida os cientistas sociais de hoje se sentem diante de *um raio em céu azul* na emergência de forças conservadoras na sociedade brasileira.

Por outro lado, no Brasil não havia, até muito recentemente, uma identificação pública com a direita por parte da população em geral. Ser de direita está associado a uma condição de classe, e, portanto, os donos do capital nem sempre fazem questão de mostrar sua opulência. Não era algo que se desejava alardear, e sim conservar. Muitos podem ter se sentido constrangidos com os longos anos de Ditadura no Brasil, tornando difícil a sustentação da defesa pública de políticas de direita, embora no âmbito privado essa defesa nunca tenha desaparecido. Mas, os mesmo que se calaram publicamente sobre as mazelas da ditadura brasileira, não se cansaram, a partir dos anos 1990, de atacar o comunismo ou o socialismo como sendo ditaduras. Portanto, não é que não houvesse um centro de pensamento de direita, pelo contrário, ele nunca deixou de existir e se complexificou, se capilarizou ao longo dos últimos anos.

Percebemos ao longo dos anos 1990, na grande mídia, uma construção geral da ideia da vitória do capitalismo, ao mesmo passo em que cresceram centros difusores de ideologias liberais. Ao invés de arrefecerem do ponto de vista da produção de ideias, já que estavam vitoriosos, nos parece que esses intelectuais tinham clareza de que a hegemonia não é fixa, ela precisa ser alimentada cotidianamente. Ademais, um conjunto de ideias só se torna hegemônico quando ele consegue sair da esfera da classe que o produz e passa a ser a linha de ação da classe que vai ser dominada por essas ideias, constituindo uma "[...] racionalidade que se faz história" (DIAS, 1996, p. 9).

Diferente de outros países em que a identificação com a direita se expressa de forma pública, no Brasil, até recentemente, isso era mais raro acontecer. É preciso pensar com cuidado se

[1] Doutora em História. Docente da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, Brasil), Campus de Marechal Cândido Rondon, PR, CEP: 85960-000. A pesquisa tem apoio da Fundação Araucária. E-mail: <carlalusi@gmail.com>.

neste momento a direita resolveu *sair do armário* porque tinha medo de *bullyng político*, (como aponta FUCS, 2017), ou se simplesmente encontrou espaço para tornar pública uma organização que já existia e que, finalmente, conseguiu espaços para tornar-se também um movimento de massas, pelo menos por um curto pedaço de tempo. Qual a medida que esse intento vai prosseguir, é uma questão ainda em aberto.

O certo é que agentes de direita são onipresentes, mas nem sempre se assumem enquanto tal. Olavo de Carvalho, considerado um intelectual desse público, que encontra identidade de classe sem ter a condição de classe, é considerado o "parteiro da direita", e mesmo ele se nega enquanto alguém de direita. A matéria da BBC é enfática: "Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias". Assim começa a matéria:

> Sobre a cama onde dorme, afixou uma espingarda Remington calibre 12. No cômodo vizinho, ao lado de uma caixa com brinquedos, espalhou mais de 30 rifles de caça. Em frente à mesa onde trabalha, pendurou pistolas e revólveres.
> É dali que Carvalho faz as transmissões diárias de seu curso de filosofia, escreve para cerca de 500 mil seguidores nas redes sociais e trava os embates que o tornaram uma das figuras mais conhecidas e controversas da corrente que vem sendo chamada de nova direita brasileira - grupo ao qual, paradoxalmente, diz não pertencer.
> ´Eu quis que uma direita existisse, o que não quer dizer que eu pertença a ela. Fui o parteiro dela, mas o parteiro não nasce com o bebê', afirma. 'Estou contra o comunismo e quero que o Brasil tenha uma democracia representativa efetiva', diz (FELLETT, 2016, não paginado).

Há na fala de Carvalho uma tentativa de se distanciar, se colocar como um intelectual tradicional, um iluminado que indica o caminho, como se sua fala não tivesse responsabilidades e não fosse ele orgânico de um projeto. Além disso, ele se desloca da condição de classe, não quer ser identificado com aqueles que possam exacerbar sua fala. Seu centro deve ser apenas o anticomunismo. Entretanto, o autor da matéria chama atenção para a presença de armas em seu cenário de ação. Ou seja, pode ser só um discurso, mas está resguardado pela força das armas de forma muito sugestiva. Abre espaço para a violência e a justiça com as próprias mãos, que passa a ser disseminada nas redes sociais da Internet.

É diferente a postura do político Jair Bolsonaro, que já em 2014 anunciava ao jornal *O Estado de São Paulo* que "[...] serei o candidato da direita em 2018" (BOLSONARO apud MORAES, 2014, não paginado),e desde lá vem construindo sua figura pública demonstrando o que é ser direita: defender a homofobia; espalhar a ojeriza aos direitos humanos; reproduzir discursos vazios política e economicamente. A violência em todas as suas formas é legitimada no seu discurso fascista.

Nossa hipótese é que a direita não se mostra não por pruridos ideológicos, mas porque sabe que o que defendem é insustentável, não é um projeto que contemple a massa da população. É excludente e sustentado na exploração. Portanto, há limites claros nessa tentativa de massificação de um movimento que não tem como ser de massas. Mas em alguns momentos precisa tornar-se massa, fundir-se com ela, mesmo que para isso tenha que apoiar ideias e práticas fascistas.

2 A vitória liberal e as clivagens

O processo de hegemonia liberal vem sendo construído ao longo de décadas, e vai mudando de acordo com o movimento da história. Ao longo dos anos 1990 a imprensa se esforçou para construir o liberalismo como única alternativa possível, mas o fez tendo um público específico, isto é, as camadas médias, os pequenos e médios empresários, os profissionais ditos liberais. Nos anos 2000 parece que esses ensinamentos transpassam a base de apoio e encontram uma nova classe média inebriada por novos padrões de consumo, disposta a avançar nas práticas liberais, mas sobretudo, as anticomunistas. Desde sempre é preciso lembrar que o anticomunismo é um amplo espectro, que não se restringe à ação concreta dos partidos comunistas, mas se refere à atuação da classe trabalhadora na luta de classes. Ademais, tal visão de mundo, nos tempos atuais, não admite que haja também novos padrões de consumo, e políticas sociais, para as classes trabalhadoras. Por distintos lados isso vai alimentar o discurso do ódio.

Algo mudou nos últimos anos, e é preciso entender isso mais a fundo. Em tese, o avanço da esquerda, que seria configurado pela chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder na Presidência da República seria o motor da raiva da direita, por motivos que variam do ódio de classes à exclusão de divisões de cargos e outros benefícios advindos do poder da máquina do Estado. Não importa que o PT tenha feito aliança com partidos de direita e compactuado com eles uma posição de direita nos governos. Também não importa que os governos tenham sido sustentados em acordos entre os distintos partidos, configurando o que é conhecido como loteamentos partidários. O alvo é sempre apenas o PT, que nesse momento simboliza um anticomunismo secular na história brasileira.

O que chama mais atenção é que essa posição passa a ser assumida também por trabalhadores, não apenas por empresários e pessoas que vivem da exploração do trabalho alheio. Alguns autores já se dedicaram à clivagem de classes como um problema nodal na luta de classes: a clivagem entre a situação econômica e a materialidade da ideologia. Segundo Wilhelm Reich, que avaliava a questão na Alemanha dos anos 1930, trata-se de avaliar devidamente "[...] a importância dos pequenos hábitos do dia-a-dia, aparentemente irrelevantes [...]", que amarram a classe trabalhadora à "[...] tacanhice da vida conservadora [...]": a opressão da mulher, a "[...] roupa melhor [...]" para os domingos e "[...] mil outras banalidades" (REICH, 1998, p. 65). São elementos que levam à amarração a um modo de vida. Se isso se expandiria com a ampliação do consumo no após II Guerra Mundial, o consumo não é uma questão em si, e sim um meio para a aceitação de valores ideológicos materializáveis.

As camadas médias como alvo central de campanhas conservadoras acompanharam o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Sempre foram o alvo receptor e também produtor das campanhas anticomunistas. Nesse campo sempre atuou a Igreja Católica, através de encíclicas e outros documentos que indicavam um tratamento específico comportamental profundamente anticomunista (SILVA, 2001). Uma exacerbação dessas posições podemos encontrar em Plinio Salgado, fundador do integralismo brasileiro e que teve uma vasta produção no pós-guerra no sentido de formular uma visão ideológica que conformasse o comportamento burguês: contra a "burguesia gozadora", (CALIL, 2001, p. 307) contra o esbanjamento público da riqueza, porque ele poderia acirrar os ânimos de classe). No

contexto atual, nas reconfigurações do capitalismo a partir dos anos 1990, ao leque de intelectuais que atuam nesse campo se somam novas igrejas, empurradas pela ideologia da prosperidade e que recolocam a riqueza como meta. Justificam no plano transcendente a exploração e tudo o que a envolve.

Nesse sentido veremos a expansão de literaturas de autoajuda que tem servido para a ampliação do campo de ação das ideias que reproduzem o capitalismo, uma espécie de religião sem sacralidade, leitura possível através de Walter Benjamin (2013). O certo é que a burguesia sempre contou com um vasto leque de intelectuais para formular uma forma pública de posicionamento no mundo diante das necessidades criadas no sistema capitalista.

3 As entidades da direita

Entidades organizadoras da dominação burguesa não nasceram com a "onda conservadora" atual. Elas existem e estão ligados à grande mídia de forma intrínseca desde há muito tempo. Se a Ditadura instaurada em 1964 foi tramada pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais - IPES, outros órgãos organizadores da dominação foram rearticulados na democratização. Além da tática de ampliação em esferas estatais utilizadas pelas frações de classe ao longo de toda a história recente, (como mostra, por exemplo, o trabalho de Sonia Mendonça (2010) sobre a burguesia agrária), outras entidades fora do âmbito estatal organizam a dominação, ocupando espaços sempre que isso se torna possível. E muitas vezes se multiplicando em várias entidades e associações, ocupando diferentes lugares para defender as mesmas posições, abrindo portas do Estado ampliado.

Podemos destacar um órgão relativamente conhecido do público, o Instituto Milleninum (Imil), criador e divulgador do pensamento conservador por excelência. Nesta matéria, o instituto reproduz o texto *O valor do pensamento conservador*, de Helio Gurovitz, originalmente publicado na revista *Época*: "[...] valorizar as instituições consagradas, o respeito à tradição e ao tempo necessário para qualquer mudança" (GUROVITZ, 2016, não paginado). Os autores dizem que não querem ser identificados com a direita, mas não vêem problemas em serem *conservadores*. No início de 2013 o site Anonymous indicava a sintonia entre as diferentes agências de mídia e sua organização em torno do Imil:

> Eurípedes [Alcantara] (Veja), [Eugenio] Bucci (Estadão), [Renato] Sardenberg (TV Globo), Merval [Pereira] (O Globo), [Marco] Villa (Globonews e outros) e [Guilherme] Fiuza (Época) são alguns dos nomes conhecidos na imprensa que fazem parte do Instituto Millenium, centro de pensamento liberal que diz defender a liberdade e o estado de direito no país. Se dizem liberais, mas nenhum faz ressalvas à oligopolização da mídia. Dez entre dez artigos do instituto veem guerra ideológica em cada esquina brasileira. Nos últimos meses, eles estão ainda mais raivosos. O que esperar para 2013? (ANONBRNEWS, 2013, não paginado).

Essa ampla organização esteve vinculada ao rechaço ao avanço de governos comandados pelo PT no Governo em 2002. Um ódio de classes latente foi instrumentalizado e alimentado por esses amantes do *conservadorismo*, o que se soma à incapacidade de eleger-se um candidato claramente de direita para a sucessão presidencial desde 2002. Mas apenas esse ódio não explica o conjunto das relações sociais mais amplas que dão sustentação às formas reais do capitalismo brasileiro. As políticas econômicas e as formas de reação à crise

econômica internacional são fundamentais para entender esse processo. De qualquer forma, o Instituto é um espaço amplo repleto de ex-diretores da grande mídia e outros intelectuais que produzem textos capazes de intervir na realidade formando opinião e posição política.

Não sabemos a relação direta, mas junto com isso, ampliaram-se os espaços midiáticos de polêmicas. Na medida em que o acesso à internet cresceu, também se disseminaram os seguidores de Paulo Francis, o grande intelectual da polêmica do jornalismo brasileiro. Por de trás da polêmica, a partir dos anos 1990, tratava-se de um intelectual fortemente engajado nas campanhas neoliberais, na privatização da Vale do Rio Doce, da Petrobrás e tantas outras. Sua fala não era apenas um registro de posição, mas uma ação educativa no campo do convencimento e da defesa da ação repressiva do Estado (BATISTA, 2015).

O site Mídia Sem Máscara, de Olavo de Carvalho; os blogs de Rodrigo Constantino e de Reinaldo Azevedo; e inúmeros outros sites são parte desse processo. As *redes sociais*, com destaque para Facebook e WhatsApp servem para ampliar ainda mais o acesso a materiais de formação. A baixa qualidade dos materiais e a superficialidade estão diretamente relacionados a uma linguagem específica que busca atingir um público indisposto para análise e reflexão. Um público que reproduz visões a partir de alguns paradigmas básicos, nos parecendo que há uma centralidade no anticomunismo e no individualismo. Entre eles estão: Movimento Brasil Livre (MBL), Endireita Brasil, Vem pra Rua, Acorda Brasil, Revoltados Online, entre outros. São grupos que em diferentes medidas propõem sair das discussões teóricas e *ir pra rua*, roubando da esquerda seu mote e sua prática, a ação de convencimento nas ruas.

Observe-se que *Mídia Sem Máscara*, o site de Carvalho traz um título que em si mesmo já é uma ludibriação, na medida em que traz a falsa ideia de denúncia da mídia, que seria toda ela esquerdista. Os simpatizantes desse grupo atuam como verdadeiros militantes: "O protagonismo da militância é uma das estratégias centrais no processo de formação de um membro ativo, ligado ideologicamente às proposições do MSM" (PATCHINKI, 2012, p. 353). Eles promovem um "[...] ataque ao campo político burguês constituído [...]", o que "[...] extrapola em muito a mera caracterização como 'liberais' e mesmo de um mero caráter 'conservador', explicitando a defesa de um Estado de cunho fascista" (PATCHINKI, 2012, p. 354).

Esses aglomerados difusores de ideologia são apenas a ponta de um iceberg muito maior do ponto de vista das organizações de classe. Podemos visualizar isso na Tese de Flavio Casimiro, que estudou detidamente os aparelhos de dominação burguesa (CASIMIRO, 2016). Eles são diversificados, e propiciam diversos espaços de ação intelectual e políticas para a dominação. Trata-se de produção no âmbito ideológico mas sobretudo no campo organizacional, explicitando formas de organização do capital, tanto nacional como internacionalmente. Nesse sentido aparecem órgãos como o Instituto Liberal, o Instituto Atlântico, e muitos outros. Chama atenção o Estudantes pela Liberdade, que permite que se visualizem vínculos entre esses jovens intelectuais que aparecem a partir de 2010, e agências internacionais de financiamento para esses sujeitos. Sejam eles blogueiros, gamers, estudantes universitários, eles formam um conjunto de intelectuais que buscam ampliar o discurso dos institutos mais organizativos como aquele que dá conta do Desenvolvimento Industrial (IEDI), ou da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e outros

órgãos de classe como o Instituto Fernando Henrique Cardoso. Eles têm uma ação articulada em torno de seus interesses. Foram aparelhos privados de hegemonia que se destacam pela "[...] complementariedade fundamental entre sociedade civil e Estado para a estruturação e atualização da dominação da classe burguesa no Brasil [...]", tanto de forma "[...] propositiva como organizativa" (CASIMIRO, 2016, p. 403).

Além disso, há uma vertente de estudos que vem há algum tempo aprofundando o tema de pesquisa do avanço das ideias de extrema direita no Brasil. É o caso, por exemplo, do trabalho do historiador Jefferson Barbosa (2015), que discute os "neo" integralistas. O autor rediscute a propriedade do termo "extrema-direita" para explicitar esses fenômenos. Ou seja, a "onda conservadora" tem sido pesquisada sob distintas perspectivas, tentando abarcar a amplitude do problema nos campos econômicos, políticos e sociais. Além de organizarem, as forças conservadoras passaram também a ocupar as ruas, como indicou o historiador Demian Melo: "[...] há meio século que a direita brasileira não sabia o que era fazer mobilização de massas. Todavia, desde 15 de março de 2015, isso claramente mudou" (MELO, 2016, p. 67). Passaram assim de uma estratégia desmobilizadora para ações de combate direto, nas ruas, tendo que para isso mostrar suas caras.

Destarte a existência de uma direita *mais corajosa*, no sentido de que vai para a rua, seria de questionar dois elementos. O primeiro diz respeito à insistência que os autores de direita tem em se auto-intitular *nova direita*. Essa *falta de vergonha* só ganha eco na medida em que ganha uma base que lhe dá sustentação. Não é possível permanecer impassível diante dos milhares de pessoas que *foram pra rua* na Avenida Paulista em nome de uma pauta de direita. É preciso verificar, entretanto, se esse apoio será longo e dará sustentação para a continuidade de algum movimento.

Dentre esses intelectuais, se destaca a figura de Rodrigo Constantino. Em uma coluna ele expressa seu contentamento com o que chama "avanço da direita", e faz isso comentando uma resenha sobre uma pesquisa acadêmica. Todo o texto é uma citação de uma resenha, e apenas no final, lemos o seu comentário:

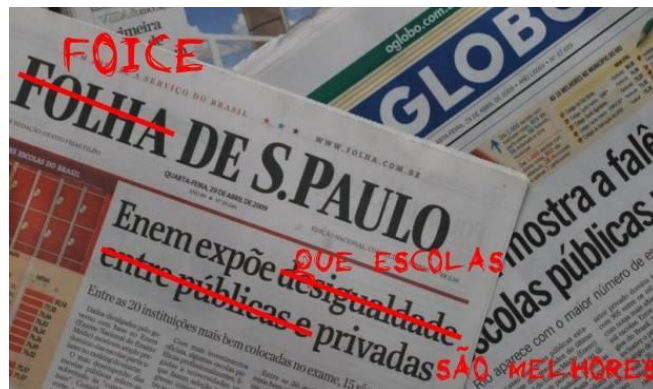
> Opa! Eu não ataco 'grupos minoritários', e sim movimentos que *falam em nome das minorias*, mas agem com uma agenda totalitária e estatizante. No mais, não tenho programa na Jovem Pan, e sim Reinaldo Azevedo. Mas, em geral, os autores capturaram bem os motores por detrás da ascensão da 'nova direita'. E podem se preparar, gente: pois isso é só o começo... (CONSTANTINO, 2016, não paginado).

Assim, o recado principal está dado, em forma de ameaça, o autor indica que a direita "avança"[2]. Esse texto recebeu comentários de outros articulistas de direita, como se houvesse existido um debate entre eles, e reiterando posições sobre o avanço da direita. Com isso quero chamar atenção para como eles se retroalimentam, e como criam um aparente *debate* intelectual. Partindo de uma pesquisa acadêmica, destroem o entrevistado, acusam-no de *petista*, acusam igualmente o jornal de ser *de esquerda*, e constroem mais textos que reproduzem sempre mais do mesmo de suas falas. Nesse caso, remetem a um site que se

[2] Constantino tinha seu blog vinculado à revista Veja. Foi demitido após ter disseminado muita polêmica através daquele espaço. Agora seu blog se define como: "[...] um blog de um liberal sem medo de polêmica ou da patrulha da esquerda 'politicamente correta'" (BLOG RODRIGO CONSTANTINO, c2015, Capa do Blog).

chama *Jornalivre. O jornalismo em prol da liberdade*. As matérias são de ataque a tudo que para eles é esquerda, como quando por exemplo, dizem que Delfim Neto seria comunista, quando elogiado pelo político "Bolsonaro quer comunista assumido e colunista da Carta Capital como seu conselheiro" (BOLSONARO..., 2017). Outras são de defesa a determinados políticos, sobretudo João Doria Jr, prefeito de São Paulo, cidade que vem passando por cruciais reformas neoliberais, batizadas de *choque de gestão*. Os autores do site se retroalimentam e fazem render muito qualquer fato em termos de reprodução das mesmas ideias e discursos ideológicos. Esses textos por sua vez são retransmitidos em redes sociais diversas, desde o Facebook, o Twitter, o WhatsApp, e assim por diante. Mas o que é retransmitido não é a tese ou pesquisa original que deu origem à polêmica, e sim esses textos desqualificadores considerados pelos seus autores (que usam uma linguagem de jogos de videogames) como *desintegradores* dos seus adversários, usado uma linguagem própria do mundo dos *videogames*.

Por outro lado, os apoiadores de Bolsonaro também reproduzem uma linguagem de *vloggers*[3] e *youtubers*, na produção de *mitos*, como gostam de referir-se a coisas positivas. Esta é uma linguagem ainda pouco estudada e que atinge o público infanto-juvenil e jovem.

Em determinadas situações, até mesmo a mídia tradicionalmente conservadora (jornais e revistas, sobretudo) e seus instrumentos de divulgação é jogada ao relento para esses intelectuais de direita. Quando lhes convém, esses novos instrumentos midiáticos classificam como *esquerdistas*, apostando tudo em que a internet vai lhes dar a sustentação para divulgação de suas ideias. O site *Caneta Desesquerdizadora*, por exemplo, coloca como foto de entrada de sua página no Facebook uma fotografia do logo da Folha de São Paulo da seguinte forma:

Fonte: Caneta Desesquerdizadora (2017).

A Folha de São Paulo é transformada em *foice de São Paulo*, alusão ao antigo símbolo do comunismo, a foice. A manchete diz que *Enem expõe desigualdade entre públicas e privadas*. Após ser *deserquerdizado* o texto é reescrito: "Enem expõe que escolas privadas são melhores" (CANETA DESESQUERDIZADORA, 2017, não paginado). Ou seja, reafirmam uma suposta realidade, as escolas privadas seriam melhores. O preceito de que o público necessariamente é ruim e que tudo que vem do Estado deve ser refutado, mesmo que se trate de educação pública de qualidade, essa é a capa pela qual o site quer ser identificado.

[3] Uma espécie de blog em que as postagens são feitas em forma de vídeos (pelo *youtube* ou outra plataforma). Muito acessado por jovens.

As postagens se posicionam sobre assuntos diversos, sempre dando uma indicação aos seus leitores sobre o que pensar. É o caso da manchete *MEC acaba com o Ciências sem fronteiras*, que riscado se transforma em *MEC acaba com o Turismo sem fronteiras*. Os comentários dizem que o programa é feito para *comunistinha*s irem estudar no exterior em países *comunistas*, reproduzindo uma lógica de guerra fria que não tem qualquer sustentação na realidade, já que boa parte dos estudantes destes programas vão para países como EUA ou Canadá.

4 A opinião pública e a direita

Não é à toa que esses movimentos de direita se colocam como *novos*. Não querem, em linhas gerais, ser identificados com elementos negativados como a Ditadura. Entretanto, não tem qualquer problema em divulgar cartazes de manifestantes que pedem e insistem com a volta de uma ditadura por meio de uma *intervenção militar constitucional* ou outras coisas do gênero. Senhoras portando cartazes perguntando *por que não mataram todos em 1964?*, aparecem nos meios de divulgação dessa nova direita que reproduz exatamente o discurso do ódio. Mas há um segundo elemento a ser mais explorado, que é a efetividade desse apoio, a necessidade imperativa de compreender de forma séria a emergência dessa nova base de apoio à direita. Nesse sentido, a pesquisa publicada pela Fundação Perseu Abramo pode ajudar a colocar algumas questões.

A primeira pesquisa se refere às manifestações de 2015 e 2016. Busca perceber as distinções entre os manifestantes do dia 13/3/2015 e do dia 15/3/2015. Os primeiros seriam os defensores de Dilma Rousseff e sua manutenção no poder; os segundos seriam os defensores de seu impeachment. Não é objetivo aqui discutir as diferenças entre os dois grupos, nem estabelecer a relação entre essas manifestações e o apoio ao que viria se constituir um Golpe de Estado através do impeachment da presidente[4]. O que interessa é apontar para o efeito devastador das redes sociais e consequentemente da internet para a formação de opiniões e comportamento dos manifestantes. No caso dos apoiadores do *impeachment*, que diziam estar lutando "contra a corrupção", 75% deles informaram à pesquisa que ficaram sabendo e foram convidados para o evento através das "redes sociais", contra apenas 23% do outro campo (PERSEU ABRAMO, 2016).

Já a pesquisa *Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo*, traz elementos sobre a infiltração de ideias liberais e de direitas na periferia paulistana. Importante ressaltar que este já é um espaço que historicamente vem apoiando candidatos de direita. Portanto, essas conclusões não servem em princípio para generalizar sobre moradores de periferias no Brasil. As hipóteses com as quais os autores da pesquisa trabalharam foram:

> Durante as gestões Lula e Dilma, a ampliação dos mercados de trabalho e consumo, combinada à distribuição de renda e à mobilidade social, criaram novas dinâmicas socioeconômicas na periferia de São Paulo.
> No momento de expansão e avanço do ciclo econômico novos valores em relação aos costumes e a política foram gestados entre as camadas populares, que passaram a se identificar mais com a ideologia liberal que sobrevaloriza o mercado.

---

[4] Ver sobre a criação de um consenso sobre o impeachment: SILVA, Carla, 2017.

> No momento de descenso e retração do ciclo econômico essa camada da população passou a reagir informada por horizontes menos associativistas e comunitaristas e mais por diretrizes marcadas pelo individualismo e pela lógica da competição, com uma tônica acentuada do mérito nos discursos.
> Neste cenário, as Igrejas neopetencostais parecem ganhar espaço (PERSEU ABRAMO PESQUISAS, 2017, não paginado).

Ou seja, resumindo, ao nosso ver, ao invés de ter ocorrido uma expansão das formas associativas da classe trabalhadora, o que vimos foi o encolhimento dessas formas. A formação política, que era um campo importante da atuação dos partidos de esquerda nos anos 1980 e 1990 deu lugar a novas formas de sociabilidade. O mercado e o consumo passaram a ocupar lugar especial nas vidas desses moradores de periferias. Assim, eles foram procurados por uma ideologia que esteja de acordo com as novas necessidades criadas pela fase atual do capitalismo. Segundo a análise da pesquisa:

> A formulação e debate sobre a política se dão de forma superficial e ainda de acordo com a agenda definida pela mídia hegemônica. 1 Os entrevistados têm, no geral, rotina agitada e sufocante e, portanto, a formulação acerca da política não é a prioridade no cotidiano. Assuntos debatidos com mais frequência são aqueles que estão na pauta da grande mídia, que continua sendo uma das principais fontes de informação da maioria, como casos de escândalo de corrupção, Operação Lava Jato ou debates sobre as recentes eleições municipais. Quando questionados sobre assuntos mais complexos ou definição de conceitos políticos, tinha-se a impressão, para a maioria, de que era a primeira vez que construíam uma argumentação sobre aqueles temas (PERSEU ABRAMO PESQUISAS, 2017, não paginado).

Instigante pensar nesse problema, sobre o quanto a mídia é que acaba criando condições para a formação de posição política da classe trabalhadora. É importante lembrar que a mídia é composta por uma infinidade de recursos de comunicação: a imprensa, a televisão, a internet são apenas os mais lembrados. E são também os mais importantes no âmbito da disseminação de formas de pensamento na atualidade que vivemos. Competem com os grandes centros difusores que são as igrejas e as escolas. As mídias têm também se somado à ação das igrejas, o que multiplica ainda mais seu alcance. É necessário enfatizar a vinculação entre as mídias, seus proprietários e gerentes, e a reprodução de distintas formas de poderes, sejam formais ou não.

A conclusão a que se chega é que é necessário seguirmos o estudo das mídias e as formas com que tem atuado na disseminação do pensamento e práticas conservadoras. A hegemonia capitalista produz consensos, mas esse consenso está sempre relacionado à disseminação de formas de coerção e de violência. Mas o pensamento conservador não nasce na mídia isolada dos demais aparelhos privados de hegemonia capilarizados na sociedade. Nasce de condições sociais concretas, e as clivagens impostas pelo capitalismo são centrais nessa formação social.

Referências

ANONBRNEWS [online]. **Instituto Millenium a serviço do golpe**. [S.l.], 12 fev. 2013. Disponível em: <http://www.anonymousbrasil.com/politica/instituto-millenium-a-servico-do-golpe/#sthash.ZdHAiFx7.dpuf>. Acesso em: 6 jun. 2017.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Chauvinismo e extrema-direita**: crítica aos herdeiros do Sigma. Marilia: UNESP, 2015.

BATISTA, Alexandre Blankl. **Do trotskismo ao ultraliberalismo:** a trajetória de Paulo Francis na imprensa brasileira. 2015. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em *História* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. SP, Brasiliense, 1994.

BLOG RODRIGO CONSTANTINO. [S. l], c2015. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/>. Acesso em: 6 jun. 2017.

BOLSONARO quer comunista assumido e colunista da Carta Capital como seu "conselheiro". **Jornalivre** [online], o jornalismo em prol da liberdade, 3 abr. 2017. Nota, não paginado. Disponível em: <https://jornalivre.com/2017/04/03/bolsonaro-quer-comunista-assumido-e-colunista-da-carta-capital-como-seu-conselheiro/>. Acesso em: 6 jun. 2017.

CALIL, Gilberto. **O integralismo no pós-guerra**: a formação do PRP, 1945-1950. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CASIMIRO, Flavio Henrique. **A nova direita no Brasil**: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa. 2016. Tese (Doutorado em História Social)-Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

CONSTANTINO, Rodrigo. A nova direita avança... e é só o começo. **Gazeta do povo** [online], 10 maio 2016. Disponível em: <http://rodrigoconstantino.com/artigos/nova-direita-avanca-e-e-so-o-comeco/>. Acesso em: 6 jun. 2017.

DIAS, Edmundo Fernandes (Org.). **O outro Gramsci**. São Paulo: Xamã, 1996.

DREIFUSS, René. **1964**: a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.

FELLETT, João. Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias. **BBC Brasil** a Petersburg (EUA), Brasil, 15 dez. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FUCS, José. A 'máquina' barulhenta da direita na internet: após 'sair do armário', a direita conquista trincheiras importantes nas redes sociais. **Estadão** [online], São Paulo, 26 mar. 2017. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,a-maquina-barulhenta-da-direita-na-internet,70001714254>. Acesso em: 6 jun. 2017.

GUROVITZ, Helio. O valor do pensamento conservador. **Instituto Millenium** [online], Centro de pensamento, [S.l.]., 17 maio 2016. Disponível em: <http://www.institutomillenium.org.br/artigos/o-valor-do-pensamento-conservador/>. Acesso em: 6 jun. 2017.

CANETA DESESQUERDIZADORA. Perfil Facebook. [S.l.], 2010. Disponível em: <https://www.facebook.com/CanetaDesesquerdizadora/>. Acesso em: 6 jun. 2017.

KIM Kataguiri desintegra professor de extrema-esquerda que criou fantasias sobre a direita na Folha. **Jornalivre** [online], o jornalismo em prol da liberdade, 3 jan. 2017. Disponível em: <https://jornalivre.com/2017/01/03/__trashed-301/>. Acesso em: 6 jun. 2017.

MELO, Demian. A direita ganha as ruas: elementos para um estudo ideológico das direitas brasileiras. In: DEMIER, Felipe; HOEVELER. (Orgs.). **A onda conservadora***:* ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

MENDONÇA, Sonia Regina. **O patronato rural no Brasil recente:** 1964-1993. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

MORAES, Marcelo. Bolsonaro: "Serei o candidato da direita à Presidência em 2018". **Estadão** [online], São Paulo, 30 dez. 2014. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/marcelo-moraes/2014/10/30/bolsonaro-serei-o-candidato-da-direita-a-presidencia-em-2018/>. Acesso em: 6 jun. 2017.

PATCHINKI, Lucas. **Os litores de nossa burguesia**: mídia sem máscara em atuação partidária 2002-2011. 2012. Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-Graduação em História UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2012.

PERSEU ABRAMO PESQUISAS. 2016. Projeto Manifestações março/2015. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/fpa-pesquisa-manifestacoes.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2017.

PERSEU ABRAMO PESQUISAS. 2017. Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Pesquisa-Periferia-FPA-040420172.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2017.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SILVA, Carla. **Onda vermelha**: imaginários anticomunistas brasileiros. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

SILVA, Carla. O suicídio da presidente: a arte da mentira e consenso. **Antíteses**, Londrina, v. 10, n. 19, p.332-350, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/27857>. Acesso em: 6 jun. 2017.

Carla Luciana Souza da SILVA
Licenciatura e Bacharelado em História (UFRGS). Mestrado em História (PUC-RS, 1998). Doutorado em História (UFF, 2005). Pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa (2011/2012). Coordena o projeto Ditadura no Oeste do Paraná (financiado pelo CNPq).

Islamofobia e elementos fascistas no discurso de Olavo de Carvalho e do Movimento Mídia Sem Máscaras (MSM)

Natalia Cruz
Universidade Federal Fluminense, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-5797-2156
ndrc@globo.com

Introdução

O Brasil vem sendo palco de diversos movimentos de extrema-direita nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. A reestruturação do capitalismo, a fragmentação da classe trabalhadora, enfraquecendo sua identidade de classe, e a instabilidade econômica e social que coloca as classes médias em uma situação de insegurança e predispostas a medos coletivos socialmente construídos, contribuíram para que o terreno político e social brasileiro torne-se fértil para o surgimento de movimentos sociais extremistas situados à direita do espectro político, com discursos elaborados em torno da ideia de inimigo e de nacionalismo extremado.

O presente trabalho estuda o movimento *Mídia Sem Máscara*

Revista de Ciências Sociais — Fortaleza, v. 51, n. 2, jul./out. 2020, p. 337–389.
DOI: 10.36517/rcs.51.2.a04

(*MSM*), criado e liderado por Olavo de Carvalho, que faz uso das redes sociais para difundir sua visão de mundo e suas narrativas sobre os problemas brasileiros e mundiais, com o objetivo de alcançar a opinião pública e persuadi-la a aderir às suas propostas discriminatórias e excludentes de organização da sociedade brasileira.

O aspecto de seu discurso a ser analisado será a islamofobia, apreendendo como o discurso islamofóbico aparece em suas narrativas e se articula com uma visão fascista de mundo, ligando-se a um projeto político excludente e autoritário que, no entanto, usa a ideia de neutralidade e objetividade para ocultar a ideologia de extrema-direita inerente ao seu discurso. Será abordada também a simetria do seu discurso com o chamado neoconservadorismo norte-americano, apresentando as influências dessa corrente de pensamento nas ideias do movimento e do seu líder.

Para abordar o discurso do *Mídia Sem Máscara* e de seu líder Olavo de Carvalho, farei uso da metodologia da análise crítica do Discurso, desenvolvida historicamente como prática social transformadora da sociedade, possibilitando aos analistas um papel de intervenção social na realidade por meio de suas análises. Ao desnudar as ideologias implícitas nos discursos dominantes, tal metodologia contribui para demonstrar a função social de determinados discursos, qual seja, a manutenção de relações sociais, econômicas e políticas que estruturam a dominação das classes favorecidas sobre o conjunto da população. (KRESS, 1990, p. 85).

Para o presente trabalho, será usada a contribuição de Gramsci, através dos conceitos de hegemonia e guerra de posição, para compreender a difusão dos discursos do *MSM* através das redes sociais como forma de conquistar a hegemonia de suas ideias e de seu modelo de sociedade junto à opinião pública, fortalecendo a posição política,

econômica e social das classes dominantes.

A análise será baseada na perspectiva do linguista britânico Norman Fairclough (2001), cujo método se enquadra na Teoria Social do Discurso, analisando-se as relações entre o discurso e outros elementos da prática social. Para ele, um discurso é simultaneamente um texto, uma prática discursiva e uma prática social, possuindo uma natureza dialética, pois o discurso constitui a realidade social e é também constituído por ela.

Os conceitos gramscinianos de hegemonia e guerra de posição (GRAMSCI, 1988) serão utilizados para a compreensão dos objetivos do *MSM* na difusão dos discursos produzidos em seu site. Serão apontados também os elementos fascistas do discurso do movimento em questão, sendo a metodologia da análise crítica do discurso e os conceitos de Gramsci extremamente úteis para a desconstrução do discurso de caráter fascista do *Mídia Sem Máscara*, contribuindo assim para o fortalecimento dos ideais democráticos na sociedade brasileira.

Para tanto, é extremamente importante uma discussão sobre os conceitos de fascismo, autoritarismo, direita e extrema direita, temas bastante controversos e sujeitos a vários debates no campo das ciências sociais e da história. O discurso do *MSM* e de Olavo de Carvalho possui alguns elementos pertencentes à visão de mundo fascista, podendo ser identificado com o campo político da extrema-direita.

Direita, Autoritarismo, Fascismo e Neofascismo

Segundo Schurster, Lapsky & Silva (2014, p. 9), a “direita” é composta por uma variedade de posições e tendências. Existem aqueles que aderem ao sistema de valores e às instituições representativas das democracias liberais, mas com forte conteúdo antissocial e regressivo

– como o corte de direitos sociais e de conquistas políticas –, enquanto outros propõem a supressão da ordem representativa e abandonam o conceito de "liberdade" enquanto um símbolo de sua ação e propaganda políticas. Existem os que adotam perspectivas xenofóbicas e racistas, podendo chegar ou não a um projeto político de caráter fascista.

O que une as diversas tendências do campo da direita é a defesa da ordem social dominante e do status quo econômico, com preservação do sistema de propriedade privada dos meios de produção e dos interesses econômicos dos grupos dirigentes em face do conjunto organizado e popular da sociedade. A direita é, em sua maioria conservadora, mas podemos encontrar também tendências reacionárias, que apresentam um saudosismo em relação a épocas anteriores, representadas de forma idílica e mítica.[1]

Ainda segundo Schurster, Lapsky & Silva (2014, p. 10), não há uma essência única no campo da direita, embora alguns temas apareçam em praticamente todas as tendências direitistas – como a supressão de direitos sociais, a liberdade do uso de armas e a diminuição dos direitos políticos. No que diz respeito ao papel do Estado, por exemplo, os segmentos da direita tradicional ou da direita fundamentalista veem o Estado como um ente "totalitário", incompetente e perdulário na gestão da coisa pública e seu tamanho "excessivo" como ameaça à "liberdade" do indivíduo. Já para a direita mais ligada ao fascismo clássico, e mesmo a algumas ditaduras militares clássicas, o Estado é um instrumento fundamental para a prosperidade e realização dos objetivos "nacionais", incluindo-se o dirigismo econômico.

A extrema-direita, seja de caráter fascista ou ligada às formas auto-

[1] Para aprofundamento da diferença entre conservadores e reacionários, ver Silva (2000).

ritárias tradicionais da direita, é uma forma de expressão das mais radicais de um submundo que afirma e legitima sua presença na sociedade através da prática da violência, seja física ou verbal. “A ressurgência dos fascismos está ligada … a uma questão central que identificamos como sendo a alteridade” Schurster, Lapsky & Silva (2014, p. 10). Tais tendências negam a possibilidade da diferença e da pluralidade.

Há os autores que percebem o liberalismo como a ideologia que marcou os limites e os graus de intensidade do espectro político da direita. Para Crespo (2014, p. 18-19), a direita distingue-se em dois pontos: a tensão entre liberdade e autoritarismo e entre livre mercado e estatismo. O liberalismo é uma ideologia fundamentada centralmente no individualismo e na fobia pelo Estado. Em termos históricos, o liberalismo afirmou-se como a ideologia contrária à monarquia absoluta propondo limites à ação estatal sobre o indivíduo. Partindo desta visão individualista e da concepção negativa de liberdade, o liberalismo fundamentou sua ideologia em uma “moral sobre o político” para proteger três direitos considerados como naturais e inalienáveis: o direito à vida, o direito à propriedade e o direito à liberdade (DWORKIN, 1985). O liberalismo seria então uma ideologia que propõe uma forma de governo representativo que respeita o indivíduo, as leis e o Estado de Direito (CRESPO, 2014, p. 19). A direita não-liberal situa-se então no campo da extrema-direita, defendendo regimes autoritários e/ou intervenção do Estado na vida individual, situando-se neste campo tendências fundamentalistas religiosas que pretendem impor regras de comportamento moral, os movimentos xenofóbicos, racistas e/ou fascistas. Ressalte-se ainda que um movimento ou regime de extrema-direita não necessariamente é antiliberal na economia, havendo combinações de liberdade econômica com não-liberdade na esfera civil e política.

A extrema-direita pode ser de caráter tradicional, como é o caso de ditaduras militares clássicas, ou de caráter fascista. O conceito de fascismo, portanto, define uma tendência da direita que não pode ser compreendida com o simples conceito de autoritarismo.[2] Inicialmente, o termo "fascismo" era designado para definir o movimento político fundado por Benito Mussolini, em Milão, em 1919, cuja expressão concreta eram os chamados "fasci di combattimento", com a palavra *fascio* significando feixe e união, símbolo da autoridade dos magistrados romanos. Os *fasci di combattimento* eram grupos paramilitares do partido fascista, formado por militantes que exerciam atos violentos contra os inimigos do movimento. Posteriormente, o termo passou a designar outros diversos movimentos e partidos nacionalistas de extrema-direita, caracterizados por estruturas fortemente hierarquizadas, centradas num líder, em torno de ideias autoritárias, antili-

[2]Segundo Bobbio (1995, p. 95-97), são chamados de autoritários regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma única pessoa ou órgão, relegando a segundo plano as instituições representativas ou até mesmo aniquilando-as. A autoridade política, neste caso, é condicionada por uma estrutura política hierárquica baseada na ideia de desigualdade entre os homens e exclui ou reduz ao mínimo a participação do povo no poder, empregando meios coercitivos contra os opositores. Autoritarismo é diferente de totalitarismo, pois neste o princípio hierárquico não é um instrumento da ordem, mas de mobilização total da nação numa luta ilimitada contra outras nações ou seus inimigos internos. O totalitarismo busca o consenso e pretende o domínio total pela via tanto da coerção como do convencimento das massas. Os regimes fascistas seriam tendencialmente totalitários. Mas existem análises que conceituam o totalitarismo partindo dos pressupostos liberais, construindo abstrações teóricas exatamente opostas aos valores do liberalismo. Um exemplo é a obra de F. Neumann (1969, p. 268-70), que enumera o que seria para ele os cinco fatores de uma ditadura totalitária: estado policial x estado de direito (força x lei), poder concentrado x poder difuso (concentração x difusão), partido estatal monopolista x pluralidade partidária (monopólio x pluralismo), controles sociais totalitários x controles sociais pluralistas (Estado x liberdade) e presença do terror como ameaça ao indivíduo (violência x razão do indivíduo). Elabora-se então uma visão dicotômica que exalta o Estado liberal como o melhor dos mundos, onde predominaria o reino da lei, da razão e da liberdade, enquanto no seu contrário reinaria a opressão e a violência.

berais, antidemocráticas e anticomunistas. Assim, o termo virou um conceito que abrange um conjunto de manifestações políticas que apenas na aparência se diferenciavam, e que compartilhavam elementos ideológicos comuns (FALCON, 1991).

Konder (1977) reafirma que o conceito de fascismo não se reduz aos conceitos de ditadura ou autoritarismo, pois nem todo movimento ou regime autoritário é fascista. O fascismo pertence ao gênero da direita, sendo uma espécie de direita diferente das direitas tradicionais. O fascismo pretende mobilizar as massas em torno de um ideal comum, por isso não aceita o relativismo absoluto, pois ele é incapaz de armar os homens para o combate e impede a formação de bases sólidas para as convicções apaixonadas que devem mover o engajamento das massas. O fascismo precisa de um princípio sagrado, posto acima de qualquer discussão e dúvida. Esse princípio é o mito da Pátria, baseado em uma unidade fictícia, e não na nação real com conflitos e contradições, havendo a repressão ao diferente e ao que não faça parte da identidade nacional cultuada. O fascismo prega a união das classes sociais, e não o seu conflito, e arregimenta adeptos em todos os setores sociais.

Os debates acerca das bases sociais dos movimentos fascistas são permeados de divergências. Dentro do campo marxista, os autores se dividem entre os que relacionam o fascismo com o grande capital e os que acentuam a participação das camadas médias da sociedade. A historiografia marxista tende a associar a ascensão dos fascismos com a crise do capital monopolista em suas dificuldades para desenvolver extensiva e intensivamente a exploração da força de trabalho. Dessa forma, o fascismo teria servido para esmagar as organizações independentes da classe trabalhadora, atraindo parte dela e dos setores médios, cujo principal beneficiado teria sido o grande capital. As

análises mais dogmáticas e reducionistas estabelecem uma relação direta capital fascismo, como se este tivesse sido criação dos grandes setores capitalistas. Autores marxistas contribuíram também para relativizar essas análises, enfatizando que originalmente os fascismos foram movimentos da pequena burguesia que posteriormente foram instrumentalizados e apoiados pelos grandes capitalistas por não verem mais os partidos burgueses tradicionais como garantidores da ordem do capital.[3]

Um dos autores que inovou nos estudos sobre o fascismo no campo marxista foi Palmiro Togliatti, que em sua obra *Lições sobre o Fascismo*, escrita em 1935, superou a fórmula simplista elaborada pela Internacional Comunista, em novembro de 1935, segundo a qual o fascismo seria apenas "uma ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e agressivos do capital financeiro" (RAGIONIERI, 1976, p. 742-743).[4] Tal definição, além de não considerar o papel das massas no processo, não contribuía para diferenciar o fascismo das demais ditaduras tradicionais da burguesia. Togliatti enriqueceu então a definição de fascismo afirmando que ele é também um regime reacionário de massas (RAGIONIERI, 1976).

Togliatti percebeu que o fascismo, além de fazer uso da repressão e da violência, também realizava uma política de massas, sendo o Partido Nacional Fascista italiano um "partido de novo tipo" da burguesia, um partido de massas (VACCA, 1974, p. 231). Nesse sentido, Togliatti se aproximaria da reflexão de Antônio Gramsci – a

[3]Uma obra fundamental sobre as principais teorias explicativas do fascismo é a de Renzo de Felice (1976).

[4]Com base nessa definição, a Internacional Comunista adotou a teoria do "social fascismo" no VI Congresso em 1928, afastando a questão do caráter de massas do fascismo por alguns anos. Segundo esta teoria, a social-democracia seria um "irmão gêmeo" do fascismo, por também servir ao capital monopolista. Tal tese foi desconstruída por vários autores, entre os quais Trotsky (2019) e Poulantzas (1978).

qual ele, inclusive, desconhecia –, desenvolvida em seus *Cadernos do Cárcere*, à medida que abordava a prática fascista de "obtenção do consenso" e não somente da "imposição por coerção" e por apontar para as relações estabelecidas entre o Estado fascista e as organizações de massa, entre elas o próprio partido fascista e os sindicatos corporativos (MONDAINI, 2003).

Togliatti (1974, p. 111) mostra que a ditadura fascista constrói um movimento de massa organizando a burguesia e a pequena burguesia, esforçando-se para levar as massas às suas organizações, ligando-as ao aparato da ditadura. Neste raciocínio, percebe-se em seu trabalho a revelação da estratégia que Gramsci vai definir como "guerra de posição" ou "luta por hegemonia nas fronteiras da sociedade civil" (GRAMSCI, 1989).

Gramsci também foi um dos grandes estudiosos do fascismo, tendo sido ele mesmo prisioneiro do fascismo italiano. O historiador estadunidense Walter Adamson (1980) aponta que Gramsci evoluiu em sua análise sobre o fascismo quando, em sua obra *Cadernos do Cárcere* (escrita na prisão sob o regime de Mussolini), desenvolve os conceitos de crise de hegemonia/crise orgânica, cesarismo e revolução passiva.[5]

Segundo Melo (2016, p. 128-130), um importante aspecto da teoria política de Gramsci é abordar o processo hegemônico como uma relação dialética entre elementos de direção com os de domínio, consenso e coerção. É possível obter o consenso "espontâneo" de amplas camadas da população, enquanto a coerção é exercida sobre os grupos ou setores sociais que resistem ou sobre a sociedade como um todo nos momentos de crise em que o consenso "espontâneo" é quebrado.

[5] Para discussão mais aprofundada desses conceitos na obra de Gramsci, ver Melo (2016).

O fascismo seria então uma forma de regime que combina alta dose de coerção com boa dose de consenso.

A importância da discussão conceitual sobre o fascismo reside no esclarecimento quanto à sua natureza social, às diferenças entre os movimentos fascistas (inicialmente dominados pelos setores pequeno-burgueses) e os regimes fascistas (quando o grande capital passa a ser o principal beneficiado pelas políticas do Estado fascista) e à sua diferenciação frente aos movimentos e regimes autoritários de direita tradicionais, que se limitam à coerção e não mobilizam as massas. Nesse sentido, é muito importante a obra de Poulantzas (1978), que relaciona o processo de fascização das sociedades italiana e alemã a uma crise política específica, envolvendo as frações burguesas em sua dificuldade de obter a hegemonia sobre o bloco no poder, resultando na reorganização deste bloco sob a hegemonia do capital monopolista e financeiro. O autor aponta alguns elementos que fazem parte deste processo de fascização, dentre eles, a ruptura entre as classes sociais e os partidos que as representam, uma crise ideológica generalizada e a penetração da ideologia pequeno-burguesa na classe operária.

O movimento *Mídia Sem Máscara* é formado por elementos da pequena burguesia, como jornalistas, advogados, professores, psiquiatras etc., que apresentam em seu discurso elementos da mentalidade fascista (teorias conspiratórias, aversão à diversidade política e étnico cultural, construção de inimigos internos e externos, nacionalismo etc.), conforme veremos adiante, e se preocupam em mobilizar vastos setores da sociedade através das redes sociais em um movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade (Patschiki, 2012, p. 123), em uma iniciativa de produção de consenso em torno de ideias que servem aos interesses dos setores dominantes da grande burguesia, assim como possuem uma rede extrapartidária associada a vários

aparelhos privados de hegemonia da grande e pequena burguesia. Por essas relações e por suas ideias, Patschiki (2012, p. 17-18) afirma serem "prepostos, funcionários da classe dominante, que arrogam um poder que não detêm, mas que mesmo assim encarnam".

Seus vínculos com elementos ideológicos do fascismo não significam que reproduzam toda a ideologia fascista e a forma de organização dos fascismos clássicos (aqueles situados entre o período entreguerras). Nestes, o antiliberalismo era voltado para todos os aspectos, políticos, sociais e econômicos, pois a economia era corporativa com forte intervenção do estado na organização dos diversos elementos produtivos com vistas a garantir a reprodução ampliada de acumulação de capital. Nos chamados neofascismos, há uma combinação entre defesa do liberalismo econômico com um antiliberalismo político e social. A liberdade da iniciativa privada no mercado é defendida, mas não a liberdade individual em questões morais e comportamentais e as liberdades políticas, visto que em seu discurso, os adversários são tratados como inimigos e não como forças legítimas na disputa política, revelando-se assim um caráter autoritário desse movimento, embora procurem mascarar seu autoritarismo atuando no sistema liberal democrático.

Portanto, este artigo não advoga a tese epocal sobre o fascismo, segundo a qual o fascismo seria produto de uma dada época histórica situada no período entreguerras e indissociável da crise econômica, política e social do período, sendo as consequências da primeira guerra mundial um dos fatores chave para a explicação da ascensão dos movimentos e regimes fascistas. Por essa visão, os fascismos não ressurgiriam em outros períodos históricos, pois aquela conjuntura específica não se repetirá. Fazem parte desta concepção historicista do fascismo pensadores como Renzo de Felice (1976) e Ernest Nolte

(1963), entre outros.

Consideramos que o fascismo pode ressurgir em outros contextos históricos, pois atualmente há vários movimentos chamados neofascistas, que advogam o espírito e a essência do fascismo, embora não reproduzam exatamente a forma de organização e todo o ideário dos fascismos clássicos. Segundo Silva (2003), o fascismo não é um movimento morto, pertencente à história e sem qualquer papel político contemporâneo. A historiografia pós anos 1980 apresenta análises mais conceituais, que veem o fascismo como uma possibilidade da moderna sociedade de massas, e não apenas de um período histórico determinado. Seria possível então falar de um modelo a-histórico e fenomenológico do fascismo.

A definição mais apropriada do que seja fascismo foi dada por Robert Paxton, e podemos encontrar movimentos desse tipo nas sociedades atuais. O fascismo é:

> uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (PAXTON, 2007, p. 358-359).

Os chamados neofascistas defendem o neoliberalismo, saindo da proposta do fascismo clássico de cunho corporativista e intervencionista do Estado.[6] Calil (2018) aponta que a associação entre fascistas

[6]É importante atentar para o fato de que o caráter intervencionista do Estado nos fascismos clássicos não significou estatização de empresas, mas sim regulação dos conflitos de classes, com vistas a assegurar a hegemonia da fração do capital

e neoliberalismo já existia entre os integralistas do pós-1945[7] no Brasil e que esse precedente integralista revela as formas específicas que o fascismo assume para se adaptar a diferentes contextos políticos, seja apresentando um compromisso "democrático" mas esvaziando o sentido do termo, seja incorporando uma perspectiva econômica neoliberal.

Essa observação é útil para visualizarmos o MSM como um movimento que defende ao mesmo tempo elementos do fascismo e também do neoliberalismo, assim como do neoconservadorismo norte-americano.[8]

A Teoria Social do Discurso

É importante abordar como Fairclough concebe a teoria social do discurso, já que a sua metodologia será empregada na análise do discurso de Olavo de Carvalho. Fairclough inspirou-se na Linguística Sistêmica Funcional (LSF) desenvolvida por M. Halliday (1991), que vê a linguagem humana como dotada de funções sociais, havendo três macrofunções que atuam simultaneamente nos textos: ideacional, interpessoal e textual. A Ideacional seria a representação da experiência, refletindo a "realidade" na língua, ou seja, são as representações sobre a realidade. A função interpessoal seria o uso da linguagem na interação social, a língua como ação e como expressão de relações pessoais e sociais. Já a função textual diz respeito aos aspectos semânticos,

monopolista e financeiro do bloco no poder. Ver Poulantzas (1978).

[7]O integralismo foi um movimento fascista surgido no Brasil em 1932, liderado por Plínio Salgado. Após 1945, adotou o nome de Partido de Representação Popular (PRP) e passou a adaptar o discurso ao novo contexto histórico, inclusive defendendo a pauta neoliberal.

[8]A relação com os neoconservadores norte-americanos será abordada no decorrer da análise do discurso do movimento.

gramaticais e estruturais presentes no texto e que possuem um valor funcional.

Fairclough recontextualizou a LSF de Halliday, alterando alguns dos seus pontos. Ele mantém a função ideacional, mas cinde a função interpessoal em função relacional e função identitária. A primeira seria "como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas" e a segunda "relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). Quanto à função textual, Farclough a incorpora ao significado acional, pois não distingue uma função 'textual' separada, mas a incorpora à ação (FAIRCLOUGH, 2003, p. 27).

Para Farclough, o discurso é a intermediação entre o texto e os eventos (ou a realidade), sendo uma prática social que expressa modos de agir, de representar e de ser. O significado acional aproxima-se da função relacional da linguagem, porque o texto é um modo de interação em eventos sociais e a ação através do texto questiona ou legitima relações sociais e de poder. A questão da intertextualidade e da interdiscursividade também é levada em conta no significado acional do texto. O significado representacional relaciona-se com a função ideacional porque enfatiza a representação da realidade, enquanto o significado identificacional diz respeito à construção de identidades no discurso, relacionando-se, portanto, com a função identitária.

O texto será percebido como uma das manifestações da linguagem, vista como essencialmente interativa, e que possui objetivos e fins a serem atingidos, já que se direciona ao outro, tendo uma perspectiva persuasiva e argumentativa. Partindo do pressuposto de que o discurso é baseado em um suporte ideológico, o conceito de ideologia – mais especificamente o de John Thompson (2002) – será de extrema importância na compreensão do discurso do *MSM*, já que a linguagem

é determinada em última instância pela ideologia, não havendo uma relação direta entre as representações sobre a realidade e a língua. Assim, analisar um discurso é compreender não somente o que o texto diz e como ele diz, mas também porque ele diz o que diz.

Quem são Olavo de Carvalho e o Mídia Sem Máscara

O *Mídia Sem Máscara* foi fundado em 2002, tendo como principal instrumento de divulgação de suas ideias a rede mundial de computadores. Localizado no *site* midiasemmascara.org, tem como fundador e editor-chefe Olavo de Carvalho (oriundo de uma família da nova pequena burguesia brasileira), que possui um *site* próprio, www.olavodecarvalho.org, denomina-se filósofo e ministra cursos no Seminário de Filosofia — o qual também possui um *site*, www.seminariodefilosofia.org. Olavo de Carvalho preside o *The Inter-American Institute* (theinteramerican.org), integrado, segundo o próprio, por intelectuais “de alto calibre dos EUA e da América Latina”.[9]

O *MSM* foi fundado com o objetivo de “denunciar” o que chamam de “viés esquerdista” da mídia brasileira, que esconderia ou distorceria ideias e notícias. Assim, o *site* se pretende “sem máscara”, ou seja, divulgaria notícias sem distorções, apresentando-se como “objetivo” e “neutro”, imagem esta totalmente inverídica pelo viés direitista das narrativas de seus membros.

A filiação ideológica do *MSM* pode ser percebida pelos *links* existentes em seu facebook para páginas do *Instituto Mises Brasil* (que defende as ideias neoliberais no mundo) e de Jair Messias Bolsonaro

[9] Informações retiradas do site midiasemmascara.org. Acesso em agosto de 2017. O movimento possui também Facebook (ptbr.facebook.com), Twitter (twitter.com) e Youtube (www.youtube.com).

(famoso político brasileiro de origem militar, eleito à Presidência do Brasil nas eleições de outubro de 2018, sendo o principal representante das ideias de extrema-direita no país e defensor dos regimes militares instituídos no Brasil após o golpe de 1964). Assim, o *MSM* conjuga a defesa do neoliberalismo na economia e do conservadorismo de caráter autoritário na política e na sociedade.

Lucas Patschiki (2012) discorre sobre os intelectuais que compõem o movimento e analisa o *MSM* no período de 2002 a 2011. Segundo o autor, Olavo de Carvalho criou o *MSM* para agrupar vários intelectuais de direita em torno do anticomunismo, no contexto das eleições presidenciais de 2002 em que Luiz Inácio Lula da Silva, do *Partido dos Trabalhadores* (*PT*), foi eleito para o cargo pela primeira vez. Carvalho chegou a ser filiado ao *Partido Comunista Brasileiro* (*PCB*) e afirma ter abandonado o partido em 1968 por discordar da luta armada, afirmação esta sem sentido, pois os que abandonavam o partido nesta época o faziam para entrar na luta armada, e não por serem contra essa forma de luta (PATSCHIKI, 2012, p. 27).

No final da década de 1980, passou a se dedicar mais ativamente à Filosofia (embora não tenha concluído nenhum curso superior na área), criando cursos permanentes, os chamados Seminários de Filosofia, época em que se firmou como intelectual "de certo renome". Porém, na imprensa, Carvalho emergiu no espaço deixado pela morte de Paulo Francis, em 1997, período em que a grande mídia defendia ostensivamente o neoliberalismo, fazendo parte dessa rede o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Em 1996, lançou o livro *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras* pela Editora da UniverCidade do Rio de Janeiro, foi autor de vários livros sobre Astrologia, Política e Filosofia e, nos anos 2000, trabalhou em vários jornais, revistas e editoras, como *O Globo*, *Zero*

Hora, *Jornal do Comércio* e *Jornal do Brasil*. (PATSCHIKI, 2012, p. 42-43)

O *site* próprio de Olavo de Carvalho, por sua vez, foi lançado em 1998, quando passou a atuar intensivamente nas redes sociais. Já em 2002, o *Mídia Sem Máscara* é fundado e, através dele, Carvalho passa a aglutinar em torno de si vários intelectuais, sendo um poderoso meio de unificação ideológica e organizacional da extrema-direita brasileira (PATSCHIKI, 2012, p. 46).

Em 2005, Carvalho foi demitido de diversos jornais e revistas em que trabalhava – entre eles *O Globo* e *Zero Hora* –, e passou a viver do *Jornal do Comércio*, mantido pela *Associação Comercial de São Paulo* (*ACSP*). Depois das demissões, ele mudou-se para os EUA, residindo em Richmond, Virginia, como correspondente do *Diário do Comércio*. (PATSCHIKI, 2012, p. 47)

Carvalho fundou também o *Instituto Olavo de Carvalho* (*IOC*), em 2009, que se tornou um importante espaço de formação ideológica de futuros intelectuais, para servirem de quadros do *Mídia Sem Máscara*, através do oferecimento de cursos de filosofia e línguas e grupos de estudos literários (PATSCHIKI, 2012, p. 58).

Patschiki considera o *Mídia Sem Máscara* um movimento neofascista, que funcionaria como um partido político. Segundo ele, a partir de 2005, após sua demissão de vários jornais e revistas, Carvalho radicaliza sua prática política anterior, "passando a agregar e refinar projetos de cunho chauvinistas e fascistizantes, militando abertamente por partidos e organizações de novo tipo, que não se colocassem somente contra uma possível ascensão da esquerda, mas contra qualquer abertura democratizante permitida pela burguesia" (PATSCHIKI, 2012, p. 69).

O *Mídia Sem Máscara* seria um partido porque cumpriria uma fun-

ção partidária, ou seja, organiza e dissemina um discurso ideológico através dos seus intelectuais, forma quadros e militantes de base e arregimenta simpatizantes usando como estratégia principal a guerra de posições, atuando em várias organizações e frentes (incluindo a sua rede extra-partidária), cujo objetivo é atuar em momentos de crise política aberta (PATSCHIKI, 2012, p. 71).

O trabalho de Lucas Patschiki é praticamente o único no campo acadêmico sobre Olavo de Carvalho e o *Mídia Sem Máscara*. Mas existem análises de outros pensadores expressas em mídias alternativas e também nas dominantes. O cientista político Álvaro Bianchi, por exemplo, afirma que, embora Carvalho não seja um acadêmico, é um intelectual de grande influência na opinião pública brasileira, exercendo atividade intelectual há várias décadas como articulista em jornais de grande circulação e nas redes sociais. Bianchi enfatiza que "há pouca verdade" na narrativa filosófica de Carvalho, porém, ela é persuasiva e eficaz por abordar "os medos e as inseguranças do homem comum perante as transformações do mundo contemporâneo" (COLETTA, 2018).

Bianchi diz ainda que Carvalho "reciclou" para o contexto brasileiro "de modo bastante eficaz" o tema de um suposto marxismo cultural, que faz parte do discurso da direita nos Estados Unidos desde a década de 1970. O autor não tem dúvidas de que as teses apresentadas por Carvalho nessa área são teorias conspiratórias. "Ele [Olavo de Carvalho] atribui um peso ao marxismo nas universidades brasileiras que simplesmente não existe" (COLETTA, 2018, s.p.).

Já Esther Solano chama a atenção para o fato de que Carvalho soube se capitalizar com base no novo formato de comunicação: fácil, rápido, polêmico e combativo. É a forma comunicativa do *best seller*, daquele palestrante que tem um conteúdo muito simples e mastigado.

Uma coisa fácil, polêmica e que faz sucesso” (COLETTA, 2018, s.p.).

Segundo o professor de Direito e Relações Internacionais, Fabrício Pontin, a narrativa conspiratória de Carvalho “dá um curto-circuito na tentativa de crítica”, ou seja, se alguém diz que Olavo está errado, tal crítico de seu pensamento passa a fazer parte da conspiração e estaria “trabalhando para manter todos iludidos”. Mas o autor considera que Carvalho explora “os delírios da ortodoxia da academia brasileira” que se fecha em grupos que não dialogam com a sociedade, enquanto Carvalho mantém um diálogo aberto com os seguidores, respondendo *e-mails*, fazendo conferências com seus admiradores, respondendo as ansiedades dos seus seguidores. Nesse sentido, haveria um vazio deixado pela intelectualidade acadêmica, enquanto muitas pessoas não se sentem representadas pelas forças políticas e pelos pensamentos correntes: “O Olavo não é o grande autor da extrema direita brasileira. Ele se tornou o grande intérprete das ansiedades de massa no Brasil, um cara que foi capaz de ler as vulnerabilidades e demandas sociais muito melhor que muito crítico cultural marxista que insiste em achar que Adorno vai nos ajudar a explicar esse ou aquele aspecto do problema de classe” (OUTRAS MÍDIAS, 2019).

A análise de Pontin é elucidativa acerca da estratégia de Carvalho ao se basear em uma suposta erudição filosófica, propagandeando que ele próprio teria uma grande capacidade de interpretação dos trabalhos clássicos da Filosofia Ocidental que o permitiria demonstrar o verdadeiro “sentido” destes textos, escondidos por um complô dos filósofos das universidades. Além disso, Pontin aponta que Carvalho explora as vulnerabilidades do sistema educacional brasileiro e se coloca como um “profeta” de uma suposta “guerra cultural”, aproveitando da incompreensão de parte do público sobre as novas dinâmicas sociais de gênero e de organização política. Ele trabalha também com um senso

de nostalgia e uma "vontade de desaceleração da pauta progressista", atraindo muitos insatisfeitos com tais pautas para um movimento de base organizado por ele que explora essas ansiedades sociopolíticas de parte da população, oferecendo uma explicação fácil e direta para as mudanças dos últimos anos (OUTRAS MÍDIAS, 2019).

Miguel aborda o que seria para ele os três eixos da extrema-direita brasileira: o libertarianismo – baseado no ultraliberalismo, prega o menor Estado possível e considera toda situação nascida dos mecanismos de mercado justa por definição; o fundamentalismo religioso – baseado na crença em uma verdade revelada divinamente, anulando qualquer possibilidade de debate; e o anticomunismo – relacionado também com "bolivarianismo". Esses eixos podem aparecer juntos, e ele dá como exemplo o pensamento de Olavo de Carvalho, no qual confluem-se o reacionarismo moral e o anticomunismo exacerbado, produzindo discursos como a crença em um complô para derrubar o capitalismo e a "civilização ocidental" através da dissolução da moral sexual convencional e da estrutura familiar tradicional. Difundindo o que seria o "marxismo cultural" baseado supostamente nas ideias de Gramsci, Carvalho acredita que a estratégia gramsciniana é "apagar da mentalidade popular, e sobretudo do fundo inconsciente do senso comum, toda a herança moral e cultural da humanidade" (MIGUEL, 2019, p. 21).

A análise do discurso islamofóbico em Olavo de Carvalho

Para abordar a islamofobia em Olavo de Carvalho e no *Mídia Sem Máscara*, serão analisados dois artigos de autoria do próprio Carvalho e publicados no *site* do movimento. O primeiro artigo é *A Revolução*

Abrangente, também divulgado no *Diário do Comércio*, em 27 de outubro de 2013; o segundo artigo intitula-se *As Garras da Esfinge – Rene Guenon e a Islamização do Ocidente*, publicado em *Verbum*, Ano I, Números 1 e 1, julho-outubro de 2016. A análise iniciará com a abordagem do significado acional dos discursos, para em seguida passarmos para os significados representacional e identificacional, de acordo com a metodologia de Farclough citada anteriormente.

O Significado Acional do Discurso Islamofóbico de Olavo de Carvalho

Um relatório britânico, *Runneymede Report*, de novembro de 1997, define islamofobia como '"o medo, ódio e hostilidade direcionado ao Islã e aos muçulmanos perpetrados por uma série de visões fechadas que insinuam e atribuem estereótipos e crenças negativos e depreciativos aos muçulmanos" (*apud* RAMOS, 2015, p. 108). Há autores que relacionam islamofobia com racismo, sendo um deles, Ibrahim Kalin, classificando-a como uma espécie de racismo cultural, enfatizando que "é impossível separar a Islamofobia do ódio étnico contra árabes, asiáticos e negros." (KALIN, 2011, p. 600)

Assim sendo, podemos definir a postura de Carvalho como racista e que visa difundir uma imagem estereotipada e preconceituosa acerca do islã em geral, e dos muçulmanos, contribuindo para gerar atitudes de intolerância contra eles.

De acordo com a metodologia de análise de discurso de Farclough, iniciaremos com o significado acional do texto. Ao perceber os textos como uma forma de ação política que visa influenciar a opinião e visão de mundo dos leitores, sendo, portanto, uma forma de interação social, eles têm uma função relacional.

É importante então discutir o conceito gramsciniano de hegemonia, que trouxe grandes contribuições para o estudo da dominação de classe nas sociedades capitalistas mais desenvolvidas. Segundo Portelli (1977, p. 65), Gramsci enfatizava, além da coerção, o consentimento das massas através do convencimento e da persuasão, sendo para ele muito relevante a direção cultural e ideológica da classe dominante sobre toda a sociedade, retirando o conceito de hegemonia de seu caráter puramente político baseado na formulação leninista.

Para Gramsci, o terreno essencial da luta está na sociedade civil, pois o grupo que a controla torna-se hegemônico, coroando tal hegemonia na conquista da sociedade política, estendendo-a ao conjunto do Estado, formado pela sociedade civil mais sociedade política (PORTELLI, 1977). A luta pela hegemonia é denominada por Gramsci de "guerra de posição", ou seja, conquista de "posições e de espaços, da direção político-ideológica e do consenso dos setores majoritários da população, como condição para o acesso ao poder de Estado e para a sua posterior conservação" (COUTINHO, 1992, p. 89).

Para Gramsci, então, "a hegemonia é um contínuo processo de formação e suplantação de um equilíbrio instável" (GRAMSCI, 1988, p. 423), sendo o discurso um meio de se lutar pelo consenso. Assim, as práticas discursivas realizadas através das práticas textuais são formas de estabelecer a hegemonia, e estão ligadas a determinadas práticas sociais que contribuem para a manutenção de relações assimétricas de poder sustentadas em redes de práticas.

Assim sendo, no âmbito da sociedade civil, estão partidos políticos, imprensa, instituições sociais, etc, sendo atualmente as redes sociais um espaço da sociedade civil muito utilizado para a disseminação de determinadas ideias, valores, concepções de mundo ligados a determinados grupos sociais, visando convencer a sociedade e atrair

adeptos que possam colaborar com suas práticas sociais. No caso aqui abordado, o *MSM* e seu líder Olavo de Carvalho procuram conquistar a hegemonia por meio da persuasão e dos discursos de cunho político-ideológico, mas apresentados como se fossem verdade. Por isso, a importância de analisar a prática textual desse grupo e, começando pelo significado acional, serão abordados o gênero e o grau de intertextualidade.

O primeiro artigo, *A Revolução Abrangente*, tem como tese central a ideia de união de um amplo conjunto de movimentos e pautas sociais associados ao “esquerdismo”, como o islamismo, o indigenismo, o estatismo, a negritude, a liberação das drogas, o homossexualismo, o feminismo, apresentados sempre de forma pejorativa e em oposição aos valores do ocidente cristão.

No que diz respeito ao gênero, podemos afirmar que o texto é um artigo político, que procura convencer os leitores dos seus argumentos e persuadi-los a agir em conformidade com a visão de mundo passada no texto. Assim, Carvalho busca desenvolver nos leitores a ação política contrária aos elementos apresentados no texto como os inimigos a serem combatidos e reforçar ou gerar preconceitos e conservadorismos de caráter político, social e moral religioso, com o objetivo de manter a ordem social dominante. O pré-gênero do texto é, portanto, o argumentativo-dissertativo.

Carvalho fala de um suposto movimento revolucionário, unido por forças heterogêneas, mas com um objetivo em comum, e que estariam “unidas tão somente pelo ódio comum a um inimigo que permanece também vago e indefinido o bastante para deixar à liderança revolucionária o espaço livre para toda sorte de arranjos e acomodações oportunistas” (CARVALHO, 2013). Afirma-se, portanto, que não há princípios ideológicos positivos no movimento revolucionário, enfa-

tizando seu pragmatismo para derrotar um inimigo comum a todos os componentes do movimento, levando o leitor a concluir que a "ideologia" dos movimentos revolucionários é o ódio e o desejo de poder ilimitado. Os argumentos são: não existe mérito nos movimentos revolucionários, sua essência é negativa e são forças autodestrutivas e incapazes de construir. É apresentada, então, uma visão pejorativa de todo movimento revolucionário.

Carvalho associa ao Islã todos os atributos negativos e pejorativos apresentados em relação aos movimentos revolucionários em geral. Para ele, o Islã seria "por essência um projeto de sociedade, um código civil completo que regula todas as relações humanas" (CARVALHO, 2013), possuindo um caráter autoritário que "aceita conviver com outras formas de sociedade enquanto não se sente forte o bastante para islamizá-las de alto a baixo e banir do espaço público – e até mesmo da vida privada – tudo o que não seja expressamente determinado pelo Corão" (CARVALHO, 2013). Assim, Carvalho atribui ao islã e a todo movimento revolucionário um sentido de dominação total, utilizando, inclusive, o conceito de "totalitarismo".

O uso de tal conceito para se referir ao islã não é acompanhado, contudo, de uma definição conceitual sobre o mesmo. Apenas é utilizado com fins políticos no interior do discurso para desqualificar a civilização islâmica como um todo. Carvalho parte de definições dicotômicas e generalizantes de cunho liberal para construir opostos binários baseados em concepções de "bem" e "mal". Nesse sentido, cabe a crítica de Chasin (2013) às definições liberais sobre o conceito de totalitarismo, referindo-se principalmente à definição de Neumann (1969, p. 270), que distingue o estado totalitário como aquele que destrói a linha entre o estado e a sociedade, havendo uma politização total da sociedade por meio do partido único. Chasin afirma que as defi-

nições liberais de totalitarismo se baseiam em negações relativas aos caracteres liberais. Tal concepção dicotômica parte de alguns pressupostos: "abstrata relação excludente entre poder material e poder jurídico; e a atribuição também em abstrato de valor positivo ao campo jurídico e de negativo ao poder material. Pressupostos que implicam considerar o estado liberal uma sorte de fim da história, portanto, racionalmente insuperável, eterno como valor prático e teórico" (CHASIN, 2013, p. 15).

Segundo Carvalho, o islã e o movimento revolucionário aliaram-se "tão logo a luta de classes e a luta de raças, nas primeiras décadas do século 20, com o comunismo e o nazismo, respectivamente, assumiram a feição explícita de uma guerra de culturas e de nações pelo domínio do globo terrestre" (CARVALHO, 2013). Neste trecho, o autor coloca no mesmo patamar islamismo, comunismo e nazismo como representantes do "mal", desconsiderando totalmente as especificidades de cada um e os projetos sociais diferenciados. Observa-se uma operação discursiva que visa representar também o nazismo como pertencente a esse dito "movimento revolucionário", o que é conceitualmente falando uma distorção da essência de um regime que foi essencialmente conservador.[10] Aparece também no discurso a concepção de uma guerra cultural entre civilizações do "bem" e do "mal".

A representação que é feita acerca do islã é contraposta à representação do cristianismo. De acordo com Carvalho, embora o cristianismo sempre tenha lutado pela expansão mundial, esta seria apenas baseada em "uma mensagem de salvação que se dirigia às almas individuais" (CARVALHO, 2013), dando ao cristianismo um viés altamente conservador em termos sociais e políticos, com ausência de

[10]Nesta discussão, insere-se também a tese de Carvalho de que o nazismo seria um regime de esquerda, em uma tentativa "revisionista" de alocar as atrocidades nazistas no campo dos seus adversários políticos.

qualquer intenção transformadora da realidade social, e dotado de capacidade de adaptação. Por isso, não sendo revolucionário, o cristianismo seria necessariamente "bom" em oposição a um islã revolucionário. No entanto, esta concepção conservadora da prática cristã é fruto da opção política do autor, pois existem vertentes cristãs que advogam a capacidade dos princípios cristãos impactarem toda a estrutura social e que também resultam de opções políticas, neste caso, à esquerda, sendo um exemplo a teologia da libertação.

É importante abordar a questão da intertextualidade neste texto, ou seja, verificar se existe diálogo com outros discursos, textos e percepções. No artigo aqui analisado, verificamos que não há tal diálogo, não havendo referências diretas nem indiretas a autores ou outros atores sociais e políticos que abordem os temas centrais do texto: islamização da Europa, disseminação do homossexualismo, abortismo, ecologismo, feminismo etc. O autor não utiliza argumentos externos nem para confrontar a sua narrativa nem para referendá-la. Ele sustenta-se somente em pressuposições acerca de tais elementos, que surgem como "dados da realidade" que são apresentados aos interlocutores, ajudando a reforçar, no leitor, a percepção de que o que o texto diz é uma "verdade" incontestável.

Os não-ditos e os silêncios presentes no texto também são uma forma de discurso, servindo para dar aos seus argumentos uma aparência de legitimidade. Carvalho esconde os reais propósitos dos elementos ditos como "revolucionários", suas pautas e a justeza das mesmas, os condicionantes sociais e políticos que levaram ao surgimento de tais pautas e a importância delas para a luta contra situações de opressão, transformando movimentos que possuem causas humanamente compreensíveis e justas em "inimigos terríveis" e no "mal absoluto".

O autor omite as causas sociais e econômicas que levam milha-

res de pessoas de religião muçulmana a imigrarem de seus países de origem para a Europa, causas estas muitas vezes provocadas pelos próprios países europeus em sua expansão imperialista pelas periferias do mundo, ocasionando guerras e instigando conflitos locais. Assim, o grande número de muçulmanos na Europa pode ser interpretado como ocasionado por “conspirações islâmicas”, e não resultado de processos históricos de caráter econômico e social. Transforma-se as populações muçulmanas, as quais muitas vezes vivem em situação precária e marginalizadas nos países europeus, em algozes da civilização judaico-cristã.

Quanto à associação de esquerdismo com islamismo, só parece lógico ao se omitirem informações de caráter histórico que mostram não haver tal associação, como a oposição dos talibãs ao governo comunista do Afeganistão e, por outro lado, o apoio dos EUA (um país de cultura cristã) às forças muçulmanas fundamentalistas contra o governo apoiado pelos soviéticos (VIZENTINI, 2002) e as relações geopolíticas e comerciais entre os EUA e países de regime islâmico fundamentalista, como a Arábia Saudita (LITTLE, 2004).

Ao analisarmos este primeiro artigo, podemos perceber influências do pensamento neoconservador norte-americano no discurso islamofóbico de Carvalho e do MSM. O neoconservadorismo possui interligações ideológicas com a extrema-direita próxima ao fascismo, por buscar uma sociedade harmoniosa, homogênea (étnica e cultural) e sem conflitos de classe, além de defender o resgate da sociedade tradicional (que acredita ser verdadeira), baseado nos princípios de família, da religião e do desenvolvimento da nação acima dos objetivos individuais (MILZA, 1992).

Uma das principais características do neoconservadorismo[11] é a

[11] Os neoconservadores podem ser caracterizados como políticos, funcionários de

tendência a ver o mundo prioritariamente pela ótica do bem/mal. Por isso, pretendem influenciar a organização e a conformação da ordem internacional de acordo com os valores norte-americanos de forma a tornar o mundo mais seguro para os EUA. Por trás está a ideia de que os princípios norte-americanos são superiores e, por isso, o poderio norte-americano deveria ser usado para fins morais, tendo os EUA responsabilidades especiais no mundo, pois sua sociedade deveria ser modelo para os demais países devido ao seu excepcionalismo. (FUKUYAMA, 2006, p. 2) Segundo Magalhães, "após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, os neoconservadores ganharam força e se tornaram o grupo mais influente em Washington" (MAGALHÃES, 2008, p. 17).

Segundo Finguerut (2008, p. 16), os neoconservadores fazem uma crítica à inércia do poder americano pós-Guerra Fria e, a partir deste diagnóstico, criam um plano de ação buscando remodelar a política internacional. Eles olham para o mundo e pensam na ocidentalidade judaico-cristã diante de ameaças que, mesmo globais, atingem o conceito de Ocidente como um todo. Essa é a razão de os neoconservadores travarem um diálogo com os autores que pensam na centralidade da cultura na política internacional.[12]

Finguerut (2008, p. 19) aponta ainda que a supremacia militar americana criou, no plano doméstico, uma nova identidade nacional, caracterizada por um destino messiânico, mediante o poder de transfor-

carreira da Casa Branca e intelectuais dos círculos dos Think Tanks de Washington D.C. que revolucionaram a Direita Americana quando repensaram os rumos da política externa dos EUA pós-Guerra Fria e reintroduziram na opinião pública, temas como patriotismo, valorização do poder americano e a viabilidade da unipolaridade no Sistema Internacional (FINGUERUT, 2008, p. 15).

[12]Este diálogo ocorre nos Campi com professores da escola realista como Samuel Huntington e a Nova Geração da Nova Direita, herdeira dos críticos do liberalismo, como por exemplo, Francis Fukuyama e William Kristol (FINGUERUT, 2008, p. 16).

mação e de pacificação das forças estadunidenses. O pensamento neoconservador define-se como o detentor da solução para os problemas da política externa dos EUA, inovando ao transferir o foco da diplomacia para a segurança. Após os ataques de 11/09/2001, o foco na segurança se reforçou ainda mais, contribuindo para fortalecer a posição dos neoconservadores no governo norte-americano.

Já de antemão, podemos identificar alguns elementos em comum entre Olavo de Carvalho e os neoconservadores neste primeiro artigo analisado: divisão do mundo entre forças do bem e forças do mal, sendo os valores cristãos ocidentais o bem e o islamismo em associação com "movimentos revolucionários" o mal; concepção de uma "guerra cultural" entre nações e civilizações; e construção de inimigos da civilização ocidental judaico-cristã. Mais à frente desenvolveremos melhor esta questão.

No segundo artigo, *As Garras da Esfinge – Rene Guenon e a Islamização do Ocidente*, Carvalho apresenta a mesma tese central da ameaça do islã ao ocidente através de um projeto de islamização das sociedades ocidentais, usando como fonte a obra de Rene Guenon, Oriente e Ocidente, publicada em 1924. Para desenvolver sua tese, o autor realiza um debate filosófico, no qual ele se contrapõe à corrente tradicionalista e perenialista, cujas ideias centrais são apresentadas ao leitor e depois desconstruídas.

O significado acional do texto é percebido no gênero utilizado pelo autor, que, assim como o artigo analisado anteriormente, é um artigo político, cujo pré-gênero também é argumentativo-dissertativo.

Mas, no que diz respeito à intertextualidade, existe uma diferença em relação ao artigo anterior. Desta vez, há um nível de dialogicidade razoável, pois Carvalho dialoga o tempo todo com autores da corrente tradicionalista e perenialista, citando trechos de suas obras,

corroborando algumas de suas ideias e desconstruindo outras.

O diálogo é feito, inicialmente, com a obra de Lee Penn, *False Dawn: The United Religions Initiative, Globalism, and the Quest for a One-World Religion* e com a resenha de tal obra, feita por Charles Upton (autor de *The System of the Antichrist*). A ideia central é de que há um projeto de formação de uma religião única para dominar o mundo e a noção do "Anticristo" e da religião mundial estão no cerne da islamofobia que Carvalho apresenta neste artigo. Assim, percebe-se que este diálogo é essencial para reforçar a tese islamofóbica central, e a referência a esta obra e ao seu autor serve para dar uma aparência acadêmica ao seu texto.

Lee Penn é o autor com o qual Carvalho tem grande concordância, pois sua visão se opõe à chamada escola perenialista, contra a qual Carvalho também se posiciona, e que tem entre seus autores F. Schuon e R. Guenon, com os quais Carvalho também dialoga. Percebemos, então, que existe um certo nível de tensão no texto, visões e reflexões de caráter filosófico são confrontadas, e tal confronto é estratégico no desenvolvimento da tese do conspiracionismo islâmico defendida por Carvalho.

No nível da linguagem propriamente dita e do significado acional do texto, o autor constrói um discurso da ameaça ao ocidente cristão, levando o leitor a perceber que algo de "ruim" paira no ar e sugere a ocorrência de transformações históricas e espirituais que estariam ameaçando o futuro da humanidade, mas não seriam percebidas pelas pessoas comuns por estarem muito distantes da mídia e dos debates públicos (CARVALHO, 2016).

Carvalho prossegue com o tema da religião mundial, baseando-se no livro de Lee Penn que, segundo ele, "descreve e documenta com abundância de fontes primárias a formação e desenvolvimento

de uma religião biônica mundial, com todas as características de uma paródia satânica" (CARVALHO, 2016). Tal projeto teria o apoio "da ONU, do governo americano, de praticamente toda a grande mídia ocidental e de um punhado de mega fortunas" (CARVALHO, 2016), e teria começado em 1995, com o nome de United Religions Initiative (URI, v. www.uri.org), sendo um "empreendimento, sustentado por recursos financeiros incalculavelmente vastos e apoiado por todo um *cast* de estrelas do *show business* e da política, conquistou até o apoio informal do Papa Francisco" (CARVALHO, 2016).

Carvalho aceita o pressuposto de Lee Penn como verdade absoluta, apresentando a tese do autor como praticamente incontestável e isentando o seu trabalho de qualquer processo de interpretação das fontes usadas; além disso, nada diz de como o autor trabalhou as fontes, passando ao leitor a ideia de que seria um trabalho neutro e de que as fontes primárias por si só revelam a realidade.

O United Religions Initiative (URI), apresentado como "prova" do projeto de construção de uma religião mundial, é um movimento que, na realidade, possui um caráter inter-religioso, e não ecumênico, pois não visa a fusão das diversas religiões em uma única, mas apenas a colaboração de religiões diversas em prol de um objetivo comum, mantendo cada uma a sua especificidade. Carvalho, no entanto, tenta desqualificar o movimento, relacionando-o com um objetivo maligno de dominação mundial, que ameaçaria o ocidente e o Brasil, baseado na ideia de "universalismo", que sustenta o "dogma" da "equivalência de todas as religiões em dignidade e valor" (CARVALHO, 2016), discurso que seria defendido "por toda a grande mídia mundial, pelos parlamentos, pelas legislações da quase totalidade dos países e pela maioria das próprias autoridades religiosas" (CARVALHO, 2016).

O autor critica, então, a visão de que todas as religiões têm o

mesmo valor e dignidade, empregando o termo *dogma* para se referir a essa ideia com o claro objetivo de desqualificá-la para o leitor, pois dá o sentido de que é algo imposto e não passível de contestação. Carvalho parte do pressuposto de que há uma hierarquia entre as crenças, umas seriam melhores do que as outras ou mais verdadeiras do que as outras.

Carvalho inicia sua crítica à corrente ghenoniana-schuoniana ao discordar de sua concepção de distinção "vertical" ou hierárquica entre as partes "superiores" (ou esotéricas) e "inferiores" (ou exotéricas) de todas as religiões. Embora concorde que as religiões possam levar a uma mesma Verdade Primordial, não aceita a visão de que o acesso a essa verdade só seja possível nas partes "superiores" ou esotéricas das crenças. Ele nega que tal hierarquia exista nas demais religiões, inclusive, no cristianismo, concordando nesse ponto com Schuon.

Como Guenon insiste na existência de tal hierarquia por querer aplicá-la a todas as crenças, Carvalho insinua que Guenon possui intenções não declaradas. "Qual a razão pela qual Guénon teria escolhido enquadrar à força todas as tradições numa dupla de conceitos que não se aplicava apropriadamente a nenhuma delas exceto o islamismo em particular?" (CARVALHO, 2016).

Ao desenvolver o tema da metafísica no texto, definindo-a como uma "estrutura da realidade universal", que se manifesta nos diversos níveis ou planos da existência, Carvalho afirma que, embora todas as crenças permitam o acesso ao mundo metafísico, o conhecimento desse mundo não é perfeito em todas elas; umas seriam mais perfeitas do que as outras em termos de conhecimento da realidade metafísica. Atingir o chamado Princípio absoluto não seria o que torna uma crença perfeita, e sim o conhecimento que se obtém dele, expresso no retorno perfeito da essência de tal Princípio para o homem e a socie-

dade (CARVALHO, 2016).

Em seguida, Carvalho inicia a problematização da concepção tradicionalista de Guenon, segundo a qual todas as organizações iniciáticas cristãs teriam desaparecido após a Idade Média, vendo "na perda da dimensão iniciática a raiz de todos os males do mundo moderno" (CARVALHO, 2016). Essa discussão é apresentada como um fio condutor para a tese central de todo o artigo: a ameaça sobre o ocidente por um projeto de islamização. Todo o restante do texto é dedicado a induzir o leitor a perceber tal projeto, tendo como pano de fundo a tradição perenialista, o islã e a obra de Guenon.

O discurso apresenta o ocidente cristão como a vítima de uma conspiração. Ao apontar para as sugestões que o perenialismo oferecia ao católico, a partir dos anos 1960, Carvalho afirma que todas elas visavam a destruição do ocidente cristão. A primeira sugestão seria a conversão pura e simples ao islã; a segunda seria se abrigar na Igreja Ortodoxa Russa onde ainda haveria resíduos de esoterismo; a terceira seria a filiação a uma tariqa[13] multi confessional, onde se poderia praticar ritos iniciáticos islâmicos sem conversão formal ao islã (CARVALHO, 2016).

Ao abordar a tese de Guenon, Carvalho mostra o que seria, para o autor, possíveis desenvolvimentos: a queda na barbárie; a restauração da tradição católica sob a orientação de mestres espirituais islâmicos; e a islamização total, ou por meio da infiltração e propaganda ou através da ocupação militar. Deduz então, que o autor defendia a sujeição do ocidente ao islã (CARVALHO, 2016).

Ao associar o islamismo com o fascismo, afirmando que "importantes autoridades religiosas islâmicas deram apoio total ao Führer,

[13] As taricas são organizações compostas pelos praticantes da mística islâmica – havendo também exemplos de muitas taricas ecumênicas.

especialmente na questão do extermínio dos judeus" (CARVALHO, 2016), Carvalho adota a estratégia discursiva de usar alguns exemplos particulares para culpabilizar todo o islã e seus adeptos pelo extermínio dos judeus pelo nazismo alemão. Observamos, contudo, que esta estratégia está cheia de omissões. Nenhuma palavra é dita do apoio ostensivo de setores institucionais do cristianismo ocidental ao fascismo e ao nazismo, da criação do Estado do Vaticano como resultado do acordo entre o fascismo italiano, sob direção de Mussolini, e a Igreja Católica de Roma, das indenizações recebidas pelo Vaticano devido à perda de terras durante o processo de unificação italiana, do apoio de igrejas protestantes e da Igreja Católica ao nazismo alemão, tendo como motivo principal o combate ao comunismo (KERTZER, 2017). Assim sendo, se o raciocínio de Carvalho estivesse correto em relação ao islã, ele deveria ser estendido também ao próprio cristianismo ocidental. Mas como o objetivo do autor é criar um estereótipo sobre a civilização islâmica com base em condutas individuais ou de alguns setores islâmicos, ele omite que setores cristãos também apoiaram o fascismo, o que não nos autoriza a dizer que todo o ocidente cristão ou todos os cristãos foram fascistas.

A outra estratégia discursiva de Carvalho é associar intimamente islamismo e comunismo, estabelecendo junto ao leitor um sentimento de aversão aos dois grupos transformados em inimigos e ameaçadores da integridade do ocidente cristão. Ele fala de uma "colaboração íntima entre governos islâmicos e regimes comunistas no esforço anti-ocidental conjunto" (CARVALHO, 2016), do apoio da esquerda mundial à "ocupação muçulmana do Ocidente pela imigração em massa" (CARVALHO, 2016) e de um suposto boicote ao "combate ao terrorismo islâmico" (CARVALHO, 2016).

Neste trecho, há algumas inferências do autor, suposições passa-

das como se fossem verdade: haveria uma conspiração islâmica para dominar o ocidente, a imigração em massa dos muçulmanos para o ocidente seria parte de tal conspiração, quem defende os imigrantes compactua com tal projeto. Assim sendo, o fato de grupos à esquerda do espectro político tenderem a se contrapor à xenofobia contra imigrantes, incluindo os de fé islâmica, baseados na ideia de tolerância e inclusão social, é interpretado por adeptos de teorias conspiratórias como prova de seus pressupostos, embora não haja racionalmente ligação alguma entre uma coisa e outra. Tudo está no âmbito do discurso baseado numa visão binária de mundo em que o ocidente cristão é a vítima de um oriente islâmico ameaçador, relacionando atos ou ideias que não possuem ligação entre si, para envolvê-las numa teia conspirativa.

O suposto envolvimento de Guenon na conspiração aparece na seguinte frase: "A islamização do Ocidente – discreta ou ostensiva, pacífica ou violenta – é o objetivo central e, na verdade, único, de toda a obra de René Guénon" (CARVALHO, 2016), pressupondo que as ideias defendidas por Guenon possuem um objetivo político-religioso e estariam a serviço do projeto conspiracionista de dominação do ocidente cristão pelo islamismo. Assim, a interpretação que Carvalho dá ao que seriam as supostas motivações de um autor é passada ao leitor como não passível de questionamento, já que ele estaria usando como "prova" os próprios escritos de Guenon.

A islamofobia presente no discurso de Carvalho reflete o fenômeno nos EUA, sendo importante enfatizar que o autor reside no país norte-americano, reverberando em grande parte as paranoias e os medos desenvolvidos após os ataques de 11 de setembro às torres gêmeas do World Trade Center.

A autora Cinthia Weber (2010) nos ajuda a refletir sobre o fenô-

meno da islamofobia. Ela parte de uma metáfora (presente no discurso de Carvalho, inclusive), que vê a cultura islâmica como uma “besta” a ser combatida, construindo-se o sentimento do medo generalizado, o qual produz resultados coletivos. Tal discurso tem sido muito utilizado nos EUA após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Já o antropólogo Paulo Pinto relaciona a islamofobia com os discursos orientalistas, que constroem um imaginário cultural acerca do islã como uma alteridade radical, dotando-o de qualidades negativas – irracionalidade, fanatismo, autoritarismo, opressão às mulheres, violência e tradicionalismo – em contraste às que definiriam o “mundo ocidental”– razão, tolerância, liberdade, igualdade e modernidade (PINTO, 2010, p. 21-22).

Segundo Ramos, o orientalismo euro-americano e a islamofobia contemporânea baseiam-se em construções e imagens do Oriente islâmico sempre opostos aos padrões de vida pretendidos pelos ocidentais. “Para além disso, ambos insistem na assimetria entre as culturas, apostando na supremacia inconteste do Ocidente sobre o Oriente”bárbaro”” (RAMOS, 2015, p. 79).

Sendo assim, o conceito de orientalismo, de E. Said, também é bastante útil para a compreensão das teses islamofóbicas contemporâneas. Segundo Said, o “orientalismo” é uma invenção ocidental, um complexo de representações culturais que o ocidente produziu sobre o oriente e que legitimava as relações de poder entre o ocidente colonizador e o oriente colonizado. Orientalismo seria então um “estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o ‘Oriente’ e o ‘Ocidente’ ” (SAID, 2007).

Os Significados representacional e identificacional do Discurso Islamofóbico de Olavo de Carvalho

Ao entrarmos no campo das representações, o trabalho de Sunaina Maira (*apud* CARVALHO, 2015, p. 116) revela um amplo processo histórico de representação do "Outro" islâmico, fazendo-se referências a acontecimentos como a Inquisição Europeia e as Cruzadas, e vendo-se uma incompatibilidade entre os valores do islã e os valores do Ocidente. Posteriormente, tais representações europeias penetraram no território norte-americano ainda durante o processo de colonização, criando narrativas e imagens sobre o Islã que atualmente são relembradas e ressignificadas. De uma certa forma, esta influência aparece no discurso de Carvalho, principalmente quando ele tenta opor cristianismo a islamismo.

O nível representacional do texto é exatamente onde o discurso opera, através dele podemos observar as representações que o autor faz da realidade e de alguns elementos desta realidade. Neste âmbito, está a função ideacional, baseada em pressupostos ideológicos do autor, bem como as inferências que baseiam todo o texto.

O conceito de ideologia é então fundamental. Para a análise aqui realizada, adotaremos a concepção crítica de Thompson (2002), para quem a ideologia é, por natureza, hegemônica, pois serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e para reproduzir a ordem social que favorece determinados grupos dominantes. A concepção de ideologia de Thompson pode, inclusive, ser articulado com o trabalho de Norman Fairclough (2001), que aborda a relação dialética entre estrutura social e discurso, enfatizando que o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também socialmente constitutivo. Este

mesmo raciocínio pode ser aplicado à ideologia que, embora esteja relacionada a uma dada estrutura social, é também constitutiva dessa estrutura.

Podemos ver então os pressupostos ideológicos de Carvalho ao produzir os textos aqui analisados. No que diz respeito ao primeiro artigo, *A Revolução Abrangente*, podemos enumerar alguns desses pressupostos. São eles: movimentos revolucionários são ruins; existiria uma intenção de disseminar o homossexualismo e islamizar as massas; toda liderança revolucionária é afeita a arranjos e oportunismos; os movimentos revolucionários são hipócritas porque se apoiam em forças sistêmicas e estão associados ao ódio.

Na construção da representação negativa que o autor faz dos movimentos revolucionários, uma figura de linguagem é utilizada: a metáfora. Carvalho (2013) compara o "movimento revolucionário" a um "monstro de mil faces e inumeráveis tentáculos", ou seja, os movimentos sociais e suas pautas diversas (todas elas condenadas como sendo o "mal") estariam associados a um projeto conspiracionista para envolver (daí a ideia dos inumeráveis tentáculos) toda a sociedade e o ocidente cristão.

A representação do mundo é binária, simplificando-se seus elementos em lados opostos e excludentes, o "bem" e o "mal". O islã seria totalmente ruim, pois é naturalmente revolucionário, já que pretenderia moldar toda a humanidade futura à sua interpretação abrangente da história universal; o cristianismo, por sua vez, seria algo bom porque se opõe a essa pretensão de construir uma nova sociedade, sendo sua única intenção a salvação das almas. O autor mostra uma representação ideológica do cristianismo, ao defini-lo monoliticamente como sendo essencialmente conservador social e politicamente, desconsiderando que existem diversas formas de apreender a mensagem de

Cristo e vivenciá-la nas interações sociais, assim como no islamismo.

O autor parte, portanto, de um pressuposto político conservador: o de que o dever de todo cristão é se adaptar à realidade e nunca tentar transformá-la, pois transformações da realidade são ruins, o bom seria a manutenção das estruturas sociais, não importando a quem elas servem; o Islã seria naturalmente autoritário, pois teria um caráter revolucionário – e o autor associa revolução a autoritarismo – e expansionista, daí a ideia de que haveria um projeto de islamização de toda a sociedade.

Se o movimento revolucionário é ruim, as resistências a ele seriam automaticamente boas e positivas, e Carvalho cita os valores religiosos (neste caso, os valores judaico-cristãos), os sentimentos patrióticos e os interesses econômicos de grupos e facções (leia-se os interesses das classes dominantes).

As omissões e os não-ditos do texto citados anteriormente possibilitam que o discurso de oposição entre Islã e ocidente judaico-cristão em termos do "mal" contra o "bem" pareça crível, quando, na verdade, é uma representação ideológica e simplificadora da realidade com base numa visão dualista.

Esta visão binária de mundo tem uma importância fundamental na produção do significado identificacional do texto, pois a construção de inimigos a serem combatidos fortalece a identidade política e moral religiosa de um ocidente cristão em oposição a um islamismo que vem do oriente. O "nós" contra "eles" é construído com base na valoração positiva dos elementos que comporiam a identidade do "nós" e na valoração negativa do "eles", desqualificados sempre como algo ruim.

Neste primeiro artigo, como o autor não está combatendo somente o islã, mas todos os movimentos sociais que lutam contra as estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais opressoras, podemos

concluir que o objetivo de Carvalho é deslegitimar todos esses movimentos através de uma representação pejorativa da ideia de revolução e transformação, sempre associada com destruição, oportunismos, ódio e inconsequências, em nome de uma ideologia conservadora que pretende manter o status quo dominante. Os adversários políticos são transformados em inimigos que supostamente ameaçariam os valores da civilização cristã e uma suposta essência conservadora do cristianismo.

No segundo artigo, *As Garras da Esfinge – Rene Guenon e a Islamização do Ocidente*, o autor parte de um pressuposto ideológico, que também aparece no primeiro artigo, mas de forma mais sutil, o de que o islã pretende islamizar o ocidente. No primeiro artigo, há uma ênfase nas supostas relações entre o islamismo e os movimentos revolucionárioss sendo seu objetivo primordial desqualificar não somente o islã, mas também todos os movimentos e pautas sociais que confrontam com a visão de mundo conservadora de Carvalho, tanto do ponto de vista social e econômico, como moral.

Já em *As Garras da Esfinge*, o tema do islã é central, e o objetivo principal do texto é convencer o leitor de que o islamismo possui um plano de dominação mundial, havendo uma exploração acentuada da tese conspiracionista da dominação islâmica. Carvalho sustenta seu pressuposto com base em uma obra escrita em 1924 por um autor – Rene Guenon – cujas ideias filosóficas e espirituais só poderiam ter esse objetivo e não outro. Nesse caminho interpretativo, Carvalho passa a fazer referências a momentos da biografia de Guenon, dando-lhes significados totalmente ligados à sua tese central. Fala, por exemplo, de sua partida para o Egito, em 1930, colocando-a numa etapa de entrega total da situação a autoridades islâmicas, vendo-as como controladoras de todas as ações de Guenon quando estava no ocidente. A

etapa seguinte seria a tática do terrorismo e da imigração em massa de muçulmanos ao ocidente (CARVALHO, 2016). É clara então a tese de que a imigração muçulmana está ligada à intenção de islamizar o ocidente.

Porém, o terrorismo e a imigração possuem explicações variadas, indo desde questões sociais e econômicas, a motivações de ordem política e de luta anti-imperialista de setores do islamismo, que não representam o islã como um todo. A crença na imigração em massa de muçulmanos como um projeto conspiracionista – abstraindo-se as circunstâncias sociais, econômicas e políticas dessa imigração – é uma opção de viés claramente ideológico que baseia todo o pressuposto presente na tese central. Esta tese não é resultado de uma pesquisa científica.

O pressuposto ideológico orienta toda a dedução e conclusão que se faz de dados da realidade, ligando-se terrorismo e imigração, através da abstração de outros componentes dessa mesma realidade que poderiam confrontar a representação binária do bem contra o mal, ou seja, a responsabilidade do próprio ocidente no fomento de situações de guerra que levam à prática terrorista e à necessidade de imigrar por parte de povos inteiros sujeitos à exploração econômica e social pelo ocidente.

O artigo é concluído fazendo-se alusão ao seu título: em *As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente* Carvalho (2016) pressupõe que o pseudônimo "Esfinge" de Guenon está relacionado com a existência de um enigma em sua obra que, ao ser decifrado, permitiria que a vítima pudesse se defender e lutar contra o projeto de dominação islâmica do qual a obra de Guenon seria uma prova cabal. Esta conclusão leva o leitor a realizar as conexões de todas as partes do artigo e compreender o mundo da forma binária in-

duzida por Carvalho, passando a compartilhar das representações que este faz do islã, do muçulmano, da esquerda e do ocidente cristão.

As partes do artigo estão estritamente conectadas para produzir uma representação islamofóbica da realidade, e desnuda-se a função de toda a discussão filosófica realizada no texto e porque determinados temas aparecem em meio a tal discussão. Por que Carvalho discute com as teses perenialistas tradicionalistas? Porque a filosofia perenialista guenoniana seria a prova de uma suposta conspiração islâmica contra o ocidente. Por que a discussão sobre o ecumenismo? Para apresentar ao leitor a ideia de uma suposta ameaça ao mundo ocidental cristão baseado no domínio de uma religião mundial, tese do anticristo, que no início do texto não está claramente associado ao islã, mas tal associação vai se desvelando no decorrer do texto. Nesta parte, é digno de nota o uso proposital do autor do conceito de ecumenismo para se referir a um projeto inter-religioso, ofuscando a diferença entre proposta ecumênica e proposta inter-religiosa. Adotar o conceito de ecumenismo para um movimento que é inter-religioso visa a tornar aceitável o pressuposto de que por trás de tal movimento existiria um projeto de criação de uma religião mundial.

Por que a discussão sobre a metafísica? Para sustentar a tese de que não existe equivalência em termos de legitimidade e valor entre todas as religiões, e sim uma hierarquia entre elas, com o pressuposto da superioridade do cristianismo. A ideia de que as religiões não exprimem com a mesma perfeição a Verdade Primordial e o retorno das mesmas não é igual em termos de qualidade significa que as religiões que não produzem um conhecimento verdadeiro sobre o mundo metafísico não produzem bons resultados para o homem e a sociedade. Como o islã é apresentado como o algoz do ocidente cristão, pressupõe-se que o autor quer dizer que o islã não exprime com

perfeição a realidade primordial, deduzindo-se daí o terrorismo (já que o islamismo é associado sempre a práticas terroristas) e a vontade de domínio sobre o ocidente cristão, assim como a ideia de que o ocidente é civilizado e seus valores superiores porque o cristianismo seria a expressão perfeita de Deus. Cristo *versus* anticristo; ocidente *versus* oriente islâmico.

A religião mundial fica então associada com o islã, havendo estreita conexão entre a temática que inicia o artigo – globalismo, universalismo e criação de uma religião única – e a sua temática final – a islamização do ocidente.

Neste segundo artigo, o nível identificacional do texto também pode ser percebido, assim como no primeiro artigo, na necessidade de Carvalho dividir o mundo entre civilizações hostis, uma representando o bem – o ocidente cristão – e a outra o mal – o islã. Uma é a vítima, a outra o algoz. Essa construção discursiva cria e reforça identidades, ajudando a mobilizar para a luta política.

Para construir essa visão “nós” contra “eles”, é necessário imaginar um “nós” homogêneo e um “eles” também homogêneo. É uma operação discursiva que não leva em conta as heterogeneidades de ambos os lados. No caso do islã, por exemplo, desconsidera-se que as práticas políticas de grupos associados à fé islâmica são diferentes. Segundo Duarte (2015, p. 98), o islamismo contemporâneo e suas diversas formas remonta aos anos 1920, havendo uma solidificação intelectual somente após a década de 1960. O islamismo atual seria fruto desta última fase, tendo como causas a exclusão do islã durante o processo de fundação dos novos Estados-nação pós desintegração do Império Otomano e a difusão de ideologias modernas ocidentais, como o nacionalismo e o socialismo no mundo muçulmano. Haveria, portanto, três formas distintas de islamismo: a primeira de caráter

mais político – como movimento de reação à pós-modernidade (nesse caso, tanto contra à modernidade capitalista como à socialista), à globalização e à perda de identidade, sendo um movimento de autonomia cultural e de alternativa política ou moral; a segunda tem um caráter mais missionário e não-secular; e a terceira baseia-se na revolução armada.

Segundo Duarte (2015, p. 101-104), há, entre outras, uma forma de manifestação do islamismo que busca o poder através do dinamismo do jogo político partidário, em vez do proselitismo religioso ou da ação armada. Neste caso, há inserção no jogo democrático, aceitando-se o princípio do Estado-nação e buscando a reforma e não a revolução, havendo também um notório afastamento das visões mais radicais e fundamentalistas do islão. Privilegia-se a luta por "justiça (*al-adala*), liberdade (*al-hurriyya*) e, sobretudo, de luta contra a corrupção do Estado" (DUARTE, 2015, p. 106). Assim sendo, dizer que todo o islã é associado a práticas terroristas não é correto.

Em todo o discurso de Carvalho e do MSM frente à questão muçulmana, o "nós" é construído a partir da noção de um inimigo. A ideia de inimigo a ser combatido faz parte de toda representação política de movimentos e grupos ligados à extrema-direita, pois é a suposta ameaça que estimula a mobilização nacional. Segundo Schmitt (1992, p. 51 e 52), a discriminação entre amigo e inimigo é uma distinção especificamente política a que se reportam as ações e os motivos políticos. Tal distinção teria o sentido de apontar o grau de intensidade extrema de uma ligação ou separação, associação ou dissociação. O inimigo político não precisa ser moralmente mau ou esteticamente feio, pois a diferenciação amigo-inimigo seria independente de outras distinções de caráter moral, ético, estético etc. Basta ele ser o outro, havendo em casos extremos a possibilidade de conflitos com ele, se a

alteridade do outro representar a negação da sua própria forma de existência, devendo, assim, ser repelido e combatido para a preservação da própria forma de vida.

É importante atentar, no entanto, que, na forma de representação própria dos movimentos e pensamentos de extrema-direita, as distinções de caráter moral estão extremamente ligadas às distinções políticas, pois o outro representa sempre o mal a ser combatido, uma ameaça à integridade e à existência do "nós". As teorias conspiratórias têm a função de dar ao inimigo um caráter maléfico e ameaçador. E para propostas políticas homogeneizantes, a existência do outro no mesmo espaço é uma ameaça à identidade e à essência do grupo, não havendo a possibilidade de coexistência com o diferente.

Cabe, então, uma discussão sobre os elementos de caráter fascista que aparecem no discurso de Carvalho. Seu discurso sobre o islamismo reitera uma visão de mundo fascista, pois é calcado na intolerância a um grupo social e religioso, na construção de imagens estereotipadas sobre este grupo e na disseminação de preconceitos em relação aos muçulmanos em geral, alimentados pela ideia de inimigos das nações ocidentais e inspirados em teorias conspiracionistas. Podemos comparar o discurso da conspiração islâmica para dominar o ocidente cristão com o discurso nazista da conspiração judaica para fins de domínio mundial. Ambos podem ser associados ao antissemitismo e à não-aceitação do outro.

Um dos autores que analisou o antissemitismo alemão, abordando as novas táticas e sua aplicação na Alemanha nazista, foi Jeffrey Herf, professor de História Moderna alemã na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. Segundo Herf (2014), havia uma "paranoia" nazista que afirmava a ameaça de extermínio pelo judaísmo internacional. A ideia de que os judeus queriam destruir a raça ariana e dominar

o mundo foi disseminada através dos meios de propaganda de massa, mobilizando a sociedade alemã, tornando possíveis o preconceito, a segregação e o extermínio de milhões de judeus pelo nazismo.

Os nazistas difundiram a ideia de que os judeus eram culpados pela derrota alemã na primeira guerra mundial e os fomentadores da Segunda Guerra Mundial, havendo uma espécie de antissemitismo redentor, que combinava a paranoia sobre a comunidade judaica com as promessas de salvar a Alemanha dessa conspiração. O que eles chamavam de "judaísmo internacional" eram as supostas atuações dos judeus "por detrás dos panos", influenciando e comandando os países contra a nação alemã. Os judeus estariam por trás tanto dos bolcheviques como dos plutocratas capitalistas que, embora fossem antagônicos, teriam a influência do judeu como "denominador comum" (HERF, 2014).

Assim como o discurso nazista, que associava os judeus ao comunismo, Carvalho e seu movimento utilizam de uma representação da realidade que associa comunismo ao islamismo, e defendem também uma teoria conspiratória, que acusa os muçulmanos de quererem eliminar a cultura cristã ocidental. Trata-se de um ideal que pode ser mobilizado pelas nações ocidentais, com base na construção de um imaginário de nação calcado nos valores do cristianismo, em oposição aos imigrantes muçulmanos, vistos como ameaça a tais valores e associados a supostos projetos de dominação mundial. A visão de mundo fascista é binária em sua essência, pois elege inimigos a serem combatidos em nome da defesa nacional ou de identidades nacionais consideradas puras e superiores.

Conclusão

O movimento *Mídia Sem Máscara*, liderado por Olavo de Carvalho, contribui para disseminar o ódio e o preconceito para com os movimentos sociais associados a uma visão de mundo crítica das estruturas sociais e econômicas dominantes, utilizando de estratégias discursivas manipulatórias com o objetivo de influenciar a opinião pública de forma contrária a tais movimentos, relacionados no imaginário do autor ao “mal” que deveria ser combatido pelas nações que cultuam os valores cristãos.

A islamofobia aparece claramente em alguns textos produzidos por Carvalho e que são publicados no seu site pessoal e no site do *Mídia Sem Máscara*, sendo as redes sociais uma ferramenta de grande auxílio na divulgação das ideias políticas do movimento e de seu líder.

Através da escrita de artigos diversos, de cunho político-ideológico claro, o autor faz da produção de textos uma ação política, que visa a manutenção das estruturas sociais dominantes, através da persuasão sobre formas de pensar e agir dos leitores, de modo a conquistar a hegemonia na sociedade para suas ideias, calcadas numa representação binária do mundo e na construção de estereótipos acerca dos inimigos eleitos pelo grupo, entre eles, o islã e os muçulmanos.

O discurso do *Mídia Sem Máscara* e do seu líder, Olavo de Carvalho, é, portanto, uma prática social e política de caráter conservador, que possui elementos fascistas, devido ao seu teor intolerante, xenófobo e racista, que desumaniza o outro e o transforma em um inimigo das nações ocidentais.

Referências

ADAMSON, W. Gramsci's interpretation of Fascism. *Journal of the History of Ideas*, v. 41, n. 4, p. 615-633, out.-dez., 1980.

BOBBIO, N; MATTEUCI, N & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Brasília: UNB, 1995.

CALIL, G. Pode o fascismo ser neoliberal? Um precedente do integralismo brasileiro. *Esquerda Online*, 2018. Disponível em: esquerdaonline.com.br. Acesso em 15 set. 2018.

CARVALHO, O. A Revolução Abrangente. *Diário do Comércio*, 27 de outubro de 2013. Disponível em: www.olavodecarvalho.org. Acesso em 01 ago. 2018.

_____. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. *Verbum*, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: www.-olavodecarvalho.org. Acesso em 03 ago. 2018.

COLETTA, R. Olavo de Carvalho, o Brasil só fala dele, 2018. Disponível em: brasil.elpais.com. Acesso em 7 nov. 2019.

CHASIN, J. Sobre o Conceito de Totalitarismo. *Verinotio*, 15, ano VIII, abril, Rio das Ostras, 2013, p. 15-21.

COUTINHO, C. *Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

DUARTE, F. P. O Islamismo como ideologia política de caráter secular. *Relações Internacionais*, 45, março, Lisboa, 2015, p. 97-110.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UNB, 2001.

FELICE, R. Explicar o Fascismo. Lisboa: Edições 70, 1976.

_____, R. Revolução passiva, fascismo e americanismo em Gramsci, in *INSTITUTO GRAMSCI. Política e História em Gramsci*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.

FINGUERUT, Ariel. *A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush*. Dissertação de Mestrado, Araraquara, UNESP, 2008.

FUKUYAMA, Francis. After Neoconservatism. *The New York Times*, 19 de

fev., 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

HERF, Jefrey. *Inimigo Judeu. Propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.* São Paulo: EDIPRO, 2014.

KALIN, I. Islamophobia and the limits of multiculturalism, in: J. Esposito, I. Kalin, (eds.). *Islamophobia: the challenge of pluralism in the 21st Century.* Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 3-20.

KERTZER, D. Hitler, Mussolini e o Papa. O silêncio do Vaticano e os sussurros do Duce diante da ascensão do Führer. *Piauí*, 126, março, 2017. Disponível em: piaui.folha.uol.com.br. Acesso em 2 out. 2018.

KONDER, L. Introdução ao Fascismo. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

KRESS, G. Critical Discourse Analysis, *in*: W. G. (org.). *Annual Review of Applied Linguistics*, 11, 1990. p. 84-99.

LITTLE, D. *American Orientalism: the United States and the Middle East since 1945.* Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2004.

MAGALHÃES, David Almstadter. *Os Think Tanks norte-americanos e a reconstrução do Iraque: divergências e convergências entre liberais e neoconservadores*. Dissertação de mestrado, São Paulo, PUC, 2008.

MANDEL, E. *Sobre o fascismo.* Lisboa: Antídoto, 1976.

MELO, Demian B. Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti e o consenso sob o fascismo. *Revista Outubro*, n. 26, julho de 2016.

MELO, I. F. Análise do Discurso e Ańalise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura,* Ano 11, n. 5, 2009. p. 1-18.

MENDES, Lucas. Presidente Adão. *Folha de São Paulo*, de 22/09/2011. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em 17 out. 2018.

MIGUEL, Luiz F. A reemergência da direita brasileira, in: GALLEGO, E. (org.). *O ódio como Política. A reinvenção das Direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 16-26.

MILZA, Pierre. Le Front national: droite extrême ou national-populisme?, in SIRINELLI, Jean François. *Histoires des droites en france,* v. 1. Paris, Gallimard, 1992.

MONDAINI, Marco. *Togliatti, Gramsci e o Fascismo*. 2003. Disponível em: www.acessa.com. Acesso em 08 de abril de 2019.

NEUMANN, F. *Estado Democrático e Estado Autoritário.* Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1969.

NOLTE, E. *Fascismo em sua Época*. 1963.

PATSCHIKI, L. *Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011).* Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

PAXTON, R. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PINTO, P. *Islã, religião e civilização: uma abordagem antropológica*. Aparecida: Santuário, 2010.

PORTELLI, H. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

POR QUE A DIREITA ESCOLHEU OLAVO DE CARVALHO? *Outras Mídias*. 11 jan. 2019. Disponível em outraspalavras.net. Acesso em: 7 nov. 2019.

POULANTZAS, N. *Fascismo e Ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

RAMOS, Guilherme Antunes. *Reflexões sobre a Islamofobia nos Estados Unidos após onze de setembro de 2001: a construção discursiva da ameaça islâmica e o processo decisório em política externa*. Dissertação. Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMITT, Carl. *O Conceito do Político*. Petrópolis: Vozes, 1992.

SILVA, F. C. T. Os Fascismos, *in* FILHO, D. A. R.; FERREIRA, J. & ZENHA, C. (orgs.). *O século XX*. Vol. 2, Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2003. p. 109-164.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na*

era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOGLIATTI, Palmiro. Lezioni sul fascismo, In *Opere Scelte. (a cura di Gianpasquale Santomassimo).* Roma: Riuniti, 1974.

TROTSKY, L. *A luta contra o fascismo.* Revolução e contrarrevolução. São Paulo: Editora Sundermann, 2019.

VIZENTINI, P. F. *Oriente Médio e Afeganistão: um século de conflitos.* Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

WEBER, C. *International relations theory*, 3ª ed., New York: Routledge, 2010.

Resumo:
O artigo analisa a islamofobia no discurso do *Mídia Sem Máscara* (*MSM*) e de seu líder, Olavo de carvalho, e sua associação com elementos do fascismo e do neoconservadorismo norte-americano, apontando sua ligação com um projeto político excludente e autoritário de extrema-direita. O *MSM*, fundado em 2002, faz uso das redes sociais para disseminar suas ideias, apresentando-se como "sem máscara" em oposição às mídias hegemônicas consideradas de "esquerda". A metodologia usada foi a da análise crítica do discurso, na perspectiva do linguista britânico Norman Farclough, enfatizando-se as relações entre o discurso e outros elementos da prática social. A conclusão da análise é a de que o discurso do movimento adota teorias conspiratórias acerca do islã, construindo uma visão de mundo binária entre o "bem" e o "mal", usando como argumento a tese da islamização ocidental, com supostos pretextos de dominação mundial.

Palavras-chave: Islamofobia; fascismo; intolerância; conspiracionismo.

Abstract:
The article analyzes Islamophobia in the Discourse of the *Media without Mask* (*MSM*) and its leader, Olavo de Carvalho, and its association with elements of fascism and the neoconservatism of USA, pointing out its connection with an extreme right-wing, authoritarian and exclusive political project. *MSM*, founded in 2002, makes use of social networks to disseminate its ideas, presenting itself as "unmasked" as opposed to hegemonic media considered as "left". The methodology used was that of the critical analysis of discourse, from the perspective of the British linguist Norman Farclough, emphasizing the relations between discourse and other elements of social practice. The conclusion of the analysis is that the movement's discourse adopts conspiracy theories about Islam, building a binary worldview between "good" and "evil," using as an argument the thesis of Western Islamization with alleged pretexts of world domination.

Keywords: Islamophobia; fascism; intolerance; conspiracy.

Recebido para publicação em 26/11/2018.
Aceito em 11/11/2019.

Revista de História Comparada - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ
https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada - ISSN: 1981-383X

NEOFASCISMO E CONSPIRACIONISMO BRASILEIRO. O MÍDIA SEM MÁSCARA E O "EIXO DO MAL"

Natalia dos Reis Cruz[1]
Universidade Federal Fluminense

Resumo: O artigo aborda o Movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, centrando sua análise na obra de Heitor de Paola, intitulada *O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Internacional*, conceituando o referido movimento como neofascista e adotando a metodologia comparativa entre o fascismo clássico e os neofascismos surgidos após a Segunda Guerra Mundial. O aspecto analisado na obra do autor é a descontextualização da história soviética em sua narrativa, como parte de um anticomunismo exacerbado, acompanhado de teorias conspiratórias acerca de um suposto domínio mundial comunista em oposição aos princípios "democráticos" e "liberais" da civilização judaico-cristã ocidental.
Palavras-chave: Conspiracionismo; Neofascismo; Anticomunismo; Mídia Sem Máscara; Eixo do Mal.

BRAZILIAN NEOFASCISM AND CONSPIRACY. THE MEDIA WITHOUT MASK AND THE "AXIS OF EVIL"

Abstract: The article approaches the Media Without Mask Movement, led by Olavo de Carvalho, focusing his analysis on the work of Heitor de Paola, entitled *The Axis of Latin American Evil and the New International Order*, conceptualizing this movement as neo-fascist and adopting the comparison methodology between classical fascism and the neo-fascism that emerged after World War II. The aspect analyzed in the author's work is the decontextualization of Soviet history in his narrative, as part of an exacerbated anticommunism accompanied by conspiracy theories about a supposed communist world domination as opposed to the "democratic" and "liberal" principles of Judeo-Christian civilization western.
Keywords: Conspiracy; Neo-fascism; Anticommunism; Media Without Mask; Axis of Evil.

Introdução. O Mídia Sem Máscara, o fascismo e o neofascismo

O Brasil vem sendo palco de movimentos políticos localizados no espectro da extrema direita que possuem um virulento anticomunismo em seu discurso e procuram arregimentar adeptos para suas ideias através das redes sociais. Atualmente, um dos principais nichos anticomunistas organiza-se em torno do movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, que possui uma narrativa conspiracionista como esteio de suas análises sobre os problemas brasileiros e mundiais.

Este trabalho aborda o movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, a partir da obra produzida por um dos seguidores e participantes do

Email: ndrc@globo.com

referido movimento, o psicanalista Heitor de Paola, que redigiu o livro "O Eixo do Mal Latino-Americano" e "A Nova Ordem Mundial"[2], publicado em 2008, no qual apresenta um resumo das principais ideias do referido movimento, sendo tal obra chancelada por Olavo de Carvalho, que redigiu o seu prefácio, iniciando-o com uma ode ao autor da obra, definindo-o como "analista político", embora ele não tenha qualificação acadêmica ou formação na área para debater ciência política, filosofia ou história:

> Se o jornal eletrônico Mídia Sem Máscara não servisse para mais nada, só o ter revelado aos leitores brasileiros o analista político Heitor de Paola já bastaria para justificar sua existência e torná-la mesmo indispensável. O homem, de fato, não tem equivalente na "grande mídia" nem – até onde posso enxergar - nas cátedras universitárias, tal a amplitude do horizonte de informações com que lida em seus comentários e tal a claridade do olhar que ele lança sobre o vasto, complexo e móvel panorama da transição revolucionária latino-americana, reduzindo a sequências causais coerentes a variedade dos fatos em que seus colegas - digamos que o sejam - não enxergam senão um caos fortuito ou a imagem projetada de seus próprios sonhos, desejos, preconceitos e temores.[3]

Esta obra pode ser vista como um expoente do conspiracionismo no Brasil, pois baseia seu discurso na ideia de que os comunistas pretendem dominar o mundo e estariam por trás de vários acontecimentos recentes envolvendo figuras importantes do mundo político, econômico e cultural.

O aspecto a ser analisado na referida obra é a apropriação que o autor faz da história soviética, através da estratégia de sua descontextualização - da Revolução Bolchevique à Perestroika, com o objetivo de fortalecer a narrativa conspiracionista de caráter anticomunista que caracteriza toda a obra paolina.

---

[2] No site da Vide Editorial, uma das editoras virtuais alinhadas com as ideias divulgadas no Seminário de Filosofia, organizado por Olavo de Carvalho, uma pequena biografia do autor é apresentada: "Médico, psicanalista, escritor e comentarista político, estudioso de filosofia, filosofia da ciência, história, ciência política e política internacional. Articulista do jornal eletrônico Mídia Sem Máscara, dos Jornais Inconfidência e Visão Judaica, e do site Ternuma. Membro da *International Psycho-Analytical Association*. Ex *Clinical Consultant da Boyer House Foundation*, Berkeley, Califórnia. Membro do *Board of Directors da Drug Watch International.* Diretor Cultural do Farol da Democracia Representativa (www.faroldademocracia.org). Membro do Conselho Consultivo da organização Brasileiros Humanitários em Ação (www.braha.org). Membro da ONG Terrorismo Nunca mais (www.ternuma.com.br). Disponível em: <https://videeditorial.com.br/index.php?route=product/author&author_id=407> Acesso em 27 dez. 2019.

[3] CARVALHO, Olavo de. Prefácio. PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial.** São Paulo: Editora É Realizações, 2008. p. 15.

O Mídia Sem Máscara foi fundado em 2002, com o objetivo de "denunciar" o que chamam de "viés esquerdista" da mídia brasileira, que esconderia ou distorceria ideias e notícias. Assim, o movimento se pretende “sem máscara”, ou seja, apresentaria notícias de forma "objetiva" e "neutra", imagem esta totalmente inverídica pelo viés direitista das narrativas de seus membros.

É um movimento formado por elementos da pequena burguesia, como jornalistas, advogados, professores, etc, que apresentam em seu discurso elementos da mentalidade fascista (teorias conspiratórias, aversão à diversidade política e étnico cultural, construção de inimigos internos e externos) e se preocupam em mobilizar vastos setores da sociedade em um movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade, para produzir consenso em torno de ideias que servem aos interesses dos setores dominantes da grande burguesia, assim como possuem uma rede extrapartidária associada a vários aparelhos privados de hegemonia da grande e pequena burguesia.[4]

Consideramos o movimento Mídia Sem Máscara uma expressão do neofascismo no Brasil, acompanhando o amplo trabalho de Lucas Patschiki, que o apresenta como um projeto fascista que se insere nos fascismos de terceira onda, defensores das políticas neoliberais, e como parte da reação das forças conservadoras e racionárias da sociedade brasileira ao novo arranjo do bloco no poder após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, em 2002. Tais forças utilizam o anticomunismo como base ideológica comum visando o acirramento da luta de classes e a crise aberta, para fomentar uma ruptura política que assegure a reprodução capitalista em bases neoliberais através de objetivos fascistas, sendo o principal deles "a quebra completa da organização da classe operária nos limites estatais-nacionais".[5]

Para introduzir essa discussão, é preciso realizar uma breve análise comparativa entre os fascismos clássicos e os chamados neofascismos. Segundo Kocka, "comparação em história significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente com respeito a suas similaridades e diferenças de

[4] PATSCHIKI, Lucas. **Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária** (2002-2011). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012, p. 123.
[5] Ibidem, p. 16 e 17.

modo a alcançar certos objetivos intelectuais." Entre os méritos da abordagem comparativa estão o auxílio na identificação de questões e a clarificação de perfis de casos únicos. Quanto aos objetivos intelectuais, eles seriam de caráter heurístico, descritivo, analítico e paradigmático. Do ponto de vista heurístico, a análise comparativa permite identificar questões e problemas que podem ser perdidos, negligenciados ou não concebidos pelo historiador ao estudar determinado tema. Já a descrição torna possível o esclarecimento de perfis de casos singulares, contrastando-os com outros. Em termos analíticos, a comparação é imprescindível para formular questões causais e respondê-las. E no que diz respeito à função paradigmática da comparação, ela ajuda no distanciamento do caso melhor conhecido pelo historiador, muitas vezes a história do seu próprio país, permitindo a descoberta de que o caso mais familiar é apenas uma possibilidade entre outras.[6]

Assim, podemos nos fazer, entre outras, a seguinte questão: o que há de comum entre os fascismos clássicos e os neofascismos e o que os diferencia? Este trabalho procura responder de forma introdutória a esta problemática.

É extremamente importante a compreensão cada vez mais clara acerca do fascismo, pois se trata, segundo Konder, de um dos "fenômenos políticos mais significativos de século XX"[7], e o seu espectro continua se fazendo presente no século XXI, contrariando as interpretações epocais sobre o fenômeno, que o situam apenas no contexto histórico do entreguerras.

Konder nos aponta que o fascismo possui uma universalidade que ultrapassa suas manifestações particulares (notadamente, o chamado fascismo clássico), já que despido de suas particularidades, o fascismo do entreguerras revela fundamentos que podem encontrar novas formas de manifestação, o que seria seu principal perigo. Mas a sua determinação está ligada ao capital e suas necessidades de reprodução ampliada em sua fase monopolista, em que o Estado é essencial para a acumulação de capital. O fascismo é uma espécie de direita, que não se confunde com os movimentos e partidos da direita tradicional, pois possui

[6] KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-281, ago, 2014, p. 270-281.
[7]KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 23.

uma retórica "revolucionária", embora seja socialmente conservador, serve-se de mitos irracionalistas – como exemplo, o mito da nação (baseado na ideia de uma unidade fictícia, que abstrai os conflitos e as divisões sociais presentes nas sociedades) -, faz uso dos modernos meios de propaganda de massa, é chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista e antioperário.[8]

A comparação entre os fascismos clássicos e os neofascismos nos permite perceber que há uma essência fascista para além das manifestações particulares, contextuais e nacionais dos diversos fascismos existentes. E que o fascismo e seu espectro não estão presos no tempo ou em dado contexto histórico. O fato de não haver a forma do fascismo clássico (partido militarizado, uniforme marrons, suásticas, camisas negras, fascios) não nos permite falar de um não-fascismo, porque o substancial pode estar bem presente, ou seja, o irracionalismo, a valorização dos sentimentos e dos instintos, o chauvinismo, o pragmatismo, o culto da nação mítica, o anticomunismo, a negação do outro, etc.[9]

Robert Paxton apresenta a essência do fascismo e de sua visão de mundo de forma bastante útil para a compreensão do espectro fascista do passado e do presente. Segundo ele, o fascismo é:

> uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza.[10]

---

[8] Ibidem, p. 52. Outros trabalhos importantes sobre o fascismo são o de Palmiro Togliatti, para quem o fascismo não é somente uma ditadura aberta, mas um regime reacionário de massas; e o de Nicos Poulantzas, que analisa o regime fascista como um reordenamento do bloco no poder, sob a hegemonia do capital monopolista, sendo gestado por uma crise política específica, cujas principais características seriam a crise de hegemonia entre as frações da burguesia, o descolamento entre as classes sociais e seus partidos tradicionais de representação, as derrotas das lutas operárias no período e a consequente introdução da ideologia pequeno-burguesa entre os trabalhadores. Ver TOGLIATTI, Palmiro. Lezioni. Sul Fascismo, **Opere Scelte. (a cura di Gianpasquale Santomassimo).** Roma: Riuniti, 1974; e POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

[9] KONDER, Op. Cit., passim.

[10] PAXTON, Robert. **Anatomia do Fascismo.** São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 358-359.

A determinação de classe dos fascismos também é fundamental. Embora a origem do fascismo esteja ligada à pequena e média burguesia, que exatamente por se situar entre as duas principais classes da sociedade – a grande burguesia e o proletariado – pode falar em uma espécie de "transcendência de classe" e advogar o mito da nação, não se pode compreender a ascensão ao poder e o crescimento do movimento fascista sem atentar para a adesão do grande capital, que financiou o fascismo[11] e percebeu o quanto o mito nacional era funcional aos seus interesses de classe e ao controle social sobre os trabalhadores.[12]

Os denominados fascismos clássicos surgiram no período entreguerras, na esteira das consequências sociais, econômicas, políticas e culturais trazidas pela Primeira Guerra Mundial. As frustrações com os resultados deste conflito, as fissuras que ele deixou e a crise econômica de 1929 contribuíram para o surgimento e ou fortalecimento dos movimentos fascistas que, em um contexto de descrédito para com o liberalismo em todos os seus aspectos e da ascensão da ideia de revolução proletária no esteio da revolução bolchevique de 1917, passaram a ser uma opção para as camadas médias que temiam a perda de suas posições sociais, arregimentando também parte do proletariado e sendo instrumentalizados pelo grande capital.

Os fascismos clássicos, cujos maiores representantes foram o fascismo italiano e o nazismo alemão, centravam seu discurso no antissemitismo, fomentando a tese da conspiração judaica de dominação mundial[13], no anticomunismo e no nacionalismo exacerbado, propondo uma nova forma de organização política e econômica, rompendo com o modelo da democracia liberal e

---

[11]KONDER, Op. Cit, p. 49-51.

[12]Nas análises sobre o fascismo, destaca-se também a obra de Ian Kershaw, que procura sair tanto das abordagens marxistas que enfatizam as questões estruturais e de classe, como das abordagens de cunho personalistas, que dão demasiada ênfase ao papel da personalidade dos líderes fascistas, especificamente Hitler – tema de sua obra. As análises personalistas acabaram redundando na demonização de Hitler, exclusivamente culpabilizado por todo o destino da Alemanha nazista. Kershaw enfatiza que a personalidade e as ideias do líder nazista só floresceram porque as circunstâncias sociais o permitiram, assim como o aumento da extensão do poder de Hitler só foi possível porque houve colaboração, tolerância e cumplicidade de vastos setores sociais da Alemanha. Ver KERSHAW, Yan. **Hitler, um perfil do poder.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p. 12-17.

[13] É digno de nota, porém, que o fascismo italiano não foi, inicialmente, centrado no antissemitismo, tendo adotado políticas antissemitas apenas nos anos 1930, após sua aliança com a Alemanha nazista.

do livre mercado, e concebendo uma sociedade organizada de forma corporativa – visando eliminar a luta de classes -, com um Estado forte, autoritário e militarizado, e a construção da coesão social e nacional através da mobilização de massas em prol da depuração da nação dos seus "inimigos" – enxergados principalmente nos judeus e comunistas. Nos fascismos clássicos, a estrutura organizativa era feita com base no partido único, hierarquizado e militarizado, com suas milícias partidárias e combatentes, tendo um líder carismático à frente que incorporava os ideais nacionais e representava a nação.

A crise econômica do capitalismo em um contexto de ameaça revolucionária, já que um modelo alternativo ao capital se construía na URSS, fez com que o capital se abrisse para formas de controle social e político das classes trabalhadoras via fortalecimento do Estado policial e autoritário, com intervenção econômica no mercado e construção de arranjos institucionais que promovessem um reordenamento do bloco no poder, para que a reprodução capitalista pudesse subsistir sob a hegemonia do grande capital monopolista. A burguesia industrial e financeira passou a ver com bons olhos a intervenção do Estado no fortalecimento do capitalismo monopolista e na destruição de todo vestígio de livre concorrência.

Os chamados neofascismos inserem-se no contexto do pós-guerra, após a derrota dos fascismos clássicos pelos aliados. Em um novo contexto histórico, em que as ideias e práticas fascistas foram rechaçadas após a tragédia do extermínio nazista, os fascistas tiveram que sofrer algumas metamorfoses para sobreviverem nas novas circunstâncias históricas. São chamados de fascismo de "segunda onda", que modificaram suas formas de organização e algumas ideias, inserindo-se na democracia parlamentar burguesa. Neste caso, tais partidos e ou movimentos fascistas abandonaram o corporativismo e passaram a enfatizar quase que exclusivamente o combate ao comunismo e a aceitação da pluralidade partidária, sendo, portanto, bastante úteis no contexto da Guerra Fria e auxiliares na luta do Ocidente capitalista e liberal contra a URSS e seus aliados.[14]

[14] Como exemplo de fascismos da segunda onda, temos o Movimento Sociale Italiano (MSI), fundado em 1972; o Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD), criado em 1964 a partir da fusão de várias agremiações de direita; e o Partido de Representação Popular (PRP), que agregou os integralistas brasileiros no pós-guerra.

Os fascismos de "terceira onda" surgiram a partir da década de 1980 e abarcam o período pós-Guerra Fria, quando, devido ao fim do chamado socialismo real, passaram a centralizar seus ataques principalmente aos imigrantes e ao islamismo, embora o discurso anticomunista não tenha desaparecido, defendem políticas neoliberais e a retirada de direitos dos trabalhadores. Os neofascismos de terceira onda apresentam uma estrutura organizativa diferente da dos fascismos clássicos, havendo uma descentralização de suas diversas instituições de luta e, mesmo os partidos ainda sendo altamente centralizados em torno de lideranças específicas, eles não assumem mais o caráter organizativo e simbólico dos partidos fascistas clássicos, formando-se redes extra-partidárias e até células relativamente autônomas para evitar a sua marginalização e a criminalização do centro do movimento, em caso de ações diretas de milícias, já que estas não são mais vinculadas estreitamente ao partido.[15]

Como resultado dessa estrutura descentralizada, são possíveis iniciativas criativas de atração de militantes, além do uso ostensivo da internet para atuação política – não somente para propaganda e disseminação ideológica, mas também para organização, cooptação, formação e confronto ideológico.[16]

Cabe um breve comentário acerca dos neofascismos surgidos nos países do Leste Europeu após a queda dos regimes do socialismo real. Hockenos[17] faz uma análise das realidades da Europa Oriental, salientando o surgimento e fortalecimento da extrema-direita de caráter fascista em vários países da região, calcada em um nacionalismo exacerbado, no racismo contra minorias étnicas e no chauvinismo, chegando a casos extremos de genocídio (como no caso da guerra da Bósnia), trazendo à tona rivalidades étnicas e históricas em uma população heterogênea que vivia sob o manto do Estado comunista. O autor enfatiza que a ideia de nação e os mitos nacionais funcionam como uma "panacéia redentora", e os nacionalistas extremistas tentam mobilizar o povo em torno de uma visão do passado, supostamente marcado por "uma glória nacional sufocada pelo

[15] PATSCHIKI, Op. Cit., p. 21. Entre os fascismos de terceira onda, pode-se incluir, além do próprio Mídia Sem Máscara, a Frente Nacional (FN) francesa, surgida na década de 1980 ; e o Tea Party norte-americano, fundado em 2009.
[16]Ibidem, p. 21.
[17] HOCKENOS, Paul. **Livres Para Odiar. Neonazistas: ameaça e poder.** São Paulo: Scritta, 1995, passim.

comunismo", visto como um regime de ocupação estrangeira, que desrespeitava as tradições nacionais. Dessa forma, as expectativas de uma "Europa unida" após o fim do socialismo real, do fortalecimento da democracia liberal e de conquistas econômicas que seriam trazidas pela introdução da economia de mercado na região foram substituídas por frustrações e ansiedades, principalmente entre os mais jovens, ao se depararem com uma grave crise social e econômica, com o aumento da desigualdade, com o enfrentamento de problemas até então desconhecidos pela população – como altas taxas de desemprego – e o empobrecimento do povo como resultado das políticas de choque exigidas pelo FMI e pelo BIRD para a obtenção de investimentos externos e empréstimos. Essa situação de deterioração econômica e social alimentou e impulsionou os apelos dos nacionalistas de extrema-direita, que souberam canalizar as frustrações da população para ideias xenófobas, racistas e fascistas.

As mudanças e adaptações do fascismo ao longo do tempo estão ligadas às necessidades da reprodução ampliada do capital, pois o fascismo é útil para que tal reprodução ocorra em caso de crises, tendo, porém, que apresentar algumas mudanças organizativas e até ideológicas para continuar a ser aceito e usado como instrumento de mobilização das massas na luta do capital contra a expansão de ideias e movimentos ligados aos interesses das classes proletárias e que possam obstaculizar a acumulação capitalista. No caso específico do *Mídia Sem Máscara*, enquanto fascismo de "terceira onda", podemos situá-lo tanto na luta contra medidas consideradas progressistas após a ascensão do PT ao poder como na defesa do desmonte ultraliberal do Estado e das reformas que retiram direitos trabalhistas e previdenciários colocados em prática a partir do governo de Michel Temer, em 2016.

O conspiracionismo continua fazendo parte dos movimentos neofascistas, mas o Mídia Sem Máscara apresenta algumas novidades em relação aos fascismos clássicos. Nestes, a figura do judeu era central no discurso do "inimigo" nacional, pois era acusado de todos os males sociais. O elo de ligação entre os banqueiros capitalistas e os comunistas era o judeu, a "ânsia de domínio mundial" pertenceria a ele. Para o Mídia Sem Máscar*a*, no entanto, os judeus deixaram de ser os inimigos, possuindo, inclusive, uma atitude claramente pró-Israel. Os alvos semíticos passam

a ser os árabes muçulmanos, sendo a islamofobia uma das características do movimento liderado por Olavo de Carvalho. O islã é acusado de pretender dominar o mundo, utilizando, para isso, a imigração em massa de muçulmanos para a Europa, com o suposto intuito de "destruir a civilização judaico-cristã".[18] Se, para os fascistas clássicos, os comunistas estavam de mãos dadas com os judeus, para o Mídia Sem Máscara, os comunistas agora se aliam ao islamismo.

Uma outra característica do Mídia Sem Máscara que o diferencia do fascismo clássico é a defesa da liberdade e da democracia sob o modelo do capitalismo liberal de mercado. É nítido nos escritos de Carvalho e seus seguidores a contraposição entre os "totalitarismos", que associam tanto ao comunismo e ao nazismo – reeditando a tese predominante durante a Guerra Fria -, e a "democracia" liberal do Ocidente, assim como enaltecem o capitalismo enquanto modelo de liberdade do indivíduo em oposição ao socialismo, representado como opressor em relação aos direitos do indivíduo. O discurso da "democracia" é compreensível diante da necessidade de adaptar o espectro fascista ao sistema liberal democrático, pois os neofascismos agem dentro do sistema liberal e procuram "conciliar" as ideias de intolerância e o discurso do inimigo nacional à defesa do modelo democrático. Mas ao mesmo tempo, demonstram sua essência antidemocrática, ao tratarem os adversários como inimigos e não como forças legítimas na disputa política.

Quanto à defesa do capitalismo, é importante dizer que o fascismo sempre foi pró-capital, ainda que os clássicos procurassem um modelo corporativista e adotassem um discurso "anticapitalista". O "anticapitalismo" dos fascismos clássicos, no entanto, significava a crítica à hegemonia do grande capital, principalmente o capital usurário, sobre o Estado, em detrimento das médias e pequenas burguesias. Não atacavam o sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção, mas buscavam um equilíbrio que garantisse uma harmonia de classes e a possibilidade de ascensão para as classes médias.

---

[18] Ver CARVALHO, Olavo de. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. **Verbum**, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/>. Acesso em 03 ago. 2018.

Era, portanto, um modelo interventor, tendo o Estado fascista como o grande fiador desse equilíbrio, embora, após chegarem ao poder, tenham beneficiado principalmente o grande capital em suas medidas. Já o fascismo do Mídia Sem Máscara é neoliberal e está a serviço das necessidades do capitalismo atual quanto ao corte de custos e à ampliação das possibilidades de expansão e reprodução do capital às custas do setor público e dos direitos dos trabalhadores, em um contexto em que não há mais uma ameaça concreta de um modelo alternativo de sociedade. Não possuem um discurso "anticapitalista", mesmo que retórico, ao contrário, defendem abertamente o capitalismo e, quando criticam o grande capital, os banqueiros e os monopólios privados, não os associam ao sistema capitalista, mas ao que chamam de "metacapitalismo", algo que não pertence à essência do capital. Segundo Carvalho,

> um século de liberdade econômica e política [foi] suficiente para tornar alguns capitalistas tão formidavelmente ricos que eles já não querem se submeter às veleidades do mercado que os enriqueceu. Já não são megacapitalistas: são metacapitalistas - a classe que transcendeu o capitalismo e o transformou no único socialismo que algum dia existiu ou existirá, o socialismo dos grão senhores e dos engenheiros sociais a seu serviço .[19]

Desconsideram, portanto, a tendência natural do capitalismo à concentração e centralização do capital, associando tal fenômeno, em vez disso, a falhas de caráter de indivíduos isolados que burlam as leis da livre concorrência para enriquecer. Dessa forma, retiram do sistema a responsabilidade pela existência do grande capital usurário e monopólico ou oligopólico, já que o verdadeiro capitalismo, na visão do movimento, é o de livre concorrência.

O fato de terem que usar a máscara de defensores da "democracia" e adotarem aparentemente um discurso liberal-democrático, permite que não se assumam enquanto defensores do espectro fascista, e utilizam a tese do "totalitarismo" para retirarem do campo da direita o fenômeno fascista, já que o ligam ao comunismo enquanto representante do Estado "totalitário". Nesse sentido, aproximam-se da tese desenvolvida por Hannah Arendt, que utiliza o conceito de "totalitarismo" para se referir tanto ao nazismo alemão como ao

---

[19] CARVALHO apud PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial.** São Paulo: Editora É Realizações, 2008. p. 254-255.

bolchevismo soviético, colocando sob um mesmo conceito regimes totalmente distintos no que diz respeito ao seu conteúdo de classe e ao projeto de sociedade que defendem.[20]

O Mídia Sem Máscara apresenta também uma novidade discursiva: desenvolve a tese do "nazismo de esquerda", com base na questão da intervenção do Estado na vida social, desconsiderando a essência de ambos os regimes e limitando-se a aspectos superficiais, como se o Estado nazista tivesse a mesma natureza de classe e se propusesse aos mesmos fins que o Estado comunista (os Estados do socialismo real). E como se o Estado não fosse absolutamente necessário também à acumulação de capital, através da sua intervenção em sociedades capitalistas voltada para garantir a propriedade privada dos meios de produção e a apropriação privada da riqueza social. Segundo Olavo de Carvalho:

> O nazismo evidentemente faz parte do processo revolucionário mundial. E sobretudo o fascismo italiano era uma dissidência interna do movimento socialista. Na verdade, a palavra totalitarismo foi invenção dos fascistas italianos, e o Mussolini subscreveu, ele adotou essa palavra, ele achou bonito o totalitarismo. E ele definiu como tudo dentro do Estado, nada fora do Estado e nada contra o Estado. Então, todo esse pessoal que adora intervencionismo estatal, isso tudo é a esquerda mundial. A esquerda é isso, a esquerda é intervencionismo estatal.[21]

Dessa forma, a tese do "nazismo de esquerda" tem a função de negar a essência fascista do movimento e relacionar o fascismo à esquerda; isso só é possível porque, enquanto um movimento neofascista, o Mídia Sem Máscara não assume as formas do fascismo clássico.

O Mídia Sem Máscara propaga um discurso de ódio e constrói estereótipos acerca de grupos sociais e movimentos situados à esquerda do espectro político, bem como propaga um moralismo de caráter cristão contra alvos considerados destoantes do padrão moral que defendem, pretendendo unificar uma base de massas na luta contra os inimigos construídos. Seu espectro fascista está presente em seu discurso islamofóbico, lgbtfóbico, misógino, anti-indigenista, anticomunista, antifeminista, anti-movimento negro e antiesquerdista em geral,

---

[20]ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
[21] CARVALHO, Olavo de. **O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oODfzPLE_m4>, min. 0,56 a 1,34. Acesso em 27 dez. 2019.

pois ambos os alvos são colocados em uma posição de contrários aos interesses nacionais e à civilização ocidental judaico-cristã.[22] A ideia de conspiração do inimigo também está presente e fortalece a mobilização que o movimento pretende realizar atraveś das mídias sociais.

Nesse sentido, o discurso neofascista do movimento é funcional aos interesses do capital, pois ajuda a canalizar os ressentimentos, as frustrações e os temores sociais das massas trabalhadoras contra alvos específicos, contribuindo para que a organização de classe contra os interesses do capital seja enfraquecida e dificultada. O anticomunismo tem um papel bastante preponderante no movimento Mídia Sem Máscara, pois através dele se articula a luta contra os demais inimigos eleitos, já que todos estariam relacionados em torno de uma proposta de revolução contra a ordem social capitalista e judaico-cristã. Por isso, embora o comunismo não exista mais enquanto uma ameaça concreta ao sistema capitalista após o fim das experiências socialistas do leste europeu, o anticomunismo continua bastante presente nas ideias conspiracionistas do movimento de Olavo de Carvalho, e serve para atemorizar as massas contra tudo aquilo que possa ser percebido como ameaça ao acúmulo desenfreado de capital.

O Eixo do Mal, o conspiracionismo e o anticomunismo

No contexto histórico da crise dos regimes do chamado "socialismo real" e da desintegração da URSS, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, várias obras sobre a experiência soviética começaram a ocupar o espaço no terreno dos estudos sobre o tema, retomando antigas ideias e narrativas dos chamados "sovietólogos" dos anos 1930 e 1940, que analisavam o "socialismo real" com base em conceitos como "totalitarismo"[23] e eram profundamente marcados pelo

---

[22]Ver CARVALHO, Olavo de. A Revolução Abrangente. **Diário do Comércio**, 27 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/a-revolucao-abrangente/>. Acesso em 01 ago. 2018.

[23] A teoria do "totalitarismo" estava presente em vários estudos no Ocidente sobre a realidade soviética. Os trabalhos mais conhecidos nesta linha interpretativa são os de Hannah Arendt, As Origens do Totalitarismo – lançado em 1949 -, e de Carl J. Freiderich e Zbigniew Brzezinski, Ditadura Totalitária e Autocracia – que data de 1956. Ambas as obras deslocam a comparação entre o fascismo italiano e o nazismo alemão para a comparação entre este e a ditadura stalinista da URSS. A função ideológica dessa teoria para os interesses geopolíticos dos EUA durante a Guerra Fria era "unir num mesmo conceito os inimigos de ontem (a Alemanha nazista) com os inimigos de então (a URSS),esquecendo-se do papel decisivo da URSS na derrota das potências do Eixo." (MELO,

contexto da Guerra Fria. Em tais análises, o regime "totalitário" teria sido planejado desde o surgimento dos bolcheviques, no início do século XX, e a Revolução de Outubro de 1917 seria, na verdade, um golpe de Estado realizado por um grupo de fanáticos que queriam sangue e poder.[24]

Com o fim do "socialismo real", autores como Richard Pipes e Robert Conquest, entre outros, trouxeram de volta essas interpretações, mas que cumpriam o objetivo de fortalecer a tese triunfalista da suposta vitória do capitalismo e da "liberdade" sobre o socialismo e o "totalitarismo", sendo um dos expoentes desse triunfalismo a obra de Francis Fukuyama, "O Fim da História", publicada em 1989.

A ideia do triunfo liberal capitalista embasou a ideologia da superioridade incontestável da economia de mercado e as críticas a qualquer forma de regulação social – seja o Estado do bem estar social, seja o planejamento de tipo soviético, acompanhadas da ideia de que qualquer mudança radical na sociedade é impossível de dar certo e deve, por isso, ser evitada. Houve, portanto, uma liquidação de toda tradição revolucionária e o surgimento, nesse contexto, de uma literatura revisionista em relação a vários temas caros à historiografia, como a revolução francesa e também a Revolução de Outubro de 1917.[25]

Foi nesse contexto também que autores como Friedrich Hayek e Ludwig von Mises retomaram força no mercado, com suas teses liberais produzidas ainda nos anos 1940, que representavam uma luta política contra as então dominantes ideias intervencionistas e de planejamento econômico, apresentadas por eles como ameaças às instituições e valores de uma sociedade livre. Hayek, por exemplo, afirmava que estaria em curso um processo de formação de um consenso socialista, concebido por ele como uma "ideologia totalitária" que realizava a intervenção do

---

Demian B. & MONTEIRO, Marcio L. Os ciclos de revisionismo histórico nos estudos sobre a Revolução Russa. **Rev. Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 08, N.3, p. 2256-2294, 2017,, p. 2267.

[24]SEGRILLO, Angelo (a). Historiografia da Revolução Russa: Antigas e Novas Abordagens. **Projeto História**, nº 41, Dezembro, 2010, p. 63-92, p. 73.

[25] MELO, Demian. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. In **Marx e o Marxismo**, vol. 1, n. 1, julho/dez., 2013, p. 50-74, p. 54.

governo na economia e na vida pessoal dos indivíduos por meio do arbítrio e da coerção.[26]

Portanto, tais ideias são retomadas com o colapso do "socialismo real", sendo este apresentado como o exemplo de que os autores liberais estariam certos em seus argumentos, principalmente pelo fato de as experiências socialistas terem sido marcadas por um traço autoritário e burocrático. Assim, iniciaram-se as práticas neoliberais de desmonte do Estado e de políticas sociais, com o argumento de que o excesso de gastos públicos provoca inflação e distorções no mercado. Vários governos neoliberais ascenderam ao poder, na América Latina, e passaram a adotar a receita econômica do Consenso de Washington[27] para os países, como estabilização monetária, rígida disciplina fiscal, mudanças de prioridades nos gastos públicos, reforma tributária, privatizações, taxas de câmbio flutuantes, desregulamentação da economia, garantia aos direitos de propriedade, etc.

As consequências do neoliberalismo foram negativas, com o aumento da desigualdade e da pobreza, a manutenção da estagnação nas taxas de crescimento econômico e o aumento do desemprego ou geração de empregos de baixa qualificação. A crise de 1998 colocou em xeque o neoliberalismo, pois, em grande parte, foi consequência da desregulamentação dos mercados, inclusive, do financeiro. Isso fez com que fosse necessário uma correção de rumo, com projetos de refuncionalização do Estado, que passaria a ter uma função reguladora das atividades econômicas, operacionalizando junto com o setor privado políticas sociais emergenciais, focalizadas e assistencialistas para garantir as taxas de acumulação do capital e diminuir os problemas sociais, sem contudo abandonar os mecanismos de mercado na produção da riqueza.[28]

As contestações ao modelo neoliberal, com a ocorrência de vários protestos e críticas à globalização, acendeu o alarme nas classes dominantes. Em vários países da América Latina, por exemplo, chegaram ao poder governos mais

---

[26] CASTELO, Rodrigo. **O Social-Liberalismo. Auge e Crise da Supremacia Burguesa na Era Neoliberal**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 217.
[27] Conferência promovida pelo Institut for International Economics que reuniu economistas de oito países latino-americanos - Argentina, Brasil, Chile, México, Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia, para apresentar soluções para a crise que começava a afetar seriamente os interesses dos Estados Unidos ao reduzir na América Latina a capacidade de importar e atender ao serviço da dívida externa.
[28] Ibidem, p. 24.

progressistas, que vão de uma orientação mais socialista até o chamado social liberalismo, que tinham em comum a recusa das políticas radicais do neoliberalismo, procurando implantar políticas sociais mais sistemáticas e estímulo ao desenvolvimento econômico por meio dos investimentos públicos.

Nas classes dominantes, esse recuo, ainda que superficial, do neoliberalismo não foi bem aceito, abrindo espaço para o surgimento de grupos de direita que reforçaram novamente o discurso anticomunista e anti-esquerdista em geral e, no Brasil, o Mídia Sem Máscara é um exemplo, pois iniciou seus trabalhos no ano em que Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, foi eleito à presidência, em 2002, tendo como objetivo agrupar diversos intelectuais de direita, para construir narrativas de desqualificação e demonização das esquerdas e dos comunistas e reforçar a resistência neoliberal a um governo que tinha algum comprometimento com as causas populares.[29]

O conspiracionismo do Mídia Sem Máscara constrói uma narrativa contrária às teses triunfalistas elaboradas no contexto do fim do "socialismo real", pois, enquanto o triunfalismo garantia a vitória inconteste do capitalismo e o fim da ameaça comunista, os adeptos do movimento acreditam que o comunismo continua sendo uma ameaça ao "mundo livre e democrático". Na visão de Olavo de Carvalho e seus seguidores, como Heitor de Paola, o comunismo estaria representado, na América Latina, por um conjunto de países tidos como o "eixo do mal" - Cuba, Venezuela e Brasil, principalmente -, ou seja, os governos de Fidel Castro, Hugo Chavez e Luiz Inácio Lula d Silva, respectivamente. Faz parte dessa narrativa, a ideia de que o chamado Foro de São Paulo teria o objetivo de apoiar a revolução comunista mundial, assim como a criação de uma suposta União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL). A crítica ao triunfalismo aparece na obra de Paola, que chega a associar o autor da tese do "fim da história", Francis

[29]Faz parte desse discurso a ideia de que o Brasil viveria uma "guerra ideológica" liderada pelos chamados "petralhas", isto é, os militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), que pretenderiam transformar o Brasil num país comunista, e subverteriam a sociedade, criando as condições para o caos e a opressão "totalitária". O termo "petralha" é um acrônimo, unindo as palavras petistas e "irmãos metralhas", personagens criminosos dos Estúdios Disney, demonstrando o caráter coletivamente criminoso da militância e do PT, como se ele fosse, na verdade, não um partido, mas sim uma organização criminosa. (CASTRO, Ricardo F. Veneno Antidemocracia: conspiracionismo, ideologia e política. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh**. Rio de Janeiro, 2016, p. 4.

Fukuyama, com organizações "de esquerda", por supostamente querer construir a ideia de que o comunismo deixou de ser ameaça.[30]

Com a ideia fixa em uma suposta ameaça comunista mundial, os conspiracionistas brasileiros que fazem parte do movimento "Mídia Sem Máscara", de Olavo de Carvalho, reproduzem algumas teses dos sovietólogos, citados anteriormente, mais especificamente a tese do "totalitarismo", para se referir às experiências socialistas existentes ou que existiram e a visão teleológica da história soviética. Segundo Cohen, os "sovietólogos" são orientados pelo que ele chama de "determinismo monocausal", ao reduzirem os eventos da história soviética a consequências diretas das ações e desejos das lideranças bolcheviques, dando à história um caráter de inevitabilidade. Trata-se, segundo ele, de um método analítico que avalia "o passado nos termos do presente, os antecedentes nos termos dos resultados".[31]

Na obra de Heitor de Paola, a demonização do comunismo e dos comunistas é a tônica central, relacionando todos os resultados "negativos" das experiências socialistas ao caráter maléfico das lideranças comunistas e aos seus desejos de poder e domínio mundial. Os processos e contextos históricos ficam de fora da narrativa, pois o objetivo é a anatemização dos comunistas e do comunismo, bem como da própria ideia de revolução. Esse mesmo processo ocorre na literatura revisionista de caráter anticomunista sobre a história soviética, conforme nos diz Manuel Loff. A ideia de "anatemização" da revolução é o princípio de que as revoluções são anomalias ou catalisadoras de desordem social, e teria sido determinante na formulação da tese do totalitarismo.[32]

Assim sendo, pode-se dizer que a obra de Heitor de Paola se inspira na literatura revisionista anticomunista, que retoma as teses dos sovietólogos dos anos 1940, embora Paola não cite diretamente, durante o desenvolvimento de seus argumentos, autores que se enquadram nessa linha, mas reproduz a mesma narrativa. Apenas as obras de Stephanie Courtois – "O Livro Negro do

---

[30] PAOLA, Op. Cit., p. 19-20.

[31] COHEN, Stephen. **Rethinking the Soviete Experience. Politics and History since 1917**. Oxford: Oxford University Press, 1985, p. 43-44 e 52.

[32] LOFF, Manuel.Dictatorship and revolution: Socio-political reconstructions of collective memory in post-authoritarian Portugal. **Culture & History Digital Journal**, 3, 2014, p. 57.

Comunismo”[33] - e de François Furet – “O Passado de uma Ilusão”[34] – aparecem em seu livro, porém, a primeira só é citada na referência bibliográfica e a segunda aparece em corpo de texto, mas sem aprofundamento algum.

Segundo Barkun[35] e Taguieff[36], são quatro os princípios básicos do conspiracionismo: “nada acontece por acidente”, “nada é o que parece”, “tudo está conectado” e “tudo o que acontece é o resultado de vontades ocultas e malignas”. Tal discurso entende a política como a luta entre forças do bem e forças do mal, e tal luta ocorreria nos bastidores ocultos da política. Segundo Castro[37], “o conspiracionismo se tornou um dos principais elementos da cultura política ocidental, como exemplificam a teoria da conspiração da ‘Nova Ordem Mundial’ e do ‘marxismo cultural’”.

Quanto à origem do termo “marxismo cultural”, pode-se dizer que surgiu nos EUA, durante os anos 1990, nos círculos políticos da direita religiosa, sendo seus principais divulgadores, William Lind, Paul Weyrich, Pat Buchanan e o Free Congress Foundation. Segundo os defensores dessa tese conspiratória, vários elementos presentes na cultura política norte-americana desde o final do século XX – como defesa dos direitos humanos e civis para as diferentes “minorias” (homossexuais, negros, imigrantes), multiculturalismo, Estado laico, humanismo crítico, estudos de gênero, ambientalismo e feminismo – seriam uma “guerra ideológica” contra os valores, a cultura e a sociedade norte-americana. Essa guerra seria o resultado da ação subversiva dos intelectuais marxistas organizados em torno da “Escola de Frankfurt”, que migraram para os Estados Unidos ao longo dos anos 1930 para fugir da Alemanha nazista, principalmente Theodor Adorno e Max Horkheimer, judeus e marxistas.[38]

---

[33]COURTOIS, Stephane ; WERTH, Nicola; PANNE, Jean-Louis; PACZKOWSKI,Andrzej; BARTOSEK,Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. **O Livro negro do comunismo(Crimes terror e repressão).**1 edição. São Paulo: Ed Bertrand, 1990.

[34] FURET, François. **O Passado de uma Ilusão: Ensaios sobre a ideia comunista no século XX**. São Paulo: Siciliano, 1995.

[35] BARKUN, Michael. **The culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America.** Berkeley: University of California Press, 2003. p. 4.

[36]TAGUIEFF, Pierre-André. **L´imaginaire du complot mondial: aspects d´un mythe moderne**. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 2006. p. 57.

[37] CASTRO, R. Op. Cit., p. 4.

[38] Ibidem, p. 6.

O Mídia Sem Máscara é, no Brasil, o principal veículo de disseminação dessas teses conspiratórias, considerando-se que Olavo de Carvalho, o líder do movimento, reside nos EUA e se nutre do ambiente conspiracionista norte-americano, reproduzindo grande parte de seu discurso no Brasil.

As Descontextualizações da história soviética

A narrativa de Heitor de Paola é baseada em uma estratégia discursiva que relaciona fatos e eventos históricos a uma teia conspirativa que tornaria esses eventos inteligíveis. Como nas teorias conspiracionistas nada é por acaso, ligam-se fatos e eventos díspares ou não-interligados a intenções maléficas dos comunistas visando ao suposto domínio mundial. O que ocorre então é a interpretação de fatos e eventos à luz da teoria conspiratória assumida previamente como verdade absoluta e, para isso, é preciso descontextualizar os fatos e eventos interpretados, para que eles ganhem significados novos e pareçam confirmar a tese conspiratória. Apresentaremos alguns exemplos dessas descontextualizações na obra de Paola, todas elas referentes a momentos da história soviética. O objetivo da estratégia descontextualizante é a "demonização" de todo o processo revolucionário iniciado com a revolução bolchevique de outubro de 1917.

O "ouro alemão", o Tratado de Brest-Litovsky e o Pacto germano-soviético

Paola encontra relações entre um suposto acordo entre Lenin e o governo alemão feito em 1917 - que teria permitido sua passagem pelo território da Alemanha para chegar à Rússia e fazer a revolução -, a assinatura do Tratado de Brest-Litovsky em 1919 – que selou a paz entre a Rússia bolchevique e a Alemanha durante a primeira guerra mundial - e o pacto germano-soviético de 1939 – o pacto Ribbentrop-Molotov de não-agressão entre a Alemanha nazista e a URSS. Tais "relações" sustentam a sua tese de que teria havido uma "operação de desinformação" soviética, segundo a qual haveria um antagonismo mortal entre a "esquerda socialista" e a "direita fascista". O pacto de 1939 seria apenas a culminação de uma "conspiração secreta" iniciada logo após a Primeira Guerra Mundial, que seria negada após a invasão da URSS pela Alemanha nazista em 1941. Teria feito parte dessa conspiração o Tratado de Rapallo, de 1922. O autor sugere

que soviéticos e nazistas eram aliados em essência, e não apenas ocasionais, tentando defender a ideia de que nazismo e comunismo eram semelhantes e não inimigos por princípio, ou seja, estavam unidos "contra o mundo ocidental". Após a Segunda Guerra Mundial, Stalin teria utilizado o Kominform[39] para "plantar" no Ocidente "a falsidade da oposição entre socialismo – de esquerda - e o nazi-fascismo - de direita, mas na verdade eram iguais."[40]

O autor mistura em uma mesma narrativa fatos verdadeiros com especulações até hoje não provadas e que foram muito utilizadas na época da revolução bolchevique para desacreditar a liderança de Lenin e o processo revolucionário. O primeiro elemento da narrativa acima é o chamado "ouro alemão". Trata-se de um boato cuja origem remonta à publicação no jornal Novoie Vremia (Tempo Novo) de um documento com tonalidade oficial afirmando que Lenin recebia diretrizes e dinheiro alemão. A "notícia" logo foi espalhada por toda a imprensa da época. Mas o documento tinha como fonte as confissões de um russo que era alferes do 16.° Regimento Siberiano de Atiradores. Seu nome era Ermolenko. No dia 4 de abril, Lenin publicou as suas famosas "Teses de Abril", nas quais declarava guerra ao governo provisório que assumiu o poder após a revolução de fevereiro de 1917, defendendo a retirada da Rússia da guerra. Nos dias 20 e 21 de fevereiro ocorreu uma manifestação armada contra o prolongamento da guerra. Lenin sofria forte perseguição, com os jornais demonstrando que a sua política era favorável ao Kaiser alemão, dando a entender que ele era um agente da Alemanha. Os oficiais e comissários russos que lutavam contra o bolchevismo dos soldados ajudavam a fortalecer os boatos e Ermolenko aderiu à corrente. A ideia foi sendo apropriada pelos contrarrevolucionários para reforçar sua campanha contra os bolcheviques.[41]

Paola relaciona esse suposto dinheiro alemão dado a Lenin com a assinatura do Tratado de Brest-Litovksy, assinado em 1918, o qual foi bastante desfavorável

---

[39] O Kominform ou Cominform (que em português significa "Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários") era a organização internacional liderada pelo PCUS, criada em 1947, e cujo objetivo era promover o intercâmbio de informações e coordenar as ações dos vários partidos comunistas da Europa. Foi sucedânea do Komintern (a Terceira Internacional Comunista, criada em 1919 e dissolvida pela URSS em 1943).

[40]PAOLA, op. cit., p. 121-25.

[41] TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 488-89.

para a Rússia. Ou seja, Lenin teria aceitado um acordo benéfico para a Alemanha em troca do dinheiro recebido. No entanto, a narrativa que liga os dois fatos (embora o primeiro não possa ser considerado verdadeiro) baseia-se em uma série de omissões acerca de elementos da história dos próprios bolcheviques ou do contexto da decisão pela assinatura do tratado. Um desses elementos era a posição tradicionalmente adotada contra o envolvimento do proletariado em guerras imperialistas. Logo, assinar um acordo para retirar a Rússia da guerra seria providência mais do que esperada dos bolcheviques assim que assumissem o poder e era uma das bandeiras da Revolução de Outubro. A suposição também não explica por que a assinatura do tratado foi precedida de intensos debates dentro do partido bolchevique, com posicionamentos diferenciados e conflituosos, que ajudaram a retardar a solução do problema. Portanto, esses debates também não aparecem na narrativa paolina. O autor parte do pressuposto de que Lenin poderia decidir sozinho assinar a paz com a Alemanha por estar em dívida com o país que o teria supostamente ajudado a entrar na Rússia para fazer a revolução. Mas os documentos estão à disposição dos pesquisadores para serem consultados e comprovam toda a discussão que ocorreu entre os bolcheviques dentro do partido a respeito dessa questão, e estava centrada em torno de três teses defendidas por diferentes grupos. A primeira, advogada por Lenin, defendia a assinatura do acordo de paz em separado com a Alemanha, por achar que a continuidade da guerra era insustentável diante das condições em que se encontrava a Rússia e seria a melhor solução tendo em vista o reforço da revolução socialista no país. A segunda tese, que tinha Trotsky entre seus defensores, elaborou a fórmula "nem paz nem guerra", ou seja, a Rússia não assinaria nenhum acordo de paz, mas cessaria as hostilidades e desmobilizaria o seu exército. A terceira tese advogava a guerra revolucionária, transformando a guerra imperialista em luta revolucionária em vários países.[42]

A demora na decisão sobre a questão fez com que os alemães se fortalecessem e impusessem condições ainda mais duras para a assinatura do acordo. As condições altamente desfavoráveis do acordo para a Rússia deveram-se,

[42]Ver LENIN, V. I. **Obras Escolhidas**. Lisboa-Moscovo: Edições Progresso, Tomo 2, 1977. p. 453-59.

portanto, não a um trato anterior de Lenin com os alemães, mas à luta interna dentro do partido bolchevique acerca de qual decisão tomar, deteriorando ainda mais as condições, até que foi inevitável a assinatura do acordo de paz. As teses alternativas à assinatura do tratado eram incompatíveis com a fraqueza militar, econômica e social da Rússia no momento e se fossem colocadas em prática significariam o fim do governo bolchevique.[43]

Paola omite todo esse processo, em sua tentativa de ligar o desfecho em Brest-Litovsky ao suposto "ouro alemão". Assim, ele descontextualiza a assinatura do tratado, feito em contexto de ameaça alemã de invasão do território russo e da não-existência de um exército capaz de combater tal ameaça, com o agravante de ser uma luta desigual entre um país camponês arruinado e uma nação imperialista avançada, o que significaria, em caso de resistência, a derrota e a derrubada do poder soviético.[44]

Paola insere na narrativa o Tratado de Rapallo, enfatizando com muito vigor um fato realmente verídico: a existência de itens secretos no acordo, que previam cooperação tecnológica da Alemanha para a URSS em troca de construção de fábricas de armamentos alemães em território soviético, com o objetivo de burlar o Tratado de Versalhes. E que tal acordo manteve-se até a invasão da URSS pela Alemanha, em 1941.

No entanto, Paola omite que, às vésperas da guerra, Hitler havia definido objetivos precisos de política exterior, entre eles, buscar a aliança da Grã-Bretanha ou ao menos sua neutralidade para a conquista da Europa oriental, inclusive da URSS.[45] Ou seja, a URSS sempre foi um dos alvos da Alemanha nazista e os soviéticos sempre souberam disso, o que ajuda a explicar a assinatura do Pacto de não-agressão entre as duas potências em 1939.

Ao sugerir que o pacto de 1939 seria apenas a culminância de conspirações secretas entre Alemanha e URSS e interpretá-lo como evidência de compartilhamento de princípios entre nazistas e comunistas, Paola sonega

---

[43] Ibidem.

[44] Idem.

[45] SARAIVA, José F. Sombra. A Agonia Europeia e a gestação da nova ordem internacional (1939-1947). *In* SARAIVA, José F. Sombra. (org.) **Relações Internacionais. Dois Séculos de História. Entre a Preponderância Europeia e a emergência americano-soviética (1815-1947).** Brasília: IBRI, 2001, p. 223.

informações muito importantes e não considera o próprio contexto em que o pacto foi assinado. Ele não relaciona, por exemplo, a Conferência de Munique, que ocorreu em 1938, com a assinatura do pacto germano-soviético, sem a qual o pacto não pode ser totalmente compreendido em seu devido contexto. Tal conferência decidiu pelo desmembramento da Tchecoslováquia para atender à reivindicação alemã e por pactos de não-agressão entre Inglaterra e Alemanha, França e Alemanha. Essa política de apaziguamento da França e da Grã-Bretanha não deu resultados e Hitler continuou com suas anexações territoriais. No entanto, a política de apaziguamento e a Conferência de Munique tinham deixado um rastro de desconfiança na URSS. Stalin interpretou tais ações como acordos e aproximações entre os países contra o comunismo soviético, já que o anticomunismo era um elemento em comum entre eles, e decidiu pelo pacto com Hitler, para o adiamento o máximo possível da agressão alemã ao território soviético, que já era tida como certa. Em virtude das dificuldades de um acordo com os países democráticos, Stalin voltou-se para a Alemanha nazista. Foi, portanto, um pacto estratégico para ganhar tempo, enquanto a URSS fortalecia sua indústria bélica e se preparava para a futura guerra contra os nazistas. O pacto não teve nenhuma relação com semelhanças de princípios entre nazismo e comunismo, uma falácia muito repetida pela extrema-direita atual. Assim como não tem sentido vê-lo como a culminância de um processo que teria se iniciado em Brest-litovsky ou até mesmo antes, com o suposto acordo entre Lenin e o Kaiser alemão (o "ouro alemão"). São interligações que não existem, apenas enfeitam a narrativa de uma extrema-direita que almeja ligar o nazismo ao comunismo soviético.

O "socialismo real". Uma visão teleológica da história

A visão teleológica da história pode ser incluída em uma concepção mitificada da história. Segundo Neto[46], trata-se de uma fetichização da ratio, que concebe a história em termos de linearidade hiperdeterminada. Nesse processo, o ponto de vista ontológico é substituído por uma racionalidade baseada na ideia de uma

---

[46] NETO, Artur Bispo S. Teleologia e História. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 115-127, 2011, p. 115-16.

finalidade imanente às coisas. Assim, os resultados dos processos históricos são vistos como a realização de fins inevitáveis da própria história.

Os conspiracionistas compartilham de uma teleologia anticomunista que possui uma diferença básica em relação à definição de concepção teleológica da história apresentada acima. Em vez de uma finalidade imanente às coisas, eles vêem uma finalidade maléfica imanente aos comunistas, ou seja, aos sujeitos da história, que teriam produzido resultados pré-determinados por suas lideranças, a começar pelo próprio Marx. Há uma completa desconsideração para com a imprevisibilidade, os contextos condicionantes das ações e as lutas políticas no processo histórico, apresentando uma "explicação" simplista e pautada em pressupostos preconceituosos sobre os problemas dos regimes do chamado "socialismo real".

Heitor de Paola desenvolve, em sua obra, uma narrativa teleológica anticomunista ao abordar uma das questões mais problemáticas dos regimes socialistas construídos após a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia: o autoritarismo burocrático e os privilégios dessa burocracia. Logo no subtítulo que trata do tema, podemos perceber a teleologia: "A verdadeira meta comunista – a nova classe".[47] Faria parte dos objetivos dos comunistas, desde o início, criar uma classe privilegiada de indivíduos, que submeteriam toda a sociedade aos seus ditames para dominarem em nome de seus próprios interesses. Segundo Paola, " a meta comunista não é parar a história, mas revertê-la do estado liberal para o aristocrático, só que agora não mais uma aristocracia de sangue, mas autonomeada e ungida não por Deus, mas pelos seus pares."[48] Comunismo seria, portanto, sinônimo de aristocracia.

Para fundamentar essa visão teleológica, Paola cita alguns autores que seriam oriundos de países do socialismo real ou teóricos políticos pertencentes às fileiras de partidos comunistas em outros países. O primeiro deles é Milovan Dijlas[49], que

---

[47] PAOLA, Op. Cit., p. 82.
[48] Ibidem, p. 86.
[49] Milovan Dijlas uniu-se ao Comitê Central do PC iugoslavo em 1938 e ao Politburo em 1940, tendo exercido importante papel na resistência aos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e, ao fim da guerra, tornou-se membro do gabinete de ministros de Josef Tito. Participou também da defesa da independência dos comunistas iugoslavos em relação à URSS em 1948. Posteriormente, Dijlas intensificou suas críticas ao partido e defendeu a liberalização política do regime, afastando-se dos

escreveu a obra *A Nova Classe*, na qual aponta que a revolução comunista resultou na completa autoridade de uma única classe, que se interessa pelos pobres apenas enquanto necessários para o aumento da produção. Esta classe exerceria o monopólio sobre a classe trabalhadora e teria se apropriado dos bens através da nacionalização e estatização, tornando-se uma classe exploradora.[50]

O segundo autor citado é o soviético Mikhael Voslensky[51], em cuja obra "A Nomenklatura", teria se referido também a esta "nova classe", que ele chama de Nomenklatura, a qual seria a verdadeira proprietária da propriedade coletiva. Outro autor citado é Bruno Rizzi[52] que, na obra "A Burocratização do Mundo", teria mostrado, em 1939, que na sociedade soviética os exploradores se apropriam indiretamente da mais-valia através do Estado, que embolsa a mais-valia nacional e a distribui aos seus funcionários - a nomenklatura, que ocupa os postos mais importantes por recomendação do partido. Paola afirma que "a nova classe é herdeira direta das antigas aristocracias e monarquias absolutistas"[53], abstraindo de qualquer análise histórica das origens dessas formas de governo e de Estado e de seus respectivos contextos históricos, usando a estratégia dominante das narrativas conspiracionistas de associar ou igualar momentos e fenômenos históricos totalmente diversos para desinformar o público com objetivos meramente políticos de atacar os adversários.

---

seus postos políticos e do próprio partido e chegando a ser preso em 1956 por seu apoio à revolução húngara no mesmo ano. Entre suas obras publicadas estão *The New Class* (1957), *Unperfect Society* (1969) e *Conversations With Stalin* (1962), sendo esta última uma crítica ao líder soviético.

[50] Ibidem, p. 83.

[51] Foi um escritor soviético, cientista e diplomata, tendo sido intérprete soviético durante o Tribunal de Nuremberg e membro da Academia Soviética de Ciências. Mais tarde, tornou-se dissidente do regime da URSS. Escreveu a obra *Nomenklatura: The Soviet Ruling Class* inspirado pela obra de Milovan Dijlas. Redigiu também a obra *Secrets Revealed: Moscow Archives Speak*, sobre o papel do terror no sistema soviético, a evolução da polícia secreta soviética e o papel da nomenklatura nesta hierarquia.

[52] Teórico político italiano que entrou para o Partido Socialista Italiano em 1918, tendo saído do partido para ser um dos fundadores do Partido Comunista da Italia (PCI), o qual também deixou em 1930. Devido à perseguição pelo regime fascista, emigrou para a França e, durante os anos 1930, participou dos debates envolvendo Trotsky, James Burnham e Yvan Craipeau sobre a natureza da URSS. Em sua obra A Burocratização do Mundo, defendeu que o fascismo e o stalinismo estavam desenvolvendo métodos políticos similares e conceituou os regimes da Alemanha, Itália e URSS como totalitários.

[53] Idem, p. 84.

A constatação dos limites e contradições existentes no socialismo real não é o problema, pois o campo intelectual ligado à esquerda vem se debruçando há tempos acerca dos processos históricos que levaram à construção dos regimes burocratizados advindos do pós-revolução bolchevique. O próprio Bruno Rizzi, citado por Paola, é um exemplo. Não é um tabu na esquerda, mesmo entre os comunistas, analisar esse fenômeno, e muitos comunistas convictos criticam o modelo implantado na URSS e nos países sob sua influência no Leste Europeu, sem, no entanto, abdicar de suas ideologias e projetos de sociedade calcados nos princípios comunistas. Uma coisa é reconhecer que as experiências socialistas apresentaram diversos problemas e tentar compreender por que isso ocorreu como forma de conhecimento sobre o significado de tais experiências e seu legado para a humanidade e também como forma de aprendizado sobre os erros cometidos para os que continuam defendendo uma sociedade comunista. Outra é desqualificar essas experiências tendo como fundamento unicamente o combate ideológico ao comunismo, sem preocupação com uma análise honesta das causas e dos processos históricos que levaram ao domínio da burocracia e do autoritarismo dos partidos comunistas nessas sociedades.

Os autores citados na obra de Paola para corroborar sua narrativa aparecem como se eles compactuassem com a sua interpretação teleológica, mas, na verdade, constatar os problemas sérios da burocratização e do autoritarismo nos países socialistas não torna verdade a perspectiva conspiracionista e demonizadora que o autor desenvolve em toda sua obra.

Na narrativa paolina, o socialismo real foi autoritário e burocrático porque os comunistas são maus e nunca pretenderam construir uma sociedade justa, apenas uma sociedade de uma "nova classe" de privilegiados que explora o povo. Desde Marx a Lenin, o projeto foi dominar o mundo em proveito próprio, pensam os conspiracionistas. Esse tipo de percepção não pretende explicar ou compreender a complexidade dos fenômenos históricos, políticos e sociais. Assim sendo, o debate sobre as causas do fenômeno da burocratização nos socialismos existentes não aparece na obra do autor, havendo mais uma vez uma descontextualização gritante dos rumos pelos quais enveredou a revolução bolchevique na Rússia e suas

consequências, como se a única coisa que importasse fosse o caráter das lideranças ou uma suposta essência maléfica do comunismo.

Percebe-se, neste tema, um ponto de contato com a produção historiográfica dos "sovietólogos", que concebem uma linha de continuidade entre o início da revolução bolchevique e o desenvolvimento do stalinismo. Algumas teses mais recentes, como a de Robert Gellately[54], por exemplo, advogam, inclusive, que o terror stalinista seria derivado do próprio marxismo, ou seja, estaria contido no pensamento de Marx e de seus seguidores. Há ainda o trabalho de Bruno Gropp[55] que, além de não diferenciar o stalinismo do bolchevismo e ver este como continuidade de um projeto político autoritário, com origens em uma suposta "cultura política" despótica própria da Rússia, percebe a falta de democracia do stalinismo como resultado do fanatismo dos bolcheviques, que se consideravam os únicos detentores da verdade. No entanto, esses autores não aparecem na obra de Paola.

Ao usar a narrativa teleológica de que o desenvolvimento do modelo do chamado "socialismo real" já estava previsto desde Marx e os primórdios do governo bolchevique, Paola desconsidera vários fatos que merecem atenção e que demonstram que essa linha de continuidade não existia. Várias pesquisas[56] revelam que houve grandes mudanças entre os anos imediatamente posteriores a outubro de 1917 e o regime stalinista. O regime político instaurado logo após a revolução era baseado em um gabinete multipartidário, formado pelos grupos contrarrevolucionários – inclusive, os bolcheviques convidaram essas demais forças para comporem o governo, entre elas, os socialistas-revolucionários, cuja ala esquerda chegou a participar do governo, mas posteriormente abandonou a coalizão; havia diferenças também na forma de funcionamento do Partido Bolchevique, que inicialmente era baseado no centralismo democrático, passando ao centralismo burocrático à medida que o autoritarismo avançava.

---

[54] GELLATELY, Robert. **A Maldição de Stalin.** São Paulo: Record, 2017.

[55] GROPPO, B. O Comunismo na História do Século XX. **Lua Nova**, São Paulo, n. 75, p. 115-141, 2008, p. 116-121.

[56] Entre essas pesquisas, podemos citar os trabalhos de Israel Getzler, Outubro de 1917: o debate marxista sobre a revolução na Rússia. In HOBSBAWM, Eric. **História do Marxismo.** v 5, São Paulo: Paz e Terra, 1985; e MAROT, John E. **The October Revolution in prospect and retrospect: interventions in Russian and Soviet History.** Leiden: Brill, 2012.

Cohen[57] enfatiza que há uma perspectiva a-histórica nas interpretações dos "sovietólogos" que inspiram a narrativa de Paola, pois seus adeptos se tornaram incapazes de levar em conta as várias mudanças que marcaram o Partido Bolchevique e o regime soviético durante as primeiras décadas da nova formação social inaugurada pela revolução. Eles teriam, na verdade, recorrido a "preconceitos cegos, e rótulos, imagens, metáforas e teleologia assumiram o lugar de explicações reais".

O autor desconsidera toda a discussão dentro do campo do próprio marxismo a respeito da natureza do regime soviético, discussão esta feita de forma bastante crítica deste modelo. A exceção, talvez, seja a citação que faz do italiano Bruno Rizzi, em cuja obra "O Coletivismo Burocrático", de 1939, argumenta que a burocracia soviética se cristalizou em uma nova classe dominante na URSS, surgindo um novo sistema de exploração, no qual a propriedade efetiva dos meios de produção era da burocracia porque esta controlava o Estado, embora não tivesse os títulos jurídicos de propriedade da velha burguesia. Rizzi distingue teoricamente a "propriedade formal" e o "controle real" dos meios de produção, que passou a basear as interpretações dos autores que não caracterizam os Estados nos moldes soviéticos como socialistas.[58]

No entanto, ao citar Rizzi, Paola omite que o que o autor chama de "coletivismo burocrático" não seria específico da realidade soviética, mas fruto das contradições da socialização da produção no mundo industrial moderno, pois, para ele o capitalismo também era incapaz de funcionar e sobreviver em função do alto grau de concentração e centralização da produção. Assim, a burocracia teria surgido como agente social da superação do capitalismo, formando uma nova forma de economia coletivista e burocrática que seria mais adequada ao caráter social da produção no mundo moderno[59]. A omissão desta parte do pensamento de Rizzi é expressivo de como Paola se apropria da obra de autores apresentando-os

[57] COHEN, S. Op. Cit., p. 6-23.
[58] FERNANDES, Luis (a). Leituras do Leste II: O Debate sobre a Natureza das Sociedades e Estados de Tipo Soviético (Segunda Parte — As Principais Interpretações Marxistas). **BIB**, Rio de Janeiro, n. 39, 1 ,° semestre, p. 41-83, 1995, p. 63.
[59] Idem.

como se supostamente eles corroborassem a sua narrativa conspiracionista e anticomunista.

Paola omitiu também a contextualização necessária para se compreender o desenrolar do governo revolucionário em direção a um regime autoritário e burocratizado. Já que tudo não passaria de concretizações de intenções maléficas já planejadas por Marx, não haveria o que explicar, segundo ele. Assim sendo, Paola desconsidera as imensas dificuldades enfrentadas pelos revolucionários por terem iniciado um processo político em direção ao socialismo em um país atrasado que ainda não tinha desenvolvido suas forças produtivas e que estava isolado, já que a tão esperada revolução internacional não ocorreu, fazendo com que os revolucionários bolcheviques tivessem que dar conta do atraso da Rússia sozinhos e em uma situação de ataque de 14 potências durante a guerra civil, que durou três anos e deixou um rastro de destruição de toda a economia russa, piorando ainda mais o seu atraso material e social. A classe trabalhadora mais combativa havia sido praticamente dizimada na guerra, restando uma população faminta e atrasada culturalmente como base para a construção do socialismo.

Tal situação teria favorecido uma organização política autoritária para iniciar a reconstrução do país, calcada na liderança do partido e sua vanguarda e no afastamento já no início de alguns ideais socialistas por absoluta falta de condições objetivas para realizá-los, em um contexto de necessidade de não somente iniciar a reconstrução econômica e o desenvolvimento russo como preservar o poder revolucionário diante das ameaças das potências capitalistas. A burocracia teria sido resultado de todo esse processo e se tornado extremamente importante na administração do caos e da reconstrução, sendo um problema que preocupava as próprias lideranças bolcheviques, como o próprio Lenin.

Ao contrário do que afirma Paola e os conspiracionistas, grande parte da "degenerescência burocrática e autoritária" do socialismo se deve, não às intenções maléficas de seus líderes, mas ao contexto altamente desfavorável materialmente e culturalmente para o estabelecimento de uma autêntica democracia operária, tendo como agravante o cerco capitalista ao jovem país socialista. Foi o resultado das escolhas das lideranças do momento e das lutas políticas no interior do partido comunista russo em resposta aos imensos desafios e limites impostos a eles pela

realidade objetiva que encontraram em seu caminho. Pode-se e deve-se criticar as escolhas feitas, mas interpretá-las a partir de um discurso moralista que apela para o caráter e a essência "maléfica" do comunismo é desconsiderar o contexto em que se deu a tentativa de construir uma nova sociedade em bases materiais tão desfavoráveis.

Assim, a descontextualização e a ausência de um debate com o conjunto dos trabalhos no campo marxista acerca dos problemas dos "socialismo real" acentuam a miséria intelectual da narrativa conspiracionista de Paola, que, em vez de tentar compreender a realidade que critica, a qual é bastante complexa em seus condicionantes e determinantes históricos, procura desenvolver um pensamento baseado em concepções moralistas acerca das supostas intenções maléficas dos comunistas, desconsiderando, inclusive, que inúmeros intelectuais marxistas e comunistas redigiram obras inteiras críticas ao modelo do socialismo real. E quando cita alguns desses intelectuais e/ou políticos, como é o caso do Bruno Rizzi ou dos dissidentes soviéticos, o faz de forma bem rasa, destacando trechos que não permitem ter uma visão de conjunto de toda a obra dos autores, apenas com o intuito de chancelar a sua visão conspiracionista, embora nenhuma das obras citadas possa ser inserida nesta perspectiva.

Os cismas "inventados" no bloco comunista e a Perestroika e a "enganação do Ocidente"

A fim de corroborar a sua tese do domínio mundial comunista nos dias atuais, Heitor de Paola utiliza uma outra estratégia: a negação do fim do comunismo após a destruição das experiências socialistas na antiga URSS e nos demais países do Leste Europeu. Todo o processo de desmonte do socialismo real iniciado com a Perestroika após a chegada de Gorbachev ao poder é apresentado como uma grande armação para iludir o Ocidente capitalista e tornar a sua defesa frente ao comunismo enfraquecida.

Segundo Paola, a Perestroika faria parte de uma suposta "terceira grande estratégia" de longo prazo pensada e colocada em prática pelos comunistas. Ele se baseia em alguns autores de origem soviética, como, por exemplo, Vladimir

Bukovisky[60], para quem não teria havido derrota do sistema comunista, pois não houve julgamento dos seus crimes e nem processo de depuração e as antigas elites permaneceram no poder.[61]

A finalidade dessa “nova estratégia” seria aprofundar a propaganda no mundo ocidental de que o comunismo acabara e a democracia e o liberalismo econômico haviam vencido na Europa do Leste. A pretensão dos comunistas seria enfraquecer e neutralizar o anticomunismo e sua influência política nos EUA, desmoralizando qualquer movimento anticomunista como paranoico, reacionário e ultrapassado, para que os que realmente estariam percebendo a “manobra” não tivessem credibilidade.[62]

Paola enxerga o início dessa “estratégia conspiracionista” no período de Kruschev, quando os crimes da era Stalin foram denunciados, e considera o chamado “antistalinismo” como uma “anestesia revisionista” para reagrupar intelectuais ocidentais em torno das ideias leninistas; muitos teriam servido como “idiotas úteis” e não tomaram conhecimento da “estratégia”. O principal resultado teria sido a Detente[63], para demonstrar que até no Ocidente a “abertura” do regime era aceita como legítima. Estaria havendo já uma preparação para a adoção plena da Perestroika, segundo o que chama de linhas de “convergência”, com vistas ao governo mundial.[64]

O objetivo principal da “estratégia de convergência” seria fazer com que os inimigos – no caso os capitalistas ocidentais – colaborassem inconscientemente com o “plano comunista” por meio de “aparentes reformas econômicas e pseudo-

[60] Bukovisky é um ativista e escritor britânico de direitos humanos nascido na Rússia. Foi um elemento proeminente da dissidência soviética do final da década de 1950 até meados da década de 1970. Fez críticas à Liga da Juventude Comunista, o chamado Konsomol, retratando a URSS como uma sociedade ilegal, e o Konsomol como uma instituição “moribunda” que havia perdido toda autoridade moral e espiritual. Chegou a passar alguns anos em hospitais-prisões psiquiátricos e campos de trabalhos na antiga URSS e foi expulso do país em 1976. Foi membro do Conselho Consultivo Internacional da Fundação Memorial das Vítimas do Comunismo e membro do Conselho Internacional da Fundação de Direitos Humanos baseada na cidade de Nova Iorque

[61] PAOLA, H. de. Op. Cit., p. 161.

[62] Ibidem, p. 161.

[63]Termo frequentemente utilizado em referência à redução geral de tensão entre a União Soviética e os Estados Unidos da América durante a Guerra Fria, ocorrido no final da década de 1960 (após a Crise dos mísseis de Cuba) até o início dos anos 1980.

[64] Idem, p. 161.

democráticas", criando uma "falsa oposição controlada" dentro da URSS e demais países do Leste Europeu.[65]

Paola se põe a explicar que a palavra russa para "convergência" significaria "aproximar para contato" e tal aproximação seria feita através da exploração das "tendências globalizantes da elite ocidental" em "íntima" colaboração com os comunistas para o estabelecimento de "um só mundo", a "Nova Ordem Internacional".[66]

Paola baseia parte da sua narrativa no livro de Gorbachev, "Novas Ideias para meu País e o Mundo", no qual ele aborda as deteriorações nas relações entre a URSS e os EUA após a ascensão de Ronald Reagan ao poder em 1981 e a falta de condições econômicas e tecnológicas da URSS em desenvolver um projeto idêntico ao norte-americano Guerra nas Estrelas. Mas todo o conteúdo do livro é tratado como uma grande estratégia de "desinformação" formulada ainda em 1958 para desmoralizar os sentimentos anticomunistas em expansão na era Reagan. Mas, embora se refira ao contexto de Reagan, Paola faz uma digressão até a década de 1930, com base em uma citação de Dmitri Manuilsky[67], tentando demonstrar que a estratégia já estava prevista nesta época, embora o autor não apresente a fonte, apenas diz que tal discurso teria sido feito em 1931, na Escola Lenin de Guerra Política.

A narrativa conspiracionista é baseada também na obra de Anatoly Golitsyn[68], *The Perestroika Deception*, que relaciona a Perestroika ao método leninista – descrito como o ato de recorrer a todos os estratagemas, manobras evasivas e subterfúgios – para reforçar o sistema soviético. Nesta obra, é feita também uma comparação da NEP (Nova Política Econômica) com a Perestroika, apresentando

---

[65]Ibidem, p. 162.

[66] Idem. Como exemplo de colaboradores, Paola cita instituições como Fundações Ford, Rockfeller, Carnegie Endowment, e líderes políticos ou intelectuais como Al Gore, Bill e Hillary Clinton, George Bush e Noam Chomsky.

[67]Foi Comissário do Povo para a Agricultura na Ucrânia a partir de 1920. Em 1924 integrou o **Komintern**, sendo um dos principais dirigentes do mesmo. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi Diretor de Propaganda e, em 1944, Ministro de Relações Exteriores da Ucrânia. Foi o primeiro Vice-Presidente do Conselho de Segurança da ONU em 1945 e Presidente do Comitê Político em 1946. Ver https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/manuilsky.htm

[68] Golitsyn vem sendo utilizado pela extrema-direita conspiracionista, devido à sua obra Meias Verdades, Velhas Mentiras, na qual ele sustenta a tese da falsa queda da URSS, negando o fim do comunismo após a Perestroika. Foi agente da KGB e forneceu informações à CIA sobre os métodos da KGB em 1984.

ambas como resultado da intenção de ludibriar os capitalistas e não assustá-los. Golitsyn chama a Perestroika de um “Segundo round da revolução de outubro”.[69]

A extinção do Partido Comunista na URSS teria sido tramada desde 1958, com os seguintes objetivos: 1. Criar a impressão de que a burocracia soviética está se tornando democrática e ocidentalizada; 2. Influenciar o Congresso americano a mudar a CIA e diminuir o orçamento militar e de segurança; 3. Criar condições de cooperação entre a KGB e serviços ocidentais, para infiltrar os agentes soviéticos de desinformação. Além disso, os velhos membros do Partido Comunista e do Konsomol teriam se incorporado nas novas estruturas democráticas, não havendo extinção do PC mas, na verdade, redistribuição de seus quadros e reformas cosméticas na KGB para dar impressão de equivalência com os serviços ocidentais, submetendo-se aparentemente ao controle do Parlamento, enquanto seu poder teria aumentado e se tornado secreto.[70]

Como se pode constatar na narrativa paolina, a visão teleológica da história da URSS é um traço marcante do seu discurso anticomunista. Assim como a degenerescência burocrática teria sido planejada, as mudanças por que passou a sociedade soviética até o fim da própria URSS teriam sido programadas desde os anos 1930, com o único objetivo de iludir os ocidentais capitalistas. A descontextualização dos fatos é gritante e, na verdade, é imprescindível para o estabelecimento de relações entre eventos e épocas em uma teia conspirativa. Assim, haveria um fio de ligação entre a desestalinização dos anos 1950 iniciada com N. Kruschev, os cismas entre a URSS e aliados no bloco comunista e a Perestroika. Não existe nenhuma tentativa de compreender esses fatos em seu devido contexto, mas torná-los elementos de um grande teatro das lideranças soviéticas e dos comunistas em geral. A maior prova da falta de compreensão dos fatos citados é a comparação da NEP com a Perestroika, que teriam tido o propósito de “enganar” os capitalistas ocidentais.

Associar a NEP com uma simples estratégia de ludibriar o Ocidente é desconsiderar totalmente o contexto em que ela se iniciou, marcado pelo período pós-guerra civil entre o Exército Vermelho e os exércitos brancos que invadiram a

[69] Ibidem, p. 67.
[70] Ibidem, p. 69-70.

Rússia bolchevique. Paola demonstra não compreender que a práxis marxista leva em conta o contexto e as condições objetivas em que as ações devem se dar. Assim sendo, a NEP teria sido, na verdade, uma retomada de um projeto anterior à guerra civil, que teria sido interrompido por ela, cujos contornos Lenin chamava de "capitalismo de Estado".[71]

A NEP só pode ser compreendida como uma práxis voltada para a criação das condições objetivas favoráveis a uma futura socialização da economia soviética. Nesse contexto, o capitalismo passa a ser visto como algo positivo e necessário para o triunfo posterior do socialismo. Reduzir, portanto, a NEP a uma intenção maléfica de enganar o Ocidente e desconsiderar a difícil situação interna da Rússia e o seu isolamento internacional é, além de diminuir a práxis marxista, uma distorção da história do socialismo soviético.

O mesmo raciocínio pode ser usado para a compreensão das diversas tentativas de reformas ao longo da trajetória da URSS e as lutas políticas dentro do PCUS em torno delas.[72] Paola trata todas as lutas políticas como simples encenações, como se não houvesse de fato problemas na economia e na sociedade soviética que ensejassem diferentes propostas de resolução e divisões políticas e conflitos de interesses.

Vários autores procuraram compreender por que as reformas da Perestroika desencadearam a destruição do socialismo em todo o Leste Europeu, enquanto as reformas anteriores não tiveram esse resultado. Alguns apontam para a incompatibilidade entre o sistema rigidamente centralizado e hierarquizado da planificação soviética e as novas tecnologias da era da informação e novas formas de organização mais flexíveis da produção, na era do toyotismo[73]; outros falam da falta de incentivos à inovação no plano da atuação empresarial - e, portanto, baixa "demanda" por novas tecnologias[74]; é abordado também o reforço das estruturas verticais de comando, em vez de relações horizontais, permitindo um grande

[71] FERNANDES, Luis (b). A teia de Tânato: da industrialização acelerada à encruzilhada dabinovação no socialismo soviético. *In*: BERTOLINO, O & MONTEIRO, A. (ORGS). **100 Anos da Revolução Russa. Legados e Lições.** São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2017, p. 298-300.
[72] Para aprofundamento das reformas adotadas, ver SEGRILLO, Angelo (b). **Reconstruindo a "reconstrução": uma análise das principais causas da Perestroika soviética.** Tese de doutorado, Niterói: universidade federal fluminense, 1999, p. 41-42.
[73]Idem.
[74] FERNANDES, L.,Op. Cit.

aumento na disciplina do trabalho, mas reforçando os traços autoritários do sistema e levando a problemas em relação à motivação para iniciativas "vindas de baixo"[75]; outro fator apontado é o esgotamento do modelo de desenvolvimento extensivo adotado na economia soviética.[76]

Não é possível presumir que a NEP e a Perestroika foram similares, pois enquanto a primeira foi, de fato um recuo no projeto socialista, tendo sido baseada, inclusive, na importação de tecnologias e reprodução das formas de organização fordista ocidentais na economia soviética, embora mantendo-se a nacionalização e estatização de setores estratégicos – ou seja, o que Lenin chamava de setor socialista da economia -, a Perestroika resultou na adoção plena do capitalismo e no fim dos setores nacionalizados da economia soviética.

Paola, contraditoriamente, utiliza a obra de Gorbachev[77] para basear a sua tese de que a Perestroika foi forjada para enganar o Ocidente, porque nesta obra existe o discurso da construção de um "socialismo humanizado"[78], ou seja, tudo ficaria nos marcos do socialismo; porém, Paola esquece que essa obra foi divulgada em todo o Ocidente, ou seja, se houvesse alguma intenção de ludibriar os capitalistas ocidentais, haveria a promessa de restaurar o capitalismo, não o discurso de reforma do socialismo.

O que Gorbachev e sua equipe chamavam inicialmente de "socialismo de mercado" era, na verdade, uma concepção social-democrática que baseava os países europeus capitalistas do Estado do bem estar social. Mas o modelo do

---

[75] SEGRILLO, A. Op. Cit.

[76] Ibidem, p. 57.

[77] Trata-se do livro "Perestroika. Novas Ideias para o Meu País e o Mundo", lançado em 1987.

[78] O discurso do "novo socialismo" apareceu também nos escritos de Leonid Abalkin, um dos economistas que assessorou Gorbachov na Perestroika, que sustentou a ideia de que o socialismo deve possuir laços com as conquistas da civilização humana, afirmando-se os princípios humanistas da vida social, entre eles, a afirmação da personalidade. Abalkin utilizou, inclusive, o pensamento marxista para justificar as reformas da Perestroika, argumentando que o mercado, as cooperativas, o dinheiro, as ações e os Bancos seriam formas econômicas gerais e as mais viáveis e progressistas, e que podem adquirir conteúdo novo ao servirem às relações de propriedade socialistas, possibilitando um desenvolvimento eficaz e flexível da economia e elevar a sua eficiência. Até mesmo a renda sobre a propriedade é defendida, com base na ideia de que, nos marcos do socialismo, essa renda adviria do trabalho e não da posse do capital. Assim, justificou-se a privatização das empresas com o discurso de que os trabalhadores das mesmas passariam a ser os verdadeiros acionistas e donos delas. (Ver ABALKIN, Leonid. Problemas e Contradições da Economia Soviética no Período de Transição. *In*: POMERANZ, Lenina (org.) **Perestroika: desafios da transformação social na URSS.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1990.

Estado do bem estar social nada tinha de socialista, pois o projeto original do socialismo era a transformação do trabalho fragmentado e atomizado em força coletiva com consciência de classe. A social-democracia reformista em nada contribuiu para isso, pelo contrário, ela reforçou a fragmentação e a atomização da classe trabalhadora, aceitando a subordinação estrutural do trabalho ao capital em troca de melhorias sociais marginais para os trabalhadores, às custas da expansão global do capitalismo e da posição hierarquicamente privilegiada dos países centrais na dinâmica capitalista mundial, que lhes permitiu angariar muita riqueza e conceder tais melhorias aos trabalhadores de seus países.[79]

Em vez de se basear apenas no discurso, Paola deveria ter considerado as práticas efetivas. Gorbachov tomou a iniciativa de enfraquecer geopoliticamente a URSS diante dos países capitalistas, abrindo mão, inclusive, do controle dos países do Leste Europeu, que foram incentivados a buscar seu próprio caminho, seja capitalista ou socialista[80], e abriu mão também do fortalecimento do sistema de defesa militar soviético, em parte devido às dificuldades financeiras para manter os gastos militares na altura da necessidade da corrida armamentista com o Ocidente. Como ter a intenção de se manter nos marcos do socialismo e ao mesmo tempo fragilizar o país em termos geopolíticos e militares?

Por isso, muitos críticos viram o discurso do socialismo reformado como uma retórica para amenizar as resistências internas às mudanças em direção à economia de mercado. Gorbachov esteve bastante inclinado a apoiar as propostas radicais de Stanislav Shatalin[81], mas, diante da ameaça de demissão do primeiro ministro Rizhkov, resolveu anunciar, em setembro de 1990, a realização de um

---

[79] MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2002, p. 777.

[80] POMERANZ, Lenina. **Do Socialismo Soviético ao Capitalismo Russo. A Transformação Sistêmica da Rússia.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2018. p. 117-18.

[81] Trata-se do Plano Shatalin, resultado do refinamento do estudo de reformas elaborado por Gregory Yavlinsky, assessor de Yeltsin e vice-presidente do Conselho de Ministros da República Federada Russa, com base em discussões feitas em agosto de 1990, inclusive com a participação de Gorbachev e Yeltsin. O Plano Shatalin dos 500 dias tinha o primeiro objetivo de estabilização econômica. O plano previa uma maciça venda da propriedade estatal; uma reforma agrária, que autorizaria os camponeses a deixarem as fazendas coletivas e a criarem suas próprias empresas agrícolas; fim do controle sobre os preços dos bens de consumo não produzidos em grandes quantidades, levando à sua determinação pelo mercado; privatização de metade das empresas pequenas e restaurantes do país; abolição da maioria dos ministérios; indexação dos salários; conversibilidade do rublo, etc. O plano não chegou a ser implementado (POMERANZ, L. Op. Cit., p. 124).

plebiscito nacional sobre a aceitação da propriedade privada e reformas a ela correlacionadas. Como houve forte reação dos conservadores contrários às reformas, Gorbachev resolveu adiar a reforma de mercado.[82]

O curso em direção à restauração do capitalismo já estava claro a essa altura e Mészaros chama atenção, inclusive, para a mudança no discurso das lideranças reformistas no decorrer do processo da Perestroika. Enquanto, de início, falavam que o chamado "socialismo de mercado" era um meio para reduzir o poder da arbitrariedade política, o autoritarismo e a burocracia, instituindo-se a "democracia e a liberdade" para o povo soviético, posteriormente, quando as consequências negativas das reformas na vida do povo se fizeram sentir e as resistências a elas aumentaram, os reformistas começaram a defender formas autoritárias que garantissem a transição para a economia de mercado. Os "mecanismos de mercado" transformaram-se em fins em si mesmo aos quais tudo deveria ser subordinado, e a chamada Perestroika foi feita sem o povo e contra o povo.[83]

Após Gorbachov ser derrubado do poder, o que se viu foi a destruição total do sistema do socialismo real e a introdução de medidas de privatização geral de praticamente todos os setores da economia soviética, tendo como principais grupos beneficiados o capital financeiro internacional e a nomenklatura que passou a ser, de fato, a dona dos meios de produção, em um fenômeno chamado pelos especialistas de privatização da nomenklatura.[84]

Não se pode esquecer também que as reformas políticas que acompanharam a Perestroika, chamadas de democratização da sociedade, foram baseadas no abandono do monopólio do partido comunista sobre a sociedade, liberando a participação política dos setores internos na sociedade soviética que pretendiam restaurar o sistema capitalista. Um exemplo foi o fortalecimento do grupo de Boris Yeltsin que, após se tornar presidente da República Russa, aboliu o partido comunista no território russo e impulsionou a separação da Rússia da URSS, fortalecendo o processo de desmembramento do império soviético, tendo

[82]Ibidem, p. 124.
[83] MÉSZAROS, I. Op. Cit., p. 773.
[84]Para a questão da "privatização da nomenclatura" ver POMERANZ, L. Op. Cit.

sido um dos principais responsáveis pela implantação das reformas capitalistas de mercado radicais na Rússia. O governo Yeltsin destruiu todas as formas de resistência às reformas capitalistas através de várias tentativas anticonstitucionais no período de dezembro de 1992 a outubro de 1993.[85]

A narrativa de Paola usa como "prova" da continuidade do comunismo na Rússia o fato de membros do sistema anterior terem permanecido nas estruturas do Estado e estejam atualmente em posições de comando, sendo o maior exemplo o atual Presidente russo, Vladimir Putin. Este argumento é falacioso, pois pressupõe que todos os membros da Nomenklatura no período do socialismo real eram fiéis seguidores da ideologia comunista, e desconsidera também que o único meio para ascensão nos cargos públicos na era soviética era a filiação ao partido comunista e pertencer aos quadros da burocracia. Paola baseia-se na superficialidade do fenômeno. Em seu raciocínio, se os antigos comunistas estão no poder é porque o comunismo continua existindo na Rússia, embora as práticas e o sistema econômico existente atualmente nada tenham a ver com um regime de tipo socialista.

O governo de Vladimir Putin faz parte atualmente da consolidação da nova Rússia capitalista e foi alçado a herdeiro de Yeltsin, não tendo rompido com o projeto capitalista para o país, pelo contrário, defendeu a economia de mercado em consonância com a democracia liberal na Rússia. Na verdade, ele foi visto como a pessoa ideal para assegurar os interesses do grupo dominante no poder.[86]

Após assumir a presidência do país em 2000, Putin pôs em prática algumas medidas que beneficiavam o capital, como, por exemplo, o imposto social único de 35,6% sobre a folha de pagamentos dos salários, com o qual foram eliminados os antigos fundos sociais e de pensão, reduzidos os encargos sociais sobre os salários e fixadas contribuições de caráter regressivo sobre o pagamento dos salários pelas empresas. Putin tomou medidas também na direção da centralização do poder e na diminuição das influências das oligarquias financeiras sobre o Estado, procurando

[85] Idem, p. 146-47.

[86] Idem, p. 195. Já na presidência interina, assumida em 2000 com a renúncia de Yeltsin, Putin chegou a fazer um decreto concedendo anistia a Yeltsin e a todos os membros de sua equipe de governo pelos atos de corrupção exercidos durante seu mandato, inclusive os relacionados às privatizações que beneficiaram de forma fraudulenta os grandes bancos estrangeiros.

construir um Estado mais autônomo e forte frente a tais grupos[87], mas isso, de forma alguma significou que o Estado fortalecido deixou de ser burguês, pois estava comprometido com a manutenção da apropriação privada dos meios de produção e com as reformas de mercado.

Dessa forma, os "antigos comunistas" não fingiram que estavam destruindo o socialismo para enganar os ocidentais; eles, de fato, destruíram o antigo sistema lá existente, mas os conspiracionistas dessubstancializam totalmente a natureza do comunismo, permitindo que qualquer ação ou indivíduo possa ser taxado de comunista, ainda que suas práticas e ideias estejam bem distantes do conceito de comunismo.

Considerações Finais

A obra do psicanalista Heitor de Paola, intitulada "O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial", é um dos produtos do movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, que, segundo Lucas Patschiki, possui caráter neofascista. Faz parte do conspiracionismo de inspiração norte-americana, defendendo como tese central que a chamada "nova ordem mundial" estaria sendo dominada pelos comunistas, construindo uma narrativa que visa anatemizar a ideia de revolução e desqualificar os defensores de uma nova sociedade produzida a partir da ruptura com o capitalismo.

A apologia da democracia liberal capitalista é o móvel ideológico do trabalho do autor, que é um dos principais articulistas do movimento, utilizando algumas estratégias narrativas para construir uma concepção de mundo binária, na qual o "mal" é sempre associado à ideia de revolução e aos defensores de tal proposta, demonizando o comunismo e elaborando uma ideia de "inimigo" a ser combatido. A máscara de liberal democrático permite ao Mídia Sem Máscara encobrir seu caráter neofascista, embora a substância do fascismo esteja presente em seu discurso. Uma de suas estratégias narrativas é a descontextualização da história soviética, para fortalecer os estereótipos construídos acerca do comunismo e dos comunistas em geral, desenvolvendo para isso uma concepção teleológica da

[87] Idem, p. 200.

história da URSS. O autor omite aspectos ligados ao processo histórico soviético a fim de fortalecer a sua ideia central de que o comunismo domina o mundo atual, a despeito da hegemonia do capitalismo a nível mundial.

Referências Bibliográficas

ABALKIN, Leonid. Problemas e Contradições da Economia Soviética no Período de Transição. In POMERANZ, Lenina (org.) **Perestroika: desafios da transformação social na URSS.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1990.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARKUN, Michael. **The culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America.** Berkeley: University of California Press, 2003.

CARVALHO, Olavo de. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. **Verbum**, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/>. Acesso em 03 ago. 2018.

___. **O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oODfzPLE_m4>. Acesso em 27 dez. 2019.

CASTELO, Rodrigo. **O Social-Liberalismo. Auge e Crise da Supremacia Burguesa na Era Neoliberal.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CASTRO, Ricardo F. Veneno Antidemocracia: conspiracionismo, ideologia e política. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh**. Rio de Janeiro, 2016.

COHEN, Stephen. **Rethinking the Soviete Experience. Politics and History since 1917.** Oxford: Oxford University Press, 1985.

COURTOIS ,Stephane ; WERTH, Nicola; PANNE, Jean-Louis; PACZKOWSKI,Andrzej; BARTOSEK,Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. **O Livro negro do comunismo(Crimes terror e repressão).**1 edição. São Paulo: Ed Bertrand, 1990.

FERNANDES, Luis. A teia de Tânato: da industrialização acelerada à encruzilhada dabinovação no socialismo soviético. *In:* BERTOLINO, O & MONTEIRO, A. (ORGS). **100 Anos da Revolução Russa. Legados e Lições.** São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2017.

___. Leituras do Leste II: O Debate sobre a Natureza das Sociedades e Estados de Tipo Soviético (Segunda Parte — As Principais Interpretações Marxistas). **BIB**, Rio de Janeiro, n. 39 ,1 ,° semestre, p. 41-83, 1995.

FURET, François. **O Passado de uma Ilusão: Ensaios sobre a ideia comunista no século XX**. São Paulo: Siciliano, 1995.

GETZLER, Israel. Outubro de 1917: o debate marxista sobre a revolução na Rússia. In GELLATELY, Robert. **A Maldição de Stalin.** São Paulo: Record, 2017.

GROPPO, B. O Comunismo na História do Século XX. **Lua Nova**, São Paulo, n. 75, p. 115-141, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **História do Marxismo.** v 5, São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HOCKENOS, Paul. **Livres Para Odiar. Neonazistas: ameaça e poder.** São Paulo: Scritta, 1995.

KERSHAW, Yan. **Hitler, um perfil do poder.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago, 2014.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LENIN, V. I. **Obras Escolhidas.** Lisboa – Moscovo: Edições Progresso, Tomo 2, 1977.

LOFF, Manuel. Dictatorship and revolution: Socio-political reconstructions of collective memory in post-authoritarian Portugal. *In*: **Culture & History Digital Journal**, 3, 2014.

MAROT, John E. **The October Revolution in prospect and retrospect: interventions in Russian and Soviet History.** Leiden: Brill, 2012.

MELO, Demian B. & MONTEIRO, Marcio L. Os ciclos de revisionismo histórico nos estudos sobre a Revolução Russa. **Rev. Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 08, N.3, p. 2256-2294, 2017.

_____. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e o Marxismo**, vol. 1, n. 1, julho/dez., p. 50-74, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MONDAINI, Marco. **Togliatti, Gramsci e o Fascismo.** 2003. Disponível em: <https://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=170>. Acesso em 08 de abril de 2019.

NETO, Artur Bispo S. Teleologia e História. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 115-127, 2011.

PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial.** São Paulo: Editora É Realizações, 2008.

PATSCHIKI, L. **Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011).** Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

PAXTON, Robert. **Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

POMERANZ, Lenina. **Do Socialismo Soviético ao Capitalismo Russo. A Transformação Sistêmica da Rússia.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SARAIVA, José F. Sombra. A Agonia Européia e a gestação da nova ordem internacional (1939-1947). *In*: SARAIVA, José F. Sombra. (Org.) **Relações Internacionais. Dois Séculos de História. Entre a Preponderância Européia e a emergência americano-soviética (1815-1947).** Brasília: IBRI, 2001, p. 221-256.

SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: Antigas e Novas Abordagens. In **Projeto História**, no 41, Dezembro, 2010, p. 63-92.

___. **Reconstruindo a "reconstrução": uma análise das principais causas da Perestroika soviética.** Tese de doutorado, Niterói: universidade federal fluminense, 1999.

TAGUIEFF, Pierre-André. **L´imaginaire du complot mondial: aspects d´un mythe moderne.** Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 2006.

TOGLIATTI, Palmiro. Lezioni Sul Fascismo. **Opere Scelte. (a cura di Gianpasquale Santomassimo)**. Roma: Riuniti, 1974.

TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
Rua Presidente Pedreira, 38/503, bloco 1, Ingá, Niterói – RJ
CEP 24210-470

Recebido: 16/10/2019
Aprovado: 20/12/2019

A face obscura da política: governo e eleições no Mídia Sem Máscara

Luísa Roxo Barja[1]

Resumo:

O artigo é resultado do acompanhamento do *site* Mídia Sem Máscara durante as eleições presidenciais de 2006, tendo integrado a pesquisa "O uso das novas tecnologias na ação política no Brasil e na Espanha". Tendo como foco principal o conteúdo relativo às eleições e ao governo de Lula presente no referido *site*, o artigo busca apreender a concepção de política nele manifesta e problematizar o discurso ali difundido, que pode ser tomado como exemplar de uma mídia alternativa conservadora e dissonante.

Abstract:

The article is the result of monitoring the website "Mídia sem Máscara" during presidential elections of 2006, as part of the research "O uso das novas tecnologias na ação política no Brasil e na Espanha". With the focus on the content related to Lula's government in the referenced website, the article seeks to seize the politics concept manifested in the site and problematise the speech disseminated in it, which can be taken as an example of a conservative and dissonant alternative media.

O Mídia Sem Máscara[2] é um *site* que vem desde 2002 dedicando-se à veiculação de artigos de forte cunho político sobre temas relevantes dentro da conjuntura nacional e internacional. O fato de assumir uma postura declaradamente direitista fez com que seu acompanhamento fosse especialmente interessante frente o cenário político da disputa presidencial de 2006, que culminou na reeleição de Lula. O presente artigo faz um registro do *site* neste período estabelecendo, assim, contraponto ao discurso vitorioso, e investiga a maneira bastante particular pela qual é configurado esse antagonismo em sua produção.

Partindo da premissa de que a cobertura da mídia é tendenciosa e fundamentalmente esquerdista, o Mídia Sem Máscara toma para si a missão de, como seu próprio nome indica, "desmascará-la". De acordo com sua editoria (atribuída ao escritor Olavo de Carvalho, importante referência para os ideólogos de direita do país), "MÍDIA SEM MÁSCARA é um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da

---

[1] Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) com dissertação versando sobre a política na obra do poeta *beat* Allen Ginsberg. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política. E-mail para contato: luroxo@bol.com.br.
[2] www.midiasemmascara.com.br

grande mídia brasileira. Embora sem recursos para promover uma fiscalização ampla, MÍDIA SEM MÁSCARA colhe amostras, que por si só, bastam para dar uma idéia da magnitude e gravidade da manipulação esquerdista do noticiário na mídia nacional"[3].

Além de comentar fatos da atualidade, o *site* traz artigos de caráter revisionista, que se debruçam sobre a recente história brasileira e sobre regimes comunistas, especialmente. Seus articulistas estão "tão preocupados com os jornais velhos quanto com os jornais do dia" porque acreditam que essa mídia comprometida repercutiria sobre a cultura do país, que também seria dominada por uma perspectiva de esquerda. Invés de educação e informação, os brasileiros estão, para eles, recebendo propaganda política, e por conseqüência, "emburrecendo", ainda de acordo com texto de apresentação supracitado.

É interessante notar que da crítica a uma mídia supostamente tendenciosa surja um *site* tão explicitamente parcial em suas considerações. Mídia Sem Máscara é, de fato, repleto de contradições, que serão abordadas mais adiante, por ocasião da análise de seu conteúdo. Para traçar seu perfil, contudo, talvez seja pertinente começar descrevendo a forma como é estruturado.

Estrutura

Na ocasião da pesquisa[4], a primeira página do *site* apresentava *links* para seus artigos mais recentes, havendo sempre um em destaque, que costumava ser acompanhado por uma imagem; abaixo dele se viam outros 8, organizados do mais recente ao menos recente, e abaixo destes havia o espaço "Artigos Anteriores", com as chamadas para mais 10 artigos e para o arquivo do *site*. Todos os artigos publicados são datados, possuem *link* para uma breve apresentação do autor e são introduzidos por uma frase ou parágrafo que sintetize sua idéia principal.

A página tem o mérito de uma produção contumaz que se reflete numa atualização possivelmente diária (que resulta numa média alta de artigos publicados por semana, como será ilustrado adiante). Uma característica de seus articulistas é, assim, a rapidez com que respondem à conjuntura, o que faz com que o *site* repercuta e amplifique temas em pauta, estabelecendo ao mesmo tempo uma agenda paralela que foca mais determinados assuntos.

---

[3] *Link* "Quem somos", de redação de Paulo Diniz Zamboni e Gerson Faria.

[4] O artigo tomará como referência o *layout* da página durante o período observado, que evidentemente desde 2006 sofreu uma série de alterações.

A barra superior do *site* era composta pelas seções "Home" (que retorna à página inicial), "Quem Somos", "Articulistas", "Arquivo", "Mapas Visuais", "Cartas", "Contato" e "Links". "Quem Somos" remete ao texto comentado no início do artigo, que explicita a proposta do *site* bem como sua linha editorial. Em "Articulistas" encontra-se uma listagem dos colaboradores fixos (que somavam 44, à época) com *links* para a apresentação de cada um também já citada, que inclui fotografia e os últimos artigos publicados pelo autor. O "Arquivo" possibilita a busca de material por data, mês, autor e palavra-chave. "Mapas Visuais" tem artigos que são acompanhados pelos referidos mapas, que funcionam como esquemas que apontam as conexões de um determinado tema; só havia então 2 arquivos nesta seção: um sobre desarmamento e outro sobre aborto e feminismo.

Assim como os artigos, as "Cartas" também estão dispostas em ordem cronológica. O número de cartas disponíveis para leitura variava de semana para semana, girando em torno de 20. A grande maioria delas elogiava os artigos publicados ou fazia comentários acerca dos temas presentes neles; algumas cartas traziam ainda *links* para *blogs* ou matérias de outros veículos de mesma postura política que o Mídia Sem Máscara, a título de colaboração. As vezes em que uma carta de tom pejorativo ao *site* era publicada, era quase sempre acompanhada de resposta fosse da própria editoria, fosse do articulista em particular a que se referisse. É assim que invés de figurar como espaço democrático para o debate, a interação com os leitores aqui assume um caráter de corroborar com as idéias defendidas pelo *site* – seja devido a uma aparente seleção de cartas favoráveis ou pela forma incisiva, muitas vezes rude de fato, com que as cartas contrárias eram recebidas.

Em "Contato" há o espaço para comunicação com o *site* e seus articulistas, sendo através daí enviadas as mensagens que poderão ou não, a critério da editoria, ser publicadas na seção de cartas. Os "Links" estão divididos em *sites* nacionais e internacionais, cada qual com subdivisões para Mídia, ONGs, *Blogs*, *Think Tanks* e *Sites* Pessoais. Há um destaque de "MSM indica" para o *site* De Olho na Mídia (de perfil semelhante ao Mídia Sem Máscara, mas mais focado no noticiário internacional) e o *blog* Nota Latina.

Do lado esquerdo da página inicial há um artigo destacado como editorial, um espaço de cadastro para recebimento de boletim do *site*, um ícone de busca por palavra-chave e um menu com as 24 editorias do Mídia Sem Máscara[5]. O editorial não é

[5] Eis a listagem delas, à época da análise: China, Cultura, Desarmamento, Desinformação, Entrevistas MSM, Estados Unidos, Europa, Foro de São Paulo, Governo PT, Gramscianismo (ataque à esquerda de forma geral, ou a características que os articulistas associam à esquerda), Israel, Jornal Velho (espaço privilegiado para artigos de cunho revisionista), Liberalismo e Livre iniciativa, Media Watch, ONU,

atualizado com muita freqüência, ficando por vezes mais de um mês no ar, e não traz artigos particularmente representativos das idéias do *site*; o que os diferencia dos demais é, na verdade, o fato de ser assinado por um coletivo (a Redação ou Editoria MSM). As editorias, por sua vez, são classificações temáticas dos artigos; é importante observar, contudo, que as classificações se interpenetram, gerando duplicidade de um mesmo artigo, que pode se localizar em mais de uma editoria.

Feita a descrição de sua estrutura, cabe afirmar que do ponto de vista da usabilidade pode-se considerar o Mídia Sem Máscara como um *site* de fácil navegação, que se baseia numa diagramação clara e simples e mantém o foco nos seus artigos. Não há excesso de informação e todo seu conteúdo pode ser facilmente acessado pelos menus disponíveis na página inicial. Não há ainda *links* em excesso ou cores e imagens que se destaquem: sua apresentação é praticamente toda branca, com detalhes em vermelho. Não há nada, enfim, que chame muito a atenção ou vá ocasionar uma demora no carregamento da página, sendo tudo pensado em função da leitura e menos do apelo estético. O apelo do *site* se traduz mais no formato sólido, no equilíbrio de assuntos que aborda, na agilidade e na forma com que o faz, com um acentuado uso de ironias, principalmente; é um apelo também localizado na escrita, em suma. A atualização freqüente e o resumo inicial dos artigos, bem como a tradução de todos eles para o inglês que é disponibilizada na página, também são diferenciais nesse sentido.

Conteúdo

A quantidade de editorias no Mídia Sem Máscara, nas quais é perceptível a preocupação com a política externa que é bastante presente em seu conteúdo, é expressão do amplo espectro de assuntos abordados por seus colunistas. A diversidade não somente de temas, mas de tipos de artigos (alguns com tom mais pessoal, outros mais anedóticos, além da publicação de resenhas e entrevistas) não se traduz, vale ressaltar, em dispersão ideológica; ao contrário disso, é notável a coesão existente no *site*. Se pode haver contradições dentro do que sua postura representa, que de fato pode ser questionável em muitos aspectos, não dá para dizer que o *site* é inconsistente. Mídia Sem Máscara tem

---

Opinião MSM (arquivo dos textos da Editoria e Redação MSM, principalmente, sobre assuntos diversos), Oriente Médio, Painel MSM (coluna de autoria de Caio Rossi que consiste em comentários breves sobre assuntos variados da agenda midiática), Propriedade Privada, Saúde (que trata especialmente de temas polêmicos como aborto, drogas e homossexualismo) e Venezuela.

mesmo uma personalidade muito bem definida: é conservador, de direita (apesar de apartidário) e com uma inegável verve de denúncia a tudo que considera politicamente ou moralmente danoso à sociedade – ou em uma palavra, à esquerda. E é devido a esse teor da sua produção (de modo geral, já que há alguma variedade interna, de acordo com as tendências particulares dos articulistas) que se pode identificá-lo dentro de uma perspectiva "avaliativa moral", como se procurará demonstrar na análise de seu conteúdo.

A uniformidade ideológica dá força ao *site* e reitera um posicionamento político inclusive, é claro, no que concerne às eleições. É importante colocar, contudo, que não obstante a densidade política do Mídia Sem Máscara, os artigos que tratam da disputa eleitoral representam apenas uma fração de sua produção, como se poderá perceber na tabela em anexo. A política presente no *site* não se limita, portanto, aos artigos que tratam explicitamente de governo, que constituem apenas um dentre os possíveis recortes políticos de análise; a verdade é que a grandeza de sua dimensão política reside numa interpretação homogênea de mundo que permeia todos os temas de que tratam, que corroboram em conjunto para a solidez da ideologia sustentada. E é considerando isso, bem como a pertinência para uma caracterização mais fundamentada da página, que este artigo busca um olhar mais amplo sobre seu conteúdo. Somente despendendo atenção sobre como se configura como um todo que é possível se aproximar da concepção de mundo ali contida, permitindo sua compreensão e problematização.

Nesse ponto, é pertinente introduzir a tabela da freqüência de temas observados na análise do Mídia Sem Máscara, a partir da qual serão explorados textos que possam ilustrar o posicionamento ideológico de seus articulistas. Essa planilha é decorrente de uma necessidade de classificação dos artigos de acordo com seu tema principal, dado o grande número publicado durante o período eleitoral, a fim de facilitar posteriormente a seleção dos mais diretamente relativos ao contexto eleitoral para uma análise aprofundada. Como conseqüência, ela contribui com a intenção expressa acima de proporcionar uma visão geral do discurso do Mídia Sem Máscara. Através dela é também possível perceber não somente a relevância da produção diretamente relacionada às eleições, mas a evolução da mesma ao longo do período, uma vez que os dados estão dispostos de forma temporal.

Para construção da referida planilha, foram elaboradas 15 categorias: Governo, Eleições, América Latina e Foro de São Paulo, Israel, Política Externa, Discussões Ideológicas, Regimes Comunistas, Movimentos Sociais, Economia, Meio Ambiente, Segurança Pública, Educação e Cultura, Ética e Valores Morais, Igreja, Mídia e Outros. As 2 primeiras são as que interessam especialmente a esta pesquisa. Em Governo

encontram-se os artigos não só sobre a gestão de Lula, mas também sobre o próprio presidente e seu partido, e até por isso seu total é bastante expressivo[6]. Como será pormenorizado adiante, a ênfase destes artigos são os escândalos que pontuaram o primeiro mandato de Lula e uma crítica personalista a ele. A categoria Eleições engloba, por sua vez, os artigos que tratam mais propriamente da disputa eleitoral, incluindo comentários a respeito de outros candidatos (no caso, em particular de Alckmin, que se apresenta como a alternativa possível dentro da perspectiva ideológica de parte dos articulistas), a polêmica sobre o voto nulo (a alternativa para o restante dos articulistas), comentários sobre o eleitorado como um todo, sobre pesquisas de opinião, debates televisivos, propagandas eleitorais, a cobertura midiática e as expectativas quanto ao resultado das eleições.

Como já foi ressaltado como característico do *site*, o interesse também pela política externa é manifesto em 3 categorias: América Latina e Foro de São Paulo, temas que se complementam no Mídia Sem Máscara; Israel, que reúne basicamente os textos sobre os conflitos da região; e outros artigos sobre Política Externa, entre os quais se destacam os de crítica à ONU e sobre terrorismo. Sob o ponto de vista da proposta aqui apresentada, os artigos sobre América Latina são relevantes tanto por terem um peso considerável na produção do *site*, quanto pela relação que sublinham do Brasil com a conspiração comunista que pra eles constitui o Foro de São Paulo, preocupação bastante presente nos artigos do editor, em particular – Janer Cristaldo, ex-colunista do Mídia Sem Máscara, chega mesmo a classificar como obsessivo o interesse de Olavo de Carvalho sobre o assunto[7].

A ascensão de governos de esquerda na América Latina e a disputa eleitoral em alguns países da região, incluindo o Brasil, contribuíram para intensificar essa preocupação. Para Carvalho, as conquistas eleitorais de partidos que considera de fato revolucionários, como o PT, constituem a primeira etapa de um iminente golpe conjunto que ameaça a democracia no continente, e é nesse sentido que essa categoria possui relação com o contexto eleitoral daqui – a possível vitória de Lula (definido por Carlos Reis como o gerente desse projeto comunista latino-americano) é um perigo a ser

[6] Originalmente havia intenção de fragmentar essa categoria, mas à medida que a análise era realizada essa idéia mostrou-se inviável – normalmente esses assuntos estão mesmo relacionados, e na crítica generalizada do Mídia Sem Máscara é ainda mais difícil separá-los, eles se confundem completamente.

[7] Em artigo para a revista virtual Baguete, onde explicita também a diferença que vai culminar no seu desligamento do Mídia Sem Máscara, Cristaldo coloca que "a influência decisiva do Foro de São Paulo – bem como a de Gramsci – na luta pela comunização do continente se tornaram dogmas para Olavo de Carvalho e seus discípulos. Ora, eu não acredito nem em Deus, nem no Espírito Santo, nem na Santíssima Trindade, nem na importância conferida a Gramsci ou ao Foro de São Paulo. Pelo jeito, sou cinco vezes ateu." http://www.baguete.com.br/colunasDetalhes.php?id=2316

combatido, sendo a democracia o preço a ser pago caso ela venha a ser confirmada nas urnas[8].

O temor excessivo dos articulistas diante da ameaça comunista, que beira o terrorismo e soa algo anacrônico nos dias de hoje, justifica ainda a categoria Regimes Comunistas, outro exemplo da ênfase dada à questão. Aqui também a tônica de denúncia permeia artigos que tratam em especial de Cuba e Fidel Castro, mas também dissertam sobre URSS, num esforço revisionista. Podem ser encontrados textos sobre comunismo também em Discussões Ideológicas, mas a forma como o assunto é tratado é neste caso distinta, daí a necessidade de uma categoria à parte: são artigos que se pretendem mais teóricos, e fazem considerações sobre a esquerda de uma forma geral, sobre liberalismo e conservadorismo, alguns deles trazendo inclusive princípios que norteiam essas posturas.

Seguem as explicações sobre as demais classificações que integram a planilha: a categoria Movimentos Sociais é mais ampla do que seu nome pode sugerir, englobando desde artigos que tratam de movimentos de fato, como o MST, até os cuja temática são políticas sociais, como cotas para negros, passando pelos que polemizam questões sociais como o aborto; em todos os casos, os textos são bastante depreciativos, como se poderia esperar do perfil ideológico dos autores. Em Economia, destacam-se os artigos sobre política fiscal, que defendem a redução de impostos, e sobre a lógica de mercado e suas implicações, além de comentários pontuais nessa área. A categoria Meio Ambiente é caracterizada por textos que buscam relativizar a preocupação ecológica em voga atualmente, como os que rechaçam o impacto do aquecimento global tão alarmado na mídia e por pesquisadores.

Em Segurança Pública estão os artigos que tratam de criminalidade e violência. A discussão aqui é focada basicamente nas penas e movida por um sentimento de indignação que permeia também a crítica aos direitos humanos e a uma perspectiva distorcida da criminalidade atribuída à esquerda – que, segundo eles, protege os infratores ao justificar seus atos pelo contexto social. A categoria Educação e Cultura mantém a tônica negativa da crítica do *site* em textos que se dispõem a analisar a

[8] Dois artigos são dedicados especialmente a sublinhar a ligação de Lula ao Foro de São Paulo, dentro do enfoque eleitoral privilegiado pela pesquisa. São eles: "Quem é 'MAG', novo coordenador da campanha de Lula?" (27/09) e "Lula no segundo turno: 'Mensagem a Garcia'" (05/10). Segundo o último, "Marco Aurélio Garcia, ou MAG – o novo coordenador - , era até a pouco tempo o responsável pelo lado obscuro da política exterior do governo Lula. Enquanto o chanceler Celso Amorim representa o lado oficial, MAG era o homem que fazia o trabalho sujo – aquele trabalho que nenhum diplomata de carreira poderia fazer – de ser o responsável pela efetiva política exterior de Lula: A definida no Foro de São Paulo". "Quem é 'MAG'", como o próprio título revela, também trata do coordenador da campanha da situação, indo ainda mais longe na caracterização do Foro de São Paulo, que de acordo com o autor apoiaria o terrorismo, o desenvolvimento de armas nucleares e teria ligações até com Saddam Russein.

qualidade dos referidos aspectos na sociedade brasileira, muitos buscando evidenciar o viés esquerdista que os perpassa. Ética e Valores Morais também compreende artigos que debruçam sobre a sociedade, mas aqui o destaque são os que se dedicam em particular à corrupção. Na verdade, essa categoria é centrada nos valores morais que o Mídia Sem Máscara julga louváveis ou reprováveis, e a inclusão da ética neste contexto é dirigida mais a uma crítica generalizada à classe política que é costumeiramente identificada como desprovida de ética enquanto ideal *moral*. Essa confusão de conceitos é inclusive tema de um artigo, sendo determinante na diferença que vai marcar, e posteriormente culminar no rompimento, de Janer Cristaldo dos outros articulistas do *site*.

Dado o número de artigos que envolviam temas relativos à fé e religião, particularmente à Igreja Católica, há uma categoria que os contempla, e que no período tem como maior destaque a repercussão a uma polêmica declaração que o Papa fez sobre os mulçumanos. Encerram a planilha os artigos relativos à Mídia, que de forma geral dão vazão à missão do *site* de denunciar a falta de neutralidade dos meios de comunicação, mas que também incluem casos de apoio a veículos com os quais se solidarizam, como o Primeira Leitura, que logo no início do período de acompanhamento encerrou suas atividades. Aqui encontram-se ainda os artigos em que Olavo de Carvalho expressa sua revolta frente ao que identifica como censura à sua produção por parte de jornais que negam publicá-la.

O conteúdo do Mídia Sem Máscara foi assim classificado tendo como base o tema principal de cada artigo, mas evidentemente muitos desses temas poderiam ser combinados e o são, só não foram dispostos aqui desta forma para evitar que um mesmo artigo fosse considerado mais de uma vez. A proposta revisionista do *site* é um exemplo extremo disso; ela atravessa mesmo todas as categorias, de forma que não seria possível analisá-la em separado.

A tabela construída evidencia que o amplo espectro de assuntos contemplado pelo Mídia Sem Máscara é explorado de forma equilibrada. De forma geral, as categorias mantém uma média na participação do *site*; se em alguns momentos esse número tem uma variação maior é não só devido a um acontecimento pontual que interfira na agenda midiática, como foi o caso das declarações do Papa já comentadas, mas também porque muitas vezes há um debate interno entre articulistas que acaba "prolongando" a incidência de determinado assunto em pauta, como ocorreu por ocasião da publicação de um artigo sobre vacinas – foi inaugurada uma polêmica sobre a necessidade/pertinência ou não da vacinação de crianças que acabou por envolver diversos articulistas e render vários artigos.

Dentro desse espectro de temas é inegável a forma como governo e eleições se sobressaem, contudo. A incidência desses artigos, como demonstrado na tabela, chega a 30% do total de artigos publicados no período de análise. Essas duas categorias são as que têm maior participação no conteúdo do *site*, tendo peso muito maior que as outras, mas vale ressaltar que as outras duas categorias que se destacam a seguir, América Latina e Foro de São Paulo e Discussões Ideológicas, somam 15% do conteúdo analisado, sendo bastante relevantes também para o contexto eleitoral que orientou a pesquisa. De fato, a incidência dos principais assuntos abordados pelo Mídia Sem Máscara manifesta a definição de sua agenda e do caráter profundamente político que possui. O esforço por discutir determinados tópicos e impor sua perspectiva sobre eles é inclusive reiterado na missão do *site*[9], que explicita a intenção de interferir na agenda midiática dominante a partir das problematizações que realiza, ao mesmo tempo que inevitavelmente elas também ressoem essa agenda.

É interessante notar que a freqüência dos textos sobre Governo e Eleições não apresenta grandes variações, mas é naturalmente mais acirrada à medida que as eleições se aproximam. Em julho e agosto, as semanas que tiveram menos artigos com essa temática tinham 1 ou 2 artigos (lembrando que a média de artigos por semana no período de observação foi 18); em setembro esse número sobe pra 3 e 4; e em outubro, às vésperas da eleição, chega a 5. No outro extremo, destaca-se a primeira semana de novembro, que justamente repercute a eleição, com 10 artigos sobre essa temática de um total de 17 publicados – e através da planilha pode-se perceber que esta semana não é a única dentro do período com número de tamanha expressão. Mais adiante esse material será analisado em seus desdobramentos; por ora, vale ressaltar alguns pontos observados sobre o conteúdo de forma geral durante o período acompanhado, visando seguir no objetivo de apreender o sentido e a postura política do *site*.

Já foi dito que uma característica marcante do discurso do Mídia Sem Máscara é o uso de ironias. Involuntariamente, esse recurso acaba se fazendo presente também num retrospecto da posição de seus articulistas quanto aos princípios políticos que expressam em sua produção. É corriqueira, nos artigos em que se dedicam a diminuir a esquerda, a acusação de que Marx e seus discípulos incorrem antes de mais nada numa "profissão de fé" – acusação essa que se estende também à militância petista, que tem assim origem no mesmo tipo de paixão que acomete o torcedor de futebol, sendo alheia a qualquer princípio de razoabilidade. O *site*, entretanto, é ele mesmo a maior

[9] No *link* "Quem somos": "A simples enumeração desses temas ausentes na nossa imprensa já basta para provar: na grande mídia brasileira não existe jornalismo nenhum. Existe apenas manipulação a serviço da esquerda".

manifestação de profissão de fé – inclusive no sentido literal do termo, já que não é desprezível a quantidade de artigos publicados que se atêm sobre religião, esse avatar do irracional, da paixão que criticam no comunista cego e cheio de moralismo bem-intencionado.

Isso porque da mesma forma que a esquerda que criticam, os articulistas do Mídia Sem Máscara proclamam suas certezas como verdades absolutas e dedicam-se tão somente à fundamentação dessas verdades e à defesa de seus valores; cabe lembrar que a motivação do *site* tem esse sentido, de descortinar a realidade tal como é difundida nos grandes meios e apresentar uma outra interpretação, a "verdadeira", no caso. Assumindo o discurso liberal que privilegia o indivíduo, os autores demonstram ainda um preconceito contra o ativismo, bastante evidente na categoria Movimentos Sociais, apesar de eles mesmos se constituírem como ativistas; a existêcia do *site* já é uma forma de ativismo, inclusive.

Ao perceber a ironia das similitudes entre eles e os militantes da esquerda serem maiores do que os autores talvez gostassem, a conclusão a que o observador chega é de que tudo se resume a opinião, apesar dos esforços para legitimar a validade dos escritos. Mas não haveria mesmo espaço para o julgamento objetivo em uma proposta ideológica por definição, que sequer se pretende neutra. Efeito disso é que apesar de basearem-se sempre em argumentos racionais e se orgulharem disso, os articulistas do Mídia Sem Máscara não abrem mão da defesa de sua moral, que claro, é sempre melhor do que a do outro. Daí nasce o grande conflito interno do *site*: ao mesmo tempo que reforça a liberdade de opinião, tem uma postura moralista diante da homossexualidade, por exemplo. Eis o contra-senso de defender por um lado o individualismo, e por outro querer impor sua moral – imposição essa que é, aliás, dos maiores motivos da crítica à esquerda que fazem, que inúmeras vezes acusam de arrogante.

A contradição maior do *site*, que se torna também seu ponto vulnerável, é, dessa forma, a oscilação entre liberalismo e conservadorismo – que é o que detona a saída de Janer Cristaldo. Cristaldo é um articulista que desde o início do acompanhamento do *site* se destacou por ter opiniões bastante divergentes dos demais não do ponto de vista da gestão estatal e das inclinações políticas, mas da liberdade individual que preza acima de tudo e vai justamente fundamentar sua opção política. Há uma coerência no seu liberalismo, que não se limita à idéia do Estado menor: passa pelo direito ao aborto, por uma não-ingerência religiosa, pela defesa do voto não-obrigatório. Essas questões de ordem moral, em especial a menção corriqueira a seu ateísmo[10], geram controvérsia

[10] É interessante observar que o rompimento do autor com o *site* se concretiza em meio a uma série de artigos nos quais se propõe a analisar, a partir da resenha de um livro, a Opus Dei, poderosa facção da

junto aos leitores do Mídia Sem Máscara e passam cada vez mais a incomodar os outros articulistas do *site*, num desconforto explícito nos diversos momentos em que de fato estabelece-se um debate interno. A tensão finalmente ocasiona o desligamento do autor do *site*, denotando uma postura no mínimo paradoxal por parte da sua editoria, já que outra grande crítica que é feita à esquerda (e é inclusive apontada por Cristaldo posteriormente) é no sentido de ser anti-democrática ou pouco plural, reprimindo as vozes dissonantes de seus quadros.

Essa lacuna no pluralismo do *site*, no que concerne às tendências de seus articulistas, não chega a surpreender; condiz com o discurso maniqueísta que teu seu ponto mais perceptível nos artigos sobre o Foro de São Paulo. A clareza ideológica observada no início desse texto tem, afinal, também seu efeito negativo: os dois lados da moeda são aqui tão definidos, tão nítidos, que o Mídia Sem Máscara acaba por ironicamente tornar-se vítima de seu próprio discurso, quando a teoria da conspiração passa de recurso apelativo a ideologia do medo. A dicotomia reforça então o moralismo que enfraquece o *site*, contribuindo para que se tenha uma percepção mais superficial do que se poderia ter dele.

Análise dos artigos sobre o governo Lula

Como visto anteriormente, grande parte dos artigos publicados no Mídia sem Máscara no período observado refere-se ao governo Lula ou à disputa eleitoral propriamente dita. Dada a impossibilidade de analisar artigo por artigo, tendo em vista o número expressivo dedicado ao assunto, neste momento do texto serão recuperados alguns pontos relevantes e recorrentes deste material, de forma a caracterizar, em linhas gerais, a postura do *site* diante do tema.

Os primeiros artigos lidos traçavam um paralelo entre a derrota do Brasil na Copa do Mundo, que acabara de acontecer, e o governo Lula, bem de acordo com o estilo irônico dos articulistas, que comparam o que chamam de "inconsistência moral" da política brasileira à postura mercenária dos jogadores de futebol, aproveitando para criticar ambos.

Já aqui se esboça o tom fortemente pejorativo com que o *site* se refere ao PT, que marca todo o período observado: na primeira semana de acompanhamento são publicados dois artigos contundentes a respeito do partido da situação, um apontando os perigos de um

---

Igreja Católica, fazendo duras críticas às suas práticas conservadoras. Segundo Cristaldo em artigo já mencionado da Baguete, ele teria sido censurado (um artigo seu foi vetado) pela editoria do *site* sem maiores esclarecimentos e por isso optou por se desligar dele.

governo pautado pela “cartilha moral” do PT, que pretende a criminalização de condutas homofóbicas e a descriminalização do aborto, e outro atribuindo ao partido a série de escândalos que atingiram o governo e são costumeiramente explorados no Mídia Sem Máscara. O PT é sistematicamente associado pelos articulistas à falta de ética que criticam na política brasileira, e ainda à hipocrisia dos que por tanto tempo se apresentaram como “polícia moral” da política e agora são expostos em casos de corrupção. Mais do que o que identificam como “desgoverno”, o foco dos artigos sobre o PT é portanto um constrangimento de ordem moral, seja do ponto de vista da ética na política, seja das disparidades dos valores defendidos por ambos os lados.

A imagem mais forte nesse sentido é a do partido como quadrilha, que aparece em artigos como “Ou o Geraldo e o Serra dão um soco na mesa ou eu vou votar no Zidane” (25/09), “Todos os homens do Presidente” (29/09) e “A arte da acusação invertida” (03/10). O último, de autoria de Olavo de Carvalho, é o mais explícito na defesa do suposto envolvimento do PT com a criminalidade: “O PT está, sim, envolvido com narcotráfico e seqüestros, está envolvido com as Farc, com o MIR, com tudo quanto é bandido esquerdista no continente. Se ganha ou não dinheiro com isso, é indiferente. Ganha politicamente, e sabe que ganha. Isto já basta para qualificá-lo, acima de qualquer possibilidade de dúvida, como beneficiário de uma série interminável de crimes hediondos, como o partido mais criminoso que já existiu neste país”.

Aqui é importante abrir um parênteses para expor uma suspeita bastante ofensiva e séria levantada no Mídia Sem Máscara: a de que os ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital, organização ligada ao narcotráfico) que afligiram São Paulo em meados de 2006 constituiriam uma manobra política do PT, visando atingir a administração do estado governado que fora governado por Alckmin, candidato da oposição à presidência. Isto é claro em “Eu sou zelite” (17/09): “três vezes o Geraldo subiu nas pesquisas, três vezes, por coincidência, o PCC atacou. Três vezes depois dos ataques, por outra coincidência, o Geraldo caiu nas pesquisas. Ter memória e saber somar dois mais dois, PT mais PCC noves fora PTCC, coloca você na zelite, candidatíssimo ao paredón”. “O que eles querem?” (14/07) contextualiza o episódio no pleito paulista, defendendo que o alvo dos ataques era a candidatura de José Serra, que estava então com a vitória já assegurada pelas pesquisas eleitorais. “PCC e PT, mesmo combate” (15/08), por outro lado, busca aproximar o estilo de ação, por assim dizer, do PCC e da “escola das esquerdas”, inclusive no aspecto da linguagem empregada por ambos.

Seguindo a analogia que liga o PT à criminalidade, nada mais lógico que Lula ser apresentado como chefe da quadrilha. No resumo de "Ou o Geraldo e o Serra dão um soco na mesa ou eu vou votar no Zidane", de Neil Ferreira: "Bandidos não merecem tratamento elevado. Muito menas o maioral do bando, que põe as mãos nos bolsos (os nossos), olha para o lado, assobia distraído, declara que num viu nada nem çabe di nada, pega o avião e some". Aqui vale ressaltar o tratamento chulo concedido a Lula que é bastante corriqueiro no *site* – há inclusive vários artigos que empregam essa linguagem propositalmente errada como forma de fazer referência à acusação de ignorância feita a Lula, sempre tão explorada por segmentos da direita. O tratamento grosseiro dispensado à oposição é flagrante ainda no artigo intitulado "Inocente Inútil. E ridículo", sobre o senador também reeleito Eduardo Suplicy. Mais adiante essa característica do *site* será vista em detalhes.

Uma ameaça maior representada pelo partido reside no seu caráter revolucionário já mencionado anteriormente neste texto. Os artigos "A política do tigre" (20/07), "O futuro de uma ilusão" (28/08) e "Por que chegamos até aqui?" (25/09) dão ênfase a essa questão. É novamente Carvalho, no primeiro artigo citado, que expõe a irresponsabilidade de eleger alguém comprometido com causas ilegítimas: "Todo partido revolucionário, isto é, todo partido que visa à transformação integral da sociedade, pouco importando se promete realizá-la por meios pacíficos ou sangrentos, é por natureza um partido desleal, que não quer nem pode continuar concorrendo normalmente com seus adversários no quadro constitucional vigente, mas necessita tirá-los do caminho de uma vez por todas para poder criar um novo quadro, construído à imagem e semelhança dele próprio. Por definição, todo partido revolucionário coloca seu programa de ação acima da legitimidade constitucional que lhe dá os meios de realizá-lo. Esperar lealdade, honestidade, idoneidade de um partido revolucionário é tão imbecil quanto implorar piedade a um tigre esfomeado".

José Nivaldo Cordeiro está especialmente preocupado, em "O futuro de uma ilusão", com o comportamento do PT após as eleições[11], e ressalta o papel da dominação cultural pela esquerda (que identifica como uma "lavagem cerebral") e de políticas sociais como o bolsa-família (identificadas como suborno eleitoral) para a vitória que já se desenhava de Lula. Já "Por que chegamos aqui?", artigo de autoria da editoria do *site*, busca apontar caminhos para brecar o "voluntarismo revolucionário" petista, corroborando com a tese de dominação levantada por Cordeiro: "O Mídia Sem Máscara pergunta: afinal, o que mais é

[11] "O que poderá acontecer depois de fechadas as urnas? Sou pessimista. Acho que Lula e o PT sairão do armário em que esconderam seu voluntarismo revolucionário."

preciso para que se entenda, de uma vez por todas, que o PT é um partido de cunho totalitário, que não pode ser compreendido através dos métodos tradicionais de avaliação política? (...) Diante de um quadro de tal gravidade, fica comprovado que a crença na via político-eleitoral como o único caminho para enfrentar a crescente onda de totalitarismo instalada na política nacional, sem atentar para a premente necessidade de um combate cultural maciço contra as verdadeiras fábricas de formação de opinião que dão sustentação aos elementos desse totalitarismo, é não apenas completamente irrealista, mas também criminosa".

Se não faltam artigos sobre o PT, também abundam os sobre Lula. Ao focar a falta de ética e os escândalos do governo, "Um período de chafurdo Lulapetista" (12/10) intermedia os dois assuntos, criando um neologismo para definir a "ideologia da sem-vergonhice, usada por um bando de quadrilheiros, assaltantes do erário público nacional e de todos os brasileiros auto-enganados". Segundo o resumo do artigo, "o lulapetismo é um caso peculiar que por sua natureza chula, jactanciosa, mentirosa e dissimulada merece os quadrilheiros que o acompanham". O texto continua: "Só um caráter típico dos citados pode explicar a logorréia que os domina, insensível aos padrões da decência e do decoro – são imorais e arrogantes, tal qual o 'nada sei que tudo sabe' que os lidera". Lula é chamado ainda de arrogante, imoral iletrado e "hipócrita analfa".

Quando o alvo dos artigos é o candidato do PT à presidência, a abordagem do *site* é de fato mais personalista, sendo conseqüentemente mais presentes as expressões grosseiras comentadas, que acabam por emprestar um tom de superficialidade às críticas promovidas. "Seremos como o Lula" (13/07) começa tratando do desempenho do Brasil nos exames de educação para então falar de Lula como mau exemplo nesta área[12]; "Pesquisa eleitoral" (29/07) chama o presidente de demagogo, falastrão e inescrupuloso; "Os companheiros de D. Menas" (23/08), artigo sobre os envolvidos nos escândalos da administração federal, faz referência a Lula como "analfabeto impostor"; "Alckmin não merece" (24/09), como "bêbado de rodoviária"; "A memória do burro" (03/10) e "Triste país esse meu" (31/10), ambos de Cristaldo, também xingam o presidente[13].

[12] "Ora, nem o atual presidente da república, assim, em minúsculas, sabe fazer uma multiplicação dessa natureza, de dois dígitos (..) Lula é o símbolo maior da preguiça laureada brasileira".

[13] Em "Triste país esse meu" Lula surge como analfabeto e bronco sindicalista; em "A memória do burro", o resumo já anuncia "um presidente implicado em toda sorte de falcatruas, megalomaníaco notório, que mente a cada palavra que diz e se contradiz a cada instante". As ofensas continuam ao longo do texto: "Que pobres diabos que se beneficiam de esmolas estatais votem no PT, isto também entendo. O que não se entende é ver pessoas adultas e bem informadas, intelectuais, funcionários públicos e professores universitários votando em um partido que nasce obsoleto, em um candidato tosco e semi-

"O cúmulo do populismo" (18/10) endossa essa abordagem ao tecer crítica ao governo de Lula: "Lula é tão simplório que o que põem na boca dele na propaganda eleitoral ficaria ridículo e descabido em outra pessoa. Nele inspira uma certa piedade, como se estivéssemos diante de um mentecapto. Talvez aí esteja o seu segredo: parecendo um retardado mental capta a simpatia da massa idiotizada pela propaganda imbecil que tem sido a tônica da campanha do seu partido desde sempre"[14], completando mais adiante: "alguém eleitor dele deve se envergonhar, vez que confirmar o voto nesse sujeito é passar um atestado de deficiência mental, se não no geral, pelo menos no plano político". O ápice da injúria a Lula está, entretanto, em "O Príncipe das Trevas" (09/10), de Ipojuca Pontes. Crônica calcada na ironia típica do Mídia Sem Máscara, traz uma versão de inferno que tem Lula como satã, o "pai da mentira"[15].

Todas essas ofensas têm a ver, na verdade, com o desprezo do *site* ao politicamente correto, postura da qual os articulistas muito se orgulham. As acusações graves e ataques pessoais denotam, mais que os argumentos para a divergência ideológica que os separam, um sentimento de superioridade que se traduz na apelação para desmoralização pura e

analfabeto. Pior ainda, que ostenta como virtude sua falta de instrução".

[14] Outros dois artigos tecem comentários a respeito da imagem de Lula nas propagandas eleitorais. Em "Os erros de Lula" (13/10), Cordeiro afirma: "vi hoje o programa eleitoral dito 'gratuito' do horário noturno. Flagrantemente a produção do programa de Lula foi muito superior à de Geraldo Alckmin. Ele, Lula, vestiu novamente o gibão do 'Lulinha paz e amor' e sua voz produzida em estúdio torna-se como a de um contador de histórias infantis: terna, aveludada, um pai bondoso falando aos filhos obedientes. Foi didático em apresentar a xaropada que chama de programa de governo. E os depoimentos dos candidatos eleitos ou disputando o segundo turno declarando voto e apoio caíram muito bem. Não vi um erro sequer na produção, exceto na insistência em repetir mentiras óbvias e desnecessárias, pois se não houver fato novo do tipo do dossiê Tabajara ou algum erro grotesco nos debates ele possivelmente estará eleito, a dar créditos às últimas pesquisas". Em "O futuro de uma ilusão", artigo anterior também de sua autoria, Cordeiro identifica essa imagem como sendo a de uma personagem inventada pelo próprio Lula, uma enganação que "como Hitler, seduz as multidões". Segundo o autor, esse fator "é, isoladamente, o mais determinante do fenômeno político marcante que será a sua reeleição".

[15] Segue trecho do texto que contrapõe o cenário que cerca o diabo à ante-sala infernal: "Acreditem: o ambiente era o oposto do que se via lá fora, refrigerado e limpo, dotado de amplas salas, obras de arte e imensos salões. Num deles, de onde provinham estridentes gargalhadas ao som de um samba de pagode, o ambiente era rumoroso e festivo. De fato, entre demônios aloprados do primeiro escalão, se devorava um churrasco com substanciais nacos de costelas, picanhas, maminhas e filés sangrentos. Fiquei com água na boca, pois não comia há 48 horas. 'Não se iluda, nem se deixe levar pela gula' - disse o poeta. 'É carne humana, em especial de tenras crianças inocentes'".

simples do inimigo[16] – o que remete novamente à visão altamente maniqueísta que se contrapõe à ênfase dada ao seu poder argumentativo e à racionalidade.

Mas a comparação do Lula ao diabo poderia ser considerada apenas a mais incisiva das comparações feitas no Mídia Sem Máscara. Talvez tão surpreendente quanto essa seja o paralelo com Macunaíma, em "Tendência totalitária macunaímica" (01/09); já os com líderes políticos como Chávez, Perón e Stálin são mais comuns[17]. Vale ressaltar que o paralelo com Macunaíma se repete em "Macunaíma vai às urnas" (30/10), agora também associado ao eleitorado de Lula: "O Macunaíma, todavia, não é só um camarada moralmente flexível; também é indolente, voluntarioso, tem preguiça de pensar e se acostuma facilmente com conceitos bestiais como 'ele rouba, mas faz'. Tem um profundo medo de mudanças - inclusive de mudanças para melhor - e muito facilmente se deixa seduzir pela oferta torpe de pequenas ou grandes vantagens pessoais. E alguém tem dúvidas de que esse perfil se enquadra com perfeição cartesiana ao modelo geral da esmagadora maioria dos brasileiros que reelegeram o Macunaíma-mór?"

Dentro dos artigos sobre a conjuntura nacional nada é mais usual no *site*, entretanto, que as repetidas alusões à corrupção no governo Lula, como essa análise inclusive já vem ilustrando. Boa parte dos artigos que foram objeto dessa pesquisa tinham alguma referência aos escândalos atribuídos ao PT e à falta de ética de seus partidários e dirigentes, alguns deles concentrando-se especificamente eu um ou outro episódio: "Denuncismo esperado" (17/09) trata da divulgação pela revista Isto É do suposto envolvimento de Serra com a máfia dos sanguessugas, entendido aqui como manobra petista; "Liberou geral" (18/09) aborda o caso da confecção de cartilhas publicitárias do PT feitas com dinheiro público; "O Chefe" (22/09), dividido em duas partes, trata do mais comentado deles, o mensalão, a partir de trechos de um livro sobre o assunto disponibilizado na Internet.

---

[16] Sobre a identificação desse sentimento com as chamadas elites, o próprio Mídia Sem Máscara o admite, no artigo "Eu sou zelite" (17/09) e ainda que o faça de forma irônica, o reforça: "quem me indigitou integrante da zelite ? Foi elle mesmo, foi o Lulla. Eu não sou sindicalista, o que nesse 'governo' já me coloca como suspeitíssimo de ser inimigo do povo. Eu sei ler, não sou analfabeto e entendo o que leio, não sou analfabeto funcional, o que nesse 'governo' me coloca como inimigo do Estado. Eu trabalho, pago uma fortuna de impostos, dou empregos formais com carteira assinada e direitos da CLT, o que nesse 'governo' me coloca como parte da minoria a ser extinta. Diferente da maioria do povo brasileiro, tenho memória, lembro-me de tudo" – e a partir daí, Neil Ferreira parte pra mais uma enumeração dos escândalos da administração petista.

[17] Vide os artigos "Stalinismo & Lulismo" (17/07), que mais uma vez enumera os envolvidos em escândalos do governo Lula e estabelece um paralelo entre a inocência de Lula e Stálin; "Segunda carta ao povo brasileiro" (17/09), que trata do Foro de São Paulo e do perfil de Chávez e Lula; "Lula Juan da Silva Perón" (12/10), sobre a agenda socialista de ambos os presidentes e o resultado desastroso da política populista; e "O falso mito" (16/10), que retorna à comparação com Perón e defende a tese de que Lula é um mito construído e reforçado pela mídia, além de novamente abordar os escândalos do governo.

Sobre os referidos escândalos, "O gabinete de Brasília" (29/06) enfatiza que "não foram apenas erros; foram crimes", enquanto "A flor do lodo" (26/09) discute a apatia da população já habituada à corrupção política e a reação do PT e de Lula[18]. "Malandros & Otários" (18/09), por sua vez, estende essa crítica para uma generalização dos políticos, ao recuperar a imagem do malandro como tipo pitoresco que agora tornou-se o representante por excelência dessa classe.

Assim como em "A flor do lodo", "As matriuskas do PT" (14/10) destaca a habilidade de Lula em se manter à margem dos escândalos que abalaram seu governo, sendo categórico na representação desse processo: "As falcatruas perpetradas pelo governo petista de Lula da Silva fazem lembrar as bonecas russas, as matriuskas. Assim como você 'abre' uma matriuska e aparece outra boneca dentro e outras bonecas vão aparecendo, sucessivamente, assim é o PT que é acusado, sistematicamente, a cada semana, de cometer mais uma irregularidade[19] (...) Nunca houve no Brasil um homem tão poderoso quanto Lula. Nem os generais-presidentes pós-1964 ousaram tanto quanto Lula ousa. Lula é um homem tão poderoso quanto Mussolini, tem os sindicatos na mão, uma penca de partidos 'orgânicos', a TV Globo e o chargista Chico Caruso, a Igreja 'progressista', a CUT, a UNE, o MST, o PC do B e outras falanges totalitárias que lhe dão sustentação firme de tal forma que, embora se denunciem casos de corrupção aos montes, em doses cavalares crescentes, Lula passa ao largo como se não tivesse nenhum tipo de responsabilidade pelas falcatruas cometidas por seus aliados políticos". É importante constatar que o próprio *site* admite, contudo, que as denúncias de corrupção geraram desgaste pro governo e refletiram num desestímulo da militância petista (vide "Violas ensacadas", de 17/07).

[18] "Esses escândalos, como sabemos, fazem agora parte do nosso dia-a-dia e atuam de modo semelhante àquelas vacinas para mordida de cachorro louco: são múltiplas, desagradáveis, doem na barriga, mas criam imunidade contra a raiva. As vacinas, porque produzem anticorpos; os escândalos, porque inconseqüentes, vão gerando insensibilidade. Só um mecanismo de completa dessensibilização poderia explicar a aceitação resignada das cataratas de lixo que brotam toda vez que se mexe em qualquer coisa neste governo (...) Vale qualquer coisa para evitar que o 'saúva rainha' seja atingido, porque isso seria fatal para o formigueiro e pela amostragem do caixa fantasma que circula em malas e cuecas, sempre será possível garantir uma vida tranqüila para súditos leais, bem comportados e com espírito de sacrifício".

[19] O texto continua, em listagem apresentada também em outros artigos, enumerando os escândalos já citados: "A antepenúltima 'boneca petista' foi o caso da confecção de 5 milhões de exemplares de 'cartilhas' que apresentavam propaganda do governo. Ao custo de R$ 11 milhões, suspeita-se que o material sequer foi impresso. A penúltima 'boneca petista' refere-se às negociações envolvendo um dossiê feito por Luiz Antônio Vedoin, o líder da 'máfia das ambulâncias' ou 'sanguessugas', que tentou vender à imprensa por R$ 1,7 milhão para incriminar José Serra, então líder nas pesquisas para governador em São Paulo e, também, por tabela, arrasar de vez com Geraldo Alckmin. A última 'boneca petista' foi aberta por Diogo Mainardi em 'Notícias da Itália', revista Veja de 11/10/2006, pg. 115, que trata da denúncia de corrupção petista com a Telecom Italia. Hoje, quando a polícia prende uma gangue, há quase sempre um petista sendo indiciado: 'Quando se vai ao submundo do crime, se encontra alguém do PT' (Geraldo Alckmin, in Correio Braziliense, 17/9/2006, pg. 8)".

Aspecto especialmente interessante para o Mídia Sem Máscara é o pressuposto de que se parte de que o poder de Lula passa pela mídia, tal como é proposto pelo artigo citado. "Um grande eleitor" (02/09) exemplifica isso, ao denunciar "a bênção do Grupo Folha ao governo lulista" com base num editorial do jornal. Para Cordeiro, autor do texto, "os brasileiros estão órfãos de bons analistas na grande imprensa" e há unanimidade da mídia em favor da situação. "Alckmin vai perder porque a mídia não denuncia a corrupção e não a liga a Lula. Porque a mídia cala e ao calar induz os desavisados a sufragar a 'quadrilha criminosa'. Enganam os brasileiros. Até a compra de votos deixou de sê-lo para tornar-se uma virtude, uma suposta bondade. Proclamo que está havendo no Brasil um estelionato eleitoral, sim"[20].

É curioso notar aqui, assim como na missão do *site*, uma inversão da perspectiva de "perseguição" por parte da mídia, historicamente observada nos militantes de esquerda. "O enigma da opinião pública" (06/08) aprofunda os efeitos dessa mídia no contexto eleitoral buscando evidenciar a construção dessa esfera de opinião. "Um véu encobrindo o discernimento coletivo foi posto nas mentes", coloca Cordeiro, para quem o coroamento da revolução gramsciana que se processou nas últimas décadas literalmente "pré-fabricou" uma opinião pública sob encomenda. Dois artigos elegem o Rio de Janeiro, onde Heloísa Helena aparecia na frente de Alckmin nas pesquisas eleitorais, como representante máximo dessa "lavagem cerebral" ("Esquerda Festiva Carioca", de 01/08, e "Quando outubro vier...", de 13/09).

Análise dos artigos sobre eleições

No que diz respeito, para além das críticas ao governo, ao presidente e ao seu partido, ao contexto de disputa eleitoral propriamente, as pesquisas eleitorais são tema de alguns artigos, entre eles: "Pesquisa eleitoral" (29/07), "A invisível metade" (28/08), "Quem não ajuda não atrapalha" (02/10) e "As pesquisas e a realidade" (19/10). Assim como no que concerne à mídia, há uma desconfiança por parte dos articulistas no quão manipuladas não seriam essas pesquisas – o último artigo sustenta mesmo que essa desconfiança é justificada "pelo simples fato de que os resultados da primeira pesquisa, feita após o primeiro debate do segundo turno, é um contra-senso incompatível com o senso comum de quantos assistiram a esse programa (...) Ora, se a opinião geral é que Alckmin se mostrou o melhor, como essa mesma opinião pode ter optado por aumentar sua preferência pelo pior?".

"Quem não ajuda não atrapalha" endossa essa insegurança, problematizando ainda a influência das pesquisas na definição dos votos e dos investidores das campanhas, defendendo

[20] Aqui cabe destacar que a idéia de estelionato eleitoral é presente em outros artigos com sentido diferente, ao fazer referência a um suposto "parasitismo" da administração petista de levar o crédito por políticas iniciadas em outras gestões (vide "A pior das desonestidades", de 17/10).

por fim a suspensão de sua divulgação[21]. Por outro lado, Percival Puggina busca responder ao questionamento inclusive de leitores do *site*, que dizem não conhecer nenhum eleitor de Lula a despeito dos institutos apontarem sua vitória, reconhecendo em “A invisível metade” que realmente essas pessoas estão fora de seu convívio social (e por extensão, dos que têm perfil semelhante ao do articulista), constituindo presas fáceis em seus currais eleitorais.

Outros artigos, além de “As pesquisas e a realidade”, repercutiram os debates televisivos que ocorreram por conta do pleito. A opinião generalizada dos articulistas condiz com a de Félix Maier no já comentado “As matriuskas do PT” sobre o debate da TV Bandeirantes (realizado em 08/10), que teria mostrado “um Alckmin muito superior a Lula, em todos os quesitos: apresentação pessoal, argumentação, refutação e até na retórica”. “Não minta, presidente!” (11/10) destaca a postura ofensiva de Alckmin, que no debate concentrara-se na exploração dos escândalos da administração de seu oponente, diante de um Lula titubeante. “O debate na TV Bandeirantes” (09/10) é mais incisivo neste quesito, bem ao estilo mais rude do Mídia Sem Máscara – o resumo do artigo já anuncia: “O debate na TV Bandeirantes permitiu ao público ver Lula por ele mesmo: um analfabeto funcional que não sabe português, um decorador de números que não sabe o que diz, um repetidor de slogan cujo conteúdo desconhece”.

E o texto de Cordeiro continua: “Lula não teve nenhum momento saliente contra Alckmin, ao contrário (...) Sua imagem de cara de ressaca, envelhecida como um barril de carvalho e com ar doentio dos consumidores habituais de álcool, era o oposto da jovialidade e da vitalidade de Alckmin (...) Lula não tem tutano para um enfretamento cara a cara com alguém tão notavelmente superior, seja em termos intelectuais, seja em termos de experiência administrativa. Se o próximo debate da TV Globo tiver o mesmo feitio e o mesmo resultado ouso afirmar que Geraldo Alckmin será o novo presidente do Brasil”. “A pedra de tropeço” (11/10) mantém o otimismo do artigo anterior, apostando na superioridade de Alckmin e na possibilidade de, com a sua vitória, serem interrompidos os planos revolucionários do Foro de São Paulo[22].

Os elogios ao desempenho de Alckmin no debate contrastam, contudo, com as críticas realizadas também à oposição governista. Dois artigos de Carvalho ilustram uma insatisfação de parte dos articulistas de Mídia Sem Máscara especialmente com o PSDB: em “De quem é a

---

[21] “As pesquisas são as novas senhoras da democracia brasileira. Ano após ano, eleição após eleição, os institutos erram. Erram escandalosa, flagrante e desavergonhadamente. E, nem por isso, deixam de se apresentar no pleito seguinte, como arautos da vontade popular. Transformam cada eleição numa sucessão de suspeitíssimas eleições, influenciando a opinião pública e determinando votos com força infinitamente superior à qualificação dos candidatos, de suas mensagens e campanhas (...) Errar é humano. Errar como erram certos institutos de pesquisa é diabólico”.

[22] Curiosa a forma como a autora Graça Salgueiro se coloca: “Para quem assistiu sem paixão, como foi o meu caso, ficou nítida a diferença entre um embusteiro palrador, mentiroso, ardiloso e prepotente, como é o comunista Lula, do PT, e um homem sério, preparado, seguro no que afirmava”.

festa?” (05/10) o autor protesta contra o “bom-mocismo”[23] e o descompromisso ideológico do candidato da oposição, que não divulga os planos do Foro de São Paulo. O PSDB é ainda retratado como parte integrante da esquerda: “o pouco de maquiavelismo impiedoso que se usou contra políticos esquerdistas nos últimos vinte anos veio sempre do PSDB, no fim das contas, ele próprio um partido de esquerda, sem qualquer divergência ideológica séria com os demais que vieram do berço comum, a resistência esquerdista ao regime militar”.

A apresentação da proposta do *site* pormenorizada no início desta análise já expunha esta concepção, na verdade. “Atualizando notícia de jornal velho” (09/08), que trata do Foro de São Paulo como a empreitada comunista do Brasil recente, também já reforçara a igualdade entre os partidos colocando que “foi FHC mesmo quem disse que a disputa entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT) é de cunho político, jamais ideológico. Portanto, limita-se à retórica eleitoreira numa disputa para alcançar o poder político. Somente os desinformados é que acreditam que socialismo e social-democracia são farinhas oriundas de sacos diferentes”.

O artigo “O chuchu que virou pepino” (10/10) não somente torna a criticar a indulgência do PSDB, como radicaliza essa perspectiva ideológica do *site* quando Carvalho sugere que há mesmo um acordo político entre PSDB e PT, levantando a hipótese de um revezamento no governo pré-estabelecido entre os dois partidos. O autor resume então a disputa eleitoral como um “campeonato de esquerdismo”: “fazer dos líderes tucanos a encarnação da direita nacional é evidentemente uma fraude. Se perguntarmos a quem beneficia essa fraude, a resposta é óbvia: beneficia por igual aos tucanos e petistas, ajudando-os a dividir o espaço inteiro da política nacional entre a ‘esquerda’ e a ‘direita da esquerda’”. O descontentamento com Alckmin e o PSDB chega a tal ponto que ao longo do período estabelece-se mesmo um debate interno em torno do voto nulo como alternativa mais adequada para os eleitores contrários a Lula.

“Obtusidade córnea ou má-fé cínica” (11/08) e “Voto nulo beneficia o caos” (09/09) são tentativas de desencorajar essa postura favorável ao voto nulo. Para o primeiro artigo, anular o voto é ser conivente; o voto nulo seria ainda parte de uma estratégia de redução do voto oposicionista[24]. “Voto nulo beneficia o caos” segue a lógica de que a corrupção endêmica no país gerou um desencanto justificado com

[23] “A esquerda quer e faz tudo para destruir seus adversários, arruinar sua reputação, excluí-los da política, derrubá-los de sua posição social e econômica e assassiná-los psicologicamente, de modo que percam até o desejo de se reerguer um dia. Eles, em resposta, contentam-se com disputar votos muito polidamente, muito delicadamente, com todo o cuidado de não ferir a dignidade do concorrente esquerdista e de preservá-lo intacto para as eleições seguintes”.

[24] “Depois do banho de escândalos que vimos acompanhando, em que perplexidade sincera, decepção, horror e moral farisaica se misturam num amálgama intrincado, qual seria a tática para abordar os mais revoltados e sensíveis a um dos mitos preferidos entre nós: o de que ninguém presta? Com certeza os indignados, os decepcionados e outras viúvas das próprias ilusões, não votarão no apedeuta. Então, cumpre procurar que não votem no ‘outro’”.

relação à política, mas aponta para a infecundidade do voto nulo, buscando desfazer a tese de que as eleições poderiam ser anuladas caso eles ultrapassassem 50% dos votos, margem que o autor acredita que de qualquer forma não seria alcançada. Em contrapartida, "Armadilhas eleitoreiras" (16/08), escrito em resposta à "Obtusidade córnea ou má-fé cínica", defende a anulação do voto ("na última eleição tivemos quatro candidatos de esquerda; nesta são três. Não adianta tentarem me convencer que o Alckmin é um liberal"), assim como o fim do voto obrigatório como forma de evitar uma situação que leve a isso[25].

"Alckmin não merece" (24/09) responsabiliza o governo Lula por um desmantelamento tal do Estado (com a destruição do Congresso e do Exército, a "institucionalização da bandidagem" e outras evidências, segundo o autor) que impossibilitaria uma oposição: "depois da Era Lula, o Brasil não tem mais condições institucionais para ser governado por partido algum, líder nenhum, que não esteja jurado de morte com a revolução socialista". Efeito disso é a desarticulação conservadora bastante criticada no artigo: "nos poucos veículos à disposição dos nossos igualmente escassos conservadores, o que se vê é um deprimente festival de loucura, de fantasia, de uma militância patética que vê em Geraldo Alckmin o 'mal menor'. Será mesmo menor? Se a palavra prudência tem algo a ver com conservadorismo, que sentido há em apoiar um candidato que pode, involuntariamente, acelerar o processo revolucionário no Brasil? Esqueçam Geraldo Alckmin, esqueçam as eleições. O PSDB não é digno de uma linha de apoio de conservadores de verdade".

De fato, considerando as reservas com relação à oposição e seu iminente fracasso nas eleições, as perspectivas do Brasil não são muito positivas para os articulistas do Mídia Sem Máscara. Poucos são os que ainda apostam na virada do candidato tucano, como o faz Cícero Harada em "Culpa in vigilando" (21/10), pra quem o escândalo do dossiê sobre o PSDB poderia, caso as investigações não fossem concluídas (o que denotaria uma "operação-abafa" do governo), implicar num revés petista. Boa parte deles crê na reeleição de Lula e numa possível concretização de seus temores revolucionários, como expressa Paulo Saab em "Limites perdidos" (21/09): "A reeleição de Lula poderá significar, na cabeça do próprio e de outros de igual nível de compreensão e pensamento, que a vitória na urna eletrônica é o aval definitivo da

[25] "O voto obrigatório é uma armadilha que obriga a quem não encontra candidato de seu agrado a anular o voto, ou votar em branco ou se abster pagando uma irrisória multa de 1 a 10% do salário mínimo, a critério do juiz da Zona Eleitoral. É o que tem acontecido nas últimas farsas eleitorais e se repetirá na próxima onde teremos que optar entre um apedeuta a mando do Foro de São Paulo e um legume pau mandado do Diálogo Inter-Americano que visa fazer o que o seu mestre FHC começou: acabar com as Forças Armadas da América Latina visando um futuro Governo Mundial, por mando do Council on Foreign Relations, da Trilateral Commission, do Inter-American Dialogue e do Clube Bilderberg".

população para a liberação de seu 'demônio' e rompimento explícito de qualquer linha de limites éticos, de atuação responsável e de respeito à lei".

"Uma sinuca de bico" (26/10) coloca que se Lula ganhar as eleições seria possível, dada a somatória de escândalos atingiram sua gestão, que houvesse um *impeachment*; se perder, em contrapartida, haveria grande comoção por parte dos movimentos sociais que sempre apoiou, que seriam chamados às ruas e gerariam greves, violência e conseqüentemente, estado de sítio. Em "Sem novidades, exceto as piores" (31/10), Carvalho reforça o terrorismo das previsões futuras de seus colegas sob o ponto de vista da continuidade da política vigente: "Com a reeleição de Lula, o Brasil continuará sendo governado diretamente das assembléias e grupos de trabalho do Foro de São Paulo, sem a mínima necessidade de consultar o Parlamento ou dar satisfações à opinião pública; o direito da esquerda ao crime e à mentira, já exercido sem maiores restrições, será consagrado como cláusula pétrea da moral política nacional, e os que a infringirem se sentirão pecadores e réprobos; os representantes das Farc e do Mir continuarão circulando livremente pelo território onde vendem drogas e seqüestram brasileiros; os cinqüenta mil homicídios anuais subirão para sessenta ou setenta, mas a liquidação de quadrilhas locais concorrentes da narcoguerrilha colombiana continuará sendo apresentada como vitória esplêndida da lei e da ordem; o MST continuará ditando a política agrária federal; e os empresários que não participem de mensalões ou esquemas similares continuarão sendo criminalizados pela Receita. Até aí, tudo será como antes, exceto do ponto de vista quantitativo, no sentido de que o ruim ficará incalculavelmente pior". É o veredicto resumido da opinião do *site* sobre a gestão petista, que como o autor admite, certamente serve tanto à passada quanto serviria quanto ao porvir.

NEOFASCISMO E CONSPIRACIONISMO BRASILEIRO. O MÍDIA SEM MÁSCARA E O "EIXO DO MAL"

Natalia dos Reis Cruz[1]
Universidade Federal Fluminense

Resumo: O artigo aborda o Movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, centrando sua análise na obra de Heitor de Paola, intitulada *O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Internacional*, conceituando o referido movimento como neofascista e adotando a metodologia comparativa entre o fascismo clássico e os neofascismos surgidos após a Segunda Guerra Mundial. O aspecto analisado na obra do autor é a descontextualização da história soviética em sua narrativa, como parte de um anticomunismo exacerbado, acompanhado de teorias conspiratórias acerca de um suposto domínio mundial comunista em oposição aos princípios "democráticos" e "liberais" da civilização judaico-cristã ocidental.
Palavras-chave: Conspiracionismo; Neofascismo; Anticomunismo; Mídia Sem Máscara; Eixo do Mal.

BRAZILIAN NEOFASCISM AND CONSPIRACY. THE MEDIA WITHOUT MASK AND THE "AXIS OF EVIL"

Abstract: The article approaches the Media Without Mask Movement, led by Olavo de Carvalho, focusing his analysis on the work of Heitor de Paola, entitled *The Axis of Latin American Evil and the New International Order*, conceptualizing this movement as neo-fascist and adopting the comparison methodology between classical fascism and the neo-fascism that emerged after World War II. The aspect analyzed in the author's work is the decontextualization of Soviet history in his narrative, as part of an exacerbated anticommunism accompanied by conspiracy theories about a supposed communist world domination as opposed to the "democratic" and "liberal" principles of Judeo-Christian civilization western.
Keywords: Conspiracy; Neo-fascism; Anticommunism; Media Without Mask; Axis of Evil.

Introdução. O Mídia Sem Máscara, o fascismo e o neofascismo

O Brasil vem sendo palco de movimentos políticos localizados no espectro da extrema direita que possuem um virulento anticomunismo em seu discurso e procuram arregimentar adeptos para suas ideias através das redes sociais. Atualmente, um dos principais nichos anticomunistas organiza-se em torno do movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, que possui uma narrativa conspiracionista como esteio de suas análises sobre os problemas brasileiros e mundiais.

Este trabalho aborda o movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, a partir da obra produzida por um dos seguidores e participantes do

Email: ndrc@globo.com

referido movimento, o psicanalista Heitor de Paola, que redigiu o livro "O Eixo do Mal Latino-Americano" e "A Nova Ordem Mundial"[2], publicado em 2008, no qual apresenta um resumo das principais ideias do referido movimento, sendo tal obra chancelada por Olavo de Carvalho, que redigiu o seu prefácio, iniciando-o com uma ode ao autor da obra, definindo-o como "analista político", embora ele não tenha qualificação acadêmica ou formação na área para debater ciência política, filosofia ou história:

> Se o jornal eletrônico Mídia Sem Máscara não servisse para mais nada, só o ter revelado aos leitores brasileiros o analista político Heitor de Paola já bastaria para justificar sua existência e torná-la mesmo indispensável. O homem, de fato, não tem equivalente na "grande mídia" nem – até onde posso enxergar - nas cátedras universitárias, tal a amplitude do horizonte de informações com que lida em seus comentários e tal a claridade do olhar que ele lança sobre o vasto, complexo e móvel panorama da transição revolucionária latino-americana, reduzindo a sequências causais coerentes a variedade dos fatos em que seus colegas - digamos que o sejam - não enxergam senão um caos fortuito ou a imagem projetada de seus próprios sonhos, desejos, preconceitos e temores.[3]

Esta obra pode ser vista como um expoente do conspiracionismo no Brasil, pois baseia seu discurso na ideia de que os comunistas pretendem dominar o mundo e estariam por trás de vários acontecimentos recentes envolvendo figuras importantes do mundo político, econômico e cultural.

O aspecto a ser analisado na referida obra é a apropriação que o autor faz da história soviética, através da estratégia de sua descontextualização - da Revolução Bolchevique à Perestroika, com o objetivo de fortalecer a narrativa conspiracionista de caráter anticomunista que caracteriza toda a obra paolina.

---

[2] No site da Vide Editorial, uma das editoras virtuais alinhadas com as ideias divulgadas no Seminário de Filosofia, organizado por Olavo de Carvalho, uma pequena biografia do autor é apresentada: "Médico, psicanalista, escritor e comentarista político, estudioso de filosofia, filosofia da ciência, história, ciência política e política internacional. Articulista do jornal eletrônico Mídia Sem Máscara, dos Jornais Inconfidência e Visão Judaica, e do site Ternuma. Membro da *International Psycho-Analytical Association*. Ex *Clinical Consultant da Boyer House Foundation*, Berkeley, Califórnia. Membro do *Board of Directors da Drug Watch International.* Diretor Cultural do Farol da Democracia Representativa (www.faroldademocracia.org). Membro do Conselho Consultivo da organização Brasileiros Humanitários em Ação (www.braha.org). Membro da ONG Terrorismo Nunca mais (www.ternuma.com.br). Disponível em: <https://videeditorial.com.br/index.php?route=product/author&author_id=407> Acesso em 27 dez. 2019.

[3] CARVALHO, Olavo de. Prefácio. PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial.** São Paulo: Editora É Realizações, 2008. p. 15.

O Mídia Sem Máscara foi fundado em 2002, com o objetivo de "denunciar" o que chamam de "viés esquerdista" da mídia brasileira, que esconderia ou distorceria ideias e notícias. Assim, o movimento se pretende “sem máscara”, ou seja, apresentaria notícias de forma "objetiva" e "neutra", imagem esta totalmente inverídica pelo viés direitista das narrativas de seus membros.

É um movimento formado por elementos da pequena burguesia, como jornalistas, advogados, professores, etc, que apresentam em seu discurso elementos da mentalidade fascista (teorias conspiratórias, aversão à diversidade política e étnico cultural, construção de inimigos internos e externos) e se preocupam em mobilizar vastos setores da sociedade em um movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade, para produzir consenso em torno de ideias que servem aos interesses dos setores dominantes da grande burguesia, assim como possuem uma rede extrapartidária associada a vários aparelhos privados de hegemonia da grande e pequena burguesia.[4]

Consideramos o movimento Mídia Sem Máscara uma expressão do neofascismo no Brasil, acompanhando o amplo trabalho de Lucas Patschiki, que o apresenta como um projeto fascista que se insere nos fascismos de terceira onda, defensores das políticas neoliberais, e como parte da reação das forças conservadoras e racionárias da sociedade brasileira ao novo arranjo do bloco no poder após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, em 2002. Tais forças utilizam o anticomunismo como base ideológica comum visando o acirramento da luta de classes e a crise aberta, para fomentar uma ruptura política que assegure a reprodução capitalista em bases neoliberais através de objetivos fascistas, sendo o principal deles "a quebra completa da organização da classe operária nos limites estatais-nacionais".[5]

Para introduzir essa discussão, é preciso realizar uma breve análise comparativa entre os fascismos clássicos e os chamados neofascismos. Segundo Kocka, "comparação em história significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente com respeito a suas similaridades e diferenças de

---

[4] PATSCHIKI, Lucas. **Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária** (2002-2011). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012, p. 123.
[5] Ibidem, p. 16 e 17.

modo a alcançar certos objetivos intelectuais." Entre os méritos da abordagem comparativa estão o auxílio na identificação de questões e a clarificação de perfis de casos únicos. Quanto aos objetivos intelectuais, eles seriam de caráter heurístico, descritivo, analítico e paradigmático. Do ponto de vista heurístico, a análise comparativa permite identificar questões e problemas que podem ser perdidos, negligenciados ou não concebidos pelo historiador ao estudar determinado tema. Já a descrição torna possível o esclarecimento de perfis de casos singulares, contrastando-os com outros. Em termos analíticos, a comparação é imprescindível para formular questões causais e respondê-las. E no que diz respeito à função paradigmática da comparação, ela ajuda no distanciamento do caso melhor conhecido pelo historiador, muitas vezes a história do seu próprio país, permitindo a descoberta de que o caso mais familiar é apenas uma possibilidade entre outras.[6]

Assim, podemos nos fazer, entre outras, a seguinte questão: o que há de comum entre os fascismos clássicos e os neofascismos e o que os diferencia? Este trabalho procura responder de forma introdutória a esta problemática.

É extremamente importante a compreensão cada vez mais clara acerca do fascismo, pois se trata, segundo Konder, de um dos "fenômenos políticos mais significativos de século XX"[7], e o seu espectro continua se fazendo presente no século XXI, contrariando as interpretações epocais sobre o fenômeno, que o situam apenas no contexto histórico do entreguerras.

Konder nos aponta que o fascismo possui uma universalidade que ultrapassa suas manifestações particulares (notadamente, o chamado fascismo clássico), já que despido de suas particularidades, o fascismo do entreguerras revela fundamentos que podem encontrar novas formas de manifestação, o que seria seu principal perigo. Mas a sua determinação está ligada ao capital e suas necessidades de reprodução ampliada em sua fase monopolista, em que o Estado é essencial para a acumulação de capital. O fascismo é uma espécie de direita, que não se confunde com os movimentos e partidos da direita tradicional, pois possui

[6] KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-281, ago, 2014, p. 270-281.
[7]KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 23.

uma retórica "revolucionária", embora seja socialmente conservador, serve-se de mitos irracionalistas – como exemplo, o mito da nação (baseado na ideia de uma unidade fictícia, que abstrai os conflitos e as divisões sociais presentes nas sociedades) -, faz uso dos modernos meios de propaganda de massa, é chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista e antioperário.[8]

A comparação entre os fascismos clássicos e os neofascismos nos permite perceber que há uma essência fascista para além das manifestações particulares, contextuais e nacionais dos diversos fascismos existentes. E que o fascismo e seu espectro não estão presos no tempo ou em dado contexto histórico. O fato de não haver a forma do fascismo clássico (partido militarizado, uniforme marrons, suásticas, camisas negras, fascios) não nos permite falar de um não-fascismo, porque o substancial pode estar bem presente, ou seja, o irracionalismo, a valorização dos sentimentos e dos instintos, o chauvinismo, o pragmatismo, o culto da nação mítica, o anticomunismo, a negação do outro, etc.[9]

Robert Paxton apresenta a essência do fascismo e de sua visão de mundo de forma bastante útil para a compreensão do espectro fascista do passado e do presente. Segundo ele, o fascismo é:

> uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza.[10]

[8] Ibidem, p. 52. Outros trabalhos importantes sobre o fascismo são o de Palmiro Togliatti, para quem o fascismo não é somente uma ditadura aberta, mas um regime reacionário de massas; e o de Nicos Poulantzas, que analisa o regime fascista como um reordenamento do bloco no poder, sob a hegemonia do capital monopolista, sendo gestado por uma crise política específica, cujas principais características seriam a crise de hegemonia entre as frações da burguesia, o descolamento entre as classes sociais e seus partidos tradicionais de representação, as derrotas das lutas operárias no período e a consequente introdução da ideologia pequeno-burguesa entre os trabalhadores. Ver TOGLIATTI, Palmiro. Lezioni. Sul Fascismo, **Opere Scelte. (a cura di Gianpasquale Santomassimo).** Roma: Riuniti, 1974; e POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

[9]KONDER, Op. Cit., passim.

[10] PAXTON, Robert. **Anatomia do Fascismo.** São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 358-359.

A determinação de classe dos fascismos também é fundamental. Embora a origem do fascismo esteja ligada à pequena e média burguesia, que exatamente por se situar entre as duas principais classes da sociedade – a grande burguesia e o proletariado – pode falar em uma espécie de "transcendência de classe" e advogar o mito da nação, não se pode compreender a ascensão ao poder e o crescimento do movimento fascista sem atentar para a adesão do grande capital, que financiou o fascismo[11] e percebeu o quanto o mito nacional era funcional aos seus interesses de classe e ao controle social sobre os trabalhadores.[12]

Os denominados fascismos clássicos surgiram no período entreguerras, na esteira das consequências sociais, econômicas, políticas e culturais trazidas pela Primeira Guerra Mundial. As frustrações com os resultados deste conflito, as fissuras que ele deixou e a crise econômica de 1929 contribuíram para o surgimento e ou fortalecimento dos movimentos fascistas que, em um contexto de descrédito para com o liberalismo em todos os seus aspectos e da ascensão da ideia de revolução proletária no esteio da revolução bolchevique de 1917, passaram a ser uma opção para as camadas médias que temiam a perda de suas posições sociais, arregimentando também parte do proletariado e sendo instrumentalizados pelo grande capital.

Os fascismos clássicos, cujos maiores representantes foram o fascismo italiano e o nazismo alemão, centravam seu discurso no antissemitismo, fomentando a tese da conspiração judaica de dominação mundial[13], no anticomunismo e no nacionalismo exacerbado, propondo uma nova forma de organização política e econômica, rompendo com o modelo da democracia liberal e

[11]KONDER, Op. Cit, p. 49-51.
[12]Nas análises sobre o fascismo, destaca-se também a obra de Ian Kershaw, que procura sair tanto das abordagens marxistas que enfatizam as questões estruturais e de classe, como das abordagens de cunho personalistas, que dão demasiada ênfase ao papel da personalidade dos líderes fascistas, especificamente Hitler – tema de sua obra. As análises personalistas acabaram redundando na demonização de Hitler, exclusivamente culpabilizado por todo o destino da Alemanha nazista. Kershaw enfatiza que a personalidade e as ideias do líder nazista só floresceram porque as circunstâncias sociais o permitiram, assim como o aumento da extensão do poder de Hitler só foi possível porque houve colaboração, tolerância e cumplicidade de vastos setores sociais da Alemanha. Ver KERSHAW, Yan. **Hitler, um perfil do poder.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p. 12-17.
[13] É digno de nota, porém, que o fascismo italiano não foi, inicialmente, centrado no antissemitismo, tendo adotado políticas antissemitas apenas nos anos 1930, após sua aliança com a Alemanha nazista.

do livre mercado, e concebendo uma sociedade organizada de forma corporativa – visando eliminar a luta de classes -, com um Estado forte, autoritário e militarizado, e a construção da coesão social e nacional através da mobilização de massas em prol da depuração da nação dos seus "inimigos" – enxergados principalmente nos judeus e comunistas. Nos fascismos clássicos, a estrutura organizativa era feita com base no partido único, hierarquizado e militarizado, com suas milícias partidárias e combatentes, tendo um líder carismático à frente que incorporava os ideais nacionais e representava a nação.

A crise econômica do capitalismo em um contexto de ameaça revolucionária, já que um modelo alternativo ao capital se construía na URSS, fez com que o capital se abrisse para formas de controle social e político das classes trabalhadoras via fortalecimento do Estado policial e autoritário, com intervenção econômica no mercado e construção de arranjos institucionais que promovessem um reordenamento do bloco no poder, para que a reprodução capitalista pudesse subsistir sob a hegemonia do grande capital monopolista. A burguesia industrial e financeira passou a ver com bons olhos a intervenção do Estado no fortalecimento do capitalismo monopolista e na destruição de todo vestígio de livre concorrência.

Os chamados neofascismos inserem-se no contexto do pós-guerra, após a derrota dos fascismos clássicos pelos aliados. Em um novo contexto histórico, em que as ideias e práticas fascistas foram rechaçadas após a tragédia do extermínio nazista, os fascistas tiveram que sofrer algumas metamorfoses para sobreviverem nas novas circunstâncias históricas. São chamados de fascismo de "segunda onda", que modificaram suas formas de organização e algumas ideias, inserindo-se na democracia parlamentar burguesa. Neste caso, tais partidos e ou movimentos fascistas abandonaram o corporativismo e passaram a enfatizar quase que exclusivamente o combate ao comunismo e a aceitação da pluralidade partidária, sendo, portanto, bastante úteis no contexto da Guerra Fria e auxiliares na luta do Ocidente capitalista e liberal contra a URSS e seus aliados.[14]

[14] Como exemplo de fascismos da segunda onda, temos o Movimento Sociale Italiano (MSI), fundado em 1972; o Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD), criado em 1964 a partir da fusão de várias agremiações de direita; e o Partido de Representação Popular (PRP), que agregou os integralistas brasileiros no pós-guerra.

Os fascismos de "terceira onda" surgiram a partir da década de 1980 e abarcam o período pós-Guerra Fria, quando, devido ao fim do chamado socialismo real, passaram a centralizar seus ataques principalmente aos imigrantes e ao islamismo, embora o discurso anticomunista não tenha desaparecido, defendem políticas neoliberais e a retirada de direitos dos trabalhadores. Os neofascismos de terceira onda apresentam uma estrutura organizativa diferente da dos fascismos clássicos, havendo uma descentralização de suas diversas instituições de luta e, mesmo os partidos ainda sendo altamente centralizados em torno de lideranças específicas, eles não assumem mais o caráter organizativo e simbólico dos partidos fascistas clássicos, formando-se redes extra-partidárias e até células relativamente autônomas para evitar a sua marginalização e a criminalização do centro do movimento, em caso de ações diretas de milícias, já que estas não são mais vinculadas estreitamente ao partido.[15]

Como resultado dessa estrutura descentralizada, são possíveis iniciativas criativas de atração de militantes, além do uso ostensivo da internet para atuação política – não somente para propaganda e disseminação ideológica, mas também para organização, cooptação, formação e confronto ideológico.[16]

Cabe um breve comentário acerca dos neofascismos surgidos nos países do Leste Europeu após a queda dos regimes do socialismo real. Hockenos[17] faz uma análise das realidades da Europa Oriental, salientando o surgimento e fortalecimento da extrema-direita de caráter fascista em vários países da região, calcada em um nacionalismo exacerbado, no racismo contra minorias étnicas e no chauvinismo, chegando a casos extremos de genocídio (como no caso da guerra da Bósnia), trazendo à tona rivalidades étnicas e históricas em uma população heterogênea que vivia sob o manto do Estado comunista. O autor enfatiza que a ideia de nação e os mitos nacionais funcionam como uma "panacéia redentora", e os nacionalistas extremistas tentam mobilizar o povo em torno de uma visão do passado, supostamente marcado por "uma glória nacional sufocada pelo

---

[15] PATSCHIKI, Op. Cit., p. 21. Entre os fascismos de terceira onda, pode-se incluir, além do próprio Mídia Sem Máscara, a Frente Nacional (FN) francesa, surgida na década de 1980 ; e o Tea Party norte-americano, fundado em 2009.

[16]Ibidem, p. 21.

[17] HOCKENOS, Paul. **Livres Para Odiar. Neonazistas: ameaça e poder.** São Paulo: Scritta, 1995, passim.

comunismo", visto como um regime de ocupação estrangeira, que desrespeitava as tradições nacionais. Dessa forma, as expectativas de uma "Europa unida" após o fim do socialismo real, do fortalecimento da democracia liberal e de conquistas econômicas que seriam trazidas pela introdução da economia de mercado na região foram substituídas por frustrações e ansiedades, principalmente entre os mais jovens, ao se depararem com uma grave crise social e econômica, com o aumento da desigualdade, com o enfrentamento de problemas até então desconhecidos pela população – como altas taxas de desemprego – e o empobrecimento do povo como resultado das políticas de choque exigidas pelo FMI e pelo BIRD para a obtenção de investimentos externos e empréstimos. Essa situação de deterioração econômica e social alimentou e impulsionou os apelos dos nacionalistas de extrema-direita, que souberam canalizar as frustrações da população para ideias xenófobas, racistas e fascistas.

As mudanças e adaptações do fascismo ao longo do tempo estão ligadas às necessidades da reprodução ampliada do capital, pois o fascismo é útil para que tal reprodução ocorra em caso de crises, tendo, porém, que apresentar algumas mudanças organizativas e até ideológicas para continuar a ser aceito e usado como instrumento de mobilização das massas na luta do capital contra a expansão de ideias e movimentos ligados aos interesses das classes proletárias e que possam obstaculizar a acumulação capitalista. No caso específico do *Mídia Sem Máscara*, enquanto fascismo de "terceira onda", podemos situá-lo tanto na luta contra medidas consideradas progressistas após a ascensão do PT ao poder como na defesa do desmonte ultraliberal do Estado e das reformas que retiram direitos trabalhistas e previdenciários colocados em prática a partir do governo de Michel Temer, em 2016.

O conspiracionismo continua fazendo parte dos movimentos neofascistas, mas o Mídia Sem Máscara apresenta algumas novidades em relação aos fascismos clássicos. Nestes, a figura do judeu era central no discurso do "inimigo" nacional, pois era acusado de todos os males sociais. O elo de ligação entre os banqueiros capitalistas e os comunistas era o judeu, a "ânsia de domínio mundial" pertenceria a ele. Para o Mídia Sem Máscar*a*, no entanto, os judeus deixaram de ser os inimigos, possuindo, inclusive, uma atitude claramente pró-Israel. Os alvos semíticos passam

a ser os árabes muçulmanos, sendo a islamofobia uma das características do movimento liderado por Olavo de Carvalho. O islã é acusado de pretender dominar o mundo, utilizando, para isso, a imigração em massa de muçulmanos para a Europa, com o suposto intuito de "destruir a civilização judaico-cristã".[18] Se, para os fascistas clássicos, os comunistas estavam de mãos dadas com os judeus, para o Mídia Sem Máscara, os comunistas agora se aliam ao islamismo.

Uma outra característica do Mídia Sem Máscara que o diferencia do fascismo clássico é a defesa da liberdade e da democracia sob o modelo do capitalismo liberal de mercado. É nítido nos escritos de Carvalho e seus seguidores a contraposição entre os "totalitarismos", que associam tanto ao comunismo e ao nazismo – reeditando a tese predominante durante a Guerra Fria -, e a "democracia" liberal do Ocidente, assim como enaltecem o capitalismo enquanto modelo de liberdade do indivíduo em oposição ao socialismo, representado como opressor em relação aos direitos do indivíduo. O discurso da "democracia" é compreensível diante da necessidade de adaptar o espectro fascista ao sistema liberal democrático, pois os neofascismos agem dentro do sistema liberal e procuram "conciliar" as ideias de intolerância e o discurso do inimigo nacional à defesa do modelo democrático. Mas ao mesmo tempo, demonstram sua essência antidemocrática, ao tratarem os adversários como inimigos e não como forças legítimas na disputa política.

Quanto à defesa do capitalismo, é importante dizer que o fascismo sempre foi pró-capital, ainda que os clássicos procurassem um modelo corporativista e adotassem um discurso "anticapitalista". O "anticapitalismo" dos fascismos clássicos, no entanto, significava a crítica à hegemonia do grande capital, principalmente o capital usurário, sobre o Estado, em detrimento das médias e pequenas burguesias. Não atacavam o sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção, mas buscavam um equilíbrio que garantisse uma harmonia de classes e a possibilidade de ascensão para as classes médias.

---

[18] Ver CARVALHO, Olavo de. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. **Verbum**, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/>. Acesso em 03 ago. 2018.

Era, portanto, um modelo interventor, tendo o Estado fascista como o grande fiador desse equilíbrio, embora, após chegarem ao poder, tenham beneficiado principalmente o grande capital em suas medidas. Já o fascismo do Mídia Sem Máscara é neoliberal e está a serviço das necessidades do capitalismo atual quanto ao corte de custos e à ampliação das possibilidades de expansão e reprodução do capital às custas do setor público e dos direitos dos trabalhadores, em um contexto em que não há mais uma ameaça concreta de um modelo alternativo de sociedade. Não possuem um discurso "anticapitalista", mesmo que retórico, ao contrário, defendem abertamente o capitalismo e, quando criticam o grande capital, os banqueiros e os monopólios privados, não os associam ao sistema capitalista, mas ao que chamam de "metacapitalismo", algo que não pertence à essência do capital. Segundo Carvalho,

> um século de liberdade econômica e política [foi] suficiente para tornar alguns capitalistas tão formidavelmente ricos que eles já não querem se submeter às veleidades do mercado que os enriqueceu. Já não são megacapitalistas: são metacapitalistas - a classe que transcendeu o capitalismo e o transformou no único socialismo que algum dia existiu ou existirá, o socialismo dos grão senhores e dos engenheiros sociais a seu serviço .[19]

Desconsideram, portanto, a tendência natural do capitalismo à concentração e centralização do capital, associando tal fenômeno, em vez disso, a falhas de caráter de indivíduos isolados que burlam as leis da livre concorrência para enriquecer. Dessa forma, retiram do sistema a responsabilidade pela existência do grande capital usurário e monopólico ou oligopólico, já que o verdadeiro capitalismo, na visão do movimento, é o de livre concorrência.

O fato de terem que usar a máscara de defensores da "democracia" e adotarem aparentemente um discurso liberal-democrático, permite que não se assumam enquanto defensores do espectro fascista, e utilizam a tese do "totalitarismo" para retirarem do campo da direita o fenômeno fascista, já que o ligam ao comunismo enquanto representante do Estado "totalitário". Nesse sentido, aproximam-se da tese desenvolvida por Hannah Arendt, que utiliza o conceito de "totalitarismo" para se referir tanto ao nazismo alemão como ao

[19] CARVALHO apud PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial.** São Paulo: Editora É Realizações, 2008. p. 254-255.

bolchevismo soviético, colocando sob um mesmo conceito regimes totalmente distintos no que diz respeito ao seu conteúdo de classe e ao projeto de sociedade que defendem.[20]

O Mídia Sem Máscara apresenta também uma novidade discursiva: desenvolve a tese do "nazismo de esquerda", com base na questão da intervenção do Estado na vida social, desconsiderando a essência de ambos os regimes e limitando-se a aspectos superficiais, como se o Estado nazista tivesse a mesma natureza de classe e se propusesse aos mesmos fins que o Estado comunista (os Estados do socialismo real). E como se o Estado não fosse absolutamente necessário também à acumulação de capital, através da sua intervenção em sociedades capitalistas voltada para garantir a propriedade privada dos meios de produção e a apropriação privada da riqueza social. Segundo Olavo de Carvalho:

> O nazismo evidentemente faz parte do processo revolucionário mundial. E sobretudo o fascismo italiano era uma dissidência interna do movimento socialista. Na verdade, a palavra totalitarismo foi invenção dos fascistas italianos, e o Mussolini subscreveu, ele adotou essa palavra, ele achou bonito o totalitarismo. E ele definiu como tudo dentro do Estado, nada fora do Estado e nada contra o Estado. Então, todo esse pessoal que adora intervencionismo estatal, isso tudo é a esquerda mundial. A esquerda é isso, a esquerda é intervencionismo estatal.[21]

Dessa forma, a tese do "nazismo de esquerda" tem a função de negar a essência fascista do movimento e relacionar o fascismo à esquerda; isso só é possível porque, enquanto um movimento neofascista, o Mídia Sem Máscara não assume as formas do fascismo clássico.

O Mídia Sem Máscara propaga um discurso de ódio e constrói estereótipos acerca de grupos sociais e movimentos situados à esquerda do espectro político, bem como propaga um moralismo de caráter cristão contra alvos considerados destoantes do padrão moral que defendem, pretendendo unificar uma base de massas na luta contra os inimigos construídos. Seu espectro fascista está presente em seu discurso islamofóbico, lgbtfóbico, misógino, anti-indigenista, anticomunista, antifeminista, anti-movimento negro e antiesquerdista em geral,

---

[20] ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

[21] CARVALHO, Olavo de. **O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oODfzPLE_m4>, min. 0,56 a 1,34. Acesso em 27 dez. 2019.

pois ambos os alvos são colocados em uma posição de contrários aos interesses nacionais e à civilização ocidental judaico-cristã.[22] A ideia de conspiração do inimigo também está presente e fortalece a mobilização que o movimento pretende realizar atraveś das mídias sociais.

Nesse sentido, o discurso neofascista do movimento é funcional aos interesses do capital, pois ajuda a canalizar os ressentimentos, as frustrações e os temores sociais das massas trabalhadoras contra alvos específicos, contribuindo para que a organização de classe contra os interesses do capital seja enfraquecida e dificultada. O anticomunismo tem um papel bastante preponderante no movimento Mídia Sem Máscara, pois através dele se articula a luta contra os demais inimigos eleitos, já que todos estariam relacionados em torno de uma proposta de revolução contra a ordem social capitalista e judaico-cristã. Por isso, embora o comunismo não exista mais enquanto uma ameaça concreta ao sistema capitalista após o fim das experiências socialistas do leste europeu, o anticomunismo continua bastante presente nas ideias conspiracionistas do movimento de Olavo de Carvalho, e serve para atemorizar as massas contra tudo aquilo que possa ser percebido como ameaça ao acúmulo desenfreado de capital.

O Eixo do Mal, o conspiracionismo e o anticomunismo

No contexto histórico da crise dos regimes do chamado "socialismo real" e da desintegração da URSS, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, várias obras sobre a experiência soviética começaram a ocupar o espaço no terreno dos estudos sobre o tema, retomando antigas ideias e narrativas dos chamados "sovietólogos" dos anos 1930 e 1940, que analisavam o "socialismo real" com base em conceitos como "totalitarismo"[23] e eram profundamente marcados pelo

---

[22]Ver CARVALHO, Olavo de. A Revolução Abrangente. **Diário do Comércio**, 27 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/a-revolucao-abrangente/>. Acesso em 01 ago. 2018.

[23] A teoria do "totalitarismo" estava presente em vários estudos no Ocidente sobre a realidade soviética. Os trabalhos mais conhecidos nesta linha interpretativa são os de Hannah Arendt, As Origens do Totalitarismo – lançado em 1949 -, e de Carl J. Freiderich e Zbigniew Brzezinski, Ditadura Totalitária e Autocracia – que data de 1956. Ambas as obras deslocam a comparação entre o fascismo italiano e o nazismo alemão para a comparação entre este e a ditadura stalinista da URSS. A função ideológica dessa teoria para os interesses geopolíticos dos EUA durante a Guerra Fria era "unir num mesmo conceito os inimigos de ontem (a Alemanha nazista) com os inimigos de então (a URSS),esquecendo-se do papel decisivo da URSS na derrota das potências do Eixo." (MELO,

contexto da Guerra Fria. Em tais análises, o regime "totalitário" teria sido planejado desde o surgimento dos bolcheviques, no início do século XX, e a Revolução de Outubro de 1917 seria, na verdade, um golpe de Estado realizado por um grupo de fanáticos que queriam sangue e poder.[24]

Com o fim do "socialismo real", autores como Richard Pipes e Robert Conquest, entre outros, trouxeram de volta essas interpretações, mas que cumpriam o objetivo de fortalecer a tese triunfalista da suposta vitória do capitalismo e da "liberdade" sobre o socialismo e o "totalitarismo", sendo um dos expoentes desse triunfalismo a obra de Francis Fukuyama, "O Fim da História", publicada em 1989.

A ideia do triunfo liberal capitalista embasou a ideologia da superioridade incontestável da economia de mercado e as críticas a qualquer forma de regulação social – seja o Estado do bem estar social, seja o planejamento de tipo soviético, acompanhadas da ideia de que qualquer mudança radical na sociedade é impossível de dar certo e deve, por isso, ser evitada. Houve, portanto, uma liquidação de toda tradição revolucionária e o surgimento, nesse contexto, de uma literatura revisionista em relação a vários temas caros à historiografia, como a revolução francesa e também a Revolução de Outubro de 1917.[25]

Foi nesse contexto também que autores como Friedrich Hayek e Ludwig von Mises retomaram força no mercado, com suas teses liberais produzidas ainda nos anos 1940, que representavam uma luta política contra as então dominantes ideias intervencionistas e de planejamento econômico, apresentadas por eles como ameaças às instituições e valores de uma sociedade livre. Hayek, por exemplo, afirmava que estaria em curso um processo de formação de um consenso socialista, concebido por ele como uma "ideologia totalitária" que realizava a intervenção do

Demian B. & MONTEIRO, Marcio L. Os ciclos de revisionismo histórico nos estudos sobre a Revolução Russa. **Rev. Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 08, N.3, p. 2256-2294, 2017,, p. 2267.

[24]SEGRILLO, Angelo (a). Historiografia da Revolução Russa: Antigas e Novas Abordagens. **Projeto História**, nº 41, Dezembro, 2010, p. 63-92, p. 73.

[25] MELO, Demian. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. In **Marx e o Marxismo**, vol. 1, n. 1, julho/dez., 2013, p. 50-74, p. 54.

governo na economia e na vida pessoal dos indivíduos por meio do arbítrio e da coerção.[26]

Portanto, tais ideias são retomadas com o colapso do "socialismo real", sendo este apresentado como o exemplo de que os autores liberais estariam certos em seus argumentos, principalmente pelo fato de as experiências socialistas terem sido marcadas por um traço autoritário e burocrático. Assim, iniciaram-se as práticas neoliberais de desmonte do Estado e de políticas sociais, com o argumento de que o excesso de gastos públicos provoca inflação e distorções no mercado. Vários governos neoliberais ascenderam ao poder, na América Latina, e passaram a adotar a receita econômica do Consenso de Washington[27] para os países, como estabilização monetária, rígida disciplina fiscal, mudanças de prioridades nos gastos públicos, reforma tributária, privatizações, taxas de câmbio flutuantes, desregulamentação da economia, garantia aos direitos de propriedade, etc.

As consequências do neoliberalismo foram negativas, com o aumento da desigualdade e da pobreza, a manutenção da estagnação nas taxas de crescimento econômico e o aumento do desemprego ou geração de empregos de baixa qualificação. A crise de 1998 colocou em xeque o neoliberalismo, pois, em grande parte, foi consequência da desregulamentação dos mercados, inclusive, do financeiro. Isso fez com que fosse necessário uma correção de rumo, com projetos de refuncionalização do Estado, que passaria a ter uma função reguladora das atividades econômicas, operacionalizando junto com o setor privado políticas sociais emergenciais, focalizadas e assistencialistas para garantir as taxas de acumulação do capital e diminuir os problemas sociais, sem contudo abandonar os mecanismos de mercado na produção da riqueza.[28]

As contestações ao modelo neoliberal, com a ocorrência de vários protestos e críticas à globalização, acendeu o alarme nas classes dominantes. Em vários países da América Latina, por exemplo, chegaram ao poder governos mais

---

[26] CASTELO, Rodrigo. **O Social-Liberalismo. Auge e Crise da Supremacia Burguesa na Era Neoliberal**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 217.
[27] Conferência promovida pelo Institut for International Economics que reuniu economistas de oito países latino-americanos - Argentina, Brasil, Chile, México, Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia, para apresentar soluções para a crise que começava a afetar seriamente os interesses dos Estados Unidos ao reduzir na América Latina a capacidade de importar e atender ao serviço da dívida externa.
[28] Ibidem, p. 24.

progressistas, que vão de uma orientação mais socialista até o chamado social liberalismo, que tinham em comum a recusa das políticas radicais do neoliberalismo, procurando implantar políticas sociais mais sistemáticas e estímulo ao desenvolvimento econômico por meio dos investimentos públicos.

Nas classes dominantes, esse recuo, ainda que superficial, do neoliberalismo não foi bem aceito, abrindo espaço para o surgimento de grupos de direita que reforçaram novamente o discurso anticomunista e anti-esquerdista em geral e, no Brasil, o Mídia Sem Máscara é um exemplo, pois iniciou seus trabalhos no ano em que Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, foi eleito à presidência, em 2002, tendo como objetivo agrupar diversos intelectuais de direita, para construir narrativas de desqualificação e demonização das esquerdas e dos comunistas e reforçar a resistência neoliberal a um governo que tinha algum comprometimento com as causas populares.[29]

O conspiracionismo do Mídia Sem Máscara constrói uma narrativa contrária às teses triunfalistas elaboradas no contexto do fim do "socialismo real", pois, enquanto o triunfalismo garantia a vitória inconteste do capitalismo e o fim da ameaça comunista, os adeptos do movimento acreditam que o comunismo continua sendo uma ameaça ao "mundo livre e democrático". Na visão de Olavo de Carvalho e seus seguidores, como Heitor de Paola, o comunismo estaria representado, na América Latina, por um conjunto de países tidos como o "eixo do mal" - Cuba, Venezuela e Brasil, principalmente -, ou seja, os governos de Fidel Castro, Hugo Chavez e Luiz Inácio Lula d Silva, respectivamente. Faz parte dessa narrativa, a ideia de que o chamado Foro de São Paulo teria o objetivo de apoiar a revolução comunista mundial, assim como a criação de uma suposta União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL). A crítica ao triunfalismo aparece na obra de Paola, que chega a associar o autor da tese do "fim da história", Francis

---

[29]Faz parte desse discurso a ideia de que o Brasil viveria uma "guerra ideológica" liderada pelos chamados "petralhas", isto é, os militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), que pretenderiam transformar o Brasil num país comunista, e subverteriam a sociedade, criando as condições para o caos e a opressão "totalitária". O termo "petralha" é um acrônimo, unindo as palavras petistas e "irmãos metralhas", personagens criminosos dos Estúdios Disney, demonstrando o caráter coletivamente criminoso da militância e do PT, como se ele fosse, na verdade, não um partido, mas sim uma organização criminosa. (CASTRO, Ricardo F. Veneno Antidemocracia: conspiracionismo, ideologia e política. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh**. Rio de Janeiro, 2016, p. 4.

Fukuyama, com organizações "de esquerda", por supostamente querer construir a ideia de que o comunismo deixou de ser ameaça.[30]

Com a ideia fixa em uma suposta ameaça comunista mundial, os conspiracionistas brasileiros que fazem parte do movimento "Mídia Sem Máscara", de Olavo de Carvalho, reproduzem algumas teses dos sovietólogos, citados anteriormente, mais especificamente a tese do "totalitarismo", para se referir às experiências socialistas existentes ou que existiram e a visão teleológica da história soviética. Segundo Cohen, os "sovietólogos" são orientados pelo que ele chama de "determinismo monocausal", ao reduzirem os eventos da história soviética a consequências diretas das ações e desejos das lideranças bolcheviques, dando à história um caráter de inevitabilidade. Trata-se, segundo ele, de um método analítico que avalia "o passado nos termos do presente, os antecedentes nos termos dos resultados".[31]

Na obra de Heitor de Paola, a demonização do comunismo e dos comunistas é a tônica central, relacionando todos os resultados "negativos" das experiências socialistas ao caráter maléfico das lideranças comunistas e aos seus desejos de poder e domínio mundial. Os processos e contextos históricos ficam de fora da narrativa, pois o objetivo é a anatemização dos comunistas e do comunismo, bem como da própria ideia de revolução. Esse mesmo processo ocorre na literatura revisionista de caráter anticomunista sobre a história soviética, conforme nos diz Manuel Loff. A ideia de "anatemização" da revolução é o princípio de que as revoluções são anomalias ou catalisadoras de desordem social, e teria sido determinante na formulação da tese do totalitarismo.[32]

Assim sendo, pode-se dizer que a obra de Heitor de Paola se inspira na literatura revisionista anticomunista, que retoma as teses dos sovietólogos dos anos 1940, embora Paola não cite diretamente, durante o desenvolvimento de seus argumentos, autores que se enquadram nessa linha, mas reproduz a mesma narrativa. Apenas as obras de Stephanie Courtois – "O Livro Negro do

---

[30] PAOLA, Op. Cit., p. 19-20.

[31] COHEN, Stephen. **Rethinking the Soviete Experience. Politics and History since 1917**. Oxford: Oxford University Press, 1985, p. 43-44 e 52.

[32] LOFF, Manuel.Dictatorship and revolution: Socio-political reconstructions of collective memory in post-authoritarian Portugal. **Culture & History Digital Journal**, 3, 2014, p. 57.

Comunismo"[33] - e de François Furet – "O Passado de uma Ilusão"[34] – aparecem em seu livro, porém, a primeira só é citada na referência bibliográfica e a segunda aparece em corpo de texto, mas sem aprofundamento algum.

Segundo Barkun[35] e Taguieff[36], são quatro os princípios básicos do conspiracionismo: "nada acontece por acidente", "nada é o que parece", "tudo está conectado" e "tudo o que acontece é o resultado de vontades ocultas e malignas". Tal discurso entende a política como a luta entre forças do bem e forças do mal, e tal luta ocorreria nos bastidores ocultos da política. Segundo Castro[37], "o conspiracionismo se tornou um dos principais elementos da cultura política ocidental, como exemplificam a teoria da conspiração da 'Nova Ordem Mundial' e do 'marxismo cultural'".

Quanto à origem do termo "marxismo cultural", pode-se dizer que surgiu nos EUA, durante os anos 1990, nos círculos políticos da direita religiosa, sendo seus principais divulgadores, William Lind, Paul Weyrich, Pat Buchanan e o Free Congress Foundation. Segundo os defensores dessa tese conspiratória, vários elementos presentes na cultura política norte-americana desde o final do século XX – como defesa dos direitos humanos e civis para as diferentes "minorias" (homossexuais, negros, imigrantes), multiculturalismo, Estado laico, humanismo crítico, estudos de gênero, ambientalismo e feminismo – seriam uma "guerra ideológica" contra os valores, a cultura e a sociedade norte-americana. Essa guerra seria o resultado da ação subversiva dos intelectuais marxistas organizados em torno da "Escola de Frankfurt", que migraram para os Estados Unidos ao longo dos anos 1930 para fugir da Alemanha nazista, principalmente Theodor Adorno e Max Horkheimer, judeus e marxistas.[38]

---

[33]COURTOIS, Stephane ; WERTH, Nicola; PANNE, Jean-Louis; PACZKOWSKI,Andrzej; BARTOSEK,Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. **O Livro negro do comunismo(Crimes terror e repressão).**1 edição. São Paulo: Ed Bertrand, 1990.
[34] FURET, François. **O Passado de uma Ilusão: Ensaios sobre a ideia comunista no século XX**. São Paulo: Siciliano, 1995.
[35] BARKUN, Michael. **The culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America.** Berkeley: University of California Press, 2003. p. 4.
[36]TAGUIEFF, Pierre-André. **L´imaginaire du complot mondial: aspects d´un mythe moderne**. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 2006. p. 57.
[37] CASTRO, R. Op. Cit., p. 4.
[38] Ibidem, p. 6.

O Mídia Sem Máscara é, no Brasil, o principal veículo de disseminação dessas teses conspiratórias, considerando-se que Olavo de Carvalho, o líder do movimento, reside nos EUA e se nutre do ambiente conspiracionista norte-americano, reproduzindo grande parte de seu discurso no Brasil.

As Descontextualizações da história soviética

A narrativa de Heitor de Paola é baseada em uma estratégia discursiva que relaciona fatos e eventos históricos a uma teia conspirativa que tornaria esses eventos inteligíveis. Como nas teorias conspiracionistas nada é por acaso, ligam-se fatos e eventos díspares ou não-interligados a intenções maléficas dos comunistas visando ao suposto domínio mundial. O que ocorre então é a interpretação de fatos e eventos à luz da teoria conspiratória assumida previamente como verdade absoluta e, para isso, é preciso descontextualizar os fatos e eventos interpretados, para que eles ganhem significados novos e pareçam confirmar a tese conspiratória. Apresentaremos alguns exemplos dessas descontextualizações na obra de Paola, todas elas referentes a momentos da história soviética. O objetivo da estratégia descontextualizante é a "demonização" de todo o processo revolucionário iniciado com a revolução bolchevique de outubro de 1917.

O "ouro alemão", o Tratado de Brest-Litovsky e o Pacto germano-soviético

Paola encontra relações entre um suposto acordo entre Lenin e o governo alemão feito em 1917 - que teria permitido sua passagem pelo território da Alemanha para chegar à Rússia e fazer a revolução -, a assinatura do Tratado de Brest-Litovsky em 1919 – que selou a paz entre a Rússia bolchevique e a Alemanha durante a primeira guerra mundial - e o pacto germano-soviético de 1939 – o pacto Ribbentrop-Molotov de não-agressão entre a Alemanha nazista e a URSS. Tais "relações" sustentam a sua tese de que teria havido uma "operação de desinformação" soviética, segundo a qual haveria um antagonismo mortal entre a "esquerda socialista" e a "direita fascista". O pacto de 1939 seria apenas a culminação de uma "conspiração secreta" iniciada logo após a Primeira Guerra Mundial, que seria negada após a invasão da URSS pela Alemanha nazista em 1941. Teria feito parte dessa conspiração o Tratado de Rapallo, de 1922. O autor sugere

que soviéticos e nazistas eram aliados em essência, e não apenas ocasionais, tentando defender a ideia de que nazismo e comunismo eram semelhantes e não inimigos por princípio, ou seja, estavam unidos "contra o mundo ocidental". Após a Segunda Guerra Mundial, Stalin teria utilizado o Kominform[39] para "plantar" no Ocidente "a falsidade da oposição entre socialismo – de esquerda - e o nazi-fascismo - de direita, mas na verdade eram iguais."[40]

O autor mistura em uma mesma narrativa fatos verdadeiros com especulações até hoje não provadas e que foram muito utilizadas na época da revolução bolchevique para desacreditar a liderança de Lenin e o processo revolucionário. O primeiro elemento da narrativa acima é o chamado "ouro alemão". Trata-se de um boato cuja origem remonta à publicação no jornal Novoie Vremia (Tempo Novo) de um documento com tonalidade oficial afirmando que Lenin recebia diretrizes e dinheiro alemão. A "notícia" logo foi espalhada por toda a imprensa da época. Mas o documento tinha como fonte as confissões de um russo que era alferes do 16.° Regimento Siberiano de Atiradores. Seu nome era Ermolenko. No dia 4 de abril, Lenin publicou as suas famosas "Teses de Abril", nas quais declarava guerra ao governo provisório que assumiu o poder após a revolução de fevereiro de 1917, defendendo a retirada da Rússia da guerra. Nos dias 20 e 21 de fevereiro ocorreu uma manifestação armada contra o prolongamento da guerra. Lenin sofria forte perseguição, com os jornais demonstrando que a sua política era favorável ao Kaiser alemão, dando a entender que ele era um agente da Alemanha. Os oficiais e comissários russos que lutavam contra o bolchevismo dos soldados ajudavam a fortalecer os boatos e Ermolenko aderiu à corrente. A ideia foi sendo apropriada pelos contrarrevolucionários para reforçar sua campanha contra os bolcheviques.[41]

Paola relaciona esse suposto dinheiro alemão dado a Lenin com a assinatura do Tratado de Brest-Litovksy, assinado em 1918, o qual foi bastante desfavorável

[39] O Kominform ou Cominform (que em português significa "Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários") era a organização internacional liderada pelo PCUS, criada em 1947, e cujo objetivo era promover o intercâmbio de informações e coordenar as ações dos vários partidos comunistas da Europa. Foi sucedânea do Komintern (a Terceira Internacional Comunista, criada em 1919 e dissolvida pela URSS em 1943).
[40]PAOLA, op. cit., p. 121-25.
[41] TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 488-89.

para a Rússia. Ou seja, Lenin teria aceitado um acordo benéfico para a Alemanha em troca do dinheiro recebido. No entanto, a narrativa que liga os dois fatos (embora o primeiro não possa ser considerado verdadeiro) baseia-se em uma série de omissões acerca de elementos da história dos próprios bolcheviques ou do contexto da decisão pela assinatura do tratado. Um desses elementos era a posição tradicionalmente adotada contra o envolvimento do proletariado em guerras imperialistas. Logo, assinar um acordo para retirar a Rússia da guerra seria providência mais do que esperada dos bolcheviques assim que assumissem o poder e era uma das bandeiras da Revolução de Outubro. A suposição também não explica por que a assinatura do tratado foi precedida de intensos debates dentro do partido bolchevique, com posicionamentos diferenciados e conflituosos, que ajudaram a retardar a solução do problema. Portanto, esses debates também não aparecem na narrativa paolina. O autor parte do pressuposto de que Lenin poderia decidir sozinho assinar a paz com a Alemanha por estar em dívida com o país que o teria supostamente ajudado a entrar na Rússia para fazer a revolução. Mas os documentos estão à disposição dos pesquisadores para serem consultados e comprovam toda a discussão que ocorreu entre os bolcheviques dentro do partido a respeito dessa questão, e estava centrada em torno de três teses defendidas por diferentes grupos. A primeira, advogada por Lenin, defendia a assinatura do acordo de paz em separado com a Alemanha, por achar que a continuidade da guerra era insustentável diante das condições em que se encontrava a Rússia e seria a melhor solução tendo em vista o reforço da revolução socialista no país. A segunda tese, que tinha Trotsky entre seus defensores, elaborou a fórmula "nem paz nem guerra", ou seja, a Rússia não assinaria nenhum acordo de paz, mas cessaria as hostilidades e desmobilizaria o seu exército. A terceira tese advogava a guerra revolucionária, transformando a guerra imperialista em luta revolucionária em vários países.[42]

A demora na decisão sobre a questão fez com que os alemães se fortalecessem e impusessem condições ainda mais duras para a assinatura do acordo. As condições altamente desfavoráveis do acordo para a Rússia deveram-se,

[42]Ver LENIN, V. I. **Obras Escolhidas**. Lisboa-Moscovo: Edições Progresso, Tomo 2, 1977. p. 453-59.

portanto, não a um trato anterior de Lenin com os alemães, mas à luta interna dentro do partido bolchevique acerca de qual decisão tomar, deteriorando ainda mais as condições, até que foi inevitável a assinatura do acordo de paz. As teses alternativas à assinatura do tratado eram incompatíveis com a fraqueza militar, econômica e social da Rússia no momento e se fossem colocadas em prática significariam o fim do governo bolchevique.[43]

Paola omite todo esse processo, em sua tentativa de ligar o desfecho em Brest-Litovsky ao suposto "ouro alemão". Assim, ele descontextualiza a assinatura do tratado, feito em contexto de ameaça alemã de invasão do território russo e da não-existência de um exército capaz de combater tal ameaça, com o agravante de ser uma luta desigual entre um país camponês arruinado e uma nação imperialista avançada, o que significaria, em caso de resistência, a derrota e a derrubada do poder soviético.[44]

Paola insere na narrativa o Tratado de Rapallo, enfatizando com muito vigor um fato realmente verídico: a existência de itens secretos no acordo, que previam cooperação tecnológica da Alemanha para a URSS em troca de construção de fábricas de armamentos alemães em território soviético, com o objetivo de burlar o Tratado de Versalhes. E que tal acordo manteve-se até a invasão da URSS pela Alemanha, em 1941.

No entanto, Paola omite que, às vésperas da guerra, Hitler havia definido objetivos precisos de política exterior, entre eles, buscar a aliança da Grã-Bretanha ou ao menos sua neutralidade para a conquista da Europa oriental, inclusive da URSS.[45] Ou seja, a URSS sempre foi um dos alvos da Alemanha nazista e os soviéticos sempre souberam disso, o que ajuda a explicar a assinatura do Pacto de não-agressão entre as duas potências em 1939.

Ao sugerir que o pacto de 1939 seria apenas a culminância de conspirações secretas entre Alemanha e URSS e interpretá-lo como evidência de compartilhamento de princípios entre nazistas e comunistas, Paola sonega

---

[43] Ibidem.

[44] Idem.

[45] SARAIVA, José F. Sombra. A Agonia Europeia e a gestação da nova ordem internacional (1939-1947). *In* SARAIVA, José F. Sombra. (org.) **Relações Internacionais. Dois Séculos de História. Entre a Preponderância Europeia e a emergência americano-soviética (1815-1947).** Brasília: IBRI, 2001, p. 223.

informações muito importantes e não considera o próprio contexto em que o pacto foi assinado. Ele não relaciona, por exemplo, a Conferência de Munique, que ocorreu em 1938, com a assinatura do pacto germano-soviético, sem a qual o pacto não pode ser totalmente compreendido em seu devido contexto. Tal conferência decidiu pelo desmembramento da Tchecoslováquia para atender à reivindicação alemã e por pactos de não-agressão entre Inglaterra e Alemanha, França e Alemanha. Essa política de apaziguamento da França e da Grã-Bretanha não deu resultados e Hitler continuou com suas anexações territoriais. No entanto, a política de apaziguamento e a Conferência de Munique tinham deixado um rastro de desconfiança na URSS. Stalin interpretou tais ações como acordos e aproximações entre os países contra o comunismo soviético, já que o anticomunismo era um elemento em comum entre eles, e decidiu pelo pacto com Hitler, para o adiamento o máximo possível da agressão alemã ao território soviético, que já era tida como certa. Em virtude das dificuldades de um acordo com os países democráticos, Stalin voltou-se para a Alemanha nazista. Foi, portanto, um pacto estratégico para ganhar tempo, enquanto a URSS fortalecia sua indústria bélica e se preparava para a futura guerra contra os nazistas. O pacto não teve nenhuma relação com semelhanças de princípios entre nazismo e comunismo, uma falácia muito repetida pela extrema-direita atual. Assim como não tem sentido vê-lo como a culminância de um processo que teria se iniciado em Brest-litovsky ou até mesmo antes, com o suposto acordo entre Lenin e o Kaiser alemão (o "ouro alemão"). São interligações que não existem, apenas enfeitam a narrativa de uma extrema-direita que almeja ligar o nazismo ao comunismo soviético.

O "socialismo real". Uma visão teleológica da história

A visão teleológica da história pode ser incluída em uma concepção mitificada da história. Segundo Neto[46], trata-se de uma fetichização da ratio, que concebe a história em termos de linearidade hiperdeterminada. Nesse processo, o ponto de vista ontológico é substituído por uma racionalidade baseada na ideia de uma

[46] NETO, Artur Bispo S. Teleologia e História. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 115-127, 2011, p. 115-16.

finalidade imanente às coisas. Assim, os resultados dos processos históricos são vistos como a realização de fins inevitáveis da própria história.

Os conspiracionistas compartilham de uma teleologia anticomunista que possui uma diferença básica em relação à definição de concepção teleológica da história apresentada acima. Em vez de uma finalidade imanente às coisas, eles vêem uma finalidade maléfica imanente aos comunistas, ou seja, aos sujeitos da história, que teriam produzido resultados pré-determinados por suas lideranças, a começar pelo próprio Marx. Há uma completa desconsideração para com a imprevisibilidade, os contextos condicionantes das ações e as lutas políticas no processo histórico, apresentando uma "explicação" simplista e pautada em pressupostos preconceituosos sobre os problemas dos regimes do chamado "socialismo real".

Heitor de Paola desenvolve, em sua obra, uma narrativa teleológica anticomunista ao abordar uma das questões mais problemáticas dos regimes socialistas construídos após a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia: o autoritarismo burocrático e os privilégios dessa burocracia. Logo no subtítulo que trata do tema, podemos perceber a teleologia: "A verdadeira meta comunista – a nova classe".[47] Faria parte dos objetivos dos comunistas, desde o início, criar uma classe privilegiada de indivíduos, que submeteriam toda a sociedade aos seus ditames para dominarem em nome de seus próprios interesses. Segundo Paola, " a meta comunista não é parar a história, mas revertê-la do estado liberal para o aristocrático, só que agora não mais uma aristocracia de sangue, mas autonomeada e ungida não por Deus, mas pelos seus pares."[48] Comunismo seria, portanto, sinônimo de aristocracia.

Para fundamentar essa visão teleológica, Paola cita alguns autores que seriam oriundos de países do socialismo real ou teóricos políticos pertencentes às fileiras de partidos comunistas em outros países. O primeiro deles é Milovan Dijlas[49], que

---

[47] PAOLA, Op. Cit., p. 82.
[48] Ibidem, p. 86.
[49] Milovan Dijlas uniu-se ao Comitê Central do PC iugoslavo em 1938 e ao Politburo em 1940, tendo exercido importante papel na resistência aos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e, ao fim da guerra, tornou-se membro do gabinete de ministros de Josef Tito. Participou também da defesa da independência dos comunistas iugoslavos em relação à URSS em 1948. Posteriormente, Dijlas intensificou suas críticas ao partido e defendeu a liberalização política do regime, afastando-se dos

escreveu a obra *A Nova Classe*, na qual aponta que a revolução comunista resultou na completa autoridade de uma única classe, que se interessa pelos pobres apenas enquanto necessários para o aumento da produção. Esta classe exerceria o monopólio sobre a classe trabalhadora e teria se apropriado dos bens através da nacionalização e estatização, tornando-se uma classe exploradora.[50]

O segundo autor citado é o soviético Mikhael Voslensky[51], em cuja obra "A Nomenklatura", teria se referido também a esta "nova classe", que ele chama de Nomenklatura, a qual seria a verdadeira proprietária da propriedade coletiva. Outro autor citado é Bruno Rizzi[52] que, na obra "A Burocratização do Mundo", teria mostrado, em 1939, que na sociedade soviética os exploradores se apropriam indiretamente da mais-valia através do Estado, que embolsa a mais-valia nacional e a distribui aos seus funcionários - a nomenklatura, que ocupa os postos mais importantes por recomendação do partido. Paola afirma que "a nova classe é herdeira direta das antigas aristocracias e monarquias absolutistas"[53], abstraindo de qualquer análise histórica das origens dessas formas de governo e de Estado e de seus respectivos contextos históricos, usando a estratégia dominante das narrativas conspiracionistas de associar ou igualar momentos e fenômenos históricos totalmente diversos para desinformar o público com objetivos meramente políticos de atacar os adversários.

---

seus postos políticos e do próprio partido e chegando a ser preso em 1956 por seu apoio à revolução húngara no mesmo ano. Entre suas obras publicadas estão *The New Class* (1957), *Unperfect Society* (1969) e *Conversations With Stalin* (1962), sendo esta última uma crítica ao líder soviético.

[50] Ibidem, p. 83.

[51] Foi um escritor soviético, cientista e diplomata, tendo sido intérprete soviético durante o Tribunal de Nuremberg e membro da Academia Soviética de Ciências. Mais tarde, tornou-se dissidente do regime da URSS. Escreveu a obra *Nomenklatura: The Soviet Ruling Class* inspirado pela obra de Milovan Dijlas. Redigiu também a obra *Secrets Revealed: Moscow Archives Speak*, sobre o papel do terror no sistema soviético, a evolução da polícia secreta soviética e o papel da nomenklatura nesta hierarquia.

[52] Teórico político italiano que entrou para o Partido Socialista Italiano em 1918, tendo saído do partido para ser um dos fundadores do Partido Comunista da Italia (PCI), o qual também deixou em 1930. Devido à perseguição pelo regime fascista, emigrou para a França e, durante os anos 1930, participou dos debates envolvendo Trotsky, James Burnham e Yvan Craipeau sobre a natureza da URSS. Em sua obra A Burocratização do Mundo, defendeu que o fascismo e o stalinismo estavam desenvolvendo métodos políticos similares e conceituou os regimes da Alemanha, Itália e URSS como totalitários.

[53] Idem, p. 84.

A constatação dos limites e contradições existentes no socialismo real não é o problema, pois o campo intelectual ligado à esquerda vem se debruçando há tempos acerca dos processos históricos que levaram à construção dos regimes burocratizados advindos do pós-revolução bolchevique. O próprio Bruno Rizzi, citado por Paola, é um exemplo. Não é um tabu na esquerda, mesmo entre os comunistas, analisar esse fenômeno, e muitos comunistas convictos criticam o modelo implantado na URSS e nos países sob sua influência no Leste Europeu, sem, no entanto, abdicar de suas ideologias e projetos de sociedade calcados nos princípios comunistas. Uma coisa é reconhecer que as experiências socialistas apresentaram diversos problemas e tentar compreender por que isso ocorreu como forma de conhecimento sobre o significado de tais experiências e seu legado para a humanidade e também como forma de aprendizado sobre os erros cometidos para os que continuam defendendo uma sociedade comunista. Outra é desqualificar essas experiências tendo como fundamento unicamente o combate ideológico ao comunismo, sem preocupação com uma análise honesta das causas e dos processos históricos que levaram ao domínio da burocracia e do autoritarismo dos partidos comunistas nessas sociedades.

Os autores citados na obra de Paola para corroborar sua narrativa aparecem como se eles compactuassem com a sua interpretação teleológica, mas, na verdade, constatar os problemas sérios da burocratização e do autoritarismo nos países socialistas não torna verdade a perspectiva conspiracionista e demonizadora que o autor desenvolve em toda sua obra.

Na narrativa paolina, o socialismo real foi autoritário e burocrático porque os comunistas são maus e nunca pretenderam construir uma sociedade justa, apenas uma sociedade de uma “nova classe” de privilegiados que explora o povo. Desde Marx a Lenin, o projeto foi dominar o mundo em proveito próprio, pensam os conspiracionistas. Esse tipo de percepção não pretende explicar ou compreender a complexidade dos fenômenos históricos, políticos e sociais. Assim sendo, o debate sobre as causas do fenômeno da burocratização nos socialismos existentes não aparece na obra do autor, havendo mais uma vez uma descontextualização gritante dos rumos pelos quais enveredou a revolução bolchevique na Rússia e suas

consequências, como se a única coisa que importasse fosse o caráter das lideranças ou uma suposta essência maléfica do comunismo.

Percebe-se, neste tema, um ponto de contato com a produção historiográfica dos "sovietólogos", que concebem uma linha de continuidade entre o início da revolução bolchevique e o desenvolvimento do stalinismo. Algumas teses mais recentes, como a de Robert Gellately[54], por exemplo, advogam, inclusive, que o terror stalinista seria derivado do próprio marxismo, ou seja, estaria contido no pensamento de Marx e de seus seguidores. Há ainda o trabalho de Bruno Gropp[55] que, além de não diferenciar o stalinismo do bolchevismo e ver este como continuidade de um projeto político autoritário, com origens em uma suposta "cultura política" despótica própria da Rússia, percebe a falta de democracia do stalinismo como resultado do fanatismo dos bolcheviques, que se consideravam os únicos detentores da verdade. No entanto, esses autores não aparecem na obra de Paola.

Ao usar a narrativa teleológica de que o desenvolvimento do modelo do chamado "socialismo real" já estava previsto desde Marx e os primórdios do governo bolchevique, Paola desconsidera vários fatos que merecem atenção e que demonstram que essa linha de continuidade não existia. Várias pesquisas[56] revelam que houve grandes mudanças entre os anos imediatamente posteriores a outubro de 1917 e o regime stalinista. O regime político instaurado logo após a revolução era baseado em um gabinete multipartidário, formado pelos grupos contrarrevolucionários – inclusive, os bolcheviques convidaram essas demais forças para comporem o governo, entre elas, os socialistas-revolucionários, cuja ala esquerda chegou a participar do governo, mas posteriormente abandonou a coalizão; havia diferenças também na forma de funcionamento do Partido Bolchevique, que inicialmente era baseado no centralismo democrático, passando ao centralismo burocrático à medida que o autoritarismo avançava.

---

[54] GELLATELY, Robert. **A Maldição de Stalin.** São Paulo: Record, 2017.
[55] GROPPO, B. O Comunismo na História do Século XX. **Lua Nova**, São Paulo, n. 75, p. 115-141, 2008, p. 116-121.
[56] Entre essas pesquisas, podemos citar os trabalhos de Israel Getzler, Outubro de 1917: o debate marxista sobre a revolução na Rússia. In HOBSBAWM, Eric. **História do Marxismo.** v 5, São Paulo: Paz e Terra, 1985; e MAROT, John E. **The October Revolution in prospect and retrospect: interventions in Russian and Soviet History.** Leiden: Brill, 2012.

Cohen[57] enfatiza que há uma perspectiva a-histórica nas interpretações dos "sovietólogos" que inspiram a narrativa de Paola, pois seus adeptos se tornaram incapazes de levar em conta as várias mudanças que marcaram o Partido Bolchevique e o regime soviético durante as primeiras décadas da nova formação social inaugurada pela revolução. Eles teriam, na verdade, recorrido a "preconceitos cegos, e rótulos, imagens, metáforas e teleologia assumiram o lugar de explicações reais".

O autor desconsidera toda a discussão dentro do campo do próprio marxismo a respeito da natureza do regime soviético, discussão esta feita de forma bastante crítica deste modelo. A exceção, talvez, seja a citação que faz do italiano Bruno Rizzi, em cuja obra "O Coletivismo Burocrático", de 1939, argumenta que a burocracia soviética se cristalizou em uma nova classe dominante na URSS, surgindo um novo sistema de exploração, no qual a propriedade efetiva dos meios de produção era da burocracia porque esta controlava o Estado, embora não tivesse os títulos jurídicos de propriedade da velha burguesia. Rizzi distingue teoricamente a "propriedade formal" e o "controle real" dos meios de produção, que passou a basear as interpretações dos autores que não caracterizam os Estados nos moldes soviéticos como socialistas.[58]

No entanto, ao citar Rizzi, Paola omite que o que o autor chama de "coletivismo burocrático" não seria específico da realidade soviética, mas fruto das contradições da socialização da produção no mundo industrial moderno, pois, para ele o capitalismo também era incapaz de funcionar e sobreviver em função do alto grau de concentração e centralização da produção. Assim, a burocracia teria surgido como agente social da superação do capitalismo, formando uma nova forma de economia coletivista e burocrática que seria mais adequada ao caráter social da produção no mundo moderno[59]. A omissão desta parte do pensamento de Rizzi é expressivo de como Paola se apropria da obra de autores apresentando-os

[57] COHEN, S. Op. Cit., p. 6-23.
[58] FERNANDES, Luis (a). Leituras do Leste II: O Debate sobre a Natureza das Sociedades e Estados de Tipo Soviético (Segunda Parte — As Principais Interpretações Marxistas). **BIB**, Rio de Janeiro, n. 39, 1 ,° semestre, p. 41-83, 1995, p. 63.
[59] Idem.

como se supostamente eles corroborassem a sua narrativa conspiracionista e anticomunista.

Paola omitiu também a contextualização necessária para se compreender o desenrolar do governo revolucionário em direção a um regime autoritário e burocratizado. Já que tudo não passaria de concretizações de intenções maléficas já planejadas por Marx, não haveria o que explicar, segundo ele. Assim sendo, Paola desconsidera as imensas dificuldades enfrentadas pelos revolucionários por terem iniciado um processo político em direção ao socialismo em um país atrasado que ainda não tinha desenvolvido suas forças produtivas e que estava isolado, já que a tão esperada revolução internacional não ocorreu, fazendo com que os revolucionários bolcheviques tivessem que dar conta do atraso da Rússia sozinhos e em uma situação de ataque de 14 potências durante a guerra civil, que durou três anos e deixou um rastro de destruição de toda a economia russa, piorando ainda mais o seu atraso material e social. A classe trabalhadora mais combativa havia sido praticamente dizimada na guerra, restando uma população faminta e atrasada culturalmente como base para a construção do socialismo.

Tal situação teria favorecido uma organização política autoritária para iniciar a reconstrução do país, calcada na liderança do partido e sua vanguarda e no afastamento já no início de alguns ideais socialistas por absoluta falta de condições objetivas para realizá-los, em um contexto de necessidade de não somente iniciar a reconstrução econômica e o desenvolvimento russo como preservar o poder revolucionário diante das ameaças das potências capitalistas. A burocracia teria sido resultado de todo esse processo e se tornado extremamente importante na administração do caos e da reconstrução, sendo um problema que preocupava as próprias lideranças bolcheviques, como o próprio Lenin.

Ao contrário do que afirma Paola e os conspiracionistas, grande parte da "degenerescência burocrática e autoritária" do socialismo se deve, não às intenções maléficas de seus líderes, mas ao contexto altamente desfavorável materialmente e culturalmente para o estabelecimento de uma autêntica democracia operária, tendo como agravante o cerco capitalista ao jovem país socialista. Foi o resultado das escolhas das lideranças do momento e das lutas políticas no interior do partido comunista russo em resposta aos imensos desafios e limites impostos a eles pela

realidade objetiva que encontraram em seu caminho. Pode-se e deve-se criticar as escolhas feitas, mas interpretá-las a partir de um discurso moralista que apela para o caráter e a essência "maléfica" do comunismo é desconsiderar o contexto em que se deu a tentativa de construir uma nova sociedade em bases materiais tão desfavoráveis.

Assim, a descontextualização e a ausência de um debate com o conjunto dos trabalhos no campo marxista acerca dos problemas dos "socialismo real" acentuam a miséria intelectual da narrativa conspiracionista de Paola, que, em vez de tentar compreender a realidade que critica, a qual é bastante complexa em seus condicionantes e determinantes históricos, procura desenvolver um pensamento baseado em concepções moralistas acerca das supostas intenções maléficas dos comunistas, desconsiderando, inclusive, que inúmeros intelectuais marxistas e comunistas redigiram obras inteiras críticas ao modelo do socialismo real. E quando cita alguns desses intelectuais e/ou políticos, como é o caso do Bruno Rizzi ou dos dissidentes soviéticos, o faz de forma bem rasa, destacando trechos que não permitem ter uma visão de conjunto de toda a obra dos autores, apenas com o intuito de chancelar a sua visão conspiracionista, embora nenhuma das obras citadas possa ser inserida nesta perspectiva.

Os cismas "inventados" no bloco comunista e a Perestroika e a "enganação do Ocidente"

A fim de corroborar a sua tese do domínio mundial comunista nos dias atuais, Heitor de Paola utiliza uma outra estratégia: a negação do fim do comunismo após a destruição das experiências socialistas na antiga URSS e nos demais países do Leste Europeu. Todo o processo de desmonte do socialismo real iniciado com a Perestroika após a chegada de Gorbachev ao poder é apresentado como uma grande armação para iludir o Ocidente capitalista e tornar a sua defesa frente ao comunismo enfraquecida.

Segundo Paola, a Perestroika faria parte de uma suposta "terceira grande estratégia" de longo prazo pensada e colocada em prática pelos comunistas. Ele se baseia em alguns autores de origem soviética, como, por exemplo, Vladimir

Bukovisky[60], para quem não teria havido derrota do sistema comunista, pois não houve julgamento dos seus crimes e nem processo de depuração e as antigas elites permaneceram no poder.[61]

A finalidade dessa "nova estratégia" seria aprofundar a propaganda no mundo ocidental de que o comunismo acabara e a democracia e o liberalismo econômico haviam vencido na Europa do Leste. A pretensão dos comunistas seria enfraquecer e neutralizar o anticomunismo e sua influência política nos EUA, desmoralizando qualquer movimento anticomunista como paranoico, reacionário e ultrapassado, para que os que realmente estariam percebendo a "manobra" não tivessem credibilidade.[62]

Paola enxerga o início dessa "estratégia conspiracionista" no período de Kruschev, quando os crimes da era Stalin foram denunciados, e considera o chamado "antistalinismo" como uma "anestesia revisionista" para reagrupar intelectuais ocidentais em torno das ideias leninistas; muitos teriam servido como "idiotas úteis" e não tomaram conhecimento da "estratégia". O principal resultado teria sido a Detente[63], para demonstrar que até no Ocidente a "abertura" do regime era aceita como legítima. Estaria havendo já uma preparação para a adoção plena da Perestroika, segundo o que chama de linhas de "convergência", com vistas ao governo mundial.[64]

O objetivo principal da "estratégia de convergência" seria fazer com que os inimigos – no caso os capitalistas ocidentais – colaborassem inconscientemente com o "plano comunista" por meio de "aparentes reformas econômicas e pseudo-

---

[60] Bukovisky é um ativista e escritor britânico de direitos humanos nascido na Rússia. Foi um elemento proeminente da dissidência soviética do final da década de 1950 até meados da década de 1970. Fez críticas à Liga da Juventude Comunista, o chamado Konsomol, retratando a URSS como uma sociedade ilegal, e o Konsomol como uma instituição "moribunda" que havia perdido toda autoridade moral e espiritual. Chegou a passar alguns anos em hospitais-prisões psiquiátricos e campos de trabalhos na antiga URSS e foi expulso do país em 1976. Foi membro do Conselho Consultivo Internacional da Fundação Memorial das Vítimas do Comunismo e membro do Conselho Internacional da Fundação de Direitos Humanos baseada na cidade de Nova Iorque

[61] PAOLA, H. de. Op. Cit., p. 161.

[62] Ibidem, p. 161.

[63] Termo frequentemente utilizado em referência à redução geral de tensão entre a União Soviética e os Estados Unidos da América durante a Guerra Fria, ocorrido no final da década de 1960 (após a Crise dos mísseis de Cuba) até o início dos anos 1980.

[64] Idem, p. 161.

democráticas", criando uma "falsa oposição controlada" dentro da URSS e demais países do Leste Europeu.[65]

Paola se põe a explicar que a palavra russa para "convergência" significaria "aproximar para contato" e tal aproximação seria feita através da exploração das "tendências globalizantes da elite ocidental" em "íntima" colaboração com os comunistas para o estabelecimento de "um só mundo", a "Nova Ordem Internacional".[66]

Paola baseia parte da sua narrativa no livro de Gorbachev, "Novas Ideias para meu País e o Mundo", no qual ele aborda as deteriorações nas relações entre a URSS e os EUA após a ascensão de Ronald Reagan ao poder em 1981 e a falta de condições econômicas e tecnológicas da URSS em desenvolver um projeto idêntico ao norte-americano Guerra nas Estrelas. Mas todo o conteúdo do livro é tratado como uma grande estratégia de "desinformação" formulada ainda em 1958 para desmoralizar os sentimentos anticomunistas em expansão na era Reagan. Mas, embora se refira ao contexto de Reagan, Paola faz uma digressão até a década de 1930, com base em uma citação de Dmitri Manuilsky[67], tentando demonstrar que a estratégia já estava prevista nesta época, embora o autor não apresente a fonte, apenas diz que tal discurso teria sido feito em 1931, na Escola Lenin de Guerra Política.

A narrativa conspiracionista é baseada também na obra de Anatoly Golitsyn[68], *The Perestroika Deception*, que relaciona a Perestroika ao método leninista – descrito como o ato de recorrer a todos os estratagemas, manobras evasivas e subterfúgios – para reforçar o sistema soviético. Nesta obra, é feita também uma comparação da NEP (Nova Política Econômica) com a Perestroika, apresentando

[65]Ibidem, p. 162.

[66] Idem. Como exemplo de colaboradores, Paola cita instituições como Fundações Ford, Rockfeller, Carnegie Endowment, e líderes políticos ou intelectuais como Al Gore, Bill e Hillary Clinton, George Bush e Noam Chomsky.

[67]Foi Comissário do Povo para a Agricultura na Ucrânia a partir de 1920. Em 1924 integrou o **Komintern**, sendo um dos principais dirigentes do mesmo. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi Diretor de Propaganda e, em 1944, Ministro de Relações Exteriores da Ucrânia. Foi o primeiro Vice-Presidente do Conselho de Segurança da ONU em 1945 e Presidente do Comitê Político em 1946. Ver https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/manuilsky.htm

[68] Golitsyn vem sendo utilizado pela extrema-direita conspiracionista, devido à sua obra Meias Verdades, Velhas Mentiras, na qual ele sustenta a tese da falsa queda da URSS, negando o fim do comunismo após a Perestroika. Foi agente da KGB e forneceu informações à CIA sobre os métodos da KGB em 1984.

ambas como resultado da intenção de ludibriar os capitalistas e não assustá-los. Golitsyn chama a Perestroika de um "Segundo round da revolução de outubro".[69]

A extinção do Partido Comunista na URSS teria sido tramada desde 1958, com os seguintes objetivos: 1. Criar a impressão de que a burocracia soviética está se tornando democrática e ocidentalizada; 2. Influenciar o Congresso americano a mudar a CIA e diminuir o orçamento militar e de segurança; 3. Criar condições de cooperação entre a KGB e serviços ocidentais, para infiltrar os agentes soviéticos de desinformação. Além disso, os velhos membros do Partido Comunista e do Konsomol teriam se incorporado nas novas estruturas democráticas, não havendo extinção do PC mas, na verdade, redistribuição de seus quadros e reformas cosméticas na KGB para dar impressão de equivalência com os serviços ocidentais, submetendo-se aparentemente ao controle do Parlamento, enquanto seu poder teria aumentado e se tornado secreto.[70]

Como se pode constatar na narrativa paolina, a visão teleológica da história da URSS é um traço marcante do seu discurso anticomunista. Assim como a degenerescência burocrática teria sido planejada, as mudanças por que passou a sociedade soviética até o fim da própria URSS teriam sido programadas desde os anos 1930, com o único objetivo de iludir os ocidentais capitalistas. A descontextualização dos fatos é gritante e, na verdade, é imprescindível para o estabelecimento de relações entre eventos e épocas em uma teia conspirativa. Assim, haveria um fio de ligação entre a desestalinização dos anos 1950 iniciada com N. Kruschev, os cismas entre a URSS e aliados no bloco comunista e a Perestroika. Não existe nenhuma tentativa de compreender esses fatos em seu devido contexto, mas torná-los elementos de um grande teatro das lideranças soviéticas e dos comunistas em geral. A maior prova da falta de compreensão dos fatos citados é a comparação da NEP com a Perestroika, que teriam tido o propósito de "enganar" os capitalistas ocidentais.

Associar a NEP com uma simples estratégia de ludibriar o Ocidente é desconsiderar totalmente o contexto em que ela se iniciou, marcado pelo período pós-guerra civil entre o Exército Vermelho e os exércitos brancos que invadiram a

---

[69] Ibidem, p. 67.
[70] Ibidem, p. 69-70.

Rússia bolchevique. Paola demonstra não compreender que a práxis marxista leva em conta o contexto e as condições objetivas em que as ações devem se dar. Assim sendo, a NEP teria sido, na verdade, uma retomada de um projeto anterior à guerra civil, que teria sido interrompido por ela, cujos contornos Lenin chamava de "capitalismo de Estado".[71]

A NEP só pode ser compreendida como uma práxis voltada para a criação das condições objetivas favoráveis a uma futura socialização da economia soviética. Nesse contexto, o capitalismo passa a ser visto como algo positivo e necessário para o triunfo posterior do socialismo. Reduzir, portanto, a NEP a uma intenção maléfica de enganar o Ocidente e desconsiderar a difícil situação interna da Rússia e o seu isolamento internacional é, além de diminuir a práxis marxista, uma distorção da história do socialismo soviético.

O mesmo raciocínio pode ser usado para a compreensão das diversas tentativas de reformas ao longo da trajetória da URSS e as lutas políticas dentro do PCUS em torno delas.[72] Paola trata todas as lutas políticas como simples encenações, como se não houvesse de fato problemas na economia e na sociedade soviética que ensejassem diferentes propostas de resolução e divisões políticas e conflitos de interesses.

Vários autores procuraram compreender por que as reformas da Perestroika desencadearam a destruição do socialismo em todo o Leste Europeu, enquanto as reformas anteriores não tiveram esse resultado. Alguns apontam para a incompatibilidade entre o sistema rigidamente centralizado e hierarquizado da planificação soviética e as novas tecnologias da era da informação e novas formas de organização mais flexíveis da produção, na era do toyotismo[73]; outros falam da falta de incentivos à inovação no plano da atuação empresarial - e, portanto, baixa "demanda" por novas tecnologias[74]; é abordado também o reforço das estruturas verticais de comando, em vez de relações horizontais, permitindo um grande

---

[71] FERNANDES, Luis (b). A teia de Tânato: da industrialização acelerada à encruzilhada dabinovação no socialismo soviético. *In*: BERTOLINO, O & MONTEIRO, A. (ORGS). **100 Anos da Revolução Russa. Legados e Lições.** São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2017, p. 298-300.
[72] Para aprofundamento das reformas adotadas, ver SEGRILLO, Angelo (b). **Reconstruindo a "reconstrução": uma análise das principais causas da Perestroika soviética.** Tese de doutorado, Niterói: universidade federal fluminense, 1999, p. 41-42.
[73]Idem.
[74] FERNANDES, L.,Op. Cit.

aumento na disciplina do trabalho, mas reforçando os traços autoritários do sistema e levando a problemas em relação à motivação para iniciativas "vindas de baixo"[75]; outro fator apontado é o esgotamento do modelo de desenvolvimento extensivo adotado na economia soviética.[76]

Não é possível presumir que a NEP e a Perestroika foram similares, pois enquanto a primeira foi, de fato um recuo no projeto socialista, tendo sido baseada, inclusive, na importação de tecnologias e reprodução das formas de organização fordista ocidentais na economia soviética, embora mantendo-se a nacionalização e estatização de setores estratégicos – ou seja, o que Lenin chamava de setor socialista da economia -, a Perestroika resultou na adoção plena do capitalismo e no fim dos setores nacionalizados da economia soviética.

Paola, contraditoriamente, utiliza a obra de Gorbachev[77] para basear a sua tese de que a Perestroika foi forjada para enganar o Ocidente, porque nesta obra existe o discurso da construção de um "socialismo humanizado"[78], ou seja, tudo ficaria nos marcos do socialismo; porém, Paola esquece que essa obra foi divulgada em todo o Ocidente, ou seja, se houvesse alguma intenção de ludibriar os capitalistas ocidentais, haveria a promessa de restaurar o capitalismo, não o discurso de reforma do socialismo.

O que Gorbachev e sua equipe chamavam inicialmente de "socialismo de mercado" era, na verdade, uma concepção social-democrática que baseava os países europeus capitalistas do Estado do bem estar social. Mas o modelo do

---

[75] SEGRILLO, A. Op. Cit.

[76] Ibidem, p. 57.

[77] Trata-se do livro "Perestroika. Novas Ideias para o Meu País e o Mundo", lançado em 1987.

[78] O discurso do "novo socialismo" apareceu também nos escritos de Leonid Abalkin, um dos economistas que assessorou Gorbachov na Perestroika, que sustentou a ideia de que o socialismo deve possuir laços com as conquistas da civilização humana, afirmando-se os princípios humanistas da vida social, entre eles, a afirmação da personalidade. Abalkin utilizou, inclusive, o pensamento marxista para justificar as reformas da Perestroika, argumentando que o mercado, as cooperativas, o dinheiro, as ações e os Bancos seriam formas econômicas gerais e as mais viáveis e progressistas, e que podem adquirir conteúdo novo ao servirem às relações de propriedade socialistas, possibilitando um desenvolvimento eficaz e flexível da economia e elevar a sua eficiência. Até mesmo a renda sobre a propriedade é defendida, com base na ideia de que, nos marcos do socialismo, essa renda adviria do trabalho e não da posse do capital. Assim, justificou-se a privatização das empresas com o discurso de que os trabalhadores das mesmas passariam a ser os verdadeiros acionistas e donos delas. (Ver ABALKIN, Leonid. Problemas e Contradições da Economia Soviética no Período de Transição. *In*: POMERANZ, Lenina (org.) **Perestroika: desafios da transformação social na URSS.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1990.

Estado do bem estar social nada tinha de socialista, pois o projeto original do socialismo era a transformação do trabalho fragmentado e atomizado em força coletiva com consciência de classe. A social-democracia reformista em nada contribuiu para isso, pelo contrário, ela reforçou a fragmentação e a atomização da classe trabalhadora, aceitando a subordinação estrutural do trabalho ao capital em troca de melhorias sociais marginais para os trabalhadores, às custas da expansão global do capitalismo e da posição hierarquicamente privilegiada dos países centrais na dinâmica capitalista mundial, que lhes permitiu angariar muita riqueza e conceder tais melhorias aos trabalhadores de seus países.[79]

Em vez de se basear apenas no discurso, Paola deveria ter considerado as práticas efetivas. Gorbachov tomou a iniciativa de enfraquecer geopoliticamente a URSS diante dos países capitalistas, abrindo mão, inclusive, do controle dos países do Leste Europeu, que foram incentivados a buscar seu próprio caminho, seja capitalista ou socialista[80], e abriu mão também do fortalecimento do sistema de defesa militar soviético, em parte devido às dificuldades financeiras para manter os gastos militares na altura da necessidade da corrida armamentista com o Ocidente. Como ter a intenção de se manter nos marcos do socialismo e ao mesmo tempo fragilizar o país em termos geopolíticos e militares?

Por isso, muitos críticos viram o discurso do socialismo reformado como uma retórica para amenizar as resistências internas às mudanças em direção à economia de mercado. Gorbachov esteve bastante inclinado a apoiar as propostas radicais de Stanislav Shatalin[81], mas, diante da ameaça de demissão do primeiro ministro Rizhkov, resolveu anunciar, em setembro de 1990, a realização de um

---

[79] MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2002, p. 777.

[80] POMERANZ, Lenina. **Do Socialismo Soviético ao Capitalismo Russo. A Transformação Sistêmica da Rússia.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2018. p. 117-18.

[81] Trata-se do Plano Shatalin, resultado do refinamento do estudo de reformas elaborado por Gregory Yavlinsky, assessor de Yeltsin e vice-presidente do Conselho de Ministros da República Federada Russa, com base em discussões feitas em agosto de 1990, inclusive com a participação de Gorbachev e Yeltsin. O Plano Shatalin dos 500 dias tinha o primeiro objetivo de estabilização econômica. O plano previa uma maciça venda da propriedade estatal; uma reforma agrária, que autorizaria os camponeses a deixarem as fazendas coletivas e a criarem suas próprias empresas agrícolas; fim do controle sobre os preços dos bens de consumo não produzidos em grandes quantidades, levando à sua determinação pelo mercado; privatização de metade das empresas pequenas e restaurantes do país; abolição da maioria dos ministérios; indexação dos salários; conversibilidade do rublo, etc. O plano não chegou a ser implementado (POMERANZ, L. Op. Cit., p. 124).

plebiscito nacional sobre a aceitação da propriedade privada e reformas a ela correlacionadas. Como houve forte reação dos conservadores contrários às reformas, Gorbachev resolveu adiar a reforma de mercado.[82]

O curso em direção à restauração do capitalismo já estava claro a essa altura e Mészaros chama atenção, inclusive, para a mudança no discurso das lideranças reformistas no decorrer do processo da Perestroika. Enquanto, de início, falavam que o chamado "socialismo de mercado" era um meio para reduzir o poder da arbitrariedade política, o autoritarismo e a burocracia, instituindo-se a "democracia e a liberdade" para o povo soviético, posteriormente, quando as consequências negativas das reformas na vida do povo se fizeram sentir e as resistências a elas aumentaram, os reformistas começaram a defender formas autoritárias que garantissem a transição para a economia de mercado. Os "mecanismos de mercado" transformaram-se em fins em si mesmo aos quais tudo deveria ser subordinado, e a chamada Perestroika foi feita sem o povo e contra o povo.[83]

Após Gorbachov ser derrubado do poder, o que se viu foi a destruição total do sistema do socialismo real e a introdução de medidas de privatização geral de praticamente todos os setores da economia soviética, tendo como principais grupos beneficiados o capital financeiro internacional e a nomenklatura que passou a ser, de fato, a dona dos meios de produção, em um fenômeno chamado pelos especialistas de privatização da nomenklatura.[84]

Não se pode esquecer também que as reformas políticas que acompanharam a Perestroika, chamadas de democratização da sociedade, foram baseadas no abandono do monopólio do partido comunista sobre a sociedade, liberando a participação política dos setores internos na sociedade soviética que pretendiam restaurar o sistema capitalista. Um exemplo foi o fortalecimento do grupo de Boris Yeltsin que, após se tornar presidente da República Russa, aboliu o partido comunista no território russo e impulsionou a separação da Rússia da URSS, fortalecendo o processo de desmembramento do império soviético, tendo

[82]Ibidem, p. 124.
[83] MÉSZAROS, I. Op. Cit., p. 773.
[84]Para a questão da "privatização da nomenclatura" ver POMERANZ, L. Op. Cit.

sido um dos principais responsáveis pela implantação das reformas capitalistas de mercado radicais na Rússia. O governo Yeltsin destruiu todas as formas de resistência às reformas capitalistas através de várias tentativas anticonstitucionais no período de dezembro de 1992 a outubro de 1993.[85]

A narrativa de Paola usa como "prova" da continuidade do comunismo na Rússia o fato de membros do sistema anterior terem permanecido nas estruturas do Estado e estejam atualmente em posições de comando, sendo o maior exemplo o atual Presidente russo, Vladimir Putin. Este argumento é falacioso, pois pressupõe que todos os membros da Nomenklatura no período do socialismo real eram fiéis seguidores da ideologia comunista, e desconsidera também que o único meio para ascensão nos cargos públicos na era soviética era a filiação ao partido comunista e pertencer aos quadros da burocracia. Paola baseia-se na superficialidade do fenômeno. Em seu raciocínio, se os antigos comunistas estão no poder é porque o comunismo continua existindo na Rússia, embora as práticas e o sistema econômico existente atualmente nada tenham a ver com um regime de tipo socialista.

O governo de Vladimir Putin faz parte atualmente da consolidação da nova Rússia capitalista e foi alçado a herdeiro de Yeltsin, não tendo rompido com o projeto capitalista para o país, pelo contrário, defendeu a economia de mercado em consonância com a democracia liberal na Rússia. Na verdade, ele foi visto como a pessoa ideal para assegurar os interesses do grupo dominante no poder.[86]

Após assumir a presidência do país em 2000, Putin pôs em prática algumas medidas que beneficiavam o capital, como, por exemplo, o imposto social único de 35,6% sobre a folha de pagamentos dos salários, com o qual foram eliminados os antigos fundos sociais e de pensão, reduzidos os encargos sociais sobre os salários e fixadas contribuições de caráter regressivo sobre o pagamento dos salários pelas empresas. Putin tomou medidas também na direção da centralização do poder e na diminuição das influências das oligarquias financeiras sobre o Estado, procurando

[85] Idem, p. 146-47.

[86] Idem, p. 195. Já na presidência interina, assumida em 2000 com a renúncia de Yeltsin, Putin chegou a fazer um decreto concedendo anistia a Yeltsin e a todos os membros de sua equipe de governo pelos atos de corrupção exercidos durante seu mandato, inclusive os relacionados às privatizações que beneficiaram de forma fraudulenta os grandes bancos estrangeiros.

construir um Estado mais autônomo e forte frente a tais grupos[87], mas isso, de forma alguma significou que o Estado fortalecido deixou de ser burguês, pois estava comprometido com a manutenção da apropriação privada dos meios de produção e com as reformas de mercado.

Dessa forma, os "antigos comunistas" não fingiram que estavam destruindo o socialismo para enganar os ocidentais; eles, de fato, destruíram o antigo sistema lá existente, mas os conspiracionistas dessubstancializam totalmente a natureza do comunismo, permitindo que qualquer ação ou indivíduo possa ser taxado de comunista, ainda que suas práticas e ideias estejam bem distantes do conceito de comunismo.

Considerações Finais

A obra do psicanalista Heitor de Paola, intitulada "O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial", é um dos produtos do movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, que, segundo Lucas Patschiki, possui caráter neofascista. Faz parte do conspiracionismo de inspiração norte-americana, defendendo como tese central que a chamada "nova ordem mundial" estaria sendo dominada pelos comunistas, construindo uma narrativa que visa anatemizar a ideia de revolução e desqualificar os defensores de uma nova sociedade produzida a partir da ruptura com o capitalismo.

A apologia da democracia liberal capitalista é o móvel ideológico do trabalho do autor, que é um dos principais articulistas do movimento, utilizando algumas estratégias narrativas para construir uma concepção de mundo binária, na qual o "mal" é sempre associado à ideia de revolução e aos defensores de tal proposta, demonizando o comunismo e elaborando uma ideia de "inimigo" a ser combatido. A máscara de liberal democrático permite ao Mídia Sem Máscara encobrir seu caráter neofascista, embora a substância do fascismo esteja presente em seu discurso. Uma de suas estratégias narrativas é a descontextualização da história soviética, para fortalecer os estereótipos construídos acerca do comunismo e dos comunistas em geral, desenvolvendo para isso uma concepção teleológica da

[87] Idem, p. 200.

história da URSS. O autor omite aspectos ligados ao processo histórico soviético a fim de fortalecer a sua ideia central de que o comunismo domina o mundo atual, a despeito da hegemonia do capitalismo a nível mundial.

Referências Bibliográficas

ABALKIN, Leonid. Problemas e Contradições da Economia Soviética no Período de Transição. In POMERANZ, Lenina (org.) **Perestroika: desafios da transformação social na URSS.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1990.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARKUN, Michael. **The culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America.** Berkeley: University of California Press, 2003**.**

CARVALHO, Olavo de. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. **Verbum**, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/>. Acesso em 03 ago. 2018.

___. **O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oODfzPLE_m4>. Acesso em 27 dez. 2019.

CASTELO, Rodrigo. **O Social-Liberalismo. Auge e Crise da Supremacia Burguesa na Era Neoliberal.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CASTRO, Ricardo F. Veneno Antidemocracia: conspiracionismo, ideologia e política. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh**. Rio de Janeiro, 2016.

COHEN, Stephen. **Rethinking the Soviete Experience. Politics and History since 1917.** Oxford: Oxford University Press, 1985.

COURTOIS ,Stephane ; WERTH, Nicola; PANNE, Jean-Louis; PACZKOWSKI,Andrzej; BARTOSEK,Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. **O Livro negro do comunismo(Crimes terror e repressão).**1 edição. São Paulo: Ed Bertrand, 1990.

FERNANDES, Luis. A teia de Tânato: da industrialização acelerada à encruzilhada dabinovação no socialismo soviético. *In:* BERTOLINO, O & MONTEIRO, A. (ORGS). **100 Anos da Revolução Russa. Legados e Lições.** São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2017.

___. Leituras do Leste II: O Debate sobre a Natureza das Sociedades e Estados de Tipo Soviético (Segunda Parte — As Principais Interpretações Marxistas). **BIB**, Rio de Janeiro, n. 39 ,1 ,° semestre, p. 41-83, 1995.

FURET, François. **O Passado de uma Ilusão: Ensaios sobre a ideia comunista no século XX**. São Paulo: Siciliano, 1995.

GETZLER, Israel. Outubro de 1917: o debate marxista sobre a revolução na Rússia. In GELLATELY, Robert. **A Maldição de Stalin.** São Paulo: Record, 2017.

GROPPO, B. O Comunismo na História do Século XX. **Lua Nova**, São Paulo, n. 75, p. 115-141, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **História do Marxismo.** v 5, São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HOCKENOS, Paul. **Livres Para Odiar. Neonazistas: ameaça e poder.** São Paulo: Scritta, 1995.

KERSHAW, Yan. **Hitler, um perfil do poder.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago, 2014.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LENIN, V. I. **Obras Escolhidas.** Lisboa – Moscovo: Edições Progresso, Tomo 2, 1977.

LOFF, Manuel. Dictatorship and revolution: Socio-political reconstructions of collective memory in post-authoritarian Portugal. *In*: **Culture & History Digital Journal**, 3, 2014.

MAROT, John E. **The October Revolution in prospect and retrospect: interventions in Russian and Soviet History.** Leiden: Brill, 2012.

MELO, Demian B. & MONTEIRO, Marcio L. Os ciclos de revisionismo histórico nos estudos sobre a Revolução Russa. **Rev. Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 08, N.3, p. 2256-2294, 2017.

_____. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e o Marxismo**, vol. 1, n. 1, julho/dez., p. 50-74, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MONDAINI, Marco. **Togliatti, Gramsci e o Fascismo.** 2003. Disponível em: <https://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=170>. Acesso em 08 de abril de 2019.

NETO, Artur Bispo S. Teleologia e História. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 115-127, 2011.

PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial.** São Paulo: Editora É Realizações, 2008.

PATSCHIKI, L. **Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011).** Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

PAXTON, Robert. **Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

POMERANZ, Lenina. **Do Socialismo Soviético ao Capitalismo Russo. A Transformação Sistêmica da Rússia.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SARAIVA, José F. Sombra. A Agonia Européia e a gestação da nova ordem internacional (1939-1947). *In*: SARAIVA, José F. Sombra. (Org.) **Relações Internacionais. Dois Séculos de História. Entre a Preponderância Européia e a emergência americano-soviética (1815-1947).** Brasília: IBRI, 2001, p. 221-256.

SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: Antigas e Novas Abordagens. In **Projeto História**, no 41, Dezembro, 2010, p. 63-92.

___. **Reconstruindo a "reconstrução": uma análise das principais causas da Perestroika soviética.** Tese de doutorado, Niterói: universidade federal fluminense, 1999.

TAGUIEFF, Pierre-André. **L´imaginaire du complot mondial: aspects d´un mythe moderne.** Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 2006.

TOGLIATTI, Palmiro. Lezioni Sul Fascismo. **Opere Scelte. (a cura di Gianpasquale Santomassimo)**. Roma: Riuniti, 1974.

TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
Rua Presidente Pedreira, 38/503, bloco 1, Ingá, Niterói – RJ
CEP 24210-470

Recebido: 16/10/2019
Aprovado: 20/12/2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
***CAMPUS* DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

MAYARA APARECIDA MACHADO BALESTRO DOS SANTOS

AGENDA CONSERVADORA, ULTRALIBERALISMO E "GUERRA CULTURAL": "BRASIL PARALELO" E A HEGEMONIA DAS DIREITAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO (2016-2020)

Marechal Cândido Rondon – PR
2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
***CAMPUS* DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

MAYARA APARECIDA MACHADO BALESTRO DOS SANTOS

AGENDA CONSERVADORA, ULTRALIBERALISMO E "GUERRA CULTURAL": "BRASIL PARALELO" E A HEGEMONIA DAS DIREITAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO (2016-2020)

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, pelo programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon, na Linha de Pesquisa Estado e Poder, sob a orientação do Prof. Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani.

Marechal Cândido Rondon – PR
2021

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Aparecida Machado Balestro dos Santos, Mayara
Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e Guerra Cultural: Brasil Paralelo e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020) / Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos; orientador Rodrigo Ribeiro Paziani . -- Marechal Cândido Rondon, 2021.
147 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Marechal Cândido Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

1. Brasil Paralelo . 2. Nova Direita. 3. APH (Aparelho Privado de Hegemonia) . 4. Neofascismo . I. Ribeiro Paziani , Rodrigo, orient. II. Título.

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MAYARA APARECIDA MACHADO BALESTRO DOS SANTOS, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 27 dia(s) do mês de agosto de 2021 às 14h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) **Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os Professores(as) Doutores(as): Rodrigo Ribeiro Paziani, Gilberto Grassi Calil e Flávio Henrique Calheiros Cassimiro. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Rodrigo Ribeiro Paziani. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e Guerra Cultural: Brasil Paralelo e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Flávio Henrique Calheiros Cassimiro, Gilberto Grassi Calil. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. De acordo com o que está previsto nos § 8 e § 9 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de Dissertação foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Dissertação e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados.

Orientador(a) - Rodrigo Ribeiro Paziani
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Gilberto Grassi Cal
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MAYARA APARECIDA MACHADO BALESTRO DOS SANTOS, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Flávio Henrique Calheiros Cassimiro
Instituto Federal do Sul de Minas Gerais

Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos
Aluno(a)

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História
Profa. Dra. Carla Luciana Souza da Silva

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof. Dr. **Rodrigo Ribeiro Paziani**, declaro, como **ORIENTADOR,** que presidi os trabalhos **à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de de Defesa de Mestrado do(a) candidato(a) **Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos** deste Programa de Pós-Graduação.

Considerando o trabalho entregue, a apresentação e a arguição dos membros da banca examinadora, **formalizo como orientador**, para fins de registro, por meio desta declaração, a decisão da banca examinadora de que o(a) candidato(a) foi considerado(a): APROVADO(A) na banca realizada na data de **27 de agosto de 2021.**

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Trabalho considerado de importância e relevância historiográfica, porém que necessitará de uma revisão ortográfico-gramatical e do atendimento de alguns elementos críticos destacados pela banca examinadora para a versão final.

Atenciosamente,

Docente: **RODRIGO RIBEIRO PAZIANI**
Programa de Pós-Graduação em História
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof.(a) Dr.(a) **Flávio Henrique Calheiros Casimiro**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato(a) Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos**,** deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 27 de agosto de 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

O trabalho entregue pela candidata é de muita relevância para a historiografia. Considero somente que, para a versão final, o texto necessite de revisão ortográfico-gramatical e o atendimento de questões específicas indicadas por mim.

Atenciosamente,

Flávio H. Calheiros Casimiro
IFSULDEMINAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof. Dr. **Gilberto Grassi Calil**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato(a) Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos**,** deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 27 de agosto de 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

A dissertação expressa uma significativa contribuição à historiografia, com a abordagem de um tema atual e relevante, realizada de forma competende e com utilização de diversas fontes ea partir de referencial teórico pertinente. Sugere-se apenas uma revisão textual e a observação de indicações pontuais realizadas na banca, não se registrando nenhuma restrição.

Atenciosamente,

Gilberto Grassi Calil
UNIOESTE

____

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA DE MESTRADO PARA BANCA EXAMINADORA REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, discente Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos, declaro que realizei a minha DEFESA DE MESTRADO **à distância, de forma síncrona e por videoconferência** do trabalho intitulado: "Agenda conservadora, ultraliberalismo e 'guerra cultural': 'Brasil Paralelo' e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)"**,** para banca examinadora realizada na data de 27 de agosto de 2021.

Atenciosamente,

Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos

nome e assinatura

Programa de Pós-Graduação em História Universidade Estadual do Oeste do Paraná

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, #FORABOLSONARO!!!

Escrever uma dissertação no cenário de uma crise política, social, econômica, sanitária e humanitária é uma tarefa e tanto, principalmente quando se pesquisa História do Tempo Presente e a ascensão das Direitas Radicais. Vemos atualmente, a contar do Governo Temer, os avanços das políticas ultraliberais; a retirada de direitos da classe trabalhadora; o ataque diário à educação pública; aos movimentos sociais; aos educadores; a perseguição de liberdade de cátedra; e o avanço do neofascismo no Brasil. Diante desse contexto, manter a esperança viva só é permitido quando se tem ao lado pessoas que mergulham com você na luta e na vida, são essas mesmas pessoas que me deram suporte necessário para concluir minha dissertação.

Agradeço, em especial, as duas mulheres mais importantes da minha vida, minha mãe, Nirlei e a minha avó, Lurdes. Sem elas eu não teria me tornado um ser humano cheio de esperanças, sonhos e força. Através dos estudos e da teoria marxista consegui encontrar minha melhor ferramenta. Obrigada por vocês, obrigada por ter permitido por meio da educação, alcançar o meu tão sonhado mestrado, mesmo com poucos recursos, finalizamos essa etapa. Quero agradecer aos meus tios, Carlos, Nivaldo e Nilton, por ter ajudado minha mãe a minha avó nessa dura batalha chamada “vida” e estudos, e, ter aprendido através das vivências e das letras dos Racionais que *“é necessário sempre acreditar que o sonho é possível”,* mesmo com poucos privilégios o acesso à educação nunca me foi negado.

Agradeço aos meus pequenos, minha irmã de doze anos, Vitória, feminista, inteligente, desenhista, criativa e comentarista da política brasileira. Agradeço ao meu irmãozinho, de cinco anos, Miguel, fonte de inspiração, esperança e genuinidade. Obrigada pela existência dos dois, ambos permitem eu lutar e construir um mundo melhor, igualitário e crítico. Espero que na juventude de vocês a educação esteja mais acessível e humanitária, o mundo, um lugar melhor.

Agradeço a família do meu padrasto, por ter ajudado minha mãe com o suporte financeiro e emocional para concretizar esse sonho, em especial, ao meu padrasto Valdir e a sogra da minha mãe, Rosa Ferreira.

Agradeço, ao meu orientador professor-doutor Rodrigo Ribeiro Paziani, pela paciência, rigor e honestidade ter aceitado o desafio de ter encarado essa pesquisa, com o

Rodrigo, cresci enquanto pesquisadora, aprendi e ainda estou aprendendo, a dialogar o meu principal referencial teórico-metodológico com o meu objeto de estudo. Horas refletindo o “quebra-cabeça/pesquisa”, recordo-me da minha primeira orientação, meio perdida e sem graça, o Rodrigo conseguiu mostrar o entusiasmo com a pesquisa, apresentou naquele dia, os “caminhos” necessários para construir uma carreira acadêmica através da pesquisa. Meses de orientações, discussões, formulações de textos, apresentações de capítulos, correções, trocas de mensagens virtuais e aprendizados nesses dois anos e cinco meses de mestrado, graças!

Rodrigo é um ser humano brilhante, todo o seu cuidado com a minha pesquisa permitirá que eu possa alcançar outros sonhos e objetivos fora do meio acadêmico. Sua dedicação, compromisso e amizade representaram um exemplo de profissional para mim. Ao professor-doutor Gilberto Grassi Calil, por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora, os estudos desenvolvidos pelo Gilberto sobre as direitas, fascismo e a discussão gramsciana, são exemplos de estudos a serem seguidos e avançados, por isso, o trabalho do Gilberto tem um peso enorme na minha pesquisa e na minha trajetória acadêmica. Agradeço também, ao professor-doutor Flávio Henrique Calheiros Casimiro, por ter aceitado o convite para compor a banca, em especial, por ser uma das minhas principais referências com o estudo sobre as Direitas, principalmente, pensar o conceito da “Nova Direita” e o avanço de *Aparelhos Privados de Hegemonia*, marcado no contexto de reorganização da burguesia brasileira entre os anos de 1980 e 1990. Tive contato com o trabalho do Flávio em 2018, um ano antes de ingressar no mestrado e montar o projeto, por isso, o livro do Flávio, fruto de sua tese de Doutorado, é o meu principal “modelo” de pesquisa. Com o Flávio, aprendi a mergulhar nesse campo das direitas brasileiras. Por isso, em todos os eventos, em todos os grupos de pesquisa e para muitas pessoas, ressalto a relevância do trabalho do Flávio. Obrigada Flávio, pela contribuição acadêmica e por ser um pesquisador cheio de brilho, vontade e elegância com os novos pesquisadores. O trabalho do Flávio é potente!!!

Agradeço à Universidade do Oeste Paulista — UNOESTE, de Presidente Prudente, pela oportunidade e realização da primeira etapa do meu sonho, a formação em História. Sobretudo, o corpo docente da Instituição, ao professor Thiago Belieiro, pelos conselhos acadêmicos e os puxões de orelha, à professora Lorayne Ueocka, pela orientação na iniciação científica e as prosas fora da sala, ao professor Maia, por sempre acreditar no meu potencial e no meu amor pelo curso, à professora Deise, pelos longos diálogos sobre a vida acadêmica e a vida após a Universidade, à professora Érica, pelo rigor acadêmico e à professora Alba, pela pelo esforço e competência, como coordenadora do curso, em buscar o melhor para os alunos. Sou grata por vocês, com cada um/a consegui evoluir academicamente, enquanto

educadora e pesquisadora. Aprendi ser paciente, rigorosa e esperançosa. À Universidade Estadual do Oeste do Paraná — UNIOESTE, pelo ensejo, da realização da segunda parte do meu sonho, o excelente corpo docente e o acervo marxista. Agradeço à CAPES, por ter concedido a bolsa para a consolidação dessa pesquisa.

Agradeço aos meus amigos da graduação, dá vida e do mestrado, essencialmente, a minha amiga de longa data, Maraiza Souza, doze anos de amizade, atravessados pelo ensino médio; graduação; vida após a graduação; adolescência; sonhos; frustrações; comemorações; risos, cervejas, lágrimas, brigas (poucas), conselhos e apoio.

Agradeço a minha parceira acadêmica, da graduação, do debate, das provas, do litro, do diálogo, do riso, da sobrevivência, da luta diária longe de casa, do carinho, da parceria e companheirismo, Michelaine Sabino, obrigada por tudo Miche, sem você parte dessa realização não teria existido, você me ajudou enfrentar os momentos mais difíceis, os meus "monstros" internos, minhas crises existenciais e a minha ansiedade. Ela acreditou em mim quando eu tive dúvidas, ela ajudou a suportar o insuportável, a admirar o admirável e nunca abandonar o campo de batalha. Afinal, *o carrossel nunca para de girar* e quando ele se movimenta, precisamos da nossa pessoa ao lado. Ela atravessou a jornada acadêmica comigo e através do nosso "elo familiar" ou, a famosa consciência de classe, conseguimos encontrar uma na outra, a lealdade da amizade e reconhecer os poucos privilégios que tínhamos, mas, mesmo com tão "pouco," a gente fez da graduação os melhores momentos de nossas vidas, bastava duas latinhas de cervejas, dois cantinhos nossos, a área da república ao som de Marília Mendonça a alegria estava feita. Portanto, esses momentos estão eternizados na minha trajetória, seja pessoal ou profissional.

Agradeço aos amigos, Eduardo Ferreira, Carlos Rafael, Matheus Barrientos, Leandro Andrade, Layane Angelo, Laiane Vieira, Wesley Shimizu (e a dona Mirian), João Gomes, Jaqueline Alirê, Bruno Silva, Guilherme Batista, Gustavo Costa, Gustavo Guassú, Luigui Guedes, Rafael Barcelos, Gabriel Alves, Victória Marin, Antônio Albano, Lucas Andrade e muitos outros, pela caminhada na graduação, por todas as trocas, os cafés, as festas em casa, o debate, os livros, os momentos apreensivos no processo seletivo do mestrado, obrigada por vocês. A existência de cada um me fez um ser humano melhor, uma pesquisadora melhor, me deu suporte para conseguir seguir adiante. Vocês são peças-chave do meu quebra cabeça/pesquisa. Agradeço às minhas amigas da minha República na graduação, em especial, a Ana e a Renata Graziele, obrigada por todos os momentos, as trocas e as experiências, ter convivido com vocês me permitiu olhar com mais doçura para outros cursos e compreender o tamanho da nossa potência. Agradeço aos meus amigos da adolescência, Juliana Camelo (e

a Maju), Ariadny Pompeo (e o Théo), Mariana Bonbem, Heloy Ferraz, Guilherme Ferreira, Graziele Brassica, Luana Barbarotto, Ananda Occ's, Raiane Marson, João Arruda, Amanda Postinguel e Mirian Bompadre (e a Manu). Vocês estiveram comigo em momentos importantíssimos da minha vida, principalmente, quando os meus interesses por História já apareciam no Ensino Médio e ficamos horas conversando sobre política, feminismo e religião. Obrigada por vocês terem mantido a esperança viva. A Juliana, a Mari, a Grazi e a Ariadny, em especial, por serem minhas amigas de alma, minhas confidentes e ter dado todo apoio necessário quando eu estava sem rumo. Agradeço ao José Carvalho e o Valcir Santa, amigos de Araçatuba, tanto me ajudaram e a Maraiza, quando saímos pela primeira vez da casa da família, para tentar ingressar na Universidade, porém, o curso de Direito não vingou.

Agradeço, especialmente, a minha primeira influência pelo curso de História, Renata Boni, obrigada professora, você foi a primeira pessoa a me influenciar para seguir essa área maravilhosa e humana. Agradeço à uma amiga em particular, infelizmente partiu em julho de 2017, a Letícia Silvestre (prima), você foi essencial na minha trajetória, com você aprendi a olhar com uma certa generosidade para vida, com um olhar mais humano, empático e cheio de esperança, sua força me dava força, sua vontade de viver me dava sentido, você morreu lutando e eu sigo o seu exemplo, só vou parar no meu último suspiro de luta, pois, "quem luta, pode perder. Quem não luta, já perdeu."

Agradeço aos colegas e amigos de Marechal Cândido Rondon, sobretudo, a Daniela Maldaner, a Larissa Gomes, o Andrey Tirone, a Marciele Frohlich, o Jhonatan Vicentini e o Paulo Alexandre. Obrigada pelas noites de vinho, café, debates, feminismo, cultura, teatro e conversas "jogadas" fora ao longo desses dois anos em Marechal, longe da família e dos meus amigos próximos, encontrei em cada um de vocês o meu porto seguro e a minha vontade de continuar. Agradeço aos colegas do mestrado e doutorado, a Karol Gonçalves, Isabel Wendling, João Miranda, Guilherme Nardi, Guilherme Paslauski, Rui Marcos, Maristela Solda, Nilton Batista, Milton Azedo, Osmara Martins, Raphael Dal Pai, a Gislaine e Maria Edi, por ter compartilhado os debates, os cafés, os eventos e a prosas sobre as direitas, Gramsci e todas as disciplinas. Em especial, ao meu amigo e companheiro acadêmico, João, apesar dos pesares, de toda a resistência e discussões teóricas, João foi uma pessoa muito importante para mim, aprendi muito com ele e admiro muito o seu trabalho e a sua trajetória.

Agradeço, ao meu parceiro baiano, Eduardo Pereira, por todas as trocas acadêmicas, as mesas compartilhadas, os debates, as organizações de trabalho acadêmico, o rigor com a pesquisa e com os projetos futuros. Eduardo, me ensina a enxergar esse mundo acadêmico tão duro e rigoroso, com um pouco de leveza e esperança. Coletivamente, organizados pela

emancipação da educação pública/igualitária e da classe trabalhadora. Dedicamos horas de estudos sobre Gramsci para aprender a aplicar o sardo na teoria e prática, em especial, com o nosso grupo de estudos — GEMA-G (Grupo de Estudos Marxista e Gramsciano), o Du, ao longo desses dois anos me dou suporte para querer continuar seguindo a carreira acadêmica, não é fácil ser um/a jovem pesquisador no Brasil, principalmente, quando os ataques a educação são cotidianamente. Obrigada por ter me inserido no grupo de estudos — POLITIZA/Bahia, coordenado pelo professor Carlos Zacarias, com cada um de vocês cresço enquanto intelectual, ser humano e pesquisadora.

Agradeço aos colegas do GEMA-G, Felipe Cruz, Felipe Dexter, Mateus Bernardes, Leno, Roberta Rocha, Gabriel, Amanda, Pedro, Raphael Castello e Osvaldo Falcão. Por cada troca, debates e crescimento acadêmico ao lado de vocês. Vocês são pesquisadores incríveis.

Agradeço enormemente ao meu Partido do PSOL em Marechal, em especial, ao Luciano Palagano, Maicon Palagano, Elisa Koefender, André Kosloski, Luiz Bronstein, Paulo Goehl, Gilberto Calil, Gilberto Benites, Diego Rocha e a Ana Maria Carvalho. Este trabalho é fruto de todas as lutas que travamos juntos, símbolo de resistência e sede de mudança.

Eu vivo em tempos sombrios.
Uma linguagem sem malícia é sinal de
estupidez, uma testa sem rugas é sinal de indiferença.
Aquele que ainda ri é porque ainda não
recebeu a terrível notícia.

Que tempos são esses, quando
falar sobre flores é quase um crime.
Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?
Aquele que cruza tranqüilamente a rua
já está então inacessível aos amigos
que se encontram necessitados?

É verdade: eu ainda ganho o bastante para viver.
Mas acreditem: é por acaso. Nado do que eu faço
Dá-me o direito de comer quando eu tenho fome.
Por acaso estou sendo poupado.
(Se a minha sorte me deixar estou perdido!)

Dizem-me: come e bebe!
Fica feliz por teres o que tens!
Mas como é que posso comer e beber,
se a comida que eu como, eu tiro de quem tem fome?
se o copo de água que eu bebo, faz falta a
quem tem sede?
Mas apesar disso, eu continuo comendo e bebendo.

Bertolt Brecht

RESUMO

A proposta desse trabalho buscou analisar o fortalecimento e a estruturação de sujeitos coletivos representativos da chamada "nova direita" no Brasil contemporâneo, tendo por enfoque singular um dos seus mais recentes espaços de poder e hegemonia: trata-se da empresa, "Brasil Paralelo". Criado em agosto de 2016 – no contexto histórico do Golpe midiático, parlamentar, judiciário e empresarial – tem se tornado um aparelho político-ideológico e educativo "porta-voz" de setores conservadores e de extrema direita no sentido de dar legitimidade "histórica" ao seu projeto político-institucional. Tendo como "principal referência" Olavo de Carvalho e composto por um conjunto de sujeitos e entidades representativas desta nova direita no interior de relações ampliadas do Estado – o Instituto Millenium, Instituto de Estudos Empresariais, Fórum da Liberdade, Instituto Liberal, Instituto Borborema e o Instituto Von Mises Brasil. O Brasil Paralelo apresenta em sua plataforma uma variedade de materiais voltados à produção e disseminação de conteúdos sobre o que entendem ser a "verdadeira" história do país e como ela deve ser apresentada, por parte de grupos da chamada "nova direita" ou extrema-direita. Os referenciais teóricos e metodológicos estão ancorados numa abordagem marxista-gramsciana (e seus comentadores) que articula questões envolvendo Estado, "sociedade civil", poder e hegemonia às novas configurações político-ideológicas e materiais da sociedade capitalista, com especial atenção nas reflexões de "Brasil Paralelo" enquanto um aparelho privado de hegemonia à serviço de frações burguesas conservadoras, reacionárias e de marcas fascistas no Brasil recente. As fontes utilizadas são provenientes da própria Plataforma (Brasil Paralelo) – vídeos, filmes, entrevistas, cursos, textos e os estudos relacionados à "nova direita" e à extrema-direita. Sendo assim, o nosso objetivo principal consistiu em problematizar a atuação deste aparelho político-ideológico das direitas brasileiras nos rumos do tempo presente no Brasil.

Palavras-Chave: Brasil Paralelo, Direitas, Aparelho Privado de Hegemonia.

ABSTRACT

The proposal of the work sought to analyze the strengthening and structuring of collective subjects representing the so-called “new right” in contemporary Brazil, with a singular focus on one of its most spaces of power and hegemony: it is the company, “Brasil Paralelo”. Created in August 2016 - in the historical context of the media, parliamentary, judicial and business coup - it has become a political-ideological and educational apparatus "spokesperson" for conservative sectors and the far right in order to give "historic" legitimacy to its political-institutional project. Having as its main reference Olavo de Carvalho and composed of a group of subjects and entities representing this new right within the expanded relations of the State - the Millennium Institute, Business Studies Institute, Liberty Forum, Liberal Institute, Borborema Institute and Von Institute Mises Brazil. Brasil Paralelo presents on its platform a variety of materials aimed at the production and dissemination of content on what they understand to be the "true" history of the country and how it should be presented, by groups of the so-called "new right" or extreme. right. The theoretical and methodological references are anchored in a Marxist-Gramscian approach (and its commentators) that articulates issues involving the State, "civil society", power and hegemony to the new political-ideological and material configurations of capitalist society, with special attention to the reflections of " Parallel Brazil “as a private apparatus of hegemony at the service of conservative, reactionary bourgeois fractions and fascist brands in recent Brazil. The sources used are from the Platform (Parallel Brazil) - videos, films, identification, courses, texts and studies related to the "new right" and the extreme right in Brazil. Therefore, our main objective was to discuss the issue of the role of the political-ideological apparatus of the Brazilian right in the direction of the present time in current Brazil.

Key Words: Parallel Brazil, Rights, Private Apparatus of Hegemony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

GRÁFICOS

QUADROS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB: AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

APH: APARELHO PRIVADO DE HEGEMONIA

BMB: GRUPO BANCO MUNDIAL

BBM: SOLUÇÕES DE TRANSPORTE LOGÍSTICA BRASIL E MERCOSUL

BP: BRASIL PARALELO

CQC: CUSTE O QUE CUSTAR

EPL: ESTUDANTES PELA LIBERDADE

ESPM: ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING

IB: INSTITUTO BORBOREMA

IEE: INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS

IL: INSTITUTO LIBERAL

IOC: INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO

IMB: INSTITUTO VON MISES BRASIL

IMIL: INSTITUTO MILLENIUM

MDB: MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO

MBL: MOVIMENTO BRASIL LIVRE

NOVO: PARTIDO NOVO

PT: PARTIDO DOS TRABALHADORES

PSDB: PARTIDO SOCIAL DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

PSL: PARTIDO SOCIAL LIBERAL

SFL: STUDENTS FOR LIBERTY

Sumário

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada *"Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e Guerra Cultural: 'Brasil Paralelo' e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)"*, buscou refletir e analisar a emergência e a estruturação de sujeitos coletivos representativos de determinadas frações de classe dominante no Brasil recente, com destaque para um dos mais atuantes aparelhos privados de hegemonia burguesa dos últimos anos no Brasil: falamos aqui de "Brasil Paralelo" – nosso objeto de pesquisa.

Num contexto de reinvenção das direitas e a ascensão e fortalecimento de movimentos e grupos de extrema-direita de forte cariz fascista, não apenas em nosso país, mas em vários cantos onde se expande e reproduz a mundialização capitalista, tais sujeitos têm pautado um projeto de sociedade ancorada numa agenda conservadora, reacionária e ultraliberal. Todavia, no Brasil, pode-se dizer que a peculiaridade histórica tem sido atravessada por um "refluxo" reacionário-conservador ocorrido a contar de 2010, em meio ao processo de esgotamento do pacto de conciliação de classes que marcou a "transição pelo alto" rumo à democracia (até a chegada do PT ao poder) e, em particular, aos impactos da crise internacional do capital irrompida em 2008 e os modos de reestruturar seus interesses. Nesse clima de tensões, reorganizações, (res)sentimentos e crises de hegemonia – culminantes com o impeachment de Dilma e o Golpe de 2016 – que "Brasil Paralelo" ganha a cena. Voltaremos a isso.

Diante de tempos difíceis como este em que estamos enredados, com o avanço ostensivo da extrema-direita no Brasil, no final de 2018 procurei o processo seletivo do mestrado da Universidade Estadual de Londrina e outras estaduais do Paraná. Nesta busca, acabei encontrando na *internet* o Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), em particular as linhas de pesquisas. Pude conhecer as três linhas de pesquisas oferecidas pelo programa, mas a Linha "Estado e Poder" me chamou mais a atenção por suas reflexões sobre Estado, poder, hegemonia e classes dominantes. Através dessa motivação, procurei trabalhos de mestrado e doutorado disponíveis, além de rápida pesquisa nas trajetórias dos/as pesquisadores/as por meio de seus Currículos Lattes. Após conversar com os meus professores da graduação de História da UNOESTE (Universidade do Oeste Paulista) de Presidente Prudente/SP, tive a certeza de que gostaria de realizar o processo seletivo do mestrado do PPGH de História da UNIOESTE.

Conheci o meu objeto de pesquisa por indicação de um amigo, historiador e professor, em conversa com o mesmo ele disse sobre um canal que estava ganhando espaço na plataforma do *YouTube* em 2018, e estava fazendo material audiovisual sobre "história",

principalmente sobre a história do Brasil. Mas a empresa já atuava fazia dois anos, porém, a partir do final daquele ano, começou a ganhar maior visibilidade, e foi nesse mesmo momento que conheci a obra do historiador Flávio Casimiro intitulada *“A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo".* Comprei o livro, comecei a lê-lo com o objetivo de poder compreender ao máximo o que se passava no Brasil e, particularmente, para a construção do projeto de mestrado.

Fui aprovada como aluna regular pelo PPGH de História da UNIOESTE, pela linha de pesquisa Estado e Poder, em março de 2019, com a orientação do professor Rodrigo Ribeiro Paziani. Num primeiro momento, cursei as disciplinas ofertadas pelo programa e, concomitantemente, passei a desenvolver atividades de orientação e pesquisa através de leituras, questões, escrita, debates, eventos e início de seleção de fontes. Prof. Rodrigo é peça central na minha trajetória como pesquisadora, com ele aprendi quais caminhos eu devo seguir na construção da pesquisa histórica, o rigor científico e principalmente, a lidar com dificuldades encontradas ao longo do mestrado (em especial a minha escrita).

A proposta da pesquisa parte das inquietações do tempo presente para buscar explicações no processo histórico a respeito das formas de organização, atuação e difusão político-ideológica da burguesia brasileira por meio de movimentos e grupos das direitas no Brasil após o longo período de “transição democrática”. Esse processo de reorganização das estratégias de ação política das frações burguesas teve como sustentáculo importante a estruturação e a ampliação de aparelhos privados de hegemonia formuladores de projetos e difusores de ideologia. Partimos dos estudos do historiador Flávio Henrique Casimiro acerca deste fenômeno de mobilização e articulação das direitas brasileiras que vigoram e representam uma estratégia de atualização dos mecanismos de dominação de classe no Brasil desde as décadas de 1980 e 1990.

A questão primordial da pesquisa, por conseguinte, busca compreender as formas de atuação e organização da empresa - *Brasil Paralelo* e os intelectuais que o compõem frente ao projeto de caráter neofascista articulado com setores da burguesia brasileira. Neste caso, procuramos identificar seu caráter principal: as principais formas de organização, o funcionamento da empresa, o público-alvo, os principais temas produzidos no campo da produção material, e as relações e parcerias com o Instituto Von Mises Brasil, Instituto Liberal, Instituto de Estudos Empresariais, Instituto Millenium e, em particular, o Fórum da Liberdade. Em nosso entendimento, essas organizações atuam no sentido doutrinário – de difusão do pensamento liberal e recrutamento de intelectuais orgânicos – alicerçada em um projeto de poder, desenvolvendo estratégias por meio de relações ampliadas do Estado.

A questão em especial é propositalmente abrangente, por isso, analisamos o nosso objeto em uma série de frentes específicas, levando em conta:

- O papel das direitas brasileiras a partir das décadas de 1980 e 1990.
- A atuação e a organização dos aparelhos privados de hegemonia de ação doutrinária no Brasil contemporâneo.
- A constituição da internet e das redes sociais e suas interfaces com o poder e a hegemonia burguesa;
- O avanço do processo neofascista no Brasil recente.

Estes apontamentos remetem-nos a uma questão fundamental de ordem teórica: a reflexão sobre a relação entre sociedade civil e Estado no capitalismo. Partiremos dos conceitos de Estado ampliado, considerando as noções interdependentes de sociedade civil e sociedade política, assim como os conceitos de intelectuais, ideologia, hegemonia, aparelho privado de hegemonia, partido e fascismo. Diante disso, utilizamos como ferramenta metodológica o arcabouço teórico da tradição marxista tão lucidamente implementada pelo sardo Antonio Gramsci, em seu instrumental conceitual complexo e que tão habilmente compreende o movimento no interior das relações sociais e, particularmente, de um grupo de comentadores e intérpretes do marxista sardo (DREIFUSS, 1989; LIGUORI, 2006; FONTES, 2007/2010; COUTINHO, 2007; BIANCHI, 2008; MENDONÇA, 2014; LIGUORI & VOZA, 2017; CASIMIRO, 2018/2020).

A construção da dominação e direção e a garantia de hegemonia, exige uma atualização constante das estratégias de produção de consenso, onde o custo político e social da manutenção prolongadas de poder pode trazer tensões, muitas vezes perigosas do ponto de vista da legitimidade do poder e, por outro, em certa medida podem dificultar a própria reprodução ampliada da acumulação capitalista. Esse processo ocorreu a partir da redemocratização do Brasil, sendo conduzido e a articulado por distintas frações de classe burguesa a fim de manter os seus interesses e construir estruturação de domínio burguês – o que nos remete, portanto, a um debate sobre a "sociedade civil" e a sua relação (ampla) com o Estado.

Na análise gramsciana, porém, a categoria de "sociedade civil" está dialeticamente com sociedade política na concepção de Estado integral. A separação entre as duas instâncias ocorre de duas maneiras: de um lado, na perspectiva liberal, que tende a superdimensionar o

lugar ocupado pela "sociedade civil" (sociedade dos "indivíduos"), e, de outro, ao qual concordamos e que encontra guarida nas reflexões de Gramsci, consiste numa operação de natureza metodológica visto que entre Estado e sociedade inexiste "uma separação rígida entre economia, política e sociedade. Estado e sociedade não são realidades autônomas"[1], sem deixar de ver que o Estado precisa ser compreendido "em seu sentido orgânico e mais amplo como o conjunto formado pela sociedade política e sociedade civil [Estado integral]".[2]

Temos a articulação e/ou indeterminação entre infraestrutura e superestrutura, onde se inicia o poder político, que se funda com o exercício do poder de classe, em que sociedade política e sociedade civil são complementares e devem ser observadas a partir de processos históricos concretos. Como afirma Virgínia Fontes:

> Em Gramsci a sociedade civil não pode ser seccionada ou amputada da totalidade na qual emerge: responde a uma extensão da socialização do processo produtivo, mas não atua apenas nos espaços produtivos. Compõe-se de aparelhos privados de hegemonia que, ao mesmo tempo em que procuram diluir as lutas de classes, expressam e evidenciam sua difusão e generalização no conjunto da vida social. A sociedade civil, para Gramsci, é parte integrante do Estado e somente por razões analíticas pode ser destacada.[3]

Ou ainda nas palavras de Sônia Mendonça:

> A partir dessas questões, começam a se delinear os contornos do conceito gramsciano de Estado, o qual, diferentemente de Lênin, por exemplo, é entendido em sua acepção mais ampla e orgânica, como o conjunto formado pela sociedade política e a sociedade civil, resultando no que Gramsci denomina de "Estado Integral", ou Estado Ampliado, como o querem alguns estudiosos de sua obra, como por exemplo, Christine Buci-Glucksmann (1980). Ainda assim, muitos temem os desdobramentos da noção de "Estado Ampliado", uma vez que o esquema simplificado segundo o qual Estado corresponde à coerção e a sociedade civil à hegemonia, reduz, em muito, a complexidade da análise gramsciana (Liguori, 2006) onde inexiste uma rigorosa divisão entre ambas as esferas [...]
> O conceito de Estado ampliado permite verificar a estreita correlação existente entre as formas de organização das vontades (singulares e, sobretudo, coletivas), a ação e a própria consciência sociedade civil – sempre enraizadas na vida socioeconômica – e as instituições específicas do Estado em sua acepção restrita (sociedade política). Gramsci supera o dualismo das análises que separavam e contrapunham a base à superestrutura, integrando sociedade política e sociedade civil numa só totalidade, em constante interação, no âmbito do que ele considerava as superestruturas.[4]

Mergulhamos no desafio de compreender os movimentos oriundos da sociedade civil e da sociedade política, compreendendo que se articulam dialeticamente, também

---

[1] LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário gramsciano.** São Paulo: Boitempo. 2017, p. 5.
[2] BIANCHI, Alvaro. **O Laboratório de Gramsci: Filosofia, História e Política.** Porto Alegre: 2ª Ed. Editora Zouk, 2018, p. 176.
[3] FONTES, Virginia. **O Brasil e o Capital- Imperialismo:** teoria e história**.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
[4] MENDONÇA, Sônia Regina de. **O Estado Ampliado como ferramenta metodológica.** In: Marx e Marxismo. Publicação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Marx e Marxismo, v. 2, n. 2, Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 2014, p. 34.

correlacionados à dimensão estrutural. O conceito de Estado integral, permite verificar a estreita correlação existente entre as formas de organização das vontades (singulares e, sobretudo, coletivas), a ação e a própria consciência sociedade civil – sempre enraizadas na vida socioeconômica – e as instituições específicas do Estado em sua acepção restrita (sociedade política). Gramsci supera o dualismo das análises que separavam e contrapunham a base à superestrutura, integrando sociedade política e sociedade civil numa só totalidade, em constante interação, no âmbito do que ele considerava as superestruturas. [5]

É neste campo que o presente estudo se debruçou, a partir da concepção de Estado integral de Gramsci e do papel edificante do poder pelos organismos atuantes na sociedade civil é que adentramos na discussão – de fundamental importância para o nosso objeto de pesquisa (Brasil Paralelo) – sobre as formas de organização das direitas brasileiras, em seus aparelhos de atuação política e ideológica ou como chamou Gramsci, os *"aparelhos privados de hegemonia".*

Carlos Nelson Coutinho definiu esses aparelhos como organismos sociais coletivos voluntários e relativamente autônomos em face da sociedade política, porém articulados a esta, no sentido da edificação da dominação. Nessa matriz, não há hegemonia, ou direção política e ideológica, sem o conjunto de organizações materiais que compõem a "sociedade civil".[6] A reprodução do capital necessita de atores e intelectuais coletivos que, em níveis diferenciados, agem nos debates políticos e sociais, e, por conseguinte, a hegemonia pressupõe a luta de classes, ou seja, ela é historicamente construída e cotidianamente defendida.

De acordo com Gramsci, "o Estado tem e pede o consenso, mas também 'educa' este consenso através das associações políticas e sindicais, que, porém, são organismos privados, deixados à iniciativa privada da classe dirigente"[7]– caso de escolas, igrejas, imprensa, partidos etc. Trata-se, portanto, de um conceito de Estado que engloba tanto a sociedade civil quanto a sociedade política, assinalado pelo marxista sardo através de conhecida assertiva: "[...] na noção geral de Estado [integral] entram elementos que devem ser remetidos à noção de sociedade civil (no sentido, seria possível dizer, de que Estado = sociedade política +

[5] Idem.
[6] COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre o pensamento político.** Rio de Janeiro: 3º edição: Civilização Brasileira, 2007.
[7] GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. V. 3. Maquiavel.** Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p, 119.

sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção)".[8] Assim, força e coerção, as duas metades do Centauro maquiaveliano, são as frentes de ação do Estado integral através dos seus respectivos "aparelhos", organizados no interior da sociedade civil e do Estado *stricto sensu.*

Em concordância com Fontes, as décadas de 1970 e 1980 foram especialmente ricas no que concerne "à constituição de organizações, tanto de base empresarial quanto sindicais e populares, que enfrentavam em sua multiplicidade a seletividade repressiva dominante". [9] No entanto, segundo Fontes e segundo Casimiro, entendem que as frações burguesas no país neste mesmo período apresentaram-se como "sociedade civil" no sentido liberal, contrapondo-se ao Estado, não apenas como uma forma de disputar a hegemonia na "transição" com os partidos e movimentos de esquerda e de representação classista (que, em "comum", criticavam a ditadura), mas, astutamente, para buscar avidamente um modo de reconfigurar suas formas organizativas e de atuação dentro e fora do Estado (amplo).

Neste sentido, o Estado "redemocratizado" brasileiro teria um papel decisivo menos na inclusão de pautas progressistas e populares, mais no papel de reprodução dos poderes de uma determinada fração da classe burguesa e, portanto, de sua legitimação em sua natureza dúplice: coerção/consenso, direção e dominação.[10] A representação político-partidária dos segmentos da direita liberal-conservadora – muitas vezes, agressiva na defesa de seus pressupostos e de sua atuação política – configurou-se em andamento como um processo gestado e em curso na "transição", com o surgimento de estratégias e táticas de organização que ganharam materialização por meio dos aparelhos privados da burguesia na integração crescente com o próprio Estado.

Diante do exposto, destacamos alguns dos processos que dialeticamente conectados possibilitam a produção de consenso para a atuação hegemônica da classe dominante, assim como a ascensão do projeto da chamada "nova direita" no Brasil contemporâneo. Portanto, torna-se fundamental, por um lado, compreender a estruturação ao conjunto de frações da burguesia brasileira até os dias atuais. Por outro, buscaremos entender esse fenômeno como um processo histórico que vem sendo construído por instituições, agentes e contradições do próprio movimento do capital. No primeiro momento, optamos por realizar a apresentação

---

[8] GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. V. 3. Maquiavel.** Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p, 244.
[9] FONTES, Op. Cit. 2010.
[10] Ibidem.

dos aspectos teóricos metodológicos, escolhidos para compor essa pesquisa, apresentando o léxico gramsciano e os seus comentadores.

No que tange às fontes documentais, tão caras nesta pesquisa, começamos por uma questão-chave do nosso tempo presente: como pensar os usos das fontes digitais na produção do conhecimento histórico em tempo de *Fake News?* Segundo Fábio Chang de Almeida, "durante séculos, a historiografia baseou suas regras de validação de fontes e metodologia de análise em um suporte documental específico: o papel."[11] No final do século XIX, influenciados pela corrente positivista, o historiador deveria trabalhar, sobretudo, com documentos oficiais. O historiador tinha algumas etapas para avançar na produção do conhecimento histórico.

Na sua tese de doutorado, Chang levantou algumas hipóteses para avançar na interface entre fontes digitais e a história do tempo presente. A primeira, de caráter histórico, apontou que o tradicionalismo historiográfico pautado em documentos escritos tendo o papel como suporte. Por isso, segundo ele, "o impacto das novas tecnologias da informação sobre as atividades dos pesquisadores em Ciências Humanas ainda não foi totalmente assimilado"[12]. A segunda dificuldade apontada pelo autor é sobre os trabalhos iniciais teórico-metodológicos a respeito dessas fontes. Por ser um campo novo e pouco explorado, há uma série de limitações para lidar com essa nova demanda.

Com o avanço da internet e redes sociais, a possibilidade de trabalhar com fontes digitais tornou-se menos distante e mais acessível. Os documentos digitais têm como característica a dissociação entre o suporte físico e o seu conteúdo informacional. Ou seja, é possível o descarte do suporte físico e a manutenção de seu conteúdo em um novo suporte. Com a evolução extremamente rápida, a tecnologia informática torna os suportes físicos de informação obsoletos em um curto espaço de tempo. O que pode se tornar um problema, em virtude de formas de "perda" ou "apagamento" (deliberado, inclusive) de fontes de informação no mundo virtual. Segundo Fábio Chang:

> O primeiro tipo de fontes digitais utilizadas em uma pesquisa histórica diz respeito às fontes "não-primárias" digitais, que por sua vez correspondem aos documentos "não primários" digitais. A Internet oferece uma quantidade imensa de informação combinada com uma facilidade de acesso inexistente há apenas quinze ou vinte anos atrás. Basta digitar uma URL para que o navegador nos transporte a um universo de textos e imagens sobre os mais diversos assuntos. Entretanto, muitos sites

---

[11] ALMEIDA. Fábio Chang de. **A Direita Radical no Portugal democrático:** Os rumos após a Revolução dos Cravos (1974-2012). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014, p. 36.
[12] Idem.

> apresentam-se sob uma formatação aparentemente acadêmica, quando na verdade não representam o fruto de verdadeiro trabalho científico. Apesar de ser facilmente encontrado através de mecanismos de busca como o Google, grande parte do material existente na Internet não possui qualidade e contém erros grosseiros. Em outros casos, apesar de apresentarem-se como o trabalho de especialistas, os textos encontrados na rede refletem apenas a opinião altamente ideológica de seus autores. Isso quando é possível identificar os autores. Ao contrário de um livro ou uma revista impressa em papel, na Internet muitas vezes é mais difícil avaliar a autoria e procedência do material.[13]

Nos últimos anos, é possível afirmar a existência de aumento no número de pesquisas históricas ancoradas em fontes digitais, visto que trabalhar com essa fonte requer metodologia específica sobre banco de dados, formas de armazenamento, buscas em sítios eletrônicos e, o principal, salvaguarda e usos das fontes. Além disso, como indica o historiador Caldeira Neto: "as fontes digitais precisam ser divididas em três momentos: o primeiro, encontrar o material, o segundo passo, analisar o material por meio da hipertextualidade e conectividade e o terceiro e o último, catalogar e organizar". [14]

Por outro lado, essa dimensão tem revelado o grande interesse de historiadores e historiadoras do "tempo presente" – especialmente, os de formação marxista – em estudar as relações entre mídias, poder, hegemonia e aparelhos privados ligados a setores da burguesia e do capitalismo no Brasil das últimas duas décadas através do uso e análise de fontes históricas digitais (sites, blogs, canais, plataformas etc.), incluindo o recente debate sobre fascismo/neofascismo no país[15]. Tais pesquisas contribuem para que entendamos o processo de reorganização e fortalecimento das "direitas" (nas ruas e redes) no sentido da totalidade histórica reivindicada desde Marx e vários intelectuais marxistas, como Gramsci.

Para a análise das fontes, alguns caminhos metodológicos foram definidos. Primeiramente selecionamos as principais produções audiovisuais do B.P. publicadas no canal do *Youtube* da empresa. "Congresso Brasil Paralelo, "Brasil a Última Cruzada", 1964: O Brasil entre armas e livros e o "Pátria Educadora". Realizamos uma breve análise sobre esses documentários, principalmente, "1964: o Brasil entre armas e livros", as entrevistas dos

---

[13] Ibidem, p. 37-38.

[14] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y7WwZPLogX8. "É possível uma história digital da extrema direita brasileira?"Acesso em: 25/08/2021.

[15] Para saber mais: PATSCHIKI, Lucas. Os litores da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2012.
ROCHA, Camila. "Menos Marx, Mais Mises": uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.
CALIL, G. Gilberto. "O Integralismo no Processo Político Brasileiro: O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa." Tese (Doutorado em História). Niterói e Marechal Cândido Rondon. Centro de Estudos Gerais Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - Pós-Graduação em História - UFF/UNIOESTE, 2005.

“membros permanentes” do B.P. foram de suma importância para compreender a trajetória de cada membro que participou do B.P. entre 2016-2020, utilizamos as entrevistas dos membros para traçar um paralelo da atuação do B.P. com outras organizações da “nova direita”.

No Capítulo I, intitulado *“Direitas, Estado e Lutas de classes no Brasil Contemporâneo”,* destacamos o papel das direitas brasileiras na década de 1980 e 1990, até o momento atual. Torna-se fundamental a compreensão do que ocorreu internamente ao conjunto das frações da burguesia brasileira no contexto pós-1988 – à luz, por exemplo, da discussão o livro “O Jogo da Direita” de René Dreifuss (1989) – que vão culminar nos últimos anos com o (suposto) aparecimento de uma “nova direita”, conceito que emergiu nos debates acadêmicos depois das Jornadas de Junho de 2013.

No primeiro subtópico, visamos refletir sobre o "lugar" da “nova direita” no Brasil recente, com ênfase nas pesquisas de Camila Rocha intitulada: “Menos Marx, Mais Mises: uma gênese da nova direita brasileira' (2006-2018)” e de Flávio Casimiro, “A Nova Direita: Aparelhos de ação política e ideológica no Brasil Contemporâneo”. Ambas as teses foram essenciais para compreender esse lugar da chamada “nova direita” e qual contexto histórico “nasce” esse fenômeno. No segundo subtópico, dedicamos a reflexão s pautando-nos em algumas obras de referência (PAXTON, 2007; KONDER, 2009; MATTOS, 2020), com o objetivo de compreender e analisar suas possíveis reverberações (ou ressignificações) em nosso tempo presente e, em particular, no Brasil contemporâneo, onde buscaremos apresentar algumas linhas sobre o tema para a discussão, com o objetivo de pensar o processo de fascistização no Brasil recente, buscando destacar os principais grupos desse fenômeno e principalmente, pensar o Governo Bolsonaro em três frentes principais: ideologia, movimento e governo.

Para iniciar uma discussão sobre a ascensão da “nova direita”/extrema direita e do neofascismo no Brasil contemporâneo nos últimos anos, é preciso ter em vista o caráter histórico desse processo. A construção e atualização da hegemonia dos segmentos das direitas brasileiras deve ser observada, pelo menos, a partir das últimas três décadas. Em nosso entender, levantamos a hipótese central de que o Brasil Paralelo faz parte deste projeto em curso.

No II subtópico, tentamos compreender o processo de fascistização no Brasil recente. Diante disso, procuramos compreender o bolsonarismo em três frentes específicas. O bolsonarismo como ideologia. O movimento bolsonarista, as organizações políticas e o governo Bolsonaro e suas políticas. Essa ascensão de grupos/movimentos de caráter recionário-conservador não é um movimento isolado, entendemos que essa “ofensiva” onda

reacionária já estava em curso a contar da virada dos anos 2000, organizando-se em Fóruns, Imprensa, Institutos, Think Tanks, Redes Sociais No Brasil esse "refluxo" reacionário-conservador ganhou notoriedade, em 2014, depois da reeleição de Dilma Rousseff e conseguiu alcançar o poder, em 2018, com Jair Bolsonaro.

No capítulo II, por sua vez, destaca-se o papel do Brasil Paralelo, nessa parte da pesquisa fizemos uma breve discussão da categoria gramsciana de APH *(Aparelho Privado de Hegemonia)*. Buscamos destacar as origens da empresa, contexto, formação, desdobramentos, principais intelectuais, organização, formas de atuação doutrinária/disseminação de consenso.

À contar do subtópico "Brasil Paralelo: origens, formação e desdobramentos", nossa intenção foi apresentar como surgiu e se desenvolveu Brasil Paralelo e os seus espaços de atuação, a fim de identificar as suas formas organizativas e a sua dinâmica de atuação coletiva articulado a outros APHs, formando com eles uma de *"teia*" que pretende ampliar e fortalecer o seu projeto "educativo/doutrinário". Já no outro subtópico, intitulado *"Brasil Paralelo e os seus intelectuais orgânicos",* pretendemos discutir introdutoriamente através do Caderno do cárcere do sardo teórico Antonio Gramsci, o papel dos intelectuais, em especial o papel dos intelectuais do Brasil Paralelo. Com o objetivo de compreender a função dos intelectuais mais atuantes dentro e fora do Brasil Paralelo, para isso, tivemos que buscar abranger toda a trajetória pública desses intelectuais.

Por fim, no capítulo III, destacamos as principais produções do B.P, o papel da mídia e das redes sociais e também realizamos uma análise detalhada do filme 1964: O Brasil entre armas e livros. O nosso objetivo foi compreender quais caminhos e de qual forma a ciência histórica está sendo disputada por parte da "nova direita". Por isso, para compreender esse processo de ascensão da "nova direita" e de movimentos autoritários brasileiro, precisamos desdobrar e entender o "lugar" da "nova direita", os seus principais sujeitos, o contexto de ascensão desses grupos, seu caráter ideológico, formas de organização e atuação.

CAPÍTULO 1:
DIREITAS, ESTADO E LUTA DE CLASSES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

1.1.O papel das direitas no Brasil recente: o lugar da "Nova Direita"

Nos últimos anos, temos acompanhado o intenso e ofensivo avanço das direitas – de formas muito diversas, porém articuladas – no capitalismo como expressão da dinâmica da luta de classes no Brasil (e no exterior) em um contexto histórico marcado pela hegemonia burguesa, de cariz ultraliberal e autocrático, que tem colocado em risco concreto as conquistas de foro democrático. Senão, vejamos:

- Discursos de ódio a alimentar atos de violência dirigidos explicitamente contra mulheres, negros, indígenas e trabalhadores sem-terra/sem teto;
- Disseminação de visões de mundo ultra conservadoras e reacionárias no terreno social, político, econômico, cultural e educacional (Escola sem Partido, igrejas neopentecostais, grupos armamentistas);
- Perseguição à professores e professoras engajados com a dimensão crítica da história, da educação laica, pública e gratuita e da sociedade capitalista;
- Ascensão, fortalecimento e difusão tanto do revisionismo histórico, quanto do negacionismo científico;
- Ciranda privatista e financeirizada do Estado e a exaltação exacerbada do "deus mercado";
- "Derretimento" ostensivo do patrimônio público estatal (ambiental, social, educacional) e destruição de direitos (trabalhistas, previdenciários) conquistados a duras penas pela classe trabalhadora;

Dentre tantos ataques frontais ao – restritivo e combalido – Estado democrático. Neste capítulo, iremos apontar e problematizar alguns elementos importantes de caracterização, identificação e reflexão no sentido de analisar quais são, no Brasil recente, os modos de organização e as estratégias de atuação e as lutas das direitas no sentido de garantir, reproduzir e atualizar sua dominação (isto é, a dominação burguesa).

Nesse sentido, importante destacar as marcantes manifestações que levaram centenas de milhares de brasileiros às ruas nas principais cidades a partir dos meses de março e abril de 2015, posto que foram elas que trouxeram à luz o ativismo de certos tipos de atores sociais, que há décadas não participavam de forma tão intensa na arena pública. Se comparadas com

as jornadas de junho de 2013, tais manifestações revelaram a presença dominante de perfil conservador, articuladas em torno da defesa do afastamento da Dilma Rousseff e de um seletivo “combate à corrupção" levado a cabo pela “Lava Jato” e seu “justiceiro-mor”, o então juiz Sérgio Moro, tendo como alvo principal o PT (Partido dos Trabalhadores).

Mas não nos apressemos. Se é certo que a contar de 2015 uma “nova direita” ganhou destaque em diferentes espaços e por diferentes meios, principalmente através das redes sociais, nas ruas e pela ampla atuação de aparelhos privados de hegemonia, não menos significativo é o entendimento de Flávio Casimiro de que uma reconfiguração político-ideológica de tal direita “renovada” vem se organizando e se articulando desde os anos 1980 e 1990 em diante. Voltaremos mais à frente. Por outro lado, não podemos nos furtar – mesmo que de maneira breve – ao trabalho de questionamento dos governos petistas (Lula e Dilma) no sentido de que realizaram políticas sociais de natureza compensatória voltadas, sobretudo, a mitigação da desigualdades e de uma relativa dinamização do mercado de consumo, mas ao custo de produzir uma política de “conciliação de classes” feita de alianças e articulações com setores conservadores e reacionários das classes dominantes (agronegócio, latifundiários, FIESP, FIRJAN etc.) e a promessa de que seus governos estariam de total acordo com os projetos e objetivos do capital financeiro.[16] Ou seja, o próprio partido, então “dos trabalhadores”, consolidou uma trajetória, iniciada nos anos 90, de ser uma “esquerda para o capital".[17]

Tais processos, indissociáveis da dinâmica histórica da luta de classes no Brasil contemporâneo, desembocaram num percurso errático marcado por contradições e, especialmente, pelo fortalecimento de movimentos e grupos “renovados” (ou, melhor, reconfigurados) das “direitas” no país, embora ainda alicerçados numa certa proeminência política do PSDB. Segundo Luís Felipe Miguel:

> Os petistas testemunharam, assim, dois fenômenos paralelos: o PSDB entendeu que seu caminho era liderar a direita; e à direita entendeu que havia espaço para radicalizar seu discurso. Mas o uso de direita, no singular, precisa ser relativizado. O que há é a confluência de grupos diversos, todos conservadores ou reacionários, com divergências doutrinárias, cuja união é sobretudo pragmática e motivada pela

[16] DEMIER, Felipe. **Depois do golpe:** a dialética da *democracia blindada* no Brasil. Mauad-X: Rio de Janeiro, 2017.

[17] Na obra o autor detecta e analisa as mudanças capilares que terminaram por configurar o novo projeto político dos petistas e, com isso, permite compreender o sentido geral do movimento que os transformou na ala esquerda do “partido orgânico do capital”. A mudança de projeto é pensada como expressão de uma transformação muito mais profunda, incidente sobre a práxis dos sujeitos e sua relação com a luta de classes. É a face mais visível da mudança que afetou os próprios sujeitos: o transformismo. As sólidas evidências documentais apresentadas na obra comprovam que essa reviravolta ocorreu muito antes da eleição de Lula à Presidência, em 2002. COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o capital -** o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). São Paulo: Expressão Popular, 2012.

> percepção de um inimigo comum. Os setores mais extremados incluem três vertentes principais, que são o chamado libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo. [18]

Segundo o historiador Badaró, "pode-se dizer que a crise é a chave para entender os últimos anos da política brasileira. Melhor ainda se falar em *crises*, no plural."[19] Em tal caso, os governos petistas (Dilma) chegaram a 2013 em situação de crise, não apenas interna, como também externa (os impactos posteriores da crise financeira de 2008).

Desde 2008, a economia capitalista, mundialmente, vive um processo de depressão violenta, do qual se recuperou parcialmente em algumas partes do mundo. No caso brasileiro o país sofreu um impacto imediato da crise, com queda brusca na taxa de crescimento econômico no ano de 2009, mas conseguiu se recuperar em partes, em grande medida por conta do fluxo comercial com a China, que se tornou o principal parceiro comercial no século XXI. O incentivo ao mercado interno, pela via de um crescimento real do salário mínimo, políticas sociais focalizadas (e endividamento) das famílias e subsídios a determinados setores do capital também foram relevantes. Tais mecanismos compensatórios foram perdendo força pouco a pouco e, a partir de 2014, os indicadores econômicos começaram a apresentar problemas, manifestando que os impactos da crise econômica se fariam a sentir de forma mais intensa no período seguinte. "Esse aprofundamento da crise representou fortes abalos nas bases de sustentação social do governo, então exercido, no plano federal, por Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores". [20]

Porém, a perda de sustentação política do Partido dos Trabalhadores, no entanto, já havia começado antes mesmo do agravamento da crise do capitalismo no Brasil. Em junho de 2013, a partir das manifestações populares contra o aumento dos preços das passagens de transporte urbano, reivindicaram melhores bens públicos e se colocaram contra os abusos corporativos e a violência de Estado praticada em função da Copa do Mundo que aconteceria em 2014. "Os protestos, em última instância, eram por mais democracia e contra o neoliberalismo."[21]

Existem muitas interpretações em disputa sobre esse momento da história do Brasil recente. Em vista disso, partimos da antropóloga Rosana Pinheiro Machado, do historiador

---

[18] MIGUEL, Luis F. **O colapso da democracia no Brasil**: da constituição ao golpe de 2016. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p. 94.

[19] BADARÓ, Marcelo. **Governo Bolsonaro:** neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. São Paulo: Usina Editorial, 2020, p. 147.

[20] BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 148.

[21] PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior:** O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta, 2019, p. 33.

Gilberto Calil e o historiador Marcelo Badaró a fim de pensar Junho de 2013 como manifestações populares e, portanto, bastante diferentes dos protestos pró-impeachment que começaram em 2014, os quais foram arquitetados por um projeto de frações de classes conservadora e reacionária. De acordo com Pinheiro Machado:

> As Jornadas de Junho como uma continuidade histórica das lutas anarquistas e autonomistas da virada do século XX no mundo todo e, sobretudo, dos protestos pelo transporte público que vinham acontecendo no Brasil, com a Revolta do Buzu, que ocorrerá em Salvador contra o reajuste da passagem em 2003.
> Um olhar mais generoso sobre Junho de 2013 requer entendê-lo, de fato, como *jornadas*, como um processo que não começou e nem terminou em um dia. Para tanto, precisamos descentralizar a narrativa, retirando o foco de São Paulo. Apesar da inegável importância pragmática e simbólica da cidade, em função da multidão que reuniu e da repercussão que angariou, é fundamental olhar para o que ocorreu noutras capitais. Isso ajuda a não cair nas falsas armadilhas de pensar as manifestações como uma grande revelação, uma marcha sem foco, um monstro disforme que reúne multidões festivas e despolitizadas.[22]

De acordo com a interpretação do historiador Badaró sobre as Jornadas de Junho de 2013:

> Tentamos entender melhor junho de 2013. É fato que o perfil de seus participantes, dimensionado por um pequeno número de levantamento realizado por institutos de pesquisa de opinião, cujos os critérios de estratificação dos entrevistados são questionáveis, revela uma composição social heterogênea. No entanto, revela também uma clara predominância de manifestantes nas faixas de rendimento entre 0 a 5 salários mínimos e nas faixas etárias mais jovens. Indo um pouco além das aparências dos acontecimentos, podemos perceber que, apesar de terem sido palco para todo o tipo de de propostas, inclusive algumas de teor claramente reacionário, aquelas manifestações apresentaram grandes demandas que permaneceram em pauta ao longo do processo - pela redução do preço e melhoria da qualidade do transporte coletivo, contra a violência policial, contra a corporações empresariais de mídia, em defesa da saúde e da educação - e possuíram um claro perfil de classe.[23]

Agrupando essas duas reflexões, dentro dos marcos da nova conjuntura aberta pelas jornadas de junho, temos não apenas a configuração do quadro propriamente político mais recente no Brasil, como também permite-nos levar em consideração a situação inaugurada em meados de 2013 até a polarização que marcou as eleições de 2014.[24]

De 2014 a 2016, podemos dizer que ganhou força, no interior de frações burguesas, um novo jogo entre as forças de uma direita “arcaizante” (espólio da ditadura) e uma direita

[22] PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2019, p. 33.

[23] BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 148-149.

[24] Vale dizer que, desde 1994, as disputas eleitorais vinham se dando entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que culminaram em 2002 com a vitória de Lula da Silva e do PT. No entanto, foi nas eleições de 2014, em que novamente a disputa ocorreu entre PT (Dilma Rousseff) e PSDB (Aécio Neves), que ganhou terreno e materialidade o discurso (ideológico) da “polarização” no campo

mais radicalizada – até que a segunda "conquiste" a primeira – para retirar o PT do poder num grande acordo nacional. A crise política já estava instaurada, e a crise econômica chegou em seguida para coroar a razão golpista. Segundo a cientista política Camila Rocha:

> Mas foi apenas a partir da reeleição de Dilma Rousseff em 2014, que a nova direita começou a se materializar de fato a partir do primeiro protesto pró-impeachment, organizado logo após o anúncio da vitória da petista. Logo após o primeiro pico de mobilização atingido pela Campanha Pró-Impeachment, em março de 2015, jovens e militantes até então desconhecidos, oriundos do contra-públicos digitais, passaram a angariar influência junto a públicos dominantes e, em nas eleições de 2016 alguns militantes se candidataram a cargos legislativos. Neste momento o fenômeno da direita envergonhada passou a ser algo do passado, no entanto, a nova direita em formação ainda continuava ser constituída por diferentes forças políticas que haviam se unificado sob um único projeto, o que ocorria apenas a partir das eleições de 2018, quando formou-se uma frente ampla, ultraliberal-conservadora, em torno da campanha à presidência de Jair Bolsonaro.

Diante disso, o desgaste petista, as crises e a sua relação direta com grupos da classe dominante ajudaram a ampliar o projeto alinhado às frações burguesas mais reacionárias, ultraliberais e autocráticas de destronar o "reinado" do Partido dos Trabalhadores (PT). Sendo assim, a partir de 2014 em especial após-reeleição de Dilma Rousseff, teve um entendimento de que existem novas formas organizativas e de atuação político-ideológica das direitas no Brasil, tanto nas ruas, quanto nas redes sociais – o que veio a ser denominado de "nova direita" (ALEXANDRE, 2017; DAL PAI, 2017; ROCHA, 2018; CASIMIRO, 2018; SOLANO & ROCHA, 2019). Essa "nova direita", composta em sua maioria por jovens, de natureza reacionária e adepta do anticomunismo, tais como o "Revoltados Online"[25] e "Movimento Brasil Livre"[26] (MBL) – dirigidas politicamente pela oposição de direita, sob às coordenadas

---

político/partidário – especialmente com o questionamento, na época, do resultado das urnas pelo PSDB, chancelado pelas entidades representativas do capital no país (FIESP, FIRJAN) e ovacionado pela mídia corporativa/empresarial.

[25] De acordo com o historiador Matheus Henrique Marques Sussai, "Revoltados ON LINE", é uma comunidade virtual fundada no dia 01 de agosto de 2010, que se objetiva criticar e se manifestar contra o governo federal do Brasil. É importante lembrar que no ano de 2010, aconteceram as eleições presidenciais, que resultaram na continuação do Partido dos Trabalhadores com um novo representante na presidência do país. Desde o seu início, a comunidade virtual usa de suas publicações para demonstrar a sua oposição ao Partido dos Trabalhadores e as suas ações enquanto partido que atua na presidência do país. A comunidade virtual apresentava 1.141.707 "curtidas" no dia 17 de novembro de 2015, número notadamente diferente do que vimos na introdução deste texto (1.648.074). Vemos como que em menos de um ano (novembro de 2015 a maio de 2016), o número de pessoas, que já era alto no primeiro momento marcado, subiu significativamente. **"Revoltados Online" e as Manifestações contra o Governo Federal Brasileiro:** notas iniciais de uma pesquisa. Apresentação de comunicação realizada no XI - Seminário de Pesquisa e Ciências Humanas - SEPECH - *Humanidades, Estado e desafios didáticos-científicos*, Londrina, 27 a 29 de julho de 2016.

[26] Criado em 2014 o MBL (Movimento Brasil Livre), segundo o historiador Demian Melo, do dito e do que temos assistido nos últimos anos, apreende-se uma dinâmica na qual a iniciativa do EPL, o MBL, se autonomizou, passando a ser aquilo que desde a origem pretendeu-se criar com a abertura da franquia do Students for Liberty no Brasil em 2012. Interessa também apontar o fato de que a necessidade de criar a marca fantasia MBL inscrevia-se numa estratégia delineada desde o início, a saber, a de que o movimento pudesse gerar quadros

do PSDB – emergiram depois de junho de 2013 e afloraram com toda força nas manifestações de março e abril de 2015.

O uso das cores verde e amarelo da camiseta da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) representou os "figurões" da bizarrice daquele panorama atual: ali presente estavam as viúvas da ditadura civil-militar-empresarial e os jovens de classe média (em sua maioria brancos) protestando a fim de banir do país "toda a sujeira do Partido dos Trabalhadores" ou do perigo "comunista". O ano de 2014 marcou o avanço das direitas radicais brasileiras. A tragédia foi anunciada. Segundo a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado:

> Celso Russomanno (PRB) e o pastor Marco Feliciano (PSC) foram os deputados mais bem votados em São Paulo, e o Rio de Janeiro escolheu Jair Bolsonaro (PP) em primeiro lugar. O deputado mais votado no Rio Grande do Sul naquele ano, Luis Carlos Heinze (PP), declarou que quilombolas, índios, gays e lésbicas são "tudo que não presta". A guinada conservadora já estava em curso, desenhada e pronta para eclodir. É comum que se responsabiliza as Jornadas de Junho de 2013 por tudo que aconteceu no Brasil, mas, como já apontei no capítulo "A Revolta dos 20 Centavos", esse é um argumento que não ajuda a compreender o fenômeno de rearticulação das direitas nacionais e globais, que vêm conquistando corações e mentes desde a virada do milênio.[27]

A partir desse cenário, entre 2014 e 2016, surgiu a ideia da criação de outro aparelho privado de hegemonia em prol dos interesses dessas direitas radicais brasileiras disfarçadas de liberalismo. A (empresa) Brasil Paralelo, criado através de três jovens gaúchos de classe média, indignados com o cenário naquele momento e ressentidos com o Governo petista, que coadunam com o perfil dos manifestantes de 2015 – embora, como diremos adiante, apareça em cena a contar de agosto de 2016, no processo em curso do Impeachment de Dilma Rousseff. Para Débora Messenberg, a "direita que saiu do armário",

> As manifestações que levaram centenas de milhares de pessoas às ruas nas principais cidades brasileiras durante os meses de março, abril e agosto de 2015, trouxeram à luz o ativismo de certos tipos de atores sociais, que há décadas não participavam de forma tão intensa na arena pública. Tais manifestações revelaram presença privilegiada de grupos de perfil conservador, que a despeito de suas

para a disputa político-eleitoral, fortalecendo o campo político-ideológico da direita. E pela conveniência de não criar problemas fiscais para com sua matriz americana – cuja razão social declarada à receita é de uma entidade "sem vínculos político-partidários" –, buscou-se criar uma marca que dialogasse com o patriotismo desmiolado de parcela da população – através do slogan "Brasil Livre" –, em oposição a tudo que cheirasse a esquerda, a começar evidentemente pelo próprio governo do PT, igualado, como se sabe, à corrupção. Assim, o protagonismo do MBL na organização e mobilização das direitas nas ruas e nas redes sociais desde 2015, alimentado por uma retórica cínica da mídia que o apresentava – assim como o Vem Pra Rua – como "apartidário", o credenciou à posição que goza hoje no campo da direita. **"O MBL e a sua rede"**. Disponível em: http://blogjunho.com.br/o-mbl-e-sua-rede/. Acesso em: 15/05/2021.

[27] PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2019, p. 67-68.

> clivagens internas em termos de tonalidades ideológicas, expuseram publicamente convicções de cunho segregador e autoritário.[28]

No âmbito intelectual, indivíduos liberais na economia e conservadores nos costumes passaram a se organizar e atuar com maior vigor em várias frentes de formação e direção política através de uma "teia"[29] de APHs empresariais, de cunho ideológico. A partir dessa ampliação os APHs produzem consenso em torno de temas ligados à ideologia de gênero, comunismo, ditadura, feminismo e afins; criando uma *verdade totalmente aceita,* isto é, ancorada em projetos que refletem os interesses de disputa por hegemonia de classes dominantes. Em nosso entendimento, essa ampliação de *teias* de APHs procurou sustentar o projeto de fascistização em curso e isto tem uma razão concreta: não se trata de um movimento espontâneo, mas de uma ofensiva ideológica alicerçada em vasta rede de aparelhos privados de hegemonia. De acordo com a historiadora Virgínia Fontes, "os aparelhos privados de hegemonia assumiram uma nova centralidade, de maneira a estabelecer pontos de luta precoces em diferentes áreas da atuação e organização popular, para impedi-la, modificá-la e corrompê-la."[30]

O ano de 2014 foi muito importante para entender o avanço das direitas radicais brasileiras que saía do armário. Até aquele momento, diversas pessoas tinham vergonhas de ser de direita. Desde então, falar hoje que uma pessoa é de direita ou principalmente de extrema-direita passa a ser motivo de orgulho. Foi em 2014 que o Brasil elegeu uma das bancadas mais conservadoras de sua história, em uma eleição marcada por profundo ódio destilado contra os nordestinos. Conforme Rosana Pinheiro Machado, "a vitória de Dilma foi apertadíssima (51,64% dos votos). O seu opositor, Aécio Neves, chegou até comemorar a vitória na presença do amigo Luciano Huck. Aécio nunca aceitou o resultado das urnas, pedindo inclusive auditoria da votação. Desafiando a democracia, ele atiçava ainda mais uma horda que já estava a postos."[31]

Alguns desses intelectuais da "nova direita" que *surfaram* neste processo de fascistização, inicialmente a partir de 1990 e principalmente a partir de 2010, tiveram algumas

---

[28] SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org.). **As Direitas nas Redes e Nas Ruas**: A crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p. 175.

[29] A noção de *teia* surgiu a partir de rede extrapartidária constituída pelo historiador Gilberto Calil, sobre a conceituação gramsciana de partido. Este a construiu para situar as organizações formadas em torno do Partido de Representação Popular (PRP), que reorganizou os integralistas brasileiros no Pós Guerra e existiu até 1965. Esta rede foi construída pela "estruturação das várias organizações extrapartidárias", que vincularam-se "de forma orgânica, a um projeto de retomada da iniciativa por parte dos integralistas, visando transcender os limites da ação estritamente partidária" (CALIL, 2005, p. 487).

[30] FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010, p. 140.

[31] PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2019, p. 71.

participações importantes nas produções do Brasil Paralelo, em seguida destacamos alguns desses intelectuais. Ao longo da dissertação, especialmente no capítulo II, apresentaremos o chamado *"Núcleo Duro - Brasil Paralelo"* (os principais membros das produções).

Os anos de 2015 e 2016 foram marcados por manifestações pró-impeachment de caráter reacionário-conservador, antipetista e contra a corrupção. Surgiu uma era das manifestações verde-amarelas e festivas nos finais de semana, principalmente marcada pela presença das elites brancas brasileiras. De acordo com Badaró, "os atos convocados por essa "nova direita" receberam por parte dos governantes um tratamento muito distinto daqueles que marcou Junho."[32]

Segundo Rosana Pinheiro-Machado, "tanto o MBL quanto o Vem Pra Rua, movimentos sociais pioneiros das direitas jovens no Brasil, tiveram um papel muito importante no processo de impeachment, convocando manifestações e atraindo a nova geração para o seu campo ideológico". Enquanto as Jornadas de Junho tiveram um caráter mais popular e mobilizador, na média, jovens de classe média baixa, o *palco* reacionário conservador da "nova direita" atraiu pessoas mais velhas, com ensino superior e rendimentos de médios a elevados. Como bem aponta Camila Rocha, a partir de uma palestra oferecida pela USP em 2019 ― intitulada "A emergência da nova direita e o bolsonarismo",

> O avanço da esquerda na arena cultural na sociedade civil gerou reações. Principalmente os movimentos que lideraram, o movimento, feminista, negro, lgbt; gerou uma série de reações. Então aqui, são alguns trechos de pessoas comuns essas que eu falei ao longo da pesquisa que eu entrevistei em lugares diferentes do Brasil as pessoas falando,negro diz "eu sou empoderado", como se fosse superior arrognte, a sociedade tem a tendência de colocar muler acima, a sociedade quer o controle; como se o movimento feminista não quisesse a igualdade e sim tivessem agindo como se as mulheres fossem superiores aos homens, os gays gostam de afrontar de impor, enfim, o comportamento deles para sociedade, são donos da verdade, a sociedade seria obrigada a aturar a assistir pessoas gays.
>
> Essas falas vão gerando esse tipo de reação, gerando essa imagem. De que esses movimentos agem dessa forma. Arrogantes, que se impõe, e tese da doutrinação que eles querem doutrinar as pessoas, querem impor, querem falarem que eles estão certos e as pessoas estão erradas eles não respeitam as pessoas e também gerou sentimento de raiva, ressentimento e principalmente de homens, pessoas mais velhas e evangélicos. Então, quanto mais um homem mais velho e evangélico geralmente era o tipo mais conservador possível. Se falar viado pra viado não pode, negro pra negro também, socar a mulher ela tem Maria da Penha, e a gente? Não é

[32] BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p.159.

> direitos iguais? A corda sempre arrebenta para os mais fracos e os mais fracos somos nós, deveria ter uma lei para proteger a gente.[33]

Na análise de Rocha, a nova direita é um fenômeno amplo e complexo, com origens que não necessariamente imediatas. O processo de formação da nova direita brasileira envolve elementos relativos à oposição aos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) até as contradições diante da determinada agenda política, como a legalização do aborto ou questões mais diversificadas, ligadas a moral. Como ressalta Rocha (2018), os mesmos grupos mais organizados como o Movimento Brasil Livre (MBL) foram formados a partir da socialização e interação de pequenos grupos precedentes, em relações que fortaleceram o sendo de unificação e a socialização política, bem como a formação de uma identidade filosófica.

A retrospectiva do MBL em 2016, foi emblemática. Eles se apropriam da linguagem de lutas de esquerda. Se colocaram como mobilizadores das massas, alegaram que as mídias e o poder estabelecido eram manipuladores; os políticos corruptos. Disseram que as manifestações organizadas pelo movimento tinham sido as maiores da história do Ocidente, conseguiram catalisar por meio de uma estética jovem e moderna grupos reacionário-conservador que não aceitava o discurso criminoso e os privilégios de políticos. Para eles, as ruas reagiram, e isso possibilitou a atenção de muita gente insatisfeita, como por exemplo, os jovens empreendedores sócios do Brasil Paralelo, diferente do MBL a atuação do Brasil Paralelo parte apenas nas redes, focando principalmente em produções materiais audiovisuais.

Segunda entrevista com o Jornalista da *Folha de São Paulo*, em 2019. Um dos sócios fundadores do Brasil Paralelo - Lucas Ferrugem, comentou sobre as diferenças com o Movimento Brasil Livre (MBL):

> Lucas Ferrugem (sócio): Temos diferenças consideráveis com o MBL. Porque o MBL se aproximou e se apoiou num braço político e de tutoria de movimentos de ruas. E nós, nos posicionamos muito mais num braço de organizar informações de

[33] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6qAzH9OM8U8. Acesso em: 15/05/2021.

> professores e intelectuais e disponibilizá-las. Dá pra dizer que o Brasil Paralelo é um braço de educação, enquanto o MBL é um braço de militância política.
> Esse é o nosso leque. Informação e formar pessoas dentro desses valores que nós acreditamos.
> Jornalista: Vocês falaram que estavam se articulando desde 2013?
> Lucas Ferrugem (sócio): Em 2013 as coisas só ficaram no âmbito da ideia, as coisas aconteceram mesmo em 2016, em 2016 começamos a atuar enquanto Brasil Paralelo.[34]

Neste cenário, de reorganização das direitas nas redes acabou surgindo intelectuais desse movimento se expandindo em páginas eletrônicas via *Facebook.* A partir da cientista social, Débora Messenberg, destacamos os nomes de Rogério Chequer, empresário que se descreveu em sua página do *facebook* (2.023 seguidores em outubro de 2016), como trabalhador da *State of the Art Presentation* (Soap), definida por ele "como empresa de soluções de comunicação em momentos decisivos", Chequer participou do *"Congresso Brasil Paralelo – dividindo pessoas e centralizando poder"*, em 2016. Outra figura destacada é a atual deputada federal Beatriz (Bia) Kicis (PSL), que além de procuradora aposentada do Ministério Público Federal e uma das mais leais seguidoras de Jair Bolsonaro, atuou no "Revoltados On-line" e participou da primeira produção material do Brasil Paralelo em novembro de 2016.[35]

Em resumo, outro nome destacado por Messenberg[36] que virou um "fenômeno" nas redes sociais, o atual Presidente do "Instituto Liberal", Rodrigo Constantino. Segundo a autora, "Constantino era seguido, em outubro de 2016, por 145.521 pessoas no *Facebook*, onde se apresenta com a seguinte citação: *'um soldado incansável na luta pela liberdade, sem medo da patrulha e do politicamente correto'."* Rodrigo Constantino, já participou da metade das produções do Brasil Paralelo, consideramos que ele seja uma das principais figuras nos primeiros momentos do Brasil Paralelo, aliás, Constantino representou o B.P. no Fórum da Liberdade, em 2018 (veremos em outro capítulo).

Neste sentido, a autora faz uma caracterização geral dos perfis dos formadores de opinião, pois entende que esses atores, "após serem difundidos pela mídia e redes sociais, acabam por funcionar como quadros de referências que permitem aos seus seguidores dar coerência às suas opiniões, escolhas e ações."[37]

Outro trabalho que consideramos importante para pensar as concepções ideológicas e ao alinhamento ao contexto histórico e causa e efeito do novo padrão de disputa política é o

---

[34] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p265bGtPv-4 & t=738s. Acesso em: 15/05/2021.
[35] SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org.). Op. Cit. 2019, p. 187.
[36] SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org.). Op. Cit. 2019, p. 191.
[37] SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org.). Op. Cit. 2019, p. 193.

artigo de Jorge Chaloub e Fernando Perlatto, intitulado *A Nova Direita brasileira: ideias, retóricas e práticas políticas,* publicado em 2016 pela Revista *Insight.* Neste trabalho, os autores destacaram seis hipóteses para a compreensão do protagonismo assumido recentemente pelos intelectuais da nova direita no país. Segundo os autores, "em primeiro lugar, é importante destacar o fortalecimento de um novo discurso de direita não é um fenômeno restrito às fronteiras brasileiras."[38]

Das seis hipóteses levantadas pelos os autores, destacam-se:

> 1. coerência com o cenário internacional, entendendo a nova direita enquanto um fenômeno mundial; 2. o distanciamento do momento epocal da ditadura, que oblitera e distorce a percepção clara sobre os riscos e vícios do autoritarismo implantado a partir de 1964 (da mesma maneira que, creio eu, há toda uma geração que não conviveu sequer com o processo de redemocratização, possuindo uma experiência acomodada nos limites protetores de um Estado de Direito); 3. as mudanças tecnológicas e funcionais da indústria cultural (que penso possibilitou a expansão rápida do padrão de guerra híbrida); 4. a criação de *locus* institucionalizados para produção e difusão do pensamento liberal ou de direita[39]; 5. a emergência de governos de esquerda no país, incluindo seus sucessos e fracassos, capazes de geração de polarização; e 6. a crise do sistema partidário.

Segundo os autores, "o protagonismo desses intelectuais da nova direita está vinculado a transformações que tiveram curso, ao longo das últimas décadas, na própria indústria cultural do país, destacando-se, nesse sentido, mudanças no mercado editorial.[40] De acordo com Soares:

> Desde 2002, um mercado de reações às gestões presidenciais petistas estabeleceu-se, tanto por meio dos suportes das mídias convencionais mescladas às ultra contemporâneas quanto da produção social de intelectuais duplamente híbridos: trata-se de jornalistas-professores e de professores-jornalistas.[41]

Portanto, apesar de partirmos dessa conjuntura "quente" em que as direitas passam a se reorganizar (ou reconfigurar) novamente, concordamos com Casimiro quando se propõe a explicar o fenômeno da "nova direita" e suas reverberações no Brasil recente através de um"recuo" histórico no tempo, tomando por eixo analítico o processo de "redemocratização"

---

[38] CHALOUB, J.; PERLATTO, F. Intelectuais da 'nova direita' brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 25-42, 2016.

[39] "A vinculação e a articulação de muitos desses personagens com institutos como o Instituto liberal, o Instituto Millenium, o Instituto Ludwig Von Mises, o Instituto liberdade, o Instituto de Estudos Empresariais, o Estudantes pela Liberdade e o Instituto Ordem Livre". In: CHALOUB & PERLATTO, 2016, p. 30.

[40] Disponível em: https://inteligencia.insightnet.com.br/a-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica/ . Acesso em: 21/01/2021.

[41] Soares Rodrigues, Lidiane. Uma Revolução Conservadora dos Intelectuais (Brasil 2002/2016). **Política & Sociedade** - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 39 - Mai./Ago. de 2018, p. 277.

no país entre os anos 1980 e 1990. Para ele, aliás, é mais do que necessário partir desse contexto histórico para pensar as continuidades e rupturas das formas organizativas e de atuação político-ideológica das direitas brasileiras, isto por que "tratava-se de um momento estratégico no conjunto das lutas sociais e para a redefinição das bases institucionais de operacionalização e legitimação de um dado projeto de poder e dominação".[42]

A "saída" da ditadura no Brasil evidenciaria não apenas aquilo que Florestan Fernandes (1976) identificou como a contrarrevolução burguesa de natureza autocrática, porém nos anos 1970 e 80 sob a égide da "liberalização" e "desestatização" do regime já num contexto de hegemonia capitalista neoliberal, quanto, principalmente, as contradições e tensões de classe relativas ao processo tardio de "ocidentalização"[43] do país, isto é, das possibilidades históricas de ampla e efetiva participação de trabalhadores, camadas populares, artistas, intelectuais e políticos, dentre outros, na propalada "sociedade civil"[44], que culminaria no – controlado – movimento das Diretas-Já, entre 1983 e 1984.[45]

Diante do cenário "lento e gradual" e, acima de tudo, "seguro" para as classes dominantes do país - a burguesia brasileira já começava a reagir frente às formas de organização das classes trabalhadoras e passou a se reestruturar as suas estratégicas e táticas políticas para adequar-se às novas formas de se relacionar com o Estado em tempos democráticos. De acordo com Dreifuss, temos alguns elementos para refletir acerca dessa conjuntura:

> Os esforços dos pivôs políticos empresariais militares se concentram nas eleições de 86 e na configuração da Assembleia Constituinte. A vitória do conservadorismo – ideológico e fisiológico – e da politicagem, na Assembleia Nacional Constituinte, e do monopólio organizativo do PMDB, foi assegurar por uma forte e efetiva campanha política e de propaganda, apoiada no aparente sucesso do Plano Cruzado – um 'grande estelionato político', segundo a expressão do Delfim Netto. O general Golbery do Couto e Silva, por sua vez, já esperava, em meados de 86, que, graças Plano Cruzado, a Assembleia Constituinte tivesse o predomínio de um 'centro democrático' responsável que isolaria os 'radicais de direita e esquerda.[46]

Naquele contexto, o empresariado "democrático" voltado para o social e o "empresariamento" das funções do Estado no Brasil, se articulou pautados em pressupostos

---

[42] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 31.

[43] MACIEL, David**. A argamassa da ordem**: da ditadura militar à nova república (1974-1985). São Paulo: Xamã, 2004.

[44] Aqui então compreendida num sentido "liberal", baseado nas liberdades jurídicas (formais) garantidas em Constituição, e não na concepção gramsciana (muito embora, Carlos Nelson Coutinho tenha se valido de uma interpretação "liberal-democrática" de Gramsci).

[45]SILVA, Adriana; BRITES, Cristina; OLIVEIRA, Eliane & BORRI, Giovana. A extrema-direita na atualidade. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 119, p. 407-445, jul./set. 2014.

[46] DREIFUSS, René. **O Jogo da Direita.** Vozes: Petrópolis, 1989, p. 99.

da defesa da propriedade privada e da economia de mercado. As estratégias de dominação da classe dominante são, historicamente, as mais variadas. Segundo Casimiro, uma das faces da complexificação específica perpetrada a partir da redemocratização é a estratégia de organização que se materializa por meio dos aparelhos da burguesia, porém íntegra crescentemente o próprio Estado. Isto vem ganhando projeção tanto de forma deliberada quanto inconsciente", através da instrumentalização, objetivação e reprodução de seus projetos e valores em diversos meios, de forma que os seus interesses tomem amplitude e intensidade. Paulatinamente, vão radicalizando-se. Através da multiplicação de uma miríade de aparelhos de difusão, gradativamente a ideologia dominante ganha notoriedade e força, adquire ressonância em diferentes espaços da vida social e as formas de atuação da burguesia estabelecem conexões nacionais e transnacionais. Tais aparelhos compõem o que se consumou denominar hoje de "nova direita".[47]

Neste sentido, o que caracteriza a nova direita – diferenciando-a das chamadas "velhas direitas" – não são os atores, sequer a ideologia, mas sim o *modus operandi*, o qual, como dito, materializou-se numa série de aparelhos da burguesia, em outras palavras, aparelhos privados de hegemonia em perspectiva gramsciana. Ainda de acordo com Casimiro, "a burguesia brasileira, nessa construção das regras do jogo democrático, passa a defender de forma mais aberta e articulada o seu modelo de sociedade fundada nos valores da economia de mercado e da meritocracia".[48]

Temos assim a reorganização da burguesia brasileira em defesa dos seus interesses e em prol da ampliação do capital, o que implica em cisões, conflitos intraclasse, mostrando a complexidade dessas relações de poder – ao mesmo tempo em que, conjuntamente, passam a defender e internacionalizar para dentro do Estado (restrito) às suas pautas. Como assinalado por Virgínia Fontes, "a partir de certa escala, a sociedade civil empresarial lança-se novamente à ocupação do Estado".[49]

Neste sentido, o papel dos intelectuais orgânicos no interior desses "aparelhos" é fundamental na busca pela legitimação de um determinado projeto de poder, com o objetivo de alçar uma condição de hegemonia. Ao questionar se os intelectuais são um grupo autônomo e independente, Gramsci aponta que "todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e

[47] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018.
[48] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018. p. 124.
[49] FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010. p, 237.

consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político".[50] E complementa afirmando que os intelectuais são formados historicamente e constituem "categorias especializadas para o exercício da função intelectual".[51] Ou seja, para a legitimação de sua posição de classe, todo grupo social necessita criar os seus próprios intelectuais, seja a burguesia, seja a classe trabalhadora. Dessa forma, Gramsci cria o conceito de "intelectuais orgânicos" que cada classe constrói, com o intuito de homogeneizar e conscientizar não somente a classe da qual são originários, como, de preferência, promover a "educação" das massas.

À luz desses referenciais teóricos, o trabalho de Casimiro, por exemplo, busca refletir e elucidar a atuação de um conjunto de APHs. Isto exige refletir também acerca desses APHs no âmbito da "sociedade civil", na qual esses aparelhos atuam no sentido de fortalecer, naturalizar e universalizar os seus interesses de classe, através da construção do consenso – sem abrir mão, quando necessário, de mecanismos e práticas coercitivas. O que nos leva a questão das relações ampliadas constituídas pelo Estado capitalista[52], particularmente com Poulantzas quando alude que o "Estado, trabalhando para a hegemonia de classe, age no campo de equilíbrio instável do compromisso entre as classes dominantes e as classes dominadas".[53]

No que concerne ao nosso estudo, a obra de Casimiro, além de contribuir na elucidação de quem é e como atua a chamada "nova direita", permite criticamente que caia por terra certas análises acerca do ultraliberalismo – comumente, defendida pelos dominadores, assim como setores da esquerda – que adotam o pressuposto de que se trata de uma defesa e prática de negação do Estado, pautado pelo capitalismo de tipo laissez-faire.

Ainda que os ideólogos se arvoram como defensores do "Estado mínimo", a teia de atuações dos aparelhos privados da burguesia analisados por Casimiro (2018/2020) evidenciam que as suas estratégias têm como sustentáculo a inter-relação com o Estado em sentido restrito, que é acionado de diferentes maneiras, seja para exercer a coerção, seja para "educar" para o consenso (ou uma "pedagogia da hegemonia"), propiciando a intensificação e o aprofundamento da exploração e expropriação do conjunto da classe trabalhadora e rifando recursos naturais e direitos sociais histórica e arduamente conquistados. Isto evidencia, ainda,

[50] GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere.** V.2 **Os intelectuais. O princípio educativo.** Jornalismo. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2001, p. 15.
[51] GRAMSCI, Antônio. Op. Cit. 2001, p. 18.
[52] FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010.
[53] POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o Poder, o Socialismo.** São Paulo: Paz e Terra, 1980, p. 33.

que a perpetuação da hegemonia burguesa se dá, dialeticamente, através da sociedade civil e da sociedade política.[54]

Desta forma, um elemento-chave que esse conjunto de hipóteses a respeito da "nova direita" permite evidenciar é, como apontado, a ampliação do Estado brasileiro, demonstrando que não podemos reduzi-lo a seus órgãos, aparelhos e agências administrativas. Ao mesmo tempo que os fermentadores e propagadores do ultraliberalismo criticam o Estado, os aparelhos analisados ampliam-no imbricando-se a ele, promovendo assim uma espécie de reprivatização "não-oficial" do mesmo, inscrevendo nele os seus objetivos como projetos de interesse "nacional", mas que na realidade são de classe (ou de determinadas frações). A "nova direita" configura-se "dialeticamente como veículo e resultado do processo de atualização da dominação burguesa em sua expressão capital-imperialista."[55]

Visando avançar essa discussão, iremos refletir a atuação das direitas brasileiras em um espaço mobilizador que anualmente realiza encontros a fim de propagar os seus interesses em defesa e a aprovação de projetos de caráter privatizador em prol da manutenção da hegemonia e da produção de consenso. Por isso, buscaremos a partir do "Fórum da Liberdade", entender as dinâmicas e projetos defendidos por essas direitas no Brasil Contemporâneo.

1.2.O processo de fascistização no Brasil recente

Observamos, em tempos atuais, com a ascensão de movimentos reacionários-conservadores no Brasil e no mundo, esses movimentos estão sendo caracterizados a partir de um contexto marcado por um pós-fascismo[56], com o objetivo de analisar esse processo destacamos as diferenças entre o fascismo clássico e o (neo) fascismo. Neste sentido, buscamos compreender quais são os grupos fascistas no Brasil recente, quais são os *modus*

---

[54] NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). **A nova pedagogia da hegemonia:** estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.

[55] FONTES (2010), Op. Cit., p. 465.

[56] De acordo com Traverso, "atualmente, o surgimento da direita radical traz uma ambiguidade semântica: por um lado, quase ninguém fala abertamente do fascismo - exceções notáveis ao Aurora Dourada na Grécia, o Movimento por uma Hungria Melhor (Jobbik) na Hungria e o Partido Nacional na Eslováquia – e a maioria dos observadores reconhecem as diferenças entre esses novos movimentos e os seus antepassados dos anos 1930. Por outro lado, qualquer tentativa de definir este novo fenômeno nos faz comparar com os anos do ``Entre Guerras''. Em resumo, o conceito de fascismo parece ser inapropriado e indispensável para se compreender esta nova realidade. Portanto, chamarei o momento atual de um período de pós-fascismo. Este conceito enfatiza sua particularidade cronológica e o localiza em uma sequência histórica marcada tanto pela continuidade quanto pela transformação; certamente ele não responde a todas as questões que foram abertas, mas ele enfatiza a realidade da mudança." TRAVERSO, Enzo. **Do Fascismo ao Pós-Fascismo**. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas V.13 N.2 2019, p. 13.

operandi desses grupos e a relação do Governo Bolsonaro com a ascensão desses movimentos reacionários-conservadores. Com a finalidade de explicar esse movimento, apresentamos o conceito de fascismo (clássico) a partir de Paxton e Konder. Nas palavras de Paxton:

> Fascismo pode ser definido como uma forma de comportamento político marcado pela preocupação obsessiva com o declínio, humilhação ou vitimização da comunidade e por cultos compensatórios de unidade, energia e pureza, em que um partido fortemente baseado em militantes nacionalistas comprometidos, trabalhando em colaboração desconfortável mas eficaz com as elites tradicionais, abandona liberdades democráticas e persegue com violência redentora e sem restrições éticas ou legais objetivos de limpeza interna e expansão externa.[57]

E, de acordo com Konder:

> O fascismo é uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara "modernizadora", guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionalistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário. Seu crescimento num país pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas); e pressupõe também as condições da chamada sociedade de massas de consumo dirigido, bem como a existência nele de um certo nível de fusão do capital bancário com o capital industrial, isto é, a existência do capital financeiro.[58]

Em um campo caracterizado por diversos estudos, as obras de Robert Paxton e Leandro Konder possuem destaque por apresentarem análises pertinentes que conseguem definir parâmetros conceituais sobre o fascismo, tanto em suas ocorrências particulares quanto como um fenômeno geral. Ambos buscam decifrar as origens do movimento fascista a partir de elementos sociais, ideológicos, econômicos e políticos que influenciaram seu surgimento e possibilitaram sua ascensão ao poder; e ainda, procuram construir uma reflexão que ultrapassa suas manifestações particulares tal como se objetivam na Itália e na Alemanha no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial.

"O fascismo foi a grande inovação política no século XX, e também a origem de boa parte de seu sofrimento."[59] Após a Primeira Guerra Mundial, 1914-1918, no período que precedeu a Segunda Guerra Mundial, tanto na Itália quanto na Alemanha o contexto social

---

[57] PAXTON, Robert **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
[58] KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.
[59] PAXTON, Op. Cit., p. 13.

era gravíssimo: o retorno de soldados desmobilizados nas frentes da guerra, frequentemente se constituíam em bandos para militares que usavam da violência contra a população, a crise social profunda com a ausência de um partido revolucionário que pudesse se apresentar às massas populares sendo uma alternativa revolucionária. A "crise social profunda (...) lança as massas pequeno-burguesas para fora do seu equilíbrio",[60] mas elas flertam com a saída fascista, porque não confiam no processo revolucionário das forças políticas do proletariado.

No dia 28 de outubro de 2018, com cerca de 55% dos votos apurados (excluídos nulos, brancos e abstenções), Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República do Brasil, numa onda marcada pelo forte crescimento de partidos de extrema-direita pelo mundo e especial, no Brasil. Segundo Marcelo Badaró, "a imprensa internacional variou entre classificá-lo como ultradireitista, radical de direita, populista de direita ou neofascista."[61] Compreender o movimento bolsonarista requer uma série de frentes específicas, até porque o bolsonarismo é um elemento novo no cenário brasileiro e ainda, um debate em aberto. Por isso, destacamos ao longo da discussão alguns pontos específicos desse fenômeno.

Em seu livro *"Governo Bolsonaro, neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*", Marcelo Badaró investiga o bolsonarismo em três frentes específicas. O *bolsonarismo como ideologia.* O *movimento bolsonarista, as organizações políticas* e o *governo Bolsonaro e suas políticas.* De acordo com Badaró, "a eleição de um neofascista não significa, de imediato, a instalação de um regime político fascista no Brasil." À vista disso, torna-se fundamental apresentar ao leitor com mais detalhes tais especificidades apontadas por Badaró e outros teóricos, de modo a compreender o bolsonarismo como um movimento neofascista e um governo com um projeto neofascista autoritário em curso.

Em entrevista pelo Programa Câmara aberta em 1999, Bolsonaro se declarou favorável a tortura, a sonegação de impostos, disse que se assumisse a presidência, daria o golpe e implantaria novamente a Ditadura Militar, e ainda ressaltou que na época da Ditadura só morreu vagabundo e por fim, "disse que através do voto não se mudará nada nesse país."[62] "Bolsonaro foi eleito, por cerca de três décadas, para mandatos parlamentares com base no voto, principalmente, de militares e familiares, apresentando-se como defensor de melhores remunerações e mais "direitos" para a tropa."[63] Bolsonaro é um figura "atípica" ao sistema político brasileiro e, principalmente, de figuras da direita tradicional ou centro esquerda. De

---

[60] TROTSKY, Leon. **Como esmagar o fascismo.** São Paulo: Autonomia Literária, 2018, p. 33.
[61] BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 167.
[62] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WWOWsUiddhg. Acesso em: 25/02/2021.
[63] BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 168.

acordo com o cientista político Marcos Nobre, "Bolsonaro sempre desafiou o "sistema", ganhou como candidato *outsider*. Mas foi também como pretenso *outsider* que atuou desde o primeiro dia de mandato como presidente. Governar para ele seria o mesmo que se render ao sistema". [64]

Jair Messias Bolsonaro, foi aluno da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, de Campinas. Em 1977, formou-se na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, Rio de Janeiro. Cursou a Brigada de Paraquedista do Rio de Janeiro. Em 1983, formou-se no curso de Educação Física do Exército. Chegou à patente de Capitão. Em 1986, ele liderou um protesto contra os baixos salários dos militares. Escreveu um artigo para uma revista de grande circulação no país, intitulado *"O salário está baixo".*

Em sua carreira política, em novembro de 1988, Jair Bolsonaro foi eleito para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Em outubro de 1990, foi eleito deputado federal pelo PDC. Renunciou ao mandato de vereador e tomou posse na Câmara dos Deputados em 1991. Em 1993, participou da fundação do Partido Progressista Reformador (PPR), nascido da fusão do PDC e do Partido Democrático Social (PDS). Em 1994, Jair foi reeleito e na sua candidatura, a sua plataforma de campanha incluía a luta pela melhoria salarial para os militares, o fim da estabilidade dos servidores, a defesa do controle da natalidade e a revisão da área dos índios ianomâmis. Foi mais uma vez indicado para a Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público da Câmara. Em 1995, filiou-se ao Partido Progressista Brasileiro (PPB), resultado da fusão do PPR com o PP. Em 1998, exercendo seu terceiro mandato de deputado, se candidatou ao cargo para presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Em 2002, foi eleito pela quarta vez ao cargo de deputado federal pelo PPB, mas nesse mesmo ano, filiou-se ao PTB. No início de 2005 deixa o PTB e filia-se ao PFL. Em abril, deixa o PFL e filia-se ao Partido Progressista (PP). Em 2006, é eleito para seu quinto mandato. Assume a titularidade das comissões de Constituição e Justiça e de Cidadania, de Relações Exteriores e de Defesa Nacional e de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado. Em 2014, Jair Bolsonaro foi reeleito para o seu 7º mandato. Em março de 2016, filiou-se ao PSC e, em 2017, esteve em negociações com o Patriotas (PEN). Em 2018, Bolsonaro filiou-se ao Partido Social Liberal (PSL) e lançou-se candidato à Presidência da República [65]. Segundo Marcelo Badaró Mattos:

---

[64] NOBRE, Marcos. **Ponto-Final:** A guerra de Bolsonaro contra a democracia. Todavia: São Paulo, 2020, p. 20.
[65] Disponível em: https://www.ebiografia.com/jair_bolsonaro/. Acesso em: 27/02/2021.

> Em todos os seus postos legislativos, Bolsonaro defendeu sempre posições fascistizantes, difundindo um discurso centrado em alguns elementos ideológicos basilares. O principal deles foi a defesa sistemática da ditadura militar e, particularmente, de suas dimensões de terrorismo de Estado, como a tortura e eliminação de opositores políticos. O breve pronunciamento na votação do impeachment de Dilma Rousseff, quando exaltou o torturador Brilhante Ustra, foi apenas mais um episódio em que Bolsonaro tratou como herói aquele criminoso sádico que comandou a tortura no maior centro de repressão da ditadura na década de 1970. Foram frequentes os momentos em que Bolsonaro afirmou que as memórias de Ustra era seu "livro de cabeceira". Esse tipo de discurso, de representação da Ditadura como um "áureo" da história recente do país (lembremos que o fascismo sempre se apresentou como um discurso de resgate dos tempos "áureos" da nação) e de exaltação da repressão, encontrou espaço não apenas na tribuna do Legislativo mas também em meio de comunicação, ganhando maiores dimensões entre os militares e a partir dos esforços de apuração dos crimes da ditadura desenvolvidos pelas Comissões da Verdade na primeira metade da década de 2010.[66]

A partir de 2010, Bolsonaro passou por diversos programas de auditório de TV e se tornou um fenômeno midiático, tão pouco levado a sério Bolsonaro representou o famoso *"tio do pavê",* aquele homem que faz "piadas" machistas, racistas e homofóbicas, quando tem reunião de família, festas e ceia natal. Embora processado por algumas dessas declarações, tanto no Conselho de Ética da Câmara como nos tribunais superiores da justiça brasileira, Bolsonaro recebeu no máximo condenações leves. Sobre os holofotes na TV brasileira com temas polêmicos, Bolsonaro criava o seu próprio programa e ampliava sua base de apoio para além do eleitorado militar, em direção aos grupos conservadores-reacionários mais amplos da sociedade. Como tática de atuação, o humor 'politicamente incorreto' tornou-se forma de governar. Como mostraram os pesquisadores Piaia e Nunes:

> Entre 2010 e 2018, Bolsonaro ocupou um espaço incomum para políticos na TV aberta brasileira. Coletando somente para programas de entretenimento na TV aberta em que o parlamentar foi o principal convidado, somam-se 33 participações. Para efeito de comparação, Jean Wyllys e Marco Feliciano, outros dois deputados com bastante exposição, participaram 9 e 12 vezes, respectivamente. As participações de Bolsonaro ocorreram em programas como Agora é com Datena (1), Agora é Tarde (3), Casos de Família (1), CQC (5), Manhã Maior (1), Mega Senha (2), Mulheres (1), Okay Pessoal (1), Pânico na Band (1), Programa do Ratinho (2), Programa do Raul Gil (1), Quem convence ganha mais (1), Superpop (11), The Noite (1) e Você na TV (1). Destas, a maioria foi na Band e na RedeTV!, com apenas uma participação na TV Gazeta.
>
> Duas atrações se destacam desse conjunto. A primeira é o Pânico na Band, que, apesar de ter contado com a participação presencial do deputado somente uma vez, exibiu, entre março e dezembro de 2017, 34 episódios do quadro "Mitadas do Bolsonabo", em que o humorista Márvio Lúcio interpretava o parlamentar interagindo com a população. Deve-se ressaltar, também, que Bolsonaro foi entrevistado 3 vezes na edição de rádio do programa Pânico em menos de 2 anos (entre 2016 e 2018).

---

[66] BADARÓ, Op. Cit., p. 169-170.

> A segunda atração é o programa Superpop, apresentado por Luciana Gimenez na RedeTV!, do qual Jair Bolsonaro participou 11 vezes entre 2010 e 2018. O parlamentar praticamente se tornou membro do time de comentaristas do programa, participando três vezes no ano de 2016 e duas em 2011 e em 2017. Em mais uma rápida comparação, Jean Wyllys e Marco Feliciano participaram no total uma e quatro vezes, respectivamente.[67]

Bolsonaro apostou pelo menos desde 2010 (antes mesmo de ser influenciado por Donald Trump), vincular sua imagem com um personagem "comum", menos tradicional politicamente e mais, como diz Nobre, *"um antissistema"*, dessa forma, Bolsonaro conseguiu *"surfar"* no contexto de ascensão das direitas radicais. Como bem explorado por Pinheiro-Machado:

> De 2016 a 2018, vimos seu nome se fixar na memória do povo, sempre por meio de polêmicas que despertavam amor e ódio. Como narrei no capítulo "Bolsonaro sabe meu nome", meses antes da eleição, com Lula fora da parada, muita gente que outrora dizia que o odiava passou a dizer algo como: "Acho ele muito radical, mas não tem outro candidato, tem?". Bolsonaro reinou sozinho porque soube usar os espaços de cultura popular: primeiro indo a programas de auditório, depois virando memes "zueros" na internet.[68]

Em 1989, após se candidatar pela primeira vez para Presidente da República, Enéas Carneiro, era uma espécie de *"cômico de estimação"*, não faltando diversão na campanha eleitoral. O mesmo se candidatou, mais duas vezes à Presidência da República, entre (1994 e 1998) e uma vez à prefeitura de São Paulo (2000), em 2002 foi eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, recebendo votação recorde: mais de 1,57 milhão de votos, a segunda maior votação já registrada no país. Mas o que o Bolsonaro tem a ver com Enéas? Segundo a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado:

> Não foi à toa que Bolsonaro tentou criar um projeto de lei para homenagear Enéas como herói da nação - posição ocupada por apenas 41 personalidades brasileiras, como Santos Dumont e Getúlio Vargas. Apesar de Enéas ter sido eloquente com as palavras e Bolsonaro ser um incapaz nesse aspecto, os dois têm muito em comum. Isso se dá não apenas na defesa da família tradicional brasileira e no anticomunismo, mas, sobretudo, na capacidade de "causar". De cabeça quente, eles teatralizaram, especialmente em programas de TV de grande audiência, uma indignação patriótica que sempre gerou repercussão.[69]

---

[67] Disponível em: http://18.218.105.245/politica-entretenimento-e-polemica-bolsonaro-nos-programas-de-auditorio/. Acesso em: 27/02/2021.
[68] PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2020, p. 139.
[69] PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Op. Cit. 2020, p. 135-136.

Ao que complementamos com Badaró, quando alude: "o crescimento da votação de Bolsonaro em 2014 já foi a expressão, por um lado, da reorganização da ultra direita política no país após 2013 e, por outro lado, de uma relocalização do próprio deputado". [70]

Podemos observar, no cenário eleitoral essa "nova direita ou direita radical" ocupando espaço dentro do Estado (restrito) eleitos/as democraticamente: caso do próprio Jair Bolsonaro e os seus filhos. Conforme Badaró, "para entender a construção política que Bolsonaro e os que se puseram ao seu redor desenvolveram desde então, é preciso ter em conta novos elementos, ou novas ênfases, que passaram a compor o discurso e constituem pilares ideológicos do bolsonarismo" [71]. Como caracterizar, então, o "bolsonarismo"?

De acordo com Carlos Zacarias:

> Um dos fenômenos associados à ascensão da extrema-direita no Brasil, é o surgimento do "bolsonarismo". Chama-se de bolsonarismo a um tipo de comportamento político, surgido nos últimos anos, ao qual se vinculam pessoas ou grupos de pessoas que se mobilizam em torno de ideias como antipetismo e o anticomunismo, o vitimismo e o pânico moral, a mobilização política e o culto da violência, o neoliberalismo e o ataque aos direitos e tudo àquilo que se relaciona ao Estado de bem-estar social oriundo de políticas públicas e de inclusão. O bolsonarismo repete, no Brasil, o que aconteceu ou acontece em outras épocas ou em outros países, onde uma crise aguda e aparentemente incontornável, produziu saídas permitindo a ascensão de líderes carismáticos que trouxeram propostas de soluções fáceis para todos os problemas da vida, economia, política e sociedade. Na Itália e na Alemanha nos aos 1920/30, a crise do pós-guerra e uma conjuntura de intensa luta operária, revolucionária e de esquerda, exasperou os setores médios que, ressentidos pela falta de perspectivas, partiram em busca de alternativas que tinham na ideia de que havia um "nós" e um "eles" como um dos elementos mobilizadores mais importantes. Tal atitude, que não deixou de contar com o apoio de parte fundamental das classes dominantes e dos atores políticos tradicionais, deu ensejo para que se apoiasse o saneamento político, que atingiu parcelas da sociedade e dos grupos políticos de esquerda, e depois se ampliou, alcançando a todos os que se colocavam no campo da oposição. [72]

Nas palavras de Badaró, corroborando com a análise de Zacarias, descortinar o compósito de valores, comportamentos, discursos e ações que sustentam os pilares ideológicos do bolsonarismo, exige que encaramos o processo de ascensão e fortalecimento de um "fascismo à brasileira" ou neofascismo:

> O primeiro deles é a busca de uma teoria neofascista. Como ocorreram com o fascismo, neofascismo não inventou teorias sociais novas, apropria-se e reinterpreta elementos do velho fascismo, mas também de outras formulações conservadoras difundidas nas últimas décadas. [73]

[70] BADARÓ, M. Op. Cit. 2020. p, 171.
[71] BADARÓ, M. Op. Cit. 2020. p, 171.
[72] Disponível em: https://esquerdaonline.com.br/2019/09/03/bolsonarismo/. Acesso em: 07/07/2021.
[73] BADARÓ, M. Op. Cit. 2020. p, 171.

Outro elemento para pensar o bolsonarista nestes termos nos é fornecido por Melo quando afirma que "a teoria da conspiração do 'marxismo cultural' difundida no Brasil por Olavo de Carvalho e seu círculo é parte central do conteúdo ideológico do bolsonarismo".[74]

Desde as eleições presidenciais de 2018, essa expressão se fez presente em diversos discursos de representantes das direitas e, no campo da produção de consensos a atuação do Olavo de Carvalho e os seus discípulos (caso da B.P.) buscando destacar o discurso de "combate ao marxismo cultural." Sobre Olavo, Melo estabelece uma peculiaridade:

> Carvalho certamente não inaugurou a paranoia anticomunista no Brasil, mas cumpriu o papel de reciclar as velhas narrativas anticomunistas segundo as quais 'os vermelhos' estavam apostando no 'caminho pacífico para o poder', como diziam os golpistas em 1964. [75]

O discurso atual de determinados sujeitos/atores e grupos, que buscam formar a hegemonia da extrema direita no Brasil recente, é de que o Brasil viveria uma permanente *guerra cultural* tendo à frente, como "mentores", formações intelectuais (tão díspares) quanto Antonio Gramsci e a Escola de Frankfurt. Na lógica olavista (que será desdobrada no próximo capítulo), a visão conspiracionista "marxista cultural" assentaria numa "estratégica" dos marxistas (aqui entendidos numa acepção gelatinosa) de conquistar escolas, universidades e os meios de comunicação com a finalidade de "manipular" e "doutrinar" as consciências das massas. Quanto à relação com Bolsonaro e o bolsonarismo, Marcelo Badaró afirma que "[...] o olavismo permitiu a Bolsonaro [...] justificar todo esse tipo de teoria conspiratória e anticientífica (do negacionismo climático ao terraplanismo) para condenar e perseguir o ativismo ambientalista". [76]

Tal noção não é tão atual. Podemos perceber esses "delírios" presentes na Doutrina de Segurança Nacional, ideologia central da ditadura civil-militar que continua a informar o pensamento militar atualizado com novas tendências do pensamento anticomunista. Como bem aponta Demian: "[...] essa teoria recebeu as cores do anti-gramscismo já desenvolvido na América do Sul desde os anos 1980 dando o tom no Brasil daquilo que, para o contexto estadunidense, James Hunter chamou de guerra cultural"[77]. Um dos estudiosos, segundo Demian, para compreender essas narrativas e "sistemas de crenças" têm sido João Cezar de Castro Rocha:

---

[74] MELLO, Demian B. O bolsonarismo como fascismo no século XXI. In: REBUÁ, Eduardo et. al. (orgs.) **(Neo)fascismos e educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020, p, 30.
[75] Idem.
[76] BADARÓ, Op. Cit., p. 174.
[77] MELLO, O bolsonarismo como fascismo no século XXI..., op. cit., p. 30.

> O professor João Cezar de Castro Rocha tem insistido na importância que ORVIL — o livro nunca publicado, escrito por militares como resposta ao impactante relatório Brasil Nunca Mais, mas que foi vetado pelo governo Sarney, tendo uma vida subterrânea no meio da caserna e nos círculos civis da extrema direita — certamente possui na formação do que estamos chamando de ideologia bolsonarista.3 Essa narrativa subterrânea seria um testemunho da memória derrotada pelo processo de transição da ditadura para a democracia brasileira. As ideias gerais deste documento iriam reaparecer no livro do notório torturador coronel Brilhante Ustra, A verdade sufocada (2006), mas é preciso lembrar também da importância que a coleção História Oral do Exército (2003) teve na formação de oficiais das Forças Armadas durante a década de governos do Partido dos Trabalhadores.[78]

De acordo com Rocha, "quanto maior o colapso do governo, maior a virulência da guerra cultural" bolsonarista[79]. Segunda a entrevista concedida por ele ao site "A Pública":

> Qual é o esteio da guerra cultural bolsonarista? O que conformou a mentalidade de Jair Messias Bolsonaro e seu clã? O Bolsonaro, mais do que um político, é uma franquia; há uma franquia de políticos. A mentalidade de Jair Messias Bolsonaro foi formada pelo Exército brasileiro, mas moldada numa linha muito particular do Exército, que é marcada pelo ressentimento a partir da repercussão de um autêntico livro-monumento lançado em 1985 que é o livro Brasil: nunca mais. Esse é um livro particularmente importante porque denunciou as torturas, as arbitrariedades e o desaparecimento de corpos da ditadura militar de uma forma incontestável. Sob o patrocínio do cardeal dom Paulo Evaristo Arns, ele principiou em 1979, quando os advogados de presos políticos tiveram acesso aos processos de seus clientes e ganharam o direito de ficar com eles durante 24 horas. Eles xerocaram os processos do Superior Tribunal Militar, reunindo aproximadamente 6 mil páginas, e eis a surpresa: em processos instruídos pela própria Justiça Militar, isto é pela própria ditadura militar, os presos denunciaram aos juízes militares as torturas que haviam sofrido. O Brasil: nunca mais reúne um conjunto de depoimentos de jovens de 20 e poucos anos, extraídos dos processos da Justiça Militar, em que todos fazem o mesmo relato, alguns dizem que foram usados como cobaia em aulas de tortura. É impressionante, um livro negro da ditadura militar.
>
> O livro foi um sucesso absoluto quando lançado, vendeu mais de 100 mil exemplares e teve enorme repercussão no exterior. Ele ajudou a consagrar, no período da redemocratização, uma imagem das Forças Armadas associada à repressão, à tortura e à morte. Isso marcou muito uma geração do Exército brasileiro que, por isso, sempre teve um projeto revanchista, baseado num processo revisionista. É por isso que na mentalidade bolsonarista nega-se a existência de tortura, nega-se que o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, um dos piores torturadores da história da humanidade, tenha torturado. A mentalidade bolsonarista não nega apenas a Covid-19, nega também as torturas da ditadura militar.
>
> "A mentalidade bolsonarista não nega apenas a Covid-19, nega também as torturas da ditadura militar"
>
> "Democracia na aparência e autoritarismo na prática"caracteriza atual projeto de poder - "Não se trata de instrumentalizar as instituições, mas de destruí-las"
>
> João Cezar Castro Rocha, professor titular de literatura comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), vem se dedicando a entender o que ele chama de guerra cultural bolsonarista. O resultado de sua pesquisa é o livro Guerra cultural

[78] Idem, p. 31.

[79] Disponível em: https://apublica.org/2020/05/quanto-maior-o-colapso-do-governo-maior-a-virulencia-da-guerra-cultural-diz-pesquisador-da-uerj/. Acesso em: 21/07/2021.

> e retórica do ódio: crônicas do Brasil, que deve ser lançado no fim de junho deste ano pela editora Caminhos.
> Em seu livro, Castro Rocha busca se afastar das ideias mais conhecidas sobre as guerras culturais, como aquelas que orbitam o trabalho do sociólogo americano James D. Hunter, buscando a especificidade da guerra cultural empregada pela militância bolsonarista no Brasil, da qual fazem parte alguns dos influenciadores alvos de mandados de busca e apreensão da Polícia Federal no chamado inquérito das fake news.[80]

Segundo a citação acima, vemos que foi no contexto da ditadura civil-militar que essa “mentalidade” se formou. Nesse sentido, entendemos, por exemplo, o suposto “nacionalismo” no discurso bolsonarista e, principalmente, o fato de ter encontrado eco e força no interior das Forças Armadas.

Conforme examinado por Badaró “outro ponto do fio que liga a ideologia bolsonarista a discursos e articulações internacionais da direita é o seu empenho em denúncias de difusão da “ideologia de gênero, nos programas e práticas educacionais”[81]. Nessa perspectiva, de caráter moralista e antiprogressista, podemos observar, no campo da educação, o avanço do movimento *Escola Sem Partido* (ESP). Fundado em 2004, por Miguel Nagib, ganhou maior repercussão em 2014. Ao longo da dissertação comentamos a respeito desse projeto e avanço conservador.

A defesa intransigente de pautas moralistas e ultraconservadoras também marcaram o cenário social e político em 2018 (embora tal processo histórico seja oriundo, no mínimo, do ascenso dos governos petistas no âmbito federal), fustigando e intensificando grande parte dos segmentos evangélicos e seu fundamentalismo religioso-político a adentrar na dita “guerra cultural” através da produção de consensos em torno “dos valores cristãos” e da “família" contra o “avanço comunista” e da “ideologia de gênero” no país. Em 2016, por exemplo, a chamada bancada parlamentar evangélica se incomodou com os governos petistas por conta da falta de combate em relação ao inventado “kit gay”.

Nesta guinada, o então deputado federal não ficaria de fora, haja vista que “[...] entre 2011 e 2012 (Bolsonaro) havia se pronunciado agressivamente contra uma proposta do Ministro da Educação, do governo Dilma, de distribuir nas escolas públicas um material de educação para a cidadania intitulado ‘Escola sem homofobia’"[82]. No cenário político-eleitoral, de 2018, contudo, o já candidato presidencial passou a ocupar espaços na grande mídia retomando com veemência esta pauta que, ao lado de outras conhecidas desde o longo período

---

[80] Disponível em: https://apublica.org/2020/05/quanto-maior-o-colapso-do-governo-maior-a-virulencia-da-guerra-cultural-diz-pesquisador-da-uerj/. Acesso em: 21/07/2021.
[81] BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 175.
[82] BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020, p. 176.

como deputado – como o armamento e a militarização do "cidadão de bem", o discurso anti-LGBT, anti-Direitos Humanos, apologia da pena de morte e elogios à ditadura, dentre outras[83] – compuseram parte de uma agenda reacionária e fascistizante das direitas no Brasil recente.

Falando especificamente da relação entre bolsonarismo e o avanço do fundamentalismo neopentecostal como estratégia de mobilização de massas, Demian Melo afirma:

> [...] o bolsonarismo parece apostar no apoio de massas oriundo das estruturas do fundamentalismo neopentecostal, reforçando o discurso moral conservador num contexto em que a aplicação da agenda neoliberal leva à desagregação social, um processo que, segundo analistas argutos, tem levado à ruptura das condições que permitiram a existência dos atuais regimes democráticos liberais nos países centrais do capitalismo.[84]

Uma pesquisa coordenada pela antropóloga Isabela Kalil, em outubro de 2018[85], agrupou 16 tipos de apoiadores, eleitores e potenciais eleitores de Jair Bolsonaro, de acordo com marcadores de classe social, raça/etnia, identidade de gênero, religião, formas de engajamento e crenças. O objetivo da pesquisa foi compreender o que repudiam e o que desejam, aspiram ou imaginam com um eventual governo presidido por Bolsonaro. Segundo o site (www.fespsp.org.br):

> A pesquisa antropológica foi realizada a partir da experiência de levantamento de dados etnográficos em protestos e manifestações iniciados na cidade de Nova Iorque, na Universidade de Columbia, no ano de 2011 com o movimento Occupy Wall Street e foi continuada, no Brasil, na Fundação Escola de Sociologia e Política com a observação dos protestos de junho de 2013 e várias manifestações que se seguiram até o ano de 2018, na cidade de São Paulo. Os esforços são parte também de uma pesquisa internacional em 10 países da América Latina sobre conservadorismo e políticas anti-gênero na América Latina coordenado pelo Sexuality Policy Watch (www.sxpolitics.org), um fórum global composto de pesquisadores de diferentes regiões do mundo.
> Especificamente sobre a observação das manifestações de conservadores, liberais, direita ou extrema direita, a pesquisa considera o acompanhamento de grupos e movimentos nas ruas e nas redes sociais com a coleta de dados por quase três anos - realizada entre início de 2016 e final de 2018.[86]

---

[83] NASCIMENTO, Leonardo et al. "Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer": 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. In: **PLURAL** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 25.1, 2018, p.135-171

[84] MELLO, O bolsonarismo como fascismo no século XXI..., op. cit., p. 35.

[85] De acordo com a descrição da pesquisa: A pesquisa foi realizada pelo NEU (Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual) da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Colaboraram para a elaboração dos perfis Álex Kalil, Felipe Paludetti, Gabriela Melo, Weslei Pinheiro e Wiverson Azarias. O presente relatório apresenta uma versão reduzida de trabalho e de divulgação dos resultados mais amplos da pesquisa ainda em fase de elaboração. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio. Acesso em: 20/07/2021.

[86] Disponível em: https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio. Acesso em: 20/07/2021.

A partir desses atores/sujeitos e grupos, conseguimos identificar as principais pautas e ideologias defendidas por essas frações de classes. No contexto da ascensão conservadora-ultraliberal, a antropóloga Isabela Kalil analisou com maior atenção as manifestações/protestos ocorridos na cidade de São Paulo, entre 2013 e 2018 – especificamente aquelas de caráter radical, entre 2016 e 2018, na capital paulista. As manifestações que ganharam destaque na pesquisa:

> Atos a favor do impeachment de Dilma Rousseff, atos de apoio à Operação Lava-Jato, manifestações de apoio ao juiz Sérgio Moro, manifestações contra o STF, marchas contra a ONU, marchas contra as drogas, marchas pela família, manifestações contra o aborto, carreatas em apoio a Bolsonaro, atos contra corrupção, manifestações pela prisão de Lula, marcha pelo PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas), atos contra as manifestações de mulheres e feministas, apoio à greve dos caminhoneiros, eventos de lançamento de candidaturas de deputados estaduais, deputados federais e governador, entre outros pequenos eventos.[87]

Assim, conseguimos observar como foi conduzido alguns movimentos da direita radical, nas ruas e nas redes, e, notadamente, a importância que exerceu as redes sociais na ascensão de uma figura como Bolsonaro e os movimentos conservadores e reacionários que o seguiram. Caso, por exemplo, do discurso anticorrupção, tradicionalmente acionado pelas direitas brasileiras em contextos de avanço conservador e reacionário no Brasil, e que foi incorporado ao movimento e à ideologia bolsonarista para associar Bolsonaro à imagem do “mito” dotado de um “perfil político ‘autêntico’, *outsider*, e ‘ficha limpa’”. [88]

Neste sentido, é possível afirmar uma certa identificação entre as organizações e movimentos que convocaram e/ emergiram das manifestações de 2015 e 2016 chamada de “nova direita” – Movimento Brasil Livre (MBL), Revoltados Online, Instituto Mises Brasil (IML), o próprio Brasil Paralelo, dentre outros – com seu destacado papel no processo de produção e difusão de determinadas diretrizes e pautas anti progressistas (na maioria das vezes, nomeadas como “antipetistas” e “anticomunistas”) – e a irrupção de Bolsonaro e do bolsonarismo como expressões do neofascismo brasileiro. Principalmente quando nossa lupa observa o crescimento exponencial de pessoas no mundo virtual.

Pois, se nas palavras de Badaró, “uma grande novidade do período recente e uma das características centrais a diferenciar as dimensões neofascistas assumida por parte dessa nova direita foi o retorno às ruas, após mais de cinquenta anos”[89], o ascenso e fortalecimento desta

---

[87] Disponível em: https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio. Acesso em: 20/07/2021.
[88] BADARÓ, Op. Cit. 2020, p. 181.
[89] BADARÓ, Op. Cit. 2020, p. 184.

“nova direita” deu-se fundamentalmente nas redes sociais, por meio das plataformas digitais e outros espaços midiáticos não mais redutíveis a televisão. Neste caso, o Brasil Paralelo conseguiu aproveitar o momento e se projetar em espaços midiáticos, em destaque no *YouTube* e na própria Plataforma da empresa.

Neste ponto específico de tentar compreender as organizações da chamada “nova direita”, o capítulo seguinte buscou entender as principais formas de atuação e organização de sujeitos coletivos representados por esses grupos e por esse fenômeno brasileiro e mundial das direitas, entendendo-o o processo de fascistização como parte do projeto político-ideológico desses grupos/sujeitos. É o que veremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2:
“BRASIL PARALELO” – UM APARELHO PRIVADO DE HEGEMONIA DA “NOVA DIREITA” NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Em entrevista ao jornal “Gazeta do Povo”, publicado por Leonardo Desideri em setembro de 2020 – com o título "Brasil Paralelo quer 1 milhão de membros até 2022 e mira o ramo do entretenimento” – o diretor executivo e sócio fundador de B.P., Henrique Viana, falou sobre o projeto de ampliação das atuações e o foco da empresa até 2022. Nela, revelou que

> [...] o número de membros de sua plataforma online aumenta em ritmo muito veloz, especialmente nos últimos meses: entre dezembro de 2019 e setembro de 2020, houve um salto de 15 mil para 112,1 mil assinantes. A meta é chegar a 1 milhão de membros até dezembro de 2022 e planejando se enveredar também nesse ramo, tornando-se uma concorrente de plataformas como a Netflix. [90]

Em outra matéria, publicada em março de 2020 pelo *The Intercept Brasil*[91], intitulada *"Todos dessa foto prometeram jamais receber dinheiro do governo. A maioria recebeu”,* temos uma explanação que não apenas corrobora a afirmação de Viana, como desdobra o que levantamos ao final do capítulo anterior:

> O canal Brasil Paralelo (@brasilparalelo) é um projeto alinhado ao bolsonarismo que foi para outro patamar depois da última eleição a especialidade do grupo é produzir documentários sobre filosofia, política e economia, sempre deturpando a História e fazendo abordagens com viés de extrema direita. A divulgação incessante dos vídeos pela máquina bolsonarista ampliou o alcance do site. O Brasil Paralelo hoje, além de faturar com a monetização dos vídeos no YouTube, onde conta com mais de 1 milhão de seguidores, está vendendo cursos a preços bem salgados. O grupo conta com uma plataforma própria, exclusiva para assinantes. Durante a última campanha presidencial, o canal ajudou na tática bolsonarista de descredibilizar as eleições, publicando um vídeo repleto de informações falsas que supostamente comprovariam uma fraude nas eleições de 2014. A mentira foi desmascarada pelo Projeto Comprova, mas já tinha sido vista por mais de 2 milhões de pessoas. Com Bolsonaro no poder, o Brasil Paralelo passou a ganhar muito espaço no MEC. A TV Escola, aquela que Bolsonaro pretendia fechar, tem transmitido o conteúdo do canal em sua programação. A série “Brasil: a última cruzada”, do Brasil Paralelo, foi transmitida na íntegra pela TV Escola. O

---

[90] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/brasil-paralelo-1-milhao-membros-2022/. Acesso em: 18/09/2020.

[91] Disponível em: https://theintercept.com/2020/03/01/allan-terca-livre-governo-bolsonaro/, Acesso em: 04/05/2020. Duas coisas chamaram nossa atenção: a primeira, um dos sócios fundadores do B.P. Henrique Viana, está ao lado de figuras bastante presentes dentro do governo Bolsonaro (caso do youtuber recém cancelado Allan dos Santos e seu “Terça Livre”) e, a segunda, o título controverso da matéria, pois, como vale lembrar, em entrevistas e início de todos os seus documentários os sócios costumam destacar que não aceitam dinheiro público e todos os seus vídeos são iniciativas de assinaturas de seus membros.

> bolsonarismo aparelhou uma emissora pública para divulgar revisionismo histórico de quinta categoria, sempre com o viés católico e reacionário ensinado por Olavo de Carvalho.

Utilizamos como ponto de partida essas duas matérias vinculadas diretamente ao Brasil Paralelo, com o objetivo de analisar as principais formas de atuação da empresa, os *modus operandi,* principais "intelectuais", os grupos/sujeitos e outras organizações da chamada "nova direita", a partir de um processo de fascistização marcado pelo contexto reacionário-conservador no Brasil, que busca atualização e organização de várias *"frentes"* das direitas brasileiras. B.P. (o uso a partir de agora) pode ser considerada uma delas.

1.1.Brasil Paralelo: origens, formação e desdobramentos

O primeiro registro institucional ligado ao B.P. foi realizado no dia 09 de agosto de 2016, cadastrado com o CNPJ 25.446.930/0001-02 com a "razão social" (empresa) "LHT Higgs Produções Audiovisuais Ltda", em meio ao contexto do golpe político-midiático-empresarial e, curiosamente, no mesmo dia em que o Senado seguia na penúltima etapa do processo de impeachment de então presidenta Dilma Rousseff, veio a lume Brasil Paralelo – pequena empresa (na época) "nascida" em Porto Alegre, e atualmente com sede em São Paulo (capital), desde 2018, no contexto de ascensão da extrema-direita. A iniciativa contou com três jovens "empreendedores" de cariz direitista (extremada) – Henrique Viana, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem – que viam nesta empreitada a possibilidade de realizar o que chamaram de "missão".

De acordo com postagem na página do *"Linkedin"* do B.P., podemos vislumbrar a referida "missão" atribuída ao novo empreendimento passados quase 5 anos:

> [..] A nossa missão é resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros. Produzimos documentários, filmes, séries, trilogias, cursos e podcasts. O foco do conteúdo é informativo e relacionado ao contexto social, político e econômico brasileiro. Toda a produção é feita de forma independente, apartidária e isenta, cujo objetivo principal é oferecer ao público um conteúdo baseado em um grande acervo informativo analisado por dezenas de especialistas. As produções cinematográficas tratam de política, história, filosofia, economia, educação, arte e atualidades. Trata-se de uma empresa de comunicação cujos materiais são de caráter documental e historiográfico. Começamos em uma sala improvisada, e com apenas 5 pessoas entregamos nosso primeiro lançamento. Hoje, atingimos um novo patamar. São mais de 100 pessoas trabalhando dia e noite para entregar em tempo recorde todo o conteúdo que oferecemos. Em 2020, conseguimos entregar mais de 25 produções, todas de graça. Alcançando mais de milhões de pessoas. Todo o faturamento do Brasil Paralelo provém da venda de cursos e conteúdos exclusivos para assinantes. A monetização de vídeos no YouTube nunca foi uma fonte de recursos e não há qualquer financiamento de órgãos públicos ou subsídios fiscais. Reinvestir o valor da assinatura dos nossos membros em

> equipamentos de ponta, estúdio e equipe, aprimorando cada vez a capacidade de entrega da Brasil Paralelo.[92]

Com o objetivo de "resgatar" supostos valores, ideias e sentimentos "varridos" de todos os brasileiros pelos partidos, movimentos e intelectuais de esquerda. Esses valores, como definem os sócios-fundadores, estão relacionados com uma ideologia de mercado e com projetos ligados ao conservadorismo-ultraliberal. Tal resgate dos "bons valores" no "coração de todos os brasileiros" é um outro modo passional, conquistador de dizer a quem pretende combater o "avanço" comunista, a suposta hegemonia cultural da esquerda. Reafirmando, o debate das teses conspiracionistas e negacionistas, através das narrativas presentes em suas produções. E o que querem defender, um misto de glorificação do "mercado" com a restauração de valores morais e patrióticos (defendem a história "verdadeira" - memorialista, porém ocultada pela esquerda). Esse discurso e narrativa ganhou projeção a partir de 2015 e principalmente, até a ascensão da direita radical.

A proposta inicial do B.P. era organizar as falas dos convidados em formato de "entrevistas com os especialistas sobre o cenário atual", visto que este encontrava-se cravado na conjuntura de 2016, de modo que as entrevistas reunissem pautas em comum. Relataram que não se identificaram com a primeira gravação da produção de que o formato não funcionaria, já que os entrevistados abordaram diferentes pautas. Diante disso, optaram por mudar o formato da produção, pois, o objetivo consistia em atingir um público jovem e com acesso à internet, principalmente à plataforma, *YouTube*. Segundo Valerim: "foi aí que surgiu a ideia de transformar essas entrevistas em uma série de documentários que conectam as diferentes pautas sobre a situação política do Brasil, em uma narrativa didática, mas que também fossem comoventes".[93]

Na mesma entrevista, Valerim explicou as origens para o nome "Brasil Paralelo". Segundo ele, "o projeto mudava de nome toda semana, passando por "Brado" (palavra presente no hino do Brasil), Paralelo 15 (paralelo que passa por cima de Brasília)". A "inspiração" para o nome surgiu, em definitivo, do filme do cineasta Christopher Nolan, ídolo dos sócios fundadores, chamado "Interestelar" (2014). Nesse filme, a personagem principal (interpretada pelo ator Matthew McConaughey) precisa salvar a humanidade do apocalipse terrestre entrando em um buraco de minhoca no espaço e encontrando um planeta habitável nesse universo "paralelo" que salvaria a espécie humana.

---

[92] Disponível em: https://www.linkedin.com/company/brasil-paralelo/about/. Acesso em: 21/01/2021.
[93] Disponível em: https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/. Acesso em: 20/05/221.

As aberturas das produções de Brasil Paralelo seguem o formato descrito por Valerim, quando ele inicia sua fala com descontentamento e ataques aos setores da esquerda. O logo da empresa tem um formato de buraco de minhoca justamente para ter a ideia de que a marca é a conexão com uma realidade paralela: como aponta o mesmo Valerim, "paralela ao que as pessoas estavam acostumadas a ver na grande mídia" (IDEM).

Os três sócios consideraram o ano de 2014 *"um despertar de consciência aos brasileiros".* Segundo Valerim, a principal motivação em criar o Brasil Paralelo dois anos depois foi o cenário político de 2014.[94]

De acordo com Messenberg, "a atual cosmovisão da direita no Brasil, compreendida como um universo multidimensional, o qual abarca diferente, tonalidades ideológicas e emissões discursivas, exige esforço e cuidado redobrados do pesquisador para a sua decifração"[95]. A autora identificou por meio da opinião de formadores nas manifestações de 2015, três campos semânticos centrais no discurso das direitas brasileiras: o *"antipetismo"*, o *"conservadorismo moral*" e os *"princípios neoliberais*" — podemos ter como ponto de partida que os três pontos aparecem nos discursos dos sócios fundadores do B. P. e os seus principais convidados, inicialmente, sendo construídos através das redes sociais e difundidos em blogs, canais e páginas no *Facebook.*

A primeira publicação feita pelo B.P. ocorreu nos dias 04 e 05 de novembro de 2016 – como acusado pelo sítio '*web' Internet Archive Wayback Machine* – era um material audiovisual, dividido em seis partes, com temáticas relacionadas à história, política e economia, intitulado "Congresso Brasil Paralelo".

A produção contou com a participação de figuras da chamada "nova direita" que antes de participar desta empreitada já atuavam em espaços midiáticos e institutos empresariais – caso, por exemplo, de Olavo de Carvalho, que escrevera na Folha de S. Paulo, Planeta, Bravo!, Primeira Leitura, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Globo, Época, Zero Hora e Diário do Comércio, e o seu principal veículo de atuação, o Mídia Sem Máscara[96]; do então deputado

---

[94] [...] as pessoas estavam emocionalmente envolvidas com o processo político, mas, havia uma carência enorme em compreender o cenário, parte da população estava adormecida ou comprometida com uma hegemonia cultural de esquerda, embora ele, Viana e Ferrugem percebessem alguns sobreviventes nesse campo de batalha, tais como, "professores, políticos, pesquisadores, filósofos, historiadores, profissionais referências e poderia contribuir de forma mais lúcida com a análise.

[95] MESSENBERG, D. SOLANO, E. ROCHA, Camila. Orgs; Op. Cit. 193.

[96] Segundo Patschiki, o Mídia Sem Máscara, "se constitui em 2002, no contexto das eleições presidenciais que elegeram Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, apresentando-se como um observatório de imprensa, sob a responsabilidade de seu principal organizador, Olavo de Carvalho. Este propunha através do Mídia Sem Máscara agrupar uma série de intelectuais de direita em torno de um componente ideológico: o anticomunismo. Após aquela eleição houve rápida ascensão anticomunista na mídia brasileira, elemento de pressão sobre o Partido dos Trabalhadores para que cumprisse os compromissos assumidos com a burguesia e o

federal Jair Bolsonaro, que participou de programas na TV aberta como CQC (Custe o que Custar), Pânico na Band e o programa da apresentadora Luciana Gimenez, o Superpop; do Presidente do Instituto Mises Brasil, Helio Beltrão; de Marcel Van Hattem, deputado federal pelo Rio Grande do Sul e filiado ao Partido Novo;[97] de Arthur Moledo do Val, deputado estadual e youtuber, conhecido pelo pseudônimo "mamãe falei" e integrante do MBL; Eduardo Bolsonaro, deputado federal e o filho "03" do atual presidente, entre outros. Segundo a descrição da produção, "o objetivo era realizar o maior diagnóstico já feito — até então — sobre a situação econômica, política e cultural do Brasil", o diagnóstico feito pela "nova direita", conservadora nos costumes e liberal na economia.

A ideia de criar o B.P. foi realizada no contexto marcado pelo avanço da agenda capitalista financeirizada e ultraliberal, na qual a articulação de políticas contrarreformistas (trabalhista, previdenciária, educacional, científica) com o propalado discurso ideológico do "empreendedorismo" constituía o leitmotiv para que jovens da pequena burguesia urbana das grandes e médias cidades brasileiras "surfassem" na onda reacionária-conservadora apoiadas no discurso antipetista, "anticomunista", lavajatista e moralizante, após a reeleição de Dilma Rousseff, em 2014.

Naquele contexto, após dois anos de intensas mobilizações e manifestações, a "direita ressentida" buscava uma figura para eleger o seu "herói ou mito", esses grupos não pararam até chegar a alcançar a destituição de Dilma Rousseff, onde encontraram na figura polêmica de Jair Bolsonaro um "salvador da pátria" que lutaria contra o "comunismo brasileiro implantado pelo PT dentro das Universidades e no campo da cultura." Além disso, já havia uma intensa mobilização nas redes sociais por parte dessa "nova direita", como o MBL, Vem pra Rua, Endireita Brasil, Canal da Direita, entre outros, e o forte crescimento de Deputados/as eleitos com esse discurso. Segundo Camila Rocha:

> Sentindo-se pouco representados/as em ambientes acadêmicos, na mídia tradicional e na política institucional, os/as defensores/as radicais do livre mercado encontraram na internet um refúgio a partir do qual, com o apoio organizacional e

imperialismo. Explicação que não é suficiente para caracterizar o avanço de um movimento organizado de tipo fascista, que iremos analisar através dos limites do ultraliberalismo como projeto histórico-social, incapaz de solucionar as crises do capital-imperialismo. Nesta conjuntura o anticomunismo serviu como base ideológica comum para o espectro fascista da sociedade, um movimento organizador visando o acirramento da luta de classes. O Mídia Sem Máscara partiu destas bases militando por um projeto fascista ainda não plenamente desenvolvido, já que determinado pela conjujuntura." Para saber mais: Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/1789. Acesso em: 25/02/2021.

[97] O Partido Novo, cuja a principal liderança é João Amoêdo, ex-executivo do mercado financeiro, surgiu em fevereiro de 2011 e obteve seu registro oficial em novembro de 2015. O partido defende uma plataforma liberalizante baseada em uma maior autonomia e liberdade do indivíduo e na redução das áreas de atuação do Estado. Para saber mais <https://novonacamara.com.br/bancada/quem-somos/. Acesso em 25/02/2021.

> financeiro de uma rede preexistente de organizações, passaram a se organizar na sociedade civil, fomentar ações coletivas nas ruas e lançar candidaturas políticas com o intuito de, em suas próprias palavras, ganhar corações e mentes e disputar a hegemonia contra os/as esquerdistas. Ainda que a organização paulatina de uma militância de base a partir da constituição de um contrá público ultraliberal formado a partir da internet tenha sido fundamental para explicar acontecimentos políticos da maior importância que ocorreram em anos recentes, como a convocação dos primeiros protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff ainda em 2014 e a formação do Movimento Brasil Livre (MBL).[98]

Com as intensas mobilizações das direitas radicais nas ruas e nas redes, a fundação B.P. coincidem com o contexto de acusações das chamadas *"pedaladas fiscais"* da chefe do executivo no Congresso Nacional – sob a liderança de um Presidente da Câmara dos Deputados (Eduardo Cunha) que meses depois seria preso por corrupção – e da aprovação do impeachment de Dilma Rousseff, que deu espaço para a posse do seu vice, Michel Temer. Temer, por sua vez, apresentou-se com um programa de máxima austeridade – embora travestido de "modernizador" na nomenclatura do programa ("Uma ponte para o futuro") – e avançou bastante na retirada de direitos dos trabalhadores. Uma das primeiras medidas realizadas pelo seu governo foi a edição da medida provisória 746/2016 da reforma do ensino médio e a PEC do Teto dos Gastos. De acordo com o historiador Badaró Mattos:

> Seu governo pautou-se por tentar levar o extremo à pauta mais agressiva do grande capital, voltada para a recuperação das taxas de lucros, centralmente através da redução de custos da força de trabalho e da transferência de fundo público ao setor privado. Operou sob um aparente paradoxo, por tratar-se de um governo sem votos (e, por isso, compromisso de "prestar contas" aos eleitores) e sem preocupações com indicadores populares. No entanto, a rejeição à figura e ao governo Temer acabaram por reforçar o rechaço de significativos setores da população que foi definido como "velha política" - um espantalho agitado pela ultradireita que incluía, em seu recheio, o conjunto de Partidos dirigentes desde o início da Nova República, do PT de Lula ao PSDB de FHC, passando pelo PMDB de Temer.[99]

Foi a culminância de uma ação política que envolveu manobras parlamentares comandadas por Eduardo Cunha, colaboração ostensiva do poder judiciário, campanhas midiáticas orquestradas pelos grupos monopolistas que dominam o mercado da informação no país, combinadas ainda com mobilizações de parcelas significativas dos setores médios em algumas capitais do país, convocadas por organizações de direita financiadas interna e externamente para esse fim.

Ação que correspondeu a uma "mudança institucional promovida por uma fração do aparelho de Estado que utiliza para tal de medidas e recursos opcionais que não fazem parte

[98] SOLANO, Esther. ROCHA, Camila (orgs). Op. Cit. 2019, p. 124.
[99] BADARÓ, Marcelo. Op. Cit. 2020. p. 161-162.

das regras usuais do jogo político", ou seja, um golpe. Há quem o explique como um "golpe de governo", não "de regime", porque permanecemos regidos pelas formas da "democracia representativa" e não passamos a viver sob uma ditadura. Ainda assim um golpe. Mas, toda manobra golpista no interior do Estado, por maior que possa ser a autonomia relativa de seus agentes e aparelhos, tem sempre um sentido de classe.

Aos poucos, ao longo de 2015 e 2016, o Partido dos Trabalhadores, aos olhos do empresariado brasileiro, passou a ser visto — não obstante, todos os seus vis esforços em provar o contrário — como um partido incapaz de implementar políticas ultraliberais e segundo Demier, "implementar as contrarreformas e o ajuste fiscal no grau, no ritmo e na intensidade exigidos pela crise econômica nos quadros de um capitalismo periférico e dependente."[100] Provavelmente, tal visão do empresariado deve-se tanto "à existência de uma base petista sindical e popular, elemento inconveniente para que o partido executasse as impopulares contrarreformas e o radical ajuste,"[101] quanto às mobilizações de junho de 2013, as quais demonstraram que, mesmo que ainda mantivesse o controle sobre os setores mais organizados do mundo do trabalho formal, "o PT perdeu a capacidade de dirigir/ controlar os jovens e massivos setores precarizados da classe trabalhadora que eventualmente poderiam vir a se levantar contra os inadiáveis planos de "austeridade."[102]

Com o contexto marcado por retrocessos e incertezas, as organizações das direitas no Brasil cresciam cada vez mais, principalmente, ao contar de 2015, definimos essas organizações a partir do léxico gramsciano, utilizando o conceito de aparelhos privados de hegemonia, nesse sentido, a nossa hipótese é que o Brasil Paralelo atua sendo um Aparelho Privado de Hegemonia. Sendo assim, precisamos destacar o conceito de aparelho ideológico na acepção gramsciana. De acordo com Guido e Voza no diciário gramsciano:

> Mas o que é o "aparelho hegemônico"? Como funciona? G. não responde diretamente a essa pergunta, mas dá uma série de "pistas" em alguns Textos B. No Q 6, 81, 752 [CC, 3, 235-6], escreve: "Unidade do Estado na distinção dos poderes: o Parlamento, mais ligado à sociedade civil; o Poder Judiciário, entre Governo e Parlamento, representa a continuidade da lei escrita (inclusive contra o Governo). Naturalmente, os três poderes são também órgãos da hegemonia política, mas em medida diversa: 1) Parlamento; 2) Magistratura; 3) Governo. Deve-se notar como causam no público impressão particularmente desastrosa as incorreções da administração da justiça: o aparelho hegemônico é mais sensível neste setor, ao qual também podem ser remetidos os arbítrios da polícia e da administração política". O aparelho hegemônico está ligado à articulação estatal propriamente dita. Mas o conceito de Estado integral ainda não parece plenamente operante. Ainda uma vez, "aparelho hegemônico", como no Q 1, 48, surge num contexto voltado à formação

[100] DEMIER, Felipe. Op. Cit. 2017, p. 96.
[101] DEMIER, Felipe. Op. Cit. 2017, p. 96.
[102] DEMIER, Felipe. Op. Cit. 2017, p. 96.

> da opinião pública, certamente não deixada a uma volátil “batalha de ideias”, mas organizada por uma precisa “estrutura” (em outro lugar G. fala de “estrutura ideológica” para indicar tudo aquilo que forma a “opinião pública”). No mesmo Q 6, de fato, lemos: “Numa determinada sociedade, ninguém é desorganizado e sem partido, desde que se entendam organização e partido num sentido amplo, e não formal. Nesta multiplicidade de sociedades particulares, de caráter duplo – natural e contratual ou voluntário –, uma ou mais prevalecem relativamente ou absolutamente, constituindo o aparelho hegemônico de um grupo social sobre o resto da população (ou sociedade civil), base do Estado compreendido estritamente como aparelho governamental-coercivo” (Q 6, 136, 800 [CC, 3, 253]). O “aparelho hegemônico” é uma “sociedade particular” (formalmente “privada”), que se torna o equivalente do “aparelho governamental-coercivo” do “Estado integral”: “força” e “consenso” possuem ambos os respectivos aparelhos, e já está delineado o “Estado integral” como unidade-distinção de sociedade civil e Estado tradicionalmente entendido.[103]

Gramsci começa a elaborar seu conceito de hegemonia, novo em relação àqueles destacados nos escritos pré-carcerários, no final do Caderno 1 (1929-1930). Nas palavras de Guido e Voza:

> No que diz respeito ao significado que deve ser atribuído a “hegemonia”, desde o início (Q 1, 44, 41), G. oscila entre um sentido mais restrito de “direção” em oposição a “domínio”, e um mais amplo e compreensivo de ambos (direção mais domínio). Com efeito, ele escreve que “uma classe é dominante em dois modos, isto é, é ‘dirigente’ e ‘dominante’. E dirigente das classes aliadas, é dominante das classes adversárias. Portanto, uma classe desde antes de chegar ao poder pode ser ‘dirigente’ (e deve sê-lo): quando está no poder torna-se dominante, mas continua sendo também dirigente. A oscilação prossegue nos apontamentos sucessivos, criando não poucas dificuldades interpretativas, que podem ser explanadas pelo menos em parte fazendo referência ao contexto. No Q 1, 48, 59, por exemplo, entre “exercício ‘normal’ da hegemonia no terreno que se tornou clássico do regime parlamentar [...] caracterizado por uma combinação da força e do consenso que se equilibram” (hegemonia como direção mais domínio), e situações nas quais “o aparelho hegemônico racha e o exercício da hegemonia torna-se sempre mais difícil” (hegemonia versus domínio).[104]

Segundo o cientista político Alvaro Bianchi, o ponto de reflexão sobre hegemonia apareceu *Caderno do Cárcere* no primeiro caderno:

> Num sugestivo parágrafo intitulado “Direção política de classe antes e depois de chegar ao governo”. É um parágrafo destinado a discutir as forças políticas presentes no Risorgimento italiano, o processo de unificação da península e a construção de um moderno Estado nacional. Esse processo se estendeu de 1848 a 1871 e teve a peculiaridade de ter sido dirigido por uma força estatal, o Piemonte. Gramsci discute nesse texto a hegemonia exercida no Risorgimento pelo partido dos moderados do Piemonte, liderado pelo conde de Cavour e pelo rei Vittorio Emanuele II, bem como o papel subalterno do Partito d’Azione, de Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi.[105]

---

[103] LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário gramsciano**. São Paulo: Boitempo. 2017. p. 76-77.
[104] LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). Op. Cit. 2017, p. 722.
[105] BIANCHI. Alvaro. Op. Cit. 2018.

Como podemos observar, o exercício da hegemonia articula-se aos aparelhos ‘privados’ de hegemonia (APH), ou seja, instituições criadas para formação do consenso, coerção, direção e dominação. Como aponta Casimiro, "nesta matriz, não há hegemonia ou direção política ideológica sem o conjunto de organizações materiais que compõem a sociedade civil enquanto esfera do ser social que, por sua vez, ampliam o Estado”.[106]

Consequentemente, a construção da hegemonia de determinado grupo e sua visão de mundo é um processo dinâmico e contínuo, que carece constantemente de atualização e reelaboração para sua revitalização e permanência. A hegemonia não constitui-se num fim, mas no momento dessa dinâmica que, de um lado, precisa criar os seus próprios mecanismos de atuação, e de outro, precisa manter as suas formas de atuação.

Segundo verbete contido no Dicionário Gramsciano, a referência mais precisa ao conceito de aparelho hegemônico, no entanto, aparece no Caderno 10, (cf. LIGUORI & VOZA, 2017, p.46). Aqui, a ideia de aparelho hegemônico é articulada à uma concepção nova de ideologia. Um “aparelho” serve para criar um “novo terreno ideológico”, ao afirmar uma “nova consciência do mundo”:

> A proposição contida na introdução à Crítica da economia política, segundo a qual os homens tomam consciência dos conflitos de estrutura no terreno das ideologias, deve ser considerada como uma afirmação de valor gnosiológico e não puramente psicológico e moral. (...) A realização de um aparelho hegemônico, enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento, é um fato de conhecimento, um fato filosófico.[107]

Observamos aqui que a instalação de um aparelho hegemônico é igual a uma “reforma moral ou intelectual": na medida em que cria um novo terreno ideológico resulta uma reforma na consciência e nos métodos de conhecimento. Segundo Bianchi (2018), “é sempre da política que Gramsci está falando quando usa a noção de hegemonia”. Sendo assim, a hegemonia é fruto da disputa de classes para a implementação de seu projeto hegemônico: são as classes, ou frações de classes, que lutam pela direção dos projetos sociais com o objetivo de conquistar (dominar) posições estratégicas nas relações ampliadas do Estado com os aparelhos ‘privados’ na sociedade civil.

Neste sentido, Gramsci aponta para o processo diversificado de ampliação do Estado, pela expansão e absorção dos aparelhos privados de hegemonia (APHs), ou a conexão entre a sociedade civil e o Estado. Ou seja, no âmbito da sociedade civil as classes ou frações de classes organizam suas vontades coletivas tomadas em suas inúmeras e contraditórias

---

[106] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 21.
[107] CC 10, §12, v.1, p.157-158.

vertentes. Gramsci buscou compreender a própria forma de ser social do âmbito da vida considerada como "privada" na sociedade capitalista. Nessa discussão, compreendemos a atuação do B.P. como organizador "pedagógico" de determinadas discussões em torno de narrativas históricas como forma de legitimar seu discurso e sair em defesa da agenda conservadora-ultraliberal. Voltemos então a B.P.

O primeiro sócio fundador, Henrique Leopoldo Damasceno Viana. Nascido em Porto Alegre, estudou engenharia elétrica, administração de empresas e é membro do conselho diretor da *Junior Achievement* do Rio Grande do Sul. "A *Junior Achievement* atende, todos os anos, mais de 4 milhões de estudantes espalhados por todos os estados do Brasil com seus programas de educação financeira, preparação para o mercado de trabalho e empreendedorismo.[108] Segundo a entrevista concedida para *Revista Esmeril[109]*, o sócio fundador comentou sobre "*as fontes inspiradoras para o projeto sair do papel":*

> **Henrique Viana** – Em 2013, digo por mim – e acho que também posso falar pelos meus sócios, Lucas e Filipe – foi quando realmente começamos a estudar. Ficamos naquela sensação de querer saber o que estava acontecendo e percebemos o quanto éramos ignorantes da situação. Lembro que as primeiras referências foram a do Instituto Mises Brasil (organização ultraliberal fundada por Fernando Fiori Chiocca, Cristiano Fiori Chiocca e Hélio Coutinho Beltrão), baseadas nas ideias liberais austríacas. Eles tinham muitos artigos sobre economia e filosofia, fáceis de se absorver – e vendíamos livros, também. Aprendemos muito com eles para sair um pouco da matrix. Outra fonte principal foi o COF (Cursos Online de Filosofia), e os vídeos do (autor e filósofo) Olavo de Carvalho no YouTube.
> Sempre tivemos essa dupla referência, conservadora e liberal. Até hoje perguntam…o que vocês são? São Olavistas? Nós respondemos sempre que somos estudantes. Já em 2015, começamos a promover encontros e palestras sobre esses temas e levamos um pouco desse conhecimento às pessoas que apenas estavam nas ruas contra a esquerda e não tinham muita bagagem. Tínhamos uma certa pretensão ingênua de ser professor da turma, mas na verdade achamos que poderíamos passar algo para as pessoas.[110]

Segundo a citação acima, "a ideia dos sócios era organizar uma determinada turma para debater o que estava acontecendo no Brasil naquele contexto de 2015," influenciados por Olavo de Carvalho e Hélio Beltrão, os sócios tinham a intenção de promover algo há mais para as pessoas, visando o B.P.. no ano de seu surgimento, tal intenção é produzir consenso e formar quadros intelectuais que compactuam com seus ideais, suas visões de mundo e o seu

---

[108] Disponível em: https://www.jarj.org.br/quem-somos/. Acesso em: 21/01/2021.
[109] Segundo o site eletrônico: (https://revistaesmeril.com.br/): ESMERIL é uma revista mensal interessada em delinear a identidade da direita brasileira e caminhar na contramão do espírito deturpado do atual jornalismo. Disponível em: https://revistaesmeril.com.br/. Acesso em: 21/01/2021.
[110] Disponível em: https://revistaesmeril.com.br/perfil-%E2%94%82-henrique-viana-abre-as-portas-da-brasil-paralelo/. Acesso em: 21/01/2021.

projeto político ideológico-conservador. Justamente, no contexto da ascensão conservadora e da organização das direitas brasileiras, nas redes e nas ruas.

Fundada em 1919 nos Estados Unidos, a *Junior Achievement (JÁ)* é a maior e mais antiga organização de educação prática em negócios, economia e empreendedorismo do mundo.[111] Atualmente está presente em 120 países e, no Brasil, possui unidades em todos os Estados e no Distrito Federal.

Apresentada como uma associação educativa "sem fins lucrativos"[112], a JA é mantida pela iniciativa privada e tem o objetivo de despertar o espírito empreendedor nos jovens, ainda na escola, estimulando o seu desenvolvimento pessoal, proporcionando uma visão clara do mundo dos negócios e facilitando o acesso ao mercado de trabalho.[113] Segundo consta em seu site:

> A Missão: inspirar e preparar jovens, despertando seu espírito empreendedor para serem bem sucedidos na sociedade e em uma economia globalizada, transformando-os em cidadãos qualificados e realizados, que possam contribuir positivamente para o desenvolvimento sustentável do Brasil.
> Visão: em 2020, 10 milhões de jovens inspirados e preparados para serem bem sucedidos na sociedade e em uma economia globalizada.
> Valores: integridade, Ética, Perseverança, Coragem, Sensibilidade, Sustentabilidade, Criatividade, Pertencimento, Paixão.[114]

São essas "iniciativas", "missão" e "projeto" que o B.P. expõe dentro do seu APH, debatem o seu projeto político ideológico-ultraliberal-conservador. Seguindo a mesma lógica da empresa *Junior Achievement (JÁ)*. É neste espaço de formação de "jovens empreendedores" onde ocorreu a primeira influência do sócio fundador Henrique Viana. A *Junior Achievement*, age por dentro do Estado (restrito), pautando um modelo de educação empresarial que precisa ser levada para as salas de aulas: tal estratégia de atuação assemelha-se muito com a estratégia adotada pela BP, ao dividir as aulas por temáticas ligadas à educação e ao próprio "núcleo de formação" divididos em módulos por "professores especialistas do tema, portanto, a *Junior Archive*, serviu como "treinamento" para Viana.

O segundo sócio-executivo e diretor de produção do B.P., Filipe Valerim, é um dos responsáveis por apresentar desde 2016 as produções do APH, em espaços midiáticos e em

---

[111] Disponível em: https://www.jarj.org.br/quem-somos/. Acesso em: 21/01/2021.

[112] A Junior Achievement, também conta com o apoio político e financeiro das empresas e organizações internacionais/transnacionais, tal como a ANCAR IVANHOE, GRUPO GERDAU, INSTITUTO CYRELA, ALMAVIVA, AMERICAN TOWER, BANK OF AMERICA, MERRILL LYNCH, FEDEX EXPRESS, FRANKLIN TEMPLETON INVESTMENTS, GOL, INSTITUTO SEB, INSTITUTO ALCOA, KPMG, SICREDI, dentre outros. Disponível em: https://www.jabrasil.org.br/nossos-parceiros. Acesso em: 21/01/2021.

[113] Disponível em: https://www.jarj.org.br/quem-somos/. Acesso em: 21/01/2021.

[114] Disponível em: https://www.jarj.org.br/quem-somos/. Acesso em: 21/01/2021.

Institutos. Segundo o *podcast* do Valerim para o Instituto Mises Brasil, "o meu primeiro contato foi com as palestras do Mises Brasil, o Hélio Beltrão é um cara muito próximo. Foi através de um livro, as seis lições do Ludwig von Mises que estavam sendo distribuídos na faculdade, fiquei curioso com esse assunto e li o livro e passei a me interessar sobre esse assunto." [115]

A partir desse momento, eu e os meus sócios começamos a entender as pautas que estavam sendo discutidas através dos canais de internet, não era um pessoal que tinha grande espaço no seu veículo de mídia tradicional, mas que estavam formando opinião de muita gente.[116] Ou seja, a tática de atuação adotada pelos sócios do B.P. para escolher os seus "mentores" depende muito da atuação de seus intelectuais fora de espaços midiáticos tradicionais e mais, em canais, *blogs* e redes virtuais pessoais.

Seguindo a mesma entrevista, Valerim "comentou as perspectivas de futuro para o B.P. depois da experiência de produzir documentários históricos aquilo de fato acontece e como de fato existem milhares de narrativas que vão levando para um lado e para o outro, e as pessoas tentam interpretar as coisas de acordo com seus interesses."[117] Para ele, "necessitamos de um trabalho de curadoria e um resgate da verdade. Segundo o sócio, "em 2025 espero que esteja um pouco de caminhada o nosso resgate histórico, muitos anos de construção histórica foi feita." O nosso propósito é trabalhar no resgate do significado da cultura. O Mises Brasil influenciou o início do Brasil Paralelo."[118]

O sócio já atuou durante onze meses entre o período de 2015 até 2016, como Diretor de Expansão no Instituto IBN Coaching em Porto Alegre, segundo a descrição do Instituto:

> O IBC tem um leque de soluções corporativas. Nosso diferencial está em oferecer um modelo de treinamento único e customizado, ou seja, com soluções sob medida para sua empresa. Nesse sentido, mapeamos as demandas de desenvolvimento dos profissionais, identificadas pela Universidade Corporativa ou pela área de RH/Treinamento da organização, para construirmos em conjunto com a empresa, soluções de desenvolvimento e treinamento humano, que agreguem novas competências e habilidades profissionais, emocionais e também valor.[119]

Podemos perceber antes de atuar e fundar o B.P., Valerim igual o seu outro sócio, Viana, passou por outro Instituto, portanto, com essa bagagem e "treinamento" os sócios do

---

[115] Disponível em: https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592. Acesso em: 15/06/2021.
[116] Disponível em: https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592. Acesso em: 15/06/2021.
[117] Disponível em: https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592. Acesso em: 15/06/2021.
[118] Disponível em: https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592. Acesso em: 15/06/2021.
[119] Disponível em: https://www.ibccoaching.com.br/. Acesso em: 15/06/2021.

B.P. já estavam influenciados por uma visão e concepção de mundo. Visão essa, pautada na ideologia de mercado e no discurso empreendedor.

Em entrevista ao Boletim da Liberdade (2018), Valerim destacou a importância em *"expandir a consciência dos brasileiros"* por meio dos materiais do APH. Não por acaso, o Brasil Paralelo escolheu temáticas relacionadas com a educação para produzir consenso, visto que, percebemos outros APHs (empresariais) disputando o campo educacional com o objetivo de pautar o que deve ou não ser ensinado dentro da sala de aula. Tal atuação tem resultado, em termos concretos, no desmonte da educação pública e gratuita, nas políticas de sucateamento como estratégia para a viabilização da privatização das universidades e institutos federais, e nos ataques ostensivos ao trabalho docente com base em discursos e diretrizes ancorados no projeto Escola Sem Partido (ESPM) em uma "suposta" guerra contra o marxismo cultural.

O terceiro e último sócio fundador do B.P., é o gaúcho Lucas Ferrugem. Segundo Viana, "Ferrugem é responsável pela linha editorial da empresa. Pelo conteúdo de marketing e de arte".[120] Lucas, além de ser o sócio fundador também atua ministrando aulas dentro do B.P., no núcleo de formação, principalmente, coordenando aulas de História e Política.[121]

1.2. "Fórum da Liberdade": palco mobilizador das direitas brasileiras

Não é possível analisar o lugar ocupado por B.P. na atual concertação das frações das classes dominantes e dos grupos e movimentos representativos das "direitas" no Brasil sem falarmos do chamado "Fórum da Liberdade". O Fórum, a perspectiva analisada por Casimiro, "pode ser compreendido como um evento catalisador da ideologia neoliberal, libertária e liberal conservadora no país nas últimas décadas."[122]. Pode-se dizer, aliás, que foi dentro dele que B.P. desenvolveu-se e passou a se estruturar como APH de cariz conservador e ultraliberal.

O Fórum da Liberdade surgiu em 1988, no contexto de organização da burguesia brasileira em sua estratégia de redefinição e atualização da sua base política-ideológica a partir do processo de redemocratização, em uma sociedade civil cada vez mais ocidentalizada. O Fórum é organizado pelo IEE (Instituto de Estudos Empresariais) em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O IEE tem levado representantes de importantes organizações liberais e

---

[120] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ&t=4325s. Acesso em: 23/06/2021.
[121] Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/pages/nucleo-de-formacao. Acesso em: 23/06/2021.
[122] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p. 76.

libertárias dos Estados Unidos e da América Latina. Como aponta Flávio Casimiro, o "Fórum da Liberdade reúne palestrantes, autoridades e representantes de mais de uma centena de organizações liberais de todo o mundo."[123]

Naquele contexto de redefinição da estratégia por parte da burguesia brasileira de amplos setores, principalmente a forte influência do empresariado em espaços públicos, é que temos a constituição de inúmeros aparelhos de atuação política e ideológica dos diferentes segmentos das direitas brasileiras, mas que possuem a mesma função de produção e conformação de consenso no âmbito da sociedade civil, já afirmados pela teoria gramsciana.

Iremos nos concentrar nas estruturas organizativas do empresariado brasileiro que tiveram um importante papel na produção de conteúdos e disseminação dos valores característicos dessa "nova direita". Segundo Dreifuss, "o empresariado já demonstrava, em 1985, que estava se preparando para influenciar a configuração da futura Assembleia Constituinte".[124] Naquele momento, o empresariado precisava obter consenso e sincronizar a capacidade empresarial dos vários setores e associações empresariais, lutando, por um lado, contra a omissão de muitos e, por outro, procurando unificar os interesses da burguesia brasileira.

Por isso, a fragilidade das direitas naquele momento fez com que o empresariado procurasse outras formas de obter um "colchão" de apoio social. Assim, o seu objetivo foi alcançar o meio sindical e trabalhador, o que foi importante para lançar desafios e ações derivativas, que se engajaram nestes setores em lutas paralelas. Um exemplo, de acordo com Dreifuss, foi o esforço de montar um 'pacto social' em 1986, o primeiro de uma série de tentativas. O 'pacto' era uma necessidade política e econômica. Buscando, com as figuras ditas 'moderadas', a estabilização do quadro econômico".[125] Como bem examinado por Virgínia Fontes, "como se observa, um contexto de intensas lutas de classes explícitas e claramente organizadas em âmbito nacional estava em curso na década de 1980".[126]

A partir daquele instante, teremos outras novas formas organizativas da burguesia brasileira. Segundo Casimiro, estavam sendo "conscientemente organizadas e executadas por empresários e intelectuais coletivos, que investem capital material e simbólico para defender sua posição dominante". Sendo assim, frações da burguesia brasileira começaram suas articulações no sentido de reestruturar ou recriar novos mecanismos que os representassem

---

[123] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 317.
[124] DREIFUSS, René. Op. Cit. 1989, p. 58.
[125] DREIFUSS, René. Op. Cit. 1989, p. 65.
[126] FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010, p. 233.

em face de novas perspectivas de ação político-ideológica com abertura do bloco no poder durante a "transição democrática".[127]

A burguesia brasileira passou a se organizar e atuar por dentro do Estado (restrito) e na sociedade civil, no sentido de promover a ingerência dos aparelhos privados de hegemonia. Assim, o que se viu no Brasil ao longo do processo de "redemocratização" foi a expansão de aparelhos de ação político-ideológica da burguesia, com o objetivo expresso de "domesticar" a classe trabalhadora e aplacar a luta de classes, por meio da criação de ONGs, associações sem fins lucrativos e a ampliação desses aparelhos.[128]

De acordo com Fontes, "[...] boa parte dos setores populares se debatiam com dificuldades de organização, sobretudo quanto a recursos, o que favorecia a expansão de ONGs, atuando através da captação de recursos externos e, em seguida, de fundos públicos."[129] Para tal, as organizações têm seus intelectuais orgânicos, uma gama de especialistas que realizam palestras, cursos de formação, escrevem em colunas em jornais, revistas de grandes imprensa, escrevem em blogs, buscando influenciar a opinião pública de acordo com os interesses da economia de mercado.

Neste caso, Mendonça destaca que a sociedade civil é marcada pelos conflitos de classe "uma vez que é em seu seio que se elaboram e se confrontam projetos distintos e até mesmo antagônicos, ficando claro, no pensamento gramsciano, que ela é a arena da luta de classes",[130] assim como também é marcada por projetos em disputa, derivados de aparelhos de hegemonia distintos que em muitos casos pertencem a uma mesma classe ou fração dela. Dentro do processo de luta de classes, compreendemos a função dos APHs nos termos em que sinaliza Mendonça, cuja principal função seria de "construir o consenso das grandes massas pouco organizadas, de modo a obter sua adesão aos projetos articulados pelos grupos dominantes."[131]

Como atuam na produção de consenso, como destacado anteriormente, os aparelhos privados de hegemonia possuem uma tripla função para frações de classe dominante ao qual representam seus interesses: a) de disputar hegemonia no interior de organização do processo de recomposição burguesa, em dimensão intraclasse; b) de disputar a produção de consenso no âmbito da luta de classes, construindo uma sociabilidade que vise a manutenção e o aprimoramento da visão de mundo burguesa, associado às forças de coerção no processo de

---

[127] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 29.
[128] NEVES, Lúcia. Op. Cit. 2005.
[129] FONTES, Virgínia. Op. Cit. 2010, p. 250.
[130] MENDONÇA, Sônia. Op. Cit. 2014, p. 36.
[131] MENDONÇA, Sônia. Op. Cit. 2014, p. 35.

dominação; e c) construir projetos de políticas públicas universais e seus projetos de hegemonia particulares (privados), apoiados pelos governos e, sendo assim, em última instância, capturar e definir os sentidos da democracia liberal burguesa.

Tais aparelhos de ação política e ideológica, desenvolvem formas sofisticadas de articulação e atuação conjunta, buscando universalizar e naturalizar seus interesses de classe como consenso. Segundo Casimiro (2018), esta "nova direita" tem atualizado seus mecanismos de dominação através dos APHs, buscando universalizar e naturalizar seus interesses de classe como consenso. Atuam, através de três formas diferentes: pragmático, estrutural e doutrinário.

No sentido *"pragmático",* Casimiro refere-se aos aparelhos da burguesia que agem elaborando diretrizes, intervindo no processo de constituição de políticas públicas, dentre outras maneiras. A principal arena para estas organizações foi a Assembleia Nacional Constituinte, para a qual financiaram campanhas, lançaram candidatos próprios e mobilizaram quadros de empresários urbanos e rurais. Já os aparelhos de *"ação estrutural*" são aqueles que, alicerçados em um projeto de poder – não raro apresentado como se fosse este o interesse de toda a sociedade – agem no interior do aparelho estatal, dentre os quais Casimiro analisa o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Instituto Atlântico, Grupo de Líderes Empresariais (LIDE) e o Movimento Brasil Competitivo (MBC). Por fim, no sentido *"doutrinário"*, refere-se aos aparelhos de difusão doutrinária liberal-conservadora que agem através da propagação das diferentes matrizes do pensamento liberal, promovendo também o recrutamento de intelectuais orgânicos. Desejam realizar sua doutrinação pautados pelos ditames do capital e da economia de mercado. Os APHs de ação doutrinária analisados por Casimiro são o Instituto Liberal (IL), Instituto de Estudos Empresariais (IEE), Instituto Millenium (IMIL), Instituto Von Mises Brasil (IMB), Estudantes Pela Liberdade (EPL) e o Movimento Brasil Livre (MBL).

Portanto, desde os anos 1980, há um processo contínuo que se aprofunda na contemporaneidade de formação de uma "nova direita", composta por segmentos burgueses liberais e ultraconservadores. É naquele específico momento que encontramos o Fórum da Liberdade, como bem aponta Casemiro", um dos principais e mais divulgados eventos de difusão de valores conservadores e da concepção de mundo neoliberal e libertária realizada no Brasil". O Fórum da Liberdade foi caracterizado pelos seus organizadores como:

> Um dos maiores eventos de idéias das Américas. Direcionados a grandes empresários profissionais liberais, políticos, formadores de opinião, professores, estudantes e representantes dos meios de comunicação [...] propõe a análise de

> questões sociais, políticas e econômicas buscando uma ampla discussão e proposição de alternativas e sugestões para uma sociedade mais livre e próspera. Assim, forjado na crença de uma nação plural e livre, o Fórum da Liberdade é uma iniciativa que fomenta a cultura no Brasil.[132]

Este evento tem como instituição organizadora o Instituto de Estudos Empresariais (IEE). Aparelho doutrinário, fundado em 1984, no Rio Grande do Sul e que possui fortes conexões com outras organizações de atuação doutrinária, caso de um Instituto desenvolvido pelo empresariado de reflexão e aglutinação ideológica: o Instituto Liberal (IL). De acordo com o respectivo sítio de Internet, o IEE tem como "Missão": "Formar Lideranças Empresariais que se comprometam com um Modelo de Organização Social e Política para o Brasil baseado no Ideal Democrático de Liberdade Individuais subordinadas ao Estado de Direito." E ainda, a "visão" enunciada busca o reconhecimento do Instituto como "o melhor Centro de Desenvolvimento de Liderança Empresárias do Brasil."[133]

Nas palavras de Casimiro, "o IEE destaca-se pelo discurso ultraliberal, de influência da Escola Austríaca de Economia e a Escola Monetarista de Chicago, assim como, pelo conservadorismo ou mesmo reacionarismo no que se refere às pautas de caráter moral"[134]. A parceria ideológica e programática entre eles, o IEE com apoio do IL, lançaram o Fórum da Liberdade em 1988.

Em geral, noções de liberdade permanecem fundamentais nos propósitos divulgados pelo IEE duas décadas depois de sua fundação. Considerando a concepção de "liberdade" para o IEE e para o Fórum da Liberdade, é preciso destacar uma observação a respeito da relação histórica existente entre esse conceito e o avanço do neoliberalismo na América Latina: não é possível defini-lo sem levar em consideração o processo que assenta também sobre a instrumentalização de "liberdade". Pois, nos termos de Dardot e Laval, "a política conservadora e neoliberal pareceu, sobretudo, constituir uma resposta política à crise econômica e social do regime 'fordista' de acumulação do capital.[135]

Essa foi uma das razões determinantes para que o ideário se pudesse concretizar-se mundialmente, por meio de políticas de governos, a partir de fins dos anos de 1960, aprofundado com o valor exacerbado dos preços do petróleo em 1973. Esse foi também o

---

[132] CASIMIRO, Flávio. **O Fórum da Liberdade e a ascensão da extrema direita no Brasil contemporâneo.** ACESSO LIVRE, v. 1, p. 8-25, 2020.
[133] IEE (Instituto de Estudos Empresariais). Disponível em: https://www.iee.com.br/o_instituto/. Acesso em: 20/06/2020. Em 2008, a página do IEE exibia como "Visão", que o Instituto fosse "como centro de excelência na formação de lideranças disponibilizando os Agentes da Mudança para uma Sociedade com mais Liberdade (econômica, política e intelectual)".
[134] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. v. 1, p. 7.
[135] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Op. Cit. 2016, p. 189.

contexto que possibilitou a difusão ideológica do projeto neoliberal e sua significação do conceito de liberdade.

Os anos 1980 foram marcados, no Ocidente, pelo triunfo de uma política ultraconservadora e neoliberal. Ronald Reagan e Margaret Thatcher simbolizam o rompimento com o "welfarismo" da social-democracia e a inserção de "novas políticas" que supostamente poderiam superar a inflação desenfreada, a queda dos lucros e a desaceleração do crescimento. O programa político de Thatcher e Reagan, apropriado por grande número de governos e continuado por organizações internacionais – como o FMI e o Banco Mundial – apresentam-se (em tese) como um conjunto de respostas a uma situação que se considera "ingerível."[136]

O avanço das ideias neoliberais ocorreu somente décadas após o surgimento das formulações teóricas que vinham na contramão do keynesianismo; na realidade, essas novas formas políticas exigem uma mudança muito maior do que uma simples restauração do "puro" capitalismo de antigamente e do tradicional neoliberalismo. Segundo Dardot e Laval:

> Elas têm como principal característica o fato de alterar radicalmente o modo de exercício do poder governamental, assim como as referências doutrinárias no contexto de uma mudança das regras de funcionamento do capitalismo. Revelam uma subordinação a certo tipo de racionalidade política e social articulada à globalização e financeirização do capitalismo. Em uma palavra, só há "grande virada" mediante a implantação geral de uma nova lógica normativa, capaz de incorporar e reorientar duradouramente políticas e comportamentos numa nova direção. Andrew Gamble resumiu esse novo rumo na frase: "Economia livre, Estado forte."[137]

Portanto, o conceito de neoliberalismo remete a um processo histórico específico que, por meio da instrumentalização da "liberdade", financiou a atuação política de grupos ou frações de classe, dentro e por fora do Estado, em fins do século XX. Já destacado anteriormente, o IEE é uma dessas Instituições cujo surgimento foi possibilitado pelo avanço desse projeto. De acordo com Friedrich:

> Em meados de 1984, William Ling convidou cerca de 30 jovens empresários entre 20 e 30 anos para uma reunião, desses 20 vão fazer parte da fundação IEE. Com a ajuda de Roberto Rachewsky recrutavam pessoas do comércio, dos serviços, da indústria e da agricultura, com o objetivo de criar uma instituição destinada a formar líderes que pudessem atuar em empresas, entidades e governos. Essa vai tomar

---

[136] Como bem examinado por Dardot e Laval, "essa dimensão propriamente reativa é patente no relatório da Comissão Trilateral, intitulado The Crises of Democracy, um documento chave que mostra a consciência da 'ingovernabilidade' das democracias compartilhadas dos países capitalistas."
[137] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Op. Cit. 2016, p. 190.

> corpo após alguns meses do final de 1984 já possui Estatuto, atestado e fundação registrada em cartório e diretoria.[138]

Sua estrutura organizacional apresenta-se uma forte atuação e formas de filiação institucional bastante diferentes do seu congênere: compreende várias atividades, tais como a realização de júris simulados, a escrita de artigos, a organização de eventos e a leitura e discussão de obras de autores liberais, que inclui uma revista eletrônica, a Revista Leader[139] (1997-2003), e uma série de livros, caso da coleção "Pensamentos Liberais", que, em 2009, chegou ao décimo terceiro volume. A maioria desses livros, por exemplo, foram lançados antes do Fórum da Liberdade para serem usados como base nas discussões do evento ou para serem referência a algum debate específico encabeçado pelo Instituto. De autores clássicos do liberalismo a estudos dirigidos, segundo Lidiane, "muitas vezes encomendados pelo *TT*, esses tinham como objetivo influenciar a opinião e guiar as ações dos participantes do Fórum e das autoridades públicas".[140]

Contudo, é preciso ter em vista a finalidade que mantém a existência do IEE, e essa finalidade é o treinamento de empresários. O treinamento intelectual dos jovens empresários, objetiva que estes possam defender com argumentos sólidos os valores transmitidos pelo Instituto. O objetivo do IEE é formar dirigentes que tenham, no mundo gerencial e político, uma atuação e um discurso afinado à defesa do livre mercado. Dentre as várias estratégias desenvolvidas pelo IEE, sem sombra de dúvidas, sua grande marca é o Fórum da Liberdade, realizado anualmente na cidade de Porto Alegre há mais de 30 anos.

Segundo a Revista Forbes em 2013, o Fórum da Liberdade atua como o maior evento de discussão das ideias liberais da América Latina.[141] Além de ter o apoio político financeiro das empresas nacionais e transnacionais, como a Atlas Network, o Liberty Fund, o International Center for Economic Growth e o Tinker Foundation, o Fórum representa e apresenta propostas de políticas públicas, cobra e exerce pressão sobre sociedade política pela aprovação de projetos e reformas, articula distintas frações da burguesia brasileira, agrega e organiza novos intelectuais.

De acordo com Fonseca (2005), a hegemonia ultraliberal nas décadas de 1970 a 1990 foi construída e adaptada a cada país, constituindo-se uma verdadeira agenda de reformas

---

[138] FRIDERICHS, Lidiane. **A atuação política dos Think Tanks Neoliberais Brasileiros e Argentinos:** Os casos do Instituto Liberal, do Instituto dos Estudos Empresariais e do Instituto Para El Desarrollo Empresarial De La Argentina (1983- 1988). 2019. f. 82. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2019.

[139] REVISTA LEADER. Disponível em: http://www.revistaleader.com.br/. Acesso em: 15/02/2021.

[140] FRIDERICHS, Lidiane. Op. Cit. 2019.

[141] Para mais informações: https://iee.com.br/forum-da-liberdade. Acesso em: 20/01/2021.

defendida principalmente por think tanks[142] como o Atlas Network (AN) e transmitidas por aparelhos privados de hegemonia burguesa, especialmente na América Latina.

Denominado inicialmente Atlas Economic Research Foundation, o AN encontra-se sediado em Washington. Atua, desde 1981, na defesa e propagação de concepções da direita ultraliberal, com organizações parceiras em todos os continentes. Em 2013, o nome da organização foi alterado para Atlas Network ainda que o nome legal tenha permanecido o mesmo: Atlas Economic Research Foundation.

Seu principal idealizador - e fundador - foi Anthony Fisher (1915-1988), empresário britânico defensor das concepções do economista austríaco Friedrich Hayek – assim como, posteriormente, do norte americano Milton Friedman – que se mudou, na década de 1970, para os Estados Unidos, depois de um período de dois anos no Canadá, em que foi diretor do Fraser Institute, outro think tank ultraliberal. Em 1955, Fisher havia fundado, em Londres, o Institute of Economic Affairs (IEA). Como bem apontado por Hoeveler: "o Atlas Network atua basicamente como fornecedor, financeiro e intelectual, de entidades que têm como princípio a defesa de políticas públicas orientadas para o mercado." [143]

Auxiliando cerca de 400 think tanks espalhados por mais de oitenta países, tais entidades formais são orientadas a não se envolver diretamente na política partidária. No Brasil, há nove entidades ligadas ao Atlas Network. Portanto, é fato que esse instituto tornou-se um elemento comum de conexão transnacional dessas entidades que, na prática, conformam um mesmo "partido". Membros do MBL passaram pelo programa de treinamento do Atlas Network, e estão aplicando o que aprenderam em solo brasileiro. De acordo com Fontes (2017, p. 222), "a partir de um nome fictício, embora seja de origem empresarial". Tais marcas servem para disseminar projetos de maneira mais discreta ou simplesmente ocultar as origens dos recursos, como o Movimento Brasil Livre (MBL)".

O Fórum da Liberdade é, em suma, o evento símbolo do Instituto. Por ele acabou se concretizando o nome da instituição no cenário nacional. O Fórum ganhou grande visibilidade, em parte, pela importância que o evento adquiriu no âmbito político, constituindo-se como principal evento da perspectiva liberal do Brasil, tendo suas iniciativas largamente difundidas pela mídia corporativa – o que tem auxiliado fortemente na tarefa de produzir consensos favoráveis ao projeto de políticas de livre mercado no país.

---

[142] Laboratório de ideias, gabinete estratégico, centro de pensamento ou centro de reflexão é uma instituição ou grupo de especialistas de natureza investigativa e reflexiva cuja função é a reflexão intelectual sobre assuntos de política social, estratégia política, economia, assuntos militares, de tecnologia ou de cultura.

[143] HOEVELER, Rejane. **Os conceitos de Aparelhos Privados de Hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica.** Revista Práxis e Hegemonia Popular, ano 4, n. 5, pp. 145-159, Ago/Dez, 2019, p. 87.

Nesse espaço de organização das direitas brasileiras dentro do Fórum da Liberdade o B.P. encontrou dentro do Fórum outros grupos/sujeitos que possibilitaram de forma direta conexão com outras organizações, com o objetivo de replicar conteúdos ideológicos e recrutar novos sujeitos para compor o seu campo de atuação, seja dentro do Brasil Paralelo ou fora.

1.3.Brasil Paralelo e seus principais "Intelectuais orgânicos"

O papel desempenhado pelos intelectuais do B.P. nas redes sociais, Fóruns, *blogs*, *Youtube* e, principalmente, na plataforma da empresa/produtora estabelece um conjunto de atuações importantes, necessário para a compreensão das novas estratégias de difusão ideológica das direitas brasileiras. É através desse movimento de atuação, em diferentes espaços e por diferentes difusores que os intelectuais do B.P. expõem suas visões de mundo e os seus projetos.

Tendo em vista isso, neste tópico pretendemos refletir sobre os intelectuais que compõe o aparelho, destacando elementos a respeito da trajetória dos principais membros, de modo a entender o "desenvolvimento necessário", isto é, o processo vivenciado por cada um, o que, no que lhe concerne é fundamental para compreender a atuação posterior dos mesmos no B.P, além disso, objetivamos abordar o papel dos intelectuais na sociedade de classes, a partir de Antonio Gramsci.

Dada a amplitude das abordagens existentes sobre os intelectuais e seu papel, adota-se como fio condutor a conceituação gramsciana para o termo, o qual revela no início do *Caderno 12* que os grupos sociais criam para si intelectuais que lhes dão homogeneidade e sentido não só em âmbito da produção econômica, como também no social e político. Assim, ao menos uma elite de intelectuais cada grupo social acaba por formar, a qual "deve possuir a capacidade de organizar a sociedade, em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe".[144]

Todo grupo social possui função no mundo da produção, trabalhadores, empresários, preparam seus intelectuais para darem homogeneidade e consciência da importância da função de classe. O empresário capitalista, por exemplo, cria o técnico da indústria, os cientistas da economia política, em prol dos seus interesses e do fortalecimento da sua própria classe. Estes intelectuais nascem de uma "estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura", e são pertencentes ao novo "grupo social 'essencial'",

[144] GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 15.

chamados de orgânicos, visto que estão conectados e relacionados a um grupo social, atuando com a função de produzir organização e direção. Já os intelectuais oriundos do grupo dominante anterior são denominados de tradicionais.[145]

No entanto, no que concerne ao "critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais", para Gramsci a distinção metodológica básica que revela a importância desse grupo no quadro geral das relações sociais é revelada através do materialismo histórico dialético, isto é, "no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais".[146] Esse conjunto de relações aponta que toda classe cria para si, como foi dito anteriormente, um ou mais camadas de intelectuais, as quais são dotadas de certas "'especializações'" de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a classe deu à luz", com o papel de promover homogeneidade.

As relações entre os intelectuais e a sua produção não são imediatas, como aponta Gramsci: "ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, mas é "mediatizada", em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das (superestruturas), do qual os intelectuais são precisamente os "funcionários".[147] Por meio desta relação seria possível medir a "organicidade" de cada grupo de intelectuais, as conexões e seus interesses:

> Por enquanto, podem-se fixar dois grandes "planos" superestruturais: o que pode ser chamado de "sociedade civil" (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como "privados") e o da "sociedade política ou Estado", planos que correspondem, respectivamente, à função de "hegemonia" que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de "domínio direto" ou de comando, que se expressa no Estado e no governo "jurídico". Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. Os intelectuais são os "prepostos" do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso "espontâneo" dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce "historicamente" do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura "legalmente" a disciplina dos grupos que não "consentem", nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo. Esta colocação do problema tem como resultado uma ampliação muito grande do conceito de intelectual, mas só assim se torna possível chegar a uma aproximação concreta à realidade.[148]

---

[145] GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001. p. 17.
[146] GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 18.
[147] GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 20.
[148] GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 20-21.

De acordo com o marxista sardo, “estas funções são precisamente organizativas e conectivas”, ou seja, segundo ele, historicamente formam-se categorias especializadas de intelectuais “com todos os grupos sociais, mas sobretudo com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante”.[149] Portanto, resulta o conceito de intelectual orgânico. Em função disso, compreendemos que o B.P. se organiza através de um conjunto de intelectuais orgânicos pertencentes a outros aparelhos privados de hegemonia, tendo por principal escopo a ressignificação de processos históricos para legitimação de um projeto de hegemonia burguesa com características de extrema-direita e traços fascistas.

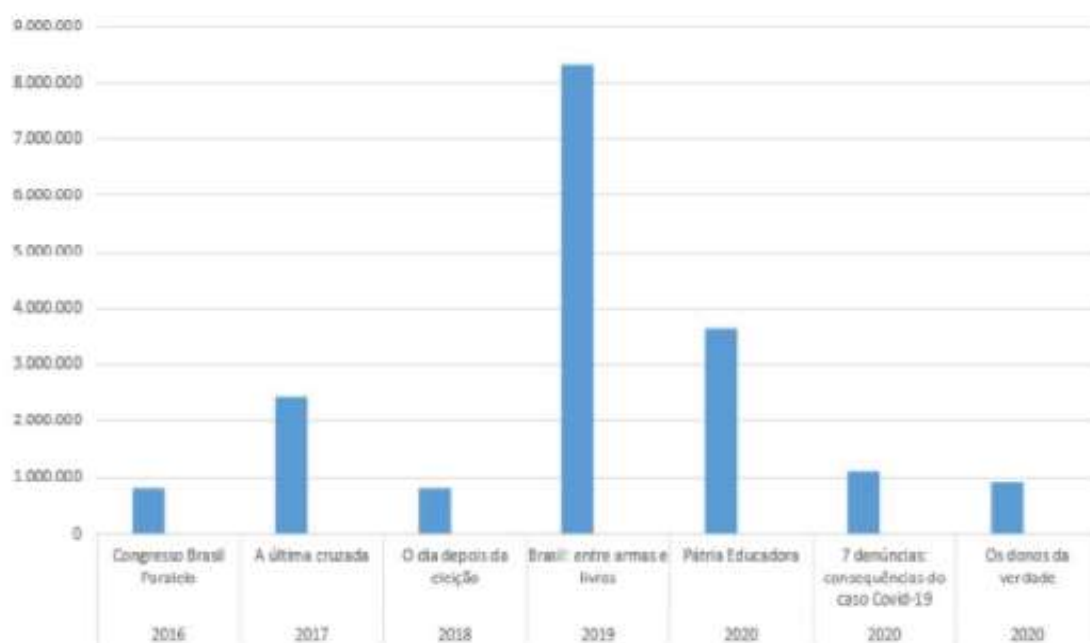
Ao longo da atuação do B.P., conseguimos mapear duas formas de atuação dentro do *APH.* O primeiro, *membros convidados* e o segundo, mais importante, os *membros permanentes*. Quando surgiu o B. P., começamos a observar quais e quantas vezes os membros participaram das produções materiais audiovisuais, com o objetivo de identificar as formas de organização desses grupos dentro e fora daquele espaço. Os membros permanentes são admiradores, intelectuais e militantes da causa liberal-conservadora que procuram e são procurados ou recrutados pelo B.P. para promover e divulgar suas ideias, por meio de materiais audiovisuais, entrevistas, artigos e *podcasts.* Essas publicações são produzidas pelo B.P. na sua plataforma, canal no *YouTube,* através de suas redes sociais ou ser algum tipo de produção própria veiculada anteriormente em algum meio de comunicação, inclusive, por meio de replicação de outros aparatos de ação política e ideológica.

Após o mapeamento desses dois grupos (membros-permanentes e membros convidados), conseguimos estabelecer pontos de conexões entre o B.P. e outras organizações das direitas brasileiras, ou seja, criamos uma espécie de “teia” que buscou em outros espaços semelhantes às formas organizativas do B.P. e seus intelectuais entender como se construiu a dinâmica entre esses grupos/sujeitos.

Fizemos um movimento de fora para dentro, pegamos os principais membros e observamos suas postagens nas redes sociais, os artigos publicados em espaços midiáticos, os convites relacionados com o Governo Bolsonaro, as principais defesas ideológicas, os principais temas publicados em seus próprios espaços e a conexão direta com o B.P. Durante o período do surgimento do B.P. em 2016 e antes da mudança do mesmo para a capital paulista (São Paulo), identificamos sem essas organizações o B.P. não teria tanto crescimento, a partir dessas conexões com outras organizações das direitas e principalmente, com a mudança da

[149] GRAMSCI, A. Op. Cit. 2001, p. 21.

empresa para São Paulo no final de 2018 e com o Governo Bolsonaro a partir de 2019 o B.P. alcançou mais de 200 mil assinantes e 152.244.494 visualizações no canal do *YouTube.*

Gráfico 1 - Número de visualizações no canal do *Youtube*

Elaboração própria. Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeeBmdaiicey2nImISw. Acesso em: 10/04/2020.

Segundo a imagem abaixo, o Fórum da Liberdade, outros APHs ideológicos, a mídia burguesa e o projeto Escola Sem Partido, estão ligados com o B.P. numa espécie de “teia”, e a partir dessa “teia” encontramos pontos de conexão entre os projetos defendidos por esses *Think Tanks* (APHs) e formas de atuação semelhante - no sentido de fortalecer alianças no nível político-tático - com a ideologia na qual representa. Esta ideologia, como vimos, é representada por uma ampla agenda ultraliberal-conservadora.

Através desses intelectuais atuantes dentro do B.P. e fora dele, que identificamos dois “braços” chaves do B.P., de um lado, o olavismo, influenciado por Olavo de Carvalho os sócios fundadores começaram a pensar o B.P. como organização militante para recuperar a história do Brasil e produzir consenso sobre uma determinada narrativa e fatos históricos, portanto, é através dessa disputa com temas relacionados à história e a educação que o B.P. vende sua narrativa, sem nenhum critério metodológico, pois a importância é lucrar com as suas produções.

Outro “braço”, é a ideologia ultraliberal-conservadora, a partir do Hélio Beltrão e de outros Institutos de caráter mais conservador-recionário-ultraliberal, os sócios fundadores compreendem a importância da defesa do livre mercado, a iniciativa privada, o individualismo e defendem o discurso “meritocrático.” Sendo assim, o B.P. como um produtor de consenso e difusor de narrativas ultraliberal-conservadora, defendendo fortemente as bandeiras da propriedade privada, atua na sociedade civil (sentido gramsciano) com pautas moralistas e conservadoras vendendo seu projeto ideológico através das redes sociais e da própria plataforma, para um determinado público e grupos específicos, tais grupos, ajudam sustentar suas narrativas negacionistas.

Figura 1 - “Teia” relações do Brasil Paralelo com outras organizações da “Nova Direita”

Fonte: Elaboração pela autora.

Quadro 1 - Membros permanentes

Adriano Gianturco	Coordenador do Curso de Relações Internacionais e

	professor de Ciência Politica do IBMEC-MG. PhD em Teoria Política e Econômica (Universitá di Genova), Mestre em Relações Internacionais (Universitá di Torino), Bacharel em Ciência Política e Relações Internacionais (Universitá Roma Tre). Autor do Manual "A Ciência da Política" e do livro "O empreendedorismo de Israel Kirzner". Autor de publicações de História do Pensamento sobre Bruno Leoni e Israel Kirzner; e de Ciência Política sobre Abstencionismo, votos brancos e Democracia e desenvolvimento. Membro do Laboratorio de Analise Politica (LAP) da Universidade LUISS de Roma; Fellow do Competere Institute; Fellow do Centro Tocqueville-Acton; e membro do Comité Cientifico da Revista Acadêmica Mises, Membro do Conselho do Ranking dos Políticos.
Alexandre Borges	Comentarista político e publicitário. Já publicou em sites e blogs como os da revista Veja, Instituto Liberal, Instituto Mises Brasil, MBL – Movimento Brasil Livre, Mídia Sem Máscara, entre outros. Alguns temas abordados já foram transformados em artigos em jornais como na própria Gazeta do Povo e O TEMPO de Minas Gerais.
Flávio Gordon	Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e doutorado por esta mesma instituição (2011). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Ciência, da Política e da Religião e Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: Em antropologia da religião e da ciência: neo-ateísmo, secularização, biotecnologia, bioética. Em etnologia indígena: parentesco, xamanismo, mitologia. É colunista da revista Vila Nova (http://revistavilanova.com/) para as áreas de política, cultura e educação. Atualmente escreve na Gazeta do Povo e para o Blog: Senso Incomum.
Flávio Morgenstern	Escritor, analista político, palestrante e tradutor e colunista do Instituto Liberal. Seu trabalho tem foco nas relações entre linguagem e poder e em construções de narrativas. É autor do livro "Por trás da máscara: do passe livre aos black blocs".
Guilherme Macalossi	Formado em Direito pela UCS e estuda jornalismo na Unisinos. Editor do portal Sul Connection, apresentador do programa Confronto, na Rádio Sonora FM. Escreve para jornais locais, articulista do Instituto Liberal do Rio de Janeiro e colaborador da agência Critério, Inteligência em Conteúdo.
Hélio Beltrão	Engenheiro, administrador, e economista, brasileiro. É fundador e membro do conselho consultivo do Instituto Millenium e atual presidente do Instituto Mises Brasil. É filho do ex-ministro do governo Costa e Silva, Hélio Beltrão.
Ícaro de Carvalho	Empresário, redator publicitário e business-designer, foi um dos responsáveis pela criação do Brasil Paralelo, do Código da riqueza, Liberta Global, Portal do Trader, Portal o Primo Rico, Grupo Estratégia, We-Audit entre outras empresas líderes de mercado.
Leandro Ruschel	Formado na Universidade eeral do Rio Grande do Sul. Sócio-fundador do Grupo L&S, composto por uma série de empresas que oferecem serviços no mercado

	financeiro.
Marcus Boeira	Professor Adjunto de Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Direito do Estado e Mestre em Direito do Estado (USP). Graduação pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul.
Olavo de Carvalho	Ensaísta brasileiro, sendo considerado também um influenciador digital e ideólogo e tendo atuado no passado como jornalista e astrólogo. Auto-proclamado filósofo, é um representante do conservadorismo no Brasil.
Percival Puggina	Graduado em arquitetura e urbanismo. Em 1985 filiou-se à frente liberal atualmente o DEM e, posteriormente ao PDS (hoje PP). No primeiro, foi coordenador de bancada na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. No segundo, criou e presidiu, durante sete anos, a Fundação Tarso Dutra de Estudos Políticos e Administração Pública, órgão doutrinário do partido no RS. Em 2013 desfiliou-se e não está mais integrado a qualquer partido político.
Philippe de Orleans e Bragança	Político, cientista político, ativista e empresário brasileiro. Em 2019, assumiu o cargo de Deputado Federal pelo estado de São Paulo, após ser eleito nas eleições gerais de 2018 pelo Partido Social Liberal, com 118 457 votos.
Rafael Nogueira	Bacharel e Licenciado em Filosofia e Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Santos (UniSantos), e pós-graduado em Educação pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes). Mestrado incompleto em Direito Internacional pela UniSantos. É professor de História e Filosofia há 7 anos em escolas públicas, técnicas e privadas, atualmente mais focado em aulas particulares e cursos preparatórios, como o da AFAM, voltado à prova de vestibular da Academia Militar do Barro Branco. É pesquisador de História do Império do Brasil há quase dez anos, e um dos maiores especialistas sobre a atuação do José Bonifácio de Andrada e Silva na Independência do Brasil e na formação do Império. É consultor de História da equipe IVIN para a produção do filme "Bonifácio -- O Fundador do Brasil", sobre José Bonifácio. Dos cinco concursos que prestou para a carreira docente de História e Filosofia na rede pública de ensino ou para escola técnica, passou três vezes em segundo lugar e duas vezes em primeiro lugar. Atualmente é Presidente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
Rodrigo Gurgel	Professor de literatura e escrita criativa, além de crítico literário do jornal Rascunho e da Folha de S. Paulo, Rodrigo Gurgel é autor de "Crítica, Literatura e Narratofobia", "Esquecidos & Superestimados" e "Muita Retórica – Pouca Literatura (de Alencar a Graça Aranha)", publicados pela Vide Editorial. Leitor crítico de editoras, agências literárias e particulares, foi jurado do Prêmio Jabuti de 2009 a 2012. Em 2004, foi um dos dez vencedores do Concurso de Contos “Caderno 2”, do jornal `O Estado de S. Paulo. Especializações: Professor de escrita criativa e literatura, crítico literário, leitor crítico, ensaísta, editor.

Os membros permanentes são: Olavo de Carvalho (padrinho, mentor), Hélio Beltrão Filho, Alexandre Borges, Rafael Nogueira, Percival Puggina, Flávio Morgenstern, Thomas Giulliano, Phillipe de Orleans e Bragança, Adriano Gianturco, Ícaro de Carvalho, Marcus Boeira, Rodrigo Gurgel, Rodrigo Constantino, Flávio Gordon, Guilherme Macalossi e Leandro Ruschel.

Esses intelectuais também compõem os grupos dirigentes ou participam como articulistas de vários outros aparelhos de ação política e ideológica tais como: *Instituto Liberal, Instituto Von Mises Brasil, Instituto Millenium* e o *Instituto Borborema* e meios de comunicação da "grande imprensa", por exemplo, o jornal o *Globo, Folha de São Paulo, Gazeta do Povo e blogs, tal como, o Senso Incomum e blogs pessoais de cada membro.* O grupo de *(membros convidados)* já participaram: Luiz Felipe Pondé, Lucas Berlanza, Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Leandro Narloch, Jorge Caldeira, Felipe Moura Brasil, Gilmar Mendes, Lobão, Fernando Holiday, Hélio Bicudo, Janaína Paschoal, William Waack e outros. Somando-se um quadro de 150 convidados desde o período da fundação do Brasil Paralelo.

Através da capilaridade do B.P., o APH consegue impor sua visão de mundo e seus valores, a partir da atuação de seus intelectuais orgânicos em outras esferas, principalmente, com o Instituto Mises Brasil, Instituto Millenium, Instituto Borborema e o próprio Fórum da Liberdade, que são para os sócios do B.P. exemplos a serem seguidos. A capacidade de difusão de seus pressupostos e sua concepção de mundo, vão para além da atuação dentro do B.P., perpassam os Institutos, a mídia, redes sociais e os espaços acadêmicos, isso permite o B.P. avançar em sua difusão. E é justamente nessa sua capacidade de composição de quadros, atuantes e, no essencial, partindo do mesmo propósito e princípios, que reside sua principal força enquanto intelectual coletivo, torna-se, portanto, importante para a renovação da "nova direita" no Brasil. Como bem examinado por Casimiro:

> Todo esse conjunto de estratégias passa também pela naturalização de uma cultura única, de uma sociabilidade do capital entranhada nas mais diversas e específicas manifestações da vida social, que legitima, garante e atualiza as formas de dominação e a reprodução ampliada da acumulação capitalista. Ao mesmo tempo, embora os conjuntos de aparatos e doutrinação e produção de consenso das direitas brasileiras não possa ser compreendidas como um bloco hegemônico esses grupos compartilham um determinado nexo articulador, que produz determinados padrões de comportamentos e significação das relações sociais, produzindo, por conseguinte, "verdades" socialmente aceitas, naturalizadas, e reproduzidas como uma *doxa*.[150]

[150] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020. p, 154.

Seguindo na interpretação de Casimiro:

> Personagens como os intelectuais dos aparelhos doutrinários, como exemplos do IL, IMB, MBL, são importantes para o processo de difusão de determinadas diretrizes. Todavia, constituem intelectuais prepostos do capital, ou seja, não são partes efetivas das classes dominantes, tampouco estabelecem as determinações da articulação entre os segmentos da burguesia. O movimento no interior das frações burguesas define as diretrizes de dominação de classe e, na esteira disso, o projeto político no qual essas frações se arranjam para a garantia de manutenção de seus interesses. [151]

Em outros *APHs*, existe uma linha editorial e um corpo de colunistas, já o B.P., não tem uma linha editorial e nem colunistas, portanto, dificultou identificar quem de fato são os *membros permanentes* do APH. Conseguimos, porém, identificar um ponto importante dentro do Brasil Paralelo, já mencionado: sua articulação a um conjunto de sujeitos e entidades representativas da "nova direita" no interior de relações ampliadas do Estado[152] (IMIL, IMB, IL, IEE, FL).

O primeiro membro, Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, nasceu em Campinas, interior de São Paulo, em 29 de abril de 1947. Apesar de se autodenominar "filósofo", ele nunca se formou e não tem nenhum diploma universitário, ainda que tenha chegado a estudar filosofia na PUC-Rio. Olavo trabalhou como jornalista em veículos como *Folha de S.Paulo, Planeta, Bravo!, Primeira Leitura, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Globo, Época, Zero Hora* e *Diário do Comércio*. Hoje escreve e edita o jornal online "*Mídia sem Máscara*", apesar de hoje grande parte de suas críticas serem destinadas à imprensa. Mesmo sem ter concluído uma graduação em Filosofia, no segundo grau, Olavo se intitula filósofo e, em seus cursos, afirma que seu objetivo é justamente esse: formar filósofos, ministra cursos que misturam filosofia, política e esoterismo e tem mais de 30 livros publicados.

Olavo de Carvalho, como bem apontou Calil, já desde o final dos anos 1980, buscando ampliar a audiência para uma crítica conservadora-reacionária, buscou entre os meios de comunicação alternativa para reproduzir e difundir suas análises. "Sua lógica reformulada em 2009, é a seguinte: como o "aparelho ideológico" burguês, do qual os marxistas falam, não existe, as classes superiores se encontram sem defesa dentro da ameaça comunista."[153] Sua linguagem e a forma como conecta sua visão de mundo reacionária ao senso comum conservador brasileiro, torna-se parte da estratégia adotada por ele, segundo Calil, "a escrita

[151] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020. p, 155.
[152] Tais movimentações, entre e/ou intra APHs podem ocorrer tanto no âmbito da sociedade civil, quanto no Estado restrito. Neste caso, devemos analisar também as disputas e correlações de forças entre as frações de classe dominantes no interior do bloco no poder.
[153] Disponível em: https://diplomatique.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/. Acesso em: 04/04/2021.

de Olavo de Carvalho se caracteriza por seu gosto pela vulgaridade e pelo seu tom belicoso. Essa agressividade se apresenta como uma garantia de autenticidade, que lembra o estilo de Bolsonaro."[154]

Um dos livros estava em cima da mesa de Jair Bolsonaro (sem partido) durante a transmissão ao vivo nas redes sociais quando o candidato da extrema direita elegeu-se presidente, em outubro de 2018. A presença de *"O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*" no primeiro pronunciamento de Bolsonaro parecia confirmar a relação próxima do ideólogo extremista com Bolsonaro e um prenúncio de sua influência no governo (embora com vários momentos de divergência).

No que diz respeito ao conteúdo, os livros e os canais de Comunicação de Olavo, de acordo com Lucas Patschiki, entre as décadas de 1980/90 e a virada para os anos 2000, Carvalho passou a trabalhar em uma série de revistas, jornais e editoras. De 1988 até 1999 foi diretor de texto para a biblioteca do Exército, editando o livro O Exército na história do Brasil; de 1999 até 2001,[155] Diretor do Seminário de Filosofia na Universidade; de 2000 até 2005, colunista semanal do jornal "O Globo". Entre o período 1996 e 2005, pode ser considerado o ápice da sua vida jornalística: não por acaso, Olavo passou a ser uma das atrações de destaque nas edições de 2000, 2001, 2002, 2004, e 2005 do Fórum da Liberdade, ou seja, antes mesmo da proximidade dele com Bolsonaro.

Segundo Patschiki, "em 2009 é fundado o Instituto Olavo de Carvalho (IOC), idealizado por Luciane Amato, que dirige segundo orientações de Carvalho que consta com Simone Caldas como vice-diretora."[156] Ao decorrer da leitura da dissertação do Lucas, especificamente essa passagem sobre a organização de conteúdos e cursos oferecidos pelo IOC desde 2009, conseguimos identificar algumas semelhanças organizativas e estruturais entre o IOC e o Brasil Paralelo (plataforma). Os cursos do B.P., já comentados anteriormente, estão divididos por categorias, o chamado núcleo de formação, clube da música, escola da família e sociedade do livro.

Os cursos (pagos), funcionam desde 2016, em um primeiro momento, com os "membros convidados", o núcleo duro do B.P. dedicando-se ao estudo do latim; de história antiga e medieval; de fundações do pensamento político brasileiro; de história da música; história do pensamento político liberal; autores clássicos da literatura; introdução a escola

---

[154] Disponível em: https://diplomatique.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/. Acesso em: 04/04/2021.
[155] PATSCHIKI, L. Op. Cit. 2012, p. 42.
[156] PATSCHIKI, L. Op. Cit. 2012, p. 54.

austríaca de economia; inicialmente, os cursos foram divididos por temáticas - história, economia, política e filosofia. Os grupos usam em "aula", o material complementar em forma de *e-book* organizado pelos membros convidados, por exemplo, na aula *"Ideologia Políticas",* ministrada pelo sócio do B.P. Lucas Ferrugem, na parte final, referências, têm a bibliografia do próprio Olavo de Carvalho.

De 2019, com o crescimento do B.P, os cursos foram se ampliando e surgindo novas temáticas de estudos, por exemplo, arte, educação e bioética. Os cursos são praticamente, o "modelo" de curso ofertado pelo IOC, segundo Patschiki:

> Os grupos de estudos do IOC, funciona desde 2009, em um primeiro momento, sob a orientação Luciane Amato, dedicando-se ao estudo do latim; de história antiga, medieval, da Igreja e Estados Modernos; de autores clássicos da literatura; das ciências sociais, de arquitetura; música, poesia. Para o ano de 2012 os temas de estudos propostos são de teoria *e história do séc. XX e estudos lusos brasileiros.* Estes grupos, dividem-se em grupo de estudos literários, o grupo de estudos de filosofia, o grupo de "transição e edição" e o grupo de estudos de escritores.

Pegamos a tabela 8, da dissertação do Lucas e o nosso quadro do "núcleo de formação", para mostrar a comparação entre as aulas oferecidas pelo IOC e as aulas oferecidas pelo B.P., observamos a forte influência do IOC dentro do Brasil Paralelo. Como bem aponta Lucas, "podemos concluir que o IOC concretizou-se em um espaço importante para a formação e constituição ideológica de futuros intelectuais."[157] Parte desses intelectuais, influenciados pelo IOC e pelo próprio Olavo de Carvalho, já realizaram aulas do IOC e participaram do MSM (Mídia Sem Máscara), esses intelectuais, hoje, atuam constantemente dentro do B.P., espaços midiáticos e *APH*, reproduzindo suas visões de mundo conservadora-ultraliberal, ligados ao fenômeno da "nova direita."

[157] PATSCHIKI, L. Op. Cit. 2012, p. 58.

Figura 2 - Cursos oferecidos pelo Instituto Olavo de Carvalho

Opção de cursos (em andamento)	Preço mensal
Oficina de literatura	R$ 45,00
Grupo de estudos	R$ 75,00
Português	R$ 45,00
Latim	R$ 45,00
Grego	R$ 45,00
Poesia Módulo I – Introdução à poesia – 16 aulas	R$ 180,00
Poesia Módulo II – A Poesia de Camões – 16 aulas	R$ 180,00
Poesia Módulo III – Bocage – Parte I – 4 aulas	R$ 45,00
Poesia Módulo IV – Bocage – Parte II – 4 aulas	R$ 45,00
História da filosofia Módulo I – Dos Pré-socráticos aos Diálogos Platônicos – 17 aulas	R$ 180,00
História da filosofia Módulo II – Platão – 16 aulas	R$ 180,00
História da filosofia Módulo III – As leis de Platão – 16 aulas	R$ 180,00
Literatura Módulo I - Once more unto the breach, dear friends: poesia, história e a Henríada de William Shakespeare – 16 aulas	R$ 180,00
Literatura Módulo II – William Shakespeare – Parte II – 16 aulas	R$ 180,00
Francês Módulo I – Francês – 16 aulas	R$ 180,00
Francês Módulo II – Francês – 16 aulas	R$ 180,00
História Módulo I – História da inquisição – 4 aulas	R$ 45,00
História Módulo II – Educação monástica medieval – 8 aulas	R$ 90,00
História Módulo III – História das cruzadas – 4 aulas	R$ 45,00
História Módulo IV – Tópicos de arte medieval - Parte I – 8 aulas	R$ 90,00
História Módulo V – Tópicos de arte medieval - Parte II – 8 aulas	R$ 90,00
História Módulo VI – Idade média – Elementos estruturais – 8 aulas	R$ 90,00
Educação da imaginação Módulo I - A imaginação, seus elementos componentes e sua função cognitiva - 4 aulas	R$ 45,00

Fonte: Disponível em: http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/1789/2/Lucas%20Patschiki%202012%20p2. Acesso em: 04/04/2021, p. 55.

Quadro 2 - Núcleo de formação

Área	Tema	Número de aulas	Pessoas que ministram as aulas
Economia	*O Histórico do Pensamento Liberal Brasileiro*	1	Lucas Berlanza
Economia	*Introdução da Escola Austríaca de Economia*	1	Felipe Rosa
Economia	*Um passeio pela História do Liberalismo*	6	Ricardo Gomes
História	*Uma Breve História da Rússia*	6	*Lucas Ferrugem*
História	*Titãs da Civilização Ocidental*	6	*Rafael Nogueira*
Filosofia	*As 5 Grandes Correntes da Ética do Ocidente*	3	*Frederico Bonaldo*
Filosofia	*4 Modelos de Liberdade Política*	3	*Marcus Boeira*
Filosofia	*Mito, Linguagem e Mídia*	4	*Flavio Morgenstern*

Filosofia	*Linguagem e Filosofia Prática*	8	*Marcus Boeira*
Ciência Política	*Introdução à Política Internacional*	1	*Cezar Roedel*
Ciência Política	*Como Organizações Ideológicas Ocupam Instituições*	1	*Lucas Ferrugem*
Ciência Política	*Direito Constitucional*	1	*Vinícius Boeira*
Ciência Política	*Ideologias Políticas: As Diferentes Correntes*	1	*Lucas Ferrugem*
Ciência Política	*Elite Cultural e Intelectual*	1	*Rafael Nogueira*
Ciência Política	*Desconstruindo Paulo Freire*	2	*Thomas Giulliano*
Ciência Política	*A Biografia de Carlos Lacerda*	1	*Lucas Berlanza*
Ciência Política	*As Origens do Estado*	4	*Ricardo Gomes*
Ciência Política	*Armamento e a Liberdade Civil*	5	*João Pedro Peteck e Diego Ferreira*
Ciência Política	*Arte, Imaginação e Sentido*	1	*Paulo Cruz*

Elaboração própria, fonte: https://members.brasilparalelo.com.br/members/cursos, acesso em 22/02/2020.

Outro espaço importante de atuação de Olavo de Carvalho, ao decorrer de sua trajetória, foi o próprio Fórum da Liberdade, destacado anteriormente. Carvalho conseguiu “aparecer” naquele espaço, participou ativamente dos eventos desde o ano de 2000 em diante, portanto, o "filósofo" demonstrou experiência em vários espaços importantes do meio intelectual e referência às frações extremadas das direitas brasileiras, e, em particular, os sócios e *membros permanentes* do B.P. Como aponta Casimiro:

> [...] a imagem de Olavo de Carvalho não foi construída por Bolsonaro e suas crias, como muitos críticos do autor querem afirmar, mas, ao que tudo indica, foi sua influência e conexão com esse movimento crescente do pensamento reacionário que ajudaram a construir o fenômeno do bolsonarismo.[158]

Em entrevista ao Instituto Humanos Unisinos (On-Line), Bianchi analisou a influência do pensamento de Olavo de Carvalho, em setores do alto escalão. De acordo com Bianchi,

[158] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. p, 74.

“suas ideias devem ser levadas a sério e isto significa que as pessoas interessadas em compreender o avanço das direitas radicais devem ler seus livros”, sugere. E acrescenta: “É preciso estudar e interpretar os mecanismos de difusão dessas ideias e isso só é possível desvendando a trama discursiva que permitiu essa difusão”[159]. Como se constrói essa trama discursiva? Bianchi explica:

> Olavo apresenta uma explicação simples para a queda: marxistas, feministas e gays teriam provocado a crise da civilização cristã e empurrado a sociedade para o abismo. É obviamente uma teoria conspiratória à qual pessoas comuns podem se agarrar quando não conseguem uma explicação razoável para seus medos. E o medo é aquilo que caracteriza a pequena-burguesia. É uma classe assustada com sua própria irrelevância social.[160]

Neste sentido, Carvalho vai encontrar no interior do B.P. um espaço de reprodução e proliferação de seu ideário ultraconservador, como o discurso de que a mídia, as escolas, as universidades brasileiras estão tomadas por “esquerdistas” e de que é fundamental combater o “marxismo cultural” nesses espaços, posto que “marxistas, feministas e gays teriam provocado a crise da civilização cristã e empurrado a sociedade para o abismo”. [161]

Olavo participou de algumas produções do B.P. Em especial, *“O Congresso Brasil Paralelo" (2016),* já mencionado no decorrer da dissertação. Carvalho concedeu uma entrevista de duração de 3 horas e 25 minutos para os membros do B.P., dentro da (plataforma), a entrevista está dividida por temáticas, sendo elas: *Uma narrativa real; novos rumos; as bases da criação; busca pela narrativa real; escassez de artistas; formação do Brasil; Brasil República; Poder central; Golpe de 164; uma Nova República; mentalidade revolucionária; objetivos; obter poder total; New Left; luta contra religião; Saul Alinsky; terceiro setor; fim da União Soviética; poder cultural; educação no Brasil; sócio construtivo; últimos anos; protesto de 2013; e agora professor; influência externa no Brasil; Contraposição dos movimentos totalitários; risco de perda do acesso a internet; movimentos de oposição ao PT e mensagem para o Brasil Paralelo;* destacamos dois breves momentos de toda a entrevista, segundo Olavo, “não estou aqui para discutir ideias, estou aqui para contá-las e analisá-las”. e, “não sou gênio, mas sou compreendido, todo mundo entendeu a

---

[159] Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585547-olavo-de-carvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvaro-bianchi. Acesso em: 20/05/2020.
[160] Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585547-olavo-de-carvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvaro-bianchi. Acesso em: 20/05/2020.
[161] Idem.

minha mensagem."[162] Ou seja, torna-se relevante, segundo ele, compreender a sua mensagem e enfrentar o seu inimigo no campo de batalha.

Carvalho participou da segunda produção do B.P., *"Brasil: a última cruzada",* participou da entrevistada puxada pelos sócios com a duração de 1 hora e 59 minutos, expôs as seguintes temáticas: *Conhecer a história; cruzadas; Revolução Francesa e Revolução Americana; Ordem de Cristo e descobrimento do Brasil; índios e descobrimentos; portugueses e índios; Portugal e formação do Brasil; Igreja e escravidão; Igreja no segundo reinado; Movimento aolicionista nos E.U.A e no Brasil; Dom Pedro II; Queda da Mornaquia; Literatura e imaginário; Getúlio Vargas; República; Ministério da Educação; Elites políticas do passado e do presente; Povo que não conhece a sua história.*[163]

Outra produção a qual Olavo de Carvalho concedeu outra entrevista, produção lançada em 2019, sendo considerada, a produção de grande notoriedade do B.P. e avanço na expansão de seus negócios, "1964: Brasil entre armas e livros." Olavo de Carvalho comentou durante 50 minutos, sua narrativa sobre o Golpe de 1964. Dividido por temáticas, *Otto Maria Carpeaux e a grande mídia; ninguém era preso por discordar; Mourão Filho forçou outros militares; o Brasil não precisa de tantos doutores; torturas e mortes de Vladimir Herzog; a censura no jornalismo; a esquerda generaliza que tudo é fascismo; a nova república e Brasília; João Goulart um cúmplice de Cuba; a identidade brasileira, o golpe não começou em Washington e comparação da segurança pública da época e de hoje.*[164]

A oitava produção documental do B.P. e recorte em visualizações, seguindo *1964: Brasil entre armas e livros*, intitulada: *Pátria Educadora*, divididas em três partes, publicada em 2020, contou com a participação exclusiva de Olavo de Carvalho, com 2 horas e 56 minutos de duração, nela ele mencionou as seguintes temáticas: *Se o PISA fosse aplicado aos nossos políticos o resultado seria ainda pior; Regime Militar e o crescimento da esquerda; Regime Militar; positivismo, pragmatismo e a destruição de inteligência humana; por que a Esquerda é dominante nas Universidades? O que leva um professor a proibir a gravação de sua aula? O nível das Universidades brasileiras; o MEC deveria existir? o maio de 1968; o brasileiro não tem amor ao conhecimento; linguagem verbal e outros signos; Globalismo e a desorganização da família; Escola de Frankfurt; Escola de Frankfurt e a reinvenção do*

[162] Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/olavo-de-carvalho/media/5e80fee5dcb62c38400691a6. Acesso em: 25/04/2021.
[163] Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/olavo-de-carvalho-brasil-a-ultima-cruzada/media/5e80fee6dcb62c3840069435. Acesso em: 25/04/2021.
[164] Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/olavo-de-carvalho-2/media/5e80fee6dcb62c38400694de. Acesso em: 25/04/2021.

marxismo; Kant e Hegel; Educação guerra ideológica; educação obrigatória; é necessidade de educar a elite intelectual e depois educar o povo; doutrinação em livros didáticos; doutrinação e mudança de comportamento através de linguagem; as nossas Universidades foram instrumentalizadas; a Universidade serve aos interesses do Globalismo; a universalização do ensino e modernidade; a terceirização das crianças ao Estado; a riqueza do pensamento marxista; a mudança de objetivos do Movimento Comunista; A ineficiência de pesquisa científica no Brasil; a imbecilização intelectual; a importância da busca individual por educação; a estratificação de Paulo Freire; a atual metodologia de nossa universidade de Filosofia; Por que usar a palavra Fascismo, como forma de ataque?[165]

Para além da figura do Olavo de Carvalho, devemos compreender o olavismo como tática de atuação da direita radical e do próprio B.P., já destacado anteriormente, a figura e as ideias do Olavo de Carvalho foram importantes para a atuação do APH enquanto intelectual orgânico. Segundo Viana, "tivemos uma conversa com o professor Olavo, segundo o professor vocês não podem perder a questão da militância, vocês têm cumprido um papel importante para o país. O pessoal tem que ser militante" [166]. É no contexto de 2018, com a ascensão conservadora-ultraliberal, que as teses conspiracionistas de Olavo de Carvalho ganham fôlego, representadas por Bolsonaro a partir de suas falas e por uma direita ressentida.

Segundo o próprio Olavo, "ele que fez com que a direita voltasse a disputar o campo político e da cultura, já que nos anos 80 "só havia esquerda". Todas essas opiniões e definições foram ditas pelo próprio Olavo, em vídeo publicado em 29 de dezembro de 2020 em seu canal no *YouTube*, que conta com mais de 1 milhão de inscritos[167]. Apesar de não gostar de ser considerado "ideólogo da direita", Olavo continua: afirma que ele mudou o curso da história do Brasil e que abriu espaços para outras ideias, derrubando uma suposta hegemonia comunista. Seu "plano secreto" anticomunista teria como mote a publicação de livros, pois artigos de jornal passa m e o livro fica. E ele segue, dizendo que o livro deve ser de altíssima qualidade, nada mediano: uma espécie de auto referenciação, já que, na sequência, questiona os espectadores: "Por que você acha que os caras têm medo de mim e ficam falando de mim pelas costas? Porque não tem cara para enfrentar o livro". [168]

---

[165] Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/patria-educadora-olavo-de-carvalho/media/5e9859c3aabd75001e319e1e. Acesso em: 25/04/2021.
[166] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6BF83wbervI&t=875s. Acesso em: 25/04/2021.
[167] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=3WN1Lq6uBB8. Acesso em: 29/04/2021.
[168] Idem.

De acordo com Rocha, o autor analisa o olavismo como um sistema de crenças que tem como base o anti-intelectualismo e é movido por um ressentimento. O autor aponta outras características do olavismo:

> A difusão de uma linguagem própria e vagamente conceitual; a disseminação da retórica do ódio como forma de desqualificar adversários; o palavrão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como inimigo interno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura; a curiosa pretensão filosofante; a divertida veneração pelo estudo de um latim sem declinações e pelo desconhecimento metódico de um grego, grego de fato; a elaboração de labirínticas teorias conspiratórias de dominação planetária; a adesão iniciática a um conjunto de valores incoerentes; a utilização metódica da verve bocagiana, aqui reduzida a três ou quatro palavrões e a dois verbos — bem entendido: ir e tomar .[169]

Tal sistema de crenças circulou com intensidade após a reeleição de Dilma Rousseff em 2014, respondendo os interesses da direita ressentida. O olavismo, evidenciado pela *hashtag* #olavotemrazão, frase que, nas manifestações de 2015 contra Dilma, aparece em diferentes cartazes e camisetas, a circulação desse movimento reuniu em diferentes espaços e por diferentes meios, a atuação de um conjunto coletivo de frações de classes, principalmente, um setor conservador reacionário. Porém, já destacado anteriormente, desde os anos 2000 Olavo vinha ocupando a mídia digital, portanto, é nesse intelectual orgânicos alguns membros permanentes do B.P. e os próprios sócios encontram conexão com as suas ideias.

Em 2006, com o podcast *"True Outspeak"* e em 2009 com seu famoso curso online de filosofia, frequentado por nomes bastante conhecidos na nova direita e que, inclusive, estão ou estiveram em cargos do governo: Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro é deputado federal por São Paulo; Filipe Martins, assessor da Presidência para Assuntos Internacionais; Abraham Weintraub, ex-ministro da Educação; Adolfo Sachsida, secretário de Política Econômica do Ministério da Economia ; além dos deputados Marcel van Hattem (Novo/RS) , Bia Kicis (PSL/DF) , Paulo Martins (PSC/PR). O curso de Olavo, além de sugerir leituras e promover análises políticas, pretende mostrar uma forma de vida, "educando a mente e a alma". Essas figuras para além da atuação dentro do B.P., atuam por dentro o Estado (sentido integral) na análise gramsciana.

O êxito de Olavo nas redes sociais é analisado por Rocha (2021) como excepcional, articulando alguns expoentes, como o estilo palavra - puxa palavra, excesso de citações jamais aprofundadas, substituição de mediações conceituais por frases de efeito, recurso de ideias -

[169] ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e retórica do ódio.** Goiânia: Editora Caminhos, 2021.

muleta que dispensam reflexão (“globalismo”, gramscianismo). Esse último ponto é o foco de interesse aqui: ideias-muleta no formato de teorias da conspiração. Pode se dividi-lo em dois elementos principais: o “marxismo cultural” e o “globalismo”, ambos importados dos EUA.

Uma das figuras mais atacadas por Olavo de Carvalho, sendo o seu “inimigo número 1”, é o sardo italiano Antonio Gramsci (1937). No ponto de vista olavista, o “gramscismo” rege as esquerdas, essa estratégia teria começado a ser organizada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) já nos anos de 1970 no campo da cultura, sendo sua principal teoria estratégica, que pauta transformações sociais e econômicas por dentro o Estado, pela lógica olavista para que o Estado seja aparelhado pelos comunistas, deve-se trabalhar em busca da hegemonia cultural, que tem como lideranças intelectuais presentes em diversos campos, como nas Universidades e espaços midiáticos. De acordo com Mussi e Bianchi:

> Carvalho afirmou ter começado a falar publicamente sobre o “gramscismo petista” em 1987. O ano coincide com o 5º Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), primeiro no qual houve algum debate sobre a estratégia do partido. Os documentos do partido falavam de hegemonia, de sociedade civil, de blocos políticos. Os significantes eram gramscianos, *mas os significados não*. Pouco importa. Carvalho concordava com uma esquerda convencida de que a realização da hegemonia implica uma “grande marcha da esquerda para dentro do aparelho de Estado”.[170]

Outro nome presente nas produções do B.P. ao longo de 2016 até 2020, é o empresário Hélio Beltrão, Beltrão foi grande influência para os sócios fundadores do APH. Segundo Henrique Viana, “as ideias do empresário colaboraram para criação de conteúdo do B.P.”[171] Graduado em finanças com MBA pela Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Foi executivo do Banco Garantia, Mídia Investimentos e da Sextante Investimentos. É fundador e membro do conselho consultivo do Instituto Millenium e fundador-presidente do Instituto Mises Brasil (2009). Também é membro do Conselho de administração do Grupo Ultra e da Metalfrio. Presidente do Conselho Editorial do periódico acadêmico MISES: Revista interdisciplinar de filosofia, direito e economia. De acordo com Casimiro, “Beltrão Filho está próximo ao olavismo: tem orgulho em dizer que foi, junto de Olavo de Carvalho, um dos primeiros a confrontar o ‘marxismo cultural' no Brasil.”[172]

Hélio Beltrão, participou do “Congresso Brasil Paralelo (2016)”, “O teatro das tesouras”, “Fórum Brasil a última cruzada”, “1964: O Brasil entre armas e livros”, nessa

[170] Disponível em: https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/. Acesso em: 20/05/2021.
[171] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ & t=4324s. Acesso em: 25/04/2021.
[172] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p. 48.

produção do 1964, Beltrão concedeu ao B.P. uma entrevista de 46 minutos, comentou sobre o "Ministério da desburocratização, PND: Programa Nacional de Desenvolvimento, a Constituição de 1988 e a economia no contexto do Governo do Castelo Branco. Segundo Beltrão, "as políticas aplicadas pelo pai no regime militar serviram como base para radicalização na defesa da meritocracia". [173]

Em 2019, em São Paulo, o B.P. organizou um encontro com os principais nomes do APH. O evento intitulado, "Fórum Brasil a última cruzada", recebeu o mesmo título da segunda produção do B.P. "Brasil a última cruzada", lançado em 2017, segundo a definição do evento, "o propósito era resgatar a história dos grandes heróis e apresentar para o público"[174], público este, composto por empresários, jornalistas e políticos. O evento foi dividido em oito partes, separado por temas e apresentado por intelectuais atuantes dentro do B.P, dentre eles, o próprio empresário Hélio Beltrão, que realizou uma fala comentando sobre o conservadorismo e o capitalismo. Segundo ele:

> O Brasil Paralelo é um parceiro oficial do Instituto Mises Brasil, estou muito feliz com a história que o Felipe contou, o Mises teve um papel inspirador dessa iniciativa maravilhosa. Na minha época não se ensinava história, e me dizem que hoje é ainda pior. Então, a gente não fala dos nossos heróis, a gente esquece dos nossos heróis, e o Brasil Paralelo tenta resgatar.[175]

A citação acima, partindo do empresário e fundador do grupo Ultra, revela a forte influência do Mises Brasil na criação e estruturação do B.P. Segundo Beltrão, "na época dele não se ensinava história", portanto, é a partir da atuação do B.P. e das publicações materiais audiovisuais realizadas por eles, o empresário ressalta a importância do B.P. com temas relacionados com história, política, economia e educação. A partir dessa iniciativa, esses grupos e APHs constituem-se formando os seus intelectuais. Em especial,a importãncia do Mises Brasil para atuação do B.P., que tem como proposta de difusão ideológica dos pressupostos do libertarianismo de matriz da Escola Austríaca de Economia, o B.P. se aproxima de bandeiras defendidas pelos clássicos da ortodoxia austríaca, como a livre concorrência, a economia de mercado, a defesa incondicional do direito de propriedade, a redefinição do papel do Estado. Segundo Casimiro, "o Instituto Mises Brasil tem como

---

173 Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/helio-beltrao-3/media/5e80fee6dcb62c38400694fc . Acesso em: 25/04/2021.
174 Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/forum-brasil-a-ultima-cruzada/media/5e80fee6dcb62c38400695d8. Acesso em: 25/04/2021.
175 Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/forum-brasil-a-ultima-cruzada/media/5e80fee6dcb62c38400695dd Acesso em: 25/04/2021.

principal proposta de ação a produção de consenso pautada nos pilares do neoliberalismo, teorizados principalmente por Ludwig Von Mises, Friedrich Hayek e Murray N."[176]

Na mencionada palestra, Beltrão (ancorado na ideologia da Escola Austríaca) defendeu claramente a concepção pautada no individualismo e na supremacia do mercado como espaço de realização das liberdades humanas, a partir da lógica concorrencial extrapolada para todas as esferas da vida humana, conferida pelo discurso da "meritocracia". As palavras mais utilizadas por ele foram "mercado", "indivíduo", "liberdade", "propriedade", "conservadorismo", "valores", "conhecimento", "reacionário". Beltrão destacou também que a "sociedade livre" deve ser alcançada pelo respeito à propriedade privada, às trocas voluntárias entre indivíduos, e à ordem natural dos mercados, sem interferência do governo. Durante a palestra, destaque para o uso exacerbado de palavras como "Mercado", "indivíduo", "liberdade", "propriedade", "conservadorismo", "valores", "conhecimento", "mercado", "reacionário", "sociedade".

Os objetivos do Instituto Mises Brasil:

> A) promover os ensinamentos conhecida como Escola Austríaca; B) restaurar o crucial papel da teoria, tanto nas ciências econômicas quanto nas ciências sociais, em contraposição ao empirismo; C) defender a economia do mercado, a propriedade privada e a paz nas relações interpessoais, e opor-se às intervenções estatais nos mercados e sociedade.[177]

Por fim, ele ressaltou a importância do B.P. em "resgatar" os grandes heróis da história brasileira e comentou que fica realizado em saber sobre a influência do IMB sobre o pensamento e as produções da empresa/produtora. Neste sentido, se Beltrão e o IMB representam (e expressam) as bandeiras da livre concorrência de mercado, da defesa incondicional do direito da propriedade e da (paradoxal) redução do papel do Estado, e, se a empresa-produtora merece os elogios do presidente do IMB, então é de se refletir sobre alguns dos pilares ideológicos que sustentam B.P. enquanto aparelho privado de hegemonia burguesa à serviço de um projeto extremado à direita. Segundo o sócio executivo, Henrique Viana, "ninguém achava que o Brasil poderia ter livre mercado, porque estava sendo governado pela esquerda. Por isso, através das ideias do Mises Brasil e do empresário Hélio Beltrão, tivemos a ideia e a iniciativa de partir por esse caminho."[178]

---

[176] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p. 49.
[177] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020. p, 50.
[178] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ&t=4325s. Acesso em: 29/04/2021.

Outro nome destacado por ser um intelectual orgânico dentro e fora do B.P., é o cientista político, Adriano Gianturco. Gianturco é coordenador do Curso de Relações Internacionais e professor de Ciência Política do IBMEC-MG. PhD em Teoria Política e Econômica (Universitá di Genova), Mestre em Relações Internacionais (Universitá di Torino), Bacharel em Ciência Política e Relações Internacionais (Università Roma Tre). Autor do Manual “A Ciência da Política” e do livro “O empreendedorismo de Israel Kirzner”. Autor de publicações de História do Pensamento sobre Bruno Leoni e Israel Kirzner; e de Ciência Política sobre Abstencionismo, votos brancos e Democracia e desenvolvimento. Membro do Laboratório de Análise Política (LAP) da Universidade LUISS de Roma; Fellow do Competere Institute; Fellow do Centro Tocqueville-Acton; e membro do Comité Científico da Revista Acadêmica Mises, Membro do Conselho do Ranking dos Políticos. Gianturco já escreveu em espaços midiáticos do grande empresariado, seus artigos já saíram na Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Estado de Minas, Gazeta do Povo, Correio Braziliense e etc.

Dentro do B.P. Gianturco já ministrou entrevistas relacionadas com temas ligados com “mercado”, “propriedade privada”, “ideologia”, “esquerda”, “direita”, “liberalismo”, “conservadorismo”, “socialismo” e “comunismo”. Participou da produção do “Teatro das Tesouras”, “Congresso Brasil Paralelo”, segundo Gianturco, “torna-se importante a radicalização da livre iniciativa privada e menos influência do Estado.”

Outro nome que identificamos como membro permanente do B.P., Luiz Philippe de Orleans e Bragança, é empresário, ativista político e acadêmico. Formou-se em administração de empresas pela Faap, em 1991. Fez mestrado em ciências políticas pela Stanford University, nos EUA, e MBA pela INSEAD, na França. Trabalhou na área de planejamento financeiro da Compagnie de Saint-Gobain (EUA) e nos bancos especializados JP Morgan, em Londres, e Lazard Frères, em Nova York. Também atuou como diretor de desenvolvimento de negócios da AOL para a América Latina. Desde 2005, segundo ele, atua como “empreendedor”.

Em 2015, foi cofundador do Movimento Liberal Acorda Brasil, oriundo de outros grupos surgidos no contexto de protestos contra o governo de Dilma Rousseff. Como ativista político, articulou propostas de reforma política para o sistema de voto distrital com recall de mandato e projeto de lei de transparência tributária, bem como de mobilização na defesa da soberania e da cidadania atacadas por uma nova lei de imigração. Luiz Phillipe é filho de Dom Eudes, irmão de Dom Luís Gastão de Orleans e Bragança, atual chefe da Casa Imperial do Brasil. Descendente direto de figuras históricas como Dom Pedro II e princesa Isabel Leopoldina, sua família pertence ao Ramo de Vassouras, que detém o direito a eventual sucessão ao trono. Em 2018, foi eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo.

Bragança faz parte da linhagem da família real brasileira, por isso, a história contada pelas lentes de um membro da família real torna-se importantíssima, aos interessados em escutar essa história. O fruto desse encontro resultou no documentário, "Brasil a última cruzada." Por esse motivo, ter um membro da linha da família real com as suas histórias, vivências e tradições, permite, a manutenção do debate de uma história "contada de cima" ou memorialista. O empresário participou da produção "O Congresso Brasil Paralelo", o evento "O dia depois da eleição", "Fórum Brasil a última cruzada", Especial Natal (2020), "Brasil à última cruzada" (2017), nessa produção, o empresário ministrou uma entrevista de 3 horas, segundo ele "onde é o que que precisamos mudar, e porque essas decisões foram tomadas, só assim que conseguiremos mudar. Nem tudo que existe é permanente, temos que criar essa visão de Brasil, do que já fomos e do que já tínhamos e hoje já não temos, se conseguimos resgatar essas opções, nós conseguimos resgatar essas visões."[179] Na mesma produção, ele comentou ainda sobre: a independência do Brasil, a importância de conhecer a história, a Revolução Americana, a Constituição de 1824, o efeito Liberal no Brasil, o Liberalismo na carta de 1824, o lado humano da história, autoestima brasileira, o resgate dos valores brasileiro. Ou seja, podemos perceber como tema central da produção material audiovisual do B.P. a História.

Em 2017, Bragança publicou o seu livro intitulado "Por que o Brasil é um país atrasado? O que fazer para entrarmos de vez no século XXI. O livro foi publicado na Livraria da Leda Nagle (jornalista e apresentadora do diário *Sem Censura*), o empresário tentou compreender como se construiu, ao longo dos séculos, um estado interventor no Brasil, processo que atingiu seu ápice na promulgação da constituição de 1988. Nele, o autor tenta "resgatar" a história da democracia desde a época da Grécia até a história do Brasil recente, o autor defende o "livre mercado" e a propriedade privada, criticando as políticas keynesianas. Esse debate resgatado pelo empresário são formas de atuação das direitas radicais em tentar "apresentar" ou "vender" uma solução para o Brasil, e isso, conseguiu ser possível na visão desses intelectuais a partir da volta dos "valores tradicionais, a derrota petista e a ascensão de uma figura reacionária-conservadora.

Outro nome que segue sendo importante para o B.P., é o atual Presidente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rafael Nogueira. Bacharel e Licenciado em Filosofia e Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Santos (UniSantos), e pós-graduado em Educação

---

[179] Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/luiz-philippe-o-braganca/media/5e80fee6dcb62c3840069465. Acesso em: 25/05/2021.

pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes). Mestrado incompleto em Direito Internacional pela UniSantos. É professor de História e Filosofia há 7 anos em escolas públicas, técnicas e privadas, atualmente mais focado em aulas particulares e cursos preparatórios, como o da AFAM, voltado à prova de vestibular da Academia Militar do Barro Branco. É pesquisador de História do Império do Brasil há quase dez anos, e um dos maiores especialistas sobre a atuação do José Bonifácio de Andrada e Silva na Independência do Brasil e na formação do Império. É consultor de História da equipe IVIN para a produção do filme "Bonifácio - O Fundador do Brasil", sobre José Bonifácio. Dos cinco concursos que prestou para a carreira docente de História e Filosofia na rede pública de ensino ou para escola técnica, passou três vezes em segundo lugar e duas vezes em primeiro lugar.

Nogueira participou do "Congresso Brasil Paralelo", 1964: o Brasil entre armas livros, "Brasil a última cruzada", todas essas produções são os documentários do APH, Nogueira também participa do "Núcleo de Formação", ministra aula semanais dentro do B.P. atuando principalmente em temas relacionados com "Estudos Claśsicos", em 2016, iniciou o "Ciclo de Debates em estudos claśsicos em São Paulo e Porto Alegre, representando o B.P. Também atuou, oferecendo cursos online sobre a formação do pensamento conservador. Entre 2017 e 2019, foi professor do Curso "Política, Governo e Conservadorismo" em São Paulo, pelo Instituto Conservador.[180] No atual momento, além de ser Presidente da Biblioteca do Rio de Janeiro, oferece os seus cursos no NEC (Estudos para o Desenvolvimento Integral), segundo a descrição do curso: "a busca pela verdade é uma vocação. Isso fica evidente quando vemos que algumas pessoas, simplesmente, não se incomodam em passar os seus dias sem compreender nada, enquanto outras – as realmente vocacionadas – são despertadas para deixar a ilusão das sombras da ignorância em direção à luz do conhecimento."[181]

Seguindo a mesma lógica do B.P. o NEC oferece materiais e formação para compreender e combater o pensamento marxista, de acordo com a descrição do *site, "sendo* assim, torna-se imprescindível estudar os fundamentos do pensamento marxista. Fazer isso é essencial para entender não só o que pensam os próprios marxistas, mas para compreender a mentalidade das pessoas do nosso tempo."[182] Para se inscrever nos cursos, a pessoa precisa pagar uma taxa de 75,00 reais, só assim será possível "realizar uma análise crítica dos fundamentos do pensamento marxista"[183] e combater os marxistas no campo cultural.

---

[180] Disponível em: https://www.linkedin.com/in/rafael-nogueira-b178a320/?originalSubdomain=br. Acesso em: 25/05/2021.
[181] Disponível em: http://www.necfabioblanco.com.br/. Acesso em: 25/05/2021.
[182] Disponível em: http://www.necfabioblanco.com.br/. Acesso em: 25/05/2021.
[183] Disponível em: http://www.necfabioblanco.com.br/. Acesso em: 25/05/2021.

O atual Presidente da Biblioteca foi escolhido pelo ex-secretário da Cultura do governo federal, Roberto Alvim, após ele assistir a duas palestras de Nogueira. Nogueira comentou para o Jornal Gazeta do Povo que comentou que conheceu Olavo de Carvalho em 2003, quando ele fez uma palestra em Santos. Segundo Nogueira, "Olavo parecia um Sócrates, trazendo reflexões com muita cultura e uma grande habilidade em mostrar onde estava nossa falta de sinceridade. Achei interessante continuar os cursos dele. Aprendi que, mais do que estudar para acumular cultura, é preciso estudar para formar personalidade.[184] Até o atual momento Nogueira ainda é aluno do Olavo de Carvalho. Seguindo a linha da entrevista, "eu tenho um pendor a favor da ideia da monarquia, por gostar daquele período."[185]

De acordo com Nogueira, sua intenção na Biblioteca Nacional até 2022:

> Quero recuperar a alma da biblioteca. Para isso pretendo atuar em quatro frentes. A primeira é garantir que todas as editoras enviem exemplares de todos os seus livros para a biblioteca, que é a depositária legal. Muitas vezes algumas editoras pequenas não enviam exemplares, e isso prejudica a preservação da memória brasileira. Pelas informações que eu levantei, existe alguma confusão nessa parte. Vou fazer um levantamento a respeito disso.
> A outra frente de atuação é retomar a parte de pesquisa e editoração. Nós temos condições de dar bolsas de pesquisa, e eu quero que essas bolsas sejam dadas para pesquisadores que usem o nosso acervo focando, de preferência, no aniversário de 200 anos da Independência do Brasil, que será celebrado em 2022.[186]

Outra figura de destaque dentro do B.P. permanente, é o jornalista Rodrigo Constantino. Presidente do Conselho do Instituto Liberal e membro-fundador do Instituto Millenium (IMIL), atua no setor financeiro desde 1977. Formado em Economia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), com MBA de Finanças pelo IBMEC. Conquistou o Prêmio Libertas no XXII Fórum da Liberdade, realizado em 2009. Tem cinco livros publicados, entre eles: *Economia do indivíduo: o legado da Escola Austríaca.*

Constantino participou do "Congresso Brasil Paralelo", "1964: o Brasil entre armas e livros", em 2017, Constantino representou o B.P. no Fórum da Liberdade, nessa entrevista Constantino comentou a atuação do Partido dos Trabalhadores durante 13 anos sobre o "marxismo cultural". Constantino compartilha e perpetua teses conspiracionistas, preside o Conselho Deliberativo do Instituto Liberal, que propõe promover a pesquisa, a produção e a divulgação de ideias, teorias e conceitos sobre as vantagens de uma sociedade baseada no

[184] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/olavista-monarquista-mas-nao-terraplanista-as-ideias-de-rafael-nogueira-para-a-biblioteca-nacional/. Acesso em: 25/05/2021.
[185] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/olavista-monarquista-mas-nao-terraplanista-as-ideias-de-rafael-nogueira-para-a-biblioteca-nacional/. Acesso em: 25/05/2021.
[186] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/olavista-monarquista-mas-nao-terraplanista-as-ideias-de-rafael-nogueira-para-a-biblioteca-nacional/. Acesso em: 25/05/2021.

Estado de Direito; na democracia representativa; na economia. Ele entende a liberdade como ausência de coerção de indivíduos sobre indivíduos, e requisito necessário à condição humana: apenas em regime de liberdade se desenvolvem plenamente as potencialidades individuais, compactuando com a agenda ultraliberal-conservadora.

O jornalista é um grande entusiasta da iniciativa do B.P., já escreveu artigos elogiando a atuação do APH. Segundo ele, "o Brasil Paralelo é uma iniciativa que merece aplausos e divulgação".[187] Também elogiou o filme "1964: o Brasil entre armas e livros", de acordo com o jornalista, "o filme do Brasil 1964 é a aula de história que nos foi negada".[188] A partir do ponto de vista do jornalista, o mesmo destacou alguns pontos, segundo ele, importantes para pensar a história do Brasil a partir da produção do B.P.:

> 1) Fica muito claro como havia, de fato, uma ameaça de revolução comunista na época, e que todos aqueles que depois escreveram a história como se lutassem contra uma ditadura e por democracia queriam, na verdade, instalar um regime ainda mais opressor no país, nos moldes cubanos.
> 2) Com base em documentos obtidos na antiga Tchecoslováquia, o filme resgata a relevância da atividade clandestina dos comunistas de Moscou no país, algo que a narrativa? oficial? oculta, dando ênfase apenas ao papel questionável da CIA;
> 3) O contexto internacional da Guerra Fria é exposto com maestria, não deixando margem a dúvidas de que vários países, especialmente latino-americanos e africanos, seriam alvos do colonialismo imperialista dos soviéticos se os americanos não reagissem;
> 4) O documentário não nega que houve um golpe em 64, pois a Constituição foi de fato ignorada ou rasgada, mas divide regime militar em duas fases, lembrando que o período Castello Branco tinha a real intenção de ser transitório e devolver um país democrático;
> 5) O racha dentro do grupo militar é bem explicado, mostrando que a linha dura tinha outro projeto para o Brasil, influenciada pelo positivismo de Comte (mesmo sem saber), e desejava instaurar no país uma tecnocracia centralizadora e dirigista.
> 6) O resgate de imagens e declarações dos principais agentes políticos da década de 1960 mostra como haveria, muito provavelmente, uma guerra civil se os militares não tivessem agido;
> 7) O imenso apoio popular, da imprensa, de entidades como a OAB, demonstra como eram os comunistas que lutavam sem qualquer respaldo da população, financiados por regimes ditatoriais que pretendiam expandir seu império mundo afora
> 8) O filme não poupa os militares, em especial aqueles da linha dura, pela censura, opressão e perseguição, ainda que mostre como foi o terrorismo de esquerda que forneceu o pretexto para essa reação
> 9) Dentro do contexto da época e do que foram as ditaduras comunistas, o documentário acusa o regime militar de ditatorial, principalmente após 68, mas expõe como foi light se comparado aos demais, mostrando inclusive que a censura era bem frouxa e moralista mais do que ideológica;
> 10) Por fim, o filme culpa os militares por terem focado nas guerrilhas revolucionárias, como em Araguaia, deixando de lado a parte cultural, já sob

---

[187] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/brasil-paralelo-uma-iniciativa-que-merece-aplausos-e-divulgacao/. Acesso em: 01/06/2021.

[188] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/filme-brasil-paralelo-sobre-1964-e-aula-de-historia-que-nos-foi-negada/. Acesso em:

> influência de Gramsci e da Escola de Frankfurt, o que acabou por permitir a hegemonia socialista na imprensa e na academia, algo que se fez sentir até hoje, e que permitiu domínio absoluto da esquerda após a redemocratização.[189]

Segundo a citação acima, Constantino reforça a tese de que a Universidade e os espaços midiáticos foram tomados pelos "marxistas", e a "culpa" para esses intelectuais no contexto do século XX, é da União Soviética e no Brasil, a partir da década de 1970 teve uma ameaça comunista. Segundo ele, "o filme é a aula de história que nos foi negada por militantes marxistas disfarçados de professores, esses que, infelizmente, pululam nas escolas e universidades." [190]

No final da matéria, ele ressalta a importância do filme. Pedindo que os pais coloquem seus filhos para assistirem. E se for aluno escolar ou universitário, junte-se com outros colegas e tente convencer seus professores/as passar o documentário e seguir com debates. Sendo assim, conforme apresentado pelo jornalista, "não aceitem a intimidação dos comunistas raivosos". Eles querem impedir o debate por motivos óbvios, que fica mais evidente ainda após o filme."[191]

Um dos principais intelectuais orgânicos do B.P., Flávio Morgenstern, foi aluno do Olavo de Carvalho em 2003. Escritor, analista político, palestrante e tradutor e colunista do Instituto Liberal. Seu trabalho tem foco nas relações entre linguagem e poder e em construções de narrativas. É autor do livro "Por trás da máscara: do passe livre aos black blocs". Também oferece cursos online através da plataforma (formação.senso.incomum.com.br). Segundo a descrição da plataforma, "você está em guerra, e precisa de ferramentas para virar o jogo. Um curso completo que te dará os meios para jogar contra a manipulação da mídia."[192] Os temas das aulas estão relacionados com "mídia" e "guerra cultural", dentro do B.P. Morgenstern, participou do "Congresso Brasil Paralelo", "o teatro das tesouras", "Brasil a última cruzada", 1964: o Brasil entre armas e livros, também ministra aulas no núcleo de formação do B.P.

Um dos principais responsáveis pela criação do B.P., foi o empresário Leandro Ruschel. Formado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sócio-fundador do Grupo L & S, composto por uma série de empresas que oferecem serviços no mercado financeiro. De

---

[189] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/filme-brasil-paralelo-sobre-1964-e-aula-de-historia-que-nos-foi-negada/. Acesso em: 01/06/2021.

[190] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/filme-brasil-paralelo-sobre-1964-e-aula-de-historia-que-nos-foi-negada/. Acesso em: 01/06/2021.

[191] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/filme-brasil-paralelo-sobre-1964-e-aula-de-historia-que-nos-foi-negada/. Acesso em: 01/06/2021.

[192] Disponível em: https://formacaosensoincomum.com.br/infowar/?utm_source=google-ads&utm_medium=yt&utm_campaign=infowar&gclid=Cj0KCQjw6s2IBhCnARIsAP8RfAiUsfXIlOGq-vwMwMRfqaBx1AWbUyAL2gp9tJ_NWfs12Y96gEmdV9EaAq5TEALw_wcB. Acesso em: 01/06/2021.

acordo com a entrevista de Viana, "foi o Ruschel que destacou a relevância cultural da empresa, para o empresário, temas ligados à cultura precisam ser discutidos."[193]

De acordo com a publicação no *Facebook* "Leandro Ruschel explica que, além da manutenção do tripé econômico implementado no governo de FHC, o governo de Lula foi beneficiado pela exportação de commodities para a China que abria seu mercado e necessita de alimentos para alimentar a população que para lá emigrava".[194] Segundo sua descrição no *Twitter*, o empresário "cria negócios, investe no mercado e busca viver pelos valores cristãos."[195] Ruschel tem quase 522 mil pessoas n*o Twitter,* 150 mil seguidores no *instagram*[196]*, publica conteúdos relacionados com a defesa do livre mercado, a propriedade privada e defende pautas políticas ideológicas conservadoras.*

Outro nome de intelectual permanente do B.P. é o Professor Adjunto de Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Marcus Boeira. Doutor em Direito do Estado e Mestre em Direito do Estado (USP). Graduação pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Segundo Viana, "Boeira foi lançado pelo B.P. e a importância segundo o sócio é porque ele já tinha muito mais estrada que o Brasil Paralelo." Marcos Boeira já atuou nos documentários do B.P., 1964: o Brasil entre armas e livros," O Congresso Brasil Paralelo".

Também podemos citar Flávio Gordon. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e doutorado por esta mesma instituição (2011). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Ciência, da Política e da Religião e Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: Em antropologia da religião e da ciência: neo-ateísmo, secularização, biotecnologia, bioética. Em etnologia indígena: parentesco, xamanismo, mitologia. É colunista da revista Vila Nova (http://revistavilanova.com/) para as áreas de política, cultura e educação. Realiza trabalhos de tradução para as editoras Record e Vozes.[197]

Em 2020, Flávio Gordon, ministrou pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), sobre o tema globalismo e comunismo. A conferência foi transmitida ao vivo pelo canal da FUNAG no *YouTube.* Os temas se aproximam com a narrativa discursiva defendida pelo B.P.

---

[193] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ & t=4325s. Acesso em: 21/06/2021.
[194] Disponível em: https://www.facebook.com/brasilparalelo/posts/954273078295697/. Acesso em: 24/06/2021.
[195] Disponível em: https://twitter.com/leandroruschel?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em: 25/06/2021.
[196] Disponível em: https://www.instagram.com/leandroruschel/?hl=pt. Acesso em: 25/06/2021.
[197] Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/4838563/flavio-gordon. Acesso em: 25/06/2021.

e com conteúdos ministrados pelo próprio Gordon dentro do B.P. no período de 2016 até 2019. Gordon tenta promover por meio de seus temas ligados a “teoria marxista cultural” uma visão de mundo ultraliberal-conservadora, defendida pela direita radical.

- Conferência “Globalismo e Comunismo” (vídeo completo)
- Flávio Gordon: a suposta oposição entre capitalistas e socialistas
- Flávio Gordon: as relações entre socialistas e grandes capitalistas
- Flávio Gordon: o desarmamento e o globalismo
- Flávio Gordon: a ONU e o comunismo
- Flávio Gordon: a mudança do vocabulário comunista
- Flávio Gordon: o mito sobre o fim do comunismo
- Flávio Gordon: a URSS e a “Casa Comum Europeia
- Flávio Gordon: diálogo Gorbatchov-Menem
- Flávio Gordon: Gorbatchov e Lenin
- Flávio Gordon: o globalismo e a pandemia
- Flávio Gordon: o globalismo como tipo de imperialismo
- Flávio Gordon: como reverter a corrupção da inteligência?
- Flávio Gordon: a hegemonia esquerdista nas universidades
- Flávio Gordon: a hegemonia esquerdista na indústria cultural
- Flávio Gordon: narrativas esquerdistas sobre a história
- Flávio Gordon: a atuação da OMS na pandemia
- Flávio Gordon: a pandemia como oportunidade para o globalismo
- Flávio Gordon: a tática de relativizar os crimes do comunismo
- Flávio Gordon: o comunismo como seita
- Flávio Gordon: a vitimização e a esquerda.

Outro nome "permanente" do B.P. ao decorrer de sua atuação, é o empresário e fundador do Instituto LIberal (IL), Alexandre Borges. Formado em Direito pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e cursou Jornalismo na Unisinos. Alexandre Borges já publicou em sites e blogs como os da revista Veja, Instituto Liberal, Instituto Mises Brasil, MBL – Movimento Brasil Livre, Mídia Sem Máscara, entre outros. Temáticas como economia e política já foram transformadas em artigos em jornais como na própria “Gazeta do Povo” e “O Tempo”, de Minas Gerais.

Destacamos a tabela em anexo todos os convidados que participaram da produção material audiovisual do B.P. no ano de 2016-2019, em formato de séries/entrevistas e aulas (núcleo de formação). Por meio de um recorte sobre as fontes aprofundaremos a nossa discussão para compreender os intelectuais que participaram das séries/entrevistas, e em seguida, debruçar sobre as "teias" de ligações/relações desses grupos.

Operando como sustentáculos para a construção da hegemonia burguesa, as quais buscam universalizar seus interesses de classe, a partir de uma atuação incisiva, militante e diversificada, tais grupos possuem formas de atuação política ideológica que tem sido conscientemente organizada e executada por intelectuais/empresários com o seguinte objetivo: "formam-se/educam-se novos quadros de intelectuais orgânicos, propõem-se políticas públicas, costuram-se ou mediam-se conflitos entre burgueses, assim como se ampliar e capilarizar a difusão de valores para outros espaços estratégicos."[198]

Para compreender o desdobramento da atuação do B.P. analisamos no capítulo seguinte as produções de conteúdo de cunho histórico, com tom revisionista, do Brasil Paralelo, pautado na análise teórica da produção e da divulgação da História.

---

[198] CASIMIRO, Op. Cit. 2020, p. 29-30.

CAPÍTULO 3. BRASIL PARALELO: PRODUÇÃO MATERIAL, FORMAS DE ATUAÇÃO DOUTRINÁRIA E “DISPUTA DE NARRATIVAS”

Neste capítulo final, iremos discorrer sobre as produções materiais audiovisuais do B.P. Para compreender suas produções fez-se necessário anteriormente analisar a atuação dos membros permanentes enquanto intelectuais orgânicos, portanto, é no campo da produção do consenso que esses intelectuais atuam, como forma de legitimar suas pautas reacionárias, antiprogressistas e autoritárias no país da última década.

Para realizar esta tarefa, selecionamos duas produções consideradas relevantes em nosso estudo: o material do documentário do Pátria Educadora e o considerado o principal documentário do APH, “1964: O Brasil entre armas e livros”, lançado intencionalmente em 31 de março de 2019, num clima de “comemoração” dos 55 anos da ditadura empresarial-militar no Brasil (e de início do governo Bolsonaro).

A escolha destas duas fontes carrega o objetivo de pensar B.P. em dois movimentos. O primeiro, consiste em buscar elementos para descobrir qual projeto político-ideológico que sustenta a empreitada do Brasil Paralelo a partir da produção “Congresso Brasil Paralelo (2016)” e, um segundo, pretende compreender qual narrativa esse aparelho ‘privado’ tem adotado com o propósito de justificar suas pautas reacionárias e ultraliberais ligadas com grupos ou frações de classe da chamada “Nova Direita”.

Se tomarmos como base o mês de junho de 2021, B.P. já disponibilizou em sua plataforma digital um total de 18 produções audiovisuais em formato de séries e filmes (de natureza documental)[199]. Dentro da plataforma (https://site.brasilparalelo.com.br/home), as produções estão divididas por categorias. São elas: séries e filmes; cursos – presentes no “Núcleo de Formação”, “Sociedade do Livro”, “Clube da Música”, “Escola da Família” (segundo a Folha de São Paulo, “o plano é direcionado para pais e mães que desejam construir um legado de valor para a próxima geração)”[200] e "lives" (as lives estão separadas por temáticas, as temáticas abordadas foram: *“As grandes minorias - no novo lançamento do B.P.; “A força da mídia - como a opinião popular é formada?; Globalismo com Rodrigo Constantino; Família Educadora - dia 1; Família Educadora - dia 2; Família Educadora - dia 3; Gilmar Mendes mantém a quebra de sigilo da produtora Brasil Paralelo; Urgente - Fundadores da Brasil Paralelo se pronunciam sobre a quebra de sigilo bancário.*” Como

[199] Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/pages/producoes. Acesso em: 04/05/2021.

[200] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml . Acesso em: 04/05/2021.

consta no próprio site do B.P., “quem se torna Membro, além de financiar todas as produções da Brasil Paralelo, tem acesso exclusivo à maior biblioteca de vídeos voltados para quem busca expansão do intelecto”.[201].

De acordo com a matéria publicada pelo *Jornal Folha de São Paulo*, no ano passado, a empresa faturou R $30 milhões, crescimento de 335% sobre 2019, já descontada a inflação. Atualmente com 200 mil assinantes que pagam para ter acesso a seu conteúdo de documentários e cursos de viés direitista, estabeleceu como meta chegar a 1 milhão até o final de 2022. Como consta no próprio *site* do Brasil Paralelo, “quem se torna *Membro*, além de financiar todas as produções da Brasil Paralelo, tem acesso exclusivo à maior biblioteca de vídeos voltados para quem busca expansão do intelecto”.[202]

Em nossa premissa inicial, o que Brasil Paralelo faz em seu revisionismo histórico é instrumentalizar um conhecimento “histórico” por uma prática social, por uma ideologia, por uma visão de mundo deformada da História como conhecimento verdadeiro e cientificamente elaborado. São profundamente antiéticos, alterando sem cessar o experienciado e o pesquisado pela comunidade científica dos historiadores e demais cientistas sociais, supostamente em defesa da “liberdade”, da “pátria” e dos “valores cristãos”, com uma visão ultraconservadora, nacionalista. Segundo a entrevista concedida ao canal “Rede do Século 21” ao Programa do Brasil Cristão, o sócio fundador Henrique Viana destacou que "de fato, entre o Brasil Paralelo e os cristãos existe um entrosamento e harmonia" Dessa forma para nova vida religiosa isso cria um alinhamento."

Sobre o revisionismo histórico, a despeito de haver um quadro de aplicações controversas do termo na historiografia internacionalmente, quando se tenta definir no plano conceitual as tentativas de reescrita da memória sobre o passado vivido, ou não, pelos sujeitos históricos, cujos pés se encontram, inexoravelmente, apoiados no “anel delicado” do tempo presente[203] bem como a respeito das disputas constantes entre diferentes leituras da realidade, sobretudo aquelas que se aventuram corajosamente na controversa interpretação dos processos políticos, pode ser bastante enriquecedor manter em vista dois aspectos fundamentais desse amplo debate.

---

[201] Desde o processo da gestação de B.P. até o atual contexto, podemos perceber a ampliação de novos conteúdos e materiais produzidos.

[202] Disponível em: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/. Acesso em: 12/03/2021.

[203] Trecho inspirado no verso de Pablo Neruda. Integrações sem sair do presente/ que é um anel dedicado/tocamos a areia de ontem no mar para ensinar o amor/um arrebatamento repetido. IN: NERUDA, Pablo. **O coração amarelo**. Porto Alegre: P&m. 2009. p. 49.

Primeiro e mais importante é aquele ao qual se refere Traverso[204] sobre os abusos do chamado "revisionismo histórico". Nesse sentido, o termo deve ser mais bem medido e pesado ao ser aplicado pelos historiadores, cujo principal objetivo ao produzirem narrativas que tomam como base o paradigma indiciário da investigação sobre o passado deve ser o de testar a lógica histórica, evitando dogmatismos e simplificações arbitrárias. Deve-se, portanto, manter em vistas, sempre, o interesse em produzir historiografia crítica independentemente das simpatias e matizes político-ideológicos que os encantem ou movam os seus olhares em direção ao passado.

Neste sentido existe uma relação orgânica entre modos deliberadamente deformadores de revisionismo histórico e a ascensão e fortalecimento do B.P. É assim que compreendemos, por exemplo, a assertiva de Flávio Casimiro quando aludiu que no Brasil contemporâneo das últimas décadas "a direita brasileira passa a disputar no campo da narrativa histórica"[205] na qual esses atores têm encontrado formas de legitimar seus projetos sociais através de um processo des/educativo marcado por uma "nova pedagogia da hegemonia" na extrema contramão das árduas conquistas progressistas de sujeitos/grupos historicamente excluídos da história e memória do país (negros, indígenas, mulheres, comunidade LGBTQIA+ etc.) – principalmente se for numa conjunto de ações militantes e contundentes pelas redes sociais.

3.1. Mídias e Redes Sociais: para situar o Brasil Paralelo

O desenvolvimento de poderosos meios de comunicação de massas no decorrer do século XX alterou não apenas formas de sociabilidade, padrões de comportamento e representações/práticas políticas, como também – senão fundamentalmente acompanhou as (e contribuiu de modo efetivo para as) mutações do capitalismo, experienciada em seu modo de produção e reprodução de cariz monopolista.

A mídia corporativa empresarial – fruto histórico de um processo de natureza desigual e combinada do capital financeirizado – tornou-se não apenas um "meio", mas um vetor privilegiado da dinâmica da luta de classes, por onde disputas pela hegemonia e formas de dominação burguesa vem ocorrendo ferozmente nos diferentes palcos da "sociedade civil" na produção e difusão de uma irradiada "cultura da mídia"[206], mas contando com as benesses e

---

[204] TRAVERSO, Enzo. Revisão e Revisionismo. In: CALIL, Gilberto. MELO, Demian. SENA. JR, Carlos Zacarias (orgs.). **Contribuição à Crítica da Historiografia Revisionista**. Rio de Janeiro: Consequência. 2017, p. 37.

[205] CASIMIRO (2020), op. cit,. 75.

[206] KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP, EDUSC, 2001.

participação tentacular do Estado em suas relações ampliadas e seus modos de educar pelo consenso através de um conjunto variado de aparelhos 'privados' da burguesia empresarial no campo midiático. [207]

Assim, desde a passagem da década de 1970 à de 1980, ao assumir o papel de mediadora das relações entre o capital monopolista, o Estado (restrito) e a sociedade civil (APHs) num contexto de ascensão e fortalecimento do projeto neoliberal, a mídia corporativa empresarial passou a promover uma excessiva 'visibilidade' aos acontecimentos políticos e produzir a sua própria narrativa (tomando-a como de "todos") sobre os fatos de acordo com os seus interesses (privados).

Nesse cenário, as antigas 'práticas teatrais' das representações políticas, ocorridas 'presencialmente' em espaços públicos, passaram a ocupar um lugar de destaque nas coberturas jornalísticas, dando ensejo às tiranias da cultura e da comunicação midiática[208] e, em seu bojo, à "espetacularização" da violência, do poder e do status quo.

No caso brasileiro, por exemplo, existe um certo histórico de tensão nas relações entre mídia, poder e política, pois, de acordo com Helena Martins ao tratar da conjuntura do país a contar da década de 1990:

> Para compreender o papel da mídia, voltemos um pouco no tempo. Ao longo dos anos 1990, as instituições de comunicação pareciam adotar uma postura mais democrática. Havia até alguma abertura para a participação de movimentos sociais, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que chegou a ser tema da novela das 20h da Globo O Rei do Gado, alguns meses após o massacre de Eldorado dos Carajás. Mas nunca deixou de disputar sentidos. No caso da novela, a Globo deu visibilidade, mas também construiu o enquadramento da ação dos sem-terra como restrita ao campo institucional, mantendo intocável o direito de propriedade. Quanto ao poder central, os principais veículos tiveram uma postura complacente durante as gestões de Fernando Henrique Cardoso. Após a eleição de Lula, ainda que este não tenha enfrentado o poder dos oligopólios, eles mudaram de postura. No contexto da Ação Penal 470, apelidada pela própria mídia como "mensalão", em 2005, passaram ao que Liziane Guazina (2011) entende como uma postura adversarial em relação aos políticos e à política, conforme demonstrou na tese de doutorado Jornalismo em busca da credibilidade: a cobertura adversária do Jornal Nacional no escândalo do mensalão. Se antes a mídia brasileira estava se alinhando às formas dominantes de intervenção política da mídia nas democracias liberais, a partir de então voltou a empregar carga máxima nas disputas eleitorais, indo além da participação no debate e buscando incidir na definição dos processos. Um caso curioso pode servir de exemplo. Em 2010, o então candidato do PSDB à presidência da República José Serra foi atingido na cabeça por um objeto, o que o fez encerrar a caminhada que fazia com correligionários e partir em busca de um hospital para realizar exames. A extensa cobertura midiática, com direito à reconstituição do episódio e contratação de perito para análise de imagens, endossou

---

[207] MARTINS, Helena. **Comunicações em tempos de crises.** São Paulo: Expressão Popular. Fundação Rosa Luxemburgo. 2020. Ver também: NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia:** estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.

[208] RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

> a versão da agressão com "objeto contundente". Depois, veio à tona que ele havia sido atingido por uma bolinha de papel.[209]

A citação acima de Martins retrata um contexto histórico recente do Brasil sob hegemonia de políticas e práticas neoliberais que não somente escancaram o peso político-ideológico assumido pelos veículos da grande mídia nas últimas duas décadas no que tange às relações de poder e aos projetos hegemônicos – vinculados estreitamente aos interesses de grupos empresariais-financeiros tributários do capital-imperialismo e das vantagens políticas e econômicas oferecidas pelo aparelho estatal desde a ditadura. [210]

Tal contexto permite-nos também refletir o papel proeminente desempenhado pela mídia burguesa brasileira na condução do golpe de 2016 e na criminalização de lideranças, partidos e movimentos sociais identificados com setores progressistas. Para além do momento eleitoral, as mídias burguesas atuaram (e continuam a atuar) na criminalização de movimentos sociais (MST, MTST) e grupos progressistas, com a finalidade de esvaziar os pressupostos da esquerda – mesmo numa perspectiva liberal-democrática como a defesa de direitos constitucionais. Ao contrário, abriram espaço para uma agenda reacionária e neoliberal, com a promoção do populismo penal. com as respostas para as questões de segurança pública, viabilizando programas de TV policialescos, como por exemplo, o programa do jornalista José Luiz Datena, "Brasil Urgente", na TV Bandeirantes e o programa apresentado pelo jornalista Luiz Bacci, "Cidade Alerta", na Rede Record.

Desde o início de seu segundo mandato, em 2015, a então Presidenta Dilma conviveu com ameaças de uma ação de impeachment, com a aceitação pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, da denúncia-crime de responsabilidade apresentada pelos advogados Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Com o impeachment aprovado em abril de 2016 na Câmara dos Deputados e, em 31 de agosto, a aprovação pelo Senado, Rousseff perdeu o cargo. Em seu lugar assumiu o vice-presidente, Michel Temer.

O cenário construído em torno de Dilma Rousseff até o processo de Impeachment ganhou "caras" novas a partir de uma narrativa anticorrupção e antipetista. De acordo com Débora, "no contexto de 2015 observou-se três campos semânticos centrais no discurso dos formadores de opinião dos manifestantes: o antipetismo, o conservadorismo moral e os

---

[209] MARTINS, op. cit., p. 111-112.

[210] Vale dizer que tais interesses e vantagens ganharam musculatura durante a vigência da ditadura empresarial-militar no Brasil, quando grandes empresas (além de veículos de imprensa, as empreiteiras, indústria pesada, os bancos e setores das altas finanças etc.) tornaram-se verdadeiros "impérios" em seus respectivos setores não apenas por meio de isenções fiscais e aporte financeiro, como também expressão e representatividade política nas assembleias legislativas e governos (estadual e federal) por meio de bancadas parlamentares (caso dos ruralistas). Para saber mais: DREIFUSS, René. **O jogo da direita na Nova República.** Petrópolis: Vozes.

princípios neoliberais."[211] Ainda de acordo com a autora, "o antipetismo é o campo semântico a reunir o maior número de emissões discursivas dos formadores de opinião."[212] Ou seja, a narrativa antipetista ao lado da questão lavajatos; moral e conservadora, segundo esses atores sociais, teria sido o grande problema por todas as mazelas que atingiram o país. Ao PT é atribuída a responsabilidade, tanto na crise econômica, quanto ao que é reconhecido sendo na visão de muitos brasileiros o partido mais corrupto do país. Tal discurso mobilizou os atores sociais nas redes e nas ruas.

No mundo contemporâneo, os meios de comunicação e as redes digitais têm, assim, um papel fundamental para construir produção/consenso e disseminar informações, sejam elas reais ou *Fake News* (mais ainda em tempos de pandemia). Antigamente, no cenário político, a "arena do jogo" eram os palanques e outros espaços concretos, a partir de 2016, com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, a ferramenta digital tornou-se mecanismo de atuação para fins políticos, em especial, o Twitter e o Facebook. No caso brasileiro, essa ferramenta digital foi utilizada pela direita radical com a ascensão do bolsonarismo.

Para além dos partidos políticos formais, as plataformas digitais são essenciais na construção de consenso para grupos/atores e sujeitos da "nova direita". De acordo com a tese da Camila Rocha (2018), a partir de fóruns digitais, orkut, facebook, esses jovens se organizavam e se encontravam. Através dos meios digitais esses jovens ressentidos conseguiram encontrar formas de atuação em prol de seus projetos, portanto, as plataformas digitais são as grandes ferramentas para os APHs (principalmente os ideológicos). De acordo com Casimiro:

> Na análise do processo de produção de consenso para a hegemonia, destacamos a ampliação das formas alternativas de comunicação e difusão de conteúdos por meio de mídias sociais (como Facebook, Twitter, Instagram etc). e aplicativos móveis como Whatsapp e similares). Esses novos espaços de sociabilização do século XXI, por um lado, trouxeram conquistas muito importantes, na medida em que facilitam e ampliam vertiginosamente o acesso a todo o tipo de conteúdo e representaram um avanço significativo no enfrentamento e na relativização do poder dos grupos midiáticos tradicionais no Brasil, principalmente da televisão aberta. Por outro lado, possibilitaram uma disseminação de conteúdos com pouca profundidade e com apelo sensacionalista, que passam a ideia de acesso à informação, mas que na verdade privilegiam a superficialidade, inviabilizando análises mais complexa e o contraponto de ideias. Esse processo abriu um campo de estratégias de produção em massa de conteúdos e de informações (imagens, memes, vídeos etc)., no qual, distorções, descontextualizações e notícias falsas circulam nessas redes juntos com reportagens jornalísticas e estudos científicos, o que dificulta verificação e a confirmação de informações. O fato é que podemos observar uma escala industrial desses *"memes"*, financiada por grupos empresariais, sendo que a difusão desses

[211] MESSENBERG, Débora. A cosmovisão da "nova" direita brasileira. In: PINHEIRO-MACHADO, R.; FEIXO, A (Orgs.). **Brasil em transe**: Bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019, p. 36.
[212] PINHEIRO-MACHADO, R. FREIXO, A. (orgs). MESSENBERG, Débora. Op. Cit. 2019. p, 37.

> conteúdos se transformou em uma poderosa estratégia política de difusão de produção de consenso de grande amplitude, adquirindo uma sofisticação profissional.[213]

3.2. Brasil Paralelo e as redes sociais: para entender suas "narrativas" (2016-2020)

Neste cenário surge a atuação do B.P., em especial a organização do documentário *"Congresso Brasil Paralelo" (2016),* lançado nos dias 4 e 5 de novembro de 2016.

Esta série, feita a partir de depoimentos de sujeitos ligados ao setor empresarial, jornalístico, artístico, político, midiático e educacional, teve como um dos "ilustres" convidados o "guru" Olavo de Carvalho, o empresário Hélio Beltrão, o filósofo Luiz Felipe Pondé, o jornalista Rodrigo Constantino, a Deputada Joice Hasselmann, e o atual Presidente (à época, Deputado Federal) Jair Bolsonaro e outros. O objetivo do Congresso – segundo o vídeo publicado pelos próprios sócios do B.P. – consistia em *"construir"* o *"Brasil do Futuro"* e conectar *"visionários"* em prol de uma missão.[214]

O *"Congresso Brasil Paralelo" (2016)* está dividido por episódios os quais compõem-se de seis capítulos e seis temáticas relacionadas à Política e História do Brasil contemporâneo e recente (ver imagem *1).* O *capítulo 1: Panorama Brasil - Um raio X Inconveniente, capítulo 2: Terra de Santa Cruz, capítulo 3: As raízes do Problema, capítulo 4: Dividindo pessoas, centralizando o poder, capítulo 5: Propostas e capítulo 6: Impeachment: do apogeu à queda.* Essa primeira produção do Brasil Paralelo foi uma tentativa de produzir algo "novo" e comovente, segundo Valerim. De acordo com o śocio, *"após o impeachment da ex-presidente, ficou claro que havia uma parcela significativa da população com o potencial de se mobilizar e gerar mudanças efetivas na rota que seguíamos. Isso nos entusiasmou."*[215]A produção na íntegra possuía, em março de 2021, um total de 849.424 milhões de visualizações.[216]

Seguindo a imagem abaixo, podemos observar quantas pessoas visualizaram os conteúdos do B.P.

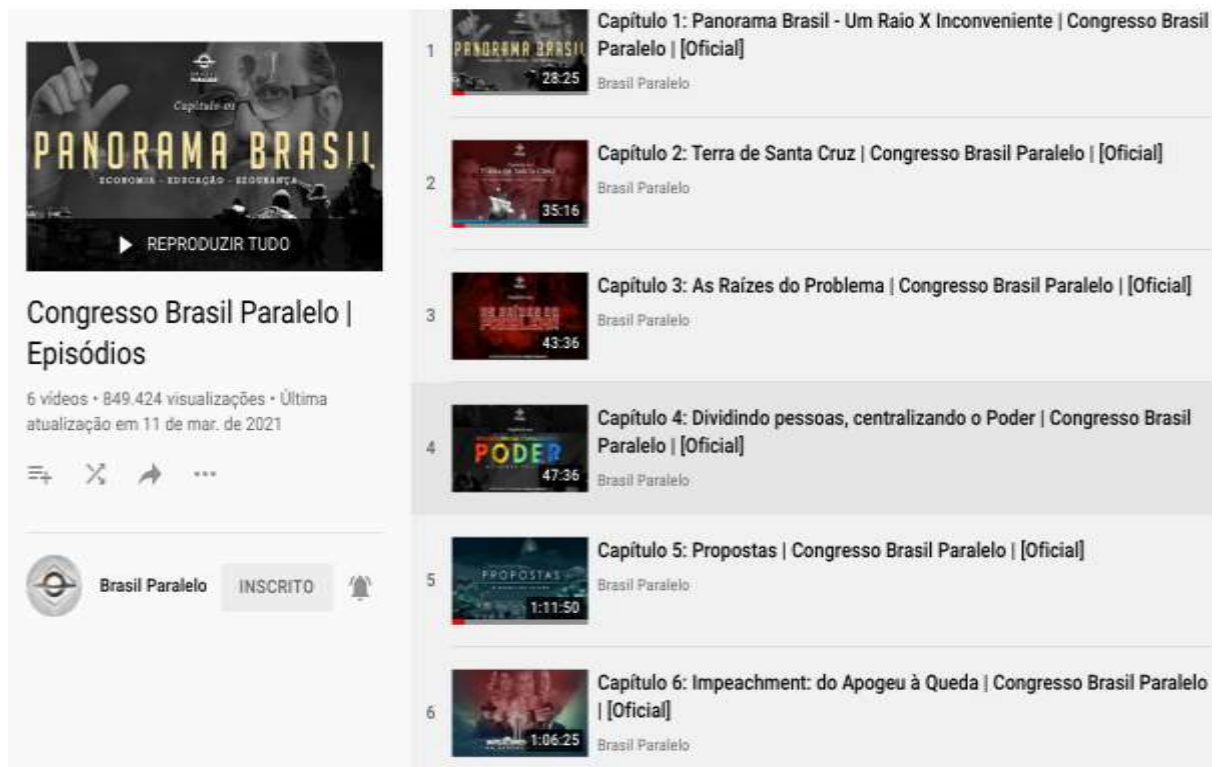
---

[213] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2020, p. 80-81.

[214] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v= IFwpn7kjIWU & list=PL3yv1E7IiXyRJrtVusbyOWxvbm9TW_zPP. Acesso em: 11/03/2021.

[215] Disponível em: https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/. Acesso em: 11/03/2021.

[216]Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyRJrtVusbyOWxvbm9TW_zPP. Acesso em: 11/03/2021.

Figura 3 - Episódios do *Congresso Brasil Paralelo*

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=IFwpn7kjIWU&list=PL3yv1E7IiXyRJrtVusbyOWxvbm9TW_zPP. Acesso em: 11/03/2021

Em entrevista ao já citado "Boletim da Liberdade" em 2018 [217]Filipe Valerim, comentou os valores do B.P. E ressalta que esses valores são pontos de conexão nas escolhas feitas por ele e pelos outros dois sócios a respeito dos membros convidados e das produções em sua plataforma digital nas redes sociais. Portanto, entendemos que o B.P. opera por dois "braços": revisionismo/negacionismo e o ultraliberalismo. De acordo com Valerim:

> Os critérios de seleção dos colaboradores, estão ligados aos **v**alores de liberdad**e** (os indivíduos são diferentes na hora de escolher, agir e colher resultados bons ou ruins; impedir a ação e a escolha das pessoas é abuso de poder; ter a consciência de ser responsável pelos resultados é lucidez diante da vida); verdade (nosso propósito é enriquecer a sociedade por meio da comunicação eficiente da verdade; a verdade não é relativa, é o bem maior e uma meta inesgotável); arte (é a linguagem emocional para com os seres humanos; tudo que não for possível assimilar pela linguagem racional, será comunicado e sentido pela arte bem feita); ambição

[217] Segundo a descrição do Jornal: Fundado em 2016, o Boletim da Liberdade é um veículo jornalístico profissional que tem como diferencial a missão de cobrir a liberdade. Em outras palavras, tudo aquilo que a atinge, direta ou indiretamente, pelo lado positivo ou negativo, é alvo da missão do site de manter bem informado um conjunto de leitores crescente e altamente interessados no tema. Nesse contexto, o Boletim explora, principalmente, as áreas da política, da economia e da cultura. O Boletim da Liberdade está situado no Rio de Janeiro, mas sua cobertura tem abrangência nacional. Disponível em: https://www.boletimdaliberdade.com.br/quemsomos/ Acesso em: 7/05/2021.

> (meritocracia; todos nós queremos o melhor da vida e o melhor do mundo, e a única forma legítima de conquistar isso é com o mérito; toda conquista sem mérito é instável e passageira).
> Quanto à seleção do elenco de entrevistados, cada caso é um caso. Geralmente somos orientados pelo nível de especialidade e a capacidade de expressão dos entrevistados para abordar os temas que serão tratados no documentário. Três atributos que perseguimos na hora de selecionar entrevistados e produzir as séries são: Didática, storytelling e design. Acreditamos que esses três elementos são fundamentais para transmitir a mensagem com eficiência.[218]

Qual noção de "liberdade" é essa? O conceito de liberdade, defendida pelos liberais, e especialmente os liberais-ultraconservadores, refere-se à liberdade dentro da noção liberal, neoliberal ou ultraliberal. Partindo de uma concepção pautada no individualismo e na defesa do livre mercado, o B.P. produz materiais e difunde sua ideologia sobre os temas políticos, econômicos e, principalmente, histórico e educacional. Seu propósito, seria reforçar a noção de Estado mínimo e, consequentemente, a economia de mercado, como condição necessária a fim de legitimar o discurso "meritocrático", essa ideologia ultraliberal ficou evidente no "Congresso Brasil Paralelo (2016)."

Retomando o contexto da década de 1980, anos marcados no Ocidente pelo triunfo da política ultraconservadora e neoliberal, em que Ronald Reagan e Margaret Thatcher simbolizam o rompimento com o "welfarismo" da social-democracia e a inserção de "novas políticas" que supostamente poderiam superar a inflação desenfreada, a queda dos lucros e a desaceleração do crescimento.

Segundo Dardot e Laval, "os slogans frequentemente simplistas dessa nova direita ocidental são conhecidos: as sociedades são sobretaxadas, super regulamentadas e submetidas às múltiplas pressões de sindicatos, corporações egoístas e funcionários públicos".[219] Ainda de acordo com os autores, "na realidade, essas novas formas políticas exigem uma mudança muito maior do que uma simples restauração do 'puro' capitalismo de antigamente e do liberalismo tradicional". O "neoliberalismo", vem mais tarde. Em certos aspectos, aparece decantação do "novo liberalismo" e, em outros, como uma alternativa aos tipos de intervenção econômica e reformismo social pregados pelo "novo liberalismo".[220]

As principais características propostas pelo neoliberalismo são o fato de alterar radicalmente o modo de exercício do poder governamental, assim como as referências doutrinárias no contexto de uma mudança de regras do capitalismo. Exibem uma subordinação a certo tipo de racionalidade política e social enquadrada à globalização e à

---

[218] Disponível em: https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/. Acesso em: 11/03/2021.
[219] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Op. Cit, 2016, p. 189.
[220] Idem, p. 194.

financeirização do capitalismo. Com essa nova realidade forma-se um "novo indivíduo" mediante a implantação geral de uma nova lógica normativa, capaz de incorporar e conduzir duradouramente políticas e comportamentos numa nova direção.

Notamos, portanto, dentro dessa lógica neoliberal-conservadora, o avanço de uma *Frente Liberal-Ultraconservadora*, sendo articulada e construída a partir de 1990. Logo, a "inspiração" dos sócios do Brasil Paralelo e suas premissas ideológicas articula-se aos intelectuais da *Frente Liberal-Ultraconservadora* e aos seus *APHs.* À vista disso, conseguimos identificar na primeira produção e no depoimento do Valerim os elementos ideológicos defendidos pelo Brasil Paralelo. Para tal, necessitavam de Aphs responsáveis por ocupar o "campo cultural" (não só na "batalha das ideias", mas também na formulação concreta de consensos direitistas) e produzir "conteúdos" (narrativas, visões de mundo) afinados com tal projeto. Segundo Luiza Colombo, há alguns elementos específicos para analisar essa "*Frente LIberal-Ultraconservadora"*.

> No tocante ao que definem como princípios mínimos, segundo os preceitos da liberdade liberal, que são: a) **a predominância do indivíduo sobre o Estado**, no sentido de que o indivíduo é o responsável pela própria garantia de seus direitos sociais, como sua segurança, emprego, educação, saúde, moradia, dentre outros, que não precisam ser garantidos ou mantidos pelo Estado, mas pelo indivíduo de acordo com seu mérito e com os interesses de oferta do mercado; b) **a liberdade absoluta do mercado**, no sentido de que ao Estado não caberia qualquer interferência na economia (desde que não abale princípios morais da tradição cristã, como o mercado de órgãos, produção de células tronco, etc, o que geraria tensões no interior do bloco no poder); garantindo a livre concorrência, o que, segundo estes intelectuais coletivos, possibilitaria e geraria a autorregulação do mercado; e c) **a defesa irrestrita da propriedade privada,** princípio inalienável do liberalismo, em detrimento a tudo o que é público (ou a tudo que não possa ser mercantilizadas); o "público" ainda existiria, mas destinado à acumulação de capitais (escolas, hospitais, museus, parques, dentre outros).[221]

Em vista disso, identificamos na primeira produção audiovisual e no depoimento do Valerim os elementos ideológicos defendidos pelo B.P., elementos que iremos comentar mais a frente. Para tal, necessitavam de APHs responsáveis por ocupar o "campo cultural" (não só na "batalha das ideias", mas também na formulação concreta de consensos direitistas) e produzir "conteúdos" (narrativas, visões de mundo) afinados com tal projeto.

Sucedendo "*Congresso Brasil Paralelo" (2016),* foram lançados os episódios da série: *Brasil: A última Cruzada* entre 2017 e 2018. Nesse contexto, já havia sido consolidado o

---

[221] COLOMBO, Luiza. **A Frente Liberal-Ultraconservadora no Brasil:** reflexões sobre e para além do "movimento" Escola Sem Partido. 2018. 60 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu - RJ, 2018.

golpe jurídico-midiático e empresarial, e as políticas ultraliberais sobre o comando de Michel Temer (PMDB), já estavam sendo avançadas. Segundo Demier, “a democracia liberal brasileira se converte, finalmente, num arranjo político voltado centralmente para a retirada de direitos democráticos.”[222] Naquele mesmo ano, Temer conseguiu sancionar a Reforma do Ensino Médio, seguindo com Reforma da Presidência e a Reforma Trabalhista, era visível o reflexo da crise econômica mundial, a crise política, social e institucional, portanto, por todos os poderes do Estado, os direitos democráticos foram atacados, evidenciando o avanço ultraliberal-conservador retirados da educação e da saúde; os salários foram rebaixados; a idade para aposentadoria, aumentada; o pensamento crítico, censurado; as manifestações, reprimidas.

No primeiro episódio, denominado *“A Cruz e a Espada”*, o filme diz que “não podemos deixar que roubem os degraus da nossa civilização”. A narrativa do documentário procura estabelecer uma concepção conservadora (e, de certo modo, aristocrática) de modo que a história contada ao espectador carrega uma nítida visão de *“cima para baixo”* – além de reconstruir no filme a história do país a partir de um viés ideológico de cunho hierarquizante, eurocêntrico e patriarcal. Isso se constrói tanto pelo que pretende mostrar na produção audiovisual, quanto por aquilo que tenta ocultar. A narrativa perpassa sobre a origem e a ancestralidade do Brasil. Enquanto são mostradas imagens da bandeira portuguesa, de monarcas portugueses e de paisagens portuguesas, a narração, em tom suave, introduz a história que será contada:

> Enterrados por muitos anos, a milhares de quilômetros, no Velho Mundo, e nas profundezas do Oceano. [...] Esta é a história que vamos contar: de um povo que ultrapassou os limites impostos pelo oceano e disputou palmo a palmo, contra o vento, os rumos do seu próprio destino, que, assim, fez dele o caminho para um Novo Mundo.[223]

A produção, que conta atualmente com 3.141.687 mil visualizações no *Youtube,* inclui falas de uma minoria de entrevistados com experiência em pesquisa histórica e uma grande maioria de personagens alheios a este universo. No primeiro perfil, temos como figura mais ilustre o diplomata e historiador Alberto da Costa e Silva; no segundo, Olavo de Carvalho.

Em sua primeira fala, Carvalho lamenta que não possam mais ser celebrados os heróis nacionais, interdição que segundo ele se deve ao argumento de que esses heróis servem à ideologia dominante. Ele prossegue dizendo que a consequência de não se poder mais cultuar

---

[222] DEMIER, Felipe. Op. Cit. 2017. p, 98.

[223] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v= TkOlAKE7xqY & t=148s. Acesso em: 10/05/2021.

esses heróis é que a história se ocupa atualmente com a apologia “do território, dos bichos e dos índios”. Como se percebe, “índios”, tanto quanto “bichos”, não cabem no panteão nacional. Na sequência de sua fala, Carvalho se mostra consciente de que a compreensão que as pessoas têm de sua história informa suas ações no presente e seus horizontes de futuro. Numa fala que coloca o tempo todo em conexão o passado, o presente e o futuro, não é apenas no panteão que os “índios” são excluídos e equiparados aos “bichos”.

Como bem examinado pelo professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Fernando Nicolazzi, “essa é uma prática discursiva que em muito se assemelha ao fazer historiográfico do século XIX, com um apego significativo ao factual, o uso recorrente de elogios aos ‘grandes varões’ do passado e, além de tudo, a crença de que é neutra.”[224]. Ainda de acordo com Nicolazzi, “a série não apresenta as fontes e as documentações históricas que baseiam seus argumentos, como se espera de uma pesquisa consistente. A versão apresentada depende da narração em off e das opiniões dos entrevistados”.

A defesa da herança de uma civilização ameaçada é o núcleo central da argumentação do vídeo. Tal herança é definida como sendo composta pela filosofia grega, pelo direito romano, pela moral judaico-cristã e pela “experiência acumulada de nossos ancestrais”. De acordo com a voz *off d*o narrador, "esta é a herança que chamamos de civilização ocidental.” A narrativa é reduzida com o objetivo de culpabilizar o Islã na idade média, por isso, a partir do ponto de vista da produção, a única alternativa e os salvadores de todo o problema são os europeus. De acordo com Lima:

> A história das navegações portuguesas é contada como era contada pelo salazarismo, regime próximo ao nazifascismo que vigorou em Portugal e que se recusou até às últimas consequências a permitir a autodeterminação dos povos da África. Desse modo, na propaganda salazarista, a expansão portuguesa é apresentada como um movimento grandioso e heroico de expansão da fé cristã contra o infiel muçulmano, que culmina na afirmação harmoniosa e pacífica de uma civilização superior, europeia e cristã, sobre povos da África, da Ásia e da América.[225]

Como prenunciava o título, a palavra-chave da explicação para a formação nacional brasileira é a “cruzada” lançada contra os infiéis. Enfim, a produção ressalta em nome da memória dos ancestrais (brancos, europeus e cristãos) sacrificados na gesta dos

---

[224] NICOLAZZI, Fernando. O século XIX redivivo: usos do passado e disputas no presente nas histórias da Brasil Paralelo. YouTube – História- UFRRJ, 12 jun. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ny-V3pR5DhQ. Acesso em: 04/05/2021.

[225] LIMA, André. A nação brasileira entre a cruz e a espada: apontamentos sobre a atual (re)construção de uma identidade nacional supremacista no Brasil. **Temáticas**, Campinas, ago./dez. 2019, pp. 27-28.

descobrimentos. Imagens europeias e brasileiras de templos católicos são acompanhados pela seguinte narração:

> Em algum lugar, sempre haverá o panteão daqueles que nos trouxeram até aqui. Lá estão as paixões, os méritos, os sacrifícios e todo o heroísmo da humanidade. Não foi fácil. A preservação deste lugar cabe a nós. Não podemos deixar que roubem os degraus da nossa civilização. Sempre que estivermos perdidos e sem saber para onde ir, eles estarão lá, de braços abertos, para nos contar tudo que sacrificaram para dar um passo além do que parecia possível. Não se trata apenas de não esquecer de onde viemos, se trata de não esquecer para onde estamos indo. Nos momentos mais difíceis, a história deve ser lembrada.[226]

Em linhas gerais, o episódio 2 tenta caracterizar o tratamento destinado por portugueses a índios e negros escravizados como "diplomacia". A série ganhou tanta visibilidade que foi exibida pela TV Escola, em 2019. Segundo Roldão Pires Carvalho e Mara Rovida:

> A narrativa de toda a série concentra-se em duas estruturas lógicas, a primeira em criar um inimigo a ser combatido e a segunda em combater direitos sociais e vender a visão de mundo do grupo de forma que atendam a seus interesses. A composição destas duas estruturas lógicas constitui um conjunto de ideias previamente estabelecidas pelos conservadores liberais que, para a nossa pesquisa, denominamos de ticket conservador-liberal. O inimigo a ser combatido, criado pelo Brasil Paralelo, são todas as pessoas e representações associadas a movimentos de esquerda ou críticas à visão de mundo proposta pelos conservadores liberais. Combater os direitos sociais e a visão de mundo do grupo está diretamente implicado, pois boa parte da mentalidade do Brasil Paralelo está relacionada ao pensamento neoliberal, de Estado mínimo, iniciativa individual, meritocracia e livre mercado. Assim sendo, direitos sociais para minorias, leis trabalhistas, direito de manifestação são aspectos negativos e combatidos pelo grupo.[227]

Segundo a citação acima, tal lógica "estruturante" corrobora com o discurso de 2018 da direita radical brasileira e compactua com projetos concretos defendidos, por exemplo, o Movimento Escola Sem Partido (ESP).

O movimento/projeto estimula a perseguição e a retórica agressiva de alunos e membros da comunidade, ao representar os professores como "doutrinadores" e defender que eles não tenham liberdade de expressão no seu ambiente de trabalho. No entanto, os seus principais objetivos são claros, a retração dos avanços progressistas conquistados desde o fim da Ditadura Civil-militar-empresarial no Brasil, especialmente aqueles ligados aos direitos humanos (mulheres, indígenas, LGBTQIA+, negros/as). O discurso articulado por

---

[226] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v= TkOlAKE7xqY & t=148s. Acesso em: 10/05/2021.

[227] CARVALHO, Roldão; ROVIDA, Mara. Os movimentos milenaristas - uma análise sobre o discurso da propaganda ideológica. **XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018.

intelectuais da "nova direita” e alguns destacados na produção do B.P. em torno do Movimento Escola Sem Partido (ESP), o qual também procura uma justificativa para eliminar os seus inimigos no campo de batalha, utilizam dessa narrativa adotada pelo B.P., sobre a teoria do *marxismo cultural*, a esquerda presente na Universidades, o avanço do comunismo no Brasil com os governos petistas, ou seja, o discurso e o projeto (EPS) segue de encontro com as produções do B.P.

No *Youtube*, o documentário *“Brasil: a Última Cruzada”* é uma das séries mais assistidas pelo público do B.P. Apesar da produção abordar o “passado”, os temas são deslocados para História do tempo presente. A narrativa de toda a série concentra-se em dois pontos: buscar no terreno cultural um inimigo a ser combatido e a segunda ir diretamente em combate aos avanços de direitos sociais, com o objetivo de penetrar por dentro o Estado restrito ou ampliado. Envolve os embates e as lutas dos APHs (burgueses e não burgueses) pela hegemonia na “sociedade civil” no sentido da “direção” (projeto social/consenso) e do “domínio” (aparato governamental/coerção).

Sendo assim, o cenário construído pelo Brasil Paralelo abre espaço para fortalecer projetos de leis como por exemplo, o Escola Sem Partido (ESP), antes de virar “projetos de leis” (Estado restrito), o Escola sem Partido constitui uma rede extrapartidária de APHs – o ESP encobre um conjunto de instituições, grupos, sujeitos. movimentos, atuante na sociedade civil e pautam (ou tentam pautar) projetos de sociabilidade burguesa reacionária junto a governos (e poderes executivo, legislativo e judiciário). Segundo Fernando Penna:

> A segunda característica do discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido” é seu caráter antidemocrático. Enquanto a dimensão antipolítica se define através da tentativa de interdição do debate por meio do argumento de autoridade, a dimensão antidemocrática pode ser identificada pela caracterização daqueles que são contrários a uma determinada proposta como inimigos que devem ser excluídos do debate. O caráter antidemocrático fica evidente na citação acima quando os opositores são caracterizados como parte de uma conspiração da esquerda internacional para infiltrar as instituições através do uso de palavras comuns com significados subvertidos.[228]

A terceira produção do B.P., intitulada *“O Teatro das Tesouras"*, estreou no dia 21 de agosto de 2018, no contexto marcado pela ascensão conservadora; a intensa mobilização das direitas radicais; a prisão de Luís Inácio da Silva (PT); a atuação de grupos/sujeitos de caráter extremado através das redes sociais e nas ruas; parte da população ressentida com o PT. De acordo com Rosana Pinheiro-Machado:

---

[228] PENNA, Fernando. O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, p. 569. 2018.

> De 2016 - 2018, vimos o nome do Bolsonaro se fixar na memória do povo, sempre por meio de polêmicas que despertavam amor e ódio. Como narrei no capítulo "Bolsonaro sabe meu nome", meses antes da eleição, com Lula fora da parada, muita gente que outrora dizia que odiava passou a nos dizer algo como: "Ele é péssimo, mas vou votar nele porque é a única opção ou "acho ele muito radical, mas não tem outro candidato, tem?"[229]

A terceira produção foi publicada como tática de atuação dessas direitas, um dia antes da publicação do Datafolha sobre o candidato (a) favorito naquele momento. As intenções de votos naquele momento, segundo a Pesquisa Datafolha: Lula tinha, 39%; Bolsonaro, 19%; Marina, 8%; Alckmin, 6%; Ciro, 5%[230].

O documentário de caráter "político", está dividido em sete episódios, intitulados: *Episódio 1: "O Teatro das Tesouras" 1989, Episódio 2: "O Teatro das Tesouras" 1994, Episódio 3: "O Teatro das Tesouras" 1998, Episódio 4: "O Teatro das Tesouras" 2002, Episódio 5: "O Teatro das Tesouras" 2006, Episódio 6: "O Teatro das Tesouras" 2010 e Episódio 7: "O Teatro das tesouras 2014".* Contou com a parceria, segundo a publicação feita pela a pública, com o grupo Liberta. O grupo foi fundado por Leandro Ruschel, economista, aluno de Olavo de Carvalho, palestrante do Brasil Paralelo e irmão de um dos fundadores da produtora, Bruno Ruschel. [231]

Destacamos o episódio 7, para realizar uma breve análise da narrativa ali encontrada no vídeo, segundo a voz *off* (narrador):

> Durante os quatros anos de Governo Dilma, a economia brasileira teve o pior resultado em cinco anos, a maior inflação e o menor crescimento desde então, 36 % do PIB era devorado pelo Estado, ao invés de diminuir gastos, o Governo Dilma adquiriu mais empréstimos, mais subsídios, mais incentivos fiscais. A popularidade de Dilma Rousseff era assustadoramente baixa. O seu desgoverno enfureceu a população. Em 2013, o aumento de 20 centavos motivou uma série de manifestações. O que começou com a briga de 20 centavos se transformou em um milhão e meio de brasileiros nas ruas (no vídeo aparecem imagens do Jornal Cidade Alerta, para justificar o "caos nacional"). Só o PSTU e sindicatos financiados pelo PT bancaram o *Black Bloc* para esvaziar os protestos. Os vândalos saquearam, causaram incêndios e depredaram estabelecimentos.[232]

A citação acima retirada do capítulo 7 e com 1.063.184 visualizações no Youtube, tenta demonstrar o esforço para culpabilizar o PT e os movimentos sociais, pela disputa inicial das jornadas de junho de 2013. Segundo Luís Felipe Miguel:

---

[229] PINHEIRO-MACHADO, Op. Cit., p. 139.
[230] Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-alckmin-6-ciro-5.ghtml . Acesso em: 27/05/2021.
[231] Disponível em: https://apublica.org/2019/08/nasce-o-cinema-olavista/. Acesso em: 28/05/2021.
[232] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lsHYv9euzv8. Acesso em: 27/05/2021.

> A cobertura da mídia subira o tom várias vezes, tanto sobre a corrupção, com os desdobramentos da Operação Lava Jato, quanto sobre a piora dos indicadores da economia, apresentada como consequência direta das medidas heterodoxas adotadas no início do governo Dilma. Os protestos de junho de 2013 permitiam que fosse explorado o argumento de que os serviços públicos não atendiam às expectativas da população, deslizando, no discurso da direita, para um flerte com o antiestatismo. Os setores da elite política tradicional que se haviam acomodado com o petismo migraram em grande medida para o outro campo, sentindo que os ventos mudavam, situação que ganhou uma imagem icônica quando o 160 ex-presidente José Sarney foi flagrado na cabine eletrônica, portando um adesivo de Dilma, mas votando em seu adversário.[233]

3.3. "1964: o Brasil entre armas e livros": uma análise sobre revisionismo histórico

No Brasil, a memória construída – e reconstruída – em torno de determinados períodos ou temas históricos considerados "quentes" tem alimentado, nas últimas décadas, a proliferação de debates e disputas historiográficas (embora não restritas à História) que se expressam tanto no avanço qualitativo de pesquisas e produções acadêmico-científicas, quanto em uma série de embates sociopolíticos e educativos no interior de escolas, universidades, sindicatos, partidos, mídias corporativas e, por que não, na internet e redes sociais acerca do que seja digno de ser "lembrado" e "esquecido" (ou "rememorado" e "enterrado") no interior da sociedade.

No entanto, ocorre que em contextos de crises histórico-estruturais de natureza multifária – como a que estamos vivendo no país bem antes da pandemia – corremos o grave risco de presenciarmos a abertura de muitas "caixas de Pandora" ou ver chocar muitos "ovos da serpente", vinculados a classes ou frações de classe do bloco no poder, sustentado por intelectuais orgânicos e/ou aparelhos privados de hegemonia dispostos a produzir e disseminar narrativas de natureza polarizada e deformadora com o objetivo de combater supostos "inimigos" sociais – o "comunismo", o "esquerdismo", o "marxismo cultural" – e, com menor ou maior disfarce, fazer valer um projeto social representativo do bloco.

Segundo, Vidal-Naquet, em seu combate contra a difusão de ideias "negacionistas", chamou a atenção para um grupo de intelectuais que nomeou de "assassinos da memória".[234] A partir de um conjunto de obras inseridas no movimento conhecido como "revisionismo histórico", o autor permite estabelecer duas matrizes interpretativas. De um lado, o revisionismo histórico ligada às tarefas de escritas e reescritas da história pelos

[233] MIGUEL, Op. Cit. p, 159-160.

[234] VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória:** um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Papirus, Campinas, 1988. p, 9.

"historiadores". Traz um sentido de confronto e superação (dialética), porém dentro dos marcos da pesquisa e da produção do conhecimento histórico (método, teoria, hipóteses, evidências). Por outro, o "revisionismo no sentido absoluto", assim chamados por negarem "as câmaras de gás de Hitler e o extermínio de doentes mentais, judeus e ciganos e, ainda, o de membros de povos considerados racialmente inferiores".

Consequentemente, a partir de Vidal-Naquet podemos identificar o *modus operandi* do Brasil Paralelo, ora se apresenta como defensores da pátria e da verdadeira história do Brasil, e por outro lado, prepara o terreno para o negacionismo, partido da tese do *"marxismo cultural".* Como bem aponta Costa[235] a primeira vez que apareceu a certidão do nascimento do *"marxismo cultural",* foi, portanto, lavrado por Hitler na obra *Mein Kampf* (Minha Luta). O livro é uma declaração de guerra ao marxismo e à sua expressão cultural máxima ao que seria o bolchevismo. Já na década de 1990 de acordo com Costa:

> O fantasma do marxismo cultural, já com este nome, teve uma segunda encarnação nos Estados Unidos do início dos anos de 1990, coincidindo com a publicação de estudos críticos e denúncias sobre as ações estadunidenses de contrainsurgência - ou combate a comunistas – principalmente na América Central, em especial na Colômbia. [236]

O documentário, "1964: o Brasil entre armas e livros" possui uma duração de 127 minutos. Seria, portanto, identificado com o que podemos chamar de um filme documentário de longa metragem.

Uma primeira impressão deveria causar intriga ou, melhor, um rápido questionamento: quem estaria disposto – e disponível – a assistir um filme que investe suas mais de duas horas na tarefa de "quantificar" o caos e a desordem e a associá-los ao perigoso e recorrente "comunismo"? Se práticas como estas não chegam a ser uma novidade na história do Brasil (bastando lembrar-se das estratégias publicitárias e ideológicas do IPES no golpe de 1964), certo é que a entronização radical de discursos e ações das "direitas" nas redes sociais (acompanhadas por certo "desinteresse" das esquerdas em conhecer melhor o funcionamento "político" das redes), favoreceram uma aceitação de narrativas – majoritariamente, audiovisuais – de cunho anticomunista, "antiesquerdista" e antipetista.

O filme está dividido em três partes: inicialmente trata do contexto histórico anterior do golpe, sobretudo referente ao período da Guerra Fria; a segunda parte, concentra-se nos

---

[235] COSTA, Iná C. **Dialética do marxismo cultural.** São Paulo: Expressão Popular, 2020, p. 16.
[236] Idem.

acontecimentos geradores do golpe e, por fim, uma abordagem geral sobre a Ditadura até a "redemocratização" do país.

Torna-se importante destacar que antes de começar, de fato, o documentário é apresentado ao espectador uma espécie de prólogo de pouco mais de 1 minuto expondo que a obra tinha passado por censura ao não ser exibida em faculdades e redes de exibição cinematográfica. A justificativa levantada pelos produtores era a de que qualquer iniciativa que fosse contra a pauta do "comunismo" e que não condiz com as diretrizes da universidade ou da ciência seria rechaçada e impedida de ser veiculada. Inclusive, com possíveis perseguições a sujeitos favoráveis ao conteúdo do filme. Este trecho que descrevemos é construído por um narrador *off* e várias imagens de manchetes corroboradas do filme, sem apresentar maiores detalhes da (suposta) censura.

Ao verbalizar que o filme estaria sendo alvo de "comunistas" e do "esquerdismo" e, ao mesmo tempo, mesclar na montagem imagens de manchetes jornalísticas sobre as "polêmicas" envolvendo a produção, nota-se a tentativa de criar nos espectadores uma "identidade" discursiva entre o narrado e o exibido visualmente. Em outras palavras: querem convencer de que o que será assistido deste trecho em diante é "a verdadeira história do Brasil" que esteve oculta – ou "sufocada", diria o "brilhante" torturador Coronel Ustra.

Para tanto, esta identificação simbólica preliminar vai servir de "autoridade" através de outras vinculações entre a voz *off* e as imagens editadas. Num primeiro momento, surgem a influência "negativa" da Guerra Fria – em particular, o "avanço" comunista – sobre os acontecimentos de 1964 e uma desqualificação da Revolução Russa, tomada como o maior "vexame" da história representado pelas figuras de Lênin, Trotsky e Stálin.

Seguindo essa mesma linha de argumentação, qual seja retratar os oprimidos de nossa história como os perpetradores de romper com a cultura nobre da elite brasileira, no documentário acerca do golpe de 1964 apresentam a tomada de poder pelos militares como uma atitude desesperada para salvaguardar a "democracia", ou seja, a manutenção de uma estrutura estatal que serve a burguesia nacional e internacional, verdadeiros ocupantes das mais altas esferas nacionais sobre a classe trabalhadora e as minorias, ante uma conspiração comunista de grupos da extrema esquerda, que vinha pouco a pouco tomando forma e se revelando nos discursos do então presidente João Goulart , e na ligação deste com elementos e organizações radicais que já se aproximavam de países pretensamente comunistas como a China, a Tchecoslováquia e a própria União Soviética, além de Cuba, no contexto de acirramento da Guerra fria.

Ao lado da "verdade oculta" a ser destrinchada no filme, emerge da narrativa logo no começo uma estratégia de polarizar, destilar ódio. De acordo com João Cezar de Castro "a retórica do ódio é uma técnica discursiva que pretende reduzir o outro ao papel de inimigo a ser eliminado. Trata-se de uma técnica - e esse aspecto deve ser sublinhado. Por isso, pode ser ensinada e transmitida". [237]

A organização empreendida pelo complexo IPES\IBAD tornou-se necessário para transformar o predomínio econômico em domínio político; superar a fase econômico-corporativa pela fase moral, para efetivamente haver a conquista do Estado. Se a análise *dreifussiana* considerou as mudanças operadas no mundo da produção, observamos a entrada no país de empresas multinacionais ligado ao capital externo e associado, a conquista do Estado pelo bloco de poder. Porém, não concordamos totalmente com essa afirmativa, mas entendemos a relevância do IPES em 1964 e do Brasil Paralelo em 2016, ambos permitem pensar as formas de atuação adotada pela direita brasileira ou a chamada "nova direita".

Mas, no filme de B.P., a "verdade" não está com o método científico e o conhecimento histórico, e sim com o revisionismo negador do guru da "nova direita" Olavo de Carvalho. Segundo Olavo de Carvalho, as Universidades estão tomadas pelos marxistas gramscistas e o que vale é a verdade e a memória."[238]

Aparentemente formada por opiniões pessoais, porém que encontram sustentação de cunho ideológico, segundo Castro Rocha, no "livro negro" das Forças Armadas brasileiras (Orvil) produzido na "transição democrática" da década de 1980[239], ele afirma que não existiriam provas documentais de que houve participação dos Estados Unidos em todo o processo que levou ao Golpe de 1964. E, ao contrário, deixa entrever com grande entusiasmo que o modelo "ideal" ou "perfeito" de sociedade seria o norte americano – o que expõe claramente um pendor nada nacionalista ou patriótico do "guru" (pendor tão decantado por B.P.)

Por último, importante destacar que, ainda que não haja uma negação explícita do golpe, nem da ditadura, é cristalino no filme o objetivo de dissociar a participação efetiva dos Estados Unidos no processo de ruptura institucional da democracia brasileira geradora do Golpe de Estado em 1964. Ao contrário: num exercício de distorcer a história cientificamente elaborada, o filme produz uma narrativa que se esforça por culpabilizar a URSS e "agentes

---

[237] ROCHA, João Cezar de C. **Guerra Cultural e a Retórica do Ódio**: crônica de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021, p. 241.
[238] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v= yTenWQHRPIg & t=4835s. Acesso. 25/04/2021.
[239] CASTRO ROCHA, op. cit.

secretos" da KGB pelos problemas da humanidade, e, em especial, pela situação política vivida no Brasil no contexto pré-1964.

Outra questão presente no documentário é a narrativa completa de negação da participação norte-americana no processo de golpe empresarial-militar de 1964. O estudo de Dreifuss citado acima auxilia e rebate tal afirmação, entretanto vale ressaltar o estudo de "foi no contexto da campanha para as eleições parlamentares de 1962 que a intervenção norte-americana no processo político brasileiro se intensificou, ultrapassando, em muito, os níveis "normais" de propaganda ideológica que os Estados Unidos habitualmente faziam em qualquer país."[240] O autor utiliza documentos da diplomacia norte-americana, especificamente um do embaixador americano no Brasil Lincoln Gordon admitindo que o Estado norte-americano gastou em torno de 5 milhões de dólares numa campanha contra Goulart. Dessa forma, existe, pelo menos, um aparelhamento do capital nacional associado ao internacional em parceria com o Estado norte americano aliados numa tônica golpista de ruptura democrática no Brasil.

Olavo de Carvalho aponta no documentário a falta de provas documentais de que houve participação dos Estados Unidos em todo o processo que levou até abril de 1964.[241] Mas com grande entusiasmo destaca o modelo "ideal" de sociedade, para ele a sociedade "perfeita" é a norte americana, e ainda que não haja no documentário uma negação explícita de golpe e ditadura, eles desejam não associar diretamente a ruptura da democracia brasileira via golpe de Estado em 1964 com os Estados Unidos. Parte do documentário retoma a narrativa sob o esforço de culpabilizar a URSS pelos problemas da humanidade, em especial os problemas no Brasil, pós 1964.

Outro ponto importante para a pesquisa é a narrativa travada pelo B.P. em busca de revisar o passado ditatorial brasileiro, seguindo a linha discursiva de Olavo de Carvalho, onde o verdadeiro problema do regime militar teria sido, não ter travado devidamente a chamada "guerra cultural", o que teria perdido a reorganização dos segmentos da esquerda como o processo de redemocratização. Apesar da empresa se posicionar como isenta de "ideologia", em uma entrevista cedida ao programa Pânico da Rádio Jovem Pan, em 1º de abril de 2019 (JOVEM PAN, 2019), e se caracterizar como um canal "puramente informativo", o conteúdo produzido visa "resgatar" o sentimento nacionalista. Ressaltam que

[240] FICO, Carlos. **O grande irmão**: da operação Brother Sam aos anos de chumbo – o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 77.
[241] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=4758s. Acesso em: 05/05/2021.

> Por décadas destruíram nosso patriotismo. Através das escolas e da mídia nos fizeram acreditar que somos um povo fadado ao fracasso, que não temos virtude. Ideologias perversas contaminaram o imaginário popular, causando danos incalculáveis em jovens, que hoje estão perdidos e sem norte. A nossa resposta está sendo imediata. Estamos distribuindo um antídoto em cada canto do país, para todos os brasileiros. Nossos documentários são produzidos para despertar a consciência e o patriotismo de qualquer pessoa. São distribuídos gratuitamente para que tenham o maior alcance possível. O nosso compromisso é com a liberdade e a consciência do povo brasileiro. Cumprimos a nossa missão. Há um ano lançamos nossa primeira série, Congresso Brasil Paralelo, e ele já foi visto por mais de quatro milhões de brasileiros. Um impacto profundo nas raízes culturais do nosso Brasil. O mais importante é que pessoas como você fizeram a sua parte, tornando-se membros do Brasil Paralelo, comprando nosso produto e nos financiando. Por causa deste ato de coragem, estamos aqui para um novo passo, um passo em direção à retomada da nossa verdadeira cultura, na nossa verdadeira missão como brasileiros.[242]

Ainda no âmbito da educação e cultura, dentre as iniciativas mais conhecidas dessa estratégia de produção de consenso, podemos destacar as obras publicadas pelo escritor Leandro Narloch, principal autor dos “Guias Politicamente Incorretos da História do Brasil" e “Guia Politicamente Incorreto da História da América Latina". Vale destacar a participação de Leandro Narloch no segundo documentário do Brasil Paralelo, intitulado “Brasil A Última Cruzada", a partir de suas obras revisionistas o autor passou a ser figura conhecida nos principais “terrenos” conservadores brasileiros, participando diversas vezes como figura central de destaque no Fórum da Liberdade, principal evento catalisador das direitas no Brasil.

Segundo Casimiro, “o expressivo número de seguidores de Olavo de Carvalho e do próprio Brasil Paralelo, passam a compor o conjunto de entusiastas de Bolsonaro e fortalecer a base de apoio do projeto de extrema direita.”[243] Portanto, não existe neutralidade e imparcialidade encontrada no documentário do Brasil Paralelo, o documentário evidencia de forma tendenciosa a ressignificação e a normalização os horrores da ditadura, trazendo para o tempo presente a cena emblemática do Ex-Deputado Jair Bolsonaro, no ato do impeachment de Dilma Rousseff em 2016, a homenagem o mais conhecido torturador do DOI-CODI, o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. Ou mais recentemente, quando seu filho Eduardo Bolsonaro, intima a população publicamente com ameaças de um possível "novo AI-5".

B.P. representa, neste sentido, a defesa de ideias autoritárias e de mudança de regras democráticas, procurando difundi-las no poder político. Acaba sendo curiosa a ideologia desta “nova direita”, pois, ao mesmo tempo que defende a liberdade de imprensa e de opinião, ao

---

[242] Disponível em: https://jovempan.com.br/videos/programas/panico/brasil-paralelo-explica-documentario-sobre-a-ditadura.html. Acesso em: 05/05/2021.

[243] CASIMIRO, Flávio. A extrema direita bolsonarista como projeto de atualização de hegemonia. In: OLIVEIRA, Angela Meirelles de; SILVA, Carla Luciana; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro Paziani (Orgs.). **Direitos, Democracia e Lutas Sociais em Tempos de Crise**. Porto Alegre: FCM, 6, 2020, p. 66.

mesmo tempo em que se auto afirmar como "libertária", persegue e criminaliza movimentos e grupos de esquerda (especialmente, os marxistas), propagando matérias repletas de calúnias e difamações; promove o discurso de ódio sobre minorias, mulheres, movimentos sociais e sindicatos; exalta o mercado como espaço de realização das liberdades; persegue professoras e professores e a liberdade de cátedra. Em torno dessa paradoxal mobilização midiática, parece-nos que o Brasil Paralelo procura aproveitar-se da atual conjuntura política (conservadora, reacionária, neoliberal) para fortalecer uma "guerra de posição" no mundo digital, com o objetivo de garantir a direção e o domínio moral, político e cultural do que deve (e não deve) "entrar" para a história que eles tentam disseminar.

Aparelhos privados de hegemonia como o BP têm, desta forma, um grande papel na guerra de narrativas que perpassa o Brasil contemporâneo, por adotarem ferramentas como vídeos no Youtube, com grande difusão nas redes sociais. Não seria necessária uma lupa para constatar que, na atual conjuntura, tais produtos e ferramentas possuem uma forte influência, com capacidade de moldar/deformar os rumos da história do país, contribuindo para radicalizar sentimentos de ódio de classe, aversão aos partidos, às minorias, aos movimentos sociais, sindicatos, perseguições de professores e à liberdade de cátedra.

Portanto, o que B.P. produz e dissemina em seu escancarado revisionismo de cariz negacionista é instrumentalizar um suposto conhecimento "histórico" através de uma prática social e uma ideologia ultraconservadora, reacionária e, também, ultraliberal no tratamento temático de suas produções audiovisuais que acaba por encontrar aderência – mesmo que seus sócios neguem veementemente – nos discursos e ações do governo Bolsonaro e do movimento bolsonarista.

O conhecimento histórico é, dessa forma, colocado no leito de Procusto. Na mitologia grega há uma lenda chamada "Leito de Procusto", que se tratava de um bandido que sequestrava as pessoas, levando-as para a sua casa. Nela, havia uma cama de ferro, que possuía o exato tamanho de Procusto e para a qual ele obrigava as pessoas a se deitarem. Se os "hóspedes" fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento para ajustá-los à cama, e os que tinham pequena estatura eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. B.P. faz isso: o acontecimento histórico que não se ajusta exatamente ao tamanho das suas ideias, é forçadamente "ajustado", nem que isso signifique amenizar o que ocorreu na ditadura no país, nem que isso signifique deslegitimar todo o legado de Paulo Freire.

Para nós, pelo contrário, o conhecimento histórico-científico é importante demais na formação de sujeitos críticos de seu próprio tempo e outras temporalidades históricas. Ataques a este conhecimento devem ser combatidos com as "armas da crítica", para apropriar de

famosa expressão de Marx. É importante demais porque as narrativas do passado, apesar de não serem o real em si, têm a grande responsabilidade de tomar o lugar deste que pretendem dar conta, representando nessas narrativas o passado construído cientificamente.

Assim como o conhecimento histórico-científico produz realidades, as inverdades apresentadas pelo B.P. também – porém com o risco de legitimar narrativas distorcidas da História (que deve ser necessariamente crítica, reflexiva, dialética e cientificamente conduzida) e de gerar a redução (quando não o apagamento) do protagonismo de sujeitos históricos (mulheres, LGBTQIA+, pretos, indígenas) que tão arduamente vem lutando por direitos (civis, sociais) e mesmo o direito à existir (resistir) como expressões e produtores da cultura no Brasil. E isto nada tem a ver com "comunismo", "conspiração globalista" ou "plano chinês."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de uma pesquisa em torno de Brasil Paralelo, procuramos compreender o papel das direitas no Brasil do final do século XX ao início do XXI, com as suas estratégias e mecanismos de atuação intrinsecamente ligadas ao conjunto das formas organizativas das burguesias, num movimento que condiciona e é condicionado pelas lutas de classes no contexto de uma nova conjuntura e do avanço de políticas neoliberais no Brasil – principalmente a partir da década de 1990, quando o cenário foi marcado por transformações, tanto na estrutura política das forças econômicas e da própria articulação das lutas sociais. Pois, de acordo com Casimiro:

> [...] nesse contexto as bandeiras burguesas da economia de mercado lançadas na década anterior, empunhadas por uma multiplicidade de aparelhos privados de hegemonia, começam a ser operacionalizados em um programa de reformas com vistas a reconfigurar o papel do Estado, ou, como afirmam seus intelectuais orgânicos, torná-lo "eficiente". [244]

Partindo da nossa hipótese, esse movimento da "nova direita" não é espontâneo, entendemos que a organizações de classes ou frações de classes, atuam em diversos aparelhos privados de hegemonia, partindo do nosso estudo, analisamos os aparelhos de difusão doutrinária ultraliberal-conservadora.

Atuando como sustentáculo para a construção e constante atualização da hegemonia burguesa no Brasil, produzem consenso através de uma *"teia"* de APHs, essa atuação e organização torna-se fundamental para produzir uma "verdade totalmente aceita", uma vez que, enquanto formuladores de diretrizes de ação, buscam universalizar seus interesses de classe como consenso. Essa estratégia de atuação foi promovida em 1983, com a criação do Instituto Liberal, e ganhou forte projeção e capilaridade com o surgimento de novos intelectuais coletivos, no sentido de construir, fortalecer e reiterar um projeto hegemônico ultraliberal-conservador para a especificidade da sociedade brasileira.

Nas palavras de Casimiro, "esses intelectuais orgânicos da ideologia de mercado e seus aparelhos difusores vão muito além dos limites institucionais e do alcance mais ponderável de suas ações. Buscam a do consenso, através de diferentes estratégias de difusão".[245] Seus objetivos, de forma geral, é organizar quadros de intelectuais que atuam articulados na elaboração e execução de projetos, eventos e treinamento, ampliando, dessa forma, suas atuações e visões de mundo. Esses grupos/sujeitos, atores e intelectuais, estão

---

[244] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 121-122.
[245] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 34-35.

inseridos de forma difusa e capilarizada em diversos veículos de comunicação, nas Universidades, nas redes sociais e em outros aparelhos privados de hegemonia, ressaltando sua visão de mundo e o seu projeto de poder.

Buscamos apresentar um entendimento de vários aparelhos privados de hegemonia de atuação ultraliberal-conservadora, foram os seguintes: o Instituto Mises Brasil (IMB), o Mises Brasil é o principal articulador com o B.P., os dois aparelhos estão "unificados" e contemplam a mesma agenda ultraliberal-conservadora e pautas moralistas, individualistas e de defesa no livre mercado. Outro Instituto importante ao longo da nossa análise, foi o Instituto Millenium (IMIL), com o Millennium conseguimos identificar a atuação de intelectuais coletivos da "nova direita" uma forte conexão de composição de seu núcleo definidor, entre os "membros especialistas" e de "colunistas convidados", que também atuam nos espaços midiáticos e nas Universidades, capilarizando suas ideias para muito além da sua atuação institucional. Outro Instituto relevante ao longo da dissertação, é o caso do Instituto Borborema, (IB) muito semelhante com a forma organizativa e institucional do B.P. Segundo a definição no seu *site,* "o Instituto Borborema é uma associação cultural sediada em Campina Grande - PB, em meados de 2015. O objetivo principal desse APH, "segundo eles, é resgatar a verdadeira educação é a verdadeira cultura."[246] Com a proposta semelhante do BP o IB, ressalta a troca do modelo clássico de formação pelas modas "educacionais" de Paulo Freire, Piaget e afins, para eles, esse modelo conseguiu emburrecer quase toda a população."[247]

Outro espaço de difusão ideológica conservadora, considerado um dos mais importantes apontados no segundo capítulo da dissertação, é o Fórum da Liberdade. Nesse espaço, o B.P, em 2017, a partir daquele momento o B.P. constituiu-se enquanto intelectual coletivo, conseguindo alcançar parcerias nos próximos eventos impulsionados pelo Fórum da Liberdade: o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), o "Movimento Brasil Livre" (MBL) e o Estudantes pela Liberdade (EPL), foram centrais na composição e atuação do B.P. Portanto, estamos diante de uma frente ampla de ação política ideológica, como um verdadeiro *partido*, no sentido gramsciano.

B.P. representa ainda uma das iniciativas, entre várias outras, da chamada "nova direita" no sentido de construir, fortalecer e reiterar um projeto ultraconservador-liberal para a especificidade da sociedade brasileira, mesmo sendo um APH (recente), ele encontrou em outros APHs a capacidade de difusão e capilarização de suas ações. Esse entendimento

---

[246] Disponível em: https://institutoborborema.com/. Acesso em: 25/06/2021.
[247] Disponível em: https://institutoborborema.com/. Acesso em: 25/06/2021.

ressalta e valoriza o papel de agentes históricos de caráter neofascista que, por meio dos APHs e outros espaços, atuaram pedagogicamente para a naturalização dessa visão de mundo brasileira. Neste ponto, conseguimos analisar e compreender os principais "intelectuais orgânicos" do B.P., por ser um APH novo e não possuir uma linha editorial, tivemos ao longo da pesquisa algumas limitações partindo desse ponto. Ao analisar as formas e os métodos de organização e atuação do B.P., percebemos também que as organizações e suas "teias" têm atuado, por dentro o Estado (sentido restrito) e no âmbito da sociedade civil, a fim de legitimar suas pautas reacionárias-conservadoras e no campo das narrativas históricas tentam produzir consenso e difundir por plataformas digitais sua visão de mundo.

A ideologia encarnada em B.P. parte de uma visão do livre mercado e uma pauta conservadora-moral, se aproximando das ideias defendidas por Mises Brasil e Olavo de Carvalho. De acordo com Casimiro, "essa relação demonstra, num âmbito mais geral, a articulação entre liberalismo econômico e conservadorismo cultural nas representações político-ideológicas"[248], contemplando os interesses da burguesia brasileira no contexto de reorganização da "nova direita."

Portanto, o contexto de 2016 foi "favorável" para a criação do B.P "surgiu", naquele momento, tínhamos sofrido um golpe, de 2014 em diante a direita tinha começado direita se organizar (nas ruas), tivemos retirada dos direitos com o Governo Temer; ascensão da figura extremada de Jair Bolsonaro; e o discurso moralista passou a ser um fator importante para esse movimento reacionário-conservador. Sendo assim, mesmo esses grupos/sujeitos e atores sendo "jovens" e o processo recente, em nosso entendimento, devemos compreender essa atuação e organização a partir de 1990, que vem sendo construído por instituições, agentes e contradições concernentes ao sistema capitalista, e não como uma reação direta de causa e efeito "antipetista" ou recentes.

Com essa narrativa que as Universidades foram tomadas pelos marxistas que o B.P. opera e produz consenso, sem método científico e apenas com o interesse em "vender seus produtos" e atrair um grande público. Em nosso procedimento de pesquisa, as hipóteses levantadas à luz de um determinado referencial teórico-metodológico sobre a árvore estudada são contrapostas com as fontes. As fontes e as hipóteses são postas lado a lado, através de um determinado método, de acordo com uma ordem e analisadas em conjunto. Quando o procedimento se mostra falho e as hipóteses caem por terra, volta-se às fontes, num processo

[248] CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 35.

dialético com a teoria em que nos ancoramos. Ao longo da operação historiográfica, nunca podemos moldar a realidade de acordo com o referencial teórico que adotamos.

Finalmente, vale o questionamento: se a subjetividade é algo implícito e inseparável da narrativa histórica, o que impede que a historiadora e o historiador moldem a história a partir dos seus interesses privados? Além das bases científicas, o caráter coletivo da produção historiográfica é um elemento que permite o equilíbrio entre a subjetividade e a objetividade.

O nosso trabalho não só se ancora no que foi refletido anteriormente pelos pares, como também é comumente submetido a algum tipo de avaliação, seja por uma banca de qualificação, seja por um corpo editorial de uma revista, jornal ou editora, seja pelo público em uma palestra, seminário, etc. Para tanto, passamos por um longo processo de formação, em que aprendemos, via infinitas aulas e leituras, a realizar uma pesquisa histórica. Depois disso, ainda passamos por um rigoroso processo seletivo para sermos professores numa universidade pública. Contudo, é claro que isso não impede completamente que deixem de existir imperfeições em nossa narrativa, inclusive, são inevitáveis. Por isso, a verdade que construímos não é absoluta. Diferentemente do que faz Brasil Paralelo, nós, profissionais da história, não nos pautamos em uma argumentação incondicional, em um argumento anticientífico de autoridade.

Consequentemente, o nosso trabalho é sempre inacabado. Pesquisar é como mergulhar intencionalmente em uma areia movediça. Ao invés de tatearmos, desesperados, para todos os lados, em busca de algo em que podemos nos agarrar para não nos afundarmos, ao pesquisar mergulhamos de cabeça no poço de areia com o desejo de ir o mais fundo que conseguirmos. Esse processo é infindável. Quanto mais caminhamos em direção ao horizonte, mais constatamos a nossa ignorância a respeito dos meandros do nosso objeto – e mais nos sentimos distante do horizonte. No entanto, nunca deixamos de caminhar, sempre buscando a melhor fundamentação para a nossa argumentação.

Portanto, enquanto profissionais da história, buscamos em nossa prática estar sempre iluminados pelos preceitos científicos, de forma a dar conta da melhor maneira do objeto que nos cabe explicar, considerando que o campo científico faz parte de uma totalidade complexa – que é o mundo – sobre o qual devemos refletir e procurar explicá-lo, mesmo cientes de seu inacabamento teórico e metodológico.

Entendemos, por outro lado, que a história que construímos entre os muros da universidade, pautada em preceitos científicos, não é a única que existe no tecido societal. Pelo contrário, também está presente naquilo que Gramsci chama de "senso comum" – ao qual poderíamos denominar com licença poética de "alma do povo" ou "sabedoria popular"

– percorrendo os imaginários de porta em porta, constituindo cosmovisões e epistemologias, que, não raro, têm o poder de influência e sedução maior do que os da ciência histórica.

Mas, se determinadas formas de saber histórico não são, por assim dizer, apenas o resultado do que produzem cientificamente as historiadoras e os historiadores, torna-se muito difícil renunciarmos à História enquanto teoria e método científicos: só assim continua (e continuará) a ser possível enfrentarmos concepções revisionistas e negacionistas, infelizmente tão disseminadas nos últimos anos. Isso não pode nos tornar meramente pessimistas: o ofício da historiadora, do historiador nestes tempos sombrios é difícil e complexo, mas, ao mesmo tempo, precisa manter-se apaixonante e desafiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS

Livros e artigos

ARAUJO, Valdei Lopes; KLEM, Bruna & PEREIRA, Mateus. **Do fato ao fake: Des(atualizando) Bolsonaro.** Espírito Santo: Milfontes, 2020.

BUCI-GLUCKSMANN, **C. Gramsci e o Estado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CALIL, Gilberto. **Peculiaridades e paradoxos do nacionalismo integralista (1932-1964).** História: Debates e Tendências – V. 13, N. 1, jan./jun. 2013, p. 33-47.

____. **Estado, capitalismo e democracia no Brasil recente.** In: ___.; SILVA, Carla Luciana & SILVA, Márcio Antônio Both da. (org.). Ditadura, transição e democracia: estudos sobre a dominação burguesa no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: FCM Editora, 2016, pp. 205-228.

____. **Como combater o fascismo.** Blog Junho, 30 de setembro de 2017.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A Nova Direita: a**parelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

____. **O Fórum da Liberdade e a ascensão da extrema direita no Brasil contemporâneo.** Acesso Livre. jul/dez, 2019, p. 8-24.

____. **A tragédia e a farsa:** a ascensão das direitas no Brasil Contemporâneo. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o capital:** o transformismo dos grupos dirigentes do PT. São Paulo: Xamã; Feira de Santana: Ed. UEFS, 2012.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural.** São Paulo: Expressão Popular, 2020.

COUTINHO, Carlos Nelson**. Gramsci: um estudo sobre o pensamento político**. Rio de Janeiro: 3º edição: Civilização Brasileira, 2007.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo:** ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DÓRIA PAULO, Diego. **Os mitos do Brasil Paralelo** – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). Rebela, v.10, n.1. jan./abr. 2020.

DREIFUSS, René Armand. **O jogo da direita.** 3 Ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

___. 1964: **A conquista do Estado:** Ação política, poder e golpe de classe. 6 Ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

FARIA, Fabiano Godinho & MARQUES, Luiz Barbosa. **Giros à direita:** análises e perspectivas sobre o campo libero-conservador. Ceará: Sertão Cult, 2020.

FRIDERICHS, Lidiane. **A importância dos Think Tanks para a divulgação neoliberal no Brasil**. Faces de Clio, Revista dos Discentes do Programa de Pós-graduação em História UFJF. Vol. 2. N. 4. jul/dez. 2016, p. 106-129.

MELO, Demian Bezerra de (org). **A miséria da historiografia:** uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

DEMIER, Felipe. **Depois do Golpe.** A dialética da democracia blindada. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2017.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: ___. (et al). O outro Gramsci. São Paulo, Xamã, 1996.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história.** São Paulo: Edições 70, 2019.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil:** ensaios de interpretação sociológica. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FONTES, Virginia. **O Brasil e o Capital Imperialism**o. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

___. (et. al.). **Estado e formas de dominação no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: Consequência. 2017.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. V.2 **Os intelectuais.** O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2001.

____. Cadernos do cárcere. V. 3. **Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GROS, Denise**. Novas formas de ação política do empresariado gaúcho nas últimas décadas.** A evolução social. (Três décadas de economia gaúcha, v.3). 2010.

HOEVELER, Rejane. **Os conceitos de Aparelhos Privados de Hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica.** Revista Práxis e Hegemonia Popular, ano 4, n. 5, pp. 145-159, Ago/Dez, 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário gramsciano.** São Paulo: Boitempo. 2017.

LIMA, Flávio Ribeiro de. **As eleições de 2018 e a ascensão da extrema-direita no Brasil.** Revista Percurso. Maringá, UEM, v. 11, n. 1, p. 207-215, 2019.

MACIEL, David. **A argamassa da ordem: da ditadura militar à nova república (1974-1985).** São Paulo: Xamã, 2004.

MANN, Michael. **Fascistas.** Brasil: Record, 2008.

MARTINS, Helena. **Comunicações em tempos de crise**: economia e política. São Paulo : Expressão Popular; Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

MATTOS, Marcelo Badaró. **As origens: Jornadas de Junho e crescimento das lutas da classe trabalhadora.** In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (orgs). A Onda Conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro. Mauad-X, 2016.

____. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Usina Editorial, 2020.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **O Estado Ampliado como ferramenta metodológica.** In: Marx e Marxismo. Publicação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Marx e Marxismo, v. 2, n. 2, Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 2014.

MIGUEL, Luís Felipe. **O colapso da democracia no Brasil**: da Constituição ao Golpe de 2016. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

PAULANI, Leda. **Neoliberalismo e individualismo**. Economia e Sociedade, Campinas, dez. 1999, p. 115-127.

PINTO, Céli Regina Jardim. **A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015).** In: SOLANO, Esther & ROCHA. Camila. A direita nas ruas e nas redes: a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019, pp. 15-54.

POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o Poder, o Socialismo.** São Paulo: Paz e Terra, 1980.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LAPUENTE, Rafael Saraiva; ANDRADE, Guilherme Franco de PIMENTA, Everton. **As direitas no Brasil:** discursos, práticas, representações. Porto Alegre: Fi, 2020.

SILVA, Adriana; BRITES, Cristina; OLIVEIRA, Eliane & BORRI, Giovana. **A extrema-direita na atualidade.** Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n. 119, p. 407-445, jul./set. 2014.

SILVA, Carla L. **Veja**: **o indispensável partido neoliberal** (1989-2002). Cascavel: Edunioeste, 2009, Coleção Tempos Históricos, v. 7.

SOLANO, Esther & ROCHA. Camila. **A direita nas ruas e nas redes**: a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

Dissertações e Teses

ALEXANDRE, Thiago de Andrade Romeu. **O Instituto Millenium e os intelectuais da “Nova Direita” no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

CALIL, G. Gilberto. **O Integralismo no Processo Político Brasileiro: O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa.** Tese (Doutorado em História). Niterói e Marechal Cândido Rondon. Centro de Estudos Gerais Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - Pós-Graduação em História - UFF/UNIOESTE, 2005.

CASIMIRO, Flávio H. C. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983-1998): a ação pedagógica do Instituto Liberal.** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal De São João Del Rei. Minas Gerais, São João Del-Rei, 2011.

DAL PAI, Raphael. **Instituto Ludwig von Mises Brasil: os arautos do anarcocapitalismo.** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon, 2017.

FRIDERICHS, Luciana. **A atuação política dos Think Tanks Neoliberais brasileiros e argentinos:** os casos do Instituto Liberal, do Instituto de Estudos Empresariais e do Instituto Para El Desarrolo empresarial De La Argentina (1983-1998). Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2016.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litores da nossa burguesia:** o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2012.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, Mais Mises”:** uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

SILVA JÚNIOR, Samuel Fernando da. **Diretas Já e a autocracia burguesa no Brasil: luta política na transição conservadora.** Dissertação (Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon: Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2018.

SILVEIRA, Luciana. **Fabricação de ideias, produção de consenso: estudo de caso do Instituto Millenium.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2013.

Sites:

Disponível em: https://movimentorevista.com.br/2017/03/tresso-gramsci-morte/, acesso em: 27/03/2020. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2019/04/678598-painel-do-forum-da-liberdade-destaca-importancia-de-agregar-valor-e-conectar-pessoas.html, acesso em: 27/03/2020. Disponível em: http://blogjunho.com.br/reflexoes-sobre-a-ascensao-da-direita/, acesso em: 01/04/2020. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/revoltados-online/, acesso em: 04/04/2020. Disponível em: https://diplomatique.org.br/os-mitos-da-brasil-paralelo/, acesso em 18/05/2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p265bGtPv-4 acesso em 27/03/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p265bGtPv-4&feature=youtu.be acesso em 27/03/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=6200s, acesso em 28/03/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeeBmdaiicey2nImISw/featured, acesso em 08/04/2020. Disponível em: https://www.mises.org.br/About.aspx. Acesso em: 15/09/2020. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/brasil-paralelo-1-milhao-membros-2022/. Acesso em: 18/09/2020. Disponível em: https://www.institutomillenium.org.br/author/heliobeltrao/. Acesso em: 21/04/2020. Disponível em: https://tribunadaimprensalivre.com/23079-2/. Acesso em: 07/05/2020. Disponível em: https://site.brasilparalelo.com.br/home/. Acesso em: 07/05/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeeBmdaiicey2nImISw/about. Acesso em: 27/04/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeeBmdaiicey2nImISw/videos. Acesso em: 27/04/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5eKE2o9UfdA. Acesso em: 27/04/2020. Disponível em: https://adrianogianturco.com/curriculum-vitae/. Acesso em: 04/05/2020. Disponível: https://www.camara.leg.br/deputados/156190/biografia. Acesso em: 21/04/2020. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/biografia-do-presidente. Acesso em: 21/04/2020. Disponível em: https://www.facebook.com/brasilparalelo. Acesso em: 30/04/2020.

Redes sociais:

Disponível em: https://www.facebook.com/brasilparalelo/, acesso em: 08/04/2020. Disponível em: https://www.instagram.com/brasilparalelooficial/?hl=pt-br, acesso em: 08/04/2020. Disponível em: https://twitter.com/brasil_paralelo, acesso em: 08/04/2020.

Web jornais:

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/secao/2019/09/704818-jornal-do-comercio-desde-1933-acompanhando-o-desenvolvimento-da-economia-e-dos-negocios-no-rio-grande-do-sul.html https://esquerdaonline.com.br/2019/01/08/o-nucleo-central-do-governo-bolsonaro-o-proto-fascismo/.

Outras Plataformas:

Disponível em: https://site.brasilparalelo.com.br/sala-de-transmissao-a-patria-educadora/, acesso em: 08/04/2020.

Disponível em: https://www.institutoliberal.org.br/blog/pequena-contribuicao-juridica-para-o-congresso-brasil-paralelo/, acesso em 20/02/2020. Disponível em: https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2019/03/a-historia-da-ditadura-contada-pelo-brasil-paralelo-por-fernando-nicolazzi/. Acesso em: 04/05/2020. Disponível em: https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2020/01/brasil-paralelo-uma-empresa-colaboracionista-por-fernando-nicolazzi/. Acesso em: 04/05/2020. Disponível em: https://jovempan.com.br/opiniao-jovem-pan/comentaristas/rodrigo-constantino/rodrigo-constantino-por-que-perder-tempo-falando-em-olavo-de-carvaolavo. Acesso em: 04/05/2020.

ANEXOS

Anexo A - Membros convidados no período de 2016-2019 (em ordem alfabética)

Nome	Currículo
Andrez Wojtas	Escritor da Revista Comando sobre serviços de inteligência.
Aristóteles Drummond	Jornalista, apresenta programas de entrevistas da Rede Vida de Televisão, debatedor da Rádio Catedral do Rio desde 1993 e colaborador das revistas Foco, de Brasília e Encontro, de BH. Escreveu artigos semanais publicados na pág 2 do jornal: Hoje em Dia as segundas, de Belo Horizonte, Diário de Petrópolis aos domingos, Diário de Barretos, Correio da Serra, de Barbacena , Diário do Comércio de São Paulo, O DIA às quintas, no Rio e quinzenalmente na edição eletrônica do JB . Membro do PEN Clube do Brasil, do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e da Associação Cultural da Arquidiocese do Rio, publicou em 1990, pela Topbooks, o livro de ensaios A REVOLUÇÃO CONSERVADORA, em 1996,uma edição revista e ampliada do VILA RICA DO OURO PRETO, de seu avô Augusto de Lima Júnior, pela EGL, e, em 2000, a pedido da Academia Brasileira de Letras, organizou uma edição de SÃO FRANCISCO DE ASSIS POEMAS, de seu bisavô Augusto de Lima.
Arthur Moledo do Val	Engenheiro químico, empresário, youtuber no canal “Mamãe Falei” e integrante do Movimento Brasil Livre. Atualmente é Deputado Estadual de São Paulo pelo DEM.
Beatriz Kicis	Advogada, procuradora do Distrito Federal ativista, youtuber e política, filiada ao PSL.
Bruno Araujo	Advogado e político brasileiro, atual presidente do Partido da Social Democracia Brasileira. Foi deputado federal pelo estado de Pernambuco durante três mandatos consecutivos e Ministro das Cidades do Brasil.
Cláudia Castro	Humorista e Redatora.
Cláudio Manoel	Humorista e Redator.
Cléber Eduardo	Filósofo, historiador e teólogo.
Diego Casagrande	Jornalista. Em 2016 foi escolhido para receber o Prêmio Liberdade de Imprensa do XXIX Fórum da Liberdade, evento internacional promovido pelo IEE (Instituto de Estudos Empresariais) e sediado no Centro de Eventos da PUC-RS. Autor de quatro livros: Porto Alegre – 48 horas sob terror (com José Coiro, em 1997), Vanguarda do Atraso (2006), O Triunfo das Nulidades (2014) e Que delícia ser de esquerda (2016). Também participou da antologia “Santa Sede – Crônicas de Botequim” (2012). Também é Editor do site Opinião Livre.com.br.
Dircêo Torrecillas	Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973); - Mestre (1987), Doutor (1993) e Livre-Docente (1998) pela USP; - Professor convidado PUC-PÓS; - Foi professor na Fundação Getúlio Vargas por 25 anos; - Conselheiro do Conselho Superior de Estudos Avançados - CONSEA, da FECOMÉRCIO - Membro da Comissão Especial de Direitos à Educação e Informação da OAB-SP; - Membro do Conselho Superior de Direito da Fecomercio; - Membro da APLJ - Academia Paulista de Letras Jurídicas; - Membro do IASP - Instituto dos Advogados de São Paulo; - Membro do IPSA ? International Political Science Association; - Membro da APSA ? American Political Science Association; - Correspondent of the Center for the Study of Federalism ? Temple University - Philadelphia USA; - Debatedor do "Groupe

	D'etudes Et de Recherches Sur La Justice Constitutionnelle"; - Membro do Conselho International - "Association Of Constitutional Law"; - Foi Presidente da Comissão de Ensino Jurídico - OAB/SP (triênio 2013/2015).
Eduardo Bolsonaro	Policial federal e político brasileiro, filiado ao Partido Social Liberal. Filho do atual Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, é deputado federal pelo estado de São Paulo desde 2015.
Felipe Camozzato	Administrador pela UFRGS. Especialista em Finanças UFRGS. Pós-graduado em Liderança Competitiva Global na Georgetown University (EUA). Presidente PS Júnior. Embaixador da Confederação Brasileira de Empresas Juniores (EJs) na Europa. Conselheiro da Federação Gaúcha de EJs. Diretor/Sócio de empresa de serviços ambientais. Eleito o 5° vereador mais votado de Porto Alegre – RS. pelo Partido Novo. Foi voluntário na Jr. Achievement. Voluntário desde a fundação da EA Alumni. Fundação Partido Novo Porto Alegre – RS. Fundação La Banda Loka Liberal. Foi Voluntário MBL.
Felipe Moura Brasil	Escritor, blogueiro e comentarista brasileiro. Foi organizador do *best seller* "O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota" de Olavo de Carvalho, publicado em 2013 pela Editora Record, é o Diretor de Jornalismo da Jovem Pan. Atualmente escreve na Revista Veja.
Fernando Francischini	Delegado de polícia e Deputado Estadual pelo Paraná, filiado ao Partido Social Liberal (PSL) e escritor na Gazeta do Povo.
Fernando Holiday	Vereador na cidade de São Paulo, youtuber, filiado ao DEM (Democratas) e membro do MBL (Movimento Brasil Livre).
Fernando Schuler	Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com ênfase em filosofia política, é professor universitário, articulista, consultor de empresas e organizações civis nas áreas de cultura, ciências políticas, gestão e terceiro setor. Entre 2007 e 2010, foi Secretário de Estado da Justiça e do Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul. Foi Diretor do Ibmec, no Rio de Janeiro, estando na Columbia University, como Visiting Scholar. Atualmente é titular da Cátedra Insper Palavra Aberta. Escritor especialista no Instituto Millenium.
Fernando Ulrich	Mestre em Economia da Escola Austríaca, com experiência mundial na indústria de elevadores e nos mercados financeiro e imobiliário brasileiros. É conselheiro do Instituto Mises Brasil.
Francisco Abrunhosa	Representante do Movimento Avança Brasil
Flávio Gordon (permanente)	Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e doutorado por esta mesma instituição (2011). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Ciência, da Política e da Religião e Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: Em antropologia da religião e da ciência: neo-ateísmo, secularização, biotecnologia, bioética. Em etnologia indígena: parentesco, xamanismo, mitologia. É colunista da revista Vila Nova (http://revistavilanova.com/) para as áreas de política, cultura e educação. Atualmente escreve na Gazeta do Povo e para o Blog: Senso Incomum.
Gilmar Mendes	Jurista, magistrado e professor brasileiro. É ministro do Supremo Tribunal Federal desde 20 de junho de 2002, tendo presidido a corte entre 2008 e 2010.
Guilherme Macalossi	Formado em direito pela UCS e estuda jornalismo na Unisinos. Editor do portal Sul Connection, apresentador do programa Confronto, na Rádio Sonora FM. Escreve para jornais locais, articulista do Instituto Liberal do Rio de Janeiro e colaborador da agência Critério, Inteligência em Conteúdo.

Guilherme Vasconcellos Almeida	Professor e pesquisador.
Heduan Pinheiro	Empreendedor do Derose Method.
Hélio Bicudo	Foi jurista e político brasileiro, militante de direitos humanos, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.
Heni Ozi	Cientista político, professor e palestrante, foi eleito deputado estadual pelo Novo. Com formação interdisciplinar em filosofia e ciências políticas, é mestre em International Peace and Conflict Resolution pela American University, em Washington D.C. Foi estrategista do Partido Novo nas eleições municipais de 2016 e Secretário Adjunto de Segurança Urbana da Prefeitura de São Paulo. Atuou na ONU, na Organização dos Estados Americanos (OEA) e em outras organizações americanas. É fundador da Insight Geopolítico, consultoria de risco político internacional, e também é professor de relações internacionais da ESPM.
Igor Morais	Economista e Head de Pesquisa da Wise & Trust.
Ives Gandra	Jurista, advogado, professor e escritor brasileiro. É professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro da Academia Brasileira de Filosofia.
Joice Hasselmann	Jornalista, radialista, escritora, comentarista, política brasileira e a mulher mais votada para a Câmara dos Deputados da história do Brasil.
Jair Bolsonaro	Político e Presidente da República (Sem Partido) eleito em 2018, foi deputado federal por sete mandatos entre 1991 e 2018.
Janaína Paschoal	Jurista e política brasileira, filiada ao Partido Social Liberal e deputada estadual do estado de São Paulo.
Josias Teófilo	Cineasta, escritor e fotógrafo brasileiro. Formou-se em jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco em 2010. Foi colaborador da Revista Continente de 2011 a 2015, onde escreveu principalmente sobre arte e entrevistou personalidades como Hélène Grimaud, Boris Schnaiderman, Philippe Jaroussky, Marlos Nobre, João Moreira Salles, Paulo Mendes da Rocha.
Luiz Felipe D'Avila	Fundador e presidente do CLP - Centro de Liderança Pública, uma organização sem fins lucrativos dedicada à formação de lideranças públicas engajadas em promover mudanças transformadoras na política brasileira. Antes de criar o CLP, fundou a Editora D'Avila, empresa que criou revistas como República, um título de política, e BRAVO!, a principal revista de arte e cultura do Brasil. Em 2002, a revista BRAVO! Foi vendida para a Editora Abril, a maior editora de revistas da América Latina, onde Luiz Felipe tornou-se Diretor Superintendente. Membro do Conselho da LASPAU (filiada à Universidade de Harvard), Fundação Fernando Henrique Cardoso, Instituto Millenium e do Tribunal Superior Eleitoral. É também autor de vários livros de história e política, como Dona Veridiana, Os Virtuosos e Caráter e Liderança. É formado em ciências políticas pela Universidade Americana em Paris e tem mestrado em administração pública pela Harvard Kennedy School.
Lobão	Cantor e compositor.
Miguel Nagib	Advogado, conhecido por ser fundador e líder do movimento Escola sem Partido, fundado em 2003, e idealizador do texto que originou diversos projetos de lei homônimos.
Miguel Reale	Jurista, político, professor e advogado brasileiro. Foi professor titular de direito penal da Universidade de São Paulo e ministro da Justiça no governo Fernando Henrique Cardoso. Escritor no Blog: Antagonista.
Martin Vasque da Cunha	Escritor.

Olavo Mendonça	Policial do Distrito Federal – PMDF (Brasília).
Ozires Silva	Engenheiro aeronáutico brasileiro. Foi ministro da Infraestrutura e ministro das Comunicações do Brasil. Foi presidente e cofundador da Embraer. Presidiu também a Petrobras e a Varig.
Peter Blazek	Historiador do Instituto de Regimes Totalitários.
Paulo Cruz	Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Possui Licenciatura Plena em Filosofia, pelo Centro Universitário Assunção - UNIFAI (2011) e Processamento de Dados, pela UniSant'Anna (1998). Tem experiência na área de Filosofia, Teologia e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Filosofia, Filosofia Antiga, Filosofia Medieval, Introdução à Filosofia, Teologia (Ensino Religioso), Cinema, Educação, Ética, Estética, Platão, Aristóteles, C. S. Lewis e Eric Voegelin. Palestrante sobre racismo no Brasil Professor Titular de Filosofia no Ensino Médio (SEE-SP). Escritor pela Gazeta do Povo.
Paulo Emílio de Macedo	Pós-graduado em Direito Internacional pela Universidade Federal de Santa Catarina e atua como professor na UFRJ e escritor do Instituto Liberal.
Paulo Rezzutti	Escritor, youtuber, arquiteto e pesquisador. Membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
Paulo Roberto Almeida	Doutor em Ciências Sociais (Université Libre de Bruxelles, 1984), Mestre em Planejamento Econômico (Universidade de Antuérpia, 1977), licenciado em Ciências Sociais pela Université Libre de Bruxelles, 1975). É diplomata de carreira, por concurso direto, desde 1977; serviu em diversos postos no exterior e exerceu funções na Secretaria de Estado, geralmente nas áreas de comércio, integração, finanças e investimentos. Foi professor de Sociologia Política no Instituto Rio Branco e na Universidade de Brasília (1986-87) e, desde 2004, é professor de Economia Política no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Direito do Centro Universitário de Brasília (Uniceub). É editor adjunto da Revista Brasileira de Política Internacional, colabora com várias iniciativas no campo das humanidades e ciências sociais, e participa de comitês editoriais de diversas publicações acadêmicas. De agosto de 2016 a março de 2019 foi Diretor do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IPRI), afiliado à Fundação Alexandre de Gusmão (Funag), do Ministério das Relações Exteriores. Escritor convidado do Instituto Millenium.
Raphaella Avena	DJ e fundadora da página Capitalista Ruiva.
Ricardo Gomes	Formou em Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2003. Em 2005 concluiu sua Pós-graduação em Direito Trabalhista, também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É mestrando em História pela Universidad Francisco Marroquín (Guatemala). Foi presidente do Instituto de Estudos Empresariais (IEE), em 2011-2012, organizando a 25ª edição do Fórum da Liberdade, o maior fórum liberal da América Latina, também foi vice-presidente (2010-2011) e diretor de formação (2009-2010) da mesma instituição. Atualmente é Presidente da RELIAL - Rede Liberal da América Latina (2018-2020). Vereador na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul.
Rico Ferrari	Escritor.
Rogério Chequer	Engenheiro de produção, empresário, ativista político, foi colunista da Folha de São Paulo e cofundador do Movimento Vem Pra Rua.
Simon Schwartzman	Cientista social, nascido em Belo Horizonte, Brasil. Foi, entre 1994 e 1998, Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e é membro da Academia Brasileira de Ciências.
Ton Martins	Advogado, filósofo e ativista político.
William Wack	Jornalista, professor e ex-handebolista brasileiro. Waack é formado em jornalismo pela Universidade de São Paulo e em Ciências Políticas e

	Sociologia e Comunicação na Universidade de Mainz em 1974, na Alemanha. Fez mestrado em Relações Internacionais.

Elaboração própria, fonte: https://plataforma.brasilparalelo.com.br/pages/producoes. Acesso em: 22/02/2020.

Anexo B – Matérias: Documentários e Séries

Título - documentário na íntegra	Número de episódios	Títulos dos episódios
Investigação Paralela	1	*1) Quem mandou matar Celso Daniel?*
Fórum Brasil – A última cruzada: Evento: 07/09/2019	8	*2) Abertura – Nossa missão* *3) Terra de Santa Cruz* *4) Pais Fundadores* *Cultura Brasileira* *5) Os poderes do Brasil* *6) capitalismo e Conservadorismo* *7) Literatura brasileira como descobrir o Brasil* *8) Encerramento: Equipe Brasil Paralelo*
1964: Brasil entre armas e livros	1	*9) 1964: O Brasil Entre Armas e Livros*
O teatro das tesouras	7	*10) O teatro das tesouras: 1989* *11) O teatro das tesouras: 1994* *12) O teatro das tesouras:1998* *13) O teatro das tesouras: 2002* *14) O teatro das tesouras: 2006* *15) O teatro das tesouras: 2010* *16) O teatro das tesouras: 2014*
O dia depois da eleição	5	*17) O que sobrou do Brasil? Pt. 1* *18) O que sobrou do Brasil? Pt. 2* *19) O que sobrou do Brasil? Pt. 3* *20) O que sobrou do Brasil? Pt. 4* *21) O que sobrou do Brasil? Pt. 5*
Congresso Brasil Paralelo	6	*22) A cruz e a espada* *23) A Vila Rica/Brasil* *24) A Guilhotina da Igualdade* *25) Independência ou Morte* *26: O Último (sic) Reinaldo* *27) Era Vargas – O Crepúsculo de um Ídolo*
Brasil: A última cruzada	6	*28) Panorama Brasil* *29) Terra de Santa Cruz* *30) A Raiz do Problema* *31) Dividindo pessoas, centralizando o Poder* *32) Propostas* *34) Impeachment: do Apogeu à Queda*
Insight Brasil Paralelo	4	*35) Segurança Pública* *36) A Ordem do Caos* *37) Venezuela: Uma Tragédia do Século 21* *38) Dirceu: O homem de Havana no Brasil*

Elaboração própria, fonte: https://members.brasilparalelo.com.br/members/cursos, acesso em 22/02/2020.

Anexo C – Núcleo de Formação

Área	Tema	Número de aulas	Pessoas que ministram as aulas
Economia	*O histórico do pensamento liberal brasileiro*	1	Lucas Berlanza
Economia	*Introdução da Escola Austríaca de economia*	1	Felipe Rosa
Economia	*Um passeio pela História do Liberalismo*	6	Ricardo Gomes
História	*Uma breve história da Rússia*	6	Lucas Ferrugem
História	*Titãs da Civilização Ocidental*	6	Rafael Nogueira
Filosofia	*As 5 grandes correntes da ética do Ocidente*	3	Frederico Bonaldo
Filosofia	*4 Modelos de Liberdade Política*	3	Marcus Boeira
Filosofia	*Mito, linguagem e mídia*	4	Flavio Morgenstern
Filosofia	*Linguagem e filosofia prática*	8	Marcus Boeira
Ciência Política	*Introdução à Política Internacional*	1	Cezar Roedel
Ciência Política	*Como organizações ideológicas ocupam instituições*	1	Lucas Ferrugem
Ciência Política	*Direito constitucional*	1	Vinícius Boeira
Ciência Política	*Ideologias políticas: as diferentes correntes*	1	Lucas Ferrugem
Ciência Política	*Elite cultural e intelectual*	1	Rafael Nogueira
Ciência Política	*Desconstruindo Paulo Freire*	2	Thomas Giulliano
Ciência Política	*A biografia de Carlos Lacerda*	1	Lucas Berlanza
Ciência Política	*As origens do Estado*	4	Ricardo Gomes
Ciência Política	*Armamento e a liberdade civil*	5	João Pedro Peteck e Diego Ferreira
Ciência Política	*Arte, imaginação e sentido*	1	Paulo Cruz

Elaboração própria. Fonte: https://members.brasilparalelo.com.br/members/cursos, acesso em 22/02/2020.

6. O MSM E O FASCISMO:

"Twist the truth - then twist your arm/It's the Emperor Caligula School of Charm/
Don't take his word 'cause it's not worth having it (he's an Art-Nazi)/He's a tinpot Hitler gone berserk/
A self-made man from another man's work/More tonque in cheek than a french kiss from Judas Iscariot".

Martin Walkyier. "Art Nazi". *The Silent Whales of Lunar Sea*. 1995.

Neste capítulo iremos situar teórica e historicamente o MSM, buscando compreender os motivos pelos quais os movimentos políticos de cunho fascista *se fazem necessários* na fase atual do capitalismo. Somente através desta leitura mais ampla poderemos compreender a própria existência do MSM. A atribuição de sentido fascista para determinado movimento ou ideologia de direita não deve ser feita inconsequentemente, ou de maneira caricata, já que esta leitura antes de tudo presume uma *nova* força a ser considerada na relação de forças – "nova" força no sentido de uma relevância maior, que faz o conceito de fascismo "escapar" dos grupúsculos, que na contemporaneidade associam-se diretamente aos que iremos chamar de fascismos de primeira onda (os fascismos clássicos), os considerando somente uma parte do "espectro fascista" existente. Por entendermos que estas considerações não são habituais, iremos neste capítulo primeiro abrir uma linha de interrogação teórica, situando os fascismos clássicos e a conjuntura que permitiu sua ascensão – a "crise fascista". Prosseguiremos apontando a crise de 2008, que em seus desdobramentos específicos aponta para a ascensão de movimentos e partidos fascistas. Em seguida apontaremos as transformações que estes movimentos e partidos tiveram de cumprir para continuar apresentando-se como opções políticas válidas no Pós-Guerra (os fascismos de segunda onda) e após o declínio da URSS (os fascismos de terceira onda). Por fim iremos situar alguns movimentos e partidos fascistas de terceira onda na contemporaneidade, sublinhando suas funções políticas e sociais diante das crises do capital-imperialismo.

O fascismo não é um desenvolvimento "natural" ou óbvio da direita, "*gênero de que o fascismo é uma espécie*"[1], pois cumpre papéis específicos, resguardando determinados grupos sociais na disputa do bloco no poder, o que garante a sobrevida do Estado capitalista. Assim como cumpre um papel específico na ofensiva contra as forças da classe trabalhadora em um processo de crise serve como elemento rearticulador do bloco no poder, alterando as relações entre as diferentes frações da burguesia (grande e pequena) para a superação da crise. Antes de qualquer desenvolvimento, iremos apresentar o conceito de fascismo de Leandro Konder, que irá balizar as mudanças e permanências assinaladas, para quem trata-se de:

> […] uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se

[1]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 27.

> fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara "modernizadora", guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionalistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário. Seu crescimento num país pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas); e pressupõe também as condições da chamada sociedade de massas de consumo dirigido, bem como a existência nele de um certo nível de fusão do capital bancário com o capital industrial, isto é, a existência do capital financeiro[2].

A situação de crise aberta é um dos pontos chave para compreender a ascensão de movimentos deste tipo, o que delimita que "*nem todo movimento reacionário é fascista*" e "*nem toda repressão – por mais feroz que seja – exercida em nome da conservação de privilégios de classe ou casta é fascista*" do mesmo modo que o conceito "*não se deixa reduzir, por outro lado, aos conceitos de ditadura ou de autoritarismo*"[3]. Mas, que fique claro, isto não significa que os movimentos e partidos fascistas cumprem suas tarefas políticas em um sentido coerente na disputa política, dados a centralidade e do irracionalismo e do pragmatismo, que possuem reflexos tanto ideológicos quanto hierárquicos. "*Para uma política ser eficaz, ela precisa ser levada à prática através de iniciativas concretas, manobras, concessões, acordos, golpes de audácia, formas de arregimentação das forças disponíveis que transcendem da mera atitude doutrinária*"[4]. O que não nos impede de sublinhar diferenças concretas entre os momentos da ascensão históricas de projetos deste cunho. Ou mais especificadamente, segundo Calil:

> Diversas características que marcaram a trajetória dos movimentos fascistas foram completamente abandonadas quando de sua ascensão ao poder, particularmente seu discurso anticapitalista e sua denúncia do grande capital. Todos os processos históricos concretos de ascensão do fascismo ao poder foram precedidos por um compromisso entre os movimentos fascistas e o grande capital monopolista, abandonando-se qualquer discurso ou prática de questionamento ao capitalismo. Assim, também no caso de movimentos fascistas que não ascenderam ao poder, é necessário analisar com muito cuidado suas proposições pretensamente anticapitalistas, tendo em vista que não é possível cotejá-las a uma prática efetiva de governo. A veiculação de um discurso pretensamente anticapitalista correspondia a uma necessidade concreta dos movimentos fascistas, embasando sua auto-representação como movimentos "revolucionários", tendo em vista o atendimento das expectativas de sua base social fundamentalmente pequeno burguesa, a qual, em um contexto de crise econômica e social, responsabilizava o grande capital pelas conseqüências destas crises. É importante ressaltar que os movimentos fascistas não são constituídos a priori como "instrumentos do grande capital", mas, ao contrário, surgem historicamente formados pela pequena burguesia e apenas posteriormente, com o acirramento da luta de classes, passam a expressar diretamente o interesse do

[2]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 53.
[3]Idem. p. 25.
[4]Ibidem. p. 28.

grande capital[5].

Sublinhemos esta peculiaridade combativa do movimento, que o reveste de caracteres "anticapitalistas", ou melhor, o posiciona *contra alguns elementos ou movimentos parciais do capitalismo*. Sua origem social é constituída por elementos oriundos dos estratos médios da sociedade, cujo afastamento do bloco do poder os permite construir um aparato ideológico capaz de oferecer possibilidades políticas maiores para as burguesias em caso do acirramento da luta de classes, sem que com isto a ordem social seja invertida. Isto ocorre porque "*o próprio sistema em cuja defesa as classes dominantes se acumpliciam – um sistema que gravita em torno da competição obsessiva pelo lucro privado*" é responsável por impedir "*que as forças sociais em que consiste a direita sejam profundamente solidárias: elas só se unem para os objetivos limitados da luta contra o inimigo comum*"[6]. Este trabalho de arregimentação em nada corrobora com leituras do fascismo como sendo estritamente uma metodologia estática de organização política, pois o compreende através de suas tomadas de posição em uma determinada relação histórica de forças. Isto é retomado por Mauro Iasi na apresentação do livro de Konder:

> Presos à incapacidade de compreensão da distinção entre forma e conteúdo, os mais preocupados espíritos atormentados de liberais democratas, ou seus jovens aliados recém-liberais e tardiamente democratas, ficam à espera de uniformes marrons, camisas negras, suásticas e *facios*, e deixam escapar manifestações muito mais substanciais. O culto pós-moderno do irracionalismo combinado com a ostensiva retomada de um cientificismo neo-positivista, o elogio dos sentimentos e instintos contra a razão, o pragmatismo renovado da *realpolitik*, a negação da teoria pela revigorada ofensiva daqueles que Zizek batizou de "agnósticos new age", e, principalmente o brutal anticomunismo, o cínico preconceito de classe contra os trabalhadores e sua sofisticada e sutil, mas nem por isso menos brutal, expressão acadêmica na tese do "fim do mundo do trabalho" e a suposta impropriedade do conceito de classe social como instrumento explicativo da sociedade contemporânea, nos alertam que os cadáveres enterrados na Itália e na Alemanha tiveram tempo de liberar a sua alma[7].

O que pode ser observado como uma das características do fascismo clássico: seu pragmatismo radical serviu somente "*no sentido de superar a situação altamente insatisfatória que a contradição* [...] *tinha criado para as forças conservadoras mais resolutas*"[8], não ocorria afastado das suas posições práticas. Do mesmo modo concorreu para apropriar-se de conceitos de origem do campo do "inimigo", o marxismo, seja para esvaziá-lo de sentindo social, na disputa pelo discurso competente em relação ao corpo social, seja para entender estrategicamente o posicionamento estratégico do proletariado, seja para compor seu próprio plano para a atuação política delimitando

---

[5]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 151-152.
[6]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 28.
[7]IASI, M. L. "Nosso guia na floresta de papel: o artífice da palavra clara". *In*. KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 17.
[8]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 29.

suas frentes para evidenciar o acirramento que já sobrevinha, utilizando politicamente a crise como elemento agrupador[9].

Tendo de atingir um viés que "desvele" a realidade para o militante, o fascismo recorre ao mito, ao irracional que dote de sentido de unicidade a atuação coletiva, sendo o mais comum de todos, o recurso ao nacionalismo. Este revela-se na tentativa de se suprimir as diferenças sociais dentro de determinada formação social pelo recurso da identidade imaginária assumida pelo todo, onde a multiplicidade social funde-se num caráter unidimensional, o pertencimento ou não a determinada nação, povo e/ou etnia. Esta valorização nacionalista é "*inevitavelmente retórica, precisa ser agressiva, precisa recorrer a uma ênfase feroz para disfarçar o seu vazio e tende a menoscabar os valores das outras nações e da humanidade em geral*". Como Konder assinala, "*pode existir um fascismo que não seja racista, mas não pode existir fascismo que não seja chauvinista*"[10], sendo este o elemento essencial para este desenvolvimento. "*Para esclarecer a eficácia do chauvinismo fascista, convém lembrar que ele conseguiu, às vezes, tirar proveito de críticas bastante fundamentadas aos imperialismos rivais*"[11], lembrando o fascismo italiano clássico.

Precisamos ainda sublinhar que o fenômeno fascista não ocorre pela primazia de um campo social sobre outro, contradizendo os próprios fascistas, que afirmavam-se *simplesmente* como representantes de regimes onde o campo político reinaria sobre o campo econômico, num reducionismo extremo do economicismo. Afinal,

> se a política fosse um mero apêndice da economia e se todas as ações políticas se deixassem reduzir diretamente a determinados interesses econômicos imediatos, não existiria nos quadros da burguesia uma divisão do trabalho entre o empresário e o político (afinal, há numerosos empresários que não se dedicam à política e há numerosos políticos *burgueses* que não são empresários). Portanto o marxismo não subestima a "criatividade" específica da esfera política. Mas, quando uma interpretação se fixa em alguns aspectos "criativos" da política fascista para pretender descaracterizar o conteúdo de classe do fascismo, ou para descrever o fascismo como o "domínio de um grupo que corporifica o primado do político sobre o econômico", semelhante interpretação [...] contribui objetivamente para inocentar o capital financeiro na gênese de fenômenos do tipo Mussolini e Hitler, e – ainda por cima – acolhe uma ideia muito cara aos dois falecidos ditadores, que sempre se empenharam em disfarçar o conteúdo de classe da política que punham em prática, enfatizando exatamente *o primado do político sobre o econômico*[12].

Também foram os fascistas clássicos os primeiros a servirem-se da moderna metodologia de propaganda, que sofre uma mudança brusca em seu alvo, não tratando mais diretamente do consumo de determinado produto, mas visando influenciar a conduta total do consumidor,

---

[9]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 33.
[10]Idem. p. 41.
[11]Ibidem. p. 46.
[12]Ibidem. p. 137-138.

vendendo um estilo de vida[13]. Este espaço foi aberto, ocupado e garantido aos fascistas pelo acesso a uma base material capaz de fazer frente aos projetos políticos que primavam pela independência de classe, já que assegurada por patrocinadores oriundos da burguesia, especialmente pelo grande capital financeiro:

> Para o capital financeiro […] o sistema só poderia ser salvo por meio de reformas que suprimissem certos estorvos, remanescentes da fase da "livre competição", *acentuassem a concentração do capital* (uma forma de "racionalização" da economia) *e aprofundassem a interdependência entre os monopólios e um "Estado forte"*. Antes da crise mundial do capitalismo em 1929, esse programa ainda encontrou dificuldades para se traduzir em formas claras. Mussolini, durante os anos de 1920, ainda hesitava no fato de que o Estado deveria ser *politicamente forte*, mas deveria *esquivar-se a toda e qualquer intervenção na esfera econômica*[14].

Contra os que desacreditam a validade do conceito de fascismo para a análise histórica, devemos, antes de qualquer discussão mais aprofundada, relembrar que o fascismo nunca deixou de ser uma opção para o capital, pois, *como fenômeno da fase imperialista do capitalismo não se resume a implementação do capitalismo monopolista de Estado*. Como o próprio Konder alerta, a utilização do conceito de fascismo somente para os casos clássicos teria de fato um fundo conservador e desmobilizador:

> Para evitar os riscos de um emprego confusionista e anticientífico do conceito de fascismo (riscos obviamente muito reais) os dois fascitólogos famosos [Nolte e De Felice] *expulsaram o conceito da história que está sendo feita em nossos dias, obrigaram-no a exilar-se no passado*. O sentido conservador dessa opção é claro: independente das intenções subjetivas dos dois autores e da inegável utilidade de suas investigações historiográficas, eles acabam contribuindo para confundir e desarmar as forças antifascistas, levando-as a não poderem identificar claramente *as dimensões mundiais com que o fenômenos fascista pode reaparecer, em nossa época, no interior do capitalismo monopolista de Estado*. A louvável prudência científica de Nolte e De Felice se combina, infelizmente, com uma inaceitável subestimação do capitalismo monopolista de Estado, do imperialismo e do fascismo[15].

O que também é defendido por Nicos Poulantzas, sendo que suas peculiaridades não podem ser extraídas de uma caracterização definitiva, sua possibilidade de ascensão deve ser compreendida como característica da fase imperialista do capitalismo: "*os fascismos – como aliás, todos os outros regimes de exceção – não são fenômenos limitados no tempo*", significando que seu ressurgimento "*continua possível, sobretudo hoje – mesmo que, provavelmente não se revista agora das mesmas formas históricas de que se revestiu no passado*", para nos indicar o cerne que devemos buscar para a compreensão destes fenômenos de exceção: as crises do capital. O fascismo acaba por fazer-se possibilidade para o autor, "*mesmo nos países da área europeia*", caso qualquer crise do capitalismo

---

[13]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 47.
[14]Idem. p. 51.
[15]Ibidem. p. 170.

venha a atingir "*seu próprio centro*"[16]. Segundo Konder:

> Mesmo que a tomada do poder por parte das forças populares não esteja na ordem do dia, os grandes capitalistas percebem, apreensivos, que o aparelho de Estado não é imune às pressões e infiltrações. O número de capitalistas diminui, ao passo que o número de assalariados aumenta. E o conteúdo de classe do Estado não basta para vaciná-lo contra a contaminação de impulsos políticos provenientes da massa cada vez mais ampla e mais densa das camadas populares. Quanto mais importante se torna o controle do Estado, mais os grandes capitalistas são levado a lutar para "limpá-lo" de "incrustações democráticas", empenhando-o cada vez mais radicalmente em funções repressivas e antipopulares. Daí a tentação do fascismo[17].

Deste modo, é nas convulsões, nos conflitos sociais acarretados pelas crises que estes movimentos têm sua penetração social afirmada, e anotando que se a efetividade do movimento fascista está em completar-se como Estado, o que escapa às leituras economicistas, pois

> com efeito, o imperialismo, considerado como estágio de conjunto do processo capitalista, não se limita a modificações que marquem unicamente o domínio econômico – como, por exemplo, a concentração monopolista, a fusão do capital bancário, e do capital industrial em capital financeiro, a exportação de capitais, a procura de "colônias" por simples razões "econômicas", etc. De fato, estes dados econômicos determinam, rigorosamente, uma nova articulação do conjunto do sistema capitalista, e por isso profundas modificações *do político e da ideologia*[18].

A mesma crise notada pelo autor acabou por gestar uma experiência de cunho fascistizante: o Chile de Augusto Pinochet[19], que por sinal e não sem coincidência foi o primeiro governo da América Latina a implantar as reformas ultraliberais de Estado, pois tendo suporte "*numa brutal ditadura militar, o Chile pôde contar com as melhores condições políticas para reciclar o modelo de um estado centrado na democracia social para um articulado em torno da esfera mercantil*"[20].

Temos que compreender que o período de ascensão dos movimentos fascistas em uma situação específica na relação de forças de determinada formação social, que entra em crise aberta, que podemos pensar através do que Gramsci nomeia crise de hegemonia, a crise dos grupos dirigentes:

> Em um certo ponto de sua vida histórica, os grupos sociais se separam de seus partidos tradicionais, isto é, os partidos tradicionais naquela dada forma organizativa, com aqueles determinados homens que os constituem, representam e dirigem, não são mais reconhecidos como sua expressão por sua classe ou fração de classe. Quando se verificam estas crises, a situação imediata torna-se delicada e perigosa, pois abre-se o campo às soluções de força, à atividade de potências ocultas representadas pelos homens providenciais ou carismáticos. Como se formam estas

---

[16]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 10.
[17]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 175.
[18]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 20.
[19]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 162.
[20]SADER, E. "Notas sobre a globalização neoliberal". *In*. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde*: contradições e desafios em 20 anos de SUS. op. cit. p. 38.

> situações de contraste entre representantes e representados, que, a partir do terreno dos partidos (organizações de partido em sentido estrito, campo eleitoral-parlamentar, organização jornalística), reflete-se em todo o organismo estatal, reforçando a posição relativa do poder da burocracia (civil e militar), da alta finança, da Igreja e, em geral, de todos os organismos relativamente independentes das flutuações da opinião pública? O processo é diferente em cada país, embora o conteúdo seja o mesmo. E o conteúdo é a crise de hegemonia da classe dirigente, que ocorre ou porque a classe dirigente fracassou em algum grande empreendimento político para o qual pediu ou impôs pela força o consenso das grandes massas (como a guerra), ou porque amplas massas (sobretudo de camponeses e de pequeno-burgueses intelectuais) passaram subitamente da passividade política para uma certa atividade e apresentam reivindicações que, em seu conjunto desorganizado, constituem uma revolução. Fala-se de "crise de autoridade": e isso é precisamente a crise de hegemonia, ou crise do Estado em seu conjunto[21].

Estas crises não possuem um componente único, estendendo-se pela política, pela ideologia, pela cultura, pela economia. Elas colocam em risco o total das relações sociais vigentes, não podendo ser resumidas a um campo, mesmo que este a tenha desencadeado, como a economia, pois neste caso seria passível de resolução por uma solução parcial de curto prazo. Esta crise, como já dito, é criada pela "*situação de aprofundamento e de exacerbação das contradições internas entre as classes e frações de classe dominantes*", ou seja, a crise do bloco no poder em representar os interesses e as relações político-ideológicas da classe dominante. "*É a incapacidade de uma classe, ou fração, em impor a sua hegemonia, ou seja, ao fim e ao cabo, a incapacidade da aliança no poder em ultrapassar 'por si mesma' as suas próprias contradições exacerbadas*", que também liga-se "*de resto, à crise de hegemonia que atravessa o bloco no poder e os seus membros no que diz respeito, agora, à sua dominação política sobre o conjunto da formação social*"[22]. Obviamente, nem toda crise de hegemonia desenvolve-se automaticamente para um processo de implementação do fascismo, o que depende, em maior parte das relações de força anteriores e durante este processo, de uma conjuntura específica da luta de classes[23]:

> A crise gera situações imediatas perigosas, já que os diversos estratos da população não possuem a mesma capacidade de se orientar rapidamente e de se reorganizar com o mesmo ritmo. A classe dirigente tradicional, que tem um numeroso pessoal treinado, muda homens e programas e retoma o controle que lhes fugia com uma rapidez maior do que a que se verifica entre as classes subalternas; faz talvez sacrifícios, expõe-se a um futuro obscuro com promessas demagógicas, mas mantém o poder, reforça-o momentaneamente e dele se serve para esmagar o adversário e desbaratar seus dirigentes, que não podem ser muito numerosos nem adequadamente treinados. A unificação das tropas de muitos partidos sob a bandeira de um único partido, que representa melhor e sintetiza as necessidades de toda a classe, é um fenômeno orgânico e normal, ainda que seu ritmo seja muito rápido e quase fulminante em relação aos tempos tranquilos: representa a fusão de todo um grupo social sob uma só direção, considerada a única capaz de resolver um problema vital dominante e de afastar um perigo mortal. Quando a crise não encontra esta solução

---

[21]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 60.
[22]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 77-78.
[23]Idem. p. 61.

orgânica, mas sim a do chefe carismático, isto significa que existe um equilíbrio estático (cujos fatores podem ser muito variados, mas entre os quais prevalece a imaturidade das forças progressistas), que nenhum grupo, nem o conservador nem o progressista, dispõe da força necessária para vencer e que até o grupo conservador tem necessidade de um senhor[24].

A conjuntura que faz o fascismo possível de ascensão só ocorre "*face a uma situação onde, paralelamente, e por razões diferentes, se assista, simultaneamente, a uma crise da ideologia dominante e a uma crise da principal força dominada*". A crise da ideologia dominante corresponde a crise de hegemonia, a crise de autoridade, que afeta de forma mediada o conjunto das relações sociais de uma formação social, e que pode mesmo abrir caminho para o avanço da classe antagônica, ou, dada a relação de forças, levar a uma reorganização de outro tipo no bloco do poder. "*Dito de outra forma: a ideologia dominante é atingida, além do mais, na sua função em relação às próprias classes dominantes*"[25].

A classe trabalhadora e sua ideologia conhecem sua crise em um processo distinto da crise da ideologia dominante, mas que novamente anotemos, para uma crise fascista, tem de ocorrer paralelamente. Para a classe trabalhadora, o processo de crise é perpassado por uma série de derrotas ("*Pois que, por outro lado, toda uma série de autores, nomeadamente Daniel Guérin, ao falarem abstratamente de 'derrota' da classe operária antes do processo de fascização, concluem que o fascismo deriva unicamente das 'contradições econômicas'*"). Então não significa que esta derrota se transmute em um único acontecimento, uma derrota efetiva, já que "*pode igualmente provir do fato de não se ter travado uma batalha no momento propício*" ou do "*fracasso característico da classe operária em atingir os objetivos políticos impostos por, e possíveis, em uma situação de crise aberta*"[26], o que Poulantzas chama de "processo de derrota". É este processo que abre caminho para o fascismo, no qual a classe trabalhadora não contrapõe-se politicamente, quando seus partidos e aparelhos privados de hegemonia portam-se de modo estritamente defensivo:

> A característica do processo de fascização é que a luta da burguesia contra a classe operária assume um caráter cada vez mais político, enquanto da classe operária contra a burguesia *se refugia, cada vez mais, no domínio econômico-reivindicativo*. Dito de outra maneira, na complexa articulação da luta econômica e da luta política, é a luta econômica que progressivamente assume o papel dominante da classe operária. Durante o processo de fascização, a classe operária não está "desmobilizada", no sentido absoluto do termo[27].

Embora a classe posicione-se, ela não segue a direção de nenhum partido (nenhuma direção

---

[24]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 60-61.
[25]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 83.
[26]Idem. p. 150-151.
[27]Ibidem. p. 153.

ideológica coerente), que se desvinculem da massa[28], ou seja, *é em um período de crise ideológica da classe trabalhadora e de suas organizações*, que abre espaço para a influência de outras ideologias:

> Esta ordem de fenômenos liga-se a uma das questões mais importantes concernentes ao partido político, isto é, à capacidade do partido de reagir contra o espírito consuetudinário, contra as tendências a se mumificar e tornar anacrônico. Os partidos nascem e se constituem como organização para dirigir a situação em momentos historicamente vitais para suas classes; mas nem sempre eles sabem adaptar-se às novas tarefas e às novas épocas, nem sempre sabem desenvolver-se de acordo com o desenvolvimento do conjunto de relação de forças (e, portanto, a posição relativa de suas classes) no país em questão ou no campo internacional. Quando se analisam estes desenvolvimentos dos partidos, é necessário distinguir: o grupo social, a massa partidária, a burocracia e o Estado-maior do partido. A burocracia é a força consuetudinária e conservadora mais perigosa; se ela chega a se constituir como um corpo solidário, voltado para si mesmo e independente da massa, o partido termina por se tornar anacrônico e, nos momentos de crise aguda, é esvaziado de seu conteúdo social e resta como que solto no ar[29].

Assinalando que, como Konder nota, "*a tomada do poder pelos fascistas não ocorrera logo após um grande avanço da esquerda e sim em seguida a um processo geral de deslocamento para a direita, marcado por diversas derrotas da classe operária*"[30]. Com a derrota do proletariado, com a massa desligada de seus organismos organizativos, abre-se espaço para a influência dos funcionários autorizados da burguesia, a pequena-burguesia organizada. Segundo Poulantzas:

> Com efeito, a própria ideologia burguesa está em crise durante o processo de fascização. O que permite, precisamente, a extensão da ideologia pequeno-burguesa na formação social e assim, igualmente – de forma muito mais intensa do que nos casos de uma ideologia dominante incontestada –, na classe operária. Além disso, a pequena burguesia atravessa uma crise profunda. Neste contexto, a ideologia pequeno-burguesa dos "pequenos-burgueses enlouquecidos", como dizia Engels, toma formas muito particulares: formas sob as quais ela penetra de algum modo mais facilmente do que antes na classe operária, ela mesma em crise ideológica […] Nesta situação de revolta da pequena burguesia, o aspecto "anticapitalista", sempre inerente à ideologia pequeno-burguesa, se exacerba e toma dianteira em relação aos outros: é precisamente desta forma que esta ideologia encontra acesso à classe operária[31].

Temos que assinalar que estas formas ideológicas das classes não se dão de maneira idealista, mas são fruto das relações históricas de classe em determinada formação social, assim sendo as atribuições da ideologia pequeno-burguesa como anticapitalistas não referem-se à existência do capitalismo, mas assumem formas de "resistência" determinadas pelos seus interesses e necessidades para sua reprodução, como a defesa da pequena e média propriedade rural através de

---

[28]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 154.
[29]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 61-62.
[30]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 37.
[31]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 155.

incentivos e proteções, contra a formação de monopólios e oligopólios comerciais e industriais em defesa do pequeno e médio comerciante e industrial, além da utilização do componente ideológico de "desestruturação" do mundo pela modernidade, das instituições colocadas em risco, tanto pelo "capitalismo selvagem" quanto pelo comunismo – lembrando que a "*'crise das instituições', mesmo com seus efeitos próprios sob a luta de classes, não é, ela própria, senão o seu efeito*"[32]. Sobre as consequências da crise aberta, quando esta encaminha para a fascização:

> […] um dos efeitos, e não dos menores, desta situação foi a ruptura do laço representantes-representados entre estas classes e frações e os seus partidos políticos, e a falência organizacional destes partidos; um outro foi a característica e espetacular transferência dos "cães de guarda" do bloco no poder – a casta dos seus "funcionários da ideologia" credenciados – para a ideologia fascista e o seu ataque sistemático contra a ideologia burguesa tradicional. Esta conversão dos "funcionários da ideologia" burguesa, conjugada com a crise ideológica no próprio seio das classes dominantes, foi um dos fatores importantes da passagem franca e definitiva da burguesia para o fascismo [Estes funcionários] parecem adotar e preconizar o fascismo de forma muito mais radical, direta e aberta que os primeiros, entrando muitas vezes, pelos seus ataques contra os "partidos" e os "políticos", em conflito agudo com eles. E não foi por acaso que o laço da burguesia com os seus "funcionários da ideologia" se revelou o mais forte[33].

A conjuntura de ascensão fascista pode ser delineada em seu processo: primeiro, com a já citada derrota da classe operária, a ruptura entre a classe e os partidos que, em sua pluralidade, a representam, momento de crise da ideologia proletária. E uma "etapa" de relativa estabilidade das forças sociais, "*estabilização não é uma calmaria, pois situa-se sempre num contexto de exacerbação das lutas de classes*", só que esta se faz explícita em "pontas", situações "*que não chegam, no entanto, para modificar a relação, desigual mas congelada, das forças: em suma, guerra de posições*". A burguesia neste ínterim continua em sua posição privilegiada, e aproveitando desta, "*persegue e divide o adversário, prepara-se para passar à ofensiva. E, se ela é fraca, é sobretudo no sentido em que ainda não é ainda suficientemente forte para passar à ofensiva*", ou seja, com a tomada do poder pelo fascismo, assiste-se, "*não a uma confissão da fraqueza da burguesia, mas a uma consagração, e por muito tempo, da sua força*". Poulantzas reitera este processo com a estratégia levada a cabo pela Terceira Internacional Comunista durante a implementação dos fascismos clássicos europeus: "*O que se passou pois, efetivamente, no caso do processo de fascização, foi a correspondência entre uma crise política da burguesia e uma estratégia ofensiva. O que, bem entendido, quer dizer que as coisas não corriam otimamente para as classes dominantes*", mas entender "*esta crise política por 'fraqueza' da burguesia é caracterizar a sua relação de forças com a classe operária e é precisamente aqui que o sentido atribuído pela Internacional Comunista a esta designação se releva errado (fraqueza da burguesia*

---

[32]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 69.
[33]Idem. p. 83-84.

= força + ofensiva do proletariado)”[34].

A *necessidade da existência de um partido ou movimento fascista* (formal ou não, que articule todo espectro fascista existente em dada sociedade), a tolerância de sua existência em uma democracia parlamentar, ocorre pela necessidade de *organizar a repressão durante o período de crise contra a classe trabalhadora, de uma forma que nenhum partido burguês conseguiria*, já que seu papel corresponde à formação de consenso entre diversos grupos e frações da burguesia, enquanto o fascismo corresponde a uma política específica da pequena e nova pequena burguesia, e do mesmo modo, que não caberia a nenhum partido “social-democrata”, mesmo que seu papel seja “*precisamente, o de desviar as massas e reprimir a revolução*”[35]. Sendo que este, na reorganização fascista do Estado terá de ser completamente destruído, exatamente por suas bases estarem na classe operária, mesmo que a burguesia, em dado momento da crise apele para a “colaboração de classe”, o que ocorre principalmente tendo-se em conta as contradições existentes nesta conjuntura entre o médio e o grande capital:

> O fato que se verifica é que a burguesia joga a cartada, em se querendo, da “colaboração de classe”, no fim do período de estabilidade e ao início do processo de fascização. Esta cartada, de resto, é jogada quer pela própria social-democracia no poder (caso alemão), quer por partidos políticos burgueses sem a participação direta da social-democracia. Por outras palavras, esta cartada coincide com a viragem do processo de derrota da classe operária e com o retomar da ofensiva por parte da burguesia. Mas esta política, nestas circunstâncias determinadas, fracassa; ela não permite à burguesia nem a liquidação das conquistas econômico-políticas da classe operária, nem, por maioria de razão, um progresso decisivo na exploração das massas populares. Daqui por diante, e ao longo de todo o processo de fascização, só os representantes políticos do médio capital tentarão prosseguir este jogo. No entanto, e isto é importante, estes representantes políticos estão progressivamente cortados quer do grande capital, quer das suas próprias frações de classe. Quanto ao grande capital, ele deixa em absoluto de jogar paralelamente, ou ao mesmo tempo, a cartada da “colaboração de classe” – se é que alguma vez a jogou –, mas volta-se de forma decisiva, para a solução fascista[36].

Reafirmando, em uma situação real, estes elementos não se apresentam predispostos tal qual nestas análises esquemáticas (que nos servem de guia, mas de modo algum suprem a análise real das relações de força), sendo que será a mediação entre a conjuntura e a época, da qual decorrerão as características específicas dos “novos” movimentos fascistas. “*Quanto ao próprio fascismo, cujo renascimento permanece possível, será preciso também não julgar que ele se revestiria forçosamente, bem como o processo de fascização que a ele conduziria de formas idênticas às do passado. A história nunca se repete absolutamente*”[37]. E reiteremos o fascismo não se faz a única opção da burguesia em casos de uma crise de hegemonia, mas que será pelo desenrolar histórico,

---

[34]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 85-88.
[35]Idem. p. 164.
[36]Ibidem. p. 165-166.
[37]Ibidem. p. 384.

portanto específico, da luta de classes que se irá determinar a forma de Estado e de regime subsequentes: o bonapartismo, as ditaduras militares, o fascismo ou mesmo formas combinadas destes:

> […] estas crises e regimes de exceção, teoricamente estabelecidos, se apresentam freqüentemente na realidade concreta, de forma combinada. Estes regimes concretos apresentam, na maior parte das vezes, sob a dominância de uma forma de regime, caracteres que sobressaem de várias formas de regimes de exceção e de crises políticas. O que é, aliás, numa certa medida, igualmente o caso dos fascismos alemão e italiano, de que aqui tratamos apenas a título de ilustrações exemplares do fascismo, na medida em que apresentam, de forma clara e maciçamente dominante, os caracteres essenciais do fascismo. O caso espanhol, por exemplo, é diferente, na medida em que se apresenta como uma forma concreta combinada de fascismo e de ditadura militar, com dominância da ditadura militar[38].

Como afirma Reginaldo Moraes:

> O fascismo germina dentro de uma certa lacuna operacional, diria um observador pragmático. Uma ditadura militar ou um estado policial revelam-se insuficientes para derrotar a classe trabalhadora, atomizá-la, destruindo suas organizações, desmoralizando-a e condenando-a à resignação e à obediência. Para esse serviço, torna-se necessário um movimento de massas, no qual exerce papel decisivo uma pequena burguesia atingida pela crise – mas também as parcelas do proletariado e do subproletariado marginalizadas por essa mesma crise. Inflação, falências, desemprego, degradação das profissões e dos status sociais conduzem a um desespero de massas e a um movimento frequentemente povoado de reminiscências ideológicas, de rancor, nacionalismo e de uma certa demagogia ... anticapitalista – uma demagogia voltada para formas especificas do capitalismo, em que são satanizados os usurários, os atravessadores, os tubarões, os monopólios, o capital ocioso (mas não o ancestral e mitológico capital “criador de trabalho e de riqueza”), uma demagogia exacerbada e ao mesmo tempo prudente, já que não se volta contra o próprio instituto da propriedade privada[39].

Assim, a ascensão de “regimes de exceção” sequer requerem necessariamente acompanharem a crise aberta, onde as classes se delineariam de forma clara e se posicionariam para a disputa. No caso brasileiro, é crucial relembrar o golpe de Estado de 1964, e, os mais de vinte anos subsequentes de ditadura civil militar empresarial:

> O resultado do golpe de 1964 é muito menos a saída desastrada de mais uma crise do populismo conduzida pela inabilidade de um político – Jango – sem disposição para ativar o “dispositivo militar” e resistir a mais um golpe de Estado, e sim a reação política mais ou menos organizada de uma parte da sociedade brasileira à ameaça (ou melhor, à percepção subjetiva da ameaça) de uma “república sindical” ou, na pior das hipóteses, da instauração do “comunismo”. Essa percepção estava ligada a três processos: o crescimento da pressão operária sobre o Estado em nome da “proteção social” diante de um capitalismo em rápida transformação. Daí o número

---

[38]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 383.
[39]MORAES, R. C. “Neoliberalismo e neofascismo - *ès lo mismo pero no ès igual*?”. *Crítica Marxista*. nº. 7. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica7parte6dossie.pdf, acessado em 04.07.2011.

> crescente de greves e o reforço do movimento sindical urbano; a radicalização ideológica do movimento nacionalista, liderada pelo ISEB e pelo PCB; e o questionamento efetivo da estrutura agrária através das Ligas Camponesas no Nordeste. É justamente a perda de controle dos políticos populistas diante da ascensão do movimento de massas, e não a sua instrumentalização maquiavélica pelos "demagogos", que está no centro da ruptura dessa estrutura de poder. É ela que, no fim das contas, põe em xeque o compromisso assumido em 1930 e instiga o conjunto das classes dominantes a solicitar às Forças Armadas e restauração da "ordem social"[40].

Isto ocorre porque tanto a resolução, a tomada do poder pelos fascistas na década de vinte, quanto o golpe brasileiro de 1964, não ultrapassaram o "moderantismo conservador", ou seja, "*não modificaram substancialmente o fato das transformações serem levadas a cabo pelas classes dirigentes tradicionais, ou seja, o fascismo não ultrapassou os marcos da revolução passiva, do moderantismo conservador*"[41]. Para tanto, voltemos para Gramsci, para quem:

> [...] a chegada do fascismo ao poder não representaria a substituição ordinária do governo burguês composto à época da unificação italiana por outro, mas sim uma forma estatal da dominação de classe da burguesia, a chamada democracia burguesa, pela ditadura terrorista declarada [...] a ideologia fascista marca um dos pontos de colisão entre o imperialismo e a pequena-burguesia, deslocando a dominância clássica do jurídico-político na ideologia burguesa para o econômico-tecnocrático, inseparável no fascismo, do ressurgimento de uma ordem moral. A constituição do Estado corporativo adotado pelo fascismo seria a tentativa de efetivar o controle das massas, enquanto política de colaboração de classes. O propósito admitido seria de eliminação da luta de classes através da mobilização popular "de baixo para cima", levando-a a colaboração. Estas brechas de passividade levaram à submissão do Estado, à organização do operariado em corporações[42].

A revolução passiva surge para Gramsci através de suas análises sobre o *Risorgimento*, a unificação nacional italiana ocorrida no século XIX: "*o conceito de revolução passiva me parece exato não só para a Itália, mas também para os outros países que modernizaram o Estado através de uma série de reformas ou de guerras nacionais, sem passar pela revolução política de tipo radical-jacobino*"[43]. A revolução passiva não trata-se de uma superação da realidade, a antítese superando a tese, mas uma transformação cujo "*erro filosófico (de origem prática!) desta concepção consiste no seguinte: pressupõe-se 'mecanicamente' que, no processo dialético, a tese deva ser 'conservada' pela antítese a fim de não destruir o próprio processo, o qual, portanto, é 'previsto', como uma repetição ao infinito*"[44]. E para tanto, um dos expedientes históricos que a

---

[40]CODATO, A. N. "O golpe de 1964: luta de classes no Brasil – a propósito de 'Jango', de Silvio Tendler". *Espaço Acadêmico*. nº. 36. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/036/36ccodato.htm, acessado em 15.04.11.

[41]GONÇALVES, R. J. M. "Antonio Gramsci, a revolução passiva e a história do Brasil". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.G.; KOLING, P. J. (orgs.). *Anais do II simpósio de pesquisa Estado e Poder*: a hegemonia em questão. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010. p. 319.

[42]CARNEIRO, M. R. da S. R. *Do sigma ao sigma* – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2007. p. 75.

[43]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 209-210.

[44]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 292.

revolução passiva exige é a "*decapitação do inimigo*", através do transformismo: "*o adversário é dirigido moral e intelectualmente, o que implica numa hegemonia sobre a situação histórica, através da absorção gradual de seus inimigos, de seu transformismo*"[45]. Assim sendo:

> Na luta, "os golpes não são dados de comum acordo", e toda antítese deve necessariamente colocar-se como antagonista radical da tese, tendo mesmo o objetivo de destruí-la e substituí-la completamente. Conceber o desenvolvimento histórico como um jogo esportivo, com seu árbitro e suas normas preestabelecidas a serem lealmente respeitadas, é uma forma de história com uma meta predeterminada, na qual a ideologia não se funda sobre o conteúdo "político", mas sobre a forma e o método da luta. É uma ideologia que tende a enfraquecer a antítese, a fragmentá-la numa longa série de momentos, isto é, reduzir a dialética a um processo de evolução reformista "restauração-revolução", na qual apenas o segundo termo é válido, já que se trata de consertar continuadamente (de fora) um organismo que não possui internamente os próprios motivos de saúde[46].

A crise econômica, que desencadeou a ascensão global de projetos políticos de cunho fascista originou-se da crise da bolha imobiliária estadunidense, que estourou em 2008. Esta crise, tal quais as ocorridas no modo de produção capitalista, é resultado da superprodução de mercadorias, não de sua escassez. É uma crise gerada exatamente pelo bom funcionamento do sistema capitalista, surgida não por sinal no país hegemônico, os EUA – o que configura ser uma crise estrutural e não conjuntural (que teria origem em algum evento específico) e ainda encadeia uma série de outras crises. Segundo os membros do *Observatório internacional da crise*:

> Desde o surgimento do capitalismo existiram crises cíclicas e periódicas, de menor ou maior intensidade, extensão e duração. Desta vez, no entanto, trata-se de uma crise nova, com características distintas; é uma crise mais extensa, profunda multidimensional e com alcance global. Nós nos referimos, mais que a outra crise cíclica do capitalismo, a uma grande crise estrutural no marco de uma "Crise da Civilização", com o potencial de eventualmente redesenhar a geografia socioeconômica e a história planetária[47].

Ela origina-se na crise creditícia e imobiliária dos EUA, especialmente no chamado mercado "subprime", que graças à inadimplência corresponde a um nível mais arricasdo de investimento, garantindo lucros lucros para a empresa que oferece este tipo de crédito. Após a bolha da NASDAQ estourar o FED, para não diminuir o nível de investimentos financeiros, passou a diminuir os juros da economia interna (em 2003 chegaram a cair para 1% ao ano), permitindo o crescimento avassalador do mercado imobiliário – a demanda cresceu de maneira drástica, já que os financiamentos e, principalmente, as hipotecas acompanharam estas mesmas taxas. A hipoteca

---

[45]GONÇALVES, R. J. M. "Antonio Gramsci, a revolução passiva e a história do Brasil". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.G.; KOLING, P. J. (orgs.). *Anais do II simpósio de pesquisa Estado e Poder*: a hegemonia em questão. op. cit. p. 317.
[46]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 396.
[47]OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. "Introdução. A complexidade da crise atual". *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 11.

passou a ser a grande alavanca para o crédito, amplamente utilizado para aquecer o mercado interno de um modo geral e a necessidade de aumento da demanda não poderia excluir "grupos de risco" (os chamados "mau pagadores"), supostamente "resolvida" pelo recurso do "subprime". Só a Fannie Mae e Freddie Mac (duas grandes hipotecárias estadunidenses) chegaram a deter quase metade dos doze trilhões de dólares em hipotecas do país. Em 2008, "*4 em cada 5 hipotecas estão vendidas e só uma está com o credor original*"[48]. Já no ano de 2005 estava constituída a bolha do setor:

> [...] comprar uma casa (ou mais de uma) tornou-se um bom negócio, na expectativa de que a valorização dos imóveis fizesse da nova compra um investimento. Também cresceu a procura por novas hipotecas, a fim de usar o dinheiro do financiamento para quitar dívidas e, também, gastar (mais) [...] Em busca de rendimentos maiores, gestores de fundos e bancos compram esses títulos "subprime" das instituições que fizeram o primeiro empréstimo e permitem que uma nova quantia em dinheiro seja novamente emprestada, antes mesmo do primeiro empréstimo ser pago. Também interessado em lucrar, um segundo gestor pode comprar o título adquirido pelo primeiro, e assim por diante, gerando uma cadeia de venda de títulos[49].

Isto significa que quando a dívida inicial (a hipoteca) não consegue ser paga, gera um ciclo em cascata de não pagamentos, o que termina por criar uma crise de liquidez, de retração de crédito. Isto ocorreu quando o FED, a partir de 2005 passou a aumentar os juros, e junto aumentando a inadimplência, derrubando os preços dos títulos imobiliários – forçando empresas e pessoas a buscar retirar dinheiro para o consumo em vez de consumir e investir através do crédito. Os bancos, sem dinheiro suficiente para cobrir estas retiradas buscam crédito, só que com este restrito, devidos aos juros, o mercado financeiro não consegue garantir estas retiradas (mesmo no funcionamento "normal" do mercado os bancos trabalham com cerca de 1/3 de lastro para a retirada dos fundos de seus clientes). Então é

> [...] quando entram os Bancos Centrais, injetando dinheiro a juros baixos para garantir dinheiro no caixa dos bancos. Se isso não resolver, a solução é abrir falência (e sim, se você tivesse dinheiro lá ele simplesmente sumiria) ou tentar que alguém compre o banco e garanta dinheiro no caixa. Diversos bancos tradicionais acabam sendo incorporados por outros ainda maiores, numa tentativa de evitar uma quebradeira e, pior, uma crise de confiança, aonde todos iriam aos seus bancos retirar seus dinheiros e aí todos os bancos quebrariam de uma só vez[50].

Este investimento significa o aumento da dívida pública (a socialização da dívida), mas que não foi capaz de promover a revigoração da economia (vários países capitalistas centrais, como veremos adiante, praticamente faliram). Nos EUA, o investimento produtivo, "*diminuiu 24% desde*

[48]SOARES, E. P. G. *Entenda a crise da economia dos EUA e sua extensão*. 01.10.08. Disponível em http://www.umavisaodomundo.com/2008/10/entenda-crise-economia-eua.html, acessado em 14.01.12.
[49]FOLHA ONLINE. "Entenda a crise hipotecária que atinge a economia dos EUA". *Folha de S. Paulo*. 11.07.08. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u421556.shtml, acessado em 14.01.12.
[50]SOARES, E. P. G. *Entenda a crise da economia dos EUA e sua extensão*. 01.10.08. op. cit.

o final de 2007, o que provocou um aumento do desemprego e afetou a renda. As dívidas sem capacidade de pagamento e a queda da renda implicam uma contração generalizada da demanda. A crise da economia real, em outras palavras tornou-se evidente”[51]. Segundo edição da “*Folha S. Paulo*” de onze de julho de 2008:

> Em setembro do ano passado, o BNP Paribas Investment Partners – divisão do banco francês BNP Paribas – congelou cerca de 2 bilhões de euros dos fundos Parvest Dynamic ABS, o BNP Paribas ABS Euribor e o BNP Paribas ABS Eonia, citando preocupações sobre o setor de crédito “subprime” (de maior risco) nos EUA. Segundo o banco, os três fundos tiveram suas negociações suspensas por não ser possível avaliá-los com precisão, devido aos problemas no mercado de crédito “subprime” nos EUA. Depois dessa medida, o mercado imobiliário passou a reagir em pânico e algumas das principais empresas de financiamento imobiliário passaram a sofrer os efeitos da retração; a American Home Mortgage (AHM), uma das 10 maiores empresa do setor de crédito imobiliário e hipotecas dos EUA, pediu concordata. Outra das principais empresas do setor de financiamento imobiliário nos EUA, a Countrywide Financial, registrou prejuízos decorrentes da crise e foi comprada pelo Bank of America. A Countrywide responde por cerca de um quinto de todas as hipotecas nos EUA e foi uma das instituições mais atingidas pela crise das hipotecas “subprime”. O choque da crise chega agora a colocar em risco as duas gigantes americanas do setor hipotecário, Fannie Mae e Freddie Mac. Ambas contam com o respaldo do governo – que pode ter de intervir e assumir o comando de ambas, caso a situação financeira delas se agrave, segundo o diário americano “The New York Times” (“NYT”). As ações chegaram a cair cerca de 40% [...] as duas empresas têm cerca de US$ 5 trilhões em débitos assegurados. Se as duas empresas ficarem impedidas de obter novos empréstimos – devido ao temor de que caiam em “default” (inadimplência) –, ficariam impedidas também de adquirir hipotecas de outras companhias do setor[52].

Desta “crise de confiança”, na verdade, a incapacidade das financeiras gerirem os títulos que perderam seu valor (ou melhor, a capacidade de imporem a necessidade da extração acelerada de mais valia para cobrir o “lucro” que supostamente gerariam sozinhos) os Estados nacionais aparecem como elementos cruciais para salvar o sistema. Os EUA aprovaram um pacote de setecentos bilhões de dólares para comprar os ativos “podres” relacionados a hipotecas dos bancos e financeiras. O FED ofereceu seiscentos bilhões de dólares para dívidas relacionadas às hipotecas e mais duzentos bilhões para incentivar a oferta de crédito para o consumo. A Casa Branca ofereceu dezessete bilhões e quatrocentos milhões de dólares para empréstimos emergenciais, o *Programa de Alívio para Ativos Problemáticos*, especialmente para a indústria automobilística. Barack Obama complementou estas ações com programa de setecentos e oitenta e sete bilhões de dólares, visando especialmente conter a onda de desemprego (este pacote visaria criar três milhões e meio de empregos)[53].

---

[51]OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. “Introdução. A complexidade da crise atual”. *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 11.
[52]FOLHA ONLINE. “Entenda a crise hipotecária que atinge a economia dos EUA”. *Folha de S. Paulo*. 11.07.08. op. cit.
[53]ESTADÃO.COM.BR. “Como o mundo reage à crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.10.08 atualizado em 08.06.09.

Mas nem todos os países do mundo contavam com esta capacidade de endividamento, sendo que os primeiros a sentirem de maneira incisiva a crise "real" foram Irlanda, Grécia e Portugual. Estes países endividaram-se pesadamente nos últimos dez anos, montante da dívida que fez minguarem possíveis novos empréstimos. Ao mesmo tempo estes países não podem simplesmente declarar moratória porque estão atrelados a acordos com a União Européia e com o Banco Central Europeu, que mantém as taxas de juros pagas pelos governos da zona do euro baixas, supostamente sob a condição que proveriam recursos e apoio aos países da região, evitando exatamente calotes. A moratória destes países iria aumentar os custos dos empréstimos feitos pelos países menores da União Européia, que já encontram-se em dificuldades para manter o pagamento de suas dívidas externas. Os bancos que são credores destes países entrariam em sérios problemas de solvência, abrindo intervenção e necessitando de salvamento por parte das instituições financeiras supranacionais[54]. As exigências para os empréstimos para estes países, aprofundando a expropriação de direitos sociais e o desmonte do Estado, trouxeram consequências sociais graves para estes países, estando a Grécia em situação de quase guerra civil desde então[55].

No Brasil, desde o momento da quebra do Lehman Brothers, existiram vários investimentos do Estado visando absorver "seu cadinho" na crise: a liberação de quase meio trilhão de dólares no sistema financeiro, especialmente através dos compulsórios adicionais (visando fortalecer o sistema bancário e financeiro nacional através da centralização das carteiras de créditos nas maiores empresas do setor). O mercado financeiro ainda contou com o Banco Central como fiador para a proteção cambial, pela venda de dólares para o mercado futuro (o chamado "*swap*" cambial). Ampliaram a liberação de crédito sob formas de empréstimo para as grandes empresas e para o agronegócio, sendo que a parcela exportadora destes ainda passou a contar com a garantia de dólares para o comércio, através do BNDES, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. A agricultura, a construção civil e o investimento em infraestrutura receberam crédito de quase cinquenta bilhões de reais (isso descontando a liberação de crédito para investimentos futuros, como para as Olímpiadas ou a Copa do Mundo). O crédito ao consumidor individual é elevado para dez mil reais, com o governo subsidiando compra de eletrodomésticos e automóveis, através da diminuição do Imposto sobre Produtos Industrializados. Segundo Leda Maria Paulani:

> Os impactos pelo lado real têm chegado aos poucos e têm vindo principalmente da deterioração das expectativas, que poderão reverter os indicadores relativos à formação bruta de capital fixo (ou seja, investimento) que, a duras penas, estavam se recuperando, depois de duas décadas de estagnação. Os investimentos governamentais como o PAC e o pacote habitacional poderão substituir em parte o

Disponível em http://www.estadao.com.br/especiais/como-o-mundo-reage-a-crise,32895.htm, acessado em 18.01.12.

[54]BBC.BRASIL. "Entenda a crise na Grécia e suas implicações". *BBC.Brasil*. 29.07.11. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110616_entenda_crisegrega_pai.shtml, acessado em 14.01.12.

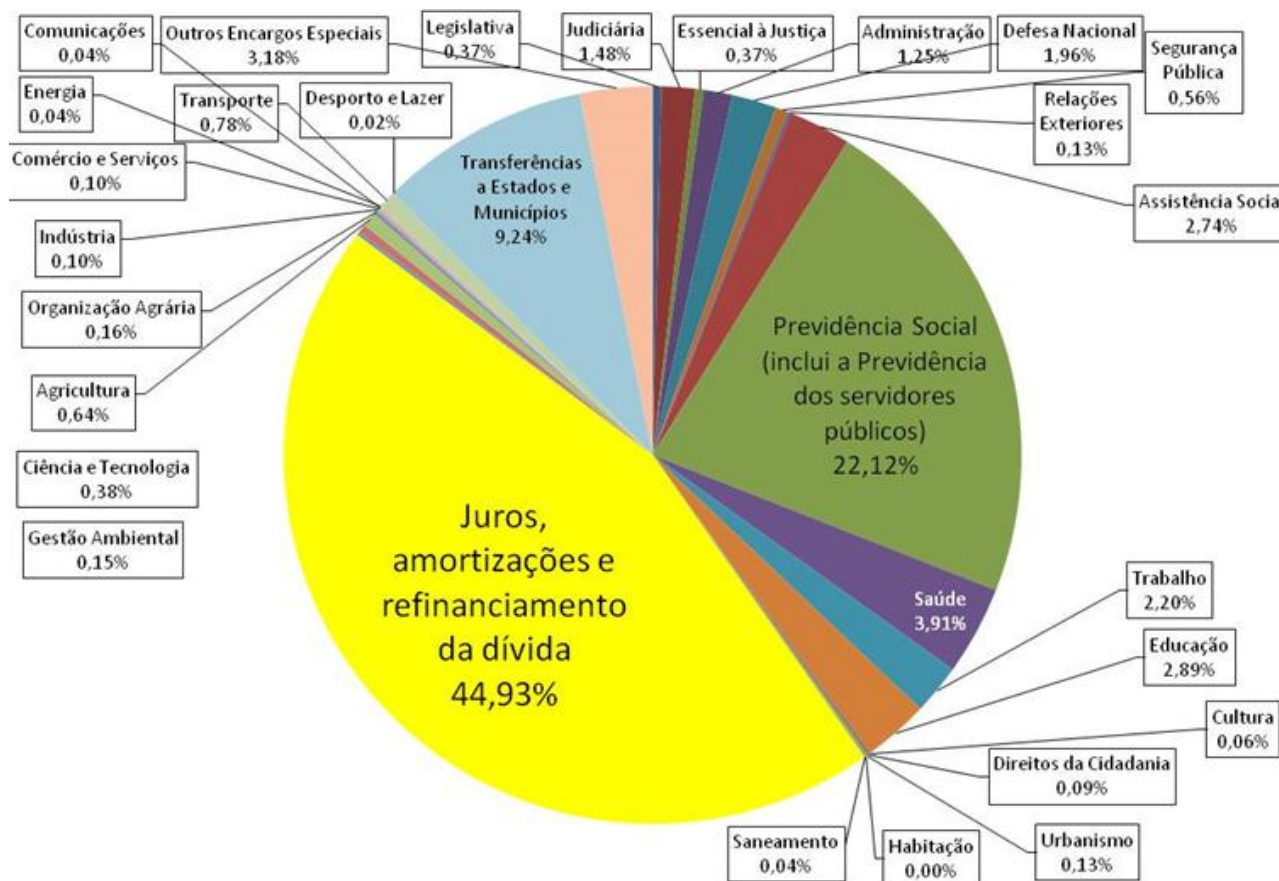
[55]Ver DANTAS, G. "O desequilíbrio econômico na Grécia, as rebeliões operárias e os limites da atual política anticrise". *Antítese*. nº. 8. Goiânia: CEPEC, 2010. p. 79-91.

> investimento privado, mas dificilmente serão suficientes para compensar a redução deste último. Do lado do consumo, o crédito não foi tão afetado, apesar de certa retração no início, particularmente no que tange a financiamento de bens de alto valor, como automóveis [...] A manutenção do nível de consumo tem feito que o Brasil seja visto hoje como o paraíso das multinacionais, pois, dado o tamanho do mercado interno brasileiro e a já famosa engorda da classe C (20 milhões a mais de pessoas com renda para consumir alguma coisa além do essencial), nossa economia tem sido vista como uma alternativa de obtenção de lucros num mundo em retração. O grande problema é que o consumo não tem dinamismo para puxar a economia, como o tem o investimento, e consumo puxado por crédito não é sustentável no longo prazo, como nos mostra o espelho americano. Esse arranjo macroeconômico, em que o investimento está novamente ameaçado de reversão e em que um consumo puxado por crédito aparece como o elemento dinâmico, está de forma evidente completamente invertido, mas é um arranjo típico de um processo de acumulação em que a finança está no comando, fomentando o crescimento de riqueza fictícia[56].

Estas séries de medidas, além de diversas complementações nos quatro anos seguintes cumprem manter o país em uma posição de enfrentar a crise. Mas como visto todas as medidas dão conta de investimentos diretos do Estado na economia, sem nenhum controle ou garantia acerca destes, já que feitos através de empréstimos, crédito e abono fiscal. O país com isto acaba por aprofundar o processo de monopolização da economia em torno de conglomerados brasileiros transnacionais, mantendo os lucros recordes dos bancos privados no país e garantindo o pagamento dos juros das dívidas externa e interna (foram emitidos mais de 180 bilhões em títulos da dívida interna para os financiamentos do BNDES entre 2009 e 2010) graças a cortes em setores sociais (o que resultou em superávits recordes seguidos)[57]. O gráfico seguinte, elaborado pela Auditoria Cidadã da Dívida, nos mostra orçamento do Estado brasileiro, de um trilhão e quatrocentos e quatorze bilhões de reais, executado em 2010:

FIGURA 5: Orçamento Geral da União executado em 2010 (inclui “refinanciamentos” da dívida):

[56]PAULANI, L. M. “A crise do regime de acumulação com dominância da valorização financeira e a situação do Brasil”. *Estudos Avançados*. nº. 66. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a03v2366.pdf, acessado em 15.01.12.

[57]ESTADÃO.COM.BR. “As medidas do Brasil contra a crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.04.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/especiais/as-medidas-do-brasil-contra-a-crise,54143.htm, acessado em 14.01.12.

FONTE: SIAFI. *Banco de dados* (execução do Orçamento da União). Disponível em http://www.camara.gov.br/internet/orcament/bd/exe2010mdb.EXE, acessado em 13.10.11. Elaboração: Auditoria Cidadã da Dívida.

Como visto, embora esta crise ainda esteja desdobrando-se os Estados nacionais dos países capitalistas avançados colocaram-se como fiadores últimos do sistema econômico como encontra-se, a declaração que determinados conglomerados financeiros privados são "grandes demais para quebrar" os tornou praticamente invulneráveis. O capital-imperialismo continua em ofensiva:

> Mas os bancos e seu comportamento irresponsável e fraudulento foram os responsáveis pela crise na economia real. Com efeito, em vez de ajudar a recuperar essa economia, eles voltaram a economia de cassino, com o que provocaram ainda mais danos em quase todos os espaços econômicos mundiais. As intervenções de salvamento dos grandes bancos, em outras palavras, em vez de trazer uma solução para a economia real, estimularam que se continuasse a fazer mais do mesmo: a acumulação do capital fictício às custas do capital real. Com isso aumentou a volatilidade no sistema econômico mundial: daí a crescente acentuação da incerteza econômica social e política[58].

Neste contexto, fica claro que fascismo possui uma função específica dentro do capitalismo, que é necessário ao capital, servindo como linha última para a sua reprodução em casos de crise,

[58]OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. "Introdução. A complexidade da crise atual". *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 13.

mas que não seriam capazes de manter-se como opções, caso não se transformassem para continuarem os mesmos.

6.1. A continuidade fascista no século XX:

Durante o século XX existiram mudanças, tanto no campo político quanto no campo econômico, que alteraram as características do fascismo (que do mesmo modo, irão mudar em cada formação social), o que significa, ao contrário do que diversas escolas compreendem, que o fascismo não pode ser simplificado em torno de uma metodologia organizativa, marcada, por exemplo, pela disciplina em torno de um líder carismático, por suas características paramilitares, etc. Estes elementos são importantes em sua caracterização, para identificar as experiências fascistas, mas não possuem capacidade explicativa do fenômeno, sendo que o sentido descritivo é típico de uma leitura liberal, que, como já discutido, acaba por trancafiar o conceito às experiências clássicas. Embora existam diversas leituras críticas que o corroborem neste sentido[59], ou ainda tentem "complementar" o conceito com adjetivos[60], o que estas leituras negam são as transformações exigidas pelas mudanças qualitativas do capital e suas superestruturas, numa interpretação que acaba por nos trazer à tona a conhecida tese das "ideias fora do lugar", deslocando as funções do fascismo em relação às continuidades existentes no desenvolvimento do capitalismo no século XX, especialmente: o caráter nacional-estatal da reprodução da contradição capital-trabalho. Além de ignorar o encapsulamento das lutas proletária às formações sociais, ou mais especificamente a derrota do internacionalismo proletário pelo cosmopolitismo burguês[61] durante a segunda metade daquele século. Como afirma Fontes:

> O ano de 1968 expressou, de forma difusa, a emergência do descompasso entre a intensificação da internacionalização do capital, com seus efeitos sociais múltiplos, e o empenho em manter encapsuladas as lutas sociais em âmbito nacional ou mesmo subnacional. Irrompiam então reivindicações cujo escopo somente faria plenamente sentido num contexto internacional de lutas de classes de teor anticapitalista, pois não eram mais solúveis ou solucionáveis nos âmbitos nacionais. Mais além, o pós 1968 demonstraria que mesmo as lutas mais árduas e mobilizadoras, se isoladas e reduzidas ao nível infranacional ou nacional, se converteriam em processos adaptativos, reforçando o cosmopolitismo já em curso, chegando mesmo a denunciar o internacionalismo como nefasto. O aspecto revolucionário de 1968 reside menos no que efetivou concretamente em cada país e mais na exigência de internacionalização que vislumbrou, mesmo sem conseguir elaborar um novo formato popular, apto a associar diferentes dinâmicas nacionais, em face da

[59]BORON, A. "El fascismo como categoria histórica: en torno del problema de las dictaturas en América Latina". *Revista Mexicana de Sociologia*. nº. 2, abril-junho, 1977.
[60]SANTOS, T. dos. "Socialismo y fascismo en América Latina hoy". *Revista Mexicana de Sociologia*. nº. l, janeiro-março, 1977.
[61]FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. op. cit. p. 176-191.

> internacionalização acelerada do capital. A resultante contrarrevolucionária residiu no reencapsulamento de enorme volume de reivindicações sociais claramente insolúveis – mas inelimináveis – em âmbitos cada vez mais estreitos, ao lado de sua expressão cosmopolita através de agências internacionais garantidoras da ordem[62].

Temos de entender o fascismo dentro dos limites nacionais estatais, através da necessidade de subjugar e quebrar o espírito combativo da classe operária, seja quando esta oferece perigo real a ordem burguesa, seja quando as necessidades da reprodução do capital-imperialismo exigem uma ofensiva sobre os trabalhadores, suas organizações e suas conquistas, exigindo então a cooptação de suas lideranças e o transformismo de suas instâncias de organização e resistência. Como entende Calil, é importante inquirir que "*dentre as características em comum definidoras dos movimentos fascistas destacam-se sua composição social, sua forma de estruturação interna e a ideologia adotada*"[63].

As grandes mudanças dos movimentos fascistas talvez girem em torno do seu entendimento da necessidade do espectro fascista na ação – somente os grupos menores e geralmente identificados com os fascismos clássicos assinalam a necessidade de um partido único; do papel do Estado, tornado mínimo, ou quando no máximo, em função do acirramento da luta de classes, acompanhando a resistência de alguns setores às reformas ultra liberais, defendendo a garantia de alguns direitos assegurados pelo Estado (caso da Frente Nacional francesa na eleição de 2012); da estrutura partidária, que mesmo sendo altamente centralizado em torno de lideranças específicas, ele não assume mais o caráter metodológico organizativo, e mesmo simbólicos, dos partidos fascistas clássicos. Estes passam a formar redes extrapartidárias, e como no caso do movimento fascista estadunidense *Tea Party*, células relativamente autônomas, evitando assim tanto sua marginalização, quanto possibilitando a ação direta das milícias sem que com isso a organização como um todo seja colocada em semilegalidade; também como resultante desta descentralização possibilitam iniciativas criativas de organização e cooptação de militantes, concretizado como exemplo maior o uso ostensivo da internet para a atuação política (não só para propaganda, para a disseminação ideológica, mas como instância organizativa, de cooptação, formação e confronto ideológico). Assinalando que

> uma questão importante, como ressalta Antonio Edmílson Rodrigues, é "*ter sempre presente a diferença entre o fascismo na oposição e o fascismo no poder*". Diversas características que marcaram a trajetória dos movimentos fascistas foram completamente abandonadas quando de sua ascensão ao poder, particularmente seu discurso anticapitalista e sua denúncia do grande capital. Todos os processos históricos concretos de ascensão do fascismo ao poder foram precedidos por um compromisso entre os movimentos fascistas e o grande capital monopolista, abandonando-se qualquer discurso ou prática de questionamento ao capitalismo.

[62]FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. op. cit. p. 176-177.
[63]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 152. Grifos nossos.

> Assim, também no caso de movimentos fascistas que não ascenderam ao poder, é necessário analisar com muito cuidado suas proposições pretensamente anticapitalistas, tendo em vista que não é possível cotejá-las a uma prática efetiva de governo[64].

Iremos então, pontuar alguns partidos e seus desenvolvimentos na segunda metade do século XX. Posteriormente iremos mapear os partidos europeus e discutir um pouco sua ascensão desde a década de 80, e nos EUA o já citado *Tea Party*, o qual trataremos um pouco mais a fundo, dada a solidariedade manifesta pelo MSM e de seus leitores a este. Entenderemos estes partidos através de suas três “ondas” históricas, como indicado por Jean-Yves Camus[65]. A primeira onda histórica seria a do fascismo clássico, que já delineamos ideologicamente. A segunda onda corresponde aos fascismos do Pós-Guerra, ou seja, o movimento de transformação exigido aos partidos e regimes (Portugal e Espanha) para sua manutenção, assinalando duas de suas maiores mudanças ideológicas: o abandono do corporativismo, típico da primeira onda, e a justificativa maior de sua existência marcada pelo anticomunismo preventivo, ou seja, a defesa de um modelo democrático altamente formal e restritivo, dentro da conjuntura geopolítica da Guerra Fria (o *Tea Party* remete sua origem a esta onda, cujo expoente naquele país foi o movimento macarthista). A terceira onda ocorre durante e após os anos oitenta, quando os partidos fascistas passam a assumir um projeto econômico ultraliberal, assumindo uma postura de defesa “cultural” de cunho xenófobo. Embora estas peculiaridades assumam um formato “geracional” na prática isto não ocorre, pois, grupos com distintas características (assinaladas simplificadamente através das ondas) afloram no espectro fascista dentro de uma mesma temporalidade histórica. Em especial na contemporaneidade, cabendo a cada um destes grupos a atuação em uma frente específica, como compreendido por Jefferson Barbosa[66], seja através de gangues, de grupos políticos como associações civis ou partidos formais. Cada um destes formatos, ou eixos, pode reivindicar descendência direta de qualquer uma das ondas, mas o modelo mais recorrente sendo o das gangues, milícias e grupos isolados reivindicando a primeira onda; e dos partidos (formais ou não) entre a segunda e terceira onda.

Konder trabalha com o movimento de Pós-Guerra, onde mal acabada a guerra, nos países que continuaram capitalistas, existiu uma rápida reorganização dos partidos e regimes fascistas, tendo como suas principais características ideológicas o abandono do corporativismo (relativo, como em Portugal) como modo de organização estatal e a “elevação” do anticomunismo à sua tônica principal graças à conjuntura geopolítica. Estes partidos e regimes foram tomados como inimigos “aceitáveis”, redimidos teoricamente com a benção dos EUA e da Inglaterra, seja através

[64] CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 151.

[65] CAMUS, J-Y. “Metamorfoses políticas na Europa”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. Disponível em http://diplo.org.br/2002-05,a299, acessado em 10.05.11.

[66] BARBOSA, J. R. “Entre milícias e militantes (III): skinheads nacional-socialistas e integralistas e os “carecas do subúrbio”. *Passapalavra*. 07.05.09. Disponível em http://passapalavra.info/?p=6041, acessado em 03.05.11.

da instituição oficial do conceito de "totalitarismo", seja como no caso alemão, onde, "*aos poucos, os estadunidenses começaram a deixar claro que não pretendiam se empenhar, na parte ocidental da Alemanha, numa política de 'desnazificação' tão radical como aquela que os soviéticos promoviam na parte oriental do país*"[67]. Em relação aos regimes sobreviventes, Portugal e Espanha:

> Terminada a guerra, em 1945, derrotados Hitler e Mussolini, Salazar e Franco puseram-se imediatamente a manobrar no sentido de assegurar a sobrevivência de seus respectivos regimes, aproveitando-se do fato de não se terem envolvido na guerra. Salazar rebatizou seu "Estado novo" como "democracia orgânica", dispôs-se a encenar a farsa das eleições políticas no seu país e conseguiu em 1949 ingressar na Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), recebendo ajuda estadunidense de mais de 50 milhões de dólares, então, através do Plano Marshall. Para Franco, as coisas não eram tão fáceis: por força de suas ligações com o *Duce* e o *Fuehrer*, ele se viu, no final da guerra, isolado e submetido a um bloqueio por parte da maioria dos países que integravam a ONU. Mas em outubro de 1950, os Estados Unidos conseguiram da ONU uma resolução que suspendia o bloqueio e, em setembro de 1953, firmaram com Franco um acordo que lhes permitiu construírem bases militares em território espanhol[68].

Nos países envolvidos diretamente na guerra, já em 1945 na Itália, diversos remanescentes fascistas organizavam-se no Partido do homem comum (*Uomo Qualunque*), de Guglielmo Giannini, que apesar da vida efêmera, chegou a receber 1,2 milhão de votos em 1946, nas eleições para a Assembleia Constituinte. Mas o partido remanescente que se afirmou foi o Movimento Sociale Italiano (MSI), que em 1972, em coligação, "*obteve quase três milhões de votos nas eleições parlamentares italianas*"[69]. Ele unificou ex integrantes do Partido Fascista, exibindo um saudosismo nacionalista, e justificando seu resgate de Mussolini através da interpretação deste como administrador e atribuindo-lhe responsabilidade direta pela constituição da unidade nacional italiana. Para Francisco Carlos da Silva:

> O fascismo propriamente dito, enquanto movimento político de características próprias, era visto como algo secundário, dispensável ao modelo de estado forte e do anti-comunismo militante. Os males infligidos à Itália surgiam como conseqüências da associação com a Alemanha hitlerista, que havia arrastado o país para o desastre. A carreira inicial do fascismo, com a violência política, a supressão das liberdades, atentados e assassinatos era, pura e simplesmente, reescrita. Assim, ao longo de todo o período do pós-guerra o MSI jamais apareceu como uma alternativa válida de poder, nem mesmo quando a Democracia-Cristã via suas instáveis coligações ameaçadas de naufrágio. Mais tarde, a guinada euro-comunista do PCI, sob Enrico Berlinguer, e a proposição do "Compromisso Histórico", reduziriam à migalhas qualquer pretensão governativa do MSI, uma vez que o próprio PCI impunha-se como possibilidade de estabilidade governativa para a Itália. Talvez aí resida a explicação básica do fermento putschista da extrema-direita italiana, com seus contatos com as Forças Armadas e os serviços especiais do Estado italiano (somente

---

[67]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 110.
[68]Idem. 131-132.
[69]Ibidem. p. 157.

aos poucos novos dados tem sido revelados)[70].

Na Alemanha, na parte ocupada pelos EUA, em 1946 criou-se o Partido da Direita Alemã (*Deutsche Rechtpartei*), baseando-se em "*fórmulas enfaticamente cristãs*". Mesmo tendo sua primeira vitória eleitoral anulada, em Wolfsburg, o partido "*dirigido por Adolf von Thadden, sobreviveu a várias crises e sofreu forte concorrência por parte de outras organizações de extrema-direita, que o acusavam de ser muito 'conciliador'*". Em 1964, o mesmo von Thadden, em um congresso realizado em Hannover promoveu a fusão de várias agremiações de direita, formando o Partido Nacional Democrático da Alemanha (*Nationaldemokratische Partei Deutschlands*). Mas como Konder assinala, "*ninguém se ilude, todos percebem o artifício, imposto pelas circunstâncias da época atual. O desgaste sofrido pelo fascio littorio e pela cruz gamada em 1945 desaconselha a exumação de tais símbolos*", do mesmo modo que "*a gesticulação frenética de Hitler e Mussolini não teria agora a mesma eficácia que teve há 40 anos, seus discípulos se empenham na busca de um estilo novo, mais 'sóbrio', mais 'tecnocrático'*"[71]. O NPD justificava-se politicamente pela necessidade política do anticomunismo na Alemanha Ocidental, e tinha como objetivo mobilizar politicamente as "*quase três milhões de pessoas, expulsas de seus lares nos antigos territórios das antigas províncias alemães da Prússia Oriental (anexados à Polônia e à URSS)*", propondo para tanto "*a revisão dos Acordos de Yalta e Potsdam*". Em 1968 "*a Corte de Justiça de Hannover declarava o NPD um partido contrário à Lei Básica (a constituição) federal*" e no mesmo ano, "*a Corte Superior de Celle declarava o mesmo partido '... atuantemente inimigo, antidemocrático, neonazista, radical de direita e (...) através de [sua] defesa das idéias nazistas constitui-se em inimigo da ordem democrática'*"[72].

Estes partidos não cresceram a ponto de englobar todos os antigos fascistas, pelo contrário, "*em sua maioria, aliás, os fascistas mais inteligentes preferiram, na Alemanha, renunciar à militância em organizações demasiado presas ao modelo fascistas 'clássico': muitos deles ingressaram em partidos conservadores 'respeitáveis'*", mantendo seus velhos ideais, mas mudando seus métodos para tanto. Os mesmos partidos, que ao tomarem as massas antes pertencentes aos partidos fascistas abriram "*caminho para uma assimilação de certos aspectos essenciais do fascismo por parte do conservadorismo tradicional*". Assim, "*para ser efetivamente 'assimilado', o fascismo precisava deixar-se 'transformar', renunciando ao que nele se mostrava 'superado'; e, para conseguir 'assimilar' verdadeiramente as energias do fascismo, o conservadorismo tradicional era levado a se 'fascistizar', dentro de certos limites*"[73]. Limites determinados pelas relações de

---

[70]SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. Disponível em http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=34, acessado em 04.07.2011.
[71]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 158.
[72]SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. op. cit.
[73]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 159-162.

força dentro de cada formação social. Estas

> […] exigências de flexibilidade ligadas a esse processo proporcionaram certa "reabilitação" para determinadas formas "impuras" de fascismo, como o regime de Dolfuss, na Áustria, o regime de Franco, na Espanha, e o regime de Salazar, em Portugal. O ecletismo característico desses três regimes levara os analistas do fascismo a desprezá-los, a encará-los como meros produtos de circunstâncias regionais, ignorando as implicações universais (ou, melhor dito: histórico-mundiais) que eles tinham[74].

Do mesmo modo este movimento ocorreu no Brasil, onde os integralistas seguiram de perto este desenrolar ocorrido na Europa, mas onde "*para Salgado, o ingresso em um partido conservador 'respeitável' não era uma opção viável, tendo em vista que no interior de um partido burguês tradicional não poderia manter sua posição como 'Chefe' dos integralistas, da qual não estava disposto a abrir mão*", estes tiveram de transformar-se ideologicamente buscando "*apresentar o próprio integralismo como uma doutrina conservadora 'respeitável', tornando-a aceitável para a classe dominante, enquanto instrumento para o cumprimento de uma função particular, fundamentalmente voltada à mobilização anticomunista*"[75]. Isto culminou na formação do Partido de Representação Popular:

> De fato, o integralismo passou por um processo de reformulação significativa, modificando sua estratégia, na medida em que, constrangido pelos condicionantes externos – internacionais e nacionais –, deixou de se organizar voltado para a tomada imediata do poder e reformulação radical dos mecanismos de imposição da ordem burguesa, segundo uma perspectiva fascista. É importante tornar claro, no entanto, que esta modificação não implicou em abandono dos elementos centrais da ideologia integralista, mas apenas na opção por uma estratégia de afirmação progressiva desta ideologia, sem descartar o retorno à estratégia anterior, caso a conjuntura política o permitisse. De fato, parece evidente que mais do que uma opção, esta reformulação apresentava-se como única possibilidade para a reestruturação do movimento integralista no contexto de completo descrédito das ideologias e movimentos fascistas, no imediato pós-guerra[76].

O PRP durou até inícios da ditadura, quando seus líderes, Salgado à frente, em uma adequação conflituosa acabaram dissolver-se na ARENA. "*A extinção dos partidos políticos enterrou definitivamente a perspectiva de uma intervenção autônoma, consolidando a subordinação dos integralistas aos grupos conservadores de direita que constituíam a base de sustentação do governo militar e controlavam a ARENA*", para através daí tentarem constituir posições mais autônomas, que "*não prosperaram e foram derrotadas, levando ao progressivo enfraquecimento do movimento, consolidado com o afastamento de Salgado da Câmara, no final de*

[74]Idem. p. 162.
[75]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 197-198.
[76]Idem. p. 794-795.

1974 e seu falecimento no ano seguinte"[77]. Sua dissolução, e o abandono de sua base partidária e militante, seguido pela morte de Salgado, acabaram por inviabilizar qualquer reorganização ampla por parte dos integralistas durante o processo de abertura. Se no Pós-Guerra o corporativismo foi execrado da cena política, naquele momento nenhuma agremiação que visasse defender a ditadura abertamente teria grandes possibilidades concretas de articulação:

> Com a entrada dos anos 80 tentou-se a reorganização em formas de associações que pretendiam reviver a antiga prática integralista de doutrinação por encontros e cursos específicos. Dentre estes, o mais importante na reorganização do integralismo foi o Centro Cultural Plínio Salgado, localizado em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Seu fundador e mantenedor era o advogado Arcy Lopes Estella […] Durante a segunda metade da década de 1990, Arcy manteve viva a idéia de união do movimento, organizando em sua caderneta a rede de contato dos que defendiam a permanência da memória integralista, desde velhos a novíssimos militantes. Alguns grupos nacionalistas, mas não necessariamente seguidores diretos do integralismo também freqüentavam o Centro Cultural Plínio Salgado. Alguns deles pertencem ao movimento "Carecas do Rio". Atualmente, este grupo mantém estreita ligação com o movimento considerando-se parte dele, mas com certa independência em relação aos três grupos mais expressivos, a Frente Integralista Brasileira (FIB), o Movimento Integralista Linearista do Brasil (MIL-B) e a Ação Integralista Revolucionária (AIR) [...] Os debates principais, justamente se davam e ainda se dão sobre o modo de reorganização do movimento. Alguns apóiam a reorganização como Partido, outros defendem que a essência integralista é antipartidária, pois a existência de partido faz parte da essência da democracia liberal que abominam[78].

As "dificuldades" encontradas pelos integralistas neste novo momento democrático sem dúvida ocorrem por assumirem a "herança" direta do integralismo clássico, de primeira onda, com vários membros inclusive rejeitando ou tentando minimizar o papel do PRP na história integralista. Identificavam-se pelo resgate de uma "essência pura" integralista, retomando diretamente e, assinalemos, sem lá grandes mediações intelectuais, a doutrina da década de 30. Deste modo, não se identificando com os grupos "transformados", isolando-se politicamente em pequenos grupos vanguardistas de ação direta, com características paramilitares, embora sejam poucos, mas não menos grave, os casos confirmados de formação de milícias (como no interior de São Paulo). Dentre o espectro fascista aproximam-se de grupos como skinheads:

> Os militantes de organizações portadoras de ideologias de extrema-direita apresentam em sua práxis política a afirmação dos valores conservadores de princípios de conduta social, sexual e familiar, o repúdio das concepções políticas igualitárias e, elemento distintivo maior, o chauvinismo como paradigma político. Estes valores norteiam, por exemplo, os "Carecas do ABC" e "Carecas do Subúrbio" em suas ações de violência contra *punks*, roqueiros, homossexuais, emos e, no embate político direto, marxistas ou anarquistas. Já o paradigma racial de cunho

---

[77]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 697.

[78]BARBOSA, J. R. "Ideologia e intolerância: a extrema direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do eixo". *Aurora*. nº. 2. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/aurora_dossie_01.pdf, acessado em 04.07.2011.

> nazista está presente em neonazistas e nacional-socialistas. Os fenômenos políticos das manifestações contemporâneas de extrema-direita representam bricolagens que precisam ser analisadas através de fontes de pesquisa diversas, para considerar os elementos comuns e as diferenciações presentes entre *skinheads* e grupos políticos da extrema-direita tradicional e contemporânea, marcados pelos seus caracteres atípicos em relação às formas de organização e pressupostos ideológicos dos grupos chauvinistas tradicionais, herdeiros da insanidade das antigas "Potências do Eixo"[79].

Como Barbosa nos indica, "*a atuação dos movimentos e partidos políticos de extrema-direita é complexa; estes estão atuantes desde o início do século XX, em diversos países, ganhando configurações e perfis distintos em cada época histórica*", sendo que seu espectro de atuação é largo, abrangendo "*das gangs skinheads, ou através de grupos políticos institucionalizados como associações civis, sem registro partidário, como os grupos integralistas contemporâneos ou como, até há pouco tempo, os nacional-socialistas brasileiros do PNSB*", além das "*organizações que atuam ou atuavam até recentemente nas instituições representativas. Um exemplo é o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) que já elegeu diversos deputados federais e estaduais no Brasil*" ou "*o do Partido Nacional Renovador de Portugal e a Frente Nacional da França, esta popularizada por Jean-Marie Le Pen*". Pluralidade de organizações e manifestações políticas que unificam-se através do "*discurso por uma ordem social estabelecida em critérios morais e de higienização social sob as bandeiras do nacionalismo chauvinista, do anticomunismo, do antiliberalismo e da intolerância, em oposição àqueles que não compartilham com seus valores*"[80].

Do mesmo modo não podemos ingenuamente deixar de destacar que o partido formal, ou informal, deixa de agir através de gangues e milícias, como se todo o espectro fosse unificado somente por suas confluências ideológicas, deixando de lado a questão da relacionalidade organizativa, que pode "destacar" do um partido sua milícia – em especial no que referem-se às sanções jurídicas que podem ser aplicadas contra estas, o que torna sua manutenção aberta um problema para as associações civis e partidos formais – mas que este movimento pode ser estratégico, como visto em relação às milícias paramilitares que atuam na Colômbia, em plena consonância com o Estado nacional.

Em relação ao MSM, podemos citar o grupo Resistência Nacionalista, já existente há alguns anos, formado por militares e ex militares. Ele organiza-se como milícia, organização paramilitar voltada para a ação direta. O grupo tem como maior instrumento de divulgação a internet, através de sua revista virtual (no início era distribuída deste modo para a venda como zine, ou seja, seus "soldados políticos" a imprimiam e vendiam isoladamente) editado por Antônio Silva, codinome de Vulto. O Resistência Nacionalista é explícito em reivindicar o MSM e seus editores como referências para a luta política, desde os primeiros números da revista são reproduzidos artigos de

---

[79]BARBOSA, J. R. "Entre milícias e militantes (III): skinheads nacional-socialistas e integralistas e os "carecas do subúrbio". *Passapalavra*. 07.05.09. op. cit.
[80]Idem.

Júlio Severo[81] e Graça Salgueiro[82], e no seu número onze a seção leitura obrigatória traz a reprodução completa do prólogo d´*O Imbecil coletivo 1* de Olavo de Carvalho[83], além de várias referências ao MSM. É uma revista simplória e simplista, cujos argumentos são apresentados como ordens em quartel e que utiliza uma série de elementos gráficos quase infantis para corroborar suas afirmações. Segundo um de seus editoriais:

> A despeito de algumas ameaças veladas e pueris, não abrandaremos nosso discurso, o único argumento plausível contra tanta perfídia, é no minimo um discurso duro e direto. Descobri que não importa o quanto lute pela verdade e justiça, nunca haverá ninguém acima de nós para reconhecer e validar nossos atos, e mesmo que caia toda a escória comunista e que triunfe a verdade, somente caberá a nós a manutenção da Ordem para o progresso e somente Deus olhara por nós e para nosso caminho, e somente ele poderá julgar nossas atitudes e palavras como corretos ou errados pois em meio a essa podridão que assola nossa pátria, as pessoas que detém o poder são meros fantoches, joguetes em nome de uma doutrina que prega o coletivismo de um bando de cordeiros que deve seguir de cabeça baixa ao abatedouro para se sacrificar em nome dos lideres vermelhos, em nome da grande teia comunista de mentiras, traição, escravidão e morte. Você pode muito bem acreditar nas coisas que pensava que sabia, e, se você quer saber a verdade ou não quer saber a verdade a decisão é sua[84].

Não estamos, obviamente, tentando forçar uma relação orgânica de um grupo ao outro, mas evidenciar que sua relacionalidade ocorre de modo muito mais próximo do que se costuma referenciar em certas interpretações sobre o fascismo[85], como a de João Bernardo, que considera que um movimento político só pode ser considerado fascista através de seu "*carácter supraclassista e a existência de milícias, ou de alguma forma de mobilização semelhante às milícias*"[86]. Esta limitação nos impede de explicitar a relacionalidade possível entre diferentes formatos associativos (mesmo que Bernardo sublinhe este "caráter supraclassista", buscando evidenciar o alcance social

[81]SEVERO, J. "Desmascarando o gayzismo". *Resistência Nacionalista*. nº. 1, abril, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html , acessado em 04.07.2011

[82]SALGUEIRO, G. "Não houve Golpe de Estado em Honduras". *Resistência Nacionalista*. nº. 4. Julho, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/122955448/a3ab6967/RN-Numero_04.html, acessado em 04.07.2011

[83]CARVALHO, O. de. "Prólogo". *Resistência Nacionalista*. nº. 11, fevereiro, 2010. Disponível em http://www.4shared.com/document/i5dmzk5I/RN-Numero_11.html, acessado em 04.07.2011.

[84]RESISTÊNCIA NACIONALISTA. Editorial. *Resistência Nacionalista*. nº. 1, abril, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html, acessado em 04.07.2011.

[85]Tanto que após o "Ato Pró-Bolsonaro", ocorrido após declarações racistas do parlamentar, no vão do MASP em São Paulo em 09.04.11, um blog declarado nacional-socialista ironizava sobre os seguidores de Carvalho, nomeados "olavetes": "*Esse ato simbolizou muitas coisas, na verdade não era apenas um Ato Pro-Bolsonaro, mas sim um protesto contra a atual situção que nos encontramos de forma geral, ele representou o que sempre mostramos aqui que apenas sera posivel com a União de todos NSs, NRs, NCs. Falar em conservadorismo, alguem viu algum 'conservador' judaico-'cristão', neoconservador, olavista no local? Claro que não esses estavam em suas confortaveis casas e nos ficamos sabendo que esses inclusive nos criticaram em seus conluios, além disso onde estavam os judeus israelistas no evento do qual Olavo de Carvalho diz tambem serem vitimas da Oligarquia Transnacional e da Nova Ordem Mundial, eles estavam nos apoiando? eles poderiam ate estar lá mas do outro lado, mas uma ironia não? Afinal todos esses grupos Antifascistas, Feministas, Movimentos Militantes Não-Heteros e outros são finaciados pelos mesmos*". BRASIL ANTI ANTIFA. *O ato e outras cositas mas...* Disponível em http://brasilantiantifa.blogspot.com/, acessado em 14.01.12.

[86]Comentário de João Bernardo em 27.03.09 em BERNARDO, J. "Entre a luta de classes e o ressentimento. A propósito do artigo "Cadilhe, o 'coveiro rico'". *Passapalavra*. 26.03.09. Disponível em http://passapalavra.info/?p=1852, acessado em 04.07.2011.

dos fascismos, recusamos tal compreensão, para nós o caráter do fascismo é plenamente burguês, embora sua origem social não o seja) em países onde a ampliação do Estado complexifica-se de tal modo que as funções remetentes ao partido podem “dissolver-se” em aparelhos especializados, destacando-se, e dificultando o reconhecimento tácito, e assim contribuindo para a sua mistificação, em especial em relação a sanções penais (impedindo a atribuição de culpa ao seu Estado-maior), e mesmo propiciando mobilidade a este centro de poder, que não deixa de ser constituído através de disputas internas na rede partidária. Olavo de Carvalho pronuncia-se sobre a ligação que uma matéria de impresa faz sobre este, pensando exatamente nestas sanções:

> Se a Resistência Nacionalista e a UCC [União Conservadora Cristã] não recebem “instrução teórica” nem de mim pessoalmente, nem de meus alunos, nem de qualquer pessoa autorizada por mim, não têm direito de falar em meu nome ou de posar como praticantes de ideias minhas. Muito menos de apresentá-las com essa identidade sem nem ter-me consultado, revelando a mentalidade traiçoeira com que escreveram a matéria no propósito de me comprometer em atividades políticas que desaprovo totalmente. Mas, por estranha e errada que me pareça a política dessas duas organizações, ela não constitui crime, nem o IG as acusa disso. Elas só entraram na matéria porque são “de direita” e, como alguns skinheads também o são, ou diz-se que são, isso facilitava a Alves e Galhardo construir, por meio de uma dupla ponte de associações de ideias, um arremedo de ligação entre o movimento skinhead e eu [...] Quando a deputada democrata Danielle Giffords foi baleada junto com outras cinco pessoas, esquerdistas assanhados se apressaram em lançar a responsabilidade mental do crime sobre a governadora Sarah Palin, por ter utilizado, num cartaz de propaganda, a palavra “alvo” com referência ao 8º. Distrito do Arizona, onde viria a se dar o sangrento episódio[87].

Na Europa, entre todo o espectro fascista existente, interessam-nos os partidos formais, parlamentares, que graças sua recente ascensão, *os permitiu tomarem a direção de diversos movimentos fascistas nacionais*, assumindo novas perspectivas ao mesmo tempo em que os afirmou na posição de mediadores para outras organizações nacionais de mesmo cunho. Destes partidos poucos identificam-se plenamente com os fascismos clássicos (ao contrário dos grupos menores e milícias). “*Pode-se forjar de maneira pragmática uma tipologia europeia com três grandes eixos. O primeiro é formado por grupos neofascistas marginais, que insistem na nostalgia dos trajes pretos ou marrons das divisões da SS, nas quais seus antepassados combatiam o 'bolchevismo judaico'*”. Destes, os mais significantes “*são os Republikaner alemães, a Falange Espanhola, o Movimento Social Italiano Bandeira Tricolor (MSIFT) e o Alarme Popular Ortodoxo, da Grécia*”. O segundo eixo seria “*formado por partidos antissistema, que desde os anos de 1990 se esforçam para romper o 'cordão sanitário' que os isola da direita dita republicana e conquista visibilidade*”. E por terceiro, “*nesse espaço desertado pelos 'respeitáveis' – a política, assim como a natureza, tem*

[87]CARVALHO, O. de. *Truque sujo, parte 2*. 13.10.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/outros/12486-truque-sujo-parte-2.html, acessado em 20.01.12.

horror a espaços vazios"[88], estariam os partidos eleitorais fascistas, ou como prefere Camus (que considera estes partidos como formações nacional populistas de terceira onda) estaríamos assistindo:

> […] na realidade, ao êxito de uma direita extrema atípica, que substituiu o culto do Estado pelo ultraliberalismo, o corporativismo pelo jogo do mercado e até, às vezes, o âmbito do Estado-nação pelos particularismos regionais ou simplesmente locais. Evidentemente, há partidos políticos que ainda se valem da mesmice das ideologias autoritária e fascista, e mesmo nacional-socialista, mas, exatamente por essa razão, tornaram-se marginais, enquanto avançam os partidos sem filiação histórica e ideológica extremistas, que aparecem como capazes de fornecer soluções através de uma proposta política fechada, amplamente consensual e totalmente alinhada ao modelo econômico e social ultraliberal[89].

Estes partidos abarcaram em sua herança fascista mudanças organizativas, discursivas e ideológicas, não somente para subsistirem como parte da democracia burguesa, mas também para alçarem bases partidárias de massa. Embora demonstrem diferenças entre si, determinações exigidas pela relação de forças dentro de cada formação social, ou seja, constituindo um diálogo truncado entre estes diferentes partidos, existem similaridades: "*defendem uma espécie de capitalismo ultraliberal protecionista, aceitam formalmente a democracia parlamentar e o pluralismo, reivindicando uma modernização, e não mais uma ruptura, do quadro institucional*", tendo como mote comum a "revolução dentro da ordem". Isto não retira de seu ideário a ruptura institucional, mas a protela para conjunturas mais favoráveis. E do mesmo modo, "*essas formações partilham uma mesma reivindicação de identidade: a preferência nacional, isto é, a atribuição de direitos políticos, econômicos e sociais somente aos nacionais de origem. Professam, igualmente, uma mesma aversão pela sociedade multicultural*", tornada objeto "*de todas as disfunções do corpo social, e desejam, portanto, limitar a imigração ou inverter os fluxos migratórios expulsando os residentes estrangeiros não-europeus*"[90].

Além disso, são dirigidos por pessoas de origem popular que ascenderam socialmente, "*dirigindo-se ao povo, e até afirmando sua origem modesta (Le Pen* [da Frente Nacional, francesa], *que 'passou fome e frio'; Christoph Blocher* [da União Democrática de Centro, suíça], *filho de pastor pobre), são, amiúde, muito abastados, e mesmo muito ricos*", enquanto "*Blocher é um bilionário que dirige uma multinacional do setor químico; encabeçando a lista do PRO, em Saxe-Anhalt, Ulrich Marseille fez fortuna criando uma cadeia de residências com serviços médicos*". Estes partidos possuem influências distintas, o primeiro eixo "*varia de 0,1% a 7%*", enquanto "*os partidos dos outros dois eixos, juntos, totalizaram mais de 10% dos votos em 11 Estados europeus*

---

[88]VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. Disponível em http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=843&PHPSESSID=42aea8cb512dc16234fbde253a5e6e7e, acessado em 04.07.2011.
[89]CAMUS, J-Y. "Metamorfoses políticas na Europa". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. op. cit.
[90]Idem.

nas eleições do Parlamento Europeu de 2009 e em outros pleitos recentes”[91]. A tabela seguinte nos mostra os resultados eleitorais destes partidos para o Parlamento Europeu:

TABELA 17: Resultados eleitorais dos partidos de “extrema-direita” para o Parlamento Europeu de 2009 (* refere-se às últimas eleições legislativas):

País	Partido	Porcentagem
Suíça	União Democrática do Centro	29*
Noruega	Fremskrittspartiet	22,9*
Áustria	FPÖ e BZÖ	17,3
Bélgica	Vlaams Belang, LDD e FN	17,1
Holanda	Partido da Liberdade	17
Hungria	Jobbik	14,8
Dinamarca	Partido Popular	14,8
Lituânia	Democrata Liberal	12,2
Bulgária	Ataka	12
Itália	Liga do Norte, MSIFT e Forza Nuova	11,5
Finlândia	Perussuomalaiset	9,8
Romênia	Partido da Grande Romênia	8,7
Grécia	LAOS	7,2
França	Frente Nacional	6,3
Reino Unido	Partido Nacional Britânico	6
Eslováquia	SNS	5,6
Letônia	Visu Latvijai e Dzimteni	3,4
Suécia	Democratas Suecos	3,3
Eslovênia	SNS	2,9
Polônia	Samoobrona e LPR	2,6
Alemanha	Republicanos e DVU	1,7
Malta	Imperium Europa	1,5
República Tcheca	SPR-RSV e DS	1,4
Portugal	PNR	0,2*
Estônia	El	0,2*
Espanha	Falange Espanhola e DN	0,1

FONTE: VIDAL, D. “A perseguição ao Islã e o neofascismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11. p. 5.

Para Silva, foram graças às mudanças sócio econômicas dos anos oitenta que os partidos fascistas puderam avançar, como “*um amplo movimento de massas, capazes de levar ao poder pela via do voto, um partido de caráter fascista*”. Isto foi possível graças as transformações que estes levaram a cabo, “*deixando entrever através de sua atuação - bem como através de sua própria imprensa - a passagem para uma nova 'etapa' ou 'fase' de atuação dos diversos grupos neo-*

[91]VIDAL, D. “A perseguição ao Islã e o neofascismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. op. cit.

fascistas, bastante diferenciada da atuação dos anos ‘60 e ‘70”[92]. A atuação nas décadas anteriores possibilitou esta modificação qualitativa:

> As diversas medidas restritivas colocadas em prática na Alemanha e na Itália, chegando inclusive à proibição constitucional de organizar partidos de nome "fascista", tiveram, nos anos ‘60 e ‘70, um sucesso apenas relativo. De um lado, as organizações atingidas pelas limitações jurídicas, quando constatado o seu caráter "fascista", procuravam se registrar com um nome diferente, tão logo eram proibidas; de outro lado, a fase política de atuação era, então, caracterizada, pelos próprios grupos, como "organizativa". Tratava-se, naquele momento, de reunir quadros, montar estruturas de contato e alistamento, organizar as finanças. Ao mesmo tempo, os temas tradicionais do fascismo, particularmente o ataque às instituições democráticas e o racismo, eram, provisoriamente, deixados em segundo plano. Além de toda a atividade organizativa dever-se-ia, então, centrar fogo na "defesa do ocidente", da civilização e da cultura ocidental frente à ameaça representada pela barbárie bolchevique. Em meio a toda a verborragia da Guerra Fria, exaltada e exagerada em ambos os lados, a fraseologia fascista era plenamente aceitável[93].

Isto ocorria tanto em países como Alemanha, França e Itália, “*onde partidos comunistas de massa disputavam democraticamente o poder*”, quanto “*na Espanha e Portugal, onde regimes ditatoriais altamente comprometidos com as potências fascistas, o anti-bolchevismo surgia como uma arma excepcional*”. Este movimento compreendido dentro da conjuntura ideológica “*da Nova Guerra Fria (a Era Reagan) iria reeditar inúmeros clichês ('Império do Mal', 'potência satânica', 'os totalitários', etc...)*” justificava sua existência e encobria a organização destes partidos fascistas. “*A violenta luta ideológica Ocidente-Oriente recobria a atuação dos diversos grupos fascistas que viam seus temas amplamente veiculados nas relações internacionais e que se mantiveram extremamente ativos*”, sendo que ao “*fim da Guerra Fria, que trazia o risco de tais organizações ficarem sem interlocução em função do fim do 'perigo vermelho'*”, trouxe “*novas perspectivas, em especial nos países do leste europeu, ex-satélites soviéticos. Desta feita, o desemprego e as práticas liberais dos novos regimes, ao lado da presença dos imigrantes – em especial islâmicos e ciganos – constituir-se-iam nos alvos centrais da ressurgência fascista*”[94].

Para Camus, a mais importante destas é a Frente Nacional (FN) francesa, pelo seu papel de liderança para o espectro fascista, já que “*assume, através de sua constante política do 'compromisso nacionalista', um papel de unificadora das diferentes tradições ideológicas de extrema-direita*”. A FN surge na década de oitenta centrada na figura de Jean-Marie Le Pen, cujas declarações “*sobre o 'pormenor' ou 'a internacional judaica' demonstram uma persistência de 'manias' que datam das décadas de 1930 e 1940*”. Sendo que “*seu projeto econômico e social - centrado até agora na conquista do eleitorado constituído por profissionais liberais e chefes de pequenas e médias empresas - é de essência ultraliberal*”, buscando a “*supressão do Imposto de*

---

[92]SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. op. cit.
[93]Idem.
[94]Ibidem.

Renda, idéia de Jean-Claude Martinez, assim como a constante denúncia do 'fiscalismo' e a rejeição da lei sobre as 35 horas". Para eles o Estado deveria tornar-se "*um Estado-policial colocando, no cerne de seu discurso, a questão relativa à segurança pública como luta contra o permissivismo moral. E o não-questionamento dos postulados da globalização liberal*", afora um elemento "*retórico de um anti-norte-americanismo de princípio*", é encoberto "*por algumas medidas espetaculares, como a saída da União Européia, evidentemente mais fácil de alardear do que a construção de uma necessária Europa das nações, ou a volta ao franco após o abandono do euro*"[95]. E face às funções do Estado frente ao capital-imperialismo,

> na reabilitação do papel de regulador social e econômico do Estado - tanto em situações específicas, quanto como barreira contra a globalização liberal. Na ótica frentista, entretanto, não se trata de privilegiar as políticas distributivistas e o impulso estatal na economia: o Estado protege dando o benefício exclusivo do que sobra das aposentadorias e dos direitos sociais (emprego, habitação, formação) unicamente aos nacionais, valendo-se do princípio da preferência nacional[96].

Sua principal participação eleitoral ocorreu em 2002, quando o presidente do partido, e candidato à presidência da França chegou ao segundo turno, perdendo para Nicolas Sarkozy. Resultado que pode vir a ser ultrapassado pela rápida ascensão de Marine Le Pen, filha de Jean-Marie, nas eleições presidenciais de 2012. Este crescimento é diretamente correspondente da mudança estratégica da FN após a crise de 2008, como

> […] sua atitude de não hesitar em falar de aspectos sociais com os trabalhadores, o que fez com que a Frente Nacional recuperasse muitos eleitores pouco a pouco decepcionados com a esquerda e com o sarkozismo. Ela [Marine Le Pen] dá corpo e consistência, assim, à atitude de Jean-Marie Le Pen, que, em 1° de maio de 2010, ignorou sua aproximação de outrora com o ultraliberalismo e sua posição laudatória em relação a Ronald Regan, e de repente defendeu o poder de compra, a proteção social e a aposentadoria – a fim de "relançar o consumo e encontrar novamente o caminho do crescimento", o único processo que "proporciona empregos para todos e todas". Além disso, nesse mesmo discurso, exigiu a defesa das fronteiras econômicas, uma reforma fiscal justa, o apoio à agricultura e às pequenas e médias empresas. A conclusão de Le Pen pai, formulada como programa para a gestão de sua filha: "Há dez anos, a distribuição de renda evolui segundo os interesses do capital financeiro. […] Somam-se a esse fator, a diminuição dos recursos e o aumento das taxas ligadas à saúde e o questionamento do sistema de aposentadoria, medidas de viés ultraliberal e em contradição profunda com as aspirações e tradições de nosso país"[97].

Esta mudança, atrelada a "*vantagem dos partidos irresponsáveis*", que "*reside na promessa dupla de 'gratuidade de serviços e isenção de impostos*'"[98], além do elemento xenófobo, que atribui culpabilidade aos imigrantes (especialmente os islâmicos) pelo desemprego e, do mesmo modo,

[95]CAMUS, J-Y. "Metamorfoses políticas na Europa". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. op. cit. Grifos nossos.
[96]Idem.
[97]VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. op. cit.
[98]VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. op. cit.

pelo fracasso das políticas sociais – já que a inclusão de imigrantes nestas as inviabilizariam. Segundo a FN:

> Por muito tempo considerado "tabu", a questão da migração é agora visto como central por todos os observadores econômicos e políticos. O muro de silêncio e as mentiras que o fissuram, mesmo que a opacidade continue a ser a regra, em matéria de despesas gerais e das estatísticas da delinquência, por exemplo. Assim, o Tribunal de contas destacou em um relatório temático publicado em 2004, que "Qualquer avaliação parece impossível. Mesmo o Parlamento não pode dispor de certos elementos. Nenhum ministério avalia precisamente as despesas que efetua para a recepção e integração dos imigrantes." [...] A imigração é agora de origem planetária. É o povo da França que atribuem direitos que, frequentemente, são a única afinidade com o nosso país, limitada aos benefícios materiais que eles procuram. Esta imigração é impulsionada pelo grande patronato para quem este deslocamento domiciliar é o que lhe permite comprimir os custos salariais, e pela classe política que vê uma clientela eleitoral fácil. Hoje, os Franceses estão endividando-se para financiar as prestações sociais visando responder a "miséria do mundo", enquanto por consequência os déficits permanentes das contas públicas estão em 2 000 milhões de euros de dívida pública, que ameaçam, em curto prazo, a falência da Nação[99].

Nestes partidos europeus a articulação dos eixos observados para a atuação fascista em diferentes frentes não é explícita (para as desvelar, necessitaria para cada um destes uma pesquisa específica), mas é importante reafirmar que sua abertura para massas os permitiu "unificar" conflituosamente distintos grupos do espectro fascista sob sua liderança, ou seja, os posicionando como lideranças de um movimento que não pode ser resumido em um único partido formal. Nossa próxima análise, sobre o *Tea Party*, irá delinear a articulação entre os eixos de maneira mais evidente, que cada frente relativa às ondas não trata-se de um momento distintivo do fascismo, mas de uma atuação relacional dialeticamente entre estas frentes e diferentes grupos sociais, portanto assumindo diferentes modos de organização – o que acaba diminuindo o poder argumentativo sobre os "grupos isolados", como as milícias, porque é exatamente este "estilhaçamento" em uma rede maior, seja extrapartidária ou mesmo solidária, a proteção maior contra sanções jurídicas e avanços policiais. Neste sentido o caso do *Tea Party* é extremamente relevante, porque articulam dentro dos EUA os três eixos, candidatos parlamentares, grupos e associações da sociedade civil e milícias paramilitares (em especial as de patrulhamento na fronteira entre os EUA e o México).

---

[99]"*Longtemps considérée comme « tabou », la question des flux migratoires est désormais considérée comme centrale par l'ensemble des observateurs économiques et politiques. Le mur du silence et du mensonge se fissure, même si l'opacité demeure la règle, en matière de surcoût et de statistiques de la délinquance, par exemple. C'est ainsi que la Cour des comptes relevait dans un rapport thématique publié en 2004 que « toute évaluation paraît impossible. Même le Parlement ne peut disposer d'éléments certains. Aucun ministère n'évalue précisément les dépenses qu'il effectue en faveur de l'accueil et de l'intégration des immigrants.»* […] *L'immigration est aujourd'hui d'origine planétaire. Elle peuple la France d'ayants droit pour qui, bien souvent, la seule affinité avec notre pays se limite aux avantages matériels qu'il leur procure. Cette immigration est poussée par le grand patronat pour qui elle est une délocalisation à domicile qui lui permet de compresser les coûts salariaux, et par la classe politique qui y voit une clientèle électorale facile. Aujourd'hui, les Français s'endettent pour financer des prestations sociales visant à répondre à la « misère du monde », avec pour conséquence les déficits permanents des comptes sociaux et les 2 000 milliards d'euros de dette publique qui menacent, à court terme, de faillite la Nation*". FRENTE NACIONAL. *Immigration*. Disponível em http://www.frontnational.com/?page_id=1095, acessado em 07.04.11. Tradução nossa.

O “fenômeno” *Tea Party* nasce da última crise recente do capital, que somado a falta de perspectivas oferecidas pela esquerda, proporcionou impulso para o ressurgimento de uma direita fascista nos EUA – o “tea” forma sigla para “*taxed enough already*”, algo como “já tributados o suficiente”, e o nome é uma referência histórica à revolta do chá em Boston de 1773 contra a Administração Britânica da Colônia. Ele nasce no ano seguinte às eleições de Barack Obama como um agrupamento não-partidário, de protesto contra a classe política, em especial contra as medidas federais para conter a crise gerada pela bolha imobiliária, a socialização das dívidas (nada mais que a continuidade das medidas tomadas pelo governo George W. Bush frente a mesma situação). Cresceu impulsionado majoritariamente por grupos de base e por trabalhos voluntários, semi-independentes de uma estrutura centralizada, já que não constitui partido político formal. É formado por uma série de instituições e grupos “semi-organizados”, como o *Tea Party Patriots*[100], organizado em mais de mil grupos filiados; o *Americans For Prosperity*[101], fundada por David Koch, que conta com um milhão de membros, com mais de quinhentas afiliadas locais; a *Freedom Works*[102], também com mais de um milhão de membros e quinhentas afiliadas; o *Tea Party Express*[103], um ônibus em turnê constante pelos EUA dirigido pelo *Our Country Deserves Better*[104], um comitê político conservador de Sacramento; o *Tea Party Nation*, responsável por levantar fundos, organizador da Convenção Nacional do *Tea Party*[105]; o *National Tea Party Federation*, entidade responsável pela disseminação nacional e internacional (já existe o *Republican Tea Party*, britânico), e pela unificação ideológica entre os diversos grupos; e o *Nationwide Tea Party Coalition*[106], como o nome já indica, é uma coalizão nacional de diversos grupos locais.

Teoricamente funciona como suporte para candidaturas de qualquer partido político (excluindo-se os socialistas e comunistas), sendo que obviamente seu apoio é para o Partido Republicano, seja através de acordos mútuos, ou, como já ocorreu, simplesmente para evitarem que um candidato considerado moderado ganhasse, como quando Christine O'Donnell's veio a ganhar as primárias do Partido Republicano em Delaware contra o favorito Mike Castle. Neste caso o apoio veio de um de seus grupos, o *Tea Party Express*, que arrecadou duzentos e cinquenta mil dólares para esta candidatura[107].

---

[100]Para mais informações http://www.teapartypatriots.org/, acessado em 08.05.11.
[101]Para mais informações http://www.americansforprosperity.org/national-site, acessado em 08.05.11.
[102]Para mais informações http://www.freedomworks.org/, acessado em 08.05.11.
[103]Para mais informações http://www.teapartyexpress.org/, acessado em 08.05.11.
[104]Para mais informações http://www.ourcountrydeservesbetter.com/, acessado em 08.05.11.
[105]JONSSON, P. “As others bolt, Sarah Palin stands by 'tea party' convention”. *Christian Science Monitor*. 03.02.10. Disponível em http://www.csmonitor.com/USA/Politics/2010/0203/As-others-bolt-Sarah-Palin-stands-by-tea-party-convention, acessado em 08.05.11. Tradução nossa.
[106]HENNESSEY, K. “Tea parties form a federation, but don't call them organized”. *Los Angeles Times*. 08.04.10. Disponível em http://articles.latimes.com/2010/apr/08/nation/la-na-tea-federation9-2010apr09, acessado em 08.05.11. Tradução nossa.
[107]MONTOPOLI, B.; HENDIN, R. “What is the Tea Party Movement?”. *CBS News*. 15.09.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20016540-503544.html#ixzz1MAmO98oe, acessado em 05.05.11.

Sua liderança “simbólica” é de Sarah Pallin, ex-candidata para vice-presidente dos EUA e ex-governadora do Alasca, o rosto mais conhecido do movimento ao lado de Glenn Beck, e mais recentemente, Donald Trump. Em 2010 o *Tea Party* apresentou candidatos em quase todos os Estados, vencendo diversas primárias republicanas, tendo sido elemento importante para que os democratas perdessem a maioria no congresso, e elegeu dois congressistas: Marco Rubio, eleito pelo Estado da Flórida, e Rand Paul por Kentucky, e manteve uma cadeira no Senado, Jim DeMint, pela Carolina do Sul. Preparam-se para a disputa presidencial de 2012 com um comitê próprio[108]. Um dos seus pioneiros foi Rick Santelli, da rede televisiva CNBC, que em 19 de fevereiro de 2009, transmitindo ao vivo da Bolsa de Mercadorias e Mercado de Ações de Chicago, conclamou um protesto contra a administração Obama por esta estar auxiliando os proprietários de imóveis falidos a refinanciarem suas hipotecas:

> “Nós realmente queremos subsidiar as hipotecas dos perdedores?” Ele perguntou. “Isto é América! Quantos de vocês querem pagar a hipoteca dos seus vizinhos que tem um banheiro extra, mas não conseguem pagar suas contas?” Ele passou a sugerir então que iria organizar o Chicago Tea Party em Julho, onde capitalistas iriam despejar “alguns títulos derivativos no Lago Michigan.” O vídeo de sua tirada se tornou um sucesso no YouTube, e deste modo o movimento foi criado[109].

Na semana subsequente, ocorreu sua primeira conclamação formal de protestos, que atingiram mais de quarenta cidades estadunidenses, tendo como “bandeira principal”, a oposição ao auxílio de estímulo econômico federal de setecentos e cinquenta bilhões de dólares. Estas manifestações foram a preparação para uma série de protestos e passeatas durante o ano, sendo que em quinze de abril, “*the tax day*”, o dia dos impostos estadunidense, foram organizado entre duzentos a setecentos e cinquenta eventos em todo o país (o número real é conflitante). Estes protestos focavam suas bandeiras contra os pacotes econômicos de estímulo, o resgate financeiro dos bancos responsáveis pela bolha, e contra a legislação de saúde pública em discussão no Congresso (chamado pejorativamente de “*Obamacare*”). Suas palavras de ordem acompanhavam acusações contra o presidente eleito e sua gestão, alegações racistas, anticomunistas, xenofóbicas, visando especialmente os imigrantes latinos e os islâmicos; homofóbicas; pela criminalização do aborto e pesquisas com células-tronco, pró-armas, contrários ao controle de armas pelo Estado, dentre outras, tendo como ponto comum todas serem embasadas e justificadas por um nacionalismo

---

Tradução nossa.

[108]TRAVIS, S. “Herman Cain wins Tea Party presidential live straw poll at Phoenix summit”. *CNN Political Tick*. 27.02.11. Disponível em http://politicalticker.blogs.cnn.com/2011/02/27/herman-cain-wins-tea-party-presidential-live-straw-poll-at-phoenix-summit/, acessado em 10.05.11. Tradução nossa.

[109]“*’Do we really want to subsidize the losers' mortgages?’ he asked. ‘This is America! How many of you people want to pay for your neighbor's mortgage that has an extra bathroom and can't pay their bills?’ He went on to suggest that he would organize a Chicago Tea Party in July, where capitalists would dump ‘some derivative securities into Lake Michigan’.The video of his tirade became a YouTube hit, and thus the movement was born*”. ROWEN, B. *History of the tea party movement*. Disponível em http://www.infoplease.com/us/government/tea-party-history.html, acessado em 01.05.11. Tradução nossa.

ufanista e profundamente militarizado.

Este movimento repentino, aparentemente "voluntarista" da população e caracterizado por parte da mídia como mera expressão "*redneck*" ("caipira"), começou a gerar desconfianças sobre os seus verdadeiros organizadores. Sua rede de financiamento contaria "*com grandes organizações como a American Crossroads, da qual Karl Rove, conselheiro de George W. Bush, é co-fundador, ou o Club for Growth, que prega redução de impostos e de gastos do governo*"[110], mas seus principais financiadores seriam os irmãos David e Charles Koch, donos da Koch Industries. Esta é a segunda maior empresa familiar dos EUA (depois da Cargill) com sede em Wichita, Kansas, conglomerado de refinação e transporte de petróleo, petroquímicos e papel, entre outros, que tem lucros anuais de cerca de 100 bilhões de dólares[111]. Dentre uma série de denúncias apuradas constatou-se a contratação massiva de pessoas para comparecerem aos protestos e passeatas, sendo que o ângulo mais explorado pela imprensa e pelos seus opositores foi o de tratar-se de uma organização racista, o que foi confirmado em alguns cartazes de protesto, mas que não serviu para explicar e unificar o combate contra o movimento.

O *Tea Party* é formado por 89% de brancos, contando com o apoio de somente 1% de negros, 1% de asiáticos e 6% de "outros" (não indicam o "restante")[112] – podemos apontar que tratam-se de latinos, em especial da comunidade cubana da Flórida, profundamente anticomunista. Mas a acusação de racismo acabou fracassando. Segundo Ted Nugent, famoso músico conservador, "*o primeiro motivador para o Tea Party é o Dr. Martin Luther King Jr., que eloquentemente disse, 'aqueles que estão engajados em uma direção não violenta não são os criadores da tensão. Nós estamos meramente trazendo para a superfície a tensão que já estava lá*"[113]. O Tea Party tornou-se uma máquina de arrecadação eleitoral:

> "As pessoas estão começando a perceber que o Tea Party é uma poderosa máquina de mobilização de eleitores", disse Matt Kibbe, presidente do Freedom Works, em declarações publicadas nesta terça-feira (21/9 [de 2010]) pelo jornal *Washington Post*. "Estão nos levando cada vez mais a sério. Não há nada como ser capaz de

---

[110]BBC BRASIL. "Crise econômica é combustível para ascensão do Tea Party". *BBC Brasil. 28.10.10. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/bbc/crise+economica+e+combustivel+para+ascensao+do+tea+party/n1237813538498.html, acessado em 11.05.11.*

[111]JALIFE-RAHME, A. "As 10 transnacionais secretas que controlam as matérias primas". *Agência Carta Maior*. 08.05.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17766, acessado em 10.05.11.

[112]MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20002529-503544.html, acessado em 10.05.11. Tradução nossa.

[113]"*A prime motivator for the Tea Party is Dr. Martin Luther King Jr., who so eloquently stated, 'Those who engage in nonviolent direct action are not the creators of tension. We are merely bringing to the surface a tension that is already there'*". NUGENT, T. *What the Tea Parties stand for*. Disponível em http://www.humanevents.com/article.php?id=36856, acessado em 13.05.11. Tradução nossa. Sobre a comprovação de racismo e pagamentos para participantes dos protestos ver o documentário *(Astro) Turf wars: the Tea Party documentary*. Seu trailer e aquisição estão disponíveis em http://astroturfwars.com/. Este documentário tem como resposta do movimento o *Tea Party: the documentary film*, que para contradizer estas acusações foca em diversos membros negros da organização. Disponível em http://www.teapartymovie.com. Acessados em 13.05.11.

> arrecadar votos em uma eleição importante", acrescentou Kibbe que sustenta que o movimento conta com os grupos políticos mais enérgicos do país. O apoio do Tea Party coincide com um crescente fluxo de fundos para os cofres republicanos. O comitê de ação política (PAC, na sigla em inglês) das grandes empresas do país começaram a dar a maior parte do dinheiro a candidatos republicanos revertendo a tendência dos três últimos anos. O jornal *The Wall Street Journal* menciona nesta terça-feira (21/9) que essa mudança de tendência torna provável que os republicanos consigam "lucros significativos" em novembro. Segundo dados do Center for Responsive Politics, os PAC deram 52% de suas doações de 72,2 milhões de dólares a candidatos republicanos entre janeiro e julho. No mesmo período de 2009, esses comitês tinham dado 59% de seus de dólares 64 milhões em contribuições aos democratas […] Outros dois grupos próximos aos republicanos, American Crossroads e Crossroads GPS, criados por Karl Rove, principal assessor político durante o governo Bush, e Ed Gillespie, outro assessor político, já arrecadaram 32 milhões de dólares este ano. Esses grupos, assim como o doador anônimo do Tea Party Patriots, se beneficiam de uma falha judicial que permite que as grandes empresas façam contribuições, sem limites, às campanhas eleitorais[114].

Walter Benn Michaels irá compreender o motivo pelos quais a burguesia estadunidense, exatamente os que foram amplamente favorecidos por vinte anos de políticas de desregulamentação, irá financiar e se colocar ao lado de um movimento como este: "*a indignação demonstrada por Glenn Beck e o Tea Party é, contudo, curiosa. Eles geralmente pertencem à categoria dos 20% dos americanos mais ricos, para quem o neoliberalismo não foi um mau negócio. De fato, a imigração ilegal foi uma das fontes de sua prosperidade*"[115]. Mas este posicionamento

> […] é incongruente apenas na aparência. É certo que a parte da riqueza nacional devolvida aos 20% mais ricos tem continuado a crescer ao longo das últimas três décadas, o que é uma boa notícia para uma força política que santifica as desigualdades. A má notícia, porém, é que esse aumento beneficia, principalmente, o topo da cadeia. Em 1982, o 1% mais rico dos americanos recolheu 12,8% da riqueza nacional quando, em 2006, ele absorvia 21,3% – quase o dobro. Ao mesmo tempo, a fatia do bolo reservada aos 20% mais prósperos passou de 39,1% para "apenas" 40,1%. Assim, quando veem a imigração como uma ameaça, os integrantes do Tea Party não estão totalmente equivocados: seus simpatizantes percebem vagamente que as desigualdades estruturais que sustentam o seu modo de vida atingiram um nível que está além de seus interesses. O capitalismo criou vencedores e agora está ameaçando torná-los perdedores[116].

Então o *Tea Party*, acabou por revestir-se de uma retórica antielitista, sua principal palavra de ordem é "*we the people*", ou seja, "nós o povo", aliada a temas conservadores típicos, explorados em seu máximo:

---

[114]OPERAMUNDI. "Movimento conservador Tea Party aumenta doações para republicanos nos EUA". *Operamundi*. 21.09.10. Disponível em http://operamundi.uol.com.br/noticias/MOVIMENTO+CONSERVADOR+TEA+PARTY+AUMENTA+DOACOES+PARA+REPUBLICANOS+NOS+EUA_6493.shtml, acessado em 13.05.11.

[115]MICHAELS, W. B. "Contra o comunismo e o neoliberalismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11.10. Disponível em http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=806&PHPSESSID=fd25e6e417b75f7999578b00b7767c3c, acessado em 12.05.11.

[116]Idem.

> […] não foi só graças à sua fé cristã que a candidata do Tea Party, Christine O'Donnell, superou seu rival republicano no Estado de Delaware. Diretora da Aliança do Salvador para a vinda do Verdadeiro Ministério, uma seita evangélica que prega a abstinência sexual e eliminação da masturbação, o que lhe permitiu triunfar foi seu discurso inflamado contra a classe dirigente. "As elites não nos entendem, elas nos tomam por tolos. Mas nós somos o povo!", exclamou recentemente, sob uma chuva de aplausos. Depois, atacando os democratas ricos na esteira dos republicanos ricos, ela criticou o ex-candidato à presidência John Kerry, acusado de tentar sonegar os impostos devidos sobre seu novo iate, de US$ 7 milhões. "Eu nunca tive um emprego superbem pago, nem veículo pago pelo Estado. Eu nunca procurei esconder meu iate para escapar do Fisco e tenho certeza de que a maioria de vocês também não"[117].

Discurso efetivo em um país onde, "*nos primeiros anos da administração Reagan, os pobres e a classe média, que compunham 80% da população, recebiam 48% do rendimento nacional, agora não chega a 39%*", e onde "*44 milhões de americanos vivem abaixo da linha da pobreza, enquanto 1% da população controla metade da riqueza produzida pelo país*"[118]: dezoito por cento da população estadunidense se auto identifica como apoiadores do *Tea Party*. A *CBS News* e o *New York Times* entrevistaram mil quinhentos e oitenta adultos, destes oitocentos e oitenta e um apoiadores do movimento, buscando indicações para compreender a sua base social. De seus membros, 59% são homens, e 41% mulheres, cuja maioria, em faixa etária, concentra-se entre os 45-65 anos, sendo 75% do total; acima dos 65 são 29%, e abaixo de 45 anos somente 23%. 56% tem renda anual superior a 50 mil dólares; 35% abaixo de 50 mil dólares; e 20% acima de 100 mil dólares119. Sobre sua escolaridade, 37% têm títulos de graduação superior; 33% são graduados; e 29% somente tem segundo grau; politicamente, 4% consideram-se liberais, 20% moderados e 73% conservadores (dentre estes 39% se proclamam "muito conservadores"), sendo que 54% consideram-se republicanos, 5% democratas e 41% independentes; 61% são protestantes, dos quais 39% evangélicos, 22% católicos; 6% responderam "outra" e outros 6% nenhuma; 38% comparecem semanalmente ao serviço religioso; 58% admitem possuir armas em casa[120].

Ao serem perguntados em qual classe social se identificariam (as opções foram: alta, média

---

[117]MICHAELS, W. B. "Contra o comunismo e o neoliberalismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11.10. op. cit.
[118]Idem.
[119]O salário nos EUA é contabilizado por hora, e com diferentes mínimos por Estado, como consta na seguinte lista de 2011, em dólares: "*Alabama* [não consta] *Alaska $7.25 Arizona $7.35 Arkansas $6.25 California $8.00 Colorado $7.36 Connecticut $8.25 Delaware $7.25 District of Columbia $8.25 Florida $7.25 Georgia $5.25 Guam $4.10 Hawaii $7.25 Idaho $7.25 Illinois $8.25 Indiana $7.25 Iowa $7.25 Kansas $7.25 Kentucky $7.25 Louisiana $7.25 Maine $7.50 Maryland $7.25 Massachusetts $8.00 Michigan $7.40 Minnesota $7.25 Mississippi $7.25 Missouri $7.25 Montana $7.35 Nebraska $7.25 Nevada $7.55 New Hampshire $7.25 New Jersey $7.25 New Mexico $7.50 New York $7.25 North Carolina $7.25 North Dakota $7.25 Ohio $7.30 Oklahoma $7.25 Oregon $8.50 Pennsylvania $7.25 Puerto Rico $6.15 Rhode Island $7.40 South Carolina $7.25 South Dakota $7.25 Tennessee $7.25 Texas $7.25 U.S. Virgin Islands $6.55 Utah $7.25 Vermont $8.15 Virginia $7.25 Washington $8.67 West Virginia $7.25 Wisconsin $7.25 Wyoming $5.15*". MINIMUM-WAGE.ORG. *Minimum wage by state 2011*. Disponível em http://www.minimum-wage.org/wage-by-state.asp, acessado em 13.05.11. Supondo como média $7.25 por hora, um trabalhador que cumpra 40 horas semanais, em um ano terá recebido 13.920 dólares.
[120]MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. op. cit.

alta, média, trabalhadora e baixa), 3% dos seus apoiadores responderam que são da classe alta; 15% da média alta; 50% na média; 26 % na trabalhadora; 5% na "baixa"; e 1% não sabe ou não respondeu. Quando interrogados sobre sua preocupação em decair de sua classe social atual, 41% responderam que estariam, enquanto 58% responderam que não, e 1% não sabe ou não responderam[121]. Do total de seus apoiadores, 53% descrevem-se com "raiva" em relação às coisas "feitas em Washington", em comparação com 19% do total de estadunidenses; Sobre as coisas com as quais mais estariam bravos, 16% identificou a reforma da saúde pública; 14% sobre o governo não representar o povo; 11% com os gastos estatais; e somente 8% com o desemprego e a economia. 92% acreditam que a "América" está no caminho errado (em aspas dada a ênfase do Estado-nação como sujeito). 88% desaprova a gestão Obama, enquanto 7% dizem que ela é boa (77% deles afirmam ser a gestão Obama "*liberal demais*"). Sobre o que não aprovam nesta gestão, a maior resposta, com 19% é a de que simplesmente não gostam dele; 11% acreditam que ele está levando o país em direção ao socialismo; 10% citaram a reforma da saúde pública; e 9% disseram que ele é desonesto. 64% acreditam que o presidente aumentou os impostos para a maioria dos estadunidenses, enquanto na realidade, como parte das medidas anti cíclicas tomadas, a maioria deles pagou menos impostos sob sua administração. Somente 1% acreditam que o Congresso está fazendo um bom serviço. 24% acreditam na necessidade da ação violenta contra o governo. 63% afirmaram obter a maioria de seus conhecimentos e notícias políticas na televisão, mais precisamente na *FOX News*, comparado com 23% da população total dos EUA; 47% afirmaram ser a televisão sua principal fonte sobre o *Tea Party*; enquanto 24% afirmaram ser a internet. 84% disseram que as perspectivas do partido refletem a vontade da maioria dos estadunidenses, enquanto somente 25% da população total afirma o mesmo, sendo que do mesmo total e 36% rejeitaram esta afirmação. Sobre o maior objetivos do *Tea Party*, por seus apoiadores, 45% afirmaram ser reduzir as funções do Estado; 9% criar empregos; 7% eleger seus candidatos; 6% cortar orçamentos; enquanto 18% responderam todas as alternativas; 7% "alguma outra coisa"; e 2% simplesmente não sabiam[122].

Como visto, o *Tea Party* constitui-se através da oposição e qualificação de seus inimigos, posicionando-se diante da insatisfação dos estratos médios da sociedade, que nos últimos vinte anos viram seu estilo de vida proletarizar-se. Insatisfações que não podem ser minimizadas, pois como Chomsky adverte, são legítimas. "*Os motivos de queixa são legítimos. Nos últimos 30 anos, os salários reais da maioria da população estancaram ou diminuíram, enquanto que a insegurança*

[121]CBS NEWS/NEW YORK TIMES POLL. "The tea party movement: who they are". *CBS News*. 5-12.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/htdocs/pdf/poll_tea_party_who_they_are_041410.pdf?tag=contentMain;contentBody, acessado em 07.05.11. Tradução nossa.

[122]MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. op. cit. Tradução nossa.

trabalhista e a carga de trabalho seguiram aumentando, do mesmo modo que a dívida", a acumulação de riquezas resultante da financeirização da economia, e o "*correspondente abandono da produção doméstica. Recordando esse processo: a mania da desregulamentação defendida por Wall Street e apoiada por economistas fascinados pelos mitos da eficiência do mercado*"[123], provocaram um aumento da desigualdade social sem precedentes:

> O público adverte que os banqueiros, responsáveis em boa parte pela crise financeira e que tiveram que ser salvos da bancarrota, estão desfrutando de lucros recordes e suculentas bonificações, enquanto os índices do desemprego continuam em torno de 10%. A indústria encontra-se em níveis similares aos da Grande Depressão: um de cada seis trabalhadores está desempregado, e o cenário indica que os bons empregos não vão voltar. O povo, com razão, quer respostas e ninguém as dá, com exceção de umas poucas vozes que contam histórias com certa coerência interna: desde que se suspenda a incredulidade e se adentre em seu mundo de disparate e engano. Mas ridicularizar as travessuras do Tea Party não é o mais acertado. Seria muito mais apropriado tentar compreender o que sustenta o encanto desse movimento popular e nos perguntar por que uma série de pessoas irritadas estão sendo mobilizadas pela extrema direita e não pelo tipo de ativismo construtivo que surgiu nos tempos da Depressão (como, por exemplo, o Congresso das Organizações Industriais, CIO). Neste momento, o que os simpatizantes do Tea Party ouvem é que todas instituições (governo, corporações e corpos profissionais) estão apodrecidas e que nada funciona. Entre o desemprego e outros inúmeros problemas, os democratas não têm tempo para denunciar as políticas que conduziram ao desastre. Pode ser que o presidente Ronald Reagan e seus sucessores republicanos tenham sido os grandes culpados, mas essas políticas iniciaram já com o presidente Jimmy Carter e se intensificaram com o presidente Bill Clinton. Durante as eleições presidenciais, entre o eleitorado principal de Barack Obama estavam as instituições financeiras[124].

Pode-se dizer mesmo, que a manifestação genérica da insatisfação foi a característica responsável por agrupar em torno do *Tea Party* os mais diversos setores dos estratos médios estadunidenses, e ao mesmo tempo explicar seu financiamento por setores da burguesia. Isto explicita porque características distintas são enfatizadas em diferentes regiões do país, ou seja, como o partido constrói suas explicações associando às questões regionais através da acusação qualificada contra a gestão democrata nacional, esta plenamente contaminada – "*noventa e dois porcento dos apoiadores do Tea Party acreditam que as políticas do presidente Obama estão movendo o país em direção ao socialismo. Cinquenta e dois porcento dos total dos americanos dividem esta crença*"[125]. Os membros do *Tea Party* "*estão com raiva. Mas não são articulados sobre os pontos específicos dos quais têm raiva e como vão consertar os que acham que está errado*", mas que dada a conjuntura atual estadunidense, "*ser antigoverno, mesmo sem um plano*

---

[123]CHOMSKY, N. "A raiva mal dirigida nos EUA". *Agência Carta Maior*. 25.11.10. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17214, acessado em 05.05.11.
[124]Idem.
[125]"*Ninety-two percent of Tea Party supporters believe President Obama's policies are moving the country toward socialism. Fifty-two percent of Americans overall share that belief*". MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. op. cit. Tradução nossa.

alternativo, é uma posição que parece encontrar eco nos eleitores americanos”[126]. E a irracionalidade de seu programa torna-se explícita diante das perguntas mais simples, como a que Walter Benn Michaels provocativamente fez: para o *Tea Party* “*qual é o inimigo mais perigoso dos Estados Unidos?*”. Entre os apresentadores da *Fox News*, Bill O’Reilly, “*insistia na resposta esperada, a Al-Qaeda. Durante a administração George Bush filho, o choque de civilizações estruturava a visão de mundo dos conservadores americanos*”, ou seja, “*ao abordar um tema como a imigração ilegal, seu temor era que partidários de Osama bin Laden se esgueirassem entre os manobristas de hotéis em Chicago ou fossem trabalhar nos frigoríficos de Iowa*”, enquanto seu colega Glenn Beck, posicionava-se de maneira mais “*insólita*”, ao afirmar que “*não são os mujahedins* [...] *que 'estão tentando destruir o nosso país', mas 'os comunistas'. Para Beck, assim como para os ativistas de direita do Tea Party* [...] *o terrorismo representa uma ameaça muito menos preocupante que o socialismo*”[127]. Michaels continua:

> Por que o comunismo? E por que agora? Ao contrário da fobia contra o Islã, que usa como pretexto os milhares de americanos mortos pelos muhajedins, o anticomunismo de hoje não se baseia em nenhum elemento concreto. Não só não houve bolcheviques nos aviões que atingiram o World Trade Center, mas, além disso, não há praticamente nenhum comunista em todo os EUA e, mesmo na ex-URSS, eles são apenas um punhado [...] No entanto, como o antissemitismo sem judeus, o anticomunismo sem comunistas desempenha, hoje em dia, um papel crucial no discurso da direita, especialmente no seio daquela antineoliberal. Mas se as últimas três décadas nos ensinaram alguma coisa é que o marketing é uma política em si mesmo. Para Beck e seus milhões de simpatizantes, não é ao triunfo do capitalismo que devemos atribuir nossos problemas atuais, mas à volta do comunismo. Evidentemente, são “os imigrantes e socialistas”, e não os sauditas vindos de avião, que estão precipitando esse retorno. O mesmo raciocínio está presente nas reuniões do Tea Party, durante as quais os ânimos se agitam contra a “Obamacare” (a reforma do sistema de saúde, penosamente obtida pelo presidente dos Estados Unidos) e a suposta “socialização” da medicina. “Eu tive de explicar, educadamente, que era o Estado que lhes fornecia sua assistência médica”, observa o senador republicano Inglis, “mas eles não queriam entender nada”. Essa cegueira é facilmente explicada. Por um lado, os adeptos do Tea Party afirmam que o Medicare e a seguridade social estão em processo de colapso. Por outro, não veem que a privatização desenfreada e a falta de recursos é que levaram essas agências à beira da falência. O que eles querem, em outras palavras, é que se proteja tanto o neoliberalismo (suprimir o Obamacare) como o socialismo (não perder o Medicare)[128].

É uma política de cunho plenamente ultraliberal, mas que contém em si um elemento “antiliberal” impraticável, um antielitismo meramente retórico, já que o sistema que defendem e pelo qual militam é o que economistas da Escola de Chicago fabricam, e que consegue construir somente culpados genéricos para a crise pela qual passam: “*em suma, o que o Tea Party considera a*

[126]BBC BRASIL. “Crise econômica é combustível para ascensão do Tea Party”. *BBC Brasil. 28.10.10. op. cit.*
[127]MICHAELS, W. B. “Contra o comunismo e o neoliberalismo”. *Le Monde diplomatique Brasil*. 01.11.10. op. cit.
[128]Idem.

mais grave ameaça ao capitalismo nada mais é do que capitalismo..."[129]. Esta afirmação fica clara quando seus militantes responderam sobre o que imaginam ser o socialismo: "*cerca de metade dos adeptos Tea Party voluntariamente disseram ser a propriedade do governo ou controle, muito mais do que qualquer outra resposta. Onze por cento já tirando direitos ou limitando a liberdade, e oito por cento disseram que isso significa que a redistribuição da riqueza*"[130]. A seguir, reproduzimos a lista de "crenças não negociáveis" do *Tea Party*:

> 1. Imigrantes ilegais estão aqui ilegalmente. 2. Empregos pró-doméstico é indispensável. 3. Um exército forte é essencial. 4. Eliminação de interesses especiais. 5. A propriedade de armas é sagrada. 6. O governo tem de ser "enxugado". 7. O orçamento nacional tem de ser balanceado. 8. Gastos em déficit irão acabar. 9. Fianças estatais e planos de estímulo são ilegais. 10. Reduzir impostos. 10. Reduzir o imposto de renda pessoal é uma obrigação. 11. Reduzir o imposto de renda de negócios é obrigatório. 12. Cargos políticos disponíveis para os cidadãos comuns. 13. Impedimento de intrusões do governo. 14. Inglês como língua fundamental é obrigatório. 15. Encorajamento de valores tradicionais da família[131].

Esta lista de objetivos, altamente simplificada como "palavras de ordem", a ponto de soarem quase sem sentido, obviamente não é suficiente para constituir uma semente para um plano de longo prazo, sendo plenamente irracional em sua concretização. Mas podem-se observar suas linhas mestras: nacionalismo xenofóbico e militarista (em plena concordância com o imperialismo), avanço das reformas ultraliberais no aparelho de Estado, o entendimento que o mínimo de impostos cobrados é o máximo de ingerência que o Estado supostamente deve ter na economia. De um modo mais geral: a afirmação plena do imperativo categórico do livre mercado e da meritocracia. Outro documento que traz essas noções de um modo mais ordenado é o seu "contrato da América", distribuído para congressistas democratas e republicanos, sendo que somente alguns deste segundo partido o assinaram:

> 1. Proteger a Constituição 2. Rejeitar Cap & Trade [algo como "limite e negociação", utilizada para denominar um mecanismo de mercado que limita as emissões de gases de um setor ou grupo] 3. Exigir um orçamento balanceado 4. Decretar reformas tributárias fundamentais 5. Restabelecer responsabilidade fiscal e constitucionalmente os limites do governo 6. Acabar com a corrida de gastos do governo 7. Reembolsar, rejeitar, e substituir os serviços de saúde do governo 8.

---

[129] MICHAELS, W. B. "Contra o comunismo e o neoliberalismo". *Le Monde diplomatique Brasil*. 01.11.10. op. cit.

[130] "*Roughly half of Tea Party supporters volunteered government ownership or control, far more than any other answer. Eleven percent cited taking away rights or limiting freedom, and eight percent said it means the redistribution of wealth*". MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. op. cit. Tradução nossa.

[131] "*1. Illegal Aliens Are Here Illegally. 2. Pro-Domestic Employment Is Indispensable. 3. Stronger Military Is Essential. 4. Special Interests Eliminated. 5. Gun Ownership Is Sacred. 6. Government Must Be Downsized. 7. National Budget Must Be Balanced. 8. Deficit Spending Will End. 9. Bail-Out And Stimulus Plans Are Illegal. 10. Reduce Personal Income Taxes A Must. 11. Reduce Business Income Taxes Are Mandatory. 12. Political Offices Available To Average Citizens. 13. Intrusive Government Stopped. 14. English As Core Language Is Required. 15. Traditional Family Values Are Encouraged*". TEA PARTY. *Non-negotiable core beliefs of the tea party*. Disponível em http://www.teaparty.org/about.php, acessado em 05.05.11. Tradução nossa.

> Passar uma política de energia “todas-opções-acima” 9. Parar os Earmarks [medida legislativa que direciona fundos aprovados para determinados projetos ou especifica exceções de impostos] 10. Parar o aumento de impostos[132].

É uma série de medidas que se articulam ao projeto ultraliberal de economia, que atacam os direitos das classes subalternas do corpo social, ao militarem pela redução do Estado, e pelo fim de suas responsabilidades sociais, no caso específico focando o sistema de saúde, a possibilidade de se renegociar a dívida hipotecária do indivíduo com falência decretada (lembrando o papel fundamental que esta dívida teve para a circulação de mercadorias e capitais nos EUA, como já discutido), atacando o meio ambiente e os trabalhadores da indústria, militando pelo fim do controle de poluentes. É um programa explicitamente de caráter burguês, chauvinista, nacionalista, anti operário, imperialista, e como visto, plenamente articulado ao projeto econômico ultraliberal, mesmo que retoricamente se faça antielitista e contra a formação de grandes fortunas individuais (seu irracionalismo intrínseco demonstra-se, mais uma vez, na “filiação” de Trump ao movimento).

E que se articula perfeitamente à existência de milícias, embarcando os *Minuteman Civil Defense Corps*, a maior de todas as milícias de fronteira entre os EUA e o México, e a *FIRE Coalition*, organizações de patrulha e controle de imigrantes. Isto não ocorre sem alguns conflitos internos, como os sobre a lei SB-1070 do Estado da Arizona, que exige que policiais exibam prova de residência legal para quem acreditam serem imigrantes ilegais (o que inviabiliza juridicamente as chacinas perpetradas na fronteira), em que o *Tea Party Patriots* arregimentou milhares de assinaturas a favor da lei, enquanto o *Tea Party Nation* participou e ajudou a patrocinar um evento em Phoenix, Arizona, apoiando os patrulheiros “patriotas”[133]. De acordo com Glenn Spencer, líder do *American Control Border* e apoiador do *Tea Party*:

> […] imigração ilegal é parte de uma guerra clandestina contra os EUA, uma lenta invasão planejada pelos mais altos níveis do governo mexicano para recapturar a Califórnia, o Texas e boa parte do Sudoeste para restabelecer o mítico império asteca de Aztlan. Spencer acusa a culpa por uma série de doenças sociais contemporâneas – tudo, desde as revoltas por Rodney King em Los Angeles até o vício em meta anfetamina – sobre esta atuação do México para desestabilizar a América. Qualquer tolo pode entender que uma nação temerosa a Deus, de famílias protestantes, é muito mais difícil de invadir e ocupar que uma cheia de revoltosos viciados em crack[134].

---

[132]“*1. Protect the Constitution 2. Reject Cap & Trade 3. Demand a Balanced Budget 4. Enact Fundamental Tax Reform 5. Restore Fiscal Responsibility & Constitutionally Limited Government 6. End Runaway Government Spending 7. Refund, Repeal, & Replace Government-run Health Care 8. Pass an ‘All-of-the-Above” Energy Policy 9. Reduce Earmarks 10. Stop the Tax Hikes*”. THECONTRACT.ORG. *The contract from America*. Disponível em http://www.thecontract.org/the-contract-from-america/, acessado em 10.05.11. Tradução nossa.

[133]Ver BAHADUR, G. “Nativist militias get a Tea-Party makeover”. *The Nation*. 28.10.10. Disponível em http://www.theinvestigativefund.org/investigations/immigrationandlabor/1420/nativist_militias_get_a_tea-party_makeover/, acessado em 04.06.11.

[134]“[...] *illegal immigration is part of a clandestine war against the U.S., a slow invasion planned at the highest levels of the Mexican government to recapture California, Texas, and much of the Southwest to reestablish the mythical Aztec empire of Aztlan. Spencer lays the blame for a host of contemporary social ills – everything from LA’s Rodney King riots to meth addiction – on Mexico’s attempt to destabilize America. Any fool can see that a country of God-fearing,*

Como visto este movimento agrega-se diretamente às características formadoras dos movimentos fascistas, sendo que o irracionalismo inerente à reprodução ampliada das relações sociais capitalistas é não somente justificado, mas explicado como parte de um complô, como parte de uma ação racional levada a cabo por um grupo social ou político de forma subterrânea, com o sentido de desestabilizar o status quo, não avalizado como a estrutura de classes realmente existente, mas sob a forma do povo nação. E caso a classe trabalhadora daquele país deixe de manifestar-se politicamente contra este tipo de projetos políticos, é difícil não prever consequências graves. Estes levantes já iniciaram, no começo de 2011 nos protestos desencadeados após a ofensiva do capital em Wisconsin. Neste estado, Scott Walker elegeu-se governador com o apoio do *Tea Party*, e assim que empossado seu primeiro ato foi beneficiar empresários com cortes de impostos no valor de 117 milhões de dólares. Em seguida, em votação considerada ilegal na Assembleia Estadual, fez aprovar um projeto de lei que praticamente eliminaria os sindicatos dos funcionários públicos, declarando que com isso estaria visando economizar 150 milhões de dólares por ano:

> Não são só os sindicatos associados com os democratas o que Walter e seus colegas de Tea Party desejam destruir; são os sindicatos dos servidores públicos. Isto importa por razões que são muito mais obscuras que as demais, mas que estão claramente relacionadas com nossos problemas contemporâneos: a fiscalização do capitalismo contemporâneo, a globalização da indústria e do comércio e, de maneira mais geral, o ataque mundial aos avanços econômicos e sociais conquistados no último século e meio. O problema, em resumo, é que, para sobreviver o capitalismo precisa se expandir e, com tão poucas áreas com espaço disponível, a esfera pública se torna tentadora demais para resistir. É por isso que as elites econômicas miraram as instituições que até agora tinham evitado a mercantilização total. Ninguém mais as protege hoje em dia que aqueles que nelas trabalham[135].

A reação organizada, mesmo que defensiva, desencadeou uma série de protestos sindicais durante cerca de um mês e meio em 50 estados dos EUA. Ainda que a classe trabalhadora demonstre seu poder de reação diante da crise através de seus sindicatos, é notada claramente a falta de partidos representativos desta classe nos EUA, capazes de organizar uma atuação ofensiva em escala nacional. Os próprios sindicatos ainda são reféns da lei Taft-Hartley, de 1947, que proíbe "*as greves sectoriais, as greves 'selvagens' (não convocadas por sindicatos), as greves políticas ou de solidariedade, os 'boicotes secundários' (acções de apoio a uma greve efectuadas noutra empresa), os piquetes secundários ou massivos, o fecho de lojas*", além da proibição de qualquer

---

family-oriented Protestants is much to harder to invade and occupy than one one that's full of rioting crackheads". LEVINE, Y. "How the Tea Party gave new life to mexican-hunting ultra-right extremists". *The Exiled*. 07.06.11. Disponível em http://exiledonline.com/how-the-tea-party-gave-new-life-to-mexican-hunting-ultra-right-extremists, acessado em 10.07.11. Tradução nossa.

[135]LEVINE, A. "Protestos nos Estados Unidos: por que Madison importa". *Agência Carta Maior*. 28.02.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17493, acessado em 07.05.11.

"*contribuição financeira dos sindicatos para campanhas políticas federais*"[136]. Ou seja, apresenta-se uma conjuntura que não traz boas perspectivas para o desenvolvimento consequente da luta de classes pelo proletariado naquele país.

O *Tea Party* nos permite apontar como um movimento fascista de terceira onda plenamente desenvolvido (talvez até a vanguarda para este tipo de movimento, visto que ideologicamente sua defesa do ultraliberalismo é muito mais avançada que em seus congêneres) é integrado e atua dentro do sistema democrático parlamentar burguês. Buscam organizar a pequena burguesia e a nova pequena burguesia, embora ideologicamente também desenvolva uma atração considerável sobre o lumpenproletariado estadunidense. Sua estratégia organizativa e sua efetividade real dependem do estilhaçamento de sua rede extrapartidária, o que impede sua qualificação jurídica como fascista, ao mesmo tempo em que articula todo o espectro fascista e reacionário já existente na sociedade estadunidense (especialmente as milícias e os grupos extremistas de pouca repercussão), os colocando sob a égide de lideranças intelectuais vinculadas diretamente com o capital financeiro e os grandes conglomerados empresariais, que provém ao movimento financiamento e poder midiático. Cumprem plenamente a função de última defesa do capital, em sua fase de dominância do capital financeiro e especulativo.

6.2. O MSM e o *Tea Party*:

Este movimento acabou por ecoar diretamente no MSM, onde esta "expressão" do nacionalismo conservador estadunidense seria "*tanta que já consegue até estourar as manobras com que os globalistas vinham sutilmente, desde os anos 50, infiltrando gente sua no Partido Republicano, nominalmente a fortaleza dos conservadores*", assim "*chicoteado pelo movimento do Tea Party, o GOP ('Great Old Party') está em discreto mas efetivo ritual de autodepuração, e quanto mais se livra de traidores e vendidos, melhor o seu desempenho nas eleições*"[137]. Segundo Heitor de Paola, entusiasmado:

> Muito escrevi nos últimos anos sobre o Suicídio da Águia, mergulhada num lodaçal de corrupção, esquerdismo, dominação do Partido Democrata pelo '*shadow party'* comandado pelos grandes financistas sob a batuta de George Soros e a modorra Republicana que os aproximava cada vez mais dos 'liberais' (socialistas). Parecia que a eleição de Obama seria o golpe final com seu programa claramente socialista, de abjeta submissão à ONU e à 'comunidade internacional', com as medidas contra a Constituição Americana para aceitar as leis internacionais como acima dos princípios

[136]GOODMAN, A. "'É uma guerra de classes': entrevista com Michael Moore". *Passapalavra*. 13.05.11. Disponível em http://passapalavra.info/?p=39776, acessado em 13.05.11.
[137]CARVALHO, O. de. "Nacionalismo americano – I". *Diário do Comércio*. 22.05.11. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/110322dc.html, acessado em 10.05.11.

> da mesma. Obama e o grupo de Chicago que tomou de assalto o poder defendem que sempre que a Constituição Americana, que jurou 'preservar, proteger e defender', contrariar a lei internacional, esta teria precedência sobre a primeira. Para implementar sua agenda revolucionária, Obama e a gangue de Chicago tinham que atacar em duas frentes, pois a excepcionalidade histórica americana reside numa genial articulação entre uma economia livre de amarras governamentais e uma arraigada e inabalável moral judaico-cristã, obra fantástica dos *Founding Fathers* e *framers* da Constituição. Para realizar a '*Change'* que embalou a *obaminável* campanha Democrata de 2008 urgia atacar ambas rapidamente[138].

Este posicionamento de defesa incondicional do *Tea Party* e suas ações acabou por trazer à tona duas questões: a primeira, a inviabilidade de se fazer movimento semelhante no Brasil, e a segunda, sua defesa incondicional provocou um acirramento entre os grupos com os quais o MSM dialoga. Sobre o primeiro ponto, o MSM anota que os EUA possuem uma constituição plenamente "cristã", o que os possibilita uma base para reação, o que no Brasil seria impossível, já que nossas cartas são marcadas pelo "conservadorismo brasileiro":

> A ideologia dos fundadores da República Americana foi uma síntese originalíssima que harmonizava as reivindicações práticas do Iluminismo com as exigências e princípios do cristianismo bíblico […] "Nossa Constituição - afirmou o segundo presidente americano, John Adams - foi feita somente para um povo moral e religioso. Ela é totalmente inadequada para o governo de qualquer outro povo." Os americanos são o único povo, em todo o universo, governado por uma Constituição cristã, que ademais tem consciência disso e que continua vendo aí uma das fontes principais de inspiração para suas lutas, ao ponto de que mesmo os políticos hostis ou indiferentes ao cristianismo se vêem forçados a fazer-se de cristãos para não perder votos (Barack Obama, anticristão e pró-muçulmano, submeteu-se a essa ginástica só até o dia da eleição; tão logo se sentiu seguro no cargo deixou de frequentar os cultos dominicais, mesmo os da Black Liberation Theology)[139].

Então a questão é "explicada" em termos de experiências históricas, novamente reivindicando a explicação conservadora última para a questão brasileira, nosso suposto iberismo[140]:

> O movimento que virou a política americana do avesso em menos de dois anos tem raízes profundas no que há de mais expressivo historicamente naquele País, das raízes do movimento pela Independência, simbolizado pelo nome escolhido, Tea Party, em referência à reação revolucionária contra o aumento dos impostos cobrados pela Coroa Britânica após a aprovação do Stamp Act de 1765, que obrigava ao pagamento de um imposto mediante um selo aplicado a todos os documentos legais e jornais circulantes nas Colônias. Esta reação foi alimentada pelo brado de no taxation without representation (sem representação, nada de impostos) e ao boicote de mercadorias inglesas chegando à rebelião plena em 16 de dezembro de 1773 em Boston quando os carregamentos de chá foram jogados ao mar. A reação foi violenta,

[138] PAOLA, H. de. *No, you can't!* A águia reage!. **1**1.11.10. Disponível em http://www.heitordepaola.com/publicacoes_materia.asp?id_artigo=2242, acessado em 13.05.11.
[139] CARVALHO, O. de. *O que é o nacionalismo americano?* 22.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11941-o-que-e-o-nacionalismo-americano.html, acessado em 17.05.11.
[140] Para uma reflexão mais ampla o iberismo, e suas diversas interpretações, ver o artigo de MAIA, J. M. "Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 71. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092009000300011&script=sci_arttext&tlng=., acessado em 17.05.11.

> mas encontrou os colonos unidos em Comitês, seguindo o criado por Samuel Adams em Boston um ano antes. O parlamento inglês editou novas leis destinadas a punir os revoltosos, os Intolerable Acts, levando à convocação do Primeiro Congresso Continental em 1774. Em menos de dois anos e após uma guerra contra o domínio britânico, as Colônias se tornaram independentes. No Brasil o único movimento de independência foi a Inconfidência Mineira, até mesmo inspirada nos acontecimentos nas Colônias do Norte. No entanto, o movimento não partiu do povo, mas sim de proprietários rurais, intelectuais, clérigos e militares, os mais prejudicados pela *derrama*, o imposto extra sobre os 'homens bons' para completar cem arrobas de ouro[141].

Sendo então estes três "fatores" explicativos para nossa "cordialidade submissa natural": primeiro, "*a falta total de apoio popular, tornando o movimento uma mera conspiração, enquanto lá os Comitês eram abertos*", a nossa "*expressão meramente regional, pois ainda não havia uma consciência nacional*". Segundo, por ser o Brasil "*ainda dividido em Capitanias não permitia que reverberasse uma identidade nacional*". E por fim, "*enquanto a Conquista do Oeste e a expansão da nacionalidade foi feita lá por homens livres em busca de território para se instalar e cuidar de suas vidas, quase sem atuação da União*" no nosso caso "*as Entradas era financiadas pela Metrópole e as Bandeiras eram expedições que, embora financiadas por particulares, tinham o único propósito de explorar e não colonizar permanentemente*". Assim, assinalando o salto histórico realizado sem nenhum pudor, "*os brasileiros não têm experiência, e conseqüentemente noção, do verdadeiro significado de liberdade individual, vivendo desde sempre sob o tacão português e depois de governos autoritários, iludidos por uma falsa sensação de proteção*". Do mesmo modo isto determina nossos grupos reacionários: "*certamente existem no Brasil vários movimentos conservadores, mas todos são de elite intelectual, os quais até o momento não conseguiram fazer contato político produtivo com esta imensa massa de cidadãos comuns*"[142].

Sobre o segundo ponto, a defesa aberta de um projeto fascista de massas acaba por confrontar as posições mais "moderadas", que buscam algum consenso entre os que compartilham posições da direita ultraliberal. Isto é observado na resposta de Heitor de Paola ao Instituto Millenium (em artigo cujo subtítulo é "*não vim para debater, mas para combater*"):

> RECADO AO IMBECIL COLETIVO DA PSEUDO-DIREITA (Instituto Millenium - cuja grana é administrada pelo Armínio Fraga, o*ffice-boy* de George Soros -, Reinaldo Azevedo, Demétrio Magnoli, *et caterva*): sou, sim, radical! Radical no sentido de que só se extermina a erva daninha matando a raiz, radical no sentido do *Tea Party Express*, movimento tipicamente *grassroot* (raiz de grama) significando gente arraigada aos princípios fundadores da única Nação onde impera a liberdade e o *rule of law*, radical no sentido de defender os princípios Judaico-Greco-Cristãos da Civilização Ocidental[143].

---

[141]PAOLA, H. de. *Um movimento conservador no Brasil?* 21.12.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11706-um-movimento-conservador-no-brasil.html, acessado em 17.05.11.
[142]Idem.
[143]PAOLA, H. de. *A "direita" que a esquerda adora*. 27.02.10. Disponível em

E do mesmo modo que já tratado, a estratégia é a de ampliar a noção de crise para além da questão econômica, mas a tornando reflexo de uma crise moral, gerada e amplificada pela ação dos esquerdistas, liberais e republicanos "moderados". Crise que não os tornaria incapazes de apontarem soluções "democráticas", mas que faria parte de seu plano maior de implementação do comunismo, aproveitando o desespero da população. "*A imensa crise das hipotecas que abalou os últimos meses da Administração Bush – tenho sérias suspeitas de que foi armada para ocorrer naquele momento exato para eleger Obama*", já que ocorreu "*logo depois do anúncio da escolha da Vice de McCain, Sarah Palin, que deu novo ânimo à sua candidatura – pegou o povo americano atônito com a catástrofe iminente e foi fácil convencê-lo a votar na bem propagandeada Change*", para posteriormente "*aceitar a mais brutal intervenção governamental na economia desde o New Deal, a segunda pá de cal na liberdade econômica desde a criação do FED em 1913*"[144].

Em artigo publicado por Ernesto Ribeiro, intitulado *Leitor do MSM vs. André Petry* esta ligação fica clara:

> Todo mundo já esperava que a revista *Veja* fosse escalar o mentiroso de plantão do André Petry pra inventar a desculpa mais esfarrapada possível "explicando" a surra que Obama levou nessa eleição. **E o vigarista não decepcionou. Ele simplesmente NÃO SABE explicar coisa nenhuma do que está acontecendo lá nos EUA** (pois se contasse a verdade, mostraria que o mito Obama foi fabricado pela própria grande imprensa, incluindo a Veja) e se saiu com o surrado chavão de que *o problema é só a economia.* Estúpido. **É toda a destruição FÍSICA do país.** É a invasão de milhões de criminosos 'imigrantes' ilegais mexicanos e muçulmanos, em guerra contra os cidadãos com a criminalidade crescente, estupros de crianças, assassinatos e tráfico de heroína e crack. **É a Grande Crise Constitucional e Institucional**, com o governo federal rasgando a Constituição de mais de 200 anos do país e quebrando a Lei aprovada pelos Estados. **É o crime da Alta Traição**, com o presidente que vai a ONU para atacar o próprio povo, contrariando a vontade popular, destruindo a soberania nacional, se curvando servilmente aos piores inimigos do país, facilitando o trabalho dos terroristas e perseguindo os patriotas. **É a criminalização do Cristianismo** na maior nação cristã do planeta. É a **corrupção** do mar de lama que está fazendo Washington parecer Brasília. É a **devastação do ensino** nas escolas, obrigando as crianças a engolir merda de homossexualismo, islamismo, comunismo e ódio ao próprio país. Além de transformar os filhos dos outros em clientela pra pedófilos. É o escárnio **imoral** de insistir em nomear como "Czar da Segurança nas Escolas" um pedófilo com um histórico de abuso sexual infantil – contra os protestos de milhões de pais de alunos que estão retirando seus filhos das escolas para não deixar suas crianças nas mãos desses degenerados. É a **suprema canalhice** de nomear diretor da CIA um traidor que serviu á KGB. De indicar para juíza da Suprema Corte uma advogada dos mandantes dos terroristas que mataram 3 mil americanos no 11 de Setembro. **São as centenas de manifestações de protesto pipocando em todas as grandes cidades dos EUA, com quase 100 milhões de cidadãos adultos nas ruas querendo a cabeça de Obama. É o ataque á** [sic] **liberdade de expressão,** desrespeitando todos os opositores, com a proposta indecente de "Denuncie os boateiros contrários á reforma" e tentando implantar um sistema de terror similar ao stalinismo. É o desplante de **desprezar a vontade**

---

http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=1684, acessado em 10.05.11.

[144]PAOLA, H. de. *No, you can't!* A águia reage!. 11.11.10. op. cit.

> **contrária de 80% da população.** É a escancarada **destruição da economia**, torrando o dinheiro público como lixo, criando um déficit de TRILHÕES de dólares. São as **relações escusas**, doando BILHÕES a uma ONG criminosa investigada pelo Congresso, envolvida com prostituição e fraude eleitoral. É a odiosa **facada no coração do povo**, financiando a construção de uma mesquita muçulmana de 100 MILHÕES junto aonde ficavam as Torres Gêmeas, **cuspindo na memória das milhares de vítimas assassinadas no 11 de Setembro**, naquele que foi o maior atentado terrorista muçulmano da História[145].

Este tipo de posicionamento é compartilhado pela maioria dos leitores do MSM, o que evidencia o entendimento de democracia que seus leitores defendem, como Luíza Soares:

> Não importa em absoluto o quanto Obama destrua o país, 95% dos negros, algo em torno de 60% dos hispânicos e 35% dos brancos esquerdistas do país vão votar nele, PONTO. Esta gente quer recursos do governo, cargos, e benefícios e estão cagando e andando pro resto. Mas aí é que está: os "conservadores", espertos demais, apoiam o voto universal, independentemente de o sujeito declarar renda ou não, e aí chamam os comunistas para participarem das eleições. Quem os sabichões acham que, com o passar do tempo, vai criar uma base eleitoral crescente e absolutamente fiel? Acordem, gente. O Partido Democrata, assim como o PT no Brasil, não se preocupa primariamente com as próximas eleições, mas sim com seus interesses de longo prazo. É por isso que ambos os países, mesmo que em velocidades diferentes, vão inexoravelmente se transformar em ditaduras socialistas. Vocês não queriam voto universal e plena representação de ideologias na vida política? POIS TOMEM[146].

Este comentário gerou a resposta de jamesmdr, que congratula a autora: "*há anos que digo que os EUA estavam sendo corroídos por dentro, com a imigração desenfreada de pessoas oriundas de países atrasados e socialistas (desculpe o pleonasmo), gente com esta mentalidade*", e que "*se multiplicaram dentro dos EUA, obtiveram o direito a voto, seus descendentes são americanos que também votam, e o resultado aí está: a destruição dos EUA! Era óbvio!*"[147]. A "radicalização" do movimento conservador, assim como sua abertura para as massas se faz ponto convergente e necessário, encontrando mais justificativas que negações por parte do MSM (a experiência histórica, questões de conjuntura, explicitados na falta de dinheiro para organização de um partido formal) deixa claro que seu objetivo imediato não é a formação de um partido formal, expressão das camadas médias, mas o convencimento das "elites", da classe da dominante. Este posicionamento os impede de avançar como protagonistas, mas os possibilita espaço político suficiente para disseminarem todo um modo de ser. Se esta estratégia irá alterar-se ou não, não nos cabe conjecturar.

Deste modo, compreendemos o MSM dentro de um movimento de alcance global, cujas

[145]RIBEIRO, E. *Leitor do MSM vs. André Petry*. 13.11.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/outros/11594-leitor-do-msm-vs-andre-petry.html, acessado em 13.05.11.
[146]Comentário de Luíza Soares, de 19.04.2011 em CARVALHO, O. de. *O homem invisível*. 19.04.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/desinformacao/12017-o-homem-invisivel.html#comment-39876, acessado 05.05.11.
[147]Comentário de jamesmdr, de 20.04.2011 em CARVALHO, O. de. *O homem invisível*. 19.04.11. op. cit.

características que permitem o qualificar conceitualmente como um movimento fascista de terceira onda, não estão ainda plenamente desenvolvidas exatamente porque cabe ao MSM responder *de maneira possível* às exigências da conjuntura. Esta é marcada pela complexificação do campo político, onde não há a necessidade de um único aparelho privado de hegemonia ou partido *identificar abertamente em si* todas estas características, mas o exibir através de uma rede extrapartidária (entre ligações orgânicas e solidárias) congregando uma série de grupos em torno de elementos comuns de luta, servindo desta forma como formador para uma vida pré-estatal determinada: para um Estado autoritário com características fascistas abertas.

7. O MSM E SUA REDE EXTRAPARTIDÁRIA:

O que estamos investigando neste trecho da dissertação é a rede extrapartidária formada pelo MSM em torno de si. As redes extrapartidárias compõem um desdobramento baseado na complexificação do campo político. Esta complexificação do campo político brasileiro foi fruto das contradições sociais geradas nos mais de vinte anos de ditadura civil militar empresarial, que em seu acirramento fizeram ascender forças organizadas populares de caráter contestatório, ao mesmo tempo em que a própria classe dominante vivenciou sua crise de direção hegemônica[148], notadamente acerca do modelo de desenvolvimento capitalista. "*No final dos anos 70 e início dos 80, a burguesia, não tendo dirigido um movimento de incorporação da classe trabalhadora ao seu conceito de cidadania*", sendo que "*quando os trabalhadores iniciam as lutas por sua emancipação da regulação do Estado, tal processo se apresentaria como uma conquista que se faz contra ela, a burguesia*"[149]. Diante desta possibilidade, a classe dominante, dentro dos parâmetros da "modernização conservadora"[150], efetiva "*a reforma da institucionalidade autoritária e posterior criação da institucionalidade democrática sob Estado autocrático burguês*"[151]. Dentro de um processo truncado, que acaba resultando na eleição indireta de Tancredo Neves em 1985, abre-se a possibilidade de organização pluripartidária, de organização e reunião, sendo garantido os direitos individuais (entre vários, a volta do *habeas corpus*), e especialmente, eleições diretas para todos os cargos do executivo e legislativo nos três níveis de poder (municipal, estadual e federal): a institucionalização da democracia eleitoral parlamentar. Estas mudanças, especialmente sobre as eleições, como Jacob Gorender posteriormente constataria, embora fruto de lutas populares, constituiriam a legitimação maior "*da aceitação pelos milhões de moradores de barracos da sua imensa desigualdade diante dos pouquíssimos milionários*", condição justificável através da "*igualdade entre os dois extremos no momento mítico de depositar o voto na urna*"[152]:

> Os assalariados e os pobres em geral constituíram o grosso das massas populares que reclamaram, nas ruas, pelo fim da ditadura militar e pela realização de eleições diretas. A forma política democrática corresponde, portanto, a uma aspiração das classes subordinadas, aí incluindo também a classe média. Estas percebem que as liberdades democráticas lhes concedem espaço para sustentar reivindicações com vistas a melhoras concretas no seu viver cotidiano. Ao ceder à aspiração democratizante, a classe dominante burguesa conseguiu estabelecer o consenso

[148]Para mais informações ver ZEN, L. F. G. *"A conciliação das elites"* projeto hegemônico de democracia na revista Veja 1982-1985. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido: UNIOESTE, 2009.
[149]ALMEIDA, G. R. de. *História de uma década quase perdida*: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 46.
[150]FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976. ver p. 318-321.
[151]MACIEL, D. "Florestan Fernandes e a questão do transformismo na transição democrática brasileira". *IV Simpósio Gepal*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt8/11_davidmaciel.pdf, acessado em 10.01.12.
[152]GORENDER, J. "Hegemonia burguesa – reforçada pela prova eleitoral de 94". *Crítica Marxista*. nº. 2. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/cm_2.1.pdf, acessado em 16.01.12.

> socialmente amplo acerca de sua própria dominação. As grandes massas populares não vêem que possa haver algo melhor para elas, em matéria de regime político, do que a democracia. Querem a democracia e, simultaneamente, só podem querer a democracia burguesa[153].

A investigação em rede aqui realizada parte de um pressuposto quase óbvio, que não se faz política de forma consequente isolando-se, que é necessário uma "estrutura" (organizada diretamente ou semiautônoma) para a disputa de caráter ideológico e/ou partidária. Os intelectuais do MSM sempre assinalaram esta necessidade, e investiram tempo e trabalho para a constituição de sua rede, em plena consciência que a direita não é capaz de organizar-se de maneira homogênea por muito tempo, dados as disputas em torno de interesses econômicos imediatos, o que acabou por formatar a rede em uma série de "instâncias" – compreendidas como diferentes eixos de articulação. Em torno de pautas específicas, como a luta contra o terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (III-PNDH), apresentado pelo governo Lula em 2010 ou a luta contra a legalização do aborto, por exemplo. Em torno de objetivos políticos comuns, como a oposição contra as gestões petistas no governo federal. Em torno de um programa mínimo, como o acordado através do Foro do Brasil, fundado em setembro de 2008. Este intitula-se " *entidade patriótica que tem por missão: Estudos para contribuir com o Aprimoramento Constitucional*" e é formado por "*28 entidades patrióticas em seu Conselho e representantes em oito estados*", sendo "*constituído pelo Conselho Geral e 14 Conselhos em áreas específicas de atuação*". Este Conselho Geral, presidido por Ronaldo Fontes, "*reúne-se semanalmente e realiza a Assembléia Geral a cada dois meses*"[154]. E até mesmo em torno de um programa amplo, como os pontos citados por Carvalho em entrevista para a constituição de um "verdadeiro" partido de direita no Brasil:

> 1. Anticomunismo. Não queremos comunismo na América Latina. Tchau, tchau e bênção. Adeus, Fidel Castro; adeus, Hugo Chávez, não queremos nada disso; 2. Livre empresa e respeito à propriedade; 3. Moral judaico-cristã; 4. Educação clássica. As pessoas têm de ter os valores fundamentais da civilização; 5. A verdadeira liberdade de discussão. 50% a 50%. Equilíbrio entre as correntes[155].

Estas articulações não são parte de uma estrutura enrijecida, pelo contrário, são extremamente dependentes da conjuntura política e econômica, mas que acaba por afirmar o MSM como uma das maiores lideranças, ou seja, que é capaz de em um momento de crise social articular toda esta rede como possibilidade política efetiva para a reorganização do bloco no poder, ascendendo politicamente como solução conservante das estruturas sociais existentes. A predominância do MSM pode ser observada na popularidade de seu domínio na *web* em relação aos demais. Segundo o Alexa, já citada ferramenta de ranking da internet, o MSM consta como número

---

[153]GORENDER, J. "Hegemonia burguesa – reforçada pela prova eleitoral de 94". *Crítica Marxista*. nº. 2. op. cit.
[154]FORO DO BRASIL. *Entrada*. Disponível em http://www.forodobrasil.info/, acessado em 11.01.12.
[155]GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. "Direita na mídia". *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. op. cit.

4.298 entre todos os *sites* brasileiros, e número 167.906 em comparação global[156]. Isto demonstra um alcance altamente considerável em torno de seus visitantes, já que, segundo informações oficiais, ele habita em universo de mais de 2.763.360 *sites* registrados como ".com.br"[157]. Seu público "possível" é composto por 37,4% da população total brasileira, mais de 75.982.000 de brasileiros, 3,6% da população total mundial usuária da rede[158], uma vez que 98,7% dos visitantes do MSM são brasileiros[159].

Mesmo com este alcance, o MSM não prescinde da constituição de uma rede extrapartidária, seu "estilhaçamento" em diversas frentes de atuação corresponde à necessidade de um movimento fascista na contemporaneidade de evitar sanções jurídicas diretas contra o centro de poder da rede (impedindo sua qualificação jurídica como "fascista", no caso de não o relacionar diretamente com milícias e grupos de ação direta); consegue responder às complexificações do campo político, identificando através desta rede uma série de conhecimentos ideológicos necessários para a formação de vida pré-estatal (ou seja, dado o avanço ou retrocesso da conjuntura política e econômica, esta "atuação conjunta" do mesmo modo resguarda o centro da rede extrapartidária); forma uma rede tanto militantes orgânicos quanto de solidariedade em torno de si, buscando disseminar suas formulações ideológicas entre aparelhos privados de hegemonia, partidos e organizações que compartilham crenças, símbolos e linguagem comuns; permite espaço para certa "pluralidade" interna, tanto em termos de bandeiras de luta específicas quanto formulações gerais, mas que podem vir a convergir, aqui especialmente em relação à crise aberta (mas que pode ocorrer em diversos termos, novamente, dependendo das necessidades impostas pela conjuntura). Na contemporaneidade a exigência de agrupar certa pluralidade em torno de si não restringe-se à direita fascista, assinalando que no capitalismo qualquer pluralidade capaz de unificação é diretamente subordinada à contradição fundamental entre capital e trabalho.

Para tentarmos abranger estas questões teoricamente, iremos nos apoiar na noção de rede extrapartidária constituída por Calil, sobre a conceituação gramsciana de partido (já abordada anteriormente). Este a construiu para situar as organizações formadas em torno do Partido de Representação Popular (PRP), que reorganizou os integralistas brasileiros no Pós-Guerra e existiu até 1965. Esta rede foi construída pela "*estruturação das várias organizações extrapartidárias*", que "*vinculava-se, de forma orgânica, a um projeto de retomada da iniciativa por parte dos*

---

[156]ALEXA. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. Disponível em http://www.alexa.com/siteinfo/midiasemmascara.org#, acessado em 13.02.10.
[157]CETIC.BR. *Estatísticas diárias por categoria*. Disponível em http://www.cetic.br/dominios/index.htm, acessado em 13.02.12. O site do MSM é apresentado como .org mas quando acessado é redirecionado automaticamente para o .com.br.
[158]ECOMMERCE.ORG. *Os 20 países com maior número de usuários da internet*. Disponível em http://www.e-commerce.org.br/stats.php, acessado em 13.02.12.
[159]ALEXA. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. op. cit.

integralistas, visando transcender os limites da ação estritamente partidária"[160]. Assinalando que, para Gramsci, o partido, especialmente o revolucionário, para criar uma "nova concepção de homem", sob uma concepção totalitária (no sentido de totalizante), implica ao partido a necessidade de "*romper todos os fios que ligam estes membros a organismos culturais estranhos*" ou "*incorporá-las num sistema cujo único regulador seja o partido*"[161]. Isto torna-se particularmente importante para o MSM visto seu posicionamento como partido "contrarrevolucionário" por excelência. Na pesquisa de Calil esta leitura foi corroborada pela interpretação de Plínio Salgado sobre os outros partidos do período, em especial o Partido Comunista Brasileiro (PCB), atuando conscientemente para criar e consolidar esta rede:

> Você não compreendeu o sentido e o alcance das organizações que devem integrar o Movimento Nacional Brasileiro. Não somos um partido burguês do tipo da UDN [União Democrática Nacional] e do PSD [Partido Social Democrático]. Somos do tipo do PCB ou do PTB [Partido Trabalhista Brasileiro]. Ora, o PCB vive porque tem a alimentá-lo várias organizações: Liga de Emancipação Nacional, Frente das Mulheres Democráticas, CTAL (Confederação dos Trabalhadores da América Latina), Liga dos Camponeses (que está tendo grande impulso, principalmente no Paraná), Campanha do Petróleo é Nosso, etc. etc. Por outro lado, o PTB vive porque tem organizações paralelas: os Institutos e o Ministério do Trabalho ... E nós? Que temos, pelo menos para aproveitar a votação que tive, extra-PRP? Nada. E nada de nada. Não se trata, portanto, de ampliar e dispersar, como você pensa; mas de aproveitar uma massa, que me acompanha, que votara no PRP por minha causa, que não pode ser abandonada, mas utilizada[162].

Calil interpretou esta "ampliação" como "*a construção de um conjunto de trincheiras, visando travar uma guerra de posição, já que o assalto imediato ao poder estava descartado naquela conjuntura*", e que "*pretendia-se não restringir a intervenção integralista aos aspectos meramente político-institucionais da pequena política*", os possibilitando "*retomar a iniciativa de uma ação política ampla*"[163]. No caso do PRP, esta rede extrapartidária foi constituída em sete "instrumentos" principais: o PRP em si (centro desta rede), a Livraria Clássica Brasileira, a Confederação dos Centros Culturais de Juventude (CCCJ), a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB), o jornal *A Marcha*, a Ação Nacional Brasileira e o seu programa radiofônico. Escolha estratégica que atingiu determinados objetivos:

> A estratégia de "guerra de posição", ocupando posições no parlamento e no executivo, além de facilitar a sobrevivência material do integralismo, permitiu-lhe colocar em prática alguns elementos de sua ideologia, ainda que em um ritmo e intensidade que muitas vezes decepcionava e desanimava sua militância, o que se

---

[160]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 487.
[161]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 253-254.
[162]Correspondência de Plínio Salgado a Herculano Ramos, 21.04.1957 *apud* CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 487.
[163]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 487-488.

> deve não apenas à nova estratégia assumida pelo movimento, mas também pela própria inviabilidade de concretização coerente do projeto integralista, claramente contraditório e irracionalista, como qualquer projeto fascista. Em termos gerais, a reformulação estratégica foi uma resposta aos desafios da nova conjuntura político-social, tendo obtido um relativo êxito, na medida em que tornou possível a intervenção do integralismo nas duas décadas seguintes e permitiu que os integralistas se apresentassem como "antifascistas", o que, a despeito de todas as evidências em contrário, era reiteradamente admitido por grupos políticos e sociais vinculados às classes dominantes[164].

Nosso intento ao recorrer a esta noção, não é o de somente apontar "apêndices", que auxiliariam a atuação do partido em si, mas indicar que estas outras frentes da guerra de posição, vinculadas organicamente a um centro dirigente, atuam decisivamente para seu crescimento quantitativo e qualitativo, para o cumprimento de seu projeto histórico. Esta rede é parte crucial da construção da vontade nacional, e atua angariando solidariedade e apoio de outros grupos (que necessariamente não se comprometeriam integralmente ao projeto político, mas que é passível de haver concordância às suas linhas gerais ou bandeiras específicas); disseminando de modo mais amplo agitação e propaganda; possibilitando fazer convergir outros campos sociais para o campo político, atingindo domínios da vida social fundamentais para a construção do "homem novo"; aumentando as chances para a cooptação e a formação de novos militantes; organizando uma quantidade maior de pessoas; enfim, possibilitando que o partido intervenha ativamente além dos limites institucionalizados do campo político-eleitoral burguês, observando seu projeto em implicações sociais mais abrangentes. Para nós, *esta rede organizada é o partido*, em todas suas implicações teóricas – relembrando que, segundo Lênin: "*o partido é um conjunto de organizações interligadas num todo único. O partido é a organização da classe operária, espalhada numa rede das mais diversas organizações locais e especiais, centrais e gerais*"[165].

A análise aqui desenvolvida só foi possível por considerarmos em nossas reflexões sobre a internet que o desenvolvimento tecnológico altera o próprio processo social de vida. Nesta consideração a tecnologia não coloca-se acima das classes e seus interesses, do mesmo modo que a disputa ideológica não faz-se dissociada das suas bases sociais. Então, retomando parte de nosso segundo capítulo, assinalemos novamente nosso entendimento sobre as formas e o conteúdo da internet. As formas são as determinações, materiais e virtuais que irão permitir a existência do conteúdo na rede, este referindo-se ao conjunto total das possibilidades de interações comunicativas humanas mediadas e permitidas pelas formas (material e virtual) da tecnologia. Deste modo buscamos assinalar a internet como "instrumento" que potencializa e dá forma para a atuação partidária, servindo como base para uma série de novos tipos de ações conjuntas entre os

---

[164]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 795-796.

[165]LÊNIN, V. I. "Como V. Zassulich combate o liquidacionismo". *apud*. MARX, K.; ENGELS; F.; LÊNIN, V. I. *Acerca do partido*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. p. 48.

indivíduos:

> O computador é, portanto, antes de tudo um operador de potencialização de informação. Dito de outro modo: a partir de um estoque de dados iniciais, de um modelo ou de um metatexto, um programa pode calcular um número indefinido de diferentes manifestações visíveis, audíveis e tangíveis, em função da situação em curso ou da demanda dos usuários. Na verdade é somente na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem, uma vez, como já disse, o texto em papel (ou o filme em película) forçosamente já está realizado por completo. A tela informática é uma nova "máquina de ler", o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular[166].

A internet possui como fonte uma característica multifacetada, que não se permite resumir em um único modo de tratamento, sendo então, que temos de apontar sua especificidade como modo de comunicação. "*Se o acesso aos dados é possível pela interligação dos computadores dispostos em rede (net em inglês), a internet comporta diferentes formas de mídia (imagem, som, texto, gráfico, vídeo, etc.) sendo assim multimídia*"[167]. Deste modo, a grande característica da rede não é a imposição de um formato de mídia sobre outro, mas a interconexão destes. Como exemplos, podemos apontar "*o VoIP (Voz sobre IP), o IPTV (televisão sobre IP), o fenômeno Youtube, as redes sociais, as mensagens instantâneas e o correio eletrônico*"[168]. Como coloca Luciano Figueiredo, "*a reunião de texto, imagem e som parece representar uma das ultimas fronteiras alcançadas pela capacidade e desenvolvimento tecnológico*", que através do multimídia "*podem-se captar diferentes sentidos e formas de determinado recorte histórico — temático ou temporal — e concentrar todas as informações textuais, visuais e sonoras relevantes em um mesmo núcleo*"[169].

Esta correlação multimídia só pode ser compreendida através da noção de hipertexto, modalidade técnica marcada por ser o usuário que opta pela sequência da narrativa "*através de escolhas entre as alternativas possíveis de links que lhe são disponibilizadas a cada nó*", interagindo diante das possibilidades oferecidas e assim, obtendo uma leitura (o acesso a informações, seja em qual for o seu formato) de modo aparentemente não sequencial, não linear. Assim sendo "*não basta haver mistura entre textos, gráficos e vídeos em um sistema multimídia*"[170], mas que o usuário tenha uma relação ativa ao navegar através do espaço informacional.

A ideia de hipertexto é criada por Vannevar Bush no artigo de 1945 chamado *As we may think*, em que criticava os sistemas de indexação existentes, cuja ordenação se dava pela hierarquização da informação em classes, subclasses, etc. Este processo não era completamente

---

[166]LEVY, P. *O que é virtual?* op. cit. p. 41.
[167]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 16.
[168]VELOSO, E. M. *Legislação sobre internet no Brasil*. op. cit.
[169]FIGUEIREDO, L. R. "História e informática: o uso do computador". *In*. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. op. cit. p. 606-607.
[170]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 19-20.

efetivo, no que buscou superar imaginando um sistema comparado com o pensamento humano, que ocorre através de associações. Para aproximar-se deste, Bush idealizou um dispositivo que chamou de Memex (*Memory extender*) para mecanizar tanto a classificação quanto a seleção das informações por associações[171]. Mas o termo hipertexto só é cunhado por Theodore Nelson em 1965, mesmo que seu funcionamento tenha sido elaborado anteriormente. Ele trabalhava, também nos Estados Unidos, no projeto Xanadu, buscando "*exprimir a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática*", através de uma "*imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo*"[172], ou seja, a disponibilidade de informação para uma série de usuários em que os documentos pudessem ser alterados por cada um destes, visando seu aprimoramento. "*O desejo de ampliar a memória humana (cognitiva) e a ânsia de concentrar todo o conhecimento do mundo, que é como mostram as propostas de Bush e Nelson, são as bases da formulação do termo 'hipertexto'*", já que seria através da "*informática, mais especificamente em suas máquinas, o meio material para a criação de uma memória (grande, extensa) através da escrita. Essa escrita, porém, não poderia ser linear, devido à necessidade de associações e atualizações entre imensos volumes de informação*"[173].

Segundo Jakob Nielsen:

> "Hipertexto" é a não-sequencionalidade ligando pedaços de texto ou outra informação. Se o foco de um sistema ou documento é sobre tipos não-textuais de informação, o termo hipermídia é geralmente utilizado em seu lugar. Em documentos impressos tradicionais, o único link praticamente existente é a nota de rodapé, sendo então o hipertexto geralmente referido como "a nota de rodapé generalizada". As coisas as quais podemos ligar para ou vindas de são chamados nós, e todo o sistema irá formar uma rede de trabalho de nós interconectados com links. Links podem ser classificados e/ou ter atributos, e eles podem ser uni ou bi direcionais. O usuário acessa a informação nos nós através da navegação por links[174].

A impressão de "liberdade" na navegação *online* é somente aparente, já que delimitada pelos nós que correspondem entre si. Este nós referem-se às informações em série que surgem para serem decodificadas pelo usuário na tela do computador, sendo que, cada um destes nós "*pode conter um número diverso de elementos, sejam eles palavras, imagens ou outras formas gráficas, que funcionam como dispositivo de deslocamento, isto é, são as ligações de um nó com o outro*". Através do "*clique sobre um link é que se começa a navegação propriamente dita na internet*", sendo que é este o "*grande marco do hipertexto, sem ele, não haveria relação entre nós disponíveis, e a cada bloco de informação a ser acessada seria necessária a digitação de todo o endereço*

---

[171]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 17.
[172]NIELSEN, J. "*Hypertext and hypermedia*". Boston: Academic, 1990. p. 33. *apud* HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 18.
[173]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 18.
[174]NIELSEN, J. *Hypertext'87 Trip Report*. Disponível em http://www.useit.com/papers/tripreports/ht87.html, acessado em 06.07.11. Tradução nossa

eletrônico que se gostaria de ler"[175]. Embora seja marcada pela navegação através de uma página inicial, a sequência a ser seguida através de uma única aba do navegador (o que raramente acontece em uma pesquisa genérica na rede) é através dele que é determinada a série de caminhos possíveis. "*O link é o gesto primeiro e fundamental das relações entre saberes na internet e é a relação entre os nós possíveis, mas também é o bloqueio/a restrição de tudo que ele não põe em relação: os nós impossíveis (não-linkados)*"[176].

É importante compreendermos a utilização da rede para investigação social contemporânea, já que esta cria vínculos passíveis de relações, indicativos sociais, que antes eram negados ao pesquisador ou exigiam uma pesquisa extremamente desgastante. Buscamos afirmar aqui uma metodologia, que através da rede, nos permitisse relacionar estes grupos, tendo como centro o MSM, ou seja, buscando atribuir a partir deste uma rede extrapartidária, *os nós, as ligações, que articulam sua atuação através de uma série de diferentes trincheiras e que escapam de uma existência "meramente" virtual*. Como afirma Pierre Levy, faz parte das funções do hipertexto informático "*hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele destaca e remete*"[177].

Desta forma trabalhamos com duas categorias metodológicas: as redes autoatribuídas e as atribuídas. As primeiras são as ligações explicitadas pelo MSM como estruturas formadoras em sua própria atuação partidária, como por exemplo, na lista que relaciona os *sites* de seus colunistas e editores. A tabela abaixo é uma versão da tabela número doze, mas desconsiderando alguns parâmetros daquela (articulistas sem *sites*, nacionalidade, profissão, artigos):

TABELA 18: *Sites* mantidos por atuais colunistas do MSM:

Nome	***Site***
Marcus Boeira	http://marcusboeira.blogspot.com
Leonardo Bruno	http://cavaleiroconde.blogspot.com
Olavo de Carvalho	www.olavodecarvalho.org, www.seminariodefilosofia.org, http://theinteramerican.org/
Alejandro Peña Esclusa	http://www.fuerzasolidaria.org, http://www.unoamerica.org
John Haskins	www.undergroundjournal.net
Ubiratan Iorio	www.ubirataniorio.org
Alan Keyes	www.alankeyes.com, www.aipnews.com, www.selfgovernement.us
Jeffrey Nyquist	www.jrnyquist.com
Heitor de Paola	www.heitordepaola.com, www.escolasempartido.org
Daniel Pipes	http://www.danielpipes.org

[175]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 19.
[176]Idem. p. 24-25.Grifos nossos.
[177]LEVY, P. *O que é virtual?* op. cit. p. 37.

Nome	*Site*
Klauber Cristofen Pires	http://libertatum.blogspot.com
Percival Puggina	www.puggina.org
Cel. Luis Alberto Villamarin Pulido	http://www.luisvillamarin.co.nr
Tibiriça Ramaglio	http://observatoriodepiratininga.blogspot.com
Graça Salgueiro	http://notalatina.blogspot.com
Julio Severo	www.juliosevero.com, http://escolaemcasa.blogspot.com

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. op. cit.

A rede autoatribuída também aparece no caso de organizações em rede assumidas pelo MSM, a formação de frentes. Isto é visível no caso do, já citado, Foro do Brasil, que reúne uma série de entidades representativas de um pensamento“nacionalista”:

> O FORO DO BRASIL, nasceu como Grupo CAPA de discussões sobre problemas brasileiros, organizado por membros da ADESG/SP e cidadãos representantes de algumas entidades patrióticas no ano de 1996 [...] Tem como objetivo fundamental contribuir para o Aprimoramento das Instituições Nacionais. Tem como linha mestra, atuar dentro de parâmetros constitucionais, da ordem, da justiça e da verdadeira democracia. Defender os interesses da nação para que o país seja mantido livre, distante de ideologias que empregam o totalitarismo e a perpetuação do poder, seja de qualquer natureza. Acreditamos que o uso do consenso, participação e discussão das idéias, por representantes legítimos, seja a melhor forma de conseguirmos alcançar um caminho verdadeiro e sólido para o povo e nossas instituições. Trabalhamos para a reconquista e a manutenção dos Objetivos Nacionais Fundamentais a saber: – Soberania – Progresso – Paz Social – Democracia - Integridade do Território Nacional – Integração Nacional[178].

Na figura abaixo apresenta-se a articulação desenvolvida:

[178]FORO DO BRASIL. *Sobre*. Disponível em http://forodobrasil.info/fb/?page_id=2, acessado em 13.02.12.

FIGURA 6: *Sites* de parceiros do Foro do Brasil.

Foro do Brasil
Soberania Já!

Sites de Parceiros

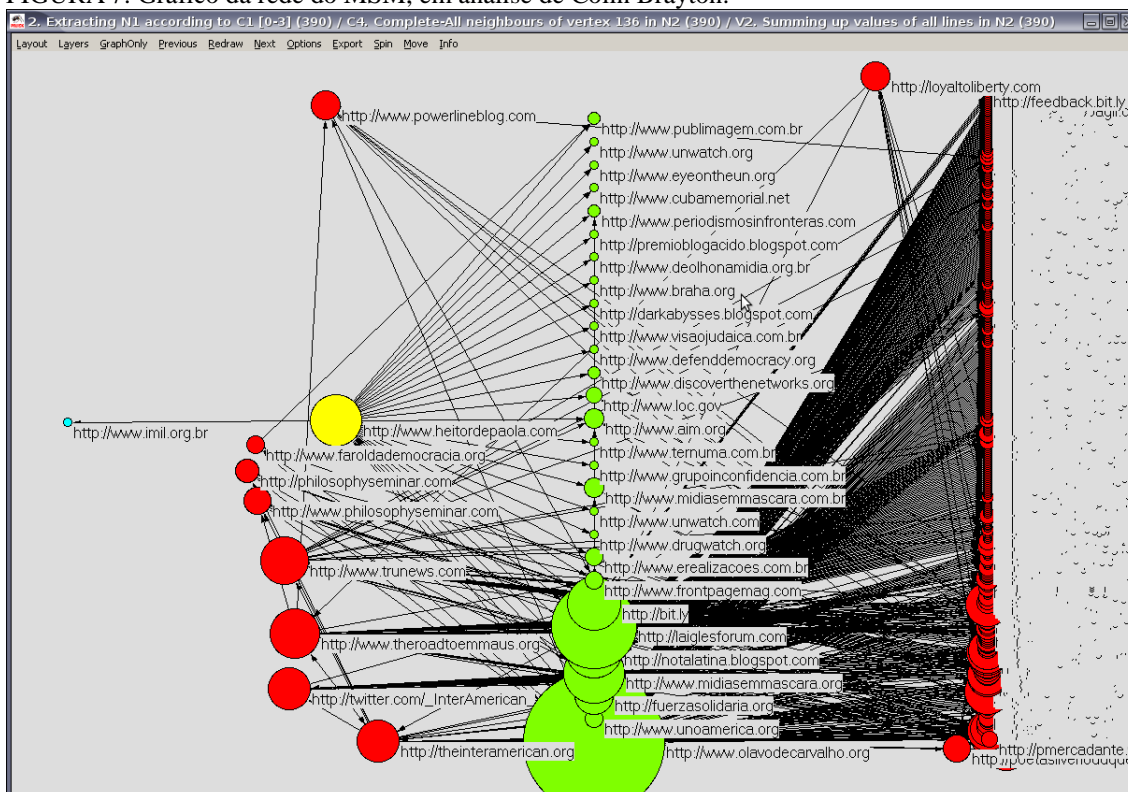
A Continência	www.acontinencia.com
Alerta em Rede	www.alerta.inf.br
Alerta Total	www.alertatotal.blogspot.com
A Verdade Sufocada	www.averdadesufocada.com
Blog do Clausewitz	www.blogdoclausewitz.blogspot.com
Blog do Reinaldo Azevedo	www.veja.abril.com.br/blogs/reinaldo
Brasil Acima de Tudo	www. brasilacimadetudo.lpchat.com
Cai o Pano - Christina Fontenelle	www.christina-fontenelle.blogspot.com
Câmbio	www.cambio.com.co/821
Coturno Noturno	www.coturnonoturno.blogspot.com
Defesa@Net	www.defesanet.com.br
Direto do Abismo	www.darkabysses.blogspot.com
Farol da Democracia Representativa	www.faroldademocracia.org
Fuerza Solidária	www.fuerzasolidaria.org
Grupo Guararápes	www.fortalweb.com.br/grupoguararapes
Grupo Inconfidência	www.grupoinconfidencia.com.br
Heitor de Paola	www.heitordepaola.com
Imortais Guerreiros	www.freewebs.com/imortaisguerreiros
InfoRel - Relações Internacionais	www.inforel.org
Levante-se Brasil !	www.levante-se.co.cc
Mídia sem Máscara	www.midiasemmascara.com.br
Nota Latina	www.notalatina.blogspot.com
Observatório Brasileño	www.observatoriobrasileno.blogspot.com
Olavo de Carvalho	www.olavodecarvalho.org
Ordem e Progresso	www.ordemeprogresso.co.cc
Paz no Campo	www.paznocampo.org.br
Políticos Brasileiros	www.politicosbrasileiros.com.br
Resistência Militar	www.resistenciamilitar.blogspot.com
Ternuma	www.ternuma.com.br
Tribuna Nacional	www.tribunanacional.com.br
ucho.info	www.ucho.info
UND - União Nacionalista Democrática	www.undbrasil.org
ViVerdenovo	www.montenegroviverdenovo.blogspot.com
Voto Eletrônico, Voto Seguro?	www.voto-e.blogspot.com

FONTE: Recebido por e-mail. 07.02.11.

Consideramos estas duas redes autoatribuídas como evidentes, já que ilustram ligações confirmadas pelo próprio MSM como parte de sua atuação partidária. Assim, não buscamos investigar cada um destes participantes para compor uma análise própria em sua relacionalidade com o MSM. Cabe-nos assinalar que estas redes são incompletas, não demonstram todo o poder de

articulação do MSM. Desta lacuna surgiu a necessidade de efetuarmos uma leitura própria, para caracterizar a rede que chamaremos “atribuída” (discutiremos as ligações pertencentes à rede atribuída junto com os resultados da rede autoatribuída).

A rede atribuída é uma leitura efetuada e determinada por nós. Sua feitura só foi possível de forma efetiva graças à ênfase do MSM em sua militância virtual, através da rede. Embora já exista uma investigação que buscava esta rede, seguindo o mesmo sentido, feita pelo jornalista estadunidense Colin Brayton, em artigo chamado *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul* de 10.01.11[179], identificamos uma série de equívocos factuais contidos neste texto, o que impossibilitaria a apropriação de seus resultados. Para fins de comparação mencionaremos um de seus gráficos em que situa o MSM em uma rede (feita através da ferramenta da internet *Godaddy*[180]), lembrando que Brayton não faz nenhuma mediação conceitual em sua leitura, considerando todos os elementos como uma espécie de bloco ideológico comum, que diferiria em seus nomes “fantasia”:

FIGURA 7: Gráfico da rede do MSM, em análise de Colin Brayton:

FONTE: BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. Disponível em http://tupiwire.files.wordpress.com/2011/01/neoimilolavo.png, acessado em 13.02.12.

Nossa leitura foi feita em conjunto com um tecnólogo em sistemas de informação especializado em publicidade através da rede, Ariel Patschiki, que desenvolveu, baseado em um

[179]BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. op. cit.
[180]GODADDY.COM. *Web site analytics*. Disponível em http://www.godaddy.com/hosting/website-analytics.aspx?ci=9035, acessado em 13.02.11.

programa de código aberto já existente, a ferramenta para a leitura do MSM e sua rede extrapartidária. A técnica empregada para relacionar os *websites* é conhecida como *Web Crawler* ou *Spider*[181], que consiste em um dispositivo automatizado que verifica todos os *hiperlinks* de uma página base, e que, para cada hiperlink encontrado refaz a mesma verificação. O *Web Crawler* pode ser configurado para executar estas verificações quantas vezes forem necessárias, sendo que este número de vezes pode ser chamado de "profundidade" ("*dephts*") . Para realizar a análise do MSM, foi usada a técnica de *Web Crawler* através de um script[182] escrito na linguagem de programação *Ruby*[183] utilizando uma biblioteca específica para *Web Crawler* chamada *Anemone*[184].

Os passos desempenhados pelo script podem ser separados em dois momentos: primeiro analisando todos os *hiperlinks* existentes na totalidade de páginas do MSM. O resultado deste exame inicial foi uma lista de *websites* e a quantidade de *hiperlinks* existentes na soma de suas páginas. O segundo passo constituiu-se da apreciação via script de cada *site* encontrado, porém desta vez, limitando-se apenas ao segundo nível de profundidade de cada *hiperlink* (leitura que não foi tão arrojada quanto à efetuada em relação ao MSM, que foi devassado em sua totalidade, mas que foi a única possível de ser feita em prazos realistas). Durante estas duas investigações construiu-se um banco de dados com as informações de *hiperlinks* do MSM e de seus *links*, que após o fim da leitura nos permitiu efetuar uma análise de tipo *Data Mining*[185] para estabelecer a relacionalidade entre os *websites*. O script desenvolvido para esta análise encontra-se disponível para download e utilização pública e gratuita[186] e a pesquisa foi feita entre os dias primeiro de janeiro e sete de fevereiro de 2012.

O resultado da primeira fase do trabalho nos permitiu visualizar 1194 *links* de saída do MSM (entre estes resultados encontrando diferentes páginas do mesmo *site*)[187]. Estes resultados nos permitem visualizar, além da rede, a capacidade total do MSM de gerir informações, de pesquisa em suas mais variadas fontes – há uma série de *sites* relacionados à esquerda, estatísticas oficiais, jornais nacionais e estrangeiros, *sites* e *blogs* de políticos, etc. Após a obtenção destes dados foram feitas confrontações com cada uma das ligações encontradas através do *Web Crawler*, buscando verificar se existia ou não relacionamento recíproco de cada um destes com o MSM em suas duas

---

[181]KOBAYASHI, M.; TAKEDA, K. "Information retrieval on the web". *ACM Computing Surveys*. nº. 2, volume 32, junho de 2000. Disponível em http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=358923.358934, acessado em 13.02.12.

[182]WIKIPEDIA. *Script* (computing). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Script_(computing)#cite_note-1, acessado em 13.02.12.

[183]WIKIPEDIA. *Data mining* (programming language). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Ruby_(programming_language), acessado em 13.02.12.

[184]ANEMONE. *What is it?*. Disponível em http://anemone.rubyforge.org/, acessado em 13.02.12.

[185]WIKIPEDIA. *Data mining*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Data_mining, acessado em 13.02.12.

[186]PATSCHIKI, A. *Semantic spider*. Disponível em https://github.com/arielpts/semantic-spider, acessado em 13.02.12.

[187]PATSCHIKI, L. *Tabela anexo 1194*. Disponível em http://www.mediafire.com/?8kmur3bo6hg1ac4, acessado em 20.02.12.

principais profundidades. Após este tratamento foram obtidos 33.949 *links* reversos em 180 *sites* (15,8% do total).

Por fim, fora feita uma última verificação pelo pesquisador, já que tratava-se de uma consideração qualitativa em relação ao nosso objeto: buscamos nestes 180 *sites* excluir do resultado final da análise retornos que considerassem denúncias, repúdios, respostas, etc. ao MSM por *sites* que o combatem ou o discordam de seu conteúdo. Por exemplo, nesta busca encontramos *sites* como o Portal de Luis Nassif, a Agência de Informação Frei Tito para América Latina (Adital), de entidades de luta pelos direitos GLBTS, etc., além de *sites* utilizados como plataforma para a disputa ideológica, tal qual o Centro de Mídia Independente ou as páginas de comentários abertas de diversos jornais – lembrando que é através deste tipo de confrontação que o MSM também busca afirmar-se partidariamente (já discutido no tópico 5.1 *Criação e afirmação do MSM*, desta dissertação)[188]. Desta leitura restaram 139 *sites*, sendo que o próximo passo foi a produção de uma breve descrição de cada um destes, visando permitir a visualização da influência recíproca constituída entre o MSM e os diversos aparelhos privados de hegemonia: associações, institutos, grupos políticos e religiosos, indivíduos, etc. Foram consideradas entre a quantidade total de *links* de saída do MSM (mais de sete mil até uma, ponderando as maiores e mais organizadas evidentemente as que exibem maiores resultados) e dos *links* de retorno (que não correspondem necessariamente a mesma importância dada pelo MSM).

Para fins de apresentação separamos esta pesquisa em torno de três tabelas, nos permitindo fazer comentários específicos em relação a quantidades de *links* de saída do MSM. A primeira tabela dá conta dos maiores resultados, de mais de sete mil até oito:

TABELA 19: Rede extrapartidária do MSM até oito *links* de saída:

Site	***Links* de saída**	***Links* de retorno**	**Descrição**
juliosevero.blogspot.com	7829	3476	*Blog* do colunista Julio Severo
www.heitordepaola.com	7767	4	*Site* do colunista Heitor de Paola
www.olavodecarvalho.org	7666	38	*Site* do editor chefe do MSM Olavo de Carvalho
www.nivaldocordeiro.net	7610	10	*Site* do colunista Nivaldo Cordeiro
notalatina.blogspot.com	7599	425	*Blog* sobre América Latina mantido por Graça Salgueiro
www.seminariodefilosofia.org	7578	27	*Site* do Seminário de filosofia de Carvalho
www.escolasempartido.org	7566	17	*Site* mantido por Miguel Nagib contra a “ideologização” da escola brasileira

[188]Todos os *sites* podem ser verificados pelo próprio Google, através do comando exemplificado, levando em consideração a diferença nas datas da pesquisa: “site:www.iran-press-service.com link:www.midiasemmascara.org OR link:www.midiasemmascara.com.br OR ‘midia sem mascara’”.

Site	***Links* de saída**	***Links* de retorno**	**Descrição**
www.padrepauloricardo.org	7557	2	*Site* pessoal do Padre Paulo Ricardo, da Arquidiocese de Cuiabá (MT). É bacharel em teologia e mestre em direito canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), atualmente lecionando nos cursos de Filosofia e Teologia. É autor de diversos livros e apresenta o programa "Oitavo Dia", pela Rede Canção Nova de Televisão.
www.ubirataniorio.org	7557	5	*Site* pessoal de Ubiratan Iorio
unoamerica.org	7557	4	ONG´s antichavista venezuelana mantida pelo colunista Alejandro Peña Esclusa
www.faroldademocracia.org	7556	161	Entidade de defesa do "livre mercado"
www.puggina.org	7555	1	*Site* do colunista Percival Puggina
profetaurbano.blogspot.com	7554	366	*Blog* mantido pelo colunista Edson Camargo
wisdomandvirtue.blogspot.com	7554	57	*Blog* anônimo em inglês que serve como "armazém" de *links* de interesse em torno do MSM, Carvalho, etc.
www.lifesitenews.com	97	4	*Site* estadunidense cristão de orientação "pró-vida" e que pretende-se internacional
www.luisvillamarin.com	90	10	*Site* do colunista colombiano Cel. Luis Villamarin Pulido
www.mises.org.br	75	28	*Site* do Instituto Von Mises Brasil, presidido por Hélio Beltrão Filho
www.dcomercio.com.br	60	7	*Site* do jornal *Diário do Comércio*, mantido pela Associação Comercial de São Paulo
brunopontes.blogspot.com	56	64	*Blog* do colunista Bruno Pontes
fuerzasolidaria.org	52	4	ONG´s antichavista venezuelana fundada pelo colunista Alejandro Peña Esclusa
www.ordemlivre.org	44	3	Entidade da *Atlas Economic Research Foundation* em cooperação com o *Cato Institute*, mantido por Diogo G.R. Costa, Elisa Lucena Martins e Magno Karl
www.jrnyquist.com	24	2	*Site* do colunista estadunidense Jeffrey Nyquist
ecologia-clima-aquecimento.blogspot.com	22	1	*Blog* cujo subtítulo é "*verde é o novo vermelho*", dedicado ao anticomunismo ecológico
lastdayswatchman.blogspot.com	18	2	*Blog* em inglês de Julio Severo
www.ternuma.com.br	16	5	*Site* dedicado à memória das "vítimas do terrorismo vermelho" durante a ditadura
www.averdadesufocada.com	16	29	*Site* do Coronel Brilhante Ustra, que busca "retratar" a imagem do Exército durante a ditadura
radardamidia.blogspot.com	13	1	*Blog* de comentários sobre a mídia de J. Sepúlveda
www.providaanapolis.org.br	13	1	Entidade "pró-vida" de Anápolis (GO) mantida pelo Padre Luiz Carlos Lodi da Cruz
laiglesforum.com	13	1252	Fórum estadunidense de discussão para "cristãos conservadores"
cavaleirodotemplo.blogspot.com	13	6861	*Blog* mantido pelo "Cavaleiro do templo" e Alex Brum Machado. Possuí publicidade da Livraria Cultura
www.unbconservadora.blogspot.com	13	339	*Blog* da Juventude Conservadora da UnB, mantido por Felipe Melo
libertatum.blogspot.com	12	2991	*Blog* mantido pelo colunista Klauber Cristofen Pires
espectivas.wordpress.com	12	10	*Blog* português mantido por Orlando Braga
menteconservadora.blogspot.com	11	242	*Blog* anônimo de divulgação do "pensamento conservador"
fratresinunum.com	10	9	*Blog* de notícias católicas

Site	**Links de saída**	**Links de retorno**	**Descrição**
www.dicta.com.br	10	3	*Site* da revista semestral *Dicta & Contradicta* do Instituto de Formação e Educação
felipemourabrasil.blogspot.com	8	172	*Blog* do redator publicitário e jornalista Felipe Moura Brasil
blogdomrx.blogspot.com	8	184	*Blog* de "Mr. X", autor do livro *Politicamente incorreto! O melhor do blog de Mr. X*

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

Esta primeira tabela nos mostra os sites mais próximos do MSM, responsáveis pela formação e sustentação de seu discurso ideológico e atividades partidárias. Ela é basicamente formada por colunistas e entidades próximas. Encontram-se dezessete *sites* e *blogs* de caráter pessoal (o que não significa de uso pessoal ou restrito, mas de responsabilidade pessoal), referentes a colunistas e participantes esporádicos do MSM.

Destes o maior é o *blog* de Julio Severo, identificado como escritor, sendo autor dos livros *Orações proféticas* pela editora Propósito Eterno, *O movimento homossexual* pela editora Betânia e *As ilusões do movimento gay*, sem editora. Ele milita pela observação dos preceitos morais evangélicos para a sociedade, tornando-se conhecido crítico dos movimentos de liberalização do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ele adquiriu certa visibilidade após seu "autoexílio" para os EUA, já que estaria sofrendo "assédio" da Polícia Federal no Brasil (não conta com acusações somente relativas á homofobia, mas também por educar seus filhos em casa, o que é ilegal no Brasil). Segundo ele:

> O Brasil está descaradamente caminhando para uma ditadura cultural e legal pró-homossexualismo e pró outras perversões, inclusive o sacrifício de crianças com amparo estatal. Que chances tenho eu de prosseguir meu trabalho sem sofrer muitas outras ameaças? Além disso, outras posições cristãs e éticas que eu e minha família temos são encaradas injustamente como "crimes" pela pseudo-democracia brasileira, trazendo grandes riscos de segurança para nós. Defendemos abertamente a educação escolar em casa, opção educacional que estava disponível para as famílias brasileiras até que os esquerdistas suprimiram, sem que ninguém percebesse, tal liberdade na Constituição de 1988 [...] Defendo também a liberdade de os pais optarem por não vacinar seus filhos, considerando o fato gravíssimo de que a maioria das vacinas infantis é feita a partir de linha de células fetais de bebês abortados [...] Uma sociedade justa e saudável tem escolas que, em vez de doutrinarem as crianças no homossexualismo, ensinam o valor do casamento, o valor do papel do pai e da mãe, o valor do sexo conjugal e desestimulam as crianças de todo comportamento nocivo, inclusive o homossexualismo[189].

Estas ações contra ele resultaram em uma espécie de conformação como escritor autorizado de parte dos evangélicos e católicos "tradicionalistas". Seu *blog* conta com uma abrangência considerável, com quase dois mil seguidores e indicações de cerca de cento e cinquenta mil

---

[189]CRISTIANISMO HOJE. *Entrevista com Julio Severo*. 27.04.09. Disponível em http://juliosevero.blogspot.com/2009/06/entrevista-original-de-julio-severo.html, acessado em 13.02.12.

visitações mensais[190]. Também notam-se *sites* e *blogs* pessoais, como o de "Mr. X" e o "Mente Conservadora", que tratam da divulgação de pressupostos ideológicos partilhados com o MSM, através da produção de percepções próprias sobre a realidade social, caso do primeiro *site* indicado, ou através da mera reprodução, caso do segundo.

As "entidades" relacionadas ao MSM constam em número de onze, sendo que levamos em consideração para a inclusão nesta categoria basicamente a existência de estrutura própria em termos de organização e atuação partidária (o que não significa que estas estejam dissociadas do MSM). Deste grupo fazem parte: O Nota Latina, o Seminário de filosofia, o Escola sem Partido, a UnoAmérica, o Farol da Democracia, o Instituto Von Mises Brasil, o Fuerza Solidária, o Ordem Livre, o Ternuma, o Verdade Sufocada e o Pró-Vida Anápolis. Os dois primeiros são referentes à organização direta do MSM, enquanto o Escola sem Partido, o Farol da Democracia, o Instituto Von Mises Brasil, o Ordem Livre, o Ternuma, o Verdade Sufocada e o Pró-Vida Anápolis contam com participação de intelectuais do MSM, mas possuem certa autonomia, constituindo-se em aparelhos privados de hegemonia específicos. A UnoAmérica e o Fuerza Solidária são ONG´s venezuelanas de Alejandro Peña Esclusa, que contam com a participação de membros do MSM, especialmente Olavo de Carvalho e Graça Salgueiro, mas que não participam diretamente de sua organização, construindo-se como entidades internacionais com que solidarizam-se (participando de campanhas, abaixo-assinados, arrecadamento, etc.).

Entre eles, assinalaremos os de maior alcance: o Escola sem Partido, o Farol da Democracia Representativa e o Ternuma. O primeiro, coordenado por Miguel Nagib, acabou por tornar-se referência da direita no que refere-se à suposta "ideologização" da escola pública brasileira, graças à revista *Veja*, que tanto o citou em suas matérias quanto pela reprodução de diversos artigos de seu colunista Reinaldo Azevedo pelo já citado *site* (não sabemos em que ponto é orgânica esta relação, mas indique-se que o colunista nunca pediu para retirarem as reproduções do ar). O Farol da Democracia Representativa, presidido por Jorge Roberto Pereira, basicamente disponibiliza cadernos de leitura *online*, que consideram como "cursos", buscando a "*disseminação dos valores culturais que estruturaram a moral, a ética, a religiosidade e o saber jurídico da civilização ocidental*"[191]. O Ternuma (Grupo Terrorismo Nunca Mais) foi formado por "um punhado de democratas civis e militares, inconformados com a omissão das autoridades legais e indignados com a desfaçatez dos esquerdistas revanchistas"[192] em 25.07.98. O site começou como um memorial para as "vítimas" (ou assim consideradas) da guerrilha armada que lutou contra a ditadura no Brasil. Hoje em dia, ele expandiu-se, fornecendo aos seus leitores uma série de escritos de

[190]JULIO SEVERO. *Blog*. Disponível em http://juliosevero.blogspot.com/, acessado em 13.02.12.
[191]FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Quem somos*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/quemsomos.asp, acessado em 14.02.12.
[192]TERNUMA. *Quem somos*. Disponível em http://www.ternuma.com.br/ternuma/index.php?open=1, acessado em 13.02.12.

caráter histórico, que buscam defender a atuação dos militares naquele período. Também organiza comemorações no dia 31 de março, data do Golpe de Estado, e possui considerável biblioteca *online* de cunho chauvinista.

Entre jornais e revistas encontram-se o já discutido *Diário do Comércio* e a revista *Dicta & Contradicta* do Instituto de Formação e Educação, que oferece cursos de formação na área de Humanas e Artes. Compõem este Instituto os seguintes: Guilherme Malzoni da Motta Rabello, engenheiro naval, doutorando em Neurociência na UNIFESP; Marcello Nébias Pilar, Gerente de investimentos da Hedging-Griffo; Luiz Felipe Leite Estanislau do Amaral, bacharel em Ciências Econômicas pelo INSPER, mestrando em Economia pela FEA-USP; Henrique Elfes, formado em Letras pela PUC-PR; Joel Pinheiro da Fonseca, bacharel em Ciências Econômicas pelo INSPER e em Filosofia pela USP, mestrando em Filosofia na mesma faculdade; Julio Cesar Lazzarini Lemos, escritor, doutorando pela Faculdade de Direito da USP; Martim Vasques da Cunha de Eça e Almeida, mestre em Filosofia da Religião pela PUC-SP, diretor da área de Humanidades do Instituto Internacional de Ciências Sociais e membro do MSM; Renato José de Moraes, Mestre pela Faculdade de Direito da USP, professor do Instituto Internacional de Ciências Sociais; Rodolfo Brito, administrador de empresas; e Rodrigo Scalamandré Duarte Garcia, formado em Direito pela PUC-SP[193].

O único grupo político formalmente organizado que aparece nesta leitura é já citada Juventude Conservadora da UnB, mesmo que ao nível do Movimento Estudantil. Este é organizado por Felipe Melo e, ao contrário da União Conservadora Cristã que é renegada por Carvalho, organiza-se diretamente em torno do MSM. Conta ainda com um fórum estadunidense, o “Laigles Forum”.

A segunda tabela refere-se aos sites que possuem a quantidade de *links* de saída do MSM entre sete e dois resultados:

[193]INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO. *Quem somos*. Disponível em http://www.ife.org.br/quem-somos.html, acessado em 13.02.12.

TABELA 20: Rede extrapartidária do MSM de sete até dois *links* de saída:

Site	***Links* de saída**	***Links* de retorno**	**Descrição**
www.domluizbergonzini.com.br	7	3	*Site* de Dom Luiz Bergonzini de Guarulhos, São Paulo
www.imil.org.br	7	3	*Site* do Instituto Millenium, entidade fundada em 2009, e que conta como mantenedores nomes como Armínio Fraga, Daniel Feffer, Gustavo Marini, Helio Beltrão, João Roberto Marinho, Jorge Gerdau Johannpeter, José Carlos de Salles Gomes Neto, Maristela Mafei, Nelson Sirotsky, Pedro Henrique Mariani, Ricardo Diniz, Roberto Civita, Roberto Mesquita, Salim Mattar, Sergio Foguel e William Ling. Neste escrevem como articulistas, entre vários, Bruno Garschagen, Denis Rosenfield, Klauber Cristofen Pires, Ubiratan Iorio, etc.
pt.danielpipes.org	7	69	*Site* do colunista Daniel Pipes, historiador especialista em Oriente Médio e Islamismo, com a missão de "promover os interesses americanos"
la3.blogspot.com	7	341	*Blog* português intitulado "Nadando contra a maré vermelha", mantido pelo engenheiro mecânico Luis Afonso
observatoriobrasileno.blogspot.com	7	2	Versão em espanhol do Nota latina" mantido por G. Salgueiro, A. B. Machado e Luis Villamarin Pulido
www.erealizacoes.com.br	6	1	*Site* da editora É realizações de propriedade de Edson Filho
www.providafamilia.org.br	6	1	*Site* da Associação Nacional Pró-vida e Pró-família, presidido por Humberto Leal Vieira
www.freerepublic.com	6	2	Fórum estadunidense sobre "Deus, Família, Nação, Vida e Conservadores Liberais"
thenewamerican.com	6	1	*Site* da revista estadunidense "*The New American*"
livraria.seminariodefilosofia.org	5	243	*Site* da livraria virtual do Seminário de filosofia
salmo12.blogspot.com	5	21	*Blog* cristão de defesa contra o "comunismo universitário"
www.ipco.org.br	5	8	*Site* do Instituto Plinio Correia de Oliveira, fundado pelo engenheiro Adolpho Lindenberg, com sede"*no tradicional casarão do bairro de Higienópolis, em São Paulo, que durante mais de duas décadas serviu de local de trabalho e de reuniões ao Prof. Plinio Corrêa de Oliveira, na sua qualidade de fundador e presidente vitalício da Sociedade Brasileira de Defesa de Tradição, Família e Propriedade–TFP*"
brasilacimadetudo.lpchat.com	5	2720	*Site* de cunho nacionalista reprodutor de artigos e notícias
normabraga.blogspot.com	5	72	*Blog* da evangélica "conservadora" Norma Braga, colunista do MSM
coturnonoturno.blogspot.com	5	251	*Blog* de divulgação ligado a militantes do PSDB
cursopoa.blogspot.com	5	3	*Blog* de propaganda para palestras de José Nivaldo Cordeiro
debateolavodugin.blogspot.com	4	2	*Blog* sobre o debate público entre Carvalho e Alexandre Dugin, russo representante do Partido Nacional Bolchevista, sobre "a nova ordem mundial"
livrariarc.blogspot.com	4	76	*Blog* da Livraria Resistência Cultural de São Luís do Maranhão
conexaoconservadora.blogspot.com	4	26	*Podcast* com entrevistas e séries apresentado por Alex Brum Machado
aluizioamorim.blogspot.com	4	32	*Blog* do jornalista Aluízio Amorim
www.deuslovult.org	4	73	*Blog* católico mantido por Jorge Ferraz
www.institutoliberal.org.br	4	6	*Site* do Instituto Liberal, presidido por Arthur Chagas Diniz
www.cubdest.org	4	5	Lista de notícias sobre Cuba noticiadas nos EUA e América Latina
www.lahistoriaparalela.com.ar	3	20	*Site* argentino que reproduz artigos e notícias anticomunistas da América Latina

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
www.visaojudaica.com.br	3	25	*Site* da revista mensal curitibana *Visão Judaica*
montenegroviverdenovo.blogspot.com	3	34	*Blog* de Arlindo Montenegro
www.eagora.org.br	3	49	*Site* de Eduardo Graeff. Ele é mestre em ciência política pela USP e foi subchefe da Casa Civil para Assuntos Parlamentares e Secretário-Geral da Presidência da República no governo Fernando Henrique Cardoso, e coordenador do escritório de representação do Estado de São Paulo em Brasília no governo José Serra.
zenobiofonseca.blogspot.com	3	16	*Blog* de Zenóbio Fonseca. Ele é professor universitário, Mestre em Estratégia e Gestão em Meio Ambiente pela UFF, Pós-Graduado em Direito do Consumidor pela FGV e Direito Privado pela UFF, Pós-Graduado em Formação Política e Processo Legislativo - IBGEN e membro do Movimento Pró-vida no Rio de Janeiro.
www.mvb.org.br	3	1210	*Site* do "Movimento Viva Brasil", de defesa das "liberdades individuais", tendo extensa atuação na oposição ao controle de armas
www.vanguardapopular.com.br	3	254	*Site* de humor anticomunista conhecido por sua loja virtual, que disponibiliza uma série de camisetas e acessórios do mesmo cunho
www.alertatotal.net	3	34	*Site* do jornalista Jorge Serrão
www.imortaisguerreiros.com	3	3	*Site* de propaganda mantido por diversos membros (cerca de trinta e um), dentre os quais, Félix Maier e Carlos Alberto Baggio
tempora-mores.blogspot.com	3	4	*Blog* mantido por Augustus Nicodemus Lopes (Pastor presbiteriano, mestre e doutor em Interpretação Bíblica, professor no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, da IPB e autor de vários livros), Mauro Meister (também pastor e professor) e Solano Portela
www.diogochiuso.com	3	145	*Site* de Diogo Chiuso
marcusboeira.blogspot.com	2	30	*Blog* do colunista Marcus Boeira
cavaleiroconde.blogspot.com	2	437	*Blog* do "Conde", autointitulado blogueiro da mídia golpista
carlosverezablog.blogspot.com	2	1	*Blog* do ator da Rede Globo de Televisão Carlos Vereza
www.pontocritico.com	2	4	*Site* da *newsletter* "Ponto Crítico", dirigido por Gilberto Simões Pires. Comentarista e jornalista já atuou na TVE, na TV Guaíba, no Grupo RBS, na TV Pampa, na Rede Bandeirantes e na NET RS.
www.lojasmaconicas.com.br	2	2	*Site* maçom, mantido por Wolney da Rocha Godoy.
vigiai.net	2	2	*Site* do impresso "Vigiai" de cunho evangélico. É um site de propriedade de Vital Sousa
www.paznocampo.org.br	2	2	Entidade contra a Reforma Agrária com sede em São Paulo. É controlada pelos "*seguidores da obra*" de Plinio Corrêa de Oliveira. Seu porta voz é o Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança.
blogdemirianmacedo.blogspot.com	2	2	*Blog* da jornalista Mirian Macedo
quebrandoneoateismo.com.br	2	3	*Blog* sobre antiateísmo mantido por "*Snowball*"
www.portaldafamilia.org	2	2	*Site* da ONG Associação Família Viva, fundada por Carlos Casagrande, Marcelo Guterman e outros
www.videeditorial.com.br	2	2	Braço editorial do VIDE. É responsável pelo lançamento do último livro de Carvalho
gaysdedireita.blogspot.com	2	68	*Blog* anônimo de denúncia da suposta "manipulação" que os grupos GLBTS estariam sofrendo da esquerda
diasimdiatambem.com	2	2	*Blog* "Vida sim, aborto não" de cunho católico mantido pelo blogueiro Wagner Moura

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
ucho.info	2	1	Jornal *online* que tem uma coluna de Ipojuca Pontes
www.fundadores.org.br	2	2	*Site* dos "Fundadores", cisão da Tradição, Família e Propriedade ocorrida após a morte de Plinio Corrêa de Oliveira. Seu principal representante é o Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança
www.veritatis.com.br	2	2	*Site* do "apostolado" católico "*Veritatis Splendor*", destinado à divulgação e defesa das práticas ortodoxas daquela religião
www.expressodasilhas.sapo.cv	2	7	Jornal de Cabo Verde, cujo repórter Casimiro de Pina tem artigos reproduzidos no MSM
www.conservapedia.com	2	1	Enciclopédia estadunidense, estilo "Wikipedia", sobre conservadorismo. O MSM tem um verbete na seção sites.
archive.frontpagemag.com	2	1	*Site* da revista *online* estadunidense "*FrontPage*", que conta com uma série de colunistas do MSM como colaboradores
www.if.org.br	2	2	*Site* do Instituto Federalista, que proclama-se porta voz "*na difusão plena dos conceitos de federalismo, capitalismo, liberdade, autonomia, auto-gestão, governança responsável, participação social efetiva do processo decisório legislativo*", entre outras. É presidido pelo empresário curitibano Thomas Raymund Korontai, e está em vias de transformar-se em partido.
ogladio.blogspot.com	2	3	*Blog* português "conservador" mantido por Carlos Velasco
resistenciademocraticabr.blogspot.com	2	2150	*Blog* do jornal *online* "Resistência Democrática" de responsabilidade de Marília Valverde
www.jornadacrista.org	2	54	*Blog* anônimo católico

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

Esta tabela trata de *sites* importantes, mas cujas relações com o MSM são menos evidentes na formação do discurso ideológico deste, sendo que a função maior notada é a de propaganda, de disseminação ideológica e confrontação com outros discursos ideológicos existentes no corpo social. Neste sentido é importante assinalar a mudança de funções dos *sites* e *blogs* aqui observados: se na tabela anterior, maioria era de responsabilidade pessoal, aqui são voltados diretamente para a propaganda, contando com vinte e dois registros. Os mais relevantes são o "Conexão Conservadora", *podcast* de propaganda ideológica que funciona como um programa de entrevista em formato "*talk show*", o "Coturno Noturno" e o "Brasil Acima de Tudo", que contam com enormes quantidades de material ideológico disponível aos seus leitores. Entre os *sites* de cunho pessoal temos que citar o de Dom Luiz Bergonzini, Bispo da Igreja Católica da Diocese de Guarulhos, São Paulo. Em seu *site* são disponibilizados opiniões sobre uma série de temas, os mais citados: aborto, estupro, ateísmo, comunismo, homossexualismo, imprensa, pedofilia e o Partido dos Trabalhadores (note-se a proposital "conjunção" contruída entre todos estes assuntos). Conta ainda com um serviço direto de comunicações, o "Pergunte ao Bispo"[194]. Do mesmo modo o *blog* de Marcus Boeira, que nos últimos anos passou a destacar-se como colunista no MSM, especialmente em cogitações sobre o Estado e o campo jurídico. Três *sites* pessoais que chamam atenção ainda são o de Eduardo Graeff, de Zenóbio Fonseca e de Carlos Vereza, cujos dois

[194]DOM LUIZ BERGONZINI. *Início*. Disponível em http://www.domluizbergonzini.com.br/, acessado em 14.02.12.

primeiros contam formação acadêmica formal considerável: o primeiro, que mantém o "E Agora?", *blog* de cunho político, ligado aos Institutos Teotônio Vilela e Fernando Henrique. Este último participou ativamente da divulgação de seu último livro, escrito diretamente em inglês e disponibilizado para a venda na Amazon (a maior loja virtual do mundo) chamado *Corruption in Brazil – from Sarney to Lula*, uma "resposta" às acusações relativas às privatizações nas gestões de FHC na presidência. Foi também um dos principais organizadores da campanha virtual de José Serra nas eleições de 2011, onde especialmente no segundo turno contra Dilma Roussef, do PT, as discussões tomaram um caráter de anticomunismo grosseiro e caricato. Segundo Luis Nassif, durante aquela campanha Graeff:

> [...] se transformou em um pitbull comandando o exército de trolls contratados por Serra. Dançou quando passei a fazer cruzamentos dos seguidores dos trolls no Twitter com os nomes cadastrados na Rede PSDB. A trama foi desmascarada. Graeff caiu. Esta eleição deixará indelevelmente no ex-Eduardo Graeff a marca da infâmia. Pelos próximos anos, toda vez que o virem passar, os seus ex-amigos saberão que ali está a pessoa que ajudou a transformar a face mais visível do partido de Vilmar Faria e de dona Ruth, de Vilma Motta e do Grama, no subsolo do esgoto mais fétido que a Internet já produziu [...]montou blogs apócrifos para atacar adversários, contratou profissionais da difamação e montou uma rede – Rede PSDB – com pessoas que deram ao seu partido a feição mais indigna que uma organização poderia ter[195].

O *blog* de Zenóbio Fonseca assume um foco assumidamente cristão, ou seja, quando se refere a questões políticas e jurídicas, o faz através das mediações do campo religioso, não sendo sem motivo, já que Fonseca é um dos mais ativos militantes do Movimento Pró-Vida Rio de Janeiro. O *blog* do ator Carlos Vereza, ex comunista, serve de base para a disseminação de textos seus, onde aglutina antilulismo, espiritualismo e anticomunismo, de modo muito próximo ao MSM.

Esta tabela conta com um número muito maior de jornais, editoras, boletins e livrarias, sendo doze ao total. Entre estes encontram-se as já citadas editoras É Realizações e a Vide Editorial; as livrarias do Seminário de filosofia e a Resistência Cultural (também virtual, mas que indica a possível aquisição de uma loja no Maranhão); as revistas religiosas a *Visão Judaica* (obviamente sobre judaísmo) e a *Vigiai* (evangélica); O jornal *Expresso das Ilhas* de Cabo Verde, e as revistas estadunidenses *FrontPage Magazine* e *The New American*; por fim, os seguintes órgãos de imprensa nacionais: o jornal *online Ucho.info*, o jornal *Resistência Democrática* e o boletim *Ponto Crítico*. O *Ucho.info* é a versão *online* do jornal do Distrito Federal, que possui conexão com o MSM por ter entre seus colunistas Ipojuca Pontes. O *Resistência Democrática* foi um jornal virtual que contou com sete edições, sendo a primeira de março de 2010 e a última de setembro de 2011. Seu editor era Fernando Bilhari e contava com a participação de Francisco Vianna, Mário Fortes, Thomas Korontai, Thomas Fendel, Sueli Guerra, Valfrido M. Chaves, Iracema Pedrosa, dentre

---

[195] NASSIF, L. *apud* BORGES, A. *Eduardo Graeff e o submundo tucano*. Disponível em http://www.advivo.com.br/blog/spin-in-progress/eduardo-graeff-e-o-submundo-tucano, acessado em 17.01.12.

outros[196]. O boletim virtual *Ponto Crítico* é de responsabilidade de Gilberto Simões Pires e as referências ao MSM são somente para enfatizar as proposições anticomunistas deste. Encontram-se ainda nesta tabela o fórum estadunidense "*Free Republic*" e a "enciclopédia" de publicações "conservadoras" daquele mesmo país "*Conservapedia*".

Em termos de propaganda não poderíamos minorar a importância da loja virtual Vanguarda Popular, que consolidou-se como site de humor anticomunista, passando a vender camisetas e acessórios de "humor político". Em seu *site* existe um "observatório da imprensa" satírico, que pode ser recebido como boletim eletrônico e que também é divulgado através do Twitter e do Facebook e a loja de camisetas (segundo eles "*agit-prop shirts*"). Nas duas imagens seguintes vemos a página inicial do *site* e a frente da camiseta de Olavo de Carvalho vendida por eles (na data da pesquisa custando vinte e sete reais e noventa centavos):

FIGURA 8: Página inicial do site "Vanguarda Popular":

FONTE: VANGUARDA POPULAR. Página inicial. Disponível em http://www.vanguardapopular.com.br/portal/, acessado em 03.03.12.

[196]RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA. Edição nº. 7, setembro de 2011. Disponível em http://www.newsflip.com.br/pub/resistenciademocratica//index.jsp?edicao=2198, acessado em 14.02.12.

FIGURA 9: Camiseta de Olavo de Carvalho vendida na “Vanguarda Popular”:

FONTE: VANGUARDA POPULAR. *ODC* - Sapientiam Autem Non Vincit Malitia. Disponível em http://d3cznlo0697e08.cloudfront.net/products/807-10d96ca3ba4f4cd10f71b82ce5b8e43e.jpg, acessado em 14.02.12.

Entre as “entidades” encontram-se o Instituto Millenium, o Instituto Liberal, o Movimento Viva Brasil, o Instituto Federalista, o Lojas Maçônicas, o apostolado católico “*Veritatis Splendor*”, a Associação Nacional Pró-vida e Pró-família, a Associação Família Viva, os Fundadores, Instituto Plinio Correia de Oliveira e o Paz no Campo.

As Lojas Maçônicas e o apostolado católico “*Veritatis Splendor*” são entidades de cunho específico, a primeira congregando lojas do Brasil, para troca de conhecimento e experiências, e a segunda define-se como apostolado católico pela defesa da “fé cristã”. A Associação Nacional Pró-vida e Pró-família e a Associação Família Viva são entidades de defesa da “família tradicional”, focando temas como aborto, homossexualismo, feminismo, pedofilia, adoção, etc. No *site* da última encontramos o seguinte artigo do “filósofo” Ivanaldo Santos:

> A idéia de assassinar um feto é terrível. Dificilmente um cidadão, gozando de suas plenas faculdades mentais, concordaria com ela. O mesmo se dá com a sociedade. Ela tende a rejeitar totalmente essa idéia. Para tornar essa macabra idéia agradável e aceitável, tanto pelo cidadão como também pela sociedade, entre em cena, mais uma vez, as técnicas de lavagem cerebral de Gramsci. O movimento favorável ao aborto ou pró-aborto se utiliza, basicamente, de duas grandes técnicas desenvolvidas por Gramsci. A primeira técnica é o esquecimento [...] Nos diversos meios de comunicação como, por exemplo, TV, cinema, jornal e revistas, a imagem da gravidez e do feto está, cada vez mais, desaparecendo [...] A segunda técnica utilizada é procura modificar o sentido original das palavras. Uma palavra que antes tinha um sentido positivo, após passar pela técnica de lavagem cerebral torna-se negativa e ruim. Para tanto, utiliza-se do procedimento de substituição de palavras [...] Entre as palavras que o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto utiliza para substituir a palavra “feto” encontram-se “indesejado”, “pedaço de carne”, “massa”, “bife”, “alienígena”, “estrangeiro”, “estranho”, “monstro”, “vírus”, “doença”, “erro”, “resto”, “sobra”, “castigo” e “pacote”[197].

[197] SANTOS, I. *Gramsci, lavagem cerebral e o aborto*. Disponível em

É por este tipo de argumentação que relacionamos ideologicamente estas entidades com o MSM, proporcionando para este uma frente fundamental de atuação política, já que passa a articular um público alvo que compartilha com uma série de pressupostos ideológicos, crenças, símbolos, linguagem, etc.[198].

Nesta tabela encontram-se os maiores institutos com os quais o MSM dialoga, entre estes: o Instituto Millenium, o Instituto Liberal e o Instituto Federalista. Destes, o mais importante sem dúvida é o Instituto Millenium (IMIL), atualmente o maior aparelho privado de hegemonia da burguesia, contando com uma equipe fixa de manutenção de dez pessoas e com mais de duzentos colaboradores, maioria fixos, onde encontram-se nomes como Renato Skaf, Pedro Sette-Câmara, Merval Pereira, Leandro Narloch, João Mellão Neto, José Nêumanne Pinto, Washington Olivetto, Mario Vargas Llosa, José Padilha, Roberto Civita, Roberto DaMatta, Yoani Sanchéz, Guilherme Fiuza, Eugenio Bucci, Carlos Alberto Sardenberg, Ali Kamel, dentre diversos[199].

O IMIL foi fundado em 2005, pela economista Patrícia Carlos de Andrade (chamado então de Instituto da Realidade Nacional), trocando de nome atual durante o "Fórum da Liberdade" de 2006 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 2009 o IMIL foi reconhecido como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. Segundo eles lançado "*com a finalidade de promover valores e princípios de uma sociedade livre*", sendo que destes "*precisamente liberdade individual, propriedade privada, meritocracia, estado de direito, economia de mercado, democracia representativa, responsabilidade individual, eficiência e transparência*"[200].

Eles possuem um encontro de caráter nacional, o "Fórum da Liberdade", que em 2011 teve sua vigésima quarta versão, chamado "Liberdade na Era Digital", contando com transmissão *online* em tempo real. Este evento foi editado em oito "painéis": o primeiro, contou com o músico Lobão e o jornalista "historiador" Eduardo "Peninha" Bueno; o segundo, com o fundador do *site* Buscapé, Romero Rodrigues e o diretor-geral do Terra Brasil, Paulo Castro; o terceiro, com o publicitário e fundador da agência Box 1824 Rony Rodrigues e o Doutor em direito Carlos Affonso Pereira de Souza; o quarto, com o jornalista e colunista da revista *Veja*, Reinaldo Azevedo e o Doutor em economia Raul Velloso; o quinto painel, com os jornalistas Merval Pereira e Guillermo Zuloaga, presidente da Globovisión; o sexto, com o presidente da IBM no Brasil Ricardo Pelegrini e o CEO

---

http://www.providafamilia.org.br/site/_arquivos/2008/350__gramsci,_lavagem_cerebral_e_o_aborto.pdf, acessado em 14.02.12.

[198]Marina Amaral em entrevista com o antigo delegado do DOPS José Paulo Bonchristiano, perguntou-lhe o motivo pelo qual eles enterravam as vítimas de tortura, sendo que poderiam queimá-los ou "desovar" seus corpos no mar, sobre o que respondeu: "*nós somos católicos, pô!*". AMARAL, M. "Conversas com Mr. DOPS". *Pública*. 09.02.12. Disponível em http://apublica.org/2012/02/conversas-mr-dops/, acessado em 14.02.12.

[199]INSTITUTO MILLENIUM. *Articulistas e colunistas*. Disponível em http://www.imil.org.br/categoria/articulistas-e-especialistas/, acessado em 15.02.12.

[200]INSTITUTO MILLENIUM. *Histórico*. Disponível em http://www.imil.org.br/institucional/historico/, acessado em 15.02.12.

da Anhanguera Educacional Alex Dias; o sétimo, com o economista americano Tyler Cowen e o economista e presidente da *Foundation for Economic Education* Lawrence Reed; seu último painel contou com o jornalista Marcelo Tas e o humorista Marcelo Madureira. Foram premiados neste evento a blogueira cubana Yoaní Sanchez e o diretor-executivo do Instituto Millenium, Paulo Uebel.

O IMIL organiza uma série de conferências e palestras, debates e colóquios públicos (contando com intelectuais nacionais e estrangeiros); um "canal" de televisão *online* (transmitindo programas por *podcast*); boletim eletrônico; um projeto para "sala de aula"; além de manter diversas campanhas (geralmente através de anúncios em revistas e jornais de grande circulação) – na sua página de prestação de contas, conta que sua receita em 2009 fora de seiscentos e vinte mil reais; em 2010 de um milhão e noventa e um mil reais; e em 2011 de novecentos e sessenta e cinco mil reais[201].

Na sua página destinada aos "parceiros", o IMIL separa seus patrocinadores e parceiros da seguinte maneira, entre os "Mantenedores e parceiros" colocam: o Grupo Abril, o Estadão, a Gerdau, Grupo M&M, Grupo RBS, Instituto Ling, Thompson Reuters, Localiza, Máquina Public Relations, o Instituto Von Mises Brasil, a Vale e o Grupo Suzano[202].

Entre "instituições nacionais" constam: a Abert, o Andes Libres, a Casa do Saber Rio, Espírito Santo em Ação, o Instituto Atlântico, o Instituto de Estudos Empresariais, o Instituto da Cidadania Brasil, o Instituto Liberal, o Instituto Liberdade, o Instituto de Cultura e Cidadania, novamente o Instituto Ling, o Movimento Brasil Eficiente, o Movimento Endireita Brasil, o Movimento Viva Brasil, o *Opinião e Notícia*, o *Ratio Pro Libertas*, o Trata Brasil, a revista *Leader*, o Voto Consciente, a Câmara Americana de Comércio Brasil-Estados Unidos e a Câmara de Comércio Brasil-Alemanha.

Entre as "instituições internacionais": *Brazil In Focus*, *Investigaciones de Instituciones y Mercados de Argentina* (ESEADE-CIIMA), *Instituto de Libre Empresa*, *Latinoamerica Libre*, Perspectiva, Instituto para a Liberdade, Objetivismo.org e *Red Liberal de America Latina* (RELIAL). Como "*blogs* & *sites* parceiros": o Democracia Já, Brasil Libertário, *Blog* do Cristiano M. Costa, OrdemLivre.org, *El Instituto Indepiendente*, Foro Republicano, Implicante, *Desde El Exílio*, Maurício Serafim, Direita Já, Autoconsciência e Vida, Eagora.org.br, Vitor Wilher, Movimento Consciência Brasil, Bello OAB, *Libertad y Progreso*, *Soul* Brasileiro, Voz do Marajó e A Verdade Sufocada.

E por fim apresenta seus doadores individuais: Alexandre Lourenço, Alisson Lopes Suarte Nogueira, Antonio Carlos Vidigal, Armínio Fraga, Augusto Teixeira de Freitas, Eduardo Figueiredo Salazar, Eduardo Henrique Costa Braga de Oliveira, Gustavo Guillaumon, Gustavo Marini,

---

[201]INSTITUTO MILLENIUM. *Prestação de contas*. Disponível em http://www.imil.org.br/institucional/prestacao-de-contas/, acessado em 15.02.11.
[202]INSTITUTO MILLENIUM. *Parceiros*. Disponível em http://www.imil.org.br/parceiros/, acessado em 15.02.12.

Henrique Farah, Jayme Garfinkel, João Baptista Rocca Filho, João B. Portella Pereira, João Roberto Marinho, José Celso Macedo Soares, José Francisco de Lacerda Schiavo, Josué Gomes da Silva, Leandro Jardim, Leandro Narloch, Marcelo Henriques de Brito, Marcio David Silva de Mattos, Marcos Amendola Zaidan, Marcos Buckentin Bruzzi, Miguel Nagib, Patricia Castello Stefani, Pedro Henrique Mariani, Renato Neufeld, Renato Skaf, Ricardo Lagares, Roberto Civita, Samuel Y. O Kinoshita, Thiago Jabor Pinheiro, Tiago Pechutti Medeiros e Valter Police Junior[203].

Trata-se sem dúvida de um *think tank* de evidente importância para a classe dominante brasileira. Sua atuação busca tanto a formação de consenso intraclasse, através do "*financiamento de pesquisas de opinião acessíveis somente aos associados e mantenedores*"[204], quanto coloca-se abertamente para a disputa ideológica, através da "*promoção de eventos abertos ao público bem como a divulgação de artigos curtos acerca de temas diversos*", almejando a "*conscientização do público*". Seus colaboradores são evidenciados cotidianamente como "*experts em meios de comunicação (televisão, rádio, jornais)*". Além disto, cumpre um papel de mediador das negociações com o Estado, através da discussão política, pública e privada, com legisladores. Sua ligação com o MSM dá-se pela presença dos colunistas Klauber Cristofen Pires (36 artigos desde 2009) e Martim Vasques da Cunha (4 artigos desde 2009) como fixos, Ipojuca Pontes (3 artigos desde 2010) e Denis Rosenfield (66 artigos desde 2009) como convidados, além de estarem entre os maiores apoiadores da UnoAmerica no país[205].

Por fim, nos cabe discutir a presença nesta tabela da Tradição, Família e Propriedade (TFP), através de sua cisão os "Fundadores da TFP", que aparece em três referências: o site deste último, o Instituto Plínio Correia de Oliveira, e o Paz no Campo. Segundo Gizele Zanotto, a TFP é:

> [...] entidade civil fundada em 1960 por um grupo de católicos leigos conservadores. Sua matriz de interpretação do mundo deriva do catolicismo integrista, doutrina contra-revolucionária que preconiza uma reedificação da ordem social cristã como única solução aceitável para a solução dos problemas engendrados desde o fim da época medieval pela chamada modernidade. Tal proposta orienta doutrinária e praticamente a atuação cultural e política dos membros da TFP frente à sociedade brasileira e reveste-se de uma dupla natureza, temporal e sobrenatural, ou seja, além de um projeto sócio-político tal restauração é considerada pelos tefepistas como uma questão vital de verdade e de salvação[206].

Seu principal organizador foi Plínio Correia de Oliveira, autor de Revolução e contra revolução de 1959, até hoje um de seus principais documentos. Após seu falecimento em 1995, a

---

[203]INSTITUTO MILLENIUM. *Parceiros*. op. cit.
[204]SILVEIRA, L. "Fabricação de Ideias, Produção de Consenso: Estudo de Caso do Instituto Millenium e Casa das Garças". *XXVIII Congresso anual da ALAS*. Disponível em http://www.sistemasmart.com.br/alas/arquivos/alas_GT17_Luciana_Silveira.pdf, acessado em 15.02.12.
[205]INSTITUTO MILLENIUM. *Articulistas e colunistas*. op. cit.
[206]ZANOTTO, G. "Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação" *In*. *Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade* - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências. Disponível em http://www.larc.ufsc.br/arquivos/tfp_cristianismo_soc_salvacao.pdf, acessado em 13.02.12.

TFP dividiu-se em vários grupos, entre os quais os "Arautos do Evangelho", a "Aliança de Fátima" e os "Fundadores da TFP". Segundo estes últimos:

> Como infelizmente não é raro acontecer, morto o fundador, um certo grupo de pessoas resolve dar outros rumos à entidade, provocando uma divisão interna. Rebelam-se contra os que participaram da fundação e a ajudaram a dirigir desde sempre; e procuram impor suas novas idéias, de mais fácil aceitação no mundo que nos cerca. Não nos interessa aqui aprofundar as novas doutrinas, rumos e métodos dessa dissidência. Este site visa espelhar a fidelidade dos **fundadores** ao pensamento e ao espírito de Plinio Corrêa de Oliveira, em confronto com as idéias e os fatos que se atropelam no mundo atual[207].

Estes *sites* têm como articulador principal Dom Bertrand de Orleans e Bragança, herdeiro da família real brasileira, que "*percorre o Brasil fazendo conferências para produtores rurais e empresários, em defesa da propriedade privada e da livre iniciativa. Alerta para os efeitos deletérios da Reforma Agrária e dos movimentos ditos sociais*", que segundo ele buscariam "*afastar o Brasil dos rumos benditos da Civilização Cristã, que seus antepassados tanto ajudaram a construir no País, hoje assolado por uma revolução cultural de caráter socialista*"[208]. Os "Fundadores" possuem sede própria, uma editora (especializada em questões relativas ao campo, como quilombolas e o MST), um sistema próprio de envio de cartas para congressistas (o "linha direta com Brasília") e promovem uma variedade de eventos, onde política e religião são indissociáveis. Novamente, segundo Zanotto:

> Concebendo o mundo atual como condenado por ser pecador - infiel ao seu Deus e apóstata por renunciar as promessas divinas -, tais grupos constroem para si um futuro de glórias através da composição de uma visão maniqueísta e, porque não, simplista da sociedade, que, muito mais do que identificar o *outro* como encarnação do mal, serve para legitimar seu próprio *status* santificador. Os tefepistas, considerados em seu meio como paladinos da contra-revolução, aos poucos são instigados a acreditar que foram providencialmente escolhidos para combater a Revolução com as idéias de seu líder, idéias estas "capazes de modificar lentamente a mentalidade do homem contemporâneo e, assim, reestruturar sua alma"[209].

Ainda que com todas as distinções fica claro: esta rede é crucial para sustentação de uma rápida organização do bloco do poder em caso da crise de hegemonia. Mesmo sendo a TFP uma presença inesperada, dadas às raras referências a esta no discurso do MSM, não é de todo surpreendente, pela sua atuação em 1964, apoiando e participando ostensivamente nas passeatas em apoio ao Golpe militar logo que este ocorreu. Como escreveu Luiz Alberto Moniz Bandeira, naquele momento:

---

[207]FUNDADORES. *Quem somos*. Disponível em http://www.fundadores.org.br/servicos/qsomos/, acessado em 15.02.12.

[208]DOM BERTRAND DE ORLEANS E BRAGANÇA. *Blog de Dom Bertrand*. Disponível em http://www.paznocampo.org.br/Blog/Blog_db.asp, acessado em 15.02.12.

[209]ZANOTTO, G. "Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação" *In*. *Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade* - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências. op. cit.

> Enquanto a repressão prosseguia, com a invasão de lares e atentados aos direitos humanos, 200 000 pessoas (ponderável setor das classes médias e toda a burguesia) desfilaram pelas ruas do Rio de Janeiro, em 2 de abril, na Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade, "A única nota triste", Gordon comentou [Lincoln Gordon, ex embaixador dos EUA no Brasil], "era a participação obviamente limitada das classes baixas". Sim. Banqueiros, industriais, comerciantes, latifundiários, ricos e privilegiados, todos os exploradores e todos os parasitas festejaram a vitória. Menos os trabalhadores. Eram os derrotados[210].

A tabela seguinte dá conta das ligações relacionadas com o MSM com um link de saída deste:

TABELA 21: Rede extrapartidária do MSM com um link de saída:

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
advhaereses.blogspot.com	1	2	*Blog* anônimo católico
www.espada.eti.br	1	1	*Site* cristão mantido por Jeremias R D P dos Santos, formado basicamente por traduções do ministério estadunidense "*Cutting Edge*"
renatovargens.blogspot.com	1	2	*Blog* do Pastor Renato Vargens, conferencista, escritor, diretor da Scrittura Produções e pastor presidente da Igreja Cristã da Aliança em Niterói.
polibiobraga.blogspot.com	1	32	*Blog* do jornalista e advogado Políbio Braga. Já trabalhou no *Diário Catarinense*, no *Correio da Manhã*, no *Última Hora*, na *Gazeta Mercantil*, no *Zero Hora*, no *Correio do Povo*, no *Jornal do Comércio*, na *Veja* e na Exame
diplomatizzando.blogspot.c om	1	6	*Blog* de Paulo Roberto de Almeida. Ele é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Bruxelas. Atualmente é Bolsista Sênior de Estágio no Exterior do CNPq.
antenacrista.blogspot.com	1	1	*Blog* do bibliotecário Rodney Eloy
rightwingpumping.tumblr.c om	1	3	*Blog* anônimo entitulado "*Conservative Attack Machine*" escrito em inglês e português
www.implicante.org	1	1	Portal assumido como "*oposição*" ao PT. Contém notícias, colunistas, *blogs*, vídeos e a "Petralhopédia", enciclopédia estilo "wiki" sobre políticos e acontecimentos do governo federal petista
cienciabrasil.blogspot.com	1	1	*Blog* de Marcelo Hermes, bibliotecário ex aluno da UnB, foco de maior parte de seus posts
peixotoneto.com.br	1	4	*Site* da editora Peixoto Neto, publica reproduções de artigos do MSM
olhonajihad.blogspot.com	1	459	*Blog* dedicado à propaganda anti Islã. Mantido por Guzman Moscardó, Al-Mutarjim (correspondente estadunidense) e mais um terceiro autor que prefere o anonimato
www.digestivocultural.com	1	144	*Site* de jornalismo "cultural". Publica artigos esporádicos de Félix Maier e outras reproduções do MSM
palavrasapenas.wordpress.c om	1	4	*Blog* católico mantido por Fabrício L. Ribeiro,Bacharel em ciência da computação (ele é automaticamente redirecionado para o endereço "http://igrejadomestica.org"
fernandopasq.blogspot.com	1	37	*Blog* católico mantido por Fernando Pasquini
geremiasdocouto.blogspot.c om	1	2	*Blog* católico mantido por Geremias do Couto
liberal.sapo.cv	1	20	Jornal de Cabo Verde, cujo repórter Casimiro de Pina tem artigos reproduzidos no MSM

[210]BANDEIRA, L. A. M. *O governo João Goulart*. As lutas sociais no Brasil 1961-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 185-186.

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
www.analitica.com	1	1	Jornal *online* venezuelano que reproduz esporadicamente artigos do MSM
robertovargas-make.blogspot.com	1	5	*Blog* de Roberto Vargas sobre catolicismo, vinhos e motocicletas
flaviomorgen.blogspot.com	1	44	*Blog* de Flávio Morgenstern, que intitula-se "*redator, Escritor, Tradutor, Analista de Mídia, Ator, Webdesigner*"
rodrigoconstantino.blogspot.com	1	26	*Blog* de Rodrigo Constantino, economista pela PUC-RJ com MBA em Finanças pelo IBMEC. Trabalha no setor financeiro desde 1997 e é autor de cinco livros. É colunista da revista *Voto*, do jornal *O Globo* e do *site* OrdemLivre.org, membro-fundador do Instituto Millenium e diretor do Instituto Liberal. Foi o vencedor do Prêmio Libertas em 2009, no XXII Fórum da Liberdade.
jaelsavelli.blogspot.com	1	14	*Blog* de Jael Savelli que busca assinalar "semelhanças" entre homossexualismo e pedofilia
cristaldo.blogspot.com	1	94	*Blog* de Janer Cristaldo. Ele é formado em Direito e Filosofia e doutor em Letras Francesas e Comparadas pela Sorbonne Nouvelle (Paris III). É escritor, tradutor e jornalista, já tendo trabalhado na *Folha de S. Paulo* e no *Estado de São Paulo*
tipsdeunoamerica.blogspot.com	1	1	*Blog* de notícias da ONG venezuelana UnoAmerica
thestupidleft.blogspot.com	1	8	*Blog* anônimo de recortes da imprensa especializado na "estupidez da esquerda"
ibloga.blogspot.com	1	3	*Blog* estadunidense anti Islã, parte da "*Infidel´s blogger aliance*"
prosaepolitica.com.br	1	10	*Blog* da jornalista Andriana Vandoni
www.portalcristaonews.com.br	1	1	*Blog* de notícias cristãs
www.midiagospel.com.br	1	1	Portal evangélico de notícias, entrevistas, vídeos, artigos, etc.
movimentoordemvigilia.blogspot.com	1	994	Site do "Movimento Ordem e Vigília contra a Corrupção". Foi criado como reação ao "mensalão" e é mantido por "Gabriela". "*Paralelamente ao trabalho do Fórum, a Gabriela participou inúmeras vezes (em nome do MOVCC) do Programa do Samir Achôa, na Rádio Trianon, no 'Falando Francamente', fazendo campanha sistemática contra a candidatura de Marta Suplicy à Prefeitura de São Paulo no pleito de 2004*".
blogsemmascara.blogspot.com	1	2185	*Blog* anônimo de reproduções de artigos e notícias anticomunistas, especialmente do MSM e de seus colunistas
www.pletz.com	1	2	*Site* de notícias da comunidade judaica
blogdafamiliacatolica.blogspot.com	1	1	*Blog* de Paulo Roberto Campos, jornalista colaborador da Revista *Catolicismo* (ligada a Tradição, Família e Propriedade) e da Agência Boa Imprensa
opiniaoenoticia.com.br	1	3	Jornal *online* ligado ao Instituto Millenium, "*que acredita na democracia e na economia de mercado. Embora contemos com alguns órgãos de imprensa tradicionais e respeitáveis, falta na nossa mídia uma voz que defenda as idéias liberais nas quais acreditamos. Sentimos também a ausência de um maior interesse pela conjuntura internacional*"
frenteocidental.com	1	128	*Blog* de recortes de publicações "pró Ocidente", especialmente de Carvalho e do MSM
reporterdecristo.com	1	5	*Site* cristão que publica artigos enviados por leitores, os "repórteres de Cristo". Reproduz uma série de matérias do MSM
angueth.blogspot.com	1	91	*Blog* de Antonio Emilio Angueth de Araujo, escritor e tradutor
christianrocha.wordpress.com	1	6	*Blog* de Christian Rocha, professor de hatha yoga, aikido e ritos tibetanos

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
darkabysses.blogspot.com	1	22	*Blog* de divulgação e entrevistas "conservadoras" mantida por "Stella" e "Suzy" (cada uma delas mantém um *blog* separado com a mesma temática)
www.hacer.org	1	9	O HACER (sigla para *Hispanic American Center for Economic Research*) é uma organização que apóia uma série de entidades locais na América Latina (não só hispânica) tendo como objetivo promover estudos relacionados aos valores individuais, liberdade econômica, limitação estatal e responsabilidade individual. São ligados ao ATLAS e no Brasil indicam os seguintes parceiros: Instituto Liberal, Instituto Liberdade, Instituto Von Mises Brasil, Instituto Millenium e o Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista
realityisoutthere.blogspot.com	1	2	*Blog* de um anônimo "*inconformado com nossa 'terceiromundice'*"
libesfera-libertatum.blogspot.com	1	2	Divulga uma lista de *blogs* "liberais" entitulada "Liberesfera" feita por Klauber Cristofen Pires
palavracesa.blogspot.com	1	75	*Blog* de José Maria e Silva, jornalista e sociólogo, mestre em Sociologia pela UFG. Foi redator-chefe do Jornal *Opção* e comentarista do programa *Falando Sério*, da Rádio Interativa FM
acarajeconservador.blogspot.com	1	221	*Blog* mantido por Pedro Ravazzano e Edson Carlos de Oliveira

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

A última tabela é formada quase exclusivamente por *sites* e *blogs* de leitores "militantes", estejam estes em processo de formação visando integrar-se ao MSM, ou que compartilhem suas premissas ideológicas básicas, integrando-as às suas próprias percepções sociais. No primeiro caso temos o "*Blog* Sem Máscara", de Flávio Morgenstern e os participantes do "Movimento Ordem e Vigília", não sem motivo os *sites* que possuem o maior número de *links* de retorno ao MSM. No segundo caso, encontramos o jornalista Políbio Braga, o jornalista e sociólogo José Maria e Silva, o economista Rodrigo Constantino, e o Pastor Renato Vargens. Ainda entre os "leitores militantes", chama a atenção o "Diplomatizzando" de responsabilidade do Doutor em Ciências Sociais Paulo Roberto de Almeida, que por sua posição e status acadêmico, mediatamente acaba por revestir o discurso do MSM de certo caráter erudito, mesmo que em nível meramente formal. Do mesmo modo através do *blog* de Marcelo Hermes, ligado à Juventude Conservadora da UnB, em nível da política estudantil, indica-se certa assimilação do MSM na academia, ainda que com todas as restrições que encontradas pelo grupo neste campo.

Também temos de assinalar a efetividade do discurso ideológico do MSM em grupos católicos e evangélicos, que formam a maioria dos *sites* e *blogs* desta última tabela. Nesta verificamos ainda entidades que estão ligadas ao MSM através de mediações com os outras entidades da rede extrapartidária, caso do estadunidense HACER (*Hispanic American Center for Economic Research*, Centro Hispânico Americano para Pesquisa Econômica), que não reivindica abertamente o MSM, mas é ligado organicamente ao Instituto Liberal, Instituto Liberdade, Instituto Von Mises Brasil, Instituto Millenium e o Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista

(este último de responsabilidade de Ubiratan Iorio).

Metodologicamente esta leitura em rede, que utilizou como indicativos sociais de relacionamento os “nós” formados entre o MSM e os demais *sites*, permitiu-nos desvendar uma série de tramas, trazendo a tona diversas instituições, órgãos de comunicação e agentes políticos, que não iriam emergir através da leitura simples dos textos do MSM. Deste modo consideramos válido seu uso, mesmo com a condição de investigação de somente duas profundidades nos “*links* de saída” descobertos através da análise completa do *site* do MSM. Após a leitura destas três tabelas podemos observar que sua rede extrapartidária realiza mais do que meras “ligações”, sendo formadoras efetivas do seu discurso ideológico, caso já enfatizado na primeira tabela.

A observação mais detalhada desta rede delimita e afirma a penetração social de seu discurso, seja entre as entidades da burguesia, caso de diversos institutos presentes nas três tabelas – e especialmente verificadas na segunda (enfatizando o tamanho e importância do IMIL), bem como entidades da pequena burguesia (Associação Comercial de São Paulo, Instituto Federalista, etc.), religiosas (TFP, *blogs* e *sites* cristãos), de associações “pró-família” (talvez os mais enfáticos em reproduzirem os argumentos do MSM sobre a “crise da humanidade”, como discutiremos adiante), etc. Afirmando diferentes frentes que intencionam a “contrarrevolução” moral do homem o MSM atua tanto em sua rede extrapartidária quanto através desta buscando a formação consciente de uma base militante, “combatente” em uma série de trincheiras (baseando-se em diferentes instituições, tomadas como “decadentes”, como a Igreja, a religião cristã, a família, o exército, etc.) contra uma guerra “cultural” que perpassaria e contaminaria a totalidade do corpo social.

8. O MSM EM SEUS MARCOS IDEOLÓGICOS:

"*Em contraste com as filosofias políticas antigas, que só admitiam revoluções para a restauração de direitos tradicionais usurpados, todas as ideologias revolucionárias modernas assentam-se na premissa absurda de que a mera hipótese de novos direitos, tão logo enunciada, deva conferir a seus porta-vozes o direito de matar para realizá-los: o direito à revolução torna-se ele mesmo a norma fundamental da qual derivarão todos os demais direitos. E a revolução, sendo o primeiro dos direitos, não tem de esperar que o estado de coisas se torne insuportável: é revolução permanente, empenhada em destruir não apenas um determinado mal, mas todo bem que não seja de natureza revolucionária, isto é, todo o bem que, inalteravelmente, exista desde o começo dos tempos. Assim, sempre que uma revolução terminar em banho de sangue e recrudescimento da tirania (como todas terminam), o teórico dirá que isso aconteceu porque ela não foi suficientemente revolucionária, e que é preciso começar tudo de novo e em maior escala. A mística da revolução mostra que a tendência da modernidade à idealização sentimentalista do mal traz consigo a perda do senso das proporções e o embotamento completo da inteligência moral*".

Olavo de Carvalho, *O futuro do pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 2007. p. 26.

Neste capítulo analisaremos o MSM em seu cerne ideológico, interrogando os marcos referenciais utilizados para constituírem sua *análise ideológica da realidade*. Reinteremos, não pretendemos (e nem seria possível), compreender o MSM como produtor de conhecimento, de um discurso cientificamente validável que visaria explicar e/ou desmistificar a vivência dos homens no tempo, o que nos levaria a considerar suas proposições como *interpretações possíveis (ou mesmo plausíveis) da realidade*. O que faremos aqui é buscar explicitar para nosso leitor estes referenciais entendendo que a *distorção analítica calculada do real* praticada por eles cumpre uma função social e política: a de buscar representar interesses políticos e sociais de um grupo como suposto interesse nacional, ou seja, buscando elevar as representações, valores e preconceitos de uma classe a caracterizações de caráter universal, trazendo com isto a falsa sensação de serem portadores de um projeto de sociedade particular. Neste sentido nos cabe responder suas afirmações, já que partimos da premissa de que *a verdade sempre é revolucionária*, e que deixarmos de fazer esta crítica seria menosprezar as funções sociais para as quais estas distorções prestam.

O procedimento de expulsão da verdade histórica é observado na citação escolhida para abrirmos este capítulo, onde Olavo de Carvalho, seguindo um caminho aberto por Karl Manheinn[211], afirma para seu leitor ser a filosofia política uma mera transposição ideológica, da qual resguarda desta qualificação as filosofias "antigas", que obviamente situa em sentido metafísico, supostamente além da realidade na qual fora constituída. Esta é sua chave para associar as filosofias "modernas" – no sentido de terem nascido sob o capitalismo, e que compreendem sua

---

[211]Sobre isto ver SCHAFF, A. *História e verdade*. op. cit. p. 258.

função para além da teoria abstrata, como metodologias para a análise da realidade e para a atuação coletiva dos homens nesta (no que simplifica como "mera busca de direitos"), históricas e que, portanto, compreendem o estado das coisas como passível de mudança – com a perda do senso de proporções, já que colocaria o horizonte de expectativa destes homens e mulheres engajados acima de uma consciência moral a-histórica, de suposta origem divina e/ou "natural". Nisto observa-se claramente a utilização deste discurso como recurso de convencimento, exatamente por invocar proposições morais profundamente enraizadas ideologicamente nas sociedades ocidentais, proposições como advindas "de fora da história", teológicas, que tornam-se tabus se inquiridos como históricos.

Antes de adentrarmos o MSM, nos cabe situar conceitualmente a questão da ideologia, cujo conteúdo não pode ser resumido a uma leitura idealista, como uma batalha de ideias dissociadas de seu chão material, "*à atividade material e ao intercâmbio material dos homens*"[212]. Retornando para Marx e Engels:

> São os homens os produtores de suas representações, suas ideias, etc., mas os homens reais e atuantes, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações a eles correspondentes, até chegar às suas mais amplas formações. A consciência nunca pode ser outra coisa que o ser consciente[213].

A ideologia não se faz mero reflexo mecânico de uma determinada base material, que emergiria como consequência natural de dado desenvolvimento produtivo. A ideologia só pode ser compreendida dentro da análise concreta da luta de classes, não ignorando a necessidade da distinção entre verdade e falsidade, mas que a compreenda além destes marcos, através de sua função e eficácia real para agrupar classes, e frações destas, em posições de domínio e de subordinação. Para tanto iremos novamente recorrer a Gramsci. Ele conceitua ideologia através de duas categorias: a primeira é a das "*ideologias historicamente orgânicas, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura*", enquanto que "*têm uma validade que é validade 'psicológica': elas 'organizam' as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc.*". E a segunda encarrega-se das "*ideologias arbitrárias, racionalísticas, 'voluntaristas'*", que "*não criam mais do que 'movimentos' individuais, polêmicas, etc.*". Mesmo atribuindo um lugar menor para estas, ainda afirma que "*nem mesmo estas são completamente inúteis, já que funcionam como o erro que se contrapõe à verdade e a afirma*"[214].

Para Gramsci estas duas distinções são cruciais na distinção do entendimento genérico do conceito: "*um elemento de erro na consideração sobre o valor das ideologias, ao que me parece,*

---

[212]MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 51.
[213]Idem.
[214]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 237-238.

deve-se ao fato (fato que, ademais, não é casual) de que se dê o nome de ideologia tanto à superestrutura necessária de uma determinada estrutura", assim, "*como às elucubrações arbitrárias de determinados indivíduos*". Então aponta três pontos desta depreciação: primeiro, "*identifica-se a ideologia como sendo distinta da estrutura e afirma-se que não são as ideologias que modificam a estrutura, mas sim vice-versa*". No segundo "*afirma-se que uma determinada solução política é 'ideológica', isto é, insuficiente para modificar a estrutura, enquanto crê poder modificá-la se afirma que é inútil, estúpida, etc.*". Sendo que no terceiro ponto, "*passa-se a afirmar que toda ideologia é 'pura' aparência, inútil, estúpida, etc.*"[215].

E retorna a Marx e Engels, para assinalar a:

> [...] freqüente afirmação de Marx sobre a "solidez das crenças populares" como elemento necessário de uma determinada situação. Ele diz mais ou menos isto: "quando esta maneira de conceber tiver a força das crenças populares", etc. Outra afirmação de Marx é a de que uma persuasão popular tem, com frequência, a mesma energia de uma força material, ou algo semelhante, e que é muito significativa. A análise destas afirmações, creio, conduz ao fortalecimento da concepção de "bloco histórico", no qual, precisamente, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma, distinção entre forma e conteúdo meramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais[216].

Aqui, se faz necessário que se esclareça a conceituação de Gramsci acerca das metáforas de infraestrutura e superestrutura de Marx. Ele as compreende como um bloco histórico, ou seja, uma unidade dialética das instâncias, sendo a "*unidade entre a natureza e o espírito (estrutura e superestrutura), unidade dos contrários e dos distintos*". Ao que questiona: "*pode-se introduzir o critério de distinção também na estrutura? Como se deverá entender a estrutura: como sistema das relações sociais será possível distinguir os elementos 'técnica', 'trabalho', 'classe', etc.*", conceitos situados "*historicamente e não 'metafisicamente'?*"[217]. Segundo Lúcia Neves e Ronaldo Sant´anna:

> Entre estrutura e superestrutura existe, portanto, um nexo necessário e vital. Por isso mesmo, conforme a visão gramsciana – e este é um de seus pontos mais centrais –, as possibilidades de que as superestruturas se constituam em resultante mecânica do que os homens vivenciam no plano estrutural representam uma séria distorção, posto que a articulação entre os planos aponta, inclusive para a possibilidade de que ocorra certa autonomia das relações superestruturais, conforme a conjuntura histórica, as correlações de forças e o grau de organização de uma formação social. Tal fato evidentemente não descarta, mas reforça a mencionada articulação entre os planos, porque essa relação de reciprocidade entre forças materiais e ideologias aponta para uma possibilidade concreta de o desenvolvimento histórico das formações sociais capitalistas ser uma resultante da simultaneidade entre instrumentos de coerção, persuasão das forças político-sociais em disputa pela hegemonia político-social e

[215]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 237-238.
[216]Idem. p. 238.
[217]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 26-27.

alterações concretas nas forças materiais de produção social[218].

Reafirmar esta leitura é crucial, pois como indicado, existem leituras reducionistas e distorcidas da obra de Gramsci, que se tornaram corrente através de autores como Norberto Bobbio, Perry Anderson ou até mesmo de Francisco de Oliveira, em que suas categorias orgânicas são cindidas e até tomadas como antagônicas[219], seja em relação ao Estado integral ou acerca do bloco histórico. O mesmo tipo de aviso que Gramsci fazia ao apagamento da relação dialética para as metáforas base e superestrutura, que alguns interpretavam em Marx, serve para os que distorcem sua obra: "*a pretensão (apresentada como postulado essencial do materialismo histórico) de apresentar e expor qualquer flutuação da política e da ideologia como uma expressão imediata da infra-estrutura deve ser combatida*", seja "*teoricamente, como um infantilismo primitivo, ou deve ser combatida, praticamente, com o testemunho autêntico de Marx, escritor de obras políticas e históricas concretas*"[220].

A ideologia não pode ser compreendida senão dentro de determinadas correlação de forças sociais, deixando claro que isso não a torna um sinônimo de hegemonia. Esta não pode ser resumida na ideologia, que a inclui como um de seus aspectos, mas refere-se à relação dialética total da luta de classes, afetando todos os níveis e aspectos da sociedade. Como já argumentado em nosso referencial teórico metodológico, a superação do conceito de revolução permanente pelo de hegemonia é crucial para podermos compreender o terreno das lutas sociais complexificadas, já que este novo momento histórico requer uma nova estratégia de atuação, que deixa de ser baseada na guerra de movimento para assumir a guerra de posições. Esta "*constitui para a arte política algo similar às 'trincheiras' e às fortificações permanentes de frente de combate na guerra de posição: faz com que seja apenas 'parcial' o elemento do movimento que antes constituía 'toda' a guerra, etc.*"[221]. Gramsci, para situar esta mudança retorna ao manuscrito *Greve geral, partido e sindicatos* de Rosa Luxemburgo, "*um dos documentos mais significativos da teorização da guerra manobrada aplicada à arte política*", para pensar a antiga estratégia, já assinalando a Revolução de Outubro como sendo o "*último fato deste gênero na história política*", ou pelo menos no caso europeu[222]. A antiga estratégia baseava-se no "*elemento econômico imediato (crises, etc.)*", que era "*considerado como a artilharia de campo*", responsável pelos seguintes efeitos: o primeiro, por "*abrir a brecha na defesa inimiga, depois de ter desbaratado o próprio inimigo e de levá-lo a perder a fé em si, em suas forças e em seu futuro*". O segundo, por "*organizar de modo fulminante as próprias tropas, criar os quadros ou, pelo menos, colocar com rapidez os quadros existentes (criados até então pelo*

[218]NEVES, L. M. W.; SANT´ANNA R. "Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia". *In*. NEVES, L. M. W. *A nova pedagogia da hegemonia*: estratégias do capital para educar o consenso. op. cit. p. 21.
[219]BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci*: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008. p. 173.
[220]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 238.
[221]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 24.
[222]Idem. p. 73.

processo histórico geral) em seu lugar de enquadramento das tropas dispersas". E por fim, por "*criar de modo fulminante a concentração ideológica da identidade do fim a alcançar*". Sobre a guerra de movimento, o autor ainda salienta que "*era uma forma de férreo determinismo economicista, com o agravante de que os efeitos eram concebidos como rapidíssimos no tempo e no espaço; por isso, tratava-se de um verdadeiro misticismo histórico, da expectativa de uma espécie de fulguração milagrosa*". Será, então, através da leitura analítica da relação de forças de determinada formação social, suas peculiaridades, que reside o fator decisivo para a organização, para a atuação estratégica. "*Trata-se, portanto, de estudar com 'profundidade' quais são os elementos da sociedade civil que correspondem aos sistemas de defesa na guerra de posição*"[223]. A citação seguinte traz elementos tanto para compreendermos a mudança estratégica quanto sua organização:

> *Passagem da guerra manobrada (e do ataque frontal) à guerra de posição também no campo político*. Esta me parece ser a questão de teoria política mais importante posta pelo período do pós-guerra e a mais difícil de responder corretamente. Ela está ligada às questões levantadas por Bronstein [Trotsky], que, de um modo ou de outro, pode ser considerado o teórico político do ataque frontal num período em que este é apenas causa de derrotas. Só indiretamente (mediatamente) esta passagem na ciência política está ligada àquela ocorrida no campo militar, se bem que, certamente, exista uma relação, e essencial. A guerra de posição exige enormes sacrifícios de massas imensas da população; por isto, é necessária uma concentração inaudita da hegemonia e, portanto, uma forma de governo mais "intervencionista", que mais abertamente tome a ofensiva contra os opositores e organize permanentemente a "impossibilidade" de desagregação interna: os controles de todo tipo, políticos, administrativos, etc., reforço das "posições" hegemônicas do grupo dominante, etc. Tudo isto indica que se entrou numa fase culminante da situação política-histórica, porque na política a "guerra de posição", uma vez vencida, é definitivamente decisiva[224].

Assim sendo, a disputa no terreno da ideologia tem que ser considerada como parte constitutiva da guerra de posições no campo político, o que Gramsci desenvolve no parágrafo intitulado *Paradigmas de história ético-política*, acerca da interpretação que Croce ofereceu para a história europeia do século XIX, e da Itália da época moderna, que resgata em seu devir histórico, indagando se "*em sua tendenciosidade, não tem uma referência atual e imediata, não tem por finalidade criar um movimento ideológico correspondente ao da época tratada*"[225]. Compreendendo a função de Croce como intelectual de uma classe, entende seus posicionamentos em seu alcance total, mesmo que mediado pelos campos aos quais remonta, e o faz quando situa socialmente o movimento de devir operado pelo autor, compreendendo-o em termos ideológicos e políticos, com funções distintas dentro da guerra de posições:

---

[223]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 71-73.
[224]Idem. p. 255-256.
[225]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 299.

> A hipótese ideológica poderia ser apresentada nestes termos: ter-se-ia uma revolução passiva no fato que, por intermédio da intervenção legislativa do Estado e através da organização corporativa, teriam sido introduzidas na estrutura econômica do país modificações mais ou menos profundas para acentuar o elemento "plano de produção", isto é, teria sido acentuada a socialização e cooperação da produção, sem com isso tocar (ou limitando-se apenas a regular e controlar) a apropriação individual e grupal do lucro. No quadro concreto das relações sociais italianas, esta pode ter sido a única solução para desenvolver as forças produtivas da indústria sob a direção das classes dirigentes tradicionais, em concorrência com as mais avançadas formações industriais de países que monopolizam as matérias-primas e acumularam gigantescos capitais. Que um tal esquema possa traduzir-se em prática, e em que medida e em que formas, isto tem um valor relativo: *o que importa política e ideologicamente, é que ele pode ter, e tem realmente, a virtude de servir para criar um período de expectativa e de esperanças, notadamente em certos grupos sociais italianos,* como a grande massa dos pequenos burgueses urbanos e rurais, e conseqüentemente, para manter o sistema hegemônico e as forças de coerção militar e civil à disposição das classes dirigentes tradicionais. *Esta ideologia serviria como elemento de uma "guerra de posição" no campo econômico (a livre concorrência e a livre troca corresponderiam à guerra de movimento) internacional, assim como a "revolução passiva" é este elemento do campo político. Na Europa de 1789 a 1870, houve uma guerra de movimento (política) na Revolução Francesa e uma longa guerra de posição cujo representante, além de prático (para a Itália), ideológico (para a Europa), é o fascismo*[226].

Existe um papel ativo da ideologia na guerra de posições, estes embates perpassam o corpo social, a luta de classes. Iremos nos dedicar a entender os marcos que o MSM utiliza para unificar o discurso de seus militantes e o disseminar, visando sempre a guerra de posições na expectativa da crise aberta. Neste sentido iremos explorar tanto os textos destinados para a formação de seus militantes quanto para propaganda, buscando as edições do MSM, os sites de sua rede extrapartidária e os livros de Olavo de Carvalho.

8.1. O anticomunismo contra Gramsci:

Para uma observação consistente do elemento ideológico unificador que funciona como uma espécie de fio condutor explorado pelo MSM, este trabalho procura uma identificação deste elemento em seus discursos. Assim, elaboramos duas tabelas, buscando ilustrar o conteúdo veiculado pelo MSM nas matérias de seu primeiro ano de publicação. A edição escolhida – mesmo sendo um *site* eles periodizam-se aos modos de um jornal – foi a sua terceira (a primeira completa disponibilizada pelo *Internet Wayback Machine*), cuja chamada principal foi *A morte ronda Taiwan*, sobre o cerco chinês a ilha. Esta edição nos permite visualizar certa quantidade de pautas, mesmo sem a diversidade temática que alcançará depois. As matérias eram escritas a partir de recortes da

[226]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 299-300. Grifos nossos.

imprensa nacional e internacional, em que os textos eram precedidos pela frase "*Qual é a caca:*".

TABELA 22: Lista de matérias do MSM de 18.09.02:

Título matéria	**Autor**
Pensar faz mal	Evandro Ferreira
A intervenção cubana em Angola (com a ajuda do Brasil)	Paulo Diniz Zamboni
A má-fé contra a fé	Henrique Dmyterko
A medida exata dos crimes	Olavo de Carvalho
A Noviclínica: a reforma psiquiátrica que é feita pelos loucos	Humberto Campolina (convidado)
A Paz do Terror	Martim Vasques da Cunha
A promessa da revolução	José Nivaldo Cordeiro
A Quinta Coluna dos Direitos Humanos	Michael Radu
Agora são todos cabos eleitorais	Pedro Paulo Rocha
Alca: ninguém entende, todo mundo explica	Argemiro Luis Brum
Allende não vale as lágrimas	Félix Maier
As Grandes Invenções da mídia	Milla Kette
Bactérias nas asas de um pássaro cubano	Vários autores
Bêbados de Emoção	Sandro Guidalli
Cada vez mais longe do século XXI	Paulo Diniz Zamboni
De Gorilas a Macacos Amazônicos	Carlos Alberto Reis Lima
Delírio global, sabotagem local	Henri Carrières
El cóndor pasa (e até os urubus tapam o nariz)	Félix Maier
Neo-Lula, sugestão coletiva e cubanização	Vários autores
Lula está excomungado. Os outros candidatos também	Olavo de Carvalho
A velha China e seus filhotes, ou: a prova que faltava	Vários autores
Rússia preparam invasão da Geórgia	Olavo de Carvalho
Três fariseus no palanque	Olavo de Carvalho
Um dia de cão	José Nivaldo Cordeiro
Estou fora de Época	Olavo de Carvalho
Fidel: salvando a alma ou o regime?	Vários autores
Globo da Morte	Carlos Alberto Reis Lima
Hitler e o PT	Vários autores
Jornalismo paranóico da mídia esquerdista brasileira: a culpa é do jornaleiro	Paulo Diniz Zamboni
Muito barulho por nada	Milla Kette
Notas de Graça Salgueiro	Graça Salgueiro
O escândalo que não houve	Milla Kette
Opressão e propaganda nas escolas: depoimentos de estudantes	Patrícia C. de Andrade
Paz, nem pensar	Vários autores
Perderam o bonde da História... e o dinheiro da passagem	Janer Cristaldo
Perseguição religiosa em Cuba nunca parou	Vários autores
Quem fiscaliza os fiscais?	Alceu Garcia
Quem mente?	Denis Rosenfield

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Arquivos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021004015706/www.midiasemmascara.org/arquivo.asp, acessado em 10.10.10.

A tabela seguinte permite-nos situar o conteúdo veiculado naquela edição, podendo avaliar como os seus colunistas articulam uma série de temas e questões em torno de suas proposições políticas, geralmente apresentadas como conclusões, servindo os diversos tópicos como reafirmações destas. Por uma questão de apresentação, dos 38 artigos, selecionamos os 10 primeiros (selecionados por ordem alfabética):

TABELA 23: Análise de 10 matérias do MSM de 18.09.02:

Título da matéria	Assunto principal	Ênfase do autor
Pensar faz mal	Desautorizar a relativização da ciência defendida por de Maria José Esteves de Vasconcellos, em artigo no jornal *Estado de Minas* de 31.08.02	Qualificar a autora como esquerdista para entender sua ênfase na linguagem em suas possibilidades de alterar o mundo material como programação neurolinguística
A intervenção cubana em Angola (com a ajuda do Brasil)	Denunciar o silêncio da mídia nacional acerca do patrocínio da governo brasileiro, ainda na ditadura ao governo supostamente socialista de Angola na década de 70, que contou com apoio cubano para rechaçar as tropas da África do Sul	Denotar o caráter imperialista e expansionista do comunismo, em especial da URSS, que teria feito 100 mil vítimas em Angola; e fazer a defesa da África do Sul que foi ao combate dos comunistas e que a mídia mundial rechaçou por causa de seu regime de apartheid, motivo que levou aos EUA a não intervir no combate, isenção que só teria levado a mais mortes
A má-fé contra a fé	Apontar distorções no artigo “A Bíblia passada a limpo - Descobertas recentes da arqueologia indicam que a maior parte da escrituras sagradas não passa de lenda” publicado na edição de julho de 2002 da revista *SUPER Interessante*, especialmente com a obra do historiador conservador Paul Johnson	Ilustrar a distorção tendenciosa que a mídia opera para desacreditar a religião em termos científicos
A medida exata dos crimes	Contabilizar os mortos pela ditadura argentina, que de 30.000 acabam por serem considerados “autênticos” meros 687, o resto sendo somente “desaparecidos”	Invocar a comparação com os 10.000 mil mortos por Cuba em Angola, com o apoio de Geisel, e ressaltar que novamente a não intervenção estadunidense só resultou em mais mortes
A Noviclínica	Resposta para Gilda Paolielo, presidente da Associação Mineira de Psiquiatria, que em nota introdutória ao X Congresso Mineiro de Psiquiatria defende a continuidade e aprofundamento da reforma psiquiátrica no Brasil, considerada irresponsável	Apontar que a reforma psiquiátrica não só tem um fundo político de esquerda mas como é impraticável, visando então, “amansar consciências individuais que se aventurassem contra o pensamento monolítico do coletivismo burocrático reinante”
A Paz do Terror	Apresentar dados que denunciam a China como ator político global ofensivo (negociação com os Talibans no mesmo dia dos ataques às Torres Gêmeas nos EUA , “sequestro” de Taiwan, perseguição religiosa, educação doutrinante, bloqueio do Google, etc.)	Creditar a abertura da China ao capitalismo como parte de sua expansão política em disputa pela hegemonia global, reafirmando, mesmo sem citar, o “choque de civilizações” de Samuel Huntington
A promessa da revolução	Refutação de texto de Leonardo Boff, publicado no Jornal do Brasil em 23/08/02, utilizando para tanto argumentações de Raymond Aron	Situar Lula como o “portador” da vontade coletiva revolucionária

Título da matéria	Assunto principal	Ênfase do autor
A quinta coluna dos direitos humanos	Compreender a ação esquerdista de ONG´s focando aqui as acusações destas da cumplicidade dos EUA na Operação Condor e assim isentando a responsabilidade dos grupos revolucionários pelos seus atos	Afirmar que qualquer disputa sobre o passado histórico conduzida por entidades de direitos humanos visaria somente limpar a imagens de terroristas marxistas
Agora são todos cabos eleitorais	Anotar a dificuldade de se atribuir culpa à figura do Lula "*light*", por ato de camuflagem desenvolvido pela esquerda para seu "pai espiritual"	Ilustrar o poder de ilusão da esquerda em consonância com a atuação da mídia nacional
Alca: ninguém entende, todo mundo explica	Refutar argumentos divulgados na imprensa sobre a perda de soberania nacional caso o país assinasse o acordo da Alca	Ilustrar que o acordo é satisfatório ao país, tal qual fora ao Japão e demais países europeus "beneficiados" por acordos no Pós-Guerra

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Arquivos*. op. cit.

O que podemos observar explicitamente é que o anticomunismo figura como tônica principal do MSM – ainda nesta edição, colateralmente fica clara a questão do imperialismo, na defesa da superioridade estadunidense no plano global como necessária para a existência do "mundo livre". O anticomunismo foi o elemento unificador de todos estes intelectuais no MSM, é o fio condutor de toda a sua ação política, que escapa do simples discurso, pois apropria-se deste para a atuação efetiva, para seu posicionamento estratégico, sob a forma da guerra de posições. Institui-se, desta forma, uma rede partidária que redimensiona e amplifica o seu alcance político, articulando uma série de grupos conservadores e reacionários em uma perspectiva ofensiva, sem que com isto estes passem a se posicionar de maneira abertamente fascista, caso do Instituto Millenium, por exemplo. Esta rede é constituída para disseminar um modo de ser, sendo capaz de posicionar-se coerentemente diante das disputas do dia a dia, utilizando estes espaços para criar seus intelectuais orgânicos, destinados a agir visando sempre à crise. Em artigo de seu seminário de filosofia, escrito destinado à formação destes intelectuais, Olavo de Carvalho julga que:

> Nenhuma análise séria de fatos políticos pode ser feita do ponto de vista conservador e do livre mercado a não ser que primeiro absorva a perspectiva do adversário. Se você não é capaz de fazer uma análise Marxista da situação exatamente como os teóricos e estrategistas do movimento revolucionário a fariam, suas opiniões sobre as políticas de esquerda irão sempre ser meras tentativas de projetar sobre isto categorias que não domina, ajudando, ainda, a encobrir as verdadeiras intenções e conferir às táticas e estratégias esquerdistas o privilégio de quase invisibilidade absoluta. Afinal, o Marxismo não é somente uma "ideologia": é a estratégia da práxis revolucionária e, neste sentido, uma ciência – uma ciência extremamente complexa e sutil, sobre a qual os fazedores de opinião conservadores e do livre mercado brasileiros não sabem praticamente nada. O deslocamento entre categorias analíticas e a natureza dos fenômenos estudados é uma garantia certa de incompreensão, e incompreensão é o curso da origem dos monstruosos erros estratégicos que, nos últimos trinta anos, reduziram a economia de livre mercado e o conservadorismo de forças reinantes para exceções doentias que somente se mantém graças à tolerância provisória do mercado. É fácil observar os erros da economia Marxista do lado de fora e pontificar cada movimento desta como condenado a fracassar. Mas a estratégia

> do movimento comunista não é, de todo, uma direta e mecânica consequência da economia. E principalmente isto não ocorre na esfera da luta cultural, aonde as manobras e rodeios da intelectualidade ativista vão na direção oposta direção oposta da que se poderia deduzir do Marxismo economicista vulgar. A estratégia do movimento revolucionário é essencialmente um ramo do conhecimento que tem alguma autonomia própria e não pode ser dominada exceto após longos anos de estudo. E somente aprendendo a pensar como os teóricos da revolução mundial que cada um pode transcender sua própria visão das coisas e condenar isto de uma maneira bem fundamentada. Para atirar pedras nisto do lado de fora é cair para seu nível e se tornar uma vítima cega do processo revolucionário[227].

O anticomunismo é tratado como a necessidade de se abordar consequentemente teórica e estrategicamente os movimentos do inimigo, uma ciência contra revolucionária, embora não resuma-se a isto. É importante lembrar que este texto é para "iniciados", para a capacitação de seus "quadros". O anticomunismo, segundo Lavabre, em seu sentido amplo:

> [...] pode ser definido como uma hostilidade sistemática ao comunismo, traduzindo-se de acordo com seu grau de desenvolvimento questionando o suporte teórico e ideológico do comunismo (o marxismo) ou das forças e regimes que o encarnariam (os partidos comunistas, os "países socialistas"). Para os comunistas, o anticomunismo é uma operação que consiste em caricaturizar os objetivos e as práticas do movimento comunista para o melhor combater[228].

Ele já aparece no *Manifesto do Partido Comunista*, onde Marx e Engels demandam que a Liga dos Comunistas coloque-se em combate contra as caricaturas e distorções do programa comunista pelo que chamaram de "santa aliança"[229]. Eles distinguiram dois elementos no

---

[227]"*No serious analysis of political facts can be made from the conservative and free-market point of view unless this stance first absorbs the adversary's perspective. If you are not capable of making a Marxist analysis of a situation exactly as the theorists and strategists of the revolutionary movement would make one, your opinions about left-wing politics will always be mere attempts to project onto it categories which are not its own, helping, therefore, to cover up its true intentions and confer upon leftism's tactics and strategies the privilege of almost absolute invisibility. After all, Marxism is not only an "ideology": it is a strategy of revolutionary praxis and, in this sense, a science—an extremely complex and subtle science, about which Brazilian free-market and conservative opinion makers do not know practically anything. The dislocation between analytical categories and the nature of the studied phenomenon is a sure guarantee of incomprehension, and incomprehension is in turn the origin of the monstrous strategic errors that, over the last thirty years, have reduced free-market economics and conservatism from reigning forces to sickly exceptions that only subsist thanks to the system's provisional tolerance. It is easy to observe the errors of Marxist economics from the outside and pontificate that every movement based upon it is condemned to failure. But the strategy of the communist movement is not, at all, a direct and mechanical consequence of its economics. And chiefly it is not so in the sphere of cultural struggle, where the maneuvers and circumlocutions of activist intellectuality go in the opposite direction from that which could be inferred from vulgar Marxist economism. The strategy of the revolutionary movement is essentially a branch of knowledge that has some autonomy of its own and cannot be mastered except through long years of study. It is only learning to think as the theorists of world revolution think that one can then transcend their view of things and condemn it in a well-founded manner. To throw stones at it from the outside is to fall below its level and become a blind victim of the revolutionary process*". CARVALHO, O. de. *The secret of a terrorist*. 23.06.10. Disponível em http://philosophyseminar.com/texts/articles/165-the-secret-of-a-terrorist.html, acessado em 13.04.11. Tradução nossa.

[228]"*Au sens large, l'anticommunisme se définit comme une hostilité systématique au communisme, se traduisant selon son degré d'élaboration par une mise en cause du support théorique et idéologique du communisme (le marxisme) ou des forces et régimes qui l'incarnent (les partis communistes, les "pays socialistes"). Pour les communistes, l'anticommunisme est une opération qui consiste à travestir les objectifs et les pratiques du mouvement communiste pour mieux le combattre*". LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982. p. 39-40. Tradução nossa.

[229]"*É tempo dos comunistas exporem, à face do mundo inteiro, seu modo de ver, seus fins e suas tendências, opondo um*

anticomunismo: o primeiro, a função de difundir o medo do comunismo, focando temas como a partilha social ou a revolta popular. O que Lavabre compreende tratar-se de

> […] dotar aos objetivos imediatos dos comunistas a negação absoluta de valores (propriedade, família, nação) da sociedade burguesa. Esta operação permite desqualificar o programa dos comunistas pela imagem catastrófica de suas consequências: a abolição da propriedade individual, fruto do trabalho pessoal, os comunistas generalizantes da preguiça; a abolição da família, que iria introduzir a comunidade das mulheres; a liberdade, a pátria são da mesma forma os principais temas do anticomunismo descrito por Marx e Engels[230].

O segundo elemento refere-se à função de atribuir ao comunismo distorções, o atacando como sendo equivalente ao que se acusa de ser comunista. Sobre isto, Marx e Engels perguntaram: "*que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição, por sua vez, não lançou a seus adversários de direita ou de esquerda a pecha infamante de comunista?*"[231]. Após a Revolução Russa o anticomunismo adquire um novo formato, o de denúncia contra a "Pátria do socialismo", baseados agora na "verificação empírica" do mal que o comunismo poderia causar. Isto dotou o anticomunismo de uma "*dimensão suplementar: a oposição mundo livre/totalitarismo, Ocidente/Oriente, ou civilização/barbárie*"[232], assim taxando os Partidos Comunistas ao redor do globo de traidores da Pátria, partidos do estrangeiro, os supondo como "destacamentos avançados" de uma conspiração global, comandada pela União Soviética:

> Se *a luta contra o comunismo* aparenta ter sido o fundamento ideológico da maioria dos políticos reacionários ou simplesmente conservadores (verificar a instauração, em seu nome, dos regimes fascistas da Europa do entre-guerras ou o macarthismo dos anos 50 nos Estados Unidos), a definição de anticomunismo escolhida, da deformação e falsificação dos posicionamentos comunistas em serviço dos políticos da direita, não apresentou problemas no uso corrente que atribuiram aos partidos comunistas. Duas classes: um projeto, a revolução; um método, o partido; um modelo, a União Soviética[233].

---

manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo". MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. op. cit. p. 15-16.

[230]"[…] *Plus précisément: l'anticommunisme consiste à donner pour but immédiat des communistes la négation absolue des valeurs (propriété, famille, nation) de la société bourgeoise. Cette opération permet de disqualifier le programme des communistes par le tableau catastrophique de ses conséquences : en abolissant la propriété individuelle, fruit du travail personnel, les communistes généraliseraient la paresse; en abolissant la famille, ils institueraient la communauté des femmes; la liberté, la patrie figurent de la même manière parmi les thèmes majeurs de l'anticommunisme tel que le décrivent Marx et Engels*". LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. op. cit.p. 40. Tradução nossa.

[231]MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. op. cit. p. 17.

[232]LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. op. cit. p. 40. Tradução nossa.

[233]"*Si la lutte contre le communisme apparaît bien comme le fondement idéologique de la plupart des politiques réactionnaires ou simplement conservatrices (voir l'instauration, en son nom, de régimcs fascistes dans l'Europe de l'entre-deux-guerres ou le maccarthysme dans les années 50 aux Etats-L'nis), la définition de l'anticommunisme qui a été retenue, comme déformation et falsification des positions communistes au service de politiques de droite, n'est pas sans poser problème dans l'usage courant qu'en font les partis communistes. Deux classes, deux camps: un projet, la révolution; un moyen, le parti; un modèle, l'Union soviétique*". LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. op. cit. p. 40. Tradução nossa.

O anticomunismo não refere-se somente a atuação de um Partido Comunista em específico, como rejeição direta deste, sendo um fenômeno que estende-se a tudo o que pode ser interpretado como contribuinte ao objetivo histórico esperado pelos comunistas. Deste modo, a abrangência do comunismo amplia-se a ponto de não poder ser quantificada de maneira simples: o "espectro" ronda todo o corpo social. Em todo este haveria a possibilidade de identificar os elementos contaminados, ou melhor, passando a dotar as práticas políticas mais diversas de um sentido político específico, o comunista, atuando em contraposição ao outro. Assim, projetos políticos de fundo irracionalista retoricamente passaram a arrogar-se de serem portadores da gênese de um projeto de sociedade, pois identificando o outro em termos sub reptícios, ao qual teriam a competência especializada para classificarem e isolarem os permitiu construir uma retórica supostamente "totalizante" de contraposição, afirmação maior da sua imunidade diante da disseminação viral do inimigo.

Tal movimento acaba por reduzir o campo político em duas posições irremediavelmente contrárias, uma leitura social binária, maniqueísta. Desta redução do campo político, entre prós e contras, gera-se uma desqualificação generalizante da própria política, que passa a ser compreendida como expressão de duas naturezas distintas (onde cada posicionamento torna-se *somatória direta* em direção a um fim da história), e que em última instância, poderiam ser resumidos na divisão entre bem e mal. Este é o objetivo último do anticomunismo, negar a capacidade racional humana de distinção entre realidade e falsificação, transmutando sua consciência histórica e social em mera sensação e, portanto, atribuindo ao conhecimento a incapacidade de basear a atuação humana, *já que incompleto pois ideológico* (e incapaz de aspirar a compreensão racional da realidade). Dota irremediavelmente o conhecimento de um sentido idealista, transcendente ao homem (seja deus ou a mão invisível do mercado), tornando o homem incapaz de julgar, de atuar *racionalmente* diante da sua realidade. Isto ecoa o entendimento de Palmiro Togliatti sobre o anticomunismo, que "*significa dividir categoricamente a humanidade em dois campos e considerar... o dos comunistas... como o campo daqueles que já não são homens, por haverem renegado e postergado os valores fundamentais da civilização humana*". Ele delimita e constrói o campo de atuação dos partidos por contraposição, definindo as possíveis estratégias para especificar claramente quais são as alianças possíveis e os seus inimigos dentro do campo eleitoral parlamentar burguês, que aqui assume uma interpretação plenamente restritiva da democracia, sustentada com base à "*incompatibilidade radical com o campo oposto, da inconciliabilidade dos respectivos valores e interesses*"[234]. Retornando a Olavo de Carvalho, verificamos que esta percepção é construída de modo "autorizado" utilizando sua breve passagem pelo PCB como justificativa:

---

[234]BONET, L. "Anticomunismo" (verbete). *In*. BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UNB, 1998. p. 34-35.

> […] acreditamos que bastava nos dar armas e que o resto nós faríamos: construiríamos um mundo melhor. E como construiríamos um mundo melhor? Pelo velho expediente de matar — matar quem não o desejasse. Esta é sempre a solução, qualquer que seja o problema, não é mesmo? Nós tomamos em sentido literal o que dizia Jean Paul Sartre: "O inferno são os outros". Basta matá-los e está tudo resolvido, basta matar quem não concorda conosco[235].

Agrega de forma grosseira que esta visão dicotômica de mundo é formadora da especificidade da atuação comunista, exatamente porque constitui a linha divisória entre "nós" e "eles" de modo claro, supostamente objetivado seu fim histórico. Em seguida este posicionamento é reafirmado como destino imutável para o campo político. Lembrando que este é um artigo feito sobre um Discurso pronunciado no Clube Militar do Rio de Janeiro, que acaba por inverter as posições de torturados e torturadores:

> Qual era o crime dos militares? Eles eram *a Direita*. Ora, a Direita quer dizer necessariamente o mal, portanto eles eram o mal encarnado. Não interessava saber o que estavam fazendo, por que estavam fazendo, etc. Não era preciso saber nada a respeito deles para odiá-los e condená-los. Era uma espécie de maldade onto1ógica que estava grudada na constituição deles, independentemente do que fizessem ou deixassem de fazer. Se um militar socorresse um doente na rua ele continuaria sendo mau, e se um homem da esquerda maltratasse uma criancinha, ainda assim ele continuaria sendo bom, porque a bondade e a maldade não dependiam dos atos e sim da identidade ideológica. Ora esta metafísica, esta horrenda metafísica maniquéia, ela na verdade é a essência mesma da política. Um dos grandes teóricos da política no século XX foi Carl Schmitt. Ele se perguntou qual a essência da política, o que distingue a política de outras atividades, o que distingue a política da moral, do direito da economia etc. E ele diz o seguinte: quando um conflito entre facções não pode ser arbitrado racionalmente pela análise do conteúdo dos conceitos em jogo e quando portanto o conflito se torna apenas confronto nu e cru de um grupo de amigos contra um grupo de inimigos, isto chama-se — *Política*[236].

Sendo a política irremediavelmente dotada destas características, acusa, citando que "*a politização geral da vida quer dizer que um garoto de quinze, de dezesseis anos, que mal está entrando na vida, que não tem a menor idéia do que se passa neste planeta, já está cooptado, já está inscrito no grupo dos amigos, cuja única finalidade é matar o grupos dos inimigos*", para questionar: "*mas isto é vida? Isto é perspectiva que se ofereça a um jovem: politizá-lo desde o berço, oferecer-lhe o vício da militância política como se fosse a encarnação mais alta da ética e do bem?*", para, por fim, denunciar os suposto autores de tal ato canalha: "*ora, quantas vezes não ouvi intelectuais brasileiros fazendo a apologia da politização, condenando as pessoas que não são politizadas!*"[237]. Obviamente esta é uma pregação deletéria, mas típica para quem advoga que as decisões devem ser tomadas sobre as massas, por uma elite intelectual e política, separada em sua

---

[235]CARVALHO, O. de. *Reparando uma injustiça pessoal*. Discurso pronunciado no Clube Militar do Rio de Janeiro em 31.03.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/reparando.htm, acessado em 04.07.11.
[236]Idem.
[237]Ibidem.

formação cultural e econômica do resto da população. Esta leitura maniqueísta sobre o campo político é tratada de modo distinto em seu livro de 1994, *O Imbecil coletivo 1*, quando cita um artigo da revista comunista *Novos Rumos*, do ano de 1962:

> "Cabe-nos rever uma outra atitude completamente enraizada entre nós, e que evidencia uma verdadeira letargia mental. Trata-se do hábito de raciocinar dentro de esquemas fixos. Este 'método' de raciocínio se limita a apanhar os fatos e a enquadrá-los dentro do esquema pré-determinado. Exemplo é o esquema 'revolucionário x reacionário'. Segundo este esquema, tudo o que temos de fazer é classificar as pessoas, os atos e os fatos em 'revolucionários' ou 'reacionários'. Feito isto, está concluída a 'tarefa'. Como poderemos compreender a realidade, mantendo esta atitude?"[238].

Carvalho, intencionalmente utiliza a citação de uma revista comunista para "demonstrar" como a intelectualidade comunista "evoluiu" do enquadramento da realidade na teoria, de modo automático, para uma construção teórica mais desenvolvida, mais sedutora, visando com isto contaminar de maneira sub-reptícia os aportes teóricos metodológicos de seus inimigos. O cerne do que Carvalho entende como sendo o pensamento marxista não seria capaz de evitar a leitura propositadamente binária em termos utilitários, práticos e imediatos – a revolução tornar-se-ia a necessidade ulterior teleológica para toda a prática humana, substituindo as matrizes mais básicas de qualquer atividade destes. E cita como o "resultado" desta virada estratégica, a leitura dominante sobre arte na Universidade de Colúmbia, EUA:

> O que vemos, porém, na universidade norte-americana, é a redução explícita e programática da arte à propaganda política, coisa que nenhum teórico comunista ousou jamais defender, na medida em que nunca houve incompatibilidade essencial entre marxismo e senso do ridículo [...] Que a nação norte-americana, após ter-se empenhado por mais de meio século na tarefa amarga e necessária de livrar-nos do comunismo, agora distribua ao mundo, a título de cultura acadêmica, um lixo que nem mesmo o embotado olfato soviético poderia suportar, é sinal de que alguma coisa de muito grave ali acontece. A luta vitoriosa contra o comunismo deixou no vencedor algo mais que cicatrizes gloriosas: tendo matado o gigante a dentadas, o herói descobre agora que o falecido era aidético. Alguns dos traços mais repugnantes da velha mentalidade comunista reaparecem ampliados na produção cultural

[238]MIGLIOLI, J. "O papel crítico do intelectual marxista". *Novos Rumos*. nº. 163, abril, 1962. Reproduzido em *O comunismo no Brasil*. Inquérito Policial Militar nº. 709, Rio, Biblioteca do Exército, 1966. p. 230. *apud* CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 53. Do mesmo modo isto é enfatizado na resposta de Carvalho à Roseli Fischman na Folha de São Paulo de 15 de setembro de 1998: "*Ela não discute um só de meus argumentos, não toca aliás nem de longe no assunto do meu artigo. Saltando sobre esses desprezíveis detalhes teóricos, reage a minhas opiniões com um ato político: aponta-me à platéia de pessoas boas e anti-racistas como a personificação do inimigo a ser abominado. Responde a argumentos com uma ordem de combate e transfere a discussão do terreno da 'verdade versus falsidade' para o do 'nós versus eles', amigo versus inimigo. Sendo 'nós' os representantes da tolerância e do anti-racismo, quem quer que seja designado como inimigo está automaticamente identificado como intolerante e racista, sem que seja preciso declará-lo. Mil vezes repetido - por ela mesma ou por solícitos companheiros de militância -, o discurso de D. Roseli acabará por me fazer passar por um racista: a calúnia absurda, de início tão inverossímil que não ousa vir à tona senão como um leve sussurro, terminará por ser proclamada do alto dos telhados como um dogma inquestionável e universalmente admitido, podendo eventualmente servir de prova judicial de si mesma, a título de 'fato notório'* [...] *O parentesco dessa engenharia social com o fascismo é demasiado óbvio, aliás, para ter de ser enfatizado*". CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo* – calamidades intelectuais da semana: cartas e respostas. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/imbecil.htm, acessado em 10.06.11.

> exportada pelos EUA, só que rotulados como inofensivos e próprios para o consumo pelo carimbo da *Food and Drug Administration*[239].

Este tipo de percepção é possível porque para Olavo de Carvalho o anticomunismo assume duas posições distintas e complementares, por vezes tomando a forma de uma ciência, a da contraposição da estratégia marxista, e por outras, a mera rejeição do comunismo. Desta forma, explica-se que não exista nenhuma tentativa de qualificar estes escritos, entre materiais de "formação" e de "propaganda", já que, pela interpretação elitista do MSM, seria a própria capacidade intelectual do indivíduo (seu leitor) encarregada de delimitá-los. Quando trata-se de assumir a segunda forma citada de interpretação do anticomunismo, sua antítese é simplesmente considerada uma inversão da realidade, *óbvia quando compreende-se este como mera ideologia*[240], afirmando um conceito de ciência "purista", indeferida de sua função social, onde a política certamente tem espaço fundante:

> O comunismo é uma "ideologia", isto é, um discurso de autojustificação de um movimento político identificável. O anticomunismo não é uma ideologia de maneira alguma, mas a simples rejeição crítica de uma ideologia por motivos que, em si, não têm de ser ideológicos, embora possam ser absorvidos no corpo de diversas ideologias […] Não é preciso dizer que os conceitos comunistas do "burguês" e do "proletário" são igualmente fantasmagóricos – se bem que envoltos numa embalagem intelectualmente mais elegante. O próprio historiador marxista E. P. Thompson reconheceu que é impossível distinguir um "proletário" por traços econômicos objetivos: é preciso acrescentar informações culturais e até psicológicas – entre as quais, é claro, a própria auto-imagem do sujeito que se sente integrado nas "forças proletárias" pelo ódio à imagem do "burguês" […] É analisando e decompondo esses compactados verbais e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem se incorporar depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: *um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica*[241].

Ao considerar o marxismo como mera ideologia justificadora de uma prática política propositadamente mal delimitada, Olavo de Carvalho intenta justificar a inexistência de conteúdo científico e social para conceitos deste, mas argumentando de maneira plenamente anticientífica, já que não recorre para a realidade, se instrumentalizando em uma leitura concreta desta, o que

[239]CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 55.

[240]"*À guisa de amostra nacional* [segundo ele, da estupidez humana], *aponto a esmo a recém-publicada tese do prof. Rodrigo Patto Sá Motta, "Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho': o Anticomunismo no Brasil 1917-1964". Há muito o que observar nela, tal a profusão dos meios a que o autor recorre para fazer a difamação vitriólica do anticomunismo parecer a coisa mais isenta e científica do mundo. Não sobra espaço para comentar a obra aqui, ficando pois o assunto para um artigo vindouro. Para os curiosos, adianto apenas o seguinte: Patto, sobrenome do autor, escreve-se com dois "tt". Pato, com um "t" só, é o leitor*". CARVALHO, O. de. "Apostando na estupidez humana". *O Globo*. 06.06.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/07062002globo.htm, acessado em 14.04.11.

[241]CARVALHO, O. de. "Ciência e ideologia". *O Globo*. 20.09.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/09202003globo.htm, acessado em 14.04.11.

delimitaria as possibilidades e limites em cada uso. De uma maneira simplória, e buscando apoiar-se na chamada "virada linguística"[242], considera somente a dimensão discursiva destes conceitos para reconhecer seus usos em termos de "cargas simbólicas". Ao cometer este joguete semântico dá-se por satisfeito em seus objetivos de recusa do marxismo como ciência social – ao mesmo tempo em que atira para fora das ciências sociais qualquer categoria ontológica. Esta acusação ultrapassa o marxismo (ou os partidos comunistas), é uma afirmação sobre o caráter irracional que visa dotar como formadora do campo político, *a negação da prática política racional exatamente por quem o pratica*. É a cisão completa entre dois campos sociais, o científico e o político, recusando a dialética existente entre estes, sendo o primeiro considerado criador de "justificativas simbólicas" para o segundo, um apêndice – ainda indicando implicitamente que deva ser considerado posteriormente.

Só que o MSM existe quando a União Soviética não existe mais, e a própria existência do marxismo ou do comunismo (e também do fascismo, anotemos) foi decretada acabada por autores como Francis Fukuyama, sendo que o capitalismo, a democracia parlamentar burguesa, vencedora celebraria então o *fim da história*. Para poder manter uma argumentação "da guerra fria", Carvalho então afirma que:

> O mais notável fenômeno psicológico da última década foi o "upgrade" mundial do discurso comunista, que, por meio da pura alquimia verbal, transmutou o fracasso sangrento de um regime campeão de genocídio em argumento plausível para elevar ao sétimo céu o prestígio e a autoridade moral da causa esquerdista. Foi o maior "non sequitur" de todos os tempos. Para realizá-lo, os meios empregados foram espantosamente simples: Primeiro: declarar o comunismo episódio encerrado, de modo a inibir a tentação de estudá-lo, portanto a aptidão de reconhecê-lo no seu estado presente e a vontade de combatê-lo. Segundo: trocar a palavra "comunismo" por qualquer de seus equivalentes eufemísticos tradicionais ("forças democráticas", etc.), que, na atmosfera de esquecimento geral assim criada, poderiam sem dificuldade passar por novos. Terceiro: continuar imperturbavelmente a usar as mesmas categorias de pensamento e os mesmos meios de ação do marxismo tradicional, com a perfeita segurança de que ninguém na platéia os reconheceria. (Assim, por exemplo, a lei de quotas raciais é simples aplicação de um velho preceito de Stálin, mas quem lê Stálin hoje em dia?). Quarto: instigar a hostilidade muçulmana contra Israel e os EUA, de modo a disfarçar a guerra anticapitalista sob o manto de um conflito entre dois conservadorismos, o islâmico e o judaico-cristão [...] Pronto. Com esses poucos truques, a esquerda consegue fazer hoje a opinião pública aceitar as teses marxistas da luta de classes e da supressão completa da oposição conservadora como sinais de moderação e tolerância democrática. O mundo fica assim dividido em duas categorias de pessoas: as saudáveis, tolerantes e equilibradas, adeptas do comunismo sob qualquer nome que seja, e as radicais, insanas, fanáticas e autoritárias, adeptas de tudo o mais. O lugar das primeiras é na mídia; o das segundas, na cadeia ou no hospício[243].

---

[242]Para uma introdução sobre esta discussão e sua recepção entre os historiadores ver ROIZ, D. da S. "A reconstituição do passado e o texto literário: a resposta dos historiadores à 'virada linguística'". *Diálogos*. nº. 3. Volume 13. Maringá: DEHIS/PPGH UEM, 2009. p. 587-624. Para uma leitura crítica e política desta ver FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 343-413.
[243]CARVALHO, O. de. "Apostando na estupidez humana". *O Globo*. 06.06.02. op. cit.

Esta afirmação indica a necessidade do anticomunismo, da demonização do outro em termos políticos, para a ampliação das relações de dominação de uma classe sob as demais, como elemento "preventivo" a ser incorporado na ofensiva ultraliberal. O anticomunismo cumpre a função de delimitar negativamente tudo o que é sólido e deve ser desmanchado para que o capital aproprie-se de todos os campos possíveis da existência dos homens. É justificado como uma necessidade para a reprodução do estado das coisas (em termos de darwinismo social) frente a possíveis (imaginárias ou não) sublevações das classes subalternas, enquanto sua principal função é a de tornar possível ao capital delimitar e atacar – o que é apropriado das escolas de economia austríaca e de Chicago, por exemplo, nas supostas influências socialistas que os Estados de Bem-estar teriam.

Para eles, a "transfiguração" da esquerda pós-1989 não significa necessariamente a sua real organização e atuação na luta de classes, colocando-se abertamente para a disputa, mas pelo contrário, seria uma etapa de preparação, anterior à fase da disputa aberta, atuando de forma sub-reptícia para alterar as relações de força existentes. Atuação "esclarecida", racional de determinados grupos sociais, comunistas ou não, para alcançar um fim histórico definido: a revolução proletária. Esta é a sua grande questão, atribuir para a esquerda revolucionária uma mudança estratégica: antigamente baseada no leninismo, a guerra de movimento pregava o ataque direto ao Estado, transmutada para o que nomeia "gramscismo", agora baseado na guerra de posições, buscando a ocupação de espaços na sociedade para realizar a mudança moral do homem, e, então, somente aí, tomar o Estado. "*O objetivo primeiro do gramscismo e muito amplo e geral em seu escopo: nada de política, nada de pregação revolucionária, apenas operar um giro de cento e oitenta graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções*", supostamente evitando "*o confronto ideológico direto que só faria excitar prematuramente antagonismos indesejáveis*"[244]. Este ponto é chave para o alcance da obra de Olavo de Carvalho e dos intelectuais do MSM, pois é na suposta mudança estratégica da esquerda que eles irão centrar toda sua atuação.

Ou de modo mais sintético:

> A estratégia de Gramsci virava de cabeça para baixo a fórmula leninista, na qual uma vanguarda organizadíssima e armada tomava o poder pela força, autonomeando-se representante do proletariado e somente depois tratando de persuadir os apatetados proletários de que eles, sem ter disto a menor suspeita, haviam sido os autores da revolução. *A revolução gramsciana está para a revolução leninista assim como a sedução está para o estupro*[245].

Isto traz para o primeiro plano a atuação comunista, ainda que esta represente um grupo

---

[244]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.
[245]Idem. Grifos nossos.

minoritário no campo eleitoral-parlamentar. O inimigo não estaria simplesmente "oculto", mas sustentando tal clandestinidade como ponto nodal de sua atuação, em que, o objetivo maior figura na alteração do modo de ser da humanidade, para uma passagem para o socialismo "automática", sem que fosse percebida pelas consciências individuais. Neste período, entendido por eles, em um sentido conceitual plenamente esvaziado de conteúdo social, seria o de disputa pela "hegemonia", não se excluiria, "*é claro, a hipótese de um comando unificado, mas, para o sucesso da estratégia gramsciana, a unidade de comando, ao menos ostensiva, é bastante dispensável na fase da luta pela hegemonia*"[246]. Esta "estratégia obscura" estaria sendo levada a cabo no Brasil há pelo menos quatro décadas, onde a ditadura civil militar empresarial teria aliviado parcela dos comunistas da repressão, já que teria se negado a combatê-los no campo intelectual:

> O governo militar se ocupou de combater a guerrilha, mas não de combater o comunismo na esfera cultural, social e moral. Havia a famosa teoria da panela de pressão, do general Golbery do Couto e Silva. Ele dizia: "Não podemos tampar todos os buraquinhos e fazer pressão, porque senão ela estoura". A válvula que eles deixaram para a esquerda foram as universidades e o aparato cultural. Na mesma época, uma parte da esquerda foi para a guerrilha, mas a maior parte dela se encaixou no esquema pregado por Antonio Gramsci, que é a revolução cultural, a penetração lenta e gradual em todas as instituições de cultura, mídia etc. Foi a facção que acabou tirando vantagem de tudo isso – até da derrota, porque a derrota lhes deu uma plêiade de mártires […] Acompanhe, por exemplo, as sessões ditas culturais dos principais jornais do país. Você vai ver que, durante 30 anos, não teve uma ideia conservadora lá. O primeiro passo para marginalizar uma corrente de ideias é excluí-la da alta cultura. Você trata aquilo como se fosse uma corrente popular, um bando de caipiras, um bando de fanáticos que não tem respeitabilidade intelectual. O período militar foi a época de maior progresso da indústria editorial de esquerda no Brasil. Nunca se publicou tanto livro de esquerda. Além de ter destacados colunistas de esquerda nos jornais, ainda havia vários semanários importantíssimos de oposição como os tabloides *Movimento*, *Fato Novo*, *O Pasquim*, *Ex*, *Versus*, as revistas *Civilização Brasileira*, *Paz e Terra* e muitas outras. Além disso, praticamente todos os grandes jornais eram dirigidos por homens de esquerda como Luís Garcia, Claudio Abramo, Alberto Dines, Narciso Kalili e Celso Kinjo. Outra coisa importantíssima: todos os sindicatos de jornais do país eram presididos por esquerdistas[247].

A esquerda então relegada a um espaço social "relativamente autônomo" da sociedade, onde "*embora houvessem agentes do governo militar assistindo as aulas dos marxistas nas universidades, estes podiam pregar tudo, desde que não tocassem em assunto de luta armada e reforma agrária*", supostamente se "reinventou estrategicamente". Assim, teria utilizado este espaço que supostamente os propiciou "*toda a liberdade para falar de aborto, divórcio, sexo livre, pois isso não era identificado como marxismo*" para dali atingir toda a sociedade, sendo que esta viragem em direção ao cultural teria como objetivo destruir os "principais sustentáculos da cultura

[246]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.

[247]CASTRO, G. "Olavo de Carvalho: esquerda ocupou vácuo pós-ditadura". Entrevista. *Veja Online*. 03.04.11. Disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuo-pos-ditadura, acessado em 03.04.11.

ocidental", a saber: "*o direito romano, a filosofia grega e a moral judaico-cristã*"[248]. Este movimento seria deste modo o responsável pela cisão entre o marxismo soviético e o ocidental, o último encarregado responsável pelos ataques acima delimitados, tendo em vista a destruição do senso comum, a mudança moral do homem. Segundo Carvalho esta gênese observa-se em Gramsci, que:

> [...] ficou, dizia eu, meditando na cadeia. Mussolini, que o mandara prender, acreditava estar prestando um serviço ao mundo com o silêncio que impunha àquele cérebro que ele julgava temível. Aconteceu que no silêncio do cárcere o referido cérebro não parou de funcionar; apenas começou a germinar idéias que dificilmente lhe teriam ocorrido na agitação das ruas. Homens solitários voltam-se para dentro, tornam-se subjetivistas e profundos. *Gramsci transformou a estratégia comunista, de um grosso amálgama de retórica e força bruta, numa delicada orquestração de influências sutis, penetrante como a Programação Neurolinguística e mais perigosa, a longo prazo, do que toda a artilharia do Exército Vermelho*. Se Lênin foi o teórico do golpe de Estado, ele foi o estrategista da revolução psicológica que deve preceder e aplainar o caminho para o golpe de Estado[249].

Ou de modo mais claro, como o Farol da Democracia Representativa, entidade ligada por laços orgânicos ao MSM, afirma para seus leitores na sessão denominada "sala de leitura" – uma introdução a seus livros e artigos disponíveis para a leitura *online*:

> As tentativas e processos de implantação do comunismo nos diversos países (antes percebidas com clareza, graças à rusticidade do processo) tornaram-se sofisticados: ganharam contornos de ação cultural, psicológica e de comunicação, a ponto de as sociedades flageladas nem mesmo perceberem que estão sendo alvo de um processo revolucionário socialista. De espectador de filmes e documentários, ou de testemunhas da implantação sangrenta do sonho comunista aqui e ali, o cidadão passou a ser protagonista passivo e – pior! – agente de sua própria perda de liberdade e de dignidade. O terreno da luta se deslocou do universo exterior ao homem para um território de difícil identificação: a sua mente. Isso mesmo, caro leitor: o processo de perda da sua liberdade, da sua dignidade e de todos os seus valores morais e patrióticos está acontecendo dentro de sua própria mente. O enfrentamento é mais doloroso e angustiante ainda, quando você, para reconquistar o real sentido de sua vida, se vê desafiado a superar convicções formadas a partir de conceitos pervertidos que lhe foram impostos desde a sua infância e que de alguma forma são hoje os seus referenciais de valores. Em todos os campos de atuação e de saber, o senso comum vem sendo violentamente transformado, num processo acima de tudo dissimulado e insidioso. A sua derrota – acredite caro leitor - serão favas contadas, se não tiver a coragem e o espírito de luta para entender o que está acontecendo, e se posicionar em favor daquilo que precisa defender: a Democracia. Ambiciosa e tentacular, esta "revolução cultural" socialista está em curso, investindo na destruição de valores e comportamentos, numa rede de tolerância que se estende desde a criminalidade urbana até os descalabros dos governantes no uso da máquina pública[250].

---

[248]RICARDO, P. Pe. *Introdução à filosofia – o marxismo cultural!* (extratos de uma palestra). Disponível em http://antiforodesaopaulo.blogspot.com/2009/05/iniciacao-filosofia-o-marxismo-cultural.html, acessado em 10.04.11.

[249]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit. Grifos nossos.

[250]FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Sala de leitura*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura.asp, acessado em 14.04.11.

No Brasil a influência do marxista sardo sobre a esquerda teria sido tão poderosa, que nos dias de hoje, qualquer pessoa que "*deseje reduzir a um quadro coerente o aglomerado caótico de elementos que se agitam na cena brasileira, tem de começar a desenhá-lo tomando como centro um personagem que nunca esteve aqui, do qual a maioria dos brasileiros nunca ouviu falar*", obviamente Antonio Gramsci, que mesmo estando "*morto há mais de meio século* […] *dirige em segredo os acontecimentos nesta parte do mundo*", sendo seu pensamento responsável pela "hegemonia esquerdista" nos campos intelectual e cultural brasileiros:

> Se há um consenso imperante nos meios acadêmicos ao menos brasileiros, é aquele que faz do fundador do Partido Comunista Italiano o mais importante dos pensadores, mais importante, sob certos aspectos, do que o próprio Karl Marx. Esse consenso produziu-se aliás pelos mesmos meios preconizados por Gramsci para a imposição de qualquer outra idéia: primeiro os adeptos da idéia "ocupam os espaços", apropriando-se de todos os meios de divulgação; depois conversam entre si e dizem que as conclusões da conversa expressam o consenso universal. A coisa, dita assim, parece um estelionato grosseiro. Ela é de fato um estelionato – e na invenção desse estelionato consiste toda a pretensa genialidade de Antonio Gramsci –, mas não é nada grosseira: a fabricação do simulacro de debate chega ao requinte de forjar previamente toda uma galeria das oposições admitidas, que são precisamente aquelas cujo confronto levará fatalmente à conclusão desejada. As demais são excluídas como aberrantes, criminosas, sectárias ou não representativas[251].

Para citarmos somente dois exemplos da penetração desta qualificação da intelectualidade brasileira – passível de ser verificado em qualquer revista de grande circulação semanal brasileira – primeiro, citaremos Kátia Abreu, senadora líder da ala ruralista, que na sua saída do Partido Democratas (DEM) para ingressar no Partido Social Democrático (PSD), declarou que:

> O que vemos como urgência - e isso faz parte da reforma das mentalidades na política - é a defesa da liberdade individual, da liberdade de pensamento, liberdade para fazer suas escolhas (Liberalismo = Liberdade). Vemos cada vez mais o país sendo submetido à ação das patrulhas do pensamento, que impõem os dogmas do politicamente correto, criminalizando os que deles divergem. Liberdade de pensamento é o convívio civilizado com as idéias com que não concordamos, mesmo com as que eventualmente abominamos, nos limites da lei. Ser tolerante é tolerar o intolerável. É essa intolerância que ameaça o convívio democrático, empobrece o debate e impede a livre circulação de idéias na sociedade, não permitindo que seja juiz dos que disputam o seu voto. É essa intolerância que estigmatizou os que vêem no socialismo uma doutrina anacrônica, fracassada e ineficaz, associando o pensamento liberal ao totalitarismo fascista, que lhe é antípoda. Socialismo e fascismo, sim, têm algo em comum: o culto ao Estado, que, em ambos os casos, deixa de servidor do cidadão para tornar-se seu dono, intrometendo-se crescentemente em questões inerentes à vida privada e ao arbítrio das famílias. É contra esse estigma ideológico, falso como uma nota de três reais, que combateremos […] A hegemonia do pensamento esquerdista, que a estratégia gramsciana de revolução cultural inoculou na academia, estabeleceu a ditadura do pensamento. Quem hoje se sente à vontade, nas universidades e meios culturais, de

[251] CARVALHO, O. de. "Antonio Gramsci e a teoria do bode". *IEE*. 29.10.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/iee_gramsci.htm, acessado em 14.04.11.

> se apresentar como sendo de direita ou liberal? Será renegado e excluído do debate, como um pária. E isso é trágico. Torna a democracia um engodo, um debate entre iguais, que deriva para uma luta por cargos. Nada mais. É para romper com esse paradigma e permitir que a sociedade brasileira - sobretudo sua classe média -, que se tem mostrado avessa à agenda comportamental do politicamente correto, que o PSD entra em cena[252].

Como segundo exemplo, temos um texto de João Mellão Neto, jornalista e deputado estadual do DEM, reproduzido do jornal *Estado de S. Paulo* no *site* oficial do Exército Brasileiro. Neste ele interroga o motivo de Dilma Roussef durante sua campanha eleitoral ter diversas vezes reafirmado as garantias democráticas fornecidas pelas instituições:

> Que instituições são essas? O Estado? Não apenas ele. O Estado nada mais é do que um reflexo dos costumes, crenças e valores da sociedade. Não é o Estado, mas a sociedade, que cria as instituições. E as modela de acordo com o que pratica e com aquilo em que acredita. Existem, assim, dois tipos de instituições: as formais, que são as igrejas, a escola, o poder público, as leis, as Forças Armadas, a universidade, etc.; e as ditas informais, como os preceitos religiosos, a ética, a moralidade e tudo o mais em que as pessoas acreditam e que norteia o seu comportamento. Mesclando as instituições formais e informais, as pessoas sentem-se à vontade para interagir economicamente […] Por falar nisso, vale ressaltar que nossas esquerdas também têm consciência da importância das instituições, que no dicionário delas são chamadas genericamente de "superestrutura". Antes de alcançar o poder, os petistas e que tais diziam que era necessária uma insurreição popular para que pudesse ser implantado o socialismo. Agora, depois que chegaram lá, trocaram as ideias incendiárias de Ernesto Guevara pelas mais amenas, de Antonio Gramsci. Explicando melhor: os ensinamentos e o exemplo de Che Guevara na década de 1960 passaram a todas as esquerdas latino-americanas a noção de que - existindo ou não "condições objetivas" - a transição para o socialismo deveria ser feita de imediato. E se a sociedade local não estivesse madura para tanto? Não importa. A luta armada obrigaria todas as pessoas a tomar posição e assim se desencadearia a "revolução". Em toda a América Latina, essa incontinência revolucionária levou muita gente à guerrilha e à clandestinidade. A maioria foi torturada e boa parte morreu. Quatro décadas depois, nossas esquerdas descobriram que poderiam chegar ao poder de modo pacífico. Como? Via eleições, dentro das regras democráticas. Guevara foi convenientemente deixado de lado. O novo guru, agora, é o pensador italiano - também marxista - Gramsci. Segundo este, para que a revolução se dê de forma efetiva, antes de tudo é preciso aperfeiçoar o modo de pensar da sociedade. Nos corações e mentes das pessoas, os valores capitalistas têm de ser substituídos pelos socialistas. E para tanto o que deve ser feito pelos militantes da causa? Esta é a parte mais confortável. Devem, tão somente, incrustar-se no ensino, nos círculos acadêmicos e, principalmente, na administração pública, para - ocupando os postos estratégicos - poderem mudar a mentalidade geral. Ou seja, chega de sangue, suor e lágrimas! O certo, agora, é "aparelhar" o Estado e tratar de reformá-lo "por dentro". Foi assim, por meios tortos, que, no Brasil, o pensamento de esquerda incorporou o papel fundamental das instituições. Até por que, enquanto a revolução não vem, o melhor a fazer é refestelar-se, em segurança, nos bons empregos públicos[253].

---

[252]ABREU, K. *Discurso no senado*. 11.04.11. Disponível em http://www.visoesdiversas.com/2011/04/discurso-da-katia-abreu.html, acessado em 13.04.11.

[253]MELLÃO NETO, J. "Enquanto a revolução não vem". *O Estado de S. Paulo*. 31.12.10. Reproduzido em http://www.exercito.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=18107&articleId=304348&version=1.0, acessado em 10.05.11.

Estes dois discursos, sobre questões distintas e veiculados em lugares diferentes nos permitem visualizar a influência que o discurso criado por Olavo de Carvalho e pelo MSM têm sobre os setores conservadores da sociedade. O anticomunismo serve como fio condutor para a penetração ideológica, pois embora estes meios que os reproduzem (Instituto Millenium, o Democratas, a *Veja*, o *Estado de S. Paulo* ou Exército Brasileiro) possam ser qualificados como reacionários e conservadores, não costumam editorialmente assumir discursos fascistas.

Sobre os motivos de se "resgatar" as elucubrações teóricas de Gramsci, Carvalho afirma que foi buscada pelos comunistas nas supostas dificuldades que o Partido Comunista Soviético teve em convencer a população russa após a revolução. O povo russo, teria um caráter "plenamente conservador" (como sempre, consideram a massa mais disposta a obedecer do que rebelar-se), ou seja, em termos últimos reprodutores de uma cultura "antiga" que rejeitava as políticas bolcheviques, e não tendo a "malícia" do marxista sardo, foram obrigados a recorrer para a violência:

> Gramsci estava particularmente impressionado com a violência das guerras que o governo revolucionário da Rússia tivera de empreender para submeter ao comunismo as massas recalcitrantes, apegadas aos valores e praxes de uma velha cultura. A resistência de um povo arraigadamente religioso e conservador a um regime que se afirmava destinado a beneficiá-lo colocou em risco a estabilidade do governo soviético durante quase uma década [...] Para contornar a dificuldade, Gramsci concebeu uma dessas idéias engenhosas, que só ocorrem aos homens de ação quando a impossibilidade de agir os compele a meditações profundas: amestrar o povo para o socialismo *antes* de fazer a revolução. Fazer com que todos pensassem, sentissem e agissem *como* membros de um Estado comunista enquanto ainda vivendo num quadro externo capitalista. Assim, quando viesse o comunismo, as resistências possíveis já estariam neutralizadas de antemão e todo mundo aceitaria o novo regime com a maior naturalidade[254].

O que Gramsci teria feito, segundo esta distorção extrema de sua obra, seria uma inversão estratégica do leninismo, através de "*uma distinção, das mais importantes, entre 'poder' (ou, como ele prefere chamá-lo, 'controle') e 'hegemonia'*". O primeiro seria "*o domínio sobre o aparelho de Estado, sobre a administração, o exército e a polícia*"[255], enquanto a hegemonia supostamente seria:

> […] o domínio psicológico sobre a multidão. A revolução leninista tomava o poder para estabelecer a hegemonia. O gramscismo conquista a hegemonia para ser levado ao poder suavemente, imperceptivelmente. Não é preciso dizer que o poder, fundado numa hegemonia prévia, é poder absoluto e incontestável: domina ao mesmo tempo pela força bruta e pelo consentimento popular — aquela forma profunda e irrevogável de consentimento que se assenta na força do hábito, principalmente dos automatismos mentais adquiridos que uma longa repetição torna inconscientes e coloca fora do alcance da discussão e da crítica. O governo revolucionário leninista

[254]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.
[255]Idem.

> reprime pela violência as idéias adversas. O gramscismo espera chegar ao poder quando já não houver mais idéias adversas no repertório mental do povo[256].

Através desta cisão imaginada pelo MSM, a tomada do poder só viria a ocorrer quando não houvesse mais traços reconhecíveis da cultura antiga (exceto toda a sustentação material desta), pois "*a luta pela hegemonia não se resume apenas ao confronto formal das ideologias, mas penetra num terreno mais profundo, que é o daquilo que Gramsci denomina — dando ao termo uma acepção peculiar — 'senso comum'*". Assim, as mudanças estéticas, da linguagem, das artes e da cultura popular não estariam mais relacionadas com as mudanças históricas e sociais dentro de determinada formação social (e especialmente com a classe dominante nesta), mas seriam então resultado de um esforço de manipulação monstruoso, e ao mesmo tempo quase imperceptível, pelo partido revolucionário. Quase imperceptíveis, pois, operado na "filtragem" que os indivíduos fazem da sua realidade, alterando suas percepções em relação a sua vivência nesta. E sobre o partido revolucionário, Gramsci

> [...] adaptou Maquiavel às demandas da ideologia socialista, coletivizando o "Príncipe". Em lugar do *condottiere* individual que para chegar ao poder utiliza os expedientes mais repugnantes com a consciência tranquila de quem está salvando a pátria, Gramsci coloca uma entidade coletiva: a vanguarda revolucionária. O Partido, em suma, é o novo Príncipe. Como o sangue-frio dos homens fica mais frio na medida em que eles se sentem apoiados por uma coletividade, o Novo Príncipe tem uma consciência ainda mais tranquila que a do antigo. O *condottiere* da Renascença não tinha apoio senão de si mesmo, e nas noites frias do palácio tinha de suportar sozinho os conflitos entre consciência moral e ambição política, encontrando no patriotismo uma solução de compromisso. No Novo Príncipe, a produção de analgésicos da consciência é trabalho de equipe, e nas fileiras de militantes há sempre uma imensa reserva de talentos teóricos que podem ser convocados para produzir justificações do que quer que seja[257].

Aqui os comunistas "escapariam" dos sindicatos e centrais sindicais, organismos da classe trabalhadora, para imiscuir-se através da mídia, da educação, etc. Buscando a transformação da realidade pela recusa na disseminação aberta do marxismo enquanto ciência, tendo como cerne exatamente esta recusa no debate aberto, o que geraria contrariedades desnecessárias. É esta percepção, afirmada como uma nova "estratégia verdadeira" que permite ao MSM atribuir culpabilidade para qualquer ator político ou social, já que escapa dos parâmetros da ação direta por determinados atores políticos, proliferando-se por todo o corpo social, o agredindo como vírus, não mais através de uma apunhalada (seja pela frente ou pelas suas costas, para seguir o mesmo tipo de metáfora que dá ao corpo social sentido de sujeito), atribuindo sentido à qualquer ação política como resultante da atuação comunista. Para tanto, um dos conceitos desenvolvidos por Antonio

---

[256]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.
[257]Idem.

Gramsci tornar-se fundamental para eles: o de intelectual, que também é revestido desta concepção "etapista". "*Os intelectuais no sentido elástico são o verdadeiro exército da revolução gramsciana, incumbido de realizar a primeira e mais decisiva etapa da estratégia*", esta "*a conquista da hegemonia, um processo longo, complexo e sutil de mutações psicológicas graduais e crescentes, que a tomada do poder apenas coroa como uma espécie de orgasmo político*"[258]. Estes intelectuais, arrancados do mundo da produção – de seu sentido conceitual originário –, revolucionários profissionais distribuídos em uma miríade de lugares na sociedade e no Estado, de onde desempenhariam, de modo caricaturado, todas suas atividades visando à revolução, como pode ser visto na citação seguinte:

> Os intelectuais desempenham por isso, na estratégia gramsciana, um papel de relevo. Mas isto não quer dizer que suas idéias sejam importantes em si mesmas, pois, para Gramsci, a única importância de uma idéia reside no reforço que ela dá, ou tira, à marcha da revolução. Gramsci divide os intelectuais em dois tipos: "orgânicos" e "inorgânicos" (ou, como ele prefere chamá-los, "tradicionais"). Estes últimos são uns esquisitões que, baseados em critérios e valores oriundos de outras épocas, e sem uma definida ideologia de classe, emitem idéias que, ignoradas pelas massas, não exercem qualquer influência no processo histórico: acabam indo parar na lata de lixo do esquecimento, a não ser que tenham a esperteza de aderir logo a uma das correntes "orgânicas". Intelectuais orgânicos são aqueles que, com ou sem vinculação formal a movimentos políticos, estão conscientes de sua posição de classe e não gastam uma palavra sequer que não seja para elaborar, esclarecer e defender sua ideologia de classe. Naturalmente, há intelectuais orgânicos "burgueses" e "proletários". Estes são a nata e o cérebro do Novo Príncipe, mas aqueles também têm alguma utilidade para a revolução, pois é através deles que os revolucionários vêm a conhecer a ideologia do inimigo [...] O conceito gramsciano de intelectual funda-se exclusivamente na sociologia das profissões e, por isto, é bem elástico: há lugar nele para os contadores, os meirinhos, os funcionários dos Correios, os locutores esportivos e o pessoal do *show business*. Toda essa gente ajuda a elaborar e difundir a ideologia de classe, e, como elaborar e difundir a ideologia de classe é a única tarefa intelectual que existe, uma *vedette* que sacuda as banhas num espetáculo de protesto pode ser bem mais intelectual do que um filósofo, caso se trate de um "inorgânico" como por exemplo o autor destas linhas[259].

---

[258]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit. Nos é quase irresistível a comparação com outros anticomunistas brasileiros, aqui em relação ao integralista Olbiano de Mello, em texto datado de 1931: "*Dois são os processos usados pelos bolcheviques para a implantação de sua doutrina. Um puramente revolucionário – aquele que explodiu na Rússia em Novembro de 1917, empolgando o poder – é o que, se aproveitando dos abalos sociais por que às vezes passam os povos, assalta à mão armada as posições oficiais e nela se instala, transformando, a geito, os diversos aparelhos administrativos dos Sovietcs. O outro, mil vezes pior, terrivelmente mais perigoso, visto como é sorrateiro e maneiroso, é mentiroso e sem exemplo: é entorpecente administrado aos poucos, lentamente até que empolgue por inteiro as consciências. É o teórico, pregado pelos escritores marxistas. É o que se infiltra com pés de lã nas mais nobres instituições, aquele que transpõe os umbrais dos lares, melhores organizados, através de uma literatura adrede preparada, mascarada em romances e novelas pelos ideólogos do novo credo, aconselhando o desrespeito dos filhos aos pais e vice-versa, erigindo em uma instituição a delação, a traição, o adultério, o incesto, o amor ao prazer e ao luxo. É ainda aquele que se aboleta nas cátedras oficiais dos estabelecimentos de ensino primário, secundário e superior, antepondo às forças morais as materiais, procurando materializar os espíritos das gerações moças que lhes vêem desprevenidas às mãos*". MELLO, O. de. "Comunismo ou fascismo?" Rio de Janeiro: Typografia Terra do Sol, 1931. p. 137-139. *apud* CHAUÍ, M. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira". *In*. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 98-99.

[259]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.

Sem retornar para nossa leitura dos conceitos gramscianos, podemos afirmar que o que o MSM chama de “gramscismo” seria, para além de todas as propositais deturpações, a afirmação da revolução passiva como estratégia positiva para os comunistas, invertendo seu sentido original de uma derrota seguida da ampliação do Estado, e ainda revestindo esta estratégia de um caráter “etapista”. Nesta simulação de estratégia marxista o transformismo se torna a principal tarefa dos intelectuais revolucionários, pois quanto mais bem sucedida for sua “aparência” de alinhamento à ordem pelo partido revolucionário, mais efetiva seria a ocupação de espaços no Estado e na sociedade civil: a guerra de posições visando uma mudança moral do homem. Ela seria pautada pela disseminação viral de novas mediações teleológicas para as atividades dos homens, ou seja, a libertação do homem não ocorreria através de mudanças nas relações sociais de produção, mas sim nas representações (como mediação racional anterior à realização de determinado ato e posteriormente, sobre as consequências e objetivos atingidos por sua realização) que os homens fariam destas. O partido comunista assim abandona o proletariado visando à formação de intelectuais orgânicos (quase no sentido de dependência física do partido que o cria) e no “entrismo” destes nos aparelhos privados de hegemonia. O MSM raramente refere-se ao proletário, pois buscam associar o comunismo com a atuação de somente um grupo de lideranças, a vanguarda como sósia de uma elite. O transformismo é tido como atuação transformista, como construção de personas duplas por parte de todo um grupo político objetivando um fim histórico determinado idealmente.

Para fins de ilustração desta guerra de posições, o General do Exército Carlos Alberto Pinto Silva, ex-comandante de Operações Terrestres (COTer), do Comando Militar do Sul, do Comando Militar do Oeste, e Membro da Academia Brasileira de Defesa, baseado no livro de Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, oferece um sumário de como o “gramscismo” estaria atuando no Brasil (não encontramos relação do General com o MSM, mas ele exemplifica como esta proposição constituiu-se como “idéia-força”):

TABELA 24: Mapa da atuação do “gramscismo” segundo Sérgio Augusto de Avellar Coutinho:

Trincheiras	Idéia-Força	Temas explorados
Judiciário	- Instrumento de Opressão; - Parcialidade; - Ineficiência; - Improbidade.	- Favorecimento dos ricos; - Privilégio dos burgueses; - Impunidade dos ricos e dos colarinhos brancos; - Lentidão funcional; - Corrupção e privilégios dos magistrados.
Congresso	- Ineficiência; - Improbidade; - Parasitismo.	- Privilégio; - Ociosidade; - Escândalos; - Barganhas; - Falta de espírito público.
Executivo	- Ineficiência; - Autoritarismo; - Improbidade.	- Conduta autoritária; - Abuso de autoridade; - Corrupção; - Escândalos.
Partido político	- Falta de representatividade; - Legenda de aluguel; - Ambição pessoal; - Fascismo.	- Fisiologismo; - Falta de programa; - Corrupção; - Verbas de campanha; - Escândalos.
Forças armadas	- Ineficiência; - Desnecessidade; - Ônus para o país; - Fascismo.	- Destinação; - Acidentes de trabalho; - Escândalos; - Golpismo e ditadura; - Tortura.
Aparelho policial	- Ineficiência; - Truculência; - Improbidade.	- Reforma e extinção da Polícia Militar; - Escândalos; - Violência; - Corrupção.
Igreja católica	- Anacronismo da moral cristã; - Opressão moral e intelectual; - Aliança com o poder.	- Celibato clerical; - Escândalos sexuais; - Inflexibilidade doutrinária (homossexuais, aborto, controle de nascimento, indissociabilidade do matrimônio); - Inquisição; - Papel político-histórico; - Devoções populares e culto de leigos (fora das Igrejas).
Capitalismo	- Divisão de classes e exploração do proletariado urbano e camponês; - Imperialismo; - Má divisão de renda.	- Greves e protestos; - Domínio econômico; - Ambição e abuso; - Injustiça social; - Neoliberalismo; - Globalização; - Desemprego.

FONTE: SILVA, C. A. P. *Entendendo aspectos da conjuntura brasileira atual “Brasil e a revolução no Ocidente”*. Extratos do livro “A revolução gramscista no Ocidente. A concepção revolucionária de Antônio Gramsci em os Cadernos do cárcere” de Sérgio Augusto de Avellar Coutinho. Rio de Janeiro: Estandarte, 2002. Disponível em http://ultradireita.wordpress.com/2010/07/28/entendendo-aspectos-da-conjuntura-brasileira-atual-%e2%80%9cbrasil-e-a-revolucao-no-ocidente%e2%80%9d/, acessado em 06.06.11.

A atuação comunista, para ser funcional neste esquematismo teórico, não poderia estar *completamente desorganizada, exatamente porque esta impressão de desorganização é a suposta chave-mestra da estratégia*. Ela teria de reportar-se a um organismo maior, sendo este o partido nacional revolucionário, que não se apresentaria como tal, dada a necessidade de dissimular suas

intenções para poder disseminar-se por todo o corpo social, além de coordenar a atuação nacional com a perspectiva internacionalista. No caso brasileiro o partido revolucionário é identificado com o Partido dos Trabalhadores, que, como já assinalamos, de um nascimento combativo passa a integrar a ordem, capacitando-se como agente competente para a gestão do capitalismo brasileiro quando alcança a presidência com Lula. Esta mudança é para o MSM a grande jogada da estratégia, pois ao revestir-se dos interesses da classe dominante, tornando-se "inofensivo" (a imagem maior desta brandura seria a divulgada pelo PT na campanha de 2002, do Lula "*light*"), o partido supera a tática leninista para atuar de maneira plena através do "gramscismo":

> Estávamos conversando sobre a política nacional, quando surgiu o nome do ex-Presidente Molusco, do Sr. Lula, e da stalinista búlgara Stella, ou Dilma Rousseff. Eu fiquei perplexo com a conclusão do meu amigo jornalista: ele achava que o PT tinha se tornado um partido de direita! Tal resposta deixou-me intrigado. E aí ele finalizou: achava que o PT era de direita porque modificou toda sua política anterior. Negociava com banqueiros, cooptava empresários e ainda era tão ou mais corrupto quanto os governantes anteriores, além de aceitar a estrutura democrático-parlamentar. Se meu amigo fosse marxista, Lênin diria que ele sofre do problema do "*esquerdismo*", a doença infantil do comunismo[260].

Precisamente no momento do "transformismo" petista, para eles, a guerra cultural da esquerda teria adquirido uma nova forma ofensiva, que ficaria evidente na "gestão" do Estado sobre os caracteres morais da população brasileira. "*A normalidade do sistema deve estar acima das preferências partidárias, mas a esquerda se colocou acima do sistema, engoliu o Estado e o transformou em instrumento do partido. Note que nem mesmo os militares fizeram isso*", sendo que na ditadura, supostamente, "*no Parlamento, na mídia e nas cátedras universitárias havia mais esquerdistas naquele tempo do que direitistas hoje. Os milicos foram autoritários, mas não totalitários. Hoje estamos caminhando para o totalitarismo perfeito e indolor*"[261]. A tomada do poder, deste modo, só aguardaria uma crise social, que colocaria a massa já doutrinada ao lado dos marxistas:

> *A "esquerda moderada" é um inimigo ainda mais perigoso dos conservadores do que poderiam sê-lo os próprios comunistas de carteirinha, os quais sem ela não teriam poder nenhum.* Entre liberais e conservadores, no Brasil e no resto do mundo, só uns poucos têm uma noção clara de quem é seu inimigo e de como enfrentá-lo. A maioria luta apenas contra uma esquerda idealizada, um *trompe l'oeil* fabricado pela própria esquerda para ser consumido por seus adversários como uma droga estupefaciente, paralisante e incapacitante. O modelo do artifício é copiado de algo que já existiu historicamente: uma esquerda humanitária, democrática, anticomunista, só separada da direita pela diferente concepção dos meios, mais estatistas do que capitalistas, a ser usados para realizar valores que no fundo eram os

---

[260]BRUNO, L. *Questões de coerência*. 03.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11898-questoes-de-coerencia.html, acessado em 13.04.11.

[261]LEÃO, S. R. "O PT já nasceu corrompido". Entrevista com Olavo de Carvalho. *Jornal de Brasília*. 31.01.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/10772-qo-pt-ja-nasceu-corrompidoq.html, acessado em 14.04.11.

> mesmos de parte a parte – liberdade, direitos humanos e uma vida decente para todos […] Na América Latina, a encarnação mesma da "esquerda moderada", o Partido dos Trabalhadores, é discretamente o coordenador do Foro de São Paulo, isto é, o estrategista máximo da violência revolucionária no continente. Em suma, a esquerda democrática, civilizada, concorrente leal dos conservadores, já não existe mais como força política independente. Financiando e acobertando movimentos terroristas e subversivos por toda parte, e impondo sob outros nomes as mesmas políticas que seriam rejeitadas pela população se apresentadas com o rótulo de comunistas, a "esquerda moderada" é um inimigo ainda mais perigoso dos conservadores do que poderiam sê-lo os próprios comunistas de carteirinha, os quais sem ela não teriam poder nenhum[262].

Como citado, o organismo internacionalista, a coordenação estratégica gramsciana em nivel internacional estaria a cabo do Foro de São Paulo, entidade supranacional formada pelo PT em 1990 e presidida por Lula até 2002. Para o MSM ele agruparia as mais variadas tendências e facções de esquerda latino-americanas, "*mais de uma centena de partidos legais e várias organizações criminosas ligadas ao narcotráfico e à indústria dos seqüestros, como as FARC e o MIR chileno*"[263] além da Organização dos Estados Americanos (OEA) e *think tanks* estadunidenses com o único propósito de resguardar e coordenar o comunismo na América Latina. Segundo Carvalho:

> 1) Conforme afirmei desde o início, e contra todo o exército de achismos e desconversas, o Foro de São Paulo existe e é a coordenação estratégica do movimento comunista na América Latina […] 2) Ao longo de seus dezessete anos e meio de atividade, não se observa nas atas de suas assembléias e grupos de trabalho a menor divergência, muito menos conflito sério, entre as centenas de facções de esquerda que o compõem. Todas as declarações finais foram assinadas pela unanimidade dos participantes […] Nenhuma das queixas e recriminações vociferadas pelos antipetistas de esquerda na mídia que eles mesmos chamam de direitista e burguesa foi jamais levada às discussões internas do Foro, o que prova que a esquerda latino-americana permanece unida por baixo de suas divergências de superfície, por mais que estas impressionem a platéia ingênua. 3) As ações do Foro prolongam-se muito além daquilo que consta das atas. Segundo confissão explícita do sr. presidente da República, os encontros da entidade são ocasião de conversações secretas que resultam em decisões estratégicas de grande alcance, como, por exemplo, a articulação internacional que consolidou o poder de Hugo Chávez na Venezuela […] Estas decisões e sua implementação prática subentendem uma unidade estratégica e tática ainda mais efetiva do que aquela que transparece nas atas. 4) Segundo as Farc, a criação desse mecanismo coordenador salvou da extinção o movimento comunista latino-americano e foi diretamente responsável pela ascensão dos partidos de esquerda ao poder em várias nações do continente […] 5) As declarações de solidariedade mútua firmadas no Foro de São Paulo entre partidos legais e organizações criminosas (ver por exemplo X Foro de São Paulo, "Resolução de Condenação ao Plano Colômbia e de Apoio ao Povo Colombiano") não ficaram no papel, mas traduziram-se em ações políticas em que as entidades legais eram instantaneamente mobilizadas para proteger e libertar os agentes das Farc e do Mir presos pelas autoridades locais[264].

---

[262]CARVALHO, O. de. *A esquerda inventada*. 06.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/174-a-esquerda-inventada.html, acessado em 14.04.11. Grifos nossos.

[263]CARVALHO, O. de. "A maior trama criminosa de todos os tempos". *Digesto Econômico*. Setembro/dezembro 2007. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/0709digestoeconomico.html, acessado em 14.04.11.

[264]CARVALHO, O. de. "Digitais do Foro de São Paulo". *Diário do Comércio*. 2801.08. Disponível em

Obviamente aqui não nos cabe defender o PT, plenamente incorporado na ordem e representante competente do projeto ultraliberal, cuja direção é praticamente alheia a sua base social e mesmo partidária; ou o Foro de São Paulo, um agrupamento heterogêneo de partidos e forças de esquerdas que reivindicam a via eleitoral como caminho revolucionário (ou estão tentando se integrar a esta), numa espécie de ressurreição do "espírito" da Segunda Internacional, em que se isentam de uma coordenação política efetiva.

Por fim, cabe-nos sublinhar novamente que o anticomunismo assumido como postura política não se resume a um partido ou linha política, mas atinge a esquerda como um todo. A denúncia das práticas "comunistas" tem como objetivo descreditar a ação das lideranças populares e entidades classistas historicamente constituídas, frear as classes de reconhecerem-se enquanto tais, generalizar os resultados de qualquer ação imediata comunista como caminho mecânico para a "ditadura do proletariado" (em aspas dada a quantidade de significados atribuídos a esta, o mais comum como sinônimo de "totalitarismo"), e em última instância, desacreditar o próprio campo político, visando sua restrição ou extinção. Assim, o MSM apresenta-se como o agente competente para a denúncia, caça e repressão aberta dos comunistas, não somente justificando as perseguições sofridas pelos movimentos contra hegemônicos do passado e do presente – o assassinato, a tortura, o expurgo sistemático de toda tentativa de avanço democrático no século XX no Brasil – como vai além, *afirmando que só o que foi feito não foi suficiente*. Não nos enganemos, a proposta maior do MSM é a exclusão completa do comunismo, da existência real dos comunistas e de todo seu "espectro". Não advogam simplesmente um Estado autoritário, mas desenvolto em sua plenitude terrorista.

8.2. A história entre a revolução e a reação:

Neste trecho da dissertação iremos continuar a investigação dos pressupostos ideológicos que o MSM reivindica, apresentando criticamente como entendem suas funções políticas e sociais, seu lugar na história – explicitada através de sua interpretação histórica que, como adiantamos no título, baseia-se em uma leitura binária dos movimentos e transformações históricas: entre revolucionários e contrarrevolucionários. Deste modo as formulações aqui abordadas "para além" do anticomunismo não são no sentido que o superam, mas que o utilizam como base para constituir toda sua leitura ideológica. Estas discussões estão presentes no processo de formação de seus quadros e militantes, ainda que a organização de seus grupos ativistas não seja explicito no MSM

---

http://www.olavodecarvalho.org/semana/080128dc.html, acessado em 13.04.11.

(como nos partidos formais, onde estes são qualificados através de “manuais” e treinamentos), uma vez que a formação de seu leitor como militante e mesmo sua passagem para “quadro” derivaria da capacidade, disciplina e esforços próprios em se auto educar através dos marcos ideológicos oferecidos.

Desta maneira, compreender a formação do quadro participativo do MSM não reside na análise de escritos restritos. A capacidade de entendê-los é uma das tarefas incumbidas aos seus militantes potenciais (tal como criatividade na propaganda e/ou “novas” interpretações ideológicas, geralmente a reprodução do cerne ideológico desenvolvido pelo Estado maior sob algum campo específico da realidade). Obviamente aqui a questão da hierarquia torna-se explícita, através da obediência ideológica definida como “retidão” e coerência intelectual diante do inimigo: o MSM o tempo todo busca que seus leitores e militantes entrem em confronto com qualquer indivíduo discordante de suas posições, o que funcionaria de maneira dupla: estratégia de propaganda e processo de formação para o leitor militante. Abrindo um parêntese, lembremos que foi Olavo de Carvalho o responsável pela reedição comentada e ampliada de *Como vencer um debate sem precisar ter razão* de Arthur Schopenhauer pela editora Topbooks em 1997[265], onde o filósofo alemão discorre sobre 38 estratagemas genéricos[266] para sair-se vitorioso de qualquer querela que não inclua a violência física (desconsiderando o amplo uso desta obra para argumentação jurídica, onde a violência estatal alça *status* de justiça[267]).

O protagonismo da militância é uma das estratégias centrais no processo de formação de um membro ativo, ligado ideologicamente às proposições do MSM. Como Klauber Pires escreve, em artigo publicado em sua coluna no Instituto Millenium, acabar com as influências da esquerda “*somente pode ser conseguido mediante a incorporação de um senso de militância, onde cada pessoa deve agir como a protagonista*”[268]. O MSM atua como organismo responsável pela formação de ideologia, sendo seus militantes-leitores encarregados por estarem “*divulgando às outras os conceitos de uma sociedade livre e estimulando-as a se unirem em torno da diminuição*

[265]TOPBOOKS. *Apresentação* “*Como vencer um debate sem precisar ter razão*”. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frApres_ComoVencer.htm, acessado em 24.12.11.

[266]A saber: Ampliação indevida; Homonímia sutil; Mudança de modo; Pré-silogismos; Uso intencional de premissas falsas; Petição de princípio oculta; Perguntas em desordem; Encolerizar o adversário; Perguntas em ordem alterada; Pista falsa; Salto indutivo; Manipulação semântica; Alternativa forçada; Falsa proclamação de vitória; Anulação do paradoxo; Várias modalidades do argumentum ad hominem; Distinção de emergência; Uso intencional da mutatio controversiæ; Fuga do específico para o geral; Uso da premissa falsa previamente aceita pelo adversário; Preferir o argumento sofístico; Falsa alegação de petitio principii; Impelir o adversário ao exagero; Falsa reductio ad absurdum; Falsa instância; Retorsio argumenti; Provocar a raiva; Argumento ad auditores; Desvio; Argumentum ad verecundiam; Incompetência irônica; Rótulo odioso; Negação da teoria na prática; Resposta ao meneio de esquiva; Persuasão pela vontade; Discurso incompreensível; Tomar a prova pela tese; Último estratagema. SCHOPENHAUER, A. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 7-10.

[267]Sobre direito, leis e justiça ver THOMPSON, E. P. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

[268]PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. Disponível em http://www.imil.org.br/artigos/o-antipolitico/, acessado em 14.04.11.

dos impostos, da máquina pública e das leis que limitem as liberdades individuais"[269], em um processo ativo. Neste mesmo artigo, encontramos uma citação de um colaborador pertencente ao *Ludwig Von Mises Institute*, Hans-Hermann Hoppe (que tem a peculiaridade de ser monarquista, e é mais conhecido por suas declarações homofóbicas que propriamente por sua obra):

> Para trazermos o estatismo e o socialismo ao fim, nem mais nem menos deve ser feito que uma mudança na opinião pública que iria levar as pessoas a não mais usarem as saídas institucionais para participação política de desejo de poder, mas, ao contrário fazê-las suprimir qualquer desejo dessa natureza e tornar esta própria arma organizacional do estado contra ele e empurrá-lo incondicionalmente a um fim à tributação e regulação dos proprietários naturais onde e quando haja uma chance de influenciar a política[270].

Este ataque ao campo político burguês constituído extrapola em muito a mera caracterização como "liberais" e mesmo de um mero caráter "conservador", explicitando a defesa de um Estado de cunho fascista. Como intitulam-se <u>*liberais conservadores*</u>, cabe-nos distinguir estas características autoatribuídas, começando pela sua interpretação do liberalismo. No liberalismo advogado pelo MSM, a propriedade privada figura como garantia para a liberdade do homem civilizado, sendo o traço que distingue a humanidade do estado de selvageria. Apoiam sua conceituação em cinco "valores" fundamentais, "*de forma absolutamente diferente do que estabelece a Constituição brasileira de 1988*"[271], segundo o Farol da Democracia Representativa:

> 1. Do valor jurídico: a primeira forma de obtenção da propriedade privada é a "apropriação original". Por este conceito, um indivíduo declara ser dono sobre um dado recurso natural jamais antes pertencente a outro indivíduo. O conceito de propriedade emerge sempre que pensamos em raridade dos recursos, e é por si mesmo, a medida solucionadora de disputas entre dois seres humanos. Mesmo o próprio local no qual um ser humano põe os pés sugere a necessidade de um critério pacífico de resolução de conflitos, dado que duas pessoas não têm como ocupar o mesmo lugar no espaço. Da apropriação original, surgem diversos destinos que uma pessoa pode dar ao seu bem: a troca, a doação, o empréstimo, gratuito ou oneroso, ou outras formas mais complexas de relacionamento com outros humanos, todas pacíficas e porque voluntárias, também mutuamente benéficas. 2. Do valor filosófico: do conceito de propriedade privada surge a garantia de liberdade de um ser humano. A primeira propriedade de uma pessoa é o seu próprio corpo. Um ser humano tem um elo lógico, naturalmente aceitável por qualquer um, para declarar seu corpo como sendo sua propriedade: é ele quem o ocupa, que o forma e que o mantém; qualquer outro critério que alguém alegue para declarar a sua propriedade sobre o corpo de outrem, digamos por exemplo, o fato de ser mais forte, ou mais claro, ou de ter sido encarregado de uma missão divina, é destituído de qualquer vínculo natural e lógico, mas antes, baseado em conceitos puramente arbitrários por ele mesmo estabelecidos. 3. Do valor moral: a liberdade, que é o fruto garantido pelo direito de propriedade, não tem um valor finalístico próprio, mas é ela mesma

---

[269]PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. op. cit.
[270]HOPPE, H-H. "Uma teoria sobre o socialismo e o capitalismo". p. 100-101. *apud* PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. op. cit.
[271]FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Economia e livre iniciativa*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura_detalhe.asp?id_tema=24, acessado em 13.04.11.

> incondicionalmente ligada à procura da felicidade. Dado que não há, absolutamente, nenhum critério pelo qual um ser humano possa ditar a outro como ser feliz, a busca da felicidade, objetivamente considerada, deve envolver somente o juízo de cada indivíduo, e do que ele estabelece para si mesmo como sendo o alvo de suas aspirações. Quando alguém – um indivíduo, ou um grupo de indivíduos unidos por uma convenção, digamos, o Estado - começa a ditar restrições ao direito de propriedade, ou mais sutilmente, sobre as variações de uso da propriedade, por exemplo, sobre o modo como as trocas podem ser feitas, inexoravelmente inicia um processo de derrogação da liberdade e portanto, da felicidade humana individual. 4. Do valor econômico: Já vimos até aqui que, com a propriedade privada, surge a possibilidade de os seres humanos efetuarem trocas. Estas trocas, quando realizadas pacifica e voluntariamente, atendem ex-ante aos anseios dos seus protagonistas e permitem, com o uso de um meio de troca, ou seja, da moeda, uma avaliação cada vez mais apurada e precisa dos valores que uma dada população atribui a cada bem, dado que os indivíduos, com o objetivo de incrementarem suas condições de vida, tendem a balancear as relações de custo X benefício[272].

Trata-se de uma apropriação extrapolada das mesmas conceituações tratadas pelos clássicos liberais, especialmente John Locke e Thomas Hobbes. As doutrinas destes teriam desenvolvido acertadamente "*um corpo científico em Economia, inovador e, a meu ver, definitivo, para explicar a lei da escassez, o processo de produção e distribuição de riquezas e - o mais valioso de tudo - determinar o exato papel do Estado no processo de produção das riquezas*", além de haver cultivado "*a liberdade, a política assim como a individual, abrindo uma nova dimensão para o ser humano, sem igual na História. Essas grandes conquistas foram uma aquisição permanente para a humanidade*"[273]. Mas ao mesmo tempo, estas doutrinas teriam levado "*ao desenvolvimento da variação jacobina do liberalismo, as doutrinas historicistas que se fundaram sobretudo em Rousseau, mas não podem negar sua gênese em Locke*"[274]. Sobre o que, Nivaldo Cordeiro afirma ter chego a

> […] raiz do problema, que é dupla: de um lado, a doutrina do jusnaturalimo, que propõe uma nova antropologia filosófica, assumindo saber o que é a natureza humana e, a partir daí, propondo a tese do contrato social e a doutrina dos direitos fundamentais, que são os mal afamados *direitos humanos*. Essa suposta natureza humana seria moldável e aperfeiçoável, a grande ilusão dos revolucionários desde então. Não é possível estudar o assunto sem concluir que os direitos humanos de segunda e terceira geração têm a sua raiz teórica em Hobbes […] Do outro lado temos a questão dos *valores*, sejam eles de origem religiosa, sejam as virtudes filosóficas. A exacerbação do individualismo e de sua liberdade anárquica leva à degeneração dessa aquisição preciosa da tradição, descambando para o relativismo moral e para o niilismo. O liberalismo vinculou-se indelevelmente a esse aspecto deletério da modernidade e está na raiz da crise totalitária do século XX. No século XIX o apogeu do liberalismo clássico só foi possível de ser conquistado porque a inércia dos valores cristãos impediu o regresso civilizacional verificado no século

[272]FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Economia e livre iniciativa*. op. cit.
[273]CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10838-liberalismo-e-conservadorismo.html, acessado em 03.03.11.
[274]Idem.

subseqüente, tanto na Europa como nos EUA e em toda parte[275].

Carvalho, em entrevista a Jeffrey Nyquist, afirma a mesma lógica para os processos do presente, para a história vivida:

> "*Um dos fatores que causou esta mudança, com suas consequências altamente corrosivas para a vida diária dos americanos, foi o "neo-liberalismo" em voga, que via o mundo dos negócios como um poder auto-regulatório, capaz de se sobrepor à moralidade, à religião e à cultura e de ditar padrões de conduta com base no poder supostamente milagroso das leis do mercado. O que tornou os EUA grandes não foi só a economia de livre mercado, mas uma síntese disso com a moralidade cristã e com uma cultura que incluía o amor ao país e à família. Separada dessas forças regulatórias, a economia capitalista se torna um motor de auto-destruição, que é exatamente o que está acontecendo hoje*." Sem dúvida, há muita verdade na afirmação de que a sociedade americana tradicional sofreu colapso, sendo substituída pela "sociedade aberta", assim batizada por George Soros e Karl Popper, a sociedade aberta se define como "*não reconhecendo nenhum valor transcendente e deixando tudo à mercê de conveniências econômicas - conveniências que se alegam até para se justificar a própria demolição do mercado livre e sua substituição pelo estado de bem-estar social, baseado em taxação e dívida.*" Carvalho está dizendo que o livre mercado não torna os homens bons. Ele não os treina para serem morais. Ele não se dá ao trabalho de se defender do socialismo. Esses elementos na sociedade que no passado instilavam valores morais não são mais tão eficazes, se é que têm alguma eficácia[276].

Assim a moral (em sentido civilizacional) e o econômico convergiriam para a manutenção da sociedade, mas não de modo dialético, já que seria possível observar sua suposta cisão – a primazia do econômico como imperativo moral na sociedade capitalista. Cisão a quem pode ser atribuída culpabilidade (as origens revolucionárias do liberalismo e a atuação consciente da esquerda mundial). Aqui vemos o primeiro descolamento que o MSM se propõe a protagonizar: ao identificar o "neoliberalismo" em voga com um processo de "liberdade anárquica", situa a denúncia intelectual de um suposto "comunismo" generalizante como uma tarefa moral, a ser empreendida por seus pares, como uma contraposição necessária a um processo histórico existente, que, para garantir a reprodução econômica do capitalismo, *fim da história*, atribuiu sua gestão política a gerentes de outras classes que não a burguesa, o que traria mudanças decisivas na relação de forças (sendo o perigo dado que, para eles, toda experiência comunista *realmente existente* não passou de uma modalidade desastrosa de gestão política deste mesmo capitalismo). No caso brasileiro, este movimento teria culminado na vitória presidencial do Partido dos Trabalhadores, implicando que outras classes sociais poderiam ser consideradas competentes para a gestão do Estado capitalista, o que é considerado uma vitória crucial na guerra de posições, já que o acesso ao aparelho de Estado permite a concretização uma série de demandas sociais, não necessariamente econômicas, mas que

---

[275]CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. op. cit.

[276]NYQUIST, J. *Aviso de um filósofo*. Entrevista com Olavo de Carvalho. 27.02.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11885-aviso-de-um-filosofo.html, acessado em 01.03.11. Grifos nossos.

alterariam o senso moral de determinada formação social – modificando, portanto, o quadro geral das relações de força. Marcus Boeira, discutindo a ascensão do fascismo na Alemanha, alega que:

> A tarefa das instituições políticas é, em qualquer cultura de ordem, adaptar-se a essa mesma cultura de maneira a representar não a vontade dos governantes ou mesmo a vontade/interesses do povo, senão os símbolos autenticamente significativos da ordem dessa mesma cultura, isto é, representações da verdadeira existência dessas sociedades, manifestas pelo consentimento da comunidade política (Voegelin, Eric. *The authoritarian state: an essay on the problem of the Austrian State*). Em teoria política, chamamos tal consentimento de aceitação por parte de todos com relação aos valores que referem aspectos existenciais comuns entre todos, valores significativos do ser humano enquanto homem pertencendo a uma cultura. Ser um homem dentro de uma cultura é ter uma existência cujos aspectos são decerto manifestações ativas e passivas em uma dialética entre o espírito, a alma e o corpo. Tal dialética existencial é a reprodução mesma da vida do homem e, por sua vez, da sociedade [...] Não há sociedade e, assim, não há homem sem cultura, pois esta é a primeira concepção de ordem presente tanto externa quanto internamente no homem. Externa porque a vida em sociedade só é ordenada por fatores culturais que produzem nas instituições políticas um amplo respeito e admiração pelos valores que acabam por fazerem dessas mesmas instituições entes que servem a sociedade e que, assim, são naturalmente limitadas em seu agir político. Internamente, porque reflete na alma do homem um agir em conformidade com esses mesmos valores, que participam na formação do caráter atribuindo à constituição da personalidade uma ordem indispensável para a integridade do homem, bem como seus juízos constitutivos acerca da vida e do significado da existência. A cultura, nesse aspecto antropológico, aparece como ordem[277].

Então, sendo função maior do Estado a garantia da ordem, e, reconhecendo que a passagem "da propriedade para a felicidade" não ocorre de modo automático, quando (e inevitavelmente, como assinalado) os políticos liberais e democratas são imiscuídos de valores pluralistas, estes deixariam de refletir a ordem cultural (o consentimento) de determinado povo. Ou ainda, compreendendo que os responsáveis por esta hegemonia são os intelectuais, isto os permite fazer uma leitura elitista da própria cultura, já que o terreno da disputa é entre esta elite, não entre a "massa irracional". Assim a pluralidade (a negação da falsa unidade, por eles afirmada verdadeira e também conservadora) só teria como fim fazer avançar a disputa de classes e grupos sociais, correspondendo, necessariamente, a um avanço para os grupos minoritários (que nesta interpretação, só poderia ser uma derrota para os grupos dominantes, não podendo corresponder a uma mudança histórica), em direção à crise aberta. Obviamente, esta é uma interpretação grosseira e brutal do convencimento das classes subalternas, mas é constituída buscando enfatizar a necessidade da coerção aberta e generalizada contra os grupos "revolucionários", dissidentes, já que estes supostamente seriam os únicos com condições de sobressair em uma crise de hegemonia:

> Olhando a história política desde meados do século XIX dei-me conta da paulatina

[277]BOEIRA, M. *Porque Weirmar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11378-por-que-weimar-cedeu-ao-totalitarismo.html, acessado em 01.04.11.

> derrota dos liberais dentro do poder de Estado, em toda parte, inclusive e sobretudo nos EUA. A causa dessa derrota é que liberais e socialistas têm o mesmo paradigma filosófico originário, os primeiro fazendo um discurso racional e os segundos um discurso que chamei "do coração", emocionando as massas. A cada direito humano conquistado, a cada eleição realizada o campo liberal perdeu forças para os socialistas. O resultado foi também duplo: a implantação do totalitarismo e do Estado de bem estar social, sua variação homeopática, que venceu em toda parte. [...] *Os liberais, por apelarem para a razão e por defenderem valores assemelhados com os socialistas, não têm como fazer reverter o quadro dentro da normalidade democrática. Os conservadores podem fazer isso. Há um anseio das massas por uma ordem justa e por valores compatíveis com a tradição*. Há um anseio por um Estado que não ameace a vida prática, que não tome o cidadão por mera mônada indefesa, à disposição dos burocratas, esses engenheiros sociais portadores de total insensibilidade […] Chegou o tempo dos conservadores irem à praça pública e passar sua mensagem, retomar a tradição, reconstruir o Estado que tem sido deformado em todas as dimensões, sobretudo na dimensão jurídica, pelos sucessivos governos socialistas. [278].

Ou seja, o ultraliberalismo assumido pelo MSM é truncado, conciliando discursivamente a concordância com alguns pontos dos clássicos, relativas à mínima interferência do Estado e do livre exercício do mercado, com a rejeição dos seus aspectos morais. Para tanto recorrem a Eric Voegelin, que entende o liberalismo como fruto do "*movimento interno da modernidade depois da ruptura com o cristianismo e a filosofia clássica. Desde então haverá uma sucessão de revoluções, contra-revoluções, restauração e conservadorismo, todos elementos do drama moderno oriundos da ruptura original*"[279]. Segundo Cordeiro, Voegelin divisa o liberalismo em quatro ângulos:

> […] o político, o econômico, o religioso e o científico. Há uma tendência a se olhar a doutrina liberal apenas sob a ótica dos dois primeiros. O liberalismo político logrou grande parte da sua aceitação e legitimidade porque a luta contra os abusos do poder absolutista carregava em si um elemento óbvio de justiça, propondo a separação de poderes e a limitação do tamanho do Estado. *Da mesma forma, o liberalismo econômico, que demonstrou cientificamente a superioridade da ordem fundada no Estado mínimo e nas livres trocas, com o mínimo ou a total ausência de regulação*. O aspecto religioso do liberalismo, que inicialmente se identificou com a Reforma e, posteriormente, com o materialismo ateu, é a sua ponte mais ostensiva com os movimentos coletivistas revolucionários da mesma natureza. Por isso que os liberais estão na linha de frente em questões como o aborto, gayzismo, a eutanásia, a liberação das drogas e a livre sexualidade (e a destruição do casamento monogâmico tradicional, sua conseqüência inevitável). Talvez por isso que nos EUA, "liberal" equivale a esquerdista, pois aqui não há que se fazer distinção: ambos comungam da rebelião contra Deus. A adoção das doutrinas epicurista e estóica (utilitarismo e centralidade imanentista no ego como um substituto de Deus) é elemento que torna o liberalismo e o marxismo, por exemplo, uma única e mesma realidade política doutrinal[280].

Este seria o próprio ideário liberal clássico "*essencialmente revolucionário, mas toda*

---

[278]CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. op. cit. Grifos nossos.
[279]CORDEIRO, N. *Liberalismo e revolução*. 15.03.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10903-liberalismo-e-revolucao.html, acessado em 01.12.10.
[280]Idem.

revolução gera o seu contrário e o próprio liberalismo acabou por ser ele mesmo a variante que precisa controlar a anarquia revolucionária, estabilizando-a"[281], este aspecto uma característica intrínseca da doutrina, ela necessariamente contém um elemento a ser fortemente combatido, o que os permite "assemelhar" projetos históricos tão distintos como o marxista e o liberal (mesmo que o primeiro possa ser considerado contenção do segundo, este só existe em função do primeiro) nos mesmos termos de fim histórico, o que nos remete para a discussão sobre o maniqueísmo exigido pelo anticomunismo feita no tópico anterior. Segundo Olavo de Carvalho, "*o liberalismo, no sentido em que uso o termo, acredita que a liberdade é um princípio fundante da política, mas a liberdade é apenas uma regra formal*", que quando tratada como "*condição de princípio, resulta no esvaziamento relativista de todos os valores, fomentando a mutação revolucionária e a extinção da própria liberdade*"[282].

Esta apreensão marca sua peculiaridade política em relação aos liberais "tradicionais", pois mesmo retoricamente partilhando com a luta pelo avanço do desmonte do Estado e da intervenção deste no mercado, eles utilizam justificativas civilizacionais, morais, para desta base constiuírem seus elementos ideológicos de cunho fascista. Não trata-se de uma "evolução normal" de uma direita "extremada", mas da configuração de um projeto fascista nas bases econômicas exigidas pelo capitalismo em sua historicidade. Tanto que, no movimento da modernidade assinalam sua expressão máxima com o marxismo, doutrina que teria como mote o assassinato de deus, a inspiração maior para os totalitarismos, já que, supostamente partiria de uma concepção acabada de história – portanto de um projeto acabado de sociedade, destinado a forçar a realidade à utopia:

> A essencialidade (*Wesenhaftigkeit*) do homem na natureza torna a busca de uma essência além da natureza como inessencialidade (*Unwesentlichkeit*) do ser alienante divino. Deixará de ser preciso o ateísmo como negação de Deus enquanto condição de posicionamento da existência do homem. O socialismo é a auto-consciência positiva da realidade humana sem a mediação da negação religiosa. (*Manuscritos 1844*, 3, pp.125 e ss.) O comunismo é uma contra-ideia que visa ultrapassar um estado histórico; não é uma reforma institucional; é uma mudança na natureza do homem. O comunismo em bruto (*roher Kommunismus)* pretende a propriedade privada geral e o nivelamento social. É movido pela inveja e é uma manifestação de selvageria, *Niedertracht*, na comunização dos bens e das mulheres. O socialismo ou verdadeiro comunismo, *wahre Kommunismus, Sozialismus*, é o regresso do homem a si mesmo como ser social. É um naturalismo humanístico com a solução do conflito entre o homem e a natureza[283].

Ao retirar-se do indivíduo a capacidade de mediar a realidade sensível com um plano transcendental, metafísico e a-histórico, lugar de que seria proveniente a moral, os valores, as

---

[281]CORDEIRO, N. *Liberalismo e revolução*. 15.03.10. op. cit.
[282]GARSCHAGEN, B. *"Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante"*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/0801entrevista.html, acessado em 10.04.11.
[283]VOEGELIN, E. *Karl Marx (1818-1883)*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/mendo2_2.htm, acessado em 11.03.11.

normas civilizacionais, garantias de uma vivência humana *possível*, estaria cumprida a grande missão do marxismo e dos marxistas. Estes resumiriam o homem em uma dimensão única, social, que é por ele compreendida como funcionalista:

> Na raiz da ideia marxiana está uma doença espiritual, a revolta gnóstica de quem se fecha à realidade transcendente. A incapacidade espiritual aliada à vontade mundana de poder provoca o misticismo revolucionário [...] A tendência para estreitar o campo da experiência humana à área da razão utilitária e pragmática; a tentação de a tornar a preocupação exclusiva do homem; a tentação de a tornar socialmente preponderante por pressão económica e por violência, fazem parte de um processo cultural que visa operar a substância humana através de uma vontade planeadora pragmática. Mas o sonho de criar o super-homem que sucederá à criatura divina, a ideia do indivíduo total que se apropria das faculdades do sistema industrial, para a sua auto-actividade, são empiricamente irrealizáveis. A mudança da natureza humana através da experiência da revolução é um estéril misticismo intramundano[284].

Como visto, o entendimento "funcionalista" dos diferentes projetos históricos e sociais surgidos na modernidade o permitem configurações metafísicas absolutamente distorcidas sobre estes projetos, pois sejamos justos com o próprio funcionalismo, o que o MSM e seus intelectuais cometem ideologicamente é uma somatória abstrata de assemelhações, que exatamente por esta só ser possível no terreno do abstracionismo mais idealista, julga todas as operações dos mais distintos projetos sociais como sendo da mesma ordem. É a inadequação completa de qualquer dialética entre a abstração e a realidade social, e mesmo entre os mais distintos níveis de abstração possíveis de serem entendidos na produção do conhecimento. E exatamente esta justificativa "transcendental" que os permite compreender ideologicamente um elemento fortemente liberal, no sentido que só o capitalismo de livre mercado pode prover ao homem o *máximo possível de sua liberdade*, e ao mesmo tempo o elemento dominante estritamente reacionário, combativo e distintivo dos liberais "puros", dado sua necessidade de combater a molécula revolucionária contida no liberalismo clássico – o que só seria possível através do imperativo categórico metafísico das normas sociais. "*Agostinho estava convencido de que nada na história acontecia sem o conhecimento e sem a aprovação de Deus. O mal, nessa perspectiva, deriva da perversidade do homem, que abusa da dádiva do livre arbítrio. E também carrega consigo a mancha do pecado original*", que configuraria esta "tese" como "*a verdadeira antropologia cristã e quer me parecer que é a expressão da verdade enquanto tal*"[285]. Este entendimento alegadamente errôneo é o que os permitem "enxergar" no Leviatã, no Estado moderno todas estas supostas implicações sociais e culturais, já que gestor da formação (ou deformação) moral do homem – que nos dias de hoje negaria este papel de conciliação cultural, contrapondo-o à religião, à família –, forçando os homens

---

[284]VOEGELIN, E. *Karl Marx (1818-1883)*. op. cit.
[285]CORDEIRO, N. *A questão do mal natural*. 20.01.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11777-a-questao-do-mal-natural.html, acessado em 03.01.11.

a reduzir e deformar suas características naturais, cujas formas mais extremas ocorreriam sob o totalitarismo:

> O que Voltaire fez foi supor, como de resto todos os Iluministas, que o homem nasce "bom" e a sociedade é que o desencaminha. Vão além dessa tese, ao dizer que o homem pode ser aperfeiçoado moralmente, desde que direcionado para isso pela via do Estado. Daí a fé de que o sistema jurídico estatal pode criar o homem perfeito neste mundo. Desde então o esforço nessa direção tem sido total. Não deixa de ser irônico que o Jardim da Infância na estrutura escolar - o Kindengarten - tenha sido uma criação nazista mundialmente copiada, no suposto de que, tirando a criança da família biológica ainda cedo e entregando-a ao Estado, se estaria construindo um mundo melhor. Não demorou para que os criadores dessa monstruosidade inaugurarem os fornos crematórios. Enfim, o mal natural é um dado da existência que só prova a fragilidade do homem e a única coisa sábia a fazer é aceitar os ensinamentos da tradição[286].

Isto significa que o MSM compreende o Estado em seu sentido integral para assim o negar, entendendo claramente a necessidade de um Estado forte para a gestão econômica liberal, mas focando no mesmo sentido que Gramsci viu a taylorização, da atuação civilizacional sobre os homens, assim justificando sua atuação neste campo. O combate contra este Estado se faz possível em especial pela força de pressão sobre o campo jurídico, o que na maior parte dos casos ocorre de modo reativo. Segundo Gramsci:

> A formulação do movimento do livre-câmbio baseia-se num erro teórico cuja prática não é difícil identificar, ou seja, baseia-se na distinção entre sociedade política e sociedade civil, que de distinção metodológica é transformada e apresentada como distinção orgânica. Assim, afirma-se que a atividade econômica é própria da sociedade civil e que o Estado não deve intervir em sua regulamentação. Mas, dado que sociedade civil e Estado se identificam na realidade dos fatos, deve-se estabelecer que também o liberismo é uma "regulamentação" de caráter estatal, introduzida e mantida pela via legislativa e coercitiva: é um fato de vontade consciente dos próprios fins, e não a expressão espontânea, automática, do fato econômico. Portanto, o liberismo é um programa político, destinado a modificar, quando triunfa, os dirigentes de um Estado e o programa econômico do próprio Estado[287].

Isto é consoante com sua atuação política como guerra cultural, pois mesmo concordando com o projeto econômico ultraliberal, alinhando-se assim as proposições da classe dominantes, diretamente dependentes do capital-imperialismo, o fazem também para ser possível ir além, já que compreendem que as transformações morais advêm do mesmo Estado, que teria de garantir a ordem social, apenas possível, na concepção do MSM, com um Estado que admita plenamente suas funções como combatente da "desordem". Este tipo de proposições ainda que os aproxime da burguesia nacional, ao mesmo tempo impede que seu projeto seja assumido por todas suas frações. Novamente, que advogar um projeto político que almeje como horizonte a derrubada dos dirigentes

[286]CORDEIRO, N. *A questão do mal natural*. 20.01.11. op. cit.
[287]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 47.

atuais do Estado não o faz ser um fim em si, *mas constituí a sua base para atuação política*. Sua justificativa assume um caráter totalizante do Estado, pois a sociedade política teria supostamente sido infectada pelo liberalismo e pelo comunismo, conivente com a ascensão de uma série de símbolos culturais "artificiais" advindos da permissão da existência de uma elite intelectual "revolucionária" na sociedade civil – existência elitista, pois contrária à "índole" do povo brasileiro, que naturalmente ansearia pela busca da ordem:

> Porém, quando as instituições estatais não se vinculam mais aos símbolos representativos dessa ordem cultural, a saber, aos nexos de consentimento da comunidade política, o primeiro passo certo seria uma reforma profunda no seio dessas mesmas instituições. No entanto, quando as instituições permanecem as mesmas, sobretudo quando o coração dessas instituições é neutro, vazio e sem sentido cultural, como o que aconteceu com Estado administrativo germânico nos anos 30, a saída não pode ser outra senão a criação artificial de novos símbolos representativos da ordem. Artificiais porque os símbolos não mais seriam manifestações do consentimento da sociedade, mas representações criadas pelos homens que exerciam poder político para manter seus cargos e usarem dos mesmos para realização de um projeto messiânico escatológico. O totalitarismo, assim, foi entrando em uma cultura cega, pueril, em uma sociedade sem condições existenciais de avaliar a ordem e a desordem reinante. Os responsáveis pela maturação do Estado total foram criadores de símbolos artificiais em uma cultura de desordem espiritual. Daí o sucesso desses homens! A desconexão entre a realidade política (símbolos artificiais) e os símbolos anteriores (símbolos naturais, frutos do consentimento) provocou uma dissociação entre os valores autênticos da cultura e a própria realidade existencial, tornando as instituições passivas diante do quadro instaurado[288].

Fica claro, que é tendo como perspectiva a crise de hegemonia que estes intelectuais atuam, mesmo que a significando em termos "culturais", enfatizando a existência de descompasso entre o Estado e os símbolos da ordem. Desta maneira defendem que o Estado teria sido relegado ao "*mundo dos negócios como um poder auto-regulatório, capaz de se sobrepor à moralidade, à religião e à cultura e de ditar padrões de conduta com base no poder supostamente milagroso das leis do mercado*", sendo que separada das idéias-força que incutiam e assim reproduziria a ordem cultural, a "*moralidade cristã e com uma cultura que incluía o amor ao país e à família*", já que o livre mercado, a atuação das grandes corporações e seus *think tanks*, por si mesma "*não torna os homens bons. Ele não os treina para serem morais. Ele não se dá ao trabalho de se defender do socialismo. Esses elementos na sociedade que no passado instilavam valores morais não são mais tão eficazes, se é que têm alguma eficácia*"[289]. Portanto, o estado em crise deve ser combatido para a manutenção do mesmo. Para compreendermos a função que a crise tem como elemento operativo em um discurso ideológico, retornamos para Chauí, que entende que, quando os conflitos internos de uma sociedade são representados como impossíveis de serem "*controlados surge uma idéia-chave, panacéia de todos os males, uma explicação irrecusável daquilo que 'efetivamente' estaria*

[288]BOEIRA, M. *Porque Weirmar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. op.cit.
[289]NYQUIST, J. *Aviso de um filósofo*. Entrevista com Olavo de Carvalho. 27.02.11. op. cit.

ocorrendo no real”, esta: “*a imagem da crise*”[290].

Esta crise gerada na realidade social e enfatizada pelo discurso, “*é imaginada como um movimento de irracionalidade que invade a racionalidade, gera desordem e caos e precisa ser conjurada para que a racionalidade (anterior ou outra, nova) seja restaurada*”, assim servindo “*para opor uma ordem ideal a uma desordem empírica, na qual a norma ou a lei são contrariadas pelo acontecimento, de sorte que a 'conjuntura' põe em risco a 'estrutura'*”, mas sempre pressupondo um “*dever-ser contrariado pelo acontecer, mas que poderá ser restaurado justamente porque é um dever-ser*”[291]. A clara identificação acerca do elemento metafísico, capaz de adquirir e formular lógica ao discurso, ao mesmo tempo nos provém do elemento irracional, da necessidade reacionária da busca pelo direito natural do homem, só podendo mensurar este através da mediação transcendental. “*Quando a verdade se torna óbvia demais e as mentes obstinadas continuam a negá-la sem que se possa acusá-las de ocultação interesseira, então estamos diante daquele fenômeno que Eric Voegelin chamava 'estupidez criminosa'*”, que constitui “*o abuso intolerável do direito à imbecilidade*”[292]. Sobre suas funções para o discurso contrarrevolucionário Chauí anota dois sentidos complementares:

> [...] por um lado serve de explicação (saber) para a emergência do irracional no coração da racionalidade (isto é, serve para ocultar a crise verdadeira), por outro lado, mobiliza os agentes sociais acenando-lhes o risco da perda da identidade, suscitando-lhes o medo da desagregação social, isto é, da revolução e oferece-lhes a oportunidade de restaurar uma ordem não crítica graças à ação de alguns salvadores da ordem ameaçada (eis porque a crise, no discurso contra-revolucionário, é posta como crise de autoridade) […] A crise é usada para fazer com que surja diante dos agentes sociais o sentimento de um perigo que ameaça igualmente a todos, dá-lhes sentimento de uma comunidade de interesses e de destino e leva-os a aceitar a bandeira da salvação da sociedade supostamente homogênea. Nesta medida, a imagem da crise pode funcionar como mola propulsora de um discurso e de uma prática contra-revolucionários porque visa a impedir que as classes sejam assumidas como tais[293].

Retornamos para Boeira, na sua análise sobre a República de Weimar, onde entende que o Estado optou por não partilhar desta disputa cultural, assim conscientemente abdicando o papel de gestor principal dos símbolos da ordem:

> Ainda assim, é importante que se diga que no início dos anos 30 as instituições administrativas, como instituições estatais que eram, não estavam mais representando a existência e o consentimento da comunidade na prestação "devida" dos serviços, mas eram instituições burocráticas cujo único caráter era o de servir

[290] CHAUÍ, M. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. *In*. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. op. cit. p. 127.
[291] Idem. op. cit. p. 127-128.
[292] CARVALHO, O. de. “Estupidez criminosa”. *Diário do Comércio,* 26.02.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070226dc.htm, acessado em 10.02.11.
[293] CHAUÍ, M. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. *In*. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. op. cit. p. 129.

> não mais ao público, mas ao poder. Assim, o crescimento do Estado administrativo no final dos anos 20 levou à falência de uma representação legítima das instituições burocráticas com relação à comunidade política. A idéia de consentimento não servia mais como a base para a legitimação racional legal e o projeto idealizado por Weber não mais se fazia representar. A maior ênfase na finalidade política e não burocrática levou a administração e, assim, o Estado a desconsiderar a substância do poder (consentimento da comunidade), levando a ausência de conexão entre o arranjo de instituições e o *consensus* político-social. Essa ausência provocou uma distância entre o Poder, o Direito e a Administração de um lado, e a sociedade alemã, inserta em um ambiente cultural maciçamente coletivista e materialista, de outro. E, se o direito, que é a base do poder e da administração em um Estado de Direito estão distantes do consentimento social, ele fica a mercê daqueles que exercem esses mesmos cargos em órgãos estatais. Resultado: *a situação caótica de uma democracia sem ordem fez com que o primeiro antidemocrata que subisse ao poder implementasse seu "Estado Ideal" goela a baixo da sociedade alemã*. O *Rechtsstaat* foi substituído por um Estado Totalitário, cuja ideologia era encarada como "verdade absoluta" da história. Seu líder: um messias revolucionário, que apareceria como salvador de uma Alemanha devastada, não por fora, mas por dentro, vez que o lado espiritual da cultura alemã havia desaparecido com o romantismo e com o coletivismo historicista[294].

Esta argumentacão permite ao MSM compreender o totalitarismo em formulações plenamente ultraliberais, partindo exatamente da leitura totalizante do Estado capitalista e suas funções gestoras das formas de exploração nos limites nacionais, já discutida. A questão para eles torna-se problemática pela ampliação deste, entre as formas de gestão da coerção e do convencimento: qualquer abertura no aparato de Estado para as reivindicações das classes não proprietárias assim como para grupos sociais que em seu modo de vida divirjam das proposições idealistas chauvinistas concebidas entre povo e Nação (com predominância clara do primeiro sobre o segundo, o formando e normatizando). Qualquer expressão da luta de classes dentro dos aparelhos de Estados é considerada elemento danoso à passagem da liberdade para a felicidade. Assim é possível, para eles, considerar todas as ampliações dos Estados capitalistas (que associam com a "sociedade aberta" tal qual formulada por Karl Popper) relacionadas com a comunização da sociedade, permissivas com caráter revolucionário da etapa histórica que vivemos e que em última instancia (seguindo a mesma lógica que já discutimos em relação ao anticomunismo) só poderia levar ao mesmo fim social: o totalitarismo burocrático. O Estado somente deveria fazer-se palanque para a classe dominante, prioritariamente coercitivo, autoritário e chauvinista. A ampliação dos Estados capitalistas durante o século XX, em seu aumento considerável relativo tanto aos crescimento da necessidade de funcionários, cujos encargos burocráticos giram em torno da gestão das formas de dominação, de exploração, da expropriação, somente ofuscariam a necessidade da ênfase nos "símbolos da ordem", da coerção estatal sobre todas as classes subalternas assim como os "desviantes", estes sendo de qualquer origem social.

As ascensões dos regimes totalitários só poderiam estar relacionados com as crises que as

---

[294]BOEIRA, M. *Porque Weirmar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. op.cit.

doutrinas da modernidade (como elemento base para uma interpretação cultural unidimensional e com um forte elemento irracionalista das crises sociais do capitalismo) obrigatóriamente fazem aflorar, sendo que como elemento "preventivo", só poderiam então ser contidas, combatidas em nome da reação, da disputa pela ordem, do direito natural dos homens, considerado "*religiosa e filosoficamente transcendental*". A disputa desvincula-se do campo social para mistificar-se em uma necessidade "*que a ordem temporal seja o reflexo da ordem da alma. Esse é o verdadeiro tema de nosso tempo*"[295]. Tema este que figura como domínio alegadamente exclusivo do MSM e dos intelectuais que reivindica. A citação seguinte é um pouco longa, mas é crucial para compreender a relação entre a direita e a reação, ou seja, expõe "historicamente" o traço distintivo que o MSM busca afirmar para si:

> Independentemente e acima das definições mutáveis que os grupos políticos dão a si mesmos e a seus adversários, existe a realidade histórica que o estudioso pode apreender desse mesmo conjunto de mutações tal como aparece num período de tempo suficientemente longo. Historicamente – não ideologicamente – "esquerda" é o movimento revolucionário mundial, "direita" é a reestabilização periódica da sociedade segundo o arranjo possível entre os valores tradicionais da civilização judaico-cristã e o estado de coisas criado pelas expansões e retrações do movimento revolucionário a cada etapa do processo histórico. Nesse sentido – e só nele –, sou, com toda a evidência, um direitista. Também nesse sentido é corretíssima a denominação que os esquerdistas deram à direita em geral: "reação" […] O movimento revolucionário como um todo é uma tradição de pleno direito, com unidade e continuidade conscientes, refletidas não só nos incessantes reexames históricos a que seus líderes e mentores se entregam com mal disfarçada volúpia, mas na história dos grupos, correntes e organizações militantes, notáveis pela sua estabilidade e permanência ao longo dos tempos. A "reação" não tem nenhuma unidade em escala mundial [...] Uma "internacional direitista" é quase inconcebível, e é de certo modo inevitável que seja assim. A ação revolucionária é global de nascença, seu campo de ação é o mundo inteiro. As reações não poderiam ser senão locais e esporádicas, conforme a multiplicidade casual dos valores – patrióticos, religiosos, morais, sociais e econômicos – que pareçam mais diretamente ameaçados pelo movimento revolucionário em cada lugar e ocasião. Voltando-se contra aspectos determinados e parciais da revolução, as reações vivem num perpétuo desencontro do qual só poderão sair quando enxergarem a unidade do inimigo e entrarem num acordo de combatê-lo como um todo, não por pedaços isolados. Uma dificuldade que se opõe a isso é que, como as dissidências internas do movimento revolucionário se rotulam mutuamente de reacionárias, com freqüência algumas delas passam como verdadeiramente direitistas perante a população mal informada e até perante a liderança reacionária, que assim acaba dividida por efeito da infiltração e das intrigas. Outra dificuldade é que, tomadas isoladamente, nem todas as propostas do movimento revolucionário são más ou destrutivas. Ao contrário, muitas delas não são senão valores tradicionais usurpados, adulterados e colocados a serviço do plano revolucionário de conjunto[296].

Para Carvalho, somente se pode compreender o real papel, tanto das direitas quanto das esquerdas na história, através da procura entre as "*diferenças estruturais de percepção da realidade,*

[295]CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. op. cit.
[296]CARVALHO, O. de. "Estupidez criminosa". *Diário do Comércio*. op. cit.

das quais os sucessivos discursos historicamente registrados como de direita e esquerda pudessem se desenvolver com toda a sua variedade interna alucinante, sem prejuízo das estruturas básicas", sendo que para ele, este resultado só teria chegado a resultados práticos, quando teria substituído "*os termos 'esquerda' e 'direita' pelos de 'revolução' e 'reação'. Daí para diante, foi ficando cada vez mais evidente para mim a unidade histórica do movimento revolucionário*", possibilitando-o compreender como "*muitos movimentos tidos popularmente como 'de direita' operavam, de fato, na clave revolucionária e não reacionária*". Estes "*acabavam jogando lenha na fogueira da revolução, e trabalhando, portanto, contra seus próprios ideais declarados*". Desta conclusão extraiu sua profissão de fé, a necessidade de "*captar e descrever a unidade do movimento revolucionário*", de apresentar "*a verdadeira natureza do seu inimigo permanente. É desfazer uma infinidade de confusões catastróficas, que determinaram, ao longo do tempo, outras tantas políticas suicidas*"[297].

Esta interpretação do processo histórico, entendido como resultado da disputa entre grupos sociais antagônicos, e irreconciliáveis ideologicamente (propositadamente não há nenhuma indicação sobre a questão em termos sociais), apresentaria a arena de combate para o conservador, que entendendo que a este cabe a manutenção do existente e a negação do futuro histórico prometido pelos outros, já que, por seu caráter "irrealizável", só levaria a terríveis consequências. "*Tomar a sua própria ideologia como culminação e objetivo final da História e depois redesenhar a sucessão dos tempos passados para forçá-la a confirmar esse preconceito*", seria um vício advindo dos "*pensadores modernos, que acabou por penetrar fundo na alma dos povos e consolidar-se como um dogma da religião civil em quase todos os países do mundo*". Isto se verificaria nos repetição levada a cabo nos "*debates populares os partidários das correntes mais díspares apelam aos lugares-comuns do 'avanço' e do 'retrocesso', do 'progresso' e do 'atraso', não só para comparar sua imagem de si próprios com a de seus adversários*", sendo que "*se tornou natural e improblemático imaginar a totalidade do movimento histórico como uma linha unidirecional com trajeto uniforme e objetivo predeterminado*"[298]. Em entrevista, Carvalho explicita esta questão:

> Se o oposto de revolução é "reação" ou "conservadorismo", um reacionarismo ou conservadorismo consciente não atacará o movimento revolucionário apenas na superfície dos seus ideais proclamados ou da sua conduta política ostensiva, mas na base mesma, que é a inversão revolucionária da consciência e das consciências. Como todo movimento revolucionário se arroga o papel de representante do futuro, ele só responde perante o tribunal do futuro, mas como esse futuro, por definição, é móvel, o seu autonomeado representante no presente não tem jamais de responder perante ninguém. A mentalidade revolucionária é, na base, a reivindicação de uma autoridade ilimitada, de um poder divino. As pretensões explícitas de tal ou qual

[297]GARSCHAGEN, B. *"Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante"*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. op. cit.
[298]CARVALHO, O. de. "Estupidez criminosa". *Diário do Comércio*. 26.02.07. op. cit.

> líder revolucionário podem até parecer modestas e sensatas na formulação verbal que ele lhes dê no momento, mas no fundo delas está sempre essa reivindicação, essa exigência implícita. Os movimentos revolucionários não criaram as grandes ditaduras genocidas do século XX por um desvio dos seus belos ideais ou por um acidente histórico qualquer. *Eles as criaram por necessidade intrínseca da própria dialética revolucionária, que sempre terminará em totalitarismo sangrento, seja por um caminho, seja por outro caminho aparentemente inverso. É nesse ponto, precisamente, que a mentalidade revolucionária tem de ser atacada de maneira implacável e incansável: ela é demência megalômana na sua essência mesma. Ela nunca pode produzir nada de bom. Ela é a mentira existencial mais vasta e profunda que já infectou a alma humana desde o início dos tempos. Ela é crime e maldade desde a sua raiz mesma – e é essa raiz que tem de ser cortada, não as ramificações mais aparentes apenas*. A boa notícia é que o movimento revolucionário não é uma constante na história humana. Ele apareceu numa dada civilização e num dado momento do tempo. Ele teve um começo e terá um fim. Apressar esse fim é o dever de todos os homens de bem[299].

Neste artigo aparece novamente o caráter fascistizante da prática política do MSM, que em momento nenhum esconde sua apregoada função enquanto formadores de uma nova intelectualidade capaz de gestar o Estado e a sociedade, atuando exatamente como escolas de vida estatal. "*Na esquerda, os intelectuais têm uma função orgânica, são os formuladores de estratégias gerais que os políticos seguem com uma constância admirável. Já a direita quer intelectuais apenas como propagandistas de idéias prontas*", que teriam como "*agravante de que aquelas idéias não são nem idéias, são apenas os preconceitos, ilusões e regras de bom-tom da classe economicamente privilegiada, cuja máxima aspiração é amolecer o coração da esquerda, na vã esperança de que, bem afagada, ela a deixará em paz*"[300]. Então assumindo-se como parte de um contra movimento maior que si (a necessidade histórica de sua função), ostenta-se a exata perspectiva já equacionada em relação à liberdade: *sua atuação política também é condicionada ao possível*. Isto significa que não apresentando o MSM como partido formal (o que segundo Carvalho custaria muito dinheiro) e, ao mesmo tempo, não assumindo o papel típico de "salvador" de determinada conjuntura social (o que por sinal dotam ainda de irracionalismo intrínseco, mas sempre enfatizando sua eficácia) para atuar dentro do possibilismo, o que supostamente impediria acusar esta prática política como fascista.

Isto é observado dentro do próprio possibilismo como uma posição estratégica, já que a conjuntura não permite avançar neste sentido – mensurado mais em termos de aceitação entre a burguesia do que do ponto de vista da disputa entre classes, pois nota-se a aproximação clara entre as direitas reacionárias, inclusive seu armamento, ao mesmo tempo que só nos resta constatar a desmobilização sistemática da maioria das organizações historicamente constituídas pela classe trabalhadora (vide-se o caso das Centrais Sindicais nacionais, fenômeno de alcance global). Para o

---

[299]GARSCHAGEN, B. *"Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante"*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. op. cit. Grifos nossos.
[300]CARVALHO, O. de. *Quem avisa amigo é*. 02.03.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10858-quem-avisa-amigo-e.html, acessado em 13.11.10.

MSM, as tarefas para o combate do movimento revolucionário iniciariam pela pressão para o avanço das reformas ultraliberais, a "modernização" das economias nacionais, mas ao mesmo tempo enfatizando a necessidade de *trazer à tona os símbolos da ordem*, perspectiva deixada de lado pelo que chamam de neoliberais globalistas, convictos da hegemonia de seu projeto histórico – que não supre as revoltas e rebeliões, mas tiram de seu plano imediato a possibilidade revolucionária, contanto em última instância, com o poder coercitivo do capital-imperialismo e seu maior representante, os Estados Unidos, como visto nos levantes árabes. Para o MSM trata-se de resolver nacionalmente, no interior de cada formação social as convulsões e rebeliões sociais geradas pela contradição capital-trabalho, investindo como solução para as crises o Estado de exceção, capaz de aniquilar "cirurgicamente" os intelectuais capazes de atuar para que estas rebeliões se politizem, tanto que o exemplo que sempre reivindicam é o da ditadura civil militar empresarial brasileira, que teria tido uma capacidade estratégica de contenção dos elementos subversivos muito mais eficiente, e que teria errado somente ao não ser levada a suas últimas conseqüências, graças à teoria da panela de pressão de Golbery.

Quando indagado sobre as características que diferenciaria os direitistas conservadores dos alinhados aos revolucionários, dos perigos de não existir uma contraposição consequente ao movimento revolucionário, Carvalho respondeu que:

> O principal e mais desastroso reflexo é que o próprio impulso conservador, um dos mais básicos e mais saudáveis da humanidade, acaba por não ter meios próprios de expressão e por copiar as estratégias e táticas revolucionárias, infectando-se da mentalidade que desejaria combater. Só para dar um exemplo, quando você rejeita alguma proposta revolucionária, logo lhe perguntam: "Mas o que você propõe em lugar disso?" Aí o conservador começa a inventar hipotéticas soluções conservadoras para todos os problemas humanos, e perde a autoridade da prudência, passando a discursar na clave psicótica das "propostas de sociedade". *Ser conservador é não ter nenhuma proposta de sociedade, é aceitar que a própria sociedade presente vá encontrando pouco a pouco a solução para cada um dos seus males* [...] Ser um conservador é saber que os limites da capacidade humana não desaparecerão só porque Lênin mandou ou porque Trotski disse que no socialismo cada varredor de rua será um novo Leonardo da Vinci**[301]**.

Mas no caso do Brasil, segundo o MSM, por sua característica formação histórica, sempre visou a conciliação entre as elites, de modo a perpetuar o grupo dominante, nosso "conservadorismo" acabou por ter características específicas e negativas, derivadas de nosso "iberismo"[302] – a maneira tonitruante da direita "explicar" o desenvolvimento nacional através da

[301]GARSCHAGEN, B. *"Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante"*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. op. cit. Grifos nossos.

[302]"*O anseio da unidade divina, nostalgia da coincidentia oppositorum, já havia sido notado por Hermann Keyserling como uma das constantes da alma portuguesa. Mas os portugueses nunca acreditaram que a paz entre o lobo e o cordeiro pudesse ser realizada neste mundo. Nunca confundiram a esperança apocalíptica com a fé em promessas autocontraditórias de políticos espertalhões*". CARVALHO, O. de. "Um clássico e um paralelo". *O Globo*. 07.06.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/030607globo.htm, acessado em 10.04.11.

“via prussiana”. Discutindo o livro *A consciência conservadora no Brasil*, de Paulo Mercadante, Carvalho entende plenamente confirmada sua hipótese, que apresenta nas três proposições abaixo:

> 1. A mentalidade conservadora em geral, tal como se delineia numa tradição que vem de Edmund Burke a Russel Kirk, define-se pelo senso da continuidade temporal, pela ojeriza às súbitas mutações revolucionárias, pelo desejo de preservar a integridade do legado civilizacional por baixo das lutas e traumatismos ideológicos de cada momento histórico. 2. No Brasil, essa mentalidade adquire uma nuance peculiar, que a diferencia de todos os conservadorismos conhecidos no mundo. É que entre nós ela se instaura e se mantém por meio de uma estratégia de conciliação que, no afã de evitar as rupturas, tenta harmonizar até mesmo o incompatível. O caso mais flagrante, entre mil outros citados no livro, é a quase candura com que os mentores da nossa independência adaptaram a ideologia do liberal-capitalismo às exigências da economia escravagista, em contraste com os americanos que não hesitaram em se matar nos campos de batalha para afirmar a preponderância de um dos lados. 3. A conciliação a todo preço, estando na base da unidade nacional, é a origem das venturas e desventuras do conservadorismo brasileiro. De um lado, ela permitiu que o país atravessasse mudanças profundas com pouquíssimo dispêndio de sangue humano. De outro, a acomodação pragmática aos impulsos desencontrados rebaixa o valor das idéias, degradando-as a meros pretextos para os arranjos de interesses, dessensibilizando as inteligências para a diferença entre a verdade e o erro, infectando toda a cultura nacional com o vírus do fingimento e sedimentando, de tempos em tempos, o “compromisso da banalidade” como fórmula mágica para a solução aparente de problemas que, por baixo dos sorrisos do *establishment*, conservam toda a sua carga explosiva[303].

Compreendendo que esta “*tese é imbatível*”, a verifica “*da maneira mais patente, na corrida geral dos 'direitistas' para aderir a um partido que chegou ao poder prometendo exclui-los para sempre da arena política*”, o mesmo governo que na “*ânsia de conciliações impossíveis*” busca “*ao mesmo tempo reprimir o narcotráfico e continuar amiguinho das Farc, harmonizando a lei e o crime*”. Assim sendo, o conservadorismo nacional acaba por não ser “*uma filosofia política, não é nem mesmo uma ideologia: é uma atitude -- ou vício -- do espírito, que, fugindo aos confrontos, foge à realidade. E que o faz, não raro, camuflando em efusões de triunfalismo retórico a sua impotência de agir*”, sendo que tanto a “*direita e esquerda no Brasil são, nesse sentido, igualmente 'conservadoras'*”[304]. Conservadorismo marcado como expressão de um compromisso social em torno de frações da burguesia, e de modo restrito em relação às demais classes subalternas (julgando que, afinal, o “conservadorismo brasileiro”, teria evitado banhos de sangue), ou seja, este conservadorismo polui-se por sua incapacidade de rejeitar tanto o socialismo proletário quanto o liberalismo interessista de nossa burguesia, ambos convergentes para a crise da sociedade. Então, embora este conservadorismo seja funcional, afinal teria vigorado por tanto tempo a ponto de tornar-se um caractere nacional, ele não prevê uma ação definitiva, suprimindo o surgimento de um conservadorismo capaz de impor-se sem estas mediações, que por tentar fazer convergir os interesses de diferentes classes sociais dentro de um mesmo projeto político (a ênfase não ocorre

[303]CARVALHO, O. de. “Um clássico e um paralelo”. *O Globo*. 07.06.03. op. cit.
[304]Idem.

pelo desenvolvimento da hegemonia, pela incorporação de interesses parciais das classes subalternas para a reprodução da dominação de classes) acaba por convergir em um só ponto: que numa sociedade em que existem duas classes fundamentais, qualquer tipo de conciliação só pode ser feita para o detrimento dos estratos intermediários – os mesmos que o MSM reivindica como representante autorizado.

O MSM não posiciona-se como anticapitalista, mas dotado uma posição "antineoliberal" retórica, pois ao beneficiar o desenvolvimento de monopólios e oligopólios o capital-imperialismo necessita superar as bases econômicas do qual se originou, acabando com o espaço social ocupado pelo empreendedor capitalista pequeno burguês, o estrato médio da sociedade, que tende a ocupar com trabalhadores urbanos adequados às exigências do mercado de trabalho[305]. Utilizam sua interpretação distinta do papel do elemento econômico e do político, o seu ultraliberalismo assumido para poder situar-se em uma posição onde seria possível qualificar os que defendem um Estado interventor (ou melhor, que intervenha na economia de maneira explícita, seguindo um projeto político) no campo econômico de fascistas: "*É dado comum condenar o liberalismo como a causa de muitos males sociais*", segundo eles no meio acadêmico, que tabém busca o associar *indevidamente ao fascismo, ainda que a doutrina liberal seja anti-estatista e defenda a integridade do indivíduo contra a coletividade e arbitrariedade do governo, além da apologia ao livre mercado*'[306].

Através desta cisão retórica entre o campo político e o campo econômico, que MSM cria sua aparência "democrática", defensora das liberdades garantidas pelo direito natural do homem para ao mesmo tempo atacar os defensores de um tipo de Estado intervencionista, em última instância "totalitário". Caso que estaria ocorrendo no Brasil contemporâneo, que estaria vivenciando "*um 'capitalismo de concessão', de 'união não voluntária'. A liberdade econômica foi*

---

[305]Discurso que assemelha-se ao dos "neoliberais globalistas", como visto em artigo de Fernando Henrique Cardoso, presidente de honra do PSDB, em que conclama a "oposição" a buscar na classe média a base para voltar ao poder: "*é preciso que a oposição diga alto e bom som que os mecanismos de mercado, a competição, as regras jurídicas e a transparência das decisões são fundamentais para o Brasil se modernizar, crescer economicamente e se desenvolver como sociedade democrática* […] *Na vida política tudo depende da capacidade de politizar o apelo e de dirigi-lo a quem possa ouvi-lo. Se gritarmos por todos os meios disponíveis que a dívida interna de R$ 1,69 trilhão (mostrando com exemplos ao que isto corresponde) é assustadora, que estamos pagando R$ 50 bilhões por ano para manter reservas elevadas em dólares, que pagamos a dívida (pequena) ao FMI sobre a qual incidiam juros moderados, trocando-a por dívidas em reais com juros enormes, se mostrarmos o quanto custa a cada contribuinte cada vez que o Tesouro transfere ao BNDES dinheiro que o governo não tem e por isso toma emprestado ao mercado pagando juros de 12% ao ano, para serem emprestados pelo BNDES a juros de 6% aos grandes empresários nacionais e estrangeiros, temos discurso para certas camadas da população. Este discurso deve desvendar, ao mesmo tempo, o porquê do governo assim proceder: está criando um bloco de poder capitalista-burocrático que sufoca as empresas médias e pequenas e concentra renda. Este tipo de política mostra descaso pelos interesses dos assalariados, dos pequenos produtores e profissionais liberais de tipo antigo e novo, setores que, em conjunto, custeiam as benesses concedidas ao grande capital com impostos que lhe são extraídos pelo governo. O lulopetismo não está fortalecendo o capitalismo em uma sociedade democrática, mas sim o capitalismo monopolista e burocrático que fortalece privilégios e corporativismos*". CARDOSO, F. H. "O papel da oposição". *Interesse Nacional*. nº. 13. abril-junho, 2011. Disponível em http://interessenacional.uol.com.br/artigos-integra.asp?cd_artigo=101, acessado em 14.04.11.

[306]BRUNO, L. *O liberalismo visto pelo imaginário universitário*. 08.05.09. Disponível em http://cavaleiroconde.blogspot.com/2009/04/o-liberalismo-visto-pelo-imaginario.html, acessado em 04.12.2011.

esquecida, praticamente abolida”, sendo então “*nossos plutocratas, a começar pelos banqueiros, não passam de sócios do Erário e mais das vezes tornam-se serviçais do poder por puro instinto de sobrevivência. Haverá cartório mais perfeito do que o setor bancário no Brasil? Fora do compadrio estatal não há prosperidade*”[307].

Esta percepção é o que permite leituras como a de Carvalho sobre as forças ideológicas globais em disputa, que segundo ele, estariam delimitadas entre três blocos ideológicos dominantes. O primeiro destes seria o já citado “neoliberalismo globalista”, que “*proclama que a liberdade econômica é a condição necessária e suficiente de todas as outras liberdades, que toda interferência de valores extra-econômicos na vida econômica é uma ameaça ao progresso*”, sendo para seus defensores “*que o enriquecimento de todas as pessoas é o objetivo moral supremo e que portanto as leis, os Estados, as religiões, as artes e os costumes devem ser julgados segundo sua maior ou menor capacidade de fomentar a prosperidade geral num ambiente de livre mercado*”. Isto resulta “*que todas as barreiras nacionais, religiosas e culturais que se opõem à mundialização do mercado são obstáculos ao progresso humano*”. Para superar estas percalços “*ele cria a técnica da engenharia social que permite destruir os valores tradicionais, abolir as diferenças de culturas nacionais e religiosas por meio da educação em massa, da propaganda e das leis*”, sendo então que “*todos os atos, sentimentos e reações humanas, mesmo os mais íntimos, tornam-se então objeto de planejamento estatal – e, quando finalmente a liberdade econômica impera sobre o mundo, todas as demais liberdades desapareceram para sempre*”[308].

O segundo seria o comunista, que “*proclama que a igualdade é o supremo valor. Não existe pior mal no mundo do que um homem ser rico e o outro pobre. Quando todos estiverem economicamente nivelados, um não poderá mais oprimir o outro pela ameaça da fome e do desemprego*”. Este bloco ideológico supostamente afirmaria, que “*para instituir a igualdade, é preciso quebrar a espinha dorsal do poder econômico, e o instrumento para fazer isso é o Estado. Mas como quem tem o poder econômico não o cede de mão beijada, o Estado, para tomá-lo, tem de ser forte, muito mais forte do que o ralo Estado liberal*”, que nunca efetivamente existiu. No Estado socialista “*o poder não somente se centraliza, mas se eleva. Abolido o poder econômico, resta apenas o poder político. As diferenças entre os homens não desapareceram, mas agora só há uma diferença essencial*”, que seria marcada “*entre quem tem e quem não tem poder político, entre quem está dentro e quem está fora da Nomenklatura. Antigamente, o homem alijado do poder político podia usar do poder econômico, seu ou emprestado, para fazer face à autoridade do Estado*”, sendo que “*o poder econômico fazia a mediação entre os de cima e os de baixo. Agora não há mais*

---

[307]CORDEIRO, N. *O feixe*. 03.01.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/10658-o-feixe.html, acessado em 12.02.11.

[308]CARVALHO, O. de. “Viva o fascismo!”. *Jornal da Tarde*. 04.05.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/990304jt.htm, acessado em 12.12.10.

mediação. Quem sobe, sobe dentro do Estado. Quem cai, cai pelo cano do esgoto do Estado. E como não há poder fora do Estado" acaba por até ser "*compreensível que quem está dentro não queira sair nunca, e quem está fora não tenha como entrar senão por especial concessão dos de cima*". Concluindo-se que, "*quando finalmente se estabelece a perfeita igualdade econômica, a desigualdade de poder político é tamanha, que torna o governante socialista uma divindade inacessível aos clamores de baixo*"[309].

Carvalho afirma ainda que que toma por possível conclusão histórica do destino das disputas entre estes dois blocos ideológicos, um terceiro, exatamente o fascista, que sairia vitorioso. Mesmo que "*hoje ele não encanta senão a uma minoria, mas é uma minoria profética. Ele proclama que o liberalismo é a ditadura do poder econômico, o socialismo a ditadura do poder político. Quem tem de mandar, diz ele, não é este nem aquele: é a nação*". Para consolidar esta nação "*ele propõe uma aliança do poder econômico com o poder político, do capital com o Estado. A nação é a unidade, a conciliação dos contrários, a superação de todas as divergências. Com os dois poderes irmanados e cantando em uníssono na harmonia do Estado-síntese*", ou seja, "*a nação ergue a cabeça entre as nações e, se alguém reclamar, pau nele*". Então "*se o neoliberalismo realizava a liberdade mediante a supressão das liberdades, se o socialismo realizava a igualdade mediante a absolutização da desigualdade, o fascismo encarna o terceiro ideal da modernidade*", já que somente "*ele realiza a fraternidade: no fascismo todos os que têm poder são irmãozinhos, e não gostam que a gente se meta nos assuntos de família deles*", só ele "*pode tornar felizes, ao mesmo tempo, os neoliberais e os socialistas. E nós? Ora, eles vão estar tão felizes que não vão querer saber a nossa opinião. E, a essa altura, se vocês querem meu conselho, será melhor mesmo não ter nenhuma*"[310]. Neste sentido qualquer qualificação que Carvalho e seus pares façam como sendo meros "liberais" desaparece, é contra estes que combatem nestas formulações. Ao aproximarem sem mediações teóricas noções vagas de "totalitarismo" e "estatismo", militam abertamente pela aniquilação de qualquer "direito" ou garantia de cunho estatal, incluindo aqui não só as classes subalternas, mas contra parte da própria classe dominante, defendendo o fim das garantias estatais "individuais" (seriam supostamente substituídas por critérios meritocráticos) à burguesia através da gestão das formas de exploração. E citam os fascistas, de sua própria boca, para defender esta posição:

> Benito Mussolini resumiu a doutrina fascista numa regra concisa: "Tudo para o Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado." No Brasil, se você é contra essa idéia, se você é a favor da iniciativa particular e das liberdades individuais, logo aparece um chimpanzé acadêmico que tira daí a esplêndida conclusão de que você é Benito Mussolini em pessoa. E não caia na imprudência de imaginar que essa conversa é demasiado pueril para enganar o resto da macacada. Quando você menos espera, guinchados de ódio cívico se erguem da platéia, e uma frota de micos,

---

[309]CARVALHO, O. de. "Viva o fascismo!". *Jornal da Tarde*. 04.05.99. op. cit.
[310]Idem.

> lêmures, babuínos, orangotangos e macacos-pregos se precipita sobre você, às dentadas, piamente convicta de estar destruindo, para o bem da humanidade símia, um perigoso fascista. Cuidado, portanto, com o que diz por aí. Você não faz idéia da autoridade intelectual dos chimpanzés na terra do mico-leão[311].

Através da repetição da argumentação ideológica dos próprios fascistas, assim como a defesa da escola econômica ultraliberal, seriam os dois traços que os distanciariam do fascismo, obviamente de modo retórico, visto todas as medidas organizativas em torno da necessidade da ação diante da crise aberta, todas as justificativas ultraliberais são tratadas indistintamente como fins históricos a serem alcançados como parte do combate "reacionário". O que não torna nenhuma surpresa quando Calil em sua pesquisa sobre o PRP assinala a defesa que o integralismo fazia em torno das doutrinas ultraliberais, referenciando nominalmente Friederich Hayek. Nas palavras de Plínio Salgado: "*Repugna-nos a idéia das planificações com excessiva intervenção do Estado, mesmo nas democracias liberais, como hoje acontece, as quais levam, na opinião de Friederich Hayek, ao caminho da servidão e da ditadura*"[312]. Lembremos que para os teóricos ultraliberais, a ditadura, o Estado de exceção e mesmo o fascismo nunca fizeram-se problemas. Segundo Ludwig Von Mises: "*não se pode negar que o fascismo e movimentos semelhantes, visando ao estabelecimento de ditaduras, estejam cheios das melhores intenções e que sua intervenção, até o momento, salvou a civilização europeia*" sendo que este "*mérito que, por isso, o fascismo obteve para sí estará inscrito na história*"[313].

E existe dentro do MSM outra interpretação sobre o "estado das coisas" no Brasil, mais refinada teoricamente, que não é dominante, e é utilizada como demonstrativo de como distintas investigações teóricas chegam às mesmas conclusões políticas. Esta vertente é representada por Denis Rosenfield e José Antônio Giusti Tavares, ambos professores acadêmicos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estes compartilham a caracterização do Estado brasileiro como sendo um "totalitarismo democrático", derivado de uma suposta estratégia da esquerda para os países "democráticos" que nomeiam de "bonapartismo plebiscitário". Sobre as origens deste "totalitarismo democrático", Tavares diz que:

> A noção de totalitarismo democrático não me pertence e tem a sua origem no século XIX. Creio que deve ser datada dos anos 1835 a 1840, ao longo dos quais Alexis de Tocqueville escreveu os quatro tomos de sua obra *A Democracia na América*, notável pela penetrante acuidade e pela compreensão profética dos destinos da democracia não apenas na sociedade norte-americana mas no mundo. Em 1871, Fiódor Dostoievski, em seu romance *Os Demônios*, fez uma análise de extraordinária densidade psicológica sobre o tema, recorrendo a uma versão livre e

---

[311]CARVALHO, O. de. "Viva o fascismo!". *Jornal da Tarde*. 04.05.99. op. cit.

[312]SALGADO, P. "Trigésimo aniversário da Ação Integralista Brasileira e atualidade de seus princípios". 06.04.1962 *In*. "Discursos Parlamentares". Brasília. Câmara dos Deputados, 1982. p. 466-485, p. 472. *apud*. CALIL, G.. G.. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 739.

[313]MISES, L. V. *Liberalismo* – segundo a tradição clássica. Rio de Janeiro: Instituto Liberal; José Olympio, 1987. p. 53.

> com pseudônimos da conspiração terrorista liderada pelo psicopata Nietcháiev, que elaborara um *Manifesto*, famoso na literatura socialista e anarquista, cujo amoralismo e cuja brutalidade constituem, sem exagero, uma antecipação do espírito de Lenine. Em 1945, a expressão *A Democracia Totalitária* apareceu, provavelmente pela primeira vez, como título do capítulo XIV do livro de Bertrand de Jouvenel, *O Poder. História Natural de seu Crescimento*. Enfim, em 1951, Jacob Loeb Talmon, o celebrado professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, publicou *As Origens da Democracia Totalitária* e, em 1960, *O Messianismo Político*, obras nas quais traça o desenvolvimento da ideologia totalitária de Rousseau a Marx e ao comunismo[314].

Esta noção daria conta de explicitar como a politização "sem limites" teria um objetivo definido, exatamente o de desacreditar/minar as próprias instituições políticas, já que caberia somente a estas delimitar o campo político dentro de um Estado de direito. Segundo Rosenfield:

> Há duas acepções da democracia em questão, a da democracia totalitária e a da democracia representativa ou constitucional. A democracia totalitária volta-se contra o espaço de liberdade próprio da sociedade, de suas regras, leis e instituições, o que é precisamente assegurado pela democracia representativa. Esta se baseia no exercício da liberdade em todos os seus níveis, da liberdade de imprensa, de expressão, de organização política, econômica até o respeito à divisão dos Poderes republicanos, passando pela consideração do adversário como alguém que compartilha os mesmos princípios. Disputas partidárias, por exemplo, são regradas e não desembocam no questionamento das próprias instituições, vale dizer, da Constituição. Nesse sentido, processos eleitorais se inscrevem neste marco mais geral, não podendo, portanto, ter a autonomia de subverter os princípios constitucionais, o ordenamento das instituições. Processos desse tipo são necessariamente limitados. Nas democracias totalitárias temos um processo de outro tipo, em que o voto passa a ser utilizado de forma ilimitada, como se ele fosse por si mesmo, graças à manipulação de um líder carismático e de seu partido, o princípio do ordenamento institucional. Eis por que tal tipo de regime político tenta funcionar por meio de assembleias constituintes e referendos sistemáticos, num constante questionamento de todas as instituições, tidas por "burguesas" e expressão das "elites". A democracia totalitária não admite nenhuma limitação, nenhuma instância que a regre [...] Ela terá como alvo a ser destruído todo espaço que se configure como independente, em particular aquele espaço que torna possíveis as liberdades individuais e o processo de livre escolha[315].

Ela assinalaria parte da estratégia a ser utilizada para a implementação de um Estado "totalitário", baseada no *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* de Marx, o que chamam de bonapartismo plebiscitário:

> Quanto ao bonapartismo plebiscitário, são fundamentais as análises de Aléxis de Tocqueville, sobretudo em seu livro *Souvenirs*, sobre as jornadas revolucionárias de 1848, e de Karl Marx, em seu *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, obra que, concluída em março de 1852, descreve o ciclo de instalação da ditadura do Príncipe Presidente, de 1848 ao golpe de Estado de dezembro de 1851. O *Dezoito Brumário* é, certamente, o texto mais objetivo e verdadeiro de Marx, um autor para o qual a

[314]TAVARES, J. A. G. *Totalitarismo democrático*: I. Paranóia e política. 21.01.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11781-totalitarismo-democratico-1-paranoia-e-politica.html, acessado em 10.05.11.

[315]ROSENFIELD, D. L. "Democracia totalitária". *O Estado de S.Paulo*. 03.07.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090803/not_imp412618,0.php, acessado em 10.05.11.

objetividade e a verdade jamais constituíram valores essenciais[316].

Então, substituindo a história real pela suposta estratégia de um grupo, "*o texto de Marx, que aqui é tratado como um estudo, converteu-se provavelmente, para os comunistas, em um manual que ensina a estratégia*". Sendo possível afirmar que estaria ocorrendo um processo similar na América Latina, cujo motor não seriam as massas, mas as lideranças carismáticas: "*organizações, os partidos e os governos - embora ainda não regimes -, neo-comunistas da América do Sul têm arrebatado o controle hegemônico, proto-totalitário, dos países em que se instalaram: a Venezuela, a Bolívia, o Equador, o Paraguai, a Argentina e o Brasil*"[317]. Este processo só estaria ainda em andamento pela conivência das classes dominantes destes países com os "partidos não constitucionais": "*em uma democracia constitucional e representativa, sobretudo quando erodida e fragilizada pela decadência de suas elites, bem como pela corrupção e pela desinformação políticas generalizadas*", os chamados "*partidos constitucionais e a própria ordem pública constitucional devem enfrentar o paradoxo de que se encontram com freqüência em inferioridade de condições frente aos partidos não constitucionais que, entretanto, participam da política institucional*".

Supostamete os partidos subversivos teriam vantagens, já que, primeiro "*beneficiam-se das prerrogativas e dos recursos que ela confere, sem obrigar-se aos valores, às regras e aos limites que ela impõe e, sobretudo, sem abrir mão do comportamento revolucionário, conspiratório, insurrecional e golpista*". Segundo, porque "*os partidos totalitários apelam para a participação e para a mobilização políticas permanentes, para o profissionalismo, para o ativismo revolucionário de tempo integral e, enfim, para a politização da totalidade das esferas da existência, desde aquelas mais íntimas*". Terceiro, porque "*a compreensão adequada dos valores sobre os quais está fundada a democracia constitucional e das normas e das instituições com as quais opera, bem como os processos econômicos por referência aos quais se definem as políticas públicas e o comportamento dos partidos*", exigem "*dos indivíduos, em virtude de sua complexidade e sutileza, um nível muito elevado de discernimento intelectual, que se encontra normalmente fora do alcance da informação e do entendimento do homem comum*", o que não seria problema para o subversivo, já que "*recorre a uma simplificação brutal da realidade política e econômica, substituindo a informação e a análise racional pela ideologia, um 'saber' de custo baixo, próximo de zero, que contém, por outro lado, um apelo direto à emocionalidade e ao inconsciente de indivíduos*", já que sendo "*a maioria das pessoas, pouco capazes de suportar a incerteza e os riscos da própria liberdade, a ideologia totalitária proporciona uma explicação mágica e omnicompreensiva da*

---

[316] TAVARES, J. A. G. *Totalitarismo democrático*: I. Paranóia e política. 21.01.11. op. cit.
[317] Idem.

realidade e da história, que lhes devolve a segurança a baixo custo"[318]. Estas deturpações, que baseiam-se e comprtilham premissas marxistas para as esvaziarem de sentido racional e social, tem menos abragência e circulação, especialmente porque requerem a leitura compreensiva (ideológica, mas mesmo assim trabalhosa) das obras marxistas, sendo restrita a poucos círculos universitários de Pós-Graduação, sendo que mesmo nestes níveis não tornaram-se referencia, geralmente as leituras distorcidas sobre os marxistas não incentiva investigação real da obra destes, mas seu abandono.

Retornado ao posicionamento principal do MSM, o esquematismo em blocos ideológicos de Olavo de Carvalho, onde somando-se dois extremos ideológicos se desenvolveria como fruto o irreconciliável, anota-se o perigo em que estaria a sociedade burguesa, pois além da "reforma moral do homem" que acompanha as mudanças neoliberais, o próprio centro de poder político estaria sendo destacado do Estado-nação, assim ultrapassando todas as instituições políticas tradicionais. Poder que estaria sendo retirado do Estado pelas entidades suprancionais relativas ao capital-imperialismo, cabendo à "nação" lidar com as consequências drásticas, anárquicas desta perda de soberania, especialmente na manutenção da contradição capital-trabalho:

> E quando ouvir um esquerdista fazer um discurso inflamado contra o neoliberalismo, lembre-se de três coisas: 1ª Neoliberalismo não tem nada a ver com liberalismo. Liberalismo é liberdade para a iniciativa econômica popular; neoliberalismo é economia global dirigida — o socialismo dos ricos. 2ª O neoliberalismo é um projeto abrangente, que inclui (e compatibiliza com os interesses da estratégia global) todos os programas atualmente defendidos pela esquerda no Brasil (aborto, controle de armas, casamentos gays, quotas raciais etc. etc.). 3ª A palavra "neoliberalismo", na nossa imprensa, não significa nada disso, mas é sinônimo de FHC. Ao falar contra o neoliberalismo, a esquerda está apenas disputando com FHC o cargo de executor local dos planos neoliberais. Ela jamais baterá de frente nos interesses estrangeiros que a sustentam. Não se trata portanto de uma luta contra o dono, mas apenas contra o gerente. Derrubado FHC, mudará o estilo da subserviência: passaremos do esculacho risonho à anarquia sangrenta. Os donos do mundo já anunciaram: para eles, dá na mesma[319].

O ápice para os "donos do mundo" seria a sujeição dos Estados nacionais a um suposto governo mundial da ONU, sendo que nesta luta estariam empenhados tanto as corporações transnacionais quanto a esquerda mundial – modo de poderem denunciar de modo mistificado as instâncias supranacionais capital-imperialistas, resumindo uma série de entidades como a OMC, o FMI, o BM, dentre uma série em uma única, a ONU, cujo próprio formato associativo já é considerado superado. Esta pluralidade de atores mundiais se uniria em torno de uma série de ministérios dirigidos sob a ONU, já atuando para a profunda modificação da humanidade. Segundo Heitor de Paola:

---

[318]TAVARES, J. A. G. *Partidos não constitucionais em democracias constitucionais*. 01.02.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11811-partidos-nao-constitucionais-em-democracias-constitucionais.html, acessado em 11.05.11.

[319]CARVALHO, O. de. *Quem trabalha para quem*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/coimbra.htm, acessado em 12.04.11.

> **O Governo Mundial não é uma ameaça: é uma realidade**; já está instalado e em pleno funcionamento. O que ocorre é que quem está submerso no processo não percebe, tal como Maria Antonieta que, ao mandar o povo comer brioches já estava quase sem cabeça e não sabia de nada! Quem tem autoridade moral – e logo, logo, militar – sobre todo o mundo hoje em dia? Quem dita as normas de conduta ética? Quem tem o poder de guerra e de paz? Não é a Organização das Nações Unidas? Estamos acostumados a tomar como certo tudo que a ONU diz e determina. Suas estatísticas são incontestáveis. Suas recomendações são ordens. Tudo que de lá vem é bom, por princípio! Pois não é lá que se defende a paz e a harmonia entre os homens? Uma espécie de deus de uma religião pagã? Seus funcionários se metem em tudo através das diversas 'agências' – sofisma que será empregado até poderem usar o nome verdadeiro: **Ministérios Mundiais!** A burocracia já atingiu níveis nunca alcançados em nenhum outro lugar, nem mesmo na URSS […] É a OMS que diz o que podemos comer, como devemos cuidar de nosso corpo e mente, que medidas sanitárias devemos usar. A OMC determina como deve ser o comércio mundial. A AIEA determina quem pode ter armas nucleares. A UNICEF estabelece as categorias nas quais temos que cuidar de nossos filhos, quantos devemos ter. A FAO distribui os plantios agrícolas. O complexo bancário FMI/BANCO MUNDIAL/BID decide quais países serão economicamente viáveis, quais devem falir […] São tantas as 'agências/ministérios' que nem sei quem determina a falácia chamada IDH – Índice de Desenvolvimento Humano[320].

Acertam em compreender diferentes instâncias de organização e consenso do capital-imperialismo como formadoras e disseminadoras de todo um modo de ser, mas mistificam esta perspectiva quando alheiam de seu conteúdo a realidade do imperialismo, que nem de longe presta-se a simplificação de uma "economia global planificada", para a fazerem confluir as esquerdas e as direita ultraliberal sobre o mesmo processo de "revolução cultural", agrupando sobre o mesmo rótulo desde o multiculturalismo das instituições Ford e Rockfeller até a luta anticapitalista de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, grupos de guerrilha como as FARC e organizações simplesmente criminosas como o Comando Vermelho. É um trabalho de mistificação extremamente frágil, mas que adquire força explicativa, ou ao menos assim seus formuladores advogam, como parâmetro maior da crise da modernidade. Novamente, segundo Paola, que vê nesta atuação ainda a acusação mistificadora contra os EUA:

> Limitar-me-ei, por ora, a uma das maiores mentiras que vem sendo administrada de forma gradual e eficientíssima na mente das pessoas: a da necessidade de um Governo Mundial que assegure a eterna Paz entre os homens, do qual a Organização das Nações Unidas já seria o embrião. Esta seria a verdadeira globalização, mas enquanto isto se lança a idéia oposta: de que a globalização seria do interesse dos Estados Unidos da América. Esta é uma das mais eficientes estratégias de dissimulação. Lança-se um projeto, atribui-se o mesmo ao inimigo como coisa do demônio e, enquanto ele é combatido, instala-se aquilo mesmo que se finge combater. A idéia inicial data de 1931 e tem sua origem na Escola Lênin de Guerra Política, de Moscou[321].

---

[320]PAOLA, H. de. *Governo mundial: realidade ou mito?* 31.08.06. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/arquivos/5479-governo-mundial-realidade-ou-mito.html, acessado em 12.04.11.
[321]PAOLA, H. de. *True Lies*. 20.01.04. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/9622-true-lies.html, acessado em 13.04.11.

Estranhamente, como exemplo da força deste governo sobre as individualidades, o autor cita a campanha anti tabagista levada a cabo pela OMS:

> Da mesma forma que a campanha contra o fumo foi um teste bem sucedido, como denuncia Estulin, para medir o grau de sujeição hipnótica da população mundial, a campanha do desarmamento também o é. A absurda aversão ao cigarro e aos fumantes prova que uma propaganda subliminar bem feita é capaz de converter facilmente milhões em robôs ou cães de Pavlov: toca a campainha os cães salivam, acenda um cigarro e os robôs se enchem de indignação! Ninguém se espante se algum dia a OMS disser que andar de quatro faz bem para a coluna, aumente exponencialmente o número de quadrúpedes na Terra, todos alegrinhos com as 'melhoras' obtidas[322].

E o fim histórico que agrupa esta multiplicidade de atores econômicos, políticos e culturais é o de uma "nova era cultural", movimento altamente tortuoso e arriscado, mas que permite ao MSM alinhar adversários estritamente contraditórios, os dotando de sentidos e significados dentro de uma idealização a-histórica evolutiva em direção a uma "nova ordem mundial", marcadamente através de "planos" secretos, "protocolos" restritos aos lideres responsáveis pela subversão de toda ordem cultural ocidental. Entre estes, figuram, segundo o MSM, o capitalista George Soros:

> O Sr. Soros é um imperialista esquerdista que busca erguer um governo de um mundo único. Ele é um anti-capitalista furioso. Ele defende impostos altos, gastos públicos abundantes, estatismo *a la* welfare, maciça distribuição de renda aos pobres e um sistema regulatório das finanças internacionais rigidamente controlado. Ele despreza o nacionalismo e a herança judaico-cristã do Ocidente. Sua meta é dar início a uma nova ordem global - baseada no materialismo científico e na engenharia social progressista. Ele defende anistia para os imigrantes ilegais e a supressão de nossas fronteiras com o México e o Canadá. Em sua opinião, a religião, os estados-nacionais e a familia são instituições repressoras que devem ser abolidas. Ele é inimigo da América e da democracia [...] Ele é um estudante perspicaz de história. Como Leon Trotsky, um dos líderes de Revolução Bolchevique de 1917, o Sr. Soros acredita no fomento permanente da crise a serviço da revolução permanente. Uma crise econômica prolongada dizimará a classe média - e trará com ela a aceitação de uma intervenção sem precedentes do governo. É isto que por vários anos ele esperou que acontecesse [...] O Sr. Soros é, em última análise, um megalomaníaco amoral alienado da realidade. Ele se refere a si mesmo como "o patrão do papa."[323].

Deste modo o capital-imperialismo e suas consequências, como o papel dominante do capital portador de juros, a formação de novos oligopólios mundiais, as expropriações, a brutal distribuição de renda, as crises do capitalismo, permitem serem dotadas de um sentido lógico, "explicativo" e mistificador, que tira o foco do imperialismo monetário, para situar a disputa "última" na questão da unidade civilizacional nacional, onde as burguesias nacionais "neoliberais" e as esquerdas "sem pátria" *compartilhariam um mesmo modo último de ser*, confundindo

---

[322]PAOLA, H. de. *Governo mundial: realidade ou mito?* 31.08.06. op. cit.

[323]KUHNER, J. T. *O império de Soros*. 03.09.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11569-o-imperio-de-soros.html, acessado em 17.12.10.

propositadamente o cosmopolitismo burguês e o internacionalismo proletário.

O MSM justifica sua existência pela emergência esperada de uma crise capaz de abrir espaço para a quebra da ordem social existente, uma crise revolucionária, apoiando-se na descrença da democracia liberal, apresentando-se como capaz de alterar a situação de forças de modo mais efetivo. O anticomunismo é fundante em sua construção doutrinária, embora articulado de maneira distante das condições objetivas de existência social, pois serve para constituir uma contraposição binária, entre eles e seus inimigos, mote fundamental para a mobilização – o MSM reproduz uma série de elementos das três ondas do fascismo: chauvinismo, apropriação seletiva de elementos provenientes do arcabouço teórico marxista, alinhamento com o capital financeiro, "antiultraliberalismo" retórico, etc. Sua intitulação como "liberais conservadores" é a chave principal de sua atuação "possível", resguardando-se contra incriminações jurídicas e intelectuais, ao mesmo tempo que permite sua aproximação com grupos e instituições representantes das frações mais avançadas da burguesia, sem detrimento para estas. Seu conservadorismo consiste em assumir um lado em uma cisão maniqueísta da luta de classes, que reduz a dialética histórica a uma leitura binária, entre revolucionários e reacionários (sendo que os últimos só existiriam em consequência dos primeiros, uma construção idealista que busca remeter ao "equilíbrio natural do universo" através de pares inversos). Seu liberalismo é a garantia da manutenção do imperialismo, do livre mercado, do trabalho alienado e do Estado capitalista como ditadura terrorista declarada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

"*Não há nunca testemunhas. Há desatentos. Curiosos, muitos.*
Quem conhece o drama, quando se precipita, sem máscara?".

Carlos Drummond de Andrade. *Tarde de Maio*. 1951.

Buscamos nesta dissertação uma investigação de caráter totalizante em relação ao nosso objeto, o MSM, não com o sentido de buscar esgotar a realidade constituinte deste, mas de identificar as relações e conexões fundamentais para sua explicação. Compreender seu sentido e significado histórico exigiu apontar o próprio sistema social que o "permitiu" em seus desdobramentos históricos e sociais, não como determinação evolutiva para além do homem, mas em suas contradições, continuidades, transformações, conflitos e possibilidades de emancipação. Esta perspectiva exigiu um plano de investigação amplo, abordando diversos aspectos históricos, os quais desculpamo-nos por abordá-los de modo por vezes pontual, mas que intencionaram proporcionar ao leitor a formação de um panorama, de um quadro geral em camadas, tendo o MSM como foco central.

Nossa primeira investigação foi em busca das mudanças históricas no modo de produção dominante, suas transformações qualitativas durante o século XX, procurando especialmente situar sua fase atual: o capital-imperialismo. Somente desta maneira pudemos delinear as determinações sociais constituintes de nosso objeto e do "suporte" que permitiu a organização e atuação do MSM, a internet. Analisando o desenvolvimento social da pesquisa, ampliação e difusão das tecnologias de comunicação e informação pudemos descartar uma série de suposições reproduzidas pela grande mídia e por alguns setores da academia, especialmente sobre a tecnologia ser uma área "neutra" no tecido social, com funções e utilizações que seriam próprias aos que dela se apropriassem. A internet não é um espaço público, sua arquitetura de poder é extremamente limitadora em suas normas de utilização e possibilidades de subversão, que mesmo existentes não escapam destas. As determinações em torno de suas formas e conteúdos resultam de disputas entre as empresas exploradoras do setor em instâncias distantes de qualquer participação popular: seja pelas decisões, na prática unilaterais, dos EUA através do ICANN, uma das muitas teias do capital-imperialismo, seja no caso brasileiro, através do Comitê Gestor da Internet no Brasil, que até serviu como modelo de exclusão popular inspirador para o ICANN.

A acusação sobre a falta da liberdade na internet costuma ser feita em relação aos países que passaram por mudanças sociais de cunho socialista ou comunista, mas o que se vê é que nestes países, especialmente a China, é a radicalização de pressupostos que estão presentes na configuração da internet dos países capital-imperialistas: a Inglaterra tirou do ar quase todo seu sistema de telecomunicações durante as revoltas do ano de 2011, e os EUA já tentou aprovar

integralmente diversas leis neste sentido, como a *Combating Online Infringement and Counterfeits Act* (Lei de Combate à Violação *Online* e Falsificações) o SOPA (*Stop Online Piracy Act*, Ato para Impedir a Pirataria Online) e o PIPA (*Protect IP Act*, Ato de Proteção de IP) para poder ampliar seu poder de repressão e censura que já vem sendo praticado sobre a rede, seja de maneira legal, como nas ações sob o *Patriotic Act* (Ato Patriota) de George W. Bush, seja sob a atuação coercitiva de suas agências governamentais, como o FBI e a CIA. As leis de censura sobre a internet foram barradas em sua integralidade tanto pela incapacidade das propostas técnicas para a restrição ao conteúdo (a filtragem de DNS) quanto por pressão da comunidade usuária da internet, mas o Congresso estadunidense já anunciou que estas medidas serão aprimoradas em conjunto com representantes da indústria e retornarão à votação.

Reafirmemos a necessidade da investigação de cunho social para os fenômenos relativos à rede mundial de computadores, uma vez que grande parte destas diminui ou ignora este aspecto em favor de uma leitura reduzida, espécie de “batalha de ideias” sem base material (ou considerando esta somente em sua dimensão discursiva). Também nos referimos às investigações que assumem proposições filosóficas como realidades históricas, a contemporaneidade como sendo a “era da informação”, “era digital”, “pós-moderna”, dentre uma gama de outras denominações, considerando estas hipóteses epistemológicas como pressupostos totalizantes evidentes, contribuindo para a fetichização dos acontecimentos e processos sociais. A criação e a expansão da rede mundial de computadores são inimagináveis sem considerar as determinações históricas do capital, da ampliação das suas formas de reprodução, na qual a tecnologia é uma das suas maneiras mais efetivas de “demonstração de supremacia”, de pedagogia, estando diretamente ligada às novas expropriações, à superexploração e ao sobretrabalho exigidos pelo capital-imperialismo[324], seja através da chamada reestruturação produtiva ou pelo que Francisco de Oliveira chamou de “trabalho fantasmagórico”[325]: nada mais é que os capitalistas em ofensiva direta contra as classes subalternas. Ofensiva, que tal qual a rede, tem alcance global. Isto não significa que devamos abandonar a internet para a organização e atuação contra hegemônica, pelo contrário, mas deve-se sublinhar um antigo aviso de Lênin, que sem a teoria, sem a análise concreta da relação de forças existente, não pode haver luta revolucionária consequente[326].

O MSM convive com o fenômeno burguês da convergência midiática, que congregando e sincronizando informações em diferentes mídias, possibilita às grandes corporações globais atingir uma nova escala tanto na fabricação social da amnésia quanto no monismo explicativo dos acontecimentos e processos da realidade social, o que Octávio Ianni chamou de “Príncipe

---

[324]FONTES, V. O *Brasil e o capital-imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 84-99.
[325]OLIVEIRA, F. de. *O ornitorrinco*. op. cit.
[326]LÊNIN, V. I. *Que fazer?* Disponível em http://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/cap01.htm, acessado em 31.12.11.

Eletrônico". Este movimento evidencia o crescimento significativo das superestruturas no capital-imperialismo e, por conseguinte, dos profissionais da ideologia e da política, os intelectuais. Apresenta-se como um "observatório da imprensa", o que pudemos entender como autoatribuição de um suposto papel crítico sobre as funções sociais da mídia, e que é plenamente ancorado no mito liberal da imparcialidade da imprensa, "*a confusão, a mistificação e até mesmo a ingenuidade que cercam a discussão sobre a 'verdade'*" no jornalismo. "*O senso comum vê a realidade como definitiva, pensa a existência de um mundo único e de uma verdade inquestionável*"[327]. Aproveitando a brecha maior deixada pela convergência, que produz discursos exclusivos ou semelhantes em termos de "verdades", o MSM utiliza esta simples constatação como mote para arrogar-se produtor de conhecimento, afirmando-se capaz de obter análises críticas e validáveis sobre a realidade social (completamente generalizantes e nada elucidativas, sublinhemos). A falibilidade de suas conclusões é observada no quadro do campo midiático brasileiro, onde para o MSM existiriam "*dois grupos de interesse que hoje partilham quase sem conflitos, por um acordo de cavalheiros, o domínio sobre o jornalismo nacional: os donos das empresas e os grupos políticos que fazem a cabeça da classe jornalística*". Cabendo aos primeiros tratar "*jornais e revistas como produtos, que devem atender à demanda do mercado*" e os outros "*como meios de criar ressentimento e ódio no povo para produzir uma revolução e tomar o poder*"[328].

Este tipo de percepção maniqueísta irá ser uma das marcas mais evidentes do discurso ideológico do MSM e é diretamente tributária de seu anticomunismo (no qual Olavo de Carvalho, assim como outros membros do Estado maior do MSM, afirmam-se "especialistas", justificando-se através de experiências anteriores como militantes de partidos e organizações de cunho comunista). Sua peculiaridade, o anticomunismo contra Gramsci, serviu tanto para unificar diversos intelectuais em torno de seu projeto, quanto para fazer ascender seus posicionamentos, acompanhando o vagalhão anticomunista iniciado na vitória presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002 – a ascensão de um representante da classe trabalhadora como gestor competente do Estado capitalista foi uma novidade na autocracia burguesa brasileira, que utilizou seu domínio sobre a imprensa nacional para pressioná-lo a cumprir os acordos assumidos por este com a classe dominante brasileira e representantes do imperialismo. O discurso anticomunista não regrediu através dos anos, mesmo depois que Lula consolidou a hegemonia ultraliberal no país em novos patamares qualitativos, o que segundo Perry Anderson, pode ser explicado pela diminuição da força de influência da imprensa nacional nas relações de força eleitorais, através da ampliação das políticas federais de transferência direta de renda, de grande repercussão social, que do mesmo modo

[327]HERNANDES, N. *A mídia e seus truques*: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006. p. 18-19.
[328]CARVALHO, O. de. *Jornalismo e verdade*. Entrevista a um grupo de estudantes da PUC-Minas. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/jornalismo.htm, acessado em 10.10.10.

diminuiu a efetividade política das relações clientelistas regionais[329].

O anticomunismo pretende reduzir o campo político em duas posições antagônicas, movimento que busca desqualificar a própria política, que passa a ser espaço de conflito entre *ideologias* de duas naturezas distintas, sendo que cada "vitória" ou "derrota" (não existindo mais nenhum espaço para mediações, acordos temporários, etc.) é a conquista de mais uma etapa em direção a um fim histórico determinado. Visa recusar a capacidade de julgamento e atuação racional dos homens perante a realidade social, em distinguir entre a realidade e a distorção, julgando ser a verdade histórica e científica mera percepção e a consciência histórica e social mera sensação. Impõe ao conhecimento humano um sentido irremediavelmente idealista, incompleto já que ideológico, e incapaz de aspirar ao conhecimento totalizante, já que transcendental. É a afirmação do irracionalismo no campo onde, em termos aristotélicos, deveria encontrar-se o ápice da racionalidade humana[330]. Seu discurso ideológico é composto por sofismas a-históricos, que arrogam uma falsa continuidade "espiritual", como se estes fossem atributos "metafísicos" do homem "civilizado" (mas "natural", segundo a argumentação liberal clássica de Hobbes ou Locke). Pela operação da sensação de "desmascaramento", que supostamente promovem, afirmam seu protagonismo político, sua eficiência real em consolidar preconceitos rasos e leituras baixas da realidade social, seja entre seus pares ou adversários, cumprindo uma função específica na dominação para além da "disseminação ideológica": a conformação cultural e ética de todo um modo de ser.

Visando a pequena burguesia e a nova pequena burguesia, que em sua vivência intermediária, longe dos centros de decisão hegemônicos e contra hegemônicos, encontra eco para sua radicalidade retórica, mas que busca, incentiva, pleiteia a ação. Exatamente por distarem-se de qualquer protagonismo, a pequena burguesia e nova pequena burguesia encontram espaço para o radicalismo dentro do sistema democrático liberal burguês, o que determina o "possibilismo" como estratégia, sendo que que em caso de acirramento da luta de classes acaba por aproximá-los da classe dominante, os elevando como "solução" para um período de crise de hegemonia.

Sublinhando suas características ideológicas condizentes com o fascismo, o MSM cumpre perfeitamente o papel "profilático" que assume – novamente, nenhuma violência se faz preventiva senão contra alguém ou algo – prevendo o acirramento da luta de classes, da possível ascensão de organizações revolucionárias do proletariado e do campesinato. Embora seu caráter de classe seja plenamente burguês e imperialista, a origem social de seus intelectuais, sua intenção organizativa e ideológica é toda voltada para a pequena burguesia e para a nova pequena burguesia. Posicionam-se

[329]ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit.
[330]Isto não significa que concordamos com a dimensão universal que Aristóteles atribui para a política: o homem enquanto animal político – o que supõe o Direito e o Estado como categorias ontológicas, incapazes de superação. Para mais detalhes ver LESSA, S. "Marxismo e ética". *Crítica Marxista*. nº. 14. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/D_SLessa.pdf, acessado em 20.02.12.

como "defensores" destes, denunciando de forma mais dura os resultados negativos daquele mesmo projeto, os atribuindo ao "governo" (propositadamente confundido com o Estado), que visaria a proletarização de toda a sociedade pela via revolucionária do "gramscismo". Deste modo dissociam o projeto econômico de suas consequências, tornadas políticas em determinada especificidade (através da atuação de dado grupo). Esta cisão retórica entre economia e moral que levam a cabo, os permite defender argumentos ultraliberais em relação à economia enquanto moralmente advogam por uma sociedade plenamente submetida e controlada através de instituições tradicionais, capazes de disseminar "símbolos de ordem" que já estariam contidos "naturalmente" no povo (ou seja, assumem uma aparência de primado da moral sob a economia, mesmo que esta não necessite de demasiado "controle estatal"). O maior responsável por "disseminar símbolos de ordem" seria um Estado capaz de definitivamente silenciar os que tentariam impor "novos símbolos". Sua qualificação como "liberais conservadores" busca encobrir seu conteúdo fascista, permitindo aproximação e diálogo os mais diversos grupos e instituições sociais, excluindo obviamente às da classe trabalhadora. Seu conservadorismo advém de uma cisão binária que imaginam entre revolucionários e reacionários através de dados períodos da história, e é assim, o assumir de uma missão histórica contra seus antagonistas. Seu liberalismo é a intransigente defesa do livre mercado como fim histórico. Assumem profundamente em seu discurso ideológico o recurso à imagem da crise, o que os permite construir explicações mistificadoras da crise real, deste modo atuando de maneira a impedir as classes de tomarem consciência de si. Utilizam para a disseminação de sua propaganda uma série de recursos técnicos provenientes da publicidade de massas. Seu elitismo dota as massas de uma completa irracionalidade, que mesmo quando constituídas na sujeição passiva à liderança que as constrói, impedem a ação racional coletiva, já que afirmam que todo conhecimento da realidade é incompleto para o homem, portanto, fadado ao desastre histórico.

Seu entendimento da "revolução cultural gramsciana" – uma leitura distorcida da revolução passiva como estratégia positiva para a esquerda – teria exigido que assumissem a estratégia de guerra de posições, que os permitiu não só marcarem-se como agentes anticomunistas competentes, mas também capazes de qualificar como "revolucionários" os mais diversos atores políticos, e reconhecer o "espectro" comunista nos mais diversos setores e espaços sociais. Deste modo agregando sentido político aos mais diversos fenômenos sociais, que convergeriam para a destruição das "bases morais do capitalismo". Apropriam-se de um cabedal conceitual oriundo do marxismo não só para constituírem-se em oposição a este (o que chamam de "ciência estratégica marxista"), mas para aniquilar qualquer conteúdo social e analítico original. Sua luta prevê não só a destruição dos direitos sociais obtidos pela classe trabalhadora, como vai contra qualquer direito democrático garantido pela luta popular, como os direitos das minorias, etc. Este movimento os qualifica e os enquadra à aliados estratégicos ultraliberais, que visam o mesmo tipo de objetivo: a

expropriação massiva de direitos e garantias sociais das classes subalternas radicalizada através da defesa do extermínio intelectual e físico de qualquer oposição proletária e campesina: um Estado desenvolto em suas funções coercitivas autoritárias e terroristas, guiado por um chauvinismo derivado de uma leitura rasa da realidade social, capaz de agrupar bases de sustentação para a reorganização violenta do bloco no poder em caso de uma crise aberta.

O MSM mesmo que não "desenvolvendo-se" como um partido parlamentar formal, cumpre efetivamente esta função. Ao consolidar-se como "portal" hierarquiza as iniciativas, os modos de atuação e sua rede extrapartidária. Percebemos que seu sucesso em levar este empreendimento adiante foi marcado pelo contexto político do período e sua inovação consiste no domínio das novas possibilidades de inserção política permitidas pela internet. Ao realizar esta tarefa de maneira organizada tornou-se atraente para uma série de intelectuais. Podemos afirmar que a formação destes "quadros" foi bem sucedida, consolidando-se como expressão legítima da pequena burguesia e nova pequena burguesia. Colocam-se como elemento ativo no campo político brasileiro, disputando cotidianamente "ideia por ideia, cabeça por cabeça", produzindo material de propaganda e de formação, obtendo cada vez mais espaço na grande mídia e no mercado editorial, conscientemente visando à contrarrevolução moral do homem através da guerra de posições. Mantém uma estrutura organizada e disciplinada que gira em torno de Olavo de Carvalho, centralização extremada que ainda não os possibilita ampliar-se em termos de massa (seja pela estruturação como partido formal parlamentar ou periódico impresso), mas que ao mesmo tempo os permite lidar de modo incisivo com suas contradições internas (especialmente pela expulsão de editores e colunistas). Mesmo seus intelectuais sendo alvo de sanções judiciais (especialmente Júlio Severo) sequer chegou-se a cogitar a extinção do MSM.

Entendemos que sua opção pela guerra de trincheiras (além da justifica ideológica) serviu para guiar a constituição de sua rede extrapartidária, movimento que observamos recorrente em outros movimentos fascistas na contemporaneidade. Compreendemos os desdobramentos dos movimentos e partidos fascistas através de suas três "ondas" históricas, como verificado por Jean-Yves Camus[331]. A primeira relativa aos fascismos clássicos, a segundo correspondente aos desdobramentos transformativos do Pós-guerra para sua manutenção. E a terceira "onda" emergindo após os anos oitenta, quando estes partidos assumem um projetos econômicos de cunho ultraliberal associado à defesa "cultural" de cunho chauvinista. A estratégia organizativa que marca esta onda é o estilhaçamento de sua rede extrapartidária, da qual depende sua efetividade real, permitindo a articulação do "espectro" fascista (especialmente as milícias), os colocando sob a égide de lideranças intelectuais vinculadas diretamente com o capital financeiro e os grandes conglomerados empresariais. Cumprem plenamente a função de última defesa do capital, em sua fase de

[331]CAMUS, J-Y. "Metamorfoses políticas na Europa". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. op. cit.

dominância do capital financeiro e especulativo. O “estilhaçamento” destes partidos em várias frentes de atuação responde às complexificações do campo políticos nos países “ocidentais”, evitam a caracterização como movimento fascista (resguardando o centro de poder da rede, impedindo sua qualificação jurídica e impedindo a simples relação com milícias e grupos de ação direta, do mesmo modo que propicia certa “mobilidade”, já que este centro de poder passa a ser constituído através de disputas internas na rede partidária); os permitem abranger uma série de campos da sociedade utilizando a rede para a formação da vida pré-estatal (que dado o avanço ou retrocesso do contexto, do mesmo modo resguarda o centro da rede extrapartidária); abarca tanto militantes orgânicos quanto indivíduos solidários, atuando politicamente entre aparelhos privados de hegemonia, partidos e organizações que compartilham crenças, símbolos e linguagem comuns; permite espaço para certa “pluralidade” interna, tanto em termos de bandeiras de luta específicas quanto formulações gerais.

A nossa leitura da rede extrapartidária do MSM permitiu visualizar os grupos sociais com que dialoga e organiza-se, nos proporcionando embasamento para afirmar sua proximidade com grupos da grande (e pequena) burguesia, apoio que compreendemos como uma “prática histórica” da autocracia burguesa brasileira: a manutenção de grupos de suporte para “golpes preventivos” em caso de acirramento da luta de classes[332]. Não buscamos forçar uma relação orgânica de um grupo ao outro, mas evidenciar que sua relacionalidade ocorre não somente em termos ideológicos, e que esta proximidade organizada serve para a rápida unificação em momentos de crise. A crise cuja expectativa os fazem assumir uma postura ideológica e organizativamente específica (que não foi compartilhada pela segunda onda fascista, que não previa a possibilidade de ruptura institucional como iminente – o que não significa que não a previam ou descartavam) é entendida como sendo a crise de 2008, desencadeada no centro do sistema capitalista, os EUA, e que ainda encontra-se em seus desdobramentos – no Brasil ainda são esperadas suas consequências, foram tomadas medidas anticíclicas pelo Estado que impediram sua sincronia, mas não seus efeitos. Sublinhemos novamente, o fascismo não é contraponto da democracia liberal burguesa, a ofensiva ultraliberal das últimas décadas atende os mesmos objetivos últimos: extermínio dos partidos e centrais sindicais comunistas, submissão dos sindicatos e a expropriação massiva de direitos sociais, conquistados em séculos de lutas pelas classes subalternas.

Duas questões convergentes tornaram-se claras ao fim desta pesquisa: a necessidade da defesa da especificidade do conceito de fascismo em sua atualidade, ou seja, como ferramenta analítica para a compreensão de fenômenos deste tipo na contemporaneidade. Incorre em erro ignorar ou minimizar a capacidade de atuação destes grupos, tal como prescrito por intelectuais

---

[332]Para mais detalhes ver FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. op. cit.

como Emir Sader, para quem “*Olavo de Carvalho não existe*”[333], Carlos Nelson Coutinho, que alegou ser este “*uma figura isolada*”[334], ou mesmo Caio Navarro de Toledo, que em artigo dedicado a criticar o retorno da participação de Carvalho na “*Folha de S. Paulo*”, escreveu que “*examinar os trabalhos do ‘filósofo de província’ não seria pura vacuidade intelectual ou ‘render-se ao seu jogo’?*”[335]. Analisar criticamente movimentos e partidos fascistas (mesmo que ainda não plenamente desenvolvidos) de modo algum significa “superestimá-los” – como afirmamos em toda esta dissertação, estes são prepostos, funcionários: *os litores da nossa burguesia* – ou atribuir para estes legitimidade. Significa antes de qualquer coisa defender uma leitura totalizante das relações de forças das sociedades. Em outra perspectiva, mas neste mesmo sentido, autores como Gilles Deleuze e Michel Foucault prestaram um desserviço à capacidade explicativa das ciências humanas quando autorizaram o conceito de fascismo para análises genéricas do cotidiano social[336]. Assinalemos, estes posicionamentos podem levar a graves consequências políticas, estes grupos assumiram um combate diário e ininterrupto, uma guerra por eles declarada. Esta pode ainda não apresentar-se em suas facetas mais cruentas, mas ignorar ou minimizar este tipo de declaração somente tem efeito desmobilizador diante das tarefas do presente, jamais perdendo de vista que: *enquanto existir a sociedade de classes existirão cães de guarda a serviço da classe dominante*.

---

[333]SADER, E. *Olavo de Carvalho não existe*. 09.04.03. Disponível em http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/04/252167.shtml, acessado em 22.02.12.
[334]VALOR ECONÔMICO. “Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho”. *Valor Econômico*. 24-26.11.00. op. cit.
[335]TOLEDO, C. N. de. “Caio Toledo: Folha reabilita o ideólogo da ditabranda”. *Viomundo*. 19.11.11. Disponível em http://www.viomundo.com.br/politica/caio-toledo-folha-reabilita-o-ideologo-da-ditabranda.html, acessado em 22.02.12.
[336]FOUCAULT, M. “Preface”. *In*. DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Anti-oedipus*: capitalism and schizophrenia. New York: Viking Press, 1977. p. 11-14.

BIBLIOGRAFIA:

Livros:

ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
ALMEIDA, G. R. de. *História de uma década quase perdida*: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
ANDERSON, P. "As antinomias de Gramsci". *In*. ANDERSON, P. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002.
ANDERSON, P. "Balanço do neoliberalismo". *In*. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
ARBEX JR., J. "O legado ético de Perseu Abramo e Aloysio Biondi". *In*. ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.
AZEMA, J-P. "Tempo presente" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
BANDEIRA, L. A. M. *O governo João Goulart*. As lutas sociais no Brasil 1961-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci*: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008.
BLOCH, M. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
BONET, L. "Anticomunismo" (verbete). *In*. BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UNB, 1998.
BONNAFOUS, S. "Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen". *In*. GREGOLIN, M. do R. *Discurso e mídia*: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica". *In*. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
BOURDIEU, P. *Economia das trocas linguísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998.
BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século; Sociedade unipessoal, 2003.
BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
BURGUIÈRE, A. "Anais (escola dos)" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
CALIL, G. G. "A pequena burguesia e projeto social". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.; KOLING, P. J. *Estado e poder*: Abordagens e perspectivas. Cascavel: Edunioeste, 2008.
CARCANHOLO, R. A. "A grande depressão do século XXI: a função do trabalho improdutivo e do capital fictício". *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? Goiânia: CEPEC, 2010.
CARDOSO, C. F. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Bauru: EDUSC, 2005.
CASTELLS, M. *A galáxia da internet*: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Río de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Fim de milênio. Volume 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. O poder da identidade. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
CHAUÍ, M. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira". *In*. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. "Questões para a história do presente". *In*. CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* Sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.

CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas*: neoliberalismo e ordem global. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Global, 1986.
CONTADOR, C. R. "Introdução". *In*. KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Global, 1982.
DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrênia. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
DIDEROT, D. *Paradoxo sobre o comediante*. São Paulo: Escala, 2006.
EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: UNESP, 2011.
FALCON, F. "História e poder". *In*. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história:* ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.
FIGUEIREDO, L. R. "História e informática: o uso do computador". *In*. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 *In*. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
FONSECA, F. C. P. da. *O consenso forjado*: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005.
FONTANA, J. *A história dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004.
FONTES, V. "A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e lutas teóricas na década de 1980" *In* LIMA, J. C.; NEVES, L. M. W. *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006.
FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.
FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro, Bom texto, 2005.
FONTES, V.; GARRONI, S. "O trabalho abstrato e a cultura contemporânea, os desafios atuais do pensamento histórico" *In*. FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro, Bom texto, 2005.
FOUCAULT, M. "Preface". *In*. DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Anti-oedipus*: capitalism and schizophrenia. New York: Viking Press, 1977.
FRANSMAN, M. *Telecoms in the internet age*: from boom to bust to... Oxford University Press, 2002.
GARCIA, A. S. "Empresas transnacionais brasileiras: dupla frente de luta". *In*. INSTITUTO ROSA LUXEMBURG STIFTUNG (org.). *Empresas transnacionais brasileiras na América Latina*: um debate necessário. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
GONÇALVES, R. J. M. "Antonio Gramsci, a revolução passiva e a história do Brasil". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.G.; KOLING, P. J. (orgs.). *Anais do II simpósio de pesquisa Estado e Poder*: a hegemonia em questão. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
GRAMSCI, A. *Escritos políticos*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
HERNANDES, N. *A mídia e seus truques*: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.
IASI, M. L. "Nosso guia na floresta de papel: o artífice da palavra clara". *In*. KONDER, L.

Introdução ao fascismo. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
IASI, M. L. *As metamorfoses da consciência de classe*: o PT entre a negação e o consentimento. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Global, 1982.
KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
LACOUTURE, J. "A história imediata". *In*. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
LE GOFF, J. "A história nova". *In*. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
LE GOFF, J. "A visão dos outros: um medievalista diante do presente". *In*. CHAVEAU, A.; TÉTART, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
LÊNIN, V. I. "Como V. Zassulich combate o liquidacionismo". *apud*. MARX, K.; ENGELS; F.; LÊNIN, V. I. *Acerca do partido*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Brasília: Nova Palavra, 2007.
LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.
LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
LOUREIRO, I. *A revolução alemã*, 1918-1923. São Paulo: UNESP, 2005.
MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
MARX, K. *O Capital*. Volume 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
MARX, K; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. Lima: Los Libros Más Pequeños del Mundo, 2010.
MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar". *In*. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, 2004.
MESZAROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.
MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.
MISES, L. V. *Liberalismo* – segundo a tradição clássica. Rio de Janeiro: Instituto Liberal; José Olympio, 1987.
MORAZÉ, C. *A lógica da história*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
NEVES, L. M. W.; SANT´ANNA, R. "Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia". *In*. NEVES, L. M. W. *A nova pedagogia da hegemonia*: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.
NOVAES, H. T. *O fetiche da tecnologia*. A experiência das fábricas recuperadas. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. "Introdução. A complexidade da crise atual". *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? Goiânia: CEPEC, 2010.
OLIVEIRA, F. de. "O enigma de Lula: ruptura ou continuidade?" *In*. ESTANQUE, E.; SILVA, L. M. e; VÉRAS, R.; FERREIRA, A. C.; COSTA, H. A. (orgs.) *Mudanças no trabalho e ação sindical*: Brasil e Portugal no contexto da transnacionalização. São Paulo: Cortez, 2005.
PAILLARD, B. "Imediata (história)" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
PETRAS, J. *Armadilha neoliberal e alternativas para a América Latina*. São Paulo: Xamã, 1999.
POULANTZAS, N. *As classes sociais no capitalismo hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
POULANTZAS, N. *O Estado, o poder, o socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
RÉMOND, R. "Introdução". *In*. RÉMOND, R. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro:

FGV, 2003.
RODRIGUES, G. “História: uma ciência do presente”. *In*. FERNANDEZ, E. P. F.; PADRÓS, E. S.; RIBEIRO, L. D. T.; GORKON, C. Van. *Contrapontos* – Ensaios de história imediata. Porto Alegre: Folha da história/Palmares, 1999.
RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura*: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.
SADER, E. “Notas sobre a globalização neoliberal”. *In*. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde*: contradições e desafios em 20 anos de SUS. Rio de Janeiro; EPSJV, 2008.
SAES, D. “Classe média e política”. *In*. FAUSTO, B. (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano. Volume 3: Sociedade e Política 1930-1964. Rio de Janeiro, Bertand, 1991.
SAES, D. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
SANTOS, M. *O poder norte-americano e a América Latina no pós-guerra fria*. São Paulo: Anneblume; Fapesp. 2007.
SARDENBERG, R. M. “Apresentação”. *In*. TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.
SCHAFF, A. *A sociedade informática*: as conseqüências sociais na segunda revolução industrial. São Paulo: UNESP; Brasiliense, 1995.
SCHAFF, A. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
SILVA, A. S.; ORTIZ, F.; DE POLLI, M. et all. *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004.
SILVA, C. L. *Veja*: o indispensável partido neoliberal. Cascavel: Edunioeste, 2009.
SIMIAND, F. *Método histórico e ciência social*. Bauru: EDUSC, 2003.
SIMONCINI. P. “Garantizar el acesso a la información”. *In*. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafios a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. Buenos Aires: Ameghino, 1999.
SRAFFA, P. *Produção de mercadorias por meio de mercadorias*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.
THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria*: ou um planetário de erros. Sem editora, 2009.
THOMPSON, E. P. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
ZAVERUCHA, J. *Frágil democracia*: Collor, Itamar, FHC e os militares (1990-1998). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Teses e dissertações:

CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. Tese de Doutorado. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005.
CARNEIRO, M. R. da S. R. *Do sigma ao sigma* – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2007.
COELHO, E. *Uma esquerda para o capital*: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). Tese de Doutorado. Niterói, UFF: 2005.
COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003.
GARCIA, C. *PT: da ruptura com a lógica da diferença à sustentação da ordem*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2008.
GONÇALVES, R. J. M. *História fetichista*: o aparelho de hegemonia filosófico Instituto Brasileiro de Filosofia/Convivium (1964-1985). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009.
HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MELLO, N. B. *Subdesenvolvimento, imperialismo, educação, ciência e tecnologia no Brasil*: a subordinação reiterada. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2004.
MONTEIRO, A. Q. *Trabalho, ciberespaço e acumulação de capital*: estudo sobre produção e consumo na interatividade da internet comercial. Dissertação de Mestrado. Marília: UNESP, 2008.
MUNIZ, K. da S. *Piadas*: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004.
OLIVEIRA, F. R. de. *Trajetórias intelectuais no exílio*: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2010.
OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do "novo sindicalismo"*: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008.
PEREIRA, J. M. M. *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro* (1944-2008). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2009.
PERISSINOTTO, R. M. *Estado e capital cafeeiro*: burocracia e interesse de classe na condução da política econômica (1889-1930). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997.
SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008.
SIMON, C. L. *Launching the DNS war*: dot-com privatization and the rise of global internet governance. Tese de Doutorado. Coral Gables: University of Miami, 2006.
ZEN, L. F. G. *"A conciliação das elites"* projeto hegemônico de democracia na revista Veja 1982-1985. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido: UNIOESTE, 2009.

Revistas acadêmicas:

BOITO JR, A. "Classe média e sindicalismo". *Politeia*: história e sociedade. nº. 1. Volume 4. Vitória da Conquista: DEHIS UESB, 2004.
BORON, A. "El fascismo como categoria histórica: en torno del problema de las dictaturas en América Latina". *Revista Mexicana de Sociologia*. nº. 2. México: UNAM, 1977.
DANTAS, G. "O desequilíbrio econômico na Grécia, as rebeliões operárias e os limites da atual política anticrise". *Antítese*. nº. 8. Goiânia: CEPEC, 2010.
DIAS, E. F. "Democrático e popular?". *Outubro*. nº. 8. São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2003.
MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. nº. 46. Brasília: ANDES-SN, 2010.
ROIZ, D. da S. "A reconstituição do passado e o texto literário: a resposta dos historiadores à 'virada linguística'". *Diálogos*. nº. 3. Volume 13. Maringá: DEHIS/PPGH UEM, 2009.
SAES, D. "Classe média e políticas de classe (uma nota teórica)". *Contraponto*: Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos Noel Nutels. Ano II, nº. 2, novembro 1977.
SANTOS, T. dos. "Socialismo y fascismo en América Latina hoy". *Revista Mexicana de Sociologia*. nº. l. México: UNAM, 1977.

***Sites*:**

AFONSO, C. A. *Internet no Brasil*: o acesso para todos é possível? Disponível em http://reseau.crdi.ca/uploads/user-S/10245206800panlacafoant.pdf, acessado em 10.10.10.
AGÊNCIA REUTERS. *Classes A e B lideram e-commerce brasileiro*. 08.12.10. Disponível em http://info.abril.com.br/noticias/mercado/classes-a-e-b-lideram-e-commerce-brasileiro-08122010-28.shl, acessado em 05.01.11.
ALEXA. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. Disponível em http://www.alexa.com/siteinfo/midiasemmascara.org#, acessado em 13.02.10.
ALEXA. *Site info for www.olavodecarvalho.org*. 19.01.12. Disponível em

http://www.alexa.com/siteinfo/olavodecarvalho.org#, acessado em 19.02.12.
ALVES, N.; GALHARDO, R. “Extrema direita universitária se alia a skinheads. Jovens estudantes neo-conservadores fogem ao estereotipo de arruaceiros mas defendem ação violenta das gangues”. *Ig*. 26.09.11. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/extrema-direita-universitaria-se-alia-a-skinheads/n1597226175495.html, acessado em 14.11.11.
AMARAL, M. “Conversas com Mr. DOPS”. *Pública*. 09.02.12. Disponível em http://apublica.org/2012/02/conversas-mr-dops/, acessado em 14.02.12.
ANDERSON, P. “Lula´s Brazil”. *London Review of Books*. Vol. 33, nº. 7, 31.03.2011. Disponível em http://www.lrb.co.uk/v33/n07/perry-anderson/lulas-brazil, acessado em 10.09.11.
ANDES-SN. *Educação à distância, abertura do mercado educacional ao capital estrangeiro e ampliação espúria da educação superior*: Uma crítica à política de EAD do governo Lula da Silva. Disponível em http://www.andes.org.br/imprensa/Uploads/Circ290-05.zip, acessado em 13.11.10.
ANEMONE. *What is it?*. Disponível em http://anemone.rubyforge.org/, acessado em 13.02.12.
ARTEN, F. *O domínio norte-americano e a dromocracia na sociedade cibercultural*. Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_pi-arten.pdf, acessado em 20.08.10.
ATTUCH, L. “A redenção da Delfin”. *Istoé Dinheiro*. 05.04.06. Disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843_A+REDENCAO+DA+DELFIN, acessado em 14.01.11.
AVESTRAND, H. T. *RFC 3935*. Disponível em http://www.ietf.org/rfc/rfc3935.txt, acessado em 12.01.11.
BAB.LA. *Brokerage* (verbete). Disponível em http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/brokerage, acessado em 09.10.11.
BAHADUR, G. “Nativist militias get a Tea-Party makeover”. *The Nation*. 28.10.10. Disponível em http://www.theinvestigativefund.org/investigations/immigrationandlabor/1420/nativist_militias_get_a_tea-party_makeover/, acessado em 04.06.11.
BARBIERI, C. P. *Perversão, humor e sublimação*. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso, acessado em 30.09.10.
BARBOSA, A. F.; CAPPI, J.; GATTO, R. *Os caminhos para o avanço do governo eletrônico no Brasil*. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo63.htm, acessado em 04.04.11.
BARBOSA, J. R. “Entre milícias e militantes (III): skinheads nacional-socialistas e integralistas e os “carecas do subúrbio”. *Passapalavra*. 07.05.09. Disponível em http://passapalavra.info/?p=6041, acessado em 03.05.11.
BARBOSA, J. R. “Ideologia e intolerância: a extrema direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do eixo”. *Aurora*. nº. 2. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/aurora_dossie_01.pdf, acessado em 04.07.2011.
BARONAS, R. L. *Derrisão*: um caso de heterogeneidade dissimulada. Disponível em http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/7.pdf, acessado em 30.10.10.
BARRETO, A. de A. *Mudança estrutural no fluxo do conhecimento*: a comunicação eletrônica. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651998000200003&script=sci_arttext&tlng=es, acessado em 13.10.10.
BARROS, C. *Para um novo paradigma historiográfico*. Disponível em http://www.h-debate.com/cbarros/spanish/articulos/nuevo_paradigma/hacia/tempo.htm, acessado em 10.09.10.
BATISTA, A. B. “Paulo Francis e o cenário político-ideológico de 1989: Análise do discurso sobre o fim do socialismo no leste europeu’ e ‘o perigo Lula’ no processo político-eleitoral brasileiro daquele ano”. *Anais do Simpósio Nacional de História 2011*. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846_ARQUIVO_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf, acessado em 20.02.12.
BATISTA, P. N. *O Consenso de Washington*. A visão neoliberal dos problemas latino-americanos. Disponível em http://www.fau.usp.br/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aup0270/4dossie/nogueira94/no

g94-cons-washn.pdf, acessado em 13.01.11.
BBC BRASIL. “Crise econômica é combustível para ascensão do Tea Party”. *BBC Brasil. 28.10.10. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/bbc/crise+economica+e+combustivel+para+ascensao+do+tea+party/n1237813538498.html, acessado em 11.05.11.*
BBC.BRASIL. “Entenda a crise na Grécia e suas implicações”. *BBC.Brasil*. 29.07.11. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110616_entenda_crisegrega_pai.shtml, acessado em 14.01.12.
BECKSTROM, R. *O futuro da ICANN. Fala de abertura do Primeiro fórum .ORG anual*. Washington, 28.01.10. Disponível em http://www.icann.org/pt/presentations/future-of-icann-beckstrom-28jan10-pt.htm, acessado em 16.10.11.
BERNARDO, J. “Entre a luta de classes e o ressentimento. A propósito do artigo “Cadilhe, o 'coveiro rico'”. *Passapalavra*. 26.03.09. Disponível em http://passapalavra.info/?p=1852, acessado em 04.07.2011.
BOITO JR., A. “Burguesia no governo lula”. *Crítica Marxista*. nº. 21, 2005. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-A-boito.pdf, acessado em 29.01.12.
BOITO JR., A. “Neoliberalismo e relações de classe no Brasil”. *Idéias*. nº. 1. Disponível em http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf, acessado em 29.01.12.
BOITO JR., A. *As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil*. Disponível em http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf, acessado em 22.01.12.
BOITO JR., A.; GALVÃO, A.; MARCELINO, P. *Brasil*: o movimento sindical e popular na década de 2000. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal26/05boito.pdf, acessado em 10.11.11.
BOLAÑO, C. R. S.; CASTAÑEDA, M. V. *A economia política da internet e sua crise*. Disponível http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%20%202%20%20cesar%20bolano/Marcos%20Bolano.doc, acessado em 01.09.10.
BORGES, A. *Eduardo Graeff e o submundo tucano*. Disponível em http://www.advivo.com.br/blog/spin-in-progress/eduardo-graeff-e-o-submundo-tucano, acessado em 17.01.12.
BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. Disponível em http://tupiwire.files.wordpress.com/2011/01/neoimilolavo.png, acessado em 13.02.12.
BRENNER, R. “A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão?”. *Outubro*. nº. 3. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3_02.pdf, acessado em 13.10.11.
BRESSANE, R. “Senhora do destino”. *Trip*. nº. 138. Disponível em http://revistatpm.uol.com.br/49/vermelhas/home.htm, acessado em 03.03.12.
BRYAN, N. A. P. “Educação, trabalho e tecnologia em Marx”. *Educação & Tecnologia*. nº. 1. Disponível em http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1010, acessado em 10.10.11.
CAMUS, J-Y. “Metamorfoses políticas na Europa”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. Disponível em http://diplo.org.br/2002-05,a299, acessado em 10.05.11.
CAPÍTULO BRASILEIRO DO CLUBE DE ROMA. *Quem somos*. http://www.clubofrome.at/brasil/organisation/index.html, acessado em 29.12.11.
CARCANHOLO, M. D. “Crise econômica atual: seus impactos para a organização da classe trabalhadora”. *Aurora*. nº. 6. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/1%20CARCANHOLO.pdf, acessado em 04.06.11.
CARVALHO, M. L. B. de. *Linha do tempo da internet no Brasil*. Disponível em http://homepages.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/Brasil.html, acessado em 20.10.10.
CAVALCANTI, J. C. *Economia de redes*. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo1.htm, acessado em 04.11.10.

CBS NEWS/NEW YORK TIMES POLL. “The tea party movement: who they are”. *CBS News*. 5-12.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/htdocs/pdf/poll_tea_party_who_they_are_041410.pdf?tag=contentMain;contentBody, acessado em 07.05.11.
CENTRAL NACIONAL DE ASTROLOGIA. *Juan Alfredo César Müller*. 27.01.10. Disponível em http://cnastrologia.org.br/site/blog/2010/01/27/juan-alfredo-cesar-muller/, acessado em 10.01.11.
CETIC.BR. *Estatísticas diárias por categoria*. Disponível em http://www.cetic.br/dominios/index.htm, acessado em 13.02.12.
CGI.BR. “No *podium*”. *Revista CGI.br*. nº 3. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03, acessado em 18.11.10.
CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTER*. Disponível em http://www.nic.br/grupo/gter.htm, acessado em 20.12.10.
CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTS*. Disponível em http://www.nic.br/grupo/gts.htm, acessado em 13.12.10.
CGI.BR. *Histórico*. Disponível em http://www.cgi.br/sobre-cg/definicao.htm, acessado em 30.10.10.
CHESNAIS, F. “A teoria do regime de acumulação financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações”. *Economia e Sociedade*. nº. 1. Disponível em http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/instituto/revistas/economia-e-sociedade/V11-F1-S18/01-Chesnais.pdf, acessado em 16.10.11.
CHOMSKY, N. “A raiva mal dirigida nos EUA”. *Agência Carta Maior*. 25.11.10. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17214, acessado em 05.05.11.
CIA. *World factbook*. Disponível em https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2079rank.html?countryName=United%20States&countryCode=us®ionCode=noa&rank=1#us, acessado em 10.10.11.
CINTRA, A.; LOBREGATTE, P. “A deterioração ética e moral do jornalismo. Entrevista com Luis Nassif”. *Portal Vermelho*. 05.03.08. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=2796, acessado em 20.01.12.
CLINTON, W. J.; GORE JR., A. *Technology for America’s economic growth, a new direction to build economic strength*. 22.02.1993. Disponível em http://ntl.bts.gov/lib/jpodocs/briefing/7423.pdf, acessado em 14.03.11.
CMI Brasil. *Leia com atenção*. Disponível em http://prod.midiaindependente.org/indymediabr/servlet/OpenMir, acessado em 14.11.11.
CODATO, A. N. “O golpe de 1964: luta de classes no Brasil – a propósito de 'Jango', de Silvio Tendler”. *Espaço Acadêmico*. nº. 36. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/036/36ccodato.htm, acessado em 15.04.11.
COGGIOLA, O. “O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial”. *Olho da história*. nº. 1. Disponível em http://www.oolhodahistoria.ufba.br/01sentid.html, acessado em 01.06.11.
COSTA, P. R. N. “Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990”. *Opinião Pública*. nº. 2. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci_arttext, acessado em 21.01.12.
COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 57. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a07v2057.pdf, acessado em 20.01.12.
DESCICLOPÉDIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo_de_Carvalho, acessado em 19.01.12.
DIAS, E. F. “Reestruturação produtiva: forma atual da luta de classes”. *Outubro*. nº. 1. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01_03.pdf, acessado em 16.10.11.
DIEESE. *Médias anuais do salário mínimo*. Disponível em http://www.dieese.org.br/esp/salmin/tabela.zip, acessado em 10.09.11.

DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da270620011.htm, acessado em 13.01.12.
ECOMMERCE.ORG. *Os 20 países com maior número de usuários da internet*. Disponível em http://www.e-commerce.org.br/stats.php, acessado em 13.02.12.
ESTADÃO.COM.BR. “As medidas do Brasil contra a crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.04.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/especiais/as-medidas-do-brasil-contra-a-crise,54143.htm, acessado em 14.01.12.
ESTADÃO.COM.BR. “Como o mundo reage à crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.10.08 atualizado em 08.06.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/especiais/como-o-mundo-reage-a-crise,32895.htm, acessado em 18.01.12.
FEDERAL NETWORKING COUNCIL. *Definition of internet*. Disponível em http://www.nitrd.gov/fnc/Internet_res.html, acessado em 14.10.11. Tradução nossa.
FELITTI, G. “IGF 2007 confirma função do ICANN, mas debate novo gerenciamento”. *IDGNow!* Disponível em http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/11/19/idgnoticia.2007-11-19.8192687980, acessado em 10.11.10.
FOLHA ONLINE. “Entenda a crise hipotecária que atinge a economia dos EUA”. *Folha de S. Paulo*. 11.07.08. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u421556.shtml, acessado em 14.01.12.
FONSECA, F. *O ultraliberalismo e seus contendores*. Disponível em http://cbrayton.files.wordpress.com/2006/09/teopol15.pdf, acessado em 17.02.12.
FONTES, V. *Considerações sobre um debate eleitoral*. Disponível em http://www.artnet.com.br/~gramsci/arquiv236.htm, acessado em 10.10.10.
FREE NET PROJECT. *Home*. Disponível em http://freenetproject.org/, acesssado em 20.02.12.
GADELHA, A. C. “Editorial”. *Revista CGI.br.* nº. 3. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03, acessado em 18.11.10.
GANTOIS, G. *Aumento do crédito e do consumo são heranças de Lula*. Governo aproveitou os anos dourados da economia mundial, mas deixa inflação em risco. 31.12.2010. Disponível em http://noticias.r7.com/economia/noticias/aumento-do-credito-e-do-consumo-sao-herancas-de-lula-20101231.html, acessado em 13.03.11.
GENTILI, V. “Levinsohn vs. Veja”. *Observatório da imprensa*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da090520011.htm, acessado em 22.01.12.
GIANNOTTI, V. “Comunicação e hegemonia. A batalha da hegemonia exige convencimento e força”. *Brasil de Fato*. 18.10.11. Disponível em http://www.brasildefato.com.br/content/comunica%C3%A7%C3%A3o-e-hegemonia, acessado em 14.11.11.
GLOBAL ONENESS. *History of the internet*: encyclopedia II - history of the internet - maintaining the infrastructure. Disponível em http://www.experiencefestival.com/a/History_of_the_Internet_-_Maintaining_the_infrastructure/id/5164084, acessado em 12.01.11.
GODADDY.COM. *Web site analytics*. Disponível em http://www.godaddy.com/hosting/website-analytics.aspx?ci=9035, acessado em 13.02.11.
GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. “Direita na mídia”. *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo_destaca_ascensao_da_direita_na_midia, acessado em 14.01.12.
GOODMAN, A. “'É uma guerra de classes': entrevista com Michael Moore”. *Passapalavra*. 13.05.11. Disponível em http://passapalavra.info/?p=39776, acessado em 13.05.11.
GORENDER, J. “Hegemonia burguesa – reforçada pela prova eleitoral de 94”. *Crítica Marxista*. nº. 2. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/cm_2.1.pdf, acessado em 16.01.12.
HARTUNG, W. “Profits of war: the fruits of the permanent military-industrial complex”. *Multinational monitor*. janeiro/fevereiro, 2005. Disponível em

http://www.thirdworldtraveler.com/Military_Industrial_Complex/Profits_of_War.html, acessado em 08.10.11.
HENNESSEY, K. "Tea parties form a federation, but don't call them organized". *Los Angeles Times*. 08.04.10. Disponível em http://articles.latimes.com/2010/apr/08/nation/la-na-tea-federation9-2010apr09, acessado em 08.05.11.
HISTÓRIA AGORA. "Entrevista com o professor Ciro Flamarion Cardoso (19.03.07)". *História Agora*. nº. 1. Disponível em http://www.historiagora.com/index.php?option=com_content&task=view&id=10&Itemid=30, acessado em 10.09.10.
HTMSTAFF. *História da internet*. Disponível em http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=65, acessado em 13.07.10.
IANNI, O. "O príncipe eletrônico". *Questiones*. nº. 4. Disponível em http://www.journals.unam.mx/index.php/cuc/article/view/2033/1595, acessado em 20.12.10.
IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/ianni.rtf, acessado em 20.12.10.
ICANN. *Board representation by nationality*. Disponível em http://www.icann.org/en/maps/board.htm, acessado em 12.12.10.
ICANN. *Fatos*. Disponível em http://www.icann.org.br/general/fact-sheet.html, acessado em 12.12.10.
ICANN. *Nominees of the 2003 Nominating Committee to the ICANN board, GNSO council, and At-Large advisory committee*. 16.06.03. Disponível em http://www.icann.org/en/committees/nom-comm/nominee-biographies-16jun03.htm, acessado em 05.12.11.
IETF. *NomCom*. Disponível em http://www.ietf.org/nomcom/, acessado em 12.01.11.
INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Historique*. Disponível em http://www.ihtp.cnrs.fr/spip.php%3Frubrique1&lang=fr.html, acessado em 13.09.10.
INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. Disponível em http://web.archive.org/web/*/http://www.midiasemmascara.org, acessado em 13.10.10.
INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta sobre www.olavodecarvalho.org*. Disponível em http://web.archive.org/web/20020802221943/www.olavodecarvalho.org/, acessado em 13.10.10.
INTERNET WORLD STATS. *Internet world users by language*. Disponível em www.internetworldstats.com/stats7.htm, acessado em 10.09.10.
ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. Disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADAS, acessado em 13.01.12.
JALIFE-RAHME, A. "As 10 transnacionais secretas que controlam as matérias primas". *Agência Carta Maior*. 08.05.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17766, acessado em 10.05.11.
JONSSON, P. "As others bolt, Sarah Palin stands by 'tea party' convention". *Christian Science Monitor*. 03.02.10. Disponível em http://www.csmonitor.com/USA/Politics/2010/0203/As-others-bolt-Sarah-Palin-stands-by-tea-party-convention, acessado em 08.05.11.
KNEBEL, P. "Estudo ressalta a nova classe média digital no país". *Jornal do Comércio*, 01.11.2010. Disponível em http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=45175, acessado em 05.01.11.
KOBAYASHI, M.; TAKEDA, K. "Information retrieval on the web". *ACM Computing Surveys*. nº. 2, volume 32, junho de 2000. Disponível em http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=358923.358934, acessado em 13.02.12.
KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Orgdemo/A_severidade_da_crise_economica_atual_Set_2010.doc, acessado em 13.10.11.
LÊNIN, V. I. *As três partes e as três fontes constitutivas do marxismo*. Disponível em

http://files.agb-recife.webnode.com.br/200000028-b54e4b649e/As%20Tr%C3%AAs%20Fontes%20e%20as%20Tr%C3%AAs%20partes%20Constitutivas%20do%20Marxismo%20(Lenin).pdf, acessado em 14.10.11.
LÊNIN, V. I. *Que fazer?* Disponível em http://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/cap01.htm, acessado em 31.12.11.
LESSA, S. “Marxismo e ética”. *Crítica Marxista*. nº. 14. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/D_SLessa.pdf, acessado em 20.02.12.
LEVINE, A. “Protestos nos Estados Unidos: por que Madison importa”. *Agência Carta Maior*. 28.02.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17493, acessado em 07.05.11.
LEVINE, Y. “How the Tea Party gave new life to mexican-hunting ultra-right extremists”. *The Exiled*. 07.06.11. Disponível em http://exiledonline.com/how-the-tea-party-gave-new-life-to-mexican-hunting-ultra-right-extremists, acessado em 10.07.11.
LIMA, R. *Como era gostoso meu Wunderblog*. Disponível em http://www.nacaradogol.mondo-exotica.net/arquivo/002520.htm, acessado em 19.01.12.
Literalmente um “pedido de comentário”, documento que descreve previamente os padrões de cada protocolo da rede a serem considerados um padrão.
LITMAN. J. *The DNS wars*: trademarks and the internet Domain Name System. Disponível em http://www-personal.umich.edu/~jdlitman/papers/DNSwars.pdf, acessado em 12.01.11.
LÖWY, M. “O romantismo revolucionário de maio 68”. *Espaço Acadêmico*. nº. 84. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/084/84esp_lowyp.htm, acessado em 10.08.10.
MACHADO, C. E. “Para ‘mentor’ do Wunderblog.com, blogueiro tem ironia e falta de respeito”. *Folha.com*. 03.07.04. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45593.shtml, acessado em 19.01.12.
MACIEL, D. “Florestan Fernandes e a questão do transformismo na transição democrática brasileira”. *IV Simpósio Gepal*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt8/11_davidmaciel.pdf, acessado em 10.01.12.
MACIEL, D. “Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula”. *Anais Marx e o marxismo 2011*: teoria e prática. Disponível em http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MM2011/TrabalhosPDF/AMC401F.pdf, acessado em 10.12.11.
MAIA, J. M. “Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 71. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092009000300011&script=sci_arttext&tlng=., acessado em 17.05.11.
MARTINS, R. “Veríssimo: imprensa brasileira é de direita”. *Direto da Redação*. 19.11.07. Disponível em http://www.diretodaredacao.com/noticia/verissimo-imprensa-brasileira-e-de-direita, acessado em 21.01.12.
MARX, K. “Maquinaria e trabalho vivo (os efeitos da mecanização sobre o trabalhador)”. *Crítica Marxista*. nº. 1. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/CM_1.7.pdf, acessado em 11.10.11.
MICHAELS, W. B. “Contra o comunismo e o neoliberalismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11.10. Disponível em http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=806&PHPSESSID=fd25e6e417b75f7999578b00b7767c3c, acessado em 12.05.11.
MINIMUM-WAGE.ORG. *Minimum wage by state 2011*. Disponível em http://www.minimum-wage.org/wage-by-state.asp, acessado em 13.05.11. Supondo como média $7.25 por hora, um trabalhador que cumpra 40 horas semanais, em um ano terá recebido o salário de 13.920 dólares.
MOLIANI, J. A. *Curriculum lattes*. Disponível em http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=N539772, acessado em 23.01.12.
MONTOPOLI, B. “Tea Party supporters: who they are and what they believe”. *CBS News*. 14.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20002529-503544.html,

acessado em 10.05.11.
MONTOPOLI, B.; HENDIN, R. "What is the Tea Party Movement?". *CBS News*. 15.09.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20016540-503544.html#ixzz1MAmO98oe, acessado em 05.05.11.
MORA, E. A. "Tensões na formação profissional da CUT e na disputa dos fundos públicos". *Outubro*. nº. 6. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/06/out6_06.pdf, acessado em 10.11.10.
MORAES, D. de. "Mídia e poder mundial". *História e Luta de Classes*. nº. 2, fevereiro, 2006. Disponível em http://site.projetoham.com.br/arquivos/revistas/2.Linguagem%20Comunicacao%20e%20Cultura.edicaocompleta.pdf, acessado em 13.10.11.
MORAES, R. C. "Neoliberalismo e neofascismo - ès lo mismo pero no ès igual?". *Crítica Marxista*. nº. 7. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica7parte6dossie.pdf, acessado em 04.07.2011.
MOREIRA, D. "O que é uma startup?" *Exame.com*. 20.10.10. Disponível em http://exame.abril.com.br/pme/dicas-de-especialista/noticias/o-que-e-uma-startup, acessado em 09.10.11.
MUELLER, R. S. III. *Countering the terrorist threat*. Preparedness group conference. 06.10.10. Disponível em http://www.fbi.gov/news/speeches/countering-the-terrorism-threat, acessado em 12.11.10.
NIC.BR/CGI.BR. *TIC domicílios e TIC empresas 2007. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil*: a evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 12.11.10.
NIELSEN, J. *Hypertext'87 Trip Report*. Disponível em http://www.useit.com/papers/tripreports/ht87.html, acessado em 06.07.11.
NÓBREGA, J. "Alternativa P2P tenta desafiar ICANN". *Computerworld.com.pt*. 30.11.10. http://www.computerworld.com.pt/2010/11/30/alternativa-p2p-tenta-desafiar-icann, acessado em 12.12.10.
OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Objetivos*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/objetivos.asp, acessado em 10.10.10.
OLIVEIRA, F. de. "O momento Lênin". *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, nº. 75. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci_arttext, acessado em 29.01.12.
OLIVEIRA, F. de. *O ornitorrinco*. Disponível em http://afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Oliveira,%20Francisco/Francisco%20de%20Oliveira%20-%20O%20Ornitorrinco.rtf, acessado em 13.12.10. Grifos nossos.
OPERAMUNDI. "Movimento conservador Tea Party aumenta doações para republicanos nos EUA". *Operamundi*. 21.09.10. Disponível em http://operamundi.uol.com.br/noticias/MOVIMENTO+CONSERVADOR+TEA+PARTY+AUMENTA+DOACOES+PARA+REPUBLICANOS+NOS+EUA_6493.shtml, acessado em 13.05.11.
PADRÓS, E. S. "História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos". *Tempo e argumento*. nº. 1. Disponível em http://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/708/599, acessado em 12.12.10.
PATSCHIKI, A. *Semantic spider*. Disponível em https://github.com/arielpts/semantic-spider, acessado em 13.02.12.
PATSCHIKI, L. *Tabela anexo 1194*. Disponível em http://www.mediafire.com/?8kmur3bo6hg1ac4, acessado em 20.02.12.
PAULANI, L. M. "A crise do regime de acumulação com dominância da valorização financeira e a situação do Brasil". *Estudos Avançados*. nº. 66. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a03v2366.pdf, acessado em 15.01.12.
PINTO, L. F. "Paulo Francis e a bomba esquecida". *Observatório da Imprensa*. 04.05.10. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/paulo-francis-e-a-bomba-

esquecida, acessado em 14.01.11.
POSTEL, J. *RFC 349*. Disponível em http://tools.ietf.org/html/rfc349, acessado em 12.01.11.
POULANTZAS, N. *As classes sociais*. Disponível em http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/as_classes_sociais.pdf, acessado em 10.03.10.
R7. *Confrontos virtuais vão substituir a guerra fria, diz ex-agente da CIA*. Governos ainda discutem represálias aos ataques virtuais. Disponível em http://noticias.r7.com/internacional/noticias/confrontos-virtuais-vao-substituir-a-guerra-fria-diz-ex-agente-da-cia-20110803.html, acessado em 16.10.11.
RECUERO, R *Uma reflexão sobre redes sociais online e offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/uma_reflexao_sobre_redes_sociais_online_e_offline.html, acessado em 13.10.10.
RECUERO, R. *Redes sociais online x redes sociais offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/redes_sociais_online_x_redes_sociais_offline.html, acessado em 23.10.10.
RÉMOND, R. *Por que a história política?* Disponível em http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1975, acessado em 10.09.10.
REYNOLDS, J. K. *RFC 1060*. Disponível em http://tools.ietf.org/html/rfc1060, acessado em 12.01.11.
RIPAMONTE, N. *Os riscos do grande avanço na democratização da internet*. Disponível em http://www.cbeji.com.br/br/downloads/secao/O%20Comitê%20Gestor%20da%20Internet%20do%20Brasil%2001_07_04[1].doc, acessado em 10.10.10.
RODA VIVA. *Entrevista com Octavio Ianni*. 25.11.01. Transcrição disponível em http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0776, acessado em 20.12.10.
ROWEN, B. *History of the tea party movement*. Disponível em http://www.infoplease.com/us/government/tea-party-history.html, acessado em 01.05.11.
SADER, E. *Olavo de Carvalho não existe*. 09.04.03. Disponível em http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/04/252167.shtml, acessado em 22.02.12.
SALVADORI, F. "Banda larga no Brasil é cara e ruim; entenda". *Galileu*. Disponível em http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI138571-17770,00-BANDA+LARGA+NO+BRASIL+E+CARA+E+RUIM+ENTENDA.html, acessado em 03.05.11.
SANTOS, I. G. "A 'eficiência real': apontamentos de Gramsci para uma história/concepção dos partidos políticos". *Anais V CEMARX*. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessao2/Igor_Santos.pdf, acessado em 19.03.11.
SARTORATO, D. "Afif diz que só paulistas têm vontade de trabalhar". *ABDCD Maior*. 20.05.08. Disponível em http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=6774, acessado em 22.01.12.
SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. 23.02.00. Disponível em https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2000/cyberthreats_022300.html, acessado em 10.10.10.
SIAFI. *Banco de dados* (execução do Orçamento da União). Disponível em http://www.camara.gov.br/internet/orcament/bd/exe2010mdb.EXE, acessado em 13.10.11. Elaboração: Auditoria Cidadã da Dívida.
SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. Disponível em http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=34, acessado em 04.07.2011.
SILVEIRA, L. "Fabricação de Ideias, Produção de Consenso: Estudo de Caso do Instituto Millenium e Casa das Garças". *XXVIII Congresso anual da ALAS*. Disponível em http://www.sistemasmart.com.br/alas/arquivos/alas_GT17_Luciana_Silveira.pdf, acessado em 15.02.12.
SMANIOTTO, M. A. "*Software* livre e possibilidades contra-hegemônicas". *Anais IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-

pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt2/12_MarcosSmaniotto.pdf, acessado em 20.02.12.
SOARES, E. P. G. *Entenda a crise da economia dos EUA e sua extensão*. 01.10.08. Disponível em http://www.umavisaodomundo.com/2008/10/entenda-crise-economia-eua.html, acessado em 14.01.12.
TAVARES, M. da C. "A retomada da hegemonia norte-americana". *Revista de Economia Política*. nº. 2. Disponível em http://www.rep.org.br/pdf/18-1.pdf, acessado em 13.02.11.
TELECO. *Privatização*: telecomunicações no mundo. Evolução do setor de telecomunicações. Disponível em http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialprivat/pagina_2.asp, acessado em 09.10.11.
TOLEDO, C. N. de. "Caio Toledo: Folha reabilita o ideólogo da ditabranda". *Viomundo*. 19.11.11. Disponível em http://www.viomundo.com.br/politica/caio-toledo-folha-reabilita-o-ideologo-da-ditabranda.html, acessado em 22.02.12.
TOLEDO, C. N. de. "Crônica política sobre um documento contra a 'ditabranda'". *Sociologia Política*. nº. 34. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a14v17n34.pdf, acessado em 20.03.11.
TRAVIS, S. "Herman Cain wins Tea Party presidential live straw poll at Phoenix summit". *CNN Political Tick*. 27.02.11. Disponível em http://politicalticker.blogs.cnn.com/2011/02/27/herman-cain-wins-tea-party-presidential-live-straw-poll-at-phoenix-summit/, acessado em 10.05.11.
UOL NOTÍCIAS. *Reunião mundial no Rio debate internet mais segura e democrática*. 10.11.07. Disponível em http://governanca.cgi.br/noticias/reuniao-mundial-no-rio-debate-internet-mais-segura-e-democratica-1, acessado em 12.10.10.
VACCA, G. *Guerra de posição e guerra de movimento*. Disponível em http://www.franca.unesp.br/GUERRA%20DE%20MOVIMENTO.pdf, acessado em 06.01.12.
VALOR ECONÔMICO. "Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho". *Valor Econômico*. 24-26.11.00. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al0512200091.htm, acessado em 21.01.12.
VELOSO, E. M. *Legislação sobre internet no Brasil*. Consultoria Legislativa da Câmara de Deputados, 05.09. Disponível em http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/fiquePorDentro/temas/regulacao_da_internet/2009-6863%20Estudo%20Internet.pdf, acessado em 12.12.10.
VIANA, N. "Crise financeira, Estado e regularização jurídica". *Direito GV*. nº. 6. Disponível em http://www.direitogv.com.br/subportais/publica%C3%A7%C3%B5e/direitogv10/06.pdf, acessado em 13.10.11.
VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. Disponível em http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=843&PHPSESSID=42aea8cb512dc16234fbde253a5e6e7e, acessado em 04.07.2011.
WIKIPEDIA. *Data mining* (programming language). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Ruby_(programming_language), acessado em 13.02.12.
WIKIPEDIA. *Data mining*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Data_mining, acessado em 13.02.12.
WIKIPEDIA. *Diego Casagrande*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Diego_Casagrande, acessado em 12.12.10.
WIKIPEDIA. *Internet Assigned Numbers Authority*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Assigned_Numbers_Authority, acessado em 12.01.11.
WIKIPEDIA. *Internet Engineering Task Force*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Engineering_Task_Force#Chairs, acessado em 12.01.11.
WIKIPEDIA. *Script* (computing). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Script_(computing)#cite_note-1, acessado em 13.02.12.
ZANOTTO, G. "Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação" *In*. *Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade* - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências. Disponível em http://www.larc.ufsc.br/arquivos/tfp_cristianismo_soc_salvacao.pdf,

acessado em 13.02.12.

FONTES:

Livros:

CARVALHO, O. de. *A longa marcha da vaca para o brejo & os filhos da PUC*. O imbecil coletivo II. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
CARVALHO, O. de. *O futuro do pensamento brasileiro*: estudos sobre o nosso lugar no mundo. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade da Cidade, 1997.
CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997.
CARVALHO, O. de. *O jardim das aflições*: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.
SCHOPENHAUER, A. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

***Sites*:**

ABREU, K. *Discurso no senado*. 11.04.11. Disponível em http://www.visoesdiversas.com/2011/04/discurso-da-katia-abreu.html, acessado em 13.04.11.
ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. Disponível em http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/olavcrvl.htm, acessado em 19.02.11.
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *A ACSP*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional.html, acessado em 21.01.12.
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional_historia.html, acessado em 21.01.12.
BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/acidental.htm, acessado em 13.11.11.
BOEIRA, M. *Porque Weirmar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11378-por-que-weimar-cedeu-ao-totalitarismo.html, acessado em 01.04.11.
BRASIL ANTI ANTIFA. *O ato e outras cositas mas...* Disponível em http://brasilantiantifa.blogspot.com/, acessado em 14.01.12.
BRUNO, L. *Diga não aos verdadeiros golpistas*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/11425-diga-nao-aos-verdadeiros-golpistas.html, acessado em 20.12.10.
BRUNO, L. *O liberalismo visto pelo imaginário universitário*. 08.05.09. Disponível em http://cavaleiroconde.blogspot.com/2009/04/o-liberalismo-visto-pelo-imaginario.html, acessado em 04.12.2011.
BRUNO, L. *Questões de coerência*. 03.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11898-questoes-de-coerencia.html, acessado em 13.04.11.
CALDAS, S. *O instituto*. 08.08.10. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/o-instituto/quem-somos.html, acessado em 22.01.12.
CARDOSO, F. H. "O papel da oposição". *Interesse Nacional*. nº. 13. abril-junho, 2011. Disponível em http://interessenacional.uol.com.br/artigos-integra.asp?cd_artigo=101, acessado em 14.04.11.
CARPEAUX, O. M. *A idéia da universidade e as idéias das classes médias*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/carp3.htm, acessado em 21.10.10.
CARVALHO, O de. "A nova religião nacional". *Diário do Comércio*. 26.03.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070326dc.html, acessado em 14.01.12.
CARVALHO, O. "História marxista é charlatanismo". *O Globo*. 27.05.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/05272002globo.htm, acessado em 10.10.10.

CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html, acessado em 18.09.10.
CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html, acessado em 18.09.10.
CARVALHO, O. de. “A burguesia indefesa”. *Diário do Comércio.* 17.08.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/editorial/7949-a-burguesia-indefesa.html, acessado em 08.10.10.
CARVALHO, O. de. “A falta que a militância faz”. *Diário do Comércio*. 05.07.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100705dc.html, acessado em 05.10.10.
CARVALHO, O. de. “A farsa radical”. *Jornal do Brasil.* 21.06.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070621jb.html, acessado em 13.04.11.
CARVALHO, O. de. “A maior trama criminosa de todos os tempos”. *Digesto Econômico.* Setembro/dezembro 2007. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/0709digestoeconomico.html, acessado em 14.04.11.
CARVALHO, O. de. “A word from our presidente”. *The Inter-American Institute*. 04.06.10. Disponível em http://www.theinteramerican.org/about-us/mission-statement/128.html, acessado em 10.01.12.
CARVALHO, O. de. “Antonio Gramsci e a teoria do bode”. *IEE*. 29.10.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/iee_gramsci.htm, acessado em 14.04.11.
CARVALHO, O. de. “Apostando na estupidez humana”. *O Globo*. 06.06.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/07062002globo.htm, acessado em 14.04.11.
CARVALHO, O. de. “Barbárie mental”. *Jornal do Brasil.* 15.02.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070215jb.html, acessado em 09.09.10.
CARVALHO, O. de. “Ciência e ideologia”. *O Globo*. 20.09.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/09202003globo.htm, acessado em 14.04.11.
CARVALHO, O. de. “Digitais do Foro de São Paulo”. *Diário do Comércio.* 2801.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/080128dc.html, acessado em 13.04.11.
CARVALHO, O. de. “Escolha desgraçada”. *Diário do Comércio*. 25.05.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100525dc.html, acessado em 20.01.12.
CARVALHO, O. de. “Estupidez criminosa”. *Diário do Comércio,* 26.02.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070226dc.htm, acessado em 10.02.11.
CARVALHO, O. de. “Geração maldita”. *Diário do Comércio.* 08.12.09. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/091208dc.html, acessado em 18.09.10.
CARVALHO, O. de. “Introdução”. *In*. *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*. São Paulo: É Realizações, 2006. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/terraqueo.html, acessado em 19.01.12.
CARVALHO, O. de. “Moral postiça”. *Jornal da Tarde*, 23.12.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/991223jt.htm, acessado em 13.04.11.
CARVALHO, O. de. “Nacionalismo americano – I”. *Diário do Comércio.* 22.05.11. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/110322dc.html, acessado em 10.05.11.
CARVALHO, O. de. “Prólogo”. *Resistência Nacionalista*. nº. 11, fevereiro, 2010. Disponível em http://www.4shared.com/document/i5dmzk5I/RN-Numero_11.html, acessado em 04.07.2011.
CARVALHO, O. de. “Traição anunciada”. *Diário do Comércio*. 08.05.06. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/060508dc.html, acessado em 20.01.12. DOMINGUES, G. A. *A nova Digesto cultural*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova_digesto.htm, acessado em 10.01.12.
CARVALHO, O. de. “Um capítulo de memórias”. *Diário do Comércio*. 23.06.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/080623dc.html, acessado em 27.02.12.
CARVALHO, O. de. “Um clássico e um paralelo”. *O Globo*. 07.06.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/030607globo.htm, acessado em 10.04.11.
CARVALHO, O. de. “Viva o fascismo!”. *Jornal da Tarde. 04.05.99. Disponível em*

http://www.olavodecarvalho.org/semana/990304jt.htm, acessado em 12.12.10.
CARVALHO, O. de. *A esquerda inventada*. 06.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/174-a-esquerda-inventada.html, acessado em 14.04.11. Grifos nossos.
CARVALHO, O. de. *A filosofia não é para os tímidos*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/timidos.htm, acessado em 10.10.10.
CARVALHO, O. de. *Aos visitantes desta homepage*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/aosvisitantes.htm, acessado em 12.01.12.
CARVALHO, O. de. *Apelo urgente de Olavo de Carvalho a seus leitores brasileiros*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/donation.html, acessado em 22.01.12.
CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outspeak*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/true_outspeak.html, acessado em 09.09.10.
CARVALHO, O. de. *Aviso de Alberto Dines & considerações sobre a universidade*. 30.06.01. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/dines2.htm, acessado em 19.01.12.
CARVALHO, O. de. *Aviso*. Editorial. 12.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/editorial/11915-aviso.html, acessado em 20.01.12.
CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000007.html, acessado em 08.01.12.
CARVALHO, O. de. *Gramscianos enfezadinhos, uni-vos!*. 26.12.98. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/enfeza.htm, acesssado em 29.03.12.
CARVALHO, O. de. *Jornalismo e verdade*. Entrevista a um grupo de estudantes da PUC-Minas. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/jornalismo.htm, acessado em 10.10.10.
CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/english/1Resume.pdf, acessado em 14.01.12.
CARVALHO, O. de. *Links*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2, e http://www.olavodecarvalho.org/semana/arquivo_2002.htm, acessados em 09.10.10.
CARVALHO, O. de. *Livraria (in)Cultura agride covardemente o Mídia Sem Máscara*. Disponível em http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=2471, acessado em 20.01.12.
CARVALHO, O. de. *Lógica da mistificação, ou: o chicote da tiazinha*. 05.04.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/tiazinha.htm, acessado em 23.10.10. Grifos nossos.
CARVALHO, O. de. *Minha aluna e Marcos Bagno*. Carta e comentários. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/bagno.htm, acessado em 23.09.11.
CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000009.html, acessado em 08.01.12.
CARVALHO, O. de. *O homem invisível*. 19.04.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/desinformacao/12017-o-homem-invisivel.html#comment-39876, acessado 05.05.11.
CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo* – calamidades intelectuais da semana: cartas e respostas. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/imbecil.htm, acessado em 10.06.11.
CARVALHO, O. de. *O que é o nacionalismo americano?* 22.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11941-o-que-e-o-nacionalismo-americano.html, acessado em 17.05.11.
CARVALHO, O. de. *Opiniões da crítica*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/critica.htm, acessado em 12.01.12.
CARVALHO, O. de. *Pauteiro da USP*. 30.06.01. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/pauteiro.htm, acessado em 14.01.12.
CARVALHO, O. de. *Publicações de alunos e amigos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2, acessado em 09.10.10.
CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* Disponível em http://www.seminariodefilosofia.org/o-que-e, acessado em 10.01.12.

CARVALHO, O. de. *Quem avisa amigo é*. 02.03.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10858-quem-avisa-amigo-e.html, acessado em 13.11.10.
CARVALHO, O. de. *Quem somos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021028120828/www.midiasemmascara.org/quem.asp, acessado em 13.10.10.
CARVALHO, O. de. *Quem trabalha para quem*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/coimbra.htm, acessado em 12.04.11.
CARVALHO, O. de. *Reparando uma injustiça pessoal*. Discurso pronunciado no Clube Militar do Rio de Janeiro em 31.03.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/reparando.htm, acessado em 04.07.11.
CARVALHO, O. de. *Sucesso total do I Congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/sucesso.htm, acessado em 19.01.12.
CARVALHO, O. de. *The secret of a terrorist*. 23.06.10. Disponível em http://philosophyseminar.com/texts/articles/165-the-secret-of-a-terrorist.html, acessado em 13.04.11.
CARVALHO, O. de. *True outspeak,* sem data. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=OhGx8NXX5V4, acessado em 12.12.10. Transcrição nossa.
CARVALHO, O. de. *Truque sujo, parte 2*. 13.10.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/outros/12486-truque-sujo-parte-2.html, acessado em 20.01.12.
CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. Disponível em http://web.archive.org/web/19991004034606/http://olavodecarvalho.org/, acessado em 19.01.12.
CARVALHO. O. de. "Dialética da inveja". *Folha de S. Paulo*. 26.08.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/030826fsp.htm, acessado em 20.10.10.
CARVALHO. O. de. "Por trás das palavras". *Diário do Comércio*. 08.02.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100208dc.html, acessado em 08.08.10.
CARVALHO. O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/livros/negramsci.htm, acessado em 27.10.10.
CARVALHO. O. de. *Karl Marx na fonte da juventude*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070730dc.html, acessado em 22.10.10.
CASTRO, G. "Olavo de Carvalho: esquerda ocupou vácuo pós-ditadura". Entrevista. *Veja Online*. 03.04.11. Disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuo-pos-ditadura, acessado em 03.04.11.
CEDET. *Livrarias virtuais CEDET*. Disponível em http://www.cedet.com.br/index.php?/CEDET/Informacoes-para-Clientes/livrarias-virtuais-cedet.html, acessado em 25.01.12.
CIDRAL, F. "Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho". *Vidaqui*. 31.10.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/quee.htm, acessado em 13.01.12.
COMUNIDADE ERIC VOEGELIN. *Apresentação*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=114660, acessado em 20.12.10.
CORDEIRO, N. *A questão do mal natural*. 20.01.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11777-a-questao-do-mal-natural.html, acessado em 03.01.11.
CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10838-liberalismo-e-conservadorismo.html, acessado em 03.03.11.
CORDEIRO, N. *Liberalismo e revolução*. 15.03.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10903-liberalismo-e-revolucao.html, acessado em 01.12.10.
CORDEIRO, N. *O feixe*. 03.01.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/10658-o-feixe.html, acessado em 12.02.11.

CRISTIANISMO HOJE. *Entrevista com Julio Severo*. 27.04.09. Disponível em http://juliosevero.blogspot.com/2009/06/entrevista-original-de-julio-severo.html, acessado em 13.02.12.
Disponível em ORKUT. *Serviço de busca*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=, acessado em 10.10.10.
DIVERSOS. *Cartas ao Globo e a Olavo de Carvalho*. Parte I. Cartas enviadas ao Globo. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas_oglobo_oglobo.htm, acessado em 20.01.12.
DOM BERTRAND DE ORLEANS E BRAGANÇA. *Blog de Dom Bertrand*. Disponível em http://www.paznocampo.org.br/Blog/Blog_db.asp, acessado em 15.02.12.
DOM LUIZ BERGONZINI. *Início*. Disponível em http://www.domluizbergonzini.com.br/, acessado em 14.02.12.
DOMINGOS, G. A. *Informar e estimular o debate*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/mundo_real/03_prefacio.htm, acessado em 10.09.10.
É REALIZAÇÕES. *Catálogo*. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/editora/catalogo.asp, acessado em 25.01.12.
ESCORSIM, F. "A seriedade de Alegria". *Paraná Online*. 19.10.07. Disponível em http://www.parana-online.com.br/colunistas/201/50421/?postagem=A+SERIEDADE+DE+IALEGRIAI, acessado em 23.01.12.
ESCORSIM, F. *Por que elegância?* Disponível em http://cinemaelegante.blogspot.com/2005/03/por-que-elegncia.html, acessado em 23.01.12.
FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Economia e livre iniciativa*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura_detalhe.asp?id_tema=24, acessado em 13.04.11.
FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Quem somos*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/quemsomos.asp, acessado em 14.02.12.
FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Sala de leitura*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura.asp, acessado em 14.04.11.
FONSECA, E. "Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil". *Panorama Mercantil*. 07.07.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/12147-entrevista-de-olavo-de-carvalho-ao-site-panorama-mercantil.html, acessado em 19.02.12.
FONSECA, J. C. S. da. *Dilma na luta armada*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/eleicoes-2010/11403-dilma-na-luta-armada.html, acessado em 20.12.10.
FONSECA, J. C. S. da. *Farsa moral do politicamente correto*. 09.05.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11055-farsa-moral-do-politicamente-correto.html, acessado em 13.10.10. Grifos do autor.
FORO DO BRASIL. *Entrada*. Disponível em http://www.forodobrasil.info/, acessado em 11.01.12.
FORO DO BRASIL. *Sobre*. Disponível em http://forodobrasil.info/fb/?page_id=2, acessado em 13.02.12.
FRENTE NACIONAL. *Immigration*. Disponível em http://www.frontnational.com/?page_id=1095, acessado em 07.04.11.
FUNDAÇÃO LIBERDADE E CIDADANIA. *A fundação*. Disponível em http://www.flc.org.br/fundacao.asp, acessado em 26.01.12.
FUNDADORES. *Quem somos*. Disponível em http://www.fundadores.org.br/servicos/qsomos/, acessado em 15.02.12.
GARCIA, A. *Observando o observatório*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0156.htm, acessado em 19.09.10.
GARSCHAGEN, B. *"Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante"*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/0801entrevista.html, acessado em 10.04.11.
GOOGLE STREET VIEW. *R. Visconde do Rio Branco, 449*. Mercês, Curitiba. Foto de junho de

2011. Disponível em http://maps.google.com.br/maps?q=visconde+do+rio+branco+449+curitiba&um=1&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x94dce408143850cf:0x80007abc7f4cfdff,R.+Visc.+do+Rio+Branco,+449+-+Merc%C3%AAs,+Curitiba+-+PR,+80410-000&gl=br&ei=NKsdT7DiGMvo2gXuydH0Cw&sa=X&oi=geocode_result&ct=title&resnum=1&ved=0CCYQ8gEwAA, acessado em 23.01.12.

I CONGRESSO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE HUMANIDADES. *Primeira comunicação*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/congresso.htm, acessado em 19.01.12.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://www.institutodefilosofia.com.br/pdf/grandes_fb.pdf, acessado em 20.01.12. Olavo de Carvalho nega este patrocínio.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO. *Quem somos*. Disponível em http://www.ife.org.br/quem-somos.html, acessado em 13.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Articulistas e colunistas*. Disponível em http://www.imil.org.br/categoria/articulistas-e-especialistas/, acessado em 15.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Histórico*. Disponível em http://www.imil.org.br/institucional/historico/, acessado em 15.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Parceiros*. Disponível em http://www.imil.org.br/parceiros/, acessado em 15.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Prestação de contas*. Disponível em http://www.imil.org.br/institucional/prestacao-de-contas/, acessado em 15.02.11.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Atendimentos individuais*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/atendimentos.html, acessado em 23.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Cursos*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/cursos.html, acessado em 23.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/inscricoes.html, acessado em 22.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Palestras e eventos.* Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/palestras-e-eventos.html, acessado em 23.01.12

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Pesquisa e estudos*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/pesquisa-e-estudo.html, acessado em 23.01.12.

IORIO, U. *João, Maria, José, empreendedorismo e intervencionismo*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/11466-joao-maria-jose-empreendedorismo-e-intervencionismo.html, acessado em 13.10.10.

JULIO SEVERO. *Blog*. Disponível em http://juliosevero.blogspot.com/, acessado em 13.02.12.

JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Conservadores da UFSC, bem vindos!* Disponível em http://unbconservadora.blogspot.com.br/2012/05/conservadores-da-ufsc-bem-vindos.html, acessado em 21.04.12.

JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Manifesto da Juventude Conservadora da UnB.* Disponível em http://unbconservadora.blogspot.com.br/2010/06/carta-manifesto-da-juventude.html, acessado em 03.03.12.

KUHNER, J. T. *O império de Soros*. 03.09.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11569-o-imperio-de-soros.html, acessado em 17.12.10.

LEÃO, S. R. "O PT já nasceu corrompido". Entrevista com Olavo de Carvalho. *Jornal de Brasília.* 31.01.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/10772-qo-pt-ja-nasceu-corrompidoq.html, acessado em 14.04.11.

LIVRARIA CULTURA. *Pesquisa sobre Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.livrariacultura.com.br/scripts/busca/busca.asp?palavra=olavo+de+carvalho&tipo_pesq=&tipo_pesq_new_value=false&tkn=0, acessado em 05.01.12.

LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Livros à venda*. Disponível em http://livraria.seminariodefilosofia.org, acessado em 09.07.11.
LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA; CEDET. *Quem somos*. Disponível em http://livraria.seminariodefilosofia.org/sobre-o-site/informacoes-gerais/quem-somos.html, acessado em 25.01.12.
MADRETERNA. *4º oficina de música e arte católica*. Releases da área de expressão. Disponível em http://www.zizafernandes.com/oficina/releaseexpressao.php, acessado em 23.01.12.
MAIER, F. *Olavo "Denisovich" Carvalho*. 17.03.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0132.htm, acessado em 19.01.12.
MARTINS, T. F. *Resistência e reação*. 17.07.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11247-resistencia-e-reacao.html, acessado em 13.10.10.
MATEVSKI, N. "Na base do doa a quem doer. Entrevista com Olavo de Carvalho". *Gazeta do Povo*. 20.06.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista_gazeta.htm, acessado em 13.01.12.
MELLÃO NETO, J. "Enquanto a revolução não vem". *O Estado de S. Paulo*. 31.12.10. Reproduzido em http://www.exercito.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=18107&articleId=304348&version=1.0, acessado em 10.05.11.
MÍDIA SEM MÁSCARA. *Arquivos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021004015706/www.midiasemmascara.org/arquivo.asp, acessado em 10.10.10.
MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em http://replay.waybackmachine.org/20030402124624/http://midiasemmascara.org/autor.asp?cod=69, acessado em 13.04.1.
MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/colunistas.html, acessado em 10.05.11.
MISES BRASIL. *Autores*. Disponível em http://www.mises.org.br/Authors.aspx?type=articles, acessado em 26.01.12.
MISES BRASIL. *Biblioteca*. Disponível em http://www.mises.org.br/Ebooks.aspx?type=99, acessado em 26.01.12.
MISES BRASIL. *Loja virtual*. Disponível em http://www.mises.org.br/Products.aspx, acessado em 26.01.12.
MISES BRASIL. *Sobre nós*. Disponível em http://www.mises.org.br/About.aspx, acessado em 26.01.12.
MISES BRASIL. *Trabalhos acadêmicos*. Disponível em http://www.mises.org.br/Ebook.aspx?id=38, acessado em 26.01.12.
MISES INSTITUTE. *Daily*. Disponível em http://mises.org/, acessado em 26.01.12.
NEDELCU, D. "Entrevista com Olavo de Carvalho". *Rádio Nacional*. Bucareste, 12.11.98 http://www.olavodecarvalho.org/textos/nedelcu.htm, acessado em 10.01.12..
NUGENT, T. *What the Tea Parties stand for*. Disponível em http://www.humanevents.com/article.php?id=36856, acessado em 13.05.11.
NYQUIST, J. *Aviso de um filósofo*. Entrevista com Olavo de Carvalho. 27.02.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11885-aviso-de-um-filosofo.html, acessado em 01.03.11.
PAOLA, H. de. *A "direita" que a esquerda adora*. 27.02.10. Disponível em http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=1684, acessado em 10.05.11.
PAOLA, H. de. *Governo mundial: realidade ou mito?* 31.08.06. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/arquivos/5479-governo-mundial-realidade-ou-mito.html, acessado em 12.04.11.
PAOLA, H. de. *No, you can't!* A águia reage!. 11.11.10. Disponível em http://www.heitordepaola.com/publicacoes_materia.asp?id_artigo=2242, acessado em 13.05.11.

PAOLA, H. de. *True Lies*. 20.01.04. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/9622-true-lies.html, acessado em 13.04.11.
PAOLA, H. de. *Um movimento conservador no Brasil?* 21.12.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11706-um-movimento-conservador-no-brasil.html, acessado em 17.05.11.
PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. Disponível em http://www.imil.org.br/artigos/o-antipolitico/, acessado em 14.04.11.
PIRES, K. C. *Vamos trabalhar juntos?* 12.02.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/10789-vamos-trabalhar-juntos.html, acessado em 08.10.10.
PONTES, I. "Vocação: editor". *Tribuna da Imprensa*. 12.12.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_TI_121203.htm, acessado em 25.01.12.
PONTES, I. *Jornalismo falido x jornalismo on line*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11284-jornalismo-falido-x-jornalismo-on-line.html, acessado em 20.12.10.
PONTES, I. *Se Lula existe, tudo é permitido*. 22.12.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/10628-se-lula-existe-tudo-e-permitido.html, acessado em 12.12.10. Grifos nossos.
QUEM. "Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro". *Quem*. 14.11.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_QUEM_141103.htm, acessado em 25.01.12.
RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA. Edição nº. 7, setembro de 2011. Disponível em http://www.newsflip.com.br/pub/resistenciademocratica//index.jsp?edicao=2198, acessado em 14.02.12.
RESISTÊNCIA NACIONALISTA. Editorial. *Resistência Nacionalista*. nº. 1, abril, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html, acessado em 04.07.2011.
RIBEIRO, E. *Leitor do MSM vs. André Petry*. 13.11.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/outros/11594-leitor-do-msm-vs-andre-petry.html, acessado em 13.05.11.
RICARDO, P. Pe. *Introdução à filosofia – o marxismo cultural!* (extratos de uma palestra). Disponível em http://antiforodesaopaulo.blogspot.com/2009/05/iniciacao-filosofia-o-marxismo-cultural.html, acessado em 10.04.11.
ROBSON, R. *Sobre o medo de ser flagrado lendo Olavo de Carvalho*. 26.12.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/081226sobreomedo.htm, acessado em 12.10.10.
ROSENFIELD, D. L. "Democracia totalitária". *O Estado de S.Paulo*. 03.07.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090803/not_imp412618,0.php, acessado em 10.05.11.
SALGUEIRO, G. "Não houve Golpe de Estado em Honduras". *Resistência Nacionalista*. nº. 4. Julho, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/122955448/a3ab6967/RN-Numero_04.html, acessado em 04.07.2011
SALGUEIRO, G. *Brasil*: opção preferencial pela ilegalidade – Parte 2. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/8935-brasil-opcao-preferencial-pela-ilegalidade-parte-2.html#comment-15925, acessado em 12.12.10.
SANTOS, I. *Gramsci, lavagem cerebral e o aborto*. Disponível em http://www.providafamilia.org.br/site/_arquivos/2008/350__gramsci,_lavagem_cerebral_e_o_aborto.pdf, acessado em 14.02.12.
SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Mídia Sem Máscara"*. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 13.10.10.
SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Olavo de Carvalho"*. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 20.12.10.
SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Assine já*. Disponível em http://www.seminariodefilosofia.org/assine, acessado em 13.01.12.
SEVERO, J. "Desmascarando o gayzismo". *Resistência Nacionalista*. nº. 1, abril, 2009. Disponível

em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html , acessado em 04.07.2011
SILVA, C. A. P. *Entendendo aspectos da conjuntura brasileira atual "Brasil e a revolução no Ocidente"*. Extratos do livro "A revolução gramscista no Ocidente. A concepção revolucionária de Antônio Gramsci em os Cadernos do cárcere" de Sérgio Augusto de Avellar Coutinho. Rio de Janeiro: Estandarte, 2002. Disponível em http://ultradireita.wordpress.com/2010/07/28/entendendo-aspectos-da-conjuntura-brasileira-atual-%e2%80%9cbrasil-e-a-revolucao-no-ocidente%e2%80%9d/, acessado em 06.06.11.
SOUZA, R. A. *Biografia*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/bio.htm, acessado em 10.01.12.
TAVARES, J. A. G. *Partidos não constitucionais em democracias constitucionais*. 01.02.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11811-partidos-nao-constitucionais-em-democracias-constitucionais.html, acessado em 11.05.11.
TAVARES, J. A. G. *Totalitarismo democrático*: I. Paranóia e política. 21.01.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11781-totalitarismo-democratico-1-paranoia-e-politica.html, acessado em 10.05.11.
TAVARES, N. *Instituto Mises Brasil divulga o resultado do I Prêmio IMB*. 01.03.10. Disponível em http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=631, acessado em 26.01.12.
TEA PARTY. *Non-negotiable core beliefs of the tea party*. Disponível em http://www.teaparty.org/about.php, acessado em 05.05.11.
TERNUMA. *Quem somos*. Disponível em http://www.ternuma.com.br/ternuma/index.php?open=1, acessado em 13.02.12.
THE INTER-AMERICAN INSTITUTE. *Fellows*. Disponível em http://www.theinteramerican.org/about-us/fellows.html, acessado em 20.01.12.
THECONTRACT.ORG. *The contract from America*. Disponível em http://www.thecontract.org/the-contract-from-america/, acessado em 10.05.11.
TOPBOOKS. *A editora*. Disponível em http://www.topbooks.com.br/, acessado em 25.01.12.
TOPBOOKS. *Apresentação "Como vencer um debate sem precisar ter razão"*. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frApres_ComoVencer.htm, acessado em 24.12.11.
TÓPICO DA COMUNIDADE "MÍDIA SEM MÁSCARA". *Novo na comunidade*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=775794&tid=6254698, acessado em 20.12.10. Optamos por corrigir os erros de português das mensagens do Orkut.
TÓTORA, R. "Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho". *Porto do Céu*. 01.06.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm, acessado em 10.01.12.
UNIVERCIDADE. *Editora*. Disponível em http://www.univercidade.br/editora/index.asp#ciepol, acessado em 15.01.12.
UNIVERCIDADE. *Histórico*. Disponível em http://www.univercidade.br/ainstituicao/historia.asp, acessado em 15.01.12.
VANGUARDA POPULAR. *ODC* - Sapientiam Autem Non Vincit Malitia. Disponível em http://d3cznlo0697e08.cloudfront.net/products/807-10d96ca3ba4f4cd10f71b82ce5b8e43e.jpg, acessado em 14.02.12.
VANGUARDA POPULAR. Página inicial. Disponível em http://www.vanguardapopular.com.br/portal/, acessado em 03.03.12.
VICTOR, F. "O que é, que é?". *Folha de S. Paulo*. 12.01.12. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha_Ilustrada_07-01-2012.pdf, acessado em 25.01.12.
VIDE EDITORES. *UnoAmérica*. 19.12.08. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/unoamerica-uniao-de-organizacoes-democraticas-da-america.html, acessado em 18.03.12.
VIDE EDITORIAL. *Índice do Dicionário de obras básicas da cultura ocidental*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/indice/indice.html,

acessado em 26.01.12.
VIDE EDITORIAL. *Vide editorial*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=40&Itemid=55, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Artigos*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Direita*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/direita.html, acessado em 26.01.12
VIDE. *Editoriais*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Esquerda*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/esquerda.html, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Manifesto*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/VIDE-Informacoes-Gerais/Documentos-VIDE/manifesto-do-vide.html, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Revolucionário*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/revolucionario.html, acessado em 26.01.12.
VOEGELIN, E. *Karl Marx (1818-1883)*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/mendo2_2.htm, acessado em 11.03.11.

ANEXOS:

ANEXO 1: Tabela dos membros titulares do CGI.br, por origem de representação, de 2005-2010:

Representantes do governo	**Membros titulares empossados em 06.01.05**	**Membros titulares empossados em 17.02.07**	**Membros titulares empossados 30.09.08**
Ministério da Ciência e Tecnologia	Arthur Pereira Nunes (coordenador)	Augusto Cesar Gadelha Vieira (coordenador)	Augusto Cesar Gadelha Vieira (coordenador)
Casa Civil da Presidência da República	Sérgio Amadeu da Silveira	Renato da Silveira Martini	Renato da Silveira Martini
Ministério das Comunicações	Plínio de Aguiar Júnior	Marcelo Bechara de Souza Hobaika	Marcelo Bechara de Souza Hobaika
Ministério da Defesa	Antonio Carlos Ayrosa Rosière	Marcelo Andrade de Melo Henriques	Vago, titular; Vago, suplente
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	Manuel Fernando Lousada Soares	Jairo Klepacz	Vago, titular; Manuel Fernando Lousada Soares, suplente
Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão	Rogério Santanna dos Santos	Rogério Santanna dos Santos	Rogério Santanna dos Santos
Agência Nacional de Telecomunicações	José Alexandre Novaes Bicalho	Plínio de Aguiar Junior	Plínio de Aguiar Junior
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico	José Roberto Drugowich de Felício	José Roberto Drugowich de Felício	José Roberto Drugowich de Felício
Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência e Tecnologia (em 2005 ainda Fórum)	Denise Aparecida Carvalho	Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti	Alexandre Aguiar Cardoso
Representante de Notório Saber em Assuntos de Internet:	Demi Getschko	Demi Getschko	Demi Getschko
Representantes do setor empresarial	**Membros titulares empossados em 06.01.05**	**Membros titulares empossados em 17.02.07**	**Membros titulares empossados 30.09.08**
Segmento dos provedores de acesso e conteúdo da Internet	Antônio Alberto Tavares	Antônio Alberto Tavares	Jaime Barreiro Wagner
Segmento dos provedores de infra-estrutura de telecomunicações	Carlos de Paiva Lopes	Carlos de Paiva Lopes (*in memorian*)	Alexandre Annenberg Netto
Segmento da indústria de bens de informática, de bens de telecomunicações e de software do setor empresarial	Henrique Faulhaber	Henrique Faulhaber	Henrique Faulhaber
Segmento do setor empresarial usuário	Cássio Jordão Motta Vecchiatti	Cássio Jordão Motta Vecchiatti	Nivaldo Cleto

Representantes do terceiro setor	Membros titulares empossados em 06.01.05	Membros titulares empossados em 17.02.07	Membros titulares empossados 30.09.08
	Carlos Alberto Afonso	Carlos Alberto Afonso	Carlos Alberto Afonso
	Gustavo Gindre Monteiro Soares	Gustavo Gindre Monteiro Soares	Gustavo Gindre Monteiro Soares
	Marcelo Fernandes	Marcelo Fernandes	Marcelo Fernandes
	Mário Luís Teza	Mário Luís Teza	Mario Luis Teza
Representantes da comunidade científica e tecnológica	**Membros titulares empossados em 06.01.05**	**Membros titulares empossados em 17.02.07**	**Membros titulares empossados 30.09.08**
	Luci Pirmez	Luci Pirmez	Nelson Simões da Silva
	Nelson Simões da Silva	Nelson Simões da Silva	Lisandro Zambenedetti Granville
	Luis Fernando Gomes Soares	Luiz Fernando Gomes Soares	Flávio Rech Wagner

FONTE: SEM AUTOR. *Lista dos membros do Comitê Gestor Internet Brasil*. Disponível em http://www.abusando.info/denuncias/comitegestor.html, acessado em 10.10.10.

ANEXO 2: Tabela do perfil dos representantes eleitos para o CGI.br em 2011.

Setor empresarial	Provedores de acesso e conteúdo da Internet	Provedores de infraestrutura de telecomunicações	Indústria de bens de informática, telecomunicações e *software*	Setor empresarial usuário
	Eduardo Fumes Parajo. Iniciou no mercado de provimento de acesso e serviços Internet em 1996, e desde abril de 2007 é presidente da ABRANET, onde exerce o cargo pelo segundo mandato consecutivo até 2011. Suplente: Ricardo Lopes Sanchez.	Eduardo Levy Cardoso Moreira. Engenheiro Eletricista e de Telecomunicações pela PUC-RJ, ocupou cargos na Telerj, Telebrás e Embratel. É o atual Diretor Executivo do SINDITELEBRASIL. Suplente: Alexandre Annenberg Netto.	Henrique Faulhaber (reeleito). Matemático com Mestrado em Engenharia de Sistemas, é diretor da empresa Calandra, do SEPRORJ e membro do conselho da Riosoft. Suplente: Norberto Dias.	Cássio Jordão Motta Vecchiatti. Sócio e diretor da DataCast Assessoria Ltda., tem formação em Tecnologia da Informação e Eletrônica. Atualmente é Diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia do Sistema Fiesp/Ciesp e Presidente do Conselho da Fundação Vanzolini. Suplente: Nivaldo Cleto.

Terceiro Setor				
	Sergio Amadeu da Silveira. Professor da UFABC, Doutor em Ciência Política pela USP. Implementou e coordenou o Projeto Telecentros da Prefeitura de São Paulo. Foi Diretor-Presidente do ITI. Integra o Conselho Científico da ABCiber. É membro da comunidade de *software* livre. Suplente: José Ricardo Negrão.	Veridiana Alimonti. Formada em Direito e mestranda em Direito Econômico pela USP. É advogada do IDEC, com atuação na área de telecomunicações, incluindo as iniciativas relativas à governança da Internet e participação social na regulação dos serviços. Suplente: Vitor Hugo Das Dores Freitas	Carlos Alberto Afonso (reeleito). Cofundador do Ibase e da APC. Coordenou o primeiro projeto Internet desenvolvido para uma conferência mundial da ONU, a ECO-92. Atualmente é colaborador do Instituto Nupef e membro do Conselho de Administração da Telebrás. Suplente: Marcus Aurélio Ribeiro Manhães	Percival Henriques de Souza Neto. Físico e bacharel em Direito, foi diretor técnico do Inmetro/Imeq na Paraíba e é especialista em gestão pública. Atualmente, exerce a presidência da Associação Nacional para Inclusão Digital – ANID. Suplente: Flávia Lefèvre Guimarães.
Comunidade científica e tecnológica				
	José Luiz Ribeiro Filho. Engenheiro Eletrônico pela UFRJ, Mestre em Ciência da Computação pela COPPE Sistemas e Ph.D. em Ciência da Computação pela Universidade de Londres. Atualmente, é Diretor de Serviços e Soluções da RNP.	Flávio Rech Wagner (reeleito). Graduado em Engenharia Elétrica pela UFRGS, é Doutor em Informática pela Universidade de Kaiserslautern, Alemanha. Foi Presidente e Conselheiro da Sociedade Brasileira de Computação e atualmente é professor titular da UFRGS.	Lisandro Zambenedetti Granville (reeleito). Professor-doutor do Instituto de Informática da UFRGS. É especialista em Gerenciamento de Redes de Computadores e Serviços. Pesquisador CNPq. Suplente: Omar Kaminski	-

FONTE: NIC.BR. *CGI.br anuncia nomes dos representantes eleitos da sociedade civil*. 23.02.11. Disponível em http://www.inclusaodigital.gov.br/noticia/cgi-br-anuncia-nomes-dos-representantes-eleitos-da-sociedade-civil/, acessado em 04.04.11.

ANEXO 3: Tabela de posse e uso de computador e internet (percentual sobre o total):

Domicílios	**2005**		**2006**		**2007**	
	%	Projeção domicílios	%	Projeção domicílios	%	Projeção domicílios
Possui computador	17	7 436 000	20	8 820 000	24	11 040 000
Possui acesso à internet	13	5 720 000	14	6 525 000	17	7 774 000
Pessoas						
Já utilizou computador	45	56 500 000	46	58 039 000	53	69 037 000
Utilizou computador nos últimos 3 meses	30	37 125 000	33	42 037 000	40	52 924 000
Nunca utilizou computador	55	68 500 000	54	68 961 000	47	61 963 000
Já utilizou internet	32	40 250 000	33	42 291 000	41	53 317 000
Utilizou internet nos últimos 3 meses	24	30 500 000	28	35 306 000	34	44 933 000
Nunca utilizou internet	68	84 750 000	67	84 709 000	59	77 683 000

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 4: Tabela de posse e uso de computador e internet por renda:

Renda familiar	**Posse computador**			**Posse internet**		
	2005	**2006**	**2007**	**2005**	**2006**	**2007**
Até 1 SM	2	2	3	1	0	1
1SM – 2 SM	3	3	9	1	2	4
2 SM – 3 SM	6	10	24	2	6	15
3 SM – 5 SM	15	23	40	10	16	28
+ 5 SM	46	54	67	40	44	57
Total	17	20	24	13	14	17
Renda familiar	**Uso computador nos últimos 3 meses**			**Uso internet nos últimos 3 meses**		
	2005	**2006**	**2007**	**2005**	**2006**	**2007**
Até 1 SM	7	9	17	4	5	12
1 SM – 2 SM	12	15	27	8	11	21
2 SM – 3 SM	21	25	44	15	20	38
3 SM – 5 SM	32	41	58	26	34	51
+ 5 SM	60	63	74	55	59	68
Total	30	33	40	24	28	34

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 5: Tabela de motivos pelos quais nunca utilizou a internet:

Percentual		**Falta de habilidade com o computador/internet**	**Não tem necessidade ou interesse**	**Não tem condições de pagar o acesso**	**Não tem de onde acessar**	**Outros**
Total		55	39	31	18	15
Sexo	**Masculino**	57	43	28	16	14

	Feminino	52	34	35	20	15
Grau de instrução	Analfabeto/Ed. Infantil	64	29	32	21	17
	Fundamental	56	35	30	17	16
	Médio	48	49	31	17	13
	Superior	52	37	34	17	13
Renda	Até 1 SM	62	225	38	20	17
	1 SM - 2 SM	58	38	30	21	12
	2 SM - 3 SM	44	44	36	21	13
	3 SM - 5 SM	51	41	26	12	21
	+ 5 SM	43	61	24	11	14

BASE: 10.800 entrevistados de áreas urbanas que nunca utilizaram a internet. FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 6: Tabela de motivos para a falta acesso à internet no domicílio, por renda (em porcentagem).

	Total	Até 1 SM	1 SM – 2 SM	2 SM – 3 SM	3 SM – 5 SM	5 SM ou +
Tem acesso em outro lugar	23	12	18	16	27	30
Falta de habilidade/não sabe usar	13	8	7	16	14	13
Não tem necessidade/interesse	16	4	12	16	16	19
Acesso à rede inexistente na localidade	4	5	3	7	2	4
Custo de acesso muito elevado	58	70	72	68	58	33
Preocupações com segurança ou privacidade	6	0	5	7	9	4
Outros motivos NS/NR	35	57	34	22	32	41

Base: 1.165 domicílios entrevistados em áreas urbanas sem acesso à internet, mas com computador. FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 7: Tabela de motivos para a falta de computador no domicilio (percentual sobre o total de domicílios em que seus membros não tem computador):

	Total	Até 1 SM	1 SM – 2 SM	2 SM – 3 SM	3 SM – 5 SM	5 SM ou +
Custo elevado	78	87	83	77	87	51
Não há necessidade/interesse	30	32	30	29	28	28
Falta de habilidade	28	31	31	27	21	23
Tenho acesso ao computador em outro lugar	11	5	8	14	18	26
Outros motivos	14	10	11	14	21	22

BASE: 12.917 domicílios entrevistados em áreas urbanas em que seus membros não tem acesso a um computador. FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 8: Tabela de tipos de conexão à internet por renda:

	Modem tradicional			Banda larga		
Renda familiar	**2005**	**2006**	**2007**	**2005**	**2006**	**2007**

Até 1 SM	71	88	17	0	12	26
1 SM – 2 SM	63	57	11	3	28	11
2 SM – 3 SM	87	57	50	10	25	13
3 SM – 5 SM	79	19	13	8	37	51
+ 5 SM	61	47	36	28	46	57
Total	66	49	42	22	40	50

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 9: Tabela de locais de acesso à internet (percentual sobre total usuários da rede):

	2005	**2006**	**2007**
Em casa	42	40	40
No trabalho	26	24	24
Na escola	21	16	15
Na casa de outra pessoa	18	16	24
Centro público pago	18	30	49
Centro público gratuito	2	3	6
Outro	3,5	2	2

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

GT 9. Pensamento da direita e chauvinismo na América Latina

Fascismo e internet, uma possibilidade de análise social através das redes extrapartidárias: o caso do "Mídia Sem Máscara" (2011)

Lucas Patschiki[1]

Resumo: Neste artigo discutiremos a questão das redes extrapartidárias formadas por grupos fascistas e proto-fascistas na contemporaneidade, sua possibilidade de análise através da leitura total dos *websites* destes (possibilitado por diversas ferramentas de *Web Crawler*) para o mapeamento e avaliação de seus *links* (ligações possíveis) em sua reciprocidade (seus nós), compreendendo estas ligações como indicativos sociais de organização e diálogo comum entre partidos, aparelhos privados de hegemonia e agentes sociais através da rede mundial de computadores. Neste sentido consideramos que a especificidade organizativa da chamada terceira "onda" fascista se deu pela formação de redes extrapartidárias, sendo a tecnologia da informação essencial para a cooptação e formação de militantes. Neste caso analisaremos a rede formada pela atuação partidária do grupo organizado em torno do *website* Mídia Sem Máscara.
Palavras-chave: Partidos; Internet; Metodologia; Mídia Sem Máscara.

Neste artigo discutiremos a questão das redes extrapartidárias formadas por partidos e grupos fascistas na contemporaneidade, sua possibilidade de visualização e análise através da leitura total dos *websites* destes (possibilitado por diversas ferramentas de *Web Crawler*, já oferecendo o acesso ao programa desenvolvido por nós) para o mapeamento e avaliação de seus *links* (ligações possíveis) em sua reciprocidade (seus nós), compreendendo estas ligações como indicativos sociais de organização e diálogo comum entre partidos, aparelhos privados de hegemonia e agentes sociais através da rede mundial de computadores. Neste sentido compreenderemos as transformações as transformações ideológicas e organizativas dos

[1]Graduando em Ciências Sociais/UFPR. Bacharel em História/UEPG. Mestre em História/UNIOESTE. Linha Estado e Poder. Este artigo faz parte da dissertação "*Os litores da nossa burguesia*: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)", orientada pelo Dr. Gilberto Grassi Calil e financiada pela Fundação Araucária. E-mail: lucas.patschiki@gmail.com.

partidos fascistas durante o século XX através das três "ondas históricas" proposta por Jean-Yves Camus (*Le Monde Diplomatique*, 01.05.02), baseados na conceituação de partidos políticos (formais ou informais) proposta por Antonio Gramsci, sendo estas questões já sintetizadas em artigo anterior (PATSCHIKI, *In*. KOLING; SILVA, 2012. p. 389-398), e da noção de rede extrapartidária constituída por Gilberto Grassi Calil (que discutiremos adiante).

A formação de redes por partidos políticos não é nenhuma novidade, estas articulações são de um desígnio inequívoco: que não se faz política de forma consequente isolando-se, sendo necessário dialogar e articular-se socialmente entre diversos grupos sociais (mesmo na política de ênfase classista) para o convencimento, para cooptação, para a disputa ideológica. Na contemporaneidade estas redes extrapartidárias compõem um desdobramento necessário, baseado na complexificação do campo político, no crescimento significativo das superestruturas no capital-imperialismo. Já adiantando a discussão que faremos em torno da nossa leitura do "observatório da imprensa" "Mídia Sem Máscara" (www.midiasemmascara.org, daqui para diante MSM), podemos afirmar que: as redes extrapartidárias são cruciais para organizar uma quantidade maior de pessoas, atuando angariando solidariedade e apoio de outros grupos; disseminando de modo mais amplo agitação e propaganda; possibilitando fazer convergir outros campos sociais para o campo político, atingindo domínios da vida social fundamentais para a interiorização de um "modo de ser", etc.

A investigação em rede aqui realizada parte de um pressuposto quase óbvio, que não se faz política de forma consequente isolando-se, que é necessário uma "estrutura" (organizada diretamente ou semiautônoma) para a disputa de caráter ideológico e/ou partidária. Os intelectuais do MSM sempre assinalaram esta necessidade, e investiram tempo e trabalho para a constituição de sua rede, em plena consciência que a direita não é capaz de organizar-se de maneira homogênea por muito tempo, dados as disputas em torno de interesses econômicos imediatos, o que acabou por formatar a rede em uma série de "instâncias" – compreendidas como diferentes eixos de articulação. Em torno de pautas específicas, como a luta contra o terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (III-PNDH), apresentado pelo governo Lula em 2010 ou a luta contra a legalização do aborto, por exemplo. Em torno de objetivos políticos comuns, como a oposição contra as gestões petistas no governo federal. Em torno de um programa mínimo, como o acordado através do Foro do Brasil, fundado em setembro de 2008. Esta "*entidade patriótica*" é formada por "*28 entidades patrióticas em seu Conselho e representantes em oito estados*" (FORO DO BRASIL,

11.01.12). E até mesmo em torno de um programa amplo, como os pontos citados por Carvalho para a constituição de um "verdadeiro" partido de direita no Brasil: rejeição total do comunismo; total liberdade para o mercado e respeito à propriedade privada; valores morais tradicionais (judaico-cristãos); educação "clássica" e, o que chamam, de "verdadeira liberdade de discussão" (GONÇALVES; CARIELLO, *Folha de S. Paulo*, 15.02.06).

Estas articulações não são parte de uma estrutura enrijecida, pelo contrário, são extremamente dependentes da conjuntura política e econômica, mas que acaba por afirmar o MSM como uma das maiores lideranças, ou seja, que é capaz de em um momento de crise social articular toda esta rede como possibilidade política efetiva para a reorganização do bloco no poder, ascendendo politicamente como solução conservante das estruturas sociais existentes. A predominância do MSM pode ser observada na popularidade de seu domínio na *web* em relação aos demais. Segundo o Alexa, já citada ferramenta de ranking da internet, o MSM consta como número 4.298 entre todos os *sites* brasileiros, e número 167.906 em comparação global (ALEXA, 13.02.10). Isto demonstra um alcance altamente considerável em torno de seus visitantes, já que, segundo informações oficiais, ele habita em universo de mais de 2.763.360 *sites* registrados como ".com.br"[2] (CETIC.BR, 13.02.12). Seu público "possível" é composto por 37,4% da população total brasileira, mais de 75.982.000 de brasileiros, 3,6% da população total mundial usuária da rede (ECOMMERCE.ORG, 13.02.12), uma vez que 98,7% dos visitantes do MSM são brasileiros (ALEXA, op. cit.).

Mesmo com este alcance, o MSM não prescinde da constituição de uma rede extrapartidária, seu "estilhaçamento" em diversas frentes de atuação corresponde à necessidade de um movimento fascista na contemporaneidade de evitar sanções jurídicas diretas contra o centro de poder da rede (impedindo sua qualificação jurídica como "fascista", no caso de não o relacionar diretamente com milícias e grupos de ação direta); consegue responder às complexificações do campo político, identificando através desta rede uma série de conhecimentos ideológicos necessários para a formação de vida pré-estatal (ou seja, dado o avanço ou retrocesso da conjuntura política e econômica, esta "atuação conjunta" do mesmo modo resguarda o centro da rede extrapartidária); forma uma rede tanto militantes orgânicos quanto de solidariedade em torno de si, buscando disseminar suas formulações ideológicas entre aparelhos privados de hegemonia, partidos e organizações que compartilham crenças, símbolos e linguagem comuns; permite espaço para certa "pluralidade" interna, tanto em

[2]O site do MSM é apresentado como .org mas quando acessado é redirecionado automaticamente para o .com.br.

termos de bandeiras de luta específicas quanto formulações gerais, mas que podem vir a convergir, aqui especialmente em relação à crise aberta (mas que pode ocorrer em diversos termos, novamente, dependendo das necessidades impostas pela conjuntura). Na contemporaneidade a exigência de agrupar certa pluralidade em torno de si não restringe-se à direita fascista, assinalando que no capitalismo qualquer pluralidade capaz de unificação é diretamente subordinada à contradição fundamental entre capital e trabalho.

Para tentarmos abranger estas questões teoricamente, iremos nos apoiar na noção de rede extrapartidária constituída por Calil, sobre a conceituação gramsciana de partido (já abordada anteriormente). Este a construiu para situar as organizações formadas em torno do Partido de Representação Popular (PRP), que reorganizou os integralistas brasileiros no Pós-Guerra e existiu até 1965. Esta rede foi construída pela "*estruturação das várias organizações extrapartidárias*", que vincularam-se "*de forma orgânica, a um projeto de retomada da iniciativa por parte dos integralistas, visando transcender os limites da ação estritamente partidária*" (CALIL, 2005, p. 487). Assinalando que, para Gramsci, o partido, especialmente o revolucionário, para criar uma "nova concepção de homem", sob uma concepção totalitária (no sentido de totalizante), implica ao partido a necessidade de "*romper todos os fios que ligam estes membros a organismos culturais estranhos*" ou "*incorporá-las num sistema cujo único regulador seja o partido*" (GRAMSCI, 2002, p. 253-254). Isto torna-se particularmente importante para o MSM visto seu posicionamento como partido "contrarrevolucionário" por excelência. Na pesquisa de Calil esta leitura foi corroborada pela interpretação de Plínio Salgado sobre os outros partidos do período, em especial o Partido Comunista Brasileiro (PCB), atuando conscientemente para criar e consolidar esta rede:

> Ora, o PCB vive porque tem a alimentá-lo várias organizações: Liga de Emancipação Nacional, Frente das Mulheres Democráticas, CTAL (Confederação dos Trabalhadores da América Latina), Liga dos Camponeses (que está tendo grande impulso, principalmente no Paraná), Campanha do Petróleo é Nosso, etc. etc. [...] Que temos, pelo menos para aproveitar a votação que tive, extra-PRP? Nada (SALGADO, Plínio. *Correspondência a Herculano Ramos*, 21.04.1957 *apud* CALIL, op. cit., p. 487).

Calil interpretou esta "ampliação" como "*a construção de um conjunto de trincheiras, visando travar uma guerra de posição, já que o assalto imediato ao poder estava descartado naquela conjuntura*", e que "*pretendia-se não restringir a intervenção integralista aos*

aspectos meramente político-institucionais da pequena política", os possibilitando "*retomar a iniciativa de uma ação política ampla*" (CALIL, op. cit., p. 487-488). No caso do PRP, esta rede extrapartidária foi constituída em sete "instrumentos" principais: o PRP em si (centro desta rede), a Livraria Clássica Brasileira, a Confederação dos Centros Culturais de Juventude (CCCJ), a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB), o jornal *A Marcha*, a Ação Nacional Brasileira e o seu programa radiofônico. Escolha estratégica que atingiu determinados objetivos:

> A estratégia de "guerra de posição", ocupando posições no parlamento e no executivo, além de facilitar a sobrevivência material do integralismo, permitiu-lhe colocar em prática alguns elementos de sua ideologia, ainda que em um ritmo e intensidade que muitas vezes decepcionava e desanimava sua militância [...] Em termos gerais, a reformulação estratégica foi uma resposta aos desafios da nova conjuntura político-social, tendo obtido um relativo êxito, na medida em que tornou possível a intervenção do integralismo nas duas décadas seguintes e permitiu que os integralistas se apresentassem como "antifascistas", o que, a despeito de todas as evidências em contrário, era reiteradamente admitido por grupos políticos e sociais vinculados às classes dominantes (Idem, p. 795-796).

Nosso intento ao recorrer a esta noção, não é o de somente apontar "apêndices", que auxiliariam a atuação do partido em si, mas indicar que estas outras frentes da guerra de posição, vinculadas organicamente a um centro dirigente, atuam decisivamente para seu crescimento quantitativo e qualitativo, para o cumprimento de seu projeto histórico. Esta rede é parte crucial da construção da vontade nacional, e atua angariando solidariedade e apoio de outros grupos (que necessariamente não se comprometeriam integralmente ao projeto político, mas que é passível de haver concordância às suas linhas gerais ou bandeiras específicas); disseminando de modo mais amplo agitação e propaganda; possibilitando fazer convergir outros campos sociais para o campo político, atingindo domínios da vida social fundamentais para a construção do "homem novo"; aumentando as chances para a cooptação e a formação de novos militantes; organizando uma quantidade maior de pessoas; enfim, possibilitando que o partido intervenha ativamente além dos limites institucionalizados do campo político-eleitoral burguês, observando seu projeto em implicações sociais mais abrangentes. Para nós, *esta rede organizada é o partido*, em todas suas implicações teóricas – relembrando que,

segundo Lênin (*In*. MARX; ENGELS; LÊNIN, 1975, p. 48): "*o partido é um conjunto de organizações interligadas num todo único. O partido é a organização da classe operária, espalhada numa rede das mais diversas organizações locais e especiais, centrais e gerais*".

A análise aqui desenvolvida só foi possível por considerarmos em nossas reflexões sobre a internet que o desenvolvimento tecnológico altera o próprio processo social de vida. Nesta consideração a tecnologia não coloca-se acima das classes e seus interesses, do mesmo modo que a disputa ideológica não faz-se dissociada das suas bases sociais. Então, retomando parte de nosso segundo capítulo, assinalemos novamente nosso entendimento sobre as formas e o conteúdo da internet. As formas são as determinações, materiais e virtuais que irão permitir a existência do conteúdo na rede, este referindo-se ao conjunto total das possibilidades de interações comunicativas humanas mediadas e permitidas pelas formas (material e virtual) da tecnologia. Deste modo buscamos assinalar a internet como "instrumento" que potencializa e dá forma para a atuação partidária, servindo como base para uma série de novos tipos de ações conjuntas entre os indivíduos (LÉVY, 1996, p. 41).

A internet possui como fonte uma característica multifacetada, que não se permite resumir em um único modo de tratamento, sendo então, que temos de apontar sua especificidade como modo de comunicação. "*Se o acesso aos dados é possível pela interligação dos computadores dispostos em rede (net em inglês), a internet comporta diferentes formas de mídia (imagem, som, texto, gráfico, vídeo, etc.) sendo assim multimídia*" (HENGE, 2009, p. 16). Deste modo, a grande característica da rede não é a imposição de um formato de mídia sobre outro, mas a interconexão destes. Esta correlação multimídia só pode ser compreendida através da noção de hipertexto, modalidade técnica marcada por ser o usuário que opta pela sequência da narrativa "*através de escolhas entre as alternativas possíveis de links que lhe são disponibilizadas a cada nó*", interagindo diante das possibilidades oferecidas e assim, obtendo uma leitura (o acesso a informações, seja em qual for o seu formato) de modo aparentemente não sequencial, não linear. Assim sendo "*não basta haver mistura entre textos, gráficos e vídeos em um sistema multimídia*" (HENGE, op. cit., p. 19-20), mas que o usuário tenha uma relação ativa ao navegar através do espaço informacional.

A ideia de hipertexto é criada por Vannevar Bush no artigo de 1945 chamado *As we may think*, em que criticava os sistemas de indexação existentes, cuja ordenação se dava pela hierarquização da informação em classes, subclasses, etc. Este processo não era completamente efetivo, no que buscou superar imaginando um sistema comparado com o

pensamento humano, que ocorre através de associações. Para aproximar-se deste, Bush idealizou um dispositivo que chamou de Memex (*Memory extender*) para mecanizar tanto a classificação quanto a seleção das informações por associações. Mas o termo hipertexto só é cunhado por Theodore Nelson em 1965, mesmo que seu funcionamento tenha sido elaborado anteriormente. Ele trabalhava, também nos Estados Unidos, no projeto Xanadu, buscando "*exprimir a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática*", através de uma "*imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo*" (NIELSEN *apud* HENGE, op. cit., p. 18). Segundo Jakob Nielsen:

> "Hipertexto" é a não-sequencionalidade ligando pedaços de texto ou outra informação. Se o foco de um sistema ou documento é sobre tipos não-textuais de informação, o termo hipermídia é geralmente utilizado em seu lugar [...] As coisas as quais podemos ligar para ou vindas de são chamados nós, e todo o sistema irá formar uma rede de trabalho de nós interconectados com *links* [...] O usuário acessa a informação nos nós através da navegação por *links* (NIELSEN, 06.07.11. Tradução nossa).

A impressão de "liberdade" na navegação *online* é somente aparente, já que delimitada pelos nós que correspondem entre si. Este nós referem-se às informações em série que surgem para serem decodificadas pelo usuário na tela do computador, sendo que, cada um destes nós "*pode conter um número diverso de elementos, sejam eles palavras, imagens ou outras formas gráficas, que funcionam como dispositivo de deslocamento, isto é, são as ligações de um nó com o outro*". Através do "*clique sobre um link é que se começa a navegação propriamente dita na internet*", sendo que é este o "*grande marco do hipertexto, sem ele, não haveria relação entre nós disponíveis, e a cada bloco de informação a ser acessada seria necessária a digitação de todo o endereço eletrônico que se gostaria de ler*" (HENGE, op. cit., p. 19). Embora seja marcada pela navegação através de uma página inicial, a sequência a ser seguida através de uma única aba do navegador (o que raramente acontece em uma pesquisa genérica na rede) é através dele que é determinada a série de caminhos possíveis. "*O link é o gesto primeiro e fundamental das relações entre saberes na internet e é a relação entre os nós possíveis, mas também é o bloqueio/a restrição de tudo que ele não põe em relação: os nós impossíveis (não-linkados)*" (Idem, p. 24-25. Grifos nossos).

É importante compreendermos a utilização da rede para investigação social contemporânea, já que esta cria vínculos passíveis de relações, indicativos sociais, que antes

eram negados ao pesquisador ou exigiam uma pesquisa extremamente desgastante. Buscamos afirmar aqui uma metodologia, que através da rede, nos permitisse relacionar estes grupos, tendo como centro o MSM, ou seja, buscando atribuir a partir deste uma rede extrapartidária, *os nós, as ligações, que articulam sua atuação através de uma série de diferentes trincheiras e que escapam de uma existência "meramente" virtual*. Como afirma Pierre Levy (1996, p. 37), faz parte das funções do hipertexto informático "*hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele destaca e remete*".

Desta forma trabalhamos com duas categorias metodológicas: as redes autoatribuídas e as atribuídas. As primeiras são as ligações explicitadas pelo MSM como estruturas formadoras em sua própria atuação partidária, como na lista que relaciona os *sites* de seus colunistas e editores, e que neste artigo deixaremos de abordar por questão de espaço (estas redes autoatribuídas são evidentes, já que ilustram ligações confirmadas pelo próprio MSM como parte de sua atuação partidária, assim, não investigamos cada um destes participantes para compor uma análise própria em sua relacionalidade). Cabe-nos assinalar que estas redes são incompletas, não demonstram todo o poder de articulação do MSM. Desta lacuna surgiu a necessidade de efetuarmos uma leitura própria, para caracterizar a rede que chamaremos "atribuída".

A rede atribuída é uma leitura efetuada e determinada por nós. Sua feitura só foi possível de forma efetiva graças à ênfase do MSM em sua militância virtual, através da rede. Embora já exista uma investigação que buscava esta rede, seguindo o mesmo sentido, feita pelo jornalista estadunidense Colin Brayton (13.02.12), identificamos uma série de equívocos factuais contidos neste texto, o que impossibilitaria a apropriação de seus resultados. Para fins de comparação mencionaremos um de seus gráficos em que situa o MSM em uma rede, feita através da ferramenta da internet *Godaddy* (GODADDY.COM, 13.02.11), lembrando que Brayton não faz nenhuma mediação conceitual em sua leitura, considerando todos os elementos como uma espécie de bloco ideológico comum, que diferiria em seus nomes "fantasia":

Nossa leitura foi feita em conjunto com um tecnólogo em sistemas de informação especializado em publicidade através da rede, Ariel Patschiki, que desenvolveu, baseado em um programa de código aberto já existente, a ferramenta para a leitura do MSM e sua rede extrapartidária. A técnica empregada para relacionar os *websites* é conhecida como *Web Crawler* ou *Spider* (KOBAYASHI; TAKEDA, *ACM Computing Surveys*, 13.02.12), que

consiste em um dispositivo automatizado que verifica todos os *hiperlinks* de uma página base, e que, para cada hiperlink encontrado refaz a mesma verificação. O *Web Crawler* pode ser configurado para executar estas verificações quantas vezes forem necessárias, sendo que este número de vezes pode ser chamado de "profundidade" ("*dephts*") . Para realizar a análise do MSM, foi usada a técnica de *Web Crawler* através de um *script* (WIKIPEDIA, 13.02.12) escrito na linguagem de programação *Ruby* (WIKIPEDIA2, 13.02.12) utilizando uma biblioteca específica para *Web Crawler* chamada *Anemone* (13.02.12).

Os passos desempenhados pelo script podem ser separados em dois momentos: primeiro analisando todos os *hiperlinks* existentes na totalidade de páginas do MSM. O resultado deste exame inicial foi uma lista de *websites* e a quantidade de *hiperlinks* existentes na soma de suas páginas. O segundo passo constituiu-se da apreciação via script de cada *site* encontrado, porém desta vez, limitando-se apenas ao segundo nível de profundidade de cada *hiperlink* (leitura que não foi tão arrojada quanto à efetuada em relação ao MSM, que foi devassado em sua totalidade, mas que foi a única possível de ser feita em prazos realistas). Durante estas duas investigações construiu-se um banco de dados com as informações de *hiperlinks* do MSM e de seus *links*, que após o fim da leitura nos permitiu efetuar uma análise de tipo *Data Mining* (WIKIPEDIA3, 13.02.12) para estabelecer a relacionalidade entre os *websites*. O *script* desenvolvido para esta análise encontra-se disponível para *download* e utilização pública e gratuita[3] e a pesquisa foi feita entre os dias primeiro de janeiro e sete de fevereiro de 2012.

O resultado da primeira fase do trabalho nos permitiu visualizar 1194 *links* de saída do MSM (entre estes resultados encontrando diferentes páginas do mesmo *site*, ver PATSCHIKI, 20.02.12). Estes resultados nos permitem visualizar, além da rede, a capacidade total do MSM de gerir informações, de pesquisa em suas mais variadas fontes – há uma série de *sites* relacionados à esquerda, estatísticas oficiais, jornais nacionais e estrangeiros, *sites* e *blogs* de políticos, etc. Após a obtenção destes dados foram feitas confrontações com cada uma das ligações encontradas através do *Web Crawler*, buscando verificar se existia ou não relacionamento recíproco de cada um destes com o MSM em suas duas principais profundidades. Após este tratamento foram obtidos 33.949 *links* reversos em 180 *sites* (15,8% do total).

Por fim, fora feita uma última verificação pelo pesquisador, já que tratava-se de uma

---

[3]PATSCHIKI. *Semantic spider*. Disponível para *download* em https://github.com/arielpts/semantic-spider, acessado em 13.02.12.

consideração qualitativa em relação ao nosso objeto: buscamos nestes 180 *sites* excluir do resultado final da análise retornos que considerassem denúncias, repúdios, respostas, etc. ao MSM por *sites* que o combatem ou o discordam de seu conteúdo. Por exemplo, nesta busca encontramos *sites* como o Portal de Luis Nassif, a Agência de Informação Frei Tito para América Latina (Adital), de entidades de luta pelos direitos GLBTS, etc., além de *sites* utilizados como plataforma para a disputa ideológica, tal qual o Centro de Mídia Independente ou as páginas de comentários abertas de diversos jornais – lembrando que é através deste tipo de confrontação que o MSM também busca afirmar-se partidariamente[4]. Desta leitura restaram 139 *sites*, sendo que o próximo passo foi a produção de uma breve descrição de cada um destes, visando permitir a visualização da influência recíproca constituída entre o MSM e os diversos aparelhos privados de hegemonia: associações, institutos, grupos políticos e religiosos, indivíduos, etc. Foram consideradas entre a quantidade total de *links* de saída do MSM (mais de sete mil até uma, ponderando as maiores e mais organizadas evidentemente as que exibem maiores resultados) e dos *links* de retorno (que não correspondem necessariamente a mesma importância dada pelo MSM).

Para fins de apresentação separamos esta pesquisa em três tabelas, nos permitindo fazer comentários específicos em relação a quantidades de *links* de saída do MSM – por fim de espaço neste artigo somente apresentaremos a primeira destas: que dá conta dos maiores resultados, de mais de sete mil até oito *links*:

TABELA 1: Rede extrapartidária do MSM até oito *links* de saída:

Site	***Links* de saída**	***Links* de retorno**	**Descrição**
juliosevero.blogspot.com	7829	3476	*Blog* do colunista Julio Severo
www.heitordepaola.com	7767	4	*Site* do colunista Heitor de Paola
www.olavodecarvalho.org	7666	38	*Site* do editor chefe do MSM Olavo de Carvalho
www.nivaldocordeiro.net	7610	10	*Site* do colunista Nivaldo Cordeiro
notalatina.blogspot.com	7599	425	*Blog* sobre América Latina mantido por Graça Salgueiro
www.seminariodefilosofia.org	7578	27	*Site* do Seminário de filosofia de Carvalho
www.escolasempartido.org	7566	17	*Site* mantido por Miguel Nagib contra a "ideologização" da escola brasileira
www.padrepauloricardo.org	7557	2	*Site* pessoal do Padre Paulo Ricardo, da Arquidiocese de Cuiabá (MT). É bacharel em teologia e mestre em direito canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), atualmente lecionando nos cursos de Filosofia e Teologia. É

[4]Todos os *sites* podem ser verificados pelo próprio Google, através do comando exemplificado, levando em consideração a diferença nas datas da pesquisa: "site:www.iran-press-service.com link:www.midiasemmascara.org OR link:www.midiasemmascara.com.br OR 'midia sem mascara'".

			autor de diversos livros e apresenta o programa "Oitavo Dia", pela Rede Canção Nova de Televisão.
www.ubirataniorio.org	7557	5	*Site* pessoal de Ubiratan Iorio
unoamerica.org	7557	4	ONG´s antichavista venezuelana mantida pelo colunista Alejandro Peña Esclusa
www.faroldademocracia.org	7556	161	Entidade de defesa do "livre mercado"
www.puggina.org	7555	1	*Site* do colunista Percival Puggina
profetaurbano.blogspot.com	7554	366	*Blog* mantido pelo colunista Edson Camargo
wisdomandvirtue.blogspot.com	7554	57	*Blog* anônimo em inglês que serve como "armazém" de *links* de interesse em torno do MSM, Carvalho, etc.
www.lifesitenews.com	97	4	*Site* estadunidense cristão de orientação "pró-vida" e que pretende-se internacional
www.luisvillamarin.com	90	10	*Site* do colunista colombiano Cel. Luis Villamarin Pulido
www.mises.org.br	75	28	*Site* do Instituto Von Mises Brasil, presidido por Hélio Beltrão Filho
www.dcomercio.com.br	60	7	*Site* do jornal *Diário do Comércio*, mantido pela Associação Comercial de São Paulo
brunopontes.blogspot.com	56	64	*Blog* do colunista Bruno Pontes
fuerzasolidaria.org	52	4	ONG´s antichavista venezuelana fundada pelo colunista Alejandro Peña Esclusa
www.ordemlivre.org	44	3	Entidade da *Atlas Economic Research Foundation* em cooperação com o *Cato Institute*, mantido por Diogo G.R. Costa, Elisa Lucena Martins e Magno Karl
www.jrnyquist.com	24	2	*Site* do colunista estadunidense Jeffrey Nyquist
ecologia-clima-aquecimento.blogspot.com	22	1	*Blog* cujo subtítulo é "*verde é o novo vermelho*", dedicado ao anticomunismo ecológico
lastdayswatchman.blogspot.com	18	2	*Blog* em inglês de Julio Severo
www.ternuma.com.br	16	5	*Site* dedicado à memória das "vítimas do terrorismo vermelho" durante a ditadura
www.averdadesufocada.com	16	29	*Site* do Coronel Brilhante Ustra, que busca "retratar" a imagem do Exército durante a ditadura
radardamidia.blogspot.com	13	1	*Blog* de comentários sobre a mídia de J. Sepúlveda
www.providaanapolis.org.br	13	1	Entidade "pró-vida" de Anápolis (GO) mantida pelo Padre Luiz Carlos Lodi da Cruz
laiglesforum.com	13	1252	Fórum estadunidense de discussão para "cristãos conservadores"
cavaleirodotemplo.blogspot.com	13	6861	*Blog* mantido pelo "Cavaleiro do templo" e Alex Brum Machado. Possuí publicidade da Livraria Cultura
www.unbconservadora.blogspot.com	13	339	*Blog* da Juventude Conservadora da UnB, mantido por Felipe Melo
libertatum.blogspot.com	12	2991	*Blog* mantido pelo colunista Klauber Cristofen Pires
espectivas.wordpress.com	12	10	*Blog* português mantido por Orlando Braga
menteconservadora.blogspot.com	11	242	*Blog* anônimo de divulgação do "pensamento conservador"
fratresinunum.com	10	9	*Blog* de notícias católicas
www.dicta.com.br	10	3	*Site* da revista semestral *Dicta & Contradicta* do Instituto de Formação e Educação
felipemourabrasil.blogspot.com	8	172	*Blog* do redator publicitário e jornalista Felipe Moura Brasil
blogdomrx.blogspot.com	8	184	*Blog* de "Mr. X", autor do livro *Politicamente incorreto! O melhor do blog de Mr. X*

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

Esta primeira tabela nos mostra os sites mais próximos do MSM, responsáveis pela formação e sustentação de seu discurso ideológico e atividades partidárias. Ela é basicamente formada por colunistas e entidades próximas. Encontram-se dezessete *sites* e *blogs* de caráter pessoal (o que não significa de uso pessoal ou restrito, mas de responsabilidade pessoal), referentes a colunistas e participantes esporádicos do MSM.

Destes o maior é o *blog* de Julio Severo, identificado como escritor, sendo autor dos livros *Orações proféticas* pela editora Propósito Eterno, *O movimento homossexual* pela editora Betânia e *As ilusões do movimento gay*, sem editora. Ele milita pela observação dos preceitos morais evangélicos para a sociedade, tornando-se conhecido crítico dos movimentos de liberalização do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ele adquiriu certa visibilidade após seu "autoexílio" para os EUA, já que estaria sofrendo "assédio" da Polícia Federal no Brasil (não conta com acusações somente relativas á homofobia, mas também por educar seus filhos em casa, o que é ilegal no Brasil). Estas ações contra ele resultaram em uma espécie de conformação como escritor autorizado de parte dos evangélicos e católicos "tradicionalistas". Seu *blog* conta com uma abrangência considerável, com quase dois mil seguidores e indicações de cerca de cento e cinquenta mil visitações mensais (SEVERO, 13.02.12). Também notam-se *sites* e *blogs* pessoais que tratam da divulgação de pressupostos ideológicos partilhados com o MSM, através da produção de percepções próprias sobre a realidade social, caso do primeiro *site* indicado, ou através da mera reprodução, caso do segundo.

As "entidades" relacionadas ao MSM, nesta tabela, constam em número de onze, sendo que levamos em consideração para a inclusão nesta categoria basicamente a existência de estrutura própria em termos de organização e atuação partidária (o que não significa que estas estejam dissociadas do MSM). Deste grupo fazem parte: O Nota Latina, o Seminário de filosofia, o Escola sem Partido, a UnoAmérica, o Farol da Democracia, o Instituto Von Mises Brasil, o Fuerza Solidária, o Ordem Livre, o Ternuma, o Verdade Sufocada e o Pró-Vida Anápolis. Os dois primeiros são referentes à organização direta do MSM, enquanto o Escola sem Partido, o Farol da Democracia, o Instituto Von Mises Brasil, o Ordem Livre, o Ternuma, o Verdade Sufocada e o Pró-Vida Anápolis contam com participação de intelectuais do MSM, mas possuem certa autonomia, constituindo-se em aparelhos privados de hegemonia específicos. A UnoAmérica e o Fuerza Solidária são ONG´s venezuelanas de Alejandro Peña Esclusa, que contam com a participação de membros do MSM, especialmente Olavo de Carvalho e Graça Salgueiro, mas que não participam diretamente de sua organização,

construindo-se como entidades internacionais com que solidarizam-se (participando de campanhas, abaixo-assinados, arrecadamento, etc.).

Entre eles, assinalaremos os de maior alcance: o Escola sem Partido, o Farol da Democracia Representativa e o Ternuma. O primeiro, coordenado por Miguel Nagib, acabou por tornar-se referência da direita no que refere-se à suposta "ideologização" da escola pública brasileira, graças à revista *Veja*, que tanto o citou em suas matérias quanto pela reprodução de diversos artigos de seu colunista Reinaldo Azevedo pelo já citado *site* (não sabemos em que ponto é orgânica esta relação, mas indique-se que o colunista nunca pediu para retirarem as reproduções do ar). O Farol da Democracia Representativa, presidido por Jorge Roberto Pereira, basicamente disponibiliza cadernos de leitura *online*, que consideram como "cursos", buscando a "*disseminação dos valores culturais que estruturaram a moral, a ética, a religiosidade e o saber jurídico da civilização ocidental*" (FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA, 14.02.12). O Ternuma (Grupo Terrorismo Nunca Mais) foi formado por "*um punhado de democratas civis e militares, inconformados com a omissão das autoridades legais e indignados com a desfaçatez dos esquerdistas revanchistas*" (TERNUMA, 13.02.12) em 25.07.98. O site começou como um memorial para as "vítimas" (ou assim consideradas) da guerrilha armada que lutou contra a ditadura no Brasil. Hoje em dia, ele expandiu-se, fornecendo aos seus leitores uma série de escritos de caráter histórico, que buscam defender a atuação dos militares naquele período. Também organiza comemorações no dia 31 de março, data do Golpe de Estado, e possui considerável biblioteca *online* de cunho chauvinista.

Entre jornais e revistas encontram-se o já discutido *Diário do Comércio* e a revista *Dicta & Contradicta* do Instituto de Formação e Educação, que oferece cursos de formação na área de Humanas e Artes. Compõem este Instituto engenheiros, economistas, advogados, sociólogos, filósofos e pesquisadores (mestres, doutores e doutorandos) (INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO, 13.02.12).

O único grupo político formalmente organizado que aparece nesta leitura é a Juventude Conservadora da UnB, mesmo que ao nível do Movimento Estudantil. Este é organizado por Felipe Melo e, ao contrário da União Conservadora Cristã que é renegada por Carvalho, organiza-se diretamente em torno do MSM. Conta ainda com um fórum estadunidense, o "*Laigles Forum*".

Metodologicamente esta leitura em rede, que utilizou como indicativos sociais de relacionamento os "nós" formados entre o MSM e os demais *sites*, permitiu-nos desvendar

uma série de tramas, trazendo a tona diversas instituições, órgãos de comunicação e agentes políticos, que não iriam emergir através da leitura simples dos textos do MSM. Deste modo consideramos válido seu uso, mesmo com a condição de investigação de somente duas profundidades nos "*links* de saída" descobertos através da análise completa do *site* do MSM. Após a leitura destas três tabelas podemos observar que sua rede extrapartidária realiza mais do que meras "ligações", sendo formadoras efetivas do seu discurso ideológico, caso já enfatizado na primeira tabela. A observação mais detalhada desta rede delimita e afirma a penetração social de seu discurso, seja entre as entidades da burguesia, caso de diversos institutos presentes nas três tabelas – e especialmente verificadas na segunda (enfatizando o tamanho e importância do Instituto Millenium), bem como entidades da pequena burguesia, religiosas, de associações "pró-família", etc. Afirmando diferentes frentes que intencionam a "contrarrevolução" moral do homem o MSM atua tanto em sua rede extrapartidária quanto através desta buscando a formação consciente de uma base militante, "combatente" em uma série de trincheiras contra uma guerra "cultural" que perpassaria e contaminaria a totalidade do corpo social.

O MSM mesmo que não "desenvolvendo-se" como um partido parlamentar formal, cumpre efetivamente esta função. Ao consolidar-se como "portal" hierarquiza as iniciativas, os modos de atuação e sua rede extrapartidária. Percebemos que seu sucesso em levar este empreendimento adiante foi marcado pelo contexto político do período e sua inovação consiste no domínio das novas possibilidades de inserção política permitidas pela internet. Ao realizar esta tarefa de maneira organizada tornou-se atraente para uma série de intelectuais. Podemos afirmar que a formação destes "quadros" foi bem sucedida, consolidando-se como expressão legítima da pequena burguesia e nova pequena burguesia. Mesmo seus intelectuais sendo alvo de sanções judiciais (especialmente Júlio Severo) sequer chegou-se a cogitar a extinção do MSM. Entendemos que sua opção pela guerra de trincheiras (além da justifica ideológica) serviu para guiar a constituição de sua rede extrapartidária. O estilhaçamento de sua rede extrapartidária, da qual depende sua efetividade real, permitiu a articulação do "espectro" fascista, os permitindo alinhamento com lideranças intelectuais e institutos vinculadas diretamente com o capital financeiro e os grandes conglomerados empresariais (especialmente o Instituto Millenium). Cumprem plenamente a função de última defesa do capital, em sua fase de dominância do capital financeiro e especulativo. O "estilhaçamento" destes partidos em várias frentes de atuação responde às complexificações do campo políticos nos países "ocidentais", evitam a caracterização como movimento fascista (resguardando o

centro de poder da rede, impedindo sua qualificação jurídica e impedindo a simples relação com milícias e grupos de ação direta, do mesmo modo que propicia certa "mobilidade", já que este centro de poder passa a ser constituído através de disputas internas na rede partidária); os permitem abranger uma série de campos da sociedade utilizando a rede para a formação da vida pré-estatal (que dado o avanço ou retrocesso do contexto, do mesmo modo resguarda o centro da rede extrapartidária); abarca tanto militantes orgânicos quanto indivíduos solidários, atuando politicamente entre aparelhos privados de hegemonia, partidos e organizações que compartilham crenças, símbolos e linguagem comuns; permite espaço para certa "pluralidade" interna, tanto em termos de bandeiras de luta específicas quanto formulações gerais.

A nossa leitura da rede extrapartidária do MSM permitiu visualizar os grupos sociais com que dialoga e organiza-se, nos proporcionando embasamento para afirmar sua proximidade com grupos da grande (e pequena) burguesia, apoio que compreendemos como uma "prática histórica" da autocracia burguesa brasileira: a manutenção de grupos de suporte para "golpes preventivos" em caso de acirramento da luta de classes. Não buscamos forçar uma relação orgânica de um grupo ao outro, mas evidenciar que sua relacionalidade ocorre não somente em termos ideológicos, e que esta proximidade organizada serve para a rápida unificação em momentos de crise.

Bibliografia:

Livros:
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
LEVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
Artigos em coletâneas:
LÊNIN, V. I. "Como V. Zassulich combate o liquidacionismo" *In*. MARX, K.; ENGELS, F.; LÊNIN, V. I. *Acerca do partido*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
PATSCHIKI, Lucas. "Os partidos fascistas em seus desdobramentos organizativos" *In*. KOLING, Paulo José; SILVA, Marcio Antônio Both da (orgs.). *Anais do III Simpósio de Pesquisa Estado e Poder*: processos de construção de hegemonias no Brasil contemporâneo. Cascavel: Edunioeste, 2012.
Teses e Dissertações:
CALIL, G. G. O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. Tese de Doutorado (História). Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005.

HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. Dissertação de Mestrado (Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2009.
Artigos em periódicos da internet:
CAMUS, J-Y . "Metamorfoses políticas na Europa". *Le Monde Diplomatique*, São Paulo, 01.05.02. Disponível em: <http://diplo.org.br/2002-05,a299>. Acesso em: 10 maio 2011.
GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. "Direita na mídia". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15.02.06. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo_destaca_ascensao_da_direita_na_midia>. Acesso em: 14 janeiro 2012.
KOBAYASHI, M.; TAKEDA, K. "Information retrieval on the web". *ACM Computing Surveys*, Grand Forks, North Dakota, EUA, volume 32, nº. 2, junho de 2000. Disponível em: <http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=358923.358934>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
Páginas da internet:
ALEXA. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. Disponível em: <http://www.alexa.com/siteinfo/midiasemmascara.org#>. Acesso em: 13 fevereiro 2010.
ANEMONE. *What is it?*. Disponível em: <http://anemone.rubyforge.org/>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. Disponível em: <http://tupiwire.files.wordpress.com/2011/01/neoimilolavo.png>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
CETIC.BR. *Estatísticas diárias por categoria*. Disponível em: <http://www.cetic.br/dominios/index.htm>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
ECOMMERCE.ORG. *Os 20 países com maior número de usuários da internet*. Disponível em: <http://www.e-commerce.org.br/stats.php>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.faroldademocracia.org/quemsomos.asp>. Acesso em: 14 fevereiro 2012.
FORO DO BRASIL. *Entrada*. Disponível em: <http://www.forodobrasil.info/>. Acesso em: 11 janeiro 2012.
GODADDY.COM. *Web site analytics*. Disponível em: <http://www.godaddy.com/hosting/website-analytics.aspx?ci=9035>. Acesso em: 13 fevereiro 2011.
INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.ife.org.br/quem-somos.html>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
NIELSEN, J. *Hypertext'87 Trip Report*. Disponível em: <http://www.useit.com/papers/tripreports/ht87.html>. Acesso em: 06 julho 2011.
PATSCHIKI, A. *Semantic spider*. Disponível em: <https://github.com/arielpts/semantic-spider>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
PATSCHIKI, L. *Tabela anexo 1194*. Disponível em: <http://www.mediafire.com/?8kmur3bo6hg1ac4>. Acesso em: 20 fevereiro 2012.
SEVERO. *Blog*. Disponível em: <http://juliosevero.blogspot.com/>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
TERNUMA. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.ternuma.com.br/ternuma/index.php?open=1>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
WIKIPEDIA. *Script* (computing). Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Script_(computing)#cite_note-1>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.
WIKIPEDIA2. *Ruby* (programming language). Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Ruby_(programming_language)>. Acesso em: 13 fevereireiro 2012.
WIKIPEDIA3. *Data mining*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Data_mining>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.

PARTE 2

4. INTELECTUAIS E O MSM:

Neste trecho da dissertação iremos abordar o papel dos intelectuais na sociedade de classes e situar a trajetória pública de alguns intelectuais do MSM, focando Olavo de Carvalho que figura efetivamente como o intelectual a frente do empreendimento. Buscamos situá-los em sua trajetória de vida, atentando para a constituição das relações sociais que os levarão à militância no MSM, na defesa conjunta desta visão de mundo.

Antes de podermos compreender plenamente o papel que o marxismo atribui aos intelectuais nas sociedades capitalistas avançadas (chamadas sociedades ocidentais em contraposição às sociedades orientais[1], o que não presume sua localização geográfica[2]), é necessário abordar introdutoriamente a questão do Estado e da hegemonia segundo Antonio Gramsci. Estes conceitos foram analisados por ele em uma situação onde se fazia urgente a revisão e autocrítica da atuação dos Partidos Comunistas na Europa ocidental – ele escreve dentro de uma cadeia fascista, tendo sido observador e partícipe do processo de derrota da classe trabalhadora no período. As estratégias desenvolvidas naquele momento, sob o signo da Terceira Internacional Comunista em processo de consolidação do stalinismo, eram marcadas pelo economicismo, pelo mecanicismo, pela cristalização do materialismo histórico dialético em doutrina determinista[3]. Christine Buci-Glucksmann recupera a urgência da autocrítica revolucionária, e como o autor irá avançar teoricamente tendo como base a análise das relações de força do período:

> Em 1920, na crise imediata do pós-guerra, que, de resto, provocou um desenvolvimento da burocracia estatal, de um "empreguismo dos pequenos-burgueses", agora desclassificados, Gramsci pensa que a situação revolucionária é capaz de "*abalar toda a superestrutura do capitalismo*". Mas após a vitória e depois a consolidação do fascismo, "a artilharia pesada do aparelho de Estado" finalmente triunfou sobre sua "ficção jurídica". A despeito de uma crise formidável, as superestruturas resistiram, reestruturando-se. Não cabe então *retomar* toda a análise do funcionamento infra-estrutura/superestrutura próprio do Ocidente, dos países capitalistas desenvolvidos? […] A estratificação complexa das relações Estado/sociedade, própria do capitalismo desenvolvido, não exige uma outra estratégia diferente da de outubro de 1917, estratégia que Gramsci pensava ser válida para a Itália

---

[1]Nas sociedades ocidentais "*a sociedade civil era largamente atomizada e a aparelhagem coercitiva estatal se apresentava como sujeito político coletivo fundamental na legitimação social da dominação burguesa*". NEVES, L. M. W.; SANT´ANNA, R. "Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia". *In.* NEVES, L. M. W. *A nova pedagogia da hegemonia*: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005. p. 22.

[2]As "*noções de 'Oriente' e 'Ocidente' que não deixam de ser 'objetivamente reais', ainda que, quando analisadas, demonstram ser nada mais que uma 'construção' convencional, isto é, 'histórico-cultural'*". GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 137.

[3]Sobre este processo ver FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 309-318.

> de 1920? A todas essas questões, Gramsci responderá através de uma *ampliação do conceito de Estado*[4].

Através da comparação estratégica entre o sucesso da revolução na Rússia em 1917 com o fracasso dos levantes do proletariado na Alemanha em 1919[5], cuja revolução era esperada desde Marx e Engels, levaram-no a buscar na ampliação, na complexificação, do Estado a principal diferença entre os dois processos. "*Nos países capitalistas desenvolvidos, a classe dominante possui reservas políticas e organizativas que ela não possuía na Rússia, por exemplo. Isso significa que as crises econômicas não tem repercussões imediatas no campo político*", incorrendo que "*a política está sempre atrasada em relação ao econômico. O aparelho de Estado é muito mais resistente que o que se imaginava, e ele consegue nos períodos de crise organizar muito mais fiéis ao regime que a crise permitiria supor*"[6].

Esta é uma das anotações mais fortes contra o determinismo economicista, que conjectura mecanicamente uma crise econômica como uma crise social, pois, desconsiderando a organicidade dialética entre a infraestrutura e a superestrutura, acaba por vezes presumindo uma crise econômica *necessariamente* como uma crise revolucionária. Reafirmando a leitura de Marx, de que as crises revelam as contradições insanáveis da estrutura social, não deixa de observar que "*forças políticas que atuam positivamente para conservar e defender a própria estrutura*", recorrendo a diversos esforços "*para saná-las dentro de certos limites e superá-las*"[7].

Trata-se de analisar o Estado em uma unidade complexa, o que o autor chamou de *integral*, e depois Buci-Glucksmann de *Estado ampliado*, sendo "*possível dizer, de que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção*"[8]. Este movimento ocorre como consequência da luta de classes, já que "*pôs-se um novo problema de hegemonia, isto é, a base histórica do Estado se deslocou. Tem-se uma forma extrema de sociedade política*", motivada "*ou para lutar contra o novo e conservar o que oscila, fortalecendo-o coercivamente, ou como expressão do novo para esmagar as resistências que encontra ao desenvolver-se, etc.*"[9]. Deste modo é possível para Gramsci afirmar, que "*na política, o erro acontece por uma inexata compreensão do que é o Estado (no significado integral: ditadura + hegemonia); na guerra, tem-se um erro semelhante,*

[4]BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 67.
[5]Para maiores informações ver LOUREIRO, I. *A revolução alemã*, 1918-1923. São Paulo: UNESP, 2005.
[6]GRAMSCI, A. "La construzione del partito comunista". Turim: Eunadi, 1971. p. 121. *apud* BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: op. cit. p. 67.
[7]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 37.
[8]Idem. p. 244.
[9]Ibidem. p. 262-263.

transportado ao campo inimigo (incompreensão não só do próprio Estado, mas também do Estado inimigo)"[10].

O Estado nas sociedades ocidentais não se faz e sustenta como uma única fortaleza, que assume como garantia de sua existência *somente* a coerção estatal, embora esta não possa ser minimizada[11], já que perpassa o processo, mas necessita ser entendido em suas ampliações, com a incorporação de reivindicações das classes subalternas, através do consenso ativo dos dominados. O estado torna-se "*todo o conjunto das atividades teóricas e práticas com as quais a classe dirigente justifica e mantém não somente a sua dominação, mas também consegue obter o consenso ativo dos dominados*"[12]. Em termos sintéticos: por Estado estrito (a sociedade política) compreende-se "*o aparelho governamental encarregado da administração direta e do exercício legal da coerção sobre aqueles que não consentem nem ativamente nem passivamente*"[13]. E por sociedade civil, o "*conjunto dos aparelhos privados de hegemonia – um dos terrenos da luta de classes em sociedades capitalistas modernas, sendo mesmo um dos espaços fundamentais da luta de classes em sociedades capitalistas*", caracterizado por estarem "*sob Estados de direito, com mercados eleitorais e conquistas (e reivindicações) democratizantes*"[14]. E está muito além de qualquer identificação mecanicista com seu governo, o que Gramsci afirma ser uma confusão típica da fase corporativa-econômica.

O Estado não se faz passível de mudanças consequentes sem a ruptura revolucionária, já que nele se dão os espaços da construção do consenso entre os dominantes – os espaços de disputas intraclasse da burguesia, mediadores de suas disputas pelo bloco no poder – e o convencimento dos dominados, pois, "*se a ampliação do Estado significa a incorporação seletiva de reivindicações populares, diz respeito também à construção de barreiras cada vez mais fortalecidas contra as lutas dos subalternos*"[15]. Para além de uma concepção instrumentalista, este é compreendido como órgão de um grupo social que o utilizará para crescer o máximo possível, mas que "*este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de*

---

[10]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 257.

[11]ANDERSON, P. "As antinomias de Gramsci". *In*. ANDERSON, P. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 46.

[12]GRAMSCI, A. "Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo Stato moderno". Torino: Einaudi, 1966. p. 79. *apud* BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. op. cit. p. 129.

[13]BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci*: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008. p. 178.

[14]FONTES, V. "A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e lutas teóricas na década de 1980" *In* LIMA, J. C.; NEVES, L. M. W. *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006. p. 201.

[15]FONTES, V. M. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. op. cit. p. 231.

todas as energias ‘nacionais’”. O Estado é concebido como uma sucessão de equilíbrios instáveis entre classes e frações, onde “*os interesses do grupo dominante prevalecem, mas até determinado ponto, ou seja, não até o estreito interesse econômico-corporativo*”[16].

Esta leitura implica mudanças estratégicas profundas, já que para Gramsci, a hegemonia vem para superar nas sociedades ocidentais o conceito de revolução permanente[17], e a guerra de movimento é excedida pela guerra de posição[18]. Gramsci discute a hegemonia historicamente, pautando-se no processo de entrada do fordismo-taylorismo (ou americanismo) na Europa. Este buscou “*desenvolver em seu grau máximo, no trabalhador, os comportamentos maquinais e automáticos, quebrar a velha conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado*”[19], objetivo em grande medida atingido:

> Na América, a racionalização do trabalho e o proibicionismo estão indubitavelmente ligados: as investigações dos industriais sobre a vida íntima dos operários, os serviços de inspeção criados por algumas empresas para controlar a “moralidade” dos operários são necessidades do novo método de trabalho. Quem ironizasse estas iniciativas (mesmo fracassadas) e visse nelas apenas uma manifestação hipócrita de “puritanismo” estaria se negando qualquer possibilidade de compreender a importância, o significado e o *alcance objetivo* do fenômeno americano, que é *também* o maior esforço coletivo até agora realizado para criar, com rapidez inaudita e com uma consciência do objetivo jamais vista na história, um tipo novo de trabalhador e de homem[20].

Assim, “*a hegemonia nasce da fábrica e necessita apenas, para ser exercida, de uma quantidade mínima* [no sentido de racional, do número necessário] *de intermediários profissionais da política e da ideologia*”. Estes profissionais citados são característicos de uma “*sociedade 'racionalizada', na qual a 'estrutura' domina mais imediatamente as superestruturas*”[21], e que tem como função, através da “*estrutura maciça das democracias modernas, seja como organizações estatais, seja como conjunto de associações na vida civil*”, organizar o consenso. Isto porquê “*um Estado vence uma guerra quando se prepara de modo minucioso e técnico no tempo de paz*”[22], atuando como força “civilizadora”, pedagógica:

> Se todo Estado tende a criar e a manter um certo tipo de civilização e de cidadão (e, portanto, de conivência e de relações individuais), tende a fazer desaparecer certos costumes e atitudes e a difundir outros, o direito será o

[16]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. 41-42.
[17]Idem. p. 24.
[18]VACCA, G. *Guerra de posição e guerra de movimento*. Disponível em http://www.franca.unesp.br/GUERRA%20DE%20MOVIMENTO.pdf, acessado em 06.01.12.
[19]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 266.
[20]Idem. p. 266.
[21]Ibidem. p. 247-248.
[22]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 24.

> instrumento para esta finalidade (ao lado da escola e de outras instituições e atividades) e deve ser elaborado para ficar conforme a tal finalidade, ser maximamente eficaz e produtor de resultados positivos […] o Estado deve ser concebido como "educador" na medida que tende precisamente a criar um novo tipo ou nível de civilização. Dado que se opera essencialmente sobre as forças econômicas, que se reorganiza e se desenvolve o aparelho de produção econômica, que se inova a estrutura, não se deve concluir que os fatos da superestrutura devam ser abandonados a si mesmos […] O Estado, também neste campo, é um instrumento de "racionalização", de aceleração e de taylorização; atua segundo um plano, pressiona, incita, solicita e "pune"[23].

Esta difusão e aceitação ativa de uma visão de mundo, que não é sua, pelas classes subalternas (que "*estando historicamente na defensiva, não podem adquirir consciência de si a não ser por negações, através da consciência da personalidade e dos limites de classe do adversário*"[24]) é a chamada fase hegemônica, entendida de forma processual[25]. Quando busca historicamente o apogeu de determinado modo de ser, "*pode-se dizer que toda cultura tem o seu momento especulativo ou religioso, que coincide com o período de completa hegemonia do grupo social do qual é expressão*", que "*talvez coincida precisamente com o momento no qual a hegemonia real se desagrega na base, molecularmente, mas o sistema de pensamento, justamente por isso (para reagir à desagregação), aperfeiçoa-se dogmaticamente, torna-se uma 'fé' transcendental*"[26]. Este momento não pode ser compreendido descolado da luta de classes, já que transpassa a sociedade política, o Estado, e a sociedade civil organizada, através dos aparelhos privados de hegemonia:

> O fulcro do conceito gramsciano de sociedade civil – e dos aparelhos privados de hegemonia – remete para a organização e, portanto, para a produção coletiva, de visões de mundo, da consciência social, de formas de ser adequadas aos interesses do mundo burguês (a hegemonia) ou, ao contrário, capazes de opor-se resolutamente a este terreno dos interesses (corporativo), em direção a uma sociedade igualitária ("regulada") na qual a eticidade prevaleceria, como o momento eticopolítico da contra-hegemonia)[27].

Cada grupo social acaba por formar ao menos uma elite de intelectuais, que "*deve possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe*", ou, levando em conta sua capacidade de exercer domínio econômico sobre as outras, toma a decisão de delegá-los, escolhendo "*'prepostos'*

---

[23]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 28.
[24]Idem. p. 190.
[25]Ibidem. p. 41.
[26]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 198-199.
[27]FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. op. cit. P. 133.

(empregados especializados) a quem confiar esta atividade organizativa das relações gerais exteriores à empresa"[28]. Em relação a função deste intelectual, Gramsci nos diz que "*todo grande político não pode deixar de ser também um grande administrador; todo grande estrategista, um grande tático; todo grande doutrinário, um grande organizador*", objeto de clivagem interna, avaliação pela qual "*julga-se o teórico, o formulador de planos por suas qualidades de administrador, e administrar significa prever as ações e as operações necessárias para realizar o plano, inclusive as 'moleculares' (e mais complexas, é óbvio)*"[29]. Sua capacidade organizativa coloca-se a serviço do partido buscando formar:

> Uma consciência coletiva, ou seja, um organismo vivo, só se forma depois que a multiplicidade se unifica através do atrito dos indivíduos: e não se pode dizer que o "silêncio" não seja multiplicidade. Uma orquestra que ensaia, cada instrumento por sua conta, dá a impressão da mais horrível cacofonia; *porém estes ensaios são a condição para que a orquestra viva como um só "instrumento"*[30].

Estes maestros, os intelectuais, têm sua importância no quadro geral das relações sociais afirmadas segundo uma distinção metodológica básica de Gramsci, que não valida qualquer "*critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais*", mas o desenvolvendo pelo e através do materialismo histórico dialético, ou seja, "*no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais*"[31]. Historicamente, toda classe, "*todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais*", elementos ativos dotados de certas "*'especializações' de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a classe deu à luz*", aos quais cabe proporcionar "*homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político*". E cita como exemplo o empresário, que "*cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc.*". Estes intelectuais do novo "*grupo social 'essencial'*", nascido das raízes de uma "*estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura*", serão chamados de orgânicos, pois relacionados a um organismo social com a função de organizadores, dirigentes – uma relação indissociável da práxis.

Os intelectuais remanescentes do grupo dominante anterior, da ordem social anterior,

---

[28]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 15-16.
[29]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 285.
[30]Idem. p. 333. Grifos nossos.
[31]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 18.

os “*representantes de uma continuidade histórica*”[32], serão entendidos pela categoria de intelectual tradicional. E estes, mesmo representando um grupo superado, não são completamente relegados, pois como já abordado, “*nenhuma forma social jamais confessará que foi superada*”[33]. Por esta posição anterior, costumam ocupar postos relevantes na organização das relações sociais, continuidade inevitável, “*que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas*”. Os intelectuais tradicionais, através das redes que compõem e da consciência de “*sua 'qualificação'*”, apresentam-se “*a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social dominante*” – eles não deixam de corresponder a sua função, mas alterando seu posicionamento, também alteram o quadro geral das relações de força, o que justifica socialmente esta categorização distinta – tendo “*consequências de grande importância no campo ideológico e político*”[34]. Gramsci compreende estas disputas, afirmando que “*uma das características mais marcantes de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista 'ideológica' dos intelectuais tradicionais*”, posição que pode ser alcançada quanto mais rápido e ágil “*o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos*”.

A conceituação gramsciana de intelectual afirma-se contra a concepção burguesa de intelectual, definida pelo preenchimento de certos parâmetros ideais para tal caracterização, pois para Gramsci, ao contrário, “*em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e mais degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora*”[35], sendo que, quando referencia-se a distinção entre o trabalho manual e intelectual, “*faz-se referência, na realidade, somente à imediata função social da categoria social dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso*”, tornando impossível “*separar o homo faber do homo sapiens*”[36]. Isto o permite argumentar que é “*possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais*”, que “*as categorias especializadas para o exercício da função intelectual*” foram historicamente formadas “*em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem*

[32]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 16.
[33]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 37.
[34]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 16-17.
[35]Idem. p. 18-19.
[36]Ibidem. p. 52-53.

elaborações mais amplas e mais complexas em ligação com o grupo social dominante”[37]. Concluindo que, socialmente:

> A relação entre intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, mas é “mediatizada”, em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os “funcionários”. Seria possível medir a “organicidade” dos diversos estratos intelectuais, sua conexão mais ou menos estreita com um grupo social fundamental, fixando uma gradação das funções e das superestruturas de baixo para cima (da base estrutural para o alto) […] Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. Os intelectuais são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político[38].

É preciso enfatizar esta questão, pois a relação dos intelectuais com a organização social não ocorre dissociada das classes sociais, alheia de sua posição de classe no modo de produção, sendo “*'mediatizada', em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os 'funcionários'*”. Muitos autores utilizam a passagem acima para cindir a sociedade civil e política do mercado, do terreno da produção e distribuição. Isto tornaria o Estado, e seus funcionários alheios à estrutura, os tomando somente como responsáveis pela gestão das formas de exploração, reduzindo as relações sociais em uma base mecanizante, automática – para não dizer idealista. “*A elaboração das camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas segundo processos históricos tradicionais muito concretos*”, o que possui consequências diretas sobre sua relação com as classes sociais fundamentais. Os intelectuais não se consistem em casta, sendo que se sua diferenciação refere-se pela clivagem classista, nas sociedades ocidentais eles cumprem uma série de especializações, “*a própria função organizativa da hegemonia social e do domínio estatal dá lugar a uma certa divisão do trabalho e, portanto, a toda uma gradação de qualificações*”[39]. No exercício da dominação nem todos os intelectuais tem o mesmo peso, estando em constante batalha para sua afirmação como os agentes competentes para a gestão (ou “representação”) dos interesses das classes. A função histórica dos partidos está entrelaçada com a capacidade dirigente de seus intelectuais:

> O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que cada um possui em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o

[37]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 18-19.
[38]Idem. p. 20-21.
[39]Ibidem. p. 20-21.

> esforço muscular-nervoso no sentido de um novo equilíbrio e fazendo com que o próprio esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova perpetuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção de mundo [...] O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloqüência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, "persuasor permanente", já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-ciência e à concepção humanista retórica, sem a qual permanece "especialista" e não se torna "dirigente" (especialista + político)[40].

Como visto, estas questões ultrapassam este trecho, perpassando nossa dissertação. Aqui iremos buscar estabelecer paralelos entre a formação dos intelectuais do MSM, que em sua sequente ação política, constituiriam seu Estado Maior, os responsáveis maiores por afirmarem proposições que os demais escritores/militantes assumem como pressupostos para sua atuação política. Mas indiquemos, mesmo com o MSM afirmando certa autonomia (no sentido de não depender inteiramente da atuação de um único indivíduo), não prescinde de seu fundador e maior organizador, Olavo de Carvalho – em palavras claras, sem a participação deste provavelmente esta forma atual seria bem distinta. Iremos indagar sobre a trajetória pública deste, buscando entender sua origem social, formação intelectual e experiência profissional, sua vivência em aparelhos privados de hegemonia, e também a reinterpretação do seu passado, crucial já que parte desta leitura para constituir uma base de coerência para atuação política no presente.

4.1. Olavo de Carvalho:

Nosso intento aqui é traçar a trajetória pública de Olavo de Carvalho, não nos propondo investigar sua biografia, gênero que nos levaria a considerar como recorte temporal desta pesquisa o da vida do biografado, e exigiria, através de sua experiência privada buscar traçar paralelos com a constituição de suas posições políticas e ideológicas[41]. O que buscamos, através de linhas gerais de sua vivência, é atentar para alguns indícios sociais, que nos permitirão visualizar as etapas de sua formação, o "desenvolvimento necessário" para a atuação política posterior, atrelada ao MSM. Segundo Bourdieu:

> Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial

[40]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 53.
[41]Para mais detalhes sobre esta discussão ver: OLIVEIRA, F. R. de. *Trajetórias intelectuais no exílio*: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2010. p. 21-27.

> da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais das investigações oficiais – cujo limite é a investigação judiciária ou policial –, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da *confidência* que prevalece nesses mercados protegidos [...] o objeto desse discurso é a apresentação *pública* e, logo, a oficialização de uma representação *privada* de sua própria vida, pública ou privada, implica um aumento de coações e de censuras específicas (das quais as sanções jurídicas contra as usurpações de identidade ou o porte ilegal de condecorações representam o limite)[42].

Basearemos este trecho da pesquisa em relatos autobiográficos, sendo que assim, temos de indicar para nosso leitor que a veracidade destes fatos escapa da nossa alçada (dada à centralidade de nosso objeto, o MSM, não pudemos recorrer a uma investigação detalhada destes personagens, buscando outros documentos que avalizariam ou não seus relatos), exatamente por sofrer, como na citação anterior, as censuras específicas típicas de uma apresentação pública. Isto implica que estamos conscientemente reproduzindo imagens atribuídas por estes à suas vivências, releitura que podemos, segundo Bourdieu, compreender como sendo *uma leitura ideológica de sua própria vida*: a criação "artificial" de sentido para sua vida, "*selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência como fins*"[43]. Não nos sentimos embaraçados diante deste procedimento, pois não produzimos nenhuma pergunta específica para investigar o passado dos intelectuais do MSM, buscando estritamente sublinhar em sua vivência sua origem e trajetória social (o que também implica que não poderemos abrir crítica explícita, a não ser buscando apresentar incoerências existentes em relatos destes).

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho nasceu em Campinas (São Paulo), no dia 29 de abril de 1947. Atualmente casado, pela terceira vez, com Roxane Andrade de Souza[44], é pai de oito filhos: Heloísa, Luiz, Tales, Davi, Maria Inês, Percival, Leilah Maria e Pedro[45]. Foi o segundo filho do Luiz Gonzaga de Carvalho, que exercia como profissão a advocacia[46], enquanto sua mãe, Nicéa Pimentel de Carvalho, é apontada como tendo sido operária na indústria gráfica[47].

---

[42]BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica". *In*. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 188-189.
[43]Idem. p. 184-185.
[44]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/acidental.htm, acessado em 13.11.11.
[45]CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997. p. 86.
[46]ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.
[47]CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 86.

Sua primeira infância é marcada pela doença, uma infecção pulmonar[48], que, presumimos pela sua medicação (penicilina), desenvolveu-se em um tipo grave de artrite[49]. Passou sete anos acamado, período marcado pela vida familiar, "*a limitação e o tédio da vida doméstica, ora o aconchego dos braços de minha mãe e a inesgotável riqueza do mundo pequeno: eu tinha dezenas de miniaturas - soldados, bichos, carros*"[50] e principalmente pelo alegado desconhecimento do mundo exterior, que viria a "desapontá-lo":

> Depois, quando repentinamente tudo passou e saí para o mundo, ele era tão feio, tedioso e miserável que aí sim comecei a me sentir doente. A reserva de sonhos e imagens acumulada ao longo de anos de torpor físico revelou, então, sua utilidade. Com grande facilidade eu me isolava interiormente do cenário em torno, fugindo para um universo mais interessante, de minha própria invenção. Mas não era do tipo avoado. Desenvolvi uma habilidade incrível de fazer uma coisa pensando em outra, de manter uma ligação mínima com o ambiente para que ninguém percebesse que eu não estava ali. Na escola, simulava atenção com um centésimo do cérebro, enquanto os noventa e nove por cento restantes ficavam pensando em coisas lindas [...] Cheguei a ter longas conversas com as pessoas mais chatas do universo, fingindo eficazmente um interesse que as lisonjeava, enquanto por dentro fantasiava as criações mais extraordinárias, enredos inteiros repletos de aventuras, cavaleiros, princesas, castelos e dragões[51].

Após sua cura, relembra seu estranhamento nos primeiros contatos com o mundo exterior, especialmente o colégio: "*Embutido no uniforme, eu me parecia exteriormente com os demais meninos, mas por dentro era um bebê, simplório como um passarinho, por total ignorância não só dos pecados como também de tudo o mais*". Assinala a forte influência religiosa (revestida de um caráter místico) em sua educação, seja no colégio, onde indica que "*os professores leram-me trechos do Evangelho, que me comoviam até às lágrimas, mas daí, mediante uma lógica que me escapava, deduziam e me atribuíam a incumbência de confessar meus pecados*"[52], seja especialmente no período enfermo:

> As pessoas saudáveis vivem no mundo horizontal: quando mergulham na verticalidade, dormem e esquecem tudo. Não percebem que há ali outro espaço, tão real quanto o da agitação cotidiana: o universo do silêncio. O doente percebe claramente a passagem, a pulsação entre o oculto e o manifesto, o latente e o patente, o mistério e a claridade, bem como as rotações incessantes de sentido entre os seis pólos de uma cruz de três dimensões onde o homem está cravado no centro da esfera armilar do mundo.

---

[48]CARVALHO, O. de. "Um capítulo de memórias". *Diário do Comércio*. 23.06.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/080623dc.html, acessado em 27.02.12.

[49]CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000007.html, acessado em 08.01.12.

[50]CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000009.html, acessado em 08.01.12.

[51]CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. op. cit.

[52]CARVALHO, O. de. "Um capítulo de memórias". *Diário do Comércio*. 23.06.08. op. cit.

> O signo da esfera armilar gravou-se em mim, sem nome, sem palavras, por fim sem imagens – pura latência interior–, antes mesmo que eu tivesse a menor consciência de qualquer ênfase religiosa que lhe estivesse associada. Reencontrei-o muitas vezes, mais tarde, nos ritos da Igreja, na arquitetura dos templos, na ordem interna das obras de arte, e em dois dos maiores livros escritos neste século: *O Simbolismo da Cruz*, de René Guénon, e *A Estrutura Absoluta*, de Raymond Abellio, que, uma vez lidos, se incorporaram definitivamente à minha concepção das coisas, como traduções verbais quase perfeitas de uma experiência primordial e arquetípica. Suponho que todos os homens tenham vivido essa experiência. Apenas, passando por ela demasiado rapidamente, não repararam nem na sua beleza, nem no seu alcance metafísico. Tão distraído e fútil é o ser humano, que somente a doença tem o poder de forçá-lo à contemplação. Mas nem toda doença serve: não pode ser breve e intensa como um desmaio, nem tão prolongada que leve ao entorpecimento da consciência. Só a doença consumptiva, que derruba sem adormecer, que enfraquece sem derrotar, produz aquela imobilidade paciente e serena em que a profundidade das coisas começa lentamente a revelar-se. Mais tarde, a sentença de Aristóteles – "A imobilidade gera a sabedoria" – retiniu em minha alma como uma verdade tão certa e tão alta, que nela reconheço a marca do sagrado[53].

Adolescente, já morando em São Paulo, tinha como interesse escolar principalmente a biologia e o latim, "*por influência de dois ótimos professores*". Aos dezessete anos, em 1965, começa a trabalhar no jornal *Notícias Populares*[54], e no ano seguinte teria se filiado ao Partido Comunista Brasileiro, "*pertenci à ala marighelista do PCB, assisti de perto à preparação do que viria a ser o movimento guerrilheiro*"[55], que viria a abandonar ao fim de 1968 por discordar da estratégia da luta armada. Este rompimento se deu de modo silencioso à época (aparentemente ele não chegara a formar-se quadro), mas marcante em sua biografia posterior: "*Eu, como todo brasileiro, primeiro tomei a posição e depois fui estudar o assunto. Quando estudei o assunto, descobri a cagada monumental que tinha feito*"[56]. Assinalemos que não faz sentido afirmar o abandono do PCB pela discordância sobre a passagem para luta armada, já que neste período os que abandonavam o partido o faziam para entrar na luta armada (a não ser que tenha abandonado o partido com os marighelistas antes da mudança estratégica e tenha omitido a informação)[57].

Trabalhando cinco horas por dia no jornal, neste mesmo período Carvalho frequentou como ouvinte aulas de filosofia, de estudos literários e de religiões comparadas na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e na Universidade de São Paulo (USP), onde posteriormente

---

[53]CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. op. cit.
[54]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. op. cit.
[55]CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 319.
[56]MATEVSKI, N. "Na base do doa a quem doer. Entrevista com Olavo de Carvalho". *Gazeta do Povo*. 20.06.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista_gazeta.htm, acessado em 13.01.12.
[57]A única referência externa encontrada sobre a passagem de Olavo de Carvalho pelo PCB foi em uma entrevista de Barbara Abramo para a revista *Trip*. BRESSANE, R. "Senhora do destino". *Trip*. nº. 138. Disponível em http://revistatpm.uol.com.br/49/vermelhas/home.htm, acessado em 03.03.12.

afirmou sair decepcionado[58]. Ingressou no curso de Filosofia no Conjunto de Pesquisa Filosófica da PUC do Rio de Janeiro, que cursou durante três anos, não o concluiu pelo fechamento do curso após a morte de seu principal promotor, o Padre Stanislavs Ladusãns, filósofo estoniano residente no Brasil. Segundo Carvalho, não deu prosseguimento aos seus estudos porque "*os outros cursos de Filosofia que eu conhecia neste país não me interessavam, pois eram demasiado ruins*"[59], mesmo tendo apresentado dois trabalhos de conclusão de curso durante o curso na PUC: *Estrutura e sentido da enciclopédia das ciências filosóficas de Mário Ferreira dos Santos* e *Leitura analítica da "crise da filosofia ocidental" de Vladimir Soloviev*. Estes "trabalhos de conclusão de curso" chamam atenção por terem sido supostamente apresentados antes da conclusão dos créditos habituais necessários para a possibilidade da defesa da pesquisa de conclusão, que geralmente obrigam a defesa no quarto ano do curso (matérias de pesquisa, tempo de orientação, matérias obrigatórias anteriores), dando a impressão de serem na realidade trabalhos relativos à disciplinas específicas.

Neste meio tempo ganha sua licença de jornalista, e já tendo constituído família, dedica-se ao trabalho em tempo integral. Passa pela *Folha da Manhã* como repórter, redator *copydesk*, setorista credenciado no Palácio do Governo (1967-1971); pela revista *Brasil-Israel* como crítico de filmes (1968); pelo *Cidade de Santos* como editor de notícias (1971-1972); pela revista *Atualidades Médicas* como editor de texto (1973-1974); pelo *Jornal da Tarde* do *Estado de S. Paulo* como editor assistente de notícias políticas (1973-1975); pelo *Jornal da Semana* como secretário de redação (1976-1977); e de 1977 até 2005 trabalhou como *freelance* em um sem número de revistas e jornais, como *Claudia*, *Nova*, *Contexto*, *Escola*, *Planeta*, *Sala de Aula*, *Escola*, *Bravo*, *República*, *Primeira Leitura*, etc.[60]. Segundo Carvalho "*na ditadura militar, com muitos amigos presos, torturados, mortos, percebi que o Brasil ia ladeira abaixo para as trevas. Achei que o melhor era me retirar e estudar para entender o que se passava. Isolei-me dos 20 aos 47 anos*"[61]. De acordo com seu *Curriculum Vitae*:

> Desde muito jovem iniciou seus estudos de filosofia, psicologia e religiões comparadas. Não tendo encontrado, na época, cursos universitários de boa qualidade sobre os tópicos que eram de seu interesse – e tendo recebido o Registro de Jornalista Profissional por tempo de serviço, de acordo com a legislação que então entrou em vigor –, abdicou temporariamente dos estudos universitários formais e buscou professores particulares e conselheiros

---

[58]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. op. cit.
[59]CIDRAL, F. "Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho". *Vidaqui*. 31.10.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/quee.htm, acessado em 13.01.12.
[60]CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/english/1Resume.pdf, acessado em 14.01.12.
[61]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

qualificados que o orientassem[62].

Entre estes professores, "*merecedores de sua mais profunda gratidão, por lhe haverem dado acesso a uma formação que jamais poderia adquirir numa universidade brasileira*"[63], destaca:

> - Juan Alfredo César Müller, psicólogo clínico diplomado pelo Instituto de Psicologia de Zurique e ex-aluno de Jung, L. Szondi e Marie-Louise von Franz; sob a orientação do Dr. Müller, estudou psicologia durante mais de dez anos; - Marcel van Cutsem, filólogo e erudito belga, residente em São Paulo, sob cuja orientação estudou línguas e literatura; - Lívio Vinardi, físico e esoterista argentino, sob cuja orientação estudou bioenergética, parapsicologia e assuntos afins. - Marco Pallis, religioso e erudito budista, residente em Londres, autor de *A Buddhist Spectrum*, *Peaks and Lamas* e *The Way and the Mountain*, livros clássicos na área das Religiões Comparadas. - José Khoury, erudito e filólogo libanês, de quem aprendeu princípios de língua árabe e história da civilização islâmica. -Martin Lings, diretor da Seção de Manuscritos Orientais do Museu Britânico, de quem recebeu orientação pessoal para o estudo de religiões comparadas[64].

Passa a década de setenta sem nenhuma participação pública, "*a partir de 1975, concentrou seus esforços no estudo das Artes Liberais – as sete disciplinas básicas para a formação dos letrados na Europa Medieval (Lógica, Retórica e Gramática; Aritmética, Música, Geometria e Astrologia)*"[65], e na década seguinte irá buscar afirmar seu nome como astrólogo. Segundo ele, seu primeiro contato com a astrologia fora "*uma casualidade. O Dr. Müller* [Juan Alfredo César Müller] *contratou-me na época em que eu trabalhava no Jornal da Tarde para redigir um curso de psicologia baseado em astrologia, já que era argentino e não dominava muito bem o português*", sendo que "*depois destas aulas, um mundo sem limites se abriu para mim*"[66]. Lança cinco livros relativos ao tema nos anos 80, além de participar de uma série de revistas, traduções, organizações e apostilas. Segundo Carvalho:

> Não existe possibilidade alguma de entendimento de qualquer civilização antiga sem o conhecimento da Astrologia. O modelo de visão do mundo baseado nos ciclos planetários e nas esferas esteve em vigor durante milênios e isto continua a estar, de certo modo, no "inconsciente" das pessoas. Apesar de algumas deficiências no modelo astrológico, foi ele quem estruturou a humanidade pelo menos a partir do império egípcio-babilônico, o que

---

[62]ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.
[63]Idem.
[64]Ibidem
[65]Ibidem.
[66]TÓTORA, R. "Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho". *Porto do Céu*. 01.06.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm, acessado em 10.01.12. Para maiores informações sobre Juan Alfredo César Müller ver CENTRAL NACIONAL DE ASTROLOGIA. *Juan Alfredo César Müller*. 27.01.10. Disponível em http://cnastrologia.org.br/site/blog/2010/01/27/juan-alfredo-cesar-muller/, acessado em 10.01.11.

significa, no mínimo, cinco mil anos de história. A Astrologia é um elemento obrigatório, por isto quem não a estudou, não estudou nada, é um analfabeto, um estúpido[67].

Ao fim da década começa a dedicar-se ativamente à filosofia que, do mesmo modo que a astrologia, aparece "*por contingência*"[68] (na citação a seguir isto é revestido quase de um "destino manifesto" clarificado, que traria sua verdadeira função social como cidadão):

Até os 35 anos, eu não falava de assuntos filosóficos com ninguém a não ser comigo mesmo; vivia numa solidão intelectual quase completa. Então, comecei a dar conferências para um pequeno grupo de estudantes. Eu também escrevia, mas apenas resumos para os meus alunos, e teria continuado de bom grado a fazer o mesmo a vida inteira se as circunstâncias não me tivessem tirado de minha solidão para fazer de mim uma espécie de inspetor da saúde mental dos intelectuais brasileiros. Estou feliz por ter abandonado a modéstia da vida solitária unicamente para fazer algo de útil e objetivo, sem concessões às minhas vaidades de juventude, as quais já estavam mortas[69].

Na tabela seguinte, sobre as apresentações públicas proferidas por Olavo de Carvalho, organizada por Roxane Carvalho é Érica Pinheiro, podemos observar seus desdobramentos posteriores mais claramente:

TABELA 3: Cursos, palestras e conferências de Olavo de Carvalho:

Título	Evento	Instituições promotoras	Local	Data
Introdução ao estudo das medicinas tradicionais	Seminário sobre sistemas culturais de saúde	Ministério da Previdência e Assistência Social e Secretaria de Estado da Saúde São Paulo	São Paulo	21.08.86
Saúde e cultura	Ciclo de debates medicina e cura	XVIII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina	Universidade Estadual de Campinas	26.07.87
Introdução ao estudo das ciências tradicionais	Não consta	Não consta	Instituto de Biociências da USP	25.05.81
Felicidade e infortúnio	Palestra no I Simpósio de casamento e divórcio	Sociedade Brasileira de Szondi	São Paulo	26.04.80
Possibilidades e limites da pesquisa científica em astrologia	Palestra no ciclo Cosmo: realidade e ficção	SESC (Serviço Social do Comércio)	São Paulo	16.10.89
Introdução às artes liberais	Cinco palestras proferidas	Escola Dante Alighieri	Salvador	11.88
Ortega y Gasset	Palestra	Associação Pallas Athena	São Paulo	13.06.84

[67]TÓTORA, R. "Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho". *Porto do Céu*. 01.06.00. op. cit.
[68]ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.
[69]NEDELCU, D. "Entrevista com Olavo de Carvalho". *Rádio Nacional*. Bucareste, 12.11.98 http://www.olavodecarvalho.org/textos/nedelcu.htm, acessado em 10.01.12..

Título	Evento	Instituições promotoras	Local	Data
Introdução ao pensamento filosófico de Mário Ferreira dos Santos	Palestra	União Brasileira de Escritores	São Paulo	07.05.89
Simbolismo maçônico n'A Flauta Mágica de Mozart	Conferência pronunciada no Teatro Municipal de São Paulo	Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo	São Paulo	08.09.83
Ler e escrever: introdução ao Trivium	Curso privado	Não consta	Não consta	06-12.84
Introdução à vida intelectual	Curso	Instituto Santo André	Rio de Janeiro	03.87-03.89
O fim do ciclo nacionalista	Palestra	Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos	Rio de Janeiro	04.92
A violência como metáfora: o Silêncio dos Inocentes	Palestra no ciclo Violência contra a infância, comemorativo da Semana da Criança de 1993	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo	São Paulo	1993
História essencial da filosofia	Curso em doze aulas	Casa de Cultura Laura Alvim	Rio de janeiro	06-09 e 10-12.93
Pensamento e atualidade de Aristóteles	Curso em vinte aulas	Casa de Cultura Laura Alvim	Rio de Janeiro	03-06. 94
Análise simbólica do filme Coração Satânico	Conferência no ciclo Leituras e linguagens	Universidade Estadual do Norte Fluminense	Campos	04.04.95
Aristóteles em nova perspectiva	Curso em doze aulas	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Salvador	Salvador	8-19.05.95
Filosofia e ensino da filosofia no Brasil	Conferência no Encontro estadual de estudantes de filosofia	Universidade Católica de Salvador	Salvador	10.06.95
A estrutura do Organon e a unidade das ciências do discurso em Aristóteles	Comunicação lida no V Congresso Brasileiro de Filosofia	Faculdade de Direito da USP	São Paulo	05.09.95
A arte de estudar	Quatro conferências	Instituto cultural Brasil-Alemanha	Salvador	11.95
Aristóteles em nova perspectiva	Três palestras	Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco	Recife	10-12.01.97
Situação presente da cultura brasileira	Conferência de lançamento do livro O imbecil coletivo	Teatro da Faculdade da Cidade	Rio de Janeiro	22.08.96
Empresariado e cultura	Conferência	Associação Gaúcha dos Advogados de Direito Imobiliário Empresarial	Não consta	10.05. 97
O futuro do pensamento brasileiro	Conferência	Instituto de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco,	Não consta	13.03.97
Os mais excluídos dos excluídos	Conferência	UNESCO	Paris	23.05. 97

Título	Evento	Instituições promotoras	Local	Data
Introdução à lógica e à metodologia científica	Curso em cinco aulas	Escola Superior de Administração Fazendária da Delegacia da Receita Federal	Rio de Janeiro	13-17.04.98
Reparando uma injustiça pessoal	Conferência	Clube Militar do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	31.03.99
Filósofos brasileiros do século XX	Conferência	Casa de América Latina	Bucareste	08.09.99
Christianisme et globalisation	Conferência	Congresso *Latinité et nouvel ordre mondial*	Cluj-Napocca (Romênia)	06.98
Ser e poder: o problema fundamental da filosofia política	Conferência no congresso *United Nations intellectual leaders striving for the stable development of mankind*	ONU, Conference Room I	Nova Iorque	05.01.01
Censura e desinformação	Conferência	Clube Naval do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	27.11.01
Sobre a defesa nacional	Conferência no I Simpósio sobre Estratégia da Resistência e Mobilização da Vontade Nacional	Comando Militar da Amazônia	Não consta	07.12.01
Sistemas políticos contemporâneos	Conferência	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército	Não consta	02.05.02
Argumento e prova em direito e ciência política	Curso	Instituto Brasiliense de Direito Público	Brasília	27.02-02.03.02
Educação liberal	Curso	Instituto Paraná Desenvolvimento	Não consta	03-05.02
Totalitarismo islâmico: herdeiro do comunismo e do nazismo	Palestra	Clube A Hebraica	São Paulo	24.05.04
O Brasil perante os conflitos da nova ordem mundial: oportunidades e desafios	Palestra	Ordem dos Advogados do Brasil-SP	São Paulo	06.08.04
Seminário de filosofia	Curso permanente	Instituto Olavo de Carvalho	Curitiba, São Paulo e Porto Alegre	Não consta
História Essencial da filosofia	Curso permanente	Instituto Olavo de Carvalho	Curitiba e São Paulo	Não consta

"*Pronunciou ainda vários outros cursos e conferências nas seguintes entidades: Associação Paulista de Medicina, SP, Universidade Estadual de Campinas, SP, Centro Educacional da Lagoa, RJ, Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos, RJ, Espaço Verdi, UERJ, Instituto Liberal, Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, Clube Militar (Rio de Janeiro), Universidade Mackenzie (São Paulo), Casa de Cultura Laura Alvim, RJ, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, Associação Comercial do Rio de Janeiro, UNESCO (Paris), ONU (Nova York)*". FONTE: ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. Disponível em http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/olavcrvl.htm, acessado em 19.02.11.

A partir de 1989, com a formatação dos cursos permanentes, seus Seminários de

filosofia, "*diminuiu a atividade jornalística para se dedicar mais aos cursos, os Seminários de Filosofia, que dá duas vezes por mês no Rio e em São Paulo*". Nestes cursos "*calcula ter tido cerca de cinco mil alunos e escrito umas dez mil páginas*"[70], sendo este momento em que começa a firmar-se como intelectual de certo renome. Segundo sua própria descrição o Seminário seria,

> [...] em primeiro lugar, um curso de filosofia (o único que pode ajudar você a praticar a filosofia em vez de apenas repetir o que outras pessoas, ilustres o quanto se queira, disseram a respeito dela. Mas, pela sua própria natureza, a filosofia não é um saber especializado sobre uma determinada classe de objetos: é uma atividade integral da inteligência que se volta sobre todos os campos do saber e da experiência em busca de sua unidade, de seu fundamento e de sua significação última para a consciência humana. Não há limites, portanto, para os conhecimentos especializados que possam se tornar necessários, como subsídios auxiliares, ao aprendizado e exercício da filosofia: a formação filosófica é, também e inseparavelmente, a abertura da inteligência à totalidade sistêmica dos conhecimentos humanos. Por essa razão, o *Seminário* é também um sistema de educação integral, com abertura para os seguintes campos de estudos, além da filosofia *strictu sensu* : 1. Religião comparada; 2. Letras e artes; 3. Ciências humanas; 4. Ciências da natureza; 5. Comunicação e expressão. Essa abrangência torna o Seminário uma espécie de *Introdução geral aos estudos superiores em sua totalidade* [...] Buscando constantemente o nexo entre conhecimento e autoconsciência, o filósofo (ou, o que é exatamente o mesmo: o estudante) submete-se à *disciplina da sinceridade* , que se torna, de maneira lenta, gradual e segura, um caminho de ascese espiritual: o desenvolvimento do *senso pessoal da verdade*.[71]

E o resume em seis tópicos de abrangência:

> 1º Um curso de filosofia. 2º Um sistema de educação integral. 3º Uma introdução geral aos estudos superiores. 4º Uma teoria e prática da interdisciplina. 5º Um caminho de ascese espiritual. 6º Um método de desenvolvimento da inteligência pessoal. Caso esses seis objetivos lhe pareçam grandes demais para poderem ser atingidos todos de uma vez, o próprio Seminário lhe mostrará que não é possível atingir nenhum deles separadamente: *filosofia* , *educação integral* ,*ampliação do horizonte cognitivo* , *unidade do conhecimento* , *ascese espiritual fundada na autoconsciência* e *desenvolvimento da inteligência humana* são, apenas, seis nomes de uma só e mesma coisa[72].

O Seminário irá ser o primeiro e maior passo para a consolidação de Carvalho como comentarista político. É através deste que passa a "trabalhar" como intelectual, podendo subsistir como colunista, escritor e palestrante (abandonando parte do trabalho técnico que

---

[70]ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.
[71]CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* Disponível em http://www.seminariodefilosofia.org/o-que-e, acessado em 10.01.12.
[72]CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* op. cit.

desenvolvia nas redações de imprensa e a astrologia)[73]. Será pelo desenvolvimento deste, e posterior desdobramento no Instituto Olavo de Carvalho, que ele irá centralizar seus esforços por reconhecimento. Segue-se uma tabela com os trabalhos editoriais realizados por Carvalho:

TABELA 4: Traduções e serviços editoriais de Olavo de Carvalho:

Obra e autor	Função	Cidade	Editora	Ano
A glândula tireóide: suas funções e disfunções, pelo Dr. José Carlos da Rosa (org.)	Preparação do texto	São Paulo	ESPE	1976
Tabu, por Allan Watts	Tradução	São Paulo	Editora Três	1978
Comentários à *Metafísica Oriental* de René Guénon, por Michel Veber	Edição e organização	São Paulo	Não consta	1983
Como vencer um debate sem precisar ter razão. A "dialética erística", por Arthur Schopenhauer	Texto e comentários	Rio de Janeiro	Topbooks	1997
As seis doenças do espírito humano, por Constantin Noica	Preparação e edição	Rio de Janeiro	Record	1999
Aristóteles, por Émile Boutroux	Preparação e edição	Rio de Janeiro	Record	2001
A origem da linguagem, por Eugen Rosenstock-Huessy	Preparação e edição	Rio de Janeiro	Record	2002
Estética como ciência da expressão e lingüística geral, por Benedetto Croce	Tradução	Rio de Janeiro	Record	Não consta
Do hábito, por Félix Ravaisson	Tradução inédita	Não consta	Não consta	Não consta
Teatro oficina: onde a arte não dormia, por Ítala Nandi	Edição e prefácio da 2ª. edição	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora	1997
O espírito das revoluções, por J. O. de Meira Penna	Edição	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora	1997
O exército na história do Brasil. III volumes.	Editor	Rio de Janeiro; Salvador	Biblioteca do Exército e Fundação Emílio Odebrecht	1998
Ensaios reunidos de Otto Maria Carpeaux. III volumes.	Edição	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora; Topbooks	1999-
A sociedade de confiança, de Alain Peyrefitte	Tradução e edição	Rio de Janeiro	Instituto Liberal do Rio de Janeiro; Topbooks	2000

FONTE: ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

Já nos anos noventa irá lançar seus livros sobre política e filosofia, que atingem certa expressão e o ajudam a consolidar-se como colunista político "de direita". Seu primeiro lançamento em livro, contudo, nasce de uma polêmica com a Sociedade Brasileira para a Pesquisa Científica, que recusa a lançar um artigo seu sobre Aristóteles, e que toma certa

[73]Os valores cobrados atualmente pelo Seminário de filosofia são de: 1 mês R$ 35,00; 3 meses R$ 95,00; 6 meses R$ 180,00; ou mensalidades fixas de U$ 20,00. Pelo Curso *online* de filosofia são cobrados: 1 mês R$ 50,00; 3 meses R$ 145,00; 6 meses R$ 290,00 ou mensalidades fixas de U$ 30,00. SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Assine já*. Disponível em http://www.seminariodefilosofia.org/assine, acessado em 13.01.12.

repercussão midiática[74]. No meio da querela Bruno Tolentino, poeta e amigo de Carvalho, o orienta a lançar um livro, o que resultou em *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César* de 1995 (Tolentino assina o "prefácio"). Segundo Carvalho:

> Durante muito tempo eu mesmo publiquei meus livros, em tiragens pequenas, para um círculo de alunos e amigos. Em 1995, por insistência do Bruno Tolentino, lancei "O Jardim das Aflições" numa tiragem maior, por uma editora profissional. Aí, por uma coincidência, fui trabalhar na Editora da Faculdade da Cidade e lancei por lá "O Imbecil Coletivo", que deu uma encrenca dos diabos e me lançou em polêmicas de imprensa, que não procurei mas das quais não fugi e nas quais, graças a Deus, me saí muito bem[75].

Olavo de Carvalho irá emergir na imprensa no vácuo deixado pela morte de Paulo Francis em 1997, em plena conjuntura onde a grande mídia batalhava ostensivamente pela implementação do ultraliberalismo. Francisco Fonseca empreendeu uma obra de fôlego, onde analisou todos os editoriais da grande imprensa brasileira, a saber o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, entre 1985 e 1992, sobre a formação da hegemonia ultraliberal, a agenda estratégica para a formação do consenso em torno deste:

> A exaustiva análise que procuramos empreender dos quatro jornais num período tão controvertido, em termos políticos, econômicos, sociais, ideológicos e internacionais, articulando-se a complexa conjuntura [...] houve imensa semelhança no modus operandi dos jornais em foco. O quarteto interpretou a chamada "onda neoliberal" de forma peculiar, mas teve como fio condutor a tentativa de estabelecer uma nova hegemonia, mediante a constituição de uma Agenda Ultraliberal, na qual a esfera privada obtivesse a precedência em relação ao Estado, o Capital sobre o Trabalho, e o (ultra)liberalismo – ao estilo de cada um – a primazia político-ideológica e cultural. Para tanto, os exemplos internacionais, tomados como uma tendência desejável e inescapável, foram magistralmente utilizados como forma de demonstrar a vitória do capitalismo liberal e o conseqüente "fim da história". Todos os que se opuseram, por qualquer motivo, a estas idéias foram desqualificados e deslegitimados, num processo autoritário e arrogante desenvolvido pelos periódicos[76].

A formação e consolidação desta hegemonia não dispensaram os funcionários responsáveis por ocupar as trincheiras ideológicas que "*são particularmente expressas nos jornais*"[77]: os intelectuais. Segundo Carla Luciana Silva, que examina a atuação partidária da revista *Veja* neste processo entre os anos de 1989 e 2002: "*nas readequações capitalistas, o neoliberalismo se construiria em torno de valores como 'moderno', avançado, vitorioso. Para*

---

[74]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. op. cit.
[75]CIDRAL, F. "Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho". *Vidaqui*. 31.10.00. op. cit.
[76]FONSECA, F. C. P. da. *O consenso forjado*: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 327.
[77]Idem. p. 29.

que isso ocorresse seria necessário o convencimento daqueles que seriam os construtores do programa", exigindo a educação dos "*pequenos e médios proprietários, a pequena, média e alta burguesia*", ou seja, "*ensinar a classe dominante a manter sua dominação diante do novo quadro político e econômico, a 'nova ordem mundial'*". Isto porque naquele momento o ultraliberalismo "*estava ainda em construção enquanto hegemonia. Não era um fato dado, não foi imposto de forma simples, nem segundo fórmulas exatas*"[78].

Este espaço aberto, que era necessário e urgente preencher e consolidar, abriu caminho para vários comentaristas alinhados à direita, como Diogo Mainardi e Marcelo Sabino, da *Veja*, Reinaldo Azevedo do *Primeira Leitura*, Nelson Ascher, da *Folha de S. Paulo* e Ali Kamel e Arnaldo Jabor da *Rede Globo*[79]. Como assinala Carlos Nelson Coutinho, Olavo de Carvalho "*surgiu, com enorme respaldo dos meios de comunicação, um intelectual de extrema-direita, de uma agressividade completa contra o marxismo*"[80]. E não podemos deixar de citar que é nos anos noventa que ocorre a reestruturação do ramo jornalístico no Brasil, especialmente afetado pelas tecnologias da informação: além de diminuírem drasticamente o consumo do jornalismo impresso (tendência que é dada como irreversível) substitui-se mecanicamente o trabalho de uma série de especialistas, técnicos e mesmo jornalistas de renome, especialmente notada na demissão de correspondentes substituídos por notas de agências internacionais de notícias, geralmente empresas de origem estatal estrangeiras de jornalismo como a *British Broadcasting Corporation* (BBC) e a *Radio France Internationale* (RFI). O desemprego passa a ser determinante para corte de salários e assédio ideológico. Segundo Martins:

> Os jornalistas perderam sua segurança no emprego, essa também uma das razões pela direitização da profissão. A mídia empresa descobriu como aviltar a classe, seja explorando a vaidade de alguns, seja amedrontando a maioria com o desemprego. Fazer-se notar como dissidente é demissão certa. Os baixos salários, mantidos pela troca constante dos mais velhos por estagiários e recém-formados, forçando quem tem experiência a se tornar assessor de imprensa agravou o quadro. A expressão "jornalista independente" que poderia designar um jornalismo maduro e seguro é a demonstração de sua fraqueza – os jornalistas independentes, pagando como autônomos suas contribuições para a aposentadoria, arcando com seus seguros-saúde, sem garantias, não passam de frilas [trabalhadores "*free-lance*", que recebem por matéria ou fotografia vendida], ou estressados obrigados a aceitar qualquer

---

[78]SILVA, C. L. *Veja*: o indispensável partido neoliberal. Cascavel: Edunioeste, 2009. p. 20.

[79]GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. "Direita na mídia". *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo_destaca_ascensao_da_direita_na_midia, acessado em 14.01.12.

[80]VALOR ECONÔMICO. "Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho". *Valor Econômico*. 24-26.11.00. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al0512200091.htm, acessado em 21.01.12.

> pagamento por suas matérias. Os grandes jornais não têm mais correspondentes fixos e se abastecem, quando algum fato exige, com reportagens enviadas por frilas internacionais ou, no máximo pelos chamados frilas fixos, cuja estabilidade depende das equipes que se sucedem nas redações centrais. Ganhar muito é arriscado, chama a atenção em todo plano de economia previsto pelo jornal[81].

Este poder de criação de intelectuais-funcionários, submetidos às novas condições de trabalho, sua rápida formatação como "formadores de opinião" dependeu ainda do alcance destas publicações. Segundo Luis Nassif: "*o Mainardi é um exemplo. Começou-se a criar um mito de que ele seria o novo Paulo Francis. Mas quando você vê as coisas que ele escreve... E não estou entrando em juízo de valor, mas em juízo de qualidade. De repente, você o transforma num personagem*". Estes são afirmados em seu valor como intelectuais através de seus pares: "*você tem o Sabino elogiando o Ali Kamel, que elogia o Mainardi, etc. Ou seja, cria-se dentro da imprensa um negócio fora das estruturas de controle dos jornais, grupos de autopromoção que são uma coisa mafiosa*". Articulação que também serve para a defesa contra possíveis intervenções de intelectuais não alinhados com a agenda destes aparelhos privados de hegemonia: "*destrói-se pessoa que não seja do grupo e passa-se a tentar criar reputações intelectuais. E quem são as novas personalidades intelectuais que surgem? Ali Kamel, Mário Sabino, Mainardi. É inacreditável! Mainardi!*"[82]. Como citado, podemos sem grandes temores justificar parte desta necessidade de novos intelectuais de direita pela morte de Paulo Francis, afinal este fora:

> [...] um dos maiores salários da imprensa brasileira, ocupando páginas inteiras na Folha de S. Paulo (por 14 anos) e O Estado de S. Paulo (durante sete anos), lidas com avidez por milhares de pessoas. Quando uma de suas incontinências verbais não fundamentadas lhe acarretou uma ação de indenização de 100 milhões de dólares, por parte dos diretores da Petrobras, chamados por ele de ladrões, Francis reagiu não como um jornalista, mas como um proprietário ameaçado. Seu patrimônio [...] incluía, além dos salários (US$ 20 mil no Estadão e provavelmente mais na Globo), dois apartamentos em Manhattan, a área mais valorizada de Nova York, US$ 3 milhões em conta bancária "e administrada, sabe-se hoje, por seu amigo Ronald Levinsohn, aquele da caderneta Delfin"[83].

---

[81]MARTINS, R. "Veríssimo: imprensa brasileira é de direita". *Direto da Redação*. 19.11.07. Disponível em http://www.diretodaredacao.com/noticia/verissimo-imprensa-brasileira-e-de-direita, acessado em 21.01.12.

[82]CINTRA, A.; LOBREGATTE, P. "A deterioração ética e moral do jornalismo. Entrevista com Luis Nassif". *Portal Vermelho*. 05.03.08. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=2796, acessado em 20.01.12.

[83]PINTO, L. F. "Paulo Francis e a bomba esquecida". *Observatório da Imprensa*. 04.05.10. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/paulo-francis-e-a-bomba-esquecida, acessado em 14.01.11. Para mais detalhes sobre Francis ver: BATISTA, A. B. "Paulo Francis e o cenário político-ideológico de 1989: Análise do discurso sobre o fim do socialismo no leste europeu' e 'o perigo Lula' no processo político-eleitoral brasileiro daquele ano". *Anais do Simpósio Nacional de História 2011*. Disponível em

Olavo, que estreitou contatos com Paulo Francis em seus últimos anos, lhe dedica o livro *Imbecil coletivo 1*[84]– lançado pela Editora da UniverCidade do Rio de Janeiro (o "*único centro de ensino superior em todo o mundo com erro de ortografia no nome*"[85]), que é de propriedade do mesmo Ronald Levinsohn que administrava parte dos bens de Francis. Os contatos com aquela faculdade foram frutíferos, inclusive Carvalho passou a utilizar seus espaços físicos para a realização do Seminário de filosofia entre de 1997 até 2001, sendo nomeado diretor de sua editora entre 1999 e 2001[86].

Levinsohn era o dono da Delfin crédito imobiliário, a maior caderneta de poupança do País, com cerca de quatro milhões de clientes, quando em 1982 estourou um escândalo envolvendo um acordo sobre a dívida desta com o Banco Nacional de Habitação (BNH), o "*grande escândalo financeiro que a ditadura não conseguiu encobrir*"[87]:

> Contra parecer técnico de sua Diretoria de Terras, contra avaliação de uma comissão oficial, a despeito de recomendação contrária de seu próprio presidente e à custa das demissões de um de seus diretores e de um assessor deste, o BNH – Banco Nacional da Habitação aceitou quitar as dívidas do Grupo Delfin, de cerca de Cr$ 70 bilhões, em troca de terrenos avaliados oficialmente em cerca de Cr$ 9 bilhões. A operação foi concretizada há duas semanas, aparentemente sem aprovação formal da diretoria do BNH (sete diretores mais o presidente José Lopes de Oliveira). Para contornar a relutância da diretoria, ela limitou-se a "tomar conhecimento" de uma decisão em nível ministerial – Ministro Mário Andreazza, do Interior; Delfim Neto, do Planejamento, Ernane Gavêas, da Fazenda –, mas antes disso demitiu-se o diretor de Poupança e Empréstimo, Lycio de Faria[88].

Com a divulgação pública do acordo, milhares de clientes promoveram uma corrida para retirar suas poupanças, o que fez "*que todo o sistema de cadernetas de poupança, que já tinha 40 milhões de depositantes espalhados em várias instituições financeiras independentes, fosse sendo incorporado pelos grandes bancos comerciais*"[89]. O processo

---

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846_ARQUIVO_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf, acessado em 20.02.12.

[84]Na página onde Carvalho divulga comentários positivos sobre sua obra constam duas referências de Paulo Francis. A primeira sobre o livro *Sobre Aristóteles em nova perspectiva*: "*Olavo de Carvalho vai aos filósofos que fizeram a tradição ocidental de pensamento, dando ao leitor jovem a oportunidade de atravessar esses clássicos*". E a segunda sobre *O imbecil coletivo 1*: "*Livro imperdível. Exijam dos livreiros*". CARVALHO, O. de. *Opiniões da crítica*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/critica.htm, acessado em 12.01.12.

[85]DINES, A. "Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade". *Observatório da Imprensa*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da270620011.htm, acessado em 13.01.12.

[86]CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit,

[87]DINES, A. "Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade". *Observatório da Imprensa*. op. cit.

[88]FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 *In*. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 311.

[89]ATTUCH, L. "A redenção da Delfin". *Istoé Dinheiro*. 05.04.06. Disponível em

durou anos, e expôs a troca de favores (ou como dito na época "*predominância de aspectos políticos*"[90]) que envolveu o escândalo, que parecia encerrado em 1991 quando um acordo com o Banco Central, onde era garantido que o empresário ficasse com o espólio da Delfin e pagasse a dívida em 13 anos, tendo dois de carência. Nenhum pagamento foi efetuado. A maneira agressiva que toca seus negócios, que Alberto Dines denunciou sobre a cobertura da mídia no caso Delfin, onde "*foram jornalistas abancados em postos-chave da mídia carioca e paulista – inclusive em jornais populares – que receberam generosos financiamentos para a compra de imóveis e, em troca, ofereceram-lhe a mafiosa proteção*", fica clara em entrevista do próprio Levinsohn:

> DINHEIRO – Numa entrevista recente, o professor Di Genio [João Carlos Di Genio, dono do curso e colégio Objetivo] o acusou de ter quebrado a poupança Delfin... LEVINSOHN – Ih, meu Deus do céu! Vinte anos atrás, ele era cafetão. Ele arranjava mulheres para congressistas e pessoas importantes em Brasília. Ele tinha um circo para festas na casa dele. Chamava mulheres, tinha um plantel. Então, vem agora querer tirar carta de honesto comigo? Eu devo honestidade a quem me julgou. Eu já fui julgado, absolvido, arquivado. Fui vítima de uma conspiração que um dia será devidamente esclarecida. Nunca quis briga com o professor Di Genio, mas Deus não me deu a virtude do medo [...] DINHEIRO – Como foi resolvida a questão da Delfin? LEVINSOHN – A empresa fechou com a alegação falsa de que havia patrimônio negativo. No dia em que foi liquidada, o patrimônio era positivo em US$ 200 milhões. E todos os depositantes receberam o dinheiro. Tenho uma dádiva de Deus de ter sobrevivido ao regime militar e ao coronel Mário Andreazza. DINHEIRO – Ele o perseguia? LEVINSOHN – Ele queria ser presidente, mas, num belo dia, perdeu a convenção da Arena e recebeu um telex de 3 metros e meio com os votos dos 42 deputados que não o apoiaram. Fui eu que mandei. Estamos quites. No caso Delfin, sou um sobrevivente. Tenho brigas com o Banco Central, mas são coisas que estão em julgamento e sobre as quais prefiro não falar[91].

Somente em 2006 o Superior Tribunal de Justiça julgou o último recurso do caso, inocentando o empresário: "*a venda dos terrenos ao BNH foi feita dentro da lei e a preço justo*"[92]. Neste período, o empresário já havia a muito retornado ao Brasil, sendo que a criação da UniverCidade[93] remonta a 1998, que em pouco tempo tornou-se uma das maiores empresas de ensino superior do país. Este crescimento deve-se às mudanças na legislação sobre o ensino superior feitas pelo Ministro Paulo Renato de Souza, no governo Fernando Henrique

---

http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843_A+REDENCAO+DA+DELFIN, acessado em 14.01.11.

[90]FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 *In*. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. op. cit. p. 315.

[91]ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. Disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADAS, acessado em 13.01.12.

[92]ATTUCH, L. "A redenção da Delfin". *Isto é Dinheiro*. 05.04.06. op. cit.

[93]UNIVERCIDADE. *Histórico*. Disponível em http://www.univercidade.br/ainstituicao/historia.asp, acessado em 15.01.12.

Cardoso, especialmente na autonomia que os centros universitários passaram a ter diante das faculdades privadas para abrir e fechar cursos. Segundo Levinsohn "*com uma simples carta para o Ministério da Educação, uma universidade pode pedir para se tornar um centro universitário*". Segundo o empresário, entendendo que "o *Brasil precisa de ensino de baixo custo para aqueles que estão segregados da sociedade e que só podem pagar 80 ou 100 dólares*"[94], e aproveitando esta nova oportunidade, seu centro universitário abriu uma série de cursos e turmas (só no primeiro ano de jornalismo a Univercidade teria vinte e uma turmas[95]), cobrando mensalidades "*em média, de 320 reais. Muitas universidades paulistas, que cobravam entre 800 reais e 900 reais, não ficaram nada satisfeitas*". Além disso, por ter suas rendas garantidas pela imensa quantidade de imóveis e fazendas que é proprietário Levinsohn pode levar a cabo uma estratégia de negócios agressiva, "*não me dedico a isso para ganhar dinheiro. Posso dizer que não perco nem ganho. Às vezes, falta algum e eu até coloco do meu. Estamos faturando R$ 100 milhões por ano, mas num modelo de equilíbrio*", eliminado a concorrência ou a forçando a baixar o nível do ensino oferecido, em especial no que refere-se à pesquisa (segundo ele a "*Constituição brasileira que é irreal e estabelece que o ensino não pode estar dissociado da pesquisa*"). Não nos cabe aqui aprofundar esta discussão, visto que ela resulta de embates intricados entre grupos e frações da burguesia brasileira, sendo que as fontes utilizadas correspondem exatamente a publicações de intelectuais ligadas às estas, como Attuch e Dines, além da fala pública de Levinsohn. Mas podemos sem grandes traumas afirmar que este último utiliza-se de seu empreendimento universitário de modo ostensivo a afirmar uma visão específica de mundo: "*a UniverCidade é uma ação para ajudar os outros e dar ao País o muito que o Brasil me deu. Fui beneficiário da transformação de um país que era uma porcaria em um país com uma economia de respeito*". Sendo que seus investimentos editoriais não seguiriam outra direção, "*estamos publicando livros, como do general Golbery do Couto e Silva, e do intelectual Jean-François Revel, para disseminar a cultura. Não é uma ação para ganhar dinheiro. A história das falências brasileiras tem dois campeões: as editoras e as livrarias*"[96].

Aqui não nos cabe trabalhar com todos lançamentos da editora[97], pois só a seção de ciência política da UniverCidade nos oferece um panorama dos pressupostos ideológicos que

[94]ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.
[95]DINES, A. "Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade". *Observatório da Imprensa*. op. cit.
[96]ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.
[97]Para outras informações sobre seu catálogo ver UNIVERCIDADE. *Editora*. Disponível em http://www.univercidade.br/editora/index.asp#ciepol, acessado em 15.01.12.

defende:

TABELA 5: Lançamentos de ciência política da editora UniverCidade:

Autor	Título	Descrição
Augusto Frederico Schmidt	*Antologia política*	A obra contém 113 artigos publicados entre 1947 e 1965 em que o autor comenta os mais importantes fatos da época e faz observações sobre personalidades (lançada em parceria com a editora Topbooks)
Golbery do Couto e Silva	*Geopolítica e poder*	Assinado pelo general que criou o Serviço Nacional de Informações, o livro expõe seu pensamento político e inclui textos de importância histórica
Jaime Rotstein	*Contrato com o Brasil*	O livro é fruto de estudos sobre a conjuntura social, política e econômica brasileira, e contribui para uma reflexão sobre as deficiências e desafios da soberania nacional
Jean-François Revel	*A obsessão antiamericana* - causas e inconseqüências	O livro aborda as leis de Segurança Nacional, Segurança Pública e Segurança Nuclear sob o foco dos Direitos Fundamentais
Thomas Sowell	*Ação afirmativa ao redor do mundo* - estudo empírico	O livro debate as teorias, os princípios e efeitos da ação afirmativa nos Estados Unidos e em outros países, examinando as semelhanças e diferenças entre eles

FONTE: UNIVERCIDADE. *Editora*. Disponível em http://www.univercidade.br/editora/index.asp#ciepol, acessado em 15.01.12. Obviamente não somos contra a reedição de livros históricos de conteúdo político autoritário ou mesmo fascista, mas anote-se, que se estas são feitas sem o devido acréscimo de comentários que contextualizem, explicitem e critiquem seu caráter ideológico, só servem para fomentar os grupos políticos que os reivindicam – caso dos lançamentos da UniverCidade.

Não sem motivo, é quando adentra este círculo que Olavo de Carvalho consegue alcançar maiores audiências, *O imbecil coletivo* esgotou "*em três semanas a primeira edição da obra, e em quatro dias a segunda*"[98], sendo divulgado em capas de revistas, como a *República* de julho de 1997 (Ano 1, nº. 9)[99], e através das querelas públicas do autor com intelectuais de esquerda, e também de direita, assinale-se. "*Publiquei meu primeiro livro aos 48 anos. Comecei a lecionar numa universidade aos 50. Estreei como articulista no Globo aos 53, uma idade em que as tchurma só pensa em aposentadoria. Com 56, tenho planos que requerem quatro décadas de trabalho*"[100].

A tabela seguinte dá conta dos livros publicados por Olavo de Carvalho. Note-se a evolução de seus lançamentos, de livros sobre astrologia lançados por editoras minúsculas para os livros sobre política, em editoras de renome, e os livros que fazem esta mediação editorial, que tem certo caráter "psico-filosóficos-culturais-políticos":

[98]SOUZA, R. A. *Biografia*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/bio.htm, acessado em 10.01.12.
[99]MAIER, F. *Olavo "Denisovich" Carvalho*. 17.03.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0132.htm, acessado em 19.01.12.
[100]CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. op. cit.

TABELA 6: Livros publicados por Olavo de Carvalho:

Título	Cidade	Editora	Ano
Questões de simbolismo astrológico	São Paulo	Speculum	1983
Universalidade e abstração	São Paulo	Speculum	1983
O crime da Madre Agnes, ou: a confusão entre espiritualidade e psiquismo	São Paulo	Speculum	1983
Astros e símbolos	São Paulo	Nova Stella	1985
Fronteiras da tradição	São Paulo	Nova Stella	1987
Símbolos e mitos no filme "O silêncio dos inocentes"	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1992
Os gêneros literários: seus fundamentos metafísicos	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1992
O caráter como forma pura da personalidade	Rio de Janeiro	Astroscientia Editora/Instituto de Artes Liberais	1993
A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1994
Uma filosofia aristotélica da cultura	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1994
O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil	Rio de Janeiro	Diadorim	1995
O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora e Academia Brasileira de Filosofia	1996
Aristóteles em nova perspectiva: introdução à teoria dos quatro discursos	Rio de Janeiro	Topbooks	1996
O futuro do pensamento brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora	1997
A longa marcha da vaca para o brejo & os filhos da PUC. O imbecil coletivo II	Rio de Janeiro	Topbooks	1998
Coleção história essencial da filosofia	São Paulo	É Realizações	2002-2006
A dialética simbólica - Ensaios reunidos	São Paulo	É Realizações	2006
Maquiavel ou a confusão demoníaca	Campinas	Vide Editorial	2011

Ainda editou as seguintes apostilas (distribuição interna no Instituto de Artes Liberais): *Seminário permanente de filosofia e humanidades*, em quarenta e dois fascículos, e *Pensamento e atualidade de Aristóteles*, em sete fascículos. FONTE: ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.; LIVRARIA CULTURA. *Pesquisa sobre Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.livrariacultura.com.br/scripts/busca/busca.asp?palavra=olavo+de+carvalho&tipo_pesq=&tipo_pesq_new_value=false&tkn=0, acessado em 05.01.12.

E neste período Carvalho passa a trabalhar em uma série de revistas, jornais e editoras. Até 2001: diretor do Seminário de Filosofia na UniverCidade; de 1998 até 1999: diretor de texto para a Biblioteca do Exército, editando o livro *O Exército na história do Brasil*; de 1999 até 2001: editor de publicação da série Biblioteca de filosofia da editora Record; de 1999 até 2001: diretor da editora da UniverCidade; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal *O Globo*; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal *Zero Hora*; de 2002 até 2005: palestrante em Ética e Filosofia Política na Pós-Graduação em Administração Pública da PUC

Paraná; de 2005 até os dias de hoje: colunista semanal dos jornais *Diário do Comércio* e *Jornal do Brasil*[101].

O período entre 1996 e 2005, pode ser considerado o ápice da vida jornalística de Carvalho, não mais alcançará o mesmo número de colunas e publicações em jornais e revistas de alcance nacional do que nestes anos. Chega mesmo a discursar na UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e na ONU (parte do mesmo "governo mundial" que depois denunciará):

> [...] Olavo continuou a lecionar seus cursos de Filosofia na Universidade da Cidade e a escrever seus artigos, agora para vários jornais, como Jornal da Tarde, O Globo, Zero Hora, e revistas, como República e Época, além de promover palestras em todos os cantos de nosso País. O embate com a alcatéia "imbecil coletiva" não diminuiu, pelo contrário, aumentou – a exemplo das réplicas, tréplicas e kíloplas de Olavo com "Fedelli e seus fedelhos". Se fosse responder a todas as provocações, o dia para Olavo teria que ter 72 horas, o ano 1000 dias[102].

Em relação ao fim da parceria com Levinsohn em 2001 não nos cabe, como já dito antes, conjecturar motivos, assinalando que na disputa entre este e Alberto Dines sobre a UniverCidade[103], Carvalho irá posicionar-se da seguinte maneira em 30.06.01:

> 1. Após recalcitrar um pouco, no aguardo de provas que lhe enviei em seguida, o jornalista Alberto Dines me avisou por e-mail, ontem, estar persuadido de que não fui o autor dos ataques contra ele, e prometeu publicar isso na próxima edição do Observatório da Imprensa, terça-feira que vem, cancelando portanto as referências ofensivas que fez à minha pessoa. Para documentar o que se passou realmente por ocasião da querela entre a UniverCidade e o prof. Gianotti, enviei a Alberto Dines e publico logo abaixo o ensaio, infelizmente incompleto, "Crise da universidade ou eclipse da consciência?", que foi a minha resposta a Gianotti, publicada parcialmente na revista Livro Aberto, de São Paulo. Essa resposta, assinada, era de teor bem diverso daquela que logo a seguir saiu no Jornal do Brasil e que terminou por desencadear o conflito entre a UniverCidade e Alberto Dines. Não fui, não sou nem serei nunca o ghost writer de ninguém. 2. Como se depreenderá da leitura desse ensaio, minha posição no debate universidade pública versus universidade privada não coincide plenamente nem com a da UniverCidade nem com a da comissão Gianotti, endossada por Alberto Dines. No meu entender, embora haja lugar tanto para a universidade empresa quanto para a universidade repartição

[101]CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit.

[102]MAIER, F. *Olavo "Denisovich" Carvalho*. 17.03.02. op. cit.

[103]Para maiores detalhes ver DINES, A. "Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade". *Observatório da Imprensa*. op. cit.; ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.; e GENTILI, V. "Levinsohn vs. Veja". *Observatório da imprensa*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da090520011.htm, acessado em 22.01.12.

> pública, nenhuma dessas duas fórmulas atende satisfatoriamente ao objetivo essencial da idéia de universidade, que é a preparação da elite intelectual. A primeira é orientada para o mercado de trabalho, a segunda para um conceito gramsciano, vil e oportunista, de "elite intelectual" compreendida como o novo "Príncipe" de Maquiavel, sinistro planejador de tramóias revolucionárias. Dito de outro modo, a primeira faz empregados, a segunda militantes. Nenhuma das duas pode produzir o tipo de cientista e erudito acadêmico que o país necessita para se afirmar como potência cultural – o primeiro passo (e não o último, como o concebe a miserável imaginação uspiana) da construção de uma autêntica soberania nacional[104].

Em maio de 1998 lança seu *site* (indicação própria, como já pontuado outras ferramentas da internet o marcam como lançado em 1999[105]), em conjunto com Marcelo de Polli (editor do *Wunderblogs*[106], que reunia uma série de blogueiros de direita[107] e que chegam a lançar um livro com reproduções dos *blogs*[108]), passando a atuar de modo intensivo na rede, utilizando este espaço, que como já indicamos ainda era incipiente para publicar trabalhos seus e de autores consagrados (no começo especialmente Otto Maria Carpeaux), fazer chamadas de seu Seminário de filosofia, logo depois agregando um fórum de discussão, etc. Em abril de 1999 foi ganhador do "*site* do mês" do guia de jornalismo da *Openlink*[109].

O *site* consta como o número 247.215 no ranking de tráfico global e de número 9.160 no ranking de tráfico brasileiro, ambos indicados pela ferramenta *Alexa*, a mais utilizada para avaliar informações sobre internet. Seu visitante médio gasta dois minutos para navegação neste, abrindo em média 2,2 páginas em cada visitação. Ainda indica que existem 631 outros *sites* que relacionam *links* para sua página pessoal[110]. Olavo de Carvalho, em texto sem data, chamado *Aos visitantes desta homepage*, faz uma síntese deste e um pedido:

> Há anos empreendo um combate cultural e político, de proporções nacionais, sem qualquer patrocinador, sem qualquer ajuda oficial ou privada. Aonde quer que me chamem para falar, vou e falo, independentemente de remuneração ou

---

[104]CARVALHO, O. de. *Aviso de Alberto Dines & considerações sobre a universidade*. 30.06.01. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/dines2.htm, acessado em 19.01.12.

[105]CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. Disponível em http://web.archive.org/web/19991004034606/http://olavodecarvalho.org/, acessado em 19.01.12.

[106]Os blogs podiam ser acessados pelo site www.wunderblogs.com. Hoje ele encontra-se fora do ar. "*Difícil dizer exatamente onde aquele grupo se formou; talvez em algum instante da diáspora dos colunistas iniciais do Digestivo Cultural, ou do encontro deles com leitores e debatedores, ou ainda de uma lista de discussão, cujo moderador era o Polzonoff, que existiu na segunda metade de 2002*". LIMA, R. *Como era gostoso meu Wunderblog*. Disponível em http://www.nacaradogol.mondo-exotica.net/arquivo/002520.htm, acessado em 19.01.12.

[107]Ver MACHADO, C. E. "Para 'mentor' do Wunderblog.com, blogueiro tem ironia e falta de respeito". *Folha.com*. 03.07.04. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45593.shtml, acessado em 19.01.12.

[108]SILVA, A. S.; ORTIZ, F.; DE POLLI, M. et all. *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004.

[109]CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. op. cit.

[110]ALEXA. *Site info for www.olavodecarvalho.org*. 19.01.12. Disponível em http://www.alexa.com/siteinfo/olavodecarvalho.org#, acessado em 19.02.12.

> ajuda de custo, que às vezes vêm, às vezes não vêm. Por mim, eu continuaria assim, mas simplesmente não dá mais. Só neste mês, quando não parei em casa mais de dois dias – vivendo em aviões, hotéis e táxis, escrevendo artigos nos intervalos de mil e um cursos e conferências –, minhas despesas com telefone celular (só para dar um exemplo de despesa, entre outros) ultrapassaram 3 mil reais. É claro que ainda não paguei [...] É uma ironia cruel que difamadores profissionais, eles próprios amparados por partidos políticos, por ONGs, por empresários de grande porte (não há uma só publicação de esquerda neste país que não leve subsídios de fundações milionárias), espalhem na *internet* a mentira sórdida de que sou subsidiado por fulano ou beltrano. Não, ninguém me subsidia. Teriam a obrigação de fazê-lo, mas não o fazem. Se o fizessem, meu trabalho, que sem recursos já alcança repercussão bastante para espalhar o pânico entre a canalha intelectual esquerdista, produziria efeitos de maior envergadura ainda [...] Peço, portanto, que os visitantes desta *homepage* contribuam, na medida de suas possibilidades e da sua generosidade, para o prosseguimento deste trabalho. Qualquer contribuição, grande ou pequena, regular ou esporádica, será benvinda [...] Todas as contribuições irão para o Instituto Brasileiro de Humanidades, uma ONG regularmente constituída, de modo que poderão ser descontadas do imposto de renda. Desde já, obrigado[111].

Como indicado na citação, é de propriedade de Carvalho o Instituto Brasileiro de Humanidades, ou como prefere "membro fundador"[112], criado em 2001. Teve seu primeiro congresso (e aparentemente o único) em Vassouras, Rio de Janeiro, entre os dias de 16 e 18 de junho de 2000. A chamada do Congresso nos deixa clara a dominância de Carvalho sobre este:

> Ao longo de vinte e cinco anos de atividade pedagógica, Olavo de Carvalho deu cursos sobre temas diversos, em muitas cidades do Brasil e algumas do Exterior. Só muito raramente os cursos eram repetidos. Assim, os ensinamentos transmitidos pelo filósofo permaneceram dispersos entre grupos que não tinham qualquer comunicação entre si [...] Assim, pela primeira o público terá acesso a uma certa visão de conjunto do pensamento filosófico de Olavo de Carvalho. Essa visão é necessariamente experimental e provisória, principalmente por ter como objeto uma filosofia vivente, em constante estado de elaboração. Não sendo possível abranger todos os temas lecionados, o próprio Olavo de Carvalho fez uma seleção dos oito principais, designando como expositores oito alunos que tiveram a oportunidade de estudá-los mais detidamente[113].

O congresso foi organizado por Paulo Vieira da Costa Lopes e Nanci Galvão, do Rio de Janeiro, e por Edson Manoel de Oliveira Filho de São Paulo. Proclamado como sucesso, participaram deste, além de Carvalho, Alvaro Velloso de Carvalho, Ronaldo Castro de Lima

---

[111]CARVALHO, O. de. *Aos visitantes desta homepage*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/aosvisitantes.htm, acessado em 12.01.12.
[112]CARVALHO, O. de. *Pauteiro da USP*. 30.06.01. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/pauteiro.htm, acessado em 14.01.12.
[113]I CONGRESSO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE HUMANIDADES. *Primeira comunicação*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/congresso.htm, acessado em 19.01.12.

Jr., Lúcia de Fátima Junqueira, Henriette Fonseca, Fernando Manso, Alexandre Bastos, Pedro Sette Câmara, Marcelo de Polli, Luciano Saldanha Coelho, Nelson Lehman da Silva, Vera Márcia, Romeu Cardoso, Amílcar Rosa, Paulo Mello e o embaixador José Osvaldo de Meira Penna[114]. Após este primeiro Congresso não houve outras edições, aparentemente o Instituto como Organização Não Governamental (ONG), serve somente como instância de financiamento para Carvalho e para o MSM.

No ano de 2002 é fundado o MSM, momento em que Olavo de Carvalho passa a organizar uma série de intelectuais em torno do si, criando um instrumento poderoso para unificar organizativamente e ideologicamente à direita fascistizante. O *site* é bancado pela publicidade da Livraria Cultura[115], por doações através da ONG Instituto Brasileiro de Humanidades, como já discutido, e alegadamente pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP)[116] – não encontramos nenhum indício que nos permita validar este último patrocínio, embora, seja necessário indicar que a ACSP sustenta e apoia abertamente Carvalho através de publicações e promoções. Isto pode ser observado no patrocínio de diversos seminários e palestras, como o lançamento de *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*[117], cuja introdução é de Carvalho:

> Vejo-me no dever de dizer essas coisas principalmente porque se aproxima a data do Seminário "Democracia, Liberdade e o Império das Leis", que a Associação Comercial de São Paulo vai promover no Hotel Cesar Business nos dias 15 e 16 de maio [de 2007], e porque tenho a certeza de que ali, pela primeira vez, intelectuais liberais e conservadores vão olhar de frente a questão da estratégia comunista continental em vez de refugiar-se nas teorizações usuais, tão corretas no conteúdo geral quanto deslocadas da situação política especial. O Seminário é uma antiga idéia minha que tive a sorte de soprar nos ouvidos certos e, sem grande ajuda da minha parte, frutificou graças à tenacidade do líder empresarial Guilherme Afif Domingos, do psiquiatra Heitor de Paola e dos combativos redatores do jornal eletrônico *Mídia Sem Máscara* (Paulo Diniz Zamboni, Edward Wolff, Graça Salgueiro e tantos outros), bem como da colaboração da Atlas Foundation for

[114]CARVALHO, O. de. *Sucesso total do I Congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/sucesso.htm, acessado em 19.01.12.

[115]Esta chega a cancelar seu contrato de publicidade em 2010, mas volta atrás na decisão. Mais informações ver: CARVALHO, O. de. *Livraria (in)Cultura agride covardemente o Mídia Sem Máscara*. Disponível em http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=2471, acessado em 20.01.12. CARVALHO, O. de. *Aviso*. Editorial. 12.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/editorial/11915-aviso.html, acessado em 20.01.12.

[116]Ver INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://www.institutodefilosofia.com.br/pdf/grandes_fb.pdf, acessado em 20.01.12. Olavo de Carvalho nega este patrocínio. Ver FONSECA, E. "Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil". *Panorama Mercantil*. 07.07.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/12147-entrevista-de-olavo-de-carvalho-ao-site-panorama-mercantil.html, acessado em 19.02.12.

[117]CARVALHO, O. de. "Introdução". *In*. *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*. São Paulo: É Realizações, 2006. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/terraqueo.html, acessado em 19.01.12.

Economic Studies[118].

A ACSP mantém o *Diário do Comércio*, onde Carvalho escreve desde 2005. E será através deste emprego que ele poderá manter sua militância, já que naquele mesmo ano ele é demitido das revistas *Bravo!*, *Primeira Leitura* e *Época* e dos jornais *O Globo* e *Zero Hora*, o que pegou o próprio Carvalho de surpresa (ele na época rebate a carta de demissão do *Zero Hora* e instiga seus leitores a mandarem cartas para as revistas pedindo sua recontratação[119]). As explicações para as demissões supostamente seria ideológica:

> Nos vinte anos de governo militar, nunca vi um só jornalista ser expulso de toda a "grande mídia" brasileira por divulgar algum fato politicamente indesejado. Esse privilégio, que me lisonjeia ao ponto de me corromper a alma, ficou reservado para ser conferido à minha irrisória pessoa no período histórico imediatamente posterior, chamado, por motivos esotéricos, "redemocratização". Por informar ao público a existência do Foro de São Paulo e os laços mais que íntimos entre partidos políticos e quadrilhas de narcotraficantes e seqüestradores, fui chutado do *Globo*, da *Época*, da *Zero Hora*, do *Jornal do Brasil* e do *Jornal da Tarde*. O número dos que por esses e outros canais me chamaram de louco, de mentiroso, de desinformante, de teórico da conspiração e coisas similares conta-se como as estrelas do céu. Excluído do círculo das pessoas decentes, só encontrei um último abrigo neste bravo *Diário do Comércio*, onde me sinto cinicamente bem entre outros meninos malvados como Moisés Rabinovici, Roberto Fendt e Neil Ferreira[120].

A ACSP foi fundada em 1894 por Antonio Proost Rodovalho, sendo uma das mais antigas e bem consolidadas entidades patronais brasileiras[121]. É uma associação civil de direito privado, além de uma empresa prestadora de serviços – ela não cobra nenhuma contribuição compulsória de seus filiados[122]. Segundo o histórico oficial da Associação, sua missão se baseia em três fundamentos: o primeiro, "*unir os setores empresariais e trabalhar*

---

[118]CARVALHO, O. de. "Traição anunciada". *Diário do Comércio*. 08.05.06. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/060508dc.html, acessado em 20.01.12. Segundo Afif na apresentação da publicação *Digesto Cultural*: "*Nada melhor para caracterizar esta nova fase a DIGESTO do que apresentar as importantes contribuições estudadas no Seminário Internacional sobre Democracia Liberal, promovido pela Associação Comercial de São Paulo em parceria com a Atlas Foundation, o Mídia Sem Máscara e o Diário do Comércio em maio último, cujo tema Democracia, Liberdade e o Império das Leis, resume a linha editorial que se pretende dar à publicação*". DOMINGUES, G. A. *A nova Digesto cultural*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova_digesto.htm, acessado em 10.01.12.

[119]DIVERSOS. *Cartas ao Globo e a Olavo de Carvalho*. Parte I. Cartas enviadas ao Globo. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas_oglobo_oglobo.htm, acessado em 20.01.12.

[120]CARVALHO, O. de. "Escolha desgraçada". *Diário do Comércio*. 25.05.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100525dc.html, acessado em 20.01.12.

[121]Para mais informações sobre a formação da ACSP e sua atuação inicial ver PERISSINOTTO, R. M. *Estado e capital cafeeiro*: burocracia e interesse de classe na condução da política econômica (1889-1930). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 180-195.

[122]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 57. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a07v2057.pdf, acessado em 20.01.12.

em defesa da livre iniciativa"; o segundo "*representar e expressar a opinião legítima e independente dos empresários de São Paulo, na busca dos melhores caminhos do desenvolvimento*"; e, por fim, "*prestar serviços de qualidade a seus associados*"[123] tendo como base o "*modelo de Gestão da Qualidade ISO 9001:2008*"[124]. Sua filiação é voluntária e aberta para todos os setores da economia:

> O quadro associativo da entidade reúne empresários representantes de todos os setores da economia, tais como: industriais, comerciantes, agros-pecuaristas, prestadores de serviços e profissionais liberais, de todos os portes e nacionalidades. Em perfeita sintonia com o desenvolvimento tecnológico, a ACSP dispõe de recursos humanos e técnicos que possibilitam a seus associados, independentemente de sua infra-estrutura tecnológica e informatização de processos, o acesso aos bancos de dados da instituição de maneira rápida e segura. Para grandes usuários a ACSP desenvolve soluções específicas, de acordo com suas necessidades[125].

Segundo Paulo Roberto Neves Costa, nos anos 90 "*entre os associados predominavam as pequenas e médias empresas do comércio e dos serviços. No final dessa década, o quadro de associados não mudou: 60% do setor de comércio, 20% de indústria e 20% de serviços e profissionais liberais*"[126]. A ACSP trabalhou para que sua imagem não estivesse ligada somente aos comerciantes, mas que agregaria "*todos os segmentos empresariais, ou melhor, os empresários de um modo geral, já que todos estariam envolvidos e atuando no âmbito da 'livre iniciativa'*". Nesta época, entendia-se "*que os grandes empresários tinham seus escritórios de representação política em Brasília, e que portanto, não precisavam das entidades, das quais os pequenos empresários dependiam*"[127], então foi crucial à associação apresentar-se como "*uma empresa prestadora de serviços e, de outro, como uma 'escola de civismo' e um espaço de formação de lideranças empresariais*"[128]. Seu programa de atividades do ano de 1990 traçava os seguintes objetivos para longo prazo:

> -representar "efetiva e eficientemente" todos os segmentos do empresariado; -defender e promover a livre iniciativa; -priorizar a atuação junto às micro, pequenas e médias empresas; -canalizar a capacidade de agregação da

---

[123]ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional_historia.html, acessado em 21.01.12.
[124]ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *A ACSP*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional.html, acessado em 21.01.12.
[125]ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. op. cit.
[126]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.
[127]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 65.
[128]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.

> entidade para a promoção de um desenvolvimento econômico do país sob "o prisma da economia liberal"; -prestar serviços, institucionais ou não, ao empresariado, em especial ao associado[129].

Politicamente a associação não identificava-se partidariamente (embora estivesse envolvida diretamente com partidos, sobretudo nos anos 70 e 80[130]), sendo que "*episódios como as candidaturas de Paulo Maluf e Guilherme Afif Domingos aos cargos de governador e presidente da República são exceções isoladas que confirmam a regra*"[131], preferindo focar-se nas readequações à economia interna que as ações plenamente políticas. Seu comportamento "*tendeu a permanecer meramente reativo, não apenas no âmbito da política econômica, como também, e de forma mais intensa, em relação ao funcionamento das instituições políticas*"[132]. Mas um traço marcante em suas análises e opiniões é o anticomunismo (para eles a "revolução de 1964" acabara traída pelo seu burocratismo de cunho "bolchevique"[133]):

> Em suma, do final dos anos 1970 até meados dos anos 1990, a concepção de política da ACSP foi marcada pela idéia do fantasma da "esquerda", que existiria dentro e fora do governo; pela crítica à ação política isolada e pulverizada de empresários junto às autoridades; pelo tratamento dos conflitos e críticas ao governo vindas de outros setores da sociedade – em especial os trabalhadores –, como "baderna"; pelo reconhecimento da necessidade de atuar politicamente no novo contexto social, político e econômico da abertura política, embora não houvesse clareza do que isso significava; e, por último, pelo receio em relação às mobilizações, fossem da população em geral, fossem do próprio empresariado. Esta concepção de política era justificada exatamente pela democracia, ou pelo "regime democrático", que se consolidava. Apesar de todas as imprecisões e possíveis preconceitos, havia uma extrema convicção em relação aos seus próprios posicionamentos e análises. É isto o que mostra a avaliação do então presidente da ACSP, Guilherme Afif Domingos, sobre a conjuntura política de meados da década de 1980, para quem a entidade via a si própria como algo fora da "oligarquia" e do grupo que definia os rumos do país[134].

A ACSP não faz parte do planejamento direto dos rumos econômicos da classe dominante, acha-se em posição inferior à fração hegemônica da burguesia, o que os permite certa mobilidade de crítica e extremismo que não coadunaria com o papel desempenhado por

---

[129]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 87.
[130]Idem. p. 338.
[131]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.
[132]COSTA, P. R. N. "Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990". *Opinião Pública*. nº. 2. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci_arttext, acessado em 21.01.12.
[133]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 197.
[134]COSTA, P. R. N. "Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990". *Opinião Pública*. nº. 2. op. cit.

aquela nos arranjos do bloco no poder. Embora tivessem "*seus interesses ao menos parcialmente garantidos pela política econômica e pelas formas institucionais da política, o regime político*". O "civismo" que defendiam os caracterizou de certo governismo, privilegiando "*o contato personalizado com os membros do Executivo e das instâncias burocráticas*"[135], em vez de manifestações abertas, que como visto, consideravam como parte da "baderna" do proletariado. Paulo Roberto Neves Costa conclui, resumidamente, que o comportamento político e ideológico da ACSP e também da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, de cunho sindical:

> [...] revelou que se trata do comportamento de uma determinada fração de classe social, a dos pequenos e médios empresários, cuja unidade, ainda que contemple algumas variações, se dá a partir dos seguintes aspectos comuns: 1) tipo de atividade econômica e volume de renda dos negócios, principalmente no que diz respeito à posição no processo de definição do modelo de desenvolvimento econômico; 2) posição em relação ao conjunto do empresariado, ou seja, não se tratava de uma fração hegemônica, e, portanto, ocupava posição subordinada em relação à definição das políticas de Estado e ao processo de constituição do regime político; e 3) forma de pensar a política e os padrões de ação política, o que remete à questão sobre as semelhanças nos padrões de ação política, a despeito da diversidade em relação à natureza, à história e ao funcionamento dessas duas entidades[136].

Este posicionamento ultrapassa o recorte temporal daquele pesquisador e reproduz-se pelos anos 2000, especialmente no que refere-se à ideologia da "livre iniciativa", que a própria associação "*constata e até procura discutir, mas tem dificuldade em enfrentar em termos de ação política mais intensa e agressiva*"[137], o que explica sem dificuldades o apoio e suporte financeiro a Olavo de Carvalho e intelectuais congêneres, inclusive quando estes iniciam a organização política para a oposição de cunho fascista[138], o que ultrapassaria em muito as necessidades dos jornais e revistas atreladas à fração burguesa do capital financeiro-especulativo, hegemônica dentro do bloco no poder desde os anos 90[139].

Naquele mesmo ano de 2005 das demissões, Carvalho mudou-se para os EUA – não

---

[135]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 333-335.
[136]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.
[137]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 344.
[138]O que de modo algum opõe-se ao chauvinismo várias vezes demonstrado pelo empresariado paulista. O próprio Afif, quando ocupava o cargo de Secretário de Emprego e Relações de Trabalho do governo do Estado de São Paulo, afirmou em evento na cidade de Mauá "*que os paulistas gostam mais de trabalhar do que os brasileiros de outras regiões*". SARTORATO, D. "Afif diz que só paulistas têm vontade de trabalhar". *ABDCD Maior*. 20.05.08. Disponível em http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=6774, acessado em 22.01.12.
[139]BOITO JR., A. *As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil*. Disponível em http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf, acessado em 22.01.12.

sabemos indicar se como resultado destas –, passando a residir em Richmond em Virginia, como correspondente do *Diário do Comércio* (onde a partir de 2008 passa a publicar um suplemento somente seu). Desde 2010, sua permanência naquele país é garantida por um visto categoria EB-1, concedido "*para estrangeiros com habilidades extraordinárias, aprovadas pelo governo Americano*"[140]. Em 2006, de sua casa nos EUA, Carvalho começa seu programa semanal de rádio, o *True Outspeak* (em português "Sinceridade de fato") utilizando a tecnologia de *streaming* para transmiti-lo pela internet. Ele tem duração de cerca de uma hora e abre participação para o público através de *e-mails*, telefone ou VOIP (*Voice over Internet Protocol*, Voz sobre IP, que permite o roteamento da conversação através da rede): "*este programa nasceu da pura impossibilidade de responder por escrito a dezenas de e-mails que me chegam por dia com consultas sobre livros, estudos, política, religião e filosofia. Dirige-se especialmente aos leitores e alunos que me enviam esses pedidos*"[141].

A ida para os EUA também impulsiona a fundação do *The Inter-American Institute for philosophy, government, and social thought* em 2010. Ele busca servir de base para a atuação de Olavo de Carvalho naquele país, especialmente através das traduções de materiais em português: "*sua primeira iniciativa será disponibilizar para estudantes Hispânicos ou Americanos traduções de uma grande parte do material em português originário do Seminário de Filosofia*"[142]. A tabela seguinte nos mostra os "correligionários" (tradução aproximada para "*fellows*") participantes daquele instituto:

TABELA 7: Correligionários do *Inter-American Institute*:

Membro	Cargo	Biografia resumida*
Olavo de Carvalho	Presidente do Instituto, Distinto Correligionário Sênior em Filosofia, Ciência Política e Humanidades	"*Olavo de Carvalho, nascido em 1947, é um filósofo e escritor Brasileiro que atualmente reside nos Estados Unidos após ter ensinado filosofia política na Universidade Católica do Paraná, Brasil, de 2001 até 2005. É autor de uma dúzia de livros sobre questões filosóficas e políticas, sendo um respeitado colunista seminal para uma vasta audiência em seu nativo Brasil e um público popular crescente neste país*"
Roberto Micheletti	Distinto Correligionário Sênior em Liderança Política e Governança Constitucional	"*Roberto Micheletti, nascido em 13 de agosto de 1943 é ex Presidente de Honduras (28 junho de 2009 – 27 janeiro de 2010). Ele sucedeu para a Presidência como resultado de uma crise constitucional criada pelo então presidente Manuel Zelaya em junho de 2009 em uma tentativa ilegal de alterar a Constituição nacional*"

[140]CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit.
[141]CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outspeak*. op. cit.
[142]"*Its first initiative will be to make available for interested Hispanic and American students translations of the huge amount of Portuguese materials originated from the Seminário de Filosofia's online philosophy program*". CARVALHO, O. de. "A word from our presidente". *The Inter-American Institute*. 04.06.10. Disponível em http://www.theinteramerican.org/about-us/mission-statement/128.html, acessado em 10.01.12.

Membro	Cargo	Biografia resumida*
Justice Tom Parker	Distinto Correligionário Sênior em Lei Constitucional e Jurisprudência	"*Justice Tom Parker foi o primeiro eleito para a Suprema Corte do Alabama em 2004; sendo reeleito para a Corte em 2010. Justice Parker é conhecido como o juiz mais conservador da Suprema Corte*"
Alejandro Peña-Esclusa	Distinto Correligionário Sênior em Política e Liderança em Direitos Humanos	"*Ex candidato à Presidência na Venezuela Alejandro Peña-Esclusa é um líder Latino Americano proeminente, amplamente respeitado por combinar experiência política com uma sólida fundação moral e intelectual em um tempo em que rapidamente aumenta o perigo geopolítico e ameaças de segurança sem precedentes na região*"
Herbert W. Titus	Distinto Correligionário Sênior em Lei Constitucional, Jurisprudência e Política Pública	"*Pesquisador, autor e conferencista conhecido nacionalmente, Herbert W. Titus é do Conselho Legal da empresa de William J. Olson. Ele ensinou lei constitucional, lei comum e outros temas por quase trinta anos em cinco diferentes Escolas de Direito aprovadas pela Associação Americana de Advogados*"
Dr. Judith Reisman	Distinto Correligionário Sênior em Estudos de Modas Sociais, Direitos Humanos e Análise Forense da Mídia	"*Dr. Judith Reisman é solicitada em todo mundo para falar, apresentar conferências, testemunhar e aconselhar indivíduos, organizações, profissionais e governos sobre Análise Forense da Mídia, a análise científica de imagens, fotografias, cartuns, ilustrações, pornografia e textos sobre assédio sexual de mulheres e crianças em seus lugares de trabalho, escolas e casas*"
Dr. Edwin Vieira, Jr.	Distinto Correligionário Sênior em Jurisprudência, Lei Constitucional e Lei Monetária	"*Edwin Vieira, Jr., possui quarto títulos de graduação de Harvard: A.B. (Universidade de Harvard), A.M. e Ph.D. (Escola de Graduação em Artes e Ciências de Harvard), e J.D. (Escola de Lei de Harvard). Por quase trinta e seis anos tem praticado direito, especializando-se em casos que trazem questões de lei constitucional*"
Dr. Paul Gottfried	Distinto Correligionário Sênior em Civilização Ocidental e História das Ideias	"*Paul Gottfried passou os últimos trinta anos escrevendo livros e gerando hostilidade entre os conservadores 'aprovados pela mídia'*"
Vladimir Tismăneanu	Distinto Correligionário Sênior em Ciência Política	"*Vladimir Tismăneanu, nascido em 04 de julho de 1951, é um cientista político, analista político, sociólogo e professor na Universidade de Maryland, romeno e estadunidense. Especialista em sistemas políticos e política comparada, ele é o diretor do Centro da Universidade de Maryland para o Estudo das Sociedades Pós-Comunistas*"
Jeffrey Nyquist	Distinto Correligionário Sênior em Ciência Política	"*Jeffrey Nyquist é um analista politico e escritor preocupado com a ameaça do totalitarismo global dominante e a queda do Ocidente*"
Dr. Ted Baehr	Distinto Correligionário Sênior em Estudos de Cultura, Mídia e Entretenimento de Massa	"*Ted Baehr é fundador e editor do Movieguide® (atualmente conhecido como www.movieguide.org) e presidente da Christian Film & Television Commission®*"

Membro	Cargo	Biografia resumida*
Dr. Ahmed Youssif El Tassa	Distinto Correligionário Sênior em Sinologia, Filosofia Clássica Chinesa e Medicina Chinesa	"*Dr. Ahmed Youssif El Tassa, MD, é um dos melhores pesquisadores mundiais sobre filosofia chinesa e medicina chinesa. Ele vive em Pequim, China, desde 1991. Dr. El Tassa é o primeiro ocidental a receber o título de Mestre em Filosofia Chinesa da Academia Chinesa de Ciências Sociais* […] *Depois e dez anos de pesquisa na mesma academia, e apesar de seu feroz ateísmo, ele defendeu com sucesso sua tese sobre a relação intrínseca entre corpo humano, alma e espírito, o que o permitiu ser o primeiro pesquisador não Chinês a receber o título de Professor de Filosofia Chinesa naquela instituição*"
Stephen Baskerville	Correligionário Sênior em Ciência Política e Direitos Humanos	"*Stephen Baskerville é Professor Associado de Governo na Universidade Patrick Henry e Pesquisador Correligionário no Centro Howard para Família, Religião e Sociedade e no Instituto Independent*"
Colonel Alfonso Plazas-Vega	Correligionário Sênior em Política e Liderança em Direitos Humanos	"*Coronel Alfonso Plazas-Vega é amplamente reconhecido como um dos líderes na luta contra as redes de guerrilha Marxistas que dominaram o tráfico ilegal de drogas no Hemisfério Ocidental e oprimiram mais de dez milhões de pessoas, não somente através do flagelo do crime urbano e da corrupção sistemática de funcionários públicos, mas também por inaugurar movimentos de guerrilha Marxista e terrorismo em vários países da América, seja no Norte, no Sul ou Central*"
Mina Seinfeld de Carakushansky	Correligionário Sênior no Estudo da Demanda Efetiva de Drogas e Políticas de Redução	"*Reconhecida através da América do Sul, da Europa e da América do Norte como uma liderança na batalha contra o vício em drogas e problemas sociais associados. Professora Carakushansky é Presidente dos Humanitários Brasileiros em Ação (BRAHA) e tem sido pelos últimos dez anos a Coordenadora Internacional do Formando Lideranças na América Latina para a Redução da Demanda de Drogas, um Programa da Rede de Prevenção de Drogas das Américas e da Fundação América Livre de Drogas*"
Steve Baldwin	Correligionário Sênior em Liderança Prática Política	"*Steve Baldwin é um líder veterano em todos os níveis de organização política conservadora, dos movimentos locais até a rede nacional entre os mais proeminentes líderes políticos, assim como um autor, um erudito e consultor político*"
Dr. Earle Fox	Correligionário Sênior em Filosofia da Ciência e Visão de Mundo do Monoteísmo Ético	"*Earle Fox é um padre Anglicano que recebeu seu título de Doutor em Filosofia em 1964 na Universidade de Oxford pesquisando a relação entre ciência e teologia*"
John Haskins	Correligionário Sênior para a Compreensão Pública da Lei, Propaganda e Revolução Cultural	"*John Haskins escreve e entrevista sobre sociedade, política, educação, religião, direitos dos pais e sabotagem de governos constitucionais pela esquerda e pela autointitulada 'direita'*".
Miguel Bruno Duarte	Correligionário em Filosofia e Ciência Política	"*Miguel Bruno Duarte é um Filósofo Português cujo trabalho é focado nas relações econômicas, políticas e religiosas do liberalismo clássico*"
John Wahl	Correligionário Júnior em Liderança Prática Política	"*John Wahl é apresentado como um ascendente estrategista politico e operativo de campanhas com impressionantes conquistas já em seus vinte e poucos anos*"

FONTE: THE INTER-AMERICAN INSTITUTE. *Fellows*. Disponível em http://www.theinteramerican.org/about-us/fellows.html, acessado em 20.01.12. Tradução nossa. *Resumo das biografias ofertadas pelo Inter-American Institute.

Como visto na tabela, Carvalho cercou-se de uma série de intelectuais e pessoas

renomadas nos EUA, mas ao contrário do que espera-se o *Inter-American Institute* não deslancha como *think tank* para a direita estadunidense, resumindo suas atividades cotidianas nas centralização da publicação de *blogs* dos autores citados e no suporte material para a realização do Seminário de filosofia em sua versão traduzida. Bem menos do que o intento desejado, tanto que a citação seguinte, onde Carvalho explica os motivos para sua ida aos EUA, funciona muito mais como um pedido de doações:

> Desde que cheguei aos EUA, em maio de 2005, assumi como dever pessoal, fora e independentemente do meu trabalho de correspondente jornalístico e da preparação do livro A Mente Revolucionária, informar ao maior número possível de jornalistas, intelectuais, empresários e políticos americanos a verdade sobre o estado de coisas no Brasil, a abrangência dos planos do Foro de São Paulo, a aliança entre partidos de esquerda e organizações criminosas, a colaboração ativa e essencial do governo Lula na revolução continental cujas personificações mais vistosas são Hugo Chávez e Evo Morales [...] Não quero me gabar dos resultados obtidos, mas sei que, na mídia conservadora e nos think tanks republicanos, já quase ninguém mais acredita na mentira idiota de que Lula é um antídoto à subversão chavista. Estou consciente de ter contribuído ativamente para sepultá-la. Mais dia, menos dia, notícias do falecimento chegarão ao governo americano, se é que já não chegaram[143].

Em 2009 é fundado o Instituto Olavo de Carvalho (IOC), idealizado por Luciane Amato, que o dirige segundo orientações de Carvalho e que conta com Simone Caldas como vice-diretora. Ele conta com um espaço físico na Rua Visconde do Rio Branco nº. 449, no bairro Mercês em Curitiba:

> Na casa, linda e muito aconchegante – quem conhece a Luciane sabe do que eu estou falando –, há salas de aulas para grupos, salas de acompanhamentos individuais, sala de estudo de línguas, sala de música, biblioteca, sala de reuniões dos grupos de estudo; há ainda os jardins, as flores e plantas, os quadros e os mosaicos, os retratos de nossos mestres, as notas musicais vindas das aulas de música soando por todo o Instituto; há a nossa *Étoile*, uma linda boxer que cuida da casa; enfim, há ainda a administração, a recepção, a cozinha, o cantinho do café...[144]

O IOC oferece uma série de atividades pagas, divididos entre grupos de estudo, cursos, atendimentos individuais, palestras e eventos. Oferece três modalidades de associação, além dos cursos individuais. Os custos para associar-se são os seguintes (em valores mensais): associado tipo um de cento e dez reais (permite acesso a todo o *site*, exceto cursos *online* de

---

[143] CARVALHO, O. de. *Apelo urgente de Olavo de Carvalho a seus leitores brasileiros*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/donation.html, acessado em 22.01.12.
[144] CALDAS, S. *O instituto*. 08.08.10. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/o-instituto/quem-somos.html, acessado em 22.01.12.

idiomas); associado tipo dois de duzentos reais (permite acesso global ao *site*); associado tipo três de trezentos reais (permite acesso global a todas as atividades e financia bolsas de estudos para outros alunos). A justificativa para cobrança é que "*o Instituto é uma entidade sem fins lucrativos, não recebe nem jamais receberá qualquer forma de financiamento estatal, e se mantém exclusivamente das doações e do trabalho dos seus membros*"[145]. A tabela a seguir indica os preços mensais dos cursos "avulsos":

TABELA 8: Cursos oferecidos no Instituto Olavo de Carvalho e preços:

Opção de cursos (em andamento)	**Preço mensal**
Oficina de literatura	R$ 45,00
Grupo de estudos	R$ 75,00
Português	R$ 45,00
Latim	R$ 45,00
Grego	R$ 45,00
Poesia Módulo I – Introdução à poesia – 16 aulas	R$ 180,00
Poesia Módulo II – A Poesia de Camões – 16 aulas	R$ 180,00
Poesia Módulo III – Bocage – Parte I – 4 aulas	R$ 45,00
Poesia Módulo IV – Bocage – Parte II – 4 aulas	R$ 45,00
História da filosofia Módulo I – Dos Pré-socráticos aos Diálogos Platônicos – 17 aulas	R$ 180,00
História da filosofia Módulo II – Platão – 16 aulas	R$ 180,00
História da filosofia Módulo III – As leis de Platão – 16 aulas	R$ 180,00
Literatura Módulo I - Once more unto the breach, dear friends: poesia, história e a Henríada de William Shakespeare – 16 aulas	R$ 180,00
Literatura Módulo II – William Shakespeare – Parte II – 16 aulas	R$ 180,00
Francês Módulo I – Francês – 16 aulas	R$ 180,00
Francês Módulo II – Francês – 16 aulas	R$ 180,00
História Módulo I – História da inquisição – 4 aulas	R$ 45,00
História Módulo II – Educação monástica medieval – 8 aulas	R$ 90,00
História Módulo III – História das cruzadas – 4 aulas	R$ 45,00
História Módulo IV – Tópicos de arte medieval - Parte I – 8 aulas	R$ 90,00
História Módulo V – Tópicos de arte medieval - Parte II – 8 aulas	R$ 90,00
História Módulo VI – Idade média – Elementos estruturais – 8 aulas	R$ 90,00
Educação da imaginação Módulo I - A imaginação, seus elementos componentes e sua função cognitiva - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo II - Os quatro discursos: do descritivo ao poético - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo III - A estrutura geral da narrativa bíblica - 7 aulas	R$ 90,00
Educação da imaginação Módulo IV - As imagens e símbolos da bíblia (Parte I) e introdução a elementos de gramática - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo V - As imagens e símbolos da bíblia (Parte II) e sua narrativa - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo VI - A narrativa bíblica - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo VII - Arquétipos: a literatura como desenvolvimento do mito - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo VIII - O mito deslocado: a literatura - 4 aulas	R$ 45,00
Italiano - Módulo I - 16 aulas	R$ 180,00
Palestras - Ângelo Monteiro - A filosofia e a poesia	R$ 50,00
Palestras - Ângelo Monteiro – Autobiografia	R$ 50,00
Palestras - Ângelo Monteiro - Arte ou desastre	R$ 50,00

FONTE: INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. op. cit.

[145]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/inscricoes.html, acessado em 22.01.12.

Os grupos de estudo funcionam desde 2009, em um primeiro momento sob orientação de Luciane Amato, dedicando-se ao estudo do latim; de história antiga, medieval, da Igreja e dos Estados Modernos; de autores clássicos da literatura; das ciências sociais e de arquitetura, música, poesia. Para o ano de 2012 os temas de estudo propostos são "*teoria e história da música e da arte, literatura brasileira, história do séc. XX e estudos luso-brasileiros*". Estes grupos dividem-se em o grupo de estudos literários, o grupo de estudos de filosofia, o grupo de "transcrição e edição" e o grupo de estudos de escritores.

O grupo de estudos de filosofia ("*aspirantes a filósofos*" como identificam-se) existe desde 2010 e é formado por treze pessoas. "*Atualmente o objetivo do grupo é preparar seus integrantes para a elaboração do trabalho de conclusão do Curso Online de Filosofia de Olavo de Carvalho*". O grupo de "transcrição e edição" é responsável por "*transcrever as aulas*", exercício para "absorção" do conteúdo e contribuição para o "*registro e documentação da obra filosófica de Olavo de Carvalho, cujas* [sic] *partes mais essenciais foram expostas, até hoje, apenas oralmente*"[146]. O grupo de estudos literários, também funciona desde 2010 e busca "*o enriquecimento do imaginário, através das trocas de experiências a respeito das obras lidas e estudadas, e uma maior compreensão do fenômeno literário, através do das obras de Northrop Frye, F.R. Leavis e Susanne Langer, entre outros*". Seus trabalhos ainda "*deram origem e alimentam o que hoje é feito na Oficina de Literatura do IOC*". O grupo de estudos de escritores busca analisar a vida e obra de escritores luso-brasileiros. Os autores analisados por eles até então seriam os seguintes: Machado de Assis, José Geraldo Vieira, Marques Rebelo, Ângelo Monteiro, Georges Bernanos, François Mauriac, Karen Blixen, Gertrud von le Fort, Jakob Wassermann e Camilo Castelo Branco[147].

Os cursos oferecidos no IOC são de idiomas, piano erudito, o "programa de enriquecimento instrumental", de suporte para aprofundamento e acompanhamento do curso *online* de filosofia e os atendimentos individuais (através do que chamam de *bio-iatria*). Os cursos de línguas são oferecidos pelos seguintes "instrutores": Bruno Yoshio Mori, de Alemão e Italiano; Simone Guimarães, de Francês; Fernando de Morais, de Inglês e Grego. O curso de piano erudito é dado por Luiz Alberto Santos. O chamado "programa de enriquecimento instrumental" é ofertado por Simone Caldas, e trata-se de um programa psicopedagógico elaborado por Reuven Feuerstein, "*para que qualquer pessoa seja capaz de aumentar suas*

[146]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Pesquisa e estudos*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/pesquisa-e-estudo.html, acessado em 23.01.12.
[147]Idem.

capacidades intelectuais, ampliando sua atuação social". O curso de suporte para o curso *online* de filosofia também é de responsabilidade de Simone Caldas, sendo seu objetivo "*auxiliar os alunos do Curso Online de Filosofia na coordenação das atividades de base propostas pelo filósofo Olavo de Carvalho*"[148].

Os atendimentos individuais são oferecidos por Luciane Amato e quatro alunos seus: Eduardo Dipp, Francisco Escorsim, Simone Caldas e Melina Rejaile. As aulas são sempre individuais, de duração de uma hora e meia, presenciais ou não (na sede do IOC ou através do Skype), não sendo admitido faltas. Os atendimentos individuais são tratados como "*o coração do Instituto Olavo de Carvalho*", espécie de "*suporte de que muitos necessitavam para o ingresso sério na vida intelectual proposta pelo Olavo; como paideia, formação integral voltada para o fortalecimento da consciência e expansão de seu horizonte; como ciência prática do sentido da vida*"[149]. A ofertadora do curso o define como:

> [...] sintetizada no termo que ela tomou emprestado de Julián Marías: *bio-iatria*, isto é, medicina das doenças biográficas [...] "somente juntei os muitos ensinamentos de Olavo de Carvalho, sobretudo em matéria de ética, psicologia e biografia, somei estudos de Marías, Lain Entralgo, Lavelle, Szondi, Frankl e outros, e, caso a caso, apliquei o que aprendi, isto é, adotei um método tutorial de ensino, partindo do ponto em que se encontrava cada um dos meus alunos ao chegar até mim e tentando fazer com que se realizasse nele a operação realizada em mim pela presença de Olavo de Carvalho." [...] Em todo caso, trata-se sempre de uma retificação de biografias através da educação verdadeira[150].

Estes atendimentos propõem uma verdadeira contrarrevolução moral dos alunos, tendo como objetivos:

> – a ampliação do imaginário e do horizonte de consciência; – o surgimento e fortalecimento de uma consciência moral; – o esforço para desfazer mentiras existenciais e contar direito a própria história; – o preenchimento de lacunas culturais, bem como a dissolução dos efeitos nocivos de uma pseudo-educação estúpida; – o fortalecimento da vontade; – a busca incessante da sinceridade existencial e da honestidade intelectual; – o estudo e aprofundamento dos temas que *realmente interessam* ao aluno, evitando a gratuidade e a aquisição de conhecimentos desacompanhada de comprometimento pessoal; – a abertura da alma para todos os aspectos da realidade, e sobretudo para a dimensão espiritual da existência humana[151].

---

[148]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Cursos*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/cursos.html, acessado em 23.01.12.
[149]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Atendimentos individuais*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/atendimentos.html, acessado em 23.01.12.
[150]Idem.
[151]Ibidem.

As palestras e eventos geralmente são internos "*desdobramentos de outras atividades desenvolvidas (como as reuniões de apresentação dos resultados dos grupos de estudos literários)*", abrindo a partir de dezembro de 2010, para palestrantes de fora, no caso deste primeiro evento, o poeta e ensaísta Ângelo Monteiro, que no dia dez daquele mês de dezembro palestrou sobre *Autobiografia* e no dia seguinte sobre *A filosofia e a poesia*[152].

Podemos concluir que o IOC concretizou-se em um espaço importante para a formação e constituição ideológica de futuros intelectuais, possíveis quadros para o MSM, sendo ainda o maior limitador para sua expansão a falta de recursos financeiros, embora tenham conseguido consolidar-se em torno de uma sede física. Os horários oferecidos são todos alternativos, ou seja, não conseguem preencher horários habituais para instituições de ensino, buscando os horários noturnos em função do mercado de trabalho, o que pode ser explicado, aparentemente, porque no mesmo local de funcionamento do IOC em horário comercial funciona uma loja de mosaicos. Do mesmo modo não há no seu *site* indicação se alguma parte das mensalidades destina-se para Olavo de Carvalho ou para o MSM. Esta independência financeira assinala a distância que buscam manter do Estado no seu processo educativo, nenhum dos seus cursos é regulamentado e do mesmo modo nenhum de seus "instrutores" possui formação pedagógica consequente: dos quadros indicados que pudemos apurar Melina Rejaile é formada em Comunicação Social (Jornalismo) pela faculdade Tuiuti[153], Francisco Escorsim é formado em Direito pela PUC Paraná[154] e Eduardo Dipp é formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná e Especialista em Psicomotricidade Relacional[155]. Na imagem seguinte vê-se o IOC e a loja de mosaicos Ghellere, de propriedade de Luciane Amato, esposa de Ronaldo Bohlke:

[152]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Palestras e eventos.* Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/palestras-e-eventos.html, acessado em 23.01.12

[153]"*Participação em banca de Melina Abou Rejaile e Leandro Taques. Top Cristã. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Tuiuti do Paraná*". MOLIANI, J. A. *Curriculum lattes*. Disponível em http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=N539772, acessado em 23.01.12.

[154]Também mantem o blog *A elegância vai ao cinema* e escreve para o *Paraná Online*. Ver ESCORSIM, F. *Por que elegância?* Disponível em http://cinemaelegante.blogspot.com/2005/03/por-que-elegncia.html, acessado em 23.01.12. ESCORSIM, F. "A seriedade de Alegria". *Paraná Online*. 19.10.07. Disponível em http://www.parana-online.com.br/colunistas/201/50421/?postagem=A+SERIEDADE+DE+IALEGRIAI, acessado em 23.01.12.

[155]MADRETERNA. *4º oficina de música e arte católica*. Releases da área de expressão. Disponível em http://www.zizafernandes.com/oficina/releaseexpressao.php, acessado em 23.01.12.

FIGURA 3: Instituto Olavo de Carvalho e loja de mosaicos Ghellere:

FONTE: GOOGLE STREET VIEW. *R. Visconde do Rio Branco, 449*. Mercês, Curitiba. Foto de junho de 2011. Disponível em http://maps.google.com.br/maps?q=visconde+do+rio+branco+449+curitiba&um=1&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x94dce408143850cf:0x80007abc7f4cfdff,R.+Visc.+do+Rio+Branco,+449+-+Merc%C3%AAs,+Curitiba+-+PR,+80410-000&gl=br&ei=NKsdT7DiGMvo2gXuydH0Cw&sa=X&oi=geocode_result&ct=title&resnum=1&ved=0CCYQ8gEwAA, acessado em 23.01.12.

Em 2011 é lançada a livraria virtual do Seminário de filosofia[156], em parceria com o Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico (CEDET), empresa especializada em desenvolver franquias de livrarias virtuais[157]. É um espaço para a venda de livros escolhidos por Olavo de Carvalho e colaboradores. Em verificação feita no dia 09.07.11 possuíam quase mil livros para venda, de mais de quarenta editoras. Destas, sem dúvida as que mais se destacam são as que alinham-se ao perfil do Seminário, como a "É Realizações", com mais de cento e vinte livros para venda; a Topbooks com mais de cem livros, a Mises Brasil com mais de quarenta livros; e a Vide Editorial com cinco livros[158].

A editora "É realizações", de propriedade de Edson Filho (um dos organizadores do congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades) criada em 2000 e localizada em São Paulo, é responsável pelo lançamento de autores como Alejandro Peña Esclusa, Eric Voegelin, Heitor

[156]LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA; CEDET. *Quem somos*. Disponível em http://livraria.seminariodefilosofia.org/sobre-o-site/informacoes-gerais/quem-somos.html, acessado em 25.01.12.
[157]CEDET. *Livrarias virtuais CEDET*. Disponível em http://www.cedet.com.br/index.php?/CEDET/Informacoes-para-Clientes/livrarias-virtuais-cedet.html, acessado em 25.01.12.
[158]LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Livros à venda*. Disponível em http://livraria.seminariodefilosofia.org, acessado em 09.07.11.

de Paola, Mário Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho, Paulo Mercadante, etc[159]. Seu proprietário é casado com Angela Zogbi de Oliveira, que vem de uma próspera família de banqueiros, o que, segundo Edson "*o dinheiro dela ajuda, claro. Ela acredita no meu projeto e está junto comigo, senão eu não teria condições de investir a longo prazo*" – em 2011 o investimento total da "É Realizações" foi de seis milhões de reais. Além disto, conta com investidores para coleções específicas, caso da Biblioteca René Girárd (que até 2013 pretende ter 60 títulos) e que teria o custo de um milhão e quinhentos mil reais: "*a É teve o apoio da fundação americana Imitatio, bancada pelo milionário Peter Thiel, cofundador do PayPal, investidor do Facebook* [...] *mas, conta o editor, a Imitatio só entrou com R$ 200 mil – menos de 15% do total*". Segundo o seu proprietário a editora não possuí "*uma proposta ideológica. Diz que é, antes, uma cartada pragmática, uma vez que, opina, o nicho é dominado por autores marxistas*". A É Realizações lançou vários livros de Olavo de Carvalho, que também ofereceu cursos no espaço que a editora mantém em São Paulo, mas seu proprietário e ele "*romperam por 'problemas pessoais'*"[160].

A editora Topbooks foi criada em 1990 por José Mário Pereira ("*nascida às vésperas das eleições de 1990 com a publicação de três economistas em campanha – Roberto Campos, Delfim Netto e César Maia*"[161]) no Rio de Janeiro, e ficou nacionalmente conhecida com o lançamento da autobiografia de Roberto Campos (*A lanterna na popa*) em 1994. Como narra Pereira:

> "Eu não tinha dinheiro nem para comprar o papel e havia duas grandes editoras interessadas em publicar suas memórias, mas o Roberto gostou da proposta que fiz: dividiríamos os lucros em 50% para cada um, e eu ainda trabalharia como pesquisador, divulgador, e o que mais ele precisasse". O papel Pereira comprou a crédito, tendo por avalistas poderosos como Roberto Marinho e Israel Klabin. "O dono da empresa de papel não acreditava, ligou para a secretária deles para ver se era verdade"[162].

A editora tem mais de 300 livros em seu catálogo, e é difícil não notar certo caráter conservador nos lançamentos da Topbooks, mas a crítica não pode ser generalizada, ela denota mais a postura de convivência intelectual de José Mário Pereira, "*capaz de reunir num mesmo acontecimento figuras tão dispares quanto Roberto Marinho e Luís Carlos Prestes, e*

---

[159]É REALIZAÇÕES. *Catálogo*. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/editora/catalogo.asp, acessado em 25.01.12.

[160]VICTOR, F. "O que é, que é?". *Folha de S. Paulo*. 12.01.12. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha_Ilustrada_07-01-2012.pdf, acessado em 25.01.12.

[161]TOPBOOKS. *A editora*. Disponível em http://www.topbooks.com.br/, acessado em 25.01.12.

[162]QUEM. "Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro". *Quem*. 14.11.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_QUEM_141103.htm, acessado em 25.01.12.

continuar querido pelos dois"[163], que uma postura ideológica da editora. Esta postura de "convivência política" de Pereira permite para a Topbooks abarcar parcerias extremamentes ecléticas ao longo dos anos, inclusive abrindo espaço para a direita fascista (todos os livros de Carvalho lançados pela Topbooks são em parceria com a já citada UniverCidade). Suas principais parcerias foram com a Academia Brasileira de Letras, com a Fundação Biblioteca Nacional, com a Fundação Roberto Marinho, com a Fundação Casa de Rui Barbosa, com a UniverCidade e com o *Liberty Fund*, estadunidense[164]. Este último

> [...] criado em 1960 por Pierre F. Goodrich, um milionário de Indianápolis, que apostava nos livros como o melhor meio de deter a expansão do comunismo. Dedicada à reflexão e ao debate sobre a liberdade, a fundação de Goodrich, que era advogado e empresário, manteve-se atuante mesmo após a sua morte, em 1973, e vem publicando edições primorosas dos maiores clássicos do pensamento ocidental[165].

A Mises Brasil é o braço editorial do Instituto Ludwig von Mises Brasil (versão brasileira, mas reclamam, não subordinada ao estadunidense *The Ludwig von Mises Institute*[166]) fundado em 2008. Este busca:

> I - promover os ensinamentos da escola econômica conhecida como Escola Austríaca; II - restaurar o crucial papel da teoria, tanto nas ciências econômicas quanto nas ciências sociais, em contraposição ao empirismo; III - defender a economia de mercado, a propriedade privada, e a paz nas relações interpessoais, e opor-se às intervenções estatais nos mercados e na sociedade O IMB acredita que nossa visão de uma sociedade livre deve ser alcançada pelo respeito à propriedade privada, às trocas voluntárias entre indivíduos, e à ordem natural dos mercados, sem interferência governamental. Portanto, esperamos que nossas ações influenciem a opinião pública e os meios acadêmicos de tal forma que tais princípios sejam mais aceitos e substituam ações e instituições governamentais que somente: a) protegem os poderosos e os grupos de interesse, b) criam hostilidade, corrupção, e desesperança, c) limitam a prosperidade, e d) reprimem a livre expressão e as oportunidades dos indivíduos[167].

Presidido por Hélio Beltrão Filho, o instituto gerencia uma série de atividades em torno da propaganda da escola austríaca de economia: textos, um *blog* coletivo, colunistas, entrevistas, vídeos, biblioteca virtual, loja virtual (que possuí desde camisetas e chaveiros até livros) além de organizar diversos encontros e congressos. Os livros, fora os oferecidos

[163]PONTES, I. "Vocação: editor". *Tribuna da Imprensa*. 12.12.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_TI_121203.htm, acessado em 25.01.12.
[164]TOPBOOKS. *A editora*. op. cit.
[165]QUEM. "Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro". *Quem*. 14.11.03. op. cit.
[166]MISES INSTITUTE. *Daily*. Disponível em http://mises.org/, acessado em 26.01.12.
[167]MISES BRASIL. *Sobre nós*. Disponível em http://www.mises.org.br/About.aspx, acessado em 26.01.12.

gratuitamente pela biblioteca virtual[168] (também disponibilizam *links* para pesquisas acadêmicas com mesmo enfoque[169]), são vendidos com preços muito mais baixos que costuma-se encontrar no mercado[170] – seus lançamentos contam com parcerias com a É Realizações e o Instituto de Estudos Empresariais. São quase em sua totalidade traduções de livros de economistas ultraliberais feitas por seus próprios integrantes. Destes destacam-se Hélio Beltrão, Rodrigo Constantino, Wagner Lenhart, Alexandre Barros, Fabio Barbieri, Rosely Sayão, Klauber Cristofen Pires e Ubiratan Iorio (os dois últimos também colunistas do MSM)[171].

A Vide editorial é a menor de todas as editoras trabalhadas, tornando-se relevante por ser a responsável pelo último lançamento de Carvalho, *Maquiavel ou a confusão demoníaca* de 2011. A editora nasce em 2009 em Campinas, e é o braço editorial do "movimento" da Vigilância Democrática (VIDE), sendo que seu *site*, tal qual ao da livraria virtual do Seminário de filosofia, também é desenvolvido e gestado em parceria com a CEDET[172].

A VIDE, que faz parte da rede extrapartidária do MSM, declara como sendo seus, entre vários, os seguintes princípios:

> - Somos partidários da democracia representativa como a forma de governo que melhores resultados apresenta até os nossos dias [...] - Para isso é preciso ter em vista, continuamente, o necessário aperfeiçoamento da representação como instrumento e suporte da opinião pública, sendo viável incorporar instrumentos diretos de manifestação como forma de contribuir para o melhor desempenho do representante [...] - Entendemos por Direitos e Liberdades Fundamentais, aqueles que se afirmam perante o Poder Público ou terceiros devendo, obrigatoriamente, fazer respeitar os limites inalienáveis do direito à Vida; à livre expressão do Pensamento e Opinião; à garantia da Propriedade; à Igualdade perante a Lei; à Privacidade; à Segurança pessoal e familiar, sem prejuízo de outros de natureza correlata ou complementar [...] - Defendemos o Estado de Direito, onde todos os indivíduos, governantes e cidadãos comuns, estejam submetidos ao mesmo conjunto de leis; - Acreditamos que a contrapartida da Liberdade a que todos temos direito é a Responsabilidade [...] - Confiamos no Mérito como valor e na Igualdade de Oportunidades, excluídas as discriminações de qualquer espécie, como condição para uma sociedade justa, sadia e harmoniosa [...] - Consideramos a existência de uma Imprensa Livre, responsável, independente, sem tutelas e protegida de coações políticas e econômicas um requisito absolutamente indispensável em qualquer

[168]Estão disponíveis vinte e oito livros para download. MISES BRASIL. *Biblioteca*. Disponível em http://www.mises.org.br/Ebooks.aspx?type=99, acessado em 26.01.12.
[169]Estão disponíveis sete *links* para pesquisas acadêmicas. MISES BRASIL. *Trabalhos acadêmicos*. Disponível em http://www.mises.org.br/Ebook.aspx?id=38, acessado em 26.01.12.
[170]Dos 29 livros disponíveis a média de preço é de cerca de 24 reais (os livros mais caros são de outras editoras). MISES BRASIL. *Loja virtual*. Disponível em http://www.mises.org.br/Products.aspx, acessado em 26.01.12.
[171]Para a lista completa de autores ver MISES BRASIL. *Autores*. Disponível em http://www.mises.org.br/Authors.aspx?type=articles, acessado em 26.01.12.
[172]Ver nota 428.

país que se queira verdadeiramente democrático[173];

No mesmo manifesto, contando com o direcionamento da "divina providência", ainda declaram que: primeiro, "*que todo cidadão livre tem o direito e a responsabilidade de se opor a quaisquer manobras do poder político no sentido de adquirir atributos autoritários, independente do seu viés ideológico*"; segundo, "*que todo ser humano deve ter preservado o seu direito à legítima defesa incluídos, para esse fim, o acesso aos meios materiais necessários*"; terceiro "*que a corrupção e o fisiologismo político crescentes na vida nacional são grandes obstáculos ao bom desempenho do sistema democrático*" e que por isto "*devem ser combatidos sem meias palavras através da efetiva transparência de todos os procedimentos da vida pública*"; e por fim, de modo mais explícito, "*que a oposição aos direitos e liberdades fundamentais e as tentativas de submissão do estado a interesses de pessoas ou associações devem ser combatidas em todas as suas formas*"[174].

Até então o manifesto não mostra-se explícito, o que ocorre quando a VIDE explica melhor este último ponto em relação à esquerda, que para eles "*de fato, todos os movimentos políticos de esquerda são inerentemente anti-democráticos e em grande parte autoritários. O apoio destes movimentos a regimes democráticos é apenas uma concessão tática*", o que seria proclamado "*abertamente por todos os partidos e movimentos importantes de esquerda no Brasil*"[175]. Em relação à direita: termo que para eles, no Brasil é "*ainda associado a conservadorismo, nacionalismo e autoritarismo. Todas essas associações são apenas fruto de distorções culturais provenientes de uma educação sofrível e aparelhada*", já que supostamente existiriam "*direitistas que são progressistas, revolucionários, globalistas, liberais e libertários*"[176]. Neste sentido cabe explicitar que as diferenças entres estes conceitos da ciência e prática política são abertamente gritantes, e que não dizem respeito a meras abstrações, mas a representações de grupos sociais em luta – a diferença entre libertários e liberais, para situarmos somente um destes absurdos, ultrapassa a semântica. Estas "assemelhações" propostas são argumentações ideológicas provenientes de uma leitura binária da realidade (especialmente marcada entre conservadores e reacionários, discussão que realizamos no capítulo final desta dissertação). O mesmo servindo ao seu verbete para os "revolucionários":

---

[173]VIDE. *Manifesto*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/VIDE-Informacoes-Gerais/Documentos-VIDE/manifesto-do-vide.html, acessado em 26.01.12.
[174]Idem.
[175]VIDE. *Esquerda*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/esquerda.html, acessado em 26.01.12.
[176]VIDE. *Direita*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/direita.html, acessado em 26.01.12

> O termo Revolucionário é utilizado para designar todos aqueles que são favoráveis à mudanças radicais nas tradições e leis. O revolucionário considera que o estado atual das coisas está completamente errado e que tudo deve ser mudado. O revolucionário tem pouco ou nenhum respeito pelas leis e tradições e geralmente justifica suas atitudes imorais e ilegais com a inversão de conceitos consagrados. Por exemplo: é comum ver um revolucionário redefinir o termo democracia a seu bel prazer para dar apoio a ditaduras. Converse com um socialista revolucionário que você perceberá rapidamente que os únicos argumentos que possui são fruto de conceitos distorcidos[177].

Entre os artigos publicados em sua página (muitas vezes copiados com autorização de outros *sites* ou *blogs*) encontram-se André Gonçalves Fernandes, Luís G. Pereira, Raphael Farinazzo, César Kyn, Roberto Fendt (do Mises Brasil) e Joel Pinheiro da Fonseca (vencedor do primeiro Premio Mises Brasil na categoria artigos[178]), além de uma série de autores do MSM, como Tibiriçá Ramaglio, Olavo de Carvalho, Ipojuca Pontes, Percival Puggina, Marcus Boeira, Klauber Cristofen Pires, etc.[179] (a VIDE também é membro da UnoAmérica de Alejandro Peña Esclusa[180]).

E são responsáveis por uma série de eventos, maioria em parceria com a Fundação Liberdade e Cidadania[181], entidade de pesquisa e propaganda do Partido Democratas (DEM)[182], e atualmente presidido pelo Deputado Federal José Carlos Aleluia. Nestes eventos são comuns os nomes de Sandra Cavalcanti, Pedro Salomão José Kassab, Ricardo Vélez Rodrigues, do Deputado Federal Guilherme Campos, Antonio Roberto Batista, Paulo Roberto de Oliveira Kramer, Antônio Paim, Dário Jorge Giolo Saadi, César Kyn d´Ávila, Djalma Moreira de Carvalho Filho, Eiiti Sato, Roberto Fendt, Luiz Alberto Machado, dentre vários[183].

A VIDE editorial possui poucos livros lançados, fora o já citado livro de Carvalho, os seguintes: *Marxismo e descendência* de Antonio Paim, *Da guerra à pacificação: a escolha colombiana* de Ricardo Vélez Rodrigues, *O enigma quântico* de Wolfgang Smith (com prefácio de Carvalho) e *A psicologia do sentido da vida* de Izar Aparecida de Moraes

---

[177]VIDE. *Revolucionário*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/revolucionario.html, acessado em 26.01.12.

[178]TAVARES, N. *Instituto Mises Brasil divulga o resultado do I Prêmio IMB*. 01.03.10. Disponível em http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=631, acessado em 26.01.12.

[179]VIDE. *Artigos*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/, acessado em 26.01.12.

[180]VIDE EDITORES. *UnoAmérica*. 19.12.08. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/unoamerica-uniao-de-organizacoes-democraticas-da-america.html, acessado em 18.03.12.

[181]VIDE. *Editoriais*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/, acessado em 26.01.12.

[182]FUNDAÇÃO LIBERDADE E CIDADANIA. *A fundação*. Disponível em http://www.flc.org.br/fundacao.asp, acessado em 26.01.12.

[183]VIDE. *Editoriais*. op. cit.

Xausa[184]. Em seu *site* disponibilizam para a consulta *online* o *Dicionário de filosofia e ciências culturais*, de Mário Ferreira dos Santos e o *Dicionário de obras básicas da cultura ocidental* de Antonio Paim[185]. Assinalemos, que Vélez Rodrigues e Paim foram intelectuais orgânicos do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) e de sua revista, a *Convivium*, junto com nomes como Adolpho Crippa, Creusa Capalbo, Miguel Reale, Nelson Saldanha e Paulo Mercadante[186] – o integralista Gumercindo Rocha Dórea foi secretário da revista por anos[187]. O Instituto e a *Convivium* foram responsáveis pela constituição e luta por um determinado sentido de história, sua "história das ideias", que amputava a dialética e mitigava a luta de classes, atuando em convergência com a ditadura civil militar empresarial. Segundo Jurucê, a:

> [...] IBF/Convivium possuía todo um trabalho militante que ultrapassa a "mera" disseminação ideológica nas páginas de seus aparelhos de informação. Este aparelho de hegemonia filosófico da burguesia possuía uma atividade militante ampla – organizativa/diretiva/educativa – que extrapolava a aparência de organização puramente filosofante que sua intelectualidade disseminava e buscava lhe imprimir. Sua atuação se igualava a de um partido político, mas com um "nicho", um campo de batalha mais específico: o da "filosofia", da **hegemonia filosófica**, que, por sua vez, se desdobrava na formação política, na agência de notícias, na prática organizativa-diretiva-educativa do aparelho de informação revista Convivium[188].

Desta síntese da trajetória da vida pública de Olavo de Carvalho, onde buscamos enfatizar sua formação e constituição das relações sociais que possibilitaram sua atividade militante nos últimos vinte anos, podemos observar sua ascensão, em termos sociais e de *status*. Na infância, pela presença contínua da mãe e mesmo pelo tratamento recebido em seus anos enfermo, a penicilina (do mesmo modo que sua formação inicial em colégios católicos), podemos indicar que Carvalho nasce em uma família da nova pequena burguesia, e mesmo dotada de certa influência ou contatos sociais, visto a dificuldade que existia para a obtenção do medicamento no período. Também podemos observar sua origem social através das representações que constitui, pois mesmo quando Carvalho afirma ter nascido em família empobrecida, que justifica na necessidade do trabalho materno para complementar o orçamento familiar com os rendimentos do pai advogado, relembra a atitude deste perante

---

[184]VIDE EDITORIAL. *Vide editorial*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=40&Itemid=55, acessado em 26.01.12.

[185]VIDE EDITORIAL. *Índice do Dicionário de obras básicas da cultura ocidental*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/indice/indice.html, acessado em 26.01.12.

[186]GONÇALVES, R. J. M. *História fetichista*: o aparelho de hegemonia filosófico Instituto Brasileiro de Filosofia/Convivium (1964-1985). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009. p. 88-89.

[187]Idem. p. 102.

[188]Ibidem.

outros estratos sociais:

> Meu pai, Luiz Gonzaga de Carvalho, tinha um jeito muito especial de ser amável, humilde e atencioso com os mendigos da sua cidadezinha, que o adoravam. Isso era tanto mais notável porque ele sabia muito bem ser grosso quando queria, especialmente com pessoas importantes. Tinha até um estilo de insultar absolutamente original, artístico mesmo, o qual copio na parca medida dos meus talentos[189].

Sua formação erudita formal foi marcada pela necessidade do trabalho, encontrando-se desde a adolescência já ligado à imprensa, exercendo funções menores. Após o fechamento do curso de Filosofia da PUC do Rio de Janeiro, Carvalho segue a vida de trabalhador intelectual "de segundo escalão" sem maiores destaques, que foi possibilitada pelo recebimento da carteira de "prático". Para o sustento da prole, que por sinal não é pequena, consolidou-se como um intelectual "técnico", como visto nas funções que desenvolveu em diversas redações e editoras: editor de reportagem, editor de texto, secretário gráfico, secretário de redação, editor de política, editor de economia, colaborador ocasional, tradutor, organizador de texto, etc.

Quando aparece a chance de "especializar-se" elege a astrologia, responsável por parte de sua subsistência durante as décadas de setenta e oitenta. A mudança para a filosofia, e dela para a política, foi seu grande "pulo do gato", primeiro afirmando-se em pequenos círculos influentes (como pode ser visto pelos primeiros locais de suas palestras e cursos), para através destes depois alçar maiores públicos. Alçando espaços na imprensa, visibilidade garantida através de suas articulações, sua base como "filósofo" autodidata, sem formação acadêmica consequente, o permitiu ir além dos meros comentários políticos de um jornalista "prático", trazendo novos elementos analíticos para a criação do seu discurso ideológico e uma série de conhecimentos específicos, especialmente acerca de intelectuais e acadêmicos (brasileiros e estrangeiros), que se são pouco visíveis em publicações de circulação nacional, menos ainda são criticados de maneira incisiva. O debate intelectual acadêmico no Brasil não é nem de longe de visibilidade ou alcance nacional. Carvalho diversas vezes fora ridicularizado por responder acusações com citações de autores praticamente desconhecidos, a ponto de tornar-se parte da "caricatura" deste:

> Quando menino Olavo tinha o hábito não de brincar com as outras crianças, mas de bater boca e refutar tudo que elas diziam. Eis um relato de quando Olavo tinha 9 anos: Menina: - Olavo, vamos brincar de médico? Olavo: - Certo (examina a menina). Menina: - Então o que eu tenho doutor? Olavo: -

[189]CARVALHO, O de. "A nova religião nacional". *Diário do Comércio*. 26.03.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070326dc.html, acessado em 14.01.12.

> Veja bem, eu analisei você e conclui que você tem câncer, gota e celulite! Menina: - Quê?! A gente só tá brincando! Como você é chato! Olavo: - Ora, cala a boca sua burra! Eu sei o que eu tô falando, eu estudo esse negócio já faz 7 anos! Quer discutir comigo é?! Você que só conhece as asneiras que sua mãe e o farmacêutico te falam! Eu já li mais de 80 bulas de remédio[190]!

Mas é exatamente através deste tipo de prática que ele afirmou seu *status* de intelectual perante seus pares de direita – embora mantenha detratores entre estes, suas proposições afirmativas gerais "pegaram", tornaram-se referência, especialmente sua hipótese maior (que para ele é confirmada): a existência de um movimento revolucionário de cunho gramsciano, o permitiu tomar posição de destaque nas formulações anticomunistas brasileiras, tornando-se parte integrante do imaginário da direita nacional, assim como a percepção de uma suposta hegemonia que a esquerda brasileira manteria sob a Universidade e a vida cultural.

A partir da metade da década de noventa, Olavo de Carvalho alcança o auge de sua carreira, escrevendo para os maiores jornais e revistas do país e chegando até a discursar na ONU e na UNESCO – condicionada diante da necessidade do combate ideológico contra a esquerda, seus movimentos sociais e partidos, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), diretamente marcada pela necessidade da reprodução do discurso anticomunista. Esta posição era compartilhada pelo conjunto da burguesia durante os anos noventa, e gradativamente irá diluir-se entre as suas frações com o processo de inserção plena na ordem pelo PT, seja através das negociações diretas com a burguesia em suas gestões municipais e através da Central Única dos Trabalhadores, CUT (os acordos tripartites iniciam-se já em 1993[191] e este tipo de negociação amplia-se especialmente com os planejamentos conjuntos com a Federação das Indústrias de São Paulo a partir da segunda metade daquela década[192]), seja pela mudança do caráter de classe da direção (o chamado campo majoritário) do próprio partido[193]. Do mesmo modo os acirramentos das tensões entre as frações da burguesia na implantação de políticas ultraliberais, evidenciadas na segunda gestão de Fernando Henrique Cardoso, cindiram o apoio unificado aos partidos identificados com a classe dominante, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o antigo Partido da Frente Liberal (PFL),

---

[190]DESCICLOPÉDIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo_de_Carvalho, acessado em 19.01.12.

[191]OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do "novo sindicalismo"*: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008. p. 18.

[192]BOITO JR., A. "Burguesia no governo lula". *Crítica Marxista*. nº. 21. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-A-boito.pdf, acessado em 29.01.12.

[193]COELHO, E. Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). op. cit.

atual Democratas. Segundo Francisco de Oliveira:

> A Era FHC [Fernando Henrique Cardoso] começou apoiando-se numa indefectível aliança de classes, para o qual o paradigma classista ainda retinha todo seu poder heurístico. Mas a via neoliberal escolhida não foi o produto da aliança: ao contrário, a aliança foi o produto da escolha neoliberal. Ou, em outras palavras, nunca os aliados "atrasados", ACM [Antônio Carlos Magalhães] *et caterva*, deram o tom do governo FHC. O centro irradiador do consenso que FHC liderou era seu próprio grupo, o PSDB como partido, e o núcleo universitário-burguês-plutocrático como vanguarda. A base eleitoral formou-se com o êxito do Plano Real. Mas FHC detonou a unidade do núcleo que lhe dava sustentação, com as radicais mudanças operadas na propriedade do capital, e a estagnação produzida pelo "modelo" escolhido, de inserção na globalização, destruiu o apoio eleitoral. Em outras palavras, o paradigma classista, válido para o primeiro período da aliança, foi pelos ares. O que sobrou foi uma enorme indeterminação na política, que é o nome próprio do caleidoscópio. A vitória de Lula é o produto direto dessa indeterminação[194].

E o próprio PT explorou as fissuras operadas na classe dominante, "*essa insatisfação do grande capital industrial durante a campanha eleitoral*", ao enfatizar a "produção" contra a "especulação", tentando "*introduzir uma cunha no interior do bloco no poder, mostrando à grande burguesia industrial interna que ela tinha porque apoiar a candidatura Lula*"[195]. Mesmo com o apoio seletivo da burguesia, o anticomunismo não desvaneceu, pelo contrário, conheceu uma ascensão midiática:

> A hipótese aqui assumida é que as mídias não aderiram a Lula [...] Em algum momento, quando as pesquisas de intenção de voto mostravam o estrago nas outras candidaturas e a inapetência eleitoral de José Serra, as grandes mídias certamente fizeram acordos com o candidato petista. A Rede Globo, particularmente, detentora de volumosa dívida externa, mudou de posição, e um dia depois da eleição apresentou o programa do "caminho de Garanhuns" de um predestinado. Mas aqui já estava em desenvolvimento a estratégia de fazer o agora presidente eleito reconhecer os interesses de classe de quem manda na sociedade. O interessante é que a cobrança do programa classista que se faz a Lula, sobretudo pela *Folha de S.Paulo* e pelo âncora Boris Casoy, passou a funcionar em sentido contrário: é uma armadilha e uma advertência para receber de volta do presidente a reiteração dos compromissos de respeito aos contratos, pedra de toque anunciada na "Carta ao Povo Brasileiro"[196].

A partir do momento em que os capitalistas o reconhecem como representante autorizado e competente para a gestão do Estado capitalista brasileiro (e assinalemos, isto se fez confirmado definitivamente após os casos de corrupção dos mandatos presidenciais de

---

[194]OLIVEIRA, F. de. "O enigma de Lula: ruptura ou continuidade?" *In*. ESTANQUE, E.; SILVA, L. M. e; VÉRAS, R.; FERREIRA, A. C.; COSTA, H. A. (orgs.) *Mudanças no trabalho e ação sindical*: Brasil e Portugal no contexto da transnacionalização. São Paulo: Cortez, 2005. p. 97.

[195]BOITO JR., A. "Neoliberalismo e relações de classe no Brasil". *Idéias*. nº. 1. Disponível em http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf, acessado em 29.01.12.

[196]OLIVEIRA, F. de. "O momento Lênin". *Novos Estudos CEBRAP*. nº. 75. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci_arttext, acessado em 29.01.12.

Luís Inácio da Silva). A hegemonia ultraliberal tornou-se ainda mais efetiva sendo que, então, o anticomunismo passa a não mais representar as mesmas necessidades: se antes ele era utilizado como base comum para a tentativa de constituição de uma oposição unificada contra o governo, assim tolerando e assimilando a formação e organização de novos intelectuais e militantes radicais, especificamente na pequena burguesia e nova pequena burguesia, neste novo momento ele dilui-se, tornando-se elemento de pressão da burguesia que dá sustentação ao governo, elemento ideológico de controle social sobre este. Não sem motivo, este é o momento das demissões de Carvalho em 2005 de uma série de revistas e jornais, sendo que vieram a ocupar estes espaços indivíduos como Mário Sabino, Diogo Mainardi ou Reinaldo Azevedo, cujas atuações ideológicas não são direcionadas para a organização partidária. Neste momento Carvalho já possuía articulações suficientes para a manutenção de sua militância, garantida principalmente pela Associação Comercial de São Paulo. Com a fundação do MSM ele radicaliza sua prática política anterior, passando a agregar e refinar projetos de cunho chauvinistas e fascistizantes, militando abertamente por partidos e organizações de novo tipo, que não se colocassem somente contra uma possível ascensão da esquerda, mas contra qualquer abertura democratizante permitida pela burguesia.

Entendemos que esta apresentação da trajetória de vida pública de Olavo de Carvalho, é crucial, por ser o principal intelectual do MSM, que articula os demais em torno de uma militância comum, assumindo a função de liderança maior, suas opiniões e percepções servem como crivos para o formato e conteúdo do MSM. Mas este não poderia ser gerido e sustentar-se em atuação partidária sem a constituição efetiva de um Estado maior, para coordenar o trabalho através de diversas instâncias em torno de objetivos comuns. Para tanto, os intelectuais participantes deste Estado maior serão os os intelectuais que terão suas proposições tomadas como estruturantes para a atuação dos demais militantes do MSM. Podemos identificá-los através de alguns fatores: trajetória pública anterior, o “peso” do curriculum, caso de Heitor de Paola, Ipojuca Pontes e Denis Rosenfeld; pela “especialização” de alguns intelectuais sobre dados aspectos da realidade social, ou seja, apropriando-se de pressupostos de Carvalho ou dos outros citados, “aperfeiçoaram” estes ao tratar de um tema específico, a ponto de tornarem-se referências nestas discussões até pelos primeiros: caso de Graça Salgueiro no que refere-se à América Latina e de Julio Severo sobre família, aborto e homossexualismo – excluem-se deste quadro “especialistas” como Marcus Boeira (comentarista sobre direito) ou Nivaldo Cordeiro (sobre atualidades e filosofia), por estes não terem se afirmado como referências maiores sobre os temas. Do mesmo modo excluímos nomes como Klauber Cristofen Pires ou Ubiratan Iorio, cuja importância é mais notada na

articulação do MSM com outros grupos e institutos (no caso dos dois evidentemente em relação ao Instituto Millenium e ao Von Mises Brasil). A existência da distinção hierárquica entre estes intelectuais, mesmo que de modo informal, corrobora nossa hipótese de que o MSM entende-se e atua como partido, não como empreendimento individual de Carvalho, o que discutiremos no capítulo seguinte.

5. O MSM COMO PARTIDO:

*"Militância, por seu lado, não se cria da noite para o dia.
Ela começa com círculos muito pequenos de intelectuais que, por anos,
nada fazem senão discutir e discutir, analisando diariamente,
com minúcia obsessiva, uma conjuntura política na qual não têm o mínimo poder de interferir.
É do seu debate interminável que emergem, aos poucos,
certas maneiras de pensar e falar que, consolidadas e simplificadas
em esquemas repetitivos, se tornam espontaneamente a linguagem dos insatisfeitos em geral.
Quando estes aceitam a linguagem do núcleo intelectual como expressão de suas queixas
(por mais inadequada que essa linguagem seja objetivamente),
é então que começa o adestramento da militância propriamente dita.
De início suas iniciativas podem parecer deslocadas e pueris,
mas elas não visam a alcançar nenhum resultado objetivo:
são apenas ação imanente, destinada a consolidar a militância.
Isto é tão importante, tão vital, que todo movimento político sério
tem de começar sacrificando eleições e cargos ao ídolo da solidariedade militante*".

Olavo de Carvalho, "A falta que a militância faz**".** *Diário do Comércio*. 05.07.10.

Neste capítulo da dissertação iremos apresentar ao nosso leitor a constituição do MSM como partido. Para tanto abordaremos a conjuntura de seu surgimento e dos anos de nosso recorte temporal; sua autocaracterização como observatório de imprensa (ou como preferem *media watch*); apresentaremos seus intelectuais (seus editores e colunistas); sua estratégia para inserção política e formação de seus militantes através da internet, ou seja, que estratos sociais pretendem atingir e como; o modo pelo qual particularizam seu discurso político. Para nós, todos estes tópicos referem-se à sua constituição como partido – mesmo que não consolidando-se no formato parlamentar formal, é construído com este sentido (sua não formalização como partido eleitoral é explicada pela conjuntura em que existe, pois indiquemos, o capitalismo e a desigualdade social no Brasil nunca foram tão propícios para a burguesia quanto na última década, ou seja, não há ainda a necessidade imediata de institucionalizar-se a direita fascista). Ou como eles próprios afirmam, a etapa atual é da ação através de "*círculos muito pequenos de intelectuais que, por anos, nada fazem senão discutir e discutir, analisando diariamente, com minúcia obsessiva, uma conjuntura política na qual não têm o mínimo poder de interferir*"[197].

Afirmar o MSM como um partido é compreender como uma associação da sociedade civil cumpre uma ação partidária: através de seus intelectuais organiza e dissemina um discurso político ideológico; forma quadros e militantes de base, além de arregimentar simpatizantes utilizando como estratégia principal a guerra de posições, ou seja, organizativamente atuando em uma série de organizações e frentes (sua rede extrapartidária), que visam operar ofensivamente em momentos de crise aberta. Este "momento de crise", a crise de hegemonia de Gramsci, é tratado como horizonte de expectativa para o MSM, ou seja, um espaço para sua atuação plena. Neste sentido, a crise aberta

---

[197]CARVALHO, O. de. "A falta que a militância faz". *Diário do Comércio*. 05.07.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100705dc.html, acessado em 05.10.10.

se apresenta, dentro do discurso do MSM, como o momento onde todas as forças políticas iriam apresentar-se "desmascaradas" o que justificaria toda sua organização durante os anos.

Assim, a compreensão do conceito de partido político formulado por Gramsci é fundamental para situar o MSM. O autor irá caracterizar tanto partidos burgueses de seu tempo quanto pensar criticamente a estrutura e os princípios do partido revolucionário, que chama de "moderno Príncipe". *Iremos tratar de maneira ampla o conceito gramsciano de partido, especialmente porque esta leitura é compartilhada pelo MSM, que a irá absorver e deturpar, visando apresentar-se como o partido "antirrevolucionário" por excelência, o que exigiria para esta condição de combate formatação inversamente semelhante*[198] – assinalemos que o próprio Carvalho pediu a inclusão de seu nome na "bibliografia" do *website Gramsci e o Brasil*, dedicado à pesquisas nacionais que referenciem o marxista sardo[199]. Este trecho é essencialmente teórico, onde buscamos apresentar o referencial gramsciano de modo mais fiel possível, já que esta questão não esgota-se neste capítulo, mas perpassa toda a dissertação.

Para Gramsci os partidos políticos são "*uma nomenclatura de classe*", atuando para a expansão do grupo social do qual se originam[200]. São organizadores, "*os organismos que, na sociedade civil, não só elaboravam as diretrizes políticas, mas educavam e apresentavam os homens supostamente em condição de aplicá-las*"[201], o que já inicialmente não os resume à formalidade eleitoral burguesa: "*os 'partidos' podem se apresentar sobre os nomes mais diversos, mesmo sob o nome de antipartido e de negação dos partidos*"[202]. Gramsci identifica esta pluralidade de formas possíveis assinalando historicamente que, na Itália do Pós-Primeira Guerra, "*pela falta de partidos organizados e centralizados, não se pode prescindir dos jornais: são os jornais, agrupados em série, que constituem os verdadeiros partidos*"[203], embora reconhecendo que "*as revistas são estéreis se não se tornam a força motriz e formadoras de instituições culturais de tipo associativo de massa, isto é, cujos quadros não são fechados*"[204]. Aos partidos políticos, cabe um papel histórico que torna "*evidente que, para o partido que se propõe anular a divisão em*

---

[198]Em entrevista Carvalho, quando perguntado, se "*não existe nada que o senhor goste nas idéias de esquerda?*" respondera que "*a pergunta é um pouco simplória. 'A esquerda' é uma tradição cultural e política com mais de duzentos anos de existência, coisa de uma complexidade e riqueza quase inabarcáveis, e, mesmo que se esforçasse muito para fazer só porcaria, teria necessariamente de produzir alguma coisa boa nesse ínterim, ao menos por equívoco. Quando penso 'a esquerda', o que vem à minha mente é algo de imensamente mais vasto do que aquilo que se entende pelo termo nesse favelão intelectual que é o Brasil. 'A esquerda' é, por exemplo, Charles Péguy, é Jules Michelet, é John Ruskin, é Heinrich Heine, é José Ingenieros. Nem o mais empedernido dos reacionários pensaria em jogar tudo isso fora. Quantas páginas de Lênin, de Marx, de Gramsci, não li com grande satisfação! Faça a sua pergunta a algum cabo eleitoral, não a um homem de estudos*". FONSECA, E. "Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil". *Panorama Mercantil*. 07.07.11. op. cit.

[199]CARVALHO, O. de. *Gramscianos enfezadinhos, uni-vos!*. 26.12.98. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/enfeza.htm, acesssado em 29.03.12.

[200]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 313.

[201]Idem. p. 341-342.

[202]Ibidem. p. 326.

[203]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 218.

[204]Idem. p. 237.

classe, sua perfeição e seu acabamento consistem em não existir mais, porque já não existem classes e, portanto, suas expressões"[205]. Sua importância advém de sua responsabilidade na "*elaboração e na difusão das concepções de mundo, na medida em que elaboram essencialmente a ética e a política adequada a elas*", funcionando "*quase como 'experimentadores' históricos de tais concepções*"[206]. O trecho abaixo, em que Gramsci retorna para Maquiavel para compreender o partido como correlato do Príncipe, capaz de operar a superação do estado das coisas, sublinha a sua importância na contemporaneidade:

> No mundo moderno, só uma ação histórico-política imediata e iminente, caracterizada pela necessidade de um procedimento rápido e fulminante, pode se encarnar miticamente num indivíduo concreto: a rapidez só pode tornar-se necessária diante de um grande perigo iminente, grande perigo que cria precisamente de modo fulminante, o fogo das paixões e do fanatismo, aniquilando o senso crítico e a corrosividade irônica que podem destruir o caráter "carismático" do *condottiero* (o que aconteceu na aventura de Boulanger). Mas uma ação imediata desse tipo, por sua própria natureza, não pode ser ampla e de caráter orgânico: será quase sempre do tipo restauração e reorganização, e não do tipo peculiar à fundação de novos Estados e de novas estruturas nacionais e sociais (como era o caso no *Príncipe* de Maquiavel, onde o aspecto de restauração era só um elemento retórico, isto é, ligado ao conceito literário da Itália descendente de Roma e que devia restaurar a ordem e a potência de Roma), será de tipo "defensivo" e não criativo original, ou seja, no qual se supõe que uma vontade coletiva já existente tenha se enfraquecido, dispersado, sofrido um colapso perigoso e ameaçador, mas não decisivo e catastrófico, sendo assim, necessário reconcentrá-la e fortalecê-la; e não que se deva criar uma vontade coletiva *ex novo*, original, orientada para metas concretas e racionais, mas de uma concreção e racionalidade ainda não verificadas e criticadas por uma experiência histórica efetiva e universalmente conhecida[207].

Assim sendo, as ações imediatistas não suprem as necessidades a serem superadas, o que só é possível através da ação "*ampla e de caráter orgânico*" que decorrerá do seu caráter de classe, do seu projeto histórico. Como bem nota Igor Santos, "*um partido formalmente existente pode não exercer nenhuma atividade de organização de 'vontades coletivas' e não se constituir como parte ativa de certa classe, isto é, pode não se constituir como partido político para as classes*"[208]. Para cumprir sua função, o partido revolucionário, "*o moderno príncipe, o mito-príncipe não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto, só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação*". E sua forma, só se fará efetiva, se vinculada ao desenvolvimento histórico de cada formação social, pois é "*a primeira célula na qual se sintetizam germes de*

---

[205]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 313.
[206]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 105.
[207]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 16.
[208]SANTOS, I. G. "A 'eficiência real': apontamentos de Gramsci para uma história/concepção dos partidos políticos". *Anais V CEMARX*. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessao2/Igor_Santos.pdf, acessado em 19.03.11.

vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais"[209].

Evidentemente, o grupo social de que o partido é partícipe "*não é isolado; tem amigos, afins, adversários, inimigos*". Sendo então, reafirmamos, "*somente do quadro global de todo o conjunto social e estatal*" se poderá obter a justa compreensão sobre "*a história de um determinado partido*", já que "*terá maior ou menor significado e peso precisamente na medida em que sua atividade particular tiver maior ou menor peso na determinação da história de um país*"[210] – inclusive, em dada determinada conjuntura da relação de forças, partidos "*representam um só grupo social na medida em que exercem uma função de equilíbrio e de arbitragem entre os interesses de seu próprio grupo e os outros grupos, fazendo com que o desenvolvimento do grupo representado ocorra com o consenso e com a ajuda dos grupos aliados*" – assinalando que "*com o partido totalitário, estas fórmulas perdem o significado e são assim minimizadas as instituições que funcionavam segundo tais fórmulas*", e que esta "*própria função é incorporada pelo partido, que exaltará o conceito abstrato de 'Estado' e procurará de vários modos dar a impressão de que a função 'de força imparcial' continua ativa e eficaz*"[211]. Novamente segundo Santos, a peculiaridade metodológica de Gramsci, oferece

> ao invés das tão freqüentes histórias de partidos políticos que perseguem resoluções, teses, textos de polêmicas, etc., que mais configuram uma história das idéias, o italiano, sugere que a reconstituição deva ser feita na tentativa de realçar a relação entre partido e sua base; entre partido e outros partidos; entre os partidos e os movimentos sociais. Essa sugestão aparece na sua proposição de análise da "eficiência real" do partido. Dessa maneira, a nosso ver, a luta de classes é alçada ao seu papel principal e permite a aparição de novos sujeitos na história dos partidos políticos que, na maioria das vezes, ficam circunscrita apenas ao "estado maior" partidário[212].

Cabe aos partidos políticos selecionarem "*individualmente a massa atuante, e esta seleção opera-se simultaneamente nos campos prático e teórico, com relação tão mais estreita entre teoria e prática quanto mais seja a concepção vitalmente e radicalmente inovadora e antagônica aos antigos modos de pensar*", que através de sua atuação, acabarão por formar "*os elaboradores das novas intelectualidades integrais e totalitárias, isto é, o crisol da unificação de teoria e prática entendida como processo histórico e real*", ou seja, que a formação de seus militantes "*se realize através da adesão individual e não de modo 'laborista', já que se trata de dirigir organicamente 'toda a massa economicamente ativa' – deve-se dirigi-la não segundo velhos esquemas, mas inovando*". E a pedagogia política "*só pode tornar-se de massa, em seus primeiros estágios, por intermédio de uma elite na qual a concepção implícita da atividade humana já se tenha tornado,*

---

[209]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 16.
[210]Idem. p. 87-88.
[211]Ibidem. p. 59.
[212]SANTOS, I. G. "A 'eficiência real': apontamentos de Gramsci para uma história/concepção dos partidos políticos". *Anais V CEMARX*. op. cit.

em certa medida, consciência atual coerente e sistemática e vontade precisa e decidida”[213]. Devendo-se compreender “*o caráter 'doutrinário' estritamente entendido de um grupo*” através de “*sua atividade real (política e organizativa) e não pelo conteúdo 'abstrato' da própria doutrina*”, do mesmo modo, que “*chama-se 'doutrinário' porque representa não só interesses imediatos mas também aqueles futuros (previsíveis) de um certo grupo*”, o sendo “*em sentido pejorativo quando se mantém numa posição puramente abstrata e acadêmica e não se esforça por organizar, educar e dirigir uma força política correspondente, de acordo com as 'condições já existentes ou prestes a aparecer*'”[214].

Esta indicação de Gramsci é importante, pois, embora reafirme papel de direção do partido, não perde a perspectiva de que o chamado partido de quadros é necessário somente como um de “*seus primeiros estágios*”. Ele não rompe com a posição de Lênin, mas determina a estratégia pelo desenvolvimento econômico, político e social de cada formação social, assinalando que nas sociedades “ocidentais” um partido de quadros, formado somente por revolucionários profissionais, não seria capaz de assumir as responsabilidades de condutor da guerra de posição. “*A luta ideológica contra o extremismo de esquerda deve ser travada contrapondo-se a tal extremismo a concepção marxista e leninista do partido do proletariado como partido de massa*”, demonstrando-se “*a necessidade de que ele adeque sua tática às situações com o objetivo de poder transformá-las, de não perder o contato com as massas e de conquistar zonas de influência cada vez maiores*”[215].

Ele indica três grupos de elementos confluentes para a construção do partido revolucionário. O primeiro “*um elemento difuso, de homens comuns, médios, cuja participação é dada pela disciplina e pela fidelidade, não pelo espírito criativo e altamente organizativo*”. O segundo, “*o elemento de coesão principal que centraliza no campo nacional que torna eficiente e poderoso um conjunto de forças que, abandonadas a si mesmas, representariam zero ou um pouco mais*”, sendo “*este elemento é dotado de força altamente coesiva centralizadora e disciplinadora e também (ou melhor, talvez por isso mesmo) inventiva*”. E, por fim, “*um elemento médio, que articule o primeiro com o segundo elemento, que os ponha em contato não só 'físico', mas também moral e intelectual*”. Estes três elementos confluentes, quando atingidas suas “proporções definidas”, permitem ao partido alcançar “*o máximo de eficiência*”[216]. Firmadas estas clivagens:

> […] pode-se dizer que um partido não pode ser destruído por meios normais quando, existindo necessariamente o segundo elemento, cujo nascimento está ligada a existência das condições materiais objetivas (e, se este segundo elemento não existe, qualquer raciocínio é vazio), ainda que em estado disperso e errante não podem

[213]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 105.
[214]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 275.
[215]GRAMSCI, A. *Escritos políticos*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 346-347.
[216]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 315-318.

> deixar de se formar os outros dois, isto é, o primeiro que necessariamente o terceiro com sua continuação com seu meio de expressão. Para que isto ocorra, é preciso que se tenha criado a convicção férrea de que uma determinada solução dos problemas vitais seja necessária. Sem esta convicção não se formará o segundo elemento, cuja destruição é mais fácil em virtude de seu número restrito, mas é necessário que este segundo elemento, mas é necessário que este segundo elemento, se destruído, deixe como herança um fermento a partir do qual volte a se formar […] O critério para julgar este segundo elemento deve ser procurado: 1) naquilo que realmente faz; 2) naquilo que prepara na hipótese de sua destruição. É difícil dizer qual dos dois fatos é o mais importante. Como na luta deve-se sempre prever a derrota, a preparação dos próprios sucessores é um elemento tão importante quanto tudo o que se faz para vencer[217].

Estes pontos são cruciais para compreender e impedir o processo de burocratização do partido. "*Criando chefes para si, os próprios operários criam com as próprias mãos, novos patrões, cuja principal arma de domínio reside na superioridade técnica e intelectual, e na impossibilidade de seus mandantes exercerem um controle eficaz*". Com a possibilidade de fazer da política carreira, somada a "*complexidade progressiva da atividade política, em virtude da qual os líderes dos partidos se tornam cada vez mais profissionais e devem ter noções cada vez mais amplas, um tato, uma prática burocrática e, freqüentemente, uma esperteza cada vez mais ampla*", escolhendo isolar-se da base e "*dando margem à flagrante contradição que se manifesta nos partidos avançados entre as declarações e as intenções democráticas e a realidade oligárquica*". Gramsci compreende que "*se não existe diferença de classe*", desde que "*a orquestra não crê que o regente seja um patrão oligárquico*", a questão torna-se técnica, "*de divisão do trabalho e de educação, isto é, a centralização deve levar em conta que nos partidos populares a educação e o 'aprendizado' político se verificam em grande parte através da participação dos seguidores na vida intelectual*", sendo que uma possível solução para o fenômeno, poderia "*ser encontrada na formação de um estrato médio o mais numeroso possível entre os chefes e as massas, que sirva de equilíbrio para impedir os chefes de se desviarem nos momentos de crise radical e para elevar sempre mais a massa*"[218].

A estrutura deste partido deveria dar-se tal qual "*o comando do maestro: acordo prévio alcançado, colaboração, o comando como uma função distinta, não hierarquicamente imposta*"[219]. O que torna a disciplina "*certamente, não como acolhimento servil e passivo de ordens, como execução mecânica de uma tarefa (o que, no entanto, também será necessário em determinadas ocasiões, como por exemplo, no meio de uma ação já decidida e iniciada)*", e sim como a "*assimilação consciente e lúcida da diretriz a realizar. Portanto, a disciplina não anula a personalidade em sentido orgânico, mas apenas limita o arbítrio e a impulsividade irresponsável,*

---

[217]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 318-319.
[218]Idem. p. 166-167.
[219]Ibidem. p. 273.

para não falar da fátua vaidade de sobressair”[220]. Esforço que nos traz novamente para a centralidade do partido político neste processo, que para a classe trabalhadora é “*nada mais do que o modo próprio de elaborar sua categoria de intelectuais orgânicos, que se formam assim, e não podem deixar de formar-se, dadas as características gerais e as condições de formação, de vida e de desenvolvimento do grupo social dado*”, no que concerne ao “*campo político e filosófico, e não no campo da técnica produtiva*”. E ainda “*para todos os grupos, é precisamente o mecanismo que realiza na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, de modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política*”, atuando como elemento de “*soldagem entre os intelectuais orgânicos de dado grupo, o dominante, e intelectuais tradicionais; e esta função é desempenhada pelo partido precisamente na dependência de sua função fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes*”. Estes “*elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como 'econômico'*”, irão, através do partido político, ser treinados “*em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política*”[221].

Os intelectuais não se constituem uma casta, sua diferenciação se daria pela clivagem classista, mas, nas sociedades ocidentais, essa clivagem se dá através de uma série de especializações, “*a própria função organizativa da hegemonia social e do domínio estatal dá lugar a uma certa divisão do trabalho e, portanto, a toda uma gradação de qualificações*”[222]. Portanto, estas distinções acabam por nos indicar, que no exercício da dominação nem todos os intelectuais tem o mesmo peso, que como já indicado em relação à organização do partido, estes estão em constante batalha para sua afirmação como os agentes competentes para a gestão (ou representação) dos interesses das classes fundamentais, e mesmo existindo disputas, há estabelecida uma hierarquia que determina as funções específicas de cada intelectual, ou grupo de intelectuais no exercício da hegemonia. A função histórica dos partidos, e em especial do revolucionário, como visto está entrelaçada com a capacidade dirigente de seus intelectuais, o que torna o partido uma escola de vida estatal:

> Se o Estado representa a força coerciva e punitiva de regulamentação jurídica de um país, os partidos, representando a adesão espontânea de uma elite a tal regulamentação, considerada um tipo de convivência coletiva para a qual toda a massa deve ser educada, devem mostrar em sua vida particular interna terem assimilado, como princípios de conduta moral, aquelas regras que no Estado são obrigações legais. Nos partidos, a necessidade já se tornou liberdade, e daí nasce o enorme valor político (isto é, de direção política) da disciplina interna de um partido e, portanto, o valor de critério que tem tal disciplina para avaliar a força de expansão dos diversos partidos. Deste ponto de vista, os partidos podem ser considerados escolas da vida estatal. Elementos de vida dos partidos: caráter (resistência aos

[220]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 308-309.
[221]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 24.
[222]Idem. p. 21.

> impulsos das culturas ultrapassadas) honra (vontade intrépida ao sustentar o novo tipo de cultura e de vida), dignidade (consciência de operar por um fim superior), etc.[223].

Cabe então, ao moderno Príncipe, ter "*uma parte dedicada ao jacobinismo (no significado integral que esta noção teve historicamente e deve ter conceitualmente), como exemplificação do modo pelo qual se formou concretamente e atuou uma vontade coletiva que, pelo menos em alguns aspectos, foi a criação ex novo, original*". Sendo o terreno em disputa para a construção de um novo Estado, "*a vontade coletiva e a vontade política em geral no sentido moderno, a vontade como consciência operosa da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo*". Dividindo suas tarefas, para a atuação racional dentro de uma formação social, em duas direções, "*uma das primeiras partes deveria precisamente ser dedicada à 'vontade coletiva', apresentando a questão do seguinte modo: quando é possível dizer que existem as condições para que se possa criar e se desenvolver uma vontade coletiva nacional-popular?*", para posteriormente produzir "*uma análise histórica (econômica) da estrutura social do país em questão e uma representação "dramática" das tentativas feitas através dos séculos para criar esta vontade e as razões dos sucessivos fracassos*". O "*Príncipe toma o lugar, nas consciências, da divindade ou do imperativo categórico, torna-se a base de um laicismo moderno e de uma completa laicização de toda a vida e de todas as relações de costume*", em cujo desenvolvimento "*subverte todo o sistema de relações intelectuais e morais, uma vez que seu desenvolvimento significa de fato que todo ato é concebido como útil ou prejudicial, como virtuoso ou criminoso*"[224], tendo como medida o próprio partido. Assim, se constrói como o formador por excelência do homem novo, responsável pela construção de um novo modo de ser:

> O moderno Príncipe deve e não pode deixar de ser o anunciador e o organizador de um reforma intelectual e moral, o que significa, de resto, criar o terreno para um novo desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular no sentido de uma forma superior e total de civilização moderna. Estes dois pontos fundamentais – formação de uma vontade coletiva nacional-popular, da qual o moderno Príncipe é ao mesmo tempo o organizador e a expressão ativa e atuante, e reforma intelectual e moral – deveriam constituir a estrutura do trabalho[225].

Cabe ao partido também a função de polícia política, que Gramsci compreende no processo de superação da estratégia de revolução permanente. "*A técnica política moderna mudou completamente após 1848, após a expansão do parlamentarismo, do regime associativo sindical e partidário, da formação de vastas burocracias estatais e 'privadas' (político-privadas, partidárias e sindicais)*", assim como as "*transformações que se verificam na organização da polícia*", para

[223]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 267.
[224]Idem. p. 16-19.
[225]Ibidem. p. 18.

além "*do serviço estatal destinado à repressão da criminalidade, mas também do conjunto das forças organizadas pelo Estado e pelos particulares para defender o domínio político e econômico das classes dirigentes*". Este movimento tornou, não só os partidos políticos, mas como "*outras organizações econômicas ou de outro gênero*" em "*organismos de polícia política, de caráter investigativo e preventivo*"[226]. Mas esta atuação policial tem uma determinação social, como Gramsci nota:

> […] a questão deve ser posta em outros termos; ou seja, sobre os modos e as orientações com que se exerce essa função. O sentido é repressivo ou expansivo, isto é, de caráter reacionário ou progressista. Um determinado partido exerce sua função de polícia para conservar uma ordem externa, extrínseca, freio de forças vivas da história ou a exerce no sentido de levar o povo a um novo nível de civilização, da qual a ordem política e legal é uma expressão programática? De fato, uma lei encontra que a infringe; 1) entre os elementos sociais reacionários que a lei alijou do poder; 2) entre os elementos progressistas que a lei reprime; 3) entre os elementos que não alcançaram o nível de civilização que a lei pode representar. Portanto, a função de polícia de um partido pode ser progressista ou reacionária[227].

E a reforma cultural não ocorre dissociada de um novo programa econômico, o qual "*é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral*". Sem que se alterem drasticamente as relações sociais no mundo da produção, não "*pode haver reforma cultural, ou seja, elevação civil das camadas mais baixas da sociedade*"[228]. E o epicentro desta reforma moral e intelectual só pode ser o partido:

> Assinalei de outra feita que, numa determinada sociedade, ninguém é desorganizado e sem partido, desde que se entendam organização e partido num sentido amplo, e não formal. Nesta multiplicidade de sociedades particulares, de caráter duplo – natural e contratual ou voluntário –, uma ou mais prevalecem relativamente ou absolutamente, constituindo o aparelho hegemônico de um grupo social sobre o resto da população (ou sociedade civil), base do Estado compreendido como aparelho governamental-coercitivo. Ocorre sempre que os indivíduos pertencem a mais de uma sociedade particular e muitas vezes as sociedades que estão essencialmente (objetivamente) em contraste entre si. Uma política totalitária tende precisamente: 1) a fazer com que os membros de um determinado partido encontrem neste único partido todas as satisfações que antes encontravam em uma multiplicidade de organizações, isto é, a romper todos os fios que ligam estes membros a organismos culturais estranhos; 2) a destruir todas as outras organizações ou a incorporá-las num sistema cujo único regulador seja o partido. Isto ocorre: 1) quando um determinado partido é portador de uma nova cultura e se verifica uma fase progressista; 2) quando um determinado partido quer impedir que uma outra força, portadora de uma nova cultura, torne-se "totalitária"; verifica-se então uma fase objetivamente regressiva e reacionária, mesmo que a reação não se confesse como tal (como sempre sucede) e procure aparecer como portadora de uma nova cultura[229].

---

[226]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 78.
[227]Idem. p. 307-308.
[228]Ibidem. p. 18.
[229]Ibidem. p. 253-254.

Retomando, os partidos políticos: são os organizadores avançados das classes e suas frações, afirmados como sua expressão avançada, necessários, atuando sobre estas para desenvolvê-las; podem existir sob a forma jurídica de partidos ou não; são os organismos responsáveis por formarem os intelectuais destes grupos sociais, selecionando-os entre a massa e preparando-os para a vida estatal; são os formuladores e experimentadores de projetos históricos, buscando convertê-los em "vontade coletiva"; comportam o conflito, já que formuladores do consenso por excelência entre seu próprio grupo social; tomam o caráter de imperativo categórico, responsáveis pela reforma moral e intelectual do homem; tem validade histórica, já que mensurados pela sua eficiência real, dependentes do reconhecimento como expressão de um grupo social, e passível do fenômeno do transformismo; contém uma estrutura organizativa interna propositiva, seu Estado-maior (que pode ou não fazer parte do partido em si, como no caso de uma força dirigente externa), e uma hierarquia interna composta na relação entre seus quadros e a massa militante (dialética intelectuais-massa), cabendo ao partido formar um exército organicamente preparado para os momentos de crise; formam uma rede partidária; são organismos preventivos de polícia política, defendendo determinada ordem política; não podem ser destruídos por meios normais.

5.1. Criação e afirmação do MSM:

O MSM foi criado em 2002, sendo sua primeira publicação em 8 de agosto daquele ano, como acusado pelo *Internet Archive Wayback Machine*[230]. Já nesta primeira "edição" (o modo pelo qual contabilizam suas publicações é similar ao de um jornal) contou com a participação de cinquenta e três colunistas, tendo como editores responsáveis Diego Casagrande[231] e Olavo de Carvalho. O MSM organizou-se em torno deste último, que além de editor e responsável pelo seu *Quem somos*, vinha publicando há algum tempo artigos de vários colunistas em sua página pessoal (que segundo a mesma ferramenta de arquivos, tem sua primeira página publicada em 1999[232]). Foram creditados como responsáveis: "*editor: Olavo de Carvalho; Concepção e design: Olavo de Carvalho; Desenvolvimento e ASP: Arley Lobato; Edição e manutenção: Maria Inês P. de*

---

[230]Serviço de arquivamento *online*. As páginas do MSM consultadas se encontram disponíveis em INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. http://web.archive.org/web/*/http://www.midiasemmascara.org, acessado em 13.10.10.

[231]Jornalista gaúcho, que já trabalhou no Zero Hora, RBS TV, TVCOM, Rádio Gaúcha e Rede Pampa de Comunicação. Recebeu diversos prêmios e menções honrosas e publicou os livros *Porto Alegre - 48 horas sob terror* e *Vanguarda do Atraso - Ameaças à liberdade de expressão durante o governo do PT no Rio Grande do Sul*. Trabalha hoje em dia na Band News e apresenta e dirige o programa diário Opinião Livre em Porto Alegre. WIKIPEDIA. *Diego Casagrande*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Diego_Casagrande, acessado em 12.12.10. O autor mantém o blog http://diegoreporter.blogspot.com/.

[232]INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta por www.olavodecarvalho.org*. disponível em http://web.archive.org/web/20020802221943/www.olavodecarvalho.org/, acessado em 13.10.10.

Carvalho; Redação: Roxane Andrade de Sousa, Maria Inês de Carvalho e Josiane de Carvalho".

Mesmo com esta estrutura organizada, e já contando com articulistas de direita renomados, cujas publicações na época somavam um número significativo de jornais e revistas, o MSM é caracterizado como projeto particular, de responsabilidade supostamente individual: Olavo de Carvalho seria o maior encarregado, junto com sua família: o "*MÍDIA SEM MÁSCARA é um empreendimento pessoal, de escala familiar como uma padaria ou uma quitanda. A redação constitui-se de mim, de minha esposa e de duas das minhas filhas*". E as participações destes colunistas seriam de "*amigos que trabalham de graça, por generosidade, patriotismo e senso do dever*", acrescentando um sentido de abnegação e heroísmo para o empreendimento: *"pouco nos importa a desproporção de forças. Quando os grandes se acovardam, os pequenos têm de dar o exemplo*"[233]. Anotemos, esta teatralidade discursiva sobre o fardo autoinfligido é típica de anticomunistas renomados da história brasileira, sendo o trecho seguinte de óbvia semelhança com os lamentos do Almirante Pena Boto Jr. ou Plínio Salgado:

> […] no Brasil, só eu e mais dois ou três amigos, isolados e sem dinheiro, temos tentado enfrentar o monstro. O ódio que desaba sobre nós por isso, a covardia e a mesquinhez dos expedientes a que homens poderosos têm recorrido para nos calar, a má vontade surda e cega - quando não a ironia e a chacota - que os indiferentes e alienados opõem aos nossos esforços, são indescritíveis[234].

Este caráter de responsabilidade enfaticamente individualista, que Carvalho atribui ao seu empreendimento, aos moldes de Schumpeter[235], busca invocar a imagem mítica do pequeno burguês em luta pela ascensão social pela via do *self-made men*, que começa sua vida com uma quitanda, uma padaria (anotemos, nisto incorreram em impressionante exatidão, explorando a própria família como mão de obra), que enxerga apenas em si mesmo, em seu trabalho, a responsabilidade por seu destino, pelo seu fracasso ou sucesso. Assim, criar o MSM exigiu em primeiro lugar a propriedade privada de um espaço, seu *site* ou sítio, que embora seja inicialmente de um valor irrisório, pode valorizar-se, tornando-se uma referência, que "*não serve apenas como um fator de desenvolvimento econômico*". Para eles, a propriedade privada "*serve principalmente para o cidadão dar um chute*

---

[233]CARVALHO, O. de. *Quem somos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021028120828/www.midiasemmascara.org/quem.asp, acessado em 13.10.10.

[234]Idem.

[235]"*Podemos definir empreendedorismo ou função empresarial como o atributo individual de perceber as possibilidades de lucros ou ganhos eventualmente existentes. Ora, como isso se constitui em uma categoria de ação, esta pode ser encarada como um fenômeno empresarial, que põe em destaque as capacidades perceptiva, criativa e de coordenação de cada agente. O empreendedor é aquele indivíduo que percebe que uma determinada idéia poderá lhe proporcionar ganhos e se empenha para desenvolvê-la na prática. O fato de esse indivíduo ser ou não um empresário (no sentido de ser diretor ou dono de uma empresa), no momento em que nasce sua boa idéia, não é, portanto, relevante para que possamos defini-lo como empreendedor*". IORIO, U. *João, Maria, José, empreendedorismo e intervencionismo*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/11466-joao-maria-jose-empreendedorismo-e-intervencionismo.html, acessado em 13.10.10.

no traseiro de quem ouse se meter na sua vida ou bulir com os seus filhos”[236]. A propriedade privada é tratada como a determinação para a existência de seus proprietários como indivíduos, e que ameaçada, necessita de um combate que ultrapassa em muito o espaço da padaria ou da quitanda, sendo que então é função do MSM perseguir todo e qualquer sujeito do corpo social que negue à propriedade esta função social. Nestes termos resume-se qualquer tentativa de reforma no estatuto da propriedade privada é tomada como atalho histórico para seu fim, sua dissolução – e consequente proletarização dos proprietários. Esta confusão é proposital e importante, pois permite ao MSM atribuir o mesmo sentido teleológico tanto para reformistas quanto para radicais (sejam quais forem os taxados destes rótulos), os combatendo como atores com estratégias distintas, mas em busca de um mesmo fim histórico: o comunismo, o fim definitivo da propriedade privada (toda e qualquer, não somente dos meios de produção). Que fique claro, o anticomunismo é o maior de seus motes, é o unificador central para sua atuação política.

Em segundo lugar foi necessário dotar o MSM de um conjunto de habilidades, que para além da mera capacidade da escrita, se deu pela especialização, pelo conhecimento específico acerca da realidade social, determinado pelo mercado, e anotemos dividido entre quem interessa a sua existência (quem necessita que determinado produto esteja em circulação), e seu público consumidor propriamente dito (que confundem-se mas não são necessariamente de um mesmo grupo social). Neste caso específico não trata-se de um público pagante, mas que é levado a consumir ativamente o projeto político divulgado pelo empreendimento. Só que a simples leitura – ou mais uma aba aberta em seu navegador – não garante o resultado esperado. Este público é levado a interagir, antes por meio de e-mails, depois comentários na própria página do texto, e por fim, como opção, doando dinheiro para a manutenção e reprodução do *serviço prestado*. Chamamos a atenção para a ideia deste “serviço prestado”, pois é assim que em diversos momentos o MSM irá se definir, este serviço qualificado como de *segurança*: de prevenção e de ataque contra os inimigos do *status quo*, mas tendo seu poder de ataque restrito, já que determinado pela conjuntura, pelo tamanho da corrente, para seguir a metáfora utilizada por Gilberto Calil para categorizar os integralistas no Pós-Guerra como *cães de guarda da burguesia*[237].

Olavo de Carvalho, cuja trajetória de vida já tratamos, há décadas trabalhava como intelectual a serviço da classe dominante. A tabela seguinte nos permite visualizar, através dos periódicos em que publicava em 2002, algumas relações constituídas por ele:

[236]PIRES, K. C. *Vamos trabalhar juntos?* 12.02.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/10789-vamos-trabalhar-juntos.html, acessado em 08.10.10.
[237]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. Tese de Doutorado. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005.

TABELA 9: Periódicos em que Olavo de Carvalho publicava em 2002:

Publicação	*Sites* (alguns já fora do ar)	Comentário de Olavo de Carvalho
O Globo	http://www.oglobo.com.br	"*Artigos semanais*"
Época	http://www.epoca.com.br	"*Artigos semanais*"
Bravo!	http://www.revbravo.com.br	"*Leia lá os artigos de Olavo de Carvalho e de outros jornalistas da pesada: Bruno Tolentino, Sérgio Augusto, Millôr Fernandes e tutti quanti...*"
Jornal da Tarde	http://www.jt.com.br	"*Traz todos os artigos de Olavo de Carvalho publicados no Jornal da Tarde de São Paulo*"
Zero Hora	http://zerohora.clicrbs.com.br/	Não consta descrição
Folha de S. Paulo	http://www.folha.com.br/	Não consta descrição
Leader	http://www.iee.com.br/leader/	"*Revista dos liberais de Porto Alegre – os mais combativos que existem no Brasil – com artigos de J. O. de Meira Penna e Olavo de Carvalho*"
Libertárias	http://13571113.vila.bol.com.br/shikida/index-2.html	"*Revista on-line de Claudio Shikida, 'um espaço para a divulgação de opiniões muitas vezes ignoradas pela maliciosa estratégia do silêncio'*"
O Expressionista	http://www.bsnet.com.br/usr/chiuso	"*Inteligente jornal on-line de Santos, SP*"
Mídia Sem Máscara	http://www.midiasemmascara.org	"*Jornal on-line com o objetivo de desmascarar a mídia brasileira*"

FONTE: CARVALHO, O. de. *Links*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2, e http://www.olavodecarvalho.org/semana/arquivo_2002.htm, acessados em 09.10.10.

Até aí, nada surpreendente, dado que as seis ou nove famílias que comandam o oligopólio sobre a mídia brasileira[238] sempre puderam arrogar-se de empregar intelectuais de esquerda, fossem acadêmicos, jornalistas, escritores, cartunistas, etc., paternalmente chamados por estes proprietários como "os nossos comunistas" – cuja interferência sobre o projeto editorial destas empresas obviamente era nula ou mínima (a não ser no sentido de justificar algum tipo de neutralidade jornalística, etc.). Mas então apresentemos a opinião de seu principal intelectual, Olavo de Carvalho, sobre seus empregadores:

> Se algo aprendi nos dezesseis anos que decorreram desde meus primeiros avisos sobre a mais vasta e silenciosa trama revolucionária que já se viu no mundo, foi que a "burguesia" é a classe mais indefesa que existe. Acovardada perante o prestígio dos vigaristas intelectuais mais baixos e sórdidos, ela se apega a qualquer pretexto para enxergar, no inimigo que planeja assassiná-la, todas as virtudes mais róseas e fictícias e evitar assim o confronto com uma realidade temível. O famoso "aparato ideológico da burguesia", de que falam os marxistas, jamais existiu. Ele é apenas uma projeção invertida do próprio aparato ideológico revolucionário, destinada a impedir, mediante a denúncia preventiva de maquiavelismos imaginários, que um dia um real aparato burguês de autodefesa venha a existir. Quando a burguesia, pelo menos brasileira, consente em dizer algo em seu próprio favor, ela o faz com tanta discrição e delicadeza que dá a impressão de estar disputando com o adversário mais bondoso e compreensivo do mundo, e não com as "máquinas de matar" que os

[238] GIANNOTTI, V. "Comunicação e hegemonia. A batalha da hegemonia exige convencimento e força". *Brasil de Fato*. 18.10.11. Disponível em http://www.brasildefato.com.br/content/comunica%C3%A7%C3%A3o-e-hegemonia, acessado em 14.11.11.

> revolucionários se orgulham de ser[239].

Esta citação é importante, pois situa temporalmente o sentido de suas intervenções políticas, especialmente iniciadas a partir de 1993. Daí em diante o que se lê é uma torrente de afirmações típicas de Carvalho sobre a conjuntura social brasileira, onde considera tanto a sociedade política quanto a sociedade civil como sequestradas pelos "revolucionários", resumidos na figura "*dos vigaristas intelectuais mais baixos e sórdidos*", os quais a burguesia não se importaria em combater, contentando-se em somente administrar a produção e os investimentos financeiros na busca do lucro. Ou seja, ele interpreta o Estado e a sociedade civil como instâncias idealizadas, dissocia a ideologia da sua relação real com a estrutura produtiva econômica, configurando-se então em meros locais para a "batalha das ideias", o que não interessaria ao empresário brasileiro, que ingenuamente (sem ninguém para abri-lo os olhos) confiaria sua manutenção ao "*adversário mais bondoso e compreensivo do mundo*", que na realidade prepararia assim, através do seu aparato ideológico, o terreno para que os revolucionários venham a apresentar-se como realmente são: as "*máquinas de matar*", que "*se orgulham de ser*". Obviamente, esta é uma deturpação frágil por ser geral, mas que apresenta claramente a existência da crise provocada pelo inimigo infiltrado e corroborada pela inconsequência da classe dominante, especialmente a brasileira, em permitir sua existência: seria "comprovada" a acusação na gestão do Estado capitalista pelo Partido dos Trabalhadores e na grande mídia pelo seu desinteresse em alinhar-se abertamente aos estratos mais reacionários da burguesia na luta contra os elementos ideológicos "externos" que estariam destruindo as "bases civilizacionais do Ocidente judaico-cristão", como a família, a Igreja, a comunidade, etc.

Deixemos claro, esta preocupação com que Olavo de Carvalho analisa a burguesia brasileira é retribuída por esta, que o dota de meios e rendimentos para levar esta luta adiante (presumimos que a retribuição financeira não é tão farta assim, o próprio reclama bastante sobre sua subsistência) – como já dito sua permanência nos EUA é financiada pelo Diário do Comércio, veículo de imprensa da Associação Comercial de São Paulo, onde o autor publica uma coluna e um suplemento próprio desde 2008. Segundo Guilherme Afif Domingos, presidente desta associação:

> A decisão de publicar a separata do Diário do Comércio com os principais artigos escritos por Olavo de Carvalho neste jornal visa permitir que as idéias, opiniões, informações e conclusões desse filósofo, jornalista, conferencista, escritor e, sobretudo, polemista, possam alcançar um número maior de brasileiros […] Os textos apresentados revelam a vasta cultura do autor, sua imensa capacidade de se informar e, principalmente de analisar as informações, seu raciocínio lógico e argumentação racional e, muitas vezes, sua contundência na defesa de suas posições. Como liberais, acreditamos no confronto das idéias, mas, infelizmente, o que se assiste no Brasil, é a predominância quase esmagadora, tanto na mídia, como nos

[239] CARVALHO, O. de. "A burguesia indefesa". *Diário do Comércio*. 17.08.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/editorial/7949-a-burguesia-indefesa.html, acessado em 08.10.10.

> ambientes universitários, de uma única corrente de pensamento [supostamente de esquerda], que, por ser muitas vezes diferenciada por nuances, leva a maioria dos observadores a acreditar que existe um debate verdadeiro[240].

Cabe-nos apresentar, de modo sintético, a conjuntura que determinou a necessidade da existência de um agrupamento partidário como MSM, a demanda criada pelo tipo de discurso político que propagam. O MSM surge como parte de uma onda maior, mundial, de partidos fascistas que acompanham a crise do capital – ou melhor, sua inevitável crise sob o capital-imperialismo (o que discutiremos em um capítulo específico adiante). No Brasil, com eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002, este tipo de discurso emerge rapidamente, revestido de um anticomunismo justificado como "preventivo", atentando para esta mudança no bloco no poder, novidade na autocracia burguesa brasileira. Lula marcou sua trajetória e identidade política como um ex operário surgido das lutas sindicais durante a ditadura civil militar empresarial, e membro fundador do maior partido de esquerda já existente no país, o Partido dos Trabalhadores, e da Central Única dos Trabalhadores, a CUT, cujo histórico de lutas marcaram profundamente a experiência da classe trabalhadora no Brasil nas décadas de oitenta e noventa. O partido durante a década de noventa irá passar por um processo de transformismo, abandonando o caráter classista e de superação do capitalismo pelo socialismo, por um reformismo em conformidade com o capital, do mesmo modo a CUT de uma central combativa passou a gerenciar os conflitos entre capital e trabalho. Não nos cabe aqui focar este processo, mas sublinhar que o PT em 2002 já não oferecia nenhum perigo evidente ao *status quo*[241]. Como muito bem assinala David Maciel:

> De um projeto de "revolução dentro da ordem" cujos desdobramentos carregavam as potencialidades de uma "revolução contra a ordem", para usarmos os conceitos de Florestan Fernandes, PT e CUT migraram para um projeto de "reforma dentro da ordem" que evoluiu posteriormente para a "reprodução da ordem" nos marcos do padrão de acumulação neoliberal e da autocracia burguesa reformada. No entanto, nesta fase este movimento transformista carregava uma particularidade importante, pois a cooptação de PT e CUT se baseou muito mais na capacidade que a autocracia burguesa demonstrou de condicionar e modelar sua ação política e social do que na incorporação de aspectos de seu projeto no programa político das classes dominantes[242].

[240]DOMINGOS, G. A. *Informar e estimular o debate*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/mundo_real/03_prefacio.htm, acessado em 10.09.10.

[241]Não nos cabe abordar profundamente o processo de transformismo do PT, mas indicamos as seguintes pesquisas: IASI, M. L. *As metamorfoses da consciência de classe*: o PT entre a negação e o consentimento. São Paulo: Expressão Popular, 2006; COELHO, E. *Uma esquerda para o capital*: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). op. cit. GARCIA, C. *PT: da ruptura com a lógica da diferença à sustentação da ordem*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2008. OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do "novo sindicalismo"*: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula. op. cit. BOITO JR., A. "A burguesia no governo Lula". *Crítica Marxista*, op. cit.

[242]MACIEL, D. "Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula". *Anais Marx e o marxismo 2011*: teoria e prática. Disponível em http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MM2011/TrabalhosPDF/AMC401F.pdf, acessado em 10.12.11.

Isto fica evidente na *Carta aos brasileiros* redigida naquele mesmo ano, e que foi o "*billet doux eleitoral de Lula para a comunidade empresarial, e a chave mestra para o acesso do PT às transações de porta fechadas com bancos e empreiteiras durante a campanha*"[243] – o ápice do processo transformista do partido. Entre vários compromissos políticos contidos nesta, destacam-se a manutenção da estabilidade econômica e política, estímulo à criação de um mercado interno de consumo de massas, a realização de reformas estruturais, o respeito aos contratos e obrigações com os organismos internacionais e a manutenção do equilíbrio fiscal. Dias entende que

> ao longo dos seus primeiros anos o PT tinha um diferencial em relação aos demais partidos. Propunha-se como partido acoplado aos movimentos sociais sem abandonar a via parlamentar. Repito: nos primeiros anos. O debate do pacto social, tanto no PT quanto na CUT, registrou a negativa da militância. Do mesmo modo, a ida ao Colégio Eleitoral. A crescente institucionalização do partido, que caminhou *pari passu* ao seu sucesso eleitoral, foi alterando um velho debate entre "partido de quadros e de massas". A perda das referências internacionais por parte dos trabalhadores foi utilizada progressivamente para pavimentar o caminho de uma compreensão da cidadania liberal desprovida de determinações classistas[244].

Nos dois mandatos de Lula (2002-2010), a combinação entre as políticas econômicas extremamente favoráveis ao capital financeiro, "*regime de metas de inflação, política de superávit primário, taxas de juros elevadas, câmbio valorizado*", e o retorno do financiamento estatal do grande capital, integrando as grandes empresas brasileiras na dinâmica imperialista, associadas às políticas sociais "compensatórias", de transferência direta de renda impuseram uma série de mudanças diretas para o capital no Brasil. No âmbito do capital financeiro o Brasil passou a ser protagonista de negociações, utilizando as políticas financeiras de Estado como objeto de barganha, o que aliado ao financiamento estatal, marcadamente através da figura do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e uma política externa "independente", propiciaram, segundo Maciel, "*uma nova etapa do capitalismo brasileiro*", que seria caracterizada "*pelo aprofundamento do padrão de acumulação dependente-associado* […] *sob comando do grande capital externo, encarnado na forma das empresas transnacionais e do capital financeiro*" [245]. Já as transnacionais brasileiras, em especial atuantes na América Latina e na África, excluem o médio e pequeno capital, mas articulam-se mais claramente ao Estado – que subsidia e prepara o campo político, econômico e jurídico para sua atuação – ao mesmo tempo em que operam capital bancário, financeiro e o grande capital industrial monopolista nacional. "*O Brasil está em*

---

[243]"*Lula's electoral billet-doux to the business community, and the key broker for the PT's backdoor transactions with banks and construction firms during the campaign*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. Vol. 33, nº. 7, 31.03.2011. Disponível em http://www.lrb.co.uk/v33/n07/perry-anderson/lulas-brazil, acessado em 10.09.11. Tradução nossa. *Billet doux*: carta de amor em francês.

[244]DIAS, E. F. "Democrático e popular?". *Outubro*. nº. 8. São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2003. p. 18-19.

[245]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. nº. 46. Brasília: ANDES-SN, 2010. p. 120-122.

terceiro lugar no ranking das 100 empresas de países 'emergentes' com o potencial para desafiar empresas transnacionais estadunidenses e européias [...] *São 14 as empresas com origem no Brasil, somente atrás de empresas da China e da Índia*”[246].

Este desenvolvimento está profundamente enraizado no Estado, seus dois grandes pilares são a política de crédito e política externa brasileira. Sobre a política de crédito é crucial a mudança de estatuto do BNDES em 2003, visando “*apoiar empresas com capital brasileiro na implantação de investimentos e projetos no exterior, mas com ênfase comercial, especialmente ligados aos projetos de integração regional*”. Será marcada pela falta de transparência aos critérios empregados para conceder tais empréstimos, sequer ocorrendo indicações sobre o repatriamento dos lucros obtidos no exterior, não existindo “*qualquer menção explícita a critérios ou fatores sociais, ambientais e trabalhistas para os financiamentos brasileiros no exterior*”. A falta de transparência deste processo, indica um procedimento, generalizado no segundo mandato de Lula, o da centralização destas decisões na figura do presidente e seu gabinete, obrigando os grandes capitalistas brasileiros a negociarem diretamente em Brasília seu acesso ao “Bolsa Capital”. Dentre as empresas subsidiadas figuram: Sadia e Perdigão (a Brasil Foods, sua fusão), Bertine, JBS, Ambev, Aracruz e Votorantim, Petrobrás, Ipiranga, Braskem, CSN, Gerdau, Usiminas, Vale, Embraer e Odebrecht. E sua política externa baseou-se na contradição, já que “*ao mesmo tempo que busca enfatizar sua autonomia e independência, deixa intactas as verdadeiras causas das assimetrias internacionais*”. Não interessado em alterar, ou até denunciar, as desigualdades inerentes ao capital-imperialismo, o governo Lula lutou para “*ser parte do jogo internacional como um jogador reconhecido, para poder se tornar mais um dos que 'ditam as regras', perpetuando e aprofundando os mecanismos de poder*”[247]. Como assinala Anderson:

> Nunca antes o capital foi tão próspero quanto no governo Lula. Basta apontar para o mercado de ações. Entre 2002 e 2010, a Bovespa superou todas as outras bolsas do mundo, subindo rapidamente 523 por cento, e agora representando o terceiro maior complexo de valores mobiliários de futuros de commodities na Terra. Enormes ganhos especulativos obtidos por uma burguesia moderna acostumada a apostar nos preços das ações. Para os setores mais numerosos e avessos a riscos da classe média, as taxas altíssimas de juros geraram rendimentos mais do que satisfatórios sobre os depósitos bancários simples. Transferências sociais duplicaram desde a década de 1980, mas os pagamentos da dívida pública triplicaram. Gastos com o *Bolsa Família* totalizaram meros 0,5 por cento do PIB. Os rendimentos obtidos da dívida pública tiveram um aumento massivo para 6-7 por cento. Receitas fiscais no Brasil são maiores que da maioria dos outros países em desenvolvimento, em 34 por cento do PIB, principalmente por causa dos compromissos sociais inscritos na Constituição de 1988, o ponto alto da democratização do país, quando o PT era ainda uma força crescente e radical. Mas os impostos continuaram assustadoramente regressivos.

---

[246]GARCIA, A. S. “Empresas transnacionais brasileiras: dupla frente de luta”. *In*. INSTITUTO ROSA LUXEMBURG STIFTUNG (org.). *Empresas transnacionais brasileiras na América Latina*: um debate necessário. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 11.
[247]Idem. p. 14-15.

> Aqueles que vivem com menos de dois salários mínimos perdem metade de sua renda para o Tesouro, aqueles que vivem com 30 vezes o salário mínimo perdem cerca de um quarto[248].

Em relação às classes subalternas, este período foi marcado pela ampliação das políticas de transferência direta de renda (através de programas federais), pela ampliação do crédito, e pelo encapsulamento das lutas da classe trabalhadora, através do movimento de cooptação das lideranças sindicais e pelo transformismo ocorrido dentro do Partido dos Trabalhadores. Os programas de combate à miséria estrutural do país foi o maior compromisso afirmado por Lula na sua campanha de 2002, que logo em seu primeiro ano deu origem ao fracassado Fome Zero. "*A acomodação dos ricos e poderosos seria necessário, mas a miséria teria de ser tratada com mais seriedade do que fora no passado*"[249]. Após esta experiência, no seu segundo ano de mandato, tendo como base os programas já existentes, é criado o Bolsa Família. Trata-se da transferência direta de renda para mães de baixíssima renda, que exige a matricula dos filhos da família na escola, bem como acompanhamento obrigatório do calendário de saúde (vacinas, etc.). Os valores são muito baixos, doze dólares por criança, em média trinta e cinco dólares mensais. Mas eles são feitos diretamente pelo governo federal, através de um cadastro único, e que atinge mais de doze milhões de domicílios, quase um quarto da população. Este programa, malgrado seu baixo custo efetivo teve enorme repercussão social, tornando-se o trunfo político mais eficiente de Lula. Ele alterou profundamente o quadro eleitoral, quebrando as correntes de poder local sobre os "currais eleitorais", como conhecidos popularmente, para vinculá-los diretamente ao governo federal – efeito ampliado pelos investimentos federais nos Estados, através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Da mesma forma, aproximando a figura do presidente com a população mais pobre, que anteriormente só conhecia a faceta repressiva do Estado, retirou parte do poder das famílias que controlam a grande imprensa brasileira:

> Para a mídia, a popularidade de Lula significou uma perda de poder. A partir de 1985 e com o fim do regime militar, foram os donos da imprensa e da televisão que, na prática, selecionaram os candidatos determinaram o resultado das eleições. O caso mais notório foi o apoio de Collor pelo império Globo, mas a coroação de Cardoso

---

[248]"*Never has capital so prospered as under Lula. It is enough to point to the stock market. Between 2002 and 2010, Bovespa outperformed every other bourse in the world, rocketing by 523 per cent; it now represents the third largest securities-futures-commodities complex on earth. Huge speculative gains accrued to a modern bourgeoisie accustomed to gambling on share prices. For more numerous and risk-averse sectors of the middle class, sky-high interest rates yielded more than satisfactory returns on simple bank deposits. Social transfers have doubled since the 1980s, but payments on the public debt trebled. Outlays on the Bolsa Família totalled a mere 0.5 per cent of GDP. Rentier incomes from the public debt took a massive 6-7 per cent. Fiscal receipts in Brazil are higher than in most other developing countries, at 34 per cent of GDP, largely because of social commitments inscribed in the constitution of 1988 at the high point of the country's democratisation, when the PT was still a rising radical force. But taxes have remained staggeringly regressive. Those living on less than twice the minimum wage lose half their income to the Treasury, those on 30 times the minimum wage a quarter of theirs*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

[249]"*Accommodation of the rich and powerful would be necessary, but misery had to be tackled more seriously than in the past*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

> pela imprensa, mesmo antes de apresentar suas intenções a candidatura, foi não menos impressionante. O relacionamento direto de Lula com as massas quebrou este circuito, cortando o papel da mídia na formação da cena política. Pela primeira vez, um governante não dependia de seus proprietários, e foi odiado por isto[250].

Do mesmo modo, os aumentos do salário mínimo tiveram importância, especialmente porque começaram ao mesmo tempo em que o governo petista enfrentava a exposição ampla da mídia sobre diversas práticas de corrupção. Até 2010, o aumento acumulado do mínimo foi de 50% (mesmo assim, o salário mínimo hoje é menor que o de 1986, em plena crise financeira[251]). Estes aumentos beneficiaram não só a população produtivamente ativa, mas como as pensões são indexadas ao salário mínimo, dezoito milhões de beneficiários da Previdência Social. Somando-se a estes aumentos, é necessário sublinhar o crescimento generalizado do crédito consignado. Estes empréstimos com desconto em folha, antes negados para a maioria da população, passaram a ser oferecidos para compra dos mais diversos bens, de eletrodomésticos até a casa própria, assim como a ampliação gigantesca do mercado de crédito. "*Combinados, transferências condicionais de dinheiro, salários mínimos mais altos e o novo acesso ao crédito desencadeou um aumento sustentado do consumo popular, e uma expansão do mercado interno que, finalmente, depois de uma longa estiagem, criou mais empregos*"[252].

Graças ao crescimento econômico, efeito da conjuntura internacional durante o primeiro mandato de Lula, e o aumento da exportação da soja e de minério, especialmente pela demanda chinesa, e com as taxas de juros financeiras nos EUA mantidas artificialmente até o estouro da bolha imobiliária em 2008, o Produto Interno Bruto brasileiro cresceu cerca de quatro por cento entre os anos de 2004 e 2006. Recuperação que passou a gerar para o Estado receitas maiores, garantidas prioritariamente para o pagamento dos juros da dívida interna, superior a dois trilhões de reais, e externa, superior a trezentos e cinco bilhões de dólares (a dívida externa chegou a ser dada como paga pela publicidade oficial, quando na verdade significava que o acúmulo das reservas cambiais brasileiras se igualara a dívida).

Tais posicionamentos apontam como resultado principal a maior redução da pobreza na história brasileira, sendo que o número de pobres teria caído de cerca de cinquenta para trinta milhões em seis anos, e o número de indigentes diminuiu pela metade. Isto não significa que o

---

[250]"*For the media, Lula's popularity meant a loss of power. From 1985 and the end of military rule, it was the owners of the press and television who in practice selected candidates and determined the outcome of elections. The most notorious case was the backing of Collor by the Globo empire, but the coronation of Cardoso by the press, before he had even thrown his hat into the ring, was scarcely less impressive. Lula's direct rapport with the masses broke this circuit, cutting out the media's role in shaping the political scene. For the first time, a ruler did not depend on their proprietors, and they hated him for this*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

[251]DIEESE. *Médias anuais do salário mínimo*. Disponível em http://www.dieese.org.br/esp/salmin/tabela.zip, acessado em 10.09.11.

[252]"*Together, conditional cash transfers, higher minimum wages and novel access to credit set off a sustained rise in popular consumption, and an expansion of the domestic market that finally, after a long drought, created more jobs*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

problema social tenha sido solucionado, ou mesmo que a desigualdade tenha diminuído. O país ainda possuí cerca de nove milhões e meio de famintos, vinte por cento da população com mais de quinze anos é analfabeta, há um déficit de oito milhões de moradias, além de mais de onze milhões de moradias em domicílios inadequados, e uma taxa de desemprego na média de quatorze por cento nas Regiões Metropolitanas, segundos dados de 2009, taxa que aplicada ao número total da população economicamente ativa no país nos dá o número de cerca de quatorze milhões e cem mil desempregados.

Então, concordando com Maciel, não podemos ser ingênuos diante dos números, estas mudanças tiveram um impacto modesto na estrutura social brasileira, se analisadas tendo em vista a concentração de renda e a superexploração do trabalho. Primeiro, se o acumulado do PIB entre 2004 e 2008 foi de cerca de vinte e seis por cento, o crescimento do emprego foi de apenas treze e meio por cento, sendo a maioria destes na geração de empregos de menor qualificação e de menor renda. Segundo, embora uma pesquisa do IPEA, que dividiu a população total do país em três faixas de renda entre os anos de 1995 e 2008, a faixa mais pobre teria diminuído de trinta e quatro para vinte e seis por cento da população, a faixa média teria aumentado de cerca de vinte e dois para trinta e sete por cento e a faixa superior de renda teria diminuído de cerca de quarenta e quatro para trinta e sete por cento, o mesmo IPEA apontou em 2008 a pobreza extrema atingia cerca de vinte e nove por cento da população total[253]. E esta "nova classe média", anunciada no exterior como a maior das vitórias do capitalismo na América Latina, precisa ser compreendida socialmente, pois apesar de seu aumento nos rendimentos, ela corresponde à classe trabalhadora, em condições de expropriação e exploração cada vez mais agudas:

> […] desde a virada de 2005 em diante, os rendimentos dos salários do decil mais pobre da população teria crescido quase o dobro em comparação com os salários do decil mais rico. Melhor de tudo, cerca de 25 milhões de pessoas moveram-se para as fileiras da classe média, daqui para diante a maioria da nação. Para muitos comentaristas, nacionais e estrangeiros, este é o desenvolvimento mais esperançoso da presidência de Lula. Esta é a *pièce de résistance* ideológica nas contas brilhantes de ladrões de loja como o editor responsável pela América Latina para o *Economist*, Michael Reid, ansioso para tremular esta nova classe média no Brasil como o farol de uma estável democracia capitalista na "batalha pelas almas" de um "continente esquecido"contra perigosos agitadores e extremistas. Grande parte deste aclamação repousa sobre um artifício de categorização, sendo que alguém com um rendimento tão baixo quanto 7000 dólares por ano (o pauperismo está outros lugares) é classificado como "classe média", enquanto que de acordo com o mesmo esquema utilizado pela classe mais alta - a super elite de sociedade brasileira, compreendendo apenas 2 por cento da população - começa em quase o dobro da renda média per capita da população do mundo. Márcio Pochmann, chefe do principal instituto do país em pesquisa econômica aplicada, tem incisivamente observado que uma descrição mais acurada do que a tão falada nova classe média, seria simplesmente a

[253]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 126.

de "trabalhadores pobres"[254].

A desigualdade continua nos mesmos patamares. Mesmo as pesquisas mais otimistas apontam somente a diminuição de cerca de meio por cento[255]. Indica-se uma estimativa em que "*entre 10.000 e 15.000 famílias recebam a sua parte no leão dos 120 bilhões de dólares de pagamentos anuais da dívida pública (o custo do Bolsa Família é de 6,9 bilhões de dólares)*", sendo que na última década existiu um aumento sem precedentes no números de milionários brasileiros. "*A explosão do mercado de ações por si só deveria ser advertência suficiente contra qualquer ingenuidade acerca deste assunto*"[256].

Mas o alcance hegemônico do projeto ultraliberal nos anos de Lula não se deu pela mera manutenção das políticas estatais anteriores, trata-se de uma mudança qualitativa, que teve como principais fatores os movimentos transformistas operados sobre as entidades representativas da classe trabalhadora. Notadamente a CUT, que passa da independência e reivindicação para a institucionalização dentro de espaços no Estado capitalista e assume plenamente o papel de mediador entre o capital e trabalho – justificados pela manutenção da "governabilidade" nos primeiros anos da gestão federal petista, e depois pela sua contribuição num "novo" projeto para o Estado brasileiro.

A partir de 2003, a CUT abdica plenamente sua postura crítica, deixando de organizar a classe trabalhadora para enfatizar seu papel na gestão de Lula, apoiando a reforma sindical governista, que "*sem abolir o sindicalismo de Estado, conferirá um enorme poder decisório em econômico às centrais sindicais em relação às entidades sindicais e estruturas confederativas*", o que para Maciel significará "*a adesão definitiva do núcleo duro do novo sindicalismo ao estatismo da estrutura sindical brasileira*"[257]. Este movimento desdobrará cisões, seja pela saída de setores da esquerda, que irão vir a formar novas centrais combativas, como a Intersindical e a Conlutas (mais tarde CSP-Conlutas), ou de partidos e grupos ditos de esquerda que irão aproveitar as vantagens

---

[254]"[…] *from the turning point of 2005 onwards, the incomes of the poorest decile of the population purport to have grown at nearly double the rate of those in the top decile. Best of all, some 25 million people have moved into the ranks of the middle class, henceforward a majority of the nation. For many commentators, domestic and foreign, this is the most hopeful single development of Lula's presidency. It is the ideological* pièce de résistance *in the glowing accounts of boosters like the Latin American editor of the* Economist, *Michael Reid, eager to hold up the new middle class in Brazil as the beacon of a stable capitalist democracy in the 'battle for the soul' of a 'forgotten continent' against dangerous rabble-rousers and extremists. Much of this acclaim rests on an artifice of categorisation, in which someone with an income as low as $7000 a year (pauperism elsewhere) is classified as 'middle class', while according to the same schema the uppermost class – the super-elite of Brazilian society, comprising just 2 per cent of the population – starts at scarcely twice the average per capita income of the world's population. Marcio Pochmann, the head of the country's leading institute of applied economic research, has trenchantly remarked that a more accurate description of the much touted new middle strata would be simply 'the working poor'*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

[255]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 126.

[256]"*The explosion of the stock market alone should be warning enough against any naivety on this score*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

[257]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 130-131.

econômicas e políticas propiciadas pela reforma sindical, especialmente em "*dotar à direção das centrais sindicais de um controle maior sobre as suas bases e de modo a provê-las com fundos financeiros vultuosos*"[258], tal como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) que irá fundar a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), disseminando pelo movimento sindical o apoio organizado ao governo petista e a hegemonia ultraliberal (defendendo sua forma "moderada")[259]. Sobre a CUT no governo Lula, Maciel nos diz que:

> Suas críticas a aspectos da ação governamental como a política de juros altos, o câmbio valorizado ou as metas de superávit primário, não chegam a se transformar em mobilização e oposição ao governo, prevalecendo a orientação corporativista que vem dos anos 90. De fato, a CUT ampliou sua inserção institucional no governo Lula, participando de instâncias tripartites como o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, o Fórum Nacional do Trabalho, além de indicar dirigentes para o governo, entre outros, como Luis Marinho, ex-presidente da central que assumiu o Ministério do Trabalho e Emprego e posteriormente o Ministério da Previdência. Com isto a CUT continuou sendo a maior central sindical do país, reforçando-se como aparelho sindical com a reforma sindical parcial de 2008, que reconheceu as centrais sindicais como instâncias superiores da estrutura sindical estatal e possibilitou-lhes o acesso à uma parte expressiva da contribuição sindical, garantindo assim sua sustentação financeira. Além disso, a reforma sindical do governo Lula contribuiu poderosamente para o crescimento numérico das centrais sindicais, pois se em 2001 apenas 38% dos sindicatos eram filiados a alguma central, em 2011 esta porcentagem subiu para 68,35%. Assim, de central sindical criada para combater a estrutura sindical estatal, a CUT transformou-se em parte de suas instâncias máximas, completando o ciclo transformista iniciado com a reforma sindical do regime militar ainda no final dos anos 70[260].

Este "estilhaçamento" em diversas centrais é característico da crise ainda vivenciada pela esquerda brasileira, que no âmbito sindical concorre pela desmobilização extensiva da classe trabalhadora dirigida pelas centrais e partidos aliados do governo federal. Esta fica evidente nos dados sobre a taxa de sindicalização, se nos anos 1980 a taxa de sindicalizados correspondia a mais de 30% da força formal de trabalho no Brasil, nos dias de hoje ela gira em torno de 17%[261], desconsiderando aqui o aumento massivo da força informal de trabalho entre as duas décadas. "*O governo Lula enredou a esquerda socialista e os movimentos sociais combativos numa armadilha, que, aqui, estamos chamando de armadilha lulista, desdobrada em duas frentes*". A primeira destas é a chamada "*tese do mal menor, ou seja, ruim com Lula, pior com o PSDB/PFL-DEM, o que significa considerar o neoliberalismo moderado de Lula preferível ao neoliberalismo extremado, de* [Geraldo] *Alckmin, em 2006, e agora, de* [José] *Serra*". Já a segunda frente da armadilha

---

[258]BOITO JR., A.; GALVÃO, A.; MARCELINO, P. *Brasil*: o movimento sindical e popular na década de 2000. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal26/05boito.pdf, acessado em 10.11.11.
[259]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 131.
[260]MACIEL, D. "Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula". *Anais Marx e o marxismo 2011*: teoria e prática. op. cit.
[261]ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit.

caracteriza-se pelo "*receio de denunciar o caráter anti-popular do governo Lula e fechar a possibilidade de interlocução com as massas lulistas e com parte do próprio movimento social*"[262]. Embora já existam dados que mostram que os movimentos de greve e de contestação popular passaram a se organizar de modo cada vez maior a partir de 2004, estas ações são em sua grande maioria defensivas e com reivindicações salariais[263]. A partir de 2010 surgiram de modo mais explícito greves e ocupações de fundo político, também graças a certa consolidação das centrais de esquerda (onde o próprio aparelho sindical cutista e associados, como a Força Sindical, sua antiga "concorrente", e a CTB fizeram o papel de delegados do capital contra os trabalhadores) e no âmbito estudantil da Assembléia Nacional dos Estudantes – Livre (ANEL), mas ainda não se observa uma resolução breve para esta crise. "*O governo Lula se diferencia dos governos neoliberais anteriores, pois levou à incapacidade dos trabalhadores de viabilizar um projeto histórico alternativo a níveis ainda não vistos depois da Ditadura Militar*", sendo que "*a tarefa de construir uma alternativa política e social é longa e árdua*"[264].

Assim, nos anos Lula, abriu-se um "nicho de mercado", representado pelo interesse na existência e demanda de público para os "serviços" oferecidos pelo MSM. Para este empreendimento alçar estabilidade ainda faltava garantir sua produção e circulação. Em um *site*, tal qual uma revista ou jornal, só há consumo pelo leitor se existe quantidade relevante de material produzido, divulgado em espaços de tempo contínuos. Para se mensurar como isto se dá na internet, podemos utilizar como exemplo as ferramentas de *feed* RSS, abreviatura de *Rich Site Summary* (RSS 0.91), *RDF Site Summary* (RSS 0.9 e 1.0) ou *Really Simple Syndication* (RSS 2.0), padronizado na linguagem XML. Estas ferramentas fornecem listas de atualizações de *sites* assinalados pelo usuário em tempo real. Ou seja, sem uma quantidade assegurada de material a ser disponibilizado regularmente, não há como se manter um índice de visitantes, ou melhor, possíveis leitores e militantes.

Olavo de Carvalho se cercará de diversos associados neste empreendimento, embora cada um destes com pesos simbólicos e culturais distintos. Este peso pode ser mensurado pelo currículo anterior de cada um, como nos casos de Ipojuca Pontes e Denis Rosenfield; ou pela relevância que ganhará com discussões específicas, caso de Graça Salgado acerca da América Latina e o Foro de São Paulo, ou Júlio Severo como ativista "pró-família"; ou ainda como "vulgarizadores", que providenciam leituras cotidianas, baseados em proposições anteriores, como Tibiriçá Ramaglio,

---

[262]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 131.
[263]Estes dados encontram-se em BOITO JR., A.; GALVÃO, A.; MARCELINO, P. *Brasil*: o movimento sindical e popular na década de 2000. op. cit.
[264]MACIEL, D. "Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula". *Anais Marx e o marxismo 2011*: teoria e prática. op. cit.

Klauber Cristofen Pires ou Carlos Azambuja[265]. Obviamente, estas qualificações não são rígidas, mas que em uma leitura posterior do material produzido e somando-se ao peso político específico de cada um, nos ajudam compreender o funcionamento do MSM. Como já indicado, esta rede de autores constituiu-se em torno de Carvalho, que havia utilizado seu próprio *site* como tubo de ensaio para o que veio a ser o MSM, publicando artigos de diversos destes autores, além de utilizar seus cursos de filosofia como momento de cooptação e normatização ideológica. A rede extrapartidária do MSM ainda era incipiente em 2002, como se vê na tabela abaixo:

TABELA 10: Publicações de "alunos e amigos" em 23.09.02:

Publicação	***Site* (alguns já fora do ar)**	**Comentário de Olavo de Carvalho**
O Indivíduo	http://www.oindividuo.com	"*Diz um dos editores, Pedro Sette Câmara: 'Homepage do polêmico jornal lançado por universitários da PUC - Rio, em grande parte inspirado nas idéias de Olavo de Carvalho* [...] *O jornal se opõe ao discurso universitário emburrecedor'*"
Ronaldo Castro	http://www.icones.com.br/astra/filo/filo.html	"*Homepage de um dos mais talentosos discípulos de Olavo de Carvalho. Página de filosofia, simbolismo e ciências tradicionais. Traz, além de vários textos de Olavo de Carvalho, a conferência do poeta e filósofo Ângelo Monteiro, Apresentação de Olavo de Carvalho na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, e a tese de Ronaldo Castro, A simbólica na busca da unidade do saber*"
Chez Moi (Equador)	http://www.geocities.com.Paris/LeftBank/2574/	"*Simpática e inteligente homepage de uma ex-aluna. Traz vários textos de Olavo de Carvalho*"
Mendo Castro Henriques	http://www.terravista.pt/PortoSanto/1139/	"*Mendo Castro Henriques, professor da Universidade Católica Portuguesa, mantém esta homepage, onde você encontrará um excelente estudo sobre a 'Política' de Aristóteles, além de ensaios sobre Fernando Pessoa, Eric Voegelin, Pascal e outros autores*"
O melhor abandonado	http://www.geocities.com/Paris/Villa/5364/	"*José Carlos Zamboni, um professor de literatura que – pasmem – sabe escrever, mostra que ainda há vida inteligente no Brasil*"
José Osvaldo de Meira Penna	http://www.meirapenna.org/	"*Artigos e conferência do maior dos nossos escritores liberais*"

FONTE: CARVALHO, O. de. *Publicações de alunos e amigos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2, acessado em 09.10.10.

O aumento destas publicações está ligado diretamente com o aumento do alcance da rede no Brasil, o que passou a gerar maior interesse sobre este tipo de atuação política (não só por grupos que já se organizavam em torno da internet como o MSM) e com o desenvolvimento de formas simplificadas para a produção de conteúdos por usuários comuns, como o Blogger ou o Youtube. Mesmo assim, em comparação com outros grupos, esta rede já indicava a preocupação do MSM em ampliar a ocupação destes espaços virtuais. Esta organização pode ser observada na tabela seguinte:

[265]Informações relativas a cada um destes colunistas do MSM encontram-se nas tabelas seguintes.

TABELA 11: Colunistas do MSM em 02.04.03:

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Alceu Garcia (pseudônimo)	Brasileira	Não consta	5	http://www.oindividuo.com/; http://offmidia.blogspot.com
Antonio Roberto Batista	Brasileira	Médico, com mestrado em sociologia pela USP	1	Não consta
Argemiro Luis Brum	Brasileira	Professor do DECon/UNIJUI, Doutor pela EHESS de Paris-França, coordenador, analista e pesquisador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (CEEMA).	1	Não consta
Bráulio Porto Matos	Brasileira	Professor da faculdade de Educação da UNB	1	Não consta
Bruno Moretzshon	Brasileira	Não consta	3	http://offmidia.blogspot.com
Carlos Alberto Reis Lima	Brasileira	Médico neurologista, também formado em História e Ciência Política na UFRGS em nível de Mestrado.	18	Não consta
Denis Lerrer Rosenfield	Brasileira	Professor de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com doutorado de Estado em Filosofia pela Universidade de Paris, é autor, entre outras obras, de *Hegel* e editor da revista *Filosofia Política*.	2	Não consta
Diogo Chiuso	Brasileira	Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda	4	http://www.oexpressionista.com.br
Evandro Ferreira	Brasileira	É jornalista e designer gráfico. Cursou arquitetura por dois anos em Brasília, e se formou em publicidade em Belo Horizonte	7	http://www.outonos.com
Félix Maier	Brasileira	É militar da reserva e escritor	9	http://www.usinadeletras.com.br; http://www.ternuma.com.br; http://www.navedapalavra.com.br; http://www.angelfire.com/sc3/ricardobergamini/
Fernando Carneiro	Brasileira	Não consta	1	Não consta
Graça Salgueiro	Brasileira	Psicóloga clínica	8	Não consta
Guilherme de Almeida	Brasileira	Engenheiro civil e advogado.	1	Não consta
Heitor de Paola	Brasileira	Médico, psicanalista, escritor e comentarista político	10	Não consta

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Henri Yves Pinal Carrières	Brasileira	Cursa História na Universidade Federal Fluminense (hoje é diplomata)	6	
Henrique Dmyterko	Brasileira	Engenheiro mecânico, tradutor e professor	2	
Huascar Terra do Valle	Brasileira	Advogado, escritor e poeta	16	http://www.grupoinconfidencia.com.br
Ipojuca Pontes	Brasileira	Cineasta, diretor, jornalista, escritor e ex Ministro da Cultura do governo Collor	2	Não consta
José Osvaldo de Meira Penna	Brasileira	Advogado pela Universidade do Brasil, ingressou na carreira diplomática em 1938. Cursou também a Universidade de Columbia (Nova Iorque), o Instituto Carl Gustav Jung de Psicologia (Zurique), e a Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro. Foi secretário-geral adjunto do Ministério das Relações Exteriores para a Europa Oriental e a Ásia, e embaixador em Israel, Nigéria, Noruega, Equador e Polônia Criou em 1986, a Sociedade Tocqueville. Presidiu o Instituto Liberal de Brasília e é membro da Sociedade Mont Pélérin	3	http://www.meirapenna.org; http://www.essencial.com.br/il/
Jan Lamprecht	Zimbábue	Escritor	0	http://www.africancrisis.org
Janer Cristaldo	Brasileira	Bacharel em direito, graduado em filosofia, é escritor e trabalha como tradutor, e articulista de jornais *online* e *sites* do Brasil.	4	Não consta
João Accioly	Brasileira	Advogado	1	Não consta
José Nivaldo Cordeiro	Brasileira	Economista e mestre em Administração de Empresas na FGV-SP	16	Não consta

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Márcio Chalegre Coimbra	Brasileira	Advogado. Professor dos Departamentos de Direito e Relações Internacionais da Universidade Católica de Brasília e UniCEUB - Centro Universitário de Brasília. PIL pela Harvard Law School. MBA em Direito Econômico pela Fundação Getúlio Vargas. Especialista em Direito Internacional pela UFRGS. Mestrando em Relações Internacionais pela UnB. Vice-Presidente do Conil - Conselho Nacional dos Institutos Liberais pelo Distrito Federal. Sócio do IEE - Instituto de Estudos Empresariais	1	http://www.direito.com.br
Maria Inês de Carvalho	Brasileira	Não consta, filha de Olavo de Carvalho	2	Não consta
Maria Lucia Victor Barbosa	Brasileira	Graduou-se em Sociologia e Política e Administração Pública pela UFMG. Socióloga, professora universitária e escritora	8	Não consta
Martim Vasques da Cunha d'Eça	Brasileira	Escritor e jornalista	2	http://www.oindividuo.com/
Milla Kette	Brasileira	Escritora e empresária residente em Ohio/EUA	20	http://www.politicars.com.br/milla.htm; http://www.pd-literatura.com.br; http://www.dominiofeminino.com.br; http://www.oexpressionista.com.br; http://www.offmidia.com/
Olavo de Carvalho	Brasileira	Filósofo, escritor e jornalista	15	www.olavodecarvalho.org, www.seminariodefilosofia.org
Patrícia C. de Andrade	Brasileira	Não consta	3	Não consta
Paulo Diniz Zamboni	Brasileira	Professor de História e Geografia	22	Não consta
Paulo Leite	Brasileira	Jornalista residente em Washington/EUA	26	http://www.offmidia.com/
Pedro Paulo Rocha	Brasileira	Não consta, autor de *A psicanálise no divã*	1	Não consta
Percival Puggina	Brasileira	Arquiteto, empresário e escritor	7	Não consta
Ricardo Alfaya Saravia	Brasileira	Não consta (presidente do Conselho de Meio Ambiente de Candiota/2008)	1	Não consta
Roxane Andrade de Sousa	Brasileira	Não consta, esposa de Olavo de Carvalho	1	Não consta

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Sandro Guidalli	Brasileira	Jornalista	64	http://guidalli.blogspot.com
Tadeu Viapiana	Brasileira	Economista, diretor de comunicação e marketing	3	Não consta

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em http://replay.waybackmachine.org/20030402124624/http://midiasemmascara.org/autor.asp?cod=69, acessado em 13.04.1.

Não podemos admitir o caráter de empreendimento individual que Carvalho tenta afirmar ao observarmos a pluralidade e quantidade de articulistas que publicaram naquele primeiro ano no MSM. Do mesmo modo observa-se que a quantidade de material produzido não remete diretamente a importância do colunista, atentando para o caráter normatizador, ou editorial, dos textos produzidos por Olavo de Carvalho, Heitor de Paola, José Osvaldo de Meira Penna ou Percival Puggina, que não constituem a maior parte do material produzido. Neste momento foi marcante a participação dos colunistas menores em difundir o MSM através do confronto ideológico em espaços virtuais, especialmente através do *site* Mídia Independente[266]. Neste *site* qualquer cadastrado pode enviar textos, opiniões e comentários de caráter jornalístico, e foi amplamente explorado por colunistas menores, "vulgarizadores", como Paulo Leite, Sandro Guidalli e Milla Kette. Estes foram responsáveis por uma série de discussões naquele *site*, fazendo uma divulgação importante para o MSM em seu início.

Os *links* listados na primeira edição do MSM dão conta de dois colunistas (Diego Casagrande e Martim Vasques da Cunha), dois jornais nacionais, *O Estado de São Paulo* e o *Zero Hora*, além de órgãos de imprensa e jornalistas estrangeiros. A mera comparação com a lista de *sites* mantidos diretamente pelos atuais colunistas do MSM (que no mês de dezembro de 2010 encontrava-se em sua "edição" de número 214) cujo domínio hoje é propriedade de Edson Camargo Alves, morador de Curitiba, Paraná, descrito como editor-executivo do *site*[267] (e que tem disponível mais de 300 megas de conteúdo), nos permite vislumbrar o seu crescimento quantitativo e qualitativo:

[266]O Centro de Mídia Independente (CMI Brasil) apresenta-se como "*uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. O CMI Brasil quer dar voz à quem não têm voz constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que frequentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses das elites econômicas, sociais e culturais*". Sua estrutura permite que "*que qualquer pessoa disponibilize textos, vídeos, sons e imagens*", assim tornando-se um lugar privilegiado para a disseminação e confrontação dos textos do MSM. Sua ferramenta de busca indica 290 postagens que incluem o nome de Olavo de Carvalho e 264 relativos ao MSM. Mais informações disponíveis em CMI Brasil. *Leia com atenção*. Disponível em http://prod.midiaindependente.org/indymediabr/servlet/OpenMir, acessado em 14.11.11.
[267]Dados disponíveis em http://registro.br/, acessado em 10.09.10. O *site* cujo registro foi verificado é o www.midiasemmascara.com.br, o qual é redirecionado automaticamente para o domínio www.midiasemamascara.org.

TABELA 12: Atuais colunistas do MSM:

Nome	Nacionalidade	Profissão*	Artigos**	*Site*
Carlos Azambuja	Brasileira	Historiador	61 artigos desde 2004	Não consta
Marcus Boeira	Brasileira	Advogado, doutorando em Direito do Estado pela USP e professor universitário	19 artigos desde 2009	http://marcusboeira.blogspot.com
Leonardo Bruno	Brasileira	Advogado	25 artigos desde 2004	http://cavaleiroconde.blogspot.com
Olavo de Carvalho	Brasileira	Filósofo, escritor e jornalista	101 artigos desde 2004, além do programa de rádio semanal	www.olavodecarvalho.org, www.seminariodefilosofia.org, http://theinteramerican.org/
José Nivaldo Cordeiro	Brasileira	Empresário, economista, mestre em Administração de Empresas pela FGV	101 artigos desde 2009	Não consta
Fernando Lobo d´Eça	Brasileira	Advogado tributarista	2 artigos desde 2008	Não consta
Alejandro Peña Esclusa	Venezuelana	Ex-candidato à presidência na Venezuela e presidente das ONG´s Fuerza Solidária e da Uno América	44 artigos desde 2005	http://www.fuerzasolidaria.org, http://www.unoamerica.org
Cicero Harada	Brasileira	Advogado, ex-procurador do Estado de São Paulo e Conselheiro da OAB	2 artigos desde 2009	Não consta
John Haskins	Estadunidense	Escritor e jornalista	Seção internacional	www.undergroundjournal.net
Ubiratan Iorio	Brasileira	Economista e presidente do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP)	29 artigos desde 2004	www.ubirataniorio.org
Alan Keyes	Estadunidense	Advogado, ex-diplomata norte-americano (administração Reagan) e ex-candidato à presidência do mesmo país	1 artigo desde 2009	www.alankeyes.com, www.aipnews.com, www.selfgovernement.us
Eduardo Mackenzie	Franco-colombiana	Jornalista, escritor e investigador ligado ao *Institut d´Histoire Sociale* (Nanterre, França)	36 artigos desde 2009	Não consta
Félix Maier	Brasileira	Escritor	45 artigos desde 2004	Não consta
Jeffrey Nyquist	Estadunidense	Sociólogo	30 artigos desde 2004	www.jrnyquist.com
Heitor de Paola	Brasileira	Médico, psicanalista, escritor e comentarista político	91 artigos de 2004	www.heitordepaola.com, www.escolasempartido.org
Daniel Pipes*	Estadunidense	Historiador, especialista em Oriente Médio e professor universitário	45 artigos desde 2004	http://www.danielpipes.org

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Klauber Cristofen Pires	Brasileira	Bacharel em Ciências Náuticas, analista da Receita Federal, condecorado como Colaborador Emérito do Exército Brasileiro	110 artigos de 2009	http://libertatum.blogspot.com
Ipojuca Pontes	Brasileira	Cineasta, diretor, jornalista, escritor e ex Ministro da Cultura do governo Collor	91 artigos desde 2004	Não consta
Percival Puggina	Brasileira	Arquiteto, empresário e escritor	105 artigos desde 2005	www.puggina.org
Cel. Luis Alberto Villamarin Pulido	Colombiana	Coronel na reserva do Exército Colombiano, escritor e membro das Academias de História de Huila, Militar da Colômbia e da Sociedade Bolivariana de História	56 artigos desde 2005	http://www.luisvillamarin.co.nr
Tibiriça Ramaglio	Brasileira	Blogueiro	32 artigos desde 2009	http://observatoriodepiratininga.blogspot.com
Carlos Reis	Brasileira	Médico neurologista, mestre em história e ciência política pela UFRGS	31 artigos desde 2004	Não consta
José Antônio Giusti Tavares	Brasileira	Doutor em Ciência Política e Professor de Ciência Política no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi Pesquisador Associado no *Centre d'Études et de Recherches Internationales*, *Fondation Nationale des Sciences Politiques*, em Paris; *Guest Scholar* e *Visiting Fellow* do *Helen Kellogg Institute for International Studies*, *Notre Dame University*, em Indiana, US. Autor dos livros *A estrutura do autoritarismo brasileiro*, *Sistemas eleitorais nas democracias contemporâneas* e *Representação política e governo*. Organizador e coautor de *Totalitarismo tardio – o caso do PT*	02 artigos desde 2011	Não consta
Cel. Jorge Batista Ribeiro	Brasileira	Coronel do Exército e cientista social	Não consta	Não consta
"The Rightwatcher"	Presume-se que brasileira	Blogueiro especialista em ficção "nerd"	7 artigos desde 2009	Não consta
Graça Salgueiro	Brasileira	Psicóloga clínica e analista política	70 artigos desde 2004	http://notalatina.blogspot.com
Julio Severo	Brasileira	Ativista cristão e escritor	77 artigos desde 2004	www.juliosevero.com, http://escolaemcasa.blogspot.com

*Descrição fornecida pelo próprio MSM. **Número de artigos também fornecidos pelo MSM, e que não correspondem nem ao total de artigos de todos os autores nem todos os que já publicaram no portal. FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/colunistas.html, acessado em 10.05.11.

Esta tabela nos indica que o MSM foi bem sucedido em sua estratégia para a consolidação de seus quadros, mesmo com a diminuição numérica indicada pela segunda tabela, observou-se um salto qualitativo na organicidade destes. Caso da formação de “especialistas” em determinadas áreas sociais, caso já citado de Júlio Severo e Graça Salgueiro[268], além de Marcus Boeira e “The Rightwatcher”. E aproximando-se de grupos reacionários internacionais, com textos de autores como Alejandro Peña Esclusa (atualmente preso na Venezuela por sua participação na tentativa de Golpe de Estado contra Hugo Chavez), Alan Keyes, Eduardo Mackenzie e o Cel. Luis Alberto Villamarin Pulido. De maneira geral, seus avanços não foram em encontro aos intelectuais acadêmicos brasileiros, sendo o único cooptado neste sentido José Antônio Giusti Tavares, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (que soma-se a Denis Rosenfield). No ambiente acadêmico servem de referência ideológica para grupúsculos fascistas, tal como a União Conservadora Cristã (UCC). A UCC na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde conta com um “núcleo” de duas pessoas, e na Universidade de São Paulo (USP), com quatorze pessoas – mesmo com uma quantidade mínima de militantes, na USP, na eleição para o Diretório Central dos Estudantes da USP em 2011 sua chapa ficou em quinto lugar entre as dez concorrentes[269]. O único grupo no movimento estudantil vinculado organizamente ao MSM é o da Juventude Conservadora da UNB, organizado por Felipe Melo e que coordenam a gestão 2011/2012 do Diretório Central dos Estudantes daquela Universidade. Antonio José de Pinho, bacharel em Letras e mestre em Linguística, já organiza um grupo semelhante na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao qual são solidários[270]. Em seu “manifesto” declaram que sua existência se daria

> [...] em virtude do recrudescimento das ações e do comportamento dos ditos “libertários” – que se valem de suas bandeiras “emancipadoras” e autoafirmativas para justificar comportamentos reacionários e intolerantes –, faz-se extremamente necessário um contraponto, uma outra visão de tudo o que anda acontecendo. A Juventude Conservadora da UnB surge com essa proposta invocando o sagrado preceito democrático da liberdade de pensamento e expressão [...] e no senso de responsabilidade e justeza imprescindível ao exercício da Cidadania [...] Somos um grupo de estudantes que pensa de maneira semelhante e que, frente à crise instalada na UnB, recusa-se a ficar em silêncio[271].

---

[268]Graça Salgueiro fez “*parte de um grupo de alunos do Recife, que se reúnem mensalmente para assistir às fitas do Seminário de Filosofia e depois me enviam perguntas por e-mail ou telefone. — O. de C.*”. CARVALHO, O. de. *Minha aluna e Marcos Bagno*. Carta e comentários. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/bagno.htm, acessado em 23.09.11.

[269]ALVES, N.; GALHARDO, R. “Extrema direita universitária se alia a skinheads. Jovens estudantes neo-conservadores fogem ao estereotipo de arruaceiros mas defendem ação violenta das gangues”. *Ig.* 26.09.11. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/extrema-direita-universitaria-se-alia-a-skinheads/n1597226175495.html, acessado em 14.11.11.

[270]JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Conservadores da UFSC, bem vindos!* Disponível em http://unbconservadora.blogspot.com.br/2012/05/conservadores-da-ufsc-bem-vindos.html, acessado em 21.04.12.

[271]JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Manifesto da Juventude Conservadora da UnB.* Disponível em

Garantida a produção, faltaria ainda definir o nicho específico do público consumidor a ser atingido, seu público-alvo, a quem se dirigirá preferencialmente, baseando-se seja em pesquisas de opinião ou o supondo, como público que necessita ou deseja determinado produto. Não nos cabe aqui mensurar quantitativamente o público do MSM, mas explicitar que seus intelectuais trabalham conscientemente na apropriação de imagens, preconceitos e conhecimentos cotidianos produzidos e reconhecidos como seus por um estrato social em uma determinada formação social[272]. Sendo então que:

> Linguagem significa também cultura e filosofia (ainda que no nível do senso comum) e, portanto, o fato "linguagem" é, na realidade, uma multiplicidade de fatos mais ou menos organicamente coerentes e coordenados: no limite, pode-se dizer que todo ser falante tem uma linguagem pessoal e própria, isto é, um modo pessoal de pensar e sentir. A cultura, em seus vários níveis unifica uma maior ou menor quantidade de indivíduos em estratos numerosos, mais ou menos em contato expressivo, que se estendem entre si diversos graus, etc. […] Disto se deduz a importância que tem o "momento cultural" também na atividade prática (coletiva): todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo "homem coletivo", isto é, pressupõe a conquista de uma unidade "cultural-social" pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, solda-se conjuntamente na busca de um mesmo fim, com base numa idêntica e comum concepção de mundo[273].

O que buscamos assinalar, é que a efetividade do discurso ideológico irá depender do grupo social a que ele se dirige, dialogando com seu senso comum (reiterando, de nenhum modo o MSM ultrapassa estas barreiras produzindo conhecimento científico). E que a socialização de determinado conhecimento pela propaganda "*é uma condição necessária para sua validação e socialização, construindo, também, um ciclo constante e auto-regenerativo: conhecimento → publicidade → opinião pública → novo conhecimento*". Sendo que é a opinião publicizada deste grupo que irá prover a legitimidade e aceitação, "*condição de reingresso no fluxo de informação e conhecimento*"[274]. O público ao qual o MSM dirige-se, obviamente não é constituído pela classe trabalhadora, sendo que a centralidade da propriedade privada em seu discurso ilustra isto perfeitamente. E quando dirigem-se às frações da burguesia colocam-se como "possibilidade", defendendo alternativas que estas poderiam fazer suas, em formatos de "apelos" e "consultas de consciência", etc. – além disso, tanto a classe dominante quanto a classe trabalhadora possuem suas instâncias próprias de disputas e produção de consenso. O MSM visa especificamente o descontentamento típico da "classe média", inevitável, visto seu lugar intermediário na sociedade de classes: sua "eterna" crise.

---

http://unbconservadora.blogspot.com.br/2010/06/carta-manifesto-da-juventude.html, acessado em 03.03.12.

[272]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 209.

[273]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 398.

[274]BARRETO, A. de A. *Mudança estrutural no fluxo do conhecimento*: a comunicação eletrônica. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651998000200003&script=sci_arttext&tlng=es, acessado em 13.10.10.

Aqui devemos desviar um pouco nossa narrativa, para explicitar a compreensão do marxismo sobre estes estratos médios. O marxismo entende que cada modo de produção comporta duas classes fundamentais: a classe que explora, dominante política e ideologicamente, e a classe que é explorada, dominada política e ideologicamente. Mas como verifica Nicos Poulantzas, "*uma sociedade concreta, uma formação social, comporta mais de duas classes, na medida que está composta de vários momentos e formas de produção*", sendo então "*que as duas classes fundamentais de toda formação social são as do modo de produção dominante*"[275]. Sendo então que os estratos médios, intermediários entre as classes fundamentais, existem dependentes dos movimentos e conflitos entre estas, no caso do modo de produção capitalista, entre a burguesia e o proletariado. Poulantzas irá demarcar estes estratos entre dois grupos distintos: a *pequena burguesia tradicional* e o que chama de *nova pequena burguesia*.

A primeira é vinculada à pequena produção, à pequena propriedade ou à oficina, o pequeno comércio, pois "*trata-se das formas de artesanato e de pequenas empresas familiares, nas quais o mesmo agente é de uma só vez proprietário dos meios de produção e de trabalho, e trabalhador direto*", que tem como especificidade não explorar o trabalho assalariado, "*ou então só o fazem muito ocasionalmente*". Sendo que "*o trabalho é feito essencialmente pelo proprietário real ou membros de sua família, que não têm retribuição em forma de salário. Esta pequena produção obtém lucro na venda de suas mercadorias e pela participação na redistribuição total da mais valia*", mas "*não arremata diretamente sobretrabalho*"[276]. Já a nova pequena burguesia é constituída pelos "*trabalhadores assalariados não produtivos*", que são "*trabalhadores que não produzem mais-valia. Vendem eles também sua força de trabalho; seu salário está determinado, ele também, pelo preço da reprodução e de sua força-trabalho, mas sua exploração se faz pela extorsão direta do sobretrabalho, e não pela produção de mais-valia*". Ela agrega os funcionários de escritório, "colarinhos brancos", os funcionários do setor de comércio, e também os funcionários de Estado, dentre vários. E situando, que "*estes dois grandes conjuntos ocupam na produção posições diferentes, que não têm nada em comum*", questiona: "*podem ser considerados como constituindo uma classe, a 'pequena burguesia'?*"[277], para em seguida analisar suas diferenças e semelhanças:

> A primeira inclui precisamente critérios políticos e ideológicos. Pode-se, com efeito, considerar que essas posições diferentes na produção e na esfera econômica têm, entretanto, ao nível político e ideológico, *os mesmos efeitos*. De um lado a "pequena propriedade", do outro lado alguns assalariados que não vivem sua exploração senão sob a forma do "salário" e da "competição" longe da produção, apresentariam, por estas razões econômicas e não obstante distintas, as mesmas características políticas

---

[275]POULANTZAS, N. *As classes sociais*. Disponível em http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/as_classes_sociais.pdf, acessado em 10.03.10.
[276]Idem.
[277]Ibidem.

> e ideológicas: "individualismo" pequeno-burguês, inclinação ao "statu-quo" e temor à revolução, mito da "promoção social", e aspiração ao status burguês, crença no "Estado neutro" acima das classes, instabilidade política e tendência a apoiar "Estados fortes" e bonapartismos, formas de rebelião do tipo "jacquerie pequeno burguesa". Estas características ideológico-políticas *comuns* bastariam, se tal fosse o caso, para considerar que estes dois conjuntos, que ocupam posições diferentes, na economia, constituem uma classe, relativamente unificada, a pequena burguesia. Além disso, ainda neste caso, nada impediria de distinguir *"frações" de uma mesma classe*. Com efeito [...] o marxismo estabelece igualmente distinções entre frações de uma classe. Estas se distinguem das simples camadas porque refletem diferenciações econômicas importantes, e podem inclusive se revestir, enquanto frações, de um papel de *forças sociais*, importante e relativamente distinto do das outra frações[278].

Seu posicionamento dependente, incapaz de realizar um projeto próprio, pois subordinado às classes fundamentais, "*não significa que os diversos conjuntos pequeno-burgueses tenham simplesmente posições de classe que os aproximem seja da burguesia, seja da classe operária*", e sim que "*sua própria determinação estrutural de classe só possa ser apreendida em sua relação, no seio da divisão social do trabalho*". Assim, não podendo ser considerada do mesmo modo que as classes fundamentais, pois são estas "*que especificam os lugares, na divisão social do trabalho, da burguesia e da classe operária*", e que não irão se referir "*somente às relações econômicas, mas também às relações ideológicas e políticas da determinação estrutural de classe desses conjuntos*"[279], sempre relacionalmente. Esta leitura permite a Poulantzas afirmar que "*o subconjunto ideológico pequeno burguês é um terreno de luta e um campo de batalha particular entre a ideologia burguesa e a ideologia operária*", ou seja, não constituído mecanicamente, mas resultado entre relações de forças, "*mas com a intervenção própria dos elementos especificamente pequeno-burgueses*". Então "*esse terreno de luta não é um terreno vago: é um terreno desde já circunscrito pela ideologia burguesa e pelos elementos ideológicos pequeno-burgueses*"[280].

Mas a *posição ideológica* da pequena burguesia e da nova pequena burguesia não deriva automaticamente da constatação de sua situação intermediária na sociedade de classes. Ela, que não chega a constituir um conjunto ideológico "*com coerência própria e sistemacidade relativa*", está sujeita às influências ideológicas das duas classes fundamentais da sociedade, a burguesia e o proletariado, capazes de manterem uma posição política relativamente autônoma e de longo prazo. Então, ela teria seu "sub conjunto" ideológico "*constituído pela influência da ideologia burguesa (dominante) sobre as aspirações próprias da pequena burguesia em relação à sua situação específica de classe*"[281], ou seja, um limite muito claro para posicionar-se política e ideologicamente. Então, mesmo estando sujeita às relações de força de determinada conjuntura

[278]POULANTZAS, N. *As classes sociais*. op. cit.
[279]POULANTZAS, N. *As classes sociais no capitalismo hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 221-224.
[280]Idem. p. 314-315.
[281]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978. p. 254.

histórica, Poulantzas consegue identificar algumas características, de modo "esquemático", relativas ao seu posicionamento social no mundo do trabalho. No caso da pequena burguesia, da pequena produção ou propriedade, em que o proprietário é também trabalhador direto, ele identifica que este, "*opõe-se ao mesmo tempo à burguesia – é progressivamente esmagada economicamente por ela – e ao proletariado, pelo medo da proletarização e pelo seu apego feroz à (pequena) propriedade*"[282]. Isto implicaria em:

> a) Um aspecto ideológico *anticapitalista do status quo*: contra a "grande riqueza", as "grandes fortunas", mas *status quo* apesar de tudo, porque este conjunto se agarra à sua propriedade e teme a proletarização. Isto conjuga-se muitas vezes com o aspecto "igualitarista", de aspirações contra os monopólios e de um regresso à "igualdade de possibilidades", de uma "justa" concorrência, por um lado, e com o "cretinismo parlamentar" de um igualitarismo pelo sufrágio, por outro: esta pequena-burguesia quer mudanças sem que o sistema mude. Assim, detecta-se igualmente nela a aspiração a uma "participação" na "distribuição" do poder político, sem vontade de transformação radical deste. b) Um aspecto ideológico, ligado não à transformação revolucionária da sociedade, mas ao mito da "*passerelle*". Medo da proletarização, por baixo, atração para a burguesia, por cima, a pequena burguesia aspira a tornar-se burguesia, pela passagem individual, para o topo, dos "melhores" e dos "mais capazes". Este aspecto assume, assim, freqüentemente, formas "elitistas", de uma renovação das elites, de uma substituição da burguesia "que não cumpre o seu papel" pela pequena burguesia, sem que a sociedade seja mudada. c) Um aspecto ideológico do "*fetichismo do poder*" de que falava Lenin. Pelo seu isolamento econômico (que dá igualmente origem ao "individualismo pequeno-burguês") e pela sua aproximação-oposição econômica à burguesia e ao proletariado, crença no Estado "neutro" acima das classes. Esta pequena burguesia espera que este Estado neutro lhe traga "de cima a chuva e o bom tempo", em suma: que detenha o seu declínio. Ainda: isso conduz muitas vezes a uma "estatolatria". A pequena burguesia *identifica-se* neste caso ao Estado, cuja neutralidade se juntaria à sua, concebendo-se como uma classe "neutra" entre a burguesia e a classe operária, pilar, pois, dominante "importações" da ideologia e da classe operária, desviadas de um Estado que seria o "seu" Estado. Aspira à "arbitragem" social, no sentido em que desejaria, como dizia Marx, que toda a sociedade se tornasse pequeno-burguesa[283].

E em relação à nova pequena burguesia, os que "*vivem sua exploração não na produção, mas principalmente sob a forma jurídica – portanto, largamente 'ilusória'*"[284], ele compreende efeitos análogos à ideologia:

> a) Aspecto ideológico anticapitalista do *status quo*. Estando a exploração efetiva aqui oculta, porque principalmente vivida sob a forma do salário, este conjunto aspira a uma "justiça social" pela redistribuição, por meio do Estado, dos rendimentos (salários). Declarações contra a "grande riqueza", que tomam assim principalmente, a forma de reclamação contra o fisco. Aspecto "igualitário", que toma a forma de uma igualização dos "rendimentos" e se conjuga aqui também muitas vezes com o "cretinismo parlamentar". Receio igualmente de proletarização, mas receio sobretudo de uma transformação revolucionária da sociedade, em virtude da insegurança vivida ao nível de salário. Receio de uma convulsão que possa afetar os

[282]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 255.
[283]Idem. p. 255-256.
[284]Ibidem. p. 256.

salários dos trabalhadores que não vivem na produção e do papel dos meios de produção na exploração. Isto manifesta-se, de resto, nas formas corporativistas particulares de que se reveste, neste conjunto a luta social. b) Aspecto ideológico da *passarelle*: aspiração a subir. Esta tendência ideológica da *passarelle* e da "promoção" não decorre aqui, como acontecia no primeiro conjunto, do seu caráter transitório, mas do fato real de este conjunto ser efetivamente afetado numa sociedade capitalista, *pelo mais alto índice de mobilidade social* (simultaneamente, ascendente, e ainda mais, descendente). Se este conjunto não é, *enquanto tal*, transitório, tudo se passa como se, em virtude de suas condições de vida, os seus membros (no decorrer das gerações) se encontrassem aí apenas "*de passagem*". Esta tendência ideológica, na medida em que este conjunto de trabalhadores assalariados passou por uma instrução escolar elevada, que determina a sua qualificação como força de trabalho, assume aqui formas particulares. Trata-se da ideologia da "neutralidade" democrática da "cultura", e da consideração do aparelho escolar e universitário "neutro" como meio de promoção e de acesso dos "melhores" à condição burguesa. c) Aspecto ideológico do fetichismo do poder. Também aqui, é o isolamento (que dá origem ao "individualismo pequeno-burguês") que conta, não sob a forma que assume na pequena propriedade, mas sob a forma de isolamento e de concorrência de um salariado, para quem não age o fator de "*trabalhador coletivo*" na produção: isolamento que não é portanto rompido pela progressiva concentração do setor comercial. Crença num Estado neutro acima das classes, e fenômenos de estatolatria, assumindo aqui a forma de "*cesarismo social*", de crença na "justiça" de um Estado forte. Ao que é preciso acrescentar o aspecto ideológico próprio desse conjunto dos trabalhadores assalariados que fazem parte do aparelho de Estado – administração. Produzindo os aparelhos de Estado, enquanto instituições, *a sua própria ideologia interna*, estes assalariados estão-lhe particularmente submetidos: o aspecto ideológico do Estado neutro acima das classes funciona particularmente aqui, enquanto elemento essencial da ideologia interna dos aparelhos de Estado. Neste caso, mais do que em qualquer outro intervêm a estatolatria e a identificação ao estado e às suas "cúpulas", pelo canal do burocratismo e da subordinação hierárquica[285].

Estas percepções pequenas burguesas são exploradas em um sem número de passagens de Olavo de Carvalho, como neste caso discutindo a valorização do "outro" na literatura e artes nacionais:

> Não conheço um único bom livro brasileiro no qual a polícia tenha razão, no qual se exaltem as virtudes da classe média ordeira e pacata, no qual ladrões e assassinos sejam apresentados como homens piores do que os outros, sob qualquer aspecto que seja […] À luz da "ética" daí resultante, não existe mal no mundo senão a "moral conservadora". Que é um assalto, um estupro, um homicídio, perto da maldade satânica que se oculta no coração de um pai de família que, educando seus filhos no respeito à lei e à ordem, ajuda a manter o *status quo*?

Compreendendo "ética" como uma categoria a histórica e universal, Carvalho propositadamente reafirma o senso comum da pequena burguesia como superioridade moral. Neste sentido fica clara a apreensão da função social da arte e da cultura, seja em termos de capital social, a neutralidade do aparelho escolar e universitário destinado a sua ascensão social, ou como mercadoria, objeto de fetiche e status, ao qual espera-se o reconhecimento pelo consumo como

[285]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 256-257.

único horizonte de expectativa que deveria reger sua produção. Com este movimento ele pode culpabilizar o artista engajado socialmente como agente direto e consciente de atuação subversiva contra esta "ética", ou seja, sua associação na luta pela destruição de todo e qualquer parâmetros de ação humana considerada civilizada, o que geralmente é traduzido em termos religiosos (a referência à "moral satânica" não está presente na citação sem motivo).

Obviamente não estamos atribuindo a estes apontamentos esquemáticos de Poulantzas, leituras sociológicas estáticas, um caráter de leitura histórica – de modo algum estamos resumindo os grupos sociais pertencentes aos estratos médios brasileiros nestes esquemas. Pelo contrário, nossa utilização aqui destes parâmetros se dá como hipótese para a verificação em nosso objeto – o que não fazemos de maneira desautorizada, pois uma série de pesquisas históricas e científicas já foram realizadas e consideraram válidas seus apontamentos para a realidade brasileira[286] – ainda sublinhando que aqui não estamos investigando objetivamente a pequena burguesia e a nova pequena burguesia brasileira em seu conjunto nos anos de nosso recorte temporal, mas qualificando e categorizando a expectativa do MSM em atingir este público como seu alvo.

Por sua posição intermediária, a pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia não são apáticos diante de outros discursos ideológicos, sob uma condição de sujeição passiva, o que faz com que o MSM não dispute simplesmente reconhecimento por parte dos seus leitores, mas estes em si. Como trata Pierre Bourdieu, "*os sofistas invocavam uma noção que me parece muito importante, a de kairos. Professores do uso da palavra, sabiam que não bastava ensinar às pessoas a falar, mas que era necessário além disso ensiná-las a falar a propósito*", sendo que o "*kairos, na origem é a mira do alvo*". Esta extrapola o discurso por si mesmo, sendo que "*para acertar na presa, para que as palavras acertem no alvo, para que as palavras compensem, para que as palavras produzam os seus efeitos, é necessário dizerem-se não só as palavras gramaticalmente corretas mas também as palavras socialmente admissíveis*"[287]. O que Carvalho converte em uma composição mecânica, direta, entre classe e cultura, de maneira propositadamente restrita (cultura como acesso aos objetos culturais "emanados" pela burguesia) para poder torná-la mera caricatura:

> O líder de uma classe é, por definição, aquele que se eleva interiormente acima dela por seu talento e saber, sem abandonar o seu padrão de vida exterior nem a adesão íntima aos interesses e valores do seu meio de origem. Para quem tome a cultura no

---

[286]Dentre estas podemos citar SAES, D. "Classe média e política". *In*. FAUSTO, B. (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano. Volume 3: Sociedade e Política 1930-1964. Rio de Janeiro, Bertand, 1991; SAES, D. "Classe média e políticas de classe (uma nota teórica)". *Contraponto*: Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos Noel Nutels. Ano II, nº. 2, novembro 1977; SAES, D. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979; CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit.; CALIL, G. G. "A pequena burguesia e projeto social". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.; KOLING, P. J. *Estado e poder*: Abordagens e perspectivas. Cascavel: Edunioeste, 2008; BOITO JR, A. "Classe média e sindicalismo". *Politeia*: história e sociedade. nº. 1. Volume 4. Vitória da Conquista: DEHIS UESB, 2004.

[287]BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século; Sociedade unipessoal, 2003. p. 128-129.

> seu sentido verdadeiro de conhecimento interiorizado numa personalidade melhor, e não de mera ostentação de diplomas, a identificação de níveis de cultura com diferenças de classe social é um preconceito sociológico boboca. Se todo operário, ao adquirir cultura, se tornasse um burguês, não teria havido um único líder operário neste mundo. O mesmo aplica-se, analogicamente, a qualquer grupo social de origem. Ao elevar-se, por seus conhecimentos, à condição de pajé, um índio não se torna branco[288].

Primeiro idealiza a figura do líder de uma classe, como se esta "função" fosse plenamente determinada pela meritocracia, o que já vimos ser uma característica ideológica pela qual a pequena burguesia reconhece-se e vislumbra o acesso à ascensão social. E considera ainda o capital cultural como capital social, este como elemento automático de ascensão social, capaz de arrancar os indivíduos de suas classes, ao mesmo tempo, que ainda eliminaria suas origens, suas experiências e vivências anteriores – transforma o "índio" em "branco". Para Carvalho a cultura, ou o que ele acha que a sociologia considera cultura, seria emanada para e pela burguesia, sendo que então seu acesso, logicamente, só poderia ocorrer transmutando indivíduos em burgueses. Ou pior, em indivíduos que viveriam uma vida plenamente frustrada, já que não poderiam possuir o que considerariam como seu direito: o que chama de "*multidão dos semi-intelectuais ressentidos*".

É por esta argumentação que ele "explica" as revoluções modernas, que supostamente teriam sido levadas a cabo por lideranças da classe média intelectualizados: "*os movimentos ideológicos de massa sempre recrutaram o grosso de seus líderes da multidão dos semi-intelectuais ressentidos*". Por estarem "*afastados do trabalho manual pela instrução que receberam, separados da realização nas letras e nas artes pela sua mediocridade endêmica, que lhes restava? A revolta.*"[289]. E retorna a Ortega y Gasset para argumentar:

> A "rebelião das massas" a que se referia José Ortega y Gasset (*La Rebelión de las Masas*, 1928) consistia precisamente nisso: não na ascensão dos pobres à cultura superior, mas na concomitante impossibilidade de democratizar o gênio. A inveja resultante gerava ódio aos próprios bens recém-conquistados, que pareciam tanto mais inacessíveis às almas quanto mais democratizados no mundo: daí o clamor geral contra a "cultura de elite", justamente no momento em que ela já não era privilégio da elite[290].

Assim, dada a "democratização" da cultura, é a classe média, celeiro de intelectuais, o objeto de disputa ideológica, já que "*a classe revolucionária não se forma entre os proletários ou camponeses, muito menos entre os miseráveis e desempregados, mas entre as massas afluentes de classe média alimentadas de doutrina comunista nas universidades*"[291]. Que se faça claro, a classe média não se transmuta em classe revolucionária, mas para a lógica que credita irracionalidade para

---

[288]CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 85.
[289]CARVALHO. O. de. "Dialética da inveja". *Folha de S. Paulo*. 26.08.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/030826fsp.htm, acessado em 20.10.10.
[290]Idem.
[291]Ibidem.

os movimentos coletivos e populares, as lideranças, então, construiriam o grupo de respectivos liderados, formatando-os em determinadas prerrogativas ideológicas, e sendo assim, os sujeitos da história, cuja base social supostamente estaria nos estratos médios da sociedade:

> Basta que os intelectuais envolvidos numa e noutra [os dois planos do "gramscismo": mudança da base moral e reconhecimento de esquerdistas como lideranças populares] comunguem ainda que vagamente de um espírito revolucionário gramsciano, para que, numa espécie de cumplicidade implícita, cada qual realize sua tarefa e todos os resultados venham a convergir na direção dos fins gramscianos. Isto não exclui, é claro, a hipótese de um comando unificado, mas, para o sucesso da estratégia gramsciana, a unidade de comando, ao menos ostensiva, é bastante dispensável na fase da luta pela hegemonia[292].

E retorna a Otto Maria Carpeaux, que em suas elucubrações acerca do ensino superior, em franco processo de especialização, conclui que a culpa é dos usos da universidade pelos estratos médios da sociedade. "*O século XIX, o século liberal, abre a todos todas as possibilidades. A educação superior é o caminho da ascensão. A preeminência da classe média no século XIX baseia-se na sua cultura universitária. Mas o século XX acaba com isso*", já que o "*grande capitalismo precisa mais de exércitos de pequenos empregados do que de self-made men; as profissões liberais estão superlotadas*", e ao mesmo tempo "*o movimento socialista repele os que resistem à proletarização e suas humilhações e privações*". Assim, "*privada dos privilégios da Inteligência, a classe média quebra furiosamente o instrumento, como uma criança quebra o brinquedo insubmisso*". Sem ter sentido social de suas ações, a classe tornada sujeito homogêneo, "*é uma criança essa nova classe média; mas uma criança perigosa, cheia dos ressentimentos dos déclassés, furiosa contra os livros que já não sabe ler e cujas lições já não garantem a ascensão social. Está madura para a violência*". Sendo o inspirador destas massas de intelectuais, "*pai espiritual comum do fascismo e do bolchevismo, Georges Sorel, o ideólogo da violência* […] *homem profundamente pequeno-burguês, representante típico das classes médias francesas*"[293]. E refere a esta atuação das classes médias:

---

[292]Já adiantando um pouco sobre esta questão, tratada de modo completo adiante, para Carvalho "*o objetivo primeiro do gramscismo é muito amplo e geral em seu escopo: nada de política, nada de pregação revolucionária, apenas operar um giro de cento e oitenta graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções, sem o confronto ideológico direto que só faria excitar prematuramente antagonismos indesejáveis* […] *Se de um lado jornalistas de esquerda promovem um ataque maciço aos criminosos de colarinho branco e de outro lado intelectuais de esquerda lutam para que os chefes de bandos de assassinos armados sejam reconhecidos como 'lideranças populares' legítimas, o efeito conjugado dessas duas operações é bem nítido: atenuar a gravidade dos crimes contra a pessoa, quando cometidos pela classe baixa e aproveitáveis politicamente pelas esquerdas, e enfatizar a dos crimes contra o patrimônio, quando cometidos por membros da classe dominante. Eis aí a luta de classes transformada em supremo critério da moral, desbancando o preceito milenar, arraigado no senso comum, de que a vida é um bem mais sagrado do que o patrimônio*". CARVALHO. O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/livros/negramsci.htm, acessado em 27.10.10.

[293]CARPEAUX, O. M. *A idéia da universidade e as idéias das classes médias*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/carp3.htm, acessado em 21.10.10.

> O fascismo foi impossível na Rússia. É também um fato fundamental que a Rússia não conheceu, não teve uma classe média. Ora, seguindo a corrente da época, o bolchevismo criou uma classe média. A burocracia soviética, os stakhanovistas e outras camadas privilegiadas do operariado não são outra coisa senão uma nova classe média […] o fascismo e o bolchevismo têm o lado comum de serem expressões das novas classes médias. E a ideologia que permite explicar o espírito das novas classes médias é a ideologia pequeno-burguesa, violentamente revolucionária e antiintelectualista. […] Poder-se-ia acreditar que os grandes obstáculos dessa revolução fossem os capitalistas e os trabalhadores, ou, na Rússia, um regime milenário e eclesiasticamente consolidado. Engano. Vimos a fraqueza incrível do regime tzarista, a derrota fácil dos socialistas, o suicídio dos capitalistas. O verdadeiro obstáculo — e Sorel o previra bem — era a Inteligência. É ela que merece as diatribes mais cruéis dos chefes e dos caudilhos. Para a vitória final, precisa-se acabar com a Inteligência[294].

A questão da "rebeldia" pequeno burguesa aparece caracterizada como sendo de cunho "juvenil", limitada pela má compreensão, ou falta absoluta dela, do papel de provedores que teriam os condutores do capitalismo durante os últimos séculos, inaugurando uma era de felicidade sem deveres nunca vista antes. Antes de comentarmos este tipo de posicionamento, retornamos a Carvalho, em citação longa, mas que ilustra perfeitamente as características tratadas anteriormente:

> O capitalismo distribuiu a imensas massas de classe média benefícios que antes eram privilégios da aristocracia. Mas a aristocracia pagava um alto preço por eles: era a casta guerreira, pronta a morrer no campo de batalha em lugar dos comerciantes e camponeses, isentos *a priori* de obrigação militar. Uma vida de liberdade e prazeres à sombra da morte iminente ou uma vida de trabalho e abstinência na relativa segurança da rotina econômica, eis as duas formas básicas de existência que, no seu equilíbrio mútuo, marcaram o repertório da humanidade ocidental até pelo menos o começo do século XIX. Cento e poucos anos bastaram para que, em amplas áreas da superfície terrestre, não só o acesso a uma quantidade de bens materiais nunca antes imaginados, mas a liberdade e os meios para a busca de prazeres praticamente sem limites fossem abertos à pequena burguesia e a boa parte da classe trabalhadora, sem que a isso correspondesse um acréscimo de obrigações morais. Bem ao contrário, a demanda crescente de satisfações veio acompanhada de uma intolerância cada vez maior ao sofrimento e da revolta geral contra toda forma de "repressão". A eternidade e a morte desapareceram do horizonte, a primeira tornando-se uma ficção de outras épocas, a segunda uma idéia indecente, proibida nas conversações saudáveis. Em pouco tempo a Europa e as Américas povoaram-se de uma nova classe de adolescentes crônicos, ávidos de sensações, rebeldes a toda limitação, desfrutando da obra dos séculos como se fosse um direito natural e vivendo cada dia como se fosse a data inaugural de uma espécie de eternidade terrestre. Postiça, desequilibrada, fútil e baseada na ingratidão radical para com as gerações anteriores, essa forma de vida produziu uma tremenda acumulação de culpas inconscientes, as quais, não podendo recair sobre os culpados autênticos – que toleram a idéia de culpas ainda menos que a da morte – são projetadas de volta sobre a fonte de seus benefícios imerecidos. Daí o aparente paradoxo, tantas vezes notado, de que o ódio ao capitalismo não germine entre suas supostas vítimas, os pobres, mas justamente entre seus principais favorecidos: a classe média, os estudantes e intelectuais, o *beautiful people* da mídia e da moda, os filhinhos-de-papai que vão à universidade num BMW de cem mil dólares e destróem o refeitório porque a comida não é de graça. Não há nisso paradoxo algum: há apenas a lógica implacável da projeção

[294]CARPEAUX, O. M. *A idéia da universidade e as idéias das classes médias*. op. cit.

> neurótica. A premissa oculta dessa lógica é o fato de que o verdadeiro pecado do capitalismo, a ruptura do equilíbrio natural entre prazeres e deveres, não pode ser denunciado. Tornou-se um tabu. É preciso então inventar culpas imaginárias, negar a realidade manifesta da prosperidade geral crescente e, num giro lógico formidável, imputar ao capitalismo até mesmo a miséria dos países socialistas[295].

Pode aparentar que este ressentimento arbitrado em relação aos estratos médios da sociedade impediria este de ser seu público-alvo. Estas atribuições de "caráter" para os estratos médios da sociedade tem uma dupla função no discurso do MSM: ao mesmo tempo implicar a potencialidade de revolta, inclusive fascista, da pequena e nova pequena burguesia, alertando esta burguesia que sem um compromisso em torno de si, este potencial pode vir a voltar-se contra sua classe – ou de modo mais simplista, seria uma força social que estaria deixando de ser utilizada para a manutenção de sua hegemonia. E para o MSM assumir-se como gestor competente para prover sentido e significado para a atuação política destes estratos médios. Ou seja, capazes de serem responsáveis por sua "educação", por certa dramaticidade verborrágica transformada em "domesticação" contra uma esquerda sub reptícia, que supostamente agiria através da

> […] insegurança do homem que prospera no meio de uma multidão de concorrentes menos felizes e, por isto mesmo, forçosamente mais invejosos. A inveja tem o poder de acionar, no cérebro das vítimas, um conjunto de reações automáticas destinadas a exorcizá-la, que constituem todo um complexo ritual de camuflagem: o homem próspero de classe média resguarda-se do olhar perfurante do invejoso desviando-o para alvos genéricos – "o capitalismo", "a sociedade de consumo", etc. – e o neutraliza aliando-se com ele no ataque comum a um bode expiatório que, tendo ademais a reconfortante vantagem de estar distante demais para poder ser atingido, garante que toda a operação não passará dos efeitos verbais. O invejoso, se é por sua vez invejado por outro menos próspero ainda, pode passar adiante o mesmo jogo de impressões, e assim *ad infinitum*. Ninguém parece se dar conta de quanto essa eterna vigilância contra a inveja mútua alimenta a própria inveja na medida em que a consagra como mola mestra das ações e reações humanas. Esse estado de coisas reduz a vida da nossa classe média alta a um permanente jogo de simulações que termina por corromper todos os sentimentos humanos e rebaixar as consciências ao nível da insensibilidade mais pétrea[296].

Deste modo, a pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia, por sua posição social, têm seus indivíduos, especialmente os trabalhadores intelectuais, com certo grau de instrução, disputados por projetos históricos antagônicos, sendo que em relação ao projeto revolucionário, o MSM necessita abrir o combate em sua defesa por que ao deixar de resistir contra o proletariado, assumindo sua luta, acabaria por tornar-se não mero cúmplice, mas executor ativo de sua própria destruição. E se qualificam negativamente a classe média, não o fazem sem sublinhar a capacidade política desta, que mesmo qualificada como "força destruidora", não deixa de ser uma

---

[295]CARVALHO, O. de. "A farsa radical". *Jornal do Brasil*. 21.06.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070621jb.html, acessado em 13.04.11.
[296]CARVALHO, O. de. "Moral postiça". *Jornal da Tarde*, 23.12.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/991223jt.htm, acessado em 13.04.11.

força, a quem só faltariam seus verdadeiros representantes para guiá-los.

O MSM constrói sua peculiaridade linguística, sua reconhecibilidade textual, centrando fogo no uso do humor, da grosseria. Seu discurso apreende uma série de chavões humorísticos, de estereótipos constitutivos do conhecimento mais superficial, de preconceitos (ou conceitos pré-concebidos) utilizados para uma orientação não problematizada do cotidiano, e que trazem à tona através do riso, um modo de ridicularizar o outro dentro de padrões aceitáveis por determinados grupos sociais – como visto a pequena e nova pequena burguesia. A citação seguinte, sua interpretação sobre o modelo universitário brasileiro, ilustra o quanto esta dimensão discursiva se faz considerável para o MSM:

> […] sendo os mestres da persuasão elíptica os senhores do mundo acadêmico no momento, é inevitável que seus alunos tomem o seu modus argumentandi como modelo principal senão único da aquisição de autoridade intelectual, e gastem os melhores anos de suas vidas no esforço de aprender a imitá-lo, galgando etapas na ascensão profissional à medida que se impregnam dos cacoetes de seus professores e tornando-se, por antecipação, os mistificadores das gerações vindouras. Ou rompemos agora essa maldita cadeia de transmissão, *ou dia virá em que o povo brasileiro, para ser persuadido de qualquer bobagem, não exigirá qualquer razão mais séria do que o estalar do chicote da Tiazinha*[297].

Como visto, Carvalho situa a linguagem como sinal de *status*, de diferenciação, mesmo que para desconsiderar o discurso alheio, como no caso ilustrado. Mas o que é importante assinalar é que ele reconhece que em seu conteúdo veicula toda uma visão de mundo, o que fica claro quando pergunta-se: "*como unir senso de humor, eloquência de argumentação e lucidez filosófica? Essas coisas vêm sempre juntas ou então não vêm*"[298]. Então seu discurso, é articulado através de uma das técnicas mais incisivas, em termos de eficácia política que existe, o humor, que, sem entrar necessariamente no conteúdo alheio, visa "*diminuir o adversário, suscitando o riso num determinado auditório*"[299] tendo em mente que "*numa assembléia que ri, é muito difícil conservar a liberdade de não rir... É preciso correr o risco de se isolar do grupo, rompendo sua homogeneidade. Eis por que o riso solitário permanece um signo negativo, sugerindo falta de sociabilidade ou, pior, anormalidade patológica*"[300]. Como argumenta Barbieri:

> No cômico é o imaginário que prevalece, a imagem patética, ridícula, estranha, diferente e por isso risível. Explora-se a diferença como abjeção, usando-se o exagero, o bizarro, o não senso, para marcar a distância do semelhante tomado como normal. O cômico surge como descarga direta, pois, o sujeito se alivia por não ser

---

[297]CARVALHO, O. de. *Lógica da mistificação, ou: o chicote da tiazinha*. 05.04.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/tiazinha.htm, acessado em 23.10.10. Grifos nossos.
[298]CARVALHO, O. de. *A filosofia não é para os tímidos*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/timidos.htm, acessado em 10.10.10.
[299]BARONAS, R. L. *Derrisão*: um caso de heterogeneidade dissimulada. Disponível em http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/7.pdf, acessado em 30.10.10.
[300]YONNET. P. "O planeta do riso, sobre a midiatização do cômico". *In*. *Le Débat*. nº. 59, março-abril, 1990. p. 153. *apud* MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 623.

> esse outro: "antes ele do que eu", pois o eu não suporta estar nesse lugar de derrisão. No humor, assim como na sublimação, trata-se de transcrever algo do registro do não dizível que, se atinge a forma de dito, passa ao registro da linguagem. Como disse Lacan, a linguagem alcança "*seu ponto máximo de eficácia quando ela consegue dizer alguma coisa dizendo outra*"[301].

Obviamente não estamos afirmando uma única dimensão ao humor ou ao discurso do MSM, mas o que marca a fala de seus intelectuais é o que na análise do discurso é chamado de derrisão, a técnica que une no discurso o humor e a violência, o dissociando e diferenciando da injúria[302], e que supostamente, ou melhor, quanto mais aprimorada for sua utilização, seria capaz de tornar o sujeito pronunciador do discurso não suscetível a sanções jurídicas. É um discurso que utiliza como mote figuras de agressão, que se assemelham tanto com a "*injúria e a metáfora polêmica quanto o sarcasmo, a antífrase e o calembur*", explorando "*a fronteira entre injúria e palavras espirituosas (ou jogos de palavras) pode ser extremamente tênue e móvel*". O "efeito" de derrisão dependerá "*amplamente do contexto, da intenção que se pode atribuir ou não ao autor, da reação da pessoa atingida, da atitude do público e de seu pertencimento ou não ao mundo social e ideológico do autor, etc.*"[303]. Além disto, a derrisão tem maiores chances de ser aceita socialmente, já que escapa da agressão simples, atingindo outras dimensões da realidade social para fazer emergir o riso. "*O leitor/ouvinte terá que buscar amparo no contexto, uma vez que a piada vai 'brincar' tanto com fatos linguísticos, como com fatos concernentes ao entorno sócio-cultural para veicular discursos geralmente 'não-autorizados' socialmente*"[304].

Olavo de Carvalho em mais de uma ocasião "explicou" o seu uso de palavrões como contraposição em relação às agressões de críticos – que se estende a qualquer um que ele entenda que deva criticar – mas mesmo assim, afirma sobre seu programa de rádio: "*a linguagem e o estilo do programa serão exatamente iguais aos de minhas conversas domésticas com meus alunos, amigos e familiares, sem nenhuma estilização radiofônica*", o que tornaria a agressão uma suposta "*última defesa pessoal*" contra um "*estado de barbárie mental*"[305]. Segundo o próprio, "*mais vale um bom palavrão atirado em público à cara de um Tarso Genro, de um Marco Aurélio Garcia, do que mil palavras construtivas atiradas ao vento*"[306]. O que tenta situar contextualmente:

---

[301]BARBIERI, C. P. *Perversão, humor e sublimação*. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso, acessado em 30.09.10.
[302]BONNAFOUS, S. "Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen". *In*. GREGOLIN, M. do R. *Discurso e mídia*: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 35.
[303]Idem. p. 40.
[304]MUNIZ, K. da S. *Piadas*: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 145.
[305]CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outspeak*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/true_outspeak.html, acessado em 09.09.10.
[306]CARVALHO, O. de. "Geração maldita". *Diário do Comércio*. 08.12.09. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/091208dc.html, acessado em 18.09.10.

> Os palavrões, segundo entendo, foram inventados precisamente para as situações em que uma resposta delicada seria cumplicidade com o intolerável […] No Brasil de hoje é assim: qualquer acusação cretina jogada ao ar sem o menor respaldo se arroga a dignidade intelectual de um "argumento" e exige resposta cortês daqueles cujos sentimentos acaba de ferir da maneira mais impiedosa e crua. Incitando a repulsa e ao mesmo tempo sufocando sua expressão, esse ardil prende o interlocutor numa camisa-de-força verbal, usando maliciosamente as regras mesmas do debate educado como peças de uma armadilha psicológica maliciosa e sádica. É um truque inventado pela propaganda nazista e comunista, mas, "nêfte paíf", tornou-se procedimento usual nas discussões públicas hoje em dia[307].

Nota-se a importância que a derrisão assume em seu discurso, tomando a forma efetiva de argumento, tanto em suas tentativas de desacreditar o discurso alheio quanto para desmistificar a realidade vivida. A ofensa torna-se mais importante que o argumento racional, as "*mil palavras construtivas atiradas ao vento*", já que o meio ao qual se direciona tal discurso estaria já impregnado pelas "*armadilhas psicológicas do inimigo*". É uma tentativa elucubradora da prática política do MSM, pois seus próprios emissores entendem as limitações de seu discurso diante da sociedade, constatando a resistência real contra a aceitação de suas propostas políticas. Mas como já discutimos, sua organização é toda voltada visando à crise aberta, sendo que então qualquer resistência é justificada como constatação da interiorização das categorias "esquerdistas" pelo corpo social, parte estratégica fundamental para a guerra cultural.

Então este suposto "ato de defesa" suscitado seria suficiente para utilização como estratégia discursiva. Afinal, se o uso pelo "inimigo" é permitido, seria então ingenuidade negar-se o uso de uma dimensão discursiva, que tem considerável penetração, pois se faz popular, já que "sem rebusqueios", etc. Este tipo de dimensão é especialmente valorizada em ações de sua base, especialmente através de *e-mails*[308]. Este tipo de leitura social é reafirmada na tentativa de Ipojuca Pontes, outro colunista do MSM desde seu início, de resumir o carisma de Lula em uma atitude que remeteria somente à "aparência" deste diante do jogo político. "*Por trás de tudo, claro, um espectro se abate sobre a Era Vertiginosa - o espectro de Lula, um tipo que engana bem o país (e o mundo, segundo dizem)*", cujo caráter é julgado, "*pelo viés da psicologia*", como remetendo "*à imagem do criminoso reincidente*".

Para Pontes a essência da personalidade do ex-presidente seria dissimulada pela sua aparência, pelos "*seus truques, arroubos e impulsos incontroláveis, o uso do deboche e do palavrão como arma de represália, a sistemática adoção da mentira enquanto norma de conduta, o fato de aceitar com naturalidade atos desonestos e justificá-los*". Deste modo Lula teria a capacidade de dissimular qualquer atitude sua ordenando discursivamente "*valores no qual o crime parece fazer*

---

[307]CARVALHO, O. de. "Barbárie mental". *Jornal do Brasil*. 15.02.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070215jb.html, acessado em 09.09.10.

[308]Somente o autor desta dissertação durante a eleição de 2010 recebeu cerca de 150 correios eletrônicos de propaganda anticomunista, destes, quase sua totalidade composta de ofensas pessoais e/ou caricaturas de políticos petistas – para o MSM a esquerda moderada é o pior dos inimigos, o que será discutido adiante.

sentido, etc.". Ele irá buscar "confirmar" esta sua percepção sobre Lula, resgatando um acontecimento da adolescência deste: "*é bom não esquecer que um dos primeiros gestos conscientes de Lula, ainda adolescente, segundo ele próprio, foi justamente o de tentar enganar a mãe: ao cabo do primeiro dia no emprego, para impressionar D. Lindu, sujou de graxa o macacão de trabalho*", julgando que "*na troca da essência pela aparência, deu-se por feliz*"[309].

Deste modo, apropriando-se de uma cisão metodológica oriunda do marxismo de maneira propositadamente errônea, ele busca resumir o ex-presidente em uma suposta "essência", a de um "*criminoso reincidente*", que seria mascarada pela "aparência", seu carisma seria sua capacidade de dissimulação – e assinale-se que Lula, de qualquer modo, *teria afinal trabalhado naquele dia*. Esta é uma acusação grave, e que não escaparia de sanções jurídicas caso a autonomia política do PT não estivesse limitada pela sua política de conciliação de classes – onde a defesa da integridade de um de seus militantes históricos, e que ocupava a presidência da República, é menos importante que um possível "mal estar" político que viesse a impedir a governabilidade do Estado (obviamente não estamos estendendo aqui este tipo de sanção somente ao MSM, mas a maioria da grande mídia brasileira, como já discutido). Pontes, afirmando-se em posição de sujeito que denuncia, aponta um alvo para uma indignação social – a corrupção – e busca revestir-se de uma superioridade moral, de uma importância social e política do mesmo porte que seu alvo de acusação.

Sobre a banalização que é gerada pela utilização sistemática da derrisão, Georges Minois nos diz que:

> *A zombaria política generalizada, longe de desembocar na subversão, acaba contribuindo para banalizar as práticas que denuncia*. Os meios políticos conseguem exterminar o cômico, tornando-se eles próprios cômicos. Certos políticos, tanto homens quanto mulheres, parecem mais grotescos que suas marionetes. Para uns, é dom natural; outros chegam a isso à custa de trabalho e graças às opiniões esclarecidas de seus conselheiros em comunicação[310].

O autor entenderá que este tipo do uso do humor, foi tornado habitual na contemporaneidade, onde "*tudo deve ser tratado de forma humorística*", em que "*até os filmes mais violentos, ou mais sombrios, encarregam-se de um lado humorístico – uma piscadela para o espectador o faz compreender que não é preciso acreditar muito no que vê*"[311], é parte de um processo social, que revela o relativismo em sua característica mais obscena, a da incredulidade cética, que escapa ao ateísmo, pois não se trata de racionalmente opor-se ao clericalismo, por exemplo, mas o cinismo, em um mundo onde a violência é tratada com uma insensatez

---

[309]PONTES, I. *Se Lula existe, tudo é permitido*. 22.12.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/10628-se-lula-existe-tudo-e-permitido.html, acessado em 12.12.10. Grifos nossos.

[310]MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. op. cit. p. 596. Grifos nossos.

[311]Idem. p. 620.

inconcebível. "*O humor agressivo e maldoso, chafurdando no obsceno e no escatológico, tal como o estampam certas revistas e desenhos animados, confirma essa tendência: a ferocidade caricatural não choca porque não é levada a sério*". Sendo que "*os excessos do grotesco, que aumentaram ao longo do século XX*", no que considera um "*empenho desesperado e numa vertigem de degradação em Arrabal, Michaux, Artaud, Céline ou Günter Grass, traduzem a raiva impotente diante do absurdo universal. Mas essa banalização do grotesco foi integrada na visão desenvolta do mundo*"[312], ao contrário de outros tempos, como o de Denis Diderot, que escreveu que o "*gracejo de uma sociedade é uma espuma leve que se evapora no palco; o gracejo de teatro é uma arma cortante que feriria na sociedade. Não se tem com seres imaginários o comedimento que se deve ter com seres reais*"[313].

Seja qual for a justificativa para o uso da agressão, seja através da derrisão ou da violência simples, ela é justificada como técnica discursiva para a disputa ideológica, onde, supostamente, atacar a aparência automaticamente significaria revelar automaticamente a essência do inimigo, sua realidade obscurecida pelo discurso. Sobre isto, Carvalho em seu *True outspeak* irá considerar seu uso, porque "*palavrões são um instrumento de comunicação, o único possível em certas circunstâncias*", usando como exemplo um artigo de Dráusio Varella (não descobrimos o conteúdo deste artigo), preparado para ser discutido ao vivo, que segundo o próprio, "*a única resposta para aquilo ali é o famoso vai tomar no cu, porque tem coisa que você não pode discutir seriamente, vocês está entendendo, tem coisa que é de uma sem-vergonhice, de uma safadeza tão grande, que a única reação possível é aquela que vem direto do coração*". Sendo esta, "*que vem direto do coração é o que? É uma reação de raiva, de indignação, e é mandar o sujeito tomar no cu mesmo*". E segue:

> […] eu até os cinquenta e oito anos de idade, cinquenta e sete, cinquenta e oito, não falava palavrão, tá certo. Eu era um sujeito até bem educado, agora, acontece que chega um momento em que eu me toquei: pera aí, a educação, a polidez está servindo de instrumento de controle do meu comportamento, tá servindo de instrumento opressivo encima [sic] de nós. Quer dizer, o sujeito vem e te fala coisas mortalmente ofensivas em linguagem adocicada, naquele estilo Paulo Evaristo Arns, naquele estilo untuoso, né, sugere até as vezes o seu assassinato, né, começa a justificar homicídio em massa etc., etc. e quer ser respondido polidamente, tá certo. Ora, eu vejo, por exemplo, esses polemistas de mídia brasileira, conservadores e liberais, que discutem com essa turma esquerdista, e mesmo quando eles provam o seu ponto, provam a superioridade das suas ideias, eles saem perdendo, porque eles não têm a violência psicológica do outro lado. Esse pessoal da esquerda, todos eles, são de uma violência psicológica fora do comum. Para eles, quando conversam com você, eles olham pra você já vendo em você o cadáver, tá certo. A ideia deles é homicídio, é genocídio em massa, é homicídio em massa, é genocídio. Eles acham que eliminação do inimigo de classe não tem problema nenhum, e até um mérito, e eles tão olhando pra você e vendo o inimigo de classe, vendo teu cadáver ali. E você

[312]MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. op. cit. p. 620-621.
[313]DIDEROT, D. *Paradoxo sobre o comediante*. São Paulo: Escala, 2006. p. 47.

> achando que é apenas uma divergência de ideias, e querendo manter a discussão na esfera polida, até talvez até com todo aquele formalismo acadêmico. É por isto que, polemistas que em outro contexto seriam brilhantes, como Denis Rosenfield, Zé Nivaldo Cordeiro, etc., às vezes levam desvantagem porque, porque eles são educados demais. E outra coisa, quando o sujeito vem com uma ideia maligna, maliciosa, capciosa, tá certo, e agressiva, às vezes até uma ideia homicida, ideia assassina, tá certo, como essas desse pessoal do vermelho.org, que fazem apologia de Stálin. Fazer apologia de Stálin é fazer apologia do genocídio, tá certo, o pessoal vem com essas ideias e se você lhe responder educadamente, você está conferindo dignidade a estas ideias. Viu ora, refutar polidamente nós refutamos polidamente ideias que ainda estando erradas tem aquela dignidade mínima da vida acadêmica, da vida intelectual. Agora, apologia de Stálin não tem isso meu Deus do céu, apologia de Che Guevara não tem isso, porque o sujeito está fazendo apologia do Che Guevara está dizendo o seguinte: nós vamos matar você, é isto que ele quer dizer. Você é da direita, tá certo, e nós vamos fazer como o Che Guevara, nós vamos matar você. É isto que o sujeito está dizendo, e quer ser respondido com educação? Educação o caralho! Vai tomar no cu, seu filho de uma puta! Tá entendendo?[314].

Imputando "razão" sobre a realidade para sua atuação política, "*a superioridade ou a comprovação de seus pontos na divergência de ideias*", passa a creditar ao tom bem educado, a polidez acadêmica a causa de seus fracassos no convencimento, pois este tom não seria condizente com o tipo de combate que estaria sendo levado ao cabo, que seria definido em termos de vida ou morte, pela existência ou não do ser que defende determinada posição. Deste modo, reduz o campo político eleitoral burguês em uma leitura binária, como arena de confrontamento de seres de naturezas opostas e irreconciliáveis, e que tem de ser refutado, já que permite a existência "democrática" destes "*apologistas da violência*". Este tipo de leitura só é possível quando descredita-se qualquer racionalidade a atuação política dos homens, abandonando qualquer pauta, questão ou projeto social existente dentro de uma realidade histórica, em que se vive e se atua, para compreender *qualquer decisão* como "tarefa" para o cumprimento de um "fim da história", marcado entre os conservadores e revolucionários, sendo que os primeiros sempre estariam com a superioridade da razão simplesmente porque defendem o que "já existe" (iremos retornar a este entendimento em nossa discussão sobre anticomunismo). E qualquer consideração sobre um uso "preventivo" da derrisão de modo algum sustenta-se, indo até contra esta noção, que explicita a impossibilidade de qualquer analogia profilática para a agressão – tal qual a violência ela só se faz "defensiva" quando praticada em relação a alguém e/ou algo.

Nas próximas imagens a relação do MSM com a derrisão emerge de modo grotescamente explícito. Elas foram veiculadas na sua seção "humor" do *site*, publicadas durante a eleição estadunidense de 2008. Naquele país, a disputa presidencial é polarizada entre dois partidos: o Republicano, com o qual o MSM identifica-se, mas de maneira crítica, sempre o exaltando a explicitar de maneira agressiva suas posições, e cujo animal simbólico é um elefante. E o Partido

[314] CARVALHO, O. de. *True outspeak*, sem data. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=OhGx8NXX5V4, acessado em 12.12.10. Transcrição nossa.

Democrata, que combatem como o maior dos "responsáveis" pela contaminação da sociedade estadunidense pelos "valores esquerdistas", e seu animal simbólico, o burro. Segundo Carvalho, "*nas fotos abaixo, vemos como ambas as agremiações são atenciosas para com a opinião pública*"[315]:

FIGURA 4: "Flagrantes da vida real", segundo Carvalho:

Diálogo entre um representante da mídia e a liderança republicana.

Porta-voz do movimento gay expõe suas reivindicações à liderança democrata.

FONTE: CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html, acessado em 18.09.10.

A primeira fotografia, que nos mostra um elefante, o Partido Republicano, comandado por uma adestradora, a mídia. Isto se alinha a crítica que fazem aos membros daquele partido, que seriam corretos em suas propostas e atuações políticas, mas que teriam abdicado "ingenuamente" o combate cotidiano aos seus inimigos externos e internos (leiam-se comunistas), considerados desaparecidos após a queda da União Soviética em 1989, permitindo-se ser "domesticado" por estes mesmo inimigos, de maneira sub reptícia. A segunda fotografia é muito mais violenta em seu significado, pois embora a girafa não seja costumeiramente associada a nenhum estereótipo

[315]CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html, acessado em 18.09.10.

relacionado ao homossexualismo, a inusitada foto busca considerar como “espécie distinta”, cuja organização em grupos de luta por seus direitos e pelo reconhecimento jurídico específico, seria para o MSM uma das formas de atuação subterrâneas da esquerda mundial, cujo domínio sobre as tendências liberais seria completo – pela lógica machista do MSM representada na subjugação sexual.

O MSM busca através da atribuição de sentido político para a potencialidade do riso e do escárnio a interiorização do estereótipo, que configura-se deste modo como padrão de reconhecimento e atuação diante do cotidiano, proposição ideológica explicita-se como estratégia política quando é afirmada como parte do seu combate, especificamente em relação ao politicamente correto, que é compreendido como cerne fundamental na guerra de posições (ou como eles preferem guerra cultural) levada a cabo contra uma suposta esquerda mundial, tomada como sujeito “obscuro” a ser plenamente “desmascarado”[316]:

> I. **O “Politicamente correto” é, se quiserem, um silencioso marxismo cultural.** Se o velho marxismo era uma coisa de massas, este novo marxismo é uma coisa silenciosa. O politicamente correto não é uma ideologia coletiva. É, isso sim, uma crença privada. Mas, atenção, é uma crença privada partilhada, em silêncio, por milhões. É um **manual de comportamento e de policiamento do pensamento e do vocabulário**. II. O velho marxismo assentava numa simples dicotomia moralista: havia os “bons”, os operários, e os “maus”, os burgueses. O novo marxismo cultural readaptou essa lógica para a esfera cultural, religiosa e étnica: **há o “mau”, o Ocidente branco, e há o “bom”, o resto do mundo não-ocidental. Isto, como é óbvio, gera a farsa moral do politicamente correto.** Uma farsa que mina o debate das nossas sociedades[317].

Assim, pensar criticamente os motivos pelos quais um discurso como este leva ao riso, ao tratar indolentemente o que é intolerável, nos permite ao menos refletir, já que é difícil mensurar o riso, sobre o quanto uma visão de mundo restrita e excludente acaba por ser interiorizada por boa parte da população. “*Atrás dessa cacofonia de risos organizados está, sabe-se bem, o novo tirando que zomba perdidamente dos valores morais: o índice de audiência, ele próprio agente do deus supremo, que é a economia*”, sendo que, com certeza, “*o cômico que vende bem é aquele que o público exige. Produz-se então uma osmose entre as tendências profundas e os interesses, terminando em um cômico de supermercado, do qual se louva o 'caráter liberador e oxigenante'*

---

[316]Para situar já o leitor, adiantemos o que Olavo de Carvalho entende como o “truque maior” das esquerdas pós-1989: “*E que cazzo de diferença existe afinal entre 'linha justa' e 'politicamente correto?' De que adiantou destruir a máquina da censura mental comunista se agora é a intelectualidade em peso que cai em cima de nós como um bando de comissários-do-povo para fiscalizar, patrulhar, pressionar, chantagear, ameaçar, denegrir? Pior: abrigados sob a convicção geral de que 'o comunismo morreu', os novos comissários estão livres para agir igualzinho aos antigos sem que ninguém os possa acusar de comunistas. É o derradeiro truque da mais histriônica das ideologias: fingir-se de morta para assaltar o coveiro*”. CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 74.

[317]RAPOSO, H. “*O que é o politicamente correto?” Jornal Expresso*. 23.04.10. *apud* FONSECA, J. C. S. da. *Farsa moral do politicamente correto*. 09.05.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11055-farsa-moral-do-politicamente-correto.html, acessado em 13.10.10. Grifos do autor.

num mundo pouco propício ao exercício do riso”[318].

É baseado nestes matizes de senso comum e bom senso que, como já vimos, são compartilhados pela pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia, que o MSM constituiu seu discurso ideológico, buscando o convencimento destes, não só pelo conteúdo que disseminam, mas pela forma escolhida. Então o estereótipo, o preconceito, o senso comum, são utilizados como figuras de linguagem (ou até como ilustrações) para o ataque, para a atribuição de descrédito ao outro, o que constitui o cerne da utilização da derrisão. Utilizam a potencialidade do riso e do escárnio para fortalecer imagens interiorizadas por estes estratos sociais, como a meritocracia, a subordinação hierárquica, a defesa do *status quo*, a atribuição de externalidade da origem da corrupção no Estado, que teria sua neutralidade corrompida por determinados agentes políticos, a neutralidade da cultura (a cultura popular resumida como preconceitos e imagens estereotipadas) como sedimentação a histórica, da exclusão dos que não assumem ativamente a moral dominante, etc. Como afirma Bourdieu, “*o produto linguístico só se realiza completamente como mensagem se for tratado como tal, isto é, decifrado*”[319].

Ainda sobre as possibilidades de mistificação através do discurso jornalístico, sobre os modos de manipulação da mídia sobre a informação, Perseu Abramo nos oferece uma leitura contundente. Ele aponta padrões, “*tipos ou modelos de manipulação, em torno dos quais gira, com maior ou menor grau de aproximação ou distanciamento, a maioria das matérias da produção jornalística*”, que são utilizados cotidianamente, e sublinha-se articulados, para criar uma realidade esvaziada de seu conteúdo social, na qual situa quatro grandes padrões que atingem toda a imprensa. O primeiro é o padrão de ocultação, “*que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa*”, anotando que “*não se trata, evidentemente, de fruto do desconhecimento, e nem da mera omissão diante do real. É, ao contrário, um deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade*”. Esta técnica é vital para a tomada de decisão de que determinado fato é “não-jornalístico”, este incorrendo que “*não há menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência por meio da imprensa*”[320], sendo também como “tática zero”, baseado em uma estratégia de guerra estadunidense, pela qual não se fala abertamente sobre o inimigo, evitando criar qualquer tipo de clima, favorável ou desfavorável, que possa ser utilizado politicamente por este. O segundo é o padrão de fragmentação, em que já “*eliminados os fatos definidos como não-jornalísticos, o 'resto' da realidade é apresentado pela imprensa ao leitor não como uma realidade, com suas estruturas e interconexões, sua dinâmica e seus movimentos e processos próprios, suas causas, suas condições e suas conseqüências*”. Assim, “*o todo real é*

[318]MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. op. cit. p. 622.
[319]BOURDIEU, P. *Economia das trocas linguísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 24-25.
[320]ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 25-27.

estilhaçado, despedaçado, fragmentado em milhões de minúsculos fatos particularizados, na maior parte dos casos desconectados entre si, despojado de seus vínculos com o geral, desligados de seus antecedentes e de seus conseqüentes no processo em que ocorrem". Este padrão, que articula a fragmentação da realidade com sua descontextualização, soma-se à eliminação de fatos no padrão anterior, sendo "*essenciais, assim, à distorção da realidade e à criação artificial de uma outra realidade*"[321]. O terceiro padrão é o da inversão "*que opera o reordenamento das partes, a troca de lugares e de importância dessas partes, a substituição de umas por outras e prossegue, assim, com a destruição da realidade original e a criação artificial de outra realidade*". Abramo nota que existem várias formas deste padrão se apresentar, sendo as principais: a inversão da relevância dos aspectos: "*o secundário é apresentado como principal e vice-versa; o particular pelo geral e vice-versa; o acessório e supérfluo no lugar do importante e decisivo; o caráter adjetivo pelo substantivo; o pitoresco, o esdrúxulo, o detalhe, enfim, pelo essencial*". A inversão da forma pelo conteúdo, onde "*o texto passa a ser mais importante que o fato que ele reproduz; a palavra, a frase, no lugar da informação; o tempo e o espaço da matéria predominando sobre a clareza da explicação; o visual harmônico sobre a veracidade ou a fidelidade; o ficcional espetaculoso sobre a realidade*". A inversão da versão pelo fato: "*não é o fato em si que passa a importar, mas a versão que dele tem o órgão de imprensa, seja essa versão originada no próprio órgão de imprensa, seja adotada ou aceita de alguém – da fonte das declarações e opiniões*", sendo que "*tudo se passa como se o órgão de imprensa agisse sob o domínio de um princípio que dissesse: se o fato não corresponde à minha versão, deve haver algo errado com o fato*". E a inversão da opinião pela informação, sendo que este se faz quase inevitável quando ocorre a articulação sistemática dos outros padrões, sendo que é caracterizado por "*substituir, inteira ou parcialmente, a informação pela opinião*", e é feita através da "*negação, total ou quase total, da distinção entre juízo de valor e juízo da realidade*"[322].

Isto corrobora com a leitura de Gramsci sobre a mídia italiana de seu período, entre que chamou jornais de informação, "*um serviço de informação, isto é, o jornal em questão oferece diariamente aos seus leitores, ordenados e separados, os juízos sobre os eventos publicados pelos outros jornais*". E os jornais de opinião, cuja "*rubrica tem uma outra função: serve para reafirmar os próprios pontos de vista, para detalhá-los, para apresentar, em contraditório, todas as suas facetas e toda a casuística*", estes "didaticamente" repetindo-se, "*de forma não mecânica e sem pedantismo as próprias opiniões*", e assim tendo "*um caráter quase 'dramático' e de atualidade, como obrigação de responder a um adversário*"[323]. Mas sendo distintos, confundem-se propositada e intencionalmente.

---

[321]ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 27-28.
[322]Idem. p. 28-31.
[323]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 243.

O quarto padrão de Abramo é o padrão de indução, "*resultado e ao mesmo tempo o impulso final da articulação combinada de outros padrões de manipulação dos vários órgãos de comunicação com os quais ele tem contato*" e é marcado, através do "*reordenamento, ou recontextualização da realidade, pelo subtexto – aquilo que é dito sem ser falado*", pela "*presença/ausência de temas, segmentos do real, de grupos da sociedade e de personagens*". Isto é verificado quando "*alguns assuntos jamais, ou quase nunca, são tratados pela imprensa, enquanto outros aparecem quase todos os dias. Alguns segmentos sociais são vistos pela imprensa apenas sob alguns poucos ângulos, enquanto permanece na obscuridade toda a complexa riqueza de suas vidas e atividades*". Então, enquanto "*alguns aspectos são sistematicamente relembrados na composição das matérias sobre determinados grupos sociais, mas igualmente evitados de forma sistemática quando se trata de outros*". No que o autor conclui, que "*depois de distorcida, retorcida e recriada ficcionalmente*", a realidade é também "*dividida pela imprensa em realidade do campo do Bem e realidade do campo do Mal, e o leitor/espectador é induzido a acreditar não só que seja assim, mas que assim será eternamente, sem possibilidade de mudança*"[324].

O leitor já deve ter notado que o MSM absorve estes padrões de manipulação de modo ostensivo para a constituição de seu discurso ideológico (não interessando se consciente ou inconscientemente, no sentido de conhecer diretamente a obra de Abramo), utilizando politicamente as consequências deste uso abusivo, indiscriminado, pois:

> Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e freqüentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela da realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele a capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento. Daí que cada leitor tem, para si, uma imagem da realidade que na sua totalidade *não é real*. É diferente e até antagonicamente oposta à realidade. A maior parte dos indivíduos, portanto, move-se num mundo que não existe, e que foi artificialmente criado para ele justamente a fim que ele se mova nesse mundo irreal. A manipulação das informações se transforma, assim, em manipulação da realidade[325].

Ainda como etapa para a afirmação do empreendimento, o MSM foi à busca de seus consumidores, através da propaganda, entendida como publicidade. "*A propaganda está ligada à catequese e ao convencimento, enquanto a publicidade refere-se a tornar público, remetendo ao que não deve ser mantido em segredo, ao que todos devem saber*", distinção básica, mas crucial, já que "*a propaganda pode não ser pública, isto é, ela não supõe a generalização ampla de seus*

---

[324]ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 33-35.
[325]Idem. p. 24.

próprios pressupostos, estando mais voltada diretamente para o convencimento”. Virgínia Fontes irá explorar as duas categorias em seu sentido histórico, pois “*a transformação da publicidade em propaganda – isto é, a mercantilização da difusão e da informação – faz parte da expansão contemporânea do capitalismo*”[326]. Já a publicidade está diretamente ligada com o mito liberal do Estado neutro, sujeito idôneo acima das classes e seus conflitos, e foi uma das lutas levadas a cabo pelo trabalhadores, no sentido de tornar público votações de representantes, dos debates políticos. “*Tornar público, socializar informações provenientes dos Estados e dos governos – foi uma das conquistas dessas lutas dos trabalhadores e estes o fizeram, muitas vezes, por meio de seus próprios jornais e impressos*”, cujo processo resultou na incorporação de demandas populares na própria ossatura material do Estado, em um processo específico, o de sua ampliação. “*Traduz-se na introdução de elementos de democratização – esparsos e tendenciosos – e, por que não, de alguma dimensão pública no Estado*”[327].

A propaganda é relacionada com a produção e difusão de visões de mundo, “*de livros para leitura popular que pudessem contrapor-se às formas de propaganda dominante, traduzidas pela publicação de folhetins disciplinadores, de literatura de ordem moralizante, de 'catecismos' diversos*”, sendo elemento central para os movimentos organizados da classe trabalhadora: “*Aliás, uma das primeiras preocupações desses partidos (que fossem anarquistas, socialistas ou marxistas) era exatamente a difusão não apenas de suas próprias palavras de ordem ou visões de mundo, mas também de uma cultura mais ampla para as camadas populares*”, que através de seus “*setores partidários de 'agit-prop' – agitação e propaganda – constituíram-se em formas de aprendizado social e de acesso à literatura, ao debate internacional, às discussões filosóficas ou econômicas*”[328]. Assinalando, segundo Gramsci, que

> […] uma associação normal concebe a si mesma como uma aristocracia, uma elite, uma vanguarda, isto é, concebe a si mesma como ligada por milhões de fios a um determinado agrupamento social e, através dele, a toda humanidade. Portanto, esta associação não se considera como algo definitivo e enrijecido, mas como tendente a ampliar-se a todo um agrupamento social, que é também considerado como tendente a unificar toda a humanidade[329].

O movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade, é partícipe do mesmo processo que desencadeia uma “*verdadeira analfabetização política*”, cuja inculcação “*vem se exercendo de forma regular e insidiosa através da imprensa e da mídia em geral, que crescentemente adota a fórmula banalizante do marketing. Para este, quanto menos o consumidor*

[326]FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro, Bom texto, 2005. p. 179-180.
[327]Idem. p. 179-180.
[328]Ibidem. p. 183-184.
[329]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 231.

pensar, melhor será para a venda do produto"[330]. A citação seguinte é longa, mas devido ao caráter normatizador para a propaganda do MSM, iremos citá-la integralmente no que se refere a internet:

> A idéia é a seguinte: DIVULGAÇÃO, EXPOSIÇÃO E TOMADA DE ESPAÇOS. Seguem algumas sugestões para a ação na internet: 1) Se você não tem um blog, faça um. É de graça e você não vai gastar mais que alguns minutos. Não precisa ter textos originais. Encha o blog de textos que julgar interessantes, citando a fonte, claro. Adicione marcadores (ou tags), por exemplo: o texto fala sobre o Foro de São Paulo - coloque "foro de são paulo", "lula", "pt", "Fidel", "comunismo", "farc", "socialismo", etc. nessas tags. Elas servem para auxiliar alguns mecanismos de busca. Mas seja honesto e liste apenas o essencial. 2) Comente as matérias dos jornais. Cadastre-se nesses meios, a maioria é de graça, e comente sobre as matérias. Não precisa ser uma tese de doutorado, basta uma manifestação enérgica. O que importa, nessa estratégia de ocupação de espaços é a VISIBILIDADE. Deixe as pessoas que irão ler em seguida saberem que a opinião delas tem simpatizantes, que elas não estão sós, afinal sabemos que o povo brasileiro é conservador. Também classifique os demais comentários. 3) Crie tópicos no Orkut em comunidades variadas e neutras. Só não encha a comunidade de tópicos para não ser o chato da história. Use o bom senso para descobrir em qual comunidades [sic] postar e como fazê-lo. Um tópico por dia, apenas isso, em comunidades diferentes, você não será inconveniente. Use como assunto os desmandos comuno-socialistas, as barbaridades petistas, material é o que não falta. É aconselhável acompanhar esses tópicos e respondê-los, se necessário. Use o Twitter; para espalhar coisas é uma ferramenta ótima. RTs, frases soltas, comentários, perguntas capciosas a esquerdistas famosos (eles estão aos montes e simplesmente não saem do Twitter!), qualquer coisa é material para essa pulverização. Idem para MySpace, FaceBook e todas as outras redes sociais. 4) Cuidado para não ser chato, ranzinza, antipático ou violento com as pessoas neutras ou doutrinadas. Elas não tiveram culpa de estudar no Brasil atual. Temos que ser simpáticos e AGREGAR. O frescor do ideário direitista, sem aquele ranço revolucionário, sem as barbas e a bolsa de couro fedida ajuda muito nisso. Não é difícil reforçar as características de LIBERDADE E RESPONSABILIDADE que o pensamento direitista abarca. 5) Não pense que você mudará a opinião daqueles dinossauros. Esses já estão perdidos. Nos resta os apolíticos, os ainda não totalmente doutrinados, os jovens. Lembre-se que, por quase meio século, a esquerda no Brasil realizou uma bem sucedida tomada de espaços nos meios acadêmicos e culturais a partir da doutrina gramsciana. Acontece que temos agora acesso a informações que há algum tempo não tínhamos e hoje ainda temos um instrumento poderoso: a internet, o único lugar onde a esquerda tem chance de apanhar. 6) Textos gigantes e difíceis sobre conjuntura política têm menos visibilidade para a maioria das pessoas que frases curtas. Foque seu público. Use o HUMOR, ridicularize os cocômunistas, num estilo à la Comunistas Caricatos, Opinião Popular, etc. O humor é poderoso! 7) Quem tem conhecimento de línguas pode fazer a mesma coisa em sites de notícias estrangeiros. Fale para os outros habitantes da Terra o que se passa na Bananalândia! Comente as notícias da FOX, CNN, escreva twitts em inglês, conte para o mundo a bomba que se encontra no calcanhar deles! 8) Adesivos em carros, nas janelas de casa e camisetas também ajudam, mas fica ao critério de cada um o uso desses meios de divulgação, por uma questão de auto-preservação. 9) Troque telefone com direitistas da internet da sua região (aqueles que seguramente reconhecer). Contatos pessoais, nem que seja para falar um oi, são mais convincentes do que o mero conhecimento na rede. Cuidado com fakes e clones.10) TENHA CUIDADO. Como sabemos, muitos revolucionários são perigosos e não têm freio moral. Portanto, mude freqüentemente suas senhas, faça senhas complicadas, não abra links nem se envolva pessoalmente nas discussões. Por outro lado, seja enérgico e não demonstre

---

[330]FONTES, V. *Considerações sobre um debate eleitoral*. Disponível em http://www.artnet.com.br/~gramsci/arquiv236.htm, acessado em 10.10.10.

medo ou fraqueza. Mas se preserve. Se quiser, escreva usando pseudônimos[331].

Como visto, não há necessidade que o partidário do MSM torne-se produtor de conhecimento, articulando sua experiência, seu lugar de classe e atuação no sentido de desmistificar sua vivência cotidiana, mas sim, que dentro das suas possibilidades, ele torne-se reprodutor de um conhecimento já disponibilizado para tanto, desde que "*citando a fonte, claro*". Isto garante uma falsa homogeneização de seus partidários, já que a mera reprodução pela repetição nada mais garante que a interiorização ideológica não mediada pelo sujeito, ou melhor, mediada, pois inevitável, mas que em tese não precisaria sê-la. Ou seja, provoca o efeito duplo de reiterar o senso comum do militante, ao mesmo tempo em que reafirma a superioridade das teorizações do MSM, que não necessitam ser colocadas em xeque, mas veiculadas "passivamente" de acordo com as instruções. E forçando-os ao embate, através do conhecimento fragmentado do adversário (que torna-se deste modo também superficial), obriga-se que o discurso seja construído como oposição – no sentido de abarcar o discurso adversário ao mesmo tempo que reafirma sua caracterização anterior, *como confirmação de suas hipóteses*, o que "evita" a cooptação ou convencimento pelo inimigo –, tendo em vista que, mesmo esgotada a argumentação com determinado opositor, estes simplesmente seriam considerados "dinossauros perdidos". E a necessidade da militância justificada pelo espaço que supostamente não possuiria o projeto político que o MSM defende, obrigado a enfrentar uma luta injusta, já que "*a esquerda no Brasil realizou uma bem sucedida tomada de espaços nos meios acadêmicos e culturais a partir da doutrina gramsciana*", dá-se o mote para a atuação partidária do indivíduo, visando atingir prioritariamente, "*os apolíticos, os ainda não totalmente doutrinados, os jovens*"[332]. Pretende-se tão somente normatizar o discurso de seus militantes, não os dotando de referencial teórico-metodológico adequado para a intervenção em distintos campos do corpo social, nos quais teriam de buscar por si próprios a análise para a atuação adequada, e assim compondo ativamente o projeto político com o Estado-maior do MSM, mas sim buscando instrumentalizá-los verticalmente, sem nenhum tipo de participação decisória, para a ocupação de espaços, para a guerra de posição. Guerra entendida em termos literais, já que "*revolucionários são perigosos e não têm freio moral. Portanto* […] *seja enérgico e não demonstre medo ou fraqueza. Mas se preserve*". Afirmando a emergência do combate organizam seus militantes em torno do pressuposto da crise que se aproxima, justificativa para a necessidade da atuação em termos violentos e virulentos.

O MSM, tal qual um pequeno empreendimento, tomou como caminho para a propaganda, baseando-se no antigo boca a boca, no convencimento individual pela argumentação, o que na

---

[331]MARTINS, T. F. *Resistência e reação*. 17.07.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11247-resistencia-e-reacao.html, acessado em 13.10.10.
[332]Idem.

internet se faz possível pelo acesso às redes sociais, em especial o Orkut (Carvalho já algumas vezes foi denominado com o epiteto de "filósofo de Orkut"). A popularização das redes sociais acompanhou a difusão do acesso à *web* no país e a queda do preço do *hardware*. O Orkut é uma rede social *online* filiada ao Google, criada em 2004, por um funcionário desta, chamado Orkut Büyükkökten. Ela possibilita a interação entre indivíduos através de perfis (que formam redes de "amigos") e comunidades (redes de interesses semelhantes). No Brasil ela foi a primeira rede social *online* de massas, ganhando sua versão em português no ano seguinte, seu sucesso foi tão grande que em 2008 a sede do Orkut foi transferida dos EUA para o Brasil. Sobre seu alcance, o CGI.br nos traz dados:

> Segundo os dados apurados, 86% dos usuários ativos de Internet no Brasil acessaram redes sociais. A Itália ocupa o segundo lugar no número de acessos, com (78%); seguida por Espanha (77%); Japão (75%); Estados Unidos (74%); Inglaterra (74%); França (73%); Austrália (72%); Alemanha (63%); e Suíça (59%). O Orkut segue como a rede social mais acessada pelos brasileiros, com 26,9 milhões de visitantes únicos no mês de maio. Facebook e Twitter aparecem empatados com 10,7 milhões. Cada brasileiro dedica, em média, mais de cinco horas a esses tipos de *sites*. O número de visitas em redes sociais em todo o mundo aumentou 24% em comparação com o ano passado e os internautas gastam, em média, 66% mais tempo nesses *sites* do que há um ano. Segundo o estudo, a expansão e a presença das redes sociais e *blogs* é uma tendência irreversível[333].

A utilização estratégica desta rede social possibilitou ao MSM alcance imediato ao leitor, rapidez na crítica cotidiana e penetração em termos de massa. "*Os sites de redes sociais, assim, parecem estar atuando bastante na sociabilidade no mundo offline. Estão sendo apropriados como formas de criação e manutenção de grupos com menor investimento, como formas de acesso a capital social e mesmo, como espaços sociais*", cuja opção como investimento permite "*ser apropriada com um fim diferente, expondo grupos sociais que perpassam a existência de um mesmo ator em diferentes níveis e com diferentes tipos de valores associados*"[334]. A comunidade oficial do MSM nesta rede, posse da usuária Priscila Garcia e moderada por *Cristina, Isabela Y e Ana Maria Nunes, possui cerca de quatro mil membros e existe desde 20.11.04[335]. Sobre estes espaços de disputa, Raquel Recuero diz que

> […] as redes sociais na Internet não deveriam ser vistas como um reflexo completo

---

[333]CGI.BR. "No *podium*". *CGI.br*. nº 3. op. cit.

[334]RECUERO, R *Uma reflexão sobre redes sociais online e offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/uma_reflexao_sobre_redes_sociais_online_e_offline.html, acessado em 13.10.10. Apontamos que a noção de rede *offline* tem de ser compreendida criticamente, visto que naturaliza as redes *online*, dando uma impressão de determinismo tecnológico, o que recusamos.

[335]Uma comunidade no Orkut é criada por um usuário, que encarrega-se e pode encarregar outros usuários de sua moderação. Uma comunidade pode ter seus tópicos de discussões abertos ao público em geral, para leitura e comentários, pode ter ser restrita a possibilidade de comentar e pode ser somente acessível aos membros, que são aceitos ou rejeitados pelo moderador. A rede social não informa o crescimento de dada comunidade, sendo que os dados da comunidade do MSM são referentes ao dia 22.10.10.

> das redes sociais offline, mas como desveladoras de vários aspectos destas e como complexificadoras de seu espaço de atuação. É inegável que a apropriação das ferramentas vai afetar as redes sociais offline, pois há maior espaço de circulação de informações, por conta da maior clusterização das redes online e da maior conectividade. Além disso, o espaço online permite que as redes fiquem em permanente conexão, influenciando também os valores que circulam nessas redes e a percepção dos atores destes[336].

Dentre os resultados obtidos por esta iniciativa, podemos observar o tópico "Novo na comunidade", de 10.01.05 da mesma comunidade, onde um usuário da rede social, Breno, apresenta-se: "*eu não sabia da existência do Mídia sem Máscara até conhecer essa comunidade. Eu sentia muita falta de ter aonde ler matérias que contam a verdade. Agora além de ler diariamente o Mídia sem Máscara eu recomendo para os amigos*". E continua, discorrendo que "*sempre leio a esquerdista e mentirosa revista 'Caros amigos' apenas para saber o tamanho da lavagem cerebral que eles tentam fazer no povo brasileiro. Depois de ser torturado voluntariamente lendo a revista 'Caros amigos' nada melhor do que ler Mídia Sem Máscara*". Ao que Cristiano, no dia seguinte, responde: "*seja bem vindo Breno. Igual a você existem milhares de brasileiros que nunca ouviram falar do MSM mas querem desesperadamente algo assim*", no que acaba indo além para afirmar, meio fantasticamente, que "*a meta é essa, expandir além da Internet para versão impressa e TV*". E comentando sobre uma matéria do MSM, sobre o apoio de Chico Buarque ao regime cubano, escreve sobre a mídia em geral: "*muitos, ao comentar, diziam: 'Ninguém fala nada?', 'Nenhuma voz para denunciar esse tipo de postura psicótica? desse cantor?', 'Nenhuma notinha? Umazinha sequer?' Isso acontece com inúmeros artigos postados no MSM*", citando casos de outros segmentos sociais que encontraram na rede espaço para expressão, como "*Judeus, por exemplo, em via de regra encontram ali, fora os jornais da comunidade, o único contraponto, o famoso outro lado tão elementar ao jornalismo e a democracia*"[337]. O público, mesmo que segmentado, é atingido através da rede, não só como leitor, mas também encontra espaço para expressar suas impressões, dúvidas ou simplesmente reafirmar o que é escrito, além da possibilidade de inserção em um grupo social específico, determinado pelas suas concordâncias ideológicas.

Para fins de visualização montamos as seguintes tabelas (as comunidades relacionadas são propostas pelo moderador da comunidade original, no caso da tabela a seguir, do MSM, e os moderadores destas comunidades relacionadas aceitam ou não esta proposta):

---

[336] RECUERO, R. *Redes sociais online x redes sociais offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/redes_sociais_online_x_redes_sociais_offline.html, acessado em 23.10.10. Grifos da autora.

[337] TÓPICO DA COMUNIDADE "MÍDIA SEM MÁSCARA". *Novo na comunidade*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=775794&tid=6254698, acessado em 20.12.10. Optamos por corrigir os erros de português das mensagens do Orkut.

TABELA 13: Comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut:

Comunidade relacionada e número de membros	**Data de criação**	**Comunidades relacionadas em 2º grau e número de membros**
Julio Severo, conte conosco (441)	19/06/07	Olavo de Carvalho (6.350); Eu Amo a Rozangela Justino (70); ABRACEH (253); VIVA À CONSTITUIÇÃO DE 1988 (77); Encontro p/ Consciência Cristã (687).
Cinema sem máscara (88)	16/11/07	RGE (151); HQ em FOCO! (130); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo de Carvalho (6.350); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Oba! Morreu um comuna! (200); Jornada nas Estrelas: Original (1.645); Bush: Eu faria o mesmo (887).
GloboNews: canal do governo (69)	02/05/08	Olavo de Carvalho (6.350); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Cinema sem máscara (88); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo 40oC (116); Oba! Morreu um comuna! (200); Chicuzinho Alencar (21);
Yolhesman Crisbelles (132)	15/09/07	Olavo de Carvalho (6.350); Roberto Campos 1917-2001 (2.012); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Olavo 40ºC (116); Diga não a Eduardo Paes (36); Cinema Sem Máscara (88); Oba! Morreu um comuna! (200); GloboNews: canal do governo (69).
Oba! Morreu um comuna! (200)	29/09/08	Chicuzinho Alencar (21); Baranga Feghali (25); Paulo Ramos, ninguém merece... (12); Não a Molon, petralha do Rio (11); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); GloboNews: canal do governo (69); Peidou pra mussenga (12); Política social é o cacete! (88); Comunistas caricatos (974).
Comunistas caricatos cariocas (18)	24/09/09	FORA LULA (121.873); Olavo de Carvalho (6.350); Oba! Morreu um comuna! (200); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo 40ºC (116); Cinema Sem Máscara (88); Chicuzinho Alencar (21); Comunistas caricatos (974).
Olavo 40ºC (116)	24/11/06	Olavo de Carvalho (6.350); Yolhesman Crisbelles (132); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Chicuzinho Alencar (21); Baranga Feghali (25); Diga não a Eduardo Paes (36); Olavos da Garoa (9); ODC in SM (17); Não voto em defensor d bandido (4.756).
Comunistas caricatos (953)	10/04/06	FORA LULA (121.872); Eu Defendo o Cel. Ustra (95); A RESISTÊNCIA!!! (262); Olavo de Carvalho (6.350); Oba! Morreu um comuna! (200); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo 40ºC (116); Bush: Eu faria o mesmo (887).
Olavo de Carvalho (6350)	21/04/04	Filosofia em Olavo de Carvalho (887); Ciranda com Olavo de Carvalho (188); TrueOutspeak Olavo De Carvalho (769); Educação Liberal (623); Moderação OdeC (8); Escola Sem Partido (1.077); ÍnclitoAceno Olavo de Carvalho (217); Eric Voegelin (649).

FONTE: SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Mídia Sem Máscara"*. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 13.10.10.

Ao que completa-se com um quadro das descrições desta mesmas comunidades:

TABELA 14: Descrição das comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut:

Comunidade relacionada	**Descrição da comunidade***
Julio Severo, conte conosco	"*Por estar sendo procurado pelo Ministério Público Federal, o escritor evangélico JULIO SEVERO (herói nacional), autor do livro 'O Movimento Homossexual' (editora Betânia) teve que sair do Brasil, sem condições para isto, juntamente com três filhos pequenos, um destes recém-nascido. Em sua incansável luta pró-família, JULIO SEVERO tem denunciado o que está por trás do Movimento Homossexual, não só no Brasil, mas também em todo o mundo. JULIO tem escrito, traduzido ou adaptado artigos denunciando as artimanhas não só do movimento homossexual, mas também sobre pedofilia, aborto e sobre desconstrução da família. Por conta desta coragem, SEVERO e sua família tem pago um preço muito alto. Antes de sair do Brasil, o que se deu recentemente, ele andou durante muito tempo escondido, aprisionado em sua casa*"
Cinema sem máscara	"*Esta é a nova versão da antiga comunidade 'Cinema Sem Máscara', que foi sabotada por petralhas e retirada do Orkut. Esta é a crônica do bizarro cinematográfico nacional!*"
GloboNews: canal do governo	"*Se você está cansado desse canal de 'notícias' politicamente correto, que sempre 'pega leve' com o governo, que nunca mencionou o Foro de S. Paulo, que faz campanha contra os Estados Unidos, que chama Raul Castro de 'presidente' ao invés de ditador, que chama bandido de 'cidadão', então este é seu lugar*"
Yolhesman Crisbelles	"*Yolhesman Crisbelles é uma gozação, um troféu fictício criado pelo jornalista Augusto Nunes, dado semanalmente a políticos e personalidades. O nome 'Yolhesman Crisbelles' não significa rigorosamente nada. Por isso mesmo, foi escolhido para batizar o troféu reservado a frases sem pé nem cabeça, declarações cretinas ou delírios retóricos. Bote aqui seu 'Yolhesman', compartilhe com a gente a pérola que você encontrou em jornais, revistas ou no Orkut!*"
Oba! Morreu um comuna!	"*Se você não tem peninha quando morre alguém que durante toda vida apoiou o que a humanidade tem de pior (comunismo, banditismo, pedofilia, invasão de propriedade privada...) aqui é seu lugar. Eu não comemoro morte de gente que tem apenas opinião diferente. Mas gente que se envolve com comunismo, que esteve envolvido em crimes, ou que apoia ferrenhamente e faz parte dos desinformantes, que arrasam o nome de gente boa pela 'causa'? Esses eu acho ótimo quando morrem. Não sou eu que decido o que acontece com a alma deles. Mas que faz bem pro mundo, faz. COMUNA DA CAPA: Che Quer-Vara, o psicopata, o assassino, o porco fedorento. Herói dos canalhas, dos retardados e dos comunistinhas de boutique*"
Comunistas caricatos cariocas	"*Comunidade dedicada a mostrar o que a esquerda festiva carioca têm de melhor: o humor involuntário! Comunista do mês: Jaguar*"
Olavo 40ºC	"*Comunidade criada por admiradores, alunos e amigos do filósofo Olavo de Carvalho que moram na cidade do Rio de Janeiro e região (integrantes de outros estados também são bem-vindos!). Vamos debater os problemas do Grande Rio!*"
Comunistas caricatos	"*Comunidade dedicada a mostrar o que os comunistas têm de melhor: o humor involuntário! Depois de um longo inverno, estou resgatando minha antiga comunidade. Caricato da vez: Paulo Vannuchi, o esqueropata do direituzumano*"
Olavo de Carvalho	"*OLAVO DE CARVALHO é considerado como um dos mais originais e audaciosos pensadores brasileiros. A tônica de sua obra é a defesa da interioridade humana contra a tirania da autoridade coletiva. Crê num vínculo indissolúvel entre a objetividade do conhecimento e a autonomia da consciência individual. É autor de dezesseis livros, dentre os quais se destacam 'O Jardim das Aflições' e 'O Imbecil Coletivo'. É também jornalista, e escreve hoje para os jornais Diário do Comércio e Jornal do Brasil. Mantém um programa de rádio semanal, líder de audiência no site onde é transmitido. Contrastando com a imagem rancorosa que seus adversários quiseram sobrepor à sua figura autêntica, é na realidade um homem de alma generosa e temperamento equilibrado, que sabe amar, socorrer e perdoar. Sites:* http://www.olavodecarvalho.org*;* http://www.seminariodefilosofia.org*;* http://www.institutoolavodecarvalho.com*;* http://theinteramerican.org*; Audioblog:* http://www.blogtalkradio.com/olavo"

*Excluímos da citação avisos sobre regras, contra linguagem obscena, *spans*, etc. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 20.12.10.

E, tendo como centro a comunidade de "Olavo de Carvalho", já citada acima, montamos a

seguinte tabela:

TABELA 15: Comunidades relacionadas à comunidade Olavo de Carvalho no Orkut:

Comunidade relacionada e número de membros	**Data de criação**	**Comunidades relacionadas em 2º grau e número de membros**
Filosofia em Olavo de Carvalho (930)	21/10/04	Mário Ferreira dos Santos (968); Rene Girard (206); O Jardim das Aflições (245); Mortimer Adler (277); Ciranda com Olavo de Carvalho (186); TrueOutspeak Olavo De Carvalho (815).
Ciranda com Olavo de Carvalho (186)	27/05/06	Filosofia em Olavo de Carvalho (930); Ângelo Monteiro (130); CONSERVADORES DE PERNAMBUCO (30); Mário Ferreira dos Santos (968); René Guénon e a Tradição (386).
TrueOutspeak Olavo De Carvalho (815)	06/12/06	Filosofia em Olavo de Carvalho (930); Alunos do Olavo de Carvalho (109); Olavo de Carvalho - Acústico (28); Mídia Sem Máscara (4.111); Eric Voegelin (660); Pobreza NÃO gera criminalidade (116); Hernán Cortez, o conquistador (19).
Educação Liberal (652)	23/02/07	Conservadorismo (1.777); Mortimer Adler (277); Educação Liberal (71); Liberal Education (159); Clube do Livro Liberal (211); Escola Sem Partido (1.106); Olavo de Carvalho do B (696).
Moderação OdeC (8)*	29/06/07	
Escola Sem Partido (1.106)	26/04/08	Educação Liberal (652); Sou Historiador! Não Comunista (1.095); Eu respeito todas as religiões (81.166); Marx é inquestionável?! (1.805); Homeschooling (392); Mídia Sem Máscara (4.111); Ambientalismo Cético (259); Contra o Relativismo Moral (390); Minorias Não Sabem Brincar (1.905).
ÍnclitoAceno Olavo de Carvalho (237)	23/03/09	Olavo de Carvalho do B (696); Karl Marx - o embusteiro (388); Casa do Aumentador (18); René Guénon e a Tradição (386); Prof. Luiz Gonzaga de Carvalho (190); Platão,Sócrates e Aristóteles. (16.164); Revista *Filosofia Concreta* (44); PROCCON - Conservador Cristão (71).
Eric Voegelin (660)	24/06/04	Roger Scruton (52); Julián Marías (134); P-CON Partido Conservador (330); CONSERVADORES DE PERNAMBUCO (30); Rene Girard (206); Ortega y Gasset (1.031); Bruno Tolentino (500); Embaixador Meira Penna (517); Filosofia em Olavo de Carvalho (930); Mário Ferreira dos Santos (968); Conservadorismo (1.777).
Mídia Sem Máscara (4.111)	20/11/04	Julio Severo, conte conosco ! (441); Cinema Sem Máscara (86); Yolhesman Crisbelles (134); GloboNews: canal do governo (72); Oba! Morreu um comuna! (227); Comunistas caricatos cariocas (22); Olavo 40ºC (119); Comunistas caricatos (953).

*Comunidade criada para hospedar as regras da comunidade Olavo de Carvalho. FONTE: SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Olavo de Carvalho"*. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 20.12.10.

E do mesmo modo, as descrições das comunidades:

TABELA 16: Descrição das comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut:

Comunidade relacionada	Descrição da comunidade*
Filosofia em Olavo de Carvalho	"*Comunidade para discussão da filosofia na vida e obra de Olavo de Carvalho*"
Ciranda com Olavo de Carvalho	"*Comunidade voltada para todos os PERNAMBUCANOS e NORDESTINOS em geral, admiradores da obra do filósofo OLAVO DE CARVALHO ,com o intuito de formarmos uma grande CIRANDA através do estreitamento dos laços e da comunhão de idéias*"
TrueOutspeak Olavo De Carvalho	"*Comunidade destinada a discussões sobre os temas veiculados pelo Professor OLAVO DE CARVALHO em seu talk show semanal 'True Outspeak', que estreou no dia 4/12/06, transmitido dos EUA. Sintonize* www.blogtalkradio.com/olavo *e ouça o programa TODA SEGUNDA, ÀS 20H, HORA DE BRASÍLIA. Mais detalhes em* www.olavodecarvalho.org/true_outspeak.html. *Vamos relembrar os temas abordados em cada semana e discuti-los. ATENÇÃO: esta comunidade é exclusiva de admiradores do Professor e de suas idéias. Portanto, se você tem algum problema com ele, vá dormir (se é que você já não está dormindo o profundo sono da consciência moral)*"
Educação Liberal	"*Em contraste às demais artes, aqui entendidas como artes ou ofícios utilitários (produção de utilidades que servem às necessidade dos homens) e as sete belas-artes (produção de obras que têm o poder de elevar o espírito humano), o indivíduo elevar-se-á acima de seu ambiente material para viver uma vida intelectual -- racional --, portanto livre para adquirir a verdade. Mais sobre Educação Liberal em:* http://www.olavodecarvalho.org/palestras/2001educacaoliberal.htm *Aristoi é um grupo dedicado a implantar projetos de revitalização intelectual em nosso país através da promoção da educação clássica.* http://www.aristoi.com.br/"
Moderação OdeC	"*Este espaço foi criado para hospedar as regras da comunidade Olavo de Carvalho, assim como para comunicados da moderação. A entrada de membros não é permitida*"
Escola Sem Partido	"*Se você sente que seus professores estão comprometidos com uma visão unilateral, preconceituosa ou tendenciosa das questões políticas e sociais; se percebe que outros enfoques são por eles desqualificados ou ridicularizados e que suas atitudes, em sala de aula, propiciam a formação uma atmosfera de intimidação incompatível com a busca do conhecimento; se observa que estão engajados na execução de um projeto de engenharia social, que supõe a implementação de uma nova escala de valores, envie-nos uma mensagem relatando sua experiência (acompanhada, se possível, de elementos que possam comprová-la). Ajude-nos a promover a liberdade de pensamento e o pluralismo de idéias nas escolas brasileiras.* www.escolasempartido.org"
ÍnclitoAceno Olavo de Carvalho	"*'HALL OF JUSTICE FOR THE ILLUSTRIOUS AND EMERITUS'. Comunidade dos admiradores, simpatizantes e críticos da obra do filósofo e jornalista Olavo de Carvalho. Aberta para debates construtivos. Site:* http://www.olavodecarvalho.org*; Site:* http://www.seminariodefilosofia.org*; Site:*http://www.institutoolavodecarvalho.com/*; Audioblog:* http://www.blogtalkradio.com/olavo*;* http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/biblioc.htm*;* https://twitter.com/OdeCarvalho"
Eric Voegelin	"*'In order to degrade the politics of Plato, Aristotle, or Saint Thomas to the rank of 'values' among others, a conscientious scholar would first have to show that their claim to be science was unfounded. And that attempt is self-defeating. By the time the would-be critic has penetrated the meaning of metaphysics with sufficient thoroughness to make his criticism weighty, he will have become a metaphysician himself. The attack on metaphysics can be undertaken with a good conscience only from the safe distance of imperfect knowledge.' The New Science of Politics; Introduction, §3*"**
Mídia Sem Máscara	"*Mídia Sem Máscara é um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira. Se você ainda não conhece, não perca!* www.midiasemmascara.org *Aqui no orkut, a comunidade Mídia Sem Máscara foi criada para debater os artigos e notícias publicados no website*"

*Excluímos da citação avisos sobre regras, contra linguagem obscena, spans, etc. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 20.12.10. ** "*'A fim de rebaixar a política de Platão, Aristóteles ou São Tomás para o posto de 'valores' entre outros, um pesquisador consciente deveria primeiro ter de mostrar que as pretensões destes de ser ciência eram improcedentes. No momento em que o aspirante a crítico penetra no significado da metafísica com rigor suficiente para fazer sua crítica ter peso, ele terá se tornado um metafísico ele mesmo. O ataque à metafísica pode realizada com uma boa consciência, somente a partir da distância de segurança de conhecimento imperfeito'. The New Science of Politics; Introduction, §3*". COMUNIDADE ERIC VOEGELIN. *Apresentação*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=114660, acessado em 20.12.10.

Mesmo que esta rede pareça singela, uma simples busca pelo MSM no Orkut nos permite vislumbrar a penetração na rede social, existindo 22 comunidades relacionadas ao seu material, 47 para Olavo de Carvalho, e mais de 1.000 para usuários relacionados e tópicos para cada um deles (infelizmente a versão atual da ferramenta de busca da rede social não informa mais o resultado total[338]). A rede social atua como mais uma frente de atuação para o MSM, uma das mais importantes, pois propicia o "infiltramento" de seus militantes em uma série de comunidades, onde abrem fogo contra seus inimigos políticos e alinham-se com outros grupos reacionários. Como visto esta estratégia alinha-se à guerra de posições, uma bem organizada guerrilha em uma série de frentes virtuais, que acabam por ter um alcance muito mais amplo que somente o *site* obteria.

A propaganda no Orkut sem dúvida foi fundamental na estruturação e afirmação do MSM como partido. O que não significa que não existam conflitos nesta atuação, sendo que o próprio Carvalho oferece um comentário sobre as reações na rede social contra ele: "*um breve exame das páginas do Orkut dedicadas à nobre e aparentemente dificultosa tarefa de dar cabo da minha reputação é sempre, para mim, uma surpresa renovada. Existem, é verdade, páginas a meu favor, e até superam em número as de esculhambação*", mas a "*atenção permanente e incansável que aí recebo de inimigos a quem em geral nunca vi e dos quais nada sei – muitos deles ocultos sob pseudônimos exóticos – ultrapassa tudo quanto uma vaidade mesmo demencial poderia exigir. Eles parecem não pensar em outra coisa, noite e dia*"[339]. Mesmo quando suas proposições políticas são rejeitadas, não significa de modo algum sua completa desqualificação, pois colocando o discurso em movimento, criando reações e discussões, ele passa a suscitar interesse por parte dos que a observam, seja por uma afinidade política anterior ou mera curiosidade, expediente explorado francamente[340].

Esta contraposição que MSM "cumpre", é colocada contra uma suposta generalização "esquerdizante" que enxergam no conjunto da mídia brasileira. A citação que se segue, do *Quem somos* do MSM de 2002, é decisiva para sua compreensão:

> Essa manipulação é geral e não está limitada aos militantes ou colaboradores de um partido. A corrente que nos domina hoje é constituída da totalidade da oposição esquerdista dos anos 70, que se diversificou em agremiações distintas para poder mais facilmente dominar o conjunto sem dar uma impressão demasiado flagrante de controle monolítico. Mas o controle monolítico existe. A uniformidade da censura seletiva nos vários jornais e canais de TV é evidente demais para que alguém possa negá-la com honestidade. Mais notável ainda é a unanimidade das reações da imprensa diante de qualquer ameaça comum ao esquerdismo dominante. Como a própria campanha eleitoral [para a presidência em 2002] está demonstrando, as

---

[338]Disponível em ORKUT. *Serviço de busca*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=, acessado em 10.10.10.
[339]CARVALHO. O. de. *Karl Marx na fonte da juventude*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070730dc.html, acessado em 22.10.10.
[340]ROBSON, R. *Sobre o medo de ser flagrado lendo Olavo de Carvalho*. 26.12.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/081226sobreomedo.htm, acessado em 12.10.10.

> várias facções da esquerda estão separadas apenas por picuinhas, mas cada vez mais unidas no propósito de caluniar, criminalizar e excluir do processo político qualquer coisa que seja ou pareça direitista. O movimento comunista sempre teve, dentro de suas fileiras, uma divisão entre esquerda e direita. Isso faz parte até do vocabulário historicamente consagrado com que os líderes do Partidão rotulavam as dissidências internas: "desvio pequeno-burguês de esquerda", "revisionismo de direita", etc. A esquerda brasileira se prevalece da total ignorância popular sobre a história do movimento comunista para nos impingir, a título de "direita", a sua própria ala direita, isto é, o tucanato. Tudo o que esteja portanto à direita do tucanato já não é uma direita legítima - é uma facção marginal, criminosa, que deve ser reprimida, calada e excluída da vida pública... em nome do pluralismo e da democracia. Toda a mídia nacional é instrumento dócil a serviço dessa manobra. O pior é que, ao mesmo tempo, os jornais que a isso se prestam são ainda rotulados de "conservadores" pela própria esquerda, que assim se serve gostosamente de instrumentos "acima de qualquer suspeita"[341].

A acusação deste "esquerdismo generalizante" em 2002 assume o sentido imediato de acusação contra o suposto apoio de grupos midiáticos, como as empresas do grupo Roberto Marinho para a eleição de Lula, em sua versão "*light*" como já apontamos, visando reunir entre seus simpatizantes da burguesia as frações que rejeitam e ou desconfiavam da possibilidade de gestão do Estado capitalista por agentes políticos que não foram originários de sua própria classe. Após os oito anos de Lula e sua sucessão por Dilma Roussef este discurso sobre as empresas midiáticas nacionais estarem "*cada vez mais unidas no propósito de caluniar, criminalizar e excluir do processo político qualquer coisa que seja ou pareça direitista*" faria pouco ou nenhum sentido, visto o ataque massivo que desencadearam contra o governo federal. Mas para o MSM, o espectro "esquerdizante" de modo algum resume-se à esquerda, indo além da hipótese da "absorção entrista" da intelectualidade revolucionária da década de setenta pela mídia burguesa, ou como se os casos em que efetivamente ocorreram não fossem subordinados a uma mudança ideológica, o MSM arroga-se de enxergar uma "ala direita" do movimento comunista no PSDB. E justifica este julgamento "logicamente", pois se *toda* a mídia é de domínio da esquerda, e esta exclui qualquer manifestação "à direita do tucanato" – como se o antigo Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas, herdeiro autorizado da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e seus intelectuais estivessem excluídos aqui – só pode significar que então o PSDB é uma "ala direitista do movimento esquerdista", o que seria "comprovado" pela origem esquerdista de seus intelectuais, especialmente José Serra, Fernando Henrique Cardoso ou José Arthur Gianotti (sendo que para formular este tipo de acusação o MSM propositadamente esquece a origem política de alguns de seus principais articulistas). E este tipo de leitura acaba por acertar seu público-alvo, que partindo da premissa da existência de imparcialidade na mídia, reivindica que este "estado" atual que a mídia brasileira atravessa é parte de um "estado das coisas" maior. Como um leitor que se identifica pelo *nickname* de Ipanades comenta, "*nossos governantes são tal e qual nossos meios de comunicação -*

[341]CARVALHO, O. de. *Quem somos*. op. cit.

absolutamente imorais, anti-éticos, indecentes e corruptos. A diferença reside no fato dos governantes viverem de aparências que os meios de comunicação produzem"[342].

Deste modo, é claro que o MSM não compreende o papel de um observatório da imprensa na perspectiva da ampliação do acesso à informação, entendido como bem público, mote habitual para este tipo de iniciativa: "*A idéia do media-watching surgiu nos Estados Unidos agregando-se às experiências anteriores do ombudsman e do media-criticism, como forma de sensibilizar a comunidade e os profissionais da mídia para a complexidade da função jornalística na sociedade moderna*". Um dos muitos exemplos é o Observatório da Imprensa mantido pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, que se afirma como "*fórum permanente onde os usuários da mídia – leitores, ouvintes, telespectadores e internautas –, organizados em associações desvinculadas do estabelecimento jornalístico*" supostamente podem "*manifestar-se e participar ativamente num processo no qual, até há pouco, desempenhavam o papel de agentes passivos*"[343].

O MSM oferece uma réplica a este observatório: "*esquadrinhando as múltiplas edições do Observatório fica evidente que se trata de um órgão monopolizado pela esquerda, sobretudo a esquerda mais radical, petista. Nele não há lugar para opiniões de outros quadrantes político-ideológicos*"[344]. Tal qual o já citado *Quem somos*, é esta a argumentação padrão, é a mera constatação do mito da idoneidade jornalística que irá justificar a atuação partidária do MSM. Este tipo de iniciativa de universalização (mesmo que truncada e dissociada das condições reais de produção) ainda adquire sentido e significado como expressão de um movimento maior de desqualificação intelectual:

> O que torna as coisas ainda mais difíceis é que nos últimos anos o estímulo geral à expressão de crenças esquerdistas encorajou todos os analfabetos do país a dar opiniões. Cada um deles, armado do sentimento de certeza que lhe infunde o fato de estar do lado da maioria falante, recorre com a maior sem-cerimônia ao argumentum ad ignorantiam ("isso nunca chegou ao meu conhecimento, portanto isso não existe") e é reforçado nesse vício pela totalidade da mídia que lhe sonega, precisamente, os conhecimentos que ele não deseja ter. Será preciso mais do que esse hábito generalizado para explicar o descenso abissal das capacidades intelectuais no país, justamente na década em que as verbas de "educação" foram centuplicadas, a indústria livreira progrediu formidavelmente, o ensino universitário cresceu como nunca e já não há mais de dois ou três por cento de crianças fora da escola primária? Não, os brasileiros não estão emburrecendo por falta de livros, jornais ou escolas. Estão emburrecendo porque em vez de educação e informação receberam propaganda esquerdista e se acostumaram a identificá-la com a cultura e a inteligência[345].

---

[342]Comentário de "lpanades", em 10.09.2010, no artigo de FONSECA, J. C. S. da. *Dilma na luta armada*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/eleicoes-2010/11403-dilma-na-luta-armada.html, acessado em 20.12.10.

[343]OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Objetivos*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/objetivos.asp, acessado em 10.10.10.

[344]GARCIA, A. *Observando o observatório*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0156.htm, acessado em 19.09.10.

[345]CARVALHO, O. de. *Quem somos*. op. cit.

Novamente aqui o papel de mistificação assume proporções de crítica social, neste caso inventando um suposto "centuplicamento das verbas da educação", que correspondem à mesma porcentagem do Produto Interno Bruto há décadas, incapaz sequer de dar conta da ampliação da população brasileira, e que foi obrigado a dar conta da "universalização" dos ensinos básicos e médio (embora exista um número relevante de indivíduos da faixa etária que deveria ser atendida nestes anos de ensino que continua fora da escola), ou seja, maquiando a queda brutal da qualidade de ensino, para ficarmos somente neste argumento, para julgar que o brasileiro estaria "emburrecendo" não "*por falta de livros, jornais ou escolas*", mas porque "*em vez de educação e informação receberam propaganda esquerdista e se acostumaram a identificá-la com a cultura e a inteligência*".

Esta manipulação massiva do papel da grande mídia seria então colocada em xeque pelas possibilidades que o jornalismo *on-line* oferece. Ele supostamente estaria mais distante das nefastas influências estatais aos quais os outros meios de comunicação estariam sujeitados. Isto é retomado quando, em sua reafirmação da necessidade da derrubada do governo petista, aproveitando o ensejo criado por em uma discussão de um editorial da Folha de S. Paulo de fevereiro de 2009, sobre o caráter suave da nossa ditadura, que perto das outros regimes latino-americanos do período teria sido uma simples "ditabranda"[346]:

> Os únicos "golpistas", por assim dizer, são alguns jornalistas corajosos e independentes, que não se vendem ao governo, como também a internet e seus milhares de blogs. Os blogs, por assim dizer, estão salvando a honra do vergonhoso e vendido jornalismo brasileiro. Direi mais: estão salvando a política brasileira de uma falta de oposição, já que o PSDB, espiritualmente, colabora com o petismo, de alguma forma. Os milhares de cidadãos comuns, honestos, que escrevem em sites independentes e blogs e comentam no twitter ou mesmo revistas e jornais que publicam matérias de grande interesse ao público, agora são acusados de "golpistas". As forças armadas estarão de prontidão, esperando nossa ordem. Nós, os blogueiros, somos sustentados pelo capitalismo internacional e pela burguesia malvada, que financia nossas opiniões. Os "movimentos sociais" como o MST; revistas esquerdistas camaradas do tipo Carta Capital ou Caros Amigos; e sites que ninguém lê, como Carta Maior, dos Emires Saderes da vida, coitadinhos, são pobrezinhos, não vêem um centavo do dinheiro do contribuinte[347].

Observa-se que o MSM inverte a leitura da esquerda, que associa socialmente, através da análise concreta, a grande mídia, o Estado capitalista e os conglomerados empresariais, já que como agora o Estado estaria sendo gerido por um partido "proletário" esta correlação social também teria sido invertida, ou em caminho de o ser, gerando uma leitura politicista completamente dissociada da própria realidade. Isto para afirmá-los em uma situação de "independência" (que por si só já seria

[346]TOLEDO, C. N. de. "Crônica política sobre um documento contra a 'ditabranda'". *Sociologia Política*. nº. 34. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a14v17n34.pdf, acessado em 20.03.11.
[347]BRUNO, L. *Diga não aos verdadeiros golpistas*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/11425-diga-nao-aos-verdadeiros-golpistas.html, acessado em 20.12.10.

mentirosa), mas que em última instância seria garantida pela distância que mantém-se do Estado. Ipojuca Pontes comenta sobre a função do jornalismo *online* ("*diante da grande imprensa um espectro se impõe e apavora: o do jornalismo on line, livre e altivo como um falcão em vôo pleno*"[348]) para as direitas:

> Muita gente boa aponta o jornalismo eletrônico como o principal responsável pela ruína dos jornalões. Os motivos não são nada desprezíveis: blogs e sites não gastam com papel nem mantêm grandes redações, nem tampouco sofrem com perdas de receitas publicitárias - embora hoje, como se tornou evidente, o jornalismo on line comece a morder firme nas contas das grandes e pequenas agências de propaganda. Por outro lado, graças ao avanço da tecnologia digital, o jornalismo eletrônico conta com um dispositivo excepcional: sua dinâmica permite acompanhar e refazer a notícia a cada segundo, sempre em cima do fato, possibilitando até mesmo a transmissão de imagens ao vivo […] No entanto, não é apenas no plano da operacionalidade que o jornalismo on line causa rebuliço. Se a imprensa é, em essência, notícia e análise, o jornalismo eletrônico permite as duas coisas - o que o torna mais ágil, denso e promissor, cumprindo, em qualidade e quantidade, um papel sem paralelo no jornalismo de todos os tempos. Ademais, para fazer a análise qualificada, o jornalismo de site dispõe de tempo, espaço e liberdade (inimagináveis nas folhas de hoje em dia) […] Por sua vez, o jornalismo eletrônico, quando exercido à vera, sem a inibição dos códigos de redação e intermediários de praxe, cria uma ambiência especial, feita de independência, pesquisa e ousadia que só encontra paralelo no extraordinário clima de parceria que se estabelece entre quem escreve e quem lê. Não é por outro motivo, penso, que há quem passe entre 10 e 12 horas por dia navegando (termo preciso) na internet, transformando-se o navegador num potencial repassador de matérias, ou seja, num internauta[349].

Esta postura em relação a "revolução das telecomunicações", como parte integrante do imperialismo monetário, já era esperada pela direita latino-americana, em especial no que se refere na sua "convergência" – entre empresas transnacionais de telecomunicação, da mídia e da tecnologia da informação, capazes de forjar o consenso em termos globais ou regionais –, o "*que promete ser o grande protagonista na próxima etapa dos meios de comunicação audiovisuais do século XXI*"[350]. Segundo Pedro Simoncini, empresário argentino da mídia:

> O desenvolvimento dos meios de comunicação quebrou o isolamento dos primeiros núcleos da sociedade nos períodos iniciais de nossa história, permitindo um enriquecedor encontro e intercâmbio de culturas entre os povos a medida que esses meios se foram fazendo cada vez mais eficientes e velozes, em seu modo de vincular indivíduos e comunidades. As últimas novidades no mundo das comunicações, e especialmente as eletrônicas, impulsionam as transformações tanto no campo do entretenimento como no da informação. Fusões, aquisições, vendas, têm mudado a estrutura de empresas que haviam permanecido quase inalteradas desde o início da era eletrônica no começo ou meados de nosso século. Por sua vez, a ação destas

---

[348]PONTES, I. *Jornalismo falido x jornalismo on line*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11284-jornalismo-falido-x-jornalismo-on-line.html, acessado em 20.12.10.

[349]Idem.

[350]"[...] *que promete ser el gran protagonista em la próxima etapa de los medios de comunicación audiovisulaes del siglo XXI*". SIMONCINI. P. "Garantizar el acesso a la información". *In*. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafios a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. Buenos Aires: Ameghino, 1999. p. 54. Tradução nossa.

> empresas transformadas em organizações multinacionais, cada vez maiores e diversificadas, que empregam tecnologia de ponta, tem mudado o panorama dos mercados, tanto, que hoje pode-se afirmar que são peças estratégicas de mosaicos regionais ou mundiais que cobrem zonas inteiras classificando a população de usuários em setores, ao quais oferecem serviços diversificados e cada vez mais segmentados[351].

Assim a tecnologia de informação não foi apropriada somente no processo de implementação das políticas ultraliberais na América Latina, como já discutido, mas "*a diversificação dos mecanismos tecnológicos permite também multiplicar os serviços que os meios podem prestar a distintos setores ou áreas da sociedade*"[352], neste caso, prestando-se à exploração política. Como num comentário no MSM, "*se tem uma coisa que existe na internet e não existe mais em lugar nenhum é a publicidade do pensamento conservador. Quem não tem internet tem que se esmerar para ter acesso a coisa remotamente semelhante ao Mídia sem Máscara*"[353].

Este processo de convergência relaciona-se diretamente com o que José Arbex Jr., da citada revista *Caros Amigos*, chama de "'*revolução conservadora' propiciada pela tecnologia*", mais "*um eficaz instrumento de dominação*", que facilita e amplia a profundidade da fabricação social da amnésia, que já era praticada, mas que agora é pautada "*mediante a imposição da velocidade informativa*", pois "*notícias do mundo inteiro são despejadas em tamanha quantidade, e com tanta rapidez, que mal tomamos conhecimento de um assunto e logo outro já ocupa os telejornais e, conseqüentemente, as manchetes da mídia impressa*", E que tornam esquecido em um espaço de tempo muito curto, "*aquilo que havia pouco ainda era considerado 'fundamental'*"[354].

Sobre o papel da mídia, sua atuação política e ideológica para a dominação e reprodução das relações sociais vigentes, outro teórico que nos traz elementos é Octavio Ianni, sendo que suas argumentações já abordam a questão da mídia em alcance global, através da internet. Ele tinha um

---

[351]"*El desarollo de los medios de comunicación quebró el aislamiento de los primeros núcleos de la sociedad em los períodos iniciales de nuestra historia, permitiendo un enriquecedor encuentro e intercambio de culturas entre los pueblos a medida que esos medios se fueron haciendo cada vez más eficientes y veloces, em su modo de vincular indivíduos y comunidades. Las últimas novedades em el mundo de las comunicaciones, y especialmente las electrónicas, motorizam las transformaciones tanto em el campo del entretenimiento como de la información. Fusiones, adquisiciones, ventas, han cambiado la estructura de empresas que habían permanecido casi inalteradas desde comienzos de la era electrónica a comienzos o a mediados de nuestro siglo. A su vez, la acción de estas empresas transformadas em organizaciones multinacionales, cada vez más grandes e diversificadas, que enplean tecnología de punta, ha ca cambiado el panorama de los mercados, tanto, que hoy puede afirmarse que son piezas estratégicas de mosaicos regionales o munidales que cubren zonas enteras clasificando la población de usuarios en sectores, a los cuales se brindam servicios diversificados y cada vez más segmentados*". SIMONCINI. P. "Garantizar el acesso a la información". *In*. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafios a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. op. cit. p. 53-54. Tradução nossa.

[352]"*La diversificación de los mecanismos tecnológicos permite también multiplicar los servicios que los medios pueden prestar a distintos sectores o áreas de la sociedad moderna: educación, capacitación, medicina, etc.*". SIMONCINI. P. "Garantizar el acesso a la información". *In*. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafios a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. op. cit. p. 55-56. Tradução nossa.

[353]Comentário de "Visitante", em 26.09.2009, no artigo de SALGUEIRO, G. *Brasil*: opção preferencial pela ilegalidade – Parte 2. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/8935-brasil-opcao-preferencial-pela-ilegalidade-parte-2.html#comment-15925, acessado em 12.12.10.

[354]ARBEX JR., J. "O legado ético de Perseu Abramo e Aloysio Biondi". *In*. ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 9.

entendimento distinto da questão do Príncipe moderno de Gramsci, que não seria mais um partido, mas o que chama de "Príncipe Eletrônico", formado pela "*mídia em geral, particularmente a mídia eletrônica*", estando "*presente no mundo todo, formando a opinião pública mundial numa escala excepcional*", ou seja, a modalidade partidária formadora de opinião por excelência. Obviamente ele refere-se às grandes corporações midiáticas globais, que ao divulgarem interpretações próximas dos acontecimentos, atuam como "*uma agência, uma instituição, que é ubíqua, que está presente em todos os lugares do mundo, que registra fatos, que esquece muitos fatos e que, em geral, transmite já com interpretação*"[355].

Ele entende o Príncipe de Maquiavel e o Moderno Príncipe de Gramsci, como arquetípicos, mas que tem suas funções sociais plenamente enraizadas, pois "*respondem a diferentes desafios histórico-sociais*" resultando "*em diferentes avaliações sobre o dirigente e as condições de sua atuação, visto em suas especificidades e em suas interrelações, tensões, e acomodações e dissociações*"[356]. E exatamente neste sentido ele interroga se os formatos e modos associativos que os autores prenunciaram e/ou teorizaram são válidos tendo em vista "*os desafios históricos-sociais da globalização*" que colocariam em crise uma série de "*categorias 'clássicas' da política*". Para tanto afirma suas considerações na seguinte conjuntura:

> Em primeiro lugar, a globalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, propicia o desenvolvimento de relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica de alcance mundial. Alteram-se as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, no âmbito de uma vasta, complexa e contraditória sociedade civil mundial em formação. Isto significa a emergência e dinâmica de grupos sociais, classes sociais, estruturas de poder, acomodações, tensões e lutas em escala mundial. Em segundo lugar, no bojo desse mesmo processo de globalização político-econômica e sócio-cultural, desenvolvem-se tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas que agilizam, intensificam e generalizam as articulações, as integrações, as tensões, os antagonismos, as fragmentações e as mudanças sócio-culturais e político-econômicas, pelos quatro cantos do mundo. Em terceiro lugar, e simultaneamente a todos os desenvolvimentos, nexos, contradições e transformações em curso, desenvolve-se uma nova configuração histórico-social de vida, trabalho e cultura, desenhando uma totalidade geohistórica de alcance global, compreendendo indivíduos e coletividades, povos, nações e nacionalidades, culturas e civilizações. Esse é o novo e imenso palco da história, no qual se alteram mais ou menos radicalmente os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros, em todo o mundo[357].

Estas são considerações importantes e coerentes, mas temos que levar em conta que não se dá um novo momento, supostamente "pós-moderno", que alteraria o quadro anterior como ruptura revolucionária dos processos históricos anteriores, como imagina boa parte dos teóricos da

[355] RODA VIVA. *Entrevista com Octavio Ianni*. 25.11.01. Transcrição disponível em http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0776, acessado em 20.12.10.
[356] IANNI, O. "O príncipe eletrônico". *Questiones*. nº. 4. Disponível em http://www.journals.unam.mx/index.php/cuc/article/view/2033/1595, acessado em 20.12.10.
[357] IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/ianni.rtf, acessado em 20.12.10.

“sociedade da informação”, e que sim, o quadro que situa se dá no bojo do aprofundamento das relações sociais sob o capitalismo. Como Virgínia Fontes e Stefano Garroni situam, “*nós continuamos a viver sob o domínio do capitalismo. O que era um movimento mais ou menos reduzido à Europa e aos Estados Unidos no século XIX tornou-se o modo de existência (e de produção) dominante na maior parte do planeta, um pouco mais de um século depois*”, mas que “*no entanto temos o sentimento de viver em outro mundo* [...] *O mesmo reino da acumulação ampliada parece trazer um outro modo cultural de existência!*”[358]. Este movimento é percebido por Ianni também em sua massificação do consenso forjado, da dominação que sente-se quase como sufocante, pois cria uma série de tarefas para a libertação do homem que lhe dão a impressão de “escaparem” das formações nacionais, colocando-se acima dos povos. É necessário frisar, embora o campo de luta das contradições seja nacional, em uma dada formação social, não é possível do mesmo modo minimizar a atuação dos grandes *think tanks*, dos oligopólios midiáticos, que tem uma atuação impessoal, mas crucial para o destino dos mais diferentes países.

Para ele, o novo Príncipe Eletrônico, apresenta-se como “*uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial*”. É uma instância organizativa, “*o intelectual coletivo e orgânico das estruturas e blocos de poder presentes, predominantes e atuantes em escala nacional, regional e mundial*”. E exatamente por ser um formulador do consenso, não é “*homogêneo nem monolítico*”, pois “*além da competição evidente ou implícita entre os meios de comunicação de massas*” e que também é passiva de ser colocada em contradição, pela “*irrupções de fatos, situações, relatos, análises, interpretações e fabulações que pluralizam e democratizam a mídia*”. A grande capacidade destas instâncias estaria em expressar “*a visão do mundo prevalecente nos blocos de poder predominantes, em escala nacional, regional e mundial, habitualmente articulados*”, atingindo “*desde o narcotráfico e o terrorismo transnacionais às guerras e revoluções, dos eventos mundiais da cultura popular aos movimentos globais do capital especulativo*”, já que estes eventos acabam refinando “*o príncipe eletrônico, tornando-o mais sensível ao que vai pelo mundo, desde a perspectiva das classes e grupos sociais subalternos tanto quando de permeio à perspectiva das classes e grupos sociais predominantes*”[359].

Compreendendo esta mídia como técnica social,

> Trata-se de um meio de comunicação, informação e propaganda presente ativo no cotidiano de uns e outros, indivíduos e coletividades, em todo o mundo. Registra e interpreta, seleciona e enfatiza, esquece e sataniza o que poderia ser realidade e o imaginário. Muitas vezes, transforma a realidade, seja em algo encantado seja em algo escatológico, em geral virtualizando a realidade, em tal escala que o real

[358]FONTES, V.; GARRONI, S. “O trabalho abstrato e a cultura contemporânea, os desafios atuais do pensamento histórico” *In.* FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. op. cit. p. 54.
[359]IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. op. cit.

> aparece como forma espúria do virtual […] O que singulariza a grande corporação da mídia é que ela realiza limpidamente a metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania. Realiza limpidamente as principais implicações da indústria cultural, combinando a produção e a reprodução cultural com a produção e reprodução do capital; e operando decisivamente na formação de "mentes" e " corações" , em escala global […] Assim, o que parece neutro, útil, positivo, logo se revela eficiente, influente ou mesmo decisivo, no modo pelo qual se insere nas relações, processos e estruturas que articulam e dinamizam as diferentes esferas da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial [...] São organizados, mobilizadas, dinamizadas e generalizadas como técnicas de comunicação, informação, propaganda, entretenimento, mobilização e indução de correntes de opinião pública, mitificação ou satanização de eventos, figuras, partidos, movimentos e correntes[360].

Para nós, não trata-se de aceitar plenamente as proposições de Ianni acerca do Príncipe Eletrônico, que não abarca as particularidades de cada formação social (seus conflitos de classes e intraclasses), já que atenta para o modo de produção vigente, de certo modo, não realizando suas mediações. Mas sim, reafirmar que existe na generalização do "pensamento único" uma tentativa de homogeneização do que circula midiaticamente em nível global, baseada solidamente nos órgãos de comunicação transnacionais. A própria existência de discursos como o do MSM contradiz o "pensamento único", mas atentando também para indicar que um discurso ideológico na contemporaneidade deve ser investigado em uma pespectiva global e não como fenômeno isolado. Ianni também torna explícito que existe uma relação consciente entre quem constrói a informação, explorada em uma série de perspectivas como visto em Abramo, e desigual, pois mesmo com sua amplificação através da internet, que acaba por "permitir" novas possibilidades de atuação contra hegemônica, não amplia automaticamente o entendimento do vivido a que o indivíduo poderia ter acesso. Ao contrário, através da convergência faz-se ainda mais impactante, e como assinalado, constituí-se em um cenário global no capital-imperialismo, o que trataremos detalhadamente adiante.

O posicionamento do MSM como observatório da imprensa nem de longe corresponde à democratização pregada pela pluralidade de leituras sociais, mas objetiva levar a cabo a liberdade de expressão em termos que sejam definidos pelo mercado: a censura, que desde a transição democrática perdeu seu caráter de política estatal para se tornar privada, regulada pelas grandes corporações midiáticas. Não conseguimos compreender o MSM se deixamos de analisar sua organização como a de um partido. Ou seja, sua busca por "*representar – mesmo que sem mandato real ou delegação explícita e consciente – valores e interesses de segmentos da sociedade*" que não estão "*acima dos conflitos de classe, da disputa do poder ou das divergências partidárias*"[361]. Neste sentido conseguimos estabelecer algumas características pelas quais o MSM apresenta-se para a

[360] IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. op. cit.
[361] ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 46-47.

atuação política, que serão retomadas e, em alguns casos aprofundadas, nos próximos capítulos. Sua autocaracterização, destinada a possibilitar sua inserção como agente político competente, para a atuação crítica da realidade, foi estrategicamente seu maior ponto de apoio para o agrupamento e normatização de seus quadros assim como para a disseminação ideológica, para fins de propaganda através da internet. Também vimos que seu discurso, seu público-alvo e sua forma de propaganda são cuidadosamente preparados, visando a sua consolidação e de seus intelectuais como referências maiores para a direita fascista e para os agrupamentos reacionários da sociedade.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
***CAMPUS* DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

LUCAS PATSCHIKI

OS LITORES DA NOSSA BURGUESIA: o Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011)

Marechal Cândido Rondon - PR
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
***CAMPUS* DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

LUCAS PATSCHIKI

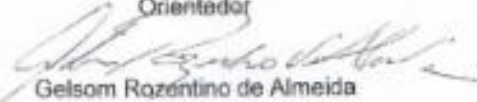
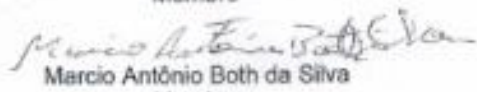
OS LITORES DA NOSSA BURGUESIA: o Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011)

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon, na Linha de Pesquisa Estado e Poder, sob a orientação do prof. Dr. Gilberto Grassi Calil.

Marechal Cândido Rondon - PR
2012

ATA E PARECER

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.

Estado do Paraná

Programa de Pós-Graduação em História - Nível Mestrado
Reconhecido pela Portaria Ministerial – MEC, nº 524, de 29/04/2008, publicada no DOU de 30/04/2008.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos vinte e nove dias do mês de março de 2012, às 09:00 horas, na sala de aula da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon – UNIOESTE, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado em História constituída pelos professores Dr. Gilberto Grassi Calil (Orientador) (UNIOESTE), Dr. Gelsom Rozentino de Almeida (UERJ), Dr. Marcio Antônio Both da Silva (UNIOESTE)), para avaliarem o trabalho *"Os litores da nossa burguesia: mídia sem máscara em atuação partidária (2002-2011)"*, apresentado pelo pós-graduando **Lucas Patschiki** para a obtenção do título de "Mestre em História" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História da UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado. Nada mais havendo a constar, eu Gilberto Grassi Calil, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pelo pós-graduando avaliado.

Marechal Cândido Rondon, 29 de março de 2012.

Gilberto Grassi Calil
Orientador

Gelsom Rozentino de Almeida
Membro

Marcio Antônio Both da Silva
Membro

Lucas Patschiki

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
UNIOESTE

PARECER DESCRITIVO

Título da Dissertação: *"Os litores da nossa burguesia: mídia sem máscara em atuação partidária (2002-2011)".*

Nome do concluinte: **Lucas Patschiki**

Integrantes da Banca:

1. Prof. Dr. Gilberto Grassi Calil,
2. Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida,
3. Prof. Dr. Marcio Antônio Both da Silva.

Parecer:

A dissertação constitui uma contribuição importante para o conhecimento de um tema de grande relevância.
A banca destaca o rigor metodológico, a análise crítica e original no trabalho com as fontes.
A banca recomenda a publicação da dissertação.

Marechal Cândido Rondon, 29 de março de 2012.

Este trabalho é dedicado à memória
de Bruno Bardini (1982-2011).

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa durante determinado tempo acaba por ser quase o norte de vida para o historiador, então antes de qualquer coisa, tenho a obrigação de agradecer minha família, que suportou ao meu lado estes dois anos de altos e baixos. Agradeço especialmente meus pais, Lourdes e José Agostinho, pela compreensão, apoio e tapas na nuca – vocês são meu porto seguro nesta vida conturbada. Meu irmão Ariel, pela ajuda e por toda a experiência de vida, assim sua namorada Liciane. Minha avó Dona Verônica, por todas as risadas tomando café e fumando um cigarrinho. Meus primos Mateus e Vitor, meu tio Paulo e tia Kika. Minha tia Rose e tio Rogério, Débora, Hélvio, Edina e Enzo. Carlos e Denise Kletemberg e família. Tia Erli e Manolo. E meu grande amor, Janaína de Paula do Espírito Santo, por tudo o que já vivemos e por tudo o que ainda nos espera. Do mesmo modo sua família: Dona Maria, Marcelo e família, Sabrina, etc.

Não poderia deixar de agradecer Andréa Zanicoski, por tudo.

Agradeço meu orientador, Gilberto Calil, por ter aceitado esta tarefa e por sempre manter o diálogo franco e verdadeiro – esta é só uma de suas muitas lições que vou levar pelo resto da vida. Assim como meu co-orientador e membro da banca Márcio Both (e Sandrinha). Aos professores do curso de História da Universidade do Oeste do Paraná, que fizeram desta uma segunda casa para mim: Zen, Ruela, Marquinhos e Cíntia, Barraca e Kleyne, Paulo, Carla, Rinaldo, Blankl, Cida, Selma... E um agradecimento mais do que especial para a Iraci, que me salvou de algumas presepadas nestes últimos dois anos. Marechal Cândido Rondon foi decisivo em meu crescimento profissional e pessoal, e desde agora sinto falta de todos.

Ao arguidor convidado para as bancas desta pesquisa Gelsom Rozentino de Almeida, pelas contribuições e olhar crítico, Virgínia Fontes pelo curso ministrado durante o mestrado (que trouxe reflexões importantes para este trabalho ir além), Jefferson Barbosa pelos toques, Carmencita Holleben de Mello Ditzel e Niltonci Batista Chaves por todo o aprendizado durante minha graduação. Agradeço também ao Grupo de Pesquisa de Estado e Poder, ao GT de Marxismo da ANPUH, e ao GEINT, agora dos Movimentos e Partidos Políticos de Direita, cujas indicações de leituras e discussões contribuíram de modo constante para minha formação.

Aos meus camaradas de vida, luta e boteco, velhos e novos amigos, por tudo: Bedin, Nano, Carlão, Samuca, Alana, César, Jeca e a tribo perdida dos *hardtrance*, Calouro, Mutley,

André Cardoso (*Brothers beneath the skin!*), Paula e Boroske, Hugo, Maristela e Vilson (valeu pela capa incrível!), Vânia, Cíntia e Vassoura, Babosa, Cris e Dominik (Helga Sastroz comanda!), Tonhão, Duda, Carem, Guizões (o Grando e o Andrade), Gorenzzo, Lausane e Chico, Suzanne e Fago, Croco e Keka, Jaime, Alexandre Arienti, Jô, Chekeréu, Elaine, Sabugo, Daniel e os Anônimos, Tonho Branco, Dama e Belo, Vitor, Kah, Cleriston, Viteck, Júlio, Magro, Errado, Eder, Rafahell Ciello, Marco Tonho, Brunão, Gabriel, Diogo, Ulisses, Ricardo, Karin, Tinaca, Rodrinks, Mila e Giovanni, Cesinha, Silvia, Xitara e Olavinho, Bel, Karen, Mima, Bóris, Popis, Emer, Beleza, Birk, Kleber, Dona Laura, Betânia, Paty, Marcus, Cátia, Simone, Cristiano, Cabeludo e Senaide, Lucas, Douglas, Gil, Rato, Marco, André, Carla, Presa, Fano, Java, Marcelo, Bomba e Juliana, Cleverson, Insano, Vasco, Dani, Fabrício, Fernandão, Milena, Felipe, Andréa e Cláudio, Jefferson, Matheus, Zilá, Hugo Bagatim, Bruce, Cristiano, Visão, Paulinho Louco, Enig, Pitter, RUDI, Everton, Seu Oswaldo, Aracely e com certeza mais um sem número de pessoas que agora me escapam. Esta dissertação também é devedora de todas as lutas com a galera do LEH e do Centro Acadêmico de História da UNIOESTE (*Do silêncio ao grito!*), do Diretório Acadêmico de História da UEPG e da nossa gestão na Associação dos Pós-Graduandos da UNIOESTE (*Se-Rebeldiar!*).

É estranho, e até difícil, ler estes agradecimentos, pois tantas e tantas pessoas influíram, direta e indiretamente, sobre esta pesquisa, que o receio de ser injusto com qualquer uma delas me apavora. Que esta retratação sirva de abraço forte a cada uma delas, pois apesar de escaparem do papel com certeza habitam parte do meu ser.

Por fim agradeço a Fundação Araucária por ter me concedido uma bolsa de estudos, fundamental para a viabilização material desta pesquisa.

Vilson André Moreira Gonçalves. *Fáceis*. 2012.

RESUMO

Investigamos nesta dissertação a atuação partidária do grupo organizado em torno do *website* Mídia Sem Máscara (www.midiasemmascara.org) entre os anos de 2002 e 2011. Ele se constitui em 2002, no contexto das eleições presidenciais que elegeram Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, apresentando-se como um *observatório de imprensa*, sob a responsabilidade de seu principal organizador Olavo de Carvalho. Este propunha através do Mídia Sem Máscara agrupar uma série de intelectuais de direita em torno de um componente ideológico: o anticomunismo. Após aquela eleição houve rápida ascensão anticomunista na mídia brasileira, elemento de pressão sobre o Partido dos Trabalhadores para que cumprisse os compromissos assumidos com a burguesia e o imperialismo. Explicação que não é suficiente para caracterizar o avanço de um movimento organizado de tipo fascista, que iremos analisar através dos limites do ultraliberalismo como projeto histórico-social, incapaz de solucionar as crises do capital-imperialismo. Nesta conjuntura o anticomunismo serviu como base ideológica comum para o "espectro" fascista da sociedade, um movimento organizador visando o acirramento da luta de classes. O Mídia Sem Máscara partiu destas bases militando por um projeto fascista – ainda não plenamente desenvolvido, já que determinado pela conjuntura. O fascismo é compreendido aqui como um fenômeno nascido com o imperialismo, cuja função política e social primária é o de reorganizar o bloco no poder de maneira brutal durante a crise aberta, para a manutenção e reprodução da sociedade de classes – o que denota seu caráter de luta aberta contra a classe trabalhadora e suas organizações, de maneira geral contra qualquer avanço conquistado pelas classes exploradas. Isto não significa que qualquer crise abre caminho para a alternativa fascista, mas é pela perspectiva de ruptura institucional que os movimentos fascistas contemporâneos organizam-se. Esta é uma das prerrogativas do que podemos chamar de terceira "onda" fascista, ideologicamente distinta das anteriores pela aceitação dos pressupostos econômicos ultraliberais e organizativamente pela ênfase na formação de redes extrapartidárias. Iremos abordar nesta dissertação: a relação da história imediata com a academia; a produção do conhecimento histórico e a questão da verdade histórica; os desenvolvimentos qualitativos do capitalismo no século passado; o desenvolvimento da internet como parte da ampliação das formas de reprodução do capital; a instalação da internet no Brasil; os movimentos fascistas em suas transformações; a trajetória pública de Olavo de Carvalho; a constituição e afirmação do Mídia Sem Máscara; sua organização; peculiaridade discursiva; formas de atuação para propaganda, cooptação e formação de seus leitores-militantes através da internet; os grupos sociais aos quais dirigem-se; sua rede extrapartidária; e suas premissas ideológicas, enfatizando a especificidade de seu anticomunismo (o anticomunismo contra Gramsci).
PALAVRAS-CHAVE: Mídia Sem Máscara; Olavo de Carvalho; Fascismo; Anticomunismo; História Imediata.

ABSTRACT

The lictors of our bourgeoisie: the Mídia Sem Máscara in partisan action (2002-2011)

In this dissertation we investigated the performance of the partisan group organized around the website Maskless Media (Mídia Sem Máscara, www.midiasemmascara.org) between the years 2002 and 2011. The website was founded in the year of 2002 in the context of presidential elections to elect Luiz Inácio Lula da Silva of the Workers Party (Partido dos Trabalhadores), presenting itself as an *observatory of the press*, under the responsibility of the main organizer Olavo de Carvalho. He proposed through the Mídia Sem Máscara group a series of right-wing intellectuals around an ideological component: the anticommunism. After this election there is a fast rise on anticommunism in Brazilian media as an element of pressure on the Labor Party to fulfill the commitments made with the bourgeoisie and imperialism. Explanation that is not sufficient to characterize the progress of an organized movement of fascist type, which we´ll analyze through the limits of ultra-liberalism as a social-historical project, unable to resolve the crisis of capital-imperialism. In this conjuncture its anticommunism served as common ideological basis for the fascist "spectrum" of society, organizing a movement aiming the intensification of class struggle. Starting from this bases, the group Mídia sem Máscara began their militating for a fascist project - not yet fully developed, given the circumstances. Fascism is here understood as a phenomenon born with imperialism, which first political and social function is to rearrange the block in the power in a brutal manner during the open crisis, for the maintenance and reproduction of class society – which indicates its character of constant struggle against the working class and generally against any democratic advance. This does not mean that any crisis gives way to an alternative fascist, but is by the perspective of institutional breakdown that contemporary fascist movements are organized. It is one of the prerogatives of what we might call the third fascist "wave", ideologically distinct from the previous by the acceptance of the ultra-liberal economic presuppositions and organizationally by the emphasis on the formation of networks around the party. We investigate in this dissertation: the approaches to the immediate history in academy; the production of historical knowledge and the question of historical truth; the qualitative developments of capitalism in the last century; the development of the internet as part of the expansion of forms of reproduction of capital; the installation of Internet in Brazil; fascist movements in its transformations; the public career of Olavo de Carvalho; the formation of the Mídia Sem Máscara and its affirmation; its organization; discursive peculiarity; ways of activity for propaganda, cooptation and training of their readers-militants over the internet; the social groups which are aimed; its network around the party; and their ideological assumptions, emphasizing the specificity of their anticommunism (the anticommunism against Gramsci).
KEY WORDS: Mídia Sem Máscara; Olavo de Carvalho; Fascism; Anticommunism; Immediate history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACSP – Associação Comercial de São Paulo
AGCS – Acordo Geral de Comércio de Serviços
AIR – Ação Integralista Revolucionária
ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações
ANDES-SN – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
ANEL – Assembléia Nacional dos Estudantes – Livre
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
BITNET – *Because It´s Time Network*
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNH – Banco Nacional de Habitação
CALTECH – *California Institute of Technology*
ccTLDs – *Country Code Top-Level Domain*
CEDET – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
CERN – *Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*
CGI.br – *Comitê Gestor da Internet no Brasil*
CIA – *Central Intelligence Agency*
CNRS – *Centre National de la Recherche Scientifique*
CSP-CONLUTAS – Central Sindical e Popular-Coordenação Nacional de Lutas
CTAL – Confederação dos Trabalhadores da América Latina
CTB – Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil
CUT – Central Única dos Trabalhadores
DARPA – *Advanced Research Projects Agency*
DCI – *Director of Central Intelligence*
DEM – Partido Democratas
DNS – *Domain Name System*
DoD – *Departament of Defense*
EAD – Ensino à Distância
FAPESP – Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo
FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FBI – *Federal Bureau of Investigation*
FCC – *Federal Communications Commision*
FEBRABAN Federação Brasileira de Bancos
FED – *Federal Reserve System*
FIB – Frente Integralista Brasileira
FMI – Fundo Monetário Internacional
FN – Frente Nacional
GBM – Grupo Banco Mundial
GPS – *Global Positioning System*
GTER – Grupo de Trabalho de Engenharia e Operação de Redes
GTS – Grupo de Trabalho de Segurança de Redes
HACER – *Hispanic American Center for Economic Research*
IAB – *Internet Architecture Board*
IANA – *Internet Assigned Numbers Authority*
ICANN – *Internet Corporation for Assigned Names and Numbers*
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IETF – *Internet Engineering Task Force*
IHTP – *Institut d´Histoire du Temps Présent*

III-PNDH – Terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos
IMIL – Instituto Millenium
IOC – Instituto Olavo de Carvalho
ISOC – *Internet Society*
LNCC – Laboratório Nacional de Computação Científica
MEC – Ministério da Educação
MIL-B – Movimento Integralista Linearista do Brasil
MIT – *Massachussets Institute of Technology*
MSIFT – Movimento Social Italiano Bandeira Tricolor
MSM – Mídia Sem Máscara
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NASDAQ – *National Association of Securities Dealers Automated Quotations*
NFS – *National Science Foundation*
NIC – *Network Information Centre*
NIPC – *National Infrastructure Protection Center*
NPD – *Nationaldemokratische Partei Deutschlands*
OEA – Organização dos Estados Americanos
OMC – Organização Mundial do Comércio
OMPI – Organização Mundial da Propriedade Intelectual
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONG – Organização Não Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PAC – Programa de Aceleração do Crescimento
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PFL – Partido da Frente Liberal
PIB – Produto Interno Bruto
PNSB – Partido Nacional Socialista Brasileiro
PRONA – Partido de Reedificação da Ordem Nacional
PRP – Partido de Representação Popular
PSD – Partido Social Democrático
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PT – Partido dos Trabalhadores
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
PUC – Pontifícia Universidade Católica
RFC – *Request for Comments*
RNP – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
SEI – Secretaria Especial de Informática
TCP/IP – *Transmission Control Protocol/Internet Protocol*
TFP – Tradição, Família e Propriedade
UCC – União Conservadora Cristã
UDN – União Democrática Nacional
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UIT – *United Nations Agency for Information and Communication Technology Issues*
UnB – Universidade de Brasília
UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*
UNESP – Universidade Estadual de São Paulo
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UOBC – União Operária e Camponesa do Brasil
USP – Universidade de São Paulo
VIDE – Vigilância Democrática
WWW – *World Wide Web*

SUMÁRIO

“*Em minha parede há uma escultura de madeira japonesa*
Máscara de um demônio mau, coberta de esmalte dourado
Compreensivo observo
As veias dilatadas da fronte, indicando
Como é cansativo ser mal”.

Bertold Brecht. *A máscara do mal*.

INTRODUÇÃO:

Fazer a história, no sentido de reconstruir um processo acabado – como entendia Lucien Febvre, uma pergunta dos vivos em direção aos mortos – nos permite certo distanciamento, um afastamento rumo a uma realidade que não vivemos, e que passamos a descobrir aos poucos. Por mais repugnante que tenha sido este passado, saber que não há sua ameaça a cada esquina – seu distanciamento característico – permite certa sensação de paz, um resquício materno do "*tudo aquilo já passou*" antes de ir dormir. De maneira distinta, escrever a história imediata, caso deste trabalho, confunde-se com o fazer história, com a atuação de cada um de nós diante da realidade. E o estudo dos processos ainda inacabados não nos permite nenhum alheamento. É uma história feita de feridas abertas, que nos atingem profundamente e que a cada delineamento do processo, nos infligem o encarar o abismo de frente, exigindo do pesquisador seu engajamento, exatamente porque faz sentir de modo agudo, que cabe a nós, coletivamente, lutar pelo futuro. Mergulhar no universo da fascismo brasileiro, especificamente do Mídia Sem Máscara (daqui pra diante MSM), digerir todo seu conteúdo causou-me náuseas um sem número de vezes. O que me levou adiante neste objetivo foi a convicção de que em nenhum momento minha indignação, minha raiva, converteu-se em histeria. Ou seja, que a lucidez sobre os modos de combate, os posicionamentos necessários diante de um fenômeno fascista, não foram afetados, pelo contrário, as minhas mais caras convicções humanistas tornaram-se mais claras e agudas – como me foi dito por alguém por quem nutro apreço muito especial, não se colhe o mandacaru sem passar pelos espinhos.

O MSM é criado em 2002, no contexto das eleições presidenciais que vieram a eleger Luis Inácio Lula da Silva, apresentando-se como um *observatório da imprensa*, sob a responsabilidade de seu principal organizador, Olavo de Carvalho. Este propunha através do MSM agrupar uma série de intelectuais, articulistas de direita, em torno de um componente ideológico: o anticomunismo. A ascensão anticomunista, maior que o MSM, acompanhou o novo arranjo no bloco no poder após a vitória de Lula – que permitiu o acesso de agentes políticos oriundos da classe operária e de suas entidades a cargos decisórios para a gestão do Estado capitalista no Brasil – inédito na autocracia burguesa até então, e não bem aceita por todas as frações da burguesia. Mas esta explicação, que somente desvela a realidade pelo aspecto político, não é suficiente para caracterizar a ascensão de um movimento fascista, o que iremos analisar através dos limites óbvios do ultraliberalismo como projeto histórico-social, incapaz de solucionar as crises do capital-imperialismo – a mais recente e violenta a

crise de 2008, muito além de uma bolha gerenciadas pelo sistema para sua expansão, mas que traz em seu cerne os limites do sistema em gerenciar as "*crises geopolítica, militar, energética, alimentar, ecológica, ética e social*"[1]. Nesta conjuntura o anticomunismo serviu como base ideológica comum para as forças conservadoras e reacionárias da sociedade, em um movimento organizador visando o acirramento da luta de classes, a crise aberta. O MSM partiu destas bases para constituir-se, e avançar, militando por um projeto fascista – anotemos que, este projeto ainda não está plenamente desenvolvido, já que determinado pela conjuntura.

O fascismo é compreendido aqui como um fenômeno surgido com o imperialismo, cuja função política e social primária é o de reorganizar o bloco no poder de maneira brutal durante a crise aberta, para a manutenção e reprodução da sociedade de classes – o que denota seu caráter de organização visando a luta contra a classe trabalhadora e de maneira geral, negando qualquer avanço democratizante. Isto não significa que qualquer crise faz emergir a alternativa fascista, o que será tratado adiante, mas adiantemos, é pela perspectiva de *ruptura* que os movimentos fascistas contemporâneos organizam-se, seja através de partidos formais parlamentares, como a Frente Nacional francesa, seja através de associações da sociedade civil, como no caso do MSM. Esta é uma das prerrogativas do que podemos chamar de terceira "onda" fascista, ideologicamente distinta das anteriores pela aceitação dos pressupostos econômicos ultraliberais. Estes pressupostos utilizados para implementação e manutenção de políticas de Estado ultraliberais, mesmo divergindo estrategicamente, acabam por convergir em seus fins com os objetivos fascistas, sendo o principal a quebra completa da organização da classe operária nos limites estatais-nacionais. Não poderíamos deixar de sublinhar estas ligações profundas que emergem quando analisados fenômenos deste tipo em uma perspectiva de cunho totalizante.

Iremos observar estas ligações quando expusermos nossa leitura do MSM em sua rede extrapartidária, em suas conexões sociais com diversos aparelhos privados de hegemonia da (grande e pequena) burguesia brasileira. Esta ênfase é importante, e justifica a qualificação feita em nosso título ao MSM, como *litores da nossa burguesia*: os litores eram os anunciadores dos antigos magistrados romanos, encarregados de carregarem o feixe faziam-se representantes do poder sobre a vida e morte dos indivíduos, poder que executavam, mas não detinham. Esta é uma maneira de explicitar a situação específica do MSM: prepostos,

---

[1]OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. "Introdução. A complexidade da crise atual". *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? Goiânia: CEPEC, 2010. p. 9.

funcionários da classe dominante, que arrogam um poder que não detém, mas que mesmo assim encarnam. O pronome possessivo que estabelecemos sobre a burguesia brasileira (a *nossa* burguesia) é um modo de indicar que mesmo não pertencendo a esta classe, seu projeto social, sua visão de mundo de certo modo nos pertence, pois no sentido mais cru desta afirmação, somos constantemente implicados a interiorizar suas perspectivas como nossas.

A questão que norteou essa investigação foi a de *compreender a atuação partidária do Mídia Sem Máscara entre os anos de 2002 e 2011*. Uma questão propositadamente abrangente, que nos obrigou a analisar nosso objeto em uma série de frentes específicas, levando em conta:

- A necessidade da existência de projetos políticos de cunho fascista no capital-imperialismo;
- A emergência de projetos deste tipo na última crise do capital;
- A articulação de seus intelectuais em torno de seu projeto político e a constituição deste;
- A organização destes intelectuais em um partido não formal;
- As ligações orgânicas de seus intelectuais com a burguesia;
- A origem social e trajetória de vida de seu Estado maior;
- A interpretação dos diversos projetos políticos aos quais se opõem;
- A constituição de seus marcos ideológicos;
- O perfil de leitores e militantes que pretendem atingir;
- A constituição da internet como espaço para a disputa ideológica; e
- A utilização da rede para sua organização e propaganda.

Tais escolhas se delinearam a partir da seguinte hipótese: que as formulações políticas criadas e disseminadas pelo MSM articulam-se a um projeto de sociedade mais amplo, sendo assim, dependentes (o que não significa que são subordinados diretamente) de um Estado-maior, dos intelectuais responsáveis pelos projetos da classe dominante. Assim, a militância do MSM possuiu uma função primal para a dominação: a da busca por um consenso mínimo entre diversos grupos reacionários e fascistas existentes na sociedade (sejam partidos políticos formais, informais ou milícias), o que é possível através de sua autoqualificação como liberais conservadores. Embora o caráter de classe do MSM seja burguês, os indivíduos que o integram, em sua maioria, não corresponderam a esta classe social, sendo provenientes dos estratos médios da sociedade – o que em sua pluralidade de interesses acabou por tornar o MSM, durante este recorte temporal, responsável por uma grande quantidade de pautas e questões, na tentativa de fazer convergir todos estes atores em torno do seu projeto histórico:

economicamente alinhado ao capital-imperialismo e ao mesmo tempo antiliberal (mas não anticapitalista) em relação a moral – cisão contraditória que os permite advogar um projeto de características fascistas. Seu alinhamento com a ofensiva do ultraliberalismo, exprimidas especialmente na necessidade da eliminação da esquerda, evidencia sua compreensão da necessidade do Estado para a implementação e funcionamento deste projeto. Sua tentativa de alcançar o consenso entre diversos grupos reacionários não encerra suas tarefas, que pelo contrário, compreende também a mobilização ativa de parte das classes subalternas, buscando uma ação mais direta nos estratos médios da sociedade, manifestado em seu posicionamento de defesa constante da "classe média" contra o mesmo Estado, que aí assume na dimensão discursiva e ideológica do MSM o papel de "entidade inimiga", responsável por todos os ataques direcionados à "destruição" da pequena burguesia e da nova pequena burguesia, via sua proletarização.

Por ultraliberalismo entendemos um projeto histórico-social elaborado, disseminado e aplicado conscientemente por agentes políticos, que não pode ser resumido em suas ações ao campo econômico[2], embora determinado por este, pela reprodução ampliada do capital imperialismo. Optamos por não referenciarmos à noção de neoliberalismo, pois concordamos com Virgínia Fontes quando afirma que esta contém "*um teor fortemente descritivo, aplicando-se a uma política, a uma ideologia e a práticas econômicas que reivindicavam abertamente o ultraliberalismo*", e que mesmo sendo utilizado para denunciar estas práticas políticas, econômicas e ideológicas "*tem como núcleo o contraste fundamental com o período anterior, considerado por muitos como 'áureo' (keynesiano ou Estado de Bem-estar Social)*", assim mistificando "*a percepção do conteúdo similarmente capitalista e imperialista que liga os dois períodos, assim como apaga a discrepância que predominara entre a existência da população trabalhadora nacional nos países imperialistas e nos demais*"[3]. Todo projeto de reforma econômica é um projeto de reforma moral[4], o que é crucial para nós, pois de outro modo seria difícil compreender as aproximações entre o fascismo contemporâneo e aquele projeto.

O MSM milita visando à interiorização de todo um modo de ser, uma contrarreforma

---

[2]O prefixo formador "neo", de origem grega, significa novo, atualizado, indicando localização no tempo, enquanto o prefixo formador "ultra" indica mudanças qualitativas em relação ao liberalismo. Quando conseguimos identificar elementos claros desta doutrina, reivindicados abertamente ou não, nas ações do Estado brasileiro, seja justificada de maneira escalar, afirmando sua apropriação como "moderada", enxergamos uma prática pedagógica que serve para o aprofundamento das relações sociais sob o capital imperialismo. Para mais detalhes ver FONSECA, F. *O ultraliberalismo e seus contendores*. Disponível em http://cbrayton.files.wordpress.com/2006/09/teopol15.pdf, acessado em 17.02.12.
[3]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010. p. 154.
[4]Sobre esta discussão está ver o oitavo capítulo desta dissertação: *O MSM em seus marcos ideológicos*.

moral do homem apoiada em alguns elementos agregadores profundamente enraizados na vivência social destes estratos, que apresentados em profunda crise, permitem a construção de explicações e respostas lógicas de fundo moral, civilizacional ou cultural, para crises e convulsões sociais do capitalismo, possibilitando uma dupla ação, mesmo que retórica: por um lado, ele arroga-se de portar a semente de um projeto consequente de sociedade e, por outro, dota de culpa uma suposta atuação global de esquerda – agregando sentido político aos mais diversos fenômenos sociais – através de seu entendimento distorcido de uma suposta "guerra de posições" que estaria sendo levada a cabo de maneira subreptícia pela esquerda mundial (o que chamam de "guerra cultural revolucionária"). Em sua interpretação da revolução passiva como estratégia positiva para esquerda, esta visaria destruir as "bases morais do capitalismo"[5].

Esta dissertação não busca "responder" o MSM, pelo contrário, rejeitamos conscientemente qualquer intenção de descermos ao seu nível de argumentação e debate político. Ainda assim, como já foi dito por Karl Marx, "*deixar o erro sem refutação é estimular a imoralidade intelectual*"[6]. E além, pois afirmando as funções políticas que seu discurso ideológico cumpre, seria um erro deixar de apontar as distorções históricas e teóricas efetuadas pelo MSM. Isto é parte da função do historiador, arrancar do fetiche a verdade histórica (explicitando seus pressupostos teóricos e metodologicamente como esta é constituída, já que temos em conta que o "*rigor histórico e rigor político se apóiam mutuamente*"[7]), entendendo a quem interessa, as quais grupos sociais servem a busca pela verdade ou sua dissimulação. Afinal, a prática historiográfica não escapa da própria história, a narrativa histórica possui uma função política e ideológica que não está acima das contradições da sociedade de classes.

Na produção do conhecimento histórico, como não existe uma relação unilateral ou cindida entre o historiador, o sujeito que pesquisa, e seu objeto, entre estes forma-se uma troca complexa e dialética. Exatamente por isto esta relação não ocorre de modo distante, passivo, mas ativamente: o historiador sofrerá condicionamentos sociais, históricos, técnicos, etc. e sendo um ser ativo nesta realidade social que o condiciona, terá um "espírito de partido"[8]. Segundo Adam Schaff:

---

[5]Sobre esta discussão está ver o sexto capítulo desta dissertação: *O MSM e o fascismo*.
[6]MARX, K. *apud* THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria*: ou um planetário de erros. Sem editora, 2009. p. 6.
[7]CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* Sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995. p. 62.
[8]SCHAFF, A. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 105.

> O sujeito que conhece não é um espelho, não é um aparelho registrando passivamente as sensações geradas pelo meio circunvizinho. Pelo contrário, é precisamente o agente que dirige este aparelho, que o orienta, o regula, e em seguida transforma os dados que este lhe fornece. Alguém escreveu muito a propósito que aqueles que comparam o conhecimento à ação de fotografar a realidade esquecem – entre outras coisas – que o aparelho fotográfico registra, e é por isso que uma fotografia nunca é idêntica à outra. O sujeito que conhece "fotografa" a realidade com a ajuda de um mecanismo específico, socialmente produzido, que dirige a "objetiva" do aparelho. Além disso, "transforma" as informações obtidas segundo o código complicado das determinações sociais que penetram no seu psiquismo mediante a língua em que pensa, pela mediação da sua situação de classe e dos interesses de grupo que a ela se ligam, pela mediação das suas motivações conscientes ou subconscientes e, sobretudo, pela mediação da sua prática social sem a qual o conhecimento é uma ficção especulativa[9].

Assim, a verdade histórica é uma verdade parcial e objetiva, o que não significa que seja uma meia verdade – já que analisada segundo um método, uma base teórica metodológica aprimorada e confirmada pela prática histórica – mas como já dito, é inevitavelmente uma verdade filtrada pelos condicionamentos históricos, técnicos e sociais de quem a pesquisa. Como o conhecimento é sempre um processo, devido à infinidade da realidade estudada (tanto no sentido da quantidade infinita das relações de cada objeto com outros, como no sentido do desenvolvimento "infinito" da realidade), deste modo à verdade também é processual:

> A "verdade" equivale certamente a um "juízo verdadeiro" ou a uma "proposição verdadeira", mas significa também "conhecimento verdadeiro". É neste sentido que a verdade é um devir: acumulando as verdades parciais, o conhecimento acumula o saber, tendendo, num processo infinito, para a verdade total, exaustiva e, neste sentido, absoluta[10].

O conhecimento é o conhecimento de um objeto infinito, na medida em que é infinita a quantidade das suas correlações: o conhecimento é o processo de acumulação das verdades parciais. Neste, e através deste processo, enriquecemos sem cessar o conhecimento. Como dito, se é parcial, então todo conhecimento científico será objetivo e subjetivo: "*objetivos em relação ao objeto a que se referem e do qual são o 'reflexo' específico, bem como atendendo ao seu valor universal relativo e à eliminação relativa da sua coloração emotiva; subjetivos, no sentido mais geral, por causa do papel ativo do sujeito que conhece*"[11]. A compreensão sobre este conhecimento "objetivo" precisa ser explicitada, sendo que para Schaff: "*é*

---

[9]SCHAFF, A. *História e verdade*. op. cit. p. 81.
[10]Idem. p. 98.
[11]Ibidem. p. 89.

'objetivo' o que vem do objeto. Neste sentido, entende-se por 'objetivo' o conhecimento que reflete (numa acepção determinada do verbo 'refletir') no espírito que conhece o objeto existindo fora e independentemente deste (ao contrário do conhecimento 'subjetivo' que cria o seu objeto)". Deste modo, "*é 'objetivo' o que é válido para todos e não apenas para este ou aquele indivíduo. Portanto, é 'objetivo' o conhecimento que tem um valor universal e não apenas individual (ao contrário do conhecimento 'subjetivo' no sentido de individual)*", o que vem a ser "*livre de emotividade e, portanto, de parcialidade (em oposição com 'subjetivo' no sentido de 'emotivamente colorido' e 'parcial')*"[12].

Acredito que uma das melhores sínteses sobre o processo de produção do conhecimento histórico seja de Edward Palmer Thompson através da dialética do conhecimento histórico. Esta dialética seria composta através da confrontação de um conceito ou hipótese, uma tese, com sua antítese, sua determinação objetiva não teórica, do que resulta o conhecimento histórico, a síntese. É pelo

> […] teste dessas hipóteses face às evidências, o que pode exigir o interrogatório das evidências existentes mas de novas maneiras, ou uma renovada pesquisa para confirmar ou rejeitar as novas noções; a rejeição das hipóteses que *não* suportam tais provas e o aprimoramento ou revisão daquelas que a suportam, à luz desse ajuste. Na medida em que uma noção é endossada pelas evidências, temos então todo o direito de dizer que ela *existe* "lá fora", na história real. É claro que *não* existe realmente, como um plasma que adere aos fatos, ou como um caroço invisível dentro da casca das aparências. O que estamos dizendo é que a noção (conceito, hipótese relativa à causação) foi posta em diálogo disciplinado com as evidências, e mostrou-se operacional; isto é *não* foi desconfirmada por evidências contrárias, e que organiza com êxito, ou "explica", evidências até então inexplicáveis. Por isto é uma representação adequada (embora aproximativa) da seqüência causal, ou da racionalidade, desses acontecimentos, e conforma-se (dentro da lógica da disciplina histórica) a um processo que de fato ocorreu no passado. Por isto essa noção existe simultaneamente como um conhecimento "verdadeiro", tanto como uma representação adequada de uma propriedade real desses acontecimentos[13].

Mas anotemos que nem sempre a história mais objetiva é a história mais aceita, porque isto implica em outro sentido que cumpre ao conhecimento histórico: sua função social. A produção do conhecimento não ocorre de maneira autônoma, dissociada da consciência humana, formada, e também formadora, da existência social entre os homens. Marx e Friedrich Engels já haviam reparado nisto, afirmando com certa ironia, que "*será necessária inteligência tão profunda para entender que, com a mudança das condições de*

[12]SCHAFF, A. *História e verdade*. op. cit. p. 87-88.
[13]THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria*: ou um planetário de erros. op. cit. p. 63-64.

vida das pessoas, das suas relações sociais, de sua existência social, também se modificam suas representações, concepções e conceitos, em suma, também sua consciência?”[14]. Esta não é uma relação de causa e efeito, mas nem por isto escapa de ser socialmente determinada, e efetivada socialmente pela sua prática, sendo que esta disputa apresenta-se como disputa política, afinal como sublinhado por Vladimir Ilyitch Uliánov Lênin: “*numa sociedade baseada na luta de classes não pode haver ciência social 'imparcial'*”, sendo que “*esperar que a ciência fosse imparcial numa sociedade de escravidão assalariada seria uma ingenuidade tão pueril como esperar que os fabricantes sejam imparciais quanto à questão da conveniência de aumentar os salários dos operários diminuindo os lucros do capital*”[15]. Josep Fontana vai além, e apresenta a história como “*uma das fontes mais eficazes de convicção, de formação de opinião em matérias relativas à sociedade*”, cabendo à produção e utilização da história um papel importante em sociedade: “*não podemos nos despreocupar da função social da história, porque o que está em jogo é demasiado transcendental*”[16]: a construção do futuro.

Entendendo a função política que tal tipo de distorção ideológica conscientemente produzida cumpre, esta pesquisa não é uma resposta ao MSM, mas a tentativa de produzir uma explicação científica de sua existência. Ainda que, ao se colocar como observatório, como um farol de empiria social (observando e classificando), como uma produção intelectualizada, o MSM se arvore como produtor de verdades e use esse tipo de autoafirmação como uma espécie de sustentáculo para sua pretensa utilidade crítica, não se pode perder de vista que esta é apenas uma interpretação vulgarizada da produção do conhecimento, da função social da ciência e da história.

Analisar um objeto cujo desenrolar histórico ocorre na contemporaneidade da pesquisa, de modo algum significa apresentar a vida como ela é, mas sim buscar os motivos pelos quais a vida assim está. E tenho plena consciência, que ao abordar a história imediata, analisando criticamente os processos sociais ainda em andamento, adentro um dos terrenos pantanosos para os historiadores acadêmicos. Mas, uma vez que história apresenta a possibilidade, de servir de instrumento de libertação, de desmistificação do mundo, colocando-se ao lado das lutas sociais, pedimos licença para o leitor, para sublinharmos, de

---

[14]MARX, K; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. Lima: Los Libros Más Pequeños del Mundo, 2010. p. 84.
[15]LÊNIN, V. I. *As três partes e as três fontes constitutivas do marxismo*. Disponível em http://files.agb-recife.webnode.com.br/200000028-b54e4b649e/As%20Tr%C3%AAs%20Fontes%20e%20as%20Tr%C3%AAs%20partes%20Constitutivas%20do%20Marxismo%20(Lenin).pdf, acessado em 14.10.11.
[16]FONTANA, J. *A história dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 18.

modo introdutório, que historiograficamente, as dificuldades e problemas que a história imediata supostamente suscita têm muito mais a ver com projetos conservadores de história (e de sociedade) do que necessariamente com dificuldades teórico-metodológicas intrínsecas, e que mesmo estes projetos foram obrigados a revisitar sua postura em relação ao imediato, pelo óbvio motivo de que a busca pela compreensão da história vivida não é exclusividade de uma corporação, mas sim de toda humanidade.

A história imediata faz parte do cabedal de possibilidades de análise do historiador a longo tempo, de Heródoto e Tucídides até Jules Michelet e Marx, tendo se tornado alvo de críticas somente no século XIX, no contexto da institucionalização da disciplina, triunfo de determinado projeto de história, vinculado à escola metódica alemã e que generalizou-se como modelo. Este baseou sua peculiaridade científica na cisão entre o passado e o presente, o que foi importante naquele momento para a profissionalização da disciplina, já que a afirmou distinta e independente da filosofia e da literatura. Este modelo historiográfico, aproximado das ciências naturais, foi elaborado em universidades da Alemanha por pesquisadores que não foram somente funcionários, mas ideólogos daquele Estado, e tornou-se hegemônico por mais de um século, sendo seus resquícios, mesmo com todos os enfrentamentos que teve até hoje, facilmente detectáveis. Como comenta Fontana:

> Paradoxalmente, estes homens, que se negavam a aceitar a existência de leis históricas gerais acima das realidades nacionais, seriam os criadores de métodos de pesquisa que se difundiriam universalmente até serem admitidos como norma científica da profissão e que seriam considerados, sem fundamento algum, como equivalentes, no campo da história, aos métodos de investigação das ciências da natureza[17].

Este modelo só foi aceito sem críticas até o início do século XX, quando diferentes escolas e perspectivas passaram a confrontá-lo. Na França isso ficou a cabo de Émile Durkheim e seguidores como François Simiand, que elaborou talvez o mais contundente ataque à "tribo" dos historiadores e seus "ídolos": o político, o individual e o cronológico[18]. E em outros países as críticas surgiram dos autores que Schaff concebe como representantes de um modelo de processo do conhecimento subjetivo-idealista: Robin George Colingwood na Inglaterra, Benedetto Croce na Itália e Charles Austin Beard e Carl Becker nos Estados Unidos. Estes "presentistas", para além de todas suas falhas e limitações, formularam contraproposições importantes: "*- no conhecimento histórico, o sujeito e o objeto constituem uma totalidade orgânica, agindo um sobre o outro e vice-versa; - a relação cognitiva nunca é*

[17]FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 231.
[18]SIMIAND, F. *Método histórico e ciência social*. Bauru: EDUSC, 2003.

passiva, contemplativa, mas ativa por causa do sujeito que conhece", e por fim que, "*o conhecimento e o comprometimento do historiador estão sempre socialmente condicionados; o historiador sempre tem um 'espírito de partido*'"[19].

E a história imediata[20], mesmo praticada por diversas correntes não vinculadas à academia, "renasce" no meio historiográfico após 1945, constatação de seus próprios críticos, que assinalaram o óbvio: "*boa parte do que se leu (e editou) nesse período pelo mundo afora sob o rótulo de 'história' foi, na verdade, algum tipo de história política*"[21], em sua maioria referentes à história imediata (assinalando o *boom* editorial sobre a Segunda Guerra Mundial no período). Neste momento a escola francesa dos Annales, propõe-se a disputar este nicho do mercado editorial, em que as "*suspeitas dos profissionais universitários contrastavam com uma demanda social que cresceria bruscamente nessas últimas décadas*", ou seja, que "*o tempo presente era artigo muito vendido nas livrarias, como se impunha nas emissões televisadas que alcançavam altos índices de audiência*"[22]. Neste período a expansão midiática, pontuada na fala de Jean-Pierre Azema, tem um crescimento acelerado nos países capitalistas centrais, especialmente através do rádio e da televisão, ainda que o interesse pelo imediato não possa ser resumido a impulsos como este, uma vez que "*Lissagaray escreve antes da imprensa informativa se desenvolver na França; Trótsky pouco recorre aos recursos radiofônicos* [...] *e a televisão desempenha um papel secundário na enquete dos dois repórteres-historiadores do 'Washington Post*'"[23].

É importante lembrar que, no Brasil se produz história *próxima*, como alguns preferem, desde Francisco Adolfo de Varnhagen, não sendo problemática sua prática até a

---

[19]SCHAFF, A. *História e verdade*. op. cit. p. 105.

[20]A escolha pelo conceito de história imediata se dá por essa atentar ao tempo histórico como processo social, sendo responsável pelos processos vividos, ainda não acabados. Esta leitura é contraposta com a história do tempo presente que designa seus objetos em relação a distancia temporal do pesquisador. Seriam objetos da história do tempo presente acontecimentos, fenômenos e processos que distam do historiador, até cerca de vinte ou trinta anos no tempo, enquanto a história próxima daria conta dos mesmos em um recorte de cerca de quarenta ou cinquenta anos de distância. Estas perspectivas são defendidas em CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. "Questões para a história do presente". *In*. CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 27.

[21]FALCON, F. "História e poder". *In*. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história:* ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 70.

[22]AZEMA, J-P. "Tempo presente" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas.* Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 741. Georges Duby reconhece que o retorno do político, do acontecimento, da biografia e da narrativa se deram pela expectativa do público. DUBY, G. "L´histoire continue". Paris: Odile Jacob, 1991. p. 150-152. *apud* FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 395.

[23]LACOUTURE, J. "A história imediata". *In*. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 227. Refere-se ao escândalo político conhecido como "*Watergate*", onde os jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein do Washington Post conseguiram comprovar a ligação do presidente republicano Richard Nixon com o assalto à sede do Partido Democrata em Washington em 1972, durante a campanha que o reelegeu. Esta reportagem, que Lacouture utiliza como exemplo de história imediata praticada por jornalistas, abriu caminho para a renúncia de Nixon em 1974.

chegada da percepção francesa. Segundo Ciro Flamarion Cardoso:

> O interesse pela História Imediata ou do tempo presente não é assim tão novo! A professora Maria Yedda Linhares, por exemplo, ressalta com razão que tal interesse já norteava em boa medida a Cátedra de História Moderna e Contemporânea que ela dirigia, como catedrática, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atualmente, IFCS da UFRJ). Eu mesmo, como estudante de professores dessa cátedra, pesquisei em 1965, no final da graduação de História, ao escolher, na ocasião, especializar-me em História Contemporânea, orientado pelo professor Francisco Falcon, o tema − então candente e ainda em desenvolvimento − da descolonização no ex-Congo belga, com seus múltiplos conflitos e reviravoltas, ligados em boa parte aos interesses e intervenções do capitalismo internacional (e da ONU, a ele vinculada em boa parte) naquela região[24].

Na década de cinquenta, indicada por alguns historiadores como o da institucionalização dos Annales na IV seção da *École Pratique de Hautes Etudes* (Escola Prática de Ensino Superior), financiada em parte pela fundação Rockfeller, suas propostas reafirmaram as críticas, já correntes, à história factual. E definindo-se em oposição, apresentaram três proposições: "*na primeira apresentam uma definição da história como sendo 'o estudo cientificamente elaborado sobre as diversas atividades e criações dos homens de outros tempos'*", deixando claro o enfoque geral em tempos passados, e que Fontana entende como "*uma visão tópica que reserva a qualificação de 'científicos' para os métodos de pesquisa, negando-os aos resultados*". Por segundo fiam-se em produzir um tipo de história para além da tradicional, que para Fontana tem como consequência "*uma licença para misturar tudo alegremente, sem regras nem prioridades*". E em terceiro, defendem "*a necessidade de relacionar a história com as ciências sociais próximas e modernizar os métodos de trabalho*", que resultaria em "*uma retórica sugestiva*", mas possuindo "*características globais de antimétodo*"[25].

Fernand Braudel assumirá a revista após a morte de Febvre em 1956, tendo como programa um projeto de análise histórica de longa duração, próximo ao estruturalismo e com a manutenção da construção de uma "história total". Neste período a escola irá alçar espaços para além da França, se tornando referência mundial, como alternativa ao marxismo. Novamente segundo Fontana, "*annales é radical no estilo, mas acadêmica na forma e conservadora do ponto de vista político; toca as questões de história econômica e social sem risco de contágio marxista, contando como garantia, com uma equipe de ex-comunistas*

[24] HISTÓRIA AGORA. "Entrevista com o professor Ciro Flamarion Cardoso (19.03.07)". *História Agora*. nº. 1. Disponível em http://www.historiagora.com/index.php?option=com_content&task=view&id=10&Itemid=30, acessado em 10.09.10.
[25] FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 273-274.

reconvertidos"[26]. E a "nova" história política – que, embora não se confunda com a imediata, possui perspectivas que a aproximam da mesma discussão historiográfica –, afirma um marco nesta década, a defesa da tese de doutorado de René Rémond em 1954 acerca da atuação política das direitas na França[27]. Este "renascimento" do imediato só será plenamente sedimentado em 1978 quando o *Centre National de la Recherche Scientifique* (Centro Nacional de Pesquisa Científica, CNRS) criou o *Institut d´Histoire du Temps Présent* (Instituto de História do Tempo Presente, IHTP). Este é parcialmente descendente da *Comité d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale* (Comitê de História da Segunda Guerra Mundial) de 1951 e cujas fundações remontam a 1944 com a *Commission sur l'Histoire de l'Occupation et de la Libération de la France* (Comitê sobre a História da Ocupação e da Libertação da França) no governo provisório de Charles De Gaulle[28]. O domínio de Braudel durou até o maio de 1968, que em sua eclosão trouxe à tona diversos grupos e movimentos intelectuais de contestação ao estabelecido, de revolta contra o sistema, e teve fortes repercussões no meio acadêmico. Seu espírito "*carregado de esperanças utópicas, sonhos libertários e surrealistas*"[29], levaram a diferentes práticas sociais:

> […] o movimento revolucionário como festa coletiva e como comunidades humanas livres e igualitárias, a afirmação partilhada da sua subjetividade (sobretudo entres os feministas); a descoberta de novos métodos de criação artística, desde os pôsteres subversivos e irreverentes, até as inscrições poéticas e irônicas nos muros. A reivindicação do direito à subjetividade estava, inseparavelmente, ligada ao impulso anticapitalista radical que atravessava, de um lado ao outro, o espírito de Maio de 68. Esta dimensão não deve ser subestimada: ela permitiu – a frágil aliança entre os estudantes, os diversos *grupúsculos* marxistas ou libertários e os sindicalistas que organizaram, apesar de suas direções burocráticas, – a maior greve geral da história da França[30].

E no ano seguinte Braudel e seu grupo foram substituídos por André Burguière, Jacques Le Goff, Marc Ferro, Emanuel Le Roy Ladurie e Jacques Revel[31], sem grandes explicações a não ser a necessidade de integrar novos pesquisadores. Fontana compreende esta mudança como um golpe de estado contra o antigo chefe, não por motivos políticos, mas

---

[26]FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 278.
[27]BURGUIÈRE, A. "Anais (escola dos)" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. op. cit. p. 50.
[28]INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Historique*. Disponível em http://www.ihtp.cnrs.fr/spip.php%3Frubrique1&lang=fr.html, acessado em 13.09.10.
[29]LÖWY, M. "O romantismo revolucionário de maio 68". *Espaço Acadêmico*. nº. 84. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/084/84esp_lowyp.htm, acessado em 10.08.10.
[30]Idem.
[31]LE GOFF, J. "A história nova". *In*. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. op. cit. p. 37.

metodológicos: “*Braudel queria manter o rigor do programa globalizante e isto o levara a criticar duramente os trabalhos de pesquisa de Le Roy Ladurie ou de Furet*”[32], que considerava apenas expressão de uma moda historiográfica. Burguière responderá esta acusação de modo difuso, afirmando a centralidade de se responder às demandas imediatas, mas propositadamente evitando esclarecer como se deram as disputas em torno do projeto de história dominante:

> Modismo? Certamente, se o tomarmos como um encaminhamento obrigatório da reflexão ditado pelos problemas e pela *lógica da época*. Os temas que se situam no centro do debate não excluem outras direções de pesquisa, mas representam o papel de instância de totalização. *O campo que definem se torna o que permite explicar a mudança em sua globalidade*. Seu avanço corresponde também à influência de uma disciplina provisoriamente dominante no seio das ciências sociais. É o caso da geografia nos anos 30, *da economia marxista ou quantitativa no ambiente de reconstrução do pós-guerra*, e finalmente da antropologia estrutural a partir dos anos 60[33].

Como visto, esta reação é trazida pelas críticas de 1968, que desnudaram as dificuldades teórico-metodológicas da antiga geração, que indiquemos, centrava-se na mudança de tempos históricos longos, e não nos processos sociais, o que obviamente resultava na recusa de análise do século XX, dos processos vividos (aqui obviamente excetuando as interpretações acerca da Segunda Guerra, escritas ainda no calor do momento por Marc Bloch[34], ou um pouco depois por Charles Morazé[35]). E do mesmo modo foi profundamente criticado o silêncio em relação àqueles que Michelle Perrot chamou de excluídos da história: mulheres, negros, presidiários, operários, etc. Este refluxo não surge somente da óbvia constatação destas lacunas, mas do fato de que havia outros modos de se fazer história, não dominantes na academia francesa, que davam conta destes processos recentes, e já tinham começado a indicar a necessidade de abarcar diferentes temas e objetos. Esta crise teórica (e em boa parte dos casos antiteórica) ficou conhecida como a “crise dos paradigmas das ciências sociais”, que propunha uma contraposição à história social, que era atacada como representante de um paradigma economicista, determinista, holístico, estruturalista e erroneamente dito científico[36]. Cardoso pensa politicamente este momento:

---

[32]FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 279.
[33]BURGUIÈRE, A. “Anais (escola dos)” (verbete) *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. op. cit. p. 52. Grifos nossos.
[34]BLOCH, M. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
[35]MORAZÉ, C. *A lógica da história*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
[36]BARROS, C. *Para um novo paradigma historiográfico*. Disponível em http://www.h-debate.com/cbarros/spanish/articulos/nuevo_paradigma/hacia/tempo.htm, acessado em 10.09.10.

> Neste sentido, estou de acordo com a observação de Bentley no sentido de serem os anos da década de 1960 (em especial os movimentos sociais de diversos tipos ocorridos em vários países, incluindo o Brasil, em 1968), não um ponto de partida, mas, sim, um final. Foi a partir da década seguinte que tomou forma mais visivelmente, por um lado, uma resposta afirmativa, neoconservadora e neoliberal, por outro, uma resposta "chorosa", negativa – que é o pós-modernismo, não por acaso chamado por alguns de "orfandade de uma geração" […] – à constatação de que mudanças muito profundas estavam alterando as sociedades humanas. Parece-me evidente que muitos dos elementos de ambas as reações já existiam antes[37].

E a "volta" do político, da narrativa, da biografia estão vinculadas diretamente com a recusa das bases teóricas totalizantes. Como afirmado na introdução de *Por uma história política*, livro organizado por Rémond, talvez o nome mais referenciado entre os "novos historiadores políticos":

> Cada vez menos pesquisadores acham que as infra-estruturas governam superestruturas, e a maioria prefere discernir (como os autores deste livro) uma diversidade de setores – o cultural, o econômico, o social, o político – que se influenciam mútua e desigualmente segundo as conjunturas, guardando ao mesmo tempo cada um sua vida autônoma e seus dinamismos próprios. E também sua especificidade: *a política é um lugar de gestão do social e do econômico, mas a recíproca não é verdadeira*[38].

Os motivos tomados como problemas para a pesquisa histórica acerca do período imediato, apontados pelas gerações anteriores, e que esta supostamente resolve, soam absurdamente ingênuos se não forem pensados como justificativas para um movimento historiográfico maior, sendo resumidas em duas questões principais: a possibilidade material de produção, no que concerne às fontes e a relação de objetividade do historiador, "*quando se tratava de acontecimentos nos quais havíamos estado mais ou menos envolvidos, dos quais havíamos sido testemunhas, observadores, os quais haviam suscitado em nós reações, engajamentos, tomadas de posição*"[39].

Este movimento de retomada da história imediata dentro da academia francesa não passou impune ao estabelecido, sendo considerado subproduto de um movimento de reação contra a história, seus praticantes acusados de mero interesse editorial e de recusa ao caráter científico da história, filiando hereditariamente sua produção a outras disciplinas, como o jornalismo e a sociologia. Há aqui uma confusão proposital acerca das possibilidades

---

[37]CARDOSO, C. F. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Bauru: EDUSC, 2005. p. 164-165.
[38]RÉMOND, R. "Introdução". *In.* RÉMOND, R. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 10. Grifos nossos.
[39]RÉMOND, R. *Por que a história política?* Disponível em http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1975, acessado em 10.09.10.

analíticas do historiador, que deixa de se relacionar criticamente com as outras possibilidades de leitura social, e que sem dúvida tem mais a ver com a história do conhecimento do que com a fácil correlação com outro ofício. Obviamente, há um motivo político para tanto: neste caso tem a ver tanto com as disputas dos historiadores franceses por cátedras e financiamento quanto à repercussão destas acusações em disciplinas próximas pela ameaça de "intrusão" da história. "*É certo que, na origem, o jornalismo foi o primeiro a chegar ao terreno do presente*"[40], sendo que o que se oculta é a disputa pelo discurso legítimo sobre a realidade social[41], que não se limita ao campo historiográfico, mas envolve projetos e questões relativas ao todo social. Como segunda filiação alheia à disciplina, teríamos a sociologia, assumindo a presunção que ela se limite ao imediato, com a ideia de uma "sociologia do presente" (discussão que ocorre dentro de determinado projeto de sociologia) trazida por Edgar Morin no mesmo período, em 1969[42]. Sobre as justificativas para a recusa do imediato, retornamos a Cardoso:

> Outra bobagem que se dizia décadas atrás era que ao historiador compete como objeto o estudo do "passado", sendo o presente a província das ciências sociais. Na verdade, o historiador, a meu ver, estuda as sociedades humanas (passadas ou presentes) no tempo e, por tal razão, traz aos estudos da História Imediata uma perspectiva bem-vinda por ser diferente da dos outros cientistas sociais: em especial, o historiador tem uma sensibilidade maior para o processo de transformação em sua fluidez; não sente tão fortemente a tentação de recortar o tempo em momentos imóveis comparados entre si (em função, por exemplo, de dados dos censos)[43].

Sobre a objetividade e questões que o historiador que trabalha com o imediato enfrenta, Le Goff faz reflexões consideráveis, apontando três grandes diferenças, que resultam em dificuldades, para este tipo de pesquisa histórica. A primeira é em relação aos documentos e fontes, que por um lado podem existir em superabundância, e por outro podem ser inacessíveis – embora o autor observe a possibilidade da história oral, a qualifica como "*uma das mais frágeis que existem*". A segunda seria a implicação pessoal, já que a proximidade com o objeto explicita o engajamento do historiador, o que segundo ele seria, em especial, problema "*para a redação da história dos períodos muito recentes nos manuais escolares e em seu ensino*". E por fim, a ignorância do futuro, cujo conhecimento *a priore* permite

---

[40]PAILLARD, B. "Imediata (história)" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. op. cit. p. 409.
[41]LACOUTURE, J. "A história imediata". *In*. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. op. cit. p. 219.
[42]PAILLARD, B. "Imediata (história)" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. op cit. p. 408.
[43]HISTÓRIA AGORA. "Entrevista com o professor Ciro Flamarion Cardoso (19.03.07)". *História Agora*. nº. 1. op. cit.

controlar melhor "*o peso do acaso, a liberdade controlada mas real dos homens, as escolhas, a diversidade limitada, mas existente das possibilidades*"[44]. Então, traça linhas gerais para a validação da história imediata:

> O que espero dos historiadores da difícil história imediata, inclusive dos jornalistas, que, se fizerem bem seu ofício, são verdadeiros historiadores da história imediata, são quatro atitudes: ler o presente, o acontecimento, com profundidade histórica suficiente e pertinente; manifestar quanto a suas fontes o espírito crítico de todos os historiadores segundo os métodos adaptados a suas fontes; não se contentar em descrever e contar, mas esforçar-se para explicar; tentar hierarquizar os fatos, distinguir o incidente do fato significativo, e importante, fazer do acontecimento aquilo que permitirá aos historiadores do passado reconhecê-lo como outro, mas também integrá-lo numa longa duração e numa problemática na qual todos os historiadores de ontem e de hoje, de outrora e do imediato, se reúnam[45].

Suas proposições são cruciais para dotar a leitura do vivido de senso crítico, cientificamente validável, o que inclusive destoa da maior parte das opiniões presentes no mesmo livro. Mas, quando afirma que "*o presente me interessa antes de tudo como cidadão, como homem do presente, mas diante dos acontecimentos, dos fenômenos, dos problemas importantes, minha reação é a de um historiador*"[46], nota-se a posição conservadora do autor, que separa sua atuação como indivíduo entre duas personas, a do historiador para com o que passou e a de "cidadão" para o que ainda ocorre (para fins de provocação, se Le Goff consegue realizar com sucesso tal cisão, isto incorre em uma óbvia contradição na sua compreensão do ofício do historiador). Também observa-se a reprodução de alguns mitos, como visto no que refere-se ao ensino de história e a hierarquização dos documentos e fontes, embora validemos plenamente suas proposições acerca do rigor e da compreensão processual do presente. Sobre estas questões Cardoso alega que:

> As razões invocadas no passado contra a prática da História Imediata − em especial, que é preciso deixar passar algum tempo para que esfriem as paixões e se possa ser "imparcial"; ou que a documentação necessária em parte não esteja acessível para o passado imediato devido a "razões de Estado" − refletiam uma História que acreditava no mito da imparcialidade e dava importância exagerada ou, mais exatamente, unilateral à documentação e às temáticas *políticas* (estatais, militares, diplomáticas); de qualquer modo, limitada ou não por segredos estatais, a documentação sobre o passado imediato é infinitamente mais rica e variada do que aquela de que possamos dispor, por exemplo, para *qualquer* período ou assunto de História Antiga, Medieval ou Moderna! Além de ser muito mais fácil para qualquer um de nós entender o passado mais recente do que outro mais antigo, por estar muito

---

[44]LE GOFF, J. "A visão dos outros: um medievalista diante do presente". *In*. CHAVEAU, A.; TÉTART, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. op. cit. p. 100-101.
[45]Idem. p. 101-102.
[46]Ibidem. p. 93.

> mais próximo do presente que vivemos em suas características específicas[47].

Assinalamos novamente que a confluência feita por diversos autores entre história imediata e a imprensa, tem que ser analisada criticamente, afinal, a história imediata não é modalidade analítica de um observatório da imprensa, embora possa se apresentar de tal modo, dado o papel político desempenhado pela mídia, talvez um de seus maiores papeis seja o de desnaturalizar o espaço que ela ocupa, "*o mito da não mediação dos meios de comunicação, o qual resulta na transformação instantânea do vivido em História*"[48]. Cabendo então ao historiador do imediato,

> […] conferir uma racionalidade histórica ao imprevisível, ao fabuloso: objetiva desnaturalizar o natural (ou seja, apontar que os eventos noticiados estão inseridos num processo histórico, estão vinculados às práticas sociais humanas e são, de certa forma, opções que possuem alternativas) […] O historiador possui ferramentas teóricas que lhe proporcionam o distanciamento crítico e a isenção, ao invés da enganadora fórmula constituída pelo distanciamento temporal e pela neutralidade. Neste sentido, o imediato, mesmo com suas peculiaridades deve ser analisado como qualquer outro período histórico[49].

Novamente, ao assumir posição, o sujeito que escreve história é levado a compreender o passado como campo de disputas, e sua atuação como partícipe da relação de forças políticas. Como Jean Chesneaux aponta suas conjecturas, hipóteses e conclusões podem "*ajudar a colocar problemas, a amadurecê-los. Mas suas informações, suas análises e suas dúvidas só puderam ser formuladas e resgatadas pelo autor porque já circulavam em estado latente*", ou seja, "*porque eram produzidas por uma prática social*"[50]. Nossa prática científica permite sermos objetivos, de maneira alguma idôneos: "*a história não faz nada, ela não possui nenhuma imensa riqueza, ela não trava nenhuma batalha. É sobretudo o homem, o homem realmente vivo, que comanda o presente*"[51].

Reiteremos que, ao enfatizarmos estas questões relativas a produção do conhecimento histórico, de modo algum, estamos igualando as conclusões de nosso objeto à categoria de verdade histórica ou seus discursos como conhecimento cientificamente validável. Pelo contrário, *nossa honestidade com o leitor desta dissertação é motivo pelo qual nos obrigamos a apontar os erros, distorções e deturpações que os intelectuais do MSM disseminam*

---

[47]HISTÓRIA AGORA. "Entrevista com o professor Ciro Flamarion Cardoso (19.03.07)". *História Agora*. nº. 1. op. cit.
[48]RODRIGUES, G. "História: uma ciência do presente". *In*. FERNANDEZ, E. P. F.; PADRÓS, E. S.; RIBEIRO, L. D. T.; GORKON, C. Van. *Contrapontos* – Ensaios de história imediata. Porto Alegre: Folha da história/Palmares, 1999. p. 16.
[49]Idem. p. 17-18.
[50]CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* Sobre a história e os historiadores. op. cit. p. 17.
[51]Idem. p. 22.

conscientemente através de uma ideologia, e entendendo as funções que esta cumpre na contemporaneidade, entendemos que a verdade histórica de modo algum irá mudar os motivos e modos pelos quais eles mentem. Isto fica claro em uma fala de Olavo de Carvalho, onde apresenta propositadamente uma leitura rasa e distorcida do papel do historiador marxista, visando seu descrédito:

> Com honrosas e inevitáveis exceções, a historiografia disponível no mercado livreiro nacional é de orientação predominantemente marxista ou filomarxista. Por isso nossa visão da História é estereotipada e falsa ao ponto de confundir-se com a ficção e a propaganda. A História que os brasileiros aprendem nas escolas e nos livros é uma História para cabos eleitorais. É que ninguém pode ser marxista também sem ler tudo com suspicácia paranóica em busca de motivações políticas ocultas, e abster-se, por princípio, de fazer o mesmo com aquilo que se escreve. Com a maior naturalidade um marxista escarafunchará o "discurso do poder" nas entrelinhas dos autores mais apolíticos e devotados à pura ciência, ao mesmo tempo que se recusará a examinar a presença do mesmo elemento em tipos que, como ele, estão ostensivamente empenhados na luta pelo poder. Para o marxista, a História, por definição, não é ciência descritiva ou explicativa, mas arma de luta por um objetivo bem determinado. "Não se trata de interpretar o mundo, mas de transformá-lo." O passado não tem pois aí nenhum direito próprio à existência, senão como pretexto para o futuro que se tem em vista. Daí que deformá-lo seja, para o historiador marxista, um direito e até um dever[52].

Desta forma assumimos tal compromisso, relembrando a epígrafe com que Marx concluiu a primeira introdução d´*O Capital*, já imaginando a crítica ideológica que se seguiria ao lançamento de sua obra: "*seguimos nosso curso, e deixe que a gentalha fale!*"[53].

Esta dissertação é dividida em duas partes, a primeira contendo os três primeiros capítulos, relativos às determinações maiores que permitiram a existência de nosso objeto, buscando situar nosso leitor com o "suporte" instrumentalizado pelo MSM para a luta política, a internet, relacionando-a com os desenvolvimentos do capitalismo no século XX. Esta investigação explica-se pela perspectiva totalizante que buscamos defender como via de interpretação efetiva da realidade, presente ou passada, buscando alinhar nosso objeto não só a seus pares no tempo, buscando uma leitura alinhada (não necessariamente linear) das continuidades de acontecimentos e processos sociais "semelhantes" (seja considerando-os através de "fatos sociais" ou de "tipos ideais")[54], mas das relações de forças em luta em sua

---

[52]CARVALHO, O. "História marxista é charlatanismo". *O Globo*. 27.05.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/05272002globo.htm, acessado em 10.10.10.

[53]A citação é de Dante. *A divina comédia*. "O purgatório". Canto V. De modo algum estamos comparando esta dissertação com a obra maior de Marx, mas fazemos coro com sua voz, quando escreveu que "*todo julgamento da crítica científica será bem-vindo. Quanto aos preconceitos da assim chamada opinião pública, à qual nunca fiz concessões, tomo por divisa o lema do grande florentino: Segui il tuo corso, e lascia dir le gentil!*". MARX, K. *O Capital*. Volume 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 14.

[54]FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 246.

efetividade histórica[55]. Somente buscando esta leitura totalizante (mesmo que somente indicada em suas possibilidades) podemos atribuir consequentemente sentido e significado histórico ao nosso objeto. Quando iniciada esta pesquisa, em levantamento bibliográfico sobre internet, nos deparamos com três principais autores referenciados: Manuel Castells, Pierre Levy, e Adam Schaff. A maioria das pesquisas no Brasil escolhe um ou outro destes autores como base para as suas investigações de objetos isolados na rede, o que não tira o mérito destas, mas acaba por reproduzir os modos pelos quais estas pesquisas construíram suas problemáticas. Aqui não nos cabe ampliarmos uma crítica bibliográfica extensiva, sendo que apenas apontaremos as principais questões que nos levaram a rever historicamente a criação e expansão da internet.

No trabalho do sociólogo Castells observa-se uma leitura histórica evolutiva determinista, já que trata em seu *tour de force*, os três volumes de *Sociedade em rede*[56], de afirmar e justificar uma suposta ruptura epistemológica que haveria ocorrido no capitalismo contemporâneo, onde agora a mais valia não seria mais constituída através do trabalho manual, mas do intelectual, especificamente através da informação (seu “capitalismo informacional”). Sua obra busca investigar toda a evolução social do século XX, onde a tecnologia, especialmente as tecnologias da comunicação, tomariam para si o papel de motores do desenvolvimento social da humanidade, neste caso a internet sendo a síntese deste novo momento histórico. Estes livros, assim como *A galáxia internet*[57], contém uma excelente fonte de dados factuais. Pierre Levy traz uma série de questões sobre o relacionamento inter-humano mediado através de máquinas[58]. Ele baseia suas indagações nas especificidades que a rede apresenta como possibilidades de convívio virtual, que acredita ser o cerne para a libertação do homem, trabalhando com um alto grau de dissociação com os outros campos da realidade social (o que já o levou a ser taxado como sendo de extrema ingenuidade, ou como prefere Francisco Rüdiger, dotado da “síndrome de Cândido”[59], em referência ao conto de Voltaire). Por enfatizar suas especificidades midiáticas seu trabalho acaba por ser dotado de um tom fortemente descritivo, suporte de seus desenvolvimentos metodológicos e interativos,

---

[55]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 36-37.

[56]CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000. CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. O poder da identidade. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999. CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Fim de milênio. Volume 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

[57]CASTELLS, M. *A galáxia da internet*: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Río de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

[58]LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996. LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

[59]RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura*: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 160.

marcados principalmente pela análise de rizomas criada por Gilles Deleuze e Félix Guattari[60]. Adam Schaff, o menos citado dentre estes, em *A Sociedade informática*[61] de 1985 faz um interessante exercício ideológico de futurologia encomendado pelo “Clube de Roma” (*think tank* capitalista internacional fundado em 1968, segundo eles, especializado em questões estruturais sobre a sustentabilidade do planeta[62]) onde busca analisar como se dariam as relações entre os blocos comunista e capitalista através do desenvolvimento de uma nova revolução industrial. Assim como Castells a possibilidade “cibernética” apresenta-se como a síntese maior deste processo, uma nova fase histórica onde a tecnologia da informação possibilitaria, além do fim do trabalho, aos homens a verdade sobre o mundo que os cerca, sobretudo politicamente. A possibilidade de uma vivência suplementar virtual seria crucial para a escolha racional das massas em viver sob um regime “democrático” ou “totalitário”. É um livro impregnado de impressões ideológicas daquele período, e que de um modo geral abarca boa parte dos clichês disseminados pelos defensores das novas expropriações e da superexploração exigidas pela reprodução ampliada do capital-imperialismo. Seu ponto positivo é a indicação da necessidade de recorrer-se aos *Grundrisse* de Marx para buscar instrumentos de análise para os impactos da tecnologia sob a classe trabalhadora. Como pontuado, não nos sentimos confortáveis em apropriar-nos destes resultados específicos como pressupostos para a análise sobre o campo, pelo contrário, pela falta e necessidade de uma perspectiva crítica iniciamos aqui um trabalho maior que nosso objeto (e exatamente por isto não nos propondo de modo algum resolvê-lo), primeiro situando socialmente a tecnologia da informação e seu desenvolvimento, buscando o compreender dentro das determinações do capitalismo em suas evoluções durante o século XX.

No capítulo inicial da primeira parte de nossa dissertação, *Desenvolvimentos recentes do capitalismo*, pretendemos desvelar pontual e inicialmente os processos ocorridos no e pelo capitalismo do século passado. Esta exposição ao leitor é crucial, pois será através dos massivos investimentos estatais dos países capitalistas avançados no período do Pós-Guerra, na pesquisa e implementação de tecnologias militares e estratégicas, que será criada a rede mundial de computadores. A internet nasce das entranhas do complexo industrial-militar-acadêmico e servirá para garantir tanto a superioridade militar e estratégica estadunidense

---

[60]Sobre os rizomas ver DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrênia. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

[61]SCHAFF, A. *A sociedade informática*: as conseqüências sociais na segunda revolução industrial. São Paulo: UNESP; Brasiliense, 1995. Este livro é uma versão estendida e revista do texto de 1982 *Microeletrônica e sociedade*, que fora lançado em 1985 pelo Clube de Roma.

[62]Maiores informações ver CAPÍTULO BRASILEIRO DO CLUBE DE ROMA. *Quem somos*. http://www.clubofrome.at/brasil/organisation/index.html, acessado em 29.12.11.

quanto sua hegemonia econômica, sendo que a utilização da tecnologia da informação foi plena, como suporte e justificativa para a expansão das relações sociais capitalistas.

Estas questões serão abordadas no capítulo *A rede mundial de computadores*, que irá explorar a internet em uma perspectiva global, focando três aspectos: seu desenvolvimento, sua arquitetura de poder e sua normatização e governança, marcada pelo controle direto dos EUA sobre esta mídia. Em nosso terceiro capítulo, *A internet no Brasil*, encerramos nossa discussão sobre a rede, focando no caso nacional a utilização política da tecnologia para fazer avançar o processo de implementação do ultraliberalismo, a governança antipopular e antidemocrática da rede através de um comitê formado pelos exploradores e desenvolvedores do campo dentro do aparelho de Estado brasileiro e apontar sua expansão pelo território e utilização pela população.

Na segunda parte de nossa dissertação iremos tratar especificamente do MSM buscando o compreender em sua organização e atuação partidária. Iniciaremos explorando as funções organizativas que os intelectuais cumprem na sociedade de classes, especialmente em relação as lutas partidárias em nosso quarto capítulo, *Intelectuais e o MSM*. Neste também abordaremos a trajetória pública seu maior articulador, Olavo de Carvalho, buscando as conexões sociais que tornaram possível sua ascensão como intelectual e a formação do MSM.

Em nosso quinto capítulo, *O MSM como partido*, apresentaremos nossos preceitos teóricos e metodológicos que nos permitem investigar o MSM em sua atuação partidária. Neste capítulo ainda abordaremos sua criação, organização, peculiaridade discursiva, formas de atuação para propaganda, cooptação e normatização de seus leitores-militantes através da internet, assim como assinalaremos os grupos sociais para quem dirigem suas proposições políticas e ideológicas.

Em nosso sexto capítulo, *O MSM e o fascismo*, iremos situar teórica e historicamente os movimentos fascistas nos séculos XX e XXI, apresentando suas transformações e continuidades, em torno da origem social, da organização e da ideologia, seja enquanto movimentos ou regimes. Assim buscamos consequentemente assinalar a centralidade do conceito de fascismo para a compreensão destes partidos e organizações na contemporaneidade.

No sétimo capítulo, *O MSM e sua rede extrapartidária*, iremos analisar como constituiu-se esta, as entidades e demais aparelhos privados de hegemonia que aglutinam-se em torno do MSM, formando e ampliando seu alcance político, sua efetividade real.

Em nosso oitavo e último capítulo, *O MSM em seus marcos ideológicos*, buscaremos verificar como foram constituídas as premissas ideológicas que norteiam a atuação do MSM,

em um primeiro momento entendendo a especificidade de seu anticomunismo, e como este serve de base fundamental para a constituição das suas demais percepções ideológicas.

PARTE 1

1. DESENVOLVIMENTOS RECENTES DO CAPITALISMO:

"*Por que China?*
Por causa das multinacionais, todas as cidades do mundo têm a mesma cara.
Toda a gente vestida de blue-jeans. Andando de Volks ou Ford.
Fumando Marlboro. Morando em edifícios padrão New York.
Tomando em drugstores a sua Pepsi, o seu hot-dog, ouvindo o Elton John.
O mundo virou um entediante lugar-comum".

Henfil. "Por que China?" *In*. HENFIL. *Henfil na China*: antes da Coca-Cola. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. p. 8.

O capitalismo no começo do século passado adquiriu novos contornos históricos. Sua reprodução ampliada chegou a níveis que superavam qualquer perspectiva delineada por Marx cinquenta anos antes. Será no meio da Primeira Guerra Mundial, em 1916, que Lênin, analisando as mudanças históricas do capitalismo, e o recrudescimento de suas características anteriores, já delineando uma nova configuração, irá escrever *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. O imperialismo então, não surge senão, como o desenvolvimento das características do capitalismo, que, ao atingir um grau elevado de expropriações sociais e de concentração de capitais, "*ganharam corpo e se manifestaram, em toda linha, os traços da época de transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada*"[63]. Nova configuração que não ocorreu sem enormes custos sociais, como o acirramento das contradições capital e trabalho nos países capitalistas avançados, em uma guerra aberta e devastadora, que dizimou enormes quantidades de seres humanos e repartiu o mundo entre os países, com a conquista de colônias e "semicolônias". Mudança marcada, no ponto de vista econômico, pela

> […] substituição da livre concorrência capitalistas pelos monopólios capitalistas. A livre concorrência é a característica fundamental do capitalismo e da produção mercantil em geral. O monopólio é precisamente o contrário da livre concorrência. A livre concorrência começou a transformar-se, diante dos nossos olhos, em monopólio, criando a grande produção, eliminando a pequena, substituindo, a seguir, a grande produção por outra ainda maior, e concentrando a produção e o capital a tal ponto que, de seu seio, surgiu e surge o monopólio: os cartéis, os sindicatos, os trustes e, fundindo-se com eles, o capital de uma escassa dezena de bancos que manipulam bilhões. Ao mesmo tempo, os monopólios, que derivam da livre concorrência, não a eliminam, mas existem acima e ao lado dela, engendrando, assim, contradições, fricções e conflitos particularmente agudos e intensos[64].

Virgínia Fontes assinala algumas características sublinhadas por Lênin para situar este

[63]LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Brasília: Nova Palavra, 2007. p. 103.
[64]Idem.

novo momento. Primeiro, como já citado, o fim do capitalismo de livre concorrência para a organização de "*enormes empresas 'combinadas', que centralizavam e controlavam diversos ramos técnicos da produção, impulsionavam a ciência e intensificavam a socialização do processo produtivo*". Em segundo, a fusão entre capitais industriais e bancários, dando "*origem ao capital financeiro e uma oligarquia financeira, sob predomínio do capital bancário, estreitamente ligados aos Estados*".

Esta interpenetração do capital bancário e industrial alterou o teor dos bancos, agora como administradores do processo, criando os "capitalistas coletivos", cujo domínio sob a oferta de crédito os permitiam "*expandir ou estrangular determinados setores da produção*". Terceiro, esta concentração monopolista "*agudizava a separação entre a propriedade do capital e suas formas de gerência*"[65], já que "*o capital financeiro, concentrado em pouquíssimas mãos e gozando do monopólio de fato, obtém um lucro enorme, que aumenta sem parar com a constituição de sociedades, a emissão de valores, os empréstimos do Estado etc.*". Assim "*consolidando a dominação da oligarquia financeira e impondo a toda a sociedade um tributo em proveito dos monopolistas*"[66]. Em quarto lugar, "*o predomínio da exportação de capitais sobre a exportação de bens*", o que marcava profundamente a desigualdade entre países. Em quinto lugar, a "*tendência a uma unificação nacional (com fortes tinturas nacionalistas) dos países dominantes, facilitada pelos sobrelucros advindos da expansão colonial e visando a assegurá-la*", sendo que esta unificação se daria pela formação de uma aristocracia operária, a "*corrupção dos estratos superiores operários*", enfatizando sempre a traição dos dirigentes da Segunda Internacional em 1914, quando ficam ao lado das suas burguesias nacionais pela guerra. E por fim "*insistia nas contradições do processo de monopolização: utilização crescente de relações pessoais (associação entre industriais, banqueiros e Estados) em lugar da concorrência entre países; expansão de trabalhadores técnicos e da produção científica*", ao mesmo tempo não permitindo "*certos avanços tecnológicos que poderiam melhorar as condições reais de existência; excedentes de capitais não se destinavam a melhoria real (como o desenvolvimento da então atrasadíssima agricultura), mas ao enriquecimento de um punhado de oligarcas e de países*"[67]. Segundo Lênin:

> As proporções gigantescas do capital financeiro, concentrado em poucas mãos, que deu origem a uma rede extraordinariamente vasta e densa de

[65]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 106.
[66]LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. op. cit. p. 62.
[67]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 107.

> relações vínculos, e que subordinou ao seu poder não só a massa dos capitalistas, dos pequenos e médios empresários, e mesmo do menor dos patrões, por um lado, e, por outro lado, o aguçamento da partilha do mundo e pelo domínio sobre outros países contra outros grupos nacionais de financistas, tudo isto origina a passagem em bloco de todas as classes possuidoras para o lado do imperialismo. O sinal de nosso tempo é o entusiasmo "geral" pelas perspectivas do imperialismo, a sua defesa furiosa, o seu embelezamento por todos os meios. A ideologia imperialista penetra até no seio da classe operária, que não está separada das outras classes por uma muralha da China[68].

E como já dito, indica que a disputa entre os países imperialistas pela partilha do mundo não encerrava-se neste momento, pelo contrário, tornava-se parte de uma tensão crescente, cuja relação de forças será ditada pelas consequências subsequentes ao fim da primeira guerra, notadamente a vitória da Revolução Russa e o Tratado de Versalhes. As contradições internas dos países europeus agudizaram-se a ponto de surgirem revoltas nacionais tanto em países como a Alemanha, onde em 1919 a revolução espartaquista é violentamente reprimida e em 1923 é derrotada a intentona nazista. Na Itália, onde os conselhos de fábrica alastraram-se entre 1919 e 1920, vindo a serem esmagados pela reação nos dois anos sequentes, com mais de trinta e um mil operários de Turim perdendo seus empregos, e em seguida, a classe operária sofreria sua derrota maior com a ascensão e consolidação do fascismo. Osvaldo Coggiola nos oferece um quadro geral do conflito que era preparado:

> A Segunda Guerra Mundial foi simultaneamente um conflito interimperialista (contradições nacionais) e contra-revolucionário (contradições sociais ou de classe) em que a destruição da URSS visava interromper de vez o processo revolucionário iniciado em 1917, já seriamente abalado pelo isolamento da revolução soviética (e sua principal conseqüência, a emergência do stalinismo) e pela vitória do nazismo na Alemanha, com a conseqüente derrota histórica do mais importante proletariado ocidental [...] O outro aspecto está no fato de que a economia armamentista, posta em pé na década prévia à Guerra (em primeiro lugar nas potências totalitárias), foi a única via de saída para a crise em que a economia capitalista mundial tinha entrado em 1929 [...] O fato da Segunda Guerra ter sido a única solução possível para a crise econômica marca uma diferença importante em relação à Primeira Guerra, na qual a questão principal era a redistribuição do mundo entre as potências imperialistas, e não a anexação de um motor artificial (a economia armamentista e, posteriormente, a economia de guerra) à máquina capitalista enguiçada, que se transformará, doravante, numa peça essencial para o funcionamento da economia capitalista mundial[69].

E dentre todos os países envolvidos diretamente na Segunda Guerra Mundial, serão os

---

[68]LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. op. cit. p. 129.
[69]COGGIOLA, O. "O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial". *Olho da história*. nº. 1. Disponível em http://www.oolhodahistoria.ufba.br/01sentid.html, acessado em 01.06.11.

EUA, que despontarão como a única potência dominante mundial, visto que a União Soviética, único país capaz de fazer frente a esta condição, sofreu penosamente durante a guerra, tendo perdido o maior número de habitantes (entre civis e militares cerca de vinte milhões de seres humanos) e em relação à infraestrutura urbana e industrial. "*A demora em lançar uma segunda frente na Europa deixou Stalin enfurecido e pode ter sido ela mesma calculada pelos Estados Unidos e pela Inglaterra como forma de fazer que a União Soviética suportasse o grosso das batalhas*"[70], o que é bem provável, visto que os EUA iniciaram os planejamentos para a nova arquitetura econômica do período seguinte antes mesmo do término do conflito[71]. No Pós-Guerra, será consolidado um padrão imperialista distinto, caracterizado por novos requisitos para a expansão capitalista, que, deste período até os anos 1980, será "*marcado por uma situação histórica única, na qual a divisão do mundo entre países pós-revolucionários e países capitalistas impôs modificações substantivas no ritmo, na extensão e na forma da expansão do imperialismo*"[72], constituindo o ciclo de implementação do capital-imperialismo. Segundo Fontes:

> Falar, pois, de capital-imperialismo, é falar da expansão de uma forma de capitalismo, já impregnada de imperialismo, mas nascida sob o fantasma atômico e a Guerra Fria. Ela exacerbou a concentração concorrente de capitais, mas tendencialmente consorciando-os. Derivada do imperialismo, no capital-imperialismo a dominação interna do capital necessita e se complementa por sua expansão externa, não apenas de forma mercantil, ou através de exportações de bens ou de capitais, mas também impulsionando expropriações de populações inteiras das suas condições de produção (terra), de direitos e de suas próprias condições de existência ambiental e biológica. Por impor aceleradamente relações sociais fundamentais para a expansão do capital, favorece contraditoriamente o surgimento de burguesias e de novos Estados, ao mesmo tempo que reduz a diversidade de sua organização interna e os enclausura em múltiplas teias hierárquicas e desiguais. À extensão do espaço de movimentação do capital corresponde uma tentativa de bloquear essa historicidade expandida, pelo encapsulamento nacional das massas trabalhadoras, lança praticamente toda a humanidade na socialização do processo produtivo e/ou de circulação de mercadorias, somando às desigualdades precedentes novas modalidades. Mantém o formato representativo-eleitoral, mas reduz a democracia a um modelo censitário-autocrático, similar a assembleias de acionistas, compondo um padrão bifurcado de atuação política, altamente internacionalizado para o capital e fortemente fragmentado para o trabalho[73].

[70]HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 48-49.
[71]PEREIRA, J. M. M. *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro* (1944-2008). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2009. p. 52.
[72]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 149.
[73]Idem.

Ou seja, são pelas condições de reprodução e ampliação do capitalismo no Pós-Guerra que serão constituídas as bases para o que irá se afirmar como o capital-imperialismo, ou o imperialismo monetário. Este período, exatamente pela nova escala que o capitalismo abrange, aprofundou e deu novas feições ao imperialismo. "*A perpetuação da violência de classes se duplica pela disseminação de envolventes malhas tecidas por entidades cosmopolitas voltadas para o convencimento*", conjugado com "*a violência clássica do imperialismo, com repetidas e devastadoras agressões militares e imposição de ditaduras contra inúmeras revoltas populares em diferentes países*"[74]. Fontes entenderá este novo momento histórico através de três mudanças qualitativas, mesmo que dentro da mesma dinâmica social de expansão do capital: "*o predomínio do capital monetário, expressando a dominação da pura propriedade capitalista e seu impulso avassaladoramente expropriador*", que "*aprofundam um traço intrínseco, permanente e devastador do capital, desde seus primórdios: sua necessidade imperativa de reprodução ampliada, sua expansão em todas as dimensões da vida social*", resultando "*em modificações profundas do conjunto da vida social, que atravessam o universo das empresas, o mundo do trabalho, a forma da organização política, a dinâmica da produção científica, a cultura; enfim, o conjunto da sociabilidade*"[75]. A autora assinala que estes desdobramentos já são prenunciados na obra de Lênin, mas em condições distintas:

> A "união íntima" entre industriais e banqueiros, sob a égide dos segundos, ainda seguia muito marcada pela presença direta dos grandes proprietários, em especial dos grandes banqueiros. A separação entre a propriedade e a gestão devia-se à incapacidade da gestão direta pelos proprietários de gigantescas empresas monopolistas e prenunciava a chamada era dos managers (ou gerentes), na qual a empresa, doravante um conglomerado envolvendo múltiplas atividades e incluindo os bancos, predominava sobre a figura singular do proprietário, embora a ele estreitamente associado. Também a expansão colonial direta se modificaria ao final da Segunda Guerra Mundial[76].

Este movimento de ampliação descomunal é caracterizado pela conversão de países retardatários ao capital-imperialismo, o que não ocorre sem o acirramento das contradições sociais nestas formações sociais, ao mesmo tempo alterando o teor das relações com os países avançados, graças ao aumento vertiginoso de expropriações. É neste momento em que consolida e expande-se a exploração imperialista nos primeiros. Essa situação, garantida pela hegemonia geopolítica dos Estados Unidos (o que de modo algum presume que o

---

[74]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 14.
[75]Idem. p. 146-147.
[76]Ibidem. p. 113-114.

imperialismo seja emanado de um único país em relação aos demais), exigiu entre os países capitalistas avançados constituir “alianças” políticas e econômicas de alcance internacional, através das novas instituições transnacionais formadoras de consenso, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM), etc. nas quais prevalece o modelo representativo-eleitoral de fundo acionista-autocrático. Estas instituições supranacionais criadas nesta ocasião serão responsáveis pela mediação e formação de consenso entre os países imperialistas e para a ampliação das formas de reprodução do capitalismo. Por fim, como já assinalado, durante todo período, a convivência entre países imperialistas e pós-revolucionários foi constituinte de tensões internas entre países capitalistas avançados, onde a possibilidade de levantes revolucionários era considerável: como França, Itália ou na Alemanha Ocidental (a extinta República Federal da Alemanha). Deste modo, “*a preservação da expansão capitalista passava a exigir alguma acomodação entre capitais no plano internacional e uma certa pacificação com relação às populações dos países centrais*”, enquanto nos países retardatários, “*a contrarrevolução preventiva* […] *se torna condição da acumulação burguesa dependente, num primeiro momento, e da ordem burguesa como um todo, no predomínio do capital-imperialismo*”[77].

Somente deste modo podemos compreender a elevação do Estado de Bem-estar, ou a “configuração keynesiana” do Estado capitalista como “padrão” para a reprodução capitalista do período nos países avançados no Pós-Guerra, assim como o *status* de cidadania concedida à classe trabalhadora destes, pela expansão de seus direitos sociais – já assinalando que o chamado Estado de Bem-estar nunca generalizou-se, como pretendem alguns analistas, permanecendo restrito a uns nove países[78]. Para delinearmos sua formatação cabe pontuar o tipo de intervenção estatal preconizada por John Maynard Keynes – as que como já indicado chegou a tornar-se “sinônimo” desta configuração do Estado capitalista – rejeitava a “mão invisível do livre mercado” pregada pelos clássicos e neoclássicos, mas de modo algum o sistema em si, sendo que a intervenção estatal na economia era crucial para a sustentação do sistema democrático liberal. O Estado, em sua concepção só deveria intervir na produção “*se e quando houvesse insuficiência de demanda efetiva e crise de desemprego*”[79], não comprometendo-se com a produção de bens ou serviços. Prevendo a necessidade das crises para a expansão do capitalismo, sempre que o setor privado não fosse capaz de absorver a produção excedente, esta se tornaria responsabilidade do Estado. Esta prática econômica já

[77]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 152.
[78]LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 285.
[79]CONTADOR, C. R. “Introdução”. *In.* KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Global, 1982. p. 14-15.

era aplicada pelos Estados Unidos, como combate à grande depressão econômica de 1929-1933, somente superada após sua entrada na guerra[80].

Assim sendo, para Keynes caberia ao Estado garantir que as condições econômicas encontrassem certo equilíbrio, proporcionando o "pleno emprego": pleno, no sentido de necessário para a absorção do excedente; para tanto utilizando empréstimos e financiamentos como meios de aumentar a demanda efetiva, pois o nível de emprego só seria garantido com o consumo[81]. Suas políticas reguladoras anticíclicas foram aplicadas em uma conjuntura específica:

> O período do pós-guerra viu a ascensão de uma série de indústrias baseadas em tecnologias amadurecidas no período entre-guerras e levadas a novos extremos de racionalização na Segunda Guerra mundial. Os carros, a construção de navios e de equipamentos de transporte, o aço, os produtos petroquímicos, a borracha, os eletrodomésticos e a construção se tornaram os propulsores do crescimento econômico, concentrando-se numa série de regiões de grande produção da economia mundial – o Meio Oeste dos Estados Unidos, a região do Rur-Reno, as Terras Médias do Oeste da Grã-Bretanha, a região de produção de Tóquio-Iocoama. As forças de trabalho privilegiadas dessas regiões formavam uma coluna de uma demanda efetiva em rápida expansão. A outra coluna estava na reconstrução patrocinada pelo Estado de economias devastadas pela guerra, na suburbanização (particularmente nos Estados Unidos), na renovação urbana, na expansão geográfica dos sistemas de transporte e de comunicações e no desenvolvimento infra-estrutural dentro e fora do mundo capitalista avançado. Coordenadas por centros financeiros interligados, tendo como ápice da hierarquia os Estados Unidos e Nova Iorque, essas regiões-chave da economia mundial absorviam grandes quantidades de matérias-primas do resto do mundo não-comunista e buscavam dominar um mercado mundial de massa crescentemente homogêneo com seus produtos[82].

Sérgio Lessa, analisando a constituição do Estado de Bem-estar, aponta elementos confluentes que foram determinantes para seu desenvolvimento. Primeiro, a derrota do movimento operário na Europa pela reação capitalista nos anos subsequentes ao fim da Guerra[83]. Outro ponto foi o processo de superprodução estadunidense. Os EUA tiveram sua produção duplicada a cada dois anos durante a Segunda Guerra Mundial, que criava uma situação econômica altamente instável para todo mundo capitalista. Aquele país era responsável por metade do PIB industrial, e mesmo tendo uma população equivalente a seis por cento da população mundial era o consumidor de 30% de toda a energia do planeta. Esta situação após o término da Guerra só poderia ser remediada com a ampliação drástica do

---

[80]MELLO, N. B. *Subdesenvolvimento, imperialismo, educação, ciência e tecnologia no Brasil*: a subordinação reiterada. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2004. p. 46.
[81]KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. op. cit. p. 110-111.
[82]HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 125.
[83]Para mais detalhes ver CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Global, 1986.

consumo interno e externo aos seus bens de produção, já que não havia mais a escala de consumo destrutivo gerado pelo conflito. Do mesmo modo havia de ser combatida a contenção drástica do consumo ocorrida durante o esforço de guerra e integrar produtivamente os combatentes que voltavam para a vida civil como uma massa de trabalhadores desempregados[84].

Para garantir o consumo externo, foi implementado o *Plano Marshall*, que investiu cerca de treze bilhões de dólares na Europa, onde setenta por cento dos produtos consumidos eram de procedência estadunidense. Do mesmo modo, o Japão recebeu investimentos pesados para sua reconstrução no Pós-Guerra. Mas como Lessa sublinha, mesmo com "*esta canalização de gigantescos recursos, os resultados serão ainda muito tímidos para afastar a ameaça de superprodução que se intensifica na medida em que a Europa e Japão se reconstroem e passam a disputar com os EUA o mercado mundial*". O que intensificou a necessidade de um mercado interno de massa, o *American Way of Life*. Este foi marcado pela produção em larga escala, o que passou a reduzir drasticamente o preço final do produto, que por sua vez, seria responsável por elevar o consumo, assim alavancando a produção – ele é fundamentalmente ligado à expansão e intensificação do fordismo taylorismo dentro das fábricas e escritórios.

Para tanto foram requeridas diversas medidas articuladas, como a expansão e um novo modelo de propaganda, visando tornar necessário o supérfluo, em que pese à expansão do rádio e da televisão neste período, inaugurando uma era em que a obsolescência programada, a constante superação "por um modelo mais novo", constituindo uma aceleração do ciclo de consumo em uma escala progressiva. Este aumento do consumo somente se tornaria efetivo com o aumento do poder aquisitivo e do tempo fora do trabalho da classe trabalhadora, traduzida no aumento de salários, na diminuição da jornada de trabalho, na ampliação das férias, as políticas públicas de assistência social, de proteção ao trabalho, etc., que propiciaram a transferência direta de renda para uma população que encontrava-se excluída do consumo, dentre uma série de medidas que os apologistas do Estado de Bem-estar deixam de articular com a crise de superprodução.

O novo *status* oferecido para a classe trabalhadora só pode ser estabelecido mediante o encapsulamento das suas lutas, o que se deu pela instituição de centrais sindicais "domesticadas", que mediando à contradição entre capital e trabalho, aceitaram o papel de "*disciplinar a força de trabalho através de acordos coletivos de trabalho e, por outro lado,*

[84]LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 279-280.

possibilitar a sintonia no aumento dos salários e na regulamentação dos processos de trabalho entre diferentes plantas de um mesmo ramo industrial"[85]. Obviamente, articulada à estas ações ocorreu a expulsão em massa de comunistas e socialistas dos sindicatos, aliada a uma histeria anticomunista, onde Lessa assinala ainda, a volta da tortura como instância efetiva dos aparelhos policial e judiciário, que vinha sendo abandonada nos países capitalistas centrais desde o século anterior. A mesma máquina de propaganda foi utilizada para institucionalizar o anticomunismo, expressão do combate interno a qualquer grupo e indivíduos que não consentissem, ativa ou passivamente com o sistema.

Outro ponto fundante para o autor é a expansão massiva, a partir da década de cinquenta, das transnacionais em direção aos países do Terceiro Mundo, buscando diminuir seus custos de produção pelo uso da mão de obra e das matérias-primas destes países. Ele interpreta esse movimento inicial como "válvula de escape" da discrepância entre produção e consumo, tornada mais grave pela saturação do mercado para determinados produtos, como o de automóveis. Nestes países periféricos que, como já assinalado, tornaram a contrarrevolução preventiva o modo normal de manutenção e ampliação da reprodução das relações sociais capitalistas, o Estado de exceção foi a forma normal da dominação burguesa durante maior parte do restante do século[86]. Como conclui o autor sobre a suposta "era dourada" que haveria existido sob o Estado de Bem-estar:

> Não há, portanto, nenhum indício que o Estado de Bem-Estar tenha promovido uma democratização das relações entre o Estado e a sociedade civil no sentido de aumentar a influência dos indivíduos no desenvolvimento de suas sociedades. Pelo contrário. O Estado de Bem-Estar se desenvolveu na sequência da derrota do movimento operário pós II Guerra Mundial e em um período de domesticação e adestramento das estruturas sindicais aos ditames do capital. Este adestramento será um dos elementos importantes para que, décadas depois, a transição ao neoliberalismo não provocasse uma reação sindical mais importante. Os "gastos sociais", dos quais alguns teóricos têm tantas saudades, foram, na verdade, a forma mais apropriada, naquelas circunstâncias históricas – e em pouco mais ou menos de nove países em todo o mundo –, do Estado exercer a sua função como comitê gestor dos interesses do capital. Quando as necessidades da reprodução do capital se alteraram, alterou-se no mesmo sentido a atuação do Estado. Transitou-se, sem solução de continuidade, do Estado de Bem-Estar ao Estado neoliberal: seu conteúdo de classe permaneceu o mesmo, não se alterou em nada a sua função social. O que mudou foram as necessidades para a reprodução do capital[87].

O fenômeno total da expansão das transnacionais, ampliação articulada ao cosmopolitismo burguês (contraponto do internacionalismo proletário), não limitou-se ao

---

[85]LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 282.
[86]Idem. p. 281-284.
[87]Ibidem. p. 285.

terreno da economia, mas alterou drasticamente todos os campos sociais, o que é visível através do aprofundamento da divisão internacional do trabalho, na relação campo e cidade, no mapa geopolítico do imperialismo, nas mudanças culturais, etc.[88]. A escala de concentração e centralização de capitais intensificaram-se na mesma proporção da escala de alcance destas sociedades anônimas gigantescas:

> [...] a abrangência das atividades de tais capitais se ramificava, espalhando-se mundialmente; as dimensões da concentração e da centralização (sempre com base no pequeno grupo de países imperialistas que detinham as ações decisivas nas empresas e nas instâncias políticas internacionais) atingiram patamares inusitados. A propriedade de tais conglomerados extrapolava a união íntima entre capitalistas e banqueiros, tornava-se cada vez mais fusional e abstrata, incorporando doravante não apenas bancos e indústrias, mas qualquer forma de capital, como os grandes circuitos de distribuição. Trata-se da formação internacional de massas crescentes de capital portador de juros, ou de capital que, resultando da exploração de mais-valor, a ela precisa retornar, porém sob modalidades que em muito excedem suas bases de exploração prévia, dada a massa impressionante de valor a valorizar. Impulsionava-se uma necessidade sem precedentes de abertura de fronteiras para o capital, de modo a expandir suas condições de reprodução ampliada. Entenda-se aqui, por fronteiras, não apenas as pressões políticas para a abertura de mercados, mas a pressão exercida em diversas direções para apropriar-se de espaços geográficos e formas de existência sociais até então escassamente submetidas à dinâmica da reprodução capitalista. O movimento dessa megaconcentração é triplo: tende a *capturar todos os recursos disponíveis* para convertê-los em capital; precisa promover a *disponibilização de massas crescentes da população mundial*, reduzidas a pura força de trabalho, e, enfim, *transformar todas as atividades humanas em trabalho*, isto é, em formas de produção/extração de valor[89].

O processo de expansão destas empresas pelo globo é crucial para se compreender as consequências sociais e ecológicas acarretadas pelo capital-imperialismo. Como constata Fontes, esta multinacionalização instaurou "*processos industrializantes em outros países, em alguns casos levados a efeito com a participação ativa de burguesias locais – e de seus governos*", o que ocorreu "*sob estreita dependência dos países centrais, subalternizando-se (voluntariamente) tais burguesias (e seus governos) a decisões forâneas, resultaram em profundas transformações (a 'modernização') e integraram-nos à socialização internacional dos processos de trabalho*", e impondo de forma violenta "*uma divisão internacional do trabalho lastreada em autocracias burguesas calcadas em peso militar e no controle estrito da ciência e da tecnologia de ponta pelos países dominantes, ao lado da exportação de indústrias*", as quais eram "*prioritariamente deslocadas as mais poluentes e/ ou em processo*

---

[88]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 164-165.
[89]Idem. p. 165.

de obsolescência"[90]. Sendo então, que

> o gigantismo atingido foi de tal ordem que acumulavam receitas maiores do que muitos países. Os lucros crescentes auferidos não permaneciam apenas nas mãos dos maiores proprietários e, eram, em parte, distribuídos aos acionistas. Sua concentração alteraria o perfil dos proprietários, cuja distância da extração direta de valor seria de outro teor, distinto dos precedentes grandes industriais que, mesmos distanciados, compunham ainda um grupo claramente identificável socialmente, em famílias mais ou menos tradicionais, localizados em bairros específicos, com hábitos, educação e tipos de atuação mais ou menos definidos em cada país. A dimensão internacional de atuação dessas multinacionais, principalmente estadunidenses, mas também oriundas dos demais países imperialistas, favorecia o entrecruzamento entre capitais de diferentes origens, em função da escala adquirida e do volume de atividades que empreendiam. Para além de participações acionárias, a magnitude das operações dessas multinacionais nos países hospedeiros-dependentes contribuía para atrair outras multinacionais, para incubar miríades de empresas cuja atuação e lucratividade dela dependiam, como fornecedoras de peças, produção agrícola para processamento, produção química ou de outros insumos, cujas dimensões poderiam ser muito variadas. Em alguns casos, o controle da multinacional sobre tais empresas poderia ser direto e açambarcador, em outros, limitava-se a mantê-las em relação de dependência. Fomentavam a difusão econômica e social das relações capitalistas, estimulando a geração controlada de burguesias locais, assim como atuavam expandindo direta ou indiretamente as massas assalariadas, disponíveis e necessitadas de mercado[91].

Mas esta expansão das transnacionais, em cujo processo foi crucial a intervenção dos Estados nacionais dos países capitalistas avançados, não era capaz de dar conta da crise de superprodução e garantir a expansão do sistema econômico. A solução definitiva para esta, foi o massivo investimento no que Dwight Eisenhower chamou de complexo industrial militar (ao qual acrescentamos o acadêmico, dada sua confluência com as universidades e instituições de pesquisa estadunidenses, o que acentua inegavelmente o caráter classista da ciência). Este é criado nos países capitalistas centrais durante a Primeira Guerra Mundial, como "*instrumento disposto e capaz de romper o nó górdio de como combinar a máxima expansão possível com a taxa de utilização mínima*", assim "resolvendo" o problema do consumo, sendo que sua expansão no Pós-Guerra será intrínseco ao desenvolvimento do capital, tanto que "*para manter o complexo-industrial-militar, os Estados Unidos se lançam na Guerra da Coréia (1954-56) e, logo depois, substituem a França na Guerra do Vietnã (1958-1975)*"[92].

Segundo István Mészaros, ele é tão importante que o autor chega a afirmar que é o real motivo para a superação da crise de superprodução de 1929-1933, "*apesar de todas as*

[90]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 166-167.
[91]Idem. p. 169.
[92]LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 280.

autoglorificadoras mitologias keynesianas e neokeynesianas", graças ao dinamismo que irá impor sobre toda a economia estadunidense. E os acordos do Pós-Guerra "*apenas ajudaram a intensificá-lo. Dessa maneira, as várias estratégias do keynesianismo foram complementares à expansão desembaraçada do complexo industrial-militar*"[93] – lembrando que as dívidas responsáveis pelos custos militares da corrida armamentista eram geridos pelo sistema capitalista, atrelados diretamente a economia dos EUA, que também gerencia a maior dívida do mundo[94]. Coggiola nos oferece os seguintes dados sobre o crescimento do complexo industrial-militar-acadêmico durante a Segunda Guerra Mundial:

> Nos Estados Unidos, a produção industrial de armamentos duplicou em cinco anos, perfazendo entre 40% e 45% do total da produção, período no qual o setor civil não variou em valor absoluto. Os empregos industriais passaram de 10 para 17 milhões, entre 1939 e 1943. O total de empregos era de 47 a 54 milhões no mesmo período. Se o PNB aumentou de 150%, a concentração econômica espantosa determinou a feição definitiva do capital monopolista nos Estados Unidos — 250 sociedades industriais passam a controlar 66,5% da produção total, uma percentagem equivalente àquela controlada por 75 mil empresas antes da guerra. As exportações dos Estados Unidos passaram de pouco mais de 5 bilhões de dólares, em 1941, para quase 14,5 bilhões, em 1944. No período 1938-1944, a produção de guerra passou de 2 para 100 nos Estados Unidos; de 4 para 100 na Inglaterra; de 16 para 100, na Alemanha; de 8 para 100 no Japão. A transformação das economias capitalistas em economias de guerra e os diversos pontos de partida para atingir tal objetivo determinam, em última instância, a superioridade dos Aliados: calcula-se em 80 bilhões de dólares o valor do material de guerra produzido pelos Estados Unidos, pela Inglaterra e pelo Canadá, no período anterior ao desembarque de 6 de julho de 1944. No mesmo período, a Alemanha e seus aliados tiveram uma produção equivalente a 15 bilhões, isto é, uma superioridade de mais de 5 para 1 em favor dos Aliados, do ponto de vista dos recursos econômicos consagrados ao esforço bélico[95].

O complexo industrial-militar-acadêmico foi tão bem sucedido para o desenvolvimento capitalista pela sua capacidade de acabar com a distinção entre consumo e destruição, oferecendo "*uma solução radical para uma contradição inerente ao valor que se autodefine como tal em todas as suas formas*". Este complexo fornece a capacidade de consumo e desperdício ilimitado, sem estar atrelado ao consumidor, "*com todas as limitações naturais, socioeconômicas e até culturais de seus apetites*"[96], estando atrelado à defesa da pátria, de "um modo de vida":

---

[93]MESZAROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 685.
[94]Para maiores informações sobre a dívida externa e interna estadunidenses ver CIA. *World factbook*. Disponível em https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2079rank.html?countryName=United%20States&countryCode=us®ionCode=noa&rank=1#us, acessado em 10.10.11.
[95]COGGIOLA, O. "O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial". *Olho da história*. nº.1. op. cit.
[96]MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 687.

> […] ao contemplar a antiga prática romana do "desperdício conspícuo" na forma do "devorar saladas de pérolas", torna-se irresistível a conclusão de sua decadente gratuidade; enquanto, ao contrário, consegue-se legitimar como dever patriótico absolutamente inquestionável o verdadeiro desperdício ilimitado de "devorar" recursos equivalentes a bilhões de tais saladas através dos anos, enquanto milhões incontáveis têm de suportar a inanição como o "destino" do qual não podem escapar. Do mesmo modo, em relação ao segundo aspecto vital, o complexo militar-industrial remove com sucesso as restrições tradicionais do círculo de consumo definido pelas limitações do apetite dos consumidores. Nesse aspecto, ele corta o nó górdio altamente intrincado do capitalismo "avançado" ao reestruturar o conjunto da produção e do consumo de maneira a remover, para todos os efeitos e propósitos, a necessidade do consumo real. Em outras palavras, aloca uma parte maciça e sempre crescente dos recursos materiais e humanos da sociedade a uma forma de produção parasitária e que se *autoconsome*, tão radicalmente divorciada e, na verdade, oposta à real necessidade humana e seu consumo correspondente que pode divisar como sua própria *racionalidade* e finalidade última até mesmo a total destruição da humanidade[97].

Obviamente, neste caso, Mészaros tem em mente os produtos primários produzidos pelo complexo industrial-militar-acadêmico, armas, em especial nucleares, cuja capacidade de destruição ultrapassa em mais de trinta vezes o próprio planeta. O que não impede que os produtos secundários e terciários advindos da pesquisa e produção para a guerra não acabem sendo integradas ao consumo como mercadorias, como novas necessidades, tendo um efeito tão profundo sobre as relações sociais capitalistas, em especial nas últimas décadas do século passado, que passaram a ser uma das principais justificativas para a superioridade do capitalismo, transformado em uma "nova era", marcada pelo determinismo tecnológico cego e avassalador, onde estaríamos finalmente a ponto atingir o "pleno emprego", sendo o trabalho intelectual gerador de riqueza, que acompanharia a "extinção" do trabalho vivo[98]. Este movimento corresponde ao sinalizado por Lênin, quando os grandes monopólios aproximam-se e imiscuem-se com o Estado, sendo este, em última instância, sua garantia de lucratividade. "*De fato, graças à importante transformação das estruturas produtivas dominantes da sociedade capitalista do pós-guerra, paralelamente ao correspondente realinhamento de sua relação com o Estado capitalista*", que serviu tanto aos "*propósitos econômicos como para assegurar a necessária legitimação ideológica-política*", sublinhando que esta "*fusão mística entre produtor/comprador/consumidor de agora em diante é nada menos que a própria 'Nação'*"[99]. Essa "união íntima" que garante a própria reprodução e expansão ilimitada do capital, pois

[97]MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 687-688.
[98]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 26.
[99]MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 691.

> o complexo industrial-militar não só aperfeiçoa os meios pelo qual o capital pode agora lidar com todas essas flutuações e contradições estruturais, mas também dá um "salto quantitativo" no sentido que o alcance e o tamanho absoluto de suas operações rentáveis se tornam incomparavelmente maiores do que poderia ser concebido nos estágios anteriores dos desdobramentos capitalistas. Este salto quantitativo cria canais até então inimagináveis, na medida que atenua qualitativamente a relação de forças a favor do capital por um período diretamente proporcional ao porte dos próprios canais produtivos recém-criados. Se as mistificações e os artifícios dos estágios anteriores lembram os meios e métodos grosseiros do matreiro dono de quitanda (que, de qualquer maneira, podia ser desmascarado com relativa facilidade), seus equivalentes sob o "capitalismo avançado" somente são comparáveis a alguma falcatrua multinacional de proporções gigantescas que envolva a manipulação de somas astronômicas entre terminais de computador e o encobrimento até mesmo das mais fraudulentas transações, graças a uma trama ideologicamente bem sustentada, na qual as atividades do defraudador, o pagador, o auditor, o legislador e o juiz coincidem em uma só finalidade[100].

Tal qual o capitalismo, não pode-se dizer que a implementação do complexo industrial-militar-acadêmico ocorreu do mesmo modo em todos os países capitalistas avançados, o que aconteceu dentro da conjuntura mundial específica do desenvolvimento econômico do Pós-Guerra, sob controle direto estadunidense. Mészaros ressalta três pontos da dependência criada através destes aos EUA: primeiro, após as novas alianças militares, "*praticamente todas as restrições do tratado de paz original são rapidamente removidas*" para os países derrotados, permitindo o desenvolvimento de seus próprios complexos industriais-militares-intelectuais, investindo "*virtualmente em qualquer campo da produção militar, com a única exceção dos armamentos nucleares*". Segundo, porque a pesquisa e desenvolvimento de tecnologias militares "*é um empreendimento internacional*", atingindo os mais variados setores da produção, onde a participação destes países é fundamental "*para o estabelecimento e/ou modernização de ramos industriais inteiros, nos quais se fundam os 'milagres' do desenvolvimento econômico japonês e alemão*". Por fim, a ligação mais explícita de todos complexos industriais-militares com a economia estadunidense, "*de longe a mais extensa e dinâmica do mundo ocidental, é sustentada, ao longo de todo o período do pós-guerra, por orçamentos astronômicos de defesa (apesar da ameaçadora dívida interna e externa)*". Sendo que então, a "*capacidade para sustentar os níveis de produção existentes em seus próprios países, em todas as sociedades capitalistas avançadas são profundamente dependentes do mercado em expansão dos Estados Unidos*", o que explica as atitudes diante da dívida estadunidense, pois a ampliação produtiva destes países "*não pode ser separada da importância global da produção militarista no que se refere à sua aparentemente incurável*

[100]MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 690-691.

dependência da economia norte-americana e do preponderante complexo militar-industrial em seu interior”[101].

E, como já pontuado, uma das consequências mais dramáticas resultantes do complexo militar-industrial-acadêmico irá corresponder ao incentivo, direto ou indireto, em conflitos e ditaduras militares no Terceiro Mundo, capazes de aumentar a sua oferta em demanda:

> Longe de ser surpreendente ou paradoxal, isto revela uma conexão *necessária*, pois o complexo militar-industrial do capital desenvolvido necessita desesperadamente de canais econômico-militares, impossíveis de obter prontamente, por uma série de razões, dentro dos limites e das modalidades de legitimação de sua própria base doméstica. Assim, apesar da retórica dos “direitos humanos” e da “aliança para o progresso”, somos aqui apresentados a uma relação de *complementaridade* essencial, na qual a oferta perniciosa do complexo industrial-militar “avançado” não consegue gerar internamente a “demanda efetiva” requerida numa escala sempre crescente. Entretanto, visto que a dinâmica do desdobramento socioeconômico e político – principalmente na América Latina, mas de maneira alguma somente lá, como mostram os distúrbios nas Filipinas e na Coréia do Sul – há de provavelmente solapar a estabilidade das ditaduras militares no “Terceiro Mundo”, tais desdobramentos, por implicação, deverão ter severas repercussões na manutenção da viabilidade do complexo militar-industrial também nos países capitalistas avançados[102].

Um dos marcos para a afirmação deste complexo, a partir de 1950, foi a criação da doutrina do “desenvolvimento com segurança” por técnicos do *Massachussets Institute of Technology* (MIT) para manter o domínio sobre a América Latina e “*evitar que o fantasma do regime comunista pairasse sobre a região e colocasse em risco sua área de influência*”. Este desenvolvimento tinha como premissa a orientação externa das medidas econômicas, “*num tipo de desenvolvimento determinado de fora para dentro, que aceitasse a hegemonia norte-americana*”, e que com o programa *Aliança para o Progresso*, “*destinado ao combate à pobreza nas áreas periféricas para reduzir a ameaça de instabilidade social e resguardar os interesses dos Estados Unidos nos setores econômico, político e de segurança nos países latino-americanos*”[103], só tornou evidente a militarização das relações imperialistas. Segundo Carlos Medeiros:

> O “complexo militar-industrial-acadêmico” gerou, em diferentes momentos, um estímulo tanto de demanda quanto de oferta ao processo de inovações e criou uma rede descentralizada e coordenada de instituições e comunidades

---

[101]MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 686-687.
[102]Idem. p. 693.
[103]MELLO, N. B. *Subdesenvolvimento, imperialismo, educação, ciência e tecnologia no Brasil*: a subordinação reiterada. op. cit. p. 46.

> tecnológicas sem rival no mundo contemporâneo. Dada esta característica específica, a influência dos militares na tecnologia não foi circunscrita à provisão de recursos ao processo de P&D [Pesquisa e Desenvolvimento] e às compras de governo aos fabricantes de armas, mas incluiu a montagem de instituições voltadas ao deslocamento da fronteira científica e à aceleração do progresso tecnológico. Mais do que as armas criadas por este esforço, este objetivo político tornou-se um traço marcante da ciência e tecnologia americana[104].

Somente o MIT, nos anos que se seguiram a guerra, recebeu cento e dezessete milhões de dólares para pesquisa e desenvolvimento, o CALTECH (*California Institute of Technology*, Instituto de Tecnologia da Califórnia) oitenta e três milhões, a AT&T dezessete milhões, e a General Eletric oito milhões – que junto com outras fabricantes de armas como a Lockheed, Westinghouse, IBM, Boeing, a General Dynamics foram privilegiadas por estes investimentos[105]. No quadro seguinte, elaborado por Medeiros (que infelizmente não informa o total dos investimentos realizados), podemos observar os indicadores de gastos estimados de pesquisa e desenvolvimento nos EUA, em sua passagem do investimento direto estatal, gestando e consolidando os laboratórios privados, e como a partir da década de oitenta este setor ultrapassa o percentual de investimento (mesmo com o aumento progressivo dos gastos), assumindo a direção do complexo industrial-militar-acadêmico:

TABELA 1: Investimentos em P&D dos EUA entre 1947-1998:

Anos	Total % (1998 milhões U$)	Indústria	Governo	Universidade	Outros
1947	7,645 100	38,8	53,9	3,9	3,4
1957	50,345 100	35	62,9	0,5	1,6
1967	99,326 100	34,9	62,4	0,9	1,9
1977	103,258 100	45,2	51	1,3	2,5
1987	171,309 100	49,6	46,4	1,8	2,2
1998	227,173 100	65,9	29,5	2,2	2,5

FONTE: NSF. *Science & Engineering Indicator*, 2003. *apud* MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar" *In*. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. op. cit. p. 244.

Como consequência deste deslocamento da crise de superprodução para o complexo industrial-militar-acadêmico, "*a legitimação da oferta real pela 'demanda fictícia'*", o capital acaba por encontrar um novo modo de conduzir e "*administrar as consequências objetivas do desenvolvimento socioeconômico, incluindo suas próprias contradições no plano da interação crucial entre produção e consumo, minimizando, por todo um período histórico*" –

[104]MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar". *In*. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 226.
[105]Idem. p. 232-233.

e tendo seu aspecto mais bem sucedido –, “*as mais severas implicações desta última na erupção de crises*”[106]. Concordamos com Meszáros quando afirma que isto significou “*o isolamento de bem mais de um terço da economia das desconfortáveis flutuações e incertezas do mercado*”[107]. O que sem dúvida tem aspectos intrínsecos com a posterior ofensiva do capital, onde nenhuma característica positiva esperada pelo desenvolvimento das relações sociais capitalistas será concretizada. O autor faz questão de deixar isto explícito:

> […] a tendência anterior à realização de suas precondições mais elementares sofre um grave retrocesso, mesmo nos países capitalistas mais “avançados”, quando a linha de menor resistência do capital, em vez de englobar a totalidade da humanidade na busca efetiva da industriosidade geral e da produtividade genuína, começa a estipular a brutal ejeção de um número crescente de pessoas do processo de trabalho. A mesma reversão se aplica ao desenvolvimento da ciência e à transformação das práticas produtivas de acordo com suas potencialidades inerentes, que supostamente deveriam favorecer a expansão do valor de uso e a interação dialética da progressiva expansão do valor de uso com o desdobramento das necessidades humanas. Como resultado das novas exigências e determinações do capital, a ciência é desviada de seus objetivos positivos, e a ela é designado o papel de ajudar a multiplicar as forças e modalidades de destruição, tanto diretamente, fazendo parte da folha de pagamento do complexo industrial-militar ubíqua e catastroficamente perdulário, como indiretamente, a serviço da “obsolescência planejada” e de outras engenhosas práticas manipuladoras, divisadas para manter os lobos da superprodução longe das portas das indústrias de consumo[108].

Estes desdobramentos do capital citados acima, a obsolescência programada, articulada à chamada “reestruturação capitalista”, são derivados das mudanças sociais do período, relativas ao processo de estabelecimento do capital-imperialismo, do “*imperialismo* [que] *dissolvia-se no capital-imperialismo que gerara e nutrira*”[109], ou seja, o esgotamento da arquitetura econômica do Pós-Guerra através da ampliação desta mesma, o que na década de setenta irá, aliada a outras causas como a questão do petróleo, gerar crises sucedâneas. Esta transição será o nosso fio condutor para podermos atribuir sentido e significado ao desenvolvimento da internet, dentro do desenvolvimento geral das telecomunicações, como parte do processo de ampliação das formas de reprodução do capital:

> Na década de 1970, as condições econômicas, políticas e culturais já exibiam a modificação que as décadas anteriores impulsionaram. Economicamente, as corporações multinacionais ocupavam agora o mundo, impondo mais necessidades de valorização e capturando sempre mais recursos, refletindo-se

[106]MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 693-694.
[107]Idem. p. 806.
[108]Ibidem. p. 694.
[109]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 194.

> numa mega-concentração que extrapolaria os limites das empresas e bancos (eurodólares, petrodólares, etc.). Contribuíram para fomentar a geração de proprietários descarnados, acionistas e outros. Politicamente, já estava dilatado internacionalmente o formato organizativo cosmopolita e encapsulador, que acoplava entidades econômicas, de ação direta e cultural, voltadas para a extensão da sociabilidade do capital. Culturalmente, estava em curso a enorme difusão mediatizada, propulsada pela generalização das televisões, que ecoava – sempre contraditoriamente – os redirecionamentos em curso. Ademais, estes contavam com um lastro intelectual fortemente fragmentário, resultante do desconcerto perante as formidáveis lutas da década de 1960 e de progressivo abandono de expectativas revolucionárias, em boa parte financiada pela malha mercantil-filantrópica já em franca expansão[110].

A crise daquela década apresentou quedas violentas na produção e no emprego, sendo que as falências generalizaram-se, atingindo até grandes conglomerados, e os investimentos caíram a níveis extremamente baixos. Ela pode ser apontada na retração das taxas de crescimento das maiores economias do mundo no biênio 1974-1975, o apogeu da crise, (embora alguns países anteriormente, os EUA, já em 1970 e a RFA em 1971, já mostravam um cenário de estagnação). Os EUA tiveram taxas negativas de crescimento, em 1974 de -0,9% e no ano seguinte de -0,8%, e a Inglaterra em 1974 quedas de -7,0% (mesmo que no ano anterior tivesse demonstrado um crescimento de 7,6%). O crescimento total dos países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi de 0,7% em 1974 e de 0,5 % em 1975. Do mesmo modo tanto a inflação quanto o desemprego aumentaram de modo agudo neste momento. A inflação mundial, média feita pelos preços oferecidos aos consumidores foi de 18,1% entre 1973 e 1984, sendo quase metade deste aumento somente no período de 1973-1979. O desemprego na Comunidade Econômica Europeia passou de 3,2% em 1970 para 5,4% em 1975, mantendo esse número em 1977, mas subindo para 6,4% em 1981 e atingindo 8,2% em 1983. Assinalando que é no biênio 1973-1974 que ocorre a elevação violenta do preço do petróleo, que triplica seu valor, de US$ 3,5 por barril de petróleo bruto para US$ 11,65 por barril[111]. Obviamente este cenário já estava se desenhando anteriormente, segundo Eurelino Coelho:

> O que ocorreu em 1974 não foi um raio em céu azul. O comportamento ao longo do tempo da taxa de lucros é um bom indicador das flutuações cíclicas do processo de acumulação capitalista […] Manter por vários anos, com breves interrupções, as taxas de lucro próximas dos patamares ótimos foi possível enquanto o aumento da composição orgânica do capital (fruto da aceleração da concentração monopolista de capital e expresso na tendência a

---

[110]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 191-192.
[111]CARCANHOLO, M. D. “Crise econômica atual: seus impactos para a organização da classe trabalhadora”. *Aurora*. nº. 6. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/1%20CARCANHOLO.pdf, acessado em 04.06.11.

> deslocar trabalho vivo por trabalho morto) e os aumentos reais de salários eram compensados (ou até superados) pelos ganhos com a produtividade do trabalho (renda tecnológica). Ora, as rendas tecnológicas tenderam a decair com a progressiva difusão das inovações técnicas. Nessas condições, a manutenção da taxa de lucro passava a depender do aumento da taxa de mais-valia. Só que o movimento operário, por seu turno, com suas organizações fortalecidas pelo período de quase-pleno emprego, estava em condições de resistir ao aumento da taxa de exploração do trabalho[112].

A classe trabalhadora, no decênio subsequente a 1968 tinha o poder de iniciativa organizada suficiente para abrir ofensiva contra o capital em vários países capitalistas centrais: "*o poder do imperialismo não chegou a ser ameaçado globalmente, mas estremeceu e, em algumas pontas, como Vietnã, Nicarágua e Irã, rachou*". Se a crise deixou as classes dominantes em quase todos os países sem reação, *"as classes subalternas, ao contrário, saíam para a luta aberta*". Esta série de desdobramentos ofensivos não chegou a constituir "*uma alternativa global dos trabalhadores para a crise do capitalismo tardio*", sendo que todas as revoluções nos anos setenta foram derrotadas ou tomaram outra orientação que não a anticapitalista. Seguindo o processo de derrota da classe trabalhadora, finalizado no começo da década seguinte, abriu-se caminho para uma violenta reação burguesa, de amplitude global[113]:

> Golpes e crises de diversas ordens se sucedem no plano internacional, como a ruptura unilateral pelos Estados Unidos, em 1971, do acordo de conversibilidade firmado em Bretton Wood; o aumento generalizado das taxas de juros, estrangulando os países devedores na virada de 1973/1974, ocasião da chamada primeira crise do petróleo; o redirecionamento da economia realizado a partir da nomeação de Paul Volcker para a presidência do Federal Reserve, sob o governo Carter, em 1979, voltada para a contenção da inflação e liberação as taxas de juros, reforçando ainda mais o jugo sobre os devedores, o que estaria na base do Consenso de Washington, uma década depois[114].

A amplitude da crise ocorreu pela ampliação desenfreada das relações sociais capitalistas, que com a industrialização dos países periféricos (a internacionalização da produção, onde as filiais passaram de extratoras de matérias primas para atuarem como indústrias de transformação), as novidades tecnológicas e a concentração de capitais determinaram uma sincronização internacional do ciclo industrial. Os limites dos Estados nacionais foram em muito ultrapassados pelas forças produtivas, parte de uma tendência ampliada desde o Pós-Guerra, – desde o início de 1970 mais de 50% das exportações dos Estados Unidos ocorreram entre sucursais de suas transnacionais localizadas fora do território

---

[112]COELHO, E. *Uma esquerda para o capital*: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). Tese de Doutorado. Niterói, UFF: 2005. p. 405.
[113]Idem. p. 416.
[114]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 193.

estadunidense. Esta sincronização internacional do ciclo industrial termina por minar as políticas econômicas anticíclicas, que pelo seu caráter prioritariamente nacional, acabam por serem insuficientes diante das crises do capital[115]. A ampliação gigantesca do capital, sua concentração e centralização, potencializou violentamente o papel do próprio capital, como pura propriedade capitalista, "*que se torna abstrata, desigualitariamente socializada e extremamente destrutiva*". E seu caráter abstrato advém de que "*o volume de concentração de capital supera as dimensões das empresas e de qualquer empreendimento singular, configurando-se como o fetiche máximo de uma potência cega da pura forma monetária*"[116]. Segundo François Chesnais:

> Um "patrimônio" ou um "capital" constituído por títulos é amplamente fictício. Compõe-se de créditos, ou seja, promessas sobre uma atividade produtiva futura, depois negociados num mercado muito peculiar que determina seu "preço" de acordo com mecanismos e convenções muito especiais. A constituição de um "patrimônio" ou de um "capital" desse tipo pode ser relacionada também, em diversos graus, com a criação prévia de capital fictício assumindo a forma de crédito. Concedem-se empréstimos e criam-se cadeias de dívidas visando à aquisição de títulos. Caso o valor formal destes despenque, os créditos nas contas dos banqueiros revelam plenamente seu caráter fictício. A própria essência do capital fictício torna sua avaliação difícil e flutuante. Tem-se a obrigação de recorrer aos indicadores que fornecem uma idéia do peso dos mercados e dos ativos financeiros na economia. A lista dos mesmos é longa e seus limites intrínsecos são claros. Tais indicadores expressam, simultaneamente, o poder econômico particular que resulta do fato de os mercados deterem títulos sobre a atividade produtiva e uma simples "bolha", ou seja, uma acumulação de capital puramente fictício. É no momento dos craques nas bolsas e das maiores crises financeiras que esse caráter fictício é desvendado. As conseqüências para a economia real dessa destruição podem ser terríveis, particularmente caso venham a fragilizar a outra grande forma de capital fictício constituída pelos títulos gerados através da criação anterior de créditos bancários industriais e imobiliários de médio e longo prazos[117].

E este movimento não ocorreu sem a expropriação massiva dos trabalhadores, já que o capital financeiro busca apreender "*recursos monetários de todas as instâncias sociais para imperativamente convertê-los em capital, também de maneira difusa*"[118]. Neste caso pela criação de fundos de pensão, e com menos peso os fundos comuns de investimento e outros investidores institucionais:

---

[115]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 193-194.
[116]Idem. p. 145-146.
[117]CHESNAIS, F. "A teoria do regime de acumulação financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações". *Economia e Sociedade*. nº. 1. Disponível em http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/instituto/revistas/economia-e-sociedade/V11-F1-S18/01-Chesnais.pdf, acessado em 16.10.11.
[118]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 145-146.

> Os fundos de investimento originaram-se nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha sobretudo como fundos de pensão, ou seja, como uma maneira de minorar os efeitos das aposentadorias insuficientes dos trabalhadores. O baixo valor das aposentadorias lançava os trabalhadores na contingência de reservar parcela de seus salários para uma complementação salarial posterior. Tais fundos tiveram importante crescimento nos anos 1960 e 1970 e suas características são ambivalentes. Procurando preservar os recursos sob sua guarda, de propriedade de trabalhadores, tais exigências os aproximam do capital portador de juros […] A concentração dos investidores institucionais (fundos de pensão, fundos de investimento, etc.) geraria, em Wall Street, novos ramos de atividades, como gestão de carteiras, mercado de obrigações, serviços de pesquisa, departamento de fusões e aquisições[119].

Os fundos de pensão serão articulados com as chamadas reestruturações produtivas, a forma normal exigida pelo capital-imperialismo, a intensificação necessária na extração de mais valia, tornando internacional a concorrência entre os trabalhadores (ampliando drasticamente a taxa de exploração) e impondo o cerceamento para sua circulação internacional. A articulação entre o corte de direitos e a ameaça do desemprego foi utilizada ostensivamente para quebrar as resistências no mundo do trabalho[120]. Novamente, segundo Chesnais:

> […] um dos traços característicos do regime com dominação financeira é o de se originar de uma série de golpes de força (ligados aos nomes de Margaret Thatcher, Paul Volcker e Ronald Reagan). Ainda hoje (ou talvez se deva dizer, hoje mais que nunca), aqueles que dominam o novo regime (os "mercados" tanto quanto os governantes dos países do G7) não estão muito dispostos a negociar qualquer coisa com os assalariados, trabalhadores, camponeses e pouca coisa até entre eles próprios em pé de igualdade. Esta é a lição dos eventos de Gênova, bem como da posição norte-americana a respeito do protocolo – já minimalista – de Quioto[121].

A situação de exploração cada vez mais violenta aos quais os trabalhadores do mundo inteiro são confrontados é complementada pelas expropriações primárias e secundárias, que nos fazem crer que em um futuro próximo o capital irá impedir a reprodução da natureza e da própria humanidade[122]. E o imperialismo monetário prevê em seu desenvolvimento a crise, fornecendo todas as condições para o crescimento desenfreado do capital fictício. Este capital, "*integra a normalidade aberrante da reprodução capitalista*", e, apesar de "*se denominar fictício, e de constituir de fato um capital fictício (especulativo, promotor de 'bolhas'), não significa que não tenha implicações reais e dramáticas na vida social*". Tanto o capital

---

[119]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 195.
[120]Idem. p. 199-200.
[121]CHESNAIS, F. "A teoria do regime de acumulação financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações". *Economia e Sociedade*. op. cit.
[122]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 59.

fictício quanto o capital portador de juros "*embora analiticamente cumpram papéis diferenciados*" exigem sua valorização, "*extraindo mais-valor direta ou indiretamente, ou assegurando ganhos através de formas fraudulentas)*"[123]. As bolhas tornam-se parte integrante do funcionamento normal do mercado internacional, sendo até geridas e "inchadas" por Estados nacionais. Podemos observar suas implicações sociais no estouro da bolha das hipotecas estadunidenses de 2008, que na verdade acabou sendo um desdobramento da bolha anterior, de 2002, que atingiu a NASDAQ (*National Association of Securities Dealers Automated Quotations*, Associação Nacional Corretora de Valores e Cotações Automatizadas, que iremos tratar especificamente desta adiante) – desdobramento criado pelo Banco Central daquele país para manter a taxa de investimentos, ou seja, para assegurar através da existência do capital fictício a lucratividade destes capitalistas: "*a existência do capital fictício, de maneira similar à do capital-monetário ao qual está acoplado, impõe um resultado social dramático: não apenas aprofunda as expropriações e intensifica as maneiras de subalternização dos trabalhadores*", mas afeta "*o futuro da integralidade da vida social, transformando-a em mera condição para a reprodução do capital*"[124].

1.1. As telecomunicações no capital-imperialismo:

Podemos observar a transição e implementação do capital-imperialismo através do processo de desenvolvimento do setor de telecomunicações nos EUA. Naquele país sempre prevaleceu a exploração privada no desenvolvimento de novos setores, mesmo quando considerados de interesses soberanos nacionais, através do tipo de imiscuidade entre Estado e iniciativa privada do complexo industrial-militar-acadêmico. No caso das telecomunicações o campo de exploração foi completamente entregue para a iniciativa privada. A American Telephone and Telegraph Company (AT&T) foi criada em 1901, para poucos anos depois tornar-se um monopólio, o que garantiria a universalidade de seus serviços através da integração nacional das redes já existentes, de telefonia e telegrafia[125]. O domínio monopólico deste setor teve aval do Congresso estadunidense, sendo a única empresa a não ser incluída na lei antitruste. Para garantir o controle tecnológico acerca do setor, a empresa associada à família Morgan, investe em seu Bell Laboratories, comprando a maior fabricante de

[123]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 36.
[124]Idem. p. 38.
[125]COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 56.

equipamentos, a Western Eletric e diversas telefônicas regionais, assumindo o monopólio não só do setor e de seus serviços, mas também de sua pesquisa e desenvolvimento, que durou até os anos setenta.

Processo similar ocorreu com o sistema de radiofusão, que foi dividido entre oligopólios nacionais. O Estado para normatizar estes setores irá criar somente em 1934, na gestão de Franklin Delano Roosevelt, a *Federal Communications Commision* (Comissão de Comunicações Federais, FCC), autarquia normatizadora do setor, que regularia as taxas de lucros da AT&T, e funcionaria como a como a censora midiática oficial:

> Com a criação da FCC, os EUA reforçaram seu marco regulatório e reestruturaram o mercado de telecomunicações segundo o que se convencionou denominar de modelo norte-americano. Na indústria e nas redes de *broadcasting*, vigorou uma estrutura de concorrência entre oligopólios privados; na prestação de serviços de telefonia e de telegrafia, vigorou uma estrutura de monopólio privado; e na área de P&D uma estrutura de colaboração entre segmentos militares, industriais e acadêmicos, *na qual a concorrência era ela própria o princípio da cooperação*[126].

O domínio global estadunidense sobre o desenvolvimento de tecnologias de telecomunicações foi pleno até o fim dos anos setenta, quando outros países, já com seus parques fabris plenamente reconstruídos e interdependentes do complexo militar-industrial-acadêmico estadunidense, passam a disputá-lo, entre eles, a Alemanha, o Japão, a França, a Inglaterra, a Suécia e o Canadá. As empresas do setor destes países também contaram com investimentos diretos de seus Estados nacionais, tanto para o desenvolvimento de equipamentos quanto na diminuição de custos para uso comercial, o que marcou especialmente o modelo produtivo japonês, em seu esquema de inovações. Glória Maria Moraes da Costa nota que a União Soviética, ao contrário da corrida espacial, não tomou este setor como estratégico.

A partir do já citado processo de derrota da classe operária, os anos oitenta iniciaria sob uma "*uma onda de direitização*", culminando nas eleições de Margareth Thatcher em 1979 no Reino Unido, de Ronald Reagan em 1981 nos Estados Unidos, e Helmut Khol em 1982 na Alemanha. Estes foram os principais promotores, em escala mundial, do ultraliberalismo econômico, e do ultraliberalismo como política estatal adequada aos interesses do capital-imperialismo. "*Os governos Thatcher contraíram a emissão monetária, elevaram a taxa de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre rendimentos altos,*

[126]COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. op. cit. p. 61. Grifos nossos.

aboliram controle sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivos", e encararam as reações dos trabalhadores atacando greves (os mineiros tiveram um importante papel neste período, levando a cabo greves heroicas), impondo uma nova legislação antisindical e cortando gastos sociais. "*E finalmente – esta foi uma medida surpreendentemente tardia –, se lançaram num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida a indústrias básicas como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água*"[127]. Edmundo Dias sintetiza este processo:

> A crise geral das décadas 70 e 80 rompeu o compromisso do *Welfare State*. Para fazer frente a esta crise o capitalismo articula e põe em cena uma dupla solução: o neoliberalismo e a reestruturação produtiva. Estas duas estratégias constituem uma mesma processualidade. O capitalismo, "superados" os principais obstáculos à sua continuidade, entre eles o desmonte objetivo dos estados "socialistas", coloca em questão o chamado bem estar social. Os capitalistas, "liberam-se" de todo e qualquer compromisso com a satisfação das necessidades reais da população e da ampliação da cidadania. Para tal, levaram a extremos a idéia de liberdade do mercado. Têm ainda uma vantagem adicional: os movimentos partidário, sindical e popular que se reivindicam dos trabalhadores estão, também eles, em uma brutal crise[128].

Nos Estados Unidos, com Reagan, o caminho foi um tanto diferente da Inglaterra, já que o foco principal de seu governo foi a ofensiva militar e econômica em nome do capital. Externamente, lançando-se em "*qualquer luta nominalmente anticomunista em qualquer lugar do mundo (Nicarágua, Granada, Angola, Moçambique, Afeganistão, etc.)*"[129], movimento "*decisivo para uma recuperação das economias da Europa ocidental e da América do Norte*"[130], e que era justificado como modo de afastar qualquer sombra da derrota estadunidense no Vietnã.

Foi sob esta perspectiva, de forte investimento no complexo industrial-militar-acadêmico visando elevar a demanda e assim superar a crise econômica, que as telecomunicações voltam a ser prioridade nas políticas estatais dos EUA. O *Strategic Defense Initiative* (Iniciativa de Defesa Estratégica) idealizou e levou a cabo o projeto Guerra nas Estrelas (cuja implantação foi decidida de forma unilateral, indo contra a ONU (Organização das Nações Unidas) e diversos movimentos populares contra a proliferação de armas

---

[127]ANDERSON, P. "Balanço do neoliberalismo". *In*. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 12.
[128]DIAS, E. F. "Reestruturação produtiva: forma atual da luta de classes". *Outubro*. nº. 1. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01_03.pdf, acessado em 16.10.11.
[129]HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. op. cit. p. 296.
[130]ANDERSON, P. "Balanço do neoliberalismo". *In*. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. op. cit. p. 13.

atômicas[131]), que teve como suporte recursos tecnológicos advindos de sua infraestrutura de telecomunicações, baseado em um estoque de tecnologia de ponta suficiente para a sua projeção global. As principais empresas beneficiadas neste período foram a Rockwell International, a Boeing, a General Dynamics, a Hughes, a General Electric e a Lockheed (que na época chegou a falsificar resultados de testes para o Guerra nas Estrelas)[132].

Enquanto expandia a doutrina da segurança nacional os EUA salvaguardavam a demanda de consumo do setor, investindo também no desenvolvimento de equipamentos e aplicações comerciais, garantiam para a iniciativa privada acesso aos mercados mundiais. Como parte deste processo, em 1984 nos EUA foi feita a reforma das telecomunicações, que desmembrou a AT&T, que serviu de modelo para um processo global de adaptação ao modelo estadunidense de telecomunicações, no qual os EUA utilizaram ostensivamente o poder de pressão e barganha de entidades supranacionais como a OMC (Organização Mundial do Comércio) e mesmo o FMI onde a concessão de novos empréstimos e/ou prazos para pagamentos da dívida de países do Terceiro Mundo foi utilizada como instrumento de coerção, caso da Argentina que praticamente é chantageada para privatizar seu setor de telecomunicações[133]. Internamente, as duas gestões Reagan atuaram expandindo o déficit, direcionando investimentos para o complexo industrial-militar-acadêmico, pelos cortes de programas sociais, que a década de sessenta tinha produzido, e também da diminuição crescente recursos para a saúde e a educação, além da ofensiva contra os sindicatos e organizações da classe trabalhadora, como na emblemática greve dos controladores de tráfego aéreo[134].

Como consequência deste “keynesianismo militar”, como Perry Anderson entende esta política[135] (ou segundo Maria da Conceição Tavares, “*uma política keynesiana bastarda, de cabeça para baixo*”[136]), resulta-se o aumento exponencial do déficit e da dívida pública dos EUA. Em 1981 este déficit era de setenta e quatro bilhões de dólares e a dívida de um trilhão de dólares. Dez anos depois, o déficit orçamentário chegou a trezentos bilhões de dólares, e a

---

[131]SANTOS, M. *O poder norte-americano e a América Latina no pós-guerra fria*. São Paulo: Anneblume; Fapesp. 2007. p. 67.
[132]HARTUNG, W. “Profits of war: the fruits of the permanent military-industrial complex”. *Multinational monitor*. janeiro/fevereiro, 2005. Disponível em http://www.thirdworldtraveler.com/Military_Industrial_Complex/Profits_of_War.html, acessado em 08.10.11.
[133]Para mais informações sobre o processo de privatização das telecomunicações na Argentina ver COSTA, G. M. M. da *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. op. cit.
[134]HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. op. cit. p. 296.
[135]ANDERSON, P. “Balanço do neoliberalismo”. *In*. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. op. cit. p. 13.
[136]TAVARES, M. da C. “A retomada da hegemonia norte-americana”. *Revista de Economia Política*. nº. 2. Disponível em http://www.rep.org.br/pdf/18-1.pdf, acessado em 13.02.11.

dívida pública a quatro trilhões de dólares[137]. Reagan foi "*o mais apaixonado pelo laissez-faire dentre os presidentes do pós-guerra, tenha presidido a maior guinada protecionista desde a década de 1930*", sendo que o aumento drástico da desigualdade entre pobres e ricos no período, para Noam Chomsky, "*apenas o funcionamento normal da 'paixão pelo laissez-faire': a disciplina do mercado para vocês e não para mim, a menos que 'o campo de jogo' esteja inclinado a favor dos meus interesses, geralmente como resultado da intervenção estatal em larga escala*"[138].

Este processo ganhou novo fôlego após 1989, com a formulação do Consenso de Washington, "*segundo a qual haveria uma fórmula universal, obrigatória para todos os governos, de ajuste fiscal, com suas conseqüências imediatas*", estas sendo o "*refluxo dos gastos do Estado, concentrados em políticas sociais e gastos de pessoal, privatização de empresas, abertura da economia ao mercado internacional, precarização das relações de trabalho, incentivo à atração do capital financeiro*"[139]. O Consenso de Washington, como ficou conhecido posteriormente, é fruto de um encontro em novembro de 1989, intitulado *Ajustes na América Latina: quanta coisa aconteceu?*, convocado pelo *Institute for International Economics* (Instituto de Economia Internacional), na capital estadunidense, onde reuniram-se funcionários deste Estado e de uma série de órgãos supranacionais com sede na mesma cidade, como o FMI, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento além de diversos economistas latino-americanos. "*Embora com formato acadêmico e sem caráter deliberativo, o encontro propiciaria oportunidade para coordenar ações por parte de entidades com importante papel nessas reformas*"[140]. Segundo o ex-embaixador brasileiro junto ao GATT (*General Agreement on Tariffs and Trade*), Paulo Nogueira Batista:

> O valor do Consenso de Washington está em que reúne, num conjunto integrado, elementos antes esparsos e oriundos de fontes diversas, às vezes diretamente do governo norte-americano, outras vezes de suas agências, do FMI ou do Banco Mundial. O ideário neoliberal já havia sido contudo, apresentado de forma global pela entidade patrocinadora da reunião de Washington - o Institute for International Economics - numa publicação intitulada *Towards Economic Growth in Latin America,* de cuja elaboração participou, entre outros, Mário Henrique Simonsen. Não se tratou, no

---

[137]ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996. p. 328.
[138]CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas*: neoliberalismo e ordem global. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 77.
[139]SADER, E. "Notas sobre a globalização neoliberal". *In*. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde*: contradições e desafios em 20 anos de SUS. Rio de Janeiro; EPSJV, 2008. p. 41.
[140]BATISTA, P. N. *O Consenso de Washington*. A visão neoliberal dos problemas latino-americanos. Disponível em http://www.fau.usp.br/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aup0270/4dossie/nogueira94/nog94-cons-washn.pdf, acessado em 13.01.11.

> Consenso de Washington, de formulações novas mas simplesmente de registrar, com aprovação, o grau de efetivação das políticas já recomendadas, em diferentes momentos, por diferentes agências. Um consenso que se estendeu, naturalmente, à conveniência de se prosseguir, sem esmorecimento, no caminho aberto[141].

Ao final deste encontro se resumiram dez regras universais consensuais para seus participantes: 1. Disciplina fiscal, para limitar os gastos nacionais ao arrecadado, numa tentativa de se eliminar o déficit público; 2. Priorização dos gastos públicos; 3. Reforma tributária que amplie a base sobre a qual incide a carga tributária; 4. Liberalização financeira, fim das restrições nacionais e afastamento do Estado do setor; 5. Taxa de câmbio competitiva através do regime cambial; 6. Liberalização comercial, com redução de alíquotas de importação e estímulos para a exportação; 7. Eliminação de restrições ao capital externo, permitindo investimento direto estrangeiro; 8. Privatização; 9. Desregulamentação econômica e trabalhista; e 10. Propriedade intelectual. Para Batista, "*as propostas do Consenso de Washington nas 10 áreas a que se dedicou convergem para dois objetivos básicos: por um lado, a drástica redução do Estado e a corrosão do conceito de Nação*", e também através do "*máximo de abertura à importação de bens e serviços e à entrada de capitais de risco. Tudo em nome de um grande princípio: o da soberania absoluta do mercado autoregulável nas relações econômicas tanto internas quanto externas*"[142].

Obviamente, falar somente na "exportação" deste projeto de Estado pode dar a falsa impressão de que este processo ocorreu de forma acordada. Este movimento foi perpassado pela violência e coerção imperialista, seja de modo direto, através dos acordos bilaterais ou, através de entidades supranacionais. Estas atuaram em uma conjuntura marcada pela intensificação da dependência financeira dos países do Terceiro Mundo, resultante das crises da dívida (externa e interna) destes países, agravadas pelas crises do petróleo e pela escassez de crédito, também servindo de base para se "*exportar os valores americanos*", marcados, segundo Chomsky, "*pela onda do futuro: as telecomunicações, a Internet, a tecnologia computacional avançada e outras maravilhas criadas pelo exuberante espírito empresarial americano, catapultado, desde a revolução de Reagan, pelo mercado livre da interferência governamental*"[143]. O que será visível no caso da expansão da rede mundial de computadores.

---

[141]BATISTA, P. N. *O Consenso de Washington*. A visão neoliberal dos problemas latino-americanos. op. cit.
[142]Idem.
[143]CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas*: neoliberalismo e ordem global. op. cit. p. 75-76.

2. A REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES:

"*O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação*".

Max Horkheimer e Teodor W. Adorno. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 114.

A internet é usualmente definida funcionalmente como um sistema de informações globais que: A) "*é logicamente ligado por um endereço único global baseado no IP e subsequentes extensões*"; B) "*é capaz de suportar comunicações usando o TCP/IP* [*Transmission Control Protocol*/*Internet Protocol*, Protocolo de Controle de Transmissões/Protocolo da Internet] *ou suas subsequentes extensões e/ou outros protocolos compatíveis ao IP*"; C) "*provê, usa ou torna acessível, tanto publicamente como privadamente, serviços de mais alto nível produzidos na infraestrutura descrita*"[144]. Esta definição é insuficiente, já que naturaliza o desenvolvimento tecnológico e midiático ocorrido principalmente nas últimas décadas do século passado, cujo alcance sobre as relações sociais estamos somente começando a delinear. E ainda ignora as contradições da realidade, ou finge as ignorar, para compreender a rede como um espaço de embates ideológicos dissociados de sua materialidade, das funções sociais que cumpre como parte da ampliação das formas de reprodução do capitalismo contemporâneo.

Foi no seio do complexo industrial militar acadêmico que nasceu a internet, já na década de 1960, sob a tutela do Pentágono e desenvolvida por instituições de pesquisa estadunidenses, para funcionar como modelo de comunicação e compartilhamento de informações descentralizado, assim permitindo sua proteção em caso de um ataque nuclear russo. A ARPANET foi criada pela DARPA (*Advanced Research Projects Agency*, Agência de Projetos de Pesquisa Avançados), agência do DoD (*Departament of Defense*, Departamento de Defesa estadunidense)[145] e funcionava através de chaveamento de pacotes, divisão de informações que permitem seu reagrupamento posterior pelo destinatário. Em 1969 foi transmitido o primeiro correio eletrônico entre as Universidades da Califórnia e Stanford,

[144]"*'Internet' refers to the global information system that (i) is logically linked together by a globally unique address space based on the Internet Protocol (IP) or its subsequent extensions/follow-ons; (ii) is able to support communications using the Transmission Control Protocol/Internet Protocol (TCP/IP) suite or its subsequent extensions/follow-ons, and/or other IP-compatible protocols; and (iii) provides, uses or makes accessible, either publicly or privately, high level services layered on the communications and related infrastructure described herein*". FEDERAL NETWORKING COUNCIL. *Definition of internet*. Disponível em http://www.nitrd.gov/fnc/Internet_res.html, acessado em 14.10.11. Tradução nossa.

[145]MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar". *In*. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. op. cit. p. 246.

sendo então esta a data comumente considerada para o nascimento da rede. Como compara, não sem ironia o anticomunista Castells, "*de certa forma, foi o equivalente eletrônico das táticas maoístas de dispersão das forças de guerrilha, por um vasto território, para enfrentar o poder de um inimigo versátil e conhecedor do terreno*"[146]. E no mesmo ano foram implementadas as suas primeiras quatro estações, além das duas já citadas, também na Universidade de Santa Bárbara e de Utah.

Em 1972 a ARPANET já contava com trinta e sete estações: "*ao lado desta forma de transferência de tecnologia através da aprendizagem e dos conhecimentos incorporados em indivíduos*" ocorria "*a transferência de tecnologia diretamente para as grandes empresas fornecedoras e indiretamente para os seus fornecedores especializados*", sendo a "*principal forma de difusão de novas tecnologias. Na medida em que as incertezas e os riscos comerciais foram provisoriamente suspensos pelo apoio militar, o ciclo de vida do processo de inovações foi encurtado*", sendo que ainda "*as oportunidades de exploração comercial foram asseguradas pela acumulação de capacitação técnica dos laboratórios industriais*"[147]. Ainda naquela década o sistema se expande para a comunicação entre pesquisadores vinculados à área de defesa estratégica e em 1975 ela deixa de ser uma rede experimental para ser operacional, iniciando o desenvolvimento do protocolo de comunicação TCP/IP[148]. Este desenvolvimento, mesmo inicial, é diretamente atrelado à iniciativa privada, como aponta Costa:

> A Bolt, Beranek and Newman Technologies (BBN) é um dos melhores exemplos de quão bem sucedido foi o projeto ARPANET. O advento do *e-mail* pela BBN foi decisivo para o bom funcionamento da rede, consagrando a Internet e o sinal @ e permitindo que os centros de pesquisas dispersos por todo o território norte-americano se comunicassem em tempo real. No rastro do ARPANET, também a AT&T, evoluía no segmento de transmissão de dados. Na Conferência Internacional sobre Comunicações de Computadores, realizada em Washington D. C., a tecnologia *Terminal Interface Processor* (TIP) foi ratificada e o *International Network Working Group* (INWG) referendou a liderança dos EUA no desenvolvimento das comunicações digitais de dados em rede[149].

Em 1979 já havia interesse comercial pela rede. A IBM funda a BITNET (*Because It´s*

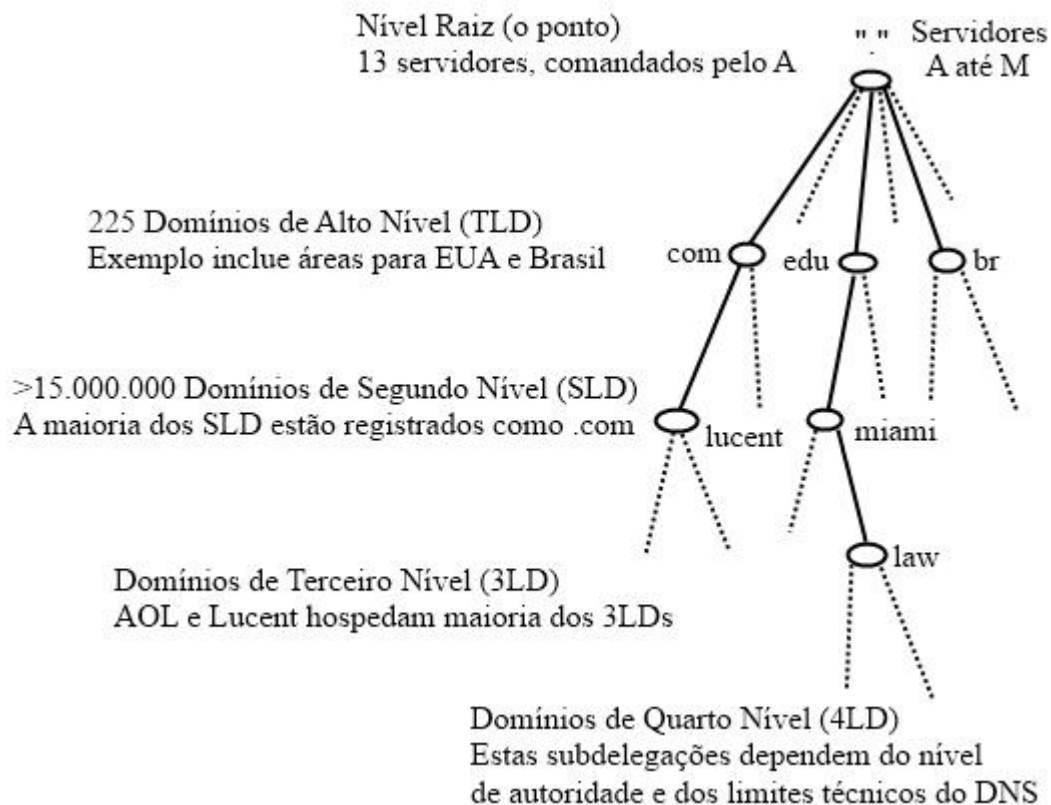
---

[146]CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. op. cit. p. 44.
[147]MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar". *In*. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. op. cit. p. 241.
[148]HTMLSTAFF. *História da internet*. Disponível em http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=65, acessado em 13.07.10.
[149]COSTA, G.M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. op. cit. p. 63-64.

Time Network), que permitia a troca de e-mails e participação em grupos de discussão[150]. E nos anos oitenta, quando o protocolo TCP/IP se torna padrão para as redes militares, e o sistema acadêmico já está multiplicado em diversas estações (incluindo diversos países), a rede é dividida, criando-se o MILNET (militar, atrelado ao *Defense Data Network*) e uma nova ARPANET, que em 1986, já ligada a rede da *National Science Foundation*, que criou as diretrizes da NSFNET (novo *backbone*), passa a ser chamada de internet. Em 1989, a ARPANET é desativada pelo *Defense Research Internet*, e a partir de 1993 passa a ser explorada comercialmente, já utilizando a concepção de *World Wide Web* (www), criada em 1990.

Do mesmo modo, já havia se instituído a tecnologia de DNS (*Domain Names System*), criada por Paul Mockapetris, como padrão para a arquitetura da rede, complementando o www. Como todo computador conectado a internet precisa de um endereço específico, para que os dados transmitidos possam ser transmitidos e recebidos, o DNS serve para transpor os números de cada endereço para o código alfanumérico, ou seja, permite a utilização de palavras, nomes, etc. para a navegação *online*. A seguir, temos uma representação parcial do legado da hierarquia DNS, mostrando relações entre os servidores raiz A até M (os 13 servidores raiz coletivamente conhecidos como o ponto “.”), os Domínios de Alto Nível, e os arranjos do terceiro, quarto e demais níveis baixos:

[150]ARTEN, F. *O domínio norte-americano e a dromocracia na sociedade cibercultural*. Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_pi-arten.pdf, acessado em 20.08.10.

FIGURA 1: Representação da hierarquia DNS:

FONTE: SIMON, C. L. *Launching the DNS war*: dot-com privatization and the rise of global internet governance. Tese de Doutorado. Coral Gables: University of Miami, 2006. p. 44. Tradução nossa. *Esta representação é datada, sendo que hoje em dia o nível raiz não é mais comandado privadamente dos EUA, mas é de responsabilidade do ICANN.

Como observado na representação, o DNS é um sistema hierárquico que determina a estrutura da internet de modo ostensivamente centralizador, "*um design técnico e uma arquitetura de rede profundamente vinculados à estrutura de defesa dos EUA e do DoD, e do ponto de vista geográfico este design reflete a centralização do poder e o controle mantido por um único país*". Esta arquitetura "*revela uma geopolítica unilateral da Governança da Internet, que não admitia a representação soberana dos Estados Nacionais*", o que Silva compreende como "*uma recorrência do imperialismo americano no território das redes. As questões da Governança da Internet que estão sendo debatidas recaem na possibilidade de intervenção regulatória que os EUA não pretendem ceder*", e que afetam "*de uma forma mais ampla as questões legais, econômicas, voltadas ao desenvolvimento local, regional, global e sócio-cultural*"[151].

[151]SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008. p. 25-26.

A passagem da lógica de utilização militar, na qual os pesquisadores universitários acabaram por aproveitar indiretamente (o sistema não foi desenvolvido para eles, ao contrário do que é comumente divulgado), para a lógica de utilização comercial ocorreu de modo arbitrário, sem qualquer participação popular ou da comunidade de especialistas em informática – que depois começaram a manifestar-se através de uma série de grupos. Não houve nenhuma mediação crítica sobre a arquitetura da rede, tratada como a única possibilidade técnica, o que permitiu o pleno controle dos EUA sobre o campo midiático, garantia que permitiu ao mercado normatizar a internet tanto juridicamente quanto tecnicamente. Não foi somente "*a passagem de uma lógica estatal para outra privada*", mas "*de uma lógica política militar, de defesa, para outra, de privatização, regulação e globalização econômica, de apoio à reestruturação capitalista e à manutenção da hegemonia norte-americana nas relações internacionais*"[152].

Este processo ocorrerá durante as gestões de Bill Clinton, que através do programa *Global Informational Infrastructure* (Infraestrutura Global de Informação), constituíram uma agenda para a "liberalização" dos setores de telecomunicações de diversos países, especialmente os europeus, que ainda não haviam sido privatizados. No documento de 1993, *Tecnologia para crescimento econômico da América, uma nova direção para construir vigor econômico*, assinado pelo então presidente estadunidense e seu vice, Albert Gore, reafirma claramente esta perspectiva, quando diz que:

> A "Era da Informação" dos dias de hoje exige agilidade, habilidade e velocidade na movimentação das informações. Onde uma vez a nossa força econômica foi determinada somente pela profundidade dos nossos portos ou pela condição das nossas estradas, hoje é determinada também pela nossa habilidade de mover grandes quantidades de informação com rapidez e precisão e pela nossa capacidade de usar e entender esta informação. Assim como o sistema de rodovias interestaduais marcou uma virada histórica no nosso comércio, hoje a "superestrada da informação" - capaz de mover idéias, dados e imagens em todo o país e no mundo - é crucial para a competitividade americana e nossa força econômica[153].

Assim os EUA, fizeram-se detentores da maioria das patentes nas telecomunicações,

---

[152]BOLAÑO, C. R. S.; CASTAÑEDA, M. V. *A economia política da internet e sua crise*. Disponível http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%20%202%20%20cesar%20bolano/Marcos%20Bolano.doc, acessado em 01.09.10.

[153]"*Today's "Information Age" demands skill, agility and speed in moving information. Where once our economic strength was determined solely by the depth of our ports or the condition of our roads, today it is determined as well by our ability to move large quantities of information quickly and accurately and by our ability to use and understand this information. Just as the interstate highway system marked a historical turning point in our commerce, today "information superhighway" -- able to move ideas, data, and images around the country and around the world -- are critical to American competitiveness and economic strength*". CLINTON, W. J.; GORE JR., A. *Technology for America's economic growth, a new direction to build economic strength*. 22.02.1993. Disponível em http://ntl.bts.gov/lib/jpodocs/briefing/7423.pdf, acessado em 14.03.11.

dominando o espaço com sua rede de satélites, e colocando a seu serviço a maior parte das entidades supranacionais para tornar seu modelo de telecomunicações global, ampliando a rede de alcance de suas empresas na mesma escala. Enquanto seus investimentos aceleravam e acirravam a competição entre as empresas tradicionais, os EUA também fomentavam a entrada de novas empresas de telecomunicação e tecnologia da informação. Isto porque o "*novo jogo de expansão e reprodução de poder*" exigia conglomerados transnacionais de maior alcance, capazes de "*dinamizar o setor para dentro e para fora do território norte-americano*"[154]. Segundo Costa:

> Depois de um processo intensivo de inovações, chegara a hora de conquistar mercados cativos e imprimir uma aceleração no processo de acumulação e de concentração de capital. As novas empresas de alta tecnologia, principalmente as *ponto.com*, imprimiram vigor às bolsas e ao mercado de derivativos, promovendo fusões e aquisições, valorizando ao máximo suas ações e acelerando o processo de financeirização da riqueza. Por trás dos alardeados benefícios de um mundo globalizado, democratizado e integrado pela informação, iniciou-se um poderoso ciclo de expansão e de centralização de capital cujo epicentro emanava também dos EUA[155].

Os setores de telecomunicações e tecnologia da informação (cada vez mais confluentes), por terem sido os primeiros a adequarem-se nas conformações exigidas pela dominância do capital financeiro, foram tratados durante a década de noventa como um novo Eldorado. Foram disponibilizados pelos grandes bancos europeus e estadunidenses os maiores financiamentos vistos, até então, da história do capitalismo. Estes financiamentos "*deram origem a um novo padrão de endividamento extremamente elevado*", que alçou tal ponto, que "*o grau de exposição ao risco da maioria das operadoras globais obrigou-as a redefinir suas estratégias em função da redução de seu endividamento*"[156]. Isto ainda sem levar em consideração o montante convertido em capital pela generalização das privatizações do setor. De "*135 países observados ao final de 2005, tínhamos quatro cujo setor de telecomunicações sempre foi privado, 102 que haviam privatizado, total ou parcialmente, suas empresas de telecomunicações, e apenas 29 cujo setor ainda era estatal*"[157]. Novamente, segundo Costa:

> Por sua vez, valendo-se de estimativa da Moody's, nos mostrou que cerca de 80% de todas as *high-yields* ou *junk bonds* emitidas nos EUA, no frenesi do

---

[154]COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. op. cit. p. 72-73.
[155]Idem. p. 73.
[156]Ibidem. p. 73-74.
[157]TELECO. *Privatização*: telecomunicações no mundo. Evolução do setor de telecomunicações. Disponível em http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialprivat/pagina_2.asp, acessado em 09.10.11. Para informações sobre as privatizações em termos globais ver FRANSMAN, M. *Telecoms in the internet age*: from boom to bust to... Oxford University Press, 2002.

> *boom*, foram direcionadas para operadores de telecomunicações. Igualmente, na última década, cinco das dez maiores fusões e aquisições da história também envolveram empresas de telecomunicações. *De acordo com a Thomson Financial Securities, entre 1996 e 2001, os bancos emprestaram 890 mil milhões de dólares através de empréstimos sindicados; cerca de 480 mil milhões de dólares de dívida foram fornecidas pelos mercados obrigacionistas e 500 mil milhões foram obtidos a partir de aumentos de capital próprio e emissões no mercado acionista*. A crença em que uma explosão da Internet e em suas aplicações criaria uma procura quase infinita por acessos de banda larga e por serviços de valor adicionado, ofertados por empresas globais, levou o mercado financeiro a movimentar cifras astronômicas[158].

Entre os anos de 1996 e 2000 a NASDAQ, bolsa de valores *on-line* onde são negociadas ações de empresas de alta tecnologia, teve seu valor aumentado de mil para cinco mil pontos, crescimento de cerca quatrocentos por cento. "*O número de transações diárias no NASDAQ passara de 325 milhões em 1995 para 1,5 mil milhões em apenas cinco anos e a massificação de investimentos nas start-ups e nas empresas de teleinformática, puxadas pelo crescimento das operações de brokerage na Web*"[159]. Estas empresas viraram fetiches para os investidores, "*grandes e pequenos em busca do lucro fácil e de liquidez*". Empresas não tradicionais foram atraídas a fazerem oferta pública inicial de ações nesta bolsa, pelos seus processos para abertura de capital serem mais eficientes e baratos que na tradicional Bolsa de Valores de New York (*New York Stock Exchange*). Entre os anos de 1997 e 2000 suas operações financeiras "*impulsionaram cerca de 1.600 empresas, gerando cerca de US$ 316,5 trilhões. Em março de 2000, depois de atingir o pico mais alto, a bolha estourou e apresentou uma queda* [de] *32%*"[160].

Esta "*exuberância irracional*" (nas palavras de Alan Greenspan, presidente do FED, *Federal Reserve*, Banco Central estadunidense) alimentou uma bolha de ativos, ou seja, uma massa de investimento ativos para lucro futuro, que foi alimentada pela política econômica do FED como parte da expansão econômica dos EUA no período, mantendo o nível de consumo

---

[158]COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. op. cit. p. 73-74. Grifos nossos. *High-yields* ou *junk bonds* são obrigações de renda fixa que são avaliados abaixo do grau de investimento no momento da compra. Estes bônus têm um risco maior de inadimplência ou outros efeitos adversos do crédito, mas normalmente pagam rendimentos mais elevados do que os títulos de melhor qualidade, a fim de torná-las atraentes para os investidores.

[159]Segundo Yuri Gitahy "*qualquer pequena empresa em seu período inicial pode ser considerada uma startup. Outros defendem que uma startup é uma empresa com custos de manutenção muito baixos, mas que consegue crescer rapidamente e gerar lucros cada vez maiores. Mas há uma definição mais atual, que parece satisfazer a diversos especialistas e investidores: uma startup é um grupo de pessoas à procura de um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando em condições de extrema incerteza*". MOREIRA, D. "O que é uma startup?" *Exame.com*. 20.10.10. Disponível em http://exame.abril.com.br/pme/dicas-de-especialista/noticias/o-que-e-uma-startup, acessado em 09.10.11. Já *brokerage* refere-se a ação de agentes corretores; corretagem. BAB.LA. *Brokerage* (verbete). Disponível em http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/brokerage, acessado em 09.10.11.

[160]COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. op. cit. p. 74.

através do crédito – lembrando o contexto turbulento do período, em fins de 1998 Greenspan já tinha reduzido duas vezes a taxa de juros, que enfrentando a queda da taxa de lucro tentava "*neutralizar pressões deflacionárias internacionais cada vez mais poderosas*". Articulada a esta medida o FED coordenou "*o socorro (bailout) de um fundo de hedge de bilhões de dólares. Greenspan explicou que o Fed fez isso porque, se deixasse o fundo falir, muito provavelmente se desencadearia uma desintegração financeira mundial*"[161]. Isto resulta da estrutura econômica do capital-imperialismo, que tende ao aumento drástico da desigualdade social, o que "*tende a criar um problema de realização — isto é, uma insuficiência de procura agregada em relação ao produto. A ascensão de lucros estimula a acumulação rápida e o crescimento do produto, mas os salários estagnados ou em queda limitam o crescimento da procura*". Então para manter o nível de lucratividade e ao mesmo tempo adiar a crise de superprodução são utilizados diversos mecanismos econômicos: "*os lucros em crescimento rápido estimulam a elevação rápida de negócios de investimento, os quais constituem uma parte da procura pelo produto. Isto pode perpetuar uma expansão por algum tempo*", mas que não é articulada com outras medidas em relação ao problema da realização, ocorre "*rapidamente um desequilíbrio pois os meios de produção cresceriam demasiado rapidamente em relação ao produto*"[162]. É própria da dominância do capital financeiro a produção de bolhas de ativos, que estão intrinsecamente ligadas com suas as expansões econômicas – afinal, o capital fictício "*realiza lucros fictícios que somente podem-se tornar reais no nível individual e nunca no nível de sua totalidade. Contudo, enquanto exista a crença que eles possam ser tornados reais, continuará a bolha especulativa criada pelo capital fictício*"[163]. Anotando que, uma bolha de ativos, segundo David Kotz, é

> […] uma ascensão auto-perpetuadora do seu preço que resulta da expectativa de aumentos futuros no preço do mesmo. Exemplo: se investidores financeiros esperarem que o preço do imobiliário ascenda rapidamente no futuro próximo, eles terão um incentivo para comprar imobiliário a fim de obter ganhos de capital com a ascensão de preços. Isto pode tornar-se um processo auto-sustentador se os lucros ganhos pelos investidores com a ascensão do preço do activo atraírem cada vez mais investidores, cujas compras por sua vez fazem que o preço do activo continue a ascender[164].

---

[161]BRENNER, R. "A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão?". *Outubro*. nº. 3. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3_02.pdf, acessado em 13.10.11.
[162]KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Orgdemo/A_severidade_da_crise_economica_atual_Set_2010.doc, acessado em 13.10.11.
[163]CARCANHOLO, R. A. "A grande depressão do século XXI: a função do trabalho improdutivo e do capital fictício". *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 31.
[164]KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. op. cit.

As bolhas de ativos podem ser verificadas em relação a cada ofensiva do capital, nas expansões econômicas dos EUA sob o capital-imperialismo, 1982-90, 1991-2000 e 2001-2007. Estas bolhas cumprem um papel fundamental, ao "*prolongar uma expansão ao retardar a percepção de que a crise tende a resultar do aumento da desigualdade. Assim o faz pelo aumento da riqueza de papel daqueles que possuem o activo que passa pelo processo de bolha*"[165]. Este aumento da riqueza faz com que o consumidor gaste este crescimento em relação aos seus rendimentos. E a bolha dos "ponto.com" estoura em 10 de março de 2000:

> A bolha tinha, contudo, claramente tornado-se bem mais frágil do que Greenspan percebera, e em conformidade mais dependente de seu patrocínio e apoio. Já ao final de 1998, e depois de novo ao final de 1999, o Fed tiver de com [sic] vigor afrouxar o crédito de modo a reverter importantes declínios no mercado de valores e manter os preços das ações subindo. Quando, ao contrário, Greenspan continuou a insistir por toda a primeira metade de 2000 que o Fed não mais alimentaria a bolha, os preços das ações começaram a cair, mesmo embora a taxa de juros reais a curto prazo mal modificaram-se. Os e-business viram o valor de seus títulos despencar primeiro, no segundo trimestre de 2000. Do final do meio do ano em diante, os mercados mais amplos começaram a cair de forma alarmante. Ao final de 2001, o índice Nasdaq [...] tinha decrescido em 60% de seu pico do início de 2000. O S&P [índice ponderado de valor de mercado onde o valor do ativo é multiplicado pelo número de ações em circulação, e o peso de cada ativo no índice é proporcional ao seu preço de mercado] 500 era território de especulação, caindo em mais de 20% de seu ponto alto. *Cinco trilhões em ativos desfizeram-se como fumaça*[166].

Com o estouro da bolha dos "ponto.com" e subsequentes escândalos envolvendo a NASDAQ, os analistas "voltaram" a atuar com maior dose de cautela em relação às telecomunicações e ao mercado de tecnologia – até porque a grande maioria destas empresas fechou após queimarem seu capital de risco e a maioria das corretoras transferiram seus investimentos para uma nova bolha, a do crédito imobiliário nos EUA –, especulando que, em longo prazo, as empresas de telecomunicação passariam por um processo de fusão e consequente monopolização do setor, dividido globalmente entre quatro ou cinco grandes operadoras. Como visto, este movimento é uma exigência para a reprodução do capitalismo contemporâneo. Dados de 1999 exibem que, das vinte maiores operadoras de telefonia, as cinco maiores estadunidenses, SBC, Bell Atlantic, GTE, Bell South e U. S. West foram responsáveis por mais de cento e setenta e um milhões de acessos, enquanto a estatal chinesa,

---

[165]KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. op. cit.

[166]BRENNER, R. *O boom e a bolha. Os Estados Unidos na economia mundial*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 314-315. *apud* VIANA, N. "Crise financeira, Estado e regularização jurídica". *Direito GV*. nº. 6. Disponível em http://www.direitogv.com.br/subportais/publica%C3%A7%C3%B5e/direitogv10/06.pdf, acessado em 13.10.11. Grifos nossos.

a China Telecom, foi responsável naquele ano por mais de cento e oito milhões de acessos.

Segundo um ranking de 2004, a maior receita anual gerada por uma operadora de telecomunicação foi a da Nippon Telegraph and Telephone Corporation (que fora privatizada em 1985[167]), que naquele ano faturou sozinha cerca de noventa e sete milhões de dólares. Entretanto, quando agrupamos as operadoras estadunidenses, AT&T, SBC, MCI/WorldCom, Bell Atlantic, GTE, Bell South, Sprint e U. S. Western, a receita conjunta destas atingiu cerca de duzentos e trinta e dois milhões de dólares. As europeias, Deutsch Telecom, British Telecom, France Telecom, Telecom Italia, Telefónica e Vodafone Air Touche, somaram juntas cerca de cento e vinte e seis milhões de dólares.

Das indústrias de equipamentos para telecomunicações, as estadunidenses Lucent, Motorola, Cisco, Hughes, 3COMd, IBM, HP e Qualcom faturaram juntas cerca de setenta e oito bilhões de dólares, sendo ultrapassadas somente pela soma das companhias europeias, Alcatel, Siemens, Bosch, Ericsson e Vodafone que lucraram setenta e oito bilhões e novecentos milhões de dólares. As empresas japonesas NEC, Fujitsu e Matsushita somaram vinte e dois bilhões e seiscentos milhões de dólares. A telefonia móvel nos EUA cresceu cento e doze por cento naquele ano, deste total sendo mais de noventa e sete por cento de aparelhos digitais. Na França, Alemanha, Itália, Espanha e Inglaterra, cuja ampliação resultou em uma drástica diminuição do número de linhas fixas, as linhas móveis cresceram cento e trinta e sete por cento, sendo toda digital, com exceção da Espanha. No Japão seu crescimento foi de cerca de sessenta e um por cento, também toda digital. Na Índia este tipo de serviço cresceu duzentos e quarenta e um por cento, enquanto na China teve seiscentos e setenta e três por cento de aumento, sendo nos dois países os terminais totalmente digitalizados.

Na área da tecnologia da informação naquele ano, os EUA possuíam mais de cento e noventa e cinco milhões de *hosts* (computadores conectados a uma rede), ou seja, possuindo sessenta e três usuários por cem habitantes e um total de cerca de setenta e seis computadores pessoais a cada cem habitantes. Nos países europeus supracitados possuíam cerca de doze milhões de *hosts*, com a média de quarenta e seis usuários por cem habitantes e quarenta e dois PCs por cem habitantes. O Japão tinha mais de dezesseis milhões de *hosts*, com cerca de cinquenta usuários por cem habitantes e o total de PCs de cinquenta e quatro a cada cem habitantes. A Índia possuía mais de cento e quarenta e três mil *hosts*, tendo cerca de três usuários por cem habitantes e um PCs na mesma média, enquanto na China existiam mais de cento e sessenta e dois mil *hosts*, tendo cerca sete usuários por cem habitantes e quatro PCs na

[167]TELECO. *Privatização*: telecomunicações no mundo. Evolução do setor de telecomunicações. op. cit.

mesma média[168]. Estes dados, mesmo desatualizados, nos permitem visualizar e concordar com as conclusões da autora:

> [...] ao longo da extensa cadeia de valor que conformam as telecomunicações, na qual incluem-se componentes, equipamentos de transmissão de redes públicas e privadas, *private e public switches*, telefonia fixa e móvel, os EUA possuem larga superioridade na tecnologia satélite. Entretanto, no campo da transmissão móvel, de redes e em *switches*, os EUA perdem poder para os europeus e, em eletrônica de consumo, perdem a competição para o Japão. Em compensação, quando adentramos nas áreas de tecnologias da informação, da Internet e das ferramentas de gestão, ou seja no campo das aplicações em *e-business* e em *e-commerce*, em todos os segmentos, sem exceção, os EUA estão à frente de seus concorrentes[169].

A hegemonia estadunidense não restringe-se ao campo econômico, as formas de reprodução do capital atuam sobre diversos níveis da sociedade, e a internet acaba por ser partícipe, e de certo modo instrumento de pedagogia, oferecendo "*potencialmente a possibilidade de reproduzir de forma ampliada valores e idéias inerentes* [...] *ao modo de viver norte-americanos*"[170]. Deste modo sua gestão, o controle sob seu formato técnico e seu conteúdo é inestimável. Em relação à internet foi criado o mito, divulgado exaustivamente, que esta seria uma "terra de ninguém", que não pertenceria ou seria controlada por nenhum Estado ou grupo privado, o que como já discutimos em relação a sua arquitetura, é simplesmente mentiroso[171].

A primeira central de normatização e controle da rede foi o NIC (*Network Information Centre*, Rede de Centros de Informação), que localizava-se no Centro de Pesquisas de Stanford, ainda nos tempos dos primeiros experimentos na rede[172]. Em 1972, estas responsabilidades foram transferidas para o recém-criado IANA (*Internet Assigned Numbers Authority*, Autoridade de Atribuição de Números para a Internet), estabelecido informalmente como referência de funções técnicas normativas para a ARPANET, serviço realizado pelo

---

[168]COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. op. cit. p. 76-77. Com a exceção óbvia do aumento do número de *hosts* e da telefonia móvel nada nos números atuais de faturamento das empresas destes setores indica mudanças drásticas. Optamos por reproduzir os dados de Costa por agregarem tanto o setor de operadoras de telecomunicações, de prestadores de serviços desta e o setor de tecnologia da informação.

[169]COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. op. cit. p. 77.

[170]Idem.

[171]Além dos meios de comunicação envolvidos neste processo, em especial telejornais e filmes, onde os que possuem as capacidades cognitivas para se ambientarem na rede são representados como seres com poderes inigualáveis, transformando assim hackers em lendas, também é importante notar a pressão de juristas de diferentes países, que para poderem combater, especialmente, a quebra de direitos autorais que a rede proporciona aos seus usuários, utilizaram amplamente este argumento.

[172]GLOBAL ONENESS. *History of the internet*: encyclopedia II - history of the internet - maintaining the infrastructure. Disponível em http://www.experiencefestival.com/a/History_of_the_Internet_-_Maintaining_the_infrastructure/id/5164084, acessado em 12.01.11.

Information Sciences Institute (Instituto das Ciências da Informação) para o DARPA, que relembremos é uma instância do Departamento de Defesa estadunidense.

O IANA nasce em março daquele ano quando Vint Cerf e Jon Postel pediram para fosse feito um catálogo dos números de tomada (*socket*) através do *Request for Comments* (RFC[173]) número trezentos e vinte e dois. "*Então os administradores da rede foram convidados para apresentar uma nota ou uma ligação telefônica, 'descrevendo a função e os números de tomada de programas de serviços de rede em cada host'*". Este catálogo acabou por ser publicado no RFC quatrocentos e trinta três de dezembro do mesmo ano, onde Postel propôs assinaturas oficiais de cada número de porta dos serviços em rede e sugeriu uma função administrativa, para manter e permitir acesso a um registro geral[174]: "*Eu proponho que deve se existir um czar (eu?) que lide com os números de tomadas oficiais para uso em protocolos padrões. Este czar também deve rastrear e publicar uma lista daqueles números de tomada onde hosts podem obter serviços específicos*"[175].

O IANA foi dirigido por Postel (que afinal fora empossado como czar) desde sua criação até seu falecimento em 1998 – após sua morte irá ser efetuada a transição do IANA para o ICANN. Com o crescimento da rede, este registro geral passou a crescer exponencialmente, primeiro passando por diversas instâncias do aparelho de Estado estadunidense, depois sendo confiada a iniciativa privada:

> Como a primeira ARPANET cresceu, os *hosts* passaram a serem referidos por nomes, e um arquivo HOSTS.TXT seria distribuído da *SRI International* para cada *host* na rede. Com o crescimento da rede, isso se tornou complicado. A solução técnica veio na forma do *Domain Name System*, criado por Paul Mockapetris. A *Defense Data Network* [Rede de Dados da Defesa] - *Network Information Center* [Centro de Informações da Rede] (DDN-NIC) da SRI lidavam com todos os serviços de registro, incluindo os Domínios de Alto Nível como .mil, .gov, .edu, .org, .net, e .us, da administração *root nameserver* e atribuições de números da Internet sob contrato com *United States Department of Defense* [Departamento de Defesa dos Estados Unidos]. Em 1991, o Defense Information Systems Agency [Agência de Defesa dos Sistemas de Informação] (DISA), encarregado pela administração e manutenção do DDN-NIC (gerenciado pela SRI até este ponto) passou para o Government Systems, Inc., que subcontratou isto para a pequena empresa do

---

[173]Literalmente um "pedido de comentário", documento que descreve previamente os padrões de cada protocolo da rede a serem considerados um padrão.

[174]WIKIPEDIA. *Internet Assigned Numbers Authority*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Assigned_Numbers_Authority, acessado em 12.01.11.

[175]"*I propose that there be a czar (me ?) who hands out official socket numbers for use by standard protocols. This czar should also keep track of and publish a list of those socket numbers where host specific services can be obtained*". POSTEL, J. *RFC 349*. Disponível em http://tools.ietf.org/html/rfc349, acessado em 12.01.11. Tradução nossa. Assinalamos que este nome, IANA, foi somente citado textualmente no RFC 1060 de 1990 embora sua função já estivesse consolidada a longo tempo. REYNOLDS, J. K. *RFC 1060*. Disponível em http://tools.ietf.org/html/rfc1060, acessado em 12.01.11.

setor privado Network Solutions, Inc.[176].

Com o crescimento da rede na década de oitenta, a participação na sua normatização passou a interessar outros países, especialmente europeus – o que distingue-se da governança propriamente dita, mas abrindo uma via de acesso para a interferência em sua arquitetura, atuando na formatação desta relação de poder. Este problema diplomático foi resolvido pela criação do *Internet Engineering Task Force* (Força-Tarefa de Engenharia da Internet, IETF) em 1986. A justificativa para sua criação, veiculada no RFC 3935 é banal, mas aponta corretamente suas funções: "*O objetivo do IETF é o de fazer a Internet funcionar melhor. A missão do IETF é o de produzir alta qualidade, técnica relevante e documentos de engenharia que influenciem o modo que as pessoas projetam, usam, e gerenciam a Internet de tal modo que faça a Internet funcionar melhor*"[177]. Em sua existência, o IETF coordenou um grande número de grupos de trabalho, concluídos e ainda em funcionamento, sendo diretamente responsável por uma grande série de RFCs, ou seja, o maior dentre todos os responsáveis pelos padrões normativos da internet nos dias de hoje.

Antes de 1993 os conselheiros do IETF eram escolhidos pelo *Internet Architecture Board* (Conselho de Arquitetura da Internet, IAB), que foi criado pelo DARPA em 1979, e depois passaram a serem eleitos através de um Comitê de Nomeação (conhecido como NomCom)[178]. Os presidentes do IETF evidenciam a ligação destes intelectuais como o complexo industrial-militar-acadêmico: durante o ano de 1986 o presidente designado foi Mike Corrigan; de 1986 até 1994 Phill Gross; de 1994 até 1996, Paul Mockapetris, criador do DNS e que fundou em 1999 a companhia Nominum; de 1996 até 2001, Fred Baker, membro ativo da indústria de comunicação e redes desde os anos setenta, tendo trabalhado para a CDC, Vitalink, ACC, dentre outras. Atualmente é associado da Cisco; de 2001 a 2005, Harald Tveit Alvestrand, que já tinha trabalhado para Norsk Data, UNINETT, EDB, Maxware e

[176]"*As the early ARPANet grew, hosts were referred to by names, and a HOSTS.TXT file would be distributed from SRI International to each host on the network. As the network grew, this became cumbersome. A technical solution came in the form of the Domain Name System, created by Paul Mockapetris. The Defense Data Network - Network Information Center (DDN-NIC) at SRI handled all registration services, including the Top Level Domains of .mil, .gov, .edu, .org, .net, .com and .us, root nameserver administration and Internet number assignments under a United States Department of Defense contract. In 1991, the Defense Information Systems Agency (DISA) awarded the administration and maintenance of DDN-NIC (managed by SRI up until this point) to Government Systems, Inc., who subcontracted it to the small private-sector Network Solutions, Inc.*". GLOBAL ONENESS. *History of the internet*: encyclopedia II - history of the internet - maintaining the infrastructure. op. cit. Tradução nossa.

[177]"*The goal of the IETF is to make the Internet work better. The mission of the IETF is to produce high quality, relevant technical and engineering documents that influence the way people design, use, and manage the Internet in such a way as to make the Internet work better*". AVESTRAND, H. T. *RFC 3935*. Disponível em http://www.ietf.org/rfc/rfc3935.txt, acessado em 12.01.11. Tradução nossa.

[178]IETF. *NomCom*. Disponível em http://www.ietf.org/nomcom/, acessado em 12.01.11.

Cisco, sendo atualmente funcionário do Google; de 2005 a 2007, Brian Carpenter, engenheiro que trabalhou com Tim Berners-Lee, inventor do www, no CERN (*Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*, Organização Europeia para Pesquisa Nuclear) e para a IBM; e Ross Housley, cujo mandato ainda não se encerrou, já tendo trabalhado para *Air Force Data Services* (Serviços de Informação da Força Aérea estadunidense), Xerox, Spyrus e RSA e que em 2002 fundou sua própria companhia, a Vigil Security LLC[179].

A participação na normatização da internet tornou-se ainda mais problemática durante a abertura da rede para sua exploração comercial, no começo da década de noventa. Esta transição ficou conhecida como a "Guerra do DNS" e inicia nos EUA, quando uma série de provedores de serviço de Internet constitui redes próprias, abrindo ligações de acesso (*gateways*) para fins comerciais. A rede passou exigir a expansão da capacidade de transmissão oferecida. "*Para suprir essa deficiência foi criada uma nova rede denominada NFSNET Backbone financiada pela IBM, pelo MCI e pelo MERIT, juntamente com a NFS*", a *National Science Foundation* (Fundação Nacional de Ciência estadunidense). Esta rede não deu conta desta expansão, então em 1991, as mesmas três empresas criam a Advanced Networks and Services, uma companhia supostamente sem fins lucrativos, que implantou a ANSNET – *backbone* com poder de transmissão de dados trinta vezes maior que a anterior. Esta desvinculação estatal no controle operacional da rede foi planejada desde a década anterior, quando o DoD passou a financiar a integração dos computadores pessoais fabricados por empresas estadunidenses ao protocolo TCP/IP. "*Com a tecnologia para criação de redes telemáticas abertas ao domínio público e com as comunicações em pleno processo de desregulamentação, a NSF procedeu a imediata privatização da Internet. Com a sua total privatização, a NSFNET foi encerrada em 1995*"[180].

Até 1993 a NSF proibia o uso comercial da rede, e com sua abertura iniciou-se a demanda de registro de nomes de domínios, especialmente de primeiro nível, os ".com", que ficaram sob a responsabilidade da já citada companhia Network Solutions. Como a demanda cresceu esta empresa "persuadiu" o NSF para que se pudesse cobrar pelos registros, "*para controlar pessoas que estavam estocando uma porção de nomes e para ajudar a pagar mais empregados e recursos tecnológicos para manter a demanda*"[181]. Este processo impulsionou a

---

[179]WIKIPEDIA. *Internet Engineering Task Force*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Engineering_Task_Force#Chairs, acessado em 12.01.11.

[180]MONTEIRO, A. Q. *Trabalho, ciberespaço e acumulação de capital*: estudo sobre produção e consumo na interatividade da internet comercial. Dissertação de Mestrado. Marília: UNESP, 2008. p. 27-28.

[181]"*Network Solutions persuaded the National Science Foundation to let it charge a couple of hundred dollars to register each domain name in .com, both to keep folks from stockpiling a bunch of names and to help it to pay for some more employees and computer resources and so forth to keep up with the demand*". LITMAN. J. *The DNS*

normatização jurídica sobre a rede, foi neste campo que desenrolaram-se as disputas acerca dos registros de DNS. As contestações sobre os nomes de domínio levaram uma série de grandes empresas a reivindicar o registro de nomes, que já possuíam sob *copyright*, através de processos judiciais. Então foram adotadas novas regras para "aplacar" os donos de marcas registradas, passando-se a requerer de todos os registrantes de domínios, dos já existentes e futuros, que justificassem suas prerrogativas sob este. Foram dados trinta dias para o que os donos de domínios registrados comprovassem que seu direito era superior ao dos donos das marcas registradas, ou então seu domínio seria suspenso. Isto somente acarretou novos processos, desta vez para que os domínios não fossem tirados do ar.

Foi quando a comunidade da internet, em especial a *Internet Society* (Sociedade da Internet, ISOC), unida aos donos de domínios decidiu investir de maneira mais incisiva contra a Network Solutions, que já acumulava milhões de dólares, a quebra de seu monopólio interessava a diversas companhias. Foi criado um comitê *Ad Hoc International* (IAHC), composto por dois representantes dos grupos de interesses das marcas registradas; pela OMPI (Organização Mundial da Propriedade Intelectual); pela UIT (*United Nations Agency for Information and Communication Technology Issues*, Agência das Nações Unidas para Assuntos de Tecnologia da Informação e Comunicação); pela NSF; e por cinco representantes da IETF, visando construir uma série de Domínios de Primeiro Nível. Estes foram sete ao todo (como .biz ou .glass, por exemplo) que serviriam para facilitar acordos judiciais. Esta iniciativa fracassou, pois maior parte do público usuário da rede reconhecia somente o ".com" como "domínio verdadeiro"[182]. Do mesmo modo, vários de países reivindicavam poder decisório sobre a rede, que alçava certa expansão mundial, tornado esta questão também um problema diplomático.

Em 1998, visando agregar estes diversos grupos em disputa, o Departamento de Comércio dos EUA cria o ICANN (*Internet Corporation for Assigned Names and Numbers*, Corporação da Internet para Nomes e Números Designados) pelos EUA. Ela seria uma entidade supostamente independente, que teria a responsabilidade de definir padrões para a rede, seus formatos e tipos de domínios, coordenando tecnicamente a definição de endereços IP e gerenciando o root server da internet[183]. "*A 'guerra' terminou graças a um compromisso*", onde a "*ISOC obteve mais controle público do DNS, ainda que os interesses comerciais*

---

wars: trademarks and the internet Domain Name System. Disponível em http://www-personal.umich.edu/~jdlitman/papers/DNSwars.pdf, acessado em 12.01.11. Tradução nossa.

[182]LITMAN. J. *The DNS wars*: trademarks and the internet Domain Name System. op. cit., acessado em 12.01.11. Para maiores informações sobre este processo ver SIMON, C. L. *Launching the DNS war*: dot-com privatization and the rise of global internet governance. op. cit.

[183]ICANN. *Fatos*. Disponível em http://www.icann.org.br/general/fact-sheet.html, acessado em 12.12.10.

tenham permanecidos muito poderosos. Assim, os interesses comerciais privados e aqueles das comunidades de 'guardiões' da Internet foram adequadamente protegidos". Mas os autores assinalam que "*este não foi o caso dos interesses dos Estado-nação e da comunidade da Internet em geral. Esses são os dois aspectos mais frágeis da governança do ICANN*"[184].

Embora com o ICANN justificando esta suposta independência pela obtenção de domínios ccTLDs (*Country Code Top-Level Domain*, Domínio de Alto Nível para Código de País**)** por países com os quais os EUA possuem conflitos políticos abertos, fica claro para nós a fragilidade desta, dada a utilização da internet como forma de ampliação das relações sociais capitalistas, tendo, quase instrumentalmente, um marcado uso político para a disputa ideológica em países como Iraque, Irã e Coréia do Norte, que tiveram seus domínios liberados (.iq, .ir e .kp, respectivamente). E mesmo assim, ainda são assegurados os direitos de veto aos EUA, sendo que, última instância, depende deste a existência ou não existência na rede:

> Pelo atual acordo [de 2007, retificado], o ICANN ainda é ligado à gestão norte-americana em dois pontos. O contrato prevê que o domínio genérico ".com", mais popular do planeta, tenha aval dos Departamentos de Comércio e Justiça dos EUA, que limitam preços para defender a concorrência do setor, e que qualquer alteração no root server que possa alterar a estabilidade da rede seja comunicada ao Departamento de Comércio, que pode vetar a mudança - embora, historicamente, nunca tenha feito isto. Segundo o acordo mais recente, definido em setembro de 2006, o governo norte-americano e o ICANN se manterão conectados até o dia 30 de setembro de 2009, com possibilidade de estender a ligação por mais dois anos ou não renovar o contrato, o que faria da entidade, *tecnicamente, um órgão totalmente independente*[185].

O ICAAN define-se como "*uma entidade sem fins lucrativos de benefício público, é a organização internacional responsável por administrar e supervisionar a coordenação do sistema de nomes de domínio da Internet e seus identificadores exclusivos*", responsável por "*preservar a estabilidade operacional da Internet, promover a concorrência, obter a ampla representação das comunidades globais da Internet e desenvolver políticas apropriadas para sua missão*"[186]. A entidade irá acabar por estabelecer sua estrutura de decisões pelo sistema de *multistakeholder*, que irá agrupar na entidade, com mesmo peso, representantes da iniciativa privada, de Estados nacionais e da comunidade de usuários da internet, criando uma instância diplomática diferente da tradicional (como o modelo da ONU, considerado ultrapassado, já

---

[184]KURBALIJA, J.; GELBSTEIN, E. *Governança da internet.* Questões, atores e cisões. Disponível em http://www.diplomacy.edu/poolbin.asp?IDPool=590, acessado em 12.01.11.
[185]FELITTI, G. "IGF 2007 confirma função do ICANN, mas debate novo gerenciamento". *IDGNow!* Disponível em http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/11/19/idgnoticia.2007-11-19.8192687980, acessado em 10.11.10. Grifos nossos.
[186]ICANN. *Fatos*. op. cit.

que não abre espaço para os conglomerados transnacionais)[187]:

> A estrutura e os processos normativos da ICANN também garantem que vários níveis recebam as contribuições dos diferentes governos. A independência da ICANN favorece a resposta rápida a mudanças no cenário comercial, técnico e geopolítico da Internet e do DNS. Mesmo sendo rápido e flexível, o processo da ICANN também requer e leva em conta as sugestões de todos os grupos interessados e afetados[188].

Este sistema de representação é definido por Silva como "*multilateral, cuja responsabilidade governamental atua com atores da sociedade para um pacto global de Internet onde as correlações de forças se alteram de forma democrática, equitativa e equilibrada, igualitária com objetivo de atender as demandas da sociedade global*"[189]. Esta é uma percepção ingênua e idealista deste modelo de representação, e que mistifica o poder estadunidense, omitindo que o ICANN continua fazendo parte do seu aparato de Estado, sendo que, como já foi dito, o poder de veto dos EUA sobre a rede é o poder real sobre a existência desta. Não se pode perder a perspectiva que, em relação à internet:

> […] há 13 servidores-raiz distribuídos em todo o mundo (10 nos Estados Unidos e 3 em outros lugares; dos 10 que se encontram nos Estados Unidos, vários são operados por agências do governo estadunidense). Se um desses servidores parar de funcionar, os 12 remanescentes continuariam a funcionar. Mesmo que os 13 servidores-raiz deixassem de funcionar simultaneamente, a resolução dos nomes de domínio (principal função dos servidores-raiz) continuaria em outros servidores de domínio, distribuídos hierarquicamente por toda a Internet. Por essa razão, milhares de servidores de nomes de domínio contêm cópias do arquivo raiz da zona, e colapsos imediatos catastróficos da Internet não podem ocorrer. Levaria algum tempo antes que quaisquer conseqüências funcionais pudessem ser notadas, período durante o qual seria possível reativar os servidores originais ou criar novos[190].

O que se observa é que este suposto processo de independência, é mais dependente do que afirma-se, sendo mediado pelos termos pautados pelos EUA, e que mesmo quando ocorrem uma determinada abertura, ela não ocorre sem que com isso, deixe-se de disseminar o modelo estadunidense como padrão, o que nos faz reafirmar as considerações de Fontes quando trabalha com o que chama de teias do capital-imperialismo, constituídas por entidades

---

[187]UOL NOTÍCIAS. *Reunião mundial no Rio debate internet mais segura e democrática*. 10.11.07. Disponível em http://governanca.cgi.br/noticias/reuniao-mundial-no-rio-debate-internet-mais-segura-e-democratica-1, acessado em 12.10.10.

[188]ICANN. *Fatos*. op. cit. Grifos nossos.

[189]SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. op. cit. p. 7.

[190]KURBALIJA, J.; GELBSTEIN, E. *Governança da internet.* Questões, atores e cisões. op. cit.

supranacionais, “*modalidades de interconexão interimperialista*”, que atuam “*de maneira correlata, mas não mecanicamente conectadas a cada empresa*”[191]. Para nós, o ICANN pode ser interpretado plenamente segundo este conceito. Segundo a autora:

> Este formato associativo desigual, mas formalmente democrático no plano internacional, contribuiu para intenso desenvolvimento das forças produtivas entre as potências imperialistas ocidentais. Intensificava-se a produtividade, em parte devedora do crescimento do complexo industrial-militar e da permanência de alta belicidade contra terceiros países e assegurava-se alta lucratividade, aprofundando a concentração de capitais e *agudizando a urgência de novos âmbitos – espaciais e sociais – de reprodução ampliada* […] queremos ressaltar o quanto instituições deste tipo resultaram em formatos originais de organização econômica, política e ideológica. Não eliminavam conflitos internos, mas sua maior abrangência abriu modalidades de interconexão imperialista até então desconhecidas[192].

A tabela abaixo nos mostra a participação de conselheiros em termos de nacionalidade. Lembrando que isto não significa que sejam representantes de Estado, tal como na diplomacia tradicional, mas também de empresas e usuários oriundos destes:

TABELA 2: Participantes e ex participantes do conselho de diretores do ICANN, por país, desde 2000:

País	Diretores e contatos atuais	Ex-diretores e contatos
Estados Unidos da América	8	15
Alemanha		4
França	2	3
Brasil	1	3
Austrália	1	3
Japão		3
Canadá		3
Holanda		2
Reino Unido		2
Itália		2
Espanha		2
Chile	1	1
Irlanda	1	
México		1
Portugal		1
Áustria		1

[191]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 172.
[192]Idem. p. 173.

País	Diretores e contatos atuais	Ex-diretores e contatos
Gâmbia	1	
Senegal		1
África do Sul	1	
Quênia		1
Noruega	1	
Finlândia	1	
Letônia		1
Bulgária		1
Suíça		1
Índia	1	
Malásia		1
Nova Zelândia	1	
Hong Kong	1	
Taiwan	1	
China		1
Coréia do Sul		1

FONTE: ICANN. *Board representation by nationality*. Disponível em http://www.icann.org/en/maps/board.htm, acessado em 12.12.10.

Não há nenhuma garantia de participação popular na gestão do ICANN, mas sim, a construção e manutenção de uma rede internacional, que serve e assegura-se como mediação para diferentes interesses capitalistas. A entidade de modo algum constitui-se em tribuna aberta para discussão, até porque seus conselheiros são submetidos a indicação de seus organismos internos, e mesmo seu direito a voto passa por este crivo. O que se observa é a criação de uma rede agrupando institutos nacionais de pesquisa e desenvolvimento, empresas geradoras de tecnologia, gestores e consultores para negócios na rede, e que através de uma linguagem comum, técnica e jurídica, atuam como mediadores, formando consensos provisórios, para garantir em perspectiva global a manutenção e ampliação da exploração sobre este campo social, gerada e assegurada pelo Estados nacionais, e tendo seu epicentro no Estados Unidos. "*Para além dessas instituições oficiais e mais visíveis, como o GBM* [Grupo Banco Mundial] *ou o FMI, o procedimento se estendeu à generalização internacionalizada de outras entidades, com múltiplas funções*", sendo que "*algumas delas, mesmo com aparência e formato jurídico privado, respondiam diretamente às agências estratégicas de seus países de origem (militares, policiais, de espionagem, ou econômicas)*", cumprindo como função "*disseminar modos de agir e assegurar recursos (monetários, políticos e mesmo militares)*

para seus aliados, tanto nos países capital-imperialistas, quanto em outros países”[193]. A entidade serve como instância mediadora de conflitos entre os condutores do capital, criando uma rede que garante sua reprodução, expansão e aprofundamento. Segundo Fontes, estas entidades “*atuam no sentido de aprofundar mecanismos e regras comuns a seus interesses, ainda que aprofundando a dependência e a desigualdade entre Estados; mediam e procuram converter a cifras calculáveis os conflitos burgueses interpares*”, responsáveis por treinar, educar e incorporar “*de maneira desigual setores burgueses de diferentes países e, finalmente, para neutralizar os setores populares e as lutas (muitas vezes similares) que emergem nos diferentes países, estabelecem protocolos de atuação, tanto para o convencimento quanto para a repressão*”, e do mesmo modo buscando “*redirecionar tais reivindicações*”[194]. Isto fica claro na fala de Rod Beckstrom, Presidente e Diretor Geral do ICANN:

> Somos a personificação da Internet e compartilhamos o que poderia ser chamado de uma dualidade central: uma infraestrutura e também um conjunto de valores. Ao mesmo tempo, uma construção de engenharia. De fato, um milagre da engenharia, se considerarmos as vinte milhões de vezes por segundo que o sistema DNS é usado, no mundo inteiro, por segundo - vinte milhões - quarenta milhões - bem, dá para ter uma ideia. Somos uma organização baseada em valores. A própria Internet é uma construção e uma visão. Em ambos os casos, miraculosa[195].

E por fim, nos cabe apontar sobre as tentativas já existentes para afastar a rede desta governança, a mais promissora destas é a Free Net desenvolvida por Ian Clarke[196], que já é distribuída para uso, mas possui uma série de problemas de *interface*, e o P2PDNS, cujo desenvolvimento é liderado por Peter Sunde, porta-voz do Pirate Bay. O projeto ganhou impulso como resposta à aprovação da *Combating Online Infringement and Counterfeits Act* (Lei de Combate à Violação *Online* e Falsificações), aprovado pelo comitê jurídico do Senado estadunidense, cujo conteúdo permite ao governo dos EUA desligar *sites* suspeitos de manterem conteúdo ilegal e abre caminho para o DoD, “*através de ordens judiciais, obrigar os ISP* [servidores de serviço de internet] *a redireccionarem o tráfego de clientes para fora de sites estrangeiros*”. O P2PDNS é um servidor raiz alternativo, com a intenção de se construir um novo sistema de DNS, cujo objetivo maior seria manter a Internet sem censura. Sua infraestrutura será baseada em BitTorrent. “*O objectivo é desenvolver um sistema capaz de merecer a maior confiança do que o DNS existente. Actualmente, há já código desenvolvido*

---

[193]FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 172.
[194]Idem. p. 176.
[195]BECKSTROM, R. *O futuro da ICANN*. Fala de abertura do *Primeiro fórum .ORG anual*. Washington, 28.01.10. Disponível em http://www.icann.org/pt/presentations/future-of-icann-beckstrom-28jan10-pt.htm, acessado em 16.10.11.
[196]FREE NET PROJECT. *Home*. Disponível em http://freenetproject.org/, acesssado em 20.02.12.

que é uma prova de conceito e um RFC (Request for Comments) está a caminho"[197], mas mesmo com seu desenvolvimento adiantado, ainda não há previsão para sua plena utilização.

Até este momento vimos que o desenvolvimento tecnológico e científico no capitalismo, desde sua concepção até suas consequências, não ocorrem dissociados da materialidade das relações sociais e econômicas que os engendram. *Queremos deixar claro que a tecnologia e a ciência, possuem um caráter classista, portando interesses objetivos das classes que fornecem as condições para o seu desenvolvimento, cumprindo funções específicas para o processo total de reprodução das relações sociais capitalistas*. Afirmar que a tecnologia não possui "*função de um propósito social pré-determinado: são parte do contexto histórico em meio ao qual a vida é articulada*"[198], linha defendida por autores como Andrew Feenberg, é defender que o livre mercado seria capaz de dotar o campo de produção do conhecimento científico de uma autonomia plena para todo o processo de pesquisa e desenvolvimento, exceto, e aí vindo a tornar-se determinante, em relação ao consumo do produtos que este desenvolve. Esta falsificação sobre a autonomia do campo de produção tecnológico perante a sociedade é o marco constitutivo que implica a neutralidade em seu uso – problema grave que se apresenta para a classe trabalhadora, por exemplo, na ocupação de fábricas[199] – a fetichização da tecnologia como racionalidade técnica, não social e transhistórica[200]. Como nos avisa Marx:

> A natureza não constrói máquinas, locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, selfatinas, etc. São produtos da industriosidade humana; materiais naturais transformados em órgãos da vontade humana sobre a natureza, ou da participação humana na natureza. *São órgãos do cérebro humano, criados pela mão humana*; o poder do conhecimento, objetivado. O desenvolvimento do capital fixo indica o grau geral em que o conhecimento social se tornou força direta da produção, e a que grau, consequentemente, as próprias condições do processo da vida social têm sido produzidos, não apenas na forma do conhecimento, mas também como órgãos imediatos da prática social, do processo real de vida[201].

O desenvolvimento tecnológico, possui um duplo desdobramento: primeiro, sua

[197]NÓBREGA, J. "Alternativa P2P tenta desafiar ICANN". *Computerworld.com.pt*. 30.11.10. http://www.computerworld.com.pt/2010/11/30/alternativa-p2p-tenta-desafiar-icann, acessado em 12.12.10.
[198]RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura*: perspectivas, questões e autores. op. cit. p. 68.
[199]Para fins de introdução sobre esta discussão ver NOVAES, H. T. *O fetiche da tecnologia*. A experiência das fábricas recuperadas. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
[200]MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 528.
[201]MARX, K. "Grundisse. Foundations of the critique of political economy (rough draft)". Harmondsworth: Penguin Books; New Left Review, 1974. p. 706. *apud* BRYAN, N. A. P. "Educação, trabalho e tecnologia em Marx". *Educação & Tecnologia*. nº. 1. Disponível em http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1010, acessado em 10.10.11.

apropriação como maquinaria, como capital fixo ou constante, que nos "*indica o grau geral em que o conhecimento social se tornou força direta da produção*", e em seguida, sobre "*as próprias condições do processo da vida social têm sido produzidos*", ou seja, não só na produção deste conhecimento, "*mas também como órgãos imediatos da prática social, do processo real de vida*"[202]. Então, antes de perguntar-nos sobre as possibilidades em disputa sobre a apropriação de determinada tecnologia, temos sempre ter em mente que sua constituição está historicamente ligada à *fórmula da maquinaria*, que busca:

> […] não a diminuição relativa *da jornada individual de trabalho* — jornada esta que é parte necessária da jornada de trabalho mas a redução da *quantidade de trabalhadores*, isto é, das muitas jornadas paralelas, formadoras de uma jornada coletiva de trabalho, fundamental à constituição da maquinaria. Em outros termos, uma quantidade determinada de trabalhadores é posta para fora do processo de produção e seus postos de trabalho extintos como sendo, ambos, inúteis à produção de mais-trabalho. Tudo isso abstraindo da eliminação daquelas especializações surgidas mediante a divisão do trabalho de onde resulta, por conseqüência, uma depreciação da própria capacidade de trabalho […] A oposição entre capital e trabalho assalariado desenvolve-se, assim, até sua plena contradição. É no interior desta que o capital aparece como meio não somente de depreciação da capacidade viva de trabalho, mas também como meio de tomá-la *supérflua*. Em determinados processos isso ocorre por completo; em outros, esta *redução* se efetua até que se alcance *o menor número* possível no interior do conjunto da produção. O trabalho necessário coloca-se, então, imediatamente como população *supérflua*, como excedente populacional — aquela massa incapaz de gerar mais-trabalho[203].

Ao impor a ciência à produção, à divisão social do trabalho, o capitalismo expropria o conhecimento do trabalhador manual sobre seu trabalho, atribuindo ao trabalhador intelectual, o especialista, o conhecimento autorizado sobre a máquina (embora efetivamente nem o trabalhador intelectual, e muito menos o patrão, seja dotado da experiência na utilização da maquinaria, o que é constantemente reafirmado pelos trabalhadores durante as "operações padrão", ou seja, ao atuar segundo as indicações do patrão e do especialista atrasam consideravelmente o ritmo da produção). Isto aprofunda a divisão social do trabalho, separando concepção e execução, os trabalhadores manuais e intelectuais, mesmo que o produto final (expropriado do trabalhador pelo patrão) seja resultado de um trabalhador coletivo. Ou seja, *a autonomia relativa do campo de produção tecnológica explicita o*

---

[202]MARX, K. "Grundisse. Foundations of the critique of political economy (Rough draft)". Harmondsworth: Penguin Books; New Left Review, 1974. p. 706. *apud* BRYAN, N. A. P. "Educação, trabalho e tecnologia em Marx". *Educação & Tecnologia*. op. cit.
[203]MARX, K. "Maquinaria e trabalho vivo (os efeitos da mecanização sobre o trabalhador)". *Crítica Marxista*. nº. 1. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/CM_1.7.pdf, acessado em 11.10.11.

engendramento da tecnologia na forma e nos propósitos da classe dominante: "*a tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração de técnicas*"[204]. O desenvolvimento tecnológico altera o próprio processo real de vida, *as condições de produção do processo da vida social*, a tecnologia insere-se diretamente no mundo da produção, o que também significa que terá um papel mediador, um desdobramento indireto na reprodução das relações sociais determinadas pela organização social de produção. Nesta consideração a superestrutura não é uma instância deslocada da base, e muito menos uma simples emanação desta, como se esta fosse uma relação mecanicista, ela é uma metáfora que indica a relação dialética e histórica entre o mundo material e suas formas espirituais – indicando que esta separação é metodológica, na realidade este processo ocorre de maneira orgânica. Ela é a mediação ideológica que tem como chão social as relações de produção – neste sentido, podemos considerá-la como parte da *ideologia histórica* que engendra os indivíduos, mediando suas possibilidades de ação.

Então, em relação à internet temos que diferenciar *suas formas e seu conteúdo*. Sua *forma*, como parte do desenvolvimento total tecnológico, não escapa a determinação do mercado, pois fazem parte de um sistema onde mercadorias são produzidas através de mercadorias[205]. Por *formas materiais* entendemos o conjunto total de produtos tecnológicos que possibilitam sua utilização: computadores, *tablets*, celulares, modems, roteadores, processadores, etc.; e a totalidade da rede de telecomunicações: linhas telefônicas, redes de fibra óptica, satélites, super servidores, etc. Mas a forma não resume-se somente ao aspecto material, pois também engendra as *formas virtuais*, como sistemas operacionais, navegadores, protocolos, etc., e também formas menores, de formatação dos diversos objetos necessários para a existência do conteúdo na internet, como vídeos, tabelas, planilhas, etc. Em síntese, as formas, em toda sua diversidade, *irão permitir e determinar a existência do conteúdo na internet*.

Em relação às formas, estas são fortemente condicionadas pelas relações de produções de determinado período histórico, tanto em seu desenvolvimento quanto em sua utilização. Ou seja, a informação está ligada diretamente às inovações na produção, na produtividade e na competitividade, que no caso da tecnologia da informação é a chamada "ponta" que atua primeiro na obsolescência programada, a necessidade do nascer e morrer de mercadorias em tempo quase instantâneo, que como já vimos, é a forma normal de submissão da indústria ao

[204]MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 19.
[205]SRAFFA, P. *Produção de mercadorias por meio de mercadorias*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

mercado financeiro no capital-imperialismo. Um paralelo possível é com o livro como suporte material, cuja produção, impressão, distribuição, etc. coloca-se disposto na lógica do mercado editorial – lembrando da forte regulamentação estatal em relação a história desta produção material, cuja apropriação pelas classes subalternas ocorreu através do alinhamento e desenvolvimento posterior da forma desenvolvida para o uso dos dominantes.

E o que chamamos de *conteúdo*, refere-se ao *conjunto total das possibilidades de interações comunicativas humanas mediadas e permitidas pelas formas (material e virtual) da tecnologia*. Esta definição extrapola a referencia à internet como uma nova mídia, já que permite a mediação de um sem número de usos comunicativos (seja no que refere-se às capacidades já instaladas como forma, a *Web* 2.0 por exemplo, ou outras ainda em caráter exploratório, como a *Web* 3.0), cuja definição por abrangência, multimidiática, acaba por não ser definida pela imposição de uma mídia sobre outra, mas a interconexão destas. Deste modo em vez de uma descrição que pode estar tornando-se obsoleta enquanto estas linhas são escritas, preferimos uma abordagem ampla para esta definição, ou seja, *todas as possibilidades comunicativas permitidas (ou mediadas) pelas formas*. Obviamente, não há como definir limites exatos entre as formas virtuais totalizantes (ao contrário das reais) e as formas menores, as *formas de mídia ou objetos*, que permitem a ação comunicativa mediada e o conteúdo neste caso, pois possuem uma relação dialética de dependência em seu desenvolvimento e utilização – mas é por esta cisão metodológica que poderemos indicar algumas possíveis relações desenvolvidas pelos indivíduos e a rede. Do mesmo modo podemos prosseguir com nosso paralelo com a produção material dos livros, mas agora abordando seu conteúdo. Segundo Terry Eagleton:

> Seria um erro insinuar que a crítica marxista se move mecanicamente do "texto", para a "ideologia", para as "relações sociais" e então para "as forças produtivas". Ela lida, em vez disso com a unidade desses "níveis da sociedade". É verdade que a literatura faz parte da superestrutura, mas ela não é apenas um reflexo passivo da base econômica. Engels esclareceu esse ponto em uma carta a Joseph Bloch em 1890 […] A intenção de Engels é negar a existência de qualquer correspondência mecânica e biunívoca entre a base e a superestrutura; os elementos da superestrutura reagem constantemente à base econômica e o influenciam. A teoria materialista da História nega que a arte possa, por si só, mudar o curso da História; mas ela insiste que a arte pode ser um elemento ativo em tal mudança. Na verdade, quando Marx se propôs a refletir sobre a relação entre a base e a superestrutura, ele escolheu justamente a arte como exemplo do caráter complexo e indireto desta relação[206].

Mesmo determinado pelo mercado em sua constituição, a forma que adquire e os

---

[206]EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: UNESP, 2011. p. 24-25.

balizamentos que integra como parte de determinado período histórico, o conteúdo do livro conhece uma autonomia maior que o mero reprodutor da hegemonia burguesa, até porque esta burguesia é fracionada, possuindo representações distintas de seu lugar na sociedade. Seguindo a discussão de Eagleton, "*a arte encontra-se imersa em ideologia, mas também consegue distanciar-se dela, a ponto de nos permitir 'sentir' e 'observar' a ideologia de onde surge*". Sendo que a diferença entre ciência e arte, "*não é que elas lidam com objetos de estudo diferentes, mas que lidam com os mesmos objetos de modo diferente*", enquanto "*a ciência nos fornece conhecimento conceitual de uma situação; a arte nos proporciona a experiência dessa situação, que é equivalente à ideologia. Mas ao fazer isso, ele nos permite 'ver' a natureza dessa ideologia*", deste modo encaminhando o sujeito "*ao entendimento completo da ideologia, que é o conhecimento científico*"[207].

Este espaço abre a possibilidade da disputa, através do acesso direto das classes subalternas ao consumo e à produção de bens culturais, de propaganda, de organização, agindo tanto sobre o conteúdo quanto a forma, de modo mais incisivo sobre as formas virtuais[208]. As possibilidades contra hegemônicas através da utilização da rede são tratadas pelos EUA como uma questão política relativa à manutenção da ordem econômica, atentando contra a "liberdade" do livre mercado, pensada em termos geralmente geopolíticos. Dada esta importância, os EUA atuam na manutenção de seu poder *nas duas frentes*. Uma fala de John Serabian Jr., gerente para questões de operação de informação da CIA (*Central Intelligence Agency*, Agência Central de Inteligência estadunidense) nos permite visualizar isto:

> O diretor da CIA, George Tenet, no início deste mês [Janeiro de 2000] testemunhou perante o Comitê de Inteligência do Senado em sua conferência anual de ameaças mundiais instruindo que a ameaça cibernética estrangeira é uma das principais questões transnacionais que enfrentamos como nação. Em seu testemunho, ele observou que os EUA estão cada vez mais dependentes "... do fluxo livre e seguro da tecnologia. Qualquer adversário, estrangeiro ou doméstico, que desenvolver a habilidade para interromper este fluxo "... irá ter o potencial para nos enfraquecer dramaticamente ou mesmo nos tornar desamparados." Os recentes ataques ao e-commerce enfatizam este ponto. Seja qual for suas motivações, os atacantes tiraram a ameaça do reino do abstrato e a fizeram real. O DCI [*Director of Central Intelligence*, Diretor de Inteligência Central] em seu testemunho enfatizou que " … como em tantas áreas nesta era tecnológica, nós estamos verdadeiramente em uma corrida com a tecnologia em si"[209].

---

[207]EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. op. cit. p. 39.

[208]Sobre isto ver: SMANIOTTO, M. A. "*Software* livre e possibilidades contra-hegemônicas". *Anais IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt2/12_MarcosSmaniotto.pdf, acessado em 20.02.12.

[209]"*The Director of Central Intelligence, George Tenet, earlier this month testified before the Senate Select Committee on Intelligence in his annual worldwide threat briefing that the foreign cyber threat is one of the key*

Ao referir-se ao livre fluxo das informações como correspondente ao fluxo do livre mercado, Serabian enfatiza que a forma pelas quais o mercado *online*, e implicitamente o financeiro depende do controle do desenvolvimento das formas, a necessidade de sempre estar um passo a frente em termos de segurança, proteção contra o desenvolvimento desta por outros atores políticos. Este movimento abre para a maior de todas as novas demandas virtuais, o do mercado de segurança. O desenvolvimento deste setor de exploração na rede irá ocorrer dentro da mesma lógica de entrelaçamento entre Estados e a iniciativa privada do complexo industrial-militar-acadêmico. "*Tivemos a Guerra Fria, a guerra contra o terrorismo... agora temos a guerra dos códigos*"[210], ou seja, uma guerra pela utilização política e econômica desta própria tecnologia. Prossegue sua fala apontando que o "*maior desafio na próxima década*" será "*encontrar caminhos para defender nossa infraestrutura e proteger nosso comércio enquanto mantemos uma sociedade aberta*"[211]. Para tanto esta defesa não se resume a CIA, mas envolve uma articulação de todas as agências de Estado, como o NIPC (*National Infrastructure Protection Center*, Centro de Proteção de Infraestrutura Nacional), instância do FBI (*Federal Bureau of Investigation*, Bureau Federal de Investigações) com suporte da CIA, em "*avaliar estas ameaças através de todo o espectro de atores estatais e não estatais*"[212]. Isto porque "*ao contrário das ameaças da guerra fria, ameaças cibernéticas podem vir de quase todo lugar. Elas podem se originar de qualquer localização, afetar sistemas em qualquer lugar do mundo, disfarçar as origens e rotas de viagem, e fazer tudo isso instantaneamente*"[213].

---

transnational issues that we face as a nation. In that testimony he noted that the U.S. is increasingly dependent on '... the unimpeded and secure flow of technology.' Any adversary, foreign or domestic, that develops the ability to interrupt that flow '... will have the potential to weaken us dramatically or even render us helpless.' The recent e-commerce attacks underscore this point. Whatever their motivation, the attackers have taken the threat out of the realm of the abstract and made it real. The DCI in his testimony emphasized that ' ... as in so many areas in this technological age, we are truly in a race with technology itself'". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. 23.02.00. Disponível em https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2000/cyberthreats_022300.html, acessado em 10.10.10. Tradução nossa.

[210]Declaração de Cofer Black, ex agente da CIA em 03.08.11. R7. *Confrontos virtuais vão substituir a guerra fria, diz ex-agente da CIA*. Governos ainda discutem represálias aos ataques virtuais. Disponível em http://noticias.r7.com/internacional/noticias/confrontos-virtuais-vao-substituir-a-guerra-fria-diz-ex-agente-da-cia-20110803.html, acessado em 16.10.11.

[211]"*A major challenge in the next decade will be to find ways to defend our infrastructure and protect our commerce while maintaining an open society*". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

[212]"*I want to emphasize our need to evaluate this threat across the full spectrum of state and non-state actors, recognizing that proliferation of malicious capabilities exists at every level and across an equally broad range of potential targets. In light of the sophistication of many other countries and non-state actors in programming and Internet usage, the threat to our information systems has to be viewed as a factor requiring considerable attention by every agency of government*". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

[213]"*Thus, unlike the threats of the cold war, cyber threats can come from almost anywhere. They can originate*

Este discurso indica a metodologia adotada pelos EUA em relação aos seus "inimigos", que quaisquer sejam suas motivações, são enquadrados como atores estatais e não estatais. Os inimigos estatais seriam os "*muitos dos países cujos programas de guerra cibernética nós* [já] *seguimos*", e que seriam – no original, *são*, tratando qualquer espectro de ameaça como realidade indubitável – "*os mesmos que, em um confronto militar convencional com os Estados Unidos, não iriam triunfar*". Sendo que então para estes países "*os ataques cibernéticos, lançado de dentro ou de fora dos EUA, contra os sistemas informáticos públicos e privados nos EUA*", que seriam necessários "*para nivelar o campo de jogo durante uma crise armada contra os Estados Unidos*"[214]. Seriam então relevantes declarações feitas por militares estrangeiros:

> Em uma entrevista um oficial Russo sênior comentou que um ataque contra um alvo nacional, como transportes ou o sistema de distribuição de energia iria – e eu cito – "... em virtude de suas conseqüências catastróficas, iria coincidir completamente com o uso de [armas] de destruição em massa ". Um General Chinês em 1996 indicou em uma publicação militar que em futuras guerras computadores seriam vulneráveis em três maneiras. "Nós podemos fazer os centros de comando do inimigo não funcionarem alterando seu sistema de dados. Podemos fazer o "quartel-general" do inimigo fazer o julgamento incorreto enviando desinformação. Podemos dominar o sistema bancário do inimigo e até mesmo a sua ordem social como um todo." Como esses casos ilustram, o campo de batalha da era da informação certamente incluiria ataques contra nossa infraestrutura nacional[215].

Os atores não estatais considerados (e tratados) como ameaças eminentes seriam essencialmente terroristas – mesmo que se qualifique de modo distinto os diferentes atores, o modo de se operar em relação a todos é o mesmo. "*Alguns podem ser alinhadas com cultos ou*

---

from any location, affect systems anywhere in the world, disguise origins and travel routes, and do it all instantaneously. CIA focuses on threats overseas, but it is often difficult until very late in a given scenario to know whether an attack ultimately originated overseas or if an overseas computer is merely an intermediate step". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

[214]"*Many of the countries whose cyber warfare programs we follow are the same ones that realize that, in a conventional military confrontation with the United States, they will not prevail. These countries perceive that cyber attacks, launched from within or outside the U.S., against public and private computer systems in the U.S., represent the kind of asymmetric option they will need to level the playing field during an armed crisis against the United States*". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

[215]"*In an interview a senior Russian official commented that an attack against a national target such as transportation or electrical power distribution would - and I quote - ". . . by virtue of its catastrophic consequences, completely overlap with the use of [weapons] of mass destruction." A Chinese General in 1996 indicated in a military publication that in future wars computers would be vulnerable in three ways. "We can make the enemy's command centers not work by changing their data system. We can cause the enemy's headquarters to make incorrect judgment by sending disinformation. We can dominate the enemy's banking system and even its entire social order." As these anecdotes illustrate, the battle space of the information age would surely include attacks against our domestic infrastructure*". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

grupos do ódio, e outros ainda podem ser patrocinados por empresas industriais estrangeiras que tentam roubar informações confidenciais de seus concorrentes". Então, "*terroristas e outros atores não estatais têm vindo a reconhecer que as armas cibernéticas podem lhes oferecer então novas ferramentas, de baixo custo, e fáceis de esconder para apoiar as suas causas*"[216]. Sendo que, estes "*já fazem uso da Internet para comunicar-se, levantar fundos, recrutar e coletar informações de inteligência*"[217]. Entre os diversos grupos que já utilizaram plenamente a rede, citam-se o Hezbollah, o Hamas e Al´Qaeda, e outros exemplos como:

> Um grupo que se denomina Tigres Negros da Internet assumiu responsabilidade pelos ataques em Agosto de 1998 no sistema de e-mails dos postos diplomáticos do Sri Lanka pelo mundo, incluindo aqueles nos Estados Unidos. Simpatizantes do Terceiro Mundo dos rebeldes Mexicanos Zapatistas tiraram do ar páginas da web pertencentes a instituições financeiras mexicanas. Enquanto este ataque não resultou em dano para os alvos, foi considerado um sucesso pelos ativistas e foram utilizados para gerar propaganda e angariar simpatizantes. Separatistas curdos na Grécia e Turquia, separatistas da Caxemira e rebeldes Zapatistas no México também hackearam páginas oficiais do governo na web e postaram nelas propaganda antigovernamental e fotos[218].

O reconhecimento das possibilidades contra hegemônicas, mesmo que resumindo os mais diversos grupos como terroristas, para um combate comum e unificado, nos aponta para as possibilidades que o uso da rede poderia oferecer para a construção coletiva de projetos de sociedade alternativos. Como Robert S. Mueller, diretor do FBI, explana com preocupação em um de seus discursos, "*a Internet se tornou a plataforma primária para comunicação. Ela também se tornou uma ferramenta para disseminar propaganda extremista, e para recrutamento de terroristas, treinamento e planejamento*". Dentre seus diversos usos, ela possibilita a construção de uma "*rede social para os extremistas semelhantes*

[216]"*Some may be aligned with cults or hate groups, and still others may be sponsored by foreign industrial concerns attempting to steal proprietary information from competitors. Terrorists and other non-state actors have come to recognize that cyber weapons offer them new, low-cost, easily hidden tools to support their causes*". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

[217]"*Terrorists and extremists already use the Internet to communicate, to raise funds, recruit, and gather intelligence. They may even launch attacks remotely from countries where their actions are not illegal or with whom we have no extradition agreements*". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

[218]"*A group calling themselves the Internet Black Tigers took responsibility for attacks in August 1998 on the email systems of Sri Lankan diplomatic posts around the world, including those in the United States. Third-country sympathizers of the Mexican Zapatista rebels crashed web pages belonging to Mexican financial institutions. While such attacks did not result in damage to the targets, they were portrayed as successful by the activists and used to generate propaganda and rally supporters. Kurdish separatists in Greece and Turkey, Kashmiri separatists in India, and Zapatista rebels in Mexico have also hacked official government Web pages and posted anti-government propaganda and pictures*". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

intelectualmente... incluindo aqueles que ainda não radicalizaram, mas que podem tornar-se [radicais] *através do anonimato do ciberespaço*". E finaliza categórico: "*em outras palavras, a Internet se tornou um facilitador – e até um acelerador – para a atividade terrorista e criminosa*"[219].

Obviamente, não compartilhamos a caracterização superficial destes diversos grupos (por eles tomada como fato), o que segundo Enrique Padrós é característico das próprias fontes oficiais, "*cuja lógica interna (informação, contra-informação, pontos de vista, etc.) pode capturar o leitor desatento prejudicando seu discernimento quanto à avaliação dessa documentação específica levando-o a uma aceitação tácita de que o seu conteúdo é expressão imediata de veracidade*"[220], sendo que mesmo quando há indicações tomadas como verdadeiras, advindas do senso comum, ou de posições midiáticas de massa, trata-se de uma caracterização primária, definida por interesses imediatos. Também não concordamos com a naturalização da rede como instrumento primário de comunicação, o que pode ser objetivamente levantado na possibilidade de acesso ao *hardware* e à própria rede, mas aqui é importante apontar que toda preocupação estadunidense em regular, dar forma e manter o controle direto sobre este espaço social tem uma justificativa clara, a de reproduzir e aprofundar as relações sociais vigentes sob o capitalismo, tendo preocupações tanto em relação a sua posição como nação hegemônica quanto o acirramento da luta de classes dentro das formações sociais. Como já escreveu Antonio Gramsci:

> As relações internacionais precedem ou seguem (logicamente) as relações sociais fundamentais? Indubitavelmente seguem. Toda inovação orgânica na estrutura modifica organicamente as relações *absolutas* e *relativas* no campo internacional, através de suas expressões técnico-militares. Até mesmo a posição geográfica de um Estado nacional não precede, mas segue (logicamente) as inovações estruturais, ainda que reagindo sobre elas em certa medida (exatamente na medida em que as superestruturas reagem sobre a estrutura, a política sobre a economia, etc.). De resto, as relações internacionais reagem passiva e ativamente sobre as relações políticas (de hegemonia dos partidos)[221].

Então para nós, não significa que a internet seja instrumento direto para a dominação

---

[219]"*The Internet has become a primary platform for communication. It has also become a tool for spreading extremist propaganda, and for terrorist recruiting, training, and planning. It is a means of social networking for like-minded extremists...including those who are not yet radicalized, but who may become so through the anonymity of cyberspace. In other words, the Internet has become a facilitator—even an accelerant—for terrorist and criminal activity*". MUELLER, R. S. III. *Countering the terrorist threat*. Preparedness group conference. 06.10.10. Disponível em http://www.fbi.gov/news/speeches/countering-the-terrorism-threat, acessado em 12.11.10. Tradução nossa.
[220]PADRÓS, E. S. "História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos". *Tempo e argumento*. nº. 1. Disponível em http://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/708/599, acessado em 12.12.10.
[221]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 20.

imperialista de um único país, mas que seu uso atual é majoritariamente voltado para a reprodução ampliada do capital-imperialismo, expropriando e expandindo as relações sociais capitalistas para praticamente todas as localidades que ainda conseguiam resistir a sua plena inserção no sistema dominante. Como situa Dênis de Moraes:

> O sistema tecnológico incorpora ao capitalismo a sua lógica expansiva, caracterizada pela contínua integração dos fluxos de informação em um sistema comum de altíssima velocidade, a um custo decrescente (em boa parte assegurada pela redução da força de trabalho em face da introdução de tecnologias de ponta). É por meio da absorção de privilegiados que as forças do capital garantem o monopólio de acesso a conhecimentos essenciais à volatilidade das transações financeiras e à constituição de dividendos competitivos. A fluidez informativa possibilitada pelas tecnologias, portanto, não representa um bem comum e não desfaz, por si só, exclusões na periferia do capitalismo. Apenas grandes empresas e instituições hegemônicas têm a prerrogativa de utilizá-la extensivamente em função de seus interesses particulares[222].

Sua ampliação da rede mundial de computadores, como parte do amplo desenvolvimento das tecnologias de informação, garantiu diretamente a mundialização do capital monetário, tornando acessível o investimento em todas as bolsas de valores e investimentos do mundo para qualquer capitalista, atuando diretamente na predominância do capital portador de juros sob o capital funcionante. Como parte do complexo militar-industrial-acadêmico garantiu a plena subalternização à tecnologia produzida nos países capitalista avançados, diretamente tributária do investimento estatal. Funciona ampliando a demanda do complexo, que serve por si só como elemento de contenção para as crises de superprodução, no que também participa através das estratégias de manipulação de demanda, através da obsolescência programada. Serve como peça crucial para a ofensiva do capital contra o trabalho, como parte do movimento maior de expropriações secundárias, servindo como modo operacional para a reestruturação produtiva tanto no setor primário como secundário da economia. Serve como fio condutor para a disseminação ideológica de todo um modo de ser, hegemonia que mesmo em disputa, ocorre em condições altamente desiguais – esta disseminação hegemônica de modo algum se faz em cisão ao elemento coercitivo, visto os ataques desencadeados pela guerra cibernética e o controle direto da tecnologia pelos Estados Unidos (o que não deve presumir que não há conflitos postos neste controle), como tratados aqui acerca da internet, mas que poderia também ser expandido para o sistema de

[222]MORAES, D. de. “Mídia e poder mundial”. *História e Luta de Classes*. nº. 2, fevereiro, 2006. Disponível em http://site.projetoham.com.br/arquivos/revistas/2.Linguagem%20Comunicacao%20e%20Cultura.edicaocompleta.pdf, acessado em 13.10.11.

GPS (*Global Positioning System*)[223].

[223]Seu predomínio é evidente na relação das línguas mais utilizadas na rede (por milhões de usuários): 1º Inglês: 536,6; 2º Mandarim: 444,9; 3º Espanhol: 153,3; 4º Japonês: 99,1; 5º Português: 82,5; 6º Alemão: 75,2; 7º Árabe: 65,4; 8º Francês: 59,8; 9º Russo: 59,7; 10º Coreano: 39,4; Total das outras línguas: 350,6. INTERNET WORLD STATS. *Internet world users by language*. Disponível em www.internetworldstats.com/stats7.htm, acessado em 10.09.10.

3. A INTERNET NO BRASIL:

"*Por que o computador/Pode chegar ao sertão/E na internet não/Tem lugar pra rimador?* [...] *Quero o futuro no páreo/Mas não esqueço o passado*".

Walter Medeiros. *A peleja do cordel de feira com a internet*.

Neste capítulo iremos abordar a entrada e expansão da rede mundial de computadores no Brasil, focando a utilização política da tecnologia como parte do processo de constituição da hegemonia ultraliberal, a governança da rede através do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), a expansão de seu alcance pelo território e utilização pela população. Entendemos o Estado capitalista como uma condensação material de uma relação de forças, ou seja, perpassado pela luta entre as classes e frações de classes[224], o que impede que o tornemos sujeito histórico ou como mero "instrumento". Sua materialidade institucional é marcada pelas relações sociais de produção e pela divisão social do trabalho, contradições que são inseridas em sua própria estrutura. Assim, o Estado também torna-se um produtor de hegemonia, e conta com determinada "autonomia relativa", seja por sua linguagem, tempo e agentes próprios (a elite política e a burocracia), seja por ter o poder de delimitar as formas da exploração, o que só é possível através de seu conjunto de aparelhos sustentados pela divisão entre trabalho manual e intelectual, e a atuação orgânica deste último com a dominação política – processo de "*legitimação de práticas do Estado e de seus agentes como portadores de um saber particular, de uma racionalidade intrínseca... A apropriação da ciência pelo capital se faz certamente na fábrica, mas igualmente pelo Estado*"[225].

No Brasil, a internet chega graças a iniciativas isoladas de pesquisadores universitários pertencentes a instituições como a Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)[226], que a partir de 1987 começaram a construir redes que os ligavam ao BITNET estadunidense[227] – estes pesquisadores e instituições irão ser tratadas como os "pioneiros" da rede no país, em tentativa de assim se afirmarem como agentes competentes para atuarem politicamente em todo o processo. A rede só irá tornar-se objeto de uma política estatal específica em 1990, quando o Ministério da Ciência e Tecnologia lança a RNP (Rede Nacional de Ensino e Pesquisa), que irá disseminar o primeiro *backbone* nacional no ano

---

[224]POULANTZAS, N. *O Estado, o poder, o socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 185.
[225]Idem. p. 64.
[226]CARVALHO, M. L. B. de. *Linha do tempo da internet no Brasil*. Disponível em http://homepages.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/Brasil.html, acessado em 20.10.10.
[227]SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. op. cit. p. 200-210.

seguinte, sendo que em 1993, este já conectava onze Estados da federação a velocidades mínimas de 9.600 bits por segundo, em grande medida impulsionados por investimentos feitos em relação à rede para organização da *Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e o desenvolvimento* em 1992 no Rio de Janeiro (mais conhecida como ECO 92). No ano de 1995,

> cerca de 400 instituições de ensino e pesquisa do país se ligaram em rede, incluindo a maioria das universidades e institutos de pesquisa governamentais; Estimativa: 60.000 usuário ativos para uso acadêmico; Segundo as estimativas da época, mais de 10.000 hosts estavam interligados em rede no Brasil. Adotada a premissa de que cada host era utilizado por seis usuários, o número total de usuários ativos era estimado em 60 mil, primariamente para uso acadêmico[228].

Em abril do mesmo ano, dois anos após a liberação nos EUA para a exploração comercial, o mesmo ocorre no nosso país. Esta abertura foi considerada estratégica para a ampliação da capacidade da rede: "*Essa 'privatização' da rede, ao contrário do que ocorreu nos EUA, deu-se, no Brasil, como se fosse algo natural, sem maiores discussões sobre serviço público, universalização ou os termos que tradicionalmente animam o debate político nacional sobre comunicação*"[229]. Esta desdobrou-se pela ampliação e reconfiguração do RNP em um *backbone* de uso misto (comercial e acadêmico). Com destaque para a iniciativa privada, já que existiam onze empresas participando do servidor www da Embratel:

> A espinha dorsal da RNP previu pontos de presença em todas as capitais do país, ligação entre as capitais geradoras de maior tráfego a velocidades de 2Mbits/seg (em substituição aos 64Kbits/seg anteriores) e transformação das ligações de 9.6 Kbits/seg em ligações a 64K bits/seg. Para complementar a conectividade na região amazônica, incluindo as cidades Tefé (AM), Cáceres (MT), Santarém e Marabá (PA), Alcântara (MA) e Fernando de Noronha (PE), o MCT estabeleceu um convênio com o Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal[230].

O crescimento posterior da rede é relegado para o mercado, através das privatizações e em menor parte pela ampliação dos *backbones* privados, embora sua estrutura continue vinculada a governança da internet e às políticas públicas de comunicação. Em 2012 existem seis *backbones* nacionais: a RNP, a Embratel, o Banco Rural, a Unisys, a Global-One e a IBM (que inicia baseada nos EUA). Mas como Carlos Afonso aponta, em artigo de 2000, essa ampliação não ocorreu em termos de democratização:

---

[228]CARVALHO, M. L. B. de. *História da internet Brasil*. op. cit.
[229]BOLAÑO, C. R. S.; CASTAÑEDA, M. V. *A economia política da internet e sua crise*. op. cit.
[230]CARVALHO, M. L. B. de. *História da internet Brasil*. op. cit.

> Tal como todos os outros recursos brasileiros, a infraestrutura básica para a disseminação da Internet é restrita aos principais municípios e prioriza as camadas mais abastadas da sociedade, tendo como paradigma de utilização o acesso individual que reproduz nossa política de transportes. Tal como esta é feita para quem tem carro, nossas “autopistas da informação” são feitas para quem tem microcomputador, linha telefônica e dinheiro para pagar o acesso à Internet – ou seja, para os ricos. Dos mais de cinco mil municípios brasileiros, menos de 300 (ou menos de 6%) conta com a infraestrutura mínima necessária para que possam ser instalados serviços locais de acesso à Internet. Os cerca de cinco milhões de usuários da Internet no Brasil são menos de 3% de nossa população. O Brasil é de longe o pior colocado em números per capita de usuários, computadores pessoais, linhas telefônicas e servidores Internet (hosts) entre as nove maiores economias do mundo. Os circuitos que conectam os provedores de serviços à Internet estão entre os mais caros do mundo, inviabilizando o pequeno provedor de serviços em áreas menos ricas. Não há no país nenhum plano em escala nacional para implantar mecanismos efetivos e abrangentes de democratização de acesso, como telecentros em áreas, cidades ou bairros de menos recursos, conexão maciça de escolas públicas, programas de treinamento básico, pesquisa em alternativas de conexão a baixo custo etc. Um amplo programa poderia ser realizado em menos de dois anos gastando menos de 0,2% do PIB, mas não há sequer estudos de viabilidade planejados para isso no programa oficial da “sociedade da informação” até agora proposto[231].

Embora distem 12 anos no tempo, estas críticas continuam válidas, mesmo tendo existido uma real ampliação da rede, especialmente relativa à banda larga no Brasil, os avanços fizeram-se insuficientes e de maneira a agraciar somente interesses mercadológicos: existem grandes áreas no país ainda sem possuir disponível estes serviços, há apenas 5,8 conexões para cada 100 brasileiros, e os serviços extremamente caros, 24 vezes mais caros do que nos EUA. Cerca de 104,7 milhões de brasileiros não acessam a internet[232].

As ações sobre a internet dentro do aparelho de Estado foram articuladas em diversas instâncias, sendo que uma síntese oficial do processo está no *Livro verde da sociedade da informação no Brasil,* lançado em 2000 pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. O livro resulta de discussões de cerca de cento e cinquenta especialistas e atores políticos (entre empresas, universidades públicas e privadas, instituições estatais e não governamentais), reunidos em doze grupos de trabalho, cuja coordenação geral foi de Tadao Takahashi. Segundo a biografia de indicados para o ICANN de 2003, ele

> [...] foi fundador e ex-diretor da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa do Brasil (RNP), a internet acadêmica no Brasil. Desde 1999, ele serviu como

---

[231]AFONSO, C. A. *Internet no Brasil*: o acesso para todos é possível? Disponível em http://reseau.crdi.ca/uploads/user-S/10245206800panlacafoant.pdf, acessado em 10.10.10.

[232]SALVADORI, F. “Banda larga no Brasil é cara e ruim; entenda”. *Galileu*. Disponível em http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI138571-17770,00-BANDA+LARGA+NO+BRASIL+E+CARA+E+RUIM+ENTENDA.html, acessado em 03.05.11.

> presidente do Programa Nacional do Brasil para a Sociedade da Informação. Atualmente atua como presidente do Capítulo Brasileiro da Internet Society, na qual ele é um promotor para uma maior participação dos usuários da Internet do Brasil nas discussões sobre o futuro da Internet. De 1995-1996 e novamente de 1999-2002, o Sr. Takahashi foi membro do Comitê Gestor da Internet no Brasil. Presidente pela América Latina e pelo Nó de Extensão do Caribe Nó da Força Tarefa das Nações Unidas para TIC, o Sr. Takahashi tem uma paixão pelo entendimento das necessidades e interesses dos usuários individuais da Internet, especialmente os de comunidades de baixa renda. Trabalhando para trazer acesso à Internet para crianças em regiões mais remotas da América Latina, o Sr. Takahashi teria negociado com traficantes a permissão para instalar telecentros para acesso à Internet nas regiões que controlam. O Sr. Takahashi também atuou no Comitê Consultivo de Membros original da ICANN em 1998[233].

As propostas do *Livro verde* vão além de seu campo específico, visto que para sua implementação desvelam parte de um programa maior, um "novo paradigma", que segundo eles, afetaria "*do mesmo modo, regiões, segmentos sociais, setores econômicos, organizações e indivíduos*"[234]. Nota-se claramente, a naturalização da sociedade da informação como superação histórica, baseado em um determinismo tecnológico. "*Rapidamente nos adaptamos a essas novidades* [tecnológicas] *e passamos – em geral, sem uma percepção clara nem maiores questionamentos – a viver na Sociedade da Informação*", esta caracterizada como "*uma nova era em que a informação flui a velocidades e em quantidades há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais*"[235].

Neste ponto o *Livro verde* não poderia fazer-se mais claro, quando afirma que "*a sociedade da informação não é um modismo. Representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico*". E o marcam como "*um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura de*

---

[233]"*Tadao Takahashi is the founder and former Director of Brazil's National Research Network (RNP), the Academic Internet in Brazil. Since 1999, he has served as Chair of Brazil's National Program for the Information Society. He currently serves as Chair of the Brazilian Chapter of the Internet Society, which he has promoted as a platform for wider participation of Brazil's Internet users in discussions about the future of the Internet. From 1995-1996 and again from 1999-2002, Mr. Takahashi was a member of Brazil's Internet Steering Committee. Chair of the Latin America and Caribbean Outreach Node of the United Nation's ICT Task Force, Mr. Takahashi has a passion for understanding the needs and interests of individual users on the Internet, particularly those from low-income communities. Working to bring Internet access to children in Latin America's most remote regions, Mr. Takahashi has even negotiated with drug lords for permission to install telecenters for Internet access in regions they control. Mr. Takahashi also served on ICANN's original Membership Advisory Committee in 1998*". ICANN. *Nominees of the 2003 Nominating Committee to the ICANN board, GNSO council, and At-Large advisory committee*. 16.06.03. Disponível em http://www.icann.org/en/committees/nom-comm/nominee-biographies-16jun03.htm, acessado em 05.12.11. Tradução nossa.

[234]TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000. p. 5.

[235]Idem. p. 3.

informações disponível". Considerado também em "*sua dimensão político-econômica, decorrente da contribuição da infra-estrutura de informações para que as regiões sejam mais ou menos atraentes em relação aos negócios e empreendimentos*", já que "*sua importância assemelha-se à de uma boa estrada de rodagem para o sucesso econômico das localidades*". E termina afirmando sua "*marcante dimensão social, em virtude do seu elevado potencial de promover a integração, ao reduzir as distâncias entre pessoas e aumentar o seu nível de informação*"[236]. Este tipo de percepção acaba por ser reproduzida em uma série de instâncias do aparelho de Estado brasileiro, e como vê-se na citação seguinte, possui uma intenção social clara:

> A difusão acelerada das novas tecnologias de informação e comunicação vem promovendo profundas transformações na economia mundial e está na origem de um novo padrão de competição globalizado, em que a capacidade de gerar inovações em intervalos de tempo cada vez mais reduzidos é de vital importância para empresas e países. A utilização intensiva dessas tecnologias *introduz maior racionalidade e flexibilidade nos processos produtivos, tornando-os mais eficientes quanto ao uso do capital, trabalho e recursos naturais*. Propiciam, ao mesmo tempo, *o surgimento de meios e ferramentas para a produção e comercialização de produtos e serviços* inovadores, bem como novas oportunidades de investimento[237].

Este tipo de argumentação, tratada em termos de definição de um novo padrão, um novo paradigma, esvaziado de argumentação social, já que determinado pelas novas tecnologias, e assim tratado como inevitável, cabendo à sociedade adaptar-se a este, ou sucumbir, tal qual a URSS para Castells[238], que simplesmente teria se tornado anacrônica. Como James Petras adverte, "*a lógica capitalista é uma lógica linear do capital, que o vê mover-se para cima e para fora sem nenhuma compreensão de sua ascensão e declínio*", ainda deixando de situar esta "*'lógica' em relação ao papel da política, ideologia e políticas de Estado na fixação dos parâmetros e condições para a acumulação do capital*"[239].

Então estes ideólogos tem que compor sua ruptura para os termos políticos nacionais, através das diferenças atribuídas ao desenvolvimento tecnológico nas distintas formações sociais: "*a sociedade da informação está sendo construída em meio a diferentes condições e projetos de desenvolvimento social, segundo estratégias moldadas de acordo com cada contexto*", sendo que já estariam "*transformando as estruturas e as práticas de produção, comercialização e consumo e de cooperação e competição entre os agentes, alterando, enfim,*

---

[236]TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. op. cit. p. 5.
[237]Idem. p. 17. Grifos nossos.
[238]CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. op. cit. p. 47.
[239]PETRAS, J. *Armadilha neoliberal e alternativas para a América Latina*. São Paulo: Xamã, 1999. p. 31-32.

a própria cadeia de geração de valor". Assim sendo "*os países economicamente desenvolvidos, bem como boa parte daqueles em vias de desenvolvimento, já adotam políticas e iniciativas voltadas para a sociedade da informação*", sendo que ao Estado nacional caberia "*acelerar o processo de articulação efetiva de um programa nacional para a sociedade da informação*".

Como atrelada diretamente a prática política, este processo é pontuado em seus "sucessos", ou seja, servindo-se de alavanca para levar a prática de implementação ultraliberal adiante: "*a Internet brasileira teve grande impulso, primeiramente na comunidade científica e, logo após, como plataforma de expansão do setor privado, estando aberta também a serviços de natureza comercial desde 1995*", associada à "*privatização de todo o sistema brasileiro e a criação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), fatores que estão permitindo maior e mais rápida disponibilidade de acesso aos meios de comunicação*" [240]. O que se soma às "*atividades comerciais no Brasil que se valem da Internet estão ganhando enorme expressão, a ponto de perfazerem praticamente metade do mercado latino-americano, em número de usuários e em volume de transações e negócios*", além de "*algumas aplicações de governo têm tido enorme impacto, tanto na melhoria da eficiência interna de funcionamento como na prestação de serviços ao cidadão*", e contando com a "*base tecnológica instalada no País e um considerável contingente de recursos humanos qualificados, abarcando desde pesquisa e desenvolvimento até fomento a empreendimentos*"[241]. Sendo assim,

> o País dispõe, pois, dos elementos essenciais para a condução de uma iniciativa nacional rumo à sociedade da informação. E a emergência do novo paradigma constitui, para o Brasil, oportunidade sem precedentes de prestar significativa contribuição para resgatar a sua dívida social, alavancar o desenvolvimento e manter uma posição de competitividade econômica no cenário internacional. *A inserção favorável nessa nova onda requer, entretanto, além de base tecnológica e de infraestrutura adequadas, um conjunto de condições e de inovações nas estruturas produtivas e organizacionais, no sistema educacional e nas instâncias reguladoras, normativas e de governo em geral*[242].

Quando se referem à inserção do país na "sociedade da informação", temos de ter em mente a sua abertura às "determinações" desta nova economia, ação coordenada entre a abertura comercial, a chamada reestruturação produtiva na produção na busca pelo fim efetivo dos direitos dos trabalhadores, sobretudo os manuais (quando não sua plena extinção do

[240]TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. op. cit. p. 5.
[241]Idem.
[242]Ibidem. p. 5-6.

processo produtivo). Segundo Ronaldo Sardenberg, Ministro da Ciência e Tecnologia do período:

> O conhecimento tornou-se, hoje mais do que no passado, um dos principais fatores de superação de desigualdades, de agregação de valor, criação de emprego qualificado e de propagação do bem-estar. A nova situação tem reflexos no sistema econômico e político. A soberania e a autonomia dos países passam mundialmente por uma nova leitura, e sua manutenção - que é essencial - depende nitidamente do conhecimento, da educação e do desenvolvimento científico e tecnológico [...] Alavancar o desenvolvimento da Nova Economia em nosso País compreende acelerar a introdução dessas tecnologias no ambiente empresarial brasileiro, objetivo de um dos mais ambiciosos programas do Avança Brasil: o Programa Sociedade da Informação, que resulta de trabalho iniciado em 1996 pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Sua finalidade substantiva é lançar os alicerces de um projeto estratégico, de amplitude nacional, para integrar e coordenar o desenvolvimento e a utilização de serviços avançados de computação, comunicação e informação e de suas aplicações na sociedade. Essa iniciativa permitirá alavancar a pesquisa e a educação, bem como assegurar que a economia brasileira tenha condições de competir no mercado mundial[243].

Estas afirmações são baseadas ideologicamente neste "salto para o futuro" que supostamente ocorreria pela inserção do país na "era da informação". Como afirma Eliane Mora, "*o governo e a classe dominante lançam uma cortina de fumaça argumentando que o desemprego é fruto da desqualificação dos trabalhadores e, por isso, se faria necessário um amplo programa de qualificação profissional*", sustentando, desta maneira, "*que cada trabalhador esteja mais preparado para competir por um emprego*", ou seja, "*primeiro o governo tenta responsabilizar o próprio trabalhador por estar desempregado ou com o emprego sob risco. Depois, tenta vender a ilusão de que, com mais qualificação, fica mais fácil garantir emprego*". A autora deixa isto em termos claros: "*mentiras óbvias, pois, se assim fosse, nos países centrais não haveria taxas de desemprego tão altas, posto que o nível de escolaridade e qualificação profissional são muito superiores aos dos países periféricos*", concluindo que, se "*requalificação profissional ou a educação são formas eficazes para combater o desemprego implica a ilusão de que estas poderão criar os postos de trabalho fechados pelo capital*"[244]. Francisco de Oliveira analisa criticamente este processo:

> Avassalada pela terceira revolução industrial, ou molecular-digital, em combinação com o movimento da mundialização do capital, a produtividade do trabalho dá um salto mortal em direção à plenitude do trabalho abstrato. Em sua dupla constituição, as formas concretas e a "essência" abstrata, o

---

[243]SARDENBERG, R. M. "Apresentação". *In.* TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. op. cit. p. V.

[244]MORA, E. A. "Tensões na formação profissional da CUT e na disputa dos fundos públicos". *Outubro*. nº. 6. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/06/out6_06.pdf, acessado em 10.11.10.

> consumo das forças de trabalho vivas encontrava obstáculos, a porosidade entre o tempo de trabalho total e o tempo de trabalho da produção. Todo o crescimento da produtividade do trabalho é a luta do capital para encurtar a distância entre essas duas grandezas. *Teoricamente, trata-se de transformar todo o tempo de trabalho em trabalho não-pago; parece coisa de feitiçaria, e é o fetiche em sua máxima expressão. Aqui, quase se fundem mais-valia absoluta e relativa: absoluta porque o capital usa o trabalhador quando necessita dele, relativa porque isso é possível somente devido à enorme produtividade. A contradição: a jornada da mais-valia relativa deveria ser de diminuição do trabalho não-pago, mas é o seu contrário. Então, graças à produtividade do trabalho, desaparecem os tempos de não-trabalho: todo o tempo de trabalho é tempo de produção.* Os serviços são o lugar da divisão social do trabalho onde essa ruptura já aparece com clareza. Cria-se uma espécie de "trabalho abstrato virtual". As formas "exóticas" desse trabalho abstrato virtual estão ali onde o trabalho aparece como diversão, entretenimento, comunidade entre trabalhadores e consumidores: nos shoppings centers. Mas é na informação que reside o trabalho abstrato virtual. *O trabalho mais pesado, mais primitivo, é também lugar do trabalho abstrato virtual. Sua forma, uma fantasmagoria, um não-lugar, um não-tempo, que é igual a tempo total. Pense-se em alguém em sua casa, acessando sua conta bancária pelo seu computador, fazendo o trabalho que antes cabia a um bancário: de que trabalho se trata?*[245]

Retornando para o *Livro verde*: "*o longo período de crise na evolução brasileira no setor se estendeu até 1995, quando o Governo Federal propôs novas diretrizes, que seriam sancionadas em uma nova Lei de Telecomunicações*", que priorizou a "*privatização do sistema Telebrás; concepção de um regime de duopólio para todos os serviços durante um período de transação até o final de 2001; competição crescentemente ampla a partir de 2002*"[246]. Este processo de desmonte das estatais, justificada pelo símbolo de "*modernização*"[247], se articulou com diversas proposições, aqui a mais significativa, a Lei de Informática (Lei nº 5.804), do governo Fernando Collor. Esta acabava com o poder da Secretaria Especial de Informática (SEI), criada em 1979 para "*militarizar a questão da informática como forma de garantir o protecionismo nacional*", de controlar a importação do setor, assim acabando com a reserva de mercado nacional, com os incentivos fiscais, e diminuindo a porcentagem de acionistas (entre físicas e jurídicas de capital votante) brasileiros para que a empresa fosse considerada de capital nacional de setenta para cinquenta e um por cento[248]. Augusto Gadelha faz uma síntese deste processo na revista de 15 anos do

---

[245]OLIVEIRA, F. de. *O ornitorrinco*. Disponível em http://afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Oliveira,%20Francisco/Francisco%20de%20Oliveira%20-%20O%20Ornitorrinco.rtf, acessado em 13.12.10. Grifos nossos.

[246]TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. op. cit. p. 121.

[247]GADELHA, A. C. "Editorial". *CGI.br.* nº. 3. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03, acessado em 18.11.10.

[248]ZAVERUCHA, J. *Frágil democracia*: Collor, Itamar, FHC e os militares (1990-1998). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 64-65.

CGI.br:

> Iniciamos na década de 1980 com a criação de redes acadêmicas que, apesar das dificuldades impostas pelo monopólio da Embratel no transporte internacional de dados (as denominadas "transfronteiras"), lograram se conectar às redes acadêmicas dos EUA no final da década. Essas redes acadêmicas foram as precursoras da Internet no País [...] No início da década de 1990, com a criação da RNP por iniciativa do MCT, consolidada pela equipe comandada por Tadao Takahashi, e com o estabelecimento da primeira conexão com protocolo TCP/IP, pela equipe liderada por Demi Getschko na Fapesp, o Brasil começou efetivamente a participar da Internet [...] O Terceiro Setor no Brasil, sob a liderança de Betinho, contribui para a expansão de nossa rede primordial, ao usá-la (apesar das dificuldades de então) para divulgar, pelo mundo todo, a ECO-92 realizada no Rio de Janeiro [...] Em seguida vieram os empreendedores que perceberem as oportunidades de novos negócios de provimento de acesso e de conteúdos para a Internet. A participação mais ampla da sociedade, em particular das empresas, se dá com a disseminação do uso da Web. Até meados de 1995, todos esses atores estavam conversando, mas isoladamente em suas próprias comunidades. O Governo, na recém-inaugurada Nova República, percebeu a importância da rede e a mobilização crescente criada em torno dela. A necessidade de coordenar esses esforços motivou a criação do CGI.br[249].

A lógica da acumulação e da exploração permeia a disseminação e popularização da internet no Brasil, servindo como suporte, como justificativa e processo pela implementação do ultraliberalismo. A mesma Lei de informática do Collor, mesmo analisada dentro do desastre de seu plano econômico e dos casos de corrupção de seu governo, é considerada estes marco decisivo para o país. José Carlos Cavalcanti, professor de Economia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no lançamento do Grupo de Trabalho de Economia de Redes pelo CGI.br em 1995, do qual é um dos coordenadores, explicita como se dá a relação entre democratização como acesso universal à internet no Brasil, pensado como direito social, e democracia como possibilidade de escolha dos representantes do CGI.br, momento de disputas entre grandes empresas fornecedoras ou operadoras de tecnologia de informação:

> A missão deste GT está segmentada em duas dimensões: a Macroeconômica e a Microeconômica. Na dimensão Macro, o GT procura dotar a Internet/Br de instrumentos para que ela se coloque a serviço da definição de um Modelo Brasileiro de Reestruturação Industrial, em um contexto de abertura e integração econômicas. Na dimensão Micro, o GT procura dotar a Internet/Br de instrumentos da teoria e prática econômicas que dêem auto-sustentação econômico-financeira (dentro dos critérios de eficiência e equidade) aos seus objetivos primordiais de: - Cobertura nacional e ampla capilaridade; - Vasta gama de aplicações, e - Baixo custo para o usuário final, com papel prioritário

[249]GADELHA, A. C. "Editorial". *CGI.br*. nº. 3. op. cit.

para a livre iniciativa[250].

Como visto, em nenhum momento esconde-se sob qual perspectiva política, econômica e social esta tecnologia deve servir. Novamente assinalemos, este processo é sempre reafirmado em termos de determinação histórica, ao qual somente nos caberia como papel a sujeição. Segundo Francisco de Oliveira, o capitalismo brasileiro "*perdeu a capacidade de escolha, de 'seleção', e por isso é uma evolução truncada: como sugere a literatura da economia da tecnologia, o progresso técnico é incremental*", baseado numa escala "*evolucionista, neoschumpeteriana*", já que esta "*revolução molecular-digital anula a fronteira entre ciência e tecnologia: as duas são trabalhadas agora num mesmo processo, numa mesma unidade teórico-metodológica. Faz-se ciência fazendo tecnologia e vice-versa*". E já que o progresso se faz "*incremental, ele depende fundamentalmente da acumulação científico-tecnológica anterior. Enquanto o progresso técnico da Segunda Revolução Industrial permitia saltar à frente, operando por rupturas sem prévia acumulação técnico-científica*", pois tratava-se "*de conhecimento difuso e universal*", este "*o novo conhecimento técnico-científico está trancado nas patentes, e não está disponível nas prateleiras do supermercado das inovações. E ele é descartável, efêmero*". Isto tem consequências drásticas sobre os países periféricos, pois "*essa combinação de descartabilidade, efemeridade e progresso incremental corta o passo às economias e sociedades que permanecem na rabeira do conhecimento técnico-científico*".

Do que se extraem duas implicações com as quais já lidamos, e que só tendem a se aprofundar: "*do ponto de vista da acumulação de capital, isto tem profundas consequências. A primeira e mais óbvia é que os países ou sistemas capitalistas subnacionais periféricos podem apenas copiar o descartável, mas não copiar a matriz da unidade técnico-científica*", ou seja "*uma espécie de eterna corrida contra o relógio*". E a segunda, segundo ele, "*menos óbvia, é que a acumulação que se realiza em termos de cópia do descartável, também entra em obsolescência acelerada, e nada sobra dela, ao contrário da acumulação baseada na Segunda Revolução Industrial*", o que "*exige um esforço de investimento sempre além do limite das forças internas de acumulação, o que reitera os mecanismos de dependência financeira externa. Mas o resultado fica sempre aquém do esforço*" sendo que "*as taxas de acumulação, medidas pelo coeficiente da inversão sobre o PIB, são declinantes, e declinantes também as taxas de crescimento*". Então, somente resta ao autor constatar que "*a contradição*

[250]CAVALCANTI, J. C. *Economia de redes*. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo1.htm, acessado em 04.11.10.

se agudiza porque a mundialização introduz aumento da produtividade do trabalho sem acumulação de capital, justamente pelo caráter divisível da forma técnica molecular-digital, do que resulta a permanência da má distribuição da renda"[251].

No caso da internet, para o processo avançar sem que existam rupturas para a contestação (e indiquemos a própria existência da governança da rede no Brasil é para maioria da população desconhecida), ela ocorre dentro de um Comitê restrito, que funciona em uma lógica de Conselho, sem abertura para participação popular, sendo exclusivo para os representantes do Estado e dos exploradores do campo – corroborando novamente com a mudança do lugar da política, das grandes decisões para uma democracia formal, mas acionária. Em 1995, é criado o já citado Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), "*para coordenar e integrar todas as iniciativas de serviços Internet no país, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a disseminação dos serviços ofertados*"[252]. O Comitê é composto por vinte e um membros, sendo nove representantes do governo federal. Tem uma reserva de quatro representantes do setor empresarial, divididos por: provedores de acesso e conteúdo; provedores de infraestrutura de telecomunicações; indústria de bens de informática, telecomunicações e software; segmento das empresas usuárias da internet. Além destes possui quatro representantes do "terceiro setor", três representantes da comunidade científica e um "representante de notório saber em assuntos de Internet". Segundo Demi Getschko, o representante "vitalício" em notório saber:

> "Até 1994, tínhamos cerca de mil domínios registrados, apenas" [...] Os sinais claros de expansão da rede para toda a sociedade chamara à cena o CGI.br, criado em 1995 para assumir o controle do .br, da distribuição de números IP (Internet Protocol) e tomar as iniciativas necessárias para dar solidez à infraestrutura da rede no país. De 1995 a hoje, a Internet no Brasil deu um salto incalculável, e o .br contabiliza cerca de dois milhões de nomes de domínio, o que coloca o País entre os oito com maior número de domínios no mundo. A autossustentação do sistema de registro do .br é conseguida com a cobrança anual de R$ 30,00 por domínio. Uma das mais baixas do mundo, mas que, mesmo assim, permite obter recursos para uma gama de outras atividades de interesse para a Internet no Brasil, hoje executadas pelo NIC.br. Berço do CGI.br Com a crescente popularização da Internet, em 1995 o Ministério das Comunicações (MC) e o MCT decidiram lançar um esforço comum de implantação de uma Internet integrada no País, abrangendo todo tipo de uso: comercial, público e governamental. Para coordenar e integrar as iniciativas de serviços Internet, foi criado o Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br[253].

---

[251]OLIVEIRA, F. de. *O ornitorrinco*. op .cit.
[252]CGI.BR. *Histórico*. Disponível em http://www.cgi.br/sobre-cg/definicao.htm, acessado em 30.10.10.
[253]Declaração de GETSCHKO. *In*. CGI.BR. "CGI.br: uma história de sucesso". *CGI.br*. nº. 3. op. cit.

Segundo Michéle da Silva, "*visando a necessidade de coordenar e integrar todas as iniciativas de serviços de Internet no país, o Governo Fernando Henrique Cardoso, em 1995, através dos Ministérios da Comunicação e da Ciência e Tecnologia*" criou o CGI.br, pela da Portaria Interministerial nº 147 de 31.05.95, que "*passou a ser um aparato jurídico de regulação e de privatização da Internet no Brasil*"[254]. Arthur Pereira Nunes, do Ministério da Ciência e da Tecnologia, afirma em seu caráter essencialmente democrático, pois "*são poucas as atividades no Brasil que têm tal representação dos setores da sociedade civil*", testemunhando que "*minha visão na época era de que, ao ter membros da sociedade, as decisões do CGI.br seriam tomadas em consonância com as reais necessidades das comunidades na Internet, dos pequenos e grandes usuários*"[255]. Gadelha, atual Secretário de Política da Informática do Ministério da Ciência e Tecnologia, e um dos coordenadores do CGI.br, nos diz que:

> Em 1995, quando o CGI.br foi criado, a Internet já estava num plano de explosão. Mas ainda fomos vencendo algumas batalhas até acabar com o monopólio das telecomunicações no Brasil – que era visto sob um conceito de soberania do País, em 1997. É natural que as novas tecnologias gerem muitas incertezas, mas muita gente contribuiu para que as coisas acontecessem e para que dessem certo. Foi uma revolução muito grande. Em menos de 30 anos, vimos toda a sociedade ficar em torno desse meio de comunicação mundial que é a Internet. A rede mundial de computadores modificou e teve impactos em todos os setores: na educação, no comércio, nos bancos. E o CGI.br é uma iniciativa muito bem-sucedida, porque apostou na explosão da Internet[256].

O Comitê, dentro dos termos discutidos sobre o ICANN, declara-se como "*modelo de governança na Internet pioneiro no que diz respeito à efetivação da participação da sociedade nas decisões envolvendo a implantação, administração e uso da rede*", supostamente tendo como base, "*princípios de multilateralidade, transparência e democracia*", já que "*desde julho de 2004 o CGI.br elege democraticamente seus representantes da sociedade civil para participar das deliberações e debater prioridades para a internet, junto com o governo*"[257]. Sua estrutura, que explicita a contradição acerca desta suposta democracia no Comitê, dispõe-se da seguinte maneira:

---

[254]SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. op. cit. p. 203.
[255]CGI.BR. "CGI.br: Uma história de sucesso". *CGI.br*. nº. 3. op. cit.
[256]Idem.
[257]CGI.BR. *Histórico*. Disponível em http://www.cgi.br/sobre-cg/definicao.htm, acessado em 30.10.10.

FIGURA 2: Hierarquia do CGI.br:

FONTE: NIC.BR/CGI.BR. *TIC domicílios e TIC empresas 2007. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil*: a evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 12.11.10.

Através desta aparência técnica dada ao CGI.br, um de seus objetivos primeiros é servir de suporte (em termos amplos, de participação ativa) para um projeto determinado de sociedade, já que "*na prática, a tarefa do regulador foi sempre a de normatizar o que já existia no mercado, com regras esparsas e bastante específicas*"[258], e traz as prerrogativas econômicas como *paradigma* para normatizar determinada mídia, dentro de uma lógica determinista tecnológica, para justificar a própria necessidade deste projeto de sociedade:

> A sociedade deve acompanhar e apoiar as atividades do Comitê, de forma que o número de relações no ambiente virtual cresça e, sobretudo, se fortaleça fazendo com que os investimentos no Brasil possam trazer desenvolvimento e uma melhor qualidade de vida aos cidadãos. *Esses valores administrados pelo Comitê devem pautar-se em princípios de uma economia onde prevaleça a livre iniciativa e a concorrência leal e sadia*. Os provedores têm no Comitê as diretrizes para que, através de campanhas conjuntas, *propiciem a*

[258]VELOSO, E. M. *Legislação sobre internet no Brasil*. Consultoria Legislativa da Câmara de Deputados, 05.09. Disponível em http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/fiquePorDentro/temas/regulacao_da_internet/2009-6863%20Estudo%20Internet.pdf, acessado em 12.12.10.

> *conscientização da população e usuários com vistas à mudança cultural, compatibilizando os grandes investimentos em marketing na Internet com ações de cunho social e informativo*[259].

Os seus maiores projetos se verificam em torno da questão da segurança, seja para garantir a navegação segura em termos de crimes cibernéticos (roubo, fraude, invasão de privacidade, etc.) e a quebra de direitos autorais. Ele conta com dois grupos de trabalho permanentes: o GT de Segurança de Redes (GTS), criado em 1996, e que "*até abril de 2002, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Vazquez, da IQM/Unicamp, o GTS possuia dois sub-grupos*", o primeiro de "*backbones, coordenado por Ricardo Maceira (Embratel), cujo principal objetivo era discutir a questão da segurança nas redes ligadas à Internet sob a ótica das redes provedoras de backbone*", e o segundo de provedores "*coordenado por Nelson Murilo (Pangeia) e Rubens Kuhl Jr. (UOL), cujo foco era os aspectos de segurança relacionados com as empresas provedoras de acesso à Internet*"[260]. Hoje em dia ele é coordenado por Adriano Mauro Cansian, da UNESP (Universidade Estadual Paulista). E o GTER, GT de Engenharia e Operação de Redes, responsável por três pontos básicos: O primeiro sendo o "*planejamento da evolução de infra-estrutura e de serviços Internet no Brasil através de estudos, recomendações e de propostas de padrões comuns para protocolos e serviços*"; o segundo "*a concepção e operação de procedimentos administrativos para a alocação de endereços IP e registro de domínios para qualquer instituição solicitante no país*"; e por fim, "*a implantação e operação de Pontos de Troca de Tráfego (PTTs) no Brasil*"[261].

Como pode ser observados nos anexos 1 e 2 desta dissertação, o grupo responsável pela regulação e estabelecimento de normas e diretrizes estatais para o uso da rede, se faz mais um espaço de embates e construção do consenso entre os exploradores do setor, incrustado na ossatura material do Estado. "*O conjunto das operações do Estado se reorganiza atualmente em relação a seu papel econômico. Isso vale, além das medidas ideológico-repressivas do Estado*", voltadas "*para sua ação na normalização disciplinar, a estruturação do espaço e do tempo, o estabelecimento de novos processos de individualização e corporalidade capitalistas, para a elaboração de discursos estratégicos, para a produção da ciência*". Então, "*se o processo de acumulação do capital pauta doravante diretamente a*

---

[259]RIPAMONTE, N. *Os riscos do grande avanço na democratização da internet*. Disponível em http://www.cbeji.com.br/br/downloads/secao/O%20Comitê%20Gestor%20da%20Internet%20do%20Brasil%2001_07_04[1].doc, acessado em 10.10.10. Grifos nossos.
[260]CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTS*. Disponível em http://www.nic.br/grupo/gts.htm, acessado em 13.12.10.
[261]CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTER*. Disponível em http://www.nic.br/grupo/gter.htm, acessado em 20.12.10.

ação do Estado, ele só se traduz em seu seio quando articulado e inserido na sua política de conjunto. Toda medida econômica do Estado tem portanto um conteúdo político", tanto em um "*sentido geral de uma contribuição para a acumulação do capital e para a exploração*" quanto "*no sentido de uma necessária adaptação à estratégia política da fração hegemônica*". Assim, "*não apenas as funções político-ideológicas do Estado são doravante subordinadas a seu papel econômico, como também as funções econômicas estão doravante diretamente encarregadas da reprodução da ideologia dominante*"[262]. É o Estado dando forma para a exploração em um novo setor do capital, potencializando a expansão da fração de classe em sua gerência como parte de um processo mais amplo, nacional e naturalizado como consequência lógica, racional, de novas tecnologias, as atrelando com as mudanças no mundo do trabalho e dando ao processo uma aparência de igualdade, de democratização, na busca pela universalização do conhecimento.

Dentre os diversos setores já afetados pela tecnologia, ou "reestruturados", citaremos somente dois exemplos já consolidados: Primeiro, a disseminação indiscriminada do Ensino à Distância (EAD) no Brasil nos últimos anos, que amplia as vagas para o ensino superior brasileiro diminuindo drasticamente a qualidade da formação dos profissionais. Como se posiciona o ANDES-SN, Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior: "*a centralidade da educação a distância - EAD nas políticas do MEC* [Ministério da Educação] *é cada vez mais evidente. Aos poucos, está sendo configurado um quadro que terá trágicas conseqüências para a educação brasileira, caso não seja revertido de modo radical*" e a proposta do "*MEC da Universidade Aberta do Brasil, uma instituição de direito privado e não-gratuita, a minuta de decreto que regulamenta o art. 80 da LDB e o disposto na última versão do anteprojeto de lei que dispõe sobre a educação superior*" que visam antecipar os "*termos da OMC reclamados pelos EUA, Inglaterra e Austrália mesmo sem a efetivação desse Tratado de Livre Comércio (TLC) no escopo do Acordo Geral de Comércio de Serviços (AGCS)*". Aplicando estas medidas "*o Brasil abre seu mercado ao comércio transfronteiriço de educação sem contar nem mesmo com as contrapartidas usuais nos Tratados de Livre Comércio*", ou seja, "*é uma abertura unilateral aos cyber-rentistas que estão ávidos pelo acesso ao expressivo mercado educacional brasileiro que, somente na educação superior, já movimenta cerca de R$ 18 bilhões/ano*"[263].

O segundo refere-se ao sistema bancário, onde a rede já é "*o principal canal de*

---

[262]POULANTZAS, N. *O Estado, o poder, o socialismo*. op. cit. p. 170-171.

[263]ANDES-SN. *Educação à distância, abertura do mercado educacional ao capital estrangeiro e ampliação espúria da educação superior*: Uma crítica à política de EAD do governo Lula da Silva. Disponível em http://www.andes.org.br/imprensa/Uploads/Circ290-05.zip, acessado em 13.11.10.

relacionamento entre bancos e clientes". Em estudo encomendado pela Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), "*os caixas eletrônicos são o principal meio para a realização de transações bancárias, com mais de um terço das 47 bilhões de operações realizadas em 2009*", e o uso da rede, através do "*Internet Banking vem em seguida, com 20% das operações e aumento de 17,7% na comparação com 2008, puxado, sobretudo, pelo crescimento do número de contas de Internet Banking, no período, de 8%*", sendo que no total em 2009, "*o País possuía 35 milhões de contas de Internet Banking e 134 milhões de contas correntes*"[264].

A informática, de um modo geral, não é objeto de uso cotidiano de toda a população, seu acesso passa por clivagens classistas, tornando o computador pessoal objeto de fetiche, de desejo[265]. Um estudo particular, da Razorfish, traz indicativos desta leitura, mesmo que utilizando parâmetros de análise social típicos do Banco Mundial: "*Dos 28 milhões de lares brasileiros que possuem computadores, 63% são da classe C, enquanto 23% pertencem às classes A e B e 14% à classe D. O número de desktops presentes nos lares dessa faixa da população cresceu 15% entre 2006 e 2009*", o que aumenta em muito as possibilidades de acesso informativo destas famílias, e que supostamente diminuiria, por assim dizer, o poder da televisão. O que é reafirmado quando analisada a quarta *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2008* do CGI.br:

> As áreas urbanas de menor poder aquisitivo e a área rural no Brasil representam uma considerável camada social que fica à margem do fenômeno da sociedade da informação e da expansão da infra-estrutura das digitais. De acordo com pesquisas do CGI.br, a comparação entre os domicílios nas áreas urbana e rural evidencia uma expressiva diferença na penetração dessas tecnologias: enquanto 28% dos domicílios nas áreas urbanas possuem computador, nas áreas rurais a penetração dessa tecnologia é de apenas 8%. Com relação ao acesso à Internet, enquanto nas áreas urbanas a penetração do acesso chega a 20% dos domicílios, nas áreas rurais esse percentual cai para apenas 4%. Mesmo se considerarmos somente as áreas urbanas, as variáveis socioeconômicas também revelam as dimensões das desigualdades existentes no país. Nos domicílios urbanos pertencentes às classes D e E, o acesso à Internet é praticamente inexistente (1%), enquanto nos domicílios de classe A o acesso é praticamente universal (93%). Esse quadro é ainda agravado pelo fato de a classe A representar apenas 1% da população urbana e as classes D e E representarem quase um terço dos indivíduos nessas áreas[266].

Não há universalização de acesso à internet para as classes subalternas, a não ser pelas

---

[264]CGI.BR. "Sem sair de casa". *CGI.br*. nº. 3. op. cit.
[265]Verificar as tabelas nos anexos 3 até 9 desta dissertação para mais informações.
[266]BARBOSA, A. F.; CAPPI, J.; GATTO, R. *Os caminhos para o avanço do governo eletrônico no Brasil*. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo63.htm, acessado em 04.04.11.

novas exigências sobre a classe trabalhadora urbana no contexto da reestruturação produtiva do capital, que para utilização privada conta com 1% de acesso. O campesinato e a população do interior do país são colocados à margem do processo de difusão às novas tecnologias. A única classe que é capaz de abarcar completamente as novas tecnologias, suas linguagens e possibilidades é a de maior renda, com 93% de acesso, embora estes dados ainda não nos permitam mensurar as diferenças geracionais.

Em relação ao acesso móvel da rede, "*a classe C está usando as tecnologias digitais e móveis para fazer mais do que socializar e se comunicar e, sim, para acessar novas oportunidades educacionais e empresariais. As mídias sociais são as mais acessadas*", representando então cerca de "*21% do tempo gasto online por meio dos celulares, seguidas por músicas (19%), esportes (17%), jogos online (15%), vídeos online (12%) e entretenimento (9%)*", enquanto o "*acesso a páginas pessoais, chats, compras online e internet banking ficam em 4% cada um do total de uso da internet via dispositivos móveis*"[267]. Mas, mesmo que o tempo e o acesso tenham aumentado, a diferenciação crucial explicita-se em relação ao consumo. Segundo levantamento do Ibope, com 2,5 mil pessoas, "a *maioria dos consumidores brasileiros que realizam compras na web pertencem às classes A e B e gastam, em média, R$ 118 por mês*", sendo que sozinhas "*as classes A e B respondem por 61 por cento das compras realizadas na internet, seguidas pela classe C, com 35 por cento, e D e E que, juntas, somam apenas 4 por cento*"[268]. Com isto, entendemos que as classes subalternas podem ter agora determinado acesso ao *hardware* e à rede, assinalando o aumento vertiginoso da oferta de crédito durante as duas gestões de Luiz Inácio da Silva ("*Há oito anos, o crédito disponibilizado em todo o país era de apenas R$ 380 bilhões. Hoje, o Brasil tem mais de R$ 1,6 trilhão circulando na economia em forma de empréstimo*"[269]), mas que mesmo assim, a tecnologia não é parte da vida diária da maioria dos trabalhadores – lembrando que o Brasil é o décimo país com a pior distribuição de renda do planeta. Segundo Mora:

> Para competir numa economia globalizada, os capitalistas buscam desenvolver máquinas cada vez mais modernas, de alta tecnologia, tarefa reservada aos

---

[267]KNEBEL, P. "Estudo ressalta a nova classe média digital no país". *Jornal do Comércio*, 01.11.2010. Disponível em http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=45175, acessado em 05.01.11.

[268]AGÊNCIA REUTERS. *Classes A e B lideram e-commerce brasileiro*. 08.12.10. Disponível em http://info.abril.com.br/noticias/mercado/classes-a-e-b-lideram-e-commerce-brasileiro-08122010-28.shl, acessado em 05.01.11.

[269]GANTOIS, G. *Aumento do crédito e do consumo são heranças de Lula*. Governo aproveitou os anos dourados da economia mundial, mas deixa inflação em risco. 31.12.2010. Disponível em http://noticias.r7.com/economia/noticias/aumento-do-credito-e-do-consumo-sao-herancas-de-lula-20101231.html, acessado em 13.03.11.

> países centrais. Para a maioria da força de trabalho dos países periféricos, entre os quais o Brasil, está reservada a simples operação das tais máquinas, portanto o trabalho simples. Sob relações de produção capitalistas, o desenvolvimento de máquinas de alta tecnologia e de novas formas de organização do trabalho, o que ocorre é uma desqualificação da maioria dos trabalhadores, e a substituição do antigo trabalhador qualificado por um novo perfil de trabalhador qualificado, apenas com uma instrução básica, que vai no sentido oposto da qualificação mais geral, ou seja, da qualificação para a realização de tarefas mais complexas. Portanto, uma qualificação profissional cujo objetivo é apenas operar máquinas que desenvolvem, elas sim, tarefas complexas[270].

O uso pleno da tecnologia, e em um sentido mais amplo da ciência em geral, é negado para as classes subalternas, "*a afirmação do fim da sociedade do trabalho é a justificativa da apresentação da ciência e da tecnologia como possibilidade superior de resolução das contradições sociais*", a transformando em "*racionalidade sempre crescente e independente do confronto entre classes, projetos e concepções de mundo*"[271]. Somente pela luta da ampliação do acesso às formas de gestão e normatização da tecnologia pelas classes subalternas e pelos movimentos sociais podemos trazer estas novas questões para o debate público, assinalando especificamente o caráter de classe da ciência e da tecnologia no capital-imperialismo. Um primeiro passo importante coloca-se na abertura do CGI.br, ou seja, seu fim como Comitê exclusivo do Estado e das empresas exploradoras do setor, o que é justificado por um cientificismo tecnocrático, antidemocrático e antipopular. É crucial que se discuta a falsa percepção de que a tecnologia é neutra, ou que a internet se faz espaço público. Trata-se de um espaço de embates e organização, mas cuja utilização consequente pelas classes subalternas tem de estar submetida a análise concreta das relações de forças que a compõem.

---

[270]MORA, E. A. "Tensões na formação profissional da CUT e na disputa dos fundos públicos". *Outubro* nº 6. op. cit.
[271]DIAS, E. F. "'Reestruturação produtiva': forma atual da luta de classes". *Outubro*. nº. 1. op. cit.